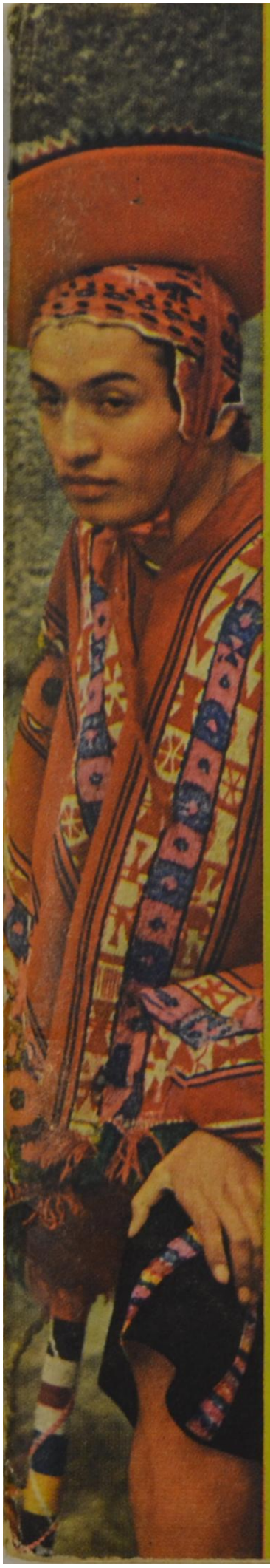


JANEIRO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

Do Perú à Polinésia numa balsa . . *Thor Heyerdahl* 19
Continuarei sendo professora . . *Loula G. Erdman* 28
Objetivos e razões do Kremlin . . . *Foreign Affairs* 31
O mal dos homens—e das mulheres *Judith C. Churchill* 37
Laboratório de luta contra a morte . *Greer Williams* 39
Como vamos de geografia? . . . . . *George Gallup* 43
Civismo exemplar—aos 15 anos . . . . *Karl Detzer* 44
Baleia à vista! . . . . . *Alan Burgess* 47
Pode-se fazer chover . . . . . *Leverett G. Richards* 52
Meu tipo inesquecivel . . . . . *Jerome Weidman* 55
Aposto que você tão pouco sabe falar! . *Robert D. Potter* 59
Há lugar para o pequeno negociante . *Lawrence Galton* 62
Ajudemos os jovens a casar cedo . *Howard Whitman* 65
Começa a funcionar o Banco Internacional . *E. Meyer* 69
Ante a morte dos seres queridos . *Joshua L. Liebman* 72
Frutos amargos da educação norte-americana *Philip Wylie* 76
Não há cura para o resfriado . . *Hobart A. Reimann* 79
Juan Ortiz e a filha do cacique . *Marjorie S. Douglas* 83
Com as mãos tambem se aprende . *O. K. Armstrong* 87
Flagrantes da vida real 90
Nas terras encantadas do Antártico . *Thomas R. Henry* 92
Cavaleiros temerários do *rodeo* . . . . *Paul Friggens* 96
Inventor incansavel . . . . . *Paul de Kruif* 99
Música para as crianças . . *A. Carpenter e G. Kent* 104
Um ano após Biquini . . . . . *Stafford L. Warren* 107
Para um jantar de cerimônia . . . *Robert Benchley* 109

Seção de Livros — A esposa do sargento Mike *Benedict e Nancy Freedman* 111

Sacsayhuamán, Cusco — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *página 164*

CMPRU_LR
1958

Agora, eu o posso ler em francês

Por André Maurois
da Academia Francesa

QUANDO eu tomava, como o fiz tantas vezes nos últimos vinte anos, um dos aviões ou trens que cortam o continente norte-americano, sempre me detinha, antes de partir, diante de uma banca de jornais e revistas e aí comprava o Reader's Digest. Por que esta revista em vez de outra? Por duas razões.

A primeira era que com ela eu estava certo de ter, durante essa longa viagem, ampla matéria para meditações uteis. O Reader's Digest contem, dentro de um pequeno volume, uma quantidade prodigiosa de informações. Um resumo de livro —o da Anatomia da Paz, de Emery Reves—comunicava ao leitor a existência de

(*Continua na terceira capa*)

Tomo XIII, No. 72 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Janeiro de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S. A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Redator-Secretário:* Afrânio Coutinho
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenhague). *Edição em finlandês:* redator, Sirkka Ruotsalainen (Helsinque). *Edição em árabe:* redator, Fuad Sarruf (Cairo). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).
Copyright 1947 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.
Seleções do Reader's Digest, Vol. XIII, No. 72, January 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

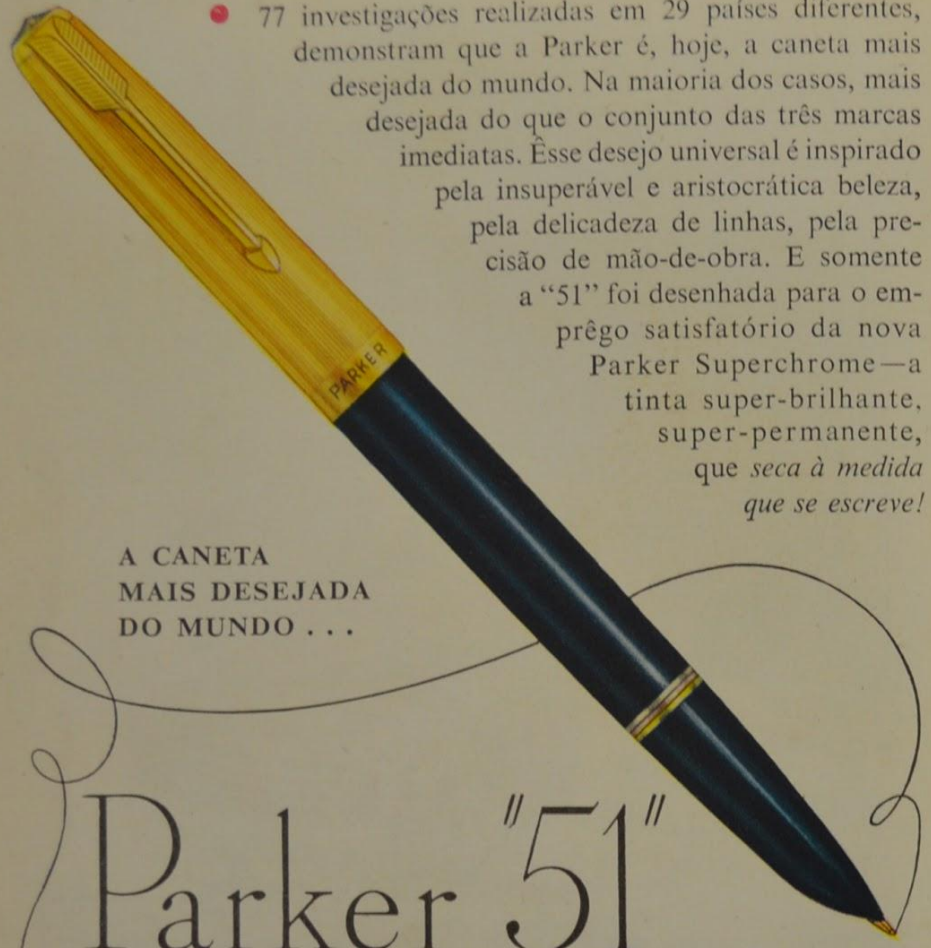
IMPRESSO NOS E.U.A.

TAMBÉM o seu Ford, quer seja novo, quer velho, pode durar mais do que se espera normalmente . . . Isso depende, naturalmente, não só do tratamento que se lhe dispensa no uso, como também, em grande parte, da assistência que se lhe presta. Para a sua maior satisfação, o seu Ford pode ser mais confortável, mais seguro e mais útil *por mais tempo*, dando-lhe a proteção dos peritos do Serviço Ford. Divisão Internacional—Ford Motor Company.

Os agentes Ford autorizados, em toda parte, oferecem serviço de assistência aprovado pela fábrica, e os seus mecânicos são ensinados conforme o sistema Ford. Empregam peças Ford legítimas—fabricadas com a mesma precisão, ajustagem e durabilidade que as peças usadas primitivamente na fabricação do seu Ford.

o Serviço Ford
É SERVIÇO DE PERITOS

O futuro do seu atual Ford depende do Serviço Ford!



A CANETA
MAIS DESEJADA
DO MUNDO . . .

77 investigações realizadas em 29 países diferentes, demonstram que a Parker é, hoje, a caneta mais desejada do mundo. Na maioria dos casos, mais desejada do que o conjunto das três marcas imediatas. Êsse desejo universal é inspirado pela insuperável e aristocrática beleza, pela delicadeza de linhas, pela precisão de mão-de-obra. E somente a "51" foi desenhada para o emprêgo satisfatório da nova Parker Superchrome—a tinta super-brilhante, super-permanente, que *seca à medida que se escreve!*

Parker "51"

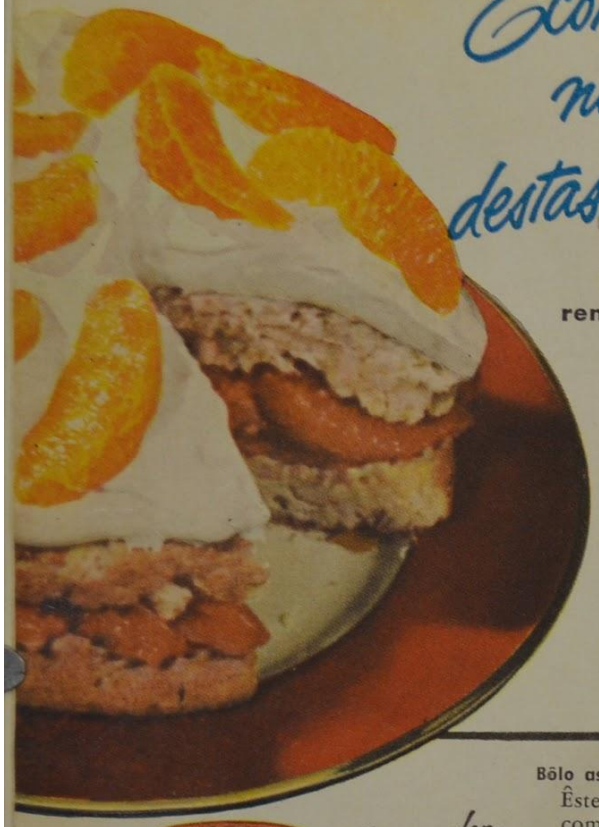
Escreve sêco com tinta líquida!

Representantes e Pôsto Central de Reparações para
Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março 9-1°, Rio de Janeiro
Portugal: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro 167, Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155, Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C.P. 463, Lourenço Marques

COPYRIGHT 1947—THE COCA-COLA EXPORT SALES CO., PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Em todo o mundo Coca-Cola *é o refresco ideal*

Economize nos manjares destas 2 maneiras!



Use o Fermento Royal para maior rendimento de ingredientes escassos ... e para evitar insucessos!

Rica aparência, sabor delicioso e, no entanto, *quase* não pesa no seu orçamento! É feito apenas com 1 ôvo e ¼ de chícara de gordura. A senhora pode fazer êste tentador Bôlo de Laranja, mesmo nestes dias de grande escassez, empregando o Fermento Royal. Use Fermento Royal hoje mesmo . . . e surpreenda a sua família com êste regalo!

Fáz render os alimentos

Gratis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal," indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal." Se não encontrar o cartão, escreva para:

Bôlo assado uniformemente

Êste bôlo foi feito com Fermento Royal. Repare como *assou por igual*, proporcionando um crescimento uniforme. Possui uma delicada textura, ótimo sabor. Permanecerá fresco por mais tempo!

Bôlo assado irregularmente

Êste bôlo foi feito com fermento inferior. Repare: o assamento *irregular* não deixou o bôlo crescer. A massa é grosseira, esfarelenta, de pobre sabor . . . e ficará ressecada e velha muito depressa.

Standard Brands of Brazil, Inc.

Depto. 2-100 Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro

O seu caixa bancário segue-o ao redor do mundo

—quando o Sr. leva *Cheques de Viajantes*

N.C.B.

Garantidos pelo National City Bank de Nova York. Os Cheques de Viajantes N C B são conhecidos e resgataveis EM TODA PARTE

OS SEUS Cheques de Viajantes N.C.B. reconhecidos universalmente, são aceitos no mundo inteiro e convertiveis em espécie nos paises estrangeiros com a mesma facilidade que no guichê do banco da sua terra.

Se fôr extraviado, estragado ou roubado, (sem endosso), o National City Bank de Nova York lhe reembolsará imediatamente a quantia dos cheques perdidos ou destroçados.

Entre os viajantes experientes os Cheques de Viajantes N.C.B. são considerados o meio mais seguro, conveniente e econômico de levar dinheiro quando se viaja.

Os Cheques de Viajantes N.C.B. são emitidos pelo National City Bank de Nova York e apoiados em 134 anos de experiência bancária. Emitidos em denominações de 10, 20, 50 e 100 dólares, seu custo é módico e grande a proteção que oferecem. Peça Cheques de Viajantes NCB no seu banco favorito.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Matriz: 55 Wall Street, Nova York

O Primeiro Em Transações Bancárias Internacionais

ZENITH

INTERNATIONAL

Para gozar o mais alto prazer ouvindo o rádio, veja e ouça este poderoso e belissimo novo Rádio-Fonógrafo Zenith. Tem 5 faixas para sintonizar o mundo inteiro bem como um esplêndido tocador de discos com o Braço Sonoro Cobra à prova de umidade.

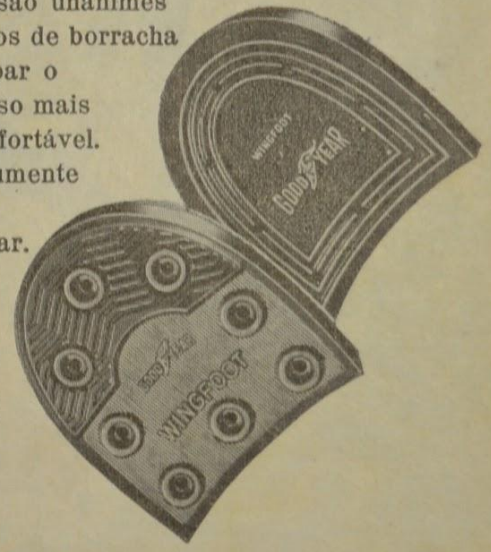
Modêlo 9S076

Sòmente Zenith tem a Reprodução Radiônica

UM CHOQUE QUE SE REPETE

12.185 VÊZES POR DIA!

DAMOS, em média, 12.185 passos por dia. E cada um dêsses passos determina um pequeno abalo, em todo o organismo. É por isso que os maiores higienistas são unânimes em aconselhar o uso de saltos de borracha como uma maneira de poupar o nosso corpo, tornando o passo mais flexível, mais leve, mais confortável. Proteja, pois, sua saúde e aumente seu bem-estar, usando Saltos de Borracha Goodyear.



SALTOS GOODYEAR

SE FOR UM PRATO, OU SOBREMESA FOR, USE LEITE EM PÓ GOLDEN STATE E VEJA SEU SUPREMO SABOR!

Quando há festa na casa — o *Leite em Pó Golden State* se torna indispensavel. Os cozinheiros que sabem de seu ofício o empregam sempre, visto que seu paladar rico e cremoso, sua pureza, sua abundância em gordura de manteiga dão realce a todo prato que tenha de levar leite ou creme. Suas refeições terão melhor gosto quando preparadas com o *Leite em Pó Golden State.*

"Supremo em Sabor," ele se está tornando rapidamente o preferido de todo o mundo. Milhares de pessoas estão passando a usar o *Leite em Pó Golden State.* E V.S.? —Verá que tambem há de gostar dele, porque é

SUPREMO EM SABOR

GOLDEN STATE

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

Quer Liquidar Esta Peste?...

A Química vem fazendo em nossos dias assombrosos progressos no combate a muitos dos peores flagelos que afligem o homem.

Contra a mosca doméstica, o mosquito e muitos outros insetos comuns, encontrará V.S. inseticidas que contêm Santobane,* DDT da Monsanto, e que são as armas mais mortíferas até hoje experimentadas.

Contra os pulgões das cítricas, os afídios, e uma legião de outras pragas da agricultura, estão-se forjando agora outras armas igualmente eficazes, por meio do Nifos,* outro novo produto químico da Monsanto.

Contra as vegetações microscópicas que causam o mildiú, o Milmer,* outro composto da Monsanto, está registando notaveis vitórias.

Até contra os ratos dispõe a Monsanto duma nova arma, que oferece sob o nome de "Compound 1080", tão poderoso que a sua venda se restringe a exterminadores autorizados e a entidades oficiais.

Outras "armas" que a Monsanto tem no seu "arsenal" para combate às pestes, compreendem compostos químicos que atuam como afugentadores de insetos, desinfetantes, germicidas, preservativos industriais, e até exterminadores de ervas daninhas, tão eficazes que deixam o capim intacto. O Agente local da Monsanto pode hoje prometer a entrega pronta da maioria destes produtos químicos aos fabricantes de inseticidas, e a outros industriais de toda a América Latina.

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AGENTES:
Brasil: Klingler, S. A., Anilinas e Produtos Químicos, São Paulo; Rio de Janeiro; Curitiba.
Portugal: Salmon & Cia., Lisboa

MONSANTO CHEMICAL COMPANY
1700 South Second Street
St. Louis 4, Missouri, E.U.A.

MONSANTO CHEMICALS LIMITED
Victoria Station House
London, S. W. 1, Inglaterra.

*Marca Registada nos E.U.A.

A SERVIÇO DA INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

USE HOJE O LUBRIFICANTE DO FUTURO!

Não é segredo para ninguem que os petróleos crus da Pensilvânia produzem os melhores óleos lubrificantes do mundo. O que faz do AMALIE — 100% óleo da Pensilvânia — um óleo *superior* . . . que se adianta ao tempo presente . . . é o processo exclusivo da sua refinação. O processo AMALIE preserva e protege — melhor do que outro qualquer — a qualidade que conta acima de tudo em um óleo: a *oleosidade*.

É por isso que este óleo *mais oleoso* é de há muito o preferido para autos, caminhões, ônibus, tratores, maquinaria de construção e motores industriais. A maior oleosidade do AMALIE representa mais quilometragem . . . mais rendimento da maquinaria agrícola . . . mais longa duração util dos motores. Assim, hoje . . . amanhã . . . *sempre* — use o AMALIE . . . que opera com mais eficiência e maior economia.

OS OLEOS E GRAXAS AMALIE PARA MOTORES OFERECEM QUALIDADE—SEGURANÇA—ECONOMIA

Vendidos no Brasil pelas principais firmas do ramo, em latas hermeticamente fechadas na refinaria

L. SONNEBORN SONS, INC.

Divisão da América Latina
88 Lexington Avenue, Nova York 16, E. U. A.
Refinarias: Petrolia & Franklin, Penna., E. U. A.
Fábrica: Nutley, N. J., E. U. A.

Pontos atuais de distribuição: Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, Recife, Bahia, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.

PHILCO TROPIC 1860

Feito para Recepção Mundial

Insuperável excelência de audição! Êste extraordinário rádio de 8 faixas apanha estações distantes como se fossem locais. O Troca-Discos Philco, macio como veludo, toca até 12 discos, automàticamente. Em distinto móvel de nogueira. Veja-o, agora, no seu revendedor Philco.

PHILCO

De Fama Mundial pela Qualidade

Philco International Corporation, 50 Broadway, Nova York 4, Nova York, E. U. A.

A Marca de Superioridade em Máquinas Comerciais Modernas

Burroughs

Êste é o Símbolo da Supremacia em Máquinas Comerciais

máquinas modernas para todos os fins

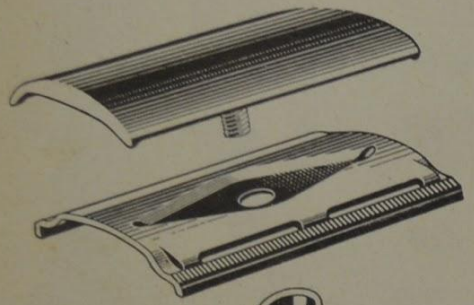
guia para economia em todas as transacções

assistência eficiente a todos os que as utilizam

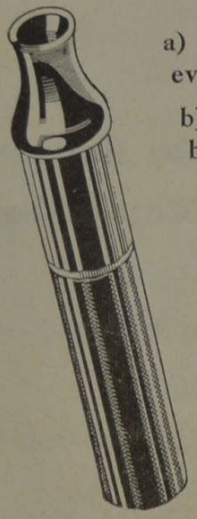
Burroughs

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley & Co. Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

Em menos tempo
e com maior segurança!



Essa é a vantagem que lhe oferece o novo Gillette-Tech—um aparelho de barbear que possui:



a) Novos frisos anti-deslizantes, para evitar cortes, mesmo a um gesto infeliz;

b) Nova barra-distensora, para um barbear mais suave;

c) Aberturas amplas, para limpeza mais fácil. Não acumulam espuma, basta colocar sob a torneira.

E mais esta vantagem: o novo aparelho Gillette-Tech foi especialmente desenhado para a lâmina Gillette Azul, de qualidade inigualável, *que custa pouco, porque dura muito, e faz melhor a barba.*

Gillette TECH

Alie a segurança, rapidez e suavidade do aparelho Gillette-Tech à economia da lâmina Gillette Azul. Resultado: um barbear mais perfeito!

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

CÓLICAS?

O MÉDICO RECEITA: *Leite de Magnésia de Phillips*

Quando seu filhinho tiver cólicas, dê-lhe imediatamente o antiácido e laxante ideal: o Leite de Magnésia de Phillips — uma colher de chá num pouco de leite. Sua ação é suave e eficaz e, como não tem cheiro nem sabor, as crianças o tomam perfeitamente.

Lembre-se: contra cólicas e indigestão, use imediatamente o Leite de Magnésia de Phillips, que neutraliza, limpa e tonifica.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LIQUIDO — EM QUATRO TAMANHOS — E EM COMPRIMIDOS

Use também a Pasta Dental Phillips e proteja os seus dentes contra a acidez bucal

GIRARD PERREGAUX

Relógios de Alta Qualidade desde 1791

As melhores lojas do mundo
vendem os relógios Girard-Perregaux
Fabricantes: Girard-Perregaux & Cia., S.A.,
La Chaux-de-Fonds, Suiça

L'Origan

COLONIA PERFUMADA

Coty

Outras Colônias Perfumadas Coty: L'AIMANT • EMERAUDE • EPREUVE • A SUMA

KAISER

Para os que querem o melhor

FRAZER

Há muitas pessoas que estão sempre procurando o que há de melhor, estão sempre alerta e são as primeiras a gozar dos adiantamentos devidos à experiência, à investigação científica e ao espírito progressista das grandes companhias. Trata-se de consumidores que, dando saida aos novos produtos, possibilitam o desenvolvimento da indústria. Um sem número de pessoas assim, compraram automoveis KAISER e FRAZER, e em suas cartas declaram que estes novos carros são tão econômicos como elegantes; que funcionam melhor e trabalham com mais suavidade do que qualquer outro automovel por mais caro que seja. Tambem elogiam com gratidão o serviço rápido e eficiente prestado pelos distribuidores e agentes da fábrica.

KAISER-FRAZER EXPORT CORP., WILLOW RUN, MICH., E. U. A.
Endereço Telegráfico: KAFREX

SELEÇÕES

TOMO XIII
No. 72

do Reader's Digest

JANEIRO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

A história sem par de seis aventureiros da ciência que se deixaram arrastar 4.000 milhas pelo Pacífico

DO PERÚ À POLINÉSIA NUMA BALSA

Condensado de despachos
enviados à «North American Newspaper Alliance»

Por Thor Heyerdahl

EM ABRIL DE 1947, acompanhado de cinco outros jovens cientistas escandinavos, embarquei numa balsa de pau de jangada de 14 metros de comprimento, no porto de Calhau, Perú. Fizemo-nos ao mar, entregues à mercê do vento e das correntes marítimas, para iniciar uma jornada trans-pacífica que duraria quatro meses e vencer mais de 4.300 milhas. Nosso destino era o arquipélago de Tuamotú, que faz parte da Polinésia; nosso objetivo, comprovar a minha teoria segundo a qual a Polinésia fora povoada, há cerca de mil e quinhentos anos, por navegantes oriundos do Perú.

Muitos eruditos têm posto em relevo as notaveis semelhanças que aproximam a antiga civilização aborígene do Perú da de muitas ilhas do imenso Pacífico. Por exemplo, a batata doce e o cabaceiro eram plantas importantes de cultivo em ambas as regiões, quando os primeiros europeus alí apareceram. Nem uma nem outra dessas plantas poderia ter-se propagado através do oceano sem a colaboração do homem. O nome da batata doce nas línguas da Polinésia é *kumara*, exatamente o mesmo nome que lhe davam os antigos habitantes do Perú, onde, segundo nos afirmam os botânicos, a batata doce teve sua origem.

Os idiomas locais em ambas as regiões têm em comum muitas outras palavras e símbolos. O chefe sagrado dos peruanos pre-incaicos era Kon-Tiki, representante do sol na terra. Ora, entre os polinésios, Tiki é o principal progenitor lendário;

como o seu sósia no Perú, tambem se supunha que ele era descendente do sol.

No entanto, uma escola de etnologistas tem objetado que não poderia ter havido qualquer contacto entre duas regiões tão distantes entre si, uma vez que nenhum dos tipos de embarcação dos primitivos peruanos teria sido capaz de transpor a vastidão do Pacífico. As únicas embarcações de que dispunham eram balsas e pequenos botes construidos com feixes de juncos, amarrados uns aos outros. Estes últimos eram idênticos aos *mokihi* dos maori-polinésios.

Para pôr à prova a viabilidade de semelhante viagem, construimos e apetrechamos uma jangada, tanto quanto possivel à maneira das que os antigos peruanos deviam ter feito. Os pescadores do Perú ainda hoje constroem jangadas deste tipo, porem menores. A nossa, que batizamos com o nome de *Kon-Tiki*, media 14 por 5,5 metros. Cortamos e amarramos entre si nove grande troncos de pau de jangada, de 60 centímetros de diâmetro, em média, e dispusemo-los à laia de tubos de orgão, ou seja, com o mais comprido no meio, de modo a formar uma proa em ponta. Nove troncos menores foram colocados em cima dos primeiros, à guisa de vigas transversais. Armazenamos nossas provisões nos intervalos destas vigas, e cobrimo-las com uma camada de bambús rachados ao meio. A meia-nau erguemos uma cabana de bambú, de 2,40 por 4,50 m para abrigar o equipamento de rádio, os delicados instrumentos meteorológicos e hidrográficos, e os objetos de uso pessoal. Em frente desta cabana içamos num mastro a vela retangular de 6,30 por 4,80 m. A ré montamos um longo remo, a desempenhar funções de leme.

A tripulação compreendia, alem de mim, o engenheiro mecânico Herman Watzinger, de 31 anos, encarregado das observações meteorológicas e hidrográficas; Erik Hesselberg, de 33 anos, nosso navegador e fotógrafo; Bengt Danielsson, de 27 anos, encarregado de todos os planos de provisões de boca e água; Torstein Raaby, de 29 anos, e Knute Haugland, de 30 anos, ambos rádio-operadores.

No dia 28 de abril, concluidos todos os preparativos, um rebocador da armada peruana nos arrastou até fora do porto de Calhau, e largou-nos à deriva no oceano. Quando cortamos a amarra, içamos no mastro a nossa vela, onde levávamos pintada a cabeça de Kon-Tiki.

(Daquí em diante, as atividades da expedição foram sendo registradas nas mensagens de rádio transcritas abaixo, que alguns amadores de rádio captaram nos Estados Unidos e transmitiram à North American Newspaper Alliance.)

13 de maio. Faz duas semanas que andamos à deriva, e já transpusemos mais de 500 milhas, arrastados

Ao sabor dos ventos e das correntes marítimas, a Kon-Tiki singra as águas do Pacífico

pelos ventos e pela corrente de Humboldt. Pouco depois de terem desaparecido abaixo do horizonte as cumiadas andinas, desabou sobre nós um forte temporal. Durante cinco dias e noites consecutivas lutamos como feras, agarrados ao enorme remo da popa, afim de manter a proa da jangada na direção do vento. Para manobrar o gigantesco remo eram necessários dois homens ao mesmo tempo. Mas a jangada demonstrou possuir admiraveis qualidades de flutuação, e marinhava com ligeireza até à crista dos vagalhões mais ameaçadores. A parte central da estrutura nunca se molhou! A vida é confortavel no interior da nossa cabana de bambú, que é bem arejada. Passamos a maior parte do tempo lendo e estudando.

A quantidade e variedade de peixes e outros animais marítimos que há em volta de nós é verdadeiramente assombrosa. Chega a parecer que vamos navegando dentro dum aquário! Os peixes voadores, atraidos durante a noite pelo nosso lampião de gasolina, entram voando pela cabana a dentro. Retalhados e usados como isca nos anzóis, permitem-nos pegar em cinco minutos mais peixe do que nos é possivel comer durante dois dias.

No dia 6 de maio vimos vir direita a nós uma imensa baleia, resfolegando como um cavalo a galope. Acercou-se a menos de dois metros de nós, mergulhou, deslizou para debaixo da jangada, e aí deixou-se ficar imovel. Ficamos observando através da água aquele corpanzil negro e luzidio que pairava debaixo de nós, e depois vimo-la mergulhar vagarosamente, mais e mais, até sumir nas profundidades do oceano.

A 10 de maio o Watzinger mergulhou debaixo da jangada para consertar uma das pranchas da quilha. Depois de voltar à superfície, sentou-se na borda da jangada, com os pés pendentes, mergulhados na água. Nisto, avistamos um tubarão pardo que vinha singrando velozmente em direção a ele. Heyerdahl, sem perda de tempo, lançou um arpão, que se foi cravar no dorso da fera. Seguiu-se então um combate furioso, durante o qual, ao esbarrar no crânio do tubarão, um outro arpão se torceu, ficando inutilizado. Debatendo-se furiosamente, o tubarão finalmente deu uma rápida meia-volta, cortou com os dentes a espia que o retinha, e pôs-se ao fresco, com o primeiro arpão ainda espetado no lombo.

Depois disto, Herman desistiu de consertar a prancha da quilha.

27 de maio. Há um mês que estamos na jangada, e vencemos até hoje 1.100 milhas náuticas. Desde a primeira noite que passamos ao largo do Perú, ainda não avistamos um só navio. A jangada continua em excelentes condições. O vento tem soprado sempre do sudeste, e a sua pressão constante na vela, reforçada pela resistência do nosso remo, solidamente amarrado à popa, mantem-nos num rumo constante sem qualquer esforço da nossa parte.

Os antigos peruanos sabiam o que estavam fazendo, quando construiam uma plataforma elevada de bambús no centro da balsa. Mesmo quando o mar está manso, as ondas varrem constantemente os toros principais; mas nunca se elevam a mais de 30 centímetros acima do chão. As vagas quebram com grande força à proa e à popa, mas somem-se rapidamente pelos interstícios dos grandes toros da base, de forma que a coberta nunca é atingida pelo mar. Quando a abundância de tubarões em volta nos impede de mergulhar no oceano, a proa da jangada serve maravilhosamente bem de banheira, com a vantagem de estar exposta ao calor do sol. Os madeiros que estão em contacto com a água mostram-se agora inteiramente franjados de algas verdes e mariscos vermelhos e azuis. Nos dias de calmaria, avistamos pequeninos caranguejos que passam à deriva junto de nós, montados em penas flutuantes de aves marítimas. Ao verem a jangada, os caranguejinhos pulam na água e nadam a toda a pressa até se esconderem entre as algas que a forram, e onde ficam devorando os mariscos.

O peixe miudo refugia-se entre os toros, atraindo grande número de peixes maiores. Uma escova de dentes que a gente mergulhe no mar, é o bastante para atrair enormes golfinhos que se lançam velozmente de sob a jangada, curiosos.

A parede da cabana, do lado de estibordo, fica aberta em um terço da sua extensão durante estas lindas noites tropicais. Não faz muito tempo Torstein estava dormindo com a cabeça encostada junto da janela, quando despertou para dar com algo vivo que pulava e saltava furiosamente perto da cabeça dele. Herman Watzinger, que estava ao lado, estendeu rapidamente a mão e agarrou um peixe de mais de um metro de comprimento, parecido com uma cobra, de olhos enormes, uma tromba em forma de bico de pássaro, com 5 centímetros de espessura, e uma boca guarnecida de dentes compridos e afiados como navalhas.

Bengt Danielsson, que despertou com a barulheira, sentou-se na cama-saco, piscando os olhos, e observou com a voz pastosa de sono: «Esse peixe não existe!» e voltou a mergulhar no sono dos justos.

6 de junho. Nas noites nubladas a fosforescência do mar torna luminosos todos os peixes que nadam perto da superfície. Uma noite vimos três enormes mamíferos nadando vagarosamente em direção à jangada, através da noite negra como breu. Vagas formas luminosas, pareceram-nos medir mais de seis metros de comprido, enquanto deslizavam para a ré como fantasmas.

Dois dias depois o Knut Haugland estava acocorado à ré, lavando umas roupas, quando de repente deu de cara com um monstro fenomenal: tinha uma cabeça tão incrivelmente volumosa, e era duma fealdade tão estúpida—com uma bocarra de batráquio de quase metro e meio de largura—que o Knut deixou escapar um brado de puro e simples pavor.

O monstro tinha o dorso marron, pintalgado de manchas brancas, A cabeça bestial, com dois olhinhos pequenos, adelgaçava-se para trás, e o corpo terminava numa cauda aguçada, a mais de oito metros de distância. A barbatana da cauda emergia à superfície do mar, e uma grande barbatana corria ao longo do dorso—que tinha cerca de 2 metros de largura.

(*O monstro era um tubarão baleia, um dos bichos mais corpulentos e mais feios que se geram nos mares.*)

Amarramos cerca de vinte quilos de carne de golfinho a seis dos nossos maiores anzóis, que suspendemos por sua vez duma linha de aço e corda grossa. O monstro aproximou-se indolentemente da isca como um submarino antigo, e foi-nos seguindo durante meia hora, no que nos parecia um misto de curiosidade e indiferença... Até que por fim tocou com a cabeçorra no toro da popa, onde Hesselberg estava de pé, firme, empunhando um grande arpão. Quando viu o monstro assim tão perto, Hesselberg lançou o arpão com quanta força tinha, cravando-o bem fundo no cachaço do peixe.

O que em seguida se passou é dificil de lembrar em boa ordem: o monstro indolente transformou-se de súbito em uma máquina formidavel, de aço indestrutivel, espadanando em todos os sentidos! Sob o impulso dos safanões que ele dava, subiam no ar gigantescos jorros de água pulverizada; vi de relance o Haugland e o Raaby agarrados um ao outro, em pleno ar, de cabeça para baixo! Quando terminou a agitação, vimos o cabo de madeira do arpão, partido em dois, voltar à superfície a 200 jardas de distância. O monstro desaparecera...

25 de junho. Agora que estamos mais distantes da terra firme do que jamais estivemos ou voltaremos a estar nesta jornada, já nos vamos sentindo em casa a bordo da jangada. Uma vez por outra, em noites de luar, metemo-nos dois ou três homens no nosso bote salva-vidas, de borracha, e deixamo-nos ir ao sabor das ondas, para contemplar de longe a nossa balsa. Vendo-a flutuar mar em fora, com a sua lanterna na popa, a cabana que lembra uma palhoça da floresta e a vela enorme desfraldada sobre as águas, a nave nos parece uma coisa saida duma lenda de Homero! Depois, a larga ondulação do mar ergue-se entre o bote e a jangada, escondendo-os mutuamente, e o mar parece de repente imenso, deserto e ameaçador. Regressamos então, invariavelmente a toda a pressa, e uma vez a bordo respiramos, como se a jangada fosse o único lugar seguro e sólido que o mundo inteiro nos pudesse oferecer.

Este sentimento de segurança e conforto torna-se particularmente forte no interior da cabana. A folhagem verde e as frondes de bananeira que cobrem as paredes de bambú produzem o mais estranho efeito psicológico... É como se nos encontrássemos no âmago duma ilha, bem longe do mar, e entrássemos rastejando numa autêntica cubata da selva... E o barulho das ondas, lá fora, nos parece estranho.

Durante o dia Herman Watzinger faz experiências com novos tipos de equipamento de emergência e socorro, para o Departamento de Guerra, e transmite as suas observações meteorológicas pelo rádio, duas vezes por dia, para o Serviço Meteorológico dos Estados Unidos.

Knut Haugland e o Torstein baiançam-se no topo do mastro, ensaiando novos tipos de antenas dirigidas. Com os nossos seis rádio-transmissores, eles estão em condições de estabelecer contacto com qualquer ponto dos Estados Unidos, Canadá, Panamá, Perú, Austrália, Nova Zelândia e Havaí.

9 de julho. Após 75 dias de navegação, a jangada já derivou 3.400 milhas náuticas para oeste do Perú. Temos agora que

transpor apenas 488 milhas, para atingirmos a nossa primeira arribada nas ilhas Marquesas. Conquanto seja ainda demasiado cedo para tirar quaisquer conclusões finais da rara experiência que estamos levando a cabo, já fizemos algumas interessantes observações.

Uma viagem destas, premeditada por peruanos dos tempos prehistóricos, ter-lhes-ia permitido carregar consigo batata doce e gêneros secos em quantidade suficiente para poderem alcançar com eles a Polinésia. Nós levamos alí, na coberta da proa, batatas, abóboras e cocos expostos ao sol e ao vento, metidos em cabazes peruanos. Veremos se chegam em condições!

Já fomos apanhados por vários temporais severos, e passamos momentos de verdadeira ansiedade; mas tudo acabou bem, porque a nossa jangada deu provas de poder aguentar mares agitados. É bem conhecido que os antigos navegadores sul-americanos transportavam a sua reserva de água doce dentro de bambús, na extremidade dos quais praticavam um furo, que tapavam depois de enchê-las. Muito embora a nossa provisão principal de água potavel esteja em latas de cinco galões, tambem trazemos desses bambús cheios de água. Cada um deles carrega cerca de 100 litros, e nada mais facil do que instalar trinta destes bambús debaixo da coberta de bambús fasquiados. Protegidos pela sombra e lavados continuamente pelas ondas que cobrem a jangada, esses bambús mantêm-se à temperatura do mar. Tambem se pode renovar a provisão de água, se necessário, recolhendo água de chuva.

Supondo que uma jangada prehistórica se houvesse aventurado demasiado longe de terra durante uma excursão piscatória no Pacífico, é indubitavel que ela teria sido colhida pelo vento que sopra constantemente ao largo da costa, e pela corrente de Humboldt; e inevitavelmente teria iniciado a mesma viagem involuntária e semicircular, que nós estamos fazendo agora. Quanto à possibilidade de esses pescadores prehistóricos morrerem de fome, ela nos parece remota, uma vez que os peixes voadores chovem todas as noites no convés da nossa balsa, e podemos apanhar caranguejos que vivem agarrados aos paus da jangada.

15 de julho. Nestas dez semanas, em que fizemos à deriva 3.478 milhas, temos realizado numerosas experiências para os governos americano e inglês. Uma das mais interessantes é a que diz respeito às qualidades nutritivas do plancto.

Plancto é o nome coletivo que se dá às miríades de minúsculos seres vivos que proliferam nas águas do mar. Alguns deles são visiveis a olho nu, mas a grande maioria precisa ser estudada na lâmina do microscópio. Todos os peixes se nutrem de plancto, ou então de peixes menores que comem o plancto.

Por sugestão do dr. Alexander Bajkov, que foi membro do Laboratório Aero-Médico da Aviação Militar dos E. U. A., trouxemos conosco uma rede especial em forma de cone, feita de seda, de umas 3 mil malhas por polegada quadrada. As nossas melhores colheitas diárias representam entre 2 e 5 quilos de minúsculos copépodes semelhantes a camarões, caranguejos oceânicos em miniatura, e muitos outros crustáceos, bem como ovos e larvas. Quando a colheita é sobretudo constituida por copépodes, o plancto tem um sabor de pasta de camarão. Se a rede nos traz sobretudo ovos, o plancto tem o paladar de caviar ou de ostras. Quatro dos membros da nossa expedição são mesmo de parecer que o plancto é um grande petisco. Os outros não gostam de peixe e mariscos.

Chegamos tambem à conclusão de que a provisão de água potavel se pode prolongar consideravelmente pela adição de água do mar. Durante estes dias quentes, em que o corpo humano consome muito mais sal do que habitualmente, temos chegado a adicionar 40 por cento de água salgada à água que bebemos, e achamos que o líquido resultante da mistura mata a sede, e não tem nada de desagradavel.

Quer-nos parecer que estas duas observações—sobre as propriedades nutritivas do plancto, e a possibilidade de misturar água do mar à água doce—embora ainda não tenham carater definitivo e concludente, oferecem probabilidades muito maiores de salvação aos náufragos, do que aquelas com que até agora se contava. Qualquer grupo de pessoas isoladas no mar, desde que disponham duma rede para pescar plancto e dum pequeno evaporador de água salgada—cujo rendimento se pode aumentar adicionando-lhe pequenas quantidades de água marinha—podem prolongar e salvar a vida. O mar deixou de ser uma solidão de fome, sede e desespero!

30 de julho. Hoje, ao amanhecer, avistamos terra pela primeira vez: a ilha de Pakapuka, atol situado na ponta leste do grupo de Tuamotú.

Um forte vento impedia que nos aproximássemos da ilha. O máximo que conseguimos foi passar a umas sete milhas ao sul. Estamos agora em constante vigia, procurando enxergar alguma terra que venha interromper o avanço da *Kon-Tiki* à deriva para oeste. Nesse ínterim, seis dos nossos cocos já estão botando rebentos de folhas verdes, uma cabaça e a nossa derradeira batata estão esperando a hora de serem plantadas no solo da Polinésia, tal como os adoradores de Tiki, o Deus Sol, plantaram o resto das suas provisões lá pelo ano de 400 da era cristã...

3 de agosto. Esta manhã, cedinho, a ilha de Amgatu surgiu no horizonte, longa e baixa, a ocidente. Pouco antes do pôr do sol alcançamos o litoral sul da ilha, e descobrimos uma aldeia indígena aninhada entre árvores altíssimas. Não tardou que a praia se enchesse de polinésios que nos olhavam com assombro. Vimo-los lançar uma canoa ao mar, e ficamos observando a manobra por meio da qual o barco conseguiu transpor uma estreita abertura nos recifes de coral.

Dois polinésios pularam daí a pouco dentro da nossa jangada, para nos abraçar e desejar-nos cordiais boas-vindas, na língua da terra. Eram a primeira gente que avistávamos ao fim de 97 dias e 4.100 milhas de flutuação à deriva no Pacífico!

Um vento muito fresco ergueu-se então da terra para o largo, obrigando-nos a colher a vela. Em seguida, metemo-nos os seis muito apertados na canoa, e remamos em direção às águas menos fundas, em busca dum ancoradouro para a nossa jangada. O vento porem aumentou, e acudiram da praia outras canoas cujos tripulantes se esforçaram por evitar que a jangada continuasse derivando. Durante três horas lutamos contra o vento cada vez mais rápido, mas tudo em vão. Vimo-nos obrigados a pôr termo àquela festa, e a recambiar os nossos bons amigos polinésios para a sua ilha. Quando alí chegaram, correram a acender enormes fogueiras nas colinas mais altas, para nos guiarem a caminho do oeste.

7 de agosto. Kon-Tiki encontra-se no recife de Raroia, no arquipélago de Tuamotú, com a tripulação toda a salvo. Este incidente vem marcar o fim e o êxito da nossa expedição.

Ao cabo de três dias de tentativas para nos safarmos contornando o longo e baixo recife de Raroia, fomos finalmente arrastados para o meio dos bancos de coral.

Todo o horizonte pela nossa frente era, de uma extremidade à outra, uma linha ininterrupta de vagas que rebentavam nos recifes.

À medida que nos fomos aproximando da rebentação, todos a bordo da jangada se aprestavam para as manobras do desembarque. Só depois de ter a balsa deslizado através do primeiro e mais pesado rolo da rebentação, e dado entrada na zona de vagas menores que vinham após essa primeira linha—é que nos seria possivel e permitido pensar em abandonar o lenho. Amarramos todos os nossos documentos de importância dentro dum saco impermeavel, e fechamos o rádio.

De repente a jangada foi soerguida a grande altura por uma onda, e em seguida desceu bruscamente até o fundo do fosso escancarado entre duas vagas enormes. Corremos todos a procurar refúgio nos pontos mais altos da jangada: Haugland, Danielsson e Watzinger agarraram-se ao teto da cabana de bambú; Raaby subiu velozmente no moitão da vela, e eu marinhei pelo mastro acima... Mal tivéramos tempo de tomar essas posições, quando fomos apanhados por uma grande muralha de água, desabando sobre a jangada! Os homens que tinham ficado abaixo de mim contaram-me que a massa de água galgara sobre nós, passando bem 3 metros acima da minha cabeça—e eu estava no topo do mastro! —antes de ter engolfado a jangada.

Ouvimos então um grande estrondo: tínhamos ido de encontro ao recife. Uma vaga gigantesca arremessou-nos para alem dele, fazendo-nos entrar em águas mais serenas, e os rolos de água sucessivos, de vagas desfeitas pela rebentação, impeliram-nos lentamente por sobre o fundo duro de coral.

Quando nos vimos a uns 500 metros da praia, deixamos a balsa, metemo-nos à água, e fomos vadeando ao longo do recife, transportando os nossos pertences para terra. Vimos pequenos tubarões de pouco mais de um metro, que nos deixaram em paz; mas Hesselberg e Watzinger foram atacados por oito enormes enguias venenosas, e tiveram que repelí-las a golpes de facão.

12 de agosto. A nossa ilhota é pequena e baixa, com 140 metros de diâmetro; toda a sua população consta de caranguejos ermitas, lagartos, e aves marinhas. A ilha é coberta de coqueiros e de arbustos muito agradaveis, e rodeia-a uma praia de coral amarelo. A nossa provisão de água está diminuindo, mas todas as noites chove, e temos à nossa disposição uma reserva ilimitada de leite de coco. Muitas variedades de peixe e de mariscos se tornam de facil colheita no recife, e a nossa grande vela, suspensa entre palmeiras, forma um bom abrigo.

18 de agosto. A expedição foi descoberta por alguns polinésios, que vieram ter conosco e nos levaram em canoas para a sua ilha, onde vivem 120 naturais. Fomos muito bem acolhidos.

A preamar altíssima e o mar muito forte jogaram a balsa por cima do recife, para dentro da lagoa do atol. Preparamos o mastro, e pretendemos levar a jangada para a aldeia indígena, navegando à vela.

Vimos tratando um pequeno de seis anos que sofreu uma séria contusão na cabeça, e ao fim de quatro dias de tratamento ele já vai muito melhor. Nossas primeiras tentativas de tratamento não foram lá muito bem sucedidas, até que conseguimos rehaver dois frascos de sulfas que trazíamos na jangada.

O pequeno reagiu lentamente, e decidimos comunicar-nos com um médico de Los Angeles, por intermédio de um rádio-amador daquela cidade, com quem vinhamos mantendo contacto. Seguimos os seus conselhos, e daí a dois dias o rapaz estava outra vez rijo e ativo como se nada lhe houvesse acontecido.

Ao escrever estas palavras, chega-nos a notícia de que uma pequena unidade da marinha francesa, o *Tamara*, está surgindo à vista da ilha. É o navio que o governador geral da Oceania Francesa despachou para nos conduzir a Taití.

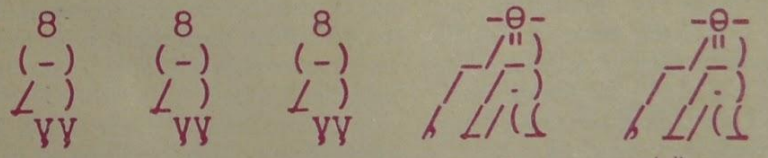
20 de agosto. Os naturais da ilha deram-me ontem à noite, durante uma cerimônia especial, o nome de *Varoa Tikaroe*. Todos nós recebemos a honra de poder usar os nomes dos homens que, segundo as lendas indígenas, foram os primeiros a aparecer por aquí. Esses navegadores eram descendentes de Maui Tiki Tiki, e vieram ter àquela ilha do Pacífico, partindo da «Terra onde o Sol se Ergueu de Manhã»...

O *Tamara* deu entrada na lagoa do atol onde deixamos a jangada, e trouxe-a a reboque para esta ilha. Amanhã, levando mais uma vez a *Kon-Tiki* a reboque, o *Tamara* sairá para Taití, conosco a bordo, encerrando assim a primeira etapa da nossa longa viagem de regresso aos Estados Unidos e depois à Noruega.

Desenhe com sua máquina de escrever

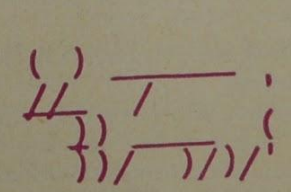
Hans J. Gottlieb em «This Week Magazine»

O LEITOR sabe desenhar com a máquina de escrever? Não é coisa facil, especialmente se respeitarmos a regra principal que é não movermos o papel a não ser usando a alavanca de espaçar da máquina. Mas aquí estão alguns dos desenhos que podemos fazer.

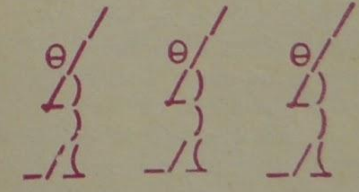


Três alegres matronas

Camponeses no trabalho



Gado ruminando



Soldados em marcha

Por que uma novelista de êxito decidiu permanecer no magistério

Continuarei sendo professora

(*Condensado de «Redbook»*)

Por Loula Grace Erdman

QUANDO recentemente me foi concedido o prêmio «Redbook-Dodd, Mead» por um romance de minha autoria, o reporter que veio entrevistar-me a respeito, disse a certa altura, como se fosse a coisa mais natural deste mundo:

—Evidentemente, a senhora agora vai deixar de ensinar!

A que respondí sem hesitar:

—Em absoluto!

Esta minha resposta levou-me à glória das manchetes de jornais. «Ela Vai Continuar Ensinando!» bradavam eles em grossos caracteres, como se isso (e não a minha recompensa literária) é que constituisse a grande e palpitante novidade. Sinto agora o desejo de explicar por que é que penso desta maneira.

Creio que a primeira razão deste meu modo de pensar é que o professor goza do inestimavel privilégio de poder renovar indefinidamente a sua juventude no convívio da gente moça. Com efeito, não é possivel passar a vida em contacto constante com crianças, sem se deixar influenciar ou absorver pela sua insaciavel curiosidade, e pela atitude de perpétua indagação que as carateriza.

Faz apenas dois anos que sou professora dum estabelecimento de ensino superior; mas antes disso, eu ensinava num ginásio, onde exercia ao mesmo tempo as funções de conselheira dos calouros.

Quando comecei a ensinar, era muito jovem e tola. Um dia organizei um programa muito minucioso para uma festinha das minhas alunas, incluindo nele um número musical em que as pequenas deviam aparecer em fantasias que lhes dariam a aparência—tal era pelo menos a minha esperança—de rosas em botão. Comecei escolhendo despreocupadamente as que deviam tomar parte nesse número, reservando para ele apenas as crianças mais bonitinhas.

—Que pensa você fazer com a Jinnie Carver? perguntou-me de repente a diretora da escola.

A Jinnie era um garota desajeitada e feia.

—Oh! disse eu,—ela poderá me ajudar nos bastidores!

—E por que não fazer dela uma das suas rosas? Ela tem boa voz. E a mãe é uma costureira de primeira ordem. Vai ver como ela lhe aparece aquí com um dos vestidinhos mais bonitos do grupo!

Ainda tentei objetar qualquer coisa...

—Escute, disse-me ela,—toda pessoa precisa, ainda que seja uma só vez na vida, de sentir que é uma rosa sob o foco do projetor, e não apenas o *ponto* debaixo do palco ou o contra-regra atrás dos bastidores. Tenha isto presente, pois é uma regra mais importante do que qualquer outra para o seu êxito no professorado; mais ainda talvez do que a sua sabedoria, por muito importante que esta seja!

Seguí o conselho dela, e nunca me arrependí. Jinnie não foi das piores «rosas», embora estivesse longe de parecer um botão. Veio a tornar-se uma mocinha cheia de agradavel confiança em si mesma. E sempre me deu prazer imaginar que isso se devia talvez em parte ao fato de eu a ter deixado representar o papel de «rosa».

O ensino me obriga a esclarecer constantemente meu próprio pensamento, a dar balanço às bases das minhas crenças, e a certificar-me da validez de minhas convicções.

As crianças são dotadas duma aptidão incalculavel para perceber o que se passa no íntimo dos adultos. Nunca hei de esquecer o dia em que este fato se me tornou duma evidência palpavel. Tinha eu dado à minha classe algumas instruções não muito cuidadosas para a preparação de certo exercício escolar. Nisto, uma das meninas levantou a mão para pedir um esclarecimento. O seu olhar sério e penetrante cravou-se, através dos óculos, em mim, e ela perguntou: «A senhora quer que a gente faça o exercício direitinho, ou da maneira que explicou?»

Oxalá essa menina—que hoje deve ser mulher feita—possa ler estas palavras. Gostaria de lhe dizer q e a sua observação me ensinou mais do que muitos cursos de pedagogia que eu seguí. Graças a ela, eu fiquei sabendo que não me é possivel ser menos honesta com as crianças do que eu seria com o próprio Deus, pois elas são capazes de pressentir a minha insinceridade ou os meus erros. Antes de me julgar capaz de lhes comunicar uma filosofia da vida, devo assegurar-me de que estou eu própria na posse de uma filosofia que seja honesta e utilizavel.

Estou decidida a continuar ensinando, porque o ensino é um bom porto de abrigo onde o nosso coração pode ancorar.

Sem amor e sem apreço, as próprias raizes da alma humana murcham: e a escola dá-nos ambas essas coisas. Tive, não há muito, o ensejo de falar em uma assembléia escolar. A diretora, fatigada após um longo dia de trabalho, estava-se esforçando em vão para impor a ordem a um auditório constituido por crianças e pais. Em meio de seus baldados esforços, um menino de seis anos aproximou-se do estrado e dirigiu-se a ela nestes termos:

—Miss Miller, escute por favor...

Apesar do muito ocupada que estava, ela inclinou-se docilmente para prestar o ouvido ao segredo que ele queria dizer-lhe.

—Miss Miller, disse ele,—eu gosto da senhora.

A face da diretora iluminou-se duma alegria que apagou o cansaço. Exclamou:

—Queridinho, Deus te abençoe! Eu tambem te quero muito!

São coisas assim que tornam o ensino tão grato. A gente não lida com números, ou materiais, ou coisas abstratas: lida com crianças a quem pode amar, e que pagarão esse amor com todos os meios ao seu alcance.

Ensinar é uma das melhores maneiras que eu conheço de cultivar o *sense of humor*.

Nem sempre foram faceis as lições que recebí na minha carreira de professora. Entre outras, tenho encontrado tachas e pregos na minha cadeira, ratinhos que saltam da gaveta de minha mesa, e não

poucas caricaturas demasiado realistas, saidas das mãos do inevitavel «artista» da classe. Outras coisas ainda mais humilhantes tenho sofrido—a palavra que eu escreví errada no dia em que o inspetor veio de visita à escola, e o espetáculo risivel que eu dou de mim mesma sempre que perco a paciência. Mas de todas essas lições, algumas bem penosas, eu pude ir tirando uma sabedoria ao mesmo tempo secreta e bela, que pode resumir-se nas seguintes palavras: nunca poderei parecer tão cômica aos olhos de meus alunos como o sou aos meus próprios olhos; alem disso, eu poderei sempre vencer uma «piada» que eles digam a meu respeito, com uma «piada» ainda melhor. Ciente disso, posso associar-me aos meus alunos no riso de que sou alvo, e, através do riso, reconquistar o meu próprio equilíbrio.

Quero continuar ensinando, porque o ensino oferece maravilhosas oportunidades ao meu desenvolvimento mental—e a uma espécie de desenvolvimento que é ainda mais importante do que o mental.

Um dia chegou às minhas mãos uma nota que não se destinava a ser lida pelos meus olhos: era um ataque vitriólico e fulminante contra mim—contra a minha personalidade, meus métodos de ensino, minha aparência—escrito por uma das minhas alunas. Fiquei furiosa, mas na manhã seguinte já tinha conseguido acalmar um pouco. Olhei para a moça, que estava sentada no seu lugar, amuada e sombria, sabedora de que eu havia lido a nota, e apreensiva quanto às medidas que eu tencionava tomar. Olhando para ela, compreendí de repente que eu não teria coragem de vingar-me daquela mocinha —que vingar-me seria um ato muito abaixo da minha dignidade de adulta. Ao mesmo tempo, eu sabia que não podíamos continuar assim até o fim do ano escolar, numa espécie de neutralidade armada e hostil. O único recurso que me restava era, pois, tratar de ganhar-lhe a confiança, se fosse possivel.

A princípio, mal podia aturá-la. Mas, passadas algumas semanas, dei comigo gostando realmente dela. Melhor ainda, pareceu-me que ela estava aprendendo a gostar de mim. No dia do encerramento das aulas, veio dizer-me adeus.

—Lamento que você vá embora, disse-lhe, acreditando honestamente no que dizia. —Foi um prazer ter você na minha classe.

—Queria dizer-lhe uma coisa, replicou.

Preparei-me para receber a explicação e as desculpas que supunha iminentes.

—É o seguinte, continuou ela com a maior naturalidade. —Queria só dizer-lhe que a senhora fez progressos assombrosos durante este ano!

O ensino me fez saber que todas as vezes que as minhas relações com os outros fracassam, a explicação está talvez em qualquer falta ou defeito pessoal da minha parte. Pelo fato de ser adulta, devo ter mais paciência, mais compreensão e mais auto-domínio do que é de esperar de uma criança. Ao lidar com crianças, uma pessoa não pode de certo pensar antes de tudo em si mesma. Não posso imaginar nenhuma regra mais util do que esta, para guiar-me em minhas relações.

Tenho esperança, finalmente, de continuar ensinando, porque o ensino é uma ocupação que assegura condições de existência plenas e satisfatórias. A felicidade depende largamente da possibilidade que a gente tem de achar uma tarefa tão vasta, que nos permita perder-nos dentro dela. O ensino forneceu-me precisamente esse ensejo. Qualquer que seja o grau de bondade e verdade que eu possa transmitir às crianças, ele virá talvez a multiplicar-se mil vezes na realização dos seus destinos.

«Devíamos ser agradecidos ao Kremlin pela sua atitude implacavel que faz com que nossa segurança dependa inteiramente de nos elevarmos ao nivel de nossas mais altas tradições.»

OBJETIVOS E RAZÕES DO KREMLIN

Excertos de «The Sources of Soviet Conduct», uma penetrante análise publicada na revista «Foreign Affairs»

«THE Sources of Soviet Conduct» (Fontes da Conduta Soviética), publicado em *Foreign Affairs* e assinado por «X», atraiu a atenção de observadores políticos em toda a parte. A seguir apresentamos um excerto do comentário feito por Arthur Krock, do *Times* de Nova York, sobre o mesmo artigo:

«O autor anônimo expôs e analisou as fontes da conduta soviética com uma autoridade que se evidencia pelo fato de que sua tese é exatamente a adotada pelo Governo Americano após haver fracassado a sua política de apaziguamento do Kremlin.

«Essa tese permitiu ao Departamento de Estado, antes de Molotov seguir para a França afim de tomar parte na Conferência de París, predizer exatamente como o estadista russo agiria e que razões daria para tal. Esses motivos aparecem de modo ainda mais claro no artigo saido em *Foreign Affairs*, escrito sem dúvida por alguem que estudou os senhores dos sovietes durante anos e tão de perto quanto é possivel a um estrangeiro.

«O que o autor declara é uma verdadeira chave para o leitor que tente explicar com crescente perplexidade as presentes atitudes e a política futura dos russos. Alem disso é a chave empregada com o mesmo objetivo pelo Departamento de Estado. Suas opiniões se assemelham muito às emitidas em documentos ultraconfidenciais dos arquivos oficiais de Washington.»

★ ★ ★

DURANTE muito tempo continuaremos a encontrar dificuldade em lidar com os russos. A circunstância mais notavel em relação ao regime soviético é que até o momento presente os homens do Kremlin têm estado absorvidos predominantemente com a luta que visa manter e tornar absoluto o poder que eles conquistaram em 1917. Têm-se esforçado em assegurá-lo permanentemente não só no interior do país, como tambem contra o mundo exterior. Sua ideologia lhes ensinou que o mundo exterior é hostil e que eles têm o dever de derrubar um dia as forças políticas existentes alem das fronteiras da sua pátria. Isto não significa devamos crer que eles estão seguindo um programa de vencer ou morrer para derrubar a nossa sociedade num espaço de tempo determinado—felizmente, a teoria da inevitabilidade da queda do capitalismo não implica em que esse acontecimento deva ser apressado.

Mas o conceito soviético, profundamente arraigado, do antagonismo inato entre capitalismo e socialismo influi poderosamente na conduta da Rússia como membro da sociedade internacional. Significa que Moscou nunca poderá compartilhar sinceramente dos propósitos das potências capitalistas. Se ocasionalmente o Governo Soviético apõe a sua assinatura a documentos que poderiam indicar o contrário, esse fato deve ser considerado como manobra tática, admissivel quando se lida com o inimigo (que não tem honra) e aceitar-se como mero expediente dilatório.

Desse antagonismo básico nascem muitos fenômenos que consideramos espantosos na política exterior do Kremlin: o segredo, a falta de franqueza, a duplicidade, a desconfiança, a falta básica de propósitos amigaveis. Tanto quanto nos é possivel prever, esses fenômenos continuarão a surgir indefinidamente. Poderá haver variações quanto ao grau ou à ênfase. Quando os russos querem algumas coisas de nós, uma ou outra dessas caraterísticas do seu proceder poderá desaparecer temporariamente. Sempre que isso acontecer, haverá americanos que se erguerão, anunciando alegremente que «os russos mudaram». Mas não nos devemos deixar iludir. As caraterísticas básicas da política soviética permanecerão as mesmas até que a natureza interna do poder soviético sofra modificação.

O conceito soviético de poder, que não permite a existência de focos de organização alheios ao Partido, exige que os líderes comunistas permaneçam em teoria os únicos depositários da verdade. Pois, se a verdade pudesse ser encontrada em outra parte, haveria justificativa para que ela se expressasse em atividade organizada. E isto é o que o Kremlin não pode permitir e não permitirá.

Nesse princípio de infalibilidade repousa a disciplina de ferro do Partido. Na realidade, os dois conceitos se apoiam reciprocamente: a perfeita disciplina exige o reconhecimento da infalibilidade; a infalibilidade, por sua vez, requer a observância da disciplina. Mas não se pode compreender o efeito desses conceitos a não ser que se leve em consideração um terceiro fator: o de que, a qualquer momento, os líderes comunistas podem pôr em execução para propósitos táticos qualquer tese que acharem util à causa, tendo liberdade de exigir a aceitação incondicional dessa tese por parte dos membros do movimento considerado como um todo.

Este terceiro fator pressupõe que a verdade não é uma constante, e sim criada para todos os propósitos e intenções pelos próprios líderes soviéticos. Pode variar de semana para semana, de mês para mês, pois trata-se simplesmente da última manifestação da sabedoria daqueles que se supõe serem detentores da sabedoria. O efeito acumulado desses fatores é emprestar a todo o aparelho subordinado do poder soviético uma teimosia inabalavel e firmeza em sua orientação. Essa orientação pode ser modificada à vontade pelo Kremlin, mas por nenhum outro poder. Uma vez determinada a linha do partido quanto a uma política qualquer, toda a máquina governamental soviética, incluindo o mecanismo da diplomacia, passa a caminhar inexoravelmente pelo curso estabelecido, como se fora um brinquedo de corda que se dirigisse num certo sentido e só se detivesse ao encontrar uma barreira intransponivel.

Os indivíduos que compõem essa máquina não estão sujeitos aos argumentos e motivos que chegam até eles vindos de fontes externas. O seu treinamento lhes ensinou a desconfiar da persuasão escorregadia do mundo exterior. Como o cão diante do fonógrafo, eles ouvem somente a «voz do dono».

Não sentindo necessidade de apressar a realização dos seus objetivos, o Kremlin não se deixa tomar de pânico quando compelido a uma retirada diante de uma força superior. A sua atividade política é uma corrente fluida que tenta constantemente encher todas as fendas e depressões a seu alcance na bacia do poder mundial. Mas se encontra barreiras inacessiveis em seu caminho, aceita-as filosoficamente e adapta-se a elas. O importante é exercer pressão constante na direção do objetivo desejado.

Diante dessas circunstâncias torna-se ao mesmo tempo mais facil e mais dificil lidar com a diplomacia soviética do que com a de líderes individuais da agressividade de um Napoleão e de um Hitler. De um lado é mais facil que ela ceda em setores separados da frente diplomática quando sente uma força contrária demasiado poderosa. Por outra parte, não se deixa facilmente desanimar ante uma única vitória dos adversários.

É evidente portanto que o elemento principal de qualquer política dos Estados Unidos para com a União Soviética terá que ser a repressão paciente, mas firme e vigilante, das tendências expansionistas da Rússia. É importante notar, no entanto, que essa política nada tem a ver com ameaças ruidosas ou atitudes supérfluas de «dureza» exterior. Como quase todos os outros governos, o Kremlin pode ser colocado, por meio de atitudes inadequadas, numa posição em que não lhe seja possivel ceder, embora o seu sentido de realidade lhe recomende o contrário. Os líderes russos são profundos conhecedores da psicologia humana, e sabem portanto que a perda da serenidade nunca é fonte de força em assuntos políticos. Estão sempre dispostos a explorar rapidamente qualquer demonstração de fraqueza. Por esses motivos, aqueles que lidam com a Rússia têm que manter-se sempre calmos e serenos e apresentar exigências de modo tal que possam ser aceitas pela União Soviética sem abalar grandemente o prestígio russo.

A PRESSÃO soviética contra as instituições livres do mundo ocidental pode ser contida pela aplicação habil e vigilante de uma «contra-pressão» em uma série de pontos geográficos e políticos que variam constantemente de acordo com as alterações e manobras da política soviética, e que não podem desvanecer-se por artes de encantamento nem meios de persuasão. Os russos estão prontos para um duelo de longa duração, e sabem que já alcançaram grandes êxitos. Precisamos ter presente que houve uma época em que o Partido Comunista era, dentro da esfera da vida nacional da Rússia, uma minoria muito menor do que representa hoje em dia o poderio soviético na comunidade mundial.

Mas se sua ideologia faz crer aos senhores da Rússia que a verdade está do seu lado e que podem portanto dar-se ao luxo de esperar, nós, os que não professamos aquela ideologia, podemos examinar livre e objetivamente a validade dessa premissa. A tese soviética não somente implica que o Ocidente não mantem o menor controle sobre o seu próprio destino econômico, como tambem presume que a unidade, disciplina e paciência dos russos irão durar indefinidamente. Examinemos essa teoria à luz da realidade, e suponhamos que o Mundo Ocidental encontre os recursos com que refrear o poderio soviético durante um período de dez a quinze anos. Que significaria isso para a Rússia?

Os líderes soviéticos, aproveitando-se das contribuições da técnica moderna em favor do despotismo, resolveram o problema da obediência dentro das fronteiras do país. Poucos são aqueles que desafiam sua autoridade. O Kremlin conseguiu tambem dar grande impulso à indústria pesada da Rússia. Tudo isso, porem, a um custo terrivel de vidas humanas, esperanças e energias. Foi necessário empregar o trabalho escravo em proporções sem precedentes nos tempos modernos em períodos de paz, assim como negligenciar outras fases da vida econômica soviética, especialmente a agricultura, a produção de artigos de consumo, a construção de moradias e os meios de transporte.

A tudo isso a guerra acrescentou a sua imensa taxa de destruição, morte e exhaustão humana. Como consequência, a população russa está física e espiritualmente cansada. A massa do povo, desiludida e cética, deixou de ser tão acessivel quanto antes à atração mágica que o poder soviético continua a exercer sobre os seus partidários no estrangeiro. A avidez com que o povo se aproveitou da pequena trégua concedida à Igreja durante a guerra por motivos táticos é uma prova eloquente de que a capacidade de fé e devoção dos russos encontravam um diminuto campo de expressão dentro dos objetivos colimados pelo regime.

Nessas circunstâncias, os limites da resistência física e nervosa do povo constituem um impecilho, mesmo para a mais cruel das ditaduras, porque não há maneira de arrastá-lo alem desses limites. Os campos de trabalhos forçados impõem temporariamente aos reclusos um número maior de horas de atividade; mas, quando os condenados a semelhante regime logram sobreviver, chegam à velhice antes do tempo.

Sob esse aspecto, só a nova geração pode servir os propósitos dos líderes soviéticos. Apesar de todas as vicissitudes e sofrimentos ela é numerosa e forte; e o povo russo tem talento. Mas quais serão os efeitos na idade madura da tensão emotiva anormal criada pela ditadura soviética e grandemente agravada pela guerra? Com a exceção das fazendas e aldeias mais remotas, deixaram praticamente de existir na União Soviética a segurança normal do indivíduo e a tranquilidade do ambiente familiar.

Temos tambem de levar em consideração que o desenvolvimento econômico da Rússia, apesar de apresentar notaveis realizações, não está disseminado de maneira uniforme. Os comunistas russos que criticam o «desenvolvimento irregular do capitalismo» deviam corar de vergonha ao contemplar sua própria economia nacional. A Rússia é uma nação que pretende tornar-se em um curto período uma das grandes potências industriais do mundo, mas não possui ainda uma rede de rodovias que mereça esse nome e tem apenas um sistema ferroviário relativamente primitivo. As construções são feitas apressadamente e a sua qualidade é inferior. A depreciação tem que ser enorme. E em vastos setores da vida econômica ainda não foi possivel inculcar no trabalhador nada que se pareça ao amor-próprio que carateriza o operário especializado do Ocidente.

É dificil crer que essas deficiências possam ser corrigidas rapidamente por um povo exhausto e sem ânimo, que em grande parte trabalha sob a sombra do medo e da coerção. E enquanto essas deficiências não desaparecerem, a Rússia continuará sendo uma nação economicamente vulneravel e de certo modo impotente, capaz de exportar entusiasmos e radiar o estranho encanto da sua primitiva vitalidade política, mas incapaz de

apoiar esses artigos de exportação com provas reais de poder material e prosperidade.

Enquanto isso, uma grande incerteza domina a vida política da Rússia—a incerteza em torno à transferência do poder. Precisamos recordar que a sucessão de Lênine por Stáline na suprema direção do movimento comunista foi a única transferência de autoridade individual que a União Soviética já presenciou. Essa transferência levou 12 anos para consolidar-se, custou a vida de milhões de indivíduos e abalou os próprios alicerces do estado.

É perfeitamente possivel que idêntica transferência de poder tenha lugar pacificamente, sem nenhuma repercussão em qualquer parte do mundo. Mas é tambem possivel que os problemas em jogo venham a desencadear—e aquí citamos o próprio Lênine—uma dessas «transições incrivelmente rápidas» da «burla delicada» à «violência selvagem», que caterizam a história da Rússia, e que poderiam estremecer o poderio soviético.

Se a desunião viesse algum dia a apoderar-se do Partido Comunista, paralisando-o, o caos e a fraqueza da sociedade russa se revelariam de modo indescritivel. Pois o poder soviético é apenas uma crosta que esconde uma massa amorfa de seres humanos, entre os quais não se tolera a menor estrutura de organização independente. Na Rússia não existe nem sequer governo local. Por conseguinte, no caso de acontecer algo que viesse destruir a unidade do Partido, a Rússia Soviética poderia transformar-se, da noite para o dia, de uma das mais fortes em uma das mais debeis e lastimaveis nações do mundo.

Assim pois, o futuro do poderio soviético não está talvez tão garantido quanto a capacidade russa de iludir-se poderá fazer crer aos homens do Kremlin. Eles já demonstraram que podem manter-se no poder. Mas resta ver se eles podem transferí-lo a outros. Nesse ínterim, a opressão do seu governo e as vicissitudes da vida internacional consumiram enormemente a resistência e as esperanças do grande povo sobre o qual repousa o seu poderio. Quem pode afirmar com segurança que o forte resplendor projetado ainda pelo Kremlin sobre os povos descontentes do Mundo Ocidental não é mais que o brilho crepuscular de uma constelação em declínio? Esta conjetura não pode ser provada. Tãopouco pode provar-se o contrário. Mas existe a possibilidade (grande, na opinião do autor) de que o poder soviético contenha em si mesmo as sementes de sua decadência, e que a germinação esteja bastante adiantada.

É EVIDENTE que os Estados Unidos não podem esperar, dentro de um prazo previsivel, manter íntimas relações políticas com o regime soviético. Terão que continuar a considerar a Rússia como uma rival e não como uma aliada. Deverão ter sempre em mente que a política soviética não reflete um amor abstrato pela paz e pela estabilidade do mundo, nem nenhuma fé real na possibilidade de uma coexistência afortunada e permanente dos mundos socialista e capitalista, e sim uma pressão constante que visa enfraquecer e desorganizar qualquer influência ou poderio rival.

Por outro lado, a Rússia, comparada ao Mundo Ocidental em geral, continua a ser por larga margem a parte mais fraca; a política soviética é extremamente flexivel; e a sociedade soviética poderá muito bem conter em si as deficiências que algum dia virão a enfraquecer-lhe totalmente a potencialidade. Esses fatos bastarão para justificar que os Estados

Unidos adotem, com razoavel confiança, uma política destinada a enfrentar os russos com uma inalteravel oposição em todos os pontos onde eles mostrem sinais de pôr em perigo a paz mundial.

Mas na verdade as possibilidades atuais da política americana não se limitam de modo algum a resistir aos sovietes e a aguardar com otimismo a marcha das coisas. Os Estados Unidos podem muito bem influir com seus atos nos acontecimentos internos, tanto da Rússia como do movimento comunista internacional, que determina em grande parte a política soviética. Esta influência não se limita às modestas atividades informativas que o governo dos Estados Unidos pode desenvolver na União Soviética e em outras partes, embora elas tambem sejam importantes. É mais uma questão de ver-se até que ponto os Estados Unidos podem incutir nos povos do mundo a convicção geral de ser um país que sabe o que quer, que enfrenta com êxito os problemas de sua vida interna, cumpre com suas responsabilidades de potência universal, e goza de uma vitalidade espiritual necessária para sustentar seus próprios ideais entre as principais correntes ideológicas da época.

Na proporção em que os Estados Unidos possam inspirar e manter essa convicção, os objetivos da Rússia comunista parecerão estereis e quixotescos, as esperanças e o entusiasmo dos partidários de Moscou se desvanecerão, e será dificultada cada vez mais a política estrangeira do Kremlin.

Inversamente, qualquer sinal de indecisão, falta de unidade e desintegração dentro dos Estados Unidos tem um efeito revigorante sobre o movimento comunista. Sempre que essas tendências se manifestam, um fulgor de esperança e entusiasmo ilumina o mundo comunista, nota-se uma nova garbosidade nas atitudes de Moscou, novos grupos de simpatizantes estrangeiros se alistam nas fileiras da facção que—segundo crêem—levará vantagem no jogo da política internacional, a pressão soviética aumenta no setor dos negócios mundiais.

Por conseguinte, a questão das relações russo-americanas é em essência uma prova do valor geral dos Estados Unidos como uma nação entre nações. Para evitar a destruição os Estados Unidos terão somente que elevar-se ao nivel de suas mais altas tradições e mostrar-se dignos de sobreviver como uma grande nação.

Ingenuidade de réu

Em uma corte de relações domésticas em Charlotte, Estado da Carolina do Norte, o juiz ouvia atentamente a ambas as partes em um processo contra um homem de idade, acusado pela esposa de não sustentá-la. Terminada a audiência, o juiz disse ao acusado: «O senhor não vem cuidando da sua esposa como deve, e eu vou conceder a ela 25 dólares por mês.»

O acusado desmanchou-se num sorriso. «Esse é um belo gesto de V. Excia.,» exclamou, «e de vez em quando eu próprio darei a ela um ou dois dólares.»

—AP

O mal dos homens —e das mulheres...

(*Condensado do «Ladies' Home Journal»*)

Por Judith Chase Churchill

Toda a gente sabe que homens e mulheres têm um mundo de defeitos, mas é sempre mais facil percebê-los e focalizá-los em pessoas do outro sexo. Vejam por exemplo as seguintes respostas, dadas por dezesseis celebridades à pergunta «Que acha errado no sexo oposto?»

O mal dos homens é que . . .

Eles pensam que toda mulher veio ao mundo para ouvir-lhes a opinião sobre qualquer assunto.

—Aline Bernstein

Em sua maioria, amanhecem excessivamente joviais e com um imoderado entusiasmo pelo café da manhã.

—Cornelia Otis Skinner

O mal dos homens é não existirem em número suficiente. Quase toda mulher se consideraria feliz se pudesse viver em casa com um marido amoroso, um filhinho engraçado, um irmão solícito, um pai complacente; ainda, talvez, no quarto de hóspedes, um antigo admirador que nunca se casou.

—Margaret Lee Runbeck

Os insípidos, nos quais se pode confiar, estão sempre à mão quando se precisa deles, enquanto que os atraentes e dificeis de contentar aparecem com seis semanas de atrazo, trazendo como oferenda de paz uma dúzia de neuroses, cada uma delas com uma longa história.

—Hildegarde Dolson

O que me preocupa nos homens é o fato de eu não estar sempre rodeada por eles.

—Gracie Allen

Os homens não compreendem que o casamento deve ser uma sociedade. Nós, mulheres, não nos importamos de ser o sócio de menor categoria, nem pretendemos ser o chefe—mas queremos fazer parte da firma.

—Jinx Falkenburg

O principal defeito do homem é o elevadíssimo conceito que faz de si mesmo; mas que lhes restará se o fizermos descer desse pedestal? O homem apresenta-se sob o seu melhor aspecto fora do lar—e é aliás onde deveria estar a maior parte do tempo. Eu não poderia viver em sua companhia—mas apesar de tudo gosto dele. E como o invejo!

—Shirley Seifert

Só posso dizer que sou louca por essa espécie de criatura.

—Dorothy Walworth Crowell

O mal das mulheres é que . . .

Gostaria que as mulheres fossem capazes de dar respostas diretas. Perguntem a uma delas que horas são e provavelmente responderá: «São horas de começar a fazer o jantar.» Perguntem-lhe se quer ir ao centro e ouvirão: «Tenho várias compras a fazer.»

—Donald A. Laird

Para as mulheres, carburador é «jeringonça»; bússola é «coisa»; radar é «como é mesmo o nome disso?» Por que nunca aprendem o nome certo de nada?

—*George Brent*

As mulheres vestem-se para as outras mulheres, casam-se porque outras têm marido, decoram as casas para deslumbrar as outras. Se não fosse pelas outras, as mulheres seriam excelentes.

—*Paul Corey*

O mal das mulheres é terem-se tornado demasiado semelhantes aos homens. Trabalham, fumam, bebem, praguejam, e algumas até contam anedotas como os homens. Tornando-se iguais a eles, sacrificaram a superioridade que tinham como mulher.

—*Henry C. Link*

Os bares são lugares sossegados enquanto não aparece um salto alto. Parece que num bar as mulheres sempre perturbam a harmonia.

—*Humphrey Bogart*

O mal das mulheres é não terem tomado a si os encargos do mundo. Vejam só a desordem que os homens criaram.

—*Frank Capra*

Que incoerentes são as mulheres! Compram casacos de pele por causa do frio e depois congelam os pés em sapatos sem ponta nem calcanhar.

—*Sammy Kaye*

O mal das mulheres é serem tão fascinantes—tão deliciosas aos olhos—tão fiéis (quando gostam de alguem)—tão perfeitas inimigas (quando não gostam de nós). Deus as abençoe. Quando eu chegar ao ponto de não me virar para olhar uma mulher bonita, terá chegado minha hora de «embarcar» deste mundo.

—*Russell Janney*

Encontro predestinado

Após 20 anos de vida conjugal, a alegria do casal não conheceu limites quando souberam que o primeiro bebê estava a caminho. Mas, após o parto, o médico verificou com abatimento que o recem-nascido tinha o bracinho esquerdo aleijado. Reuniu toda a sua calma para dar a notícia ao pai e ofereceu-se para levar a triste realidade à parturiente. «Não,» disse o marido com serenidade, «eu mesmo falarei com ela.»

Juntos, colocaram o bebê ao lado da mãe. Esta lhe admirou a pele macia, acariciou-lhe a cabecinha e olhou orgulhosamente para o esposo. «Ela é uma perfeição, não é?»

Algo no olhar do marido a advertiu. Lentamente afastou as cobertas e viu o bracinho aleijado. Fez-se pesado silêncio no quarto. Voltou-se então para o marido e disse docemente: «John, Deus sabia a quem devia mandar esta criancinha, não acha? Ele compreendeu quanto precisávamos dela e quanto ela precisa de nós.»

—Colaboração de Eva Fortier

Este edifício, «tanto quanto possivel à prova de germes,» virá facilitar novas e audazes pesquisas contra as doenças

Laboratório de luta contra a morte

(*Condensado de «Cosmopolitan»*)

Por Greer Williams

Um dia, no Instituto Nacional de Saude, em Bethesda, Maryland, Anna M. Pabst, assistente de bacteriologista, trabalhava no laboratório quando, ao injetar uma cultura de meningococos numa veia da orelha dum coelho, a agulha da seringa partiu-se-lhe entre os dedos, e o líquido letal atingiu-lhe um olho; Anna Pabst morria pouco depois, no dia de Natal de 1935.

O dr. Ludwig Hektoen, conhecido patologista especializado em cancer, por haver apenas passado diante da porta da sala onde se estavam realizando estudos sobre a psitacose, ou febre dos papagaios, contraiu a perigosa doença. O mesmo aconteceu a nove outros pesquisadores do Instituto, e um deles perdeu a vida.

William Lindgren morreu vítima da tuberculose, contraida quando estava transplantando, dum animal para outro, culturas muito virulentas dessa doença. Asa Marcey, um dos encarregados do aparelho de incineração, faleceu de ataque cardíaco após ter contraido a misteriosa «febre-Q»* num dos laboratórios do edifício. Rose H. Parrott recusou a aposentadoria do Serviço Civil, a que tinha direito a partir de 1.º de setembro de 1944, porque desejava continuar procedendo a testes de sangue ao serviço do dr. Carl H. Larson, então empenhado em descobrir um preventivo contra a tularemia**: duas semanas depois, Rose Parrott expirava, vitimada por essa mesma doença!

O dr. Richard G. Henderson, um dos melhores pesquisadores do Instituto, estava realizando estudos sobre a febre *tsutsugamushi*, variedade do tifo transmitida pelo inseto japonês do mesmo nome; pulverizava os tecidos orgânicos afetados pela doença, servindo-se dum misturador Waring, aparelho inventado pelo chefe de orquestra Fred Waring, e empregado em laboratórios do mundo inteiro. Funcionando a alta velocidade, o aparelho esparziu no ar uma poalha imperceptivel do perigoso fluido, que de alguma maneira conseguiu penetrar no

*«Febre-Q,» doença benigna, semelhante ao tifo, caraterizada pelas elevadas temperaturas, arrepios, dores musculares, etc. Causada pelo micro-organismo *Rickettsia*, e geralmente transmitida pelos carrapatos. A letra «Q» representa Queensland, na Austrália, onde esta doença foi observada pela primeira vez em 1935.

**Tularemia—de *tulare*—doença dos roedores, causada pelo micro-organismo *Pasteurella tularensis*, e transmitida por certos insetos. Provoca febre irregular durante algumas semanas.

meio sanguíneo do dr. Henderson. E este veio a falecer no Hospital Naval, situado em frente do Instituto...

Em face de tantos e tão graves acidentes ocorridos em prazo relativamente curto, e que vinham aumentar a já longa lista dos mártires da ciência, o dr. Rolla Dyer, diretor do Instituto, resolveu em outubro de 1944 procurar o seu chefe, o dr. Thomas Parran, cirurgião-mor do Serviço de Saude dos Estados Unidos, e reclamou que lhe fossem dados os meios de erigir um laboratório provido de todas as salvaguardas que fosse possivel conseguir, para proteger a vida dos seus colaboradores e subordinados. O dr. Parran lhe respondeu que seguisse com o projeto, e que podia contar com todo o seu apoio.

E foi assim que, em fins de 1946, o Memorial Laboratory—como tal denominado em honra e memória das vítimas do antigo laboratório—se completou ao custo de 1.250.000 dólares. Não é na realidade um laboratório, e sim seis laboratórios em um só edifício. Tem este três andares, cada um com dois laboratórios instalados em alas opostas. Entre ambas as alas encontra-se, em cada pavimento, uma «zona limpa», que consta dum corredor central, escritórios, salas de serviço e biblioteca.

Os homens que trabalham em cada um desses laboratórios, em cada andar, vão e vêm através duma zona de descontaminação, recinto dividido em duas câmaras. A câmara exterior compreende uma sala onde se depositam as roupas da rua. Um banho de chuveiro põe essa primeira câmara em comunicação com a câmara interior, onde estão as roupas usadas no laboratório. Quer isto dizer que, para entrar ou sair de qualquer dos laboratórios, é preciso atravessar duas câmaras, e tomar, entre elas, um banho. Existe também um segundo recinto, de idêntico traçado, para o pessoal feminino. Cada um desses recintos está provido dum espelho tríplice, tipo psiquê, que permite à pessoa examinar-se de modo a poder descobrir, por exemplo, um dos carrapatos que transmitem a temida *spotted fever*, uma das várias febres eruptivas ainda mal conhecidas. A ninguem se permite sair do laboratório envergando o avental branco de trabalho. O funcionário terá que tomar primeiro o seu banho, e envergar depois o uniforme azul que é de regra para as atividades próprias da «zona limpa».

O edifício tem uma entrada à parte para os animais e suprimentos, que dá para uma sala onde se lavam as gaiolas dos bichos. Esta sala contem um esterilizador a vapor, destinado a destruir todos os germes que se encontrem nos objetos transportados para fora da sala dos animais ou do laboratório. O lixo e os detritos são removidos em latas de aço inoxidavel, rigorosamente fechadas, que descem por via dum ascensor até o porão, onde tudo é destruido pelo fogo nos incineradores.

As salas de trabalho são verdadeiras maravilhas de engenharia: as paredes revestidas de azulejos cinzento-claro, com armários e estantes construidos de modo a facilitar a limpeza. A iluminação é feita por meio de lâmpadas fluorescentes, embutidas no teto. Os lavatórios não têm torneiras nem saliências suscetiveis de serem contaminadas pelas mãos; as torneiras, bem como as válvulas de ar, gás e vácuo, tudo funciona por meio de alavancas manobradas com os joelhos ou com os pés.

Todas as mesas onde se trabalha com doenças perigosas, são cobertas por uma espécie de cúpula; os cientistas trabalham metendo as mãos através de aberturas na

base da cúpula, e observam o que estão fazendo por uma janela de vidro polido que deixa ver todo o interior. Por este meio se evita que as substâncias mortíferas espirrem ou esguichem no rosto ou nos olhos dos experimentadores, como aconteceu no caso triste de Anna Pabst.

Em cubículos adjacentes a cada sala de trabalho, encontram-se os misturadores e centrifugadores onde se misturam e separam os materiais das experiências. Estas máquinas não podem mais atuar no carater de «atomizadores da morte» para os pesquisadores... Giram debaixo de campânulas de vidro, e somente funcionam quando a tampa está hermeticamente fechada e a porta trancada. As campânulas de vidro que as abrigam são banhadas interiormente pelos raios ultravioletas, afim de serem destruidos os germes que adiram à superfície.

A caraterística de segurança mais importante é, porem, o sistema de ventilação. O edifício, bem entendido, tem, todo ele, ar condicionado. Todas as janelas estão providas de toldos que as abrigam dos rigores do sol, e todas elas se encontram bem fechadas, só dando entrada à luz. Mas a grande realização consiste em evitar que as infeções transportadas pelo ar atinjam os trabalhadores que não estejam em contacto direto com as arriscadas experiências que alí se realizam a cada instante. Consegue-se isto por meio dum engenhoso sistema de circulação do ar em um só sentido: o ar penetra no edifício através dos condicionadores, que o filtram e lhe regulam a temperatura, e é levado por aerodutos tubulares até cada uma das salas, e daí para os exhaustores onde é novamente filtrado e restituido ao exterior. A cúpula que cobre as mesas de trabalho possui os seus próprios tubos de exhaustão, de modo que o ar que se evola das culturas microbianas não possa ir atingir as narinas dos experimentadores e seus auxiliares. Depois, o tubo de exhaustão passa através duma «grelha» elétrica à temperatura de 371 graus C, que destrói todos os micróbios transportados no ar. Assim se protegem os empregados dos edifícios vizinhos e o público em geral.

Uma das seis unidades de laboratórios «celulares» deste moderno edifício será destinada a atacar o grupo de doenças originadas pelos micróbios denominados *Rickettsia*, devendo prosseguir na busca persistente duma vacina contra o tifo japonês (ou febre *kedani*), no combate mais eficaz contra a febre eruptiva das Montanhas Rochosas (uma das várias febres geralmente transmitidas pelo carrapato, e caraterizadas pelas manchas avermelhadas que produzem na epiderme), mais rigorosamente do que o pode fazer a já excelente vacina criada no mesmo Instituto, e ainda investigar as muitas incógnitas que oferece a «febre-Q». Quanto a esta última, já se estão fazendo experiências com injeções imunizadoras.

Outra unidade será consagrada ao ataque à psitacose, a pneumonia virulenta e outros invasores do pulmão.

Uma terceira unidade trabalhará nas doenças causadas pelos virus que afetam o sistema nervoso, tais como a poliomielite ou paralisia infantil, a cório-meningite, e as diversas encefalites ou infeções cerebrais comumente conhecidas sob o nome de letargias ou «doenças do sono».

Numa quarta unidade o Instituto empreenderá a sua primeira pesquisa sobre certas doenças obscuras, causadas por fungos microscópicos transportados na poeira e na humidade do ar. Suspeita-se hoje que milhares de casos diagnosticados como «tuberculoses» se devem à presença desses micro-organismos.

Na quinta unidade o dr. Norman H. Topping vai dirigir novas e ambiciosas

investigações sobre a causa e prevenção dos banais (mas nem por isso menos incômodos) resfriados. Sem um laboratório à prova de contágio, é evidente que uma pesquisa desta natureza seria trabalho sem esperança.

Na sexta unidade, finalmente, o dr. Charles Armstrong, chefe do laboratório, perseguirá o objeto mais incoercivel ou esquivo de todas as pesquisas—a febre ondulante, doença para a qual não se conhece ainda nem vacina, nem antitoxina, nem remédio de natureza química. A febre ondulante é dificil de diagnosticar, e mais dificil ainda de provocar no laboratório. Pode-se dizer, entretanto, que quase todos os homens de ciência que até hoje a têm estudado, se contagiaram com ela! Se este novo laboratório conseguir, na unidade celular numero seis, pôr os «caçadores de micróbios» ao abrigo desta intrigante moléstia, pode-se assegurar que terá realizado uma das autênticas maravilhas do mundo da ciência moderna.

Na realidade, o dr. Dyer, diretor do Instituto, não ousa pedir tanto! «Não podemos esperar evitar todos os acidentes de laboratório entre homens de ciência que a cada instante manipulam tão perigosos instrumentos de morte como são as culturas de doenças,» diz ele. «Mas temos esperança, de eliminar pelo menos em parte os perigos que hoje correm aqueles que trabalham cerca de nós.»

Ângulo enganador

Como oficial-fotógrafo do Estado Maior do General MacArthur, tomei parte ativa nas preparações da reportagem fotográfica da cerimônia de rendição a bordo do *Missouri*. O trabalho teria de ser de primeira ordem, pois todas as fotografias seriam reunidas depois para distribuição mundial. Os negativos iriam por avião diretamente para Washington, onde as embaixadas—inglesa, soviética, francesa, chinesa, etc.—receberiam uma coleção de todas as fotografias e filmes. Após a cerimônia, porem, um coronel russo procurou-me para declarar:

—Tenho que remeter os meus filmes para Vladivostoque.

—Mas o sr. só tem vinte por cento da reportagem. Nós vamos distribuir todas as fotografias.

—Eu sei, mas essas foram as ordens que recebí.

Meses depois, quando encontrei um conhecido correspondente americano que acabava de regressar de Moscou, compreendí por que os russos não queriam que as suas fotografias entrassem na distribuição geral. Disse-me ele que estava sendo exibida para o povo russo uma película em que os soviéticos tomavam Berlim e ganhavam a guerra européia sem qualquer auxílio. Em seguida via-se a invasão da Manchúria pelos russos e o General Derevyanko aceitando a rendição japonesa a bordo de uma navio cujo nome não era mencionado. O comentário deixava entrever que os russos tambem ganharam sozinhos a guerra contra o Japão. Aparentemente os cinematografistas russos que se encontravam a bordo do *Missouri* só filmaram Derevyanko e a delegação japonesa, colocando-se em tal ângulo que todas as outras autoridades apareciam fora de foco, em segundo plano.

—Bertrum Kalisch

COMO VAMOS DE GEOGRAFIA?

Condensado do «Washington Post»

Por George Gallup

Diretor do Instituto Americano de Opinião Pública

Após tomar parte em duas guerras na Europa, despendendo nelas bilhões de dólares (com a perspectiva de maiores gastos em vista do Plano Marshall), os americanos apresentam amplas falhas em conhecimentos geográficos, e muitos não sabem indicar a posição dos paises europeus.

Assim o demonstrou um inquérito em que se distribuiram por todo o país exemplares do mapa supra, acompanhados de uma lista de doze paises para que o leitor os localizasse no mapa. Um terço, aproximadamente, daqueles que responderam, não sabia onde ficava a Grécia, embora se venha falando diariamente sobre esse país, em relação com os projetos de auxílio norte-americano; quase a metade ignorava a posição da Espanha; e um terço não foi sequer capaz de localizar a França.

Em geral, os leitores que frequentaram a universidade conseguiram assinalar sete dos doze paises pedidos; os que tinham apenas educação secundária identificaram corretamente seis; enquanto que aqueles que não passaram da escola primária apenas reconheceram em média três paises. A média geral foi de apenas cinco localizações corretas dos doze paises da lista.

E o nosso leitor, como anda de geografia? Submeta os seus conhecimentos a uma pequena prova escrevendo em frente a cada um dos números que damos a seguir o nome do país que corresponde ao mesmo número no mapa. Por exemplo: 20.—*Espanha.*

1..... 6..... 11..... 16.....
2..... 7..... 12..... 17.....
3..... 8..... 13..... 18.....
4..... 9..... 14..... 19.....
5..... 10..... 15..... 20.....

(*Veja as respostas na página 61*)

De como toda uma área urbana está sendo reformada, desde que uma turma de estudantes de ginásio possou, em educação cívica, da teoria para a ação

Civismo exemplar—aos 15 anos

(Condensado do «Christian Herald»)

Por Karl Detzer

Num sábado do outono passado, 134 meninos e meninas dum ginásio de Detroit puseram-se a tocar a campainha das casas do bairro atravancado e desalinhado onde moravam. Queriam verificar exatamente o que a gente do distrito oeste, onde a escola estava situada, desejava acima de tudo, no que diz respeito a serviços e melhoramentos urbanos.

Obtiveram duas mil respostas. E da noite para o dia se tornaran uma força ativa, que funcionários e políticos de Detroit receberam com um misto de admiração e aborrecimento. Eles próprios se deram o título de «Comissão dos Cem».

Tudo isso teve início numa classe de educação cívica, quando um menino perguntou por que a parte da cidade onde viviam tinha tão poucas acomodações para recreio. A pergunta provocou uma discussão entre os alunos: precisava o bairro mais de piscinas que de outros melhoramentos?

Pediram a opinião de Tom Quinlan, jovem e enérgico monitor da escola.

—Por que não vão perguntar aos moradores do bairro que é que eles desejam, fazendo depois com que as respostas cheguem ao conhecimento dos funcionários municipais? sugeriu Quinlan. —Se um número suficientemente grande de pessoas solicitarem mais parques ou piscinas, aposto que hão de obtê-los. Mas é melhor vocês terem certeza de que a maioria está do seu lado, antes de assumirem essa responsabilidade.

As crianças voltaram da ronda com dados surpreendentes. Haviam verificado que a população do bairro não estava dando grande importância às facilidades de recreio. O que realmente desejavam era: 1) Livrar-se dos ratos. 2) Ter as latas de lixo removidas mais frequentemente e as passagens entre as casas, limpas. 3) Melhor regulamentação do tráfego, para segurança pública.

Verificaram que em alguns quarteirões o lixeiro só passava de cinco em cinco semanas e que em alguns prédios os ratos infestavam até mesmo os quartos de dormir. E que os moradores, quase sem exceção, estavam dispostos a cooperar numa limpeza completa da vizinhança.

Sob a orientação de Quinlan, seis membros da comissão procuraram o prefeito, o chefe do departamento de saude pública e vários outros funcionários, convidando-os para uma reunião no auditório da escola do bairro. Apenas um deixou de

comparecer. Estiveram presentes à mesma 1.500 habitantes do bairro e com desembaraço fizeram ver o que queriam. Os alunos faziam perguntas lúcidas e às vezes embaraçosas. Os funcionários mostraram-se desejosos de cooperar.

—Quando? perguntaram os estudantes.

—Imediatamente, prometeram as autoridades.

E cumpriram o prometido. Dez pelotões de pega-ratos municipais invadiram o bairro, logo após a meninada ter avisado os moradores.

Pediram eles que os moradores tirassem todo o lixo dos quintais, e limpassem todos os cantos onde os ratos pudessem esconder-se.

Cada um dos dez pelotões municipais incluia de dois a seis ajudantes. Numa área de dez quarteirões 2.300 ratos foram destruidos. Feito isto, os membros da «Comissão dos Cem» empreenderam a remoção do lixo.

Como primeiro resultado desses esforços, a Prefeitura ordenou que o lixo fosse coletado mais frequentemente. Tambem aquí os meninos se puseram em campo, porque se os moradores não conservassem o lixo em latas fechadas, sua remoção mais frequente pouco adiantaria.

A maioria da população cooperou, mas ainda havia alguns a persistirem em seus hábitos anti-higiênicos. Os meninos se impacientaram.

«Existe uma postura municipal proibindo esses hábitos,» disse-lhes Quinlan. «Comuniquem à polícia as infrações e a ordem será cumprida.»

Patrulhando as passagens situadas entre as casas, os jovens vigilantes prontamente denunciavam as violações; e dois policiais destacados para ajudá-los começaram a entregar intimações.

A «Comissão dos Cem» levantou a seguir outra questão: Agora que esta gente está sendo chamada ao tribunal, será a justiça bastante severa para garantir que não continuem a espalhar lixo pelos arredores?

Afim de verificar a situação, seis deles, escolhidos pelos companheiros, foram ao tribunal. O magistrado dirigiu-lhes um pequeno discurso de boas-vindas, depois repreendeu os violadores e impôs-lhes pesadas multas. Ouviu-se um dos policiais comentar:

—Nunca o vi tão severo! Pela primeira vez fez mais do que falar.

Daí em diante, os membros da comissão passaram a frequentar o tribunal em pequenos grupos, sentando-se bem à vista do magistrado, como se fossem outras tantas conciências cívicas jovens e vivas. Continuam sendo impostas multas pesadas, mas o número de violadores diminui de uma semana para a outra.

Os jovens cruzados não se contentam com exercer pressão cívica em prol da limpeza, pois tambem contribuem com seu próprio trabalho. Na primavera passada, puseram-se a trabalhar aos sábados de manhã, individualmente ou em pequenos grupos, em melhoramentos no bairro. Com a ajuda de mais 300 estudantes, limparam as passagens e juntaram todos os papéis velhos espalhados pelas ruas e nos quintais. Em junho já haviam consertado 228 cercas que estavam em más condições, derrubando, com permissão dos donos, 15 das piores. Tinham juntado e removido os cacarecos de 432 porões e 341 garages.

Achando um lote vazio numa área superlotada, alguns dos membros da comissão pediram à prefeitura que o transformasse num *playground*. As autoridades explicaram ser impossivel, pois a lei requeria que todos os parques infantís tivessem fiscais pagos e o tesouro municipal

não tinha dinheiro para novos empregados.

«Mas as crianças do bairro estão brincando nas ruas,» observaram os estudantes. «E ninguem as estão vigiando.»

Lei é lei, de modo que meninos e meninas limparam eles mesmos o terreno, pondo-o em condições de servir à criançada. Continuam sem fiscal, mas tambem sem lamentaveis acidentes causados pelo tráfego.

A «Comissão dos Cem» está elaborando um plano de reforma do bairro e preparando-se para experimentá-lo num primeiro quarteirão. Tencionam derrubar as cercas em mau estado—uma vez que os proprietários cooperem—e abrir no centro do quarteirão uma área para recreio. Isso—dizem—valorizará as propriedades, tornará a vida mais agradavel e evitará muitos desastres provenientes do tráfego.

Detroit tem pois, nesse ginásio de bairro, uma mina de ouro de futuros líderes cívicos. Estes meninos e meninas já sabem como agir numa democracia para transformar os seus planos em realidade. Estão aprendendo a apresentar opiniões em reuniões numerosas, a argumentar com convicção junto aos moradores do bairro. As experiências do trato com políticos tornaram-nos alertas, mas não cínicos. Manifestam franco desprezo pela timidez em pessoas que ocupam altos postos, mas acrescentam imediatamente que só a têm encontrado em casos isolados.

Donna, menina de 15 anos e filha de pais húngaros, exprimiu nestas palavras a filosofia do grupo todo:

«Em geral o povo não diz aos políticos o que deseja. E eles, ouvindo o dia inteiro os grupos que representam certos interesses, pensam estar ouvindo a voz do povo. Verificamos que os adultos de nosso bairro, em sua quase totalidade, são bons cidadãos. Tudo de que precisam, e que procuramos dar-lhes, é liderança. Agora estamos apenas aprendendo; mas esperem até chegarmos aos 21 anos—hão de ver!»

Statement of the Ownership, Management, Circulation, etc., required by the Act of Congress of August 24, 1912, As Amended by the Acts of March 3, 1933, and July 2, 1946
of Seleções do Reader's Digest, published monthly at Chicago, Illinois, for October 1st, 1947

State of New York } ss.
County of New York }

Before me, a Notary Public in and for the State and county aforesaid, personally appeared Eduardo Cárdenas, who, having been duly sworn according to law, deposes and says that he is the Editor of Seleções do Reader's Digest and that the following is, to the best of his knowledge and belief, a true statement of the ownership, management, etc., of the aforesaid publication for the date shown in the above caption, required by the act of August 24, 1912, as amended by the acts of March 3, 1933, and July 2, 1946, Section 537, Postal Laws and Regulations, to wit: 1. That the names and addresses of the publisher, editor, managing editor, and business managers are: Publisher, Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba; Editor, Eduardo Cárdenas, 230 Park Avenue, New York, N.Y.; Managing Editor, None; Business Manager, Roberto C. Sanchez, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. 2. That the owners are Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba, DeWitt Wallace, Lila Acheson Wallace, Pleasantville, N.Y. 3. That the known bondholders, mortgagees, and other security holders owning or holding 1 percent or more of total amount of bonds, mortgages, or other securities are: none. 4. That the two paragraphs next above, giving the names of the owners, stockholders, and security holders, if any, contain not only the list of stockholders and security holders as they appear upon the books of the company but also, in cases where the stockholder or security holder appears upon the books of the company as trustee or in any other fiduciary relation, the name of the person or corporation for whom such trustee is acting, is given; also that the said two paragraphs contain statements embracing affiant's full knowledge and belief as to the circumstances and conditions under which stockholders and security holders who do not appear upon the books of the company as trustees, hold stock and securities in a capacity other than that of a bona fide owner; and this affiant has no reason to believe that any other person, association, or corporation has any interest direct or indirect in the said stock, bonds, or other securities than as so stated by him. Signed Eduardo Cárdenas, Editor. Sworn to and subscribed before me this 22nd day of September, 1947. (Seal) Catherine Vander Wende, Notary Public.

A razão pela qual os baleeiros de outrora nunca atacavam a baleia azul, e o artilheiro que hoje dispara o arpão consegue ganhar 20 mil dólares em três meses...

BALEIA À VISTA!

(*Condensado de «True»*)

Por Alan Burgess

DEBRUÇADO na popa do *Southern Empress*, grande navio-fábrica baleeiro, vi desaparecer para alem do arco azul do horizonte oceânico o nosso último porto de escala—Curaçau. Durante os seis meses que se seguiriam, o mundo civilizado não tornaria a ter notícias nossas. Seis meses entre *icebergs*, mares rugidores, o odor de baleias mortas, o piar das aves marítimas e a triste solidão do Oceano Antártico...

Coisa estranha, meditava eu, como se tornou assim tão importante em nossos dias a destruição do derradeiro grande mamífero da criação! Mas não admira: a Europa faminta reclama gorduras, é preciso aumentar-lhe a ração—e isto como que traça a sentença de morte para o colossal cetáceo, a inofensiva e mansa baleia azul. Da baleia azul se tira o óleo para fazer glicerina, sabão, tintas e oleados; com a sua gordura fabrica-se lã artificial. E do sangue, dos ossos, das entranhas: extrato de carne, elásticos, vitaminas A e B, alimentos para o gado, adubos... Do pâncreas, a insulina. Um rol inumeravel de coisas!

Este ano demandarão os mares do Sul uns quatro ou cinco navios-fábricas noruegueses, e talvez dois ingleses, a maioria dos quais desloca cerca de 17.000 to-

ALAN BURGESS, estudioso da biologia marítima das grandes profundidades, é natural de Birmingham, na Inglaterra. Esta narrativa é fruto duma expedição em que ele tomou parte, quando estava ao serviço da marinha mercante britânica.

neladas. Nos tempos de outrora, os únicos frutos dessas expedições eram o azeite e as barbatanas: o azeite, para iluminar as cidades; as barbatanas, para endurecer os espartilhos das damas elegantes... A única baleia a que então se dava caça era o cachalote, muito menor do que a baleia azul. Podia-se atacar o cetáceo numa pequena baleeira aberta, e quando se tinha sorte o cadaver do animal ficava flutuando; mas às vezes o cachalote despedaçava baleeira e tripulantes entre suas queixadas poderosas. A introdução do navio a vapor veio pôr termo a esses lances de heroismo.

O alvo principal da pesca é hoje a baleia azul, animal de 24 a 27 metros de comprimento, capaz de atingir 30 metros, que pesa em média uma tonelada por cada 30 cm de comprimento. A baleia azul tem uma bocarra enorme, onde há lugar para um automovel; mas o diâmetro da sua goela não é maior do que o do braço dum homem. Alimenta-se de uns pequenos crustáceos, de côr avermelhada, semelhantes a camarões, que se encontram em quantidades fabulosas nas águas antárticas, formando verdadeiros escolhos pouco abaixo da superfície. Quando tem fome, a baleia navega por entre esses bancos de crustáceos, de bocarra aberta; quando tem a boca cheia, fecha as queixadas, empurra para a frente a língua informe e descomunal, e espreme a água pelos lados da boca, deixando os camarões enredados nas «barbas» ou barbatanas, lâminas córneas que lhe crescem do céu da boca, formando uma apertada rede.

Os cachalotes, ou baleias dentadas, são consideravelmente menores do que as baleias azuis; possuem formidaveis queixadas, ornadas de dentes aguçados, de que fazem uso indistinto contra tudo que se lhes atravesse no caminho, e goelas amplas, capazes de engulir grandes volumes. Percorrem os mares em grandes manadas, conduzidas por um macho de respeitavel ferocidade, e alimentam-se principalmente de lulas, e outros animais parecidos com o polvo. Atualmente, só por engano um baleeiro do Antártico mata um cachalote, pois o azeite deste não se mistura com o da baleia azul.

Lá fomos navegando e finalmente chegamos à Geórgia do Sul. Esta ilha, de nome tão simpático, sofre os rigores do clima das proximidades do Polo Sul. Durante semanas e semanas seguidas o mercúrio vai descendo, descendo, a ponto de pensarmos que vai desaparecer pelo fundo do termômetro... Depois vem a neve, puxada pela ventania, tornar a vida da gente um inferno sem chamas.

Mas o posto de pesca à baleia, da Geórgia do Sul, de propriedade duma empresa argentina, porem explorado em maior parte por noruegueses, assegura uma base excelente de onde os baleeiros partem para varrer a imensidade do Antártico. A ilha é tambem um depósito de abastecimentos para os navios-fábricas que, acompanhados de quatro ou cinco baleeiras a motor, se aventuram muito longe, tão longe quanto lhes permite a grande barreira de gelos que rodeia o continente polar. A Geórgia do Sul oferece alem disso aos homens do mar luxos tais como um cinema, uma pequena igreja, e barracas de alojamento bastante confortaveis.

Chegado à Geórgia do Sul, o *Southern Empress* reuniu a sua frota de baleeiras e fez-se novamente ao mar, a caminho do sul. A estação da pesca ia durar três meses, de 24 de novembro a 24 de fevereiro.

Cada baleeiro leva uma tripulação de onze a treze homens, que percebem apenas um reduzido salário, mas contam com um bonus por cada baleia pescada pelo barco. Quando largamos do navio-fábrica, ao amanhecer, encontrava-me a bordo duma baleeira chefiada por um arpoador norueguês chamado Jenson. O arpoador-artilheiro é sempre o mestre da baleeira; quando entende bem do seu ofício, chega a embolsar 20.000 dólares durante aqueles três meses.

A certa altura, deparamos com um campo de gelos flutuantes, e tivemos que andar em ziguezague para lhe escaparmos. Passou depois perto de nós um *iceberg* que não teria mais altura que uma casa de um andar. Podia-se avistar à distância a cordilheira de gelos da barreira antártica, com os seus glaciares cintilantes e raiados de azul, despenhando-se em tremendas falésias no mar côr de cobalto.

E foi então que ouví, de repente, o brado calmo do gajeiro, metido lá em cima no seu barril da gávea do traquete: «Baleia à vista!»

«*Blahvalen*» (baleia azul), acrescentou Jenson em seu idioma nórdico. Então, em vez de fazer retinir a campainha na casa de máquinas, o arrais limitou-se a ordenar pelo tubo porta-voz que pusessem a lancha a meia-força. Tudo isto sem barulho, nem sinais de excitação. Tudo quanto se fazia agora a bordo, era executado num estado de tensão surda, porque as baleias azuis possuem ouvido apurado e alarmam-se com facilidade. Por isso é necessário tomar toda a cautela quando se está no seu encalço, em vez de lhes cair em cima aos brados de guerra.

Vimos então erguer-se do mar, a estibordo, um repuxo que, como uma pluma delgada e branca, ficou um instante suspenso no ar e se pulverizou. O nosso barco tomou aquela direção. Três ou quatro minutos depois, a baleia voltou a soprar, e nessa altura já estávamos perto dela e podíamos ver-lhe o lombo formidavel erguer-se acima das vagas, para logo desaparecer.

Jenson encaminhou-se rapidamente para a frente, ao longo da fragil prancha suspensa entre a ponte e o castelo-da-proa, onde estava o canhão de arpoar, obra de aparência a mais sinistra. Encaixado neste, e só com a ponta em flecha fora da goela, estava o arpão—uma lança de 1,80 m de comprimento. A ponta do arpão contem sempre uma pequena granada de ação retardada, que explode alguns segundos após o impacto com a baleia. As farpas da ponta, para que esta possa perfurar melhor o couro do animal, amarram-se à haste, bem apertadas contra esta por um cordel; com a explosão, que faz rebentar o cordel, as farpas abrem-se como molas, impedindo que o arpão saia do corpo.

Jenson ensaiou o canhão, fazendo-o girar dum lado para o outro. A proa do barco cortava agora vagarosamente as ondas. O timoneiro tinha os olhos cravados no braço de Jenson, que, por meio de sinais, lhe dava todas as instruções da manobra. Então, vimos surgir, erguendo-se da água como uma ilhota, o grande dorso reluzente da baleia! Jenson fez uma rápida pontaria. Após uma pausa de poucos instantes, ouviu-se grande estampido, e o arpão, arrastando atrás de si a fragil corda que o retinha, desarvorou silvando pelos ares, para se ir perder num espadanar de águas revoltas. Alguns segundos depois, chegou-nos aos ouvidos a detonação abafada da carga explosiva: o arpão tinha atingido o alvo!

Ferida de surpresa, aterrada, a baleia se lançou num mergulho incrivelmente rápido, a uma, duas milhas de profundidade. Neste primeiro impulso, tomados de pânico, os cetáceos descem por vezes a tais profundidades, que chegam a afogar-se. A baleia, é bom lembrar, não é um peixe: é um mamífero, com sangue quente e pulmões, não podendo por isso de-

morar-se muito tempo debaixo d'água.

A corda do arpão correu guinchando nas roldanas do mastro, que desempenha de certo modo o papel de um enorme caniço de pesca, e suporta parte do consideravel esforço. Se a corda se embaraça, a baleia é capaz de arrastar a embarcação para debaixo da água, a não ser que aquela rebente ou alguem a corte num abrir e fechar de olhos.

Jenson já tinha carregado a peça com um segundo arpão. Raras vezes um só arpão basta para matar a baleia, mas se o segundo atinge o alvo, ela está perdida.

Neste momento decisivo a gente compreende bem por que é que o arpoador é o homem mais bem pago de toda a frota. O timoneiro obedece implicitamente a todas as suas ordens. O arpoador vai sempre alerta para surpreender todos os movimentos da baleia, ainda quando esta se mantem invisivel durante cinco ou seis minutos. Entre outras complicações, pode suceder que o cetáceo volte à superfície à retaguarda da baleeira, e neste caso, se a corda se emaranha nas hélices, pode-se dar a baleia como perdida, e com ela talvez o navio. Na sua correria louca, o animal pode arrastar o barco contra uma massa de gelos submersos, que abrirão logo um rombo na quilha; pode enfiar por um nevoeiro, e nem o mais temerário dos capitães ousaria arriscar-se a colidir com um *iceberg*, quando rebocado por uma baleia desvairada de dor e medo.

Passaram-se minutos: um, dois, três, quatro, cinco! A corda deixara de correr, e os guinchos continuaram novamente a recolhê-la. Lá adiante, pela proa, um pouco fora de alcance do arpão, que não vai a mais de uns 60 metros, a baleia voltou a emergir. A aragem trouxe até nossas caras uma poalha de umidade que saira em jacto do respiradouro da baleia; mas esta ainda não soprava um líquido de côr escarlate, o que queria dizer que não fora atingida em nenhum orgão essencial.

Antes que os sarilhos pudessem continuar a recolher a corda, a baleia já ia rebocando o barco a uma velocidade bastante respeitavel, como se este fosse uma casca de noz. Trata-se de um acontecimento perfeitamente normal, e que se ajusta às intenções do artilheiro-arpoador. Esta operação prodigiosa de reboque esgota a baleia muito mais depressa do que o seu grande mergulho.

Jenson fez outro sinal com a mão: a marcha do barco acelerou-se, e aproximamo-nos muito da baleia. Esta resfolegou e acercou-se por estibordo, a menos de 30 metros de distância. O segundo arpão, zunindo no ar, foi cravar-se no dorso do animal.

A morte duma baleia azul pode ser um espetáculo imponente, mas não tem nada de agradavel. Algumas morrem depressa, mas esta custou a morrer. A imensa cauda em forquilha ergueu-se a grande altura, fora da água, e vibrou nesta uma pancada formidavel, de esmagadora violência. Vimos então sair do respiradouro grandes esguichos de líquido carmesim: o segundo arpão tinha-lhe varado os pulmões! A baleia mergulhou pela última vez, e não conseguiu voltar mais à superfície. Foi descendo através das águas límpidas e frias como gelo, até que a corda se desenrolou toda, e alí ficou, monstro enorme, suspenso de um fio, na quietação verde do mar, que o seu sangue foi tingindo de vermelho. Os baleeiros de outrora nunca atacavam uma baleia azul, porque ela era um animal demasiado grande para os seus meios de caça. Não dispunham de nenhum aparelho capaz de erguer um peso morto de cem toneladas, mergulhado a uma milha de profundidade.

Os guinchos a bordo da nossa baleeira voltaram a ranger e em breve vimos surgir à superfície do mar o ventre enorme, esbranquiçado e estriado da baleia. Então, tendo abordado o imenso cadaver, um homem com botas ferradas de grandes cravos pontiagudos, que lhe permitem andar no couro da baleia sem escorregar, pulou em cima desta e cravou uma espécie de lança oca através da gordura do animal, em uma cavidade do estômago. Em seguida, por meio dessa lança oca, encheu-se de ar o interior da baleia, de modo a mantê-la flutuando, e a bandeira da companhia, presa a uma lança com ponta de puas, foi cravada no couro do animal, para ajudar a identificá-lo depois de termos capturado outras baleias.

Esta cena repetiu-se várias vezes, até que, pescada a nossa quota de baleias, fomos entregá-las ao navio-fábrica, e o trabalho deste começou. Grande parte do êxito financeiro da moderna caça às baleias deve-se ao navio-fábrica, que é capaz de seguir de perto as baleeiras até os sítios onde a presa é mais abundante. As operações de transporte e extração, graças a isto, aceleram-se muito, e uma baleia acabada de pegar produz óleo muito melhor do que as que andaram a reboque no mar durante alguns dias.

A baleia é entregue ao navio-fábrica pelo plano inclinado da ré, onde um gancho gigantesco, cravado na baleia e preso ao cabo dum guincho, vai arrastando a imensa carcassa por alí acima, até o tombadilho. Uma vez alí, os homens, armados de facões afiados como navalhas de barbear, talham compridos golpes no corpo do animal, e umas braçadeiras de arame, ligadas tambem aos guinchos, arrancam o couro da baleia, como se descascassem uma laranja.

A camada de gordura é rija, de côr esbranquiçada, e nas baleias bem nutridas, chega a ter 33 cm de espessura. Depois de arrancado, mete-se o couro em caldeirões de pressão, onde é fervido, separando-se o óleo em bruto, que passa através de separadores para dar entrada nos tanques de depósito. Uma baleia de tamanho regular pode render 14 toneladas de óleo. Só a língua, espécie de saco viscoso, amplo e disforme, rende geralmente mais de duas toneladas.

Chega então a vez dos carniceiros, que entram a trabalhar na carcassa propriamente dita, e esquartejam em pedaços aquela gigantesca massa. Estes pedaços de carne são por sua vez metidos nas caldeiras a vapor, e fervidos, porque todas as partes do corpo da baleia exsudam óleo, muito embora de qualidade inferior à do óleo produzido da gordura presa ao couro. Finalmente o crânio e a coluna vertebral são moidos; a massa resultante mistura-se com os resíduos deixados nas caldeiras, e tudo isto é ensacado para servir de adubo para as terras e de alimento para o gado. Numa baleia não há nada que se desperdice; e uma boa tripulação é capaz de dar conta duma baleia de 80 toneladas em duas horas de trabalho.

Entre 1904 e 1939 foram mortas quinhentas mil baleias; é caso para a gente perguntar como é que elas ainda não estão completamente extintas! Por duas razões, sobretudo, as baleias não se extinguiram: primeiro, um acordo internacional estabelece limites à estação da pesca, que dura somente três meses em cada ano; segundo, tão depressa esses mamíferos escasseiam, a pesca da baleia perde todo o interesse comercial, e é assim que as sobreviventes conseguem voltar a correr os mares, sem serem molestadas.

Antigo sonho que finalmente se realiza!

Pode-se fazer chover

(*Condensado de «Country Gentleman»*)

Por Leverett G. Richards
Redator da seção de Aeronáutica do jornal
Portland Oregonian

DADAS certas condições atmosféricas, o homem pode fazer uma boa tempestade de neve com um aeroplano e 85 centavos de gelo seco. Com 15 dólares, pode-se fazer cair uma polegada de chuva.

Tive ocasião de colaborar numa experiência—simples mas espetacular—que demonstrou o que acabo de afirmar. De bordo de um avião, o Coronel Eckley S. Ellison, chefe do Observatório Meteorológico de Portland, Estados Unidos, espalhou punhados de pedrinhas de gelo seco por sobre um grupo de nuvens a elevada altitude, como se estivesse dando de comer às galinhas. Durante três minutos nada ocorreu. Em seguida vimos como que um véu negro destacando-se das nuvens. Lá do alto, a chuva desceu subitamente sobre os verdes campos e o arvoredo disperso. Da parte baixa das nuvens, negra tambem, derramaram-se outras serpentinas líquidas... Eis aí um espetáculo de espantar qualquer mortal.

Quinze minutos depois, o Coronel Ellison espalhou cerca de 25 quilos de gelo seco noutra nuvem situada a uma distância de oito quilômetros aproximadamente da primeira. Mergulhou, então, a toda a velocidade, até ficar sob a nuvem, a tempo de ver neve caindo em flocos chatos, até o solo. Voando durante dez minutos através de neve cerrada, misturada com chuva, Ellison deparou com uma longa série de «chuveiros» de neve, paralelos à sua linha de vôo.

No relatório sobre o ocorrido, Ellison assim se exprimiu: «Em toda a redondeza não havia outras precipitações. Parece indubitavel que a precipitação observada resultou diretamente da aplicação do gelo seco.»

Naquele dia—4 de abril de 1947—caíram centenas de toneladas de neve e chuva feitas pelo homem. As duas experiências, cada umas das quais cobriu um território de 150 km quadrados mais ou menos, consumiram cerca de 15 quilos de gelo seco ao preço de 10 centavos americanos por quilo.

Trata-se da experiência mais espetacular até agora realizada e oficialmente registrada nos Estados Unidos. No entanto, os australianos já haviam conseguido precipitar uns dois centímetros de chuva sobre uma área de 50 km quadrados, no perímetro do planalto interior semi-árido que está situado perto de Sydney; isso deu-se a 5 de fevereiro de 1947, mediante os mesmos métodos acima descritos. A experiência australiana, assim como a do Coronel Ellison, copiou o método inventado nos laboratórios da General Electric por Vincent Schaefer, assistente do dr. Irving Langmuir, detentor do Prêmio Nobel.

Schaefer aplicou, pela primeira vez, o seu truque na natureza a 13 de novembro de 1946. Voando a uma altitude de 4.200 metros sobre a Montanha Greylock, no estado de Massachusetts, deixou cair uns dez quilos de gelo seco em pedrinhas numa nuvem de uma légua de comprimento. Esta começou a «ferver», observando-se então uma leve queda de neve pulverizada que, no entanto, foi absorvida pelo ar seco antes de descer mil metros. Noutra experiência em nuvem semelhante, o referido cientista verificou que, usando-se gelo seco em excesso, este apenas transforma a nuvem em minúsculos cristais de gelo, finos demais para cair sob a forma de flocos de neve. Mostrou Schaefer, pois, a maneira de congelar uma nuvem, *evitando* que ela se precipitasse.

Num terceiro vôo, conseguiu nevadas maiores por sobre um território de consideraveis proporções.

Tanto Schaefer como o dr. Langmuir acham-se atualmente contratados pelo governo norte-americano afim de orientar tecnicamente as experiências realizadas, sob segredo militar, pelo Corpo de Sinalização do Exército dos Estados Unidos. O exército espera conseguir tempestades de neve capazes de cegar e paralisar um inimigo. Pode-se tambem utilizar a chuva para fazer atolar o exército do adversário.

As primeiras experiências de Schaefer realizaram-se em 1943, quando a Força Aérea do Exército americano pediu aos laboratórios da General Electric que averiguassem por que se formavam toneladas de gelo nas asas e caudas dos aviões de bombardeio, forçando-lhes a descida e a destruição. Schaefer observou, antes de mais nada, que os aviões deslizavam impunemente através de nuvens compostas de cristais de gelo. As particulas já congeladas não aderiam às asas. Embora ele não fosse capaz de descongelar as nuvens, talvez pudesse congelá-las, raciocinou Schaefer.

Afim de obter em seu laboratório uma nuvem do tamanho de um homem, exalou o ar dos próprios pulmões numa câmara fria. Em seguida borrifou um pouco de poeira de gelo seco na nuvem formada pela sua respiração. O dióxido de carbono, congelado, deixou atrás de

Gratos pela remessa...

PARA que chovesse sobre a pequena cidade de Chickasha, no Oklahoma, Estados Unidos, lançaram-se 50 quilos de gelo seco numa nuvem a 4.000 metros de altitude. Veio a chuva, sem dúvida. Mas veio tambem forte ventania súbita. E o aguaceiro foi cair sobre a localidade de Anadarko, a 30 km de distância a oeste, enquanto Chickasha permaneceu tão seca como antes...

A Associação Comercial de Anadarko enviou, então, à sua congenere de Chickasha, um telegrama de agradecimento nos seguintes termos: «Aquele que sabe dispensar dádivas é um favorito de Nosso Senhor, principalmente se a dádiva em apreço é chuva sobre terras ressequidas. A cidade de Chickasha teve ontem um gesto generoso, distribuindo gelo seco sobre as nuvens e providenciando para que um vento propício trouxesse chuva a Anadarko. Essa boa ação nos cala fundo. Confiamos em que algum dia, soprando vento favoravel na direção de Vs.Ss., possamos retribuir o imenso favor que acabam de prestar-nos.» (Associated Press)

Durante o mês de agosto de 1947, sete localidades situadas nos estados de Illinois, Iowa, Missouri, Kansas e Texas empregaram com êxito o gelo seco para a precipitação de chuvas, que atingiram a espessura máxima de 6,3 centímetros.

si uma pequena esteira de vapor, como o faz um avião de bombardeio a 6.000 metros de altitude.

Sucedeu, então, uma coisa estranha: o vapor deixou um rasto de cristais de gelo sub-microscópicos, resplandecendo na luz; dentro da nuvem formaram-se correntes que espalharam a reação até que toda a nuvem se transformou em minúsculos cristais. Estes cresceram graças à umidade ambiente, caindo sob a forma de neve em miniatura. Assim, numa tarde quentíssima de verão, em 1946, criou-se a primeira tempestade de neve feita pelo homem.

O êxito do método em questão explica-se pela existência de gotículas de água ultra-refrigeradas na nuvem. Segundo todos os livros, a água chega à congelação à temperatura de zero C. Acontece, porem, que as nuvens super-resfriadas não sabem ler... Assim sendo, permanecem em estado líquido até à temperatura de 35° C *abaixo de zero*, embora baste um golpe nas partículas para convertê-las imediatamente em gelo. Isso se consegue pelo gelo seco, isto é, este fornece os «núcleos de condensação» em torno dos quais se formam os flocos de neve.

Quais são as perspectivas futuras para essa manipulação artificial do tempo?

Quanto às regiões verdadeiramente áridas, onde as nuvens são raras, há pouca esperança. Para o resto do mundo, durante o verão, a esperança não é muita. Não é qualquer nuvem que serve; pelo menos uma parte dela precisa estar à temperatura de congelação, ou abaixo desse ponto. À temperatura de uns 20° C na superficie da terra, é possivel encontrar-se ar em congelação a cerca de 5.000 metros de altitude. Mas é provavel que aí não haja nuvens. Caso as haja, e sejam borrifadas com gelo seco, será possivel conseguir chuva, mas esta será quase certamente absorvida pelo ar seco antes de alcançar a terra.

Quando, porem, vêm as estações do outono, inverno ou primavera, e as temperaturas de congelação aproximam-se mais do solo, deveria ser possivel fazer cair neve ou chuva diretamente sobre os campos de vastas regiões ressequidas.

Schaefer prevê a possibilidade de se estabelecerem baterias de geradores ao longo dos cumes das montanhas, afim de lançar para cima uma barragem de gelo seco ou outros cristais, capazes de provocar precipitações sempre que nuvens super-resfriadas passem ao seu alcance. Poder-se-ia então armazenar a neve nas cabeceiras dos rios, onde ela fosse mais necessária para fornecer umidade às montanhas e água para as terras agrícolas irrigadas.

A Suiça já solicitou a colaboração de Schaefer para precipitar nos Alpes, convertida em neve, a umidade que atualmente cai nos vales sob a forma de chuva. Em forma de neve, a umidade proporcionaria uma melhor reserva de força hidro-elétrica.

Talvez nunca se consiga controlar cientificamente as condições atmosféricas, mas em todo caso as possibilidades são a tal ponto tentadoras que, em maio de 1947, um sub-comitê orçamentário do Congresso norte-americano, pediu ao Observatório Meteorológico dos Estados Unidos que prosseguisse nas experiências que visam dominar as precipitações para uso doméstico.

Acreditemos ou não que possamos fazer uma coisa, estamos certos.
—Henry Ford

Meu tipo inesquecivel

Por Jerome Weidman

Autor de «*I Can Get It for You Wholesale*», «*Too Early to Tell*» e outras novelas

No vasto edifício de escritórios em que trabalhei há anos em Nova York, havia um elevador suplementar que era usado para o transporte de encomendas e tambem para auxiliar de vez em quando no transporte de passageiros. Os mais antigos inquilinos do prédio muitas vezes serviam-se dele para encurtar o caminho do escritório em horas de pressa e aperto, mas era mais frequente usarem-no por causa do ascensorista Sam.

Baixinho, sorridente, de olhos azuis, já passando dos cincoenta, com os bolsos sempre abaulados, Sam logo à primeira vista parecia irradiar inocente candura. Mas, quem o observasse mais de perto, verificava que o que havia nele era uma estranha combinação de bondade, camaradagem, cálculo e astúcia. Todos nós o conhecíamos. Em verdade ele participava da vida de quase toda a gente que trabalhava no edifício. Entretanto, nada sabíamos a respeito dele; nunca ouvimos dizer onde é que ele morava, de onde tinha vindo ou se tinha ou não família. Durante os anos em que alí trabalhei, nunca o vi faltar um só dia que fosse. E por mais cedo que eu chegasse no edifício e por mais tarde que saisse, era certo encontrá-lo sempre no posto.

Os ascensoristas, via de regra, acabam atingidos pela tediosa rotina da vida que levam: nunca podem ter uma conversa mais prolongada com aqueles que de certo modo são os seus fregueses; sentem-se rejeitados, nutrem agravos imaginários e constituem uma companhia nada estimulante. Comentei o caso com Sam.

—É que eles não têm imaginação, disse-me o ascensorista. —Só vêem a vida numa direção, para cima e para baixo. É preciso vê-la tambem no sentido horizontal.

Decorreu algum tempo antes que eu compreendesse o que é que ele queria dizer com isso, mas era evidente que Sam diferia dos outros ascensoristas, como Gauguin difere de um pintor de paredes.

Havia nele o traço marcante do burlão amavel. Lembro-me de quando a estenógrafa do meu escritório não sabia decidir com qual dos dois pretendentes devia casar. Discutiu o problema com Sam. Era o que faziam muitas das raparigas no edifício, quando enredadas em complicações afetivas. Sam, depois de ouví-la com a maior atenção, disse-lhe que a única coisa a fazer era consultar uma quiromante. Uma velha, que se dizia e parecia cigana, foi ao edifício. A cigana e a rapariga via-

jaram no elevador de Sam cerca de meia hora. No fim da meia hora a moça já sabia com quem iria casar. A viagem custou-lhe oito dólares. Sam e a cigana dividiram entre si o preço da consulta.

Eu disse mais tarde a Sam que, na minha opinião, ele se tinha aproveitado da ingenuidade da jovem.

—Não, filho, respondeu-me, —fiz-lhe um favor. Como a maioria das pessoas, ela sofria de indecisão. Paz de espírito é a coisa que no mundo tem mais valor, mas são poucos os que sabem como adquirí-la. Eu lhe dei paz de espírito. Agora ela está feliz. Então a felicidade não vale mais do que oito dolares?

—Mas você está fazendo dinheiro à custa da miséria alheia, objetei.

—Ninguem leva a sério conselhos gratuitos, replicou Sam. —Se eu dissesse à moça qual dos dois pretendentes devia escolher e não cobrasse nada pelo conselho, ela nem sequer me escutaria. Arranjando-lhe as coisas como arranjei e cobrando-lhe alguma coisa pela encenação deixei-a convencida da retidão do conselho que lhe deram.

—É, mas você e a tal cigana podiam ter-lhe aconselhado o mau partido, observei.

—Impossivel, volveu o sensato Sam. —Qualquer dos dois serviria. De outra forma ela não teria estado tão indecisa!

O emprego de ascensorista servia-lhe apenas de ponto de partida para uma rica variedade de outras ocupações—das quais na maior parte das vezes, tirava alguma vantagem. O elevador que ele operava não estava sob a jurisdição do chefe dos ascensoristas; de sorte que, livre de fiscalização, Sam podia descer ao porão, sempre que assim o exigisse algum dos seus interesses laterais. Alí ele tinha instalado uma pequena oficina, onde consertava pastas de couro, fazia duplicatas de chaves, endireitava canetas-tinteiro, brincos, meias de seda e efetuava uma porção de outros serviços. Tudo, naturalmente, tinha o seu preço—mas era sempre um preço *razoavel*.

Uma de suas fontes de renda mais constantes era o negócio de luvas. Os ascensoristas usam somente uma luva, a da mão direita ou a da mão esquerda, conforme o lado em que esteja situada a caixa de controle. E não gostam de comprar luvas novas quando uma delas se estraga. O nosso edifício de escritórios ficava na zona teatral, onde se perde grande quantidade de luvas. Sam achou uma forma de comprar esses achados aos porteiros. Revendia-os depois, uma luva de cada vez, e com bom lucro, aos ascensoristas do edifício e aos da vizinhança. Conduzia o seu sortimento nos bolsos bojudos.

Vinha a seguir o negócio de chaves. Os inquilinos, nos edifícios de escritórios, vivem perdendo a chave que dá acesso às privadas e aos lavatórios. Em vista disso, Sam instalou uma pequena máquina que lhe permitia fazer duplicatas. Bastava-lhe olhar as bordaduras de uma chave e já dizia de qual dos edifícios vizinhos a chave procedia.

Certa ocasião, um homem, a quem Sam nunca vira anteriormente, entrou no seu elevador e pediu-lhe duplicatas das chaves que levava no chaveiro de argola. Sam notou, enquanto ocupado na tarefa, que uma das chaves servia para abrir a porta de um dos lavatórios para mulheres no edifício vizinho. Depois que o indivíduo saiu, deu parte do fato à polícia, que pôs detectives para vigiar o edifício. Passados três dias, os detectives surpreendiam um assalto ao escritório de uma joalheria no quinto andar. O estranho roubara as chaves da mesa de uma empregada e obtivera as duplicatas antes que ela se desse conta do ocorrido.

Um dia, Sam me informou:

—Ouví dizer que Fairfax e Brigg vão sair para fundar uma nova firma. Ele se referia a dois chefes de seção da companhia em que eu trabalhava. —Se lhe convidarem para trabalhar com eles, continuou Sam, —não aceite.

De fato, Fairfax e Brigg tinham-me convidado para associar-me à nova empresa, com um salário mais elevado.

—E por que não? perguntei.

—Fairfax está pagando mesadas judiciais a duas ex-esposas e Brigg ainda não acabou de pagar o carro novo que ele rebentou a semana passada, respondeu Sam. —Essa espécie de gente está sempre tão ocupada em evitar o delegado ou em resolver complicações passadas que não podem pensar em novos negócios. Não aguentam seis meses.

Sam tinha razão: em cinco meses Fairfax e Brigg estavam liquidados. Quando a notícia da falência apareceu nos jornais, perguntei a Sam quanto eu lhe devia por aquele conselho de tanto valor.

—Peça por mim em suas orações, alguma noite em que estiver pensando no assunto, respondeu-me secamente. —Há coisas, filho, que até eu não cobro.

Outra ocasião a telefonista apareceu no escritório com um respeitavel anel de brilhante. Todos nós sabíamos que o noivo dela era um jovem médico interno no Bellevue Hospital; que ambos estavam fazendo desesperadas economias para casar; e que aquele opulento anel não condizia com suas finanças. Umas poucas perguntas jeitosas acabaram mostrando que o anel fora dado de presente por um senhor madurão, que se intitulava negociante em Chicago, e dizia querer casar com a moça. A secretária do patrão levou a telefonista para um passeio no elevador de Sam.

—Fiz com que ela lhe mostrasse o anel, explicou-me a secretária. —Sam nos afirmou que o diamante não era verdadeiro.

Tomada de indignação, a rapariga submeteu o anel ao exame de um avaliador profissional que confirmou a opinião de Sam. Em vista disso, ela devolveu o anel e voltou para o jovem interno.

—Bem, disse eu a Sam no dia seguinte, suponho que este é um dos casos em que mesmo você não seria capaz de cobrar.

—É no que você se engana, filho, volveu Sam. —Meus serviços custaram à moça quatro dólares.

—Mas, como? indaguei. —A única coisa que você fez foi dar uma olhada no anel.

—Não suporto gente que aceita imitações em lugar do artigo genuino, replicou Sam. —Achei que quatro dólares era precisamente quanto lhe devia tomar para dar à moça uma lição, sem obrigá-la a passar uma semana sem almoçar.

Em 1933, no dia em que os bancos fecharam, foram os bolsos bojudos de Sam que forneceram o dinheiro que habilitou muita gente do nosso edifício a pagar a passagem do *métro* e a comida. Dos empregados, das estenógrafas e dos contínuos ele queria apenas que apusessem suas iniciais na lista em que lançava a importância de cada empréstimo. Insistia, porem, que os gerentes e chefes de seção assinassem o nome por extenso. Os empregadores, esses recebiam empréstimos maiores, porque Sam—segundo explicava—tomava em consideração o fato de que o trem de vida deles era mais alto. Mas Sam exigia-lhes invariavelmente notas promissórias.

Perguntei-lhe por que tratara os três grupos de modo diferente.

—Uma estenógrafa que me deve cinco dólares não esquecerá a dívida, pois para ela cinco dólares já é uma soma elevada, explicou-me. —O chefe da estenógrafa, entretanto, anda sempre com grandes

problemas na cabeça. Se lhe deve cem dólares, pode esquecer-se. Por isto é melhor pôr o preto no branco.

—Ao que me parece, este é o primeiro negócio que não lhe trará resultado algum, comentei.

—Espere e verá, respondeu-me.

Mais tarde ele me mostrou o seu caderno de contas. Tão depressa os bancos reabriram, todos os devedores lhe pagaram integralmente o que deviam e mais de metade acresceu o pagamento com uma generosa gorgeta. Eu não sei o que é que mais agradara a Sam: se a minha admiração ou se o tamanho do lucro.

Mais tarde deixei o tal edifício e perdí Sam de vista. Ví-o porem novamente há poucos dias, quando minha mulher e eu jantávamos num restaurante situado a uns 40 km de Nova York. É um lugar muito bem tratado, com boa comida, coquetéis admiravelmente bem feitos, e tudo a preços razoaveis. O estabelecimento está tambem aparelhado para atender aos fregueses de outras maneiras. Pode-se, por exemplo, mandar fazer uma chave e esperar que ela fique pronta e conseguir um empréstimo em caso de necessidade.

O lugar conta com empregados habilitados, mas o proprietário é quem se encarrega pessoalmente dos outros serviços. Usa calças de flanela cinzenta e um casaco esporte com bolsos alarmantemente abaulados. Deve ter agora mais de setenta anos. Ainda não perdeu aquela curiosa mistura de astúcia calculada e aliciante camaradagem.

Logo me reconheceu. Não me perguntou como foi que conseguí localizá-lo. Já o sabia. No porão do nosso antigo edifício, próxima à porta do elevador dos fundos, vê-se uma tabuleta com os seguintes dizeres: «Sam, o homem do elevador, que trabalhou 18 anos neste local, atende agora no restaurante de sua propriedade, na Estrada de Jericó. Sempre à disposição dos amigos.»

Nunca conseguí compreender o que fizera Sam renunciar ao mundo—por assim dizer—e refugiar-se por tantos anos num tunel de elevador. Talvez agora, pensei comigo mesmo, houvesse encontrado a explicação. Perguntei a Sam:

—Finalmente, que é que levou você a abandonar o elevador?

Ele olhou demoradamente para mim.

—Ora, filho, aconteceu que um dia, passando uma vista nas minhas cadernetas de banco, verifiquei que os meus depósitos montavam a um pouco mais do que a quantia que pediam por este lugar. Essa foi a razão.

Súplica de jovem

Os oficiais estacionados em Fort Dix organizaram certa ocasião um baile, e deram a um jovem segundo-tenente a missão de pedir ao diretor de um colégio de moças, estabelecimento famoso pelo seu rigor, permissão para que algumas alunas comparecessem à festa. O austero educador prometeu mandar uma dezena de moças entre as mais capazes e estudiosas. O oficial hesitou. «Seria possivel,» perguntou finalmente, «mandar-nos uma dezena desse tipo e uma dezena do outro?»

—*Coronet*

Quem quiser aperfeiçoar a voz, terá que aprender muita coisa, inclusive gemer e urrar

Aposto que você tãopouco sabe falar!

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Robert D. Potter

Já completei 40 anos, mas só agora estou aprendendo a falar. Se isto parecer um pouco estranho ao leitor, permita-me esclarecer que venho falando desde a idade normal, e nunca, até recentemente, imaginara existir a menor complicação quanto a esse passatempo humano tão comum. Mas eu tinha muito que aprender nesse terreno.

Não ria. Tudo indica que você tambem não fala direito, isto é, como um perito. Você mexe os músculos do estômago quando fala? Você geme? Você enche os pulmões de ar. Quando pronuncia um longo discurso—e neste caso estou-me referindo somente aos homens—as suas calças ficam quase caindo? Se isso não acontece, você não está falando.

Devo minha nova voz ao oferecimento que me fizeram de uma pequena parte num programa de rádio. Falara diversas vezes no rádio, na qualidade de convidado, e ninguem nunca dissera que minha voz era má. Mas agora, os peritos do rádio passaram a insinuar de uma maneira gentil que algumas lições me poderiam ser uteis se eu pretendia aparecer no rádio com regularidade. Era como se eu tivesse sido convidado a um jantar e alguem me dissesse: «É melhor você comprar uma roupa nova.»

Supusera até então que o pessoal do rádio fosse bastante cuidadoso com a sua dicção, mas que em geral seguisse normas convencionais. Comecei a procurar um professor sem ter a mínima idéia das complicações que me esperavam. O professor que encontrei era mulher. Chamava-se e ainda se chama Crystal Waters.

«Vamos ver como é que o senhor respira,» disse ela.

Enchí os pulmões com certa confiança.

Uma vez que se aprende a exalar depois de inalar, a respiração não parece ser algo muito dificil. Pelo menos assim pensava eu.

«Acabe com essa mania de imitar Tarzan,» observou aborrecida a minha professora. «Respire com o estômago e não com os pulmões. Pelo menos faça parecer que é com o estômago. Ao inalar empurre-o para fora, e ao exalar puxe-o para dentro. Veja como eu faço.

E a pequena senhora de aspecto respeitavel passou a expandir o estômago com uma habilidade que faria inveja a muita cantora de ópera. Respirar com o estômago me parecia coisa facil, e foi bastante irritante levar meia-hora para aprendê-lo. Nós homens estaremos respirando corretamente quando nossas calças começarem a cair, exceto se usarmos suspensórios.

Em seguida aprendí a assumir as características de um balão. Inalamos a maior quantidade de ar possivel e prendemos a respiração, o que nos dá uma aparência bastante idiota. Depois deixamos o ar sair aos poucos, e quando pensamos ter esvaziado completamente o balão e estar prestes a perder os sentidos, exalamos ainda um pouquinho mais de ar. O truque consiste em inalar um pouco de ar de vez em quando, antes de ficar completamente vazio—usamos um pouco, inalamos um pouco, e desse modo o balão nunca se esvazia. Pratiquei muito para manter o balão cheio, tendo em mente outra recomendação: ler sempre pequenos trechos, pausando entre cada um deles. Se ao ler um *script* de rádio não fizermos isso, estaremos frequentemente em grandes apertos e, quando chegarmos a um ponto, nos sentiremos tão ofegantes como se acabássemos de entrar numa delegacia de polícia para denunciar um roubo.

«Hoje, quero ouvir o senhor gemer,» disse-me certa ocasião Crystal Waters. Obedecí. «Mais alto,» ordenou-me ela.

Eu já quebrara o braço uma vez, e noutra ocasião no ginásio fizera o papel do fantasma em uma peça. Pensava pois ser um verdadeiro especialista em gemidos. E soltei um daqueles urros, capazes de comover os mais indiferentes.

«Mais fundo,» disse ela. «Novamente, novamente. Com o estômago. Assim.» Gemíamos em uníssono, um «ai, ai, ai,» de pseudo sofrimento. Finalmente o meu gemido a satisfez. Estava bastante alto e bastante profundo. «Muito bem,» disse a professora, «agora, fale assim.»

Passamos portanto a «gemer» palavras em vez de gemidos. Experimente o leitor «gemer» as palavras «eu estou gemendo» ou «eu estou contente». A princípio parece esquisito, mas depois nos acostumamos. Com o tempo, Crystal Waters começou a notar algum melhoramento na minha voz, mas nunca se referiu a isso. Tirei essa dedução sozinho.

Outra ocasião, minha professora me explicou que as pessoas, em sua maioria, falam como se tocassem piano somente com as notas altas. São capazes, no entanto, de emitir sons em notas mais baixas e, quando assim o fazem, deixam de falar fino, que é em geral o defeito predominante. Conseguí baixar a minha voz de algumas notas e, embora já não parecesse a minha antiga voz, havia adquirido uma certa amplitude.

Por algum tempo, porem, eu parecia mais um boi profundamente deprimido do que um homem, isto é, quanto à voz. Certa ocasião estava-me exercitando em casa quando ouví risos. As crianças tinham-se escondido com os amigos por detrás dos moveis para «ver papai praticar para o rádio».

Mas, de qualquer modo, é preciso fazer exercícios constantes. Uma noite no ônibus, um senhor que estava sentado perto de mim levantou-se e foi para bem longe, e de vez em quando olhava para mim com ar desconfiado. Eu estava exercitando os *rr* e, por força de hábito, as palavras que escolhera me pareciam perfeitamente naturais. Tratava-se de uma das frases que eu repetia centenas de vezes: «A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha.» Por sorte, eu não estava praticando com outras frases do gênero, cujas palavras enunciadas lenta e claramente podem muito bem levar à expulsão do passageiro pelo chofer do ônibus.

Finalmente comecei a dominar o assunto. Enchendo-me de ar como um balão, lembrava-me de fazer sempre pequenos intervalos quando falava, «gemia» excertos de livros e revistas, ao mesmo tempo que fazía o meu estômago subir e baixar, como me haviam ensinado. Minha voz se havia modificado bastante: era mais baixa e ganhara até certa ressonância. Adquirira sem dúvida maior seriedade e respeitabilidade. Havia muitas coisas com que me preocupar ao mesmo tempo, mas tudo parecia correr bem.

Foi então que me convidaram para fazer uma conferência e eu decidí empregar a nova voz. O assunto exigia interpretação que impressionasse o auditório—a história da prova com a bomba atômica em Biquini, que eu presenciara na qualidade de reporter científico—e a reunião era patrocinada por um grupo filiado à Associação Americana para o Progresso da Ciência, uma excelente ocasião para pôr em prática o que aprendera durante meses de estudo.

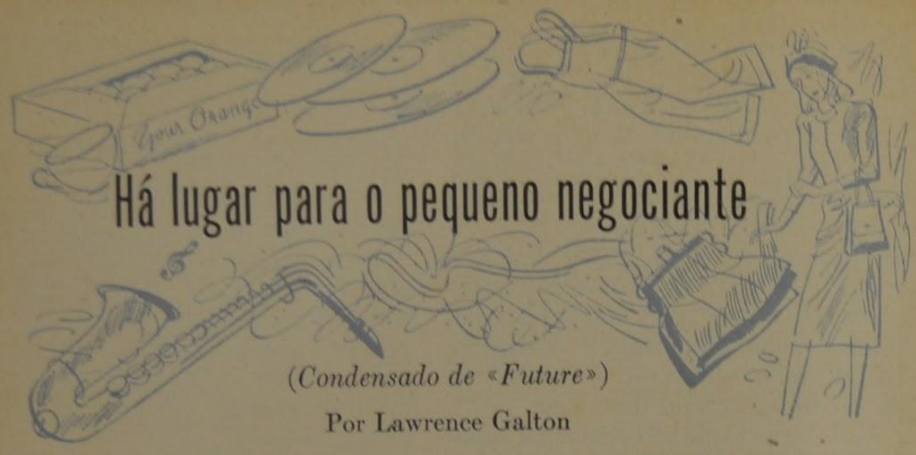
Respirei fundo, dilatei o estômago, descansei por dez segundos—outra lição—e comecei com minha nova voz em sua estréia profissional: «Muito obrigado, senhor Presidente.» Fiz uma pausa de poucos segundos e ouví os alto-falantes que no fundo do auditório ecoavam de modo encorajador. A nova voz estava dando resultado.

Cheguei a salvo a Honolulu, e prosseguí até Kwajalein. Chegara ao ponto culminante. «Largar bombas!» O momento era de grande dramaticidade. A bomba estava caindo. Comecei a contar os segundos: «Cinco» (tudo ia bem, minha voz continuava no mesmo tom), «quatro... três»—a solenidade da ocasião exigia uma voz grossa e poderosa—«dois»—uma boa nota, produto de longos meses de exercícios. E então dei tudo o que tinha; gritei bem alto e bem claro: «Fogo!»

Mas com a emoção, esquecí de fazer alguma coisa: ou esquecí de gemer, ou de mexer com o estômago, ou não enchera bem o balão. Porque a voz que saiu pelos alto-falantes era a minha antiga, e mais fina do que nunca. Biquini subira pelos ares, e minha voz tambem.

Respostas a «Como vamos de geografia?», pág. 43

1.—*Bélgica*
2.—*Tchecoslováquia*
3.—*Holanda*
4.—*Albânia*
5.—*Rumânia*
6.—*Suiça*
7.—*Portugal*
8.—*Iugoslávia*
9.—*Turquia*
10.—*Hungria*
11.—*França*
12.—*Polônia*
13.—*Itália*
14.—*Bulgária*
15.—*Áustria*
16.—*Rússia*
17.—*Grécia*
18.—*Inglaterra*
19.—*Alemanha*
20.—*Espanha*



Há lugar para o pequeno negociante

(Condensado de «Future»)

Por Lawrence Galton

O êxito alcançado por negociantes modestos demonstra que as idéias inteligentes podem fazer concorrência aos grandes negócios...

Toda vez que vem à baila o assunto «grandes negócios», é fatal ouvir-se este comentário pessimista: «Bem, é claro que o pequeno negociante, hoje em dia, está derrotado. Poderá quando muito abrir um armazem de secos e molhados, um posto de gasolina... porem pouco mais que isso.» Ora, na realidade o que se observa é que tem havido homens e mulheres de pequenos recursos, mas portadores de idéias originais, que invadiram certos campos dominados pelas grandes empresas e aí atingiram niveis excepcionalmente altos.

Por exemplo: alguns anos antes da guerra, um jovem americano de nome Henry Cobbs foi obrigado a deixar seu emprego de farmacêutico em Nova York afim de levar a esposa para o Sul, em busca de clima mais propício à saude dela. Meteram-se com os dois filhos no velho Ford que possuiam, e foram para a Florida. Cobbs conseguiu trabalho na colheita de laranjas, e a família passou a viver praticamente só de frutas de qualidade inferior, imprestaveis para exportação. Certo dia ocorreu ao rapaz a idéia de fazer geléia com as «sobras» de laranjas, e vendê-la no saguão de um hotel. Os hóspedes gostaram do produto e, antes de deixarem a cidade, encomendaram a Cobbs novos suprimentos, que lhes seriam enviados pelo correio.

Não tardou que o nosso amigo se decidisse a vender tambem, pelo correio, frutas frescas. Outros embarcadores—de maiores recursos—já o haviam tentado, sem no entanto alcançar lucro. As frutas muitas vezes se estragavam no caminho, e as estradas de ferro ou companhias de transporte não queriam saber de pagar indenização; a embalagem era de qualidade inferior; e frequentemente as frutas não eram melhores do que as que os fregueses poderiam adquirir em suas próprias localidades.

Cobbs, porem, comprou as melhores frutas da Florida, colocou-as em embalagens artísticas, que tambem lhes ofereciam proteção, e prontificou-se a indenizar os fregueses por quaisquer perdas e danos. Hoje ele é o rei da indústria de frutas empacotadas, e faz mais de três milhões de dólares por ano. Suas instalações em Miami têm capacidade para preparar 10 mil pacotes por dia.

Criou-se, em torno das grandes empresas, uma aura algo lendária. Quase toda a gente acredita que, quando surge alguma idéia nova, as poderosas sociedades anônimas, dispondo de pesquisadores especializados, logo a abocanham. O fato, entretanto, é que as idéias nem sempre nascem dentro dos grandes edifícios...

No mundo dos discos, para citarmos outro exemplo, há nos Estados Unidos três companhias principais (a Victor, a Columbia e a Decca) que produzem 75 por cento dos 287 milhões de discos manufaturados anualmente. Pois, apesar disso, um pastor protestante de Los Angeles, com 31 anos de idade, convencido da necessidade de um novo tipo de disco, não hesitou em tomar as providências que o caso requeria.

Tendo somente 35 dólares no banco, esse rapaz, de nome Williams, vendeu seu automovel e seu rádio, pediu dinheiro emprestado, e conseguiu juntar três mil dólares. A princípio, encomendava a uma companhia gravadora, discos de música religiosa—solos de orgão e canto—os quais vendia a estações de rádio. Mais tarde, utilizou seu pequeno lucro para comprar equipamento próprio de gravação, começando então a fazer e vender discos para uso doméstico.

As vendas mantinham-se modestas, mas um belo dia Williams passou a criar inovações: gravava cenas da Bíblia, dramatizadas; e inventou um sistema de apresentar discos em lojas que atraía os fregueses, e acabou assim convencendo os donos das casas de música a manter em estoque os seus discos.

Nos primeiros três meses de atividade, até março de 1945, ganhou 500 dólares. Já em 1946, suas vendas excederam os 50 mil! Atualmente sua companhia grava discos em espanhol e em português, que são exportados para a América do Sul; e tambem em francês e chinês.

Vale a pena citar igualmente o caso de Mabel Elstrom e Ruth Pauly. Donas de casa e mães de família, as duas cansaram-se de procurar, durante a guerra, roupinhas decentes para seus filhos, e resolveram então fazê-las, elas próprias, com melhoramentos que lhes haviam ocorrido muitas vezes, tais como macacões sem botões, com faixas ajustaveis na cintura e alças que não resvalassem pelos ombros. Quando as vizinhas viram os resultados, as duas senhoras receberam verdadeira inundação de encomendas. Reuniram algumas máquinas de costura, converteram uma garage em oficina, e empregaram diversas auxiliares. Hoje, sua empresa tem mais de 60 empregados, e produz 100 dúzias de roupinhas por dia.

Há oportunidades até mesmo nas velhas indústrias, principalmente naquelas em que certas idéias se fossilizaram. Um empregado de olaria, Lou Reese, tinha a cabeça cheia de idéias, mas jamais conseguia que seus patrões se interessassem por elas. Um dia encontrou uma olaria abandonada e persuadiu sete amigos a cooperar com ele na base de «pagamento quando Deus quiser». Durante um mês e meio passaram a residir no estabelecimento, renovando-o. Reese desenhou máquinas especiais para substituir os velhos métodos de produzir cerâmica a mão. Escolheu uma série de esboços simples para serviços de louça, toda branca. Projetava distribuir o produto por intermédio de grandes «cadeias» de lojas.

Quando ficou pronto o primeiro forno, Reese devia quase 20 mil dólares e possuia em caixa... onze centavos apenas. No entanto, em 1934, que foi o primeiro ano de franca produção, tiveram uma renda bruta de 331 mil dólares. E em 1946 já

havia subido a 3 milhões e 500 mil; no Natal desse ano, Reese distribuiu, aos seus 827 empregados, bonus no valor total de 705 mil dólares, anunciando ao mesmo tempo um aumento de salário de 20 centavos por hora para todos.

Outro caso interessante é o de Cecilia Staples, moça que, há 8 anos, aos 21 anos de idade, tentava vender seus quadros às lojas de Nova York, para serem usados como «panos-de-fundo» nas vitrines. Certo dia, estando ela numa dessas lojas, ouviu alguns empregados lamentar o fato de ter em desistido dum arranjo nas vitrines por lhes faltarem manequins em poses diferentes e naturais.

Ocorreu então a Cecilia que seria possivel fazer tais modelos com *papier mâché* e, com essa idéia em mente, pôs-se a trabalhar, confeccionou alguns desses modelos, e conseguiu vendê-los à loja em apreço. Sobravam-lhe algum dinheiro e papelão, e ela utilizou este último na manufatura de outros manequins, que vendeu a diversos estabelecimentos. Seus concorrentes, bem mais poderosos, não lhe prestaram a mínima atenção; mas de súbito perceberam que aquela moça acabara de criar algo de revolucionário em matéria de decoração de vitrines. Hoje, aos 29 anos, Cecilia Staples é dona de uma fábrica onde trabalham 130 pessoas. Fabricam manequins para duzentas cidades dos Estados Unidos, reconhecidamente superiores pelo fato de terem um aspecto perfeitamente natural, semelhante ao das freguesas que comprarão os vestidos...

William Phelps, e sua mulher Elizabeth, moravam na Europa, ele como representante da General Motors, ela como escultora e pintora; no início da guerra, regressaram aos Estados Unidos, e abriram em Nova York uma pequena loja de artigos de couro. Aí passaram a produzir um novo tipo de bolsa de senhoras—a que se usa a tiracolo, hoje mais que conhecida. Alem disso, criaram outros objetos, todos confeccionados por encomenda. Rapidamente espalhou-se a fama do pequeno estabelecimento, e surgiram inúmeras encomendas de cintos, pastas e malas, e artigos de chifre—candelabros, pentes e cigarreiras. Todos lhes sugeriam que iniciassem a produção em massa desses artigos.

No entanto, os Phelps preferiam o artesanato, a pequena produção. Mantiveram sua modesta oficina em Nova York, onde passam horas, à noite, desenhando novos modelos. Durante o dia, tomam parte ativa na confeeção dos artigos e treinam novos auxiliares. Têm 14 ajudantes, e todos os anos o melhor deles passa a fazer parte da firma. A produção anual do estabelecimento é avaliada em cem mil dólares.

Fundaram tambem uma pequena fábrica na Pensilvânia, onde trabalham 40 pessoas e que produz 200 mil dólares de artigos por ano. Se um artigo mantem sua aceitação em Nova York durante um ano, é então manufaturado na Pensilvânia em maior escala e vendido em todo o país. Os Phelps pretendem abrir novas pequenas oficinas para trabalhos em madeira e metal, curtimento de couro e tinturaria. Baseados em sua própria experiência, procuram estimular em outras pessoas idéias semelhantes, tendo auxiliado dois veteranos da guerra a abrir lojas de artigos de couro, com consideravel êxito.

«Quem tem um pequeno negócio,» observa William Phelps, «precisa primordialmente de idéias. É claro que as grandes empresas podem vencer-nos em certas coisas. Mas em matéria de idéias, elas ocorrem tanto às grandes firmas como aos indivíduos isolados.»

Ajudemos os jovens a casar cedo

(*Condensado de «Better Homes & Gardens»*)

Por Howard Whitman

Se eu tivesse hoje 22 anos e me apaixonasse por uma pequena, seria uma verdadeira desgraça: como é que eu havia de sustentar minha mulher? Onde iríamos encontrar um teto que nos abrigasse, mesmo que ambos nos contentássemos com «o teu amor e uma cabana»? E como é que eu, depois de casado, me poderia aperfeiçoar numa profissão qualquer, nesta época em que o treino profissional é cada vez mais indispensavel? Não, sem ajuda financeira eu não poderia casar-me!...

Tal é o raciocínio que hoje fazem milhares e milhares de moços no mundo inteiro.

«Quando eu estiver em condições de casar-me, já terei cabeleira branca,» diz este moço, abanando a cabeça com desalento. Ganha 30 dólares por semana como empregado num posto de gasolina.

«Ora, o casamento é um luxo que nós não podemos permitir-nos!» afirma uma jovem, cujo namorado é estudante de medicina.

A preocupação de tornar o matrimônio acessivel a centenas de milhares de membros da «geração sacrificada», não é causa que se alicerce exclusivamente no sentimento: é um problema sério, que reside estritamente em encontrar a maneira de salvar muita gente jovem dos perigos da frustração, de salvar a família e o lar, de pôr cobro à maré crescente da promiscuidade que existe por aí, da relaxação dos costumes, da delinquência e do fracasso pessoal.

Os nossos adolescentes e adultos jovens vivem envoltos numa atmosfera carregada de ideais de casamento e de construção dum lar; reconhecemos que a nossa gente moça atingiu a maturidade biológica, e que a dominam crescentes tendências compulsivas ao matrimônio e à procriação. O cinema, as novelas, as revistas, o verniz romanesco de prosperidade e confiança com que pintamos a existência de nossa juventude—tudo contribui para atraí-la e compelí-la ao casamento. E não obstante, lançamos um repentino balde de água fria sobre todas essas ilusões de amor e ventura, com a crueza de palavras como estas: «Não seja tola, Alice. É ridículo você pensar em casar com um rapaz que ganha somente 30 dólares por semana!» Ou então: «É inutil insistir, Robert. Você não pode casar-se enquanto não tiver acabado o estágio no hospital!»

O resultado deste curso de idéias e atitudes é um grave dilema sexual. As clínicas e consultórios psiquiátricos transbordam de homens e mulheres que sofrem de «complexos de culpa», porque se permitiram enveredar pelo caminho

das relações sexuais pre-matrimoniais, e dum número nada inferior de pessoas que se queixam de frigidez ou impotência, porque se recalcaram por demasiado tempo.

Extraimos dos arquivos médicos da dra. Janet Fowler Nelson os seguintes casos típicos:

Tom e Lillian estavam apaixonados e queriam casar-se, mas tal não lhes era possivel, porque Tom, arquiteto de profissão, estava ainda como aprendiz num escritório da especialidade, pelo minguado salário de 28 dólares por semana. Ameaçados duma espera de cinco anos, se não mais, Tom e Lillian compreenderam que se lhes impunha tomar uma decisão: ou manter relações íntimas extra-matrimoniais, com a consequente quebra dos preceitos sociais, ou abafar os impulsos emotivos e carnais, correndo os riscos dum perigoso sentimento de frustração. Escolheram a primeira solução.

Quando finalmente se casaram, Lillian passou a viver oprimida pelo receio de que Tom a houvesse desposado apenas «para cumprir o dever», e não porque realmente a amasse; e Tom, pelo seu lado, refletia amargamente: «Se ela se conduziu assim comigo, certo que teria feito a mesma coisa com qualquer outro homem!»

Não menos doloroso é o caso de Arthur e Margaret, que concienciosamente optaram pela segunda solução—a repressão dos seus afetos e desejos. Os pais de Margaret negaram consentimento ao enlace nupcial, antes que ela tivesse colado grau de professora e tivesse ensinado numa escola pelo menos durante um ano. Margaret e Arthur mantiveram-se firmes e fiéis no seu amor, que começara quando ela tinha 19 anos de idade. Quando se casaram, contava ela 23. Poucos anos depois Margaret entrava no consultório da dra. Nelson, afim de relatar-lhe o triste caso da sua incapacidade para alcançar o ajustamento sexual próprio da sua idade e condição de esposa. Dizia ela:

«Tínhamos decidido evitar todas as carícias e contactos exteriores antes de nos casarmos, por estarmos convencidos de que era essa a única maneira de evitar maiores dificuldades. Admito que talvez fôssemos demasiado puritanos, mas, de qualquer forma, sempre tivemos muito orgulho em nunca dar sinais mútuos de atração física...»

Arthur e Margaret tinham, simplesmente, caido numa armadilha que é muito mais comum do que se julga: haviam dominado, recalcado seus impulsos de carinho, impondo-lhes o labéu de malícia e pecado. Aquí, a dra. Nelson explica: «Esta mesma atitude inflexivel se prolongou pela vida matrimonial, tornando-os inaptos para um feliz ajustamento fisiológico.»

Se tivéssemos os meios de assegurar à gente moça a possibilidade de realizar o casamento entre os 20 e os 22 anos, muito lhe facilitaríamos a disciplina de suas crescentes necessidades e impulsos. «O casamento precoce,» declara o dr. James F. Bender, diretor do Instituto Nacional de Relações Humanas, «conduz a um ajustamento matrimonial muito mais completo, tanto física quanto psicologicamente. Os casos de incompatibilidade que se apresentam no meu consultório, não são decerto os de pessoas que se casaram cedo, mas os das que se casaram tarde, e se sentem entravadas pelas emoções reprimidas, ou por algumas experiências furtivas e mal-sucedidas do passado.»

No parecer geral dos sociólogos, a promiscuidade é o inimigo-mor da felicidade conjugal. Entretanto, um inquérito levado a cabo entre membros da Associação Cristã de Moços, todos eles de 20 ou

20 e poucos anos, veio demonstrar não só que os casos de relações extra-maritais estão «aumentando enormemente», mas tambem que 80 por cento dos jovens atribuem esta tendência crescente para a imoralidade às condições e dificuldades de ordem econômica que se opõem ao casamento precoce.

Cumpre frisar que o consórcio na idade juvenil não é apenas um remédio contra vários males: é tambem, a muitos títulos, um bem positivo, um verdadeiro patrimônio.

Fui há dias visitar alguns casais juvenís, em um grupo de residências especialmente construidas em Nova York para ex-combatentes da última guerra. Isaac Bardavid, veterano de três anos de serviço no Pacífico, e sua esposa, Charlotte, consorciaram-se há quatro anos, quando ela tinha 18 e ele 21. «Casamos cedo,—diz ela—mas isso deu-nos a oportunidade de nos desenvolvermos paralelamente. Sentimos que nos entendemos muito melhor, assim, do que nos entenderíamos se houvéssemos casado quatro ou cinco anos depois...»

«E pela minha parte,» interveio Isaac, «gostaria de dizer-lhe isto: sentimo-nos, juntos, com muito mais coragem para encarar o futuro, do que teríamos se vivêssemos separados. Sendo um homem casado, pai de um filho e com outro já a caminho, estou certo de que sou muito melhor cidadão do que seria se ainda estivesse solteiro. Trabalho mais e com mais gosto. Pela primeira vez na minha vida sei o que é ter uma continha no banco. Faço planos para o futuro. Estou convencido que, se ainda estivesse solteiro, andaria por aí vadiando, deitando-me tarde todas as noites, e sem conseguir chegar a parte alguma...»

Um dos vizinhos deste simpático casal, Paul Melone, só veio a casar-se aos 33 anos (hoje tem 35). Conversamos sobre a sua vida, e ele nos diz: «Mas não foi por minha vontade que casei tão tarde. Duas vezes me vi impedido de casar, a primeira pela crise, a segunda pela guerra...» Lançou um olhar ao bebê de seis meses, Billy, que andava brincando pelo chão, e prosseguiu: «O mal é que eu terei 50 anos quando ele chegar aos 15. Para a gente moça é sempre muito melhor ter pais jovens. Se isso tivesse dependido só de mim, pode crer, eu teria casado bem novo!»

Mas agora outra questão se nos apresenta: será que duram os matrimônios juvenís?

No Tribunal de Problemas Domésticos de Nova York, onde os conflitos de vida familiar se apresentam às centenas perante o magistrado, Anna M. Kross, os fatos confirmam repetidamente a importância e força do casamento na juventude. «Muitas vezes eu aconselho os moços e moças a casar,» diz a juiza Kross. «Essa idéia de esperar por um emprego melhor, ou até possuir uma conta no banco, é um conceito estritamente materialista do matrimônio. A verdade dos fatos é que as dificuldades e durezas dos começos de vida não destroem o matrimônio: antes, muitas vezes, o consolidam! A coisa que realmente está minando a nossa estrutura social, é que a vida familiar começa demasiado tarde!»

Estes depoimentos eloquentes devem bastar. Mas que podemos fazer para melhorar o atual estado de coisas? A resposta encontra-se, muito simplesmente, no recurso ou retorno a uma velha idéia —*a ajuda da família aos casais jovens.*

Durante o século XIX não passava pela cabeça de ninguem a idéia de que dois jovens se pudessem casar sem que os pais lhes prestassem auxílio econômico. Só mais tarde, nos círculos urbanos, é que

chegamos a absorver e a praticar a idéia de que um rapaz e u'a moça se devem consorciar revestidos da reluzente mas fragil armadura da independência, relegando ao esquecimento os «subsídios ocultos» do século passado, que os pais proviam como maneira natural de ajudar a gente moça a erguer-se e firmar-se nas próprias pernas.

«Devemos adotar em vez disso as formas de subsídio que nos são próprias, declara o dr. Benjamin Gruenberg, educador e sociólogo eminente. «Nas cidades, isto equivale em geral a auxiliar financeiramente os casais jovens, até que eles estejam assentes na vida. O auxílio da família devia ser hoje um costume acatado —de fato uma obrigação—como o era noutros tempos.»

Tambem devíamos fazer reviver os costumes, tristemente olvidados, do «dote» e do «enxoval» da noiva. Na França, onde a instituição familiar é ainda hoje provavelmente mais robusta do que em qualquer outro país do mundo, não há família que ouse pensar em oferecer em casamento uma *jeune fille*, sem uma pequena reserva de francos que lhe permita ir vivendo um ano ou dois sem grandes dores de cabeça. Quanto ao pai, é regra considerar um dever dar aos filhos uma quota do seu negócio, loja, fábrica ou fazenda.

Finalmente, é-nos preciso rever sob uma nova luz todas as noções correntes no que diz respeito ao matrimônio nas suas relações com a educação superior. Contam-se por milhares os progenitores que sustentam os filhos solteiros durante os anos que estes passam nas escolas superiores, e que apesar disso ameaçam cortar-lhes os fundos, deixando-os sem um centavo, se eles pretendem casar-se enquanto frequentam a escola. Não obstante, é fato demonstrado que os estudantes casados, e particularmente aqueles que têm filhos, dão muito boa conta de si e tiram o máximo proveito do ensino, visto como podem aplicar, e de fato aplicam, mais completamente suas energias ao trabalho escolar.

O reitor da Universidade de Iowa acedeu a fazer-nos a seguinte declaração: «O casamento exerce sobre os estudantes uma ação saudavel, fazendo-os assentar. Casado, o estudante sente-se na obrigação de ser util a alguem, alguem que fica contente quando ele obtem boas notas, alguem que o ampara e anima quando as coisas na escola não lhe correm tão bem.»

Se por meio da ajuda material dos pais, de bolsas escolares, e de projetos de moradias dentro dos próprios recintos das universidades, continuarmos consentindo que o casamento e a educação superior corram paralelamente, de mãos dadas, disso só poderão decorrer benefícios para a comunidade.

O EMPREGADO do posto de gasolina era a pessoa mais lerda que eu já havia visto.

—Por que é que você perde tanto tempo? perguntei brincando.

—Dotô, retrucou ele com firmeza,—muita gente perde todo o tempo que pode de uma vez só. Eu vou matando o tempo enquanto trabalho.

—Colaboração de Richard Eloi

COMEÇA A FUNCIONAR O BANCO INTERNACIONAL

Por Eugene Meyer

Primeiro Presidente do Banco Internacional

O Banco Internacional representa um esforço sincero para auxiliar as nações devastadas a se refazerem dos danos causados pela guerra, mas servirá tambem os interesses das nações participantes.

RECENTEMENTE, milhares de pessoas nos Estados Unidos tomaram de suas reservas 250 milhões de dólares e disputaram a primeira emissão de títulos do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento.

Era esse um tributo bem merecido à sólida organização do Banco, à eficiência dos seus diretores e, a meu ver, à notavel idéia que o banco simboliza. Companhias de seguro, instituições bancárias e alguns particulares dos mais sagazes e experimentados em inversões de fundos consideraram a compra dessas primeiras apólices internacionais como uma aplicação segura de capital. Na realidade, o número de apólices solicitadas pelos compradores excedeu de muito a quantidade posta à venda. Os títulos que rendem 2¼% e 3% estão sendo vendidos no mercado livre com ágio. O Banco Internacional começou bem.

A finalidade do Banco Internacional é idêntica a dos bancos locais de qualquer cidade. Qualquer banco comercial de importância concede empréstimos para a reconstrução e desenvolvimento de empresas locais. Da mesma maneira, o Banco Internacional foi criado para conceder empréstimos que serão utilizados na reconstrução de paises devastados ou para aumentar a capacidade produtiva de nações ainda não completamente desenvolvidas. A principal diferença entre o Banco Internacional e o banco local é que o primeiro é maior em escala e internacional quanto a seus proprietários e diretores.

O próprio nome de «Banco Internacional» como que traz uma auréola de pioneiro. Nunca houve nada exatamente igual na história das finanças ou relações internacionais.

Quarenta e quatro nações possuem ações do Banco, distribuidas proporcio-

A CARREIRA pública de Eugene Meyer se iniciou durante a presidência de Wilson, na War Industries Board (Junta de Indústrias Bélicas) e no National War Savings Committee (Comitê Nacional de Economias de Guerra). Meyer foi depois sucessivamente diretor da War Finance Corporation (Corporação de Finanças de Guerra), chefe da Farm Loan Board (Junta de Empréstimos Agrícolas), presidente da Federal Reserve Board (Junta de Reservas Federais) e primeiro presidente da Reconstruction Finance Corporation (Corporação Financeira de Reconstrução). Foi chamado a organizar o Banco Internacional, selecionar o seu pessoal e torná-lo uma organização próspera. Cumprida essa tarefa, renunciou, voltando a dirigir o jornal *The Washington Post*, que comprara em 1933.

nalmente à extensão territorial e à capacidade financeira de cada uma. Os Estados Unidos, como o país mais rico e menos danificado pela guerra, subscreveram 31.750 ações do total de 80.245, ou sejam 3.175.000.000 de dólares do capital, que é de 8.024.500.000 dólares. Cada nação participante pagou vinte por cento das ações subscritas. O poder de voto na comissão de diretores do banco é mais ou menos proporcional ao número de ações de cada país.

O banco tem sua sede em Washington e o seu presidente, John J. McCloy, é norte-americano. Mas o seu excelente corpo de funcionários torna-o realmente internacional. Cargos importantes do Banco são ocupados por técnicos da Inglaterra, Canadá, França, Brasil, Holanda, Bélgica, e muitas outras nações. O Banco é controlado por uma Junta de Diretores, composta de um membro de cada nação. A primeira reunião da Comissão foi realizada em Washington, em setembro de 1946; a segunda, em Londres, em setembro de 1947. Tanto a França como a China manifestaram desejo de que a reunião de 1948 tenha lugar nesses países.

O Banco não recorrerá mais às nações participantes com o fim de obter capital para empréstimos. O dinheiro a ser emprestado advirá da venda de suas apólices a particulares, primeiramente nos Estados Unidos e, mais tarde, nas demais nações. Os 250 milhões de dólares, valor dos títulos vendidos recentemente, representaram apenas a primeira dessas vendas ao público. A propósito, essa foi exatamente a quantia do primeiro empréstimo do banco, feito à França.

O Banco Internacional inicia as suas atividades com recursos quase três vezes maiores do que os do Banco de Exportação e Importação, um orgão de empréstimos, financiado exclusivamente pelo governo norte-americano, o qual emprestou cerca de três bilhões de dólares desde o fim da guerra a paises da Europa, da América Latina e do Extremo Oriente, para financiar a venda de produtos norte-americanos no exterior.

Mas, apesar de todos os seus bilhões, o Banco Internacional tem a sua atuação limitada. Não pode fazer caridade. O seu corpo de técnicos tem que examinar cuidadosamente qualquer pedido de empréstimo, para verificar se o dinheiro será empregado eficiente e efetivamente e se são boas as perspectivas de reembolso.

Se não fosse a proposta do Secretário de Estado Marshall, no sentido de que os Estados Unidos auxiliem as nações européias, quando estas em cooperação tomarem medidas de auxílio mútuo e decidirem quanto às suas necessidades, o Banco Internacional teria sofrido grande pressão para conceder empréstimos destituidos de sólidas bases comerciais.

O Secretário Marshall percebeu claramente que algumas das obras de reconstrução mais urgentes na Europa terão que ser financiadas sem esperança de reembolso direto. Os Estados Unidos podem, em alguns desses casos, fazer verdadeiras doações de material de reconstrução.

O Banco Internacional, por outro lado, poderá patrocinar projetos que ofereçam boas perspectivas de reembolso, dentro de certo número de anos. Dessa forma, duas empresas gigantescas de reconstrução passam a exercer ação complementar.

Tomemos por exemplo o empréstimo do Banco Internacional à França. Esta se compromete, nos termos de acordo formal do empréstimo, a utilizar o capital na compra e importação de mercadorias «necessárias e destinadas exclusivamente para fins de produção», e «na reconstrução e desenvolvimento dos recursos de produção e instalações industriais da França». Até mesmo a lista específica dos artigos a serem comprados deve ser determinada por acordo entre o Banco e o país beneficiado pelo empréstimo. Em agosto foi concedido aos Paises Baixos um empréstimo semelhante. Cogita-se agora de outros empréstimos, que talvez já tenham sido anunciados quando for publicado este artigo.

Os nossos amigos da União Soviética dizem que o programa de Marshall é pernicioso, que é apenas uma armadilha para impingir à Europa o excedente da produção norte-americana. Talvez estejam dizendo o mesmo a respeito do Banco Internacional, ao qual se recusaram a aderir, embora tenham tomado parte na conferência de Bretton Woods, em que ficou decidida a sua criação, em 1944.

Não creio que nos devamos preocupar com essas acusações russas. Os nossos motivos, naturalmente, são mal interpretados. Na essência, não são egoísticos. Todo bom negócio é vantajoso para as partes interessadas. Um comunista russo, educado na crença rígida e insensivel do materialismo, não parece convincente quando acusa de moveis materialistas aqueles que estão procurando alimentar, vestir, abrigar e reconstruir as nações necessitadas.

Os russos, no entanto, têm razão no seguinte: o êxito do Banco Internacional e do plano Marshall fomentará o comércio mundial. O Banco auxiliará a Europa a voltar a uma base econômica de intercâmbio de mercadorias com o resto do mundo, ao invés de fazer empréstimos ou receber dádivas dos outros.

E, como disse antes, é óbvio que não teremos paz, se não forem sólidas as condições econômicas do mundo e se não auxiliarmos o progresso das economias nacionais retardadas.

Hoje, a principal atenção do Banco Internacional se volta para os projetos mais urgentes de reconstrução. Mais tarde, essa atenção voltar-se-á para empréstimos que se destinem a realizações de longo alcance nos paises pouco desenvolvidos, que se têm retardado por falta de capital estrangeiro. Ainda poderá haver projetos de irrigação no Oriente Médio ou na África, planos de produção de energia elétrica na América Latina, assim como outras realizações a serem financiadas pelo Banco Internacional, para aumentar o poder aquisitivo de centenas de milhares de indivíduos no exterior. Tudo isso permitirá que as nações comprem mais a outros paises, assim contribuindo para elevar o nivel de prosperidade em todo o mundo.

Vende-se até o silêncio

Como é de praxe no rádio, a WKYW de Louisville sempre transmitiu qualquer barulho que os seus anunciantes se prontificassem a patrocinar. Mas agora chegou a vez de um anunciante considerar o silêncio de uma estação digno de ser comprado. Quando a WKYW encerra as atividades do dia às 19 horas, ouvem-se as seguintes palavras: «As próximas 11 horas de silêncio são patrocinadas pela Companhia Logan, fabricantes do famoso colchão Durma no Céu. Boa noite e durma bem.»

Ante a morte dos seres queridos

(Condensado do livro «Peace of Mind»)

Pelo dr. Joshua Loth Liebman

Peace of Mind, escolha do Clube do Livro Religioso para o mês de maio de 1946, foi publicado pela primeira vez em março desse ano. Dentro de três semanas tinha dado entrada no rol dos *best-sellers*, onde ainda se mantem. *Seleções*, que deu à estampa no seu número de agosto de 1946 uma breve condensação da obra, oferece agora aos seus leitores uma segunda seleção deste livro essencial que a popularidade coroou.

DESDE tempos remotos, imemoriais, a religião vem procurando dar aos homens consolação e coragem em presença do indecifravel enigma da morte. A religião se esforça por infundir resignação espiritual no coração e na alma do homem. Este precisa saber encarar a morte armado de fé religiosa, é certo, mas não lhe é menos necessária uma «estratégia emocional» que o habilite a fazer face ao sofrimento e ao luto duma maneira criadora, e não desesperada e destrutiva.

Como é natural, a maneira de encarar a morte tem provocado grande confusão no espírito da humanidade. Pergunta-se a cada passo: Devemos exprimir livremente a emoção ou antes refreá-la? Devemos calar as nossas mágoas, ou traduzí-las em palavras? Devemos consentir que as crianças sejam testemunhas das nossas expressões de dor, ou antes afastá-las, isolá-las do teatro da tragédia? É indispensavel achar a resposta a estas múltiplas perguntas, porque as atitudes imprudentes em relação à dor e à sua expressão, são fonte de muitos males físicos e mentais.

Quando uma pessoa normal perde um ente querido, o resultado imediato é uma terrivel dormência interior, e uma perda de equilíbrio, de interesse pela vida. Podem apresentar-se sintomas orgânicos de desgosto e sofrimento, a obsessão contínua da imagem do morto querido, ou mesmo um profundo e injustificado sentimento de culpa. O mundo se torna, a seus olhos, um deserto hostil. A solidão, a mágoa, até o desespero, apoderam-se de sua alma.

Quase todas as pessoas que perdem um ente querido deveriam esperar estas reações em maior ou menor grau, possivelmente por um período de algumas semanas, e até meses. Se tais reações forem consideradas apenas como manifestações temporárias, se a pessoa enlutada e pesarosa tiver sensatez bastante para aceitá-las, em vez de as abafar e suprimir, pode-se considerar arredado o perigo duma neurose futura.

O dr. Erich Lindemann, nos trabalhos a que procedeu com «doentes de desgosto» no Hospital Geral de Massachusetts, encontrou muitos que desenvolveram casos severos de depressão, e até verdadeiras doenças físicas, anos após a perda dum ente querido, só pela simples razão de

que se haviam denegado o direito de exprimir a sua mágoa no tempo devido. Produziram-se curas assombrosas quando os pacientes se deixaram persuadir a dar largas à dor e à aflição que deviam ter encontrado o seu escape no momento apropriado.

As descobertas da psiquiatria sobre a importância de expressar a dor em lugar de reprimí-la, levam-nos a pensar que os antigos sábios da Escritura possuiam um conhecimento intuitivo da natureza humana e suas necessidades, que a nossa era, mais «sofisticada», esqueceu ou desprezou. Manifesta e sem peias era a expressão da pena por parte de Abraão, e Jacó, e Daví. Nossos antepassados choravam em público, cobriam a cabeça de cinzas, vestiam-se de burel, rasgavam as vestimentas e jejuavam...

Os modernos funerais, por outro lado, são muitas vezes organizados de maneira a prevenir os prantos, as expansões emocionais, e as manifestações espetaculosas. Mas devemos ter presente que a natureza nos deu lágrimas precisamente para fazermos uso delas em tais horas de negro desespero! Ninguem se deve envergonhar de perder a compostura sob o peso ou a tensão duma perda irreparavel. *Devemos externar toda a mágoa que realmente experimentamos.* A dor que nestes momentos sentimos será, mais tarde, o instrumento e o remédio da indispensavel cicatrização.

Acresce ainda que o papel que cabe a nossos amigos, nas horas de sofrimento, deve ser o duma caixa de ressonância da nossa dor. Tentar distrair nossa atenção da perda que sofremos é um gesto piedoso e meritório, mas que só cabe muito mais tarde, quando entramos já na fase de cicatrização. No início, em plena crise, os amigos devem oferecer à criatura que acaba de perder um ente querido, todos os ensejos de lamentar a perda que sofreu, e de exprimir tudo o que sente.

Uma segunda verdade capital, relativamente ao pesar causado pela morte, é a seguinte: *Devemos aprender a desembaraçar-nos das cadeias da existência física do ente querido que perdemos.* Quando, por exemplo, marido e mulher viveram e trabalharam juntos muitos anos, em perfeita harmonia, a morte de um deles deixa um vazio doloroso e terrivel no tecido mesmo da existência do sobrevivente, que a cada passo invoca com saudade a presença do companheiro perdido, podendo até chegar ao ponto de cometer um sério erro, como seja recusar abrir a sua porta a novos amigos. É preferivel procurar novas amizades, que gradualmente nos irão amparando e ajudando a achar de novo o caminho da vida, e que marcharão daí em diante a nosso lado por esse caminho.

A mãe que perde um filhinho de tenra idade sofre um dos mais trágicos desgostos que podemos imaginar. É como se houvesse perdido um pedaço da sua própria pessoa. Quando se produz semelhante tragédia, deve-se procurar restabelecer de alguma forma os laços de amor. Seria, no entanto, pouco aconselhavel, que essa mãe consternada e chorosa corresse logo a adotar outro bebê, porque, inconcientemente, ela poderia vir a sentir-se desleal para com o filhinho morto, arriscando-se assim a tornar talvez o bebê adotivo uma vítima inocente e indefesa duma hostilidade surda. Solução sensata e aconselhavel seria, por exemplo, que a mãe enlutada pela morte dum filho procurasse de começo diluir a sua afeição em uma área mais vasta de interesse, como seja trabalhando todos os dias numa creche ou jardim de infância. E depois, quando sentisse que a sua ferida estava sarando, pelo menos em parte, poderia ela adotar um menino, ou ter segundo fi-

lho, ao qual pudesse dispensar então um afeto já maduro, seguro de si, e isento de ressentimentos.

Assim, em qualquer estado de luto e de dor, devemos procurar em última instância encontrar alguem, uma ou mais pessoas, a quem possamos dispensar o amor e cuidados que mostrem necessitar, e essa mesma devoção que vamos prodigalizar em proveito de outra vida, trará lenitivo e bálsamo ao nosso próprio espírito dolorido.

Deve-se reconhecer, claro está, que estas soluções, como a substituição, não nos ocorrem espontaneamente e sem esforço. A alma enlutada e chorosa deverá inevitavelmente atravessar muitas horas e dias de solidão. Mas uma tristeza ou melancolia que continua por muitos anos, é com frequência indício de que esses laços de amor perdido eram duma natureza excessivamente tirânica, uma dependência mórbida, e de fato uma *contrafação* do verdadeiro amor. Se o indivíduo que sofreu a perda dum ente querido continua a chorá-lo, sem se preocupar com o resto da humanidade, a vida, e as tarefas que lhe competem, o seu amor revela uma espécie de desvio ou inaptidão—prova de que a pessoa em causa nunca chegou a atingir a maturidade nem a autonomia própria do indivíduo capaz de depender de si próprio. Por muito dificil que isso pareça de começo, o luto e a aflição que certas pessoas exibem é na realidade uma forma de expressar a comiseração que nutrem por si mesmas, a auto-piedade egocêntrica que lhes inspira o vago sentimento da sua existência sem conteudo nem escopo.

A vida se deforma não somente para os adultos, mas tambem para as crianças, quando a dor não encontra o necessário desafogo, ou quando não a encaramos da maneira devida. Isto é o que sucede com frequência. Um pai morre, deixando viuva e um filho bebê. Quando do funeral, a família manda o pequeno para casa de algum parente, e a viuva e todos os parentes conspiram para ocultar a verdade da situação aos olhos do inocente. Não se menciona sequer diante dele o nome do pai, ou se o mencionam, a conversa desvia-se logo para outros assuntos. A teoria que inspira toda esta trama de silêncio acerca da morte do pai é—que o rapazinho deve ser posto ao abrigo da dor e do desgosto. Todo este processo de ocultação, muito embora ditado pelas mais nobres intenções, pode vir a revelar-se uma influência terrivelmente deturpadora no desenvolvimento afetivo da criança.

No exercício de minhas funções de sacerdote, mais de uma ocasião pude observar esta verdade. Uma senhora enlutada mandou sua filha de 7 anos para casa dum parente distante, na crença de que ela era demasiado nova «para ficar metida em casa, num ambiente tão triste». Recomendei que a menina voltasse sem demora para junto da mãe, e fosse informada em poucas palavras do falecimento do pai, e ponderei que sua mãe necessitava da companhia dela para ganhar ânimo e voltar à vida. Uma função de maior importância lhe devia ser pois confiada—a de confortar a mãe na dor.

A pequena regressou ao lar da família, persuadiu a mãe a se sentar no chão para brincar com ela, e o resultado desta experiência dolorosa, assim compartilhada, foi que as duas, mãe e filha, se sentiram depois disso muito mais chegadas uma à outra...

A suprema ilusão nestes casos é que as crianças são incapazes de suportar a mágoa e a tristeza; que em todas e quaisquer circunstâncias se impõe resguardá-las e pô-las ao abrigo dos ventos da realidade. Ora, a verdade está precisamente no avesso desta atitude. A criança é capaz de suportar lágrimas e lamentos, mas não tolera que a iludam. A sua almazinha não cederá sob o peso duma dor honestamente externada; poderá, sim, ceder sob a carga da exclusão e do exílio, quando arredada do círculo familiar, sob o pesado fardo da evasão dos adultos, das meias-verdades, das emoções congeladas, das aparências hipócritas.

Outra loucura é pretender descobrir um rápido conforto e uma cura miraculosa para a dor. A experiência da dor tem, de certo modo, uma função curativa, e todos os esforços de evasão e desvio em presença duma mágoa normal nos levarão mais tarde a um abismo trágico. Não devemos exigir de nós mais do que a própria natureza nos consente. Devemos estar preparados para atravessar estas fases sucessivas da nossa convalescença espiritual: mágoa pungente, solidão, resistência à consolação, desinteresse pela vida, que gradualmente vão cedendo, sob a luz cicatrizante do amor, da amizade, da atração da vida social, até dar lugar à constituição dum novo trem de vida, e à aceitação do desafio da existência com os seus atrativos e vicissitudes.

Sob a tutela da lenta sabedoria que só a dor nos comunica, aprenderemos a subir até o cimo do nosso calvário, e a descer dalí para entrar pouco a pouco no vale da grande paz interior.

O antigo e o moderno

«Não há nenhum Deus senão Alá, e Maomé é o seu profeta. Venham rezar. Venham para a salvação.» Por vários séculos, os maometamos têm sido convocados à prece cinco vezes por dia pelo canto dos muezins do alto dos minaretes.

O correspondente da CBS no Cairo vive nos arredores de oito mesquitas diferentes, e sempre lhe agradava ouvir aquele canto ao longe. Mas aquele som agradavel se transformou agora num ruido incômodo—em vista de os aliados terem começado a desembarcar material excedente de guerra naquela cidade. Algumas mesquitas adquiriram microfones e alto-falantes provenientes de acampamentos e aeródromos, e a chamada para a prece está sendo feita através de alto-falantes, com a força e volume que só a ciência moderna pode proporcionar. Alguns dos muezins, entusiasmados com os novos aparelhos, deram para cantar passagens inteiras do Alcorão ao microfone, onde ficavam agarrados horas a fio. Finalmente a polícia interveio e decidiu que os alto-falantes só podiam ser usados para as chamadas antes das preces—cinco vezes por dia.

—Robert Trout, *Talks* da CBS

Dois camponeses da Transjordânia procuraram certa vez um tabelião em Haifa, para que lhes fosse reconhecida a assinatura num documento. Quando o tabelião lhes ofereceu a caneta, os dois homens agradeceram, exibiram orgulhosamente suas canetas-tinteiro americanas novinhas, salpicaram tinta no polegar e depois apuseram a impressão digital ao documento, como é de praxe no país.

—Citado no *Post* da Palestina

Frutos amargos da educação norte-americana

(*Condensado de «This Week Magazine»*)

Por Philip Wylie

O SISTEMA educacional dos Estados Unidos vem desapontando o mundo. Mesmo sem qualquer exame prolongado percebemos a incompetência intelectual e a falta de coragem moral dos norte-americanos. Um terço dos seus casamentos acaba em divórcio e o lar americano está-se encaminhando para tornar-se, não um melhor centro de vida familiar, mas um hotel mecanizado, um depósito de provisões—nada mais. A mocidade mostra-se indisciplinada, e apresenta um número crescente de delinquentes; o adultério é a regra e não a exceção entre os casais insatisfeitos; as prisões imundas estão repletas; os revoltantes asilos enxameiam. Nem sequer se pode obter alojamento para a população.

Os estadunidenses proclamam que não estão extorquindo coisa alguma aos paises agressores, e, no entanto, estão cometendo uma agressão terrivel contra as gerações futuras, esgotando os recursos naturais do seu patrimônio—árvores, solo, gasolina, ferro, chumbo, cobre e estanho—afim de financiar guerras que poderiam ter sido evitadas com alguma previsão corajosa, e afim de fabricar automoveis que anualmente mutilam um milhão de pessoas.

PHILIP WYLIE, crítico de renome, é famoso por sua habilidade em enraivecer seus leitores. Mas tambem fá-los pensar. Neste artigo Wylie toma por tema a educação nos Estados Unidos e discute seu insucesso em formar seres humanos amadurecidos, disciplinados, bem informados, e capazes de assumir responsabilidades.

Esta delapidação dos Estados Unidos é redobrada pela paixão da «moda», que leva o norte-americano a jogar fora artigos que ainda se acham em perfeito estado de conservação e funcionamento. Consumimos completamente os peixes de vastas regiões do mar; muitos dos nossos rios estão poluidos; e existem áreas de terras que são anualmente cobertas por enchentes e desgastadas pela erosão.

Como explicar que 140 milhões de pessoas tenham caido em tais condições de miopia? Como puderam perder de vista seu papel de campeões da liberdade e converter-se em indivíduos que buscam somente a segurança pessoal?

A razão deve estar, naturalmente, nos

próprios norte-americanos; mas talvez possamos encontrar mais facilmente nas escolas o padrão de corrupção e degradação. Tenhamos em mente que ao investigarmos qual o mal das escolas norte-americanas, estamos simplesmente perguntando qual é o mal do próprio povo norte-americano.

No século XIX, a escola norte-americana, em seus prédios de tijolo vermelho, tinha finalidade simples e fundamental: transmitir a concepção de liberdade, sua significação e suas responsabilidades implícitas. Ensinar aos cidadãos sua própria língua, para que fossem capazes de pensar com precisão e comunicar inteligentemente seus pensamentos; proporcionar um conhecimento básico de verdades científicas; e incutir nos jovens a disciplina que constitui os alicerces do autocontrole e da maturidade.

Era o século em que se prezavam a instrução e o bom senso, em que a educação era considerada o mais alto dom, em que os professores figuravam entre os homens mais respeitados e valorizados de suas comunidades e os livros constituiam objetos preciosos. Escolas fortes, formadoras de homens e mulheres fortes que empreendiam corajosamente tarefas pesadas. Os homens educados daqueles dias conheciam a ciência e a história, e estavam a par dos acontecimentos da época.

Alem disso, homens como Adams, Jefferson e Lincoln, compreendiam a filosofia da Constituição norte-americana, e sabiam expressá-la em palavras que se inscreviam nas muralhas do tempo, enriquecendo a própria história.

A primeira falha das escolas americanas atuais é sua crescente desarticulação. Em nossos dias, o estudante, após diplomar-se, sente-se tão sobrecarregado com palavras, tempos gramaticais e retórica, que lhe falta o aparelhamento necessário a todos os pensamentos ou expressões lógicos e racionais. Fica com o cérebro mutilado porque a escola não lhe dá instrumentos de raciocínio. Nem sequer é capaz de refletir sobre os problemas de sua própria comunidade. E hoje quase todo norte-americano é assim!

Uma vez que o sistema escolar falhou em seu propósito fundamental—o de um ensino articulado—o insucesso torna-se completo. Os Estados Unidos possuem o melhor sistema de comunicação de idéias existente no mundo, mas não sabem tirar dele muito proveito. Após 150 anos de educação gratuita e compulsória, o denominador comum dos meios de expressão entre os norte-americanos é a novela de rádio. É de esperar-se, portanto, que as tentativas de transmitir idéias e verdades a um público mudo e desprovido de espírito, sejam em grande parte vãs.

E eis aquí mais uma tragédia: as escolas norte-americanas vêm constantemente perdendo prestígio, talvez devido à substituição do ideal do século XIX—da importância da educação—pelo novo ideal norte-americano de progresso por meio de engrandecimento material. As escolas consideram cada vez mais como sua função principal ensinar um ofício ao estudante. Mas saber um ofício e ser cidadão adequadamente educado numa república são coisas diferentes. E à medida que se tornam mais «vocacionais», as escolas perdem em autoridade moral e em prestígio intelectual.

O estudante formado pelas escolas contemporâneas é em geral laboriosamente educado na idéia de que os Estados Unidos são uma terra abençoada, maravilhosa e quase perfeita; que a região dos Estados Unidos onde mora é sem comparação a mais nobre e genuina; e que sua comunidade é o verdadeiro coração de seu estado. Tudo isto é anti-educacional e cons-

titui pura propaganda, evidentemente.

Por esse motivo os norte-americanos são provincianos, não apenas em relação ao mundo, que ignoram, mas também entre eles mesmos.

Ao decréscimo em valor educacional corresponde um decréscimo no salário pago aos educadores, a ponto de um porteiro de escola ganhar mais que muitos professores. Prestígio e salário desceram tanto no magistério, que o número de professores novos não é sequer suficiente para manter o sistema educacional, quanto mais para reconstruí-lo!

A finalidade da educação, a meu ver, é encaminhar os educandos para a maturidade, como seres humanos organizados, auto-disciplinados, sensatos, instruidos e merecedores de confiança. Afinal, a felicidade depende de duas qualidades individuais: confiança em si mesmo—isto é, segurança—e confiança nos outros. A escola do século XIX visava pelo menos implantar essas qualidades, numa época em que seu valor era claro e sua aquisição geralmente considerada desejavel.

Tudo quanto nos resta desse ideal é o progresso material. Os Estados Unidos são uma nação de crianças que se recusam a tornar-se adultos. Os divertimentos próprios dos alunos de escola primária constituem o mais importante interesse do americano adulto em suas horas de lazer: jogos, esportes, festas, histórias de fadas vividas em fitas de cinema, novelas radiofônicas, revistas de ficção e histórias em quadrinhos. Os próprios automoveis são usados como grandes carros de bebês.

O homem educado é um ser amadurecido, duma maturidade baseada em sistematização, em compreensão de princípios gerais, e não em *gadgets*; em verdades, não em bravatas. O homem educado busca mais verdade—mais instrução—durante toda a vida. Seu amor pela humanidade não é sentimental, mas sincero, e ele o manifesta em atos. É criatura digna de confiança, que serve a si mesmo ao servir a liberdade—seu princípio fundamental.

Que se libertem, pois, as escolas norte-americanas; que procurem e remunerem dignamente mestres merecedores de confiança; e que os respeitem, afim de que o sistema educacional dos Estados Unidos deixe de formar adultos enfatuados e amigos de futilidades!

Confissão de orador

O OITAVO Duque de Devonshire declarou certa vez a alguns amigos: «Há algumas noites passadas eu sonhei que estava pronunciando um discurso perante a Câmara dos Lordes. De repente, acordei, e verifiquei que estava mesmo.

—Colaboração do Juiz David Davies

NA CONFERÊNCIA de Paris um reporter perguntou a um diplomata, visivelmente perturbado, qual era sua opinião sobre determinado problema internacional. «Não me aborreça agora,» retrucou o diplomata. «Tenho que fazer um discurso. Agora não é hora de pensar.»

—Walter Winchell

Quanto é que o leitor gasta inutilmente em drogas, remédios, e xaropes?

Não há cura para o resfriado

(Condensado do «Journal of the American Medical Association»)

Pelo dr. Hobart A. Reimann

O dr. Hobart A. Reimann, do Jefferson Medical College, foi convidado pelo Congresso da Sociedade Americana das Ciências Médicas, reunido em Filadélfia, a discutir, para proveito dos seus colegas, o mérito dos vários tratamentos propostos para o resfriado comum e as infeções correlativas. Oferecemos aqui a nossos leitores uma condensação desse trabalho, que se reveste da maior autoridade.

COM RELATIVA sorte, uma pessoa apanhará pelo menos dois resfriados durante o inverno. No mundo inteiro, a humanidade desembolsará centenas de milhões na compra de «remédios»—tudo o que lhe ofereçam, desde aspirina às mais dispendiosas vacinas—e em honorários médicos, esperando encontrar alívio para o seu mal. Para se fazer idéia de quanto os resfriados pesam no orçamento das famílias, bastará dizer que 32 por cento de todas as visitas médicas a domicílio, e 15 por cento de todas as consultas em clínicas e consultórios, são devidas aos resfriados.

E no entanto, a medicina não dispõe ainda hoje dum tratamento específico capaz de encurtar um resfriado, ou um ataque de gripe, catarro ou influenza. Excetuado o caso da verdadeira influenza, não há praticamente nada que nós, médicos, possamos fazer para evitar essas moléstias. Sem embargo do que, continuamos a ministrar aos doentes o rito estandardizado de purgas, suadouros, cataplasmas, gargarejos, xaropes e toda a casta de pílulas.

Os resfriados e as doenças congêneres são infeções de micróbios filtrantes, chamados virus. E, muito embora saibamos que as sulfamidas e a penicilina são ineficazes contra os virus, continuamos a desperdiçar quantidades fabulosas destas caríssimas drogas. Tanto as sulfas como a penicilina, quando tomadas em excesso durante longas temporadas, podem causar sintomas desagradaveis ou perigosos, e podem chegar até a tornar as bactérias resistentes ao tratamento; tais drogas só deviam ser empregadas quando o médico tem fortes motivos para suspeitar a presença, num resfriado, de infeções bacterianas que o venham complicar.

É de tradição estimular as excreções de toda ordem para fazer abortar os resfriados ou para «eliminar os venenos do organismo». Mas não está provado que as excreções intensificadas produzam qualquer desses benéficos efeitos. O uso de laxativos é desnecessário e exhaustivo.

Pode até com frequência mostrar-se prejudicial.

Recorre-se tambem aos mais diversos meios de provocar a transpiração. Alguns doentes—apenas alguns—experimentam certo alívio com a ligeira transpiração provocada pelas bebidas quentes, um banho morno, ou um trago de boa aguardente. Não se praticando excessos, nenhum desses recursos pode tornar-se nocivo.

Os mercadores de frutas cítricas, águas minerais e um sem-número das mais variadas e ultra-caras panacéias, têm gasto milhões em publicidade para convencer-nos dos perigos da acidose durante um resfriado. No entanto, é duvidoso que a acidose jamais se manifeste durante um resfriado, tratando-se de doentes de outro modo normais. Embora muitos desses remédios sejam agradaveis de tomar, a triste verdade é que suas virtudes não vão alem do paladar.

As drogas febrífugas ou anti-piréticas tais como a acetanilida, a fenacetina, a quinina e a aminopirina, constituem a pedra angular de quase todos os remédios que por aí se vendem para «atalhar resfriados». A verdade é que nenhum desses medicamentos tem qualquer efeito conhecido sobre o processo infecioso. Ao contrário, a opinião da classe médica é hoje preponderantemente favoravel à idéia de que um grau moderado de febre ajuda a debelar as infeções.

Acresce, por outro lado, que estes compostos produzem com frequência efeitos nitidamente perniciosos: a margem de segurança entre uma dose toleravel e uma dose excessiva de antipiréticos é por vezes muito estreita. Alem disso, quando a febre baixa, o doente experimenta uma ilusória sensação de melhora. Muitos doentes, julgando-se a caminho da cura, têm-se sentido tentados a retomar as atividades normais antes de o resfriado ter completado o seu curso; o resultado é que, com demasiada frequência, o doente se encontra novamente acamado, sentindo-se muito pior do que antes.

Reagindo contra a penosa irritação e a fadiga dos acessos de tosse, muitos doentes teimam com o médico para que este lhes receite um xarope expectorante e sedativo, ou, na falta deste, mandam comprar qualquer dos muitos xaropes de marca registrada que ornam vistosamente as prateleiras das farmácias. De todas as mazelas que afligem o ser humano, poucas têm sido tão desalmadamente exploradas, e em tão vasta escala, como a tosse. Porque a tosse é um mecanismo reflexo de que a natureza nos dotou para o fim util de aliviar os orgãos respiratórios, e não devíamos procurar dominá-la, a não ser nos casos em que ela se torne excessivamente molesta.

Alguns xaropes contêm codeina ou outro narcótico semelhante, destinado a suavizar a garganta irritada. Sendo absolutamente necessário empregar drogas como essa, que encerram o perigo de viciar o paciente, elas só deveriam ser ministradas à parte do xarope propriamente dito, de modo que o médico pudesse regular-lhes a dosagem.

A popularidade de muitas xaropadas contra a tosse é frequentemente proporcional à percentagem de álcool que elas contêm. Aquí, mais uma vez, a atenuação da dor e a sensação de conforto determinada pelo álcool, podem conseguir-se com mais eficácia quando a dose não for diluida em tisanas de sabor desagradavel.

Quando a tosse é devida a uma irritação seca, os médicos aconselham que o doente se mantenha numa atmosfera fresca e razoavelmente umedecida, visto como, nos paises de inverno rigoroso, o aquecimento doméstico torna o ar demasiado seco; ou então, que ele faça inalações de vapor de água, aromatizada com essências tais como o benjoim, a cânfora ou o mentol. Estas substâncias, quando bem diluidas, podem considerar-se inofensivas. Outra maneira de conseguir certo alívio das vias respiratórias, consiste em chupar pastilhas ou balas; estas, contudo, podem causar perturbações digestivas.

É tambem muito frequente tentar «tratar» todas as regiões acessiveis, atingidas pela inflamação, com gargarejos, pulverizações ou zaragatoas. Estes tratamentos implicam muitas vezes o emprego de antissépticos irritantes, tais como nitrato de prata, fenol ou iodo. O seu uso é inteiramente descabido, porque nenhuma dessas substâncias é capaz de destruir as bactérias ou virus que povoam as membranas mucosas, sem destruir as próprias membranas tambem. Os gargarejos não podem atingir quaisquer focos situados alem da boca e da região superior da garganta. As irrigações ou pulverizações medicinais, ao removerem as mucosidades protetoras dos tecidos, podem realmente provocar a irritação, e até a propagação da infeção que se destinavam a debelar. Quando aplicadas com pressão excessiva, podem determinar a invasão e a infeção dos seios nasais ou paranasais. O uso continuado de preparados oleosos, sob a forma de inalações ou de gotas para o nariz, pode por vezes provocar certo tipo de pneumonia.

Nestes últimos anos, o público tem encontrado grande alívio e conforto—e, escusado será dizer, os fabricantes têm feito enormes lucros—com toda uma variedade de gotas, pulverizações e inalações nasais. É preciso dizer que nenhuma dessas substâncias diminui a severidade ou a duração do resfriado ou das infeções concomitantes. Algumas agravam mesmo a congestão nasal que, segundo se supõe, se destinam a aliviar. Os doentes que sofrem de alta pressão arterial, particularmente, devem ter a máxima cautela ao empregar essas drogas. A despeito destes inconvenientes, tais remédios podem mostrar-se por vezes de utilidade, devido ao alívio temporário que proporcionam. Mas só deviam ser utilizados mediante receita médica—e mesmo assim em doses moderadas.

A cada passo ouvimos falar das mais variadas dietas e regimes alimentares, destinados a curar ou a evitar os resfriados: mas não está provado, por exemplo, que a adição de vitaminas ao regime alimentar duma pessoa que normalmente se nutre bem, possa ajudá-la a escapar à infeção. Até hoje não foi possivel descobrir uma vitamina anti-infeciosa! A dieta, tratando-se de doentes de outro modo bem alimentados, é um fator de importância desprezivel: ao proibir-lhe os pitéus de que ele gosta, ou forçando-o a comer os pratos que ele odeia, só contribuimos para agravar o mal-estar e desconforto do paciente.

Outra «moda» agora muito em voga é a das vacinas contra os resfriados. É certo que já se criaram vacinas de eficácia bastante consideravel contra dois tipos de influenza; mas a maior parte das infeções das vias respiratórias são provocadas provavelmente por uma das inúmeras variedades de virus, nenhum dos quais foi até hoje possivel identificar. Daquí se conclui que qualquer vacina que pretenda curar as doenças causadas por esses virus é pura e simplesmente uma fraude. Não há tão-pouco qualquer prova aceitavel de que as vacinas possam evitar a invasão de bactérias como agentes provocadores de complicações do resfriado.

Quanto mais examinamos os tratamentos tradicionais dos resfriados, mais claro

se vai tornando que nenhum deles oferece qualquer eficácia específica. Em todo caso, dispomos de alguns meios, difados pelo bom-senso, que se mostram capazes de atenuar o desconforto e reduzir ao mínimo o perigo das complicações. O melhor dentre eles é o grande e velho recurso da medicina: o repouso. Havendo febre, o doente deve meter-se na cama.

Chegados aquí, e visto não sabermos como curar um resfriado, pergunta-se como é que se poderá evitá-lo. Tem-se recorrido a fórmulas de todas as espécies. A primeira é, naturalmente, evitarmos entrar em contacto com pessoas que apresentem sintomas evidentes de resfriado.

Um estado físico geral excelente, paz de espírito, uma alimentação apropriada, e tempo bom, são fatores supostamente favoraveis à resistência do homem aos resfriados. Mas a verdade é que as infecções das vias respiratórias apresentam-se muitas vezes sem qualquer razão plausivel, em pessoas dotadas de saude e robustez. A experiência comum tornou conhecidos certos fatores preparatórios do terreno onde se manifesta o resfriado: entre elas conta-se a exposição à umidade, os resfriamentos súbitos e as correntes de ar, a ação irritante de certas substâncias volateis, a poeira, a fadiga e diversos excessos. Devemos resguardar-nos contra todos estes fatores, ou procurar neutralizá-los pelo repouso, calor e conforto.

É possivel que algum dia cheguemos a descobrir um tratamento específico para o resfriado. Mas até o dia desse feliz acontecimento, manda o bom-senso que nos deixemos de ilusões e de mezinhas. Se não depende de nós evitar os resfriados, nem curá-los, devemos ao menos deixar que a natureza siga o seu curso.

Um famoso nadador que fora um dos representantes do seu país às Olimpíadas, nadava certa vez em Copacabana, chegando a distanciar-se bastante. Quando se aproximou novamente da praia notou que uma grande multidão o observava. Isso já havia acontecido antes e ele sabia que ao chegar à praia os fãs lhe perguntariam uma porção de tolices. Resolveu então nadar até onde estivesse mais razo. Quando pôde ficar de pé, virou-se para os espectadores e perguntou: «Que cidade é esta?» E logo ouviu a resposta: «Rio de Janeiro.»

«Ora, que amolação,» exclamou o nadador, «e eu que queria sair em Santos...» Mergulhou então novamente e afastou-se da praia.

Outros dias de ocaso

O estadista, Barão de Lyttelton, em 1739: «Nossas rendas hipotecadas nosso crédito arruinado, nosso povo exhausto e desanimado.»

Lorde Shaftesbury, em 1848: «Nada pode salvar o Império Britânico da ruina.»

Disraeli, em 1849: «Na indústria, no comércio e na agricultura, não há esperança.»

O Duque de Wellington, em 1851, pouco antes de morrer: «Peço a Deus que me poupe ver a consumação da ruina que se esboça.»

Seria esta a precursora da famosa história do capitão John Smith?

Juan Ortiz e a filha do cacique

(Condensado de «The Everglades»)

Por Marjorie Stoneman Douglas

Quando, a 3 de julho de 1539, Hernando de Soto tomou posse de uma faixa arenosa situada a leste da região desconhecida do Everglade, soube por um índio que muito longe, no interior, vivia um cristão espanhol cativo que conhecia a Florida. De Soto, ansioso por conhecimentos de primeira mão sobre o deserto, e cobiçoso de suas possiveis riquezas, envia imediatamente uma expedição à procura do prisioneiro. Esta não tarda a voltar com um homem nú e de pele trigueira, tatuado como um selvagem e que se movimenta com a leveza e a elasticidade de um índio. De começo o homem não consegue lembrar-se de seu antigo idioma, mas assim que o vai recobrando, conta esta história extraordinária. Chamava-se Juan Ortiz e nascera em Sevilha. Nobre de nascimento, mas pobre, viera para o novo mundo em busca de fortuna com a expedição de Pánfilo de Narváez à Florida, em 1528. Quando Narváez deixou de regressar, com 300 dos seus homens, de uma viagem de exploração rumo ao norte, Ortiz voltou a Havana com os demais sobreviventes. Pouco depois, entretanto, cerca de 25 espanhóis, entre os quais Ortiz, retornavam à Florida para procurar novamente os desaparecidos. Ao atingirem a praia onde Narváez desembarcara, nada alí encontraram a não ser algumas coberturas de palha e dois ou três índios impassiveis. Mas viram algo que podia ter sido deixado por um homem branco—um caniço fincado na areia em cuja extremidade via-se algo semelhante a uma carta.

Transbordante de vida, de coragem e de entusiasmo, enfim um homem seguro do seu destino, Juan Ortiz queria a todo o transe ir à terra apanhar a tal carta. Somente um outro manifestou desejos de acompanhá-lo no pequeno bote. Os demais divergiam dele, prevenindo-o da ferocidade dos nativos da Florida. Nada, contudo, poderia deter Juan Ortiz.

«THE EVERGLADES, RIVER OF GRASS» é o último volume da série «Rivers of America». Marjorie Stoneman Douglas, redatora da seção de livros do *Herald*, de Miami, é autoridade em matéria de historiografia e história natural dessa singular região. Lecionou por vários anos na Universidade de Miami. Muitos dos seus contos, publicados nas principais revistas do país, são hoje famosos.

Quando alcançou a praia no pequeno bote, saltou na areia e correu alegremente para o ponto onde estava a carta, cabelos ao vento, rindo consigo mesmo, feliz de pisar a terra do novo mundo. Mas foi logo detido por uma legião de homens altos, escuros, de pele tatuada, que o agarraram com braços rijos como o madeiro das árvores. Ouviu então o ruido de pancadas e viu o outro espanhol disparar para ser em seguida derrubado a clava pelas costas. O navio à vela em que tinham vindo rumava agora para o mar largo.

Juan Ortiz foi levado para um vilarejo. Gente de corpo escuro e sarapintado acudia aos magotes para a frente das casas, suspensas sobre palafitas ao longo de estreitos canais. Corriam atrás dele, vociferantes e hostís, até chegarem a uma espécie de praça cortada no meio do matagal, onde os aguardava um grupo de homens sentados em toros de madeira em derredor do chefe moreno, horrivelmente tatuado. Este conservou-se absolutamente imperturbado, quando o cativo foi trazido à sua presença. Dir-se-ia que o tempo insculpira-lhe a face num dos troncos da floresta.

O jovem espanhol olhou vagarosamente para os lados, o olhar atrevido já um pouco atenuado pela atitude estranha e ameaçadora da multidão; de ambos os lados homens carrancudos e silenciosos; atrás deles as mulheres espiando e cochichando—mulheres com caras enrugadas, belas mães carregando os filhos, e moças de grandes olhos assustadiços, donairosas e suaves. A multidão estava agora silenciosa, atenta ao deliberado murmúrio das vozes do conselho, que parava e prosseguia, prosseguia e parava. O sol faiscava, e fazia um calor terrivel. As grossas roupas que trazia eram verdadeiro martírio para Juan Ortiz e um suor frio corria-lhe pela espinha. Dentro do silêncio ele podia ouvir o zumbido das moscas. Agora, a um simples movimento de punho do chefe, cessa a conversação.

Juan Ortiz passou a noite numa cabana, amarrado. Quando o dia reapareceu chegaram uns homens que o levaram através da areia batida para junto de uns postes baixos que estavam sendo encravados sobre velhas cinzas. Enquanto a multidão observava a cena, tiraram-lhe a roupa, deixando-o nú, a carne branca a brilhar de um modo estranho à luz do sol. É atado em seguida com correias a uma espécie de grelha feita de estacas. Impossivel qualquer socorro. Lançam à grelha um pedaço de lenha em chamas e Juan Ortiz ouve o rápido estalar do fogo atrás de si. À medida que a dor o apunhala pelas costas, ele brada o seu enorme grito de protesto contra o lhe arrebatarem a vida por essa forma—Mãe de Deus!

Mas, de repente, as achas incandecentes eram espalhadas e alguem rompia as correias que lhe tolhiam pés e mãos. Levantaram-no abruptamente e, cegado pelo sol e a agonia, foi empurrado aos tropeções para enfrentar os homens do conselho. Percebeu vagamente que uma das jovens, que ele achara bonita, tambem lá estava e falava depressa. Era morena, delicada e estava nua acima da cintura. A saia de palha caía-lhe sobre os joelhos bem

contornados. Trazia resplandecentes ornamentos ao pescoço e jogava graciosamente para trás os seus longos cabelos negros.

Dentro de um instante o chefe movia a cabeça para reexaminar o prisioneiro, tal como o faziam os mercadores espanhóis de escravos quando observavam um índio no cepo. O chefe fez um aceno e ele foi arrastado dalí, contorcendo-se cada vez mais com a dor crescente que lhe penetrava nas costas queimadas. Mas compreendeu que não iria morrer, que a rapariga o tinha salvo. Compreenderia mais tarde que ela e as outras mulheres acharam-no muito moço e belo demais para ser aniquilado, e tinham insistido com o pai da moça, o chefe Ucita, que para toda a tribo e mesmo para ele seria um motivo de orgulho possuir um branco cativo.

As velhas da tribo cuidaram dele numa das cabanas de palha—puseram-lhe emplastro nas costas, trouxeram-lhe água e comida—até que Juan Ortiz, agil, elástico e cheio de esperança, pudesse ainda uma vez manter-se de pé e, agradecido, inundar os pulmões de ar livre. Aprendeu a saborear a comida dos índios, andava de tanga, e o sol constante bronzeou-lhe a pele. Aprendeu palavras índias, a arte de pescar com arpão e rede, e trabalhava tambem de oleiro, preparador de peles, entalhador de madeira e carregador de água, juntamente com as mulheres. A jovem que o salvara olhava-o com bondade, e é provavel que à noite penetrasse sorrateiramente em sua cabana para confortá-lo com o seu amor, uma vez que não havia nada impróprio no fato das jovens índias entregarem-se antes do casamento.

Dentro em pouco, porem, já não era bastante que se dedicasse somente aos trabalhos reservados às mulheres. Juan Ortiz foi conduzido do vilarejo para muito longe na floresta, a um lugar onde se empilhavam toscamente toros de árvore em forma de sepulturas. Era a maneira da tribo de expor os seus mortos. Sob uma nova pilha de toros deitavam uma criança morta, um filho do chefe. Por quatro dias e quatro noites o pequeno corpo devia ser guardado contra os animais selvagens.

Juan Ortiz tinha que zelar pelas chamas daquela fogueira. Estava alí sentado e estava a pensar na casa do pai e nas esquinas de Sevilha. Ouvia vozes em torno, nas árvores, vozes e gritos, chilreios e algazarras. Juan Ortiz adormeceu quando não devia dormir.

Ao acordar ouve ruidos furtivos e rasteiros por entre a folhagem. Um galho estala. Alem do brazeiro, olhos azuis o observaram e logo desapareceram. O coração a pulsar descompassado, correu e brandiu a lança na direção do rasto deixado no meio das moitas e arbustos. Concentrou a atenção, mas não ouviu mais nada. Voltou então para junto do fogo e invocou os seus santos. Muito cedo, às primeiras luzes da madrugada, examinando a pequena pilha de toros, verificou que dois destes tinham sido afastados um do outro, como se alí se houvesse introduzido a pata de uma fera. O corpo da criança havia desaparecido! O orvalho fresco da manhã não era mais frio do que o arrepio que sentia Juan Ortiz. Isto importaria na sua morte.

Já alguns homens estavam parados junto dele e Juan Ortiz viu a expressão do ódio no rosto do pai da criança. Ardiam-lhe as velhas cicatrizes das costas, enquanto tentava explicar o acontecido. Alguns entre os índios sairam trotando na direção indicada por Ortiz, antes de começar a amarrar-lhe os pulsos. Ouviu-se então uma gritaria. Os homens vinham

de volta com o corpo do menino suspenso ao alto, trazendo de arrasto atrás deles um grande lobo de dentes arreganhados, que a lança de Juan Ortiz atingira em cheio na goela. Aquele tinha sido, considerava Ortiz, o mais feliz de todos os golpes jamais vibrados pela mão do homem!

Durante os três anos que se seguiram a esse fato, Juan Ortiz viveu nas graças do chefe Ucita. Foram anos bastante bons para quem, como ele, levava cada vez mais a existência de guerreiro e de índio, prendia os longos cabelos com pequenas flechas, raspava a barba com conchas afiadas e até já se deixara tatuar para ser iniciado na tribo. Os índios respeitavam qualquer homem que, convivendo com eles, revelasse o valor próprio.

Sobreveio então do noroeste a invasão do chefe de uma outra tribo, Mococo, que incendiou a cidade de Ucita, levando consigo os prisioneiros. Ucita e alguns dos seus fugiram para o sul.

Tornou-se imediatamente claro a Ucita, como lhe segredara o sacerdote por cima do ombro, que o mal desabado sobre a tribo fora causado pelo homem branco. Naquela noite, quando Juan Ortiz dormia, a filha do chefe, que já o salvara da primeira vez, esgueirou-se no escuro para junto dele, avisando-o de que o pai queria mandar matá-lo nas cerimônias de expiação do dia seguinte, afim de que a sorte do seu povo pudesse mudar. Ele devia levantar-se imediatamente e ir ter logo com o vitorioso Mococo. Houve quem dissesse que ela fugiu com ele, mas a primeira narrativa só estabelece que ela o acompanhou apenas metade da jornada, para mostrar-lhe o caminho.

Pela manhã Ortiz chega a um rio, onde dois homens de Mococo estavam pescando, e acorda os guerreiros, que o teriam matado, se um deles não lhe tivesse compreendido os brados. Chegou então o próprio Mococo, medindo os passos, para ver o cristão que fugira dos seus inimigos afim de entregar-se a ele. Ortiz promete servir fielmente o chefe, o qual em troca lhe promete que, se porventura algum dia alguns cristãos chegarem à costa num navio, ele poderá ir livremente com eles.

Aconteceu depois que um mensageiro índio falasse a De Soto sobre o cativo espanhol. Mococo, fiel à sua palavra, deu permissão a Ortiz de partir e juntar-se aos seus patrícios. Foi assim, também, que esta dramática história de Juan Ortiz e do seu resgate pela filha de um cacique acabou incluida na clara e autêntica narrativa da expedição de De Soto, que um cavalheiro português da cidade de Elvas escreveu e publicou em Portugal em 1557, depois de ouví-la do próprio De Soto.

A narrativa de Elvas foi traduzida para o inglês em começos do século XVII e publicada em Londres. Pouco tempo depois o capitão John Smith publicava a história do seu romântico resgate, por Pocahontas, a segunda versão da narrativa de suas experiências com os índios da Virgínia em 1607. A primeira versão do capitão John Smith não faz qualquer referência ou coisa que se lhe assemelhe ao episódio de Pocahontas. Eis por que alguns historiadores consideram a narrativa do cavalheiro de Elvas a verdadeira fonte da grande lenda americana sobre o cativo branco e a jovem índia que o salvara.

(Veja «O grande amor da princesa Pocahontas», Seleções de junho de 1947.)

Em 90 por cento dos casos, se tratarmos bem os outros, eles nos tratarão bem.
—Franklin Delano Roosevelt

Com as mãos tambem se aprende

(*Condensado de «Recreation»*)
Por O. K. Armstrong

Um pai de cinco filhos descobre o incalculavel valor educativo duma oficina doméstica

Minha mulher e eu estávamos pregando uma caixa de madeira que ia ser despachada para fora, quando o nosso filhinho de três anos, dançando e pulando em redor, pediu que o deixássemos pregar tambem alguns pregos na caixa.

—Então, veja bem como eu faço.

—Mas, papai, me deixe aprender com minhas mãos! suplicou o pequeno...

Diante disto, não tive remédio senão entregar-lhe o martelo. E foi com verdadeiro triunfo nos olhos, que cravou o primeiro prego na madeira.

Após esse pequeno incidente decidimos acrescentar ao arsenal de brinquedos do nosso filho um pequeno martelo, pregos sortidos, e algumas tabuinhas de madeira. Esta carpintaria de amador infantil, como era de prever, deu lugar a uma barulheira infernal—mas o júbilo com que o garoto se meteu a «fazer coisas» era um espetáculo digno de admirar! Passado pouco tempo tive que lhe arranjar um serrote. Depois, foi um lapis e um esquadro de carpinteiro, para que ele pudesse traçar linhas retas. Quando chegou aos seis anos já ele possuia uma coleção de brinquedos todos feitos pelas suas próprias mãos,—embora eu deva confessar que, uma vez por outra, lhe dei alguma ajuda...

Quando o nosso segundo filho, dois anos mais moço, chegou à idade de participar daquela pândega, reservamos um cantinho do porão da nossa casa para servir de «oficina» aos pequenos, e alí instalamos um banco de trabalho modesto e barato, apetrechado com todas as ferramentas essenciais, pregos, e tintas para dar às obras o colorido final. Depois vieram a irmãzinha e mais dois meninos, que em breve se foram meter tambem na «oficina».

Esta «oficina» deu aos nossos filhos, alem da atividade criadora, a vantagem de uma melhor coordenação da vista e dos dedos, o sentido das proporções, e o conhecimento prático de ferramentas e materiais. Assim aprenderam tambem a trocar idéias, a trabalhar em conjunto, e a partilhar irmãmente as honras das suas realizações.

Fato talvez de maior importância ainda, isso nos pôs, a minha mulher e a mim, em mais íntimo contacto com os nossos filhos. Qualquer pai ou mãe pode tornar-se um herói aos olhos dos filhos, ao aderir à alegria de trabalhar com as mãos. «Papai, nos ajude a construir um moinho!» ou «Venha ajudar a fazer este traçado!» são pedidos a que um pai não pode resistir.

Não fazia muito tempo que tínhamos instalado a nossa «oficina», quando uma senhora de nossas relações, por sinal mãe de três filhos, nos disse um dia:

—Meus filhos são tão amigos de destruir! Uns autênticos vândalos... Espetam pregos por toda a parte, e um deles quase me deu cabo duma cadeira, metendo-lhe o serrote! A gente tem que esconder as ferramentas, para que não dêem cabo de tudo.

Minha mulher e eu trocamos um olhar de entendimento.

—Por que não experimenta ensiná-los a usar as ferramentas como se deve? sugerí.

Levamo-la a visitar a nossa «oficina», e aí ela ficou convencida. Tempos passados escrevia-nos: «Com vinte dólares de ferramentas, comprei 20 milhões de felicidade para os meus pequenos!»

São incontaveis os benefícios que uma criança pode tirar da prática dos trabalhos manuais. O primeiro deles é o sentimento da ordem e da disciplina. Ao orientar a criança nesses trabalhos, devemos insistir em que ela arrume cada coisa em seu lugar; e exigir-lhe que varra toda a serradura e o lixo, ao findar o trabalho do dia. Daí à ordem e arrumação nos livros e papéis da escola, ao asseio nos quartos de dormir e nos armários de roupa, é apenas um passo.

Outra vantagem é o respeito que a criança não tarda a desenvolver em relação às ferramentas que a ajudam na criação de objetos. Aprende a manejá-las devidamente—a não martelar na chave de parafusos, a não serrar através dum prego, a nunca deixar um pincel ensopado em tinta... Em suma, a criança adquire e conserva o orgulho que, desde tempos imemoriais, todo bom trabalhador sente pelas ferramentas do seu ofício.

Muitos pais hesitam em dar aos filhos um treino manual, no receio de que, ao aprenderem a manejar as ferramentas, eles acabem por adquirir—nas palavras mesmas com que certa mãe se expressou—«o gosto da mecânica». Mas se o mundo em que vivemos precisa cada vez mais de bons mecânicos! As indústrias andam bradando por gente moça, dotada de habilidade manual. Os mecânicos ganham bom dinheiro, e são ilimitadas as oportunidades de acesso nos respectivos misteres. É desse regimento de moços capazes de servir-se das mãos, que hão de sair os Edisons e os Fords do futuro...

Os valores adquiridos no treino doméstico dos trabalhos manuais ultrapassam de longe a simples habilidade manual. Há alguns anos, um garoto turbulento da nossa vizinhança sentiu-se atraido pela «oficina» de meus filhos, pois ouvira falar dum trenó prodigioso que alí fora fabricado, e que só faltava pintar. Verdadeira peste na opinião dos professores, este pequeno era tambem temido e odiado por muitos dos seus companheiros. Vivia num lar destroçado, sob a tirania dum pai que o espancava impiedosamente. Começou a frequentar a nossa oficina, e, vendo que alí o tratavam com carinho e atenção, passou a revelar um interesse ardente pela criação de coisas.

Um chefe de escoteiros, mais dotado de compreensão pedagógica, acabou admitindo este pequeno rebelde na sua tropa, e confiou-lhe a tarefa de entalhar placas e postes de totens. O rapaz começou a utilizar todos os seus momentos livres para trabalhar na sala dos escoteiros, e com o andar do tempo foi abandonando a belicosidade e as maneiras brutais. Reuniu os materiais necessários para fazer um carro de madeira e ganhou o segundo prêmio numa corrida de velocidade dos meninos da vizinhança, passando a ser merecidamente respeitado por todos.

Das minhas visitas pessoais a escolas-reformatórios de adolescentes em muitos estados, durante o tempo que serví como legislador, deduzí que todos os métodos empregados com êxito para refazer vidas destroçadas, e para corrigir caracteres transviados, compreendem um ou outro gênero de treino manual, sob a forma tanto de trabalho util como de recreio. Na Corte Juvenil de Memphis, estado de Tennessee, escutei um dia a famosa Juiza Camille Kelly procedendo a interrogatórios de pais e de crianças, para determinar as causas que haviam arrastado esses menores delinquentes a entrar em conflito com a lei. Ao encerrar essa sessão inesquecivel, ela declarou:

«Se ao menos os pais pudessem compreender que as crianças devem encontrar em casa algo de construtivo e agradavel que fazer, e as ajudassem a fazê-lo, este meu tribunal estaria com certeza quase sempre vazio!»

No ensino dos trabalhos manuais às crianças há sempre um lado prático e utilitário. Pela maneira como nossos filhos mais velhos mostram saber polir ou encerar um soalho, instalar guarnições e enfeites, fazer pequenos utensílios, e reparar quantas coisas lhes caem sob as mãos, desde as fechaduras das portas aos caixilhos das janelas, podemos confiar em que eles serão capazes de zelar no futuro pelas suas próprias casas.

E tudo o que isto custa, em dinheiro, tempo e esforço, é mais do que recompensado se a criança aprende, ao menos, uma coisa: não há nada no mundo que valha a pena fazer, quando na sua realização não entra a elaboração de cuidadosos planos, e acima de tudo o trabalho árduo de nossas mãos...

Cochilo de orador

Em uma reunião da Cruz Vermelha em Washington, um dos diretores se dirigia aos seus subordinados: «Sei que os senhores estão cansados. Mas muitos dos nossos grandes homens cansaram—e prosseguiram na sua missão. Tomemos como exemplo o General Marshall. Ele continua no posto—embora não queira mais nada senão retirar-se para a sua propriedade na Virgínia com a sra. Eisenhower.»

—Citado por George Dixon, King Features.

Flagrantes da vida real

★ Um dia eu estava à procura de algumas coisas para comprar num armazem de comestiveis, quando notei que não havia preços nos artigos colocados nas estantes. Em seu lugar viam-se verdadeiros hieroglifos. Perguntei então ao proprietário, um homem careca que usava óculos e que tinha cerca de 65 anos, o preço das mercadorias que eu escolhera. Ele me informou em voz baixa.

—Por que é que o senhor não marca os preços afim de que os fregueses não o importunem? perguntei-lhe novamente ao contar meu troco.

—Antes da guerra eu costumava fazer isso, retrucou.—Mas agora com os preços altíssimos como estão, eu tenho até vergonha de marcá-los.

—Colaboração de R. E. M.

★ Estava passando algumas semanas na grande fazenda de um amigo. Logo nos primeiros dias notei que seu pai passava cerca de uma hora diária lavando e polindo um velho «pé-duro». A carrosseria e as partes cromadas do velho carro formavam um estranho contraste com sua *camionette* e sedan novinhos, que ele nunca limpava. Um dia decidí pedir-lhe um esclarecimento a respeito.

Ele me respondeu com um olhar distante. «Meu filho, há 25 anos, esse carro era tudo o que eu tinha. Nele vim de Oklahoma, e me ajudou a conseguir um emprego para que eu pudesse juntar um pouco de dinheiro. Com esse dinheiro comprei uma pequena propriedade. Esse mesmo carro contribuiu para que eu conhecesse uma certa criatura, e um dia a trouxe da igreja até aquí, já minha esposa. Levou-a para o hospital duas vezes, e de cada vez a trouxe de volta com um bebê. Nele transportei os meus produtos para o mercado, e contribuiu grandemente para fazer da minha fazenda o que ela é hoje... Não se trata somente de um velho carro o que você vê aí, meu filho. É um velho amigo, e eu não sou daqueles que esquecem um velho amigo.»

—Colaboração de Anthony J. Pirog

★ A ocupação de locutor e tocador de discos durante a noite numa estação de rádio abrange vários deveres estranhos. Recebem-se centenas de telefonemas de pessoas que perguntam por exemplo: «Vai fazer frio hoje à noite?» «Como é que eu posso fazer o meu bebê parar de chorar?» «Quem compôs a Quinta Sinfonia de Beethoven?» e assim por diante. Pensava conhecer todos os tipos de perguntas, quando um dia o telefone tocou e eu atendí com a saudação habitual: «Boa noite, estação KMWX.»

«Muito obrigada,» disse uma voz quente de mulher. «Eu só queria ouvir uma voz de homem antes de adormecer.»

—Colaboração de P. W. B.

★ O meu neto de 15 anos ia fazer algumas coisas para mim certo sabado em que a Companhia Metropolitana de Ópera ia irradiar *Il Trovatore*, e eu achei que Ron devia saber algo sobre ópera.

—Mas, vovó, protestou ele, —eu prefiro trabalhar! A senhora sabe que eu estou juntando dinheiro para comprar uma bicicleta.

—Você receberá a mesma quantia pelo tempo que ficar comigo ouvindo ópera, prometí.

E enquanto o menino raspava a tinta de uma tábua eu lhe contava a história de *Il Trovatore*. O seu único comentário foi «Puxa!» E durante cada intervalo ele continuava com seu trabalho sem dizer palavra. Finalmente, como já estava pronto para voltar a casa e continuava silencioso, decidí perguntar-lhe se ele havia gostado da ópera.

—Eu não entendo, vovó, replicou indignado. —A senhora e mamãe e tambem papai vivem sempre a reclamar porque nós crianças ouvimos mistérios e aventuras do Far West pelo rádio. Nessas histórias os bandidos acabam sempre pagando. E agora a senhora me paga 50 centavos para que eu ouça a história mais pavorosa do mundo. Puxa! Uma mãe morre queimada com a criança, uma moça se envenena e um grãfino consegue que seu irmão seja executado e nada lhe acontece. Puxa, eu não entendo mesmo.»

—Colaboração de M. H. B.

★ Caminhava na Pennsylvania Station, em Nova York, diante de um grupo de cofres que todas as estações americanas têm e que são usados pelos passageiros para guardarem bagagem e embrulhos, quando vi um homem apanhar uma moeda de 10 centavos e colocá-la dentro dum cofre. Em seguida inseriu outra moeda de dez centavos na abertura, fechou o cofre, tirou a chave e foi embora. Eu não podia compreender o que aquilo significava e resolví indagar a respeito de um dos empregados da estação.

«Ah!» exclamou ele, «isso aquí é muito comum. Esse camarada vai para o hipódromo, e quer ter certeza de que terá pelo menos o dinheiro da passagem quando voltar à noite.»

—Colaboração de D. G. R.

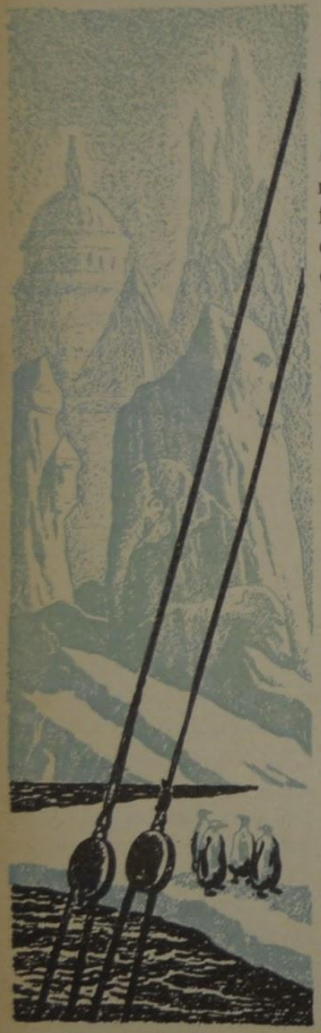
★ Um rapaz brilhante, nosso conhecido, casou-se com uma moça que parecia ser bastante comum e logo predissemos que o casamento não duraria muito. Mas com o passar dos anos, o casal parecia ser cada vez mais feliz. Não faz muito tempo, um de nós perguntou-lhe qual era o seu segredo.

«Creio residir no fato de que todos os anos, no aniversário do nosso casamento, damos um presente um ao outro. Isso, naturalmente, é muito comum, mas os nossos presentes não o são. Eu costumava ser louco por fotografia, mas desistí porque minha senhora não se interessava pelo assunto. Na véspera do nosso primeiro aniversário, ela me surpreendeu surgindo de repente com uma máquina de retratos, e as fotografias que tirou mostraram uma boa técnica no emprego de luz e sombra. Quando estávamos revelando os filmes ela me disse: «Esse é o meu presente de aniversário para você, meu bem.» Passara vários meses estudando fotografia. Naquele ano o meu presente fora algo convencional.

«Clara sempre gostara de dançar, enquanto que eu pensava tratar-se de uma perda de tempo. No ano seguinte eu tomei lições de dança e no segundo aniversário do nosso casamento murmurei-lhe ao ouvido enquanto dançávamos uma valsa: «Este é o meu presente para você, meu amor!» Em outro ano, ela aprendeu xadrez, meu jogo preferido, afim de poder jogar comigo, e eu aprendí francês, que ela fala correntemente. Geralmente nenhum de nós sabe do plano do outro. É muito provavel que nas nossas Bodas de Ouro ainda estejamos fazendo o mesmo.» —Colaboração de F. H.

Faça uma viagem à mais estranha das terras de todo o mundo. Alí a escuridão é branca, navios fantasmas navegam em mares encapelados e o homem vê com seus próprios olhos a incrivel evidência de sua insignificância

Nas terras encantadas do Antártico



(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Por Thomas R. Henry

No agitado Mar de Ross, nos confins do mundo, é branca a escuridão, congelam-se as tempestades, as montanhas caminham e do céu, como cortinas, pendem fantásticas tapeçarias. Tem-se a sensação de estar numa cidade morta de um outro planeta. Por toda a parte, o silêncio —o silêncio que levou um milhão de anos a acumular-se.

O Mar de Ross, com os seus 640 mil km quadrados de gelo, avança profundamente pelo continente antártico, chegando a menos de 1.250 km do Polo Sul. À medida que os navios da recente expedição antártica da marinha norte-americana iam guinando e estalando para romper os vagalhões, mergulhávamos num mundo fabuloso de titãs.

No horizonte, filas de *icebergs* demarcavam largas e negras avenidas de oceano. Mais abundantes alí do que em qualquer outra parte do planeta, esses *icebergs*, por menores que fossem, nunca tinham menos de dois e meio km quadrados de superfície, nem menos de 60 metros de altura. Passamos por um cuja área foi moderadamente avaliada em 500 km quadrados. O vento, o sol e a água esculpiram nessas massas geladas palácios, catedrais, mesquitas, pagodes, navios, dinosauros, elefantes, homens.

Estes palácios e catedrais de gelo formam milagrosas combinações com o branco, o verde e o azul. A côr predominante, o azul—um azul que ultrapassa o dos céus de verão—aparece invariavelmente em qualquer fenda que se produza no gelo, como tambem na cúpula das cavernas que as ondas escavam no ventre dos *icebergs*. São tão enormes por vezes estas cavernas que um navio de guerra poderia navegar no seu interior.

Quando nossos navios, seguindo na trilha do quebra-gelos *Northwind*, sustentavam a marcha para o sul, sob um sol quente e brilhante, apareceu-nos de repente no horizonte uma praia verde—de um verde de campina em começos de primavera. Tabuleiros de relva, marginados por sebes de verdura e muros de pedra, escalavam suavemente o aclive, para desaparecer dentro de maravilhosos cúmulos. Espalhadas na paisagem, viam-se granjas com casas solarengas de pedra côr de barro. Dir-se-ia uma imensa tela de 80 km de comprimento por quinze de altura, suspensa no horizonte.

Este céu de tapeçaria, segundo fomos informados, não é uma miragem como as descritas pelos que viajam no deserto, mas um exemplo extraordinário da reflexão do gelo, um fenômeno quase que exclusivo das regiões antárticas. Muralhas, sebes e casas são em parte o resultado das nuvens baixas que se engastam num complexo fundo de céu e, em parte, a consequência dos reflexos de lanterna-mágica das formações de gelo logo abaixo da linha do horizonte. Foi seguindo os contornos rudimentares do terreno que assim se projetavam acima do horizonte, que os homens de uma das expedições anteriores do Almirante Byrd encontraram o caminho da volta, depois de se terem extraviado do acampamento.

Na manhã seguinte nossos navios navegavam em plena brancura. Desdobrada ao infinito só havia a branca superfície do gelo. O céu era da alvura da neve, o ar de uma brancura de leite. Tudo isso produzia o efeito de uma escuridão branca. Sombras nevadas agitavam-se ao longo dos conveses. Eram as procelárias cobertas de neve, do tamanho de pombos e mais numerosas do que os pássaros de qualquer outra espécie na região dos grandes gelos.

O Mar de Ross é coberto por uma camada de gelo de 90 cm a um metro e meio de espessura. Esta superfície congelada só se quebra em parte pelo verão. Em princípios de janeiro deve estar toda partida. Mas a enorme superfície gelada apresenta nervuras salientes de gelo mais resistente, de 4 a 6 metros de espessura—grandes blocos desprendidos das imensas prateleiras congeladas que circundam o continente antártico.

Contra tais muralhas qualquer navio comum estaria perdido. Nosso grande quebra-gelos abria caminho, atacando apenas os pontos de menor resistência; só então os cargueiros de casco mais fino lhe seguiam timidamente a trilha. Num período de quatro dias, nossa pequena flotilha avançou somente 5 milhas, enquanto o quebra-gelos, explorando saidas em todas as direções, navegou 500 milhas.

No primeiro dia sobre a grande superfície gelada, a flotilha defrontou com outro fenômeno da navegação antártica: uma tempestade congelada. Com os cargueiros encurralados pela espessura do lençol de gelo, o *Northwind* desbravava um lago numa extensão de meia milha quadrada, onde os transportes pudessem abrigar-se enquanto ele saisse à procura de uma passagem para o sul, através de gelos menos compactos. O lago, quase parado, parecia um imenso lençol de grama verde, com rasgões brancos onde flutuavam blocos de gelo. O Antártico, na região das mais violentas tempestades da terra, é o mais calmo dos oceanos.

Passadas precisamente três horas, voltava o quebra-gelos, para verificar que o lago desaparecera e que os navios estavam perigosamente envolvidos em desfiladeiros de gelo e fantasmagóricos *icebergs* de quarenta metros de altura. Agora a tarefa do *Northwind* consistia em romper novas áreas de água e conduzir a salvo os car-

gueiros já presos pelo gelo. Mas, enquanto um estava sendo desimpedido, o gelo inexoravel fechava em redor do que acabara de ser liberado.

Durante as 24 horas seguintes os marinheiros trabalharam com as mãos sangrando nos cabos de reboque, cujo aço estava completamente revestido por uma capa de gelo. De vez em quando um cabo arrebentava. E os enormes *icebergs* se aproximavam constantemente, ameaçando colisão. Assemelhavam-se a estranhos couraçados e o peso de um deles foi avaliado em 100.000 toneladas.

Neste oceano congelado, as tempestades de gelo emparelham com as furiosas tempestades de inverno do Atlântico Norte. A mole gelada foi empurrada pelo vento noroeste com tamanha força que acabou fechando todas as passagens de água aberta, levando de vencida todos os obstáculos. *Icebergs*, que havia poucas horas flutuavam majestosos alem do horizonte, estavam agora sendo jogados com fúria em todas as direções—ora no sentido do deslocamento da mole de gelo, ora contra ele—suas enormes estruturas submersas colhidas pela força violenta das correntes oceânicas.

Entretanto, em meio a esta tempestade, era pouco o vento que sentíamos no tombadilho e quando se cortavam novas abertas na água, o mar mostrava-se calmo. A tremenda luta dos titãs travava-se em absoluto silêncio. Quatro dias se passaram antes que pudéssemos progredir em direção ao sul.

As regiões antárticas são frequentemente tidas como uma antevisão do último capítulo da terra, quando, resfriado o sol, o gelo aniquila a vida, convertendo o globo numa imensa sepultura branca a rolar pelo infinito. Contudo, há vida no gelo. Muito depois de todos os outros animais e plantas terem sucumbido, um fugitivo bruxoleio orgânico poderá ainda subsistir nos *coretrônios*, plantas microscópicas (remotamente ligadas às algas e que formam a escuma verde dos lagos e poços estagnados) sobre as quais o gelo não exerce efeitos visiveis.

Talvez, como assinalou um biologista, daquí a um bilhão de anos os coretrônios venham a servir de semente a uma nova criação orgânica, na qual a sílica tomará o lugar do carbono e em que haverá homens e elefantes de vidro.

O mais fantástico fenômeno ocorreu quando os navios deitaram âncora à margem de um enorme lago verde-cinzento, quase da metade do tamanho do Lago Ontário. Circundado por penhascos de gelo de 2 a 15 metros de altura, era o único lençol de água existente num raio de 100 milhas, como o constataram os observadores aéreos. Lá estivemos três dias antes de percebermos que o lago começava a encolher. A cada instante, vindas de todos os lados, mais se aproximavam as muralhas de gelo. As máquinas do quebra-gelos urravam nas arremetidas para achar uma saida. E foi mesmo na hora H, que conseguiram romper uma passagem para o sul.

Somente então é que se tomou conhecimento desta situação extraordinária; durante as 72 horas anteriores os navios e o lago minguante tinham viajado juntos 18 milhas para o norte, sem que se houvesse notado o menor movimento. O quebra-gelos e os cargueiros romperam cinco milhas para o sul através do gelo derretido e esmigalhado. Penetraram numa outra grande massa de água desimpedida que certamente duas horas antes não existia. Era tão largo quanto o fora, no primeiro dia, o lago que havia pouco tinham deixado para trás. E, fato extranho, dir-se-ia um velho conhecido.

Era o mesmo lago, com as mesmas linhas marginais e as mesmas ilhas de gelo situadas nos mesmos lugares. Teria ele saltado por sobre a muralha de gelo ou mergulhado 5 milhas por baixo dela?

Os físicos apresentaram para o caso uma explicação racional. A pressão do vento contra o gelo arrastara para o norte o lago enquanto este carregava consigo os navios imobilizados. Esse deslocamento de pressão foi rompendo simultaneamente novo lago. Ao mesmo tempo uma pressão correspondente e de intensidade aproximadamente igual abria caminho na retaguarda. Assim, quando o primeiro lago fechou e desapareceu, já outra superfície de água, de forma semelhante, tinha surgido atrás.

Para mim, porem, é mais simples atribuir tudo isso às feiticeiras do Mar de Ross.

Saidas rápidas

UM ATOR de cinema estava sendo alvo dos insultos da esposa em um canto isolado do clube a que pertenciam.

—Oh, seu grandissíssimo sem-vergonha! De todos os sujeitos ordinários que eu conheço, você é o pior.

O artista, notando que se aproximava um grupo de amigos, interrompeu-a dizendo:

—Você teve toda razão, meu bem. Que mais você disse a ele?

—Do *Star* de Montreal

UM CONQUISTADOR inveterado, sentado no saguão de um hotel nova-iorquino, pulou ao ver aproximar-se uma sedutora jovem. Quanto ela passou à sua frente, o galanteador tentou entabolar conversa, mas a reação foi um olhar frígido. Furioso, disse-lhe:

—Perdão, pensei que a senhora fosse minha mãe.

—Impossivel, retrucou ela,—eu sou casada.

—Walter Winchell

UMA SENHORA que tentava tirar o seu automovel do lugar onde estava estacionado, jogou-o sobre o carro da frente, depois sobre o carro de detrás e finalmente foi bater com ele num caminhão que passava. Um guarda que observara todo o movimento aproximou-se e disse-lhe:

—Deixe-me ver sua carta de chofer.

—Não seja bobo, retrucou ela alegremente, —quem me daria uma carta?

—Do *Star* de Montreal

UMA SENHORA, cujo filho acabava de quebrar uma lâmpada, exclama: «Agora está resolvido! Você vai ser filho único!»

—*Charge* de Hank Ketcham em *Collier's*

Podem voltar para casa «quebrados» e com os ossos partidos, mas não desistem do jogo

Cavaleiros temerários do *rodeo*

(*Condensado do «Minneapolis Sunday Tribune»*)

Por Paul Friggens

NA ARENA de Fort Worth, «Jasbo» Fulkerson, um dos palhaços mais notórios do *rodeo*, sentara-se na orla de sua barrica vermelha, os pés balouçando no lado de dentro. Estava ele de costas para os portões de onde sairiam os animais.

—Solta outro touro! gritou para os vaqueiros que se achavam nos currais. E, dito isso, acendeu um cigarro.

Atirando longe o fósforo, Jasbo voltou-se, a tempo de divisar um enorme touro zebú que vinha marrando em sua direção. O animal se havia desvencilhado do rapaz que o cavalgava, e agora só via aquele pequeno palhaço a provocá-lo na barrica vermelha.

De cabeça abaixada, o touro chocou-se com toda a violência contra a barrica, e a colisão ecoou pelas arquibancadas... No mesmo instante, Jasbo desapareceu no interior da barrica, e esta rolou pela arena. A multidão, após um momento de pavor, prorrompeu em estrondosos aplausos.

Foi nesse instante que se deu o drama: o zebú enfurecido voltou ao ataque, mergulhando a cabeçorra na barrica.

Não tardou que os vaqueiros, a cavalo, removessem o animal dalí, e ajudassem o corajoso palhaço a sair da arena (muito embora ele protestasse). O touro lhe havia arrancado o olho esquerdo, e por um triz não lhe esmagara o crânio. Jasbo escapou à morte por verdadeiro milagre. No entanto, três meses depois já regressava à arena com o mesmo truque da barrica...

Ninguem sabe ao certo por que é que os vaqueiros americanos arriscam suas vidas, todos os anos, nesse espetáculo do *rodeo*. A quem lhes faz tal pergunta, encolhem os ombros e respondem: «Está no sangue...»

Os participantes não têm remuneração fixa, sendo pagos apenas com prêmios que porventura venham a conquistar. As companhias de seguros recusam-se a vender-lhes apólices de acidentes. A maioria dos *cowboys* que se dedicam ao perigoso

esporte ficam aleijados, e portanto imprestaveis para o espetáculo, na casa dos 30; quando tal sucede, retiram-se, obscuramente, e vão trabalhar em fazendas.

É possivel que um dentre os 18 melhores vaqueiros do gênero ganhe bom dinheiro—digamos de 15 a 30 mil dólares por ano. Mas gasta provavelmente metade ou mais da sua renda em apetrechos, taxas de inscrição, viagens e... contas de médico.

Nos Estados Unidos realizam-se anualmente mais de 700 *rodeos* independentes. Cerca de dois mil profissionais—entre os melhores cavaleiros do mundo—vivem geralmente à custa dos grandes *rodeos*, aos quais acompanham continuamente. Em média, o profissional do *rodeo* toma parte em 30 espetáculos por ano, e ganha bem quando tira 3 ou 4 mil dólares limpos. De 162 montadores do gênero que se inscreveram recentemente num desses espetáculos, somente 15 seriam contemplados com prêmios. Os outros voltam para casa machucados e na pindaiba...

Um deles—campeão de acrobacias a cavalo—disse certa vez, gracejando, que gostaria de saber por que é que ele e os companheiros não largavam aquela vida... De nome Dick Griffith, é filho do famoso Curly Griffith, que morreu num *rodeo*. Dick nem sabe a quanto montam as contas de hospitais que já teve de pagar. Lembra-se bem, contudo, das fraturas que sofreu, e as enumera: «Já quebrei os dois pés, os dois tornozelos, um femur, as cadeiras, as costas, as omoplatas e uma clavícula.»

Dick, rapaz simpático, de 33 anos, aprendeu seus primeiros truques à idade de 6 anos, num pequeno ponei. Aos 9 anos, já era considerado campeão de acrobacias. Hoje é capaz de saltar às costas de dois cavalos em movimento, pôr o pé esquerdo no dorso de um e o direito no do outro, e fazer com que os dois animais pulem sobre um automovel! É o espetáculo mais ousado do *rodeo*, pois os cavalos não são ligados um ao outro, ficando as rédeas individuais de cada animal nas mãos do rapaz.

Certa vez um cavalo de 600 quilos deu uma cambalhota para trás, com Dick, caindo-lhe sobre a coxa e paralisando-o temporariamente. O jovem passou sete meses de cama. Noutra ocasião, após um espetáculo sensacional, apeou-se do zebú e este, subitamente, voltou-se e fê-lo rodar, torcendo-lhe a coxa. Dessa feita o médico teve que aplicar-lhe uma chapa de aço. Dois meses depois de removida esta, Dick venceu o *rodeo* de zebús em Chicago. E o ano passado foi o montador de zebús número um do circuito.

Poucos têm conseguido permanecer tanto tempo como Griffith em plena atividade; entre esses conta-se uma mulher —loura e bonita—chamada Tad Lucas. Desde 1924 vem ela empolgando a assistência com um dos mais audaciosos números de acrobacia equestre. Metendo os pés em alças colocadas na parte posterior da sela, deixa-se pendurar, de cabeça para baixo, sobre a cauda do cavalo a galope! Dá diversas voltas na pista, com a cabeça quase a arrastar-se no solo, ao nivel das patas do animal. Em seguida, de um salto, volta à sela.

Há anos que o braço esquerdo de Tad é uns cinco centímetros mais curto que o direito, e ela não é capaz de mover o punho. Esse defeito foi consequência de ter escorregado um dia, ao passar sob o ventre do animal em velocidade. Foi submetida a diversas operações cirúrgicas, nas quais os médicos faziam enxertos, no braço fraturado, com pedaços de ossos das pernas. Oito meses depois já se achava ela novamente na arena, com o braço ainda engessado. Passou os três anos seguintes

em pleno desempenho de suas acrobacias, usando sempre um aparelho de gesso, sendo que os espectadores jamais se aperceberam desse fato.

Sua filha, Mitzi, de 19 anos, segue agora a carreira arriscada que fez sua mãe famosa. Tad, com orgulho, declara que a filha já a superou...

Os acrobatas do *rodeo* têm, sobre os cavaleiros comuns, a vantagem de trabalharem sob contrato. Os outros só podem contar com os prêmios—fonte de renda assás precária. A maior das recompensas é conferida no concurso para a escolha do campeão dos campeões. Durante todo o ano, os cavaleiros recebem pontos, nos espetáculos em que alcançaram o primeiro, segundo ou terceiro lugar nos vários *rodeos* realizados no país. Aquele que, ao terminar o ano, acumulou o maior número de pontos, é sagrado campeão.

Esses corajosos cavaleiros tambem têm o seu sindicato, a Associação dos *Cowboys* de *Rodeo*. Nem todos estão inscritos nessa agremiação, em cujo quadro social figuram, porem, 1.800 ou 2.000 dos melhores. Cabe à Associação examinar as listas de prêmios, para verificar se estes são suficientemente compensadores em relação aos riscos; aprovar os juizes; e sancionar os espetáculos antes de permitir que neles tome parte um dos seus membros. Encarrega-se tambem de emprestar dinheiro aos *cowboys* para as despesas de médico e hospital; e compromete-se a pagar 500 dólares à viuva, quando morre um *cowboy* casado (Nisso, aliás, consiste a única forma de seguro de vida nos *rodeos*).

A referida entidade colabora tambem na elaboração das regras do *rodeo*. Os concorrentes de primeira grandeza são capazes de cavalgar virtualmente qualquer animal; mas, segundo essas regras, não basta, simplesmente, montar: é preciso ficar pelo menos dez segundos num cavalo bravo, ou oito segundos num touro, e fazer ao mesmo tempo algo diferente: «arranhar o cavalo com as esporas, de proa a popa; segurar a corda a 15 cm acima do pescoço do animal com uma das mãos, enquanto, com a outra, gesticula no ar; manter ambos os pés nos estribos; não se agarrar em nada; e mover-se o máximo possivel até ouvir o apito.»

Aplicam-se regras de igual rigor aos toureiros e aos laçadores. Por exemplo: só se considera «derrubado» um boi depois que esteja prostrado de flanco, pernas esticadas e cabeça no solo. Se o animal é atirado acidentalmente ao chão, o *cowboy* deve fazer que ele volte à posição natural, e começar de novo. O tempo recorde, nesse caso, é 3,2 segundos.

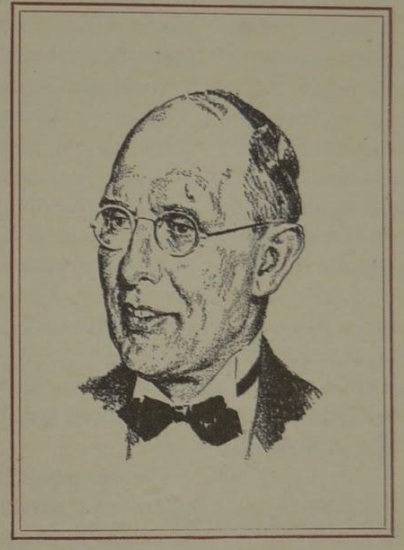
Por aí se vê que o *rodeo* não é brincadeira... Enquanto os riscos são altos, a recompensa é geralmente baixa. O *cowboy* sujeita-se, às vezes, a ver morrer seu melhor amigo, e ser obrigado a cavalgar, no dia seguinte, o mesmo animal. Não admira, pois, que muitos deles sintam calafrios ao entrar na arena!

A principal lição que aprendí em minha longa vida foi que a única maneira de tornar um homem digno de confiança é confiar nele; e o modo mais seguro de torná-lo indigno de confiança é desconfiar dele e dar mostras dessa desconfiança.
—Henry L. Stimson

Aos 70 anos, Charles F. Kettering, da General Motors, adicionou um motor de automovel ultrapotente à lista dos seus triunfos técnicos— e continua a trabalhar em novos projetos.

Inventor incansavel

Por Paul de Kruif



Enquanto as nações consumiam na guerra mais sangrenta de todos os tempos as riquezas petrolíferas do subsolo, um homem trabalhava em silêncio para preservar este elemento vital da civilização. Charles F. Kettering, da General Motors, inventou um motor de automovel tão econômico que sua aceitação geral significaria o mesmo que termos três poços de petróleo em lugar de cada dois que hoje possuimos.

Cabe acrescentar que não se trata de um sonho vago, baseado na promessa de um motor atômico capaz de suavizar nossos esforços em data ainda incerta. O motor de super-compressão de Kettering é uma realidade prática e há já vários meses vem sendo experimentado nas rodovias. Isto significa que em futuro não muito distante, cada litro de gasolina nos permitirá rodar 2,7 km mais do que atualmente.

Esta fonte de super-energia concentrada, modelo 1947, é o resultado de 35 anos de pesquisas incessantes que começaram em 1912, com os motores ruidosos da época. Num armazem sombrio de Dayton, Kettering começou a trabalhar em um pequeno motor monocilíndrico. O que lhe atraía o interesse era um fato corriqueiro, conhecido de todos aqueles que tentavam subir uma ladeira íngreme nos automoveis de então: as detonações reduziam a potência do motor.

Para que possam transmitir energia, os êmbolos de um motor de explosão têm primeiramente que comprimir uma mistura de combustivel e ar. Quanto maior for a compressão desta mistura antes de inflamar-se, tanto maior será a potência transmitida pelos êmbolos. Teoricamente era possivel construir motores de compressão mais alta, mas na prática cada aumento de compressão produzia novas detonações que anulavam o acréscimo de potência.

Kettering imaginou que usando um novo combustivel talvez pudesse reduzir as detonações e, portanto, aumentar a compressão. Como preferia a experimentação direta às teorias dos compêndios, ele e seu ajudante, Tom Midgley, passaram a «auscultar» o pequeno motor afim de estudar o efeito do combustivel e a sua influência nas detonações. Todos os líquidos inflamaveis serviram para as experiências: gasolina, querosene, álcool, éter, e muitos outros.

Nenhum destes combustiveis deu, porem, resultados satisfatórios, e Kettering pensou que talvez fosse possivel obter os resultados pretendidos, adicionando uma substância química a determinado combustivel. Consequentemente, os dois colaboradores, auxiliados por uma turma de químicos e mecânicos em número crescente, principiaram a ensaiar milhares de produtos químicos, adicionando-os a todos os combustiveis conhecidos e experimentando-os no pequeno motor que constituia para eles a única autoridade científica. Fosse qual fosse a opinião dos técnicos de petróleo, dos professores de química ou do próprio Kettering, a este só importava uma coisa: «Que resultados dava no motor?»

À medida que transcorriam os anos, o grupo de cientistas auto-didatas ia descobrindo vários combustiveis utilizaveis, mas a preços de 225 dólares por litro. Descobriram, por exemplo, um combustivel que dava ótimos resultados, mas cujo cheiro era tão nauseabundo que os automobilistas que o usassem seriam expulsos das cidades; e inventaram diversas misturas de gasolina com certos produtos químicos, que faziam trabalhar o motor sem detonações... mas que dissolviam as válvulas e as velas de ignição. No todo estes fracassos sucessivos duraram dez anos, até que um dia, em 1922, Midgley entrou correndo no escritório de Kettering para anunciar-lhe que uma única gota de tetraetilo de chumbo na gasolina havia silenciado as detonações do motor.

Assim se iniciou a história da gasolina etílica. Não evitava totalmente as detonações nos motores de super-compressão, mas permitia elevar a compressão de 50 por cento, duplicar a potência dos motores em relação ao tamanho e economizar anualmente bilhões de dólares de combustivel.

Foi esta a primeira vitória na luta contra o esgotamento das reservas de petróleo, mas Kettering não interrompeu seus trabalhos para celebrá-la, nem sequer por vinte e quatro horas. Seu objetivo, que parecia ainda mais dificil de alcançar, consistia em conseguir novos aumentos na taxa de compressão, mais economia e maior potência. Foi isto precisamente que o levou a trabalhar sem descanso, durante 35 anos, até chegar ao novo motor de super-compressão. O segredo do seu triunfo está em que Kettering considera cada dia que passa como uma simples etapa intermediária de uma rota interminavel; o objetivo final nunca está à vista.

Para ele, o entusiasmo provocado pela descoberta do tetraetilo era exagerada. Suas vantagens não tinham ido alem de permitir um aumento de 50 por cento na taxa de compressão dos motores. E citava como exemplo os motores Diesel que permitem uma compressão quatro vezes mais elevada e convertem em potência util cerca de 40 por cento da energia do combustivel. Este sim, era o motor mais eficiente da história. Mas estaria Kettering delirando? Que interesse poderia ter para os engenheiros da indústria automobilística a eficiência dos motores Diesel, verdadeiros monstros mecânicos que pesavam mais de 45 quilos por cavalo de potência? Eles nunca teriam utilidade nas aplicações em que fosse necessário produzir energia não somente para a sua própria locomoção como para o transporte de uma carga.

Kettering, porem, ignorou mais uma vez as teorias científicas reconhecidas por todos. Os motores Diesel, segundo afirmavam os compêndios e as autoridades, tinham que ser lentos e pesados. E neste ponto—sozinho, apenas com papel e lapis—começou sua campanha contra as «nocivas frases feitas» que impedem o progresso. «Esqueçamos o que afirmam os compêndios, e experimentemos o contrário,» dizia ele. «Lentos e pesados? E por que não fazê-los leves e rápidos?»

Durante cinco anos, nos fins de semana, de noite, em todos os momentos livres, Kettering dedicou-se ao que ele próprio chamava a sua «partida de golfe intelectual»: fez desenhos e mais desenhos, cada um dos quais mostrava não ser assim tão inatingivel o motor Diesel leve e rápido. E mais tarde, em 1929, construiu com seus mecânicos um motor experimental que demonstrou não ser impossivel a construção de motores Diesel leves e rápidos.

Um dos componentes da arma secreta que derrotou o dogma dos motores «lentos e pesados» foi um pequeno dispositivo, um injetor, que pulverizava o combustivel em uma névoa finíssima, introduzindo-o no cilindro sob tremenda pressão e em quantidades meticulosamente dosadas. Para conseguir estas pressões elevadíssimas, Kettering e seus companheiros tiveram que dar ao injetor uma precisão que somente se adotava nos instrumentos ópticos de vidro, criando uma tolerância que não excedia a uma centésima-vigésima parte do diâmetro de um cabelo humano e que se supunha impossivel de alcançar em peças metálicas.

Conseguido isto, os injetores não deixavam escapar óleo e os motores Diesel não produziam fumaça; o óleo não se acumulava nos cilindros quando o motor estava parado, e não havia perigo que explodissem as culatas quando o motor era posto em funcionamento. Assim os motores Diesel não tinham mais que ser pesados—e portanto lentos.

Transcorridos cinco anos, o motor Diesel moderno de Kettering rebocava entre Denver e Chicago um trem aerodinâmico à prodigiosa velocidade média de 124 quilômetros por hora, e, ao aproximar-se 1940, a General Motors estava construindo uma grande parte das locomotivas americanas, todas Diesel. Esta preferência pelas locomotivas Diesel não resultou de nenhuma campanha de publicidade concentrada; foi consequência de seu funcionamento eficiente, da sua grande duração e das caraterísticas de arranque, que permitiam iniciar a marcha dos trens sem os safanões habituais. A grande economia dos motores Diesel permitiu que as estradas de ferro tivessem presidentes, em vez de liquidatários judiciais.

Certo dia, um eminente professor de engenharia, assombrado com os novos motores Diesel, foi visitar Kettering.

—O homem que desejo conhecer, é o seu técnico de termodinâmica, disse ele.

—Aquí não temos ninguem que saiba sequer o que tal palavra significa, respondeu Kettering sorrindo.—O que fizemos foi apenas desenhar e construir um novo injetor que evitasse a explosão das culatas dos cilindros, e êmbolos especiais que impedissem a aderência dos anéis de segmento.

—Deve ter sido muito cacete, comentou o professor.

Kettering teve que admití-lo; ele próprio sempre dissera a seus companheiros de pesquisas que o «tédio» era o pre-

ço que tinham que pagar por objetivos que valessem a pena. Sem o tédio não teria sido possivel reduzir o peso dos motores Diesel de 45 a 4,5 quilos por cavalo de força. Nos caminhões e ônibus o novo Diesel tinha baixado de cinquenta por cento o custo do combustivel, e durante a guerra os novos motores haviam propulsado uma seção completa da marinha de guerra, que incluia submarinos, lanchas de desembarque e contra-torpedeiros auxiliares. Kettering tinha criado uma indústria nova em que trabalhavam milhares de operários.

Se se conseguira construir um motor Diesel leve e veloz e se era a mais prática de todas as máquinas motrizes, por que não aplicá-lo aos automoveis? A resposta era simples: por ser o motor Diesel excessivamente caro para os automobilistas particulares. Como dizia Kettering, «em todos os trabalhos de pesquisa, a última palavra cabe ao consumidor.»

Só restava uma possibilidade—construir um motor de super-compressão para automoveis que fosse capaz de funcionar com gasolina, uma vez que esta podia ser adquirida a preços razoaveis. Talvez fosse possivel aperfeiçoar os motores comuns.

Ninguem sabia exatamente quais as modificações que deviam ser introduzidas, mas Kettering tinha a certeza de que seriam importantes. Logo no início da sua carreira tinha observado—e anotado—um fato aparentemente sem importância: durante o inverno, o querosene—de baixo teor de octana—acionava o pequeno motor monocilíndrico tão bem como a gasolina durante o verão, não obstante a última ser muito mais rica em octana. Isto significava que se a temperatura do combustivel fosse baixa, o motor toleraria combustiveis muito mais pobres em octana, ou compressões mais elevadas, sem detonar.

Pouco antes de terminar a última guerra, Kettering ocupava-se no traçado de um novo motor de automovel com uma taxa de compressão de 12,5 para um, ou seja o duplo da que comportavam os motores comuns de velas de ignição.* Os técnicos mais eminentes zombaram da idéia. Os motores desse tipo, diziam eles, não funcionariam senão quando engrenados; seriam dificeis de regular e tamanho seria o atrito que anularia todos os ganhos em economia e potência.

Kettering riu-se desses comentários. «Os motores,» afirmava, «exigem duas matérias primas—metal e cérebro. Nosso propósito é utilizar neles a maior quantidade de cérebro possivel.»

O novo motor de super-compressão, que agora está sendo ensaiado em automoveis experimentais, não é totalmente diferente dos motores comuns. Todavia, a válvula de admissão foi transformada de maneira a permitir que a temperatura de entrada da mistura combustivel seja muito mais baixa. O traçado dos cilindros e válvulas foi modificado; construiram-se êmbolos capazes de suportar o acréscimo de compressão, e aumentou-se a rigidez do motor mediante a aplicação de mancais suplementares. Todos estes aperfeiçoamentos eram a consequência natural dos vários anos de trabalho dedicados à construção de motores Diesel.

Os automoveis propulsados pelos novos motores serão tão confortaveis como os veículos de hoje. Sua velocidade porem será maior. Enquanto que os motores comuns de determinado tamanho desenvolvem 85 cavalos, os do novo modelo, com as mesmas dimensões, produzirão 95

*Denomina-se taxa de compressão a relação entre o volume da mistura de combustivel e ar no cilindro, com o êmbolo na posição mais recuada, e o volume comprimido da mistura, com o êmbolo na posição mais avançada.

—*com uma economia de 35 a 40 por cento no combustivel.* Kettering e seus colaboradores conseguiram dar aos motores de automovel a potência e o grau de eficiência dos motores Diesel. E em vista da estreita cooperação existente entre o seu laboratório e a indústria de refinação de petróleo fabricar-se-á uma gasolina especial para esses motores. O novo combustivel terá cerca de 92 octanas—em contraste com as 78 da gasolina comum e as 100 da gasolina de aviação—e estará à venda nos postos de gasolina logo que se inicie a produção em grande escala do novo motor, o que não tardará muito.

Como de costume, Kettering não quer que a construção do seu motor seja um privilégio da General Motors; todos os fabricantes de automoveis poderão construí-lo.

Na mesma semana em que tornou pública a importante notícia da descoberta do novo motor, aos 70 anos de idade, Kettering anunciou a sua aposentadoria no posto de diretor dos laboratórios de pesquisas da General Motors. Mas na realidade não se aposentou. Este trabalhador incansavel (cujo nome está tão intimamente ligado aos modernos motores de explosão como o de Watt estava ligado às máquinas a vapor e o de Edison à iluminação elétrica) não fez mais que assumir outro posto no seu velho laboratório. Agora, intitula-se a si mesmo «engenheiro projetista auxiliar» e iniciou nova carreira a que espera dedicar-se durante os próximos 30 anos.

Continua ocupado com motores, mas sua atenção foi atraida para o problema do cancer que pretende estudar sob um ponto de vista novo, começando pela fase do papel e lapis, como fez com o motor Diesel. Lançou as bases de um projeto para descobrir como o Sol acumulou *inicialmente* o imenso volume de energia que as plantas absorvem e convertem em matéria orgânica. No estudo destes domínios, de que nada se conhece, ele pretende começar com rapazes e moças das escolas, em cuja mente não existam preconceitos científicos. Sua crença mais arraigada é a de que qualquer jovem pode dedicar-se com êxito às pesquisas científicas. O que os impede de fazê-lo e de iniciar coisas novas, na opinião de Kettering, é a rotina.

Segundo as suas palavras, «todos caimos naturalmente na rotina criada pelos compêndios vulgares. Para sair dela teremos que empregar esforço idêntico ao que aplicamos na solução do problema.» A este respeito é sintomático o fato de que Charles L. McCuen, o homem que sucedeu a Kettering na direção do laboratório da GM, não é diplomado por nenhuma escola superior, embora seja muito preparado. O que interessa a Kettering não são os conhecimentos científicos de uma pessoa, mas a maneira como os adquiriu.

Costuma ilustrar os malefícios da rotina com a seguinte anedota. Certo dia, um amigo, que residia em Dayton, disse-lhe:

—Você conduz o seu automovel de Detroit a Dayton em quatro horas e 15 minutos. Eu nunca fui capaz de conseguí-lo, apesar de guiar melhor do que você.

—Amanhã vou a Dayton, retrucou Kettering,—venha comigo.

No dia seguinte partiram ambos, e Kettering fez o trajeto em quatro horas e quinze minutos.

Quando chegaram, o amigo protestou:

—Assim não vale, você veio por outra estrada!

Dessa maneira, aprender música é um prazer.

Música para as crianças

(*Condensado de «The Baltimore Sunday Sun»*)

Por Allan Carpenter e George Kent

NA ESCOLA primária experimental da Escola Estadual de Professores, de Cedar Falls, Iowa, há um professor, Melvin Schneider, que está ensinando crianças de quatro e cinco anos a tocar violino, viola e violoncelo, com resultados tão impressionantes que prometem renovar o ensino da música em toda parte. Schneider tem atualmente uma orquestra de cordas de trinta figuras, em que nenhum dos membros tem mais de seis anos de idade. Não se trata, porem, de crianças-prodígio. Schneider e a esposa são capazes de tomar ao acaso quatro crianças de cinco anos e tê-las, dentro duma semana, formando um quarteto de cordas.

O que seduz no método de Schneider, e constitui um dos segredos do seu sucesso, é o repúdio da odiosa instituição do exercício isolado em casa, em que a criança, obrigada a sentar-se sozinha ao piano e batucar durante meia hora enquanto o resto da turma está jogando bola, frequentemente acaba por adquirir intensa ojeriza à música.

Os discipulozinhos de Schneider, crianças de jardins da infância e escolas maternais, vão com os companheiros para uma reunião fascinante, de meia hora de barulho agradavel, e durante a qual cada um deles, à medida que dedilha os instrumentos e vibra o arco, experimenta a sensação de estar realmente fazendo uma proeza. Os pequenos músicos orgulham-se das dificuldades vencidas—triunfo que acarreta uma porção de subprodutos. O tímido adquire confiança em si. O rebelde adapta-se à vida em sociedade. O sonhador torna-se capaz de atenção. E todos progridem em coordenação e perícia muscular. À medida que o aprendizado se torna mais complexo, abrangendo harmonia vocal em dueto e depois em quarteto de cordas, as crianças adquirem um poder de concentração que vai contribuir para o bom resultado do trabalho escolar em geral.

«Na verdade,» diz Schneider,» o valor musical em si mesmo é a menos importante de nossas finalidades. Tiramos a música da classe das coisas futeis e transformamo-la em atividade util na vida de qualquer pessoa.»

As crianças ficam brincando com trens e bonecas até a hora da classe. Quando Schneider dá o sinal, sua senhora senta-se ao piano e as crianças tomam os instrumentos—dois violinos, uma viola e um violoncelo, todos mais ou menos da metade do tamanho normal.

O professor escolhe algum som que todos conheçam e propõe, por exemplo, cantarem uma canção sobre sinos, com acompanhamento de piano. Sugere depois que toquem o que cantaram, fazendo vibrar as cordas com os dedos. Designa-as pelos respectivos nomes e as crianças fazem-nas vibrar enquanto o piano toca. No fim da primeira meia hora a execução já é bem aceitavel.

Na aula seguinte experimentam tocar com os arcos e logo aprendem os nomes e os símbolos das notas. A princípio não aguentam mais de quatro compassos sem se distrairem. Depois passam a tocar peças longas sem que manifestem cansaço.

Schneider tem boas razões para usar instrumentos de corda. Enquanto no piano é um martelo invisivel que faz soar a nota, no violino é preciso colocar os dedos da mão esquerda rigorosamente no lugar adequado e ferir com o arco exatamente o ponto certo. E é preciso escutar atentamente, porque se o ouvido não guiar a mão, a nota sairá desafinada. Tirar sons musicais dum instrumento de cordas é portanto realização inteiramente pessoal.

Depois de algum tempo as crianças aprendem a preocupar-se menos com a melodia do que com os sons produzidos em conjunto. Numa palavra, aprendem harmonia. Escutam o que estão tocando, fazem careta quando tocam mal e prestam atenção ao que os outros tocam. Criticam-se mutuamente, com ingenuidade afavel e objetiva: «Eh! Maria, você tocou ré natural em vez de ré bemol.» «Miguel, você não puxou o arco até o fim.»

As crianças gostam de repetir indefinidamente as peças preferidas e assim obtêm, sem dificuldade, todo o exercício necessário. Ainda mais — desenvolvem gosto pela música. Aos sábados e domingos pedem emprestados os instrumentos, para mostrarem às famílias como são capazes de tocar bem; e enchem o ar com palavras de terminologia musical, falando naturalmente em arpejos e pizicatos. No entanto, são meninos e meninas normais, plenamente interessados em brincar com bonecas na porta da rua ou construir trens com caixas de papelão.

Às vezes aplicam os conhecimentos musicais de maneira inteiramente inesperada. Jaime Curtis, garoto de seis anos, estava ajudando a mãe a enxugar pratos quando uma colher retiniu de encontro à bacia.

—Mamãe, é um ré! disse ele.

A mãe, antiga professora de música, foi ao piano para certificar-se. Era mesmo ré.

«Todos, mas todos em geral,» afirma Schneider «podem executar boa música, se começarem suficientemente cedo. O quarto ano primário já é muito tarde e, mesmo o terceiro, duvidoso.» Esta teoria foi demonstrada numa experiência com quartetos constituidos por alunos de jardins da infância e escolas primárias, até a sexta série elementar. Os entendidos que ouviram as gravações concordam unanimemente em que os melhores conjuntos eram os constituidos por crianças de cinco anos.

Ao fim de um ano de prática em quarteto as crianças lêem música com facilidade, educam o ouvido para escolher os tons adequados e são mesmo capazes de escrever e harmonizar canções simples. As que começam suficientemente cedo tocam Haydn e Grieg aos sete ou oito anos.

O método Schneider vem sendo experimentado a fundo desde há cinco anos no Conservatório musical da Universidade de Wisconsin e, nos últimos dois anos, na escola do *campus* de Cedar Falls. Professores e editores de música que vêm acompanhando estas experiências aprovam-no entusiasticamente.

Melvin Schneider, o mais moço dos sete filhos de um sitiante, estudou violino quando menino e mais tarde foi professor de música. Desanimado com os métodos de ensino habituais, que despertam nos alunos mais desagrado que amor pela música, ocorreu-lhe, há cerca de nove anos, fazer a criança começar em tenra idade, quando o cérebro e os músculos reagem quase automaticamente e quando a «alegria natural da música» ainda está intacta. Sugeriu então que se abolisse a terrivel monotonia do estudo isolado e se estimulasse tanto quanto possivel o espírito de conjunto musical, procurando, alem disso, relacionar cada experiência no estudo da música com os próprios fatos da vida dos alunos.

Formou seu primeiro quarteto com crianças de jardim da infância, as quais ao cabo de seis semanas tocaram perante o corpo docente do Conservatório da Universidade de Wisconsin com tal sucesso, que Schneider foi convidado a continuar lá suas experiências.

Entre os gurís dos quartetos de Schneider os problemas de diferenças de habilidade são facilmente resolvidos, dando-se às crianças talentosas uma parte dificil e, às menos dotadas, uma parte simples. Quando não gostam de violino, os alunos são estimulados a tocar flauta de oito chaves. Há em Cedar Falls vários quartetos de flauta, tão bons quanto os de corda. E os que não gostam nem de instrumentos de corda, nem dos de sopro, podem gostar dos de percussão. Em nenhum caso, porem, as crianças são coagidas a tocar este ou aquele instrumento.

Não contentes com tocar música composta por outrem, os discipulozinhos de Schneider vêm compondo muita música própria. Sua «Dansa Índia» por exemplo, composta, dansada e acompanhada por crianças de jardim da infância, é um bailado extremamente bem feito.

Certa vez, uma meninazinha queria compor u'a marcha para o pai, que estava na guerra. Puseram-se, ela e os companheiros, a cantarolar, criando uma alegre melodia marcial, quando subitamente uma violoncelista de seis anos os interrompeu:

—Ouçam, é assim que os elefantes marcham.

E ferindo com o arco as notas graves, fez soar uma música que imitava o passo arrastado desses paquidermas. As crianças acrescentaram alguns guinchos e rugidos e alí mesmo surgiu a «Marcha do Elefante».

É de esperar-se que esse sistema de educação musical precoce, torne possivel obter-se, nas escolas primárias e secundárias, orquestras constituidas por meninos e meninas capazes de usar da música como força viva e meio esplendido de expressão própria. Desses conjuntos—assim Schneider o espera firmemente—se originarão maiores e melhores orquestras sinfônicas e uma apreciação mais generalizada da boa música.

É POSSIVEL enviar uma mensagem à volta do mundo em um sétimo de segundo: no entanto são às vezes necessários vários anos para inculcar uma idéia através de meio centímetro de cérebro humano.

—C. F. Kettering

A verdadeira ameaça da guerra atômica

Um ano após Biquini

(Condensado de «Life»)

Pelo dr. Stafford L. Warren

PASSADO mais de um ano depois da explosão submarina da bomba atômica, a ilha de Biquini ainda se encontra demasiado contaminada de radiações, para permitir o regresso alí de seus antigos habitantes. Alguns dos navios que serviram de alvo a essa experiência, estão ainda tão impregnados de radioatividade, que os homens que entram a bordo deles não podem demorar-se mais de algumas horas, sem correrem sério perigo.

Se todos os navios que sofreram os efeitos da explosão de Biquini estivessem ao tempo devidamente tripulados, teria havido 35.000 mortos. Se uma bomba idêntica fosse lançada nas águas do Hudson, ao sul de Nova York, num dia de vento suão constante, teriam morrido DOIS MILHÕES de pessoas...

HAVERÁ alguma espécie de proteção eficaz para as pessoas que se vejam envolvidas numa guerra atômica? As experiências de Biquini fornecem a resposta a uma pergunta que tanta ansiedade provoca hoje no mundo.

Nenhuma das bombas que explodiram no Japão deixou no terreno sinais duma radioatividade de longa duração, capaz de contaminar as pessoas. Mas a segunda bomba experimental de Biquini veio revelar-nos um perigo novo: desencadeados abaixo da superfície do mar, os produtos da fissão atômica ficaram intimamente misturados com a água. O gigantesco repuxo de água pulverizada, erguido a grande altura pela explosão, e impregnado de radioatividade venenosa, caiu sobre os navios que serviram de alvo, ou foi arrastado a grande distância pelo vento.

Dentro de uma hora, contada a partir da explosão, os monitores de segurança puseram-se a caminho da laguna interior do atol. Os contadores Geiger de que iam munidos registaram sem demora uma verdadeira muralha sólida de contaminação radioativa. Embora víssemos afundar-se alguns navios carregados de preciosa aparelhagem de registo, as brigadas de salvamento não conseguiam aproximar-se deles sem grande risco. Ao terceiro dia já foi possivel fazer breves excursões até à laguna. Passada uma semana podia-se entrar na maior parte dos navios—mas apenas durante alguns minutos de cada vez. Decorreu um mês antes que fosse possivel aos nossos homens demorar-se a bordo de alguns navios por mais de uma hora! E, muito embora os navios sejam hoje menos perigosos, ficarão contaminados durante alguns anos.

Trezentos homens da seção de segurança e proteção trabalharam na área fortemente contaminada para proteger os outros membros da expedição—cerca de

O DR. STAFFORD L. WARREN, diretor da Escola de Medicina da Universidade da Califórnia, Los Ângeles, foi o técnico nomeado para organizar as medidas de proteção ao pessoal do «Manhattan District» contra os efeitos das radiações das bombas atômicas e materiais radioativos. Esteve em Biquini no carater de chefe da segurança radiológica. Dirigiu tambem as primeiras brigadas de pesquisa radiológica que visitaram Hirochima e Nagasaqui.

42.000. Quando os homens de um grupo voltaram da área dos alvos da experiência, tomavam um banho rigoroso, e eram examinados com o auxílio do contador Geiger. Ocasionalmente quando um deles cometia a imprudência de tirar as luvas de proteção, estando numa área «quente», a seção de segurança via-se forçada a dissolver-lhe num ácido a camada exterior da pele das mãos. Foi preciso afundar no oceano toneladas de roupas que se achavam demasiado impregnadas para se poderem limpar.

As radiações dos produtos da fissão atômica penetraram em todas as fendas e escaninhos dos navios-alvos. Se os nossos homens se houvessem demorado demasiado numa área «quente» de qualquer desses navios, viriam a sentir-se depois fracos e enjoados. Poderiam ter vivido alguns dias, e até mesmo semanas, mas acabariam morrendo, vitimados pela anemia aguda.

A medida que foram baixando os efeitos radioativos dos produtos da fissão, foi-nos dado descobrir um perigo ainda mais insidioso: a área de contaminação leve estava-se espalhando para alem da área do objetivo. As algas marinhas, alem disso, tinham absorvido partículas radioativas, e estavam-nas transmitindo aos peixes miudos. Estes morriam, ao cabo de duas semanas, e eram devorados por peixes maiores, que por sua vez morriam passadas três semanas, e as algas absorviam de novo a radioatividade dos cadáveres em decomposição. Quando estas algas aderiram ao casco dos navios de apoio da expedição, a sua radioatividade era por vezes tão forte, que os aparelhos podiam registar a presença dela através dos cascos de aço! Em certos casos chegou a tornar-se necessário afastar as tarimbas dos dormitórios para longe do casco dos navios, afim de evitar que os homens nelas deitados sofressem os perniciosos efeitos das radiações. Quando as tubagens de água salgada, no interior dos navios, se mostraram tambem contaminadas, fomos obrigados a reduzir as horas de trabalho nas casas das máquinas. Antes de se ordenar o regresso das tripulações à América, a seção de segurança inspecionou praticamente todos os pratos de comida, todos os copos de bebida, todas as peças de vestuário, as amuradas dos navios e até as próprias praias onde os homens desciam a tomar banho!

A contaminação do atol de Biquini não poderia ter quaisquer consequências sérias, porque a ilha fica isolada de todo lugar habitado pelo homem. E os peixes impregnados não pertencem a espécies migratórias, que poderiam levar a radioatividade a outros pontos do globo.

Dos 42 mil homens que tomaram parte na memoravel experiência de Biquini, nem um só (até onde nos foi possivel averiguar) ficou lesado pelas radiações. Mas, entre nós, mais de uma pessoa tem meditado no que poderia ter acontecido se Biquini fosse um porto populoso, e um vento forte estivesse soprando em direção ao atol quando a bomba explodiu. Produtos da fissão atômica, equivalentes em poder radioativo a algumas toneladas de rádio, ter-se-iam espalhado sobre a cidade; a maior parte da população teria perecido; um serviço bem organizado de evacuação poderia ter salvo alguns dos habitantes, mas nenhum meio de defesa eficaz poderia ter funcionado alí...

O único meio de defesa contra as bombas atômicas jaz ainda hoje fora do alcance dos homens de ciência: e essa defesa é a prevenção da guerra atômica...

Uma situação embaraçosa— e como livrar-se dela

PARA UM JANTAR DE CERIMÔNIA

(Condensado de «Benchley or Else»)

Por Robert Benchley

HÁ UM DETALHE de comportamento em jantares de cerimônia que nunca vi mencionado em livros de etiqueta e que me tem causado algum embaraço: o que fazer quando tanto a pessoa colocada à nossa direita como a sentada à nossa esquerda estão empenhadas em conversa com outros convidados.

Talvez aconteça que nos tenhamos descuidado por um instante do convidado da direita para dar um peteleco num bezourinho que, cansado da decoração da mesa, veio atacar a flor da nossa lapela. Quando nos viramos para continuar o nosso monólogo, verificamos que a nossa vizinha já está em animada conversa com o convidado sentado a seu lado, transição essa que, se pensarmos bem, foi feita com uma alacridade bastante suspeita. Voltamo-nos então para a esquerda e defrontamos com um costado queimado do sol, o o que nos deixa olhando mais ou menos para a frente, com um pedaço de pão na mão, sem ter muito o que fazer com a cara. Devemo-nos sentar calados e guardar conosco as nossas mágoas, ou devemo-nos aventurar a um solo musical com a faca e o garfo?

Naturalmente, o mais importante é não deixar que a dona da casa perceba que não estamos ocupados. Se ela descobrir que estamos enfastiados ou no mundo da lua, pensará que insultamos a ambos os nossos vizinhos ou se sentirá responsavel pela nossa situação e tentará entabular uma conversa sem qualquer sentido, salvo o da emergência. Durante esse hiato, temos que procurar parecer ocupados em alguma coisa.

Podemos dar a impressão de que estamos falando com a pessoa colocada à nossa frente, fazendo caretas peculiares a uma conversação e balançando a cabeça em sinal afirmativo ou negativo, e rindo polidamente de vez em quando. É possivel que consigamos enganar assim a dona da casa, se acontecer que ela olhe em nossa direção, mas é tambem possivel que a pessoa situada à nossa frente fique um pouco surpreendida com o que está acontecendo. Pensará provavelmente que não deve continuar a beber ou que deve deixar de ir a recepções enquanto não for examinada por um bom especialista. O perigo de não ser bem compreendido torna essa imitação de conversa pouco aconselhavel.

Podemos tambem ocupar-nos diligentemente com o prato de nozes colocado à nossa frente, pondo-as em ordem com in-

teresse simulado, o que dará a impressão de estarmos fazendo algo para ser apreciado por outrem, especialmente se olharmos de vez em quando, com um sorriso triunfante nos lábios, para um público imaginário. Mesmo se ao fazer isso formos apanhados em flagrante, não há maneira de verificar se estamos ou não sendo observados, pois qualquer um dos convidados pode muito bem estar com o olhar dirigido para nós, enquanto conversa com outra pessoa. Torna-se enfadonho, porem, após alguns minutos.

Se nos lembramos de trazer um creiom no bolso podemos fazer alguns desenhos nos dois costados que estão virados para nós; ou, na falta de creiom ou talento para desenho, podemos afogar com beijos o costado mais bem parecido. Isso, pelo menos, obrigará uma das vizinhas a virar-se—a não ser que ela goste da brincadeira. À medida que a noite se aprofunda, podemos tentar fazer malabarismo começando com uma faca, um garfo e uma colher, e duplicar depois o número de talheres, acrescentando talvez uma flor para tornar o passatempo mais dificil. Esse ato poderá atrair alguma atenção.

É claro que existe sempre um último recurso: o de desaparecer calmamente debaixo da mesa, onde podemos reunir as sandálias de baile que foram descartadas, ou rosnar como um cachorro e assustar os convidados mais tímidos, ou ainda arrastar-nos até o outro lado da mesa e ir para casa. Essa será talvez a melhor solução.

Ordens são ordens

QUANDO reporter, Mark Twain recebeu do seu chefe ordens de não declarar nada cuja veracidade ele não pudesse verificar pessoalmente. Um dia mandaram-no escrever uma notícia sobre um importante acontecimento social, e foram as seguintes as suas palavras: «Ao que se informa, uma mulher, que diz chamar-se sra. James Jones, e que é considerada pessoa de destaque social, promoveu ontem uma festa, que se diz ter sido uma recepção a certo número de mulheres, tidas como damas de sociedade. A anfitriã diz ser esposa de um conhecido advogado.»

—*Counter Points*, citado por Charles Lee no *Record* de Filadélfia

Respeito à qualidade

UM SENHOR que reside num hotel de S. Francisco começou a notar que o conteudo de uma garrafa de fino uisque estava diminuindo rapidamente. Resolveu então fazer com o lapis uma marca quase invisivel no rótulo da garrafa, correspondente ao nivel atingido pelo conteudo. Voltando aos seus aposentos naquela mesma noite, encontrou a seguinte nota da empregada: «É favor não colocar uma marca no rótulo, porque não quero pôr água em um uisque tão bom.»

—Herb Caen no *Chronicle* de S. Francisco

A ESPOSA DO SARGENTO MIKE

A VIDA DE KATHERINE MARY FLANNIGAN

Condensação do livro «Mrs. Mike»

Por Benedict e Nancy Freedman

ESTA absorvente história do casamento duma moça de 16 anos com um sargento da famosa Polícia Montada do Canadá, e de como ela o seguiu às regiões selváticas desse Domínio, é a um tempo uma novela de aventuras reais e um conto de amor que irradia calor e luz.

«Em *Mrs. Mike* há de tudo:—escreveu o *Globe*, de Boston—drama, sentimento, humanidade e coragem—e um pouco tambem de humildade e compaixão cristã. Faz muito tempo que não aparece um personagem tirado da vida real que se lhe possa comparar.» Os autores de *Mrs. Mike* narram a história na primeira pessoa, tal como a ouviram da boca da heroina. Depois de publicada em série em *The Atlantic Monthly*, a obra apareceu em volume e alcançou rapidamente um alto lugar entre os *best sellers*.

Copyright de Benedict e Nancy Freedman, 1947.
Editores, Coward-McCann, Inc., Nova York. Preço $3.00

A ESPOSA DO SARGENTO MIKE

ESTAMOS atravessando o pior inverno de que há memória nestes últimos 50 anos! dissera-me aquele velho colono escocês. E eu, que só andava por este vale de lágrimas havia somente dezesseis, aceitei de bom grado a palavra dele quanto aos 34 anos precedentes... As janelas do nosso trem iam recamadas de neve, e lá fora um vento de 90 quilômetros à hora varria a terra, arrastando consigo, furiosamente, a neve em turbilhões. A temperatura era então de 40°C negativos—e continuava caindo, assim me assegurou o condutor do trem.

Tínhamos partido de Montreal dezoito dias antes, dezoito dias passados quase inteiramente em esforços para arrancar a locomotiva dos montões de neve que obstruiam a via. Um ataque de pleurisia que eu sofrera, tinha convencido minha gente a despachar-me para a casa do tio John, em Calgary, no distrito de Alberta. Os médicos de Boston, onde eu morava com mamãe, afirmavam que o clima frio e seco do alto Canadá seria ideal para meus pulmões combalidos.

Depois de muitas dificuldades e peripécias, o trem chegou finalmente a Calgary. Quando pulei na plataforma da estação, aproximou-se de mim um cavalheiro alto, magro e moreno, com uns olhos que eram exatamente os de mamãe, e disse com um sorriso: «Katherine Mary O'Fallon?»

Abracei-o logo e exclamei:

—Espero que o senhor seja meu tio John!

—Sim, sou seu tio John, respondeu ele. Depois, olhando fixamente para mim:

—És o retrato de tua mãe, sem tirar nem pôr.

O tio John tinha trazido um grande abafo de pele de quatí para mim. Vestí-o logo por cima do meu casaco, e subí no trenó. Depois, meu tio lançou uma grossa pele de búfalo sobre meus joelhos, pegou nas rédeas, e... partimos! Era como se voássemos. A cada lado do nosso trenó levantava-se uma onda de neve, como a espuma sob a quilha dum navio, e o vento lançava-nos em rosto o seu desafio.

Levamos dois dias para chegar à fazenda do tio John. Já quase lá estávamos quando eu notei que se produzira uma mudança no ar.

—Tio John, disse eu,—sinto calor no rosto, por que será?

Meu tio sorriu:

—Vai começar o *chinook!*

—Que vem a ser isso?

—Saberás muito breve, tem paciência.

Nessa noite, a primeira que passei na fazenda do tio John, adormecí metida debaixo dum cobertor *Hudson Bay* de dois quilos de peso, mas ao amanhecer já me havia livrado dele. Todo aquele dia soprou um vento morno, quase quente, e o céu encheu-se dum crescente reflexo avermelhado.

—Tio John, perguntei,—que aconteceu? A primavera parece que chegou durante a noite!

—É uma corrente de ar que vem do oeste, e que aqueceu em contacto com a

corrente japonesa do Pacífico. Quando esta massa de ar chegar à pradaria, começará o degelo.

Daí a 24 horas, com efeito, a neve tinha sumido. A terra mostrou-se a descoberto, e por toda parte se viam as pontinhas verdes da erva que rompia do chão. Onde quer que eu fosse, ouvía o gotejar contínuo da neve derretida, pingando dos ramos das árvores, dos cepos de arbustos, dos pedregulhos, dos beirais dos telhados.

O rio Red Deer foi-se avolumando rapidamente à medida que o gelo se fragmentava e derretia. Aquí e alem, as águas transbordavam e alagavam a pradaria. Milhares de cabeças de gado andavam mordiscando a erva que brotava nas margens do rio, e um belo dia o tio John, acompanhado de todos os vaqueiros da fazenda, partiu à frente da manada afim de colocá-la a salvo da inundação que a ameaçava. Quando regressaram aquela noite, todos a cavalo, vinham cansados e silenciosos. Pus água a esquentar para fazer café; estava bem forte e quente, e, depois de o tomar, os homens ficaram mais à vontade.

—Quantos é que vocês julgam que nós perdemos?

—Talvez umas cem cabeças.

—A manada do MacDonald perdeu mais, retorquiu o tio John.

—Que aconteceu?

O tio John tomou outra chícara de café.

—O gado se afogou... O gelo atravancou o rio, não deixava passar a água... A pradaria inundou-se. Andamos trabalhando em quase um metro de água, e ela sempre subindo.

Sentí-me agoniada. Fechei os olhos, tentando expulsar deles a imagem de milhares de vacas impiedosamente condenadas pela inundação. Ainda naquela manhã eu as tinha visto nas ravinas, formando manchas ruivas e brancas que se estendiam por um espaço de quilômetros. Um dos homens, notando a minha aflição, disse:

—Menina, isso acontece todo ano. A maior parte das vezes nós conseguimos salvá-las, mas às vezes não conseguimos. É o *chinook* que faz isso.

Assim era, pois, a vida no Norte...

ESTAVA eu na cozinha fazendo pastéis com umas groselhas secas que tinha encontrado num canto da despensa, quando alguem bateu violentamente à porta. Fui abrir, e vi entrar um rapaz muito alto, que envergava um dolman dum vermelho muito vivo. Vinha carregando um homem nas costas.

—Meu Deus do Céu! exclamei apavorada. —Está morto?

O rapaz de uniforme vermelho soltou uma gargalhada e descarregou o fardo humano em cima duma cama.

—Pelo cheiro, você pode descobrir. O cheiro do homem fazia-me lembrar um tal John L. Sullivan, pugilista, que em tempos vivera num quarto alugado na nossa casa de Boston. Tresandava a álcool.

—Quem é ele? perguntei.

—Johnny Flaherty, o cozinheiro de seu tio. O que ele precisa é de café bem forte. É melhor você fazer um pouco. Virei-me para encarar o soldado. Embora eu tivesse mais de 1 m e 60 de altura, fui forçada a levantar o queixo, e a olhar bem para cima.

—Muito obrigada por tê-lo trazido para casa. E tambem agradeceria se se pusesse já daquí para fora, porque eu não recebo ordens de nenhum soldado inglês!

—Como que então, eu sou um soldado inglês, eh? E quem é que lhe disse isso? Franziu a testa, carrancudo, e me pareceu um homem bonito! —Sou o sargento Mike Flannigan, da Polícia Montada do Noroeste.

Nisto entrou o tio John. Cumprimentou o sargento Mike efusivamente, mas logo em seguida apertou os lábios com severidade, e perguntou: «Johnny está em casa?»

Mike disse que sim com a cabeça.

Meu tio encaminhou-se para o quarto contíguo, onde o sargento tinha jogado Johnny na cama. Não tardou que os ouvíssemos envolvidos em discussão, do outro lado do tabique. Senti-me envergonhada de estar escutando semelhante linguagem na presença do sargento; mas todas as vezes que, do quarto ao lado, saía uma praga em voz mais forte, Mike Flannigan ria a valer, tombando a cabeça para trás. Fiquei tão furiosa com ele que, ao pôr a mesa, coloquei duas colheres em cada lugar e nenhum garfo! O sargento, ao notar o meu engano, ainda se riu com mais gosto.

Parei em frente dele, de mãos nos quadris, indignada:

—Que é que o senhor acha assim tão divertido, sargento?

—Estou-me rindo de ver uma moça como você, metida aquí no território de Alberta!

Meu tio acabou voltando do outro quarto, e sentamo-nos os três à mesa para jantar. Servi como sobremesa uma das tortas de groselha que tinha preparado. O tio John deu uma dentada no meu pastel, e fez uma cara muito esquisita. Em seguida colocou o garfo na toalha e empurrou a cadeira para trás. Mike o imitou, e disse:

—Bem, «seu» John, quando você ensinar Kathy a atirar, não terá de comprar munição. E escancarou a dentuça para mim.

—E por que não? perguntei.

—Em vez de balas, poderá usar as groselhas secas que pôs nestes pastéis!

Metí o garfo num pastel e tirei uma grande porção. Foi como se tivesse metido uma colherada de cascalho na boca! Fingí que engulia, e esforcei-me por dar à boca uma expressão natural, como se tivesse realmente tragado as groselhas.

Mike despediu-se. Eu não respondí porque, com a boca cheia de groselhas secas, não podia falar. Ele agarrou minha mão e, inclinando-se até tocar com a face os meus cabelos, segredou:

—Cuspa essas groselhas e da próxima vez não se esqueça de cozinhá-las!

UM DIA, Mike apareceu na fazenda e ficou no limiar da porta, sorrindo. Trazia nas mãos um pacote: era um presente para mim! Abrí o embrulho e dentro encontrei um par de pesadas calças compridas de lã.

—Mas isto são calças de homem! protestei.

—Vá lá dentro vestí-las. Eu não vou levar você a passeio com *essa* coisa, prosseguiu ele, apontando com desdem para o meu vestido azul, de pintas brancas.

Fui no meu quarto pôr as calças e saimos. Caminhamos ao longo dum ribeiro, transpusemos as colinas, e embrenhamo-nos em plena montanha. Depois de havermos andado um bom bocado, Mike voltou-se para mim e disse:

—Você anda como um rapaz!

E eu sabia que isso representava um elogio...

Chegamos ao leito dum rio que corria através duma floresta de árvores prateadas. Notei que várias árvores tinham sido abatidas de maneira estranha. Os tocos, em vez de serrados de través, pareciam roidos em forma cônica, com uma ponta aguçada como a de um lapis.

—São os castores que fazem isso, segredou Mike. —Eles construiram uma represa logo aí adiante.

Avançamos cautelosamente mais alguns metros e, de repente, Mike me puxou, obrigando-me a deitar no chão ao lado dele, numa saliência da rocha, e alí fiquei contemplando, maravilhada, o açude feito de troncos, pedras, galhos de árvore e lama, que fechava alí a corrente, forçando-a a espraiar-se para formar uma laguna bastante espaçosa.

Ficamos muito tempo calados, até que por fim vimos um castor assomar à superfície da água. O animal pôs-se a nadar em direção à margem, servindo-se da cauda como dum leme. Vimo-lo subir na margem, andando nas pernas traseiras, com passos trôpegos, carregando nas mãos uma porção de pedras e calhaus rolados.

—Parece um homenzinho, disse eu em voz baixa, encantada.

—É isso mesmo que os índios chamam aos castores, «gente miuda».

De repente, Mike pulou de pé. Vi que ele olhava em direção à montante da corrente, e uma expressão de cólera pintou-se-lhe na face. Seguindo-lhe o olhar, avistei a pouca distância algo parecido com uma grossa vara de pesca, atravessada a pouca altura da superfície do rio. O caniço tinha na ponta uma espécie de tenaz ou pinça. Um castor que passara nadando se deixara pegar na pinça e a armadilha se fechara com um estalo, erguendo a grande altura a vara, que oscilava no ar, com o pobre animal pendurado pelas mãos, choramingando! Nisto, um enorme falcão passou, voando baixo, e eu soltei um grito. Mike se voltou rapidamente.

«Fique aquí!» gritou ele. Mas eu ainda conseguí ver o que ele não queria que eu visse: o falcão tinha arrancado os olhos ao castor! Mike correu, quebrou a vara da armadilha, e depôs o pobre animal por terra. Em seguida conduziu-me até à orla do bosque, onde eu não pudesse ver a cena, e alí me deixou ficar. Instantes depois ouví um tiro, e Mike regressou para junto de mim. Inclinou-se e tocou de leve no meu cabelo.

—O falcão tirou-lhe os olhos, e o pobre bichinho ainda estava vivo! exclamei entre soluços.

—Não pense mais nisso, Kathy. Por via de regra as coisas não se passam assim. Quase todos os caçadores põem as armadilhas no fundo do rio, e, ou o castor morre logo, ou pode fugir sem ficar sequer magoado. Estas varas de mola são realmente uma invenção diabólica, e poucos são os caçadores que as usam.

Tomou minhas mãos entre as suas, e eu fiz um esforço para sorrir. Sentia as faces ainda molhadas de lágrimas; ele inclinou-se e beijou-me...

HAVIA uma semana que eu andava atrás de tio John, tentando conseguir permissão para ir com Mike ao baile que se ia realizar no palheiro de O'Malley, com as tradicionais danças de roda e quadrilhas. Mas tudo quanto eu conseguia arrancar dele eram estas palavras: «Estou pensando no assunto.»

Quando Mike, no dia do baile, chegou a nossa casa para me levar, o tio John ainda estava «pensando» no caso. Disse então que me daria a saber a resposta quando nós voltássemos do baile... Desatamos a rir, e fomos selar os nossos cavalos.

Faltava um quarto para a uma da manhã quando chegamos de volta da festa. Nem uma só vez, durante o baile, Mike fizera qualquer tentativa para me beijar. Encontramos o tio John ainda acordado. Ao ver-nos entrar, disse:

—Mike, este negócio está indo longe demais.

—Eu sei, John, eu sei, concordou o sargento. —E é mesmo sobre isso que eu queria conversar com você.

Fitou-me por alguns instantes e acrescentou:

—Você fique aí onde está.

Pensei que meu tio fosse passar um carão em Mike. Mas era somente Mike quem falava. E acabou perguntando se podia casar comigo.

Daí a um instante eu o estava enlaçando pelo pescoço:

—É certo, Mike?... É certo mesmo que você quer?...

—Sim senhora, disse ele, e retirou minhas mãos que o agarravam pelo pescoço. Depois voltou-se para o tio John: —E então, «seu» John?

—Não posso dar o meu consentimento, Mike. Daqui a dois dias você estará a caminho do Norte, e que será de uma pequena tão delicada como Katherine Mary, metida numa terra selvagem, primitiva como essa? Não há nenhum homem a quem eu a desse de melhor grado do que a você, Mike Flannigan, e você bem o sabe. Mas a mãe dessa menina, colocou-a sob a minha guarda. E eu sei que ela não aprovaria, se aqui estivesse. Kathy tem somente 16 anos, e não está bem de saude. Acho que ela devia voltar para Bo ton.

Então, metendo o bedelho onde, ao que parecia, eu não era chamada, disse para os dois:

—E então a mim, ninguem pergunta nada? Depois, dirigindo-me a Mike, continuei: —Se você gosta de mim, diga-o agora mesmo. E se quer que eu case com você, peça-me já, que eu depois darei a minha resposta!

Mike veio a mim, e falou baixinho para que meu tio não pudesse ouvir:

—Kathy, eu gosto de você, desde o primeiro momento em que a vi, e você está farta de saber disso. Eu a farei feliz. Dedicarei minha vida inteira a fazê-la feliz! Quero que você seja minha mulher.

—Tio John, exclamei,—eu vou casar-me com Mike!

Mas tio John já não estava mais alí, saira sem ninguem perceber.

«Vamos casar aquí mesmo na fazenda, no próximo domingo,» escrevia eu em minha carta a mamãe. Eu sabia que ela não teria o dinheiro necessário para vir de tão longe assistir ao casamento—e Mike já tinha recebido ordem de voltar ao seu posto, lá longe, em Hudson's Hope, a 1.100 quilômetros ou mais de Edmonton, término da via-férrea, isto em trenó puxado a cachorros! Só essa viagem duraria dois ou três meses. Confesso que só o pensar nessa jornada de 1.100 quilômetros em trenó me dava um frio pela espinha abaixo; mas conseguí engulir o medo sem dizer palavra. E acrescentei na carta: «Sinto-me imensamente feliz.»

E estava mesmo. Feliz até mais não poder, e loucamente apaixonada!

Largamos de Edmonton numa caravana de trenós de cachorro, em que iam traficantes, caçadores de peles, e empregados da Companhia da Baía de Hudson. Desde o princípio o frio foi de rachar, chegando às vezes a 45° C abaixo de zero. Sentada naquele trenó, não havia cobertores nem peles que me pudessem conservar aquecida, e de vez em quando eu era obrigada a pular do trenó para correr até me sentir novamente bem.

Quando nos aproximávamos de Atabasca, o tempo mudou. Sentia-se uma tensão na atmosfera, e pesadas nuvens começaram a acumular-se a leste. O sol já ia baixo quando um anel de luz pálida e prateada surgiu de repente em volta dele. Pouco depois, dentro desse mesmo anel gigantesco de luz, apareceram quatro outros círculos luminosos, menores. E no meio de cada um desses círculos resplandecia uma imagem do sol, pequena, irreal, mas deslumbrante!

Mike explicou: «Chamam a isso cachorros-do-sol. Já cheguei a ver dezesseis em volta do verdadeiro sol, como cachorrinhos pulando em volta da mãe. Isso quer dizer que vem por aí um temporal de neve!»

E veio mesmo. Ficamos encravados em Atabasca durante dois dias, sem podermos avançar.

A nossa próxima parada foi em Taylor Flats, em casa duns amigos de Mike, os Howards; a senhora Howard serviu-nos o jantar: feijão, ovos secos, e ameixas em passa. Enquanto estávamos sentados à mesa, ouví a dada altura uma espécie de lamento grave e surdo que me sobressaltou, e se foi erguendo até constituir um grito agudo. Nenhum dos presentes parecia fazer caso daquilo. E o lamento repetiu-se, primeiro um choro baixo, em tom menor, que foi crescendo, crescendo, até transformar-se em berro estridente que parecia trespassar-nos as entranhas. Este berro ecoava mil vezes, num crescendo que tinha algo de pavoroso. Era uma alcatéia de lobos, uivando por comida!

Estremecí de pavor, e a partir de certo momento aquilo tornou-se-me insuportavel. Fui seguindo mentalmente a curva ascendente daqueles uivos horrorosos, e quando ela atingiu mais uma vez o cume de sua intensidade, desatei a berrar tambem... Os homens olharam para mim assombrados, mas eu não conseguí conter-me, e berrei, berrei até não poder mais.

Mike pôs-se em pé de repente, agarrou-me pelos ombros, e gritou: «Pare já com isso, Katherine Mary!» Falou com uma severidade e autoridade como eu nunca tinha ouvido, e me calei. Mas desatei logo num riso histérico que se transformou depois em pranto.

E de súbito compreendí o que se passava em mim. Não era por causa dos lobos que eu gritava e chorava: mas os uivos continham em si uma tal solidão, que a minha própria solidão me arrastara a berrar e chorar com eles. Sentia-me só, com saudades de mamãe! Minha família, minhas irmãs—e até o nosso canário—tudo isso me enchia o pensamento; mas aqueles dois meses de jornada por sobre a interminavel brancura daquela terra deserta e morta, gelada, haviam cavado dentro de mim um vácuo de solidão que nada preenchia!

Depois, quando nos deixaram a sós, eu abracei Mike e segredei-lhe: —Eu sou feliz, Mike! Eu o amo, e sinto-me feliz. Não sei por que é que fiz aquela tolice...

Mas Mike mostrava-se amargurado. Encostou minha cabeça no seu ombro, com uma suave pressão, e acariciou-me os cabelos. Finalmente disse: —Kathy, amanhã vou levá-la de volta.

Toda essa noite eu e Mike passamo-la em claro, pensando. E pela manhã, ele me levou—não de volta e sim para a frente... Foi só então que eu realmente me tornei sua esposa, pois compreendí que aquela terra desolada e branca era parte dele, era a sua própria vida. E disse comigo mesma: «Se você gosta de Mike, há de amar as coisas que lhe pertencem!»

À medida que nos íamos aproximando de Hudson's Hope, a região ia-se tornando mais bela. Viajamos ao longo do leito dum rio gelado, sempre subindo, e de ambos os lados víamos ondular as colinas, grandes e pequenas. Finalmente, surgiu à nossa vista o lugar onde iríamos viver daí em diante: Hudson's Hope. Lá em cima, no alto do platô, estava o armazem da Companhia da Baía de Hudson, e em volta dele um agrupamento de cabanas de caçadores de peles, meio ocultas entre as árvores, que pendiam para a terra sob o peso de sua carga de neve. Em baixo, as colinas se extendiam a perder de vista,

vestidas de densa vegetação de ulmeiros e pinheiros. Mais para o norte, o Rio da Paz vencia e transpunha a barreira de negras escarpas.

Depois de termos comido uma refeição quente e reconfortante em casa do encarregado do armazem, Mike me levou à casa onde íamos viver, situada em meio dum pinhal que ficava para alem do armazem. Tinha uma grande sala em frente, e dois quartos de dormir. Um só fogão, do tipo usado nas casas da região, servia ao mesmo tempo para cozinhar e para aquecer a casa. Uma pele grossa de búfalo cobria a cama. As fendas entre os troncos de árvore que compunham as paredes, estavam calafetadas com musgo, e pela janela do lado eu podia avistar a cabana que servia de escritório ao Mike, e o tribunal e o hospital de Hudson's Hope.

—Mike, perguntei, —é mesmo verdade que a gente daquí vem lhe procurar quando se sente enferma?

—Estamos a 1.130 quilômetros da civilização, e tambem do médico mais próximo, respondeu ele pausadamente.

—Mas você sabe alguma coisa de medicina?

—Muito pouco! Comprei uns livros lá em Calgary.

Olhei para o homem a quem havia desposado: aquele dolman vermelho vestia alguma coisa mais do que o simples sargento que eu a princípio vira nele. Ele era evidentemente, alí, uma pessoa importante!

Incluindo os índios do aldeamento, a população de Hudson's Hope era de cerca de 135 almas; porem, à data da nossa chegada, a maioria dos homens andavam ocupados nas fainas da caça. Um belo dia vi surgir no topo da colina, do lado oposto do vale, um grupo de trenós.

—Mike, Mike! Venha cá ver! gritei.

Ficamos os dois observando de longe os homens e os tiros de cachorros que, tendo descido a encosta, vinham agora em direção a nós, através da planície. O número de trenós espalhados por toda a superfície do vale foi aumentando, até que por fim deviam ser pelo menos uns cinquenta. Os homens corriam e açulavam os cachorros, a ver qual deles seria o primeiro a vencer aquele último trecho do baldio. Os trenós vinham todos carregados de peles negras, empilhadas.

Do lado oposto surgiam agora as mulheres, que iam ao seu encontro, ansiosas. Havia sete meses que não viam os seus maridos! À medida que os dois bandos se acercavam um do outro, as mulheres iam parando. Aquí e alí, uma delas aproximava-se, punha-se ao lado do marido, que, muitas vezes sem lhe dirigir sequer uma palavra, punha-se a jogar-lhe nos braços pesados fardos de peles que trazia no trenó. Assistí, horrorizada, a esta cena: um dos índios libertou um dos cachorros do seu tiro, e em lugar dele atrelou a esposa ao trenó! Momentos depois a mulher, puxando com esforço ao lado dos animais, ajudava a pôr de novo em marcha o trenó, que se arrastou vagarosamente atrás dos outros...

—Não antecipe o seu juizo, Kathy, disse Mike. —Essas índias são enrijecidas pelo trabalho; há mil anos que não conhecem outra vida.

Quando terminou o inverno, eu estava ansiosa por me livrar das pesadas calças de homem em que andava metida, para tornar a pôr meus vestidos de mulher. Mal sabia eu que nunca voltaria, naquele país, a vestir-me como mulher: porque na primavera e no verão, e durante toda a estação dos mosquitos, eu era forçada a usar o macacão de trabalho como meio de proteção contra aquelas nuvens insuportaveis de insetos. Os mosquiteiros usados em janelas e portas para impedir a entrada dos insetos não bastavam para deter aquela peste, uns mosquitinhos muito pequenos, que zumbiam como sirenes; Mike pregou em todas as janelas uma cortina de pano, uma espécie de gaze, de malha apertada. E assim conseguimos ter paz.

Por sugestão minha, Mike passou a instruir os índios no emprego do mosquiteiro de gaze, explicando-lhes pacientemente que eles sofreriam menos doenças se tivessem o cuidado de pregar esse tecido leve à volta das janelas e em frente da porta das suas tendas.

—Você não acha que isso deve trazer uma grande mudança na vida desses índios? observei certo dia.

—Assim devia ser, respondeu Mike. E pareceu-me que a resposta dele não revelava muito entusiasmo.

Na semana seguinte fui fazer uma visita à Oo-mi-mi, esposa do chefe índio local. A um canto do quarto jazia um bebê num verdadeiro ninho de trapos. O pobrezinho agitava as perninhas rechonchudas, para afugentar uma nuvem de moscas e mosquitos que o apoquentavam. Tinha em uma das pernas uma ferida aberta, vermelha e irritada. Quando parava de agitar a perna, os insetos voltavam a pousar na ferida, ferrando na carne viva. Apontei para as janelas sem proteção: «Onde está o mosquiteiro que o sargento Mike botou nas janelas?»

Oo-mi-mi sorriu e saiu do quarto. Daí a instantes voltou, trazendo meia dúzia de saias, quase todas de veludo e bombazina. Todas elas apresentavam uma barra de fantasia—feita com delgada barra de gaze...

—Aquí por estes lados, disse Mike—não há sinalização de tráfego nem polícias de trânsito. Durante o dia a gente guia-se pelo sol, e de noite pelas estrelas. É pelos astros que a gente aprende a saber as horas, a orientar-se e, até certo ponto, a prever o tempo...

Estávamos deitados de costas, sobre um cobertor, contemplando as estrelas. E nisto eu compreendí bruscamente que me sentia tão saudavel e robusta, que durante muitas semanas nem sequer tinha pensado na minha tosse, nem na pleurisia. E pareceu-me que seria aquele o momento ideal para dizer algo a meu marido.

—Mike, disse em voz baixa,—estou esperando criança.

Mike estremeceu ligeiramente.

—E verdade?

—Eu já o sabia há algum tempo.

—Você bem que o conseguiu esconder de mim! disse ele alegremente. —Você é um diabrete astuto como uma raposa.

Eu passara toda a manhã trabalhando no jardim. O ar estava pesado e velado de vapor. O sol, meio toldado, faiscava através da cortina de névoa com um clarão estranho, alaranjado. Tomei uma inspiração profunda. Mas aquilo não era neblina: fumaça, é o que era! Havia incêndio em alguma parte. E resolví ir dizê-lo a meu marido.

Ao correr para o edifício do escritório, ouví um animal que me perseguia. Pensei tratar-se de um cão, mas me enganava. Era um gato gigante, com o pelo avermelhado, um lince... Preparei-me para enfrentá-lo. Reparei então que o felino trazia a língua pendente, oscilando sobre os dentes, e os olhos como que vidrados. Desviou-se ligeiramente do seu caminho, e eu continuei correndo com quanta pressa podia. Caí de encontro a uma árvore, desorientada. Um pequeno texugo listrado correu após o lince, e eu fiquei um instante sem respirar. Só há uma coisa que pode obrigar os bichos da floresta a lançar-se de súbito nos trilhos pisados pelo homem...

A fumaça ia-se tornando mais espessa de momento para momento, e as cinzas e ciscos ardentes começavam a chover sobre o caminho. Vi então que Mike vinha correndo na minha direção. Ao chegar junto de mim, agarrou-me com força e apertou-me contra o seu corpo robusto. «Desça já para o rio, Kathy,» disse ele. «Fique lá até que eu vá ter com você.»

Voltei-me e fiquei seguindo com os olhos o dolman vermelho até vê-lo desaparecer na direção do aldeamento dos índios. «Meu Deus adorado, não deixeis que lhe aconteça nada!» roguei em voz baixa.

Ao chegar à margem do rio fui encontrar alí um grande ajuntamento de mulheres e crianças. Algumas delas tinham entrado no rio, com água pela cintura. Os meninos choravam. Desci até à margem e entrei n'água. Estava fria, e eu tive que andar para um lado e para o outro, à beira do rio, molhando os pés para os habituar à baixa temperatura.

—Mrs. Mike! ouví alguem chamar. Era Lola, a esposa mestiça de um dos nossos caçadores de peles. Carregava um bebê em cada braço. O terceiro, agarrado às saias dela, choramingava. Levantei-o nos meus braços.

O calor ia-se tornando insuportavel. Fui penetrando na água, seguida por Lola. Dalí, do meio do rio, podíamos distinguir vagamente, através da fumaça do incêndio, os vultos negros dos homens, que nos pareciam seres minúsculos, lutando para atalhar o incêndio no terreno coberto de madeiras empilhadas que ficava situado à retaguarda do armazem da companhia, mas o fogo já tinha conseguido entrar pela porta dos fundos, e o edifício foi subitamente envolvido pelas chamas. A última barreira natural que se seguia, atravessada no caminho do incêndio, era o rio.

Os animais selvagens que hesitavam ainda na margem, resolveram-se de repente a entrar na água: uma raposa vermelha pulou de cima, do alto da falésia; o vento trouxe até nós o cheiro do seu pelo crestado! O animal avançou água a dentro até quase perder o pé, e deixou-se alí ficar completamente submerso, só com a ponta do focinho de fora. Havia por alí uns vinte ou trinta cães, mas nenhum deles lhe prestou a menor atenção. Renas, veados, lontras, minques—e até ursos e lobos—de tudo apareceu no rio, fugindo ao inimigo implacavel da floresta: o fogo.

Entretanto, as chamas foram irrompendo ao longo da margem, numa franja esfarrapada, irregular. Fechei os olhos para não ver o horror daquela cena, mas não havia nada que me pudesse esconder o clarão intensíssimo do incêndio. A criança que eu tinha ao colo gritava de ensurdecer. Mergulhei-a até ela ficar só com o queixo fora da água. As cinzas ardentes choviam em torno de mim, queimando-me, mas eu sentia o corpo inteiriçado de frio.

Correu muito tempo, mas não podia precisar quanto aquilo durara. Seria dia ou noite? Não sabia. O céu era invisivel. Tudo o que eu sentia era a tortura do calor e da fumaça sufocante.

Finalmente resolví tapar com as mãos o nariz e a boca da criança, e mergulhei com ela nas águas do rio. O menino debateu-se para se livrar do meu abraço, mas eu persistí em segurá-lo, e em manter-me tambem mergulhada, até não podermos aguentar mais a falta de ar. Então, viemos à superfície, arquejantes, aos haustos, mas o ar era tal que nos esbrazeava a garganta e os pulmões! Perdí a conta das vezes que mergulhamos e voltamos à superfície. Tudo o que eu sabia era que, enquanto se debatia em meus braços, a criança estava viva!

A certa altura notei que o ar já não nos queimava ao respirarmos. Sabia apenas que por algum tempo deixáramos de refrescar a cara na água. O rio estava agora côr de prata, e perdera o fulgor que antes tinha.

Mike veio enfim em nosso socorro. Com sua faca de mato cortou as minhas vestes, e arrancou-as do meu corpo. A única coisa de que me lembro é que me encontrei outra vez vestida, mas com uma camisa de homem e uma saia de índia... Estava deitada ao ar livre, embrulhada num cobertor, e à minha cabeceira ardia um tição. Era o dia seguinte, assim me disse Mike. O bebê e eu íamos ficar bons. O rosto de meu marido estava todo negro, com listras claras, por onde o suor lhe correra, deixando a pele a descoberto. Tinha tirado o casaco vermelho e a camisa. Aplicou-me então uma compressa no rosto e no pescoço.

—Você só estava exhausta e enrijecida pelo frio. E ficou com queimaduras de segundo grau nessa carinha bonita.

Sentei-me dum pulo e abracei-o.

—Mike, houve muitos... Calei-me logo, ao ver a resposta no seu rosto.

O fogo levara quinze horas a ser dominado. Eram precisos pelo menos cem homens para atalhar o incêndio na margem do rio, e Mike tinha somente 47 às suas ordens. As mulheres e crianças que moravam nas cabanas a leste da margem, viram-se com a retirada cortada antes de poderem alcançar o rio. O homem que ele despachara para avisá-las, nunca chegara ao seu destino. Tinham morrido assim quarenta pessoas, ou seja, um terço da população da aldeia!

—Não foi sua culpa, Mike.

—Não sei, respondeu ele pensativo. —Eu devia ter mandado dois homens com o aviso. Um pelo menos teria conseguido chegar até lá.

—Mas você não tinha gente que chegasse para tudo!

—Isso é verdade...

Que mais eu poderia dizer para o consolar? Coloquei minha mão sobre a sua.

TODA AQUELA região se tinha transformado numa terra hedionda, negra, queimada e torturada. A maior parte dos sítios a que estávamos acostumados, tinham sido reduzidos a cinzas ou escombros.

Passamos um dia inteiro cavando sepulturas. Fizemos trinta e sete cruzes de madeira, e caiamo-las de branco. Mustagan, o chefe índio, convidou-nos a entrar na sua cabana. Apertou a mão de Mike, adotando o costume dos brancos. Depois disse:

—O sargento, ele salvar povo de Mustagan.

Só disse isso. Mas não era pouco...

POUCO tempo depois do grande incêndio, chegou uma carta oficial, com ordem de transferência de meu marido: deixaríamos Hudson's Hope e iríamos para Grouard. Começamos logo nossos preparativos, que foram rápidos, pois o fogo pouco nos deixara com que encher as malas. À hora da saida, veio toda a gente até ao rio para nos ver partir; e muito embora o inverno que os esperava fosse longo e de escassês, um por um, mestiços e índios, nos fizeram entrega dum presente de vitualhas para a jornada.

Viajávamos fazia algumas semanas, quando um dia Mike me ajudou a sair da canoa. Ao pôr pé em terra, sentí-me um pouco tonta. «Aquí estamos,» disse ele. Subimos os degraus duma varanda, que chiavam e rangiam a cada passo. Mike bateu, e a porta entreabriu-se com desconfiança—apenas uma fenda.

Fora nossa esperança chegarmos a

Grouard a tempo de eu alí dar à luz o meu filho. As primeiras dores premonitórias do parto tinham vindo na noite anterior, pouco antes de irmos para a cama. Mike ouvira falar duma antiga enfermeira diplomada que morava na Travessia do Rio da Paz, uma tal sra. Mathers, escocesa. Tínhamos viajado toda a noite na canoa para chegar à cabana dela.

Dadas as necessárias explicações, a porta abriu-se um pouco mais: logo à primeira vista antipatizei com ela. Devia andar pelos seus 50, era gordíssima, desmazelada e grisalha. A casa tinha exatamente a mesma aparência da dona: vasta e mal cuidada. Alem disso cheirava a comida azeda.

A sra. Mathers conduziu-me então a um quarto de dormir, e estendeu-me um camisão de flanela que, a julgar pelo tamanho, só podia ser da dona da casa. Enquanto eu me despia e enfiava o camisão, a parteira ficou-me observando.

—A senhora não tem a constituição própria, disse ela.

—Que quer a senhora dizer com isso? perguntei aterrada.

—Isso mesmo. Muito franzina por todo o corpo.

Aproximou a cara da minha e disse:

—Duvido que sejamos capazes de tirar esse bebê vivo!

Mike surgiu à porta. Quase sem mexer os lábios, branco de raiva, ele disse:

—Ponha-se lá fora!

Durante alguns instantes a sra. Mathers olhou para ele, imovel, como se não tivesse compreendido bem. Finalmente encaminhou-se para a porta, resmungando: «Na minha própria casa!» Sem lhe dar ouvidos, Mike trancou a porta por dentro. Depois veio até junto de mim, agarrou-me nas mãos e beijou-as.

—Ouça, Kathy. Eu não fazia a menor idéia que ela fosse assim. Vou ver se consigo trazer de Grouard a sra. Carpentier, para cuidar de você. Depois sorriu: —A sra. Carpentier é uma bruxa boazinha. Você vai gostar dela. É uma índia, casada com um caçador de peles mestiço. Tem sido a parteira de todas as mães num raio de 150 quilômetros!

As dores do parto começaram a aumentar duas noites mais tarde. Sentado a meu lado, Mike fazia-me companhia. Quando as dores eram mais fortes, eu agarrava na mão dele. Isso aliviava-me... Depois ficava arquejante, reunindo todas as minhas forças para a crise seguinte.

Foi durante uma dessas crises de dor, quando eu jazia exhausta, com falta de ar, que ela chegou. Nem a vi entrar, nem sequer ouví abrir a porta. Dei com ela alí a meu lado, de pé, olhando para mim. «É Sara,» pensei eu, «é a Sara da Bíblia»... Ela falou comigo. E a sua voz era como a ressonância das águas dum rio, branda, forte e clara. Suspirei com alívio, e cerrei os olhos.

De repente sentí mesmo diante do nariz um cheiro fragrante, como de algo da floresta. Abrí os olhos para ver o que era: a parteira estendia-me um copo para que eu bebesse.

—Raiz medicinal, disse. —Coisa boa, faz nenê bonito sair depressa. Raiz de *squaw* (esposa índia) pra ajudar *squaw* a ter bebê...

Em seguida perdí a conciência das palavras, e de tudo o mais.

Quando voltei a mim, Mike me beijava.

—Querida, está tudo acabado. Temos uma menina!

Sorrí. Podia ouvir Sara andando pela casa. Só passado muito tempo conseguí virar a cabeça e observei que ela esfregava com óleo o corpinho tenro dum minúsculo bebê. Sara era uma mulherona, enorme, da altura dum homem. Media

1,80 m, e era forte como um pinheiro. Irradiava graça e dignidade, e uma sabedoria que era fruto de sessenta anos de vida. Lembrei-me de como Mike a tinha chamado—uma «bruxa boazinha». E sorrí.

—A senhora deve ter tido muitos filhos, não?

—Só meus, dezessete. Muitos outros, talvez centenas, eu ajudei a vir ao mundo. Nunca perdí bebê, e nunca perdí mãe, menos um, só um, e foi nesta casa. Calou-se um momento e acrescentou: —Foi o que ajudei a sra. Mathers a ter...

Sentí a mão de Mike apertar a minha.

Sara partiu para Grouard dois dias depois de nascida a nossa menina, que chamamos de Mary Aroon. No dia em que foi embora mostrei-lhe o nome de Sara nas páginas de minha Bíblia, e perguntei-lhe:

—Sra. Carpentier, a senhora deixa que eu lhe fique chamando de Sara?

Ela correu o dedo sobre o nome estampado na Sagrada Escritura e murmurou:

—É o nome que vai ficar entre nós duas.

Daí a uma semana já eu estava forte e de pé, pronta a seguir viagem. Mike foi buscar um carro, e forrou-o todo muito bem com cobertores. Deitei-me em cima deles, e assim fui todo o caminho, aos solavancos, até chegarmos a Grouard, que, ficava bem longe dalí.

Quando chegamos finalmente à aldeia, o carro aproximou-se de uma pequena cabana que ficava numa depressão do terreno. Em frente da porta, esperando por nós, encontravam-se bem meia dúzia de pessoas. Por sobre a casa pendiam as ramadas de algumas árvores muito altas. E havia um jardim com as flores mais estranhas e mais belas que eu já tinha visto! Era esta a nossa casa, o nosso lar.

Sara foi a primeira a saudar-me e a ajudar-me a descer do carro. Tirou-me o bebê dos braços e entrou na casa adiante de mim. Daí a momentos passou a apresentar-me as visitas: seu marido, o tímido e taciturno Louis Carpentier; os irmãos MacTavish, James e Allan; um sujeito que eles chamavam de Old Irish Bill; a família Beauclaire, Timmy, rapaz de 13 anos, e suas irmãs, Madeleine e Barbette, que já estavam muito entretidas a brincar com o bebê; e finalmente papai e mamãe Beauclaire: Constance e Georges.

Georges Beauclaire era um homem pesado, de ombros largos, rude e desajeitado, embora dotado duma bonomia de urso grande. Ao lado dele, a esposa parecia fragil, delicada, quase uma sombra, e quase tão jovem como as duas filhas. Havia não sei que estranha graça na maneira como ela se tinha de pé e andava, e seus olhos brandos tinham uma expressão veladamente preocupada, como a que se encontra nas pessoas que vivem no passado. Quando o marido saiu, ela foi buscar uma cadeira, sentou-se a meu lado e, sem dizer nada, pegou-me na mão. Como a luz lhe banhasse então completamente a face, pude ver nela a força e o caráter que primeiro me tinham escapado. Avistei uma pequena boca orgulhosa, um nariz delgado e reto, raro no Norte, e uns olhos profundos, sonhadores, dum azul que não parecia deste mundo. Aquela mulher não era a esposa dum caçador de peles!

—Katherine Mary, repetia ela a meia-voz, e o meu nome soava duma rara elegância, através da sua pronúncia fluente de francesa. —Como eu desejaria tê-la conhecido há dez ou vinte anos! Oxalá a senhora nunca chegue a saber o que é ser uma mulher branca—a *única* mulher branca . . . Sorriu e depois continuou: —Conte-me tudo o que puder a respeito de Winnipeg, Montreal e Boston! Não

são essas as cidades de que eu me lembro, mas isso já me dará satisfação!

Depois de se terem ido embora as visitas, cheguei-me à janela e olhei o meu jardim encantado, com seus canteiros cobertos de flores como eu nunca vira crescer em jardim algum. Murmurei para Mike, que estava a meu lado:

—Tudo tem sido tão bom! Depois voltei-me para o jardim: —Quem semeou todas estas flores?

Mike pareceu de repente um tanto embaraçado:

—Dizem que foi a sra. Marlin. Você não a viu; não esteve aquí esta noite. Ela não está... não se tem sentido muito bem. Então, cortou abruptamente: —Olhe aquí, Kathy, por favor não se amole por causa dessas flores!

Começou então a explicar qualquer coisa que eu não cheguei a ouvir, porque adormecí em seus braços.

Na manhã seguinte, todas as flores, da primeira à última, jaziam mortas no meu jardim, tombadas por terra. Pus-me a chorar:

—Veja, Mike, veja!

—Já sei, Kathy, já sei...

Foi ao jardim e arrancou uma delas, que saiu da terra sem oferecer resistência: tinham sido cortadas e postas alí, para imitar um jardim! Mike explicou com tristeza:

—Esta pobre sra. Marlin não regula bem da cabeça. Imaginou que isto seria uma maneira delicada de lhe dar as boas-vindas, sabe? São quase todas flores silvestres. Crescem por aí nos pauis e nos bosques. A pobre deve ter passado um dia inteiro a colhê-las.

Apertei sua mão na minha. Nada se perdera do primeiro encanto. Todos tinham sido tão bons comigo, inclusive a pobre sra. Marlin, que havia passado um dia todo nos pauis para que eu pudesse ter, nem que fosse só por uma hora, um jardinzinho florido!

CONSTANCE inclinou-se sobre o berço e ergueu no ar o meu bebê. Mary Aroon desatou a rir, e Constance também! Nunca eu tinha visto minha amiga rir assim, com tanto gosto.

—É muito parecida com Suzana, da minha primeira família, disse Constance.

Não pude compreender.

—Sua primeira família?

Constance me olhou com seus grandes olhos côr de alfazema.

—Katherine Mary, você é muito jovem! As mulheres, por aquí, falam da sua primeira família, da segunda, e da terceira... Contando o bebê que eu perdí no primeiro inverno que aquí passamos, já tive quatro famílias. Nove crianças. Todas lá estão, menos quatro.

Lá designava o pequeno cemitério, por onde tínhamos passado ao chegar.

—Mas que aconteceu?

—Sarampo, escarlatina, tifo uma vez. Os invernos são duros por aquí. Não há médico... Apesar disso ainda conseguí criar quatro. Já viu as minhas pequenas. Um dos rapazes, Paul, está casado e vive em Edmonton. E o Timmy, você conhece. Voltou-se para dentro e acrescentou: —Uma bonita família. Chega para qualquer mulher. Mas às vezes dou pra pensar nos outros...

Essa noite Constance pediu-nos que a acompanhássemos até à Missão, onde ia ouvir a missa da meia-noite. A Missão era o edifício mais imponente das redondezas. Era cercada e tinha um jardim.

—Cerca de 80 meninos vivem aí, explicou Mike. —Eles mesmos cultivam o que comem. O bispo Grouard é uma bela pessoa, Kathy, e a aldeia se chama Grouard em sua honra. A Missão foi o primeiro edifício a ser erguido neste lugar.

Os serviços religiosos já tinham começado, e entramos discretamente no templo. Os bancos eram feitos de troncos cortados ao meio. As velas formavam aquí e alí como que pequenos lagos de luz, e as sombras oscilavam nas paredes ásperas, de toros cortados a machado. Diante dos crentes reunidos, o bispo erguia-se como um robusto carvalho antigo. Por baixo da sotaina negra viam-se-lhe as botas de caçador. Mas quando ele orava, era como se conversasse em tom amigavel.

Erguí os olhos para Nossa Senhora das Dores. Era uma imagem talhada em madeira, trabalho rude e simples, mas que irradiava grande beleza. A pureza da expressão, a tristeza dos olhos, a doçura da boca, tudo nela me atraiu e fascinou. Voltei-me para Constance Beauclaire, cujos olhos estavam pousados em Timmy. «Nossa Senhora das Dores!» pensei...

MIKE QUERIA que eu conseguisse uma moça da Missão para ajudar-me nos afazeres da casa e nos cuidados do bebê. Falamos nisso a Soror Teresa, da Missão, e ela levou-nos através da grande sala de recreio, onde brincavam a essa hora umas vinte a trinta crianças. Depois abriu uma porta que ficava nos fundos da sala: do interior obscuro chegaram-me aos ouvidos os sons de lamentos e soluços. «É a sala dos castigos,» explicou a monja. Três meninos pequenos, sentados num banco comprido, debulhavam-se em lágrimas, enquanto uma moça índia, de seus 15 anos, muito alta, sentada ao pé deles, olhava pensativamente para o chão.

A moça ergueu os olhos para mim e sorriu. Vi-lhe no rosto alguma coisa que me atraiu instantaneamente. E, sem poder conter-me, exclamei:

—Gostaria de levar esta pequena para minha casa. Que é que você diz a isso?—acrescentei, dirigindo-me a ela.

A pequena olhou-me com ardor.

—Por favor, leve-me, respondeu.

Soror Teresa tossiu baixinho e declarou que seria melhor discutir primeiro o assunto com a Madre Superiora. Esta acolheu-me com gravidade, e, depois de me ouvir, disse:

—Sra. Flannigan, Anne é inteligente, simpática, e inteiramente capaz de ajudá-la nos trabalhos domésticos. Mas ela crê estar apaixonada. Descobrimos mesmo que eles se estavam encontrando dentro da Missão!

—A senhora conhece o rapaz?

—É o Jonathan Forquet, retorquiu a Madre, com um aceno significativo. —Filho dum mestiço que chefiou um levante contra o governo. O Jonathan é um rapaz levado; foi criado na miséria por uma mãe índia. Quando eu lhe roguei que deixasse a pequena em paz, sabe o que ele me respondeu? «Ela é a minha *klootch!*» (Aquí a Madre Superiora fez uma pausa, e prosseguiu.) Pergunto eu: a senhora compreende o que é que a palavra *klootch* quer dizer, tal como o Jonathan a empregou? Uma verdadeira desgraça para as pequenas treinadas pela nossa Missão. Estas pequenas sabem ler e escrever. Pode a gente consentir agora que elas voltem à condição de animais de carga, para viverem nos *tepees*, carregando e labutando todo o santo dia, a serviço dum homem que as espanca? Já vê por que razão Anne não pode casar-se com esse rapaz.

—Sim, sim, disse eu, —compreendo.

Quando, chegada em casa, contei a Mike o que a Madre Superiora me dissera, ele limitou-se a rir e comentou: «Não creio que isso nos venha a trazer complicações.»

Mas estava enganado.

Logo desde o primeiro momento todo mundo simpatizou com a pequena. O nome dela, na língua nativa, era Mamanowatum, que quer dizer «Oh-Sê-Alegre», e isto mesmo foi o que nós passamos a chamar-lhe.

Um dia que saía de casa para sacudir o pó dos tapetes, vi algo que os meus olhos se recusaram a crer! Alí mesmo, no degrau de nossa porta, estava uma pilha de peles, as mais belas que eu já tinha visto. Castor, vison, lontra, lince—tudo acumulado num fardo muito bem arranjado. Nesse momento surgiu Oh-Sê-Alegre que soltou uma exclamação e, abraçando ao peito as peles macias, escondeu o rosto nelas, e murmurou algumas palavras na sua língua nativa.

—Oh-Sê-Alegre, disse eu com severidade, —de donde é que vieram estas peles?

—Jonathan as trouxe! disse a moça, e ao pronunciar aquele nome, ele me pareceu o mais belo que eu já ouvira.

—Oh-Sê-Alegre, exclamei quase zangada, —diga-me se é feliz aquí!

—Eu gosto muito da senhora, respondeu simplesmente.

—Nesse caso, tem que me prometer que, enquanto estiver em nossa casa, não tornará a ver o Jonathan, pois de outro modo terei que mandar você outra vez para a Missão. Nós podemos levar as peles ao armazem da companhia. Eles se encarregarão de entregá-las ao Jonathan na próxima vez que ele por alí aparecer.

—Não! disse Oh-Sê-Alegre, e rompeu a soluçar. Corrí para ela e enlacei-a em meus braços:

—Você gosta tanto assim dele? perguntei.

—Gosto...

Fiquei confusa. Um dia eu ouvira um índio referir-se a mim como a *klootch* do sargento. Se ter um lar e um bebê eram coisas que faziam duma mulher uma *klootch*, então não era coisa assim tão má!

—Oh, Meu Deus! disse eu comigo. —Quem dera que Mike estivesse aquí!

Preparei um lanche e fui levá-lo ao escritório. Chegada alí, olhei pela janela para dentro da sala. Um mestiço escuro, com um lenço sujo atado em volta da cabeça, estava falando:

—Esse miseravel do Jonathan Forquet vem toda noite no meu sítio, e atira em mim com arco e seta. Noite passada seta me feriu entre os dedos. Ele diz a mim: «Eu te mato, Cardinal, tu cachorro pelado, tu rouba de minhas armadilhas.» É mentira, mas ele dispara seta de qualquer modo.

—Está bem, respondeu o Mike. —Eu o chamarei aquí.

A porta se abriu tão de repente, que quase me jogou ao solo. Mike olhou-me com severidade e disse:

—Que idéia é essa de vir sentar-se aquí com um tempo desses?

—Eu precisava lhe falar a respeito do Jonathan. Você acredita que ele seja realmente um assassino?

Mike desatou a rir.

—Ouça aquí, isso não é caso para rir! Jonathan veio deixar um grosso fardo de peles à nossa porta!

Meu marido tomou uma expressão séria:

—O que ele quer é levar a moça, hein?

—É. E você tem que falar com ele, dizer-lhe que se ponha ao largo, e veja se o intimida com Deus, pra ele obedecer.

—Jonathan não é homem pra se atemorizar facilmente, retorquiu Mike.

—Pior pra ele! Nesse caso você terá que o meter no xadrez.

—Santo Deus, Kathy, eu não posso pôr um homem na cadeia só porque está apaixonado!

—Mas ele é perigoso. Imagine que um

destes dias ele mate o Cardinal; que é que você vai dizer?

—Eu não acredito que o Jonathan possa matar ninguem. Estou até convencido que Cardinal roubou realmente os animais das armadilhas de Jonathan. Este tipo adquiriu uma péssima reputação, e deixou um rastro por esse país afora, daquí até Calgary. E o Jonathan resolveu amedrontá-lo a seu modo. O roubo das armadilhas é considerado o delito mais sério em todo o Noroeste. É facil ver por quê. Trata-se do ganha-pão dessa gente...

—Nesse caso, por que é que ele não veio queixar-se a você?

—Pela simples razão de que é um índio.

Logo na manhã seguinte Mike se pôs em campo à procura de Jonathan. Só regressou muito depois da hora da ceia. De começo, eu não percebí que alguem o seguia no escuro.

—Kathy, quero apresentar-lhe Jonathan Forquet, disse Mike então.

O índio inclinou cortesmente a cabeça, mas nos seus lábios não havia nem sombra de sorriso. Varreu a sala com os seus olhos compridos e negros, que acabaram detendo-se em Oh-Sê-Alegre; ela estava de pé no canto mais afastado da sala, mal ousando respirar. A cara do caçador não perdeu nada da sua severidade. Não lhe fez o mais leve sinal, mas olhou-a durante um longo minuto.

Fui para a cozinha, com Mike atrás de mim, e chegados alí fechei a porta. Vireime para ele, furiosa.

—Mike Flannigan, que idéia foi essa, de trazer esse rapaz aquí? Então você não reparou no olhar que ele lançou à moça? Você deve é ter perdido o juizo! Se o pessoal da Missão ouve falar disto, vão-nos tirar Oh-Sê-Alegre daquí. Que hão de pensar, senão que você está intencionalmente espicaçando o namoro deles?

—Ouça aquí, sua bichinha danada! exclamou Mike agarrando-me com força pelos ombros. —Eu trouxe Jonathan aquí para que você lhe enchesse a barriga: esse rapaz está morrendo de fome! Quando eu o encontrei, estava descascando o tronco dum pinheiro e tentando sugar-lhe a seiva, imagine só!

Eu não podia crer no que ele dizia.

—Mas se ele é capaz de atirar setas no Cardinal, por que então não atira na caça para comer?

—Talvez porque estava ferido. Foi por isso que levei tanto tempo para trazê-lo até aquí. Vinha andando ao meu lado tranquilamente, quando de repente se deixou cair na neve, como um trapo. Abrí-lhe a camisa e descobrí que ele tinha o corpo horrivelmente ferido e contuso. Deve ter levado uns 50 pontapés nos flancos.

—E você pensa que foi o Cardinal?

—Creio que sim. Andei inspecionando as linhas de armadilhas do Jonathan, e descobrí sinais bem claros de luta. O mais provavel é que, quando ele descobriu que alguem andara mexendo nas suas armadilhas, ele se pôs à espreita. O Cardinal apareceu por alí para observar as armadilhas, e o Jonathan o pegou com a mão na cumbuca, e lhe exigiu a restituição das peles roubadas. O Cardinal deve-lhe ter dado um golpe que o deixou sem sentidos; quando o pegou no chão, caiu-lhe em cima e surrou-o a valer. Mas isso eu não posso provar—o Jonathan recusa falar! É esse diabo de orgulho de índio. Quer se vingar e não quer que eu lhe estrague o gostinho da vingança, metendo o outro no tronco!

Fomos para a mesa. O Jonathan levou todo o jantar calado; comeu pouco e devagar. Quando acabou de cear, olhou para nós e disse com gravidade:

—Comí em casa de meus amigos.

—Isso mesmo, confirmou o Mike.

Oh-Sê-Alegre entretanto sorria secretamente para si mesma, e andava às voltas pelo quarto, como se tivesse alí muito que fazer. Reparei que o índio a observava com discreto prazer.

Nisto ouviu-se bater à porta: Mike foi abrir, e quem havia de ser? O Cardinal entrou pela casa dentro! Ao ver Jonathan sentado, abriu a boca num sorriso dos mais desagradaveis, e deu uma palmada nas costas de meu marido. Depois disse:

—Então, sargento Mike, fizemos bem em prender este sujeito, hein?

—Jonathan não está preso, esclareceu Mike. —E creio que já lhe disse para se pôr ao largo, Cardinal. Você não anda fazendo nada de bom por aquí. Em seguida virou-se para Jonathan e prosseguiu: —Eu sabia que você tinha atirado no Cardinal. E trouxe-o até aquí para ouvir o que tem a dizer a respeito, e não para prendê-lo. Mas está prevenido que esse negócio de atirar nos outros está encerrado. Quero que você me dê sua palavra de honra.

Jonathan não disse uma palavra. Ficou olhando em frente, para o vazio.

—Jonathan, disse Mike, —se você torna a atirar no Cardinal, eu terei que o meter no xadrez!

O olhar de Jonathan pousou quase com doçura no Cardinal, e ele disse:

—Então, meu próximo tiro será o último!

A ameaça era evidente—na próxima vez atiraria para matar! Cardinal empalideceu. A cena ficou por alí—e no dia seguinte ouvimos dizer que o ladrão de armadilhas saira da região para não voltar tão cedo...

Aquele inverno foi longo e tranquilo. Os homens andavam longe da aldeia, cuidando das armadilhas. As mulheres, metidas em sua casa. Pela minha parte, passei o tempo cimentando minhas relações com Mary Aroon. Esperava outro bebê lá para julho do ano seguinte. O amargo pessimismo que as mulheres de Grouard haviam adotado a respeito dos perigos da maternidade, não me causava impressão alguma. Eu não estava resignada a perder seis filhos, para criar três apenas... Cada filho que eu tivesse havia de viver e criar-se!

Sara ordenara que eu fosse visitá-la com regularidade para receber a minha dose de remédios. Num pequeno telheiro junto da sua cabana, ela guardava remédios para todas as moléstias que afligem a raça humana. Havia alí plantas de todos os tipos, típicas da região—remédios para dor de garganta, para reumatismo, para mordedura de cobra, para dor de cabeça, para perna partida!

Em uma das minhas visitas à casa de Sara, encontrei no caminho a sra. Marlin. Nunca tivera o ensejo de lhe agradecer as flores que «plantara» no meu jardim, quando da nossa chegada alí. Quando lhe falei no caso, ela levou a mão delgada à face, e olhou-me com expressão de espanto. Tinha a fragil beleza exótica que é o fruto da mistura de raças. E disse:

—Flores?... Ah, já me lembro! Eu plantei um jardim para a senhora. Bonito, não era?

Fiquei olhando para ela, tentando descobrir alguma coisa que dizer.

—Elas morreu? disse. Depois, abanando a cabeça: —Elas morreu. É, eu sei. Tudo que eu toco... morre.

Falava com calma, mas as suas palavras soavam como maldições.

Pelos fins da primavera chegou a notícia de que alguem vira o Cardinal lá para o norte, no país dos índios Pés-Negros. Mais uma vez voltara ao seu ofício de ladrão de armadilhas—ou melhor, a uma modalidade mais refinada. Agora ele se dedicava a substituir os animais de boas peles por bichos sem valor. Foi tudo quanto Mike quis saber.

Fiquei a vê-lo arrear o cavalo para a excursão. Iria até a Travessia do Rio da Paz, onde se lhe agregaria outro policial montado, e dalí em diante continuariam para o norte em canoa.

—Quando é que você estará de volta, Mike?

—Dois meses no máximo, Kathy.

Segurei-me na varanda, para não cair. Dalí a dois meses esperava eu o nosso bebê! Quando ele partiu, entrei em casa e fechei a porta. Encostei a cabeça à prateleira da despensa, e chorei em silêncio. Nisto, Mike entrou novamente na casa e apertou-me nos braços. Falou com os lábios pousados nos meus cabelos, suavemente:

—Não se aflija, Kathy. Eu estarei a seu lado. Eu volto. Se não tivesse certeza de que voltaria a tempo, nada no mundo conseguiria arrancar-me de junto de você agora.

Sorriu com seus olhos muito azuis, e acariciou meus cabelos com suas mãos enormes. Depois a porta da despensa bateu, e eu fiquei sozinha.

Mike cumpriu a promessa: estava de volta daí a seis semanas, com o Cardinal trotando a cavalo ao seu lado, com o mesmo lenço amarelo, sujo, ainda atado ao pescoço. Puseram-no na gaiola de troncos delgados de salgueiro que fazia as vezes de prisão. Essa noite, depois do jantar, Mike ficou sentado na grande cadeira de braços com Mary Aroon no colo. Eu me enrosquei aos pés dele, sobre uma pele de búfalo, e pousei a cabeça nos seus joelhos. Estávamos assim, muito tranquilos, quando a porta se escancarou de repente, e Cameron entrou pela casa adentro.

—Mataram o Cardinal! Estava sentado no banco com a cabeça caida para trás, contra as grades da cela. Primeiro julguei que ele estivesse dormindo. Mas quando me aproximei, vi que ele tinha uma faca espetada na garganta, de lado a lado.

Mike envergou o seu dolman vermelho. E perguntou:

—Você reconhece a faca? Sabe a quem ela pertence?

—Tem todos os sinais de pertencer ao Jonathan Forquet, tão claro como se tivesse a assinatura dele! Trabalhinho de Jonathan, não tenha dúvida.

—Bem, atalhou Mike bruscamente, e lançou um rápido olhar a Oh-Sê-Alegre. —Não vamos tirar conclusões precipitadas. Vamos até lá, que eu quero examinar as coisas, acrescentou, abrindo a porta da rua.

Muito tempo depois de eles terem saido, Oh-Sê-Alegre continuava a olhar fixamente para o vazio. Quando Mike e Cameron voltaram, traziam o Jonathan marchando entre eles. Os três homens entraram em casa sem dizer palavra. Mike levou a mão ao bolso e tirou dele um objeto cuidadosamente embrulhado. Segurando o papel por uma das pontas, este desenrolou-se, e a faca, arrastada pelo próprio peso, desembaraçou-se e tombou no tampo da mesa. Virando-se então para o índio, Mike perguntou:

—Reconhece esta faca como sua?

O rapaz não hesitou, e respondeu que sim. Depois duma pausa, Mike disse:

—Você já fez algumas facas para vender, não é verdade? Seria esta faca uma dessas?

—Não, esta é a minha. Os senhores pensam que eu matar Cardinal? acrescentou com um sorriso na boca torcida.

—Não sei. Custa-me crer que você o tivesse morto assim. Para dizer a verdade, se você me declarar que não matou, eu irei procurar outro culpado...

Mike deteve-se, mas o índio nada disse.

—Doutra forma, terei que prender você sob a acusação de homicídio. Isto quer dizer que você passará o verão todo na gaiola, continuou Mike e, mais uma vez, esperou pela resposta. Por fim, como esta não viesse, ele disse: —Está bem, considere-se preso.

Oh-Sê-Alegre pulou entre eles com um grito, e disse para Mike:

—Não! Ele não matou Cardinal!

Jonathan a olhou quase com ternura, e disse:

—Tu boa *klootch*. Tu não quer eu passar verão na gaiola com mosquito, com mosca de boi!

—Diga a eles que não matou Cardinal!

Jonathan a olhou pensativamente por instantes:

—Então não matei?...

Oh-Sê-Alegre deixou pender a cabeça e as lágrimas lhe caíam no chão.

JULHO chegou, e com ele a minha hora de dor. Sara e Oh-Sê-Alegre me assistiam a todo momento, e a boa Sara sempre me dizendo que levasse as coisas com calma.

Passados uns instantes, Sara me trouxe alguma coisa para beber, e eu voltei a sentir o mesmo cheiro pungente dos bosques. Depois, perdí os sentidos. Quando tornei a abrir os olhos, tinha um filhinho nos braços, um menino! Mike estava de pé ao nosso lado, dominando-nos com a sua grande estatura. Estendeu um dedo enorme para o pequenino embrulho, e o bebê o agarrou com força. Subitamente ouví lá fora um lamento agudo, de cortar o coração, e agarrei a mão de Mike.

—Não se assuste, Kathy, não é nada. A pobre da sra. Marlin está lá fora e quer ver o seu bebê.

—E por que não? deixe ela entrar!

Sara foi abrir a porta, enquanto Oh-Sê-Alegre segurava o bebê nos braços para que a louca o pudesse ver. E nisto, num gesto rápido arrancou o bebê dos braços da moça! Segurando-o bem, foi recuando para a porta. Mike deu um pulo e avançou para ela a passos largos.

—Mike, não faça nada! gritei, e as minhas palavras o detiveram.

—Tem razão, disse ele, e parou.

Oh-Sê-Alegre olhava para mim com uma interrogação angustiosa. Fiz-lhe um sinal afirmativo. A moça aproximou-se da louca, até ficar a metro e meio de distância dela. Então sorriu e estendeu os braços: —Me dê o menino...

A mulher abanou a cabeça, e resmungou:

—É meu. Meu...

Aconchegou melhor o bebê em seus braços, cantarolando para ele:

—Meu menino morreu... Tu é meu menino.

Mike foi-se chegando um pouco mais perto, e ela recomeçou a gemer. A sua voz era um murmúrio quebrado: «Morto, todos mortos. Bebê morto, pai morto. Tudo que eu toco, morto.» E pôs-se a cantar essas palavras com a melodia duma velha canção francesa de embalar. E de súbito virou-se para nós:

—Eu disse pra ele, vai embora, me deixe. Eu sou viuva de americano, e não *klootch* pra todo mestiço safado pôr as mãos nela. Mas quando ele bêbado, entra na minha casa rugindo. Depois vai embora, pra linha de armadilhas, não volta cá mais. Eu tinha bebê dentro de mim, bebê dele. Digo eu assim, quando ele vem, talvez casa comigo na igreja. Logo sargento Mike traz ele pra'quí e põe ele na gaiola. Eu vou ver ele e digo tudo, tudo. Ele bota cabeça pra trás, desata a rir de mim. Minha faca eu tenho ela no cinto. Puxo, espeto como espeto meu porco, no pescoço. Volto pra casa, fico muito doente. Meu bebê fica morto. Morto, morto, morto!

Continuou a entoar estas palavras como uma canção para o meu menino.

—Cardinal, disse Mike, —riu de você. Você cravou a faca no pescoço dele. Onde foi buscar a faca? Pense. Jonathan Forquet andou amontoando lenha pra você o inverno passado.

Ela começou a chorar e lamuriou:

—Ele disse eu podia ficar com ela!

—Sim, disse Mike, —você pode ficar com ela. Se me der o bebê pode ficar com a faca.

—Só pra mim?

—Para você. Sua!

A louca entregou-lhe a criança...

ALGUM tempo depois desta cena ficamos sem a nossa Oh-Sê-Alegre. Os índios tinham organizado uma grande festa em celebração dos primeiros frutos das plantações de milho. Eu emprestara à jovem moça, para ir à festa, um vestido de Caracul branco que o Chefe Mustagan me tinha oferecido como presente, quando saimos de Hudson's Hope.

Na tarde em que findou a festa, Mike e eu ficamos a observar a dança cerimonial. A fila das moças, postada em frente da de rapazes, avançava para esta última, dançando nos calcanhares e nas pontas dos pés. Depois recuava, e era a vez de avançarem os moços, com ímpeto—passo, pulo, passo, em ritmo exagerado. Dançando embrulhada nas suas peles brancas, Oh-Sê-Alegre parecia transfigurada de alegria e beleza! Jonathan dançava do outro lado, entre os rapazes, pulando com vigor e júbilo exultante, e agachando-se alternadamente, segundo as regras da dança ritual.

E de repente a linha desfez-se. As mulheres misturaram-se com os homens. À passagem de Oh-Sê-Alegre, todos os rapazes a chamavam. Mas ela só parou em frente de Jonathan, e, tirando a charpa, que lhe cobria a cabeça, lançou-a em volta das espáduas do enamorado. E alí ficaram, imoveis, até que de todo se extinguiu o rufar dos tambores... Não vi que ele lhe fizesse qualquer pergunta, que era da ordem—mas quando Jonathan atravessou a aldeia, Oh-Sê-Alegre foi na companhia dele...

Chegados à orla do bosque, pararam, e Jonathan colheu alguns ramos que se atravessavam no caminho dela, como para lhe abrir passagem. Os ramos, abandonados, voltaram à sua posição—e a moça desapareceu. Tinha-se ido na companhia do seu «fazedor de canoas». Ele ergueria para ela morar uma *tepee* de ramos de salgueiro; e a sua cama de casal seria feita de madeira de bálsamo e de peles.

Oh-Sê-Alegre, Mamanowatum! Foi essa a derradeira imagem que dela tivemos.

OS MENINOS tinham ido para a cama, e Mike estava entretido com o seu jogo favorito de paciência. Nunca conseguia terminá-lo. O inverno voltara uma vez mais. Para mim pouco havia o que fazer, alem de ler ou sair a passear com os meninos no trenó construido por Mike com a madeira dum velho carroção que tinha encontrado nos fundos do armazem.

Nesse instante entrou uma índia. «Sargento Mike,» disse ela, «meu bebê doente. Meu bebê sufocado!»

Fui correndo buscar o dolman e o capote de meu marido, e ele saiu. Tinha eu acabado de meter-me na cama, e estava cochilando, quando ouví alguem bater na porta. Mike não bateria. Levantei-me e enfiei um roupão de banho. Alguem estava em frente da janela—e era Mike!

—Não abra a porta, Kathy. Eu não quero entrar. O bebê de Wiya-sha acaba

de morrer de crupe. Eu vou dormir no escritório. Se este caso for o único aquí no lugar, eu ficarei fora de casa só quatro ou cinco dias.

—Mas você tem certeza que foi crupe?

—Quase absoluta. Ouça, meu bem. Não se preocupe. A única precaução que você pode tomar, que eu saiba, é pincelar a sua garganta e a dos meninos com tintura de iodo. No caso de precisar de minha ajuda, basta suspender um lençol pela janela.

Na manhã seguinte, acordei ouvindo gritos e lamentos entrecortados, que chegavam a meus ouvidos, vindos da aldeia. Mary Aroon assustou-se e começou a chorar. Fechei todas as janelas e tranquei a porta e depois disse para tranquilizá-la:

—Não vê que é o vento?

Fiz desenhos para entretê-la, e ela coloriu-os com seus lapis de côr. Lavei a louça do pequeno almoço, fazendo muito ruido com a água e batendo com os pratos, e até esforçando-me por cantarolar um acalanto irlandês, mas de vez em quando um grito desesperado e agudo chegava-nos aos ouvidos, sempre acompanhado do mesmo côro de gemidos prolongados. Dei comigo fazendo esforços para escutar: talvez fosse mesmo vento...

Mike voltou à janela.

—Kathy, a peste está por toda a parte, disse-me ele. —Há aí casas com quatro pessoas numa cama. Aos que tem o que comer, faltam-lhes forças para se levantar e ir fazer a comida. Vá buscar as panelas maiores que temos em casa, e cozinhe uma porção de carne com arroz. Quando tudo estiver pronto, faça sinal com o lençol e eu virei apanhar a comida. Ponha-a na varanda, para não me tocar.

Entreabrí um pouquinho a porta e pus-lhe o almoço do lado de fora. Perguntei-lhe o que ele estava fazendo para ajudar aquela pobre gente.

—Nada, que quer você que eu faça? Já lhes dei toda a quinina que tinha. Agora estou dando álcool. É um estimulante, e é disso que eles precisam. Mas o melhor de tudo ainda é a comida. Se formos capazes de os ajudar a manter a energia...

Foi-se embora, e daí a uma hora voltava para buscar a sopa que eu cozinhara. Passei-lhe as três panelas que enchera de comida. Arrastei-as pelo assoalho até as deixar no chão da varanda. Mike perguntou se eu já pincelara de iodo a garganta dos nossos filhos. Disse-lhe que sim.

—Então torne a pincelar! E foi-se novamente, levando as panelas de comida.

O dia se foi arrastando, vagaroso. Ninguem se aproximou da nossa casa. Mary Aroon e o irmão dormiram a sua sesta mais cedo: tinham brincado muito e a fadiga fechava-lhes os olhos. Coloquei-os na cama, e fui buscar o meu cesto de costura para ver se o trabalho me distraía o espírito. Estava resolvida a não mais ouvir os lamentos que vinham da aldeia, mas a ressonância grave daquelas vozes tinha algo de hipnótico. Era um choro contínuo de dor. Um lamento pelos mortos...

Nisto, uma sombra escureceu o quarto, e eu levantei os olhos para a janela: diante de mim, de costas viradas para o sol, lá fora, uma mulher me olhava. O vento desgrenhava-lhe o cabelo, fustigando-lhe com ele o rosto e o corpo. A mulher ergueu à altura da janela um fardo que trazia, para que eu o visse: era um bebê, morto, já rígido! Gritei sem abrir a vidraça:

—Vá embora pra casa, por favor!

Ela ficou imovel, sem falar, erguendo o pequeno cadaver para mim como uma resposta e uma súplica.

—Que é que deseja?

A índia tentou falar, pôs-se a engulir com esforço; o esforço quase a sufocou.

Cuspiu então na neve, e eu pude ver que a saliva tinha umas flocos esquisitos, de côr cinzenta. A mulher tornou a empurrar o bebê contra a janela. A sua boca fazia esforços desesperados e repetidos por articular uma palavra. Por fim, conseguí entender: «Remédio!»

—Vá ter com o sargento Mike!

Os olhos dela velaram-se, e a índia abanou a cabeça devagar. Queria dizer que de lá viera; pobre Mike, a aguardente tambem se lhe tinha acabado! A mulher continuava a espiar-me. Eu era a mulher branca. Tinha portanto obrigação de fazer alguma coisa por ela... Não podia suportar aquilo por mais tempo: era de partir o coração.

—Eu não posso ajudá-la! Vá embora, vá embora!

Obediente, ela afastou-se da minha varanda. Via-se que andava com dificuldade, mal se equilibrando, e quando a sufocação se apoderou dela, caiu de bruços na neve, com o corpo atravessado sobre o pequenino cadaver. A ventania continuava a agitar-lhe o cabelo negro, fazendo-o flutuar e rastejar em volta dela duma maneira sinistra.

Voltei-me para dentro, para não ter que ver os dois cadáveres que agora jaziam em frente de nossa casa.

RALPH estava chorando. Apalpei-lhe o pescoço, e notei que tinha os gânglios inchados por baixo da maxila. A garganta dele pareceu-me vermelha. Corrí a suspender o lençol fora da janela... Quando Mike chegou em casa, o nosso menino já tinha na garganta aqueles sinistros véus cinzentos.

—Mike, faça alguma coisa! disse eu.

Ele aplicou toalhas bem quentes no pescoço do bebê, e mandou-me ferver água ao lume, para manter a atmosfera carregada de humidade. Disse-me depois que desse de comer ao nosso menino o quanto ele pudesse aguentar.

—Não, eu quero é um remédio!—disse eu, e a esta palavra estremecí e arripiei-me toda: remédio, remédio era tambem o que aquela pobre me tinha suplicado!

—Existe uma antitoxina, mas vai levar dois ou três meses para chegar até aquí, explicou Mike, e só dá resultado quando está fresca!

Naquela mesma noite Mary Aroon levou as mãos à garganta e desatou a chorar. Preguei na parede, ao lado dela, onde pudesse vê-las bem, a árvore côr de rosa e a galinha vermelha e roxa que ela tinha desenhado; pus o ursinho forrado de percal em cima da almofada, e dei de comer o quanto pude à minha filha.

O corpinho de Ralph estorcia-se de sofrimento. O meu pobre bebê travava uma luta dolorosa para respirar. Todos os orgãos nele se esforçavam por obter ar! Pouco a pouco a respiração, que parecia raspar-lhe a garganta, transformou-se num gorgolejo atroz. Ralph deu uns estremeções e ficou imovel... Mike inclinou-se a examiná-lo. Quando levantou a cabeça, eu compreendí. É possivel que já tivesse compreendido antes... Mike quis apertar-me nos braços, mas eu empurrei-o:

—Não! gritei. —Não, não!

Sete horas depois, morria a nossa Mary Aroon. Mike quis dizer-me qualquer coisa.

—Uma criança que nunca teve uma hora de doença na vida! bradava eu.

Ele tentou erguer-me, separar-me dela, mas eu estava toda crispada sobre o corpo da minha filha, prometendo-lhe o cachorrinho, a boneca de trapos, contar-lhe histórias...

—Kathy, disse ele,—minha querida. Você aquí não pode fazer mais nada. A pequena de Constance, Barbette, está

doente desde ontem. Vá para a casa dela.

Enchí um cabaz com todas as coisas que eram necessárias; mas um ódio surdo e constante pulsava em cada fibra do meu corpo, um ódio terrivel contra este país, esta aldeia de Grouard. Era dificil conter-me:

—Mike, disse eu, tendo cuidado de não olhar para ele—se nós estivéssemos vivendo numa cidade...

—É melhor não falar, Kathy...

Pusemo-nos a caminho da casa de Constance Beauclaire. Quando lá chegamos, o fogo apagara-se na chaminé. Estremecí de frio. Barbette estava deitada numa cama, no extremo mais afastado do quarto, e ao lado dela, ajoelhada no chão, a mãe. Ergueu-se com vagar e sorriu-me com infinita fadiga.

—Sim, disse ela, —a comida. A senhora trouxe comida. Iremos levá-la para a aldeia, aquí já não é mais precisa.

Barbette já não vivia! Encostei-me à porta. Só me parecia natural que assim tivesse acontecido. Enquanto isso, Mike saiu, e daí a minutos estava de regresso com um par de bastões.

—Se vocês forem à aldeia, quero que levem isto. Os cachorros andam à solta, e são um perigo. Faz muitos dias que ninguem lhes dá de comer.

Balancei a cabeça e saí com Constance. Fomos entrando naquelas casas. Logo na primeira toda a gente morrera, exceto uma velha que encontramos sentada no chão com um cobertor por cima da cabeça, chorando os seus mortos. Pus meio pão ao lado dela, e saí. Cá fora, um cachorro atirou-se a mim: dei-lhe uma cacetada no focinho que o fez recuar, uivando de dor. Outro cachorro, magricela e pelado, pôs-se a rastejar em cima da barriga. E ficaram os dois a olhar, com a saliva escorrendo das bocarras, esta cena: um homem ainda jovem tirava duma casa, pela janela, o corpo duma menina, e depois pôs-se a içá-la para cima do teto da cabana.

Olhei para os telhados de outras cabanas, e só então, pela primeira vez, reparei naquelas fileiras de pés de mortos deitados ao frio... Outros estavam amarrados às árvores, fora do alcance dos caninos. Era o processo de refrigeração natural do lugar.

O índio que içara a filha para o telhado, deixou-se escorregar lá de cima e voltou a entrar em sua casa. Aproximei-me e depus a outra metade do pão no lado interior da porta. O rapaz abanou a cabeça e disse: «Onde a sombra dela vai, eu segue.» Nisto, tropeçou, e quase caiu sobre uma cama de peles. Corrí a reanimar o lume, e depois aproximei-me dele; fez-me sinal para que me afastasse:

—Mrs. Mike! Os cachorros! Capazes de entrar na casa.

—Eu vou escorar a porta.

—Isso, porque eu vou ficar aquí muitos dias. Sargento Mike, ele tem um, dois, talvez três homens ajudando. A gente morre muito depressa... não chega.

Para os índios *crees* era muito importante conservar intactos os cadáveres. Seria muito inconveniente, segundo as crenças deles, aparecer no outro mundo com o corpo abocanhado e estracinhado pelos cães.

Continuamos nossa via crucis. A seguir entramos num *tepee* onde jaziam três crianças, estorcendo-se de sofrimento. Pus água no fogo para ferver. Arranjei umas compressas, que lhes coloquei no pescoço. Obriguei-as a engulir sopa com as suas pobres gargantas inchadas. Por vezes, as suas carinhas enegrecidas pela doença velavam-se a meus olhos, e era como se fosse pelos meus dois filhinhos que eu lutava contra a morte!

Uma das crianças contorceu-se toda num nó horroroso, e expirou. A mãe cobriu-lhe a cabeça, e pôs-se a gemer. Era manhã clara. Do cimo das árvores, os mortos pareciam olhar para nós. Dor, fadiga, o macabro do cenário, já nada parecia impressionar-me. Aconteceu em dado momento que um par de bracinhos se ergueu para mim num gesto de carinho infantil, e eu pensei amargamente: «Por que haviam de ser estes?» Alguma coisa doeu dentro de mim quando olhei para aquelas duas crianças que estavam salvas, que melhoravam, que iam viver.

Passou por nós um velho, carregando o cadaver da sua companheira. Momentos depois ouví um grito, e voltei-me: um cachorro esfaimado esforçava-se por arrancar ao velho o cadaver mirrado! O ancião puxava e lutava, mas o cachorro acabou levando a melhor, e roubou-lhe o cadaver. Grunhindo, o cão atirou-se ao corpo e começou a espedaçá-lo, mas o velho arremessou-se sobre o cachorro e desatou a bater-lhe com as suas pobres mãos debeis. Quando cheguei perto dele, estava todo mordido!

Foi pouco depois desta cena que Sara me encontrou; levou-me para junto de meu marido, que estava em casa, e parte do caminho teve que carregar-me. Quando entrei, vi que os dois berços dos nossos filhinhos tinham desaparecido. Nunca lhe perguntei o que fizera deles. Tambem os desenhos a carvão de Mary Aroon haviam levado sumiço. Esperei que Mike saisse, e então procurei-os por todos os recantos. Acho que, baldados os meus esforços, fiquei contente de os não ter encontrado...

Mike, daí em diante, saía todos os dias. Ele, o Tim Beauclaire e o velho Georges, durante aquela semana, enterraram metade da população da aldeia. A maior parte dos mortos eram crianças e velhos.

Na segunda noite dessa semana, Mike me levou a subir a colina onde estava o cemitério; caminhamos por entre as fileiras de cruzes brancas. Acabavam de acrescentar uma nova fileira. Talhado à faca em uma das cruzes, eu li o nome de Mary Aroon Flannigan, e logo ao lado o de Ralph Flannigan. Meus dois bebês jaziam alí naquela colina nua, varrida pelo vento! Ajoelhei-me e pus as mãos na neve. Mike tocou-me o ombro. Erguí-me e seguí-o até casa. Minha vontade era estender-lhe os braços, mas não podia. De começo não pude compreender por quê, mas pouco a pouco conseguí ver claro na minha atitude: era ele que eu estava acusando. Teria ele entendido? Continuava sendo o mesmo homem carinhoso, paciente e terno, mas evitava encontrar o meu olhar. E era quando supunha que eu estava ocupada com qualquer coisa, que ficava muito tempo de olhos postos em mim... Era-me impossivel dominar o azedume que me invadira o coração. Ele devia saber: vivera neste país. Todos os invernos vira morrer crianças ceifadas pelas epidemias. E bem sabia que em todo o Noroeste canadense não havia assistência médica de espécie alguma. Não tinha nenhum direito de trazer uma mulher para uma terra destas, e ainda por cima ter filhos com ela! Tal era o pensamento que eu guardava no íntimo...

Durante dois meses ocupamos o mesmo quarto, raramente trocando uma palavra. Ele ficava fora o dia todo. Eu o queria, ansiava por ele, a solidão era-me intoleravel. Chegava a contar os minutos em voz alta. E por fim ele chegava. «Alô Mike», «Alô Kathy,»—e era tudo o que dizíamos.

Enquanto preparava a ceia, eu repetia em mente todas as coisas que tinha pensado dizer-lhe. Mas quando nos sentávamos frente a frente, meu coração pulsava

violentamente, e eu dava um salto, saía da mesa para ir buscar o sal ou o leite. E depois, que é que podia dizer? Tudo levava de novo ao mesmo labirinto de dores e azedumes!

Depois da ceia, ficava sentada a ouvílo tocar a harmônica. Era um instrumento velho que ele achara no armazem. Fechava-se, pensativo, na sua música. Parecia-me tão perdido quanto os nossos filhos. Noites e noites seguidas eu ficava a ouvir aquela música, enchendo-me de ódio. Os sons daquela sanfona me estavam fazendo louca!

Uma noite, quando eu o vi estender a mão como de costume para a sua sanfona, senti que me ia pôr de pé a gritar. Não cheguei a fazê-lo, porque nesse instante entraram com um homem estendido em cima duma porta que servia de padiola. Corrí a lavar-lhe o sangue da cara, sem ter reparado que ele tinha um olho pendente, quase arrancado da órbita. Corteilhe com a tesoura a jaqueta e a camisa que envergava. Mike entretanto ia tratando o rosto do ferido. Não sei por que, Sara tambem estava presente, e colocando emplastros. O homem chamava-se Randy Nolan, e era novo na região. Quando tornei a olhar para ele, já tinha o olho no lugar, e Mike lhe colocava umas ligaduras no rosto. Tinha uma costela partida, rompendo através da carne, e grandes arranhões sangrentos cortavam-lhe o peito de través. Um dos braços pendia do ombro numa posição esquisita, deslocado...

Não era a primeira vez que víamos os efeitos do encontro dum homem com um urso *grizzly!* Durante a primeira semana o ferido ficou inconciente a maior parte do tempo. Na segunda semana gemeu continuamente. Depois, quando eu entrava no quarto, já falava comigo. Achava-me admiravel por tê-lo recolhido e cuidado dele. Mal ele sabia o vácuo que viera preencher na minha vida! Nolan tinha uma irmã em Boston, e eu sentia-me capaz de trabalhar dia e noite como uma escrava, só para ouví-lo contar do concerto a que tinha assistido no Symphony Hall, e como eram as últimas modas em vestidos, e como quase toda a gente agora possuia automovel, e os carros chegavam a andar a 40 quilômetros à hora, uma velocidade louca!

Um dia Mike chegou em casa trazendo um telegrama: era da irmã de Randy. Ela pedia que o irmão fosse para Boston, tão depressa estivesse em condições de viajar. Logo se me formou na cabeça um plano, que me excitava ao mesmo tempo que me assustava.

—E o melhor que ele tem a fazer, disse eu a Mike essa noite, quando estávamos sentados em frente da lareira. —Ele precisa de tratamento médico.

Mike ficou-me olhando muito tempo, e disse:

—E, mas ele não pode viajar sozinho.

—Bem sei, disse, e desatei a falar muito depressa, sem olhar para Mike. —Eu até pensei que gostaria de levá-lo até lá. Não saimos daquí há quase quatro anos! Eu podia levá-lo até Boston, e...

Mike pôs-se de pé:

—Kathy, se você acha que deve, vá. Só Deus sabe, talvez seja melhor mesmo...

NÃO FORAM necessários muitos preparativos. Arrumei minhas roupas e a maleta de socorro de urgência. Mike fez uma padiola para o doente. Um dia Mike interrompeu o seu trabalho, foi até à janela, e pôs-se a olhar para fora.

—Com todos os diabos... Eu não quero que você vá!

—Mas...

—Escute aquí, a gente nem sequer conversou a respeito como devia! Você não me disse quanto tempo tenciona demorar-se, e eu tenho a impressão... Encolheu os ombros e continuou: —De que serve discutir? Você quer ir, não quer?

Na manhã seguinte todo o mundo estava no cais. Ao último momento Sara veio direita a mim, e disse:

—Mrs. Mike, não deixe de voltar!

Mike ergueu-me nos braços para me pôr no bote. Virei-me e acenei adeus, mas as lágrimas me obscureceram a vista e não pude distinguir as caras. E de todo aquele coro de despedidas, apelos, e votos de boa-viagem eu não conseguí tirar a claro uma palavra.

Foram dois dias de jornada dificil, primeiro na lancha e depois numa carroça de cavalo, para chegarmos à estação da viaférrea. Mas por fim lá a avistamos! Em meio daquele deserto estava uma locomotiva com um vagão de serviço e um só carro de passageiros. Mike, que nos acompanhara até alí, transportou minha bagagem para o carro e colocou-a num assento. Depois me deu umas quantas notas que tirara da carteira. Foi só então que eu compreendí que estávamos dizendo *adeus!*...

—Kathy, eu gosto de você... Eu...

Passou-me em volta dos ombros um braço tímido e incerto. Um momento depois estava lá fora. O trem deu um solavanco e pôs-se em marcha. A última imagem que guardei dele foi a dum homem solitário, em pé, contra o fundo do Noroeste inteiro...

Fiquei olhando a paisagem lá de fora, gotejante de neves derretidas, e sentindo no coração a dor de todas as coisas ditas e caladas.

Minha irmã Anna Frances esperava-me na estação de Boston. Assim que pulei na plataforma, disse-lhe logo:

—Quero ficar aquí muito tempo!

No dia seguinte ela e mamãe organizaram uma festinha para celebrar meu regresso. Moços e moças cujas caras eram para mim uma vaga lembrança, enchiam a sala de visitas de mamãe. Alguem tocou *Alexander's Ragtime Band* no piano. Dançamos, minha irmã serviu sorvetes e bolinhos.

Mais tarde mamãe veio ter comigo ao quarto, às escondidas. Enlaçou-me em seus braços e disse:

—Kathy, você sente-se muito só lá pelo Noroeste!

—Mamãe, cortei abruptamente—eu amo Mike, e sempre hei de amá-lo.

Acariciou-me o cabelo:

—Talvez ele quisesse vir viver em Boston...

—Em Boston, respondí, sacudindo a cabeça,—Mike seria apenas mais um policial!

—Katherine Mary, tornou minha mãe com voz firme,—se há coisa que eu nunca farei, é intervir na vida de minhas filhas. Você foi casar-se com um homem que eu nem sequer conheço, e a vida que tem levado, não há mulher nenhuma que a quisesse, encafuada numa cabana, sem um trapo decente que vestir, sem um médico que acudisse aos seus filhos morrendo numa cama. Essa vida não lhe convem, Katie. Eu acho que uma mulher não deve nunca abandonar o marido. Mas neste caso a coisa é diferente. E eu não vou consentir que você volte para o norte, para viver na solidão, diante da sepultura dos seus filhos!

—E eu não quero voltar mesmo! murmurei.

Mamãe procurou distrair-me. Íamos noites seguidas ao teatro, à opereta e às comédias musicais, e uma noite minha mãe e eu subimos às «torrinhas» dum teatro para ver representar a famosa Sarah Bernhardt, que andava em *tournée* pela América.

Tudo isto era maravilhoso, mas cedo me convencí da inutilidade desses esforços. Eu sentia que toda esta existência me era agora estranha. Até mesmo de mamãe e de minha irmã eu me sentia irremediavelmente separada. Tinha diante dos olhos, noite e dia, a imagem de Mike como eu o vira ao último momento, sozinho, contra o imenso pano-de-fundo do Noroeste. Era desse país que eu sentia saudade, a terra que fizera dele o *Sargento Mike Flannigan!* Eu fora injusta com ele, e procedera mal. Via-o agora claramente, e sentia a necessidade de dizê-lo.

«Mike», repetia eu chorando, como se ele estivesse alí para ouvir-me, «leve-me para junto de você! Prometo nunca mais deixá-lo.»

E TUDO foi como eu desejava. Mike me esperava na estação, com o trenó. Mas desta vez pusera guizeiras nos cachorros, o que dava a tudo aquilo um ar de festa. A voz dele soou-me grave, e como que sufocada. Balbuciava qualquer coisa, depois parava e ficava olhando para mim. Depois era eu que esquecia o que estava dizendo, e me quedava pasmada a olhá-lo. Tentei dizer-lhe como sentia ter agido mal com ele. Mas ele, enquanto eu falava, não fazia senão beijar-me entre palavras.

—Podemos recomeçar tudo, você não acha, Mike?

—Se podemos! dizia ele segurando-me nos braços.

A neve faiscava e reluzia. Aquí e alem o sol, iluminando as delicadas partículas de neve, parecia tocá-las dum fogo frio. Mike não deixava de olhar-me, e a certa altura disse:

—Que tal lhe parece voltar a casa, Kathy?

Era isso—a casa, a nossa casa, o lar!

Chegamos alí no dia seguinte, já tarde. Os ramos das árvores, cobertos de gelo, dobrados, formavam como que uma cúpula de cristal por sobre a cabana. Pulei do trenó e corrí para a porta: mas o Mike chegara lá antes de mim, e disse-me:

—Escute, Kathy. Você vai achar tudo numa desordem...

—Não seja tolo! Tudo isto vai entrar já nos eixos!

Mike fez uma cara de dúvida, e eu preparei-me para o espetáculo e abrí a porta.

O interior da cabana estava esfregado, limpo, polido, reluzente! Olhei para Mike, a ver se ele estivera caçoando comigo, mas bastou um golpe de vista para me convencer de que ele não ficara menos surpreendido do que eu. Estava tudo nos seus lugares, e na mesa fumegava a ceia, acabadinha de cozinhar!

Foi então que ouví bater a porta dos fundos. Corremos os dois para a cozinha, a tempo de ver Sara que se afastava a passos largos. Ainda a chamamos, e vimo-la levantar os braços acima da cabeça, como a dizer «bem que estou ouvindo». Mas não voltou atrás—nem sequer a cabeça virou a olhar-me! Tal era a sua delicada compreensão: este regresso era de Mike e meu, e não para ser apreciado por estranhos.

CORREU tempo. Chegou o ano de 1914 com a guerra... Timmy Beauclaire veio-se despedir de nós, e pedir a Mike que olhasse pelo ponei dele. O irmão, Paul, já fora mobilizado em Edmonton.

Quando chegou o fim desse inverno, já eu havia feito entrega de cinco radiogramas às famílias—«Desaparecido em combate», «Morto em combate»... Um dia Sara veio ao escritório.

—A senhora me faz uma xícara de chá, Mrs. Mike?

Este pedido tão simples e natural bastou para me assustar, pois desde que nos conhecíamos nunca eu lhe ouvira pedir fosse o que fosse a ninguem. Preparei o chá, e ela tomou-o. Depois, sem mais aquelas, disse:

—Madeleine, a filha de Constance, ela tem dois bebês, ela morre!

—Madeleine *morreu*, é isso que quer dizer?!

—Eu ajudo ela ter dois bebês. Menino e menina. Ela sangra muito. Eu faço parar sangue de fora, mas dentro ela sangra e sangra.

Reparei que o Mike pousara a pena na mesa.

—Ela teve gêmeos, é isso? perguntou ele.

—É. Menino e menina.

Ninguem falou mais. Ficamos sentados tomando nosso chá. Três horas depois o telégrafo começou a martelar. Sara ergueu a cabeça e observou Mike de perto, enquanto ele copiava o seguinte telegrama: «MARÇO 27—MR. E MRS. GEORGE BEAUCLAIRE . . . LAMENTAMOS INFORMAR . . . MORTO EM COMBATE . . .» Virei-me para Sara:

—Constance já sabe a respeito de Madeleine?

Ela acenou que sim, e explicou que mãe e filha estavam juntas no momento do parto. Mas agora Constance já voltara para sua casa.

—Mas por que, meu Deus? Por que é que havia de ser assim? Por que os dois filhos ao mesmo tempo, e por que tudo isto tinha que suceder à boa Constance?...

Acabei por me encher de coragem e fui bater-lhe à porta. Entrei, e ela veio ao meu encontro. Ia disposta a prepará-la para o golpe, e dizer-lhe coisas boas e carinhosas, mas só conseguí abrir a boca para dizer o nome dela, e estendí-lhe o telegrama. Ela perguntou apenas, quase sem descerrar os lábios:

—Qual deles?

—Paul...

Na primavera seguinte foi a vez de Timmy! Constance estava arranjando as mamadeiras para os gêmeos, quando eu cheguei. Voltou-se para mim, sorrindo, e disse: —Kathy!

Fiquei por alí, sem falar, ao canto da mesa, como naquele dia do inverno anterior. Debaixo da minha mão estava o primeiro telegrama: coberto duma espessa camada de poeira, e ainda por abrir. Ela nunca o tinha tocado. Pus o segundo em cima do primeiro, e saí...

Fui encontrar Mike olhando pensativamente pela janela. O cavalinho malhado do Timmy estava alem na pastagem, com o focinho pousado na ripa da cerca.

—Sara esteve aquí. Não sei como foi que ela adivinhou, mas vinha saber do Tim!

—E você lhe disse?

—Tive que dizer. Tudo o que ela respondeu foi: «Quando são pequenos, doença. Quando crescem, guerra.»

O MUNDO lá fora, esse mundo barulhento e brigão que só nos mandava telegramas de morte, mandou-nos mais uma mensagem de luto. Saida da lama das trincheiras européias, no outono de 1918, a influenza epidêmica invadiu o mundo, atingiu o distante Noroeste canadense. E mais uma vez assistimos à morte da nossa gente—tambem desta vez sem médicos, sem soros, sem socorro!

Acompanhei Sara ao quarto de dormir dos Beauclaire. O velho Georges estava sentado, todo dobrado, ao lado da cama da esposa. Esperamos muitas horas que Constance se movesse ou falasse. Por fim ela abriu os olhos:

—Vou morrer, Kathy, disse ela. —Mas estou tão cansada, que nem me importo...

Sara balançou a cabeça:

—Ela não faz caso. Eu sei. No fim só

há os meninos. Quando eles vai embora . . . nada fica.

Velamos toda a noite, sentadas nas cadeiras. Constance permaneceu imovel. Tinha os lábios entreabertos e mal a víamos respirar. Fiquei alí vendo amanhecer. Mike veio tomar o meu lugar, pela manhã, e Constance voltou a abrir os olhos. Olhou para todos nós, reconheceu-nos. E murmurou:

—Mike e Kathy, levem os gêmeos...

E foi tudo. Georges lançou-se sobre a cama, soluçando. Eu encostei o rosto ao peito de Mike, e chorei por uma das amigas mais queridas que já tive.

Todo o tempo que durou esta cena, eu tive conciência de que Sara andava dum lado para outro pela casa, fazendo em silêncio tudo quanto era preciso fazer. Vi-a passar por mim, levando nas mãos uma chaleira de água quente. Reparei como tinha as costas terrivelmente curvadas, e como os seus movimentos eram vagarosos. Era a primeira vez que eu notara o quanto ela tinha envelhecido!

Conseguí por fim sacudir a dormência que se apoderara de mim. Abrí a porta e entrei no quartinho dos gêmeos. De pé, sobre a cama, estavam duas figurinhas, uma delas, um menino, com a camisa enfiada pela cabeça, e Mike se esforçando por vestí-la, vencendo o obstáculo das orelhas. Eu disse rindo:

—Olhe aquí, para vestir a camisa assim, é preciso desabotoar mais um botão!

—Mas nesse caso, é preciso tornar a tirar a camisa! protestou Mike.

—Há ocasiões em que paga a pena voltar ao começo, e esta é uma delas...

Uma vez vestidas as crianças, levamo-las rapidamente para fora da casa, passando pela sala da frente. Voltei depois para dizer ao velho Georges que ele podia ir vê-las quantas vezes quisesse, pois elas precisavam do avô. Não creio que ele me tivesse ouvido. Tinha os olhos encovados e quase fechados. Saí então, procurando não fazer barulho.

Essa noite, em casa, Mike fingiu que era um urso para divertir os pequenos. E quando fomos para a cama, a casa estava um verdadeiro chiqueiro, um adoravel chiqueiro de papéis recortados, e compota derramada, e migalhas de bolos. Quando me pus a limpar a casa, Mike me agarrou pela cintura e disse:

—E então?

—Oh! Mike...

Não pude dizer mais nada, porque desatei a chorar, ao mesmo tempo que meu marido me cobria de beijos.

ERA UMA alegria tornar a ter crianças na casa. Muito tempo depois de irem para a cama, Mike e eu ficávamos sentados, discutindo a respeito dos nossos pupilos e fazendo planos para o futuro. Mike achava bonito que Georges viesse a ser, como ele, soldado da Polícia Montada do Canadá, e eu pensava que talvez Connie pudesse vir a fazer-se uma boa enfermeira.

Foi durante um desses serões que o Jonathan Forquet entrou pela casa a dentro, trazendo nos braços um bebê de olhos solenes, e disse:

—Venho ter com meus amigos.

Haviam decorrido oito anos desde o nosso último encontro, mas Jonathan conservava ainda a aparência orgulhosa de outros tempos:

—Oh-Sê-Alegre não veio com você? perguntei.

Ele olhou para mim e respondeu com vagar:

—Então não está vendo que ela morreu?

Só então o compreendí, na expressão dos olhos negros que me olhavam sem esperança.

—A doença levou ela, Mamanowatum...

Ergueu o bebê e depô-lo em meus braços, depois ficou me olhando.

—Mamanowatum, ela chamar bebê Kathy. Ela querer vir este inverno mostrar menina. Agora ela não vir nunca. Só eu vem, e diz, «fica com bebê.» Não quer Missão guardar ela. Eles não gosta de Jonathan Forquet!

Mike se aproximou de mim:

—Nós ficamos com a menina, não é, Kathy?

—Sim, disse eu, —é claro.

Jonathan balançou a cabeça:

—Eu vem uma vez, duas vez no ano. Traz peles. Vocês vende. Veste, dá de comer à menina. Aquí hesitou um instante e depois acrescentou em *cree:* —Digam a ela que Mamanowatum tinha um coração alegre!

Mike bateu-lhe no ombro de uma maneira expressiva. Ficamos no limiar da porta vendo-o desaparecer dentro da noite.

—Mike, que coisa estranha... Que quer dizer tudo isto?

—Bem, são coisas que vão juntas. Oh-Sê-Alegre fez parte de sua vida, e uma coisa destas não acaba assim sem mais nem menos...

Compreendí o que ele queria dizer, alguma coisa que não era facil pôr em palavras, mas que se pressentia em tudo o que nos vinha acontecendo. Oh-Sê-Alegre tinha amado e cuidado de meus filhos, e agora era eu que ia amar e cuidar da filha dela.

Quando, na manhã seguinte, Georges e Connie descobriram que tinham uma irmãzinha, foi uma grande alegria! Dissemo-lhes que podiam festejar o acontecimento da maneira que quisessem, e não levaram muito tempo para decidir: havia alguns dias que andavam insistindo com Mike para que este os levasse a passear na neve. Mike desatou a rir.

—Está bem! Kathy, vista os gurís. Eu espero vocês em frente à entrada.

E saiu para ir tratar de alguma coisa que só ele sabia. Quando acabei de calçar os mitenes de pele nas crianças, mandei-as esperar lá fora, enquanto eu enfaixava o bebê e me vestia.

Era um dia de inverno maravilhoso, límpido, frio e seco, com um sol brilhante. Corrí para ver o que Mike andava fazendo: fui dar com ele atrelando o nosso velho trenó! Julgava que ele o tivesse queimado ou rachado em pedaços, mas via agora que se limitara a escondê-lo.

—Ninguem sente frio? perguntou Mike quando os cachorros atingiram o topo da colina.

—Ninguem!

Os gêmeos, agarrados a ele, pediam com insistência que saíssemos do trenó para travar uma batalha de bolas de neve, mas meu marido continuava olhando para mim como se quisesse saber mais alguma coisa. Tentei explicar-lhe o que sentia:

—Magoa-me um pouquinho...

—O que é que magoa?—perguntou Connie. —Algum alfinete?

—Não, respondí. —A felicidade...

Esta é a prova definitiva de que se trata de um cavalheiro: o respeito que ele tem por aqueles que não lhe podem servir de nenhum préstimo.

—William Lyon Phelps

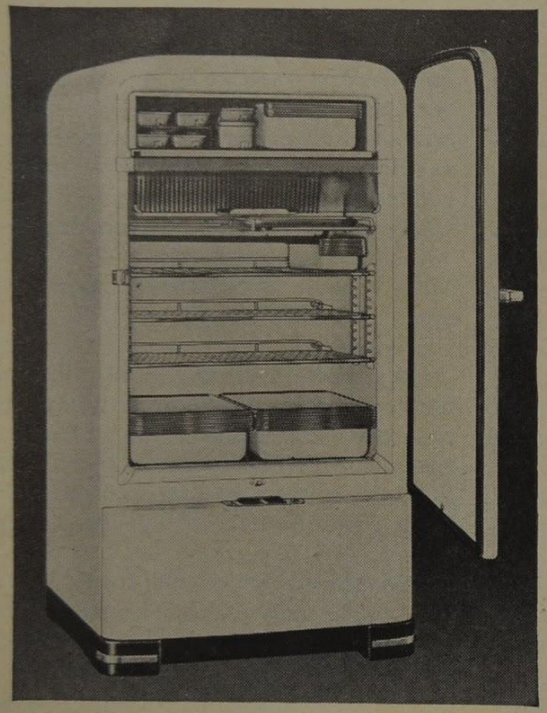
SERVEL FUNCIONA EM QUALQUER PARTE

TRABALHA COM QUEROSENE, GÁS NATURAL, GÁS FABRICADO, BUTANO OU PROPANO

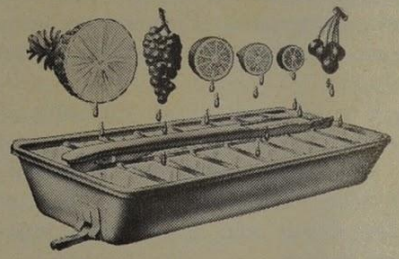
Na cidade ou no campo, o Refrigerador Servel conserva os alimentos frescos e apetitosos, até que V.S. queira usá-los. Isto porque Servel pode funcionar em qualquer lugar...a qualquer hora. Não precisa de motor, mas sòmente de uma pequenina chama de gás ou querosene para funcionar. E Servel dura anos e anos, pois no seu sistema de refrigeração não há partes móveis para serem quebradas ou gastas.

Frutas e vegetais quedam mais frescos quando guardados no Servel. Carnes e peixes retêm seu sabor integral por vários dias, quando conservados na bandeja de carne. Seu interior espaçoso e flexível permite a acomodação de cerveja e de outros alimentos volumosos em quantidade.

¡Não admira que existam mais de 2.000.000 de Refrigeradores Servel em uso no mundo inteiro!



SABOREIE OS CUBOS DE GÊLO COM GÔSTO DE FRUTAS

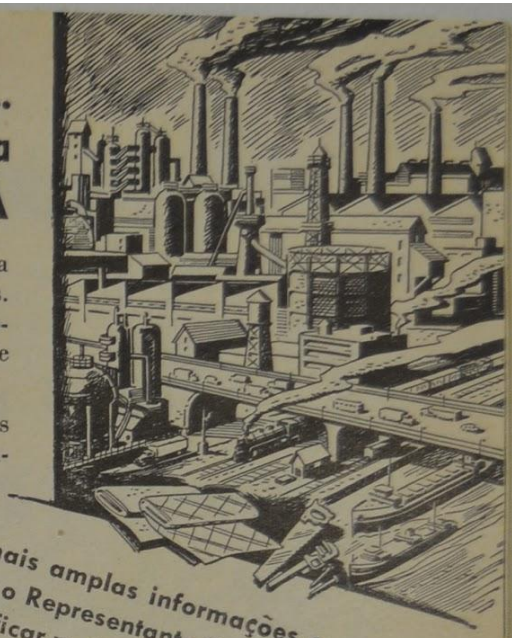


Obsequeie sua família, seus amigos e seus clientes com essa delícia gelada — cubos de gêlo feitos com suco de frutas. São gostosos, refrescantes, saudáveis . . . ¡e muito fáceis de fazer na espaçosa bandeja de cubos de gêlo do Servel! E isto é apenas uma das muitas iguarias geladas que V.S. pode fazer com um Refrigerador Servel.

Servel — O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

Seja o que for que o senhor necessite...
Seja o que for que o senhor venda
PERGUNTE AO CANADÁ

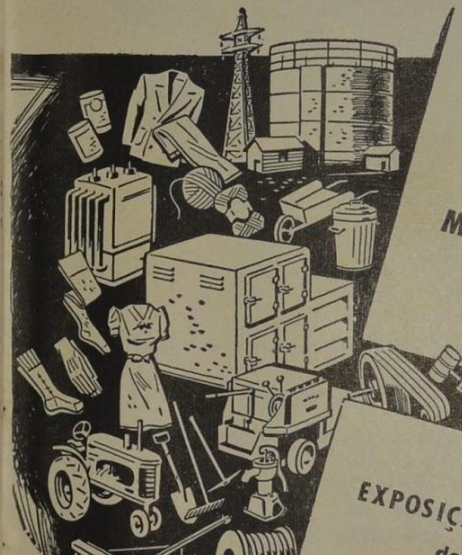


Ha muitas probabilidades de que a industria canadense possa attender ás suas necessidades. A guerra desenvolveu muito a capacidade produtora da industria do Canadá, agora capaz de fornecer seus produtos ao mercado mundial.

Alem disso os canadenses não estão apenas preparados a VENDER-lhe mas eles estão tambem anciosos por COMPRAR-lhe os seus produtos. É provavel que o Canadá lhe ofereça hoje um mercado interessante para as suas mercadorias.

Para mais amplas informações e assistencia procure o Representante Comercial do Canadá que lhe ficar mais proximo. Eles se encontram em:—

BRASIL — RIO DE JANEIRO, D.F.
SÃO PAULO, S.P.
PORTUGAL — LISBOA
SERVIÇO DE COMÉRCIO EXTERIOR
MINISTÉRIO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO
OTTAWA
CANADA



ASSISTA Á EXPOSIÇÃO-FEIRA INTERNACIONAL DO CANADÁ
de 31 de Maio a 12 de Junho de 1948
em Toronto, Canadá

Os homens de negocios de todo o mundo são convidados a assistir á primeira Exposição-Feira Internacional do Canadá. Aqui se encontrarão compradores e vendedores, afim de examinarem e compararem as ofertas do mundo inteiro . . . e fecharem negocio.

Todas elas têm que trabalhar juntas

Nenhuma peça de um caminhão é mais importante do que a outra. Trata-se de algo que V.S. não deve esquecer quando compra um caminhão.

O importante é como se fazem todas as peças — porque um caminhão completo não é melhor do que a sua peça mais fraca. O importante é como essas peças são reunidas, porque é igualmente importante que todas as partes se ajustem de modo adequado e trabalhem juntas de modo eficiente.

É por esta razão que na Companhia Mack nós mantemos um controle absoluto, durante o período de fabricação, sobre os materiais, os operários e provas envolvidos em todas as partes que compõem um Mack.

Esse controle constante resulta na produção de caminhões que são realmente feitos com precisão — caminhões cujas partes se ajustam perfeitamente umas às outras em perfeita coordenação.

Devido ao trabalho extra que entra na fabricação do Mack, obtemse um rendimento maior com o caminhão Mack.

Mack

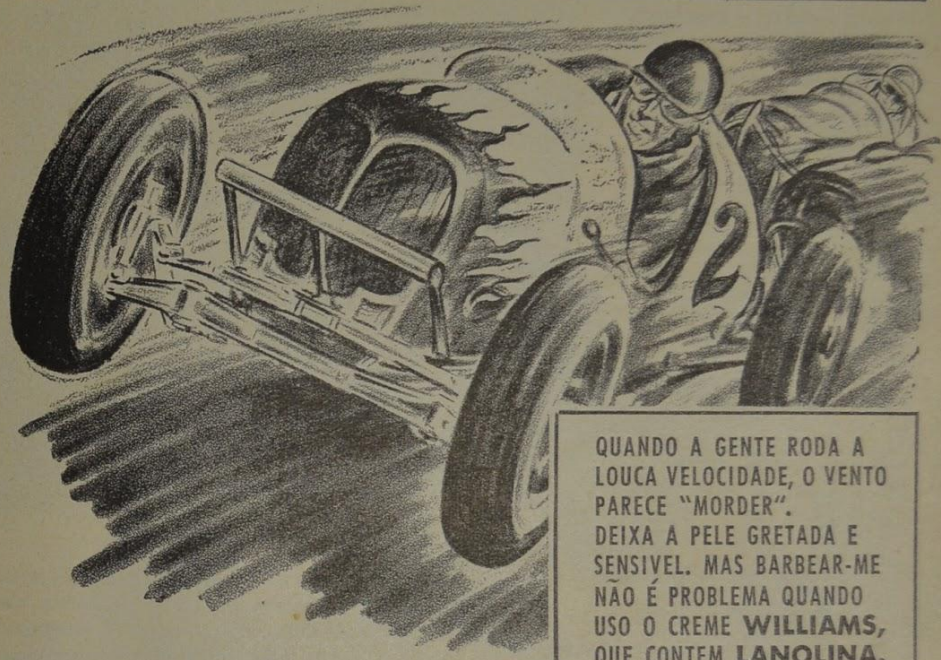
Caminhões para todos os fins

Desde 1900, os caminhões que mais resistem do trabalho nas Américas

Mack Trucks, Inc., Empire State Building, Nova York 1, E.U.A. Fabricantes de famosos caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores a gasolina e a óleo diesel. Há distribuidores da Mack em todas as capitais dos países americanos.

GANHA CORRIDAS DE AUTOS "ANÕES"

(mas tem a cara ultra-sensivel)



QUANDO A GENTE RODA A LOUCA VELOCIDADE, O VENTO PARECE "MORDER". DEIXA A PELE GRETADA E SENSIVEL. MAS BARBEAR-ME NÃO É PROBLEMA QUANDO USO O CREME **WILLIAMS**, QUE CONTEM **LANOLINA**. É BENÉFICO PARA A PELE.

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar — deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes — o "Luxury" e o Mentolado.

"FLIC!"

e está pronta a margem

É simplíssimo: basta tocar de leve uma tecla na Máquina de Escrever Remington KMC, e eis ajustada a margem, instantaneamente, no ponto exato que se deseja. O segredo está no Keyboard Margin Control (Controle de Margens no Teclado). É a última das muitas novidades criadas pelos engenheiros de pesquisa e melhoramentos da Remington Rand, para tornar a datilografia mais simples e mais suave. O Keyboard Margin Control, bem como outras Vantagens Exclusivas da Remington KMC, são capazes de acelerar e facilitar a produção datilográfica no escritório de V. S.; permita que lhe façamos uma demonstração hoje mesmo.

Quer em seu conjunto, quer examinada parte por parte, a Remington KMC estabelece um padrão de valor em datilografia. Nenhuma outra máquina apresenta tantas caraterísticas uteis e desejadas, a preço tão moderado. Compare todas as máquinas de escrever e verifique, por si mesmo, o Excepcional Valor da máquina Remington com o Keyboard Margin Control.

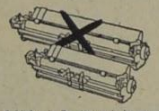
Remington Rand

EL PRIMER NOMBRE EN MÁQUINAS DE ESCRIBIR

Copyright 1947 by Remington Rand Inc.

Só a Remington KMC apresenta estas 7 vantagens, sem alteração de preço

As teclas presas por um toque errado podem libertar-se instantaneamente com o Soltador de Teclas



A Linha de Escrita mais longa permite maior capacidade de escrita, eliminando, muitas vezes, a necessidade de outra máquina com carro mais longo

Cilindro Desmontavel, muito conveniente, poupando tempo e dinheiro

Econômico controle de fita, em 4 posições e 3 trilhos

O Movimento Lateral do carro é mais silencioso, mais leve e mais rápido

A Manufatura por Unidades simplifica a manutenção, assegurando o uso continuo da máquina de escrever

V.S. Também se Enamorará de uma EVERSHARP!

Por mil poderosas razões o deixará encantado ter uma caneta EVERSHARP, a que mais se vende nos Estados Unidos: *A Pena Mágica*, de ouro genuino, colocada com precisão micrométrica, assegura uma escrita facil e suave. *O Alimentador Mágico* evita que a tinta vaze ou goteje. *O Serviço de Consertos* garantido para sempre. Para V.S. e para as pessoas de sua amizade, a EVERSHARP merece a honra da sua escolha.

EVERSHARP
Jogo
Skyliner

Dê o melhor . . . dê **EVERSHARP**

A Royal goza de predileção mundial

• **A Royal** é, na realidade, a máquina de escrever No. 1, no mundo!

Em tôda a parte se verá que a Royal é a máquina predileta—acima de quaisquer outras máquinas de escrever.

Por que tem a Royal essa procura universal? Porque ela goza de tão grande respeito mundial?

Aquí estão as cinco excelentes razões para isso:

As Royals são duradouras. São máquinas de escrever verdadeiramente resistentes. Permanecem em ação—desempenhando sua missão por *mais* tempo, com *menos* desgaste . . . e portanto requerem menos atenção.

A Royal é a mais eficiente. Nenhuma outra máquina de escrever possui tantos aperfeiçoamentos mecânicos para economizar tempo e trabalho.

Para trabalho suave, eficiente e exato, a Royal oferece:

"Magic Margin"—que fixa as margens com facilidade e rapidez!

Coberta Movel—que economiza tempo ao mudar a fita e facilita a limpeza dos tipos.

Prendedor Automático do Papel—que mantem o papel liso e firme sôbre o cilindro.

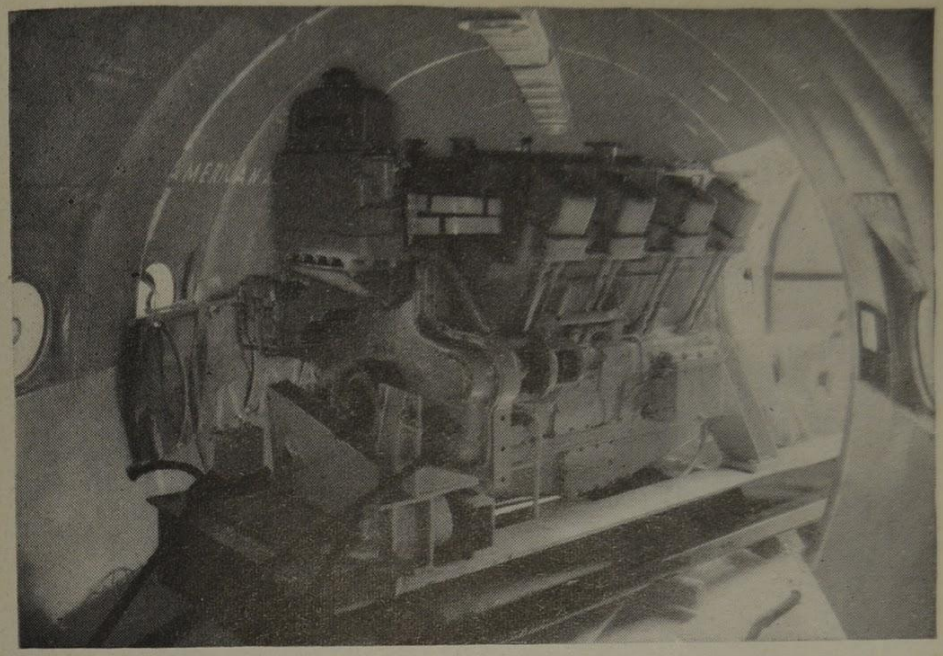
Estas são apenas algumas das caraterísticas que tornam a Máquina de Escrever Royal a preferida no mundo inteiro. Por isso, ela deve ser também a sua preferida. Peça uma demonstração ao representante local da Royal.

Para uso em casa e uso pessoal, peça para ver a famosa Royal Portátil—

É a máquina Standard em tamanho portátil.

ROYAL

A Máquina de Escrever No. 1 no Mundo



"ENCOMENDA DE VALOR—URGENTE!"

As jóias e orquídeas são transportadas pelo ar quase diariamente. Mas quando um Motor Diesel "Caterpillar" é considerado de tanta valia e é tão urgentemente precisado a ponto do comprador pagar os gastos do seu transporte por via aérea—dos E. U. A. a S. Salvador—isso é realmente sensacional.

Recentemente, um grande motor de 8 cilindros, que pesava 5.250 quilos, foi transportado pelo ar, num avião da American Airlines, levando só um dia de viagem, quando, em comparação, levaria um mês inteiro se fosse num cargueiro comum.

Tão grande é a procura de força-motriz Diesel "Caterpillar" no mundo inteiro, e tão notavel é em alguns casos sua economia de produção, que os compradores, desejosos de utilizá-la o mais cedo possivel, estão dispostos a pagar um elevado custo pelo seu transporte.

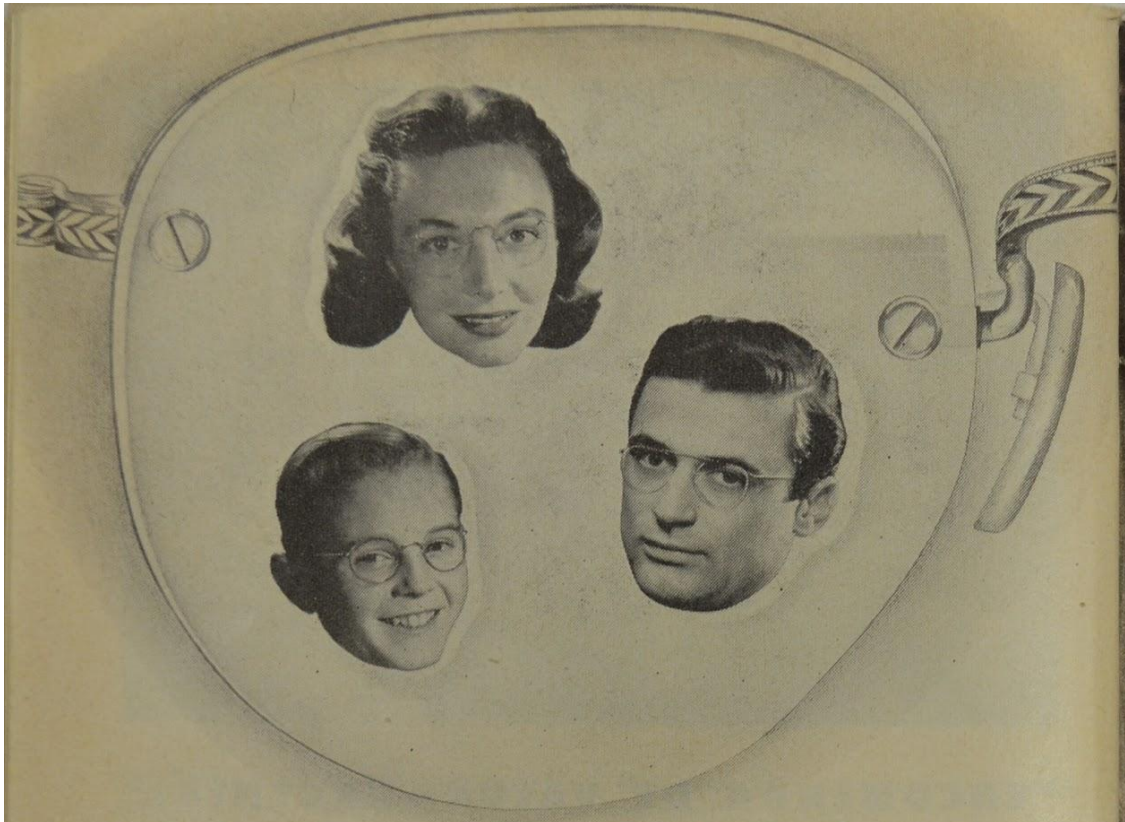
• • •

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTRADA

MOTORES • TRATORES • MOTONIVELADORAS • EQUIPAMENTO PARA MOVER TERRA



Novo Poder para os Seus Olhos

APENAS um pedaço de vidro, pesando 6.23 gramas, é bastante para modificar toda a sua vida. A perícia do especialista ótico poderá transformar esta pequena lente em novo poder visual para V.S. Olhos cansados e submetidos a grandes esforços, descansam com conforto quando corrigidos appropriadamente. Sem um exame de olhos V.S. nunca perceberá as deficiencias visuais a que periodicamente fica sujeito, desnecessariamente. Se V.S. necessita de óculos, desejará certamente as lentes e armações de precisão Bausch & Lomb.

Para satisfazer a grande procura no Brasil das lentes de qualidade Bausch & Lomb, instalamos há aproximadamente dois anos, no Rio de Janeiro, uma Fábrica—Filial onde lentes de precisão são produzidas por trabalhadores brasileiros especializados.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY B&L ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES

Êle contempla uma Vida Melhor

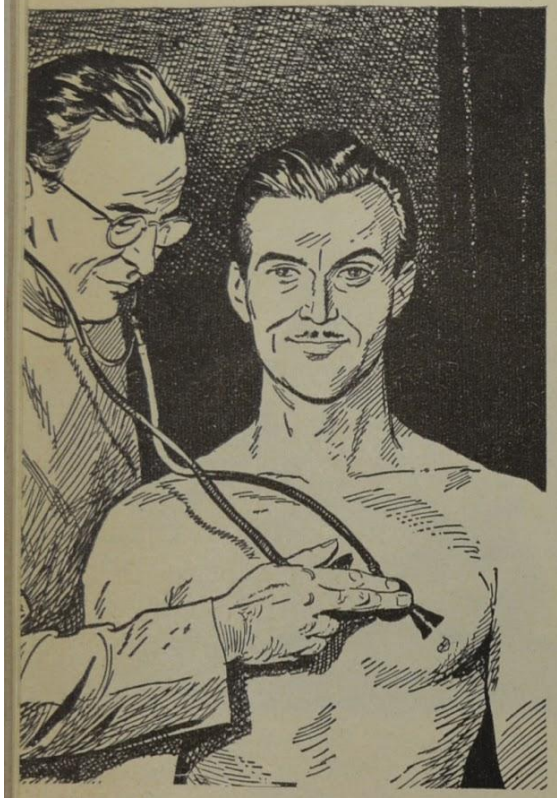
Um dia surgirão belas casas, novas e modernas fábricas, estradas amplas e parques sombreados, nos quais poderemos nos divertir e descançar. Nos últimos 50 anos de livre concorrência, o petroleo contribuiu para a realização de tarefas consideradas "impossíveis", melhorou as nossas vidas, forneceu energia e lubrificantes para a indústria; está sendo agora usado na construção de estradas e na produção de alimentos, na medicina e nos cosméticos, na fabricação de tintas e de centenas de outros produtos.

Devemos esperar outras coisas no futuro. Cada experiência, nos Laboratórios Esso, revela novas possibilidades. Essas casas e essas fábricas serão construidas. O petroleo realizará o sonho do jovem da colina. O petroleo contribui para uma vida melhor.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE **ESSO** UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY of Brazil

As Perturbações Cardíacas não devem encurtar a sua vida se . . .



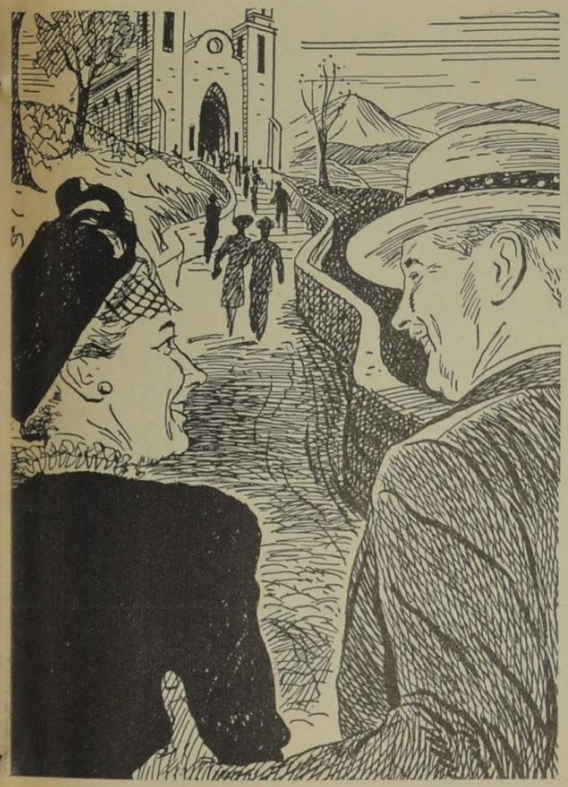
As perturbações cardíacas têm, na verdade, permitido a muitas pessoas viver longa e produtivamente.

Vida longa—ou morte prematura por moléstia do coração? Você pode escolher . . .

É um grande "SE"—Sim, seu médico pode protegê-lo *se* você o consultar quando aparecerem os primeiros sintomas. Muitas perturbações podem afligir o seu coração, mas nenhuma precisa ameaçar a sua vida *se o diagnóstico é feito precocemente, seguindo-se o tratamento adequado*. Estes são os maiores inimigos de seu coração: pressão sanguínea alta, endurecimento das artérias, moléstias infecciosas, amígdalas ou dentes infeccionados. A maneira mais comum de forçar o coração: excesso de peso ou fazer esforços exagerados—especialmente depois dos 40.

Como conservar o coração forte e saudável. Em primeiro lugar, decore os sintomas já citados. São tão importantes que qualquer deles deve levá-lo a procurar seu médico imediatamente. A demora pode ser fatal! E lembre-se também quão importante é proteger o seu coração (em particular se passou dos 40 anos) seguindo estes preceitos:

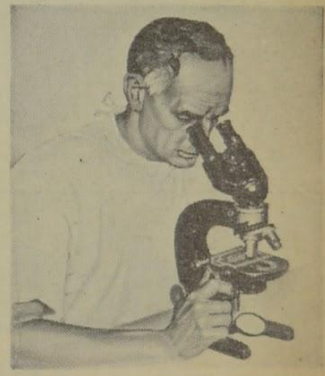
1. Mantenha o peso adequado. Seja moderado no comer.
2. Faça exercícios moderados, mais regularmente.
3. Procure descansar e dormir convenientemente.
4. Se usa fumo e estimulantes, não abuse deles.
5. Peça ao seu médico que o examine uma ou duas vezes *por ano*. Siga suas instruções.



Graças aos esforços dos médicos, hoje há novos horizontes para os que sofrem do coração.

Novos medicamentos e novas técnicas oferecem novas esperanças. O *diagnóstico* hoje é mais preciso graças ao raio-X, à radioscopia, ao electro-cardiograma. As infecções, que fatigam o coração, podem agora ser *abreviadas* com o uso de muitas drogas novas . . . E uma cirurgia bem sucedida pode agora corrigir muitos males do coração antes sem cura. E lembre-se disto: *o medo pode causar tantos males quanto as próprias perturbações reais do coração*. Os *sintomas* que observa podem ter uma causa bem menos séria. Em vez de se assustar—procure o seu médico!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

SÍMBOLO DE *Excelência*

EM TODO O MUNDO . . .

EM TODOS OS LARES .

. . . SEMPRE **G.E.**

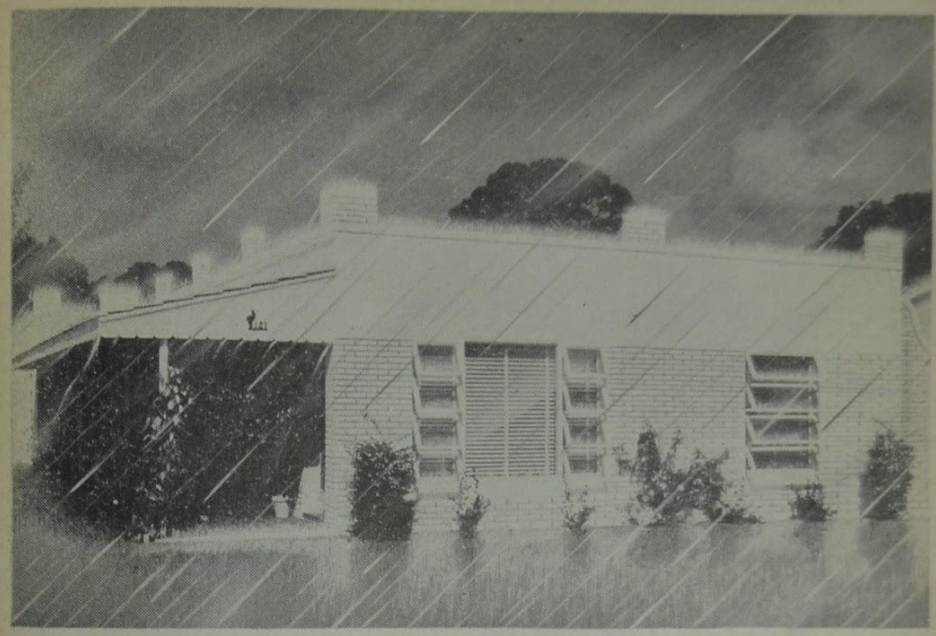
Para a General Electric, a *precisão* é um fator capital . . . quer ao verificar-se o enrolamento do gigantesco gerador acima, quer ao comprovar se a gota de mercúrio numa lâmpada fluorescente é 99,998% pura. Este controle da precisão—que é a sua garantia—resulta de constantes pesquisas nos laboratórios da G-E.

Ao comprar lâmpadas fluorescentes G-E, saiba que a mesma precisão técnica e pesquisas acuradas que servem à indústria em todo o mundo . . . contribuem também para o confôrto de seu lar.

A-7-10

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E.U.A.



FAZ A ÁGUA DETER-SE!

A maravilhosa ação de Aquella *impede toda infiltração de chuva*

Quer seu problema seja a lenta penetração de água do solo, quando em contacto com paredes e pavimentos — ou chuvas torrenciais impelidas pelo vento — *Aquella*, aplicada sobre a parede, *detem* a água!

Aquella, usada primeiro na Linha Maginot, na França, vem sendo desde então indicada por destacados arquitetos, engenheiros e construtores para impermeabilizar porões e paredes de casas, assim como fábricas, tuneis, poços para bombas e outras estruturas industriais.

Aquella, é um pó fino, semelhante à farinha. Quando esfregado nos poros das obras e paredes de alvenaria forma, pela interação química com os ingredientes da alvenaria, uma sólida camada; adere aos poros da alvenaria, formando uma rija couraça; apresenta uma superfície lisa como a da casca de um ovo.

Ao secar, *Aquella* deixa um belo acabamento branco que não se escama nem despega. A venda tambem em cinzento, verde, rosa e amarelo.

Use *Aquella* para vedar tijolos, concreto, estuco, gesso ou qualquer outro material poroso de alvenaria.

AQUELLA

Para maiores detalhes sobre Aquella *escreva a qualquer dos seguintes distribuidores:*

NO BRASIL

Aquella S.A. Importação e Comércio
Caixa Postal 79, Rio de Janeiro

Mr. M. S. Kassern
Caixa Postal 2504, São Paulo

Ayres, Son & Cia. Ltda.
Caixa Postal 197, Recife

Coelho Companhia Limitada
Caixa Postal 896, Bahia

Cia. Industrial do Brasil
Caixa Postal 295, Belem

Hartmann & Wurth Ltda.
Caixa Postal 1479, Porto Alegre

EM PORTUGAL

Produtos Internacionais Aquella, Lda., Santa Catarina 374, Porto

Fieis

CHAMPION

VELAS FAVORITAS DO MUNDO

Quando o "*Truculent Turtle*," avião de bombardeio de patrulha da Marinha dos E. U. A., bateu o record mundial do vôo sem escala a grande distância, transpondo 17.700 quilômetros — ia equipado com Velas de Ignição CHAMPION. Esse vôo — de Perth, na Austrália, a Columbus, no Ohio — produziu mais um exemplo excepcional da incomparável confiança que inspiram as Velas de Ignição CHAMPION. O nome CHAMPION e a palavra "confiança" são hoje sinônimos, fato que torna as CHAMPION as Velas de Ignição preferidas no mundo inteiro — para motores de todos os tipos.

FAÇA COMO OS ENTENDIDOS

EXIJA VELAS CHAMPION DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG CO. • TOLEDO, U.S.A. • WINDSOR, CANADA • FELTHAM, ENG.

Com sua exclusiva

Garantia Contra Qualquer Acidente

Tissot oferece seu novo relógio:

-o Tissot AUTOMÁTICO!

Ai está o Tissot Automático! Um notável relógio que dá corda a si mesmo! E, como todo Tissot, é cientificamente antimagnético, além de oferecer alta precisão, resistência e proteção contra choques, água e pó. Ademais apresenta algo unico: o Certificado de Garantia Contra Qualquer Acidente, válido por um ano! Seja qual fôr o motivo, seja qual fôr o acidente—mesmo a quebra do vidro—êste excepcional certificado lhe assegura, completamente grátis, todo e qualquer consêrto. E, se houver estrago irreparável, a troca por um novo relógio! Admire nos bons relojoeiros o magnífico Tissot Automático!

Ao adquirir o seu Tissot Automático, não deixe de pedir o Certificado Tissot Exclusivo para Garantia Contra Qualquer Acidente

Tissot AUTOMÁTICO

OMEGA

Tissot

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE-GENEBRA-SUÍÇA

Convite PARA O JANTAR (OU ALMÔÇO) de Swift

● Jante com os deliciosos produtos SWIFT: carnes saborosas, verduras suculentas, geléias "da pontinha", môlhos gostosíssimos... e peras, pêssegos e outras compotas, que dão água na bôca. Alimentos para tôdas as ocasiões, preparados e acondicionados pelos rigorosos processos Swift, garantia máxima de alta qualidade! Jante com produtos Swift — e jantará bem.

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Uma estrela cintila jubilosamente para ela, entre milhões de estrelas, porque ela tem sonhos de amor! Assim reluz a seus olhos o diamante do anel de noivado com um secreto e doce fulgor que é só para ela . . . Esse diamante é preciso escolhê-lo com o maior cuidado. Não é indispensavel que seja de muitos quilates, pois a côr, a limpidez e o talhe são tão importantes como o próprio peso. V.Exa. precisa consultar um joalheiro de confiança. De Beers Consolidated Mines, Ltd.

Meio quilate

Um quilate

Dois quilates

Três quilates

R. W. AYER & SON

A ESTRADA e o HOMEM

As estradas são as servas robustas, silenciosas e fiéis da humanidade . . . sempre prontas a servir . . . de noite ou de dia.

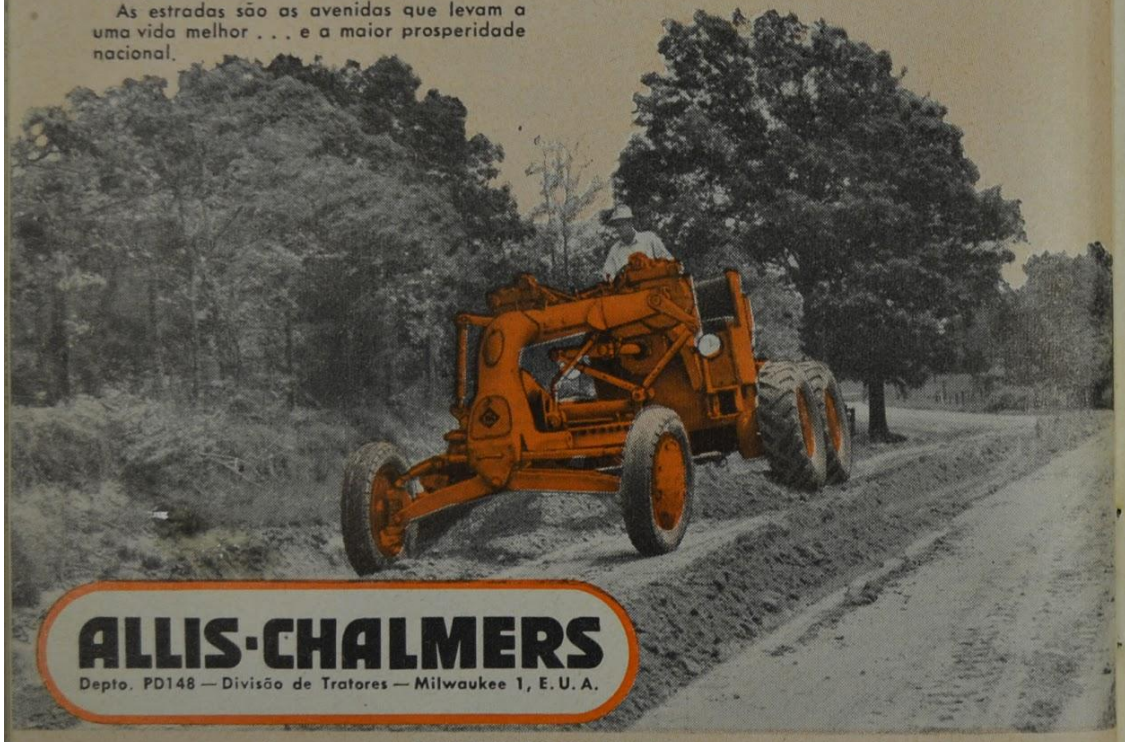
Elas nos asseguram fácil e rápido acesso aos campos, às cidades, às estâncias do recreio. Levam-nos até à porta da família, dos parentes e amigos. Por elas viajamos diàriamente para o nosso emprego, e nossos filhos caminham para a escola. São as artérias do comércio. Tornam possivel a distribuição diária de leite, manteiga, ovos, carne e vegetais frescos. Pelas estradas acorre o médico a assistir-nos nas horas de sofrimento.

À medida que as redes de estradas se multiplicam e melhoram, nossa existência se torna mais plena, mais rica . . . e mais grata.

As estradas são as avenidas que levam a uma vida melhor . . . e a maior prosperidade nacional.

Os modernos tratores e maquinaria de construção de estradas são fatores importantes do bem-estar das nações e dos povos. Constroem e mantêm as rodovias nacionais, e as estradas rurais que ligam as primeiras com as terras agrícolas, fornecedoras dos gêneros alimentícios e das matérias-primas tão necessárias à nossa existência.

Na qualidade de fabricante de tratores de esteiras, moto-niveladoras, máquinas de reparação de estradas, e outros possantes equipamentos de remoção de terras, a motor Diesel de 2 ciclos, a Allis-Chalmers contribui muito para o desenvolvimento de boas estradas a baixo custo. Para informações completas consulte o distribuidor da Allis-Chalmers na sua região.



ALLIS-CHALMERS

Depto. PD148 — Divisão de Tratores — Milwaukee 1, E. U. A.

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro

Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão

Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo

B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem-Pará

Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Av. Julio de Castilhos 333
Porto Alegre, Rio Grande Do Sul

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:

H. Vaultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.

Um Presente de Bom Gosto

Você dá uma prova de bom gosto, oferecendo um jogo de caneta e lapiseira SHEAFFER'S. A pessoa que o recebe, ficará eternamente agradecida e lembrar-se-á de você, todos os dias, anos após anos, cada vez que usar a caneta "TRIUNFO" da SHEAFFER'S, com a sua grande pena cilindrica de ouro de 14 quilates, ou lapiseira *Fineline*, com a sua ponta de manga, que evita a quebra das grafites.

W. A. SHEAFFER PEN CO.
FORT MADISON, IOWA, E. U. A.

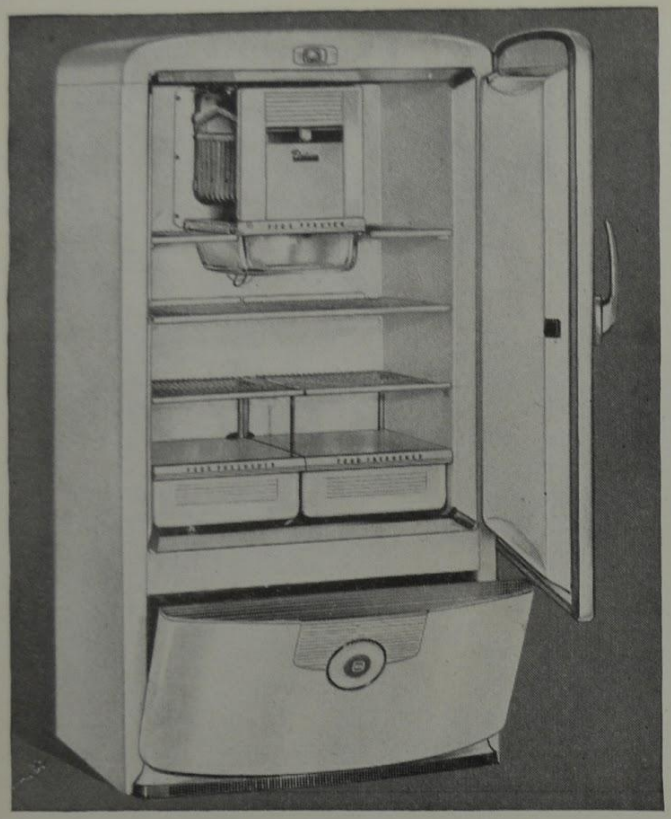
SHEAFFER'S

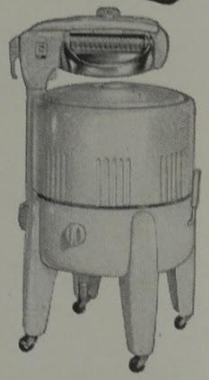
sempre se destaca a **"TRIUMPH"**

canetas e Lapiseiras

Fineline

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502-11º andar
Representantes gerais para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo, 76, Lisboa





Artigos Elétricos Wards

E RÁDIOS DE ÓTIMA QUALIDADE

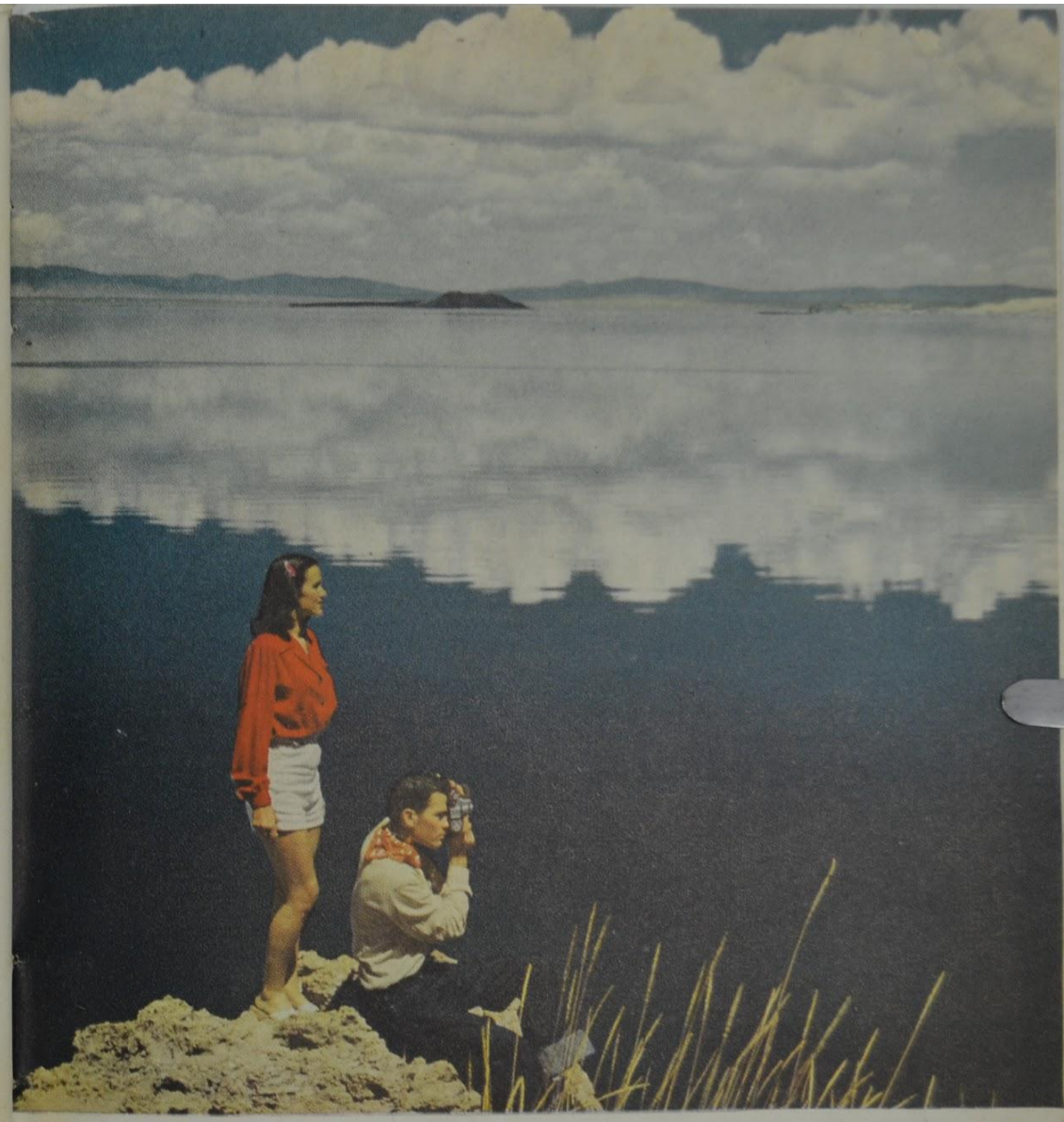
Wards é uma grande fonte de suprimentos que oferece um completo estoque de artigos elétricos de alta qualidade, todos em estilos harmoniosos, para criar atração máxima. A fabricação mais fina, os desenhos mais modernos, e muitas caraterísticas exclusivas asseguram a confiança e a satisfação de seus clientes.

Escreva-nos hoje mesmo solicitando detalhes sobre concessões e mercadorias.

MONTGOMERY WARD

Uma grande fonte central de fornecimento

SEÇÃO DE EXPORTAÇÃO CHICAGO 7, E.U.A.



V. S. pode tirar fotografias assim! Há filmes Kodak a côres para qualquer máquina. Obtenha magníficas fotos tão faceis como em branco e preto. Escolha: Kodacolor para máquinas de filmes de rolo, e Kodachrome para máquinas miniatura e para chapas. Veja o seu distribuidor Kodak. Eastman Kodak Company, Rochester 4, N. Y., E.U.A.

Kodak

Sacsayhuamán, Cusco

«É A OBRA mais grandiosa do homem antigo na América,» disse um arqueólogo erudito referindo-se à Fortaleza de Sacsayhuamán no Perú.

Ergue-se este magnífico exemplo da grandeza dos incas e da concepção ciclópica de sua arquitetura, sobre a eminência que domina pelo norte a cidade de Cusco. A fortaleza foi construida sem dúvida para proteger a capital do império contra as hostilidades dos chancas, povo aguerrido que habitava as regiões de Anta, Calca e Urubamba, até o Rio Apurimac.

A fortaleza era protegida por três muralhas concêntricas de quatrocentos metros de comprimento, com vinte e um baluartes, construidas de grandes blocos de cantaria, cujos ângulos irregulares se encaixavam exatamente sem ser necessário o emprego de argamassa para pegá-las umas às outras. Algumas delas, pesando muitas toneladas, foram trazidas de distâncias de até 75 quilômetros, e a maior parte de Muyna, a 25 quilômetros de Cusco. Das três muralhas, a exterior é a que se conservou melhor até hoje. A do centro está bastante avariada e a interior totalmente em ruinas.

As muralhas se comunicavam através de três portas: *Tiu-puncu*, ou «porta do areal», cujo nome aludia à natureza do terreno que a circundava; *Acahuanca-puncu*, assim chamada em homenagem ao seu construtor; e *Viracocha-puncu*, consagrada em gratidão ao deus que em aparição legendária avisou os incas da revolta dos chancas.

Passadas as três portas encontra-se uma praça larga onde se erguiam três torreões. O central, de forma redonda, servia de refúgio ao monarca e seu séquito em tempos de guerra, enquanto que os outros dois, de forma quadrada, alojavam os homens de armas da guarda, os quais tinham que pertencer à casta privilegiada, como correspondia à majestade do inca. No subterrâneo cabiam até 3.000 soldados com armas e abastecimentos, porque é evidente que Sacsayhuamán não foi somente fortaleza, e sim tambem arsenal, cidadela e até templo de ídolos.

Os torreões se comunicavam entre si por uma abóbada cortada de ruas e ruelas labirínticas. O plano da fortaleza se assemelhava a duas meias luas unidas. Dispunha de uma fonte de água pura e abundante, conduzida por grande aqueduto subterrâneo.

Sacsayhuamán é somente um dos numerosos tesouros arqueológicos com que Cusco levanta o ânimo dos viajantes e dos estudiosos. De tosca aldeia de pedra e palha cuja origem se perde entre a lenda e a bruma prehistórica, Cusco foi-se transformando lentamente em uma grande cidade; mas somente cerca do ano de 1040 ou de 1100 se converteu em capital do império. O inca Pachacutek, chamado pelo seu povo «o Renovador do Mundo», reedificou-a quase completamente. Com suas próprias mãos modelou em barro a maquete da nova urbe, tal como ele a concebia, e em seguida passou a dirigir a reconstrução da imponente metrópole imperial.

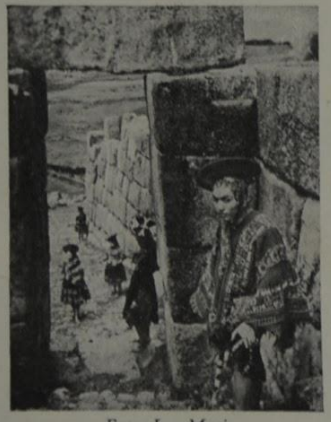


Foto: Leo Matiz

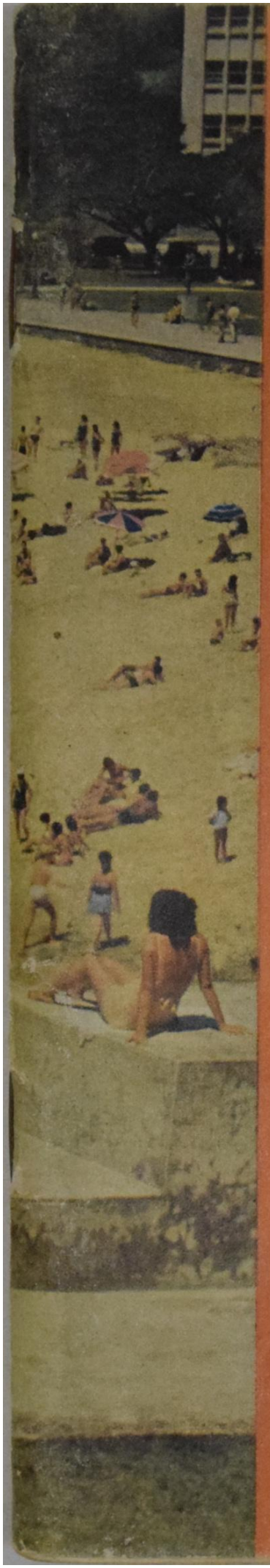
(*Continuação da segunda capa*)

uma obra de importância capital, permitindo que ele conhecesse pelo menos a parte essencial do livro. Esse artigo, repleto de fatos, me obrigou a modificar minha opinião quanto a uma grave questão de política econômica. Tal drama humano, tal destino exemplar me ensinavam uma filosofia sã e corajosa, pois é a política do Reader's Digest dar ênfase, na vida cotidiana, aos elementos construtivos. Num mundo em que o pessimismo triunfa momentaneamente, o Reader's Digest teima em buscar razões para esperança. É este um dos principais motivos do seu sucesso universal.

Minha segunda razão é que nenhuma outra leitura me permitiria formar uma opinião sobre os problemas do momento. Não sou um especialista em ciências físicas, nem em ciências médicas, mas tenho necessidade, como todos os homens, de saber o que fazem, nesses domínios, os inventores cujas pesquisas e descobertas transformam completamente a nossa vida. Com o Reader's Digest eu estava certo de que nada de essencial me escaparia. Quantas vezes ele me chamou a atenção sobre um processo, uma idéia, de que eu necessitava sem o saber. Quantas vezes ele me revelou que outros haviam encontrado a solução que eu procurava em vão.

Que seus artigos sejam apresentados sob a forma condensada, isso pouco importa. Em primeiro lugar certos autores têm a tendência manifesta de estender-se demasiadamente e é possivel que a condensação seja melhor que o original. Isso não acontece com os escritores de gênio, mas esses são raros. Depois, não dispomos de tempo ilimitado e não podemos ir procurar em todos os jornais especializados as múltiplas informações que estão aí reunidas. Enfim, quando um assunto desperta em nós um interesse tal que queremos ver o próprio texto do autor, nada é mais facil que ir à fonte, sempre indicada pelo Reader's Digest. Seu papel terá sido então o de chamar a nossa atenção para um texto que poderá transformar a nossa vida.

Constitui para mim motivo de grande satisfação o aparecimento de Sélection du Reader's Digest na França. Ele ajudará os franceses a manter-se a par do que se passa no mundo.



FEVEREIRO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

«Sem a menor dúvida» . . . . . *Billy Rose* 19
Maravilhas do som «silencioso» *Harland Manchester* 22
Uma família inesquecivel . . . . . *Paul Schubert* 25
Como se guardou o segredo da bomba atômica *Thomas M. Johnson* 28
Flagrantes da vida real 33
Fotografias que imortalizam *James L. McConaughy, Jr.* 35
Os juros compostos da tia Fefa . *Henry M. Robinson* 39
«O maior espetáculo do mundo» . . . . *«Fortune»* 41
Cuidado com a bonança da seda . *Robert E. Ellsworth* 45
Vinte minutos de realidade . *Margaret P. Montague* 47
Quem diria! . . . . . *Constance J. Foster* 51
Estadista do trabalhismo . . . . . *Irwin Ross* 53
Cartas que trazem presentes inestimaveis *Paul W. Kearney* 57
Calma! Talvez você não esteja louco *Albert Q. Maisel* 60
Eles votam com os pés . . . . . *Eugene Lyons* 63
Assim é Frank Capra . . . . . *Joseph Wechsberg* 66
Não sejamos tão vaidosos . . . . *Bernard Gekoski* 71
Fizeram-me passar por mulher . . . *Henri Rochard* 73
Finalmente, calefação radiante . . *Lawrence Galton* 77
Banqueiro dos camponeses. . . . . *Karl Detzer* 79
A ladra do dormitório . . . . . *David Redstone* 83
Meu pequeno hóspede alado . . . . *Elswyth Thane* 86
Os moedeiros falsos de Filadélfia . *Stewart Robinson* 89

Seção de Livros
Como os russos me despojaram do governo *Ferenc Nagy* 95
Terra Nativa . . . . . *Ernie Pyle* 111

Praia Vermelha — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *página 135*

CMDPU-LB
1959

Relendo o passado

Por Theodore Roosevelt Jr.

GUARDADOS em ordem numa caixa de madeira, tínhamos no sotão da nossa casa os números atrasados de vários anos do Reader's Digest. Estava à procura de um caniço de pesca, vi o caixão e lembrei-me de que havia muito tempo desejava consultar uns artigos do Digest, a propósito de um discurso que ia pronunciar. Sentei-me no chão e pus mãos à obra. Pouco depois verificava que, em vez de limitar-me a ler os artigos que procurava, passara a folhear outros números da revista apanhados ao acaso. Sem que eu percebesse, haviam-se passado várias horas e já não entrava pela clarabóia luz suficiente para que eu continuasse a ler.

Muitas outras pessoas experimentaram, provavelmente, esse mesmo prazer de desenterrar números antigos do Reader's Digest e ver como seus artigos adquirem nova vida; mas estou certo de que há leitores que se limitam a ler todos os meses

(*Continua na terceira capa*)

Tomo XIII, No. 73 — **SELEÇÕES do Reader's Digest** — Fevereiro de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S. A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

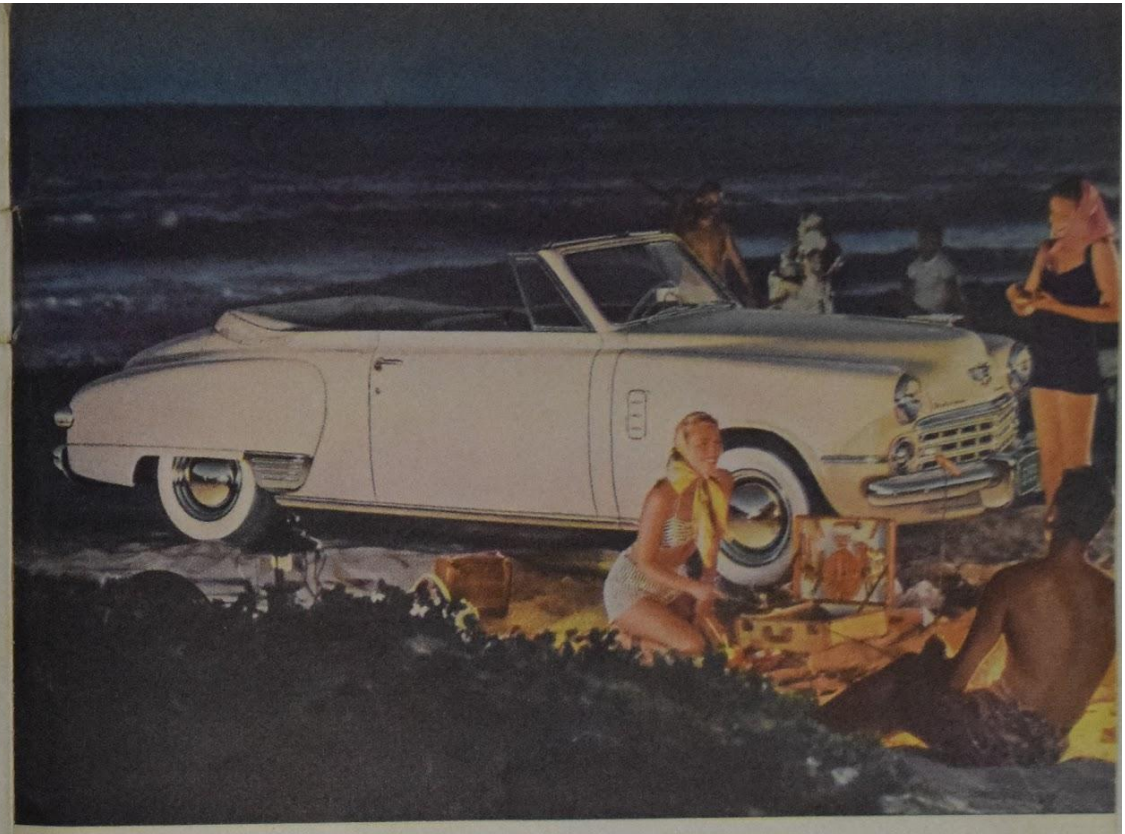
Diretor: Eduardo Cárdenas. *Redator-Secretário:* Afrânio Coutinho
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenhague). *Edição em finlandês:* redator, Sirkka Ruotsalainen (Helsinque). *Edição em árabe:* redator, Fuad Sarruf (Cairo). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1947 por Selecciones del Reader's Digest, S.A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIII, No. 73, February 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.



NO MUNDO INTEIRO QUEM DIZ
STUDEBAKER DIZ ELEGANCIA

Anunciando os novos

STUDEBAKERS PARA 1948

Já lá vão dezoito meses desde que V.S. leu esta primeira notícia sensacional da Studebaker: "O carro de seus sonhos para o após-guerra já está aquí—e em produção!"

E agora chega a versão desse carro de sonho para 1948.

Os novos Studebakers para 1948, incluindo os novos e glamorosos convertiveis "Champion" e "Commander", estão surgindo em cena, trazendo como garantia um ano e meio do êxito o mais sensacional na história do automovel.

Visite o mais próximo distribuidor afim de ver estes Studebakers de 1948.

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Telegramas: Studebaker

BEBA-O QUENTE

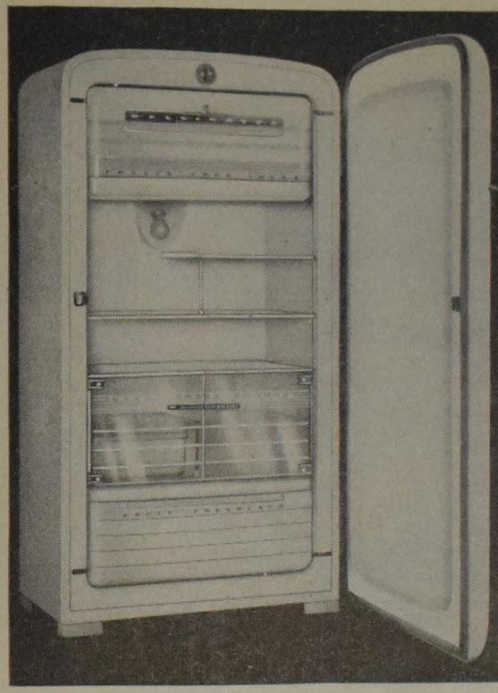
BEBA-O GELADO

Há Conforto Imediato em

CHÁ "TENDER LEAF"

GRÁTIS! Novo folheto ilustrado "Sirva Refrescos Deliciosos". Escreva para:

Standard Brands of Brazil, Inc., Dep. T-248—Caixa Postal 3215, Rio de Janeiro



KELVINATOR

Apresenta um Novo Gênero de Refrigerador

O bonito modêlo MM-9 de 1948—refrigerado desde o cimo ao fundo! Seu frio super-úmido conserva os legumes frescos como o orvalho. Tem uma despensa viradiça que conserva a fruta com a frescura do dia em que é colhida, e um grande compartimento para alimentos congelados com 23 quilos de capacidade para artigos alimentícios, sorvete e cubos de gêlo. Tudo isto lhe oferece o Kelvinator mais moderno.

E para segurança, cada Kelvinator é inteiramente refrigerado pelo famoso Polarsphere—o admirável gerador de frio que tem um inexcedível passado de constante funcionamento sem avarias.

Visite o mais próximo vendedor Kelvinator, ou escreva-nos diretamente para receber informações. Há sempre um Kelvinator para seus requisitos e ao alcance do seu bolso.

Veja o novo Kelvinator "Automatic-cook". Este é um fogão que, só por si, cozinha refeições completas!

Veja o Congelador Doméstico Kelvinator ultra-moderno—com 170 dm Cub. de espaço para guardar alimentos congelados sempre em bom estado.

Compre o Melhor . . . Compre Segurança . . . Compre Kelvinator

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E. U. A.
Divisão de Exportação

Todo Negociante Sensato

presta atenção

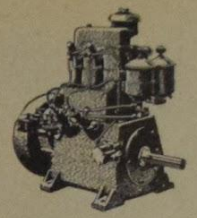
aos algarismos...

... e por isso V.S. verá o Calculador Impressor da Remington Rand fornecendo dados positivos, expressos em números, em tantos escritórios eficientemente organizados. • Peça o livreto gratuito que demonstra porque o Calculador Impressor é O MELHOR! Escreva a Remington Rand Inc., Divisão de Exportações, Dept. H, 315 Fourth Avenue, New York 10, New York, E. U. A.

GRATIS!

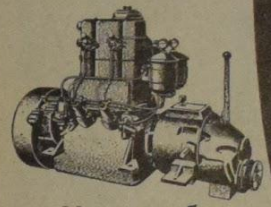
Remington Rand

Máquinas para Gerências



Acionamento

Motores estacionários de 1 e 2 cilindros



Navegação

Motores marítimos de 1 e 2 cilindros

SOLUCIONA

GRANDE VARIEDADE DE PROBLEMAS DE FORÇA-MOTRIZ

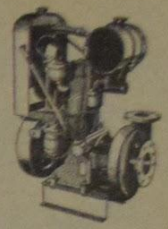
•

Acionamento Diesel á sua medida

MOTORES DIESEL

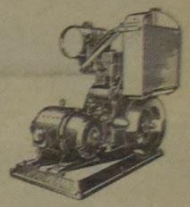
HALLETT

8 a 18 H. P.



Bombeamento

Sortimento de unidades de bombeamento



Eletricidade

Grupos eletro-geradores Diesel de 2 a 10 kw.

Os motores Diesel Hallett dão solução aos seus problemas de força-motriz de baixa potência: são fáceis de instalar — de uso econômico — facílimos de operar. Qualquer pessoa os faz funcionar. Desejando receber a brochura ilustrada, mande hoje mesmo o cupom ao mais próximo agente.

HALLETT MANUFACTURING COMPANY

603 South Redondo Boulevard, Inglewood, California, E.U.A.

"O maior produtor mundial de motores Diesel de baixa potência"

Representantes exclusivos no BRASIL:

REMMA S. A.

Caixa Postal: 2052 **RIO DE JANEIRO**

Distribuidores autorizados: Rio de Janeiro: G. Borghoff & Cia.—São Paulo: G. Borghoff & Cia.—Curitiba: C. O. Mueller—Blumenau: Com. E. Ind. Walter Schmidt S. A.—Porto Alegre: Ricardo Landgraf—Belo Horizonte: Juventino, Castro & Cia. Ltda.—Salvador: Irmãos Czékus—Recife: Brederodes Costa & Cia.—Fortaleza: M. Ramalho & Cia. Ltda.—Parnaiba: Neves & Cia.—Belém: A. B. Mattos & Cia.—Manaus: J. G. Araujo & Cia. Ltda. PORTUGAL, Lisboa: B. A. Catella, João Felix da Silva Capucho, Sociedade Framar Ltd. MOÇAMBIQUE, Luanda, Angola: Angeja & Macedo, Ltda., Casa Americana, Ltda.; Lourenço: F. Dicca. MADÈRIA, Funchal: Leacock & Cia., Ltda.

Atenção Sres. agentes: Nos paises ainda sem agências existem vagas para representações. Escrevam a: Hallett Manufacturing Company, Inglewood, California, E.U.A.

Queira remeter o cupom ao agente local. É favor mandar-me informações completas sobre:

☐ Motores Estacionários ☐ Unidades de Bombeamento

☐ Motores Marítimos ☐ Grupos Eletro-Geradores Diesel

NOME_____

ENDEREÇO_____

(Sendo necessário, pode escrever à margem da página)

QUER IR ADIANTE? Passe-se para Auto-Lite

As velas Auto-Lite, tal como todo o equipamento Auto-Lite, são projetadas por engenheiros que também projetam os sistemas elétricos completos para muitas das principais marcas de automóveis e caminhões. Um jogo completo de velas Auto-Lite novas no seu automóvel lhe permitirá dar partida fàcilmente e com economia máxima de gasolina. Notará uma grande diferença quando V.S. substituir as velas defeituosas, passando-se para Auto-Lite.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building, New York 17, N. Y., E. U. A.
Engenhadas para Ignição

VELAS AUTO-LITE

ACUMULADORES • CABOS • ARRANQUES • GERADORES

JOGA O POLO DE DEZ GOALS
(mas tem a cara ultra-sensivel)

GALOPAR DEBAIXO DUM SOL ABRASADOR TORNA MINHA CARA SUSCETIVEL. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE CONFORTAVELMENTE, E A MEU GOSTO, QUANDO USO O CREME **WILLIAMS** QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do Creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

¿V. S. SABE QUE...

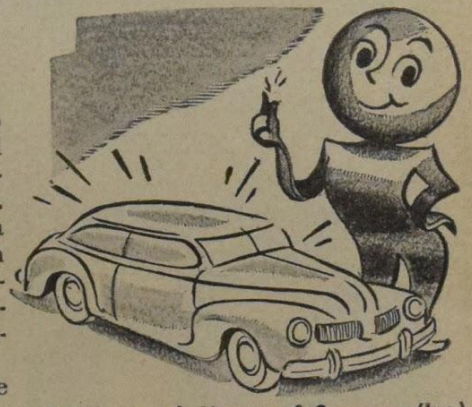
as garrafas de vinho agora usam "chapeus"?

Sim, senhor. Modernamente, protege-se o engarrafamento das bebidas colocando nas garrafas e nos jarros de vidro, à maneira de "chapeu," uma película de celulose "Cel-O-Seal" Du Pont. Essa singular e hermética película impede a adulteração depois do engarrafamento da bebida e protege a mesma contra o pó e possíveis derrames. V.S. pode ter a certeza, ao adquirir uma garrafa, de que o conteudo está intacto.

a química faz os automóveis "mudarem de côr"?

Um automóvel que à sombra é tão preto como o azeviche, adquire ao sol um tom azul com reflexo metálico . . . o castanho avermelhado se torna castanho acinzentado . . . por ter sido pintado com laca de piroxilina "Duco" Metalli-Chrome de Du Pont. Em diferentes tonalidades, este novo acabamento químico se caracteriza pela sua côr intensa, luminosa e translúcida e conserva durante muito tempo o brilho e a beleza.

(As películas de celulose "Cel-O-Seal" e as lacas Metalli-Chrome são apenas duas das mais de 28.000 "coisas melhores para melhor viver . . . graças à química" fabricadas pela Du Pont Company. Peça informações às Indústrias Químicas Brasileiras "Duperial" S.A., Caixa Postal 112-B, São Paulo, Brasil.)



E. I. du Pont de Nemours & Company, (Inc.)
Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT
MARCA REGISTRADA

COISAS MELHORES PARA MELHOR VIVER . . . GRAÇAS À QUÍMICA
DESDE 1802

PHILCO TROPIC 1826

Imagine!

Um Rádio-Fonógrafo de Mesa, com 5 Faixas!

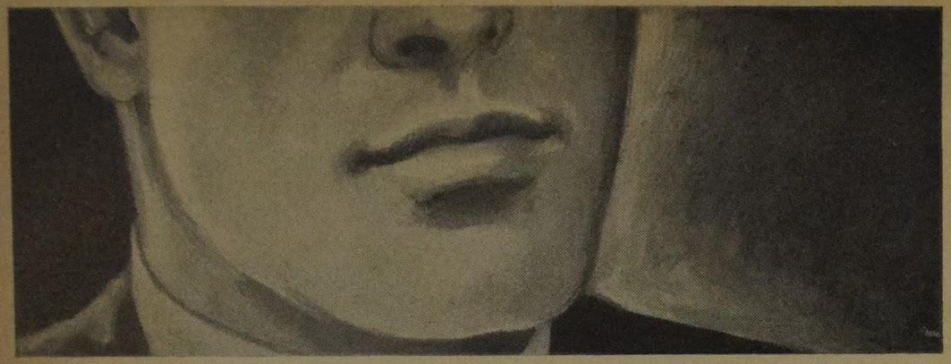
Magnífica, recepção, tanto em ondas longas, como em ondas curtas de 13,6 a 103 metros ! Maravilhoso ! Troca discos *automàticamente* . . . e a Sintonização Elétrica de Faixa Ampliada apanha estações com nitidez. Riqueza de tom. Elegante gabinete de nogueira. A venda agora no seu concessionário Philco.

PHILCO TROPIC 821. Às mesmas faixas e características que o 1826 . . . *agora num rádio de baixo preço!* Caixa de matéria plástica.

PHILCO

De Fama Mundial pela Qualidade

Philco International Corporation,
50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.



A maior diferença

está no barbear!

● Exteriormente, o novo aparelho de barbear Gillette-Tech assemelha-se aos aparelhos comuns. Mas a diferença está na barba . . . que foi feita sem cortes no rosto (graças aos novos frisos anti-deslizantes) e com maior suavidade (graças à barra-distensora da pele). A limpeza no novo Gillette-Tech é mais rápida, graças às aberturas mais amplas. E houve economia, porque êste novo aparelho foi desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito!* Há diferença neste aparelho. Mas você verá diferença *ainda maior* ao barbear-se!

Gillette TECH

Alie a segurança, rapidez e suavidade do aparelho Gillette-Tech à economia da lâmina Gillette Azul. Resultado: um barbear mais perfeito!

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

O QUE?... EU?... MULHER ARTIFICIAL?...

Sim!... Se você usa a maquilhagem excessiva para disfarçar as imperfeições da sua pele!

É' Um êrro! Além de artificializar seu encanto natural, a maquilhagem excessiva para disfarçar as imperfeições prejudica a vital respiração da pele! O certo é corrigir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, em aplicações sobre o rosto, colo e braços. Ao sair, para fixar o pó de arroz e proteger a pele. E, ao deitar-se, faça a limpeza geral da cutis com Leite de Colonia. Siga êsse tratamento adotado por milhares de lindas mulheres. E seu rosto ganhará aquêle encanto natural que os homens adoram e as mulheres invejam. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia apele.

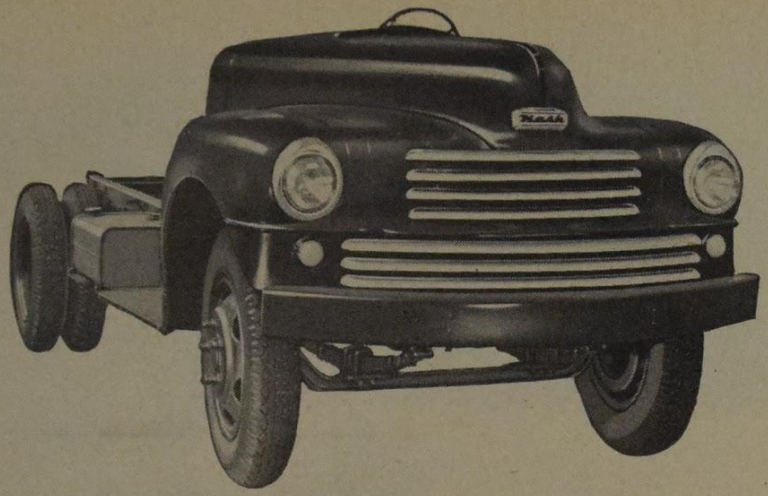
EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares e milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira – famosa pela sua beleza – considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico.

Leite de Colonia

— O Embelezador da Mulher

Record



ANUNCIANDO O NOVO CAMINHÃO *Nash*

Excelente e nova unidade concebida para reduzir despesas de transporte

A Nash tem a honra de apresentar o membro mais novo da sua famosa família de excelentes produtos automobilísticos: o Novo Caminhão Nash! Este novo Caminhão Nash reflete mais de 45 anos de experiência em fabrico, traçado e engenharia, e foi especialmente construido para satisfazer as necessidades dos proprietários de caminhões e empresas de transporte: porque se trata dum caminhão que alia em uma só unidade, a baixa despesa de funcionamento com a excepcional capacidade de carga.

Acionado pelo famoso motor Nash de "válvula-à-cabeça", com a sua tubulação hermética, o Caminhão Nash assegura notaveis economias de exploração. O chassís é forte, sólido, duradouro—traçado para máximo desempenho em todas as condições de transporte, desde as entregas urbanas às longas jornadas através dum país.

Visite o Distribuidor local para Informações completas, e verificará que irá "*sempre na dianteira com caminhões NASH.*"

Nash Motors

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation, Detroit, Michigan, E. U. A.

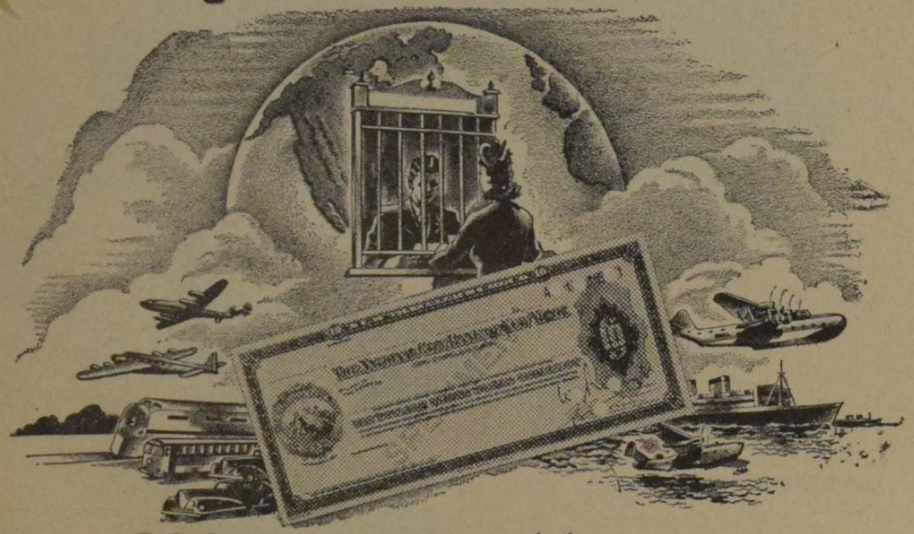
Coty apresenta

A' SUMA

O perfume-evocação
dos mistérios do Oriente...

Coty

O seu caixa bancário segue-o ao redor do mundo



—quando o Sr. leva *Cheques de Viajantes*

N.C.B.

Garantidos pelo National City Bank de Nova York. Os Cheques de Viajantes N C B são conhecidos e resgataveis EM TODA PARTE

OS SEUS Cheques de Viajantes N.C.B. reconhecidos universalmente, são aceitos no mundo inteiro e convertiveis em espécie nos paises estrangeiros com a mesma facilidade que no guichê do banco da sua terra.

Se fôr extraviado, estragado ou roubado, (sem endosso), o National City Bank de Nova York lhe reembolsará imediatamente a quantia dos cheques perdidos ou destroçados.

Entre os viajantes experientes os Cheques de Viajantes N.C.B. são considerados o meio mais seguro, conveniente e econômico de levar dinheiro quando se viaja.

Os Cheques de Viajantes N.C.B. são emitidos pelo National City Bank de Nova York e apoiados em 134 anos de experiência bancária. Emitidos em denominações de 10, 20, 50 e 100 dólares, seu custo é módico e grande a proteção que oferecem. Peça Cheques de Viajantes NCB no seu banco favorito.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

Matriz: 55 Wall Street, Nova York

O Primeiro Em Transações Bancárias Internacionais

Um Presente de Utilidade...

é o Trio da SHEAFFER'S Num lindo estojo, digno das mais valiosas jóias, são apresentados os três instrumentos de escrita de que "ele" necessita: a caneta "TRIUMPH", a lapiseira *Fineline* e a esferográfica *Sheafferiter*, com unidades de carga em azul, verde ou vermelho permanente.

SHEAFFER'S

W. A. SHEAFFER PEN CO., FORT MADISON, IOWA, E. U. DA A.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11o and.

Representantes gerais para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

Uma referência à escrita perfeita-é uma referência à Sheaffer

A SUIÇA parece grande nesta página, e no entanto é apenas uma ponta de alfinete na vastidão da Terra.

É um diminuto país — e apesar disso os produtos da sua indústria chegam a toda a parte!

A Suiça é tambem uma nação unida sob a mais antiga democracia da Europa — nação de menos de 4 milhões e meio de habitantes, sempre firmes e resolutos na defesa da sua independência.

Suas montanhas, seus profundos vales, seus lagos como jóias encastoadas, seus invernos tonificantes e estios suaves, — tudo se reflete no carater dos artífices deste minúsculo país.

Todos eles se orgulham dos frutos do seu trabalho manual—uma tradição que se transmite de pais a filhos através as gerações.

Esta perícia técnica atinge talvez a mais alta perfeição no fabrico de relógios. Já no século XVII as elites encomendavam à Suiça a criação de obras-primas da arte de relojoaria.

Hoje, contudo, o Relógio Suiço já não é o exclusivo de minorias privilegiadas! Os relojoeiros da Suiça se orgulham de que a beleza e a precisão de seus produtos se hajam tornado acessíveis a todos — em toda a parte.

OS RELOJOEIROS DA SUIÇA

V.S. Terá Orgulho em Oferecer uma EVERSHARP!

Quando fizer um presente a uma pessoa querida, ofereça-lhe o que há de melhor . . . ofereça uma EVERSHARP. EVERSHARP é a caneta que mais se vende nos Estados Unidos. A *Pena Mágica*, de ouro genuíno permite escrever suave e silenciosamente. O *Alimentador Mágico*, evita que a tinta vaze ou goteje. O *Serviço de Consertos* garantido para sempre. Para si próprio, para as pessoas a quem estima, adquira sempre o melhor . . . adquira EVERSHARP.

EVERSHARP
Jogo
Presentation

Dê o melhor . . . dê EVERSHARP

SELEÇÕES
do Reader's Digest
Condensações de artigos de interesse permanente

TOMO XIII
No. 73

FEVEREIRO
de 1948

Um conto à maneira de O. Henry

«SEM A MENOR DÚVIDA»

(*Condensado de «Collier's»*)

Por Billy Rose

A MAIOR parte da população da aldeia de Villeroi se comprimia no salão do juri. Sentado no compartimento reservado aos réus, o acusado descansava sobre o parapeito as mãos gordas e miudas.

Philippe Durand, o famoso advogado criminal de Bruxelas, que, em 73 julgamentos por crime de homicídio, ludibriara a forca 71 vezes, era um homenzinho calvo e barrigudo cujo terno de há muito perdera a lembrança do ferro de engomar.

«Senhores jurados,» começou Durand com toda a calma, «Henri Volpin é acusado de ter assassinado 12 mulheres. Passei uma semana ouvindo, enquanto o vosso promotor público apertava o laço em torno da garganta do meu constituinte.

«Peço-vos agora que vos lembreis não haver sido apresentada uma única testemunha ocular de qualquer dos homicídios atribuidos ao acusado. Não houve quem tivesse encontrado pelo menos uma unha das mulheres desaparecidas. O promotor público baseou a acusação em prova circunstancial—algumas palavras lembradas pela metade, um botão aquí, alguns sapatos de mulher acolá.

«Se tivesseis de decidir neste momento, sei qual seria o veredito. Muitos de vós gostariam até de emprestar a mão e a corda para o enforcamento.

«De acordo com as testemunhas, eis o que aconteceu ao obscuro guarda-livros: certa noite, um auto dirige-se para o único hotel do lugar. Um homem metido em roupas caras e uma moça que não usava meias pedem e conseguem o melhor quarto. Declara a mulher do gerente ter ouvido na manhã seguinte uma conversa em voz alta no referido quarto. Ela vos assegura que o homem partiu no automovel,

deixando a jovem. Naquela tarde, a moça entra no café onde Henri estava lendo jornal e tomando cerveja, e senta-se à mesa dele.

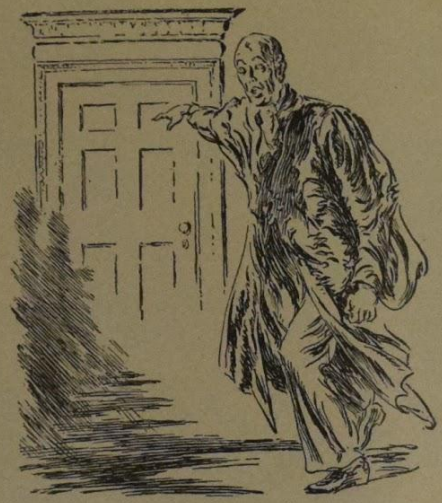
«Disse-vos o garção haver Henri comprado uma garrafa de conhaque e que a jovem combinou ir à casa do guarda-livros. Desde então essa moça nunca mais foi vista. O ilustre promotor não apresentou ninguem que os tivesse visto de fato entrar na casa de Volpin, mas oferece como indício o sapato de salto alto encontrado no quarto de dormir do acusado. A mulher do gerente do hotel diz tratar-se do sapato da moça.

«Uma semana mais tarde, alguem no cinema vê Volpin sentado ao lado da filha dos Molreaux. A viuva Prejean, vizinha de Volpin, declara que ouviu gargalhadas de mulher em casa de Henri naquela noite. Jura que eram da filha de Molreaux. Como a partir de então ninguem mais viu a jovem, a acusação atribui grande importância a um escarpim de camurça verde encontrado na gaveta da secretária do meu constituinte.

«Ouvistes, a seguir, os depoimentos sobre Louise Rhon, professora da escola primária de Saint-Vith. O diretor da escola vos declara que Mlle. Rhon se demitira do cargo afim de casar-se com um guarda-livros de nome Volpin, em Villeroi. Jurou o cocheiro haver deixado a professora e a bagagem à porta da casa do acusado. Mostrou-vos o promotor um sapato de passeio marron, descoberto na adega de Volpin. A irmã de Mlle. Rhon vem de Saint-Vith e identifica positivamente esse sapato.

«Ouvistes depoimentos pormenorizados, com relação a mais oito moças, desaparecidas mais ou menos em circunstâncias semelhantes.

«Eis o que consta do processo contra Henri Volpin. Lembrai-vos que colecionar sapatos não constitui crime. De acordo com a lei, não podeis condenar Henri Volpin à morte, a menos que estejais convencidos—*sem a menor dúvida razoavel*—de ser ele um assassino!»



Fez uma pausa e fitou todos os jurados, um por um. «Asseguro-vos que duvidais,» murmurou, «muito embora não estejais cônscios de vossa dúvida.»

«Não há dúvida nenhuma!» bradou a irmã da professora desaparecida.

O juiz ordenou silêncio, e o advogado barrigudinho prosseguiu. «Se uma das moças de cuja morte estais tão certos entrasse neste tribunal, qual seria a vossa reação? Continuarieis positivamente convencidos de que as outras 11 estavam mortas? Continuarieis ainda certos de que não há dúvida?»

Levanta então vagarosamente o braço e aponta para os fundos do tribunal, na direção da porta verde. «*Senhores jurados,*» exclama, «*peço-vos que olheis para aquela porta!*»

Todos os presentes contiveram a respiração e volveram o olhar para o ponto indicado. O estenógrafo parou de escrever. Um menino na frente se pôs de pé. Quase todos os habitantes do vilarejo eram aparentados com alguma das moças desaparecidas.

Depois daqueles instantes que pareceram durar uma eternidade, depois que o silêncio penetrou bastante na consciência de todos, o advogado prosseguiu:

«Perdoai-me o haver renovado vossas esperanças. Perdoai-me o haver lançado mão deste recurso canhestro. Ninguem vai surgir por aquela porta. *Mas a única pessoa que tinha absoluta certeza disso no recinto deste tribunal, era eu!* Todos os demais pensaram que uma das desaparecidas iria entrar aqui. Houve dúvida no espírito de todos. Senhores jurados, se houve dúvida em vosso espírito, vosso dever é absolver o acusado.»

Philippe Durand sentou-se.

«Esse homem de Bruxelas é realmente um indivíduo de valor,» comentou em voz baixa o correspondente de um jornal de París para um colega. «Volpin sairá daquí absolvido.»

Mas, pelo veredito, foi considerado culpado. Condenaram-no à morte na forca.

Um dos jurados tinha notado que Volpin não olhara nem uma só vez na direção da porta.

Os gêmeos de olhos verdes: Inveja e Ciume

Por Archibald Rutledge

OS HOMENS esperdiçam, na inveja e no ciume, grande energia vital que, bem dirigida, faria deles criaturas estimaveis e encantadoras.

LEMBRA-TE de que, embora outro possa ter mais dinheiro, beleza e inteligência que tu, em matéria de valores espirituais mais raros, como a caridade, o sacrifício, a honra, a nobreza de coração,—tens igual oportunidade de tornar-te a pessoa mais querida e mais honrada deste mundo.

DAS ALEGRIAS que a vida nos dá, uma das mais sãs, certas e generosas é aquela que provem de folgarmos com a felicidade alheia.

QUASE todas as divergências que dividiram a igreja cristã, criando novas seitas, foram devidas não a discordâncias honestas quanto à doutrina, mas ao ciume, que um grupo tinha, do poder e da influência de outro.

A INVEJA faz com que estejamos mais dispostos a maldizer dos virtuosos do que dos pecadores.

O CIUMENTO é aquele que se corrompe na tentativa ignobil e vã de desacreditar seus semelhantes.

As experiências com as vibrações supersônicas incluem a esterilização de alimentos, a radiografia de metais, as operações cirúrgicas e a lavagem de roupa

MARAVILHAS DO SOM «SILENCIOSO»

(Condensado de «The Atlantic Monthly»)

Harland Manchester

As vibrações sonoras que o ouvido humano não pode captar (supersônicas) converteram-se em um instrumento de grandes possibilidades para a ciência, a indústria e a medicina. Já têm sido aplicadas em um grande número de casos práticos e há atualmente cerca de meia duzia de empresas que procuram adaptá-las a uma série de usos diferentes.

É coisa bem sabida que os sons são produzidos por vibrações mecânicas e que há poucas pessoas capazes de ouvir ruidos cuja frequência exceda a 16.000 vibrações por segundo. O fato surpreendente é que existem geradores capazes de produzir sons inaudiveis e frequências de *12.000.000 de vibrações por segundo*. Nesta estranha região dos «sons silenciosos» estão ocorrendo fenômenos verdadeiramente extraordinários.

Numerosas fábricas aplicam presentemente as ondas supersônicas, que vibram milhões de vezes por segundo, para «ver» o que se passa no interior de pesadas peças fundidas de três metros de espessura, e localizar instantaneamente falhas ocultas. O dr. Floyd Firestone, da Universidade de Michigan, observou que as peças sem defeitos de fundição, quando bombardeadas com o «som silencioso», produziam um eco característico, que podia ser captado e amplificado. Um eco mais rápido indica a presença de falhas, cuja localização exata é revelada em uma tela especial. Os novos detectores estão sendo usados atualmente no exame das árvores de hélices marítimas, dos eixos de locomotivas e de outras peças de grandes dimensões.

As fábricas de laticínios empregam um simples gerador de ondas supersônicas para homogeneizar o leite e exterminar a maioria das bactérias que possa conter. À medida que o leite circula sobre um diafragma de aço que produz vibrações sônicas, os glóbulos de gordura são divididos em glóbulos menores, que em vez de subirem até à superfície do leite se conservam em suspensão no mesmo. O leite submetido a esse processo forma coalhos menores no estômago e é considerado superior para os bebês pelas autoridades médicas.

A esterilização de alimentos é um dos principais objetivos do grupo de jovens técnicos que se dedicam ao estudo das ondas supersônicas. Em experiências de laboratório o «som silencioso» conseguiu reduzir o número de bactérias do leite a oito por centímetro cúbico, enquanto que no leite pasteurizado se consideravam as contagens de 30.000 como indicando um elevado grau de pureza. Esta destruição quase completa das bactérias faz com que o leite possa durar alguns dias mais.

Emprega-se igualmente o som para obter a mistura uniforme e permanente de maionese, manteiga de amendoim, creme facial, tintas e produtos químicos. Talvez um dia as donas de casa venham a dispor de uma batedora supersônica que lhes prepare com perfeição uma massa de bolo em dó sustenido ou em lá bemol...

Uma firma norte-americana já está fabricando um abridor «autosônico» para portas de garage. Mediante a simples pressão de um botão colocado no painel de instrumentos do automovel, um apito supersônico emite um silvo inaudivel cuja vibração, captada por um microfone instalado na garage, aciona o motor que abre a porta e acende a luz.

A Ultrasonic Corporation de Cambridge, Estado de Massachusetts, está empenhada em encontrar métodos de dissipar a neblina nos aeroportos transformando-a em chuva por meio de ondas supersônicas. No laboratório dessa companhia vi dissipar-se em um segundo, por ondas de alta frequência, a neve artificial que enchia um tanque de vidro. Recentemente, realizaram-se na Califórnia experiências ao ar livre com uma máquina análoga. Embora desse resultados satisfatórios, o vento soprava com tanta força que trazia a neblina numa quantidade superior à capacidade da máquina de transformá-la em chuva. Está sendo construido um aparelho ainda maior e prosseguem as experiências.

S. I. Ward, da Crystal Research Laboratories, Inc., trouxe a lume outra possibilidade de grande interesse científico, ao investigar a informação de que alguns cientistas russos tinham submetido várias sementes de plantas às ondas supersônicas, obtendo aumentos de produção sensacionais. Segundo anunciam os relatórios, as batatas tratadas por este método florescem uma semana mais cedo que as plantas de controle, e seu rendimento é de 40 a 50 por cento maior. As ervilhas florescem igualmente mais cedo e em muitos casos a sua produção triplica.

Ward forneceu ao dr. Raymond H. Wallace, da Universidade de Connecticut, material para experiências complementares, e há dois anos que o dr. Wallace vem repetindo as investigações dos cientistas russos, tendo obtido resultados favoraveis. Os possiveis efeitos dessas experiências sobre a produção mundial de gêneros alimentícios são evidentes.

A lavagem supersônica de roupas foi preconizada por Sir Edward Appleton, Secretário do Departamento de Pesquisas Científicas e Industriais da Grã-Bretanha. As vibrações de alta frequência sacudiriam a sujeira da roupa e facilitariam a sua emulsão na espuma do sabão. Adotando a mesma ordem de idéias, um inventor de Chicago pediu o registo de patente de um aspirador supersônico de pó, que induz nas fibras dos tapetes vibrações capazes de libertar as partículas de poeira.

A Ultrasonic Corporation tambem construiu um possante transmissor supersônico, cujas vibrações vão desde a gama audivel até 200.000 por segundo e alcançam a muitas dezenas de metros. As pessoas que se conservarem no seu raio de ação não sentem as ondas de ar, mas experimentam uma estranha sensação de desconforto e podem adoecer gravemente.

Numa fábrica do Texas em que se produz negro de fumo, instalou-se um destes dispositivos numa chaminé. As vibrações provocam colisões entre as partículas de carvão, que giram umas sobre as outras, aumentando de tamanho como as bolas de neve e caindo novamente na fornalha, em vez de perderem-se no espaço. A mesma máquina está sendo instalada nas fábricas de produtos químicos para evitar que as emanações corrompam a atmosfera do campo, enquanto que se fazem experiências com esse método para ver se é possivel utilizá-lo como solução para o problema da acumulação de fumaça e fuligem sobre as cidades.

O envelhecimento das bebidas alcoólicas é causado pela colisão de certos tipos de moléculas. Tal colisão é consideravelmente acelerada pela ação das ondas supersônicas. No inverno passado, a Ultrasonic Corporation aplicou o tratamento pelas ondas supersônicas, durante alguns minutos, a um lote de uisque acabado de destilar. Concluido o tratamento, verificou-se que a bebida tinha adquirido paladar idêntico ao dos uisques mais finos e a análise química mostrou que o resultado equivalia a um envelhecimento normal de quatro anos.

Outros cientistas têm tentado empregar o som como uma arma capaz de matar ou incapacitar o homem. Após a guerra encontraram-se informações referentes a um canhão sônico em uma estação experimental nos subúrbios de Lofer, na Áustria. Esse canhão produzia sons audiveis mediante a explosão rítmica de gás em um tubo metálico semelhante a uma sereia, e as ondas eram focalizadas sobre o objetivo por meio de um grande refletor parabólico. A estranha arma nunca foi experimentada em combate, mas calcula-se que o feixe de ondas podia matar um homem a 60 metros de distância, em 30 ou 40 segundos. A 300 metros o efeito seria doloroso e provavelmente deixaria uma pessoa incapacitada durante vários dias.

No campo médico os cientistas tambem estudam as aplicações das ondas supersônicas. Os drs. John C. Lynn e Tracy J. Putnam, do Departamento de Neurologia da Universidade de Columbia, empregaram as ondas supersônicas para efetuar intervenções cirúrgicas no cérebro de 37 animais, inclusive gatos, cães e macacos, sem trepanação ou abertura do crânio. As ondas, emitidas à frequência de 800.000 vibrações por segundo, eram refletidas por um cristal curvo que as focalizavam num ponto. Os cientistas verificaram que era possivel estimular temporariamente, ou destruir, qualquer seção do tecido cerebral. Estes trabalhos estão ainda na fase experimental, mas dão margem a interessantes especulações sobre a possibilidade de efetuar intervenções cirúrgicas no cérebro humano sem auxílio de instrumentos cortantes.

A nova ciência supersônica acha-se na fase em que os seus expoentes buscam avidamente explorar todas as possibilidades. Até agora, porem, apenas penetraram no limiar do novo campo científico, cujas regiões ignoradas desafiam a imaginação.

O HOMEM razoavel adapta-se ao mundo; o não razoaval insiste em tentar adaptar o mundo a si próprio. Portanto o progresso depende totalmente do homem não razoavel.

—George Bernard Shaw

Uma família inesquecivel

Por Paul Schubert

Escritor e comentarista de rádio

FOI NUMA manhã de verão, em 1930 e poucos, que eu, subindo a rua acompanhado de minha mulher, me encaminhei pela primeira vez para o pequeno chalé de telha vermelha que tinha o número 24, em Krtiny. Andávamos procurando uma casa de aluguel barato, onde pudéssemos morar enquanto eu acabava de escrever um livro. Tínhamos escolhido aquela aldeia encantadora da Tchecoslováquia, aninhada entre as colinas densamente arborizadas da Morávia, como sendo o lugar que nos convinha.

Batemos. Veio abrir-nos a porta um camponês de cabelo emaranhado, Josef Dvorak. Por trás dele, com as mãos nos quadrís, no amplo corredor que dividia a casa em duas partes, espreitava a mulher, Maria. Maria não falou muito enquanto discutimos as condições do aluguel: era ao homem que cabia alí decidir com os hóspedes o montante a pagar. Mas, apesar do silêncio que ela guardou durante a conversa, atraiu-me logo a expressão inteligente e animada da sua fisionomia. O cabelo de um negro retinto emoldurava-lhe a testa grande; os olhos, então, eram admiraveis—olhos de camponesa, tão habituados a olhar a vida, que pareciam, através dos mistérios do nascimento e da morte, penetrar nos domínios da eternidade... Estava ela de pé, alí diante de nós, quando dois dos filhos vieram aninhar-se contra o seu corpo alto e robusto. Ficamos depois sabendo que o casal tinha mais três filhos, que a essa hora estavam trabalhando fora de casa.

Acabamos alugando metade da casa por 2.500 *koruny* (cerca de 1.500 cruzeiros) para toda a temporada. «Mas,» inquirí eu, «quantos meses dura a temporada?» «Oh,» respondeu Dvorak com generosa grandiloquência, «até lá pelo outono! Querendo, podem ficar aquí até o Natal; podem ficar mesmo até o ano que vem! Contanto que eu receba as minhas 2.500 *koruny*, o resto pouco me importa.»

Instalamo-nos pois na casa, abrimos a máquina de escrever, e pusemos mãos ao trabalho. Muito breve nos sentimos envolvidos pela calorosa atmosfera da vida de família dos Dvorak. O dia naquela casa começava às três da manhã, quando Maria pulava da cama, afim de mandar para o trabalho o filho mais velho. Todo o santo dia aquela casa vibrava de atividade, como una colmeia: cozinhar, amassar e cozer a fornada de pão, limpar e arrumar a casa, cuidar do jardim—e alem disso tudo, Maria era lavadeira de profissão, empregando sete mulheres só para lavar e engomar roupa num vasto alpendre que ficava nos fundos da casa.

Maria trabalhava e cantava; a sua voz, cheia de viço e contentamento, andava com ela por toda a casa e nos chegava constantemente aos ouvidos. Não levei muito tempo para descobrir que esta camponesa era, de alma e coração, uma verdadeira dama.

Foi o caso do homem do realejo que me veio revelar bem o seu tato. Todas as manhãs, muito cedo, aparecia lá pela porta do chalé um velho maltrapilho; arriava o realejo de manivela (que os habitantes

da aldeia lhe tinham oferecido para que ele pudesse «ganhar» a vida mendigando) e desatava a moer a mesma cantiga, uma porção de vezes seguidas, durante bem vinte minutos.

A maior parte das manhãs eu ainda estava na cama quando ele chegava. Ocupado como andava com meu livro, eu deitava-me tarde, tão tarde que, muitas vezes, quando o despertador de Maria tocava, pelas três da madrugada, ainda me vinha encontrar agarrado ao teclado da máquina de escrever.

Eu odiava aquele mendigo do realejo, que me arrancava a um sono bem merecido, para me forçar a ficar alí na cama, cheio de raiva, escutando a sua horrivel lenga-lenga. Acabei por me convencer de que a manha dele consistia em ficar por alí moendo música, até que o «americano» lhe pagasse para ele ir embora.

Se tal era a intenção do velho, eu lhe havia de provar que se enganava redondamente: a minha resistência era maior que a dele! Algum dia ele se fartaria, assim raciocinei, e deixaria de vir amolar-me a paciência. Havia de concluir que Krtiny 24 era para ele um mau negócio!

Só mais tarde vim a saber que, durante todo aquele tempo, Maria me estivera protegendo de uma inevitavel perda de «prestígio». De que modo? Dando todos os dias ao velho do realejo cinco *heller* em nome da família, e 50 *heller* (ou talvez mesmo uma grande moeda de uma *koruna*), em nome dos «americanos»—como cabia a pessoas tão abastadas como nós... O motivo pelo qual o velho do realejo tocava com tanto entusiasmo era mera e exuberante gratidão!

Acho que Maria sabia que eu não era realmente rico. Embora minha mulher e eu parecêssemos viver na prosperidade, em contraste com a gente da aldeia, a verdade é que nos sustentávamos com uns modestos 50 dólares por mês. O meu livro parecia nunca mais acabar, e o dilatado tempo que eu estava levando a escrevê-lo vinha consumindo de maneira alarmante as nossas reservas monetárias. O inverno veio encontrar-me ainda agarrado ao trabalho, e eu ainda não podia nem de longe prever quando o terminaria.

O nosso Natal prometia ser bem triste. Mesmo nas melhores condições, um estrangeiro nunca se sente feliz em terra alheia, quando chega essa época festiva. E, muito embora eu estivesse enamorado da aldeia de Krtiny, e das densas florestas que lhe serviam de pano de fundo, a Morávia era bem longe de minha terra—Connecticut. E era em Connecticut que eu gostaria de passar o meu Natal.

Entretanto, na metade da casa que os Dvorak ocupavam, a aproximação do Natal determinava uma febril animação. Eram segredos, embrulhinhos escondidos, e um dia trouxeram da floresta a árvore de Natal, que alí ficou esperando a hora de ser aparada e ornamentada para se transformar em centro de toda aquela alegria.

Minha mulher e eu estávamos resolvidos a passar um Natal digno de espartanos, trabalhando durante todo o tempo de festas, esquecendo todas as celebrações, para acabar aquele livro que já nos parecia interminavel. Bem entendido, embora tivéssemos decidido não dar presentes um ao outro, queríamos conseguir umas lembranças para os Dvorak, a quem já admirávamos e estimávamos sinceramente.

Estes presentes foram o que de melhor, nas circunstâncias, pudemos arranjar: um cachecol de lã, bem quente, para o filho mais velho, meias para os dois rapazes que vinham a seguir, uma blusinha leve para a pequena de onze anos (acompanhada de um frasquinho de perfume) e um canivete para o gurí. Para o pai Dvorak, um cachimbo e uma lata de fumo. A Maria daríamos um casaco de malha para as longas jornadas das frias manhãs de inverno em que ela ia à cidade entregar a roupa lavada aos fregueses.

Naquele recanto do mundo, o Natal celebra-se na véspera de Natal. Por volta das três da tarde desse dia, fui levar os nossos presentes ao outro lado da casa, e coloquei-os em cima da mesa da cozinha.

Ao ver aquilo, Maria sorriu: «*Dekuje vam,*» disse ela—mas era nos seus olhos bons que brilhava a verdadeira gratidão.

Feito isto, voltei ao meu trabalho. Mas este não marchava a meu gosto. Para dizer a verdade, eu odiava a máquina de escrever. Odiava o livro!

A noite caiu, e com ela as janelas brilhantemente iluminadas das casas da aldeia foram-se recortando uma a uma no escuro da noite fria, como retângulos incandescentes de júbilo... A festa que ia do outro lado da casa foi-se tornando mais e mais animada; paralelamente, ouvindo, sem o querer, aquelas vozes de alegria, fomo-nos sentindo cada vez mais acabrunhados de tristeza e nostalgia. Até que, de repente, ouvimos alguem bater à nossa porta.

Era um dos pequenos, e vinha perguntar-nos se gostaríamos de ir ver acender as velas da árvore de Natal! O tímido convite saiu-lhe em borbotões de palavras atropeladas, tal era a excitação que o sufocava.

Este convite já foi demais para as nossas forças. Como é que eu podia manter-me em espartano alheamento, se era obrigado a testemunhar a alegria do Natal dos Dvorak? Voltei para dentro e disse a minha mulher: «Eu não tenho vontade nenhuma de ir, mas parece-me que não há outro remédio. Isto tem tanta importância para eles...» E fomos.

Do outro lado do corredor, solene e meticuloso, o pai Dvorak acendia uma a uma as velinhas que ornavam a árvore; estava uma maravilha! Maria andava lá pela cozinha, atarefada. O jantar, pronto, esperava na mesa coberta com uma toalha branca—e que mesa aquela, santo nome de Jesus, gemendo sob o peso da sopa, do peixe, das carnes, dos galináceos, das hortaliças, doces, bolos de fantasia, e até duma garrafinha de vinho.

Debaixo da árvore, ainda por abrir, estavam os embrulhos com os presentes.

Era um espetáculo para fazer com que um estranho se sentisse tão longe do seu lar, quanto homem algum já se sentiu. Senti um nó na garganta. Andamos à roda da sala trocando as congratulações próprias do dia solene, e no fim regressamos à nossa parte da casa—onde não havia decorações festivas, nem celebração de Natal—sentindo-nos mais tristes e acabrunhados do que nunca com a nossa vida.

Abrí a porta—e, diante do que vi então, fiquei mudo, quase sufocado.

Acontecera uma coisa inesperada, incrivel. Enquanto nós estivéramos de visita aos Dvorak, Maria (abençoada seja ela) tinha-se insinuado em nossa cozinha, trazendo consigo o Natal que nos faltava... A nossa mesa estava coberta com uma toalha branca, tal qual a da família. Havia ramos de verdura decorativa, velas acesas, pratos e talheres—e a mesa gemia sob o peso das iguarias, como a de nossos vizinhos, nem sequer faltando a garrafinha de vinho, de gargalo esguio! Nós, os estrangeiros, éramos assim incluidos por Maria Dvorak no círculo da família, de modo a partilharmos do que de mais genuino e profundo ela tinha para nos oferecer!

Nessa noite não voltei a trabalhar. Foi esse um dos jantares de Natal mais felizes de toda a minha vida.

No projeto da bomba atômica, temiam-se mais os indiscretos do que os espiões do inimigo

Como se guardou o segredo da bomba atômica

(*Condensado de «Foreign Service»*)

Por Thomas M. Johnson

Um serviço secreto que pode classificar-se de único vigiou o desenvolvimento da bomba atômica. Durante quase quatro anos resguardou-a de ser denunciada pela loquacidade de americanos indiscretos, ou descoberta por espiões inimigos. Esse mesmo serviço se inteirou, alem disso, do programa de investigação atômica dos nazistas, surpreendeu os cientistas encarregados de levá-lo a cabo e descobriu os seus segredos.

Em janeiro de 1942, o dr. James B. Conant informou, sob o máximo sigilo, a um oficial do Serviço de Informações Militares, que se estava realizando aquela experiência de enorme vulto; e acrescentou: «Há um fato, porem, que causa certa inquietação no Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento Científico; é que algumas das pessoas podem cometer indiscrições. Faça o obséquio de ir a Berkeley verificar isso.»

O Tenente John Lansdale vestiu-se à paisana, e tendo engendrado uma explicação plausivel para sua presença, iniciou um «trabalho de pesquisa» na Universidade da Califórnia. Aí conheceu diversos cientistas relacionados com o projeto da bomba atômica, e obteve deles informações. Penetrou num laboratório, viu o novo cíclotron e soube que se estavam realizando trabalhos análogos em Chicago. Um belo dia, envergou novamente a farda e tendo reunido todo aquele grupo, perguntou: «Suponhamos que eu fosse um espião?»

«Continue fazendo o mesmo por toda parte,» aconselhou a Lansdale o Major General Leslie R. Groves. «No tocante ao Projeto Manhattan (assim era conhecido o plano da bomba atômica), a regra deve ser o silêncio.»

Em Oak Ridge e outros sítios, dezenas de milhares de americanos, veementes e loquazes, tomavam parte num trabalho que precisava manter-se em absoluto sigilo. Armando-se de um lema, «Proteja o Projeto», Lansdale, assistido pelo Coronel William A. Consodine, lançou a maior campanha de sigilo de que reza a história. Auxiliado pelo Coronel L. R. Forney, reuniu um grupo secreto de rapazes e moças, cognominado «Os Vigilantes». Seus líderes eram, em maioria, advogados que o Ministério da Guerra instruira em matéria de segurança; seus agentes provinham da Polícia Militar e do Corpo de Contra-Espionagem do Exército. Graças ao seu trabalho não houve um só caso de sabotagem dirigida pelo inimigo, em todo o projeto da bomba atômica.

Foi proibida qualquer alusão a átomos, urânio ou armas secretas. Todos os que participavam nos trabalhos—inclusive os Vigilantes—tinham de usar vários códigos, que eram substituidos com frequência. O processo, propriamente dito, ficou sendo conhecido como DSM—«Development of Substitute Materials» (Desenvolvimento de Materiais de Substituição); os átomos eram «Tops»; a bomba chamava-se «Boat». Os Vigilantes investigavam a idoneidade de todos os funcionários e acionistas de companhias ligadas ao Projeto, inclusive centenas de empreiteiros. Como medida de segurança contra espiões e aviões de bombardeio, as operações necessárias ao Projeto foram realizadas em pontos distantes uns dos outros: em Oak Ridge, no Tennessee; em Los Álamos, no Novo México; em Hanford, Washington; e em outros locais.

Todo documento extraviado justificava uma busca, mesmo que levasse uma semana; toda cópia a carbono era registrada numa lista. À noite, todos os escritórios eram vasculhados à cata de papéis fora do lugar, mesas que não estivessem trancadas, e assim por diante. Os homens e mulheres que alí trabalhavam eram verdadeiramente bombardeados com advertências sobre a necessidade de serem discretos; essas advertências eram feitas em palestras, películas cinematográficas e cartazes. O Presidente Roosevelt recebia frequentes relatórios escritos, que lhe eram levados pessoalmente pelo Ministro da Guerra, Henry L. Stimson, o qual não se afastava enquanto o Presidente lia os documentos, e os levava depois.

Certa vez apareceu uma erupção na pele de vários funcionários que, em lugar de procurarem os hospitais ligados ao Projeto, foram a seus próprios médicos, a quem confiaram temer a «radioatividade». Os Vigilantes dirigiram-se a todos esses médicos, e conseguiram deles promessa de sigilo.

As 600.000 pessoas que estiveram numa ou noutra ocasião empregadas no Projeto Manhattan, comprometeram-se por escrito a manter segredo de suas atividades. No espaço de quase quatro anos, cerca de dois mil indiscretos foram denunciados. Os militares, quando dispensados por qualquer razão, eram enviados a guarnições onde não pudessem ser capturados; quanto aos civís, quando havia necessidade de demití-los, eram abordados com a maior delicadeza e tato, para evitar que, ressentidos, cometessem indiscrições.

Os cientistas constituiam o problema mais espinhoso. Se os alemães descobrissem onde se encontravam os físicos americanos mais eminentes, especializados em pesquisas nucleares, deduziriam o resto. Assim, resolveu-se dar a cada um deles um pseudônimo: o dr. Compton tornou-se «A. H. Comus», o dr. Enrico Fermi transformou-se em «Henry Farmer»... Todos tinham o seu guarda-costas.

Em sua maioria, eles se mantiveram discretos, com exceção de um que, ao pronunciar uma conferência, deixou escapar certos informes. Outro esqueceu, num trem, uma pasta cheia de documentos importantes. Seis agentes foram postos em campo, trabalhando dia e noite, e encontraram-na afinal, intacta.

Pouco antes do início da guerra, os nazistas haviam enviado dois de seus melhores cientistas aos Estados Unidos, para verificar que estavam fazendo os pesquisadores americanos em matéria de energia atômica. Começado o Projeto, os americanos interceptaram mensagens, ocultas

em cartas pelo processo de fotografia em «micro-pontos», enviadas por outros espiões que haviam tentado abordar os cientistas americanos. Um destes foi seguido até um parque recôndito, onde passou um pacote a outro homem, o qual foi tambem seguido. Com grande assombro de todos—o episódio ocorreu em 1942—verificou-se que o indivíduo não era espião da Alemanha, e sim da «aliada» Rússia.

O cientista americano em questão foi convocado e enviado a uma ilha do Pacífico, onde procurou mandar por um intermediário informes que jurara manter sob sigilo. Tais informes nunca alcançaram o espião, o qual estava sendo observado de perto em todos os contactos que estabelecera, inclusive com a Embaixada Russa e infelizmente com um número consideravel de «americanos». Alarmado, o espião a princípio tentou tomar um navio rumo à Rússia, e depois desapareceu.

O Canadá serviu de base para outras investidas contra os segredos referentes à fabricação da bomba atômica. Foi nesse país que o físico inglês Alan Nunn May deu ao Serviço Russo de Informações amostras de urânio e relatórios parciais sobre o trabalho que se efetuava na fábrica de Chalk River, no Canadá, e nos laboratórios de Chicago, os quais ele visitou três vezes. May quis voltar mais uma vez, porem os Vigilantes desconfiaram, e o General Groves indeferiu-lhe o pedido. Preso pelas autoridades inglesas, May confessou sua culpabilidade, sendo condenado a 10 anos de prisão.

Os americanos temiam, constantemente, que as «armas secretas» de Hitler incluissem bombas atômicas. Acelerou-se o trabalho do projeto. Trouxeram-se ao Hemisfério Ocidental cientistas de vários paises. Ajudado pelo Serviço Secreto inglês, Niels Bohr, especialista em física nuclear de renome mundial, escapou da Dinamarca. Durante dois anos, sob o pseudônimo de «Nicholas Baker», colaborou no Projeto.

Um dia soube-se que os alemães davam novo impulso à produção da única fonte de água pesada na Europa—a fábrica Vemork na Noruega. «Comandos» noruegueses, desembarcando de aviões, destruiram partes da fábrica e grande quantidade de água pesada. Mais tarde essa fábrica foi alvo de bombardeios americanos. Os alemães tentaram retirar o resto da água pesada por via marítima, mas os agentes noruegueses fizeram explodir o navio.*

Em fevereiro de 1944, o Coronel Horace K. Calvert reuniu-se ao Major R. R. Furman em Londres e, em colaboração com os ingleses, começou a reunir todos os dados possiveis quanto ao projeto da bomba atômica dos alemães, projeto esse que os nazistas queriam manter sob rigoroso sigilo. A princípio, os aliados averiguaram quais eram as fontes de urânio dos alemães. Os nazistas haviam-se apoderado de grande refinaria perto de Antuérpia, mas os «maquis» belgas fizeram com que as remessas de urânio se extraviassem. Um agente tcheco enviava relatórios sobre a produção da mina de Joachimstal. Fez-se uma lista de todos os comerciantes que, antes da guerra, negociavam com urânio e tório, bem como das refinarias de metal, usinas de energia elétrica e toda e qualquer instalação suspeita.

Em seus esforços para localizar os laboratórios de bombas atômicas que se supunha existirem na Alemanha de Hitler, o grupo de agentes secretos de Londres procurava o paradeiro dos físicos alemães, únicas pessoas capazes de tais pesquisas. Fotografias feitas do ar indicavam que o

*Veja «Onze noruegueses contra a bomba atômica», Seleções, fevereiro de 1947.

laboratório original, em Dahlem, perto de Berlim, fora removido, fato esse confirmado por cientistas alemães indiscretos. Abordados secretamente, declararam que seus colegas se haviam retirado para local desconhecido.

Em seguida o Serviço Secreto inglês soube que um cientista suiço, pro-nazista, trabalhava num novo explosivo no laboratório secreto de Bisingen, na região de Hohenzollern, no sul da Alemanha. Logo depois, a censura americana interceptou uma carta para um país da América do Sul, cujo signatário estava «trabalhando num laboratório de pesquisas marcado com a letra D». A carta levava o carimbo de Hechingen, a menos de 5 km ao norte de Bisingen. Perto dalí, segundo informação fornecida por um cientista suiço amigo dos aliados, morava o dr. Werner Heisenberg, talvez o maior especialista alemão em física nuclear. Indagou-se de todos os cientistas aliados ligados às pesquisas atômicas, bem como de vários de paises neutros, quais os cientistas nazistas com maiores probabilidades de estarem em atividade naquele local. Preparou-se uma lista de cinquenta nomes, e dentro em pouco os Vigilantes haviam obtido descrições, endereços e fotografias de muitos—inclusive a voz de um, gravada em disco. Todos os prisioneiros inteligentes, procedentes da redondeza, foram interrogados com rigor, e marcaram-se num mapa todos os prédios que poderiam estar servindo de laboratório. Como saber ao certo, porem, o que se passava?

Na primavera de 1945 os aliados varriam a Alemanha com suas tropas. E Lansdale, já então coronel, ordenou: «Procurem atingir o mais depressa possivel a região de Hohenzollern. Agarrem os cientistas e seus segredos, antes que escapem.»

Um grupo de uns 100 soldados, escolhidos a dedo e cognominados «Alsos», foi formado e dirigido pelo Coronel Boris T. Pash. O seu objetivo era auxiliar vários cientistas, chefiados pelo professor Samuel A. Goudsmit, da Universidade de Northwestern, aos quais cabia obter informações sobre os trabalhos do inimigo em pesquisa atômica, informações essas colhidas de laboratórios capturados e de cientistas.

Goudsmit era o único que sabia por que eles possuiam contadores Geiger para medir a radioatividade. De todos os «objetivos» constantes da lista, o único que realmente importava era a região de Hohenzollern. Goudsmit parecia o «atirador» ideal para atingir esse alvo, pois não só era físico, como falava alemão e conhecia muitos físicos alemães. Alem disso, não tendo cooperado no Projeto de Manhattan, pouco poderia revelar, se fosse capturado.

Um dos objetivos primordiais, e mais secretos, a que o mencionado grupo se dedicaria era encontrar o principal cientista francês no campo da física nuclear, Frédéric Joliot-Curie, genro de Maria Curie e hoje Alto Comissário do Governo Francês, em assuntos relacionados com a energia atômica. Como os nazistas se haviam utilizado do laboratório de Joliot, Goudsmit acreditava que este conhecesse bastante o trabalho deles. Afim de evitar que os nazistas raptassem Joliot quando os aliados se aproximassem, os Coronéis Pash e Calvert, com dois agentes, acompanharam os primeiros tanques franceses que conquistaram París. Joliot declarou-lhes que dois cientistas alemães haviam adquirido seu laboratório, por preempção, para realizar pesquisas em física nuclear. Não sabiam, contudo, fazer a bomba. Assim, os «Alsos» prosseguiram rumo à Alemanha meridional.

Dos arquivos de um parisiense que ne-

gociava com urânio e tório, e que fugira para a região de Hohenzollern, obtiveram-se provas desconcertantes. Em escritórios de diversas firmas da capital francesa, encontraram-se os nomes de centenas de pessoas em calendários de mesa, livrinhos de apontamentos, registros de chamadas telefônicas, etc. Muitas delas foram interrogadas. Revelou-se assim que havia em Estrasburgo diversos projetos científicos importantes dos nazistas, um dos quais envolto no mais profundo sigilo —provavelmente de natureza atômica. Os «Alsos» acompanharam as tropas que conquistaram Estrasburgo e, na universidade local, tanto cientistas como soldados americanos confiscaram preciosos documentos. Sem dúvida alguma, a região do Hohenzollern era o centro de pesquisas atômicas da Alemanha.

Que se passava, porem, exatamente, naquele ponto? Tratar-se-ia de experiências, ou da própria fabricação da bomba? Essa era a questão ainda sem resposta. Subitamente, os aliados levaram o maior susto desde o dia da Invasão: novas aerofotografias mostravam acampamentos de trabalho-escravo, torres de transmissão de força elétrica e uma imensa cidade industrial que surgia com incrivel velocidade, na vizinhança da aldeia de Bisingen. Em seguida, a rádio de Berlim anunciava que os alemães já tinham a bomba atômica!

Num esforço supremo para rasgar o véu, cientistas, investigadores e soldados dirigiram-se logo a Bisingen. Aí tiveram, ao mesmo tempo, decepção e alívio: a enorme instalação, nova em folha, não se destinava à produção de bombas atômicas, e, sim, à extração de óleo de xisto. Prosseguiram caminho, rumo a outras instalações. Em Thailfingen, sentado à sua mesa em um grande laboratório, achava-se Otto Hahn, o primeiro a conseguir a desintegração do átomo de urânio, e em sua companhia trabalhavam talvez vinte outros cientistas. Os nazistas negaram que jamais houvessem tentado fazer bombas atômicas. Declararam tambem que seus documentos haviam sido destruidos.

Um famoso cientista, porem, cumprimentou os americanos à sua chegada, dizendo «Eu estava à espera dos senhores», e entregou-lhes sumários de seu trabalho. Outros documentos de valor foram pescados numa fossa onde haviam sido escondidos dentro de um tambor de petróleo. Finalmente, uns poucos cientistas alemães persuadiram outros a revelar os suprimentos de seus laboratórios: pequenas quantidades de água pesada, ocultas num velho moinho; óxido de urânio, enterrado num campo; por fim, guardada em um grande tunel, a sua «pilha».

Era o cúmulo da ironia. A «máquina de urânio», ou «pilha», dos alemães, não passava de um fracasso. Era incapaz de iniciar ou manter uma «reação em cadeia». Os alemães não podiam produzir plutônio e acreditavam que o U-235 não pudesse ser separado do U-238 (os norte-americanos os haviam separado de quatro maneiras diferentes). Tinham um único cíclotron, ao passo que os Estados Unidos possuiam 40. Os cientistas alemães, especializados em pesquisas atômicas, não haviam saido da fase experimental.

Mesmo após sua captura, pensavam que os americanos estivessem tão atrasados em relação a eles, que queriam imitar-lhes os processos. A campanha de sigilo dos Vigilantes fora coroada de êxito.

Embora a necessidade de manter-se sigilo sobre a energia atômica não seja tão sentida em tempo de paz como durante a guerra, ela é, contudo real. No ambiente mais desafogado que caracteriza o período de paz, os esforços da espionagem são mais perigosos do que durante a vigilância geral e constante dos tempos de guerra.

Flagrantes da vida real

SOU CHOFER de taxi em Nova York e, como era de esperar, não me surpreendo muito facilmente. Mas, a semana passada, aconteceu algo que me deixou tonto. Um senhor de idade entrou no meu carro e disse: «Leve-me para algum lugar onde haja muito tráfego e muita gente.»

Levei-o para a rua 41, perto da estação Grand Central onde o tráfego estava quase paralisado e as multidões enchiam as calçadas de lado a lado. Subitamente, meu passageiro começou a gritar: «Vamos embora, não aguento mais... Vamos embora!»

Levei dez minutos para chegar a um lugar calmo. E então ele me explicou. «Eu odeio Nova York, mas venho aquí de dois em dois anos. Vivo no campo e meu vizinho mais próximo mora a dois quilômetros de distância. Sempre que me sinto sozinho, lembro-me das multidões de que escapei e isso me alegra. Mas depois de algum tempo começo a me esquecer e tenho que voltar a Nova York para me saturar novamente das multidões.»

—Colaboração de Emil Baer

O GAROTINHO sentado à nossa frente no cinema de uma cidade da região pecuária do Texas pulava alegremente toda vez que havia algum tiroteio na fita de *cowboys* a que assistíamos. No momento culminante da película o «mocinho» e o vilão enfrentam-se a tiros no curral, e enquanto as balas voavam por todos os lados, os cavalos se empinavam e rinchavam freneticamente. De repente, o garotinho começou a chorar.

O homem que se encontrava a meu lado inclinou-se para a frente e bateu no ombro do menino. «Cale a boca, menino,» disse ele, «eles só matam gente.»

—Colaboração de Ruth S. Perot

NA PRIMAVERA passada, em Long Island, eu observava um lavrador que caminhava lentamente atrás de um arado puxado a cavalo, quando vi que ele parou, apanhou alguma coisa na terra que acabava de ser revolvida, esfregou-a nas calças, e examinou-a cuidadosamente. Em seguida jogou-a de novo na terra. Fez exatamente o mesmo quando cruzou o campo em minha direção, e resolví perguntar-lhe o que estava fazendo.

Estendeu a mão calosa e mostrou-me uma perfeita ponta de flecha.

—Mas por que o senhor as joga fora? perguntei.

—Já tenho uma coleção dessas pontas de flecha. Antigamente havia por aquí grandes aldeias de índios e desde então os campos nunca foram cultivados com regularidade. Se eu juntasse todas as que encontro, é possivel que algum colecionador as comprasse. Mas prefiro jogá-las novamente na terra. Quem sabe: talvez daquí a cem anos uma delas seja achada por uma criança que ficará assim muito mais alegre do que se a tivesse comprado numa loja. Podemos comprar coisas, mas não podemos comprar a alegria de descobrí-las.»

—Colaboração de Mary Travis Arny

POUCO ANTES de embarcar para a Holanda, entrei numa farmácia da Broadway, em Nova York, afim de comprar *bubble gum*. Ainda havia falta desse pro-

duto nessa época, e comprei todo o estoque da farmácia.

—Vai dar uma festa? perguntou-me o caixeiro.

—Não, respondí, —quero levá-la para os filhos de amigos meus na Holanda. Lá não se conhece esta espécie de chicle.

Quando saía da loja, ouví o caixeiro dizer a outra pessoa: «'Tá vendo aquele camarada? 'Tá levando *bubble gum* pra Holanda; vai civilizar a Europa!»

—Colaboração de F. K. Willekes-MacDonald

MINHA mulher foi visitar certa ocasião uma senhora que era mãe de nove filhos e já esperava o décimo rebento.

—Estou cansada de ter filhos, queixou-se ela.

—Então por que não para? pergunta minha esposa.

—Ora, é a única maneira de evitar que o caçula fique mimado.

—Colaboração de Keith H. Palmer

NÃO É RARO a gente viajar no Estado de Nevada 80 quilômetros ou mais sem ver uma só casa, homem, animal, ou mesmo uma árvore. Foi justamente o que me acabara de acontecer certa vez, quando parei para recolher um homem que caminhava pela estrada.

—Tenho uma casinha a oito quilômetros da estrada, disse-me ele. —Aí vivo há trinta anos. Melhor terra do mundo.

Olhei, provavelmente com certa incredulidade, para a imensa vastidão que fervia sob o sol escaldante.

—Bem, é um pouco seca, reconheceu meu companheiro. —Mas o senhor já viu algum lugar onde tantas pessoas de que não gostamos não vivem?

—Colaboração de L. M. Myers

EU ANDAVA caçando esquilos, caminhando apressadamente com os olhos presos aos galhos das árvores, e quase não vi um ancião que estava sentado num coto de árvore. O homem tinha sobre as pernas um velho rifle e diante dele um pequeno monte de esquilos. Como eu não conseguira matar nenhum, perguntei-lhe qual era o seu sistema.

—Filho, disse-me ele, —você está com pressa demais. Sente-se aquí um pouco e um esquilo não tardará a mostrar a cabeça. Então você estará pronto para ele, em vez de ele estar pronto para você. É esse o segredo.»

Cacei o número de esquilos permitidos naquele dia, e aprendí ao mesmo tempo uma grande lição.

—Colaboração de Jack Cato

«Cochilos» da imprensa

PUBLICADO nas «sociais» de um jornal de Illinois: «A sra. Pike Ross partiu hoje para La Harpe e para o Jardim Zoológico de Chicago, em visita a parentes.»

PUBLICADO num jornal de Missouri: «A cidade de Columbia, em Tennessee, que se intitula a maior feira-livre de burros do mundo, realizou ontem uma parada de burros, a cuja frente se encontrava o Governador do Estado.»

—Citado em *Successful Farming*

Fotografias que imortalizam

(*Condensado de «Esquire»*)

Por James L. McConaughy, Jr.

O mais notavel retrato de Churchill—baseado na famosa fotografia tirada por Yousuf Karsh, fotógrafo-psicólogo canadense.

UM HOMENZINHO cortês e insinuante, com um espesso rolo de cabelo preto a emoldurar-lhe a careca luzidia, espreitou um momento por trás da máquina fotográfica esmaltada de branco, e em seguida escondeu a cabeça debaixo do paño de veludo côr de vinho. O silêncio pairou no gabinete. Mas outra pessoa estava alí presente, num canto da sala, sem que o fotógrafo desse por isso, observando o que ele fazia, com a incredulidade estampada no rosto carrancudo: era John L. Lewis, o famoso lider trabalhista, e a cena tinha por teatro o seu escritório. Depois de haver observado por alguns momentos as manobras do fotógrafo, Lewis rugiu na sua voz de baixo profundo: «Que negócio é esse?»

O fotógrafo, pondo outra vez a calva a descoberto, disse com brandura: «Meu senhor, eu vim aquí para tirar-lhe o retrato. A primeira vez, o senhor ficou com o chapéu na cabeça. Da segunda vez, o senhor estava lendo a correspondência. Na terceira vez, recusou-se a olhar para a máquina fotográfica. E agora me diz que não quer tornar a posar! Não tenho remédio senão tirar o retrato de sua cadeira. A fotografia se intitulará: «Esta é a cadeira onde John L. Lewis devia estar sentado, se tivesse cumprido a promessa. Por favor, senhor Lewis, fique calado!»

Lewis, o rebelde de cabeça leonina e voz trovejante, tem sabido intimidar senadores, presidentes, a nação inteira. Mas desta vez foi ele quem se sujeitou, e, durante meia hora, sentado em frente da objetiva, fez caretas sardônicas, franziu as ramalhudas sobrancelhas, e compôs as mais carrancudas expressões, por conta e ordem do famoso fotógrafo de Ottawa.

Yousuf Karsh tem somente 39 anos de idade, mas os seus retratos são incomparaveis. A característica suprema do seu gênio é a psicologia: Karsh sabe lidar com as pessoas. Winston Churchill o caractêrizou bem um dia, ao dizer-lhe: «Você é capaz de convencer um leão furioso a ficar quieto!» Churchill o sabia de experiência própria, pois o retrato extraordinário que Karsh dele fez tem sido reproduzido e publicado milhares de vezes. As coisas se passaram assim:

Em 1941, Churchill visitou Ottawa, e pronunciou um discurso sensacional perante o Parlamento Canadense. Karsh esperava, numa pequena sala ao lado, que o Primeiro Ministro se preparasse para deixar o edifício. Churchill ficou extenuado após o discurso. Quando viu pela sua frente o homem com o aparelho fotográfico, fez um esforço supremo, endireitou-se, espetou um charuto entre os dentes, acendeu-o, e deu voz de comando: «Bata a chapa!»

Com firme delicadeza, Karsh estendeu a mão, extraiu o charuto da boca de Churchill e foi depô-lo num cinzeiro, murmurando ao mesmo tempo: «Queira desculpar.» E, quando viu a face de Churchill flamejante de indignado protesto, Karsh apertou a mola do obturador... O resultado foi um retrato imortal, desde então considerado como símbolo eloquente da tenacidade com que a Inglaterra fez face aos mais negros dias da guerra.

Este retrato de Churchill levou o Governo do Canadá a incumbir o fotógrafo de executar uma galeria de retratos dos líderes britânicos mais eminentes, destinados a figurar nos arquivos do Domínio. Um dos melhores retratos dessa série é o do Rei Jorge VI. Karsh conseguiu captar um traço de sofrimento, um fio de insatisfação, que realça perfeitamente a dignidade simples do Soberano da Inglaterra.

A sessão fotográfica realizou-se no Palácio de Buckingham e, após terem batido algumas chapas, o rei, fatigado, sugeriu que tomassem chá. Ao que se diz, Karsh respondeu: «Nada de chá!» Sua Majestade, com sofredora resignação, desistiu do assunto e continuou posando, esfaimado e sem chá—com toda a aparência duma pessoa insatisfeita. E consta que Karsh conseguiu assim o efeito que buscava!

Karsh deve alguns dos seus triunfos à influência da esposa, que é francesa. Quando o Ministro do Interior do governo Roosevelt, sr. Harold Ickes, posou para ele com uma cara inexpressiva, Madame Karsh, para tirar o marido do aperto, soltou uma pergunta que foi direita ao ponto álgico do combativo estadista: «Senhor Ministro, nós somos do Canadá, e fala-se muito por lá do Projeto *Canol*. Que pensa o senhor a respeito?»

Ickes, bem entendido, pensava muita coisa a respeito desse fiasco que custou 134 milhões de dólares aos Estados Unidos! As palavras sairam-lhe da boca em borbotões, e o Secretário do Interior disse tudo o que pensava, com a cara vermelha e contorcida de cólera mordente, dando a Karsh o motivo para um dos seus melhores retratos.

Karsh é de opinião que as máquinas fotográficas pretas exercem uma ação depressiva sobre as pessoas fotografadas. Por isso mandou pintar de branco a sua câmara, e substituiu o clássico pano negro por um pano de veludo côr de vinho, forrado de cetim dourado.

Quando não está satisfeito com a pose da pessoa, Karsh procura levá-la a colocar-se numa posição desconfortavel. De acordo com ele, «quando as pessoas gozam de conforto, ficam muito inexpressivas.»

Somente em duas ocasiões Karsh bancou o artista caprichoso, e isto depois de haverem falhado todos os outros recursos para obter o efeito desejado. Um desses casos foi o de Lorde Beaverbrook. A sessão fotográfica estava marcada para o meio-dia, mas o Lorde só chegou à uma e trinta. Karsh sugeriu-lhe então que fosse almoçar. O secretário de Lorde Beaverbrook já tinha avisado Karsh que «o Castor era intratavel» (*Beaver* quer dizer castor), e não pôde conter uma expressão de assombro. O próprio «Castor» ficou de boca aberta diante daquela audácia.

Depois do almoço a sessão começou, mas Beaverbrook a interrompia a cada passo, para falar ao telefone, berrar ordens aos subordinados, ou para fazer perguntas a algum assistente. Até que, finalmente, enfiou os polegares nos suspensórios, sua pose favorita, e declarou-se pronto a começar. Karsh ergueu os braços e protestou. Seguiu-se uma altercação. Depois, o «Castor» lembrou-se de que o fotógrafo era o indivíduo que tivera a ousadia de sugerir-lhe que fosse almoçar, e capitulou: «Muito bem, não me importa o que você faça!» Karsh fez-lhe uma pergunta sobre a aviação de após-guerra. Beaverbrook ficou um momento pensativo, e Karsh aproveitou o ensejo para disparar o obturador. Quando, mais tarde, Beaverbrook viu as provas do retrato, não pôde conter esta exclamação: «Karsh, você me imortalizou!»

A cada fotografia que tira, este homem cria um novo amigo. A secretária de George Bernard Shaw explicou-lhe com toda a minúcia as regras a seguir para fotografar o grande dramaturgo: nada de luzes, nada de aparelhos grandes, cinco minutos de pose, e acabou! Neste instante, o grande irlandês deu entrada na sala.

Shaw começou por querer saber por que é que Karsh teimava em fotografá-lo: Karsh explicou que estava alí em missão do Governo Canadense. Então por que é que os canadenses não contratavam Augustus John para pintar o retrato dele por mil guinéus, assegurando-se de antemão que a coisa seria uma obra-prima? Karsh retorquiu à altura: por isso mesmo é que *ele* fora escolhido—para se ter certeza que o trabalho sairia perfeito!

Shaw estava divertindo-se. Qual era a nacionalidade daquele homenzinho tão simpático, que não tinha nada de anglo-saxão? Armênio?

—Ótimo, disse Shaw.—Eu tenho muitos amigos armênios. Mas, para se manterem robustos e saudaveis, o que os armênios precisam é de uma matança de vez em quando... Eu lhe dou cinco minutos.

—Dê-me dez, suplicou Karsh.

—Quando eu disse cinco, quis dizer dez!

Duas horas e meia depois, quando Karsh arrumava as lâmpadas e a enorme máquina fotográfica, Shaw dizia-lhe: «Volte por aquí quando eu tiver 90 anos, para tirar meu retrato!»

Karsh tirou um único retrato de Franklin D. Roosevelt, em Quebec, em 1936. O Presidente estava acompanhado de seu filho James, do Primeiro Ministro do Canadá, e do Governador Geral. Quando viu estes cavalheiros imoveis, rigidamente posando para a História, Karsh fingiu que disparava o obturador. Passado aquele momento de tortura, o Governador Geral, Lord Tweedsmuir, começou a contar uma anedota em dialeto escocês. O Primeiro Ministro abriu o rosto num sorriso. O Presidente Roosevelt inclinou o busto para não perder nenhuma palavra. E foi então que Karsh, sem dizer palavra, fotografou o grupo de notabilidades à vontade, sem a fixidez da pose.

Marian Anderson, deixou-se fotografar

por Yousuf na sua fazenda de Connecticut. Mal havia ele instalado a máquina e montado as luzes, quando o acompanhador da artista chegou para o ensaio do dia. Karsh segredou-lhe: «Toque a música da *Crucificação!*» Logo aos primeiros e suaves acordes, Miss Anderson esqueceu a presença do retratista, e começou a cantar. Quando a melodia atingiu o ponto máximo da expressão profunda e apaixonada duma grande alma, Yousuf bateu a chapa...

É sempre importante conhecer a opinião das mulheres dos homens notaveis. A sra. Karsh declarou-me, piscando o olho: «Eu não casei com um homem, casei com uma máquina fotográfica que tem uma lente no lugar do coração. Mas devo confessar que é um fotógrafo de grande talento.»

Yousuf Karsh passou a infância na Armênia e, aos 15 anos de idade, foi viver com um tio que era fotógrafo profissional em Sherbrooke, na província de Quebec. O pequeno ficou fascinado com a câmara escura do *atelier* do tio. Em 1933 inaugurava o seu próprio *atelier* em Ottawa, e a sua invulgar habilidade não tardou em ser reconhecida. Vieram alí para tirar o retrato o Primeiro Ministro Mackenzie King e todos os membros do seu gabinete. O Governador Geral do Canadá o nomeou seu fotógrafo oficial. Karsh dedica um profundo afeto à cidade de Ottawa e seus habitantes, que lhe abriram caminho na vida. Toda a gente o trata somente por Karsh, raras vezes de *Mister* ou de *Yousuf*. Quando os clientes são de Ottawa, o preço de 350 dólares por retrato cai logo para 75 dólares.

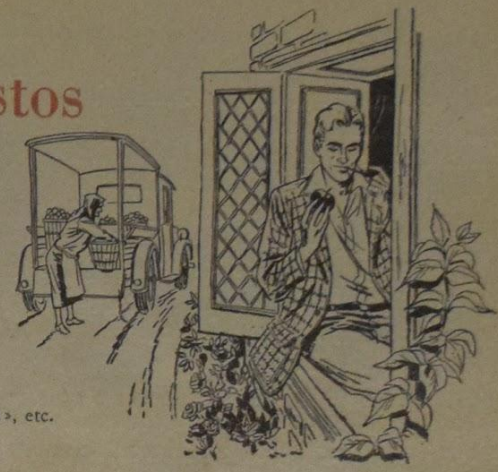
Uma das pessoas mais dificeis de fotografar que encontrou foi uma senhora de 80 anos, mãe de numerosa família. Essa senhora tinha as mãos enormes, vermelhas e nodosas como cepos, e, diante da objetiva, escondeu-as timidamente nas pregas do vestido. O fotógrafo viu logo onde estava o efeito a tirar, e a dificuldade a vencer. Foi preciso persuadir a anciã.

Carinhosamente, e recorrendo à mais convicta eloquência, foi-lhe descrevendo as mãos como as imaginava: haviam criado uma família, eram mãos honestas que tinham desbravado terras virgens, e arrancado delas o pão para a boca dos seus entes queridos. Aquelas mãos tinham dado a palmada vivificadora em muitos recem-nascidos; haviam refrescado como um bálsamo a fronte ardente de febre de muitos doentes, suavizado dores físicas e morais. E, à medida que ele falou, as velhas mãos nodosas foram saindo das pregas do vestido, e por fim repousaram à vontade no colo da boa senhora. Desvanecida a sua timidez, ela sorriu: —O senhor fará o melhor que puder, não é, «seu» Karsh?

UMA PROFISSÃO que resultou desses estranhos tempos de hoje, é o de um «despertador» empregado pelo Teatro Woods de Chicago, que funciona a noite inteira. O «despertador» faz a sua ronda e gentilmente acorda os dorminhocos, cujo roncar perturba os outros espectadores.

—Dale Harrison no *Sun* de Chicago

Os juros compostos da tia Fefa



Por Henry Morton Robinson

Autor de «The Great Snow», «The Perfect Round», etc.

«QUER maçãs hoje?» perguntou uma voz jovial à janela de meu escritório. «Quer uma cesta cheia?»

Saí para ver com meus próprios olhos e, naquele nevoento meio-dia de outubro, deparei com uma mulher que, à primeira vista, parecia a criatura mais velha deste mundo. Para os meus arrogantes 26 anos, seu rosto enrugado me parecia um pequeno buquê de plantas silvestres. O que porem mais chamava a atenção, naquela velhota era a luz que lhe fulgia nos maravilhosos olhos castanhos.

Seguí-a até uma camionete que ostentava a legenda ridícula de «Maçãs da Josefa». Deu-me uma porção de amostras, e acabei comprando a cesta. Fiado, naturalmente, pois naquela época eu tinha tudo, menos dinheiro: era casado, pai de um bebê, ambicioso—enfim, só me faltava moeda corrente...

—Pague quando quiser, disse Fefa, subindo na camionete.

Nos meses que se seguiram, foi-se tornando evidente que pagar eu não poderia, pois nossa situação chegara a um ponto crítico, à medida que escasseavam, de modo alarmante, nossas provisões de boca e o combustivel para aquecer a casa. Josefa vinha muitas vezes, e sempre trazia algum presente: ora era um litro de mel, ora alguns pêssegos.

Josefa percebera que meu trabalho não progredia, e podia ver que eu era muito moço e inexperiente, incapaz portanto de fazê-lo avançar. Quanto a isso, nada podia fazer. Mas em coisas mais práticas e tangiveis, como nos ajudou! Certo dia, pouco antes do Natal, surgiu com sua camionete, trazendo boa quantidade de toros de madeira, exatamente o que precisávamos para nossa pequena fornalha.

Outros exemplos houve de sua discreta generosidade, nunca ofensiva. Nosso bebê andava adoentado, e Fefa foi ao extremo de financiar uma viagem de minha mulher a Nova York afim de consultar um especialista.

Aliás, sua bondade não atingia somente a nós. Sua alma era, na verdade, uma grande mansão repleta de amigos seus. Uma vez leu no jornal que uma senhora grávida, procedente de São Francisco, ao chegar a Nova York sem tostão, fora informada de que o marido morrera num acidente. Fefa resgatou uma apólice de 500 dólares, e enviou à viuva toda a quantia. Sua recompensa foi uma longa troca de cartas com uma pessoa inteligente e eternamente grata.

Fefa não era rica. Sua renda provinha de pequenas inversões de capital, feitas na época em que era proprietária de uma loja especializada em decoração interna, e nunca passara de 200 dólares por mês. Com a crise de 1929, sua renda ficou reduzida a quase nada, e Fefa viu-se obrigada a reforçá-la vendendo maçãs. Entretanto, mesmo quando se via em péssimas condições financeiras, sempre achava maneira de auxiliar alguem ainda mais pobre.

Um de seus princípios sagrados era o de que não se deve «emprestar» dinheiro. Preferia dá-lo de uma vez. O interessante é que, inúmeras vezes, as importâncias lhe eram devolvidas. Frequentemente tive ocasião de vê-la saindo dos Correios com um cheque na mão. Exclamava, então, com ar triunfante:

«Pão atirado às águas...» E acrescentava, com um ligeiro ar de tristeza: «há tanto tempo...»

Ao tratar com pessoas sensiveis como eu, Fefa procurava disfarçar sua generosidade sob a capa de transação comercial. Por exemplo: o pai, que fora pintor, escrevera sua autobiografia. Em meio à minha pior crise financeira, Fefa desenterrou o manuscrito do pai e ofereceu-me certa quantia para relê-lo e corrigí-lo. Assim fiz. E só depois que ela morreu fui descobrir que, para pagar-me, havia resgatado outra apólice...

O maior prazer de Fefa era dar uma prosa, ou antes, contar uma série de histórias, à maneira de Scheherazade. Eu ficava sentado, preso como por encanto às suas palavras, e ela me relatava episódios sobre pessoas que conhecera em Paris, Roma e Nova York, salpicando as narrativas de inúmeros heróis, heroinas e vilões...

Um dia contou-me sua própria história. Aos 30 anos, ousara romper com os tabús da época, e se entregara a um amor ilícito. Cinco anos depois, morreu-lhe o amante. E ia passando o resto da vida a «recordar sem amargura» seu breve período de felicidade. Daí o especial carinho que sentia pelos jovens casais e amantes.

Passaram-se anos, antes que eu pudesse devolver o dinheiro que Fefa me dera de tempos em tempos. Agora ela estava doente, e no último ano envelhecera com rapidez.

—Aquí está, Fefa, o que lhe devo.

Devolveu-me o cheque, e vi que ela tinha lágrimas nos olhos.

—Não, não me dê tudo de uma vez...

—Por que não?

Havia muito cansaço e muita beleza em seu rosto quando me disse então:

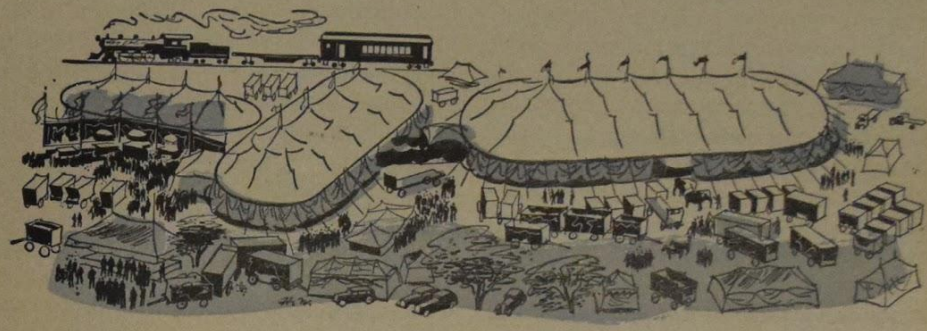
—Devolva isto como eu lhe dei: um pouquinho de cada vez...

Talvez ela acreditasse haver alguma magia secreta e misteriosa no lento resgate de uma dívida de amor—qualquer talismã desconhecido, que havia de protegê-la contra a morte até o dia em que a conta fosse encerrada...

Na realidade, nunca lhe paguei tudo, pois pouco depois ela morreu. Nesse dia pareceu-me que minha dívida jamais seria paga. Mas passou-se uma coisa muito curiosa: toda vez que eu via alguem em dificuldades financeiras, sentia-me impelido a ajudá-lo—como Fefa me auxiliara —mediante pequenas quantias. Nem sempre estou em condições de fazê-lo, mas, nos dez anos que se seguiram à morte de Fefa, paguei minha dívida, indiretamente, uma porção de vezes.

Em tudo isto, o mais estranho é o seguinte: aqueles a quem ajudo vão, mais tarde, ser uteis a outros. Já agora, os poucos dólares que Josefa me deu se multiplicaram; e a conta nunca poderá considerar-se «encerrada», pois o amor de Fefa lhe irá acrescentando juros compostos em corações que não a conheceram...

O maior de todos os espetáculos continua nos bastidores...



«O MAIOR ESPETÁCULO DO MUNDO»

(*Condensado de «Fortune»*)

Um dos circos mais famosos do mundo é sem dúvida o de Ringling Brothers and Barnum & Bailey, Combined Shows Inc. Todos os anos, após uma temporada de abril em Nova York, levanta acampamento com todo o seu pessoal, e parte em *tournée*—percorrendo ao todo mais de 30 mil quilômetros e exibindo-se em 150 localidades. Toda vez que inicia nova etapa, o circo é desmontado e distribuido por quatro trens completos. Ao chegar à próxima cidade na madrugada seguinte, monta-se tudo novamente, com tal perfeição, que o primeiro espectador, ao chegar poucas horas depois, terá a impressão de que o circo alí ficara desde o ano anterior...

Afim de explicar essa ilusão de estabilidade em meio a uma constante movimentação, observemos de perto o que são as 24 horas típicas da vida no circo.

Digamos que o espetáculo comece, numa pequena cidade, às 20 e 17 em ponto, em agradavel noite estival. O terreno—retângulo enorme, com seus 7 km quadrados—está totalmente ocupado: aí se acham grandes carruagens vermelhas, 191 ao todo, e os 18 caminhões e 14 tratores que puxam as carruagens. Nessa área estão tambem 900 animais, cerca de 1.400 empregados, e cerca de 10 mil espectadores. Sim, porque as entradas são todas vendidas.

Os retardatários, acotovelando-se à entrada principal, encontram-se no grande corredor que dá acesso à pista; à sua esquerda vêem quiosques resplendentes de luzes, onde se vendem toda sorte de petiscos; à direita está a barraca de espetáculos secundários coberta de cartazes berrantes em frente à qual se acha um pregoeiro de voz estridente.

Para a maioria das pessoas, «circo» quer dizer apenas esse corredor, os diversos espetáculos menores, os animais e a cúpola de lona. Outros, porem, afirmam que o melhor espetáculo é o de fora, que não custa nada—o do circo a desmontar-se, sob as vistas desses admiradores de beira de barraca, que não gastam vintem..

Embora o espetáculo leve duas horas e meia, a grande instalação de cozinha já se foi há muito tempo, com seus 130 empregados e 14 carruagens vermelhas. À espera de sua vez para entrar no trem, lá estão as oficinas do ferreiro, do sapateiro e do encarregado dos arreios. Reina atividade por todos os cantos. Alguns empregados estão instalando lâmpadas de querosene. A distância, ouve-se o ronco dos motores de trator. Terminado o espetáculo, grandes plataformas sobre rodas vão sendo retiradas da barraca principal e levadas até os trens. Um elefante empurra, sem esforço aparente, uma das pesadas carruagens.

A barraca dos animais já está sendo desmontada, enquanto as jaulas das feras (17 ao todo) são puxadas pelos tratores.

O espetáculo acaba precisamente às 22 e 45, com os números acrobáticos que arrancam do público longos e entusiásticos aplausos. Através de um alto-falante, o mestre de cerimônias diz: «Boa noite, e muito agradecido a todos.» É quase doloroso o súbito silêncio que então se observa, ao cessar a música.

Agora a atividade se intensifica. Os numerosos espectadores acreditam que vão saindo de sua livre e espontânea vontade; mas, na realidade, são suavemente empurrados... Há porteiros especialmente designados para apressar a saida do público; e, atrás do último espectador, vêm vindo dois imensos elefantes, cuja presença certamente contribui para a rapidez do êxodo. Ao fim de seis ou sete minutos, o décimo-milésimo espectador já foi devolvido à rua.

E eis que seiscentos homens se atiram à tarefa de desmontar a grande barraca, auxiliados pelos porteiros, vendedores de amendoim, bilheteiros, concessionários dos quiosques, palhaços e até anões. A tarefa maior é a remoção das cadeiras e das plataformas onde estas são colocadas. Essas plataformas têm dobradiças no meio e podem, assim, ser removidas sem dificuldade. As cadeiras metálicas, em número de 6 mil, dobram-se tambem, com umas pancadas metálicas de ensurdecer.

Enquanto isso, outros empregados vão desmontando os palcos. Um rapaz sobe com grande agilidade uma escada de seis metros encostada a um dos postes da barraca, desamarra uma grande lâmpada elétrica que passa a oscilar livremente, desce com rapidez, leva a escada a outro poste, e aí repete a tarefa. Vão sumindo, aos poucos, as paredes laterais da grande barraca. Os eletricistas começam a enrolar os seis quilômetros de cabos usados para iluminar a arena, já agora em semi-escuridão. Cinco minutos antes da meia-noite, a barraca está completamente vazia.

Ergue-se agora, vasta, sombria e sem vida. Junto a cada um dos seis mastros principais encontra-se um empregado. Apaga-se a última lâmpada, e o capataz—invisivel, à beira da barraca—dá a ordem: Larga! Afrouxa-se a corda da última roldana que sustenta a lona no alto. Ao mesmo tempo, tiram-se das bases os 61 mastros laterais. E começa a ceder, majestosamente, a lona de 12 toneladas, que há minutos formara a maior barraca do mundo...

Leva 45 segundos para cair, e durante esse espaço de tempo os seis empregados afastam-se dos mastros. (Cada um deles leva consigo um faca afiada, para libertar-se caso fique preso pela lona.) Antes mesmo de cair a lona no chão, frouxa e murcha, os homens se atiram a ela para acelerar a descida. Partindo das bases dos mastros principais, em direção à orla, vão soltando as dezoito «talhadas» ou «fatias» de pano, para depois dobrá-las e enrolá-las antes de conduzí-las ao trem. Essa tarefa dura cerca de dez minutos.

O último espetáculo gratuito da noite é a descida do grande mastro restante. Nenhum dos outros postes está de pé e o mastro principal acha-se seguro apenas por um cabo e uma corda presos ao chão por várias estacas. À medida que a corda vai sendo afrouxada, lentamente, a tensão é tal que chega a soltar fumaça, e torna-se necessário borrifá-la com água. Finalmente o mastro é arriado, e o relógio marca 24 minutos depois da meia-noite; isto é, uma hora e 39 minutos após o fim do espetáculo, o circo está pronto para despedir-se daquela localidade.

E viajará ainda, na mesma noite, quase 200 quilômetros, para chegar a outra cidade onde ficará apenas um dia; a caravana consiste em quatro trens completos, de que fazem parte 48 vagões de carga levando as carruagens vermelhas, onze carros especiais para os animais, e 26 vagões de passageiros para os empregados.

O chefe do trem, sr. Ray Milton, é incumbido da dificil tarefa de carregar os vagões, tarefa essa que varia de noite para noite devido ao fato de que as carruagens nem sempre chegam na mesma ordem. Para evitar que fique para trás alguma carruagem esquecida, é mister usar, por assim dizer, cada centímetro dos vagões, distribuindo habilmente a carga. Cada vagão leva escrito nos lados o seu número e espaço disponivel para carga. Milton fica com uma lanterna na extremidade do trem e diz em voz alta o número dos vagões que devem ser carregados.

Na noite a que nos referimos, o carregamento se processa suavemente. No espaço de 20 horas aproximadamente, o circo instalou-se, foi desmontado, reembarcado. Pela manhã, o único remanescente do circo é o funcionário encarregado da limpeza do terreno, bem como de pagar quaisquer contas e ouvir reclamações que porventura surjam.

No trem, o presidente e o vice-presidente do circo dispõem de carros particulares. Os outros funcionários de certa categoria ocupam, com os principais atores, pequenos camarotes especiais. Os restantes instalam-se em leitos comuns, às vezes em camadas de três... Separam-se os operários, os palhaços, as coristas, etc., de maneira que cada vagão tem como que identidade própria. Alguns contêm até 38 membros da «família» do circo.

Ser artista ou empregado de circo não é das atividades mais bem remuneradas. Um operário comum ganha em média 130 dólares por mês, com casa e comida. Um artista de destaque é geralmente contratado em conjunto com aqueles que tomam parte no seu ato, em vez de individualmente. Um acrobata de primeira categoria, por exemplo, pode ganhar 300 dólares por semana.

As coristas, em número de 100, uma quarta parte portanto do número total de artistas do circo, pertencem ao grupo de salário medio, percebendo o ordenado básico de 40 dólares por semana, com casa e comida. Muitas delas no entanto tomam parte em espetáculos mais perigosos, que exigem maior habilidade, e aumentam assim os seus ganhos. Em 1946, cinco coristas ganharam por semana cerca de 120 dólares.

Na manhã seguinte, o tempo está magnífico. Às 6 da manhã, a grande instalação de cozinha já começa a servir a primeira das 4.200 refeições que fornecerá no correr do dia. Os artistas e diretores utilizam uma parte da barraca, com suas longas mesas de refeitório, enquanto a outra parte é usada pelos operários. A refeição, porem, é a mesma para todos, e de boa qualidade.

Não tarda que o terreno se veja positivamente invadido pela gente da localidade. Os entendidos dizem que o circo

não poderia funcionar sem elefantes e crianças... De fato. Mas, embora os elefantes façam parte do «equipamento» comum de um circo, as crianças têm que ser atraidas toda vez que o mesmo chega a uma cidade nova. Isto se processa da seguinte forma: doze empregados do circo, rapagões fortes de quase 2 metros de altura, são enviados a procurar meninos de 10 a 14 anos, a quem oferecem entrada para o espetáculo, desde que estejam dispostos a trabalhar. Na melhor das hipóteses, o circo consegue, dessa maneira, uns trezentos garotos, que constituem verdadeiros exércitos liliputianos sob a direção dos tais empregados.

Coletivamente, a garotada representa consideravel força de trabalho. Oito garotos podem, por exemplo, erguer e transportar uma pesada mala-armário. Há quem faça críticas a esse sistema, alegando tratar-se de exploração de menores. Essa acusação, porem, parece injusta, pois, alem de ganharem entradas para o circo, os meninos terão um dia inteiro de encantamento e indescritivel alegria, lado a lado com os anões, os palhaços e os elefantes.

Enquanto um numeroso grupo de homens se dedica com perícia à montagem da barraca grande, em meio à balbúrdia reinante os atores preparam-se ativamente nas barracas-camarim. Todos os seus pertences encontram-se nos pequenos baús espalhados pelo chão. Na parte reservada aos homens, um equilibrista está calmamente sentado no seu baú, escrevendo uma carta, e um trapezista toma banho de balde...

Na seção das mulheres, uma jovem lava sua roupa. As coristas lêem, ou falam da vida alheia. O tempo vai passando, e a barraca enche-se pouco a pouco de espectadores. Por fim ouve-se a nota limpa de uma corneta: é a matinê que irá começar dentro de 45 minutos. A corista apanha sua trouxa de roupa ainda molhada, suspira e segue para o trabalho; se alguem lhe perguntasse, diria que a vida de circo tem seus defeitos... Contudo, não trocaria essa vida por nenhuma outra, porque tem o circo no sangue.

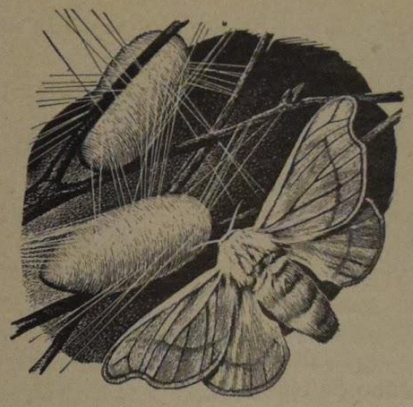
Raciocinemos um pouco

O DIRETOR, um professor, um assistente e o porteiro de uma escola se chamam sr. Barros, sr. Martins, sr. Duarte e sr. Silva, mas não respectivamente. Quatro alunos da universidade se chamam Barros, Martins, Duarte e Silva.

O estudante que tem o mesmo nome do professor pertence ao mesmo clube esportivo que Silva. A nora do sr. Martins reside em Filadélfia. O pai de um dos estudantes sempre confunde Duarte com Martins nas classes, mas não é um homem distraido. A mulher do porteiro nunca viu o sr. Silva. O sr. Duarte é o sogro do assistente e não tem netos. O filho mais velho do presidente tem sete anos.

Como se chamam respectivamente o presidente, o professor, o assistente e o porteiro? Veja a solução na página 134.

—*Telephone News*



Cuidado com a bonança da seda

(*Condensado de «The American Mercury»*)

Robert E. Ellsworth

Redator da Seção de Tecidos Sintéticos do «Journal of Commerce»

UMA VELHA tática comercial está mais uma vez sendo aplicada à credulidade do público. Espalha-se a notícia de que há perspectivas de lucros consideraveis e rápidos, com pouco trabalho, na cultura da seda natural nos Estados Unidos. A propaganda tem sido baseada mais ou menos nos seguintes pontos:

1. Somente as companhias de tecidos norte-americanas pagaram nada menos de $6.500.000.000 pela seda natural japonesa nos últimos quarenta anos. Será que lucros dessa monta serão novamente encaminhados para o Japão?
2. As novas dobadouras eletrônicas compensarão a diferença do custo da mão de obra. Uma só máquina pode realizar o trabalho de vinte moças japonesas.
3. Alguns tipos de bicho da seda, recentemente cultivados, podem fabricar casulos de mais de um milhão de metros de fio, em contraste com os meros 600 ou mesmo 1.200 metros produzidos pelo bicho da seda japonês.
4. O novo bicho da seda fia casulos em dezoito matizes diferentes.
5. Existem hoje vitaminas e hormônios que são empregados nas amoreiras, multiplicando muitas vezes a sua produção habitual.

A febre da seda vem-se alastrando de uma costa a outra dos Estados Unidos. Aqueles que promovem a campanha vendem rebentos de amoreira, ovos do bicho da seda e, às vezes, até extensões de terra.

É verdade que as dobadouras eletrônicas podem levar vantagem sobre a mão de obra barata, de que os japoneses dispunham antes da guerra. A questão, porem, é que, provavelmente, não mais haverá um mercado consideravel e lucrativo para a seda natural.

Por certo não deixará de haver alguma procura da seda para *lingerie* e vestidos. Mas o mercado reduziu-se imensamente.

Antes da guerra, 85% dos fios de seda do mundo eram empregados na fabricação de meias para senhoras. Esta indústria acredita que de futuro empregará apenas 5% dessa quantidade. A seda cedeu lugar ao *nylon*.

O grande fator para o declínio da seda foi a descoberta de materiais sintéticos. O nylon, o vynion, os acrilonitrilos—materiais recentíssimos—e outros produtos sintéticos, ainda não anunciados, serão os fios do futuro.

Nos vinte anos que decorreram entre a primeira e a segunda guerra mundial, muitas tentativas de cultura da seda foram empreendidas em diversos lugares,

considerados «ideais» para produzir a melhor seda do mundo, tais como Michigan, Florida, Nova York, Texas, Louisiana, Califórnia, Cuba e diversos países da América do Sul. Foi um período áureo para a seda natural—os produtos sintéticos ainda eram vistos com desconfiança e as meias de seda eram universalmente populares. O resultado foi o de sempre: prosperidade para os que promoviam a campanha de incremento de produção e prejuízos para os que aplicavam seu capital.

Em 1942, nos dias sombrios da guerra, a Administração de Pesquisas Agrícolas, cônscia da necessidade de tecidos para sacos de pólvora e paraquedas, decidiu tentar novamente a sericultura. Fez uma pequena experiência com 16.000 ovos de bicho da seda. Estes produziram apenas 10.300 casulos.

Depois de secos, os casulos pesavam 7,7 quilos, resultando finalmente em menos de 2,3 quilos de seda em meada. No mercado de fevereiro de 1947, isso representaria pouco mais de 20 dólares—diminuta remuneração de 45 dias de trabalho de oito horas, sem se levar em conta o tempo despendido em alimentar o bicho da seda à noite (a alimentação é dada de quatro em quatro horas) durante trinta dias.

Em suma, o bicho da seda não conduz a nenhuma mina de ouro.

Olhos de raios-X

Nos Estados Unidos, a ciência veio agora em auxílio das autoridades aduaneiras, no combate a um dos maiores negócios internacionais—o contrabando. O novo aliado da Alfândega, já em pleno uso na fronteira do México, é o Inspectoscópio, inventado durante a guerra por Henry Sicular, cientista de S. Francisco da Califórnia.

O Inspectoscópio, capaz de «ver» através da roupa, dos botões e até das costelas de uma pessoa, foi usado nas agências de correios dos Estados Unidos durante a guerra, para descobrir a presença de objetos proibidos em pacotes de aspecto suspeito. Serviu tambem em fábricas de material bélico, para tornar pouco atraente aos operários o furto de valiosos utensílios e instrumentos.

Colocado do lado de fora do prédio da Alfândega na cidade de Tijuana, o Inspectoscópio—que se assemelha bastante a duas cabines telefônicas de grande tamanho—é posto em funcionamento por uma moça, devido ao efeito psicológico da busca sobre as mulheres. A imagem da pessoa inspecionada é parecida com aquela que se vê pelo fluoroscópio. A impressão que se tem é de que a pessoa está despida, tornando-se imediatamente visiveis quaisquer garrafas ou frascos, jóias e narcóticos. Primeiro examinam-se a cabeça e os ombros, depois o torso e, em seguida, os membros inferiores.

O encarregado do aparelho precisa aprender a identificar rapidamente a possivel presença de contrabando, porque se examinam, por hora, mais de 300 pessoas. Calcula-se que o Inspectoscópio, no seu primeiro ano de funcionamento, já serviu para inspecionar 50.000 pessoas, havendo-se efetuado 3.000 apreensões. O Diretor da Alfândega acredita que o simples fato de existir a máquina, leva muita gente a desistir da tentativa de passar contrabando.

—*The American Weekly*

VINTE MINUTOS DE REALIDADE

(*Condensado de «Atlantic Monthly»*)

Por Margaret Prescott Montague

«Vinte minutos de realidade» foi um dos artigos escolhidos por Ellery Sedgwick para *Atlantic Harvest*, antologia comemorativa do nonagésimo aniversário de *The Atlantic Monthly*, revista que Sedgwick vem dirigindo brilhantemente há cerca de trinta anos. Publicado pela primeira vez anonimamente em 1916, este ensaio deu origem a centenas de cartas de leitores, e é hoje uma página clássica cujo valor e significado nada perderam com o transcorrer dos anos.

Este episódio ocorreu no dia em que me levaram em minha cama até a varanda do hospital, onde eu estava convalescendo de uma operação. Acabara de passar pelas torturas da dor física e pela depressão moral mais profunda até então experimentada em minha vida. No negro abismo da inconsciência a que me levara o anestésico, houve um momento em que me pareceu descobrir terrivel segredo: Deus não existia... Ou se existia Ele era totalmente indiferente ao sofrimento humano.

Quando levaram minha cama de rodas para a varanda ao ar livre, a fase mais aguda daquela depressão já passara, restando apenas o rasto invisivel do temor. Era um desses dias tão frequentes do mês de março—um dia nevoento e triste. As árvores tinham os ramos nus e desbotados, e os montículos de neve meio derretida haviam adquirido uma triste coloração cinzenta. Pequenos pardais sem côr, esvoaçavam, chilrando, nos esqueletos das árvores. Sem embargo, ante este quadro tão corriqueiro, meus olhos se abriram de modo inesperado e vislumbrei pela primeira vez a beleza estática que a realidade encerra.

Impossivel ser-me-ia precisar em que consistia exatamente tão misteriosa transformação, nem se foi súbita ou gradativa. Nada vi que me fosse novo, mas todas as coisas que havia visto tantas vezes—banhadas agora por luz milagrosa e desconhecida—tomavam novo aspecto, que é, segundo creio, o seu próprio e verdadeiro. Via pela primeira vez quão bela

era a vida no seu conjunto, muito mais bela do que o poderiam expressar minhas palavras.

Tãopouco fora devida essa transformação a que, durante alguns momentos de exaltação, eu *imaginara* que tudo na vida encerra beleza. Na verdade, abertos os olhos do espírito aos esplendores da realidade, *vi* a formosura que existe real e perenemente em todas as coisas; e me convencí de que todo homem, mulher, pássaro e árvore, tudo que, diante de mim, vivia e palpitava, era possuido de extravagante beleza e de incomensuravel importância. Uma enfermeira passou perto de mim; o vento agitou-lhe uma mecha de cabelos à luz de um raio de sol que assomou momentaneamente entre as nuvens. Jamais havia notado como são belos os cabelos de uma mulher. Um pequeno pardal, piando alegremente, se alçou de um vôo à copa de uma árvore vizinha. Creio, sinceramente, que só «as estrelas da manhã entoando juntas seu hino de glória, e os filhos de Deus bradando sua alegria» poderiam exprimir, embora palidamente, o êxtase de um vôo de pássaro. Eu não o poderia exprimir; mas meus olhos o viram.

Na monótona sucessão dos meus dias, aquele me trouxe o privilégio de penetrar até as entranhas da realidade, de ser espectadora da verdade, de contemplar a vida como ela de fato é: arrebatadora, bela até a loucura e até o êxtase, repleta de irreprimivel alegria, e cheia de indescritiveis tesouros.

Alem de toda essa alegria e beleza, havia uma maravilhosa sensação de ritmo, embora de algum modo não estivesse ao alcance da minha compreensão. Aos meus ouvidos, não chegava música alguma; e, no entanto, todas as coisas pareciam seguir com maravilhosa precisão os compassos inaudiveis de uma grande e fantástica melodia. Tudo que eu via mover-se ao redor de mim era um fio rítmico de estupendo conjunto. A avezinha que voava batia as asas obedecendo à nota oculta que a chamava ao vôo; ou quiçá suas próprias asas produziam essa nota; ou talvez a suprema Vontade—que é suprema Harmonia—ordenara que as asas batessem naquele instante preciso.

E a extraordinária transcendência de todas as coisas! Parecia que se evidenciava ante meus olhos a verdade das palavras de Cristo: que nem uma folha de árvore se move sem o conhecimento e a vontade do Pai que está nos céus. Fora meu coração capaz de escalar cumes mais altos, haveria compreendido então esse porquê. Hoje ainda meu pensamento alcança regiões onde creio estar a ponto de entender a razão, mas esta acaba sempre por escapar-se-me entre os dedos. É como se a transcendência de todas as coisas vivas que existem no mundo residisse não tanto aquí, entre nós, senão numa esfera longínqua. Tudo na criação obedece a um desígnio e encerra um sentido que está alem de nossa compreensão presente. Assim perguntava Milton:

...What if earth
Be but the shadow of Heaven—

(...e se a terra fora
nada mais que a sombra dos céus?)

E se fôramos apenas imagens de nossa própria realidade?

E se o que em nosso ser há de verdadeiro reside mais alem, em outra região, talvez no próprio seio de Deus? Aquela transcendência cujo porquê eu não compreendia provinha certamente da relação que nos liga ao grande Todo. Em que consistia tal relação?. Eu o ignorava. Era de amor entre o Criador e suas criaturas? Durante aqueles encantadores e efêmeros momentos sentia realmente que amava

ao próximo como a mim mesma. Direi mais: apenas tinha consciência do meu próprio ser, que se transfundia em arroubamento de amor a todas as coisas da criação, desde a árvore cujos ramos o vento açoitava e os pardaizinhos que via voar em derredor, até os seres humanos. Amava loucamente. E poderia o mesmo ter acontecido se o amor não fora a essência e o fundo da Realidade?

O que me aconteceu, segundo creio, foi que a volta da saude aguçou em mim momentaneamente, a percepção. Talvez a vida se apresentasse a todos como eu a contemplei, se desde o nascimento pudéssemos vê-la com olhos de adulto. Mas acontece que nos primeiros anos vivemos tão ocupados com os dentes a crescer e com os primeiros passos, que não nos sobra tempo para admirar as maravilhas que nos rodeiam; e mais tarde, quando dispomos de lazer para a contemplação, nossas impressões do mundo perderam sua ingenuidade inicial. A convalescença é, de certo modo, um renascer para a vida, que devolve ao adulto fatigado o dom de ver o mundo com novos olhos.

Não havia nada de propriamente religioso nas emoções que eu experimentara. No entanto, quem melhor descreve emoções semelhantes às minhas são as pessoas que passaram pela experiência de conversão ou revelação religiosa.

Parece-me fora de dúvida que toda emoção intensa abre em dados momentos a nossa «visão interior» para a beleza da Realidade. A emoção do amor consegue esse efeito em alguns indivíduos. A contemplação do belo, ou a febre da criação artística, produz em outros igual resultado. Ao contrário do que muita gente supõe, e eu própria sempre acreditara, o poeta não *imagina* o que canta. Essa beleza extraordinária de que nos fala em seus versos é algo que existe efetivamente, que está aí, perto de nós, e que ele vislumbra em suas horas de inspiração. É provavel que as emoções de ordem mais elevada, arrebatando momentaneamente a alma a regiões sublimes, o deixem entrever aquela formosura sempre pronta a oferecer-se à nossa admiração, mas que transcende a estatura do nosso espírito. É de Emerson este pensamento: «Vivemos imersos no belo, mas os nossos olhos não vêem com clareza.»

Tãopouco havia no que eu vi nada de natureza moral. Na verdade, parecia-me que a essência e o fundo da Realidade contêm mais beleza e alegria do que uma moralidade ansiosa por impor-se. Talvez seja supérfluo qualquer temor do pecado em momentos de iluminação como esse; pois ficamos de tal sorte enlevados pela beleza da humanidade e sentimos tal amor pelos nossos semelhantes, que o pecado se torna quase inconcebivel.

Acaso algum dia se descerre novamente diante dos meus olhos o véu cinzento que cobre a Realidade. Certo dia do verão passado, quando me achava no jardim de casa, esse véu chegou a ficar quase imperceptivel. O vento soprava e eu sabia que o ímpeto juvenil e amoroso que reside no coração da vida lutava com ele por entre as rosas recem abertas e as campânulas azuis. Eu não o podia ver, mas ele estava alí... e alí está sempre como música perene que nos convida a ajustar nossos passos a seu ritmo. Assim o faríamos com presteza espontânea se pudéssemos ver as coisas tal como realmente são. Porque então, beijando as mãos do Destino, nos entregaríamos confiada e jubilosamente, de corpo e alma, à corrente da vida, sabedores de que mesmo nos momentos de maior exaltação chegaríamos apenas a entrever a verdadeira beleza e alegria que a vida nos proporciona.

Por isso o medo da eternidade desapa-

receu em mim para sempre. Mesmo supondo que não houvesse outra vida, esta mesma que nos foi dada é—se pudéssemos ao menos abrir os nossos olhos para contemplá-la—bastante formosa para que não seja necessário buscar-lhe uma justificação num Paraiso remoto. O Paraiso está aquí mesmo, perto de nós, ante nossos próprios olhos, nesta terra onde se firmam nossos pés, solicitando os nossos corações, mas nós, surdos e cegos, não conseguimos vê-lo nem ouví-lo.

Conversas de fazenda

NUM DOS meus anos de ginásio, passei as férias de verão na fazenda do meu avô em Indiana. Do meu ponto de vista urbano, a vida que ele levava me parecia cacete e sem recompensas. Levantando-se antes do amanhecer e trabalhando até depois do crepúsculo, com nenhuma ou quase nenhuma oportunidade para gozar dos prazeres urbanos, ele era objeto da lástima dos meus olhos adolescentes. Por que não vendia ele a sua fazenda e ia para a cidade? Como se metera naquele buraco?

—Vovô, perguntei-lhe certa vez na hora da ordenha,—por que é que o senhor se fez fazendeiro?

Ele se manteve em silêncio por algum tempo, inclinou-se para trás no seu tamborete e olhou lentamente ao redor—para o gado, o enorme monte de feno, as ferramentas da fazenda, as sólidas vigas que sustentavam o teto. O que viu parece tê-lo enchido de confiança, e nunca esquecerei sua resposta:

—Por pura sorte!

—Colaboração de George H. Chamness

UM JOVEM que acabava de sair da Escola de Agronomia estava tentando mostrar a um agricultor da velha escola como lavrar a terra de maneira mais proveitosa. Finalmente o fazendeiro—impaciente com tantos termos científicos e idéias modernas—interrompeu-o com aspereza: «Olha aquí, meu rapaz, não venha você querer me ensinar como trabalhar numa fazenda. Eu já gastei três delas!

—Colaboração de Manuel Davenport

AO INVESTIGAR recentemente os problemas agrícolas de um estado do sul, vim a conhecer um indivíduo que se dizia ser um perito no assunto. Mais tarde perguntei a um de seus vizinhos por que o tal indivíduo, que nem fazenda possuia, se considerava um técnico em agricultura. «Creio,» disse o agricultor, «que ele sabe o bastante para ensinar aos outros, mas é sabido demais para tentar ele próprio.»

—Colaboração de Henry C. Byce

Quem diria!...

Por Constance J. Foster

NO TEMPO em que era ainda simples estudante de medicina numa universidade do Meio-Oeste, o dr. Marlin nutria fortes convicções quanto à estupidez de encher o mundo de doentes sem esperança de cura, e pessoas irremediavelmente aleijadas. Moço, e como tal irreverente, sentia-se partidário entusiásticoda eutanásia, e costumava travar vivas discussões sobre o assunto com os colegas de curso. Aos seus inflamados argumentos os camaradas respondiam:

«Mas então você não vê que nós aquí estamos, estudando medicina precisamente para isto: para cuidar dos aleijados, dos coxos e dos cegos?...»

«Os médicos andam neste mundo para curar os doentes,» era sempre a resposta obstinada que ele dava. «E se nada podemos fazer em seu benefício, melhor para eles a morte.»

Uma noite, quando prestava serviço como interno de hospital no último ano do curso, Marlin foi chamado para assistir a uma parturiente, imigrante alemã, que morava num bairro miseravel da cidade. Era o décimo filho que a pobre mulher dava à luz, e o bebê entrou neste mundo com uma perninha bastante mais curta do que a outra. A força do hábito levou o dr. Marlin a soprar na boca do recem-nascido para fazê-lo respirar, mas, passado um instante acudiu-lhe este pensamento: «Que diabo! Este pequeno vai levar a vida inteira arrastando esta pobre perna. Na escola, será vítima da chacota dos outros gurís, que o chamarão de «Manco». Para que hei de obrigá-lo a viver? O mundo nunca dará pela falta dele!»

Mas, apesar destes pensamentos, o médico levou nele a melhor, e Marlin não conseguiu desistir de insuflar o ar da vida naqueles pequenos pulmões, pondo-os a funcionar. Redobrou seus esforços. Finalmente a criança deixou sair aquele estertor que o interno esperava, a carinha arroxeada tingiu-se-lhe de vermelho, e o bebê soltou um debil vagido de protesto.

Cumprido o dever, o interno agarrou a mala do ofício e foi embora; no caminho, atravessando a cidade de regresso ao hospital, nem um instante deixou de censurar o seu próprio procedimento. «Não posso compreender por que é que fiz isto!» resmungava com os seus botões. «Como se não houvesse já demasiados filhos naquele antro de miséria! Para que diabo é que eu salvei a vida a mais este, e ainda por cima estropiado? O mundo passaria muito bem sem gente defeituosa como ele...»

Os anos correram. O dr. Marlin mudou-se para uma pequena cidade industrial, onde conseguiu numerosa clientela. Tinham-lhe passado todas aquelas idéias da juventude, o seu radicalismo de outrora, as convicções eutanásicas, e ele era mais um de tantos médicos que andam

sempre correndo esbaforidos, sempre cansados, trabalhando como um cão para salvar e conservar vidas humanas—por muito melhor que fosse para elas o repouso da morte... A alma do velho Hipócrates vencera mais uma vez.

O dr. Marlin teve na vida a sua quota de problemas e dores: um dia seu filho único e a mulher deste morreram num acidente de automovel. Marlin chamou a si o encargo de criar a menina que eles haviam deixado orfã. Adorava a netinha, Bárbara. No verão em que completou dez anos, a menina acordou certa manhã, queixando-se de torcicolo e de dores esquisitas nas pernas e nos braços...

De começo julgou-se que fosse poliomielite, a temivel paralisia infantil; mas veio depois a verificar-se que era uma raríssima infeção causada tambem por um virus, e que ocorre tão poucas vezes, que os compêndios e tratados de medicina lhe consagram apenas a atenção de algumas linhas de texto. O próprio dr. Marlin, em longos anos de clínica, nunca tivera ocasião de observar um só caso dessa doença. Reuniu em conferência vários neurologistas, que depois de examinarem a doentinha sacudiram a cabeça, e deram a mesma resposta: não se conhecia remédio nem tratamento algum para aquele mal, que sempre ia fazendo seus lentos progressos, até deixar o enfermo num grau maior ou menor de paralisia.

«Em todo o caso, existe um médico no Oeste, homem moço, que escreveu recentemente um artigo sobre o êxito que tem obtido no tratamento de alguns casos como esse...» observou um dos neurologistas. «Chama-se ele T. J. Miller. Acho que o colega deveria pôr-se em comunicação com ele imediatamente.»

O dr. Marlin se meteu com a neta num avião, e correu à cidade do Oeste onde, num pequeno hospital particular, o dr. Miller tinha organizado uma clínica para tratamento das vítimas de várias doenças causadoras de paralisias, segundo uma técnica fisioterápica da sua invenção, nova e revolucionária. Ao vê-lo pela primeira vez, Marlin observou que o jovem colega coxeava acentuadamente...

«Esta perna curta faz de mim um igual dos meus doentes,» observou Miller, ao notar a mirada que o colega lhe relanceara. «Consinto que as crianças me chamem de «Manco», e elas adoram isso. De fato, prefiro esse nome ao meu próprio nome real—Tadeu—que sempre me pareceu um tanto pomposo e ridículo! Como a tantos outros gurís, deram-me o nome do moço interno que uma noite me ajudou a vir ao mundo...»

O dr. Tadeu Marlin empalideceu e enguliu em seco. Voltaram-lhe de repente à lembrança, com um timbre de censura, as palavras amargas que outrora pronunciara, após haver soprado o alento da vida naquele bebê estropiado: «*O mundo nunca dará pela falta dele!*» Que terrivel cegueira a sua, nesses dias já distantes da mocidade!

Estendeu comovidamente a mão ao jovem colega, o coxinho devotado, graças a quem a neta ia poder andar outra vez, e disse:

«Em todo caso, sempre é melhor ser coxo do que *cego*...»

SE TENHO uma tarefa a ser feita com urgência, sempre peço ao homem mais ocupado da minha paróquia para encarregar-se dela e ele a executa.

—Henry Ward Beecher

David Dubinsky vem organizando a indústria de roupas feitas, segundo moldes progressistas que se adaptam aos interesses gerais—dos operários, dos patrões e do público.

Estadista do trabalhismo

(Condensado de «The American Magazine»)

Por Irwin Ross

DAVID DUBINSKY, o homenzinho irrequieto, de fisionomia angélica, que dirige os 400.000 membros do Sindicato Internacional dos Operários de Roupas Feitas para Senhoras, filiado à Federação Americana de Trabalho (AFL), pode jactar-se duma carreira vitoriosa, quase impar entre os líderes trabalhistas da atualidade. Dubinsky conseguiu levantar um sindicato poderoso, apoiado entusiasticamente não só por seus próprios membros mas tambem por negociantes, altos funcionários do governo e pelo povo em geral.

Os resultados vão ficando consignados —salários anuais dos mais elevados na indústria norte-americana, ausência de greves, e uma porção de benefícios para o sindicato, nos campos da saude, educação e recreio. Trata-se dum estadista do trabalhismo, de primeira ordem.

Para Dubinsky, a questão é apenas de elementar bom senso. Sua norma de ação baseia-se em duas premissas simples: quanto mais elevados os lucros dos patrões, maior pode ser o ganho dos operários; um sindicato encontrará mais facilidade em prosperar se tiver a apoiá-lo uma opinião pública favoravel.

Há muito tempo que Dubinsky se vem dedicando à defesa dos interesses dos patrões. Trinta anos atrás, trabalhando na seção de corte de roupas feitas, foi despedido por ter-se recusado a cortar roupas de tamanhos grandes. Confessando a falta de que era acusado, apresentou entretanto uma suave defesa—os patrões teriam oportunidade de ganhar mais se se concentrassem nos tamanhos pequenos.

«Não vejo por quê devo contribuir para que os patrões percam dinheiro,» disse Dubinsky. Se os consumidores querem tamanhos grandes, que paguem por eles.

Essa nova forma de defesa apresentada pelo esperto cortador de olhar ingênuo, obteve-lhe readmissão no emprego. E embora tenha perdido parte de sua ingenuidade através dos anos, Dubinsky ainda se preocupa com o fato de que os patrões devem obter lucros razoaveis.

No inverno passado, deu-se em Filadélfia um fato que mostra a estima em que Dubinsky é tido pelos industriais. Uma greve em processo de desenvolvimento no ramo dos «costumes» para senhoras foi evitada quando os fabricantes concordaram em submeter a questão a

arbitramento e em nomear como árbitro David Dubinsky, presidente do próprio sindicato com que a organização local estava em luta—fato sem precedente na história do trabalhismo industrial norte-americano.

Há 14 anos que não se registra greve de vulto na indústria de roupas feitas para senhoras—ramo em que se acha aplicado um capital de 4 bilhões de dólares.

«Mas não se enganem,» observou recentemente alguem que se dedica às relações entre as indústrias e o público. «Dubinsky sabe ser duro com os patrões, quando é necessário. Nunca, porem, exerce demasiada pressão. O que deseja é obter acordos longos e não apenas vitórias de curta duração.»

Dubinsky apresenta o assunto de maneira simples:

«O direito de greve é inalienavel,» insiste; «mas toda greve prejudica o público e nós tambem fazemos parte do público. As greves são anti-econômicas; e muitas vezes os operários levam anos para recuperar o prejuizo dum período de abandono do serviço. E afinal é sempre necessário chegar a acordo. Por outro lado, a paz trabalhista não depende apenas dos sindicatos, mas tambem da cooperação dos empregadores e do governo. Sempre que deparamos com uma situação sem saida, propomos arbitragem.»

Há em Nova York um árbitro imparcial para a indústria de vestidos e outro para a indústria de casacos e «costumes». Eles resolvem todas as controvérsias entre sindicatos e empregadores, relativas aos termos do contrato coletivo—rebaixamentos, dispensas, divergências a respeito de novas máquinas e até modificações de salários. Em março de 1946 os 80.000 costureiros de ambos os sexos de Nova York receberam aumento de salário em virtude da decisão proferida por Harry Uviller, árbitro da indústria de vestidos. Enquanto o processo de arbitragem se desenvolvia, os operários continuaram nas suas máquinas de costura. Durante esse mesmo período, os operários das indústrias de aço, automoveis, aparelhos elétricos, bem como outros grupos industriais e técnicos, lutavam com os patrões em linhas de piquete, simplesmente porque seus contratos não previam arbitramento para manter os operários trabalhando no caso de impossibilidade de acordo entre empregados e empregadores.

Dubinsky vem, há muitos anos, sendo alvo de ataques por parte dos comunistas, principalmente por ser um de seus adversários mais eficazes. Empregando métodos escrupulosamente democráticos, expurgou de seu sindicato toda influência comunista. Atualmente, os comunistas não controlam nenhum dos 450 sindicatos locais. Dubinsky está sempre pronto a agir contra outros líderes trabalhistas e funcionários públicos oportunistas que fazem o jogo dos seguidores da linha partidária—hábito que lhe tem custado muito mau trato e a fama de «perseguidor dos vermelhos».

A acusação não deixa de ter graça, porque Dubinsky chegou à sua atual posição de relevo com um *pedigree* de radical—tão bom quanto o de qualquer de seus adversários comunistas. Nascido em Brest Litovsk, na Polônia russa, em 22 de fevereiro de 1892, filho dum padeiro judeu de parcos recursos, aos onze anos saiu da escola e começou a trabalhar para o pai, que já então se mudara para Lodz.

Três anos mais tarde o jovem Dubinsky era mestre-padeiro e membro do sindicato, adepto fervoroso do Partido Judeu Socialista Polonês, associação assaz revolucionária.

Eleito secretário do sindicato aos 15 anos, sua primeira iniciativa foi promover um movimento grevista entre os padeiros de Lodz, durante o qual dirigiu a paralisação do trabalho no estabelecimento do pai. Foi detido, encarcerado durante duas semanas, depois posto em liberdade com a condição de sair de Lodz. Permaneceu em Brest Litovsk por algum tempo, mas regressou secretamente a Lodz e começou a reorganizar os padeiros. Caiu novamente nas mãos da polícia e dessa vez foi exilado para a Sibéria. Indultado em 1910, voltou à patria e de lá embarcou para os Estados Unidos.

Começou como lavador de pratos em Nova York, mas logo passou para uma oficina de roupas feitas e mais tarde conseguiu emprego como cortador—o aristocrata desse ramo industrial. Tornou-se perito e viu-se envolvido numa roda viva de atividades: sindicatos, Partido Socialista, cooperativa de consumidores. Viu-se por fim presidente do sindicato local número 10 e, em 1932, da união internacional. Nessa época esse sindicato atravessava sua pior fase, com um número de membros não superior a 40.000, num ramo em que trabalhavam 300.000 operários. As dívidas subiam a um milhão de dólares, e a união não dispunha de um ativo de monta. Dois anos mais tarde o número de membros se elevara a 200.000, o débito fora quase completamente eliminado e o ativo subira a 850 mil dólares.

É claro que este soerguimento não se deveu apenas aos talentos de Dubinsky. Mas o fato é que ele estava na vanguarda entre os líderes trabalhistas que se aproveitaram das condições favoraveis ao crescimento sindical, trazidas pela criação da NRA (Lei de Reconstrução Nacional), em 1933.

Seguiram-se vantagens concretas para os membros do sindicato, tais como redução das horas de trabalho e aumento de salários. As fábricas que escravizavam o operário tornaram-se coisa do passado.

Hoje o sindicato fiscaliza as oficinas, afim de que haja condições higiênicas de trabalho. São comuns as caixas para financiamento de férias, mantidas por taxas pagas pelos patrões ao fazer as folhas de pagamento. Muitos sindicatos locais mantêm caixas de aposentadoria, pagam ajuda de custo em casos de doença, alugam leitos em hospitais e possuem casas para convalescentes. Criaram-se centros de saude em cerca de doze cidades.

Enquanto isso, o sindicato foi gradualmente consolidando sua posição. Aos seus 466 sindicatos locais acham-se filiados 400.000 dos 450.000 operários que trabalham atualmente nessa indústria. Mais de 7 milhões de dólares entram anualmente como pagamento de mensalidades, e o ativo excede a 20 milhões.

Há vários anos que o Sindicato Internacional dos Operários da Indústria de Roupas Feitas para Senhoras vem mantendo centros educacionais em Nova York, Boston, Filadélfia, Chicago e outras cidades. Depois das horas de trabalho, os operários que desejem adquirir educação superior podem dedicar-se a qualquer assunto, desde literatura, economia, psicologia, história do sindicalismo, até retórica, arte dramática e belas artes. Há tambem um vasto programa de atletismo e um luxuoso acampamento de verão.

A união proporcionou a seus membros um âmbito mais largo de atividades, bem como padrão de vida mais elevado. Sua prosperidade está intimamente ligada à prosperidade da indústria que representa.

«Temos um interesse vital nos lucros dos patrões e portanto na eficiência da produção,» afirma Dubinsky. «E não pensem que os fabricantes não se interessam por nossas sugestões.»

Os fatos são eloquentes. Em 1940 o

comércio de vestidos em Nova York estava estacionário. Só havia trabalho apenas durante 30 ou 35 semanas por ano. Os auxiliares imediatos de Dubinsky contrataram peritos em produção para estudar o mercado, e verificou-se que havia nesse ramo de negócios uma porção de falhas: desperdício de tempo e material, insuficiência de inspeção da maquinaria, contabilidade deficiente do custo da produção, e falta de controle orçamentário— do que resultavam preços elevados e diminuição de negócios.

A solução do problema da indústria de vestidos de Nova York dependia de maior eficiência na produção e de enorme incremento nos negócios. O sindicato defendeu seu ponto de vista perante os industriais, durante semanas de negociações agitadas. Finalmente, em 1941, foi assinado um acordo de três anos, contendo uma «cláusula de eficiência» que por sua vez acarretava regras de produção eficaz, estabelecidas por representantes do sindicato e dos empregadores. Nos casos em que não fosse possivel obter acordo sobre as regras a serem estabelecidas, o árbitro as promulgaria. Veio depois a «cláusula de incremento dos negócios», estabelecendo o levantamento de um milhão de dólares por ano, entre os fabricantes, afim de fundar-se o Instituto de Vestidos de Nova York, que lançaria uma campanha de publicidade. O sindicato contribuiu com 100 mil dólares.

Afim de aumentar a eficiência, Dubinsky fundou na União um departamento de engenharia, dirigido por um jovem engenheiro perito em produção, o dr. William Gomberg. Os auxiliares de Gomberg cuidam de cerca de 200 fábricas por ano, gastando de dez minutos até dois meses em cada caso.

Exemplo típico da função deste departamento foi um caso em que os operários se queixaram de receberem salários menores que os duma fábrica rival, embora tivessem um salário mais alto por peça. Um dos peritos de Gomberg descobriu o mal: em virtude da sua má qualidade, a linha usada nas máquinas de costura arrebentava com muita frequência e os operários eram assim obrigados a perder tempo para enfiá-la de novo na agulha. Escolheu-se outra qualidade de linha e os operários conseguiram ganhar mais.

Dubinsky nunca se esquece do muito que seus operários da indústria de roupas feitas conseguiram através da simpatia do público.

«Nossas vantagens foram obtidas tanto em resultado da opinião pública quanto de nossas próprias forças,» diz ele. «O movimento operário só amadurecerá quando compreender que precisa ter a seu favor o sólido apoio do público.»

O conselho da sabedoria

SÊ ALTRUISTA. Eis o primeiro e último mandamento para aqueles que desejem ser uteis e felizes. Se pensares apenas em ti, não te desenvolverás, porque estarás sufocando a fonte de desenvolvimento, que é a expansão espiritual através do pensamento altruista.

—Dr. Charles W. Eliot

Uma idéia nova para um Natal feliz, que pode ser aplicada em qualquer lugar

CARTAS QUE TRAZEM PRESENTES INESTIMAVEIS

(*Condensado do «Christian Herald»*)

Por Paul W. Kearney

«Querido Papai Noel:

Faça favor de me mandar uma pequena máquina fotográfica, um anel com uma pedrinha de topázio, um estojo de maquilhagem, e alguns brinquedos. Feliz Natal!

Desta sua velha amiga,
Margaret M_____
Enfermaria B-52»

TODOS nós já vimos um sem-fim de cartas semelhantes a esta. Mas o que torna esta diferente de tantas outras, são as palavras «Vide verso» que leio ao pé da página. Virando a folha, noto que uma enfermeira escreveu do outro lado: «Doente grave; metida num aparelho de gesso da cintura para baixo; gangrena.»

No entanto, esta carta é apenas uma amostra das mais de seiscentas que, todos os anos, as crianças internadas no Kings County Hospital de Brooklyn remetem a Papai Noel. E Papai Noel não deixa uma só sem resposta!

A idéia surgiu há dez anos, numa loja de presentes de duas irmãs, Clare e Ann Graeffe. Uma enfermeira daquele hospital, que estava na loja, comprando guarnições decorativas para a festinha de Natal que costumavam organizar para as crianças, explicou às irmãs Graeffe em que consistia essa festa: todas as crianças recebem o seu jantar de perú, com sorvete e bombons, e assistem a um espetáculo teatral. Em seguida, um dos médicos, mascarado de Papai Noel, distribui os presentes enviados pelos amigos e parentes dos doentinhos.

E aí é que estava o busilis: mais de metade das crianças não tinham quem lhes remetesse presentes! Muitas delas havia anos que se encontravam no hospital. Algumas nunca recebiam a visita dos pais.

Ouvindo isto, uma das irmãs Graeffe sugeriu: «Diga a cada menino que escreva uma cartinha a Papai Noel. Depois traga-nos as cartas, que as faremos chegar às mãos dos nossos fregueses. Dê-nos tempo suficiente, e nos encarregaremos do resto.»

A sugestão foi aceita pelos organizadores da festa de Natal, e as cartas começaram a chegar. As irmãs Graeffe iam-nas empilhando junto da caixa registradora e, ao pagar as suas compras, cada um dos fregueses era convidado a levar uma delas. A maioria dos clientes pediam licença para percorrer o molho de cartas, na idéia de descobrir mais do que uma que lhes falasse ao coração. Houve mesmo uma estenógrafa que levou setenta e cinco cartas para o escritório, onde, graças a elas, conseguiu levantar 350 dólares numa subscrição destinada a comprar os presentes que as crianças pediam.

Muitos daqueles pedidos parecem destituídos de lógica. Um vendedor de calçados, por exemplo, encontrou a carta dum gurí cujo único desejo era conseguir

um par de sapatos marrons; veio a averiguar-se que esse rapazinho de quatro anos, que nascera no hospital e de lá nunca saira, jamais pudera aprender a andar, nem possuira um par de sapatos! Diante do seu pedido, as enfermeiras ficaram entusiasmadas: quem sabe se o par de sapatos não seria precisamente o incentivo que lhe era necessário para aprender a andar?

O gurí conseguiu o par de sapatos; e, no dia seguinte, tentava os seus primeiros, incertos passos, metido na gradinha de rodas em que os bebês aprendem a andar...

Uma senhora escolheu a carta em que se pedia uma roupinha roxa. «Que idéia rara, esta, de querer uma roupinha roxa!» disse ela consigo. «Mas hei-de conseguí-la, ainda que a tenha de fazer eu própria.»

E acabou fazendo mesmo. Esse menino talvez nunca venha a sair do hospital para poder usar o seu terno roxo, mas todos os dias as enfermeiras lhe põem a roupa por cima do aparelho de gesso em que vive aprisionado, e o pequeno, deitado na cama, fica a olhá-lo, com os olhos arregalados de satisfação.

Pelo mesmo princípio, um gurí que padece de reumatismo cardíaco deseja um uniforme de jogador de futebol; um rapaz com tuberculose da coluna vertebral suplica que lhe dêem um par de patins; uma vítima da paralisia infantil gostaria de ter uma bola e uma luva de basebol...

«Dai-lhes aquilo que eles pedem, sendo possivel,» dizem as enfermeiras. «Nenhum remédio poderia trazer-lhes tanto benefício quanto essa ajuda emotiva.»

Se alguem duvidasse dos resultados desta terapêutica, bastaria entrar numa das enfermarias na manhã do dia de Natal, e observar como a criança irremediavelmente paralisada na cama empurra para trás e para diante os seus patins, com um fulgor de esperança nova no rosto; ou o gurí com o coração reumático, deitado de costas na cama, envergando a roupa nova de jogador de futebol com os olhos rasos de lágrimas de alegria. Por certo, Papai Noel nunca deu presentes tão fabulosos, nem de tão bom-grado aceitos, por muito dinheiro que eles custassem!

A resposta calorosa dos fregueses da loja às cartas dessas crianças não é dificil de compreender, quando a gente se dá ao trabalho de meter a mão bem fundo naquele saco de correio, onde há matéria para sensibilizar o coração mais empedernido. Uma das mais tocantes era a da menina que, sem nada pedir para si própria, escrevia em favor da garota da cama vizinha:

«Querido Papai Noel:

Estou escrevendo para uma menina quase da minha idade (12 anos) que está doente demais para escrever ela mesma. Eu sei que ela quer tudo o que uma menina normal pode querer, como boneca e pulseiras e um anel e carinho e o amor de todos. Rogue por ela, faz favor.»

A mulher que escolheu esta carta mandou um presente para cada uma das meninas.

As pessoas de espírito cético poderão interpretar tudo isto como um plano preconcebido para fomentar as vendas: mas não é assim. A loja de artigos para presentes das irmãs Graeffe poucas coisas vende que sejam de interesse para crianças; as proprietárias recusaram autorização para que o nome do seu estabelecimento fosse aqui mencionado, e têm-se furtado a qualquer publicidade jornalística. Na realidade, a tarefa de receber e armazenar mais de 600 embrulhos, e de abrir os que parecem mais pobres para acrescentar alguma coisa a cada um deles, tudo isto durante a vertiginosa atividade da época de Natal, é só por si o bastante para mantê-las ocupadas todo dia até às três ou quatro da manhã.

Mas valerá a pena tanto trabalho e sacrifício? A resposta parece achar-se nesta observação de uma enfermeira: «Quando vim trabalhar neste hospital, pensei que as manhãs de Natal fossem aquí bem tristes. Mas estava enganada! Nunca assistí a cenas tão comoventes nem calorosas em nenhuma casa de família—nem nunca ouví tanto ruido. Por toda uma semana após o Natal, até os doentes sem esperança ficam numa animação inexcedivel.»

E tudo isto graças às almas caridosas que respondem as cartas cheias de fervor que os doentinhos dirigem a Papai Noel!

Cada qual a seu modo...

UM DIA, fui visitar, em seu *atelier*, o pintor Ed Berein, ex-vaqueiro que preferira a arte. Daí a pouco entrou uma senhora idosa, que a todo momento voltava a admirar uma gravura de um vaqueiro a domar um cavalo bravo. Afinal, a velhota perguntou:

—Quanto é este?

—Vinte e cinco, minha senhora, respondeu Ed.

—Ah! Eu fico com ele, anunciou a velhinha, toda animada. Abrindo a bolsa, daí retirou 25 centavos, e passou-os ao artista. Este, sem se alterar, retrucou:

—Agradecido, minha senhora. Espero que esse quadro lhe agrade sempre.

—Colaboração de William Van Dresser

NUMA reunião social, em que todos já se sentiam ligeiramente «alegres», um dos convivas pôs-se a conversar com uma senhora que mal conhecia. Daí a segundos, começou a confiar-lhe seus problemas mais íntimos. Ouvindo-o durante alguns minutos, ela depois lhe advertiu em voz firme e amiga: «Vamos mudar de assunto? Se não, amanhã o senhor vai arrepender-se de ter sido tão franco comigo...» Cautelosamente escolheu outro tópico, e assim foram, de conversa, até o fim da festa.

Na manhã seguinte, ela recebeu uma caixa de flores. Dentro, encontrou um cartão do tal senhor que conhecera na noite anterior, com os seguintes dizeres: «A senhora é um *gentleman!*»

—Colaboração de Nina Leonid Sidoroff

QUANDO, pela primeira vez, visitei a família de meu noivo, em cuja companhia ia passar uns dias, estava um tanto inquieta, sem saber que impressão causaria. Imagine-se minha surpresa, quando, ao voltar para casa, encontrei um cartão postal de Donald, escrito durante minha estada em sua casa e assim redigido: «Tudo aquí ótimo—folgo muito em tê-la conosco. Afetuosamente, Donald.»

—Colaboração de Ruby S. Hendricks

Está preocupado? Perdendo sono? Recalcado ou desiludido? Aquí temos um exame sereno do nivel de saude mental em nossos dias.

Calma! Talvez você não esteja louco

(Condensado de «Collier's»)

Albert Q. Maisel

HÁ VÁRIOS anos os psiquiatras vêm falando sobre o lamentavel estado de nossa saude mental, e contando-nos as maravilhas de que é capaz a psiquiatria, quer na prevenção, quer na cura do esgotamento nervoso. Mas alguns deles percebem agora que essas advertências foram tomadas demasiado ao pé da letra por grande número de pessoas, e que, em vez de contribuir para livrá-las de suas neuroses e inquietudes, criaram novo tipo de desequilíbrio emocional.

O dr. C. Charles Burlingame, psiquiatra-chefe da famosa Casa de Saude de Hartford, nos Estados Unidos, abordou recentemente o tema, dizendo: «Por toda a parte, centenas de milhares de pessoas passaram a considerar qualquer idéia ou sentimento trivial como sintomas de psicose.»

Outro especialista em enfermidades nervosas assim se exprimiu: «O mal é que assustamos muita gente. Os médicos que lutam contra o cancer aconselham todo o mundo a suspeitar a menor inchação ou irritação da pele, submetendo-se a um exame, afim de que seja possivel diagnosticar, desde cedo, a existência do cancer enquanto ainda em fase curavel. Isto está certo, pois caso não se trate de cancer tais medidas de precaução não poderão dar origem a esse mal.

«Mas quando chegamos ao ponto de encorajarmos as pessoas a fazerem um auto-exame psiquiátrico, a coisa muda de figura. Então estar-lhe-emos dizendo que se preocupem com as suas preocupações. A psiquiatria é o único ramo da medicina capaz de disseminar as doenças que está destinada a curar. E é exatamente o que vimos fazendo com a colaboração de numerosos amadores que escrevem livros, produzem filmes cinematográficos e vociferam no rádio.»

Vários dos livros que alcançaram grande êxito nos últimos anos se dedicam a «educar» o leigo quanto às maravilhas da psiquiatria e, incidentalmente, a ensinar os impressionaveis a ser psiquiatras diletantes de décima classe...

O rádio faz o mesmo. Alem dos programas francamente baseados em psiquiatria e dos apenas disfarçados em horas de «conselho» e «consulta», a psiquiatria e os psiquiatras servem de tema a muito *script* dramático e de mistério. E quanto às novelas radiofônicas, como se divertem em explicar os contratempos da heroina em termos de histeria, neurastenia, complexos de culpa e outras manifestações neuróticas!

Os jornais e revistas tambem vêm contribuindo amplamente para essa campanha de «educação». As seções de «conselhos de Cupido» já não respondem às coitadas que lhes submetem sua triste história: «Case-se com o malvado para dar um nome a seu filho.» Não! Hoje, o mais provavel é que, no caso por exemplo de uma moça que não tem namorados, a situação seja explicada pelo «complexo de Electra», ou seja, «a fixação psíquica do ideal pai.»

O cinema, já nos deu *A mulher que não sabia amar*, em que a heroina era paciente de um psiquiatra. Produziu tambem *Quando fala o coração*, cuja figura principal era uma psiquiatra. Veio depois, *Choque*, em que o psiquiatra era um horrivel vilão que procura ocultar o fato de ter assassinado a esposa, declarando demente a única testemunha.

Naturalmente, os psiquiatras deploram semelhantes extravagâncias. No entanto, muitos dos temores que afligem o público foram causados pelos próprios psiquiatras. Grande parte dos livros e artigos que hoje são condenados por alguns psiquiatras, foram escritos por colegas seus. A indústria cinematográfica não teve que vencer grandes dificuldades afim de encontrar psiquiatras que lhe sirvam de «conselheiros técnicos» na produção de películas.

Aliás, até mesmo os especialistas que jamais tomaram parte nessas «campanhas educativas», parecem ter uma tendência para fazer declarações que logo surgem nos jornais em cabeçalhos sensacionais, tais como: «Aumenta o número das doenças mentais, adverte famoso psiquiatra,» e outros. Não admira portanto que muita gente se assuste.

Muitas pessoas se sentem animadas a complicar todo e qualquer problema simples da vida, tentando resolvê-lo com métodos fornecidos pela psiquiatria. Vejamos, por exemplo, a mãe de Joãozinho, garoto de seis anos, levado da breca como qualquer menino sadio nessa idade. O que Joãozinho provavelmente precisa é apenas umas palmadas de vez em quando e muita ternura e atenção.

Ora, acontece que a mãe do garoto anda com o nariz mergulhado em tomos especializados sobre educação, e vive confusa, sem saber se aplicar os conselhos do Capítulo Sexto ou as sugestões do Capítulo Oitavo. Após alguns anos de «psicanálise» de si mesma e do filho, acabará convencida de que Joãozinho é uma «criança-problema».

Essas campanhas assustadoras da psiquiatria tomam muitas vezes a forma de estatísticas astronômicas. Certa publicação profissional, por exemplo, declara que «13 por cento de todas as crianças entre cinco e quinze anos apresentarão problemas de conduta que exigirão cuidados profissionais.» E acrescenta: «Mais de um terço de todas as crianças de menos de cinco anos de idade apresentam problemas de conduta que, se não forem observados e corrigidos, levarão a dilemas pessoais ou de família.»

Sem embargo, estudos conscienciosos sobre a matéria indicam que, durante os últimos 40 anos tem havido pouco ou nenhum aumento nas doenças mentais graves, salvo entre pessoas de idade avançada.

Nos Estados Unidos, os psiquiatras vociferam diante do fato de que 1.750.000 homens foram considerados incapazes para o serviço militar devido a distúrbios mentais, cifra essa seis vezes maior do que a que se verificou na Primeira Guerra Mundial. Mas raras vezes acrescentam que na recente guerra o recrutamento

penetrou muito mais fundo, alcançando grupos mais idosos e arrancando maridos a seus lares. Tãopouco parecem dar importância ao fato de que a maioria dos homens convocados na Primeira Guerra Mundial nem sequer foram submetidos a exame psiquiátrico.

Segundo declarou o dr. Burlingame, «já é tempo de dizermos ao público que pelo menos 90 por cento das pessoas estão dentro da zona de normalidade. Claro que se preocupam, que têm pesadelos, pensamentos sombrios e vontade de embriagar-se. Mas onde está o indivíduo inteiramente livre de tais coisas?»

Como é possivel saber se nos espera uma depressão nervosa? Como ter a certeza de que estamos dentro da «zona de normalidade»? Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que todos nós somos um pouco neuróticos. Todo homem sente-se deprimido uma vez por outra, discute com a esposa, berra com os garotos, preocupa-se, tem sonhos estranhos. A diferença entre o indivíduo normal e o candidato a depressão nervosa é questão de grau.

Se suas apreensões, acessos de cólera e fases de melancolia são passageiras, provavelmente não terá que preocupar-se com isso, especialmente se souber a causa desses efeitos.

Digamos, porem, que o leitor tenha esses «acessos» com frequência crescente. Suponhamos que perca as estribeiras por motivos insignificantes, e não compreenda por quê. Digamos que se ofenda sem necessidade, e passe a evitar as pessoas sem motivo. Em tal caso, talvez deva procurar um especialista. Não queremos dizer que esse especialista tenha que ser um psiquiatra. Em primeiro lugar porque não existem em número suficiente para todos, e depois porque o seu trabalho tem sido grandemente dificultado pelo número impressionante de pessoas normais que crêem reconhecer em si os sintomas de neuroses.

Um estudo realizado recentemente pelo dr. Peter G. Denker, neuro-psiquiatra do Hospital Bellevue de Nova York, veio demonstrar que certas neuroses mais brandas podem ser tratadas tão bem pelo clínico geral como pelo psiquiatra. O dr. Denker reuniu todos os relatórios que pode encontrar sobre os resultados conseguidos no tratamento de neuroses por psiquiatras e psicanalistas, em diversos paises. Verificou que, em vários milhares de casos, os especialistas calculavam ter alcançado, em média, um índice de curas ou melhoras de 60 a 70 por cento.

O dr. Denker examinou em seguida, os arquivos de uma grande companhia de seguros e estudou 500 casos de pessoas que estavam recebendo seguro devido a estados neuróticos. Não se tratava de casos marginais: todos haviam sido incapacitados para o trabalho, e tinham sido tratados por clínicos.

Averiguou o dr. Denker que 44,6 por cento desses doentes puderam voltar ao trabalho dentro de um ano. Outros 27 por cento conseguiram cura aparente no espaço de dois anos. Portanto, os clínicos conseguiram devolver à vida normal 71,6 por cento desses 500 pacientes de desequilíbrios emocionais. Apenas 10% ainda estavam enfermos cinco anos depois.

As estatísticas do dr. Denker demonstram que a simples psicoterapia, aliada a palavras de estímulo e ao tratamento pelo «médico da família», pode muitas vezes operar maravilhas.

Portanto, leitor, tranquilize-se!

Tudo parece indicar que continuará tão normal quanto possivel num mundo perturbado como o nosso. E se acaso sentir que se acha ameaçado de esgotamento nervoso, converse sobre o assunto com o médico da família.

O problema dos refugiados e um de seus aspectos menos conhecidos: a verdadeira razão por que se recusam a voltar a seus países

(Condensado de «Human Events»)
Por Eugene Lyons

Eles votam com os pés

Ao discutir o problema dos indivíduos desalojados pela guerra, poucas pessoas se lembram da profunda significação política e moral da atitude de grande número de russos e de cidadãos da Europa Oriental, ao recusarem-se a voltar a seus paises de origem, apesar de interminaveis ameaças, pressões diversas e meios suasórios de todo gênero.

O Presidente Truman descreveu esse grupo humano como constituido de «pessoas que se opõem ao totalitarismo», pessoas dotadas de «ardente fé nos princípios da liberdade e da democracia», que «resistiram vigorosamente a todos os esforços daqueles que as queriam induzir a regressar a regiões controladas pelos comunistas». Identificou-as assim, para todos os efeitos, não só como refugiados políticos, mas tambem como ardorosos aliados dos Estados Unidos, na luta entre liberdade e ditadura.

Apesar disso, várias autoridades norte-americanas e inglesas têm tentado impelir essas criaturas em direção à escravatura, contra todas as regras do bom senso político. Estes trágicos episódios tornaram-se possiveis apenas porque se vem dando demasiada importância ao lado sombrio do panorama: a pesada tarefa de cuidar das multidões deslocadas e encontrar-lhes novos lares. A solução do problema será facilitada quando todos compreenderem que, por mais negro que se nos afigure, o quadro tem seu lado animador.

As organizações de auxílio calculam que há atualmente um milhão e duzentas mil pessoas, quer em acampamentos de «desalojados», quer escondidas algures. Pelo menos meio milhão são da Rússia propriamente dita; outros 250.000 são fugitivos das três repúblicas do Báltico absorvidas pela Rússia. No momento, os grupos húngaro, romeno e tcheco estão crescendo rapidamente, e novas levas chegarão à medida que Moscou for reforçando o seu domínio nessas regiões.

Esses exilados voluntários continuam intransigentes mesmo após mais de dois anos de tentativas de recambiá-los. Se lhes fosse dado escolher, teriam permanecido longe da pátria, sem dúvida alguma, um número muito maior de refugiados. Esses 1.200.000 constituem apenas a oposição mais consciente, íntegra e firme ao regime soviético. A cada nova série de esforços no sentido de coagí-los a voltar têm-se verificado suicídios em massa — prova irrefutavel de que esses fugitivos do comunismo preferem morrer a arrastar uma existência de súditos de um governo totalitário.

Alguns, indubitavelmente, negaram-se a voltar, temendo o que os esperava nas mãos da polícia soviética. Os outros, porem, em esmagadora maioria, são inspira-

dos por fortes preferências morais e políticas. Renunciaram deliberadamente à vida soviética, por muito bem conhecerem o regime, graças à sua experiência direta, pessoal, muitas vezes de toda uma existência.

Li dezenas de declarações, tanto individuais como coletivas, escritas principalmente por russos que se recusavam a voltar à pátria. Suas palavras vêm do coração, e dão testemunho de grande sede de liberdade, de dignidade humana pura e simples, negadas pela ditadura.

Certa moça, nascida e criada dentro do regime soviético, exprimiu-se nestes termos:

> «Orgulho-me de minha atual condição de emigrada russa. Estou convencida de que, recusando-me a regressar à terra da autocracia de Stáline, me purifiquei moralmente.»

Um ex-tenente do Serviço Médico do Exército Vermelho diz o seguinte:

> «Recuso-me a voltar à U.R.S.S., não porque tenha medo, mas porque me tornei inimigo do regime.»

Estas palavras são de um operário de Leningrado, cuja declaração, na íntegra, é aliás, bastante longa:

> «Agora que estive na Europa e conheci o verdadeiro significado da liberdade, não voltarei a meu país, aconteça o que acontecer, enquanto ainda prevalecer a tirania de Stáline.»

Lendo esses documentos, sente-se tambem que essa gente alimenta a esperança de ver a Rússia libertada do seu jugo totalitário. Um dos pronunciamentos coletivos declara: «O povo da Rússia poderá falar um dia; e, enquanto permanecer reduzido ao silêncio pela força, *nós* falaremos por ele.»

É interessante notar que, dos refugiados, menos de 20 por cento são judeus, e que, mesmo entre estes, a maioria é constituida, em última análise, por fugitivos do comunismo.

Lênine disse certa vez que, com as deserções em massa, os soldados russos, em 1917, haviam «votado com os pés» contra a guerra. Os «desalojados» de hoje tambem votaram com os pés contra o regime de Stáline. O vulto da votação deve ser julgado, não em relação às populações que ainda se acham por trás da cortina de ferro, mas sim com referência à minoria relativamente insignificante que se encontrou, pelos azares da guerra, fora do alcance do poder soviético.

Assim, como sintoma da atitude dos russos e dos europeus do Leste perante o totalitarismo soviético, estes 1.200.000 «desalojados» representam um fator impressionante e alentador. Servem para atestar que o povo colhido pela armadilha soviética é política e fundamentalmente sadio. Oferecem-nos a prova viva e dolorosa de que um enorme grupo, talvez a maioria, de seus conterrâneos, votaria pela liberdade contra a ditadura, se lhes fosse tambem proporcionado o ensejo de opinar.

Os refugiados representam sem dúvida as populações que lá ficaram. Neles se incluem todos os tipos, desde funcionários do regime comunista até humildes lavradores, desde soldados rasos até generais. Mais da metade se compõe de trabalhadores manuais ou de escritório, 25 por cento são fazendeiros e lenhadores, 11 por cento pertencem às profissões liberais.

Sua escolha não foi determinada pela fome. Ao abandonar casa, família, amigos e carreira, poucos tinham ilusões quanto ao seu destino. Não ignoravam que seriam metidos em acampamentos, como gado, ou que levariam a espinhosa vida dos fugitivos. Sabiam que os esperavam a pobreza, os ressentimentos e a incompreensão, e que estavam sujeitos à perseguição soviética e até a caçadas humanas e raptos.

De seu esconderijo, uma russa, escrevendo a respeito da recusa sua e do seu marido de regressar à patria, assim termina:

> «A decisão que tivemos que tomar foi dificil, angustiosa mesmo. Resolvemos, porem, tornar-nos refugiados. Sabíamos que nos perseguiriam como se fôssemos animais. Sabíamos tambem que todos nos denunciariam aos agentes de Stáline. No entanto esperávamos que um dia os Aliados compreendessem...»

O aspecto animador do quadro dos «desalojados» dá-nos o direito de esperar que, no conflito entre os «dois mundos», a grande massa dos povos do hemisfério totalitário dos sovietes esteja potencialmente ao lado das democracias.

Todo este fenômeno dos refugiados políticos serve de advertência: é erro, e erro desastroso, deixar de distinguir entre o regime soviético e seus súditos aterrorizados. Eis o ponto capital duma declaração coletiva assinada por um grupo de cidadãos soviéticos que se recusaram a voltar à pátria, e dirigida aos líderes do Kremlin:

> «Desejamos deixar bem claro que os povos da Rússia nada têm a ver com vossos projetos expansionistas, vossa escravidão de outras nações, vosso abuso da religião para atingir vossos objetivos.»

O prêmio da paciência

Em seu discurso de paraninfo, certo professor de universidade, muito bem casado, disse o seguinte a seus alunos: «Meus amigos, quase todos vocês hão de casar-se um dia. Permitam-me um conselho: sejam pacientes com sua esposa. Não se amofinem se ela não estiver pronta na hora marcada. Tenham sempre um bom livro à mão, e leiam-no enquanto esperam. Garanto-lhes, senhores,» prosseguiu, com um sorriso sem malícia, «...garanto-lhes que adquirirão, dessa maneira, uma espantosa quantidade de novos conhecimentos.»

—*The Christian Science Monitor*

Precaução...

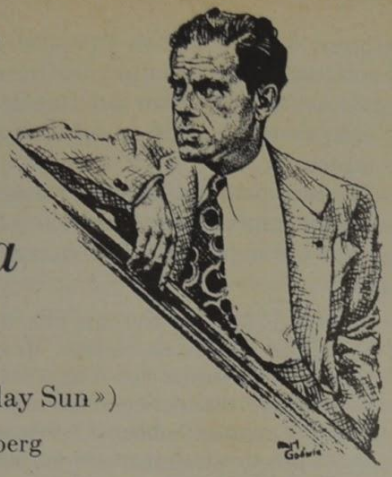
Um funcionário da Secretaria de Agricultura, numa pequena cidade, fizera ligeira palestra perante um grupo de criadores de aves. Ao terminar, foi abordado por uma senhora, que lhe pediu examinar suas galinhas White Rock. Lá foi ele, e verificou que, entre aquelas galinhas brancas havia um imponente galo vermelho New Hampshire.

—Mas, minha senhora, exclamou, escandalizado, o perito. —Não é possivel manter a pureza da raça, deixando aí esse galo vermelho!

—Ah, eu já resolví este caso, retrucou ela sem hesitação,—à noite eu tiro o galo daí...

—Colaboração de George S. Ham

O diretor de filmes de Hollywood que deve a celebridade ao seu «toque familiar»



Assim é Frank Capra

(Condensado de «The Baltimore Sunday Sun»)

Por Joseph Wechsberg

DURANTE a guerra, as autoridades do governo de Vichy numa pequena cidade francesa, determinaram que o dono de um cinema local deixasse de exibir filmes americanos dentro do prazo máximo de 30 dias. O proprietário do cinema teve que conformar-se com a ordem, mas antes de fazê-lo, dirigiu a seguinte consulta aos seus fregueses: Qual era o filme americano que eles mais desejavam tornar a ver, como despedida? A imensa maioria dos frequentadores votou a favor de *A mulher faz o homem*. E esta película ficou trinta dias seguidos no cartaz até findar o prazo imposto pelas autoridades! Recentemente, este filme, que é uma afirmação galvanizante dos ideais democráticos, foi exibido na Tchecoslováquia, na Itália e em outros paises da Europa, atraindo sempre verdadeiras multidões.

A mulher faz o homem é, porem, apenas um dos numerosos filmes em que Capra vem expressando sua fé na natureza humana, e a sua firme crença de que (e aquí passamos a citá-lo textualmente) «você, e eu, e alí o vizinho do lado somos todos iguais no mundo inteiro; gente fundamentalmente boa, que não pede senão que lhe dêem paz, liberdade, e o ensejo de mostrar o que vale, ou do que é capaz. Talvez isto pareça banal, mas é a expressão da verdade.» A filosofia de Frank Capra é duma simplicidade e candura modelares: os humildes são os herdeiros do mundo; o amor ao dinheiro é a origem de todos os males; e a verdadeira felicidade consiste em tornar felizes os nossos semelhantes...

Da substância desta filosofia elementar ele soube tecer os seus grandes êxitos, tais como *Aconteceu naquela noite*, *Horizonte perdido*, *O galante Mr. Deeds*, *Do mundo nada se leva*, e *A felicidade não se compra*. No transcurso de vinte e três anos, dirigiu trinta e dois filmes, e teve somente um fracasso digno de menção. A sua produção agora em curso é *The State of the Union*. Em sinal de reconhecimento pelos seus triunfos, os membros da indústria cinematográfica americana já lhe concederam por quatro vezes o «Oscar» da Academia. E o nome de Capra figura sempre, na publicidade, acima dos nomes das «estrelas» que brilham nas suas realizações...

Frank Capra nasceu na Sicília, donde veio para os Estados Unidos à idade de

seis anos. É um homem um tanto sombrio, suave no falar; tem pele morena e toda a aparência dum fruticultor italiano —o que não admira, pois o pai dele não era outra coisa. A família de nove pessoas —pai, mãe e sete filhos—veio toda no porão dos imigrantes, com o dinheirinho apenas suficiente para pagar a primeira prestação da compra duma fazendola nos subúrbios de Los Angeles. Capra, quando criança, andou vendendo jornais pelas ruas, e foi aí que aprendeu os rudimentos do negócio. Quando este lhe corria mal, ele esmurrava o irmãozinho, Tony, provocando assim um ajuntamento, o que era uma maneira como outra qualquer de atrair a freguesia relutante... Já dava provas, então, de possuir um sentido seguro do homem de espetáculos.

Aos 17 anos matriculou-se no Instituto Tecnológico da Califórnia, com a intenção de seguir a carreira de engenheiro químico. Para pagar as despesas dos estudos, tocava banjo nas tabernas locais, e, na qualidade de operário duma grande fábrica de fundição, aprendeu a encaixar o corpo (1,70 m de altura) dentro de canos, para aguentar os rebites que outro operário, de fora, ia achatando. «Durante um ano inteiro,» conta ele, «mantive-me com quatro horas de sono por noite. Tinha que saltar da cama às 3, todas as madrugadas, para correr a limpar os motores da central elétrica municipal de Pasadena, que me pagava 25 centavos por hora...»

Em 1918, já diplomado, Capra assentou praça no exército. Estava-se em guerra e, apesar dos seus conhecimentos linguísticos (falava fluentemente italiano, francês, espanhol e alemão), fizeram dele segundo-tenente de artilharia de costa, e puseram-no a ensinar matemática aos artilheiros. No ano seguinte morria-lhe o pai, e Frank voltou à fazenda, para viver na companhia da mãe.

Depois da guerra começou a depressão e, com ela, um tempo de dificuldades para os moços diplomados pelas escolas técnicas. Capra viveu horas de negro pessimismo. Sofria alem disso de violentas dores abdominais, que nada contribuiam para desanuviar-lhe os pensamentos. Receava que aquilo fosse apendicite, mas não havia dinheiro para o médico nem para fazer a operação. Em vez disso, um dia em que a crise foi mais dolorosa, meteu-se na cama, e a mãe o tratou, pondo-lhe toalhas de água fria... na cabeça. Passadas algumas semanas as dores desapareceram, mas o doente ficou muito fraco. «Conseguí, porem, arrastar-me até a fazenda de meu irmão, que não era longe, e metí-me a podar árvores de fruto. Ganhava 40 centavos por cada árvore que podava. No primeiro dia podei duas, e desmaiei duas vezes. Mas daí a uma semana já estava rijo e são.»

Quinze anos depois voltaram-lhe as mesmas cólicas violentas; desta vez, porem, sujeitou-se à operação. Mas quando lhe abriram a barriga, os assombrados cirurgiões não conseguiram dar senão com farrapos do apêndice infetado, que tinha rebentado e cicatrizado por si só muitos anos antes... «Disseram os médicos que eu conseguira sobreviver a essa crise antiga somente por que sou siciliano, isto é, membro duma *tribo* endurecida e imunizada por muitos anos de facada nas tripas...»

Em 1920, em plena crise, Capra começou a correr mundo. Passou a andar de terra em terra, e de porta em porta, às vezes pedindo carona aos motoristas de autos e caminhões que passavam na estrada, a vender livros e cupões de fotógrafos que davam direito a desconto. Uma das suas especialidades, nas cidades pequenas,

era entrar nos consultórios de médicos e dentistas, fazendo-se passar por paciente, —e sair de lá tendo feito alguma venda, o que era milagre nesses anos difíceis. Um dia conseguiu vender umas quantas coleções de livros e, inchado de orgulho, entrou num banco vizinho para cobrar um cheque de 30 dólares. O banqueiro, indivíduo mal encarado, declarou-lhe que não estava alí para ajudar vendedores ambulantes ou a domicílio, e de saida recusou descontar-lhe o cheque... Mas meia hora depois, ao sair do banco, Frank levava no bolso os seus 30 dólares em dinheiro—e uma encomenda para outra coleção de livros. Essas experiências de muito lhe serviram na direção de filmes tais como *O galante Mr. Deeds*, ou *Aconteceu naquela noite*.

Em 1924—já passada a crise—encontrava-se ele em S. Francisco com os bolsos vasios, dormindo por aquelas hospedarias de beira de cais, e comendo em pé nas barracas de cachorro-quente com mostarda, quando um belo dia leu num jornal a notícia de que um velho ator de teatro de variedades chamado Walter Montague, se preparava para abrir um estúdio cinematográfico num ginásio abandonado. Escusado será dizer que Capra nunca pusera o pé em Hollywood, mas tomou logo uma resolução: apresentar-se ao homem sob o nome pomposo de «Mr. Capra, de Hollywood». A coisa pegou. Impressionado com as idéias daquele perito em loquacidade, Montague entregou-lhe a direção do seu primeiro filme.

Receoso de utilizar atores profissionais, que poderiam desmascará-lo, Capra foi às docas procurar meia dúzia de tipos pitorescos, e contratou-os, pretextando que esse material humano proporcionaria um cunho de «realismo» ao filme. A intuição tem destes desígnios impenetraveis!

Para fazer a filmagem, convidou um cinegrafista seu amigo, profissional de Hollywood. Fizeram em dois dias esse filme de uma só parte, que custou a módica quantia de 1.700 dólares, e pelo qual Capra cobrou o salário de 75 dólares. O filme foi comprado por 3.500 dólares pela Pathé, que o fez exibir em Nova York. Foi muito apreciado pelos críticos, pela sua ausência de «truques fotográficos e dos maneirismos típicos de Hollywood».

«Mas é claro!» comenta Capra secamente, «se eu os desconhecia por completo!»

A Empresa Montague faliu tempos depois, e o ex-diretor Capra virou aderecista e aguadeiro dum estúdio de filmes cômicos que havia em S. Francisco. Foi alí que teve ensejo de aprender os mistérios dos ângulos de filmagem, da iluminação dos cenários, e da escolha e concatenação final das cenas filmadas. Nas horas que lhe ficavam livres entre as tarefas, escrevia enredos de filmes, que ninguem se dava ao trabalho de ler. Desanimado, foi para Hollywood, onde conseguiu arranjar trabalho como redator de «chanchadas» e criador de situações grotescas para as comédias de Hal Roach e de Mack Sennett. Capra ainda hoje gosta de recordar, com modéstia, que foi dele a idéia hilariante daquela roda que se desprendia do eixo dum carro, afastava-se rolando, e depois voltava *só por si*, com todo o ar duma intenção consciente, a encaixar-se no lugar!

Em 1926, o irresistivel comediante Harry Langdon contratou Capra para dirigir os seus filmes. Fizeram juntos *Long Pants* e *The Strong Man*, e durante algum tempo o homenzinho simplório, encarnado pelo grande cômico, rivalizou em popularidade com Carlitos, o idolatrado vagabundo da tela.

Mais tarde Capra foi contratado pela Columbia Pictures, que era então um

negocinho obscuro em «Poverty Row», como se chamava em Hollywood aquela enfiada de estúdios meio derruidos onde se faziam filmes com muita pressa e pouco dinheiro. O primeiro filme que ele fez para a Columbia rendeu-lhe mil dólares em doze semanas de trabalho. Um dos diretores da empresa fizera uma lamentavel salada de um melodrama intitulado *Submarine*, e Capra recebeu ordem de salvar o celuloide. Encontrou a maneira de injetar um fio de comédia nas sequências do sinistro enredo, criando inconscientemente o que, daí em diante, passaria a denominar-se no cinema a «comédia-drama».

«Fazer rir o público através das lágrimas,» diz ele, «é sem dúvida a mais dificil das nossas tarefas.» *Submarine* teve um êxito estrondoso que tirou a Columbia da mediocridade, e valeu a Capra um contrato anual de 25.000 dólares. Era chegada para ele, enfim, a hora do triunfo! Tornou-se logo o maior criador de «estrelas» de Hollywood, tendo «descoberto» Barbara Stanwyck em *Ladies of Leisure*, Jean Harlow em *Platinum Blonde*, e May Robson (com a avançada idade de 75 anos) em *Dama por um dia*, que se pode considerar o primeiro filme de Capra portador de uma «mensagem». Toda a gente afirmou ao tempo que era uma loucura fazer duma «senhora idosa» a estrela desse filme, mas Capra já então, como hoje, reagia contra as idéias feitas, para sair sempre triunfante.

Nesses tempos, só os atores cômicos tinham por função fazer rir o público. Em *Aconteceu naquela noite*, Capra eliminou o comediante e fez de Clark Gable—o galã romântico—um personagem cômico. Todo o mundo predisse que isso ia ser a morte estrondosa de Gable e Capra; contudo Gable, Capra e Claudette Colbert receberam, cada um deles, graças a esse filme, a estatueta de ouro da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas—o troféu de glória que mais tarde seria designado pelo nome de «Oscar».

Capra abandonou a Columbia em 1939 para organizar a sua própria empresa, a Frank Capra Pictures. Durante a segunda guerra mundial, no posto de coronel, foi-lhe concedida a Medalha dos Serviços Relevantes pelo trabalho que realizou no carater de sub-chefe do Serviço Cinematográfico Militar.

Hoje, aos cinquenta anos de idade, Capra é o beneficiário da maior recompensa a que pode aspirar um diretor de cinema: basta o seu nome para atrair o grande público ao cinema. Os frequentadores de cinema do mundo inteiro sabem reconhecer certa qualidade específica nos seus filmes, certos detalhes realistas, em que se faz sentir «o dedo de Capra». Um filme típico de Frank Capra oferece-nos comédia e drama, uma combinação de lágrimas e riso, de sofrimento e felicidade eventual; o seu herói é sempre um sujeito comum que se vê metido em embaraços cômicos ou lances comovedores, que toda a gente é capaz de compreender e sentir.

Lembra-se o leitor daquele juiz de *Mr. Deeds*, que traçava garatujas enquanto presidia durante as audiências? E aquela cena de *Aconteceu naquela noite*, em que Gable, querendo ser «o tal», cospe pelo canto da boca e, por acidente, suja de saliva a lapela do próprio casaco? E a bola do corrimão de escada, em *A felicidade não se compra*, que sai do lugar todas as vezes que alguem a toca? Coisas como essa têm acontecido por toda a parte, a todo o mundo, e é isso que lhes dá o ar familiar dos pequenos incidentes que provocam o riso.

Capra está tão profundamente convencido da justeza dos instintos populares, que muitas vezes chega a filmar vários

finais para um mesmo filme, e os faz exibir em segredo em Los Angeles, ou nos arredores, para então escolher o final que mais agrade às audiências, ainda que esse juizo seja contrário à sua própria maneira de ver. Chegou um dia a andar tão preocupado com um discurso que Gary Cooper pronuncia em *Adoravel vagabundo* que, afim de sair da dúvida, pagou a 350 figurantes para que assistissem à exibição daquele filme e manifestassem a sua opinião.

«E ainda há gente em Hollywood que se afirma capaz de predizer a reação do público!» E Frank Capra ergue os ombros. «Não vá atrás disso. Ninguem sabe antecipadamente o que vai suceder quando o público vê um filme novo!»

Capra tem sede da perfeição. O menos que precisa para fazer um filme são quinze meses. O texto pode levar seis meses, enquanto que a filmagem propriamente dita durará só três. O resto do tempo é absorvido pelos cortes, as alterações, e o registo da parte musical. Capra provocou verdadeira revolução em Hollywood ao levar os atores a representar diante da objetiva sem maquilhagem, de modo a produzir um sentimento de realidade pura.

Para se distrair, Capra toca piano, violino, cavaquinho, banjo e acordeão, todos um tanto mal. Por vezes vai tambem a um cinema onde estejam exibindo um dos seus velhos filmes. Em tais ocasiões deixa-se arrastar com frequência ao riso e às lágrimas, embora se trate de filmes que ele já devia estar farto de ver. Os seus amigos costumam dizer: «O Frank é o melhor público das suas próprias obras!»

Conquanto, nos intervalos entre a execução de dois filmes, seja dado a crises de tristeza e a apreensões, Capra quando trabalha, nunca se enerva nem impacienta, e tornou-se famoso pela cortesia com que trata os figurantes e os atores que desempenham papéis secundários.

«O entusiasmo e a sinceridade de Frank são contagiosos,» observa uma de suas estrelas. «É por isso que ele sempre consegue extrair o que há de melhor em cada um de nós. Os personagens dos seus filmes são as múltiplas projeções da sua própria personalidade.»

Capra porem nunca fica satisfeito com os resultados que obtem na realização dum filme. «Até hoje mal utilizamos as imensas possibilidades que o cinema nos oferece,» diz ele. «A vasta e complicada engrenagem de Hollywood é com demasiada frequência utilizada na produção de entretenimento para adolescentes. Levamos à perfeição os nossos métodos de fabricação em série—mas não os processos criadores. Temos à nossa disposição um tapete mágico—mas ainda não sabemos como fazê-lo voar.»

Se nos últimos anos não pusemos de lado completamente uma opinião arraigada ou formamos uma nova, investiguemos para ver se não estamos ficando decrépitos.

—Gelett Burgess, *Look Eleven Years Younger* (Simon and Schuster)

Ser sincero é um grande alívio...

NÃO SEJAMOS TÃO VAIDOSOS

(*Condensado de «Your Life»*)

Por Bernard Gekoski

Até certo ponto, todos nós somos vaidosos. Quando alguem nos pergunta, por exemplo, qual é o nosso emprego ou ocupação, o mais provavel é que nossa resposta seja bem diferente daquela que, à mesma pergunta, dariam nosso chefe, nossos colegas, nossa secretária...

Em quaisquer debates corriqueiros—sobre esportes, política, roupa, clima, casamento ou energia atômica—raras são as pessoas dispostas a reconhecer que têm, sobre determinado assunto, menos conhecimento que seus interlocutores. Pouquíssimas vezes veremos um amigo nosso dizer com franqueza: «Nada sei sobre essa matéria.» E nós próprios, fazemos essa confissão com frequência?

Não responda imediatamente. Espere um pouco, pense primeiro...

Gostamos de «bancar» os importantes, de parecer intelectuais, espertos, homens de grande experiência, mártires de paciência... simplesmente porque nos agrada ser admirados. Escolhemos um papel para representar, um papel que nos impressiona a nós próprios e que, portanto—segundo acreditamos—impressionará os outros tambem...

«A única vantagem do fingimento,» escreveu Booth Tarkington, «consiste na satisfação que sentimos em acreditar que conseguimos iludir alguem.»

Atemo-nos a fingimentos porque não gostamos de ver-nos como realmente somos. Forjamos uma pessoa talentosa, ativa, importante, cheia de boa vontade para com a espécie humana ou imune à opinião dos outros—e nos apegamos a essa imagem ideal, fazendo todos os esforços para nos parecermos com ela.

Mas tal dissimulação não nos traz felicidade. Mantendo-a não desfrutamos de um instante sequer de sossego, porque nos ameaça constantemente o perigo de sermos descobertos, o que exerce contínua pressão sobre os nossos nervos.

Qualquer passo que venha a enfraquecer algumas das qualidades que simulamos possuir, deixará em nós uma sensação de triunfo—e de alívio! Segundo observa William James, renunciar as pretensões da nossa vaidade nos causa uma satisfação tão grande como vê-las realizadas.

Comecemos por considerar o quanto é complexo o mundo em que vivemos, e quanto é limitado o nosso conhecimento das coisas que nos rodeiam. Se reconhecermos tal fato, sentiremos imediatamente um grande alívio. E à medida que vamos descobrindo algumas das coisas que não somos, aumentarão as probabilidades de sabermos o que realmente somos.

É evidente que não encontraremos um santo nem um gênio. Depararemos com uma pessoa igual aos outros mortais, com temores e fraquezas, preconceitos e hostilidades. Mas sejamos pacientes. Ela poderá ter qualidades compensadoras: calor, solidariedade humana, bom humor, capacidade de adaptação ao meio, qualidades que nunca tiveram a oportunidade de

afirmar-se dentro dos limites rígidos do fingimento.

Quando chegarmos a conhecer-nos bem, então poderemos aproveitar plenamente nossas faculdades. Já não teremos que despender energias para manter as aparências, nem desperdiçar nossa força vital em temores e irritação. O ceticismo da maioria das pessoas será substituido pela convicção de que a vida tem significado, por um sadio otimismo em relação ao futuro e pela certeza de que nossos esforços não são inuteis. A irritabilidade e a falta de simpatia desaparecerão, dando lugar à modéstia, a um maior interesse pelos outros, a menos inveja. Eis as qualidades que conquistam simpatias. Talvez não seja esse o nosso objetivo final; será, porem, um resultado agradavel.

Assim pois, quando surgir novamente a ocasião em que, tensos os nervos, nos dispomos a representar a todo o custo um papel qualquer, recusemo-nos a tal, tentemos dizer a nós próprios: «Não entendo nada do assunto,» ou «Reconheço que estou equivocado», ou ainda, «Que bobagem que eu disse.»

Evidentemente, há sempre o perigo de, ao livrar-nos de uma forma de fingimento, cairmos em outra—a indiferença, quando não o desprezo. Ao reconhecer, por exemplo, que não somos bons jogadores de tenis, não precisamos acrescentar que o tenis nos parece um jogo tolo, para gente desocupada... O fato de reconhecermos nossa falta de aptidão para esse esporte já em si significa que nos interessáramos por ele a princípio. Não é mais simples dizer que nos agrada muito o tenis, apesar da nossa pouca destreza para jogá-lo?

Como havemos de saber se estamos usando corretamente esta pequena receita? Felizmente, há um indício, e muito simples: *a satisfação que experimentamos quando deixamos de fingir.* Quando dizemos «Sou ignorante» (ou coisa que o valha) e quando, ao dizê-lo, estamos realmente convencidos disso, não esperamos que nos contradigam, não estamos apenas tentando evitar responsabilidades, ou diminuir alguem ou alguma coisa, nem nos censuramos por havê-lo feito—então nos sentiremos aliviados e libertos e será grande o nosso contentamento. Quanto menos simularmos, melhor nos sentiremos. Quanto melhor nos sentirmos, mais êxito teremos.

Quase todos estamos bem longe desse objetivo. No entanto, ninguem jamais atravessou o oceano sem se afastar da praia...

Ao leitor que quiser empreender essa travessia fazemos votos de «Boa viagem!»

Círculo vicioso

Nos Estados Unidos, conquanto os salários semanais médios dos operários na indústria estejam agora em nivel mais alto que nunca, os peritos em estatística do Ministério do Trabalho calculam que o salário líquido de um industriário americano é pouco mais, hoje, do que em 1939. O salário médio atual sobe a mais de 49 dólares, ao passo que em 1939 a média era de 23,86; no entanto, após deduzidos os impostos e ajustados os orçamentos, devido aos preços em forte ascensão, os operários terão, segundo os peritos, em vez de 49 dólares, apenas 26, em relação ao valor do dolar em 1939.

—*Newsweek*

Fizeram-me passar por mulher

(Condensado de «The Baltimore Sunday Sun»)

Por Henri Rochard

Uma série de atritos entre regulamentos do Exército e da Marinha, uma mudança de sexo—e finalmente, vitória, e os Estados Unidos

Essa história começa no dia em que travei relações com uma enfermeira do Exército Norte-Americano. Durante o tempo em que servia como oficial de ligação para o Governo Belga nos julgamentos de criminosos de guerra na Alemanha, fui atropelado por um automovel e levado para um hospital do Exército dos Estados Unidos. Aí conhecí Catherine.

Quando saí do hospital, dei baixa do Exército Belga e voltei a Nuremberg na qualidade de funcionário civil do Departamento da Guerra dos Estados Unidos. Catherine e eu ficamos noivos.

Nosso primeiro problema foi conseguir do Quartel General do Exército Americano permissão para o casamento. Não é a mesma coisa que pedir a um pai a mão de sua filha em casamento e ouvir imediatamente um sim ou um não. Tive que fazer, em cinco vias, um relato dactilografado da minha vida e enviá-lo juntamente com um requerimento ao Quartel General. Dois meses mais tarde recebia de volta os documentos com o devido carimbo: «Havendo Henri Rochard satisfeito os requisitos morais e físicos, e não se considerando essa união como deshonrosa para as Forças Armadas dos Estados Unidos, aprova-se o referido casamento.»

Pretendíamos partir para os Estados Unidos logo que fosse possivel e fomos ao consulado pedir informações sobre a minha entrada no país.

Quatro meses mais tarde recebíamos a seguinte resposta: «É provavel que o senhor possa entrar nos Estados Unidos de acordo com os dispositivos da Lei Pública 271, que regula a entrada de Noivas da Guerra.» Com essa carta começaram as complicações.

Armado desse documento, fui ao meu Quartel General e pedí que me fornecessem as fórmulas requeridas. O funcionário que me atendeu declarou que não havia menção de esposos da guerra nos regulamentos do Exército; minha esposa teria que conseguir as fórmulas no seu Quartel General. «Para este fim o Exército considera o senhor dependente da sua esposa,» explicou ele.

Catherine obteve os papéis necessários

Henri Rochard é o pseudônimo de um major da reserva do Exército Belga, que, antes da guerra, fizera estudos de aperfeiçoamento na Universidade Colonial, em Antuérpia. É portador de diplomas de Bacharel em Ciências, Licenciado em Ciências e Doutor em Filosofia, conferidos por universidades belgas, francesas e alemãs. Até a capitulação da Bélgica, serviu como oficial na artilharia anti-aérea. Daí em diante passou a fazer parte das forças de resistência. Viveu cinco meses em campos de prisioneiros na Alemanha.

e enviou-os para o Quartel General. Seis semanas mais tarde chegou-nos às mãos uma carta espantosa, dirigida à «Sra. Henri Rochard (isto é, *eu*), por especial favor do Capitão Catherine G. Rochard»:

> Prezada Senhora: (*eu* novamente!)
> Em resposta ao requerimento que nos foi enviado pelo marido de V.S. (referia-se ele à minha esposa) cumpre-nos informar-lhe que o pedido de V.S. para entrar nos Estados Unidos como «esposa da guerra» foi deferido por este Departamento. É favor preencher o questionário que enviamos junto.

O referido questionário pedia informações sobre o meu passado e tambem queria saber se eu estava esperando criança. Em caso afirmativo, há quantos meses?

Quinze dias mais tarde uma carta, dirigida à *sra.* Henri Rochard me ordenava comparecer à Divisão de Esposas da Guerra, em Bremerhaven.

Quando alí cheguei, acompanhado de minha senhora, fui, como me haviam mandado, para o Hotel dos «Dependentes». Os únicos representantes do sexo masculino que aí havia eram bebês e coronéis do exército. O oficial encarregado tinha consigo a seguinte lista: 139 Esposas da Guerra, 126 crianças de Esposas da Guerra, 9 cães das Esposas da Guerra, 1 Esposo da Guerra.

Não fez nenhum bem à minha vaidade o ter sido classificado depois dos cães, mas pelo menos o meu sexo tinha sido corrigido.

Nessa altura, fui informado que teria de voltar à Bélgica afim de obter um passaporte. Isso levou duas semanas. Quando voltei, soube que minha viagem tinha sido completamente desnecessária, pois a Lei 271 estabelece que para esses casos não é necessário nem passaporte nem visto de saida.

Recebí então ordens de comparecer ao Edifício 11 da Área de Estágio. Aí o sargento de serviço disse-me não poder dar-me um alojamento porque, de acordo com o regulamento, aquelas acomodações eram para «Oficiais do Exército Norte-Americano» e que, embora eu fosse um oficial de reserva de um exército aliado, era na realidade um «dependente». Disse-me o sargento que eu fosse para o Edifício 10, designado para «dependentes» do sexo feminino. Aí a WAC de serviço me recebeu com exclamações de horror. Expliquei-lhe que eu era um homem, às vezes classificado como mulher porque o Exército não tinha regulamento que abrangesse meu caso, e a categoria que se aplicava melhor à minha situação era a de Esposa da Guerra.

A WAC decidiu finalmente que eu devia tentar o Edifício 9, onde o tenente encarregado deu boas gargalhadas ao ouvir minha história e designou-me uma cama.

Mais ou menos a uma hora da madrugada, fui acordado por um sargento que me disse para «pirar daquele saco!» Aquele quarto era dos soldados e ele não queria encrenca com o inspetor.

«Ouça aquí, sargento,» retruquei em voz alta, «você pode ir dormir com os seus regulamentos. Eu daquí não saio.» Entremeadas com estas soltei algumas outras palavras inglesas que eu tinha aprendido e não ouví mais nada.

Na manhã seguinte, um primeiro sargento me informou que eu podia ser submetido a uma corte marcial por recusar-me a obedecer ordens. Perguntei-lhe, para submetê-lo a prova, se havia algum hotel alemão nas vizinhanças. «Há,» respondeu o sargento, «mas o senhor não pode ir para lá. O senhor está sujeito à lei militar, e esses hotéis estão fora dos limites.»

Nesse momento entrou o tenente e interrompeu a troca de palavras desagradaveis. Finalmente encontraram uma cama para mim.

No dia seguinte, após conseguir localizar minha esposa, encaminhamo-nos para o salão de jantar. Aí eu tive que assinar o rol das Esposas da Guerra e minha senhora o dos oficiais. Minha esposa pagou pela sua refeição, mas meu dinheiro foi recusado porque, na qualidade de Esposa da Guerra, eu era convidado do Governo.

Finalmente chegou o dia tão esperado da partida e recebí instruções de seguir para o cais com as outras esposas da guerra. Começara novamente a confusão—meu nome aparecia na lista de bordo como sra. Henri Rochard! No momento em que pisei no tombadilho, um oficial da Marinha agarrou-me pela lapela, onde haviam amarrado uma etiqueta com meu nome (precedido por sra.), porto de destino e idade. «Perdão,» disse ele, «mas o senhor não pode entrar a bordo. O senhor não é nem militar, nem funcionário público, nem «dependente».

Não me restava mais nada senão dar meia volta e descer. Mas na outra extremidade da prancha se encontrava o tenente do exército encarregado das Esposas da Guerra, o qual me ordenou que voltasse. Em breve, o Exército e a Marinha estavam empenhados em hostilidades no meio da prancha de embarque, enquanto que eu atuava como amortecedor de choque.

Finalmente chegou-se à seguinte conclusão: a sra. Henri Rochard era homem. Era o marido de uma WAC que estava de regresso à sua pátria, e tinha portanto os mesmos direitos e privilégios de uma Esposa da Guerra. Como Esposa da Guerra, eu tinha direito a uma cama em cabina de primeira classe. Mas como talvez as esposas da guerra mulheres pudessem protestar, foi decidido que eu ficasse alojado com os oficiais.

Quando o navio passou pelas escarpas de Dover, pensei que tivessem terminado as complicações. Eu e minha esposa conseguíamos tomar juntos as nossas refeições, e a tranquilidade reinante só era interrompida pelos exercícios de incêndio.

Mas no quinto dia de viagem, o médico do navio-transporte fez-se ouvir pelos alto-falantes de bordo, convocando todas as esposas da guerra para se apresentarem ao hospital. Decidí não me apresentar. Foi um erro. Terminado o exame da última esposa da guerra, começaram a chamar nos alto-falantes a sra. Henri Rochard, e aos gritos. Tive que comparecer.

«O senhor é o marido dessa esposa da guerra que não achou necessário vir até aquí?» perguntou-me o médico quando eu entrei. «É melhor dizer-lhe que apareça e logo. Se ela não estiver aquí dentro de dois minutos, eu fecho esta joça e ela que se entenda com as autoridades de imigração.»

Tentei explicar que nesse caso eu não era o marido e sim a esposa.

—O senhor, a esposa? Mas, com todos os diabos, o senhor sabe em que situação está colocando o exército? Há uma porção de coisas mencionadas neste formulário que o senhor não tem.

—Mas, capitão, já que é impossivel mudar o meu sexo para satisfazer os formulários do Exército, que tal se o senhor mencionasse nele as coisas que eu tenho? sugerí eu após um momento de hesitação.

Depois de pensar por alguns momentos, o médico decidiu aceitar minha sugestão.

Quando nos encontrávamos próximos

de Nova York, foram distribuidos os cartões de desembarque. E o que era de esperar aconteceu: todas as esposas da guerra receberam um, menos eu. Fci preciso um dia inteiro para acertar esse caso. No dia em que o navio entrou no porto, recebemos ordem de desembarque. Só faltava agora passar pelo Serviço de Imigração e Naturalização. Novamente tive que entrar em fila com as esposas da guerra. Quando cheguei em frente ao funcionário da imigração ele perguntou:

—Onde está sua senhora? Ela tem que comparecer em pessoa.

—Lamento muito, balbuciei.—Mas não há esposa alguma no caso. Eu sou *ela*. Estou na lista como mulher. Nada posso fazer... sou homem.

—Isso tudo é espantoso, disse ele, com gravidade. —Em todo caso, acrescentou com resignação, aquí está o carimbo.

Quando descíamos a prancha, e eu estava prestes a tocar o solo dos Estados Unidos, um sargento gritou de repente: «Ei, você, de volta pro navio!»

Minha mulher então interveio, dizendo docemente:

—Mas, sargento, ele é minha esposa da guerra.

—Oh! Perdão, meu senhor... quer dizer, minha senhora. Bem, creio que está bem. Pode ficar com *ela*.

A última palavra em publicidade

Após passarem anos elogiando tudo o que existe no mundo, os redatores de anúncios passaram a adotar um novo sistema—o de insultar aquilo que dantes elevavam às alturas. Nos Estados Unidos estão aparecendo por toda a parte anúncios absolutamente sui-generis.

Em Nova York, as lojas Sachs publicaram o seguinte anúncio:

«O fabricante dessas estantes diz que são faceis de montar. Não creia nisso. Se o senhor é habilidoso, é possivel que o consiga, mas nós o duvidamos. Habitualmente de $10.95 a $16.95. Rua com elas por $6.88.»

«Estamos jogando fora por 39 centavos umas cigarreiras com isqueiro, cobertas de couro, que valiam $3.95 cada uma! Quem sabe... talvez V.S. encontre uma cujo isqueiro funcione.»

J. E. Otto em St. Paul, Minesota oferece ao público o seguinte:

«*Cabides...* francamente, não sabemos por que acumulamos tantos. Não aceitaríamos muitos deles nem de graça, mas se V.S. está procurando algo para dar de presente, temos alguns que talvez lhe sirvam, por um dolar.»

«*Tamboretes de cozinha...* em que V.S. pode sentar-se confortavelmente por cerca de um minuto. Cairão para um lado se ficar em pé em cima deles. Faça um seguro e depois compre um desses tamboretes de $3.50 por $1.50.»

FINALMENTE, CALEFAÇÃO RADIANTE

(*Condensado de «Steelways»*)

Por Lawrence Galton

Numa colina de onde se avista a baía de Narragansett, no Nordeste dos Estados Unidos, está situada uma casa de 6 peças, exposta a furiosas ventanias e, no inverno, a temperaturas até de 26° C abaixo de zero.

No interior não se vêem radiadores, nem nenhuma outra coisa que indique a existência de um sistema de calefação. E sem embargo essa casa é mais confortavelmente aquecida do que outras habitações. Alem disso, durante cinco anos, o aquecimento da referida casa de novembro a abril nunca custou mais de 70 dólares por temporada.

O segredo está na chamada «calefação radiante», que, em matéria de aquecimento interno, é o adiantamento mais notavel dos últimos anos. A água quente (e às vezes ar quente circulando em aerodutos) passa através de serpentinas embutidas, que transformam paredes e tetos em grandes painéis aquecidos. A função principal desses painéis não é aquecer o ar de uma peça, e sim irradiar ondas de calor que vão aquecer quaisquer objetos que encontrem em seu caminho, inclusive, é claro, o corpo de uma pessoa. Trata-se do mesmo princípio pelo qual o sol nos aquece. Em pleno inverno, os esquiadores, embora nús da cintura para cima, sentem-se perfeitamente aquecidos.

Quando o metabolismo é normal, o corpo humano gera 100 quilograma-calorias por hora e desde que não irradie calor com maior rapidez, sente-se confortavel. O calor radiante do sol ou de um painel aquecido que o corpo recebe evita uma perda de calor demasiado rápida. Havendo suficiente energia radiante, por mais frio que esteja o ar, o corpo permanece quente. A calefação radiante permite a distribuição uniforme da temperatura.

Como não há necessidade de aquecer o ar e os painéis formam grandes superfícies de aquecimento, a água pode ser mantida a uma temperatura muito mais baixa que nos sistemas comuns de radiadores. Essa temperatura oscila geralmente entre 32°C e 52° C em vez de 60° C a 80° C como sucede nos sistemas comuns de aquecimento a água quente. E sentimos calor suficiente, embora a temperatura do ar se mantenha abaixo da que se necessita quando se empregam radiadores. Essa diminuição de temperatura do ar traz como consequência um grau de umidade relativamente maior que nas casas aquecidas com radiadores e evita essa desagradavel sensação provocada pelo ar excessivamente seco.

Na calefação radiante não há correntes de convecção, causadas pelo ar quente que sobe e pelo ar frio que desce. Em outras palavras, não há correntes de ar. Nos sistemas convencionais, a temperatura ao nivel do rosto pode ser 5 ou mais graus centígrados superior à que se verifica ao nivel dos pés. Tal não acontece com a calefação radiante.

A ausência de correntes de ar sensiveis muito diminui o movimento de partículas microscópicas de pó.

Em vista de tais vantagens, não é de estranhar que a calefação radiante se vá generalizando cada vez mais. Antes da recente guerra mundial, havia nos Estados Unidos cerca de mil prédios dotados desse sistema. Calcula-se existirem atualmente 20.000 prédios com calefação radiante em funcionamento ou em vias de instalação.

Uma das principais companhias de seguros dos Estados Unidos adotou o sistema de calor radiante para a calefação de vários grandes edifícios de apartamentos que está construindo em Boston. Em várias outras cidades da Nova Inglaterra, uma empresa está edificando 2.500 casas para veteranos da última guerra, todas com calefação radiante. Em Nova York, dois grandes edifícios de apartamentos, ora em construção, adotaram o mesmo sistema, que tambem está sendo introduzido em grande número de igrejas, escolas, lojas e garages.

Os avicultores afirmam que este novo tipo de calefação é o melhoramento mais revolucionário introduzido nessa indústria desde a invenção das incubadoras. Elimina as correntes de ar e a umidade excessiva, causa principal das doenças dos pintos. Um desses criadores anuncia ter instalado um sistema de calefação radiante que lhe custou 2.600 dólares. Em um ano, economizou 1.650 dólares em combustivel, conseguiu reduzir a mortalidade dos pintos de 15 por cento a 1 por cento, enquanto que cada ave ganhou, em média, meio quilo de peso em 12 semanas. Resultado: seus lucros anuais acusaram um aumento de 11.000 dólares.

Há grande variedade de instalações baseadas no novo sistema. Em fábricas de balas e bombons, por exemplo, estes têm que ser separados e embrulhados a uma temperatura baixa. Agora, cada operário pode ficar sobre um pequeno painel radiante, mantendo-se confortavel, sem que se aqueça o recinto. Os donos de garages dizem que mantendo o chão aquecido, por meio da calefação radiante, os mecânicos não sentem frio e trabalham melhor. Muitas lojas, hospitais e postos de gasolina estão instalando tubos sob as passagens para automoveis e calçadas, para evitar que se cubram de neve e gelo.

Não é necessário embutir esses tubos no concreto: funcionam perfeitamente logo atrás do reboco dos tetos ou debaixo de soalhos de madeira. Por via de regra, não vale a pena—dado o custo—abrir paredes e soalhos numa casa velha para instalar os tubos da calefação radiante; é, porem, viavel e prático nos casos em que seja necessária uma renovação no prédio.

Os romanos ricos, que viviam na Inglaterra há mais de mil anos, construiam suas casas com paredes duplas, dentro das quais o ar circulava. Tanto as paredes como o chão eram feitos de alvenaria, e no porão havia uma fornalha aberta da qual subiam por entre as paredes, ar quente e fumaça, que esquentavam a casa.

Mas, se bem que a idéia não seja nova, sua aplicação generalizada só se iniciou nestes últimos anos. Até o fim da guerra, o preço de uma instalação desse gênero era muito mais alto que o dos sistemas comuns. Sendo preciso embutir os canos, acreditava-se que estes tinham que ser feitos de material à prova de corrosão. Está hoje provado, no entanto, que o tubo de aço se presta admiravelmente ao novo método de calefação e é muito mais barato. Fabricou-se um tipo de aço especial, que se pode facilmente curvar a frio e soldar em forma de serpentinas, de modo que os construtores experimentados estão fazendo instalações tão baratas como as antigas, e que permitem alem disso uma economia ulterior até de 30 por cento em combustivel.

BANQUEIRO DOS CAMPONESES

Enriqueceu uma região do Arcansas com novos produtos e melhores métodos agrícolas

(Condensado da revista «Banking»)

Karl Detzer

O LETREIRO afixado à porta do banco dizia que as horas de serviço eram das nove da manhã às duas da tarde. Mas já passava um bom pedaço das cinco quando aquele velho negro, sem se deter a ler o aviso, abriu a porta e entrou no estabelecimento. Dirigiu-se logo a um cavalheiro de idade madura, e grande corpulência, que estava sentado a uma mesa e disse:

—Boa tarde, Mister Will. Eu queria que o banco me emprestasse aí uns duzentos dólares para fazer a minha sementeira da primavera... Será possivel?

Will Campbell, presidente do National Bank of Eastern Arcansas, pois era ele o cavalheiro acima descrito, disse para o caixa:

—Faça o favor de atender o Pai João.

De garantias ou fiança nem palavra. Um estranho que alí se encontrava, e assistiu à transação, perguntou depois ao banqueiro se ele era sempre assim, um «mão-aberta» com os clientes.

—Não há nada de «mão-aberta» nesta transação! replicou ele com seu sotaque sulino. —Pai João é homem de carater imaculado! Se ele viver, não deixa de pagar. E se ele morrer, paga a família. Claro está que eu podia ter-lhe exigido um penhor, por exemplo, a sua parelha de burros. Mas se o tivesse feito, e um dia Pai João morresse, o banco teria que passar a sustentar os burros!

Seu espírito prático e empreendedor fez dele um amigo e conselheiro dos lavradores

Will Campbell dirige um dos estabelecimentos de maior êxito dentre todos os bancos das pequenas cidades, e tem idéias claras e precisas sobre operações «seguras». Uma das coisas, por exemplo, que ele não julga de boa prática, é fechar as portas do banco à hora regulamentar... Eis a explicação que ele dá dessa maneira de ver:

«Os nossos clientes são agricultores, obrigados a deslocar-se enormes distâncias para virem passar uma tarde na cidade e tratar de seus negócios. É um ato da mais elementar cortesia para com esses fregueses, ficarmos com as portas abertas enquanto eles possam precisar de nossos serviços. E tambem é bom para o negócio, diga-se de passagem! Não há por esse

mundo a fora nenhum banco que tenha outra força alem da que lhe dão os seus amigos e clientes...»

O banco de Campbell opera em Forrest City, no estado de Arcansas. A cidade tem uma população de 6.500 almas, da qual pouco mais da metade são negros, e vive exclusivamente dos negócios que transaciona com os agricultores da região vizinha.

E aquí está um pormenor bastante significativo: nos 36 anos de serviço que Campbell vem prestando ao Banco—primeiro no posto de caixa, e agora no de presidente—este Banco nunca executou uma hipoteca. Campbell explica este fato tranquilamente: «Nunca foi preciso. É certo que, por vezes, alguns clientes se mostram duma lentidão inquietante nos pagamentos. Mas nós contemporizamos e nada temos sofrido com isso. Somos, por princípio, contrários a tirar a alguem aquilo que lhe pertence. A nossa teoria é esta: quando um indivíduo se encontra em sérios apertos, e não pode honrar seus compromissos na data do vencimento, aí é que ele mais precisa do auxílio do seu banqueiro.»

Essa região dos Estados Unidos é cortada de norte a sul por uma cadeia de colinas de pouca altitude, que separam as terras sedimentares e arenosas a leste, perto do rio Mississipi, das terras planas e pardas, a oeste, por onde se estendem as fazendas. Quando Will Campbell tomou conta do Banco, fazia 80 anos que os fazendeiros vinham sugando toda a fertilidade daquelas terras. Havia alí regiões onde o valor da terra aravel chegara ao preço irrisório de 50 dólares o hectare. As fendas que cortavam profundamente a terra, as colheitas mirradas, as encostas despidas de arborização, a apatia crescente da população rural, tudo o convenceu de que era chegada a hora de o Banco empreender alguma coisa para proteção da comunidade—e dos seus próprios interesses.

O próprio Campbell nascera numa fazenda, lá no alto das colinas, e ainda tinha presentes na memória os gordos pêssegos que o pomar da fazenda dava nos seus tempos de rapaz. Conjugando estas reminiscências com o que agora via, chamou peritos para estudar as possibilidades de cultura nas colinas, mandou fazer análises da terra, e meteu-se a ler tudo quanto conseguiu arrebanhar a respeito de erosão dos solos. Depois foi ter com os fazendeiros do lugar e propôs-lhes:

«Vamos ver se vocês conseguem cultivar por aquí bons pêssegos. Quando os preços do algodão estiverem por baixo, ou as colheitas forem escassas, vocês terão o recurso da fruta para se irem aguentando. O nosso Banco está pronto a emprestar dinheiro aos fazendeiros de iniciativa que se dispuserem a plantar pomares.»

A via férrea que atravessa a região aderiu ao plano do banqueiro, e forneceu as primeiras mudas de pessegueiro. Muitos desses pomares já estão mais do que pagos com o que têm rendido, e muitos hectares de novos pomares cobrem hoje as encostas da região. O ano passado, os pessegueiros produziram alí 52.857 hectolitros de uma colheita avaliada em cerca de 450.000 dólares.

Mas os pêssegos são tão somente um dos remédios que Campbell propôs para o esgotamento do solo da região, e para reanimar a prosperidade da comunidade e do Banco. Esse banqueiro é de há muito uma figura familiar por toda aquela cintura de fazendas, com suas botas enlameadas, o olhar iluminado de visões de grandeza, e uma voz calma que deixa transparecer o fervor que o anima. Fala aos agricultores a respeito da «boa terra», esse legado precioso, mas de tão pouca profundidade, que o labor cego e constante de muitas gerações quase ia deitando a perder. Os fazendeiros o escutam com atenção, e por toda a região lutam para preservar o solo produtivo que lhes resta, e para o reconduzir à fertilidade de outrora.

As frestas que já haviam começado a sulcar na superfície da terra, demasiado revolvida e sangrada por muitas gerações de agricultores, estão desaparecendo. As culturas protetoras e reconstrutivas, de trevo e ervilhaca, vão por toda a parte restituindo ao solo a fertilidade perdida. Fazendas que há poucos anos produziam quando muito um fardo de algodão por hectare e meio, estão produzindo atualmente quatro fardos.

Condescendente como é com a gente de bom-senso, Campbell se torna inabalavel com os fazendeiros que recusam tirar vantagem dos métodos modernos de exploração. «Eu não lhe emprestarei nem um centavo para cultivar algodão naqueles 16 hectares,» diz ele a um lavrador cabeçudo. «Deixe a terra descansar algum tempo. Faça uma cultura de proteção. Desfaça os antigos camalhões de vedação, e drene a terra como deve. Eu lhe empresto dinheiro para isso; e quando você tiver feito novamente da sua propriedade um pedaço de terra boa, eu lhe empresto dinheiro para a sementeira!»

Uns oito quilômetros para o norte da cidade havia vários lavradores cujas terras se viam inundadas, ano após ano, na estação das chuvas, pelas águas que desciam em torrente das colinas. Os técnicos do governo, especializados nos problemas da conservação de terras, achavam necessário proceder à escavação duma grande vala, e de numerosas valas menores, colaterais, para salvaguardar aquelas terras. Mas tudo isso custaria dinheiro, e não pouco.

Campbell concluiu, e com razão, que muito mais custaria se as águas acabassem arrastando consigo toda a camada superior da terra, o precioso humus, e prontificou-se a adiantar a verba para a obra. Os fazendeiros juntaram-se então, alugaram os serviços de escavadoras mecânicas e caminhões e burros. Labutaram meses seguidos na escavação da grande vala, revestindo de terra vegetal e de capim as respectivas ribanceiras, e talhando na terra as valas menores que a deviam alimentar. Terminado isto, a terra—que ameaçara perder-se por via da erosão—passou a valer de novo 250 dólares por hectare, tornando-se mais uma vez capaz de produzir algodão, no valor aproximado de 450 dólares por hectare de cultivo.

«Emprestar dinheiro para uma obra dessas, eis o que eu chamo uma sólida operação bancária,» afirma Campbell. «Todo o país ganha com isso.»

Foi desta maneira que o banqueiro soube comunicar aos corações dos vizinhos o fervor que o animava. Hoje, qualquer forasteiro que ponha os pés naquelas terras, tem que ouvir sermões sobre a conservação do solo e a rotação das culturas. Gabam-se da fruta e hortaliça que estão produzindo em quantidades sempre crescentes, do milho, do amendoim, da soja, e da batata doce que cultivam agora em suas terras numa fartura abençoada.

A oeste de Forrest City, basta que os fazendeiros abram furos artesianos à profundidade de 7,5 metros na terra, para encontrarem água com fartura. A terra é plana, própria para talhar arrozais. Campbell patinhou léguas e léguas através de terrenos alagadiços, deitou infinitos discursos sobre os lucros que se podem obter com o arroz—e em seguida passou a emprestar dinheiro para escavação de poços, compra de bombas e instalação de redes

de irrigação. Os fazendeiros transferiram para a cultura do arroz grande parte das suas terras de milho, e hoje colhem arroz no valor de 2 milhões de dólares, ao mesmo tempo que produzem safras de milho avaliadas em 3.500.000 dólares!

Por onde quer que a gente agora passe, em toda aquela zona de fecundidade, ouvirá o povo referir-se com palavras de louvor ao que Campbell fez para tirar Fulano de embaraços, ou para salvar o negócio de Sicrano, ou como foi que ele se pôs à testa duma campanha qualquer de interesse coletivo. O banqueiro se tornou membro, ou diretor de muitas entidades sociais e comerciais.

Em conversa comigo, enterrado até os tornozelos na terra que as chuvas da primavera haviam transformado em vasto lamaçal, e falando com o sotaque arrastado que é próprio da gente do sul dos Estados Unidos, um lavrador local soube exprimir em uma só palavra aquilo que os fazendeiros da região pensam de Will Campbell, seu conselheiro e bom vizinho:

«Realizador,» disse ele. «Aí tem o senhor o que é Mr. Campbell: um homem realizador!»

Olho por olho...

Quando o farmacêutico da aldeia onde eu morava foi finalmente receber o automovel que encomendara havia muito tempo, encontrou-o equipado com faróis para cerração, rádio, farolete, aquecedor, capas de assentos e todos os extras que os vendedores estão empurrando hoje em dia. Quando quis reclamar, o vendedor lhe disse: «É isso ou nada.» Com relutância o farmacêutico resolveu ficar com o carro.

Alguns dias mais tarde, o agente entrou na farmácia com uma prescrição médica. Preparado o medicamento, o farmacêutico embrulhou-o juntamente com um frasco de aspirinas, um saco para água quente, vitaminas, xarope para tosse, gotas para o nariz, e outros remédios populares. Quando o agente protestou, o farmacêutico exclamou: «É isso ou nada.» O agente calou o bico e pagou por tudo.

—Colaboração de Carl Drake, Jr.

É e não é...

A maioria daqueles que jogam para se divertir desconhecem as leis da probabilidade. Tomemos, por exemplo, a teoria da maturidade das probabilidades, que nos diz que devemos apostar em «coroa», depois de dar «cara» oito ou dez vezes seguidas. Em geral a resposta do amador será que é estremamente improvavel que dê «cara» dez vezes seguidas (o que é verdade), e que portanto quando isso acontece devemos jogar em «coroa», com a certeza de ganhar, (o que não corresponde à verdade). Na realidade, as probabilidades de dar «cara» são uma em duas, não importando o que tenha acontecido nas vezes anteriores. Como disse o matemático francês J. L. F. Bertrand, «uma moeda não tem memória.»

—Georg Mann em *Esquire*

Desfecho imprevisto de uma investigação criminal

A ladra do dormitório

Por David Redstone

Houve em 1921 uma série de furtos desconcertantes num dos dormitórios para moças da Universidade de Califórnia. Queixavam-se as alunas do desaparecimento de dinheiro, jóias, roupas e outros artigos. Como as autoridades escolares preferissem tomar conta do caso, sem o auxílio da polícia, incumbiram as próprias moças de fazer a ronda. Tendo, porem, falhado a sagacidade das amadoras, Margaret Taylor, uma das estudantes, resolveu queixar-se à polícia.

William Wiltberger, o funcionário destacado para o colégio, assumiu o encargo da investigação. Percorreu as casas de penhor e de artigos usados, em busca dos objetos desaparecidos, mas a ladra fora esperta demais para dispor das coisas de modo demasiado óbvio. Passou então a interrogar as 90 moças que moravam no dormitório. Não chegou a conclusão alguma. Todas elas eram de boa família e nenhuma parecia ter motivos de qualquer natureza para furtar.

Em vista disso, Wiltberger, já iniciado nos modernos processos de investigação, propôs algo inteiramente novo. Ele sabia que John A. Larson, um policial de Berkeley, de 23 anos, vinha fazendo experiências com um detector de mentiras, invento que media a respiração, a pressão sanguínea e outras reações físicas da pessoa submetida a interrogatório. E persuadiu Larson a instalar o aparelho no laboratório do colégio.

Larson não era um policial comum. Formara-se pela Universidade de Boston e era doutor em filosofia pela Universidade de Califórnia. Começara a interessar-se pela criminologia, ao escrever uma tese sobre hereditariedade e impressões digitais, assuntos que se enquadravam nos seus estudos sobre biologia, fisiologia e psiquiatria. Fora servir no Departamento Policial de Berkeley, onde podia dedicar-se a pesquisas especiais em matéria de polícia científica. Este trabalho, entretanto, não o eximia do serviço externo de patrulha comum, das quatro da tarde a meia noite.

Antes de dar início aos testes, o jovem Larson pediu às moças que manifestassem o seu consentimento, pelo voto. Elas votaram unanimemente a favor.

Uma investigação policial de verdade difere, sob muitos aspectos, das que se realizam no mundo da ficção. No crime fictício, o menos provavel dos suspeitos anda geralmente à solta durante umas 200 páginas, até que as cogitações do detective se voltam para ele. Na vida real, quando alguem encontra um cadaver, testemunha um crime, ou leva uma queixa à polícia, esse alguem é o primeiro a ser examinado, afim de que se elimine—ou incrimine—o suspeito menos provavel. Os detectives gostam de decifrar mistérios no menor tempo possivel, de preferência na primeira página. É a maneira de irem logo para casa banhar os pés em água morna.

O suspeito menos provavel, no caso, era Margaret Taylor, uma vez que fora ela a autora da queixa. Larson submeteu-a ao teste em primeiro lugar. Não começou, porem, com perguntas diretas, tais como: «Que é que você fez com a bolsa de Fulana de Tal?» Os pacientes de início não devem ser assustados, porque o susto teria influência nos diagramas. As moças teriam de ficar à vontade, afim de que o pulso, as palpitações e a respiração estivessem em estado normal, quando começasse o interrogatório.

Durante algum tempo, Larson entabolou uma conversação casual. Foi tambem uma palestra encantadora. Ele e Margaret falaram sobre os pais, livros, música. Achou-a inteligente e espirituosa, uma criatura adoravel. Margaret mostrou-se interessada pelos trabalhos do rapaz, e este dentro em pouco começou a falar sobre assuntos de seu interesse. Ela lhe disse que ele era admiravel pelo muito que estava fazendo e por ter tantas ambições. Ele quase que disse que ela tambem era admiravel, mas conteve-se a tempo. Tinha-lhe ocorrido que alguns criminosos e mentirosos congênitos se haviam notabilizado como pessoas absolutamente encantadoras. Não fosse acontecer que esta moça...

Então sorriu e disse: «Não será tempo de tratarmos do nosso teste?» Ajustou o detector de mentiras e principiou a ler uma lista de questões inócuas, interpolando mais adiante algumas como estas: O dinheiro que seus pais lhe dão chega para você comprar todas as coisas de que necessita na escola? Gosta de ler histórias de detective? Já teve alguma vez inveja de suas colegas, pelas coisas bonitas que possuem?

«Diga-me imediatamente,» acrescentou Larson, «a cada palavra que eu lhe disser, qual é a palavra que lhe vem ao pensamento: Escrivaninha. Árvore. Crime. Broche. Gaveta. Bolsa.»

Ela respondeu com facilidade, sem hesitação, e Larson verificava o efeito no gráfico. Palavras chaves, tais como *crime*, *gaveta*, *bolsa*, não lhe tinham causado a menor alteração de pulso ou respiração. Ele agradeceu à moça com toda a gravidade e deu por finda a prova.

Os testes levaram vários dias. Quando concluidos, Wiltberger apareceu.

—Algum resultado? perguntou.

—Algum.

—Mentiras?

—Algumas.

—Afinal de contas, todas as moças mentem o seu bocadinho, observou Wiltberger. —Acho que você terá de repetir alguns testes antes de chegar a uma conclusão.

—Já cheguei a um resultado. Mas um segundo teste com Margaret Taylor não faria mal algum, volveu Larson. —Quer pedir a ela que venha até cá?

Wiltberger convidou a moça a entrar, e deixou os dois a sós. «Há uma pergunta toda especial que deve ser respondida com absoluta segurança,» disse Larson. «É esta pergunta aquí da lista. Vamos, responda, por favor.» Ela leu a pergunta. O seu rosto enrubesceu. Larson vigiava o indicador da pressão sanguínea. O calor inundava-lhe a face, porque a pergunta não era das que ele havia submetido às demais.

A resposta foi um rápido «Não!» A agulha registradora deu um salto. Ele apontou para o alto do gráfico, onde estava a indicação de que ela havia dado uma resposta mentirosa. Confrontada com a evidência, ela cedeu e confessou a verdade. Então ela lhe fez a mesma pergunta: «Você me ama?»

A resposta—«Amo»—ele a repetiu um ano depois, no altar. Eis por que ele guarda tão terna lembrança do seu primeiro caso com o detector de mentiras.

Foi um caso importante, por outras razões. Ficou provado que um tal teste poderia ser vantajosamente empregado nas investigações criminais. Larson por meio do polígrafo, achou entre as 90 moças a culpada. Esta confessou quando lhe foi mostrado que o detector lhe provava a culpa. A maior parte das coisas, que ela astutamente escondera, foram restituidas às donas.

Mais tarde, o dr. Larson solucionou um importante número de casos criminais que, não fora o detector de mentiras, poderiam ainda continuar como mistérios, e ensinou centenas de funcionários policiais a maneira de usar o aparelho. Hoje, na qualidade de Superintendente do Arizona State Hospital, o seu nome emparelha com os dos mais afamados cientistas de sua especialidade.

E quem havia de estar mais orgulhosa de vê-lo nessas alturas?

Margaret Larson, *née* Taylor.

No terreno dos avisos

As CAIXAS de peixe defumado remetidas pelo correio por Barney Greengrass, o rei do esturjão, levam o seguinte rótulo: «Se essa encomenda não for entregue dentro de cinco dias, não adianta devolvê-la.»

—Lawrence H. Singer em *Promenade*

NUMA CIDADE do Texas foi colocado um cartaz que realmente obriga os motoristas a andarem mais devagar: «30 km por hora ou $19.90.»

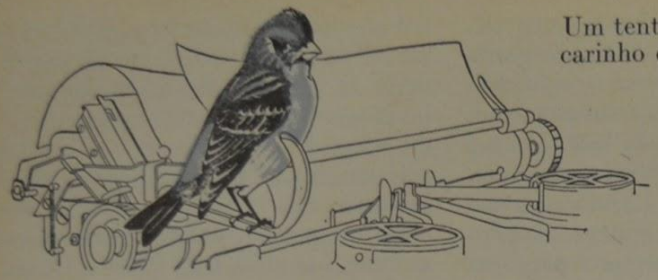
—Colaboração de Coleman Cox

Aviso num restaurante de Nova York: «Aqueles que acharem as nossas garçonetes pouco educadas devem ver o nosso gerente.»

—Colaboração de Frances Benson

BEM EM CIMA da caixa do Correio de Hastings, em Nebrasca, há um aviso com os seguintes dizeres: «O senhor já pôs no correio a carta da sua esposa?»

—Colaboração de Beatrice Ford Parker



Um tentilhão conquista o carinho de uma família inteira

Meu pequeno hóspede alado

Condensado de um livro de
Elswyth Thane

A PRINCÍPIO, ele nem sequer tinha nome. Evidentemente, não fora bem recebido. Durante muitas semanas, andei correndo debaixo da chuva para socorrer aquela fragil bolinha de penas, identificada simplesmente pela alcunha «o passarinho», que saltitava em curtos e debeis vôos sobre o gramado da nossa casa de campo. Acabaria sendo um trambolho e não nos queríamos preocupar com ele. Iria por certo sujar a casa inteira e não nos seria possivel no outono levá-lo para o nosso apartamento na cidade. Quando voltasse o bom tempo, se ele vivesse até lá, teria de prover à sua própria subsistência fora de casa.

Até então, tivéramos que aturá-lo, e lamentávamos especialmente o tempo perdido em alimentá-lo. O pão molhado no leite, e as gemas de ovos cozidos tinham de ser empurrados pela garganta abaixo, e o suco de laranja, pingado com um contagotas. Se não o alimentávamos com bastante frequência, ou se despertava antes de nós, desandava a piar até que aparecesse alguem. Pios agudos, mas de uma constante e comovente doçura.

Chegamos quase a odiá-lo, mas ele continuava a viver e a adorar a vida. Não mais temia a nossa presença, gostava da comida e da cama (uma caixa de biscoitos forrada de papel fino), achando agradavel ter uma morada bem aquecida e longe da chuva. Nascido para a vida senhorial, nada conseguiria abater-lhe a dignidade.

As membranas do seu bico foram-se tornando menos chocantes à vista, sua penugem arrepiada de filhote foi gradualmente substituida por penas e os dois tufinhos da cabeça se transformaram numa poupa. Decididos a cuidar dele direito, já que nos resignáramos a fazê-lo, começamos a estudar sua raça, após deduzir pela côr das penas, pela forma do bico e da poupa, e ainda pela presença constante de um macho da mesma espécie na nossa sebe de cerejeiras, que se tratava de um tentilhão. Felizmente, os tentilhões são vegetarianos. Se ele vivesse à custa de insetos, talvez jamais o tivéssemos criado. Em breve, ele conseguia catar o seu alpiste e beber água no seu vaso de vidro.

Tudo o divertia, principalmente a hora do chá, ao redor da lareira, pois gostava de gente. Parecia «escutar» atentamente a conversa, pousado no espaldar de uma cadeira ou no abajur de uma lâmpada, como se fizesse parte integrante da reunião. Gostava de passear nos ombros das pessoas ou de pousar no peitoril das janelas à espera das visitas. Embora os motores ruidosos dos automoveis a princípio o assustassem, não tardou muito que ele voasse para a janela sempre que ouvia aproximar-se um carro. Adorava ouvir música pelo rádio e chegava a gostar da máquina de escrever.

A primeira vez que ouviu as pancadas intermitentes das teclas, ficou meio estarrecido. Agora ele já pousa no carro da máquina, apertando bem as garras, com a mesma expressão, misto de alegria e medo, de uma pessoa que deslisasse na montanha russa. Quando eu escrevo com caneta, ele se põe a perseguir a pena que corre sobre o papel, tentando arrebatá-la com o bico. Tudo isso, claro, é muito inconveniente para mim; mas, se ele se distrai com isso, quem sou eu para me queixar?

Sim, não há dúvida que ele ganhou a partida. Seu nome agora é «Che-Wee», e ele o conhece tão bem que voa de qualquer aposento próximo quando chamado.

FOI SEM dúvida sua confiança em si próprio que acabou por vencer a nossa resistência. Ele nunca se espantou com coisa alguma. Sempre subia cortesmente no dedo que lhe tocasse o peito. E nunca se considerou um estranho, uma vez que nós éramos a sua família e a nossa casa era a sua. Tinha tambem grande curiosidade e nada o atraía tanto como uma pessoa fazendo qualquer coisa: amarrando um embrulho, atando os sapatos, recortando artigos de jornal; tudo era festa para ele. Nem o bater de um prego o assustava, pois isso significava que um novo ramo de árvore estava sendo pregado e ele imediatamente voava a se empoleirar à vontade, a despeito das marteladas finais.

Sabia o que queria. Desta forma, se tirasse de nossas mãos uma framboesa demasiado grande para ser comida de uma vez, ele a carregava para o seu cinzeiro e alí a devorava aos poucos. Tambem descobrimos que preferia o alpiste dentro de um pires, em vez de espalhado sobre a areia no peitoril da janela.

Comida atirada ao acaso era para passarinho do mato. Mas Che-Wee era bem educado e sabia comportar-se! De modo que acabamos comprando para ele outros cinzeiros.

Quanto ao lugar de dormir, depois que sua caminha de bebê se tornou demasiado pequena para ele, foi coisa que ele próprio decidiu. Tendo experimentado vários lugares, acabou escolhendo um cabide do armário embutido, onde, encostado à parede, dormia com um pé metido nas penas e a cabecinha debaixo da asa. O armário era escuro e quente e todas as noites fechávamos a porta e o deixávamos à vontade.

Ele demonstrou querer tomar banho quando pensávamos que ele ainda não estava em idade para isso. Assim que pôde dispensar o conta-gotas e aprendeu a beber água sozinho, começou a insinuar o banho, esparzindo gotas de água sobre o dorso. Admirada, arranjei-lhe um pires de água, em cujos bordos ele subiu, satisfeito, começando a bater as asas e a sacudir a crista ensopada.

FINALMENTE, chegou o fim do verão, e compreendemos que já era impossivel expulsar Che-Wee de casa. Pensamos então em guardá-lo no viveiro do jardim zoológico local, quando fôssemos passar o inverno na cidade.

ELSWYTH THANE é mais conhecida como autora de romances históricos. É esposa de William Beebe, naturalista e diretor da seção de ornitologia do Museu Zoológico de Nova York desde 1899.

Mas aí comecei a esmorecer. Era como se estivesse a mandar uma criança para um asilo de orfãos. Meu marido disse resignadamente que talvez arranjássemos uma gaiola no Jardim Zoológico e pudéssemos ficar com ele no apartamento. Algumas pessoas censuraram a nossa idéia de criar em casa um passarinho do mato. Mas eu sabia que seria mais humano cloroformizar Che-Wee do que obrigá-lo a retomar sua vida rústica no mundo dos passarinhos. Alem do mais, ele tinha demonstrado não sentir falta das coisas que lá deixara, nem sequer a companhia dos outros passarinhos.

Por exemplo, recentemente, ele encontrou pela primeira vez outro pássaro, pertencente a uma ninhada de pardais que descobrimos. Eu trouxera o mais forte e barulhento e o apresentei a Che-Wee. Ele observou nervosamente o novato que se aproximava e depois vôou para a sala ao lado e lá ficou. Com efeito, esse bicho *tem penas!* Certamente ele não era obrigado a fazer amizade com um bicharoco dessa espécie. Che-Wee parece ter esquecido de que é apenas um passarinho...

Sobrevive nele um instinto remoto e eu confesso que isso me causa sofrimento. Ele cata coisinhas para construir um ninho: pedaços de palito, palhas, que carrega para aquí e para acolá, sem saber onde os colocar. Colhendo um pedaço de cordão, ele o enrola no bico, dando-lhe várias voltas, até que a ponta fique suspensa. E agora, numa atitude de surpresa, parece perguntar a si próprio: Para que quero eu isto? E então abandona tudo como se nada valesse.

Se tivermos sorte, poderemos contar com o afeto, o espontâneo bom-humor e a comovente presença de Che-Wee durante cerca de dez anos. Ele nos cativou a todos. Pela sua «dignidade», seu ar descuidado, seus vôos afanosos e suas intromissões retardatárias nas nossas conversas, como que inquirindo: «de que estão vocês falando?»—e sobretudo pela sua confiança nas nossas boas intenções—não há resposta à sua pergunta, a não ser uma louca adoração da nossa parte, que aliás ultrapassa o seu minúsculo porte.

Miséria pouca é bobagem...

Há alguns anos, durante a grave crise financeira que assolou os Estados Unidos, certo funcionário do governo federal viajava pelas montanhas do Tennessee, no Sul do país, distribuindo pequenas quantias aos fazendeiros empobrecidos, para ajudá-los na compra de sementes e animais e no custeio de melhoramentos necessários. Encontrou uma lavradora que vivia sozinha, em grande miséria, num terreno exíguo e esteril.

—Se o governo desse 200 dólares à senhora, que faria com o dinheiro? perguntou-lhe.

A mulher matutou algum tempo. Seu barracão era de terra-batida, as janelas simples buracos cobertos com papel, e o sol entrava pelas fendas da parede.

—Eu dava pros pobres, respondeu finalmente.

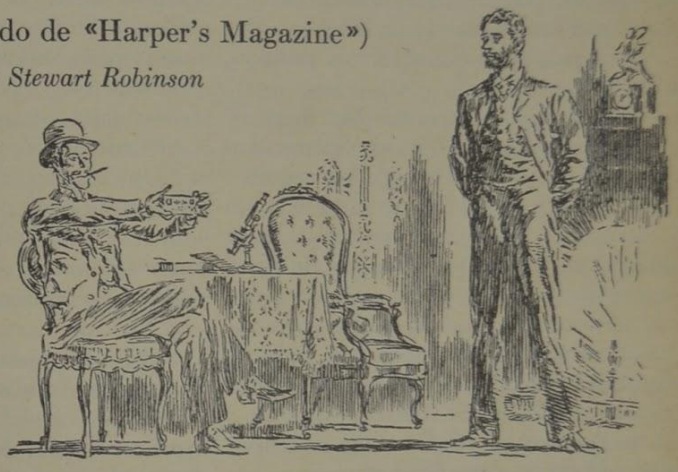
—E. Emerson Andrews, em *The Atlantic Monthly*

Como o Serviço Secreto descobriu a pista dos artistas mais perigosos que jamais iludiram o Tesouro dos Estados Unidos

Os moedeiros falsos de Filadélfia

(Condensado de «Harper's Magazine»)

Por Stewart Robinson



Uma tarde de dezembro de 1897, George Cremer, caixa da Delegacia do Tesouro norte-americano em Filadélfia, examinava uma nota de cem dólares, com a efígie do Presidente James Monroe. A cédula tinha toda a aparência de genuina, mas o chamado «selo», pequeno círculo colorido, achava-se um pouco desbotado demais: côr de rosa, em vez de carmim.

A nota suspeita foi enviada a Washington. Lá, os peritos do Tesouro declararam-na genuina, exceto quanto à côr do selo, fenômeno que não sabiam explicar. Remeteram então a cédula a William H. Moran, do Serviço Secreto, que descobriu o seguinte: numa das minúsculas estrelas em torno da palavra *States*, o buril do gravador fizera um sulco demasiado fundo, engano esse que qualquer artesão cansado poderia ter feito. Sucede, porem, que os gravadores do Governo não trabalham quando estão fatigados.

Não havia dúvida de que o papel era o empregado pelo Tesouro, mas quando Moran mergulhou a nota em água morna, ela se desfez, revelando o segredo. O falsificador havia branqueado uma nota genuina de um dolar, dividira-a em duas folhas, e invertera a posição das mesmas, colando com cola de arroz a face de encontro ao verso. Sobre o papel assim preparado ele imprimira a nota de cem dólares. Aí estava a materialização de um pesadelo dos funcionários federais: uma obra-prima de falsificação.

Soube-se logo depois que falsificações semelhantes haviam sido aceitas por quase todos os bancos de Filadélfia, e outras, ainda, tinham sido resgatadas pelo próprio Tesouro. O Ministro da Fazenda, Lyman J. Gage ordenou que toda a emissão de notas de 100 dólares, com a efígie de Monroe, fosse retirada da cir-

culação, medida sem precedentes no país.

Os peritos do Serviço Secreto estavam certos de que a façanha era trabalho de dois homens: um se encarregara da efígie e ornamentos, enquanto que o outro se incumbira das letras e algarismos. Procedendo a investigações, verificaram que as primeiras notas haviam sido passadas em abril de 1897. Quase todas as notas tinham entrado em circulação em Filadélfia, que era então um centro de técnicos em gravação, e para onde convergiram, por isso, as buscas.

Afim de colaborar com Matthew F. Griffin, inspetor do Serviço Secreto em Filadélfia, veio de Chicago o detective William J. Burns. Apresentando-se como pessoa interessada na compra de uma impressora, Burns fez saber que desejava tomar a seu serviço dois gravadores de primeira ordem. Indicaram-lhe logo vários nomes, inclusive os de dois técnicos de grande reputação, chamados Arthur Taylor e Baldwin S. Bredell.

No outono de 1896, esses dois indivíduos haviam deixado bons empregos numa firma de Filadélfia para dedicar-se a negócios particulares. Graças à sua reputação, não lhes faltavam fregueses; no entanto, começaram a elevar seus preços de tal maneira, que daí a pouco tempo já ninguem podia comerciar com eles. No entanto, os sócios trabalharam ativamente, desde cedo até tarde, durante todo o inverno. Na primavera, tornaram a reduzir seus preços a um nivel normal. Averiguou-se que, pouco após o aparecimento da primeira cédula falsa, eles haviam feito uma viagem à Florida; e, ultimamente, Taylor exibia um anel de diamantes, e Bredell um casaco de peles. Os agentes do Serviço Secreto passaram a vigiá-los com cuidados quase paternais...

Transcorreram quatro meses de monótonos trabalhos policiais, durante os quais se verificou que Taylor era mestre na arte de fotogravar em aço, tendo mesmo inventado um processo superior a qualquer outro então conhecido; e que Bredell, habil decalcador, inventara um torno e pantógrafo geométrico.

Em junho de 1898, Arthur Taylor tomou um trem rumo a Lancaster, na Pensilvânia; aí chegando, dirigiu-se à fábrica de charutos de William N. Jacobs, onde permaneceu várias horas. Qual seriam as relações entre esse provavel moedeiro falso e um negociante rico e conceituado?

Um inquérito levado a efeito junto à Diretoria de Rendas Internas revelou que Jacobs não estava comprando selos de consumo em quantidade correspondente ao volume provavel de seus negócios. Os agentes do Serviço Secreto compraram em Chicago uma caixa de charutos fabricados por Jacobs, descobrindo que a estampilha era falsa. Verificaram tambem que o produto de Jacobs era vendido no mercado por preço mais baixo que outras marcas—uma diferença aproximada de um dolar por milheiro. Não era de admirar: as estampilhas falsas representavam uma economia de $3.60 por milheiro, em impostos. O Serviço Secreto estava convencido de que as estampilhas haviam sido feitas por Taylor e Bredell. Mas apesar da vigilância em Filadélfia, não se descobriram quaisquer remessas dos suspeitos a Jacobs. Daí a poucos dias soube-se que as estampilhas eram enviadas a Jacobs do armazem de fumo de William L. Kendig, corretor desse produto em Lancaster.

Um dia, o detective Burns chegou a Filadélfia acompanhado de um menino de olhar vivo, que se pôs a vender balas perto da estação da Pennsylvania Railroad, em frente ao depósito de Kendig.

Quando o menino viu Jacobs entrar no estabelecimento, e sair com Kendig para almoçar, deixando o armazem abandonado, reuniu-se a Burns num beco ao lado do prédio. Burns comprara uma bola e um *bat* de basebol; simulando que jogava com o garoto, fingiu que perdia a pontaria ao jogar a bola, que rompeu o vidro de uma das janelas e caiu dentro do armazem. Em seguida, o menino entrou pelo buraco feito na janela e abriu uma porta lateral, permitindo a Burns penetrar no recinto.

Um rápido exame revelou toneladas de papel para selos de consumo, embalado em caixas de fumo e camuflado por algumas folhas de fumo espalhadas por cima. No andar superior achava-se uma máquina de fazer papel, e no pavimento acima desse encontraram um cubículo fechado a chave.

Quando Jacobs e Kendig voltaram do almoço, encontraram o menino chorando ao lado da vidraça quebrada. Penalizados, deixaram que entrasse afim de rehaver sua bola. (A propósito: esse garoto, que se chamava Lawrence Richey, foi mais tarde agente do Serviço Secreto e, depois, secretário do Presidente Hoover.)

Avisado, em breve, de que os agentes federais o vigiavam, Jacobs, apavorado, marcou um encontro com Kendig à meia-noite; daí a 24 horas vários caixões grandes saíam do depósito de Kendig para outro maior. O Serviço Secreto nem sequer tentou impedir essa transferência. Na mesma noite, Jacobs e Kendig levaram pessoalmente um embrulho a um local nos arredores da cidade, onde o enterraram, no que foram observados por dois detectives do Serviço Secreto.

Feito isso, o próprio Serviço fez com que alguem desse a entender a Jacobs que certos agentes podiam ser subornados. O detective Thomas McManus foi então abordado e, quando simulou estar interessado, recebeu 500 dólares, com a promessa de vários milhares, desde que os dois negociantes de fumo não mais fossem molestados.

McManus marcou a cédula de 500 para identificação posterior e entregou-a a seus superiores, recebendo então instruções no sentido de prosseguir com as negociações. Dentro de um ou dois dias, a maquinaria e o papel foram retirados do depósito, os clichês desenterrados, e tudo transferido novamente para o armazem de Kendig. Em Filadélfia, os gravadores, Taylor e Bredell, começaram a trabalhar até tarde da noite. O Serviço Secreto sabia que eles andavam comprando moldes, rolos de seda vermelha e azul, feltro em folha e tela de arame, e concluiram que os dois aventureiros pretendiam fabricar seu próprio papel.

Um jovem agente do Serviço Secreto fez amizade com o contínuo do escritório de Taylor e Bredell, e um dia deu-lhe uma gorgeta para que levasse uma roupa de fantasia, alugada, a um tal sr. Matthews, no Guy's Hotel. «Matthews» não era outro senão Burns. No hotel, Burns desembrulhou a fantasia, diante dos olhos deleitados do menino. «Experimente-a,» disse Burns, «se lhe assentar bem, talvez eu lhe consiga um emprego de figurante no Teatro de Walnut Street.» O rapazola, mais que depressa, trocou de roupa, e em seguida foi enviado a outro quarto do hotel para ser apresentado a mais um detective, que se fazia passar por empresário teatral. Enquanto isso, Burns removia do bolso do contínuo a chave do escritório, mandava fazer uma duplicata, e voltava ao hotel a tempo de ouvir o «empresário» comunicar ao menino que este não tinha pernas suficientemente elegantes para aparecer no palco...

Durante várias noites, Burns perambu-

lou pela oficina dos gravadores. Aí se achavam diversas prensas, tintas, máquinas fotográficas e papel. Num armário, Burns foi encontrar, quase pronto, o clichê de uma nota de 100 dólares com a efígie de Lincoln.

John Wilke, chefe do Serviço Secreto, deu uma busca àquela oficina a 18 de abril de 1899. Taylor foi detido ao regressar do almoço, e, quando se acharam os clichês da cédula de Lincoln, confessou que andava trabalhando nela.

Minutos depois, Bredell caiu na armadilha. Interrogado, ficou em silêncio algum tempo e em seguida, de um esconderijo, retirou uma «prova» de «uma das melhores notas falsas de 50 dólares jamais feitas», segundo as palavras do próprio Burns. Bredell contou aos policiais onde estavam ocultos os clichês dessa nota, mas não se conseguiu encontrar nenhuma das chapas da cédula de Monroe. «Senhores,» protestou Taylor, «não sei a que se referem!»

Wilkie e Burns dirigiram-se às pressas para Lancaster, e naquela mesma noite, já tarde, penetraram no depósito de Kendig, utilizando uma chave obtida de Taylor. Às 7 h da manhã seguinte, Kendig chegou. Preso, confessou que os clichês com a efígie de Monroe estavam escondidos dentro de uma parede do andar de cima. No depósito descobriu-se tambem material para a falsificação de notas e estampilhas, e uma esplêndida prensa, a única no gênero, alem da que pertencia ao Departamento de Impressão e Gravação. Essa prensa fora feita por encomenda de Bredell, o que parecia confirmar uma frase do antigo patrão deste, a saber: «Bredell é um homem extraordinário: é capaz de copiar o desenho de uma máquina, só de olhá-la.»

Naquela mesma manhã Burns entrou no escritório de Jacobs e deteve-o.

Durante o julgamento de Jacobs e Kendig (Taylor e Bredell servindo de testemunhas para o promotor), o caso foi explorado em seus mínimos pormenores. Jacobs, o chefe indubitavel da quadrilha, fora apresentado a Taylor por um amigo mútuo. Persuadiu-o, sem dificuldade, a manufaturar clichês para estampilhas falsas e Taylor então foi pedir a colaboração de seu colega, Bredell.

Obtiveram por suborno, em uma fábrica de Massachusetts, uma amostra do papel branco usado pelo Governo, a qual, juntamente com um pedaço de seda azul da côr da tinta que o governo empregava, foi remetida a um velho e ingênuo fabricante de papel, de nome Heiser, que possuia uma pequena fábrica perto de Chambersburg. Esse pobre diabo recebeu um pedido de 20 toneladas de papel azul, a ser usado na embalagem de um novo analgésico. As instruções que Heiser recebeu foram escritas em papel timbrado com as palavras «Indian Rheumatic Ulcer Syrup» (Xarope Indígena para Ulceras Reumáticas). Explicaram a Heiser que afim de evitar falsificações, precisavam de uma linha de água e lhe remeteram um rolo especial, feito em casa, para fazer essa marco no papel, com as letras «IRUS» tão próximas umas das outras, que poderiam facilmente ser lidas como «USIR». O tipo de letra era igual ao das estampilhas autênticas da Diretoria de Rendas Internas (United States Internal Revenue). Seguindo fielmente as instruções, Heiser fabricou e remeteu o papel. Foi então que Jacobs passou a pensar em maiores empresas. Taylor e Bredell eram habilíssimos artesãos; por que então não os aproveitar para fazer dinheiro tambem? Depois de declarar aceitaveis diversas amostras de cédulas, Jacobs achou que a nota mais prometedora era a de 100 dólares com a efígie de Monroe.

Sua intenção era imprimir cédulas no valor de 10 milhões de dólares, dividí-las igualmente entre os quatro sócios, e depositá-las em 50 bancos por todo o país. Seguir-se-ia um complexo sistema de desconto de cheques, afim de que, pouco a pouco, toda a importância fosse depositada numa conta só. Empregariam grande parte do dinheiro em títulos estaveis, e depois dariam a si mesmos o luxo de aposentar-se.

Terminados os clichês com a efígie de Monroe, Taylor e Bredell tiraram uma prova tipográfica em papel de carta, e apaixonaram-se pelo seu trabalho... Suas experiências na fabricação de papel apenas começavam, e o grande dia da distribuição parecia extremamente remoto. No entanto, alí mesmo, sob seus olhos, e ao alcance de suas mãos sensiveis, havia algo de tentador. Assim, sem nada dizerem aos outros dois «sócios», branquearam cédulas de um dolar e imprimiram 97 delas, que puseram em circulação, com consideravel orgulho. Quando o Tesouro retirou da circulação as notas genuinas com a efígie de Monroe, Taylor e Bredell tiveram que ouvir duras palavras de seus chefes, mas a quadrilha não se alarmou grandemente, passando a outras notas de maior valor nominal.

Quando os gravadores terminaram seu testemunho, Jacobs e Kendig foram condenados a 12 anos de cárcere na Penitenciária de Atlanta, de onde foram libertados sete anos depois.

Enquanto Taylor e Bredell aguardavam sentença na sombria e velha Prisão de Moyamensing, em Filadélfia, apareceram em circulação cédulas de 20 dólares, com a efígie de Hamilton, que vinham confirmar a perícia de Taylor. Uma foi descoberta em poder de seu irmão, Harry, que o visitava assiduamente na prisão.

Durante duas semanas Wilkie interrogou Arthur Taylor; finalmente, este indicou a Wilkie e Burns um cemitério, onde os clichês de 20 dólares foram encontrados na sepultura do pai de Taylor!

Taylor chegou a gabar-se de terem feito as notas de 20 dólares na própria cadeia!

Em diversas visitas à prisão—umas cinquenta ao todo—seus parentes entregaram aos prisioneiros ferramentas de gravação, tintas, ácidos, uma lente, chapas de aço, e uma lanterna a querosene. Bredell enviou desenhos de um «ferro de engomar punhos» ao pai, que, dono de uma pequena oficina, nada suspeitava; e pediu que o mesmo lhe fizesse um modelo completo do «ferro», afim de possibilitar a Bredell patenteá-lo. Quando a máquina chegou, era tão compacta que podia caber perfeitamente numa caixa de charutos; entretanto, funcionava às mil maravilhas, como prensa.

Os falsários repetiram sua proeza de embranquecer as notas de um dolar. De seu alimento, extraíam elementos químicos; gravavam, na chapa de aço, as infinitesimais linhas horizontais da nota, por um processo que, até mesmo hoje, seria considerado prodigioso; não possuiam máquina fotográfica, e assim, de maneira incrivelmente engenhosa, serviram-se do sol de inverno... Trabalhavam numa cela de pequenas dimensões, e foram-lhes necessários cinco meses para completar os clichês.

Taylor e Bredell reconstituiram a façanha da cela perante um juiz e um juri embasbacados. Graças a terem cooperado com o promotor público no julgamento anterior, foram condenados apenas a sete anos na penitenciária, a contar do dia de sua detenção.

Em geral os falsários, tendo terminado seu período de encarceramento, voltam à carga, afim de fazer novos clichês, mais

perfeitos. Entretanto, os principais elementos da Quadrilha de Lancaster agiram de modo diferente. Deixaram-se assimilar novamente na vida cotidiana normal, e nunca mais reincidiram—talvez por se considerarem satisfeitos de serem lembrados como fabricantes de uma cédula que foi, provavelmente, a mais perfeita e perigosa jamais feita nos Estados Unidos...

Truque de Cupido

Excerto de «Pitching Horseshoes», crônica diária de Billy Rose

Em 1933, numa festa, Roy McClean, jornalista nova-iorquino de cara torta e que possuia uma estupenda memória para coisas triviais, conheceu uma modelo de fotógrafo chamada Jan Morrison, pela qual ficou loucamente apaixonado. Poucos dias mais tarde, Jan partia para Hollywood, mas durante o ano em que ela passou longe de Nova York, Roy não pôde esquecê-la. Quando Jan regressou, quis fazer-se de rogada.

—Poderia sair com um homem diferente todas as noites durante seis meses a fio, disse ela a Roy no dia em que chegou.

—Duvido muito, retrucou Roy sorrindo. —Há uma nova colheita de garotas na cidade; os seus companheiros têm uma porção de números de telefone novos.

—Mas eu escreví a alguns dos rapazes, avisando que eu chegaria hoje. Aposto com você que meu telefone vai tocar uma porção de vezes.

—Fechado, mas vamos fazer essa aposta mais interessante. Você casa comigo se ninguem lhe chamar ao telefone até à meia noite?

—Está bem, concordou Jan, rindo.

Roy saiu e ela começou a arrumar a bagagem. Poucos minutos depois o telefone tocava e Jan correu a atendê-lo.

—A sra. Tannenbaum está? perguntou uma voz rouquenha.

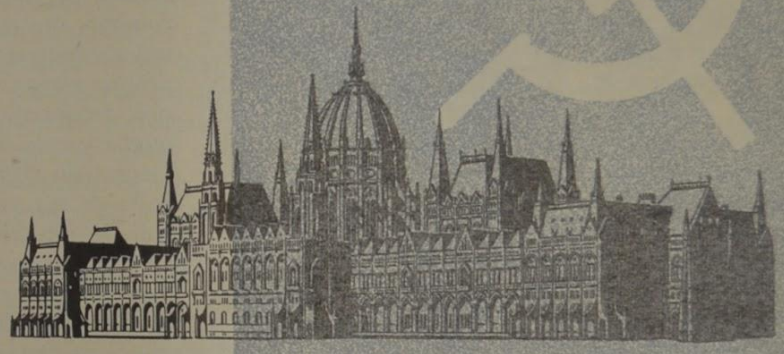
—O senhor ligou o número errado, respondeu Jan contrariada. E colocou o fone no gancho.

Pelas sete horas nada tinha acontecido. «Ainda há tempo para um teatro,» pensou Jan consigo mesma. E tirou o seu vestido de noite afim de mantê-lo bem passado, pondo um roupão de banho. «Ainda poderia ir ao Stork Club,» pensava ela três horas mais tarde. Mas já havia desanimado um pouco. Imaginava-se esperando noites a fio por uma chamada telefônica; pensou em Roy e nas novas garotas que ele havia mencionado. E se ele...

À meia-noite, ouviu tocar uma campainha. Correu para o telefone, mas viu logo que só podia ser a porta. Abriu-a e caiu nos braços de Roy, com roupão, lágrimas e tudo.

Foram de automovel até Maryland e casaram-se na mesma noite. Às vezes fico pensando se Roy jamais contou a Jan este fato interessante: naquela época, se ligássemos um número qualquer e conservássemos o fone fora do gancho, o telefone da outra pessoa não podia receber nenhuma chamada.

COMO OS RUSSOS ME DESPOJARAM DO GOVERNO



Edifício do Parlamento em Budapeste

Condensado de um livro a sair, de autoria de

Ferenc Nagy

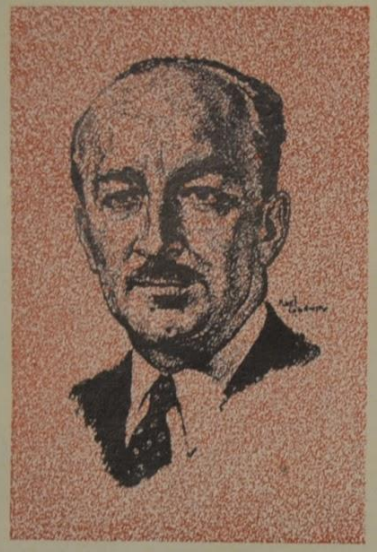
Ex-Primeiro Ministro da Hungria

PELA primeira vez o chefe de um governo descreve com suas próprias palavras como age a traição russa. A dramática história do Primeiro Ministro Nagy, que apareceu pela primeira vez em The Saturday Evening Post *será brevemente publicada em livro pela Macmillan Company, 60 Fifth Avenue, Nova York.*

★

Copyright 1947, The Curtis Publishing Co., Filadélfia.
(The Saturday Evening Post, 23 e 30 de agosto e 6 de setembro de 1947)

COMO OS RUSSOS ME DESPOJARAM DO GOVERNO



A HUNGRIA é hoje um estado policial. Tanto política como economicamente, está sob o domínio dos comunistas e da União Soviética. Gostaria de mostrar ao povo dos Estados Unidos, e a todos os demais povos ainda livres, qual o sistema de penetração comunista, segundo pude observá-lo de perto na Hungria. Meu país foi conquistado por uma pequena minoria húngara, encabeçada por sete homens especialmente treinados, e dirigidos pela União Soviética.

Antes, porem, talvez convenha dizer algo sobre mim mesmo. Assim o leitor poderá julgar melhor o meu testemunho.

Nasci em 1903 em Bisse, aldeia de 600 habitantes. Meus pais eram camponeses, que tinham 7 hectares de terra e muitas dívidas. Fui filho único. Meus antepassados moravam em Bisse havia sucessivas gerações, pelo menos desde a época em que a Igreja Presbiteriana local inaugurou seu registro de nascimentos e óbitos no Século XVII. (A Igreja Presbiteriana estabeleceu-se há muito tempo na Hungria, e, em matéria de número de fiéis, acha-se em situação inferior apenas à da Igreja Católica Romana.)

Em 1914, ao começar a Primeira Guerra Mundial, tendo meu pai sido convocado pelo exército, tornei-me o chefe da casa, incumbido de todas as tarefas agrícolas: arar e ceifar, cuidar do vinhedo e do milharal. A Hungria, aliás, é um dos poucos lugares fora da América em que é comum comer-se milho na própria espiga. Pela manhã, frequentava a pequena escola do lugar. Depois do almoço, trabalhava no campo ao lado de minha mãe. Faltava-me tempo para estudar, mas mamãe estava decidida a que me instruisse. Às vezes ela caminhava grandes distâncias, pois ouvira dizer que a professora, o pastor ou o moleiro de uma aldeia tinha livros interessantes, e queria pedí-los emprestados. E eu ia lendo tudo que me caisse nas mãos.

Depois dos meus 12 anos, nossa pobreza impedira que eu continuasse na escola; mas, animado sempre por minha mãe, prosseguí nas minhas leituras. Essa nobre e corajosa camponesa que foi minha progenitora, a cujo espírito e a cuja inteligência tanto devo, morreria mais tarde, tragicamente, em tempo de paz, durante a ocupação russa.

Apesar de todas as dificuldades dos últimos anos, ela trabalhava ainda em nossa fazendola perto de Bisse. Um dia foi à cidade de Pécs vender trigo; voltava

com duas outras camponesas numa carroça, quando as três notaram que um tanque russo as seguia. Ao aproximar-se este, a carroça cedeu-lhe caminho, a ponto de ter sua roda num declive à beira da estrada. O tanque mudou bruscamente de direção, avançou contra a carroça, e triturou-a como se fosse uma caixa de fósforos. Minha mãe morreu esmagada pelo pesadíssimo veículo.

Os russos prometeram abrir inquérito. Semanas depois, informaram-me que o motorista do tanque fora identificado e punido. Ignoro se essa informação é ou não verdadeira. O condado de Baranya, onde o carater de minha mãe era sobejamente conhecido, proclamou-a filha dileta, inumando-a com honras oficiais.

É de justiça esclarecer que a morte de minha mãe, a julgar pelas circunstâncias, parecia haver resultado da insensata selvajaria de um indivíduo e não de um plano premeditado pelos comunistas.

Ainda em 1919, no caos que se seguiu à primeira guerra, os comunistas, dirigidos por Bela Kun, estabeleceram um regime que durou vários meses. Foi uma fase de tanto terrorismo que, subsequentemente, o comunismo foi considerado ilegal na Hungria durante 25 anos. Muitos comunistas húngaros refugiaram-se então em Moscou. Regressaram depois, com os exércitos russos.

Um deles chamava-se Matias Rakosi, e convem lembrarmo-nos desse nome. Após as insurreições de 1919 foi preso em Budapeste, acusado de cumplicidade numa série de assassinatos. Mesmo nessa ocasião, os russos, ao que parece, lhe votavam grande estima e apreço, pois ofereceram ao nosso governo diversos oficiais húngaros—prisioneiros de guerra—e algumas relíquias do patrimônio nacional húngaro, em troca de Rakosi. No momento propício, tornou-se Vice-Primeiro Ministro em meu gabinete de coalizão.

Em 1923, Bisse inaugurou um monumento em homenagem aos 29 soldados que haviam morrido em combate. Eu, que então tinha 20 anos, fui escolhido para falar em nome da juventude local. Após meu discurso, uns repórteres de Pécs perguntaram-me por que não me dedicava a escrever para os jornais.

Nesse mesmo ano casei-me com uma jovem camponesa de nossa aldeia, Juliette Balog, que vem sendo minha excelente companheira através de 24 anos de triunfos e de dificuldades. Ela e nossos filhos estão comigo hoje—graças a Deus!—nos Estados Unidos.

Passei a escrever para os jornais sobre assuntos de que eu entendia bem: os problemas dos camponeses a cultivar minúsculas terras, num país ainda dominado por enormes latifúndios baroniais. Esses artigos trouxeram-me certo renome local, e fui convidado a filiar-me ao Partido Camponês.

Em 1929, com a queda de preço dos produtos agrícolas, a situação dos lavradores tornou-se quase insustentavel. O Partido Camponês, conservador, não se dispunha a tentar medidas construtivas e diante disso eu e muitos outros de igual parecer abandonamos o partido, para fundar, no ano seguinte, o dos Pequenos Proprietários. Composto principalmente de pequenos lavradores, empregados de escritório e negociantes modestos, estava fadado a tornar-se o partido da maioria na Hungria. Entre seus fundadores contavam-se Zoltan Tildy, Bela Varga e Bela Kovacs.

Zoltan Tildy, que mais tarde foi presidente da Hungria, era nessa época pastor presbiteriano. Bela Varga era um padre católico, erudito, probo e íntegro, que

seria depois presidente do Parlamento húngaro. Bela Kovacs era um jovem e robusto lavrador, belo rapaz, sincero e corajoso.

Em 1932—tinha eu 29 anos—mudamo-nos para Budapeste. Escrevia, então, o bastante para manter minha família, dedicando meu tempo disponivel a viajar pelo país em missão de propaganda do partido recem-fundado. Este não me podia pagar vencimentos; dava-me, porem, uma ajuda de custo. Visitei mais de mil aldeias entre 1930 e 1940, conversando com centenas de milhares de pessoas. Não preciso de testes de opinião pública para saber o que se passa no coração de meus patrícios.

Em maio de 1939 fui um dos 14 membros do Partido eleitos para o Parlamento. Daí a três meses, iniciou-se a Segunda Guerra Mundial. A Hungria desejava apenas manter-se neutra. Mas em 1941 a Alemanha estrangulava nosso país, e fomos forçados a entrar na guerra com Hitler.

Conquanto fossem notórias minhas convicções anti-nazistas, minha qualidade de parlamentar impediu que me prendessem até o mês de março de 1944, quando os exércitos germânicos ocuparam a Hungria e passaram a deter todos os líderes democráticos impossibilitados de fugir. Escondí-me. A 12 de abril de 1944, tive notícia de que os nazistas haviam encontrado minha família em Bisse, e a jogariam na cadeia caso eu não me rendesse. Apresentei-me, pois, ao quartel general da Gestapo em Pécs; e era tão conhecida a minha culpabilidade, que me encarceraram sem o menor interrogatório.

Em outubro daquele ano, os alemães instalaram um regime húngaro com todas as características nazistas. Na confusão dos últimos momentos desse *putsch*, o Ministro da Justiça deposto assinou uma ordem para que fossem soltos os parlamentares que se achassem detidos. Antes de vir qualquer contra-ordem, alguns amigos me removeram da cadeia e me ocultaram; fiquei escondido até a captura de Budapeste pelos russos.

Em janeiro de 1945, Zoltan Tildy e eu reabrimos a sede do Partido dos Pequenos Proprietários nas ruinas da Missão Escocesa em Budapeste. Não tínhamos notícias, nem serviço postal, telefônico ou telegráfico. Daí a dias Bela Kovacs apareceu de repente num automovel, comunicando-me que os russos haviam instalado um governo provisório húngaro em Debrecen, a uns 250 quilômetros dalí. O gabinete compunha-se de membros de vários partidos—o próprio Kovacs fora nomeado Ministro Adjunto do Interior —mas quem realmente governava, por trás dos bastidores, era um estranho grupo de húngaros que falavam o idioma russo, e que pareciam dispor de planos preconcebidos para tudo. Kovacs sugeriu-me que o seguisse até Debrecen.

Nessa viagem vi um panorama desolador: todas as cidades, aldeias, e encruzilhadas haviam sido transformadas em campo de batalha. Os edifícios, em sua maioria, haviam sido demolidos; a colheita do ano anterior não fora debulhada; pontes e vias férreas haviam sido destruidas. Não só nas estradas, como tambem nos campos e prados, viam-se mais russos do que húngaros—na proporção de dois para um. Uma vez que, segundo o costume do exército russo, esses homens viviam da terra onde estavam, começavam a surgir sinais visiveis de fome entre os camponeses.

O novo governo era encabeçado pelo general húngaro Miklos, no posto de Primeiro Ministro, e incluia dois outros generais que, pelo fim da guerra, se havia

passado para os russos. Quem tinha, realmente, o poder nas mãos eram sete outros homens. Quase todos eles tinham vivido muito tempo na Rússia, mas agora diziam-se felizes por estar de volta à pátria, gabando-se de patriotismo e lealdade, embora comunistas em matéria de ideais políticos.

O «governo» provisório era, para todos os efeitos, impotente, pois não tinha meios de comunicar-se com o resto do país. Enquanto isso, os comunistas, dispondo de amplos meios de transporte e das comunicações rádio-telegráficas do Exército Vermelho, ocupavam-se ativamente em organizar conselhos revolucionários por todo o país, e em formar nova força policial.

Em princípios de março de 1945, encontrando-me eu novamente em Budapeste numa tentativa de reorganizar o Partido, certa noite ouví, com surpresa, um ruido estridente de freios em frente a minha casa. Visivelmente agitado, embarafustou pela porta a dentro um coronel russo.

—Venha depressa, disse-me. —O senhor tem que ir a Debrecen para redigir a lei de distribuição de terras aos camponeses. A sessão já começou. Vamos logo, antes que termine.

Essa reforma, aguardada ansiosamente pelo Partido dos Pequenos Proprietários havia muitos anos, ia agora ser posta em prática pelos russos, intempestivamente, no curso de um dia.

Chegando a Debrecen, tentei suavizar um pouco alguns dos artigos mais drásticos da lei. Insistí em que se permitisse, mesmo aos grandes proprietários, conservar 100 *hold* (um *hold* equivale, mais ou menos, a 0,575 de um hectare) ao passo que os russos queriam privar de toda e qualquer terra aqueles que possuissem mais de 1.000 *hold*. Tendo em vista a ignorância de nossos camponeses em matéria de aproveitamento e cultivo de pequenas propriedades, sugerí que o Estado retivesse certo número de estações agrícolas experimentais, para fomentar a agricultura científica. Sugerí tambem que se nomeassem, para cada comitê de distribuição de terras, duas pessoas desinteressadas; e que se reembolsassem as instituições religiosas e educacionais.

Nisto, Zoltan Tildy chamou-me à parte com um ar preocupado e disse-me: «O marechal Voroshilov já promulgou o regulamento da reforma agrária na Hungria».

Os comunistas faziam grandes esforços para conquistar as simpatias do povo em geral, mas o efeito dessas tentativas era absolutamente anulado por um único fator: a conduta do exército russo. Os húngaros poderiam ter certa tolerância para com aquela frenética indisciplina, compreensivel ao cabo de duras campanhas. Ao verem, porem, que os excessos continuavam, mês após mês, e que os lares e as famílias dos mais humildes cidadãos eram desrespeitados, foi-se-lhes crescendo forte sentimento de revolta.

Dezenas de milhares de húngaros foram presos e enviados à Rússia, quer para os cárceres, quer para trabalhos forçados. Os russos alegavam que se tratava de prisioneiros políticos—simpatizantes dos nazistas... Alguns o eram, sem dúvida; muitos, entretanto, eram simplesmente agarrados a esmo, em plena rua.

Os comunistas húngaros recebiam os nomes e endereços dos parentes desses deportados e de prisioneiros de guerra detidos pelos russos. Um comunista então dirigia-se a tal ou qual parente, dizendo-lhe, em resumo, o seguinte: «Seu filho está nas mãos dos russos. Se quiser que ele volte vivo à Hungria, faça as tarefas que lhe indicarmos, e prove ao Partido Co-

munista que é digno de nossa confiança.»

Dessa maneira conseguiram os comunistas transformar grande número de pessoas decentes em espiões, delatores e perjuros. Até o presente, poucos dos exilados ou prisioneiros de guerra voltaram à pátria, e não sabemos quantos deles terão morrido.

Os comunistas tiraram proveito tambem dos sentimentos de culpa e de medo. Aqueles que haviam transigido com os nazistas, e principalmente o grosso do Partido Nazista Húngaro, encontraram abrigo seguro no Partido Comunista, obrigados à lealdade por uma ameaça constante de punição. Para os ex-nazistas, a mudança não foi grande. Afinal de contas, treinados como estavam em demonstrações preparadas de antemão, na dispersão violenta de comícios da oposição, em chantage política e no uso dos refens, pouco ou nada precisaram aprender.

Note-se, aliás, que tais métodos estavam sendo um tanto atenuados pelos próprios comunistas em 1945: o Partido Comunista fazia questão, nesse período, de proceder bem, visando as eleições que se realizariam no outono.

A maioria dos húngaros estava muito ocupada para pensar em qualquer coisa que não fosse a simples sobrevivência, a luta contra a fome, a reconstrução dos tetos demolidos. Em maio nomearam-me Ministro da Reconstrução, e iniciamos a árdua tarefa de restaurar estradas, comunicações, trilhos, pontes e fábricas. O governo havia-se transferido para Budapeste.

Nessa reconstrução os comunistas mostraram-se ativos, dispostos ao trabaho, e enérgicos. Impressionou-me sobremaneira um dos Sete, de nome Ernest Gero, titular da pasta de Transportes e Comunicações. Trata-se de homem moderado e competente, que não poupa nem a si nem aos que o cercam. Só mais tarde ficamos sabendo que ele engordava a Hungria afim de que esta servisse de vaca leiteira à Rússia.

No verão de 1945 houve uma trégua na política, fato que viríamos a reconhecer como tática comum entre os comunistas. O objetivo é produzir, no espírito público, um pensamento mais ou menos assim: «Bem, os russos estão finalmente satisfeitos. Agora poderemos trabalhar juntos.» A falsa esperança é alimentada pelo fato de que todos desejam ardentemente acreditar ser esse, na realidade, o estado de coisas. É algo de semelhante à famosa frase de Hitler: «Não tenha mais exigências territoriais a fazer.»

Em 1945 assinaram-se três pactos fadados a influenciar o destino da Hungria.

O primeiro foi o Armistício Húngaro. Nele se estipulava que a Hungria pagaria reparações no valor de 300 milhões de dólares, dos quais dois terços caberiam à Rússia, e o resto à Iugoslávia e à Tchecoslováquia. Estabelecia ao mesmo tempo uma Comissão Aliada de Controle para representar a Rússia, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na Hungria. No fim do documento apareciam estas palavrinhas: «... a Comissão Aliada de Controle ficará sob a direção do Alto Comando Aliado (Soviético).»

O segundo foi a acordo assinado em Ialta por Stáline, Roosevelt e Churchill, que assegurava, a nações como a Hungria, o direito de «criar instituições democráticas de sua própia escolha».

O terceiro foi o Acordo de Potsdam, onde havia tambem algumas «palavrinhas», dando à Rússia o direito de apoderar-se dos bens e empresas alemães na Hungria. Acredito que os representantes americanos e ingleses, imbuidos de sentimentos de justiça, não imaginaram, sequer, o que os russos seriam capazes de

fazer com tais «palavrinhas». Tornaram-se elas sua principal alavanca no esforço de encampar a economia húngara.

Surgiu mais tarde outro documento, o tratado de paz da Hungria, que esperávamos ansiosamente, como uma pessoa com insônia espera a alvorada Nele, o que há de mais importante é o dispositivo segundo o qual noventa dias após a ratificação do tratado a Rússia deverá retirar suas tropas de ocupação, e a independência do país será restaurada.

Já agora, é duvidoso que a ratificação, tão demorada pelos russos, venha trazer grandes modificações ao cenário atual. Na realidade, seu domínio tornou-se de tal modo forte, que poderá ser mantido mesmo sem tropas. Eles dispõem, aliás, de outro trunfo: cabe-lhes o direito de conservar seus soldados na Hungria afim de «guardar as comunicações» com a Zona Russa na Áustria. Ora, para os russos isso poderia justificar a presença de um verdadeiro exército.

Voltemos, porem, aos dias mais esperançosos das eleições de 1945. A Hungria inteira se agitava, excitada pela perspectiva de uma eleição genuinamente livre, com voto secreto, sob garantias internacionais. Houve comícios, manifestações e discursos.

Não resta dúvida que os comunistas tinham a seu favor todas as vantagens materiais. Os russos davam-lhes dinheiro, papel para cartazes e jornais, caminhões e automoveis do exército. Nós, do Partido dos Pequenos Proprietários, éramos praticamente o grupo dos «pedestres». No entanto, não nos preocupávamos.

Poucas semanas antes das eleições, o Marechal Voroshilov pediu ao sr. Tildy e a mim que fôssemos falar com ele. Sua atitude foi cordial; disse-nos que desejava ser mediador ou árbitro amigavel entre os partidos. Sugeriu que todos os partidos concordassem em apresentar um programa comum, e em submeter esse programa ao eleitorado, para sua ratificação. Desse modo, continuou, os Pequenos Proprietários poderiam contar com a eleição de parlamentares seus, numa proporção de 40%. Fizemos ver ao Marechal que esse sistema não permitiria aos eleitores qualquer escolha, não sendo, portanto, uma eleição autêntica. Diante disso, tentou-nos com uma oferta de 45 por cento, passando a 47½ por cento. Declinamos, ainda, com toda a polidez possivel.

Percebí que só a opinião pública poderia salvar as eleições livres. Assim, na qualidade de presidente do meu partido, anunciei que convocaria uma convenção do mesmo para examinarmos essa exigência russa. O público protestou, e as notícias radiofônicas de fonte americana e inglesa fortaleceram a oposição ao tal plano de chapa única. Os russos recuaram.

Realizou-se pacificamente a eleição a 4 de novembro. Votaram cerca de 4.750.000 pessoas—isto é, mais da metade da população. Os comunistas possuiam transportes abundantes para levar seus eleitores às urnas, enquanto muitos dos Pequenos Proprietários foram obrigados a vir a pé, em sapatos rotos. Apesar disso, o Partido dos Pequenos Proprietários angariou 57 por cento dos votos—mais de três vezes a votação de qualquer dos outros partidos. Os comunistas sairam com 17 por cento; e os outros grupos dividiram entre si os votos restantes.

Perguntaram-me muitas vezes por que os russos teriam permitido a realização dessas eleições livres. Estou convencido de que esperavam resultado muito mais favoravel aos comunistas. Alem disso, talvez quisessem servir-se da eleição como «fachada» para o Conselho dos Ministros do Exterior, marcado para o mês seguinte em Moscou. Duas coisas são indiscuti-

veis: primeiro, nunca mais permitiram eleições livres no sudeste da Europa; segundo, na Hungria tudo fizeram, pouco a pouco, para anular os resultados da eleição e para colocar o país sob pleno controle russo-comunista.

A despeito de nossa maioria, o Partidodos Pequenos Proprietários acedeu a ocupar apenas 50% dos ministérios, e a estabelecer um governo de coalizão com os outros partidos. Essa resolução harmonizava-se com a cláusula de Ialta que estipulava a criação de governos «amplamente representativos»; de resto, para dizer a verdade, nosso Partido hesitava em assumir a responsabilidade total enquanto a ocupação russa restringisse de tal modo nossos poderes. Concordamos em que o sr. Tildy seria nosso Primeiro Ministro. Elegeram-me Presidente do Parlamento.

Ao conduzir os entendimentos da coalizão dos diversos partidos a respeito da distribuição das pastas, encontrei, por parte dos comunistas, forte insistência em que se lhes desse o Ministério do Interior. Como se sabe, é esse o ministério que tem a seu cargo a polícia. De minha parte, insistí tambem em que esse posto coubesse ao nosso Partido dos Pequenos Proprietários. Após mais de uma semana de exhaustivas negociações, os comunistas ameaçaram romper a nova coalizão. Ora, greves, demonstrações e desordens seriam a consequência lógica disso; e nós, os Pequenos Proprietários, que fazíamos questão de reconstruir pacificamente nosso pobre país, fomos obrigados a ceder. Esse mesmo processo havia de repetir-se muitas vezes.

De início o Ministro do Interior foi um comunista dos menos vermelhos; mas não tardou que o substituissem por um dos Sete, o fanático Laszlo Rajk.

A isso seguiu-se nova trégua parcial na vida política do país, durante a qual pudemos promulgar nova constituição republicana. O sr. Tildy foi eleito, pelo Parlamento, Presidente da nova república. Na Hungria esse posto é meramente pro-forma, como na França. O verdadeiro chefe do governo é o Primeiro Ministro. Pediram-me que assumisse esse posto, mas declinei, pois qualquer Primeiro Ministro teria que colaborar constantemente com os russos. Em seguida, os líderes de todos os partidos, principalmente Rakosi (um dos Sete, e dirigente dos comunistas), insistiram comigo para que aceitasse, alegando que eu era o único capaz de manter a coalizão intacta. Acabei aceitando, mas cheio de dúvidas e receios, embora me animasse ainda a esperança de que os russos cumprissem as suas antigas promessas de boa vontade.

Meus adjuntos eram Rakosi e o lider dos Social-Democratas, Arpad Szakasits. Este achava-se muito mais dominado pelos comunistas do que eu supunha. À medida que o tempo ia passando, Szakasits se tornava cada vez mais um simples eco de Rakosi. Aprendeu a referir-se à eleição livre como «ilusão aritmética», e a dizer coisas como esta: «A aritmética eleitoral não pode constituir base de direitos políticos.»

Logo a seguir, os comunistas deram início a uma campanha tendente a enfraquecer a maioria parlamentar dos Pequenos Proprietários. Cada vez que um destes fazia um discurso, os comunistas atacavam-no como reacionário. E não tardava que me viesse às mãos nova exigência dos russos. Primeiro uma carta dizendo que estávamos atrasados no pagamento das reparações; depois outra que pedia transferência mais rápida dos bens alemães; uma terceira anunciando o fim dos fornecimentos de víveres, por parte dos russos, ao povo de Budapeste, víveres

estes que, por sinal, os russos haviam anteriormente confiscado aos húngaros...

Tais exigências partiam a princípio do próprio Marechal Voroshilov, na qualidade de chefe da Comissão Aliada de Controle. Em março de 1946, porem, ele seguiu para Moscou, ostensivamente em férias, e foi substituido pelo Tenente-General V. P. Sviridov, chefe «interino» da Comissão de Controle. Voroshilov permaneceu em Moscou, o que convinha aos russos, pois sempre que nós, ou os delegados ingleses e americanos à Comissão, fazíamos um requerimento ou apresentávamos um protesto a Sviridov, este «encaminhava-o a Voroshilov»—o que significava demora de dias, meses... ou uma eternidade.

Quem quisesse ser acusado, imediatamente, de «reacionário», tinha apenas que fazer comentários em torno da crítica situação econômica do país. Não só as reparações russas esgotavam nossos parcos abastecimentos e aumentavam a inflação já desastrosa, como tambem os russos mantinham nossa economia sob controle permanente cada vez mais rígido.

Os alemães possuiam, ainda antes da guerra, muitas inversões valiosas na indústria húngara, e essas inversões cresceram durante a guerra, mediante bens confiscados pelos nazistas a paises conquistados e a particulares indefesos. Todo esse patrimônio, inclusive o produto de furtos, era classificado pelos russos como «bens alemães», e considerado sujeito ao confisco pela Rússia segundo os termos do Acordo de Potsdam.

Por exemplo, os alemães ou suas vítimas possuiam antigamente 20 por cento das ações de uma fábrica húngara. Os russos escolhem o que há de melhor no equipamento dessa indústria, e dizem: «Aquí estão nossos 20 por cento. Mandaremos isto para a Rússia.» (Na fábrica só restariam então ruinas.) «No entanto, se vocês nos aceitam como sócios, em igualdade de condições, deixaremos a fábrica intacta, colocando apenas um gerente russo.»

Caso não houvesse o que os russos chamavam «ações alemãs», eles—os russos—ameaçariam carregar todas as instalações como pilhagem de guerra, ou simplesmente recusariam à indústria novas matérias primas. Assim conseguiram uma «sociedade» permanente e puderam dominar indústrias fundamentais como a navegação, os metais e a aviação civil; e começaram a penetrar nas companhias de seguros e nos bancos. Pouco a pouco até mesmo os pequenos negociantes e fazendeiros iam verificando que lhes era impossivel comprar materiais de que precisavam, a não ser com licenças concedidas por funcionários comunistas estrategicamente colocados.

Em abril de 1946, chefiei uma missão a Moscou, na esperança de melhorar nossa situação de penúria. Fomos recebidos hospitaleiramente. Stáline, Molotov, Mikoyan e Dekanozov fizeram certas concessões, prorrogando o período do pagamento de reparações de seis para oito anos, e cancelando a exigência de 15 milhões de dólares, feita para a suposta reconstrução das ferrovias húngaras.

Passei ao todo sete horas e meia com Stáline. Este, sem fazer promessas específicas, conseguiu no entanto dar-me a impressão de certa benevolência por parte dos russos. Cheguei a pensar que os representantes soviéticos na Hungria talvez fossem um tanto exagerados no cumprimento do dever, mas que no fim tudo sairia bem.

Pouco depois de meu regresso à Hungria, recebí outra demonstração da boa vontade de Stáline: um presente particular—um automovel da marca Ziss, fei-

to na Rússia mas contendo, segundo descobrí depois, muitas peças americanas.

Em junho encabecei outra missão, desta vez aos Estados Unidos. Daí advieram reais benefícios. Os Estados Unidos concordaram em devolver-nos 32 milhões de dólares da reserva de ouro da Hungria, que haviam sido levados pelos nazistas à Alemanha e aí confiscados pelos soldados americanos; alem disso, prometeram restituir-nos nossas embarcações fluviais do Danúbio, e aumentar de 10 milhões para 15 milhões o empréstimo para aquisição de excedentes de guerra do Exército Americano na Europa. A devolução da reserva-ouro ajudou-nos imensamente a restaurar uma moeda estavel.

Nos Estados Unidos vimos um padrão de vida e um bem-estar superior a tudo que havíamos encontrado antes. O atarracado Rakosi, Vice-Primeiro Ministro comunista no meu governo, estava comigo e, embora tudo observasse com olhos de lince, reprimiu quaisquer sinais de surpresa ou admiração.

Um dia vimos um pobre lavrador de calças rotas, e os olhos perscrutadores de Rakosi logo o perceberam. «Veja!» bradou triunfante. «Nem tudo nos Estados Unidos é prosperidade...» Depois mostraram-nos algumas casas pre-fabricadas, que possuiam magníficas instalações. Rakosi viu-se em maus lençóis para criticá-las. Após examiná-las detidamente, saiu-se afinal com este comentário:

—É, mas quando os percevejos entrarem nessas casas, nunca mais hão de sair.

—Mas, sr. Rakosi, objetou alguem da nossa comitiva. —Não parece haver muitos percevejos na América.

—Então não sabe, exclamou Rakosi, que os percevejos apareceram primeiro nos Estados Unidos, de onde foram levados para a Europa e a Rússia?

De regresso à Hungria, deparamos com novos problemas: ataques aos deputados do Partido dos Pequenos Proprietários; difamação sistemática de todos os inimigos do comunismo nos cargos públicos, no exército e na polícia. Qualquer oposição era recebida com demonstrações arquitetadas pelos comunistas, e com ameaças de guerra civil. Surgiu tambem este sintoma sinistro: o fato de que os comunistas, quer pela chantage, quer pelo suborno, haviam conseguido dominar certos homens, que acreditávamos merecedores de confiança.

Apesar de tudo isso, prosseguia a reconstrução do país. O povo, ainda esperançoso, trabalhava com febril energia. Os fazendeiros, mesmo a despeito das secas, conseguiram uma boa safra, que evitou a fome.

Em agosto de 1946 a Federação de Lavradores Húngaros sugeriu que se fizesse um comício-monstro em Budapeste no Dia de S. Estevão, data em que as populações rurais tradicionalmente se concentram na capital. O general Sviridov indeferiu o pedido. Afinal acabou consentindo, por insistência minha, contanto que o comício fosse adiado para 7 de setembro. Talvez pensasse que, passada a excitação do feriado, o comício não atrairia senão uns poucos dos condados distantes.

Até eu fiquei surpreendido pela quantidade de gente que veio de todos os pontos da Hungria: eram cerca de 500.000 pessoas a abarrotar a espaçosa Praça do Herói, em Budapeste. A maioria se compunha de simpatizantes do Partido dos Pequenos Proprietários. Velhos amigos, dos tempos em que eu viajara pelas aldeias, me assediavam aonde quer que eu me dirigisse.

No palanque, que se achava decorado de vermelho, branco e verde—as cores nacionais da Hungria—Sviridov e seus

auxiliares eram as figuras de maior destaque. O ministro norte-americano, H. F. Arthur Schoenfeld, ficara modestamente no meio da multidão.

Ocorreu então um desses incidentes imprevisiveis que às vezes exercem influência na História. O locutor identificava ao microfone as pessoas gradas que se achavam na tribuna, e anunciou que tinha a honra de ver, entre os presentes, o general Sviridov e outras patentes da grande União Soviética. Silêncio. Depois, ouviu-se um debil bater de palmas...

Em seguida, o locutor, percebendo que alí estava o sr. Schoenfeld, declarou que se achava presente tambem um representante dos Estados Unidos da América. A multidão prorrompeu em verdadeira torrente de aplausos espontâneos, que nunca mais terminavam. Nessa manifestação havia provavelmente muito de gratidão pelos suprimentos da UNRRA, com os quais se haviam salvo da fome regiões inteiras; e tambem, o reconhecimento de que os Estados Unidos foram o único país a manter-se genuinamente amigo dos húngaros desde o fim da guerra.

Não posso calcular exatamente que efeito teve, sobre os russos, essa cena dramática. O incidente demonstrou, porem, que a campanha comunista de persuasão e propaganda, em pleno vigor na Hungria havia ano e meio, falhara por completo. Agora podíamos esperar novas e mais rijas técnicas de intriga e terror.

Fui longe—talvez longe demais—em minhas tentativas de apaziguar os comunistas. No entanto, se nosso governo de coalizão se dissolvesse e se sobreviessem desordens provocadas pelos comunistas, os russos teriam um pretexto plausivel para intervir, «restaurar a ordem», e reduzir-nos à condição de fantoches, como no caso da Polônia, da Rumânia e da Bulgária. Resistí, contudo, e persistentemente, à penetração por parte dos comunistas, servindo-me, para tanto, de todo o poder, todo o engenho e toda a teimosia de que dispunha. Já agora compreendo que meu caso é a demonstração viva de que não se pode transigir com os comunistas.

Em outubro, os ataques da imprensa comunista aos «reacionários» —deputados e funcionários do Partido dos Pequenos Proprietários—assumiram incriveis proporções. Tais ataques eram coordenados com novas exigências russas no campo econômico. Ficamos sabendo que o cumprimento de uma exigência só satisfaz aos russos temporariamente. A exigência ficará posta à margem durante algum tempo; mas voltará sempre à baila, e maior que nunca.

Nas reuniões do gabinete de coalizão, a atitude de Rakosi tornou-se mais severa. Antes, víamos nele um sectário fanático, mas jovial. Agora começava a pôr as unhas de fora.

Ainda o recordo, entrando na sala de reuniões. Sacava do bolso um canivete de fino gume, e cortava em perfeitas tiras o papel em branco que tinha diante de si. Nessas tiras escrevia suas instruções, passando-as não só a seus colegas comunistas como aos membros do Partido Nacional dos Camponeses (ligado aos comunistas), e a Szakasits, lider dos Social-Democratas, já dominado inteiramente por ele. E embora Szakasits se sentasse a seu lado, Rakosi não lhe falava: limitava-se a passar-lhe os pedaços de papel. E isso fazia com umas maneiras fúnebres, inexpressivas e quase sinistras.

Semana após semana, durante os meses de novembro e dezembro, continuavam a chegar-nos exigências, queixas e protestos dos russos e dos comunistas. Em dezembro, quando a tensão continuava a subir, fui confidencialmente informado de que

fora preso, em segredo, pela polícia político-militar húngara, um grupo de indivíduos. Chamei Albert Bartha, Ministro da Guerra, e perguntei-lhe por que não me haviam comunicado o fato. Ele nem sequer sabia das prisões! Prometeu investigar e dar-me alguma informação na manhã seguinte. Chegou em companhia do General de Brigada Gyorgy Palfi, homem de notórias ligações com os comunistas, e chefe da polícia político-militar. Palfi disse que mandara observar certa casa havia algum tempo, e descobrira que alí se reuniam uns conspiradores contra o estado. Já prendera dez, e esperava capturar mais.

Ordenei ao Ministro Bartha que interrogasse pessoalmente os detidos. No dia seguinte veio dizer-me que, indo à prisão militar, fora informado de que os presos haviam sido transferidos para a cadeia da polícia política; e de que o general Sviridov dera ordens para que não se permitissem visitas.

Fui imediatamente a Sviridov, e perguntei-lhe se era verdade que dera tais ordens. Negou-o sem vacilar. Acrescentou que quando Palfi o procurou com a notícia da conspiração, respondera ao chefe de polícia que o assunto era da alçada exclusiva das autoridades húngaras.

Dei ordens ao Ministro da Guerra no sentido de suspender-se o General Palfi e abrir-se rigoroso inquérito. Nessa mesma noite bateram à minha porta. Era o general russo Kondratov, chefe do Departamento Militar da Comissão Aliada de Controle, sob a jurisdição de Sviridov. Comunicou-me que Sviridov, sabedor do inquérito sobre Palfi, considerava-o injusto, e desejava que não fosse levado adiante. Kondratov declarou ainda que Sviridov não dera instruções para que se conservassem incomunicaveis os prisioneiros, mas que Palfi, inocentemente entendera isso, devido a «um engano do intérprete».

«Muito bem,» respondí. «Nesse caso, o inquérito provará a inocência de Palfi.»

Kondratov, que se mantivera exteriormente cortês até então, mudou subitamente de atitude. «O senhor não parece compreender,» prosseguiu, «a menos que se encerre imediatamente o inquérito, as autoridades militares soviéticas avocarão a si todo esse assunto da conspiração.»

Isso significava que todos os detidos, mais cedo ou mais tarde, seriam levados para a Rússia e talvez nunca voltassem a ser vistos. Tratar-se-ia tambem de um duro golpe à soberania húngara. Ordenei que se suspendesse o inquérito. Mas a ameaça de Sviridov e Kondratov continuava pesando sobre mim, e sobre o meu partido, e durante os meses subsequentes essa ameaça condicionou nossas decisões.

Na manhã seguinte chamei o Ministro do Interior, Laszlo Rajk, ao meu gabinete. Disse-me que a conspiração era de maiores proporções do que antes se acreditava; que nelas estavam envolvidos elementos tanto civís como militares; que haviam sido encontradas ordens militares secretas em formulários mimeografados, mandando que se organizassem todos os oficiais do exército não-comunistas e os antigos membros da polícia militar num grupo que derrubaria o regime.

Tudo isso me parecia fantástico. Rajk, contudo, insistiu em que as provas eram esmagadoras, e distribuiu aos jornais um comunicado sensacional.

Daí a um ou dois dias Rajk voltou, muito sério. Fora necessário levar a efeito novas prisões, e haviam-se obtido confissões que implicavam vários membros do Partido dos Pequenos Proprietários. Diante disso, convoquei uma conferência do partido, pedindo a Rajk que comparecesse a ela em pessoa.

Apareceu com uma volumosa coleção de confissões, feitas, segundo declarou, pelos homens detidos. Algumas dessas confissões, lamentou Rajk, comprometiam deputados do Partido dos Pequenos Proprietários, e até André Misteth, titular da pasta da Reconstrução.

Sentíamos claramente que a «conspiração» era pura e simplesmente uma manobra habilidosa dos comunistas. Entretanto, Rajk submetia à nossa apreciação um impressionante processo *prima facie*. As ameaças de Sviridov e Kondratov impediam-nos de verificar a validez das confissões antes do julgamento. Os diários comunistas estampavam cabeçalhos que gritavam «TRAIÇÃO!»

Após angustiosos debates, decidiu-se que precisávamos concordar em processar os detidos, insistindo, porem, em que os réus tivessem julgamento público.

Verificamos então que tínhamos diante de nós algo de terrivel e profundamente calculado. Os jornais comunistas continuavam a acusar diversos membros do Partido dos Pequenos Proprietários (entre os melhores e mais competentes) de cumplicidade na conspiração. Toda vez que essa imprensa mencionava algum deles, a polícia política de Rajk apresentava uma confissão de elementos já detidos, comprometendo o mesmo. As prisões prosseguiam em número crescente, e, à medida que o tempo ia correndo, todos os não-comunistas passaram a temer qualquer batida à porta durante a noite. Agora, todos os milhares de pessoas que os comunistas haviam conseguido atrair a si por suborno, chantage ou promessa de soltura de parentes, trabalhavam dia e noite como delatores e perjuros, deturpando as mais inocentes conversas para fazê-las passar por conspirações.

Ia-se tornando notório que a polícia política de Rajk usava processos de tortura científica contra os «conspiradores» presos. Um deles, cuja letra eu bem conhecia, conseguiu fazer chegar às nossas mãos uma mensagem. Contava que durante um interrogatório fora obrigado a ficar de pé, sob luzes que o cegavam, durante 120 horas consecutivas. Mais tarde tivemos notícia de clisteres gelados, ministrados a grande pressão; do emprego de cirurgia para afetar o sistema nervoso central; de ameaças contra a esposa e os filhos dos acusados. Quando protestei, disseram-me que estavam sendo usados somente «processos comuns».

Os julgamentos dos «conspiradores» foram efetuados publicamente. O tribunal, porem, foi arranjado de tal forma que, dos cinco juizes, quatro eram, se não comunistas, pelo menos dominados pelos comunistas. Os réus tiveram licença de falar com seus advogados durante dez minutos apenas, antes do julgamento, e assim mesmo na presença da polícia de Rajk. O que mais nos impressionou, porem, foi a conduta dos acusados. *Todos eles* confessaram abertamente *todos* os crimes de que eram acusados—apesar de saberem que isso significava a prisão ou a morte. As confissões foram recitadas mecanicamente, e estavam eivadas de frases feitas. O público tudo via, pasmado e aterrorizado.

Houve uma tentativa de revolta. Balint Arany, engenheiro probo, inteligente e consciencioso, num gesto corajoso, quis retratar-se de sua confissão escrita. Imediatamente, o presidente do tribunal, que era comunista, ordenou um adiamento da sessão; e pouco depois removeram Arany do banco. Quando voltou, daí a uma semana, as palavras da confissão «rolaram-lhe dos lábios», como disseram os húngaros.

Três dos réus foram condenados à morte pelo garrote, e dez tiveram sentenças de prisão por diversos períodos. Sem dúvida os comunistas organizarão novos julgamentos de «conspiradores», sempre que for necessário aumentar o terror.

Haverá quem me pergunte como podia eu continuar em meu posto de Primeiro Ministro, diante de tais horrores. Consideremos, porem, as circunstâncias.

Se me demitisse, os comunistas poderiam instalar em meu lugar um homem totalmente submisso, ou os russos poderiam alegar que nosso governo fracassara, e organizar então um regime de títeres.

Por outro lado, parecia que o tratado de paz, já tão atrasado, iria ser finalmente ratificado pelo Senado dos Estados Unidos. Nosso governo, livremente eleito, sobrevivia, embora terrivelmente escalavrado. Os comunistas haviam reduzido, mas não destruido, a maioria parlamentar dos Pequenos Proprietários. Uma vez restaurada a independência pelo tratado, e retiradas as tropas russas de ocupação, poderíamos restabelecer um governo livre e representativo e as liberdades públicas.

É inutil descrever os conflitos íntimos causados por tal situação, as noites de insônia e pesadelos, e as tormentas emocionais. Trago comigo a robustez do campônio, mas em maio de 1947 não me podia furtar à certeza de haver atingido o ponto de exhaustão. Os próceres de todos os partidos insistiam em que eu tomasse férias, e prometeram trégua política até o meu regresso. Eu sabia que as piores lutas ainda nos esperavam, mas vinte dias na Suiça me restaurariam as forças e me permitiriam ganhar tempo, aproximando de três semanas o tratado de paz...

A 14 de maio partí para a Suiça com minha mulher, na expectativa de lá ver nossa filha Juliska, que aí frequentava uma escola. Nosso menino de cinco anos, Lacika, ficou com amigos nossos no interior.

Uns dez dias depois de chegar à Suiça, telefonei ao Presidente Tildy. Este declarou-me que a trégua política ainda vigorava, e que eu podia ficar descansado até o fim das férias. Fiz planos de voltar à Hungria a 3 de junho.

Ao caminhar pelos campos naquele delicioso sol e na pureza daquele ar, vendo o belo trabalho que os suiços realizavam em suas pequenas fazendas, sentí novas forças físicas e espirituais. Tudo acabaria bem na Hungria. Os russos afrouxariam, à medida que o tempo da guerra se fosse afastando. Os húngaros, livres enfim, fariam da pátria um jardim como era a Suiça...

Quando cheguei ao Hotel, em Locarno, no dia 28 de maio, às 19 horas, esperava-me uma chamada internacional. Meu secretário, o dr. Ferenc Kapocs, telefonava-me de Budapeste. Sua voz denotava nervosismo. Disse-me que era imperioso meu regresso imediato. Não me podia dar razões pelo telefone; mas pediu que o chamasse mais tarde.

Depois das 20 horas tornei a falar-lhe. Comunicou-me então que o general Sviridov tinha em mãos uma «confissão» que me comprometia numa conspiração tendente a derrubar a República.

Por volta da meia-noite recebí outra chamada. Era um funcionário do governo que, assustado, me anunciava a prisão de Kapocs pela polícia política de Rajk, logo após nossa segunda conversa; em seguida a polícia havia arrombado meu cofre e removido do mesmo meus documentos particulares e oficiais.

De manhã cedo—a 29 de maio—conseguí telefonar ao presidente Tildy. Aconselhou-me a voltar imediatamente; mas havia ansiedade em sua voz. «Espero que

ainda seja possivel salvar a situação,» concluiu nervosamente.

Telefonei a Rakosi. Denunciei-o pelo ocorrido, e principalmente pela afrontosa prisão do dr. Kapocs.

Rakosi tranquilamente informou-me que Kapocs era o «cabeça de nova conspiração», e que as acusações contra mim eram excessivamente graves. Respondí-lhe que regressaria a Budapeste daí a uma hora.

Quando já entrava no automovel veio outro telefonema, desta vez de Ferenc Gordon, ministro da Hungria em Berna, na Suiça. Disse-me que um amigo lhe pedira para avisar-me que permanecesse em território suiço, aguardando a chegada de alguem que me poria a par da verdadeira situação. Repliquei que precisava regressar à pátria de qualquer maneira; mas que iria vê-lo em Berna.

Aí chegamos à noite. Pela manhã Gordon disse-me que certo amigo, muito chegado a mim, telefonara de Budapeste afim de comunicar que se fazia forte pressão para que eu me demitisse. Gordon perguntara-lhe se eu poderia alcançar Budapeste sem risco. Seu interlocutor mantivera-se em silêncio algum tempo, e depois acrescentara que «poderia ocorrer alguma infelicidade no caminho».

Logo vieram outras mensagens, de amigos em quem eu podia confiar, dando a entender que os russos me deteriam antes que atingisse Budapeste.

Às 14 horas meu amigo Stephen Balog, sub-secretário do Primeiro Ministro, telefonou-me, anunciando que as coisas haviam chegado a tal ponto que meu regresso nada adiantaria. Seria melhor, de todos os pontos de vista, que eu ficasse em território suiço e de lá apresentasse meu pedido de demissão.

Respondí que talvez renunciasse, mas apenas com a condição de que meu filho Lacika fosse enviado da Hungria, e de que o dr. Kapocs fosse imediatamente solto e mandado, tambem, à Suiça.

Começou então a chantage em torno de meu filho. Os comunistas divulgaram, através da Agência Húngara de Informações, a notícia de que eu me demitira. Em seguida forçaram uma ordem ao Ministro Gordon no sentido de que ele pedisse minha exoneração sem tardança, sem mesmo esperar que meu filho me fosse enviado. Mandei dizer que só renunciaria a meu posto quando recebesse meu filho na fronteira suiça.

Na manhã do dia 31, os comunistas obrigaram Tildy a nomear novo Primeiro Ministro, o sr. Lajos Dinnyes, que fora do meu partido mas agora se achava absolutamente dominado pelo medo aos comunistas.

Estes últimos, que queriam dar ao golpe um aspecto de legalidade, precisavam ainda de minha demissão escrita. Rakosi telefonou a Gordon e disse-lhe, em altos brados, que telegrafasse comunicando minha renuncia, mesmo que não fosse verdade.

Na noite seguinte tive notícia, procedente de Innsbruck, de que meu filho estava a caminho. Fui logo, com minha mulher, para a fronteira suiça.

Deparei com o emissário comunista, um indivíduo de nome Florian, que trouxera o menino. Perguntei-lhe por que Kapocs não viera tambem. Respondeu-me que nada sabia a esse respeito, tendo tido ordens, apenas, de obter meu pedido de demissão, antes de entregar-me o garoto. Disse-lhe que telefonasse imediatamente a Budapeste. Ante a resposta de que Kapocs era «um perigoso conspirador», vi-me impedido de tomar qualquer outra providência. Entreguei ao rapaz meu pedido de exoneração, por escrito, e minha mulher e eu abraçamos nosso filho.

Recebemos outra coisa tambem: os comunistas, quer por ironia quer por uma espécie de reverência supersticiosa diante de um presente de Stáline, haviam-nos devolvido o menino no automovel russo que Stáline me dera no ano anterior... Minha mulher, Lacika e eu entramos no veículo e penetramos no acolhedor crepúsculo da Suiça.

Já agora a rádio comunista gritava que eu era não só traidor da pátria, como tambem fugitivo e ladrão, que escapara com bens ilícitos no valor de 100 mil dólares. Na realidade, eu tinha apenas o suficiente para viver mais uns quinze dias. O resto de meus pertences encontrava-se na Hungria: todas as nossa posses, as quais, inclusive a pequena fazenda, valiam menos de 3 mil dólares.

Quando chegamos a Genebra, ao encontro de Juliska, soubemos que quase todos os diplomatas húngaros no estrangeiro, que não eram comunistas ou cujas famílias não estavam sob pressão dos comunistas, haviam pedido demissão em consequência do golpe em Budapeste. Entre esses contava-se Gordon, que preparou nossa viagem para os Estados Unidos. Um conhecido em Genebra emprestou-me, generosamente, o dinheiro necessário para a travessia.

Na Hungria, após o golpe, houve a princípio outra trégua passageira Depois os comunistas agitaram-se novamente. O sr. Tildy continuava a ser oficialmente o chefe da nação mas, sob a pressão das circunstâncias, dissolveu o Parlamento. Foi decretada nova «eleição» com tais restrições que a oposição ficou anulada.

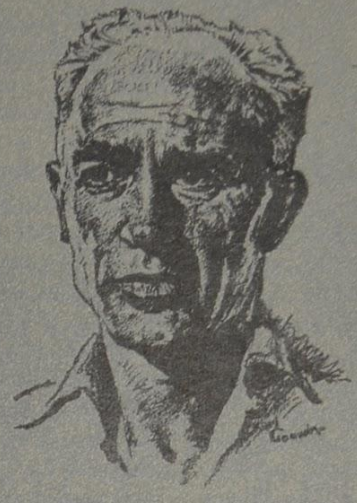
[Os resultados das eleições, anunciados em princípios de setembro de 1947 pelo governo húngaro dominado pelos comunistas, confirmam as declarações do sr. Nagy. Esses resultados representam mais a estratégia comunista do que os desejos do povo húngaro. É significativo que o Partido dos Pequenos Proprietários, que em 1945 levara ao parlamento 245 deputados, ficou reduzido a apenas 67 nas eleições de 1947. O número de deputados comunistas subiu de 70 a 97, tornando-se assim o Partido Comunista o grupo dominante no chamado governo de coalizão. O Partido Nacional dos Camponeses, controlado pelos comunistas, teve tambem seus membros aumentados de 23 para 39. A tática comunista de «dividir para governar» ficou evidente no fato de que cerca de 40 por cento da votação total se achava dispersa entre seis partidos «da oposição». O papel da oposição, na Hungria, não é muito seguro.]

A Hungria, único país do sueste europeu com governo livremente eleito, foi agora submetido ao domínio da Rússia, econômica e politicamente. Ignoro onde se encontrará a solução. Espero que o assunto possa ser trazido a exame pelas Nações Unidas. A desoladora situação da Hungria é semelhante àquela que se observa em toda a região oriental da Europa; o problema de minha pátria é parte do problema geral que pesa sobre o mundo inteiro neste momento.

Economia

OS AGENTES de publicidade de um estúdio de Hollywood receberam do chefe um memorando nestes termos: «Seja qual for a importância que os senhores vêm roubando da conta de ajuda de custo, tenham a bondade de furtar apenas 50% da mesma.»

—Erskine Johnson, NEA



TERRA NATIVA

(*Condensação do livro «Home Country»*)

DE ERNIE PYLE

«PYLE não foi apenas um dos maiores repórteres de todos os tempos,» escreve a respeito John Gunther, no *Herald Tribune* de Nova York, «mas tambem um carater cheio de coragem, integridade, senso de justiça e amor pelo seu semelhante. Em *Home Country* o leitor trava conhecimento com Ernie Pyle no ambiente que lhe foi próprio. É nesse ambiente, e só nele, que devemos procurá-lo: aí é que Ernie Pyle se mostra sem rival.» Isto explica que esse livro se tenha mantido no rol dos *best sellers* quase desde a data da sua publicação.

Copyright 1947, William Sloan Associates, Inc., Nova York. Preço $3.75.

Terra Nativa

Há cinco anos, em Washington, o diretor do meu jornal acabou cansando-se da teimosia com que eu o instava a deixar-me viajar. Até que um dia me disse: «Está bem, faço-lhe a vontade a título de experiência. Logo veremos em que vai dar isso!»

Desde então, em cinco anos de constante vagabundagem, minha mulher e eu visitamos pelo menos três vezes cada um dos estados da União. Estivemos em todas as nações do hemisfério ocidental, menos duas. Dormimos em mais de 800 hotéis, atravessamos o continente exatamente vinte vezes, voamos em 66 aeroplanos, navegamos em 29 embarcações, caminhamos a pé 320 quilômetros, e desembolsamos aproximadamente 2.500 dólares em gorgetas. Demos cabo de dois automoveis, gastamos cinco jogos de pneus, pusemos fora de combate três máquinas de escrever—e desconfio que neste ritmo, não tarda que eu tenha de comprar um par de sapatos novos!

E tudo isto, afim de ganhar a vida escrevendo uma crônica cotidiana para a cadeia de jornais Scripps-Howard, e mais alguns diários. No curso desses cinco anos essas colunas de prosa, amontoadas, atingiram o horripilante volume equivalente ao de vinte livros de bom tamanho.

Muita gente me pergunta a miude como é que nós pudemos aturar tantas viagens. Bem, é verdade que quem viaja assim, constantemente, quase nem tempo tem para encher a caneta-tinteiro. Mas esta vida sempre oferece suas compensações. Por exemplo, a gente não tem que arrumar a casa todos os dias; não tem que se preocupar com a compra do carvão para o aquecimento da casa; travam-se relações e criam-se amizades novas, com a vantagem de que a gente vai embora antes de os amigos terem tempo de perceber o quanto somos cacetes. Outra vantagem é que, quem assim viaja, não precisa levantar-se às quatro da madrugada para ordenhar as vacas—se acaso as tem...

Não sei se o leitor conhece esse vento triste e demorado que, durante o estio, sopra incansavelmente através dos milhares e milhares de quilômetros das pradarias do centro-oeste dos Estados Unidos. Mas se não conhece, terá dificuldade em compreender os sentimentos que esse vento desperta em mim. E mesmo que o conheça, talvez nem assim os possa compreender.

Para mim, esse vento do estio nas terras monótonas do Centro-Oeste é uma das coisas mais melancólicas de toda a Criação. Vem de tão longe, e apesar da sua persistência, sopra com tanta brandura; agita a folhagem e as ramarias dos bôrdos numa espécie de sinfonia de tristeza, e parece que nunca mais acaba de passar para deixá-los tranquilos. Sopra, sopra sempre com a mesma infinita, irresistivel cadência do velho e augusto Mississipi. Podia-se levar a vida inteira—e muita gente a leva—nas pradarias poeirentas, sentindo na face o sopro e a carícia desse vento de futilidade. E quando a vida se gastou, e chegou para nós a hora de partir, o vento—sempre sem falar, sempre tão brando, e triste, e eterno—continua soprando e gemendo através das pradarias, e para sempre soprará nos rostos das incontaveis gerações de homens que nos hão de seguir, sempre pequenos diante do vento e do destino.

Foi em 1935, quando eu atravessava o Estado de Iowa em automovel, que tive de repente consciência desse vento e, no mesmo instante, me senti voltar aos meus dias de rapaz, na fazenda do meu Estado natal—Indiana. O vento me trouxe as memórias da infância como uma revoada de sonhos: vi-me de novo deitado no chão, à sombra das grandes árvores, gozando ao meio-dia alguns minutos de repouso antes de voltar ao trabalho da lavoura, e o vento, o sol e o silêncio dos campos abrasados de calor me faziam sonolento, e mesmo assim eu não podia dormir, com aquele eterno marulho do vento nas árvores. Aquele vento era como a interminavel tarde de trabalho que me esperava alem, e parecido com os dias, os verões, e até com as vidas que para sempre continuariam correndo, fatigadas e pacientes.

Quiçá seja uma tarefa baldada, a de tentar fazer sentir ao leitor o que talvez só eu possa sentir. O que eu tento descrever é apenas uma dessas impressões que se formam no espírito duma criança, e crescem com ela, e com ela ficam para toda a vida, muitas vezes ajudando em parte a modelar-lhe o carater e maneira de pensar, coisa que não se pode explicar com palavras.

Outra impressão eu guardo, que cresceu comigo desde a infância: tenho um tal horror a cobras, que chega a tocar as raias do irracional. Não é que eu tenha medo de morrer da dentada duma cobra, não. É um medo de outra espécie. É uma mania horrivel, contrária à natureza, de fugir assim que vejo uma cobra, tanto quando se trata duma cobrinha de jardim, de 15 cm, como duma cobra cascavel de dois metros de comprimento.

Quando vou de visita aos parentes, em Indiana, minha mãe nunca deixa de contar o que se passou quando eu era um gurí, talvez de quatro ou cinco anos. Meu pai lavrava o campo no extremo mais distante da fazenda, e eu, de pés descalços, caminhava ao lado da charrua sobre a terra macia. Começara recentemente esse trabalho, e estava perto duma sebe de ervas bravas, por entre as quais crescem rosas silvestres. Pedí-lhe que me emprestasse o canivete, pois queria cortar algumas dessas rosas afim de levá-las para casa. Deu-me o canivete e prosseguiu, enquanto que eu me sentei na erva e comecei a cortar as rosas.

Foi então que vi de repente uma cobra azul pulando por entre as ervas, direita a mim. Soltei um berro, joguei fora o cani-

Ernie Pyle teve morte prematura no dia 18 de abril de 1945, sob o fogo das metralhadoras japonesas na ilha de Ie, perto de Okinaua. Jornalista de longa data, ele era ao tempo da sua morte o mais popular e o mais conhecido de todos os correspondentes americanos da Segunda Guerra Mundial. Mas muitos dos leitores que saboreavam as suas correspondências de guerra não se lembravam de que, em condições de ambiente menos sensacionais, Ernie viera durante muitos anos fazendo nas colunas da imprensa americana reportagem do mesmo gênero: íntima e tocante, cordialmente humana. Foi a verificação deste fato que deu lugar à publicação póstuma do livro *Home Country*, onde estão compiladas as suas crônicas mais estimadas dessa época anterior à guerra, as quais, no entender do próprio Ernie Pyle, encerravam a melhor prosa que já produzira.

vete, e larguei a correr. Nisto lembrei-me que o canivete era de meu pai, e resolví voltar atrás, rastejando na terra lavrada de fresco, até dar com ele. Meu pai ouvira o meu berro, e tinha parado; entreguei-lhe o canivete e pus-me a caminho de casa.

Acerquei-me de casa pela banda do poente, onde tínhamos um quintal mal cuidado, com ervas que cresciam à vontade. Não me atreví a atravessá-lo. Parei do lado de fora e chamei minha mãe. Quando ela apareceu à porta para indagar o que eu queria, roguei-lhe que viesse buscar-me. A resposta dela foi que, se eu quisesse entrar em casa, atravessasse o quintal sozinho. Coisa que eu não teria sido capaz de fazer, ainda que a morte fosse o castigo de não atravessar! Minha mãe ordenou-me então que viesse pelo quintal, e eu rompí em prantos. Disse-me ela que se eu não parasse de chorar e não passasse pelo quintal me dava com a chibata. Não fui capaz nem de suster o choro, nem de atravessar o quintal. Minha mãe não teve outro remédio senão ir buscar-me pela mão. E apanhei de chibata—foi essa uma das únicas vezes, creio eu, que ela me açoitou.

Nessa noite, quando meu pai regressou dos campos, ela lhe contou o caso do palerminha que não se atrevia a atravessar o capim, e como fora preciso castigá-lo. Foi então que meu pai lhe falou das rosas, e do canivete, e da cobra que me afugentara, porque eu nada dissera a esse respeito. Mamãe ficou muito triste e, nessa noite, chorou muito tempo, depois de ter ido para a cama.

Já lá vão mais de 30 anos que isto aconteceu, mas até hoje, sempre que eu vou de visita à família, cedo ou tarde minha mãe acaba perguntando: «E você ainda se lembra daquela vez que eu lhe dei de chibata porque você não queria atravessar o quintal?» E então, infalivelmente, volta a contar-me o episódio, tal como acabo de narrá-lo, e quando se aproxima do fim nunca deixa de erguer a bainha do avental até os olhos, em caso de ter que enxugar alguma lágrima—o que invariavelmente lhe sucede.

MINHA mãe sempre preferiu guiar uma parelha de cavalos na lavra dos campos, a cozinhar um jantar. Mas felizmente, durante toda a sua vida, dedicou-se muito mais à cozinha do que aos trabalhos agrícolas. Minha mãe é a prova viva de que a felicidade está dentro de nós mesmos; não tem feito outra coisa a vida inteira senão trabalhar duro e, sem embargo, tenho certeza de que se considerou sempre feliz. A fazenda é o seu amor, e ninguem lhe fale em mudar-se dalí para a cidade, como fazem tantos outros lavradores aposentados. Ainda hoje prefere ficar na fazenda ordenhando as vacas, a ir passar alguns momentos distraidos numa feira de amostras. É ao mesmo tempo a melhor criadora de galinhas e a melhor doceira da redondeza: mas enquanto detesta fazer bolos no forno, adora criar galinhas.

Minha mãe sabe provavelmente tão pouco do que vai por esse mundo de Cristo, quanto qualquer das mulheres da redondeza; não obstante, é a mulher mais liberal do lugar. Não me lembro que ela me tenha proibido alguma vez de fazer fosse o que fosse: sempre se limitou a dizer-me o que achava direito e o que achava errado, deixando o resto por minha conta. Foi sempre uma mulher de grande energia. Ainda me lembro do dia em que o homem que vendia remédios por aquelas fazendas nos veio bater à porta, dizendo que não lhe tínhamos pago um frasquinho de linimento. Minha mãe afirmou que estava pago. O homem teimou que não. Nisto, minha mãe foi dentro de casa buscar o dinheiro, abriu a porta e jogou as moedas na cara do sujeito. Escusado será dizer que ele nunca mais apareceu por alí.

Outra coisa de que ela sempre gostou, foi de dizer o que pensa na frente das pessoas. Muitos de nossos vizinhos experimentaram mais de uma vez os golpes da espada que é a língua dela, ficando amuados durante algum tempo; mas, sempre que se encontram em apertos, esquecem os agravos e vão bater-lhe à porta, pedindo ajuda—coisa que, bem entendido, ela nunca recusa.

Sem que minha mãe se dê conta disso, sua vida tem sido um bom exemplo do que era a existência dos «pioneiros» da pradaria. Prestar-se-ia perfeitamente para personagem dum livro, ou modelo dum quadro, que representasse um daqueles caracteres robustos, que, através dos tempos, nas horas dificeis, sempre chamaram a si as mais árduas tarefas.

Nestes últimos anos temos ouvido falar muito da «política da boa vizinhança» entre as nações. Mas, quanto a mim, e creio que para a maioria de nós, «boa vizinhança» se tornou uma expressão puramente acadêmica; a gente que mora nas cidades quase esqueceu já o que é ser bom vizinho; mas a gente dos campos ainda o sabe.

Minha mãe sofreu uma hemorragia cerebral e ficou paralisada numa quinta-feira à noite. Na sexta-feira de manhã a notícia já correra por todas as fazendas da região, e a ajuda começou logo a entrar pela nossa porta em vagas sucessivas. Os homens mais robustos da vizinhança vieram ajudar a erguer minha mãe na cama. As mulheres acudiram a fazer os trabalhos domésticos.

Entre outras, Bertha e Iva Jordan vieram duas vezes lavar a roupa, ficando cada uma delas meio dia. A mãe de Oll Potter mandou um cabaz cheio de salsichas frescas e uma cesta de maçãs. Quando eu era pequeno, estes Potters eram a gente mais pobre de toda aquela vizinhança. Tinham chegado havia pouco tempo lá das montanhas, e ninguem os via nunca sorrir. Dan Potter, o pai, passava os dias fora, trabalhando para os fazendeiros; mas toda a família labutava e fazia economias, e todos os filhos cresceram e se fizeram bons trabalhadores. À data deste acontecimento já eles viviam numa bonita casa, e eram donos duma brigada de caminhões para transporte de gado, e toda a gente na região os admirava pela forma como tinham sabido tirar-se da pobreza pelo seu próprio esforço.

A senhora de Frank Davis, vizinha recem-chegada que morava um pouco mais acima, à beira da estrada, veio trazer-nos costeletas do porco que acabava de ser morto. Minha tia Maria comentou que isso era muito gentil da parte dela, pois mal nos conhecia. A sra. Davis a isto redarguiu que uma vez, estando ela doente, os vizinhos a trataram com grande bondade; e quando ela lhes disse que não sabia como poderia algum dia retribuir tanta gentileza, responderam que ela não precisava pagar-lhes pessoalmente, bastando que fizesse alguma coisa por outras pessoas que atravessassem uma hora de necessidade. E era o que ela estava procurando fazer agora.

Quando chegou o domingo, trinta e oito pessoas contei dentro de nossa casa! Não cabiam todas na sala da frente, e a dada altura a cozinha e a sala de jantar estavam tão cheias, que metade do pessoal teve que ficar de pé. Uma dessas pessoas era Anna Kerns, e lembro-me bem que ao sair, em vez de dizer «e se eu puder ajudá-la em alguma coisa...» o que

ela disse foi isto: «Mary, amanhã estarei aquí às sete e meia, para lhe lavar a roupa.» E às sete e meia em ponto, no dia seguinte, já ela lá estava, e ficou o dia inteiro.

Durante quarenta anos minha mãe nunca deixara de acudir à casa de toda aquela gente, quando sabia que a sua ajuda era precisa. Ninguem o esquecera, e agora os vizinhos vinham de perto e de longe, em bandos, para auxiliá-la. Os fazendeiros de Indiana sabem o que é a «política da boa vizinhança». É uma coisa que está na massa do seu sangue.

Este ofício de reporter ambulante, quando mais não seja, nos ensina uma coisa: não faças a outrem aquilo que não desejarias que te fizessem. Quanto mais uma pessoa viaja por esse mundo, e se acostuma a ver gente de todas as cores e feitios, menos inclinada se sente a olhar para os outros do alto dum poleiro, e a rir-se à custa deles. Porque os outros podem estar lá embaixo, olhando para a gente e se divertindo à nossa custa...

Vejam por exemplo o caso de Frank Murphy. Há alguns anos, quando eu me julgava um sabe-tudo, podia ter escrito uma história muito espirituosa a respeito de Frank. Mas hoje, com franqueza, já não ouso dizer se era eu ou ele o maluco, ou se o éramos ambos.

Este Frank Murphy andava pelos 76 anos, assim dizia ele. Era um homem alto, magro, não muito asseado, com uma barba grisalha muito emaranhada, e uns olhos cinzentos que nos fitavam fixamente através dos óculos de aros de tartaruga. Nascera em uma ilhota ao largo da Irlanda, de onde, havia muito, viera para os Estados Unidos. Julgava que tinha um filho, mas havia cinquenta anos estava sem notícias dele, ou seja, desde que a mulher lhe morrera. Não tinha neste mundo nem uma alma que pudesse considerar como família.

Era o que se chama um *squatter*, um sujeito que chega numa terra qualquer e aí se instala. Morava perto do monturo da cidade de Memphis, à margem mesmo do Mississipi. A casa que habitava, tudo o que possuia—na verdade, tudo o que constituia a sua existência—saira e continuava saindo do lixo da cidade. Por exemplo, com as chapas das carrocerias de automoveis abandonados no monturo, depois de as achatar a martelo, Frank construiu sua casa. E não se pense que era um desses mocambos que mal se têm de pé, como os há por todas as favelas. Era uma casa sólida e aprumada, com portas que fechavam direito, e janelas bem ajustadas; nem a chuva nem o vento podiam entrar nela. Tinha quatro pequenas peças, razoavelmente asseadas, e tão cheias de moveis feitos em casa, de bugigangas e de ferro-velho, que a gente só com dificuldade se podia mexer.

Murphy não andava longe de ser autosuficiente. Não tendo ninguem que o ajudasse, fazia tudo por sua própria mão. Consertava as panelas e cafeteiras de lata que pescava nos montes de lixo; quando encontrava chifres de boi, limpava-os, polia-os e montava-os em placas decorativas; do aço que encontrava fazia facas de cozinha bem afiadas. Depois ia vendendo todas essas coisas de porta em porta, às donas de casa. Se elas eram demasiado pobres para comprar-lhe a mercadoria, ele a dava de graça. Uma vez ganho o suficiente para adquirir a subsistência de alguns dias, ficava em casa, pois tinha muitas outras coisas que fazer, como por exemplo pintar, e dedicar-se aos seus «inventos».

O passatempo que mais lhe agradava era pintar a casa. Mas, em vez de pintá-la duma só côr uniforme, ou de listas, ou em

desenhos geométricos e regulares, Murphy pintalgava-a ao acaso, de várias cores, dando-lhe a aparência duma galinha sarapintada. Para esse fim, recorria a todas as cores do arco-iris e mais algumas. Perguntei-lhe um dia por que é que ele pintava assim: «Para que os estranhos pensem que eu sou louco, e não se aproximem da casa!» respondeu. Mas o resultado era exatamente o contrário: as pessoas começaram a manifestar uma grande curiosidade por aquelas pinturas fora do comum. Frank só pintava de noite, às escuras, para não poder ver o que estava fazendo. Depois, na manhã seguinte, ao pular da cama, corria para fora de casa, a ver que tal lhe parecia a sua obra. «E todas as vezes que a pinto, parece-me bonita,» disse ele. E a mim tambem me parecia bonita!

«Querem ver como a minha casa muda de côr?» perguntou ele um dia. E nós lhe dissemos que sim. Frank correu para dentro de casa. Daí a pouco, o painel que formava a parede, num dos lados da porta de entrada, começou a correr para um lado e para o outro, e começou mesmo a mudar de côr! A explicação é que, em frente do painel, a parede tinha umas ripas da mesma côr, mas atrás destas, Murphy pintara o painel duma côr diferente... Murphy declarou que estava pensando em montar um moinho de vento no telhado, ligando-o, não sei por meio de que complicadas engrenagens, com o painel, de modo que, quando o vento o fizesse girar, o painel ficasse andando continuamente para cá e para lá. E nos perguntou se nós não pensávamos que os estranhos haviam de achar aquilo muito engraçado.

Murphy possuia uma fotografia de Joan Crawford, suspensa na varanda, e dentro de casa encontrava-se um autoretrato que ele tinha pintado, olhando-se no espelho. Penduradas junto da janela estavam duas baladeiras; o dono da casa confessou-nos que quando os estranhos vinham meter o nariz por alí, ele os alvejava com a atiradeira; os intrusos pulavam, e nunca chegavam a saber de onde tinha vindo a pedrada que os ferira.

A moradia de Frank Murphy causava riso a muita gente, mas a mim nunca me provocou o riso. Afinal de contas, por que é que uma pessoa não havia de pintar às escuras! O que alí via me parecia muito melhor do que algumas pinturas feitas à luz do dia, que eu tenho visto em museus de arte. Quantas pessoas seriam capazes de fazer ou de pintar alguma coisa no escuro da noite e depois, ao ir espiar na manhã seguinte para ver que tal parecia, podiam gabar-se de que ela lhes parecia bonita? E haverá algum mal em fazer com que a casa da gente «mude de côr»? Aposto que o leitor não é capaz de fazer a sua casa mudar de côr!

Fico cismando às vezes—e cismando muito seriamente—se, ao chegar aos 76 anos, eu ainda serei capaz de construir por minhas próprias mãos uma casa, e pintar quadros que me pareçam bonitos, e de passar meu tempo agradavelmente, sem depender de ninguem neste mundo —quer para me sentir acompanhado, quer para ganhar o meu pão! Se algum dia eu tiver a sorte de assim viver, tenho certeza de que me hei de considerar bem longe de «louco»...

Rudy hale e a esposa viviam nos fundos da sua lojinha, numa barraca a quase oitenta quilômetros a leste de Yuma, no Arizona, e num raio de muitos quilômetros não havia outros moradores. A três passos da porta deles a gente já se enterrava até os tornozelos na areia do deserto. Os Hales ganhavam a vida pegando cobras cascavéis, vivas. Para mim,

este modo de vida teria sido dez mil vezes pior que a morte. Mas eles viviam disso, e gostavam.

Os areais do Arizona estão cheios de cobras cascavéis. Rudy e a mulher «lavravam» o deserto para colher cobras, tal qual um fazendeiro trabalha a sua terra para colher os frutos. Foi à custa das cascavéis que eles ergueram o mocambo onde viviam; as cascavéis os alimentavam e vestiam, e foram elas o ponto de partida para o negocinho de mercearia e gasolina que os Hales montaram em pleno deserto. Nestas condições, quem poderia deixar de amar a cobra cascavel?

Para começar, eles colocaram um anúncio num jornal de San Diego: num abrir e fechar de olhos, encontraram-se sem mãos a medir com encomendas. Vendiam cobras para jardins zoológicos de todo o país, para coleções particulares, para os centros médicos que delas precisavam para fabricar soro, para as granjas estaduais de repteis, e para os irmãos Mayo, fundadores da famosa clínica. Para apanhar as cobras, nem sequer se serviam de forquilhas—apanhavam-nas assim mesmo, à mão, e punham-nas em uma caixa que levavam nas costas. Saíam habitualmente à caça das cobras durante uma hora após o romper do dia, e durante uma hora antes do escurecer. Em oito anos tinham pegado aproximadamente vinte mil cascavéis. Rudy chegara a pegar, sozinho, nada menos de cinquenta cascavéis em uma hora de caçada! Com esta fúria, deixaram o deserto praticamente limpo de cobras num raio de 35 quilômetros.

Naquela região do Arizona existem 12 variedades de cascavéis, das quais a massasauga é a mais mortífera; e foi precisamente nesta que os Hales se especializaram. Nos bons tempos chegavam a cobrar 50 centavos por cada exemplar. «Só queria poder tornar a cobrar 50 centavos por cada cobra,» disse-me Rudy um dia. «Os tempos vão maus, o mais que pagam hoje é 20 centavos.» O preço mais alto que ele cobrou por uma serpente foram sete dólares: mas tratava-se duma raridade, uma cascavel preta, das montanhas.

Hale tinha apanhado cobras da grossura da perna dum homem. Já havia pegado tão grandes que eram capazes de se lhe enrolar nos braços, imobilizando-o! Ele via-se obrigado a arrojá-las a distância, e depois ia levantá-las do chão para tentar de novo. «Tenho sempre muito cuidado em não magoar uma cobra,» dizia Hale. «Todas as cobras que eu vendo são cobras boas, cheias de saude!»

Tanto Hale como a esposa deixavam que as cascavéis se enrolassem neles. A sra. Hale chegava mesmo a andar pela casa com cobras metidas nos bolsos. Nenhum dos dois jamais havia sido mordido. «Não se corre o menor perigo, se a gente presta bem atenção no que faz,» dizia-me Hale. «Quando se está pegando uma massasauga,» explicava ele, «a gente não deve pensar em mais nada.» Dizia que a mão do homem é mais rápida do que o bote da cobra, e quando a gente não consegue agarrá-la a primeira vez, pode sempre pular para trás a tempo de se livrar da dentada. Muitas vezes lhes aconteceu verem a cascavel enrolada no chão, aproximarem-se dela com todo o cuidado, e meterem a mão de mansinho através da areia, por baixo da cobra, e erguê-la assim, toda enrolada como uma mangueira.

No dia em que eu alí estive, Rudy tinha apenas uma massasauga à mão. A cobra estava metida numa espécie de tanque de cimento, sem tampa, atrás da casa. Já tinha escurecido quando ele me levou alí para ver a serpente, e foi preciso acender uma pequena lâmpada elétrica de poucas velas. Foi buscar então um pau com um prego na ponta, à maneira de gancho, pegou a cobra no prego e levantou-a até quase fazê-la chegar à borda do tanque. Nesse instante o cachorrinho vermelho que pertencia à família enfiou o focinho molhado e frio por baixo da dobra da minha calça: ao sentir na pele aquele contacto inesperado, soltei um berro medonho, e quando dei por mim, estava longe, a muitos quilômetros dalí, e nunca tornei a pôr os pés na casa dos Hales.

AGRADAM-ME as pradarias. Gosto das montanhas. As florestas, os desertos e a transparência cristalina do ar nas grandes altitudes, tudo isto me apraz. Mas para mim, não há nada que tenha o sortilégio de uma cidade marítima. Que bem que eu me sentí em Seattle, ouvindo uivar as sirenes no nevoeiro do estreito e os mugidos graves e profundos dos grandes vapores que partiam; sentindo ondular em volta de mim o nevoeiro rastejante, o nevoeiro que amacia todas as coisas e transforma a noite em um sonho aveludado. Como era bom ouvir as histórias mirabolantes e discretamente escarnecedoras que correm por todo o estreito de Puget.

Ora, em tempos que já lá vão, havia aquí no estreito de Puget um rebocador, que ia arrastando atrás de si, águas a fora, uma grande balsa de madeiros. Não havia pressa nenhuma, e o bom do rebocador lá ia, puf-puf, tão devagar, que mal o víamos mexer. Acontece tambem que o capitão aproveitava toda aquela pachorra para experimentar um novo tipo de óleo combustivel no seu motor Diesel. O maquinista tinha à sua disposição muitas latas de cinco galões de óleo de várias marcas. Deixava trabalhar o motor até ele gastar todo o conteudo de uma lata, em seguida ministrava-lhe o óleo de outra marca, punha o mecanismo em andamento, e lá continuava o seu caminho, puf-puf, com todo o vagar.

O capitão estava mesmo caceteado, alí sem nada que fazer, de braços cruzados. Alem disso, doiam-lhe os pés. E alí se deixou ficar no tombadilho, tristemente, contemplando o litoral que mal parecia deslocar-se, e de vez em quando atirando um olhar turvo de melancolia à água que rolava brandamente em volta do vaporzinho. Aquela água parecia-lhe tão fresca. Finalmente resolveu tirar os sapatos e as meias, sentou-se na amurada, que era baixinha, e deixou pender os pés para fora, roçando nas ondas.

A água estava uma delícia, e o velho lobo do mar se divertia bastante, quando uma foca deitou o focinho fora d'água, descreveu uma curva graciosa e começou a nadar ao lado do rebocador (se há focas no estreito, não sei). Seja como for, o capitão julgou que se tratava dum cachorro! Debruçou-se afim de se certificar, e zás, caiu ao mar. Quando conseguiu voltar à superfície e livrar-se da água que lhe entrara pelas goelas abaixo, a sua bem amada embarcação já se tinha distanciado um bom bocado. Mas nem tudo estava perdido!—a balsa de toros vinha-se arrastando vagarosamente atrás do rebocador. De sorte que o velho capitão deixou-se flutuar até a balsa, e içou-se para cima dela.

Mas uma balsa de madeiros soltos, a reboque, não é lugar para um respeitavel capitão de navios: e o nosso lobo do mar pôs-se a correr de um lado para o outro, ao mesmo tempo que berrava para o maquinista do rebocador. Mas o maquinista, com aquele barulho do motor a moer-lhe os ouvidos, não podia ouvir os gritos do comandante; nem mesmo que o motor se calasse o poderia ouvir, pois estava dormindo a sono solto.

A esta altura somos forçados a abandonar por momentos o capitão na sua balsa, e observar o que se passa na costa. Em um ponto do litoral do estreito morava uma destas criaturas que parecem ter por única ocupação observar os navios que passam. O homem, pois dum homem se tratava, estava na praia, de óculo de alcance em punho. Do rebocador passou para a balsa, e finalmente para o capitão que corria desvairado sobre os toros. «Coitado do Capitão Blank,» pensou o nosso observador náutico, «perdeu o juizo!» E nisto, correu a telefonar para os escritórios da companhia de rebocadores, participando que o capitão endoidecera, e andava descalço, correndo dum lado para o outro numa balsa de madeiros a reboque, gritando como um possesso!

Voltemos agora ao rebocador. Nesse ínterim, uma das tais latas de cinco galões de combustivel gastara-se, e o motor parou. O silêncio despertou o maquinista, que se levantou para despejar outra lata no tanque do motor e pôr este novamente em marcha. O capitão aproveitou a oportunidade: jogou-se n'água e, em parte nadando, em parte socorrendo-se do cabo de reboque, foi-se aproximando do rebocador, ergueu-se a bordo deste, esgueirou-se para a cabina sem se fazer notar, mudou de roupa, e, na altura em que o motor se pôs de novo em marcha, já ele estava no tombadilho muito sossegado da vida, como se nada tivesse acontecido.

Ao anoitecer, o rebocador atracava ao cais de Port Angeles. Os diretores da companhia já estavam todos alí, sem faltar um. Alí se encontravam tambem uma ambulância, e o chefe de polícia acompanhado de dois guardas, para o caso de o velho lobo do mar ter virado louco furioso.

O capitão surgiu no tombadilho e saudou-os com a costumada urbanidade. Ao ver isto, o presidente da companhia sentiu-se empalidecer:

—Mas, capitão, eu ouví dizer que o senhor estava... hum... adoentado.

—Doente, eu? rugiu o capitão. —São como um pero! Nunca na minha vida estive um dia doente!

Como é que o presidente da companhia se explicou com o chefe de polícia, eu não sei. O certo é que nunca mais abriu o bico para falar no caso ao capitão. Mas a história correu, e eu a vendo pelo preço que me custou...

AQUELAS cem ou mais pessoas que, certo sábado, por volta da meia-noite, se encontravam no Restaurante Hofbrau, em Mohawk Lake, Estado de Nova Jersey, ficariam bem surpreendidas se algum dia chegassem a saber o fim da história que passo a contar.

O Restaurante Hofbrau era um centro de animação e alegria aos sábados à noite. Toda a gente se reunia alí—jovens e velhos, famílias e conhecidos—e, em volta das mesas, comiam à farta e conversavam animadamente. Um sujeitinho de terno branco dedilhava no piano, cantando com uma dessas vozes de tenor que eram a moda há vinte ou trinta anos, e toda a gente se mostrava muito cordial e parecia se divertir a valer.

Assim iam as coisas naquele sábado, quando um homem e uma senhora deram entrada na sala, de cabeça descoberta e em roupas de verão. Sentaram-se num banco, ambos do mesmo lado da mesa, e encomendaram um prato qualquer ao garção. Comeram, conversaram e escutaram a música, mas prestando de resto pouca atenção ao que em volta deles se passava, ou à numerosa clientela cujas conversas faziam em redor deles um coro geral de ininteligivel algaraviada, ou mesmo aos pares que bailavam por entre as mesas,

visto que a sala não tinha propriamente o que se chama um tablado de dança. Pareciam ambos muito interessados no que tinham a dizer-se mutuamente; e como cada um deles, quando falava, o fazia durante muito tempo e com visivel animação, isso tornou-se de certo modo notado.

Esta impressão surgiu provavelmente primeiro no espírito do pianista-cantor, que a certa altura se levantou e foi perguntar-lhes o que é que eles desejariam que ele tocasse. Voltou para o piano, desatou a tocar e a cantar, e daí a pouco aproximaram-se do pianista, e alí ficaram escutando, dando-lhe aquí e alí uma ajuda nas canções, sempre que podiam lembrar-se da letra. Os presentes acharam tudo aquilo muito bonito, e quando acabou a cantoria, toda a gente bateu muitas palmas.

Então o pianista lhes perguntou se acabavam de casar-se, e eles disseram que sim, casados há dois dias. O músico deve ter espalhado a notícia, porque daí a pouco aproximaram-se da mesa deles três ou quatro pessoas que começaram a dar à moça toda a espécie de conselhos gratuitos e bem intencionados, sobre a maneira de viver feliz, como governar o marido, o que não fazer, e assim por diante.

Até que o casal, entregue a si mesmo, mergulhou de novo em animada conversa, que se transformou em acalorada discussão sobre um assunto qualquer, visto que os dois estavam agora frente a frente, gesticulando com eloquência e com modos algo explosivos. Isto deu origem a nova corrente de idéias entre os presentes: que eles estavam tendo uma altercação, e quem sabe, talvez fosse a primeira!

Mas os dois companheiros não sentiam que estavam sendo observados, e por isso ficaram boquiabertos quando de repente o piano se calou, um grande silêncio encheu a sala, e de um recanto afastado, em voz alta, alguem disse: «Vamos, beijem-se e façam as pazes!»

Estas palavras foram seguidas por um brado mais forte e autoritário, que parecia vir de mais perto: «Vamos, dê-lhe um beijo!» O homem e a mulher relancearam o olhar perplexo pela sala e notaram, pela primeira vez, que todos os presentes os estavam fixando, e esperando que a ordem fosse obedecida! De modo que o homem, evidentemente cavalheiro, não teve remédio senão inclinar-se para a companheira e dar-lhe um beijo—por sinal bem sonoro!—sobre o que prorrompeu na sala um clamor de aplausos como nunca se ouviu em parte alguma. Em seguida, um por um, todos os fregueses do Hofbrau desfilaram em frente da mesa deles, para lhes dar um aperto de mãos, felicitá-los pelo seu casamento e desejar-lhes muitas e muitas venturas, e toda a prosperidade de que pareciam merecedores. E não era troça, porque todos se mostravam radiantes com isto, e muito sérios tambem. O jovem casal não teve outro remédio senão sorrir e agradecer a toda a gente; e como, à medida que os últimos fregueses desfilavam diante deles, se fizessem horas de fechar o restaurante, os recem-casados sairam tambem, e se meteram no seu carro, com muita gente ainda à roda deles fazendo muitos votos de felicidade e dizendo adeus.

Ambos estavam quase estourando de riso, porque, embora tudo tivesse corrido com muita seriedade, alguem fora vítima duma troça, e decerto não tinham sido eles!... Com efeito, estavam casados havia muitos anos, e eram muito felizes: mas não um com o outro... Chegados em casa, contaram ao respectivo marido e mulher o que se passara no Hofbrau, e todos acharam o incidente muito engraçado.

O homem, pela sua parte, e quem sabe se a moça tambem—sentia-se felicíssimo

com o acontecido, porque toda a gente se mostrara tão franca e genuinamente entusiasmada com aquela «união». E ao cabo de contas, tudo aquilo era bastante lisonjeiro: especialmente para ele...

Eu sei, e posso jurar, que isto se passou assim mesmo, porque estava lá e vi tudo: eu era o «recem-casado»...

JOSIE PEARL vivia a 56 quilômetros da cidade de Winnenucca, no Estado de Nevada. Morava completamente só numa cabana de papel alcatroado, em volta da qual havia apenas mato espinhoso, que dava pela altura dos joelhos, e a solidão vazia das distâncias. Não havia nada parecido com estrada que levasse à cabana—apenas uma simples trilha atravessava aquele deserto. Para chegar alí, o automovel arrastava-se aos tombos, roncando, envolto numa nuvem sufocante de poeira, enquanto que os espinhos do mato abriam longos arranhões no verniz dos para-lamas.

Josie era uma autêntica americana do Oeste: robusta, de estatura mediana, modos joviais, e parecendo muito mais jovem do que era realmente, pois já passava bem dos sessenta anos; no entanto, o cabelo conservara-se-lhe negro. Andava num vestido de chita grossa, e sobre este levava um avental; na cabeça, um chapéu de palha de fazendeiro, nos pés, sapatos que não combinavam um com o outro, e nos dedos e pulso da mão esquerda—uma carga de diamantes no valor de seis mil dólares! Tal era Josie—toda ela uma contradição da cabeça aos pés, uma espécie de virago do deserto. Tinha levado toda a vida na mais aventurosa e estranha das ocupações: a busca do ouro. Era uma garimpeira, e andava naquilo desde a idade de nove anos, desempenhando um papel de homem, num mister próprio dos homens.

Era bem o tipo que caracterizava a meus olhos a gente do Oeste de outros tempos: um dia, dona de uma fortuna de cem mil dólares, e no dia seguinte, sem tostão, cozinhando num acampamento de garimpeiros, por trinta dólares mensais. Muitas vezes carregara víveres nas costas, atravessando a região sob temporais de neve, a temperaturas de 25° C abaixo de zero, e passara muitos anos em campos de garimpagem onde não havia outra mulher; apesar disso, não tinha nada de grosseiro, não bebia, não fumava nem praguejava, e sua personalidade era a de uma simples fazendeira.

Levara a vida ora pobre, ora rica, mas podia entrar em qualquer banco dessa parte do país, e levantar cinco mil dólares de empréstimo, sem mais formalidades que as exigidas a uma pessoa abastada. Tinha sido dona de hospedarias para garimpeiros em todo o imenso Oeste. Chegara a ganhar nesse negócio 35.000 dólares, uma fortuna, que enterrara até o último centavo nos buracos sem fundo do sonho do ouro. Fora casada duas vezes, e de ambas enviuvara. Mas isso em nada lhe alterara a vida, pois estava habituada a não depender dos homens.

Tinha treze anos quando encontrou a sua primeira mina, que vendeu por cinco mil dólares. Quando a conhecí, acabara de vender a sua mais recente descoberta, e vivia então na abastança, o que não chegava para convencê-la a abandonar o deserto.

A sua cabana oferecia a mais espantosa confusão de riqueza e de lixo que eu jamais vi. As paredes estavam forradas duma espessa camada de cartas de pessoas amigas, recibos das análises de ouro, e faturas dos grandes armazens que vendem de tudo pelo correio. Por todos os cantos e no meio da casa, eram cartas e caixas e roupas e panelas jogados ao acaso. E no meio deste pandemônio, via-se uma caríssima mala guarda-roupa, contendo um casaco de pele de foca no valor de 700 dólares!

Josie dormia com o rifle de grosso calibre—30-30—ao lado da cama, e sabia atirar como um homem. No quarto ao lado tinha uma arma de repetição e uma espingarda de dois canos. E um cachorro. Com tudo isto, Josie Pearl não era nenhuma eremita do deserto, nem uma «excêntrica» tãopouco. Longe disso. Possuia uma camionete Ford, e quando a solidão a afligia muito, saía em busca de companhia. Tambem tinha um grande Buick numa garage da cidade, mas não gostava muito de andar nele porque não queria dar-se ares de rica. Quando lhe dava na veneta, punha as suas roupas de domingo e largava para Reno ou São Francisco. Conhecia muito bem as cidades que visitava, e quando lá se encontrava, não se portava como nenhuma caipira...

Falava constantemente e gostava de se fazer estimada das outras pessoas. Tinha educado três moças, e ajudara do seu bolso dezenas de rapazes, conseguindo-lhes emprego. Servira de enfermeira a metade dos doentes daquela região do norte de Nevada, e era conhecida em toda a região mineira do Oeste.

Na opinião dela, o ouro não dá felicidade a ninguem, só dores de cabeça; e apesar disso, quem se habituou àquela vida nunca mais pode deixá-la... Tão depressa uma pessoa encontra algum ouro, há logo quem queira ludibriá-la, ou levá-la aos tribunais, ou simplesmente passar-lhe a faca. Josie já perdera a conta dos processos em que se vira metida.

Havia bem quarenta anos que ela vinha sofrendo com a maldade dos homens. Mas, coisa estranha, todas as pessoas que lhe haviam feito algum mal tinham morrido, no espaço de 2 anos! Falava destas coisas sem fazer delas um bicho de sete cabeças, nem obra de bruxaria, mas confessava candidamente estar convencida que lhes tinha posto feitiço. Advogados sem escrúpulos, sócios deshonestos, e ajudantes bêbados, a tinham esbulhado de fortunas consecutivas. E não obstante, Josie continuava a ter confiança na humanidade. Todos eram seus amigos, até prova em contrário. Uma hora depois de nos termos conhecido, já ela me dizia: «Vá buscar a sua amiga, e volte para cá. Ficam aquí dois dias, e eu os levo aí a um sítio só meu conhecido, onde podem apanhar pepitas de ouro com a mão. Vai ver que os faço ricos.»

Considerei isso excessivamente generoso da parte de Josie Pearl. Mas, disse eu com os meus botões, se algum dia eu fosse rico, não me faltariam processos nos tribunais; e a mim, francamente, bastaria uma demanda para me levar à sepultura... Com este pensamento, pus-me de regresso à cidade—sem ouro, mas tambem sem preocupações. Pelo caminho começou porem a arder-me na cabeça a febrezinha corrosiva do metal amarelo, que tem dado volta ao miolo de tanta gente boa. Eu? Rico? Talvez um processozinho só não fosse coisa para matar ninguem...

O GAFANHOTO é um bichinho ridículo, com aquelas pernas desengonçadas e os olhos patuscos. Mas a praga dos gafanhotos que em 1936 caira sobre os Estados da Dakota do Sul e do Norte tinha tanto de ridículo como os ciclones ou os maremotos que uma vez por outra assolam certas regiões do mundo. Por essa época nos Estados de que estou falando, todas as conversas começavam e acabavam no assunto dos gafanhotos. O gafanhoto era alí um motivo de preocupação só excedido pela grande seca. Não se podia afirmar que a praga dos gafanhotos

tivesse destruido tudo quanto a seca deixara vivo! Seria mais justo dizer que os dois flagelos avançavam lado a lado pela terra a fora, na soalheira escaldante do verão, tornando dificil dizer se a última folhinha de capim morrera de sede, ou fora devorada por algum gafanhoto esfaimado.

Quem já tiver visto um campo lavrado de fresco, com a terra revolvida e nua, poderá fazer idéia do espetáculo que oferece um grande milharal por onde passaram os gafanhotos. Estes insetos não se contentam com devorar a folhagem—comem tambem o caule das plantas, penetram pela terra a dentro e roem as raizes até à pontinha. Por onde eles passam, não fica nem sinal de verdura na superfície da terra. E o que fazem ao milho, fazem-no aos outros cereais, ao capim e a tudo quanto seja vegetal comestivel.

Eu queria tirar fotografias dum campo de milho devastado pela praga, mas não queria um campo completamente nu, visto não haver maneira de provar com a fotografia que alí tivesse jamais existido um milharal. O que eu queria era um campo onde se pudessem ver ainda os pés de milho, com a folhagem roida, e foi-me preciso rodar durante boa metade de um dia—ou seja, uns 240 quilômetros—através da Dakota do Sul, até poder encontrar um campo onde restassem ao menos, fora da terra, os cotos dos caules!

O primeiro encontro do motorista com as hordas de gafanhotos é uma coisa que produz a mais estranha sensação. Os gafanhotos não formam uma nuvem negra que escurece os céus; estão simplesmente pousados em espessa camada ao longo da estrada, e a gente não dá por eles senão quando o automovel começa a esmagar aquele grosso tapete animado.

Então, de repente, miríades de gafanhotos alvoroçados levantam vôo, e é uma chuva que crepita na carroceria, fazendo vibrar todo o carro. Guiando sob aquela nuvem trepidante, eu via-me forçado a piscar constantemente os olhos e a desviar-me a cada instante da linha reta.

Essa primeira leva de gafanhotos arrastou-se por mais de uma légua. Tive de parar na primeira cidade, e comprar uma rede para proteger o radiador do meu carro contra aquela praga. Quase todos os automoveis, por alí, levavam dessas redes. O motivo é que sem elas, os gafanhotos se acumulam na grade do radiador, em tal quantidade, que dentro em breve o ar fica impedido de passar, e o motor começa a esquentar. Quem viajasse pela região arriscava-se a encontrar gafanhotos no quarto do hotel, na camisa ao vestir-se pela manhã, ou pulando de mesa em mesa nos melhores restaurantes.

Os antigos moradores do lugar diziam-me que as pragas de gafanhotos duravam geralmente de três a quatro anos, e eram sempre piores nos anos da seca. Quando por alí andei, corria o terceiro e pior ano do ciclo da praga então em atividade. Ao que parece, não havia recurso que servisse, o governo tinha mandado usar verde-París no combate aos gafanhotos, mas, se é certo que este veneno os matava em quantidade, na expressão dum fazendeiro, «por cada gafanhoto que morre, mil deles, vêm assistir ao funeral!» Acabar com os gafanhotos era quase tão impossivel como tentar fazer uma cova na água do mar.

Os engenheiros civís especializados em construção de pontes parecem-me excelentes pessoas, e não há dúvida que são muito espertos. Não há nada que eles não saibam a respeito de tensões, trações e resistências! A gente sente-se cheia de entusiasmo e admiração por eles, ao

contemplar, sentado à mesa, o belo e grandioso traçado dos seus projetos. Mas a coisa muda muito de figura quando nos encontramos a uns duzentos e tantos metros de altura, isolados no ar, rígidos e paralisados dentro duma fragil gaiolinha que oscila ao vento, suspensa apenas por um delgado cabo de aço. Nessa altura, só temos um desejo: que vão para o diabo os engenheiros de pontes! Só quem se vê numa situação dessas fica sabendo bem que, com cálculos ou sem cálculos, um cabo de aço com menos de três centímetros de grossura não pode ser bastante forte para aguentar, suspenso nas alturas, um sujeito grande como eu, que pesa nada menos que 52 quilos!

Na margem sul da baía de São Francisco, encontrava-se um pequeno edifício de madeira, onde estavam instalados os escritórios de construção da grande ponte Golden Gate. Entramos alí para que nos dessem os capacetes de segurança. Quando saimos, o nevoeiro tornara-se tão espesso que, por mais que eu olhasse, não podia ver nem vestígios da ponte! O homem que me acompanhava, uma espécie de capataz da ponte, disse-me então: «Bem, subimos assim mesmo. Talvez o nevoeiro não esteja tão denso lá em cima.» Pusemo-nos a caminho, andando ao longo do cais provisório, construido por baixo da ponte, em direção à imensa torre ou pilar do lado sul, que ficava a três quarteirões de distância pela água dentro. Quando chegamos ao pé da torre, metemo-nos na tal gaiola de rede, e fomos içados por ares e ventos.

Esta gaiola parecia-se em tudo com um ascensor, exceto numa coisa: não corria ao longo dum «poço», não tinha trilhos, nem molas, nem freios, nem nada a que se apoiasse, exceto o ar e o nevoeiro, através dos quais subia como um balde na ponta duma corda. E o termo da ascensão ficava a mais de duzentos metros do nivel das ruas! Enquanto subimos através do nevoeiro, tudo correu bem, porque eu não via nada em redor, e não tinha pontos de referência. Mas daí a pouco começamos a sair do nevoeiro, e foi então que o medo me dominou. Subíamos e subíamos e parecia que aquilo nunca mais acabava. Pouco a pouco, através do nevoeiro que se dissipava, pedaços da ponte, da praia e da cidade, foram-se desdobrando a nossos pés. Então o ascensor começou oscilando para cima e para baixo, e eu compreendí imediatamente do que se tratava: era o cabo de aço que se estava destrançando, e devíamos estar agora suspensos somente por um ou dois dos arames que o formavam! No nosso caminho para cima passamos por duas pequenas plataformas onde o ascensor costumava parar afim de largar os operários. Quando chegávamos junto duma dessas plataformas, o teto da gaiola esbarrava de encontro a ela, e toda a fragil estrutura de que dependia a nossa vida desatava aos solavancos e encontrões, dançando à roda e balançando na extremidade do cabo. Era suficiente para que um homem sentisse vontade de se jogar no chão, e desatar a chorar!

Até que finalmente chegamos ao nosso destino. Mas a ascensão ainda não acabara: para sair da gaiola foi-nos preciso transpor um abismo com uns 30 centímetros de vão, por onde se via o mundo lá em baixo, e pelo qual eu podia muito bem ter caido; e depois subir uma escada de aço com uns sete metros de altura, atravessar ao longo duma cornija, galgar outra escada de quase cinco metros, e só então chegamos ao que me pareceu ser o pináculo do mundo. Oh, meu Deus! quem me meteu em tais aventuras!

O cimo da torre, que era um dos pilares da ponte em construção, pareceu-me tão

espaçoso como oito ou dez salas juntas. Alí se encontravam diversas oficinas em ponto pequeno, e cabines de controle, e àquela hora estavam por alí sentados alguns homens de capacete, comendo o seu lanche. O panorama que dalí se avistava era prodigioso—para quem tivesse a coragem de olhá-lo. O nevoeiro estava-se dissipando lá em baixo, e avistava-se agora a nossos pés a estrutura imensa da ponte, galgando nas duas direções o majestoso estreito de Golden Gate, por onde passavam navios que, daquelas alturas, pareciam minúsculos. À nossa frente estava Sausalito, atrás de nós estendia-se a cidade de São Francisco, e do lado de fora desdobrava-se a imensidão do Pacífico.

Uma sólida balaustrada de madeira formava um parapeito em volta da plataforma superior da torre. O bom-senso me dizia que eu não seria sequer capaz de fazer uma marca nesse parapeito, nem que levasse um dia inteiro a dar-lhe com um martelo; mas, apesar disso, eu sabia que se me apoiasse nele, como vi fazer ao capataz, ele cederia sob o meu peso! Sabia mais; sabia que, se tropeçasse, não cairia no chão: cairia *para cima*, a cerca de metro e meio de altura, e depois *para fora*, outro metro e meio para alem do parapeito, e finalmente para baixo, cerca de 230 metros na vertical... É sempre assim que *eu* caio, quando me encontro no alto duma grande torre! Por conseguinte, deixei-me ficar muito quietinho a uns bons dois metros da beira do abismo, com um braço bem preso à ombreira da porta duma das cabines de controle.

Na opinião do capataz, eu me estava comportando como um valente; porque havia muitos que conservavam os olhos fechados enquanto subiam no ascensor, e outros que se recusavam a sair quando o ascensor parava, só porque não se sentiam com forças para transpor aqueles trinta centímetros que separavam a gaiola da plataforma. E outros havia que, tendo tido a coragem de subir até o cimo, ficavam tão assustados que se deitavam no chão, brancos como a cal, tremendo e suando por todos os poros. E tornou a dizer que eu me estava portando como um valente, sim senhor! Em todo o caso, quando eu dava um passo, fazia-o com toda a cautela, devagar, como um gato, para não provocar alguma vibração que redundasse no colapso da formidavel torre. O homem afirmava que ela estava construida para resistir mesmo a um tremor de terra, mas seguro morreu de velho...

Perguntou-me então, diante de tanta coragem, se eu desejava descer ao longo do andaime que corria por baixo dos dois grossos cabos de aço, desde a torre lá em cima até o tabuleiro da ponte, no meio. Ora, não queria eu outra coisa! Mas infelizmente tinha alguem à minha espera, havia horas, e eu não podia de nenhuma maneira demorar-me mais! Assim tornamos a descer as escadas, esperamos que a gaiola nos viesse buscar, e tornamos a descer, bailando no ar até alcançar a terra, e escusado será dizer que, a cada metro que descíamos, minha coragem ia crescendo a olhos vistos!

Encontrei no ascensor um rapaz em trajes de trabalho, e lhe perguntei: «Quanto tempo o senhor levou para se habituar a trabalhar nessas alturas?» Respondeu ele: «Quando principiei a trabalhar, puseram-me na turma do *cemitério*, da meia-noite até as oito da manhã. Estava sempre tão escuro, que eu nem podia ver onde é que punha os pés. Quando amanheceu eu já me sentia bem. Mas, ao tempo, eu precisava tanto de encontrar trabalho, que acho que seria até capaz de escalar a torre Eiffel!»

Coragem digna de todo o louvor. Mas, pessoalmente, confesso que antes me teria deixado morrer à fome...

Tive o honroso privilégio de ser um dos primeiros estranhos que atravessaram o tabuleiro da ponte, logo que esta se acabou de construir e antes de ser aberta ao público. Mas dessa vez não tive medo. Atravessamo-la de automovel...

WILLIAM Andrew Johnson era um velhote feliz, e possuidor duma distinção rara: até onde se podia averiguar, era o único ex-escravo de presidente que ainda vivia, e esta era uma coisa de que se orgulhava imenso. William contava 79 anos. Emancipara-se ainda criança, mas sem embargo, toda a sua atitude para com a vida e os homens condicionava-se ao fato de ter nascido na escravidão.

Quando Andrew Johnson foi para Washington ocupar a presidência dos Estados Unidos, não levou consigo o escravo William. «Mas quando eu era pequeno, Mr. Andrew costumava sentar-me num joelho, e minha irmã no outro, e depois esfregava nossas cabeças e ria-se...»

Na primavera de 1936 o velho escravo-forro sofreu um sério desapontamento. Foi quando o Presidente Roosevelt veio a Knoxville para inaugurar oficialmente a Represa Norris. Meteu-se na cabeça do negro que ele havia de apertar a mão do Presidente, e contar-lhe que fora em tempos escravo dum presidente dos Estados Unidos. Nesta disposição, dirigiu-se a alguns de seus amigos brancos—homens importantes na Câmara de Comércio local—e perguntou-lhes se seriam capazes de lhe arranjar o encontro com o Presidente. Eles garantiram a William que iam fazer todo o possivel, mas foram-lhe dizendo que não pensavam fosse assim tão facil. Mais tarde vieram dizer-lhe que lhe era impossivel falar com o Presidente; William ficou seriamente contrariado.

Evidentemente, não era impossivel. William é que não andara acertado na escolha dos «intermediários». Não devia ter feito a tolice de ir pedir esse favor aos cavalheiros da Câmara de Comércio: devia era ter-se entendido com um jornalista! Se a impressão que eu tinha do Presidente Roosevelt era verdadeira, as coisas ter-se-iam passado da seguinte maneira: um reporter ia dizer ao Presidente que o negro William desejava apertar a mão dele, e o Presidente diria logo: «Pois não!» William era conduzido à presença do chefe da nação, o qual sacudia calorosamente aquela velha mão morena e mirrada, exibindo ao mesmo tempo o seu clássico sorriso de rasgada cordialidade. E não haveria então no mundo inteiro um mortal mais feliz nem mais orgulhoso do que o ex-escravo William Andrew Johnson!

E foi quase assim que as coisas se passaram. Creio que nunca contribuí tanto (inteiramente por acaso) para a felicidade de ninguem, como quando a minha crônica a respeito de William deu em resultado ele ser convidado para ir à Casa Branca, onde o Presidente Roosevelt (alem dum vigoroso aperto de mão e dum rasgado sorriso) lhe ofereceu uma bengala, e lhe entregou as chaves da cidade...

EM SÃO SALVADOR, capital da República do mesmo nome, vi um rapaz que se tinha perdido na selva quando era pequeno, pouco mais do que um bebê, e que por lá vivera durante três anos sozinho, como um animal selvagem.

Ouviu-se falar deste moço, pela primeira vez, no outono de 1933. Quando começou a correr a notícia de que alguem tinha avistado um animal de «aparência

humana» esgueirando-se por entre o mato que cobre a região baixa da costa do Pacífico, organizou-se uma expedição de fazendeiros para dar uma batida na selva e capturar o tal «monstro». A expedição foi coroada de êxito, e o «bicho» preso—não sem opor uma resistência feroz, debatendo-se, mordendo e berrando como autêntico íncola da floresta! Os expedicionários levaram-no para a casa duma fazenda e trancaram-no num quarto, mas daí a poucos minutos o cativo tinha levado sumiço: escapulira-se! Três vezes tornou ainda a fugir, antes de conseguirem conduzí-lo sob escolta, e bem amarrado, até a delegacia policial de Sonsonate. Chegou alí nu e imundo, o cabelo comprido e as unhas aduncas... Não erguia os olhos do chão. Estava aterrado de ver gente, e quando se lhe oferecia o ensejo, atacava e mordia sem ser provocado... Não falava, emitia somente uns grunhidos e guinchos. Uma fera!

Ninguem sabia naqueles sítios donde viera aquele menino, nem qual fosse a família dele. Até que por fim encontrou-se uma explicação—o moço perdera a família durante uma insurreição que tivera lugar naquela parte do Salvador em 1930 e tantos, e se metera sozinho pelos bosques a dentro, andando... Era manifestamente um índio de puro sangue. Durante os anos que passara na selva, habituara-se provavelmente a dormir empoleirado nas árvores, ou encafuado em tocas e cavernas. Tinha os braços compridos, o peito amplo, e sabia pular de árvore em árvore... Alimentava-se provavelmente de peixe cru, ainda fresco, frutas e plantas rústicas. Não tinha medo dos animais. Agarrava e matava com as próprias mãos cobras venenosas, mesmo depois de ter aprendido a falar.

Depois de capturado, deixaram-no ficar durante um mês na delegacia policial de Sonsonate, onde o submeteram a estudo. O pobre agia como um debil mental. Não tocava em comida cozinhada. Serviam-lhe carne crua, fruta e *tortillas*—que lhe arremessavam para dentro do cárcere, no chão—e ele não comia enquanto não o deixavam sozinho. Então, acocorava-se num recanto escuro, e atirava-se à comida com unhas e dentes. Tudo isto era observado através de fendas da parede.

Acabaram por levá-lo a uma fazenda experimental do governo, a poucos quilômetros de Sonsonate, onde havia uma escola. Foi alí que se descobriu gradualmente que ele não era um imbecil, e sim, um rapaz bastante esperto, possuidor de apurado instinto de imitação. O primeiro exemplo que tiveram disto, foi quando um funcionário da escola fez uso do telefone para chamar alguem; poucos minutos depois deram com o «selvagem» discando um número imaginário, e repetindo a conversa que ouvira...

Quando os professores se convenceram, finalmente, de que o rapaz não tornaria a fugir, passaram a deixá-lo sair sozinho à noite. Muitas vezes ele voltava à selva, pulava de árvore em árvore, brincava na margem do rio, vagava sozinho pela noite escura. Mas regressava sempre à escola. Acabou por achar preferivel dormir numa cama a dormir no chão duro, e andar limpo, e a querer usar roupa. Pouco a pouco a sua taciturnidade foi desaparecendo, e finalmente todos se aperceberam que ele era um autêntico «Tarzan» em carne e osso. Ainda o chamavam de *Tarzancito* quando o conheci...

Fazia já seis anos que vivia no cativeiro; tornara-se membro do nosso mundo civilizado, e frequentava a escola pública como os outros rapazes. Era quase certo que os anos passados na selva se iam tornando distantes e cada vez mais vagos na sua memória. Estava entregue aos cuidados do coronel Alfonso Marroquin, do exército salvadorenho, homem capaz e amigo dele, e morava com os soldados no quartel do Primeiro Regimento de Infantaria, situado mesmo no coração de São Salvador. O coronel, sem haver adotado legalmente o pupilo, dera-lhe em todo o caso o seu nome, e o «selvagem» passara a chamar-se oficialmente Ruben Marroquin. Era ótimo em matemática; adorava o futebol, e ainda conservava a agilidade e a robustez que adquirira na selva.

Quando travei conhecimento com ele, trocamos um aperto de mão, e ele sorriu, parecendo arder em desejos de causar boa impressão e de fazer o que fosse correto. Mas o que mais me impressionou nele foi a voz; era uma vozinha debil, tênue, de grande doçura, alta sem ser aguda—melhor, uma voz macia como um cochicho. E parecia expressar um grande apreço por todas as coisas que via e observava.

SOU CAPAZ de jurar que, para cada 10.000 mortais que gozam dos benefícios do emprego, não haverá um que tivesse a ousadia de fazer o que fez a família Partridge. O sr. E. Harve Partridge vivera toda a sua vida em Spokane, estado de Washington, no Noroeste. Casara cedo, não fizera curso superior, e quando chegou aos 25 anos de idade já tinha duas filhas. Aos 41, completava 18 anos como reporter do *Chronicle*, de Spokane, e suas filhas tinham então 16 e 17 anos de idade.

A família Partridge não deixava passar um ano sem tirar férias, curtinhas, é claro. Mas nos começos da primavera de 1936, um sonho ambicioso de férias compridas começou a alvoroçar a casa dos Partridges. Resolveram empreender uma excursão ao Alasca, em vapor. Certa noite, durante a ceia, Harve Partridge disse à família boquiaberta: «E por que não podemos comprar um barco, e levá-lo nós mesmos até o Alasca?...» As pequenas, ao ouvirem isto, ficaram loucas de entusiasmo, mas a sra. Partridge exclamou logo: «Vocês estão loucos. Nunca puseram os pés num bote que não fosse de remos! Nós não somos capazes de fazer navegar um barco à vela.»

Apesar desta sensata objeção, daí a algum tempo, num fim de semana, o sr. Partridge tomou o ônibus para Seattle—a 480 quilômetros de distância—e ao chegar alí, dirigiu-se logo ao cais, onde viu uma pequena lancha a motor, com cabina, em condições de aguentar o mar: preço, 900 dólares. Pediu licença para experimentá-la, e durante uma boa hora andou singrando pela baía, a ver que tal. Ficou satisfeito. Por fim, puxou do livro de cheques, pagou, e tomou o ônibus de regresso a casa. A família Partridge, desta vez, ia mesmo dar um passeio de barco até o Alasca!

Aqueles três meses de preparativos foram tão divertidos como a própria viagem. Compraram cartas náuticas no valor de 12 dólares, uma régua de paralelas, e uma bússola que lhes custou dois dólares e meio. Todas as noites, depois do jantar, a família se instalava no chão da sala de estar, e, fazendo de contas que um banco de quatro pés era o barco, com a bússola em cima, passavam a traçar rotas imaginárias e navegar de acordo com elas. O resultado mais interessante é que conseguiram ir até o Alasca e regressar, tudo isto sem a ajuda de ninguem! Quando se fizeram ao mar, o «capitão» Partridge contava exatamente quatro horas de prática na pilotagem de barcos, e o resto da família nunca pusera mãos num leme ou nos comandos duma lancha a motor!

Nenhum dos nossos «marinheiros de

água doce» sofreu de enjôo uma só vez, muito embora tenham-se visto engolfados em mares encapelados, com ondas de três metros e mais de altura. Por vezes o mar estava tão bravo, que nem se podia cozinhar a bordo. Chegaram a ver-se a menos de 20 metros de respeitaveis baleias. As moças metiam-se de vez em quando no bote salva-vidas e iam partir pedaços de gelo nos *icebergs*, com os machados, afim de suprir o refrigerador da lancha. Navegaram sempre em frente, durante muitas horas através de cerrados nevoeiros, e acabaram dando mesmo em cheio no porto de destino! Viram-se apanhados e sacudidos por pavorosas ondas provocadas pelo embate das marés. Eram tão inocentes das coisas do mar, que só aprenderam o que era isso depois de se terem livrado quase por milagre. Conseguiram pilotar o barco através dos redemoinhos e sorvedouros de perigosos estreitos rochosos. Partridge aprendeu, suando, a reparar uma engrenagem que se partiu em pleno mar. Muitas vezes tiveram que navegar toda uma noite às apalpadelas, debaixo de chuva e na treva mais densa. Tinham posto toda a sua fé no que haviam aprendido teoricamente, e assim chegaram a porto seguro.

Na viagem de regresso, a pequena mais velha, Jean, recebeu ordem do comandante para se encarregar da roda do leme durante a noite, traçar a rota a seguir, pilotar o barco na escuridão mais profunda através de estreitos agitados, e de acordar o pai quando estivessem a salvo do outro lado do obstáculo. E a moça obedeceu, e cumpriu a tarefa.

Foi assim que os Partridges fizeram 2.500 milhas marítimas em três semanas, gastando a insignificância de 300 dólares. E quando, enfim, voltaram ao porto de partida, venderam a lancha pelo preço que lhes havia custado.

Foi em Fort Yukon, no Alasca, que eu conhecí esta mulher invulgar. Nove anos atrás, ela julgara que a sua vida chegara ao termo, naquela aldeia infestada de mosquitos; sofrera alí mais do que podia aturar. Dois dos filhos—misteriosamente afogados no Yukon—acabavam de ser enterrados. O marido abandonara a família sem nenhum aviso. Todas as responsabilidades daquela existência recaíam agora sobre os seus ombros de mulher, que começavam a sentir-se cansados de tamanha carga. Era chegado o tempo de acabar com a vida. De toda a maneira, ninguem faria caso, nem choraria uma lágrima.

Um dia levou os quatro filhos—três meninas e um bebê—até a margem do rio, e disse-lhes: «Andem, vamos dar uma voltinha na canoa.» Tudo seria muito simples: primeiro, jogaria as quatro crianças n'água, e em último lugar atirava-se ela ao rio. Quem mergulha no rio Yukon não vive mais de um minuto: a água é tão fria, que o coração não resiste. Estavam prestes a pular dentro do bote, quando um velho de longas barbas, que viera andando pela margem, se acercou do grupo e tocou levemente no ombro da mulher: «Venha até a minha cabana, que eu quero conversar com você,» disse ele. Ela mal conhecia aquele homem, mas apesar disso o seguiu. Chegados à cabana, disse-lhe o ancião: «Eu sei que a senhora não quer viver da caridade. Mas pode ganhar a sua vida trabalhando nas armadilhas de caça. Não é coisa facil, mas seria seu sustento e o dessa meninada.»

E foi assim que, à beira da morte, Mrs. Maud Berglund virou caçadora de peles. Colocou as quatro crianças numa lancha a gasolina, e partiu acompanhada do velho. Durante duas semanas o barquinho foi subindo o rio Porcupine e seus tributários. O mais novo dos filhos, ainda bebê, morreu durante a jornada; enterraram-no piedosamente, e prosseguiram viagem. Só vieram a parar quando estavam a 450 quilômetros para o norte de Fort Yukon, que por sua vez já fica alem do círculo polar ártico. Aí acamparam, e puseram-se a construir uma casa de troncos de árvore.

Quando vim a conhecer esta família, as três meninas já eram mulheres feitas. Ainda se dedicavam ao trabalho de armadilhas. Nos nove anos decorridos desde a chegada, a sra. Maud Berglund e as filhas tinham ido somente nove vezes de visita à «metrópole» de Fort Yukon. Viviam durante onze meses do ano sozinhas, no meio da neve, entre lobos, alces, e montanhas. Pouco depois de quebrados os gelos, na primavera, desciam o rio, com a carga das peles acumuladas durante o inverno, vendiam-nas, e regressavam à solidão com suprimentos para viver durante o ano. A viagem de ida e volta, com demora de duas semanas em Fort Yukon, durava precisamente um mês. Desciam até Fort Yukon em dois barcos a motor, descobertos, com uma pequena barcaça que iam empurrando à proa dos barcos. Nessa barcaça carregavam os seus vinte e dois cachorros *husky*, que sempre tinham que levar consigo, pois em «Berglundville» não vivia mais ninguem a quem pudessem confiá-los.

A sra. Berglund possuía em Fort Yukon uma cabana de toros com um só quarto. Alí se instalava a família, com os vinte e dois cachorros acorrentados a estacas à retaguarda da cabana, fazendo um escarcéu dos seiscentos diabos sempre que algum estranho se aproximava da casa. Tive a sorte de encontrar a família Berglund instalada nessa cabana, e de poder passar um serão e uma manhã na sua companhia.

«Isso aquí é somente uma pousada,» disse a sra. Berglund, a desculpar-se da aparência interior da cabana. «É por isso que não nos damos ao trabalho de cuidar das aparências. A nossa casa é lá em cima. Gostaria que o senhor a visitasse. Fizemos alí um verdadeiro lar!»

A sra. Berglund era uma mulher de cabelo grisalho, mas bastante atraente—feições finas, esmerada no falar, modos delicados e desembaraçados. A rude existência que sempre levara parecia não haver afetado de modo algum a sua personalidade. Mas as três filhas, essas eram verdadeiros frutos da natureza! Tinham a pele profundamente crestada; as mãos mostravam os sinais do trabalho duro; tinham os ombros e as pernas tão musculosos como os de um homem. A mais novinha andara dois anos correndo as linhas de armadilhas em trenó de cachorros, antes de ter pernas capazes de fazer pelo seu esforço essa caminhada. Toda a educação que possuiam deviam-na à mãe. Não conheciam outra existência que não fosse a do caçador de animais de pele. Nunca haviam descido ao sul de Fort Yukon, quer dizer, nunca tinham visto uma aldeia com autênticas ruas ou casas de tijolo. Nunca haviam bebido nem fumado, dançado ou jogado cartas. Quanto a homens, quase nada conheciam a respeito deles... Mas eram capazes de abater com um só tiro o alce que sobre elas carregasse com a rapidez do raio, sem lhes dar tempo para um segundo tiro, e sabiam aguentar sem lágrimas as dores atrozes dos pés congelados.

A sua única distração e passatempo, o seu único recreio e alegria, eram os cachorros. Cada uma delas tinha o seu próprio tiro de cães, o seu trenó e as suas carabinas. Quando conversavam, podiam falar de cachorro até não mais acabar. Amavam aqueles animais acima de tudo na vida.

Muito embora não conhecessem o mundo civilizado, as pequenas eram espertas e cheias de vivacidade. Passados os primeiros minutos de acanhamento, conversavam torrencialmente, com um brilho nos olhos; iam buscar rifles, peles de lobo, e galhos de alce para mostrar à gente, e narravam com entusiasmo histórias de pequenos incidentes entrecortadas de outros episódios. Aquelas três pequenas tinham o maior frescor de espírito que já me fora dado observar em mulher alguma.

—Vocês já viram fotografias de grandes cidades? perguntei.

—Sim, já vimos fotografias de Nova York e de outros lugares parecidos. Mas acho que nunca nos interessaria ir até lá. Aquí, gozamos de muito mais liberdade.

Em resposta a uma pergunta minha, a sra. Berglund disse que agora já não sofriam tanto com a solidão: «Quando começamos a viver lá no Norte, de vez em quando caíamos num desânimo negro, que durava dias. Mas o rádio foi-nos de grande ajuda. Agora, quando nos sentimos enfadadas, ligamos o rádio.» Tambem tinham lâmpadas a gasolina, de luz brilhante, livros e revistas. Mas as moças não davam grande valor à leitura. Preferiam escutar o rádio...

Todos os anos, chegada a estação, colhiam grandes quantidades de amoras e outros frutos silvestres, para fazer compotas. Pegavam salmões no rio com uma roda de pescar, depois os secavam e armazenavam para alimentação dos cachorros durante o inverno. Quando, no outono, as águas gelavam, elas iam ao rio cortar pedaços de gelo que punham no poço frigorífico. Cada uma delas matava um alce, fritava a carne, e depois punha-a a congelar. No fim do outono, quando a neve já estava alta, e começava a estação da caça, davam elas início à sua verdadeira faina de inverno—cinco meses, durante os quais corriam solitárias de armadilha em armadilha. Possuiam 400 armadilhas, com mais de 320 quilômetros de linhas. John Roberts—o velho de barba comprida que, naquele dia fatal, tocara no ombro da sra. Berglund e lhe dera um começo de vida nova—saía na companhia duma das moças. Desde que se conheciam, ele vinha trabalhando nas armadilhas, de sociedade com elas, e conquanto fosse agora muito idoso e trêmulo, ainda atirava na perfeição, e podia patinhar um dia inteiro na neve, atrás dos cachorros. A sra. Berglund e as outras duas moças partiam em sentido oposto, preparando as armadilhas à medida que avançavam.

A intervalos de uns 24 quilômetros, aproximadamente, tinham cabanas de troncos, de 9 metros quadrados de superfície, com uma porta tão baixa, que era preciso entrar de rastos. Procuravam sempre fazer as coisas de maneira a chegar a uma das cabanas a tempo de passar a noite, mas acontecia que às vezes não o conseguiam. Em cada cabana havia uma estufa e um par de catres; para se alumiarem usavam velas. Sucedia com frequência que as linhas secundárias de armadilhas partiam, em ângulo reto, da linha principal; para seguirem essas linhas secundárias, os componentes dos dois grupos tinham que separar-se, de modo que passavam boa parte do inverno viajando na mais completa solidão.

—Como é que vocês matam os animais, quando os encontram ainda vivos nas armadilhas? perguntei à sra. Berglund.

—Os lobos, os linces e os glutões, nós temos que balear, disse ela. —Os outros bichos são menores e basta dar-lhes uma boa cacetada na cabeça. Mas, uma coisa que afligia a sra. Berglund era ter que

matar u'a marta. —Cruzam as mãozinhas por cima da cabeça, e olham para a gente com uma expressão que é de cortar o coração. Quase que me falta o ânimo para dar cabo delas. Quando fui para aquela região, levava em mente guardar umas quantas peles para mandar fazer um bom casaco de marta. Mas depois de vê-las, perdí a vontade...

As Berglunds nunca saíam desarmadas. Jamais tinham sido feridas por nenhum animal selvagem. Os lobos não as molestavam, mas todas elas tinham escapado por um fio de serem colhidas por alces, quando estes atacavam de galhos em riste. As quatro mulheres pareciam, todas elas, sentir o mais profundo respeito pelos poderes mortíferos do corpulento alce.

Evelyn, a pequena do meio, contava: «Certo dia, um deles deu um salto por cima do meu trenó, e atingiu-me com o casco duma pata. Como eu levava a carabina atada ao trenó, não pude deitar mão dela a tempo de atirar no alce, de modo que tive de me agachar. Mas acredite que quando ele voltou a carregar, já me encontrou de arma apontada!»

Ao voltarem uma noite da linha de armadilhas, já bastante tarde, após dez dias de ausência, encaminharam-se para a cabana e, ao abrirem a porta, deram com um urso lá dentro! O animal tinha desarrumado muita coisa, comera uma boa refeição, e por fim deitara-se a dormir na cama da sra. Berglund. Acenderam um archote de gasolina, e enquanto uma das moças o segurava, a sra. Berglund matou o urso. As moças me explicaram que os ursos atacam a gente quando tomados de surpresa; mas um alce ataca sempre o homem, seja em que circunstâncias for.

Todas as Berglunds haviam ficado várias vezes com os pés e as mãos congeladas, mas nenhuma delas sofrera jamais quaisquer efeitos perniciosos desses acidentes. Afortunadamente, nunca tinham tido doenças ou sofrido ferimentos sérios. Mas a sra. Berglund conhecia todos os remédios caseiros, e declarava-me que, ainda mesmo que uma delas quebrasse um braço ou uma perna, sabiam a maneira de tratar a fratura.

Só recebiam correio quando Deus queria. O agente postal de Fort Yukon entregava a correspondência a algum índio que andasse de viagem para o norte, e este por sua vez a entregava a outro, e assim por diante, em cadeia, até que acabava chegando às mãos das destinatárias. Uma carta, por exemplo, recebida em Fort Yukon em setembro, poderia não chegar ao destino até abril do ano seguinte!

No primeiro ano que alí passaram, surpreenderam um índio roubando as suas linhas de armadilhas. A sra. Berglund o intimou a sair daquela região, e garantiu-lhe que se o tornasse a ver por alí, lhe furava o couro com uma bala. «E olhe que não estava brincando, não!» afirmou ela com toda a seriedade.

Viver nas regiões árticas não é como dormir em leito de penas, por muito que a gente romantize as coisas. No verão, mosquitos venenosos atormentam o homem, em nuvens cerradas; chega uma pessoa por vezes a passar a mão na cara, e quando volta a abrí-la encontra centenas de mosquitos dentro dela! No outono, que é quando os mosquitos morrem, aparecem as mosquinhas. A sra. Berglund sustentava que estas são ainda piores do que os mosquitos—metem-se pelos olhos, pelas narinas acima e no cabelo, e fazem da nossa vida um inferno. E quando se vão embora as mosquinhas, é que chegou o inverno!

A 50 graus C abaixo de zero, basta a simples operação de desatrelar um ca-

chorro para que os dedos fiquem logo gelados. É preciso andar sempre com as cautelas que teria, ao fazer esforços, um sujeito com o coração fraco; quem respira fundo arrisca-se a gelar os pulmões! Ninguem ousa transpirar, com receio de que as roupas se lhe congelem em cima da pele! Molhar os pés é condenar-se a perdê-los... Tocar um objeto de metal exposto ao ar, é pior do que pegar com a mão num ferro em brasa. E não se vá pensar que não se sente o frio! «A gente bate os queixos até ficar sem forças!» afirma Evelyn, cujos dentes nasceram depois de ela chegar ao ártico.

Mas nem todos estes obstáculos ameaçadores as impediam de continuar no seu modo de vida: pegar animais de peles nas armadilhas. Nove anos no Norte distante, uma mulher madura e três moças, sem mais ninguem, alem daquele ancião trêmulo. Lutando, como todos nós, pela vida. Anos havia em que mal chegavam a ganhar o sustento, mas de qualquer modo, iam-se mantendo e até economizando alguma coisa.

Pouco antes de regressarmos, a sra. Berglund me disse em segredo: «O sr. Roberts e eu vamo-nos casar. Ninguem poderá nunca saber que coração generoso é o dele, nem quanto ele tem feito por nós. Foi a única pessoa que adivinhou o que eu ia fazer naquele dia de desespero, já lá vão nove anos, quando descí com as minhas filhas até a margem do rio...»

Quer-me parecer que a gente, quando chega aos sessenta anos, ou mais, já não sente o que se convencionou chamar de amor... Mas outro sentimento existe, não menos profundo, chamado gratidão; e outro ainda, o da camaradagem humana; e estes dois sentimentos conjugados, podem perfeitamente desempenhar o papel do amor, se não estou enganado. Ou, quem sabe... talvez algum ainda maior que o do próprio amor.

Solução do «quebra-cabeça» à página 44

O porteiro não pode ser o sr. Silva, pois sua mulher não conhece o sr. Silva. O presidente não é o sr. Martins—este não podia ter uma nora porque seu filho mais velho só tem sete anos. O assistente não é o sr. Duarte—o sr. Duarte é o seu sogro; não é o sr. Martins, porque ele não tem filhos e o sr. Martins tem uma nora. Portanto o assistente terá que ser o sr. Silva ou o sr. Barros. O professor tambem ou é o sr. Silva ou o sr. Barros—ele é o único pai que tem a seu cargo uma classe, e não é o pai de Duarte nem de Martins (os alunos) porque confunde ambos.

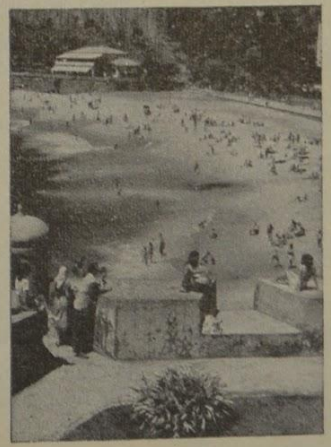
De modo que o presidente e o porteiro têm que ser o sr. Duarte ou o sr. Martins. Desde que já se verificou que o presidente não é o sr. Martins, ele tem que ser o sr. Duarte. E o porteiro, portanto, tem que ser o sr. Martins. O professor é o sr. Barros—seu filho não é Silva pois pertence ao mesmo clube esportivo de Silva. O assistente tem que ser o sr. Silva.

Praia Vermelha

Por Erico Verissimo

A Praia Vermelha? A princípio parece apenas uma dessas muitas praias que enfeitam a cidade do Rio de Janeiro. Aos poucos, porem, o observador deixa de contemplar a floresta para melhor ver as árvores, e então começa a perceber que certas criaturas e coisas que ele imaginava irremediavelmente separadas no tempo e no espaço se acham, num gracioso milagre, reunidas aquí neste recanto, entre os morros e o mar. E acaba concluindo que a Praia Vermelha é uma imagem do Rio de Janeiro, o qual por sua vez é uma síntese do Brasil, ao mesmo passo que uma das mais pitorescas encruzilhadas do mundo.

A primeira impressão que se tem nos dias de sol e bruma é a de que a paisagem é um enorme brinquedo colorido envolto em papel celofane. A luz é doce e dourada como o mel, e anda no ar uma dormência morna e moça de feriado. Sobre a areia clara berram guarda-sóis de gomos tricolores e reluzem corpos humanos bronzeados de sol. O mar tem uma côr fugidia que nunca chega bem a decidir-se entre o azul e o verde, e que às vezes ganha cambiantes de ouro, rubro, cinza e pardo. As ondas se espicham na praia, rebentam em espuma irisada, fluem e refluem; e seu farfalhar é a música de fundo mais adequada para esta cena de comédia pagã. Homens e mulheres caminham ou correm, vozes se cruzam no ar luminoso, alegres, claras, leves como as bolas de borracha ou as petecas que andam dum lado para outro, batidas por muitas mãos. E a mais impressionante exibição de caras e corpos se nos oferece aquí. Mulheres morenas de olhos verdes; louras de tez trigueira; cabeleiras negras, castanhas, ruivas, douradas, platinadas... Rapazes esbeltos e musculosos, representantes duma geração que se criou ao ar livre, fazendo esporte e frequentando o mar. Rostos com o mais variado desenho, nas mais diversas tonalidades de pele. E que língua cantante e doce essas criaturas todas falam! É uma língua feminina, envolvente, aliciante—com um perfume de flor tropical e ao mesmo tempo enredamentos de cipó... Tudo isso nos dá uma idéia da estonteante mistura de raças do Brasil, país onde não existe nenhum preconceito de côr.



Nesta praia, sob um azul intenso de cartaz, encontram-se turistas vindos de todos os recantos da terra. Muitos deles são produtos de civilizações mais antigas e avançadas que a brasileira, mas vêm no entanto aprender com os cariocas da Praia Vermelha e de outros recantos da cidade uma arte em que o Rio—esta universidade do bem-viver—é mestre. É a arte do ócio inteligente, cuja sabedoria os leva a procurar a felicidade mais no *ser* do que no *fazer*. Porque vivendo numa espécie de fronteira oscilante entre a civilização e a *jungle*, combinando elementos do Velho e do Novo Mundo, os habitantes desta praia estão talvez a lançar as bases dum mundo novíssimo em que o desejo de domínio e de progresso material será substituido pelo espírito de camaradagem e pela valorização profunda da amizade.

Foto: Ardean Miller, F.P.G.

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA
Avenida Presidente Vargas, 502, 19.° andar
Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3.° andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Av. Presidente Vargas, 502, 19.° andar.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

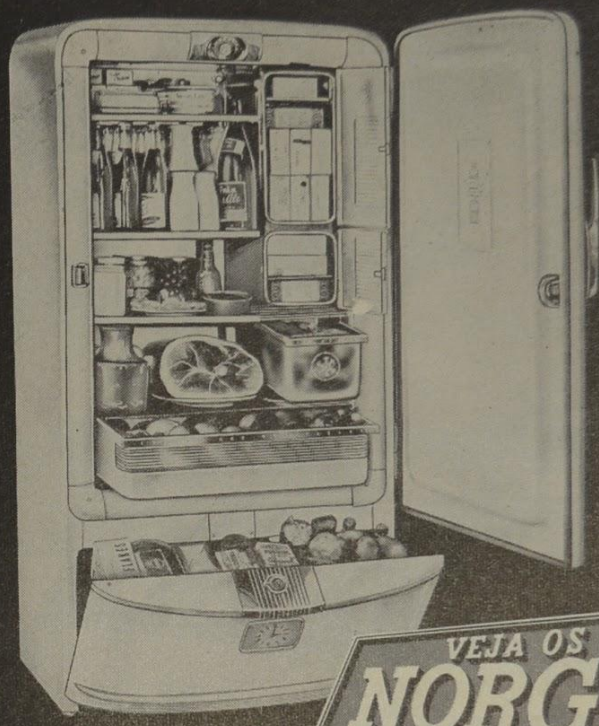
Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa, 62, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

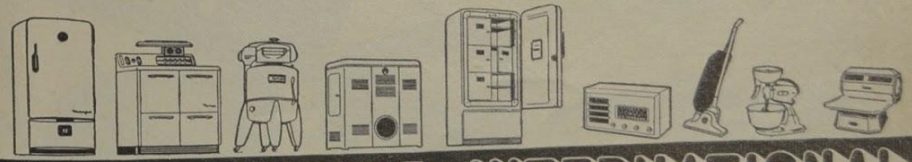


VEJA OS NORGE ANTES DE COMPRAR

BORG-WARNER B-W INTERNATIONAL

O mais fino de todos

Maior espaço para garrafas em pé. Mais espaço util nas prateleiras, e no novo e enorme congelador lateral que conserva maior quantidade de alimentos frios. Comprando um Norge lucrará!



BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ills. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

CONFORTO PARA SEUS OLHOS NA LUZ BRILHANTE DO SOL

Com os óculos contra-sol "Ray-Ban" de Bausch & Lomb, V. S. sabe que seus olhos estão gozando o benefício da melhor e mais segura proteção científica contra o excesso de luz. Alem do que, seus olhos sentem outra frescura e conforto, mesmo sob o sol mais ofuscante! Procure sempre o nome "Ray-Ban"—garantia da qualidade genuina.

Consulte seu oculista uma vez por ano.

2 NOVOS CAMINHÕES

COM MOTORES 'JEEP'. A Willys-Overland colocou toda a força e resistência do 'Jeep' nestes novos caminhões, que duram mais e cuja conservação custa menos.

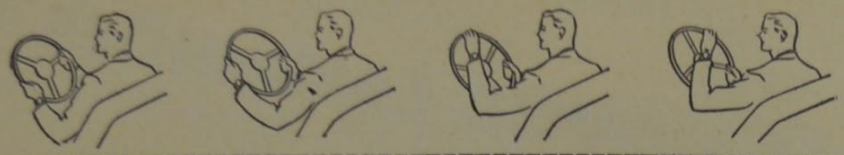
COM TRAÇÃO EM 2 OU 4 RODAS. Tração econômica em duas rodas para uma performance rápida nas estradas de rodagem—e tração poderosa em quatro rodas para tarefas pesadas de transporte, fora da estrada, através da lama, areia ou neve . . . ou subindo aclives íngremes.

CAMINHÕES DE 3/4 a 1 TONELADA. Construidos para transporte médio, e com carroceria de todos os tipos mais conhecidos, expressamente traçada para cada fim. Peso bruto do veículo entre 2.130 e 2.280 quilos.

Willys-Overland Export Corp., Toledo, Ohio, E. U. A.

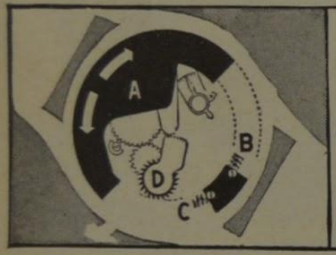
Willys-Overland *Caminhões* 'Jeep'

Reduz as despesas de transporte



O vai-e-vem do braço dá nova corda!

Criado o mais engenhoso e avançado sistema automático . . .



COMO FUNCIONA O SISTEMA AUTOMÁTICO OMEGA—Ao menor movimento do seu pulso, a peça A, conforme indicam as setas, põe-se a oscilar, indo e vindo entre a mola B e a mola C. Êsse simples, mas engenhoso dispositivo, move a engrenagem da corda D, renovando-a incessantemente, sem afetar, no entretanto, a precisão rigorosa da marcha.

. . . e é combinado com a precisão máxima— a famosa PRECISÃO OMEGA!

Relojoeiros de todo o mundo o consagraram como obra-prima!

Omega Automático surpreendeu por êste fato: o engenho do seu sistema automático mais avançado de renovação da corda, combinado ainda com a famosa Precisão Omega, que tantos sensacionais recordes vem detendo em Teddington, na Inglaterra, e em Genebra, na Suíça.

Pergunte aos que o ostentam com orgulho! E visite um bom relojoeiro para admirar seus elegantes e exclusivos modelos!

• *Em repouso, reserva de marcha até 40 horas* • *Corda automática e manual independentes* • *Antimagnético* • *Inoxidável* • *Amortecedor de choques* • *O automático de menor espessura* • *Vidro inquebrável.*

Relógio **OMEGA AUTOMÁTICO**

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE—GENEBRA—SUÍÇA Tissot

A Busca Interminável

E' eterna a busca do conhecimento. À medida que descobrimos algo de novo referente ao universo, vemos logo novos campos a explorar.
Ninguem compreende isto melhor do que o cientista especializado em petroleo. Ele nunca se satisfaz com os produtos existentes. Está sempre pensando em criar um combustivel *melhor* e *melhores* lubrificantes para os transportes, a industria ou o lar.
Estimulado pela livre concorrencia, ele perfura colinas e desertos, buscando novas fontes de oleo. Suas pesquisas de novos produtos de petroleo — solventes, plasticos, oleos industriais e produtos para a lavoura — jamais termina. Aonde vai o petroleo, o conforto e a comodidade o acompanham.
O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE **Esso** UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY
of Brazil

Uma *Nova* e Incomparável *Beleza*

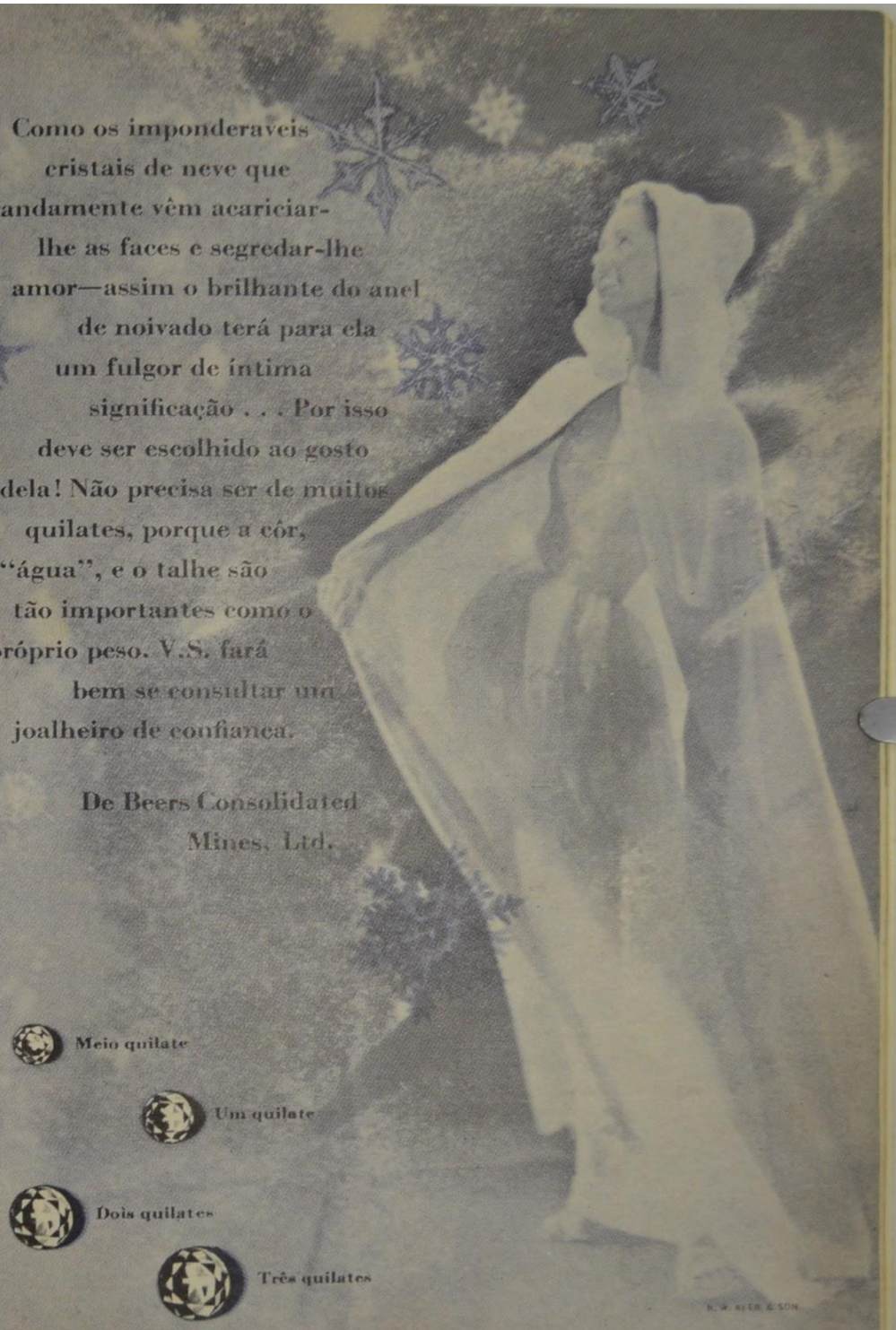
Magnífica na execução e um triunfo em beleza e desenho. Tem 5 faixas para sintonizar o mundo inteiro, poder extraordinário e exquisita sonoridade. Uma demonstração prática deste novo Rádio Zenith International é uma experiência emocionante.

MODÊLO 7S046
Ilustrado nesta pagina

ZENITH
INTERNATIONAL

Como os imponderaveis cristais de neve que brandamente vêm acariciar-lhe as faces e segredar-lhe amor—assim o brilhante do anel de noivado terá para ela um fulgor de íntima significação . . . Por isso deve ser escolhido ao gosto dela! Não precisa ser de muitos quilates, porque a côr, a "água", e o talhe são tão importantes como o próprio peso. V.S. fará bem se consultar um joalheiro de confiança.

De Beers Consolidated Mines, Ltd.



Meio quilate

Um quilate

Dois quilates

Três quilates

...DAS IMENSAS FLORESTAS DO CANADÁ...

As imênsas florestas do Canadá, combinadas com a variadissima industria do paiz, poderão fornecer muitos dos materiais e mercadorias de que precisais. O Canadá vos convida a fazer negocios. Existem representantes comerciais do Canadá nos seguintes paizes:

Brasil . . . RIO DE JANEIRO, D.F.
SÃO PAULO, S.P.

Portugal . . . LISBÔA

Si quizerdes comprar ou vender no Canadá, consultai o mais proximo dos seus representantes comerciais. Ele vos dará informações e assistência.

SERVIÇO DE COMÉRCIO EXTERIOR

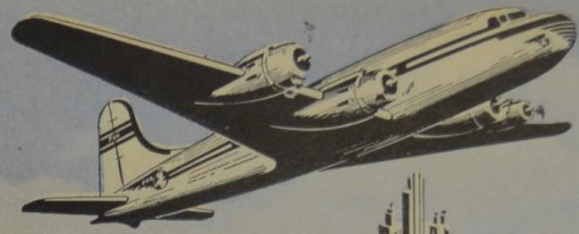
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

OTTAWA **CANADÁ**

PARTICIPAI DA EXPOSIÇÃO-FEIRA INTERNACIONAL DE COMÉRCIO DO CANADÁ

Toronto, Canada - De 31 de maio a 12 de junho de 1948

Vêde os mostruários comerciais do mundo em exposição no Canadá. Comparai as mais finas mercadorias de muitas nações, de muitas industrias Resolvei desde já comparecer á Feira de Toronto ou enviar um representante. Obtereis as informações mais minuciosas, inclusive sobre acomodaçõese viagem, com o mais proximo representante comercial do Canadá.



VOE PÊLA P.A.A.

-- é a melhor maneira que há!

O Serviço da P.A.A., famoso pêlo mundo inteiro, é delineado com o propósito de fazê-lo sentir-se "à vontade" a bordo do *Clipper* voador.

O prazer de sua viagem aérea será realçado pêlas gentís atenções que lhe serão dispensadas desde o momento da reserva da passagem até o seu destino.

A viagem por Clipper é uma aventura magnífica para as crianças -- V.Sa. sentir-se-á cativado ao notar o cuidado especial com que elas são tratadas.

Voe...pêla linha aérea com experiência extra!

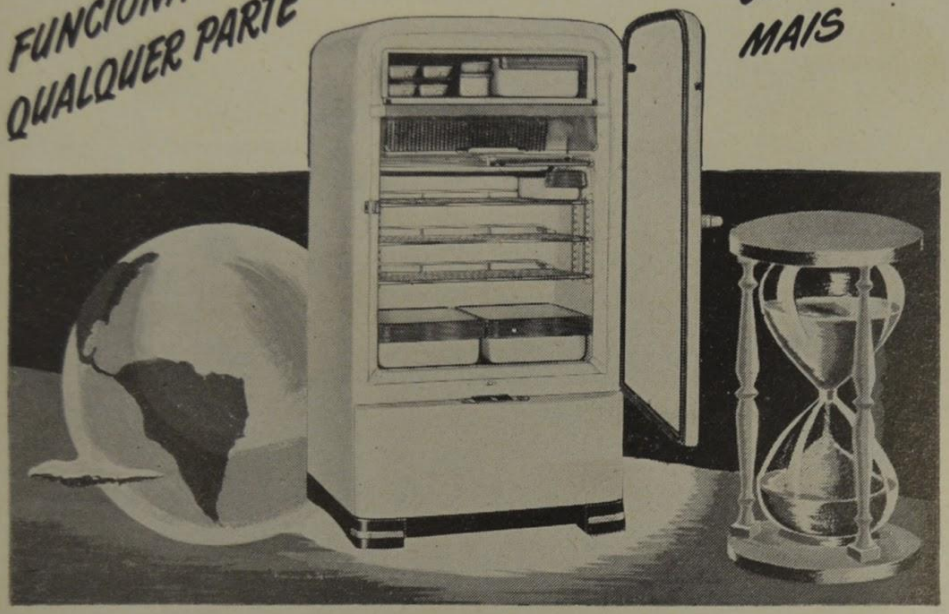
Mais de 20 anos de liderança no serviço de transporte aéreo internacional são a garantia do mais alto padrão de segurança e confôrto que no ar lhe oferece a P. A. A. Não existe melhor maneira de viajar.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

PAA

A Rêde dos Clippers Voadores

FUNCIONA EM QUALQUER PARTE Servel DURA MAIS



SERVEL TRABALHA COM QUEROSENE, GÁS NATURAL, GÁS INDUSTRIAL, BUTANO OU PROPANO

Sim, ¡o Refrigerador Servel funciona em toda a parte! Não precisa de motor . . . basta-lhe uma pequena chama de gás ou querosene, para funcionar. E o Servel também dura mais. O sistema de congelação não tem peças moveis suscetíveis de gastar-se ou quebrar-se. É por isso que o Servel lhe assegura serviço de confiança por muitos anos.

Tão depressa possui um Servel, V.S. quase não tem mais que preocupar-se com a deterioração de alimentos, pois estes se conservam frescos e apetitosos até o momento de serem consumidos . . . mesmo nos climas mais quentes. Terá sempre ao seu dispor cubos de gêlo em abundância . . . simples ou saboreados com essências de fruta. E no interior espacoso e flexíve do Servel, V.S. pode guardar em quantidade, cerveja e outros gêneros volumosos.

Adira à falange dos donos de Servel, mais de 2.000.000, que afirmam: "Quem compra um Servel compra do melhor!"

Servel O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

KAISER

Distinção Indiscutivel

Em menos de dois anos, a Kaiser-Frazer conquistou o quarto lugar entre os maiores produtores mundiais de automoveis. Sua rede mundial de mais de 4.000 revendedores é já uma das maiores da indústria do ramo. O KAISER, o FRAZER e o Frazer Manhattan, contam-se já hoje entre os autos mais conhecidos e mais largamente apregoados que rodam nessas estradas. Conquistaram lugar de indiscutivel distinção entre os carros verdadeiramente bons do mundo inteiro.

KAISER-FRAZER EXPORT CORP.
Willow Run, Michigan, E.U.A.
Enderêço Telegráfico: KAFREX

FRAZER

Parker "51"

Escreve sêco com tinta líquida!

. . . A CANETA MAIS DESEJADA DO MUNDO!

● Em cada detalhe da *caneta mais desejada do mundo* transparece o longo, minucioso labor de técnicos especializados. Na pena de partida instantânea—a única protegida contra o ar, a poeira e os desarranjos. Na tampa de precisão que *desliza* sem torsão. E esta é a única, entre as canetas, desenhada para o uso satisfatório da nova Parker Superchrome—a tinta permanente mais brilhante e de secagem mais rápida que se conhece. Em todos os bons revendedores.

Representantes e Pôsto Central de Reparações para:

Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C.P. 463—Lourenço Marques

Alegria na mesa...

. . . com Presuntada Swift, feita de tenra e suculenta carne de porco. Tôda a sua família achará uma delícia—quente ou fria
Já vem pronta: é só abrir, servir . . . e repetir!

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS!

JANTAR CAMPESTRE,
AMÉRICA CENTRAL
O mundo inteiro é um *vasto campo agrícola* servido pela International Harvester

A Riqueza de uma Nação está aquí
. . . Na Mesa do Jantar

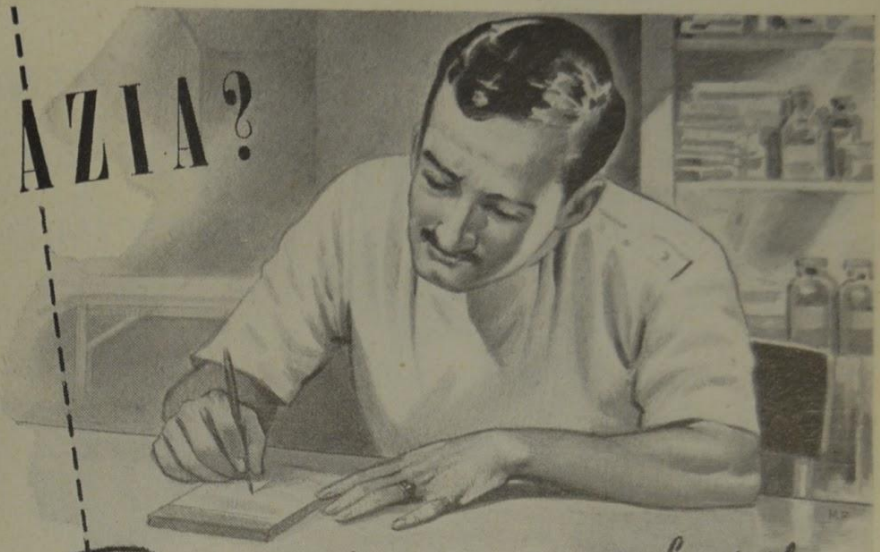
Crescente número de pessôas crê que a riqueza se exprime em termos de homens e máquinas. Na realidade, entretanto, o trabalho de converter matérias primas em artigos manufaturados, de transportá-los e comerciá-los, *tem, forçosamente, que ser posterior ao trabalho de extraí-los da terra.* Tudo provém da terra—a fibra para a tecelagem, o metal para as ferramentas, a madeira para os abrigos. *Porém, o produto mais importante, proveniente da terra, é o alimento* . . . que sustenta a vida e dá ao homem a energia necessária.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building Chicago 1, E.U.A.

Os funcionários da International Harvester devotam suas vidas à manufatura e à distribuição de maquinária, que aumenta a produção de alimentos e facilita o transporte econômico. Há 115 anos que esta Companhia mantém grande reputação em qualidade e serviço.

INTERNATIONAL HARVESTER

TRATORES E MAQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL · CAMINHÕES INTERNATIONAL · FÔRCA INDUSTRIAL INTERNATIONAL



AZIA?

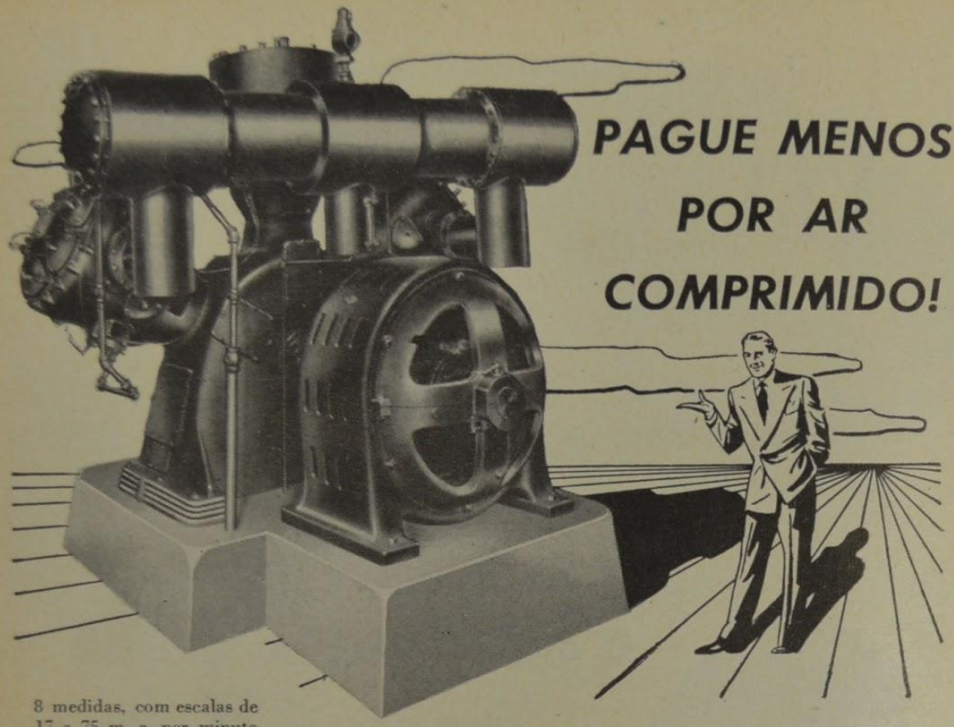
O MÉDICO RECEITA: *Leite de Magnésia de Phillips*

Se você sofre de azia, biliosidade ou gases no estômago, use com regularidade o Leite de Magnésia de Phillips. Há mais de setenta anos que o Leite de Magnésia de Phillips vem sendo usado como o antiácido e laxante ideal para tôda a família. Contra a azia e outras irregularidades da digestão, tome o Leite de Magnésia de Phillips, que *neutraliza* o excesso de acidez no estômago, *limpa* suavemente os intestinos e *tonifica* o aparêlho digestivo.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LIQUIDO - EM QUATRO TAMANHOS - E EM COMPRIMIDOS

Use também a Pasta Dental Phillips e proteja os seus dentes contra a acidez bucal



PAGUE MENOS POR AR COMPRIMIDO!

8 medidas, com escalas de 17 a 75 m. c. por minuto

Usando este novo Compressor Worthington DYC

Sejam quais forem suas próprias necessidades em matéria de ar comprimido, o novo sortimento de compressores Worthington irá com certeza satisfazer-lhe. Damos como exemplo o novo DYC. Este compressor não só exerce as muitas e variadas funções onde o ar é imprescindivel, mas, o que é ainda mais importante, seu funcionamento é mais econômico e mais eficiente do que nunca.

O novo DYC é compacto, completamente montado, e requer menos espaço para sua instalação do que outros compressores da mesma capacidade. Ele é facil de ser transportado e tem a vantagem de ser equipado com válvulas Worthington *Feather**.

Ser-lhe-á proveitoso conhecer as vantagens que lhe pode proporcionar este novo maquinismo . . . assim como é do seu interesse lembrar-se que *para maior economia, melhor funcionamento e máxima segurança* deve exigir sempre os produtos Worthington.

Worthington Pump and Machinery Corporation, Divisão de Exportação, Harrison, New Jersey, E. U. A. Escritórios e representantes no mundo inteiro.

*Marca Registrada

WORTHINGTON

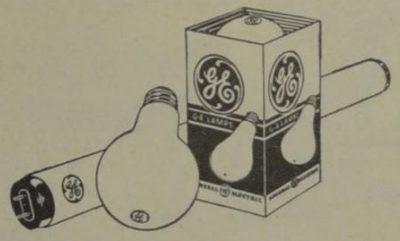
F7-3

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-geradores • Equipamento para Construção • Refrigeração

Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO . . . EM TODOS OS LARES



GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E. U. A.

Quantidades enormes de terra — tão grandes que uma só enche um vagão de carga—são movimentadas e despejadas com rapidez e exatidão graças aos motores e contrôles G-E manejados pelo operador desta poderosa escavadeira.

Onde quer que a eletricidade preste os seus serviços, no escritório, na fábrica ou no lar—você encontrará o gênio criador das pesquisas, engenharia e capacidade produtora da General Electric.

A-7-13

Com os novos pneus

GOODYEAR De LUXO

● Apresentados em dois tipos – AWT-All Weather e Raiado – os novos pneus Goodyear de Luxo concentram, nos detalhes da sua construção, os mais recentes aperfeiçoamentos e a mais avançada técnica na indústria de pneus. Equipe o seu carro com pneus Goodyear De Luxo e sinta a satisfação de rodar com segurança e confôrto.

*Ninguém toma ditado...com o DICTAPHONE**

Sua secretária pode se ocupar de outras tarefas, enquanto o senhor lhe dita, pelo método Dictaphone: elimina-se a sua função de estenógrafa, e ela só tem que transcrever o que lhe foi ditado pelo Dictaphone...

O senhor também fica mais à vontade, com o Ditado Eletrônico: a sós, tranquilo, dita ao Dictaphone a sua correspondência, as suas notas, bem como tôdas as idéias que lhe ocorrerem, e suas ordens à secretária. Tudo fica registrado—exatamente como lhe vai ocorrendo ao pensamento.

O Dictaphone—máquina eletrônica de ditado—duplica a sua capacidade de trabalho, e a da sua secretária!

Sim, a rapidez e a eficiência exigem êsse moderno método de tratar os seus negócios. Veja, hoje mesmo, o representante da Dictaphone Corporation!

Para obter folhetos informativos, escreva para: Dictaphone Corporation, I.D., 420 Lexington Ave., New York 17, N. Y.

DICTAPHONE CORPORATION

INTERNATIONAL DEPARTMENT

**A palavra DICTAPHONE é a Marca Registrada da Dictaphone Corporation, fabricante das Máquinas Eletrônicas e Acústicas de Ditado, e de outros aparelhos de gravação sonora e reprodução que levam a referida marca.*

Ambos usam a Fotografia

V. S. para tirar instantâneos . . .
recordações sentimentais de suas crianças.

Eis dois dos inúmeros campos em que a Kodak põe a fotografia a seu serviço.

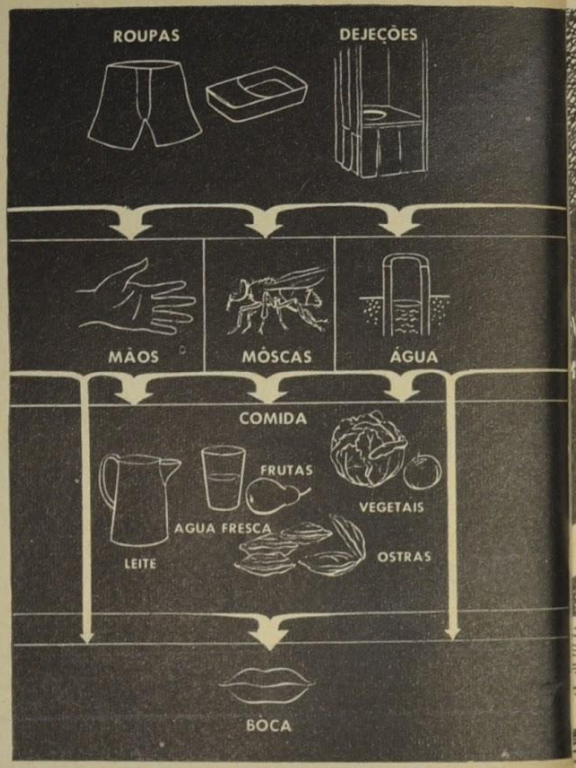
Kodak

O médico, para radiografias . . .
indispensáveis na medicina moderna
para o diagnóstico; em cirurgia;
para as fraturas

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N.Y., E.U.A.

Como proteger sua família contra os perigos da Febre Tifóide

Antes da erupção vem a fadiga, perda de apetite, dor de cabeça, febre, prisão de ventre ou diarréia.

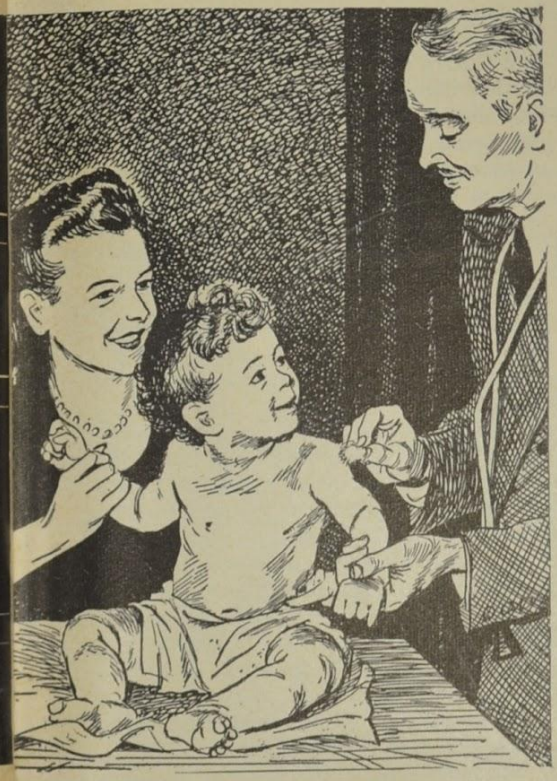


A tifóide pode ser banida *totalmente* se todos cooperarem com os médicos e as autoridades sanitárias.

Conheça a tifóide . . . Conheça-lhe os sintomas. A febre tifóide e a paratifóide são doenças graves e infecciosas. Os micróbios se apresentam nas dejeções e se disseminam fàcilmente. Ao suspeitar um caso de tifóide, deve: isolar o doente, chamar o seu médico e dar parte às autoridades sanitárias.

Desconfie da presença da tifóide se notar manchas rosadas no estômago, no peito ou nas costas. Elas virão em seguida a um período de diarréia, acompanhada de dor de cabeça, abatimento, perda de apetite e uma febre que vai subindo aos poucos.

Conheça onde a tifóide se oculta. Estude o quadro acima cuidadosamente. Êle mostra como os micróbios da tifóide viajam e podem terminar em sua bôca. É por isso que, se há tifóide em sua casa, as fezes e as peças usadas pelo paciente devem ser desinfetadas com cal clorada ou qualquer outro desinfetante indicado pelo seu médico. Talvez a causa mais comum das epidemias de tifóide seja o uso de água poluída. O leite cru é também perigoso. Seja, portanto, *extremamente* cuidadoso quando viajar ou estiver em lugares que não conheça bem.



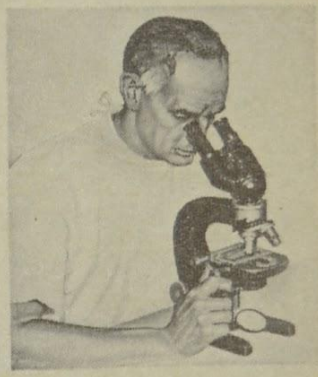
Faça vacinar *cada membro* de sua familia . . . proteja-os todos!

Siga êstes preceitos—e vacine-se!

1. Proteja os alimentos contra as môscas portadoras de micróbios, cobrindo-os, pondo telas nas janelas e portas, usando latas de lixo *com tampa.*
2. Use exclusivamente água pura. Em caso de dúvida, *ferva-a.*
3. Nunca tome leite cru, ou alimentos feitos com êle.
4. Coma alimentos que tenham sido bem cozinhados.
5. Verifique de onde vêm os seus alimentos, como são expostos à venda e preparados.

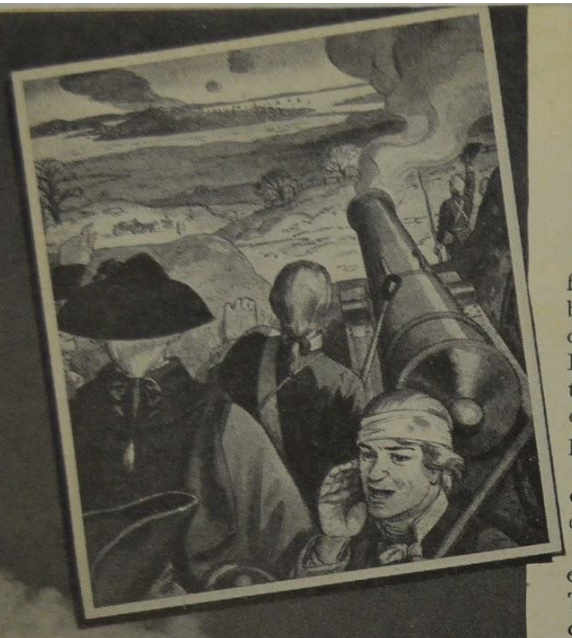
E faça com que seu médico o vacine, o que o protegerá pelo menos por um ano!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS



Contamos 163 Anos de Experiência «Post-Bélica»

The First National Bank of Boston foi fundado num período de readaptação post-bélica. Foi isso em 1784, logo depois de finda a Guerra da Independência Americana. Desde então, a experiência do nosso banco tem abrangido *todos* os períodos de guerra da história dos Estados Unidos, e todos os problemas post-bélicos que se seguiram à Guerra de 1812, à Guerra Civil, à Guerra com a Espanha, à Primeira Guerra Mundial, e, agora, à Segunda Guerra Mundial.

Isso representa muita experiência . . . e esta experiência é um dos motivos por que The First National Bank of Boston tem podido prestar serviços de tão grande valor a importadores e exportadores, há mais de século e meio.

As vantagens oferecidas por este Banco—o mais antigo e o maior da Nova Inglaterra—incluem muito mais do que a simples experiência. Com filiais em dez grandes centros de comércio, desde Boston a Buenos Aires, um vasto corpo de especialistas em comércio exterior, dentro e fora dos Estados Unidos, e com correspondentes bancários no mundo inteiro, The First National Bank of Boston dispõe dos meios mais completos para auxiliar V.S. a resolver os seus problemas comerciais no estrangeiro, neste período do após-guerra.

Sugerimos que se informe em qualquer dos escritórios deste Banco.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

1784 ★ 1948

MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

A SEU SERVIÇO

PARA MELHORES PRODUTOS DE PETRÓLEO

TEXACO é uma marca registrada famosa para combustiveis e lubrificantes de alta qualidade. Quando V.S. usa *Texaco*, está protegendo o seu valioso equipamento e assegurando-se maior eficiência a mais baixo custo de operação.

A *Texaco* controla todas as fases da produção e refinação dos produtos que se apresentam sob este nome. Para todas as suas necessidades automotrizes, industriais e de transporte—especifique sempre *Texaco*.

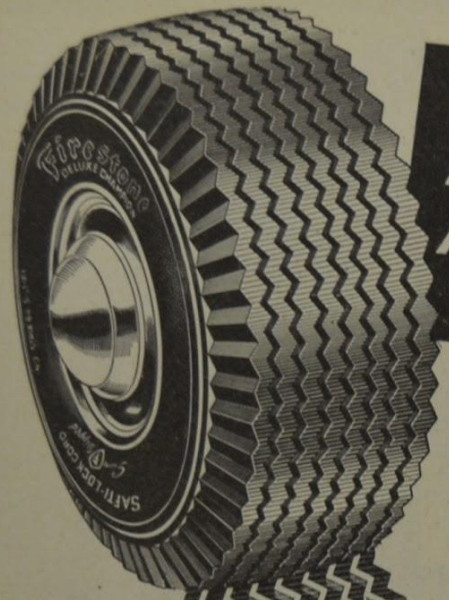
THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO

MARCA REG.

A usina de ciclotização onde se processa o gas natural.

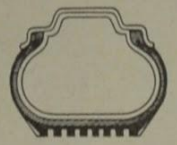
TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO



O pneu MAIS SEGURO E MAIS DURÁVEL até hoje fabricado

O novo Firestone De Luxe Champion foi aperfeiçoado em desenho, materiais e processos de fabricação para lhe proporcionar o máximo de segurança. Calce o seu carro com Firestone De Luxe Champion, *o pneu mais seguro e mais durável até hoje fabricado.*

ATÉ 60% MAIS ÂNGULOS ANTI-DERRAPANTES... para maior força-tração e *proteção extra contra derrapagens.*



ATÉ 32% DE QUILOMETRAGEM EXTRA... e maior resistência contra o desgaste.

O NOVO

Firestone

De Luxe **CHAMPION**

INDÚSTRIA BRASILEIRA

O MELHOR HOJE. .AINDA MELHOR AMANHÃ

Refrescante!

Coca-Cola
MARCA REGISTRADA

COPYRIGHT 1947 — THE COCA-COLA EXPORT SALES CO.
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

Papai fingiu-se de trouxa acerca do novo Ford!

Fiquei danada! Meu irmão Mário e eu levamos o serão inteirinho explicando a Papai como é o novo Ford: Demonstramos o que é a carroceria "salvavidas"... e como tem à escolha dois motores—o V-8 e o Seis . . . e até lhe descrevemos os novos freios "gigantes" do Ford. Foi uma lição em regra!

Pois nem queira saber! Quando acabamos de explicar tudo, Papai diz assim: "Obrigado, meus filhos. Tudo isso é muito bonito. Mas a verdade é que já estamos servidos, e esta tarde vamos ter aí diante da porta um Ford novo—e é um coupê conversivel . . ." Já se viu coisa assim?

Ha um Ford em seu futuro

DIVISÃO INTERNACIONAL, FORD MOTOR COMPANY

(Continuação da segunda capa)

o número corrente, seduzidos pela atualidade, perdendo essa outra maneira de apreciar a revista.

Apreciar é a palavra, porque o que se destaca mais em minha lembrança desse dia é o quanto apreciei aquela leitura. Recentemente passei várias horas folheando números atrasados da coleção. Sempre que terminava um artigo de tema estranho aos meus interesses e ao qual não tinha motivo para dedicar atenção no momento, dizia a mim próprio que só iria ler um artigo mais, isto é, um artigo e a anedota que o acompanhava. Mas depois deste, outro artigo despertava meu interesse e me levava a continuar a leitura.

Meu sentido prático se revoltou enfim. Parecia-me que estava perdendo tempo. Para destruir a tentação apanhei um número de dez anos atrás. Porem o encontrei ainda mais interessante. Todo um mundo esquecido renasceu para mim—não sob a forma de reminiscências, senão como perfís de realidade inconfundivel. Assombrei-me ao verificar que havia esquecido completamente grande número de acontecimentos dos últimos dez anos e que recordava apenas vagamente uma parte ainda maior de fatos da época. Os heróis e os costumes de ontem, as mudanças na estrutura social, as penetrantes vinhetas que explicam a história da arte, da política, da ciência, dos negócios naquele período... Volver a observar essas coisas é como se víssemos desfilar perante os nossos olhos a própria vida. E como, à medida que refrescamos a memória, obtemos uma perspectiva melhor, o panorama atual apresenta uma nova significação.

Se repassar acontecimentos é interessante, reexaminar idéias é duplamente interessante. Não somente eu refrescava minha memória, ao folhear os números atrasados do Reader's Digest, como minha personalidade inteira se sentia renovada pela diversidade de fascinantes pontos de vista que eles me ofereciam. Encontrei idéias realmente práticas e conselhos de valor permanente para a vida cotidiana. Encontrei sonhos feitos realidade pelo esforço humano, profecias cheias de sensatez e penetração, convicções que se haviam concretizado. Sentí uma nova determinação acerca de minha própria existência—uma determinação produzida pelo estímulo do exemplo.

Daí em diante, pude apreciar melhor não somente os números correntes do Reader's Digest, como tambem a vida contemporânea... porque formei o hábito de rebuscar o tesouro contido nos números atrasados da revista.

MARÇO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

Um governo para o mundo . . . . . *W. T. Holliday* 19
Minha filha poderá viver só . . . . . *David L. Cohn* 24
Vamos quebrar a cabeça 26
Operações desnecessárias. . . . . *Albert Deutsch* 27
Flagrantes da vida real 31
Galeria dos fantasmas ingleses . . . *Noel F. Busch* 33
Olhe para o avestruz—mas de longe . . . . *Jan Juta* 37
Voltam à carga os contrabandistas *Frederic Sondern, Jr.* 40
Aeronauta intrépido . . . . . *Patrick Campbell* 45
Cinquenta anos depois—o leprosário do padre Damião *Ernie Pyle* 47
Precisa-se de um milagre na Grécia . *Paul A. Porter* 53
Como deve alimentar-se a gestante . . *Bruce Bliven* 57
A alegria contagiosa de Salvatore Cascavilla *Frederic Sondern, Jr.* 60
Como anda este mundo. . . . . *Paul Gallico* 63
«Isso não se pode vender!» . . . . . *Roger W. Riis* 65
Lição de um rasto de sangue . . . *Paul W. Kearney* 69
A chama da Europa . . . . *Anne Morrow Lindbergh* 71
Cultive a arte de conversar . . . . . *Gelet Burgess* 76
A mulher que não se deu por vencida. . *W. E. Barrett* 79
Assim se fez a Ponte de Brooklyn . . *Edwin Muller* 81
Haití—um eden superpopulado . . . *Max Eastman* 86
Levante os olhos para o infinito . . . . *Clyde Fisher* 89
Um menino prodígio da mecânica . . *Frank J. Taylor* 93
Três paladinos do chicle . . . . . *Don Wharton* 97
Rir é o melhor remédio. 130

Seção de Livros
Poderá o dolar salvar o mundo? *Henry Hazlitt* 101
Salar, o salmão . . . . *Henry Williamson* 113

Danças argentinas
Fotografia . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *primeira página*

Quatro leitores—um só Digest

Por Serp

Teatróloga e jornalista finlandesa

O SOL desaparecia no horizonte quando o navio-trem em que me encontrava deixou o porto de Turku em viagem para Helsinki. De repente, começou a chover.

Estava sentada junto à janela e no mesmo compartimento se achavam uma senhora e dois senhores. Esses estrangeiros visitavam provavelmente pela primeira vez a Finlândia, e eu desejava ardentemente que eles pudessem ver o meu belo país sob a luz gloriosa do sol.

A princípio, esses companheiros desconhecidos olhavam interessados pela janela, mas quando em vez de aldeias passaram a ver quilômetros de floresta—panorama habitual para quem viaja de trem na Finlândia—acabaram desistindo.

A nossa companheira de viagem encostou a cabeça num travesseiro e fechou os olhos. Um dos viajantes, indivíduo robusto, bocejou o bastante para mostrar uma coroa de ouro. O outro cavalheiro apanhou uma valise de couro marrom e retirou de dentro uma revista de capa amarela onde se lia *Reader's Digest*. Presumí que aquele homem forte, de meia-idade, fosse de nacionalidade inglesa. Abriu a revista e começou a ler página após página sem levantar a cabeça.

(*Continua na terceira capa*)

Tomo XIII, No. 74 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Março de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S. A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Redator-Secretário:* Afrânio Coutinho
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (Paris) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenhague). *Edição em finlandês:* redator, Sirkka Ruotsalainen (Helsinque). *Edição em árabe:* redator, Fuad Sarruf (Cairo). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).
Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.
Seleções do Reader's Digest, Vol. XIII, No. 74, March 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

CMDPU-CH
1960

DANÇAS ARGENTINAS

Por Manuel Ugarte

Embaixador da República Argentina no México

AS CANÇÕES e as danças de todas as repúblicas latino-americanas apresentam uma semelhança surpreendente, embora, se verificarmos bem, se explique essa semelhança pela analogia dos antecedentes, cultura e estado social. Em torno de reminiscências espanholas e indígenas surgiram ritmos que traduzem emoções, que variam naturalmente de matiz segundo a região, mas que coincidem no seu conjunto, dentro de uma alegria e uma tristeza—mais tristeza que alegria, na maioria dos casos—que expressa e define a alma dos habitantes.

Estas expansões da massa popular, acompanhadas por guitarras plangentes, têm até dentro da aparente felicidade, um fundo sabor melancólico que emana das vastas extensões desertas e da natureza grandiosa, devoradora de homens. A isso temos que acrescentar o eco das raças subjugadas pela conquista, porque o índio deixou na América a marca indelevel de sua dor.

Somente nas Antilhas e no Brasil, onde o elemento africano injetou novo sangue bárbaro, aparecem na música e na dança cadências estrondosas, frequentemente delirantes, que expressam exaltação, euforia, embriaguês de viver. Mas, em geral, música e dança na América se ajustam ao tom da amargura ou da resignação.

Temos que reconhecer, no entanto, que na República Argentina, a canção e a dança tomam formas mais aceleradas e nervosas, dentro da concretização local inconfundivel que impõe categoricamente sua própria fisionomia. Sem perder o parentesco inegavel com os ritmos do México, Colômbia e do alto Perú, sem desviar-se das linhas comuns que esboçamos, aparece a nova fórmula e a expressão distinta.

Não me refiro ao tango que, embora tenha alcançado uma popularidade mundial, está longe de ser expressão autêntica da vida argentina. O tango nasceu no bairro cosmopolita, na medula dos subúrbios movimentados da grande cidade, e salvo algumas realizações particularmente felizes de Juan de Dios Filiberto, não pode ser considerado uma dança nacional. Carece de antecedentes e de filiação na trajetória histórica e nos costumes tradicionais do país. Não encontramos referência ao tango em Martín Fierro. O *gaucho* não o adotou nunca. Apareceu na Capital em épocas relativamente recentes, ao calor de inspirações dissimeis, entre as quais se percebem elementos italianos e brasileiros. E sua própria popularidade internacional o situa fora do fundamentalmente vernáculo.

O pampa argentino, com suas tradicionais atividades pastoris e agrícolas, o rancho *criollo*, a colheita na planície incomensuravel, a ex-

(*Continua na p. 25*)

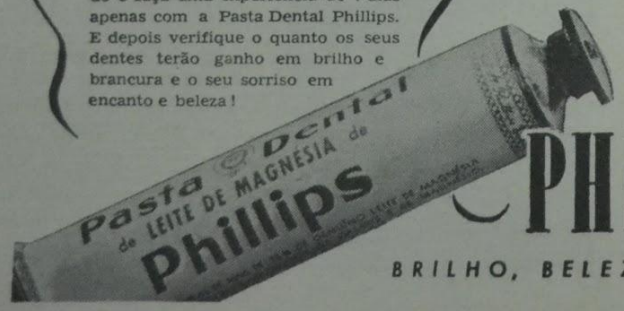
Vê-se em nossa capa o pátio do Instituto Nacional de Educação Física de Buenos Aires, onde um grupo de estudantes e professores desse estabelecimento oficial, em que se estuda a coreografia tradicional argentina, executa o baile típico, o gato.

Foto: Earl Leaf

É um verdadeiro tesouro de graça e beleza o sorriso sadio de quem tem os dentes fortes, brancos e brilhantes! Êsse sorriso obtem-se com o uso constante da Pasta Dental Phillips — o dentifrício que os dentistas recomendam. Contendo mais de 75% do genuíno Leite de Magnésia de Phillips, a Pasta Dental Phillips não só realiza uma perfeita higiene bucal, como garante a saúde dos dentes, porque neutraliza a acidez bucal, uma das principais causas da cárie.

FAÇA UMA EXPERIÊNCIA DE 7 DIAS

Deixe de lado o dentifrício antiquado e faça uma experiência de 7 dias apenas com a Pasta Dental Phillips. E depois verifique o quanto os seus dentes terão ganho em brilho e brancura e o seu sorriso em encanto e beleza!



PASTA DENTAL

PHILLIPS

BRILHO, BELEZA, BRANCURA!

A parada a caminho do Golden State

Junte-se tambem ao cortejo sempre crescente dos consumidores satisfeitos com o Leite em Pó *Golden State.*

Milhares de pessoas vêm dando preferência ao *Golden State,* e compreende-se: As crianças adoram seu paladar rico e cremoso. Os cozinheiros o preferem porque ele torna os pratos mais saborosos.

O mais querido das donas de casa experientes. Supremo em Sabor.

Golden State
BRAND

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

UMA ORGANISAÇÃO
UNIVERSAL AO SERVIÇO
DA HORA EXACTA

CYMA

A QUALIDADE DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

Super Fragrance

NOVA COLÔNIA COTY

Mais que perfume...

e deliciosamente

refrescante...

4 tamanhos para toucador

TAMBÉM EM FRASCO ESPECIAL PARA O BANHO

AGUA DE COLÔNIA

SUPER FRAGRANCE

Coty

EM DOIS SEGUNDOS APENAS

Em dois segundos, o Melhoral dos "puros-sangue", atingindo a assombrosa velocidade de mais de 60 km. p. h., dá o arranco final e cruza a meta, ganhando o páreo disputado por dezenas de outros puros-sangue.

Em dois segundos, Melhoral entra em ação no seu organismo, livrando-o *ULTRA-RÀPIDAMENTE DA DOR!*

Colocando um comprimido de Melhoral num copo de água, você compreenderá porque êle é o único que alivia a dor, baixa a febre e corta o resfriado ultra-ràpidamente. Melhoral começa a se dissolver ao primeiro contacto com a umidade, desintegrando-se inteiramente, antes mesmo de tocar o fundo do copo. Eis porque Melhoral — produto científico de uma era dinâmica — age contra a dor, gripe ou resfriado, *em dois segundos.*

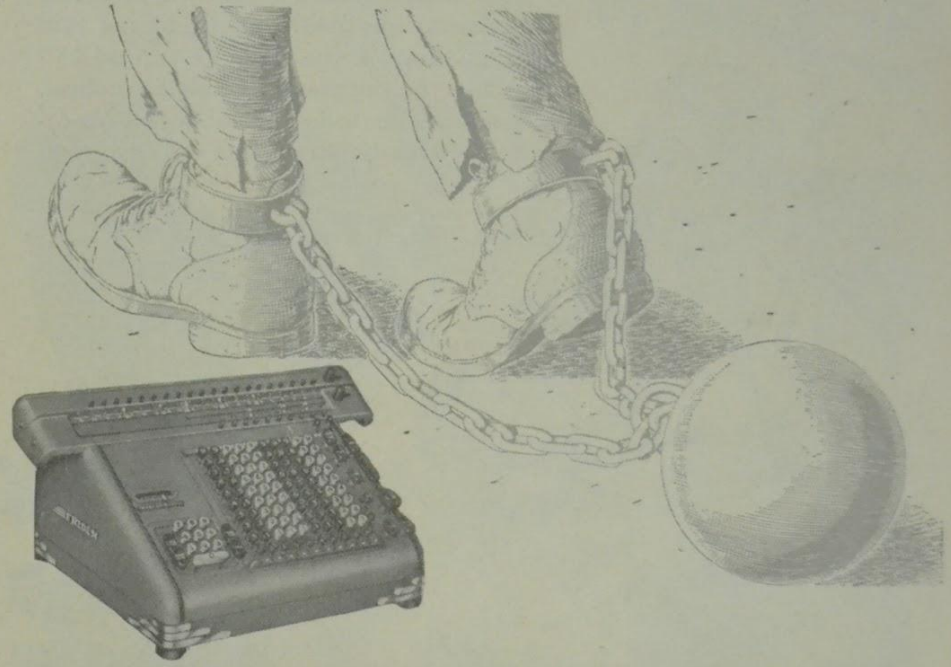
Melhoral

CONTRA A DOR DE CABEÇA

Antiquado Material De Calcular

Embaraça

A Produção Do Vosso Trabalho De Cálculo



Adquira FRIDEN...a completa e automática máquina de Cálculos que dá *os mais precisos resultados* em qualquer espécie de operações. Exclusivas características tornam mais fácil e possível o Método Friden. Economizam-vos tempo e dinheiro dando maior rendimento ao vosso trabalho de cálculo porque só vos dão *resultados necessários.*

O Serviço Mecânico e Instrutivo FRIDEN encontra-se ao vosso dispôr nas principais cidades do Mundo.

FRIDEN CALCULATING MACHINE CO., INC.

ESCRITÓRIOS E FÁBRICAS • SAN LEANDRO, CALIF., U. S. A. • VENDAS E SERVIÇO ATRAVÉS DO MUNDO

Campeão de *Beleza* . . . e *Favorito* Mundial

Capta ondas médias, e tem cinco faixas de ondas curtas internacionais. Funciona com corrente direta e alternada de 115 ou 230 volts, ou por meio de bateria inclusa. Trabalha em todos os climas—e foi especialmente tratado para resistir aos trópicos!

ZENITH

INTERNATIONAL

Trans-Oceânico Portatil . . .
Modelo 8G005YT

CINZANO

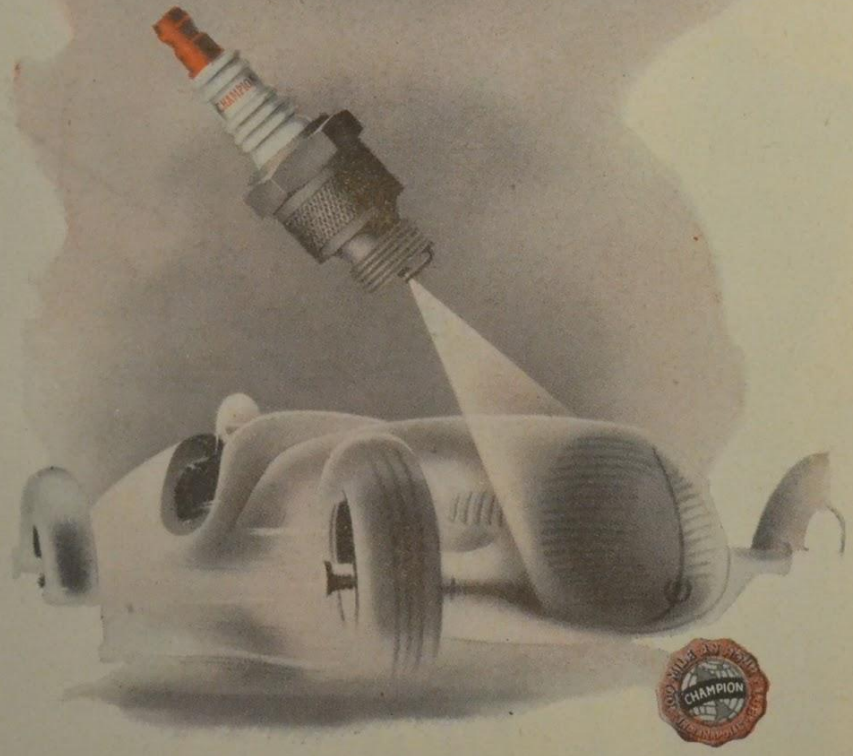
VERMOUTH

Fábrica Central: São Paulo, Brasil • Fazenda Viti-Vinícola: Estação Mailaski (São Roque).

Fieis

CHAMPION

VELAS FAVORITAS DO MUNDO



O Clube Champion Cem-Milhas-à-Hora — o clube "mais exclusivo do mundo" — é constituido por automobilistas que fizeram os 800 km completos da corrida de Indianápolis dessa distância, a uma velocidade média de 160 km à hora, ou mais, sem parar. Das centenas de corredores que competiram nesta prova clássica, internacional, de velocidade, somente 35 conquistaram a distinção de serem admitidos neste clube, e o direito a usar o respetivo emblema. É altamente significativo que, destes 37 vencedores, 33 se credenciaram para admissão ao quadro social do clube, usando as Velas de Ignição Champion, de confiança.

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS *EXIJA CHAMPION — AS VELAS DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO*

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY • TOLEDO, U.S.A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

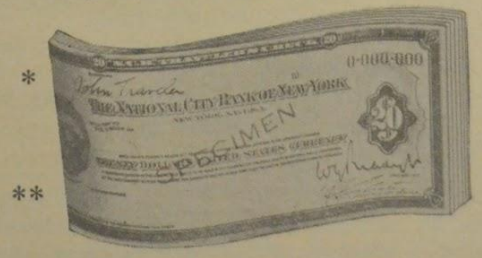
Vai viajar? Leve consigo este "guarda-costas"

CHEQUES DE VIAJANTE DO NATIONAL CITY BANK

Quer tencione ir por avião, trem, automovel, navio ou ônibus, não arrisque o exito de sua viagem levando no bolso dinheiro que possa perder-se ou ser roubado . . . proteja seus fundos contra qualquer perda ou furto, fazendo uso dos cheques de viajante NCB, seguros e prontos a gastar.

Antes de partir, passe pelo seu banco . . . compre, em denominações de $10, $20, $50 ou $100, os Cheques de Viajante do NCB que necessita levar . . . assine-os, e ficará assim munido do melhor "guarda-costas" de fundos de viagem que jamais se conheceu!

Compre-os no seu banco



*

**

Estes cheques constituirão seu dinheiro *pessoal e intransmissivel, e V. S.— somente V.S.*—poderá descontálos . . . endossando cada cheque no momento de pagar com o mesmo. Qualquer cheque perdido ou roubado é sem demora reembolsado ao dono. Esta proteção custa apenas 75 cents por $100. Os Cheques de Viajante do NCB são válidos por tempo indefinido.

Os cheques de viajantes do NCB são seguros e podem ser utilizados em qualquer parte.

Dizem sempre que "NÃO"

OLHEM JOSÉ FULANO, por exemplo. Digamos que é um cidadão comum—do tipo que às vezes responde "sim", outras vezes "não", e com frequência "eu não sei", aos inquéritos sobre a opinião pública. Come e bebe bem, dorme melhor, não se apoquenta muito, gosta do seu trabalho e dum joguinho de vez em quando. Superintende uma fábrica que tem uns 200 operários. José Fulano não tem nada de extraordinário: o mundo é feito de milhões de homens parecidos com ele. Nada de extraordinário? Nada, é talvez um pouquinho de exagero. Se não, ouçam isto...

Faz pouco, um diário local mandou um reporter entrevistar José Fulano. Como publica todas as semanas muitas colunas de publicidade paga, o jornal tem um natural interesse em saber qual a reação do leitor aos seus anúncios. Por outras palavras, o jornal queria saber como é que José Fulano e todos os seus homônimos reagiam aos anúncios que o jornal publica para servir seus clientes.

O mais interessante do caso é que, por motivos insondaveis, de cada dez pessoas comuns, capazes de manifestar esta ou aquela opinião sobre qualquer assunto, quando se trata de inquéritos ao público, nove têm horror a confessar que lêem anúncios!

Respondem quase invariavelmente "não" quando lho perguntam. Mas o que *este* reporter descobriu, o deixou mais perplexo do que nunca. Tendo-se encontrado às 7:30, da manhã passaram juntos o dia inteiro. Não tem dúvida que José Fulano gostava do seu conforto: pois parece que o super-colchão em que dormia era um Dunlopillo. Quando se puseram a caminho da fábrica, chovia: o olho vivo do reporter notou logo que o impermeavel que José Fulano envergou tinha uma etiqueta Dunlop. Os pneus do seu automovel eram tambem Dunlop. Chegados à fábrica, José Fulano e o reporter começaram por dar uma volta pelos escritórios. O forro do soalho, de bom gosto e anti-escorregadio, era Dunlop e havia sido colocado recentemente. Na fábrica, o entrevistador reparou que todas as Correias de Transmissão e Condução eram da marca Dunlop. As cinco da tarde, José Fulano tinha um torneio de golfe, acontecimento de importância para o qual envergou um casaco de sport Dunlop e um par de calças Dunlop. Vendo-o arrumar o saco de golfe, o reporter notou que as bolas eram Dunlop "65", e os sapatos da marca Dunlop tambem. O dia acabou com uma roda de coquetéis em casa de José Fulano, sentados os dois em fundas poltronas, generosamente estofadas com Dunlopillo. Acenderam cigarros e, devagar e em silêncio, tomaram o seu Xerez. O reporter tirou algumas fumaças, pensativo, e depois, soprando no ar um anel de fumaça, perguntou a José Fulano, como quem não quer a coisa:

"O sr. já alguma vez leu um anúncio da Dunlop?"

"NUNCA!" respondeu José Fulano com firmeza.

. . . . . .

E aquí tem o leitor. Talvez nunca cheguemos a saber se José Fulano realmente não lê anúncios; ou se os lê e não dá por isso; ou se sabe que os lê e recusa confessá-lo; ou se a famosa qualidade de Dunlop se vende por si só, sem a ajuda da publicidade... Que diz a isto o leitor?

Desenhado especialmente para "Ela"

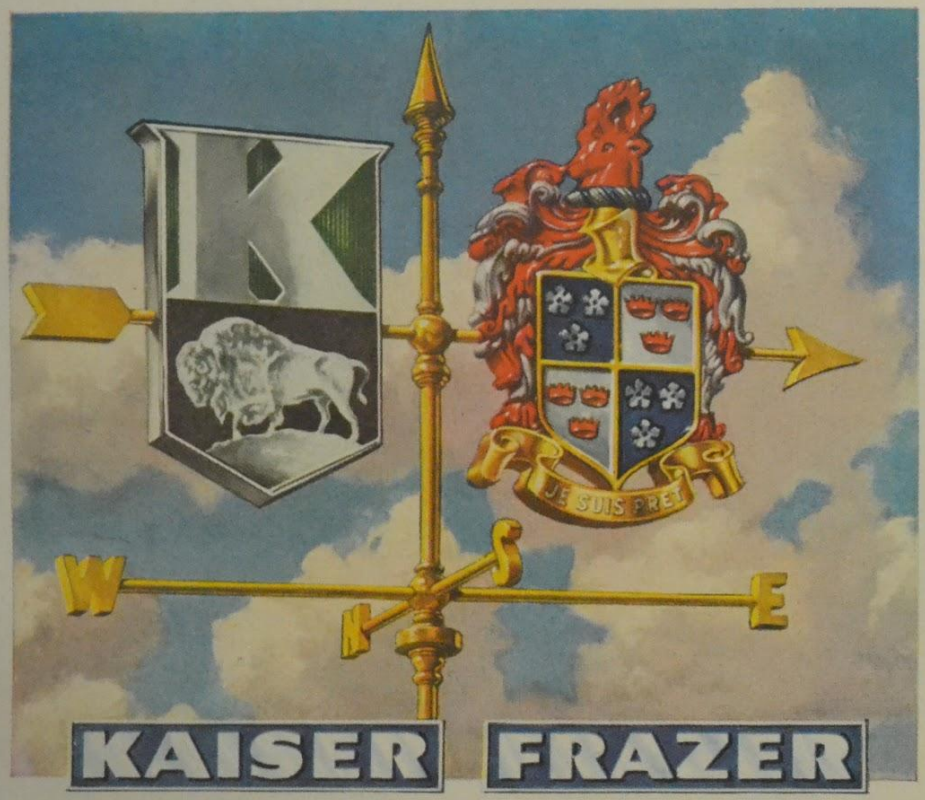
Desde seu tamanho—especial para mãos femininas—até o "pregador", ajustável a qualquer espessura de tecido, de novo feitío, o jogo "Trio" da SHEAFFER'S, foi fabricado especialmente para senhoras. "Ela" se lembrará sempre do quanto é insuperavel esse jogo de instrumentos de escrever, composto de uma caneta "Triumph" com sua pena cilíndrica, de ouro de 14 quilates—que personaliza a escrita; uma *Sheaffeuter* com ponta esferográfica, para anotações permanentes, em azul, vermelho ou verde; uma lapiseira *Fineline* com ponta arredondada, que não só reduz as quebras das grafites como evita que se rasguem o bolso ou a bolsa.

W. A. Sheaffer Pen Company, Ft. Madison, Ia., E. U. de A. • Malton, Ont., Canada.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11o and.

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa



Novos Sinais no Céu

Durante este último ano, dois nomes ascenderam a lugares de grande destaque no mundo automobilístico. Representam eles duas proeminentes marcas de automoveis, já hoje experimentadas e provadas em muitos milhões de quilômetros de estradas. Foi tal o entusiasmo que essas marcas despertaram entre os compradores exigentes, que a Kaiser-Frazer Corporation, no esforço de satisfazer a procura, já alcançou o quarto lugar entre os maiores fabricantes de automoveis do mundo.

Outro Ano Kaiser e Frazer! O ano passado, Kaiser-Frazer produziu na fábrica de Willow Run mais de 125,000 carros. Mas isto foi apenas o começo! A produção e as vendas serão ainda *maiores* em 1948!

KAISER-FRAZER EXPORT CORPORATION
WILLOW RUN, MICHIGAN, E.U.A. • Enderêço Telegráfico: KAFREX

A História que não acaba mais

O homem conta ao menino a historia da luta pelo encurtamento das distancias. Fala de navios novos e mais velozes—de automoveis e aeroplanos que tornaram todos os homens vizinhos.

O petroleo desempenha o seu papel nesta historia do progresso, proporcionando combustiveis e lubrificantes para navios, caminhões, automoveis e aeroplanos.

Isto é apenas o principio. Hoje os que trabalham em petroleo lutam, em franca concorrencia, para melhorar os produtos e o serviço prestado à humanidade.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

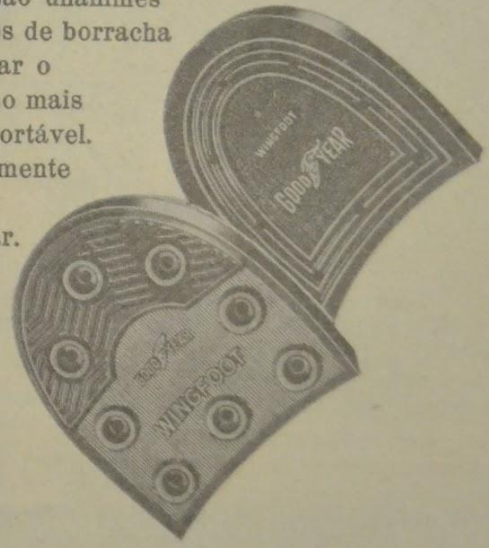
UM EMBLEMA DE QUALIDADE **Esso** UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY
of Brazil

UM CHOQUE QUE SE REPETE

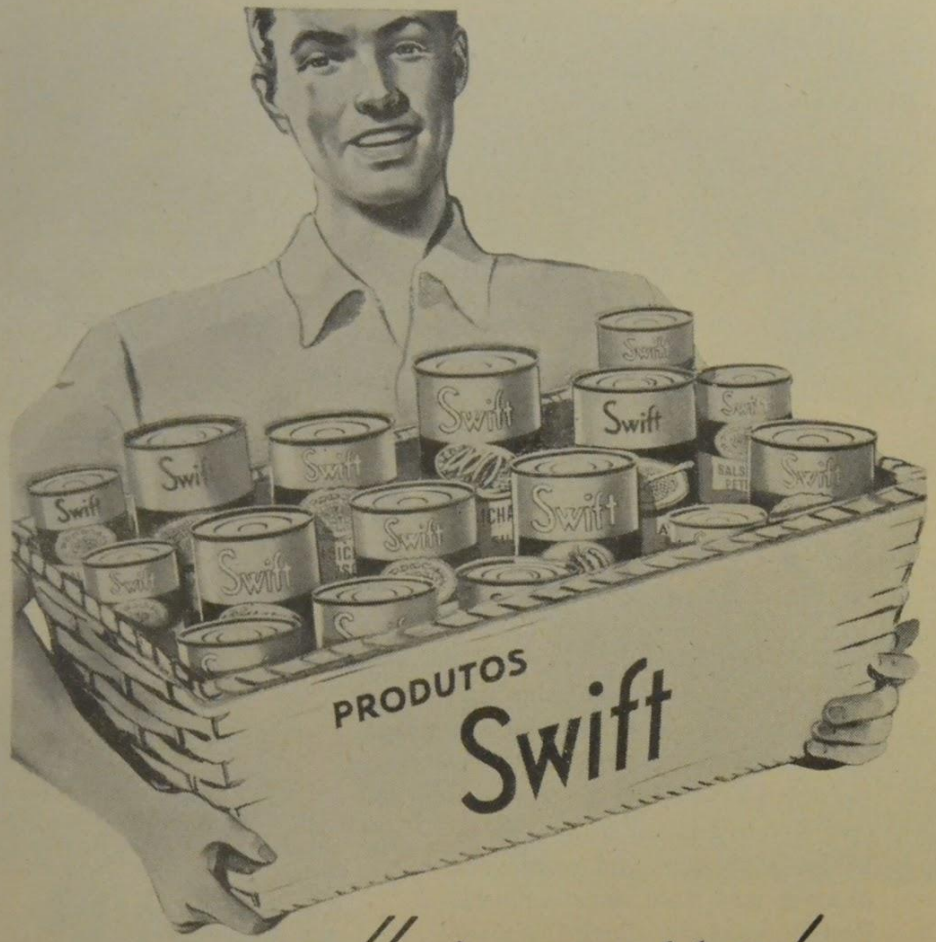
12.185 VÊZES POR DIA!

DAMOS, em média, 12.185 passos por dia. E cada um dêsses passos determina um pequeno abalo, em todo o organismo. É por isso que os maiores higienistas são unânimes em aconselhar o uso de saltos de borracha como uma maneira de poupar o nosso corpo, tornando o passo mais flexível, mais leve, mais confortável. Proteja, pois, sua saúde e aumente seu bem-estar, usando Saltos de Borracha Goodyear.



SALTOS

GOODYEAR



...a melhor compra!

. . . porque são feitos com ingredientes cuidadosamente selecionados para assegurarem o máximo de pureza e valor nutritivo. Carnes, frutas, verduras, geléias e compotas — pratos ricos e saborosos — para tôdas as ocasiões. Garantidos pela marca de qualidade por excelência: SWIFT!

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

SELEÇÕES

TOMO XIII
Nº. 74

do Reader's Digest

MARÇO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

UM GOVERNO PARA O MUNDO

Por W. T. Holliday

Presidente da Standard Oil Company of Ohio

Só um governo mundial poderá evitar a catástrofe; por conseguinte, tal governo é viavel. Este é um artigo vigoroso e otimista, indicando as medidas que cumpre tomar sem demora.

FAÇO PARTE do temivel grupo de fabricantes de munições. Como presidente de uma companhia de petróleo, tão essencial à guerra quanto tanques e canhões, incluem-me automaticamente entre os que consideram as guerras uma excelente fonte de lucros.

A próxima guerra, entretanto, não beneficiará nem o meu ramo de negócios nem qualquer outro. Significará não só o fim de nossas atividades como tambem de muitas outras. O homem conseguiu produzir instrumentos capazes de destruir o mundo—e o *destruirá*, a menos que tiremos de suas mãos semelhante poder.

Deixem-me fazer esta pergunta, ditada pelo bom senso: se alguem souber que no porão de sua casa há cinquenta quilos de dinamite ligados a um pavio aceso, pensará primeiro em verificar se as camas estão feitas e se a despensa está bem provida?

É preciso que despertemos para a realidade. Nosso dever primordial consiste em assegurarmos a manutenção da paz. Pois se não o fizermos, teremos uma Terceira Guerra Mundial, cujos horrores irão muito alem da nossa imaginação. Estamos presenciando a infância da energia atômica e já há cientistas que falam em bombas cem vezes mais poderosas que a de Hirochima, capazes de pulverizar Nova York e matar 6 milhões de pessoas! E não são menos promissores, asseguram os cientistas, os progressos alcançados no campo da utilização de bactérias mortíferas como instrumento de guerra.

Só há uma maneira de salvar da decadência e da morte uma civilização ameaçada: preparar psicologicamente homens e mulheres para fazer frente ao perigo.

Ou adaptam suas maneiras de ser e de pensar às contingências do momento, ou serão tragados pelo abismo.

Será possivel que ainda não nos tenhamos apercebido de que o estado atual do mundo é de pura anarquia? Em nossas vidas particulares, não toleraríamos, por um instante sequer, as condições caóticas que assoberbam presentemente o mundo.

Os juristas falam em «direito internacional», mas a verdade é que tal coisa não existe. Lei significa lei *obrigatória*. Para tornar uma lei obrigatória é indispensavel a existência de um *governo*. E onde está esse governo internacional?

Bem, responder-me-ão, não temos a Organização das Nações Unidas?

Sim, é claro—mas a ONU não está aparelhada para realizar o que, efetivamente, precisa ser realizado; reconheçamos as suas deficiências e tratemos de corrigí-las *enquanto há tempo*.

A ONU não pode assegurar a manutenção da paz pela simples razão de não ser um governo. Não somente não dita leis ao mundo como não disporia de meios para torná-las compulsórias, caso as pudesse ditar. A ONU é apenas uma liga, um tratado multilateral firmado por 57 nações soberanas—cada uma das quais com o poder de decidir, individualmente, quando bem o entender, se fará ou não a guerra.

A história está cheia de acordos dessa natureza, desde as ligas da antiga Grécia até à Liga das Nações. Todas se propuseram manter a paz e todas terminaram em guerra. Se a teoria das ligas internacionais fosse tudo quanto a história tem para nos ilustrar a respeito da manutenção da paz, seria o caso de a raça humana abandonar este planeta.

Entretanto, a um palmo do nosso nariz, há um fato histórico igualmente comprovado, fato que constitui a única esperança de podermos viver em paz—homens imperfeitos, num mundo imperfeito.

O sentido da federação

Que simboliza, em realidade, um policial? Se atentarmos bem para a ordem e tranquilidade da nossa cidade, verificaremos que tanto nós como os demais habitantes jamais poderíamos ter alcançado esse resultado, se agíssemos como indivíduos isolados. O policial representa a força pública, criada para manter a ordem e apoiada nas leis. Mais do que isso ainda, representa o fato desapercebido de que tanto nós como os demais cidadãos abdicamos o direito primitivo de decidir as disputas com os nossos próprios meios, reconhecendo no policial poderes superiores aos de qualquer indivíduo. Em uma palavra, nós e nossos compatriotas nos *federalizamos*.

O policial tem, em si, todas as características essenciais do federalismo. Ele não dirá a que horas nos devemos levantar ou o que devemos comer no almoço—seus poderes são os que lhe atribui a lei, exclusivamente. Mas se nos encontrarmos em dificuldade dentro da sua esfera de ação, aí sim, o policial chamará a si o caso e o resolverá.

Uma coisa é admitir que um governo federal do mundo tenha jurisdição suprema na manutenção da paz; outra é dotá-lo dos meios de tornar efetiva essa jurisdição. É precisamente com relação a este ponto que necessitamos retificar os nossos preconceitos. Não se concebe facilmente a existência de exércitos e marinhas que não sejam de nenhum país em particular, mas do mundo como «unidade». Entretanto, é indispensavel à existência de um governo mundial que as nações renunciem a todas as grandes armas de destruição em massa, confiando-as ao citado governo. Em princípio, este teria meios de esmagar facilmente qualquer nação que ameaçasse a paz geral.

Digo «em princípio» porque o verdadeiro segredo de tornar efetiva a paz seria bem outro. Do contrário, chegaríamos ao paradoxo de que, para prevenir uma guerra, teríamos que deflagrá-la. Como sair desta contradição?

Os autores da Constituição dos Estados Unidos tiveram essa mesma dificuldade. Queriam que as leis federais fossem respeitadas nos Estados; mas sabiam, por outro lado, que não bastaria à União pedir aos Estados que as cumprissem. Entretanto, não ignoravam que o emprego da força pela União contra um Estado, para punir uns poucos infratores, seria o mesmo que atear fogo ao celeiro, com o intuito de matar os ratos.

Resolveram o problema dando ao governo federal a autoridade de agir diretamente contra os indivíduos, dentro de qualquer Estado, e puní-los pela violação das leis federais.

Somente com essa autoridade, um governo mundial poderia resguardar efetivamente a paz. Assim como o leitor, ou eu, seríamos punidos se emitíssemos moeda falsa, um cidadão de qualquer país poderia, no regime de governo mundial, ser punido pelo crime de favorecer ou fomentar a guerra. Pode ser que isso exija uma reforma radical nos nossos velhos hábitos e preconceitos nacionalistas; mas o fato é que o mundo já se está orientando nessa direção. O princípio do indivíduo poder ser indigitado como fomentador de uma guerra ficou amplamente consagrado no Tribunal de Nuremberg.

O governo mundial se configuraria mais ou menos de acordo com as seguintes linhas gerais: como cúpola do sistema, uma constituição mundial; regulada por esta, uma assembléia legislativa destinada a formular as leis necessárias à manutenção da paz; tribunais mundiais para interpretar essas leis e resolver conflitos; um orgão executivo para pôr em prática as leis e, finalmente, uma polícia mundial para assegurar o respeito devido às mesmas.

Argumentos contra o governo mundial

As objeções ao governo mundial são numerosas, mas jamais ouví alguem contestar a afirmação de que se trata da única resposta decisiva à guerra. Em suma, os críticos concordam, mais ou menos tacitamente, que o governo mundial é necessário—e declaram-no, rotundamente, impossivel, enumerando uma série de obstáculos, riscos e inconvenientes.

Há pouco tempo, fui convidado para defender a idéia da federação mundial num debate contra um conhecido jornalista. Declarei-lhe que teria a maior satisfação em discutir o assunto desde, porem, que ele defendesse, eficazmente, a tese contrária. Não bastaria apontar os problemas e dificuldades do meu lado—teria ele de exibir argumentos contrários à federação mundial como solução para a guerra. O cavalheiro desistiu. Nesse caso, declarou, não havia o que discutir.

Muitos consideram impossivel a federação mundial, alegando que nenhuma nação concordaria em reduzir as suas prerrogativas a ponto de subordinar-se à federação. Vejamos, porem, a que se reduz essa subordinação.

Alem das fronteiras de um Estado, não existe soberania nacional, pelo menos, com o carater de supremacia com que a concebemos. Dentro das suas fronteiras, a nação é evidentemente suprema, em face das suas províncias ou cidadãos. A única limitação que o governo mundial imporia a esse aspecto da soberania se reduziria à sua faculdade de punir cidadãos

nacionais por atos que visassem fomentar a guerra. Não vejo aí, em realidade, nenhuma *usurpação*, pois não me consta existir, em qualquer nação leis preventivas nessa matéria.

Se os paises querem, efetivamente, prevenir as guerras, mediante a federação mundial, o único atributo de soberania a que deverão renunciar será o de decidir entre a guerra e a paz.

Outros alegam que o governo mundial não passaria de uma entidade negativa e repressora, um estado-policial. Se aprofundarmos a nossa análise, veremos que a repressão à desordem é a única prevista e reconheceremos que a manutenção da lei e da ordem pela autoridade governamental é o fundamento básico, essencial à vida em qualquer sociedade.

Diz-se, frequentemente, que o mundo ainda não está maduro para receber um governo único, mesmo com atribuições limitadas. Precisaríamos, primeiro, de uma longa prática de cooperação internacional através de organismos como um banco internacional, um conselho mundial de alimentação, etc. Precisamos de tais organismos, é certo. Mas eles não terão maior capacidade para preservar a paz do que a União Postal Universal—exemplo fecundo de cooperação internacional. Não se poderá manter a paz apenas com um carteiro, ou um banqueiro, ou um dono de armazem. É indispensavel o policial.

Há, finalmente, os que declaram que o homem ainda não está espiritualmente preparado, que não alcançou ainda o grau de aperfeiçoamento necessário para a aceitação de uma federação mundial. De acordo. Pergunto, entretanto: Estava o homem mais perto da perfeição em 1787, quando foi elaborada a Constituição Americana? Estará mais próximo em 1987? A bomba atômica não está à espera de que aperfeiçoemos as criaturas

Programa para a organização

Apesar de todas as suas deficiências, a ONU poderia servir de base à federação mundial de que necessitamos. Vejamos de que maneira.

Como primeiro passo, algum país deveria apresentar à Assembléia Geral uma moção no sentido de ser convocada uma convenção mundial encarregada de elaborar uma constituição para o mundo. Segundo o Artigo 109 da Carta, «uma conferência geral dos paises membros, para a revisão da presente Carta» pode ser convocada por decisão de dois terços da Assembléia Geral e de sete dos onze membros do Conselho de Segurança. Essa convenção seria a assembléia constituinte do mundo—nenhum país poderia vetá-la.

«Qualquer reforma da presente Carta» pode ser recomendada por dois terços das nações representadas. Ora, esta «reforma» poderia resultar precisamente na constituição federal do mundo—não assistindo a qualquer país o direito de vetar-lhe uma linha sequer.

Começam aí as dificuldades. A providência seguinte consiste em submeter a constituição às diferentes nações, para fins de ratificação. Ainda de acordo com o citado artigo 109, a «reforma» entrará em vigor quando ratificada por dois terços das nações, incluidos *todos* os membros permanentes do Conselho de Segurança. Em outras palavras, uma só nação poderá impedir que todas as demais venham a adotar um governo constitucional.

Tal situação não é nem razoavel nem toleravel. É curioso lembrar, entretanto, que tambem na história americana, quando as 13 antigas colônias se reuniram em federação, essa mesma regra foi adotada

—ou todas ou nenhuma. Segundo a resolução do Congresso Continental, que convocou a Convenção Constituinte de 1787, todas as emendas deveriam ser ratificadas pelos 13 Estados. Como pôde, então, entrar em vigor a incipiente Constituição americana, sob limitações dessa natureza?

Por um golpe inteligente e ousado, os redatores da Constituição simplesmente ignoraram os ditames do Congresso Continental e introduziram a cláusula da obrigatoriedade para todos mediante a ratificação por parte de nove dos treze Estados.

Os delegados a uma assembléia constituinte mundial deveriam fazer o mesmo, ignorando a Carta da ONU e introduzindo no novo instrumento cláusulas mais moderadas quanto à ratificação. Se dois terços das nações podem redigir uma constituição, é de supor-se que possam dar-lhe cumprimento.

Uma vez estabelecida, a federação se expandiria facilmente. Haveria sempre lugar para as nações que não quisessem aderir imediatamente.

Eis a realidade

Chegamos agora à pergunta habitual: E a Rússia?

Mas a chave da questão não está aí. A primeira pergunta a fazer deveria ser: *E o povo dos Estados Unidos?*

Deseja ele a federação mundial? Estará disposto a pugnar por ela?

Os russos são realistas. E a única maneira de tratar com realistas é oferecer-lhes algo concreto. O mundo não terá uma paz duradoura enquanto o povo dos Estados Unidos não se convencer de que ao *seu governo cabe promover* o estabelecimento de uma ordem mundial mais ampla e mais realista que a que poderiam os russos oferecer.

Os russos, por sua vez, estão procurando dilatar a sua «ordem», provavelmente com miras a torná-la universal. Chamam a isso «libertação», mas, em realidade, tratam apenas de expandir a *ordem russa*, ou seja, em uma palavra—o *império*. Ora, os próprios russos, obrigados a aplicarem aos povos que «libertaram» medidas repressivas de extremo rigor, demonstram, com isso, que um império fundado na força é inviavel.

O federalismo não se confunde com o império. Sob a federação mundial, as leis seriam *mundiais*, elaboradas através da cooperação voluntária de *todas* as nações. Daí a sua maior viabilidade, durabilidade e, consequentemente, maior realismo.

Se o governo dos Estados Unidos propusesse, clara e firmemente, a criação imediata de uma federação mundial limitada à preservação da paz, estou certo de que contaria com o apoio entusiasta da imensa maioria das nações.

Acredito que até a Rússia aderiria. Talvez o leitor não esteja de acordo. Se a Rússia tardasse a aderir, seria possivel construir-se uma federação sem sua participação, fora da Organização das Nações Unidas.

É evidente que essa não seria a solução adequada. Significaria, antes do mais, a divisão do mundo em dois campos. Entretanto, chego a perguntar a mim mesmo se essa solução, em última análise, não seria preferivel à continuação da caótica situação atual. Pelo menos, haveria definições claras, em lugar das inúmeras e mesquinhas questiúnculas que hoje nos atormentam. Em lugar das disputas atuais de cão e gato entre a Rússia e os Estados Unidos, veríamos a Rússia, de um lado, com nove por cento da população mundial, e, de outro, uma federação constituida por todas ou quase todas as demais nações da terra.

Parece estranho e paradoxal, mas os que se prepararem para viver isolados, nunca terão que fazê-lo

Minha filha poderá viver só

(Condensado de «Woman's Home Companion»)

Por David L. Cohn

CERTA VEZ, depois de jantar com uma das mulheres mais sensatas que conheço, ficamos conversando longamente sobre um assunto que sempre interessou a humanidade—como ser feliz na vida. E ouví-lhe esta observação que me impressionou pela sua sabedoria: «Estou educando minha filha para viver sozinha.»

Não queria dizer com isso que desejava ver a menina ficar solteirona ou fazer-se freira. Sua esperança é que a filha se case, tenha um lar, filhos, viva plenamente a vida. Mas acha que um dos meios de ter felicidade e harmonia entre os membros da família é saber viver só.

Raramente a mulher encontra no marido interesses idênticos aos seus, ou as qualidades sonhadas na juventude. O casamento, entretanto, não tem que ser infeliz por causa dessas falhas. Pode muito bem tornar-se fonte de felicidade e dum ambiente gerador de confiança, tão essencial à boa formação e educação dos filhos.

Aprender a viver só, significa achar dentro do nosso próprio espírito e imaginação, uma existência plenamente satisfatória, sem por isso recusar qualquer coisa aos outros. Mental e espiritualmente, equivale a termos para nosso uso exclusivo um quarto numa casa repleta de atividades infantís e de objetos de uso das crianças.

Neste sentido «viver só» significa, em parte, capacidade de achar prazer em pequenas ciosas. Os que cultivam o tesouro da vista e da audição não sofrem de tédio nem de fadiga espiritual. Para eles, a forma caprichosa duma nuvem, o jogo de luz e sombra numa paisagem de inverno, a poesia dum jardim na primavera, deliciam o espírito, refrescam a alma e criam um novo mundo. São prazeres que nada pode corromper ou remover, que não dependem de dinheiro nem de equipamento material. São prazeres de todas as idades e de todos os tempos, que nos permitem conservar na idade madura a herança preciosa de nossa infância—a capacidade de enxergar o mundo com olhos admirados.

Os livros são indispensaveis à arte de viver só, livros que amenizam e aquecem um mundo hostil e frio; que trazem para nosso lado os mais nobres espíritos e os mais magnânimos corações do mundo; que nos dão acesso imediato às mais eloquentes vozes, aos mais serenos conselheiros, aos mais alegres companheiros. Os livros nunca falham na tarefa de nos levantar o ânimo.

Neste variado mundo interior existem tambem tais tesouros de música, escultura, pintura, arquitetura e ciência, que ninguem será levado a viver de maneira mesquinha e estreita, a não ser que deliberadamente se condene à pobreza de espírito.

Era a tudo isto que minha amiga se referiâ ao dizer que estava educando a filha para viver só. Desejava dotá-la duma prenda que por sua própria natureza se tornasse, com o decorrer do tempo, cada vez mais valiosa. Alem disso, moviam-na outras considerações, aplicaveis a todos nós.

Cada um de nós está, de certa maneira, encarcerado na cela de seu cérebro. Tentamos fugir ao cativeiro por meio do amor, da simpatia, da afeição, da compreensão; de conversas, em que expressamos nossa personalidade e escutamos as explicações dos outros. Nunca, porem, se obtem fuga completa. Em vão procuramos tocar corações alheios, em vão tentam eles tocar os nossos. É aconselhavel, portanto, que nos preparemos para o mundo dentro das paredes da prisão de nosso próprio ser.

Não somente estamos isolados, neste sentido, como estamos impossibilitados de evitar doenças, perda de faculdades físicas, morte de entes queridos, talvez reveses financeiros. Como poderemos deixar de constituir um peso para nossos amigos e parentes? O recurso está em desenvolvermos plenamente o espírito e a capacidade de viver sozinhos.

Finalmente, a mulher tem de preparar-se para a fase de vida, mais precoce para ela que para o homem, em que já não poderá confiar nas graças físicas como fonte de companheirismo conjugal, de amizade com outras pessoas, de camaradagem com os filhos. Se não estiver preparada, pode, aos cinquenta anos, ver-se distante do mundo, seca, terrivelmente entediada. Mas o paradoxo está em que se estiver pronta para essa emergência, nunca terá de viver sozinha, porque onde quer que vá há de levar consigo um mundo interior fertil, transbordante. Não importa qual seja sua idade e sua aparência, será sempre bem recebida como mulher amavel, alegre, estimulante, atraente. Manterá o interesse do marido, a camaradagem dos filhos, desfrutará a amizade dos que sentem o calor reconfortante vindo de seu espírito largo e de seu coração terno.

Para nossa felicidade, existem dessas mulheres em toda parte—mulheres interiormente felizes, encanto da sociedade, ornamento de nossa civilização.

Danças argentinas

(Continuação da p. 1)

pressão simples do homem são, um tanto rude, mas apegado ao passado, encontram manifestação mais fiel no *pericón* ou no *gato*. Estas danças expressam o puro ambiente rural com mais intuição que desenfado e mais romantismo que sensualidade. São executadas com os participantes um em frente ao outro, a distância, e às vezes se acompanham com estrofes que o bailarino dedica à sua dama e que esta responde, por sua vez. Com os braços para cima e imitando com os dedos as castanholas ausentes, os dançarinos se abandonam à sua interpretação da vida.

O *pericón* e o *gato*, danças de antecedentes autenticamente hispanos, adaptadas aos nossos costumes, acompanharam a nacionalidade nascente desde sua primeira tentativa até sua estruturação definitiva.

VAMOS QUEBRAR A CABEÇA!

(*Condensado de «Test Yourself»*)
Por William Bernard e Jules Leopold

Test Yourself é uma coleção de problemas apresentados como exemplos dos métodos gerais empregados pelos psicólogos para determinar a aptidão e a capacidade das pessoas. Esses auto-exames são divertidos—se não nos preocuparmos demasiado com os resultados. O teste que damos a seguir tem como propósito medir o seu poder de raciocínio. Tome de um lapis e verifique se é tão esperto quanto julgava. As respostas e as regras de contagem estão à página 112. Para as soluções destes problemas, tome como base o alfabeto de ortografia simplificada, isto é, sem as letras K, W e Y.

Primeira parte: INSTRUÇÕES—Em cada série, foram deixados em branco certos números ou letras, que devem ser acrescentados. Por exemplo: Na série 2, 4, 6, __, 10, __, 14, deve-se escrever no primeiro espaço em branco o número 8 e no segundo, 12. Na série ABC__E__G, deveríamos acrescentar D e F.

LIMITE DE TEMPO: 8 MINUTOS

1) 3, 5, __, 9, 11, __, 15
2) G H E __ C __
3) A C E __ I L __
4) 100, __, 400, 800
5) D E M O __ S T R A R
6) 9, 7, 11, __, 13, 11, __, 13
7) __, __, 9, 27, 81, __
8) 6, 8, 9, __, 12, __, 15
9) 1½, 3, __, 18, __, 108
10) __, 24, 29, __, 33, 34
11) A __ Z X C D V __ E F __
12) 2, __, 2000, 2000, 200, __

Segunda Parte: INSTRUÇÕES—Escreva nos quadrados vazios os números que, somados, tornarão as colunas tanto horizontais como verticais em cada diagrama iguais ao número impresso no círculo à direita do mesmo. Não use zero nem número maior do que 9.

LIMITE DE TEMPO: 3 MINUTOS

A.

9			
		9	
	3		21

B.

9				
		7		
	7			34

C.

9				
		7		
			8	
	8			34

Terceira Parte: INSTRUÇÕES—Damos abaixo uma lista de nomes de aves, cujas letras foram misturadas. Escreva nos espaços em branco os nomes desses pássaros, soletrados corretamente. AAARR, por exemplo, dá ARARA.

LIMITE DE TEMPO: 2 MINUTOS

1) ARAPONGA ..... APNOGRAA
2) CISNE ..... NSECI
3) AVESTRUZ ..... TESVAZRU
4) GALINHA ..... ANLIGHA
5) PATO ..... POAT
6) POMBO ..... OMOBP
7) CEGONHA ..... ANGHOEC
8) AGUIA ..... GIUAÁ
9) PAPAGAIO ..... OAGPAIAP
10) GAIVOTA ..... IAÃGVO
11) EMA ..... MEA
12) PELICANO ..... CELOIPAN
13) GARUJA ..... UROJAC
14) TUCANO ..... TONUCA
15) URUBU ..... RUÚUB

OPERAÇÕES DESNECESSÁRIAS

(*Condensado de «Woman's Home Companion»*)
Albert Deutsch

O MUNDO da Medicina está de há muito ao corrente de um fato chocante e consternador: de milhões de operações cirúrgicas que todos os anos se praticam, muitas são absolutamente desnecessárias, e em muitas salas de operações, o manto da Cirurgia serve para encobrir revoltantes mutilações, e até mesmo verdadeiros casos de homicídio. Todos os anos se procede à remoção de milhares de partes anatômicas de seres humanos, desde amígdalas a estômagos, umas vezes devido a erros de diagnóstico, outras ao excesso de zelo dos cirurgiões, à incompetência ou espírito mercenário de certos médicos, ou à sua imperdoavel indulgência perante os desejos mórbidos de alguns doentes que querem ser operados.

Faz dez anos, a Fundação Americana—organização de carater conservador, chefiada por eminentes representantes da indústria, das finanças e da ciência—promoveu um inquérito no qual foram ouvidos centenas de médicos dos mais afamados dos Estados Unidos. As conclusões desse inquérito estão publicadas em relatório, do qual nos permitimos extrair alguns dados significativos:

Um membro da Associação de Cirurgiões Americanos declarava: «É provavel que pelo menos metade das operações cirúrgicas praticadas neste país o sejam por médicos que não oferecem as necessárias qualificações.»

> *«As alegações de Albert Deutsch são perfeitamente corretas. Sou favoravel ao estabelecimento de todas as salvaguardas a que ele se refere, e de muitas outras.»*
>
> —Dr. Leo M. Davidoff
> Professor de Clínica Neuro-Cirúrgica na Universidade de Columbia.

Um obstetra fazia alguns comentários sobre os inúmeros hospitais de pequeno número de leitos que, em determinada região do país, são propriedade individual de médicos dotados de ambições acima do comum, e com tino para negócio. Qualquer desses médicos «tira um breve curso de cirurgia, e regressa à sua terra no carater de proprietário da clínica e seu cirurgião-chefe. Com o tempo, acaba-se tornando um operador bastante razoavel—mas não sem antes ter sacrificado muitas vidas, e ter praticado muita cirurgia inutil.»

Outro médico, especializado tanto em cirurgia como em patologia clínica, tendo estudado uma coleção de peças anatômicas extraidas por meio de operações em seres humanos, declarou: «Todas as semanas consagro três manhãs inteiras ao trabalho, na qualidade de patologista, em um dos nossos maiores hospitais. Tenho assim à minha disposição uma série seleta

de orgãos que, se foram removidos com sinceridade, o foram tambem inconscientemente, para efeitos somente de lucro.»

A julgar pelos testemunhos publicados ultimamente nas revistas médicas de maior respeitabilidade, a situação, conquanto tenha melhorado um pouco nesta última década, permanece basicamente a mesma que era há dez anos.

Comecemos pelo apêndice, que tem sido, como se sabe, o objeto clássico da maior parte das operações desnecessárias. Muito embora se tenham salvo muitas vidas pela pronta extração de apêndices infeccionados, a verdade é que muitas vidas têm tambem corrido sério perigo, devido a apendectomias inoportunas. O exame patológico a que se procedeu em certo hospital aos apêndices extraidos pelo cirurgião-chefe do mesmo, mostrou que 28 desses orgãos estavam em condições perfeitamente normais. Uma combinação lamentavel de pacientes neuróticos, de clínicos desleixados no diagnóstico, e de cirurgiões mercenários, conseguiu fazer da apendectomia o maior «negócio» cirúrgico de todos os tempos.

As apendectomias desnecessárias já são condenaveis quando praticadas nos adultos. Nas crianças, ainda mais, pois seus efeitos podem ser duplamente perniciosos. O dr. M. G. Peterman, pediatra de Milwaukee, lançou este aviso na assembléia da Associação Médica Americana do ano passado: «A apendicite aguda é uma doença rara nas crianças; mas, infelizmente, a apendectomia é uma operação muito comum entre elas.»

O dr. Norman F. Miller, professor de obstetrícia e ginecologia na Universidade de Michigan, procedeu recentemente ao estudo intensivo de 246 operações uterinas (histeroctomias) praticadas durante o lapso de quatro meses em dez hospitais, para chegar à conclusão assombrosa de que seguramente em um terço dos casos, o estado das doentes tornava contra-indicada ou indesejavel essa operação.

Muitas operações—tão penosas quanto caras, e por vezes mesmo mutiladoras—são desnecessariamente praticadas como remédio a estados que, na realidade, são causados por uma ou outra forma de sensibilidade alérgica. Num relatório que publicou no *Journal* da Associação Médica Americana, o dr. E. A. Thacker cita o caso dum paciente que se sujeitou à tortura de dez operações consecutivas do nariz, para vir a saber mais tarde que sofria apenas duma alergia à caspa de cachorro! Só Deus sabe quantos cirurgiões não têm metido o escopro nos seios nasais ou paranasais dos seus doentes, só porque não reconhecem a vantagem de proceder previamente aos necessários testes para determinação duma possivel alergia.

Muitas são tambem as operações desnecessárias praticadas em indivíduos neuróticos, que encontram no fato de serem retalhados pelo operador a satisfação de mórbidas tendências. Um cirurgião de Nova York, profissional cuja probidade está acima de toda discussão, contava-me que um clínico geral seu conhecido lhe rogara um dia operar uma paciente que sofria de cancer do seio. O cirurgião examinou a doente, e não encontrou sinais de tumor maligno.

«Mas ela insiste em ter cancer do seio!» redarguiu o médico. «Se o senhor não a opera, ela irá achar outro que o faça.»

E assim sucedeu: um mês depois a mulher conseguia que um cirurgião lhe amputasse o seio...

O orgão do corpo humano que, com mais frequência, sofre esta inutil «poda,» são as amígdalas. O conhecido pediatra, dr. Harry Badkin, veio juntar-se recentemente à já longa lista de especialistas em doenças de crianças que têm denunciado com severidade a «prática tão comum quanto imprudente» de extrair amígdalas a torto e a direito. E muito embora, segundo faz notar, a amigdalectomia seja considerada uma operação menor, relativamente inofensiva, resulta por vezes na morte e, com mais frequência, em sérias complicações, tais como pneumonia, e abcesso do pulmão.

O absurdo da extração das amígdalas, feita ao acaso, ficou plenamente demonstrado num estudo realizado há alguns anos, pela Sociedade Americana de Higiene Infantil, com um grupo de mil crianças de onze anos. Três quintos dessas crianças já haviam sofrido a extração das amígdalas; as outras 400 foram examinadas por um grupo de médicos, cuja sentença foi que metade delas precisava submeter-se à mesma operação. As 200 crianças que escaparam à sentença foram em seguida examinadas por um segundo grupo de médicos: destas mais uma vez metade foram escolhidas como casos para operação. Após a realização dum terceiro exame, por um novo grupo de médicos, somente 65 crianças puderam escapar com as amígdalas intactas. E não resta dúvida que algumas destas ainda teriam sido marcadas para a poda, se um quarto grupo de esculápios houvera sido convidado a examiná-las...

A conclusão a que chegaram os dirigentes deste inquérito, hoje clássico, foi que a extração das amígdalas depende não tanto da saude da própria criança, quanto do capricho de cada médico.

A ignorância tão generalizada entre os médicos de clínica geral, a respeito das raizes de ordem emotiva e mental de tantas doenças, tem sido a causa de muitas operações desnecessárias. Um conhecido psiquiatra de Omaha, o dr. A. E. Bennett, procedeu recentemente ao estudo de 150 psico-neuróticos, cujos médicos tinham caido anteriormente no erro de interpretar-lhes os sintomas como doenças do aparelho digestivo, da glândula tireóide ou como lesões orgânicas do cérebro, e assim por diante. Esses 150 infortunados pacientes tinham-se submetido a nada menos de 244 operações, antes de seus sofrimentos terem sido corretamente diagnosticados como psico-neuroses.

Outra copiosa fonte de operações desnecessárias—e esta, uma das mais condenaveis—é, no entender do dr. Bertram M. Bernheim, do Hospital Johns Hopkins, a prática dolosa da partilha de honorários entre médicos e cirurgiões, que, no dizer dele, parece estar-se alastrando. Devo acrescentar que esta prática está felizmente circunscrita a uma pequena minoria de clínicos, sobretudo nas grandes cidades, onde a concorrência é mais renhida. Mas, ainda assim, não é tão insignificante que possamos silenciar a seu respeito.

As coisas correm desta maneira: uma senhora vai consultar o médico, e este, com o olho na carteira dela, sugere-lhe a necessidade de uma operação, e recomenda-lhe um cirurgião com o qual tem um entendimento. Não tarda que a paciente deitada na mesa de rodas, dê entrada na sala de operações, de onde sairá aliviada dum orgão perfeitamente são; e os honorários resultantes são partilhados a meias entre os médicos conluiados.

Várias sociedades médicas que prezam o bom nome da classe têm tentado repetidas vezes tomar medidas repressivas contra o nefando processo da partilha dos honorários médicos, mas até aquí com escasso resultado. Quase todos os hospitais de reputação têm adotado medidas regulamentares contra essa prática, mas nem todos podem impor ou fiscalizar a sua aplicação efetiva.

Passemos agora a analisar as medidas que podem ser tomadas para salvaguarda dos doentes contra a ameaça das operações desnecessárias. Enumeremos as seguintes:

1. A prática da cirurgia só devia ser permitida na base do treino, das aptidões, e da ética profissional do candidato a cirurgião. Um médico pode ter competência para realizar uma operação menor, mas ser incapaz de lidar com uma emergência.

Recentemente, um eminente cirurgião meu conhecido foi interrompido, a meio duma operação, por uma enfermeira que veio alarmada, segredar-lhe ao ouvido que o doente da sala próxima estava em riscos de morrer, devido a uma hemorragia resultante da operação, e que o respectivo cirurgião não conseguia estancar. Por sorte, o caso que este meu amigo tinha em mãos era de natureza benigna, e não corria perigo se a operação fosse interrompida por alguns momentos. Correu à sala vizinha, empurrou para o lado o colega apavorado, deteve rapidamente a hemorragia, e salvou a vida àquele doente. Pergunta-se agora: Que fim levou aquele cirurgião «sapateiro»? Continua fazendo operações da mais alta responsabilidade!

2. Com exceção dos casos de grande urgência, a decisão de praticar intervenções cirúrgicas de vulto nunca devia ser tomada sem conferência prévia de mais de um clínico com colegas de outras especialidades. Alguns cirurgiões eminentes propõem mesmo que nenhuma operação de importância seja autorizada sem a aprovação assinada de vários peritos.

3. Todos os hospitais deviam ser obrigados a realizar periodicamente conferências do seu corpo médico, para deliberar sobre cada operação cirúrgica a fazer. Em um hospital de Nova York, a documentação de cada caso é minuciosamente examinada e o cirurgião respectivo dá explicações sobre a operação. Mais tarde o relatório do respectivo exame patológico é analisado e criticado. Todos os óbitos são minuciosamente discutidos, com a presença do médico ou do cirurgião que tivera o caso a seu cargo, para o relatar em pormenor.

Em semelhantes circunstâncias, só dificilmente poderia um cirurgião cometer muitos erros, e continuar gozando de impunidade.

4. A prática da partilha de honorários entre médicos e cirurgiões devia ser punivel por lei, pelo menos, com a perda da licença de exercício da medicina. Pelo seu lado, as associações médicas deviam adotar medidas de carater efetivo para expurgar das fileiras da classe todos aqueles que fossem considerados culpados dum procedimento sob todos os pontos de vista condenavel.

JAMAIS me guiei por este ou aquele sistema. Sempre procurei fazer, cada dia, aquilo que, naquele dia, me parecesse melhor.

—Abrão Lincoln

TODO o segredo da vida consiste em a gente interessar-se por uma coisa profundamente, e por mil coisas moderadamente.

—Hugh Walpole

FLAGRANTES DA VIDA REAL

AO SUBIR no ônibus, em Nova York, senti que rebentara a liga que sustentava, por trás, uma das minhas meias. Não me importei porque tinha fé na outra liga. Mas esta, infelizmente, no momento em que descia do ônibus, deu tambem de si e a meia desceu-me até o tornozelo.

Nas proximidades, um elegante chofer ao lado de um belo automovel, conversava com um porteiro. Sem dizer palavra, abriu a porta do carro, cumprimentou-me cortesmente enquanto eu entrava, e, discretamente, deu-me as costas juntamente com seu amigo. Deu-me o tempo de reparar o desastre, abriu de novo a porta e recebeu amavelmente os meus agradecimentos, curvando-se cerimoniosamente enquanto eu descia do carro.

—Colaboração da sra. S. S. Brock

QUANDO voltávamos de Washington, num chuvoso fim de semana, vimos um pequeno Crosley impedido de atravessar um trecho alagado da estrada, bastante fundo para cobrir-lhe o motor. Pouco depois, encostou ao seu lado um enorme caminhão, cujo motorista gritou:

«Suba, Elizabeth! Aquí tem minha capa.»

Dito isto, avançou o caminhão, desceu a plataforma traseira e o carrinho subiu a rampa com facilidade, sendo depositado são e salvo no outro lado.

—Colaboração de Pearl Delson

BEM AO LADO do apartamento dos pacíficos Smiths, em Los Angeles, moram os Jones, que costumavam dar barulhentas festas nas noites de sábado. Os Smiths toleraram em silêncio tais abusos por muito tempo, até que um dia, observando por acaso a entrada de ar existente na parede que separava as salas de visitas dos dois apartamentos, o sr. Smith teve uma idéia genial.

Num desses sábados, retirou a gradezinha que dava para o seu apartamento e colocou, bem perto do orifício que comunicava com o vizinho, o microfone de um aparelho de gravar. E nessa noite, em que o ruido e a hilaridade dos Jones pareciam ter chegado ao auge, o sr. Smith gravou discos após discos durante uma hora. Na noite seguinte, percebendo que os vizinhos se haviam recolhido mais cedo, colocou o alto-falante do aparelho contra a parede do quarto de dormir dos Jones e fez tocar os discos, com todo o volume, assombrando os vizinhos com a berrante irradiação da sua própria festa.

Ultimamente, os sábados dos Smiths têm sido deveras tranquilos.

—Colaboração de Robert E. Proctor, Jr.

EM JULHO último, estive ajudando um fazendeiro a empilhar o feno. Como ele era um velho experimentado, eu me sentia ainda mais desajeitado. Entretanto, empenhava-me em ser-lhe util e agradavel.

Quando chegamos numa parte carregada de hervas daninhas, perguntei-lhe, com o meu forcado em punho, se deveria separá-las do feno.

Ele pensou um instante e respondeu: «Não, acho que as vacas terão mais tempo que você para isso.»

—Colaboração de C. F.

Tínhamos parado o carro numa ponte perto de North Conway, em New Hampshire, afim de admirar o panorama. Avistando, em baixo, um pescador de trutas, eu já ia abrindo a boca para o usual «como vamos de pesca?» quando um menino, sentado ao lado dele, pôs o dedo sobre os lábios e ergueu um letreiro onde se lia: «Pesca boa. Pegamos 4. Um filhote.»

—Colaboração de Allen D. Gamans, Jr.

Um dia, fiquei preocupado porque vovô nem sequer provou o café da manhã. Quando eu ia saindo, ele me disse: «Isso não é nada. Tenho boa receita para este mal. Estarei bom daquí a meia hora.»

De fato, quando regressei, ao meio-dia, encontrei-o na varanda, com a boa aparência costumeira. «Eu te disse que tinha a receita,» disse-me sorrindo. «Meu caso era sem importância. Todo homem tem lá as suas horas de abatimento. Quando isso me acontece, ponho-me logo a redigir o meu próprio obituário, no estilo do nosso *Semanário Municipal*. Quando chego na altura do «foi ele um digno cidadão, esposo e pai exemplar, patriota fervoroso» e outras grandiloquências, já me sinto outro homem, e sem que tenha sido preciso engulir remédios amargos nem pagar conta de médico.»

—Colaboração de Anne Stone Schorr

Derradeira mirada

Karl Abbott, conhecido dono de hotéis nos Estados Unidos, costuma contar uma história impressionante a respeito de Adolph Ochs, o famoso proprietário do *New York Times*. Abbott foi proprietário do hotel Sagamore à margem do Lago George. Ochs tinha, alí perto, uma casa de verão, e os dois homens conheciam-se ligeiramente. Certo verão, Ochs, já velho, adoeceu, e não pôde sair de Nova York. Numa tarde de outono do mesmo ano, Abbott, ainda no hotel, soube que Ochs queria falar-lhe pelo telefone. Não tendo relações comerciais com o jornalista, Abbott ficou surpreendido com o telefonema, mas atendeu. Ochs, que estava acamado, falou-lhe:

«Escute, Karl. Gostaria que me fizesse um favor. Sei que está sentado ao lado da janela grande do seu escritório, em frente ao lago. Peço-lhe apenas descrever-me o que vê. Não omita coisa alguma. As folhas já começaram a cair? São quatro horas, mais ou menos. O sol deve estar bem por cima do morro, e, se há brisa, as ondulações do lago estarão vibrando nos seus reflexos... Os pinheiros cresceram muito este ano, perto do ancoradouro dos barcos? Olhe pela janela, Karl, e descreva para mim tudo o que vir.»

Abbott acrescenta que falou com Ochs durante bem uma meia hora, correspondendo ao desejo do enfermo. Descreveu as árvores, as nuvens, o céu, os matizes cambiantes do outono. Foi o pedido mais extraordinário que jamais lhe haviam feito, mas continuou falando até terminar a minuciosa descrição.

O jornalista agradeceu-lhe cordialmente, elogiou a nitidez do quadro que lhe fora descrito, e desligou o telefone. Quando, na manhã seguinte, Abbott recebeu os diários de Nova York, viu que Adolph Ochs falecera às 8 horas da noite anterior...

—Bill Cunningham, United Features Syndicate

A Inglaterra goza há muito dum verdadeiro monopólio de cavaleiros sem cabeça, damas translúcidas, e cachorros ectoplásmicos que vagam em passos aveludados.

Galeria dos fantasmas ingleses

(*Condensado de «Life»*)

Por Noel F. Busch

Um número recente do *Evening News*, de Londres, estampava a seguinte notícia: «Herne o Caçador, o espetro que durante muito tempo assombrou, ao que se diz, a floresta de Windsor, parece ter voltado, segundo afirma uma mulher que mora nessa redondeza. Diz ela que, ao atravessar uma noite a floresta, já tarde, avistou de repente a forma espetral dum homem a cavalo: «O fantasma estava parado a menos de dez metros de mim, e quando eu me aproximei, partiu a galope através do arvoredo, soltando uma gargalhada macabra. Ao sumir na escuridão, ainda pude ouvir o som da sua trompa de caça.»*

Dizer apenas que os ingleses acreditam em fantasmas, seria muito pouco: deve-se dizer, com muito mais propriedade, que a Inglaterra tem fantasmas, da mesma maneira que outros países têm cupim. Os resultados são mais ou menos os mesmos. Esses espetros infestam as casas velhas, rebaixam o valor da propriedade, e é difícil a gente ver-se livre deles. Depois da última guerra, então, nem é bom falar; parece que os fantasmas ingleses vêm gozando duma prosperidade sem precedentes! Por toda a Inglaterra estão surgindo, em grande número, estes fantasmas solitários, do tipo de Herne. Mais dignos de nota são, porem, as au-

*Segundo a lenda, este Herne foi guarda-florestal na região, sob o reinado de Henrique VIII. Um dia enforcou-se no ramo dum carvalho, e desde então, ao que consta, tem assombrado intermitentemente a floresta de Windsor.

tênticas insurreições em massa de almas do outro mundo, no gênero da que, não há muito ainda, observou o Reverendo Anton Stephen, ilustre pastor de Saint Dunstan, em Acton, na sua mansão paroquial: toda uma tropa de monges desfilando em procissão, alí sob os seus próprios olhos, no silêncio da Reitoria!

A imprensa inglesa tem publicado, repetidas vezes, notícias de graves distúrbios ocorridos na reitoria de Borley, no Essex, a qual é sem dúvida, a casa mais mal-assombrada da Inglaterra. Entre os muitos fantasmas que povoam Borley, contam-se dois postilhões descabeçados, uma freira, dois cavalos baios atrelados a um coche, e uma senhora que brada numa voz de cortar o coração: «*Não, Carlos não faça isso!*» Esta reitoria de Borley foi construida no ano de 1863. Todas as pessoas que viveram na reitoria, puderam observar a presença de almas de outro mundo, até que um incêndio a consumiu em 1939. O que é mais curioso é que este incêndio fora previsto por uma dama habil no manejo de um tabuleiro mediúnico. Uma bela noite, uma pilha de livros cai da prateleira, por sua própria vontade, derrubando um candieiro de querosene. Durante o incêndio alguem viu dois vultos indistintos espiando através duma janela da reitoria, e dois outros vultos envoltos em mantos roçagantes, que atravessaram em passos lentos o jardim.

Os espetros se estabeleceram na Inglaterra na Idade-Média, mas só assumiram papel de evidência em fins do século XVIII, no que foram muito auxiliados pelos romances de inspiração gótica de Walpole e Radcliffe. Mais tarde, Scott, Dickens, e já em nossos dias Oliver Lodge e Conan Doyle, contribuiram denodadamente para transformá-los em membros respeitaveis da sociedade inglesa, como aliás o fez tambem o Ghost Club (Club dos Fantasmas), fundado em 1862, que está voltando agora ao seu esplendor de outros tempos.

O mais famoso dos fantasmas das ilhas britânicas é, sem contestação, o espetro do Castelo de Glamis, onde a Rainha Elizabeth passou a infância. Ao que parece, este fantasma tem sido observado por um *quorum* suficiente de todos os hóspedes que jamais pernoitaram no castelo, e assume em muitos casos a forma aterradora dum gigante de cabelo de fogo.

O fantasma de Glamis será o mais famoso de todos; mas do ponto de vista da assiduidade, ultrapassa-o o célebre espetro de Catarina Howard, que foi decapitada por ordem de Henrique VIII, quando este obteve provas de que ela lhe havia sido infiel. Presa por ordem dele, a pobre conseguiu fugir aos guardas, tentando ir à presença do seu Rei e Senhor para dar-lhe explicações, mas foi prontamente recapturada pelos soldados, que apesar dos seus gritos e protestos a arrastaram para longe. O fantasma de Catarina volta, de tempos em tempos, a arrastar-se ao longo do mesmo corredor do Palácio de Hampton Court, soltando os mesmos gritos de arrepiar.

Outro fantasma, o do Teatro de Drury Lane, é famoso por diversas razões. Ele só passeia à luz do dia; e nunca prega sustos a ninguem. Tem sido observado por milhares de pessoas, inclusive todos os espectadores que uma tarde enchiam o teatro, segundo dá fé o eminente historiador de Drury Lane, W. MacQueen, que fala de experiência própria. O fantasma de Drury Lane é um cavalheiro de estatura mediana, que enverga um comprido capote cinzento, e usa um chapéu de três bicos.

O mais sedutor de todos os fantasmas ingleses, segundo o insuspeito depoimento dos três moradores atuais da casa no. 2 de Cambridge Square, é o de Lady Hamilton, a celebrada amante de Lord Nelson. Lady Hamilton continua subindo a escada da histórica mansão, parecendo tão linda como sempre; mas tem agora o mau costume de deixar destrancadas as portas que os moradores vivos da casa prudentemente fecham à chave, antes de irem para a cama...

Outras grandes figuras históricas, cujos fantasmas ainda andam pela Inglaterra, são o «Principe Negro», que assombra Hall Place, perto de Bexley, onde foi visto pelo menos três vezes antes dos reveses que os britânicos sofreram no começo da Primeira Guerra Mundial; Sir Francis Drake, que atravessa Dartmoor em uma sege negra puxada por cavalos decapitados, e seguida por uma matilha de ferozes sabujos, cujos uivos horrorosos fazem virar de patas para o ar, fulminando-os de morte, os cachorros da terra; e o famoso salteador de estrada, Dick Turpin, que ainda desce três vezes por ano a encosta de Trap's Hill, perto de Loughton, num cavalo a galope.

A referência mais recente que a imprensa fez ao fantasma de Dick Turpin, data de julho passado, quando o proprietário de certa casa, por nome Blaney Key, requereu ao governo uma redução nos impostos, alegando que a presença de almas do outro mundo lhe estava desvalorizando a propriedade. As referidas «almas» eram as de duas pessoas, que Turpin descobriu um dia, assassinadas, no porão da casa e de cuja morte ele manteve segredo a troco de refúgio. A medida em que a presença de almas penadas pode afetar o valor duma casa, na Inglaterra, depende naturalmente do comportamento dos seus fantasmas. Entretanto, já que a presença de fantasmas de qualquer espécie desvaloriza em certa medida a propriedade, a revelação pública de que uma casa virou refúgio de fantasmas, constitui hoje base para o proprietário mover um processo judicial por perdas e danos.

Mas nem só as sombras dos humanos erram na verde e úmida paisagem da Inglaterra: tambem há os fantasmas de animais, e entre estes os cavalos ocupam o lugar mais importante. Geralmente os cavalos, ou os cavaleiros, ou ambos aparecem decapitados. Por ordem de popularidade, entre os fantasmas de animais como entre os animais vivos, depois dos cavalos, vêm os cães e os gatos. O mais perfeito e melhor dentre os cães fantasmas, é o que aparece vagando pelas ruas da cidade de Burnley—um cachorro enorme, pelado, lazarento, a que deram o nome de *Shriker* ou *Trash*, e que ora anda para diante, ora para trás, com as patorras molengas produzindo um som lúgubre de lama esparrinhada... A sua aparição é tida como um prenúncio de morte próxima entre as pessoas da vizinhança.

O principal caçador de fantasmas da Inglaterra é Harry Price, que faz mais de 40 anos vem praticando a arte dificil de pesquisar o sobrenatural. É um cético impenitente em matéria de almas do outro mundo! Homem de recursos e possuidor dum bem apetrechado laboratório, Price pratica suas pesquisas no carater exclusivo de amador, e despende nelas anualmente, segundo calcula, cerca de 1.200 libras. O seu trabalho consiste sobretudo em averiguar os casos que lhe são comunicados em um total semanal de 25 cartas, aproximadamente.

Price remete as epístolas denunciatórias para um ou outro dos mais de 100 investigadores voluntários que com ele cooperam em várias regiões do país; se o caçador local, estudada a carta e as condições de produção do fenômeno, lhe apresenta um relatório favoravel a respeito

deste, Price poderá dar-se ao trabalho de ir estudá-lo pessoalmente. No entanto, dentre 20 casos somente um é digno de seu exame pessoal, e destes, só um por cento se mostra inexplicavel em bases normais. Mas até com os casos inexplicaveis Price assume uma atitude de perfeita isenção, limitando-se a afirmar que os seus conhecimentos são insuficientes para explicar o fenômeno.

Sou de parecer que uma nação que acredita em fantasmas está pronta a acreditar seja no que for. Mas, por virtude da mesma regra, é tambem verdade que uma nação que acredita em almas penadas, demonstra pelo menos que é capaz de crer em alguma coisa!

A recorrência atual de fenômenos metapsíquicos, e da respectiva indústria, na Inglaterra, demonstra concludentemente que, chamem-lhes os nomes que quiserem, ou sejam eles o que forem, ninguem pode acusar os ingleses de povo cínico ou desiludido. A sua capacidade para acreditar em fantasmas é, em certo sentido, a prova básica da sua aptidão para crerem em si próprios e na sua própria indestrutibilidade...

Momentos embaraçosos

Do livro «Out of My Mind», de Katherine Brush

HÁ MOMENTOS na nossa vida em que fazemos coisas absolutamente idiotas. Lembro-me, por exemplo, de uma ocasião em que ao me despedir do homenageado em uma recepção, assegurei-lhe que lamentava muito tê-lo conhecido; e esta estupidez me deixou tão acabrunhada e nervosa que quando ele sorriu de modo benevolente e tentou apresentar-me a uma senhora que estava a seu lado (Sra. Smith, quero apresentar-lhe a srta. Brush), respondí com dupla seriedade «Muito prazer, srta. Brush», aumentando ainda mais a confusão.

Outra vez, tentei dançar com um *maître* (estávamos num cassino super-lotado; ele se pusera atrás da minha cadeira, murmurara algo, e eu me levantara automaticamente, pensando que se tratava de um dos rapazes do nosso grupo, continuando a pensar assim e quase o obrigando a dançar comigo).

Em outra ocasião, estava deixando uma loja na Avenida Madison e encaminhara-me pela calçada, sem ter notado que os seis policiais que marchavam à minha frente faziam parte de um pelotão, e que havia mais doze deles atrás de mim. Marchavam em coluna de dois, e eu me situara bem no meio deles. Devo ter parecido uma perigosa prisioneira a quantos me viram.

—Publicado por Doubleday

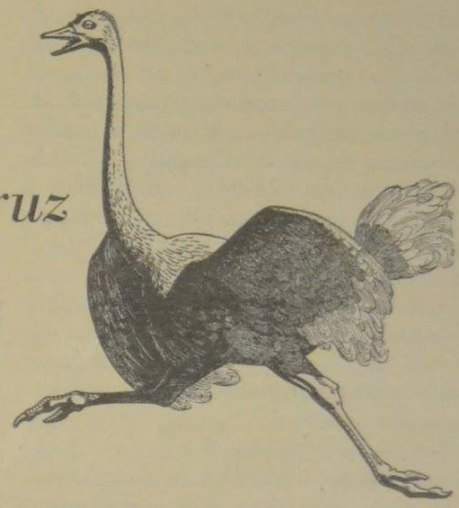
UMA jovem atriz, recem-chegada a Hollywood, estava sendo assediada por um astro bem mais velho que ela, o qual lhe dizia:

—Mas você não me entende? Quero casar-me com você. Quero que seja a mãe de meus filhos!

—Mas quantos tem? interrogou ela.

—Neal O'Hara, McNaught Syndicate

O autor aprendeu por experiência que o avestruz é traiçoeiro



Olhe para o avestruz —mas de longe

(Condensado de «Atlantic Monthly»)

Por Jan Juta

FALANDO do avestruz, diz o Livro de Job: «É cruel com os filhos, como se não foram seus.»

POR AÍ se vê claramente que o velho Job não teve grande ensejo de estudar a fundo os costumes e o carater do avestruz. Na realidade, esta ave é de sentimentos perfeitamente dignos de louvor no que respeita aos filhos. O macho colabora com a fêmea durante o período do choco e todas as noites, no ninho solitário, oculto entre o mato rasteiro, ele se senta majestosamente sobre os ovos. Na cova poeirenta cavada na terra, que serve de ninho, encontram-se trinta ou mais ovos. Tão depressa saem da casca, os filhotes se põem de pé numa atitude de independência obstinada, e se assemelham a bolas de colmo e lã.

Em uma fazenda da África do Sul, observei certa manhã o seguinte: um homem abriu as portas do celeiro e eu vi sair lá de dentro um grande número destas aves, todas elas ainda envoltas na plumagem cinzenta da juventude. De repente, como que obedecendo a misteriosa voz de comando, desataram a correr através do cercado, ziguezagueando em todos os sentidos, de asas abertas—alguns deles girando vertiginosamente como piões, descrevendo piruetas em uma dança frenética de que muitos deles saíam exhaustos e desconjuntados, com o longo pescoço torcido e luxações nas pernas.

Este impulso para a dança é uma coisa que está na natureza do avestruz—o ímpeto com que ele se lança nos grandes espaços abertos, rodopiando num êxtase de liberdade reconquistada, ou a solenidade dos bem medidos passos do bailado nupcial. Há muitas outras aves que dançam durante a época do acasalamento, mas o baile ritual de que são precedidas as núpcias do avestruz é um espetáculo em que só se acredita depois de o ter visto.

Foi-me dado observá-lo naquele mesmo dia. Oculto entre os arbustos, pude espiar duas aves de airoso porte que se encontraram em uma pequena clareira. A fêmea, de côr cinzenta, insignificante em comparação com a arrogante beleza do macho negro e branco majestosamente sentado na areia, pôs-se a andar em redor

deste, descrevendo círculos repetidos. As suas asas, pendentes, tremiam nervosamente, ao mesmo tempo que ela emitia um som semelhante a um ligeiro bater de pequenas castanholas. E nisto, o macho ergueu-se—de asas estendidas, com as plumas brancas e frisadas ondulando, e o leque de penas da cauda erecto. Em passadas de um ritmo solene e lento, encaminhou-se para a fêmea. Depois, frente a frente, de asas abertas, tocando-se nas pontas, deram começo a uma dança vagarosa, em círculo—verdadeira valsa—curvando e balançando com ritmo o pescoço desmedido.

Fiquei observando, fascinado, aquela cena: as patas dos avestruzes, em movimentos ageis e graciosos, apesar das suas enormes garras, assentavam na areia com meticulosa precisão e pareciam erguer sem esforço os grandes corpos, como se estes fossem feitos só de plumas. E assim andaram algum tempo, dançando em roda, até que finalmente a fêmea, quebrando o ritmo, se agachou de súbito, de asas esticadas, varrendo o chão com o longo pescoço, em movimentos laterais que traçavam na superfície do solo poeirento uma trama de movimentos cujo fim, ao que parecia, era acabar de seduzir o macho.

O aforismo corrente sobre o avestruz cretino que «esconde a cabeça na areia» (porque, não vendo, se imagina invisivel), é uma das muitas balelas que o homem inventou sobre os animais que não conhecia. Com efeito, o avestruz tem o hábito de estender o pescoço rente ao chão, mas esta atitude é, na realidade, um excelente truque de disfarce, quando o avestruz está chocando os ovos. Uma vez rebatido contra a terra o longo periscópio do pescoço, o corpo bizarro e corcovado do avestruz, visto a distância, passa a ter a aparência de um montículo de terra, dum pedregulho, ou dum ninho de formigas; a atmosfera, com a tremulina do calor, ainda acentua mais a miragem, ajudando a camuflar completamente o avestruz acocorado.

Quando eu tinha dez anos de idade, cheio de espírito de aventura, andava sempre ansioso por ver um avestruz chocando os ovos no ninho. Ora, é um perigo aproximar-se do ninho, porque, enquanto uma das aves está no choco, a outra anda rondando, de sentinela, para afugentar os intrusos. As robustas e compridas pernas do avestruz lhe permitem lançar-se em perseguição do adversário, tão depressa como um cavalo a galope. E quando ataca, é um inimigo para temer; eu mesmo já vi um avestruz, com uma só patada do seu enorme pé de garras de aço, deixar um cachorro quase cortado ao meio.

Tinham-me avisado de que, se alguma vez um avestruz me atacasse, só havia duas maneiras de evitar sérias lesões, ou mesmo a morte: a primeira era armar-me duma longa vara em forquilha, e procurar investir com ela contra a base do pescoço da ave, mantendo-a desta forma a distância suficiente para evitar suas mortíferas patadas. A segunda—o último recurso—seria deitar-me no chão, de cara para baixo, com a cabeça enterrada entre os braços, visto que o avestruz não pode fazer grande estrago a não ser quando ergue a vigorosa perna para lacerar de alto a baixo um corpo em posição vertical.

«O máximo que lhe pode acontecer nessa posição,» disse o meu informante, «é que ele se sente em cima de você, e lhe dê bicadas cada vez que você fizer o mais leve movimento. Se não quiser que ele lhe arranque os olhos, o melhor é ficar quieto como um morto!»

Aventurei-me finalmente a ir observar um ninho, e estava tão absorvido a vê-lo

que não dei pela veloz e silenciosa aproximação do macho, que estava de sentinela e veio correndo de um recanto afastado do cercado. Ouví de repente um «grunhido» raivoso, e virei-me justamente a tempo de ver a ave carregar sobre mim, de asas estendidas e o bico escarlate de fúria. Larguei a forquilha e desatei a correr. Embora fosse pequena a distância a que me achava da cerca, compreendí que não seria capaz de alcançá-la a tempo. Aterrado, atirei-me ao pó do chão, e me achatei, o melhor que pude, no solo duro.

Não tardou nada que eu sentisse uma bicada feroz no tornozelo, onde as agulhetas de metal do cordão das botas atraíram com o seu brilho a rápida mirada do avestruz, e tive que fazer um grande esforço sobre os meus músculos para resistir ao impulso da fuga. Passados alguns minutos de angustiosa expectativa, erguí um pouco um braço, para ver onde estaria o meu adversário. Sentí logo no chão, bem junto ao meu corpo, uma tremenda bicada que me fez estremecer dos pés à cabeça, seguida por outra, e mais outra. Mas, à parte isto, o silêncio era completo. Comecei a imaginar que ia morrer alí, sufocado no pó do chão, paralisado de terror, e sem forças para erguer-me e fugir. Dava graças a Deus por ter pelo menos a nuca protegida pelo meu chapéu de feltro, e porque meus braços cruzados escondiam à vista do bicho minha cara e minhas mãos. Enquanto rezava, sentí outra bicada repentina, desta vez na manga do casaco, e fiz uma careta de dor. Os reluzentes botões de metal da minha jaqueta tinham atraido a atenção da ave enfurecida!

Esperei muito tempo, até que, por fim, os músculos doridos me obrigaram a mudar um pouco a posição dum braço. Devagarinho, fui levantando o cotovelo, e, entreabrindo um olho pude avistar a poucos centímetros de distância, acachapado no chão, o corpo do avestruz, com a negra curva das suas ricas plumas. Na minha imaginação apavorada, eu já não via outra coisa senão o avestruz sentado a meu lado, imovel e silencioso, esperando o menor sinal de vida ou movimento de minha parte para se erguer em fúria e reduzir-me com as patas a uma massa informe, ou dar-me bicadas até que, forçado a levantar-me para fugir, ele pudesse estraçalhar-me de alto a baixo com a força irresistivel das suas garras.

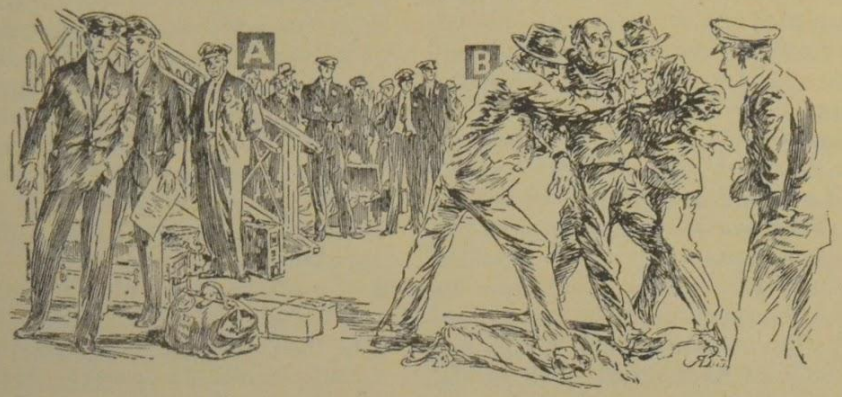
Alí fiquei deitado muito tempo, horas segundo me pareceu, dorido daquela imobilidade, e entretanto sem ousar mexer-me, até que por fim me atreví a espreitar de novo com mil cautelas, por baixo dum braço; e foi então que notei, com indescritivel alívio, que a ave já não estava alí!

Fui erguendo pouco a pouco o tronco dorido, o bastante para poder relancear a vista por sobre o mato rasteiro que me rodeava. Nem sinais de avestruz! Esperei mais alguns instantes, apelando para toda a minha coragem e reunindo as forças que me restavam, para dar a corrida final e transpor a cerca de arame farpado.

Ficara deitado no chão a maior parte do dia! Quando me escapulí, fui informado de que minha salvação fora, provavelmente, o ter chegado a hora de o avestruz ir render a fêmea no choco! O macho fora arrancado de perto de mim pelo misterioso apelo que o chamava ao ninho, a substituir a companheira; e esta, ignorando a minha presença, não viera postar-se de guarda ao meu corpo.

Regressei à povoação para contar a aventura, e a maneira miraculosa como conseguira escapar dela, e se não me acreditassem, levava comigo a jaqueta sem botões, que o avestruz arrancara, como prova irrefutavel do risco que eu acabava de correr.

É fertil em truques engenhosos a interminavel batalha entre contrabandistas e guardas aduaneiros



Voltam à carga os contrabandistas

(*Condensado de «The American Mercury»*)

Por Frederic Sondern, Jr.

O MARINHEIRO de matrícula Cesar Negas desceu com passo elástico a prancha de desembarque do *S.S. Saint Protez*, que acabava de atracar em Nova York, vindo de Marselha. Enquanto o guarda da Alfândega lhe passava revista ao saco de lona, que era toda a sua bagagem, o marujo, bem-humorado, dirigiu-lhe algumas palavras de troça. Cumprida a formalidade, encaminhou-se velozmente para a saida do barracão, como quem tem pressa de chegar a alguma parte... Subitamente, o guarda teve a intuição de que se passava algo de irregular: aquele marinheiro assumira durante a busca uma atitude demasiado despreocupada—em contraste com a pressa excessiva com que se afastara do local.

«Alto lá!» gritou o funcionário. «Espere um momento!»

Negas tentou correr, mas meia dúzia de guardas corpulentos caíram-lhe em cima, e o embarcadiço foi compelido a entrar num compartimento próximo. Amarrada ao corpo do marujo encontraram mais de três quilos e meio de heroína—mercadoria que valia bem 58.000 dólares nos mercados do mundo do vício. Feita uma busca a bordo do *Saint Protez*, uma brigada da Alfândega deu com mais treze quilos dessa droga, habilmente disfarçada em sacos de roupa suja. Era, de há muitos anos, a maior tentativa de introdução clandestina desse narcótico em terras de Tio Sam.

O Chefe da Divisão de Investigação e Patrulha da Alfândega, Edson J. Shamhart, é um homem agradavel, de fala suave, que sabe provavelmente mais a respeito das artimanhas dos contrabandistas do que outra qualquer pessoa no mundo. Ele é o centro de uma complicada rede mundial de agentes e informantes. A maioria dos assuntos de interesse que se discutem a meia-voz nos cabarés de Montmartre, ou nas alfurjas do porto de

Lisboa, acabam mais cedo ou mais tarde chegando ao conhecimento deste funcionário. Não surpreende que assim seja, quando sabemos que o informante, cuja denúncia duma tentativa de contrabando dá resultados positivos, cobra 25 por cento do confisco das mercadorias sujeitas a direitos, e uma gratificação avultada pela notícia de um embarque secreto de narcóticos. Assim, por exemplo, certo joalheiro que dispunha de «boas relações» no mundo ilegal, recebeu por duas vezes recompensas de 50.000 dólares.

Desde que acabou a guerra, a intrincada rede policial de Shamhart voltou a vibrar de atividade. Os agentes do Governo em terras estrangeiras começaram a dar parte de que as esquadrilhas de traficantes de narcóticos, que compram ópio e outras matérias primas no Oriente, e os refinam em suas próprias fábricas clandestinas, estavam de novo em campo. Por toda a Europa, pedras preciosas no valor de muitos milhões de dólares, algumas roubadas pelos nazistas, outras utilizadas por refugiados europeus como moeda internacional, caíram em mãos dos traficantes de jóias, que esperam oportunidade favoravel para fazê-las entrar de contrabando nos Estados Unidos. Muitos refugiados europeus transportam consigo para a América do Sul verdadeiras fortunas em jóias, e andam agora tentando introduzí-las clandestinamente nos Estados Unidos.

Com sua longa experiência na repressão ao contrabando, os agentes do Governo sabem distinguir nitidamente entre o contrabandista profissional e o amador. Este último raras vezes é perigoso, geralmente torna-se muito facil pegá-lo. Por exemplo, a sra. Smith compra em París um colar no valor de 20.000 dólares, na ingênua intenção de o trazer para a América sem pagar os direitos aduaneiros, que são de 50 por cento sobre o valor. Muito antes de desembarcar em Nova York, já ela está, sem o saber, metida em sérias dificuldades. Com efeito, um empregado da joalharia onde ela adquiriu o colar, dirigiu-se ao Consulado Geral dos Estados Unidos em París, onde preencheu uma declaração relativa a essa compra. Sabe que esse simples gesto lhe pode valer uma boa recompensa, no caso de a sra. Smith fazer uma tentativa de contrabando! Quando a viajante desembarca nos Estados Unidos a declaração que ela preenche para a Alfândega é confrontada com o rol dos viajantes suspeitos de trazerem contrabando. Se ela não declarou que traz o colar, o inspetor alfandegário destacado para se ocupar do seu caso encontrará, no impresso da declaração que ela preencheu, um sinalzinho quase imperceptivel que significa: «Busca rigorosa—suspeita de contrabando.» No geral dos casos é sem grande dificuldade que o funcionário encontra o que procura. A sra. Smith fica sem o seu precioso colar, paga os direitos de qualquer maneira, e em cima disto tudo, ainda pode ser multada em 20.000 dólares. Depois disso é muito pouco provavel que se meta em outra tentativa de contrabando.

Com os contrabandistas profissionais, porem, a coisa é diferente. Veja-se por exemplo o caso de um entomologista que fazia viagens periódicas aos trópicos, desembarcando em Nova York a intervalos regulares. Era um indivíduo manifestamente inofensivo—e, ao que parece, professor de reputação nacional. Os agentes da Alfândega, que já o conheciam pelo apelido de «Old Buggy», habituaram-se a despachar com rapidez a sua bagagem. Mas um dia um dos funcionários à paisana, especialmente treinados, que fazem as investigações secretas da Alfândega, encontrou por acaso um entomologista ge-

nuino, em Nova York, e falou-lhe no «professor»: o sábio nunca ouvira falar naquele seu colega! Intrigado, o agente procedeu a novas investigações, e chegou à conclusão de que «Old Buggy» era inteiramente desconhecido de todos os especialistas naquele ramo da ciência. Arranjaram-se as coisas de modo a que este agente intrometido se avistasse pessoalmente com o «professor», logo que o nome deste voltasse a figurar no manifesto de algum navio. O «professor» opôs as mais enérgicas objeções quando viu os seus bichinhos submetidos a inesperada e rigorosa dissecção alfandegária! Oito gemas, no valor de seis mil dólares cada uma, foram encontradas dentro dos espécimes tropicais!

Outro caso pitoresco é o daquele mercador de diamantes que fazia viagens regulares à Europa, e todos os anos trazia de Amsterdã para os Estados Unidos jóias no valor de muitos milhares de dólares, que declarava devidamente, pagando os respectivos direitos. Os funcionários da Alfândega vieram a descobrir, porem, através da rede de agentes secretos que o nosso homem se desfazia tambem todos os anos de algumas pedras de alto preço, pelas quais não tinha pago os direitos devidos. A partir de então, todas as vezes que ele chegava aos Estados Unidos, os inspetores aduaneiros passaram a sujeitá-lo a buscas minuciosas: tiravam-lhe o cabo do pincel de barba, separavam-lhe as solas e os tacões dos sapatos, espremiam-lhe até à última gota os tubos da pasta de dentes, etc. Mas sempre sem resultado.

Algo de estranho havia, porem, na aparência daquele negociante, que intrigava um dos agentes. Até que um dia, tendo parado por acaso a olhar a vitrina dum oculista, o agente viu uma coleção de objetos que foi como um raio de luz em seu espírito! Quando o mercador de diamantes desembarcou da sua viagem seguinte, o agente, acompanhado de um médico, estava à espera dele no cais. Ao ser convidado a tirar da órbita o olho de vidro que usava, o cavalheiro fez uma algazarra dos diabos. De nada lhe valeu, porem, e os inspetores encontraram uma grande jóia cimentada no interior desse olho postiço.

Há anos, um dos inspetores de serviço na Alfândega de Boston reparou num jovem que acabava de chegar da França, consternado e de luto, trazendo consigo a urna funerária onde vinham encerrados os restos mortais de sua irmã. E de repente o inspetor teve um sobressalto: poucos meses atrás ele vira desembarcar em Nova York aquele mesmo rapaz, igualmente consternado (e de luto), pela morte de um irmão, cujo cadaver ele trazia consigo numa urna. Eram muitos cadáveres para um homem só, e o inspetor, vencendo os naturais escrúpulos, mandou levantar a tampa da urna, que continha efetivamente o cadaver de uma mulher, mas envolto em muitos metros de rendas finas, sujeitas a elevadas taxas aduaneiras, e outros tecidos de alta qualidade, tudo adornado com jóias no valor de uns 40.000 dólares! As pesquisas a que posteriormente se procedeu vieram revelar que o enlutado viajante vinha operando daquele modo fazia alguns anos, com êxito absoluto. Comprava cadáveres a violadores habituais de sepulturas, em París, e os trazia para a América servindo-se de papéis falsificados; uma vez aquí, desembaraçava-se deles através dos bons ofícios duma casa funerária condescendente.

Outro inspetor esperto notou uma senhora luxuosamente vestida e manifestamente culta—passageira de um avião transatlântico—que, em contraste com a sua aparência, teve um gesto de vulgaridade: enquanto os funcionários lhe passavam em revista a bagagem, ela tirou da boca uma grossa pasta de goma de mascar e pegou-a, como qualquer garoto, contra um poste. Quando, após a inspeção, ela deitou mão ao chicle para o levar consigo, o inspetor intimou-a a dar-lhe o mesmo, o que ela fez com a maior relutância. Dentro da goma de mascar estava oculto um enorme rubí.

Do seu corpo de inspetores e avaliadores experimentados, Shamhart seleciona uma reduzida brigada de 160 agentes especiais. Estes agentes têm por missão relacionar-se amistosamente com capitães de navios, despenseiros e comissários de bordo, cultivar a confiança dos donos de tavernas de cais, onde é de supor que sejam discutidas, planejadas e até consumadas muitas operações de contrabando. Trata-se de homens perfeitamente discretos e lacônicos, que sabem fazer-se passar despercebidos, mas que conhecem todos os truques e manhas daquele ramo de atividade. Extensamente viajados, são tambem capazes de assumir um sem-número de personalidades, e operam ao abrigo de qualquer publicidade. Eu conhecí um deles, que atuava na Europa; durante muito tempo supús que ele fosse agente de vendas de certa firma norte-americana, e só anos depois de conhecê-lo é que vim a saber que era na realidade agente do Governo. Era impressionante o extenso rol das pessoas com que ele estava relacionado, desde diretores de banco a *gangsters*, e pode-se dizer que o meu amigo se sentia em todas as capitais da Europa, tão à vontade como em casa.

Os funcionários aduaneiros estão convencidos de que os contrabandistas em grande escala são profissionais incorrigíveis. Vale a pena contar o caso de um deles, Paul Rabkin, que, enquanto cumpria dois anos de pena na penitenciária de Atlanta, por haver passado sem pagar direitos quase um milhão de dólares de maquinismos de relógios fabricados na Suiça, imaginou e pôs em prática um novo e grandioso plano de contrabando. Da prisão onde estava, Rabkin mandou instruções em código a um filho que tinha na Europa, Augusto, indicando-lhe os contactos a estabelecer alí, e ordenando-lhe que se preparasse para uma operação de vasta envergadura. Mas enquanto isso, em Washington, Shamhart conseguira decifrar o código secreto do condenado, e quando este, cumprida a pena, saiu da penitenciária e montou escritório em Nova York, os investigadores da Alfândega não o perderam mais de vista. Augusto Rabkin, trabalhando na Europa, tinha tudo preparado para expedir clandestinamente vinte mil maquinismos de relógios suiços por mês—uma avalanche que bastaria para subverter a indústria americana de relógios! Quando o primeiro carregamento saiu da fábrica suiça, os agentes de Shamhart foram-lhe na pegada através da França e da Bélgica, e finalmente embarcaram atrás dele no mesmo navio. Os minúsculos maquinismos, acondicionados em finas embalagens, vinham cuidadosamente distribuidos por entre artigos de papelaria encaixotados. Desembarcados os caixotes, um caminhão manejado por inspetores aduaneiros, disfarçados de motorista e ajudante, foi entregar a mercadoria ao seu consignatário, o já citado Paul Rabkin, que não tardou a encontrar-se de novo no xadrez—mas desta feita por quatorze anos. Quando por sua vez o filho desembarcou em Nova York, desconhecendo o que se havia passado, foi acolhido no cais por alguns agentes da Alfândega. Julgado, recebeu sentença de sete anos.

A rede de informações de que a Alfândega americana dispõe no estrangeiro, chefiada em cada país pelo adido da Fazenda

Pública à embaixada ou legação dos Estados Unidos é tão sensivel às flutuações da importação e exportação, que, na maior parte dos casos, o serviço de Shamhart recebe notícia de qualquer grande operação de contrabando que se prepara, antes de ela causar danos sensiveis.

Um dos adidos da Fazenda, por exemplo, verificou que certo tipo de jóia fabricada na Tchecoslováquia estava sendo importado pela Bélgica em quantidades muitíssimo maiores do que o justificava a capacidade de absorção do mercado belga. Suspeitou logo que a mesma se destinava a re-exportação para os Estados Unidos. Mas, ao mesmo tempo, não havia notícia da entrada legal de tais artigos neste último país. O serviço aduaneiro foi sem demora notificado, e dentro de poucos meses a investigação estava terminada com pleno êxito. Neste caso, a quadrilha de contrabandistas acondicionava as jóias em peles de coelho, que eram exportadas para os Estados Unidos. Um dia, uma brigada de agentes disfarçados de choferes e carregadores de caminhão entregaram aos destinatários, em Nova York, algumas dúzias de fardos de pele de coelho; os consignatários, sem suspeitar de nada, assinaram as guias de entrega—e foram sem demora detidos.

Pelo que acima fica dito se vê que a tarefa de Edson Shamhart e dos seus agentes os obriga a defrontar-se, a cada passo, com os mais argutos personagens do mundo internacional do crime. A maioria dos subordinados de Shamhart compartilha sua opinião sobre o serviço aduaneiro. «Faz vinte e cinco anos que trabalho nesse serviço,» diz ele, «e são bem raros os momentos enfadonhos que tenho passado aquí!»

O centro das atenções

Anos atrás, o notavel jogador de futebol americano, Frankie Szymanski, apresentou-se a um tribunal como testemunha num processo civel.

—O senhor faz parte da equipe da Universidade de Notre Dame este ano? perguntou o juiz.

—Faço, sim senhor.

—Em que posição?

—Centro.

—Joga bem?

Szymanski mexeu-se na cadeira, pouco à vontade, mas, com voz firme, respondeu:

—Sou o melhor centro que Notre Dame já teve...

O treinador, que se achava presente, ficou surpreso, pois o rapaz sempre parecera muito modesto. Ao terminar a sessão, perguntou-lhe por que falara daquele modo ao juiz, e Szymanski, corando, replicou:

—Não tive nenhum prazer em fazê-lo, mas é que tinha jurado só dizer a verdade...

—Do *Register*, de Des Moines, citado em *Foreign Service*

Aeronauta intrépido

(Condensado do «Daily Mail» de Londres)

Por Patrick Campbell

Prefiro passar três horas na sala de espera do dentista, com quatro cáries e um dente de siso obstinado, a ficar 15 minutos em qualquer aeroporto, esperando para embarcar num avião.

O leitor pode chamar a isso histerismo, ou crítica pouco generosa ao sistema de transporte que demonstrou ser o mais rápido, o mais seguro e o mais conveniente do mundo. Mas quando se trata de aviões, eu sou um caso de camisa de força.

Tudo vai bem na agência; chego até a invejar aqueles que se enfileiram diante dos balcões onde se vêem nomes tais como *Nova York*, *Chungking* ou *Bermuda* e lamento que o meu destino não seja um desses pontos românticos. Mas minha ambição de realizar viagens distantes desaparece no momento em que entro no ônibus do aeroporto.

A primeira coisa que faço ao sentar-me no ônibus é examinar os outros passageiros afim de apurar se me agradaria morrer ao lado deles. Por um motivo ou outro, nunca me satisfazem. Ao chegar ao aeroporto já terei perdido meio quilo de peso.

No aeroporto tento entabular conversa com o piloto ou com algum membro da tripulação. Sempre tenho um certo número de perguntas a fazer—aparentemente casuais e ditas de modo displicente, mas que vão à raiz da questão.

As perguntas que quero fazer ao piloto são as seguintes:

1. Estão os melhores mecânicos examinando nosso avião, centímetro por centímetro?

2. O senhor, ou qualquer membro da sua família, já sofreu jamais de vertigens, perda de memória ou ataques nervosos?

3. Vai andar muito depressa?

4. Será necessário viajar a uma altitude muito superior a 15 metros?

E ao operador de rádio:

O senhor tem certeza de que pode compreender o código Morse, mesmo quando transmitido muito depressa?

E, finalmente, à aeromoça:

Se houver alguma coisa, a senhora pode ter a bondade de me informar pessoalmente, antes dos outros passageiros?

Uma vez tranquilizado quanto a esses assuntos —tenho que reconhecer que

todas as tripulações são imensamente tranquilizadoras—penetro a bordo do avião. Não posso decidir se é melhor sentar na frente e aguentar o peso inteiro do choque, ou atrás e arriscar-me a cair quando a cauda do aparelho se partir. Acabo escolhendo um lugar no centro, onde posso fiscalizar as asas e ver se as hélices estão em movimento.

Cinco minutos depois de termos levantado vôo, desembaraço minhas unhas do estofo do assento e afrouxo o cinto de segurança que não me deixava respirar, de tão apertado que estava. Recosto-me na poltrona para ver o panorama que as nuvens oferecem.

De súbito, a porta da cabina do piloto se abre—e ei-lo que sai! Mas que negligência é essa? Deixou um garoto inexperiente ao leme! Vejo com pavor que ele caminha ao longo do avião, conversando despreocupadamente com os outros passageiros. Eu sei o que é que ele está fazendo. Está dizendo que tudo vai bem. Ambos os motores cairam, mas está dizendo que tudo corre bem.

Quando chega ao pé de mim, o piloto exclama: "Bom dia—o senhor está fazendo boa viagem?" Completamente sem fala, o único que consigo é acenar «sim» com a cabeça. Só quero que ele volte para a sua cabina e tire aquele jovem maluco do leme do avião. Sinto-me novamente melhor quando ele volta para a cabina e fecha a porta.

Uma hora mais tarde, tomei um susto horrivel quando a aeromoça, inclinando-se sobre meu ombro, disse-me algo que eu não pude entender. Pareceu-me que ela dizia: "Estamos caindo no mar." Eu já estava a um palmo do assento da minha poltrona quando percebí que ela me perguntara se eu queria um pouco de chá.

Agora, começamos a perder altitude. Olho para baixo e vejo que a terra está coberta de estradas de ferro, casas de tijolos vermelhos, chaminés de fábricas e postes de telégrafo. Chegou o momento.

A válvula de percussão no motor esquerdo explodiu. Aterrissagem de emergência. Meto as velhas unhas novamente no estofo do assento e fecho os olhos. Sinto uma pancada e ouço um guincho—será que fomos de encontro a uma vaca?—e depois silêncio e calma. Estamos vivos, mas onde?

Abro os olhos e verifico que o aparelho parou diante do edifício do aeroporto. Estão aproximando da porta uma escada.

Deixo o avião meio tonto. Uma porção de turistas olham boquiabertos para o aparelho. E com muita razão. Estão olhando para um dos intrépidos aeronautas da era moderna—um homem que estava em Dublin há pouco mais de uma hora, e que agora se encontra no aeroporto de Northolt.

Sou de opinião que o avião constitui o meio de transporte mais seguro, rápido e cômodo do mundo.

Quando um agnóstico disse a Woodrow Wilson que as aflições que torturam o mundo provavam ter a religião fracassado, ele respondeu: «Em seu caso, eu refletiria mais longamente. Se os homens são maus com religião—o que seriam sem ela?»

—Walter Winchell

Cinquenta anos depois— o leprosário do padre Damião

(*Condensado do livro «Home Country»*)

Ernie Pyle

O leitor talvez não reconheça o nome de Kalaupapa, mas já deve ter ouvido falar em Molokai—a temida colônia de leprosos onde o sacerdote belga, padre Damião, dedicou toda a sua vida aos doentes, acabando por morrer, ele tambem, lazarento. No Havaí a colônia é designada apenas por Kalaupapa.

Em torno do leprosário criou-se uma aura de drama e mistério; uma vez lá dentro, porem, nada se nos depara de misterioso. Kalaupapa ocupa um pequeno triângulo, que se destaca na costa da ilha de Molokai, como uma cabeça de seta. Trinta e cinco minutos de vôo nos levam de Honolulú a essa língua de terra rochosa e plana, salvo quanto a uma cratera extinta que se ergue no centro a pequena altura. Está cercada pelo oceano de dois lados, sendo que no terceiro se eleva um despenhadeiro rochoso terrivelmente íngreme, de uns 600 metros de altura. É uma das mais belas barreiras naturais que existem no mundo. Quem quiser chegar ao cume, só poderá fazê-lo por estreita picada que serpeia pela fralda dessa amedrontadora muralha. Perto do ponto mais alto da picada há um alto portão fechado a cadeado, com uma cerca de arame farpado que se estende para ambos os lados. Quem quisesse evitar esse portão pelo lado de fora, e perdesse o equilíbrio, cairia uns 240 metros antes de bater na primeira rocha. No portão há um vigia, mais para afastar os curiosos, do que para manter presos os enfermos.

O dr. Cooke, diretor do leprosário, nos aguardava no aeroporto de Molokai, com o seu Chevrolet novo. Ao percorrermos a estrada rochosa à beira-mar, fomos deixando para trás cemitério após cemitério, contíguos

uns aos outros. Iam surgindo em tal sucessão que já me vibravam na consciência como as notas de um tambor fúnebre. Toda vez que cruzávamos com outro automovel, sentia-me forçado a olhar, embora tivesse vergonha de fazê-lo. Alguns dos ocupantes pareciam perfeitamente normais. Ao lado deles, porem, viam-se outros de aspecto medonho.

Demos uma primeira vista d'olhos pela colônia, visitando um dos dormitórios. Os doentes haviam acabado de jantar e estavam sentados em seus catres, fumando ou conversando. Olhavam para nós, nós olhávamos para eles e passávamos adiante. Não me parecia justo estar por alí observando, e sentia-me pouco à vontade.

Quando voltamos ao prédio da administração, fui levado a meu quarto; o diretor entrou no meu banheiro e de lá saiu com uma garrafa de álcool, explicando-me: «Depois de dar uma volta por aí, a gente sempre esfrega um pouco de álcool nas mãos...»

Conquanto eu não estivesse assustado, tinha a impressão de haver contágios por todos os cantos: em pleno ar, em todas as coisas que minha mão tocasse. Não era falta de limpeza, nem qualquer sugestão repulsiva, nem sequer perigo—mas sentia em torno de mim uma vaga e tácita ameaça. Deitei-me finalmente, mas não pude dormir.

Após a primeira noite, já não me sentia da mesma forma. Aprendí a ficar à vontade nessa coletividade de pessoas que, como quase todos nós, aceitavam os fatos como tais, sem desespero nem excessiva tristeza, pessoas que, como todos nós, morreriam um dia... É verdade que, por todos os lados, via sofrimento e doença, em formas de causar dó e repulsa. A isso não me acostumei, realmente; mas consegui aceitá-lo.

Em Kalaupapa, contrastando com a maioria das instituições, não havia aparência de arregimentação. Não se viam bangalôs todos iguais, nem se notava, alí, a presença de grandes dormitórios semelhantes a prisões. As edificações não eram amontoadas umas contra as outras. Havia jardins, arbustos e espaço por toda parte. Metade, talvez, dos doentes moravam em bangalôs particulares situados em lotes de bom tamanho. Os outros—os que não estavam em condições de cuidar de si próprios—residiam nos quatro dormitórios. Kalaupapa era quase como uma cidadezinha qualquer de 500 habitantes, com a diferença apenas de não ter propriamente uma zona comercial. Nem parecia um hospital aquele prédio de um andar, construido em estilo tropical. O grupo de casas da administração, onde moravam o superintendente e os dois médicos, cada qual em sua casa particular, continha tambem um edifício razoavelmente grande, em forma de U, onde viviam os outros funcionários. Todo esse grupo era cercado por uma discreta grade de madeira; grandes coqueiros elevavam-se em torno, e os edifícios ficavam quase ocultos por trás de bananeiras e de canteiros de flores.

O que a mim me parecia mais dificil de conceber era que, dentro dos confins da colônia, os doentes fossem homens e mulheres livres. Ninguem era obrigado a nada. Quem quisesse, podia passar o dia estirado na cama, ou ler a noite inteira; ou então ir de visita a outro, e lá pernoitar. Até mesmo as idas ao hospital e os tratamentos médicos eram absolutamente facultativos. Se assim preferisse, um lázaro poderia deixar-se ficar em seu bangalô e aí morrer sozinho, sem que ninguem o incomodasse.

Antigamente havia, espalhados por todos os cantos, cartazes com os dizeres: «É proibida a entrada aos leprosos.»

Quando lá estive, porem, nada disso existia. Os próprios doentes sabiam até onde tinham licença de ir; para que humilhá-los com admoestações? A atitude geral era toda de compreensão e bondade. Não só o diretor, como tambem os médicos e enfermeiros, impressionaram-me fortemente por sua verdadeira compaixão e sentimento de solidariedade.

Grande parte dos doentes trabalhavam. Não eram forçados a isso, mas gostavam de manter-se ativos, e de receber alguma remuneração extraordinária. Seis eram vaqueiros, cuidando das 300 cabeças de gado da colônia (a carne era destinada exclusivamente aos doentes). Alguns reuniam-se para pescar, vendendo depois os peixes a colônia. Outros dedicavam-se à carpintaria; outros ainda trabalhavam como auxiliares de enfermeiros. Quatro ou cinco tinham pequenas lojas próprias. Qualquer doente que quisesse podia instalar seu negócio; aliás, essa atividade comercial era até estimulada. Um era dono de uma garage; outro vendia e consertava rádios. No ano anterior, mais de 50 mil dólares foram pagos sob a forma de salário por trabalhos realizados pelos leprosos.

Cada doente recebia do governo 20 dólares por mês, em prestações trimestrais; uma ninharia, apenas para que não se sentissem indigentes. Os moradores dos dormitórios tinham casa, comida e roupa gratuitas; aos residentes nos bangalôs, tudo era distribuido sob a forma de rações. Se acaso algum leitor julgar que os leprosos se entregam ao desespero a ponto de perder o que tinham de humano, veja esta lista parcial de utensílios elétricos comprados pelos doentes para instalar em seus bangalôs, em um único ano: 90 rádios, 58 máquinas de lavar roupa, 22 aspiradores de pó, 22 torradeiras, 42 refrigeradores, 18 formas de *waffles*, quatro batedeiras elétricas de coquetéis! Na cantina da colônia vendiam-se cerveja e vinho. Para obter uisque e outras bebidas mais fortes, os doentes precisavam pedir autorização ao diretor, mas os pedidos raramente chegavam a um litro por mês. Cerca de cem deles possuiam automoveis, desde velhos caminhões Ford a Plymouth conversiveis, novinhos em folha. Uns poucos, que recebiam dinheiro de suas famílias, mantinham bangalôs na praia, a cerca de dois quilômetros da aldeia, nos quais passavam os fins de semana.

A população de lázaros, na colônia, quando lá estive, era de 414, isto é, apenas um terço do que era na pior época, 1890. Alem disso havia 14 *kokuas* e 19 em «livramento condicional». O *kokua* (ajudante) é o marido ou esposa de um doente, que resolveu acompanhar o cônjuge enfermo no seu exílio em Kalaupapa. Os em «livramento condicional» são pacientes cuja lepra foi detida a tal ponto que sua volta ao convívio dos sãos já não apresenta perigo de contágio. No entanto, muitos desses preferem continuar a residir em Kalaupapa.

Após dar entrada no leprosário, o doente vive em média oito anos, embora houvesse alguns—três, creio—que lá estavam havia mais de 50 anos. Na realidade, poucos dos lázaros em Kalaupapa morrem de lepra. Em geral surgem outras enfermidades—tuberculose, pneumonia, sífilis—e os lázaros, já enfraquecidos pela morféia, não resistem às novas bactérias. O médico-chefe, o dr. G.B. Tuttle, informou-me que cerca de 98 por cento dos leprosos morrem de outras doenças.

Dos doentes, três quartas partes eram havaianos, ou mestiços de havaianos. Os restantes eram japoneses, portugueses, chineses, coreanos, portorriquenhos, etc. Havia seis doentes brancos—cinco homens e uma mulher. Estes sofriam mais

que os havaianos, segundo me disseram.

Nos últimos dez anos houvera apenas duas tentativas de fuga: os doentes ficavam no leprosário, quer por gostarem do lugar, quer por compreenderem que era preferivel resignarem-se.

Uma coisa me chocou: os leprosos—mesmo os que estivessem às portas da morte—tinham permissão para reproduzir-se.

Os funcionários nada podiam fazer. Era a Lei. Os doentes casavam-se, recasavam-se, ou ficavam solteiros, mas o certo é que continuamente nasciam bebês... É verdade que, segundo tudo indica, os filhos de leprosos não herdam a doença. Entretanto, em 7,6 por cento a enfermidade se manifesta anos depois, e muitos nascem mentalmente debeis. Logo ao nascer são afastados dos pais e colocados no Asilo Kapiolani em Honolulú, onde ficam sob a proteção do Governo do Território de Havaí. As crianças que permanecem livres de lepra e que ao mesmo tempo não revelam anormalidade mental são mais tarde adotadas por famílias da região.

Embora muita gente acredite que quem trabalha num leprosário acabará sendo contagiado, essa crença é absolutamente falsa. A morféia é menos contagiosa que a tuberculose. Dezenas de pessoas sadias haviam trabalhado em Kalaupapa, nos 70 anos de existência da colônia, como enfermeiros, administradores ou missionários religiosos. Dessas, apenas quatro pessoas, inclusive o padre Damião, contraíram a doença. O padre Dutton, um dos mais queridos de quantos lá serviram, trabalhou e viveu entre os leprosos durante 44 anos, e não contraiu a moléstia. Algumas das irmãs de caridade lá permaneceram por períodos ainda mais longos. O diretor Cooke aí morava havia 12 anos, e o dr. Tuttle, dez.

Os que trabalham em Kalaupapa tocam diariamente em coisas contagiadas. Como cuidar dos doentes sem tocá-los? No escritório da administração, todos os funcionários são lázaros. O dia inteiro o diretor manipula documentos que passam pelas mãos dos doentes; esses papéis são, evidentemente, esterilizados antes de sair da colônia. Toda a correspondência é esterilizada durante 18 horas. E nada que tenha estado em mãos dos leprosos—exceto a correspondência—sai da colônia.

Se bem que os empregados não tenham medo de tocar em nada, são extremamente cuidadosos quanto à esterilização. O diretor Cooke sempre levava em seu automovel uma garrafa de solução antisséptica. Quando voltava a entrar no carro após qualquer contacto com leprosos, friccionava as mãos com o antisséptico, antes de tocar no volante. Todos os dias tomava um banho de chuveiro logo ao chegar em casa, e de novo esterilizava as mãos. Sua roupa era lavada numa solução desinfetante. O maior perigo era acostumarem-se as pessoas à vida na colônia, e tornarem-se, assim, negligentes quanto a contactos e à esterilização.

Afim de examinar uma pessoa suspeita de haver contraido lepra, retira-se um pequeno fragmento de pele do dedo indicador. Muitas vezes é dificil encontrar o germe da lepra, mesmo que esteja presente. O dr. Tuttle disse-me que o único processo seguro consiste em examinar-se a mucosa da narina. O óleo de chalmoogra—que em certa época se acreditava ser a almejada cura da lepra—revelou-se ineficaz. Ainda era administrado, caso os doentes o pedissem, mas apenas pelo seu efeito psicológico.

A maioria dos pacientes não tinha a menor noção de como haviam contraido a doença. No caso de Shizuo Harada, leproso de excepcional inteligência que

dirigia a cantina da colônia, a moléstia começara com uma sensação de torpor no dedo mínimo. Acabara de diplomar-se pela Universidade do Havaí.

—Que impressão você teve ao descobrir de que se tratava ? perguntei.

—Não queria acreditar, respondeu-me, —Pensei que os médicos estivessem enganados. Durante anos, ainda pensava assim...

Já fazia quase 13 anos que descobrira sua doença.

—Até há três anos atrás, acrescentou, —era impossivel perceber, olhando para mim, que eu era leproso. Mas nessa época surgiram os primeiros sinais; e daí em diante foi rápido... Em uma questão de semanas, fiquei como o senhor me vê agora. Há uma possibilidade de que algum dia eu tenha o que eles chamam uma «reação», isto é, que eu fique seriamente doente, com febre alta, e depois me restabeleça, «limpo», e quase normal outra vez.

Perguntei depois ao dr. Tuttle qual era sua opinião, e ele concordou com Harada, dizendo que se este tivesse a reação e saisse «limpo»—isto é, com as feridas cicatrizadas, disseminação menos rápida, e aparência quase normal—poderia viver muitos, muitos anos, e nunca mais sofrer outra erupção.

Ninguem sabe como ou quando a lepra surgiu no Havaí. O primeiro conhecimento, aliás vago, de sua presença nas ilhas foi registrado entre 1820 e 1835. Uma vez começada, espalhou-se como incêndio em bosque seco. Em 1865 promulgou-se uma lei impondo a segregação dos leprosos; e, em janeiro do ano seguinte, foi enviada a Kalaupapa a primeira leva, que se compunha de 25 lázaros. O governo jogava-os alí, simplesmente, e os abandonava.

Só daí a 12 anos é que se mandou um médico; mas o padre Damião chegara cinco anos antes. As condições melhoraram constantemente depois disso, mas a colônia progrediu com maior ímpeto nos últimos anos, durante a administração do Governador Judd. Este nomeou um exengenheiro militar para estudar a situação do leprosário. Seguiu-se vasto programa de modernização, que ainda continua. Construira-se novo hospital, com um pavilhão para os doentes mentais. Plantaram-se árvores e flores. Algum dia haveria uma casa ou um bangalô particular para cada habitante da colônia. Instalar-se-ia tambem um crematório, para evitar o triste espetáculo de milhares de sepulturas na orla da povoação.

Quando lá estive, o homem que usava o manto do padre Damião entre os leprosos era o padre Peter D'Orgeval-Dubouchet, sacerdote francês que passara a viver em Kalaupapa 12 anos antes. É impossivel imaginar pessoa mais encantadora. Quase aos 70 anos, tinha espessa barba grisalha, e pesava uns cinquenta quilos. À noite perambulava pelas ruas escuras de Kalaupapa, bengala numa das mãos, lanterna elétrica na outra. A bengala era puramente questão de hábito, pois o sacerdote ainda caminhava a passos firmes.

Dois anos após sua chegada, contraiu a lepra. Todos acreditavam que ele sempre fora descuidado! Alguns dizem até que ele queria contagiar-se. Felizmente seu estado foi logo percebido pelos médicos da colônia. Manifestou-se sob a forma de uma mancha escura na testa. Operaram-no imediatamente—após dez anos, a cicatriz ainda era visivel—e a mancha foi removida; era decididamente de natureza leprosa. É raríssimo descobrir-se a doença com tal rapidez; o próprio sacerdote contou-me que, segundo lhe informaram os médicos, seu caso era o de um em um milhão.

Não encontrei, em Kalaupapa, qualquer sentimento de desespero, nem tive a impressão de estar entre homens condenados. E estou certo de que, entre os que lá trabalhavam, não havia mártires. Os funcionários, não leprosos consideravam suas tarefas como as de qualquer emprego, e podiam demitir-se no momento em que quisessem fazê-lo. Era de admirar que não houvesse verdadeira invasão de pessoas inclinadas ao martírio, pois, daquela situação lastimosa a que a natureza lançara os lázaros, nascera em Kalaupapa um ambiente espiritual de estranha serenidade—uma serenidade que atraía quase irresistivelmente. Eu próprio senti-me levado à beira do sacrifício... Tive como que um sentimento de culpa pelo fato de ser são e «limpo»; experimentei forte desejo espiritual de descer ao nivel dos leprosos. Não se tratava de romantismo nem de drama; era qualquer coisa semelhante àquela tendência, que têm certas pessoas, de saltar de lugares altos. Não importa o que fosse. O certo é que minha visita a Kalaupapa constituiu uma das mais fortes aventuras da minha vida.

Laços de afeto

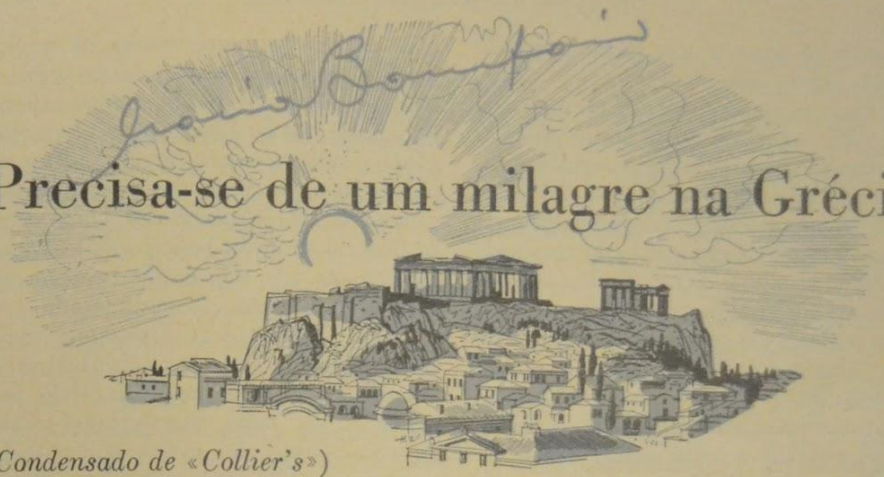
KATHRYN LAWES, primeira esposa do famoso Diretor da Penitenciária de Sing Sing, Lewis E. Lawes, faleceu há dez anos em trágico acidente. Sua morte encerrou um período de 17 anos em Sing Sing. Dezessete anos durante os quais não se afastou um só dia do convívio com os condenados, do seu pátio, do hospital, das oficinas e da sala de visitantes da Penitenciária. Fisionomias duras e sombrias se iluminavam à sua passagem. O 10.290 estava preocupado com a família? O transviado jovem 23.804 sentia-se como se os portões da prisão tivessem posto um termo à sua vida? Com simplicidade, sem afetação, que eles teriam percebido num relance, ela descobria-lhes os problemas e procurava resolvê-los, pronta e discretamente. Levou—não mandou—roupas e alimentos a uma família que ficara na miséria com a prisão do seu chefe. Fez com que cartas de estímulo fossem enviadas a criminosos jovens e desalentados. Muitos e muitos dólares sairam da sua bolsa para ajudar os que, cumpridas as penas, se sentiam temerosos de enfrentar de novo a liberdade.

Será facil, pois, imaginar a profunda tristeza e a desolação que envolveu Sing Sing, quando a morte de Kathryn foi «telegrafada», de cela em cela, numa noite de outubro de 1937. Chegou, depois, a notícia de que os funerais seriam feitos numa igreja—fora da prisão. Os prisioneiros enviaram ao Diretor um representante. Este pediu, em nome de centenas de companheiros, que lhes fosse reconhecido o direito de render o último tributo de respeito e gratidão à falecida. Lawes fez um sinal de assentimento.

Na noite anterior aos funerais, um dos pesados portões de Sing Sing abriu-se para dar passagem a uma procissão lenta e silenciosa. Um grupo sinistro de assassinos, ladrões, facínoras, criminosos de todos os tipos, marchou para *fora* da prisão, em direção à casa do Diretor, quase meio quilômetro distante. Ninguem se afastou da trilha, ninguem olhou sequer para os lados, para a liberdade ao seu alcance. Não havia guardas. Se algum dos condenados houvesse tentado fugir, teria sido liquidado imediatamente pelos próprios companheiros, tocados de profunda emoção.

Chegaram à casa, aproximaram-se um por um do ataude de Kathryn, murmuraram orações e retiraram-se para recompor a procissão, de volta às celas e à desolação do presídio.

—Irving Hoffman, em *The Hollywood Reporter*



Precisa-se de um milagre na Grécia

(Condensado de «Collier's»)

Por Paul A. Porter—*Ex-enviado especial do Presidente Truman à Grécia*

SÓ MESMO um milagre poderá salvar a Grécia da desintegração econômica. Lá estive, em janeiro último, à frente de uma missão encarregada de examinar a situação econômica do país e indicar as medidas necessárias para assegurar a sobrevivência da nação grega. Conheço, pois, em primeira mão, as precárias condições que confronta atualmente a Missão Americana de Auxílio à Grécia.

Um camponês com quem conversei, numa das adoraveis províncias do país, personificou a meu ver a psicose nacional grega. Preocupado e sem ânimo, envelhecido prematuramente, a agitar as mãos em sinal de desespero, contou-me:

«Quatro vezes, tive a minha casa destruida, pelos turcos, os búlgaros, os nazistas e agora os guerrilheiros. De que valerá reconstruí-la outra vez?»

A incerteza e o medo do futuro mantêm paralisados desde os grandes industriais de Atenas aos pequenos comerciantes e agricultores do norte da Macedônia. Nenhum homem de negócios se aventura a inverter capitais. Os atacadistas não mais acumulam mercadorias. Um funcionário do Governo disse que das 150.000 casas destruidas, apenas 1.300 haviam sido reconstruidas em 1946.

A situação é crucial porque o programa da Missão se baseia, precisamente, na presunção de que o povo reaja contra a sua inércia atual. O auxílio dos Estados Unidos, em realidade, não tem aumentado substancialmente. Em 1946, a Grécia recebeu cerca de 330 milhões de dólares da UNRRA e da Inglaterra; o auxílio americano atual, de 350 milhões, mal excede, pois, a cifra anterior. A Missão, ao contrário do que se tem divulgado, longe de dispor de amplos recursos em dinheiro, vê-se forçada a limitar extremamente o seu campo de ação. A necessidade de fundos adicionais tornar-se-á evidente, muito em breve.

As secas que vêm assolando extensas zonas do país, desde janeiro último, reduziram consideravelmente as safras de cereais. As atividades militares, por outro lado, vêm sendo intensificadas. E para agravar ainda mais a situação, o poder aquisitivo dos escassos dólares de que dispõe a Grécia vem-se reduzindo sistemati-

camente devido à alta substancial de preços nos Estados Unidos.

A crise grega não poderá ser conjurada sem solução preliminar de dois problemas imediatos e básicos: a guerra civil e a índole do Governo grego.

Ninguem poderá dedicar-se inteiramente à tarefa de reparar docas, construir pontes e restaurar estradas sob a ameaça de receber a qualquer momento um tiro pelas costas. Não será possivel minorar as dificuldades econômicas do país sem a redução dos pesados orçamentos militares atuais e sem a restituição do dinheiro e dos homens às atividades produtivas.

Não haverá solução permanente para a paralisia psicológica da Grécia enquanto perdurar a ameaça de agressão externa. Estou convencido de que os russos sabem disso melhor do que ninguem.

Os comunistas, não ignorando que o recrudescimento das atividades de guerrilhas deixará os Estados Unidos em situação dificil, não poupam esforço no sentido de reanimá-las. Por essa razão, o Delegado da Rússia na O.N.U., Gromyko, vetou a proposta americana de estabelecimento de uma comissão semi-permanente de fronteiras, nos Balcãs. A U.R.S.S. não quer, evidentemente, a pacificação das zonas fronteiriças, fator que reconhece ser indispensavel ao sucesso das medidas americanas para a recuperação da Grécia.

A Missão exerce as suas atividades através do governo que os próprios gregos escolheram. Qualquer intervenção mais ostensiva forneceria poderosa munição à propaganda soviética sobre o imperialismo americano. Mas o certo é que alguns setores do governo necessitam de uma reforma em regra.

Destaca-se, dentre estes, o serviço público grego, que me foi certa vez definido pelo falecido Rei Jorge da Grécia como uma espécie de sistema de pensões do Estado para politiqueiros venais. O serviço público expandiu-se demasiadamente, é mal remunerado e goza da pior reputação. A maioria dos funcionários públicos não ganha o suficiente para viver. Muitos são obrigados a procurar empregos que lhes suplementem o ordenado. E como o expediente é em geral pela manhã, seis dias por semana, não lhes é dificil adotar esse sistema de acumulação remunerada.

Como consequência, a desorganização é completa e a estrutura administrativa assombra pela incompetência e pela ineficiência. As mais elementares tarefas governamentais não podem ser confiadas ao serviço público—a cobrança de impostos, a aplicação dos regulamentos, o reparo de estradas.

A drástica reforma do serviço público, entretanto, deverá ser apenas o começo. Há ainda a questão muito mais intrincada e explosiva da liderança política do país. Os atuais governantes gregos podem ser tudo, menos ditadores totalitários. A oposição é vigorosa. Todas as manhãs, eu recebia uma tradução inglesa, mimeografada, do boletim do EAM, com violentos ataques ao Governo. Não se pode dizer que o regime grego seja de liberdade absoluta, mas é certamente um paraiso comparado com a «nova democracia» dos seus vizinhos do norte.

Por outro lado, os chefes políticos gregos—ou a maioria deles—não mostraram ter ânimo bastante para pôr em prática as medidas necessárias à solução da crise grega. Até janeiro último, segundo pude ver, o Governo não formulara outra política alem dos sistemáticos pedidos de auxílio ao estrangeiro, para manter-se no poder. A meu ver, sua verdadeira intenção era perpetuar os privilégios de uma pequena camarilha de banqueiros e comerciantes, que constitui o poder invisivel na Grécia.

Em janeiro e fevereiro, o desespero terminou por inspirar algumas resoluções salutares do Governo; mas o efeito imediato das garantias de auxílio americano, longe de estimular o Governo a empreender novos esforços, induziu-o a considerar-se desobrigado de quaisquer novas providências. Decretou logo um feriado nacional; houve danças nas ruas. Ao mesmo tempo, endossou um plano para a exportação do excedente de óleo de oliva—plano que contrariava seriamente os interesses de muitas empresas particulares.

A camarilha mercantil e bancária que atua nos bastidores do Governo é chefiada por Pesmazoglou, Governador do Banco Nacional da Grécia. Está disposta a preservar as suas prerrogativas financeiras, embora com sacrifício da própria economia do país, e a manter o atual sistema tributário, que favorece de modo incrivel os seus membros. Opõe-se aos controles cambiais, que poderiam impedí-la de acumular livremente os seus lucros no Cairo ou em Buenos Aires. Jamais lhes ocorrerá inverter esses lucros na reconstrução do país.

A marinha mercante grega, por exemplo, está hoje em fase de notavel crescimento e os armadores obtêm lucros consideraveis, graças sobretudo aos navios que lhes foram vendidos pela Comissão Marítima dos Estados Unidos, depois de ter o Governo grego garantido as respectivas hipotecas. Os lucros anuais de cada um desses navios oscilam entre 200.000 e 250.000 dólares, dos quais o Governo percebe apenas 8.000, sob a forma de impostos. Os técnicos estrangeiros têm encarecido a necessidade de serem tais impostos elevados a cerca de 30.000 dólares. Entretanto a força política dos armadores tem paralisado qualquer ação efetiva nesse sentido.

Apesar das oito mudanças de governo ocorridas na Grécia, depois da libertação, o atual Vice-Primeiro Ministro e Ministro do Exterior, Tsaldaris, e as suas cohortes Populistas (extrema Direita), continuam a representar uma força consideravel. Há, entretanto, reservas democráticas no país que ainda não foram totalmente subjugadas. Damaskinos, o Arcebispo da Grécia, é um homem de sólida e desinteressada visão política. Sophoulis, chefe do Partido Liberal, goza de grande reputação no país pela sua alta moralidade.*

Varvaressos, representante da Grécia no Banco Internacional, é um homem eminente e capaz; e mostram-se promissores alguns dos políticos mais jovens, como Kanellopoulos e o jovem Venizelos.

Dentre as forças realmente democráticas do país, destaca-se, pela sua vitalidade crescente, o movimento cooperativo agrícola. O movimento estudantil é tambem vigoroso e o sindical poderá transformar-se num baluarte da democracia se conseguir libertar-se não só dos comunistas como dos agentes governamentais.

Os Estados Unidos estão a braços com uma situação sem precedentes na sua história. A fórmula britânica de enfrentar a situação foi sempre a da colaboração com as classes dominantes do país—comprando-lhes o apoio com a garantia que lhes dava de continuarem, no poder, a exploração das massas. Isto não só repugna às tradições americanas como seria contraproducente nas atuais circunstâncias. Nenhum outro sistema atiraria os gregos, mais depressa do que este, nos braços da Rússia.

Os russos continuam rondando pacien-

*Em setembro, Sophoulis tornou-se chefe de uma coligação governamental integrada por 11 Liberais e 14 Populistas. Seu programa incluia uma anistia de 30 dias e o reexame dos casos de todos os presos políticos.

temente, certos de que a incompetência e a reação dos gregos, combinada com a inexperiência e a credulidade dos americanos, terminarão por frustrar todos os esforços da Missão. A ineficiência, a hesitação e a velhacaria, a seu ver, neutralizarão de tal modo a ação dos norte-americanos que estes, desgostosos, se tornarão indiferentes e acabarão por abandonar a empresa. Quem surgirá então no cenário?

Uma derrota dos Estados Unidos na Grécia representará um colapso moral e estratégico no seu atual papel de plexo solar internacional. Mas se, pelo contrário, puderem deixar o país restabelecido política e economicamente, os Estados Unidos terão levado, com essa realização, nova fé e novas esperanças aos povos que amam a liberdade, em todos os recantos do mundo.

Cada doido com sua mania

No CONSULTÓRIO de certo psiquiatra famoso, a secretária lhe anuncia:

—Doutor, há uma senhora na sala de espera que precisa falar urgentemente com o senhor.

—Tem hora marcada?

—Não, senhor, mas daquí a pouco todos os outros clientes vão embora, se a gente não se livrar daquele avestruz.

—Avestruz?

—É, sim, doutor. A tal senhora trouxe um avestruz, e os outros estão com muito medo...

—Deus do céu, faça-a entrar logo!

Daí a pouco a secretária lhe trouxe uma loura, exageradamente bem vestida, e acompanhada, realmente, por um avestruz.

—Queira sentar-se, minha senhora. Que é que a incomoda?

—Nada, doutor, eu estou perfeitamente sã. O doente é meu marido. Está convencido de que é avestruz...

—Colaboração de Hugh MacNair Kahler

Pode ser que volte...

CERTO juiz de paz de uma pequena cidade do interior se caracterizava pelo laconismo. Um dia bateu-lhe à porta uma vendedora de certo produto, perguntando-lhe se sua esposa estava em casa.

—Não está, não, respondeu o juiz.

—O senhor se incomoda se eu ficar esperando? indagou a visitante.

—Não, pode esperar. Sente-se aí.

Após uma hora de espera, a vendedora perguntou:

—Onde está sua senhora?

—Foi para o cemitério.

—O senhor acha que ela vai demorar muito?

—Francamente, não sei, retrucou o juiz lentamente. —Só sei que ela já está lá há onze anos...

—Ralph E. Shannon, em *The Rotarian*

Um novo regime alimentar para o período de gravidez

Como deve alimentar-se a gestante

(*Condensado de «Ladies' Home Journal»*)

Por Bruce Bliven

DOS LABORATÓRIOS científicos têm saído ultimamente notícias da mais alta importância para as gestantes. Descobriu-se que, normalmente, as futuras mães seguem um regime alimentar deficiente durante o período da gravidez, sendo as seguintes as falhas principais: excesso de hidratos de carbono e carência de proteínas; insuficiência de certas vitaminas, principalmente A e C e certos componentes do complexo B; excesso de líquidos.

A gestação exige um gasto excessivo das reservas naturais de vitaminas, cálcio, fósforo, ferro e outros minerais. E pelo simples expediente de facultar à futura mãe um regime especial, com um insignificante acréscimo nas despesas, poderíamos anualmente conseguir o seguinte:

Salvar a vida de milhares de bebês prematuros, de grande parte dos que morrem pouco depois do nascimento, e de muitos natimortos.

Reduzir de forma apreciavel o número de mortes no período de gravidez ou durante o trabalho do parto.

Evitar uma grande percentagem das centenas de milhares de casos de aborto espontâneo.

Socorrer milhares de crianças que nascem apresentando sintomas de deficiência física, e defeitos orgânicos responsaveis por toda uma vida de infelicidade e sofrimento.

As experiências que forneceram esses dados foram levadas a efeito por diversas autoridades, como o dr. J. H. Ebbs, da Universidade de Toronto, no Canadá; um grupo de médicos da Escola de Saude Pública de Harvard; e o dr. Winslow Tompkins e seus assistentes no Pennsylvania Hospital, e tiveram início há doze anos. Entre os pacientes se encontravam diversas gestantes que apresentavam fadiga, náuseas, alta na pressão arterial, edema dos pés e tornozelos, excesso de peso, nervosismo e mau funcionamento dos rins—todos os sintomas da toxemia.

Suspeitando que um regime alimentar inadequado era a causa desses distúrbios, os médicos prescreveram dietas especiais. Os resultados foram tão extraordinários que se iniciou imediatamente um estudo científico do assunto.

Até o presente, foram comparados os relatórios a respeito de 593 gestantes que receberam conselhos dietéticos com os de 775 que não os receberam. No segundo grupo verificou-se o seguinte:

Crianças nascidas mortas—mais 38% do que no primeiro grupo.

Crianças mortas nas primeiras semanas de vida—mais 15%.

Nascimentos prematuros—mais 70%.

Alem disso houve nesse grupo um número muito mais elevado de casos de toxemia.

Em estudos realizados pela Escola de Saude Pública de Harvard, observou-se que quatro quintos das crianças nascidas com saude precária tinham mães cujos regimes alimentares eram evidentemente deficientes. Verificou-se que, com uma só exceção, em 216 casos, a mãe de toda criatura que nasceu morta ou prematuramente ou que morreu pouco após o nascimento, não havia tido a alimentação apropriada durante a gravidez. E experiências realizadas em laboratórios com animais têm demonstrado de maneira decisiva que regimes alimentares inadequados são responsaveis por pés tortos, lábios leporinos, deformidades ósseas e muitos casos de cegueira de nascença.

Há quinze anos passados, os médicos costumavam dizer às gestantes: «Coma muito pouca carne, e beba a maior quantidade possivel de sucos de fruta e água.» Mas hoje sabemos que as proteinas são de enorme importância. E tambem descobrimos que líquidos em quantidade excessiva concorrem para os edemas.

Damos a seguir a dieta diaria mínima para a gestante, adotada pelo Pennsylvania Hospital:

Um prato de frutas frescas.

Um copo de suco de fruta.

Duas xícaras de vegetais cozidos.

Uma xícara de salada de vegetais de folha e outros vegetais de côr forte, com qualquer molho de salada que se desejar.

Três quadradinhos de manteiga, ou duas colheres-de-sopa de azeite, mas não as duas coisas.

Dois pratos de cereal de grão inteiro, quente ou frio.

Pelo menos um ovo.

Cento e setenta gramas de carne sem gordura, peixe ou ave. Recomendam-se tambem fígado e outras vísceras menores.

Três fatias somente de pão integral, (*nunca* pão branco).

Três copos de leite.

Gelatina de fruta, pudim de creme e frutas.

Deve-se restringir o consumo de batatas, macarrão, arroz, milho, favas e feijão. A gestante não deve ingerir diariamente mais que uma e meia colheres de qualquer um desses alimentos. À gestante recomenda-se que não coma doces, sorvetes, nozes e bombons, porque tiram o apetite para os alimentos protetores mencionados acima, e provocam um aumento prejudicial de peso. Não deve tomar mais de oito copos de quaisquer líquidos por dia. Deve tambem evitar comidas salgadas.

Os médicos do Pennsylvania Hospital, especializados no assunto, consideram uma medicação contendo vitamina A, tiamina, riboflavina, niacina, acido ascórbico e, provavelmente, uma pequena quantidade de vitamina D, essencial para a maioria das gestantes. A dose deve ser indicada pelo médico.

Aconselha-se às gestantes que comam seis pequenas refeições por dia em vez de três refeições grandes, pois a comida parece ser melhor digerida quando o estômago não está sobrecarregado. Com esta dieta, sofrem muito pouco de enjôo, mesmo durante os primeiros meses, e quase não sentem fadiga, náuseas e outros pequenos incômodos.

Com um regime alimentar inferior ao mencionado acima, nenhuma mulher grávida pode considerar-se livre de perigo. Aquelas que estão em condições de fazê-lo podem aumentar a quantidade de proteinas: dois ou três ovos em vez de um, e mais 25% de carne. Quarenta gramas de queijo (exceto queijo creme) constituem um complemento desejavel.

Um dos resultados mais extraordinários das experiências realizadas no Pennsylvania Hospital foi a redução do número de bebês que, ao nascer, são demasiado grandes ou demasiado pequenos. Uma criança gorda é frequentemente a causa de um parto dificil. Uma dieta adequada, portanto, significa um parto mais facil, uma volta mais rápida ao vigor normal, e uma criança dotada decididamente dos melhores requisitos para enfrentar o mundo.

Piadas

ADVOGADO, lendo o testamento de um constituinte perante um grupo de parentes ansiosos: «E assim, em pleno uso de minhas faculdades mentais, gastei e gozei o meu último tostão».

—Bill King, em *This Week Magazine*

DUAS moças, diante da vitrine de uma joalheria: «Acho que ele me ama, mas o diabo é que ele não me dá uma prova que eu possa pôr no dedo».

—Fred Balk, em *Collier's*

VENDEDORA, a uma freguesa mal encarada, diante do espelho: «Mas tambem a senhora não ajuda nada o chapéu.»

—Hank Ketcham, em *The Saturday Evening Post*

GAROTA desfrutavel: «Imagino que farei como tantas outras—esperar pelo meu príncipe... desencantado».

—Bill King, em *Liberty*

SENHORA, numa agência de detectives: «Pois quero que meu marido e a tal mulher sejam seguidos, dia e noite, e desejo um relatório completo sobre o que ela vê nele».

—Salo, em *True*

NUMA reunião de magnatas do cinema, em Hollywood: «A propaganda é dramática, emocionante e espetacular e o filme, em si, não é mau.»

—Michael Beery, em *Collier's*

HOMEM, tentando ler o jornal, para a esposa tagarela: «Você deve estar cansada, querida. Porque não cala a boca?»

—Reamer Keller, em *This Week Magazine*

A alegria contagiosa de Salvatore Cascavilla

(Condensado de «Pageant»)
Por Frederic Sondern, Jr.

TODAS as manhãs às 7 e 32 em ponto, Salvatore Cascavilla põe em marcha o seu pesado ônibus verde e amarelo, iniciando a habitual carreira matutina através de Nova York—reconhecidamente a mais impessoal das cidades norte-americanas. Durante a hora que segue, este chofer de pequena estatura, meia-idade e cabelo grisalho, é de uma irresistivel cordialidade para com as centenas de passageiros irritados que se utilizam do seu ônibus afim de chegar à oficina, à loja ou ao escritório.

Quase todas as pessoas que entram no ônibus, por muito azedas que comecem o dia, ao sair do veículo levam a impressão de que alguem lhes injetou no espírito um grão de otimismo e bom humor.

Salvatore acredita nas virtudes das pequenas atenções pessoais. Certa manhã, viajando no seu ônibus, vi um sujeito subir nervosamente no estribo, e perguntar se o carro chegaria à estação da Pensilvânia a tempo de ele apanhar determinado trem. Salvatore retorquiu: «Por favor, amigo, não se afobe! Chegamos à estação seis minutos antes da hora do seu trem; mas, para o senhor não ter que correr, eu vou acelerar um pouco. Agora, sente-se e respire à vontade.» Decorrido algum tempo, o tal passageiro remetia-lhe uma gratificação em um cheque, emitido simplesmente a favor de «o mais cortês dos choferes de ônibus de Nova York». Escusado será dizer que o banco descontou o cheque sem opor dificuldade alguma.

A primeira parte do percurso matinal de Salvatore atravessa o imenso bairro negro do Harlem, onde as suas maneiras afaveis lhe conquistaram uma popularidade entusiástica.

A cada parada Salvatore puxa a alavanca da porta automática, e diz com um sorriso rasgado: «Bom dia, as senhoras primeiro, por favor. Como vai o senhor? Quer um passe de transferência? Com muito prazer. Bem, vamos embora. Tenho que levar esta gente a horas para o trabalho.»

A certa esquina o ônibus para. Vejo uma negra idosa e gorda que vem correndo pela rua transversal, para pegar o carro. Salvatore agita um dedo severo na direção dela: «Então a senhora não sabe que não precisa correr pra pegar meu ônibus? Isso dá-lhe cabo do coração. Eu vejo a senhora vir. E posso esperar!»

O ônibus roda, cruzando o Harlem, recolhendo e largando passageiros sem cessar. E à sua passagem, lojistas, policiais, choferes de taxi e crianças fazem-lhe acenos amigaveis e familiares. Um venerando sacerdote negro me disse um dia: «Salvatore, nestes últimos nove anos, tem prestado grandes serviços à gente de côr que vive no caminho que ele percorre. Ninguem seria capaz de fazer um sermão melhor do que o que ele prega todos os dias!»

As pessoas que viajam pela primeira vez no ônibus de Salvatore terão, sem dúvida, uma série de surpresas. Quando alguem puxa o cordão da campainha, ele invariavelmente exclama: «Obrigado!» Ao ouví-lo, um homem que ia sentado ao meu lado ficou atônito, sem poder acreditar. Logo tornou a pular de espanto, quando o chofer pronunciou a benção que tem por hábito dirigir aos passageiros que saem pela porta da retaguarda: «É pena que já tenha de ir. Que o dia lhe corra bem! Apareça! Até logo!»

Quando alguns passageiros saem pela porta dianteira (onde um letreiro diz: «Entrada somente») Salvatore não deixa de dizer com risonho reproche: «Deixem passar! Estão saindo pela porta da entrada, mas quem não sabe é como quem não vê... Abram caminho, deixem sair os pobrezinhos!»

Ao aproximar-se duma encruzilhada, os freios do ônibus rangeram de repente, e Salvatore bradou: «Aguenta pessoal, parada brusca!» Era um taxi que saía como um raio da rua lateral. Tentando antecipar-se à mudança da luz do tráfego, ficara atravessado quase em frente ao ônibus. O chofer do taxi prorrompeu na série habitual de insultos e invectivas. Salvatore olhou-o filosoficamente, e sem perder a calma, respondeu: «Obrigado por ter parado tão depressa, filho. Você podia ter causado muito estrago!»

Salvatore tem por costume fazer em voz alta, para gáudio dos seus passageiros, todos os comentários que lhe acodem à cabeça no curso duma viagem. Muitas vezes vai-se referindo aos lugares de interesse por onde o ônibus passa no seu percurso: «Rua Cento e Dezesseis, a seguir! Delegacia Policial logo ao voltar da esquina... Acho que ninguem quer ir lá! Mau lugar para passar a noite, rapaz. Café sem açucar pela manhã... Igreja de Santo Aloísio, à esquerda! Igreja bonita, bom padre... São agora exatamente 7 e 53, temperatura 12 graus, humidade relativa do ar 65 por cento, e hoje não vai chover!» E repete, a intervalos regulares, a hora certa e o seu boletim sobre o estado do tempo...

Assim, pouco a pouco, a atmosfera do ônibus se vai tornando a duma excursão de férias! Os passageiros, até há pouco estranhos uns aos outros, começam a entabular conversa.

Enquanto isso, Salvatore canta uma modinha da sua própria lavra: «Eu te amo, eu te amo,» diz a canção. «Não faço mais nada, não faço outra coisa senão pensar em você! Trá-lá-lá, lá-rá...» Diz ele que canta porque isso faz com que todos os seus passageiros se sintam mais bem dispostos: «Parece que isso os põe à vontade, e começam tambem a cantarolar e assobiar. Isso faz-lhes bem!» Sempre que o ônibus é forçado a parar pela luz vermelha do tráfego, Salvatore olha em torno de si, na esperança de falar com alguem. Durante uma das minhas viagens, ele atirou saudações, bem uma dúzia de vezes, a gente que passava ao nosso lado em automoveis. «Não os conheço,» explicou aos passageiros. «Mas levam cara de quem precisa que lhes dêem ânimo, coitados. Afinal de contas, é manhã cedo...»

Uma coisa há, porem, em que Salvatore sabe ser severo: é na questão das boas maneiras. Em dada altura, um coxo de

muletas içou-se laboriosamente para dentro do carro, que estava atulhado de passageiros; num assento, logo à entrada, estava instalado um jovem. Salvatore olhou na direção dele e disse ao aleijado: «Esse cavalheiro aí, tenho certeza, vai ceder-lhe o lugar.» O moço limitou-se a descruzar e tornar a cruzar os pés. Salvatore voltou a olhá-lo com os olhos frios fuzilando através dos óculos, e, sem demora, o «cavalheiro» se pôs em pé e esgueirou-se para os fundos do ônibus.

«Nunca tenho dificuldade,» disse-me Salvatore à laia de confidência. «Tudo que eu faço é pedir com bons modos. *Por favor* e *obrigado* são palavras que podem ir muito longe!» Se alguem procura abrir caminho aos empurrões e encontrões, Salvatore lança um dos seus olhares frios sobre o culpado, e deita o seu sermão de praxe sobre os males da pressa: «Quem tem pressa aquí sou só eu. Pra isso é que eu estou aquí! Não adianta afobar-se. A pressa mata o gosto de viver. Não é por se afobarem que chegarão lá mais cedo. A pressa só serve para irritar a todos.»

A filosofia de Salvatore é de grande alcance para o seu público. Um médico meu conhecido, que trabalha como um mouro, disse-me o outro dia que uma viagem de um quarto de hora no ônibus de Salvatore tem para ele o efeito de um tônico matinal: «A primeira vez que entrei no ônibus de Salvatore, fiquei intrigado com o que vi à minha volta: Todo mundo sorrindo! Logo descobrí por quê. Salvatore me disse que a manhã estava *linda*, trocou-me uma nota de dolar com um sorriso, e declarou que eu vinha com bela aparência. Daí a pouco eu estava sorrindo tambem. E quando cheguei no consultório, sentí-me com muito melhor disposição para tratar com a minha enfermeira e os meus doentes. Este Salvatore é um autêntico feiticeiro!»

Sentados à mesa dum café, findo o percurso daquele dia, eu disse a Salvatore, por entre o vapor que subia de nossas xícaras: «Não há dúvida que o senhor semeia uma porção de bom-humor pelo caminho, desde a rua 155 até este ponto final!» Ele me olhou com gravidade: «Bem, para mim é uma espécie de esporte, isto de dar um pouco de ânimo às pessoas. Tiro mais prazer disto, acho eu, do que de qualquer outra coisa.»

A companhia de ônibus está bem a par da reputação crescente do seu chofer. Muitos passageiros agradecidos lhe têm escrito cartas entusiásticas a respeito. Salvatore já tem falado no rádio, e os jornais de Nova York apontam-no frequentemente como um exemplo a seguir por todos os empregados e funcionários que estão em contacto diário com o público. Já lhe ofereceram por diversas vezes empregos superiores, como inspetor de ônibus. Mas Salvatore não quer nem que lhe falem em mudar de emprego: tudo que ele quer é o seu «ônibus». «O trabalho é duro,» diz ele, «e o salário não é grande coisa, mas o meu dia passa voando. Todos nós temos apoquentações de sobra, mas devíamos deixá-las em casa, em vez de trazê-las pra rua,» afirma. Durante muitos anos, a apoquentação maior de Salvatore foi a esposa (que ele adora) entrevada numa cama, e que só há pouco a medicina conseguiu curar. Mas, com exceção de alguns amigos íntimos, ninguem lhe ouviu nunca uma palavra a tal respeito.

Uma jovem que transita regularmente no ônibus de Salvatore, fascinada pela infalivel cordialidade e a inabalavel calma do chofer, disse-lhe um dia: «Salvatore, você que anda sempre tão alegre, deve ter um milhão de dólares escondido em algum lugar, não?» A cara dele rasgou-se num sorriso: «Tenho nada!» respondeu, «29 centavos, para dizer-lhe a verdade.»

Comentários sobre a cena americana

COMO ANDA ESTE MUNDO . . .

(*Excertos de um artigo publicado em «Esquire»*)

Por Paul Gallico

A LIÇÃO mais edificante que eu, na qualidade de professor, tirei dum curso sobre a arte de escrever contos que regí durante a primavera passada na Universidade de Colúmbia, foi a demonstração cabal, por parte da geração jovem, duma consternadora carência dos mais elementares princípios de ética e de probidade moral. Não quero dizer com isto que esses «aspirantes» a escritor mentissem, roubassem, enganassem ou se conduzissem mal, mas apenas que, santo Deus, consentiam que os seus personagens o fizessem, aparentemente com a plena aprovação dos autores! Achei-me várias vezes, eu que não sou moralista, na estranha situação de ter que criticar a sinistra amoralidade dos escritores, em vez de analisar as suas deficiências técnicas de contistas — que era, afinal, o meu verdadeiro papel.

A nova geração parece não conhecer a diferença entre o bem e o mal, entre o direito e o torto!

Pode o leitor, no carater de apreciador das obras de ficção, objetar que eu nada tinha com a conduta dos personagens fictícios dos meus estudantes, uma vez que as histórias fossem bem escritas e compostas. Mas nem por isso é menos verdade que as considerações de ordem ética entram necessariamente no ensino ou na crítica das artes literárias. Quando um jovem escritor se atira conscientemente a retratar um canalha, um escroque ou um embusteiro, na honesta intenção de fazer da sua obra um espelho da vida, eu sou sempre o primeiro a dizer: «Mãos à obra, meu rapaz! Neste mundo há gente de toda a espécie, e todos estão aí à espera que escrevamos a seu respeito.»

Mas quando eles me aparecem com uma história dum indivíduo sórdido, ou duma mulher libertina, e mostram claramente ignorar a indignidade de seus personagens, tratando-os, como legítimos heróis ou heroinas, então é hora em que me sinto chamado a intervir e a perguntar-lhe: «Diga-me uma coisa, foi assim que seus pais o educaram?» E terão de perdoar-me se, depois de consagrar algum tempo à apreciação das fraquezas literárias do conto, eu reservo um momento para ponderar outro problema não menos importante, a saber—que espécie de família esse jovem escritor se prepara para constituir nos anos futuros.

Eu sou o primeiro a fazer barulho, quando certas pessoas de humor azedo levantam dedos acusadores contra a gente moça que goza a sua hora de farra. Mas sinto-me, do mesmo modo, inclinado a

crer que, quando uma sociedade descarta todos os princípios éticos e se mostra impotente para distinguir entre o certo e o errado, a honra e a falsidade, a lealdade e a deslealdade, a decência e a indecência—essa sociedade está a caminho da catástrofe! A menos que assistamos em breve a um renascimento ético e espiritual do bem, da dignidade e da grandeza que residem na alma do homem, não tardaremos a regressar ao lodo original de onde sairam nossos primeiros ancestrais. E então, poderemos dizer que a bomba atômica chegou no momento preciso.

Alguma coisa deve estar errada em Hollywood

Fui assistir o outro dia à apresentação prévia dum celulóide inglês, que me pareceu extremamente encantador, e ao mesmo tempo uma diversão da mais alta qualidade para gente adulta. E, alí sentado a apreciar o filme, eu tive a súbita compreensão dos motivos por que os ingleses estão fazendo melhores filmes do que produzimos em Hollywood, e assim continuará sendo até o dia em que os nossos amigos da Califórnia compreendam o fenômeno. Vendo aquela fita, eu assistia ao desenrolar da fantasia dum escritor, tal como ela se processara originalmente no seu espírito; e o artista a pusera no celulóide graças à sábia orientação com que os ingleses tratam os seus filmes—isto é, uma íntima e constante colaboração entre o escritor e o diretor, deixando-se o produtor entregue ao papel que de verdade lhe cabe: o de pagar as contas e discutir os mil problemas da montagem com os eletricistas, os guarda-roupas e aderecistas. Em Hollywood, ao contrário, toda a gente quer meter o bedelho na ação do filme—e infelizmente o consegue!

Se os métodos de trabalho de Hollywood fossem, por desgraça nossa, aplicados à indústria do livro, o resultado seria aproximadamente o que eu passo a descrever. O novelista seria chamado ao «santuário» do editor, onde ouviria um discurso mais ou menos assim:

«Meu caro, lemos o seu romance, e resolvemos publicá-lo. A idéia é magnífica! É um grande romance, maravilhosamente escrito, e vai causar sensação. No entanto, minha senhora acha que o herói devia ser arquiteto, em vez de rapaz de fazenda lá de Oswego. O senhor sabe que minha mulher nunca foi muito com o campo! E, outra coisa: Tambem queremos um episódio sensacional, passado num cassino da moda, porque minha filha pensa que isso há de interessar muito à gente moça. Mas não se amole, meu amigo, temos aquí no escritório um série de escritores que são estupendos para coisas desse gênero. Vou pôr meia dúzia deles a trabalhar na sua história para lhe dar *glamor*, depois de sabermos o que é que o departamento técnico resolveu sobre a extensão do livro, em vista das exigências de tipo e papel. Feito isto, entregamos o livro a um rapaz no departamento de redação. Apesar de não ter nada de escritor, ele sabe muito bem o que é que a massa dos leitores quer. Ele se encarregará de suprimir do livro tudo o que, no entender dele, os leitores não querem. Outra coisa de que me ia esquecendo: as histórias sobre psiquiatria estão muito em voga. Vamos fazer do seu romance um caso psiquiátrico, só com a diferença que o enredo vai passar-se no século XVII e em Trípoli, porque meu primo diz que a indumentária histórica está novamente na moda».

Isto é apenas um pequeno exagero das condições em que são produzidos quase todos os filmes em Hollywood, e do espírito com que são impingidos ao público—que os compra porque é tão pouco o que, de melhor, se encontra à venda...

A seção mais interessante desta grande loja de departamentos nova-iorquina, é a que fica atrás dos bastidores

«Isso não se pode vender!»

(Condensado de «Advertising & Selling»)

Roger William Riis

MAS NÓS podemos vender milhares de frascos deste artigo! protestou enfurecido um dos agentes de compras da gigantesca loja. —É o melhor depilatório que apareceu até hoje! Ia ser um negócio formidavel na seção de drogaria!

O cavalheiro sentado à secretária sorriu:

—Concordo que seria uma corrida—mas de *ida-e-volta!* contradisse ele com modo brando. —Com efeito, este preparado depila, mas contem acetato de tálio em quantidade suficiente para causar sérios danos, e até a morte.

E deitando mão dum carimbo de borracha, estampou firmemente os seguintes dizeres na análise de laboratório que tinha à sua frente: «Mercadoria Reprovada.»

O homem do carimbo era o sr. Ephraim Freedman, chefe do *Bureau of Standards* da grande firma R. H. Macy's—a conhecida loja de departamentos de Nova York. Esse Bureau é na realidade a seção mais importante desse grandioso estabelecimento. A ele compete pronunciar-se em última instância sobre o que Macy's pode ou não pode vender, e em que termos o artigo pode ser anunciado. Outras grandes lojas americanas—tais como Marshall Field, de Chicago, Hearn's, de Nova York, e tambem importantes cadeias de lojas e empresas de vendas pelo correio—procedem a ensaios e experiências com as mercadorias do seu negócio, em laboratórios próprios; muitas outras grandes casas recorrem a laboratórios independentes, especializados nesse gênero de análises. No entanto Macy's realiza ensaios de mercadorias em escala muitíssimo superior à de qualquer outro estabelecimento congênere.

A melhor maneira de definir esse Bureau seria dizer que ele é a «consciência da empresa». Mas ele é, ao mesmo tempo, um laboratório pericial a serviço dos próprios consumidores, e até do prestígio dos fabricantes. Veja-se por exemplo o caso do depilatório: embora Macy's se tivesse recusado a vendê-lo, outros grandes estabelecimentos o puseram a venda, com o desastroso resultado de que a companhia que o manufaturava faliu dentro em pouco, sob o peso de dois milhões e meio de dólares de demandas por perdas e danos, instauradas nos tribunais pelas vítimas que a droga envenenara.

Nos vinte anos que conta de existência, este Bureau já procedeu a uns quatro milhões de análises e provas. O vasto laboratório de Ephraim Freedman, com os seus trinta técnicos especializados, constitui verdadeira «galeria de prodígios», onde o visitante privilegiado assiste com

assombro a toda sorte de experiências a que os peritos sujeitam as mercadorias. Artigos de toda a ordem são alí friccionados, sacudidos, ondulados, retorcidos, martelados, esticados—ou metidos em banhos corrosivos, ou sujeitos à ação da luz solar artificial.

Os visitantes ficam boquiabertos diante dos aparelhos de ensaio, muitos deles inventados no próprio Bureau para as provas especiais a realizar. Entre outros, vê-se alí a «guilhotina» de bolas de golfe que simula os efeitos das pancadas dadas de raspão ou em cheio numa bola, o «forno de transpiração», máquinas que desgastam sapatos rapidamente, ou que fazem rodar bicicletas sem descanso, e outras ainda que verificam quantas vezes se pode dobrar e vincar papel ou couro, sem que eles se rompam.

As relações entre o *Bureau of Standards* e os diferentes departamentos de Macy's constituem o que poderia chamar-se uma variante comercial da luta entre Davi e Golias: desempenha aquí o papel de Davi o ex-farmacêutico Ephraim Freedman, cavalheiro de óculos e de fala macia, cuja tarefa (e paixão) é verificar, ensaiar, e restringir; Golias é o corpo de 116 agentes de compra da loja, cuja tarefa (e paixão) é prover os seus respectivos departamentos duma fabulosa diversidade de artigos, cerca de 400.000, de modo a poderem orgulhar-se de mostrar à gerência um volume de vendas sempre crescente.

Nos primeiros tempos do Bureau, os agentes de compra da empresa não se deixavam submeter sem relutância aos ditames de um pequeno cientista, com o seu tubo de ensaio em punho. Freedman ainda recorda: «Os empregados a cargo do abastecimento de artigos para venda empalideciam, ao lerem etiquetas deste gênero, apostas por nós nos artigos—*Estas meias de última moda não foram reforçadas no calcanhar, e por isso não podemos garantir a sua duração.* Mas a maioria deles acabaram compreendendo que uma prática desta ordem é na realidade, em última análise, uma boa política de vendas.»

Um dia, quando o Bureau rejeitou um novo creme para polir talheres, o agente de compras que descobrira o artigo entrou como uma bala no escritório de Freedman, e disse-lhe à queima-roupa: «Desta vez você deve estar louco varrido! Todas as outras lojas de Nova York vão pôr este creme à venda. Que é que você está fazendo? Tratando intencionalmente de nos fazer perder dinheiro?»

Freedman ergueu o seu clássico tubo de ensaio até o nariz do exaltado, e disse: «Não podemos vender isto. Está cheio de cianeto! Não queremos que os nossos clientes comam com talheres que foram polidos com veneno!»

Ainda o comprador não se restabelecera do seu ataque de fúria, quando duas dezenas de pessoas, que tinham tomado parte num banquete, foram parar ao hospital por haverem comido com talheres em que se encontraram vestígios de cianeto. Foi então que a cidade de Nova York decretou uma postura, proibindo o uso do cianeto na limpeza de objetos de mesa.

Graças ao seu Bureau de análises e ensaios, foi Macy's a primeira das grandes lojas americanas que aboliu a venda de brinquedos pintados com tintas de chumbo. Havia longos anos que os fabricantes destes objetos os vinham pintando com pigmentos à base de chumbo—e longos anos havia que as crianças, com o seu hábito incorrigivel de pôr na boca tudo que lhes cai nas mãos, vinham sofrendo ataques de cólicas. Quando Freedman proibiu a venda de tais brinquedos, houve um fabricante dos mesmos que ficou furioso, e o deu a perceber—até o dia em que seu próprio filho teve de ser hospitalizado por chuchar seus brinquedos.

A precisão com que Freedman faz uso das palavras nos seus rótulos e relatórios, é de ordem, por vezes, a enfurecer almas menos cautelosas. Por exemplo, um agente de compras, indignado, brandia no ar um retalho de pano para sobretudo, protestando:

—Mas isto aquí é pelo de camelo! O senhor mesmo o acaba de dizer!

—Isto aquí é *lã* de pelo de camelo, redarguiu Freedman. —É uma coisa tão distinta do pelo de camelo, como uma camisola de lã o é duma pele de carneiro! Venda, mas venda com uma etiqueta que diga a verdade.

A um fabricante, o chefe do Bureau declarou certa vez: «O senhor encontrou um excelente saco de matéria plástica contra a traça, não há dúvida, mas que sofre dum lamentavel defeito: desintegra-se na presença da cânfora.»

Várias vezes se tem dado o caso de as rejeições do Bureau redundarem no melhoramento dos produtos de certos fabricantes. A um agente de compras que protestava contra a rejeição dum novo aspirador de pó, Ephraim respondeu: «Este aparelho tem cinco defeitos. Aquí está a lista deles. Se o fabricante quiser corrigí-los, introduzindo as necessárias alterações, contará com a nossa aprovação.»

O fabricante apreciou a sugestão, e fez as alterações. À semelhança deste, cresce de dia para dia o número dos industriais que se mostram desejosos de satisfazer as especificações do Bureau, porque o acatamento destas representa grandes encomendas, melhores produtos, e o prestígio inerente à cobiçada aprovação do *Bureau of Standards* de Macy's.

Muitos industriais, especialmente no ramo de matérias plásticas, que se encontra em via de rápida expansão, trazem seus produtos ainda não ensaiados ao Bureau, para que este os experimente antes das respectivas empresas se lançarem nos tremendos gastos da produção em massa. Um fabricante de produtos químicos, por exemplo, pode ter criado um novo material cujas aplicações lhe são desconhecidas; remete-o ao Bureau, acompanhado da pergunta: «Para que serve isto?» O Bureau o distribui entre os compradores de Macy's que apresentam sugestões baseadas nos seus conhecimentos e experiência dos respectivos setores de negócio.

Todos os anúncios, antes de publicados, são submetidos palavra por palavra à apreciação do Bureau, que sempre encontra alterações a fazer. Por exemplo, o departamento de publicidade redige um texto onde se fala de peles que «conservam o óleo natural». Freedman intervem: «Fora! As peles são boas, mas é sabido que o óleo natural sai todo durante o curtimento.»

A publicidade afirma: «Este tecido é à prova de traça.» Freedman sustenta o contrário. «Mas o fabricante assim o diz!» protesta o agente de compras. Freedman resolve a questão nestes termos: «Sim, mas as nossas traças não estão de acordo!»

Que é que significa para o grande público uma frase como «ouro de 14 quilates»? Nada, ou quase nada, afirma Freedman, a não ser quando o anúncio diz tambem a quantidade de ouro contida no artigo. Aquí, a palavra «quilate» refere-se à percentagem de ouro fino, ou puro, da liga empregado no artigo, mas não à *quantidade* de ouro que este contem. O ouro dum anel pode ser de 14 quilates, mas o anel pode conter muito pouco ouro.

Graças à influência moderadora do Bureau, a linguagem das etiquetas que acompanham os artigos postos a venda no Ma-

cy's é tão restritiva, e por vezes até tão crítica da mercadoria, que é caso para deixar a gente assombrada.

«Estes lençóis e fronhas são de algodão de boa qualidade.»

«Este artigo não é garantido contra o desbote.»

«O tecido deste artigo é recomendado pelo seu alto estilo, mas não pela sua durabilidade.»

O rótulo de um antisséptico de marca exclusiva da própria loja reza assim: «Reduz o perigo de infecção»—em contraste chocante com as pretensões habituais dos vendedores de antissépticos, que afirmam coisas deste jaez: «Mata os germes!» ou «Cura a caspa!» e assim por diante.

Esta maneira de redigir rótulos e etiquetas para uso do consumidor, vai contra todas as regras aceitas pelo mundo da publicidade. A toda e qualquer acusação de que forçam as vendas com reclames sensacionais, ofensivos do bom-senso, os cavalheiros da publicidade respondem com calor: «Mas esta é a única maneira de vender em quantidade!»

As vendas anuais de Macy's, que andam por 160 milhões de dólares, indicam porem que o público consumidor, quando se trata de anúncios, prefere a exatidão ao romance.

Um ensinamento das minas de carvão

Do depoimento de John L. Lewis ante o Sub-Comitê de Proteção aos Mineiros, da Câmara dos Deputados.

Há muitos anos, a Federação Britânica de Mineiros opôs-se, oficialmente, à introdução de máquinas nas minas de carvão. Invocava dois argumentos: aumento de risco (o que não correspondia propriamente à realidade) e agravamento do problema do desemprego. Os proprietários de minas acolheram, com o maior agrado, este ponto de vista. Preferiam continuar, tranquilamente, com os seus lucros habituais a se aventurarem em melhoramentos.

A União dos Mineiros dos Estados Unidos, assumiu, nessa mesma época, uma posição contrária. Proclamou que o único meio de elevar o nível de vida no país em geral, e na indústria de carvão em particular, seria aumentar a capacidade produtiva e reduzir o custo da produção mediante a utilização de máquinas automáticas e semi-automáticas nas minas. A União procurou convencer os seus membros dessa necessidade, vencendo, assim, a oposição que se manifestou quando o «homem de ferro» foi utilizado pela primeira vez.

Como resultado, as minas inglesas tornaram-se obsoletas e anti-econômicas em todos os sentidos, devendo-se a esse fato a atual crise econômica que assoberba o país. Nos Estados Unidos, pelo contrário, a produção das minas aumentou a ponto de ser seis vezes superior à inglesa e o carvão é entregue aos consumidores pela terça parte do custo desse artigo na Grã-Bretanha. Entretanto, a indústria paga salários semanais três vezes e meia mais altos que os da Inglaterra.

—Frank C. Hanighen, em *Human Events*

Em muitas escolas, qualquer emergência súbita pode causar pânico e mortes

Lição de um rasto de sangue

(Condensado de «National Parent-Teacher»)

Por Paul W. Kearney

Em abril de 1947 ocorreu em Texas City uma explosão que vitimou mais pessoas que o terremoto de São Francisco, causando danos pouco inferiores aos daquele histórico desastre.

Nesse terrivel episódio, destaca-se um detalhe animador: um perfeito serviço de salvamento.

Cerca de 900 crianças, de seis a treze anos de idade, achavam-se na Escola Elementar de Danforth naquela manhã, quando o navio mercante explodiu junto ao cais. Fragmentos de vidraças espalharam-se por todas as salas de aula; quadros-negros desabaram; caiu o reboco de paredes e tetos; e a consequente nuvem de pó reduziu a visibilidade a quase zero.

Quase todas as crianças apresentaram ferimentos na pele. E as pessoas que mais tarde visitaram o local podiam ler o resto da história nas longas filas de pingos de sangue que manchavam os soalhos. No segundo andar os pingos se estendiam ao longo do corredor, descendo por um lanço de escada até o patamar. Aí faziam uma apertada curva e voltavam pelo mesmo corredor até a saida oposta do edifício.

As crianças do segundo andar haviam percorrido o corredor e as escadas em direção à saida costumeira. Quando chegaram ao primeiro patamar, os alunos que iam à frente perceberam que toda a parede lateral ruira sobre os degraus, barrando-lhes a passagem. Em três outras catástrofes em escolas nos Estados Unidos, obstruções análogas haviam custado a vida a mais de 300 crianças, mortas no atropelo do pânico. Nessa escola de Texas City, porem, não houve correria, e nenhuma sequer das crianças sofreu ferimento após aquele primeiro furacão de estilhaços de vidro.

A explicação é a seguinte: ao verificar que o caminho estava obstruido, o lider daquela turma ergueu ambos os braços num sinal já conhecido. Por força de muitos exercícios de salvamento, todos os meninos sabiam que esse gesto significava «voltem para trás e dirijam-se à saida secundária». E foi isso, justamente, que fizeram.

Contou-me, depois, o diretor: «Ficamos tão atordoados pelo primeiro choque, que ninguem foi capaz, depois, de contar a história coerentemente. Limitamo-nos a fazer aquilo que havíamos aprendido em frequentes exercícios.»

Numa das salas, a explosão derrubara toda uma parede. As crianças, entretanto, providencialmente reunidas em círculo de leitura, a um canto, escaparam incólumes. Rastejando sobre os escombros, foram tomar seus lugares na fila de salvamento.

Noutra sala, a maçaneta da porta fora arrancada pela força da explosão, e as paredes, deslocadas, prenderam a porta, de modo que não era possivel abrí-la. A professora mandou que os alunos empilhassem suas cadeiras em frente à porta, e, por essa escada improvisada, escaparam através da bandeira.

Esse êxodo apresenta um impressionante contraste com os casos de pânico

que trouxeram a morte a inúmeras pessoas em crises comparaveis a essa. Numa escola da Geórgia, por exemplo, duas crianças morreram e 38 ficaram feridas, ao tentar fugir, em pânico, pelas janelas de um segundo andar. Na Carolina do Sul, 77 faleceram no atropelo de uma tentativa de fuga por uma única escada. Em Oklahoma, 36 foram mortas numa escola de uma sala só, quando tentaram escapar pela única porta.

A Escola de Danforth, em Texas City, estava preparada, melhor do que a média das escolas, para emergências como aquela. Seu rasto de sangue mostra um caminho que outras escolas deveriam seguir.

O norte-americano

(Extraido do «Time»)

As estatísticas do famoso Instituto Gallup revelam o seguinte com relação ao tipo médio dos norte-americanos:

Esse indivíduo tem 1,75 m de altura e pesa 75 quilos. Sessenta por cento preferem as morenas (antes assim, pois das mulheres norte-americanas apenas 8 por cento são louras naturais), e acreditam—embora tenham pelo menos a metade da responsabilidade desse fato—que as mulheres são demasiado beijadas e acariciadas voluptuosamente antes do casamento. Quanto à mulher média nos Estados Unidos, é mais gorda do que gostaria de ser: mede 1,60 m de altura e pesa 65 quilos. Interessa-lhe mais ter um marido bem-humorado do que um marido fiel, embora preferisse que o companheiro fosse mais romântico. Julga que a família ideal consiste em pai, mãe e três filhos; e não quer saber de filhos senão dois anos após o casamento.

A maior parte das desavenças entre marido e mulher, nos Estados Unidos, são causadas por dinheiro, pelo ciume e pelos filhos, nessa ordem de importância. Setenta por cento dos adultos americanos acham boa idéia dar uma surra nos filhos de vez em quando. Menos de um terço das famílias norte-americanas rezam antes das refeições. De cada grupo de dez, sete preferem o cachorro ao gato, como animal doméstico. A grande maioria dos pais não deseja ver seus filhos metidos em política, acreditando que esta só pode levar à corrupção e à bandalheira...

De cada três adultos americanos, dois usam óculos. Em cada cinco, um sofre de surdez em maior ou menor grau. Dez por cento da população total do país se compõe de canhotos, e menos de 30% é capaz de lembrar-se do número da placa de seus automoveis. Um terço acha horrivel a obrigação de levantar-se pela manhã, mas só um quinto tem dificuldade em adormecer... O americano vai para a cama às 22 horas, levanta-se às 6.30 seis vezes por semana, fica de pé até às 23 horas aos sábados, e dorme até às 8 no domingo.

Sessenta por cento dos americanos adultos bebem e fumam. Dois terços colocam Abraão Lincoln acima de George Washington. Os cinco indivíduos, hoje vivos, que os americanos mais admiram são Douglas MacArthur, Dwight D. Eisenhower, Winston Churchill, o Presidente Truman e George Marshall, Ministro do Exterior. Noventa e seis por cento dos americanos crêem em Deus, e 76 por cento na imortalidade da alma. Só quatro por cento estão convencidos de que são infelizes; 57 por cento acham que são razoavelmente felizes; 38 por cento consideram-se muito felizes, e um por cento não sabe dizer...

A CHAMA DA EUROPA

Anne Morrow Lindbergh

Quem quer que faça hoje uma viagem à Europa tem, mesmo sem o querer, uma idéia preconcebida daquilo que vai encontrar. E, não obstante qualquer advertência prévia, sente-se chocado ao ver a distância existente entre a realidade e o quadro que imaginara. Fui à França, à Inglaterra, à Alemanha, aos paises em que vivera ou que visitara antes da guerra. Desejava ver indivíduos, não nações; detalhes, não generalidades. Agora, que acabo de voltar, depois de dois meses de viagem em aviões, trens, ônibus, trens subterrâneos; depois de frequentar casas de família, visitar mercados, conversar com donas de casa, operários de fábricas, agricultores, professores, estudantes, não posso deixar de perceber que é quase impossivel encarar a Europa em seus detalhes e considerar separadamente os indivíduos ou as nações. Quase toda a Europa está reduzida a um quadro frio e triste. A Europa está faminta—faminta de alimentos, de materiais e de esperança.

Depois dos seis anos da guerra mais destruidora de toda a história, depois do esgotamento e do caos de dois anos estagnados do após-guerra, depois de um inverno de frio incrivel e de um verão de secas impiedosas, com a força humana reduzida ao mínimo pela exhaustão, os rebanhos desfalcados e as colheitas diminutas, o pensamento de quase todos se concentra no que poderá ser a próxima refeição.

Na França o problema é o pão, o pão de cada dia. Tão negro e indigesto! E, alem de ruim, tão exíguo. Apenas 200 gramas por dia para um francês acostumado a fazer do pão o elemento essencial de todas as refeições.

Na Inglaterra, falava-se na carne. A ração foi mais uma vez reduzida: um xelim de carne por semana para cada pessoa. O povo tem fome, fome moderada mas ininterrupta. Cada um o expressa, porem, de modo diferente. Uma empregada doméstica diz: «Quando me sento, o estômago me parece subir: isso é o que se passa co-

migo.» Um intelectual explica: «Sabem, há como que uma ligeira opressão na garganta.» Não se queixam, isto é, não se queixam por si próprios. «O pior é quando somos forçados a dizer *não* às crianças que nos pedem mais.»

Na Alemanha, onde praticamente todas as cidades se encontram reduzidas a destroços, onde as indústrias estão paralisadas, onde a maior parte do trigo é ceifada por detrás de uma Cortina de Ferro, não se falava em escassez, mas em fome. Para conservar a vida aos filhos, as mães passam o dia curvadas sobre os canteiros de seus diminutos jardins. Fazem longas excursões, levando mochilas às costas, para pedir maçãs ou batatas, ou conseguí-las por meio de trocas. Durante o último outono, algumas pessoas chegaram a tal estado de desespero que à noite se dirigiam aos campos com tesouras e aparavam rebentos de trigo.

E agora estamos no inverno. «Não é tão mau estar com fome quando não se está com frio,» disse-me uma francesa, «e tambem não é tão mau sentir frio, quando se está bem alimentado. Mas ter ao mesmo tempo fome e frio...» Na Europa, neste inverno, o povo está com fome e com frio.

Com a redução contínua dos alimentos, dos combustiveis, dos materiais de toda a espécie, não é de estranhar que tambem as esperanças estejam diminuindo. A onda de desespero que invade a Europa é apavorante. «Pelo menos sabíamos que a guerra acabaria um dia,» disse-me uma inglesa. «Era algo em que podíamos ter esperança. Mas *isto*, não sabemos quando há de terminar ou se terminará algum dia.» O povo está perdendo a esperança. Perder a esperança é o que há de mais desanimador sobre a terra. «Para que estamos vivendo?»—é um clamor que se ergue na Europa de hoje. E esse clamor, se não obtiver resposta, poderá degenerar em muitos outros, tais como: «Para que lutar? Para que trabalhar? Por que não recorrer a qualquer meio para sobreviver —mercado negro, prostituição, roubo ou falsas promessas de utopias políticas, que conduzam novamente à guerra e à escravidão.» Na Alemanha, muita gente já chegou a esse estado de desespero. «Por que os norte-americanos não jogam sobre nós a bomba atômica e não nos liquidam de uma vez?» ouve-se dizer a senhoras nos mercados vazios. «Você ainda espera que as coisas melhorem para o ano,» dizem os franceses, «mas já faz dois anos que a guerra acabou, e as coisas têm piorado sempre.» Na Inglaterra, o admiravel moral do povo britânico ainda existe, mas, quando se faz o elogio desse fato, respondem com um sorriso dissimulado: «Já estamos um pouco cansados de ser britânicos!»

Os detalhes, as personalidades, os problemas tendem todos a fundir-se—tão semelhantes são entre si. Indo-se da Alemanha para a França e Inglaterra, nota-se uma escala ascendente nas condições de vida. Há a diferença entre vencidos e vencedores, mas essa diferenca é mais de intensidade do que de espécie. E todas as diferenças estão sendo gradativamente niveladas no declínio do padrão de vida em toda a Europa.

A Europa, como disse, não pode mais ser encarada em suas partes, mas apenas em seu todo. O que acabamos vendo não é a Inglaterra, a França ou a Alemanha, mas simplesmente a Europa, depois do choque da guerra moderna. Acabamos percebendo, com um crescente sentimento de horror, que toda uma civilização—a civilização da Europa Ocidental, a civilização cristã—está decaindo diante dos nossos olhos. E não somente no plano físico, mas em todos os planos—o físico, o mental e o moral. Contemplando um edifício bombardeado em qualquer lugar da Europa (St. Malo, Francforte ou Londres), contemplando o teto desmoronado e aberto para o céu, as entranhas retorcidas de vigas e encanamentos suspensos no ar, os alicerces reduzidos a pó, sentimos o pavor de uma aterradora revelação. Percebemos que não se trata apenas de uma condição exterior. Não é apenas um acidente de guerra, sem outras relações. Essa casa, com o seu teto por terra, o seu interior despojado, os seus alicerces destruidos, essa casa é um símbolo. Os valores básicos de nossa civilização estão-se desmoronando exatamente como esses destroços.

Isso não quer dizer que os valores básicos sejam exclusivamente físicos ou inteiramente dependentes do físico: um homem que perde sua casa não perde forçosamente o moral. Pelo contrário, um dos princípios da civilização cristã está na grande verdade de que «nem só de pão vive o homem». Mas tambem não pode viver somente do espírito. Como ponderou um francês ilustre, «para que uma vela se possa conservar acesa, é preciso que se mantenham igualmente a chama e a cera.» A chama da Europa ainda está ardendo, mas a cera está muito reduzida. Se esta diminuir ainda muito, a chama terá que apagar-se.

Que podem ainda fazer os Estados Unidos, ou que devem eles fazer diante desta situação? Os Estados Unidos não são onipotentes. Não podem sanar todos os males, curar todas as feridas. Certamente que não. Mas é fato que o seu poder, embora não seja ilimitado, ainda é muito grande. E os Estados Unidos assumiram certos compromissos a que não podem fugir.

Esse sombrio panorama da Europa se deve a uma guerra devastadora. Muitos norte-americanos se opuseram à guerra. Achavam que podia ter sido evitada ou detida antes do colapso completo da Europa. Sentiam que a guerra haveria de conduzir à decadência de uma civilização que era fundamentalmente a sua própria. Temiam que uma Europa derrotada viesse a ser presa facil de uma filosofia tão destrutiva quanto o nazismo e até mais perigosa. No entanto, o país entrou na guerra, lutou e contribuiu para a vitória militar.

A Europa foi em grande parte destruida e muito dessa destruição se deve às bombas e canhões dos Estados Unidos. Tendo entrado na guerra, a América não pode agora voltar as costas à Europa, simplesmente porque a luta armada está concluida. Não podemos deixar que a Europa sangre até a morte, de feridas feitas numa guerra que os Estados Unidos apoiaram. E que significaria para os norte-americanos a ruina da Europa? Os técnicos em economia nos dirão que o bem-estar da Europa é essencial ao nosso próprio bem-estar; os técnicos militares, que a força da Europa é necessária à nossa própria segurança; os técnicos em política, que do desespero e da fome surgirão novas ditaduras.

Eu, porem, vejo mais alguma coisa, vejo a chama da civilização ocidental que fraqueja, sem que exista cera para alimentá-la. A chama que arde na Europa é a chama da nossa civilização, da nossa cultura, das nossas crenças fundamentais. Estas se acham integradas em nossa natureza tanto quanto o ar que respiramos, o solo em que pisamos, os corpos em que nos movimentamos. Elas nos são tão naturais que quase não nos detemos para considerá-las, analisá-las ou delimitá-las. Como podemos delimitar a própria vida, o ar, a respiração? Não recorremos frequentemente às fontes de nossas crenças

para buscar as suas raizes na filosofia grega, no direito romano, na compaixão cristã. E contudo reconhecemos esses valores, quando os ouvimos soar em frases familiares: «O homem é a medida de todas as coisas.» «Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.» «Um homem é considerado inocente até que se prove ser ele culpado.» «E agora cultiva a Fé, a Esperança e a Caridade, essas três virtudes; mas a maior delas é a Caridade.» Aceitamos esses valores como os alicerces da nossa civilização. São as qualidades pelas quais e para as quais vivemos—são a chama para a qual existe a cera.

Será demasiado tarde? Na opinião de muitos europeus e tambem de norte-americanos, a Europa está por demais esgotada, o seu moral e os seus recursos por demais reduzidos, para que possa ser salva. Se na realidade a chama já se houvesse apagado, teriam razão esses pessimistas. Mas a chama ainda não se extinguiu.

Os valores básicos da nossa civilização ainda existem na Europa. A Inglaterra ainda é o grande baluarte da Justiça. A França ainda é a cidadela do indivíduo. As velhas qualidades ainda existem, mas estão sendo postas à prova ante novos problemas—os grandes problemas do mundo moderno: o problema do equilíbrio entre o indivíduo e a coletividade; a luta entre a ânsia do homem pela segurança e o seu desejo de liberdade; o conflito entre as verdades da ciência e as verdades da religião. São esses os problemas criados pelo choque da era científica e industrial e que o comunismo e o fascismo tentaram resolver com uma solução destrutiva e hedionda. A gente de visão na Inglaterra e na França está procurando resolvê-los de maneira compativel com a crença cristã na dignidade e na natureza sagrada do homem.

E são esses tambem os problemas da América, tanto quanto da Europa. Precisamos do auxílio da Europa para solucioná-los, assim como a Europa precisa do nosso auxílio. São os problemas de toda uma civilização, e devem ser tratados por toda essa civilização, não separadamente e sim em uníssono. Os novos europeus foram forçados a adotar essa visão mais larga. «A nova França,» como me disse um jovem francês, «está naqueles que não pensam mais em França, Inglaterra, Alemanha, Itália, e sim na Europa.» Há indícios de que a nova França, a nova Inglaterra, a nova Alemanha, a nova Itália estão olhando para fora de si mesmas, não com idéias de conquista, mas com idéias de cooperação. Em todo o curso da história, essas nações procuraram dominar a Europa e fracassaram. Talvez dos sonhos baldados de domínio tenha nascido um novo espírito. «Aprendemos a humildade,» disse-me um europeu. Dessa humildade poderá nascer uma nova Europa. A Europa, reduzida a uma só pela guerra, pela destruição e pela necessidade, poderá tornar-se uma na reabilitação, na saude e na paz, o que será o primeiro avanço palpavel em direção à paz mundial. Isso requer tambem dos Estados Unidos uma visão mais ampla. Significa isso que a União Norte-Americana deve tambem olhar para fora de si mesma, deve ir alem do conceito de nação, e cogitar no conceito mais amplo de uma civilização, vivificando a sua nova visão.

Para esses novos europeus o auxílio norte-americano representa muito mais do que alimentos. Significa primeiramente fé na própria Europa, em sua fortaleza para a rehabilitação, em sua capacidade de reorganizar-se, em seu valor essencial para o mundo. Tambem significa esperança, porque eles vêem nesse auxílio o indício de uma nova compreensão na América, o reconhecimento de laços e crenças comuns uma expressão de fé nos valores de que compartilhamos todos, uma afirmação da chama viva de nossa civilização.

Na Europa, os homens precisam de víveres, precisam de suprimentos, mas, de todas as suas necessidades, a necessidade de esperança talvez seja a maior. Precisam dessa fé na chama da nossa civilização comum. Os norte-americanos podem demonstrar sua fé por meio da assistência material. Podem demonstrá-la ainda mais pela maneira com que prestarem essa assistência. Se o fizerem por sua fé na chama da civilização européia, estarão alimentando essa mesma chama, e reafirmarão a sua presença na América. Se o fizerem por respeito à dignidade humana, por crença no espírito humano, porque jorra em seus corações a fonte da compaixão cristã, somente então produzirá frutos a sua ação. Somente então, será operado o milagre que o mundo vem de há muito aguardando: o milagre do renascimento da compaixão nos corações humanos.

Os maridos são assim

Com a intenção de melhorar o meu estado de espírito, comprei um chapéu novo—um frívolo e minúsculo modelo de filó e flores. Achei que me ia tão bem que decidí já voltar com ele para casa. O meu velho chapéu foi posto na elegante caixa e saí, radiante, a ostentar a nova aquisição.

Meu marido abriu-me a porta, beijou-me negligentemente e voltou para a sua mesa de trabalho. Pareceu ter percebido qualquer frieza de minha parte pois voltou-se e indagou-me, solícito, como me tinha ido de compras. Os seus olhos se iluminaram ao descobrir, num canto, a caixa de chapéus. «Oh!» exclamou, afavelmente. «Aposto que você comprou um chapéu novo. Quero vê-lo.»

Decepcionada, tirei o «modelo», abrí estabanadamente a caixa e coloquei o meu velho chapéu de feltro. Meu esposo examinou-o e disse com ar angelical: «Meu benzinho! Há muito tempo que não vejo um chapéu tão lindo!»

—Colaboração da sra. Samuel E. Clark

«Uma carona, por favor»

Em Tennessee, avistei um cavalheiro bem vestido, caminhando ao longo da estrada com uma lata de gasolina. Naturalmente, parei o meu automovel e dei-lhe «carona». Mas quando lhe perguntei em que ponto deixara o seu carro, o cavalheiro confessou-me que não tinha automovel. E abrindo o fundo da lata de gasolina, mostrou-me, dentro dela, muito bem arrumada, como em uma mala comum, a sua roupa, escova de dentes, aparelho de barba, etc. Viera de Tucson, Arizona, num tempo mínimo e revelou-me que sua «valise» nunca lhe falhara...

—Colaboração de John H. Brina

A boa conversa é divertida... mas devemos conhecer-lhe as regras básicas

Cultive a arte de conversar

(*Condensado de «Your Life»*)
Por Gelett Burgess

HOUVE uma época em que pertencí a um pequeno clube de S. Francisco, cujos membros se reuniam semanalmente com o intuito de reviver a arte perdida da conversação. Compreendíamos existir um princípio básico, que governa a boa conversa. Esse princípio—a base, aliás, das boas maneiras—consiste em se evitar qualquer atrito nas relações sociais, qualquer atrito emocional provocado por irritação, enfado, inveja, egoismo, ou pelo ridículo. Damos a seguir algumas das regras que finalmente adotamos para guiar nossa conversação, a convertê-la em um passatempo agradavel.

1. *Evite todos os assuntos puramente subjetivos.* Não fale demasiado sobre sua saude, dificuldades, ou questões domésticas; e, naturalmente, nunca fale a respeito de sua esposa ou de seu marido. Toda discussão objetiva sobre arte, ciência, história, notícias do dia, esportes, ou qualquer outro assunto, será fatalmente estragada se se teimar em entremeá-la com mexericos, ou em dar-lhe um cunho demasiado pessoal. Prosa dessa natureza enfastia quem a ouve; mas quanto ao palrador, repisando o que já sabe de sobejo, nada aprende com os outros.

2. *Não monopolize a conversa.* Um de meus amigos, dotado de natureza jovial e atraente, sabia contar histórias muito bem—mas as contava em demasia. A gente ria às bandeiras despregadas, mas após alguns momentos se cansava e punha a desejar uma palestra mais sossegada e amena, em que os circunstantes tambem pudessem tomar parte. E à mente vinham logo as palavras de Sydney Smith sobre Macaulay: «Ele tem de quando em vez lampejos de silêncio, que tornam sua palestra perfeitamente deliciosa.»

3. *Não contradiga nunca.* Poder-se-á dizer: «Não concordo inteiramente com isso»; contradizer, porem, é como atirar um balde de água fria na conversa. Busquem-se pontos de acordo. Deste modo o assunto se desenvolve animadamente com a participação de todos. «A conversação mais bem sucedida,» observou Samuel Johnson, «é aquela onde não existe competição, e sim, uma troca amavel e calma de sentimentos».

4. *Não interrompa.* Está claro que algumas palavras lançadas com cuidado na conversa, tais como, «Ótimo!» ou «Ele não sabia?» não a desviam do seu curso. Mas não intervenha expondo idéias próprias, não raro obrigando o interlocutor a

parar desairosamente no meio da uma sentença.

Nunca me esquecerei do êxito de um jantar, em que a conversação foi perfeita. Havia seis pessoas presentes—número ideal para um jantar íntimo, porque, se for maior, a conversa pode fragmentar-se em diálogos separados. Cada um de nós falava, e cada um escutava. Ninguem interrompeu, ninguem contradisse, ninguem monologou. A reunião, consequentemente, se revestiu de todo o encanto.

5. *Não mude abruptamente de assunto.* Algumas pessoas depois de esperarem pacientemente—e com visivel sofrimento—que o interlocutor faça uma pausa, precipitam-se na conversa com um assunto totalmente diverso. No nosso Clube de Conversação existia uma regra tácita: ao parar uma pessoa de falar, deveria seguir-se um momento de silêncio, em que se pudesse considerar, assimilar e apreciar o que fora dito. É um tributo devido, por cortesia, à pessoa que apresentou uma idéia nova.

6. *Mostre-se vivamente interessado no que se diz.* Assim se leva ao auge a eficiência de quem fala. Para se escutar bem, não bastam os ouvidos, pois se exigem tambem os olhos, as mãos, até a atitude. Tenho frequentemente posto a prova artigos de minha autoria, lendo-os para amigos. A opinião deles de pouco me tem valido, pois não raro um gostava do que desagradava ao outro. Se seus olhos, porem, se desviavam para um quadro pendurado na parede, ou se eles começavam a mexer com as mãos, compreendia que o artigo não estava prendendo a atenção, e anotava os trechos pouco satisfatórios, para os rever depois.

Não há maneira mais eficaz de despertar amizade em outra pessoa do que lisonjeá-la, demonstrando-lhe interesse e simpatia. Permita que se estenda sobre o que lhe estiver a referir; indague sobre o assunto; e verá como seu interlocutor se expande livremente. Muitas vezes, no decurso de uma conversa, descrevemos algum contratempo que nos sobreveio. Quando isso acontece, os circunstantes geralmente começam logo a narrar casos semelhantes ocorridos em sua vida.

7. *Se o assunto for desviado, traga-o de novo à baila.* Acontece muitas vezes que antes de ser um assunto devidamente ventilado, a conversa é desviada noutra direção. A prova suprema da boa palestra consiste em se reintroduzir o assunto abandonado, o que, alem de evidenciar deferência e delicadeza, é a melhor mostra de interesse real.

É claro, que se se tratar de sua própria narrativa, não seria habil procurar reencetá-la. Releve a descortesia, mas não incida no erro dos outros.

8. *Não exprima sua opinião dogmaticamente.* Talvez a cerimônia de um chá japonês seja o mais requintado acontecimento social de que há notícia. Essa cerimônia equivale, de fato, ao culto da renúncia pessoal. Uma de suas regras, que diz respeito à conversação, condena como vulgar qualquer afirmação precisa e terminante. Pode-se discursar sobre o que quer que seja, sem, todavia, jamais exprimir-se em tom definitivo, deixando-se, ao contrário, a observação no ar, para que sobre ela se externe outro conviva, de modo a não se poder acusar ninguem de querer impor aos demais sua opinião pessoal.

Isto é um passatempo interessante, conquanto dificil. Experimente-o alguma vez com seus amigos. Pode mencionar os fatos como tais, mas apresente-os de uma maneira atenuada usando expressões como estas: «Parece-me que...», ou «Não seria possivel que...» Os que realmente possuem conhecimentos costumam ex-

primir-se «com a mansidão da sabedoria», no dizer de S. Tiago, ao passo que o ignorantão sempre se afoita a fazer declarações categóricas.

9. *Fale com clareza.* Quando eu era membro da comissão executiva da Liga de Autores, sentí-me fascinado ao observar como as pessoas que falavam pausada e claramente dominavam as nossas reuniões. Se se observar um grupo falando, notar-se-á que os indivíduos que se exprimem em voz baixa e bem regulada são os que mais se impõem, e contra eles, à semelhança de vagas investindo contra uma rocha, se arremessam com ímpeto e avidez os seus oponentes, mas, no fim, é sempre a rocha que leva a melhor.

10. *Evite falar sobre o aspecto sombrio das coisas.* Todos somos capazes de fazer observações desfavoraveis e desnecessárias. Condenar-se-á, naturalmente, o mal, cumprindo todavia refrear críticas que não sejam imprescindiveis, o desejo de provocar risadas mercê do ridículo, a tendência a encarar o aspecto desagradavel da vida. Há comentários mordazes que podem parecer espirituosos; esses comentários, porem, irão perturbar outras pessoas.

Depois de considerar regras sobre o aspecto negativo da conversação, indaguemos como é possivel tornar esta agradavel.

É simples o segredo. Para falar bem importa pensar bem. O pensamento precisa examinar completamente o assunto, de todos os ângulos.

O que temos em mente é perfeitamente ilustrado com a conversa dos entusiastas dos esportes. Limitam-se eles a referir o escore? Nem por sombras. Põem-se, ao contrário, a discutir sobre as possibilidades do time, os característicos dos vários jogadores, a técnica seguida no jogo. Aplica-se o mesmo princípio à conversação.

Quem encontrar dificuldade em conversar deve aprender a pensar acerca do que vê, ouve e lê. Ao meditar, trate de relacionar o assunto com suas próprias observações e experiência, e com idéias anteriormente adquiridas.

Para fugir ao perigo de entreter os outros sobre as trivialidades pertinentes a seu trabalho, amplie o campo de seus interesses, travando conhecimento com pessoas ocupadas em setores diferentes do seu. Procure descobrir o que se está passando em outros domínios da atividade humana. Inteire-se de questões que tenham despertado seu interesse; leia, enfim, acerca de tudo que se acha situado fora de seu campo visual.

Se dessa forma fecundar e enriquecer o pensamento, não haverá motivo para recear que sua conversa não seja agradavel. Todas as novas ocorrências em sua vida emprestarão maior realce e importância à sua conversação.

Se houver nobreza no coração, haverá beleza no carater. Se houver beleza no carater, haverá harmonia no lar. Se houver harmonia no lar, haverá ordem no país. Quando houver ordem na nação, haverá paz no mundo.

—Provérbio chinês, citado no *Sunshine Magazine*

A mulher que não se deu por vencida

(Condensado de «The Denver Post»)

Por William E. Barrett

Foi a 2 de junho de 1942 que Alice Pedley perdeu a voz pela primeira vez. Passara a noite sem dormir. Seu marido, já enfraquecido por uma moléstia incuravel, estava atacado de gripe e ardia em febre. Ela ficara junto ao seu leito até as onze horas da manhã, quando fora passar alguns minutos ao lado de Virgínia, sua filha de seis anos, cujo cachorrinho acabava de morrer.

Um ano antes os Pedleys eram uma família feliz, que se compunha de pai, mãe e três filhinhas; agora Virgínia era a única filha que lhes restava. Sua irmã Bárbara fora com os avós dar um passeio de automovel pelas montanhas. Uma enxurrada repentina carregara o carro da estrada, e Alice Pedley perdeu pai, mãe e a primeira filha de uma só vez. Maria Luiza, sua segunda filha, falecera durante uma operação cirúrgica havia apenas dois meses.

Soa a campainha da porta. É um mensageiro com um telegrama. No salão nobre da escola do lugar, realizava-se a cerimônia de formatura da classe a que pertencera Maria Luiza. Suas colegas se lembraram dela e mandaram uma mensagem a sua mãe.

Alice Pedley, o telegrama amarrotado na mão, subiu vagarosamente as escadas e foi para junto do marido. Quis falar, mas não conseguiu emitir som algum.

Após examiná-la, o médico explicou-lhe a perda da voz como sendo uma reação nervosa do cansaço e do choque. O diagnóstico parecia plausivel, porque sua voz voltou lentamente.

O marido, que era dentista, não podia voltar à sua profissão. As economias dos Pedleys ficaram reduzidas a quase nada e Alice arranjou um emprego na Seção de Pesquisas da *Encyclopedia Americana*. De vez em quando, imprevistamente, perdia a voz por completo, e atribuia esse fato a um estado de nervos. Não tin tempo para preocupar-se consigo mes pois tinha o marido inválido e uma fil que cuidar. Onze meses após o dia em qu Alice perdera a voz, seu marido faleceu.

Alice sempre fora uma mulher feliz, de riso contagioso. Durante aquele ano longo e dificil empregou todos os esforços para evitar qualquer mudança no seu papel na vida. (Não era uma atriz e recusava-se «a inundar o palco de lágrimas»). Quando o marido morreu, ela entendeu que seu sofrimento era assunto que só a ela dizia respeito.

«Eu tenho Virgínia,» disse consigo, «e ela é minha carreira. Uma meninazinha merece um lar feliz.»

Mas Alice estava experimentando dificuldades sempre crescentes com sua voz, e fases mais frequentes de silêncio aterro-

rizador. Finalmente resolveu procurar um laringologista.

Tinha cancer da garganta, e foi obrigada a consentir a que lhe removessem a laringe.

Depois da operação o médico lhe disse: «Se a senhora quiser poderá aprender a falar novamente.» Falou-lhe de uma escola em Nova York onde pessoas que se submeteram a operações iguais à dela aprendem a falar com o auxílio do estômago em vez dos pulmões. Ela sacudiu a cabeça. Não tinha recursos para ir a Nova York. Já estava vivendo do dinheiro obtido com a hipoteca da casa.

Uma semana mais tarde, recebeu uma carta de Thomas W. May, indivíduo que vivia em Joliet, Estado de Illinois, e a quem seu médico escrevera.

May tambem tinha sido vítima de cancer da garganta, e aprendera a falar novamente. Era hábito dele escrever cartas encorajadoras a outras vítimas do terrivel mal.

Alice Pedley lhe respondeu solicitando novas informações. Descobriu que este método de falar baseia-se na habilidade de engulir ar, levando-o até o estômago, como era anteriormente levado até aos pulmões, mas trazendo-o novamente sob controle. «A palavra mais facil de pronunciar é *trem*,» escreveu-lhe o seu instrutor. «Concentre-se nela, mas não seja impaciente. Se for possivel dizê-la até novembro, estará progredindo bastante.»

Isto passou-se em fevereiro. Ninguem aprendera a falar assim por correspondência. Alice esforçava-se, desesperadamente, sem resultado que a animasse. Respirava por meio de um tubo no pescoço e aprendera a tomar cuidado no banho, temendo que entrasse água pelo tubo, afogando-a. Mas não tinha aprendido a «engulir ar para o estômago e trazê-lo vagarosamente de volta».

Sempre fora sinceramente religiosa e orava, nestes momentos atormentados, pedindo paciência e coragem.

Seu instrutor dissera-lhe que se ela praticasse diligentemente, poderia dizer a palavra *trem* em novembro. Certo dia de maio ela abandonou todo esforço para dizer aquela palavra sem sentido. Naquele dia, em frente ao espelho, concentrou-se na palavra que ela queria dizer. Às 2 e 30 da tarde, pronunciou sua primeira palavra, com clareza tal que ela ficou assustada.

Sentou-se na sala de visitas, repetindo constantemente aquela palavra até que a filha voltou da escola. A menina entrou na sala, e Alice Pedley disse: «Virgínia!»

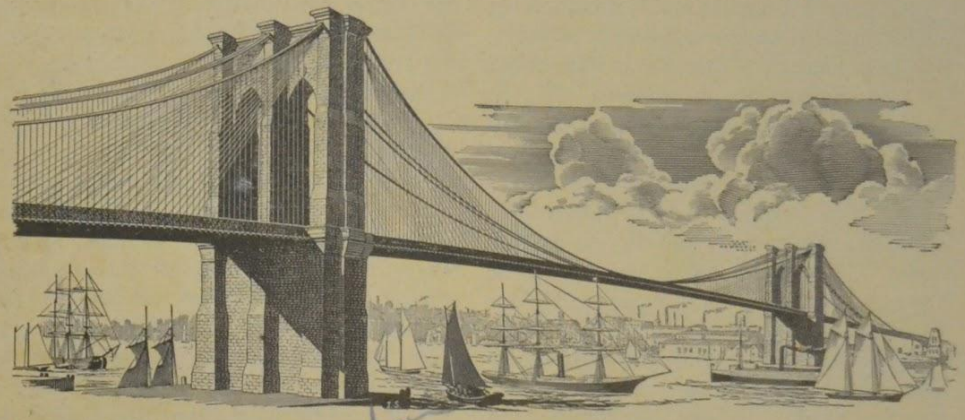
Fitaram-se por alguns instantes e abraçaram-se emocionadas.

Hoje, Alice Pedley fala com facilidade, em voz baixa, agradavel, ligeiramente rouca, e conta anedotas engraçadas da época em que estava tentando novos recursos para falar. Seu primeiro emprego após o regresso à vida normal foi na Inspetoria de Tráfego do Estado do Colorado, onde expedia carteiras de motoristas e «falava o dia inteiro».

Recentemente Alice Pedley falou num programa de rádio transmitido para todo o país, contando sua história e oferecendo palavras de estímulo a todos os que temem a palavra «cancer». Falou clara e distintamente, com raras hesitações.

Seus amigos aprenderam a considerá-la como pessoa de espírito e que sabe expressar-se bem. Da mesma forma que seu instrutor, Thomas May, ela se interessa pelas outras pessoas que encaram o problema por ela enfrentado, e deseja auxiliá-las. Fora disso, nunca fala de si própria.

Sua filha está crescendo num lar feliz, graças à fortaleza moral daquela mulher que não se deu por vencida.



Assim se fez a Ponte de Brooklyn

Por Edwin Muller

Baseado no livro «The Builders of the Bridge» de D. B. Steinman

TERMINADA em 1883, a colossal estrutura foi considerada como o feito de engenharia do século—o maior vão jamais construido, o mais alto e resistente, o primeiro a empregar cabos de aço. Há hoje pontes maiores, mas o certo é que não teriam sido construidas se a Ponte de Brooklyn não lhes houvesse aberto o caminho. E nenhuma teve em sua história lances mais dramáticos.

A ponte é ainda mais bela ao amanhecer. Da neblina que repousa sobre as águas, sobem as duas monumentais torres góticas, de granito enegrecido pela ação de mais de meio século. Os quatro grandes cabos descem das torres em curvas majestosas até se encontrarem sobre o arco central. E entrelaçam-se com a delicadeza dos fios de uma teia de aranha. A solidez da Ponte não lhe sacrificou a beleza.

Esse monumento é a realização magnífica de dois homens: John A. Roebling, que o imaginou e planejou; e Washington Roebling, seu filho, que o construiu. Caro lhes custou. John Roebling pagou-o com a própria vida; o filho, dedicando-se à Ponte no vigor dos seus 35 anos, tornou-se, em breve, um farrapo humano, condenado a arrastar o resto da sua longa vida em constante agonia.

Quando estudante de engenharia, John Roebling viu a primeira ponte pensil construida na Alemanha, sua terra natal. Fascinado pela eficiência do método de suspensão, dedicou ao mesmo a sua tese de formatura.

Em 1831, com 25 anos, Roebling emi-

grou para a Pensilvânia. Trabalhou na construção de casas e tambem como agrimensor. Dedicava, porem, as suas noites ao aperfeiçoamento de inventos práticos e ao estudo constante das pontes penseis. Naquela época, transportavam-se barcaças, de um curso d'água para outro, em estradas de ferro, através de zonas montanhosas, não raro de 700 metros de altitude. Um dia, Roebling viu romper-se um cabo de fibra de Kentucky, usado para sustentar um desses carros, que rolou ribanceira abaixo, matando dois homens. Ocorreu-lhe, imediatamente, a idéia de que um cabo feito com fios flexiveis de ferro, seria mais resistente que um cabo de fibra com o quádruplo do diâmetro.

Num galpão construido em sua fazenda, e com o auxílio de vizinhos, Roebling conseguiu trançar manualmente o primeiro cabo de fios metálicos. A invenção, patenteada em 1842, marcou o início de uma próspera indústria. Tornou possiveis os arranha-céus—pois, sem os cabos de aço, não poderiam suster-se os elevadores—e revolucionou completamente a construção de pontes. O galpão transformou-se na grande fábrica John A. Roebling, em Roebling, Nova Jersey.

Para demonstrar o valor do novo material, Roebling comprometeu-se a construir, sem qualquer intuito de lucro, uma ponte pensil sobre o Rio Allegheny. Isto firmou-lhe definitivamente a reputação. Surgiu então a grande oportunidade: a construção da ponte sobre o Monongahela, em Pittsburgh. Construiu depois outras, inclusive a primeira ponte pensil ferroviária do mundo através da Gorge, em Niagara, a qual foi considerada uma das maravilhas do século.

Brooklyn, então a cidade de mais rápido crescimento nos Estados Unidos (população superior a 250.000) viu-se, depois de 1860, oprimida por intoleravel falta de transportes. Quando havia nevoeiro ou gelo, a viagem de barca para Nova York levava frequentemente duas horas. A idéia de uma ponte, sempre sugerida, era logo abandonada por impossivel, pois o arco sobre o East River, para não impedir a navegação normal, precisaria cobrir uma distância superior a meio km e ter uma altura mínima de 40 metros. Em cada um dos extremos, só se encontrava terra firme abaixo de 25 metros de lama. Obstáculos de tal vulto jamais haviam sido superados em qualquer parte do mundo.

Entretanto, em 1857, um jornal de Nova York publicou uma carta de Roebling admitindo a praticabilidade da construção. A carta causou sensação. E dez anos depois, quando uma companhia particular foi autorizada, por lei, a construir a ponte, Roebling foi nomeado seu engenheiro-chefe.

Durante os dois anos seguintes, manteve o filho na Europa estudando as últimas conquistas da engenharia e, principalmente, o novo método de trabalho em caixas estanques, sob ar comprimido. Ele próprio, reunindo os resultados de seus estudos e de sua experiência, redigiu um relatório que é, até hoje, considerado clássico.

Em 6 de julho de 1869, John Roebling procurava ultimar as suas observações para fixar o local exato da Torre de Brooklyn. De pé, sobre a rampa de atracação, observava, luneta em punho, os sinais que lhe faziam de Nova York. Estava tão absorto que não se apercebeu da chegada da barca. Esta com a pancada violenta, acavalou as vigas da estacada, esmagando-lhe um pé.

Vários dedos tiveram de ser amputados imediatamente. Sobreveio o tétano e duas semanas depois, John Roebling falecia. Mas em seu leito de morte, conseguiu dos

diretores da empresa o compromisso de confiarem a seu filho, Washington, então com 32 anos, a maior obra de engenharia do século.

O primeiro problema que coube ao jovem engenheiro resolver—o dos alicerces das torres, abaixo do fundo lamacento do rio—bem poderia ter feito fracassar o empreendimento antes mesmo de começado. Cada uma das fundações necessitaria suportar o peso de 80.000 toneladas.

A caixa estanque de Brooklyn, do tamanho de uma grande casa, com teto e paredes rigorosamente calafetados mas sem fundo, foi rebocada até o ponto em que deveria mergulhar. Sobre o seu teto de madeira, erguer-se-ia a torre de pedra. Os operários, dentro da câmara de ar comprimido, escavariam o fundo do rio, drenando para cima o material por meio de encanamentos especiais. À medida que o fizessem, o caixão iria afundando lentamente através da lama até encontrar um leito sólido. A câmara seria, então, enchida de concreto.

Roebling passava a maior parte do dia no caixão, com os seus operários. O espetáculo era fantástico: na semi-penumbra, mal quebrada por lâmpadas de cálcio, agitavam-se trabalhadores seminús, ensurdecidos pelo clangor incessante dos martelos e brocas.

À medida que descia, centímetro por centímetro, aumentava terrivelmente a pressão atmosférica no interior da câmara. Manifestavam-se novos e assustadores fenômenos. Uma estranha sensação de peso sobre a cabeça, a necessidade de um grande esforço para falar e, permanentemente, a sensação de asfixia na infernal armadilha, no fundo das águas.

O leito do rio tornava-se, dia a dia, mais dificil de escavar. Grandes blocos de pedra tiveram de ser removidos a dinamite. Sob o ar comprimido, as explosões não fariam rebentar os tímpanos? Para provar que nada aconteceria Roebling disparou o seu revolver dentro da câmara, aumentando progressivamente as cargas.

Numa manhã de domingo, ouviu-se um estrondo colossal. Uma coluna de água, lama e pedras ergueu-se sobre o rio, até quase 150 metros. Choveram pedras sobre os telhados, provocando pânico nas redondezas.

Devido à negligência de um dos trabalhadores, explodira um dos canos de ar comprimido. E por um acaso feliz, ninguem se encontrava no local.

Acidente de maiores proporções ocorreu mais tarde quando um operário aproximou demasiado a sua lanterna do teto da caixa estanque. Inflamaram-se as estopas do calafeto e a pressão do ar fez com que as chamas penetrassem em partes inacessiveis do madeiramento. Finalmente, os operários conseguiram inundar a câmara. Mas o fogo, antes de extinguir-se, castigara severamente o madeirame, obrigando Roebling a encher com concreto todas as partes carcomidas. Esse trabalho de prótese-gigante levou meses inteiros.

Em 22 de abril de 1872, o caixão do lado de Nova York alcançara mais de 21 metros de profundidade. Um operário, meia hora depois de ter regressado à superfície, queixou-se de fortes dores no abdomen. Faleceu antes mesmo de poderem transportá-lo para o hospital.

Oito dias depois, ocorria mais um caso fatal. Muitos outros, entretanto, puderam ser debelados. Os sobreviventes sentiam-se «como se as carnes estivessem sendo arrancadas aos ossos».

No caixão de Brooklyn verificaram-se alguns casos de paralisia temporária. A medicina não sabia o que fazer. Nessa época, ainda não eram conhecidos os terri-

veis efeitos da mudança brusca de pressão.

Roebling fez o que pôde para manter o moral dos seus homens. Passava mais tempo no caixão que qualquer um deles. Um dia, porem, sobrevieram-lhe as dores. Julgaram-no perdido. Reagiu, entretanto, e poucos dias depois, insistiu em voltar ao caixão.

Desta vez, foi retirado semi-paralítico, com a vista, a voz e os ouvidos seriamente afetados. Nada conseguia atenuar-lhe as dores. Roebling não alimentou ilusões sobre a sua cura. Se escapasse, não passaria, até o resto da vida, de uma ruina humana.

Os Roebling, pai e filho, e os operários que adquiriram moléstias nas câmaras não foram as únicas vítimas. Outros caíram das torres. Um cabo, ao romper-se, matou dois homens. Ao todo, a Ponte de Brooklyn sacrificou 20 vidas.

As provações de Roebling não foram apenas físicas. Por duas vezes, as obras tiveram de ser suspensas por falta de fundos. Mas Roebling conseguiu manter unido o seu pessoal até poder prosseguir nos trabalhos. Certa vez, verificou que um fornecedor lhe vendera cabos de aço de qualidade inferior. Mas já havia empregado várias toneladas na ponte. Forçou, então, o vendedor a reparar o dano.

Os inimigos de Roebling não tardaram em abrir campanha contra ele. Estando fisicamente incapaz, alegavam, deveria ser substituido no posto de engenheiro-chefe. Numa reunião do conselho diretor da companhia, o prefeito de Brooklyn chegou a propor, formalmente, a demissão de Roebling.

Com o auxílio da esposa, Roebling redigiu então um memorial, em que relatou, com simplicidade, o que fizera pela Ponte e o que estava fazendo. O documento, lido pela sra. Roebling ante a Sociedade Americana de Engenheiros Civís, causou grande emoção e grangeou o imediato apoio da classe.

Nesta altura, sentindo que muitos dos principais detalhes da Ponte estavam confiados exclusivamente à sua memória, Roebling passou a ditar seus planos à esposa, que o ajudou, inclusive a traçar esquemas e plantas. Não raro, as dores venciam-no. Pouco depois, com esforço, retomava o trabalho, em dramática luta com o tempo.

A energia e força de vontade de Emily Roebling igualava a do marido. Ele sentia-se tão mal, tão morbidamente suscetivel que não podia tolerar a presença, no quarto, de qualquer outra pessoa alem da esposa. Esta recebia os relatórios dos engenheiros e transmitia-lhes as instruções do marido. Para poder dar desempenho a estas tarefas, estudou matemática superior, resistência dos materiais e centenas de minúcias técnicas, sob a direção do marido. Habilitou-se, por fim, ela própria, a inspecionar as obras quase diariamente e a informar minuciosamente o marido sobre os progressos realizados. Era para ele, a um tempo, enfermeira e braço direito. E assim continuou durante anos.

Removeram o leito de Roebling para uma janela da qual ele acompanhava através de um binóculo, a marcha dos trabalhos. Viu, assim, elevarem-se torres de 85 metros, que quase ultrapassavam a agulha da Igreja da Trindade, então o mais alto edifício de Nova York. Levara cinco anos a construção de cada uma delas.

A 14 de agosto de 1876, Roebling pôde ver, através do seu binóculo, o primeiro grande cabo de aço pendente em graciosa curva, de uma torre à outra. Poucos dias depois, via o seu engenheiro mecânico fazer a primeira viagem de Brooklyn a Manhattan em um bailéu, sob as vistas de milhares de curiosos em ambas as margens.

Em breve, um estreito passadiço para os trabalhadores cruzou o rio. Permitiu-se o trânsito a populares que ousassem enfrentar a travessia, e setenta pessoas se aventuraram a fazê-lo, num dia apenas. Alguns se aterrorizavam quando o passadiço estremecia, e os operários tinham de largar o trabalho para socorrê-los e conduzí-los até o outro lado. Outros, ao contrário, dançavam e pulavam sôbre o passadiço fazendo-o trepidar a ponto de prejudicar o trabalho. Os visitantes, por fim, tornaram-se de tal maneira incômodos que foi preciso proibir-lhes, de todo, o acesso à ponte.

Finalmente, completou-se a trama dos cabos de aço—feita, em realidade, toda ela, no ar. Cada um dos quatro cabos tinha 19 grossos fios—os mais resistentes, até então feitos, não tinham mais de 12 —cada fio feito de 260 quilômetros de arame. O arame, diga-se de passagem, não viera da fábrica de Roebling; o gordo contrato de fornecimento foi dado a outra firma. Em 5 de outubro de 1878, o último cabo cruzou o rio.

Na manhã de 24 de maio de 1883, Roebling viu, com o seu binóculo, as dezenas de milhares de pessoas que, nos dois lados do rio, esperavam a inauguração da Ponte. Viu o grande cortejo aproximar-se do lado de Nova York, uma força militar, as carruagens abertas conduzindo o Presidente da República e o Governador do Estado. Os altos dignitários desceram junto à torre e marcharam através da Ponte enquanto troavam os canhões da marinha e uma parada militar percorria as ruas da cidade em direção à casa de Roebling. Emily estava a seu lado quando os membros da comissão organizadora apertaram-lhe as mãos e o felicitaram pela grandiosa realização.

Washington Roebling jamais recuperaria a saude. Graças à sua força de vontade, porem, conseguiu deixar o leito e ainda levar uma vida ativa por muitos anos—o bastante para ver a Ponte realizar o seu destino. Depois de construida, surgiu o automovel, e o tráfico de pessoas e de carga foi crescendo. A ponte, que hoje conta 65 anos, está suportando um peso três vezes superior ao que se acreditava viesse a ser sua capacidade máxima nas horas de maior movimento—pois Washington Roebling, apesar da forte oposição de tacanhos antagonistas, construiu-a com uma margem de segurança igual a cinco e não a três, como, por economia, queriam aqueles.

A Ponte de Brooklyn foi mais que uma proeza de aço e de pedra. Assinalou uma vitória do espírito humano.

Conversa de balcão

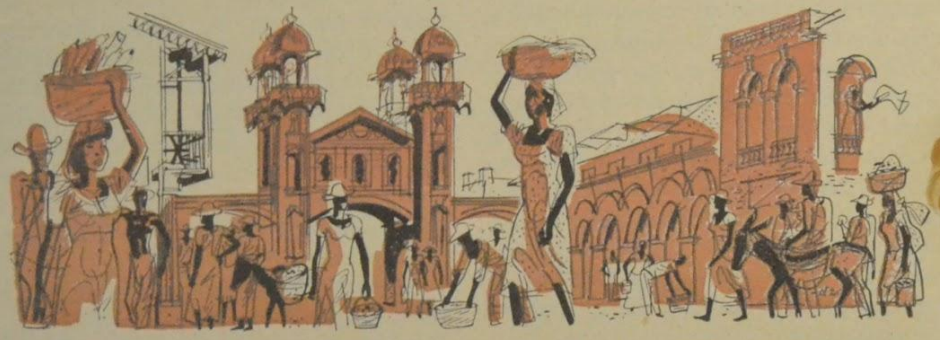
NA AZÁFAMA das vésperas de Natal, uma jovem que procurava comprar um presente para seu irmão, avistou, numa loja, um bonito pijama. Perguntou o preço.

—830 cruzeiros, respondeu o vendedor.

—Deus do Céu! exclamou a jovem, já encaminhando-se para a seção de gravatas. —Por 830 cruzeiros, deveria vir um homem dentro dele.

—Arthur Caylor, no *Daily News*, de S. Francisco

Um contraste de beleza e escassez



HAITÍ— *um eden superpopulado*

Por Max Eastman

O HAITÍ—ou seja, «lugar alto»—faz parte da cadeia de montanhas que formam as ilhas do Mar das Caraibas. Não há terra tropical de aspecto mais sereno, nem outra cuja história seja mais empolgante. Foi aí que 450 mil escravos expulsaram ou massacraram seus senhores, os franceses, criando uma nação soberana 60 anos antes da emancipação dos escravos nos Estados Unidos.

Não consta da história nenhuma outra revolta de escravos que, como essa, haja alcançado êxito; e seu dirigente, Toussaint l'Ouverture, é um dos grandes homens do mundo. Napoleão Bonaparte, invejando-lhe a fama, fê-lo sequestrar enquanto ele entabolava negociações protegido por um salvo-conduto, e mandou-o para a França, onde morreria de frio e fome num calabouço dos Alpes.

Toussaint, porem, deixara no Haití dois brilhantes generais, Dessalines e Christophe, cuja vitória sobre as forças de Napoleão—50 mil homens ao todo—talvez tenha assegurado o futuro dos Estados Unidos da América do Norte. Pois esse exército representava o primeiro peão num lance destinado a ocupar o Território da Luisiana e a tornar a França suprema no Hemisfério Ocidental. Ao penetrar no porto de Cap-Haïtien a armada de Napoleão, Christophe deu ordens para que se incendiasse a capital, e, munido de uma tocha, ateou fogo, ele mesmo, ao seu palácio. Quando as tropas francesas desembarcaram, a cidade não era mais que um amontoado de cinzas, e Christophe refugiara-se nas colinas à frente de um exército disciplinado e bem nutrido.

Christophe e Dessalines, com o auxílio da febre amarela, imobilizaram totalmente os franceses, e, a 1.° de janeiro de 1804, o Haití foi declarado livre e independente—a primeira nação americana, depois dos Estados Unidos, a libertar-se do jugo europeu.

TAIS recordações emprestam particular encanto às altaneiras montanhas verdegris do Haití, que se erguem, como num sonho, do mar sempre azul. Colônia francesa, era a mais rica das ilhas ocidentais; hoje, é ainda a mais bela. A capital, Port-au-Prince, está cheia de gente de côr, de olhar vivo; uns caminham sem rumo, outros carregam na cabeça gigantescas trouxas, e uns poucos cavalgam jumentos ou os guiam com varas. Ao longo das ruas sinuosas que serpeiam em direção à montanha, vêem-se jardins cercados de altos muros, majestosas alamedas e varandas de mármore ornadas com trepadeiras de buganvílias e rosas vermelhas e amarelas. Onde maior é a elegância, mais clara é a côr da pele.

NESSE plácido cenário, a vida política tem sido turbulenta. Num período de cem anos, o Haití já teve 17 constituições, sem dúvida um recorde mundial. Dos 22 presidentes que governaram a república entre 1843 e 1915, apenas um alcançou o fim de seu mandato. Três morreram no desempenho de suas funções, um desapareceu na explosão do seu palácio, outro foi envenenado, outro ainda renunciou, quatorze foram depostos por revoluções, e outro ainda foi massacrado pela turba, em plena rua.

QUASE todos os estrangeiros associam o Haití com o misterioso culto do vodú. Os turistas chegam a passar horas, de tocaia nos bosques, à espera de uma daquelas «orgias de sangue e volúpia» tão anunciados pelos jornalistas sedentos de escândalo. Grande, porem, é sua decepção, ao verificarem que essas cerimônias não passam de reuniões familiares para a prece. Cada família tem sua «casa de reza» no bosque; as «orgias» são apenas danças rituais, se bem que um tanto exóticas. Se há derrame de sangue, as vítimas terão sido uma galinha ou talvez um bode que, depois de devidamente imolados, são postos numa caçarola e servidos no jantar... O rum é abundante, e tomam-se tambem bebidas mais inocentes. No entanto, a embriaguez é considerada de péssimo gosto; e o ritual termina invariavelmente a tempo de comparecerem todos à primeira missa da manhã.

NO HAITÍ, as danças constituem recreação, alem de rito religioso. Nos sábados à noite, quem não estiver numa reunião de reza irá certamente a um *bombache* no salão de baile mais próximo. Esses «salões» são rudimentares estruturas de sapê, sustentadas por postes de madeira enfiados na terra batida. A orquestra se compõe de três tambores dos quais os músicos tiram complexos ritmos, com fascinantes variações, nítida reminiscência da África. Em contraste, a dança, propriamente dita, é monótona: curtos passos arrastados, sugestivas contorsões do torso e acenos de braço, um tanto enfadonhos. Nem sempre dançam aos pares; quando, porem, um rapaz e uma moça bailam juntos, defrontam-se mas não se tocam. Para o haitiano, a dança é diversão inocente, e não um pretexto para abraçar a dama... Os choferes de taxi ganham bom dinheiro levando os turistas a essas danças e convencendo-os de que se trata de ritual de vodú.

OS LAVRADORES encontraram um meio de cultivar suas terras que resolve, de uma vez por todas, o problema de unir o util ao agradavel. É o chamado «convite», trazido da África pelos escravos. Ao chegar a época de arar e gradar, o fazendeiro convida todos os vizinhos à sua propriedade e pede-lhes que tragam suas enxadas. Convoca, tambem, dois tambo-

rileiros e um cantor, e oferece rum em quantidade. Os convidados, em número de 20 ou 30, formam fila com suas enxadas; os tambores percutem um ritmo; o cantor entoa uma melodia. Até às montanhas mais longínquas chegam os ecos das enxadas a seguir o ritmo, alem do trovejar dos tambores e da suave melodia do cantor. Uma fazenda inteira é assim arada e gradada e o seu proprietário despende apenas o necessário para um banquete de galinha e milho assado...

UM DOS LOCAIS de maior interesse para os turistas no Haití é a Cidadela, construida pelo general de Toussaint l'Ouverture, Christophe, que, em 1807, se proclamou rei do Haití setentrional. Após mandar erigir magnífico palácio, fez edificar na montanha que ficava atrás do mesmo, a 900 metros de altitude, essa monumental fortaleza com uma proa semelhante à de um barco que cortasse os céus, com muros de 6 metros de espessura, 365 canhões de bronze, e alojamentos para 10 mil soldados. Essa construção constituiu verdadeira proeza de engenharia, comparavel à das pirâmides do Egito.

A UNIDADE monetária do Haití, que vale 20 centavos de dolar, chama-se *gourde*, e representa outra reminiscência do rei Christophe. Quando este subiu ao poder, a nação achava-se na bancarrota. Christophe sabia que os seus súditos usavam as cabaças continuamente, até gastá-las de todo e delas faziam toda sorte de utensílios. Decretou que passavam a ser consideradas propriedade do Estado todas as cabaças ainda verdes, pendentes dos pés. Quando amadureceram, mandou colhê-las e guardá-las em armazens, atribuindo a cada uma o valor de 20 *sous*. Por ocasião da colheita do café, comprou a rubiácea com as cabaças, e em seguida revendeu-a à Europa em troca de ouro. Dentro de um ano, o Haití já contava com uma moeda metálica estavel, e a nação estava rica.

AS PESSOAS sensiveis se sentem tristes no Haití. O povo é honesto e docil, tão mais polido do que nós—mas vive descalço, mal vestido e sub-alimentado... Vendem-se às vezes sacos de cereais para a confecção de roupas.

A própria elite vive na escassez. No melhor restaurante de Port-au-Prince, se o freguês pede dois ovos cozidos, receberá cinco.

—Para que tantos? perguntará.

—Alguns podem estar podres, responderá o garção. E, muitas vezes, terá razão mesmo...

EM MATÉRIA de clima, solo e condições de desenvolvimento, o Haití tem características de um paraiso terrestre. Entretanto, há mais de um século que o país vem regredindo constantemente; basta dizer que, hoje em dia, a renda média, *per capita*, não excede 20 dólares ao ano. Não há país em que as propriedades individuais sejam tão pequenas ou inadequadas, pois suas safras mais proveitosas —o açucar, o café, as bananas, o sisal e as frutas cítricas—vicejam melhor em grandes plantações. Trata-se de um país pequeno, cuja área é somente de 26.430 km², mas sua população é de três milhões, ou sejam, 114 pessoas por quilômetro quadrado (o Brasil tem aproximadamente cinco habitantes por quilômetro quadrado). Dois terços de seus habitantes sofrem de malária, e três quartos são vítimas de *yaws* (erupção da pele, extremamente contagiosa). De uma das mais ricas ilhas do ocidente, o Haití passou a ser um país assoberbado por sérios problemas.

Levante os olhos para o infinito

(Condensado de «Natural History»)

Por Clyde Fisher—Diretor honorário da seção de astronomia do American Museum of Natural History
Tal como foi contado a Henry Morton Robinson

OLHAI a abobada estrelada dos céus numa noite clara e sem lua. O esplendor grandioso do espetáculo desencadeia em nós um sentimento de temor, e reduz, pelo contraste, os desígnios—e até a significação do ser humano. Poucos escaparão às inelutaveis perguntas que as estrelas sugerem no tocante aos problemas de plano e finalidade. Menor será ainda o número dos que não se perturbam com a sua sidérea beleza.

Temos geralmente a impressão de que um milhão de estrelas são visiveis a olho nu. Na realidade, só umas 5.000 podem ser vistas isoladamente, sem a ajuda de instrumento óptico. E como só podemos observar de cada vez metade do céu (ficando a outra metade no extremo oposto da terra), não vemos senão umas 2.500 delas. Com um bom binóculo esse número pode chegar a 120 mil. O telescópio de 250 centímetros do Monte Wilson revela cerca de 15 milhões. Mas há ainda um sem-número de estrelas que não podemos ver nem mesmo com os mais aperfeiçoados instrumentos.

O misterioso é a coisa mais bela que podemos testemunhar. Aquele que não se deixa tocar pela emoção do mistério, aquele que, diante do maravilhoso, não se detem, transido de assombro, é como um morto: já não tem olhos para ver.
—Albert Einstein

Porque são velhas conhecidas do homem e há centenas de anos vêm servindo de guias ao marinheiro, ao pastor e ao condutor de camelos, as mais notaveis receberam belas designações dos gregos, dos romanos e dos árabes. A Estrela Polar ou do Norte; Altair, na constelação da Águia; Arcturo, da constelação do Boeiro, resplandecem tanto pela luz própria como pelas associações poéticas a que deram lugar. Com um pouco de prática e o auxílio de um mapa celeste, estas e centenas de outras podem ser facilmente localizadas a olho nu e identificadas pela côr e o tamanho.

Ptolomeu, o astrônomo egípcio, dividiu as estrelas em seis categorias, de acor-

do com o respectivo tamanho e intensidade de brilho.

As menos visiveis a olho nu pertencem à sexta categoria; estrelas duas e meia vezes mais luminosas, à quinta, e assim por diante, até chegarmos, deslumbrados, ao esplendor das estrelas de primeira grandeza, tais como Sirius, Arcturo, Prócion.

As cores das estrelas percorrem toda a escala cromática. Distinguem-se-lhes o vermelho desbotado da Beteljauza, o intenso amarelo de Mira, a tonalidade safira de Vega. As estrelas variam em côr porque variam em temperatura. Assim como uma barra de ferro, quando aquecida, fica primeiro de um vermelho opaco, depois amarela, depois quase branca, à medida que a temperatura aumenta, variam tambem a côr e o matiz das estrelas. Em estrelas de um vermelho demasiado, como a Aldebarã, a temperatura da superfície não excederá 1.650 graus centígrados. Estrelas amareladas, como por exemplo a Cabra, são duas vezes mais quentes. O branco azulado é a côr das estrelas de mais alta temperatura: a Espiga, na constelação da Virgem, tem na superfície uma temperatura de 11.000 graus centígrados.

Para medir-lhes o calor, emprega o astrônomo o bolômetro—instrumento elétrico em que uma lâmina de platina defumada, exposta às radiações estelares, registra com rigor a temperatura externa das estrelas. A pilha termoelétrica, outro tipo de «termômetro astral» é um instrumento diminuto semelhante às válvulas dos aparelhos de rádio. Usam-no os astrônomos no foco dos telescópios.

Quando olhamos as estrelas, quase todas elas nos parecem mais ou menos do mesmo tamanho. Mas, na realidade, esse tamanho é enormemente variavel. Algumas podem ser medidas com o interferômetro, um dos mais notaveis instrumentos de astronomia. Em 1920, o professor A. A. Michelson observou (como muitos antes dele) que, focalizando o telescópio numa estrela, apareciam em redor da imagem porções alternadas de luz e sombra, chamadas «manchas de difração». Michelson instalou com tal perícia dois grupos de espelhos voltados para as manchas de difração da estrela Beteljauza, que conseguiu medir a diferença entre os dois grupos de reflexos. Tomando por base estas diferenças, calculou, através de uma matemática complicada, o diâmetro da estrela em 434 milhões de quilômetros—30.000 vezes maior que o da Terra. E Beteljauza é apenas um pigmeu em confronto com a Alfa de Hércules. Esta é tão grande que, se seu centro estivesse onde se acha o do Sol, engolfaria a Terra e ultrapassaria a órbita de Marte!

Uma vez que milhares de estrelas de igual ou semelhante tamanho cintilam no firmamento, poder-se-ia julgar que nos espaços sidéreos há um acúmulo excessivo de corpos celestes. Mas, como assinalou um astrônomo: «Largue três vespas a voar sobre a Europa e haverá menos amplidão para elas nos céus europeus do que espaço no firmamento para as estrelas!»

É que o espaço inter-estelar é inconcebivelmente vasto. O Sol, estrela situada no centro do nosso sistema planetário, dista da Terra apenas 150 milhões de quilômetros. Nos últimos confins do sistema solar está o planeta Plutão, a somente seis bilhões de quilômetros do Sol. Para alem, é o vazio—um abismo que praticamente isola nosso sistema solar do resto do universo—até que a uma distância de 40 trilhões de quilômetros aparece a Alfa do Centauro.* Mas Sirius está quase duas vezes mais distante! A luz do Sol gasta oito minutos para chegar até nós, ao passo que a luz de Sirius leva mais de oito anos a percorrer o seu trajeto antes que a possamos distinguir.

*As distâncias estelares são tão grandes, que os astrônomos as medem em termos de ano-luz. O ano-luz é a distância percorrida pela luz em um ano, à velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, ou sejam, 10 trilhões de quilômetros.

Estas brilhantes partículas de luz constituem somente o primeiro plano do quadro cósmico. Mais alem, contemplamos um imenso arco de luzinhas côr de pérola envolvendo o céu. É a Via-Láctea, formada tanto pela luz combinada de uns 100.000.000.000 de estrelas impossiveis de distinguir separadamente, devido à distância, como pela luminosidade de enormes quantidades de poeira estelar, que é, por assim dizer, o embrião das estrelas ainda não formadas.

Sir James Jeans compara a Via-Láctea ao aro da roda de uma carruagem gigantesca, rodando a 50.000 anos-luz da Terra. O Sol é uma das menores estrelas do conjunto. Nesta via-láctea (e há pelo menos 100.000.000 de via-lácteas similares no universo) a Terra, a nossa orgulhosa Terra, é comparavel a um átomo de polen a flutuar sobre a vastidão do Pacífico.

Mas distâncias mensuraveis estendem-se ainda para alem da Via-Láctea! Com a ajuda do telescópio do Monte Wilson, apanharam os astrônomos a luz de «colmeias globulares». Estes enxames de estrelas estão tão afastados que os seus raios consomem de 15.000 a 200.000 anos para chegar à Terra. A luminosidade estelar procedente da colmeia globular M13 da constelação de Hércules, que atingiu hoje à noite o olho do astrônomo, deixou o ponto de partida ao tempo que o homem de Neanderthal apareceu no nosso planeta.

Se a longitude dessas colmeias globulares constitui um desafio à imaginação, as distâncias ainda maiores das chamadas «ilhas interplanetárias» é de molde a paralisá-la. Longe, nas remotas profundidades do espaço, essas «nuvens de estrelas» avançam a velocidades assustadoras em direção ao limiar do universo. O professor Harlow Shapley, da Universidade de Harvard, demonstrou que a luz da Nebula M 87 leva 8.000.000 de anos para alcançar o nosso planeta.

Muitos absurdos têm sido escritos sobre as descobertas a serem feitas com o novo telescópio de 5 metros instalado no cume do Monte Palomar, na Califórnia. O vidro gigante seria um desperdício criminoso se usado, por exemplo, na observação da Lua; instrumentos de tamanho moderado (de 15 a 50 centímetros) são os mais eficientes para tais estudos. A função primordial do novo telescópio é apanhar a luz de lugares do universo incrivelmente distantes, e aumentar o conhecimento humano do espaço exterior situado a um bilhão de anos-luz.

Entre os problemas que o novo aparelho poderá resolver inclui-se o do enigma do «espaço vazio». Será finito o cosmos? Terá limites determinados? (Esta crença é baseada na teoria de Einstein de que o espaço é semelhante a uma curva, que volve sobre si mesma, tal como acontece à superfície da Terra). Ou será, como acredita Eddington, um «universo em expansão», povoado de bilhões de galáxias semelhantes à Via-Láctea, a se afastarem continuamente umas das outras a velocidades incriveis pelos desertos do infinito?

As atuais estrelas estão ainda em estado de violenta conflagração cósmica, numa cadeia atômica de reações, transformando sua massa original em calor, luz e ondas eletromagnéticas. O Sol, por exemplo, (uma estrela insignificante) converte em energia 4.200.000 toneladas de matéria por segundo. Foi esta conversibilidade da *massa* em *energia*—ousadamente expressa por Einstein em fórmula matemática em

1905—que deu aos físicos a primeira idéia da força quase infinita que se oculta no átomo dos corpos terrestres.

Uma estrela não é mais nem menos do que uma enorme pilha atômica em perpétua explosão. Sob o tremendo bombardeio do calor central de uma estrela em combustão, seus atomos de gás sofrem uma completa desagregação. Núcleos e eletrônios, lançam-se de um lado para o outro em caótica desordem. Não obstante, tamanha é a pressão interior da estrela, que os fragmentos dos átomos assim desbaratados se aglutinam e formam massas de densidade fenomenal—podendo um só centímetro cúbico desse precipitado pesar várias toneladas (comparada com esses átomos, a Terra, na aparência tão sólida, não passaria de um composto de flocos e penugens). Na desagregação do átomo de urânio, os nossos físicos não fazem mais do que repetir em escala reduzidíssima o processo que se opera constantemente nas estrelas.

Nos dias que correm, quase todas as observações astronômicas são feitas pela fotografia: estrelas demasiado bruxoleantes para serem vistas, mesmo com o auxílio das lentes mais poderosas, podem ser registradas, pela exposição durante horas (ou dias) de lâminas fotográficas de alta sensibilidade. Por meio de cálculos matemáticos sumamente laboriosos, demonstrou o professor Percival Lowell que devia existir um novo planeta numa região remota do sistema planetário. Mas foram precisos 15 anos e milhares de placas fotográficas para localizar Plutão, esse vagabundo dos espaços.

Perguntar-se-á: qual o sentido e o fim desse vasto processo estelar? Haverá por detrás desse imenso cenário de que podemos ver apenas uma parte infinitesimal, alguma Inteligência operando? Sir James Jeans, entre outros, acredita que sim. Ele sugere, em resumo, que o universo é um sistema magnificamente coordenado. Como o calor das estrelas se reduz paulatinamente pelo efeito da radiação, passando por várias escalas de energia, ele crê que o processo terminará quando toda a energia fique reduzida à sua expressão mais simples. E, com efeito, as leis da termodinâmica amparam-lhe as conclusões. Em essência, Sir James afirma o seguinte: «Deus é um matemático. O universo não foi de nenhum modo criado para os seres humanos.»

Muitos, entretanto, acharão mais sedutora a filosofia de outro astrônomo, o querido «Tio John» Brashear, que pediu fossem gravados no túmulo em que ele e a mulher descansariam para a eternidade, as palavras de um poema lido na juventude: «Tanto amamos as estrelas, que não tememos a noite.»

Seja qual for o sentido do universo, milhões de séculos ainda terão de correr, antes que se verifique a consumação final de que nos fala Sir James Jeans. Sobra-nos assim tempo bastante, se o quisermos, para inundar os olhos de maravilhas e contemplar nos céus a refulgente magnificência dos fogos estelares.

****

Quando se beijam, as mulheres lembram-nos sempre o aperto de mão dos lutadores, antes da pugna.

—H. L. Mencken

Como se explica o fenômeno deste jovem que, ainda na adolescência, se tornou inventor, engenheiro e negociante de êxito?

Um menino prodígio da mecânica

(Condensado de «The Open Road for Boys»)

Por Frank J. Taylor

Todos os que conhecem o dinâmico Stanley Hiller, de Palo Alto, Califórnia, procuram encontrar uma explicação para o fenômeno. Contando atualmente 23 anos, Hiller, aos 16, já tinha uma fábrica de automoveis de corrida, em miniatura, que representava um negócio de 100 mil dólares por ano. Quando rebentou a guerra, adaptou a fábrica à produção de peças de aviões, com máquinas de fundir moldes de sua invenção; deu-lhe o nome de Hiller Industries, Inc., e empregava 70 operários. Aos 19 anos, criara novo tipo de autogiro, a que chamou de «Hiller-copter»; e quando a guerra terminou trabalhava ele febrilmente nessa invenção, afim de entregar à Marinha americana os helicópteros destinados ao serviço de salvamento. Havia tambem aperfeiçoado um modelo em miniatura desse mesmo avião, de quatro quilos de peso, capaz de voar como um papagaio de papel e de levar um minúsculo aparelho transmissor de rádio—o que constituia outro projeto da Marinha com o objetivo de salvar tripulações aéreas perdidas no mar. Enquanto re-convertia a fábrica à produção de tempos de paz, tais como brinquedos e utensílios de cozinha por ele desenhados, o jovem Hiller fundou tambem a companhia United Helicopters, Inc., dispondo de engenheiros e vendedores em número de 50 (cuja idade, em média, era de 27 anos), para o fabrico e distribuição de helicópteros.

Quando perguntei a Hiller o que fizera para realizar tanto em tão poucos anos, respondeu-me: «Escolhí um pai camarada...» Stanley Hiller pai, presidente de uma companhia de navegação em S. Francisco, na Califórnia, foi um dos primeiros entusiastas da aviação nos Estados Unidos. Inventor tambem, como aliás haviam sido seu pai e seu avô, estimulou no

filho as tendências inventivas deste, fornecendo-lhe, desde cedo, os instrumentos necessários. Quando o menino tinha sete anos, já atravancara o quintal com uma estrada de ferro em miniatura, feita em casa.

O pai de Stanley deu-lhe a seguir um motor a gasolina, retirado de uma máquina antiga de lavar roupa, e quatro rodas com pneumáticos de borracha. Não tardou que essas peças fossem instaladas num chassí improvisado, e Stanley rodava ruidosamente pelas calçadas, divertindo grandemente os amigos. A polícia, entretanto, é que não gostou da história, alegando que aquela geringonça representava perigo para os pedestres; Stanley pai, diante disso, não teve dúvidas: levou o filho às alturas... Antes de atingir os 10 anos de idade, Stanley já aprendera a voar, em companhia do pai.

Pouco tempo depois, construiu um modelo de avião equipado com um motor a gasolina do tamanho aproximado de sua própria mão. Manteve-se no ar esplendidamente, mas ao descer se espatifou. Stanley reconstruiu o motor, e utilizou-o num automovel de corrida de cerca de meio metro de comprimento e doze centímetros de altura. Numa pista improvisada no quintal de sua casa, esse carrinho alcançou a incrivel velocidade de 96 km à hora. Alguns dos seus companheiros, interessadíssimos, encomendaram-lhe «veículos» semelhantes; Stanley, sem hesitar, pô-los a trabalhar na oficina do quintal. Apoiado financeiramente pelo pai, em breve estava produzindo os «Cometas» Hiller em linha de montagem, no valor de 100 mil dólares de negócios por ano.

O problema era fazer para o motorzinho peças fundidas de alumínio que pudessem resistir à tensão de 18.000 revoluções por minuto. Certo dia, Stanley teve a idéia de fabricar uma armação para moldar matrizes, em que o alumínio se resfriava sob a pressão de um êmbolo impulsionado a eletricidade. Auxiliado por um desenhista e pelo pai, Stanley fabricou uma dessas armações, conseguindo assim aumentar a resistência à tração dos moldes de alumínio de 2.900 libras para 5.900 por polegada quadrada—isto é, quase a resistência do aço.

Essas peças fundidas de alumínio de grande resistência eram justamente aquilo de que precisavam os fabricantes de aviões para certas peças fundamentais, e a Douglas Aircraft Company assinou contrato com Hiller afim de comprar-lhe a produção total. Em seguida a Boeing, a Lockheed e outras fábricas de aeroplanos tambem quiseram adquirir tais peças. Em pouco tempo, a pequena oficina já contava com sete máquinas, funcionando em dois turnos. Nessa ocasião, Stanley tinha 17 anos e era calouro na Universidade da Califórnia.

As grandes fábricas hesitavam em assinar sub-contratos de material bélico essencial, com um rapaz tão moço. Diante disso, Stanley fez uma sociedade com o pai e uma irmã mais velha, e a folha de pagamento da Hiller Industries, Inc. se elevou a mais de 200 mil dólares anuais. Embora o pai comparecesse à fábrica todas as manhãs, a caminho do seu escritório em S. Francisco, Stanley era quem dirigia tudo, ajudado por um gerente. E ao mesmo tempo prosseguia nos estudos. Em suas horas vagas, desenhava uma série de utensílios de cozinha de alumínio fundido, para que suas máquinas não parassem no momento em que se esgotassem as encomendas das fábricas de material bélico. Após converter a fábrica à produção de tempos normais, os Hillers venderam-na, para permitir ao jovem Stanley dedicar toda a sua atenção aos helicópteros.

Enquanto ainda calouro na universidade, alem de nadar, jogar *badminton* e namorar uma colega, Caroline Balsdon, com quem mais tarde se casou—Stanley empenhou-se várias vezes em animadas discussões com um de seus professores a respeito de helicópteros. Insistia em que um helicóptero, desenhado com rotores contra-giratórios sobrepostos um ao outro, seria capaz de erguer e dar propulsão a um aeroplano, sem necessidade de usar-se o costumeiro rotor estabilizador na cauda. O professor opinava que essas monstruosidades mecânicas eram contrárias as regras da aerodinâmica.

—E por que não fabricarmos um, para ver quem tem razão? perguntou Stanley pai ao filho.

Era mais facil dizer que fazer... O grande problema consistia no mecanismo destinado a modificar o ângulo das lâminas rotativas enquanto estas estivessem em movimento—que é o segredo do controle dos movimentos num helicóptero. Mas após um ano de estudos intensivos, o jovem inventor estava pronto a criar algo de novo em aeronáutica.

Nessa época, porem, não se podiam comprar os materiais necessários, e a seção regional da Junta de Produção Bélica recusou a Stanley a prioridade para a aquisição do pequeno motor refrigerado a ar e outras peças. Hiller então improvisou um modelo do helicóptero pesando cerca de 50 quilos, e levou-o, com seus desenhos, ao Aeroporto Wright, em Dayton, Ohio, afim de tentar persuadir as autoridades militares a dar-lhe as prioridades que lhe permitissem fabricar ao menos um helicóptero. Essas autoridades declaravam-lhe que já haviam experimentado tudo em matéria de helicópteros, aconselhando ao jovem inventor que voltasse a seus estudos e se esquecesse de meter-se a gênio...

Em vez de seguir esse conselho, Stanley foi a Washington e levou o modelo e os desenhos de repartição a repartição, sem conseguir interessar pessoa alguma, até que um dia conheceu Grover Loening, consultor em aeronáutica da Junta de Produção Bélica. Loening foi com Hiller e sua geringonça até o Ministério da Marinha, que não somente lhe conseguiu as prioridades, como tambem pediu para Stanley um adiamento de convocação ao serviço militar, afim de que pudesse terminar a produção de um modelo experimental. Isso passou-se em outubro de 1943. Geralmente são necessários dois anos para que um avião passe das pranchetas de desenho para o aeroporto, já pronto. Stanley Hiller começou do princípio, com um aeroplano revolucionário desprovido de asas, cauda, leme ou ailerons, sem qualquer precedente. E apesar disso, em maio de 1944 já havia terminado o primeiro «Hiller-copter».

Embora jamais houvesse pilotado um helicóptero, Hiller teve que servir de piloto de provas para seu próprio aparelho, pois ninguem mais saberia pô-lo a funcionar... Fabricara-o numa garage alugada, em Berkeley, e a nova máquina de voar ainda lá se achava quando Stanley se instalou no assento do piloto, manejou com alguma hesitação a alavanca de controle, fez funcionar o motor, e engrenou as lâminas do rotor. A fortíssima corrente de ar, que se produziu, chegou a arrancar parte dos vidros da clarabóia da garage. Assustado, Hiller desligou apressadamente o motor. Já sabia, porem, que o aviãozinho era capaz de voar mesmo.

Conseguiu permissão da Universidade da Califórnia para realizar vôos experimentais no estádio desse estabelecimento de ensino. Afim de evitar que o aparelho subisse a grandes alturas, antes de estar familiarizado com o controle do vôo, amarrou-o, com cordas, a três automo-

veis. Após alguns dias de prática, elevou-se sem cordas, inclinou ligeiramente o helicóptero e voou para a frente, para trás e para os lados. Livre da inclinação que o fazia mover-se horizontalmente, o aparelho fixou-se, em flutuação. Poderia talvez contrariar todas as regras da aerodinâmica... mas o caso era que se elevava no espaço e voava.

O industrial Henry J. Kaiser teve notícia do Hiller-copter de Stanley, e este, após uma demonstração, autorizou a Kaiser Cargo, Inc., a fabricar um modelo maior, capaz de ser usado em salvamentos no mar e na evacuação de feridos. Quando o jovem inventor passou a trabalhar como engenheiro-desenhista da Kaiser, a cargo da divisão de helicópteros, o próprio Kaiser assim se exprimiu: «O que eu queria não era apenas o helicóptero; eram os conhecimentos do Stanley...»

Ao terminar a guerra, porem, Kaiser interessou-se mais na manufatura de automoveis, e Hiller organizou então sua própria companhia, United Helicopters, Inc., afim de aperfeiçoar o *Commuter*, modelo no qual duas pessoas podem sentar-se lado a lado num compartimento de plexiglass, semelhante a um aquário. Uma firma de corretores vendeu ações no valor de 1 milhão de dólares a 1.600 pessoas, que viviam em sua maioria na região da Baía de S. Francisco. Já em março de 1947, o primeiro *Commuter* estava pronto. Os acionistas e suas famílias, convidados a assistir a um vôo de demonstração no estádio de Redwood City, prorromperam em aplausos quando o piloto de provas se elevou no minúsculo helicóptero.

Nesse ínterim, porem, Stanley tivera a idéia de fazer um controle simplificado para os helicópteros e fabricara um modelo em miniatura de um helicóptero leve, do tipo comum, com uma única pá rotativa, um rotor estabilizador, ambos girando na mesma direção, e um rotor leve na cauda. Voava com a estabilidade do *Commuter*, podendo levar mais peso. Esse novo tipo de helicóptero despertou desde logo grande interesse entre os fazendeiros, para os trabalhos agrícolas tais como a disseminação de pó e preparados químicos pelos campos de cultivo, o combate à geada e o plantio de sementes «por via aérea». O pequeno aparelho foi feito de tal forma que pode flutuar sobre o campo enquanto seus rotores espalham os preparados químicos em pó ou as sementes, exatamente onde o fazendeiro escolher. Afim de prover as necessidades desse mercado, graças ao qual ele espera manter sua companhia em excelente situação financeira, Hiller prepara-se agora para construir 500 helicópteros desse tipo.

Stanley Hiller pai afirma que, para auxiliar o filho, só fez uma coisa, alem de dar-lhe instrumentos de trabalho: ouvir com atenção as suas idéias. Perguntei-lhe se, a seu ver, bastaria dar instrumentos a outros rapazes para que estes progredissem como Stanley. O sr. Hiller replicou enfaticamente: «Claro que sim. Agora, nada de esperdiçar instrumentos com rapazes interessados em outras coisas. Stanley quis ser inventor desde o momento em que começou a balbuciar as primeiras palavras. Aos cinco anos, mais ou menos, mostrou-se curioso quanto ao funcionamento de um relógio, e eu lhe dei um, para que o desmontasse. Se tivesse mostrado interesse pela música, eu lhe teria dado um violino. Um erro que muitos pais cometem é o de forçar a vocação dos filhos, obrigando-os a fazer isto ou aquilo, segundo o desejo dos pais, em vez de auxiliar-lhes o desenvolvimento das inclinações naturais.»

O fenômeno, tipicamente americano, teve sua origem na publicidade mirabolante, e talvez no tédio tambem...

Três paladinos do chicle

(*Condensado de «The Baltimore Sunday Sun»*)

Por Don Wharton

APESAR de aceito no mundo inteiro, o hábito de mascar goma pode considerar-se ainda como fenômeno caracteristicamente americano, pois, embora se haja ele alastrado a outros povos, os Estados Unidos consomem sete vezes mais chicle do que todos os outros paises do mundo juntos.

A mania difundiu-se na América do Norte graças, principalmente, a três homens: Thomas Adams, a quem ocorreu dar à goma a forma de tabletes; John Colgan, que deu sabor ao chicle; e William Wrigley Jr., responsavel pela propagação do hábito.

Adams, inventor nas horas vagas, interessou-se pelo chicle certo dia do ano de 1869, quando ouviu numa farmácia uma menina pedir goma de parafina para mascar. Lembrando-se de haver visto Santa Anna (o ditador mexicano, que então vivia, no exílio, perto de Nova York) partir pedaços de chicle para o mesmo fim, Adams e seu filho puseram-se a trabalhar naquela mesma noite com uma amostra de chicle que, anteriormente, tentaram transformar em sucedâneo da borracha. Primeiro amoleceram a substância em água quente, depois sovaram-na bem e com ela fizeram 200 pequenas pílulas. Entregues a título de experiência à referida farmácia, foram vendidas rapidamente a um centavo cada. Diante do êxito da experiência, Adams resolveu importar cerca de duas toneladas de chicle. Acondicionava as pílulas soltas em caixas com etiquetas que diziam: «Goma Adams de Nova York—Estala e Estica». Mais tarde conseguiu u'a máquina capaz de transformar o chicle em longas e estreitas tiras com ranhuras transversais que permitiam ao vendedor dividí-las em tabletes de centavo. A goma servia, realmente, para mascar; não tinha, porem, o menor sabor.

John Colgan, farmacêutico de Louisville, misturou bálsamo de tolú à goma, para dar-lhe gosto, e deu-lhe o nome de *Taffy-Tolu*. Seu primeiro sortimento alcançou tamanho sucesso em Louisville, que ele resolveu tentar os mercados de Chicago, Cincinati e Cleveland. Aí os negociantes ridicularizaram-no, alegando que, embora não ignorassem que no Sul se mascava goma, esse hábito era considerado deselegante naquelas cidades. Colgan retrucou que era «questão de educar o povo», e passou imediatamente a «edu-

cá-lo». Não tardou que aparecessem imitadores aos milhares. Houve época em que dez fábricas estavam produzindo goma com o sabor de tolú e todos chamavam-na de *Taffy-Tolu*.

Já por volta de 1880, um industrial de Cleveland começou a fabricar goma de mascar com gosto de hortelã, sabor esse que, até hoje, é o mais generalizado. Outro fabricante, da mesma cidade, acrescentou ao produto umas gotas de pepsina, anunciando que a goma «auxiliava a digestão». Desde então, são inúmeras as companhias que têm fabricado goma de mascar com os mais variados sabores.

Alguns anos depois, em 1892, William Wrigley Jr., o maior propagandista de seu tempo, resolveu aplicar seus talentos ao novo produto. Totalmente livre de inibições—um verdadeiro extrovertido—possuia automoveis vermelhos para poder encontrá-los com facilidade, e se dizia capaz de vender pianos aos manetas de Borneo. Interessando-se pela goma de mascar, fundou uma companhia que até hoje vendeu 113 bilhões de tabletes de chicle e pagou dividendos no valor de 185 milhões de dólares.

Aos 12 anos de idade, Wrigley já fora expulso da escola que frequentava em Filadélfia, fugira de casa e passara um inverno em Nova York trabalhando como jornaleiro. Um ano mais tarde, vamos encontrá-lo como modesto operário na fábrica de sabão pertencente ao pai. Um belo dia, pediu-lhe que o libertasse desse emprego e lhe permitisse sair em campo como caixeiro-viajante. Extraordinariamente ativo, vendeu mais sabão que muito caixeiro experiente, e daí a poucos anos já conseguia dar saida a toda a produção da fábrica.

Tinha 31 anos quando decidiu dedicar-se à goma de mascar. Escolheu certo fabricante, e marcou encontro para fechar o negócio. Costumava dizer com orgulho que jamais chegava tarde a um encontro marcado. Quando o industrial em apreço fê-lo esperar dez minutos, Wrigley não teve dúvidas: retirou-se e dirigiu-se a outro fabricante com quem acabou assinando contrato. Ao cabo de algum tempo, o negócio se elevava à cifra de 40 milhões de dólares anuais.

Já na época em que vendia sabão, Wrigley adotara o sistema do bonus, isto é, «dava» ao freguês, por exemplo, um guarda-chuva no valor de 85 centavos, após elevar o preço do sabão de $1,80 para $3,34 a caixa. Aplicou, então, o mesmo método na venda aos agentes de goma de mascar. Os bonus, assim distribuidos, fornecem-nos uma imagem bem nítida do que era a vida daquele próspero e despreocupado fim-de-século: lâmpadas para aposentos, tapetes de peles, jogos de louça, escarradeiras de bronze massiço, bandolins, cabides para chapéus, moinhos de café, carrinhos de criança munidos de um guarda-sol rendado... Aliás, graças a esses prêmios, difundiram-se muitas invenções, tais como as canetas-tinteiro, as máquinas fotográficas e os gramofones. Distribuiu, dessa maneira, aparelhos de segurança para barbear, quatro anos antes de fundada a Companhia Gillette; e entre seus bonus contava-se, ainda em 1908, uma máquina de filmar para uso doméstico.

Durante a depressão econômica de 1907, Wrigley tomou a resolução de «inverter um milhão de dólares em publicidade», milhão esse de que não possuia nem a quarta parte; conseguiu, porem, publicidade a crédito... Pouco depois viam-se, em todos os bondes, anúncios de sua firma. Em um ano, as vendas da goma de mascar «Spearmint», de sua fabricação, elevaram-se de 170.000 a 1.345.000 dólares. Muitas pessoas queixavam-se de serem perseguidas pela marca Wrigley e

pelo cheiro de hortelã... Em 1910, Wrigley chegou a vender 4.445.000 dólares.

Agradavam a Wrigley os gestos espetaculares. Duas vezes enviou goma de mascar gratuitamente a todas as pessoas cujos nomes constassem dos catálogos de telefones nos Estados Unidos. Ao longo de certa via férrea, mandou instalar um cartaz de propaganda com cerca de 5 km de comprimento. Num período de dois anos, distribuiu 14 milhões de exemplares de conhecido livro de versos para crianças, os quais mandara redigir outra vez, de forma a acrescentar, aos pequenos poemas, referências à goma de mascar.

Durante vários anos, enviou dois tabletes de goma como presente de aniversário às crianças que completassem dois anos de idade. Houve anos em que 750.000 crianças de dois anos receberam goma de mascar gratis. Enquanto isso, a American Chicle introduziu o sistema de «demonstradoras», moças que, em grupos de quatro ou oito, vestidas de cetim alaranjado, viajavam de cidade em cidade; cada uma delas tinha ordens de distribuir, de graça, 5 mil tabletes de goma de mascar por dia.

Assim, os Estados Unidos foram aprendendo a mascar goma... Se o consumo anual *per capita* era de 39 tabletes em 1914, já em 1925 subira a 100, e hoje passa de 130.

Em 1870, poucos adultos se interessavam pela goma de mascar, mas em 1890 a atitude geral modificara-se; a revista «Harper's» dizia que «o hábito de mascar goma é, principalmente, um hábito feminino; entre os homens, os poucos que o adotaram fizeram-no provavelmente por galanteria». Atualmente, os inquéritos revelam que, nesse campo, pouca diferença existe entre sexos, sendo que os adultos consomem goma de mascar em quantidades maiores do que as crianças.

Em 1932, Phil Wrigley, filho do industrial, resolveu investigar quais os motivos que levavam o povo a mascar goma. Distribuiu a pergunta por todo o país, oferecendo um dolar a cada pessoa que lhe enviasse não só uma resposta, como tambem uma caixinha, aberta, da goma Wrigley. A campanha durou três anos, e Wrigley averiguou que as razões apresentadas estavam, invariavelmente, de acordo com os anúncios do produto feitos na época. Conclusão: se um fabricante repete, milhões de vezes, que seu artigo «alivia a tensão nervosa», muita gente acaba por dar-lhe fé...

E o hábito de mascar prossegue em seu triunfante caminho, não obstante os ditames dos especialistas de boas maneiras. Em certo período, a goma era completamente obrigatória, no palco, para as atrizes que representassem o papel de mulheres desclassificadas. Depois passou a ser identificada com as esteno-dactilógrafas. Há vinte anos o diretor do departamento comercial de certa universidade americana recebia os calouros com esta declaração: «A diferença entre uma secretária e uma estenógrafa está em que a estenógrafa masca chicle.»

Emily Post, célebre autoridade em assuntos de etiqueta, jamais se referiu à goma de mascar, nas sucessivas edições de seu livro. Pouco antes da guerra, exprimiu-se ela nestes termos: «É ainda impossivel imaginar que uma mulher fina seja capaz de andar na rua mascando goma ou fumando.» Há quem acredite que a atual mania de *bubble-gum* (chicle elástico que, quando soprado, forma um pequeno balão) contribuirá para tornar o chicle comum mais aceitavel do ponto de vista da etiqueta. Com efeito, depois de ver-se o *bubble-gum* feito balão, arrebentado, mastigado e enchido outra vez, será possivel considerar o chicle quase como sinal de boas maneiras.

A goma de mascar criou um problema de limpeza que até hoje, após 78 anos, ainda não foi resolvido. Já se gastaram milhares de dólares para remover pedaços de goma das estações de estrada de ferro, cadeiras de cinemas, e assim por diante. Quase todas as fábricas mandam imprimir no papel que envolve cada tablete, estes dizeres: «Use o envólucro interno ao desfazer-se do chicle.» Essa será, talvez, a sugestão mais frequentemente impressa no mundo inteiro; entretanto, quase ninguem lhe presta a menor atenção...

Durante a guerra, as fábricas americanas produziram cerca de 15 bilhões de tabletes para as forças armadas. Em certa ocasião, desapareceu toda a produção da fábrica Wrigley na Austrália; no escritório central em Chicago, ninguem sabia explicar o fenômeno, e a sucursal australiana manteve segredo. Só muito mais tarde se revelou a causa desse desaparecimento. A goma era embrulhada em envólucros especiais onde se viam, de um lado, as bandeiras dos Estados Unidos e das Filipinas, e do outro, estas palavras: «Hei de voltar—MacArthur.» Centenas de caixas, assim acondicionadas, foram lançadas, de bordo de aviões, sobre território filipino.

Os Estados Unidos são geralmente considerados como um país de mascadores de goma; mas, na realidade, somente 10 por cento da população do país consome 75 por cento da produção. Durante a guerra, os militares americanos mascaram mais de 500 tabletes, individualmente, por ano; os fabricantes gostariam que em tempo de paz os civís fizessem outro tanto. A dificuldade está em descobrir novas maneiras de anunciar o produto. Já se usaram quase todas as frases possiveis e imaginaveis: «dá novas energias», «ajuda a fazer amigos», «alivia o tédio» e «mantem jovens os lábios»—São alguns exemplos... Podemos, porem, prever que os fabricantes acabarão por encontrar alguma fórmula nova.

Apostando na certa

«APOSTO 100 cruzeiros que o seu isqueiro falhará na primeira tentativa,» costuma propor, invariavelmente, um inglês. Consegue ele, com isso, uma média semanal de 800 cruzeiros, ou sejam mais de 40.000 por ano.

—*Sun*, de Baltimore

NUM clube de golfe, onde um sócio se gabava da sua força física, um dos presentes, de compleição franzina, desafiou-o:

—Aposto 500 cruzeiros como você não será capaz de trazer da rua até aquí, com a mesma carga, um carrinho de mão que eu tiver levado até lá.

—Feito, replicou, sorrindo, o fanfarrão.

Quando trouxeram o carrinho, o desafiante arregaçou as mangas e, voltando-se para o atleta, ordenou-lhe:

—Suba.

— «Um advogado de Filadélfia», no *Evening Bulletin* de Filadélfia

Um tema para debate

Poderá o dolar $alvar o mundo?

Condensado do livro
«*Will Dollars Save The World?*»

HENRY HAZLITT

A GRANDE maioria do povo americano é favoravel à ajuda, em grande escala, à Europa. Em parte, por um sentimento natural de solidariedade para com povos que ora se acham em situação extremamente dificil, e em parte, devido à insistência com que se vem afirmando que a Europa só se salvará do caos e do comunismo com o auxílio dos Estados Unidos.

O Reader's Digest, tanto no interesse dos paises europeus como no dos Estados Unidos, acredita salutar dar acolhida à tese de que os planos atualmente em elaboração não trarão os resultados esperados, *a menos que se tomem em conta, nos Estados Unidos e na Europa, os complexos e distintos fatores que afetam uma economia nacional.*

Publica, pois, a condensação deste livro com a esperança de que o mesmo suscite novo interesse e novos estudos sobre esse assunto de vital importância.

Copyright 1947, Henry Hazlitt. Editora D. Appleton-Century Co., Inc., Nova York—Preço $1.50

PODERÁ O DOLAR SALVAR O MUNDO?

GENERALIZOU-SE a crença de que os Estados Unidos têm o dever de emprestar ou dar enormes somas a outros paises, principalmente da Europa, com o fim de salvar o mundo do comunismo e do caos. Esta convicção enraizou-se quase tão profundamente nos Estados Unidos —país que arcará com os sacrifícios— quanto nos paises europeus, que deles se beneficiarão.

As atuais dificuldades econômicas da Europa são atribuidas, principalmente, à destruição e às contingências da guerra. Proclama-se que os Estados Unidos não só podem como devem promover a recuperação da Europa; assegura-se que essa recuperação é essencial para a prosperidade dos próprios Estados Unidos e, ainda, que se trata, no fundo, de um «bom negócio» mesmo que os empréstimos jamais sejam reembolsados.

Se, por um lado, não seria generoso de nossa parte depreciar as destruições e os tremendos problemas políticos e econômicos que a guerra acarretou para a Europa, por outro, caberia perguntar, com toda a franqueza, se a principal responsabilidade pela atual crise européia deve ser atribuida à guerra ou à política seguida pelos diferentes governos depois do conflito. Entretanto, não percamos de vista o fato de que a questão básica a responder não se refere às causas dessa crise e sim às maneiras mais adequadas de resolvê-la.

DESDE QUE se tornou reporter de *The Wall Street Journal*, há 30 anos, Henry Hazlitt interessou-se, primordialmente, por assuntos econômicos e financeiros. Tinha 26 anos apenas, quando foi feito redator financeiro do *Evening Mail*, de Nova York. Trabalhou tambem na seção de finanças do *Evening Post* e do antigo *Herald*, de Nova York.

Em 1934, o sr. Hazlitt escreveu a maior parte dos editoriais do *Times*, de Nova York, sobre economia e finanças. Foi redator do *Times* durante doze anos, deixando este jornal para escrever a coluna «Business Tides» da revista *Newsweek*. Em 1946, publicou *Economics in One Lesson*, um dos poucos livros sérios sobre economia que figuraram entre os *best sellers*, nos últimos anos. Esta primavera, visitou a Suiça, França, Bélgica, Holanda, Suécia e Grã-Bretanha.

1. *O principal obstáculo à recuperação européia reside na política seguida atualmente pelos governos da Europa.*

Qualquer pesquisa sobre a situação econômica da Europa deverá começar pela Alemanha, a qual, produzindo agora somente uma fração insignificante da sua produção industrial de antes da guerra, tornou-se o cancer da Europa. O Ruhr só era superado pela Inglaterra, como abastecedor das necessidades européias de carvão. Sua paralisação afetou profundamente a economia de todo o Continente.

O colapso da Alemanha atingiu as nações vizinhas—Suiça, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia—cujas economias estavam intimamente ligadas à daquele país. Os portos holandeses de Roterdã e de Amsterdã, por exemplo, que antes serviam de escoadouro de uma ampla região, em grande parte germânica, estão hoje, praticamente, paralisados. Não deixa, pois, de ser irônico observar que as pessoas que encarecem a necessidade de se derramar dinheiro sobre a Europa, sob a alegação de que a recuperação

da Europa é essencial aos Estados Unidos, são precisamente as mesmas que se destacam entre os partidários da manutenção da Alemanha como um vácuo econômico.

A chave para o renascimento europeu e para reduzir a drenagem dos recursos norte-americanos, está no renascimento econômico da Alemanha. E o grande obstáculo à recuperação da Alemanha não reside nas destruições e contingências da guerra, e sim no retalhamento do seu território e nas atuais medidas socializantes que lhes são impostas pelas forças aliadas de ocupação.

Nas zonas americana e inglesa, as medidas foram de tal maneira restritivas que a produção se reduziu e desorganizou de forma impressionante. O plano chamado de «nivel industrial» limita o rendimento em vários setores a uma pequena percentagem dos totais de 1939. Devido a uma série infindavel de requisitos e formalidades para a expedição das licenças especiais exigidas a quase todas as atividades econômicas, o incentivo é nulo, o trabalho e os materiais mal aproveitados e a produção ridícula. Como bem o observou o *Economist*, de Londres, «a única planificação existente é a dos entraves à produção.»

A Alemanha é um exemplo típico de produção sufocada por estúpidos controles externos. Vejamos agora os paises onde a produção se desorganizou e frustrou em consequência da intervenção inepta dos seus próprios governos. Como as situações são extraordinariamente parecidas e com o fim de evitar, nesta história, as repetições que resultariam do exame de cada caso em particular, tomemos como exemplo um único país, a que chamaremos Ruritânia. Com pequenas variantes, a situação se aplicaria à maior parte dos paises da Europa.

O orçamento da Ruritânia é deficitário. Pesadas somas são gastas em armamentos, em auxílio às indústrias nacionalizadas e deficitárias, em subsídios para alimentos, nos aumentos das pensões, nos salários-família e em outras formas de previdência social. Nenhuma dessas despesas, asseguram os governos, pode ser reduzida. Os impostos, em geral, continuam pesados ou foram aumentadas as taxas que incidem sobre os rendimentos mais altos.

O governo, entretanto, responsabiliza os «especuladores» e «agiotas» pela alta dos preços, e não a atribui à sua própria política inflacionária. Põe sob tabelamento principalmente os gêneros e produtos de primeira necessidade. O poder aquisitivo inflacionário, restringido nesse setor, expande-se livremente sobre os artigos de luxo, não controlados. Em consequência, cai a produção dos artigos de primeira necessidade enquanto sobe a dos artigos de luxo, com evidente desperdício de capital e mão de obra.

A Ruritânia deseja comprar matérias primas e maquinaria no exterior, o mais barato possivel. Tenta conseguí-lo mantendo a taxa cambial em nivel arbitrariamente alto e punindo como crime a compra ou venda da sua moeda abaixo da cotação. Isso torna os produtos da Ruritânia extremamente caros em termos de moeda estrangeira. Em suma, essa política encoraja as importações e desalenta as exportações.

A Ruritânia, em lugar de corrigir o mal deixando a moeda encontrar o seu verdadeiro nivel, nas oscilações naturais da oferta e da procura, apela para o recurso das restrições à importação. Para encorajar a exportação, negocia tratados de comércio bilaterais forçando os vizinhos a comprarem alguns artigos de luxo, juntamente com os produtos de que realmente necessitam. Em troca, concorda tambem

em importar alguns artigos de luxo, alem dos de primeira necessidade. Dessa maneira, cada país da Europa se vê compelido a adquirir não os produtos que os seus consumidores reclamam, ou na proporção desejada, mas artigos de luxo que o seu vizinho está ansioso por liquidar.

Não é, pois, de surpreender que, em face de tais medidas, quase todos os paises da Europa comprem mais do que vendem. Este excesso crônico de importações não resulta, primordialmente, das destruições da guerra e sim da orientação dos próprios governos. Essa anomalia vem sendo financiada, em grande parte, por empréstimos do Governo americano. E continuará assim enquanto perdurarem os empréstimos e a orientação atual dos governos europeus.

2. *Isso nos leva à discutida questão da «escassez de dólares». Esta é a frase em voga na Europa, e aceita, igualmente, por muitos americanos.*

Atribuir as dificuldades da Inglaterra, da Europa ou da América Latina à «escassez de dólares» implica, em realidade, em insinuar que os Estados Unidos são os responsaveis pela situação. Os Estados Unidos têm sido acusados de não prodigalizarem dólares em quantidades suficientes. A verdade, porem, é que tanto a Inglaterra como o Continente e a América Latina querem comprar mais dos Estados Unidos do que lhe vendem. Não há, pois, «escassez de dólares» e sim escassez de mercadorias e serviços para trocar por dólares. Nos últimos dois anos, os Estados Unidos auxiliaram o resto do mundo com quantias e mercadorias no valor de 17 bilhões de dólares. O ouro e os dólares existentes fora dos Estados Unidos alcançam hoje o total, sem precedentes, de mais de 20 bilhões.

Por que, então, queixar-se-á a Europa, mais do que nunca, a altos brados, da «fome de dólares»? Por que se terá desequilibrado tanto o intercâmbio comercial do mundo?

A principal responsabilidade deve recair sobre os controles governamentais. Quase todos os paises recusam-se a aceitar o veredicto do mercado livre sobre o valor real das suas moedas. Não permitem, sequer, que o mercado livre funcione. Quase todas as moedas do mundo estão valorizadas artificialmente em relação ao dolar. Esta valorização é que produz a chamada escassez de dólares. Se, por um lado, encoraja os paises a comprarem nos Estados Unidos, desencoraja, por outro, os E. U. a comprarem dos mesmos.

Essa situação poderia ter-se corrigido por si mesma, há muito tempo. Quando as importações da Europa excederam as exportações, a procura teria naturalmente elevado a cotação do dolar em relação às moedas européias. Como consequência, as mercadorias americanas ter-se-iam encarecido para os consumidores europeus ao mesmo tempo que as mercadorias européias ter-se-iam barateado para os consumidores americanos, restabelecendo-se, assim, o equilíbrio do intercâmbio.

Entretanto, de acordo com o convênio de Bretton Woods, cada membro do Fundo Monetário Internacional é *obrigado* a proibir transações cambiais no seu território fora das cotações oficiais. Não poderá haver solução para o desequilíbrio do comércio mundial e para a chamada «fome de dólares» enquanto não for revogado este dispositivo e restabelecida a liberdade cambial. Poder-se-á mesmo dizer que o restabelecimento da liberdade cambial, especialmente se combinado com o restabelecimento da liberdade no intercâmbio de mercadorias, tornaria o «Plano Marshall» virtualmente desnecessário.

3. *Em vista da produção de alimentos nos Estados Unidos equivaler a apenas 12 por cento da produção mundial, é lógico que esse país não poderá alimentar o mundo inteiro.*

Os Estados Unidos têm 140 milhões de bocas para alimentar; mas a Europa tem 350 milhões. A solução real do problema da alimentação não está em distribuir o insuficiente, mas em restabelecer a produção. E é precisamente esse restabelecimento que está sendo impedido em toda a Europa—com as pilhagens russas, com as leis impostas pelos aliados na Alemanha, com o socialismo e o comunismo; com as «reformas agrárias» que sequestram as terras, retalham as fazendas e deslocam populações; com as barreiras à exportação e à importação; com os controles cambiais e com os tabelamentos de preços que eliminam os lucros ou tornam impossivel a produção, o transporte e a venda de alimentos. Devido à pequena produção de alimentos nos Estados Unidos, em relação às necessidades mundiais, o esforço americano para aliviar a escassez européia provocará um aumento vertiginoso dos preços dentro dos Estados Unidos.

4. *O auxílio do exterior, recebido por qualquer país, irá minorar, em realidade, as suas necessidades MENOS urgentes. Será baldado o auxílio dos Estados Unidos a menos que esses paises abandonem suas medidas restritivas.*

Os que asseguram que se os Estados Unidos não enviarem alimentos para a Iugoslávia estarão, com isso, condenando o país aos horrores da fome, esquecem-se de que a Iugoslávia mantem em pé de guerra um enorme exército, cujos homens estão sendo roubados aos trabalhos agrícolas. Quanto maiores forem os donativos do exterior, maiores serão os recursos desviados para a manutenção do aparelhamento militar do país.

Esta consideração elementar basta para neutralizar completamente o argumento de que os empréstimos dos Estados Unidos só poderiam ser aplicados em fins determinados. O auxílio americano a um governo estrangeiro, para resolver problemas dessa índole, terá como único resultado habilitar esse governo a despender outros recursos em bonus de previdência social, em aumentos nos salários do funcionalismo, em financiar a propaganda anti-capitalista ou em quaisquer outros fins do seu agrado. A menos que os Estados Unidos assumam o controle de *todas* as despesas do país devedor, a sua contribuição se diluirá na massa dos recursos do país como a água de um balde jogada num barril semi-cheio.

Um banqueiro não pode emprestar os fundos que lhe foram confiados a um industrial incompetente, condenado à falência, ou cuja norma de vida lhe tornará impossivel pagar a dívida. Este princípio se aplica tanto às nações como aos indivíduos. Dinheiro aplicado em empréstimos ou donativos que apenas servem para amparar medidas restritivas da produção, é dinheiro atirado pela janela. Entretanto, presenciamos hoje o estranho espetáculo oferecido por europeus que proclamam: «Os Estados Unidos têm o dever de despejar dinheiro em nossos paises; mas não têm o direito de nos perguntar o que faremos com o dinheiro. Isso significaria intervenção nos nossos assuntos internos e poderia ferir a nossa soberania.»

Desde que qualquer ajuda financeira à Europa será vã se não for acompanhada por drásticas reformas nos paises beneficiados, quais seriam as *mínimas* reformas necessárias?

I. Equilíbrio orçamentário. A menos que as receitas de um governo possam

igualar ou superar as despesas, não poderá o mesmo evitar a inflação nem estabilizar a moeda.

Quase todos os governos retrucarão, por certo, que são demasiado pobres para poderem equilibrar seus orçamentos. A solução está na compressão das despesas, quase sempre enormemente superiores às cifras de antes da guerra, destinadas aos crescentes gastos militares, a planos mais amplos de previdência social, aos subsídios para alimentação ou para cobrir os déficits das indústrias nacionalizadas, aos planos grandiosos de construções de edifícios públicos e a mil outros fins. Se tais governos são «demasiado pobres» para equilibrar seus orçamentos, deveríamos perguntar-lhes se são suficientemente ricos para se permitirem tais suntuosidades.

II. Eliminação dos controles cambiais. O primeiro passo para o restabelecimento da corrente livre e normal do intercâmbio comercial deverá ser a abolição de todas as proibições quanto às cotações das moedas estrangeiras.

III. Supressão dos tabelamentos de preços, tanto para as mercadorias nacionais como para as importadas, e de todas as medidas que tendem a dificultar ou desequilibrar o comércio e a produção.

IV. Atenuação ou remoção das barreiras ao comércio exterior.

V. Como os empréstimos ou donativos americanos seriam, na realidade, aplicados no custeio das despesas de carater militar (seja diretamente, ou por deixarem outros recursos livres para esse fim), não deveriam permitir-se gastos excessivos com as forças armadas.

Muitos norte-americanos reconhecem que o auxílio financeiro à Europa será realmente inutil se os governos europeus não alterarem sua atual política econômica. Quase todos, porem, estão convencidos de que esta dificuldade será superada se o Governo americano condicionar a sua ajuda à aceitação das providências que acabamos de enumerar. Esta solução, entretanto, conduz a graves dilemas.

Os governos europeus alegarão a impossibilidade de darem cumprimento a essas condições. Os problemas e dificuldades do país, ao invés de serem atribuidos às providências e condições anteriores, passariam a ser imputados às medidas que tomassem em obediência às cláusulas do empréstimo.

A nação devedora suspeitará certamente que as condições impostas pelo credor visam, em primeiro lugar, o interesse do próprio credor e não o seu. Por conseguinte, embora o interesse primordial do Governo americano seja o restabelecimento econômico da Europa, o simples fato de os Estados Unidos insistirem em certas condições, bastará para que estas sejam «humilhantes» e impopulares nos paises devedores.

5. *O Governo dos Estados Unidos não poderá recomendar a governos estrangeiros, como condição para os empréstimos, determinadas providências que ele próprio não está adotando. Só podemos pregar, com resultados efetivos, através do exemplo.*

Os Estados Unidos podem fazer mais pelo renascimento do mundo tornando a sua própria economia mais sólida e mais livre do que proporcionando auxílios precários a economias fundadas no princípio dos controles totalitários.

Os Estados Unidos precisam reduzir as suas fabulosas despesas federais, cujo total ainda é cinco vezes maior que as cifras imediatamente anteriores à guerra. Precisam reduzir os impostos a um nivel que permita o desenvolvimento salutar das iniciativas privadas. Deveriam, igualmente, reduzir as tarifas alfandegárias,

quer façam ou não o mesmo as demais nações. Não poderão restabelecer o equilíbrio do comércio senão dispondo-se tanto a vender como a comprar. O melhor auxílio a um homem desempregado não consiste num empréstimo ou num donativo, mas num emprego. Isso mantem-lhe a independência e o respeito por si mesmo; habilita-o a compensar o que recebe com serviços pelo menos de igual valor; aumenta, por outro lado, a renda nacional. Pelas mesmas razões, a melhor maneira de ajudar a Europa não é fazer-lhe donativos ou empréstimos duvidosos, mas comprar-lhe mercadorias.

6. *Os empréstimos intergovernamentais aumentam e prolongam as restrições oficiais tanto sobre a economia do país que empresta como sobre a do que recebe, adiando a volta à economia livre.*

Quando um governo importa moeda estrangeira por meio de um empréstimo, assume responsabilidade quanto à aplicação da mesma. Por isso, as quotas para importação e as licenças de importação tornam-se elementos naturais do programa do governo devedor.

Quando o governo americano faz empréstimos a outro governo, transfere poder aquisitivo das mãos dos seus próprios cidadãos para as do governo estrangeiro. Alem disso, se a importância do empréstimo não for imediatamente compensada por uma soma igual, proveniente de impostos adicionais, criará um poder aquisitivo inflacionário para os limitados suprimentos de mercadorias no mercado interno. E então, com o fim de assegurar o abastecimento interno, o país apela para a continuação do regime de quotas de exportação dos tempos de guerra. Os controles de exportação do Governo dos Estados Unidos têm sido mantidos precisamente por essa razão.

7. *O grosso dos «empréstimos» americanos, tanto os passados como os em perspectiva, são pouco mais do que donativos mal disfarçados.*

Não seria realista qualquer outra presunção, em vista da história dos empréstimos intergovernamentais, principalmente dos concedidos pelos E. U. A. durante a Primeira Grande Guerra. Mas os «empréstimos» atuais são, em realidade, donativos, e como tais devem ser equiparados às demais despesas públicas. Para não se tornarem inflacionários, desequilibrando o orçamento, necessitam ser imediatamente compensados por aumentos de impostos. Quando o povo americano discute a extensão do auxílio que «poderá» dar ao estrangeiro, deverá verificar, antes, quantas taxas adicionais «poderá» ainda suportar.

O argumento mais usado para justificar os empréstimos ou donativos à Europa é o de que o velho continente é «pobre» e os Estados Unidos são «ricos». Mas este argumento de aparente simplicidade oculta uma série de fatos complicados. Significa que a renda de *famílias e indivíduos* nos Estados Unidos é em média mais alta do que a renda de *famílias e indivíduos* na Europa. Nada mais, nada menos. Há muitas pessoas na Europa mais ricas do que a média dos norte-americanos. Esses europeus ricos terão que ser beneficiários, direta ou indiretamente, dos empréstimos ou donativos norte-americanos. Sob o programa norte-americano de empréstimos-donativos, as pessoas e grupos de renda inferior nos Estados Unidos estão na realidade auxiliando financeiramente na Europa pessoas e grupos que dispõem de rendas superiores às deles.

8. *Não é verdade que os empréstimos externos sejam necessários para evitar o desemprego e a queda da produção nos E. U.*

Diz-se que o Governo dos Estados Unidos precisa conceder esses empréstimos ou donativos, não apenas como um dever de caridade, mas inspirado, astutamente, no seu próprio interesse. Já em 25 de junho último, o *Pravda* declarava que o Plano Marshall fora influenciado pelo desejo de prolongar o *boom* de após-guerra nos Estados Unidos e de «atenuar a crise econômica iminente». Este conceito tem sido repetido inúmeras vezes na imprensa francesa e inglesa.

É natural que tal insinuação encontre acolhida nos paises que desejam obter mais empréstimos e donativos dos Estados Unidos. Mas é certamente de estranhar que seja endossada por alguns homens de negócios dos Estados Unidos e até mesmo por alguns economistas. Não há, evidentemente, maior contrassenso.

Se os norte-americanos pudessem promover a prosperidade pela simples distribuição gratuita das mercadorias que produzem, não haveria por que presenteá-las aos paises estrangeiros. O Governo federal poderia determinar a entrega das mesmas aos pobres do seu próprio país. Poderia fornecer-lhes refeições, sobretudos e automoveis gratis, financiando-os pela inflação ou adicionando-os à conta dos contribuintes do fisco. Deveria ser acessivel às inteligências mais medíocres o raciocínio elementar de que ninguem pode enriquecer atirando o que tem pela janela.

9. *As excessivas exportações norte-americanas de mercadorias já motivaram um perigoso aumento de preços no mercado interno, e não podem ser mantidas nos seus niveis atuais.*

A procura, em todo o mundo, de mercadorias americanas, aumentada e tornada possivel pelos empréstimos americanos, atingiu principalmente os gêneros alimentícios. Como consequência, os preços—que seriam altos, no mercado interno, mesmo sem a extraordinária procura do exterior—atingiram a 259 por cento do nivel de 1939, na semana que findou em 20 de setembro último, e continuam em ascensão.

Os Estados Unidos estão hoje a braços com uma tremenda onda inflacionária, que tenderá a agravar-se com a política atual de auxílios ao estrangeiro. É verdade que o aumento nos preços dos alimentos se deve, primordialmente, ao aumento do poder aquisitivo do mercado interno, como consequência da triplicação, com a guerra, do meio circulante e do crédito. Mas precisamente no momento em que os consumidores americanos passaram a preocupar-se seriamente com o nivel dos preços, o governo federal começou a expandir a sua política de exportação de alimentos, responsavel pelos novos aumentos.

10. *Os vultosos donativos ou empréstimos aos paises europeus não constituem o meio mais eficaz de combater o comunismo no mundo.*

Um dos argumentos mais repetidos em favor da política de grandes empréstimos externos consiste na afirmação de que será esta a única maneira de «conter a expansão do comunismo» e de que se a Europa for abandonada aos seus próprios recursos, tornar-se-á, certamente, comunista. Acrescenta-se ao argumento esta reflexão: se conseguirmos, com os empréstimos, deter a marcha do comunismo, o preço terá sido extremamente módico.

Este argumento simplista elude todas as dificuldades reais do problema. Aceita, como *preliminar indiscutivel*, que os empréstimos à Europa servirão de barreira ao comunismo. Ninguem explica, porem, de que maneira. Os empréstimos, alegam

os seus partidários, conquistarão a amizade e a gratidão dos governos beneficiários; apoiando esses governos e evitando os horrores da fome, os Estados Unidos neutralizarão a ideologia comunista.

Na melhor das hipóteses, os empréstimos serviriam apenas como meios limitados e temporários de combate à difusão das idéias revolucionárias. Seria, porem, muito mais eficaz e incomparavelmente mais barato para o Governo americano combater diretamente as idéias revolucionárias. Poderia fazê-lo assumindo um papel ativo na «guerra de propaganda» que a Rússia lhe move, e retrucando sistematicamente às mentiras que são publicadas em Moscou, e na imprensa comunista do exterior, sobre as intenções dos Estados Unidos e sobre a «falência» do sistema capitalista. Em lugar de enfraquecer a sua própria economia, drenando recursos para governos europeus instaveis e de probidade duvidosa, os Estados Unidos deveriam exibir os contrastes entre o seu regime de livre iniciativa e o espetáculo de fome, terror e escravidão apresentado pelo comunismo.

É evidente que muitos dos governos europeus beneficiados pelos empréstimos americanos não podem figurar entre os defensores ideais do capitalismo. Quase todos acreditam na economia dirigida, sendo alguns deles socialistas ortodoxos, infensos, de todo, ao capitalismo.

Dificilmente poderia haver uma idéia mais errônea e pérfida que a de que se pode combater o comunismo com o socialismo. O chamado socialismo «gradual», no melhor dos casos, não passa de meio caminho para o comunismo. Os ideais econômicos do socialismo e do comunismo são idênticos. Ambos pregam que o governo deve ser o proprietário e administrador dos meios de produção. Quando essa propriedade se consolida, o governo assume, economicamente, poderes de vida e morte sobre o indivíduo. Pode dizer-lhe onde deverá empregar-se, que espécie de emprego será o seu ou mesmo se receberá ou não algum emprego. No momento em que o governo se investe desse poder, a liberdade individual desaparece, de fato, se não de direito. Como o acentuou Alexandre Hamilton, há um século e meio, em seus *Federalist Papers*, «um poder sobre a subsistência do homem equivale a um poder sobre a sua vontade.»

Socialismo e comunismo só diferem nos seus métodos políticos. Os socialistas, é verdade, falam na preservação dos métodos democráticos e da liberdade individual, não cabendo dúvida quanto à sinceridade da maioria. O socialismo, entretanto, não admitindo a liberdade econômica, terminará, de fato, por cercear todas as demais liberdades essenciais.

No regime capitalista, a par da possibilidade do trabalho por conta própria, há milhões de empregadores disputando, em concorrência, mão de obra. Essa concorrência não só redunda em aumentos de salários como resguarda as liberdades do trabalhador. A situação deste piora incomparavelmente quando tem de curvar-se à vontade e às condições de um único empregador—o Estado. A história da expansão do socialismo é, com efeito, a história do desaparecimento da paz, das instituições e governos representativos e da liberdade individual.

A experiência do após-guerra já mostrou que quando os fundos americanos são entregues a governos socialistas ou «planificados», a recuperação não se produz, efetivamente, devido à própria orientação desses governos.

Em verdade, o dinheiro americano consegue apenas fazer com que a economia dirigida ou o socialismo aparentem,

por algum tempo, funcionar melhor do que em realidade funcionam. A perda desses fundos pelos Estados Unidos, por outro lado, agravando a inflação e a escassez de mercadorias, faz com que o sistema capitalista pareça pior do que é.

Tal como o afirmou o economista Guilherme Ropke, «sem uma drástica reforma interna da economia nacional, para pôr cobro à inflação e aos controles socialistas, os créditos no exterior não poderão ter efeitos duradouros, assim como um homem não pode manter-se vivo indefinidamente à custa de transfusões de sangue, se a causa da hemorragia não for removida.» Se isto foi o que se deu no caso da Inglaterra, «cujo empréstimo em dólares não pôde acompanhar o ritmo demolidor de um sistema socialista que destruiu o mecanismo dos preços e os seus incentivos»—que poderão os Estados Unidos esperar dos paises ainda mais profundamente afetados pela inflação e pelo coletivismo?

O argumento de que a Europa se tornará comunista, a menos que receba imensos donativos ou empréstimos dos Estados Unidos, assume mais de uma forma. A mais ingênua lembraria um parente pobre ameaçando de suicidar-se, a não ser que receba um bom auxílio financeiro. A mais plausivel se fundamenta na presunção de que os comunistas se aproveitarão da fome e do caos na Europa para tentar apoderar-se dos governos. Mas esta alegação se fundamenta na premissa de que os empréstimos americanos serão o fator decisivo para conjurar a fome e restaurar a economia européia. O papel decisivo, entretanto, como vimos, deverá ser desempenhado não pela ajuda americana mas pela política econômica da própria Europa.

11. *O exposto leva-nos à conclusão de que os empréstimos externos devem retornar às iniciativas privadas.*

Quando os empréstimos externos são feitos por banqueiros particulares a governos ou a firmas comerciais, desaparecem os dilemas criados pelos empréstimos intergovernamentais. Nas transações particulares, as considerações de ordem comercial dominarão por certo. Os empréstimos só serão feitos se o capitalista acreditar que o candidato está em condições de poder reembolsá-lo. Deverão, por outro lado, ser aplicados somente em iniciativas ou projetos remuneradores. Resultaria daí que os recursos do mundo estariam sendo utilizados de modo mais eficaz e os capitais aplicados de forma realmente produtiva.

É claro que os capitalistas não são oniscientes. Cometem erros. Mas quando um capitalista erra, ele mesmo paga pelo seu erro. Quando, porem, um funcionário do governo se engana, o povo inteiro terá de suportar as consequências.

As reformas elaboradas com o fim de satisfazer os mutuantes privados são, em geral, conscienciosas e sãs. Visam resguardar a solvência tanto do governo como dos particulares. Não misturam política com economia. Seriam bem acolhidas *em qualquer país*, pois aumentam a confiança no reembolso do capital empregado.

Diz-se comumente que o capital particular é «inadequado» para fazer frente à atual crise mundial. O argumento, porem, é insustentavel. Os governos, em realidade, não dispõem senão dos fundos que tomam, direta ou indiretamente, aos indivíduos ou empresas comerciais. O capital dos governos é simplesmente uma parcela do capital privado que os mesmos apropriam para seu uso.

Os que se opõem aos pesados empréstimos dos Estados Unidos aos governos europeus costumam ser acusados de «isolacionistas». Entretanto, os verdadeiros internacionalistas são aqueles que sugerem, em lugar dos empréstimos governamentais, a remoção das barreiras aos empréstimos privados. Para eles o internacionalismo econômico consiste em terem os indivíduos de qualquer país o direito de negociar livremente entre si, de comprar mercadorias uns aos outros e de fazer tudo isso sem necessidade de requerer à burocracia dum governo nacionalista uma licença para cada transação.

E falso o internacionalismo para o qual as transações entre os povos se reduzem a transações entre governos, a entendimentos entre diferentes grupos de burocratas nacionalistas, cada um deles procurando impedir que seus próprios concidadãos comprem no mercado mais barato, vendam onde lhe paguem melhor, emprestem seu capital onde o mesmo possa ser aplicado inteligentemente e com garantias, e dêem expansão própria aos seus instintos de caridade independentemente dos ditames dos burocratas.

É falso o internacionalismo que interpreta a «cooperação internacional» simplesmente como o dever dos Estados Unidos de socorrer outras nações, qual um Papai Noel filantropo; que considera «cooperação» a iniciativa unilateral de um país em benefício de outros, por meio de empréstimos sobre cuja aplicação não lhe é dado sequer opinar; que atribui aos governos, mais do que aos importadores privados, a tarefa de conseguir divisas para custear as compras nos paises estrangeiros.

Isto a que se está chamando «cooperação internacional», nada tem de comum com o internacionalismo. Seu nome real é estatismo, seu objetivo—o totalitarismo, seu resultado—o empobrecimento do mundo e a supressão das liberdades individuais.

12. *Se os empréstimos do Governo americano aos governos europeus não constituem a solução para o problema do comunismo e do caos econômico, qual será então a solução?*

É óbvio que este problema é demasiado complexo para ser respondido, aqui, minuciosamente, ainda que o autor tivesse a presunção de formular uma resposta completa. Entretanto, talvez fosse util aos leitores uma relação dos pontos principais que, a meu ver, deveriam figurar em qualquer programa positivo. Ei-los:

1. Consolidar o capitalismo americano e torná-lo mais livre. Suprimir os controles governamentais de guerra, que ainda entravam a produção e os mercados. Incentivar, de modo especial, a produção.

2. Reduzir imediatamente as tarifas alfandegárias dos Estados Unidos, quer o façam ou não as demais nações.

3. Sustar a imposição do socialismo aos alemães e japoneses. Deixar que eles restabeleçam sua própria economia. Proibir apenas a produção de armas de guerra e manter eficazmente o respeito a essa proibição. Remover todas as restrições e restaurar os incentivos à produção.

4. Promover a revisão do dispositivo do Fundo Monetário Internacional, segundo o qual os estados membros se obrigam a exercer controle sobre o câmbio. Se tal não for conseguido, os Estados Unidos deverão retirar-se do Fundo.

5. Dar ao dolar uma base-ouro real e não meramente técnica.

6. Convidar todas as nações para cooperarem no retorno ao padrão-ouro. Promover conferências com outros governos com o objetivo de estabelecer uma paridade adequada.

7. Abrir o mercado norte-americano de capitais aos empréstimos externos.

8. Reformar a carta do Banco Interna-

cional para possibilitar empréstimos de estabilização aos paises que se dispuserem a restabelecer o padrão-ouro.

9. Aceitar abertamente o desafio diplomático e ideológico da Rússia Comunista. Defender sem receio o capitalismo, atacar de rijo os fundamentos do sistema russo de servidão. Reconhecer que o apaziguamento de Stáline será tão desastroso quanto o foi o de Hitler.

10. Deixar à mostra, pelo exemplo americano, as enganosas contradições do estatismo e do socialismo europeus. Não tentar impor o princípio da livre iniciativa à Europa, seja pela coerção ou pelo suborno—mas mostrar a loucura de uma Europa arruinada a querer pregar socialismo ao resto do mundo.

11. Atender generosamente, como indivíduos, a todos os apelos justificados de auxílio à Europa.

12. Se sobrevierem situações de emergência, admitir que o governo *dê* alimentos (não dinheiro) à Europa. Não pedir, em troca, reformas nos governos beneficiados; mas aplicar uma bandeira americana em cada pacote distribuido. Exigir a participação de americanos na tarefa da distribuição. Fazer, enfim, com que cada europeu verifique que se trata de um donativo espontâneo, que nada exige em troca.

Respostas a «Vamos quebrar a cabeça!»

(Veja página 26)

Primeira Parte:

(1) 7, 13; (2) F, D; (3) G, N; (4) 200; (5) N; (6) 9, 15; (7) 1, 3, 243; (8) 11, 14; (9) 9, 54; (10) 23, 30; (11) B, U, T (12) 200, 2

Segunda Parte:

Da esquerda para a direita:

A. 9-9-3, 3-9-9, 9-3-9
B. 9-9-9-7, 9-9-7-9, 7-9-9-9, 9-7-9-9
C. 9-8-9-8, 9-9-7-9, 8-9-9-8, 8-8-9-9

Terceira Parte:

(1) ARAPONGA, (2) CISNE, (3) AVESTRUZ, (4) GALINHA, (5) PATO, (6) POMBO, (7) CEGONHA, (8) ÁGUIA, (9) PAPAGAIO, (10) GAVIÃO, (11) EMA, (12) PELICANO, (13) CORUJA, (14) TUCANO, (15) URUBÚ

Os pontos são contados da seguinte maneira:

2 pontos para cada resposta correta na Primeira Parte.
2 pontos para cada resposta correta na Segunda Parte.
1 ponto para cada resposta correta na Terceira Parte.

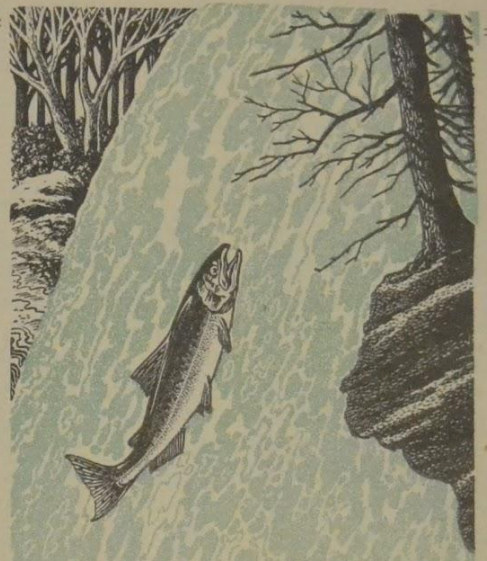
O total de pontos é o seu escore.

Excelente	33-45
Bom	27-32
Regular	21-26
Fraco	0-20

O seu escore .....
Escore médio 23

O HOMEM reune os erros da vida, e cria um monstro a que chama Destino.

—John Oliver Hobbes



Salar, o salmão

Condensação do livro *Salar the Salmon*

POR HENRY WILLIAMSON

Autor de «The Lone Swallows», «Tarka the Otter», etc.

APESAR da sua forma romantizada, este livro representa uma vida inteira de estudo paciente e minucioso, e todos os seus pormenores se baseiam em fatos reais da natureza. Henry Williamson vive na Inglaterra, junto à margem dum rio. Ao fundo do jardim construiu por suas mãos um viveiro de peixes, onde faz muitos anos vem estudando o salmão, seus usos e costumes. Tem passado longas horas observando o salmão, seus usos e costumes. Tem passado longas horas observando o comportamento deste peixe. *Salar the Salmon* é pois fruto duma rara combinação de dotes—o poder de observação dum naturalista nato, e a visão íntima e enternecida dum poeta.

Copyright de Henry Williamson, 1936. «Salar the Salmon» foi publicado por The Atlantic Monthly Press, e é reimpresso aqui com autorização de Little, Brown & Co., Boston, E. U. A.

SALAR, O SALMÃO

Salar—o «Saltador», conforme os romanos apelidaram a sua raça— o grande salmão macho, era um dos muitos milhares de peixes que vinham regressando em cardumes do oceano, onde haviam passado longo tempo nutrindo-se e crescendo nos bancos de alimentação. Convergiam agora para a costa, em busca dos ribeiros de água doce onde haviam nascido, pois era chegado o tempo da desova. De noite para noite a lua ia aparecendo mais cheia no céu, e Salar sempre navegando para a frente, sem se deter nem para comer nem para repousar. Viera nadando à velocidade média de cruzeiro oceânico, vencendo 100 milhas por dia, do nascer do sol ao nascer do sol do dia seguinte, mais depressa quando as correntes ajudavam, mais devagar se nadava contra elas. Estas o iam guiando; mas o seu corpo lembrava-se tambem da rota. Salar abria a boca quarenta vezes por minuto, e todas as vezes que a fechava, abrindo as guelras, o rendilhado vermelho destas absorvia o oxigênio da água para transmití-lo à corrente sanguínea.

Salar já tinha completado cinco anos de idade. Durante os dois anos que passara na água dos rios—o salmão vive os dois primeiros anos de sua vida na água doce, antes de descer ao mar—fizera-se um peixinho com 60 gramas de peso; mas os três anos seguintes, de engorda e liberdade no oceano, tinham acrescentado uns nove quilos ao seu peso. O crescimento, porem, não fora uniforme. O peso aumentara rapidamente, sobretudo durante as fases de vagabundagem pelo mar, na companhia de outros salmões, enquanto perseguiam os densos cardumes de arenques. Então, Salar devorava todos os dias uma quantidade de arenques equivalente ao seu próprio peso. Pegava os peixes de través, quando estes se viravam de lado, tentando escapar ao rápido surto em que ele os acometia, de baixo para cima; esmagava-lhes a espinha, e em seguida engulia-os a começar pela cabeça, para evitar ferir-se nas escamas. Não tardou que, de tanto comer, o seu lombo ficasse abaulado e robusto.

Perseguindo o salmão vinham por sua vez as toninhas, chefiadas por Meerschwein, o velho porco do mar. Por baixo do banco de arenques navegavam os salmões, e mais fundo, invisiveis na sombra verde da água, nadavam em formação as toninhas, prontas a atacar o salmão. O único sinal de que Meerschwein se aproximava era um torvelinho da água e uma súbita mudança da pressão, devida ao impulso repentino da toninha, ao atacar. Esta nada de baixo para cima, direita ao salmão. Contrai-se, para dar o salto, e, virada de costas na água, atira-se ao peixe, mordendo-o na barriga. Meerschwein e as outras toninhas alimentam-se de pedaços de peixe, arrancados às dentadas, mas contentam-se com isso, raras vezes indo mais longe na perseguição do mesmo peixe.

Salar conseguira escapar às dentadas mortais de toninhas, tubarões, raias e outros peixes de presa—quase todos os peixes vivem de devorar outros peixes—e agora, cinco anos e um mês após ter saido

de um ovozinho redondo de meio centímetro de diâmetro, lá bem longe nas cabeceiras dum rio da montanha, media quase um metro de comprido, e a sua maior largura, no lombo, era metade desse comprimento.

Enquanto Salar repousava, boiando imovel na orla de uma corrente marítima, Jarrk, a foca, veio nadando ao impulso de suas possantes barbatanas, espiando o fundo com olhos cinzentos e velados. Posto de sobreaviso, porque a descida da foca tinha alterado a pressão de uma das correntes que o aguentavam em repouso, Salar avistou por cima dele a forma luminosa do atacante. No mesmo instante estava em movimento, com todos os peixes em volta dele a acompanhá-lo, e este alarme produziu no mar um abalo surdo e prolongado, que foi comunicar-se, vencendo o tumulto de pressão das correntes, aos salmões que repousavam em toda aquela redondeza. Foi o tempo bastante para que a crista duma onda se recompusesse de novo: cerca de mil salmões alarmados destroçaram fileiras, e debandaram em ziguezague para o norte, no sentido em que a maré puxava.

Jarrk, então, lançou-se para cima, numa curva airosa, invisivel aos olhos de Garbargee, o grande congro que pairava por cima dela. Garbargee, que pesava quase cinquenta quilos, perdera já todo o pavor das focas, mas quando cheirava ou via uma delas, ainda batia em retirada. É que tinha no lombo duas cicatrizes acinzentadas, transversais, alí onde Jarrk, em tempos, tentara cortá-lo de meio a meio. Por sorte, as mandíbulas da foca não podem abrir-se muito, e Garbargee conseguira, num rápido movimento defensivo, morder-lhe uma das barbatanas dianteiras, quebrando-lhe duas das compridas falanges. Estas tinham soldado, mas não voltaram ao devido lugar. A partir de então, devido a esta deformidade, Jarrk nunca mais conseguira nadar em linha reta, mas sim descrevendo uma ligeira curva.

Garbargee, o congro, sentiu, pelas vibrações da água, que as pancadas das barbatanas da foca se estavam acercando: nadou então para baixo, até alcançar uma fenda nas rochas, onde se deixou ficar, o corpo em posição sinuosa, pronto a pular para frente, caso a foca desse pela sua presença.

Jarrk, porem, passou sem o ver, e Garbargee continuou imovel, quase sem mexer a boca e as guelras para respirar. Logo em seguida, pelo olho direito, avistou um vulto menor, que entrava nadando no seu campo de visão, e que em pouco se definiu como uma focazinha, cujo dorso se riscava de reflexos luminosos conforme ela se virava.

Garbargee deixou-se deslizar cautelosamente para fora do esconderijo, seguindo a corrente. Nadou por entre as costelas, revestidas de moluscos, dum corsário francês que, 200 anos antes, fora afundado alí pelas bombardas dum navio pirata inglês. O veneravel esqueleto da fragata francesa era uma das guaridas de Garbargee, e prendia-o a ele a recordação dum mau bocado que passara: um dia, enrolando o rabo num daqueles madeiros, conseguira arrancar de suas próprias entranhas um anzol de 20 centímetros que tivera a imprudência de engulir com o arenque que lhe servia de isca! Os dois pescadores que lá em cima, no bote, puxavam a linha do anzol, tinham caido para trás, quando ele se soltou; ao recolherem do mar o anzol de aço macio com seis milímetros de grossura, viram com espanto que o gancho se endireitara e trazia na farpa um pedaço da cartilagem do congro.

De boca aberta, Garbargee foi-se apro-

ximando da focazinha, que, ao vê-lo, se esgueirou tão depressa quanto as barbatanas lho permitiam. Garbargee saiu a perseguí-la, mas a fêmea de Jarrk, que andava em busca do filhote, veio atravessar-se entre eles, e, ao vê-la, o congro coleou rapidamente para o fundo, até sumir no inexpugnavel refúgio sob a carcassa do corsário.

E alí, oculto à sombra da roda da proa, toda engrinaldada de algas que flutuavam na corrente como serpentinas ao vento, pôde ver o vulto de Salar refazer-se por entre um surto de bolhas de ar, e afastar-se nadando para leste, a caminho do estuário.

Nos escolhos do litoral

O PEIXE encontra o caminho que leva às águas mães do ribeiro onde nasceu, entrando nas correntes de água doce que lhe servem de guia, as quais ao darem entrada no oceano, se espalham como as raizes duma árvore gigantesca. Quando Salar se aproximou, vindo do alto mar, as águas dos rios estavam baixas, e, devido aos ataques das focas, ele fora obrigado a deixar prematuramente o ponto de encontro das correntes em Island Race; ia agora singrando numa baía cujas massas de água doce não provocavam no seu cérebro a repercussão de quaisquer memórias.

Mas, depois de ter nadado cerca de vinte milhas para leste, alcançou uma zona de fortes correntes costeiras e meteu-se nelas, deixando-se arrastar. Suas células nervosas reconheciam o ritmo daquelas ondas; era o mesmo ritmo do mar de Severn, guia de água doce que o conduzia às águas do rio paterno. Como que eletrizado pela pulsação dos rolos de vagas pouco fundas do Atlântico, o Salmão pulou no ar através duma onda, num cintilante impulso de alegria.

A súbita aparição de um grande peixe pulando fora d'água alarmou uma ave que padejava à toa na babugem das vagas desfeitas. O animal apressou-se a fugir para o largo, padejando algumas vezes, para logo se deter, extenuado. Era um maçarico, de espessa plumagem impermeavel e longo bico afiado. Conhecera pouco antes a alegria dos movimentos livres no ar e na água; mas agora estava frio, morto de cansaço, com as penas empastadas pela escória do óleo combustivel que algum navio derramara no mar. O maçarico mergulhara para dar caça a um peixe, mas ao voltar à superfície encontrara esta coberta dum lençol de petróleo cru que o ungiu completamente, não mais lhe permitindo voar. Doia-lhe a pele, ventos e marés iam-no arrastando para longe da sua ilha mãe, e sentia-se morrer de fome. Três anos antes esse mesmo pássaro por um triz não pegara o peixinho Salar, quando este se aventurava a nadar nas correntes para ele ainda estranhas do Race. E agora, pulando fora d'água, perto dele, Salar, já gordo e adulto, ajudou a extinguir com o susto o pouco de vida que lhe restava. Pouco depois a rebentação o arremessava à praia, onde ele se arrastou de lado para lado, até que os ratos do areal o vieram encontrar moribundo e se banquetearam com os seus restos; e não tardou que o maçarico revertesse uma vez mais ao ar, água, areia e sal de onde viera.

Salar seguiu alegremente seu caminho, nadando sempre, e pulando aquí e alem, várias vezes no transcurso de uma milha. Era obrigado a saltar: através do seu corpo passavam choques, desencadeados pelas pulsações de energia que atravessavam a massa das águas. As gorduras e albuminas armazenadas no seu organismo davam-lhe força prodigiosa, que o tornavam capaz de suportar a prolongada abstinência da longa ascensão do rio, pois o salmão só ocasionalmente se alimenta quando viaja na água doce, e mesmo assim sem proveito nenhum.

Salar seguiu depois a corrente, que derivava, descrevendo uma curva junto das rochas costeiras. Foi nadando à distância de um remo da base das falésias, no sopé das quais se amontoavam rochedos submersos, pulando agora menos, visto como, ao encontrar águas pouco fundas, a sua excitação ia diminuindo. Estimulados pela pulsação vital que o percorria, os piolhos do mar, agarrados à sua pele, firmaram-se bem entre as escamas para sugar-lhe melhor o sangue. O salmão pulou de novo e tornou a cair de lado, com um espadanar de águas que fez as gaivotas soltar pios estridentes de inveja. Duzentos metros mais adiante, voltou a pular, desta vez para cair sobre o outro flanco. Para os piolhos, Salar era como a terra-mãe, um cosmos benévolo que lhes dispensava o alimento, quando estimulado pela injeção de substâncias irritantes. Essa terra os sustentava; sobre ela, conheciam eles os prazeres de comer e dormir, e o deleite maior de arriscados amores: porque a luta pelo amor implicava para eles o lento rastejar de escama em escama, em busca de parceiro, enquanto o seu mundo, sempre em movimento, a cada instante os ameaçava com suas ageis cabriolas, e as ondas os fustigavam com violência. Salar carregava consigo dezessete piolhos do mar, seus hóspedes permanentes.

As toninhas, entretanto, continuavam seguindo um extenso cardume de salmões, que nadavam a caminho do estuário. Mais de sessenta peixes singravam rapidamente adiante dos negros e reluzentes carnívoros do mar, que avançavam formados em dois estratos sobrepostos, um dos quais mergulhava mais fundo, por baixo do outro, depois de ter emergido à superfície para tomar ar. Quando andam à caça, as toninhas respiram três vezes no curso de cada milha marítima. A camada mais profunda nadava por baixo dos salmões, voltando a reunir-se à superfície depois de lançar um ataque em massa. Surgindo repentinamente da invisibilidade do fundo, as toninhas obrigavam os salmões apavorados a tresmalhar-se em direção à superfície, onde a camada superior dos perseguidores lhes dava caça e os estraçalhava.

No rasto da manada de toninhas, e singrando veloz, vinha agora a grande Orca, o feroz cetáceo carnívoro, que arremessava ao ar um jacto de água pulverizada cada vez que subia à superfície para respirar, ou seja, a cada quarto de milha.

Como viera nadando até alí à sombra duma saliência da rocha, que encobria como um beiral de telhado uma extensão de água mais profunda, Salar deu de repente de cara com Orca, que, acabava precisamente de esmigalhar uma toninha entre as poderosas maxilas bem providas de dentes, e de engulir a parte média do seu corpo, deixando que a cabeça lhe tombasse no mar por um dos lados da bocarra, e a cauda pelo outro. Separadas do tronco, flutuavam para longe num rasto nebuloso de sangue. Orca media uns 6 metros de comprimento; e era sabido que, se podia pegar salmão para comer, desprezava toda e qualquer outra caça, a não ser que lhe desse na veneta destroçar outros peixes para se divertir.

Vendo o monstro, Salar deu rápida meia volta, e pôs-se ao fresco; mas Orca não se deixou ficar para trás, e o seu tremendo corpanzil sulcou as águas, passando por baixo do salmão, para arremeter contra ele. Três vezes Salar se viu forçado a pular fora da água para não ser pegado entre as mandíbulas escancaradas e os

dentes em serra, e de todas elas só por um triz escapou de cair dentro da mortífera armadilha. Lá foi cabriolando e descrevendo cambalhotas, até que conseguiu correr a esconder-se como um rato sob uma mesa de rochas, onde ficou com o coração pulsando doidamente de susto e excitação. Reinava alí uma quase obscuridade, e ele apoiou-se bem, da cabeça à cauda, contra a concavidade da rocha que as areias e as águas, na baixa-mar, haviam escavado lentamente. Orca porem não desistiu de pegá-lo; mas a sua cabeçorra, enorme e romba, não podia penetrar naquele abrigo; em vão andou espadanando em volta da rocha, escavando e soprando furiosamente na areia. Por fim subiu, soltou um forte grunhido semelhante a um relincho, e nadou para o largo. A cerca de uma milha de distância das rochas, porem, deu meia volta e regressou devagar, sem rumor descendo a caminho da saliência sob a qual Salar continuava ainda colado à rocha, num pânico. Subiu à superfície, grunhindo raivosamente, e tornou a mergulhar, para voltar à tona d'água num grande pulo que o atirou todo para fora dela, expondo à luz do dia o corpo inteiro, semelhante ao duma cavala monstruosa. Depois caiu no mar com um grande espadanar de espumas, e furioso, nadou velozmente para longe, saltando em diagonal por sobre os rolos de vagas, a caminho do largo, à caça de toninhas.

Entra em cena a lampreia

CADA VEZ que a maré subia, novos cardumes de salmões transpunham o banco de areia do estuário, e com eles passavam tambem grandes trutas malhadas que, de caminho, iam devorando outras trutas do mar, menores, e vários peixes. Perto da restinga pairavam cardumes de percas do mar, à espera de sua caça preferida, a petinga do saibro.

Um barco a vela passou devagar, subindo o String, levando a bordo, sentado à ré, um pescador que aguentava a cana do leme entre o cotovelo e o flanco, para poder segurar ao mesmo tempo nas mãos a linha de pesca, em cujo anzol tinha espetado um verme artificial de borracha vermelha. Um torniquete de niquel, logo acima da espiga do anzol, brilhava dentro d'água como uma luz baça. O pescador estava à procura de percas.

Enquanto Salar, entre atraido e desconfiado, espiava o chamariz, era ele mesmo observado por outro inimigo que esperava o ensejo azado para ferrar-lhe o dente e sugar-lhe a riqueza do sangue. Era um inimigo que ele nunca vira em sua vida—Petromyzon, mais conhecido por lampreia. Os gregos foram muito indulgentes quando deram esse nome — «chupador de pedra»—a esta casta de peixes! Assemelhava-se ele a um gigantesco verme de movimentos entorpecidos; mergulhado no fundo do mar, era o vivo retrato do desleixo. Petromyzon tinha o corpo viscoso e sem escamas, e uma boca em forma de ventosa, cujo interior era semeado de verdadeira floresta de dentes semelhantes a espinhos, que lhe serviam para raspar as escamas e fixar-se à carne dos peixes, de modo a poder sugar-lhes o sangue. Não tinha queixadas nem costelas, nem espinhas propriamente ditas no corpo. Seus olhos inexpressivos estavam fitos nos flancos de Salar; teve de repente um estremeção e precipitou-se sobre ele, erguendo a cabeça para atingir-lhe o flanco escamoso, onde se fixou instantaneamente, com seus dentes agudos.

Salar, sentindo-se ferido, acelerou a marcha, laguna acima, virou de rumo e disparou em ziguezagues contra a maré, assustando os outros salmões, que desertaram seus refúgios e mergulharam todos juntos até o fundo, de onde lhes era possivel observar o máximo da área aquática que lhes ficava por cima. No seu pavor, Salar pulou fora da água, tentando debalde sacudir Petromyzon. Indiferente às reviravoltas, correrias e safanões do salmão, a lampreia começou a rasgar-lhe o flanco e a devorar-lhe pele, gordura e carne. Quando alcançou por fim sugar-lhe o sangue, ficou mamando regaladamente.

Salar repousou por instantes no leito arenoso da laguna, tomando sorvos de água irregulares, no anseio que lhe dava o coração acelerado. Como a lampreia, firmemente fixada ao seu corpo, se abandonava indolente ao vaivem da água, Salar podia ver a cauda dela ondulando. Lançando-se de novo para a frente, espicaçado pela dor, Salar rebolou-se e tentou libertar-se da lampreia, esfregando-se contra uma pedra. Mas Petromyzon continuou a sugá-lo, sem dar sinais de maior desconforto.

Alucinado pelo sentimento repentino de que perdera a liberdade, Salar nadou até à superfície e pulou mais uma vez, com toda a força de que era capaz, para cair sobre o flanco, e assim sacudir de um golpe o inimigo. Mas Petromyzon, acostumada desde a tenra infância a toda a espécie de safanões por parte dos seus hospedeiros, a maioria dos quais ela só deixava quando mortos, aguentou todos os trambolhões, e até sugou com redobrada voracidade.

Após a baixamar, e quando as águas recomeçaram a subir, Salar já se habituara à companhia da lampreia. Acabara-se a dor, e o salmão se afez àquela sobrecarga, à sensação esquisita de avançar de esguelha quando se esforçava por nadar em linha reta. Foi avançando devagar, tão devagar, que mal conseguia passar à frente dos molhos de algas que vogavam soltos na corrente.

OUTROS salmões vinham avançando com a maré, e entre eles navegava uma grande truta marinha de seis quilos e meio. Sete vezes Trutta havia regressado ao seu ribeiro natal; sete primaveras e sete verões consecutivos ele soubera como escapar à morte pela rede, o anzol, o arame, o veneno, a bomba, a lontra, a foca, a toninha, a garça, a lampreia e as moléstias. Levava como que gravada a história de sua vida em cada uma das escamas, que eram, como as do salmão e a maioria dos outros peixes, irregularmente circulares, semelhantes ao corte transversal do tronco duma árvore. E, do mesmo modo que a vida e história duma árvore podem ser lidas nos anéis do lenho, assim a escama dum peixe nos revela a sua idade. A escama duma velha truta do mar, observada ao microscópio, mostra nos anéis internos menores, como ela cresceu nos dois primeiros anos de vida fluvial, seguidos de duas ligeiras corrosões correspondentes aos dois invernos em que a comida foi escassa, tendo-se atrasado, por isso, o seu crescimento. A partir daí, as visitas de Trutta ao rio nas épocas da desova, vinham indicadas por anéis de corrosão mais largos.

Após sete viagens de regresso ao regato natal, Trutta tornara-se velho e matreiro, de cabeça grossa e focinho achatado, densamente malhado nos opérculos das guelras e nos flancos. A barbatana da cauda era convexa, com as arestas exteriores desgastadas. Três vezes os dentes implacaveis da lampreia o tinham marcado. Quando, nas margens lodosas do estuário, ele via agora ondular na corrente os rabinhos das lampreias do rio, ainda pequenas, escavaçando no fundo em busca de minhocas, Trutta as arrancava do lodo e as devorava com raiva e gula.

Os peixes encontraram na laguna um pequeno barco que lançara a fateixa. O

pescador viera inspecionar as linhas que alí deixara poucas horas antes. Quando se aproximou do barco, Salar viu que o homem estava recolhendo a linha, à qual se prendiam uns quarenta anzóis. Linguados, badejos e percas tinham caido na esparrela. Mas uma das percas estava reduzida a um saco de pele bamba e de espinhas agarradas a uma cabeça.

Era aquilo obra de Myxine, o feroz e viscoso ciclóstomo aparentado com a lampreia, mas que esta mesma evita como a peste. Os olhos de Myxine, encovados debaixo da pele, eram rudimentares, sem lentes, porque grande parte da sua vida ela passava metida dentro do corpo de outros peixes, devorando-os em vida. Quando aquela perca do mar, por exemplo, se debatia presa ao anzol, Myxine fixara-se-lhe ao corpo, abrira um furo na carne, e fora roendo e penetrando implacavelmente, até que, atulhada de comida, repousou por fim dentro do saco de ossos e água a que o peixe ficara reduzido. Quando o pescador ergueu a perca, furada e oca, a água escorreu como dum saco roto, e a cabeça de Myxine, com os seus tentáculos como pelos de barba em volta da ventosa, assomou sinistramente à boca da perca morta.

O pescador, que nunca em sua vida tinha visto um espetáculo tão horrendo, soltou uma exclamação profana e largou o peixe no fundo do barco. Então, Myxine se esgueirou para fora da carcassa vazia do peixe. O pescador agarrou o monstro para lhe esmagar a cabeça contra a amurada do bote, mas sentiu com horror que aquela espécie de enguia estava virando uma pasta de lodo informe na sua mão, e, enjoado, arremessou-a ao mar.

Myxine, que não queria outra coisa, nadou até ao leito da laguna, e alí ficou a repousar. O ato de exsudar lodo das células que lhe correm em cordão ao longo do corpo, viera aumentar-lhe a fadiga, e o bicho deixou-se ficar imovel, invisivel para Salar, que continuava avançando devagar ao longo da réstea de águas tranquilas que separava as correntes, com Petromyzon ondulando suspensa do seu flanco com lânguida ferocidade. Salar sentia-se sem desejos de subir com a maré. O medo, e a chaga que no flanco lhe drenava o sangue, tinham reduzido dentro dele a vitalidade impulsiva que trouxera do mar. Deixou-se ficar inerte, apoiado a uma rocha. A dois palmos de distância dele, imóvel, lamacenta, Myxine repousava.

O monstro viu colear a cauda de Petromyzon, e esse espetáculo bastou para aguçar-lhe o dente. Sem ser pressentida, veio colocar-se sob o rabo da lampreia, e aí fincou-lhe a ventosa da boca. Petromyzon deu uma vergastada com a cauda, mas a parenta ficou firme. Assustado, Salar pulou para diante. Não teria avançado mais de uma milha, quando a cabeça informe de Myxine se achava já mergulhada nas entranhas macias de Petromyzon.

Salar continuou nadando, mas sentia-se agora de uma ligeireza estranha. Ao passar a Ponte Comprida do porto após nadar cerca de três milhas, o salmão descreveu uma cabriola fora d'água. Um gurí que estava no cais, e o viu saltar, notou algo que parecia uma papoula vermelha no flanco prateado do salmão: a lampreia soltara-se! Passados menos de três meses, tudo o que restava de Petromyzon se convertera no lodo original...

Torrente de primavera

DURANTE algumas semanas o nivel dos rios conservou-se baixo, e o peixe não encontrou água suficiente para subir ao longo do seu curso. Depois, vieram as chuvas torrenciais, que as nuvens cinzentas despejavam sobre o estuário, e este se

avolumou como durante uma enchente. Dos canos, alcantarilhas e escoadouros, as águas jorravam em tumulto, arrastando consigo toda a espécie de detritos: folhagem morta, terra de aluvião, ácidos do alcatrão dos pavimentos de estradas esboroadas, óleos, vegetação putrefata, e os gases fétidos que subiam em bolhas do lodo remexido no fundo dos rios e das correntes subsidiárias.

Salar foi tateando seu caminho rio acima, através de tudo isto, desviando instantaneamente o rumo quando encontrava pela frente alguma massa de água cujas impurezas o engasgavam e sufocavam. Passou por baixo duma ponte de estrada de ferro, junto de um pilar contra o qual a corrente se dividia com violência, provocando redemoinhos debaixo d'água. Para evitar encontrões e contusões na turbulência das águas, via-se forçado a cada instante a subir, a desviar-se para o lado, a deter-se e a hesitar, procurando às apalpadelas o caminho que devia seguir para contornar o obstáculo das rochas cortantes e os labirintos hostís do curso d'água avolumado pelas torrentes da primavera.

Uma pequena truta desceu, arrastada pela corrente, e cruzou-se com Salar, virada de barriga para cima, envenenada pelo gás que irrompera bruscamente dum negro montão de folhas mortas, empastadas, assentes no fundo do redemoinho onde o pobre peixe se detivera a repousar alguns momentos. A truta absorvera apenas uma reduzida fração do gás que subira em bolhas—o bastante porem para matá-la.

Salar redobrou de esforços para continuar subindo, e à medida que avançava, a água se foi tornando mais límpida e pura. O rio, agora palpitante de vida, transmitiu-lhe novas energias. Milhões de milhões de bolhas de ar tinham vindo misturar-se às águas do rio, impelidas pela queda das cascatas. A água vinha agora saturada de oxigênio, era viva e capitosa, dava ao sangue um vigor novo, e os peixes saltavam ao encontro dela num estado de euforia.

Em todas as curvas do rio, Salar evitava a correnteza mais rápida e profunda, procurando no entanto manter-se à beira dela, e avançando sem cessar, para montante. Trutta seguia-o de perto. Mas o pobre fora, poucos dias antes, colhido numa rede, pois que a época da pesca com redes no estuário já havia começado. Trutta conseguira escapar, rompendo vigorosamente através de nove malhas da rede, uma rede tão forte que qualquer um dos seus cordões isolados não podia ser quebrado pela tração contínua das mãos dum homem! Mas ficara com a barbatana dorsal rasgada, e uma nódoa escura na cabeça, que pouco a pouco ia enegrecendo mais; o violento abalo causado pelo esforço de atravessar a rede, danificara-lhe o mecanismo automático de equilíbrio, situado na cabeça. Às vezes, Trutta perdia o equilíbrio, e cambaleava para um lado; isto lhe dava medo, de modo que passou a nadar guiando-se pelos olhos, isto é, seguindo o rasto de Salar.

Salar não precisava guiar-se pela vista; no mais escuro da noite avançava com tanto desembaraço como se o sol estivesse alto. Cada rochedo e pedregulho atravessado no rio determinava a formação de correntes e redemoinhos de água, o que lhe permitia pressentir todos os obstáculos antes de esbarrar com eles. Por intermédio das células nervosas dispostas ao longo dos flancos, que lhe transmitiam as mais pequenas vibrações ou choques aos centros de coordenação, Salar podia a cada instante ajustar-se automaticamente às alterações do ambiente: como se em volta dele passassem, em torrente fluida, os ecos desses obstáculos.

Salar não sabia que Trutta estava fraco e que sofria; mas sabia que era seguido, e isso lhe dava satisfação. Vinha com a retaguarda protegida. Sabia tambem que Trutta tinha alguma coisa de comum com ele; era como uma forma familiar que fazia a mesma jornada.

O açude a vencer

Os dois peixes, depois de longa caminhada, repousaram finalmente no Pego da Junção, profunda e vasta cavidade escavada no leito do rio por um afluente que nele desaguava em ângulo reto. Estimulado pela riqueza da água em oxigênio, e excitado pelas memórias da alegre vida no rio, ora renovada, Salar começou a brincar. Ao mesmo tempo abria a boca para tragar as ninfas, embora não se sentisse com fome. Pairando no pego do rio, na companhia de Salar e de outros peixes acabados de chegar dos mares longínquos, encontrava-se uma fêmea desovada, tateando incerta o seu caminho de regresso ao oceano. A pobre, emagrecida, consumida de espírito e de corpo, apresentava a cabeça adelgaçada, com molhos de vermes pendentes das guelras e as escamas com as bordas partidas. Fazia exatamente um ano que este mesmo peixe, vindo do Atlântico, subira o rio com galhardo vigor; e agora, se conseguisse regressar ao mar, com o que lhe restava de forças, no dizer dos pescadores, voltaria a «ficar limpa», e no ano seguinte tornaria a galgar o rio, outra vez um peixe robusto e agil.

E nisto, como se houvessem esperado pelo sinal de partir, os salmões que estavam no pego lançaram-se novamente rio acima. Passado algum tempo, Salar chegou a outro pego onde a água, branca de espuma, redemoinhava e fervia, ao cair de um açude que atravessava a corrente de lado a lado, a uma inclinação de 20 graus. Muitos dos peixes detiveram-se alí, na esperança de que as águas, subindo com a maré, lhes permitissem passar sem grande esforço; um deles, que desde o Ano Novo tinha andado no curso inferior do rio, acabava de fracassar em sua quarta tentativa para vencer o açude.

Salar soergueu-se com esforço até ficar com meio corpo fora d'água, sentindo-se tomado de alegria brincalhona, e jubiloso da proximidade de tantos outros peixes parecidos com ele. Ainda não resolvido de verdade a vencer o açude, nadou com força para diante, sob o jacto branco das espumas e por alí acima, até certa altura; aos homens que observavam a cena, postados na margem, pareceu que ele se equilibrava um momento verticalmente, apoiado na cauda; mas logo em seguida deu uma cambalhota para a retaguarda, e desapareceu nas águas revoltas.

Muitos peixes estavam esperando, logo abaixo do Açude Inclinado, e um pouco fora da zona onde a água espumosa desabava com todo o seu peso, entre as bolhas de ar que subiam do redemoinho. Alí estavam, apertados uns contra os outros, e assim que um deles, abanando a cauda, mergulhava e subia disparado a tomar de assalto a muralha de água desabante, decidido a medir forças com ela, outro peixe vinha tomar o lugar dele, pronto a largar tambem. Salar ficou alerta, um tanto apreensivo, pairando, em décimo-sétimo lugar na fila. De vez em quando dois ou três peixes largavam da falange ao mesmo tempo, e após um rápido instante de alinhamento nervoso, se apresentavam para subir, nadando, através do precipício de água que os empurrava para baixo.

Enquanto durou a maré alta da lua, mais de 200 salmões transpuseram o açude. Salar nadou direito a ele, para a segunda tentativa; de início, ainda pouco

seguro de si, deixou-se cair para trás quase tão depressa quanto firmara as barbatanas na corda ou espinha central da água. Depois, voltando a nadar com toda a energia, avançou lentamente, adiantando-se pelo despenhadeiro de água polida, acima do rolo de espumas; demorou-se uma fração de tempo, como que imovel, mas vibrando todo, a um terço de altura da barragem; depois, sobrepujando as águas, nadou num esforço supremo e jubiloso, e de repente sentiu o parapeito do açude recuar debaixo dele, diminuir nos flancos o peso que o detinha e, em frente, a calma límpida das águas profundas da represa. Louco de alegria, espinoteou mais uma vez pelos ares fora.

Quando amanheceu, Salar encontrava-se a uma légua para montante do Açude Inclinado, repousando sob uma saliência da rocha escavada pelas águas em suave curva, e que o protegia assim por cima e pela retaguarda, oferecendo-lhe uma via de salvação imediata para águas mais profundas, se algum perigo o ameaçasse. A chaga do flanco já não doia, e o salmão pôde enfim adormecer. Através das guelras, que se abriam quase imperceptivelmente, a água passava-lhe agora apenas quinze vezes por minuto.

Tinha os olhos imoveis, mas apesar disso passivamente suscetiveis a todos os movimentos exteriores. De súbito, alguma coisa sulcou a superfície da água, por cima dele, projetando uma sombra; mas o que quer que fosse não passou despercebido ao olho esquerdo do salmão, que logo transmitiu a imagem ao cérebro, e portanto à consciência. Salar ficou imediatamente alerta.

O estranho objeto nadava em curtas guinadas, reluzindo e faiscando, e parecia querer fugir. Curioso, Salar ficou observando a coisa até que ela quase desapareceu, e então saiu nadando em curva, de modo a cortar-lhe o caminho pela frente. A água à superfície, porem, corria alí mais depressa do que no meio do rio; o salmão, ao querer abocanhá-la, errou os cálculos, e o atraente objeto, que lhe lembrava os petiscos que deixara no mar, escapou-lhe, deslizando rio abaixo.

Na margem, a poucos metros de distância, o pescador, que acompanhava as manobras do salmão, enrolou rapidamente a linha, arrancou o chamariz que atraira Salar, substituindo-o por outra «mosca».

Salar não tinha fome, e não andava à procura de alimento; mas viera até alí comendo ninfas, que gostava de saborear, esmagando-as entre a língua e o céu da boca. Quando a isca do pescador veio de novo deslizar na clarabóia translúcida do abrigo, Salar pegou-a sem esforço, em vagarosa curva, segurou-a entre a língua e o vomer, e voltou a descer para o seu refúgio, onde se dispunha a mastigá-la e saboreá-la com tranquilidade. Mas, ao executar este movimento, encontrou a súbita resistência da linha esticada, e a ponta do anzol picou-lhe de leve o canto da boca. Sacudiu a cabeça para se ver livre dele, mas com este safanão só conseguiu que o anzol se lhe cravasse na cartilagem até à farpa.

Salar não sabia da existência de pescadores, nem de caniços, linhas ou anzóis. Nadou até à saliência da rocha, e tentou esfregar contra ela o corpo estranho que lhe dilacerava o canto da boca; mas um esticão obrigou-o a desviar a cabeça. Viu então a linha, e assustou-se. Mergulhou com esforço até o abrigo em baixo da rocha, para fugir à linha, seguido de perto por uma pequena truta parda, que estava com curiosidade de saber o que se passava.

Salar não conseguiu, porem, atingir o refúgio. Sacudiu a cabeça com violência, e, nem assim tendo podido libertar-se,

virou para jusante, e afastou-se nadando com força, perseguido implacavelmente pela linha e pelo zumbido duma odiosa vibração que vinha de alguma coisa logo ao lado da maxila.

Tentou mais uma vez livrar-se, esfregando o anzol contra a rocha: e mais uma vez o esticão, para o lado e para cima, foi demasiado forte para ele. Nadou direito ao fundo mas sem conseguir aproximar-se da rocha. Aterrado, virou-se para cima e nadou com quanta força tinha para sacudir o impecilho que o retinha pela boca. Deu um salto que o fez sair completamente fora da água, e voltou a cair sobre o lado, sempre abanando a cabeça com desespero.

Ao ver o salmão dar um salto, o pescador abaixara o caniço, para que a «mosca» e o anzol não se arrancassem quando o salmão batesse de encontro à água. Incapaz de libertar-se por meio de saltos, Salar tornou a mergulhar, resolvido a nadar para longe do seu inimigo. Arrastando consigo a linha e aquele zumbido que não o largava, percorreu cem metros até chegar à garganta do pego. Lembrou-se então de procurar refúgio no tronco de uma árvore que vira afundada, e mergulhou rapidamente em busca dela. Mas antes de poder atingí-la, sentiu que a linha o puxava como um grande peso, e a dor foi tanta que lhe correu o corpo até o extremo da cauda.

Abandonando-se, sentiu-se arrastado água fora, pouco abaixo da superfície, e só então pôde avistar o inimigo—a imagem do pescador que se alastrava na água, trêmula e deformada pela refração! Da escuridão de renúncia que o tomara irrompeu um novo surto de pavor, e, lutando pela vida, estrebuchou como um louco, revolvendo a água toda em redor. Numa das reviravoltas, ao cair de costas, seu corpo bateu com força na linha esticada, que lhe fendeu a barbatana da cauda. Mas ao mesmo tempo, o fio rompeu-se logo acima do anzol, onde o atrito com a rocha o desgastara. Livre, Salar deixou-se deslizar até ao pego, e alí ficou, incapaz de mover-se, assente no fundo, com a cauda em curva apoiada a uma pedra.

Todo aquele dia Salar se deixou jazer, meio dormente, na mansidão crepuscular do pego, sob as raizes de um álamo, sem fazer um movimento. Quando o sol se pôs e outros salmões começaram a sair dos seus abrigos e esconderijos do rio, ele os acompanhou tambem, mas nadando devagar e com dificuldade, para diante. Grande número de salmões, recem-chegados do mar, singravam agora depressa, rio acima.

Salar, mais animado, seguiu atrás destes novos companheiros ainda vivazes, e ao amanhecer parou para descansar com eles em outro pego, amplo e profundo, que os homens conheciam pelo nome de *Denzil's*. Muitos dos peixes voltaram a pôr-se em marcha ao anoitecer, e novos peixes vieram tomar-lhes o lugar, mas Salar permaneceu onde estava. Sentia-se apreensivo, e aquelas águas quietas e profundas davam-lhe serenidade. Muitas vezes virou-se de lado e se esforçou para desembaraçar-se do gancho de ferro que lhe lacerava o canto da boca, esfregando-o contra as pedras. Daí a pouco tinha arrancado quase toda a pele da queixada. Os movimentos do corpo já não lhe eram agora tão penosos, mas ainda lhe doiam todos os músculos.

Todos os dias, quando repousava à beira dos resvaladouros do leito do rio, Salar via agora as linhas e chamarizes dos pescadores, em que sabia reconhecer por experiência a obra dos seus inimigos, correndo à flor da água, tremeluzindo, rodopiando com relativa facilidade sobre sua cabeça.

Rio de verão

POR MEADOS de maio, os fundões do rio já se apresentavam muito baixos. De dia para dia a água deslizava mais tépida e vagarosa, e com o calor e a luz do sol, as algas que cresciam agarradas às raizes da vegetação marginal punham em liberdade os seus gases mortíferos. Por toda a parte, exceto onde a correnteza era mais rápida, estas algas iam crescendo e subindo em molhos e pastas até à superfície. Nos remansos de água estagnada, onde elas cresciam mais espessas e viscosas, não se encontravam peixes.

Salar conseguira finalmente ver-se livre do anzol, e as chagas da maxila e do flanco estavam cicatrizando; mas a coceira que os vermes da água doce lhe causavam, agarrados às guelras, ia-se tornando mais irritante de dia para dia, à medida que o rio se tornava mais lento e morno.

Para trás, a alguma distância do salmão, num pego mais fundo, jazia Trutta, completamente restabelecido das contusões causadas pela rede de pesca. Atrás dele, bem no fundo da cavidade, onde fora juntar-se aos detritos que a revestiam—folhas mortas, gravetos meio apodrecidos, e ossadas—uma grande enguia, com a coluna vertebral fraturada, estorcia-se penosamente: era quase tão grossa como o pulso dum homem, de cabeça azul-negra e dorso viscoso. Uma hora atrás, esta enguia ainda vivia, como sempre vivera, sem temer fosse o que fosse, no pego do rio; assaltava de vez em quando um salmão desovado e ficava a devorá-lo, suspensa dele, comendo em vida, às dentadas vagarosas, os peixes doentes e sem forças para defender-se; tinha afogado patinhos que se aventuravam no rio, arrastando para o fundo mergulhões já maduros, dera caça a melros d'água, e comera duas ou três trutas por dia. Mas quando, iludida pela côr da pele da velha truta do mar, que lhe dera a impressão de um peixe doente, ela se lançara sobre Trutta, e o mordera à traição entre a nadadeira dorsal e a caudal, viu-se com enorme surpresa contra-atacada e perseguida; e quando já nadava em direção ao esconderijo que tinha debaixo das pedras de revestimento da margem, sentiu-se agarrada, puxada para fora e atenazada por uma pinça que a pegava de través pelo meio do corpo; em vão, porem, se estorceu como uma cobra para se libertar dos dentes bem aguçados de Trutta; só quando este sentiu que a tinha quebrado em dois pedaços, ainda ligados pela pele, mas contorcendo-se separadamente, é que a enguia ficou livre. Desceu então, para morrer no fundo lodoso do pego.

Pouco depois de ter o sol cortado o meridiano, Salar saiu do seu abrigo de raizes e subiu até à superfície da água para tentar, rojando-se nela, libertar-se da irritação que os parasitas lhe causavam nas guelras. Shiner, o velho caçador furtivo que costumava andar pela beira do rio, o viu deitado de lado na água, esfregando a cabeça à superfície. O lombo dele, que fora da côr clara do chumbo acabado de cortar, era agora dum marrom azulado; um vago côr de rosa ia tingindo as escamas embaciadas dos flancos; e o ventre, que fora alvo como porcelana durante a jornada desde o mar, era agora dum cinzento amarelado, com uma espécie de calosidade no ponto onde ele assentava para repousar. A mandíbula inferior estava manchada de negro, e esverdeada como se a revestisse um lodo de estagnação. Ao longo das arestas internas da barbatana da cauda viam-se duas linhas de amarelo opaco, e a pele em volta da ferida causada pela lampreia estava tambem orlada dum amarelo que se ia espalhando lentamente nos tecidos mortos. Eram

fungos, como os que se viam na madeira morta, acumulada ao longo das margens, por cima dele. Esta moléstia dos fungos só se alastrava durante a noite, quando as águas estavam frescas; o calor do dia entorpecia-lhes o crescimento. Multiplicavam-se tambem ao longo da aresta óssea da maxila inferior, onde o anzol estivera cravado, e onde ele esfregara a pele no cascalho do rio, lacerando-a no seu desejo de aliviar a coceira dos vermes nas guelras.

O feitio de Salar tambem vinha mudando pouco a pouco: a cabeça tornara-se-lhe mais alongada, e o bico que formava a ponta da maxila inferior estava mais recurvo, de modo que ele não podia fechar completamente a boca. Ao mesmo tempo, a pele engrossara e o estômago encolhera. Havia mais de um mês que Salar não provava uma ninfa nem uma mosca. Sentia-se tão deprimido de espírito, como mortiço de aparência. Havia muito tempo que os piolhos do mar tinham adoecido e morrido, perdendo-se na corrente, e em lugar deles os camarões de água doce pulavam e gatinhavam em todos os sentidos no lombo dele, por vezes agarrando-se às barbatanas e mordiscando-lhes as arestas, quando ele se deixava ficar imovel, ao abrigo das raizes aquáticas, na água cada vez mais minguada.

Os salmões esperavam agora aos cardumes nos remansos do rio, prisioneiros da seca.

O fim e o começo

Até que por fim o outono chegou, voltaram as grandes chuvas sonoras, e as águas do rio tornaram a engrossar. Todos os dias, com a maré, chegavam mais salmões, que alcançavam o curso superior do rio, trazendo ainda vivos nas escamas os piolhos do mar—pois tinham galgado do oceano até alí em quatro dias! Em meados de novembro, quando o rio alcançou um nivel constante de água, que corria rápida e límpida como cristal, as fêmeas começaram a sulcar e a escavar com a cauda o saibro do fundo—em preparativos para a desova.

Gralaks, fêmea de três anos que subira o rio adiante de Salar, pairava na água por cima do pego de Fireplay. Após cevar-se um ano no mar, era uma nubente esbelta e graciosa, e as ovas que durante o estio tinham crescido dentro dela representavam agora um quinto do peso total do seu corpo. Tendo atingido a plena maturidade, estava pronta a largar os ovos. Três machos, sabedores disto, tinham-se postado perto dela, esperando o ensejo de derramar o semen sobre os ovos que ela depositasse na água. Um desses machos era Salar.

Ao anoitecer, Gralaks pôs-se lentamente em marcha, nadando sobre o banco pouco fundo que ficava logo acima da garganta do pego; assentou num pequeno sulco, e procurou acomodar-se nele, com pequenos movimentos laterais do corpo, que o alargavam. Esta decisão súbita da fêmea lançou os três machos em belicosa agitação. Um deles virou-se e deslizou num pulo por cima de Salar, de boca aberta para morder, caindo sobre o salmão que estava do outro lado de Salar, e que por sua vez avançou para este, tambem de goela escancarada. Seguiu-se um tríplice corpo-a-corpo que agitou as águas do pego.

Toda aquela noite, com pausas ocasionais, Gralaks esteve escavaçando no saibro com o fim de desovar—varrendo a areia para os lados e abrindo uma fossa onde ficou instalada. Outra fêmea fazia a mesma coisa a uns dez metros a montante dela, e duas mais, todas elas assistidas por um ou mais machos, estavam trabalhando ativamente nas águas velozes, entre o extremo inferior do pego de Fireplay e outro pego mais vasto e mais profundo, logo abaixo deste, onde jazia Trutta.

Durante a noite as estrelas brilhavam, maiores e mais límpidas, como se o ar frio do outono lhes avivasse o fulgor. A água estava mais fresca, e o peixe não se mexia muito. Durante cerca de uma semana a água correu mais fria, mais lenta e mais clara. Na primeira noite de dezembro o vento deslocou-se para oeste, as águas aqueceram-se um pouco, e o peixe tornou-se mais ativo. Gralaks estava pronta agora para desovar. Ao lado do estômago, que encolhera, tinha cinco mil ovos numa cavidade. A desova começou perto do amanhecer. Enquanto a escuridão durou, Salar andara errando pelas imediações dos pegos, impaciente, mas sempre acabava voltando a toda a pressa para colocar-se a jusante do sulco onde Gralaks se encontrava, formado ao lado de um ou outro dos seus rivais. Ambos os pegos estavam pejados de salmões machos.

Até que por fim a cauda de Gralaks começou a agitar-se com mais rapidez, e imediatamente um dos machos avançou, colocando-se ao lado dela e empurrando-a para fora da cavidade. Vendo-se repelida do seu ninho, Gralaks afastou-se um pouco, e deixou-se ficar imovel, enquanto Salar colocava-se ao lado do outro macho. Este virou-se imediatamente, com uma pancada da cauda (em que havia sinais dos dentes das toninhas), e caiu sobre Salar, de fauces abertas para mordê-lo Salar deu uma reviravolta para esquivar o corpo ao ataque, e ao mesmo tempo para agarrar o rival pelo troço delgado da cauda.

Sem demonstrar interesse pela agitação que ia à sua retaguarda, mas nem por isso indiferente a ela, Gralaks tinha-se deitado sobre o lado direito, e erguia a cabeça e o tronco em curva, espremendo-se de tal forma que o seu ventre, tomando a forma dum crescente, lembrava um pálido reflexo de lua nova que penetrasse até o âmago das águas. E assim, soerguida de lado, debatia-se e dava estremeções com o corpo inteiro. Os ovos começaram a cair-lhe rapidamente do ventre, indo afundar-se, levados pela corrente, entre o cascalho e a areia, para dentro do sulco que ela abrira com o corpo.

A vista dos ovos e o paladar da água excitaram Salar, que estremeceu; e como Gralaks deslizava para trás, ele avançou. O semen jorrou-lhe do ventre, como uma nuvem de milhões de invisiveis organismos vivos derramados na água... Durante alguns momentos Salar ficou em êxtase, em cima do ninho, mas o rival, maior do que ele, agarrou-o com os dentes pela cauda e o segurou com firmeza, apesar dos violentos safanões que ele dava para se libertar. Tinha a cabeça virada para jusante, o que, dando lugar a que a água lhe entreabrisse as guelras, correndo de cima para baixo, o impedia de respirar. Sabedor disto, o salmão grande o arrastou pela cauda contra a corrente, no intento de afogá-lo. Mas Salar debatia-se, a água agitou-se, e os dois corpos rolaram no fundo, engalfinhados. Outro salmão que tambem assistia Gralaks, pronto a fecundar-lhe os ovos, mordeu por seu turno a cauda do salmão grande, e este, sentindo-se agredido, largou Salar. Mais uma vez, durante o combate e a perseguição que se seguiu, Gralaks voltou a desovar...

Quinze dias antes do Natal, o tempo tornou a arrefecer. As águas do rio estavam baixas, pois muitos dos seus afluentes, ribeiros que corriam através das terras chãs, começavam a ficar cobertos de gelo nas margens. Os dias passaram, e Salar sentia-se pesado de fadiga e desalento. Derramara a maior parte do seu semen;

em lentas pulsações consecutivas, vertera do corpo a essência de sua vida. Chegado que foi o tempo de expulsar os derradeiros ovos, Gralaks partiu, voltando a descer até o Pego da Roda, onde Trutta se deixara ficar.

Trutta, a estas alturas, estava já dum marrom escuro, e muito magro. Tinha-se batido para cobrir os ovos duma trutazinha do mar, de dorso malhado, uma fêmea galante, quase tão grande como ele, porem mais esbelta e juvenil, cuja presença e companhia lhe eram sumamente gratas. Esta fêmea pusera os ovos, alheia aos combates que em volta dela se travavam; quando se libertou do último ovo, que como os outros ficou oculto entre as pedrinhas do ninho, ela deixou-se deslizar rio abaixo até ficar sob o abrigo das raizes do álamo, logo acima da Ponte Corcovada.

Alí ficou, muitos dias e noites seguidas, esperando que viesse a chuva e a enchente que haviam de arrastá-la de novo para o mar. Gralaks veio repousar perto dela. Machos e fêmeas, magros e descoloridos, vazios de interesse após as lutas e emoções da desova e fecundação, repousavam lado a lado, esperando pacientemente a chegada das chuvas.

QUANTO mais fria é a água, maior é a sua densidade. Nas noites geladas do fim do ano o peixe descia mais fundo, até ficar perto das rochas e cascalho dos pegos, quase imovel. Lá em cima, no Pego de Fireplay, Salar deixou-se ficar abaixo do ninho, como se estivesse de guarda aos ovos. Por cima dele passou, flutuando, uma massa de gelo. No seu corpo, multiplicavam-se agora rapidamente os germes da peste do salmão; e, à medida que eles conquistavam os tecidos vivos, debilitados pelo demorado esforço de ficar estagnado tanto tempo no rio, os fungos vegetais ganhavam posições mais firmes no seu corpo. Outras formas de vida estavam-se agora apoderando dos recursos e energias que Salar acumulara, e dos quais se servira para o desempenho misterioso dum desígnio biológico a respeito do qual nada sabia.

Os fungos desenvolviam-se rapidamente na água fria. Não tardou que a maxila de Salar ficasse coberta de uns folhinhos de côr creme. O centro e as arestas da barbatana caudal mostravam-se tambem corroidos. A sua pele engrossara e fizera encolher as escamas desde que Salar regressara do mar, e apresentava tambem remendos e fungos nos pontos onde ficara contusa devido aos combates e aos saltos que dera à passagem de represas e açudes.

No dia seguinte o gelo começou a derreter-se, libertando oxigênio nas águas, e Salar sentiu-se reanimado ao ponto de dar um salto para fora d'água; mas caiu sem agilidade nem vigor, fazendo espadanar espumas num baque surdo. Shiner o viu dar o salto; avistou-lhe o corpo magro, côr de ferrugem, a cabeça alongada e disforme coberta de fungos cremosos. As bordas das nadadeiras estavam amarelas, e no flanco, irradiando da cicatriz deixada pelo ataque da lampreia, havia uma roseta.

«Pobre coitado,» disse Shiner consigo. «O que precisa agora é dum bom enxurro que o leve por aí abaixo até o mar, para ficar «limpo».

Mas as chuvas não vieram, e em começos de fevereiro o rio estava ao nivel mais baixo do verão! As águas mais quentes tinham retardado a propagação dos fungos, mas os bacilos da peste se haviam multiplicado por todo o corpo do salmão, atingindo-lhe coração, fígado e tripas, e o pobre não tinha mais forças para se refazer.

Nas profundidades imoveis da água do

pego jazia uma vaga forma azul-cinzenta—o cadaver do rival de Salar. Outros dois machos, mortos tambem, jaziam de costas no Fireplay. Não havia pego nos Dois Rios que não escondesse no fundo machos mortos ou moribundos!

Pelo fim daquela noite de inverno, a neve começou a cair nos brejos, e, quando o sol rompeu, foi para brilhar sobre um mundo novo de brancura. As lontras brincavam e debatiam-se na neve, e deixavam-se escorregar junto aos teixos pela ladeira da margem, onde o gado costumava descer para beber no rio. Quando a lua se ergueu no céu límpido, as lontras continuaram escorregando pela neve espezinhada, silvando, tagarelando e lutando umas com as outras, até que o rumor dum peixe que saltou do Pego as fez virar as cabecinhas pontiagudas para aquele lado: era Salar que, pela segunda vez no Ano Novo, tomado de uma louca esperança de que a enchente do rio o deixasse voltar ao mar, se sentira com forças para pular fora d'água. Tendo dado pela presença dele, as lontras deslizaram sem rumor rio afora.

Quando Salar viu, por cima dele, a sombra das lontras que nadavam para dar-lhe caça, abalou rio abaixo, numa corrida desvairada; mas Trutta, sentindo-se seguro nas águas profundas, virou-se de boca aberta, e nadando para cima com força, deu um encontrão na maior das lontras. Depois, de boca sempre aberta, lançou-se de encontro à segunda lontra. Repetiu isto vezes e vezes seguidas, perseguindo as lontras por todo o pego. Shiner, que estava escondido detrás de um carvalho, via tudo o que se passava. A grande truta de cabeça achatada distribuia marradas pelas lontras, até que as deixou rosnando de furor; uma delas correu para a margem, e, de pé nas patas traseiras, pôs-se a lamuriar batendo as queixadas. Em seguida, deve ter visto ou pressentido a presença de Shiner, porque desapareceram todos.

Quando Shiner, o caçador furtivo, voltou alí no dia seguinte, encontrou no sairbro da margem, logo acima do Fireplay, batida pelas águas que subiam devido à fusão dos gelos, uma grande cabeça com a ponta da mandíbula torcida, presa ainda à espinha dorsal, da qual toda a carne fora arrancada. Era evidente que as lontras tinham voltado e conseguido rechaçar Trutta para as águas pouco fundas da margem, onde o destemido peixe não podia defender-se.

Andando uns noventa metros ao longo do rio, abaixo do Fireplay, Shiner foi encontrar um salmão com a cabeça, a cauda e os flancos cobertos de fungos, morto, jazendo de lado em águas que não bastavam para cobrí-lo. Ao fugir das lontras com o que lhe restava de forças, Salar pudera chegar até aquele ponto, mas não pôde ir mais longe. E alí morrera na escuridão da noite.

A enchente subiu, e as águas rolaram mais depressa, lavando tudo, e tudo arrastando consigo para o mar, o mar que tudo absolve e purifica, tanto o que é vivo como o que é morto.

HÁ leitores de dois tipos: os que cuidadosamente penetram um livro, e os que, com cuidado idêntico, se deixam penetrar por ele...

—Douglas Jerrold

Uma compilação de anedotas

Rir é o melhor remédio

UM JOVEM que estava prestes a ingressar na Faculdade de Medicina disse ao pai ter intenção de especializar-se em obstetrícia.

«Para que é que você vai fazer isso?» perguntou-lhe o pai. «Quando terminar os seus estudos algum outro médico já terá encontrado a cura para esse mal.»

—Harriette Carr Thompson em *Tracks Magazine*

UM multi-milionário, sendo entrevistado sobre como fizera a sua fortuna, observou:

—Eu nunca hesitei em reconhecer sempre a assistência que me prestou minha esposa.

—Em que o auxiliou ela? perguntou o reporter.

—Bem, já que o senhor quer mesmo saber a verdade, retrucou o milionário, —eu estava curioso em saber se era possivel conseguir uma renda que ela não pudesse gastar.

—Joe Harrington no *Post* de Boston

ANTES de ter início um recital promovido pelo departamento de música e canto duma universidade norte-americana, uma soprano local se gabava junto aos outros cantores de ter posto a voz no seguro por dez mil dólares.

«E que é que você fez com o dinheiro?» perguntou-lhe uma rival.

A PROFESSORA de catecismo acabara de fazer um resumo da lição do dia.

—E agora, meus filhos, perguntou ela, —quem me pode dizer o que se deve fazer afim de obter o perdão para um pecado?

Houve uma pausa, mas finalmente um garotinho disse:

—Bem, primeiro é preciso pecar.

—*Floorcraft*

UM CAVALHEIRO jactava-se de ter conseguido o seu novo automovel por um preço especial.

—O meu vendedor, explicou ao amigo, —nunca me cobra mais do que o preço de lista.

—Não me diga! respondeu o amigo. —E quanto lhe pagou ele pelo seu ônibus velho?

—Dois dólares e 50 centavos.

—*The Christian Science Monitor*

—COMO PASSOU a noite? perguntou suavemente a dona de casa. —Estava boa a cama?

—Nada má, respondeu amavelmente o colega de seu filho. —Eu me levantei de tempos em tempos para descansar.

—Colaboração do Mnsr. Aloysius Dineen

UM JOVEM casal recebia a visita de amigos na sua nova casa pre-fabricada quando um deles, subitamente, observou:

—Será possivel que vocês já estejam sendo incomodados pelos ratos?

—Não são ratos, explicou a dona de casa. —São os vizinhos do lado que estão comendo aipo.

—*The Emancipator*

UM BELO DIA, em Las Cruces, Novo México, uma senhora irrompeu no escritório de um advogado e, sem mais explicações, declarou que queria divorciar-se.

—Mas a que pretexto? perguntou o advogado.

A senhora replicou que suspeitava da fidelidade do marido.

—Mas que é que a faz pensar que ele não lhe é fiel?

—Bem, respondeu a senhora, —eu acho que ele não é o pai de meu filho.

—Eugene O. Porter, em *True*

UM MENDIGO puxou a manga de um transeunte de ar benevolente.—Um cruzeiro, meu senhor, para uma xícara de café, implorou ele.

O outro voltou-se e olhou-o de alto a baixo.

—Por que, perguntou, —hei de dar-lhe dinheiro? Que foi que o levou a este estado miseravel?

—Uma terrivel catástrofe, meu senhor, replicou o mendigo. —Há dois anos atrás, eu era um homem de negócios tão próspero como o senhor. Trabalhava com afinco. Sobre a minha mesa, via-se escrito o lema: *Pense construtivamente. Aja decisivamente!* O dinheiro jorrava e jorrava, até que um dia... E já com o corpo a tremer convulsivamente, o mendigo concluiu: —até que um dia, a arrumadeira, ao fazer a limpeza, jogou fora o meu moto.

—*The Kablegram*

PARA promover um debate relacionado com a teoria da energia atômica, o professor de física de uma das classes de West Point escreveu no quadro negro uma equação e declarou que a mesma envolvia um certo número de electrons. Partindo daí, foi enchendo o resto do quadro de equações e concluiu:

—Como vêem, temos cinco electrons menos do que tínhamos no começo. Que foi feito deles?

Ninguem ousou quebrar o silêncio da classe. Em tom imperioso, o professor insistiu: «*Senhores, afinal onde estão os electrons?*» Chegara a hora de agir. De um dos bancos do fundo da sala, partiu um brado enérgico: «Ninguem sai desta sala!»

—*The Pointer*

Letreiros da época

LETREIRO num balcão de loja: «Toalha de banho ultra-grande—exatamente o que se deve usar ao atender o telefone.

—Fred Russell, *I'll Go Quietly*, citado em *Coronet*

LETREIRO numa janela de um «sebo» da Califórnia: «Compramos moveis e livros velhos. Vendemos antiguidades raras.»

—Bennett Cerf em *The Saturday Review of Literature*

QUANDO o motorista exhausto se aproxima de uma passagem extremamente estreita de tortuoso caminho das Montanhas Rochosas, defronta com um letreiro confortador: «Não desanime. Milhões de pessoas conseguiram passar!»

PESCA ESPADARTES DE 320 QUILOS

(mas tem a pele ultra-sensivel)

OS DIAS DE SOL QUENTE E VENTO SECANTE QUE PASSO NO MAR TORNAM MINHA PELE SENSIVEL. MAS QUANDO USO O CREME **WILLIAMS,** QUE CONTEM **LANOLINA,** POSSO ESCANHOAR MINHA RIJA BARBA SEM QUE A PELE SE IRRITE OU RACHE.

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do Creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

Veredito Unânime!

• Todos os louvores . . . em todos os países do mundo . . . traduzem-se em uma fórmula geral:

"A Royal é a melhor máquina de escrever que há no mundo—a Royal é a máquina No. 1 no mundo!"

Muitas são as razões desta preferência universal. É impossível reproduzí-las todas aqui. Limitamo-nos, pois, a citar as mais comuns:

As máquinas Royal são duráveis. Estas máquinas de escrever são, de fato, resistentes. Prestam grandes serviços com pequeno desgaste—Não visitam com tanta frequência as oficinas de reparos . . .

A Royal é a mais eficiente. Nenhuma outra máquina de escrever poupa tanto esfôrço, economiza tanto tempo como a Royal, por suas caraterísticas especiais. Em matéria de eficiência e precisão, a Royal oferece:

Marginador "Mágico" — que fixa as margens rápidamente, fácilmente!

Regulador do Tacto—que ajusta a tensão das teclas ao tacto individual!

Coberta Móvel—que poupa tempo ao mudar a fita e facilita a limpeza.

Detentor Automático do Papel — que mantem o papel sempre liso.

· Estas são apenas algumas das inúmeras caraterísticas que explicam a preferência universal de que goza a Máquina Royal.

Tais são as razões por que a Royal é a máquina de escrever que V. S. deve preferir também. Visite o agente da Royal e peça-lhe uma demonstração!

Para uso no lar ou uso pessoal, peça para ver a famosa Royal Portátil—A máquina Standard em Tamanho Portátil.

ROYAL

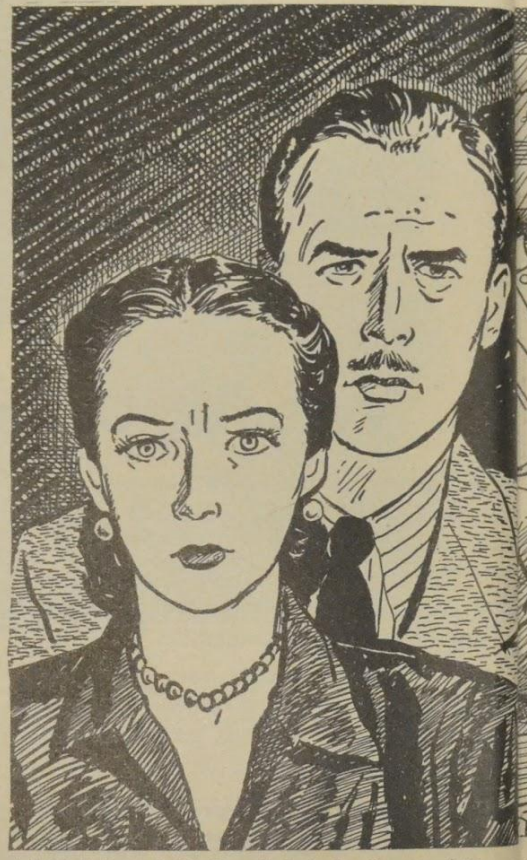
As Máquinas No. 1 no Mundo

Royal Typewriter Co., Inc., New York

Representantes em todos os países do mundo

Nova Esperança para as Vítimas de Males Venéreos

Convença-se—e diga a outros—de que a Gonorréia e a Sífilis *podem* ser curadas!



A Sífilis é chamada "A Grande Imitadora"—seus sintomas são a miudo semelhantes aos de outras moléstias.

As doenças venéreas *podem* ser evitadas. Pergunte como, ao seu médico!

Novas drogas encurtam o período de tratamento. Se a Sífilis e a Gonorréia forem tratadas a tempo, elas podem ser, quase sempre, curadas. Mesmo nos últimos estagios o tratamento diminui o sofrimento. E novas drogas podem agora curar a Sífilis e a Gonorréia numa *fração* do tempo até há pouco necessário. Peça ao seu médico informações sôbre êstes novos tratamentos.

A Sífilis não tratada pode causar doenças cardíacas, paralisia, morte. *Gonorréia não tratada pode* levar à cegueira (especialmente em crianças), invalidez, esterilidade.

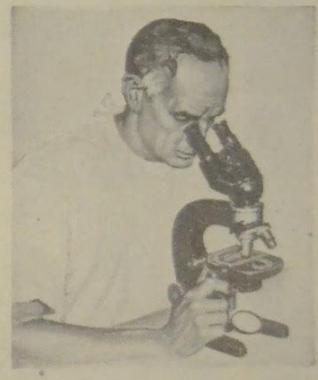
O que Você IGNORA PODE prejudicá-lo. Muita gente tem Sífilis ou Gonorréia e não o sabe! Os sintomas podem não ser sérios.

Sintomas da Sífilis: Pequena ferida (o cancro). Embora ceda em algumas semanas, isto não indica a cura. Pode espalhar-se pelo corpo. Dores de cabeça, de garganta e febre; a miudo erupção vermelho-escura, de 10 dias a 3 semanas após o contacto.

Sintomas da Gonorréia: Dificuldade em urinar, emissão de pus. Nas mulheres, particularmente, êstes sintomas podem ser tão insignificantes que passam despercebidos.

Todos precisam de um exame de sangue! Apesar de que a maioria dos casos de Sífilis pode ser evitada com precaução adequada, esta moléstia pode ser contraída inocentemente—tão contagiosa é ela. Comumente um exame de sangue basta para denunciar a Sífilis. Se um exame mostrar que Você *não tem* a moléstia, Você ficará aliviado. Se mostrar que Você a tem, ficará satisfeito com a descoberta. *O tempo é que importa!* Basta um minuto para extrair o sangue. E isto pode poupar-lhe anos de sofrimento. *Consulte seu médico! Faça* um exame de sangue agora!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



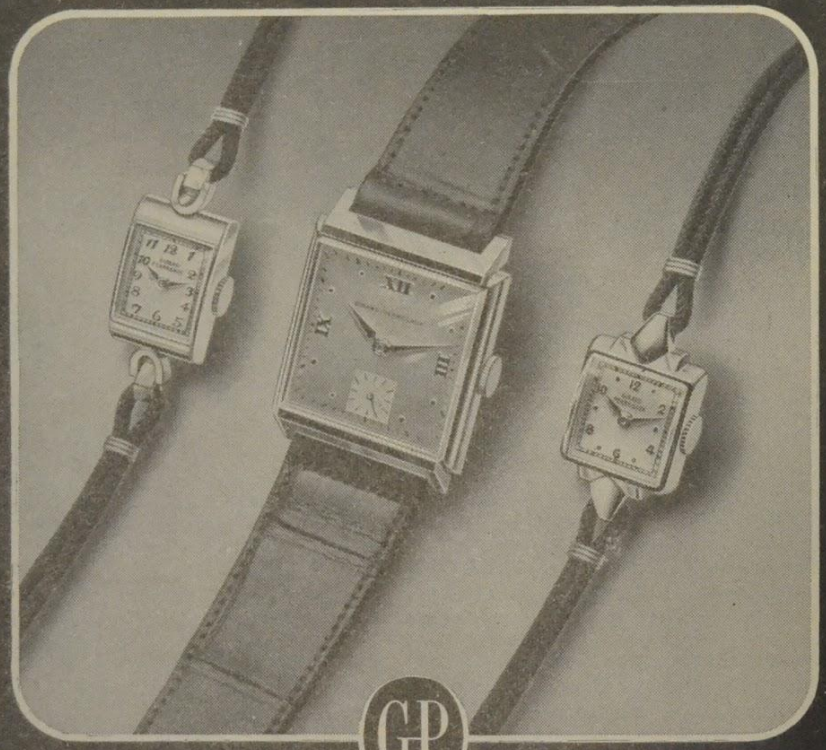
SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

GIRARD PERREGAUX

Relógios de Alta Qualidade desde 1791

"DISTINTOS PELA SUA BELEZA... FAMOSOS PELA SUA EXATIDÃO"



As melhores lojas do mundo vendem os relógios Girard-Perregaux
Fabricantes: Girard-Perregaux & Cia., S. A., La Chaux-de-Fonds, Suiça

Mil velas resplandeceram e se
extinguiram de alegria na noite
— mas nenhuma com o tranquilo fulgor
da chama em que ela entrevê a face
do seu amor . . . Como essa, o brilhante
do anel de noivado terá um fulgor
de significação muito especial,
e por isso deve ser escolhido em
vista desse mágico papel. Não
precisa ser de muitos
quilates, pois a côr, a "água" e o
talhe são tão importantes
como o próprio peso. V.S.
andará bem se consultar um
joalheiro de confiança.

De Beers Consolidated Mines, Ltd.

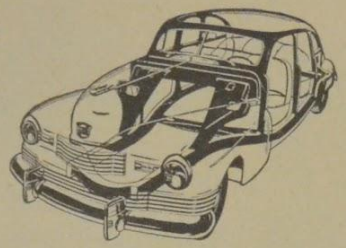
Meio quilate

Um quilate

Dois quilates

Três quilates

Isto Inaugura uma Era Nova!



O sr. vê aquí o carro que marca uma nova época na história do automovel.

Uma nova época de super-segurança, de vigas de aço unidas por 8.500 soldagens.

Uma nova época de carros maiores e mais confortaveis, consumindo muito menos gasolina.

Os engenheiros predizem que o dia virá em que todos os carros serão feitos desta maneira.

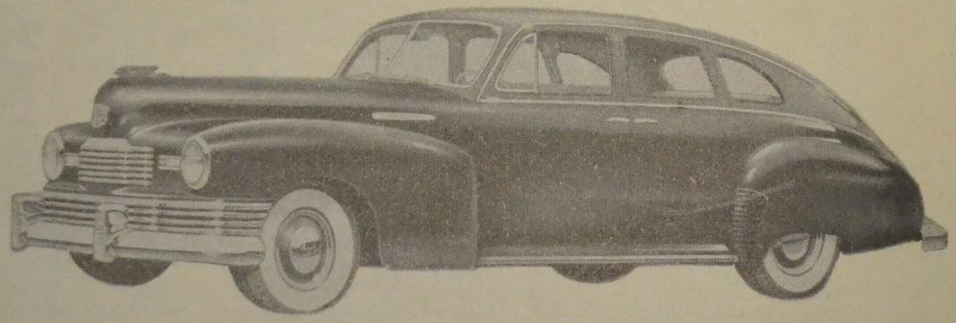
Mas *hoje*, só o Nash "600" lhe oferece todas estas características modernas!

Pode verificá-lo no consumo do Nash "600"—em que 10 litros de gasolina dão para 110 a 130 quilômetros!

Pode *verificá-lo* na espaçosidade do Nash . . . sentí-lo no funcionamento do Nash . . . gozá-lo na *suavidade* de marcha do Nash com suas molas em espiral nas quatro rodas.

Sim, tudo isto o sr. compra com o Nash, o carro cuja popularidade está aumentando mais depressa!

O representante da Nash já recebeu o Nash "600" e o Nash Ambassador. Vá visitá-lo hoje mesmo para ver—o Paradigma dos Carros Vindouros!

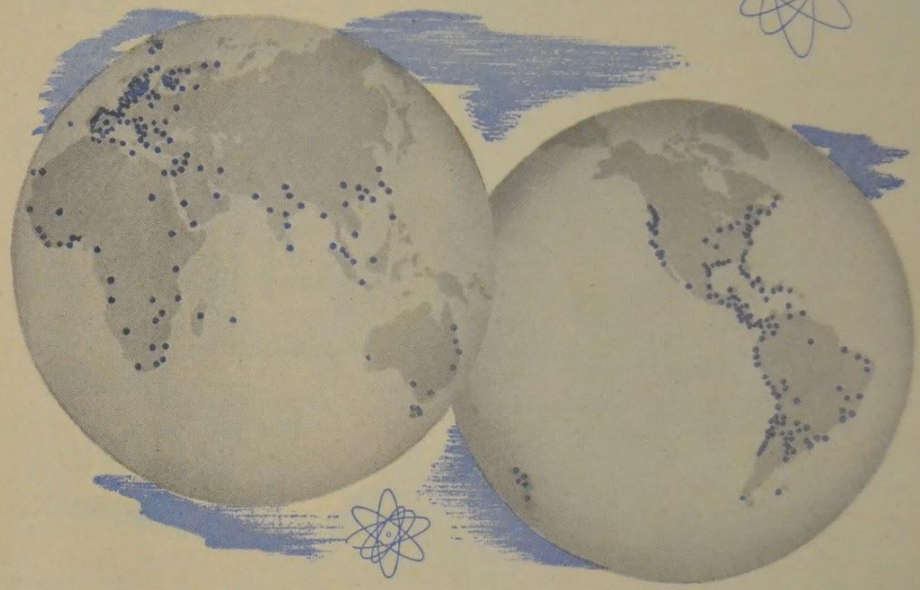


Nash CARROS DE CATEGORIA DESDE 1902

DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO NASH, Nash-Kelvinator Corporation

Detroit 32, Michigan, E. U. A.

Manufatura, venda e serviço em todo mundo



. . . para oferecer-lhe o que há de melhor em telecomunicações e eletrônica

Que é a ISE? Uma empresa isolada explorando sua indústria em *um único* país? . . . Não! A ISE é uma organização internacional que serve a *todas* as nações. Uma extensa rede com 32 fábricas principais em 23 países — e escritórios de vendas em outros 30.

O conjunto constitui uma verdadeira organização industrial de "Nações Unidas", equipada para oferecer-lhe uma série infinita de conquistas técnicas nos domínios da telecomunicação e da eletrônica—o que há de melhor e mais perfeito em instrumentos e aparelhos elétricos para navegação aérea e marítima, comunicações telegráficas e pelo rádio, sinalização de estradas de ferro, e energia elétrica. A ISE significa igualmente *serviço*—o serviço individual, pronto e atencioso que tanto tem contribuido para converter em amigos os nossos clientes.

Standard MARCA — ISE — Electric REGISTRADA

INTERNATIONAL STANDARD ELECTRIC CORP. N.Y. U.S.A.

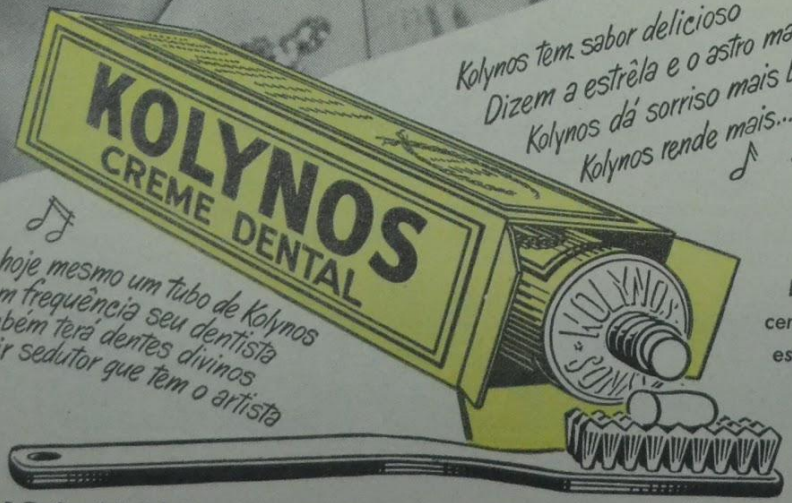
Associada da IT&T

Nova York 4, N.Y., E.U.A.

VOCÊ também usará Kolynos diz Joan Bennett

A famosa estrêla da Diana Productions que aparece em "The Secret Beyond The Door" Universal-International Release

Kolynos tem sabor delicioso
Dizem a estrêla e o astro mais famoso
Kolynos dá sorriso mais brilhante
Kolynos rende mais...é refrescante



Compre hoje mesmo um tubo de Kolynos
Visite com frequência seu dentista
Você também terá dentes divinos
E o sorrir sedutor que tem o artista

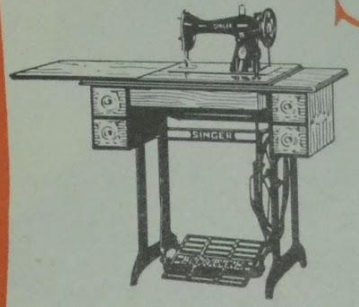
Basta um centímetro na escôva sêca

K-36-P

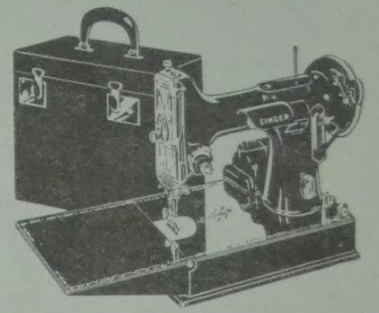
AGRADA MAIS . . . LIMPA MAIS . . . RENDE MAIS

A SUA *MELHOR* COMPRA AINDA É UMA

SINGER



Máquina Singer de pedal
Modêlo 15-88



Máquina Singer Elétrica-Portátil

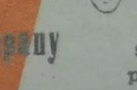
Os mais lindos modelos de máquinas — portátеis, de gabinete, mesa ou pedal — aguardam a sua escolha, em qualquer Loja Singer. E, embora pareça impossível, a Snra. descobrirá nas novas Singer vários aperfeiçoamentos que transformam a costura num verdadeiro prazer! Adquira a sua máquina imediatamente em nossas modernas salidades.

Singer Sewing Machine Company

— o nome garante o produto!

RIO DE JANEIRO • RECIFE • S. PAULO
Lojas Singer em tôdas as cidades do Brasil

É sòmente Singer oferece esta GARANTIA!



Em tôdas as cidades do continente há Lojas Singer que oferecem a mais perfeita assistência mecânica e peças sobressalentes para a sua Singer.

M. R.

Propriedade S. A. S. Ltda.
The Singer Sewing Machine Company
Todos direitos de reprodução ou tradução reservados em todos os países do Universo

A REMINGTON KMC*

...máquina de escrever

suave e rápida, que colabora com o datilógrafo...

Desenhada de modo a fazer todo trabalho de datilografia com rapidez e eficiência, a Máquina de Escrever Remington KMC oferece todas as caraterísticas que V.S. espera encontrar em sua máquina—dando-lhe, ainda, sete Vantagens Extra, sem aumento de preço. **O Controle de Margens pelo Teclado** — Keyboard Margin Control * (KMC)—acerta as margens com absoluta precisão. **O Soltador de Teclas** separa as teclas porventura presas por um toque mais apressado. **A Linha de Escrita Mais Longa** assegura mais espaço para escrever, e em muitos casos evita a necessidade de outra máquina de carro maior. **A Fabricação por Unidades** reduz o custo de manutenção e acelera as vistorias periódicas. **Volta Silenciosa do Carro** à posição, a um mero toque leve, menos cansativo. **O Controle da Fita em 4 Posições** significa que cada fita é aproveitada 3 vezes mais que o comum, e permite adaptação para "stencils". **O Cilindro Desmontavel** pode ser removido rapidamente para a limpeza diária. Vá ver esta notavel máquina de escrever na loja do representante ou agente da Remington Rand mais próximo, ou então escreva, pedindo informes detalhados, ao Departamento H.

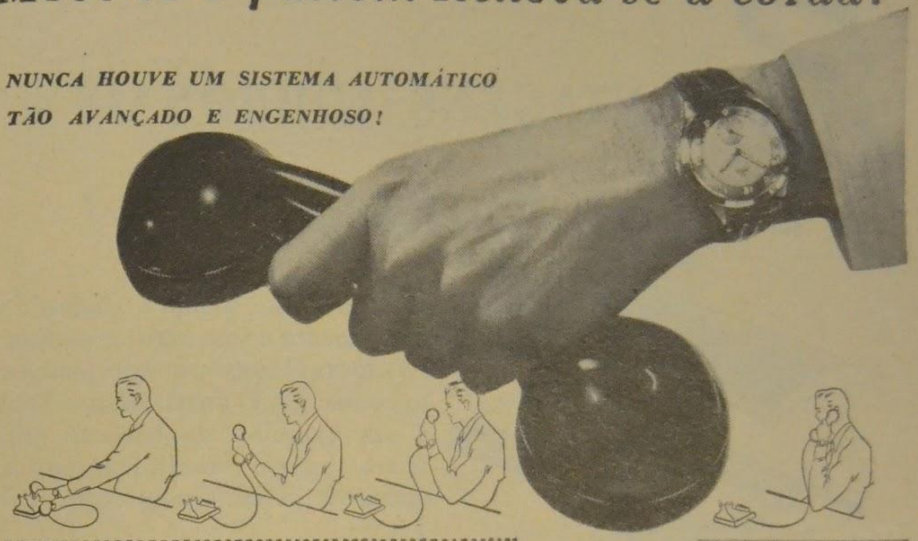
Remington Rand

315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y.

* KMC e Keyboard Margin Control, Marcas Registradas em 1947 pela Remington Rand, Inc.

Move-se o pulso... Renova-se a corda!

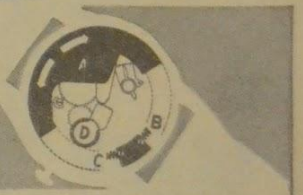
NUNCA HOUVE UM SISTEMA AUTOMÁTICO TÃO AVANÇADO E ENGENHOSO!



...e é combinado com a precisão máxima:

a famosa PRECISÃO OMEGA!

Sòmente uma obra-prima poderia receber a consagração que foi dispensada ao Omega Automático pelos maiores relojoeiros de todo o mundo. Tão grande sucesso se prende a um fato inédito na relojoaria: o mais avançado e engenhoso sistema automático para renovação da corda vem combinado com a precisão máxima... a famosa Precisão Omega! Quer dizer: com a mesma Precisão Omega que conquistou oficialmente tantos sensacionais recordes de precisão até hoje não superados quer em Teddington, na Inglaterra, quer em Genebra, na Suíça. Ouça também a opinião de qualquer uma das milhares e milhares de pessoas que o ostentam com orgulho! E visite um bom relojoeiro para admirar os elegantes e exclusivos modelos do Omega Automático. *Em repouso, reserva de marcha até 40 horas • Corda automática e manual independentes • Antimagnético • Inoxidável • Amortecedor de choques • O automático de menor espessura • Vidro inquebrável.*



COMO FUNCIONA O SISTEMA AUTOMÁTICO OMEGA

Ao menor movimento do seu pulso, a peça A, conforme indicam as setas, põe-se a oscilar, indo e vindo entre a mola B e a mola C. Êsse simples mas engenhoso dispositivo, move a engrenagem da corda D, renovando-a incessantemente, sem afetar, no entretanto, a precisão rigorosa da marcha.

Relógio **Ω OMEGA AUTOMÁTICO**

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE GENEBRA - SUÍÇA Tissot

3 VANTAGENS ADICIONAIS

neste novo aparelho de barbear!

Gillette foi sempre símbolo e instrumento de um barbear melhor. E Gillette é também aperfeiçoamento constante. O novo Gillette Tech é um aparelho de barbear que, entre outros melhoramentos, oferece 3 particularmente notáveis:

1. *Novos frisos anti-deslizantes, para evitar cortes, mesmo a um gesto brusco;*

2. *Nova barra-distensora, para um barbear mais suave;*

3. *Aberturas amplas, para limpeza mais fácil. Não acumulam espuma, basta colocar sob a torneira.*

Alie a essas vantagens do novo aparelho o fato de haver sido êle desenhado especialmente para a lâmina Gillette-Azul, que *custa pouco, porque dura muito!* Pense em tudo isso e adquira ainda hoje, para maior confôrto, o novo Gillette Tech, um aparelho de barbear *ainda melhor.*

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Demi-size

a nova e maravilhosa

Parker "51"

A caneta mais desejada do mundo

Escreve sêco com tinta líquida!

● É *nova!* Uma verdadeira "51" em tudo, menos no tamanho. É ideal para quem gosta de uma caneta menor. Com menos de 12 cms. no comprimento, a *demi-size* cabe, em posição vertical, em uma bôlsa de senhora e no bôlso de uma camisa de homem! Como a Parker "51", esta caneta é usada com a nova tinta Superchrome que *seca à medida que escreve.*

Representantes e Pôsto Central de Reparações para

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C.P. 463—Lourenço Marques

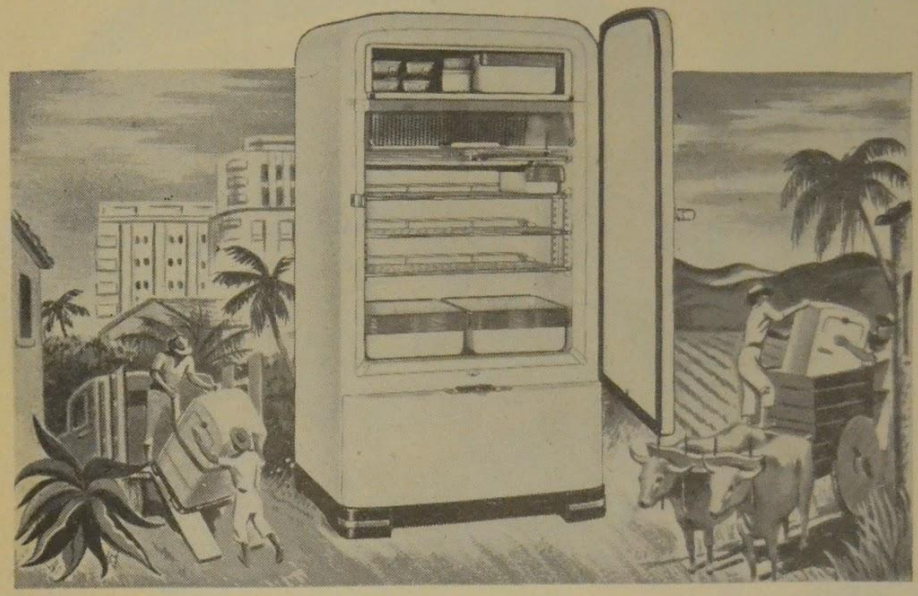
UMA NAÇÃO PEQUENA DÁ HORAS AO MUNDO

HÁ séculos que os artífices da Suiça vêm transmitindo de pais a filhos as suas tradições na arte da relojoaria. Hoje, como no passado, estes ideais continuam sendo inerentes aos belos relógios suiços que V.S. compra.

OS RELOJOEIROS DA SUIÇA

Executado na Suiça por Edmund Welf

SERVEL FUNCIONA EM QUALQUER PARTE



SERVEL TRABALHA A QUEROSENE, GÁS NATURAL, GÁS FABRICADO, BUTANO OU PROPANO

Quer V.S. viva nos elegantes subúrbios duma grande cidade . . . quer em uma fazenda perdida no interior . . . Servel lhe dará todas as vantagens da moderna refrigeração. Terá sempre ao seu dispor o frio que conserva os alimentos até serem consumidos . . . mesmo nos climas mais quentes. E também cubos de gêlo em abundância—simples ou aromatizados com essências de frutas—para preparar deliciosos refrescos e sobremesas. E o cômodo interior do Servel dá-lhe espaço suficiente para arrumar cerveja e gêneros volumosos.

Sim, todo este serviço notavel é *seu*, porque Servel pode funcionar em qualquer parte—a qualquer hora. Não precisa de uma só peça móvel para produzir o frio que conserva os alimentos. Não tem nada que se quebre ou desgaste. ¡Uma pequena chama faz todo o trabalho da congelação! É por isso que Servel é tão econômico no funcionamento . . . e ainda mais na conservação.

Servel — O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

Burroughs

UMA BELEZA NOVA ENTROU NO ESCRITÓRIO!

Os engenheiros da Burroughs souberam externar em linhas puras e dinâmicas, e na harmonia de seus dois tons, a perfeição interna do novo Calculador Burroughs . . . a sua facilidade de operação e segurança no controle de números.

Aquí tem um aparelho capaz de encher de orgulho o moderno empregado de escritório! Aquí, tambem, a promessa de outras inovações da Burroughs que já estão na forja . . . aperfeiçoamentos e requintes que refletem o ritmo acelerado das pesquisas da Burroughs—em eletrônica, metalurgia, química, e elegância de estilo.

Grandes coisas estão-se passando na Burroughs . . . como pode ver por este novo Calculador Burroughs.

★ ★ ★

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com séde à rua da Alfandega 81A-1°, Rio de Janeiro. A representante em Portugal é a Robinson, Bardsley & Co. Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE E DE ESTATÍSTICA

O Canadá afirma:

"O COMÉRCIO DEVE CIRCULAR EM DUAS DIREÇÕES"

E, efetivamente, o comércio do Canadá circula em duas direções. O total das exportações e o total das importações estão quase perfeitamente equilibrados, em valor.

Aos vendedores estrangeiros oferece o Canadá um mercado esplêndido e diferenciado, para os artigos de importação.

Aos compradores de fóra o Canadá oferece uma variedade imensa de materias primas e produtos manufaturados.

Se quer comprar ou vender no Canadá, consulte o mais próximo dos representantes comerciais canadenses, que lhe prestará todas as informações e assistência. Existem representantes comerciais nos seguintes paizes:

ARGENTINA • AUSTRÁLIA • BÉLGICA • BRASIL • CHILE • COLOMBIA • CONGO BELGA • CUBA • EGITO • ESTADOS UNIDOS • FRANÇA • GRÉCIA • GUATEMALA • HOLANDA • HONG-KONG • INDIA • INGLATERRA • IRLANDA • ITALIA • JAMAICA • MÉXICO • NOVA ZELÂNDIA • NORUEGA • PAKISTAN • PERÚ • PORTUGAL • SUÉCIA • TRINIDADE • TERRA NOVA • UNIÃO MALAIA • UNIÃO SUL-AFRICANA • VENEZUELA

SERVIÇO DE COMÉRCIO EXTERIOR

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

OTTAWA CANADÁ

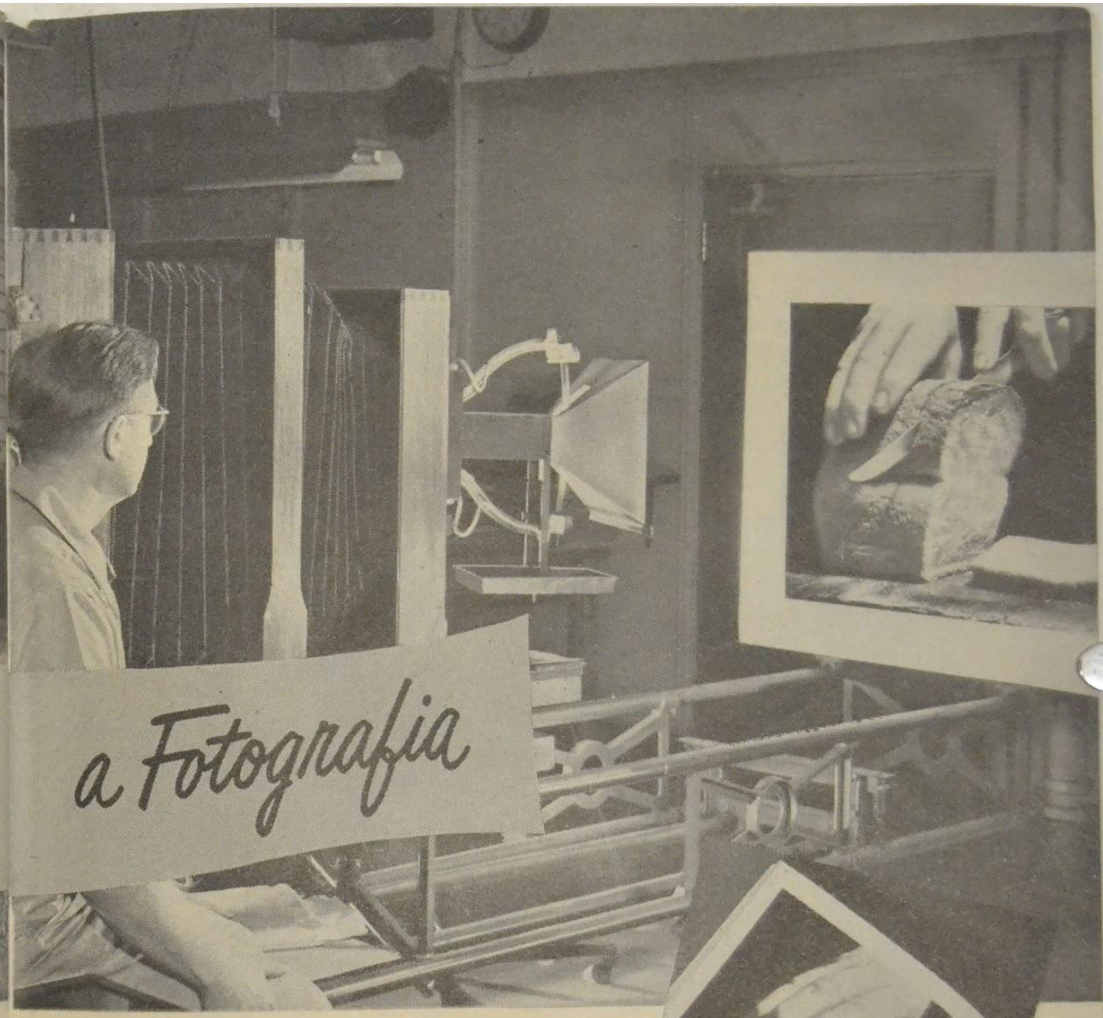
COMPAREÇA À EXPOSIÇÃO-FEIRA INTERNACIONAL DE COMÉRCIO DO CANADÁ

Toronto—de 31 de maio a 12 de junho de 1948

Veja e examine as mercadorias de todo o mundo, em exposição no Canadá, em 1948. Compare os artigos mais finos de muitas nações . . . de muitas indústrias.

Resolva desde já comparecer á Exposição-Feira Internacional de Comércio, do Canadá, ou mandar o seu representante. As informações mais minuciosas inclusive as que digam respeito a viagem e acomodações, podem ser obtidas com o representante comercial canadense mais próximo.

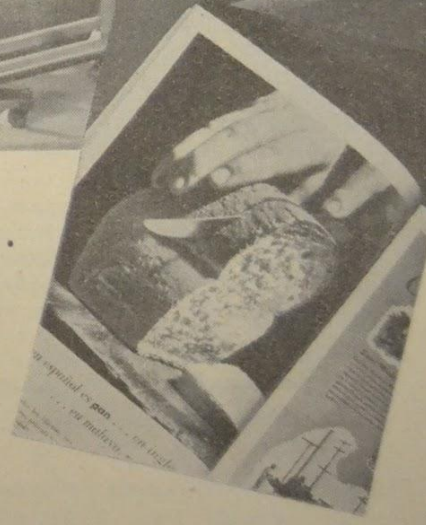
Ambos usam a Fotografia



V. S., para instantaneos . . . cenas duradouras de sua vida em familia.

Eis aqui dois dos inúmeros campos em que a Kodak põe a fotografia a seu serviço.

O fotomecanico, para cliches . . . tão necessários à reprodução de ilustrações em jornais, revistas, livros, cartazes e em outros materiais de impressão.



Kodak

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Traz o mundo ao seu lar!

O novo e incomparável
Rádio-fonógrafo

Westinghouse
Tom Vital

Um aparelho excepcional num móvel de luxo! Assim é o novíssimo rádio-fonógrafo Westinghouse 172, de Tom Vital. Super-sensível e possante, tem quatro faixas ampliadas de ondas curtas e uma de ondas normais . . . olho elétrico . . . regulador automático do volume . . . agulha permanente de safira . . . e troca-discos automático para 12 discos. Escute-o, e desejará possuí-lo! O móvel e o chassis estão *tropicalizados* . . . conservarão a beleza e o excelente funcionamento por muitos anos. Escute o modelo "Tom Vital" 172. Veja-o hoje mesmo!

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY, 40 Wall Street, Nova York 5, E. U. A.

INT-AD-3

Compare . . . e comprará um rádio **Westinghouse**

Lavoura motorizada é lavoura melhor

Trator Allis-Chalmers e grade de discos de ação dupla preparando o terreno para a semeadura. Note-se como os discos penetram uniformemente, e como a terra fica bem pulverizada.

Lavrar com tratores e acessórios combinados Allis-Chalmers é fazer lavoura moderna — eficiente, mais fácil, mais lucrativa.

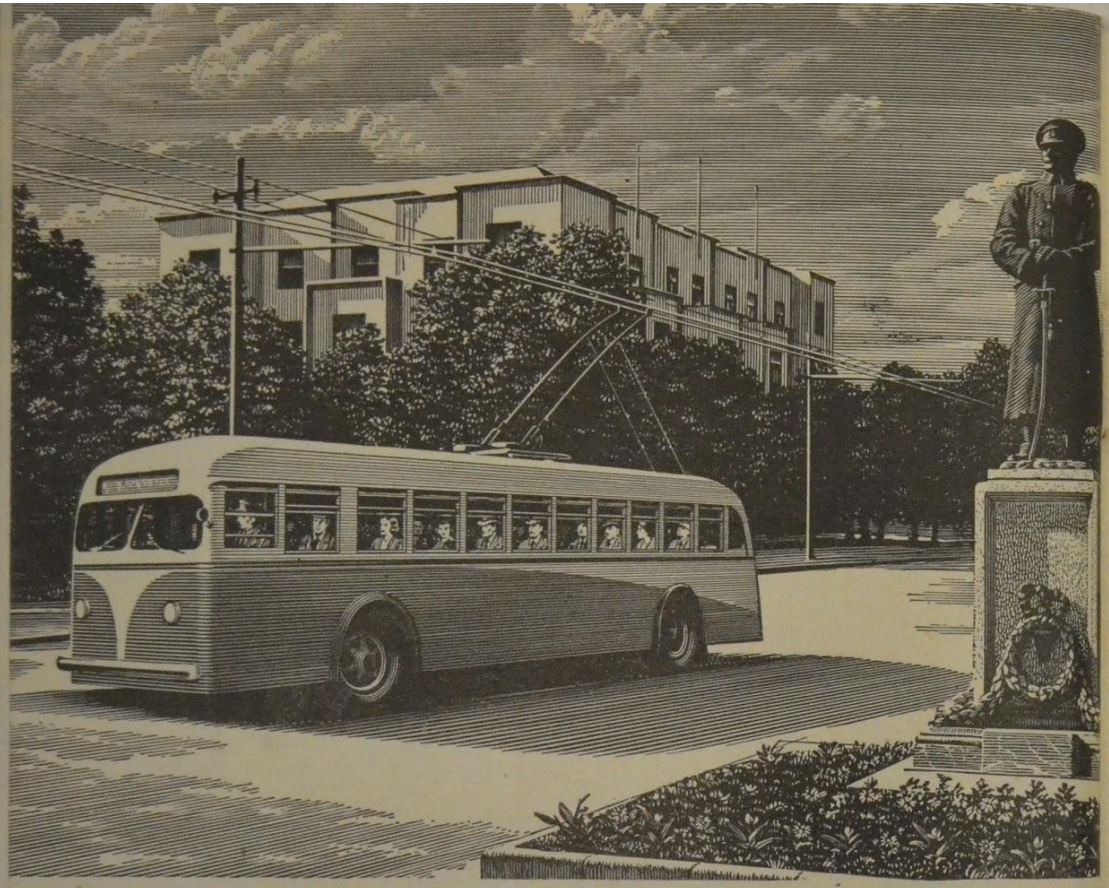
Considerem-se, por exemplo, as importantes operações preparatórias da semeadura, acima ilustradas: O Trator Allis-Chalmers e a sua companheira, a grade de discos de ação dupla, constituem uma parelha bem equilibrada que cobre vastas áreas rápidamente, com um mínimo de percursos, deixando o solo rigorosamente desterroado e pulverizado.

Esta grade de discos é especialmente apropriada para trabalho pesado, graças à sua robusta construção. Corta através dos solos mais duros, dos restolhos e resíduos de anteriores culturas, penetrando uniformemente em tôda a dimensão do disco. O ângulo dos jogos de discos é muito fácil de graduar do assento do motorista.

Em tôda a parte os proprietários dessas máquinas encontram uma utilidade sempre crescente nos seus tratores e instrumentos agrícolas Allis-Chalmers, quando substituem processos mais antigos e vagarosos por esta maquinaria eficiente. O trator veio tornar possivel a lavoura motorizada!

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD348 • DIVISÃO DE TRATORES • MILWAUKEE 1, E.U.A.



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES

O "trole-bus" ou eletro-ônibus está ajudando a solucionar a crise atual dos transportes no mundo inteiro.

Em Angora, na Turquia, junto à estátua vigilante de Kemal Ataturk, fundador da Turquia moderna, circulam os silentes eletro-ônibus transportando uma população atarefada. Estes ônibus são dotados de motores e controles da General Electric.

Desde o primeiro trem elétrico, construido por Thomas Edison em 1882 para serviço em Menlo Park, até os atuais meios de transporte, a General Electric tem-se distinguido sempre pelo seu anseio de assegurar melhores serviços de transporte coletivo.

Este mesmo afã de superação se traduz em todos os produtos da General Electric, quer se destinem ao lar, quer às indústrias.

A-8-1

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E. U. A.

Smith Corona Maquina de escrever portatil

Smith Corona Maquina de escrever para escritório

A Melhor Custa-lhe Menos porque as máquinas de escrever Smith-Corona duram mais.

Materiais de qualidade, mão de obra por peritos e outros elementos que a destacam garantem anos e anos de funcionamento superior e de confiança.

SMITH-CORONA

Syracuse 1 N Y E U A

BRASIL: Superintendente de vendas para o Brasil.

HERBERT N. COHN, Machinas - Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro*

Machinas - Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro, São Paulo & Belo Horizonte*

Carvalho & Cia., *Recife*

Dantas, Krauss & Cia., *Aracajú*

Importadora de Ferragens, S. A., *Belem*

J. Goossens & Cia., Ltda., *Fortaleza*

Antonio M. Henriques & Cia., *Manaus*

Carlos Hoepcke, S. A., *Florianopolis*

Wandick Lopes, *Natal*

Simon Rosenblit, *São Salvador*

Guimarães E. Souza & Cia., *São Luiz*

Soc. de Com. e Refrigeração Springer, Ltda., *Porto Alegre*

PORTUGAL: Soc. de Com. Internacional, Lda., *Lisboa*

ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA: John Orr & Co., *Lourenço Marques*

GUINÉ PORTUGUESA: Carlos Pinto Machado, *Bissau*

ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA: Angola Coaling Co., Ltd., *Luanda & Lobito* Issardas Utamchand, *São Tomé*

USE HOJE O LUBRIFICANTE DO FUTURO!

Não é segredo para ninguem que os petróleos crus da Pensilvânia produzem os melhores óleos lubrificantes do mundo. O que faz do AMALIE — 100% óleo para motores da Pensilvânia — um óleo *superior* . . . que se adianta ao tempo presente . . . é o processo exclusivo da sua refinação. O processo AMALIE preserva e protege — melhor do que outro qualquer — a qualidade que conta acima de tudo em um óleo: a *oleosidade.*

É por isso que este óleo *mais oleoso* é de há muito o preferido para autos, caminhões, ônibus, tratores, maquinaria de construção e motores industriais. A maior oleosidade do AMALIE Motor Oil representa mais quilometragem . . . mais rendimento da maquinaria agrícola . . . mais longa duração util dos motores. Assim, hoje . . . amanhã . . . *sempre* — use o AMALIE Motor Oil . . . que opera com mais eficiência e maior economia.

OS LUBRIFICANTES AMALIE PARA MOTORES SIGNIFICA QUALIDADE-SEGURANÇA—ECONOMIA

A venda em todo o Brasil nos vasilhames originais hermeticamente fechadas nas nossas refinarias em Pensilvania.

L. SONNEBORN SONS, INC.

Divisão da América Latina — Nova York 16, E. U. A.

Refinarias: Petrolia & Franklin, Penna., E. U. A.

Fábrica: Nutley, N. J., E. U. A.

Pontos atuais de distribuição: Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, Recife, Bahia, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.

Aqui está o Rádio-Fonógrafo que V. desejava!

ao preço que V. gostaria de pagar

Com pequeno dispêndio terá um luxuoso e soberbo rádio-fonógrafo: o novo Philco 1827! Com toca-discos automático, macio como veludo, sintonização elétrica de faixa ampliada, ondas longas e curtas: 4 faixas de 13,6 a 103 metros! Elegante gabinete de mogno! Veja êste sensacional modêlo no seu Revendedor Philco!

PHILCO

De Fama Mundial pela Qualidade

Philco International Corporation, 50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

ECONOMIA NA GRANJA

O 'JEEP' UNIVERSAL restabelece a produção lucrativa da fazenda—compensa seu custo com a infinidade de suas aplicações.

Com seus novos acessórios de tipo hidráulico, que sobem ou descem ao menor toque dos dedos, o 'Jeep' reduz o trabalho do lavrador—trabalha 24 horas por dia, executando tarefas para as quais, de outra maneira, seriam necessárias três ou quatro máquinas distintas.

O NOVO **Jeep** Universal construído por WILLYS-OVERLAND

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORPORATION . . . TOLEDO, OHIO, E.U.A.

(*Continuação da segunda capa*)

Após algum tempo, nossa companheira acordou e olhou para a chuva que caía como uma cortina fina que a separasse do mundo exterior. A bela criatura suspirou, pôs um perfumado pó-de-arroz na face e passou baton nos lábios com traços firmes. Terminado o clássico ritual, ela me pareceu cheia de energia. Lançou um olhar impaciente ao indivíduo que estava lendo, e em seguida abriu a bolsa e tirou uma revista de capa azul clara. Verifiquei que se tratava de *Det Beste*—o Reader's Digest em norueguês. Ao ler pequenos artigos aquí e alí, sorria de vez em quando.

Viajando através da Finlândia em um dia chuvoso, duas pessoas de diferentes nacionalidades estavam lendo a mesma revista, em dois idiomas diversos, no mesmo compartimento de um trem. Embora me encontrasse em meu próprio país, me sentia uma estranha. E quando o vendedor de jornais passou pela nossa porta, perguntei-lhe:

—Tem o *Valitut Palat*?

—Como não, respondeu. —Ainda me sobra um para a senhora.

Comprei a revista, mas antes que pudesse recostar-me e abrí-la, o passageiro do dente de ouro, que viera observando o tabuleiro de capas multicores como um faminto que observasse outras pessoas comerem, levantou-se de repente. Aproximou-se do jornaleiro e remexendo entre as revistas tirou uma de capa carmezim: *Sélection du Reader's Digest*—a edição francesa.

Olhei para o pequeno grupo no compartimento daquele trem e assaltou-me um pensamento. «Não estávamos reunidos num círculo internacional de leitores?» Nesta altura já tínhamos verificado que líamos todos a mesma revista em quatro línguas diferentes, e em breve nos considerávamos uns aos outros com um novo interesse.

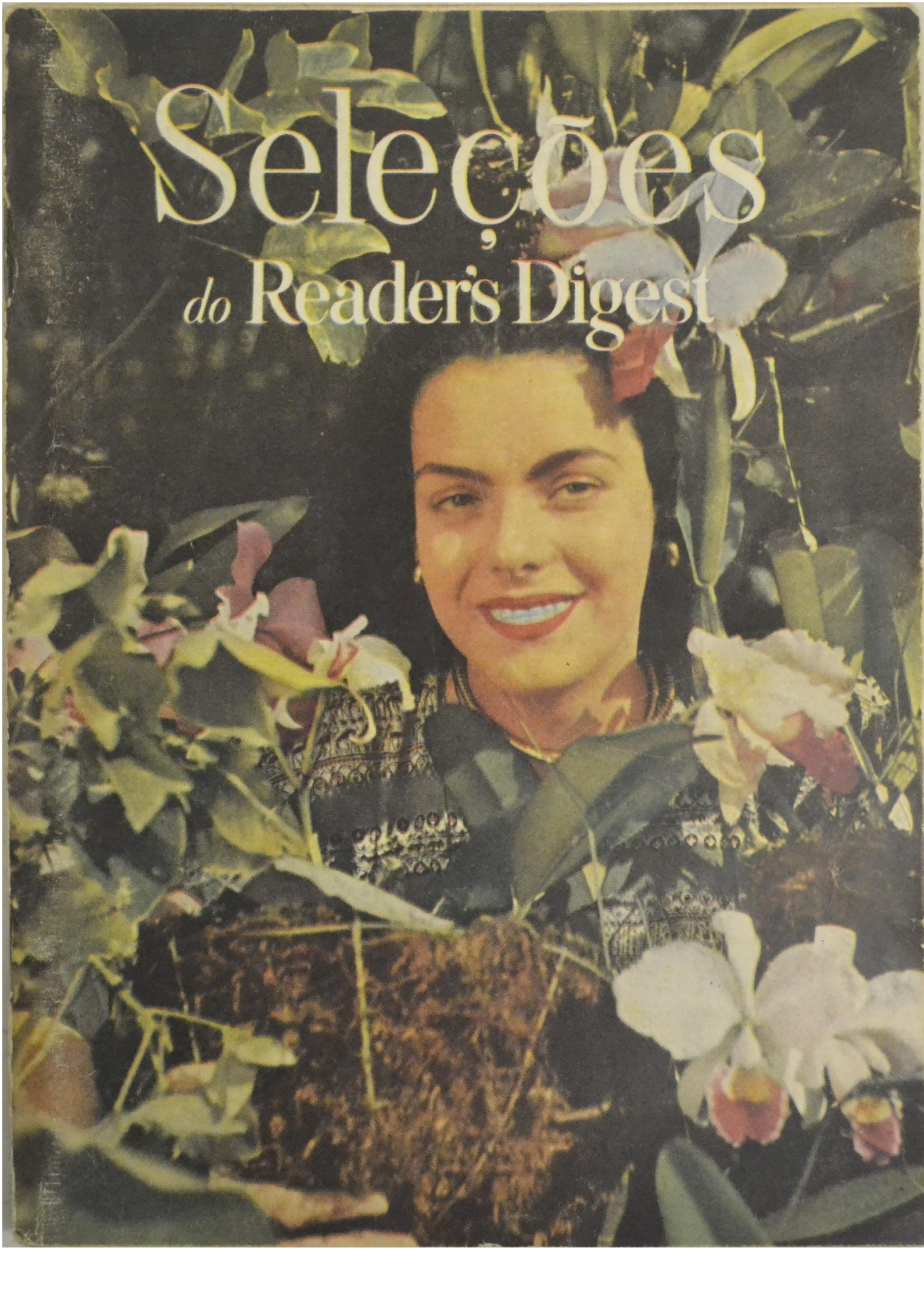
A senhora norueguesa e eu começamos a conversar, comparando nossas revistas e seu conteudo. Logo o francês, e depois o outro senhor entraram na palestra. Inconscientemente, falávamos ora num, ora noutro idioma, o que facilitava a troca de idéias. Achávamos espantoso e ao mesmo tempo divertido que pertencêssemos ao mesmo círculo de leitores. Constatávamos, admirados, como o mundo é pequeno e como é grande a circulação dessa revista internacional.

Com o decorrer da palestra fomos descobrindo que, apesar de pertencermos a diferentes nacionalidades, tínhamos muita coisa em comum. Quase todos passáramos fome, e sofrêramos frio e privações. Havíamos conhecido o despotismo ou o temor da sua iminência. No entanto, éramos todos de opinião que nenhuma dessas coisas podia ser considerada como a mais trágica para o homem. Não, concordávamos todos—um francês, um inglês, uma norueguesa e uma finlandesa—o grande inimigo dos nossos tempos é a perda da esperança. Cada um de nós estava sempre procurando alcançar qualquer coisa que lhe servisse de arma contra o desespero, o inimigo comum. Sentíamos todos que a pequena revista que cada um de nós tinha nas mãos oferecia esperança em cada página e—mais que esperança—auxílio tanto prático como espiritual na presente luta do mundo contra a confusão e o desespero.

Entráramos naquele compartimento de trem quatro estranhos. Deixamo-lo quatro amigos. Na realidade éramos *cinco* amigos. Pois cada um de nós levava consigo, no bolso, o amigo comum e aliado dos outros.

Seleções

do Reader's Digest



CMDPO-UB
1961

Sob seis bandeiras

Pelo dr. Thor Heyerdhal

Etnologista e explorador, chefe da famosa expedição oceânica empreendida por cientistas noruegueses na balsa Kon-Tiki, *desde Calhau, Perú, até a Polinésia, e que se estendeu de 26 de abril a 7 de agosto de 1947*

MUITAS lendas fantásticas de navios maravilhosos têm sido escritas através dos séculos, e a mente do homem sempre acariciou o desejo de penetrar nos misteriosos mares do futuro, ou voltar para trás em viagem de regresso ao passado. Eu fiz uma viagem dessas em um autêntico *navio maravilhoso* que nos levou a mim e a cinco companheiros por quinze séculos a dentro pelas águas paradas de antanho. E posso afirmar que tal aventura é tão possivel quanto fascinante.

Nosso navio maravilhoso, que ora se encontra no Museu de Marinha de Oslo, foi uma balsa de troncos, reprodução exata das embarcações que usavam os pescadores pre-incaicos. Batizamo-la com o nome do deus pre-incaico da Criação: *Kon-Tiki*.

Viajando no mesmo tipo de embarcação por eles utilizada e seguindo a mesma rota que eles teriam tomado, isto é, a corrente peruana que nos arrastou firmemente até a Polinésia, demonstramos de modo prático que os peruanos prehistóricos te-

(*Continua na terceira capa*)

Tomo XIII, No. 75 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Abril de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S. A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas.
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os países hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenhague). *Edição em finlandês:* redator, Sirkka Ruotsalainen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1947 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os países que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIII, No. 75, April 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

● Nas linhas cônicas e elegantes da "51", na riqueza de sua tampa cintilante, existe beleza que provoca entusiasmo em tôda parte. E 77 investigações em 29 países demonstram ser a Parker *a caneta mais desejada do mundo*. Em muitos casos mais desejada do que tôdas as outras marcas combinadas. E sòmente êsse instrumento de precisão que é a Parker "51" foi desenhado para o uso satisfatório da *nova* Parker Superchrome—a tinta super-brilhante, super-permanente e de secagem rápida!

...A CANETA MAIS DESEJADA DO MUNDO!

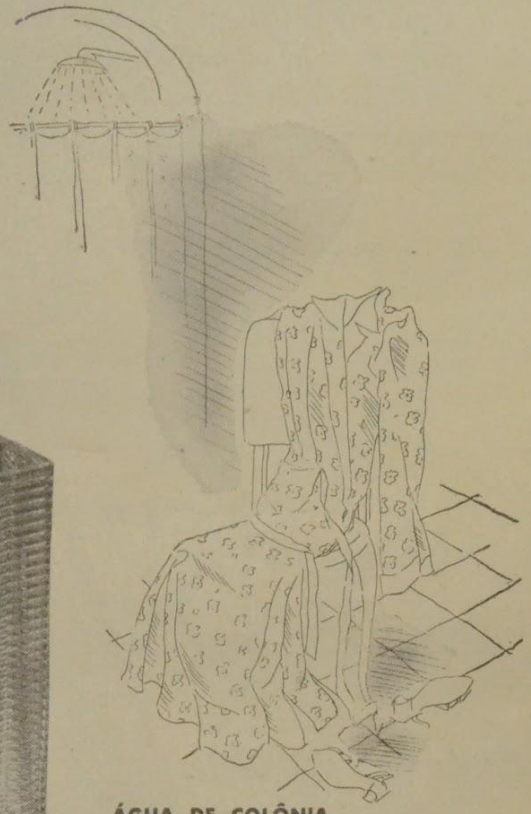
Parker "51"

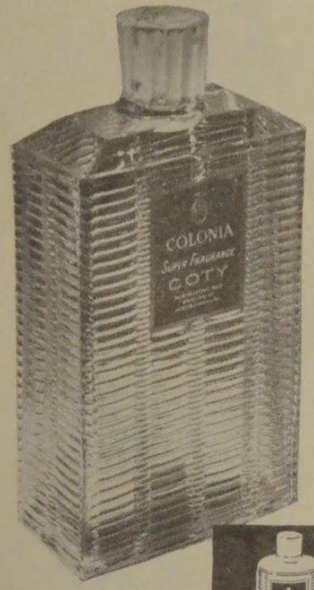
Escreve sêco com tinta líquida!

Representantes e Pôsto Central de Reparações para
BRASIL: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
PORTUGAL: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
ANGOLA: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
MOÇAMBIQUE: Teixeira da Rocha, Ltda., C.P. 463—Lourenço Marques

Nada mais refrescante...

...que uma fricção de Super Fragrance, após o banho.





4 tamanhos para toucador

ÁGUA DE COLÔNIA

SUPER FRAGRANCE

— mais que perfume!

Coty

EM TODOS OS SENTIDOS Mercury 1947

EXCEDE SUAS EXPECTATIVAS!

Através de tôdas as Américas, Mercury é um favorito! E, em 1947, excede suas expectativas em todos os sentidos.

Sua aparência, compacta e graciosa, de linhas fluentes que convergem suavemente para trás, forma um conjunto de moderna beleza.

E, interiormente, há uma festa para os seus olhos. Novo e lindo estofamento elegantemente talhado, esmêro e gôsto refinado nos mínimos detalhes. E que confôrto,

Aperte um botão—a capota abaixa!

quanto espaço há no novo Mercury—tão agradável, tão suave para um passeio.

Quanto à economia e à tra-

Possante! Econômico!

dicional potência do seu motor . . . bem, V. S. verá porque continuamos a afirmar: *em todos os sentidos Mercury 1947 excede suas expectativas!*

DIVISÃO INTERNACIONAL
FORD MOTOR COMPANY

É SOMENTE UMA ALDEOLA SUIÇA...

mas contribui para a prosperidade de povos distantes! A maioria de seus artífices produzem belos relógios nas fábricas locais, e os exportam em troca de víveres e matérias-primas essenciais. Esta troca entre as nações é o que mais concorre para a solidariedade e paz gerais. Os Relojoeiros Suiços se ufanam de que sua aptidão manual seja reconhecida pela gente de bom gosto do mundo inteiro.

OS RELOJOEIROS
DA SUIÇA

Executado na Suiça por Edmund Welf

Êle está ocupado... ditando-me

Atrás daquela porta se encontra um homem trabalhando. Sózinho, à vontade, transmite as suas idéias, e sua correspondência a um microfone de mão.

Êsse homem poderia ser o senhor! E, fora do seu escritório, a sua secretária—evitando-lhe desnecessárias interrupções, executando outras tarefas, enquanto o senhor lhe está ditando . . .

É assim que se trabalha modernamente—realizando o serviço diário com mias rapidez, evitando confusão no andamento do escritório. É assim—com o Ditado Electrônico!

Ponha-se nesta mesma situação

Imagine-se o senhor com um microfone à mão—despachando os seus negócios . . . sem acúmulo de papeis, sem atrazos aborrecidos . . . Imagine-se, a vantagem que um trabalho mais rápido representa.

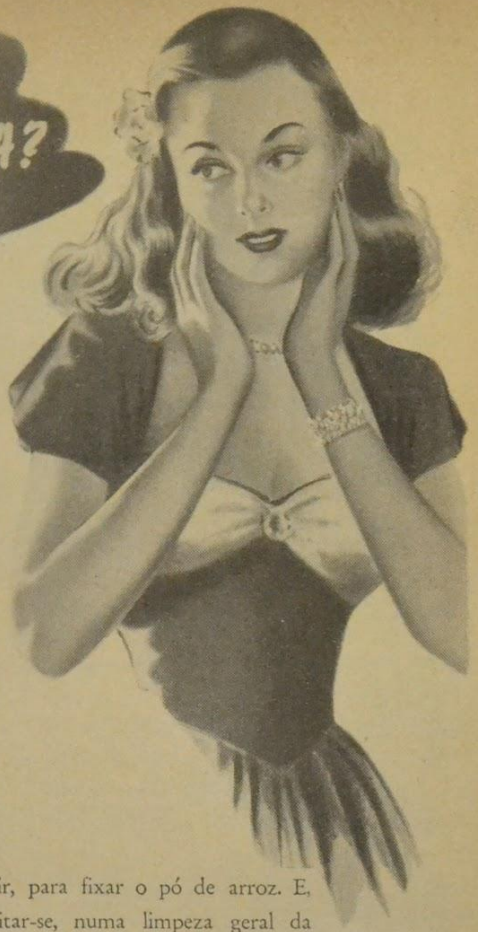
Não espere que os peritos em eficiência lhe recomendem o Ditado Electrônico Dictaphone, chame o representante da Dictaphone Corporation.

Para obter folhetos informativos, escreva para: Dictaphone Corporation, I.D., 420 Lexington Avenue, New York 17, N. Y., U.S.A.

DICTAPHONE CORPORATION INTERNATIONAL DEPARTMENT

A palavra DICTAPHONE é marca registrada da Dictaphone Corporation fabricante das Máquinas Electrônicas de Ditado e de outros aparelhos de gravação sonora e de reprodução que levam a referida marca.

O QUE?... EU?... MOÇA MASCARADA?



SIM!... Se você usa o maquillage excessivo para disfarçar as imperfeições da sua pele.

Não artificialize seu encanto natural com a máscara do maquillage excessivo para disfarçar as imperfeições da pele. Corrija manchas, cravos, sardas, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, em aplicações sôbre o rosto, colo e braços. Ao sair, para fixar o pó de arroz. E, ao deitar-se, numa limpeza geral da cutis. Siga êsse tratamento adotado por milhares de lindas mulheres. E seu rosto ganhará aquêle romântico encanto natural que seduz e fascina. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele.

EMBELEZADOR BÁSICO!

O depoimento de milhares e milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira — famosa pela sua beleza — considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico.

Leite de Colonia

O Embelezador da Mulher

Record - 2.808

DÁ CAÇA AO TIGRE REAL

(mas tem a cara ultra-sensivel)

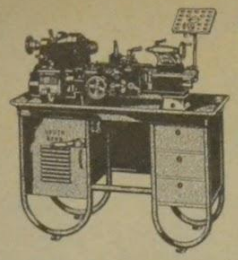
O CALOR ÚMIDO E ABAFANTE DA SELVA TORNA MINHA PELE MUITO SENSIVEL. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE COM FACILIDADE E SEM SOFRER, GRAÇAS AO CREME **WILLIAMS**, QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar— deixa-lhe a cara fresca e macia.

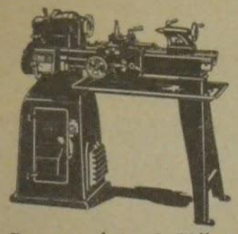
CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

Torno de bancada de 9"
(229 mm)



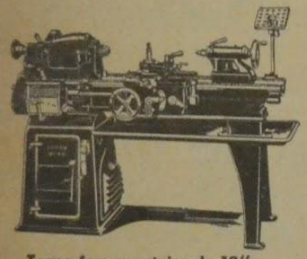
Torno de bancada de 10"
(254 mm)



Torno mecânico de 10"
(254 mm)

TORNOS SOUTH BEND

para trabalhos de produção de precisão e para trabalhos de ferramentaria exatos. Tornos mecânicos e tornos ferramenteiros com 9", 10", 13", 14½", e 16" de diâmetro admitido. Tornos revólver de precisão com ½" e 1" de capacidade da pinça. Peça-nos o Catálogo 25-P.



Torno ferramenteiro de 13"
(330 mm)

No Brasil dirija-se à
BERT KELLER, S. A.
Máquinas Modernas
Caixa Postal 1975—São Paulo, Brasil

Em Portugal dirija-se à
SOCIEDADE COMERCIAL
ROMAR, LTDA.
R. da Boa Vista 83-A — Aptdo. 326
Lisboa, Portugal

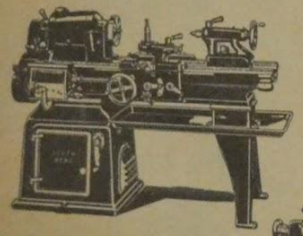
SOUTH BEND LATHE WORKS

Fabricando Melhores Tornos Desde 1906

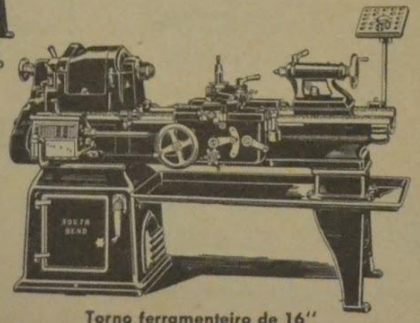
497 E. MADISON ST., SOUTH BEND 22, IND., E.U.A.

Só os legítimos Tornos South Bend exibem este emblema

MARCA REGISTRADA



Torno mecânico de 14½"
(368 mm)

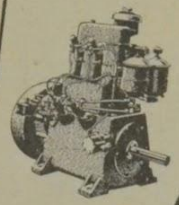


Torno ferramenteiro de 16"
(406 mm)

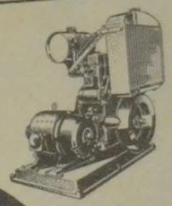
em fim

UM MOTOR DIESEL EXTREMAMENTE SIMPLES, FACIL DE INSTALAR E CONSERVAR, QUE QUALQUER PODE MANEJÁ-LO

Os motores diesel Hallett de 8 e 18 HP usam combustivel de baixo preço, assim fornecem força diesel econômica e disponivel onde e quando se necessita.

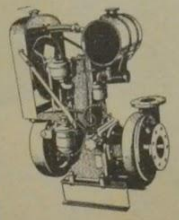


POTENCIA
Motores estacionários de 1 e 2 cilindros

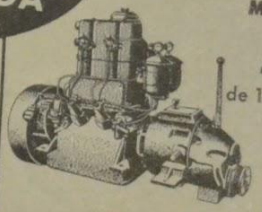


ELECTRICIDADE
Grupos geradores diesel de 2 a 10 KW

FORÇA DIESEL A SUA MEDIDA



BOMBAS D'AGUA
Conjuntos em grande variedade de capacidades



MARITIMOS
Motores Marítimos de 1 e 2 cilindros

HALLETT MANUFACTURING COMPANY

603 South Redondo Boulevard, Inglewood, California, E.U.A.

"Os maiores produtores de motores Diesel pequenos e médios em todo o mundo"

Representantes exclusivos no BRASIL:

REMMA S. A.

Caixa Postal 2052 — RIO DE JANEIRO

Distribuidores autorizados: Rio de Janeiro: G. Borghoff & Cia.—São Paulo: G. Borghoff & Cia.—Curitiba: C. O. Mueller—Blumenau: Com. E. Ind. Walter Schmidt S. A. — Porto Alegre: Ricardo Landgraf — Belo Horizonte: Juventino, Castro & Cia. Ltda.— Salvador: Irmãos Czékus—Recife: Brederodes Costa & Cia.—Fortaleza: M. Ramalho & Cia. Ltda.—Parnaiba: Neves & Cia.—Belém: A. B. Mattos & Cia.— Manaus: J. G. Araujo & Cia. Ltda. PORTUGAL, Lisboa: B. A. Catella, João Felix da Silva Capucho, Sociedade Framar Ltd. MOÇAMBIQUE, Luanda, Angola: Angeja & Macedo Ltda., Casa Americana, Ltda.; Lourenço: F. Dicca. MADEIRA, Funchal: Leacock & Cia., Ltda.

Atenção Sres. agentes: Nos paises ainda sem agências existem vagas para representações. Escrevam a: Hallett Manufacturing Company, Inglewood, California, E.U.A.

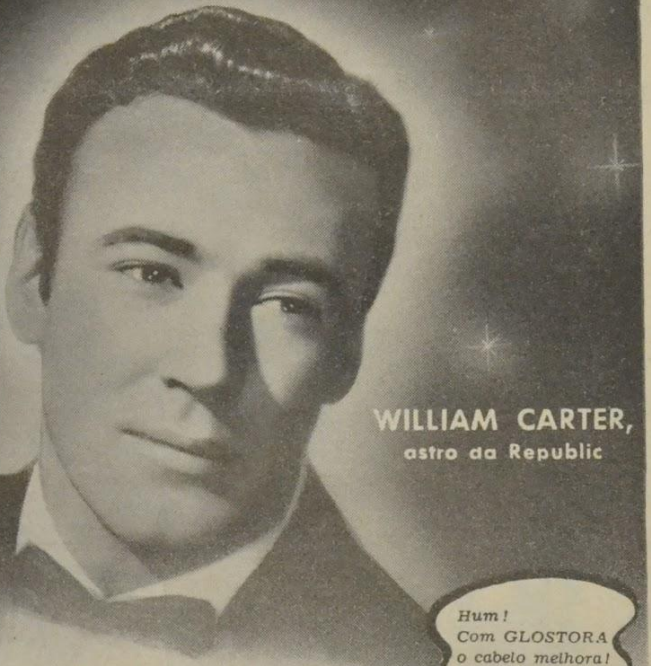
Queira remeter o cupom ao agente local. É favor mandar-me informações completas sobre:

☐ Motores Estacionários
☐ Unidades de Bombeamento
☐ Motores Marítimos
☐ Grupos Eletro-Geradores Diesel

NOME_____

ENDEREÇO_____

A serviço da glória



WILLIAM CARTER,
astro da Republic

Hum! Com GLOSTORA o cabelo melhora!

O homem cuja carreira depende da boa apresentação pessoal, usa invariàvelmente Glostora. Tendo experimentado todos os produtos do gênero, êle sabe que Glostora é o único que fixa sem empastar e amacia sem engordurar. Dando aos cabelos uma extraordinária maciez que facilita e mantém o penteado, Glostora é ainda um poderoso revigorador do couro-cabeludo, prolongando a vida, a saúde e o brilho dos cabelos.

GLOSTORA
Também em
brilhantina

Glostora

FIXA SEM EMPASTAR E AMACIA SEM ENGORDURAR

Oh, que belas cartas escreve a minha Halda!

Uma bôa letra, facilmente decifrada, é um detalhe importante nas suas cartas. Com HALDA, a mundialmente conhecida maquina sueca de escrever, V. S. terá uma caligrafia moderna. O seu toque levissimo diminui o cansaço e aumenta a velocidade. A côr poupa a vista.

HALDA

Fabricas Facit • Åtvidaberg
Suécia

REPRESENTANTES:
Alberto Amaral & Cia, Rio de Janeiro • Insubra S. A., São Paulo • Casa Coates, Porto Alegre
W. Andersen, Belém • Francisco Aguiar & Cia, São Luiz do Maranhão • João Mattos, Fortaleza
José Lôbo, Recife • Importadora da Bahia, Bahia • Dumans & Cia, Victoria • João Scheffer & Co.,
Curitiba • Mattos Areosa & Cia, Manaus • Agencia Comercial Sueca Lda, Lisboa.

O novo despertador

CYMA

Uma unica chave dá corda simultaneamente ao movimento e ao alarme

O despertador suisso de precisão

MAIS CONFÔRTO!

MAIS SEGURANÇA!

Com os novos pneus

GOODYEAR De LUXO

● Apresentados em dois tipos – AWT-All Weather e Raiado – os novos pneus Goodyear de Luxo concentram, nos detalhes da sua construção, os mais recentes aperfeiçoamentos e a mais avançada técnica na indústria de pneus. Equipe o seu carro com pneus Goodyear De Luxo e sinta a satisfação de rodar com segurança e confôrto.

GOODYEAR

INDUSTRIA BRASILEIRA

e aprenda a executá-lo num Curso SINGER!

Tôda mulher sente prazer em variar, de vez em quando, a aparência de seu lar. Umas cortinas novas . . . capas coloridas para as velhas poltronas . . . e o ambiente *renovado* torna-se mais alegre e acolhedor. Tudo isto poderá ser feito por você mesma, por menos habilidosa que seja. E com notável economia para o seu orçamento! Procure um Curso SINGER e informe-se sôbre o Curso de Decorações do Lar.

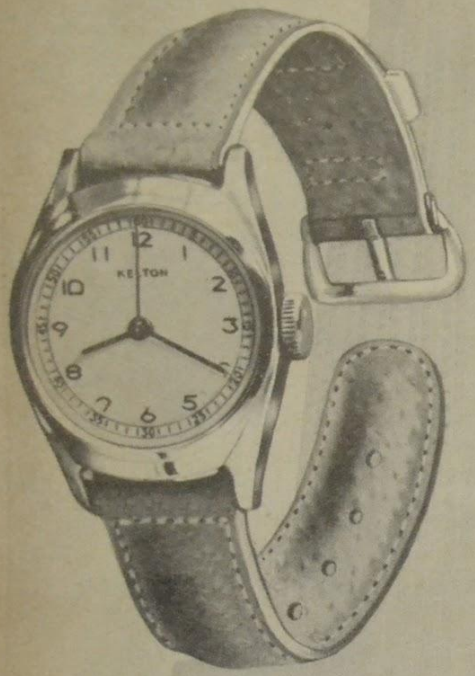
SINGER
SEWING MACHINE COMPANY
—o nome garante o produto!
Lojas SINGER em todo o Brasil

Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company
All Rights Reserved for All Countries
Todo direito devidamente protegido, por Tratado Internacional

Em qualquer Loja SINGER há completo e sortido "stock" de aviamentos, nacionais e importados, para tôda espécie de costura. Compre suas linhas, agulhas, botões, cintos, flôres, fechos, echarpes, fitas, etc. nas Lojas SINGER!

M. R.

Símbolo de PRECISÃO ULTRA-MODERNA!



Magnificos relógios de pulso. Elegantes . . . sólidos . . . e ao alcance de todos os bolsos.

KELTON

Ingersoll

O despertador mais exato, de fama universal. Moderno, em novas côres de lindo efeito.

US TIME

Fabricados por THE UNITED STATES TIME CORPORATION, E. U. A.

Agente: Costa, Portela & Cia., Rio de Janeiro.

É Baixo! É Comprido! É Luxuoso!

É o fabulosamente lindo Studebaker Novo para 1948!

NUNCA V.S. se poderá sentir mais orgulhoso andando em outro carro! E que simplesmente não há outro automovel com a distinção deste Studebaker "Land Cruiser", baixo e de contornos soberbos.

E uma "peça de exposição", no mesmo sentido em que uma bela casa é uma "casa modelo". Atrai imperiosamente os olhares e a admiração de todos, tão depressa surge em qualquer cenário.

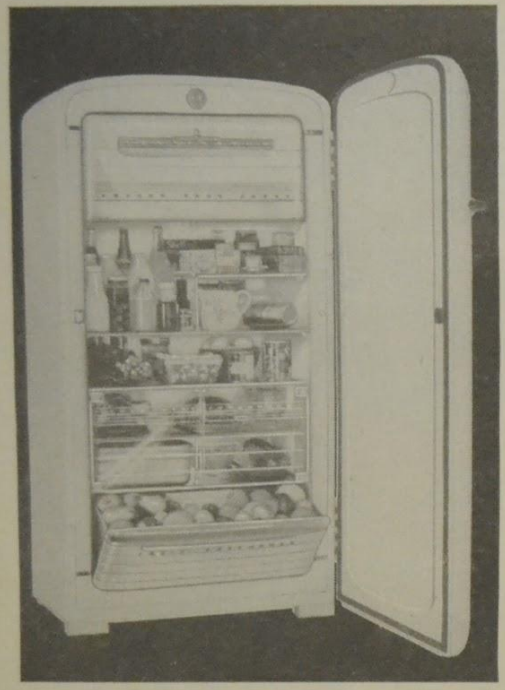
Este "Land Cruiser" espaçoso e ultra-luxuoso é somente a *sensaçao* do desfile de estrelas dos novos Studebaker para 1948. São carros de sonho—todos eles!—novos sedans e coupês "Champion" e "Commander" empolgantemente diferentes—novos conversiveis de uma beleza arrebatadora.

Logo que possa, não deixe de correr ao mais próximo *stand* (vendedor) Studebaker. Prepare-se para ser um dos primeiros, entre o seu círculo de amigos, a possuir um destes novos Studebaker de avançado estilo e concepção.

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Telegramas: Studebaker

O Novo STUDEBAKER para 1948

Primeiro em Estilo!



V. S. compra espaço para 23 quilos de generos congelados!..

V. S. compra um novo tipo de refrigeração!..

V. S. compra um gavetão refrigerado para frutas!..

ao comprar os novos

KELVINATOR

Aquí tem o magnífico MM9—um gigantesco compartimento de refrigeração com capacidade para 23 quilos de gêneros congelados—conjugado com a Refrigeração "Cold-Mist" (Orvalho Frio)—o novo frio super-úmido que dá aos alimentos um frescor nunca dantes conseguido! A unidade é inteiramente refrigerada, de alto a baixo . . . inclusive o grande gavetão para frutas, que se abre inclinando para fora. V. S. dispõe assim dum *novo tipo de refrigeração para cada alimento!*

E quanto a confiança, todos os Kelvinator são totalmente acionados pela famosa *Polarsphere*—a célula refrigerante que tem um recorde nunca ultrapassado de funcionamento isento de desarranjos.

Visite o mais próximo vendedor de Kelvinator, ou escreva-nos diretamente para obter informações completas. Há um Kelvinator adequado às suas necessidades e ao seu orçamento.

Veja o novo "Cozinheiro Automatico" Kelvinator—fogão elétrico que cozinha sozinho refeições completas!

Veja o ultra-moderno "Congelador Doméstico" Kelvinator—0,170 m³ de espaço para armazenagem segura de alimentos congelados.

Compre o Melhor . . . Compre com Confiança . . . Compre Kelvinator!

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

ROYAL significa o melhor em SOBREMESAS!

PUDIM ROYAL—tão leve . . . tão delicioso . . . tão fácil de fazer. O melhor para tôda a família. Em 3 sabores: Baunilha, Chocolate e Caramelo!

GELATINA ROYAL—tão refrescante . . . possui o sabor delicado e *real* das frutas: Cereja, Morango, Framboesa e Limão. Experimente batê-la para dar-lhe uma aparência leve e festiva.

Gratis!

Novo e interessante folheto ilustrado sôbre tentadoras maneiras de servir as Sobremesas Royal. Envie nome e enderêço para: Standard Brands of Brazil, Inc., Dep. PG-448—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

DE TODAS A MAIS PRECIOSA...

E A QUE ESCREVE

MAIS FACILMENTE

A nova caneta de preço econômico com tampa de Lumalloy inoxidavel. Tambem nas seguintes cores: preto, cinzento e azul.

Se V. S. escolhe uma caneta pela facilidade com que ela escreve, com certeza há de preferir uma Waterman's Taperite—porque nenhuma outra iguala o seu funcionamento. Mas se é pelo valor intrínseco que se guia na escolha, então preferirá a Taperite mais moderna: a Crusader. De qualquer forma, seja qual for a caneta Waterman's que comprar, há de encontrar nela beleza, funcionamento perfeito, e uma variedade de penas que lhe permitirão escolher a mais adequada ao seu estilo caligráfico.

Nenhuma tinta escreve tão bem como a
TINTA WATERMAN'S

Waterman's

Distribuidores Exclusivos para o Brasil
CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A. • Rio • São Paulo • Porto Alegre • Recife • Belém
Distribuidores Exclusivos para Portugal
ALFREDO LOPES DA SILVA, Lisboa

Os Caminhões MACK Continuam Marchando . . . onde a Marcha é DIFICIL

• Transportar pesadas cargas sobre os lamaçais sulcados e as areias movediças dos campos de petróleo, é coisa que exige caminhões robustos, especialmente traçados e construidos para trabalhos rudes.

Os caminhões Mack de seis rodas estabeleceram relevantes recordes de desempenho, em penosos trabalhos de transporte nos campos petrolíferos em todo o mundo porque trazem consigo vantagens tais como melhor flutuação . . . direção por força hidráulica . . . e o famoso Jogo de Rodas Equilibrado Mack.

Este jogo de rodas garante uma condução segura, mesmo em terreno acidentado e através da lama e areia resvaladiças, pois o seu "Divisor de Potência", exclusivo da Mack, comunica a energia às rodas, com um máximo de eficácia, permitindo assim melhor tração.

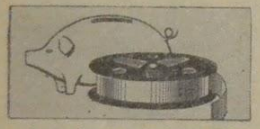
O Jogo de Rodas Equilibrado e o Divisor de Potência Mack são exemplos típicos de como a Mack traça e fabrica caminhões, até às peças básicas de funcionamento, em vista das exigências especiais da tarefa.

Mack

6261

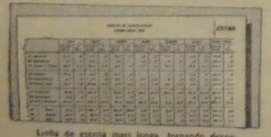
Desde 1900, os caminhões que mais resistem ao trabalho nas Américas

Mack Trucks, Inc., Empire State Building, Nova York 1, E.U.A. Fabricantes de famosos caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores a gasolina e a óleo diesel. Há distribuidores da Mack em todas as capitais dos países americanos.



Controle da Fita em 4 posições e 3 tinhos, poupa dinheiro permitindo usar a fita mais tempo.

O Soltador de Teclas separa instantaneamente as teclas que acaso se prendam—nada de manchas nos dedos!



Linha de escrita mais longa tornando desnecessária uma máquina extra, de carro maior

KMC

Amenizando a tarefa da datilógrafa

Eis uma novidade em datilografia . . . o modo mais facil, mais rápido e mais suave que já se viu para preparar cartas que qualquer chefe assinará com orgulho. Keyboard Margin Control (Controle de Margens no Teclado), é o que lhe chamamos. Os dedos nunca se afastam do teclado . . . basta um ligeiro toque, e ambas as margens estão ajustadas! Agora é possivel ajustar as margens da maneira mais racional possivel . . . *no proprio teclado.* Acelera o trabalho, diminuindo a fadiga. Só se encontra este processo na Remington KMC—e ai está a mais nova das razões pelas quais se vendem mais Remingtons que qualquer outra máquina de escrever. Veja-a hoje! Nada se lhe compara, em matéria de datilografia!

Só a Remington KMC apresenta estas oito novidades, sem aumento de preço

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

Divisão de Exportação, Dept. B, New York 10

SELEÇÕES

TOMO XIII
No. 75

do Reader's Digest

ABRIL
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

Menos de três anos após a sua morte, o mito do «homem simples do povo» começa a tomar proporções...

O VERDADEIRO ROOSEVELT

(Condensado de «Life»)

Hamilton Basso

Crítico literário, romancista e comentador político

QUANDO o historiador do futuro, ao traçar o quadro das primeiras décadas do século corrente, chegar ao capítulo relativo ao carater e influência de Franklin Delano Roosevelt, uma das suas conclusões será decerto que, dentro de três anos a contar da morte desse presidente, já se começara a tecer em volta dele uma lenda de glória.

Em tão curto lapso de tempo têm-se publicado a seu respeito uma verdadeira torrente de artigos e livros. Frances Perkins, cujo recente livro, *The Roosevelt I Knew* (O Roosevelt que eu conheci) é, de todos os pontos de vista, o melhor, conheceu o futuro presidente quando este tinha apenas 28 anos de idade e acabava de ser eleito para a legislatura do Estado de Nova York. Roosevelt pareceu-lhe então um moço respeitavel e bastante comum, com uma expressão de seriedade artificial, e pouca ou nenhuma preocupação no tocante a reformas sociais. Tinha ele o hábito de levantar o queixo, o que, combinado com o seu *pince-nez* e a grande estatura, lhe dava a desagradavel aparência de olhar para as pessoas com ar de superioridade. A sra. Perkins ainda hoje recorda as palavras que um político da velha guarda, membro da máquina do Tammany Hall, um tal Tim Sullivan, lhe disse por essa época: «Que rapaz arrogante, esse Roosevelt!» Dá-nos também um instantâneo de Roosevelt, durante um debate no Senado, em que o jovem político, com os lábios contraidos, as narinas dilatadas, parece dizer: «Não, não quero nem saber do que se trata!»

Miss Perkins fora até Albany, disposta a bater-se pela aprovação de uma lei que criaria a semana de 54 horas para as mulheres na indústria de Nova York. Esperava ela ganhar o apoio de Roosevelt para o seu projeto, mas ele nada fez para ajudá-la. Ao tempo, Miss Perkins ficou profundamente desapontada com essa indiferença; mas pensa hoje que o desinteresse pelas reformas sociais, por parte do jovem político, se pode atribuir a «uma juvenil falta de humildade, um fio de exagerada confiança nas suas próprias idéias, e uma surdez para as esperanças, temores e aspirações que são o pão-nosso de cada dia dos simples mortais».

A verdade é que Roosevelt gravitara até então numa órbita social bastante limitada. Seu pai era um dos membros mais eminentes das famílias fidalgas do Rio Hudson—círculo aristocrático bastante fechado, que levava existência confortavel e endinheirada. As crianças com quem Franklin brincara eram filhos de famílias em circunstâncias idênticas. Em vez de mandá-lo para a escola, a família confiou a sua educação a professores particulares. Acompanhou a família diversas vezes em viagens ao estrangeiro, e gozou outras férias na residência de verão dos Roosevelt em Campobello, na província canadense de New Brunswick. Só à idade de 14 anos, ao dar entrada no colégio de Groton, é que começou a conviver com maior número de rapazes da sua idade.

Na expressão de Alden Hatch, Roosevelt entrou em Groton com o espírito «cheio de fragmentos reluzentes e coloridos de noções completamente desconexas». Mas, acrescenta o sr. Hatch, tocando num ponto sobre o qual os inimigos de Roosevelt gostaram sempre de concentrar as suas frechadas, «no meio de toda esta miscelânea de conhecimentos sortidos, havia uma lacuna significativa no espírito de Franklin: era no que dizia respeito ao dinheiro». Era tal o seu sentimento de segurança econômica, que como estudante não consagrou nunca ao dinheiro a mais leve atenção.

Em Groton, Roosevelt se mostrou mais interessado nos esportes do que nos livros, e consagrou-se com entusiasmo ao basebol, ao futebol, às corridas e ao remo. Mas o seu grande amor, que até ao fim da vida iria conservar, foram sempre os barcos. Mesmo quando já na presidência, segundo depõe Miss Perkins, Roosevelt era capaz de dar mostras de uma vaidade quase infantil a respeito da sua habilidade náutica.

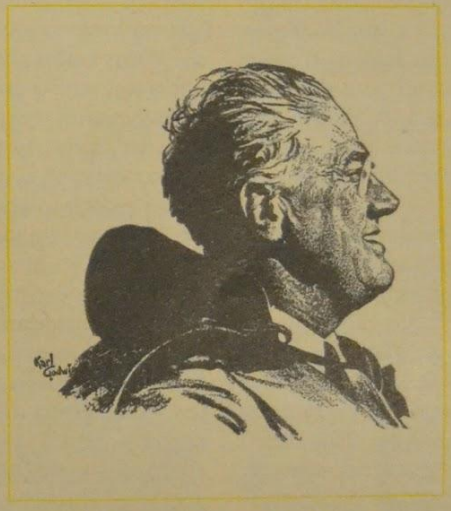
Ao chegar à idade própria, Roosevelt quis dar entrada na Escola Naval de Annapolis, ao que seu pai se opôs, tendo conseguido persuadí-lo a ir em vez disso para a Universidade de Harvard, onde o jovem foi admitido como membro de todos os clubes da «nata», e se tornou redator de *Crimson*. Concentrou os seus estudos no campo da História e do Direito Político, e bacharelou-se em 1904.

Na Faculdade de Direito da Universidade de Columbia, onde ingressou a seguir, Roosevelt foi um estudante indiferente, como o fora em Groton e em Harvard, e não chegou a colar grau. Foi admitido a advogar em 1907 mediante exame, mas nunca lhe agradou a advocacia, como nunca lhe agradara estudar leis.

Daquí poderia deduzir-se que F. D. Roosevelt seguiu a carreira política principalmente porque não sabia que outra coisa fazer. Em 1910 foi eleito para o Senado estadual de Nova York, e na Convenção Nacional Democrática de 1912 trabalhou com denodo para a escolha de Woodrow Wilson como candidato à Presidência. Roosevelt sentiu-se atraido pelo conteudo social e ético do programa

de Wilson, e muito o interessou a oferta que lhe foi feita do posto de sub-secretário da Marinha. Declarou então: «Ambiciono mais esse posto do que outro qualquer da vida pública.»

Por esse tempo, uma das suas atribuições era escutar as queixas e reclamações dos membros das comissões políticas estaduais, o que, a par duma experiência inestimavel, lhe deu oportunidades únicas de observar por dentro a anatomia da imaginação do político em geral. «O que torna um lider político seguro da sua gente,» diria ele anos depois a Frances Perkins, «é distribuir alguns favores, comprazer a um bom número de pessoas, e dar a certos indivíduos demonstrações públicas de amizade e prestígio.»



O ataque de paralisia infantil que Roosevelt sofreu em 1921 foi, no parecer de quase todos os que têm escrito a seu respeito, o processo verdadeiramente educativo de toda a sua vida. «Dessa doença,» escreve ainda a sra. Perkins, «o homem emergiu possuidor de um coração caloroso, da humildade de espírito que até aí lhe faltara, e de uma filosofia mais profunda. Começou desde então a revelar-se sua capacidade de crescer em função da experiência.»

Segundo o depoimento do vice-almirante McIntire, médico pessoal do Presidente, no seu livro de memórias *White House Physician* (Médico da Casa Branca), já em 1932 começou-se a suspeitar da saude de Roosevelt. Todos esses boatos de doença eram porem desmentidos e silenciados pela vitalidade evidente e aparentemente inexhaurivel de Roosevelt; mas em 1944, após doze anos de intensa atividade na presidência, a queda de cabelo, a perda de peso, e o rosto sulcado de rugas e cavado, deram novo alento a esses boatos.

Em 1944, Roosevelt não tencionava concorrer de novo às urnas; mas quando lhe chegaram novas de que o seu oponente, Thomas Dewey, estava conduzindo a sua campanha com bastante êxito, o Presidente mudou de intenções. Queria ao mesmo tempo desfazer os murmúrios correntes a respeito da sua saude. Um dia, na reunião do ministério, anunciou: «Este boato de que eu não vou sobreviver à reeleição tem continuado a correr. Ao que parece tenho de mostrar do que sou capaz.» Saiu para a campanha eleitoral, e quando regressou a Washington tinha ganho seis quilos de peso! «Que é que os senhores esperavam?» comentou. «Estas jornadas de campanha eleitoral vão-se tornando bastante pesadas para mim, mas é disto que eu me nutro!»

Parece haver sinais iniludiveis da genuina afeição que Roosevelt consagrava a Winston Churchill. No seu recente livro de memórias políticas, *Speaking Frankly* (Falando francamente), o ex-Secretário de Estado, James Byrnes, escreve o seguinte: «Era um sentimento cordialmente retribuido. Era uma amizade que permitia a franqueza nas conversações não só

entre ambos como tambem a respeito um do outro.»

Roosevelt estava certo de que se daria igualmente muito bem com Stáline. Mas em Teerã logo chegou à conclusão de que o Marechal não era pessoa que se deixasse facilmente conquistar com a cordialidade... Roosevelt já fizera tudo quanto Stáline lhe pedira que fizesse—hospedara-se na Embaixada Soviética, aceitara todos os convites do Generalíssimo, travara relações com seus generais e almirantes—mas Stáline conservou-se frio, correto e solene... Roosevelt já começava a pensar que fizera a longa viagem à Pérsia sem nenhum proveito. «Era-me preciso cortar através daquela superfície de gelo,» explicava ele depois.

Certa manhã, a caminho da sala de conferências, Roosevelt puxou Churchill para um canto: «Winston,» disse ele, «espero que você não fique zangado comigo pelo que eu vou fazer hoje.» Churchill mudou o charuto para o outro canto da boca e rosnou qualquer coisa. Poucos minutos depois, já na sala, Roosevelt observou em um aparte teatral, mas de maneira que todos pudessem ouví-lo muito bem: «O nosso amigo Winston está de mau humor esta manhã. Saltou da cama com o pé esquerdo!» Um vago sorriso aflorou aos lábios de Josef Stáline...

Roosevelt procurou logo tirar partido desta pequena vantagem: começou espicaçando Churchill a respeito do seu incorrigivel «inglesismo», acerca de John Bull, e até a respeito dos seus inseparaveis charutos. Churchill, muito corado, franziu a testa. E quanto mais irritado ele se mostrava, mais Stáline sorria. «Até que por fim,» contava Roosevelt à sra. Perkins, «o Marechal rompeu numa gargalhada sonora e cordial! Foi então que eu passei a tratá-lo de *Uncle Joe* (Tio Zé). E a partir desse instante nossas relações entraram num plano bastante pessoal.»

Não é fato de espantar que Stáline se tenha deixado prender nas malhas de simpatia do Presidente Roosevelt: poucas pessoas lhe resistiam.

Os hábitos pessoais de Roosevelt, a julgar pelo depoimento de Miss Perkins, eram tão simples que chegavam a parecer ascéticos. Presidente duma grande nação, dormia num catre de ferro pintado de branco, com um só colchão, delgado e aparentemente duro, um par de almofadas e um velho chale cinzento à guisa de cobertor. «Não posso aturar esses cobertores pesados!» explicou ele um dia. Deitado na cama, envergava um sueter que lhe conservava o calor em volta do peito e do pescoço quando tinha um resfriado. Ao lado, uma pequena mesa de madeira pintada de branco, sobre a qual se via um frasquinho de aspirina, gotas para instilação nasal, um copo de água, pedacinhos de papel com notas de números de telefones, meia dúzia de livros, um relógio, um velho livro de orações, um maço de cigarros, um cinzeiro e dois telefones. Alem disto, via-se no quarto um pesado armário escuro (na Casa Branca não existem os modernos guarda-roupas de parede), uma antiga cadeira de balanço, e uma velha escrivaninha. Por cima de uma porta pendia uma cauda de cavalo que pertencera, em vida, a um equino chamado Gloucester, criado pelo pai de Roosevelt. Gloucester era considerado por todos os Roosevelts como um cavalo só um pouco inferior ao grande Man o' War, o célebre cavalo de corrida.

Roosevelt bebia com moderação, e não era um gastrônomo. Todas as vezes que se encontrava em uma reunião onde era imperioso beber demoradamente, encomendava sempre um «horse's neck»: *ginger ale*, casca de limão—e nem pingo de álcool. Fumava continuamente.

O amor de Roosevelt pelo mar influenciava-lhe grandemente o gosto, especialmente no que diz respeito à pintura. Como Frances Perkins o indica, Roosevelt não apreciava a pintura. «Os únicos quadros de que ele gostava realmente eram quadros de navios,» escreve ela. «E os julgava pela perfeição com que fora pintado o cordame.»

Vários pintores ficavam perturbados com essa opinião de cesto de gávea sobre arte. Cita-se George Biddle como tendo dito: «Roosevelt não tem quase nenhum gosto ou senso de crítica em matéria de pintura; no entanto, tem feito mais pelos pintores neste país do que qualquer outra pessoa—não somente auxiliando-os nos momentos dificeis como estabelecendo o conceito de que os artistas são importantes.»

Mas os motivos de Roosevelt não eram esses. «E por que não?» disse ele quando foi ventilada a idéia de colocar artistas na folha de pagamento do Governo. «Eles tambem são gente e precisam viver. Creio que a única coisa que sabem fazer é pintar, e deve haver sem dúvida alguma instituição pública que precise de quadros.»

Parece não haver dúvida quanto à sinceridade dos seus sentimentos religiosos: se não ia à igreja com a assiduidade com que algumas pessoas piedosas gostariam de vê-lo ir, em todo caso lia com frequência a Bíblia e o seu livro de orações, dos quais conhecia de cor muitas passagens. Ia com mais frequência à igreja quando se encontrava longe de Washington, fato que explicava à sra. Perkins nestes termos: «Posso dizer que não há nada que eu não seja capaz de fazer no aquário em que vivo. Mas aborrece-me ir à igreja com todos aqueles turistas de Washington a olharem para mim!»

Miss Perkins relata a anedota do reporter que, um dia, perguntou a Roosevelt, na presença dela, qual era a filosofia que ele professava. Roosevelt pareceu desnorteado um instante: «Filosofia?» repetiu ele. «Eu sou cristão e democrata—mais nada.»

«Estas duas palavras,» diz Miss Perkins, «exprimem, a meu ver, toda a extensão do seu radicalismo político e econômico. Ele estava disposto a fazer experimentalmente quanto fosse necessário para promover a Regra Aurea e outros ideais que considerava pura e simplesmente cristãos, e tudo quanto se pudesse fazer dentro do respeito à Constituição dos Estados Unidos e sob os princípios que têm norteado historicamente o Partido Democrático.»

Outros, naturalmente, poderão discordar; e o futuro historiador terá que ter em conta todas as discordâncias a respeito, que são demasiado frequentes para serem ignoradas. A sua tarefa, uma vez que tiver traçado o retrato do Presidente Roosevelt, será a de romper caminho por entre um autêntico dédalo de espinhosas questões.

Seria o *New Deal*, por exemplo, meramente um sonho de utopista perdulário, ou representou ele de fato uma revolução econômica, pacífica e necessária? Sentia-se Roosevelt tão embriagado com a pompa e os privilégios do poder, que não aturava sequer a idéia de delegar autoridade, ou estaria ele tão absorvido nos negócios do governo, que não podia passar sem meter o nariz em todos os problemas? Seria o seu programa político uma colcha de retalhos, apenas, feito de tendências, sentimentos e emoções—ou teria ele realmente um propósito bem definido em vista?... E, se o tivesse, seria esse propósito a consolidação do tradicional sistema capitalista, ou visava transformar os Estados Unidos em um estado socialista?

Todas estas perguntas terão que ser respondidas! Mas, no que toca à imagem que o povo guarda de Roosevelt, boa parte desse labor do escavador de história terá sido vã... Porque a verdade histórica raras vezes é tida em consideração.

A «lenda» rooseveltiana começou no momento em que ele cerrou os olhos. E quanto à forma e orientação que ela irá assumindo, com o andar do tempo, já podemos julgar pelo filme *The Roosevelt Story*, recentemente lançado. Antes de tudo, ele será um homem simples, em vez da personalidade complexa que era na realidade; um homem que ascendeu desde as origens mais modestas (Hyde Park poderá bem passar por uma cabana de troncos). Depois, vê-lo-emos desde a mais tenra juventude movido de paixão pela justiça social (em vez de o vermos abordar e compreender os problemas humanos quando já raiava pela idade madura). O espírito e bom humor de que era naturalmente dotado, ser-lhe-á de grande vantagem, e ninguem lhe levará a mal não ter ele sido um gigante intelectual (pois os homens de grande brilho mental nunca se tornaram heróis populares nos Estados Unidos).

Mas acima e para alem de tudo mais, como Jefferson, Jackson, Lincoln, e todas as outras fontes inspiradoras da consciência nacional americana, Roosevelt será—um *homem do povo*, segundo a lenda. E isso, no ponto de vista do próprio povo, ele sem dúvida o era. Crê o povo que ele era um dos seus, e que estava a favor dele. Toda a «lenda» de Roosevelt assenta neste só pedestal. Toda a sua força consiste na sua simplicidade, e porque da simplicidade lhe vem a força, parece destinada a perdurar no coração das gentes.

Como Alá lutou pela Inglaterra

Quando o Coronel T. E. Lawrence atravessava o período mais crítico da sua missão na Arábia, solicitou ao Governo Britânico que lhe mandasse alguns mágicos conhecedores dos costumes árabes com a missão de viajar entre as tribos. Teriam que apresentar-se como magos, executar sortilégios, adquirir grande reputação e profetizar a derrota dos turcos.

Enviaram-lhe cinco mágicos. Dois deles foram engolidos pelo deserto. Ninguem jamais soube o que lhes aconteceu. Os outros três—dois árabes e um inglês—fazendo-se passar por marabús ascetas que recusavam quaisquer recompensas, peregrinavam pelo deserto, predizendo a derrota da Turquia. Em breve haviam conquistado grande prestígio pelo fato de profetizarem toda sorte de pequenas operações militares, que invariavelmente tinham lugar—Lawrence se encarregava de enviar-lhes notícias de antemão.

Pouco a pouco os turcos verificaram que seus aliados árabes os estavam desertando. As dificuldades que, segundo os profetas, iriam atribular a existência de alguns elementos obstinados em apoiar os turcos, sempre se confirmavam—Alá (ou Lawrence) sempre se encarregava disso. Finalmente tornou-se claro que os marabús estavam com a razão e que Alá lutava ao lado dos Aliados. Assim, os árabes deixaram de colaborar com os turcos, passando a apoiar Lawrence.

—Jasper Maskelyne, *White Magic*
(Stanley Paul & Co., Ltd.)

Trata-se, realmente, da túnica em que enterraram Cristo?

Existe ainda o Santo Sudário?

(Condensado de «Scientific American»)

Por Paul Vignon
Professor de Biologia no Instituto Católico de París; Secretário Geral das Comissões Francesa e Italiana da Mortalha Sacra

Numa deslumbrante capela adjacente à Catedral de Turim, na Itália, está exposto, em relicário, um lençol de linho que há séculos vem sendo venerado como a autêntica Mortalha de Cristo. Ao longo de seus quatro metros de comprimento, vêem-se duas impressões, de notavel nitidez, representando a frente e as costas de um corpo humano. Acredita-se que tais marcas tenham sido produzidas pelo corpo de Cristo, que fora estendido sobre metade do pano; a outra metade teria sido dobrada, para cobrí-lo da cabeça aos pés.

Muitos eruditos, não só católicos como de outros credos, vêm afirmando, há anos, que as figuras no Santo Sudário foram pintadas no século XIV. No entanto, a partir de 1931 duas Comissões—uma italiana e outra francesa—têm procedido a investigações científicas para verificar a autenticidade da relíquia. De tais inquéritos resultaram provas bastante convincentes de que as referidas figuras não foram pintadas, constituindo na verdade, impressões produzidas por um corpo humano devido a uma estranha coincidência de causas naturais; e, ainda segundo os aludidos estudiosos, esse corpo foi o de Jesús Cristo.

Os redatores de «Scientific American» investigaram as fontes de informação sobre o Santo Sudário, de maneira a convencer-se de que era justificada a publicação deste artigo. Mantêm-se porem neutros quanto à questão da autenticidade.

Ao fotografar-se, pela primeira vez, a Mortalha, verificou-se que os claros e escuros naquelas imagens estão invertidos, como no negativo de uma fotografia, isto é, na Mortalha aparecem claras as partes que normalmente se mostram escuras, quer na vida real quer nos quadros, como por exemplo as órbitas dos olhos ou o espaço entre as pernas estendidas. Quando se invertem novamente, pela fotografia, a luz e a sombra, o rosto se revela com impressionante majestade.

A imagem negativa só se tornou conhecida depois da invenção da fotografia no século XIX. É duvidoso que a qualquer artista anterior a essa época houvesse ocorrido pintar uma imagem negativa. De resto, as figuras constituem negativos exatíssimos, que nenhum artista, mesmo hoje, poderia reproduzir com tamanha precisão. Quando fotografadas, revelam,

no filme, um homem adulto, retratado com a maior fidelidade e minúcia.

Após experiências no Laboratório da Sorbonne, a Comissão Francesa chegou à conclusão de que as figuras são, de fato, impressões diretas de um corpo humano, produzidas por causas químicas naturais: os vapores exalados do corpo reagiram quimicamente sobre o pano, causando manchas. A ação química foi mais intensa nos pontos em que o corpo estava bem perto da túnica, e mais ligeira nas concavidades e nos lados. Eis a razão pela qual as manchas são *negativas*, pois os pontos destacados do corpo produziram manchas mais escuras que as cavidades e depressões, fato esse que explica tambem as delicadas nuanças das impressões.

Auxiliado por um professor de física da Escola Politécnica, pude determinar a natureza dos vapores que haviam agido sobre o pano; eram exalações de amoníaco úmido, resultantes da fermentação de uréia, a qual é sempre excepcionalmente abundante na transpiração proveniente de torturas físicas. Sabendo que os antigos costumavam espalhar aloés em pó nas mortalhas para melhor preservá-las, descobrimos então que o aloés tornava o linho quimicamente sensivel à ação de vapores de amônia, o que produz manchas pardas. Cheguei, aliás, a conseguir impressões semelhantes às da Mortalha, cobrindo, com panos preparados com aloés, figuras de gesso que haviam sido imersas numa solução de amônia.

Ficou tambem estabelecida a presença de partículas de sangue na Mortalha, tão bem conservadas que ainda mostram a composição do sangue.

O corpo que deixara tais impressões no Sudário era, evidentemente, o de um homem crucificado, pois as feridas se distinguiam com clareza. Muito curioso é o que se verifica na chaga da mão: ao contrário do que se depreende das imagens comuns, em que o prego atravessa a palma de uma mão crucificada, na verdade a perfuração do prego se deu justamente no ponto mais razoavel do ponto de vista anatômico—a base do pulso. O homem, que essa Mortalha cobrira, fora flagelado e ferido na cabeça, como provam os fios de sangue e pequenas marcas à altura dos cílios, as quais poderiam ter sido motivadas por uma coroa de espinhos. Há, no lado direito, uma ferida semelhante à que uma lança causaria; e chagas produzidas por enorme prego, que atravessou ambos os pés de uma vez só. Segundo o Evangelho, sabemos que Cristo foi submetido a todos esses suplícios devido a circunstâncias excepcionais, e é bem pouco provavel que houvessem infligido a outrem as mesmas torturas.

Não é dificil explicar como se preservou o pano, através de 19 séculos. Há linhos egípcios, de 3.000 anos, que parecem novos. Faltam-nos, porem, documentos históricos que nos permitam identificar este pano como a Mortalha de Cristo. Por considerações de prudência e discrição religiosa, não se lhe faz referência alguma nos primeiros séculos da era cristã, o que é assaz natural. Já nos séculos V e VII, porem, vamos encontrar alusões à Mortalha e mais tarde, com soluções de continuidade histórica, até 1355, ano em que surgiu em Lirey, na França, trazida por um cruzado, Lord Geoffrey I, de Charny. Daí em diante, sua história é nítida e contínua.

Mesmo, porem, na ausência de provas históricas integrais, há fortes indicações de que se trata, realmente, da Mortalha em que enterraram Cristo.

Acresce que os doutores de ambas as Comissões concordaram, após uma análise das manchas de sangue, em que, da chaga no lado do corpo, havia fluido soro

alem de sangue, prova de que Ele já morrera quando se Lhe produziu a ferida. Os Evangelhos dizem que Cristo estava morto havia uma hora quando o soldado Lhe traspassou o corpo com a lança—«e logo saiu sangue e água.»

Foi tambem excepcional a maneira por que se envolveu o corpo na Mortalha. Alem de cobrir o cadaver com uma mortalha, os antigos costumavam lavá-lo e untá-lo, para depois envolvê-lo em linho. No caso em apreço, o corpo foi simplesmente envolto no longo pano polvilhado de antemão com a usual mistura de aromas, inclusive aloés em pó, e, embora o cadaver estivesse coberto de suor e sangue, não foi lavado, nem de outro modo preparado, antes da inumação.

Foi isso, exatamente, que sucedeu com o corpo de Cristo. Foi posto no sepulcro envolto apenas «num pano limpo de linho». E isso aconteceu porque ia iniciar-se o Sabá, ou Dia de Repouso, tornando assim necessário o adiamento dos rituais do enterro.

Por fim, o corpo não poderia ter ficado envolto na Mortalha durante o tempo suficiente para que a decomposição se adiantasse alem da primeira fase, pois, de outra forma, as impressões teriam desaparecido. De novo vamos encontrar nos Evangelhos a confirmação de que isso ocorreu.

A despeito de certas dificuldades de natureza científica, ainda sem solução, estou convencido de que nossas averiguações no laboratório, guiadas pelo Evangelho, vêm confirmar a crença tradicional em torno das figuras que aparecem na Mortalha: que foi Cristo, realmente, quem deixou tais impressões no pano, num vivo registro do drama do Calvário, havendo sua verdadeira imagem permanecido oculta nas manchas até que a fotografia veio revelá-la ao mundo.

Cochilos da imprensa

Entre as sociais do *Times-Mirror*, de Warren, Pensilvânia: «Esta é a quarta vez que o sr. Artress sai de Pittsburgh, este verão. Encontra-se ele em gozo de férias desde o falecimento de sua esposa, ocorrido em fevereiro último.»

Anúncio no *Daily Express*, de Kirksville, Montana: «William H. Findling, especialista em leilões. Preços módicos. Se eu estiver fora da cidade, favor marcar encontro com minha senhora.»

Contra!

Um dos auxiliares de Abraão Lincoln recomendou-lhe, com empenho, certa pessoa para um posto no gabinete presidencial.

—Não simpatizo com a cara dele, observou Lincoln.

—Mas, Senhor Presidente, o pobre homem não é responsavel pela cara que tem.

—Como não? replicou Lincoln. —Todo homem, depois dos 40 anos, é responsavel pela cara que tem.

—Frances Parkinson Keyes, em *This Week Magazine*

O QUE ESTÁ MANIATANDO AS NAÇÕES UNIDAS

Por James Burnham

Autor de «The Struggle for the World», «The Managerial Revolution» e «The Machiavellians»

A DURA realidade é esta: a ONU está doente—tão doente que os seus melhores amigos já começam a temer que o berço da incipiente organização venha a servir-lhe, tambem, de leito mortuário. De acordo com a sua Carta, a ONU tem três finalidades principais: a manutenção da paz e da segurança internacional; a proteção e a expansão das liberdades essenciais; e a promoção do bem-estar humano. Considerada, porem, à luz desses objetivos, a organização não assinala senão um insucesso quase total.

Se tentarmos amenizar essa verdade, correremos o perigo de acalentarmos uma segurança ilusória. A paz ou a guerra, com a possivel destruição da própria civilização, dependem do que fizermos agora, e no curso dos próximos dois ou três anos.

A situação atual, no que diz respeito à paz, aos direitos humanos e ao bem-estar coletivo, é incomparavelmente pior do que há dois anos, quando foi constituida a ONU. Guerras, revoluções, massacres têm-se sucedido na China, Indonésia, Índia, Paquistã, Grécia, Indo-China, Manchúria. Nos paises da Europa Oriental, as minorias comunistas, com o auxílio das forças soviéticas de ocupação, têm derrubado as maiorias democráticas e esmagado todas as formas de oposição. Na França e na Itália, criaram um ambiente propício à guerra civil. Na União Soviética, milhões de criaturas estão confinadas em campos de trabalhadores-escravos; em várias zonas da Europa, centenas de milhares de «pessoas deslocadas» vegetam em campos cercados de arame farpado. A falta de habitações, a fome e o desemprego assolam a Europa e a Ásia. As energias dos mais competentes cientistas se desgastam em criar novos e mais terriveis instrumentos de destruição.

> A razão pela qual a Rússia procura neutralizar a ONU.
>
> Por que não devemos temer a saida da Rússia.
>
> Como essa saida poderá, em realidade, fortalecer a ONU e ajudar a causa da paz.

A ONU tem discutido vários desses problemas, mas quase nada conseguiu realizar. E, em alguns casos, sua intervenção não fez senão agravar a situação. Os discursos inflamados de Vishinsky e de seus colegas comunistas tendem a acirrar, não a apaziguar os ânimos. Os atuais dissidios que absorvem a ONU impedem a solução de problemas que, em condições normais, seriam facilmente resolvidos pelas tradicionais negociações diplomáticas.

Se se quer frustrar a escolha de um governador para Trieste, ou o simples intercâmbio de informações científicas, ou se se quer proteger uma conspiração contra um governo independente, que processo haverá mais eficaz que o de levantar a questão num mar tumultuoso de moções sobre detalhes regimentais e de oratória demagógica contra o «imperialismo» e os «provocadores de guerras»? Questões sem transcendência, que poderiam ser resolvidas através das negociações políticas, são discutidas na ONU até serem abandonadas como corpos exangues sobre uma lage mortuária.

Qual a razão do insucesso da ONU?

Uma das causas, reconhecida por um número crescente de pessoas, é a deficiência da própria Carta. Os poderes da ONU são exercidos por dois orgãos principais. As decisões relacionadas com a manutenção da paz e da segurança competem ao Conselho de Segurança. À Assembléia Geral cabem os problemas relativos a direitos humanos e bem-estar coletivo, assistindo-lhe, ainda, formular recomendações referentes à segurança e à paz.

As cinco grandes potências são membros permanentes do Conselho de Segurança; os outros seis paises que completam o Conselho são eleitos periodicamente pela Assembléia Geral. O voto negativo de qualquer dos cinco membros permanentes—China, França, União Soviética, Grã-Bretanha e Estados Unidos—é suficiente para vetar qualquer deliberação, ainda que apoiada pelos outros dez membros do Conselho. O veto, por conseguinte, é um entrave insuperavel introduzido no maquinismo do sistema.

Até à reunião da Assembléia Geral, no outono passado, o veto já tinha sido exercido 24 vezes, para imobilizar iniciativas apoiadas pela maioria, frequentemente esmagadora, do Conselho de Segurança. Esta cifra não inclui o número de vezes em que a simples ameaça do veto impediu a apresentação de moções.

Para que a ONU sobreviva à sua quase inutilidade atual, será indispensavel modificar os dispositivos que regulam o uso do veto absoluto.

Entretanto, não seria necessário nem justificavel abolir os privilégios dos cinco grandes. Como têm sobre si as responsabilidades mais pesadas do sistema, derivadas do seu maior desenvolvimento, população e recursos materiais preponderantes—é justo que gozem de direitos especiais.

Os «grandes» conservariam o direito de perpetuidade no Conselho de Segurança e nas principais comissões. A única restrição fundamental seria quanto ao direito de veto absoluto e poderia ser alcançada mediante a simples adoção de uma das duas modificações seguintes.

As decisões do Conselho de Segurança exigiriam os votos de sete dos 11 membros, incluida a maioria dos «grandes». Nenhum país isolado poderia, assim exercer o veto e os «grandes» ficariam, por outro lado, protegidos contra a maioria eventual e exclusiva das potências menores.

Ou, o que seria ainda mais simples, o veto se conservaria para as decisões que envolvessem sanções efetivas contra alguma nação ou grupo de nações—isto é, o uso da força militar ou a decretação do boicote econômico obrigatório. O veto, nesses casos, se justificaria por uma consideração realista: em qualquer hipótese, se uma grande potência não estiver de acordo com as sanções, simplesmente não as decretará, a menos que a ONU esteja tão forte que possa obrigá-la a fazê-lo. O veto seria, porem, eliminado em todas as demais questões: propostas para investigações, inquéritos, recomendações de ar-

bitramento, solução pacífica das controvérsias, etc.—iniciativas a que nenhum país que acredite na cooperação internacional poderá honestamente opor objeções.

Com qualquer destas duas simples modificações, todos os 24 vetos exercidos até novembro último, teriam sido inoperantes.

Se uma reforma tão simples e razoavel produziria resultados tão apreciaveis, por que então não se modifica a Carta, com esse critério? A resposta é clara e reveladora.

A União Soviética já anunciou que não admitirá restrição ao veto, em hipótese alguma. Isto significa que a Carta jamais poderá ser aperfeiçoada, a menos que as demais nações estejam dispostas a enfrentar o risco da retirada da União Soviética.

Dos 24 vetos, 23 foram exercidos pela Rússia (apoiada, uma vez, pela França)—o que prova que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e a China poderiam ter convivido, no Conselho, em perfeita harmonia, embora com o atual direito de veto ao seu alcance.

Isso nos conduz à convicção de que a maior ameaça à paz mundial reside na existência, dentro de cada nação, de uma seção da Quinta Coluna Comunista. É tolice falar no «problema grego», no «problema turco» ou nos problemas da China, do Irã ou da França como se fossem questões separadas e independentes. Em todos os casos, a Quinta Coluna Comunista ou está ameaçando localmente a segurança e a paz, ou está explorando as dificuldades existentes, afim de evitar as soluções pacíficas e conciliatórias. São os partidos comunistas, as polícias e exércitos vermelhos que estão transformando as nações da Europa Oriental em fantoches do totalitarismo eslavo e preparando a eclosão da guerra civil na França e na Itália.

A Assembléia, de acordo com a Carta, tem o direito e o dever de conhecer a verdade sobre esta Quinta Coluna, de divulgá-la, e indicar as medidas que cumpre tomar. Mas os delegados soviéticos, ajudados pelas delegações-fantoches da Polônia, Ucrânia, Bielo-Rússia, Iugoslávia e Tchecoslováquia, conseguiram sempre imobilizar qualquer ação ou conciliação. Embora sem o direito de veto na Assembléia, exercem-no, em realidade, por meio da oratória, das delongas e outros expedientes parlamentares. Quando estes falham, apelam para as ameaças—que executam—de boicotes de comissões, para as retiradas espetaculares e recusas de acatamento às decisões.

A ONU não poderá funcionar enquanto consentir em ser vítima da chantagem de uma pequena minoria. A ONU só poderá funcionar se os Estados Unidos e os demais paises não-comunistas estiverem dispostos a discutir, francamente, os problemas do mundo; a usar todos os meios de ação que a Carta lhes faculta, apesar das oposições; e a limitar o veto, ainda que disso possa resultar a retirada (ou expulsão) da Rússia e de seus satélites.

Mas devemos realmente temer a saida da União Soviética? Não viria essa retirada, em realidade, fortalecer a ONU e ajudar a causa da paz?

Para responder a estas questões, precisaremos, em primeiro lugar, compreender exatamente as razões que levaram a Rússia a incorporar-se à ONU, e, depois, o que está procurando alcançar com a sua tática, dentro da organização.

Os comunistas são guiados por uma política claramente definida há muito tempo e que vem sendo constantemente ratificada. A história dos últimos dois anos é a prova de que esta política não sofreu a menor alteração.

A ONU é um exemplo do que os comunistas consideram um «parlamento burguês». Como tal, é «imperialista» e instrumento do «inimigo do proletariado». A posição dos comunistas ortodoxos está incorporada nos manuais para uso do Partido: devem procurar fazer parte desses parlamentos, afim de melhor se aparelharem para destruí-los.

Uma resolução do segundo Congresso da Internacional declara: «O Partido Comunista entrará (para os parlamentos) não para participar organicamente de suas atividades, mas para minar-lhes os alicerces... para incitar as massas.»

Depois de lermos isso, não mais nos deverão surpreender os discursos ferinos de Vishinsky, as denúncias de Gromyko ou os vetos dos delegados russos. Vishinsky está «incitando as massas», enquanto Gromyko, com seus vetos e boicotes, «mina os alicerces» da ONU.

A resolução continua com as seguintes instruções: «Os representantes comunistas num parlamento devem recordar-se de que não são *legisladores* em busca de acordos com outros legisladores, mas sim agitadores do Partido enviados ao campo inimigo afim de executar as decisões do Partido.» Seu dever não consiste em formular moções ou projetos «com a intenção de que sejam adotados pela maioria burguesa», mas, exclusivamente, com fins de «propaganda, agitação e organização».

Estas instruções explicam por que os delegados comunistas à ONU frequentemente insistem em apresentar moções com a prévia convicção de que serão rejeitadas por esmagadora maioria. Sua combatividade não se confunde com a de «astutos regateadores» em busca de melhores condições para as suas propostas. Seu objetivo é tornar impossivel a conciliação, seja em que base for.

«*As instituições governamentais burguesas,*» continua a resolução, «*só nos podem interessar do ponto de vista da sua própria destruição.*» (o grifo é do original).

Depois da destruição, qual será o passo seguinte do plano comunista? A resolução da Internacional nos responde:

«A missão histórica atual da classe proletária (isto é, do Partido Comunista, de âmbito internacional) consiste em arrebatar às classes dominantes os mecanismos parlamentares, desconjuntá-los, destruí-los e substituí-los por novos orgãos de domínio proletário.»

Por conseguinte, a ONU deverá ser destruida e substituida pela única organização que os comunistas estariam dispostos a aceitar: a «Federação Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas»—ou seja o império totalitário comunista.

Esta explicação da tática soviética não é uma «calúnia» dos «provocadores de guerras» (como Vishinsky e Gromyko qualificam as palavras de todos quantos dizem a verdade sobre o comunismo), e sim uma explicação oficial dada pelos próprios comunistas, autorizada portanto, e mesmo compulsória para os comunistas de todo o mundo.

Continuaremos, à luz desses fatos, a temer que a saida da Rússia «enfraqueça» a ONU? Não está claro que é a presença e não a ausência dos comunistas que paralisa a ONU?

Em alguns setores da opinião, há um receio ainda maior—o receio de que um rompimento aberto com os comunistas possa vir a provocar uma nova guerra. Mas o rompimento, em realidade, já existe. Trazê-lo à luz do dia, longe de piorar a situação, a melhoraria, pois poderíamos medir melhor a extensão do que somos e do que dispomos e tomar as medidas necessárias para remediar as consequências da cisão.

Desgraçadamente, a ameaça de uma nova guerra já existe e a ONU não tem meios para neutralizá-la. Mas se a ONU começar a funcionar, transformar-se-á imediatamente no mais poderoso instrumento capaz de conter a marcha para a guerra. Mesmo que dela se retirassem os governos comunistas, a ONU continuaria a representar a esmagadora maioria da humanidade. Teria força suficiente para paralisar quaisquer planos de agressão. Ao mesmo tempo, receberia o apoio das nações que hoje não fazem parte dela.

As portas da ONU não estariam fechadas (como estão hoje, com os vetos soviéticos) a novos pedidos de admissão. Todos os que se dispuserem a cooperar lealmente, dentro dos objetivos da organização, deverão ser admitidos. O *povo* da Rússia, da Iugoslávia, Hungria, Polônia, Rumânia, Finlândia, Bulgária e Tchecoslováquia deseja a paz e a liberdade tão ardentemente quanto os demais povos. Se os seus atuais *governos* se recusam a cooperar na tarefa comum da preservação desses ideais supremos, demonstram, com isso, não serem representantes das aspirações dos seus povos, e sim tiranos que os escravizam.

Os povos do atual império comunista precisam saber que lhes está reservado um lugar na ONU e que serão recebidos de braços abertos a qualquer momento. Mesmo que seja necessário um desvio da trilha, permanece imutavel a meta: um mundo indiviso; uma ONU transformada em guardiã da paz, em parlamento da humanidade livre.

Muito mais simples, não?

UM DIA, ouví meu tio Ben, o preguiçoso mais completo de Logan County, chamar a criada pelo nome da esposa. Quando o corrigí, ele explicou: «Eu agora chamo todos de Cora—até o cachorro. É mais simples. Sento-me aquí na varanda e quando grito Cora já sei que alguem atenderá. Vindo quem eu não quero, mando embora.»

—Colaboração de J. W. A. Smith

UM VELHO fazendeiro, no Estado de Kansas, estava trabalhando no seu milharal, de enchada em punho, sob o sol a pino.

—Por que você não atrela a parelha de cavalos e corta essas ervas daninhas com a máquina? perguntou-lhe o cunhado, mais dinâmico.

—Não vale a pena, replicou a fazendeiro. —É muito mais facil, ao terminar, largar a enxada no chão do que ter que desatrelar, de cada vez, a parelha.

—Colaboração de Bertha T. Hodson

—VOCÊ gosta do seu novo chefe? perguntaram a uma jovem secretária.

—Não é de todo mau, mas falta-lhe visão.

—Como assim?

—Imaginem, explicou a jovem,—ele acha que em inglês as palavras só podem ser escritas de uma única maneira.

—*Woodmen of the World Magazine*

O DETECTIVE QUE NÃO ENTENDIA AS MULHERES

Anthony Abbot

NOS DIAS já distantes de minha juventude, e no lugar onde se ergue hoje o edifício mais alto do mundo, existia em Nova York um verdadeiro templo de hospitalidade: o antigo Hotel Waldorf-Astoria. Quem poderá esquecer as orgulhosas beldades de *Peacock Alley*, com suas curvilíneas formas e cinturas apertadas, ou a presença portentosa e cortesã de Oscar, grão-mestre entre os mestres de hospitalidade? Ou ainda esse terror dos gatunos e ratoneiros de hotel, «Scotland Yard» Joe, o chefe dos detectives da casa?...

É deste Joe que hoje quero falar. Um comissário de polícia de Nova York pronunciou um dia a seu respeito uma observação que Joe nunca foi capaz de desmentir, nem de fazer com que a esquecessem.

Disse o comissário: «Joseph Edward Smith é o detective *quase* perfeito. O seu único senão é a incapacidade para entender as mulheres!»

Ao dizer isto, o excelente comissário tinha em mente certa professorinha de escola dominical, delambida e pernóstica, por nome Amy Towson, e o caso intrigante das jóias de Madame Oliphant.

O incidente ocorreu num dia brumoso de inverno. Os ponteiros do suntuoso relógio do hotel já anunciavam as encantadas horas da tarde a que os franceses chamam, tão expressivamente, *le petit cinq à sept*—o crepúsculo em uma grande cidade, cheio de tentações e de pecados. Junto ao famoso bar do Waldorf, apertavam-se em dez filas de fundo, esperando a vez de saborearem o seu *drink*, os milionários do empório novaiorquino. No seu cantinho

favorito do grande átrio todo forrado a pelúcia vermelha, indiferente e vigilante, fumando o seu charuto barato, encontrava-se o nosso «Scotland Yard» Joe. Uma mulher pequena, inconfundivel solteirona, acercara-se dele, com os olhos muito azuis faiscando sob a aba do imenso chapéu, e interpelara-o nestes termos sedutores:

—Sr. Smith, eu considero o senhor como o maior investigador criminal da época...

—Será possivel, senhorita? disse Joe, cumprimentando-a de modo afavel e cortês.

—É mesmo! E eu, que tenho tanta vontade de ser detective... Tenho lido dúzias de histórias e romances policiais.

A cara prazenteira do detective escureceu:

—É como se a senhora quizesse ser um pugilista! Então não está vendo que os criminosos são pessoas dispostas a tudo? A caça ao homem é uma tarefa para homens...

—Mas não acha que podia ser muito mais do que isso? insistiu a moça. E vendo que Joe continuava a olhá-la sem se dar por convencido, ela acrescentou com ávida expressão:—As mulheres possuem segredos especiais para amolecer os corações mais empedernidos... Se o senhor estivesse disposto, ao menos, a experimentar-me como sua discípula!

A esta altura a cara de Joe adquirira já uma tonalidade roxa, de apoplexia. A moça rematou precipitadamente:

—Ao menos tome nota de meu nome, Amy Towson, e meu endereço... Quem sabe lá se um dia...

É bem possivel que Joe nunca tivesse voltado sequer a lembrar-se do nome dela. Mas uma tarde, meses depois, foi chamado ao escritório da gerência. Thomas Hilliard, o gerente do hotel, tinha em mãos um sério problema.

—Os gatunos, disse ele, —entraram no apartamento particular de uma das nossas melhores clientes, a sra. Oliphant, e limparam o conteudo de um cofre de parede: jóias no valor de 10.000 dólares. Ela tem a máxima confiança nas criadas, que estão na casa há muitos anos. Faz um mês que a polícia vem quebrando a cabeça, sem chegar a nenhum resultado: um autêntico fracasso para a polícia!

—Ah, esses policiais não são capazes nem de pegar varíola, disse Joe, desdenhoso. —Deixe o caso por minha conta, e verá. Eu encontrarei as jóias da velhota. Tratarei pessoalmente do caso!»

Hilliard abanou a cabeça desconsolado:

—Não, meu amigo, a coisa não é tão facil assim. Esta sra. Oliphant é uma mulher moderna, uma sufragista. Não quer mais homens metidos no caso—insiste em desencantar uma detective de saias. Você não conhecerá por aí uma investigadora qualquer, que lhe fosse possivel encaixar no caso, para contentar a dama? Olhe que o prêmio é de *mil* pacotes!

No dia seguinte Joe avistava-se com Miss Towson. Mas fez-lhe logo saber sem mais rodeios que ela não era contratada para fazer qualquer trabalho de investigação: o seu papel no caso limitava-se a manter a sra. Oliphant satisfeita, enquanto ele resolvia o mistério. Tudo o que ela tinha a fazer era escutar o que a dona das jóias tivesse a dizer sobre o assunto, e depois vir-lhe relatar tudo.

—Ah, pelo menos já é um começo! exclamou Amy alegremente.

Esse entendimento teve lugar por volta do meio-dia. Mas ainda não eram seis dessa mesma tarde quando Joe, de olhos arregalados, escutava o relato que a moça lhe trazia da sua «missão».

—Sr. Smith, conseguí dar com uma pista formidavel, dizia a moça toda entusiasmada, e usando a gíria profissional bebida na leitura dos romances policiais. —Os rapazes de uniforme passaram a coisa completamente em claro. Ouça só isto: pouco antes de a sra. Oliphant ter trancado a casa para ir para as montanhas, esteve lá um eletricista fazendo uns consertos na instalação do segundo andar. Chama-se ele Mont Patterson, e mora no Bronx. Andei por lá inquirindo nas lojas da vizinhança, fazendo-me passar por investigadora de uma firma de vendas a prestações, e fiquei sabendo que este tal eletricista é tambem um perito em abrir fechaduras! Trabalhou há tempos para um fabricante de cofres. Que acha de tudo isso?

Joe mandou a pequena para casa descansar, enquanto ele ia investigar a pessoa de Mont Patterson.

No dia seguinte voltaram a encontrar-se, e ele disse a Amy:

—A sua pista é falsa. É verdade que Patterson trabalhou algumas semanas numa fábrica de cofres, mas tem uma folha corrida sem manchas. Marido e pai dedicado, amigo do lar, econômico... Ora, o roubo das jóias foi obra de profissionais do crime, e esse eletricista nada teve a ver com ele.

—Nisso é que o senhor está enganado, teimou a moça. —Mont Patterson roubou as jóias da sra. Oliphant! Estou certa disso. O nosso trabalho está agora em levá-lo a dar com a língua nos dentes.

—Eu vejo as coisas por um prisma diferente, menina. De toda a forma, você já fez mais do que devia. Daquí em diante, quem dirige as investigações sou eu.

—Mas, sr. Smith, disse ela à maneira de escusa—eu tenho ordens estritas da sra. Oliphant para conduzir esta investigação como *eu* entender, e apelar diretamente para ela no caso de haver qualquer intromissão.

Joe arremessou o charuto, acabadinho de acender, dentro de um escarrador de cobre cintilante, e disse peremptório:

—Nesse caso, faça o que bem entender. Continue na pista do Patterson, enquanto eu trato de encontrar as jóias da velha.

Nessa mesma tarde, Amy Towson bateu a uma casa no Bronx, envergando o seu vestido mais modesto. Uma senhora de ares maternais, vestida com uma bata de serviço caseiro, veio abrir a porta.

—Mora aquí a sra. Patterson? disse Amy. —Eu preciso de um quarto com pensão, e me informaram...

Dessa noite em diante Amy passou a fazer parte do pequeno círculo da família do eletricista. Logo à primeira refeição ela sentiu que havia um mistério qualquer debaixo daquele teto. Os Patterson eram uma família unida; entretanto, todos eles pareciam andar escondendo algo uns aos outros. Mais de uma vez ela reparou que as duas filhas, quando apanhavam a mãe distraida, trocavam olhadelas furtivas e significativas.

A sra. Patterson parecia esforçar-se tambem, por sua parte, em ocultar alguma coisa que lhe oprimia o coração; talvez algum segredo que lhe fazia assomar um fulgor místico aos olhos, quando, pelo fim das tardes, Amy ia dar com ela sentada junto à janela da saleta, debruçada sobre a sua costura. Mas, de todos os membros da família, era o esposo, sempre taciturno e a matutar, quem parecia carregar o mais pesado dos fardos interiores. Muitas vezes, vendo-o sentado com o seu jornal da tarde aberto, Amy suspeitou que ele na realidade não lia, e se limitava a olhar fixamente, sem ver, para os cabeçalhos... E outras vezes, seguindo com os olhos a esposa nas suas voltas pela casa, havia nele uma expressão de trágico desespero.

Foram as moças que lhe deram os primeiros indícios da causa do mistério:

«Mamãe, coitadinha, está muito mais doente do que ela imagina! Se não for operada sem demora, ninguem sabe dizer quanto tempo ela ainda poderá viver. Estamos tratando de poupar todos os vintens...»

Mais adiante a hóspede ficou sabendo outro segredo, e desta vez da boca da própria sra. Patterson:

«Eu bem sei como estou mal! Mas não o quero dar a entender nem ao Mont nem às pequenas, coitadas. Dizer a verdade só viria tornar as coisas mais dificeis para todos...»

Ao marido é que Amy não conseguia arrancar nenhuma palavra; mas nem por isso ela deixou de imaginar como as coisas se teriam passado: apoquentado com a falta de recursos para mandar operar a esposa, Mont obedecera a um impulso irresistivel ao furtar aquelas jóias. Só depois, tarde demais, se dera conta de que a posse desse tesouro o comprometia. Precisava esperar agora que a polícia se aquietasse um pouco, para encontrar a maneira de se desfazer delas, passando-as a um comprador; e, de dia para dia ele se ia sentindo mais ansioso e desesperado...

Passavam aquelas tardinhas suaves de primavera lendo jornais e conversando, sentados em cadeiras de balanço na varanda da frente. Sempre que os jornais davam notícia de algum roubo, Amy não perdia o ensejo de comentar: «Aposto que esse gatuno se está mordendo de remorsos. É mais que provavel que o pobre diabo se tenha deixado arrastar pela tentação do momento...»

Mont mudava logo de assunto. Mas uma noite, Amy se encontrou sozinha na varanda com o eletricista. Mont, sentado no balanço, disse subitamente:

—Quer-me parecer, Amy, que você se interessa demasiado por histórias de crimes. Não fala noutra coisa.

—Talvez eu tenha as minhas razões...

—Como por exemplo? E, ao dizer isto, a voz dele era cortante e brusca.

—Promete não dizer nada a ninguem?... A razão é que meu irmão um dia cometeu um furto.

—Seu irmão! E você uma pessoa tão religiosa...

—Um dia, por acaso, ele achou uns títulos ao portador, na gaveta da secretária do patrão. Teve um momento de fraqueza, que não pôde resistir. Depois de furtar os papéis não soube o que fazer, nem como desembaraçar-se deles. Até que uma noite, muito aflito, se encheu de coragem e me confessou o que fizera. E eu encontrei a maneira...

—De fazer o quê?

—De restituí-los, é claro! E ninguem chegou nunca a saber de nada.

Mont encaminhou-se para dentro de casa a passos largos, e foi para a cama sem dar boa-noite a ninguem.

Passados poucos dias, Amy declarou com timidez que tinha bastante prática em dizer a sorte pelas cartas. Foi um alvoroço: as três mulheres da família quiseram logo que ela lhes lesse a sorte. A cartomante-amadora assombrou-as com os conhecimentos que revelou possuir.

—Mont! bradou extasiada a sra. Patterson. —Venha aquí já! Você precisa deixar que esta moça leia a sua sorte!

—Ah! isto é que não! opôs o marido com firmeza.

No domingo seguinte, pretextando uma forte dor de cabeça, Amy não acompanhou as três mulheres à missa. Quando se encontrou a sós com ela na casa, Mont lhe perguntou se ela estava realmente assim tão doente que não lhe pudesse ler a sorte. Sentaram à mesa da sala de jantar, e Amy pôs as cartas em ordem. Depois com o indicador da mão esquerda, apontou solenemente para o ás de espadas.

«As cartas dizem que o senhor está em perigo!» exclamou. «E não é de morte... nem de doença! Só consigo avistar um grande edifício cinzento, rodeado dum muro muito alto... Tem um portão de ferro... O portão se abre... u'a mão estende-se pra fora tateando... Para agarrar— para agarrar o senhor! E agora, do outro lado, parece que vejo uma luz—e esta luz tambem parece que está chamando o senhor... O que eu não posso ver com clareza é se o senhor vai entrar no portão, ou correr para a luz. Parece que a decisão depende do senhor, e de mais ninguem.»

Com um gesto rápido e circular reuniu as cartas num maço, e acrescentou: Dá-me medo continuar! É melhor ficar pra outro dia...

Essa noite, depois da ceia, Mont a interrogou na varanda:

—E esse seu irmão. Como é que ele pôde restituir os tais títulos sem ser pegado?

—Foi a coisa mais simples do mundo. Telefonou a um serviço de mensageiros, e pediu que mandassem um rapaz encontrar-se com ele a certa esquina. Entregou o maço de títulos ao mensageiro, pagou-lhe para que os fosse entregar ao destinatário.

Na manhã seguinte, a família Patterson tinha perdido uma boa hóspede—e por voltas do meio-dia «Scotland Yard» Joe perdia tambem a sua nova ajudante.

—Sr. Smith, o senhor tinha toda a razão, —disse ela, ao despedir-se. —Este ofício de detective não é para moças, não. Tenho que admitir que o senhor julgou certinho o tal Patterson: ele não é o gatuno que nós estamos procurando...

—Eu não lhe dizia, exclamou Joe jubilante. —Assim que eu achar as jóias, eu lhe contarei direitinho como o conseguí.

—Quando as achar, retorquiu ela com um sorriso que lhe fez reluzir os olhos muito azuis, —não deixe de me avisar... *por mensageiro!*

O detective ficou um momento olhando a moça que se afastava, e depois foi procurar o gerente.

—Exatamente o que eu lhe tinha dito! declarou. —Agora, se a tal madama Oliphant está disposta a consentir que *eu* me encarregue do caso ao meu modo, sem a ajuda de nenhuma amadora de saias, eu encontrarei as jóias.

—Lamento muito, Joe, respondeu o gerente, —mas a sra. Oliphant se desinteressou por completo do assunto. Está tratando de organizar um serviço de assistência médica para mulheres pobres que precisem ser operadas, ou coisa parecida. E, por sinal, foi a sua detective amadora quem a convenceu, ainda esta manhã...

—Mas então... e as jóias? balbuciou o sagaz detective.

—Oh! as jóias. Foram misteriosamente restituidas a noite passada. E por mensageiro, imagine!

—Por mensageiro?... Confesso que não entendo. E Joe saiu do escritório coçando a cabeça, perplexo.

E os antigos frequentadores do Waldorf-Astoria dizem que o caso intrigou o detective, intermitentemente, até o fim dos seus dias. Podia ter sido o perfeito detective, lá isso podia... mas não conseguia entender as mulheres.

O único meio de vencer uma guerra é evitá-la.
—Secretário de Estado George C. Marshall

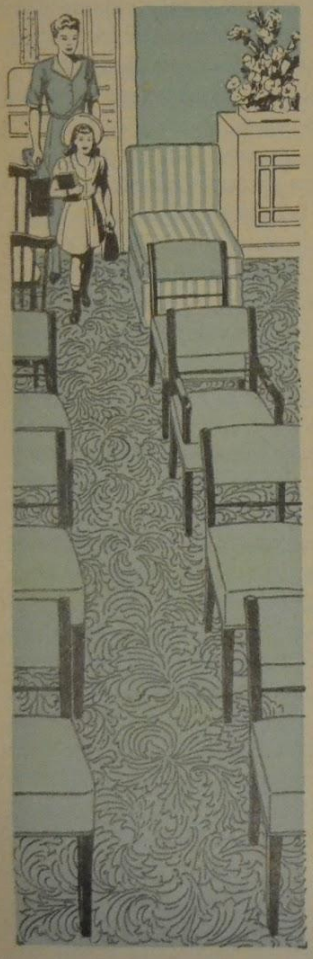
É possivel ensinar as crianças a serem independentes e ao mesmo tempo divertí-las

Ensaios no teatro da vida

(*Condensado de «Parents' Magazine»*)

Por Margot Gayle

em colaboração com Dena Reed



Tendo acompanhado à estação nossa filha Carol, de onze anos, que ia partir para sua primeira viagem noturna de trem, meu marido e eu demos-lhe um abraço final e abstivemo-nos de qualquer recomendação de última hora. Observamo-la depois através da vidraça e vimo-la instalar-se e abrir uma revista, com a segurança dos viajantes experimentados. Olhando para aquela meninazinha segura de si, Bill observou: «Vejo que seu sistema está dando resultado. Carol definitivamente já sabe tomar conta de si.»

Meu «sistema» consiste simplesmente em representar ao vivo circunstâncias novas que as crianças estejam para enfrentar. Por exemplo: Carol já viajara várias vezes naquele trem—em nossa sala de estar!

Primeiro descreví-lhe o trem, o carro-restaurante, os leitos, o lavatório, explicando as funções do camaroteiro e quais as gorgetas a serem dadas. Depois arrumamos duas filas de cadeiras e lá veio Carol, de mala na mão. Fiz de carregador, indiquei-lhe o lugar e coloquei sua maleta na prateleira. Começou então a viagem.

Amarrando uma toalha à cintura, fiz de garção e atravessei o trem anunciando: «Primeira chamada para o jantar!» Carol pegou a bolsa, foi até o lavatório e depois dirigiu-se para o outro lado da sala, onde tínhamos arrumado uma mezinha. Na qualidade de *maître*, eu estava de pé à «entrada» e perguntei:

—Com quem está viajando, menina?

—Sozinha, explicou Carol. E desejaria jantar, por favor.

Retomando meu papel de garção dei-lhe o cardápio. E sem muito hesitar, ela pediu: «Presunto com batata doce e espargos.»

Depois, quando lhe apresentei a conta, que somava um dolar e meio, Carol tirou solenemente dois dólares da bolsa. Fui buscar o troco e voltei trazendo num pires uma moeda de 25 centavos, duas de dez e uma de cinco. Carol guardou a de 25 centavos, levantou-se e voltou para o «Pullman».

Imitando o camaroteiro, perguntei:

—A que horas deseja que lhe prepare o leito, senhorita?

—Costumo deitar-me às nove horas, respondeu Carol. —Mas se lhe for conveniente, pode preparar já.

E assim continuamos até a «manhã seguinte», quando Carol disse um «obrigada» final ao camaroteiro e encerrou satisfatoriamente a viagem, pondo-lhe gentilmente uma gorgeta na mão. Repetimos a farça durante três dias antes da partida de verdade.

Foi por acaso que me ocorreu empregar este método, um dia em que mandei Carol—então com sete anos—comprar no armazem uma lata de ervilhas. Daí a três quartos de hora, ela voltava em prantos.

«Esperei, esperei, e o caixeiro atendeu toda gente grande mas não me deu a menor atenção,» disse ela indignada. «Vá você mesma fazer suas compras!»

Essa queixa amarga fez-me refletir que afinal armazem é lugar para gente grande. Geralmente aí não se presta atenção a crianças. Tirei então da prateleira alguns artigos e arrumei-os na mesa da cozinha como se estivéssemos num armazem e disse a Carol:

—Meu bem, tudo quanto você tem a fazer é ficar à vista do vendedor, observar quando chega sua vez e chamar-lhe a atenção, pois as pessoas maiores sempre procuram ser justas. Vamos fazer de conta que tenho três fregueses antes de você. Quando chegar sua vez, avise-me, de maneira delicada mas firme.

E, representando o papel do caixeiro, exclamei:

—Senhora Smith, aquí está seu pão. Eis aquí seu pacote, senhora Brown. Senhor Carter, já embrulhei suas bolachas. E a senhora Grey, que deseja?

Dando uns passos para frente, Carol disse com firmeza:

—Eu estava logo depois daquele senhor. Quer dar-me uma lata de ervilhas, por favor?

—Ah! desculpe, senhora Grey, mas é a vez desta menina.

E vendí a Carol sua lata de ervilhas.

Foi como um passe de mágica; a menina quis voltar ao armazem imediatamente.

Desde então, meu marido e eu costumamos representar situações desconhecidas para que Carol e Gretchen, que tem oito anos, se familiarizem com elas. Não faz muito tempo, uma ocasião em que eu estava fora, em viagem, e nosso médico verificou que Gretchen precisava ser operada das amígdalas, meu marido aplicou o mesmo sistema.

«Representei o médico e Gretchen se deitou na cama,» contou-me Bill depois. «Fiz de conta que virava a manivela da cama para levantar a cabeceira, apliquei um estetoscópio imaginário para auscultar-lhe o coração, e depois examinei-lhe as amígdalas. Expliquei-lhe que a levariam para a sala de operações numa cama com rodas.

«—Preste atenção à sala, que é muito interessante: toda branca, com o médico e as enfermeiras tambem vestidos de branco, para combinar. As luzes fortes sobre a cabeça são para que o médico possa ver bem sua garganta; e o cheiro limpo que se sente desinfeta tudo quanto se acha ao redor.

«Pondo-lhe então, de leve, a mão sobre a boca e o nariz, disse-lhe:

«—Isto é a máscara de eter. Você respira e vai ficando meio atordoada, como se estivesse sendo carregada numa nuvem. Pode ser até que sonhe. Eter é uma beleza para fazer a gente sonhar.

«E repetí a cena várias vezes, até que ela se compenetrou bem da situação.»

Acabada a operação o médico disse a Bill que nunca vira uma criança tão facil de tratar: nada de choro; nem sinal de medo.

«Fazer de conta» é o meio natural de aprendizagem para as crianças. Ensinar brincando toma um pouco mais de tempo que fazer preleções, mas os resultados valem a pena.

Faro para negócio

Você alguma vez comprou uma caixa de chocolates por não resistir ao cheiro tentador? Ou algum pão, ao sentir o aroma delicioso de pão fresco e quente? Nesse caso, você gostará de conhecer Albert J. Dillinger, uma das maiores autoridades da América em perfumes. É ele o homem que está atraindo você pelo nariz.

O caso do pão é um exemplo. Os padeiros se aborreciam com o fato das donas de casas exigirem pães muito bem embrulhados mas comprarem os que cheiravam melhor. Ora, um pão rigorosamente empacotado, recende, apenas, vagamente, a parafina. Um padeiro teve, então, a idéia de procurar uma companhia de perfumes em Nova York, a Van Amerigen, Habler, Inc. O seu problema foi levado ao químico Dillinger, que terminou por encontrar a solução no fundo dos mil vidros que se alinham em seu laboratório. Com uma gota de um e uma pitada de outro, conseguiu produzir a fórmula do inconfundivel aroma de pão fresco. A companhia misturou os ingredientes, um tipógrafo adicionou a tinta e o padeiro pôde envolver o seu pão num papel que cheirava melhor que o próprio pão.

Todos os dias, Dillinger recebe pelo correio novos pedidos: para fazer cheirar a carne um osso de matéria plástica (para cachorros), cheirar a queijo um pedaço de borracha esponjosa (para ratoeiras), cheirar a couro os couros artificiais, perfumar a tinta que imprimirá os anúncios de um congresso de floristas.

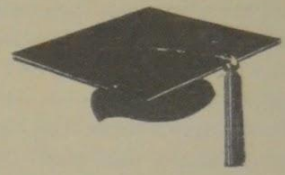
É realmente extraordinária a sensibilidade olfativa de Dillinger. Os operários da sua fábrica ainda o olham com admiração quando o vêem aspirar um perfume para análise e apontar 5 a 30 dos ingredientes empregados. Nos domingos mais úmidos, quando os odores estão baixos, sobre a terra, é comum ver-se Dillinger passeando pelos bosques, com as narinas a vibrar, em busca de novas «nuances».

Não satisfeito com a introdução dos perfumes em vários ramos comerciais, Dillinger dispõe-se a conquistar novos mundos. Espera um dia provar que os perfumes deveriam ser usados nos hospitais. Está demonstrado pela experiência, argumenta ele, que a magnólia estimula o apetite enquanto que o jasmim do Cabo acalma os nervos.

O trabalho de que Dillinger mais se orgulha foi o que fez para uma companhia de seguros. Esta mandou imprimir prospetos de propaganda com uma tinta por ele preparada, que cheirava a uma casa em chamas, afim de serem enviados pelo correio. Antes que voltassem a si da surpresa, as pessoas que recebiam o prospeto, se apressavam em assinar o formulário de inscrição.

—Howard J. Lewis, em *This Week Magazine*

O General, que já uma vez se recusou a ser candidato, fossem quais fossem as circunstâncias, parece ter mudado de opinião em face da crescente e espontânea popularidade de sua candidatura



EISENHOWER, candidato à Presidência

(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*)

Por Kenneth G. Crawford

Não pleiteando a Presidência, tem o General Dwight D. Eisenhower progredido mais no rumo da Casa Branca do que qualquer dos candidatos, confessos ou inconfessos, já empenhados no grande prélio. Efetivamente, parece que, de momento, nenhum outro, inclusive o Presidente Truman, conta, para a competição, com maior apoio popular. Considerando que ninguem sabe ao certo se o General é Republicano ou Democrata, e que tem repetidamente demonstrado desambição pelo posto, desencorajando todos os esforços no sentido de atraí-lo para a política, a sua candidatura constitui realmente um notavel fenômeno político. E a história íntima do movimento que a gerou, é ainda mais estranha do que a sua história pública—porque não existe, no caso, nenhuma história íntima.

Foi coisa espontânea. Ninguem a forjou. O próprio General mostra-se sinceramente pasmado e humanamente lisonjeado com o que ocorreu. A sustentar-lhe e impulsionar-lhe a candidatura não há senão grupos de americanos, de alta e baixa situação econômica, individualmente persuadidos de que o homem que comandou os soldados de doze nações aliadas, levando a efeito a invasão da França através da Mancha e destruindo a fortaleza européia de Hitler com desenvoltura e aparente *nonchalance*, daria um bom Presidente nos dias conturbados que atravessamos. O movimento chegou ao apogeu em setembro último, quando a organização Gallup Poll lançou esta pergunta: «Se a eleição se realizasse hoje, e Eisenhower estivesse concorrendo contra o Presidente Truman, em quem você votaria?» Quarenta e oito por cento se manifestaram pró Eisenhower, 39 por cento a favor de Truman, e 13 por cento não demonstraram preferência. Num inquérito semelhante entre Truman e Dewey, cujos resultados haviam sido publicados no mês de julho, 46 por cento eram a favor de Truman, 44 por cento pró Dewey. Investigações idênticas realizadas em agosto por Elmo Roper para a revista *Fortune*, deram este resultado: Dewey 45 por cento, Truman 43 por cento, ficando Stassen, Vandenberg e Taft muito atrás.

Gallup descobriu que Eisenhower tinha mais força entre os trabalhadores manuais do que em qualquer outra classe.

Quarenta e quatro por cento desses trabalhadores, homens e mulheres, eram por ele, ao passo que entre empregados de escritório, membros das profissões liberais, homens de negócio, e agricultores contava somente com 31, 25, 25 e 24 por cento, respectivamente.

Estas estatísticas hipotéticas parecem apoiar as profecias dos mais sagazes e objetivos observadores políticos de Washington—de que Eisenhower, caso seja escolhido para candidato presidencial pelos Republicanos, terá uma vitória certa—tão certa quanto o ambiente político norte-americano permite prever. Isto não quer de nenhum modo dizer que será ele forçosamente escolhido. Eisenhower ainda não foi aprovado pelos chefões do Partido Republicano, que em tempos normais controlam suas convenções nacionais. Não estamos porem vivendo em tempos normais e Eisenhower não é um homem comum.

O que ele tem de menos comum, talvez, é o talento político. Fazer política é para ele tão natural como respirar. Quando declara a uma audiência de soldados que gostaria de ser lembrado como o Chefe do Estado Maior que fez alguma coisa pela cozinha do Exército; quando interrogado pelos jornalistas qual o seu título preferido, prontamente responde que é «Ike»; quando durante uma pescaria pousa para um retrato tal qual um pescador—Eisenhower está apenas improvisando essa espécie de música que os agentes de publicidade compõem a alto preço para os clientes. E como a sua maneira de fazer política é espontânea, raramente é considerada uma farsa mesmo pelos mais exigentes. O sorriso de Eisenhower é um sorriso real e não apenas uma exibição de dentes; as faiscantes generalidades dos seus discursos têm brilho real, pois exprimem as profundas e arraigadas convicções do orador; seu estimulante ar de segurança é a aura de um homem modesto que sabe ter levado a cabo de modo eficiente uma das maiores tarefas do nosso tempo. Acrescente-se a isso os seus vigorosos 57 anos e a sua comprovada capacidade executiva, e ter-se-á sem dúvida uma natureza política. Não será facil relegá-lo a segundo plano na Convenção Republicana de Filadélfia, uma vez que ele queira concorrer à escolha.

Seja quais forem os seus sentimentos pessoais com relação ao assunto, suas declarações, quando acicatado pela imprensa, indicam uma receptividade cada vez maior. Ao retornar da guerra, arrasado de fadiga, Eisenhower falou em devotar-se à pesca para o resto da vida. Disse aos repórteres em 1945: «Podem afirmar com toda a firmeza de que forem capazes que não tenho absolutamente ambições políticas.» Em setembro passado novamente negou ter ambições dessa natureza, mas acrescentou: «Todos podem mudar. Tenho visto muitos homens mudar até de religião.»

Se Eisenhower for escolhido por uma convenção,—expressão indiscutivel de uma imensa parcela do povo americano—consideram certo os seus amigos mais chegados que ele concorrerá ao pleito e conseguirá mais votos do que qualquer dos candidatos que os Republicanos poderiam escolher. Eisenhower tem esta grande vantagem política: um nome recente. E poucas pessoas parecem ser radicalmente contra ele, ao passo que contra Dewey, Taft e Stassen há blocos de inimigos políticos.

Quanto a ligações partidárias, Eisenhower não as tem. É tão apolítico como qualquer soldado profissional. Serviu sob a chefia suprema de um Presidente Democrata e outro Republicano. Conquanto houvesse admirado Roosevelt e goste de Truman, a quem tambem admira, nem sempre concordou com as decisões de ambos.

Elementos políticos do Kansas, que vêm publicamente falando sobre a candidatura de Eisenhower, querem-no como candidato republicano.

Os amigos democráticos do General, entretanto—e é grande o seu número—nutrem a esperança de que ele se conserve elegivel para a Vice-Presidência na chapa dos Democratas, no caso de os Republicanos não o indicarem.

No mês de junho passado, o General anunciou sua intenção de reformar-se como Chefe do Estado Maior, provavelmente em princípios de 1948, para assumir o cargo de Presidente da Universidade de Columbia. Aparentemente, só o próprio Eisenhower e talvez os diretores da Columbia, crêem na possibilidade de o General permanecer na direção da Universidade. Eisenhower aceitou o cargo, não porque quisesse estabelecer uma transição simpática entre a Chefia do Estado Maior e a Presidência, mas por que desejava uma ocupação civil, util e digna. Aceitou-o antes que o movimento em torno do seu nome houvesse assumido sérias proporções.

Mas infinitamente mais importantes do que a formalidade dos laços partidários, são os fundamentos básicos de uma filosofia política. Eisenhower considera-se conservador moderado, explicando que sempre associa tal designação com sua mãe, que «conservava os legumes, mas não as más ervas». A análise dos seus discursos e depoimentos perante as comissões parlamentares demonstra que o programa de Eisenhower não diferiria muito do de Truman. Seria porem mais vigorosamente executado e mais eloquentemente defendido.

O General fala bem e com entusiasmo, e tem uma conversa agradavel. Possui esse tipo de inteligência que apanha os problemas, arranja os seus elementos em colunas ordenadas, e soma tudo em conclusões lógicas e sentenças incisivas. Um dos seus colaboradores tributou-lhe certa vez a alta homenagem de declarar que ele falava tão bem quanto Churchill. Isto é verdade, mas sua prosa é um pouco menos majestosa. Muito versado nos clássicos, é capaz de citar trechos e trechos dos seus autores prediletos.

Sempre fez questão de equilibrar as suas ligações militares com amigos civís. Conversando com o General a gente esquece que ele está de uniforme. Apesar de toda uma vida de isolamento da política nacional norte-americana, não é politicamente neutro. Crê apaixonadamente na igualdade de oportunidade, na iniciativa privada, e na liderança dos Estados Unidos para o mundo conturbado.

Eisenhower tinha as suas reservas quanto ao New Deal, pois achava que o New Deal limitava desnecessariamente em alguns pontos a liberdade da iniciativa individual. E, no entanto, é tão internacionalista como qualquer *New Dealer*, e desaprova os salários de baixo nivel, a intolerância racial e o fanatismo tão decididamente quanto Roosevelt.

Manifestou ele certa ocasião a esperança de que algum dia as Nações Unidas venham a regular as relações mundiais com uma autoridade capaz de eliminar a necessidade de uma grande força militar nos Estados Unidos. Mas insiste em que, antes de haverem as Nações Unidas assumido essa estatura, a prudência exige preparação. «A fraqueza,» disse ele, «não pode cooperar com coisa alguma.»

Nas reações de Eisenhower quanto às atitudes belicosas da Rússia está a chave da sua maneira de pensar sobre os problemas mundiais e sobre muitos dos pro-

blemas nacionais. Pouco antes de sua volta aos Estados Unidos em 1945, esteve em Moscou como hóspede de honra. Voltou profundamente impressionado com os sacrifícios que a Rússia fizera na guerra e com o deploravel nivel de vida dos russos. Impressionou-o tambem a possibilidade de cooperação russo-americana. O Marechal Zhukov, com quem manteve amistosas relações em Berlim, assegurou-lhe que as divergências ideológicas não deviam constituir barreira à amizade entre dois povos pacíficos. Disse-lhe Stáline que a Rússia esperava contar no futuro com a orientação técnica e mecânica dos americanos.

O General, entretanto, foi um dos primeiros a perceber a diretriz da política russa de após-guerra. Observou a quebra dos compromissos de Ialta e Teerã, a implacavel subjugação dos Balcãs e da Europa oriental, e chegou desde logo à conclusão de que uma firme resistência à expansão russa, seguida de uma generosa assistência às nações necessitadas e ainda do lado de cá da Cortina de Ferro, era a solução para o caso. Reconhece que a intolerância russa oferece perigo à atuação das Nações Unidas, e tem reiteradamente advogado a disseminação entre os operários soviéticos dos fatos relativos à semana de 40 horas de trabalho, às casas e divertimentos dos operários americanos, como um dos meios de entendimento com o governo russo.

Quanto aos americanos comunistas, aliados da Rússia dentro dos Estados Unidos, e aos que se intitulam liberais, enquanto apoiam a causa comunista, Eisenhower tanto lhes despreza os hábitos conspirativos quanto abomina as incursões noturnas da Ku Klux Klan.

A posição de Eisenhower em face de questões domésticas tais como a suscitada pela recente lei trabalhista Taft-Hartley, ainda não foi estabelecida. No seu discurso perante uma convenção do CIO (Congresso das Organizações Industriais), lembrando já ter trabalhado 84 horas por semana numa fábrica de manteiga, onde o pai servira como técnico, congratulou-se com os sindicatos operários pelo muito que já foi conseguido por eles em benefício dos trabalhadores. Mas, na mesma ocasião, lembrou ao CIO as responsabilidades que lhe correspondiam no manter a produção do parque industrial norte-americano, manifestando-se contra o abandono do sistema de livre iniciativa particular: «A liberdade pode encontrar sua destruição em qualquer destes dois extremos: na licença ou na negligência.»

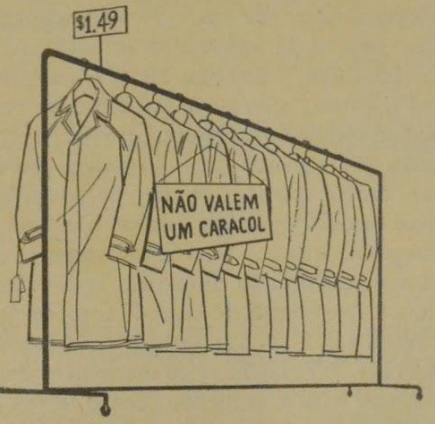
O patrão e o mordomo

UM RAPAZ conhecido nosso sentou-se, dias atrás, num ônibus, ao lado de um senhor jovial e comunicativo, que se dizia mordomo de um palacete em Libertyville. «Quer dizer que o senhor trabalha para Mr. Jones?» perguntou-lhe o nosso amigo.

O mordomo empertigou-se e replicou, com altivez: «Claro que não. Mr. Jones é quem trabalha para mim. Levanta-se às sete da manhã todos os dias e vai para aquela cidade suja e desagradavel afim de ganhar o dinheiro necessário para manter a casa e a mim.»

—Marcia Winn, no *Tribune*, de Chicago

Ganham mais dinheiro—dizendo mal dos produtos que vendem



Vende-se mais... com honestidade

(Condensado de «Advertising & Selling»)

Roy S. Durstine

OS TOMATES que hoje temos à venda não prestam nem para atirar nos tenores da Ópera!» anunciava recentemente o Farmers Market, em Hollywood. E acrescentava: «É melhor esperarem até amanhã.»

Quando este mercado se inaugurou, em 1934, Fred Beck, encarregado da publicidade, decidiu utilizar o rádio para convencer os fazendeiros a trazerem seus frutos e legumes para o novo mercado, mas acrescentou que não tentassem impingir hortaliças colhidas no dia anterior —pois seriam expulsos, juntamente com seus produtos!

As donas de casa, que tambem tinham escutado aquele aviso, acudiram ao mercado aos bandos, à cata de boas hortaliças. A concorrência foi tal, logo no primeiro dia, que pelo começo da tarde já não restava nas bancadas da praça um só molho de brócolos, e nem sequer um dente de alho.

O Farmers Market é hoje o maior mercado de toda a costa ocidental dos Estados Unidos. E Beck continua dizendo, a respeito dos tomates e das cenouras, verdades tão duras e contundentes como as que disse nesse dia—e a tirar delas um partido formidavel.

No anúncio que publica todos os dias nos jornais, e que é avidamente lido por todas as mães de família, ele poderá aconselhar, por exemplo, que não comprem ervilhas durante alguns dias, porque os campos de onde elas devem estar vindo acabam de ser inundados pelas chuvas torrenciais, motivo pelo qual as ervilhas estão ruinzinhas, e subiram muito de preço. «Nós lhes avisaremos quando for chegado o dia de comprar novamente ervilhas!»

Um dos estúdios de Hollywood, vendo as grandes multidões que compravam no Farmers Market, abordou Beck há alguns anos. Se ele escrevesse todas as semanas, para os jornais, uma coluna de propaganda dos filmes da empresa, receberia um ordenado de uns cinco mil dólares semanais, muitíssimo mais do que os 25 mil por ano que ele estava cobrando do mercado. Beck aceitou a oferta.

O seu novo chefe o chamou logo para indagar dos planos de publicidade que ele tinha em mente.

«Vou dizer a verdade,» disse Beck. «Se um de nossos filmes for uma «droga» eu falarei ao público nestes termos: Vocês fariam bem melhor se ficassem hoje à noite em casa, escutando o rádio. E se um de nossos filmes for realmente bom, vou dizer-lhes que entrem sem demora na fila do cinema do bairro...»

O potentado do cinema estremeceu.

Depois inquiriu: «E que tal acha o senhor o último filme que nós apresentamos?»

Beck limitou-se a levar o indicador e o polegar da mão direita ao nariz, e apertou significativamente as narinas, sem dizer palavra.

No dia seguinte Beck, felicíssimo, estava de novo à frente de cenouras, tomates e rabanetes, enquanto do outro lado de Hollywood, os cavalheiros do celulóide continuavam fazendo esforços desesperados para desencantar uma palavra mais retumbante e pirotécnica do que *colossal*...

UM TAL Bruton Immen, corretor de imoveis da cidade de Arlington (Vermont), conseguiu um volume de negócios de proporções tais que ele sozinho não podia dar conta do recado, e isso só com dizer aos clientes em perspectiva:

«Gastamos em vão 20 minutos do nosso precioso tempo tentando descobrir algumas expressões elogiosas que pudéssemos dizer, sem mentir, a respeito desta propriedade; e chegamos à conclusão de que tudo o que podemos dizer é que aquí em Vermont se respira um ar puro e saudavel!»

«Se V.S. vir por aí uma casa ou uma fazenda e a quiser comprar, confio no seu bom-senso para que me comunique. Até hoje nunca instei com ninguem para que comprasse fosse o que fosse, e de futuro continuarei fazendo o mesmo.»

ESTES comerciantes modernistas, que utilizam a «técnica inversa», tiveram seus precursores. John Wanamaker anunciou certa vez em Nova York: «Temos hoje à venda uma porção de impermeaveis que não valem um caracol e vamos liquidá-los por $1.49 cada um!» No dia seguinte não restava na loja um só impermeavel.

Um anúncio de abajures da Casa Gimbel's, outro importante armazem de vendas de Nova York, rezava um dia: «Está visto que estes abajures não podem aguentar tanto quanto os de pergaminho, mais caros! O papel de que são feitos pode enegrecer quando estiver muito perto da lâmpada. Poderão durar um ano, talvez dois.» A respeito de certos biombos que tinha à venda, dizia a publicidade da mesma casa: «O caixilho é de madeira ordinária, que virá a empenar com o tempo.»

Ninguem se poderia queixar de ter sido lesado...

Um anúncio dos Sachs Quality Stores de Nova York dizia o seguinte: «Pagamos demasiado caro por eles! Compramos quantidades excessivas! Francamente—vimo-nos com o artigo encalhado!» E dentre os parágrafos seguintes destacavam-se: «Três grandes peças de sala, com molas de ponta a ponta, estofos onde a gente se enterra. Confortaveis, mas horriveis de aparência! Talvez uma reduçãozinha de 140 dólares as faça parecer menos feias.

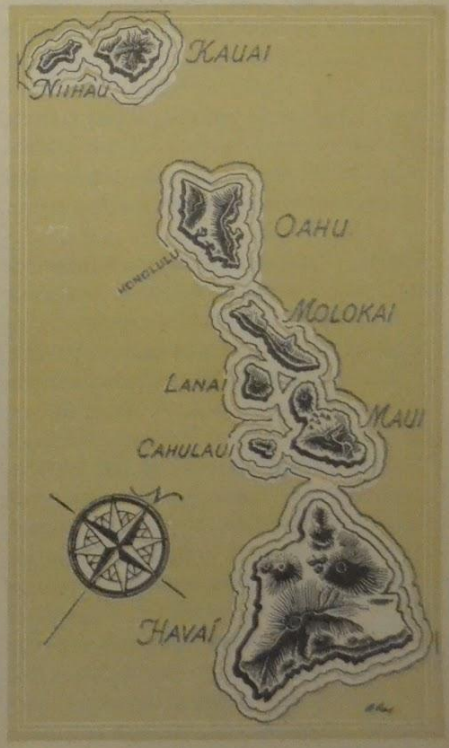
ESTES anunciantes chegaram decerto à conclusão de que a publicidade autodepreciativa, e até insultuosa de certos artigos, leva o público comprador a confiar sem reservas quando lhe oferecem algo que vale realmente a pena comprar. E geralmente vendem tambem os artigos que depreciam—se o preço for bastante baixo.

As ilhas encantadas do Havaí

Por Blake Clark
(Autor de «Hawaii, the 49th State»)

DESDE os dias em que as havaianas de meigos olhos negros costumavam nadar mais de uma milha para dar as boas-vindas a baleeiros e negociantes, tornou-se conhecida em todo o mundo a calorosa acolhida que Honolulu extende aos visitantes. Cada navio que chega é, ainda hoje, saudado alegremente pelos ilhéus, que trazem ao pescoço os famosos *leis* ou colares de flores. O ar se enche de música, executada pelos cinquenta componentes da Banda Real do Havaí, em seus impecaveis uniformes engomados. Uma havaiana de aspecto matronal, ornada tambem de flores, interpreta a suave «Canção das Ilhas». E, fundido com essas cenas e sons, chega ao viajante a fragrância de mil colares de flores, a enfeitiçar-lhe o coração antes mesmo de desembarcar.

NÃO HÁ no mundo outro lugar onde o viajante possa desfrutar tanta beleza por tão pouco dinheiro. Logo ao descer a escada de bordo, o viajante é saudado por uma centena de havaianas que enfileiradas lhe oferecem, de mão estendida, uma dúzia ou mais de flores por preço insignificante. Para esse momento, cada uma delas trabalhou, na véspera, muitas horas seguidas, enfiando de 10 a 15 mil flores. Empregam, nesse mister, rica paleta de flores: seis matizes de cravos, nove de *plumerias*, quatro de *mauna loas*, alem de fofas *mamos* rubro-amarelas, fulgentes *akulikulis* em carmezim e côr-de-rosa, alaranjadas candelárias dos jardins, fúcsias, buganvílias, *pikakes* côr de marfim e



ilimas, com nuanças de ouro e a consistência da gaze. Nos dias em que chegam navios, e numa única manhã, as fazedoras de *leis* já chegaram a vender 100 mil dúzias de flores.

A ABUNDÂNCIA de cores domina e cerca o viajante no Havaí, quer no céu, quer na luxuriante vegetação, e até na vida submarina, que lhe é dado observar através dos tombadilhos transparentes de um barco com fundo de vidro. Nas águas de límpido verde, vêem-se pequeninos cavalos marinhos a nadar agilmente, aos pares, como se estivessem ligados por arreios invisíveis, e irrequietas lulas cinzentas que acenam com os tentáculos e lançam à água sua tinta arroxeada. Peixes raiados de branco e preto, serpeiam, rápidos, como a fugir de uma cadeia de corais. À semelhança de raios de luz projetados de um prisma, brilham peixes com tonalidades de jóias—topázios, águas-marinhas e safiras. Um deles, animalúnculo esperto com uma espécie de focinho arrebitado, tem um nome maior que ele próprio: trata-se do *humuhumunukunukuapuaa*.

EM MATÉRIA de culinária, o viajante encontrará, no Havaí, todos os pratos do Oriente. Experimentará os quitutes da Polinésia, tais como peixe com *poi*, frutapão assada, bolos de *taro*, salmão *lomiloai*, galinha cozida em leite de côco, leitão assado em forno subterrâneo, e pudim de côco. Em autênticas salas de chá japonesas, o turista, envergando um quimono de seda, senta-se no chão de pernas cruzadas, enquanto apetitosos *sukiyakis*, *hekkas* de galinha, e *tempuras* de camarão chiam na brasa, diante dos seus olhos. Quanto à comida chinesa, o mais famoso especialista em Honolulu é o mestre-cuca Me P. Y. Chong, que atrai o forasteiro com deliciosas costeletas doces, *wun tun* frito, galinha e amêndoas. Os neófitos devem tomar cautela com a bebida alcoólica favorita dos havaianos, que se chama *okolehao* e é feita com a raiz do *ti*, planta semelhante à batata doce. Mesmo os mais abstêmios, porem, podem deliciar-se com os sucos de goiaba, *lilikoi*, mamão e tamarindo.

HONOLULU gaba-se de ter o melhor clima do mundo. Varrida pelos ventos alísios, suas casas dispensam quer o aquecimento quer a refrigeração artificial. A temperatura média, nos últimos 55 anos, tem-se mantido a cerca de 28° C, e a umidade relativa a 67. No espaço de 20 anos, o sol jamais deixou de brilhar sobre a cidade mais de onze dias seguidos...

No entanto, a pouca distância, podemos encontrar condições meteorológicas diversas. É possivel, por exemplo, nadar pela manhã nas suas esplêndidas praias e depois, tomando o automovel, ir patinar na superfície gelada do lago Uaiau, situado numa montanha próxima; ou deslizar, sobre esquís, nas faldas do Mauna Kea, que se eleva a quase 5 mil metros acima do mar cintilante.

A PRAIA de Waikiki, em Honolulu, é a mais célebre do mundo, e vem sendo decantada há 150 anos. Decepciona, porem, muitos viajantes acostumados a longas e largas praias de límpida areia; e os mais antigos habitantes de Honolulu em geral procuram outras praias menos frequentadas, do outro lado da ilha. O encanto de Waikiki, porem, jaz em sua graciosa curva, os variegados matizes de suas águas verdes e azuis, e o ambiente de intimidade que alí reina.

CONTA a lenda que os polinésios de Samoa foram os primeiros a descobrir as Ilhas do Havaí. No século V, provavelmente, quando os europeus não ousavam aventurar-se a grandes distâncias, esses orientais viajavam duas ou três mil milhas em canoas de 20 metros feitas de um só tronco gigantesco. Atavam duas canoas uma à outra e sobre uma plataforma entre as duas, empilhavam cocos, água, inhame e leitões. Guiados apenas por seu conhecimento dos astros e dos ventos, percorriam a vastidão do Pacífico e colonizaram quase todas as ilhas habitaveis, da Nova Zelândia ao Havaí.

O HOMEM branco descobriu o Havaí por acaso. Em 1778, o Capitão James Cook, célebre navegante inglês, buscando a «Passagem do Noroeste», avistou as ilhas. Ao desembarcar, os nativos consideraram-no divino, pois uma de suas lendas previa o advento de um deus branco. No entanto, quando os ingleses já se preparavam para regressar, Cook entrou a discutir com os havaianos em torno do furto de uma embarcação; um deles apunhalou-o e ele caiu com um gemido. «Ele sente dor; ele não é deus!» exclamaram os aborígenes, matando-o em seguida.

Muitos anos depois, quando a Rainha Liliuokalani visitou a Rainha Vitória, declarou-lhe, com simplicidade: «Eu tambem tenho sangue inglês nas veias: meus antepassados comeram o Capitão Cook.»

EM 1820, chegaram ao Havaí o conhecido pregador norte-americano Hiram Bingham e sete outros missionários protestantes acompanhados de suas respectivas esposas. Deles, apenas dois eram pregadores; um era fazendeiro, outro tipógrafo, um terceiro médico, e dois professores. Puseram-se a nutrir os corpos e a mente, bem como as almas, da população «pagã».

A princípio os aborígenes mostraram-se indiferentes à nova religião. A Rainha Kaahumanu escandalizou os missionários certa vez, indo fazer-lhes uma visita, «vestida» apenas com suas longas tranças negras. Um dia Bingham e sua mulher foram ao encontro da Rainha, levando consigo uma pequena cartilha cheia de encantadoras gravuras de animais. O missionário esclareceu que o livro «falava», e transmitiu à Rainha algumas das palavras que a cartilha era capaz de dizer. Isso a interessou, e em pouco tempo estava convertida; tornou-se, mesmo, fervorosa, e induziu milhares de seus súditos a seguir-lhe o exemplo.

Os havaianos não dispunham de linguagem escrita, mas os missionários a criaram em poucos anos, passando a ensinar os ilhéus a ler e escrever, e traduzindo a Bíblia ao novo idioma. Trinta anos depois, os havaianos gabavam-se de ser o povo mais alfabetizado do mundo.

A MÚSICA dos havaianos sempre fora assás primitiva, mas passou por fundamental transformação quando os missionários lhes ensinaram hinos religiosos. Hoje em dia, os compositores locais, cujas melodias ainda traem forte influência desses hinos, são extraordinariamente prolíficos. Em 1947, três companhias de Honolulu, que se especializam em gravar música havaiana, venderam 400 mil discos de cerca de 300 canções escritas por esses compositores.

Toda vez que um navio de turistas deixa Honolulu, a inesquecivel «*Aloha Oe*» —ou seja, «Meu amor para você»—é cantada à guisa de despedida. A letra é de autoria da própria Rainha Liliuokalani. Foi executada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1883 pela Banda Real do Havaí, e não tardou a ser popular no mundo inteiro.

Foram os portugueses que trouxeram

às ilhas a pequena guitarra de viva tonalidade que os havaianos adotaram prazerosamente, batizando-a de *ukulele*, ou «pulga saltitante».

A HULA, conhecida dança havaiana, era, a princípio, parte de um rito religioso. Com o advento dos missionários, a graciosa dança pagã desapareceu durante mais de um século. Hoje, os turistas têm ocasião de ver dançada, em hotéis e cabarés, a hula moderna, em que todo pequeno gesto, todo movimento tem significação própria, simbolizando geralmente os ventos alísios ou a chuva caindo docemente sobre a plácida água do mar. Em suas casas, os ilhéus tambem entregam-se à prática da hula: um conviva toca o *ukulele*, todos cantam, e cada um é chamado a apresentar sua interpretação da dança.

DO PONTO de vista racial, o povo do Havaí constitui como que um mundo à parte em sua ilha. Antigamente os plantadores de cana importavam trabalhadores chineses, japoneses e filipinos, fiscalizados por capatazes europeus e americanos. Os casamentos interraciais foram tão frequentes que, atualmente, uma oitava parte da população tem quatro ou mais origens etnológicas. Vale dizer, aliás, que a harmonia entre as raças, que aí se observa, representa um modelo para o resto do mundo. Jamais houve qualquer conflito. Crianças chinesas, japonesas, filipinas, havaianas e brancas estudam e brincam juntas, e seus pais participam das mesmas organizações comerciais, profissionais e trabalhistas.

O HAVAÍ é o país mais doce da terra—basta dizer que, de sua área cultivada, 73 por cento são canaviais. A temporada de plantio é contínua. A produção mantem-se em nivel excepcionalmente alto—250 toneladas por hectare—graças, principalmente, ao uso abundante de adubos (1.300 a 2.500 quilos por hectare), gigantescos sistemas de irrigação e variedades de cana aperfeiçoadas. A safra de 1947 foi vendida por 100 milhões de dólares.

ESSAS ilhas fornecem 90% da produção mundial de abacaxís. Em Lanai, por exemplo, não existe um só dos 6.000 hectares cultivados que não produza essas suculentas frutas.

Quando não há ferro no solo—o que acontece no Havaí—os abacaxís adquirem um amarelo pálido. Para evitar isso mergulham-se partes de automoveis velhos em enormes cubas de ácido sulfúrico, afim de obter cristais de sulfato de ferro. Estes são depois dissolvidos em água e o líquido é borrifado sobre as plantas. Há uma plantação que chega a consumir três calhambeques por dia.

O PRIMEIRO mosquito foi trazido ao Havaí... por pirraça. O capitão de certa baleeira tinha o costume de convidar moças havaianas a acompanhá-lo em cruzeiros pelas ilhas. Em 1823, devido à influência dos missionários, o navegador recebeu desalentadora série de recusas. Jurou vingar-se dos missionários intrometidos, bem como de suas ilhas. Dois anos depois, em Lahaina, Maui, deixou na praia um balde com água estagnada, repleta de mosquitos. Estes disseminaram-se rapidamente até às aldeias mais longínquas, tornando-se motivo de constante aborrecimento.

AO DEIXARMOS Honolulu, não podemos furtar-nos a momentos de intensa emoção. É impossivel esquecer a confusão de pessoas que se despedem calorosamente; o aroma dos *leis* de flores que nos põem ao pescoço; e o adeus final ao som de «*Aloha Oe*», no momento em que o navio levanta âncora. Quando o barco se afasta um pouco, os passageiros lançam ao mar os seus *leis*, e cada um espera, com ansiedade, que o colar seja levado de volta à praia, pois, segundo a lenda, aquele cujo *lei* retorna regressará tambem, um dia, a essa ilha do Paraiso.

Mark Twain, tendo visitado o Havaí em 1861, escreveu este poético tributo: «Terra alguma poderia perseguir-me tanto, no sono e na vigília, durante metade de uma existência. Para mim sempre hão-de soprar seus ares amenos, e fulgirão no sol seus mares tropicais; em meus ouvidos vibra e palpita o ritmo de suas ondas; vejo as grinaldas em seus penhascos, e a plumagem de palmeiras adormecidas à beira-mar; em minhas narinas sinto ainda a fragrância de flores mortas há vinte anos...»

Por uma pergunta

(Condensado de «This Week Magazine»)

Por Jonathan Daniels

TODOS os dias, o Hospital da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, enche-se de pacientes, que acorrem de todo o Estado a seus pavilhões e clínicas. Esse hospital faz parte, não só do monumento a um homem, como da esperança de um povo. E há quem diga que tudo isso foi produto de uma comovedora pergunta feita por uma criança.

James Buchanan Duke, que fizera uma fortuna com o fumo, decidira dedicar-se à energia elétrica. Seu automovel particular levava-o suavemente pelos arredores de pequenas aldeias, onde talvez fosse possivel erigir usinas de força. Duke tinha o aspecto de um milionário, e o quadro ainda mais se completava com as atenções e a deferência de seus secretários e engenheiros.

Nas cidadezinhas o povo olhava-o pasmado. Certa vez, entre os que o viam passar, encontrava-se um menino, que passou a seguir o milionário em sua inspeção, ouvindo-lhe as perguntas, ordens, decisões. Finalmente, o garoto colocou-se firmemente em frente àquele homem importante, e, fez-lhe, por sua vez, uma pergunta:

—Moço, o senhor sabe curar ataques?

Os secretários e engenheiros deram gargalhadas. Duke, porem, irritou-se com eles. Mostrou interesse pelo menino. Este fizera ao homem cujo dinheiro era capaz de domar rios, uma pergunta semelhante àquela que, há longos séculos, pusera à prova o poder do Rei Canuto.

Duke interrogou o garoto, e ficou sabendo que o pai deste era sujeito a ataques, o que resultava em tragédia e pobreza para os membros da sua família. Ao que dizem, Duke ordenou, naquele mesmo instante, que se atendesse ao pai da criança. Dizem tambem que ao se afastar em seu automovel, estava visivelmente contrariado.

A pergunta desse menino faz parte do hospital. O poder sempre tem limites. Mas uma criança—ou um milionário—pode investigar até o limite de suas forças. O Hospital Duke é um monumento a essa busca conjunta da criança e do milionário...

MEU TIPO INESQUECIVEL

Por William LaVarre

FOI EM 1919, quando andava explorando as cabeceiras do Amazonas, que encontrei pela primeira vez Raimundo Araujo de Souza e Silva. Descendo o Rio Negro, vimos numa pequena canoa quase a afundar ao peso de dois enormes vasilhames de latex de borracha, dois *terriers* brancos e um homem extremamente magro.

—Raimundo Doido! exclamou um dos caboclos. Ainda está tirando leite das seringueiras imprestaveis!

—Doido por quê? perguntei.

—Por causa do preço da borracha. Não vale mais a pena tirar leite das árvores! É doido, mas é um bom amigo em tempos de necessidade.

O desconhecido abanou para nós e bradou para os meus companheiros uma saudação na linguagem regional.

—Raimundo Doido está nos convidando a passar a noite no sítio dele, explicou-me um caboclo. —Ele tem muita coisa interessante para mostrar. Podíamos até pernoitar no sítio.

Duas horas mais tarde, quando já as araras começavam a voar rumo a oeste, cruzando o rio para alcançar as montanhas antes do anoitecer, chegamos à casa de Raimundo Doido, em plena selva.

O sítio, metido entre grandes árvores numa clareira de cerca de meio hectare, tinha tanto de cabana coberta de palha quanto de bangalô recoberto de zinco. Nos velhos e bons tempos da borracha, houve alguns sítios verdadeiramente fabulosos. Era o tempo em que os patrões, de tão ricos, construiam em Manaus casas bizarras para as mulheres ou amantes. Mas, agora, a maioria dos sítios eram choças abandonadas. Não, porem, o de Raimundo. Meticulosamente desimpedido do bloqueio ameaçador da mata, a sua aparência asseada era o resultado de árduos trabalhos e vigilância permanente.

Na frente espaçosa da casa de taipa,

aguardava-nos o hospedeiro. «O senhor americano,» disse em português, «é muito bem-vindo a esta casa!» Com mais de um metro e oitenta de altura, o porte erecto, usava calças e camisa azuis muito limpas, calçava sandálias de couro e tinha a cabeça muito bem modelada. Na pele queimada o tempo sulcara-lhe algumas rugas suaves, sobretudo no canto dos olhos pardos e na extremidade dos lábios. O seu sítio seria o meu sítio, disse cordialmente. Já fazia muito tempo que não falava com um norte-americano.

Por trás da varanda que circundava a casa principal, havia duas outras casas de madeira, cobertas de palha. Havia ainda uma grande horta cercada por uma esteira de varas de bambú, coqueiros altos carregados de cocos e uma variedade de outras árvores frutíferas—laranjeiras, limeiras, mangueiras, bananeiras, goiabeiras. E patos e galinhas.

Para alem do terreno destinado ao plantio de hortaliças para consumo doméstico—viria a sabê-lo mais tarde—existia uma grande plantação de cana de açucar, arroz, feijão e milho.

Distinguí na sombra da varanda, sentado numa cadeira de balanço que não se movia, um homem de idade avançada, mas de olhos vivos. «Papai, o senhor americano vai passar a noite conosco,» disse o meu hospedeiro—o *senhor norte-americano*, acentuou.

E explicou-me: «Papai ouve e vê bem, mas perdeu a fala devido a uma infecção da garganta.» O velho e eu trocamos um aperto de mão.

«Meu pai é um homem bastante famoso,» continuou Raimundo, enquanto me escoltava para um quarto forrado e rescendente a cedro. Uma das paredes, onde não se viam armadores para pendurar redes, era como uma página da história do Amazonas: velhas fotografias, recortes de jornais, tudo muito bem envidraçado, como proteção contra o clima. Ofereceu-me um licor, de paladar suave mas muito forte, que nunca havia provado antes. «Meu pai já foi químico,» acrescentou. «Inventou esta bebida, aproveitando ingredientes faceis de encontrar na selva.»

—É ótima! exclamei. —Se montasse uma fábrica em Manaus para produzí-la estou certo que o senhor faria uma fortuna.

—Não, senhor! retrucou ele imediatamente. —Faremos a nossa com borracha, aquí mesmo na selva.

—Dizem os caboclos que não vale mais a pena colher borracha.

—Isto é velha conversa dessa gente sem fé. Meu pai e eu sabemos que não é assim. Quando Deus plantou seringueiras no Brasil, o desejo Dele era que o resto do mundo dependesse da borracha brasileira, e que o povo do Amazonas prosperasse e construisse igrejas.

—E gente de fora apareceu para levar a borracha do Brasil através do Pacífico, acrescentei. —E agora o mundo vai procurar borracha no Extremo Oriente, em vez de vir ao Amazonas.

Os olhos de Raimundo faiscaram.

—Ao que o senhor acaba de dizer, devia acrescentar uma outra palavra: fraude. A fraude tornou possivel a retirada de seringueiras do Brasil—e Deus não há de consentir que os homens consigam reter os grandes lucros conseguidos pela fraude. Meu pai e eu acreditamos que algum dia

O EXPLORADOR William LaVarre dirigiu expedições às selvas da América do Sul cujas finalidades iam desde a busca do ouro até às raridades piscatórias. Durante a guerra, chefiou a Seção das Repúblicas Americanas do Departamento de Comércio e foi diretor de pesquisas e informações da RFC Rubber Development Corporation of South America. É autor de vários livros sobre assuntos sul-americanos.

o mundo há de voltar-se novamente para o Brasil! exclamou, e encaminhou-se apressadamente para uma grande construção, situada nos fundos do sítio. Dentro do edifício as pilhas das grandes bolas de borracha, acumuladas às centenas, tocavam o teto—quase 5.000 quilos de pura *hevea*. «Ninguem mais no Brasil conseguiu colher e guardar tanta borracha,» declarou com orgulho. «Dia virá em que estas bolas e mais a borracha que ainda hei de extrair, terão bastante valor.»

Em 1919, eu não participava de sua convicção. O Amazonas tinha milhões de árvores selvagens, mas os ingleses e os holandeses tinham milhões de árvores plantadas, que produziam borracha com mais eficiência.

Pensei que se tratasse de uma causa perdida. Mas o que Raimundo me disse aquela noite, fixou-se-me na memória como marco inapagavel das coisas amazônicas.

O pai de Raimundo, estudante de química no Rio, fugira de casa aos 19 anos—isto ocorreu em 1865—para juntar-se ao movimento migratório que invadia o Alto Amazonas, em busca do «ouro branco». A mãe, nascida em Manaus, descendia de um botânico francês que, como um dos primeiros exploradores do Amazonas, havia em 1736 enviado à Academia de França a primeira amostra da *hevea* usada pelos índios na confecção de ponchos e sacos de viagem, à prova d'água. Quando Raimundo chegou aos dez anos de idade, o pai possuia milhares de hectares de terra, cobertos de floresta virgem e de seringais. Tinha grande orgulho de sua qualidade de pioneiro, e de suas seringueiras.

Um dia aparece-lhe um estrangeiro no seringal; vinha escrever um livro com o propósito de ajudar os brasileiros a produzir melhor borracha e pedia permissão para ficar alí estudando. Na verdade, o que ele fez foi colecionar secretamente sementes de *hevea*—7.000 das quais levou, em 1876, para a Inglaterra, onde as plantou num jardim botânico. As mudas resultantes foram transportadas para a Malaia inglesa e daí para o Ceilão e para a Birmânia.

—E foi assim, meu senhor, que, por obra da fraude, o Brasil perdeu a sua borracha, exclamou Raimundo Doido. —A notícia chegou até nós; deixando o meu pai muito doente. Os amigos não mais lhe falavam. Pensavam que ele tivesse ajudado o inglês. Houve gente até que nos acusou de ter *vendido* as sementes.

—Uma história bastante triste, comentei. —mas o inglês obteria as sementes de qualquer forma. Foi precisamente para isto que o despacharam da Inglaterra. Ele não era senão um agente do Governo Inglês, que apostara como dentro de 30 anos as plantações de seringueiras podiam ser mais lucrativas que florestas de seringais selvagens.

—Foi uma fraude que algum dia há de ser punida, volveu Raimundo. —Fiz um pacto com meu pai. Guardarei toda a borracha, não venderei um só quilo. Dia virá em que Deus nos indenizará da fraude. E estarei aquí neste mesmo lugar para ver esse dia!

Pela madrugada, Raimundo tinha um lauto almoço pronto para mim:

—O senhor é um homem extraordinário! observei. —Ovos, galinha frita, carne de porco salgada, bolo de aipim com mel —não sei como consegue tudo isso!

—É facil a gente viver confortavelmente na selva, explicou sorrindo. —A questão é viver de acordo e não *contra* ela. As seringueiras só devem ser sangradas na estação da seca. Sobram-nos seis meses de chuva para fazer outras coisas, caçar porco do mato, defumar carne de veado, trabalhar de carpinteiro. A maior parte da gente do rio passa a estação chuvosa vadiando, mas eu não perco um dia. Armazeno borracha, mas tambem vendo bolbos de orquídea, goma de incenso e castanhas.

Dito isto, caminhou comigo para o barranco do rio.

Na outra vez que ví Raimundo Doido, ambos tínhamos envelhecido 15 anos. Em 1933, levei a cabo uma longa expedição que durou um ano, da costa do mar das Caraibas até às cabeceiras do rio, na linha divisória entre a Venezuela, a Guiana e o Brasil, de onde fui ter, na volta, já em 1934, a um pequeno igarapé, no qual pude navegar em balsa até ao Rio Negro e daí ao sítio de Raimundo Doido.

O tempo somente lhe havia encanecido alguns cabelos. Recebeu-me como se eu fosse um velho amigo. Contou-me com tristeza que o pai falecera em 1932, mas essa perda foi a única má notícia que me deu.

«Não tardará muito e o mundo terá de voltar-se novamente para o Brasil, em busca de borracha!» predisse ele. «Estou com 68 anos, mas espero viver até lá.» Informou-me que tinha agora armazenados 25.000 quilos de borracha. Quando lhe disse adeus, eu estava certo de nunca haver encontrado um homem mais confiante em ver a sua fé convertida em realidade.

Em começos de 1943 nossos caminhos se cruzaram pela terceira e última vez. Eu acabara de fazer uma viagem de avião de Washington para o Amazonas, no cumprimento de missão urgente. Fazia quinze meses que a guerra cortara as indústrias americanas de quase todas as plantações de borracha. E havia apenas cerca de 440.000 toneladas de borracha natural em estoque. Somente os planos militares reclamavam para consumo 312.500 toneladas por ano. O Governo dos Estados Unidos necessitava com urgência borracha do Amazonas. Mas a indústria brasileira fora desmantelada, pelo êxodo dos seus velhos seringueiros transferidos a outras ocupações.

Minha incumbência era dar início a um novo movimento de migração e produção de borracha no Amazonas. Eu estava em Manaus havia somente dois dias, quando recebí a visita de Raimundo Doido. Ele ainda mantinha a postura erecta, mas os cabelos estavam completamente brancos.

—Sim, senhor! disse ele, rindo. —Eu não lhe disse? Apanhou uma carteira no bolso do casaco e colocou em cima da minha secretária duas ordens de pagamento bancárias. Somavam as duas cerca de 2.000.000 de cruzeiros. —Na semana passada vendí para cima de 50.000 quilos de borracha, o sítio e todas as seringueiras, esclareceu. —Agora sou um homem livre. Meu pacto com meu pai está terminado. O mundo teve que voltar-se de novo para o Amazonas, à procura da nossa borracha; as plantações roubadas ao Brasil foram invadidas. Faço hoje 77 anos. Vamos comemorar!

Raimundo empenhara 20 anos da sua vida na luta contra um dos cartéis mais poderosos do mundo e a sua fé pagou-lhe uma fortuna. Mas não era do dinheiro que ele blasonava.

—Aqueles caboclos que remavam para mim em 1919, disse eu, caçoando, ao festejarmos a sua vitória final com uma garrafa de champanha gelada—chamavam o senhor de Raimundo *Doido!*

Ele riu satisfeito.

—Essa gente do rio sempre pensou que eu fosse maluco. Agora, disse gravemente, —a borracha do Amazonas terá por algum tempo e pela última vez grandes dias. Quando a guerra acabar, os senhores

terão descoberto a maneira de produzir boa borracha nas fábricas. Os dias, tanto das seringueiras nativas como das seringueiras cultivadas estão contados. Abandonarei a selva. Dentro de dez dias estarei no Rio!

Ainda agora olhando por sobre os horizontes distantes das minhas viagens, revejo mentalmente o valente velho Raimundo Araujo de Souza e Silva, tal como o vi pela última vez, de pé à amurada do vapor amazonense que o levava para fora da selva. Foi o homem mais perseverante que jamais encontrei.

Quanto gasta Tio Sam com os veteranos

Nos dois anos decorridos desde que a guerra acabou, o maior empreendimento do Governo dos Estados Unidos tem sido conceder benefícios aos veteranos da guerra. A quase totalidade dos mais de 18 milhões de homens e mulheres que estiveram a serviço da nação, têm recebido assistência material sob uma ou outra forma—desde seguros de prêmio muito reduzido, até pensões de guerra, compensações por invalidez, socorros de desemprego e hospitalização.

O Congresso norte-americano tem aprovado tantas leis nas quais se fixam privilégios e pagamentos para os ex-membros das forças armadas, que a própria Administração dos Veteranos já lhes perde a conta! Certo funcionário calculou que seriam precisos dois analistas-pesquisadores, trabalhando uma semana inteira, somente para contar as leis até hoje aprovadas pelo Congresso em benefício dos veteranos... Só em 1946 a aplicação dessas leis custou à nação sete bilhões e seiscentos milhões de dólares—ou seja, cerca de um quinto da totalidade do orçamento federal—e cerca de um bilhão de dólares *mais* do que custa manter o atual Exército dos Estados Unidos...

—*The Baltimore Sunday Sun*

Expediente

Will Rogers foi convidado para falar numa reunião de meninos, promovido por um clube da Califórnia. Durante o banquete, os diretores do clube verificaram, com espanto, que os talheres e enfeites da mesa estavam desaparecendo rapidamente, surripiados pelos meninos, como «lembrança». Em vão, o presidente pediu, instou, quase implorou a devolução das peças.

Quando chegou a vez de Rogers falar, este, com seu sorriso inimitavel, começou a esvasiar os bolsos, um após outro, de facas, garfos, colheres e saleiros. Por fim, retirou uma enorme travessa que escondera dentro da camisa!

Estupefatos, a princípio, os meninos romperam depois em estrondosas gargalhadas. E um forte ruido de pratos logo se fez ouvir. Os meninos seguiam o exemplo de Rogers, devolvendo, alegremente, os *souvenirs*.

—Colaboração de Helen Houston Boileau

Divirta-se com o dicionário

(Condensado de «The Christian Science Monitor»)

Por Gelett Burgess

Novelista e ensaista

Meu tio Jorge tinha pelas palavras uma paixão tão absorvente, como um entomologista pode sentir pelas suas formiguinhas. Certa vez, vindo passar o inverno em nossa casa, a primeira coisa que fez foi pedir que trouxessem o enorme dicionário para a sala de jantar. Daí em diante, raramente as refeições chegavam ao termo sem que um de nós, gurís, pulasse para consultar o veneravel calhamaço! O certo é que todos nós chegamos bem depressa à conclusão de que um livro assim nos podia proporcionar tanto divertimento como qualquer dos nossos jogos.

Uma bela manhã, nosso tio nos perguntou se conhecíamos a significação da palavra *exíguo*. Eu respondí: «Acho que sim... pouco mais ou menos.»

«Se você não sabe exatamente,» replicou meu tio, «então não pode usá-la com propriedade. Isso de conhecer *pouco mais ou menos* o significado de uma palavra, é como conhecer um homem só pela roupa: podemos identificá-lo, mas não sabemos grande coisa a respeito do seu carater.»

Quando terminei de consultar o enorme dicionário, o tio Jorge me disse: «Agora que já sabe, repita três vezes em voz alta.»

Teimava que devíamos repetir em uma frase, pelo menos três vezes por dia, cada palavra nova que aprendêssemos. A verdade é que de certo modo, essas palavras, novas para nós, faziam com que nos sentíssemos mentalmente mais ricos. Era como quem mete moedas novinhas em um mealheiro! Agora, quando falávamos, experimentávamos um sentimento de confiança—tal como o que se sente quando se tem dinheiro no banco!

Para nos levar a definir as idéias com precisão, meu tio fazia-nos tomar parte no jogo dos sinônimos. O jogo começava, por exemplo, com a palavra *inspirar*. Dávamos então *insinuar*, *estimular*, ou talvez, *infundir*; e ele acrescentava *sugerir*, *incutir*, *animar*, *induzir*, explicando que, tendo embora o mesmo significado geral, essas palavras exprimiam gradações ligeiramente diferentes da mesma idéia; e que o emprego exato, apropriado, de cada palavra é sempre indispensavel ao rigor do pensamento e da expressão.

Outra coisa que tio Jorge nos ensinou: decompor as palavras afim de descobrir-lhes o significado essencial. Julgava eu até então, por exemplo, que conhecia bastante bem o sentido da palavra *complicar*. Mas, quando fui verificar no dicionário, fiquei sabendo que este verbo é formado do prefixo *com* (que quer dizer «juntamente») e a palavra latina *plicare* (que significa «dobrar», ou «fazer dobras»). Ocorreram-me então outras palavras em que aparece o grupo *plic*—*cúmplice*, por exemplo. O dicionário me levou a palavras cuja derivação era aparentada com *complicare*. Então (raciocinei eu, como um detective) este grupo *plic* deve ser a chave de todo o mistério. Encontrei logo outra pista em *duplicar* (do latim duplicare, dobrar em dois), *im-*

plicar (do latim implicare, introduzir, dobrando), *explicar* (do latim explicare, desdobrar, descobrir desdobrando), etc.

«Todas as palavras pertencem a famílias,» explicava tio Jorge às vezes, «tal qual os Cunhas e os Azevedos. Quando sabemos a que família pertence uma palavra, torna-se muito mais facil relacionarmo-nos com todos os irmãos e irmãs dessa palavra, e os seus tios, primos e tias.»

Para nos dar um exemplo, escolheu um dia a família em que aparece o grupo *fin* —da palavra latina *finis*, o fim, termo, limite, etc. Serviu-se disto para fazer outro jogo, em que nos perguntou pelos nomes de todos os membros desta numerosa estirpe, mostrando-nos em seguida como é que eles estavam relacionados entre si. Acudiram-nos palavras como *fino* (bem acabado), *finito* (limitado, com fim), *infinito* (sem fim), *refinar* (apurar), *confinar* (limitar), *definir* (precisar), etc...

Mas como é que palavras como *refinar*, *confinar*, ou mesmo *finança* e *financiar*, se relacionam com *definir*? «Vão procurar no dicionário,» disse tio Jorge. «Está cheio de lindas histórias de famílias parecidas com essa!» E assim descobrimos que *definir* significa pôr limites ou separar, *refinar* voltar a acabar, e *financiar*, em latim, significava pôr termo a uma dívida, ou pagar.

Outra coisa que se aprende muito com o manuseio do dicionário é História: como é que tantas palavras estrangeiras se insinuaram em cada língua nacional. Por exemplo, o longo contacto da civilização européia com a esplendorosa civilização islâmica, durante a Idade Média e depois dela, introduziu em nossos idiomas palavras tais como *álgebra*, *álcool*, *almirante*, *açougue*, *algodão*, *faquir*, e centenas de outras. O comércio internacional foi acompanhado de uma troca de expressões que ficaram. *Piano* veio-nos do italiano, *sapato* do espanhol, *chapéu* do francês, e assim por diante. A lista seria interminavel, e este mosaico de estrangeirismos adaptados e nacionalizados transforma as línguas nacionais em exemplos de cooperação universal.

«Dêem-me três palavras derivadas de nomes geográficos,» costumava dizer-nos o tio Jorge. E era outro fascinante jogo de palavras!

Mencionávamos por exemplo *musselina*, de Mossul; *casimira*, de Cachemira. Nosso tio acrescentava *porto* (vinho), da cidade do Porto; *genebra* (aguardente), de Genebra!

Parece pois, que um dicionário, em vez de ser o terror dos meninos de escola, pode transformar-se em uma fonte de diversão e prazer. Todos nós podemos tirar do dicionário um passatempo agradabilíssimo. E com esta vantagem: que o dicionário não resolve tudo, e assim gozamos a satisfação de procurar e encontrar as coisas por nós próprios.

FELICIDADE? É um engano pensar que o conforto traz felicidade. A felicidade nasce da capacidade de desfrutá-la com simplicidade, de sentir com profundidade, de pensar livremente, arriscar a própria vida e ser util ao próximo.

—Storm Jameson

Como o arguto «Honsa», Ministro do Exterior, manipula os seus trunfos numa partida em que está em jogo a sobrevivência do seu país

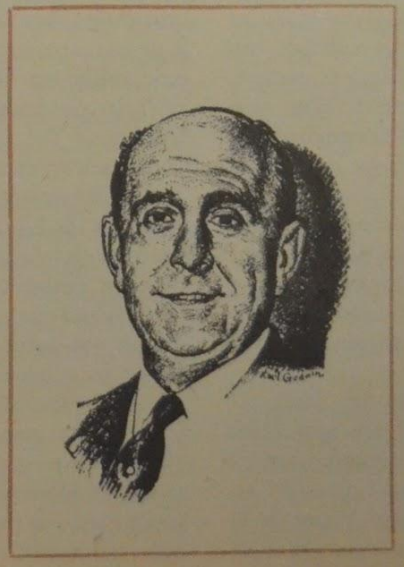
MASARYK: diplomata à força

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por John Kobler

EM 1941, quando Jan Garrigue Masaryk, então Ministro do Exterior do governo tcheco-eslovaco no exílio, visitou os Estados Unidos afim de angariar simpatias para o seu país, o funcionário do serviço de imigração entregou-lhe o questionário habitual: data do nascimento, profissão, raça? À terceira pergunta, respondeu Masaryk, com letra firme, «Humana».

Masaryk preferiria continuar a ser apenas isso—uma simples criatura humana. Mas como Ministro do Exterior de um governo que, embora já não esteja no exílio, se encontra sob a ameaça do cativeiro, viu-se na contingência de enfrentar o grande dilema eslavo. De um lado, a servidão à Rússia Soviética; do outro, a indigência econômica.



É paradoxal a política da Tchecoslováquia. Firmou tratados comerciais e de assistência mútua com a Rússia e nacionalizou a sua economia interna a ponto de encampar quase todas as indústrias ou empresas comerciais com mais de 500 empregados. Nas reuniões da ONU, votou com a Rússia em todas as questões importantes. Em compensação, nos assuntos sociais e culturais, inclinou-se para as tradições ocidentais de respeito à liberdade individual.

Durante a guerra, Masaryk teve ocasião de verificar a profunda repercussão provocada pela amizade tcheco-soviética nos círculos do alto comércio dos Estados Unidos. Ele acabara de firmar um tratado de aliança com Moscou. Num jantar, um dos diretores da Du Pont perguntou-lhe, inopinadamente: «Por que vocês fizeram isso?»

«Suponhamos,» respondeu Masaryk, «que o sr. Du Pont é o proprietário de um hotel e eu o dono do bar do hotel. Que diria o sr. Du Pont se eu lhe estirasse a língua cada vez

que ele passasse pela porta do meu bar?»

Masaryk dedica o melhor dos seus esforços à preservação das correntes de intercâmbio cultural e econômico entre o Leste e o Oeste, através da Tchecoslováquia.

Emprega, para tanto, um vasto arsenal de recursos, que vão desde a habilidade no piano ao repertório inesgotavel de histórias e anedotas. O seu *humor*, não raro, é ferino, mas o encanto europeu com que o esgrime torna-o sempre inofensivo.

Nas conferências internacionais, Masaryk assume um ar de humildade que por vezes desarma os representantes das nações mais poderosas. Em 1943, como delegado à conferência da UNRRA, em Atlantic City, deixou perplexos os seus colegas ao encarecer-lhes a necessidade de darem prioridade à Iugoslávia, à Polônia e à Grécia sobre a Tchecoslováquia, pelo fato de terem tais paises sofrido mais do que o seu. Durante a Conferência de S. Francisco, declarou que, como representante de um pequeno povo, lá estava «para ser visto e não para ser ouvido». Fez-se, entretanto, ouvido por milhões de pessoas quando, interrogado por um reporter de rádio se acreditava no sucesso da ONU, retrucou, vivamente, sem aperceber-se da proximidade do microfone: «Claro! Ou a ONU funciona, ou vamos todos para o inferno!»

Masaryk não pertence a nenhum partido político. «Sou um político virgem,» diz ele. Isso justifica, provavelmente, a sua perpetuação como Ministro do Exterior, apesar das constantes remodelações ministeriais.

Com 61 anos, de estatura mediana, bem nutrido, Masaryk é um apreciador emérito da boa mesa, dos bons vinhos e das companhias femininas. Calvo, de rosto redondo, é um ator nato, capaz de levar um auditório, e a si mesmo, às lágrimas ou às gargalhadas. Maneja, com desembaraço, meia dúzia de idiomas.

Não só aprecia as mulheres como é por elas apreciado, o que tem dado lugar a uma série de amizades românticas. Embora a calma que os anos trazem tenha dado ao seu interesse pelo belo sexo um sentido principalmente estético, Masaryk se compraz em recordar frequentemente o passado. Veste-se com requintado apuro. Durante 20 anos, usou, invariavelmente, o mesmo galante chapéu negro, tipo Homburg. Ainda o conservava na cabeça ao inspecionar uma brigada tcheca na praia de Dunquerque, até que um oficial o obrigou a retirá-lo, antes que algum franco-atirador alemão o fizesse.

«Nunca planejei o meu próprio futuro,» confessa Masaryk com certo pesar. «O êxito me tem sido sempre imposto pelas circunstâncias. Entrei para a diplomacia sem títulos ou condições para a carreira. Limitei-me a escolher bem o meu pai.»

Tomaz Masaryk, seu pai, foi cognominado o Libertador da Tchecoslováquia. É de sua autoria a primeira declaração de independência do país, inspirada na Declaração de Independência dos Estados Unidos.

Jan, seu terceiro filho, nasceu em 1886. Tomaz Masaryk era, então, professor de Filosofia da Universidade de Praga. Jan cedo revelou uma singular inclinação para pianista, embora viesse a faltar-lhe a obstinação indispensavel para torná-lo mais do que um simples *virtuose*. «As moças me tomavam o tempo todo,» confessa alegremente. Acabou interrompendo, em meio, o seu curso universitário. Jan ou Honsa (Joãozinho)—como ainda é familiarmente conhecido em seu país—não podia mais conter a ânsia de entregar-se a atividades mais concretas.

Atraidos pelo jovem, intelectuais de todos os matizes desfilaram pela casa de Masaryk. E raramente eram abordados temas menos frívolos que o materialismo dialético.

Em 1907, quando Jan manifestou desejos de conhecer os Estados Unidos, seu pai deu-lhe a benção, 80 dólares e o advertiu de que daí em diante, teria de viver à própria custa. Viajando da segunda classe, Jan perdeu quase todo o dinheiro no jogo. Desembarcando sem recursos, sem amigos, mal conhecendo o idioma, empregou-se como moço de escritório numa companhia de seguros, em Nova York, com o salário de $5.40 por semana.

Poucos meses depois, encontrava-se em Bridgeport, Connecticut, numa fundição, pesando barras de ferro. À noite, para reforçar o salário, tocava piano num cinema local.

«A única coisa que sei sobre diplomacia,» diz Masaryk, «aprendí-a nessa fundição. Lá havia eslovacos, suecos, poloneses, noruegueses. Comprei um quadro negro e comecei a ensiná-los a ler e a escrever, dando-lhes quatro aulas por semana.» Mas a fundição o entediava. «Afinal de contas, que diabo estou eu fazendo aquí se não me interessa o trabalho!» exclamou, certa vez. E lá se foi, de volta ao seu país.

Chegou nas vésperas da Primeira Grande Guerra e foi logo compelido a assentar praça na infantaria austro-húngara. Filho de um revolucionário que repudiara a monarquia dos Habsburgos, estava sob constante vigilância. De uma feita, foi levado à corte marcial e quase executado por «falta de probidade política».

Em dezembro de 1918, seu pai, Tomaz Masaryk, tornou-se Presidente-eleito da Tchecoslováquia livre. O jovem Honsa, pouco depois, cairia das nuvens ao ser informado, oficialmente, de que poderia tornar-se diplomata. «Só porque eu conhecia línguas, barbeava-me todos os dias e apreciava o belo sexo,» explicou ele.

Sua primeira missão foi a de Encarregado de Negócios em Washington, até a nomeação de um Ministro. Nada conhecendo de protocolo, pediu ao pai que lhe desse apresentações para algumas pessoas da sociedade de Washington. O Presidente Masaryk limitou-se a dizer-lhe: «Procurarás um inglês, chamado Smith, que aluga cavalos de sela. Dá-lhe lembranças minhas.»

Nos vinte anos que se seguiram, Jan Masaryk ocupou uma série de postos secundários—Conselheiro de Legação em Londres, Secretário do Ministro do Exterior Benes, Ministro em Londres—algumas vezes com brilho, sempre com sagacidade, modéstia e espírito. Tornou-se popular a sua irreverência pelas etiquetas diplomáticas e pela sua própria posição. «Sou um moço de recados bem vestido,» ainda costuma dizer, com jovialidade. «Sou o ator cômico do governo tcheco-eslovaco,» declarou uma vez. Com rara perspicácia, observou, certa ocasião, a uma jovem e bonita companheira, quando passavam por Downing Street, número 10: «Veja você, querida. Há dez anos que frequento esta casa tentando convencer os ingleses de que Tchecoslováquia não é o nome de uma doença contagiosa.»

Extremamente sensivel, o episódio de Munique abalou-o a ponto de ter de recolher-se a um sanatório. Em nenhum momento, porem, chegou a perder inteiramente a sua inclinação pelo cômico. Ao chegar ao sanatório, foi tomado pelo novo diretor, que deveria assumir o posto, por coincidência, naquele mesmo dia. Masaryk, alegremente, passou todo o dia seguinte personificando o psiquiatra...

Em fins de 1940, os Aliados reconheceram como *de jure* o governo tchecoeslovaco no exílio, tendo Beneš como Presidente e Masaryk como Ministro do Exterior. Masaryk advertira a Neville Chamberlain: «Insisto em tocar um instrumento na orquestra da Europa. Não preciso ser o tambor-surdo. Ficarei satisfeito com o flautim.» Como tocador de flautim, impressionou vivamente os maestros. Um dos primeiros estadistas a apresentar sugestões completas para o pós-guerra na Europa, Masaryk proclamou a necessidade de uma federação germânica, desarmada e descentralizada; federações similares nos Balcãs, na Europa Ocidental e na Escandinávia; devendo o conjunto ser constituido, futuramente, em federação européia. (Embora isto não agrade à Rússia e o próprio Masaryk não o advogue abertamente, o plano ainda constitui, a seu ver, a melhor solução para o problema europeu.)

As suas palestras, transmitidas em ondas-curtas durante a ocupação nazista, gravaram-lhe o nome na lembrança do povo tcheco. Iniciou-as no outono de 1939 com a promessa: «Declaro solenemente, pelo nome que uso, que venceremos a luta e que a verdade prevalecerá.» Tal como o seu amigo Churchill, se nunca procurou atenuar a extensão das derrotas, jamais perdeu a fé na vitória final. Não incorreu, como muitos outros políticos exilados que fizeram uso do rádio, no ressentimento de seus concidadãos, forçados a suportar o jugo nazista. Um dos seus primeiros gestos ao regressar à pátria, em 1946, foi depositar flores no túmulo de Karel Capec, um dos maiores escritores da Tchecoslováquia. Ao entrar em seu automovel, verificou que haviam escrito, a giz, na porta do carro, palavras que lhe trouxeram lágrimas aos olhos: «Nós te trazemos no coração.»

Dos aposentos ministeriais—cerca de dez quartos e salas cobertos de tapeçarias, no segundo andar do edifício do Ministério do Exterior, em Praga—Masaryk usa apenas uma peça, de que faz sala e quarto, ao mesmo tempo. Passa aí a maior parte do tempo, trabalhando, comendo e dormindo.

Desperta por volta das 7 e 30 da manhã em sua cama antiga de barras de bronze. Ainda de pijama de seda, devora sete ou oito jornais em línguas diferentes, sentado à moda budista, posição que muito diverte os presentes. Antes mesmo de acordar, é muito possivel que lhe apareçam no quarto visitantes de toda ordem, desde funcionários do Ministério ao próprio Beneš.

Em seu otimismo, Masaryk compara a Tchecoslováquia a um laboratório social onde talvez possam combinar-se a economia coletivista e o individualismo democrático. Mas ninguem compreende melhor do que ele a fragilidade dessa esperança. Sua condição básica reside numa paz duradoura entre as grandes potências, sem o que a Tchecoslováquia não poderá sobreviver como nação. Foi esse o pensamento que o empolgou ao encerrar, quase com lágrimas, o seu discurso no Conselho de Relações Exteriores, de Cleveland, na última primavera: «Oh! Vivamos em paz!» E repetiu a bela palavra em oito idiomas—«*Paix, paz, pace, béke, vrede, bariš, mir, ping.*»

O MUNDO está cheio de gente resoluta: alguns resolvidos a trabalhar, os restantes resolvidos a deixá-los trabalhar.

—Robert Frost

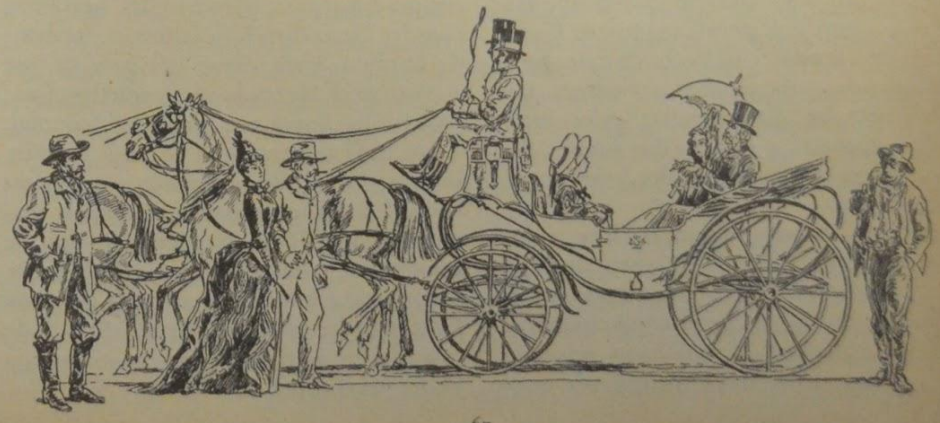
Eis aquí a trapaça mais espantosa da história norte-americana...

O fabuloso barão do Arizona

(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*)
Por Clarence Budington Kelland

NO DIA 9 de maio de 1881 apareceu na cidade de Phoenix, no Arizona, um cavalheiro de aspecto aristocrático, com belos olhos e fino perfil, chamado James Addison Reavis. Logo ao chegar, anunciou que, na qualidade de Baron de Arizonaca e Caballero de los Colorados, títulos a ele conferidos pela corte de Espanha, era legítimo proprietário de qualquer fazenda, quinta, latifúndio, ou imovel urbano numa vasta área de quase 44 mil quilômetros quadrados. Esse imenso território, que se dizia valer 300 milhões de dólares, abrangia a populosa cidade de Phoenix e muitas localidades menores, inclusive a fabulosa mina Silver King, com minério de cobre, ouro e prata no valor de milhões de dólares, e a faixa do leito da Estrada de Ferro Sul do Pacífico. Com toda a pompa e solenidade, Reavis mandou afixar avisos e cartazes declarando que os ocupantes dessas terras, quaisquer que fossem seus títulos ou direitos, estavam obrigados a negociar com ele, sob pena de serem expulsos como intrusos.

Assim floresceu a impostura mais complexa, e de alicerces mais firmes, jamais registrada nos anais da chicanice. Esse embuste iria dificultar, durante muitos anos, todo título de propriedade, toda transação comercial em torno de imoveis e todo título de posse referente a todo e qualquer minério descoberto naquela enorme região. As tortuosas maquinações e fraudes de Reavis atingiram o climax no dia em que ele e sua baronesa foram recebidos na corte, em Madrí, onde seus filhos gêmeos, ao que alegavam, haviam sido companheiros de infância do Rei



Afonso. Aí o zênite; o nadir foi alcançado... numa cela da penitenciária de Santa Fé.

Ao tempo em que era soldado no exército sulista, na Guerra Civil americana, Reavis descobriu um fato que iria constituir a base de sua fabulosa carreira: redigiu um passe concedendo, a si mesmo, alguns dias de licença, sendo que a assinatura do capitão, por ele forjada, foi aceita em toda parte sem a menor dúvida. Repetiu essa façanha diversas vezes, e, provavelmente mediante pequena remuneração, auxiliou alguns amigos de maneira idêntica. Não lhe passava despercebido que essa habilidade poderia vir a ser assás lucrativa, se utilizada com eficiência e cautela... Se se mostrara capaz de falsificar uma assinatura, poderia forjar qualquer outra, ou mesmo, um documento inteiro. Nas horas vagas, passou a dedicar-se ao aperfeiçoamento de sua «arte».

Ao dar baixa do exército, empregou-se durante algum tempo na cidade de St. Louis, e mais tarde surgiu na velha aldeia de Santa Fé, onde existia uma repartição especial incumbida de verificar a legitimidade de títulos de propriedades conferidos pelos espanhóis. Era costume dos reis de Espanha recompensar os fidalgos favoritos com generosas dádivas de terras; e, segundo o Tratado de Guadalupe Hidalgo e, tambem, pelo Contrato de Gadsden, os Estados Unidos haviam-se comprometido a reconhecer e proteger tais propriedades, presenteadas pelos espanhóis e situadas dentro dos limites dos territórios recem-adquiridos pelos norte-americanos.

Reavis conseguiu empregar-se como funcionário da Sala de Registros de Títulos em Santa Fé, e aí se viu metido, até às orelhas, em velhos documentos espanhóis, enriquecidos pela caprichada caligrafia dos padres de antanho e ornados de grandes e solenes selos a lacre. Aí trabalhou ele, noite e dia, afim de aprender o idioma espanhol, não só o usado por volta de 1867, como tambem o de 150 anos antes. Utilizou canetas de plumas, por ele mesmo feitas, para copiar pergaminhos amarelecidos, atirando-os fora e recomeçando muitas vezes, até convencer-se de haver atingido a perfeição.

Reavis tinha, contra si, uma desvantagem importante, que o prejudicaria seriamente caso desejasse apresentar-se como legítimo nobre espanhol: era natural do Missouri, de família e antecedentes conhecidos. Assim, como base para a fraude, criou um tal Miguel de Peralta, parente longínquo do Rei Fernando da Espanha, Cavalheiro dos Aposentos Reais, Grande de Espanha, Cavalheiro da Ordem Militar de Carlos III, Cavalheiro da Insígnia do Real Colégio de Nossa Senhora de Guadalupe. Seu pai fora José Gaston Gomez de Silva y Montux de Oca de la Cerda y de Caullo de Peralta de los Falces de la Vega, por onde se vê que o homem não estava para meias medidas... A mãe de Miguel era «apenas» Doña Francisca Ana María García de Córdoba y Muñiz de Pérez.

Restava ao nosso «peralta» dar foros de autenticidade histórica aos Peraltas, e urgia encontrar, para Miguel, herdeiros com legítimo direito à sucessão dos bens da família. Alem disso, era preciso que a existência de cada descendente fosse passivel de prova em qualquer tribunal. Tudo indicava tratar-se de uma barreira intransponivel; Reavis, porem, conseguiu transpô-la. Não consta dos anais a maneira pela qual ele financiou a série de fraudes que o levaria, através do México, a Portugal e à Espanha a partir de 1870. Entretanto parece não haver dúvida de que sempre obtinha, fosse como fosse, a verba necessária.

É dificil falsificar um cheque de modo a iludir um caixa de banco; é uma tarefa sobrehumana forjar um documento histórico, que engane os peritos; atinge as raias da magia negra forjar um documento desta ordem e colocá-lo entre os arquivos oficiais da nação! Não somente conseguiu Reavis iludir aqueles a quem cabia vigiar os velhos arquivos espanhóis, como pôde ficar a sós com certos pergaminhos durante o tempo necessário para, mediante o uso de preparados químicos, obliterar as palavras originais, substituindo-as por outras que comprovassem suas alegações.

Espalhados enfim, por todo o mundo espanhol da Europa e da América, apareceram documentos capazes de provar a legitimidade de um nobre e de sua família, cuja existência jamais tivera lugar senão no cérebro fecundo de James Addison Reavis...

A este faltava ainda apresentar uma relação plausivel de títulos entre ele próprio e a família Peralta.

Foi por essa ocasião que veio a conhecer um tal George Willing, pioneiro dado ao nomadismo. Segundo Reavis, Willing comprou por uns meros mil dólares, a um mexicano paupérrimo de nome Miguel Peralta, a vasta propriedade conferida aos Peraltas. A julgar pelos documentos falsificados, esse Miguel Peralta, por sua vez, era descendente e herdeiro do Cavalheiro da Alcova Real do Rei Fernando. Willing teria, em seguida, vendido a propriedade a Reavis por uma quantia entre os dois estipulada (tratava-se, ao que parece, de 30 mil dólares). Assim James Reavis dava, finalmente, uma aparência de legalidade ao seu título de barão do Arizona.

Na mesma noite em que Reavis registrou o título, Willing fez-lhe o «favor» de morrer. Faleceu em Prescott—turbulenta cidade de fronteira; alí, lei e ordem eram instituições rudimentares, e a morte discreta de um cidadão obscuro não atrairia a atenção das autoridades. Documentos não-oficiais informam, no entanto, que George Willing foi vítima de envenenamento.

Morto George Willing, Reavis não perdeu tempo. Realizando uma busca no sotão da casa em que aquele vivera, descobriu num saco de aniagem, oculto sob a calha do telhado, documentos legalmente reconhecidos, que pareciam confirmar as alegações de Reavis, havendo, inclusive, uma carta do general Santa Anna a George Willing. De acordo com os termos dessa extraordinária missiva, o Presidente do México ordenara, em benefício de um americano desconhecido e pobre, uma busca nos arquivos do país, da qual resultara encontrarem-se cópias juramentadas de importantes papéis, o que era levar um pouco longe a política de Boa Vizinhança...

Munido de todos os convincentes documentos acima mencionados, Reavis dirigiu-se a Royal A. Johnson, Inspetor Geral de Terras, dando entrada a um requerimento no qual pedia que o considerassem oficialmente como proprietário do vasto baronato dos Peraltas. Com a maior ousadia, mandou afixar cartazes em Phoenix, avisando aos «intrusos» que viessem negociar com ele, o que evidentemente, provocou forte agitação entre os habitantes. Em meio ao pânico reinante, formaram-se imediatamente vários comitês com o objetivo de estabelecer uma frente comum de defesa contra o usurpador.

A Estrada de Ferro Sul do Pacífico, a mina Silver King e o Expresso Wells-Fargo, convocaram imediatamente os respectivos advogados para consultas apressadas, durante as quais Reavis apresentou tranquilamente seus documentos

falsos. Estes foram estudados pelos melhores causídicos do país, que os pronunciaram irrefutaveis! Os advogados aconselharam os constituintes a negociar com Reavis, pelo preço menor que conseguissem... A Sul do Pacífico chegou a dar-lhe 50 mil dólares, e a mina Silver King pagou-lhe uma primeira prestação de 25 mil. Com o governo federal, Reavis estava negociando um ajuste na importância de 25 milhões de dólares, equivalente a um reembolso, por ele reclamado, dos títulos de propriedade que o governo concedera aos pioneiros.

Com dinheiro bastante para viver à larga e viajar no maior luxo, Reavis, ao que tudo indicava, achava-se em invejavel situação. Roiam-no, porem, certas apreensões. A cadeia de títulos, que o ligava àqueles documentos, ainda não lhe parecia suficientemente forte.

Pôs-se, pois, em campo à procura de uma menina, que tivesse cerca de 14 anos de idade, ascendência espanhola ou mexicana, e fosse pobre e totalmente ignorante quanto a sua própria origem. Finalmente encontrou-a—uma menina que trabalhava em troca de cama e mesa—numa fazenda a leste do Arizona, pertencente a um tal John Slaughter. Passara, desde a infância, de família em família, aceita aquí por alguem que se compadecera dela, explorada alí por outros que a sustentavam em troca de trabalho.

Reavis surgiu na fazenda de Slaughter desempenhando o papel de salvador e amigo. Contou que, havia anos, procurava o legítimo herdeiro dos Peraltas, e, como sempre, inventou complicada história para provar que a pequena Carmelita era bisneta de um Cavalheiro da Alcova Real. Mediante documentos forjados e declarações falsas, provou todas as suas afirmações e todos os fatos essenciais.

A criadinha passou a viver um sonho maravilhoso. Reavis levou-a à Califórnia, apresentando-a como sua pupila, e deu-lhe um guarda-roupa digno de sua condição aristocrática. Em seguida colocou-a num colégio de freiras, pedindo a estas que fizessem da menina uma dama educada.

Quando Carmelita alcançou a idade própria, Reavis fê-la sua esposa, adotando ao mesmo tempo o altissonante título de Don James Addison de Peralta-Reavis, Barão do Arizona. A união foi abençoada com o nascimento de filhos gêmeos, e Reavis passou a exigir novos acréscimos às propriedades dos Peraltas, em favor de sua mulher, herdeira direta, e dos gêmeos, que preservariam a estirpe...

Seguiu-se um período de ostentação e luxo. Reavis fundou serrarias, companhias para explorar minas, e outras com o objetivo de irrigar suas terras. As minas Mohave, dentro dos limites de sua propriedade, produziram, em 1887, prata no valor de 482 mil dólares. Enquanto isso, a mina Silver King distribuia dividendos anuais de 200 mil dólares. Muitos dos inquilinos de Reavis, assustados, pagaram-lhe de 50 a 500 dólares como quitação de seus lares e fazendas. Dizem que ele chegou a auferir uma renda anual de 300 mil dólares.

Entretanto, os aflitos e angustiados habitantes daquelas terras encontraram, afinal, um defensor. Tratava-se de Tom Weedin, dono e redator-chefe do único jornal na localidade de Florence, no Arizona, o qual passou a atacar Reavis e suas pretensões espúrias, incitando o povo a lutar pelos seus direitos. A *Gazette* de Phoenix tambem propôs que «algum portador de título de propriedade iniciasse processo afim de estabelecer seu direito.»

Houve outros protestos verbais, e até ameaças, mas nenhuma providência foi

tomada. Nesse ínterim, o barão prosseguia em seu mirabolante caminho, viajando pelo mundo com a baronesa e seus gêmeos. Consta que, em um ano, gastou 60 mil dólares só em viagens. Era dono de um palacete em St. Louis, uma casa suntuosa em Washington, outra em Madrí, e um palácio de extravagante beleza no México. Os «súditos» do baronato viam-no passar numa carruagem puxada por seis cavalos brancos; viam seus filhinhos vestidos de príncipes espanhóis, em veludo vermelho, e a baronesa ricamente vestida à maneira das grandes damas de Espanha. Quando apareciam em público, era um espetáculo...

Foi somente em 1890 que o Inspetor Geral, Royal Johnson, revelou o que descobrira durante suas investigações em torno do requerimento de Reavis. O relatório era contra o deferimento; muito bem instruido, apontava certas discrepâncias do ponto de vista histórico, e dava a entender a existência de fraude... Em conclusão, Johnson declarava que as alegações de Reavis eram falsas, não se devendo reconhecer seu direito às terras.

Tal juizo, porem, parece não ter perturbado Reavis, pois este continuava a explorar, serenamente, os recursos de seu baronato. De resto, as autoridades não parecem ter feito nada, até que, em 1891, foi criado o Tribunal Federal de Revisão de Títulos de Terras Particulares, com plenos poderes e a mais vasta jurisdição territorial jamais dada a qualquer corte do mundo. Era, alem disso, um tribunal ambulante, que funcionava onde quer que houvesse fatos a investigar.

Agentes do novo tribunal seguiram a pista deixada por Reavis na Califórnia e no México, até alcançar os mosteiros da Espanha, repositórios de documentos que faziam parte de todo o embuste. Exames químicos e fotográficos demonstraram que, em alguns dos documentos, a primeira e a última página eram autênticas, mas as outras não passavam de falsificações escritas em pergaminho. As substituições haviam sido escritas com tinta diferente da utilizada no original. Por meio de preparados químicos, removeu-se aquela tinta e restaurou-se a antiga. No documento que conferia a Peralta os títulos de Barão de Arizonaca e Caballero de los Colorados, muito outros eram o verdadeiro nome e título revelados.

Carmelita foi, tambem, objeto de um inquérito levado a efeito por Mallet Prevost, outro investigador do tribunal. Averiguou-se que seu nascimento fora devidamente registrado na Missão de S. Salvador, perto de S. Bernardino, na Califórnia.

Comprovou-se, no entanto, que Reavis retirara desses arquivos certas páginas das quais constavam os nascimentos ocorridos em determinadas datas. Fora buscar um papel tão parecido ao original quanto possivel, e nele copiara a lista de tais nascimentos, acrescentando-lhe o nome de Carmelita.

Os padres, porem, mantinham um índice metódico e cotidiano de seus arquivos, em outro volume, cuja existência Reavis ignorava. Aí não havia, é claro, qualquer referência a Carmelita. Assim se demonstrou que a baronesa era nada mais nada menos que uma pobre enjeitada, sem nome e sem ascendência conhecida.

Quando o Tribunal de Títulos, reunido em Santa Fé no ano de 1895, passou a julgar as alegações de Reavis, este já gastara o último centavo, não só nas custas do processo, como tambem na vida extravagante que levara. Nem pôde pagar um advogado de defesa. Os indivíduos importantes, que ele ludibriara ou que haviam sido seus cúmplices, sumi-

ram-se. Sentou-se Reavis, pois, só e sem amigos, na sala do tribunal, acompanhado apenas da mulher triste e confusa, que, na qualidade de esposa, vivera um conto de fadas. Interrogados pelo presidente da corte, os promotores, penalizados, declararam que, em sua opinião, Carmelita fora vítima dos embustes de Reavis, sendo, portanto, inocente de qualquer participação na trama.

Reavis foi condenado a seis anos na penitenciária de Santa Fé. Anos depois a baronesa, que então vivia na miséria em Denver, divorciou-se dele. Nesse ponto, desaparece ela dos anais da história. Quanto aos filhos, não se tentou identificá-los, por uma questão de humanidade.

Reavis cumpriu a pena até o fim, e, ao sair da prisão, não era mais que um fantasma de sua própria e suntuosa personalidade anterior. Em seus últimos e sombrios dias, o grande impostor passava todas as horas de vigília na biblioteca de Phoenix, lendo, nos jornais, as notícias e crônicas referentes a ele e à sua época de grandeza.

O falecimento do barão do Arizona—um dos criminosos mais audazes, habeis e ambiciosos de todos os tempos—passou quase despercebido. Figura patética de velho alquebrado e derrotado, desaparece, qual um fantasma, para ir colocar-se ao lado dos grandes embusteiros da história...

Uma peça no senhorio

Dois redatores de Hollywood alugaram uma casa pelo prazo de um ano, tendo o proprietário se comprometido a mandar pintá-la de novo. Convencidos de que a promessa jamais seria cumprida, os escritores pediram a um advogado que redigisse um documento no qual ficassem os mesmos autorizados a ordenar a pintura, à sua própria custa. O proprietário, agradavelmente surpreendido, apressou-se em assinar o documento.

Dois dias antes de deixarem a casa, os inquilinos fizeram-na pintar de preto, de alto a baixo.

—Andrew B. Hecht

Epílogo

Da seção «Trade Winds», por Bennett Cerf, em «The Saturday Review of Literature»

Dois eminentes psicanalistas—um com 40 anos de idade e outro com mais de 70—tinham seus consultórios no mesmo edifício. No fim de um dia quente e abafado, desceram, juntos, no elevador. O mais moço, que se sentia completamente vencido pelo calor, notou, com certo ressentimento, que seu colega estava lépido e prazenteiro. «Não compreendo,» observou, «como pode o senhor ouvir tolices de clientes da manhã à noite, num dia como este, e ainda conservar esta aparência tão repousada.»

O velho clínico deu de ombros e disse: «Mas quem lhes *dá ouvidos?*»

O melhor amigo do homem

Compilação de Alan Devoe

A natureza não concede a todos os filhos o mesmo aparelhamento mental e o mesmo poder de compreensão, mas dá-lhes diferentes formas de «conhecimento», que variam desde os instintos primitivos dos animais inferiores até os complicados pensamentos dos filósofos. Somos, porem, todos irmãos; e no setor animal que conseguimos compreender mais intimamente—o mundo dos cães—encontramos episódios surpreendentes, indicadores da ligação existente entre a sua e a nossa vida interior. Publicamos a seguir vários relatos que nos foram enviados por diversos leitores.

Meu avô tinha um *collie* chamado Ferrabraz, que costumava trazer da padaria da vila para casa, todas as tardes, uma cesta cheia de pães. Fazia anos que Ferrabraz executava a tarefa, e nunca perdera um pão. Subitamente, Ferrabraz começou a chegar todos os dias em casa com um pão de menos. Intrigado com o comportamento do animal, meu avô decidiu seguí-lo.

Saindo da padaria com a cesta cheia, Ferrabraz se encaminhou para os arredores da vila e cuidadosamente colocou a carga numa barranca elevada. Tirou da cesta um pão e desapareceu atrás dum muro. Alí estava uma cadela, com uma perna quebrada que lhe pendia inerte; rodeada pela ninhada de sete cachorrinhos nascidos naquela semana, a «viralata» comia vorazmente a dádiva generosa do *collie*.

—Colaboração de Emma de Gutierrez

Meia-noite, o corajoso *terrier* preto que tive como companheiro na África, usava, para prevenir-me contra o ataque de animais, um código que ele mesmo estabelecera: rosnava surdo quando se tratava de um leão e dava um latido curto para animais menores. Certa noite, porem, acordei sentindo nos pés um arranhar suave e persistente. Vi Meia-Noite, que todo trêmulo se afastou dum salto para o meio do quarto e alí ficou, fitando algo debaixo da cama, numa expressão de advertência silenciosa.

Tendo o cuidado de pisar o mais longe possivel da cama, levantei-me com movimentos lentos, cautelosos, apanhei um revolver, pus a lanterna no chão, espiei debaixo da cama e dei com uma das mais venenosas víboras africanas.

Se Meia-Noite tivesse latido, pondo a serpente em guarda e fazendo-me saltar atabalhoadamente da cama, eu teria cer-

Ilustração: Diana Thorne, Studio Publications, Inc.

tamente sido mordido. Com sua prudência de cachorro, Meia-Noite resolvera uma situação nova com um sinal novo—o silêncio.

—Colaboração de John Uffman

Nosso perdigueiro, Duque, de quatro anos de idade, tinha o mau costume de rasgar as almofadas da varanda; e repetiu a proeza tantas vezes que concluí que tínhamos de nos livrar dele. Saí naquela tarde, levando Duque, afim de ir ao encontro de minha filha Sue que voltava duma matinê. Sue teve paralisia infantil e anda com dificuldade, precisando de constante auxílio.

A menina atravessou penosamente a rua para nosso lado e parou antes de subir na calçada. Apressei o passo, afim de ajudá-la, mas detive-me surpreendida; atendendo a seu chamado, Duque sentara-se ao lado dela, mantendo-se perfeitamente imovel enquanto Sue se apoiava com todo seu peso sobre a cabeça do cachorro, atingindo assim a calçada.

Ao chegarmos em casa minha filha mostrou-me como estava aprendendo a subir com Duque os degraus da escada da varanda, que não tem balaustres em que possa apoiar-se.

Nossas almofadas continuam sendo rasgadas.

—Colaboração da sra. E. E. Chapman

Bibí, minha cachorrinha *terrier* de Manchester, adora a liberdade e sempre protesta vigorosamente quando eu a amarro com uma correia antes de sairmos a passeio. Um dia, havendo a correia desaparecido misteriosamente, tive de usar um pedaço de corda como trela. Se a correia era indesejavel para Bibí, a corda constituia ignomínia insuportavel.

A cachorrinha aturou-a três dias; no quarto, desapareceu por alguns instantes e surgiu com a correia, deixando-a cair ao pé da escada, onde ficaria bem à minha vista.

—Colaboração de Thomas M. Reynolds

Certo dia de inverno rigoroso, minha mulher ouviu a campainha da porta da frente ressoar levemente, uma ou duas vezes, como se alguma criança estivesse procurando tocá-la com mãos envoltas em luvas. Olhando pela janela, viu Rex, nosso *fox-terrier*, que, deitado ao lado da porta, de vez em quando se levantava com esforço enorme e apertava a pata contra o botão da campainha.

Minha mulher abriu a porta e o cão caiu-lhe aos pés. Levara um tiro e estava seriamente ferido. Tendo observado como os visitantes conseguiam entrar em casa depois de tocar a campainha, Rex deve ter compreendido de algum modo o que devia fazer numa hora em que necessitava desesperadamente de socorro. Até então nunca tocara a campainha; e nunca mais a tocou, uma vez curado do ferimento.

—Colaboração do Rev. George E. Mayo

Bill, um cão de pastor, pertencente a meus avós, tornara-se perigosamente malhumorado com a idade; e fui avisada repetidas vezes de que não devia aproximar-me dele. Um dia, estando no gramado onde o próprio Bill se aquecia ao sol, acidentalmente tropecei e caí em cheio sobre a enorme fera. Levantando-me dum salto, retesei-me instintivamente, à espera do ataque. Mas o velho Bill nem se moveu; apenas soltou um gemido queixoso. Era um cachorro velho e caprichoso, cheio de mazelas, mas sabia que eu não caira sobre ele de propósito. Compreendera, não sei de que maneira, que eu era cega.

—Colaboração de Nellie L. Burke

Ethel Florey, pioneira da penicilina

(Condensado de «Hygeia»)

Por Lois Mattox Miller

Em junho do ano passado, os médicos norte-americanos acudiram em massa a Atlantic City, com o fim de assistir a um congresso onde, pela primeira vez, se iam passar em revista minuciosa os triunfos da penicilina. Aberta a sessão, vendo uma bela senhora, despretensiosamente vestida, que tomava lugar numa das últimas filas de cadeiras da sala, um dos médicos presentes murmurou: «Alí está a verdadeira heroina desta história—Ethel Florey!»

Londres estava ainda em pleno *blitz* durante o severo e triste inverno de 1941-42. Os nazistas se haviam espraiado por toda a Europa. Em Oxford, o dr. Howard Walter Florey despediu-se uma noite dos seus auxiliares de laboratório e, através do *blackout*, encaminhou-se para casa, cansado e cheio de preocupações.

Os seus trabalhos com a penicilina, a droga experimental que, segundo era sua firme convicção, poderia salvar um milhão de vidas na segunda guerra mundial, estavam chegando a um impasse. Após longos e penosos esforços, ele e os seus colaboradores tinham aprendido a cultivar o misterioso bolor em frascos de caldo, e a extrair dele, às pitadinhas, o pó amarelo-pardo que continha a penicilina. Haviam ministrado essas preciosas pitadas aos seus animais de laboratório, afim de demonstrar de que maneira a penicilina podia aniquilar os ferozes bacilos «coccus», causadores de dezenas de infecções mortais.

Mas até então, por diversos motivos, a penicilina conservara-se virtualmente vedada aos seres humanos. Um ano antes, o dr. Charles Fletcher fizera experiências muito restritas em doentes, mas o escasso suprimento da droga se esgotara antes de ele poder chegar a resultados definitivos. Ora, sem a confirmação clínica dos méritos da penicilina, era evidente que as empresas de produtos farmacêuticos não ousariam empreender a tarefa custosíssima de produzir essa droga em quantidades suscetiveis de aplicação em massa. Era obra para muitos milhões de dólares! Conquanto o suprimento de que Florey dispunha fosse ainda reduzido, o laboratório já podia produzir penicilina em quantidades suficientes para habilitar um clínico meticuloso a praticar algumas experiências uteis. Dada a carência de médicos provocada pela guerra, quem é que ele podia ir agora desencantar para meter

ombros à tarefa? Chegado a casa, essa noite, expôs o problema à esposa, Mary Ethel.

Enquanto ela ponderava o caso, o marido ficou silencioso. E, pouco depois, rompendo bruscamente o silêncio, fez uma sugestão que a deixou de boca aberta: era ela, sim, ela mesma, quem devia fazer as experiências!

Ethel Florey era profissionalmente qualificada para uma missão desse gênero: colara grau em medicina na Universidade de Adelaide, na Austrália, dois anos após Howard Florey ter recebido alí mesmo o seu grau de doutor, e ter sido mandado para a Inglaterra com uma bolsa de estudo «Rhodes». Alem disso, conhecia passo a passo, de cor, toda a história da penicilina.

Lá por 1928, o dr. Alexander Fleming descobrira no seu laboratório em Londres, um estranho bolor que se desenvolvia em uma bandeja de culturas bacteriológicas. Não se sabia como, esse bolor destruia e matava todas as bactérias que se encontrassem na sua vizinhança. Fizeram-se experiências, e verificou-se que o bolor podia ser aplicado a feridas, sem causar dano aos tecidos vivos. Mas, apesar de inícios tão prometedores, a descoberta de Fleming ficou ignorada.

Empenhado em pesquisas para encontrar novas armas contra as infecções, em 1938 o dr. Howard Florey, apoiando-se nas experiências de Fleming, iniciou uma série de estudos inteiramente novos. Finalmente, os pesquisadores de Oxford conseguiram extrair de grandes quantidades de caldo em que se cultivava o bolor, reduzida porção de pó que continha a nova droga—a penicilina.

Howard Florey pediu a vários hospitais de Oxford permissão para que sua esposa ministrasse a penicilina aos doentes em que era de prever o novo medicamento desse resultados. Os hospitais concederam autorização. No entanto, a quantidade da preciosa penicilina que, nesse dia memoravel de 1942, foi com todas as cautelas confiada à dra. Ethel Florey, dificilmente se poderia considerar hoje como dose suficiente para um doente que dela precisasse. Assim mesmo, ela conseguiu preparar solutos e unguentos à base da preciosa reserva, qué colocou em pequenos frascos e boiões esterilizados. Meteu depois tudo isto numa caixa de toucador do tempo da rainha Vitória, amarrou-a com correias à bicicleta e pôs-se em campo para dar cumprimento à momentosa missão de fazer demonstrações com a penicilina a um mundo em necessidade extrema de remédios.

Ethel começou por escolher casos de infecção superficial, nos quais se pudessem observar de perto os resultados, tais como úlceras, abcessos, chagas purulentas onde pululavam os mortíferos estafilococos. E em todos eles a penicilina fez desaparecer os implacaveis «coccus», tornando a carne devastada capaz de cicatrizar sem vestígios de infecção. Tudo isto era animador para alem de toda a expectativa—mas apenas um começo.

O campo mais vasto e o mais importante que se abria à aplicação da penicilina era o do tratamento das infecções internas, que lavram no seio profundo dos tecidos orgânicos. O dr. Fletcher já obtivera bom êxito injetando a penicilina intravenosamente, mas a dificuldade estava em manter no sangue um teor constante da droga, suficiente para combater a infecção. Por que não haviam de tentar injetá-la, então, nos músculos?

Por essa altura, precisamente, a enfermaria Radcliffe admitia uma jovem que sofria de uma grave infecção pélvica e de hemorragia, resultantes de um aborto voluntário. A vida da doente esvaía-se a olhos vistos. Durante seis dias, duas vezes por dia, Ethel lhe ministrou o que então pareciam doses tremendas de penicilina. A moça restabeleceu-se, ficando assim provado que nenhum efeito nocivo resultava da aplicação de grandes doses do novo remédio.

A experimentadora estava aprendendo muito, e depressa. A procura do novo tratamento crescia de dia para dia, rapidamente, e Ethel rogava a Deus que a provisão da droga, saida em conta-gotas do laboratório do esposo, pudesse ir-se mantendo à altura do seu crescente consumo.

Um dia conduziram-na à cabeceira dum bebê de dois meses que penava no seu bercinho: atacado de osteomielite, a gravíssima infecção óssea, o pobre ardia em sofrimento, com a coluna vertebral já arqueada. Ethel Florey iniciou logo uma série de injeções de penicilina. Ao fim do nono dia o doentinho tinha ganho algum peso. Seis meses depois, rosado e vivaz, com a espinha quase retificada, o bebê foi restituido aos pais!

A lista das vitórias foi crescendo rapidamente: empiema, meningite estreptocócica, endocardite infecciosa, septicemia, e toda uma legião de horriveis infecções. Ao invés das sulfas, a penicilina se revelava tão eficaz no combate aos estafilococos quanto aos estreptococos. E, ao invés tambem das sulfas, podia ministrar-se em grandes doses sem perigo para os doentes.

Todos os esforços passavam a concentrar-se agora na produção da prodigiosa droga em maiores quantidades. Certa firma inglesa de produtos químicos e farmacêuticos estava já produzindo penicilina em reduzida quantidade, infelizmente ainda muito longe do que seria para desejar. Como a penicilina é eliminada do organismo através dos rins, afim de evitar a sua perda, recolhia-se a urina dos doentes, extraía-se dela a penicilina, e esta, assim recuperada, era purificada para tornar a servir.

Em setembro de 1942 parecia chegada a seu termo a primeira fase desta campanha, empreendida por uma só mulher contra o flagelo das infecções. A penicilina dera resultados positivos em 187 casos em que fora aplicada. Tinham-se aperfeiçoado as técnicas de administração por via bucal, intramuscular, intravenosa, e tambem em unguentos e compressas. Em começos de 1943 a reputada revista científica *The Lancet* publicava um relatório em que se comunicava a grande novidade à classe médica.

Em artigo de fundo, cuja circunspeção deixava no entanto entrever um contido entusiasmo, essa mesma revista declarava que o assombroso trabalho de Florey «não deixa qualquer dúvida quanto ao valor potencial deste agente bacteriostático». Mas o próprio título do artigo revelava em três lacônicas palavras toda a extensão da tragédia: «*Incomparavel—Mas Inalcançavel.*» Para que a penicilina prestasse todos os serviços que dela se esperavam durante a guerra, seria necessário realizar um milagre de produção.

Howard Florey já havia tentado, em julho de 1941, interessar os homens de ciência da América do Norte nas tremendas possibilidades da penicilina em tempo de guerra; no entanto, a produção em massa da droga, então ainda não experimentada em devida escala, implicava riscos monumentais, o uso de materiais de alta prioridade de guerra, e a improvisação de novos métodos de produção acelerada. Foi o relatório do trabalho clínico de Ethel Florey, tão convincente, que produziu o desejado efeito: as grandes firmas de produtos farmacêuticos dos Es-

tados Unidos, com a ajuda do governo, lançaram-se na produção de penicilina em massa.

O Dia da Invasão veio encontrar Ethel Florey chefiando uma unidade exclusivamente sua, para ministrar a penicilinoterapia em um dos maiores hospitais da Inglaterra. Só nesse hospital a penicilina salvou 3 mil homens—feridos do desembarque na Normandia—que alí deram entrada sofrendo de gangrena gasosa, a mais temivel de todas as infecções de guerra. A penicilina permitiu tambem aos cirurgiões remendar e compor membros esfrangalhados, evitando amputações dantes necessárias, e tornou possiveis novas maravilhas de cirurgia plástica e ortopédica.

Depois da vitória sobre o Japão, a penicilina se tornou sinônimo de cura rápida e suave para as infecções. E hoje, muitas farmácias vendem mais penicilina, ao preencher uma só receita, do que Ethel Florey tinha ao seu dispor durante muitos meses em 1942, em plena fase de experiências decisivas!

Cumpridor da lei...

Três jovens estrelas de Hollywood, passeando de automovel numa noite de extremo calor, decidiram banhar-se num lago convidativo nos arrabaldes da cidade. Quando uma das moças se dispunha a lançar-se n'água, uma voz fez-se ouvir:

—Sinto muito, senhorita, mas não é permitido nadar aquí.

A jovem procurou rapidamente um abrigo e gritou:

—Mas por que o senhor não nos avisou logo, antes que nos despíssemos?

—Bem, respondeu o homem,—porque a lei não proibe que as pessoas se dispam.

—Mitch Woodbury, em *Blade*, de Toledo, Ohio

Réplica

Um cavalheiro dirigiu-se a uma dessas enormes garages onde se vendem carros usados. Um super-vendedor declarou-lhe logo, peremptoriamente, que o carro que lhe servia era um modelo 1941, em magníficas condições, que rodara apenas uns poucos mil quilômetros com «uma senhora idosa», verdadeira pechincha por 1.245 dólares. O freguês, muito bem impressionado, saiu com o carro para experimentá-lo. Deu uma pequena volta nas redondezas e regressou à garage. Ao entrar, outro empregado da firma precipitou-se para atendê-lo: «Quer vender o carro?» gritou. E antes mesmo que o freguês tivesse tempo de explicar o caso, o agente fez um rápido exame do motor e declarou: «A máquina necessita uns bons reparos, o interior precisa de uma limpeza em regra, o chassí não está grande coisa—dou-lhe 875 dólares por ele.»

O freguês jogou-lhe nas mãos as chaves e exclamou: «Se o carro não vale mais do que isso, pode ficar com ele, *de presente.*» E saiu, lampeiro.

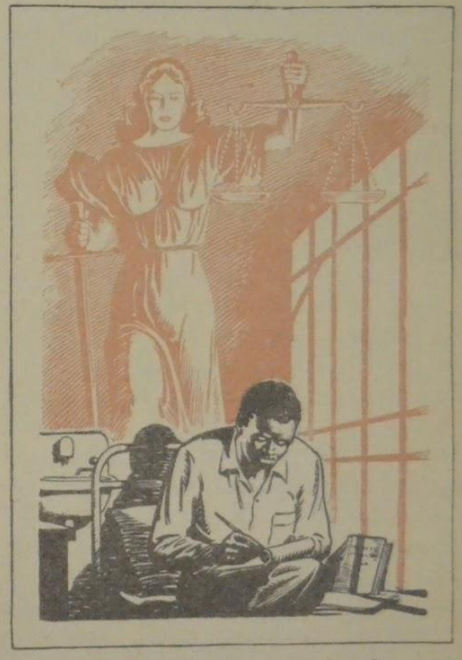
—A.P.

Não fora a intervenção deste dedicado batalhador, dezenas de pessoas, vítimas de erros judiciais, estariam ainda presas

UM REDENTOR DE INOCENTES

(*Condensado de «Future»*)

Por Frederic Sondern, Jr.



Há 43 anos, um advogado de Filadélfia, dotado de extraordinária energia e perspicácia, vem-se dedicando a combater certas injustiças cometidas em nome da lei. Herbert L. Maris é o seu nome, e já livrou mais de 300 pessoas de penas injustas ou mal aplicadas, e diversas de condenações a prisão perpétua, devidas a sentenças que jamais deveriam ter sido impostas. Declara ele: «O Estado paga vencimentos a milhares de pessoas para encarcerar o cidadão que infringiu a lei. Mas não há ninguem para ajudá-lo, quando é condenado injustamente. São esses os casos em que eu intervenho.»

Ainda não secara a tinta em seu diploma de advogado, e Herbert Maris já dava início à sua benemérita campanha em prol da justiça. Um primo seu, ministro da Igreja Metodista, veio pedir-lhe um dia que fosse em socorro de um adolescente, trabalhador numa fazenda, condenado por haver aposto a firma do patrão num cheque de 10 dólares. O clérigo afirmava categoricamente que o menino era honesto e, portanto, incapaz de tal falsificação. Após conversar com e réu, Maris convenceu-se, igualmente, de sua inocência. Dirigiu-se à localidade onde tivera lugar o crime, e após algumas investigações, acabou sabendo, ao certo, como se passara a ocorrência.

Certa noite, dois homens abordaram o menino e convidaram-no a tomar alguns chopes. Em seguida, sob o pretexto de que desejavam falar ao patrão dele, pediram-lhe que escrevesse o nome deste num pedaço de papel, de aspecto inocente. Era, na realidade, um cheque, cuja parte superior os espertalhões haviam coberto. No tribunal, o promotor público perturbara o menino de tal forma, que seu relato do incidente não parecera crivel. Maris levou então à Junta de Perdões provas suficientes de que o menino não tivera intenção criminosa, e conseguiu assim libertá-lo.

O caso impressionou profundamente o jovem causídico, revoltando-lhe a consciência. Conquanto sua especialidade fossem as sociedades anônimas, o direito penal passou a empolgá-lo. Começou a estudar o procedimento das delegacias de polícia e das cortes e viu muito juiz áspero dar sentenças excessivamente severas. Viu promotores com interesses políticos torcerem a verdade em interrogatórios habilmente conduzidos; viu advogados do Estado, escolhidos para defender indigentes, entrar no tribunal sem haver sequer preparado a defesa, simplesmente porque os 200 dólares que recebiam do governo lhes pareciam desprezíveis...

É raro passar-se uma semana sem que chegue ao escritório de Maris, já repleto de processos, mais um pedido de auxílio de parte de algum sentenciado em uma das prisões estaduais. Seu nome é hoje muito conhecido entre os presos, mas estes não ignoram, por outro lado, que é quase impossivel iludir esse abnegado cavalheiro. Toda vez que Maris resolve aceitar determinado processo, seus honorários são calculados apenas para cobrir as custas; aliás, às vezes, sua remuneração nem sequer chega para tanto. O dinheiro que ganha com suas causas comerciais serve, frequentemente, para pagar os assistentes que emprega nos processos penais.

Um de seus triunfos mais notaveis foi o caso do chamado «assassino da garrafa». Certa ocasião, Maris recebeu de um estivador, uma carta, na qual este dizia vir cumprindo há 23 anos uma sentença de prisão perpétua, por um homicídio que não cometera. O advogado foi ter com ele. Convencido da sua inocência pela maneira simples e sincera do infeliz, deu início a uma investigação que remontou a quase um quarto de século, alcançando finalmente a verdade.

As provas apresentadas contra ele no tribunal diziam que o estivador encontrara sua mulher numa taverna e, num acesso de cólera, tomara de uma garrafa de cerveja e dera com ela repetidas vezes na cabeça da esposa. A história que o rapaz contara, em sua própria defesa, parecia absolutamente incrivel, e foi contraditada por testemunhas aparentemente dignas de confiança.

Durante várias semanas, Maris, auxiliado por dois assistentes, estudou cuidadosamente o processo, interrogou testemunhas, e tentou reconstituir o que se passara 23 anos antes. Quando, por fim, se apresentou perante a Junta de Perdões, Maris tinha todos os trunfos na mão.

O estivador era um rapaz honesto e trabalhador. Abstêmio, aborrecera-se seriamente ao descobrir que a mulher costumava frequentar um bar clandestino das proximidades. Profundamente perturbado, foi à taverna e pediu encarecidamente ao proprietário que se recusasse a servir qualquer bebida à esposa. O dono do bar, *gangster* da localidade, enfureceu-se e tomou de uma garrafa de cerveja. O estivador apanhou outra. Estava de pé, perto da porta, e no momento exato em que, em defesa própria, levou o braço para trás, com toda a força de seus vigorosos músculos, afim de tomar impulso, —sua mulher entrou por essa mesma porta. A garrafa a atingiu em cheio na cabeça.

O inquérito de Maris revelou que as testemunhas, intimidadas pelo proprietário do bar, deram à polícia uma versão do ocorrido bem diferente da verdade. O advogado da defesa, negligente e desinteressado, deitara o processo a perder desde o princípio. Estando, porem, de posse da verdade, Maris convenceu facilmente os juizes da Junta de Perdões.

Outra falsa acusação de homicídio, que chegou às mãos do advogado, girava também em torno de uma garrafa de cerveja... que jamais existiu. As testemunhas da acusação afirmaram que certo rapaz se encontrara uma noite com a namorada, e, depois de acalorada discussão, a golpeara na nuca com uma garrafa, matando-a instantaneamente. O réu alegou que apenas abraçara a moça e passara-lhe carinhosamente a mão na nuca; de súbito, ela caira contra ele e resvalara até a calçada, o sangue a esguichar-lhe da boca, acrescentou o rapaz. As testemunhas da acusação foram explícitas quanto à agressão por parte do réu, e o juri pronunciou-o culpado de «homicídio voluntário e premeditado».

Condenado a prisão perpétua, já passara três anos na cadeia, quando resolveu pedir auxílio a Maris. Este, ao ler o laudo pericial sobre a morte da moça, ficou boquiaberto. Ela morrera não de um golpe na nuca, segundo a acusação, e, sim, de um aneurisma da aorta que pode, realmente, causar a morte de maneira repentina e imprevisivel. O menor susto ou qualquer ligeira emoção pode provocar a rutura da artéria dilatada, e causar a morte. Esse fator de vital importância, porem, nem sequer fora trazido à baila durante o julgamento.

Maris e seus investigadores foram buscar as testemunhas e conseguiram arrasar, um por um, os seus depoimentos. Ninguem vira, realmente, uma garrafa na mão do rapaz. Todos «julgavam ter visto qualquer coisa nas mãos dele». Ninguem sequer ouvira as palavras trocadas pelos namorados. Ao terminar o inquérito, Maris estava de posse de uma confirmação total do depoimento do rapaz. Os juizes da Junta não tardaram em conceder a este o merecido perdão.

Maris recebe processos de todos os tipos. Um caso interessante foi o do velho Jake, fazendeiro em uma das regiões menos povoadas da Pensilvânia. Afim de defender-se contra os animais que lhe rondavam a propriedade, o lavrador tinha sempre uma espingarda pendurada na parede. Certa noite ouviu ruidos suspeitos no terreiro, e uma voz abafada e desconhecida, que dizia: «Vamos pegá-lo agora!» Jake apanhou a arma, abriu bruscamente a porta, e, na obscuridade, viu um homem de revolver em punho. O velho lavrador atirou, e o forasteiro caiu.

Conforme seu depoimento subsequente, Jacob «ficou tremendo de medo», pois acreditava que alguem, por qualquer motivo, tivesse intenções de matá-lo. Foi esconder-se no mato, onde permaneceu vários dias, indo finalmente ao quartel da Força Policial do Estado. Horrorizado, soube então que matara um policial.

O promotor alegou o seguinte: o policial em apreço fora procurar Jake, munido de uma ordem de prisão contra ele, pois um vizinho jurara que o velho lavrador era ladrão de gado. Apresentando, como prova, a ordem de prisão, o promotor fez eloquente discurso e acabou pedindo a pena máxima. O lavrador foi condenado à morte, mas comutaram-lhe a sentença para prisão perpétua. Já cumprira dez anos, quando ouviu falar de Herbert Maris.

Para o advogado, o processo do velho Jake foi um osso duro de roer. Quando, porem, compareceu à Junta de Perdões, lançou ao recinto uma verdadeira bomba, sem se afastar da linha de conduta sóbria e eficiente em que se baseava sua esplêndida reputação. Tranquilamente, declarou: «Senhores, a ordem de prisão que, segundo a promotoria, o policial levava consigo, não passa de uma fraude. Basta dizer que foi redigida três meses após o incidente fatal.»

Prosseguiu no seu relato, em meio ao respeitoso silêncio da sala do tribunal. Certa noite de sábado, dois policiais encontraram-se com dois amigos num botequim, e beberam em excesso. Durante a conversa, um deles sugeriu que fossem «passar um susto no velho Jake». Os guardas resolveram «prender» o lavrador, levá-lo até certa distância, e depois soltá-lo. Por sorte, a esposa do dono do botequim ouvira essa conversa. Amedrontada, porem, nada dissera, por ocasião do julgamento, mas contou o que sabia quando Maris a interrogou.

Após o tiro, os três sobreviventes escapuliram mais que depressa. Três meses mais tarde forjaram a ordem de prisão e juraram que a haviam achado no bolso do policial morto. Maris conseguiu que confessassem e, mais ainda, foi buscar o fazendeiro que «acusara» Jake de furtar rezes. Por mais espantoso que pareça, seu nome jamais foi mencionado durante o julgamento de Jake, e assim, em todo aquele período de dez anos, o vizinho do réu ignorava totalmente sua participação indireta no caso! «O velho Jake!» exclamou. «Mas ele nunca furtou nada... Muito menos o meu gado!» O infeliz foi solto, e voltou a cultivar a terra.

Maris é de opinião que os infratores da lei devem cumprir toda a pena que merecerem, mas nem um dia mais. Certa feita, em Filadélfia, um réu fora condenado a uma pena de 40 a 80 anos de prisão. Cumprira cinco anos quando se pôs em contacto com Maris, e este pôs-se a investigar o caso. Descobriu que o réu fora um guarda-civil de reputação ilibada em certa cidade do interior. Enojado com a corrupção que reinava na cidade, demitiu-se e resolveu mudar-se para outro Estado. Ao chegar a Filadélfia, estava faminto e sem dinheiro. Procurou trabalho, mas em vão. Afinal entrou num armazem de secos e molhados, brandiu o revolver, e exigiu que o caixeiro lhe desse 5 dólares. Havia na redondeza um guarda que efetuou a prisão em flagrante.

O julgamento foi presidido por certo juiz famoso pela severidade de suas sentenças. Maris acreditava que um roubo de 5 dólares, nas circunstâncias em apreço, não justificava uma sentença de 40 anos, quatro vezes superior à cominada na lei. Submetendo o processo à apreciação da Junta de Perdões, esta decidiu rapidamente a favor do ex-policial, expedindo alvará de soltura. Mais tarde disse-me Maris, a respeito do caso: «É evidente que ele merecia cadeia, mas uma sentença de 40 anos de prisão era excessiva.» E acrescentou, com um brilho em seus límpidos olhos azuis: «Às vezes fico pensando se um homem como aquele juiz já sentiu fome alguma vez na vida...»

Maris indicou com o dedo um caderninho pendurado na parede de seu pequeno escritório, cheio de anotações. «Aí está a lista de meus processos para a próxima sessão da Junta de Perdões,» explicou, sorrindo. «O trabalho nunca para. Mas creio que vale a pena.»

Verdadeiramente modesto, Herbert Maris sempre quis evitar que o elogiassem publicamente pelo que tem feito. Nunca lhe falta serviço em sua própria comarca... No entanto, os erros judiciais não se circunscrevem, em absoluto, ao Estado de Pensilvânia. Assim, a cruzada de Maris deve servir de inspiração aos advogados em toda parte.

A SUA opinião de outrem pode muito bem ser a opinião dele a seu respeito.
—B. C. Forbes em *Woman's Home Companion*

O QUE SE DIZ ATRÁS DA CORTINA DE FERRO

DIA E NOITE, 100 emissoras da União Soviética irradiam programas para todo o mundo, em 60 idiomas. O material reunido é adaptado, depois, para programas locais e transformado em artigos para as revistas e jornais comunistas. A tecla predileta dessa torrente inexhaurivel de propaganda é a adulteração dos fatos relacionados com a vida americana e a difusão de críticas e ataques aos Estados Unidos. Alguns deles, de tão fantásticos, chegam a ser cômicos. Tomemos, como exemplo, o seguinte despacho telegráfico, publicado no *Il Lavoratore*, jornal comunista de Trieste, e, provavelmente, em outros orgãos vermelhos:

Metralhadoras fascistas na Broadway

Em meados de junho, em Hollywood, os conhecidos atores cinematográficos Gary Cooper e Tyrone Power, por serem considerados esquerdistas, foram declarados anti-americanos e recolhidos à prisão. Algo mais, porem, aconteceu—a morte misteriosa do ator Buster Crabbe. Segundo verificamos por um artigo de Immy Stendath no jornal *Estrela Vermelha*, de Nova York, Buster Crabbe era uma figura extremamente popular. Tenente de infantaria durante a guerra, fora ferido e condecorado. Quando o Comitê de Investigação de Atividades Anti-Americanas começou a processar Cooper, Chaplin e outros atores cinematográficos, Crabbe organizou demonstrações hostís entre os soldados.

Descobriu ele valiosos documentos que desmascaravam os planos agressivos e criminosos dos círculos reacionários norte-americanos. Em 31 de maio, dirigiu-se ao apartamento do conhecido astro Spencer Tracy, tido como esquerdista convicto. Conversaram longamente, em presença de Tyrone Power. Crabbe tencionava partir de Nova York no dia imediato, em companhia de Power e Cooper, para avistar-se com Henry Wallace. Quando ele (Crabbe) chegou à casa, uma voz desconhecida «aconselhou-o», pelo telefone, a suspender as suas atividades se não quisesse ter alguma surpresa «desagradavel». A ameaça não o atemorizou. Tomou o avião de Nova York para Washington afim de ver o Presidente Truman. Este, porem, recusou-se a recebê-lo. Crabbe, então, de acordo com Wallace, Elliott e Eleanor Roosevelt, F. LaGuardia e E. Stettinius, decidiu publicar os documentos. Sumner Welles, conhecido ex-sub-Secretário de Estado das Relações Exteriores, e o Senador Bilbo, mesquinho perseguidor de negros e inspirador da Ku-Klux-Klan, passaram a ameaçar abertamente Crabbe pela sua obstinação «em

meter o nariz onde não era chamado». Crabbe, entretanto, não recuou.

Em 3 de junho, na Broadway, esquina da Sétima Avenida, Crabbe tombou crivado pelas balas de metralhadoras partidas de um automovel.

Cento e cinquenta mil pessoas compareceram ao funeral, tendo sido o esquife carregado pelos camaradas Gary Cooper, Tyrone Power, George Brent e Al St. John (provavelmente se referem a Al Jolson).

Terão os assassinos, com mais esse crime, alcançado o seu objetivo? Cooper e Power declararam que o fato de terem sido presos não destruirá o ideal pelo qual se batem. «Vou para o cárcere,» observou Cooper, «mas sairei um dia. Bilbo, Baruch, Hearst e Rockefeller não continuarão a dominar o país. Querem eles reduzir-me ao silêncio, mas terminarei por exibir as provas da sua nefasta atuação.»

A morte de Crabbe não implicou na destruição das suas descobertas. Bilbo e a sua camarilha terão muito que fazer, se quiserem metralhar, na Broadway, todos quantos conhecem as atividades dos grupos reacionários que ameaçam, com seus planos criminosos, não só os Estados Unidos como tambem o mundo inteiro.

(Buster Crabbe, antigo campeão de natação que durante algum tempo, fez o papel de *Tarzan* na tela, está, evidentemente, vivo e em gozo de perfeita saude; nunca esteve no Exército; não há nenhum jornal em Nova York intitulado *Estrela Vermelha;* ninguem jamais pensou em prender Gary Cooper ou Tyrone Power; e assim por diante).

Tal como no anúncio

UM CAVALHEIRO do Texas, necessitando fundos para perfurar um poço de petróleo, pôs um anúncio afim de atrair mil acionistas, à razão de 100 dólares cada um. Garantiu, incondicionalmente, a devolução do capital no prazo de dez anos e, na hipótese do poço dar lucros, uma boa percentagem dos mesmos. Em poucos dias, recebeu, pelo correio, os 100 mil dólares requeridos. As autoridades postais, suspeitando da seriedade da transação, iniciaram investigações.

Nada encontraram de irregular. Recebido o dinheiro, o homem enviara a cada acionista um Bonus de Guerra de cem dólares, resgatavel em dez anos. Tendo gasto 75 mil dólares nesses títulos do Governo, ficou com 25 mil em dinheiro, que empregou no poço, cuja perfuração prossegue.

—Colaboração de Edward Verdie

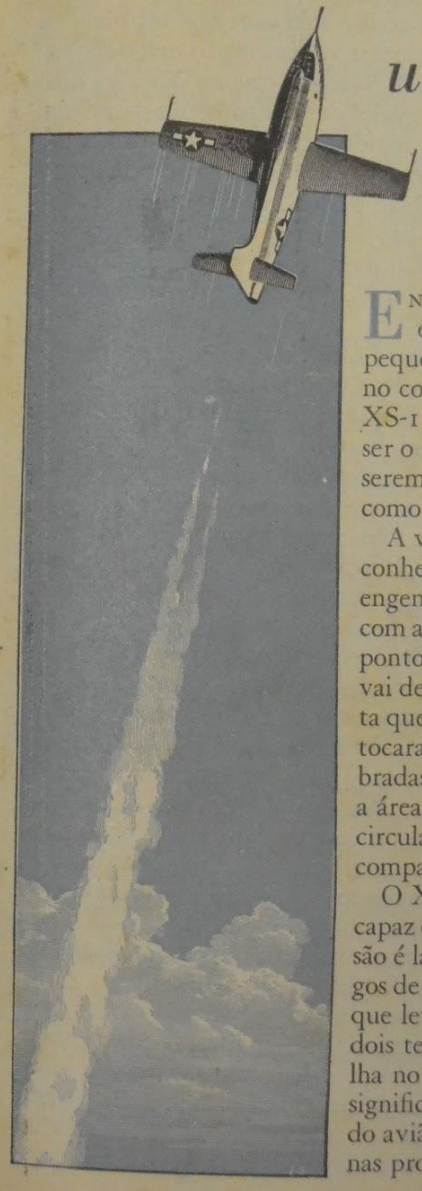
A vida assim é melhor

MONTADO confortavelmente num burro, um árabe viajava numa estrada do Norte da África, seguido pela mulher, que caminhava com um fardo de feno às costas. Censurado por um jovem oficial americano pela descortesia de estar montado enquanto a mulher carregava, a pé, o pesado fardo, foi o árabe imediatamente defendido pela esposa: «Será que as mulheres americanas gostam que seus maridos venham para casa cansados, à noite?»

—David L. Cohn, em *Tomorrow*

Venha para um passeio na mais nova e audaciosa criação da aeronáutica

Vôo de prova de um avião supersônico



(Condensado de «Air Trails Pictorial»)

Por Chalmers Goodlin

Com a cooperação de Robert G. Constant

ENTRO no B-29 adaptado especialmente para o vôo de ensaio do primeiro avião-foguete norte-americano—pequena aeronave parecida com um torpedo, aninhada no compartimento de bombas do «avião-hangar». É o XS-1 (X para experimental, S para supersônico e 1 por ser o primeiro modelo) e eu sou o seu piloto. Ele—e eu—seremos levados ao espaço e lançados do «avião-hangar» como se fôssemos uma bomba.

A velocidade dos aviões de hoje é limitada pelo fator conhecido por compressibilidade. Pelas estimativas de engenheiros de aeronáutica, se um avião pudesse voar com a velocidade do som, comprimiria diante dele, num ponto situado na área de velocidades transônicas que vai de 970 a 1.450 k.p.h., uma parede de ar tão compacta que seria quase impenetravel—uns poucos aviões que tocaram os limites dessa área regressaram com asas dobradas e fuselagens torcidas. Acima de 1.450 k. p. h. fica a área supersônica, onde em teoria as características de circulação do ar permitem, a passagem de um projetil comparativamente livre de fricção.

O XS-1, que se diz ser o único aeroplano do mundo capaz de velocidades transônicas em vôo plano ou ascensão é lançado de um bombardeiro para eliminar os perigos de uma decolagem da maneira usual. O combustivel que leva—etanol e oxigênio líquido—representa quase dois terços do peso bruto deste avião-foguete. Uma falha no motor durante uma decolagem comum poderia significar não só a morte do piloto e destruição imediata do avião, como a destruição de tudo que se encontrasse nas proximidades.

Abrindo as manetes de aceleração, Pappy Dow ergue suavemente o gigantesco B-29 no espaço. A 1.800 metros descemme ao foguete que me espera. Estou usando uma vestimenta G (contra o escurecimento da vista) que se assemelha a um par de calças justas de cintura alta que se enche de ar nas curvas bruscas e cabradas rápidas. Esta vestimenta atua como um torniquete no abdomen e coxas, ajudando a impedir a perda da visão ao restringir a fuga de sangue do cérebro. Tenho um pesado capacete de vôo como proteção contra choques, e luvas de seda leve com reforço de couro, que são de grande utilidade no manuseio de metais aquecidos em caso de incêndio.

Prendo-me ao XS-1. As correias dos ombros primeiro, depois o cinto de segurança, na parte mais baixa do abdomen, bem apertado, para impedir que meu corpo jogue. Agora coloco a máscara de oxigênio e verifico se não está vasando. Ligo os fones, microfone e a mangueira de compressão da vestimenta G. Em seguida fecho a escotilha.

Uma sensação de absoluta solidão me domina. Na sombria escuridão, instrumentos fluorescentes lançam-me olhares frios e hostís. Estou seguramente encerrado num ataude—e este é o meu décimo-terceiro vôo nele. Mas não tenho tempo para refletir enquanto me preparo para executar as complicadas operações que precedem ao lançamento. Ponho o motor a funcionar, alimentando cuidadosamente as quatro câmaras com estanol e oxigênio líquido sob a pressão de nitrogênio.

Um pouco antes do lançamento, Pappy Dow chama pelo interfone: «O lançamento será feito voando rumo noroeste, aproximadamente a 5 quilômetros a suleste do campo. A velocidade do vento é de 40 k.p.h., soprando de 320 graus.»

Essa informação me dispensa da necessidade de orientar-me quando deixar o B-29. E assim a equipe de terra, que nos ouve pelo rádio, fica ciente da nossa posição caso nos haja perdido de vista.

Experimento o rádio porque a comunicação com o solo tem que ser mantida para permitir a transmissão oral de informações. É verdade que no XS-1 há mais de 220 quilos de equipamento de provas, na sua maioria de registro automático, mas não há instrumento que substitua a observação pessoal. O engenheiro encarregado do projeto, Dick Frost, está lá em baixo para receber as informações à medida que o avião é submetido a manobras.

Passo os olhos novamente no programa de vôo. O tempo que o XS-1 passa no ar, desde que se desprende do B-29 à aterrissagem, muito raramente ultrapassa vinte minutos. Cada minuto tem que ser usado na sua mais completa extensão.

Este vôo tem por finalidade demonstrar às Forças Aéreas que o XS-1 pode suportar cabradas correspondentes a oito vezes a força da gravidade, ou cargas de oito Ges, a 800 k.p.h. Serão executadas algumas cabradas fortes para determinar a que velocidade se obtêm as cargas máximas G. Esse máximo não é forçosamente alcançado com a velocidade limite do avião e uma vez ultrapassado, a carga G deverá diminuir rapidamente com o aumento de velocidade. Em vista disso, ficou decidido que eu executaria umas cabradas a 800, 840 e 880 k.p.h. Calcula-se que a carga máxima deverá ser alcançada nas proximidades de 840 k.p.h.

Quando me desprendo do B-29, por uma fração de segundo nada parece acontecer. Depois, lentamente, o XS-1 inicia sua longa trajetória curva. Avanço gradualmente a manete do acelerador—e prendo a respiração. O foguete se transforma numa coisa viva, resfolegante de força e fogo. Mas nem um som penetra a cabina estanque. Só os instrumentos me dizem que viajo num monstro uivante (já tinha ouvido o seu silvo aterrador de minha casa situada a 56 quilômetros do campo).

Um P-80 que me acompanha, o avião de combate mais veloz da Força Aérea norte-americana, fica para trás num instante apesar de eu estar usando apenas um quarto da força disponivel do foguete. Cada uma das quatro câmaras do motor, desenvolve uma impulsão de 680 quilos. Calcula-se que a 24.000 metros deve produzir uma força superior a 30.000 C.V.—mais do que a força concentrada de quatro B-29.

Aumento o ângulo de elevação e acendo as três câmaras restantes. Quando se produz a impulsão de 2.720 quilos, u'a mão invisivel me lança para cima num ângulo de 60 graus. O altímetro gira com a velocidade de um ponteiro de segundos. Dou menos importância ao indicador de velocidade do ar que ao medidor de Mach, que mostra minha velocidade em relação à velocidade do som. Uma indicação de 0,7 significa que o ar passa pelas asas a 70 por cento da velocidade do som.*

Uma alegria intensa me domina. Em menos tempo do que levaríamos para descrevê-lo, o avião ultrapassa 7.500 metros, ganhando constantemente velocidade. Antes que o medidor de Mach indique o ponto crítico, em que seria exposto aos perigos de compressibilidade, desligo o motor. O momento é tão grande, contudo, que subo mais 3.000 metros antes de poder retomar vôo plano com segurança.

*Por motivos de segurança, não posso revelar nenhum dado sobre a performance do avião—as velocidades e cargas G mencionadas não são as realmente encontradas.

A 10.000 metros acendo uma câmara e circulo, obtendo dados sobre calibração. Guiar o XS-1 com o motor funcionando é uma ocupação tediosa. Uma das mãos está perpetuamente manejando alavancas e válvulas, para manter alimentação adequada de combustivel ao motor-foguete. A outra mão e ambos os pés estão tentando manter a precisão do vôo. Os comandos são tão sensiveis que reagem a uma batida de pulso.

Tenho que manter-me sempre orientado, porque à potência máxima o combustivel será consumido completamente em dois minutos e meio. Por isso não devo afastar-me da distância de planeio do campo. Como do assento do piloto só se pode ver para a frente e para cima, tenho muitas vezes que inclinar o avião para um lado afim de me orientar.

Terminado o combustivel, após várias outras provas, inicio a 9.000 metros a investigação principal: cabradas a alta velocidade. É aquí, principalmente, que as fraquezas estruturais se manifestam. A cauda pode desprender-se. Uma asa pode dobrar-se.

Levo a proa do avião para baixo num mergulho de 50 graus, aproximadamente. Sinto, em vez de ouvir, o vento chicoteando lá fora em grandes rajadas. A velocidade aumenta rapidamente: 700—800—enterro a cabeça nos ombros, como uma tartaruga. A 880 contraio furiosamente os músculos abdominais e do pescoço e puxo a coluna de comando contra o estômago. A minha vestimenta G enche-se de ar com tal rapidez que me força a expelir ar dos pulmões distendidos. Uma neblina cinzenta vela-me momentaneamente a visão. O avião vibra e corcoveia enquanto as asas perdem sustentação. O meu capacete acolchoado bate violentamente contra o teto.

As condições de perda devem ser man-

tidas por vários segundos para permitir que os instrumentos registrem informações completas. Com os dentes cerrados, o corpo todo tenso, eu conto, «Um, dois . . . » É como se rodasse sobre dormentes grossos num jipe—«e três». Deixo o mancho ir para frente e recupero altura.

Volto a ver claramente. Recobro o fôlego e transmito os resultados. «Oito virgula sete Ges a 880 k.p.h. a cerca de 6.350 metros. Severa vibração durante a perda. Perda bastante violenta, mas o avião não mostra tendência a cair para um lado.» Frost toma nota lá embaixo.

Ponho o avião imediatamente num segundo mergulho. Não há tempo a desperdiçar, o avião perde altura rapidamente. A 840 k.p.h. tomo coragem e repito a operação. Desta vez perco a vista completamente. Apesar de serem fortes as correias de segurança que me prendem, sou lançado impiedosamente de encontro à cabina. O pequeno avião protesta contra este tratamento com convulsões raivosas e violentas. Num momento posso ver de novo. O acelerômetro indica 9,6 Ges.

Olho rapidamente para o altímetro. Ainda tenho tempo para mais uma cabrada a 840 k.p.h. O mancho para trás... rápido! Desta vez minha vista não se escurece, a perda não é tão violenta. Nossa predição estava certa. A última leitura, 8 Ges, prova conclusivamente que a maior tensão a que se pode sujeitar o avião, ocorre à velocidade de aproximadamente 880 k.p.h.

Agora vôo sobre o campo a menos de 3.000 metros de altura. Minha vertigem desaparece rapidamente. Cheio de júbilo mergulho para o campo, passo pela torre de controle a 800 k.p.h., e executo um *touneau* de vitória. Que avião! Baixo o trem de aterrissagem e os *flaps* e pouso sem dificuldade. Meu trabalho está terminado—até o próximo vôo de prova.

«*Altar*» *ego*

GOSTARÍAMOS de dar aos candidatos ao matrimônio o mais construtivo dos conselhos: Se você é indolente, desambicioso, moderado—boa-vida, enfim—o que tem a fazer é procurar u'a moça ambiciosa, enérgica e de bom gênio, apaixonar-se por ela e casar-se o mais depressa possivel.

Ela não precisará ser um tipo de beleza, embora a beleza ajude bastante. Não precisará ser rica, pois as qualidades acima citadas constituem, por assim dizer, uma garantia de que vocês, no devido tempo, estarão economicamente prósperos. A vida, com ela, não será precisamente um mar de rosas; mas terá, por certo, a compensação de momentos cheios de encanto e interesse.

São as mulheres de iniciativa, ambiciosas, enérgicas e de bom gênio que estimulam os homens a conquistar posições e proporcionar às suas famílias maiores recursos.

Portanto, se você é do tipo descansado, como a maioria dos homens, deixe as moças lânguidas e pacatas, as belezas mudas e as melindrosas para os superdinâmicos e agitados. Trate de encontrar uma jovem cheia de vivacidade e case-se imediatamente.

—Editorial de *Collier's*

O jovem Ford, novo revolucionário industrial

(*Condensado de «Collier's»*)

Andre Fontaine

Deve-se a nova orientação dominante na empresa Ford à insistência do jovem Henry Ford II em tratar as pessoas como seres humanos...

O VELHO Henry Ford, ao introduzir em suas fábricas o sistema da cadeia de montagem, deu à indústria americana o impulso que a havia de conduzir a uma era de produtividade e prosperidade nunca dantes sonhada. Mas ao fazê-lo, no entender de muitas pessoas, ele esqueceu por completo o elemento humano da questão, isto é, os indivíduos de carne e osso que constituiam a grande força viva dessa produção sem precedentes. Henry Ford II, seu neto e herdeiro, que conta apenas 30 anos, está hoje empenhado na tarefa gigantesca de corrigir a falta de equilíbrio entre o homem e a máquina que há muito se fazia notar na empresa.

Nos dois anos que leva como presidente da formidavel Ford Motor Company, empresa multimilionária, este industrial de fisionomia jovem e maneiras amaveis, tem virado a companhia pelo avesso, em uma autêntica «revolução» doméstica cuja idéia básica é a sua concepção pessoal das relações humanas na indústria.

«A produção em massa é obra simultânea de máquinas *e de homens*,» afirmava ele logo de começo. «Se formos capazes de solucionar o problema das relações humanas na indústria, estou convencido de que poderemos fazer nestes próximos dez anos tanto progresso no sentido de reduzir o custo da produção, como fizemos no último quarto de século com o sistema de produção em massa.»

Mas ao dizer «relações humanas» o jovem Ford tem em mente algo muito

mais amplo do que as suas simples relações de empregador com o sindicato local n.º 600 (Ford) da União de Operários da Indústria Automobilística. Nessa expressão ele abrange tambem o complexo de relações com grande número de outros empregados, alem dos operários: com distribuidores, fornecedores e vendedores, com as comunidades em que suas fábricas estão situadas, e enfim, com o público em geral. A essência de tudo isto parece ser a adoção da regra básica do cristianismo, «Não faças a outrem o que não queres que te façam.» O jovem Ford acha que deve tratar os seus semelhantes como seres humanos.

Pouco depois de haver assumido a presidência do imenso império Ford, ele declarava: «Isto agora deixou de ser obra de um só homem; daquí em diante passará a ser um trabalho de equipe.»

Os empregados da empresa não mais precisam murmurar os seus queixumes, como era de regra antigamente. Um velho empregado, que conhece a empresa como a palma da mão, antes e depois da metamorfose, declarou: «É como se houvessem tirado um peso tremendo das costas da gente.»

Ao encaminhar-se para a solução dos problemas de suas relações com os trabalhadores, Ford se inspira nas conclusões a que chegou Elmo Roper em um de seus inquéritos. Segundo Roper, há quatro coisas fundamentais, que todo trabalhador deseja e quer: primeira, sentir-se seguro; segunda, subir, ser promovido; terceira, sentir-se tratado como um ser humano, e não como um «número» que figura numa folha de pagamento; e quarta, o respeito que lhe é devido pelo fato de executar trabalho util e proveitoso à sociedade em conjunto. Satisfaçam-se estas quatro pretensões do trabalhador—assim raciocina Ford—e ter-se-á encontrado a varinha de condão para estabelecer a cordialidade nas relações entre o capital e o trabalho.

O jovem industrial já hoje se pode orgulhar de ter alcançado alguns resultados palpaveis na sua esclarecida política trabalhista. Durante os últimos nove meses de 1945, o número de reclamações à gerência, por parte dos operários filiados à União, chegou à média mensal de 2.387! Pois em 1946 já ele decrescia de quase 50 por cento, para a média mensal de 1.188, e em fins de 1947 caía mais uma vez—para 1.130. Ora, como muitos especialistas em relações industriais consideram a proporção das reclamações operárias o verdadeiro índice das condições de trabalho, já por aí podem ser avaliados os resultados realmente eficazes obtidos pelo príncipe da indústria do automovel.

A maneira, por exemplo, como ele tem tratado com a Associação dos Capatazes da América, é um paradigma revelador da sua técnica prática de abordar os problemas desta ordem. Quando em julho, a companhia denunciou o acordo pelo qual reconhecera até alí o sindicato dos capatazes, o jovem Henry declarava a um reporter: «Se queremos que os capatazes sejam considerados parte da gerência, precisamos fazer com que eles *se sintam* parte da gerência. Para isso, já lhes concedemos um parque privativo para o estacionamento dos seus automoveis, situado mais perto da fábrica, e um refeitório tambem privativo. Os nossos capatazes já não são obrigados a marcar a entrada e saida no relógio de ponto. Já não usam chapa distintiva como os operários, mas em vez disso cartões de identidade. E qualquer capataz que ganhe menos do que um operário qualificado, obtem logo um aumento de salário.

«O mais importante, porem, é que estamos introduzindo aquí um sistema de representação dos capatazes. Quando um capataz tem qualquer reclamação a fazer, apresenta-a ao seu delegado, que, sendo necessário, pode levá-la diretamente à chefia da empresa. Estamos iniciando tambem um programa de treinamento, graças ao qual os capatazes se poderão preparar para passar a melhores cargos, e daquí em diante o nosso pessoal de gerência passará a ser recrutado, sempre que possivel, dentro das fileiras do pessoal de menor categoria. Tambem organizamos uma série de jantares de debate, onde permitiremos não só aos capatazes, como aos supervisores de todas as categorias, manter-se a par do que se vai passando nas altas esferas da empresa.»

Em um desses debates à mesa de jantar, Henry Ford II declarou recentemente a um grupo de supervisores: «Estas reuniões não são do gênero daquelas que convocamos para transmitir ordens ao pessoal. Esperamos vir aquí aprender muito tambem. Nós falamos com os senhores, os senhores falam com a sua gente, e essa por seu turno falará com o grupo que lhe é subordinado—para que, em seguida, todo este processo se inverta. Quando o regime é de trânsito num só sentido, como em certas ruas, as comunicações nunca podem ser satisfatórias.»

Mas, pelo fato de Ford procurar ir ao encontro das necessidades e aspirações fundamentais dos seus empregados, não se segue daí que ele se deixe dominar, ou se submeta a ordens de terceiros. Este caso o demonstra. Um capataz da fundição adoeceu, e ficou ausente do trabalho alguns dias. Suspenderam-lhe o pagamento, e quando regressou ao serviço pediu que tudo lhe fosse pago por conta da verba de ajuda em caso de doença, como de praxe. Acabou conseguindo que lhe pagassem tudo, mas não sem primeiro ter ouvido um carão de um supervisor, que o acusava de ter simulado a doença.

Passado algum tempo, ao debaterem um novo contrato da companhia com a Associação dos Capatazes, os negociadores sindicais propuseram uma cláusula destinada a evitar incidentes da ordem do que descrevemos acima. Henry Ford escarneceu: «Que disparate! Não há ninguem capaz de legislar sobre a paz industrial. Nenhuma lei conseguirá jamais que as pessoas humanas se entendam bem!»

Entretanto, sem prejuizo desta filosofia, Henry Ford II parece saber muito bem como se entender com as pessoas. A esse respeito, diz um antigo empregado das fábricas de Detroit: «O Ford neto sabe que ainda não tem idade nem experiência bastantes para chefiar uma em-

O HOMEM para quem você trabalha dias e anos seguidos, seja ele capataz, superintendente, ou qualquer outra coisa, é quem para você representa a companhia. A seus olhos ele *é* a companhia. E se esse homem for tratado aos empurrões pelo seu superior, se ele receber ordens de cima acompanhadas do comentário «as razões não são da sua conta»—o mais provavel é que você passe a ser tratado tambem aos empurrões. O núcleo do nosso problema de relações humanas, aquí na Ford, é a organização de uma equipe de capatazes, superintendentes, chefes de departamento e de divisão, capazes de compreender que todos nós conseguiremos cumprir melhor nossas tarefas, quando aprendermos realmente a tratar com as pessoas.

Não há nada que tenha solução facil!

Henry Ford II, em «The Atlantic Monthly»

presa deste tamanho. Por isso, pede conselhos. E toda a gente aquí está interessada em ajudá-lo...» Eis a chave do segredo da personalidade do jovem magnata da indústria: é capaz de induzir os outros a quererem auxiliá-lo. E isto ele consegue por uma combinação de polidez, tacto e retidão.

Os dirigentes da empresa Ford dispõem de uma rede de inter-comunicações privadas, que lhes permite trocar impressões uns com os outros sem sairem dos seus respectivos escritórios, situados a grande distância uns dos outros. Ford chama por exemplo um dos seus assistentes, e apresenta-lhe determinado problema. Se vê que não pode arrancar-lhe logo uma solução, em vez de dizer: «Venha aquí ao meu gabinete para discutirmos isso,» ele dirá: «Eu dou já um pulo no seu escritório, para conversarmos.»

Quando ele entrou para a companhia Ford, em agosto de 1943, o avô já estava com 80 anos, e uma boa parte das operações da empresa tinham caido entre as mãos de Harry Bennett, figura muito conhecida do império Ford, e que tinha alí o título de diretor das relações industriais, gozando de poderes praticamente discricionários. A Ford fora sempre uma empresa de «um só homem», e quando o velho Ford ficou isolado, com Bennett onipotente a separá-lo do resto do pessoal, os outros diretores viram-se privados de chefe. O jovem Henry viu logo de entrada as desastrosas consequências do isolamento a que o avô se votara.

Mas, quando tentou dar remédio à insatisfação reinante, viu-se desprovido de recursos de ação. Todas as vezes que tentava dar um passo, chegava a certa altura, e daí para diante não andava: havia sempre alguem que lhe passava uma rasteira. E nunca podia chegar a saber quem criava as dificuldades. Sentia-se como um homem que sai a combater fantasmas. Percebia até que ponto a ditadura de Bennett estava minando o moral dos trabalhadores, e até que ponto a gerência se deixara paralisar e arrastar ao caos pelo medo burocrático das responsabilidades. Nestas condições, foi pouco a pouco tomando vulto e robustecendo-se no seu espírito a decisão de dar remédio a esta ordem de coisas.

Para ajudá-lo nessa tarefa, contava com o apoio de John Bugas, atualmente seu diretor de relações industriais, de Mead L. Bricker, um dos gerentes da produção, e de sua própria mãe, que assistira, sem nada poder fazer, à guerra-relâmpago que o mesmo Bennett desencadeara contra Edsel Ford (pai de Henry II), conseguindo esgotá-lo e anulá-lo por completo. Alem disso, fez voltar ao serviço um dos empregados mais importantes da empresa, John R. Davis.

Davis havia sido até poucos anos atrás o gerente de vendas da companhia; mas, tendo incorrido na ira de Bennett, fora rebaixado de posto e exilado para a costa do Pacífico. Henry foi avistar-se com ele: estaria Davis disposto a regressar ao posto de gerente de vendas? Tão diplomaticamente quanto lhe era possivel, Davis fez saber que não, com o temor de perder para sempre o emprego, se Bennett abrisse fogo contra ele uma segunda vez.

O jovem teimou na sua idéia, e acabou por formular a oferta nestes termos: «Eu preciso de você. A companhia precisa de você. Diga-me se quer voltar nestas condições: se você sair da companhia, eu saio tambem. Que me diz?»

Davis concordou...

O seu regresso à companhia, em 1944, foi como um repto diretamente lançado ao rosto de Bennett. Não confiando mais na inviolabilidade e segredo de seus próprios escritórios, Bugas, Bricker, Davis e o próprio Henry, passaram a reunir-se na sede do velho Detroit Club, no centro da cidade, sob cujos altos tetos reinava um silêncio protetor.

Finalmente, a 21 de setembro de 1945, em assembléia do corpo de diretores, Henry foi nomeado presidente da companhia. Antes de encerrada a sessão, encaminhou-se sozinho, ao longo do corredor suntuosamente apainelado a mogno, para o escritório de Bennett, onde se demorou apenas alguns minutos, a sós com este. Quando de lá saiu, o temido Bennett deixara de ser o manda-chuva na empresa Ford.

A revolução estava começada. «Foi como se um grande pé-de-vento tivesse varrido o edifício da Administração!» conta um observador. Esse pé-de-vento arrancou das suas cadeiras dezenas de chefes e jogou-os na rua. As operações de profilaxia duraram cerca de um mês, e foi então que os de fora começaram a perceber até que ponto a transformação fora radical.

A Ford Motor Company havia sido por muito tempo uma cidadela de silêncio e mistério: agora, os repórteres que queriam saber coisas, obtinham ligação direta com o Bureau de Notícias Ford, onde lhes davam todas as informações que eles solicitavam. Outros descobriram esta coisa sem precedentes: se telefonavam a um chefe de departamento que, no momento, se encontrava fora do escritório, antes de findo o dia esse funcionário os chamava atenciosamente, para inquirir do que pretendiam...

Henry fez várias viagens pelos Estados Unidos para se entender com agentes e vendedores, com as pessoas eminentes das comunidades onde as fábricas Ford estão situadas, ou onde se projetavam novas fábricas, e com os chefes das cerca de seis mil empresas que abastecem de peças e materiais a companhia Ford. A todos fez saber em quanta conta tinha a contribuição particular de cada um para o conjunto das operações da Ford, e em seguida pedia-lhes parecer sobre a maneira de reduzir os custos, simplificando ou «aerodinamizando» os serviços. A cooperação dessa massa enorme de cidadãos já ajudou Ford a economizar milhões de dólares.

Henry Ford II tem ainda diante de si muito caminho a percorrer. Relativamente aos quatro pontos indicados por Elmer Roper, ele só fez alguma coisa de decisivo quanto ao primeiro. Quanto aos outros, não há dúvida que ele já deu início à sua aplicação, obtendo êxito com os homens que lidam diretamente com ele. Mas um programa desta ordem leva muito tempo a infiltrar-se de camada em camada, até atingir os 130.000 empregados da companhia, espalhados por todo o território dos Estados Unidos.

Os observadores familiarizados com a «nova» empresa Ford crêem que, se Henry II for bem sucedido, poderá vir a guiar todo o resto da indústria americana até à solução do problema econômico básico—qual seja o de introduzir no sistema industrial dos Estados Unidos um regime democrático semelhante ao que já impera no sistema político. Esses observadores, claro está, não chegam ao ponto de afirmar que Henry atingirá a sua meta: dizem apenas, discretamente, que ele tem probabilidades de o fazer.

Boas maneiras são o modo acertado de fazer as coisas.
—Emerson

Flagrantes da vida real

★ No momento em que eu passava pela carroça de um leiteiro que estava parada ao lado do passeio, o cavalo levantou as orelhas, relinchou e começou a caminhar em minha direção. Subiu na calçada com carroça e tudo, e eu—que nunca fiz grandes amizades com cavalo algum—dei um grito e subí os degraus da entrada de uma casa. O cavalo já tinha as patas no primeiro degrau da escada quando o leiteiro apareceu e conduziu-o novamente para a rua.

—Parece que o seu cavalo pensa que me conhece, exclamei,—mas eu nunca o vi mais gordo.

—É a sua bolsa, minha senhora, explicou o leiteiro. —É igualzinha a um embornal, e ele está com fome.

Diante disso fui direitinha ao centro e comprei uma bolsa que realmente se parece com uma bolsa.

—Colaboração da sra. Robert Blue

★ Quando meu marido e eu, ambos nascidos e criados na cidade, nos mudamos para um lugar isolado no interior, um fazendeiro das proximidades se ofereceu generosamente a nos ajudar até que nos instalássemos. Nos dias que se seguiram, observamos que ele invariavelmente montava no seu cavalo para o menor percurso que fosse. Certa ocasião em que ele montava para percorrer não mais de dez metros, meu marido perguntou-lhe:

—O senhor não anda nunca?

—Filho, replicou o fazendeiro com seriedade, —se o bom Senhor quisesse que eu andasse, me teria dado quatro pernas.

—Colaboração de M.B.L.

★ Três peritos contadores entraram num importante banco de Chicago para o exame mensal dos livros. Cerca das 21 horas, um deles exclamou: «Há um alcance de 500.000 dólares!»

Após um exame cuidadoso das folhas de balanço, os outros peritos concordaram com o colega. No dia seguinte pela manhã, o banco todo estava em alvoroço. Verificou-se rapidamente que o alcance provinha do Departamento de Cheques Cancelados. O chefe desse departamento correu para uma nova funcionária e perguntou-lhe nervosamente:

—Miss Smith, a senhora se lembra ter cancelado um cheque de 500.000 dólares ontem?

—Ah! esse cheque, respondeu a moça, abrindo a bolsa. —Levei-o comigo para mostrar a minha mãe que espécie de trabalho eu estou fazendo.

—Colaboração de J. Kozak

★ O verão passado meu tio se candidatou ao posto eletivo de chefe de polícia da cidade onde vive. Certa noite, um estranho bateu-lhe à porta.

—Preciso de auxílio, disse ele. —Meu carro encrencou e não consigo fazê-lo funcionar. O senhor me poderia ajudar?

—Pois não, respondeu meu tio.

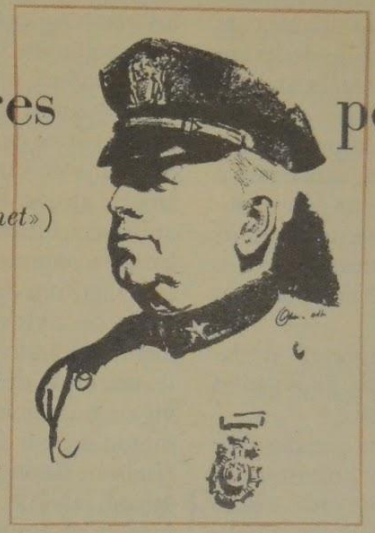
Seguimos o homem até o automovel e ele sentou-se ao volante. Mas antes que nos puséssemos a empurrar o carro, o tal indivíduo meteu o pé no arranque e o motor pegou sem dificuldade. Voltando-se então para nós ele gritou:

—Eu só queria saber se o senhor era a pessoa em que eu devia votar.

—Colaboração de Hal Phillips

Esquadrões de emergência da polícia protegem uma cidade contra loucuras e desastres

Salvadores por ofício



(Condensado de «Coronet»)

Henry Lee

Subitamente, apagaram-se os possantes globos que inundavam de luz a sala de operações, onde um cirurgião executava delicada intervenção. Uma enfermeira encontrou uma lanterna; outra, às apalpadelas, alcançou o telefone e chamou o esquadrão de emergência da polícia.

Pouco depois, chegava um grande caminhão verde. Seis policiais, sustentando um cabo elétrico, entraram correndo no hospital. Roncou o motor do caminhão e a corrente de um gerador portatil iluminou novamente a sala, permitindo ao médico terminar a operação.

A interrupção durara apenas cinco minutos. Dez minutos mais e o paciente teria morrido.

O Inspetor Frederick J. McKenna, policial de aspecto austero, e os 660 membros do Serviço de Emergência de Nova York, estão em contacto diário com a própria essência da vida, da morte e da dor. Num miseravel apartamento, procuram resuscitar um tresloucado que abrira a torneira do gás. Em outro, dão oxigênio a uma jovem mãe, aos primeiros vagidos do novo ser.

Por vezes, são chamados a resolver pequenos problemas grotescos. Ora é uma voluvel senhorita que não consegue arrancar o anel de noivado, obrigando o agente a comparecer munido de uma serra especial, semelhante a usada pelos cirurgiões. Ora é uma senhora obesa que fica presa na banheira e tem de ser desvencilhada à custa de óleo lubrificante...

Recentemente, um menino colocou a mão na abertura de uma dessas máquinas por onde saem copos de papel. Ouviu-se um estalido e o menino ficou com a mão presa, como em uma ratoeira. Não foi pouco o trabalho que deu ao esquadrão para libertá-lo.

Os 20 esquadrões de emergência protegem Nova York em terra, no mar e no ar, contra loucuras e desastres. No ar, seus pilotos, identificam os aviões que passam em vôos baixos, comunicando o fato às autoridades competentes. Ao longo de centenas de milhas de costa, 11 lanchas cortam o mar, aparelhadas para prestar toda classe de socorros. Em terra, seus caminhões estão distribuidos de forma a poderem chegar, em poucos minutos, a qualquer ponto da cidade. Na zona central, estacionam a três minutos no máximo, de qualquer edifício de apartamentos, escritório, escola ou fábrica.

O equipamento dos esquadrões é o mais variado possivel. Seus 200 instrumentos vão desde as cordas de laçar animais até um «macaco» com capacidade de levantar um vagão de trem subterrâneo, para salvar uma vítima.

Ainda nos casos mais desesperados, jamais desanimam. Certa vez, acorreram a uma praia, onde encontraram um menino de dez anos que aparentemente morrera afogado. «Pobre garoto,» disse o médico da ambulância. «Nada podemos fazer.»

«Se o doutor não se importa,» declarou o sargento do esquadrão, «nós vamos tentar, de qualquer maneira.»

Fez aplicar ao menino respiração artificial. Decorridas duas horas, o corpo ainda não dava o menor sinal de vida. «Mais um pouco!» implorou o sargento. Minutos depois, começou-se a sentir o pulso. O menino renascia, lentamente.

Em Brooklyn, uns macacos usados para pesquisas de seroterapia, quase morreram sufocados durante um incêndio. Com o uso de inaladores, os homens do esquadrão conseguiram salvá-los. Muitos símios, entretanto, morderam os seus salvadores ou escaparam para as árvores vizinhas. E o esquadrão teve de dedicar o resto da tarde a caçá-los e trazê-los de volta à colônia.

Os acidentes profissionais são frequentes. Ora é um padeiro que se deixa enlear na amassadeira. Ora é um carvoeiro que, ao abrir a comporta para fazer correr pela calha um monte de carvão, desaparece soterrado pela avalanche. O esquadrão está aparelhado para tais emergências.

Chamado para um «caso de envenenamento por gás», os homens do esquadrão encontraram, certa vez, num armazem, 18 pessoas fortemente intoxicadas por cianogênio. Com máscaras e capas de borracha, lograram remover as 18 vítimas. Fizeram escoar o gás e terminaram por descobrir-lhe a origem: um incinerador, instalado na casa vizinha. Todas as pessoas voltaram a si e o incinerador foi devidamente reparado.

De quando em quando, um sonâmbulo ou neurótico galga uma janela ou alcança o terraço de uma casa, a dezenas de metros de altura. Enquanto procuram tranquilizar a vítima, os policiais abrem, em baixo, a rede de segurança. De um andar em cima, um dos guardas desce por uma corda. Se a vítima se atirar, a rede a recolherá, salvando-lhe a vida. Recentemente, um rapaz de 18 anos meteu-se entre as vigas da imensa ponte de George Washington, a mais de 120 metros acima do rio Hudson. Redes, escadas e cordas não puderam salvá-lo. Para chegar até ele, os rapazes do esquadrão de emergência tiveram de formar uma escada humana. Era já meia noite e os refletores mal o podiam localizar. O vento forte, soprava por entre os cabos; sombras bailavam sinistramente. Quando, finalmente, alcançaram o jovem, quase se viram obrigados a pô-lo sem sentidos para arrancá-lo à trave a que desesperadamente se agarrara. Segurando-o com uma das mãos e firmando-se com a outra, lograram trazê-lo, são e salvo.

Ser admitido no Serviço de Emergência já constitui um feito apreciavel. O candidato, preliminarmente, deverá ter um mínimo de dois anos de bons serviços na polícia comum. Se possui alguma instrução, é convidado a frequentar, nas horas livres, os cursos da corporação, afim de receber noções de química, medicina, socorros urgentes, etc. Depois de vários meses de estudo, presta um exame escrito; mesmo quando aprovado, é admitido apenas a título de experiência por um período de um a cinco anos. Finalmente, apesar de efetivado no Serviço, continua obrigado a estudos rigorosos. Recebe o salário anual de 3.900 dólares. Daí em diante, seu emprego é vitalício.

Não existe nenhuma outra organização com os mesmos fins e igual eficiência. Em seus 17 anos de funcionamento, a Divisão atendeu a mais de 160 mil chamados. Para o povo da cidade, reconhecido aos seus serviços, os agentes da Emergência são os entes que mais se assemelham ao Super-homem. Como este, voam, galgam, nadam, cavam e lutam, vencendo todos os obstáculos para socorrerem as vítimas.

As autoridades médicas aprovam agora o uso dos hormônios femininos

PARA A MULHER EM IDADE CRÍTICA

Por Paul de Kruif

HÁ 15 ANOS que se descobriu ser possivel aliviar por meio do hormônio feminino os ataques de melancolia que afligem as mulheres durante a idade crítica; entretanto, a maioria das mulheres nessas condições continuam sofrendo. Até pouco tempo, os hormônios só podiam ser ministrados por meio de injeções bastante incômodas; receava-se que apresentassem algum perigo; alem disso, eram caríssimos. Mas, hoje, finalmente, esse medicamento pode transformar, em muitos casos, essa tormentosa fase da vida num período de serenidade e vigor.

Há dois tipos de hormônio feminino— o natural e o sintético; ambos são chamados «estrogenos». Agora, ambos podem ser ingeridos em tabletes e, quando ministrados sob controle médico, são de grande eficácia, e isentos de perigo. Custam tão pouco que estão ao alcance de quase todas as mulheres.

A menopausa, ou idade crítica, é um período natural e inevitavel na vida de toda mulher. Significa, principalmente, que os seus anos de fecundidade estão findos. Cessa a menstruação. Operam-se-lhe na química biológica certas mudanças sutís, que se podem refletir em diferentes sintomas físicos e emocionais.

Muito poucas mulheres têm uma compreensão inteligente do que significa a menopausa e de como poderá afetá-las pessoalmente. A ignorância dos fatos, alimentada por uma porção de «conselhos de comadres», conduz à crença de que a

idade crítica significa, invariavelmente, um período de sofrimento físico e mental, o fim de relações conjugais satisfatórias e um declínio rápido em direção à velhice. Nada mais falso! A ignorância, o medo e a preocupação por si próprios são causas dos piores sintomas da menopausa. A maioria das mulheres que enfrentam essa fase com inteligência, confiança e bom senso, resiste à tormenta com pouquíssimo sofrimento.

O conselho médico durante esse período é importante. Para aquelas que o necessitam, o médico pode receitar hormônios que aliviam os sintomas mais incômodos. Mesmo a pequena minoria que sofre severos sintomas—e cujos males dão origem ao mito de que *todas* as mulheres têm de sofrer o mesmo—pode conseguir alívio com a terapia estrogênica.

Milhões de mulheres pertencem neste instante ao grupo que está passando por essa fase da vida. Quando os sintomas são fortes, sentem-se nervosas, irrequietas, trêmulas; às vezes sentem até vontade de gritar. Quaisquer notícias, por menos desagradaveis que sejam, perturbam-nas; irrita-as o barulho de crianças quando brincam. Mulheres que sempre foram calmas tornam-se às vezes briguentas; outras começam a ter ciumes infundados de maridos fiéis. Muitas vezes têm agudas dores de cabeça e cólicas.

O pior de tudo, porem, é o abatimento, a melancolia que persegue muitas mulheres nesse período, fazendo-as desinteressar-se da vida, chorar sem razão, perder o sono com o pressentimento de que algo de terrivel está para acontecer, e levando-as a crer que o mundo e até os que lhe são caros estão contra elas.

Qual a causa dessas perturbações, que trazem a infelicidade a milhões? Há muito tempo já que se suspeitava serem os ovários gastos os causadores das perturbações—mas não se pôde prová-lo até que os químicos conseguiram isolar o hormônio feminino. Há 25 anos, os drs. Edward A. Doisy e Edgar Allen, de St. Louis, extraindo os ovários das fêmeas de ratos e camondongos, descobriram que cessava nelas toda a atividade sexual e que o útero definhava. Mas, quando os cientistas injetaram nos roedores o fluido extraido dos sacos dos óvulos ovarianos de animais normais, notaram grande desenvolvimento dos orgãos definhados e o renascimento da atividade sexual. Foi essa a primeira indicação da existência do hormônio feminino.

Mais tarde, o dr. Doisy extraiu o hormônio em cristal puro da urina de mulheres grávidas. Seus efeitos sobre os orgãos e atividades sexuais das fêmeas de toda espécie de animais foram deveras fantásticos. E, para as mulheres que sofriam, era animador o fato de ser o hormônio sempre igual quimicamente, qualquer que fosse o animal de que o extraissem; tinha o mesmo estranho poder, quer proviesse de pombas ou de tartarugas. É o hormônio que controla o crescimento mensal da membrana uterina; é ele indispensavel à gravidez e à menstruação e regula o desenvolvimento dos contornos físicos da mulher; é ele que faz a mulher feminina.

Iria o poder do hormônio feminino, alem dessa ação puramente física, normalizar a perturbada condição mental e emocional da mulher? O dr. Augustus A. Werner, de St. Louis, foi um dos pioneiros na procura da resposta a essa pergunta. Iniciou corajosamente suas experiências com mulheres cujos ovários tinham sido removidos. Deu injeções de hormônio a cerca de 16 dessas pessoas prematuramente envelhecidas (algumas na casa dos 20, outras na dos 30). Os resultados, publicados no Jornal da Associação Médica

Americana, foram surpreendentes. O nervosismo das pacientes, as «ondas de calor» e dores de cabeça desapareceram. O abatimento e crises de choro tambem se foram. Renovou-se-lhes a energia; a vida conjugal normalizou-se.

O dr. Werner repetiu as experiências então em 96 mulheres cujos ovários não haviam sido retirados, mas que se sentiam nervosas e fisicamente cansadas durante a idade crítica. As injeções de hormônio restituiram-lhes a estabilidade nervosa, calma mental e energia.

As investigações do dr. L. F. Hawkinson, de Brainerd, Minnesota, confirmaram as esperanças. O estrogeno, injetado em mil mulheres incapacitadas pela idade crítica, trouxe alívio da maior parte dos males mentais e físicos a 691 delas, produzindo melhoras consideraveis em 149 outras.

Raramente uma descoberta da medicina tem encontrado aceitação tão unânime. Centenas de pesquisadores nos Estados Unidos e em outros paises confirmaram o fato de que o hormônio feminino constituia um substituto químico para os ovários gastos.

Por que, então, não ministravam os médicos o hormônio a todas as mulheres que sofriam dos incômodos da idade crítica? O grande obstáculo era a necessidade de ministrá-lo por meio de injeções. Os males da idade crítica podem durar meses, ou até anos—seis ou mais—e para aliviá-los as injeções teriam de ser dadas uma ou duas vezes por semana. São dispendiosas e consomem muito tempo dos médicos, enfermeiras e pacientes. E mesmo nas mãos mais habeis, a agulha de injeção não deixa de causar dor.

As pesquisas continuaram. Em 1939, alguns químicos ingleses conseguiram produzir sinteticamente uma droga que marcou época—o estilbestrol, que veio aliviar as «ondas de calor» e distúrbios nervosos de muitas mulheres. Podia ser ingerido por via bucal e adquirido sob receita a preço mínimo. Mas o estilbestrol tinha um inconveniente—produzia náuseas em algumas mulheres.

Outros químicos conseguiram produzir uma réplica sintética do hormônio natural—o etinil estradiol, que veio a constituir o mais poderoso hormônio feminino, mas que, como o estilbestrol, causava náuseas a algumas pacientes.

Por volta de 1940, os cientistas canadenses que estudavam hormônios produziram uma mistura concentrada de hormônios femininos extraida da urina de éguas gravidas. Os efeitos surpreendentes dessa mistura estrogênica sobre os distúrbios mentais de mulheres que sofriam agudamente na idade crítica foi relatado pelo dr. J. R. Goodall, da Universidade de McGill. Uma de suas pacientes, normalmente de ótima disposição, tornara-se, em poucos meses, tão irascivel que seu lar se transformou num «mar de tempestades, de incompreensão e intolerância». Uma semana depois de ter começado a tomar por via oral a mistura de estrogenos, sua vida voltou a normalizar-se. Foi extraordinária a rapidez com que recobrou a antiga calma e alegria.

Nos últimos cinco anos, muitos relatórios científicos vieram confirmar a eficácia da mistura. Não só é ela facilmente tolerada pela maioria dos milhares de mulheres em que tem sido experimentada, como parece aliviar os distúrbios da idade crítica melhor que qualquer outro tipo de estrogeno tomado por via bucal. Milhares de mulheres declaram que, quando tomam tal medicamento, não só lhes desaparecem a tensão nervosa, as dores de cabeça e a melancolia, como sentem uma onda de energia a que os médicos chamam «sensação de bem-estar».

O dr. Doisy salienta que, considerando como possiveis pacientes todas as mulheres de 40 anos, a experiência que se está realizando assume enormes proporções. De fato, considerando a quantidade de pacientes, talvez seja essa a maior experiência médica da história, pois abrangerá tambem idades muito anteriores e posteriores ao período da menopausa. Isso porque os endocrinologistas e ginecologistas estão descobrindo outros poderes desse espantoso hormônio feminino.

Os estrogenos corrigem a falta de desenvolvimento sexual nas mocinhas; o dr. E. C. Hamblen, de Durham, North Carolina, declara que não há efeito terapêutico mais dramático na história da medicina do que este. Nas mulheres de mais idade, a falta do hormônio feminino faz perder cálcio, e por isso os ossos se quebram facilmente. Os médicos do General Hospital de Massachussetts descobriram que a aplicação de estrogenos apressa a cura de tais fraturas. Os estrogenos tambem curam a vaginite que aflige tantas mulheres de idade.

Alem disso, os estrogenos aliviam o sofrimento em certas doenças masculinas. Diminuem a horrivel dor produzida pelo cancer da próstata, atrofiam o tumor e prolongam a vida—conquanto não curem o mal.

Mas, agora, que as mulheres podem tomar o hormônio feminino tão facilmente por via oral, a extrema simplicidade do tratamento requer algumas advertências. Antes de tudo, *nunca se deve tomá-lo sem receita médica!*

Os ginecologistas e endocrinologistas mais experientes no assunto salientam que os hormônios femininos nunca devem ser receitados até que o médico tenha certeza de que a paciente não apresenta tumores cancerosos ou mesmo não-malignos. É preciso, portanto, um exame cuidadoso dos seios e pelvis. Embora os hormônios femininos não produzam cancer, há provas clínicas de que podem provocar o crescimento rápido de tumores de cuja presença não se suspeitava. O caminho mais seguro para o médico e a paciente é o exame para apurar a existência de cancer antes de qualquer tentativa de aplicação da terapia estrogênica.

A dosagem deve ser cuidadosamente controlada sob a direção do médico, sendo que a quantidade necessária varia de mulher para mulher. Quando o estrogeno é tomado em doses grandes por mulheres que já passaram pela menopausa, pode provocar hemorragias semelhantes à menstruação. Se a hemorragia persistir, será necessária uma curetagem — e a repetição da curetagem é prejudicial.

Conquanto os estrogenos não sejam uma fórmula mágica para curar os conflitos domésticos da mulher de meia idade, podem trazer harmonia a muitos lares infelizes. Mas só o médico poderá decidir quando é aconselhavel essa terapia.

A ALGUEM que se queixava de não dispor de tempo suficiente, um cacique deu uma resposta de grande sabedoria. «Bem,» disse o índio, «o senhor dispõe de todo o tempo que há.»

—Ralph Waldo Emerson

Dois mundos apertam-se as mãos

(Condensado do «St. Louis Post-Dispatch»)

Por Blake Clark

GOBINDRAM J. Watumull é um abastado negociante de Honolulu, que tem como regra de conduta partilhar a sua boa fortuna com os seus irmãos menos favorecidos da Índia onde nasceu. Para o conseguir, este homem de alma generosa, concorre anualmente com cerca de 100.000 dólares para uma fundação única pelas suas características— que realiza os seus fundos por meio de participação nos negócios do filantropo.

Watumull, a quem a família costumava chamar de Goma, veio ao mundo em Haiderabade, na Índia central. No dia em que completou oito anos de idade, o pai, que era construtor civil, caiu de um camelo e ficou inutilizado para o resto dos seus dias. O irmão mais velho de Goma, chamado Jhamandas, teve que partir para o exterior em busca de emprego que lhe permitisse concorrer para o sustento da família reduzida à miséria. Dois outros irmãos trabalhavam entretanto pelo salário de 4 centavos ao dia, o mínimo indispensavel para manter vivos Goma, os pais, e quatro irmãs...

Goma era um garoto esperto, e se distinguiu na escola da aldeia. Pela altura em que Goma terminava os estudos elementares, Jhamandas (que no ínterim tinha achado trabalho nas Filipinas) sentiu-se em condições de poder custear-lhe um curso de dois anos numa escola de engenharia. Terminados os estudos, o rapaz conseguiu emprego do governo da Índia e, ao cabo de poucos meses era escriturário com o ordenado mensal de 30 rupias (cerca de 200 cruzeiros). Os ingleses que exerciam na Índia funções idênticas percebiam salários vinte vezes superiores...

Um dia, caiu-lhe por acaso nas mãos um livro sobre Abraão Lincoln, e ele leu, empolgado, a história de como um povo negro se elevou em dignidade e respeito, graças ao Grande Emancipador. Olhando pela janela, via passar na rua os seus compatriotas, submissos e semi-esfaimados, e pedia então a Deus que desse tambem à Índia o seu Lincoln...

Em, 1917 Goma recebeu uma carta do irmão que estava no Havaí. «Tenho agora uma sucursal aquí,» dizia-lhe ele. «Mas o meu gerente é um homem ineficiente. Queres vir tomar-lhe o lugar?»

Goma não hesitou em aceitar, e três meses depois descia a prancha de desembarque do navio que o levara a Honolulu. Logo ao chegar à primeira encruzilhada de ruas avistou um po-

lícia indígena que dirigia o tráfego. Um transeunte louro, bem vestido, começou a atravessar a rua sem esperar o sinal do guarda, e este o deteve logo com um brado autoritário. O transgressor voltou correndo para a calçada. Watumull não podia crer no que seus olhos viam. Era a primeira vez na sua vida que ele ouvia um homem de pele morena erguer a voz para dar ordens a um *branco!*

Outras surpresas o esperavam no bazar do mano Jhamandas. Tanto os fregueses como os negociantes da vizinhança, de raça européia, o tratavam de *mister*. Do outro lado da rua havia uma loja de refrescos de propriedade de um chinês; os seus empregados eram brancos! Todos os dias, à hora do almoço, o dr. Mundorf, oculista estabelecido na casa ao lado, parava à porta e perguntava: «Vamos almoçar, «seu» Watumull?» Juntavam-se então a um grupo de outros homens de negócio de várias raças, e iam comer no *Merchant's Grill*.

Pouco depois de ter chegado a Honolulu, Goma se enamorou de uma bonita moça americana: Ellen Jensen, jovem professora de música. Goma lhe confiou as suas ambições, no que dizia respeito a ele e à sua Índia, e rogou-lhe que o ajudasse. Casaram-se em 1922.

Quando se viu senhor de economias suficientes, Goma entrou para a sociedade, e o irmão foi-se retirando pouco a pouco dos negócios, conservando para si apenas uma pequena parte dos interesses da firma. Durante os dez anos seguintes, Goma e Ellen transformaram o que fora de começo um pequeno bazar, em um próspero armazem de vendas gerais. Goma Watumull considerava aqueles que trabalhavam para ele como seus amigos e iguais, e todos os empregados eram recebidos em sua casa. Todos os meses o guarda-livros punha de lado uma percentagem das vendas brutas, destinada a constituir um fundo para receber e banquetear os «Watumulls e Companhia» em alguns dos melhores restaurantes de Honolulu. O chefe da casa estabeleceu o regime de férias pagas, um plano de seguros contra doença, e um sistema modelar de gratificações. Cada um dos seus empregados era dono da casa onde morava.

Por volta de 1937, os métodos de Watumull haviam alcançado tal êxito, que lhe foi possivel erigir um moderno e elegante edifício para a sua loja. Poucos anos passados já ele inaugurava outra sucursal em Waikiki, e uma terceira no centro da cidade. A esposa era sócia dele, com todos os direitos inerentes à sua categoria. Ao mesmo tempo que se consagrava à criação e educação de uma família de duas moças e um rapaz, redigia toda a publicidade da firma, e foi durante um ano gerente do estabelecimento principal. Assistidos por empregados tão leais quanto ativos, conseguiram elevar o volume de vendas a 2 milhões de dólares por ano.

Era, assim, chegado o tempo de Watumull meter mãos à obra, na realização de um sonho que havia muito vinha acarinhando. O que ele queria era ajudar a Índia a se modernizar; queria combater as pragas da malária, da cólera, da disenteria, que ceifavam anualmente a vida de 5 a 6 milhões de seus compatriotas. Ansiava poder oferecer o que comer a 80 milhões de seus patrícios, que viviam em um estado de fome crônica. Estava convencido, com isto, que a salvação da Índia residia na industrialização. A Índia possui o ferro necessário para forjar suas próprias máquinas de lavar roupa, refrigeradores, e banheiras de esmalte—mas faltam-lhe os conhecimentos e os meios técnicos para o extrair da terra onde jaz. Seus rios torrenciais arrastam para o mar, sem proveito algum, a energia que, sob a forma de corrente elétrica, poderia transfigurar e modernizar suas 700.000 aldeias reduzidas a um nivel de vida primitivo. A Índia carece de engenheiros tão desesperadamente quanto de médicos.

Goma, transbordante de entusiasmo, expôs o seu sonho em detalhe a um advogado amigo. Este comentou: «Não sofra inutilmente. Que é que uma só pessoa pode fazer para ajudar 400 milhões? A revitalização da Índia requer bilhões de dólares e milhões de homens capazes.»

«Meu caro, a mais longa jornada sempre começa pelo primeiro passo!» replicou Goma. «Eu darei esse passo.»

De acordo com a esposa, resolveu iniciar a campanha, enviando indianos de capacidade intelectual ao estrangeiro, afim de se prepararem. A idéia era fazer deles especialistas qualificados nos respectivos domínios, homens e mulheres maduros, aptos a absorver as técnicas mais atualizadas em ramos tais como o combate às epidemias, a prevenção de infecções nas mães e nos bebês, conservação de alimentos, e maquinaria de construção. Com o fim de reunir os fundos necessários a uma obra de tais proporções, resolveram organizar uma fundação que fosse diretamente interessada, como sócia, nos seus negócios.

Logo naquele primeiro ano ofereceram 14 bolsas de estudo, com as respectivas passagens de ida e volta aos Estados Unidos, matrículas na universidade da escolha do candidato, e 150 dólares por mês para as despesas correntes, durante dois anos. Essas bolsas estavam ao dispor de quem quer que fosse—sem qualquer reserva ou restrição de natureza política ou religiosa. As únicas qualificações requeridas eram o mérito, e a capacidade de concorrer para o bem do país.

A notícia desta obra provocou grande entusiasmo em toda a Índia. Houve jornais que chamaram Watumull de o «Cecil Rhodes da Índia». Dois mil requerimentos deram entrada na Fundação, e uma junta imparcial de educadores e homens de ciência considerou os méritos dos requerentes.

Entre os primeiros candidatos premiados com a bolsa, contavam-se o dr. Mahendra Bhat e esposa, que se inscreveram na escola de medicina tropical e de serviço social da Universidade de Tulane, de maneira a se porem em condições de combater as moléstias tropicais, flagelo da Índia. Duas ginecologistas, as doutoras Lakhani e Nasir-ud-Din—a primeira hindú, maometana a segunda—foram escolhidas para aperfeiçoar seus conhecimentos sobre os melhores métodos de assistência pre-natal e post-natal à mãe e ao bebê. Um engenheiro, M. A. Lokhande, de Bombaim, recebeu uma subsídio para ir estudar em uma universidade americana o problema das canalizações de esgoto—questão até ao tempo displicentemente tratada, com grave prejuizo de milhares de trabalhadores que habitavam nas espeluncas infectas da sua cidade.

Para aprender como aumentar as reservas alimentares do país, H. D. R. Iyengar foi estudar piscicultura. Milhões dos seus compatriotas, por motivos religiosos, se recusam a tocar em carne, não comendo senão peixe. Ao longo das 4.000 milhas de litoral marítimo da Índia e nas 600.000 milhas quadradas de seus rios e lagos os peixes pululam; mas, devido aos processos primitivos da pesca, a colheita anual é muito magra.

A Índia possui um terço de todo o gado do mundo—205 milhões de cabeças; mas somente 30 por cento recebem os cuidados necessários à produção regular de leite. Amar Rathore, técnico de uma fazenda de criação do governo, foi ao estrangeiro estudar os métodos de melhora-

mento da produção leiteira. Hindús que não tocam em carne, anuem entretanto a beber leite, que em riqueza é a segunda fonte de proteinas animais.

Os Watumull aliciaram a cooperação da indústria. Quatro engenheiros indianos estão fazendo uma excelente prática técnica em uma das maiores fábricas de tratores e de maquinaria agrícola dos Estados Unidos. Três estão trabalhando como químicos em uma fábrica de álcool industrial, e outro trabalha em uma oficina que produz pequenas máquinas e motores.

Watumull se orgulha especialmente de dois homens cujo trabalho, subsidiado pela Fundação, virá beneficiar não só a Índia como outros paises. Um deles é o dr. J. V. Bhat, que tem realizado pesquisas importantes no isolamento de um micro-organismo capaz de dissolver os cálculos renais, que são uma causa tão frequente de óbitos no seu país. O outro, o dr. M. Asirvadham, do Hospital Scudder, em Vellore, vira-se muitas vezes impotente à cabeceira de doentes a quem se recusava a intervenção cirúrgica, porque os seus organismos debilitados não poderiam aguentar o choque da operação. Tendo-lhe sido facultado pelos Watumull o dinheiro e o tempo necessário para trabalhar neste problema, o dr. Asirvadham descobriu na restauração funcional da medula dos ossos uma grande ajuda para esses doentes, e desenvolveu uma dieta especial de proteinas para restabelecer esta necessidade fundamental.

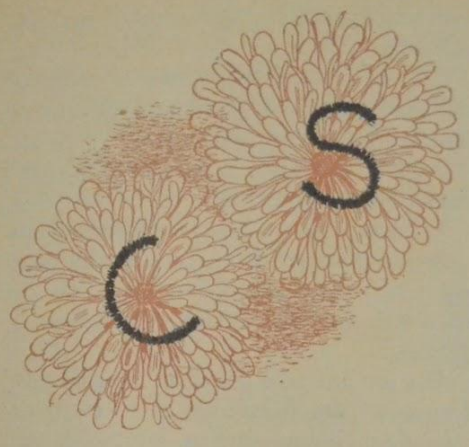
Em 1947, quando transcorreu o 25° aniversário do seu casamento, os Watumull decidiram comemorar essa data oferecendo à Índia o seu primeiro espectrofotômetro Beckman, que é um aparelho destinado a registar os resultados das micro-análises. O dr. N. I. Purshottam e a sra. Tara Deodhar, especialista em nutrição, estão prestes a regressar à Índia para dirigir alí um programa de alimentação aprovado pelo governo. Esperam eles vir a demonstrar que, com a ajuda de refeições concentradas, se poderá prevenir a malnutrição, e as crises de fome, recorrentes na Índia, deixarão de ser inevitaveis.

Consternados com a falta de entendimento entre os ocidentais e os indianos, os Watumulls organizaram um serviço de intercâmbio de informações, em que participam representantes autorizados dos dois lados do planeta.

Os Watumull estão enchendo as prateleiras das bibliotecas universitárias de ambos os mundos, com livros de exposição objetiva dos fatos ocorridos em um e outro. E na Universidade de Columbia concederam eles uma bolsa de estudo para pesquisas a G. B. Lal, prêmio Pulitzer de reportagem científica de 1937, que está escrevendo uma história da ciência indiana.

A Fundação Watumull veio estabelecer um exemplo para a filantropia indiana. Tanto assim, que um industrial indiano acaba de inaugurar uma obra destinada a enviar eruditos indianos ao estrangeiro, no carater de professores-visitantes. E o governo da Índia atribuiu recentemente 600 bolsas a estudantes graduados, para que possam prosseguir seus estudos em paises estrangeiros. O bom exemplo frutificou...

O MAU TEMPO sempre parece pior através de uma janela.
—John Kieran, *Footnotes on Nature* (Doubleday)



Ciumes

Adela Rogers St. Johns

NAQUELE ano, fomos todos de Los Angeles a S. Francisco para ver o grande jogo—Stanford versus Califórnia. Havia cinco ou seis casais no nosso grupo. A ocasião era propícia para rever colegas e velhos amigos e renovar a alegria de nossa juventude, não muito distante. O momento era tambem oportuno para deixar em casa as crianças, os deveres e as responsabilidades, e andar em traje de noite, de bar em bar, celebrando a vitória ou procurando consolar-se da derrota. A cidade inteira, da mesma forma, voltava-se para as multidões entusiásticas do futebol e todos se entregavam aos divertimentos daquele carnaval de fim de semana.

Ocorreram, entretanto, dois fatos que destoaram daquele ambiente de cordialidade. Primeiro: havia qualquer coisa fora dos eixos com os Parkinsons, Dan e Marion. Ninguem ignora que num grupo um casal pode botar toda a festa a perder. Não que Marion tivesse feito qualquer coisa às claras. Os arranhões que ela dava em Dan eram sutís e felinos. Por exemplo:

«Na verdade nem sei qual é a opinião de Dan sobre o jogo. Vejo-o tão raramente.» Ou: «Já conhece a nova secretária de Dan? Ela de fato devia estar no cinema, se é que você gosta de louras de cabelo oxigenado.» Ou então: «Nunca pergunto onde Dan esteve. Podia vir a sabê-lo!»

Estes comentários eram feitos de maneira descuidada e entre risadas, mas feriam-nos a todos, especialmente a mim que sempre gostei muito de Marion. Alfinetar assim um rapaz com quem era tão facil lidar, não condizia absolutamente com ela. Alem do que, eu não sabia até onde Dan continuaria a suportar e desviar as alfinetadas com os seus corteses «Tenha calma, meu bem».

O segundo incidente desagradavel surgiu no Palace Hotel, onde, perguntando pelos aposentos que havíamos reservado, verificamos que ainda faltava um quarto. Depois de quase meia hora, o gerente apareceu com a solução. «Dentro de poucos minutos,» informou ele, «vai vagar um quarto de amostras no segundo andar. Assim que estiver arrumado, avisaremos.» A comunicação foi recebida com aplausos. Todos insistiam em ficar com o tal quarto; por fim, tiramos a sorte e os Parkinsons ganharam.

Quando o empregado da portaria veio anunciar que o ocupante do aposento dos mostruários, um tal sr. Lambertin, partira e que podíamos tomar-lhe a vaga, subimos aos atropelos, como um só corpo. Metade do quarto estava cheio de armações de madeira cobertas com lençóis. Pareceu-nos óbvio que o sr. Lambertin era vendedor de chapéus para mulheres, pois sobre as mesas havia dúzias de pequenos mostradores de mercadorias co-

bertos de veludo e no soalho, atrás de uma mesa, ficara um feltro côr de rosa, guarnecido com uma pena de avestruz. Marion, que procurava, com febril alacridade, tirar o melhor proveito da excursão, encarapitou o ridículo chapéu sobre os cabelos ondulados.

No meio da brincadeira, toca o telefone. Marion responde a chamada. Colocando a mão sobre o receptor, pediu-nos: «Fiquem quietos, é um telefonema interurbano.» Aquietamo-nos um pouco e passamos a escutar.

«Sim,» respondeu Marion com doçura, «este é o quarto do sr. Lambertin. No momento ele não está, mas aquí quem está falando é a *sra.* Lambertin. Acho que ele não deve tardar. Posso dar o recado?»

Depois de esperar alguns instantes, repôs o fone no lugar e informou: «Ela desligou.»

Pela maneira que Marion conduziu a coisa, a brincadeira pareceu-nos bastante engraçada.

Um dos homens rebentava de dar gargalhadas. «Provavelmente é a própria esposa,» comentou. «Quando chegar em casa ele vai ver o que é inferno! Quem está falando é a sra. Lambertin! Ah! Ah! Ah!»

Todos rimos a valer.

—Será que eu poderei comunicar-me novamente com ela? exclamou Marion.

A telefonista pediu desculpas, esclarecendo que não conseguira identificar a pessoa que fizera a chamada.

O quarto começava a esvaziar-se, quando Marion comentou: «Diga ele o que disser, ao chegar em casa, não fará a menor diferença para a situação. Ela não lhe dará crédito. *Eu* não o acreditaria! Ela sempre há de pensar que ele lhe é infiel, e toda vez que ele sair em viagem, a vida dela será um inferno. Que diabo estará se passando comigo? Preciso mandar examinar a cabeça.»

Depois disso, Marion não se mostrou mais tão alegre e o fim de semana acabou sem atingir o êxito costumeiro.

Alguns dias após nossa chegada, Marion veio procurar-me.

—Escreví para o hotel e conseguí o endereço particular do sr. Lambertin, disse ela.—Ele mora em Glendale. Vou de auto até lá. Não te importarias de ir comigo?

Era um antigo e pequeno bangalô californiano, com hortênsias azuis e côr de rosa a ornamentar-lhe os degraus da entrada. Uma senhora robusta com pouco mais de 40 anos e uns belos olhos, cumprimentou-nos convidando-nos a sentar.

Marion perguntou se a sra. Lambertin se lembrava do telefonema para S.Francisco. A sra. Lambertin respondeu que sim, que se lembrava. Marion contou então a sua história—a nossa ida a S. Francisco para o grande jogo, as tolices que fizemos, e como respondera ao chamado, quando o sr. Lambertin já tinha partido. Sua única intenção fora fazer graça.

Terminada a narrativa, falou a sra. Lambertin:

—E fez toda essa viagem para me dizer isto? Vejo que é uma moça de bons sentimentos.

—Sentí uma imperiosa necessidade de fazê-lo, disse Marion.—Não podia deixá-la sofrer, por minha causa...

—Sofrer? Os belos olhos da sra. Lambertin acabavam de escancarar-se.—Por causa de Henry? Então acha que eu o julgaria capaz de uma coisa dessas? Começou a rir.—Não, eu logo percebí que havia algum equívoco. E parando de rir, olhou atentamente para Marion.—Tenho confiança no Henry, disse ela, com toda a gravidade.—Ele vive viajando desde que nos casamos, e já lá vão 20 anos. Que vida seria a nossa, se eu não confiasse nele? Quando mais moço, é possivel que caisse algumas vezes em tentação. A este respeito, porem, nunca fiz perguntas a meu marido. Mas sei que, quando tentado, ele havia de dizer de si para si: «Não, não pode ser, não posso trair a confiança de minha esposa.»

Estávamos quase de volta, quando Marion voltou a falar.

—Se me apanhar em palavras ou ações tolas, duvidando de Dan, tenha a bondade de me dizer: «Aquí quem fala é a *sra.* Lambertin.»

Prometí que o faria. Mas até agora não foi preciso.

Muito bem pago

O *Evening News*, de Londres, conta a seguinte história, a propósito do peso dos impostos na Inglaterra:

Um rico negociante de Leeds recebeu uma conta no valor equivalente a Cr$34.000 (400 guinéus) por uma intervenção cirúrgica a que fora submetido.

—Não é minha intenção regatear, explicou o paciente ao cirurgião, pois estou em condições de pagar-lhe esta importância. Entretanto, o sr. não ignora que, no nosso regime atual de super-impostos, terei de ganhar nada menos de Cr$1.280.000 para poder pagar-lhe os 34.000. O sr., por outro lado, como cirurgião, deve estar tambem sujeito a pesadas taxas. Dos 34.000, com quantos ficará o sr., em realidade?

O cirurgião fez um cálculo rápido e respondeu:

—Cerca de 2.160.

—Em resumo, concluiu o paciente, para que o senhor ganhe os Cr$2.160, precisarei ganhar Cr$1.280.000. Não lhe pareceria mais razoavel decidirmos o caso com uma caixa de uisque?

—De acordo, respondeu prontamente o cirurgião.

—M.P.

O poder da mentira

Alguns anos atrás, o Governador de Pensilvânia, Gifford Pinchot, enviou o seu cachorro para a Penitenciária do Estado, em Filadélfia. «Lembrei-me de que os presos gostariam de ter um cachorro para distraí-los,» disse o Governador; «e, de fato, o animal tornou-se a mascote dos condenados.»

«A história teve um epílogo inesperado. Um jornalista, baseando-se pura e exclusivamente na sua imaginação, divulgou o boato de que o cachorro fora condenado à prisão por ter morto um gato. O boato circulou por todo o mundo. Recebí cartas de todos os quadrantes do globo verberando a minha crueldade—em castigar o pobre animal simplesmente por ter seguido o seu instinto. Foram vãos os meus desmentidos. As cartas, em sua maioria de senhoras, continuaram a chegar durante todo o resto do meu governo. Não conheço outro exemplo mais eloquente da impossibilidade de neutralizar os efeitos de uma mentira—mesmo como essa, forjada sem maldade!»

COISAS DA GENTE

As pequenas loucuras e excentricidades da espécie humana constituem, muitas vezes, hilariante espetáculo. As notícias que abaixo publicamos refletem esse espetáculo num espírito de bom-humor. Quem tiver um pouco de imaginação para a sátira e gostar das coisas absurdas deste mundo, há de divertir-se com elas.

Um despacho de Londres mostra-nos a Câmara dos Comuns tratando solenemente dos negócios do Reino:

A acalorada sessão foi interrompida por um debate sobre corridas de galgos, ilustrada por um deputado, cujo nome não conseguimos descobrir, que ladrou alegremente durante quase dois minutos.

—AP.

Nota sobre a educação democrática em Oberlin, Ohio, Estados Unidos:

O jantar que o casal Stevenson ofereceu ao General Mark Clark na semana passada sofreu algum atraso porque a cozinheira estava tomando parte no desfile acadêmico de colação de grau.

—*Times*, de Oberlin.

Eis a prova de que vivemos, mesmo, numa era de especializações:

Em Los Angeles, foram pleiteadas certas reivindicações pelo Sindicato de Treinadores de Pulgas, Sapos, Vermes, Baratas, Roedores e Pássaros, que faz parte da União de Treinadores e Tratadores, filiada à Federação Americana do Trabalho.

—*Time*.

Funcionários britânicos tratam de velho problema norte-americano:

Os hotéis e restaurantes da Grã-Bretanha receberam ontem uma recomendação do Tesoureiro do Governo, no sentido de servirem água gelada aos hóspedes americanos. O sr. Baxter, parlamentar conservador, discordou, dizendo: «A água gelada embota o paladar, perturba a digestão, e dá a todos os alimentos um gosto de couro. Rogo-vos que, quando vierem norte-americanos a nosso país, aproveitemos a oportunidade para civilizá-los.»

—Despacho de Londres, no *Tribune* de Chicago.

Exercícios espirituais durante um piquenique levado a efeito em Hackensack, pela Associação de Pastores:

Entre as várias atividades, houve um concurso de ingestão de água em mamadeiras. Venceu-o o Reverendo Charles Ehrhardt, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana. O segundo concurso foi de encher balões, e dele saiu vencedor o Reverendo Alexander Chandler, pastor da Primeira Igreja Congregacional.

— *Evening Record*, de Bergen, New Jersey.

A ciência corre em auxílio da instituição do matrimônio:

Muita gente gosta de sentir-se aquecida ao ir para a cama. Outros preferem manter-se em temperatura mais baixa. Daí podem surgir disputas conjugais, se as variações de temperatura exercem influência desfavoravel sobre os temperamentos do marido e da mulher. Esse contratempo pode ser eliminado por um novo produto: um cobertor aquecido por corrente elétrica, sendo que cada metade pode ser regulada independentemente.

—*Daily News*, de Chatham, Ontário.

RETORNO À VIDA

Por Fred Raymond Gilpatric

O homem encostado às grades da janela fechou o livro. Enquanto observava o sol que ia desaparecendo, repetia as palavras que acabara de decorar: «Por mais que a vida nos possa dar ou tirar, uma coisa é absolutamente indispensavel —que o homem não perca a fé em si mesmo; que conserve imaculada a honra aos próprios olhos.»

Houve tempo em que a vida dera ao prisioneiro tudo quanto ele desejara, mas agora, de alem da porta fechada do seu quarto, chegavam-lhe ao ouvido os rumores confusos do hospício. A vida lhe arrebatara tudo quanto lhe havia dado; os médicos tinham decidido que era preciso mantê-lo no hospital do Estado até o fim de seus dias.

Como podia ele então acalentar a esperança de outra oportunidade?

Mais de um ano decorreu desde que o internado fez a si mesmo essa pergunta. Hoje esse mesmo homem está sentado em sua casa, escrevendo aquelas palavras, há um ano decoradas.

Os médicos não sabem explicar a mudança que se operou em minha personalidade e que os induziu a me libertarem. Esta é a primeira vez que me refiro a esse milagre de renovação.

Quando jovem eu acreditava que o homem podia planejar a vida de maneira tão definitiva como um marinheiro traça o roteiro de uma viagem. Sabia, desde que me formei, que meu objetivo final seria um lugar na direção de alguma fábrica. Havia de casar com uma moça bonita e inteligente, constituiríamos família e seríamos verdadeiros líderes da nossa comunidade.

Muitos anos ainda não tinham corrido e estes projetos estavam convertidos em realidade. Casara com uma moça dotada de ambas as coisas, inteligência e beleza. Tornei-me gerente da seção encarregada do incremento das vendas, na importante firma Stanley Works, no Estado de Connecticut. Tomava parte ativa na vida cívica local e era popular no nosso *country club*. Nossos dois filhos já então na universidade prometiam fazer dos anos que tínhamos pela frente os mais felizes de nossa vida.

Mas um dia em 1940, meu filho mais velho pôs termo à existência. Por que o fez é ainda um mistério.

Não para fugir à dor, mas para recobrar-nos, minha mulher e eu fizemos uma longa viagem. Quando, por fim, tornamos à nossa casa, tínhamos decidido aproveitar da melhor maneira possivel os anos que nos aguardavam. Ambos lutamos

muito para manter o nosso pacto, mas eu percebia o silêncio de minha mulher e a batalha incessante que ela travava contra o desânimo. Cheguei a pensar que ela estivesse vencendo a luta, mas num dia de inverno resolveu reunir-se ao filho morto.

Depois desta segunda tragédia, fiquei como o ferido que se afasta do local de um acidente sem conhecer a extensão do ferimento recebido. Fui gradualmente cedendo a um irresistivel sentimento de que de algum modo fora eu a causa real dessas tragédias. À medida que esta sensação de culpa se aprofundava, comecei a evitar os amigos. Agora eu estava só. Meu filho Randall alistara-se nas forças armadas. E não tardou muito que ninguem mais conseguisse convencer-me a sair do quarto.

Começou então a ronda cansativa dos hospitais e dos tratamentos que acabou por esgotar minhas economias. Em novembro de 1944, um ano depois de ter sido o meu filho destacado para o sul do Pacífico, fui internado no sanatório estadual, que seria, acreditava, a minha última etapa.

Meu único pedido foi que me deixassem só. Aplicaram-me à farta a psicoanalise, e a terapêutica «ocupacional». A maior parte do dia eu ficava sentado numa cadeira, a olhar para o pátio através da janela, nada vendo alem de mim mesmo e de minhas pungentes recordações. A apatia cada vez mais me envolvia a mente num nevoeiro; todos os sons pareciam-me distanciados e tudo quanto eu via vinha envolto em obscuridade.

Passei dois anos nesse estado de semiconsciência. Recusava-me a falar, não respondia às mais simples perguntas. Quando chegavam cartas do meu filho, eu as deixava cair do colo no chão, sem abrí-las; nem tão pouco lhe escrevia. Um guarda certa vez bateu-me no ombro e disse:

«Sr. Gilpatric, está aí o piloto dum bombardeiro B-29 que quer vê-lo. Veio diretamente de Oquinaua.»

Atrás do guarda estava o meu filho. Ao avançar de braços abertos para abraçar-me, voltei o rosto para a parede, recusando-me a dizer sequer uma palavra. Mas pude ouvir as palavras do médico, no momento em que se afastavam:

«Capitão, é muita dedicação de sua parte querer levar o seu pai para casa—mas o pobre homem nunca mais ficará bom. Deixe-o aquí, onde ele poderá ser cuidado até o fim.»

Qualquer esforço de retorno ao mundo traiçoeiro da realidade causava-me pavor. Eis por que me sentí ofendido quando um novo médico, Gabriel Sutch, se aproximou um dia de minha cadeira, e disse: «Tenho que lhe pedir um pequeno favor. Há anos que nos vêm sendo remetidos livros para os pacientes, mas nunca ninguem lhes deu a menor atenção. Encomendei umas estantes, e preciso que os livros sejam separados em três grupos—histórias de detective, outras espécies de ficção e trabalhos que não sejam de ficção. Você não precisará dizer nenhuma palavra enquanto estiver separando os livros. Está pronto para começar?»

Levantei-me de mau humor. Mas, pelo menos, iria trabalhar só. E só, fui deixado no porão, com a vasta desordem dos livros por arrumar.

O dia todo, sem a menor sombra de interesse, separei os livros em montes. Era quase hora de parar quando vi um volume que me fora familiar no passado. Ainda vejo o dourado desvanecido das letras—«por Harry Emerson Fosdick».

Minha mente disparou para o passado distante, quando meu irmão era dono de um sítio perto da casa de verão dos Fosdick, no Estado de Maine. O poder da evocação levou-me de volta ao cais. As

águas verdes do porto banhavam os pilares musgosos. Arquejando em direção ao pequeno desembarcadouro vinha um minúsculo barco a motor, a cujo leme aparecia o piloto de pele tostada e cabelos crespos—Harry Fosdick! E meu irmão gritou para ele uma afavel saudação de boas vindas.

E por sobre a ponte mágica dos anos, recordei a pequena explosão de gargalhadas. Naquele porão bolorento, cheguei mesmo a sorrir interiormente dessa vívida recordação. Um calafrio atravessou-me então o corpo. Ao pensar no meu irmão, na minha família, na minha vida, todo o meu passado retornou de roldão. Contra o pesadelo que voltava, erguí de novo o livro e olhei para ver o título —*O poder de suportar as vicissitudes.*

Estranhamente impulsionado pelo olhar que lançara aos velhos tempos, escondí o livro sob o casaco e levei-o para o meu quarto. Alí voltei as páginas até o capítulo chamado «*O poder da perseverança*».

«O poder da perseverança está sempre associado com uma certa integridade de consciência. Por mais que a vida nos possa dar ou tirar, uma coisa é absolutamente indispensavel—que o homem não perca a fé em si mesmo; que conserve a honra imaculada aos próprios olhos.»

Estas palavras golpearam-me com força acusadora. Os psiquiatras me haviam dito que eu estava sofrendo de uma errônea convicção de culpa. Eu me sentia responsavel pela sorte de meu filho e de minha mulher, tendo como certo que os outros tambem me acusavam, inclusive o meu próprio filho mais moço. Por isso eu fugia deles, evitando uma situação que não me sentia capaz de enfrentar. Mas o simples diagnóstico do que estava errado não me fez nenhum bem, porque os médicos não me tinham na conta de moralmente responsavel. Consideravam-me uma vítima.

As palavras do dr. Fosdick desmentiam porem aquele diagnóstico inerte e tornavam claro que eu era culpado não do que sucedera aos meus entes queridos, e sim a *mim mesmo!* Quando abandonei a vida antes que a partida terminasse, simplesmente porque os acontecimentos me tinham sido adversos, tinha perdido a fé. Mau parceiro, tinha pena de mim mesmo. Afogava-me nas minhas próprias lágrimas.

A acusação implícita nas palavras do dr. Fosdick aguilhoava-me como adstringente em ferida. Não obstante, continuei a ler: «O poder de resistência está sempre associado a algo maior do que nós mesmos—algo a que devemos lealdade e devoção.»

Meus pensamentos voltaram-se para o meu filho Randall. Ele tinha perdido mais do que eu—mãe e irmão, pela morte, e o pai, pela doença—e mostrara poder de perseverança para suportar todas as vicissitudes. A despeito da maneira como eu o tratava, recusou-se a casar com a moça a quem amava, pois sentia que eu precisava dele.

«Eu te saudo, meu filho,» pensei, desolado.

Que é que havia, alem de mim mesmo, a que eu pudesse agarrar-me e dedicar-me? Até aquele instante eu não quisera ficar bom. E continuava a não querê-lo. Mas uma coisa eu sabia: finalmente eu «desejava querer» ficar bom.

Li novamente: «A fé vital em Deus comunica ao homem um íntimo poder, uma visão espiritual; na companhia divina ele se provê de novas forças.» Lembrei-me do que disse certa vez Abraão Lincoln: «Muitas vezes fui levado a ajoelhar-me, arrastado pela inelutavel convicção de que não me restava mais nada a fazer.»

O anseio que então cresceu dentro de mim foi como uma oração confusa e apaixonada. Vi que só voltando à partida que abandonara e desempenhando a minha parte poderia restaurar o respeito próprio. Supliquei a Deus que me desse outra oportunidade, que me proporcionasse um objeto de devoção. E, como se se tratasse de uma resposta, eu agora adquiria consciência de que havia alguma coisa a que eu podia consagrar lealdade. A livraria para os pacientes do hospital!

Exultei com a súbita convicção de que aquele era o dia do meu renascimento. Eu estava desfrutando a benção de nascer de novo, sentindo a renovação da alma. Isto me dava forças para saber que não estava só, que sob a guarda de Deus eu poderia enfrentar o mundo, sem medo. Aquela fé nunca me abandonou. Trago-a ainda no coração, tal como quando, apressado, passei por um grupo de infelizes pacientes aturdidos, para encontrar o dr. Sutch e dar-lhe a notícia de que eu era um homem que renascera para a fé e para um objetivo—e que estava bom.

Durante muito tempo o dr. Sutch ficou-me estudando com olhos enigmáticos. Por fim, perguntou:

—E qual é esse objetivo?

—Eu quero que o senhor acredite que estou completamente curado. Peço-lhe que me transfira da seção dos reclusos e me ponha na dos liberados condicionais. Gostaria de ter o privilégio de entrar e sair do hospital à qualquer hora, sem permissão especial.

—E que irá você fazer lá fora?

—Em primeiro lugar, quero ir a um bom barbeiro. Quero tambem comprar um terno novo. Depois, quero ir à biblioteca pública. Nas próximas semanas minha intenção é ler tudo quanto puder achar sobre métodos modernos em matéria de bibliotecas. Depois, gostaria de separar e classificar os livros da melhor forma possivel e com eles organizar uma biblioteca de verdade para os pacientes.

—Creio que você *está bom*, disse o doutor, sorrindo.

No dia seguinte, ele me fez comparecer perante o conselho médico. Após muitas perguntas, os doutores deferiram-me o pedido. Quando meu filho me veio ver, insistiu em que eu fosse para casa. Mas, meneando a cabeça, respondí: «Não posso sair daquí enquanto o trabalho não estiver concluido. Preciso ter o poder de perseverança para terminá-lo.»

Quando, passadas seis semanas, o trabalho estava findo, deixei o hospital pronto para uma nova tarefa que me aguardava: conseguira uma nomeação de assistente de informações, na biblioteca pública de Springfield, Massachusetts. Muita gente me perguntou por que eu não voltava ao trabalho em que havia alcançado anteriormente tanto êxito. Minha explicação era que, já não alimentando ambição de ganhar muito dinheiro, queria fazer aquilo que, no meu entender, pudesse servir de ajuda aos meus semelhantes. Todos os dias guio estudantes às fontes do conhecimento, e isso me faz acreditar que estou servindo a algo alem de mim mesmo. Meu trabalho, meu filho, minha nora são os objetos da minha devoção.

Há quem por vezes me pergunte se não tenho medo que minha cura seja apenas temporária. Não tenho medo, porque Deus está comigo e no tempo que me sobra de vida hei de manter a fé em mim mesmo e imaculada a honra aos meus próprios olhos.

O MAIÔ de 1948: Dois lenços estampados e um olhar inquieto.
—Programa de Judy Canova, NBC

O ônibus parou em Waco

(Condensado do livro «Menagerie in F Sharp»)

Por H. W. Heinsheimer

H. W. Heinsheimer, natural de Viena, era leitor de originais da maior empresa editora de música da Europa, quando os nazis incorporaram a Áustria à Alemanha. Tendo conseguido escapar em tempo ao *Anschluss*, foi para os Estados Unidos, estando hoje com a conhecida firma musical de G. Schirmer, Inc., de Nova York. O seu livro «*Menagerie in F Sharp*» é um comentário sorridente e estimulante ao mundo da música, e sobre os contrastes existentes entre a vida e os costumes da Europa e os da América.

«MEU NOME é Max Reiter,» disse o visitante que acabava de entrar no meu escritório naquela tarde de 1939, poucos meses depois de eu próprio ter chegado a Nova York, vindo de Viena. «Cheguei agora mesmo. Ainda se lembra de mim?»

Se me lembrava! Max fora regente de orquestras na Alemanha e na Itália. Tornou-se-me logo evidente por que razão ele estava aquí, e o que queria de mim. Quantas vezes eu já tinha visto aquela mesma pasta marcada pelo uso, que Max Reiter ainda agora trazia ciosamente apertada contra o peito: o seu conteudo era-me bem familiar—um livro cheio de recortes de jornais com apreciações e fotografias dos seus êxitos em muitas das melhores salas de concerto da Europa.

Conversamos, e eu rematei nestes termos: «Eu próprio estou aquí faz poucos meses, mas há uma coisa, Max, que eu lhe devo dizer: o melhor que você tem a fazer com o seu livro de recortes é jogá-lo fora. Desembarace-se dele, e verá que se vai sentir muito mais aliviado e contente. Aquí só tem uma solução: esqueça o passado e recomece a vida.»

Este conselho, com grande surpresa

minha, não pareceu ofender o meu amigo: «Muito bem,» disse ele, «esqueçamos o passado. Aquí está uma coisa que já é do presente.»

Então, abrindo um grande envelope amarelo, mostrou-me umas vinte cartas de importantes personalidades européias, todas elas dirigidas a Nova York e destinadas a banqueiros, presidentes de companhias ferroviárias e magnatas do petróleo, etc. Nos sobrescritos dessas cartas liam-se os timbres imponentes de entidades tais como a Standard Oil Company, de Trieste; a Estrada de Ferro da Nação Austríaca, Gabinete do Presidente; Fundições de Ferro e Aço Skoda, da Tchecoslováquia, etc.

Max não era nenhum tolo: tão depressa tinha lançado as vistas por Nova York, chegara à conclusão de que, quanto mais depressa se safasse dessa cidade, melhor seria para ele. Tudo o que tinha de seu eram umas escassas centenas de dólares, e sabia perfeitamente que, se não encontrasse depressa uma ocupação condigna, não tardaria a ter que procurar trabalho como lavador de pratos num bairro pobre da cidade.

Passamos toda uma noite estudando os pormenores do plano mais fantástico e audacioso que já saiu da cachola de dois principiantes, pois outra coisa não éramos então. Tudo o que eu tinha para me orientar na elaboração do plano, era um mapa dos Estados Unidos e meia dúzia de guias ou anais da vida musical neste país. Quando amanheceu já tínhamos conseguido compilar uma lista de 18 cidades do Sul onde não havia orquestra, e que, em nosso entender, podiam permitir-se o luxo de tê-la. A nossa idéia era simplesmente esta: Max ia conseguir fazer-se regente duma orquestra que ainda não existia!

No dia seguinte, o meu amigo pôs-se a correr o grande centro de negócios de Nova York, munido das suas vinte cartas de apresentação. Percorreu quilômetros sem fim em velozes ascensores, argumentou implorativamente com secretárias insensiveis, obstinadas na defesa da paz de espírito de seus patrões, e esperou pacientemente horas e horas nas ante-câmaras dos potentados de Wall Street.

Até que finalmente ouviu pela primeira vez, da boca duma recepcionista, esta frase estereotipada: «Mr. Cameron pode recebê-lo agora.» Diante dele abriram-se portas imponentes que logo se fecharam à sua passagem, e Max viu-se na presença do onipotente Mr. Cameron, cavalheiro de modos muito reservados e de poucas palavras, que olhava a cada instante o seu relógio de pulso enquanto manuseava uma pilha de papéis que tinha sobre a mesa de trabalho. Mas assim que ouviu Max dizer-lhe que tudo o que queria era sair de Nova York, e se Mr. Cameron, não poderia fazer o favor de dar-lhe uma carta para um dos seus amigos do Sul, que talvez pudesse ajudá-lo a organizar uma orquestra, e coisa e tal, —Mr. Cameron transfigurou-se instantaneamente! Repeliu com a mão a papelada que cobria a mesa; sorriu, mostrou-se cortês, suspirou de alívio, e apertou um botão para chamar a secretária. Toda a sua mímica parecia dizer isto: Ora aquí está um homem que não me vem pedir um emprego nem um empréstimo, e que não me quer vender mais um seguro de vida— aquí está um trouxa que só quer é dirigir uma orquestra na Florida ou no Texas, e se eu lhe der a carta que ele pede para o sr. Fulano, em Tampa, ele irá embora para longe, muito longe, e nunca mais voltará a aparecer por aquí!...

Todos os banqueiros e presidentes de estradas de ferro e magnatas do petróleo, depois de escutarem com indulgente reserva a súplica de Max, mostraram-se subitamente aliviados. Todos lhe encheram as mãos com cartas muito solícitas de apresentação, dirigidas a banqueiros e presidentes de estradas de ferro e magnatas de petróleo da Florida, da Luisiana e do Texas.

Depois de ter apresentado até à última as vinte cartas introdutórias que trouxera da Europa, preciosamente guardadas no seu envelope de papel manilha, Max viu-se na posse de 84 cartas do mesmo gênero. Fora disso, tinha apenas 217 dólares no bolso. E um bilhete de ida e volta para uma linha nacional de ônibus, que o levaria ao destino de todas essas cartas e, sendo necessário, o traria de regresso a Nova York e aos pratos sujos que o esperavam na Segunda Avenida. E partiu de Nova York, cansado, mas otimista.

Daí a pouco começaram a chegar as primeiras notícias de Max. Toda a gente o recebia com mostras de atenção. Vejam lá, um sujeito que não tem outra coisa pra vender senão a idéia duma orquestra —se não é mesmo original! E ninguem lhe dava com a porta na cara; ao contrário, todos o convidavam para entrar, e inquiriam, solícitos, do estado de saude de Mr. Cameron. O sr. Fulano chegou mesmo aos extremos de telefonar à esposa, propondo-lhe organizasse, em honra deste forasteiro singular, um *party* com *juleps* de hortelã-pimenta e *canapés*. Dias depois, contudo, o sr. Fulano abriu-se com Max e expôs-lhe francamente as coisas; discutira a questão com os amigos, e todos eram de parecer que aquela cidade já usufruia de toda a música que lhe era possivel digerir; Max não tinha realmente nada a esperar alí; mas, se estivesse disposto a ir até Norfolk, então o sr. Fulano teria um grande prazer em lhe dar uma carta de apresentação para Dona Sicrana, que conhecia todos os elementos de destaque de Norfolk!

Max estava «disposto»—que remédio! —e partiu.

O episódio repetiu-se com ligeiras variantes em Norfolk, em Jacksonville, St. Petersburg, St. Charles e Baton-Rouge —isto é, toda a trajetória até o extremo sul do país. Estava-se agora em começos de março, e meu amigo iniciava a derradeira etapa da sua peregrinação de suplicante. A julgar pelo tom das cartas que me ia remetendo, parecia ter chegado à conclusão de que esse longo rosário de humilhações amaveis teria como resultado um insucesso total. A única coisa que o impedia de renunciar de vez, era a rota marcada pelo seu bilhete de ida e volta, pago adiantadamente.

Não teve remédio senão continuar caminho, tomando ônibus, descendo de ônibus, e dormindo em hotéis tristonhos para partir no dia seguinte. E todos os dias contava na palma da mão, cada vez mais apreensivo, as suas minguadas reservas de numerário.

Até que uma bela manhã, Max se encontrou muito cedo na estação terminal dos ônibus, em Waco, cidade do Texas, esperando o ônibus que o devia levar a Fort Worth. Sentia-se moido, cansado até os ossos. Parecia-lhe que não tinha mais forças para continuar aquela inutil peregrinação... Olhou o relógio: ainda tinha diante de si duas horas para dar uma vista de olhos pela cidade—a primeira e a última...

Manhã cedo, as lojas estavam abrindo. Max foi subindo a rua principal, parando aquí e alí a olhar as vitrinas—rádios, drogas e perfumes, ternos de homens, máquinas de calcular, carteiras, sombrinhas, sapatos, bugigangas... Chegou perto duma loja de louças, e os seus olhos, distraidamente, percorreram o nome pintado a ouro na vidraça da montra.

«Mary e Rae Novich,» leu ele. E sen-

tiu no fundo da consciência o som abafado de uma campainha. Abriu a pasta e percorreu as cartas: as 84 que trouxera de Nova York tinham-se avolumado agora para 169. Percorreu-as, e acabou encontrando a que queria: com efeito—alí estava: Miss Mary Novich, em Waco.

Mas voltou a olhar o relógio: tinha diante de si 51 minutos até à largada do ônibus. Decidiu entrar, e abriu a porta: uma sineta deu três notas melodiosas.

«Bom dia,» disse uma senhora que estava atrás do balcão.

Na loja o ambiente era agradavel, e tudo alí lhe parecia bonito, limpo e arrumado.

«Miss Novich?» interrogou ele. A moça sorriu: «Sou eu mesma.»

Mas ainda hoje, quando recorda esse dia, Max tem a impressão de que ela não era Miss Novich—e sim um anjo que descera do céu, para lhe sorrir atrás daquele balcão.

FORAM QUATRO semanas! Sim, quatro semanas depois Max Reiter empunhava a batuta para reger o primeiro concerto público da Orquestra Sinfônica de Waco, no auditório da Universidade de Baylor. Mary Novich e a irmã tinham posto mãos à obra, e mobilizado a cidade de ponta a ponta. Haviam recrutado a cooperação dos cidadãos mais proeminentes de Waco, organizado comitês de senhoras, comitês de jovens, comitês de toda a espécie. Tinham agrupado os patronos daquela obra cultural em três categorias: membros ativos, honorários e vitalícios. A escola de música da Universidade comprometera-se a participar ativamente dos trabalhos, e os estudantes prometeram tocar de graça na orquestra.

Foi preciso começar do nada. O papel de música era um problema, as estantes para a orquestra eram outro problema, tudo eram problemas—os bilhetes, os programas, os anúncios nos jornais, os indicadores de lugares. E acima de tudo, era um problema transformar um bando de moços céticos, descrentes, em um corpo bem coordenado de executantes! Mas o entusiasmo e a fé de Max conseguiram contagiá-los, e pouco a pouco perderam o ceticismo e deixaram-se imbuir do mesmo fervor de realização que o animava.

Um mês depois, um público tenso de expectativa enchia o amplo salão da Universidade, tomando todos os lugares, e a batuta de Max marcava a entrada para o primeiro compasso da *ouverture* da *Cenerentola* de Rossini. Foi um triunfo!

Depois do concerto alguns dos cidadãos mais influentes de Waco quase tiveram que carregar o condutor exhausto, até o hotel que ficava do outro lado da rua, e alí lhe deram um cálice de bebida reconfortante, para o chamar à vida.

«Quando eles se propuseram depois organizar a Sociedade Sinfônica de Waco,» escrevia-me Max, «e contratar-me como regente, eu quase perdí os sentidos. Ouví longe, não sei onde, um grande estardalhaço: eram os pratos, os pratos que eu já não teria agora que ir lavar em algum restaurante reles da Segunda Avenida!»

Mas a aventura não ia findar alí. Um dia chegou a Waco uma delegação de apreciadores da música residente em San Antonio. Tinham ouvido falar do que acontecera em Waco, e parecia-lhes que, aquilo que a população de Waco fazia, eles tambem podiam fazer. Perguntaram a Max se ele estaria disposto a ir até San Antonio tentar a sorte.

E foi. Três meses depois, 2.500 espectadores enchiam o maravilhoso Teatro ao Ar Livre de San Antonio, o *Sunken Garden Theatre*, para ouvir outra orquestra tambem improvisada. Mas desta vez

Max se mostrara mais ambicioso: mandara vir executantes de Dallas e Houston, e escusado será dizer, de Waco tambem. Apresentou um programa de sensação, um solista brilhante, e teve um êxito colossal. Tudo isso foi apenas o começo, porque Max dirige atualmente cerca de 60 concertos por ano, 30 deles em San Antonio, com executantes de destaque que manda vir de Nova York e Hollywood, e continua regendo a orquestra de Waco.

Quando fui fazer-lhe uma visita em San Antonio, ele não estava regendo apenas as suas duas orquestras: tinha organizado um festival de ópera, e 6.000 espectadores entusiásticos enchiam completamente em todos os concertos o imenso auditório municipal de San Antonio. «Você ainda se lembra de Waco?» perguntou-me Max, anos mais tarde. «Nunca hei de esquecer,» respondí.

Mas ainda havia outra coisa que eu nunca viria a esquecer. Quando Max Reiter desceu daquele ônibus em Waco, ele não era um simples americano que andasse em busca de emprego: era um estrangeiro, um refugiado que havia passado apenas alguns meses neste país. E no entanto, quando se dirigiu à gente de Waco e de San Antonio pedindo que lhe dessem trabalho, e o ensejo de mostrar de quanto era capaz, ninguem lhe perguntou pelo passaporte, nem o submeteu a um rigoroso exame de língua inglesa. Não: concederam-lhe um dia de audiência no grande pretório da opinião pública, e permitiram-lhe defender a sua causa, o seu direito à vida, na única língua que ele sabia falar e entender: a Música!

Piadas

FREGUESA ao peleteiro: «O senhor poderia mandar entregar o casaco, por engano, em casa de minha visinha, sra. Flegenheimer, deixando bem à mostra a etiqueta com o preço?»

—Sidney Hoff, em *Collier's*

MULHER ao marido: «Posso ceder metade—concordarei que estou errada se você admitir que eu estou certa.»

—Rod de Sarro, em *The American Magazine*

PATRÃO ao empregado de ar tímido: «É possivel que você *mereça* um aumento, Ashley. Volte a falar-me no assunto dentro de alguns dias—se você ainda estiver na firma.»

—Leo Garel, em *The Saturday Evening Post*

MENINO ao professor: «Se o senhor tivesse duas irmãs mais velhas e um só banheiro, eu gostaria de ver como é que *o senhor* chegaria à escola todos os dias na hora certa.»

—Pearson, em *Ladies' Home Journal*

Poderá o cinema realizar suas brilhantes possibilidades?

Cinquenta anos de cinema— e para quê?

(*Condensado de «The Atlantic Monthly»*)

Por Budd Schulberg

Autor de «What Makes Sammy Run?» e «The Harder They Fall»

HÁ CINQUENTA anos, um público cheio de curiosidade e, ao mesmo tempo, apreensivo, afluiu a um teatro de revista de Nova York para assistir à primeira exibição de uma fita de cinema nos Estados Unidos. Arrostando com sinistras predições de toda a casta—como por exemplo, que a máquina de projeção ia explodir, e que o tremor das imagens na cortina arruinava a vista—os intrépidos espectadores, sentaram-se à beira das cadeiras, em ansiosa expectativa. Esta ansiedade foi recompensada—segundo o *Times* de Nova York referia no dia seguinte—com as vivas imagens de «duas deliciosas e jovens lourinhas, do gênero teatro de variedades, que executaram a dança da sombrinha com apreciavel rapidez... uma luta de boxe entre dois comediantes, um alto e magro, o outro baixinho e gordo, tudo maravilhosamente real e singularmente desopilante.»

O público começava então a descobrir um gênero de diversão que viria a tornar-se o favorito das massas. Ao cabo dos primeiros dez anos de cinema barato, o hábito de ver filmes propagara-se a milhões de pessoas. Hoje, um mercado de centenas de milhões de fãs consome bem mais de 400 celulóides por ano, em muitos milhares de cinemas e teatros do mundo inteiro. E, a despeito de meio século de progressos espetaculares na técnica cinematográfica, e das esplendorosas «catedrais» onde agora se exibem os filmes, parece que o cinema ainda não ultrapassou a

idade mental dos espectadores de feiras.

De um modo geral, a indústria cinematográfica americana tem procedido como uma pessoa que, sentada em frente ao teclado de um piano de prodigiosa sensibilidade, capaz de interpretar as emoções mais sutís e de inspirar a mais profunda beleza, e na presença de maior público que a história já registrou, desatasse a tocar com dois dedos o «bife». Os estúdios de Hollywood produzem diariamente pelo menos um filme de metragem normal, e seis dos sete filmes lançados cada semana são a mesma léria que toda a gente já conhece, indefinidamente repetida. E, sem contar os muitos milhões de fãs em outros paises, noventa e oito milhões de pessoas, só nos Estados Unidos, continuam acorrendo semanalmente ao cinema, e pagando de bom grado sua entrada para ver e ouvir a mesma história indefinidamente repetida, anos e anos seguidos.

Onde está então a raiz do mal? Não faltam em Hollywood escritores de talento e reputação, diretores do mais alto mérito, nem atores famosos no mundo inteiro. O mal está em que a hierarquia de Hollywood tem mostrado relutância em se elevar, intelectualmente, acima do mais baixo denominador comum do gosto público. Desde a era já distante dos cineminhas baratos, o público americano tem dado provas, ao que parece, de uma inesgotavel capacidade para as farsas em que os pastelões de creme voam à cara das pessoas, para a pornografia ingênua e o melodrama, e é isto mesmo o que o cinema lhe tem servido, a preços que estão ao alcance de todos.

Desde que, em 1903, o celulóide de Edwin S. Porter, *The Great Train Robbery*, se tornou o primeiro «êxito supercolossal», o público vem reclamando maiores e melhores assaltos e roubos de trens. Assim, Porter, que já se revelara um inovador de coragem em alguns filmes de sério comentário social, saudados como obras artisticamente revolucionárias, diante desse êxito de bilheteria, passou a moer um filme de aventuras por semana, para se manter a par da imensa procura do gênero. Eram histórias de assaltos a trens, de assaltos a bancos, de assaltos à mala-posta: não havia tempo, nem mesmo incentivo financeiro, para produzir filmes com outra mentalidade, nem mais rico miolo. Porter fez fortuna filmando tantos assaltos, mas o seu talento saiu de tudo isso aniquilado.

O dilema em que Porter se viu colhido vem, desde então, causando idênticos estragos entre os produtores de cinema. De modo a poder oferecer a milhares de cinemas um novo programa pelo menos todas as semanas, tornou-se necessário produzir os celulóides em verdadeiras fábricas gigantes, cujas despesas correntes atingem proporções astronômicas. E, para atenuar os riscos de semelhante negócio, os produtores de filmes foram levados a estandardizar a produção.

Um dos recursos mais seguros contra o risco, e ao mesmo tempo um dos elementos mais estandardizadores do cinema, são de há muitos anos as chamadas «estrelas». Até 1910 as empresas de cinema mantiveram os seus artistas no regime do anonimato, convencidas como estavam de que a publicidade dada aos nomes dos atores viria estimulá-los a exigir aumentos de salário. Mas a questão é que os fãs do cinema já vinham dando sinais iniludiveis e espontâneos de «estrelo-latria»! Há 40 anos as empresas começaram a receber montes de cartas em que os fãs pediam lhes fosse revelado o nome da «Moça da Biograph» ou do «Homem dos olhos tristes»... Foi assim que começou a febre, o delírio—e a fortuna—das estrelas.

Se hoje uma estrela ainda é capaz de «representar»—ou de criar um personagem vivo na tela—isso constitui somente um embelezamento acidental, um ornato suplementar e até dispensavel da sua imensa reputação. O que tem sucedido com mais frequência é, precisamente, que aqueles que surgiram na tela como atores se viram obrigados a renunciar ou congelar os seus talentos naturais, de modo a poderem integrar-se nos papéis imutaveis, estereotipados, que vinham desempenhando na mente e no coração dos fãs. O público só os quer ver assim, e não como eles desejariam aparecer-lhe. Jimmy Cagney, por exemplo, foi um bom ator antes de se transformar em símbolo do Valentão Bondoso. Muito antes de se ver divinizado, Spencer Tracy foi para a cadeira elétrica em *The Last Mile*, e com o mais perfeito realismo artístico. Mas virou depois, e é hoje, apenas um escoteiro de barbas na cara, incarnação do americano prático, de boa índole. Para que havíamos de o deixar desempenhar qualquer outro papel—raciocina o produtor com irresistivel lógica—quando já temos a prova de bilheteria de que esse é o papel em que o público o deseja ver, e não outro?...

E o mesmo se dá com Clark Gable; quer ele fale a linguagem de Rhett Butler (*E o vento levou*), quer a gíria de um técnico de agência de publicidade (*Mercador de ilusões*)—será sempre o mesmo Clark Gable, o «Caixeiro Viajante» esbelto e malicioso por quem bate em segredo o coração de todas as mulheres. Van Johnson? Apenas o Ídolo das Garotas Futeis! Lana Turner poderá ser apresentada como a esposa homicida e sensual do dono dum café de beira da estrada, como em *O destino bate à porta;* mas o que ela realmente representa para o público, no seu turbante branco e *shorts* de impecavel corte é um manequim «glamorosamente» apetrechado e enfeitado —a *Miss Hamburger Stand de 1946!* Sem consideração por qualquer traço de personalidade ou originalidade que ela houvesse mostrado possuir, o que fizeram os produtores de filmes foi simplesmente transfigurá-la em um produto estandardizado, invariavel e fixo, sob os seus vernizes e artifícios de embalagem.

É o magnetismo de bilheteria destes «produtos estandardizados» que garante os filmes contra os riscos e azares que ameaçam qualquer esforço criador. Mais do que qualquer outro fator isolado, a *estrela* tem mantido próspera a indústria do cinema—e estacionária a *arte* cinematográfica.

Está claro que um astro como Charles Chaplin é capaz de criar uma segunda personalidade inesquecivel, uma entidade tridimensional que parece viver vida própria, tal como os personagens duradouros da grande literatura. E já temos visto sair de Hollywood alguns filmes excelentes, em que a estrela ficou subordinada ao tema e à concepção geral. Mas estes casos são somente exceções, que servem para provar quanto mais frequentemente esta regra se poderia transgredir, se existisse mais coragem pessoal e convicção artística entre os produtores de filmes—e uma reação mais madura e séria por parte de um público embriagado de *glamor*. Mas, para a maior parte dos dirigentes de Hollywood as histórias mais seguras, isto é, as que oferecem menor risco, parecem ser ainda aquelas em que se oferecem ao público os sonhos que este desejaria sonhar. É o «sonho pre-fabricado em massa, e por peritos,» como uma estrela definiu um dia a situação.

Bem entendido, não há nada de absolutamente condenavel em um sonhozinho bem intencionado uma vez por outra!

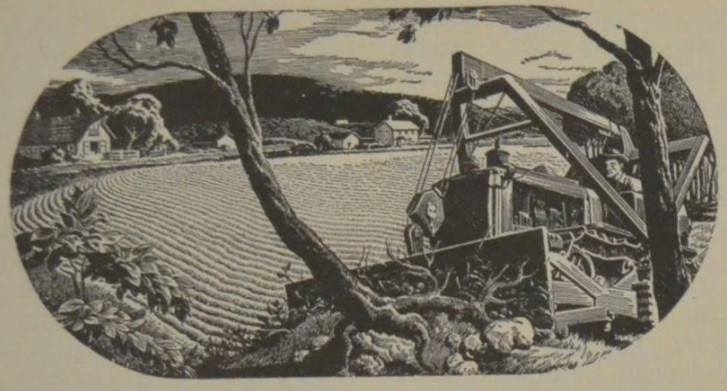
Mas o cinema americano podia e devia fazer muito mais do que refletir e embelezar nossos sonhos. Nenhum outro meio de expressão tem, como o cinema, o poder mágico de nos elevar tão completamente acima de nós próprios. Só a câmara cinematográfica é capaz de olhar tão de perto a cara de um homem, para registrar as coisas, de outro modo indiziveis, que porventura seus olhos exprimam. O cinema pode ser usado como máscara de eter que nos faz mergulhar em uma narcose de esquecimento e estupidez, ou como uma adrenalina que nos injeta nova vitalidade, alarga nossos conhecimentos, ou aprofunda a nossa capacidade de compreensão.

Um bom homem de negócios tem como objetivo agradar o número máximo de pessoas, ao mesmo tempo evitando ou reduzindo ao mínimo todos os riscos, e estandardizando a sua produção. Mas os objetivos do verdadeiro artista são exatamente opostos, antagônicos! O artista voltará as costas a todas as «receitas» e fórmulas; esforçar-se-á por desbravar terrenos virgens, arriscará tudo, e, quer triunfe quer fracasse, estará sempre pronto a recomeçar e a correr novos riscos. Ao cabo de 50 anos de atividade, ainda hoje está indecisa a luta entre a «máquina de negócio» e as personalidades de talento que souberam reter, ou se esforçaram por conservar a sua integridade pessoal e a sua consciência artística.

Desta luta contínua resultaram alguns dos melhores filmes que os estúdios de Hollywood têm produzido. Ford e Nichols andaram esmolando de porta em porta com os seus planos para *O Delator* até que por fim, com uma convicção tanto mais para louvar quanto é raríssima entre os profissionais do celulóide, eles se prestaram a fazer esse filme de graça, arriscando-se a um tremendo fracasso de bilheteria. Foi precisamente o contrário que se deu: o filme triunfou. *Farrapo humano* nunca talvez tivesse chegado a ver a luz dos projetores de estúdio, se o escritor Charles Brackett e o diretor Billy Wilder não houvessem insistido em adaptar esta novela de Jackson em pagamento de tarefa menos do seu agrado—uma comédia musical mais ao gosto do departamento de contabilidade.

O voraz entusiasmo, para não dizer o desespero, com que os estúdios de cinema se apoderam de quase todos os romances e peças de teatro que vêm a público na América, bem demonstra a falência de Hollywood como força criadora original. Produtores que de bom grado pagam 250 mil dólares por um êxito audacioso dos palcos da Broadway, não arriscariam um quarto de dolar pela mesma história, se esta lhes fosse apresentada sob a forma de «cenário» para um filme. A explicação é muito simples: o êxito de uma peça em Nova York é, para eles, uma garantia contra o risco de empatarem capital em uma obra qualquer tendo somente como base o seu próprio julgamento. Em consequência disso, tem sido mínimo o incentivo à criação, diretamente para o cinema, de temas fora da rotina já muito repisada.

Mas, agora que o cinema americano acaba de celebrar o primeiro cinquentenário da sua existência—que desejaríamos poder chamar de «bodas de ouro»... —já se pressentem certas transformações que nos prometem uma atmosfera de maior dinamismo; e, com o andar do tempo, a tela poderá vir a provar definitivamente o que, hoje, só de vez em quando nos indica: que o cinema é a mais empolgante e a mais satisfatória de todas as grandes formas de Arte!



Trabalho agrícola por empreitada

(Condensado de «Country Gentleman»)

Por Lawrence Galton

Este notavel progresso na agricultura poderá beneficiar os fazendeiros em toda parte.

À MEDIDA que percorríamos, de automovel, a granja de laticínios de Tom Breedlove, ia aumentando o entusiasmo do rapaz, que é sem dúvida um dos fazendeiros mais progressistas da Geórgia. «Há muitos anos venho querendo melhorar minha propriedade,» disse-me Tom. «Sempre me faltou, porem, dinheiro para comprar a maquinaria pesada essencial. Mas há dois anos apareceu-me um empreiteiro agrícola com o equipamento necessário para fazer o trabalho todo. Veja só esta terra como está agora!»

A perder de vista, extendiam-se belíssimos campos terraplenados de cevada, aveia e trevo vermelho (*trifolium incarnatum*). «Costumava haver tantas inundações por aquí, que era impossivel tratar a terra com máquinas, e lá naquele campo havia um barranco tão fundo que um automovel podia desaparecer dentro dele.»

E apontou para um pasto vicejante e contínuo. «O empreiteiro aterrou-o em duas horas.»

Breedlove fez questão de mostrar-me, com toda a minúcia, o seu terreno terraplenado, de cerca de 16 hectares, bem como o sulco de 550 metros de comprimento, para a irrigação do pasto. E explicou-me: «Todo o trabalho foi feito em dez dias, e só me custou 1.700 dólares. Essa terra, que era inutil, vale agora 250 dólares o hectare. Antigamente eu tinha dez animais. Agora posso trabalhar a terra com tratores e outras máquinas, pois não há mais barrancos nem ribanceiras. Já não tenho mais animais de lavoura. Graças a esse sistema de empreitadas, todas as fazendas se mecanizarão, e teremos uma lavoura rica, em vez de pobres roçados.»

Por toda a Geórgia, encontrei entusiasmo semelhante pelo novo sistema por parte de fazendeiros, tanto grandes como pequenos. No espaço de dois anos, ou

talvez menos, o método de mecanizar a lavoura por empreitadas veio trazer vida nova a 100 das 159 comarcas do Estado.

A idéia surgiu em 1945, num dia em que Robert M. Strickland, presidente de um banco da Geórgia, parou para ver um lavrador que laboriosamente procurava nivelar um pequeno pasto com a «ajuda» de uma única mula decrépita. Strickland acabara de visitar um fazendeiro rico, que, com rapidez e economia, limpara e nivelara sua enorme propriedade, mediante o uso de maquinaria pesada.

Ocorreu, então, a Strickland, esta pergunta: não seria possivel estender aos pequenos fazendeiros as mesmas vantagens? O preço dessa maquinaria era, para eles, absolutamente proibitivo. Poderiam, porem, alugá-la, por uma quantia razoavel.

Strickland persuadiu seu banco a lançar uma intensa campanha de publicidade por todo o Estado, oferecendo oportunidade a qualquer pessoa, que entendesse bem de lavoura e de máquinas agrícolas, de meter-se no negócio. O banco comprometer-se-ia a conceder empréstimos de 10 a 20 mil dólares para a aquisição do equipamento.

Convidou os bancos agrícolas de todo o Estado a colaborar com ele na execução do projeto, prometendo-lhes que seu banco subscreveria empréstimos até 50 por cento. Afim de dirigir o novo departamento agrícola e industrial do banco, mandou chamar W. Hill Hosch, ex-fiscal do serviço de agricultura da comarca. Hosch organizou cursos de instrução e demonstrações aos novos empreiteiros, acompanhou-os na execução de suas primeiras tarefas, e ajudou-os a conseguir maquinaria.

Os anúncios dos bancos, dirigidos aos fazendeiros, insistiam na necessidade de pôr-se termo à cultura rotineira, de se aproveitarem milhões de hectares de terras caidas em desuso, e de se dedicarem à policultura e à mecanização.

Hoje em dia, o nome de Robert Strickland é conhecido e respeitado na Geórgia inteira. Faleceu em meados de 1946, mas seu plano começara a difundir-se mesmo antes de sua morte, e os resultados, que ora se observam, podem classificar-se de quase fenomenais.

Perto da cidade de Monroe, um jovem lavrador levou-me aos seus campos, onde um empreiteiro terminava uma tarefa de vulto. Explicou-me então: «Estou aproveitando 19 hectares de terras que há anos não se cultivam. Não prestavam para nada. Estavam cheias de mato e valados fundos por todos os lados. Agora estou preparando um pasto para 50 cabeças de gado.

«Esse empreiteiro arrancou, com seu *bulldozer* milhares de tocos por dia, e aterrou todos os fossos. No entanto, após uma semana de trabalho, eu não venderei essa terra nem por 300 dólares o hectare.»

Norris Williams, por exemplo, é empreiteiro há pouco mais de um ano. Sua primeira tarefa foi fazer uma estrada de cerca de quilômetro e meio, que estabelecia comunicação com uma área consideravel. Em vez de transportar os feixes de feno em mulas e carroças, os fazendeiros empregam agora tratores e reboques, reduzindo à metade o tempo da colheita.

Para Williams, as empreitadas constituem verdadeira religião. «Eu me criei numa fazenda,» diz ele, «e conheço o problema. Mas só depois de ter voltado de avião para o meu Estado natal, terminada a guerra, e visto do alto as fazendas da Geórgia, é que compreendi o que estava acontecendo com a terra. Claro que gosto de trabalhar para os outros, sendo meu próprio patrão. Porem, acima

de tudo, tenho a convicção de estar prestando um serviço à minha comunidade.»

Oitenta por cento dos empreiteiros são veteranos da última guerra, jovens que jamais possuiram máquinas de espécie alguma. Agora têm maquinaria para terraplenagem, preparo de valas de drenagem, limpeza, cultivo e colheita.

A principal vantagem do novo sistema, tanto para empreiteiros como para lavradores, está em sua propagação. Uma vez que o empreiteiro tenha transformado pequenas terras em outras maiores, limpado e nivelado terrenos, terraplenado e drenado, já se torna possivel o uso de máquinas agrícolas, e os fazendeiros passam a precisar, continuamente, dos serviços dos empreiteiros, para o preparo de canteiros para sementes, o cultivo, a adubagem e a colheita.

Não tardará que, por toda a Geórgia, haja pelo menos um ou dois empreiteiros em cada comarca, aptos a colaborar com todos os lavradores. Dos 85 empreiteiros estabelecidos, vinte já resgataram totalmente os seus empréstimos iniciais, não se havendo verificado um só caso de execução de hipoteca.

Humor britânico

Na seção de «Correspondência» do *Daily Express*, de Londres, Mary Hughes, de Towcester, relatou, no inverno passado:

«Escreví a Mr. Shinwell, Ministro dos Combustiveis e Energia: Embora não seja socialista, devo felicitá-lo, e a seus colegas, por uma notavel realização. Em menos de dois anos, os senhores conseguiram o que os submarinos e os exércitos alemães não lograram realizar em seis anos: reduzir o país ao estado atual de frio, fome e miséria...

«Recebí a seguinte resposta: Mr. Shinwell muito agradece a sua amavel carta de estímulo. Tem ele recebido centenas de cartas semelhantes, de todo o país. A crise é severa mas havemos de superá-la.»

—Citada por E. Leslie Robinson, no *Printers' Ink*

O alarma silencioso

O cinegrafista John Florea, recentemente chegado do Japão, conta a seguinte história do seu criado Shorty. De hábitos tipicamente orientais, Shorty procura não perturbar, de maneira alguma, a serenidade do patrão. Florea, certa vez, antes de ir deitar-se, recomendou ao rapaz que o acordasse às 7 da manhã, em ponto, pois tinha um encontro muito importante.

Na manhã seguinte, Shorty esgueirou-se silenciosamente no quarto, colocou um bilhete ao lado da cama e retirou-se. Quando Florea acordou, pouco antes do meio-dia, encontrou o seguinte recado: «Mr. Florea, já são sete horas. Faça o favor de levantar-se.»

—Hal Boyle, *AP*

Herbert Hoover— o Presidente desconhecido

Condensação do livro a ser publicado, de autoria de Eugene Lyons

Herbert Hoover foi eleito Presidente dos Estados Unidos em um momento dificil da história do seu país. Derrotado para a reeleição em 1932, passou ao esquecimento durante vários anos. Mas sua recente viagem ao redor do mundo para estudar a crítica escassez de alimentos e recomendar os meios de socorro às vítimas da segunda guerra, o restituiram ao papel de há trinta anos, como símbolo de esperança e compaixão em meio às atribulações universais.

Durante os meses de novembro e dezembro de 1928, já Presidente eleito dos Estados Unidos, Hoover percorreu quase todos os paises da América Central e do Sul. Em seus numerosos discursos reiteirou sempre o desejo de que os paises americanos fossem «bons vizinhos»; e quando tomou posse do cargo, quis transformar essas idéias em realidade, indicando ao Departamento de Estado um novo rumo em suas relações com os paises da América.

A nova atitude de Hoover, continuada e ampliada posteriormente, recebeu o nome de «política da boa vizinhança», em virtude das expressões que ele mesmo empregou tão repetidamente nos discursos de sua visita à América Latina.

«Our Unknown Ex-President» será publicado brevemente por Doubleday and Co., Inc., 14 W. 49th St., Nova York 20 N. Y.

HERBERT HOOVER—O PRESIDENTE DESCONHECIDO

O EX-PRESIDENTE Herbert Hoover, dos Estados Unidos, tornou-se verdadeiramente conhecido do mundo pela forma como soube servi-lo nas horas dificeis, nas crises de fome que a humanidade tem atravessado.

Quinze anos após haver deixado a presidência dos E.U.A., e com 74 anos de uma vida bem repleta de ação, Herbert Hoover mergulha de novo, atualmente, até o âmago dos problemas da humanidade levada ao desespero e à fome pela segunda guerra mundial. Desde a primavera de 1946—isto é, da data em que o Presidente Truman lhe confiou a missão de efetuar um inquérito mundial sobre as reservas alimentares e as medidas de socorro a serem tomadas—Hoover tem despendido a mancheias o seu tempo e a sua inestimavel experiência no cumprimento dessa missão humanitária. Acompanhado de peritos da sua confiança, Hoover deu a volta ao mundo nessa viagem de estudo, e logo em seguida, sem uma breve pausa de descanso, correu a visitar a América Latina. A coragem duma tal proeza, por parte de um homem de idade tão avançada, veio de certo modo estabelecer um elo de continuidade entre as últimas três décadas, e fazer-nos recordar como, após a primeira grande guerra, o esplêndido talento organizador de Herbert Hoover salvou da fome milhões de seres humanos. Esse gesto contribuiu para restituí-lo ao seu papel de intérprete o mais efetivo da consciência idealista e dos impulsos caritativos da América. No dizer da revista *Newsweek*, o sr. Hoover se tornou «símbolo de esperança e condolência aos olhos do mundo que geme sob o peso do sofrimento».

Na imensa diversidade da carreira de Hoover, descortina-se um tema dominante, e esse tema inconfundivel é a caridade. Mas para bem se compreenderem os fatores que nela determinaram esse carater dominante, torna-se imperativo conhecer alguma coisa da história pessoal do homem.

Herbert Hoover nasceu a 10 de agosto de 1874, em uma casinha de um só pavimento, não longe da oficina de ferreiro que seu pai possuia na colônia de Quakers de West Branch, no Estado de Iowa. De todos os presidentes que os Estados Unidos têm tido, só Abraão Lincoln nasceu numa cabana mais humilde...

Os Hoover envergavam as sóbrias roupas cinzentas características da sua seita religiosa, e falavam uma linguagem simples. Sua existência girava em torno da igrejinha local, que os Quakers modestamente chamam de «casa de reunião». Para eles a vida era real e séria, e «praticar o bem», o seu propósito dominante. Convem dizer que, segundo os Quakers, o homem nasce bom, conquanto o mundo possa corrompê-lo. Os homens se socorrem mutuamente, não como sacrifício nem como dever, mas sim como um privilégio que lhes foi concedido pelo Senhor. Foi neste ambiente que Herbert Hoover passou a infância.

Contava ele seis anos apenas, quando seu pai faleceu: mas estava prestes a completar os dez quando a mãe, por sua vez, fechou os olhos, deixando-lhe uma perene lembrança da sua doçura e bondosa humildade. Durante aqueles quatro anos de viuvez, Huldah Hoover sustentou os três filhos que o esposo lhe deixara por única herança, costurando para fora; mas a

costura era para ela somente o ganhapão, pois que a sua verdadeira vocação a arrastava para a tribuna do pregador. Os Quakers de todos os cantos do Iowa acabaram por conhecer a suave eloquência dessa mulher sem preparo. Pequeno como então era, Herbert não pôde gravar na memória muitas das palavras de sua mãe; mas uma coisa conservou delas—o sentido geral, que era de amor e caridade, e que para sempre havia de marcar-lhe indelevelmente o pensamento e os instintos.

Ao completar onze anos, o pequeno orfão foi viver com um tio que morava no Estado de Oregon, na costa do Pacífico, e com o qual passou os seis anos seguintes. Foi por essa época, ainda adolescente, que a visita de um engenheiro de minas acendeu no pequeno Quaker o mais vivo interesse pela geologia, determinando decisivamente o curso que sua vida havia de seguir.

Primeiros empregos

NO VERÃO de 1891 deu ele entrada na Universidade de Stanford, na Califórnia, que acabava de ser inaugurada, sendo alí um dos alunos da primeira turma matriculada no estabelecimento. Herbert, pobre como era, pagava os estudos trabalhando como secretário de um professor, como agente duma lavanderia, e fazendo outras tarefas menores. Pouco a pouco tornou-se um dirigente da vida estudantil, e fez amizades que ainda hoje perduram. Foi alí, sobretudo, que ele conheceu e amou Lou Henry, a moça bonita, alta e estudiosa, que viria a compartilhar sua existência.

O primeiro emprego de Herbert Hoover, tão depressa colou grau, foi o de trabalhador de picareta em uma mina, com o salário de $2,50 ao dia. Este início forneceu um verdadeiro tesouro de experiência prática a quem havia de passar boa parte da vida lidando com minas e mineiros.

Tendo ouvido dizer um dia que um engenheiro eminente de S. Francisco, Louis Janin, era considerado o rei na sua profissão, Herbert Hoover dirigiu-se a ele e, sem mais cerimônias, pediu-lhe um emprego. Não havia então vaga, mas Janin, que era um mestre na arte de avaliar aptidões, achou a maneira de encaixá-lo no serviço. Dois anos mais tarde, uma firma de Londres pedia a Janin que lhe recomendasse um engenheiro capaz de dirigir as propriedades da empresa na Austrália Ocidental, onde se estava então verificando uma «corrida» aos terrenos auríferos de recente descoberta. O pedido era bem explícito—queriam um engenheiro «com a energia dum moço de 25 anos, e a experiência dum velho de 75».

Hoover, que tinha então 23 anos, nem podia crer que o patrão o houvesse escolhido para esse emprego. Mas aceitou o contrato, com o bonito ordenado de $7,500 ao ano, e partiu para uma aventura que iria colocá-lo entre os mais celebrados engenheiros práticos da sua geração.

O casamento com Lou Henry ficou adiado por dois anos, até que ela houvesse colado tambem o grau de engenharia. Sua viagem de núpcias foi uma longa e acidentada viagem de exploração ao âmago da China... Sofreram juntos mil dificuldades e perigos memoraveis, entre os quais o cerco de Tientsin, durante a famosa e sanguinolenta revolta dos *boxers*. As centenas de vidas de chineses e estrangeiros salvas por eles com risco da própria vida, constituiram uma verdadeira *saga* de coragem entre os antigos residentes ocidentais da China imperial.

A propaganda política veio mais tarde dar à expressão um cunho irônico, mas a verdade pura e simples é que Hoover se

tornou conhecido desde então como «o grande engenheiro». Subiu rapidamente na profissão, e seus empreendimentos se estenderam ao mundo inteiro.

Neste meio-tempo, as sementes de amor plantadas pela mãe no coração do pequeno Herbert, foram dando flor e fruto: Hoover considerava o êxito assombroso que ia tendo como um prelúdio à sua vocação de servir o próximo. Chegada que foi a hora, ele empreendeu a jornada, como quem se põe a caminho de regresso ao próprio lar...

E veio a guerra

O TIRO que em 1914 abateu em Serajevo o herdeiro do Império austro-húngaro, deflagrando a primeira guerra mundial, teve como resultado que uns 200.000 americanos, turistas e residentes na Europa, se viram retidos longe da sua terra. Na confusão da hora, os bancos europeus recusavam descontar cheques americanos. Os navios eram raros, e portanto dificil a repatriação. As fronteiras se fechavam uma após outra... Era uma situação complicada, a que não faltava uma nota de pânico. O então embaixador dos Estados Unidos em Londres, Walter Page, rogou a Herbert Hoover que se encarregasse de dobar a confusa meada, tirando de embaraços os americanos que se encontravam no continente.

Foi precisamente o que Hoover fez—discreto, calado, sem publicidade, e com tal perícia, que só raras pessoas se deram conta de que estavam presenciando um verdadeiro milagre de eficiência. Não se sabe como conseguiu pessoal e transporte. Apoiado por dez outros indivíduos, a quem convenceu a correr todos os riscos do plano, persuadiu um banco americano de Londres a descontar todos os valores de carteira que lhe fossem apresentados pelos refugiados americanos, mediante o compromisso, que ele e os seus dez sócios assumiram, de reembolsar o banco de todo e qualquer prejuizo que este sofresse no curso das arriscadas transações. O banco anuiu, e ainda antes de findo o êxodo, já tinha trocado cheques no valor total de 1.500.000 dólares. E a fé do engenheiro viu-se plenamente justificada: nessa gigantesca transação, o prejuizo foi apenas de 400 dólares! Ao tempo em que o Congresso dos E.U.A. aprovou a verba de um milhão de dólares para repatriação desses americanos, a tarefa já estava virtualmente concluida!

Andava Hoover liquidando os seus interesses na Europa, como preparativo de regresso à pátria, quando foi convidado pelo embaixador Page a organizar o socorro a sete milhões de belgas que corriam o risco iminente de morrer de fome. Tratava-se de uma decisão dificil de tomar. Embora razoavelmente abastado, o engenheiro ainda estava longe de ter alcançado a meta de desafogo que se tinha imposto como medida de «independência». No entanto, a companhia da qual era sócio controlava então uma parte muito consideravel do chumbo e do zinco do mundo inteiro. E, ao rebentar a grande guerra, a primeira em que a mecanização desempenhou papel decisivo, esses metais tinham passado a valer o seu peso em ouro!

Nunca o espírito de Hoover nutriu a mais leve sombra de dúvida quanto à resposta a dar àquele repto que a miséria humana lhe lançava.

A riqueza em si mesma nunca fora para ele um «fim». Era simplesmente um «meio» de alcançar certos fins—a independência pessoal que lhe permitisse servir os seus semelhantes.

Por vezes Herbert Hoover confiava o seu programa pessoal a amigos mais íntimos, e todos eles são unânimes em reconhecer que nessas afirmações de fé não havia vestígios de orgulho nem de bravata: não se tratava de realizar um sonho de auto-abnegação, mas muito simplesmente de materializar um ideal de personalidade.

Hoover falava em fazer alguma coisa pela humanidade, nos mesmos termos em que outros moços que triunfam na vida falam de vir a ter iates e propriedades...

A verdadeira questão para ele, era a seguinte: escolher entre a retenção dos seus interesses financeiros, ou a renúncia total aos seus anelos pessoais. Durante três dias memoraveis o jovem engenheiro debateu em mente qual a decisão a tomar. À maneira dos bons membros da sua seita, ele e a esposa ergueram preces a Deus, para que Este os ajudasse a encontrar o caminho a seguir. À quarta manhã, quando desceu para tomar o café, Hoover mostrou-se duma serenidade fora do comum—isto segundo o testemunho de Will Irwin, escritor e amigo íntimo da família, o qual se achava então presente como convidado.

«Bem, que leve o diabo a riqueza,» comentou Herbert Hoover, tão naturalmente como se se tratasse de cancelar um passeio de fim-de-semana. Ao relembrar esse momento, Irwin escrevia mais tarde: «Senti então—mas só agora compreendo—que estava presenciando um instante histórico da mais alta significação.»

A decisão de Herbert Hoover iria repercutir na existência de centenas de milhões de seres humanos. A partir de então a história pessoal de Hoover se torna integrante do tecido mesmo da história contemporânea. Nunca se vira um homem renunciar tão abruptamente a uma carreira cheia de grandes promessas, nem empreender uma tão vasta obra de serviço social. «Os senhores podem ficar com o negócio,» anunciou ele aos sócios. Para ele isso de minas e de ganhar dinheiro era uma coisa do passado.

Recusa remuneração

DESDE essa época que Herbert Hoover não cobra nem um dolar sequer de remuneração, seja de que origem for, para seu uso pessoal. Desde o primeiro instante da grande obra a favor dos belgas, até o último momento da sua recente missão à Europa, tem pago sempre do seu bolso as despesas pessoais que realiza. Quando Secretário do Comércio dos Estados Unidos, distribuiu o ordenado de ministro pelos auxiliares mais necessitados, para lhes aumentar a renda, ou então pagava do próprio bolso peritos cujos serviços não estavam previstos no orçamento do Congresso. No dia em que deixou a Casa Branca, ao fim do seu mandato, remeteu ao Tesouro Federal um cheque de 300.000 dólares, representando o valor de quanto recebera do Estado, como Presidente, a título de ordenado. As somas que tem cobrado pelo que escreve e pelas conferências que faz, ele as encaminha sempre para organizações de caridade pública ou privada.

O esforço do socorro aos belgas era, para Hoover, um empreendimento de carater absolutamente novo, mas do qual soube sair-se supremamente bem, contra obstáculos e condições quase inconcebiveis. Distribuiram-se pelos necessitados vastas quantias e montanhas de artigos, e no entanto as despesas gerais dessa obra nem de longe atingiram a 1 por cento do montante total! Normalmente, as obras de assistência e caridade podem dar-se por muito felizes quando as suas despesas gerais não alcançam a 20 por cento do volume total. Foi essa, até então, a maior obra de socorro empreendida na história da humanidade; outras maiores vieram depois, tambem dirigidas por Hoover.

Durante a guerra o Presidente Wilson o nomeou Administrador das Subsistências; desde então, «hooverizar» tornou-se um neologismo nos léxicos americanos. Se é verdade que os víveres ganharam essa guerra, então é caso para se dizer que o famoso engenheiro deve ocupar lugar ao lado dos grandes generais, considerados arquitetos da Vitória!

Após o armistício, Hoover foi nomeado Diretor Geral das Obras de Socorro, e tornou-se um «ditador» virtual da economia de toda a Europa. Durante três anos, alimentou e vestiu dez milhões de crianças da Europa central e oriental. Por esse tempo, a União Soviética, que se debatia nas garras duma fome sem precedentes, mereceu-lhe tambem as atenções.

Ao todo, durante o decênio 1914-24, Hoover conseguiu reunir e distribuir mais de cinco bilhões de dólares—o equivalente a 34 milhões de toneladas de suprimentos—através das condições mais dificeis da guerra e do caos que se lhe seguiu. De cada um dos dólares, de cada quilo dessa montanha de artigos de socorro, foram prestadas contas minuciosas; não se registou um só escândalo, nem sobre a obra recaiu a mais ligeira suspeita de especulação, desperdício ou lucro ilícito.

Socorro à Rússia faminta

A LENDA de que Herbert Hoover se utilizou dos víveres como de uma arma política na Europa oriental, é um dos argumentos mais gratos aos comunistas do mundo inteiro! Mas eu tenho diante dos olhos uma resolução do Conselho dos Comissários do Povo, firmada no Kremlin em 10 de julho de 1923, na qual se expressa agradecimentos aos norte-americanos, e especificamente a Herbert Hoover, «cujos esforços absolutamente desinteressados... contribuiram para salvar da fome milhões de pessoas de todas as idades.»

Hoover recusou sempre todas as honras e recompensas, até onde isso lhe foi possivel sem causar melindres. Mas os povos agradecidos de uma dúzia de nações ergueram-lhe estátuas, e puseram-lhe o nome em muitas ruas e praças. Mensagens de agradecimento, vindas de todo o mundo, chegaram-lhe às mãos em torrente, firmadas por grandes e humildes da terra, trazendo-lhe um total de quase quatro milhões de assinaturas.

A idéia que geralmente se faz de Hoover, é a de um homem austero, monumental, e assaz frio. Ora, poucas pessoas têm noção, ainda a mais tênue, do homem cordial, bizarro e bem humorado que ele é na intimidade; do Quaker profundamente humano e humanitário que se oculta atrás de uma fachada imponente... Aqueles mesmos que partilham de sua filosofia conservadora, aceitam o mito do engenheiro-estadista impessoal e quase mecânico.

Quando vamos até às origens das suas deficiências de homem de estado, verificamos que elas resultam precisamente de elementos estruturais do seu carater, a respeito dos quais o grande público não faz a menor idéia. O mais aparente desses traços de carater é a timidez—uma tendência quase física a retrair-se na presença de estranhos e das multidões. Nunca Hoover se sente tanto à vontade como quando conversa despreocupadamente, sem cerimônias, num ambiente de amizade e confiança. Sua voz ganha então quentes ressonâncias, ilumina-se-lhe a fisionomia. Uma vez lançado, é capaz de tornar-se fluente e satírico, sabendo recorrer com facilidade ao tesouro de uma memória extraordinária.

Na presença, porem, da multidão, ou junto dum microfone, ele parece esfriar e retrair-se. A voz, e com ela a expressão facial, perde de certo modo a vivacidade e o calor. Permanece nele só uma intensa seriedade, de vez em quando atenuada pela sutileza de alguma observação irônica, das que habitualmente animam a sua conversação com os íntimos.

As pessoas que com ele falam pela primeira vez arriscam-se a interpretar como dureza o que nele é apenas retraimento. Hoover não é homem dado a excessos de expressão verbal, nem a demonstrações de ostensiva intimidade. É capaz de esperar, de olhos baixos, que o interlocutor tome a iniciativa de pôr em marcha o trem da conversação. Quando Presidente dos Estados Unidos, os visitantes da Casa Branca viam-se com frequência embaraçados com as longas pausas a que Hoover dava ensejo, enquanto esperava que eles pusessem em pratos limpos aquilo a que vinham. Tenho ouvido contar o caso de indivíduos que foram pedir-lhe ajuda—a ele que, se peca por alguma coisa, é por excesso de acessibilidade—e sairam da sua presença desolados, certos de que a sua missão fracassara, somente para virem mais tarde a descobrir com espanto que o Presidente tinha agido pronta e generosamente no sentido da solução dos seus problemas.

Hoover é, por natureza, completamente avesso a dar palmadas nas costas, e apertos de mão calorosos, e a familiaridades tais como a de tratar os indivíduos pelo seu nome de batismo—características tão frequentes entre os políticos. E esta reserva no trato ainda mais se agrava com a única forma de intolerância que lhe é peculiar—esta de ordem intelectual: uma incapacidade para permitir que os outros tratem os assuntos por aproximações, sem pôr os pontos nos ii, para aceitar pensamentos nebulosos e fatos de natureza vaga.

PARA os seus amigos—e são centenas: eruditos, jornalistas, homens de negócio, diplomatas—muito tempo antes de ser eleito Presidente dos Estados Unidos Herbert Hoover já era considerado o «chefe». Não obstante, nunca se deu ao trabalho de montar a sua «máquina política» pessoal; muito poucos de seus amigos íntimos são políticos na acepção corrente da palavra: constituem, entretanto, uma espécie de fraternidade, sem laços bem definidos. Devido à lealdade sem limites que tributam ao «chefe», são leais uns para com os outros.

Conversando com grande número desses amigos de Hoover, fui-me dando conta progressivamente, de que estava tratando com os iniciadores de um culto—culto que tinha exclusivamente como base a afeição pessoal. Estes iniciados reunem-se uma vez por ano para um jantar de confraternização «hooveriana». Os convivas são geralmente algumas centenas. É um ágape puramente sentimental, uma reunião de família, e o curioso é que ninguem sabe dizer como e onde este costume teve origem. Uma taça feita de estanho é então oferecida ao conviva que veio de mais longe—prêmio que tem sido ganho por homens propositalmente chegados da Europa, China, África, Austrália e de outras partes do mundo.

Origens da difamação

NENHUM dos homens que passaram pela presidência dos Estados Unidos conseguiu escapar à difamação e ao boato ultrajante: nem Washington, nem o próprio Lincoln. O Presidente Hoover não fugiu à regra, mas a quota-parte de calú-

nias que lhe coube foi bem superior ao que seria de esperar! Pessoas incapazes de citar uma só prova específica, ainda hoje se fazem eco da vaga impressão de que houve algo de suspeito nas operações mineiras do ex-presidente; de que ele aceitou a cidadania inglesa; e de outras invenções e insinuações do mesmo jaez.

Se há coisa que de há muito paire acima de todas as dúvidas, é a eminente capacidade profissional do engenheiro Herbert Hoover, que conseguiu, muito moço ainda, alcançar as mais altas posições numa carreira em que a reputação de probidade é tão importante como a própria aptidão técnica. Hoover se tornou, nas palavras de um seu antigo sócio, «um grande médico das companhias doentes». Os seus trabalhos escritos, de natureza técnica, vieram estabelecer novos padrões para a indústria.

Durante os anos que militou na profissão, Hoover nunca deixou de prevenir os leigos contra a especulação bolsista em valores mineiros. «Idiotas» era o epíteto que ele geralmente reservava para os papalvos que investiam capitais às cegas em explorações mineiras, e desprezo o sentimento que votava aos «incorporadores», habeis na prática do que ele chamava «a ciência de extrair a maior soma possivel de dinheiro ao nosso semelhante».

A fábula mais grave, entretanto, que os seus detratores puseram em curso, é a de que Hoover foi mais um «incorporador» e um especulador, do que um engenheiro no sentido estritamente profissional do termo. Ora, não seria decerto para premiá-lo das suas proezas nos domínios da «especulação», que os seus colegas o elegeram—em uma classe de malhas bem apertadas, e para mais intimamente familiarizada com todos os aspectos da sua carreira—presidente do Instituto Americano de Engenheiros de Minas e Metalurgia, e do Conselho Americano de Engenharia; ou, do mesmo modo, lhe tributaram outras e incontaveis homenagens pelos serviços que ele prestou.

Ao tempo em que Hoover era um dos sócios mais novos da firma de engenheiros Bewick, Moreing & Company, um dos sócios da empresa entregou-se a especulações secretas com fundos que lhe haviam sido confiados, tendo chegado a amontoar prejuizos no valor de 900.000 dólares. Quando, em 1902, esse indivíduo foi denunciado, julgado e encarcerado, Hoover, então com 28 anos, encontrava-se em Londres, chefiando os escritórios da empresa naquela cidade.

E, muito embora nenhuma obrigação legal pesasse sobre a firma, sem esperar sequer pelo parecer de seus colegas, Hoover anunciou que os sócios reporiam do seu próprio bolso, até o último dolar, a soma dos prejuizos. Foi precisamente o que eles fizeram. Para Hoover, pessoalmente, isto representou uma calamidade financeira que lhe raspou até às últimas economias. Mas, entre mãos dos caluniadores, até mesmo este episódio foi convenientemente deformado para se adaptar à lenda das especulações financeiras.

A outra classe de acusações dirigidas contra Herbert Hoover, especialmente após haver ele deixado a Casa Branca—estas de ordem política—referem-se ao fato de ele «nada ter feito» para combater a grande crise que avassalou a América em pleno exercício da sua presidência (1928-1932). Quando sujeitas, porem, ao teste da crítica, tais acusações ficam reduzidas a uma simples discordância relativamente à sua filosofia básica em matéria econômica e política. A questão não é que Hoover «não fez nada»—mas sim que ele não fez o que reclamavam os propugnadores de uma filosofia econômica e política diametralmente oposta à sua.

Hoover era então—e assim se tem mantido até hoje—um prosélito inflexivel da liberdade econômica, do individualismo, da auto-ajuda máxima de ordem local; um opositor de princípio às teorias do «governo forte», às despesas inflacionárias, e aos excessos de controle governamental. Assim, acusá-lo de deshumanidade, só porque ele adotou uma orientação política em tudo conforme com as suas mais profundas convicções, é uma coisa realmente injusta.

Programa de melhoramento social

Ao APRECIARMOS o carater de Hoover, aquilo que realmente importa pôr em relevo, é que ele trabalhou com zelo sobrehumano para sustar o desastre e aliviar os sofrimentos dele resultantes. No carater de Secretário de Comércio dos E.U.A. ano após ano viera prevenindo o país contra os perigos da superprodução e da especulação. Em 15 de janeiro de 1925, quando ainda se considerava uma heresia duvidar do «milênio» de prosperidade, já Hoover chamava a atenção para o «desemprego e a falência que resultam da crise inevitavel». E agora que os seus legítimos receios se estavam confirmando, ele não poupou os seus esforços, nem os dos seus auxiliares, para atalhar o pânico e salvaguardar a democracia.

Organizou então a Corporação Financeira de Reconstrução, os Bancos de Crédito Predial Familiar, a Associação Nacional de Crédito, e dezenas de outras empresas igualmente novas e até revolucionárias para a época. Obrigou o Congresso hostil, que só se preocupava com economias, a aprovar um programa de obras públicas e de assistência, de proporções até então desconhecidas. Pleiteou em vão junto ao Congresso, cuja maioria pertencia ao Partido Democrático, a aprovação de uma verba de 120.000 dólares, destinada a manter a organização presidencial de socorro no desemprego. Durante os quatro anos da sua presidência, foram empreendidos mais trabalhos públicos de construção pacífica, do que nos trinta e seis anos anteriores, mesmo incluindo a obra formidavel do Canal do Panamá.

Hoover assumira a presidência, levando em mente um ambicioso plano de melhorias sociais. As Conferências da Casa Branca sobre Higiene e Proteção da Infância, e sobre Habitação e Construção de Casas de Família; o Comitê Presidencial de Estudo das Tendências Sociais; as suas propostas específicas de reforma em todos os setores da vida—são outras tantas indicações de um programa cuja execução os acontecimentos vieram infelizmente frustrar.

Foi uma presidência trágica, a dele, sobretudo nos seus quatro últimos meses, entre a eleição presidencial de novembro de 1932, e a inauguração do Presidente Roosevelt, em março de 1933. Para se fazer uma idéia clara dos fatos, deve ter-se presente que a «depressão» fora refreada, e a restauração econômica se iniciara já em meados de 1932. Em artigo de fundo de 16 de junho de 1934, o então democrático *Times* de Nova York dizia: «É fora de discussão que na segunda metade de 1932 se verificou uma melhoria. E não é menos verdade que este manifesto renascer da confiança sofreu brusco revés em fevereiro de 1933.» O *Star* de Kansas City (26 de janeiro de 1936) declarava que «houve uma recuperação abrupta e importante» no verão de 1932, mas em novembro, após a eleição, «a situação começou a deteriorar.»

A confiança nascente foi obliterada pelo resultado da eleição. Os negócios paralisaram, o público atemorizado correu em massa a retirar os seus fundos dos bancos; as cotações de bolsa, que tinham subido do ponto mais baixo em julho (34) para 56 em setembro, precipitaram-se de novo no abismo. O pânico que Hoover mantivera em cheque por três anos, era agora iminente. Mas desta vez o «grande engenheiro» nada pôde fazer para contê-lo! Já se tem dito com muita propriedade que não há nada tão morto como um governo derrotado...

O Presidente desconhecido

O DESTINO foi generoso com o 31.º Presidente dos Estados Unidos, ao permitir-lhe viver o bastante para se ver reintegrado na estima pública. A despeito disto, ele continua sendo o «ex-Presidente desconhecido», e muitas facetas da sua personalidade se conservam ainda ocultas aos olhos do grande público.

Ignora-se geralmente, por exemplo, que a paixão de Hoover pela pesquisa e o saber é tão profunda como a sua paixão pela pesca, o que já é dizer muito. O seu «Tratado de Mineração» publicado em 1909, ocupa lugar de grande destaque na literatura da especialidade. Ao mesmo tempo que trabalhava em vastas propriedades na China, escreveu uma dissertação sobre a matemática chinesa.

Durante cinco anos ele e a esposa trabalharam com afinco na versão inglesa do famoso tratado *De Re Metallica*, de Agrícola, que data de 1550. E onde gerações e gerações de eruditos latinistas tinham falhado na tradução desta obra clássica para a língua inglesa, o casal Hoover alcançou pleno êxito, graças ao fato de possuir os conhecimentos técnicos que faltavam aos seus antecessores.

A magnífica Biblioteca Hoover, que é o orgulho da Stanford University, é também uma expressão dos seus pendores para o conhecimento exato. Em meio de uma multidão de trabalhos, durante a Primeira Grande Guerra, Hoover começou a colecionar documentos essenciais, que de outra maneira se teriam perdido para a posteridade. Tem continuado desde então a enriquecer essa notavel coleção. Documentos inestimaveis sobre a Revolução Russa e guerras civís—só destes, com a ajuda de Lênine, ele carregou para fora da Rússia três vagões!—encontram-se hoje em Palo Alto, a par de achados tão preciosos como sejam os Arquivos do Estado Maior do Kaiser; documentação sobre os recentes movimentos de resistência secreta aos ocupantes, na Europa; valiosos materiais de arquivo das repúblicas bálticas abolidas, etc.

Pessoas há que só praticam seus vícios em segredo; Hoover, porem, inverteu o processo. É um dos raros homens que sabem praticar em segredo a virtude! Para ocultar os seus atos de benemerência, é capaz de ir aos últimos extremos—especialmente em relação aos beneficiários.

«Durante 20 anos,» escreveu Will Irwin em 1928, «eu tenho visto pessoas de nosso comum conhecimento que navegam sem grandes abalos através duma crise, quer se trate duma longa doença quer de desemprego. E depois, às vezes passados anos, venho a saber, que o solvente da crise foi—Hoover.»

O ex-presidente põe mãos à obra para conseguir um emprego, ou um empréstimo, ou qualquer outro meio de prestar ajuda a pessoas que se vejam em dificuldades. E só anos mais tarde, se é que jamais chegam a sabê-lo, elas descobrem quem foi o seu generoso benfeitor.

O traço marcante do carater de Hoover é, porem, o seu ilimitado carinho pelas crianças. Todos os que lhe estiveram associados no trabalho se deram, mais tarde ou mais cedo, conta disso. Dois deles relataram mesmo que tinham dado com o chefe a chorar! Os casos verificaram-se à distância de 20 anos entre si, mas ambos revelam a extrema sensibilidade de Herbert Hoover perante o sofrimento das crianças.

Deu-se um dos casos logo após a Primeira Guerra Mundial, quando estava em curso uma campanha de socorro às crianças famintas da Europa. Cerca de trinta garotos foram visitar Hoover, levando cada um deles, bem apertados e quentes na palma das mãos não muito limpas, uns vintenzinhos com que vinham contribuir para o fundo de socorro. Hoover começou a conversar com os meninos, mas os olhos encheram-se-lhe repentinamente de lágrimas, e ele afastou-se a toda a pressa para não ser surpreendido pelas crianças.

O segundo incidente ocorreu no seu apartamento de Nova York, já durante a Segunda Grande Guerra. Meu informante estava presente, quando uma pessoa, de visita, se pôs a descrever com pormenores os horrores que sofriam as crianças dos paises sujeitos ao domínio nazista. Hoover, de repente, dirigiu-se para uma janela e ficou de costas viradas para o interior da sala. Os presentes desviaram a vista, embaraçados, quando notaram que o ex-Presidente era sacudido por soluços irreprimiveis.

Herbert Hoover tem conhecido, desde a infância, incomparavelmente mais trabalhos do que recreios; e estes foram sempre, de preferência, calmos e meditativos, como a pesca ou o excursionismo, em companhia de alguns amigos afeiçoados.

Facetas de uma personalidade

FORAM sempre lendárias a capacidade de trabalho, e a robustez física de Hoover. Durante alguns períodos críticos, na Casa Branca, muitos dos seus auxiliares ficaram positivamente arrasados devido ao regime de trabalho hooveriano: o dia começava normalmente às 6 da manhã, e não era dado por findo senão perto da meia-noite.

Em uma carta que Frank E. Mason, um dos seus companheiros na viagem pelo mundo realizada em 1946, remeteu à família, encontro a seguinte passagem característica:

«Vários membros da tripulação se sentiram indispostos, e o próprio médico, o dr. Rey, passou esse dia de cama. E o Chefe atravessou tudo isto imperturbavel, trabalhando sempre, escrevendo a lapis os seus discursos, para que Hugo Meier os copiasse depois à máquina. Tem aguentado de maneira quase miraculosa o ritmo terrivelmente acelerado de tudo isto!»

A memória de Hoover tambem raia pelo fenomenal. É um leitor omnívoro, que devora tudo que lhe caia na mão, desde estudos sociais e econômicos até histórias policiais. É capaz de tragar um grosso volume de uma só assentada, e retem do que leu o bastante para passar num exame a respeito. Uma noite, em Xangai, durante a visita que alí fez em 1946, alguns oficiais superiores do exército americano desdobraram no chão uma porção de mapas, e explicaram-lhe pormenorizadamente a complexa situação militar da China. Apelando para a sua experiência de quase meio século atrás, Hoover pôde concorrer para a descrição com detalhes exhaustivos a respeito da topografia local de regiões as mais remotas. Os oficiais ficaram boquiabertos dian-

te de semelhante prodígio de memória.

O aspecto mais revelador e impressionante da sua personalidade é, porem, a julgar pelo que dizem os íntimos, uma humildade ingênita, a tendência a fugir à luz da publicidade. Uma das coisas que mais o aborreciam quando presidente, era a presença constante de guardas, repórteres e fotógrafos, quando se dirigia para as reuniões dos Quakers. Certo domingo conseguiu mesmo escapar à vigilância oficial.

Nesse dia, à hora da refeição matinal, a senhora de Hoover anunciou a um casal de amigos, o sr. e a sra. Rickard, seus hóspedes, que alguem lhe falara em uma igrejinha Quaker situada a 55 quilômetros da Casa Branca. O casal Hoover e os seus dois convidados escapuliram então da residência presidencial, e foram de automovel até o pequeno recinto de oração, onde se encontravam apenas uns doze crentes ou pouco mais. Segundo o costume dos Quakers, ninguem prestou a menor atenção aos recem-chegados. Após prolongada e silenciosa meditação, o grupo de foragidos de Washington retornou à Casa Branca. O Presidente confessou que esse fora um dos dias realmente felizes de sua vida.

A EXISTÊNCIA de Herbert Hoover, já hoje bem longa, excede pela variedade das suas experiências a bitola da maioria das vidas humanas. Tem ela corrido toda a escala que vai desde uma infância pobre, à maneira de Lincoln, até à riqueza; desde o trabalho braçal comum, até às funções da presidência; e desde os negócios em grande escala, à beneficência em grande escala. Mas toda esta diversidade nos aparece penetrada de um sentido uniforme. Um fio de continuidade estabelece um nexo entre a variedade de todas as fases da sua existência.

Quando se encontrava em Oslo, em 1938, recebeu a visita de um fazendeiro que viera de muito longe especialmente para se encontrar com ele. Esse homem trazia consigo uma jaqueta de menino, que conservara durante perto de vinte anos, segundo explicou ao eminente visitante americano, como recordação do socorro Hoover, e, sabendo da sua passagem, quisera vir em pessoa expressar-lhe seus agradecimentos.

A chegada de Hoover a Bruxelas, em 1946, foi celebrada nas ruas por milhares de pessoas, entre as quais se contavam muitas que deviam à obra «hooveriana» o terem escapado com vida, cerca de trinta anos antes. Em Belgrado, o Ministro dos Negócios Exteriores do governo do Marechal Tito, sr. Simich, declarou numa recepção pública: «Eu não estaria aquí esta noite, se não fosse a obra de socorro que Hoover realizou na Sérvia há trinta anos.» Em Varsóvia, durante uma conferência, uma médica ergueu-se de repente para declarar que devia a vida a Hoover: fora ela uma dos muitos milhões de crianças da Europa oriental que a organização de Hoover salvara da fome. Depois, virando-se para os funcionários comunistas, que estavam sentados à mesa da conferência, acrescentou: «Confessem que, se não fosse o socorro de Hoover, os senhores tambem não estariam vivos!» E os funcionários reconheceram solenemente a verdade dessa declaração.

Algumas semanas depois, em Xangai, duas senhoras chinesas da melhor sociedade pediram, em separado, licença para apresentar cumprimentos ao antigo Presidente dos Estados Unidos. Coincidência a mais inesperada, ambas elas narraram a mesma história: ambas haviam sido recolhidas pelos Hoovers durante a revolta dos *boxers*, em 1900, quando muitas outras crianças, menos afortunadas, perdiam a vida em sangrentos tumultos.

Sim, existe um fio de continuidade na diversidade da carreira de Hoover, um tema ou motivo dominante que a distingue: a caridade. Nem as devastações do tempo, nem as insinuações maliciosas da propaganda política têm sido capazes de ofuscar essa característica inconfundivel. A pregadora Quaker de voz ardente e suave, lá da pequena colônia do Iowa, embora tenha morrido prematuramente, por certo não viveu em vão.

História do lobo mau

Da coluna de Billy Rose, «Pitching Horseshoes»

HÁ POUCO tempo, num pequeno café de Nova York, o *maître* fez sentar uma atraente dama a uma mesa ao lado da minha. Teria os seus trinta e poucos anos, um belo perfil; vestia elegantemente.

Do outro lado do minúsculo tablado de dança notei um cavalheiro bem apessoado, que compartilhava o meu interesse na jovem. Quando os olhares dos dois se encontraram, ele sorriu e ela pareceu retribuir-lhe. O cavalheiro levantou-se e dirigiu-se para o balcão do guarda-chapéus. De lá voltou, um minuto depois, com uma dessas orquídeas envoltas em papel celofane. O lobo mau rabiscou algumas palavras no verso de um cardápio e o garção entregou o cardápio e a orquídea à dama. Esta leu a mensagem e sorriu com um sinal de assentimento. O cavalheiro dirigiu-se para a mesa dela, cumprimentou-a com a cabeça, apresentou-se e sentou-se.

«Foi muito gentil da sua parte,» ouví-o dizer-lhe. «Não é divertido jantar só. A senhora me permitirá que escolha o vinho?»

Percebí que o *maître* acompanhava atentamente os gestos do casal e perguntei a mim mesmo se ele não terminaria por dizer ao Romeu que fosse representar o seu papel em outro lugar.

«Eu a tenho visto inúmeras vezes na cidade,» continuou o cavalheiro. «Mas confesso que ainda não tinha encontrado uma maneira de aproximar-me.» A dama sorriu.

O garção trouxe o vinho. «Roederer 1926. O momento é particularmente propício a um brinde, minha querida senhora. À nossa felicidade.»

A orquestra iniciou uma velha valsa de Franz Lehar. O cavalheiro levantou-se, curvou-se ligeiramente e perguntou se a dama lhe daria a honra da contradança. Tive de reconhecer que formavam, sem dúvida, um par elegante. Ao sair, dirigí-me ao *maître* e perguntei-lhe:

—Mas, afinal, que se passa por aquí? Você viu o que aconteceu. Por que não interrompeu o romance?

O *maître* sorriu.

—Essa é uma velha história. Há onze anos que, nesta mesma noite de outubro, o sr. Coddington e essa senhora vêem a este café e repetem a cena. Fazem isso desde que ele a encontrou aquí, pela primeira vez, em 1936. Sempre reservam as mesmas mesas. Certa vez perguntei-lhe por que o fazia. Respondeu-me que a cena os mantinha jovens a ambos.

—Quem é a dama? indaguei.

O *maître* sorriu de novo.

—A sra. Coddington.

As orquídeas da Colômbia

Por Germán Arciniegas

DURANTE os últimos anos, a Colômbia vem exportando orquídeas, como o fazia antigamente com borboletas de Muzo. Entre essas duas estranhas mercadorias, igualmente frageis e exóticas, existe sem dúvida certa semelhança. Ao visitar um jardim de orquídeas, temos a impressão de estarmos dentro de uma floresta de borboletas. A orquídea não lembra nenhuma outra flor. É de estilo caprichoso e fantástico. Lembra cavalinhos do mar, pequenos dragões, animais e plantas submarinas. Lembra principalmente as borboletas. Não posso compreender como Disney não fez ainda um desenho animado em côr sobre as orquídeas. Se ele fosse às nossas selvas, veria as orquídeas que crescem selvagens, aninhando-se nos ramos mais altos, agarradas aos cipós, onde o ar úmido e quente se impregna de fortes essências. E as veria pender, às vezes, como se as raizes florescessem ao vento. Nesse mundo tropical tambem se encontram as borboletas, mágicos vitrais sobressaltados, que são verdadeiras orquídeas voadoras. Como a Colômbia, tambem a Índia, o Brasil, o Japão têm exportado orquídeas e borboletas.

Creio que os jardins de orquídeas de Medellín chegarão a ser famosos algum dia. Essa gente tem a paixão de colecionar flores. Azáleas, por exemplo. Mas nada pode rivalizar com as orquídeas. A esposa do atual presidente da república tem classificadas em seu jardim mais de vinte mil orquídeas, e existem outras pessoas que chegaram a cifras semelhantes. A ilustre dama tem feito permutas de exemplares de espécies raras com um príncipe do Japão, com pessoas das terras do Ganges, do Orinoco, do Amazonas, da Guatemala. Reuniu assim do nada algo que constitui uma riqueza fabulosa. De plantas que dão uma flor por ano. Que recordam o Oriente na nota de um perfume de especiaria, nunca dantes percebido.

O clima de Medellín é privilegiado para o desenvolvimento dessas flores. Por volta de maio ou junho, quando se realiza a exposição de orquídeas, a floração está em sua plenitude. Nas casas de famílias ricas, que sempre têm sacadas ou terraços cobertos, vêem-se os jardins pendentes. Nessa época, as orquídeas derramam sobre a cidade as cores e perfumes que elaboraram na sombra durante vários meses. É uma glória caminhar sob esses alpendres que transformam em rua florida os céus azuis do trópico.

FOTO: LEO MATIZ

Os ingleses, sempre tão peculiares em seus gostos, são dedicados apreciadores de orquídeas. Foram eles os primeiros a deslumbrar com elas os europeus em Kew Garden, e suas iconografias dessas flores formam livros de enlouquecer em mil e uma noites. Certa ocasião, um inglês, em fins do século passado, foi à Colômbia somente para vê-las. Escreveu um livro precioso que se chama «Memórias de um caçador de orquídeas». Ao abrí-lo, a primeira coisa que se encontra é a reprodução em cores da Catleia de Triana, a flor do país. A mesma que aparece agora em nossos selos.

Cultivar orquídeas é velha tradição colombiana. Em Bogotá, nos casarões coloniais, pendem, como lâmpadas, nos corredores, canastras de madeira, onde as parasitas crescem entre ninhos e musgo. Os índios que vêm das montanhas chegam ao mercado, carregando nas costas quantidades dessas plantas floridas. Assim humildes, e assim carregados, paralisariam o tráfego de Nova York. Somente um milionário poderia pagar o preço que essas flores alcançariam nas lojas do gênero. Às vezes, pessoas afortunadas encontram exemplares raros. Uma vez, encontrei Gonzalo Ariza num dos estreitos caminhos que descem das montanhas para Bogotá. O nosso grande pintor de paisagens e flores aprendeu no Japão, com Fujita, sutilezas indefiniveis. «Creio ter encontrado,» disse-me ele, «a orquídea menor do mundo.» E tirando do bolso da blusa uma planta que lhe cabia no côncavo da mão, mostrou-me as florzinhas, menores que lentejoulas, que resumiam o capricho das mais estranhas orquídeas. São coisas que ocorrem na Colômbia, terra de orquídeas, terra de borboletas de côr...

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19° andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3° andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19° andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: José Maria dos Santos, Casa Havanesa, Rua Engenheiro Lapa, 62, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

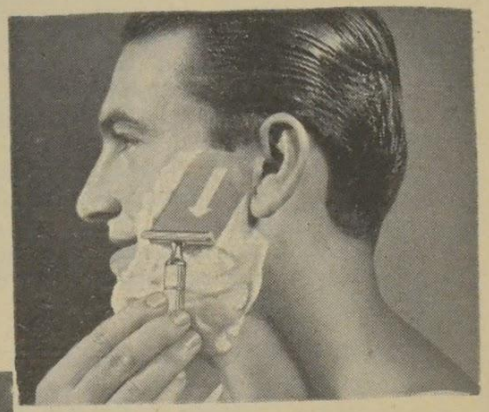
Conselhos para um barbear *mais perfeito*

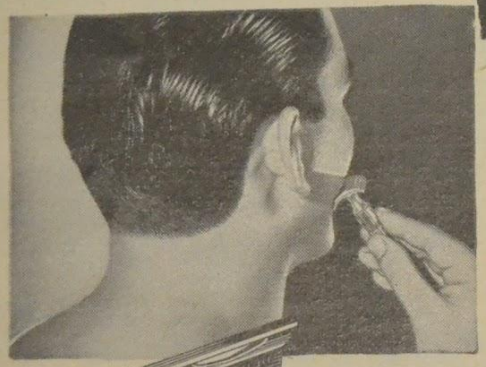
1. Lave o rosto, de preferência com água morna.

2. Use um bom sabão de barba, formando espuma abundante, que lhe facilitará a tarefa.

3. Dê ao aparelho a inclinação indicada na figura I.

4. Sem pressão excessiva sôbre a pele, maneje o aparelho em sentido diagonal (fig. II).





5. Use o novo e já famoso Gillette Tech, desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito*. Gillette Tech possui frisos anti-deslizantes para maior segurança; tem uma barra-distensora para maior suavidade e não acumula espuma . . . pois é de limpeza instantânea.

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR
TÈCNICAMENTE PERFEITO

Como explicar-lhe sôbre a nova fase?

● "Ser quase mulher . . . e ser feliz"—eis o livreto que a Johnson & Johnson vem de editar sob a fiscalização de eminentes cientistas. Facilitando grandemente o papel educativo das mães, êle encerra os ensinamentos necessários para que a menina-moça transponha esta fase tão encantadora e tão importante de sua vida, com completa tranqüilidade, confôrto e proteção e sem noções errôneas e antiquadas sôbre menstruação. Peça seu exemplar grátis.

Johnson & Johnson
FABRICANTES DOS ABSORVENTES
Modess

GRÁTIS!

Queira me enviar, gratuitamente, um exemplar do livreto "Ser quase mulher... e ser feliz," e 2 amostras de Modess, para o que estou remetendo Cr$ 2,00 para porte registrado.

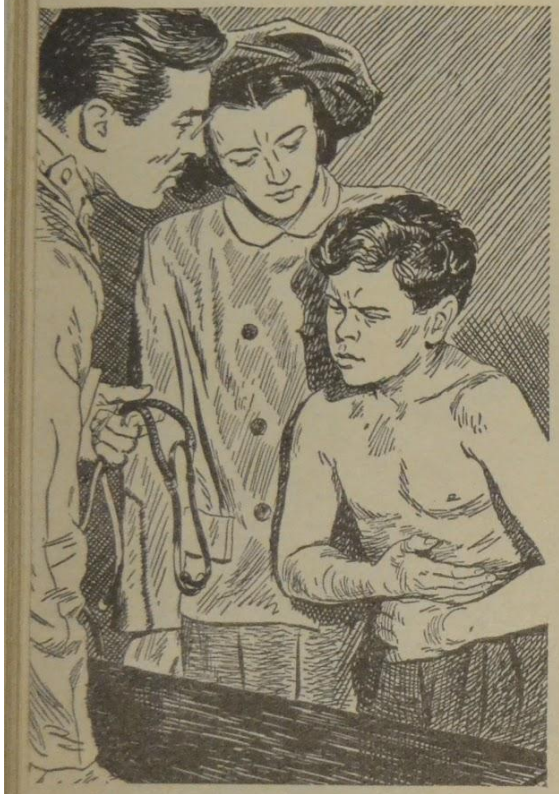
Anita Galvão CONSULTORA FEMININA DA JOHNSON & JOHNSON
Caixa Postal, 136-A — São Paulo

NOME.....IDADE.....
RUA.....N.º.....
CIDADE.....ESTADO.....

Escreva com letra bem legível.

(*Sentimos não poder atender pedidos vindos de fóra do Brasil*)

Como evitar a Disenteria . . .



A disenteria é mais comum em pessoas de vinte a trinta anos, embora não seja rara entre crianças.

Se fôr a lugares de condições sanitárias deficientes, previna-se! A água que bebe pode estar poluída.

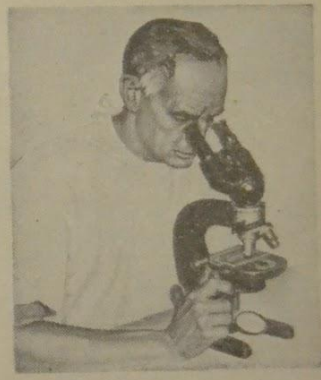
Conheça a disenteria. A disenteria é uma enfermidade contagiosa usualmente caracterizada por forte diarréia. Há *dois tipos principais:* disenteria bacilar e amebiana. A *disenteria bacilar* pode se revelar repentinamente. Sintomas: febre alta, diarréia aguda, às vêzes dor no estômago e náusea. Mas na *disenteria amebiana* em geral sente-se cansaço, um vago mal-estar no estômago, talvez um pouco de diarréia. A *disenteria* pode causar a morte! *Não facilite.* Procure o seu médico se sentir *qualquer* sintoma. A demora pode tornar a cura lenta e difícil.

Quatro veículos comuns da perigosa disenteria. São êles: os Alimentos, as Môscas, os Dedos, os Líquidos. E êles vão longe e caminham depressa! O "habitat" favorito dos parasitas da disenteria é o intestino humano. Uma vez expelidos, êles vivem, literalmente, "da mão para a bôca". As môscas apanham êstes parasitas. Levam-nos aos alimentos, aos pratos. Daí, nós os levamos à bôca. O leite é outro veículo. E pessoas cujas mãos estão contaminadas podem tocar os nossos alimentos quer seja no lugar onde são produzidos, vendidos ou preparados.

Essa doença desapareceria se compreendessemos quanto ela é séria e contagiosa e *agíssemos prontamente.*

Decore e observe êstes conselhos! (a) Expulse as môscas de sua casa—use telas ou mate-as com DDT ou outros inseticidas. (b) Ferva a água que bebe, e as vasilhas. Cozinhe bem os seus alimentos. (Os parasitas não resistem a 10 minutos de fervura). (c) Lave com água quente e sabão talheres, pratos, etc. Lave o assento dos aparelhos sanitários. (d) Lave as mãos *sempre* depois de ir ao banheiro, *sempre* antes de comer. (e) Isole-se qualquer membro da família que estiver atacado de diarréia e consulte-se o médico. *O perigo de contágio é maior nos primeiros dias.*

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

Ambos usam a Fotografia

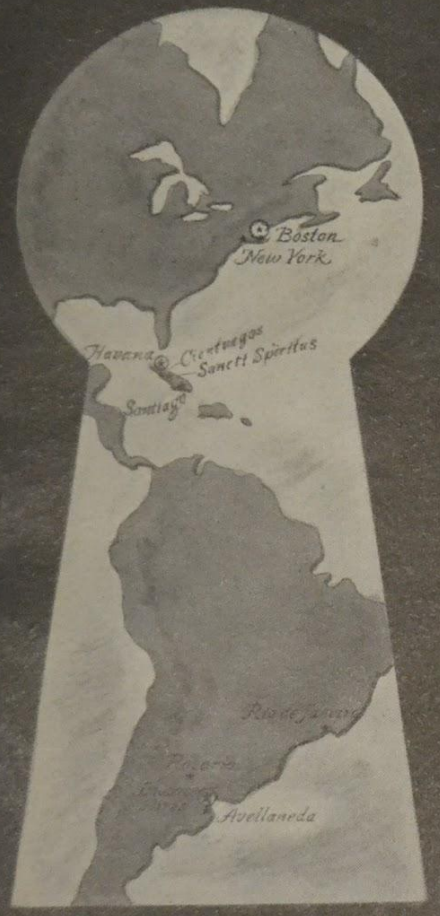
V. S., para instantâneos . . .
lembranças de horas felizes

Eis aquí apenas dois dos muitos campos em que a Kodak põe a fotografia ao serviço de V. S.

Kodak

O inspetor de peças fundidas, para radiografias . . . indispensaveis para assegurar-se de que não há defeitos internos nas peças fundidas que se usam em automoveis, trens, aviões, maquinaria agrícola, etc., contribuindo assim para maior segurança.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.



A Sua Chave do Hemisfério Ocidental

Para servir os importadores e exportadores das duas Américas, The First National Bank of Boston mantem filiais em dez importantes centros comerciais, desde Boston a Buenos Aires.

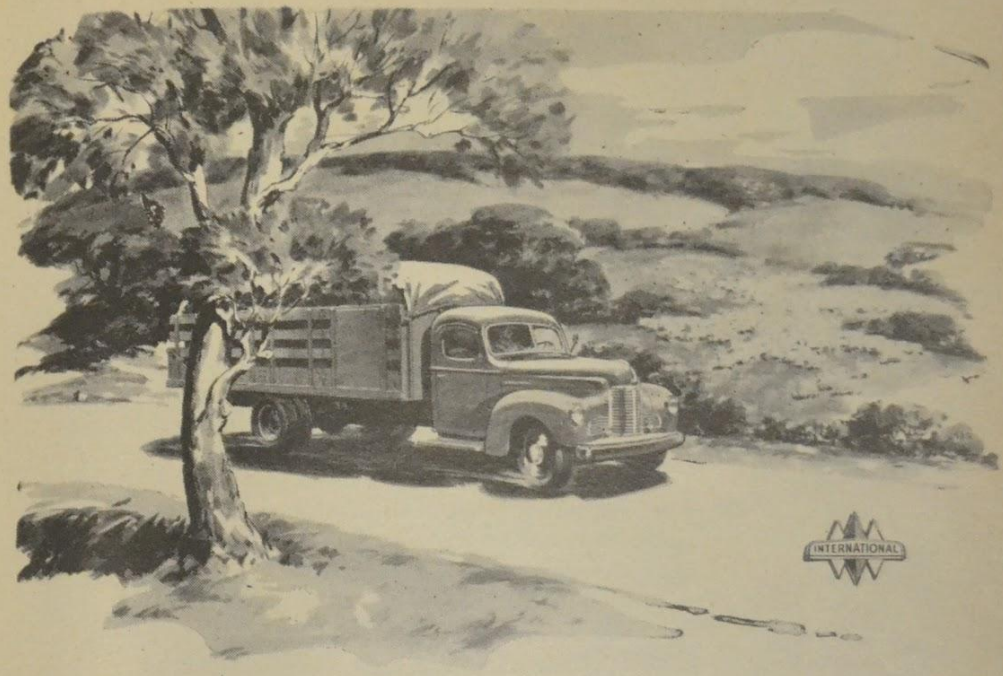
Com seus 163 anos de experiência em transações ultramarinas, o maior e mais antigo banco da Nova Inglaterra acha-se idealmente equipado para servir importadores e exportadores. Alem disso, dispõe dum vasto corpo de especialistas, nos Estados Unidos e fora deles, e de bancos correspondentes em toda a parte, para servir os interesses financiais de V. S., tanto nas Américas como em qualquer outra parte do mundo.

The First National Bank of Boston é de há muito um pioneiro mundial no financiamento da importação e exportação de lãs, couros, e outros artigos de comércio. Mas este banco é igualmente conhecido pelas suas facilidades e perícia no estudo e solução de problemas de comércio exterior, novos e fora do comum. Qualquer dos nossos escritórios ou filiais responderá pronta e cortesmente aos seus pedidos de informação sobre as facilidades do banco em satisfazer suas particulares necessidades.

The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON
1784 ★ 1948
MEMBER OF THE FEDERAL DEPOSIT INSURANCE CORPORATION

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

Transporte de lã em caminhões na Austrália—os caminhões International são vistos nas estradas em todas os países do mundo.



Para o mercado . . .

Quando os produtos da terra estão prontos para o mercado, o problema resume-se em *transporte*. E o caminhão —o sistema de transporte moderno— leva muitos embarques ao destino.

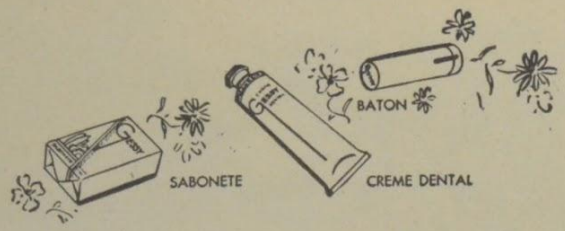
As várias indústrias em todo o mundo estão necessitando dos produtos vitais das fazendas, das florestas e das minas. Isto é um trabalho que deve ser compartilhado por todos e os Caminhões International contribuem com a sua parte. Eles continuarão a atender às necessidades de transporte da agricultura e da indústria com o mesmo rendimento e resistência que os tornaram os caminhões pesados da maior venda no mercado.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago 1, E. U. A.

Os funcionários da International Harvester devotam suas vidas à manufatura e à distribuição de maquinária, que aumenta a produção de alimentos e facilita o transporte econômico. Há 115 anos que esta Companhia mantém grande reputação em qualidade e serviço.

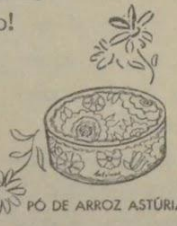
INTERNATIONAL HARVESTER

TRATORES E MAQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL — CAMINHÕES INTERNATIONAL - FÔRÇA INDUSTRIAL INTERNATIONAL

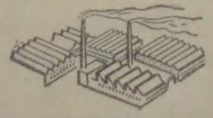


53 ANOS
dedicados a produtos de beleza!

Gessy, a marca do sabonete mais vendido em todo o Brasil, é também a marca de tôda uma série de produtos de toalete da mais alta qualidade — do rouge ao baton, do talco ao óleo para cabelo ... Feitos com matéria prima rigorosamente selecionada, pelos mais modernos processos industriais, os produtos que ostentam a marca Gessy são garantidos por uma experiência de mais de meio século!



GESSY



MAIS DE MEIO SÉCULO A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA

A MAIOR INDÚSTRIA DE PERFUMARIA DA AMÉRICA DO SUL

Três Presentes Em Um Só

A caneta "TRIUMPH", a lapiseira *Fineline* e a esferográfica de confiança *Sheafferiter* — instrumentos de escrita de que ele ou ela necessitam — compõe este belíssimo jogo SHEAFFER'S, apresentado em luxuoso estojo, digno das mais lindas jóias. É um jogo perfeitamente equilibrado, completo de grande utilidade . . . e perfeito!

Verifique, experimente e compare este trio da SHEAFFER'S e se convencerá de que é a última palavra em qualidade, beleza e funcionamento.

W. A. Sheaffer Pen Company, Ft. Madison, Ia., E. U. de A. • Malton, Ont., Canada.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11º and.

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

Ao adquirir o seu Tissot Automático, não deixe de pedir o Certificado Tissot Exclusivo de Garantia Contra Qualquer Acidente.

Sòmente **Tissot** lhe oferece

. . . um relógio automático

Garantido Contra Qualquer Acidente!

Neste novo relógio automático Tissot, que dá corda a si mesmo, se encontram incorporadas tôdas as notáveis qualidades que caracterizam a marca Tissot.

É de alta precisão e resistência . . . Antimagnético, protegido contra choques, água e pó . . . E oferece ainda essa famosa garantia exclusiva de Tissot:— o Certificado Tissot de Garantia Contra Qualquer Acidente. Assim, durante um ano, está assegurado qualquer consêrto necessário ou a troca por outro, se o mesmo não fôr possivel. Admire o Tissot Automático nos bons relojoeiros.

Tissot AUTOMÁTICO

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L INDUSTRIE HORLOGÈRE—GENEBRA—SUÍÇA Tissot

KAISER

FRAZER

Internacionalmente Preferidos

O Kaiser e o Frazer causaram em outros paises a mesma sensação que têm causado nos Estados Unidos. Não é de surpreender que estes novos automoveis tenham atingido, em tão curto tempo, uma popularidade tão generalizada. O mundo vinha aguardando precisamente esta excitante beleza de traçado, esta mecânica inovadora, esta ação pronta e docil, espaçosidade e conforto na marcha. Está fora de dúvida que estes dois carros são hoje, internacionalmente preferidos.

KAISER-FRAZER EXPORT CORP.
Willow Run, Michigan, E. U. A. · Telegramas: KAFREX

A Segurança Começa Aqui

Conservar a familia em segurança e feliz é a aspiração de todos. Hoje isto envolve comodidades e bem estar desconhecidos da geração passada.

Agora as tarefas caseiras são largamente facilitadas pelo petroleo. O proprio gás comum de cozinha dificilmente poderia ser fabricado sem o petroleo. E' ele usado para aquecer a agua para o banho do bebê, para iluminar e cozinhar.

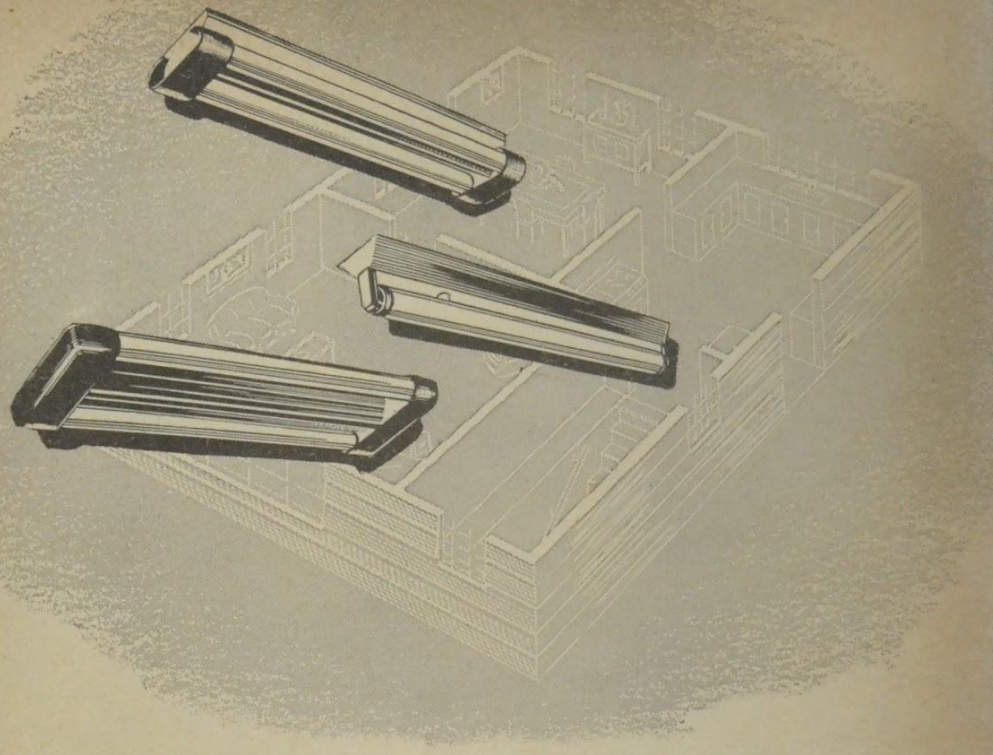
O petroleo é essencial na fabricação e distribuição de materiais de construção, e como solvente na fabricação de tintas. Deste e de muitos outros modos, o petroleo torna os lares mais confortaveis e seguros.

O espírito de iniciativa da livre concorrencia desenvolve continuamente novas maneiras de tornar o petroleo mais util a mais pessoas.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM SÍMBOLO DE SERVIÇO — **ESSO** — UM EMBLEMA DE QUALIDADE

STANDARD OIL COMPANY
(of Brazil)



ILUMINE O SEU LAR COM A MELHOR LUZ!

. . . a melhor para todas as divisões de sua casa! Brilhante, e no entanto fresca e sem resplendor—a "Sylvania Fluorescente" é a iluminação moderna levada à máxima perfeição.

Tem V. S. a sua escolha grande e variado sortimento de lindas "placas" modernas, desenhadas de propósito para levar-lhe, com economia, esta luxuosa iluminação.

R-222—Placa De-Luxo com duas lâmpadas de 20 Watts. Para salas de jantar, quartos de dormir, salas de estar.

R-228—Placa de preço módico, para cozinhas, banheiros, corredores, etc. Duas lâmpadas de 20 Watts.

CS-120—Placa em régua, com uma lâmpada de 20 Watts. Iluminação ideal para espelhos, quadros, molduras de janelas, etc.

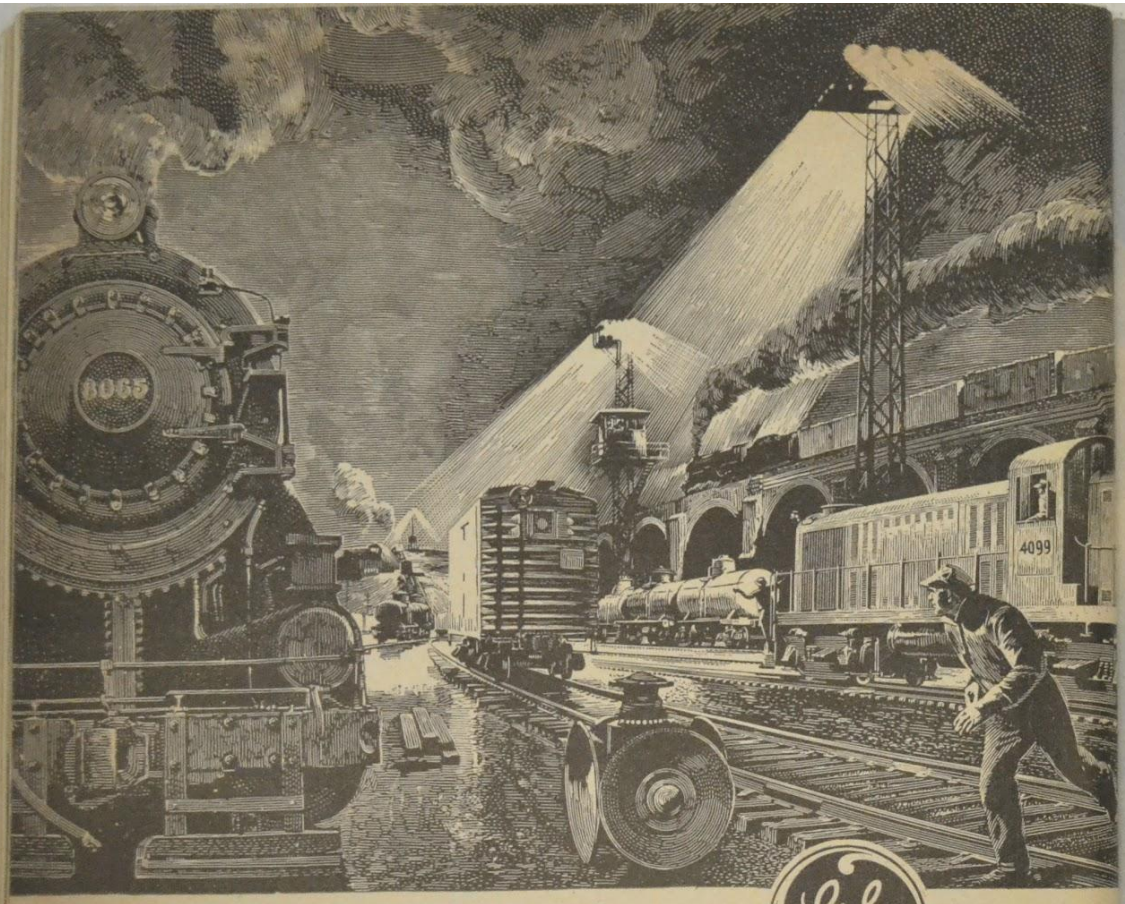
Sylvania Electric Products, Inc., Divisão Internacional, 50 Broadway, Nova York 4, N.Y., E. U. A.

VÁLVULAS DE RÁDIO:

Sylvania, a Válvula "Lock-In" é mecanicamente superior a qualquer outra.

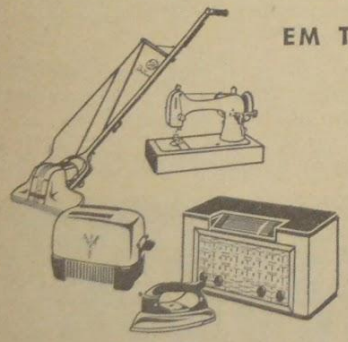
SYLVANIA ELECTRIC

Fabricantes de lâmpadas fluorescentes, placas e lustres, dispositivos de instalação elétrica, lâmpadas elétricas; válvulas de rádio; equipamento eletrônico.



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES



O trem passou rugindo dentro da noite... Mas pouco antes, os carros que o formam andavam circulando de linha em linha no pátio de manobras da estação, onde os projetores da General Electric transformam a noite em dia... Os empregados movem-se à vontade, com segurança e rapidez, nos imemsos parques ferroviários, para formarem um sem-número de trens sem erro ou confusão — trens que irão levar a uma nação inteira os artigos indispensaveis ao seu consumo — onde e sempre que a Iluminação artificial for planejada pelos engenheiros da G. E.

A pesquisa e engenharia da General Electric asseguram-lhe serviço da mais absoluta confiança onde quer que os produtos da General Electric estejam em uso — na indústria ou no lar. A-8-2

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E.U.A.

PAA

Os tripulantes que dirigem os gigantescos Clippers são dos mais experimentados do mundo.

Deliciosas refeições - cuidadosamente preparadas - são servidas a bordo do Clipper.

O requintado confôrto de que V. S. goza a bordo do Clipper faz o tempo voar ainda mais depressa que o próprio avião.

VIAJE PELA PAA - melhor maneira não há!

Hoje em dia, o emblema da PAA é o reconhecido em mais de 68 países como o símbolo do que há de melhor em transportes aéreos. Para viajar, não há maneira melhor.

Viaje pela rêde aérea com experiência *extra!*

Viagens para toda parte - Consulte as agências de viagens ou a

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores

V. S. SABE QUE...

os porcos podem engordar mais comendo menos?

Graças à química moderna, porcos, gado e outros animais—e até galinhas—podem, comendo menos, crescer mais e ter mais saude. Os criadores só têm que acrescentar Fenotiazina à alimentação, forragem ou sal, dada aos animais. Fenotiazina mata os vermes que sugam e debilitam os animais. E como consequência, oferece outro valor à alimentação, protegendo o crescimento e a saude dos animais.

(Nylon e o vermífugo Fenotiazina são apenas duas das mais de 28,000 "Coisas Melhores para Viver Melhor . . . Graças à Química," fabricadas pela Du Pont Company. Peça informações às Indústrias Químicas Brasileiras "Duperial" S.A., Caixa Postal 112-B, São Paulo, Brasil.)

o nylon desamassa as carrocerias dos automóveis?

Os mecânicos nas oficinas de automóveis também gostam de usar nylon. Tornado sólido e empregado na fabricação de martelos para desamassar carrocerias, nylon resiste ao trabalho rude muito melhor que os materiais comumente utilizados para o mesmo fim. Representa, portanto, considerável economia na conservação de ferramentas.

COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR . . . GRAÇAS À QUÍMICA

DESDE 1802

E. I. du Pont de Nemours & Company, (Inc.) • Wilmington 98, Delaware, E.U.A.

DU PONT

TRAÇÃO ONDE É PRECISO

O 'JEEP' UNIVERSAL é "feito de encomenda" para trabalhar em plantações de cana e outros lugares onde o trabalho fora das estradas é um problema. Tem fôrça de tração apropriada para o ano inteiro de trabalho no campo—e funciona igualmente bem nas estradas como camioneta, rebocador ou veículo de utilidade generalizada. Quando necessário, também fornece, em abundância e com rapidez, fôrça para operar muitos tipos de implementos e máquinas agrícolas.

Willys-Overland Export Corporation, Toledo, Ohio, E.U.A.

O NOVO 'Jeep' Universal construído por WILLYS-OVERLAND

QUER IR ADIANTE?

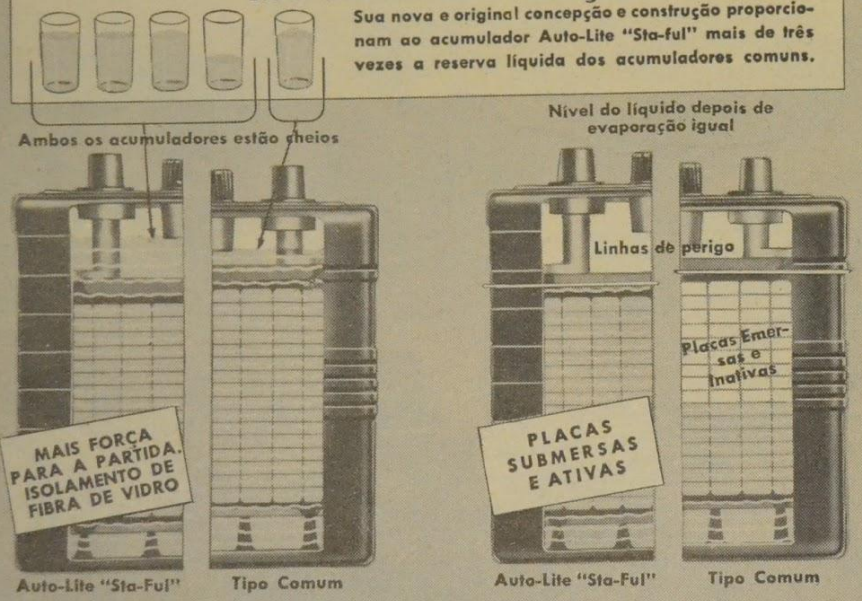
Passe-se para

Auto-Lite

O novo e extraordinário acumulador Auto-Lite só precisa de adicionamento de água três vezes por ano, com o uso normal do automóvel.

EIS A RAZÃO DA DIFERENÇA:

Sua nova e original concepção e construção proporcionam ao acumulador Auto-Lite "Sta-ful" mais de três vezes a reserva líquida dos acumuladores comuns.



TAMBÉM DURA MAIS! Com três vezes a reserva líquida dos acumuladores comuns, as placas do acumulador Auto-Lite "Sta-ful" se conservam submersas por muito tempo depois que as dos acumuladores comuns ficam expostas e inativas. Mas não é só isso . . . a maior capacidade, e o isolamento de "Fibre-glass" o tornam o acumulador insuperável . . . que dura mais que os acumuladores que não possuam estes melhoramentos. Esqueça-se das falhas do acumulador . . . Passe-se para Auto-Lite.

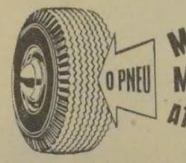
THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building, Nova York 17, N.Y., E. U. A.

ACUMULADORES AUTO-LITE

VELAS • FIOS E CABOS • ARRANQUES • EQUIPAMENTO DE ILUMINAÇÃO E IGNIÇÃO

SEGURANÇA IMPRESSIONANTE

COM O NOVO
Firestone
De Luxe
CHAMPION



MAIS SEGURO E MAIS DURÁVEL ATÉ HOJE FABRICADO

Rode maciamente... sôbre mais borracha, calçando seu carro com pneus Firestone DeLuxe Champion — largos, extra-chatos, seguros, super-resistentes. Suas 8 faixas dão-lhe 60% mais ângulos anti-derrapantes, 32% mais durabilidade. Portanto, rode tranquilo com pneus Firestone DeLuxe Champion.

Firestone

INDÚSTRIA BRASILEIRA

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

PHILCO TROPIC 1826

Imagine!

Um Rádio-Fonógrafo de Mesa, com 5 Faixas!

Magnífica, recepção, tanto em ondas longas, como em ondas curtas de 13,6 a 103 metros! Maravilhoso! Troca discos *automàticamente* . . . e a Sintonização Elétrica de Faixa Ampliada apanha estações com nitidez. Riqueza de tom. Elegante gabinete de nogueira. A venda agora no seu concessionário Philco.

PHILCO TROPIC 821. As mesmas faixas e características que o 1826 . . . *agora num rádio de baixo preço!* Caixa de matéria plástica.

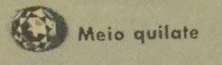
PHILCO

Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

Philco International Corporation,
50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

De todas as auroras que têm beijado o mundo,
a primeira e mais adoravel, para ela, é a
que lhe traz a radiosa certeza
do seu amor . . . Como essa aurora,
o brilhante do anel de noivado deverá
cintilar sempre entre milhões de outros
com especial fulgor — que é só
para ela! Deve pois ser escolhido
com o máximo cuidado. Não precisa
ser de muitos quilates, pois a côr,
a "água" e o talhe contribuirão
tambem para a sua beleza e valor.
Não deixe de consultar um joalheiro
de sua confiança.

De Beers Consolidated Mines, Ltd.



Meio quilate

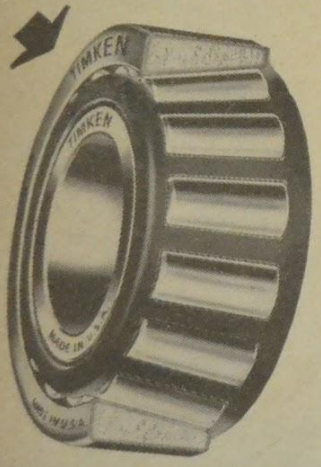
Um quilate

Dois quilates

Três quilates

NÃO SE ARRISQUE A COMPRAR QUAISQUER ROLAMENTOS!

Quando comprar, insista em que eles mostrem a marca registrada «Timken»



Há rolamentos que se *parecem* com os Rolamentos «Timken», e até mesmo que se chamam do «tipo Timken». Mas—cuidado com as imitações! Certifique-se de que cada rolamento de cones que compre leva estampada a marca registrada «Timken», porque só os Rolamentos «Timken» de Cones lhe asseguram todas as vantagens de: 1) traçado inovador; 2) rígido controle de qualidade; 3) fabrico de precisão; 4) aços de análise especial.

Os Rolamentos «Timken» são, há cerca de 50 anos, os preferidos pelos fabricantes de maquinaria original. São a escolha favorita para carros de minas, pás mecânicas, tratores... enfim, para todos os casos em que as cargas são pesadas! Para ter certeza de que adquire os melhores rolamentos de cones para a sua maquinaria, procure sempre a marca registrada «Timken» estampada em todos os rolamentos que comprar.

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS **TIMKEN**
Marca Registrada
Reg. U.S. Pat. Off.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

Representantes exclusivos para venda no Brasil
• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •
Rua Senador Queiroz, 396—Telefones: 2-7269 e 3-4834

A SEU SERVIÇO

Para melhores produtos de petróleo

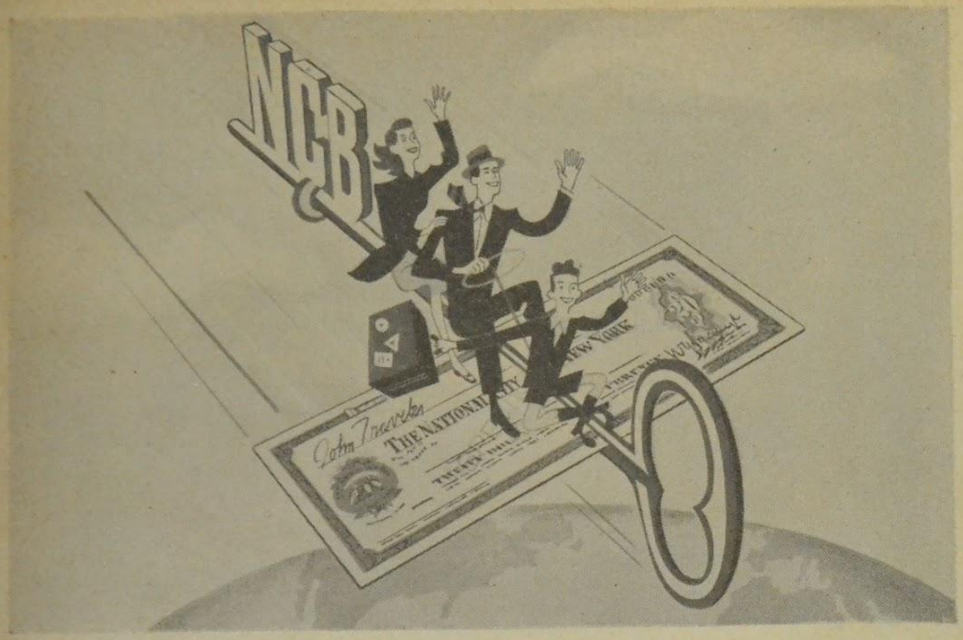
Os combustiveis e lubrificantes de qualidade *Texaco* são fruto de cuidados e controle constantes em cada fase da produção e refinação. Todos os que, no mundo inteiro, têm a seu serviço equipamento automotor, industrial ou de transportes, confiam no *Texaco*. Esta famosa marca é a sua garantia de eficiência máxima o de custo mínimo na exploração.

THE TEXAS COMPANY
e seus *distribuidores*

TEXACO
MARCA REG.

Unidade de bombear que extrai gás saturado para o refinar e logo impele o gás seco às formações produtivas para o seu armazenamento.

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO



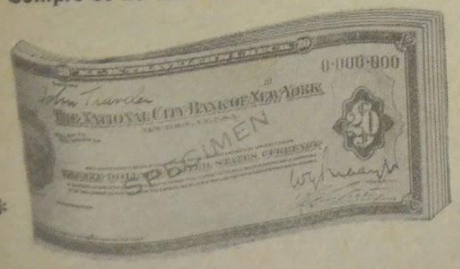
A chave para o reino da viagem

CHEQUES DE VIAJANTES DO NATIONAL CITY BANK

Quer V. S. viaje de avião, trem, automóvel, navio ou ônibus . . . quer chegue num domingo, num feriado ou tarde da noite, quando leva consigo cheques de viajantes do NCB, poderá sempre pagar pelas coisas ou serviços de que necessitar em qualquer parte . . . sem o perigo de carregar consigo dinheiro em espécie.

Esses cheques são garantidos pelo maior banco internacional dos Estados Unidos...e é por isso que são sempre aceitos com satisfação por lojas, hotéis, garages, etc., nos Estados Unidos e em qualquer parte do mundo.

Compre-os no seu banco



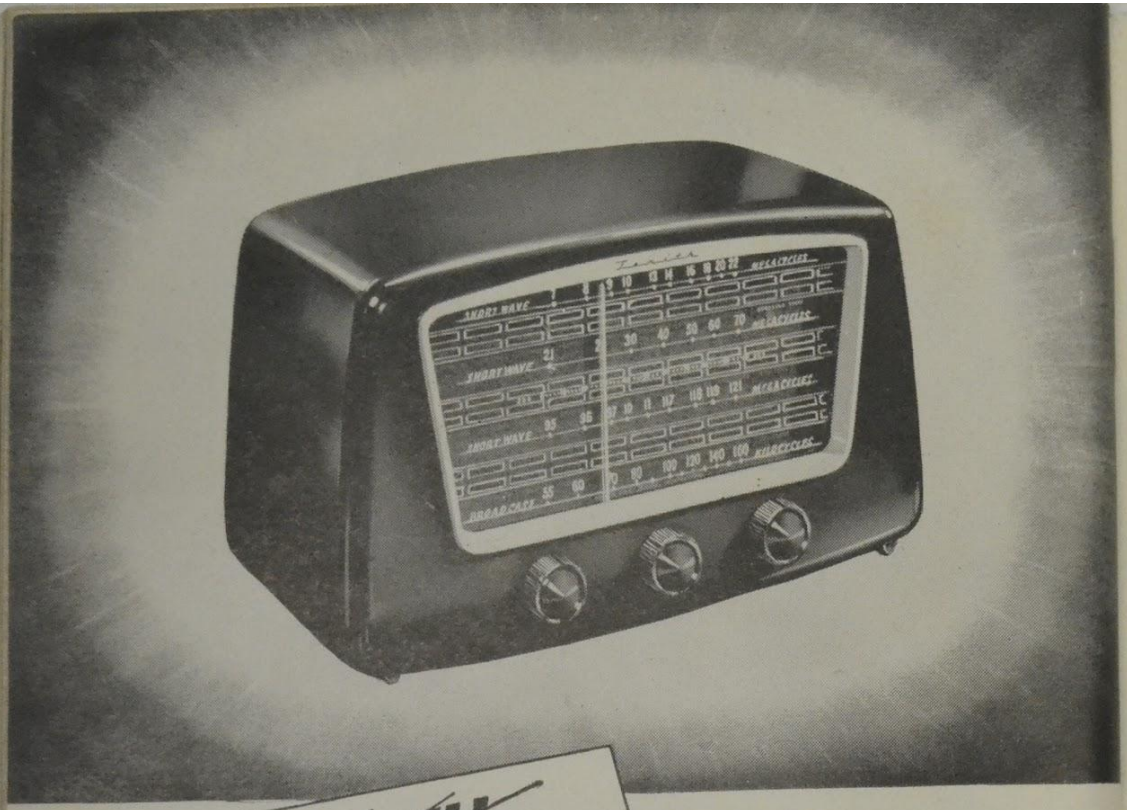
*

**

V. S. os assina* quando os compra e volta a assiná-los** quando deseja descontá-los. Até esse momento eles estão seguros e não têm valor para outras pessoas. Sua importância é imediatamente devolvida quando perdidos ou roubados. Emitidos em denominações de 10, 20, 50 e 100 dólares . . . e continuam em vigor até o momento de serem usados . . . Custam apenas 75 centavos norte-americanos por cada 100 dólares.

Os cheques de viajantes do NCB são seguros e podem ser utilizados em qualquer parte.

COPYRIGHT 1947—THE COCA-COLA EXPORT SALES CO. PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA



ZENITH

apresenta

UM RÁDIO REALMENTE NOVO...

MAIS FACIL DE SINTONIZAR

Seu traçado inteiramente novo desdobra cada uma das quatro faixas de sintonização através de todo o mostrador! Tira toda a vantagem da sintonização de Faixa Ampliada. O mostrador é maior e mais facil de ler.

MELHOR TOM

Utiliza um alto-falante maior do que nunca foi possivel introduzir em um rádio destas dimensões. Qualidade tonal mais rica e mais cheia, com um "baixo" profundo e resonante, e "agudos" brilhantes. Inteiramente à prova dos climas tropicais. *Modelo 5S819*

ZENITH

INTERNATIONAL

UMA DEMONSTRAÇÃO REAL É UMA EXPERIÊNCIA INESQUECIVEL!

PADRÃO DE BELEZA E DISTINÇÃO

Criadores de obras primas emprestaram a LONGINES toda a beleza de sua arte privilegiada. Artifices-relojoeiros, herdeiros de uma tradição de três gerações, produziram a sua famosa precisão mecânica. LONGINES é um reflexo de perfeição.

LONGINES

10 GRANDS PRIX

Os mais ardentes desejos . . .
se satisfazem com

EVERSHARP!

Eversharp anotará fielmente todos os seus pensamentos. Eversharp tem estas qualidades exclusivas: *A Pena Mágica*, de ouro de 14K, que escreve com tanta suavidade que é realmente silenciosa. *O Alimentador Mágico*, que evita que a tinta vaze ou goteje. A Caneta e a Lapiseira de Repetição são de elegante estilo com tampa de ouro de 14K. *Serviço de Consertos* garantido para sempre. Compre EVERSHARP hoje mesmo.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.

Dê o melhor . . . dê

EVERSHARP

(*Continuação da segunda capa*)

riam muito bem podido chegar ao Mar do Sul há 1.500 anos. Partimos de Calhau, Perú, em abril de 1947 e, por assim dizer, derivamos mansamente até o século V da era cristã.

Nesta viagem, que durou 101 dias, descobrimos muitas coisas. Algumas dessas descobertas já foram relatadas num artigo publicado por Seleções em janeiro de 1948. O fato de que o homem moderno, por mais que o queira, não pode transladar-se aos tempos primitivos desprovido de certas coisas foi uma das nossas descobertas mais importantes. Para os registros e o diário de navegação, e para obter exatidão científica em nossas observações, necessitamos de aparelhamento do século XX: películas envoltas em envólucros impermeaveis, máquinas fotográficas extra-rápidas, cartas meteorológicas e instrumentos hidrográficos. Precisamos tambem de aparelhamento para expedir e receber comunicações de rádio. Tivemos que transmitir, o que fizemos duas vezes por dia, observações meteorológicas ao departamento competente em Washington.

Quanto mais nos afastávamos da civilização, melhor compreendíamos as nossas responsabilidades perante ela. Nossa viagem nos ensinou que a época presente tem muito o que aprender do seu próprio passado prehistórico, e que é perigoso para um país qualquer desprezar a cultura dos outros povos. Houve um momento em que nos encontrávamos a 2.000 milhas de distância da terra mais próxima—à mercê dos ventos e das correntes no oceano ilimitado. Alegramo-nos então de ter trazido conosco várias revistas. Entre elas a mais apreciada foi o Reader's Digest, que, à maneira de uma ponte, nos unia com o presente desde nossa balsa do século V, impedindo que nossa mente ficasse completamente isolada do mundo moderno ao qual pertencíamos.

É um verdadeiro paradoxo que o Reader's Digest, revista feita para o homem moderno, que tem a seu dispor tudo menos o tempo, servisse de modo tão perfeito às necessidades espirituais de seis exploradores abandonados, com mil e quinhentos anos à sua disposição. Mas foi exatamente isso o que aconteceu. No Reader's Digest encontramos estimulante material para nossa inteligência e muitas respostas a nossas perguntas. Se fosse exigido dos seus editores que escolhessem leitura adequada para quatro meses em uma ilha deserta, não podiam ter feito melhor seleção.

Em sua travessia, viam-se na *Kon-Tiki* cinco bandeiras amigas tremulando junto à da Noruega: as da Suécia, Grã-Bretanha, Perú, Estados Unidos e França. O Reader's Digest e suas edições internacionais navegam agora sob essas bandeiras, e muitas outras mais. Compreendo facilmente que os pilotos desta primeira revista internacional compartilhem do mesmo prazer de exploradores que meus companheiros de viagem e eu experimentamos em nossa expedição de quatro mil milhas em uma balsa através do Pacífico. Como colega-explorador eu lhes agradeço sua fraternal companhia durante nossa viagem. E desejo-lhes êxito em suas novas explorações de disseminação e intercâmbio de cultura por todos os paises da terra.

Cr. $ 3,00

ABRIL de 1948

Seleções

do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

O verdadeiro Roosevelt . . . . . *Hamilton Basso* 23
Existe ainda o Santo Sudário? . . . . . *Paul Vignon* 29
O que está maniatando as Nações Unidas . . *James Burnham* 32
O detective que não entendia as mulheres . . *Anthony Abbott* 37
Ensaios no teatro da vida . . . . . *Margot Gayle* 42
Eisenhower, candidato presidencial . . . . . *K. G. Crawford* 45
Vende-se mais... com honestidade . . . . . *Roy S. Durstine* 49
As ilhas encantadas do Havaí . . . . . *Blake Clark* 51
Meu tipo inesquecivel . . . . . *William LaVarre* 56
Divirta-se com o dicionário . . . . . *Gelett Burgess* 61
Masaryk: diplomata à força . . . . . *John Kobler* 63
O fabuloso barão do Arizona . . . . . *Clarence B. Kelland* 67
O melhor amigo do homem . . . . . *Alan Devoe* 73
Ethel Florey, pioneira da penicilina . . . . *Lois Mattox Miller* 75
Um redentor de inocentes . . . . . *Frederic Sondern Jr.* 79
O que se diz atrás da Cortina de Ferro 83
Vôo de prova de um avião supersônico . . . *Chalmers Goodlin* 85
O jovem Ford, novo revolucionário industrial . . *Andre Fontaine* 89
Flagrantes da vida real 94
Salvadores por ofício . . . . . *Henry Lee* 95
Para a mulher em idade crítica . . . . . *Paul de Kruif* 97
Dois mundos apertam-se as mãos . . . . . *Blake Clark* 101
Ciumes . . . . . *Adela Rogers St. Johns* 105
Coisas da gente 108
Retorno à vida . . . . . *Fred Gilpatric* 109
O ônibus parou em Waco . . . . . *H. W. Heinsheimer* 113
Cinquenta anos de cinema—e para quê? . . . *Budd Schulberg* 118
Trabalho agrícola por empreitada . . . . . *Lawrence Galton* 122

Seção de Livros — Herbert Hoover—o Presidente desconhecido *Eugene Lyons* 125

As orquídeas da Colômbia — *Fotografia* . . . . . capa; *Nota* . . . . . página 138

MAIO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

A canção de Ortiz Tirado . . . . . *Ralph Peer* 23
Quem é «protegido» pelas tarifas aduaneiras? *Henry Hazlitt* 26
Você sabe o que quer dizer? 29
De Gaulle—biografia inacabada . *Frederic Sondern, Jr.* 31
Divirta-se tambem . . . . . *Howard Whitman* 38
Contra a sinusite: «vapor» de penicilina . *Lois M. Miller* 41
Vive-se, depois dos quarenta? . . . *Robert M. Yoder* 45
«Bonus notches,» amigos . . . . *Dorothy Walworth* 48
«Partimos do zero» . . . . *Anne Morrow Lindbergh* 53
Devemos tratá-los como seres humanos . *Karl Detzer* 56
Flagrantes da vida real 61
Do quadro negro à tela branca . . . *Eric Johnston* 63
Monopólio contra a saude . . . . *Albert Q. Maisel* 67
Vamos quebrar a cabeça! . . *W. Bernard e J. Leopold* 72
Renascimento da arte indígena . . . *Michael Scully* 73
Ave de tretas... de penas pretas . . . . . *Alan Devoe* 77
Como se educa o futuro Micado . . . . . *Lee Hills* 81
O coração—orgão maravilhoso . *Henry M. Robinson* 84
O pai da moderna cirurgia do cérebro . *Richard Match* 88
Rir é o melhor remédio . . . . . *Bennett Cerf* 95
Memorial de agravo do Canadá . . . *Leslie Roberts* 97
Um banco que Jesse James não pôde saquear *S. Holbrook* 101
Operam-se milagres com os inválidos . *Lois M. Miller* 105
A farmácia mais curiosa do mundo . . . . *Fortune* 109
Cidadãos que ajudam a governar . . . *Stanley High* 113
A encantadora família Trapp . . . . . *T. E. Murphy* 116

Seção de Livros — Quatrocentos milhões de clientes *Carl Crow* 121

O café no Brasil — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *primeira página*

CMDPO-CB
1962

CARTAS DE TODAS AS PARTES DO MUNDO

ENQUANTO você lê esta revista, uma multidão de pessoas a estão lendo tambem, cada uma em seu idioma, em diversas partes do mundo: um fazendeiro no Brasil, um professor na França, um mecânico nos Estados Unidos, um médico na Suécia, um operário no Japão.

Através das cartas que os leitores nos escrevem, sabemos que Seleções os instrui e diverte, de mês a mês, ao mesmo tempo que lhes proporciona ajuda e estímulo em seus problemas individuais. Em termos semelhantes exprimem-se tambem os que lêem a revista em outras línguas. Eis aquí excertos de algumas das muitas cartas recebidas:

DA INGLATERRA: «*Secretários eficazes*»

«Para o cidadão comum, atarefado e curioso, esta revista equivale a um grupo de secretários eficazes que enfrentam diariamente uma avalanche de material impresso; examinam, descartam e selecionam, para em seguida resumir apenas os escritos de importância real, conservando intacta a sua essência. Para mim, como para milhares de leitores, esse serviço já se tornou indispensavel.»

Ivor Brown, Londres

(*Continua na terceira capa*)

Tomo XIII, No. 76 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Maio de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S. A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Administrador:* Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Sirkka Ruotsalainen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIII, No. 76, May 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154. Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

O CAFÉ NO BRASIL

Por Oswaldo Aranha

Presidente da Assembléia Geral da O. N. U.

A ECONOMIA do Brasil se desenvolveu em ciclos Tivemos o ciclo do açucar, que evolveu da era colonial e durante o qual se constituiu o arcabouço da unidade nacional ao estímulo da predominância do Norte sobre o Sul do país.

Tivemos o ciclo do ouro, que permitiu a formação do núcleo central da população em torno das regiões auríferas dos altiplanos (as Minas Gerais). Podemos nos referir a um ciclo da borracha, graças ao qual os pioneiros do Nordeste abriram caminho na densidão da selva amazônica.

O ciclo do café caracteriza não só o desenvolvimento da civilização agrícola—a maior já verificada em latitudes como a nossa—como tambem o estádio mais alto a que atingiu o esforço humano no Brasil.

Com o advento da era industrial o Brasil, privado de carvão, não podendo atender ao apelo da máquina por falta de combustivel, *atrasou-se*, queimou madeira todo o século XIX, enquanto os Estados Unidos, a Alemanha e a Inglaterra, os paises que tinham carvão mineral, passaram naturalmente para a primeira linha da grandeza industrial.

No curso desse tempo, o brasileiro, através de esforços tão heróicos como os jamais despendidos por outros povos, mostrou, na indústria do café, que é tão capaz como os mais capazes, se se tomarem em consideração os elementos que teve de enfrentar e os meios de que dispunha. A indústria do café mostra a nossa capacidade e frisa quanto pode fazer o brasileiro quando se encontra em face do trabalho remunerador. Revela, sobretudo, o valor da população de São Paulo, transformando o café de simples produto caseiro, em grande indústria de exportação. Desde que foi trazido ao Brasil, o café se tornou planta dos quintais. Pouca gente se lembra hoje de que as fraldas das montanhas cariocas do Corcovado e das Serras da Tijuca eram cobertas de cafeeiros, assim como os locais por onde passam as mais belas ruas do Rio. Do Estado do Rio, pelo vale do Paraiba, o café invadiu São Paulo, abriu cidades, trouxe os trilhos das estradas de ferro, e caminhou, rumo oeste, em busca do *humus* da floresta virgem, ou na expressão consagrada em São Paulo, em busca do «bafo do sertão». Em São Paulo, que chegou a contar com 2 e meio bilhões de árvores em produção—constituiu o que Enrico Ferri, o famoso orador italiano, em 1910, ao contemplar em Ribeirão Preto o «oceano verde» que se estendia a perder de vista, em todas as direções, chamou o «maior feito agrícola de todos os tempos.»

Em 1930 existiam no Brasil 3.230.000.000 de pés de café ou um e meio pé de café para cada habitante do globo.

Uma safra média do Brasil, no último qua-

(*Continua na p. 71:*)

Nossa capa reproduz a fotografia de um grupo de trabalhadores da Fazenda Iracema, peneirando os grãos de café recem-colhidos em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo.

Foto: Leo Matiz

V.S. Também se Enamorará de uma EVERSHARP!

Por mil poderosas razões o deixará encantado ter uma caneta EVERSHARP, a que mais se vende nos Estados Unidos: *A Pena Mágica*, de ouro genuino, colocada com precisão micrométrica, assegura uma escrita facil e suave. *O Alimentador Mágico* evita que a tinta vaze ou goteje. *O Serviço de Consertos* garantido para sempre. Para V.S. e para as pessoas de sua amizade, a EVERSHARP merece a honra da sua escolha.

EVERSHARP
Jogo
Skyliner

Dê o melhor... dê EVERSHARP

BODY STYLING BY Darrin

KAISER

ANOS AVANTE . . . Só uma vez em dez anos se registra uma tendência marcadamente nova no estilo dos automoveis—uma tendência tão claramente de acordo com a preferência do público, que já outros fabricantes o estão seguindo . . . O KAISER e o FRAZER, os primeiros carros americanos do após-guerra, vieram definir um novo padrão de excelência em estilo da carroceria, conforto dos passageiros e conveniência do motorista, que virão a refletir-se durante anos e anos futuros em muitos outros carros. Vá ver o mais depressa possivel estes automoveis verdadeiramente notaveis!

KAISER-FRAZER EXPORT CORP.
Willow Run, Michigan, E. U. A. • Telegramas: KAFREX

FRAZER

COPYRIGHT 1947—THE COCA-COLA EXPORT SALES CO., PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Pureza inigualavel! Coca-Cola

SALTA 75 METROS EM ESQUÍ

(mas tem a cara ultra-sensivel)

SIM, O VENTO FRIO E CORTANTE TORNA SENSIVEL A PELE DE MINHA CARA. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE BEM E SEM SOFRER, GRAÇAS AO CREME **WILLIAMS,** QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar— deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

GRANDE FREGUÊS de 41 PAISES

A Bethlehem, com suas fábricas de aço em ambos os litorais—este e oeste—dos E.U.A., consome uma verdadeira montanha de matérias primas e produtos manufaturados. A Bethlehem importa de muitos outros paises do mundo uma porção gigantesca destas matérias e produtos. Sim,—41 paises vendem à Bethlehem! As usinas desta grande empresa importam e consomem grandes quantidades de cromo, estanho, tungstênio, fluorita, e muitos outros minérios em bruto e refinados, indispensaveis à manufatura de vários tipos de aço. E a Bethlehem importa ainda artigos tais como cânhamo, borracha, polpa de papel e produtos químicos necessários ao funcionamento da sua vasta organização industrial.

Que melhor prova se poderia pedir de que o comércio exterior é um terreno altamente produtivo de cooperação internacional — e de que o AÇO, material de consumo universal, é preduto de todos os recursos do mundo combinados!

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, Nova York 4, N. Y., E.U.A. **Telegramas: "BETHLEHEM, NEWYORK"**

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165, Salas 307/8/9
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

201P

Apagando incêndios pelo rádio!

Quando as chamas ameaçam imolar vidas humanas ou destruir bens, o *tempo* é o fator principal. Nestas ocasiões as unidades móveis de radio assumem um papel decisivo—poupando minutos preciosos na coordenação, comando e supervisão do combate ao incêndio. A polícia, os veículos de emergência dos serviços públicos e os taxís, ônibus e flotilhas de caminhões tambem podem oferecer serviço mais rápido—evitando percursos inúteis e retardos perigosos—com o despacho e comando pelo rádio.

A ISE fornece atualmente instalações radiotelefônicas móveis completas para transmissão e recepção em FM—mais uma das *muitas* maneiras por que contribui para a segurança e conforto da "era da eletrônica". Dispondo de fábricas e escritórios de venda em todo mundo, a ISE está preparada para fornecer o melhor em *todos* os domínios da telecomunicação e da eletrônica. Estes recursos mundiais estão ao seu alcance . . . Visite o representante local da ISE.

MANUFATURA, VENDA E SERVIÇO EM TODO MUNDO

Standard — INTERNATIONAL STANDARD — ISE — ELECTRIC CORP N.Y. U.S.A. — Electric

Associada da **IT&T**

Nova York 4, N. Y., E.U.A.

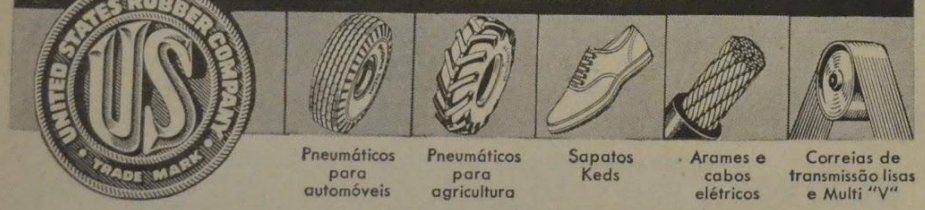
Exija "U.S." e siga para à frente

MAIOR QUILOMETRAGEM porque...

- A banda de rodagem é resistente e demora mais em gastar-se.
- A construção com camada amortecedora oferece maior proteção contra estouros.
- O cordonel de segurança de rayon proporciona maior resistência ao desgaste e ao calor.
- A carcassa mais forte permite recauchutar maior número de vezes.

U. S. ROYAL FLEETWAY

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."



Pneumáticos para automóveis | Pneumáticos para agricultura | Sapatos Keds | Arames e cabos elétricos | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

Quando um Resfriado lhe entope o nariz...

Obtenha alívio melhor e mais rápido com estas gotas de DUPLO efeito!

1. DESOBSTRUI O NARIZ
... deixa respirar livremente!

Espalhando-se rapidamente pelas passagens nasais, este medicamento mitigante reduz suavemente o entumecimento e a inflamação, desprende o muco, abre as vias nasais congestionadas, e torna fácil a respiração. *Mas não é tudo . . .*

2. ESTIMULA as membranas nasais a debelar o resfriado!

Você sente também uma sensação agradável, enquanto o Va-tro-nol tonifica e estimula as membranas nasais, incitando-as a debelar a infecção e abreviar o resfriado. Va-tro-nol, usado em tempo, pode *evitar* muitos resfriados!

VICK VA-TRO-NOL GOTAS NASAIS

O medicamento nasal mundialmente preferido

PHILCO TROPIC 1826

Imagine!

Um Rádio-Fonógrafo de Mesa, com 5 Faixas!

Magnífica, recepção, tanto em ondas longas, como em ondas curtas de 13,6 a 103 metros! Maravilhoso! Troca discos *automàticamente* . . . e a Sintonização Elétrica de Faixa Ampliada apanha estações com nitidez. Riqueza de tom. Elegante gabinete de nogueira. A venda agora no seu concessionário Philco.

PHILCO TROPIC 821. As mesmas faixas e características que o 1826 . . . *agora num rádio de baixo preço!* Caixa de matéria plástica.

PHILCO

Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

Philco International Corporation,
50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

Várias razões pelas quais a ROYAL é a NUMERO 1

Aonde quer que V.S. vá, verá que a máquina de escrever Royal goza da predileção nacional.

Em todo idioma—a Royal é a máquina de escrever No. 1 no mundo.

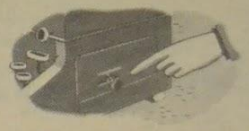
Inúmeras são as razões a justificar tal predileção mundial. Êis aquí algumas delas:

As máquinas Royal são duráveis. Estás máquinas de escrever são, de fato, resistentes. Prestam *melhor* serviço com *menor* desgaste . . . por conseguinte, requerem menos atenção.

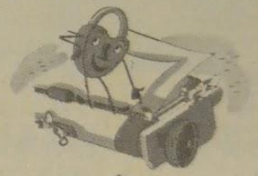
A Royal é a mais eficiente. Economiza tempo e trabalho, o que significa máxima produção por máquina.

A Royal tem aperfeiçoamentos mecanicos notáveis. Para maior exatidão e comodidade, a Royal oferece:

"Magic Margin"—que fixa as margens com facilidade e rapidez.



"Touch Control"—que proporciona a tensão tátil desejada ao escrever.



Detentor Automático do Papel—que mantem o papel liso e firme.

Estas são apenas algumas das caracteristicas pelas quais a Royal goza da predileção mundial.

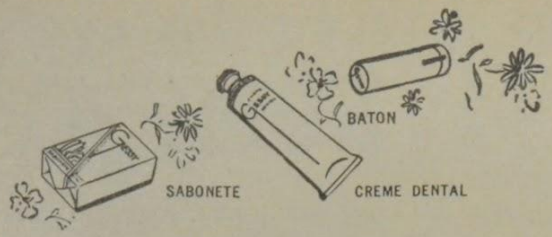
Por isso deve ser também a sua preferida. Peça uma demonstração ao representante da Royal.

ROYAL

A Máquina No. 1 no Mundo

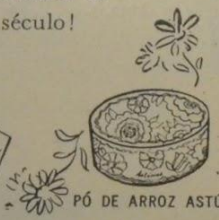
Para uso no lar ou uso pessoal, peça ver a famosa Royal Portátil—a Máquina Standard em Tamanho Portátil.

Royal Typewriter Co., Inc., New York • Representantes em todos os países do mundo

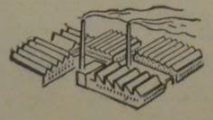


53 ANOS
dedicados a produtos de beleza!

Gessy, a marca do sabonete mais vendido em todo o Brasil é também a marca de tôda uma série de produtos de toalete da mais alta qualidade—do rouge ao baton, do talco ao óleo para cabelo . . . Feitos com matéria prima rigorosamente selecionada, pelos mais modernos processos industriais, os produtos que ostentam a marca Gessy são garantidos por uma experiência de mais de meio século!

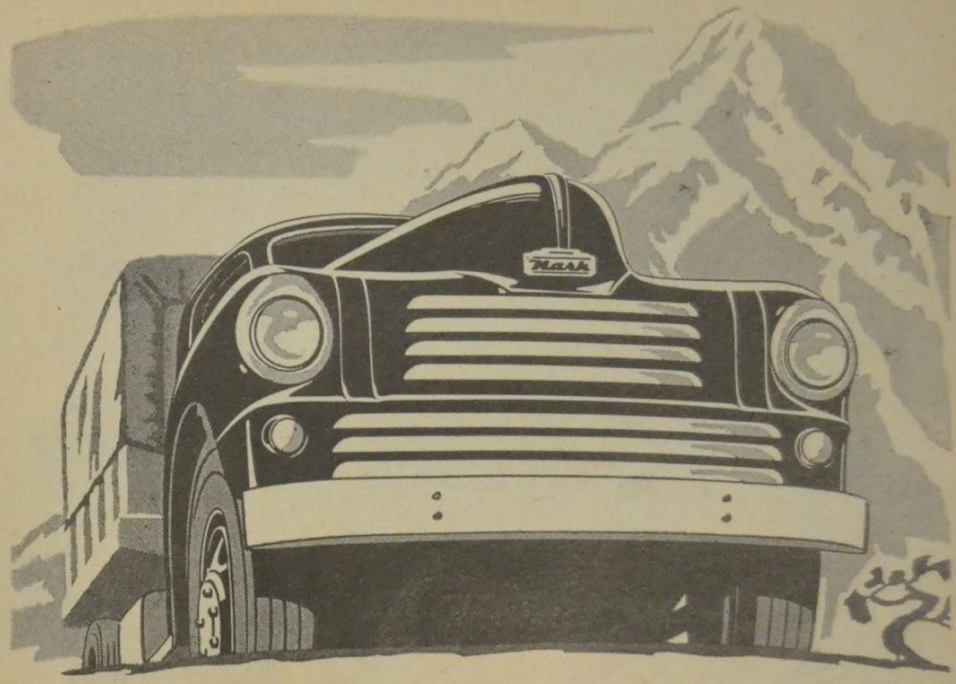


GESSY



MAIS DE MEIO SÉCULO A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA

A MAIOR INDÚSTRIA DE PERFUMARIA DA AMÉRICA DO SUL



O GRANDE CAMINHÃO NASH MODERNO
Para Trabalhos Duros

Ponha o novo Caminhão Nash em serviço no mais duro trabalho de transporte . . . seja nos caminhos ingremes e ásperos das serranias ou nas estradas do deserto abrasador. Utilize tôda a sua capacidade de carga em serviço urbano de distribuição ou em longos trajetos através do país, e êste veículo o servirá com a economia, eficiência e durabilidade que sempre desejou obter de um caminhão.

A superioridade do Caminhão Nash assenta em bases sólidas. Este novo modêlo é o fruto de 45 anos de experiência técnica na indústria automotriz. Acionado pelo famoso motor de válvula-na-cabeça e tubulação hermética, o Caminhão Nash economiza dinheiro, gasolina e óleo em cada quilômetro de serviço. O chassís forte e durável é construido para duas distâncias-entre-eixos—uma de 133", e outra de 157", a escolher.

Visite o distribuidor local para informes completos sôbre o Caminhão Nash—o veículo que lhe oferece eficiência excepcional em transporte por baixo custo de serviço.

Nash Motors

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation, Detroit, Michigan, E. U. A.

UMA VISITA

Que vale a pena fazer!

Tenha ou não algum problema de costurá, uma visita à Loja *SINGER* do seu bairro será sempre uma ótima oportunidade de se pôr em dia com as últimas novidades dêste ramo. Em qualquer Loja *SINGER* a Snra. será atendida por funcionárias atenciosas e competentes, e poderá apreciar o que há de mais moderno em máquinas de costura, acessórios em geral, trabalhos de agulha, aviamentos, assistência mecânica, etc., enfim *tudo* o que a Snra. possa desejar em matéria de costura e bordado.

Escreva para a Caixa Postal 1180—Rio de Janeiro, Caixa Postal 146-B—São Paulo, Caixa Postal 21—Recife, e peça informações sôbre os nossos Cursos de Costura e Bordados ou solicite a remessa, pelo reembôl so postal, do nosso livro "Método de Corte e Costura". Preço: Cr$100,00.

SINGER — *o nome garante o produto!*

Copyright U. S. A. 1948 by Singer Sewing Machine Company. All Rights Reserved for All Countries · Todo direito devidamente protegido por Tratado Internacional

M. R.

RIO DE JANEIRO · SÃO PAULO · RECIFE

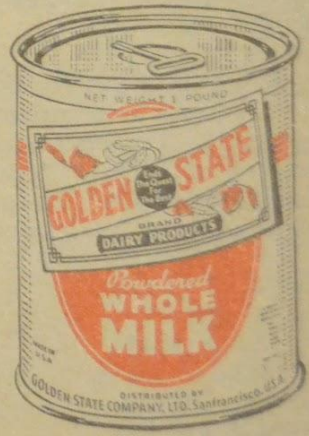
Lojas em tôdas as capitais do país

Golden State

é o Leite em Pó de Vacas Saudaveis e excede tudo em boa qualidade. As crianças medram a olhos vistos graças ao *Golden State,* pois este é de incomparavel valor nutritivo.

As mães de família preferem seu paladar cremoso e rico, tanto para cozinhar como para fazer doces. Prepara-se depressa e facilmente.

Milhões de famílias têm passado a usar o *Leite em Pó Golden State.* V.S. tambem? . . .



Golden State

BRAND

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

UM MUNDO DE AUDIÇÃO LUXUOSA . . .

COM ESTE NOVO ZENITH

Traçado e montado para assegurar um superior desempenho . . . Um instrumento musical mais possante, mais *belo,* e de melhor tonalidade. Sintonização musical em 5 faixas, com mostrador de grandes dimensões. Caixa de linhas elegantes, em mogno de tons ricos. Inteiramente refratário aos climas tropicais.

Na gravura:
o Modelo 7S046

PEÇA E APRECIE UMA DEMONSTRAÇÃO

ZENITH INTERNATIONAL

Beleza Inigualável-só superada pela Qualidade

Eis aqui um presente de alta qualidade, que reflete distinção e bom gosto.

O belíssimo TRIO da SHEAFFER'S se compõe de instrumentos de escrita para todos os fins—de grande utilidade para todas as pessoas.

A tradicional *qualidade* SHEAFFER'S se reflete na pena "TRIUMPH", na esferográfica de confiança *Sheafferiter* e na lapiseira "*Fineline*", com ponta arredondada.

W. A. Sheaffer Pen Company,
Ft. Madison, Ia., E. U. de A. - Malton, Ont., Canadá.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11º and.

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

O novo e incomparável rádio-fonógrafo Westinghouse de Tom Vital

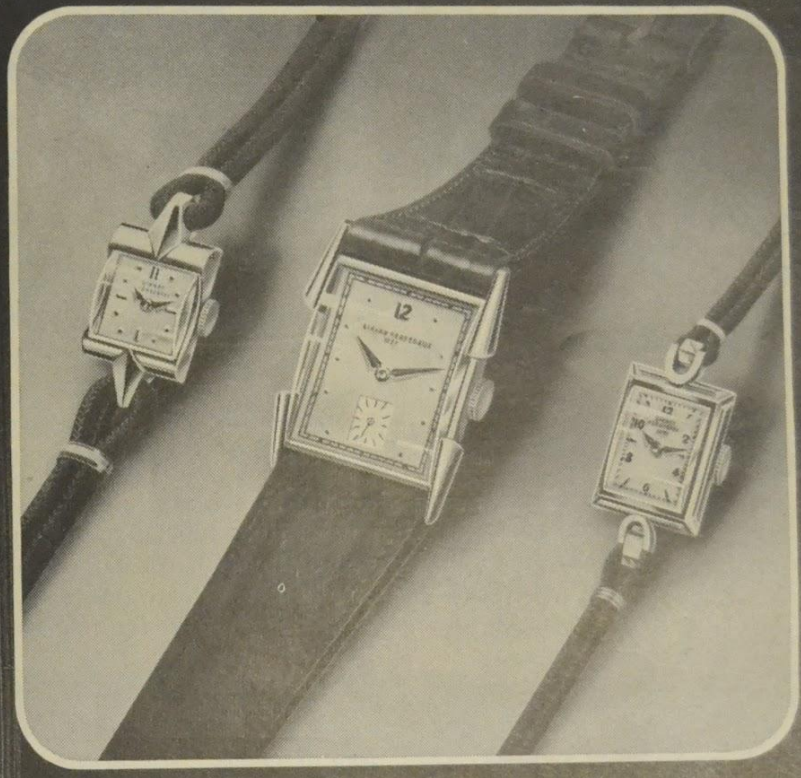
Possua o mais moderno, o mais luxuoso em rádio-fonógrafos! O "Tom Vital" 172 de Westinghouse . . . de clareza excepcional, tanto na sintonização de ondas longas ou ondas curtas . . . como na reprodução de discos.

Quatro faixas ampliadas de ondas curtas e uma de ondas longas . . . "olho elétrico" . . . regulador automático do volume . . . agulha permanente . . . troca-discos automático para 12 discos. O chassí e o móvel são *tropicalizados* para conservar-lhes suas qualidades por muitos anos!

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL CO., 40 Wall St., Nova York 5, E. U. A.

Compare . . . e comprará um Rádio Westinghouse

"DISTINTOS PELA SUA BELEZA . . . FAMOSOS PELA SUA EXATIDÃO"



As melhores lojas do mundo vendem

GIRARD PERREGAUX

Relógios de Alta Qualidade desde 1791

Fabricantes: Girard-Perregaux & Cia., S. A., La Chaux-de-Fonds, Suiça

Estas tortas de galinha dão para 6 pessoas, entretanto foram feitas com apenas ½ chícara de farinha—e sem ovo!

Economize nos manjares destas 2 maneiras!

Use o Fermento Royal para maior rendimento de ingredientes escassos... e para evitar insucessos!

Eis aqui um modo simples de economizar nestes dias de elevado custo dos alimentos. Sirva substanciosos, apetitosos pratos feitos com Fermento Royal! Royal faz render os alimentos, protege os ingredientes. Seja econômica, compre Fermento Royal ainda hoje nas famosas latinhas vermelhas.

A chave de mil e um pratos deliciosos!

Gratis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para:

ASSAMENTO UNIFORME	ASSAMENTO IRREGULAR
Repare que leve e fofa é a massa desta torta. A ação do Fermento Royal proporciona um *assamento uniforme*, permitindo que a massa cresça por igual... o revestimento é, pois, uniforme. Deliciosa!	Repare como a *ação irregular* de fermento inferior não deixou a massa crescer. Resultado: massa pesada, encruada, de textura grosseira, e pobre sabor... dispendiosos ingredientes perdidos.

Fermento Royal

DEPTO. 5-300 CAIXA POSTAL 3215—RIO DE JANEIRO

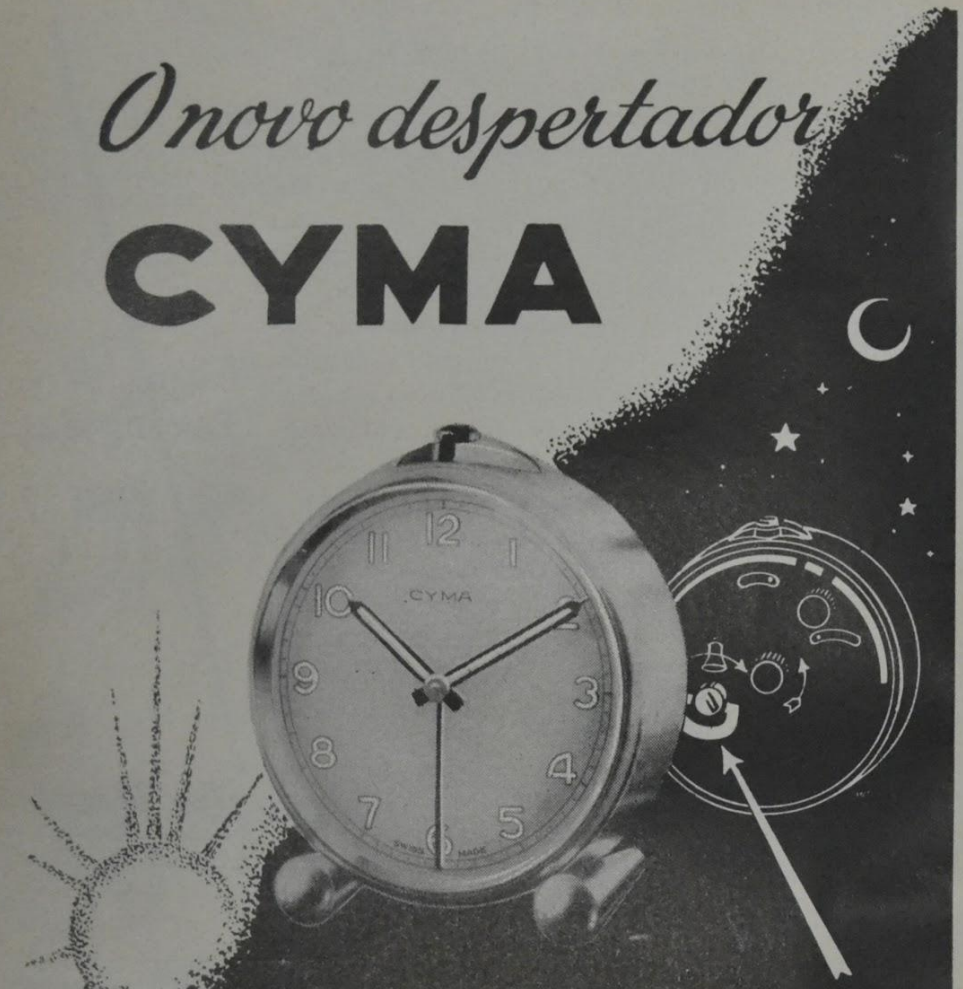
Estabelecendo padrões mais altos em datilografia

A Máquina de Escrever Remington, com o Keyboard Margin Control (Controle de Margens no Teclado) e suas inovações que poupam tempo e energia, é recebida com deleite pela datilógrafa. Permite-lhe trabalhar mais e melhor, gastando menos tempo e esforço. Graças ao Keyboard Margin Control, a mais recente caraterística exclusiva da Remington Rand, a datilógrafa acerta as margens com a máxima precisão—mediante um simples toque de dedos. E a ação rápida e suave da Remington KMC convida seus dedos velozes a deslizar com facilidade pelo teclado. Visite o representante mais próximo da Remington Rand, e deixe que ele lhe mostre as Qualidades Superiores da Remington KMC. Ou então escreva, pedindo pormenores, à Divisão de Exportações, Departamento H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N.Y., E.U.A.

a Remington KMC

Remington Rand

o PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

O novo despertador
CYMA


Uma unica chave
dá corda simultaneamente ao
movimento e ao alarme
O despertador suisso de precisão

SELEÇÕES
do Reader's Digest
TOMO XIII
No. 76
MAIO
de 1948
Condensações de artigos de interesse permanente

O simpático mexicano tinha esplêndida voz para o rádio; mas... quais eram seus planos?

A CANÇÃO DE ORTIZ TIRADO

(Condensado de «The Pan American»)

Ralph Peer
Presidente da Southern Music Publishing Company
Segundo narrativa feita a William F. French

CONHECÍ Ortiz Tirado na Cidade do México em 1931, num dia em que ele veio ao meu hotel cantar para mim. Queria que eu o ajudasse a conseguir um contrato como cantor de rádio em Nova York, e mencionou tranquilamente espantoso repertório de árias de óperas, que era capaz de cantar sem ensaio. Contou-me que, profissionalmente, era cirurgião, mas verificara que no México não lhe era possivel ganhar dinheiro suficiente para alcançar a meta que se propusera: construir um hospital para crianças aleijadas de famílias pobres.

Desconfiei que se tratasse de mais uma dessas desculpas oferecidas por todo candidato a emprego. Entretanto, como eu fora ao México em busca de compositores latino-americanos para nossa casa editora de música e à procura de artistas para os Discos Victor, concordei em ouví-lo. Minha surpresa foi dessas que acontecem raramente. O homem era ótimo tenor!

Oferecí-lhe um contrato para fazer gravações, que ele aceitou prazerosamente. Antes e depois de cada disco, porem, procurava persuadir-me a levá-lo para os Estados Unidos. Quanto mais falava em seu desejo de aumentar sua renda, no rádio, mais eu desconfiava que seu verdadeiro objetivo fosse o êxito e a glória.

Aconselhei Ortiz Tirado a ficar no México, mas, quando regressei a Nova York, mencionei-o em conversa com John Royal, vice-presidente da National Broadcasting Company, encarregado da programação dessa cadeia de estações radiofônicas. Disse-me Royal que, se de fato Ortiz Tirado possuia a voz que eu procurara descrever, a N.B.C. o contrataria. Assim foi que o tenor mexicano veio a Nova York onde, durante ano e meio, cantou pelos microfones da N.B.C.

Minha impressão, confesso, era de que, realizada sua ambição de cantar pelo rádio americano, ele se esqueceria de seus intuitos filantrópicos. Enganei-me, porem, pois, apesar de seu êxito e a despeito de falar inglês com dificuldade, Ortiz Tirado não cessava de martelar sobre o mesmo assunto. Era uma bela figura de homem, na casa dos 40, simpático, afavel e sempre impecavelmente bem vestido. Todas as portas se lhe abriam. Era realmente encantadora a maneira como tratava as crianças.

Os moleques mais empedernidos da rua engoliam a arrogância quando ele lhes sorria. Tinha especial delicadeza para com os aleijados. Antes de um de seus programas, um mexicano veio ao estúdio trazendo um garoto que sofria de uma deformação do ilíaco. Ortiz Tirado examinou-o cuidadosamente e, mal terminada a irradiação, levou o menino para um hospital, onde insistiu com certo ortopedista de renome para que tratasse dele.

A N.B.C. aprendeu sem demora que, quando Ortiz Tirado não aparecia para os ensaios, era nas salas-de-espera de hospitais que o encontrariam; e não tardou que se vissem, por toda parte, desenhos e esboços do hospital com que o tenor sonhava. Fez uma turnê pelos Estados Unidos, sob o título de Embaixador de Boa-Vontade do Rádio, e por onde quer que fosse, ia contando a seus admiradores quais eram seus projetos: sempre a construção do hospital...

Cabia-me cuidar da correspondência dele, e era frequente chegarem cartas contendo cheques de 50 ou 100 dólares «para auxiliar a construção do seu magnífico hospital». Sempre os devolvia aos remetentes, com uma nota de agradecimento, lamentando não ser possivel aceitar doações. Era impossivel, porem, repreender aquele mexicano de coração bondoso, embora pudesse parecer que andava conduzindo uma campanha suspeita para angariar fundos... Quando lhe sugeriam que abandonasse a idéia do hospital e pensasse apenas em cantar, notava-se-lhe nos olhos uma expressão de desagrado.

Certa ocasião foi a Schenectady, no Estado de Nova York, afim de irradiar em ondas curtas para a América do Sul, na General Electric. Na hora do ensaio, foram encontrá-lo na fábrica, examinando um aparelho de raios X. Encomendou o aparelho de radiografia mais caro que a companhia fabricava, e em seguida, ao microfone, revelou seu projeto a todos os ouvintes...

Ao expirar o contrato de Ortiz Tirado na N.B.C., enviei-o a uma estação de rádio de Buenos Aires, onde seu êxito foi enorme. Sua canção de maior

destaque chamava-se *Cabellos Blancos*, e era dedicada ao retrato de uma senhora idosa, do qual ele enviava cópias a seus ouvintes, numa tentativa de transmitir uma mensagem às mães sul-americanas. Não se tratava da construção do hospital para crianças; já agora, ele queria tambem uma maternidade em seu amado México.

Ortiz Tirado era persuasivo e convincente, a tal ponto que surgiram, em muitos paises sul-americanos, clubes de senhoras que, em verdadeiras peregrinações à estação de rádio onde ele cantava, levavam-lhe contribuições para o hospital que só existia em sua imaginação.

Durante muitos anos, continuei a ter notícias do extraordinário êxito de Ortiz Tirado. Por fim, sua voz desapareceu das ondas radiofônicas.

Logo antes da última guerra, voltei à Cidade do México. No hotel, chamaram-me ao telefone, e verifiquei, surpreso, que era a voz de Ortiz Tirado que me falava. Convidava-me, a mim e a minha senhora, a jantar com ele e sua esposa. Em vez de levar-nos a um restaurante, conduziu-nos a um belíssimo hospital moderno. Perguntou-nos se nos importaríamos de jantar alí. Antes, porem, daríamos umas voltas pelas instalações.

Abriu a porta de um laboratório de resplendentes instalações modernas. No centro via-se um aparelho de raios X, do tipo mais aperfeiçoado que a General Electric fabrica. Na extremidade do irrepreensivel corredor, num nicho construido especialmente, estava um quadro a óleo representando a senhora de cabelos brancos a quem ele havia dedicado a famosa canção. «É a mãe de Alfonso,» murmurou sua senhora, enquanto nos dirigíamos ao quadro.

No pátio sombreado do hospital, num lugar de destaque, ao lado de belo repuxo cercado de canteiros de flores brilhantes, fomos encontrar uma placa com a seguinte inscrição:

> *Em testemunho de gratidão às estações de rádio estrangeiras que tornaram possivel a construção deste hospital.—Alfonso Ortiz Tirado.*

Sua história era verídica. O que ganhara no rádio, aplicara-o em erigir este hospital ultra-moderno para crianças, e os clubes de senhoras sul-americanas haviam contribuido para a construção da excelente maternidade anexa ao mesmo. Ficamos sabendo tambem que ele era tido como um dos maiores cirurgiões-ortopedistas da América Latina.

Voltara a exercer a medicina. Não perdeu, porem, o amor ao canto, e, assim, o dr. Alfonso Ortiz Tirado ainda é a atração preferida nas reuniões sociais da Cidade do México.

QUANDO se trata de mulheres encantadoras, o sexo não é uma defesa: é um desafio.

—Colaboração de José Joaquim Saraiva, tirado do *Almanaque d' O Século*

Quem é «protegido» pelas tarifas aduaneiras?

(*Condensado do livro «Economics in One Lesson»*)

Henry Hazlitt

Nenhuma nação pode continuar a ser forte se seus cidadãos ignoram os elementos da ciência econômica. Os convênios comerciais firmados recentemente em Genebra prevêem reduções sensiveis nas tarifas aduaneiras. Já que todo consumidor paga preços mais elevados por causa das referidas tarifas, a compreensão dos princípios fundamentais da economia é essencial ao cidadão consciente. Eis aquí uma exposição clara e vigorosa.

O comércio livre nunca teve, talvez, uma apologia melhor do que a que fez Adão Smith no seu livro *A riqueza das nações*. De um modo geral, o grande economista do século XVIII estribou seus argumentos numa tese fundamental: «Em todo país, convem sempre ao povo comprar onde se vende mais barato.»

Smith considerava o comércio livre como um aspecto da especialização do trabalho: «O alfaiate não se aventura a fazer sapatos: compra-os ao sapateiro. O sapateiro não procura confeccionar roupa: recorre ao alfaiate. Cada qual verifica, pois, que convem dedicar-se ao mister que lhe dá certa vantagem sobre o próximo, comprando o que precisa com o produto da venda. O que é prudente na administração das famílias não pode ser imprudente no governo de um reino.»

Que teria levado alguns a suporem, porem, que o que era prudente na economia das famílias poderia ser imprudente na administração de um grande reino? O erro fundamental foi o de considerarem-se apenas os efeitos imediatos das tarifas de alfândega sobre setores isolados da economia nacional, descurando-se de suas repercussões mais amplas na sociedade inteira.

Um fabricante nacional de suéteres de lã, por exemplo, informa o Congresso da nação de que seria um desastre para o país revogar ou reduzir as

tarifas que pesam sobre os suéteres importados. Ele vende seu artigo, digamos, a 15 dólares, mas os fabricantes estrangeiros poderiam vender, na mesma praça, suéteres de qualidade idêntica, a 10. Uma pauta de 5 é, portanto, imprescindivel à sua vida industrial. Não é em si próprio que ele está pensando, claro está, e sim nos milhares de operários empregados na fábrica, e nas pessoas que deles dependem, direta ou indiretamente. Privados de trabalho, os operários seriam lançados ao desemprego; a consequente queda de poder aquisitivo alastrar-se-ia por setores cada vez maiores. Se o industrial puder provar, ademais, que terá de fechar as portas caso seja revogado o imposto, o Congresso aceitará o argumento.

Suponhamos, entretanto, que o imposto seja revogado, que o fabricante abandone o ramo, que mil operários sejam demitidos, que os comerciantes dos quais estes são fregueses sejam prejudicados. É a consequência imediata. Há, contudo, outros resultados que, conquanto não sejam tão evidentes, não são menos imediatos ou reais. Os compradores adquirem agora suéteres da mesma qualidade a dez dólares, sobrando-lhes, portanto, cinco com que comprar outros artigos. Esses cinco dólares aumentam a procura de mão de obra em vários outros ramos industriais.

Comprando suéteres de fabricação estrangeira, a nação fornece a outro país cambiais para que este possa comprar-lhe os produtos. Se importarmos mais mercadorias estrangeiras, portanto, teremos que exportar mais. Conquanto menos operários se dediquem à indústria nacional de fabricação de suéteres, maior número tem trabalho—e trabalho muito mais eficiente, em outros setores. O número total de empregos no país não decresceu, e tanto a produção nacional quanto a estrangeira aumentaram. O operariado dos dois paises está-se dedicando agora aos setores em que sua produtividade é maior, em vez de ser obrigado a exercer atividade em ramos menos profícuos. Os consumidores dos dois paises estão em situação mais vantajosa: compram o que querem, onde se vende mais barato.

O imposto sobre as importações não aumenta o índice de produção ou o número de empregos do país. Já que o comprador tem que pagar mais cinco dólares por um sueter da mesma qualidade, ele tem que diminuir de cinco dólares as aquisições que faz de outros artigos. Para proporcionar empregos a 20.000 pessoas na indústria de suéteres, 20.000 indivíduos deixam de trabalhar em outros ramos. Em última análise, os direitos aduaneiros sempre importam em redução do valor aquisitivo dos ordenados, porque diminuem a produção e as posses de todos.

A barreira artificial erguida contra a entrada de produtos estrangeiros desvia a mão de obra e o capital nacionais dos setores em que podem funcionar com maior eficiência, para os setores de menor rendimento. Modifica a *estrutura* da produção nacional, amparando e fomentando indústrias relativamente ineficientes, em detri-

mento de outras, mais produtivas. Em consequência, a produtividade média do trabalho e do capital nacionais é diminuida, assim como a dos paises estrangeiros, com os quais manteríamos um intercâmbio mais extenso.

Tendo o consumidor que pagar mais caro os suéteres e outros artigos protegidos, o poder aquisitivo de sua renda sofre um decréscimo. A tarifa alfandegária—conquanto possa ter aumentado os ordenados *nas indústrias favorecidas*—terá, em última análise, fazendo-se o balanço de *todas* as indústrias, *reduzido o verdadeiro poder aquisitivo dos ordenados em geral.*

Que outro resultado poderíamos esperar de uma orientação destinada, calculadamente, a canalizar nossos recursos de capitais e de mão de obra para atividades que não correspondam ao nosso mais alto grau de eficiência? Que outro resultado poderíamos esperar do levantamento de barreiras contra o comércio e os transportes?

De um lado, procuramos reduzir o custo dos transportes, criando navios mais rápidos e mais eficientes, melhores estradas, pontes, locomotivas e caminhões. De outro, anulamos esse esforço com impostos que tornam o transporte ainda mais oneroso do que dantes. Barateamos o transporte dos suéteres e impomos uma taxa para impedir que estes sejam transportados.

Há quem veja na tarifa alfandegária um meio de beneficiar o produtor à custa do consumidor. É fato que a tarifa prejudica a todos os consumidores. Não é exato, porem, que ela beneficie a todos os produtores. Ao contrário, ampara os industriais protegidos, em detrimento dos demais, particularmente dos exportadores.

Não sustentamos, como já o fizeram a miude os adeptos entusiásticos do comércio livre, que a redução dos impostos de importação auxilie a todos, sem prejudicar a ninguem. Com efeito, a redução beneficiaria o país, no balanço geral. Mas os setores que anteriormente houvessem desfrutado de ampla proteção seriam prejudicados. Alguns industriais têm razão quando afirmam que a revogação da tarifa sobre os produtos que fabricam os obrigaria a abandonarem o ramo, lançando seus operários à rua, pelo menos temporariamente. Devemos, porem, procurar avaliar as consequências sobre *todos* os setores da economia, no futuro imediato e no remoto.

Meus argumentos não visam todas as tarifas, inclusive os impostos tributados principalmente a bem do erário público, ou para garantir a existência de indústrias necessárias em tempo de guerra. Dirigem-se apenas contra o sofisma de que a tarifa, em última análise, possa «criar mais empregos», «aumentar os ordenados» ou «defender o padrão de vida nacional.» Nada disso—e quanto ao padrão de vida, o efeito é o contrário.

Todos esses equívocos concernentes às pautas aduaneiras provêm de um erro capital. São a consequência de encarar os efeitos imediatos de um só imposto sobre um grupo único de fabricantes e de não levar em conta as repercussões entre os consumidores em geral e entre os demais fabricantes.

Você sabe o que quer dizer?

No uso das palavras, a prática é o caminho da perfeição, como, aliás, em muitos outros campos da atividade humana. É preciso, porem, que a prática seja bem dirigida. Mediante o teste que se segue, verifique o leitor a correção ou incorreção com que usa seu vocabulário. A cada palavra-chave, seguem-se quatro definições; escolha, entre estas, a que lhe parecer acertada, e procure depois a solução na página seguinte.

(1) advir—A: *comunicar*. B: *provocar*. C: *chegar depois*. D: *prevenir*.

(2) fobia—A: *loucura*. B: *medo mórbido*. C: *alergia a certos alimentos*. D: *amor excessivo*.

(3) analogia—A: *ponto de semelhança entre coisas diferentes*. B: *falta de lógica*. C: *biografia comentada*. D: *comparação*.

(4) aliciar—A: *lisonjear*. B: *reunir*. C: *atrair a si*. D: *solicitar*.

(5) chapada—A: *planalto*. B: *lâmina metálica*. C: *frase feita*. D: *panacéia*.

(6) dermatologista—A: *empalhador de animais*. B: *especialista em doenças da pele*. C: *escritor paradoxal*. D: *fabricante de cosméticos*.

(7) abalizado—A: *arrasado por terremoto*. B: *mandatário*. C: *cobiçado*. D: *de grande competência*.

(8) adejar—A: *endireitar*. B: *esvoaçar*. C: *aderir*. D: *flutuar*.

(9) incipiente—A: *que cabe nalguma coisa*. B: *incapaz de pagar suas dívidas*. C: *que começa*. D: *arrogante*.

(10) estipêndio—A: *soldo*. B: *esplendor*. C: *multa*. D: *código de leis*.

(11) galvanizar—A: *irritar*. B: *endurecer*. C: *reanimar*. D: *eletrificar*.

(12) taramela—A: *peça de madeira para fechar portas*. B: *dança napolitana*. C: *moléstia da pele das crianças*. D: *pessoa muito loquaz*.

(13) acervo—A: *cálculo*. B: *avaliação*. C: *grande quantidade*. D: *ajuste*.

(14) entrosar—A: *gabar-se*. B: *encerrar-se*. C: *caçoar*. D: *engrenar-se*.

(15) cambiante—A: *negociante inescrupuloso*. B: *furta-côr*. C: *letra sacada numa praça contra outra*. D: *pessoa inconstante*.

(16) inerme—A: *paralisado*. B: *letárgico*. C: *desarmado*. D: *despido*.

(17) jargão—A: *rapaz corpulento*. B: *ferida purulenta*. C: *inseto daninho*. D: *linguagem corrompida*.

(18) esquálido—A: *macilento*. B: *desprezível*. C: *esbranquiçado*. D: *impuro*.

(19) embotar—A: *calçar botas*. B: *empalidecer*. C: *insensibilizar*. D: *sufocar*.

(20) soporífero—A: *que provoca o sono*. B: *que produz suor*. C: *que intoxica*. D: *que deturpa*.

Respostas a

«Você sabe o que quer dizer?»

(1) ADVIR—C. *chegar depois.* Do latim *ad*+*venire.* Exemplo: «Dessa providência advieram muitos benefícios à coletividade.»

(2) FOBIA—B. *medo mórbido.* Do grego *phobos* (medo).

(3) ANALOGIA—A. *ponto de semelhança entre coisas diferentes.* Do grego *ana*+*logos* (razão, proporção). Exemplo: «O professor demonstrou a inegavel analogia entre as duas hipóteses.»

(4) ALICIAR—C. *atrair a si.* Do latim *allicere.*

(5) CHAPADA—A. *planalto.* De *chapa.*

(6) DERMATOLOGISTA—B. *especialista em doenças da pele.* Da raiz grega *dermat* (pele).

(7) ABALIZADO—D. *de grande competência.* Do castelhano *valiza* Exemplo: «Oswaldo Cruz, nosso mais abalizado técnico em saude pública...»

(8) ADEJAR—B. *esvoaçar.* Corruptela de *alejar,* do latim *ala* (asa).

(9) INCIPIENTE—C. *que começa.* Do latim *incipiens,* particípio presente de *incipere* (começar). Exemplo: «Na incipiente industrialização do país, houve profundas reformas sociais.»

(10) ESTIPÊNDIO—A. *soldo.* Do latim *stipis* (dádiva) e *pendere* (pesar, pagar).

(11) GALVANIZAR—C. *reanimar.* De Luigi Galvani, antigo professor de fisiologia em Bolonha, na Itália. Exemplo: «O oficial tudo fez para galvanizar a soldadesca inerte.»

(12) TARAMELA—A. *peça de madeira para fechar portas.*

(13) ACERVO—C. *grande quantidade.* Do latim *acervus.* Exemplo: «É deveras impressionante o acervo de recursos deste país.»

(14) ENTROSAR—D. *engrenar-se.* Exemplo: «Sua teoria entrosa perfeitamente com os fatos.»

(15) CAMBIANTE—B. *furta-côr.* Do latim *cambiare.*

(16) INERME—C. *desarmado.* Do latim *in*+*arma.*

(17) JARGÃO—D. *linguagem corrompida.* Do francês *jargon.* Exemplo: «Verificamos que o idioma falado na ilha era um jargão incompreensivel.»

(18) ESQUÁLIDO—A. *macilento.* Do latim *squalidus.*

(19) EMBOTAR—C. *insensibilizar.* Exemplo: «Idoso, e com as faculdades embotadas, mal se percebia nele o genial pensador.»

(20) SOPORÍFERO—A. *que provoca o sono.* Do latim *sopor* (sono pesado)+*facere* (fazer).

A dramática história deste herói da guerra, que continua no primeiro plano da política francesa

De Gaulle—biografia inacabada

Por Frederic Sondern, Jr.

NAQUELA tarde de agosto de 1944, milhares de pessoas se acotovelavam na grande praça fronteira à Catedral de Notre Dame, em Paris. A maior parte da França fora já libertada. A multidão prorrompeu em aclamações ao aproximar-se um séquito de automoveis. No primeiro destes, retribuindo os aplausos com continências marciais, achava-se o General Charles de Gaulle, novo Chefe do Governo Provisório. Ao chegar o carro às escadarias da Catedral, pipocaram tiros de fuzil e de metralhadoras dos tetos vizinhos, onde se haviam concentrado os Vichyistas para uma última e desesperada resistência.

O pânico apoderou-se da multidão. Algumas pessoas atiravam-se sob os automoveis, mulheres e crianças debandavam aos gritos de pavor. Ao descer do carro o General, seus ajudantes procuraram imediatamente abrigá-lo no interior do templo. Afastando-os com impaciência, De Gaulle empertigou-se,retirou o quepe e galgou, solenemente, os degraus da igreja, onde receberia a sagração do Arcebispo de París.

Depois da breve cerimônia, transcorrida sob o eco do intenso tiroteio, o General retirou-se e entrou, impassivel, em seu automovel, ainda sob acesa fuzilaria, como que inadvertido das cenas patéticas que se desenrolavam à sua volta. París não esqueceu jamais o magnífico procedimento do seu lider, naquele momento.

Ainda hoje, Charles de Gaulle é o homem mais poderoso da França, embora não exerça qualquer posição oficial. Seu partido—*Le Rassemblement*

du Peuple Français (União do Povo Francês)—é antes uma confederação eventual de muitas facções políticas distintas. Os detalhes de seu programa de modernizar o governo da França, dando-lhe maior eficiência, são ainda um tanto vagos, mas o prestígio do austero e inflexivel soldado é enorme e continua a crescer. Do seu gabinete de trabalho, numa modesta casa de tijolos e estuque, na pequena cidade de Colombey-les-Deux-Eglises, a uns 250 quilômetros de París, «*Le Patron*»—como o chamam seus partidários—expede, no seu estilo incisivo e penetrante, instruções e proclamações que são lidas atentamente pelos membros da Câmara dos Deputados. O General está atraindo, pouco a pouco, para as suas hostes, a maioria dos elementos que se opõem às tentativas do Partido Comunista de destruir a República. Para tais elementos, ele se afigura como a última linha de defesa contra o caos.

De Gaulle tem horror à publicidade pessoal e verbera os jornalistas que tentam focalizar aspectos da sua vida privada. Infenso a qualquer gênero de ostentação, trocou o belo Cadillac negro com que lhe presenteou Eisenhower, por um minúsculo Citroën, no qual mal pode acomodar suas compridas pernas. Não permitiu que o Ministério da Guerra o promovesse a General de Divisão, nem usa condecorações. Na sua túnica, vê-se apenas uma pequena reprodução, em ouro, da Cruz de Lorena—símbolo do movimento da França Livre, por ele chefiado durante a guerra.

O General não tem o dom de fazer amigos com facilidade. Winston Churchill e Franklin Roosevelt respeitaram-no, mas jamais o estimaram. Para De Gaulle, os interesses da França vêm sempre em primeiro lugar, e não procura meias palavras para deixar bem claro esse conceito. Depois de uma das frequentes batalhas entre Churchill e De Gaulle, em Londres, durante a guerra, quando suas exclamações em inglês e francês podiam ser ouvidas do meio da rua, Churchill ficou a tremer de raiva. «A cruz mais pesada que tenho de carregar,» rosnou, empunhando o charuto, «é a Cruz de Lorena.» Mas o leão britânico, em nenhum momento da guerra, hesitaria em apoiar decididamente o homem cuja palavra, em quaisquer circunstâncias, valia por um compromisso iniludivel.

Mais recentemente, outro estadista britânico assim se referiu a De Gaulle: «Este homem tem o hábito de aterrissar onde não deve, sempre com os dois pés. Mas, em matéria de integridade, é tão exagerado que chega a ferir os outros, com sua intransigência. É o homem mais absolutamente honesto que já conhecí.» Nem mesmo os seus piores inimigos, os comunistas franceses, puderam jamais lançar sobre a sua reputação a menor sombra de escândalo.

Charles André Joseph Marie de Gaulle nasceu em Lille, em 22 de novembro de 1890, de modesta família burguesa. Seu pai, professor de história e filosofia, era um rígido disciplinador e impôs aos quatro filhos um

código inflexivel de deveres e autodisciplina.

Aos 22 anos, decidido a ingressar na carreira militar, o jovem De Gaulle foi admitido em St. Cyr, a Escola Militar francesa. Destacou-se logo como estudante exemplar, foi apelidado, pelos colegas, de «espargo gigante», e fez poucos amigos. Os conhecidos costumavam dizer que Charles era a pessoa menos acessivel da família.

Graduado como segundo-tenente, com as mais altas distinções, foi-lhe permitido escolher seu regimento. Por ironia da sorte, escolheu precisamente o 33º de Infantaria, comandado pelo Coronel Henri Philippe Pétain, que, anos mais tarde, o condenaria à morte, como traidor. Na primeira Grande Guerra, De Gaulle foi ferido várias vezes, e, finalmente, aprisionado, quando abatido por um estilhaço de granada. Por cinco vezes escapou do campo alemão de prisioneiros; mas, facilmente identificado pela sua altura invulgar, foi recapturado todas as vezes.

Depois da guerra é que começou realmente a carreira militar de De Gaulle. O Estado-Maior enviou-o para a *École de Guerre*, em París, afim de frequentar os cursos de especialização juntamente com os raros oficiais destinados aos mais altos postos do Exército francês. Aí chocar-se-ia De Gaulle com a senilidade fossilizada de velhas tradições e preconceitos militares, inamoviveis havia mais de 20 anos. A regra dominante, mais tarde corporificada na Linha Maginot, de triste memória, tinha esta simplicidade surpreendente: primeiro, deve-se localizar o campo de batalha num ponto previamente escolhido; depois, atrair o inimigo a esse ponto e, então, destruí-lo.

De Gaulle rejeitava as normas pontificadas pelos austeros generais de túnicas crivadas de bordados. Um comandante, sustentava, deve ter liberdade de ação e não ser imobilizado atrás de uma fortaleza susceptivel de ser esmagada pelas novas armas em construção. Nas grandes manobras que se seguiram à terminação dos cursos da *École de Guerre*, De Gaulle recebeu o comando do Exército Azul, violou todos os preceitos clássicos e alcançou uma vitória esmagadora. Foi imediatamente punido, com toda a severidade.

Por fortuna, o General Pétain—que tinha boa dose de simpatia pelo seu antigo comandante de companhia—soube do incidente e pediu um relatório a De Gaulle. Esse documento, escrito no estilo seco e direto do Capitão, impressionou de tal maneira o General, que De Gaulle foi não apenas isento de culpa, como tambem nomeado instrutor da *École de Guerre*. A hierarquia militar, porem, jamais o perdoaria; e ele, por sua vez, jamais perdoou a hierarquia. «Não se esqueça,» disse, certa vez, a um de seus oficiais, «de que o militar de carreira, em geral, tem um bom lastro de estupidez.»

A corrupção e a desmoralização dos governantes franceses preocupavam De Gaulle extraordinariamente. Em 1934, publicou ele o seu notavel livro,

O Exército do Futuro, de conteudo assás explosivo. Apontou a inconsistência da Linha Maginot, flanqueavel sem dificuldade por um ataque através dos Paises Baixos. A guerra do futuro, escreveu, seria travada por aviões rápidos e forças terrestres motorizadas, dotadas de tremenda potência de fogo. O Estado-Maior francês não lhe deu atenção.

Tal não aconteceu, porem, com o Estado-Maior de Hitler. O General Hans Guderian, organizador das forças blindadas alemãs, confessou que muitas das suas idéias básicas se inspiraram no livro de De Gaulle. O biógrafo francês Philippe Barrès «descobriu» a existência de De Gaulle, em Berlim, numa recepção do Ministério do Exterior. Von Ribbentrop jactava-se abertamente da capacidade alemã de esmagar a Linha Maginot. «O General Guderian, nosso técnico no assunto, já demonstrou esse fato,» disse Von Ribbentrop. «E acredito que até mesmo o vosso melhor técnico seja da mesma opinião.» Barrès arregalou os olhos. «E quem é ele?» perguntou. «Claro que me refiro ao Coronel De Gaulle,» retrucou o Ministro do Exterior de Hitler.

Em París, o General Gamelin—Chefe do Estado-Maior francês—mantinha o Tenente-Coronel De Gaulle em quarentena. «Suas idéias são perigosas,» disse-lhe o General, «porque não passam de fantasias. O sr. ainda é muito jovem e inexperiente para saber como se conduz uma guerra. Vamos, pois, acabar com essas tolices! Compreendeu?» O empertigado Coronel hesitou um momento, mas logo convenceu-se da inutilidade de qualquer argumento. «Está bem, General,» respondeu, fez a devida continência e retirou-se.

Quando rebentou a segunda Guerra Mundial, a França tinha apenas três divisões blindadas, pessimamente treinadas e com efetivos incompletos. Em 10 de maio de 1940, os exércitos alemães iniciaram seu avanço esmagador, através dos Paises Baixos. Em París, durante uma reunião febril do Estado-Maior, alguem lembrou-se do Coronel De Gaulle. Fizeram-no General de Brigada e deram-lhe o comando de uma das divisões blindadas—a mais fraca—com instruções de barrar a ofensiva alemã em Laon.

Quando De Gaulle chegou para assumir o comando, encontrou baixíssimo o moral das tropas, após sucessivos dias de retirada. Os oficiais estavam prestes a abandonar seus postos. O General vociferou meia dúzia de ordens à oficialidade, meteu-se num tanque e determinou o ataque imediato à posição alemã mais próxima. Esse assalto provocou pesadas perdas aos nazistas e é considerado como uma das poucas operações francesas realmente brilhantes. Era, evidentemente, tardia e em pequena escala. De Gaulle dispunha apenas de 200 tanques, e os alemães de 2.000, apoiados por bombardeiros de mergulho.

Mesmo depois de o Marechal Pétain e seus partidários terem declarado inutil qualquer resistência ulterior, De Gaulle ainda faria uma última tentativa para conter a avalanche alemã.

Em 16 de junho, depois de uma conferência com Winston Churchill e Anthony Eden em Londres, De Gaulle voltou a París de avião, com a proposta sensacional do Primeiro Ministro britânico de uma unificação econômica e política dos dois paises, com um governo único, afim de continuarem a guerra como uma única nação. Pouco antes da sua chegada, porem, demitira-se o *Premier* Reynaud—no auge de tremenda crise nervosa—e seu sucessor, Pétain, apressara-se em comunicar a Hitler estar disposto a aceitar um armistício. Na manhã seguinte, Charles de Gaulle procurou o General Spears, oficial britânico de ligação com o Alto Comando francês. «Peço-lhe que me consiga um avião para Londres,» declarou.

Poucas horas depois, De Gaulle e seu ajudante-de-ordens se registavam num pequeno hotel da capital inglesa. De Gaulle tinha três camisas, o ajudante nenhuma, e, os dois juntos, o equivalente a 200 cruzeiros. Com grande surpresa da telefonista do hotel, a primeira ligação pedida pelo francês alto e barbado foi para Downing Street, Número Dez, afim de falar com o próprio Primeiro Ministro.

Meia hora depois, De Gaulle estava sentado no gabinete de Churchill e, nessa mesma noite, através da BBC, sua voz se fazia ouvir. «Eu, General De Gaulle, falando de Londres, incito os oficiais e soldados franceses... Quaisquer que sejam as circunstâncias do futuro, a chama da resistência francesa não deve ser, nem será extinta.» O discurso durou apenas dez minutos, mas os franceses o guardarão de memória ainda por muitos anos.

Durante os três anos seguintes, De Gaulle suportou os mais rudes golpes. Os homens que com ele trabalhavam, no seu pequeno quartel-general, no Carlton House Terrace—punhado de leais partidários, que o acompanhavam desde o colapso da França—não raro perdiam, completamente, as esperanças. O General, porem, jamais fraquejaria. Passeando de um lado para outro da sala—como ainda costuma fazer, quando preocupado—fumando ininterruptamente e agitando seus longos braços, injetava-lhes novo ânimo, com suas palavras de coragem. Para os íntimos, De Gaulle é completamente diferente do figurão emproado que aparece em público. Seus olhos negros, habitualmente frios, ganham um brilho inesperado enquanto lhe aflora aos lábios duros um sorriso cordial, modificando-lhe, totalmente, a aparência.

O exército que De Gaulle criou na Inglaterra e na África do Norte e a articulação do seu grupo clandestino na França ocupada pertencem, hoje, à história. Em junho de 1944, o General partiu de Argel para Londres, afim de cooperar no traçado dos planos de invasão da Normandia. O espetáculo que se lhe deparou no aeroporto, perto de Londres, era bem diferente do que presenciara quatro anos antes. Churchill, Eden, Eisenhower e um luzido grupo de oficiais aliados lá estavam para recebê-lo, ao som da Marselhesa. Mas—traço psicológico característico do General—não demonstrou

ele a menor emoção. À distância, formalizado e sério, fez uma continência, apertou algumas mãos, não procurou entabolar conversações e entrou no seu automovel.

Vinte e quatro horas depois, recebia as primeiras notícias do desembarque na costa francesa. Levantou-se, foi até à janela e pôs-se a mirar, durante alguns minutos, o nevoeiro londrino. Os olhos dos oficiais que se acotovelavam na sala brilhavam de felicidade e expectativa, quando o General se voltou para eles. Não ouviriam, porem, mais do que estas palavras, ditas com absoluta impassibilidade: «Agora, senhores, teremos muito que fazer.»

Três meses depois, o herói da França e chefe do Governo Provisório entrava na Catedral de Notre Dame. Senhor da França, Charles de Gaulle poderia facilmente, se assim o desejasse, er-se proclamado ditador do país. Organizou, entretanto, um gabinete, e convocou uma Assembléia Constituinte, com a representação de todas as correntes políticas—da extrema direita aos comunistas. Dia e noite, durante as semanas seguintes, de crescente ansiedade, esteve reunido com os chefes das diferentes facções, no afã de redigir a nova constituição. Incitou e lisonjeou, pugnando pela adoção de um regime semelhante ao dos Estados Unidos—não autoritário, mas suficientemente forte para dominar as tormentas políticas e não continuar à mercê dos menores caprichos de uma Câmara de Deputados versatil e inconsequente. De Gaulle tinha bem presente a impotência do governo francês, antes da guerra e durante esta, para atuar com eficiência nos momentos críticos; e previa que a França necessitaria, mais do que nunca, de estabilidade política.

Deixando, assim, bem clara a sua posição, De Gaulle exonerou-se, entregando ao povo a decisão.

Os poderosos elementos esquerdistas da Assembléia, entretanto, conseguiram enfraquecer consideravelmente os dispositivos constitucionais relativos ao poder executivo. Ainda assim, quando o projeto foi apresentado ao povo, não logrou obter aprovação. O receio de um novo estado totalitário estava ainda demasiado vivo na lembrança do povo francês.

A Assembléia iniciou, então, a redação de novo projeto. Mas, desta vez, quase todos os líderes de partidos, com o fito exclusivo de favorecer suas ambições políticas, recusaram-se a admitir a transferência para o Executivo de quaisquer poderes da Câmara. Foi assim preparada uma segunda constituição, ainda mais fraca, que, submetida ao eleitorado, foi aprovada.

A De Gaulle ofereceram primeiro a Presidência, depois a chefia do ministério. Recusou ambas. Pela nova constituição, insistiu ele, um governo forte era impossivel. Suas previsões se realizaram, no curso dos meses seguintes. Ante a crise econômica mais séria da história francesa, os governos fracos foram desfilando, impotentes, um após outro.

Esses insucessos dariam origem, no começo de 1947, à idéia do *Rassemblement du Peuple Français*, com o lema

de «governo honesto e eficiente, acima dos partidos.» De Gaulle voltou, outra vez, à atividade, viajando, sondando a opinião pública, discursando. Seus partidários ganhavam força, rapidamente, e nas últimas eleições municipais—sintoma preciso das tendências políticas do povo francês—conquistaram mais votos do que qualquer outro partido.

Neste momento, De Gaulle continua vivendo, com simplicidade, em Colombey-les-Deux-Églises. Dois secretários auxiliam-no a atender à sua colossal correspondência e aos visitantes. O dia de trabalho do General começa às 9 da manhã, quando percorre pilhas de jornais, para sentir o pulsar da opinião do país. Tem extraordinária memória para fatos e surpreende os secretários quando prepara, em poucos minutos—com letra oblíqua, pequena e veloz—um esplêndido discurso ou artigo que eles calculavam requerer longas horas de trabalho.

Como bom francês, De Gaulle aprecia extremamente um tranquilo e lauto almoço. Quase todos os dias, chegam de París, para almoçar com ele, amigos, correligionários e políticos de todas as facções. Durante a refeição, o General saboreia sempre um bom vinho tinto. Depois, servem-lhe café, conhaque e charutos. Cruza, então, as pernas de «espargo gigante» e, ou discorre sobre os assuntos em foco, ou escuta; sabe fazer ambas as coisas com propriedade. Muitas personalidades francesas têm saido desses almoços com uma impressão bem diferente desse homem, de aparência tão solene e autoritária. Dedica ao trabalho quase todo o resto do dia e da noite. «Você não pode esperar que os seus subordinados,» disse De Gaulle a um oficial, «se dediquem mais ao trabalho do que você mesmo.» E leva à prática, com todo o rigor, esse princípio.

De Gaulle tem dito e repetido que a França não necessita nem tolerará jamais um ditador, qualquer que seja. O que ele deseja é um governo mais centralizado, que permita ao chefe do Executivo atuar rápida e eficientemente em casos de emergência, liberto da dependência completa às interminaveis discussões da Câmara dos Deputados. Os opositores de De Gaulle sustentam que esse seria apenas o primeiro passo do General no sentido de satisfazer a sua ambição de proclamar-se senhor absoluto da França. Seus partidários retrucam lembrando que ele poderia, se o quisesse, ter-se feito ditador, sem dificuldade, quando teve em suas mãos o controle do país; ao invés disso, o General renunciara a todo poder.

Somente o futuro poderá dizer-nos com quem está a razão.

QUEM construiu castelos no ar não perdeu tempo. Para completá-los, bastará, apenas, dar-lhes alicerces.

—Thoreau, nos seus *Notebooks*

Trabalhe duro, se quiser, mas...

DIVIRTA-SE TAMBEM

(*Condensado de «Recreation»*)

Por Howard Whitman

O dr. Mark A. May, professor de Psicologia Educacional da Universidade de Yale, conta a história de um tranquilo chinês que via pela primeira vez um jogo de tenis, disputado por alguns missionários. Viu-os atirarem-se furiosamente para a bola, correr exhaustivamente da linha de fundo até a rede, transpirando copiosamente. Num intervalo entre dois jogos, perguntou afinal a um deles: «Desculpe-me, mas por que não arranjam uns *coolies* para fazer esse trabalho?»

O que está preocupando o dr. May, e deveria preocupar-nos a todos, é a falta de equilíbrio entre trabalho e distração, na vida moderna. Quanta gente se esquece de divertir-se, enquanto outros fazem do divertimento um trabalho! Outros, como o chinês amavel, parecem não ver diferença alguma entre um e outro.

Precisamos agora, como poucas vezes temos precisado, da saude emocional que só se obtem por uma distribuição equilibrada de trabalho e recreio. Precisamos do aumento de produtividade obtido pelos que acham tempo para fazer uma pausa e tornar a carregar as baterias. Bem podemos dispensar a atividade errática do homem que às vezes chamamos «dínamo», que nunca se diverte e frequentemente acaba num consultório médico, a ouvir o ultimatum implacavel: «Feche o escritório e descanse durante seis meses; do contrário, não me responsabilizarei pelo resultado!»

Qual a diferença entre trabalho e recreio? Eis como a resume certo médico de renome: «O psiquiatra diverte-se e descansa fazendo horticultura; o florista, trabalhando de carpinteiro; o carpinteiro, sendo artista; o artista, fazendo de cozinheiro; e o cozinheiro pode divertir-se... com a psiquiatria, como fazem alguns milhões de espíritos joviais.»

A distinção entre trabalho e divertimento não está propriamente na atividade executada, mas no espírito de quem a executa, pois a atitude do indivíduo pode transformar uma labuta fastidiosa em alegre divertimento, ou vice-versa.

Certo psiquiatra famoso deu-me a seguinte definição de algibeira: «Distrair-se é escolher livremente alguma atividade que não se relacione com necessidade financeira ou qualquer pressão exterior; atividade que desenvolvemos unicamente pela satisfação que nos dá, e que podemos interromper à vontade ou substituir por outra, quando nos aprouver.»

Esse psiquiatra colhe bastante satisfação em sua carreira; mas quando chega a vez do divertimento puro—sem nenhuma obrigação ou necessidade—volta-se para os albuns de selos e os pássaros e ocupa-se com eles «apenas por prazer». Ninguem procura saber se ele é bom ou mau filatelista ou ornitólogo.

Trabalho, porem, implica valor monetário e tem de ser feito quer se queira, quer não. É o que o professor May chama de «atividade ansiosa». Muitos temem não estarem à altura das funções, temem que o trabalho não seja bem sucedido. E muitas vezes essa ansiedade impede toda satisfação real. Temor e divertimento não se dão bem juntos.

Observe o leitor como o trabalho e o recreio estão distribuidos em sua vida. Dedica-se a alguma atividade agradavel, não compulsória, suficiente para contrabalançar a atividade ansiosa do trabalho? O General Eisenhower compreendia a necessidade desse equilíbrio quando, mesmo durante a guerra, conservou o costume de jogar *bridge* e ler romances. Ao planejar a invasão da França, descuidou-se dos passeios a cavalo nos domingos, e só os reencetou ao receber uma mensagem do General Marshall, dizendo-lhe que não abandonasse essa distração dominical.

Na Universidade de Chicago, o professor Mandel Sherman vem estudando o equilíbrio entre trabalho e recreio, em centenas de casos que lhe têm vindo ao laboratório de psicologia. Segundo suas observações, muitas pessoas têm a concepção errônea de que distração é luxo, ou mesmo um desperdício de tempo. «Acham que o recreio deve ser deixado para quando for absolutamente essencial ou quando o trabalho estiver acabado. Assim, não aproveitam bem as horas vagas.»

Alguns não as aproveitam porque se preocupam demasiado com as despesas. Qualquer médico, porem, dirá que razoaveis somas de dinheiro aplicadas em recrear-se constituem a mais segura aplicação de capital que se pode fazer. O indivíduo que se jacta de «não ter tirado férias há mais de cinco anos» assemelha-se ao motorista que se gabasse de «não ter trocado o óleo do automovel nos últimos 10 mil quilômetros.»

Como se pode obter equilíbrio entre trabalho e recreio? Apenas a sensação dum estado tenso, de irritabilidade e preocupação, pode mostrar que a pessoa não se está distraindo suficientemente. E uma das piores coisas que se podem fazer é separar umas tantas horas por semana, arregaçar as mangas, e divertir-se. Tenho visto exemplos de casmurros jogadores de golfe, lutando para ir de jogada em jogada, numa resolução de «ou faço ou morro» até completar a quota dominical de esporte.

Muitas vezes se escolhe uma recreação adequada. Um dos prazeres que advêm de dedicar-nos a qualquer atividade recreativa, é sentir-nos exímios em alguma coisa. Quem não brilha numa, tem de achar alguma outra em que possa sobressair. Talvez conviesse ao casmurro jogador de golfe outro esporte—a navegação a vela, por exemplo, esporte que não exige o esforço de fazer uns tantos pontos....

A certeza de obter-se satisfação é um dos encantos do recreio. Se alguem não consegue ser bom advogado, ou engenheiro, poderá talvez tornar-se perito como pescador, atirador, alpinista, patinador, e assim por diante; ou será capaz de organizar boas coleções de botões de vidro ou de caixas de fósforos. Em atividades recreativas a gente pode escolher o que lhe der na veneta, e, se a atividade não agradar, arranja-se outra...

O crescente uso das atividades recreativas na terapia mental indica que todos podemos dar livre curso, no campo de tenis ou de golfe, ou numa pescaria, a alguns dos sentimentos íntimos que não se podem expandir no trabalho. Por exemplo: um esporte pode proporcionar, em forma socialmente aceitavel, expansão para a agressividade natural. Pode-se golpear ou dar pontapés numa bola, fisgar um peixe ou esmurrar um adversário no box, sem que ninguem nos acuse de conduta anti-social. Antigamente, na Índia, os budistas, que consideravam criminosa a atividade guerreira, voltavam-se para o jogo de xadrez como «equivalente moral» que lhes dava oportunidades de atacar, sitiar, encurralar e aniquilar os oponentes, sem provocar derrame de sangue.

Todo indivíduo deve esforçar-se por obter pelo menos quatro tipos satisfatórios de atividade recreativa, combinando-os afim de atender a suas inclinações pessoais. Por exemplo: uma coleção de selos saciará o instinto aquisitivo; a carpintaria satisfará a tendência criadora; o tenis dará expansão à agressividade; e o alpinismo satisfará a necessidade de dominar e sobrepujar. Quanto mais âncoras tivermos contra os ventos, menos probabilidades teremos de ir a pique nas tempestades da vida.

Para quê tanta pressa?

A POLÍCIA de Detroit fez uma experiência com dois automoveis num percurso de 18 quilômetros através da cidade. Um dos motoristas foi autorizado a dirigir o mais depressa possivel, para completar o percurso em menos tempo, mesmo à custa de algumas imprudências. Ao segundo, recomendaram que dirigisse com toda a cautela e respeito pelas leis do tráfego. O «louco» conseguiu ganhar apenas 3 minutos, ou sejam 10 segundos por quilômetro.

—Paul W. Kearney

O tratamento mais promissor para uma doença que aflige milhões de pessoas

Contra a sinusite: «vapor» de penicilina

(*Condensado de «Hygeia»*) Por Lois Mattox Miller

O CASO de Jack White, menino americano de 15 anos de idade, tem todas as probabilidades de se tornar um marco memoravel na já longa jornada da Medicina, em seus esforços para levar alívio ou cura aos muitos milhões de pessoas que, por esse mundo a fora, sofrem de sinusite. Com efeito, segundo consta dos arquivos médicos, foi ele o primeiro a ser tratado de uma sinusite renitente e crônica, e com pleno resultado, por um processo que utiliza o «vapor» de penicilina.

Os sofrimentos desse menino começaram logo na primeira infância, com uma infecção aguda do ouvido médio, acompanhada de perfuração de ambos os tímpanos. Aos três anos de idade teve outro acesso infeccioso, desta vez complicado pela mastoidite. Durante os dez anos seguintes o menino manteve-se doentio e nervoso. Estava sempre cansado, tinha peso insuficiente e afligia-o um escorrer constante de líquido do nariz e dos ouvidos. Aos 13 anos, após um ataque de sarampo, ficou com a audição seriamente prejudicada. Em 1945, seus males foram diagnosticados como «sinusite crônica» pelos médicos de um famoso hospital de Nova York.

Afortunadamente, a essa data já se conhecia uma terapêutica inteiramente nova para acudir ao pobre pequeno —a inalação de penicilina vaporizada. Este novo tratamento foi-lhe aplicado duas e três vezes por dia, até que, ao cabo de dez dias, Jack havia inalado mais de um milhão de unidades do prodigioso medicamento. Logo ao terceiro dia de aplicação, os médicos registaram «acentuada melhoria»: a secreção nasal desaparecera, e o gurí recuperava a audição de maneira notavel. A fadiga crônica e a letargia desapareciam, e Jack experimentava um sentimento de bem-estar que nunca havia conhecido em sua vida de constante padecimento. Ao undécimo dia as radiografias revelavam que os seios faciais estavam completamente limpos. Quase um ano depois, os médicos declaravam que Jack continuava a sen-

tir-se perfeitamente bem; e ainda há pouco seus pais confirmaram que o sofrimento não se tinha renovado, e que o rapaz ouvia muito melhor.

Desde então o «vapor» de penicilina tem sido aplicado a centenas de casos de sinusite crônica e aguda, no mesmo hospital novaiorquino e em outros centros médicos, e a técnica vem sendo usada com crescente frequência pelos clínicos. Registam-se melhoras em cerca de 70 por cento dos doentes.

Alem das sérias dores de cabeça que provoca, a sinusite crônica pode causar obstrução no nariz, que parece sufocar o doente, grande fadiga, irritabilidade nervosa e mal-estar geral.

As complicadas cavernas ósseas do crânio, na região convizinha do nariz, a que os médicos chamam «seios nasais acessórios»—servem normalmente o fim util de dar ressonância à voz e de aquecer ligeiramente o ar inalado pelo nariz, antes que ele chegue aos pulmões. Mas todas essas inúmeras cavidades, muitas delas pequeníssimas, mostram-se extremamente suscetiveis à infecção, e, por serem pouco ou nada acessiveis, muito dificeis de tratar. Todos os seios faciais são naturalmente revestidos de uma mucosa que constitui campo de cultura quente e fertil para as bactérias que alí chegam, e, o que é pior, para os germes de doenças tais como a influenza, o sarampo, a escarlatina e a pneumonia.

As mucosas que revestem os seios da face podem ficar então inflamadas e inchadas, produzindo uma secreção amarela ou verdosa, que vai ser descarregada pelo nariz, como nos resfriados pertinazes. Ora, ao incharem, as mucosas provocam a oclusão das delicadas aberturas dos seios, o que torna dificil, e até impossivel, a drenagem ou descarga; daí, a acumulação das secreções e o congestionamento dessas pequenas cavidades, que vai produzir a sensação de compressão, e por vezes dores de cabeça atrozes. Essa infecção «à porta fechada» pode afetar a vista, o ouvido, e até o próprio cérebro.

A medicina vinha procurando há muito um tratamento eficaz para a sinusite. Durante 15 anos de extremo sofrimento para o pequeno Jack, os médicos experimentaram nele toda a variedade de terapêuticas conhecidas: aplicações de calor úmido, diatermia, drenagem artificial, sedativos. Esses tratamentos têm dado alívio em certos casos de sinusite, mas não deram resultado no dele, nem em muitos outros. Os processos cirúrgicos, conquanto por vezes bem sucedidos, são demasiado drásticos para aplicação geral. A maior parte dos remédios empregados em inalações e gotas davam resultado, apenas, porque contraíam as mucosas inflamadas, produzindo um alívio temporário; mas ofereciam, por outro lado, certos perigos, quando persistentemente usados. O imenso exército das vítimas de sinusite recorria, em desespero de causa, a remédios caseiros, ou então a charlatães que apregoavam «curas milagrosas».

De 1935 em diante a pesquisa concentrou-se, com muitas esperanças, nas sulfas, que acabavam de aparecer; em seguida, com a introdução da penicilina, muitos especialistas de nariz e ouvidos julgaram ter em mãos o remédio há tanto esperado. Mas ainda faltava resolver este problema: como se poderia ministrar a penicilina em uma concentração suficientemente elevada para combater as infecções dos seios faciais? A maneira habitual de fazer atuar a penicilina sobre as infecções internas é, como se sabe, introduzí-la na corrente sanguínea; mas as injeções intramusculares ou endovenosas de penicilina não se revelavam eficazes contra a sinusite.

Em 1944 o dr. Vernon Bryson e o seu colaborador conseguiram produzir no Laboratório Biológico de Cold Spring Harbor, Estado de Nova York, a suspensão de partículas de penicilina em um gás. As experiências revelaram que a droga, assim «vaporizada», se depositava eficazmente nos pulmões, ao ser inalada. Estes estudos sugeriram toda uma nova técnica de utilização da penicilina no tratamento das doenças das vias respiratórias.

No Medical Center de Nova York, o dr. Alvan Barach e seus colaboradores começaram a empregar a penicilina «vaporizada» no tratamento da asma bronquial, da bronquite crônica, dos abcessos e outras infecções pulmonares. Conceberam e montaram um aparelho em que o oxigênio, ao sair de um cilindro sob pressão, passava através de uma solução concentrada de penicilina. Esta, «atomizada», era então inalada por um tubo de vidro introduzido na boca do paciente. Uma vez que os seios nasais são dependências do aparelho respiratório, em ligação direta com ele, os pesquisadores experimentaram tambem ligar ao aparelho tubos para inalação nasal, e começaram a tratar a sinusite com a aspiração nasal da «névoa».

Esses primeiros assaltos contra a sinusite eram um mero incidente nos estudos do dr. Barach sobre o efeito da penicilina vaporizada nas doenças bronco-pulmonares. Mas as experiências convenceram os médicos de que estavam manejando uma arma das mais promissoras, que poderia vir a tornar-se eficaz tambem contra as infecções dos seios faciais. Aquí, detiveram-se para abranger o problema em todos os seus aspectos. Os seios nasais encontram-se normalmente cheios de ar; nessas condições, não seria preferivel, e mais eficaz, retirar previamente o ar dos seios, todas as vezes que se fizesse a aspiração da penicilina «atomizada», com o seu veículo, o oxigênio? Para o conseguir, imaginaram um aparelho que alternadamente rarefaz o ar do interior dos seios, conforme o doente engole, e em seguida permite à penicilina «pulverizada» insinuar-se nessas cavidades.

Tal era o nivel a que haviam chegado as experiências com a penicilina vaporizada, em 1945, quando o pequeno Jack White se apresentou a tratamento. Os animadores resultados obtidos no seu caso, confrontados com os que em seguida se obtiveram, levaram os pesquisadores à convicção de que haviam dado enfim com o processo adequado.

Uma vantagem desse processo consistia, ainda, em que a aparelhagem

necessária à sua aplicação era suficientemente econômica para se poder instalar no consultório comum do médico de família; mas os casos mais sérios exigiam tratamento duas e três vezes por dia, durante quinze dias ou mais. Isto equivalia para o doente a ter que hospitalizar-se, ou a fazer grande número de visitas ao consultório médico. A solução ideal seria que o próprio médico iniciasse o tratamento, e ensinasse ao doente a maneira de continuá-lo em sua própria casa. O oxigênio em cilindros de compressão tornava-se excessivamente caro para a imensa maioria dos doentes. Em face disso, os assistentes do dr. Barach criaram um aparelho simplificado, e nada caro, munido de uma bomba de pedal, ou manual, para a auto-aplicação.

É evidente que o tratamento a domicílio não se deve tentar enquanto o doente não houver sido examinado pelo seu médico, e não tiver aprendido com este a aplicar a técnica respetiva. Esta técnica específica, é preciso aprendê-la, e a dose de penicilina tem que ser receitada para cada caso.

Alem disso o tratamento pode oferecer inconvenientes, que compete ao médico experiente reconhecer e contrabalançar. Certos doentes ficam com a língua irritada. Pode-se evitar isto lavando a boca com um bochecho depois de cada tratamento. Outros doentes têm reações alérgicas. Os médicos afirmam que estas se podem combater, bastando em muitos casos substituir a solução da penicilina, ou adicionar-lhe qualquer das recentes drogas anti-alérgicas, tais como a piribenzamina, ou o benadril.

Esta nova terapêutica, escusado seria insistir, não é cura certa e universal! Por exemplo, não dará alívio aos doentes cuja sinusite for apenas uma reação alérgica a certos alimentos ou a substâncias suspensas no ar. Mas na imensa maioria das infecções autênticas dos seios faciais, causadas por organismos bacterianos suscetiveis à ação da penicilina, não resta dúvida que este tratamento é, sem comparação, o mais simples, o mais seguro, e o mais eficaz de que até hoje a medicina pôde lançar mão.

Seu nariz está mais comprido?

QUANDO um amigo encontra outro, depois de alguns anos de ausência, costuma dizer-lhe: «Você mudou um pouco, mas não sei precisamente em quê.» O dr. Ales Hrdlicka, antropólogo da Smithsonian Institution, que terá medido mais crânios e rostos do que qualquer outro homem, assim nos explica essas mudanças: «Alguns traços nunca cessam de desenvolver-se. As orelhas crescem, o nariz se alonga e alarga e a boca se dilata no decurso da vida.»

—*The Literary Digest*

Estas impressões, de quem já dobrou o Cabo da Boa Esperança dos anos, não darão ao leitor nenhum consolo, mas pode ser que o ajudem a envelhecer com maior resignação...

VIVE-SE, DEPOIS DOS QUARENTA?

(*Condensado de «Saturday Evening Post»*)

Robert M. Yoder

HOMENS e mulheres anseiam por chegar aos 21 anos de idade; os homens, especialmente, folgam em atingir os 30, e ninguem se aflige muito ao completar 38 ou mesmo 42 anos. Mas atingir os 40 é como alcançar uma curva perigosa da estrada, que se prevê seguida de precipícios...

Um dia destes coube-me contornar o Cabo da Boa Esperança dos 40, e agora me acho capacitado a dar minhas impressões de como a gente se sente do lado de cá. E posso dizer que é exatamente como outros já tinham explicado. Não admira, pois, que se tenham escrito tantos livros afim de persuadir os quarentões de que a vida não termina aí. E começamos então a compreender o motivo do enorme êxito de uma obra como a do prof. Walter Pitkin, *A vida começa aos 40*, um legítimo *best seller*. Um livro que se intitulasse *A fortuna de ser pobre* teria despertado o mesmo entusiasmo no público. Quando se chega aos 40, a gente não só faz uma pausa, como tambem chega a duvidar se será possivel prosseguir na marcha; seja como for, é uma sensação bem desconcertante...

É claro que chegar aos 40 é iniciar o período da «meia idade», o que não deixa de ser um choque para os rapazes como nós... Mas o fato em si nos sobrevem da maneira mais natural possivel. Um dia estamos ainda na casa dos 30, e a seguir, sem quase nada que nos assinale diferença alguma, descobrimos que completamos os temidos 40 janeiros. Ao despertar, nesse dia, notamos sentir algo estranho, mas não muito diferente do que sentíamos quando tínhamos 39. O efeito é realmente mais de emoção e deve ser semelhante ao de um cavalo de corrida que se vê condenado a puxar carroça.

O mais curioso, ao chegarmos aos 40, são as observações dos médicos. Enquanto estamos na casa dos 30, mostram-se eles bastante preocupados: «O senhor aparenta ter mais de 35,» dizem uns. Mas, uma vez que dobramos a curva dos 40, mostram-se mais complacentes, e nos falam com ares de um chofer que aprecia um carro de luxo modelo 1920, concluindo afinal que o calhambeque ainda anda bem. E nenhum médico nos despede do consultório sem observar: «Como é natural, aos 40 uma pessoa não pode fazer as proezas que fazia aos 20 anos. Nessa idade, entretanto, já tem tino bastante para ver que seria ridículo tentar essas proezas, embora ainda haja o desejo de realizá-las.»

Os médicos revelam então maiores cuidados com nossa saude, aconselhando-nos a que nos resguardemos contra os excessos, conselhos que seguimos sem recalcitrar. A essa idade, dizem, não mais podemos passar noites em claro, como nas pândegas de outrora. Aos 40, temos que beber mais moderadamente, restrição que recebemos de bom grado, graças à nossa longa experiência em matéria de ressacas.

Como bons quarentões, podemos apresentar-nos com a maior elegância, sem correr o risco de inspirar loucas paixões às moças... Ao chegarmos aos 40, as pequenas nos tratam por «o senhor», e nesse tratamento vislumbramos seu bem evidente desinteresse. Entramos, assim, para a categoria de meros substantivos, tais como árvores, rios, montes... Diante de um de nós, metido na pele de um sujeito «vivido», as mocinhas deviam tremer como pombas assustadas; mas, ao invés disso, bocejam com enfado! A conclusão a tirar daí é que assim nos mantemos alheios a situações complicadas, que já não cabem à nossa idade, das quais, porem, ainda quiséramos participar.

Não temos, aos 40, o duplo da agudeza que tínhamos aos 20, mas apresentamos certas e definidas diferenças —quase todas, diferenças de atitude.

Aos 20, por exemplo, subimos agilmente ao galho mais alto de uma árvore para colher a flor ou o fruto desejado pela namorada com quem passeamos. Aos 40, fazemos que não ouvimos bem a manifestação do desejo da querida criatura, e argutamente dirigimos os passos noutra direção...

Se aos 20 tivermos notícia de que um amigo foi preso por advogar certos princípios, prontificamo-nos logo a organizar comícios de protesto ou a meter-nos na cadeia com ele. Aos 40, telefonamos à Polícia, para tentar obter a liberdade do amigo, o que é muito mais prático.

Aos 20, a gente é capaz de trabalhar até altas horas da noite, durante toda uma semana se necessário, afim de dispor de tempo para comparecer a uma festa. Mas, na quadra dos quarentões, recusamos ficar na rua depois da meia-noite, mesmo que seja para presenciar uma orgia romana... Quando estamos numa festa e suspeitamos que vai haver dança, procuramos «dar o fora», pois dançar já é para nós, nessa idade, um exhaustivo trabalho físico.

Aos 20, teríamos ficado toda uma noite em fila para pegarmos lugar no primeiro avião atômico; aos 40, só ficaríamos em fila... para conseguir uma poltrona onde descansar.

Aos 20, seríamos capazes de expor-nos à chuva, num estádio, para apreciar um jogo de futebol; aos 40, diremos do alto do nosso fingido entusiasmo: «Gostaria de ver o jogo... no cinema.»

Aos 20, trocamos de gravata seis vezes, até encontrarmos a que vá melhor com nosso terno novo; mas, ao dobrar a curva dos 40, somos capazes de ir a uma recepção presidencial com calças emprestadas e punhos presos com alfinetes em lugar de botões.

Notamos aos 30 que estamos «criando barriga», e logo nos atiramos aos exercícios físicos e deixamos de comer sobremesa. Mas, aos 40, devoramos iguarias gordurosas e tortas de creme, e mandamas o alfaiate alargar o cós das calças.

Afinal de contas, a situação parece-me resumir-se nisto: os 40 têm certas vantagens, embora pequenas. Muitos de meus amigos, que atingiram essa idade, aí estão, corpulentos e «respeitaveis»—como pilares da comunidade, que ainda ontem se preocupava com as suas travessuras.

Julgávamos outrora que, ao chegar a esta idade, desceríamos a encosta suavemente; mas hoje, quarentões, notamos que a descida vai sendo feita aos trancos e barrancos...

Conversa de grã-finos

NUMA DAS grandes festas dadas por Atwater Kent, a atriz Betty Hutton ouviu a esposa de certo escritor, bilontra famoso, perguntar ao dono da casa:

—Onde andará aquela loura que estava servindo as bebidas?

—Não sei, confessou Kent. —Você está procurando alguma coisa para beber?

—Não, retrucou a outra. —Estou procurando meu marido!

—Jimmie Fidler, no *Screen Romances*

O fio da navalha

O SENADOR norte-americano William Howard Taft, quando juiz federal, sentou-se certa manhã numa cadeira de barbeiro.

—O sr. é que é o Juiz Taft? perguntou o barbeiro, enquanto lhe ensaboava o rosto.

—Sou eu mesmo, respondeu Taft, acomodando melhor o seu corpanzil na cadeira.

—Lembra-se de um camarada chamado Stebbins? O sr. aplicou-lhe 20 anos.

O barbeiro estava afiando a navalha com cuidados especiais. Era um homenzarrão queimado pelo sol, com uma impressionante cicatriz que lhe ia da testa ao queixo.

—Lembro-me, sim, respondeu o juiz. —Um mau elemento.

—É meu irmão, disse o barbeiro, ao encostar a navalha ao pescoço do magistrado. Durante os minutos seguintes, só se ouviu na pequena barbearia o raspar da navalha. Ao sentir o aço frio sobre o queixo e a garganta, o juiz começou a suar. Fechou os olhos, contemplou a eternidade, e esperou...

Finalmente, o barbeiro afastou-se uns passos, fechou a navalha e disse:

—O sr. fez bem. Meu irmão é um malandro, e o lugar dele é mesmo no xadrez.

—Colaboração de Herbert L. Maris

«Bonus notches,» amigo

Por Dorothy Walworth

Vímo-lo na prancha, quando os taifeiros, a altas vozes, pediam que descessem de bordo as pessoas que não iam viajar. Estava metido no seu sobretudo novo, e era um velho forte, enrugado como uma noz. Ao seu lado estava a esposa, pequena e sequinha, com o véu a enredar-lhe os óculos, e o ramalhete de rosas vermelhas, que trazia no peito, a murchar no frio do inverno.

Poucos eram os amigos que tinham afrontado a frígida temperatura de Nova York para o bota-fora dos passageiros. No entanto, o casal de velhos foi cercado por um bando alegre e palrador de homens corados, pobremente vestidos, e de mulheres cuja indumentária deixava transparecer sinais de longo uso. Todos lamentavam que não lhes fosse possivel fazer, como Ed e Marge, uma bela viagem à América do Sul.

Tocou o apito. Os amigos de Ed e Marge gritavam do cais: «Lembranças ao rapaz!» Marge começou a chorar, enredando ainda mais os óculos no véu. «Deixa disso, minha velha,» consolou Ed. «Então não estás contente?» Ao que ela respondeu: «Eu queria que eles todos pudessem ter a nossa sorte.»

O navio não era um transatlântico. Levava apenas 40 passageiros, e fazia o transporte de carga entre a América do Norte e a do Sul, com escalas no Panamá, Equador e Perú. A maioria dos passageiros ia a negócio, e para eles a viagem por mar não era novidade. Pareciam cansados, e davam a impressão de não estarem dispostos a estabelecer intimidades a bordo. Dir-se-ia que Ed e Marge nunca estariam à vontade com tal grupo.

Depois do jantar, meu marido e eu fomos dar umas voltas pelo tombadilho, trocando cumprimentos discretos com os outros passageiros. Sempre que passávamos pelas pessoas de fala espanhola, dizíamos «*Buenas noches*», desejando que nosso sotaque saisse correto. Ed, porem, não se preocupava com o sotaque. Saudava confiadamente, com o humor cordial de um bom vizinho: «Bonus Notches!»

Na manhã seguinte, quando saimos para o tombadilho, o ar estava mais quente. Sob a maciez do céu, o mar, coberto de largas franjas brancas, mantinha-se sereno. Ed conversava com um marujo que carregava um balde e esfregão. Quando nos aproximamos, deu uma pancada de punho fechado nas costas de meu marido.

«Olhe só aquele sol!» exclamou, apontando para um clarão vermelho a leste. «Hoje pulei cedo da cama para não perder minha primeira alvorada a bordo. Você sabe, é a primeira vez que eu e a velha viajamos de navio. Para confessar a verdade, nunca saimos de Nova Jersey... Você viu os nossos vizinhos no cais?» continuou. «Todos eles têm pequenas granjas, como nós. Pois apesar do gelo nas estradas, fizeram mais de cento e cinquenta quilômetros para nos dizer adeus. Nós dois chegamos a Nova York a semana passada. Ficamos no hotel Waldorf-Astoria. Aquele reboliço e todas aquelas etiquetas deixaram minha mulher cansada. Mas eu sei que ela não há-de querer perder aquele sol. Vou buscá-la. Bonus Notches, meu amigo.» Para ele não tinha importância que «*Buenas noches*» fosse uma saudação usada somente à noite...

No fim desse primeiro dia, toda a gente o chamava «Bonus Notches». Falava a todos sobre coisas que, para as pessoas viajadas, já não constituiam novidade: o taifeiro trouxera a primeira refeição para ele e a esposa. Que beleza de conforto! Os guardanapos brancos... as luzinhas por cima das camas, tão a jeito para acender e apagar...

Eu e meu marido logo sucumbimos ao calor de tamanha comunicabilidade. Mas a voz de Bonus Notches, seu linguajar trôpego, sua ingênua presunção de que todos éramos amigos, incomodavam a muitos passageiros.

«Mas era fatal!» queixou-se uma senhora americana que se sentava à nossa mesa, no salão de refeições. «Fazemos os maiores esforços para mostrar aos sul-americanos que não somos uma nação de gente mal educada. E vem agora esta criatura contar coisas sobre o apartamento no Waldorf-Astoria, para todo o navio ouvir. É o tipo do turista vulgar, que só serve para comprometer a política de boa vizinhança. Felizmente falo o espanhol e posso dizer aos latino-americanos que viajam conosco:—Por favor, não julguem o nosso país por um homem como esse!»

«Pois eu estimaria muito que os sul-americanos julgassem o nosso país por Bonus Notches,» volveu meu marido com firmeza. «É dessa espécie de homens que a gente ainda encontra, graças a Deus, em todos os recantos dos Estados Unidos, na zona rural da Nova Inglaterra, nos trigais do Nebrasca, entre os madeireiros do Oeste. Ele tem todas as virtudes que construiram o nosso país, inclusive este velho traço americano: a naturalidade...»

Na manhã do terceiro dia, tínhamonos reunido no amplo tombadilho dos banhos de sol. Recostados nas cadeiras, guardávamos completo silêncio. Quando o taifeiro nos trouxe uma sopa às onze horas, Bonus Notches veio juntar-se ao grupo, mas não tomou nada. Ao invés disso, ficou parado, as pernas separadas e as mãos enterradas nos bolsos, a olhar-nos durante tanto tempo, que já nos constrangia.

«Ando com uma coisa atravessada para contar aos amigos,» começou ele. «Não quero que vocês me tomem pe-

«Bonus notches,» amigo

Por Dorothy Walworth

Vímo-lo na prancha, quando os taifeiros, a altas vozes, pediam que descessem de bordo as pessoas que não iam viajar. Estava metido no seu sobretudo novo, e era um velho forte, enrugado como uma noz. Ao seu lado estava a esposa, pequena e sequinha, com o véu a enredar-lhe os óculos, e o ramalhete de rosas vermelhas, que trazia no peito, a murchar no frio do inverno.

Poucos eram os amigos que tinham afrontado a frígida temperatura de Nova York para o bota-fora dos passageiros. No entanto, o casal de velhos foi cercado por um bando alegre e palrador de homens corados, pobremente vestidos, e de mulheres cuja indumentária deixava transparecer sinais de longo uso. Todos lamentavam que não lhes fosse possivel fazer, como Ed e Marge, uma bela viagem à América do Sul.

Tocou o apito. Os amigos de Ed e Marge gritavam do cais: «Lembranças ao rapaz!» Marge começou a chorar, enredando ainda mais os óculos no véu. «Deixa disso, minha velha,» consolou Ed. «Então não estás contente?» Ao que ela respondeu: «Eu queria que eles todos pudessem ter a nossa sorte.»

O navio não era um transatlântico. Levava apenas 40 passageiros, e fazia o transporte de carga entre a América do Norte e a do Sul, com escalas no Panamá, Equador e Perú. A maioria dos passageiros ia a negócio, e para eles a viagem por mar não era novidade. Pareciam cansados, e davam a impressão de não estarem dispostos a estabelecer intimidades a bordo. Dir-se-ia que Ed e Marge nunca estariam à vontade com tal grupo.

Depois do jantar, meu marido e eu fomos dar umas voltas pelo tombadilho, trocando cumprimentos discretos com os outros passageiros. Sempre que passávamos pelas pessoas de fala espanhola, dizíamos «*Buenas noches*», desejando que nosso sotaque saisse correto. Ed, porem, não se preocupava com o sotaque. Saudava confiadamente, com o humor cordial de um bom vizinho: «Bonus Notches!»

Na manhã seguinte, quando saimos para o tombadilho, o ar estava mais quente. Sob a maciez do céu, o mar, coberto de largas franjas brancas, mantinha-se sereno. Ed conversava com um marujo que carregava um balde e esfregão. Quando nos aproximamos, deu uma pancada de punho fechado nas costas de meu marido.

«Olhe só aquele sol!» exclamou, apontando para um clarão vermelho a leste. «Hoje pulei cedo da cama para não perder minha primeira alvorada a bordo. Você sabe, é a primeira vez que eu e a velha viajamos de navio. Para confessar a verdade, nunca saimos de Nova Jersey... Você viu os nossos vizinhos no cais?» continuou. «Todos eles têm pequenas granjas, como nós. Pois apesar do gelo nas estradas, fizeram mais de cento e cinquenta quilômetros para nos dizer adeus. Nós dois chegamos a Nova York a semana passada. Ficamos no hotel Waldorf-Astoria. Aquele reboliço e todas aquelas etiquetas deixaram minha mulher cansada. Mas eu sei que ela não há-de querer perder aquele sol. Vou buscá-la. Bonus Notches, meu amigo.» Para ele não tinha importância que «*Buenas noches*» fosse uma saudação usada somente à noite...

No fim desse primeiro dia, toda a gente o chamava «Bonus Notches». Falava a todos sobre coisas que, para as pessoas viajadas, já não constituiam novidade: o taifeiro trouxera a primeira refeição para ele e a esposa. Que beleza de conforto! Os guardanapos brancos... as luzinhas por cima das camas, tão a jeito para acender e apagar...

Eu e meu marido logo sucumbimos ao calor de tamanha comunicabilidade. Mas a voz de Bonus Notches, seu linguajar trôpego, sua ingênua presunção de que todos éramos amigos, incomodavam a muitos passageiros.

«Mas era fatal!» queixou-se uma senhora americana que se sentava à nossa mesa, no salão de refeições. «Fazemos os maiores esforços para mostrar aos sul-americanos que não somos uma nação de gente mal educada. E vem agora esta criatura contar coisas sobre o apartamento no Waldorf-Astoria, para todo o navio ouvir. É o tipo do turista vulgar, que só serve para comprometer a política de boa vizinhança. Felizmente falo o espanhol e posso dizer aos latino-americanos que viajam conosco:—Por favor, não julguem o nosso país por um homem como esse!»

«Pois eu estimaria muito que os sul-americanos julgassem o nosso país por Bonus Notches,» volveu meu marido com firmeza. «É dessa espécie de homens que a gente ainda encontra, graças a Deus, em todos os recantos dos Estados Unidos, na zona rural da Nova Inglaterra, nos trigais do Nebrasca, entre os madeireiros do Oeste. Ele tem todas as virtudes que construiram o nosso país, inclusive este velho traço americano: a naturalidade...»

Na manhã do terceiro dia, tínhamonos reunido no amplo tombadilho dos banhos de sol. Recostados nas cadeiras, guardávamos completo silêncio. Quando o taifeiro nos trouxe uma sopa às onze horas, Bonus Notches veio juntar-se ao grupo, mas não tomou nada. Ao invés disso, ficou parado, as pernas separadas e as mãos enterradas nos bolsos, a olhar-nos durante tanto tempo, que já nos constrangia.

«Ando com uma coisa atravessada para contar aos amigos,» começou ele. «Não quero que vocês me tomem pe-

lo que não sou. Para encurtar a história, minha mulher e eu nunca poderíamos aguentar as despesas desta viagem, mesmo que vivêssemos um milhão de anos. Foi o nosso rapaz que pagou tudo.»

Houve um curto silêncio. E Bonus Notches prosseguiu, com apaixonado orgulho: «Nós tivemos dois filhos. Botamos o mais velho, Tom, na universidade, porque sempre admirei gente de preparo. O mais moço nunca teve oportunidade de estudar. Morreu na guerra, no Pacífico.

«Bem, é verdade que Tom não é mais criança. É um homem, já fez 35 anos. Há dez anos que trabalha no Perú numa companhia de petróleo, lá no alto dos Andes, a centenas e centenas de quilômetros. Agora está ganhando um bom ordenado. Não o vimos durante todo esse tempo.

«Logo depois da guerra, Tom escreveu que estava preparando para nós uma surpresa especial. Pois bem. De repente as passagens chegaram pelo correio, soubemos que havia cômodos reservados para nós no Waldorf-Astoria, dinheiro para a gente comprar roupa, e uma carta dizendo que ele tinha de viajar em lombo de burro, de trem, e de avião, mas estaria no cais de Calhau para nos receber. Bem, estou contando, para vocês não pensarem que eu e a velha somos gente de posses...»

Todos falamos ao mesmo tempo, assegurando a Bonus Notches que ele tinha todo o direito de andar muito contente. Os sul-americanos que entendiam inglês traduziram para os amigos o que ele havia dito. Trocamos sorrisos de compreensão. Dir-se-ia então que todos nós, cidadãos de uma dúzia de paises de dois continentes, pertencíamos a uma única nação: a dos pais e das mães. Tínhamos em comum um credo simples: nossos filhos. Partilhávamos um destino comum—amar e desejar correspondência no amor, sem nunca ter absoluta certeza de ser correspondidos.

Depois desse episódio, ninguem mais teve a coragem de dizer que Bonus Notches era mal educado. Todos entrevíamos, através dele, o confortante fulgor de uma bela história à moda antiga, na qual as coisas mais corriqueiras se transformam em ouro e tudo acaba em felicidade perene. Experimentávamos uma sensação de profunda alegria com a história simples de um filho que se lembrava dos pais, afim de trazê-los, generosamente, para junto de si, e em grande estilo, sem medir as despesas.

Era raro vermos «a velha». Informou-nos Bonus Notches que ela estava em baixo no camarote, escrevendo cartas. Tinha dezenas de amigos que queriam saber suas impressões da vida no mar. «Ela é toda dos amigos,» explicou.

Uma tarde, entretanto, à hora em que o carrinho do chá percorria os tombadilhos, «a velha» veio fazer-nos companhia.

«Estou achando ótimo isto de comer coisas que eu mesma não precisei cozinhar,» comentou. «Enquanto puder, hei-de aproveitar o mais possivel. Ed disse que já falou a respeito de

Tom com vocês. Mas aposto que não contou por que é que Tom tem um carinho todo especial por ele. Quando Tom estava pronto para o curso superior, a nossa granja estava rendendo muito pouco. Muita gente achava que Tom devia ficar em casa para ajudar o pai. Mas Ed sempre desejou que o rapaz estudasse, e Tom foi para a universidade. Trabalhava para se manter, fazendo o que podia, mas havia ainda gastos extraordinários. Ed então se empregou para trabalhar à noite, como carpinteiro.

«Tom garantiu, quando embarcou para o Perú, que logo que pudesse havia de nos levar para lá, como dois príncipes. Eu nunca pensei que tivesse vida p'ra tanto... Isto tudo parece um sonho. Velhos, propriamente, nós não somos, não... Mas com certeza há-de ser nossa última oportunidade de ver nosso filho...»

«Ora, não diga isso!» exclamei. «Quem sabe se não poderão viver todos juntos no Perú?»

«Foi o que Tom nos disse. Mas agora que ele já está homem feito, só há uma coisa que a gente pode fazer por ele: deixá-lo livre. Por isso vamos passar uns dois meses lá, e depois voltar p'ra nossa granja.»

Ao atingirmos as Índias Ocidentais, nomeávamos para Bonus Notches as ilhas que íamos avistando. Ficou encantado quando lhe mostramos S. Salvador, onde Colombo aportou pela primeira vez. «Esse camarada merece muito respeito,» comentou. E saiu, entusiasmado, a apertar calorosamente a mão de todo hispano-americano que havia a bordo, e a dizer: «Parabens, amigo!»

Ancoramos ao largo de Cristobal, tendo à vista o Canal de Panamá, às 4 horas da manhã. Meu marido subiu ao tombadilho para explicar a Bonus Notches alguns fatos relacionados com a região. Mas, passado um quarto de hora, estava de volta. «Aquele homem já sabe mais do que eu,» observou. «Ele e o Embaixador passaram a maior parte da noite no convés, conversando a não poder mais. Ele me explicou como é que funcionam as comportas.»

Enquanto nos arrastávamos através do Canal, Bonus Notches não arredou pé da amurada durante todo o dia. Deixou até de almoçar para não perder coisa alguma.

«Mas que quantidade de projetos não foi preciso fazer para cavar isso aí, sem sobrar água!» exclamou. «É como lhe digo, os Estados Unidos são um grande país. Sempre pensei assim, mas agora estou mais certo do que nunca.»

Uma vez que Bonus Notches os felicitara a propósito de Colombo, os hispano-americanos correspondiam agora ao cumprimento, congratulando-o pelo Canal. Ele aceitava as felicitações com dignidade e um singelo «Obrigado, amigo»...

Ao alcançarmos o Pacífico, a atitude de Bonus Notches passou a ser de pura expectativa, aguardando, a cada momento, o descortinar de maravilhas. Por isso mesmo, não lhe faltavam maravilhas por toda parte. Se um borrifo de água subia um pouco mais, ele di-

zia que era esguicho de baleia. Alem disso, estava constantemente a descobrir monstros marinhos e tubarões de dentes afiados, nadando quase à superfície. Até um naturalista eminente, que conosco viajava, chamado muitas vezes à amurada pelos deslumbramentos de Bonus Notches, jamais negou ver qualquer dessas coisas...

O navio passou pelo extremo norte do Perú. Lastimamos que a viagem estivesse por terminar, precisamente agora que, graças a Bonus Notches, nos havíamos tornado tão amigos. Até aqueles que não se compreendiam pela linguagem passaram a comunicar-se com sorrisos e frases mal pronunciadas em espanhol e inglês caçanjes. Descobrimos, uns em relação aos outros, que éramos todos excelentes camaradas, da mesma forma por que Bonus Notches descobrira amigos entre todos nós, logo de início.

Uma vez em terra, voltaríamos certamente a ser graves e circunspectos. Mas acreditávamos que, de vez em quando, convinha ao ser humano fugir um pouco de si mesmo para misturar-se com os semelhantes. Sob aquele pedaço de céu azul, partilhávamos a fé de Bonus Notches no futuro. O mundo podia melhorar, dizíamos, e os homens chegariam a ser irmãos.

Na véspera da chegada a Calhau, surgiu de súbito, entre nós, uma nuvem de ansiedade. A bela história à moda antiga correra até então às mil maravilhas. Mas se, por acaso, à última hora o filho não estivesse à espera do navio? Seria ele realmente o rapaz simpático e correto que todos imaginávamos? Teria a história um desfecho decepcionante?

Chegamos a Calhau já noite feita. O navio avançava silencioso rumo ao cais mal iluminado. Estávamos todos no lado da atracação, comprimindo-nos na amurada. Bonus Notches mostrava-se muito calmo. O véu da mulher voltara a enredar-se nos óculos. «Não estou vendo Tom,» disse ela, e todos nós, a um tempo, explicamos-lhe que, naquela escuridão, era muito cedo para distinguir o rapaz.

Desceram a prancha. Bonus Notches debruçou-se sobre a amurada, alongando o olhar através da noite. Levantava desajeitadamente o braço, pronto para abanar. Dir-se-ia que nenhum de nós respirava. Todos os rostos no cais, erguidos para nós, não passavam de pálidas ovais. Mas eis que, de repente, uma voz chamou no escuro: «Papai! Mamãe!» E Bonus Notches respondeu: «Meu filho!»

Lá estava Tom. Ainda melhor do que imagináramos: esbelto e forte, era um belo rapaz. De todas as gargantas partiu estranho som, entre o riso e as lágrimas. Tom subiu a prancha em largas passadas e apertou pai e mãe contra o peito. Não se cansavam de repetir seus próprios nomes. Não tinham necessidade de outras palavras...

Bonus Notches não esqueceu os amigos; apresentou o filho a todos nós. Não me lembro de nada do que então dissemos; sei apenas que prometemos trocar notícias. Depois, nós, viajantes de doze paises em dois continentes, seguimos nossos rumos na escuridão da terra.

Encontra-se ainda a fé no futuro da França entre o povo que reconstrói suas aldeias devastadas

«Partimos do zero»

Anne Morrow Lindbergh

«PARTIMOS do zero,» declara o Prefeito, abrangendo com um gesto a cena que nos confronta. Estamos postados no alto de um morro, contemplando as ruinas do que era outrora uma próspera cidadezinha comercial da Normandia. É verdade; não resta nada. Vire—com suas movimentadas ruas tortuosas, suas velhas igrejas, seu portão medieval e seu mercado—foi arrasada numa única noite pelos bombardeiros que abriam caminho para a invasão aliada da França.

Os folhetos de aviso, lançados de grande altura, foram arrastados para longe pelo vento; e os habitantes dessa tranquila cidade no vale não foram prevenidos do desastre iminente. Tão ansiosos se sentiam por sua libertação do jugo nazista que, quando ouviram aproximar-se os aviões, sairam às ruas, cheios de júbilo, para acolher os amigos. «Afinal, eles vieram!» gritaram, olhando os céus para saudar a chegada dos paraquedistas há tanto esperados de alem-mar. Foi só quando as bombas começaram a explodir, arremessando terra e escombros no ar, que perceberam que a destruição teria de vir antes da libertação. Destruição total—antes que pudessem começar de novo—do zero.

«A senhora não faz idéia do que era a nossa linda cidade,» diz o Prefeito, tristonho. Com efeito, é-me impossivel imaginar os campanários e as torres, os telhados cinzentos de uma cidade, no ermo que temos ante os olhos. Mesmo as paredes dentadas dos edifícios semi-demolidos já foram postas abaixo, e removidos os rios de entulho que enchiam as ruas, depois do bombardeio. O que resta é um deserto de terrenos baldios, adegas descobertas, lages em confusão e pedra pulverizada—único vestígio de séculos de

contínuo labor humano. E nessa extensão desolada erguem-se as poucas relíquias do passado: a torre quadrada do relógio, elevando-se perigosamente sobre as ruinas; uma igreja em destroços; uma torre medieval redonda, com um muro aluido, expondo uma escada em espiral, semelhante às conchas convolutas que jazem, partidas, na praia.

O forasteiro vê tudo apenas com os olhos materiais, e não com os olhos da memória. Alí, na encruzilhada principal da cidade, onde a estrada da Bretanha se une à de París, só vejo dois montões de pedra isolados e dois letreiros encravados no meio. Mas, para o Prefeito, essa é ainda a movimentada esquina onde ficavam o Hôtel du Cheval Blanc e a farmácia. Agora, só há dois letreiros, tributo aos olhos da memória. Um deles proclama, ufano: «Hôtel du Cheval Blanc,—o Bar, o Restaurante e os Alojamentos estão situados num barracão provisório, na Place de Champ du Foire.» Do outro lado, uma cruz vermelha assinala o local antigo da farmácia, com uma seta que indica seu sítio atual, provisório.

O Prefeito, um simples cidadão durante a guerra, fora o farmacêutico da pequena cidade de Vire, e ao mesmo tempo trabalhava clandestinamente, no movimento da Resistência. Estivera ausente, no desempenho de uma missão secreta, quando vieram os bombardeios. Ao regressar encontrou a esposa e o filho mortos, e seu estabelecimento reduzido a um montão de pedras e cal. Mas não havia tempo para prantear os mortos, tão angustiosa era a situação dos vivos. Era ele um dos poucos homens que entendiam de medicina na cidade, e havia muitos feridos e moribundos que necessitavam dos seus medicamentos. Sabia que era imprescindivel desenterrar o laboratório e conseguiu um operário para ajudá-lo. «Mas onde vou encontrar uma pá?» perguntou este. Não havia pá—nem vassoura. «Começa-se do zero,» esgaravatando o entulho à unha, para achar uma ferramenta. O farmacêutico, quando conseguira afinal salvar alguns medicamentos dos escombros, montou seu estabelecimento ao ar livre, entre as ruinas. O balcão era uma prancha estendida sobre dois blocos de pedra, tendo, em cima, os preciosos remédios.

Agora, três anos mais tarde, há filas de barracões improvisados em lugar das lojas destruidas—mas são muito poucos. Um *café-épicerie* distribui com parcimônia fumo e vinho, açucar e café, num abrigo que lembra uma caverna,—a sacristia de uma igreja queimada. Uma corda com fraldas e meias, estendida entre dois pilares truncados, revela que alguem encontrou um refúgio alí perto. É o cabeleireiro, a esposa e o filho, que vivem em dois pequenos quartos que ainda restam numa dependência da Prefeitura. Ele, a esposa e o bebê, uma grande cama, um berço, uma mesa e um fogão comprimem-se num só quarto. No outro, ele exerce a profissão, com uma cadeira, uma bacia e um espelho, rodeado de fotografias dos penteados de última moda.

As jovens do Institut de Notre Dame cataram tijolos dos escombros

para a reconstrução do colégio. Recomeçaram as aulas num dormitório ainda em conserto e cujo telhado não as abrigava completamente das chuvas. «Mas com um espírito, madame,» acrescenta o *curé* fervorosamente, «como nunca tivemos antes.»

Vire, St.-Lô, Coutances, Caen, Mortagne—muitas cidades da Normandia começaram do zero, materialmente, com edifícios arrasados, as comunicações interrompidas, sem materiais ou ferramentas. Começaram, porem, com outros recursos—recursos de carater e de espírito. Aquí, nas cidades devastadas da França, persistem ainda as eternas qualidades francesas, muitas vezes eclipsadas pelo fulgor das grandes cidades, ou obscurecidas pelo labirinto da política e das agitações trabalhistas modernas. Ainda encontramos aquí a energia e a operosidade do indivíduo francês, sua perseverança diante das provações, sua engenhosidade nas horas amargas e sua incrivel fé no futuro.

Em St.-Lô, sou conduzida ao morro deserto que era outrora o centro da cidade. Não há uma casa de pé, mas sobre a terra torturada elevam-se as ruinas de uma igreja. O telhado está aberto para os céus; a fachada principal ruiu; uma das torres é hoje um montão de pedras desordenadas; a outra ostenta uma agulha truncada. O Prefeito conduz-me entre as pedras caidas, contornando estátuas mutiladas, até o coração da igreja, onde está sendo iniciada a obra de reparo. Cada coluna, cada fragmento de escultura, cada pedra que apresenta vestígios da obra do homem, é cuidadosamente guardada para o possivel aproveitamento na nova igreja.

«Quanto tempo levará?» indago, assombrada com a perspectiva da reconstrução de um edifício que exigira o dedicado esforço de gerações. O prefeito ergue as mãos num gesto tipicamente francês—gesto que revela falta de conhecimento, mas não de fé; humildade, mas não desespero. «Quem sabe? — mas temos que reconstruir nossa igreja—temos que começar—é o que importa.»

O mestre de obras sai das ruinas para dar-me a mão. Traja os conhecidos e desbotados calções e paletó do operário francês e traz a boina debaixo do braço. Sua profusão de cabelos louros desgrenhados forma com que uma auréola ao redor da cabeça, e seu rosto queimado difunde um ar de bondade e fervor que só se pode descrever com a palavra «devoção». Seu semblante pouco difere dos que se vêem nos santos de pedra esculpidos à entrada de tantas catedrais da França. Tenho a impressão de que ele acaba de descer do nicho para ajudar a reconstruir a igreja, e de que retomará seu lugar quando os trabalhos estiverem terminados.

O espírito que construiu as grandes catedrais ainda vive, creio eu, nas cidades francesas destruidas. «Não, *monsieur le Maire*,» quero protestar, «não começaram do zero.»

Houve época em que 42% dos rapazes saidos duma das cadeias de Chicago reincidiam em delinquência; hoje essa percentagem baixou para menos de 10%—e eis por quê:

Devemos tratá-los como seres humanos

(*Condensado do «Christian Herald»*)

Por Karl Detzer

JOE, jovem malandro de Chicago, orgulhava-se de que os jornais lhe chamavam criminoso empedernido. Certa noite a polícia apanhou-o assaltando um bar e no dia seguinte ele blazonava no tribunal e escarnecia do juiz, que o condenou à pena de um ano de prisão.

Nesse dia Joe completava 17 anos. Um ano mais tarde, ei-lo posto em liberdade, transformado em rapaz ambicioso e digno de respeito. Convocado pelo Exército, foi promovido a cabo e recebeu baixa honrosa. Hoje, aos 21 anos, tem um emprego honesto.

O principal responsavel por essa reforma, bem como por milhares de outras entre os delinquentes de Chicago, é um homenzarrão de poucas falas, chamado Frank Sain, diretor, há 13 anos, da enorme cadeia de Cook, em Chicago.

A maioria das cadeias locais nos Estados Unidos são imundas, infestadas de ratos, dominadas pelo suborno,—ninhos de moléstias, perversões e crimes. Em geral as verbas são insuficientes para fornecer alimentação adequada; e, agravando a situação, muitos delegados e diretores embolsam parte desses magros recursos.

Condições semelhantes observavam-se na cadeia de Cook quando, em 1934, Frank Sain foi nomeado diretor. O infame «sindicato» chefiado por Al Capone penetrara até mesmo nas prisões, dirigindo quase tudo a seu belprazer. Hoje, na cadeia de Sain, reinam o asseio, o sossego e a boa ordem, e impõe-se disciplina firme mas justa. A verba destinada a alimentação é ainda magra, mas nunca se desvia para outros fins. Acresce ainda—fato muito importante—que nas seções de menores o número de delinquentes reformados vem estabelecendo legítimo recorde.

Nessas seções existem de 100 a 175

rapazes, cujas idades variam entre 14 e 20 anos. Pouco antes da nomeação de Sain, segundo um inquérito levado a efeito pelo Ministério do Trabalho dos Estados Unidos, 42 por cento dos adolescentes saidos da cadeia de Cook reincidiam na delinquência. Hoje essa percentagem está reduzida a menos de dez por cento.

Os resultados obtidos por Sain não provieram de qualquer preparo universitário em direito penal ou sociologia. Nascido em Chicago há 52 anos, Sain serviu na polícia militar durante a Primeira Guerra Mundial, e daí passou a guarda da velha e desmoralizada cadeia municipal da referida cidade, «Bridewell», onde pôde observar os abusos e pequenos subornos que não só consumiam o dinheiro do povo, como tambem atormentavam a vida dos detentos. «Se algum dia eu dirigir uma cadeia,» costumava dizer, «há-de ser muito diferente.»

Essa oportunidade chegou-lhe afinal: as condições da cadeia de Cook tornaram-se tão escandalosas que a imprensa exigiu providências do governo. O chefe de polícia chamou Sain, fê-lo diretor e disse-lhe: «Dou-lhe carta branca, mas quero ver os resultados.»

O primeiro ato do novo diretor consistiu em eliminar os porretes e varas usados pelos guardas da prisão. Muita gente predisse fugas e rebeliões, alegando que não seria possivel tratar com luvas de pelica os rudes criminosos de Chicago. «Procurarei tratá-los como seres humanos,» respondeu Sain calmamente. E, com efeito, nunca teve de enfrentar complicações sérias.

Em seguida acabou com a prática da «solitária», onde os prisioneiros recalcitrantes, muitas vezes doentes mentais, eram trancados no escuro, em ambiente sujo, privados de alimentação suficiente.

Todos os dias, sem exceção, durante os 13 anos da administração de Sain, o chão das celas, das salas comuns, corredores, oficinas e cozinhas, vem sendo escovado em regra; e as paredes, lavadas pelo menos uma vez por semana. Resultado: desapareceu o antigo «cheiro de cadeia», e mantem-se um asseio comparavel ao de muitos hospitais. A penitenciária é administrada de maneira a lembrar uma combinação de hospital, escola e fábrica moderna.

O diretor preocupa-se principalmente com os adolescentes. Não há tanta esperança para os prisioneiros mais velhos, mas a mocidade constitui um problema para a atuação dos reformatórios. Sain acha que poderá salvar apreciavel percentagem de futuros criminosos, desde que não lhe faltem habilidade e paciência. Seu método de trabalho é incomum, pois não só faz uso de aulas e livros, oficinas de pintura, carpintaria e tipografia, como tambem fomenta o cultivo de legumes e a criação de animais. «O melhor remédio que conheço para esta rapaziada,» costuma dizer, «é sol, ar livre e responsabilidade.» Na cadeia que ele dirige, os delinquentes têm tudo isso.

Antigamente, os delinquentes juvenís ficavam misturados com prisioneiros mais velhos, mas hoje vivem à

parte, sem contacto com o resto da cadeia. Quando Sain assumiu a direção, encontrou uma pseudo-sala de aula, um professor estafado e nenhuma verba destinada à escola. Entendeu-se com o superintendente de escolas da Prefeitura, e logo conseguiu um corpo de professores competentes.

Tendo obtido a escola, pôs-se a organizar a biblioteca, que hoje dispõe de 4 mil volumes sobre assuntos variados, desde filosofia e economia até ficção. Nada, porem, de histórias de crimes e mistérios. Uma biblioteca ambulante percorre frequentemente os corredores principais, substituindo volumes velhos por novos. Muitos prisioneiros pedem bíblias, que lhes são dadas de presente.

Em 1938, estando terminada a limpeza interna da cadeia, Sain voltou sua atenção para o quintal, área de pouco mais de hectare e meio, cercada de muros de pedra e usada como lugar de despejo. Certa manhã de verão, levou os rapazes até lá, disse-lhes que dalí em diante o local seria um pátio de recreio e forneceu-lhes pás, rastelos e enxadas.

Levaram meses para executar a tarefa. Trabalhavam de torso nú e orgulhavam-se ao ver que seus músculos e torax se lhes enrijavam e desenvolviam com o exercício. Parte da área foi transformada em campo para instrução física e atletismo e outra parte em hortas e jardim. Dum lado fizeram galinheiros e cercados para coelhos, patos, porcos e cabras.

Nesse ambiente ruralizado, Sain pôs em prática seu programa de «sol, ar livre e responsabilidade». Cada rapaz era encarregado de cuidar de um animal ou se unia a outros responsaveis por um grupo de animais. Logo surgiram as rivalidades, enquanto as galinhas e porcos engordavam a olhos vistos, e as cabras recebiam trato carinhoso; os rapazes chegavam a privar-se de parte de suas magras rações de comida para que os animais as recebessem em dobro.

«A maioria destes meninos nunca havia acariciado um animal em toda a vida,» observa Sain. «É util saberem que a criação precisa de seus cuidados para obter comida, água e bom trato. Os animais confiam nos rapazes, e isso é importantíssimo.»

Alem de cuidar dos animais, cada rapaz se encarrega de parte da horta. E pode, se quiser, trabalhar tambem no jardim.

«É preciso lembrar,» diz o diretor, «que muitos deles nunca tinham visto vicejar um pé de couve ou desabrochar uma flor. A jardinagem é como se fosse uma aventura, bem mais interessante do que ficar pelas esquinas, trocando palavras grosseiras. Na horta estão criando alguma coisa viva, à custa do trabalho das mãos e do espírito. A vida assume para eles novo sentido.»

Animais e plantas tornam-se tão importantes para os jovens prisioneiros, que muitos deles, já em liberdade, voltam, nos dias de visita, para certificar-se de que os mesmos continuam bem tratados.

Em 1938, vários ex-prisioneiros foram recusados pela Guarda Nacional do Estado de Illinois, devido a sua folha corrida. Frank Sain irritou-se com essa notícia, e dispôs-se a defender os rapazes.

«Não quero sugerir que a Guarda aceite criminosos,» disse ele às autoridades. «Mas estes rapazes não são criminosos: erraram, e pagaram por seus erros. Desanimá-los, mostrando que não se confia neles e não se quer recebê-los, é o melhor meio de fazê-los voltar à delinquência.»

Sain ganhou a partida. Durante toda a Segunda Guerra Mundial, ex-detentos visitaram a prisão, orgulhosos das divisas de sargento e das condecorações que ostentavam.

Embora seja inegavelmente o inspirador de resultados tão notaveis, Sain insiste em que a maior parte do mérito cabe à meia dúzia de sacerdotes—católicos, protestantes e judeus—que dedicam parte de seu tempo aos rapazes da cadeia.

«Um bom capelão cuidando de certo número de rapazes vale mais que cem homens armados guardando as muralhas,» diz Sain. «A Bíblia é bem mais convincente que o porrete, quando se trata de manter disciplina.»

O diretor considera que parte de sua obrigação é, antes de mais nada, prevenir o ingresso de rapazes na prisão. Várias vezes por semana, exibe à noite, em grupos cívicos, clubes de pais e professores e outras organizações influentes, filmes cinematográficos por ele tirados dentro da cadeia.

Faz ver que os adolescentes sob seus cuidados são para ele, sob muitos aspectos, como filhos. Mais de 98 por cento dentre eles são americanos natos. Nenhuma raça predomina nesse grupo; nenhuma área constitui, quanto à delinquência, mancha mais negra que as outras, no mapa da cidade.

Afim de provar a influência do lar e da vida em família, Sain acrescenta que menos da metade dos seus jovens prisioneiros morava com os pais na época em que foram presos; 29 por cento tinham vindo de lares desfeitos; e quase 25 por cento estavam vivendo sós, sem pai nem mãe. Acrescenta ainda que de cada 20 desses rapazes, 17 bebiam antes de ir para a cadeia. Segundo declara, as famílias e as escolas, com o seu desinteresse pelo aspecto moral da educação, são parcialmente responsaveis pelo fato de que, de cada grupo de 148 meninos de Chicago, um irá para a cadeia antes do fim do ano, de acordo com a lei das probabilidades.

Vai tambem aos auditórios das escolas secundárias e fala aos alunos, mostrando-lhes como é facil e curto o caminho que começa numa delinquência leve e acaba na cadeira elétrica.

Nos fins do ano passado, depois duma renovação política do pessoal, foi eleito novo chefe de polícia e correu boato de que Frank Sain seria demitido. Logo levantou-se um clamor; e a Comissão Criminal de Chicago, sindicatos de operários, associações de comerciantes e outras sociedades assinaram requerimentos pedindo a conservação de Sain. Com satisfação para toda essa gente, a nova autoridade não tentou suplantar o homem que havia transformado uma das pio-

res cadeias dos Estados Unidos numa das melhores.

Todas as manhãs há sempre um grupo que, tendo cumprido a sentença, se prepara para deixar a prisão. Na oficina de alfaiate outros prisioneiros preparam-lhes os ternos e põem-lhes em ordem a roupa branca, lavada e passada. No escritório, o diretor Sain autografa exemplares da Bíblia para os que vão partir, inscrevendo neles o tipo de dedicatória que os professores amigos escrevem nos albuns de lembranças dos diplomados.

«Como vêem,» explica Sain, «queremos que estes rapazes tenham boa aparência e se sintam altivos ao deixarem a prisão. Ficam assim mais seguros de si para recomeçar a vida. E a altivez é uma das mais importantes qualidades que se adquirem nesta cadeia.»

Os olhos e ouvidos do público

GEORGE GALLUP, perito em inquéritos sobre a opinião pública, relata-nos um caso, ocorrido no Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, o qual demonstra como são poucas as pessoas que ouvem o que se lhes diz e quão imprecisamente entendem o que lêem. Certa vez, um deputado criticou a liberalidade com que o Ministério empregava os dinheiros públicos. «Vejam,» disse o parlamentar, «as publicações editadas, centenas de panfletos sem o menor interesse —*Elementos Recreativos da Represa Denison*, *Os Lobos do Monte McKinley*, *A Ecologia do Coiote*. Eles, que imprimem todas as novidades da natureza, são bem capazes de publicar um volume sobre a vida amorosa das rãs.»

Pouco depois, o Ministério da Agricultura recebia cinco ou seis cartas de deputados solicitando exemplares de *A Vida Amorosa das Rãs*. Pedidos idênticos continuaram a chegar com tal regularidade que o Ministério se viu obrigado a declarar, em circular: «Não existe, entre nossas publicações, *A Vida Amorosa das Rãs*.» Depois dessa declaração pública, entretanto, os pedidos triplicaram. O caso assumiu tais proporções e criou tais problemas para o Ministério, que o Governo se viu na contingência de enviar uma nota aos jornais declarando, terminantemente, jamais ter editado qualquer panfleto sobre a vida amorosa das rãs e não querer ouvir falar mais no assunto.

Após a divulgação dessa nota os pedidos passaram a chegar às centenas. Nessa altura o próprio Ministro decidiu intervir pessoalmente no caso afim de sustar, de uma vez por todas a torrente de pedidos. Em discurso irradiado para todo o país, negou veementemente que seu Ministério tivesse jamais cogitado de imprimir um folheto sobre a vida amorosa das rãs; declarou, mais, ignorar a existência de qualquer estudo a respeito e acrescentou que o Ministério mesmo se conhecesse algum trabalho a esse propósito não o editaria em hipótese alguma. Logo depois da irradiação, choveram sobre o Ministério mais de mil pedidos novos.

—Bernardine Kielty, em *Book-of-the-Month Club News*

Flagrantes da vida real

UM CASAL, que se mudara de Nova York para a nossa cidade, encontrou finalmente uma casa que lhe servia, mas como estava no décimo-sétimo lugar da lista de candidatos, a compra da propriedade lhe pareceu impossivel. Entretanto, com grande surpresa para ambos, foram convidados pelo proprietário para um chá. Alguns dos presentes pareciam estranhos, tal como eles, ao passo que outros se conheciam perfeitamente. Depois de uma hora, passada agradavelmente, o casal retirou-se, bastante intrigado.

Na manhã seguinte, telefonou-lhes o proprietário. «Decidimos vender-lhes a casa,» declarou ele. «Ontem, compareceram ao chá cinco outros candidatos afim de se encontrarem com nossos vizinhos. Estes chegaram à conclusão de que os senhores, dentre todos os candidatos, são os que eles mais gostariam de ter como vizinhos. Que sejam muito felizes na casa!»

—Colaboração da Sra. Harold Davis

QUANDO MEU marido lecionava numa pequena escola superior de agricultura, foi proposto na Câmara Estadual um aumento de salário para os professores. O grupo dos proprietários rurais opôs-se imediatamente à medida; não podiam compreender por que o Estado deveria pagar mais de 400 dólares mensais a um professor, apenas para falar 12 a 15 horas por semana. Os argumentos do corpo docente não os demoveram, até que um dos professores, com certa experiência de fazendeiro, teve uma inspiração:

«Senhores,» declarou aos representantes do povo, «o professor assemelha-se um pouco a um touro. O que importa não é o tempo que gasta mas sim o serviço que faz.»

É escusado dizer que os professores conseguiram o aumento de salário.

—Colaboração de R. H.

AO VISITAR um casal amigo, numa bela tarde de sábado, verifiquei, com surpresa, que seis dos vizinhos estavam trabalhando na casa. Uma senhora varria a calçada, dois cavalheiros cuidavam do jardim, outros lavavam as janelas—enquanto o casal se refestelava no sofá de balanço da varanda.

—Que boa vida é essa? perguntei.

—Devo isto, respondeu rindo o marido, —ao clube de bridge. Jogamos todas as sextas-feiras, não por dinheiro, mas por *horas de trabalho*. Os que perdem são obrigados a trabalhar uma hora para os vencedores, nos serviços domésticos que estes determinarem.

—Colaboração de Edward Horn

Estava eu de palestra com um respeitavel senhor, numa esquina, quando um carro se aproximou e o motorista dirigiu-nos uma pergunta:

—Algum dos senhores me poderá indicar qual é o melhor restaurante da cidade?

—Posso sim, respondeu meu amigo, —mas não gosto de recomendá-lo. Depois que tiver comido lá, o senhor há-de achar que sou o maior mentiroso do mundo!

—Colaboração de Raymond J. Ross

Numa das mais movimentadas esquinas de Chicago, a massa de pedestres teve sua atenção distraida, subitamente, pelos gritos de um menino— «Mamãe! Mamãe!» Pessoas solidárias logo rodearam a criança, mas cada pergunta só fazia aumentar-lhe o desespero; os esforços ingentes de um policial para acalmá-lo acabaram por transformar os soluços em gritos lancinantes.

Inesperadamente, ouviu-se uma voz de comando. Entrou em cena um pequeno jornaleiro, menor ainda que o menino, sobraçando jornais e com um boné que quase lhe cobria o rosto.

—Mande a turma recuar, bradou, dirigindo-se ao policial. —Não vê logo que estão assustando a criança? E, pondo a mão no ombro do menino:— Que é que há, batuta? Não tenha medo. Você se perdeu?

—Quero mamãe!

—Claro! Ela já vem. Meu nome é Chuck. E o teu?

—Glenn.

—Está bem, Glenn. Você fica aqui com essa moça até a sua mãe chegar. Ela não vai demorar nada.

O gurí voltou-se então para os transeuntes: «Vocês dois aí entram nessa loja e vocês naquela da esquina. Entrem em todas as casas e digam que Glenn se perdeu e está esperando a mãe aquí.»

—Está aí, batuta. Tudo arranjado, acrescentou.

Tomadas essas providências, o «chefão» voltou a ser o pequeno jornaleiro. «Quem vai ler? É a final!» E desapareceu.

—Colaboração de Fred Mershon

Uma solteirona de idade indeterminada, tipicamente vitoriana, que sofrera violenta queda, procurou-me certa ocasião, evidentemente bastante envergonhada. Com alguma dificuldade conseguí finalmente chegar à conclusão de que era um joelho o que mais a incomodava e tão diplomaticamente quanto possivel fiz-lhe ver que seria impossivel tratar-lhe o joelho sem examiná-lo.

Em seguida a uma longa e dolorosa pausa, a paciente começou a desembrulhar lentamente uma boneca, vestida dos pés à cabeça. Levantando cuidadosamente a bainha da saia, exibiu parte do joelho e, indicando um ponto, disse: «Doutor, foi aquí mesmo que me machuquei.»

Meus longos anos de experiência me permitiram examinar com a maior seriedade e interesse o joelho da boneca e depois passar a prescrição médica.

—Dr. J. T. M. Finney, *The Physician* (Scribners)

Visão cativante do ensino futuro: aprender mais, reter melhor, e com maior interesse pelos assuntos do programa

DO QUADRO NEGRO À TELA BRANCA

(*Condensado de «Liberty»*)

Eric Johnston

Presidente da Associação dos Produtores de Filmes

Cinquenta crianças do sexto ano de certa escola primária da Nova Inglaterra assistiam maravilhadas à passagem do filme *The Story of Dr. Carver*. A história do negro que nasceu escravo, e que se tornou grande cientista agrícola, passou durante dez minutos diante de seus olhos arregalados, em fascinantes imagens vivas, para ensinar-lhes uma lição de tríplice significado e conteúdo: primeiro, sobre a rotação das culturas, depois sobre química, e finalmente sobre as relações inter-raciais nos Estados Unidos. Durante a animada discussão que se seguiu à projeção do filme, ninguem poderia notar nem vestígios dessa monotonia rotineira que tantas vezes anda associada ao ensino em classe.

Os estudantes de uma pequena escola médica do Sul dos Estados Unidos observaram atentamente na tela como um grande cirurgião praticava uma apendectomia exemplar: quando a operação findou, romperam gritos de «bis» de todos os lados da sala,—e a operação foi repetida... Com despesa mínima para a escola, aquela película deu aos estudantes a vantagem de uma incomparavel lição de técnica cirúrgica, por um grande mestre.

Não são estes senão exemplos colhidos ao acaso entre os variados usos que está tendo este instrumento, o mais moderno entre os meios de ensino. Nos Estados Unidos fizeram-se durante trinta anos esforços intermitentes para adaptar o cinema ao ensino escolar, mas verificou-se que, no conjunto, os professores não tomavam o cinema muito a sério. Em 1936 existiam apenas 458 aparelhos de projeção sonora nas escolas públicas do país. Atualmente estão em uso cerca de 35.000 projetores de 16 mm.! E mais de três quartas partes da rede escolar das cidades de mais de 100.000 habitantes, e mais de metade nas cidades de 30.000 a 100.000 habitantes, estão ministrando instrução «audio-visual» —que tal é o nome técnico dado ao ensino por meio do cinema.

A Segunda Guerra Mundial veio dar grande impulso ao cinema educativo. Os operários das indústrias de guerra tiveram que aprender da noite para o dia novas técnicas e processos; homens

que nunca na vida haviam disparado uma arma de fogo, viram-se obrigados a assimilar rapidamente os mistérios da artilharia anti-aérea; recrutas inexperientes tiveram que tornar-se peritos mecânicos de tanques... Em um só mês, em 1945, a julgar pelos cálculos do Exército, exibiram-se filmes de treino a um total de 18.500.000 homens, nos Estados Unidos continentais, e a 5.300.000 na Europa, e ainda a grande número de soldados em outros pontos do globo. Esses filmes tratavam de todos os assuntos imaginaveis, desde higiene até bombardeamento aéreo,—e o mais importante é que, graças a eles, se reduzia impressionantemente a duração do período de treino militar.

Essa experiência da guerra está hoje sendo aplicada em grande escala para acelerar a educação, tornando-a ao mesmo tempo mais rica, mais util, e mais duradoura.

As técnicas dos desenhos animados, que tornaram o Comondongo Mickey um nome familiar em todo o mundo, habilitam agora os estudantes a aprender rapidamente o funcionamento prodigioso do sistema nervoso ou da circulação sanguínea do homem, ou os ritmos majestosos do sistema solar. Graças a películas filmadas a intervalos regulares, os estudantes de biologia podem observar a vida da rã desde o momento em que o girino sai do ovo, até à maturidade: quinze longas semanas de trabalho da natureza, resumidas em dez minutos de projeção cinematográfica! Por outro lado, como disse David E. Walker, superintendente das escolas do distrito de Evanston, no Illinois, «não podemos ir ao Polo Sul, mas as câmaras cinematográficas do Almirante Byrd podem trazê-lo à nossa presença.»

Muitos dos melhores atores levam às classes escolares, sob a forma viva do cinema, os frutos mais belos da literatura. As experiências dos homens de ciência, nas grandes universidades, podem multiplicar-se indefinidamente para benefício dos estudantes das escolas e colégios mais remotos. Estão-se fazendo hoje filmes sobre assuntos tão variados como a osmose e a liberdade religiosa, a educação cívica e a botânica.

Quando entrei na indústria do cinema, esta já vinha dando o seu apoio a dois projetos não-lucrativos neste mesmo domínio—o Teaching Film Custodians (Guardiões do Cinema Educativo) e a Comissão de Cinema do Conselho Americano de Educação. Atualmente, a Associação dos Produtores de Filmes tem—só ela—600 títulos que se acham à disposição dos interessados por intermédio da agência subsidiária Teaching Film Custodians, e estão em vias de produção muitas outras dúzias. A Encyclopaedia Britannica Films oferece mais de 500 títulos. Duas dezenas mais de empresas, velhas e novas, estão adicionando a sua contribuição a esta filmoteca em constante desenvolvimento.

Outra empresa, a Young America Films, anuncia e descreve toda uma série de celulóides educativos, referentes ao ensino elementar da aritmética. Os títulos desses filmes se afiguram tão simples e tão claros como o seu conteudo: *O Que é Quatro? Partes de Nove, Frações*. Estes celulóides são concebidos com o fim de transformar os dígitos inanimados em coisas vivas, no espírito dos espectadores juvenís. Aquilo que o ouvido não é capaz de captar repentinamente, os olhos vêem de golpe. As próprias frações perdem todo o seu poder aterrador, quando se transformam em um jogo no qual o aluno observa como as coisas se dividem em pedaços e, juntando estes, elas se reconstituem.

O professor mais apto e competente acha sempre dificil explicar por meio de palavras a natureza de um electron e do fluxo electrônico. Mas uma fita de pequena metragem, produzida e distribuida pelo Ministério da Educação dos Estados Unidos, transforma essa explicação em uma aventura de descobrimento. Outra película, produzida pelos Filmes da Enciclopédia Britânica, *A teoria molecular da matéria*, utiliza os desenhos animados para tornar «criveis» as moléculas, e para mostrar o seu comportamento, de arrebatador interesse visual, nos gases, líquidos e sólidos.

A educação visual enriquece os programas escolares pela expansão de certas matérias, especialmente os estudos sociais, muito para alem dos seus atuais limites. *The Story of Dr. Carver* é mais um caso comprovativo do que afirmamos. Em uma escola particular da região atlântica dos Estados Unidos, após ter assistido à exibição deste filme sobre o grande cientista negro, um dos alunos perguntou: «Por que razão é que não temos estudantes de côr em nossa escola?» Seguiu-se uma animada e fecunda discussão, após a qual a escola resolveu passar a admitir estudantes de raça negra.

A significação real da liberdade de imprensa não é menos vital para o mundo moderno do que o saber ler, escrever e contar; sem embargo, uma preleção em classe sobre esse assunto, dificilmente poderá interessar os jovens alunos duma escola primária. Mas um filme que nos conta a história de John Peter Zenger e da sua luta pela liberdade da palavra impressa, ao servir-se da linguagem do drama e da emoção, consegue arrebatar os alunos e levá-los a uma animada discussão dos problemas suscitados pela narrativa.

A instrução não é somente a aquisição de um vasto cabedal de fatos e dados sem relação entre si. Os fatos são coisas estereis enquanto não forem entretecidos no pano mais vasto dos objetivos e propósitos da existência, das suas possibilidades e ideais. Esta é, na essência, a visão de todo autêntico e grande educador. O filme educativo torna-lhe mais facil a tarefa de traduzir a sua visão em termos de realidade. O cinema não vem de modo algum restringir o papel do bom professor, da mesma forma que o telescópio não eliminou o astrônomo: fornece simplesmente melhores ferramentas ao ensino, permitindo ao bom professor tornar-se melhor ainda.

Os olhos do mundo do ensino estão hoje postos no Nebrasca, onde se vem realizando, há já dois anos, uma ex-

periência de vastas ambições. Esse Estado rural tem mais de 500 ginásios, dos quais 160 com menos de 100 alunos, e muitos deles com não mais de três professores. Como é que o pequeno ginásio rural poderá compensar a falta de facilidades de que dispõe um grande ginásio urbano?

Certo número de escolas escolhidas do Nebrasca estão procurando encontrar a resposta a essa pergunta no uso dos filmes escolares. Os relatórios preliminares, sobre os resultados do primeiro ano da experiência, revelam que os alunos aprenderam *mais* em dado período de tempo, retiveram *mais* do que aprenderam, e mostraram um *interesse mais vivo* nas matérias assim estudadas. Do ponto de vista do professor, por outro lado, note-se que os alunos deram menos ensejo a problemas disciplinares, compensaram os esforços daquele com melhores resultados, e em geral tornaram-lhe mais satisfatória a tarefa do ensino.

Assim, a tela branca, em substituição ou complemento do quadro negro, está-se justificando por si mesma. Já os resultados conseguidos pelos educadores que trabalham no aperfeiçoamento deste novo instrumento educativo, vêm assegurando que os beneficiários do seu zelo inovador virão a ser as massas populares.

Descobrindo que alguns dos rapazes na Proctor Academy estavam jogando nas máquinas «caça-niqueis», o reitor, dr. J. Halsey Gulick, foi à delegacia de polícia, onde conseguiu u'a máquina que havia sido confiscada, mandando-a instalar na sala de aulas de matemática. Em seguida pediu ao professor de matemática que preparasse um problema sobre a lei das probabilidades, a ser resolvido, jogando no caça-niqueis com moedas falsas.

Os rapazes aprenderam que só se tira o grande prêmio uma vez em cada 4.000 jogadas—a cinco centavos a jogada, custaria 200 dólares para ganhar 5 dólares. Tambem aprenderam que o segundo prêmio só era ganho cada 2.000 vezes—custava 100 dólares para ganhar 1 dolar.

Os rapazes em breve desistiram de jogar.

—*The Rotarian*

Um coletor de rendas chinês descobriu u'a maneira original de arrancar novos impostos dos pobres camponeses, já sobrecarregados de taxas atrasadas. Uma galinha avaliada em um xelim é entregue a cada camponês, que terá de cuidá-la e alimentá-la bem ou ir para o cárcere. Quando as galinhas estão valendo no mercado quatro xelins cada uma, têm que ser devolvidas ao coletor. Este vende as aves, subtrai o seu salário da renda, e envia a diferença para o Tesouro.

—*News Review*

Assim se liquidou fantástico monopólio de preparados que continham Vitamina D, economizando-se, dessa forma, grandes somas ao público

Monopólio contra a saude

Albert Q. Maisel

Em 1925, o jovem dr. Harry Steenbock, professor da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, descobriu que era possivel produzir grandes quantidades de Vitamina D (a maravilhosa vitamina «do sol»), mediante o simples processo de focalizar luz ultravioleta sobre alimentos ou matérias-primas medicinais. A nova descoberta foi recebida com entusiasmo, em toda parte, pelos médicos e peritos em saude pública. Até que enfim, a Vitamina D podia ser incorporada aos alimentos mais comuns, por preço insignificante; e poderiam preparar-se, à base da referida vitamina, remédios tão baratos que permitiriam acabar para sempre com o raquitismo, essa terrivel doença que deforma a estrutura óssea e é assustadoramente frequente entre as classes pobres.

Não constituia novidade o emprego, propriamente dito, da Vitamina D, sendo já sobejamente conhecida a sua eficácia na prevenção do raquitismo e da cárie dentária. Os médicos não ignoravam sua enorme importância para a mulher durante a gravidez e no período da lactação, nem o seu valor para preservar a saude geral da população. Havia, mesmo, quem acreditasse que a Vitamina D era muitas vezes capaz de desempenhar função vital na prevenção ou na cura da artrite, das úlceras crônicas e de certas moléstias da pele e alergias, crença essa, aliás, que se confirmou subsequentemente. Mas essa vitamina essencial era encontrada apenas em muito poucos dos alimentos comumente ingeridos, e em reduzidas quantidades.

A Vitamina D forma-se normalmente na pele exposta diretamente ao sol. No entanto, milhões de pessoas no mundo inteiro vêem-se privadas desse contacto com a luz solar, devido à vida urbana, às pesadas roupas de inverno e ao trabalho em locais fechados. Afim de contrabalançar essas deficiências, os médicos vinham receitando óleos extraidos do fígado de peixes, de várias espécies, ricos em Vitamina D. Tais óleos eram, porem, caros. Os entendidos viam na nova descoberta um meio barato de suprir a falta da Vitamina D.

Eis, porem, que surgiu certa forma de controle, e desfizeram-se as esperanças das autoridades...

As patentes de invenção do dr. Steenbock foram entregues a uma organização recem-formada, que ostentava o imponente título de Wisconsin Alumni Research Foundation (Fundação de Pesquisas de Ex-alunos de Wisconsin). A Universidade de Wisconsin não exercia controle algum sobre os princípios e práticas da Fundação, cujo presidente era um advogado de Chicago. Os objetivos declarados da organização consistiam em «proteger o público e evitar o comercialismo inescrupuloso.» Na verdade, porem, tornou-se um dos monopólios de drogas mais lucrativos do país.

A Fundação concedia licenças a companhias selecionadas, em ramos cuidadosamente restritos. Permitia, por exemplo, a certa firma «vitaminizar» apenas o leite condensado; a outra, o leite fluido; a uma terceira, cereais. Os contratos restringiam as quantidades de Vitamina D que se poderiam introduzir nesses produtos, e estipulavam os preços de revenda. As companhias licenciadas, que fabricassem Vitamina D irradiada, só podiam vender seus gêneros a fabricantes de produtos alimentícios igualmente licenciados pela Fundação e que pagassem a esta os direitos de exploração da patente. A concorrência estrangeira, que poderia vir a prejudicar a Fundação, foi totalmente eliminada por meio de acordos com a I. G. Farben, famoso cartel nazista, e com outras organizações.

Já em 1930, a Fundação metia em seus cofres, diariamente, mil dólares, em direitos de exploração. Dez anos depois, a organização—fundada ostensivamente com fins não-lucrativos—acumulara 8 milhões e 500 mil dólares, aos quais se acrescentavam 2.500 por dia!

Isenta de tributos, a Fundação não pagava imposto de renda. Grande parte de sua receita era, realmente, empregada de vários modos, e os juros daí decorrentes eram creditados à Universidade de Wisconsin para fomentar as pesquisas científicas. Vastas quantias, porem, eram utilizadas no pagamento de honorários a advogados e administradores. O próprio dr. Steenbock recebeu mais de 750 mil dólares.

As mencionadas quantias são, contudo, uma ninharia, se as compararmos aos lucros auferidos pelos favoritos da Fundação, os quais, protegidos por suas licenças de exploração, cobravam ao público consumidor preços exorbitantes. Vejamos um exemplo: os pobres, as maiores vítimas do raquitismo, são tambem, nos Estados Unidos, os maiores consumidores de margarina. Ora, as patentes originais de Steenbock abrangiam, especificamente, a ativação e fortalecimento da margarina com a Vitamina D. Mas a Fundação havia-se comprometido com produtores de laticínios, cujas vendas de manteiga faziam concorrência à margarina, muitíssimo mais barata. Em consequência, antes da guerra, nenhum produtor de margarina recebeu licença para utilizar a patente.

Enquanto isso, certos fabricantes de produtos alimentícios eram obrigados, por seus contratos, a limitar a quantidade de Vitamina D em seus preparados, afim de evitar a competição com os produtos farmacêuticos que tambem contivessem a vitamina... Os preços destes últimos foram fixados por um acordo entre a Fundação e cinco firmas concessionárias, cinco das maiores fábricas de drogas dos Estados Unidos. E tão altos eram esses preços que o sr. Henry L. Russell, diretor da Fundação, escreveu, em 1934, a vários portadores de licença, dizendo-lhes que «certos pediatras eminentes criticaram acerbamente a Fundação devido a considerarem excessivos os preços de alguns preparados de Vitamina D no varejo.» Nos casos mais agudos de asma, febre-do-feno e artrite, em que a Vitamina D ministrada em altas doses (50 mil ou mais unidades diárias) parecia dar ótimos resultados, a terapêutica era tão cara que muitos médicos hesitavam em empregá-la.

Os contratos estipulavam com rigor não só as doses como o tamanho de cada caixa que os fabricantes de produtos farmacêuticos poderiam vender. Afim de proteger suas licenças relativas ao leite condensado, a Fundação comprometia-se a introduzir, em todas as licenças para a ativação do leite fluido, uma cláusula proibitiva do uso ou da venda do leite nessa forma, para a manufatura de leite condensado ativado. Para proteger os farmacêuticos concessionários, a Fundação estipulava, nos contratos concernentes ao leite condensado, que o referido leite não deveria ser vendido, ou anunciado, como meio de curar o raquitismo. Assim, todos eram protegidos... menos o público.

Nesse ínterim, a General Mills Company produziu uma Vitamina D, para fins farmacêuticos, que não infringia as patentes da Fundação. Desejando eliminar essa concorrência, a Fundação procurou demonstrar que o seu Viosterol—Vitamina D artificial em sua forma líquida padronizada—era clinicamente superior ao produto da General Mills. Para alcançar esse fim, ofereceu um estipêndio aos drs. Alonzo Smith e Nolan Owens, do Freedman's Hospital, de Washington, para que examinassem ambos os produtos e descrevessem os resultados de tais exames num artigo, que seria publicado nas revistas especializadas.

Em junho de 1936, os aludidos drs. Smith e Owens apresentaram seu artigo, concluindo com a afirmativa de que *não havia diferença sensível, quer na proporção, quer no grau de cura, entre os dois produtos.* A consternação foi geral... Um fabricante de produtos farmacêuticos escreveu a outra companhia nos seguintes termos: «Caso este artigo venha a lume, o grupo do Steenbock ficará certamente em condições de ser enforcado com sua própria corda. Gostaria que se evitasse a divulgação do artigo.»

A Fundação poderia ter continuado, indefinidamente, a extorquir milhões de dólares do público sofredor, se não tivesse cometido o erro de processar duas companhias de pouco vulto, por infração das patentes de Steen-

bock. Esses processos deram ao Ministério da Justiça uma oportunidade de intervir, apresentando ao tribunal certos fatos relativos às atividades da Fundação, as quais, segundo o Ministério, constituiam um monopólio altamente prejudicial à saude pública. Os promotores públicos gastaram onze páginas datilografadas somente para enumerar as várias maneiras por que, conforme alegava o Governo, a Fundação violara a lei contra os trustes. Alem disso, o Governo pôde demonstrar que a descoberta de Steenbock não era, afinal, descoberta alguma, pois outros já se lhe haviam antecipado. Portanto, eram destituidas de qualquer valor as patentes que vinham sendo usadas para limitar e tributar o emprego, por parte do público, desse vital preparado.

Em novembro de 1944, foi divulgado um parecer arrasador, redigido pelos juizes do Nona Corte Federal Regional, com sede em S. Francisco, na Califórnia. Os magistrados observavam, em seu parecer, que a criação de Vitamina D pela luz solar não era objeto de patente; mostraram que o dr. Steenbock não fora o primeiro a usar irradiação artificial na cura do raquitismo; e censuraram severamente a Fundação por impedir que seus processos patenteados fossem aplicados à margarina.

A despeito dessa decisão judicial, os acordos permaneceram em vigor. Finalmente, em janeiro de 1946—21 anos depois que fora concebido esse fantástico regime baseado em patentes inválidas—acarearam-se para o julgamento final, na Sétima Corte Federal Regional com sede em Chicago, Illinois, os advogados da Fundação e os das principais companhias de produtos alimentícios e farmacêuticos interessadas no caso. Mediante declaração em juizo, a Fundação renunciou todos os direitos que lhe haviam sido concedidos por força de numerosas patentes. O processo, que Steenbock *não* descobrira, foi «irrevogavelmente cedido, entregue e dedicado ao povo dos Estados Unidos.»

Liquidado, assim, o controle por parte da Fundação, ficou comprovada a alegação do Governo, segundo a qual a Fundação se transformara em uma cortina para ocultar vasta exploração do público, sendo que as enormes quantias daí resultantes eram empregadas apenas em pequena parte no fomento das pesquisas científicas. Basta dizer que, em todos os casos, a baixa de preços, em seguida ao julgamento, foi muito maior que a média dos direitos pagos à Fundação pelas concessões, e isto numa época em que os preços de muitos outros artigos vêm aumentando.

Em 1939, os produtores de laticínios que usavam Vitamina D na irradiação do leite eram obrigados a pagar um dolar e meio por milhão de unidades. A decisão judicial de 1944 foi seguida de uma queda para 50 centavos no preço de um milhão de unidades. Após o julgamento de 1946, o preço caiu a 9 centavos!

Em 1940, custava 90 centavos de dolar um milhão de unidades da Vitamina D_3, empregada em enormes quantidades, pelos fazendeiros, na prevenção de doenças das aves de criação. Hoje, o preço estabilizou-se em 29 centavos... Há poucos anos, cem cápsulas de 50 mil unidades de Vitamina D, para o tratamento do artritismo e de outras doenças, chegaram a custar 25 dólares. Hoje, pode-se adquirir nas farmácias a mesma quantidade até por quatro dólares e cinquenta centavos.

Resta ainda, porem, uma tarefa a executar, visto que os preparados contendo Vitamina D, que se vendem por alguns dólares aos consumidores, custam às drogarias alguns centavos apenas. É fato indiscutivel que, no ramo dos produtos farmacêuticos, ainda se observa o hábito de «carregar» nos preços... Os próprios consumidores poderão, porem, forçar a baixa dos preços a um nivel razoavel, bastando, para isso, que escolham entre diversos preparados de Vitamina D, examinem as etiquetas e calculem o custo de mil unidades, o que não é dificil fazer.

O café no Brasil

(Continuação da p. 1)

driênio anterior à segunda guerra mundial (22 milhões de sacas, de 60 quilos, ou 132 libras, cada), pode ser graficamente representada da seguinte forma:

Se colocássemos uma saca em seguida a outra (ponta com ponta) cobriríamos quatro vezes a distância de Nova York a S. Francisco, que é de mais de 5.000 quilômetros, e mais uma vez a distância de Nova York a Chicago, que é de cerca de 1.500 quilômetros.

O café tem seus críticos, em meu país. Acusam-no de ter sido um semeador de desertos, como o é toda indústria extrativa, por ter sido a causa da redução das florestas pelo sistema das «queimadas»; dizem que, improvisador de cidades, as fez definhar depois, na sucessão das crises acarretadas pela superprodução.

Os acusadores do café não têm razão. No «deserto» que o café produziu sugando a terra-roxa, nascem novas indústrias. É São Paulo, com os seus 8 milhões de habitantes, o centro de nossa riqueza e a força dinâmica propulsora do nosso futuro.

E se o ciclo do café está a se encerrar é porque o Brasil, arrastado pelas novas correntes de atividades múltiplas que a nossa época impõe, não resolve mais sua economia em ciclos isolados; não concentra sua economia num só produto; desenvolve outros prosseguindo o seu escopo de levantar o *standard* de vida da população brasileira e de dar às riquezas latentes do país o impulso necessário. Não podemos ser ingratos com o café; devemos-lhe muito para esquecer o papel que ele representou e ainda pode representar no progresso e no engrandecimento do Brasil.

VAMOS QUEBRAR A CABEÇA!

(*Condensado de «Test Yourself»*)

William Bernard e Jules Leopold

Você reage bem? Sente-se atordoado em situações imprevistas, ou quando se torna necessária uma decisão rápida? Ou, ao contrário, pertence à feliz categoria daqueles capazes de pensar depressa em qualquer emergência?

O divertido teste que damos abaixo enquadra-se na classificação de «instruções complexas», à maneira de muitos testes deste gênero. Encontrará as soluções na página 108. Se conseguir 12 pontos ou mais, considere-se «bamba»; de 8 a 11, regular; abaixo de 8, fraco.

Instruções: Siga, o melhor possivel, o que ler nos próximos parágrafos.

LIMITE DE TEMPO: 5 MINUTOS

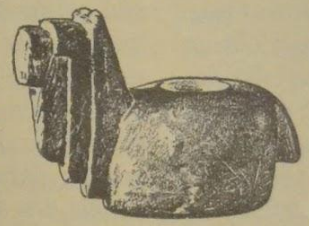
Se a letra Z aparecer em qualquer lugar antes desta vírgula, risque-a; senão, risque-a nesta palavra: FEZ. Agora, a não ser que o termo termo apareça em retermos, desenhe uma linha sinuosa aquí..... em caso contrário desenhe uma cruz; a propósito, se A é o número 1 do alfabeto, quanto somam JM?..... Se cachorro persegue gato e gato persegue rato, diga qual é o algarismo impar que vira par de cabeça para baixo.....; em caso contrário, desenhe uma cruz..... Não escreva DISCURSIVO aquí..... a não ser que a palavra contenha todas as vogais, mas, em vez disso, escreva as quatro primeiras vogais do alfabeto. Volte agora à primeira sentença e faça um círculo em torno à palavra FEZ salvo se o círculo não representar nenhuma letra do alfabeto. Bem, deixemos de lado o alfabeto, restando apenas dizer o seguinte: se o C não for a terceira letra, não desenhe um quadrado neste espaço..... mas desenhe a orelha de uma vaca ao pé desta página, a não ser que o D não seja a segunda letra, caso em que deverá desenhar uma orelha humana, a menos que não saiba desenhar uma orelha humana. Se ORELHA rima com CABELO desenhe de qualquer maneira uma orelha. Sabe contar de 10 a 5 para baixo? Faça isso de trás para diante, escrevendo os algarismos nesta linha ..... Agora, se MORCEGO for pássaro ou não for animal, não desenhe uma esfera à esquerda desta linha, mas escreva aí as letras que apareçam com menos frequência em ABRACADABRA. Faça pontuação nesta frase para dar-lhe sentido: NÃO É QUE NÃO É QUÊ. Depois, se é errado responder «Brasil» à pergunta «Qual o maior país da América do Sul?», escreva BÉLGICA aquí..... senão, não escreva ZÁS no mesmo espaço a não ser que os cavalos ouçam. Desenhe uma linha sobre a segunda palavra desta sentença e debaixo da segunda palavra da sentença seguinte. Escreva três palavras terminando em L no início desta página. Escreva XYZ à esquerda da página se um círculo não for um quadrado—mas espere! Em vez disso, escreva XYZ à direita da página, a menos que um círculo seja às vezes maior que um quadrado. Em seguida, dê resposta errada à forma negativa desta pergunta: QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?..... Bem, se já está saturado, escreva TIO ao fim desta sentença; senão, escreva TIO.

Voltam os dias de glória dos incas nos trabalhos manuais que Truman Bailey fez reviver entre os índios do planalto

Renascimento da arte indígena

(*Condensado de «The Pan American»*)

Por Michael Scully



QUANDO, há cerca de doze anos, Truman Bailey encetou nova carreira, esse americano alto, ainda moço, com sotaque arrastado de provinciano, já tinha sido alternadamente artista profissional, fotógrafo e diretor artístico de agências de publicidade. A serviço de um grupo de grandes lojas dos Estados Unidos, partiu para diversos paises da América Latina, à cata de produtos da arte manual indígena que se mostrassem suscetiveis de atrair compradores no vasto mercado norte-americano. Chegado ao Perú, viu-se em presença de uma dificuldade: os museus de Lima tinham em exposição as mais delicadas obras de prata lavrada, produtos de tecelagem indígena de desenhos complicados, madeiras entalhadas e resplandecentes do colorido mais rico, lindas cerâmicas—tudo isso artigos velhos de séculos. Mas, quando se pôs em campo à procura dos artífices capazes de produzir tais objetos, depressa Bailey chegou à conclusão de que os artesãos contemporâneos se limitavam a produzir curiosidades e bagatelas para turistas.

Diante disso, perguntou a si próprio: porque esta gente não volta a criar as obras de arte de seus antepassados? O problema era complexo. Paralelamente ao redescobrimento de fórmulas e técnicas de há muito esquecidas, e ao treino dos trabalhadores, tornava-se indispensavel abrir mercados para os seus produtos.

O plano de longo alcance que Bailey propôs aos comerciantes norte-americanos que patrocinaram a sua viagem—fazer renascer pela raiz as artes manuais andinas, por meio de anos de pesquisa e de experiências—tornava demasiado remota a perspectiva de lucros comerciais. Recusaram-lhe o apoio que pedia. Desanimado, preparava-se para voltar a bater o terreno em busca de bugigangas de facil venda, quando rebentou a guerra.

Bailey foi então a Washington, apresentou seu plano às autoridades

competentes, e, em 1942, regressava ao Perú, munido de fundos postos à sua disposição pelo Coordenador de Assuntos Inter-Americanos.

Instalou em Lima um laboratório que constava de uma sala única, e contratou os serviços de uma assistente, a desenhista peruana Grace V. de Escardó. Com o auxílio do dr. Luis Valcárcel, o mais eminente dos etnologistas peruanos, e do dr. Sabogal, especialista em estudos ameríndios, iniciou a caça aos segredos profissionais de artistas há séculos desaparecidos.

Todos os esforços do laboratório, no sentido de reproduzir as tinturas misteriosas que enriqueciam de côr as antigas tecelagens e pinturas dos incas, resultaram baldados até o dia em que o dr. Valcárcel conseguiu desenterrar certo manuscrito de um padre do século XVII, em cuja prosa três palavras lhe haviam despertado a atenção: os tintureiros incas faziam uso de plantas *acabadas de cortar*.

Bailey começou a ferver cascas, folhas e flores de plantas várias, e em seguida aplicava as tinturas resultantes dessas experiências—ao todo cinco mil—a diversas fibras, lãs e barros. Chegado ao termo delas, conseguira obter 425 matizes, ou seja, algumas centenas mais do que os íncas antigos haviam conhecido. A snra. Escardó, que conhece o quíchua, língua antiga ainda hoje falada por dois milhões de índios do altiplano, passou longos meses colhendo materiais de tecelagem e os mais variados artefactos entre a gente da região. Outro assistente, Hernando Sória, percorreu milhares de quilômetros nas cerradas florestas das vertentes amazônicas dos Andes, em busca de madeiras, resinas, barros e fibras que haviam desaparecido desde que as estradas de comércio dos Incas foram destruidas.

Enquanto isso, Bailey começava a estudar as técnicas das antigas artes manuais do país. Chegou, entre outras, à conclusão de que os desenhos, ainda hoje de vivo colorido, que se vêem nas antigas jarras de bebidas, talhadas em madeira, e que se empregavam nas cerimônias, não eram pintados como nas suas modernas reproduções, mas sim compostos de pigmentos comprimidos sobre baixos-relevos talhados na madeira, e finalmente brunidos até produzirem uma superfície uniforme e lisa. Analisou fragmentos de olaria antiga para verificar as proporções exatas dos barros nela utilizados. Foi obrigado a idear ferramentas especiais para com elas trabalhar as fibras rebeldes das madeiras duras dos Andes. Pouco a pouco foram sendo recapturados assim os segredos dos trabalhadores em metais, texteis e couros, do império há muito desaparecido.

Em seguida, alguns aprendizes da oficina que Bailey montara puseram-se a estudar os processos usados pelos seus antepassados. Só dois ou três deles—como Anibal Lanao, produto de cinco gerações consecutivas de lavrantes de prata—possuiam algumas noções sobre o trabalho que iam executar. Senóbia Garcia, vinda de uma aldeia das montanhas, não conseguira encontrar trabalho em Lima como empregada doméstica. Nem por isso deixaram de lhe confiar um tear na oficina. Barsabás Cisneros, vagabundo habitual das ruas, que nunca havia usado uma ferramenta de entalhar, recebeu a missão de fazer os entalhes nas madeiras em bruto. Orestes Urbina, um trabalhador braçal que ajudara a construir a oficina, deixou-se ficar alí para aprender o trabalho de torneiro de madeiras.

«Muito de propósito escolhemos estas pessoas sem preparo, porque representam a gente que estamos procurando ajudar,» explica Bailey.

Os primeiros produtos saidos da oficina eram, como não podia deixar de ser, rudes, alem de ficarem muito caros em tempo e materiais consumidos. Bailey continuou a explicar pacientemente os seus propósitos: queria qualidade, e não quantidade! Os trabalhadores eram convidados a visitar os museus e a examinar minuciosamente as peças antigas alí expostas, de modo a verificarem como é que os artífices de outro tempo haviam sabido resolver seus problemas técnicos. «Não tardou muito que eles começassem a redescobrir com suas mãos as técnicas há muito perdidas,» declara Bailey.

A produção foi-se intensificando. Dentro em breve a oficina estava produzindo tabuleiros e bandejas de madeiras de lei, maravilhosamente trabalhadas à mão no estilo indígena—em vermelhos, roxos, verdes e negros brilhantes, com embutidos de prata—a par de magníficos trabalhos em couro, entalhes delicadíssimos, armários e caixas, joalheria, cerâmicas e tecidos. Ao cabo de três anos de experiências discretamente efetuadas, Bailey abriu a oficina ao público em 4 de julho de 1945. Entre os primeiros visitantes contava-se o conhecido lider do maior partido político da terra, Victor Raul Haya de la Torre: esperava este passar alí alguns momentos, e demorou-se quase um dia inteiro. Haya de la Torre entreviu logo um insondavel tesouro de riqueza econômica nas amostras de 125 madeiras indígenas que Bailey coligira, e nas tinturas, barros, fibras e filaças alí empregadas. Prestou ouvido atento aos projetos do artista, que planejava levar as aptidões cultivadas naquele centro, até os trabalhadores de muitas dezenas de aldeias perdidas nas montanhas, e em seguida vender seus produtos nos mercados do mundo. Passado pouco tempo, o Perú chamou a si o pequeno investimento feito alí pelos Estados Unidos, e entregou a gerência da oficina ao Instituto Peruano de Artes Manuais, do qual Bailey foi nomeado diretor.

Um movimento cooperativo sem precedentes está-se alastrando hoje pelos Andes a fora. Em grupos de 40, o Instituto já treinou 160 mestres-artífices, que vão estabelecendo aulas de treino manual por aquelas aldeias das serras. Em Cuzco está-se construindo um centro de produção que empregará 300 trabalhadores, e que virá a ser, primariamente, um centro de exposição e de atração turística.

O propósito do Instituto não é transformar os índios do Perú em operários de fábrica; a maior parte destes novos artefatos provirão de aldeolas

agrícolas onde o lavrador, o pastor de gado e suas famílias sempre dispuseram de tempo sobejo entre as operações de cultivo dos campos, ou de horas livres todos os dias. Centenas desses indivíduos estão sendo treinados hoje para tirar proveito desse tempo livre.

Assim, ao mesmo tempo que retem sua independência pessoal, o artífice-agricultor poderá aproveitar-se do apoio e guia de uma organização de carater nacional. Nenhum tecelão que trabalhasse somente por conta própria podia, tempos atrás, comprar lã ou algodão de primeira; o resultado eram produtos de má qualidade, elaborados com matérias primas inferiores. Hoje, ao contrário, o Instituto compra materiais finos em grande quantidade, e vende-os a baixo preço aos agricultores artífices.

Por intermédio do seu laboratório de Lima, o Instituto serve de conselheiro comercial, oferece sugestões sobre os desenhos e modelos, e atua como verdadeiro serviço de normas técnicas. Estabelece os padrões para o trabalho do índio, e em seguida inspeciona o produto final deste, para certificar-se da sua qualidade. Para darmos um exemplo, Bailey escolhe dois touros de faiança, que são peças altamente decorativas e símbolos festivos de autêntico carater indígena. As duas peças parecem idênticas: mas, enquanto que uma, modelada por um aldeão sem treino, racha facilmente, a outra, produzida segundo a fórmula do barro fornecido pelo laboratório, é tão rija que quase se pode jogar no chão sem perigo de quebrar.

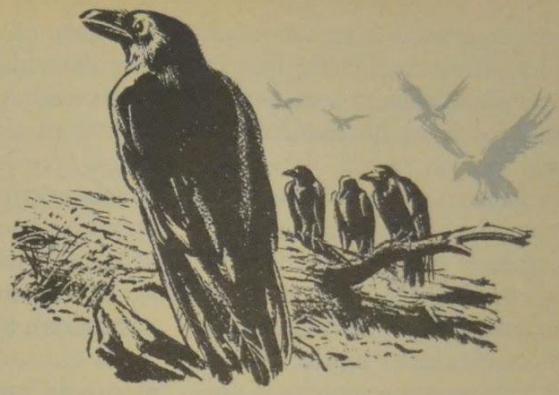
O Instituto é igualmente o agente de vendas da cooperativa. As vendas levadas a cabo pela oficina atingem de há muito um volume suficiente para assegurar o êxito do programa; e agora está começando, sobretudo para os Estados Unidos, a exportação em grande quantidade.

Se os fatos não vierem desmentir as entusiásticas previsões dos peritos em arte, a idéia de Bailey virá restituir aos índios andinos um alto lugar entre os artífices do mundo. Alem disso, o Perú poderá fazer por esse meio muitos milhões em divisas estrangeiras, que lhe permitirão comprar no exterior os artigos que lhe faltam—e desse modo contribuir para fortalecer os elos de solidariedade que já unem entre si as nações da América.

UM PILOTO de uma das principais linhas aéreas dos Estados Unidos tem o hábito de passear pelo avião quando este começa a jogar. Debaixo do braço, leva um livro, cujo título, em cores vivas, tem o cuidado de deixar bem à mostra: *Aprenda a voar em 20 lições.*

—George Dixon, King Features Syndicate

Ei-lo: S. Excia., o Corvo



(Condensado de «Nature Magazine»)

Alan Devoe

Ave de tretas... de penas pretas

O ESCRITOR Henry Ward Beecher disse certa vez que se os homens tivessem plumas e asas, poucos poderiam concorrer, em esperteza, com os corvos. E poderia ter acrescentado que poucos seriam tão picarescos, endiabrados e imprevisiveis como o corvo, verdadeiro assombro de astúcia no mundo das aves.

Uma senhora do meu conhecimento possuia um corvo tão «grãfino», que sempre insistia em lavar as minhocas que lhe davam de ração, antes de comê-las; outro não só aprendera a furtar coisas dos bolsos das pessoas, como tambem, quando se via enganado por um bolso vazio, soltava uma praga... e voava, zangado, para longe. No tempo da «Lei Seca» nos Estados Unidos, um fabricante clandestino de bebidas tinha um corvo ensinado e o mantinha de atalaia, vigiando os agentes federais; mas quando, em vez de secretas, o bicho via uma pequena bonita, dava sempre gritos galantes de entusiasmo.

Nem todos os corvos aprendem a falar; mas, ensinados desde novinhos, há alguns que chegam a saber uma centena de palavras e umas cinquenta frases completas. Contam-se mesmo casos de corvos do mato que têm aprendido exclamações usadas comumente pelos lavradores nas lides do campo.

Os corvos são aves gregárias, e geralmente se encontram muitos ninhos —às vezes cinquenta ou sessenta—numa pequena área. E aí mesmo os bichos usam sua conhecida velhacaria, furtando uns aos outros as palhas e gravetos dos ninhos. Quando um casal de corvos se ausenta do ninho, para ir em busca de alimentos, não faltam vizinhos preguiçosos e astutos que lhes roubem os tufos de samambaia ou de fibra, com que vão às escondidas melhorar seu próprio ninho. E acontece que logo depois, quando o ladrão se

acha ausente, vem o roubado e não só se apodera novamente do que lhe pertencia, como tambem leva, por seu turno, pedaços do ninho do outro, por vingança...

Essa gatunice dos corvos talvez possa ser tomada como simples troça entre vizinhos, porque na realidade são muito unidos. Eu próprio já observei casos de corvos que se lamentam ante um companheiro ferido, trazendo-lhe os alimentos necessários. O ornitólogo Edward Forbush conta a história de um corvo doente que, caindo num rio, começou a crocitar desesperadamente, como a pedir socorro; em pouco apareceram companheiros que se revesaram na luta por manter o outro à flor d'água, e por fim conseguiram arrastá-lo até a margem e pô-lo a salvo.

Sendo desprovidos de convencionalismos, muitos corvos, na época de fazerem os ninhos, deixam-se envolver no chamado «eterno triângulo». Quando, porem, isso acontece, muito raramente o incidente doméstico resulta em briga; o trio resolve então levar a vida de maneira menos ortodoxa. Assim, não é raro verem-se dois corvos alimentando os mesmos filhotes, e já vi tambem duas fêmeas chocando alternadamente uma ninhada, sendo ambas objeto, ao mesmo tempo, das atenções de um único corvo...

Os filhotes permanecem no ninho cerca de vinte dias, e consomem diariamente o seu peso em comida. Findo esse período, passam diversos dias a ensaiar o vôo, a bater as asas, ante o olhar crítico dos anciãos do bando, que lhes ensinam as primeiras regras da coletividade dos corvos. Os filhotes aproveitam essa aprendizagem para se encherem de quanta comida podem tragar, porque os velhacos, embora já se achem em condições de se prover de alimento, porfiam em seguir os pais numa choradeira de pedinchões, e às vezes fingem até que estão doentes, para serem atendidos...

Os corvos alimentam-se principalmente de legumes, frutas e nozes, mas podem comer de tudo—insetos, ratos, sapos e até carniça. Sei de um corvo, criado por um naturalista, que bebeu uma porção de tinta de óleo, e não obstante, escapou com vida...

Mas, apesar dessa voracidade, os corvos têm predileção por certos alimentos e recorrem a toda sorte de estratagemas para obtê-los. A caça aos ratos, por exemplo, é incerta e dificil, e quando um corvo se decide a caçá-los, serve-se geralmente de um porco que ande procurando alimento pelos campos. Instalado no lombo do suino, vai o corvo muito atento, e quando vê correr espantado algum rato, salta-lhe em cima, agarra-o, e num momento lá se vai grasnando, alegre, com a vítima no bico. Quando um corvo descobre uma raposa levando alguma caça, faz tremenda gritaria, e logo atrai todos os companheiros alí por perto; juntos, em bando, perseguem com bicadas a raposa, forçando-a a soltar a ambicionada presa.

Os corvos têm o dom da imitação, e os mais habeis arremedam muito bem o cacarejar das galinhas, o uivar do cão, ou o canto do galo. Já tive ocasião

de observar a artimanha de um corvo que, escondido num terreiro de galinhas, cacarejava e cantava como o galo, afim de atrair uma galinha para longe de seus pintinhos. Como lhe falhasse o truque, o corvo saiu do seu esconderijo e começou a saltar de um lado para o outro, diante da galinha, até que esta, num ímpeto de defesa, avançou para ele; aí o velhaco desviou-se rapidamente e, enquanto isto, outros dois corvos, seus companheiros de rapina, avançaram sobre a ninhada e levaram no bico dois dos pintinhos.

As corujas costumam dar assaltos noturnos e matar os corvos nas dormidas. Por esse motivo, quando os corvos descobrem alguma coruja durante o dia, logo se agrupam em torno da rapineira e a perseguem ao som de terrivel algazarra. O mesmo fazem com os gaviões, maritacacas, guaxinins, maracajás e outros bichos que lhes devoram os ovos e os filhos.

Quanto ao homem, os corvos, sagazes como são, sabem manter-se bem distantes dele. Empoleirado no topo de uma árvore, das mais altas, o corvo que vigia, enquanto os outros devoram as plantações, sabe muito bem distinguir uma espingarda na mão de uma pessoa, e nunca a confunde com um caniço de pesca ou uma bengala. Quando o vigia dá sinal de que vem um homem armado de espingarda, todo o bando se levanta silencioso e escapa a uma velocidade de mais de 70 quilômetros por hora. Os corvos parecem ter uma linguagem própria, que se compõe de uns 25 sons com que se comunicam entre si, e possuem tambem ouvido tão alerta que percebem o quebrar de um ramo mais acuradamente do que qualquer outro bicho da floresta, com exceção da corça.

Quando não há perigos que os assolem, nem falta de alimento, os corvos vivem uma média de 25 anos, e passam a maior parte desse tempo em suas costumadas diabruras. Uma de suas brincadeiras favoritas é despertar os «dorminhocos»; e é de vê-los, numa tarde mormacenta de verão, descer às caladas sobre um coelho que faz a sesta, despertá-lo com bicadas na cabeça, ou então pousar silenciosamente no dorso dos bois em descanso, fazendo-os disparar em doida correria.

Outro esporte dos corvos, dificil de se acreditar, é sua brincadeira de esconder. Vem um corvo malandro e se mete no oco de uma árvore, soltando gritos agudos, como a pedir socorro. Todos os companheiros que se acham na vizinhança correm para o local, e procuram em vão o outro que antes tanto gritava. Essa troça pode repetir-se dez ou doze vezes, e depois surge do esconderijo o corvo galhofeiro, que sai grasnando alegre pelos ares. Os companheiros burlados, ao invés de se zangarem, repetem o seu roufenho *cró-cró*, que ressoa pela mata como enorme gargalhada...

Os corvos gostam de reunir seixinhos brancos e conchas, para os contemplar ou usá-los nas suas brincadeiras, uma das quais consiste no seguinte: um corvo voa de uma árvore com uma concha no bico, e os outros se atiram à porfia, dando-lhe golpes, para obrigá-lo a soltar o objeto. Ao cair es-

te, outro corvo frecha até o chão, agarra a concha no bico, e foge num vôo chispado, sendo perseguido pelos companheiros.

O feito mais extraordinário dos corvos, porem, são as sessões de «juri» que eles realizam na grimpa dos arvoredos. Quando um deles infringe alguma das regras do «código penal» da «Corvolândia», todo o bando, em sessão solene, passa horas a conferenciar sobre o delito; enquanto isto, o delinquente, empoleirado numa árvore distante, aguarda com calma o veredicto. De repente, cessa a discussão. Há um momento de silêncio, e logo todos levantam vôo e vão-se embora, —ou então atiram-se em massa contra o condenado, arrancam-lhe os olhos, e o espicaçam com ferocidade até matá-lo.

No outono, o pequeno grupo de corvos de uma localidade vai reunir-se a outros e assim formam um grande bando, lançando-se a seguir em vôo para o logradouro de inverno, que fica às vezes a 2.500 km de distância. Um ornitólogo da Universidade de Johns Hopkins calculou em 230.000 o número de corvos num desses abrigos perto de Baltimore; e num outro, na vizinhança da cidade de Perú, no Estado de Indiana, havia 100.000 dessas aves. Segundo registros históricos, alguns desses pousos vêm sendo procurados pelos corvos, durante o inverno, desde que os primeiros europeus apareceram neste continente.

Muitos são os casos admiraveis que se contam de corvos criados em casa. Um desses, pertencente ao naturalista William Crowder, adquiriu o perigoso hábito de riscar os fósforos que achava na cozinha. Não querendo que, na sua ausência, o bicho lhe reduzisse a casa a cinzas, Crowder substituiu os fósforos reais por outros sem cabeça. Pois bem, ao regressar, encontrou o corvo a atirar um a um os fósforos pela janela, olhando vingativamente para o amo, e como que zombando dele, a simular o «quá, quá, quá!» duma gargalhada.

Está visto que a esperteza dos corvos não provem de discernimento, como nos seres humanos. É apenas o resultado de sua instintiva veia de troça e gaiatice, com que nos proporcionam constantes surpresas.

Teologia feminista

Entre as ardentes feministas detidas durante uma demonstração sufragista realizada na Inglaterra, encontravam-se uma senhora de idade, que já fora presa várias vezes pela Causa, e uma mocinha, que se mostrava bastante deprimida. Colocaram as duas mulheres em celas contíguas. Pouco depois de serem trancafiadas, a mulher mais idosa ouviu que a jovem soluçava. Bateu então energicamente na parede divisória e exclamou: «Que é isso, menina, não chore. Tenha confiança em Deus—*Ela* a protegerá.»

—Cornelia Stratton Parker, *Wanderer's Circle* (Houghton Mifflin)

Uma professora americana dá lições ao filho de Hirohito

Como se educa o futuro Micado

(Condensado de «The Miami Herald Sunday Magazine»)

Por Lee Hills

Pela primeira vez na história do Japão, a educação do príncipe herdeiro do Império do Sol Nascente foi confiada a uma mulher—a sra. Elizabeth Gray Vining, americana de Filadélfia, e *quaker* militante. Poucas pessoas já tiveram tão rara oportunidade de influenciar uma nação estrangeira como esta jovem americana; pois mesmo segundo a nova constituição, ao futuro Imperador está reservado consideravel prestígio e autoridade.

A sra. Vining está penetrada de uma alta noção das suas responsabilidades como preceptora do herdeiro imperial. Ainda recentemente ela me dizia: «O que eu quero é abrir ao Príncipe Akihito janelas bem rasgadas sobre um mundo mais vasto e mais livre. Tenho esperanças de fazer dele um genuino liberal. Quero que ele tenha convicções de ordem elevada, e a coragem de as defender e manter. Acima de tudo, quero transmitir-lhe o que julgo ser a essência da democracia—o respeito pela dignidade do indivíduo.»

Até a data em que os americanos passaram a ocupar o Japão, o príncipe herdeiro, que tinha 12 anos, mantivera-se rigorosamente alheio a toda e qualquer influência feminina, inclusive a materna. Os príncipes-herdeiros, segundo a mais rígida tradição, destinavam-se a viver num mundo viril, na terra onde as mulheres desempenhavam exclusivamente funções de mão-de-obra rural e doméstica, e o papel de incubadoras da raça.

Os círculos da corte se sentiram

chocados quando o próprio Imperador pediu que a educação de seu filho Akihito fosse confiada a «uma senhora cristã, com sólido preparo intelectual.» As negociações foram confiadas ao dr. George D. Stoddard, Diretor da Educação do Estado de Nova York, que fora ao Japão no carater de chefe de uma missão educacional. A sra. Vining crê ter sido escolhida por ser *quaker*, e tambem devido aos livros para crianças que tem escrito.

Seja como for, em outubro de 1946, desembarcava ela em Iocoama. Iria receber o salário de 2.000 dólares por ano, com casa confortavel, e comida. Deram-lhe como intérprete e secretária, escolhida pela Casa Imperial, uma moça japonesa que estudara durante cinco anos nos Estados Unidos.

A família imperial ficou tão bem impressionada com os resultados do primeiro ano de trabalho da sra. Vining, que sem hesitar lhe renovou o contrato por mais um ano. Ao mesmo tempo, o âmbito e escopo de sua influência tem crescido sempre. Alem do primogênito imperial, tem agora a seu cargo o ensino de três das irmãs de Akihito, dos irmãozinhos menores, e da própria Imperatriz, que em janeiro de 1947 iniciou o estudo da língua inglesa e tem feito «progressos notaveis.»

«Eu ensino tudo em inglês,» explica a sra. Vining. «Uma das primeiras coisas que fiz foi ensinar o príncipe-herdeiro a jogar tenis. Tracei um diagrama da cancha de tenis, e ensinei-lhe as expressões inglesas do jogo, tais como *ready*, *what's the score*, *serve*, etc. Estas palavras são faceis de transferir para outras coisas. Quando o príncipe aprende seja o que for, já pensa em inglês sem traduzir.»

Os livros lidos pelo príncipe acentuam, todos eles, a importância da cooperação. Contam-lhe histórias de meninos e meninas colaborando na execução de tarefas.

«No outono do ano passado iniciamos a leitura de *They Were Strong and Good*, de autoria de Robert Lawson. É um volume de histórias a respeito de gente americana, de pessoas que não foram nem grandes nem famosas, mas cujo carater era diamantino. Não acha que é uma coisa saudavel, incutir estas idéias na mente do príncipe herdeiro?»

E a sra. Vining prossegue dizendo: «O príncipe é um verdadeiro homenzinho, capaz de pensar por si.» A esperança dela é que ele venha a tornar-se genuino lider de uma nação democrática e pacífica.

«Não sei como chegou aos Estados Unidos o boato, e alguem escreveu a respeito, que o príncipe estava autorizado a brincar com outros meninos, mas que não se consentia que ele fosse *vencido* em jogo algum. Ora, isto não é a expressão da verdade,» afirma a sra. Vining. «Por ordem expressa do Imperador, o herdeiro não é objeto de qualquer atenção especial. Por exemplo, na sala de jogos há três mesas de pingue-pongue. Pois já o tenho visto esperar a sua vez, como qualquer simples mortal, quando as três mesas estão ocupadas. E enquanto assiste e espera, o herdeiro imperial corre a apanhar as bolas que caem no chão, e grita de entusiasmo com os seus camaradas de jogo.

«Akihito,» acrescenta a mestra, «é dotado de um espírito são. A primeira coisa que nele me chamou a atenção, foi a sua honestidade intelectual. Seria para ele coisa facil dizer que compreende quando não compreende, mas isso ele nunca faz. É cheio de paciência conosco, que teimamos em recheá-lo de conhecimentos e informações.»

Alem dos filhos do Imperador, a sra. Vining ensina tambem 78 rapazes da Escola de Nobres, outrora uma academia rigorosamente seleta, que a Casa Imperial mantinha para a educação dos futuros líderes do Japão. A escola está hoje aberta para todos, em bases democráticas, e o acesso faz-se por exames de admissão. Assim, de futuro, qualquer japonês poderá aspirar ao posto de primeiro-ministro. Alem das lições particulares com a sra. Vining, o príncipe está matriculado nessa escola, acontecimento este sem precedentes: pela primeira vez um príncipe-herdeiro do Japão segue os seus estudos ginasiais na companhia de outros rapazes. Diz a professora que o jovem Akihito se mostra feliz naquele ambiente e se conduz com natural espontaneidade.

Só passa na companhia da família, no palácio, os domingos e feriados. Fora disso, come e dorme na companhia dos seus camaristas em uma casa de estilo japonês, situada a uns 30 quilômetros a oeste do centro de Tóquio, no lugar onde está situada a Escola de Nobres. E passa a maior parte do tempo com os seus colegas de classe.

A sra. Vining dedica-se a ensinar tambem na Escola para Meninas Nobres. Nessas escolas de elite para jovens da nobreza, mantidas pelo Imperador, reinou sempre o sistema da separação dos sexos. Hoje, moços e moças seguem juntos os primeiros cursos de ensino; e com o andar do tempo todas as classes virão a ser mistas. Tudo isso é parte de um programa que tem como objetivo eliminar a desigualdade de direitos entre os sexos, tão acentuada no Japão.

«Antigamente havia livros escolares especiais para rapazes e para moças,» explica a sra. Vining. «Ensinava-se a cada um dos sexos uma concepção inteiramente diversa da vida: o poder e a importância para os rapazes, a subserviência para as moças. Escusado é dizer que os novos textos escolares acabaram com esse antigo conceito nipônico!»

Quando a tarefa da sra. Vining estiver concluida, o príncipe Akihito talvez continue seus estudos nos Estados Unidos. E desta forma o trabalho denodado de uma mulher americana poderá vir a exercer incalculavel influência sobre o futuro destino de 78 milhões de japoneses.

Napoleão observou certa vez (e sem dúvida sabia de que estava falando): «As únicas conquistas permanentes, e que não deixam remorsos, são as conquistas que fazemos de nós próprios.»

O CORAÇÃO—orgão maravilhoso

Henry Morton Robinson

Não se preocupe demasiado com o seu coração, amigo leitor, como tantas pessoas, aliás saudaveis, parecem fazer hoje em dia: ao contrário, alegre-se e felicite-se de que a natureza o haja presenteado com uma das suas mais delicadas e, não obstante, mais resistentes maravilhas —um mecanismo dotado de inigualavel paciência, flexibilidade e robustez. Sim, rejubile-se, e procure compreender como é que funciona o coração, pois quanto melhor souber compreendê-lo, melhor ele trabalhará!

Comece por pedir a um médico amigo que lhe empreste um estetoscópio, e escute o bater de seu próprio coração. No ritmo constante e firme de suas pulsações poderá ouvir estuar a própria vida que o anima, à medida que o fluxo do sangue passa através das válvulas e cavidades dessa bomba inimitavel de que a natureza o dotou. Porque o coração, para falarmos em termos mecânicos, é precisamente isto —uma bomba de pressão que obriga o sangue a percorrer a imensa rede circulatória do corpo, transportando a sua carga de oxigênio, de elementos nutritivos, e de refugo resultante das trocas orgânicas... Deixasse a bomba de funcionar por algum tempo, a torrente sanguínea se deteria tambem, cessando de abastecer de oxigênio o organismo, e as células de que este se compõe em breve pereceriam.

Impulsionados pela bomba cardíaca, os cinco ou seis litros de sangue, que em média contem o corpo humano, realizam uma viagem completa de ida-e-volta em menos de um minuto. No lapso de 24 horas, o coração recebe e expele, em constante atividade, cerca de 10.000 litros de sangue, e despende energia que seria suficiente para levantar um homem de uns 70 quilos de peso à altura do Empire State Building de Nova York, o mais alto edifício do mundo. No curso de uma vida com a duração bíblica de 70 anos, as pulsações do coração atingem um número que é de estarrecer: cerca de 2 bilhões e meio, isto sem interrupção, sem uma pausa sequer para lubrificação ou conserto... E—assim parece, pelo menos, a quem o escuta bater ao estetoscópio—sem um instante tãopouco de repouso!

Não obstante, o coração é um músculo, e não há músculo algum que possa trabalhar sem descanso. Conquanto muito breve, a pausa que se produz entre um ruido e o seguinte—entre a diástole e a sístole—constitui

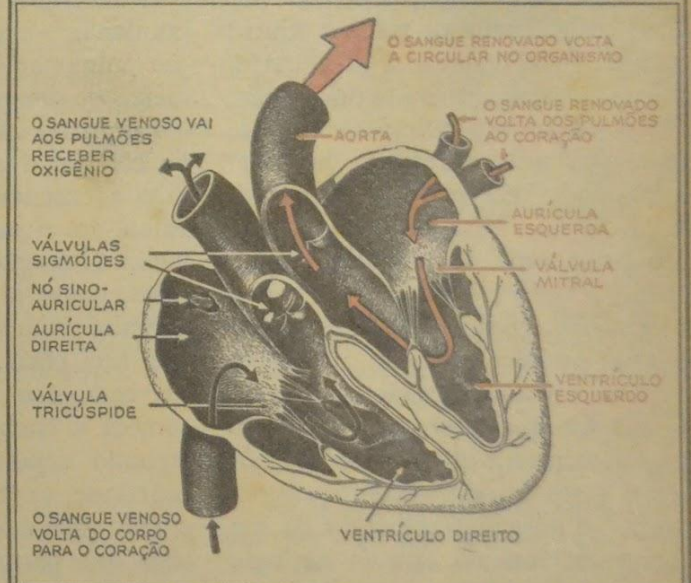
repouso suficiente em condições ordinárias. O coração normal, como o próprio homem, gasta duas vezes mais tempo a repousar do que gasta no trabalho. Alem disso, o coração é um orgão provido de rações nutritivas suplementares muito consideraveis, que lhe chegam através da formidavel rede sanguínea que o reveste. Muito embora pese apenas 1/200 de peso total do corpo humano, ele exige, para viver e funcionar, cerca de 1/20 de todo o sangue em circulação no organismo!

O nosso coração tem aproximadamente as dimensões de um punho fechado, e acha-se confortavelmente aninhado e envolto em uma resistente membrana serosa, de proteção, o pericárdio. Ligado ao corpo somente pelos grandes vasos sanguíneos que partem de sua base (ou seja, o topo), está suspenso dentro da caverna do torax com a ponta inferior, ou apex, diagonalmente apontada para baixo, em direção ao lado esquerdo. Uma parede muscular, que o sangue da circulação geral não pode transpor, divide este pequeno orgão em dois compartimentos estanques: o esquerdo e o direito. Cada metade do coração constitui uma «bomba» independente.

Cada uma dessas bombas tem, a seu turno, duas câmaras ou cavidades que funcionam em conjunto: na parte superior, a «aurícula» recebe o sangue que as veias vêm despejar no coração; na parte inferior, o «ventrículo» impele de novo o sangue para a circulação geral, ao longo das artérias. Os músculos do coração, muito especializados, acham-se tão engenhosamente dispostos em camadas e entretecidos, que são capazes de apertar, espremer, e literalmente «torcer», como se torce a roupa lavada, o conteudo das respectivas cavidades, a cada contração ou sístole da bomba.

Por que é que bate o coração?

Essa pergunta, feita há séculos pelo anatômico da Antiguidade, Galeno, não veio a ter resposta senão por volta de 1890, quando os cientistas come-



Os recônditos do coração

çaram a suspeitar que nisso intervinha alguma forma de energia eletroquímica. E tinham razão. Sabemos hoje que uma espécie de aparelho regulador do ritmo gera, normalmente, setenta vezes por minuto, um minúsculo impulso elétrico que se propaga através e ao longo das fibras musculares, provocando a contração das mesmas.

O coração é, pois, uma espécie de bomba eletromuscular, que atingiu sua presente perfeição ao cabo de milhões de anos de evolução especializada, para o fim único de manter o sangue em circulação em seus dois circuitos principais. Um destes, partindo do ventrículo esquerdo do coração, é o grande circuito geral, que leva o sangue a todos os recantos e escaninhos do organismo, afim de nutrir e oxigenar-lhe os tecidos. Outro circuito, independente e mais curto, parte do ventrículo direito do coração, leva o sangue aos pulmões, onde ele descarrega o seu frete de anidrido carbônico, e recebe o oxigênio renovador da vida. Este circuito é conhecido pelo nome de «circulação pulmonar».

Para bem compreendermos o mecanismo cardíaco, convem que tracemos com a maior precisão o curso do sangue. O sangue venoso, vermelho escuro, carregado de anidrido carbônico e outros produtos das trocas orgânicas, que veio recolhendo na sua marcha de retorno através da rede venosa, é despejado na aurícula direita durante o momento de distensão desta última; uma vez cheia a aurícula, abre-se a válvula que ela tem na base, e o sangue jorra para dentro do ventrículo correspondente.

Quando o ventrículo se enche, a suave pressão do seu impulso fecha esta válvula, que se dilata e arredonda para cima como a seda de um paraquedas. Essa mesma pressão abre simultaneamente outro jogo de válvulas, em forma de meia-lua, e força o sangue a sair do ventrículo para a artéria que o leva diretamente aos pulmões. Ao percorrer a rede pulmonar, o sangue venoso, vermelho escuro, purifica-se através das delgadas paredes dos alvéolos, trocando a carga de anidrido carbônico que trazia, pelo oxigênio do ar que a respiração lhe fornece. Assim refrescado, o sangue, agora de um vermelho vivo, retorna à aurícula esquerda do coração pela veia pulmonar,—e a maravilha da circulação pulmonar se completa assim, em menos de dez segundos.

Enquanto isso, a cavidade esquerda do coração, mais possante do que a direita, executa a fase seguinte do trabalho, em ritmo uníssono com a primeira. O sangue fresco vindo dos pulmões, como já dissemos, penetra na aurícula esquerda. Quando esta aurícula está cheia, abre-se a válvula da sua base, e o ventrículo, em baixo, começa a encher-se. Uma fração de segundo depois, o ventrículo cheio contrai-se, expelindo a sua golfada de sangue para a aorta, a formidavel artéria que parte do coração. Quando a pressão do sangue na aorta excede a pressão do ventrículo, fecham-se as válvulas em forma de meia-lua que

a separam dele, impedindo o refluxo do sangue ao coração. O breve e enérgico ruido que então ouvimos é justamente o som que as válvulas produzem ao fechar-se com força, hermeticamente.

Da aorta, que é o mais vasto dos rios por onde flui a vida, o curso do sangue vermelho vivo, oxigenado, vai-se repartindo e subdividindo, cada vez mais vagaroso, pelas artérias e arteríolas, até chegar aos delicados capilares que nutrem a intimidade dos tecidos celulares do nosso organismo.

O coração repete este processo de contração e distensão, de sístole e diástole—dia após dia, ano atrás de ano, na saude como na doença, durante o sono, as batalhas e o amor, com a constância e a teimosia do próprio tempo, com uma eficiência nunca igualada por nenhuma das invenções humanas, e uma tenacidade que ultrapassa todo o nosso entendimento.

Superstições que falham

A SRA. Willimore Trotter Jones, natural de Madison, Georgia, já encontrou e guardou milhares de trevos de quatro folhas. No entanto já sofreu cinco desastres de automovel, enviuvou três vezes, e já foi vítima de tantas aflições que os seus vizinhos a chamam de «Dona calamidade».

—*News* de Denver

A SRA. Neville Coleman recusou sentar-se numa mesa posta para treze pessoas. Esperou até que os convivas terminassem e sentou-se sozinha à mesa. No meio da refeição, foi acometida de um ataque de coração e faleceu pouco depois.

—*Times* de Nova York (A.P.)

UMA FAISCA elétrica atingiu o celeiro de John Ingram, em Sheridan, Arkansas, destruindo a estrutura e matando duas mulas. Acreditando no ditado de que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar, Ingram reconstruiu o celeiro no mesmo local. Um mês depois, o raio atingiu novamente o celeiro, destruindo-o e matando outros animais.

—*Sun* de Baltimore

O GENERAL Emilio Mola, substituto no comando dos rebeldes espanhóis, morreu num desastre de aviação. Ao ser encontrado por camponeses seu corpo, estava sem sapatos. A explicação para o fato foi dada por outro oficial rebelde: certa vez uma cigana dissera ao general que ele morreria de botas calçadas, e Mola sempre tirava os sapatos quando viajava de avião.

—*Time*

O perigo de morrer em consequência de uma operação cerebral é hoje bastante remoto, graças ao gênio de Harvey Cushing

O pai da moderna cirurgia do cérebro

(*Condensado de «Argosy»*)

Richard Match

O HOMEM que estava estendido na mesa da sala de operações sofria de um tumor cerebral. O cirurgião e o interno, recem-formado, praticaram um corte na caixa craniana e extrairam a perigosa excrescência. Poucas horas depois o paciente expirava... Passava-se isto em 1895. Por essa época, de cada dez doentes operados no cérebro, nove não sobreviviam à intervenção.

Vinte e cinco anos depois, aquele mesmo interno, o dr. Harvey Cushing (já então um dos maiores cirurgiões de todos os tempos), viria a inverter aquela proporção, de tal modo que, para cada dez pacientes operados, nove escapavam agora com vida. Chegou mesmo a conseguir mais: obrigou a mortalidade por tumor cerebral, na sua própria clínica, a cair para *6,8 por cento!*

Mas não é apenas este triunfo sobre a morte e a dor que torna empolgante a história do dr. Harvey Cushing: o mundo esteve a ponto de perder os grandes benefícios que havia de esperar do tão promissor interno de cirurgia. Quando ele frequentava a Escola de Medicina da Universidade de Harvard, era prática habitual os cirurgiões confiarem a anestesia pelo eter aos estudantes do segundo ano. Cushing já havia aplicado a anestesia a alguns doentes quando, certa vez, um dos que ele assistia expirou em plena operação. Sentindo-

se responsavel por essa morte, resolveu Cushing alí mesmo abandonar os estudos médicos, e foi preciso todo o poder de persuasão de colegas e amigos para o levar a renunciar a essa decisão precipitada.

Dois anos depois, em colaboração com um colega de curso, Amory Codman, Cushing concebia e punha em prática um processo tão simples quanto engenhoso de evitar as tragédias operatórias do eter: o pulso e as oscilações respiratórias do paciente iam sendo registradas, durante a operação, em um gráfico, de tal modo que o anestesista podia verificar a cada instante se o operado dispunha de u'a margem de segurança suficiente. Estes gráficos de anestesia ainda hoje estão em uso em toda parte.

Cushing nasceu em Cleveland, Ohio, em 1869, décimo filho de um médico. Enquanto estudante do curso pre-médico na Universidade de Yale, mostrou-se um aluno aplicado, mas sem nada de excepcional; gostava de fazer truques com o baralho, e era membro ativo do time de basebol.

Mas a escola de medicina parece ter produzido nele uma profunda transformação; foi na cirurgia que o jovem estudante, cujos dedos eram tão ageis no manejo do baralho, descobriu a sua verdadeira vocação! Colou grau com distinção em 1895.

Trabalhou durante quatro anos no já famoso Johns Hopkins Hospital, de Baltimore, sob a direção do reputado cirurgião William Stewart Halsted; foi depois à Europa, onde passou um ano fazendo pesquisas avançadas de laboratório. Em Berne, o mais famoso dos cirurgiões europeus do tempo, Theodor Kocher, sugeriu-lhe que estudasse a interação da pressão cerebral, da respiração e da circulação. O jovem cirurgião lançou-se tenazmente ao trabalho, e, passado tempo, inserindo uma «janela» transparente no crânio de um animal de laboratório, devidamente anestesiado, realizava observações que, mais tarde, viriam a revelar-se de transcendente importância.

Cushing descobriu por exemplo que, quando a pressão do líquido céfalo-raquidiano aumentava dentro do cérebro, tambem subia a pressão arterial, até ficar a um nivel ligeiramente mais elevado. Se a pressão arterial não conseguia ultrapassar a do fluido encefálico, a irrigação sanguínea do cérebro deixava de fazer-se, e o resultado era a morte do paciente.

Aí estava uma razão importante para que se fizesse sempre a observação rigorosa da pressão arterial de todos os pacientes. Mas a maior parte dos médicos pouco se interessavam então pela pressão arterial de seus doentes, e não conheciam sequer a existência de um aparelho apropriado para medí-la! Cushing encetou uma pesquisa minuciosa: inquiriu em todos os grandes hospitais e clínicas da Europa, na esperança de uma pista que o levasse a descobrir o que desejava—um aparelho capaz de medir a pressão arterial.

Até que finalmente foi achar em Pavia, na Itália, um aparelho muito engenhoso que registrava a pressão

sanguínea. Quando apareceu nos Estados Unidos, trazendo consigo um modelo do aparelho, os seus colegas norte-americanos prontamente o declararam destituido de qualquer valor prático, para efeitos de diagnóstico. Mas hoje, graças em grande parte ao fervor do jovem cirurgião, nenhum médico duvida mais da pressão sanguínea como sinal indicativo, verdadeiro barômetro da saude de seus enfermos... A braçadeira pneumática que Cushing encontrou na Itália é hoje familiar a todas as pessoas que já alguma vez se submeteram a um exame clínico.

Por esse tempo, Cushing bem sabia, os conhecimentos de ordem neurológica estavam ainda na infância. O homem, que soubera traçar o mapa de todos os mares e continentes da Terra, só então começava a desenhar o mapa do seu próprio sistema nervoso... No laboratório do grande fisiologista inglês Sir Charles Sherrington, tomou Cushing parte nas experiências destinadas a delimitar as áreas do corpo humano que estão sob o controle de cada um dos setores do cérebro. Traçou ele as ramificações de todos os nervos espinais até à pele, fazendo assim o mapa das zonas que cada nervo servia. Assim, hoje, ao verificar as áreas do corpo que se mostram afetadas no doente, o cirurgião fica sabendo exatamente onde está localizado o tumor cerebral.

O estudo que Cushing realizou das ramificações nervosas levou-o a um feito inovador nos domínios do reatamento dos nervos. Em 1902 veio consultá-lo um rapaz que tinha a face direita completamente paralisada, devido a um acidente de caça: fora atingido por um tiro de espingarda atrás da orelha direita. O tronco do nervo facial fora esmigalhado, mas as respectivas ramificações estavam intactas. «Por que não ligar as ramificações faciais com o tronco do nervo imediato, o correspondente ao ombro?» Dois dias depois da operação, o rapaz já podia mover a pálpebra do olho direito. Poucos meses passados, seu rosto voltava ao normal—mas algo curioso se passava agora: para rir, o rapaz era forçado a erguer o ombro direito.

A essa altura, Cushing, que havia um ano estava de regresso ao Johns Hopkins, casara-se com a namorada dos tempos de ginásio, e se estabelecera (com tabuleta à porta) em Baltimore, na esperança de aumentar o magro salário que lhe pagavam no hospital. Tinha 32 anos. Pediu então que todos os casos de cirurgia cerebral que aparecessem no Johns Hopkins fossem remetidos para a sua enfermaria cirúrgica. De começo eram muito raros os doentes, porque quase todos os médicos consideravam as operações do cérebro como uma sentença de morte. Mas, à medida que a percentagem dos óbitos post-operatórios foi baixando na clínica de cirurgia cerebral de Cushing, a afluência dos casos foi-se tornando tambem maior.

Enquanto isso, foi criando novos instrumentos cirúrgicos e aperfeiçoando outros, utilizados na trepanação do crânio; inventou um torniquete pneumático para a cabeça, que evitava as

hemorragias do pericrânio, acidente que baldara os esforços de muitos experimentadores no domínio da extração de tumores cerebrais.

Os primeiros operadores de cérebro haviam sempre insistido na necessidade de executar rapidamente as intervenções dessa natureza. Mas Cushing, que sempre planejava minuciosamente as suas operações, levava em média três a quatro horas para praticá-las. Afirmava que o importante no caso era a proteção dos delicados tecidos nervosos, e não a rapidez da intervenção. Em anos posteriores, porem, veio a encurtar a duração das operações pelo menos de um terço, graças a outra invenção tambem sua, a eletrocirurgia.

O eminente cirurgião se orgulhou sempre muito do seu modo impecavel de tapar as aberturas praticadas na cabeça, repondo cuidadosamente as lâminas ósseas, e ajustando com exatidão as bordas dos músculos e do couro cabeludo—pormenores dantes desprezados pelos primeiros cirurgiões do cérebro.

A célebre monografia de Cushing sobre a cirurgia da cabeça, publicada em 1908, causou a mais profunda impressão na classe médica da Europa e da América. Quase só por si, ele havia criado uma nova especialidade da cirurgia.

Um dos objetos máximos do seu interesse científico havia sido, desde os começos da carreira, a glândula pituitária, cujas funções eram ainda então obscuramente conhecidas. Suspeitando que as anomalias da estatura estavam relacionadas com os hormônios segregados pela pituitária, lançou-se ao estudo da história clínica dos gigantes, anões e damas-gordas dos circos. Um dia, aproveitando a ausência da esposa durante as férias de verão, Cushing reuniu em sua casa uma verdadeira galeria de anões, sobre os quais praticou uma série de experiências relativas ao crescimento. Em 1912 publicava *The Pituitary Body and Its Disorders* (A glândula pituitária e seus distúrbios), livro no qual demonstrou que essa glândula, cujas dimensões não excedem as de uma ervilha, era o orgão capital no mecanismo do crescimento do corpo humano.

O excesso de secreção da pituitária nas pessoas adultas dá causa à acromegalia—ou seja, o desenvolvimento excessivo e cruelmente deformador das mãos, dos pés e das mandíbulas—e as suas vítimas são frequentemente ameaçadas de cegueira, em virtude da pressão exercida pela pituitária sobre o nervo óptico. A intervenção cirúrgica lhe parecia estar claramente indicada, mas como a pituitária se encontra alojada a grande profundidade, atrás das órbitas dos olhos, era talvez o orgão menos acessivel de todo o corpo humano.

Os anais da medicina só registravam um caso de operação bem-sucedida da glândula pituitária, levada a cabo por um cirurgião vienense que praticara uma abertura através do frontal e dos respectivos seios. Cushing repetiu esta operação em 1909, e com êxito; mas logo se apercebeu de um sério inconveniente dessa técnica—o perigo de

que uma possivel infecção dos seios frontais se transmitisse ao cérebro.

Concluiu então que o caminho através do esfenóide, essa pequena estrutura óssea de forma rara situada à retaguarda da cavidade nasal, era muito mais seguro. Cushing conseguiu dessa forma alcançar a pituitária sem tocar nos seios frontais, empregando a seguinte técnica: ergueu o lábio superior do doente, e praticou a incisão através do osso, acima do maxilar superior, em direção ao esfenóide. O chamado «corte trans-esfenoidal de Cushing» tem salvo centenas de acromegálicos da cegueira e da terrivel deformação da face.

A capacidade de trabalho do dr. Cushing parecia verdadeiramente ilimitada. Todas as manhãs ele ditava durante algumas horas uma volumosa correspondência; depois fazia uma operação que demorava de quatro a cinco horas. Pelo fim da tarde, enquanto comia uma torrada com manteiga, sentava-se a escrever as notas post-operatórias, sempre muito meticulosas; examinava novos doentes, e ia fazer as visitas hospitalares cotidianas. Só em ocasiões muito excepcionais deixaria de sentar-se a escrever das oito à meia-noite—talvez um relatório médico ou uma conferência, ou mesmo parte de um livro. Era homem para pôr no papel entre 5.000 e 10.000 palavras por dia, várias vezes a produção normal da maioria dos escritores profissionais.

Aos 43 anos, Cushing era nomeado professor de Cirurgia da Universidade de Harvard, e cirurgião-chefe do novo Hospital Peter Bent Brigham. Em 1915, durante a guerra européia, foi para a França ajudar a organizar a neurocirurgia de guerra dos Aliados. Durante essa breve visita aos hospitais de sangue, Cushing empregou um eletromagneto para extrair um estilhaço de granada que se cravara profundamente no cérebro de um soldado francês. O instrumento já antes fora experimentado por outros cirurgiões, mas com pouco ou nenhum êxito.

Pondo de lado a sonda habitual, de dimensões excessivas, Cushing serviu-se de um prego comum, de 15 cm de comprimento, cuja ponta arredondou previamente com uma lima; em seguida fixou o prego na extremidade do eletromagneto. Três vezes inseriu o prego magnetizado através da passagem aberta pelo estilhaço, sem conseguir desalojar o pedaço de metal. À quarta tentativa o prego penetrou à profundidade de 9 centímetros no cérebro do paciente. Quando Cushing o retirou vagarosamente, o prego trazia, agarrado na ponta, o fragmento de aço com as arestas todas farpadas!

Após a entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917, o dr. Cushing recebeu a patente de major-médico, e partiu de novo para alem-mar, acompanhado de uma equipe de cirurgiões. Se, nos Estados Unidos, habituara-se a considerar bem preenchido o dia em que praticava uma operação de cérebro, na frente chegou a fazer sete e oito por dia, trabalhando à luz de uma vela quando os alarmes de reides aéreos cortavam a corrente elétrica. Apesar de tudo, manteve sem

pre os mais minuciosos registros das operações.

Em agosto de 1918 Cushing adoeceu em Château-Thierry, vítima de polinevrite, infecção de natureza obscura do sistema nervoso. A insensibilidade da paralisia apoderou-se de suas pernas, atingindo-as até acima dos joelhos; depois, aqueles dedos ageis e firmes se tornaram tão rígidos, que o mestre nem sequer podia abotoar a própria camisa. E Cushing perguntava a si mesmo se alguma vez voltaria a ser capaz de pegar num bisturí...

Proclamado o Armistício em 1918, regressou à Universidade de Harvard e ao Hospital Peter Bent Brigham. Lenta e penosamente, seus dedos foram de novo ganhando a antiga perícia. Mas nunca mais conseguiu caminhar com a facilidade de outros tempos. Os colegas mais jovens o empurravam numa cadeira de rodas pelos longos corredores do hospital.

Apesar da enfermidade, Cushing continuou tão ativo como sempre. Escreveu por essa época a *Vida de Sir William Osler*, que lhe conquistou o Prêmio Pulitzer. E, embora por vezes tivesse que operar sentado, a sua técnica operatória continuou a aperfeiçoar-se.

Foi então que o destino lhe desferiu outro golpe cruel: certo dia, em 1926, no momento em que dava entrada na sala de operações, vieram trazer-lhe a notícia de que seu filho mais velho, estudante adiantado da Universidade de Yale, perecera nessa mesma manhã, vítima dum acidente de automovel. O mestre ficou atordoado: mas tinha uma doente à espera na mesa de operação, cega pela pressão de um tumor cerebral sobre o nervo óptico. E o dr. Cushing deu entrada na sala, para cumprir estoicamente o seu dever.

O trabalho era, para ele, um antídoto do sofrimento físico ou moral. Levou meses trabalhando na invenção de «bisturís elétricos»—delicados fios metálicos—que se podiam empregar com segurança nos mais sensiveis tecidos cerebrais, e viriam reduzir muito os perigos da hemorragia no decurso das intervenções cirúrgicas. O êxito da sua primeira operação eletrocirúrgica, em 1.º de outubro de 1926, foi tal, que Cushing mandou chamar à sua clínica, para serem operados, muitos dos pacientes que antes considerara como casos impossiveis de operar.

Em 1931 Cushing executava a sua 200.ª extração de tumores cerebrais. Um ano depois, com 63 anos, atingia o limite de idade, e jubilava-se como professor da Universidade de Harvard. Voltou então à sua primeira *alma-mater*, a Universidade de Yale, para consagrar os anos de vida que lhe restavam, a pesquisas de história médica. Veio a falecer em 7 de outubro de 1939.

Desde então, numerosos e brilhantes cirurgiões, que haviam estudado as técnicas de Cushing, foram-nas levando a todas as partes do mundo. Em 1942, o Brigadeiro Hugh Cairns, chefe da neuro-cirurgia inglesa na segunda guerra mundial, e antigo assistente de Cushing, pediu em telegrama para os Estados Unidos os nomes dos 119 soldados ingleses cujos casos Cushing ha-

via descrito no seu famoso relatório de 1918 sobre ferimentos da cabeça—os únicos casos da primeira guerra mundial cujo tratamento ficara minuciosamente descrito. Graças aos arquivos do mestre, foi possivel identificar esses antigos combatentes e determinar-lhes as residências, e assim se obtiveram dados clínicos do mais alto valor.

A obra de Harvey Cushing encontrou tambem continuadores no «Registro Cushing de Tumores Cerebrais» de New Haven, por ele fundado em 1905. O cirurgião insistira sempre em que todos os tumores por ele extraidos fossem conservados para estudo, e pediu sempre aos doentes que dessem anualmente notícias do seu estado, no aniversário da operação.

Durante uma vida inteira de brilhantes realizações, Harvey Cushing viu-se coberto de honras internacionais. Mas, acima de tudo, ele foi sempre um amigo dos enfermos arrastados pela doença a dolorosas dificuldades. Quando operava gente rica, podia cobrar honorários altos; mas os pacientes de escassos meios encontravam muitas vezes, a acompanhar a conta do cirurgião, uma pequena nota redigida aproximadamente nestes termos: «Não quero que V.S. se sinta na obrigação de pagar esta conta, a não ser que se julgue em condições de fazê-lo; mas, se puder pagar, ou pagar parte dela em devido tempo, ficarei muito grato.»

Harvey Cushing não era formalmente um homem religioso. Mas disse um dia a um doente que lhe agradecia fervorosamente ter-lhe salvo a vida: «Não agradeça a mim, agradeça a Deus.» E posso afirmá-lo com conhecimento de causa, pois eu era esse doente.

Pilotadas

COMO ERA seu primeiro vôo, a aero-moça estava bastante nervosa. Pouco depois de haver decolado o grande bi-motor, a voz do piloto-chefe fez-se ouvir através do fone. «A senhora quer chamar o co-piloto, por favor?» A jovem, depois de rápida inspeção, respondeu que o mesmo não se encontrava a bordo. «Mas como é que a senhora me deixou levantar vôo sem ter verificado se ele estava a bordo?» protestou o piloto-chefe. «Agora, temos de prosseguir assim mesmo, até à próxima escala». Com mãos trêmulas, a jovem continuou a arrumar travesseiros, a servir café e sanduiches.

Em realidade, o co-piloto entrara no avião pela escotilha da carga, no nariz do aparelho, e estava sentado precisamente no lugar em que deveria estar. Quando o avião aterrissou na primeira escala, o co-piloto abriu a escotilha, desceu ao solo e deu uma corrida até à escada, de onde descia o último passageiro. Galgou os degraus, esbaforido, e lançou-se nos braços da aero-moça.

«Puxa! Que corrida!» exclamou, ofegante. «Cheguei a pensar que não pudesse mais alcançar vocês.»

—Colaboração de H. W. Hoover

Uma compilação de anedotas

Rir é o melhor remédio

Por Bennett Cerf

autor de «Try and Stop Me» e «Anything for a Laugh»

O EX-GOVERNADOR Alfred Landon, candidato à Presidência da república norte-americana em 1936, comentou numa roda, na sua terra natal, no Kansas: «Eu compreendo muitos paradoxos, mas, com franqueza, não entendo minha mulher, que se mata a limpar a casa, para não se sentir envergonhada quando a criada chegar para a limpeza...»

UMA JOVEM senhora estava em casa, a fazer tricô, quando chega um estafeta com um telegrama anunciando que um seu primo de terceiro ou quarto grau havia falecido e lhe deixara uma herança de um milhão de dólares. Ora, quem recebe uma notícia assim tem logo o impulso de comunicá-la a outrem; e a senhora, pondo o trabalho para um lado, correu ao telefone, e exclamou: «Telefonista! Por favor! Ligue-me com alguem!»

GENE FOWLER mandou-me uma piada sobre um dos «potentados» de Hollywood que, tendo encontrado na rua uma linda pequena, exclamou dramaticamente:

—Mas, que dádiva do céu, encontrá-la de novo! Acontece que há uma festa maravilhosa esta noite e eu quero que você seja minha convidada. E veja lá, nada de recusas!

—Sim, mas onde será a festa? perguntou a moça.

—Em minha casa, beleza, e será do outro mundo, com champanha, boa música, e ninguem sabe a que horas vai acabar.

—E quem mais vai comparecer? perguntou a pequena, bastante interessada.

—Ah! exclamou o engenhoso pirata, só nós dois...

POR FORÇA das exigências do protocolo, Hugo Black, ministro do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, compareceu há pouco às exéquias de um cavalheiro a quem, em vida, ele detestara cordialmente. Um colega chega-se ao magistrado e lhe cochicha ao ouvido: «Há muito que começou o serviço?» «Ainda estão na lengalenga da defesa,» respondeu o jurista.

NOS APONTAMENTOS secretos de uma quadrilha de ladrões de Chicago foi encontrada a seguinte história, referente a um dos jovens *gangsters*, rápido no gatilho, porem muito lerdo nas idéias. Um dia mandaram-no espreitar uma rica mansão, que seria roubada na véspera do Natal. O lará-

pio aproximou-se da casa, oculto pelas moitas do jardim, e, espiando pela janela, viu na sala uma jovem e um rapaz, vestidos de etiqueta, que se divertiam tocando piano a quatro mãos. Ao voltar, disse o bandido ao chefe: «É melhor eliminar essa casa dos nossos planos.» E, como o chefe lhe perguntasse o motivo: «Porque essa gente não deve ter dinheiro...pois eu vi duas pessoas tocando num piano só!»

O PINTOR Michael Gross foi recentemente convidado para um almoço, onde se achavam reunidos os principais anedotistas de Hollywood. Logo que se sentou, um desses «fabricantes» de humorismo gritou o número «60», e toda a sala riu a valer. Depois, outro engraçado *cantou* o número «42», e se ouviu uma onda suave de discretas risadas. Mas o melhor foi quando um terceiro profissional de piadas gritou alto «35», e estrugiram tremendas gargalhadas.

—Que história é essa? perguntou o pintor. —Por que riem tanto à simples enunciação de um número?

—É que eles são humoristas profissionais, explicou-lhe a dona da casa, —e conhecem de cor e salteado todas as anedotas do mundo, que eles têm devidamente catalogadas e numeradas. Quando um dos presentes menciona o número de catálogo de uma piada, todos riem como se tivessem ouvido a história em seus mínimos detalhes.

—É... são práticos, realmente! comentou Gross. —Mas, por que motivo aquele rapaz gorducho, alí no canto, ainda se sufoca de riso à simples menção do número 35?

—Ah, aquele? fez a senhora, apontando-o. —Acho que é porque ele não conhecia a piada...

Mas exige prática...

LEIA da direita para a esquerda a linha que se segue a esta, e, quan- e ,direita a para esquerda da ler a comece ,mesma da fim ao chegar do assim por diante. Acha que esse processo facilita a leitura? O profes- por verificou ,Angeles Los de pesquisador psicólogo ,Clark B. W. sor meio de um aparelho destinado a medir o cansaço dos olhos, que cansa esquerda a para vista a trazer que do ziguezague em ler menos muito afim de começar uma nova linha. O aparelho fotografa os movimentos do ,interrupção sem linha a varrem não olhos os que mostra e ocular globo e sim fazem uma série de pulos e pausas. O método de ler em ziguezague, o causa que aquele ,pulo grande o elimina ,professor referido o diz cansaço nos olhos.

Um canadense descreve, com dura franqueza, algumas atitudes irritantes dos seus vizinhos norte-americanos

MEMORIAL DE AGRAVO DO CANADÁ

(*Condensado de «National Home Monthly»*)

Por Leslie Roberts

AS RELAÇÕES entre o Canadá e os Estados Unidos, que alcançaram um grau máximo de intimidade no final da guerra, afrouxaram, depois, rapidamente, e tendem a piorar cada vez mais. A menos que se alterem as condições atuais, veremos renascer as prevenções da geração passada, época em que as eleições canadenses se processavam sob o clamor de lemas como este: «Não queremos nada com os ianques.»

Em realidade, já estamos regredindo aos tempos em que os barcos canadenses eram alvejados e postos a pique pelos guarda-costas americanos e os inspetores ianques abatiam traficantes de bebidas em território canadense. Os policiais de Tio Sam jamais se importaram com o fato de ser considerado perfeitamente legal o comércio de bebidas, tanto pelo direito internacional como pelas leis canadenses, desde que não fossem invadidas as águas territoriais ou o solo americano. Quando o Canadá protestava, Washington respondia: «Muito bem. Arranje uma lei. Proiba a saida de bebidas do Canadá para os Estados Unidos e nós conteremos os nossos pistoleiros.» Viu-se, então, o Primeiro Ministro na humilhante contingência de pedir a lei que os americanos reclamavam. De todas as bancadas da Câmara dos Deputados partiram exclamações de protesto. Entretanto, a lei passou quase por unanimidade.

Fato semelhante ocorreu recentemente. Durante a última sessão, o Ministro do Exterior propôs uma lei autorizando o Exército Americano a organizar tribunais militares no Canadá. Apresentou o caso com o aspecto de uma cortesia sem consequências. Em realidade, porem, o Ministro estava solicitando nada menos que uma patente violação do Convênio sobre Defesa Militar, segundo o qual as tropas de um país, quando se encontrarem no território do outro, se sub-

meterão às leis locais. Como da outra vez, não faltaram protestos veementes.

«A pior forma de anexação,» observou um deputado, «consiste em aceitar cegamente as leis de um país estrangeiro.»

A Câmara, entretanto, acabou aprovando a lei. O Canadá tem o hábito de formular leis sempre que o Tio Sam faz questão de conseguí-las. Por vezes, são aprovadas sob o protesto de deputados que terminam por votar a favor simplesmente por não verem outra saida. Uma das mais altas autoridades do país enfocou com propriedade esse aspecto, a propósito da bomba atômica. Um importante diário canadense declarara que o Canadá deveria recusar-se a fornecer U-235 a Tio Sam se este continuasse a ocultar ao Canadá os detalhes da construção da bomba. A mencionada autoridade expressou: «A idéia é magnífica. Mas ninguem dirá *Não* aos Estados Unidos. Discutiremos. Negociaremos. Tentaremos escapar com nossa dignidade intacta. Mas, de fato, ninguem dirá—*Não*.»

A política atômica dos Estados Unidos já foi caracterizada por uma revista canadense como «A cortina de ferro do Tio Sam». A bomba é um produto conjunto dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, do Canadá e de cientistas de vários outros paises. Entretanto, os segredos da construção e o equipamento industrial permanecem como monopólio dos Estados Unidos, inclusive os detalhes relacionados com os empregos pacíficos da energia atômica, afim de serem depois distribuidos, migalha por migalha, ao sabor exclusivo de Tio Sam. Este nos veda até mesmo certos materiais que podem ser produzidos nos Estados Unidos, em Oak Ridge, a preços mais baixos do que em Chalk River, no Canadá. A ciência canadense teve de retornar aos rudimentos da energia atômica e recomeçar o seu trabalho através do longo labirinto das experiências, quando o simples acesso a certas fórmulas retidas pelos Estados Unidos nos permitiria evitar o desperdício de milhões de dólares. Em resumo, a ciência, talvez o único campo em que os homens atuavam, antes da guerra, em ilimitada cooperação, foi incorporada pelos Estados Unidos como uma peça da sua engrenagem política. Isso talvez pareça forte demais, mas o fato é que reflete o crescente desagrado com que os canadenses presenciam as atitudes de Tio Sam para com os seus melhores amigos.

Observemos agora outro instrumento do poderio americano—o dolar. A política econômica do Canadá, desde o tempo da guerra, baseia-se na idéia de que o melhor meio de evitar a ruina dos nossos agricultores, mineiros e industriais seria ajudar os nossos fregueses de alem-mar a se refazerem, mediante a concessão de créditos generosos. Como resultado, nossas exportações superaram amplamente os índices do tempo de paz. Entretanto, não somos nem seremos por muito tempo pagos pelo grosso dessas exportações. Essa é uma das faces do problema.

A outra face é o nosso intercâmbio com os Estados Unidos, de quem somos, há muitos anos, os melhores clientes. Desde a guerra que efetuamos as compras mais volumosas da nossa história, nos Estados Unidos; nossa balança comercial em 1947 acusará um saldo, em favor do nosso vizinho, de quase um bilhão de dólares, mas pagos à vista, e em dinheiro americano, pois Tio Sam não aceita pagamento em outra moeda.

Os Estados Unidos assemelham-se a um adolescente decidido a impôr regras e normas a todos quantos quiserem usufruir o privilégio de tratar com ele. Em 17 de novembro, o Governo Canadense anunciou que se vira forçado a suspender, temporariamente, a importação de muitas mercadorias americanas, a taxar pesadamente algumas e a submeter outras ao regime de quotas. Simultaneamente, o Export-Import Bank, em Washington, anunciou a concessão de um crédito de 300 milhões de dólares ao Canadá, como a primeira de uma série de medidas para compensar o crescente déficit de dólares daquele país.

O povo dos Estados Unidos precisa saber que o Canadá não se aproveitou da «mamata» ianque, ao contrário do que em geral se imagina. Durante uma recente visita que fiz a cidades do Oeste dos Estados Unidos, verifiquei que a maioria das pessoas acreditava piamente que o Canadá fizera a guerra montado no *lend-lease*, «como qualquer outro país». E era inutil explicar-lhes que tínhamos brigado à nossa própria custa e gasto nisso bastante mais dinheiro *per capita* (450 dólares) do que o *lend-lease* custara aos americanos (350 dólares).

Os créditos e doações do Canadá a outros paises, desde a vitória sobre o Japão, excluindo a UNRRA e o auxílio post-UNRRA, já se elevam a 1.770.000.000 de dólares, quantia essa que corresponderia a 21.240.000.000 de dólares nos Estados Unidos, se levássemos em conta o fato de que a população norte-americana é 12 vezes maior do que a canadense. Do mesmo modo, se o Canadá devesse contribuir para o Plano Marshall com três bilhões e os Estados Unidos com 18 bilhões, como se propõe, o custo do Plano para cada cidadão canadense seria de 250 dólares, comparados aos 125 que caberiam, aproximadamente, ao cidadão americano.

Os canadenses irritaram-se profundamente, há pouco, quando um bizarro cidadão norte-americano, que atende pelo nome de Coronel «Steamboat» Johnson e chefia o Departamento de Transportes, em Washington, baixou uma portaria proibindo a exportação de carvão para o Canadá nas composições da Canadian National Railways, simplesmente porque os vagões vazios não eram devolvidos com a presteza desejada pelo Coronel. Os protestos assumiram tais proporções que Ottawa teve de apelar para os altos canais diplomáticos afim de ver o Coronel posto no seu devido lugar. Este poderá ter sido apenas o caso de um burocrata ébrio de poder, esquecido de que ainda há uma linha imaginária que divide a parte setentrional do Continente em dois paises distintos. Entretanto, a maioria das pessoas com quem este observador conversou,

depois do «impacto» do Coronel sobre a soberania canadense, acreditava tratar-se de um exemplo típico da tendência ianque de dirigir o mundo à sua maneira.

Tenho sobre a mesa uma brochura intitulada «Que espécie de gente eles pensam que somos?» A publicação é patrocinada pela Montreal Trust Company, empresa ultra-conservadora. Refere-se o texto a um despacho do Ministério da Justiça, dos Estados Unidos, no qual se ordena a empresas canadenses produtoras de papel para a imprensa, que compareçam a Nova York afim de demonstrar por que não podem as mesmas levar umas boas bordoadas do benevolente Tio Sam.

Esse artigo não se interessa pela moral comercial dos cavalheiros que se dedicam a negócios de papel. A conclusão a que queremos chegar é a seguinte: enquanto o Canadá não renunciar voluntariamente a parte da sua soberania em favor de um governo universal, a soberania canadense permanecerá inviolavel. O fato de funcionários do Governo americano começarem a aplicar penas e sanções a pessoas domiciliadas em outros paises, e a classificá-las como criminosos, só prova que esses funcionários estão se aventurando a dar passos maiores que as pernas.

Há dois anos atrás, muitos dos nossos chefes militares consideravam excelente a idéia de uma defesa conjunta do Ártico e o uso de armas e equipamentos norte-americanos pelas forças canadenses. A maioria ainda sustenta esse ponto de vista, mas não são poucos os que dirão que os «métodos» empregados para alcançar o objetivo são insustentaveis.

É bem típico o caso da expedição militar que reuniu em Boston 30 carros com equipamento e já se ia fazer ao mar, com escolta da Marinha Americana, afim de estabelecer bases e proceder a experiências meteorológicas na ilha canadense de Melville, sem ter mandado sequer uma breve e polida comunicação aos canadenses. Comparemos o caso com a atitude dos ingleses, em 1938, quando pediram a Ottawa autorização para treinar pilotos aquí. Tendo o Governo do Canadá respondido que o plano só poderia ser executado sob a direção dos militares canadenses, os ingleses retiraram cortesmente a solicitação e ainda pediram desculpas pelo incômodo.

Não há dúvida que nós canadenses somos meio tímidos. As pessoas começam a sentir-se assim quando são poucas e se vêem envolvidas por muitos. Não há dúvida de que devemos atentar bem para o que dizem os líderes políticos americanos, com a boa dose de sal requerida pelos alimentos sem sabor. Mas nada disso poderá alterar o fato de que os Estados Unidos, se quiserem desempenhar, na realidade, o papel mundial que escolheram, precisarão ter mais consideração pelos direitos e sentimentos dos outros, e um sentido de responsabilidade equivalente ao poder de que dispõem. Humildade é uma palavra que nossos vizinhos deveriam procurar no dicionário. Poderiam usá-la com maior frequência nestes tempos difíceis.

Em sete agitados minutos a enérgica população de Northfield, Minesota, conquistou um lugar na lenda norte-americana

Um banco que Jesse James não pôde saquear

(*Condensado de «American Mercury»*),

Por Stewart Holbrook

LÁ PELO ano de 1876, a aprazivel vila de Northfield, no Estado de Minesota, cochilava um dia no calor meridiano que é próprio de setembro nessa latitude setentrional. As cigarras soltavam o seu triste canto de adeus ao estio. Suaves ondas de calor agitavam levemente a atmosfera em volta do moinho de cereais e da serraria, situados ambos ao longo da margem do Rio Cannon.

Por volta do meio-dia, cinco estranhos cavaleiros, que envergavam longos guarda-pós de linho branco, almoçaram em silêncio em um restaurante situado lá para o lado oeste da vila. A dada altura, três deles sairam do restaurante, partiram a cavalo, atravessaram a ponte, e foram desmontar em frente do First National Bank. Pachorrentamente, encaminharam-se para a esquina e sentaram-se em uns caixões que estavam à porta do armazem de Lee & Hitchcock. Esses três homens eram, provavelmente, Charlie Pitts, Bob Younger, e o mais famoso de todos os modernos bandidos dos Estados Unidos, Jesse James.

Pouco antes das duas da tarde, outros dois estranhos cavaleiros, Cole Younger e Clel Miller, acercaram-se do First National Bank pelo lado sul; os três homens que estavam sentados nos caixões levantaram-se e entraram então no edifício. Miller desmontou e

foi fechar a porta do banco. Cole Younger, tendo-se apeado tambem do cavalo, fingiu estar ocupado a ajustar a cilha do selim.

Quase nesse instante, um comerciante de ferragens estabelecido logo ao virar da esquina, J. S. Allen, surgiu em cena tambem, no honesto propósito de depositar algum dinheiro no banco. Ainda ele não tinha chegado à porta do edifício, quando Miller lhe pôs a mão, ordenando: «Volte pra trás!» Allen, que era indivíduo esperto, desvencilhou-se da mão do outro com um safanão, e desatou a correr para a loja, berrando com toda a força dos seus pulmões: «Apanhem as armas, pessoal, que estão assaltando o banco!»

Clel Miller e Cole Younger pularam sem demora em cima dos cavalos, e, galopando rua abaixo e rua acima, gritando como índios Comanches, desataram a disparar contra tudo e todos que fizessem um movimento. A eles vieram juntar-se repentinamente, vindos ninguem sabe donde, mais três cavaleiros—Frank James, Bill Stiles e Jim Younger—tambem galopando à doida, berrando e fazendo fogo.

A rua, até alí dormente, pareceu voltar bruscamente à vida, com os moradores da terra, espavoridos, correndo em busca de abrigo, e balázios estilhaçando vidraças e fazendo ricochete nas fachadas dos edifícios de pedra, em longos uivos de morte... Nicholas Gustavson, imigrante sueco, foi logo derrubado por terra, com uma bala junto do coração.

O agente postal, Capitão French, correu a procurar uma arma, mas não achou nenhuma. Em face disto, entrou num beco, reuniu uma braçada de calhaus de bom tamanho, e desatou a arremessá-los contra os bandoleiros que, de cabeça perdida, disparavam a duas mãos. O fogo de «artilharia neolítica» do honrado chefe dos correios foi dentro em pouco reforçado pelos braços, habeis na pedrada, de Elias Hobbs e do Juiz Streator.

Neste meio-tempo, os três assaltantes que se encontravam dentro do banco viam-se a braços com uma inexplicavel falta de cooperação por parte dos empregados da casa. Assim que deram entrada, o caixa Bunker avançou direito a eles, somente para se encontrar em frente dos canos de três pistolas...

«É você o caixa?» perguntou um dos três intempestivos visitantes.

«Não» respondeu Bunker em um tom definitivo, que logo pôs ponto à conversa.

Uma das pistolas acenou ameaçadoramente em direção a Joseph Heywood, guarda-livros e, naquela hora, pagador substituto.

«Você é que é o caixa?»

«Eu, não!» replicou Heywood. O ajudante de guarda-livros, Wilcox, tambem respondeu que não era o pagador. Os assaltantes certamente não contavam com esse impasse. Mas o alvoroço que aumentava lá fora foi para eles como o bico de uma espora, e decidiram-se a pular por cima do balcão, de armas em punho, engatilhadas para o que desse e viesse. Um deles, apontando para Heywood, disse: «Abra já esse cofre, depressa! Vamos, comece!»

«Mas eu não posso abrir,» gemeu o empregado. «Tem fechadura de relógio!» O salteador deu uma coronhada de pistola na cabeça de Heywood, deitando-o por terra. Depois virou-se para Wilcox e Bunker, que por sua vez alegaram a mesma ficção da fechadura de relógio. O bandido obrigou-os a ajoelhar no chão. Mas, de repente, Bunker decidiu-se a correr um sério risco: pulando de pé, pôs-se a correr como uma lebre, atravessou o gabinete do diretor, e foi direito à porta dos fundos do banco, com um dos ladrões atrás dele, sempre disparando...O terceiro tiro o pegou no ombro direito, mas a essa altura já ele voava mais do que corria pelo beco fora, e o seu perseguidor, desistindo, deu meia-volta e tornou ao banco.

Entretanto, a gritaria e o tiroteio na rua, em volta do banco, cresciam sinistramente de intensidade. Os três bandidos que estavam dentro do estabelecimento resolveram dar o fora. Ao fugir, um deles, sem motivo nem provocação, furou de lado a lado, com uma bala, a cabeça de Heywood.

A batalha da rua vinha correndo com desvantagem visivel para os assaltantes. Por um lado, o jovem H. M. Wheeler, que estava tranquilamente sentado nos degraus da farmácia do pai, mesmo defronte do banco, entrara em ação: foi ao Hotel Dampier, paredes-meias com a farmácia, e alí lançou mão de uma velha carabina de guerra, com a qual subiu a entrincheirar-se por trás de uma janela do segundo andar.

O comerciante Allen, que os bandidos não tinham deixado entrar no banco, foi à sua loja de ferragens e reuniu rapidamente uma braçada de espingardas e alguma munição. Daí a poucos segundos, quatro cidadãos saíam correndo da loja, carregando as armas.

A «batalha» decorreu intensa e breve. Clel Miller estava-se mesmo preparando para pular em cima do cavalo, quando Stacy fez fogo—e uma boa quantidade de chumbo para caça grossa estraçalhou a cara do bandido, que golfou sangue. O desgraçado ainda conseguiu subir na sela, mas instantes depois Wheeler abria fogo da janela do hotel, e este segundo tiro acabou com o bandoleiro.

Chegava agora, correndo, o outro mercador de ferragens da vila, A. R. Manning, barbado como Moisés, com a sua bela espingarda moderna, de carregar pela culatra; logo ao primeiro tiro estendeu o cavalo de um dos bandidos. Carregou depressa a arma atrás da esquina, e em seguida fez fogo contra Cole Younger, infligindo-lhe um grave ferimento. Manning voltou a esconder-se à esquina para carregar novamente o rifle, e em seguida, com certeira pontaria, baleou o salteador Miles em pleno coração.

Foi por essa altura que os outros três bandidos sairam do banco, para se verem sob uma chuva de balas, chumbo de caça e pedras. Era tempo de fugirem de Northfield, se não queriam deixar alí a pele...

Os seis assaltantes que restavam puseram-se então em fuga, dois deles

gravemente feridos. A batalha durara ao todo sete minutos, e o dinheiro do banco estava intacto.

O assalto acabara, mas não o tumulto a que ele dera lugar, pois o encarregado do posto do telégrafo local martelava perdidamente o seu Morse, transmitindo a mais importante reportagem que jamais havia de sair daquela comarca. Por todo aquele sul do Minesota, fazendeiros e moradores da vila largaram o trabalho e correram a acudir. Eram talvez mais de mil cidadãos, armados em defensores espontâneos da ordem e da propriedade. Mas os seis bandidos foram esconder-se nas florestas, marchando cautelosamente a pé.

Quinze dias depois, quatro dos fugitivos eram enxergados e apontados por um tal Oscar Suborn, rapaz norueguês, trabalhador de fazenda, e não tardaram a ser cercados e encurralados entre o rio Watonwan e uma íngreme ribanceira, por um punhado de cidadãos decididos a matar ou morrer. Charlie Pitts caiu morto alí mesmo; os três irmãos Younger ficaram feridos, e foram presos e trancados em Faribault como medida de segurança.

Todos os membros da quadrilha, com exceção de dois, estavam agora atrás das grades ou então liquidados. Esses dois—Frank e Jesse James—tinham escapado, largando os companheiros. Viajando de dia e de noite, a maior parte das vezes em cavalos roubados, deram no dia 17 na região que é hoje a Dacota do Sul. Frank tinha um pé muito ferido em consequência da «batalha» de Northfield. Os dois irmãos raptaram um médico da região, o dr. Sidney Moshier, e forçaram-no a fazer o curativo do ferimento. Daí foram refugiar-se no seu esconderijo do Missuri, donde eram naturais.

Os manos Younger foram condenados e passaram muitos anos na cadeia, na penitenciária estadual de Stillwater, no Minesota. Bob morreu na prisão em 1889. Jim e Cole receberam livramento condicional em 1901. O primeiro veio a suicidar-se. Em 1903 Cole foi indultado. Voltou a juntar-se mais tarde com Frank James, dessa feita para figurar num espetáculo do gênero «Wild West» (combates de índios, assaltos, etc.) e veio a falecer—na cama—a 21 de março de 1916.

Jesse James foi baleado e morto em 1882 por um dos homens do seu próprio bando. Frank James ainda viveu muito pelo século XX adentro, até que veio a falecer de morte natural.

O bando famoso dos James, depois do assalto de Northfield, ficou virtualmente curado do mau sestro de se meter com bancos... Ainda conseguiram assaltar e roubar um trem em 1879, e mais dois em 1881. Mas a maior parte do tempo eles passavam agora metidos em esconderijos. Aquela tarde morna e sonolenta de Northfield parece ter constituido o desastre supremo e decisivo da sua famigerada carreira de bandidos.

Técnica eficaz que infunde confiança e permite vida util a milhares de aleijados, antes tidos como incuraveis

OPERAM-SE MILAGRES COM OS INVÁLIDOS

(*Condensado de «Hygeia»*) Por Lois Mattox Miller

No dia 4 de julho do ano passado, numa instituição destinada a abrigar os inválidos sem esperança de cura, achava-se estendido no leito um rapaz de nome Tom Wilson, cuja carreira na advocacia, iniciada anos antes, já se mostrara promissora. Seis anos atrás, fora ele vitimado por uma moléstia que lhe paralisara braços e pernas. Os cinco anos seguintes, passara-os de hospital em hospital, antes de aceitar o veredicto definitivo: seu caso não tinha cura.

No entanto, se a 4 de julho os Estados Unidos comemoram sua independência, o dia foi tambem de emancipação para Tom Wilson. Naquela tarde um interno levou-o à presença do dr. Howard A. Rusk, catedrático de Rehabilitação e Medicina Física da Universidade de Nova York. Coube ao referido médico, homem alto e simpático, dizer a primeira palavra de alento ouvida por Tom em todos aqueles seis anos. Havia, sim, esperança para ele, se estivesse disposto a esforçar-se. No Hospital Bellevue, da mesma Universidade, os «inválidos» erguiam-se e aprendiam a viver de novo...

Daí a dois dias Tom foi transferido para um pavilhão amplo e alegre, em que reinava constante azáfama, e onde todos os pacientes eram aleijados, mas nenhum permaneceria assim muito tempo. Dentro de poucas semanas, já ele aprendera a atender a várias de suas próprias necessidades, sem ajuda de ninguem. Em tempo reduzido, conseguia fazer funcionar u'a máquina de escrever elétrica, de controle remoto, e assim pôde cuidar de sua correspondência, abandonada durante seis anos. Auxiliado por um dispositivo mecânico, era capaz de discar números em um telefone.

Suas economias, que poderiam ter sido gastas totalmente na instituição para incuraveis, passaram a ser usadas na aquisição de um automovel e no aluguel de um apartamento. Neste instalaram-se gratuitamente um jovem

veterano da guerra e sua esposa, ambos universitários, os quais, em troca do aluguel, tratavam de Tom e lhe guiavam o automovel. Quatro meses após obter alta na instituição para incuraveis em que estivera internado, Tom Wilson conseguiu um emprego no departamento legal de uma grande companhia.

Os amigos de Tom consideraram «milagrosa» a sua volta à vida. Ele próprio, porem, teve ocasião de ver, no Bellevue, muitos «inválidos» que acabaram por alcançar sua independência.

No enorme pavilhão de que falamos, ao longo de duas paredes, há inúmeros leitos, geralmente vagos desde a manhã até o crepúsculo. Todos os doentes levantam-se cedo, quer para aprender a caminhar com muletas, quer para dar, mesmo, seus primeiros passos apoiados numa bengala. Aqueles cuja rehabilitação esteja mais adiantada fazem exercícios no ginásio; os que usam suportes ou pernas artificiais aprendem, sobre capachos acolchoados, a cair sem machucar-se. Braços e mãos aleijados praticam os movimentos necessários a dar volta à maçaneta de uma porta, acender um interruptor de luz ou abrir uma torneira. As salas especiais, destinadas à terapia pelo trabalho, estão cheias de tornos, bancos de oficina, máquinas de costura e aparelhos de escritório.

Na chamada «sala de elevação» os doentes exercitam-se em subir escadas e atravessar ruas. Num ônibus autêntico, doado pela Prefeitura, reaprendem a embarcar no veículo, depositar uma moeda na caixa de coleta, sentar-se ou manter-se de pé, seguros às alças, e finalmente desembarcar.

Aquí vemos paralíticos, mutilados, cardíacos, vítimas de espasmos, e de quase todos os outros tipos de impedimentos físicos; vemos gente moça e pessoas de idade. Alguns haviam-se acostumado, de tal forma, ao leito ou à cadeira de rodas, que já não mais sabiam cuidar de si mesmos. Todos haviam chegado ao Bellevue carregados em macas ou cadeiras, absolutamente inutilizados. Saíam caminhando com os seus próprios pés, cheios de confiança e otimismo, capazes, agora, de viver sem depender de outros. Aleijados, sim, sem dúvida; inválidos, porem, nunca.

Esse fenômeno da «rehabilitação» vem, pois, oferecer uma promessa e uma esperança novas a muitos aleijados e inválidos. Do tratamento consta a aprendizagem de 37 aptidões básicas, indispensaveis à atividade cotidiana. Em seguida vêm as aptidões especializadas, que se destinam a reajustar o indivíduo ao seu antigo ofício ou negócio, ou a prepará-lo para o desempenho de outra função qualquer, a que se adapte melhor.

A guerra, que veio dar nova premência a tais problemas, elevou a rehabilitação ao nivel de uma especialidade médica tão importante quanto as demais. Em 1942 as principais figuras da medicina militar nos Estados Unidos chegaram à seguinte decisão: tanto quanto possivel, os soldados e marinheiros, feridos na guerra, seriam devolvidos à vida civil como cidadãos

bem ajustados e auto-suficientes, depois de haverem vencido quaisquer defeitos ou impedimentos físicos que a guerra lhes houvesse infligido.

O assunto foi abordado de diversos modos por diferentes médicos. No Quartel Jefferson, no Missuri, o jovem coronel Howard Rusk, então chefe do serviço médico, e seus auxiliares, notaram o seguinte fato: os soldados em convalescença sofriam mais de tédio que, realmente, de dor. Á guisa de experiência, dividiram-se os pacientes em dois grupos. Os do primeiro grupo seriam tratados pelos métodos usuais, devendo permanecer na cama até serlhes possivel regressar a seus deveres. Ao segundo grupo, deram-se exercícios moderados a praticar, logo que fossem capazes de sentar-se no leito. No décimo-segundo dia já se entregavam a ginástica e jogos. Nos pavilhões havia equipamento de rádio e de aeronáutica, bem como livros diversos, de modo a permitir-lhes continuar no estudo de suas especialidades.

Os componentes deste segundo grupo sentiam-se melhor, com o moral mais elevado, e, em média, ficavam no hospital 31 dias apenas, ao passo que os do outro permaneciam 45 dias. Cerca de 30 por cento dos pacientes do primeiro grupo voltavam ao hospital afim de receber tratamentos posteriores; no segundo grupo, esse número era apenas de 3 por cento. O novo sistema, de «convalescença dinâmica», cedo tornou-se rotineiro nos hospitais militares.

Quando começaram a ser repatriados os primeiros combatentes feridos, o coronel Rusk foi promovido a chefe do Projeto de Treinamento para Convalescentes, da Força Aérea dos Estados Unidos. Afim de levar a efeito o seu plano, baseou-o no programa realizado por Sir Watson Jones, médico inglês, que se dedicara a atividade análoga na R.A.F. A tarefa era dupla: retreinar as vítimas de «fadiga da guerra», e de ferimentos leves, afim de que pudessem retornar à luta; e preparar o veterano inválido para o regresso à vida civil em boas condições de reajustamento. Os Centros de Convalescentes da Força Aérea transformaram-se em núcleos de intensa e alegre atividade, onde os rapazes se ocupavam, com entusiasmo, em «aproveitar o mais possivel o que lhes restava.»

Os feridos iam descobrindo, com animadora surpresa, que o que lhes restava era, comumente, bastante aproveitavel. Em nossa vida utilizamos, em geral, apenas 15 por cento de nossos recursos físicos; e os aleijados aprendiam a fazer uso de suas reservas ocultas. Aprendiam tambem que, se é possivel a uma pessoa continuar a viver com apenas um pulmão ou um rim, o mesmo se aplica aos músculos do corpo, que, por ampliação ou substituição, se adaptam às novas exigências.

Afim de aproveitar ao máximo «o que restava aos pacientes», os médicos recorreram mais uma vez a uma especialidade de há muito desprezada: a medicina física, isto é, o ramo da medicina que emprega agentes físicos tais como o calor, o frio, a água, a eletricidade, a radiação e a massagem, para

revigorar membros, juntas e músculos. Em 1943 o sr. Bernard Baruch organizou, com doações suas, o Comitê Baruch de Medicina Física, que permitiu o início ou o desenvolvimento de departamentos de medicina física em várias faculdades médicas dos Estados Unidos. Tomando como base a medicina física, os Centros de Convalescentes do coronel Rusk acrescentaram-lhe a orientação psico-social e o treinamento vocacional, afim de complementar esta outra especialidade, bem mais vasta: a rehabilitação.

Graças ao trabalho efetuado pelos hospitais militares americanos, o veterano «rehabilitado» veio surpreender o público em geral. Quer caminhasse com o auxílio de pernas artificiais, quer percorresse as ruas em cadeiras de rodas ou usasse ganchos em vez de mãos, era senhor da situação.

Evidentemente, no caso dos civís, o problema é bem diverso, e de solução mais dificil. Mas, estabelecidos centros de rehabilitação em muitas coletividades, é possivel que algum dia todos os aleijados sejam *independentes*.

Respostas a «Vamos quebrar a cabeça!»

(*Vide p. 72*)

1. A letra Z na primeira linha deve ser riscada.
2. Deve aparecer uma cruz na primeira linha pontilhada.
3. O número 23 deve aparecer na segunda linha pontilhada.
4. O número 9 deve aparecer na terceira linha pontilhada.
5. «A», «E», «I» e «O» devem aparecer na quinta linha pontilhada.
6. Deve ser feito um círculo em torno da palavra FEZ no primeiro parágrafo.
7. Deve aparecer um quadrado na sexta linha pontilhada.
8. Devem escrever-se «5», «6», «7», «8», «9», «10» na sétima linha pontilhada nessa mesma ordem.
9. Uma esfera, desenhada pelo leitor, deve aparecer à esquerda da linha.
10. A frase deve ser pontuada deste modo: NÃO É QUE, NÃO; É QUÊ.
11. «ZÁS» deve ser escrito na oitava linha pontilhada.
12. Deve-se desenhar uma linha sobre a palavra «uma» na frase «Desenhe uma linha...»
13. Deve-se desenhar uma linha sob a palavra «três» na frase «Escreva três palavras...»
14. 15 e 16. Conte a seu favor um ponto para cada palavra terminada em «L» que tenha escrito no início da página. Se tiver escrito mais de três palavras, não conte ponto algum.
17. «XYZ» deve ser escrito à margem esquerda.
18. Na última linha pontilhada, deverá aparecer a idade do leitor.
19. «TIO» deve aparecer ao fim da última linha.

Para cada resposta certa, conte um ponto a seu favor. Depois some.

Este comerciante, que crê firmemente na concorrência mais livre possivel, oferece incriveis pechinchas... e consegue fazer dinheiro

A farmácia mais curiosa do mundo

(*Condensado de «Fortune»*)

Na cidade de São Petersburgo, na Florida, Estados Unidos, há uma loja varejista independente, chamada Webb's City, cujos baixos preços lhe deram tal notoriedade, que seu dono chega a anunciá-la nos jornais sem mencionar o nome do estabelecimento! Isso, é claro, irrita os concorrentes, tanto mais quanto os próprios anúncios destes, atraindo o público com pechinchas, são postos em destaque nas vitrines da Webb's City, com inscrições como esta: «A Webb's oferece redução de 10% sobre estes preços.»

Atrás dessa fachada de publicidade mirabolante, a Webb's City constitui verdadeiro expoente do sistema de livre concorrência, e aliás prima pela eficiência. Para todos os efeitos, a loja é uma farmácia que, anunciada como «a mais curiosa do mundo», é em todo caso a mais eclética... No ano fiscal que expirou a 31 de agosto de 1947, realizou negócios no total de 12 milhões de dólares, dos quais mais de um milhão em remédios e receitas. Alem dos artigos comuns de farmácia, inclusive os cosméticos, a Webb's oferece à venda coisas tais como bebidas alcoólicas, roupas feitas para senhoras, café moido no próprio estabelecimento, e até gasolina! Naquele mesmo período, vendeu gêneros alimentícios no valor de 2 milhões e 500 mil dólares, e carnes, uisques e fumo na importância de 1 milhão cada um desses artigos.

A cidade tem seus 150 mil habitantes, incluidos os turistas, os quais muito contribuiram para transformar a Webb's City, outrora uma insignificante botica, num estabelecimento co-

mercial de grande monta, sempre repleto de fregueses. A loja se espalhou no plano horizontal, a ponto de achar-se comprimida entre trilhos de estrada-de-ferro em cada lado... Agora, trata de expandir-se verticalmente. Permanecem abertos 16 horas por dia muitos de seus departamentos especializados. A Webb's City conta ainda com um restaurante de bom tamanho; uma fábrica que produz quase 4.000 litros de sorvete por dia; uma mercearia que, aos domingos, vende uns 3 mil litros de leite; um salão de beleza, com 26 cabinas, onde as senhoras fazem ondulações e lavam o cabelo a preços espantosamente baixos; e, por fim, para descontar cheques dos fregueses, uma seção bancária.

Esse movimentado bazar é dirigido por um homem de 48 anos, de nome James Earl Webb, indivíduo sempre bem vestido, que, de muitos pontos de vista, é tão singular quanto o estabelecimento de que é dono. Elevou seu negócio do nada, desprezando as fórmulas faceis de que se valem muitos varejistas. Considera desnecessária, e até imoral, toda proteção que o governo possa dar aos pequenos comerciantes. Afasta-se teimosamente de tudo que seja convencional em matéria de preços, horários ou ética. Durante muitos anos trabalhou 16 horas por dia. Faz questão de vestir-se impecavelmente, à maneira do ator Adolphe Menjou, gabando-se de possuir 150 ternos, e atribui essa ostentação a certo sentimento de inferioridade devido à sua pequena estatura.

Natural do Sul dos Estados Unidos, Webb abandonou a escola antes de chegar ao curso ginasial. «Há duas coisas em que não acredito,» afirma. «Uma é seguro de vida; a outra, esse negócio de escola...» Até hoje procura ter, entre seus empregados, homens que tenham «lutado pela vida». No caso de Webb, a luta consistiu no seguinte: trabalhou numa farmácia, e depois inventou um remédio qualquer, absolutamente inócuo, que lhe permitiu, aos 23 anos, ter dinheiro bastante para comprar um automovel vistoso. Em 1925 mudou-se para São Petersburgo e comprou, por 5 mil dólares, parte na sociedade de uma pequena farmácia. A despeito de achar-se situada em bairro pouco elegante, a farmácia teve, no primeiro ano, um lucro bruto de 39 mil dólares. Nesse ponto, Webb tornou-se proprietário único do estabelecimento, indenizando o sócio, e passou a desenvolver o estoque. Em 1936 as vendas alcançaram a quantia de 1 milhão, e no ano seguinte já Webb ocupava todo o prédio de dois pavimentos, onde iniciara suas atividades.

Jamais permitiu que alguem vendesse mais barato que ele. Em certa ocasião, um estabelecimento local conseguiu a representação dos produtos farmacêuticos de uma das maiores casas do país. Webb não teve dúvidas: comprou ao fabricante vasto sortimento de tais produtos, e pô-los à venda pela metade do preço. Outra vez, em feroz concorrência com uma charutaria, venceu a partida pelo simples processo de oferecer gratuitamente, a todo freguês, dois maços de cigarros, durante dois dias. Esse sistema de concorrência «vale-tudo» tinha uma desvantagem apenas: impedia que Webb conseguisse lucros suficientes para aumentar suas instalações industriais. Em 1939, com negócios na importância de 2 milhões e 200 mil dólares, auferiu um lucro de apenas 66 mil, líquidos. Webb compreendia que para incrementar ainda mais o volume de seus negócios, seria necessário expandir a loja; para tanto, precisava de dinheiro.

As providências que tomou para levantar 200 mil dólares são características de toda a sua atitude em relação às transações mercantís. Decidiu emitir ações, mas, ao descobrir que os corretores queriam pelo menos 10% para gerir a venda das mesmas, ficou indignado, como bom negociante de pechinchas que era. As ações preferenciais de Webb, a 7%, constituem provavelmente o único tipo de ações jamais vendidas, literalmente, no balcão. Tendo obtido, legalmente, uma licença de corretor, instalou na loja uma mesa, de onde oferecia aos fregueses ações de 100 dólares. Pôs nos jornais anúncios de duas páginas, que diziam: «Ganhem 7% garantidos... Venham hoje mesmo! Procurem J. E. Webb.» Dentro de três dias, todas as ações haviam sido subscritas.

Webb é positivamente «de circo», sendo dotado de verdadeira «queda» para a publicidade. Por exemplo: uma vez comprou um queijo de tonelada e meia! Anunciou-o como sendo o maior queijo do mundo, e, em questão de horas, vendeu-o todo em fatias... De outra feita, vendeu uma carrada de cantalupos a dois centavos cada. Quando se entrega a tais exibicionismos, às vezes consegue equilibrar-se, mas em muitos casos perde dinheiro. Antes da guerra anunciou que seu restaurante serviria uma refeição matinal a três centavos, constante de um ovo, três fatias de *bacon*, três pedaços de torrada, canjica e molho de presunto. Durante seis meses serviu esse *menu*, perdendo, ao que calcula, 20 mil dólares; em compensação, seu novo restaurante cresceu, nesse ínterim, a tal ponto, que hoje é um dos maiores do Estado, e, durante a temporada de inverno, chega a servir 4 mil refeições por dia (note-se que as perdas anuais ainda sobem a 10 mil dólares).

A Webb's City possui três lotes de estacionamento de automoveis, e num deles instala, todos os anos, um circo autêntico. Na vitrina de sua loja de vinhos, viu-se certa vez um homem a extrair tranquilamente o veneno de uma cascavel. Recentemente Webb vendeu duas mil notas de um dolar a 95 centavos cada, e esse truque de publicidade atraiu tantos fregueses que o estabelecimento decidiu oferecer mais duas mil e quinhentas notas, desta vez a 89 centavos... Em outra de suas tiradas, Webb organizou uma venda especial que consistia em verdadeira «caça ao tesouro»: encontravam-se roupas-de-baixo para senhoras na charutaria a preços de liquidação, e lenços de 2 dólares e 69 centavos a $1.89 no restaurante. «Essas coisas podem parecer tolices,» comenta Webb, «mas o certo é que contribui-

ram para aumentar o volume de negócios, e sempre deram lucro.»

No ano passado Webb organizou uma turnê original, que lhe custou 20 mil dólares; reuniu oito moças de excepcionais dotes físicos, que percorreram os Estados Unidos, e até estiveram em Hollywood, à guisa de publicidade para São Petersburgo em geral... e Webb em particular.

Todas essas aparentes loucuras, destinadas a atrair fregueses, apoiam-se, realmente, em um sistema de vendas equilibrado e eficiente. Apesar do elevado número de pessoas (30 mil, às vezes) que diariamente visitam a loja, quase não se nota confusão alguma. O serviço mantem-se excelente, o estoque é sempre abundante, e os preços são módicos—tudo isso porque o estabelecimento leva em conta, cuidadosamente, todos os fatores relativos a custos, preços e lucros.

Webb não nega que desenvolveu seu negócio mediante compras de vulto diretamente dos fabricantes. O sabão, por exemplo, é comprado aos vagões, o que resulta numa economia bem apreciavel por caixa. Os cigarros, obtidos a preços de atacado, são vendidos por Webb, no varejo, a preço ainda menor que a quantia paga pelos varejistas aos intermediários.

Um dos fatores que o ajudam a manter baixos os preços consiste em suas despesas reduzidas. Basta dizer que nem mesmo Webb tem um escritório próprio. Os chefes das diversas seções trabalham atrás dos balcões. Só se efetuam vendas à vista, e a loja só faz entrega a domicílio em se tratando de remédios. Os 800 e poucos empregados, trabalhando em dois turnos, têm ordenados relativamente baixos. Por outro lado, Webb não economiza em coisa alguma que possa atrair novos fregueses. Instalou escadas rolantes, apesar de seu alto preço. Nelas desfilam, todas as quartas-feiras à noite, um punhado de moças atraentes, que exibem as últimas novidades da moda. O serviço bancário, acima referido, custa a Webb dois mil dólares por mês, mas tanto aos residentes da cidade quanto aos turistas agrada muito poder descontar seus cheques até às 10 e 30 da noite, mesmo aos domingos e feriados. Atendo-se às normas corriqueiras de cautela, no ano passado Webb perdeu apenas 550 dólares em cheques sem fundos, num total de 18 milhões de dólares de transações bancárias.

Desde 1938 Webb tem-se visto metido nos tribunais, em várias ocasiões, acusado de violar as leis que regulam a concorrência leal. A legislação estadual da Florida autoriza os fabricantes a fixar o preço de revenda de seus produtos de marca-registrada, reconhecendo-lhes o direito de proteger essas marcas contra rebaixas como as praticadas por Webb. Este argumenta que tais leis, longe de defender o princípio da concorrência leal, fomentam a deslealdade e protegem fabricantes e distribuidores contra os interesses do público consumidor. Webb insiste, com bastante razão, em que a concorrência libérrima por ele praticada proporciona aos fregueses vantagens que eles bem merecem.

Não se trata de nenhuma cruzada, mas simplesmente dum grupo de cidadãos dignos de ser imitados

Cidadãos que ajudam a governar

(*Condensado do «Christian Science Monitor»*)

Por Stanley High

Em Louisville, no Estado de Kentucky, um grupo de leigos está aplicando o cristianismo, em forma prática, a questões administrativas, num programa que, pelos resultados alcançados, é bem capaz de estimular outras coletividades a empreender reformas do mesmo gênero. Tendo observado que as reformas em carater bombástico quase sempre constituem «fogo de palha», os promotores do plano de Louisville, representando a maioria das congregações religiosas da cidade, evitam «cruzadas» e agitações. Primeiro estudam cada caso, depois agem por persuasão. Não expõem os funcionários do governo à censura pública, antes os estimulam e cooperam com eles.

«Os funcionários públicos são servidores do povo, e nós, o povo, temos sido maus patrões...» dizem em sua declaração de objetivos. «O bom patrão tenta sempre prestar estímulo. Não somos espiões mesquinhos; procuramos, sim, animar e apoiar.»

Num período de seis anos, esses homens puderam ver resultados concretos de suas sugestões, em matéria de melhoramentos de que Louisville bem precisava: na cadeia, nos tribunais, no tratamento do problema da delinquência juvenil, dos velhos desamparados, e de outros problemas sociais. Não querem publicidade para essas reformas, nem aceitam aplausos. O mérito, dizem, cabe aos funcionários que adotaram as reformas e as puseram em prática.

A cadeia de Louisville, velha e mal administrada, não tinha acomodações para leitura, nem para recreio ou trabalho. «Quase todos os prisioneiros,» disse um dos funcionários, «saíam da cadeia piores do que quando entravam.»

Depois de estudar a literatura penal e preparar-se durante meses, um grupo de leigos convidou para suas reuniões o administrador da cadeia, que naturalmente compareceu desconfiado e na defensiva. Sua atitude logo se transformou ao ver que a comissão não planejava «apanhá-lo em falta», mas apenas ajudá-lo a obter maior eficiência no desempenho de suas funções. Semanas depois, atendendo a insistentes pedidos do administrador da cadeia, para que fossem ver com seus próprios olhos as condições que dese-

javam reformar, os membros desse grupo se reuniram na prisão e, durante duas noites e um dia, revezando-se em períodos de seis horas, observaram a situação interna.

Não chamaram repórteres, nem trouxeram o caso a público, mas apresentaram sugestões, submeteram-nas às autoridades competentes e prometeram apoiá-las. Isto foi há dois anos. Hoje, embora ainda inadequada, a cadeia tornou-se outra. Limpa, com celas bem iluminadas, possui boa biblioteca e um ginásio, instalado em área espaçosa, antigamente inutil. A cozinha, outrora antiquada, está agora completamente modernizada.

Segundo um ex-chefe de polícia em Louisville, «é a primeira vez que vejo, no espaço de 20 anos, um grupo de cidadãos desinteressados dedicando-se a colaborar sinceramente na melhoria dos serviços públicos.»

O grupo não se contentou com esse resultado e concluiu que a única maneira apropriada de resolver o problema era instalar uma colônia penal. Primeiro trouxeram a Louisville o superintendente da colônia penal de Atlanta, para explicar seu funcionamento a organizações cívicas e funcionários públicos; em seguida, obtiveram local satisfatório. Espera-se agora que, na próxima sessão da Assembléia Estadual, a instituição seja autorizada por lei.

Esses reformadores leigos trabalham através do Comitê de Instituições, ramo do Conselho de Igrejas de Louisville, sob a chefia de George Stoll, que é tambem presidente duma refinaria de gasolina. Quando, há sete anos, o sr. Stoll assumiu a presidência, o Comitê era como qualquer outro no gênero. O fato de ter-se tornado arma poderosa em benefício da comunidade deve-se em grande parte à energia e imaginação com que Stoll, homem religioso, sustentou sua crença de que «as associações religiosas têm u'a missão mais ampla do que reunir os fiéis...»

«A maioria dos sermões quetenho ouvido na igreja durante toda a vida,» diz ele, «tratam longamente do que é preciso fazer, sem contudo oferecer propostas definidas ou sugerir providências concretas.»

Depois de ouvir um desses sermões num domingo de 1941, Stoll decidiu que o Comitê de Instituições constituia meio adequado para agir, partindo do ponto onde o pregador havia parado. Percorreu as igrejas da cidade, persuadindo pregadores e arrolando leigos. Hoje, os duzentos membros de seu comitê representam quase todos os credos e igrejas da cidade.

Acham-se em atividade três divisões principais: Assistência à Infância, Questões Penais, e Saude, cada uma das quais dispõe de um grupo encarregado de uma das instituições ou dos problemas incluidos em seu âmbito. Assim, na Divisão de Assistência à Infância, existem comissões de Prevenção ao Crime, Juizo de Menores, Centro Infantil e Clubes de Meninos.

As comissões recorrem ao auxílio de técnicos. Afim de melhorar o regime alimentar em certa instituição, consultou-se o proprietário de um grande

restaurante. Um dos membros, perito em agricultura, cooperou com os encarregados da colônia agrícola no sentido de aumentar a produção de víveres exigidos pelo novo regime alimentar. Enquanto esperavam pela organização de um serviço completo de livramento condicional, outra comissão buscou o auxílio da Escola de Serviço Social da Universidade de Louisville, afim de organizar um serviço parcial.

Através do Gabinete de Prevenção ao Crime, da Polícia de Louisville, a Comissão do Juizo de Menores verificou que o problema da delinquência juvenil na cidade concentrava-se numa área de dez quarteirões, onde não havia parques de recreio, nem clubes de menores, nem qualquer atividade organizada para a juventude. Encontrando nesse bairro um prédio grande, em desuso, propriedade duma igreja local, alguns membros da comissão alugaram-no por «um dolar» ao ano e pediram ao Exército da Salvação que cedesse um especialista em serviço social, a quem ajudaram a organizar o Clube do Escudo Vermelho, para meninos.

Isso foi em 1944. Hoje, o clube conta com quase mil sócios. Nos primeiros seis meses do ano passado, não houve no bairro uma única detenção por delinquência juvenil. O Gabinete de Prevenção ao Crime afirma que o fato de ter havido, nos últimos dois anos, um decréscimo de 47 por cento na proporção de delinquência juvenil em Louisville, deve-se em grande parte ao trabalho do Comitê de Instituições e de outras entidades, que organizaram o clube de menores, ampliaram a atividade dos meninos até outros pontos da cidade e conseguiram o apoio do público para as atividades do Gabinete e do Juizo de Menores.

A mais importante conquista do Comitê é, talvez, de natureza menos tangivel: «a criação de um ambiente melhor e de um novo sentimento de confiança,» como disse um funcionário municipal, «porque sabemos que cidadãos idôneos, e não meros politiqueiros, se interessam por nós e pelo que estamos fazendo.»

Muitas outras coletividades, certamente, poderiam fazer o mesmo. Compreenderiam então que os funcionários públicos, em sua maioria, desejam desempenhar bem suas funções e fá-lo-iam mais eficientemente se contassem com o auxílio de organizações como o Comitê de Instituições, de Louisville.

UMA ESTRELA cinematográfica, bastante geniosa, queixou-se ao diretor Alfred Hitchcock:

—O sr. não está fotografando o meu lado mais fotogênico!

Hitchcock retrucou sem hesitar: —Mas como poderia eu fazê-lo, querida, se você está justamente sentada sobre ele?

—Colaboração de Adrian Anderson

A encantadora família Trapp

(Condensado de «Baltimore Sunday Sun»)

Por T. E. Murphy

Poucas famílias nos Estados Unidos têm atraido tanta atenção e se tornado tão queridas quanto o conhecido grupo coral Trapp. As sete belas moças e sua atraente mãe constituem um dos maiores êxitos de bilheteria nos anais da música norte-americana. No entanto, há apenas dez anos, viviam elas uma vida sossegada numa aldeia dos Alpes Tiroleses, sem suspeitar que Hitler em breve as obrigaria a fugir da Áustria e a iniciar uma prodigiosa carreira musical nos Estados Unidos.

Para poder conservar a sua chácara, o Barão Georg von Trapp teria sido forçado a submeter-se à vontade dos nazistas. No dia em que as bandeiras destes tremularam sobre Salzburgo, o barão, sua esposa Maria e os dois rapazes mais velhos convocaram uma conferência de família. Tomou parte nela, tambem, o jovem padre Franz Wasner, professor de música e conselheiro espiritual da família.

«A vontade de Deus sempre se faz sentir em nossa vida,» disse a baronesa. «A primeira prova que tivemos foi quando Lotte Lehmann esteve aquí durante o Festival de Música e nos disse que vocês, crianças, tinham vozes de ouro. Isso foi confirmado outra vez, quando as suas vozes conquistaram o primeiro prêmio no Festival; e, de novo, quando o Chanceler Schuschnigg as convidou para cantar em Viena. E, agora, isto!» E mostrou-lhes uma carta recem-chegada, convidando-os para uma turnê de concertos nos Estados Unidos.

Deixar a Áustria significaria abandonar uma vida de elegância e conforto. Mas, do outro lado da balança, os Trapp pesaram a morte lenta que sobreviria ao país que amavam; a sombra do campo de concentração; o envenenamento mental das crianças.

Tomaram a decisão: partiriam para a América do Norte, abandonando tudo, menos os dez dólares que cada um tinha direito de levar consigo.

Quando os Trapp chegaram a Nova York, foram detidos pelas autoridades de imigração e só depois de três dias conseguiram sair, graças à interferência de amigos. Durante esse tempo, a baronesa e os filhos tiraram o maior proveito da situação, conquistando os guardas e os demais imigrantes com suas canções e danças folclóricas. Finalmente, iniciou-se a turnê.

«Serenatas com Bach»... eis um título que pode parecer alegre; entretanto, por detrás das faces sorridentes que os Trapp exibiam ao público, escondia-se muito desespero pela dificuldade de adaptação à nova vida. O ônibus raquítico que tinham fretado, as paradas noturnas, os restaurantes e hotéis baratos, fizeram da turnê um verdadeiro pesadelo.

A baronesa estava grávida na ocasião, mas nem por sombra iria permitir que isso viesse interferir no programa. Mantinha ela a teoria—discutivel mas interessante—de que a mulher grávida só chama a atenção quando o ventre se torna mais saliente que o busto. Mandou fazer, pois, cinco vestidos de diferentes tamanhos, com bustos artificiais e tudo, cada um maior que o outro. Por trás dessa «fachada» apresentou-se no palco até poucos dias antes de nascer o bebê. As críticas dos jornais descreviam-na a princípio como alta e graciosa, depois como imponente e, em seguida, majestosa—mas poucas pessoas chegaram a adivinhar a verdadeira razão da sua régia aparência.

Enquanto isso, a americanização da família Trapp se processava a passos rápidos, e os dias se sucediam numa infinidade de revelações. Surpreendeu-os muito, por exemplo, o fato de que os americanos se orgulhavam de começar a vida humildemente. Uma noite, num jantar elegante, a baronesa tinha à sua esquerda um jovem vestido a rigor. Na manhã seguinte ela o viu entregando carvão e, para não lhe causar constrangimento, virou-lhe o rosto. Ele, porem, chamou-a: «Não se lembra de mim? No jantar, ontem à noite?»

Em seguida, observou ela à família: «Ele não estava acanhado, em absoluto. Disse que estava aprendendo o ofício desde o princípio.»

No segundo ano, os Trapp deram 20 concertos, viajando num ônibus melhor e com uma governante para as meninas menores. No ano seguinte, 40 concertos. Este ano, já têm mais de 100 concertos marcados e estão planejando uma turnê mundial.

Com a falta de gasolina, durante a guerra, o problema do transporte se agravou consideravelmente. Um dia, numa cidadezinha do interior, o trem em que viajavam foi cancelado e não parecia haver jeito de chegar à cidade de Wichita a tempo para o concerto. Sem desanimar, a baronesa e as filhas puseram-se a correr a localidade em busca de um veículo que pudesse transportar as 11 pessoas e a respectiva bagagem. Finalmente encontraram... um carro funerário. Chegaram

a Wichita cantando uma de suas canções religiosas prediletas, para manter o bom humor.

Ter casa própria era um dos primeiros objetivos dos Trapp. Um dia, como que em resposta aos seus desejos, chegou um bilhete de um senhor Rutledge, da localidade de Stowe, no Vermont. «Se quiserem repousar um pouco,» escrevia o desconhecido, «eu tenho um casarão nas montanhas, que talvez lhes agrade.»

Após um verão passado em Stowe, que tanto se parecia com o seu Tirol, os Trapp decidiram que alí haveriam de fixar residência permanente. Encontraram uma fazenda de cerca de 200 hectares, que dava para um vale. A casa estava caindo e o telhado desmoronando, mas a vista era magnífica. «Esta há-de ser nossa»... e assim foi.

Daí a um mês mais ou menos, a casa desmantelou-se sob forte ventania. Com sua despreocupação característica, a baronesa observou: «Afinal de contas, o que compramos foi a paisagem, e não a casa. Agora nem temos que demolí-la!»

Seus planos para a construção da nova casa logo encontraram obstáculos. A gente do Vermont não é das que logo dão acolhida a estranhos; e, ainda por cima, esses Trapp eram esquisitos, usavam roupas estranhas; e, numa época em que os Estados Unidos estavam em guerra, quem falava alemão era visto com desconfiança... Os dois rapazes mais velhos estavam servindo com as tropas americanas no norte da Itália, mas em Stowe ninguem sabia disso.

Finalmente, encontraram um velho carpinteiro que se prontificou a ajudá-los. A baronesa comprou um cavalo e atrelou-o a um escavador. As meninas começaram a cavar com picaretas. Em 20 dias já tinham feito uma cova de profundidade suficiente para um porão, e alí despejaram o cimento.

Foi então que morreu o velho carpinteiro, e a família Trapp cantou o requiem no enterro. Tendo, assim, conseguido aproximar-se um pouco dos habitantes da aldeia, deram então um concerto afim de ajudar a angariar fundos para a escola local, que necessitava de reparos. Terminado o recital, os presentes tomaram o palco de assalto para lhes apertar as mãos.

Pouco tempo depois, falando num clube feminino de Stowe, a baronesa contou o motivo por que a família havia abandonado a Áustria. No dia seguinte, a fazenda dos Trapp foi invadida pela população. Os homens, convocados pelas esposas, deixaram seus arados e balcões, os estudantes de artes manuais e seus professores, todos, acorreram e, encarapitados pelas paredes da casa, puseram-se a trabalhar.

«Pareciam gnomos, espalhados por toda parte», diz a baronesa. «Aquilo lembrava mesmo um conto de fadas.»

Sem o saber, estava ela presenciando uma cerimônia tradicional do Vermont: a instalação da cumieira. Quando o sol desapareceu por detrás do monte, os Trapp tinham um teto agasalhador. Agora, já eram considerados parte integrante da gente do Vermont.

Naquele ano, pelo Natal, tendo voltado da sua turnê, subiram até a casa em esquís, para executar os rituais de Natal a que estavam acostumados em sua terra. Um dos mais belos é o que tem lugar pouco antes da meia-noite, na véspera do Natal. O barão e a baronesa acendem uma lanterna e vão até a porta do quarto do filho mais velho, cantando a canção «*Hirten Auf um Mitternacht*» (Pastores à Meia-Noite), melodia simples, reverente, que muitas vezes provoca lágrimas aos ouvintes mais empedernidos. Rupert (o filho mais velho) acende então sua lanterna, e vão os três até a porta do segundo filho, e assim por diante, até que toda a família esteja reunida, cada um com sua lanterna. Juntos todos, saem de casa e descem pela neve até a colina onde fica a capelinha que construiram de um velho celeiro abandonado. Alí assistem, então, à Missa do Galo, celebrada pelo Padre Wasner.

Neste último Natal, o Barão não estava mais presente para dirigir a linda cerimônia. A morte fizera sua primeira incursão nessa família tão unida. Mas a mãe, Maria Augusta von Trapp, é ainda a força central que mantem a unidade da família. Algumas das moças são filhas da primeira esposa do barão, falecida quando elas eram pequenas. Mas nem mesmo as pessoas mais sagazes conseguem perceber a menor divergência espiritual, capaz de separar um filho de outro ou da baronesa. Os que os vêem pela primeira vez espantam-se com a beleza e o resplendor que emana de todos eles.

Os Trapp gostam de se divertir: dançar, cantar, comer e beber com o mesmo entusiasmo herdado da sua genitora. Quando jovem, a baronesa ganhou, certa vez, umas «férias forçadas» no convento em que estava sendo educada, por causa do seu hábito de deslizar nos corrimões e assobiar hinos. Foi nessa ocasião que foi convidada para tomar conta dos filhos do barão. A *Fräulein* dedicou-lhes o afeto de uma verdadeira mãe, e mais ainda: proporcionou-lhes divertimentos sadios, enchendo-lhes os dias de canções folclóricas, jogos e esportes saudaveis, como o alpinismo. Quando o barão a pediu em casamento, os filhos aprovaram unanimemente o enlace.

Pouco depois que os Trapp terminaram a construção da casa em Stowe, um vizinho contou-lhes que seria demolida uma instalação mantida pelo governo alí perto, na base da colina. A baronesa, lembrando-se dos numerosos fãs que haviam escrito dizendo querer «conhecer melhor os Trapp», comprou os 12 prédios, que se assemelhavam a longos alojamentos militares, e começou a planejar o Acampamento Musical da Família Trapp.

Os hóspedes se reuniriam todos os dias para entoar coros. As contribuições seriam pequenas; cada sessão duraria 10 dias. Famílias inteiras foram convidadas, pois a baronesa lamentava que não houvesse, entre todas as famílias, uma participação ativa nas atividades religiosas e sociais.

Em 46 dias os Trapps aprontaram o lugar. Sobre as portas penduraram placas alegres com os dizeres: «Sala Stephen Foster» ou «Mozart» ou «Bach». «Rossini» ficou na sala de

jantar, pois aquele compositor fora tambem confeiteiro e cozinheiro... Jardineiras com gerânios alegravam as janelas. Os visitantes adoraram o lugar pela beleza e simplicidade. A comida preparada por Johanna, com pratos austríacos, era excelente; a vista, magnífica.

Uma visita ao local é uma experiência inesquecivel. As 7:30 da manhã, da capela ao pé da colina, sobe a melodia do hino «Deus Santo, Louvamos o Teu Nome», cantado por católicos, protestantes e judeus. Entre os hóspedes encontravam-se certa vez uma menina cega, um bispo da igreja episcopal, um corretor de títulos, um médico, uma dúzia de crianças menores de 10 anos e várias senhoras de idade.

Quem der um passeio pela mata, depois do café da manhã, é capaz de encontrar de repente uma senhora de cabelos brancos sentada numa pedra, exercitando-se num instrumento musical. No alto de uma colina estarão umas meninas tentando aprender o verdadeiro canto tirolês. Sob uma árvore, Maria estará ensinando uma simples canção de ninar a um grupo de crianças. Da cozinha vem o tilintar da louça, ao ritmo de uma canção folclórica do Canadá.

À noitinha, forma-se uma roda de 100 ou mais pessoas para as danças campestres. Maria toca a harmônica, Werner o clarinete, e a baronesa ensina os passos. A idade não constitui impecilho; todos dançam e cantam.

A família Trapp trabalha incansavelmente. No momento, está despendendo grande parte de sua energia na angariação de donativos para a Áustria. Reconhecida por ver que a sorte não a tem desamparado, a baronesa se entrega a essa obra com grande fervor.

«Os Estados Unidos são um país em que se vive à vontade,» diz ela. «Deveríamos agradecer a Deus com mais frequência a nossa sorte, e dedicar mais tempo a ajudar os outros.»

Excesso de boa vontade

UM DIA, numa rodovia norte-americana, uma senhora de meia idade observou que à frente do seu automovel corria um caminhão de certo jornal, carregado de pilhas de periódicos. Em uma curva da estrada, um pacote de jornais caiu do caminhão. A senhora, solícita, parou o carro e recolheu o pacote ao banco traseiro. À medida que avançava, foi encontrando outros pacotes, que recolheu até abarrotar completamente o seu carro. Depois de alguns quilômetros, alcançou finalmente o caminhão, parado à porta de um restaurante. Encontrou o motorista tomando calmamente o seu lanche e contou-lhe o que havia feito.

O homem, largando sobre a mesa o seu sanduiche, rosnou: «A sra. meteu os pacotes no seu carro?! Ora essa! Não viu logo que eu estava era fazendo a entrega dos jornais?»

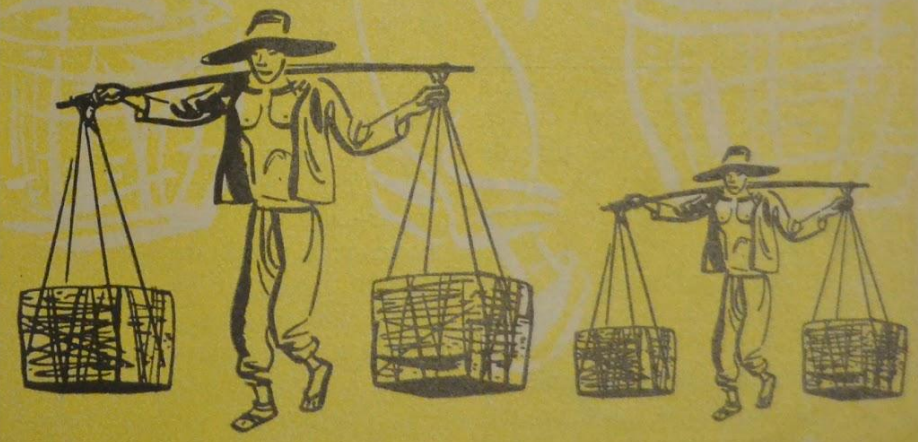
—Colaboração de S. W. Mathews

As divertidas aventuras de um agente de publicidade na China

Quatrocentos milhões de clientes

Condensação do livro «Four Hundred Million Customers»

Por CARL CROW



Copyright 1937, Harper & Bros., Nova York. Preço $3.00

QUATROCENTOS MILHÕES DE CLIENTES

CARL CROW partiu para a China, faz muitos anos, como correspondente da United Press. Resolveu depois ir ficando por lá, dirigindo a sua própria agência de publicidade, e aprendendo a conhecer a natureza dos orientais sob a múltipla variedade das mais intrigantes incarnações —desde as grã-finas da sociedade de Xangai, até os mais vis trapeiros e exploradores das sargetas das ruas. Chegou mesmo a aprender aquilo que, na sua excessiva polidez, os chineses se inibem de dizer acerca de certos traços de carater dos ocidentais.

«Quatrocentos milhões de clientes» é um divertido estudo da natureza humana, a respeito do qual o veneravel *Times* de Londres escreveu: «Livro pouco comum, porque tem tanto de bom-senso prático, como de boa pilhéria. O leitor que quer a um tempo aprender e rir, em casa, teria a lamentar uma séria perda se o passasse por alto.»

Miss China aprende a mostrar as pernas

QUANDO a moda feminina, na esteira da primeira guerra mundial, decretou saias mais curtas, as mulheres da colônia européia de Xangai adotaram, de um dia para o outro, o novo estilo, e apareceram nas ruas com saias pelo joelho, dando às moças chinesas o primeiro ensejo de saber como eram feitas, dos joelhos para baixo, aquelas mulheres estrangeiras. As chinesas observaram, assim, as pernas muito passaveis das mulheres francesas, as pernas em geral menos atraentes das inglesas e americanas, as pernas gorduchas das alemãs e escandinavas, as pernas atrozmente feias das japonesas, e, olhando para as suas próprias graças até então ocultas, chegaram subitamente à conclusão de que tanta beleza não podia continuar desprezada ou desconhecida por mais tempo!

Por essa época a minha firma de publicidade em Xangai andava promovendo a venda de finas chitas de algodão inglês, e a idéia de que essas moças chinesas podiam adotar a moda da saia curta—passando consequentemente a consumir muito menos chita —preocupava-nos seriamente. Por sorte para nós, os reis da moda em Xangai encontraram uma fórmula capaz de satisfazer os dois partidos: conservando o modelo tradicional da saia comprida e travada, abriram-lhe um corte à esquerda, até um pouco acima do joelho, de tal forma que, ao andar, em passos alternados, a mulher chinesa já podia exibir os contornos de uma linda perna. Pais ciosos da moralidade das filhas, e esposos ciumentos, fizeram uma oposição de mil diabos a essa moda escandalosa, mas as moças gostaram tanto dela, que na temporada seguinte apareceram com a saia aberta dos *dois* lados, e desde então a moda se tem mantido inalteravel.

No interesse do nosso cliente inglês, exportador de chitas, minha empresa apressou-se a publicar o primeiro figurino que a China já tinha visto, mostrando como eram atraentes as saias de chita quando talhadas segundo a nova moda de Xangai. Este figurino teve um êxito enorme, e passamos a reeditá-lo todos os anos, não só para as cidades do interior, mas até para os chineses de Java e Sião. Apresentávamos sempre a saia fendida ao lado, e eu me sinto legitimamente orgulhoso do papel que desempenhei na revelação da perna mais bonita que o mundo já viu!

Minha firma foi tambem a primeira a anunciar, em jornais chineses, o *bâton* e os cremes de base para *toilette* feminina, já há cerca de vinte e cinco anos. Não tardou muito que descobríssemos que as melhores clientes para o comércio de cosméticos, na China, não são as moças solteiras, mas sim as mulheres casadas. As esposas chinesas verificaram há muitos séculos que, quando sabiam tornar-se atraentes, não lhes era dificil convencer os maridos a admitir empregadas domésticas que se ocupassem da cozinha e da limpeza da casa; o resultado foi que todas as mulheres, ricas ou pobres, passaram desde então a usar o indefectivel estojinho de beleza. Nem a própria mulher do *coolie* que puxa o jerinxá, embora já durázia, dispensa a sua pitadinha de talco e um pouco de *rouge*. A mulher chinesa gasta em cosméticos uma proporção da renda da família muito superior ao que gasta qualquer outro povo—fato este tanto mais notavel quanto é certo que as massas vivem em um nivel de pobreza abjecta, lutando dia e noite para arrancar a magra subsistência a recursos naturais quase inexistentes.

Os chineses não desperdiçam nada

EM TODAS as cidades da China o viajante vai encontrar um tipo de comércio a retalho que se pode considerar o mais modesto e minúsculo do mundo inteiro. Habitualmente exposto sobre uma esteira quadrada de bambú, vê-se nessas quitandas o estoque de artigos os mais díspares e aparentemente inuteis que a gente possa imaginar: pregos retorcidos, parafusos enferrujados, botões lascados, pires rachados. Tudo aquilo nos faz pensar em «crianças brincando de loja», mas aquí quem brinca são mesmo velhos de barbas compridas.

Todas as manhãs, quando o tempo está bonito, esses venerandos mercadores se arrastam com a sua tralha até à esquina de sua preferência, onde ficam todo o dia sentados ao sol, espian-

do a multidão que passa, palestrando com seus concorrentes, e mesmo, de longe em longe, conseguindo vender alguma bugiganga. Sempre acontece que, dentre os milhares de transeuntes, pode haver um que se encontre precisando justamente de algum caco velho dos que estão expostos na esteira! Alem disso, esse comércio conserva os anciãos utilmente ocupados, tal qual em outros paises os cavalheiros de certa idade vão jogar golfe ou sentar-se em escritórios onde já não têm nada que fazer.

Os rapazes que trabalham como caixeiros nas lojas de comércio raras vezes recebem salário fixo: mas isso não quer dizer que trabalhem de graça. Segundo uma tradição inalienavel, todas as coisas que entram numa loja (exceto a mercadoria propriamente dita) constituem «salvados» que pertencem aos empregados. Estão incluidos neste capítulo todos os caixões, barricas, engradados e outros materiais de embalagem, as amostras de mercadoria, e todo o material de reclame e anúncios. Os caixões de embalagem são, de longe, as presas mais apreciadas. Tiram-lhes os pregos com o maior cuidado, e as tabuinhas, arrumadas por tamanhos, são vendidas por bom preço, visto que a carência de madeiras na China obriga o país a importá-las. Para um chinês que vive no interior do país, desmontar um caixão para acender o fogo seria tão absurdo como se, em paises onde a madeira é mais abundante, as pessoas rachassem as mobílias para se aquecer ou cozinhar com elas. Muitos industriais estrangeiros, que têm tentado economizar nas caixas de embalagem em que exportam seus artigos para a China, chegaram à triste conclusão de que a experiência lhes saiu cara. A explicação é simples: se uma loja vende duas marcas de sardinhas enlatadas, concorrentes entre si, uma delas acondicionada em um caixão que vale trinta centavos, e a outra em um que vale quinze, seja qual for a qualidade delas, não há a menor dúvida sobre qual das duas marcas receberá, por parte dos caixeiros da loja, o benefício dos esforços concertados para vendê-la...

Dotados de um bom-senso inexcedivel, que se origina na necessidade de salvar e aproveitar cada tostão, os chineses não podem compreender que uma coisa qualquer, seja o que for, mesmo uma amostra de propaganda, se possa jogar fora. Tenho presente o triste caso em que um de nossos clientes, fabricante de talco e perfumarias baratas, tentou pôr em prática, em Xangai, os métodos que empregara para popularizar na América os seus produtos: o processo consistia em convidar todos os leitores dos anúncios a comparecerem, munidos de cupom, no seu escritório, onde receberiam uma caixa com amostras de talco, perfume, sabonete e pasta dentifrícia. Contra o meu parecer, o cliente teimou em fazer a oferta publicamente; de propósito, sabendo o que nos esperava, só fiz publicar o anúnico no jornal local que tinha a circulação mais reduzida. Não obstante, no dia seguinte, ainda antes de ter aberto a loja, já uma razoavel multidão estava agrupada em frente

da porta; uma hora depois a rua estava atravancada, o tráfego impedido! Era impossivel distribuir as amostras com rapidez suficiente, e a multidão foi-se tornando excitada, desordenada. A dada altura alguem arremessou um tijolo e partiu a vidraça duma vitrina. Foi preciso chamar a polícia para limpar a rua. No fim, o gerente da casa foi chamado aos tribunais, e multado por ter provocado a obstrução do trânsito!

É impossivel imaginar seja o que for que não tenha valor comercial na China. O mais insignificante dos prospetos de papel pode-se tornar utilizavel para fins que nunca o seu distribuidor tivera em mente. O seu uso mais frequente será o de papel de embrulho; ou, cuidadosamente colado a outros prospetos semelhantes, servirá para fazer excelentes palmilhas para os sapatos. É, de há muito, voz corrente, ser essa a razão por que os panfletos das sociedades religiosas encontram na China uma circulação tão vasta como inesperada... Quando impressa apenas de um lado, a circular servirá como papel de escrever, ou pode até converter-se num envelope muito aceitavel. Emblemas ou insígnias de metal são de um valor inestimavel, especialmente as chapas de esmalte muito pesado que os anunciantes ingleses empregam nos ônibus de Londres, e que consideram perfeitamente aplicaveis a qualquer outra parte do mundo. Essas chapas servem para fazer uns fogõezinhos pequenos, realmente muito bons. Em Suchau existe uma loja que fabrica e vende fogões desse tipo, feitos com chapas de reclame de uisque escocês...

A maioria dos fumantes estrangeiros jogam fora o cigarro quando este mede ainda um a dois centímetros de comprimento: mas os chineses é que não podem ver tal desperdício, sem procurar tirar proveito dele. Esse rebotalho dos pavimentos é constantemente observado por anciãos de olhos perspicazes, sempre munidos de uns pauzinhos com um prego na ponta, que lhes servem para apanhar os preciosos tocos de cigarros. Metem estes em uma latinha. Nos dias de chuva, em que é impossivel andar pelas ruas apanhando cigarro, os anciãos se deixam ficar em casa cortando com os dedos as pontas queimadas dos cigarros, retirando o fumo da mortalha e esfiando-o, para enrolá-lo depois à mão, fazendo uma porção de cigarros facílimos de vender. Do ponto de vista do lucro líquido, esse negócio de cigarros é o mais proveitoso do mundo, pois não implica praticamente qualquer despesa. Alem disso, oferece a vantagem de manter limpas as calçadas!

Todas as moradias de estrangeiros constituem uma fonte riquíssima de suprimento de restos, que são o privilégio exclusivo dos *coolies* da casa. As roupas velhas raras vezes são tão velhas que ninguem as queira comprar; mas, nos casos em que são velhas de verdade, as respectivas peças são reduzidas às partes componentes; juntam-se e cozem-se os pedaços de pano, de modo a formarem qualquer peça de vestuário, desde uma camisa até um sobretudo. As velas da maior parte dos juncos do rio Iangtsé são mantas de retalhos feitas de velhas sacas de fari-

nha. Algumas latas são utilizadas tais como se encontram no monturo; outras, os empreendedores chineses derretem-lhes a solda, reduzindo-as desse modo a pedaços retangulares de folha de Flandres, que têm os mais variados usos. Servem, por exemplo, para fazer telhados de barracas. Até os fragmentos de vidraças têm seu valor, porque os carpinteiros usam cacos de vidro para aplainar a superfície das madeiras.

O *coolie* aquí de casa, por exemplo, passa todos os dias uma revista criteriosa ao cesto dos papéis, onde encontra as folhas dos manuscritos usados que eu jogo fora. Se escreví só de um lado do papel, este encontra abundante freguesia entre os estudantes; é de crer que os cotos dos lapis usados sigam o mesmo destino e encontrem o mesmo mercado. As cartas de jogar, quando gastas pelo uso, vendem-se aos *coolies* puxadores de jerinxás, que cortam cada baralho ao meio, fazendo assim dois que cabem perfeitamente no bolsinho de qualquer blusa chinesa. Se examinarmos um baralho de cartas, veremos que cada uma destas se pode cortar pelo meio, em partes rigorosamente iguais, sem com isso destruir-lhe a utilidade.

Durante o ataque dos japoneses a Xangai, em 1933, os *coolies* que variam as ruas de Hongquiú, depois do bombardeio, receberam ordem de recolher a uma zona de maior segurança onde passariam a trabalhar: mas recusaram-se a fazê-lo, e ficaram heroicamente no seu posto de perigo. Pudera, pois, sempre que havia uma pausa no bombardeio, eles saíam para a rua armados de vassouras e cestas, para recolher preciosos salvados, tais como os cartuchos de latão vazios, e outros artigos da guerra moderna, abandonados nas ruas. Quando, poucas horas depois de terminada definitivamente a luta, um exército de caçadores de recordações saiu pelas ruas de Xangai em busca de objetos dessa ordem, não conseguiu achar nem um pente de metralhadora vazio! Os varredores tinham *varrido* tudo. A esse respeito, a guerra de Xangai foi decerto a mais limpinha e arrumada que já se travou neste mundo.

O porto de Xangai não é somente um dos mais concorridos, mas tambem um dos mais asseados do mundo. Na superfície das suas águas não encontra o viajante os detritos flutuantes que se vêem noutros portos: nem grades de fruta despedaçadas, nem sacas de aniagem meio submersas, nem laranjas podres, pedaços de madeira, cortiça e outros restos semelhantes. Todos os detritos, considerados valiosos, são recolhidos das águas do porto pelos barcos de lixeiros que circulam constantemente em todos os sentidos. A tripulação desses barcos consta, invariavelmente, do proprietário, da esposa, e de tantos meninos quantos estiverem ainda em idade de não poderem ganhar a vida proveitosamente em terra. As energias de toda a família se consagram à pesca de detritos e salvados das águas. A razão por que não se vêem gaivotas em Xangai é essa mesma: a limpeza rigorosa a que procedem esses piratas do lixo... Os uteis rapadores de areais, que pululam nas costas da econômica Escócia, morreriam de fome aquí...

Tão depressa um grande navio mercante ou uma canhoneira estrangeira lança ferro em Xangai, vêem-se logo um ou dois desses barquinhos de lixeiros atracar por perto, em posição estratégica que lhe permita agarrar tudo que saia em esguicho pelo vasadouro da cozinha, trambolhando na água do porto. Os navios de guerra ingleses e americanos têm por costume adiar a limpeza das cozinhas por um dia ou dois, até arribarem a Xangai. Essa prática permite-lhes acumular assombrosa quantidade de garrafas vazias, latas, e comidas estragadas. Os membros da tripulação guardam tambem as roupas usadas, para acrescentar com elas a massa do espólio, contribuindo assim generosamente para aumentar a caça das «gaivotas humanas» de Xangai.

As tripulações das canhoneiras postam-se nas amuradas para observar essas corridas com aguçado interesse, e recompensam sempre o vencedor com os mais ricos prêmios, dando-lhe o melhor lixo de que a despensa de bordo lhes permite dispor. Mas nem sempre ao vencedor é concedido apoderar-se do espólio todo. Logo que a descarga do lixo vomita no seu barco o que, aos de bordo, se afigura uma quota justa e apropriada de salvados, o freguês é mandado embora, de maneira a dar a vez a outro «gaivota». Desde a chegada a Xangai, até à saida, a canhoneira vê-se constantemente assediada por esses barquinhos insaciaveis de lixo e salvados. Nada lhes escapa. As garrafas e as latas vazias encontram comprador com facilidade, e os restos de comida irão alimentar porcos e galinhas. Todas as coisas, na China, têm algum valor intrínseco e podem transformar-se em dinheiro.

A importância das aparências

ENQUANTO escrevo, o *coolie* da casa está limpando e polindo as vidraças. Há na casa certo número de janelas em que ele podia trabalhar agora, mas escolheu precisamente uma ao canto da comprida varanda, onde está certo de que o posso ver todas as vezes que levanto a cabeça. Se eu fosse dar uma volta até a rua, ele deixaria a janela, não para ficar ocioso, remanchando, pois gosta de estar ocupado desde o amanhecer até serem horas de ir para a cama, o que por vezes sucede noite adentro. Não: na minha ausência, o *coolie* se entregará a alguma ocupação clandestina, tal como esfregar o chão da cozinha. Mas assim que eu volte a casa, ele tornará a dar polimento às vidraças, ou a espanar a mobília da varanda, que por sinal ainda esta manhã foi toda muito bem desempoeirada... Se não é capaz de achar alguma coisa em que eu possa vê-lo aplicar-se, irá para o quintal rachar lenha, com um ruido que chega aos céus.

Não se trata dum *coolie* novo aquí em casa, que esteja em período de experiência. Ao contrário, faz tanto tempo que vive conosco, que nem sei como o poderíamos dispensar, fato que ele não ignora. Mas o caso é que seus antepassados aprenderam que o trabalhador manual seria sempre muito

mais bem pago, e com mais prazer, se seu trabalho fosse desempenhado onde os patrões pudessem vê-lo...

Quem entra em meu escritório, assim que abre a porta pode logo dizer se estamos remetendo anúncios diretos, pelo correio, pois, quando isso acontece, as circulares se amontoam na sala de recepção quase até o teto. Se acabamos de receber uma caixa de gravuras de Londres ou Nova York, a caixa estará meio aberta, e parte do seu conteudo—com proposital negligência—se poderá ver no topo, revelando aos curiosos a identidade e a importância das firmas que servimos... Se um cliente de categoria me vem ver, com hora marcada, acontece invariavelmente que meus *coolies* andarão carregando, com tremendo barulho e agitação, pela porta fora, maços esmagadores de correspondência a expedir, isto no momento preciso em que chega o visitante!

Durante muito tempo fiz esforços persistentes para conseguir convencer os *coolies* a usar o ascensor da bagagem para serviços dessa ordem. Não houve maneira. Mesmo quando comprei alguns moveis novos para o escritório, carregaram com tudo pela entrada principal do edifício, e quatro andares pela escada acima, fazendo paradas estrondosas em cada patamar. Só um regimento de corneteiros e tambores poderia ter tornado essa operação mais pública e aparatosa. Os inquilinos desses quatro andares tiveram assim todo o ensejo de admirar com vagar os meus moveis, e de fazer animadas conjeturas sobre o seu custo. Toda essa agitação e exibição dá aos empregados chineses uma confiança especial em si próprios e na empresa que estão servindo. É a importância das aparências.

Esse problema das aparências origina situações curiosas até mesmo nos negócios públicos. Suponha-se que um militar ambicioso, um destes generais chineses bem conhecidos, provoque uma revolta contra o Governo Central, e que a revolta é dominada. Em qualquer outro país o general rebelde e vencido seria preso e talvez executado. Mas não na China! Essas medidas extremas de severidade causariam tal desprestígio ao general vencido, que nem seus próprios adversários mais intransigentes as aprovariam. Em vez disso, o rebelde é promovido a uma patente mais elevada, se a houver, e nomeado para um posto distante, em missão inofensiva, como seja inspecionar os estaleiros de submarinos da Suiça, ou a cultura das batatas em Hyde-Park.*

Tudo isto serve um propósito político muito util, pois dessa maneira se evita criar animadversões entre os partidários do general vencido, sendo assim muito mais facil conseguir da parte deles uma afirmação de perfeita lealdade para com o Governo.

---

*O General Iang Fu-cheng, que há anos assombrou o mundo com o rapto do Generalíssimo Chiang Kai-Xeque, foi mandado para os Estados Unidos em missão de estudo, para «investigar as condições militares e econômicas». Só para despesas de viagem o Tesouro Nacional da China lhe dispensou uma verba de 300 mil dólares!

A expulsão dos demônios

QUANDO, há alguns anos, nos mudamos para um novo escritório, nosso pessoal andava muito preocupado em descobrir se a «influência dos espíritos», na nova instalação, seria benévola ou maligna—por outras palavras, se o prédio dava sorte ou trazia desgraça. Os chineses sabem de há séculos que um mesmo curso de ação redunda umas vezes em êxito, e outras em completo fracasso, apesar de serem idênticas as circunstâncias. E os discretos filósofos que, de longe, vêm estudando o complicado assunto, chegaram à conclusão unânime de que é possivel predizer e medir as influências funestas ou benéficas...

O pessoal chegou, felizmente, à conclusão de que as novas instalações eram das que trazem sorte. E não se vá crer que isto é gabolice da parte deles, ou fruto de especulação gratuita—não, trata-se de pura e simples verificação de fatos, porquanto as benéficas influências foram determinadas e avaliadas pelo melhor talento a que o nosso pessoal chinês podia recorrer: um respeitado geomante, ou seja um «engenheiro» de influências geo-psíquicas. Foi por puro acaso que nos encontramos, pois o sábio, segundo a combinação, devia levar a cabo os seus estudos durante a minha ausência; mas eu sentia tanta curiosidade pela sua profissão, que fiz todo o possivel por travar conhecimento com ele. Tinha toda a aparência de um professor de idade mediana, sobriamente vestido. Levou horas para proceder a observações em nosso escritório, armado somente de um compasso e de uma régua, mas, quando terminou seus cálculos, o veredito foi de todo favoravel. Mandou mudar de lugar algumas mesas, e consagrou muito da sua preciosa atenção à minha escrivaninha: a posição ortodoxa aconselhada me teria deixado de cara para a janela, coisa bem pouco prática para quem tem a vista fraca, e foi preciso chegarmos a acordo, graças a pequeninas transigências de parte a parte—de modo que as linhas longitudinais da escrivaninha corressem rigorosamente de este a oeste. Embora isso deixasse minha mesa em posição estrambótica, em relação à parede, só assim se podiam considerar corretas as influências geomânticas.

Não se pense que meu escritório era o único sujeito a misteriosas influências geomânticas, se bem que eu seja um dos raros que ousam confessá-lo. A maioria dos estrangeiros se riem de coisas desse gênero; e como não há chinês que suporte a irrisão ou a troça, os assistentes e colegas chineses do estrangeiro incréu, sem nada lhe dizerem a respeito, arrumam o escritório de maneira a que as boas influências recebam alí todo o estímulo considerado util. Um velho inglês meu vizinho confessou-me que, durante 15 anos, ocupara um escritório pobremente iluminado e ventilado, só porque o seu pessoal chinês o considerava «de bom agouro».

Um dia o chefe de uma aldeia situada perto de Xangai veio fazer-nos uma visita da mais alta gravidade. Um ano antes, minha empresa de publici-

dade mandara instalar um grande cartaz de certa marca de cigarros, quase à entrada da aldeia, e ao que parece isso atraiu sem demora o infortúnio sobre a vizinhança. As colheitas tornaram-se más, desencadeou-se uma onda de doenças absolutamente inusitada, e houve mesmo algumas mortes a lamentar. Os anciãos da aldeia, conturbados por essa praga misteriosa, convocaram um geomante dos mais competentes, o qual não tardou em descobrir que nosso anúncio de cigarros se tornara ponto de concentração dos espíritos maus! E o chefe venerando do povo vinha agora, solenemente, pedir que eu mandasse retirar aquele valhacouto de demônios que estavam infestando a sua gente.

Interessado em cooperar nessa obra de expulsão dos demônios, surgerí então que, se queimássemos uma porção de fogos de artifício em volta do letreiro, talvez isso ajudasse a espantar os espíritos maus: que lhe parecia? O ancião achou boa a idéia. Foi consultar o geomante, e este concordou que uns dez dólares de fogos de artifício bastariam para produzir o efeito desejado. E assim se fez. Foi essa a minha primeira incursão nas artes de exorcismar o «tinhoso», e resolví levar a coisa a efeito com todos os ff e rr: dobrando, para começar, a quantidade da pirotecnia. Na China pode-se comprar uma porção incrivel de fogos de artifício por 20 dólares. O povo de todas as aldeias da redondeza compareceu ao local para admirar a riqueza e luxo das minhas operações de excomunhão. O barulho foi de ensurdecer, mas tão eficaz, que os diabos, espavoridos, não tiveram remédio senão bater apressadamente em retirada para uma comarca vizinha. Pelo menos, nunca tornaram a pôr alí os seus pés caprinos, a aldeia voltou à sua tranquila prosperidade, e não tornei a receber mais queixas.

Os cachorros ladram mesmo!

Todas as vezes que recebo em Xangai a visita de um americano particularmente pomposo ou cheio de si, meu gosto é levá-lo comigo a dar um passeio por alguma aldeia chinesa das vizinhanças; não por motivos de ordem propriamente turística, mas para que ele possa tirar uma lição proveitosa e moderadora dos cachorros que habitualmente, nessas aldeias, ladram às pernas dos forasteiros. Esses cachorros levantam infernal algazarra, e meu visitante, molestado, invariavelmente pergunta por quê; e eu, invariavelmente, lhe explico que a razão é apenas o fato de sermos estrangeiros.

«Está claro!» diz ele quase sempre. «Os cachorros estranham nossa indumentária.» Com isto, ele só prova que ignora o abc dos cachorros chineses.

«Não,» replico com tristeza. «Mesmo quando um chinês se veste à moda européia, os cachorros nunca latem. A razão é outra: é que eles não gostam do nosso cheiro... Acham que somos raposas, ou então que um de nós traz no bolso a pele mal curtida de u'a maritacaca.»

Passo então a explicar-lhe que, a despeito dos sentimentos naturalmente cordiais que tributo à espécie canina, há bons vinte e cinco anos que os cachorros da China mostram sua repulsa pelo meu cheiro, ladrando-me aos tornozelos. Tem mesmo acontecido que, em muitas ocasiões, poucos minutos depois de eu haver saído de um banho, lavado, escanhoado e com cheiro de sabonete, tão imaculadamente limpo quanto pode sê-lo um homem, todos os cachorros que farejam a minha proximidade registram sem demora um protesto convulsivo!

Uma das explicações do fato parece ser que nós, estrangeiros, adquirimos um odor peculiar e irritante, por comermos carne há muitos anos, ao passo que os chineses, ou não têm cheiro, ou então exalam aroma mais delicado, graças a seu regime alimentar, constante de arroz, cevada, couves e peixe.

Esses passeios têm sempre por efeito baixar a grimpa do meu visitante, reduzindo-lhe a auto-estima a mais razoaveis proporções.

É muito raro um chinês dizer a um estrangeiro qualquer coisa de pejorativo referente a este último; mas, apesar dessa cerimoniosa reserva, já tenho conseguido levar alguns a confessar-me que exalamos um cheiro não só peculiar, mas até mesmo nauseante. Todos os chineses explicam de boa-vontade o hábito inglês de tomar um banho diário, alegando que o britânico é por natureza um animal tão sujo, que precisa lavar-se com frequência. E é bem verdade que, da última vez que estive nos Estados Unidos, tive ocasião de recolher muitas provas do cheiro que meus semelhantes nórdicos exalam, quando reunidos em número consideravel. Ao entrar num trem subterrâneo em Nova York, logo percebí a presença, no ar, desse onipresente e poderoso odor de carne humana que, a julgar pelos dramáticos anúncios que por toda parte nos perseguem, é capaz de arruinar os mais românticos amores e tem constituido obstáculo insuperavel ao êxito nos negócios. Tendo passado muitos anos na China, já esquecera que os seres humanos podiam cheirar tão mal! A mesma coisa me aconteceu em Londres, París, Berlim e Moscou. Minto: em Moscou não foi bem a mesma coisa, porque alí o cheiro humano atinge um cume de perfeição, chegando a gente a pensar que se trata de esforços deliberados para atingir um ideal, uma decisão enfim de exceder todos os outros mortais.

No entanto, capaz como sou de levar um visitante de raça branca a moderar os exageros da sua vaidade, consentindo que os cachorros chineses lhe ladrem às canelas, procuro sempre pô-lo a salvo dos búfalos aquáticos. Esses animais são, normalmente, de uma docilidade inexcedivel, a tal ponto que um dos espetáculos mais comuns na China (e disso rezam esculturas e bibelôs) é o de um gurí de seis anos encarapitado no dorso de um búfalo. Mas, embora este se deixe montar pelo gurí chinês, a verdade é que, sob sua aparência plácida e bisonha, espreita um ódio selvagem e primevo contra algum ancestral inimigo.

Infelizmente, nós estrangeiros parece que temos cheiro semelhante ao

desses antigos adversários, talvez algum primata que outrora viveu no habitat primitivo do búfalo, na África! Não há membro da raça nórdica que se possa julgar permanentemente seguro nas proximidades de um búfalo. A sorte do homem branco é que o búfalo, sendo audaz, é tambem cavalheiro, e nunca ataca sem lançar ao inimigo pelo menos dois reptos. O primeiro vem quando ele fareja o ar, olha em nossa direção, e funga como que para mostrar seu profundo desagrado. O segundo desafio vem quando ele levanta no ar o cômico rabicho e desata a escarvar o terreno. A primeira escarvadela é para nós o sinal de dar o fora, com toda a ligeireza possivel, sob pena de receber marradas.

Tendo-me adiantado tanto na exposição, aliás bastante espinhosa, dos cheiros que distinguem o nórdico, posso já agora perder o resto do pudor, e declarar que os sexos, aquí, não se distinguem: os cachorros chineses ladram às nossas vaporosas elegantes com tanto exaspero e barulho como aos obesos cavalheiros a quem a transpiração aflige. Tenho acompanhado algumas jovens encantadoras em passeios pelo campo, na China. Pensava eu, de começo, que elas seriam capazes de iludir os cães, mas estava enganado: os cachorros não lhes latiam menos do que a mim. Nunca experimentei pôr uma ocidental em presença de um búfalo, mas estou certo de que o resultado não teria sido mais tranquilizador, e o melhor seria não experimentar.

Barbatanas de tubarão e ovos arcaicos

Quando se fala de «comida chinesa,» o que habitualmente acode à imaginação do estrangeiro comum são as barbatanas de tubarão, sopa de ninhos de pássaros, e ovos velhos. Ora, nenhum desses acepipes é de molde a excitar as glândulas salivares do ocidental desacostumado... Pela minha parte, aliás, tenho comido de tudo isso, e voltarei a fazê-lo com frequência, não porque tenha tais petiscos em particular estima, mas para não ofender as pessoas que porventura me convidem. A sopa de barbatanas de tubarão poderá ser mesmo muito boa (contanto que não seja demasiado «tubarônica»); quanto à sopa de ninhos de pássaros, nunca fui capaz de descobrir nela qualquer gosto especial; agora, os tais ovos velhos é que acho um tanto enjoativos! De passagem, devo explicar que esses ovos são submetidos a um processo de salmoura, que os endurece e conserva; ficam então muito mais parecidos com queijo do que com ovos. Dizer ovos velhos ou «antigos» é falsear um pouco a verdade, pois que o banho de salmoura dura apenas cerca de um mês, e está provado que a muita idade não os torna mais apreciados. Um dia, para obsequiar um amigo exigente e de gostos delicados, preparei-lhe um sanduiche desses ovos velhos, cortados em rodelas e temperados com um pouquinho de mostarda. O meu amigo achou bom, até ao momento em que a fatia superior do sanduiche caiu, e ele

pôde ver o que este tinha dentro. O sabor não é repugnante mas estranho, e para quem estiver habituado a apreciar queijo Camembert, ou caracóis guizados, ou mesmo uisque escocês, não terá grande dificuldade em gostar de ovos velhos. A questão que nos interessa, porem, é que esses três quitutes não são coisa comum na China. São delicadezas, tais como o caviar ou a tartaruga em outros paises.

Outro prato chinês (assim chamado) que muitos estrangeiros têm comido, é o *chop suey*. Há mesmo quem lhe chame «o prato nacional da China». A verdade é que o *chop suey*, tal como é conhecido nos Estados Unidos, não só *não* é o prato nacional chinês, como tambem não há chinês que o toque! O único *chop suey* que os chineses conhecem é uma variedade barata e reles do picadinho para mendigos, feito de restos de comida.

O dr. Wu Ting Fang, famoso diplomata, revelou-me um dia as circunstâncias particularmente delicadas devido às quais esse prato «chinês» se tornou tão procurado em outros paises. A descoberta do ouro na Califórnia atraiu milhares de *coolies* chineses a São Francisco, e não tardou muito que a colônia chinesa dessa cidade fosse suficientemente numerosa para sustentar dois restaurantes cantoneses. Ora, uma noite, um grupo de mineiros americanos resolveu ir até um desses restaurantes ver que comiam esses «amarelos de rabicho». Quando chegaram à casa de pasto, os chineses que a frequentavam já tinham ido embora, era tarde, e o dono do restaurante preparava-se para fechar. Mas os mineiros pediram comida, e não houve remédio senão satisfazê-los. O proprietário, não tendo nada que lhes servir, mandou amontoar numa travessa todos os restos deixados nos pratos pela freguesia de chineses, regou tudo com uns pingos de molho chinês, e assim serviu aquela mixórdia aos inesperados clientes. Quando eles disseram que gostavam daquilo, e perguntaram o nome, ele explicou solicitamente que era um *chop suey*, mas não explicou que a expressão significava «picadinho para mendigo».

Seja como for, os mineiros gostaram tanto, que voltaram alí para comer mais daquele pitéu: e foi assim, por acaso, que nasceu a grande indústria internacional do *chop suey*. Deve dizer-se que ela tem feito a fortuna de muitos mais chineses do que jamais fez o ouro dos garimpeiros... E há várias gerações que os chineses riem discretamente dos ocidentais, porque cada prato de *chop suey* que eles servem é uma piada jocosa às custas do estrangeiro. Sem embargo, em quase todas as grandes cidades do mundo se podem ver concorridos restaurantes de *chop suey*—exceto na China!

A sagrada tigela de arroz

Uma das grandes tradições da China, em matéria de negócios, é que ninguem deve destruir ou prejudicar o ganha-pão de seu semelhante, ou, como se diz lá, «quebrar a sua tigela de arroz». Levar-lhe a melhor em qualquer negócio, ganhar à custa dele, está perfeitamente certo; mas arras-

tá-lo à miséria, teimar em obrigá-lo a cumprir um contrato que o deixe empobrecido—são coisas geralmente consideradas como aberrações da natureza humana. Aquele que priva o semelhante do seu direito à vida, não merece que o considerem mais do que um canibal.

A esse respeito, houve um cliente nosso que fez uma interessante experiência durante a grande crise. Viu-se obrigado a reduzir o rol de seus empregados; mas, quando consultou os funcionários de mais categoria, estes o aconselharam a despedir um dos melhores caixeiros do estabelecimento, e resistiram teimosamente à sugestão de que se devia despedir antes um empregado que fosse estúpido. Quando, finalmente, meu amigo chegou ao cerne da questão, verificou que seus auxiliares não tinham escrúpulos em pôr na rua o empregado esperto, porque este não teria dificuldade alguma em conseguir outro bom emprego; ao passo que o pobre do caixeiro menos dotado se veria em apuros para achar colocação!

No tempo em que colaborei na direção de um jornal diário de Xangai, vi-me a certa altura a braços com uma greve de tipógrafos. Certo dia, um dos grevistas atacou na rua um dos distribuidores do jornal, e destruiu todos os exemplares que ele levava consigo; tive que mandar prender o grevista. Com grande surpresa para mim, o juiz, que era chinês, levou o caso muito a sério, e aplicou ao réu uma sentença de nove meses na cadeia. No dia seguinte, a família do condenado caiu em cima de mim, com todo o seu peso e número, argumentando que, sendo eu quem mandara para o xadrez o braço que lhes ganhava o sustento diário, recaía sobre mim a responsabilidade de lhes manter cheia a tigela de arroz. Como toda a gente parecia pensar assim, sentí-me reduzido à minoria de um só, e não tive remédio senão ceder; daí em diante aquela numerosa família ficou comendo às minhas custas. Durou isso alguns meses. Nesse ínterim a greve terminou, e encarreguei um advogado de se ocupar de meu grevista, de modo a tirá-lo da prisão para que pudesse voltar ao trabalho, e à tigela de arroz da família.

Tipógrafos analfabetos

Muitos estrangeiros, ajuizando pelas estatísticas, segundo as quais a grande maioria dos chineses não sabem ler nem escrever, concluem precipitadamente que o povo chinês é uma raça de néscios. Essa noção é de todo errônea. Se muitos chineses não sabem ler nem escrever, isso deve-se habitualmente a que não tiveram ensejo de frequentar a escola; por outro lado, o alfabeto chinês é imenso e complicado, e portanto incomparavelmente mais difícil de dominar do que o nosso.

O mais estranho no caso é que a maioria dos jornais de língua inglesa que se publicam na China são compostos e impressos por chineses que, em via de regra, não entendem patavina de inglês! Esses linotipistas foram sempre para mim objeto de pasmo. Sem fazer a mais leve idéia do que significa o texto que têm diante dos olhos, martelam rapidamente o seu teclado, dando-nos granéis que, alem de imaculadamente corretos, reproduzem com prodigioso rigor todos os erros de datilografia que se encontram no manuscrito. Mais ainda, são capazes de compor igualmente bem em francês, alemão ou russo, coisa que poucos compositores europeus não familiarizados com esses idiomas teriam a ousadia de tentar.

Está claro que essa ignorância da língua em que compõe leva por vezes o tipógrafo aos erros mais pitorescos. Conta-se, entre outros, o caso daquele jornalista inglês de Xangai, cujo jornal publicava todos os anos um guia da cidade. O jornalista não intervinha na compilação dos nomes e endereços, mas as provas de página, depois de corrigidas, eram-lhe sempre apresentadas para aprovação final. Uma vez, ao percorrer as provas, saltou-lhe aos olhos o nome de um indivíduo que ele detestava e que falecera poucos meses antes. À maneira de advertência e censura ao compilador do guia, o jornalista passou um traço de tinta preta em volta do nome do falecido, e escrevinhou à pressa uma correção na margem da prova.

Poucos dias depois o volumoso catálogo apareceu em público, trazendo um filete negro em volta do nome do morto, com este comentário do redator, à margem: «Esta cavalgadura já morreu.»

Algumas práticas escusas

Muitos observadores competentes têm deposto nos termos mais entusiásticos a favor da honestidade e lisura dos chineses. Os mais antigos mercadores estrangeiros que passaram pelo Celeste Império afirmaram que «a palavra de um chinês vale tanto como a sua fiança». Mas muitos outros depoentes poderão contar-nos, com base na experiência, desoladoras histórias de práticas ludibriosas. Ao aforismo acima reproduzido, retrucam eles, declarando que na maior parte dos casos a fiança de um chinês não vale um caracol... Essa divergência de opiniões é naturalmente muito facil de explicar, pois na China, como em todos os paises, há gente honesta e gente deshonesta.

Os mercadores de seda da China, que são ao mesmo tempo tecelões, representam provavelmente o ramo de negócio mais antigo da nação, se não do mundo inteiro, pois mil anos ou mais antes de Jesus Cristo vir ao mundo, já eles estavam tecendo e vendendo sedas, e essa atividade tem-se mantido sem interrupção através dos séculos. Os padrões de qualidade foram sempre, entre eles, muito elevados. Em contraste, os japoneses tinham menos de dez anos de experiência no mercado exportador de sedas, quando aprenderam com certos estrangeiros a maneira de aumentar artificialmente o peso do seu produto, com o resultado de que em breve não existia coisa que pudesse chamar-se de pura seda japonesa. Os chineses nunca recorreram a práticas deshonestas dessa ordem. Qualquer vendedor de sedas na China está sempre pronto a demonstrar a pureza de seu artigo, cortando

um retalhinho da peça para o queimar dentro de um pires: a seda pura queima até ao fim sem deixar traços de cinza. Quando existe a mais leve adulteração, logo a cinza denunciadora aparece no prato. Em vista dessa tradição de pureza, a seda da China vende-se a peso e não a metro, e nas boas lojas nunca se ouve regatear os preços.

Os prateiros representam tambem um dos mais antigos ofícios da China. Todas as peças de prata trabalhada apresentam a marca da oficina que as produziu, e essa marca é tão respeitada como a assinatura oficial da casa da moeda. Constitui a mais incondicional de todas as garantias de reembolso que qualquer fabricante já estampou no seu produto. Por muito velha ou gasta que a peça esteja, o prateiro a comprará sempre, reembolsando o cliente do preço original, com ligeira redução. Por isso vemos as casas dos chineses endinheirados abarrotadas de caixas e jarras de prata, que eles compram, não só para ornamento e deleite, mas tambem porque a qualquer altura podem transformar esses objetos de arte em dinheiro em caixa.

Os padrões não são porem tão altos, nem tão cristalinos, em muitos outros ramos de negócio mais modernos. Por exemplo, tive certa vez o ensejo de colocar alguns anúncios em uma revista chinesa mensal, muito bem impressa e que, consoante suas circulares, tinha nada menos de «30.000 leitoras». As páginas do volumoso periódico mostravam-se opulentas de rendosos anúncios. Demos-lhe um anúncio de página inteira, no qual oferecíamos às 30.000 leitoras, contra remessa de cinco centavos em selos, uma generosa amostra de creme para a cutis. Quando, ao fim de 3 meses de publicação do anúncio, verifiquei que nem uma só das 30.000 leitoras dera mostras da mais leve curiosidade a respeito da nossa perdulária oferta, comecei a investigar, e não me foi dificil concluir que, com exceção dos exemplares remetidos aos incautos anunciantes, a revista não tinha circulação alguma! Mas não era só isso. Seu material de leitura era idêntico em todos os números, sendo impresso de mês para mês sem alteração, e assim fora sempre até onde pude levar a minha pesquisa. Mudavam-se apenas, mensalmente, alem dos anúncios, a data da saida e o número na capa. Os editores solicitavam anúncios apenas entre estrangeiros, presumindo, com bastante fundamento, que estes não soubessem ler chinês, e que portanto pouco lhes importava o que a revista publicasse. O periódico ainda se publica, e continua prosperando; de vez em quando minha agência recebe cartas de clientes de alem-mar informando-nos de que todos os seus concorrentes estão anunciando seus produtos a essas «30.000 leitoras», e dando-nos a entender discretamente que havíamos passado por alto esse valioso instrumento de publicidade.

Mas é no ramo da exportação que as práticas dos negociantes chineses se tornam mais turvas, como se verá pelo exemplo que passo a contar. A fava chinesa, conhecida pelo nome de «fava de cavalo», é o mais humilde membro desta família de vagens. Medra facilmente nas terras pobres, produzindo abundante colheita; mas é tão grosseira que, e...bora nutritiva, nenhum ser humano a quererá tragar, a não ser quando obrigado pela fome extrema. Como artigo de exportação, a «fava de cavalo» tem destino bem singular: encontra mercado somente nas regiões carboníferas, e é consumida apenas pelas infelizes mulas das minas, que passam a existência metidas no negrume dos tuneis, debaixo da terra. Parece que essa fava contem uma vitamina que compensa a falta da luz do sol.

Uma vez que esse artigo constitui, talvez, o mais barato dos gêneros alimentícios conhecidos do comércio, parece incrivel que a respectiva adulteração possa ser lucrativa: mas um exportador, amigo meu, chegou a uma conclusão radicalmente oposta. Depois de ter exportado favas durante alguns anos, começou a receber queixas de que as favas de um carregamento recente se apresentavam revestidas de uma camada de argila seca, e que em todas as sacas se encontravam torrões de lama endurecida!

Meu amigo procedeu sem demora a rigorosa inspecção das favas que tinha no armazem, prontas a exportar. De começo tudo lhe pareceu estar em ordem; mas pouco a pouco foi notando que algumas das favas se apresentavam partidas de meio a meio, e isto lhe despertou suspeitas, porque uma boa fava não se quebra. Um exame mais minucioso levou-o a esta estranha descoberta: em cada vinte favas aparentemente boas, uma era nada mais nada menos que um pedaço de barro cozido ao sol, depois de modelado em forma de fava! Era uma réplica perfeita da fava autêntica, tanto na forma, como na côr e no peso. A fraude, ao que parece, fora descoberta somente porque algumas das sacas haviam apanhado umidade, e as favas amoleceram, transformando-se em lama, que depois se fizera em torrões, e parcialmente se pulverizara.

Pensando nos milhares de pobres mulas de mina, que havia tempo vinham comendo favas de barro, meu amigo encheu-se de sagrada fúria e encetou um trabalhinho de detective por conta própria. Pouco tempo levou para descobrir uma fábrica de favas de argila, nos arrabaldes de Hankow. Os operários arrancavam o barro às pazadas das margens do Iangtsé, e depois comprimiam-no em moldes com a forma de favas. Os comerciantes compravam, por uma ninharia, carregamentos dessas favas de barro, mais baratas que as naturais, e depois misturavam-nas com estas últimas, destinadas a exportação. Felizmente, as pesquisas desse meu amigo puseram termo à engenhosa adulteração, e, até onde se pode averiguar, as tristes mulas de mina não têm sido obrigadas a comer fava de barro, de alguns anos para cá.

Ferraduras de Hamburgo

O TRÁFICO de ferraduras de Hamburgo oferece interessante exemplo de outro traço peculiar dos negócios da

China: a lealdade para com aquilo que os chineses consideram mercadoria de superior qualidade. Nos dias distantes em que os navios à vela chegavam quase vazios à China, e regressavam de lá com os porões atulhados de chá e outros produtos chineses, toda e qualquer espécie de carga que servisse de lastro era benvinda a bordo, e transportada a tarifas baixíssimas. Ora, entre os mais diversos artigos que assim arribaram aos portos da China, durante essa época, veio um carregamento de ferraduras de Hamburgo—ferraduras usadas, tão gastas e adelgaçadas, que já se tornara impossivel voltar a pôr-lhes cravos. Essas ferraduras, mesmo gastas, encontraram na China um mercado sequioso entre os ferreiros, os quais descobriram que, quando cortadas em duas, forneciam a matéria-prima ideal para a manufatura de navalhas de barbear, que na China são simplesmente facas bem temperadas, com uma lâmina bastante larga. A procura dessas navalhas era imensa e constante, e dentro em pouco as «ferraduras de Hamburgo» se tornaram um artigo capital de comércio com a China.

Os comerciantes de ferro-velho de muitas outras cidades do mundo ocidental tinham os armazens aborrotados de ferraduras usadas, invendaveis, e, querendo ver-se livres delas, começaram a remeter embarques dessa ordem para a China, de Nova York, París, Liverpool, e de muitos outros centros de negócio. Mas os ferreiros chineses é que não queriam nem ouvir falar em ferradura que não fosse de Hamburgo! Recusavam firme e unanimemente comprar qualquer substituto. Sustentavam, com mais ou menos justiça, que a corpulência e peso dos grandes cavalos de tiro de Hamburgo, e o martelar diário das ferraduras nas ruas empedradas do grande porto alemão, davam a estas últimas um tamanho e uma têmpera que eram precisamente ideais, incomparaveis para a manufatura de navalhas de barba. E fossem lá desmentí-los! Os adeleiros chegaram à conclusão de que, para se venderem bem na China, as ferraduras usadas tinham de ser exportadas de Hamburgo, e o resultado foi que esse porto se tornou o ponto de concentração de ferraduras, que de toda a parte acorriam alí para serem exportadas. Dessa maneira se tornavam perfeitamente aceitaveis para o fabrico de finas navalhas de barba!

Mais tarde a voga das ferraduras tomou outro rumo na China. Os barbeiros chineses deram para empregar navalhas de Sheffield feitas no Japão, e as oficinas de ferreiros passaram por sua vez a usar as ferraduras para fabricar facas, machadinhas e cutelos. Mas, se tinha as dimensões ideais para fazer navalhas de barba, a ferradura de Hamburgo era pequena demais para essas outras aplicações. Descobriu-se depois que os cavalos de carroça de Liverpool forneciam ferraduras muito maiores, e essa cidade se tornou assim o centro do tráfico mundial de ferraduras usadas. Os comerciantes diziam então que as ruas de Hamburgo já não tinham pavimentação de pedra e que por isso as ferraduras de lá procedentes haviam perdido a sua antiga e respeitada qualidade.

Os tais ovos da China

Mas os chineses não são, infelizmente, o único povo da terra que se deixa iludir em questão de qualidade, e que se atem obstinadamente a preconceitos absurdos. Os ovos eram muito baratos na China, e lá por 1919 o negócio de ovos chineses, em conserva ou congelados, com destino à Inglaterra e aos Estados Unidos, atingiu páramos de inaudita prosperidade. Mas não tardou que se erguesse nesses paises uma campanha de tremenda e furiosa propaganda contra os ovos chineses, aos quais se atribuia o pecado de abrigarem inúmeros e mortíferos germes de doença, sem falar nos animálculos mais espetaculares! Houve mesmo um lavrador inglês que escreveu ao periódico local, revelando o estranho caso do ovo chinês que, por curiosidade, ele unira a outros ovos (bem ingleses) a chocar debaixo da sua galinha: pois bem, os bons ovos ingleses todos tinham dado pintos, mas o ovo da China produzira... uma cobra! Muitos jornais ingleses deram publicidade à história, e a maioria das donas de casa da Inglaterra não quiseram mais nem olhar os ovos chineses. Só as padarias continuaram comprando.

A propaganda nos Estados Unidos contra os ovos chineses não chegou ao ponto de fazer sair serpes e dragões da respectiva casca: mas seus resultados não foram menos eficazes. As restrições impostas pelas leis referentes à pureza dos gêneros alimentícios entraram sem demora em ação, e o negócio dos ovos chineses nesses dois paises caiu quase a zero. Os compradores americanos de ovos chineses, de Xangai, arrumaram tristemente as malas, pediram a conta do hotel, e regressaram à pátria. Alguns deles, porem, tiverem que pagar altas indenizações aos seus fornecedores, pois tinham contratos que lhes foi preciso rescindir por falta de mercado. Os comerciantes ingleses souberam porem manter a boa e antiga reputação britânica de teimosia e persistência. Continuaram exportando ovos para a Inglaterra, onde o mercado era, no melhor dos casos, muito restrito, e toda a gente se admirava como é que, teimando nesse insensato jogo, não tinham sido arrastados à falência. O mistério veio a esclarecer-se mais tarde: os ovos chineses exportados para a Inglaterra eram re-embalados e re-expedidos para os Estados Unidos, onde encontravam pronta e geral aceitação, como ovos ingleses...

O mundo afinal é pequeno!

Talvez o leitor já tenha notado, com estranheza, que a última escova de dentes que comprou na farmácia ou na perfumaria não é de qualidade que se possa comparar com as que vinha comprando antes, embora da mesma marca. Talvez o leitor, se acompanha nos jornais os acontecimentos que vão por este mundo, tenha lido tambem que o governo chinês vem expulsando os «bandidos» e «comunistas» de certos territórios assombrosamente ricos e populosos, como seja a

província de Szechuen, nas fronteiras do misterioso e impenetravel Tibé, e para esse fim tem despachado para lá muitos corpos de tropas bem armadas. O que possivelmente não ocorreu ao leitor, e não admira, é a ligação entre esses dois acontecimentos, aparentemente tão desconexos entre si.

Grande parte das boas escovas de dentes macias e brilhantes são feitas de cerdas de porco, e o suprimento mundial desse produto vem precisamente da China; as melhores, utilizadas no fabrico da escova de dentes de primeira qualidade que o leitor indubitavelmente está habituado a usar, são precisamente as que vêm dos porcos brancos de Szechuen. Devem ser poucos os porcos brancos que, em outros paises, contribuem para a manufatura de escovas de dentes, visto que raros criadores de suinos por este mundo serão tão econômicos como os chineses, que limpam e selecionam cuidadosamente as cerdas dos seus animais.

E é por isso que o suprimento mundial de escovas de dentes depende em larga escala da saude e prosperidade contínuas do porco de Szechuen. Pegue o leitor na sua escova—na velha, na que usou tanto tempo e de que lhe custa agora separar-se—e reflita na pequenez deste mundo, sobre o qual vivemos bem perto dos 400 milhões de chineses...

Um reino de fadas na Florida

Orquídeas tão grandes que só podem ser carregadas por quatro homens e ostras que crescem em árvores não existem, apenas, nos contos de fadas. São descritas por cientistas idôneos, em relatórios sobre o Everglades National Park, que cobre mais de 3.000 km² de vegetação tropical, no extremo sul da Florida. Os botânicos encontraram mais de 25 variedades de orquídeas, algumas das quais com hastes de 5 metros de comprimento, nas quais cresciam mais de mil flores. Há plantas que se calcula tenham 500 anos de idade. Um mangue enorme cobre uma área superior a 150 km². Uma grande parte do Parque abrange milhares de ilhas e lagos e riachos sinuosos, repletos de peixes. O fluxo das correntes de água salgada se processa de forma a permitir que as ostras adiram às raízes externas das plantas. Muitos trechos do Everglades são quase impenetraveis, tal a barreira formada pelas magnólias, ciprestes, acajús, *lignum vitae*, seringueiras e numerosas variedades de cipós e trepadeiras. Enormes tartarugas, de 50 a 150 quilos, vêm à praia, durante a noite, para deitar seus ovos sobre a areia. Entre as aves, destacam-se as garças, grous, flamingos e colhereiros havendo, ainda, grande número de outros animais tais como ursos, veados, raposas gatos do mato panteras, guaxinins e gambás.

—Adaptado do *Times* e da *Review of Reviews*, de Nova York

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA
Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar
Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.

BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3.º andar, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Av. Presidente Vargas, 502, 19.º andar.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: J. A. Carvalho, Minerva Central, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

PRODUTOS
Swift
qualidade por excelência

— Cia. Swift do Brasil S. A. —

• Presuntada, Salsichas, Viandada, Presuntos... frutas, compotas, Óleo e Composto A DONA... a pureza e qualidade dos produtos Swift resultam de dois fatôres: muito tempo no estudo e ciência no preparo. Exija-os sempre.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Centenas de quilômetros de oleodutos Esso estão sendo construidos agora em varias partes do mundo.

Artérias do Comércio

As necessidades de petroleo no mundo atingiram um nivel elevadíssimo—e continuam aumentando! Atualmente, o consumo de petroleo é ainda maior do que em 1945, ano de maiores gastos da guerra.

Estamos fazendo um esforço para completar, o mais rapidamente possivel, novos oleodutos que levarão mais petroleo aos lugares em que ele é necessario.

Estão sendo tambem ativadas a construção de novos tanques de armazenamento e a aquisição de navios tanques, porque aonde vai o petroleo a vida se torna mais facil e cheia de conforto.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM SÍMBOLO DE SERVIÇO — **Esso** — UM EMBLEMA DE QUALIDADE

ORGANIZAÇÃO ESSO

VOCÊ
também usará Kolynos
diz Ilona Massey

A famosa estrêla da Republic Pictures que aparece em "Canção de Duas Vidas"

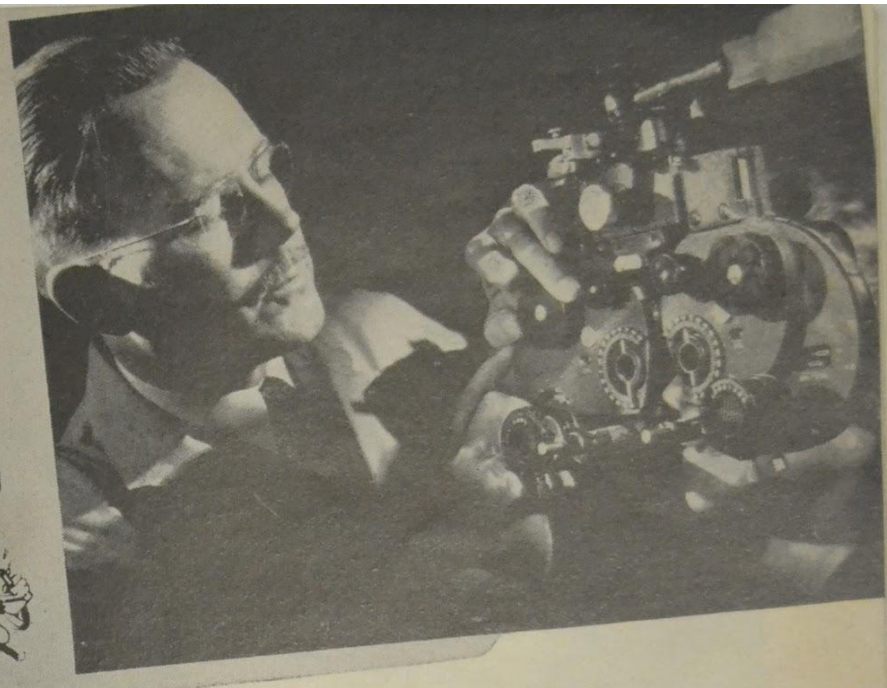
Kolynos tem sabor delicioso
Dizem a estrêla e o astro mais famoso
Kolynos dá sorriso mais brilhante
Kolynos rende mais...é refrescante

Compre hoje mesmo um tubo de Kolynos
Visite com frequência seu dentista
Você também terá dentes divinos
E o sorrir sedutor que tem o artista

Basta um centímetro na escôva sêca

K-37-P

AGRADA MAIS . . . LIMPA MAIS . . . RENDE MAIS



Maior renda, maior prazer ... para Você!

Qualquer que seja seu trabalho, qualquer que seja sua diversão preferida, sua capacidade para ganhar dinheiro ou para melhor divertir-se depende principalmente da eficiencia de sua visão. Para que esta possa ser a melhor e a mais confortável possível, Bausch & Lomb fabrica os instrumentos para exames oculares de maior precisão do Mundo bem como as lentes e armações para seus óculos.

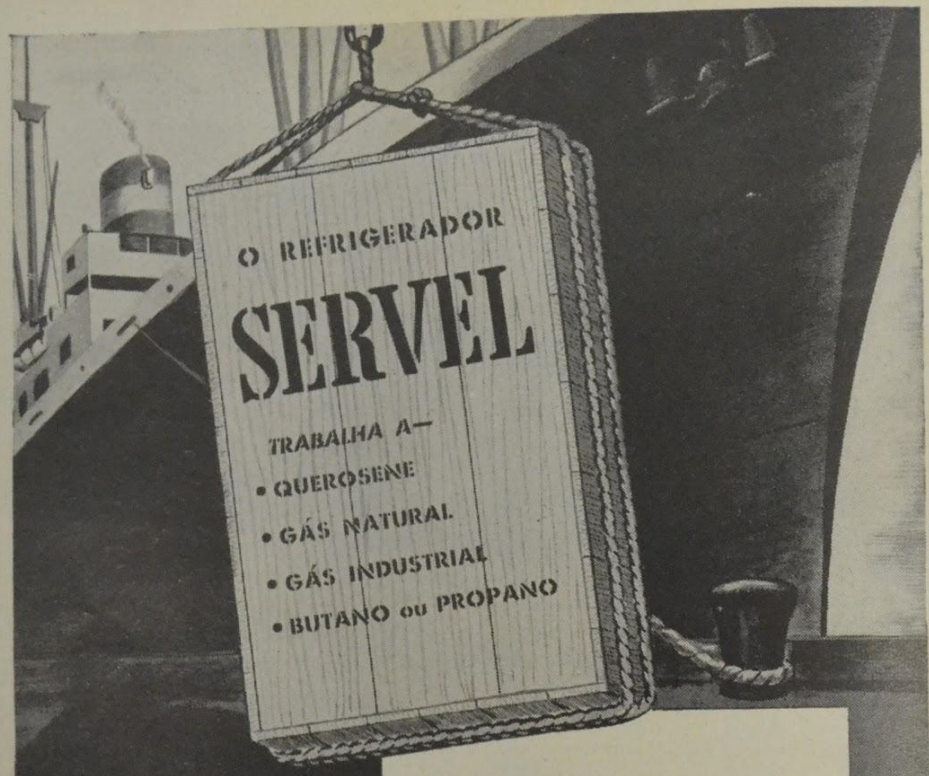
Bausch & Lomb fabrica tambem óculos Ray-Ban, binóculos, os microscópios para seu médico e uma variada linha de instrumentos óticos de precisão necessitados pelos cientistas modernos.

Consulte seu oculista uma vez por ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES



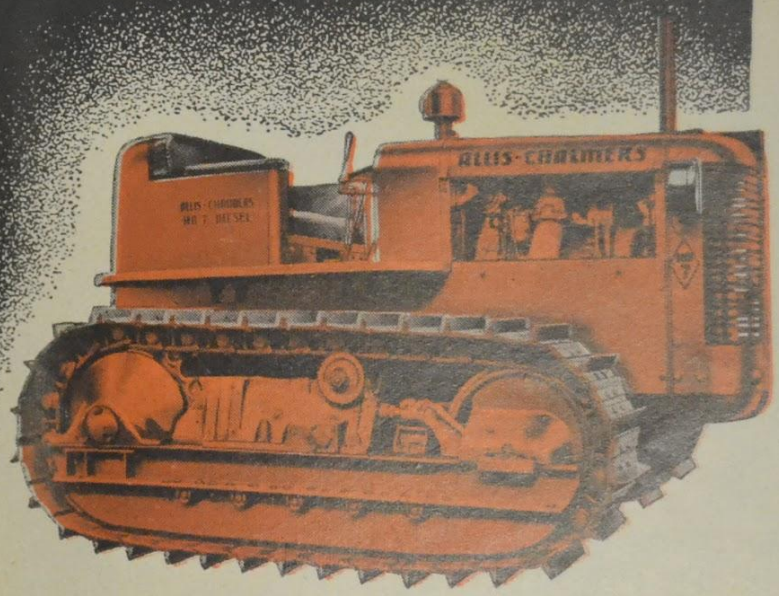
O SERVEL FUNCIONA EM QUALQUER PARTE . . . E DURA MAIS

Os Refrigeradores Servel estão sendo agora descarregados no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, e outros portos do mundo. As famílias e os homens de negócio estão verificando em todo o mundo que o Servel é o único refrigerador que conserva os alimentos em *qualquer* parte . . . na cidade ou no campo. Deve-se isto a que, para funcionar, o Servel precisa somente de uma pequena chama de gás ou querosene. Não tem peças mecânicas que se desgastem ou desarranjem.

Servel O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N.Y., U. S. A.

FÔRÇA DIESEL MÓVEL



Os Tratores Allis-Chalmers a motor Diesel de 2-ciclos, tipo de esteiras, desempenham grande variedade de funções com assombrosa economia de tempo e dinheiro.

Na abertura de estradas e outras obras de construção, os tratores munidos de *bulldozer* ou lâmina de empurre, desbastam os terrenos e nivelam os acidentes; quando levam atreladas as raspadeiras de 2 ou 4 rodas, estas máquinas possantes derrubam morros ou aterram depressões com incrível rapidez; no carater de máquinas locomotoras, estes tratores executam um sem-número de tarefas de reboque e impulsão, sempre com grande economia. Na agricultura, arrastam enormes arados através dos solos mais duros, e executam inúmeras tarefas demasiado difíceis para o trator de rodas comum.

O poderoso motor Diesel de 2-ciclos arranca instantâneamente com óleo diesel; é de funcionamento excepcionalmente suave, econômico em consumo de combustível, e de máxima confiança no serviço. Nas grandes altitudes o motor de 2-ciclos sofre uma perda de energia consideràvelmente inferior à de outros tipos de motores de combustão interna.

Se o que lhe importa é ter força-matriz econômica e de confiança, tenha presente os Tratores Allis-Chalmers de esteiras, a Diesel. Para mais informações, queira consultar o distribuidor Allis-Chalmers na sua região.

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD548 — Divisão de Tratores — Milwaukee 1, E. U. A.

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro

Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão

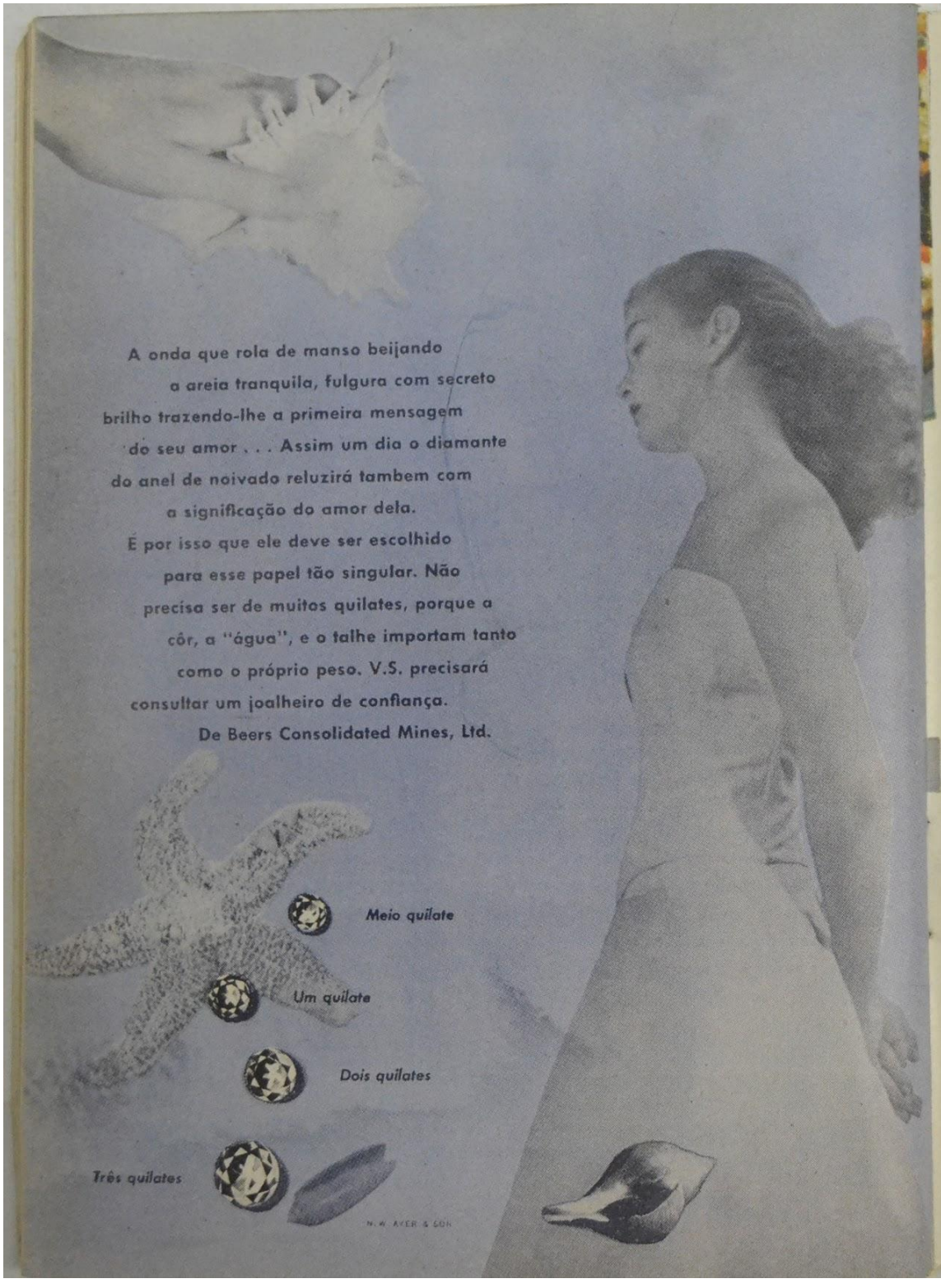
Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo

B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem, Pará

Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Porto Alegre, Rio Grande do Sul

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:

H. Vaultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.



A onda que rola de manso beijando
a areia tranquila, fulgura com secreto
brilho trazendo-lhe a primeira mensagem
do seu amor . . . Assim um dia o diamante
do anel de noivado reluzirá tambem com
a significação do amor dela.
É por isso que ele deve ser escolhido
para esse papel tão singular. Não
precisa ser de muitos quilates, porque a
côr, a "água", e o talhe importam tanto
como o próprio peso. V.S. precisará
consultar um joalheiro de confiança.
De Beers Consolidated Mines, Ltd.

Meio quilate

Um quilate

Dois quilates

Três quilates

N. W. AYER & SON

MÃOS HABEIS

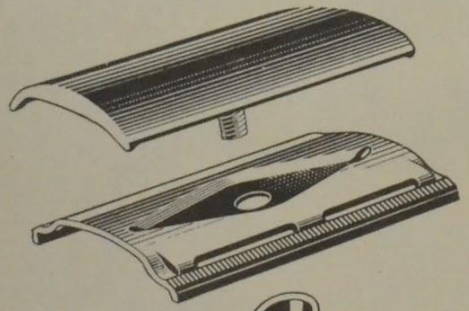
—a maior riqueza natural da Suiça

A coisa mais essencial na criação do Relógio Suiço, belo por tradição, é a perícia da mão humana. Esta perícia, que de há muitas gerações se transmite de pais a filhos, fez do Relógio Suiço um símbolo de perfeição em todo o mundo.

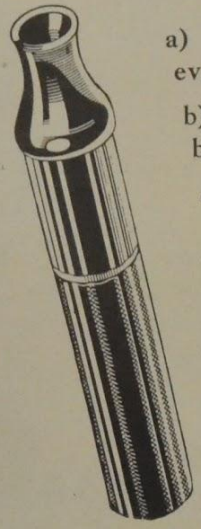
OS RELOJOEIROS
DA SUIÇA

Executado na Suiça por Schneck-Wolfsberg

Em menos tempo
e com maior segurança!



Essa é a vantagem que lhe oferece o novo Gillette-Tech—um aparelho de barbear que possui:



a) Novos frisos anti-deslizantes, para evitar cortes, mesmo a um gesto infeliz;

b) Nova barra-distensora, para um barbear mais suave;

c) Aberturas amplas, para limpeza mais fácil. Não acumulam espuma, basta colocar sob a torneira.

E mais esta vantagem: o novo aparelho Gillette-Tech foi especialmente desenhado para a lâmina Gillette Azul, de qualidade inigualável, *que custa pouco, porque dura muito, e faz melhor a barba.*

Gillette TECH

Alie a segurança, rapidez e suavidade do aparelho Gillette-Tech à economia da lâmina Gillette Azul. Resultado: um barbear mais perfeito!

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Os forros dos Ford absorvem quantidades enormes de lã. Por isso duram tanto, e são tão lindos!

V-8 ou Seis—o Ford tem cavalos-de-força para dar e vender!

O Ford na Vanguarda, lá pelas fazendas

Há um Ford no seu futuro

Divisão Internacional, Ford Motor Company

Graças aos pistões de aluminio de quatro anéis, e à carburação bem equilibrada, a economia do Ford é digna de proclamar aos quatro ventos.

QUE DEUS OS CONSERVE ASSIM!

Se o semblante de duas crianças desconhecidas fala ao seu coração, despertando êsse desejo todo feito de bondade, como deve ser grande o seu cuidado para com os seus próprios filhos! Porisso é um alívio saber que há, ao menos, um setor em que a saúde dos seus garotinhos está inteiramente bem protegida.

Há 60 anos recomendado pelos médicos e consagrado pelo uso popular, o Leite de Magnésia de Phillips permite às crianças assim como aos adultos, uma alimentação abundante e uma digestão perfeita. Sempre presente nas farmácias caseiras do Brasil, o Leite de Magnésia de Phillips é ideal para as crianças e para tôda a família, graças à sua famosa ação tríplice: *Neutraliza a hiperacidez, auxilia a digestão e limpa suavemente os intestinos.*

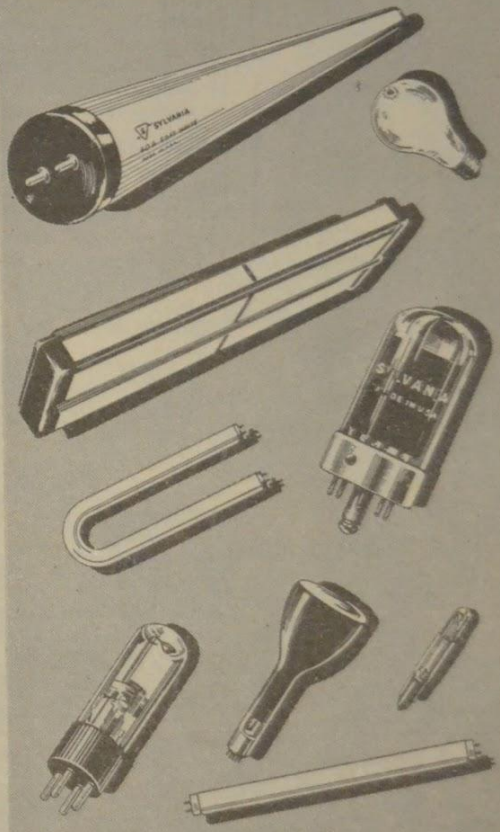
LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LÍQUIDO - EM QUATRO TAMANHOS - E EM COMPRIMIDOS

OUÇA *"OBRIGADO, DOUTOR"*, UM PROGRAMA DE **PAULO ROBERTO** — PELA RÁDIO NACIONAL, ÀS TERÇAS-FEIRAS DAS 20,30 ÀS 21 HORAS.

ESTABELECEM O PADRÃO PARA UMA VIDA MELHOR

PRODUTOS ELÉTRICOS SYLVANIA



Os donos de casa e líderes industriais de espírito moderno do mundo inteiro recorrem à Sylvania para obter o que há de melhor e mais recente em instalações elétricas e eletrônicas. Estes produtos lhe oferecem o que há de melhor em qualidade e serviço:

LÂMPADAS FLUORESCENTES—Luzes melhores e mais duradouras, a menor preço.

PLACAS E LUSTRES FLUORESCENTES—De beleza moderna em estilo, com facilidade de instalação e manutenção.

TUBOS FLUORESCENTES—Alto brilho combinado com flexibilidade de aplicação, para dísticos interiores e ao ar livre.

LÂMPADAS INCANDESCENTES—Grande luminosidade e longa duração.

VÁLVULAS DE RÁDIO—As famosas Válvulas "Lock-In" da Sylvania não têm rival no que toca a recepção clara como o cristal—as melhores para todos os tipos de rádio-receptores.

TUBOS DE RAIOS CATÓDICOS—Coração do radar e da televisão, levado pela Sylvania à sua mais alta perfeição.

LÂMPADAS GERMICIDAS—Especialmente concebidas para levar as radiações ultra-violetas, destruidoras de micróbios, aos quartos de doentes, escritórios, escolas, fábricas, etc.

LÂMPADAS DE MESA TELEFÔNICA—Inteiramente de confiança para aplicações telefônicas.

VÁLVULAS E DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS—As mais recentes inovações para serviço, e para uso de amadores e laboratórios.

Sylvania Electric Products Inc.
Divisão Internacional
50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

SYLVANIA ELECTRIC

Fabricantes de Lâmpadas Fluorescentes; Placas e Lustres; Dispositivos de Instalação; Lâmpadas Elétricas; Válvulas de Rádio; Dispositivos Eletrônicos.

IDEAL PARA FAZENDAS

OS NOVOS CAMINHÕES 'JEEP'—são ideais para os serviços gerais nas fazendas porque são técnicamente construidos para trabalharem sem enguiços em qualquer condição de trabalho.

IMPULSÃO NAS 2 OU 4 RODAS—O ecônomico Modêlo 2 WD caminhão 'Jeep' é um útil e grandemente prático veículo com impulsão nas duas rodas e serve para muitas espécies de transporte nas estradas. O possante modêlo 4 WD tem impulsão nas quatro rodas, para tração e fôrça de arranque extras, e é insuperável nos árduos e rudes trabalhos de transporte fora das estradas, nas fazendas.

GRANDE VARIEDADE DE CARROÇARIAS—Os Caminhões 'Jeep' são feitos em 14 diferentes tipos de carroçarias e chassis, todos com cabina inteiramente fechada, à prova de intempérie e movidos pelos econômicos motores 'Jeep' de 4 cilindros. Carga útil de ¾ a 1 tonelada. A tomada de fôrça é facultativa nos modelos de impulsão nas 4 rodas.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP. • TOLEDO, OHIO, E. U. A.

Willys-Overland *Caminhões* 'Jeep'

Reduz as despesas de transporte

AMALIE 100% PENNSYLVANIA MOTOR OIL

um GRANDE SUCESSO...

O MAIS OLEOSO DOS ÓLEOS!

Eis o motivo por que o AMALIE Motor Oil, é um êxito tão assinalado entre os motoristas de todo o mundo. Pelo seu uso constante, eles verificaram que a *maior oleosidade* do AMALIE Motor Oil representa maior proteção, melhor aderência às peças metalicas, muito menos desgaste e menos desarranjos.

Para seu automovel, caminhão, ônibus, trator, maquinaria de construção ou motores industriais, exija sempre o AMALIE Motor Oil. A venda em todo o Brasil nos vasilhames originais hermeticamente fechados nas nossas refinarias em Pensilvânia.

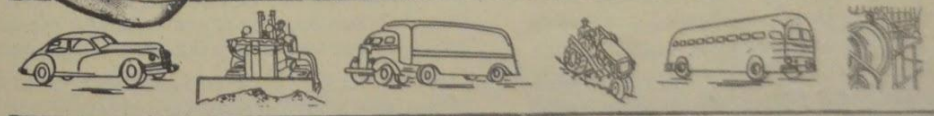
L. SONNEBORN SONS, INC.

Divisão da América Latina Nova York 16, E. U. A.

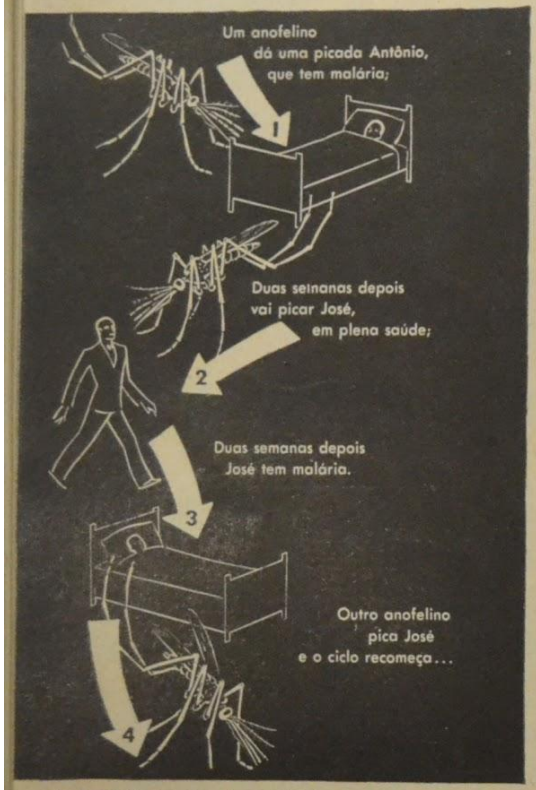
Refinarias: Petrolia & Franklin, Penna., E. U. A.

Fábrica: Nutley, N. J., E. U. A.

Distribuição em: Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, Recife, Paraiba, Alagoas, Bahia, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.

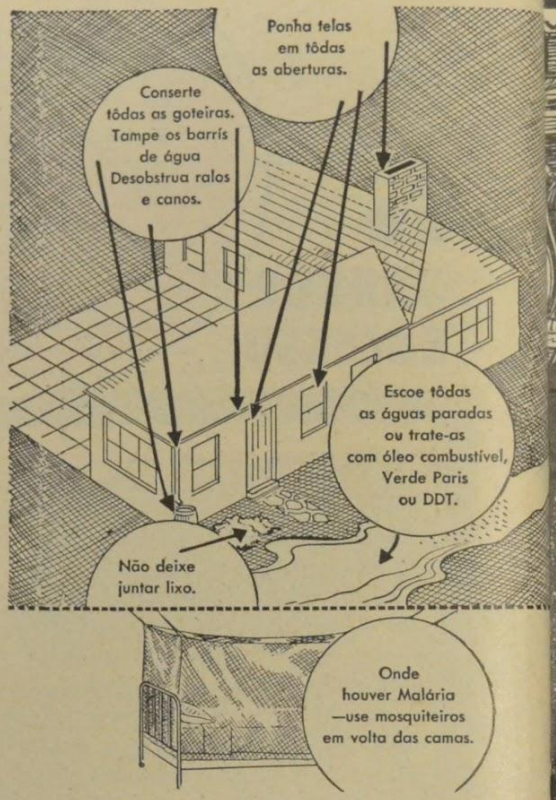


Como exterminar a . . . Malária assassina



A Malária é a Inimiga Nº 1 do homem—mata maior número de pessoas que qualquer outra enfermidade.

Como age a Matadora. A malária é causada por parasitas que penetram no sangue. Só um mosquito, o Anófeles, transmite êsse parasita. Êle suga o sangue da pessoa atacada de malária e, ao picar outra pessoa, realiza a transmissão. Eis como reconhecer o Anófeles: os mosquitos comuns tomam uma posição paralela à superfície que picam, mas o Anófeles toma uma posição vertical. Sintomas de malária: calafrios, febre e suor—nessa ordem. Dores pelo corpo, também, e dores de cabeça. Mas a malária cede de maneira impressionante aos novos medicamentos.



Coloque telas nas janelas. Se precisa sair de noite, proteja-se ou use um repelente contra os mosquitos.

Os 3 Grandes no Combate. Seguindo estas 3 providências se evitará a malária:

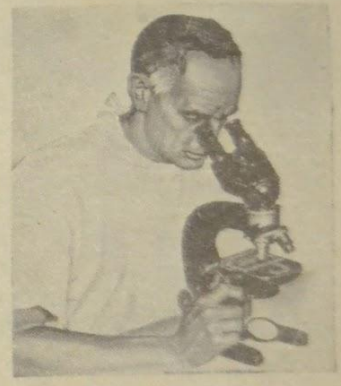
1. Coloque telas nas janelas, de maneira a não permitir a entrada dos mosquitos.
2. Mate as larvas onde elas se desenvolvem, ou faça escoar as águas estagnadas.
3. Chame logo o médico, em qualquer caso de malária; coloque cortinas à volta do leito, de modo que nenhum mosquito possa transmitir a doença a outras pessoas.

Seu médico pode diagnosticar e tratar a malária com sucesso—se você o chamar *em tempo!* A demora pode ser fatal!

Não se arrisque a contrair Malária . . . lance mão dos novos conhecimentos de seu médico para evitá-la!

A Ciência Realizou Grandes Conquistas. Novas drogas foram descobertas para o tratamento dos casos agudos e para o tratamento preventivo. Para combater o mosquito há um novo inseticida notável—o DDT. Pulverizado por meio de aviões, êle tem libertado vastas áreas do mosquito transmissor. Novos e poderosos repelentes de insetos têm sido criados também. Descobertas mais recentes enfrentam as causas da recaída da malária —o mais grave de todos os problemas. Colaborando com o seu médico, trabalham alguns dos *maiores* cientistas do mundo.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

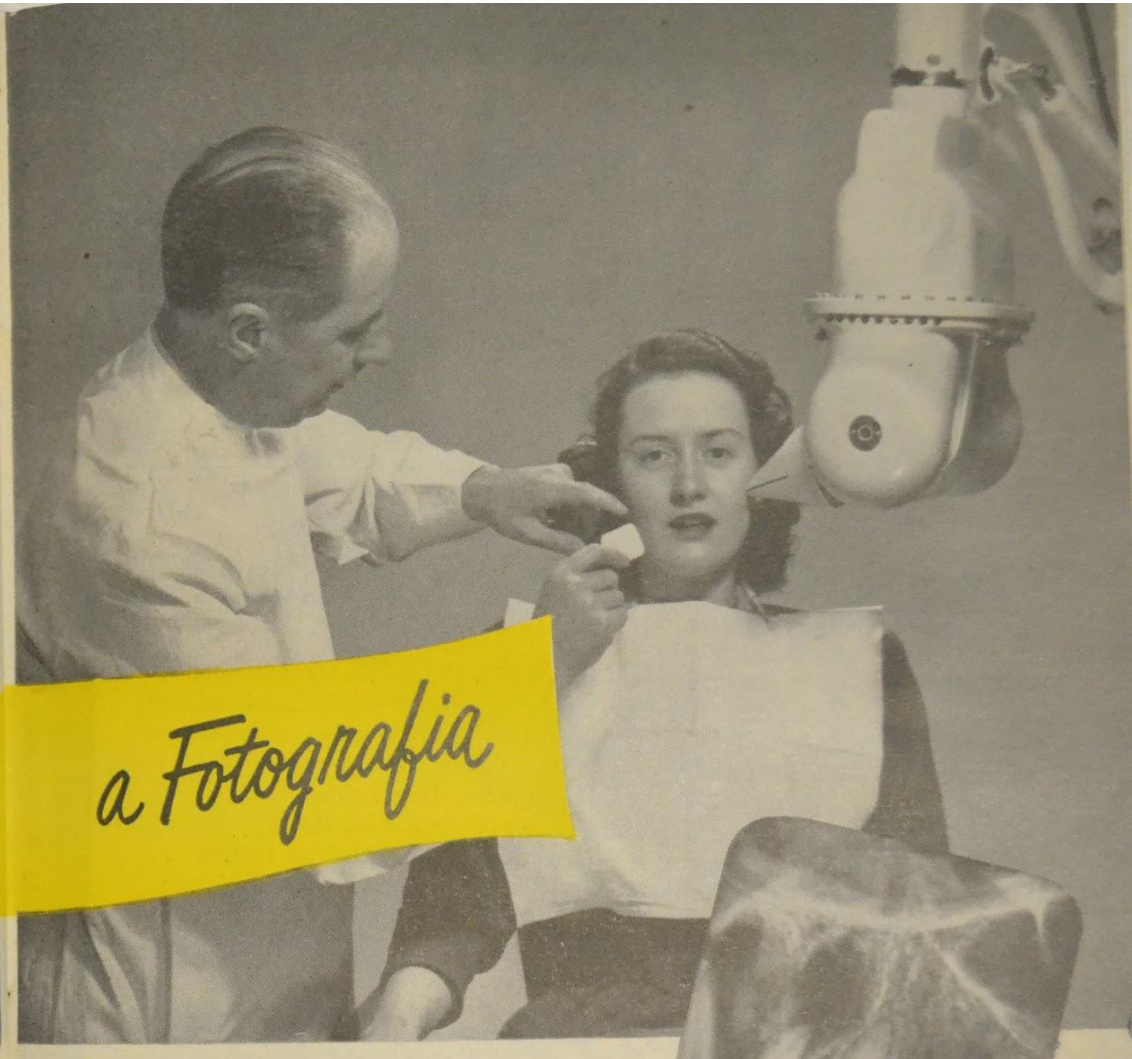
PRODUTOS FARMACÊUTICOS

Ambos usam a Fotografia

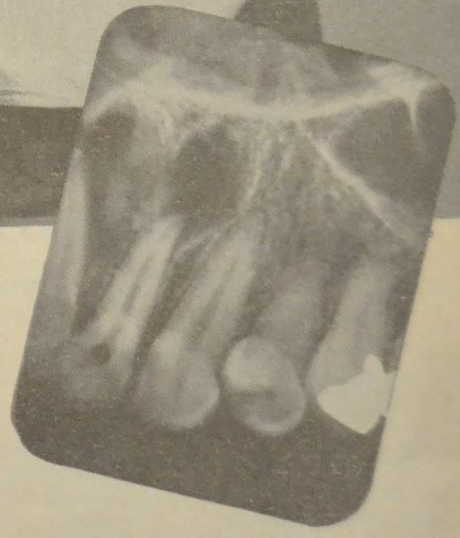
V. S., nos instantâneos . . . para que possa, no futuro, reviver os momentos felizes do passado.

Eis aquí apenas dois dos muitos campos em que a Kodak põe a fotografia ao serviço de V.S.

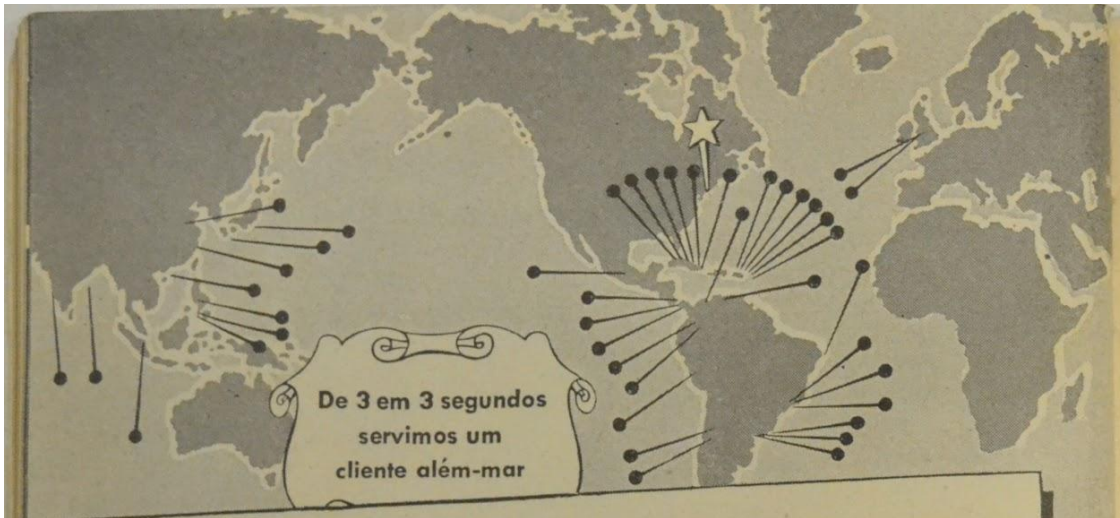
Kodak



O dentista, nas radiografias . . . indispensaveis na localização de cavidades ocultas nos dentes, e das infecções dos maxilares . . . e para ajudar a prevenir, entre outros desconfortos, as dores de dentes.



EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.



Tem Negócios nos Estados Unidos?

Simplifique suas transações comerciais nos Estados Unidos—ou em qualquer outro país do mundo—por intermédio do National City Bank of New York. O National City tem 65 filiais na zona metropolitana de Nova York, correspondentes bancários em todos os estados da União, e 48 filiais além-mar. Dessa maneira V.S. tem ao seu dispor uma rêde internacional completa, de serviços bancários da maior confiança e experiência, em todas as regiões comercialmente importantes do mundo. Para informações completas queira escrever à mais próxima filial do National City abaixo indicada, ou a sede principal: 55 Wall Street, Nova York, E. U. A.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O Primeiro em Negócios Bancários Mundiais

ARGENTINA
Buenos Aires
Flores
Plaza Once
Rosario

BRASIL
Rio de Janeiro
Recife (Pernambuco)
Santos
São Paulo

ZONA DO CANAL
Balboa
Cristobal

CHILE
Santiago
Valparaiso

CHINA
Shanghai
Tientsin

COLÔMBIA
Bogotá
Barranquilla
Medellin

CUBA
Havana
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cardenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

INGLATERRA
Londres
117, Old Broad St.
11, Waterloo Place

HONG KONG

INDIA
Bombaím
Calcutá

JAPÃO
Tokyo
Osaka

MEXICO
Mexico D. F.

PERU
Lima

FILIPINAS
Manilha
Cebu
Clark Field

PORTO RICO
San Juan
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce

REPÚBLICA DO PANAMÁ
Panamá

SINGAPURA

URUGUAI
Montevideo

VENEZUELA
Caracas

Burroughs

FERRAMENTAS DE PRODUÇÃO... tão uteis no escritório como na oficina

Cresce de dia para dia o número das empresas que consideram as "ferramentas de produção" tão essenciais num escritório como numa fábrica—e que vão tomando providências para ministrar aos empregados de escritório as "ferramentas" adequadas ao seu trabalho . . . tais como máquinas de calcular, de somar, de escriturar, de passar contas e faturas . . . enfim, para fazer quanto for preciso. Resultado? Os empregados percebem que o trabalho se torna menos fatigante e mais agradavel, mais veloz e mais rigoroso. Alem disso, reduzem-se os gastos. A Burroughs, produtora do único sortimento *completo* de máquinas de somar, de calcular, de contabilidade e estatística, torna esses benefícios acessiveis a todas as casas de negócio. Procure sempre o "B" vermelho para conseguir o que há de melhor em máquinas, em conselho, e em serviço!

★ ★ ★

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., rua da Alfandega, 81A-1º, Rio de Janeiro e Largo do Paissandú, 51-1º, São Paulo. A representante em Portugal é a Robinson Bardsley & Co. Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

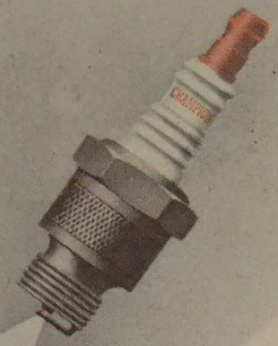
Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE E DE ESTATÍSTICA

Fieis

CHAMPION

VELAS FAVORITAS DO MUNDO



Quando uma marca de vela de ignição se destaca tão consistentemente de todas as outras, em concorrência aberta, V. S. pode ficar certo de que ela há de sobrelevar consistentemente a todas as outras no seu carro. O recorde sem par da Champion nos grandes acontecimentos do motorismo, está sendo constantemente acrescido com exemplos tão excepcionais como o do seu uso pelos vencedores, em 1947, da *President's Cup* (Taca do Presidente), da *Gold Cup* (Taça de Ouro) e do *National Sweepstakes*. A Vela Champion é preferida no mundo inteiro, porque é sempre merecedora de confiança.

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

EXIJA CHAMPION — AS VELAS DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY • TOLEDO, U.S.A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

As mais lindas sereias afirmam:

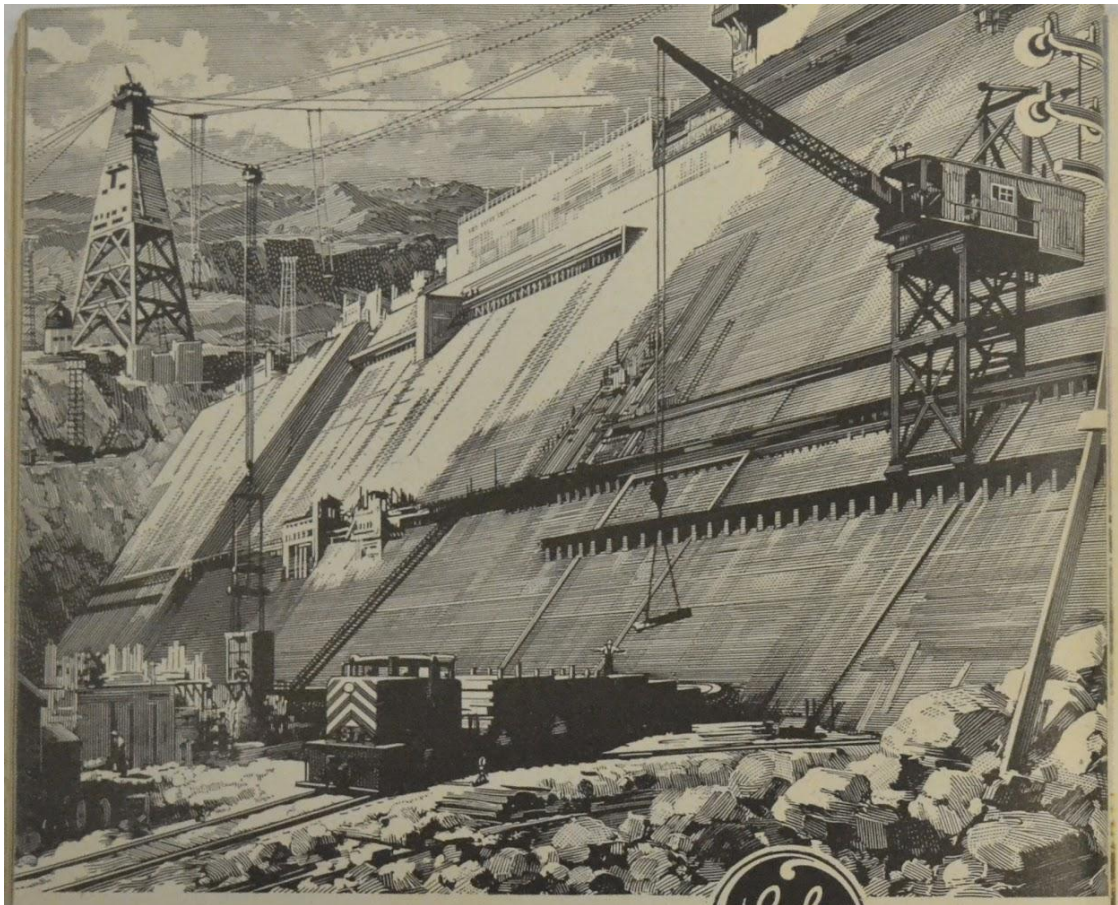
RUGÓL
limpa, clareia
e embeleza
a pele, com
um só creme!

Quantas mulheres de peregrina beleza devem ao Creme Rugól o viço, o frescor e os encantos da mocidade... Sua dupla ação é rápida e infalível: nutre os tecidos, limpa e estimula tôda a pele. Rugól é o mais completo tratamento de beleza. Pelas suas extraordinárias virtudes é sempre indicado para eliminar cravos, rugas, manchas e espinhas. Permita que o Creme Rugól dê à sua cutis esta maravilhosa brancura e suavidade que tornam as mulheres tão lindas e cativantes... Comece a usá-lo hoje, para conservar a sua beleza amanhã...

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

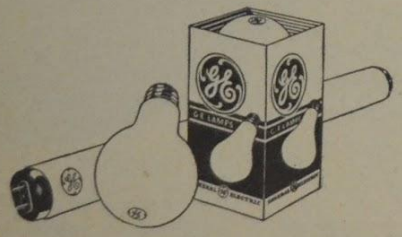
Creme **RUGÓL**

Aplique RUGÓL tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens. Use-o também como base para a maquilagem diariamente.



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES



Escavadeiras, dragas, guindastes e locomotivas equipadas pela General Electric trabalham na construção de gigantescas represas cuja energia potencial, transformada em energia elétrica pelos geradores G.E., movimenta trens, ônibus elétricos, etc., e faz funcionar os aparelhos elétricos G.E. em sua residência. A mesma perícia e capacidade técnica que colaboram na construção desses equipamentos produz os aparelhos G.E. para o maior confôrto e alegria do seu lar. A-8-3

GENERAL ELECTRIC

Produtos da General Electric Co., E. U. A.

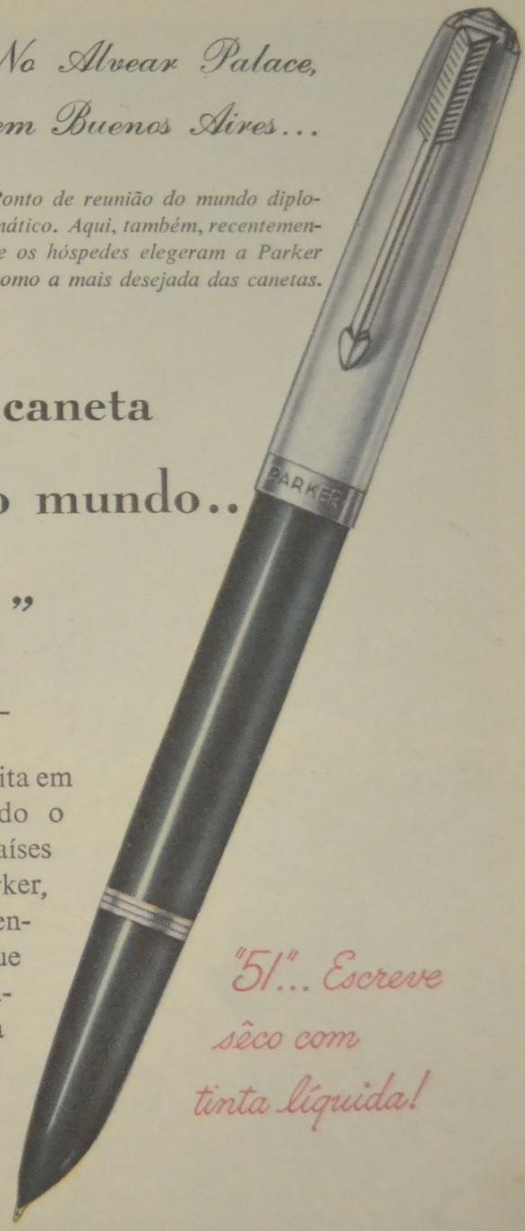
No Alvear Palace, em Buenos Aires...

Ponto de reunião do mundo diplomático. Aqui, também, recentemente os hóspedes elegeram a Parker como a mais desejada das canetas.

Votada como a caneta mais desejada do mundo..

Parker "51"

● Eis a caneta mais desejada, eleita em contínuas investigações em todo o mundo. 77 investigações em 29 países diferentes mostraram ser a Parker, de fato, a mais desejada. É frequentemente, mais desejada do que tôdas as outras marcas combinadas. Suas linhas elegantes, sua precisão de funcionamento e sua *escrita sêca* tornaram-na a preferida entre as canetas!



"51"... Escreve sêco com tinta líquida!

Representantes e Posto Central de Reparações para

Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9,1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C. P. 463—Lourenço Marques

Não custa experimentar

LYNNE ROBERTS
(da "Republic")

Qualquer que seja o dentifrício que vem usando por fôrça de um hábito antigo! Se não obtém resultados *rigorosamente satisfatórios*, experimente, DURANTE 7 DIAS APENAS, a moderna e científica Pasta Dental Phillips, que contém 75% do genuíno Leite de Magnésia de Phillips. Dez anos à frente dos dentifrícios comuns, a Pasta Dental Phillips neutraliza a acidez bucal, impede a formação da cárie e mantém os dentes sadios, alvos e brilhantes.

Aproveite esta oportunidade excepcional! Preencha e mande o coupon abaixo, e faca *GRATUITAMENTE* a experiência salutar da Pasta Dental Phillips, o dentifrício do futuro ao seu alcance no presente.

GRÁTIS! APENAS PELO CÚSTO DA REMESSA

Para despêsas de remessa, envio à Cx. Postal 1363, Rio, Cr$ 2,00 em selos postais, para que me seja enviado um tubo da PASTA DENTAL PHILLIPS, no valor de Cr$ 6,00.

NOME.....

RUA.....N.º.....

CIDADE.....ESTADO.....

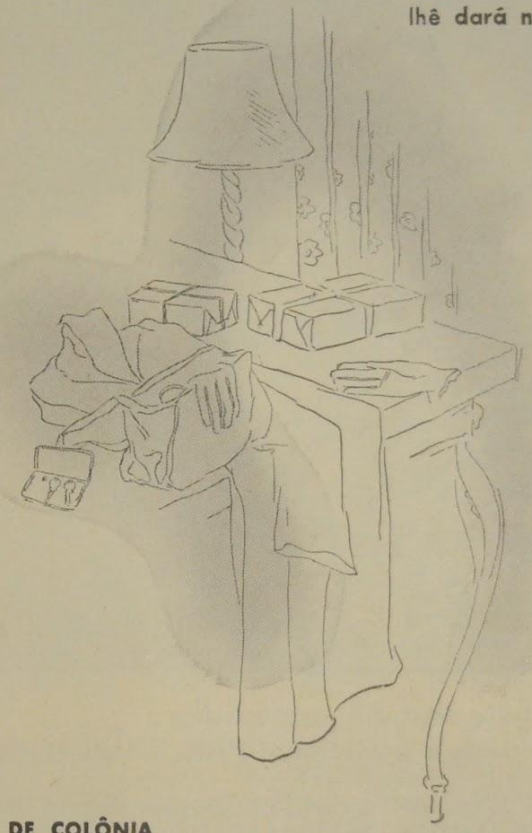
PASTA DENTAL

PHILLIPS

BRILHO, BELEZA, BRANCURA

Após um dia exaustivo...

...uma fricção com a refrescante Super Fragrance lhê dará novo estímulo e bem-estar.



ÁGUA DE COLÔNIA

SUPER FRAGRANCE

— mais que perfume!

4 tamanhos para toucador

Combina o mais perfeito sistema automatico com a tradicional PRECISÃO OMEGA!

Os próprios relojoeiros de todos os continentes o afirmam! Êste relógio é a mais notável criação da relojoaria suíça! Seu engenhoso sistema de auto-renovação da corda vem combinado com a precisão máxima . . . a Precisão Omega, consagrada oficialmente pelos famosos Observatórios de Teddington e Genebra. É o relógio automático de mais notável resistência e ainda, para mais elegância, de menor espessura! Em repouso, reserva de marcha até 40 horas. Corda automática e manual independentes. Amortecedor de choques. Omega Automático é o relógio mais procurado do mundo!

Ω
OMEGA
Automático

PRODUTO DA
OMEGA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE, GENEBRA—SUÍÇA **Tissot**

(*Continuação da segunda capa*)

DA FRANÇA: «*Um dínamo de idéias*»

«Esta revista não é apenas um orgão informativo: é um dínamo de idéias. Não só nos oferece o mundo para que o contemplemos, mas tambem o torna acessivel à nossa imaginação e à nossa iniciativa. Em suas páginas vive o estímulo. Lendo-as compreendemos melhor que, como diz a Bíblia, Deus não nos deu as mãos para ocultá-las sob as axilas, e que o cristão não é o homem a quem hão-de dominar a amargura e o desalento.»

Paul Claudel, París

DA DINAMARCA: «*Contem sidra e champanha*»

«Parodiando a escritora Rebecca West, poderia dizer-se que ler esta revista é como beber de uma taça que contenha sidra e champanha. Não só há nela assuntos para todos os gostos—exceto o dos néscios—como tambem seu conteudo é concentrado e refrescante. Nesta revista o leitor aprende a conhecer o mundo inteiro, o que contribui para reduzir o universo e enaltecer a personalidade do homem.»

E. Blytgen-Petersen, Copenague

DO BRASIL: «*Tem fé no destino humano*»

«O que todos procuramos e encontramos nesta revista é o roteiro que nos conduz, no intervalo de nossas tarefas cotidianas, para mais junto daqueles que lutam, morrem, trabalham e vencem para nos mostrar que ainda não se estancaram na alma humana nem o desejo de conhecer, descobrir, inventar e aperfeiçoar, nem a sua esplêndida capacidade de confiar, crer e esperar. Suas páginas nos oferecem razões dobradas para confiar no destino humano.»

Clodomir Vianna Moog, Rio de Janeiro

DA FINLÂNDIA: «*Ajuda-nos a progredir*»

«A revista se funda na convicção de que em nossa natureza coexistem o bem e o mal e que o lado bom, que todos temos, reage ao estímulo do exemplo. Seus artigos refletem a parte melhor de nosso ser, e ajudam-nos a progredir com passo cada vez mais firme.»

Inga Virtenan, Helsinki

DO JAPÃO: «*Presságio feliz*»

«O nacionalismo estreito pode erradicar-se fazendo-se com que cada povo conheça melhor os demais, e se informe a respeito dos últimos avanços realizados nos vários campos do esforço humano, e dos feitos daqueles que descobriram novos meios de servir seus semelhantes. O entusiasmo com que foi acolhida esta revista no mundo inteiro é um presságio feliz de que estamos entrando numa nova era de compreensão universal.»

Yukio Ozaki, Tóquio

DA NORUEGA: «*Estimula a iniciativa e o esforço*»

«Sua leitura constitui um suplemento constante para nossa educação geral. A revista combate a propagação da mentalidade negativa daqueles que não querem pensar por si próprios; constitui um apelo à imaginação e ao bom-senso do indivíduo, e estimula no leitor a iniciativa e o esforço.»

Erlin Steen, Oslo

JUNHO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE 500 REVISTAS E LIVROS

Nossa maneira de encarar as coisas . *Fulton Oursler* 29
Flagrantes da vida real 34
Aquarela do oasis . . . . . *Ben L. Burman* 36
Como Handel compôs «O Messias» . . *D. K. Antrim* 41
Agora podemos *evitar* os resfriados . *Albert Q. Maisel* 45
Não cuide tanto de seu filho . . . . . *Philip Wylie* 49
Rir é o melhor remédio 53
Morreu o cavalo invencivel . . . . . *Arthur Daley* 54
J. Edgar Hoover—mestre de investigadores *Bill Davidson* 57
Quem não compareceu ao encontro? . *Robert Zacks* 61
Rivalidade entre as nações . . . *Walter Lippmann* 63
O incrivel Mountbatten . *Lawrence e Sylvia Martin* 67
Toda a população utiliza esta escola . . . *Karl Detzer* 73
Como nasce a democracia no Japão . *Roger N. Baldwin* 76
Então vai deixar de fumar? . . . . *Henry C. Link* 81
O guano volta a ser riqueza . . . . *William Krehm* 85
Acolhida campestre . . . . . *John Gould* 89
Meu amigo, o rei, assina um pacto . *William La Varre* 93
Não se preocupe com o sono . . . *George L. Walton* 107
A prodigiosa vitalidade da Inglaterra *Herbert L. Matthews* 109
Está na roda o perú . . . . . *Don Eddy* 113
Outro invento para apagar incêndios . . *P. W. Kearney* 116
Que tal a esposa dele? . . . . . *Gretta Palmer* 119
A dívida de vovô . . . . . *Jean Dalrymple* 123
A China constrói para o futuro . . . . *George Kent* 125

Seção de Livros — A indumentária fez Menjou *Adolphe Menjou e M. M. Musselman* 131

Índice 154

Homenagem à América Latina — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*; *Nota* . . . . . *primeira página*

GUATEMALA

CHILE

URUGUAY

CMDPU-LA
1963

Boa leitura para as crianças

Por Daniel Carter Beard

Fundador da primeira Sociedade de Escoteiros dos Estados Unidos; autor de «The Wisdom of the Woods» e muitos outros livros para gente moça

BASEADO na experiência da minha própria infância, posso afirmar que é possivel induzir um menino—ainda que não muito dado aos estudos, como é geralmente o caso—a interessar-se por livros e temas que à primeira vista parecem superiores à sua compreensão. Lembro que, aos meus nove e dez anos, eu costumava ler quase todos os livros da biblioteca de meu pai.

(*Continua na terceira capa*)

Tomo XIII, No. 77 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Junho de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S. A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas.
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Sirkka Ruotsalainen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIII, No. 77, June 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Homenagem à América Latina

EM BIRMINGHAM, grande cidade industrial do Alabama, nos Estados Unidos, o Natal é comemorado, todos os anos, de maneira imponente. As celebrações do Natal passado constituiram brilhante e efusiva homenagem pública a todas as nações da América Latina. Várias «princesas» designadas, a convite da cidade, por diversas missões diplomáticas latino-americanas acreditadas em Washington, representaram seus respectivos paises nas festividades, sendo alvo de altas honras oficiais e das mais espontâneas demonstrações populares de amizade e respeito às repúblicas irmãs.

Estampamos em nossa capa as fotografias das graciosas jovens que representaram os paises latino-americanos. São elas as senhoritas Elena Ivanissevich (Argentina), Rosário Adriazola (Bolívia), Elys Lott (Brasil), Maruja Piedrahita (Colômbia), Diana Rogers (Chile), Adelina Copello (República Dominicana), Beatriz Izurieta (Equador), Júlia Guarzaro (Guatemala), Glória Cáceres (Honduras), Adelina Castro (México), Zulita Fernández-Dávila (Perú), Emma Gladys Mora (Uruguai) e Luisa Pérez-Muro (Venezuela). FOTO: *Lownds*

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19º andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3º andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19º andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: J. A. Carvalho, Minerva Central, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

Sómente o **MELHOR** da Sheaffer leva

ESTE Símbolo de Distinção

PROCURE O PONTO BRANCO AO PROCURAR QUALIDADE

Ao encontrar o Ponto Branco V. terá encontrado a melhor caneta. E' o Símbolo de Distinção que identifica a melhor qualidade SHEAFFER'S.

No canto inferior, à esquerda, aparece um dos insuperáveis jogos TRIO da SHEAFFER'S, constituido pela caneta Ponto Branco, a esferográfica de confiança *Sheafferiter* e a lapiseira *Fineline*, de ponta de manga.

W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, E.U. de A., Malton, Ontario, Canadá.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11º and.

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

SHEAFFER'S

Em todo o mundo Coca-Cola é o refresco ideal

MODELO 6S071
Rádio-Fonógrafo

PARA

o Tom Insuperavel

EM DISCOS OU EM RÁDIO . . . ZENITH

O braço "Cobra-Tone" da Zenith faz ressaltar novas belezas de sonoridade nos discos de sua predileção . . . e o possante troca-discos Rapidez sem Ruido os manipula com agil delicadeza. Recepção radiofónica em três faixas de sintonização incluso todas as ondas curtas internacionais. À prova de umidade, resiste a qualquer clima.

ZENITH
INTERNATIONAL

Modelo 5D012—Recepção Internacional, Três Faixas de Sintonização

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

todos os dias

Digamos que esteja chovendo: basta o sr. enfiar o seu impermeavel Dunlop, e já não sente nada!

Ou então, se for jogador de golfe, tem 10 probabilidades contra uma de jogar melhor com uma Blusa de Golfe Dunlop, Bola de Golfe Dunlop "65", e Sapatos Dunlop...

Ou digamos que gosta de se vestir bem no domingo: escolhe naturalmente um Paletó e Calça Dunlop de Sport, talhados para dar conforto.

Ou ainda, se precisar de pneus para o seu carro, para que há de correr riscos, se pode comprar Dunlop!

de mil modos

Ou digamos que sonha ter o escritório mais elegante da cidade!—Os *Revestimentos para Soalhos* "Semtex" Dunlop são a última palavra em estilo e eficiencia—abafam o rumor e não deixam escorregar.

Se quiser, ainda, desfrutar a poltrona mais confortavel do mundo: basta exigir que ela é estofada com Espuma de Latex Dunlopillo!

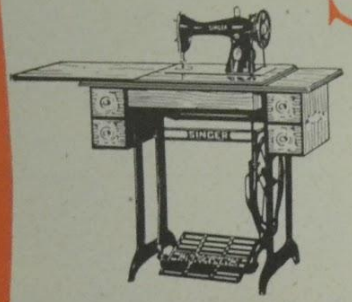
Ou talvez a cama mais luxuosa do mundo? Nesse caso, a solução é o Colchão de Espuma de Latex Dunlopillo!

DUNLOP satisfaz

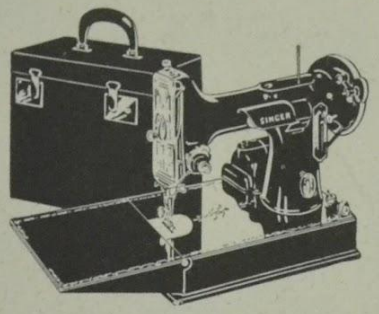
Os produtos Dunlop são fabricados na África do Sul, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Eire, Estados Unidos, França, Índia, Inglaterra, Nova Zelândia, Perú e Suécia. *Depósitos e Distribuidores no mundo inteiro.*

A SUA *MELHOR* COMPRA AINDA É UMA

SINGER



Máquina Singer de pedal
Modêlo 15-88



Máquina Singer Elétrica-Portátil

Os mais lindos modelos de máquinas — portáteis, de gabinete, mesa ou pedal — aguardam a sua escolha, em qualquer Loja Singer. E, embora pareça impossível, a Snra. descobrirá nas novas Singer vários aperfeiçoamentos que transformam a costura num verdadeiro prazer! Adquira a sua máquina *imediatamente* em *suaves* mensalidades.

Singer Sewing Machine Company

— o nome garante o produto!

RIO DE JANEIRO • RECIFE • S. PAULO
Lojas Singer em tôdas as cidades do Brasil

E sòmente Singer oferece esta GARANTIA!

Em tôdas as cidades do continente há Lojas Singer que oferecem a mais perfeita assistência mecânica e peças sobressalentes para a sua Singer.

M. R.

Copyright, U.S.A., 1942
by Singer Sewing Machine Company
All Rights Reserved for All Countries
Todo direito devidamente protegido por Tratado Internacional

MAQUINAS DE SOMAR SUNDSTRAND UNDERWOOD

Somam—subtraem—multiplicam. Dão totais, sub-totais, saldos credores—e tudo isto com um teclado de 10 teclas somente! E mais—a Máquina de Somar Sundstrand Underwood lhe permite fazer tudo isso com os dedos de UMA só mão!

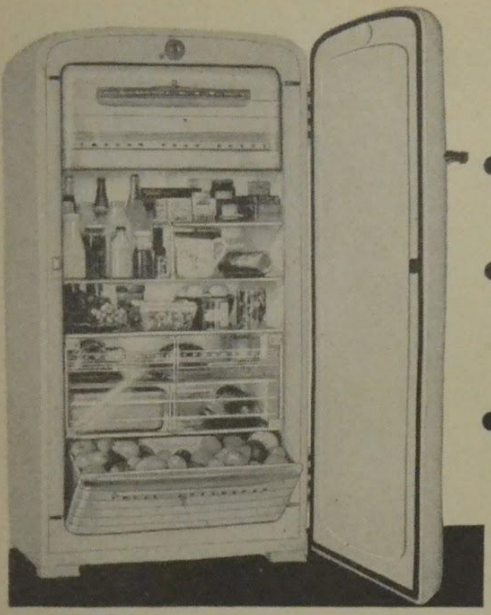
Aquí tem velocidade, exatidão, densidade, em uma máquina criada para as necessidades dos negócios em nossa época. Vá ver as máquinas Sundstrand Underwood em modelos e capacidades que satisfazem grande diversidade das exigências atuais dos negócios.

SPEEDS THE UNDERWOOD WORLD'S BUSINESS

A Underwood Acelera os Negócios do Mundo

Vendas e Serviço Técnico no Mundo Inteiro
Consulte o vendedor local da Underwood Sundstrand, ou escreva-nos

UNDERWOOD CORPORATION
Divisão Internacional
ONE PARK AVE., NEW YORK 16, N. Y., E. U. A.
Máquinas de Escrever • Máquinas de Somar
Máquinas de Calcular • Papel Carbono
Fitas de Máquina



VEJA!

- Espaço para 23 Kgs de Alimentos Congelados!
- Uma Zona de "Névoa Fria" que Conserva a Frescura dos Gêneros
- Novo e Gigante Refrescador de Frutas!

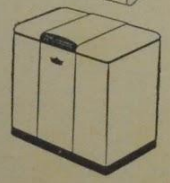
Porque é refrigerado DE ALTO A BAIXO

Aquí há espaço de armazenagem que só vendo se acredita! Só o Kelvinator é refrigerado de alto a baixo! Alem disso, cada seção lhe oferece *frio de tipo especial*, que é exatamente o necessário para *cada tipo de alimentos!* Grande espaço para Comida Congelada—uma zona de "Névoa Fria" que mantem os gêneros mais frescos . . . *durante mais dias!* E um compartimento *novo* que lhe conserva as frutas frescas em um frio super-úmido—prontinhas para servir! *De alto a baixo*, o melhor refrigerador do ano é o Kelvinator!

Todos os Kelvinators são acionados pela famosa unidade "Polarsphere" (Esfera Polar)—o gerador de frio de aço hermético, permanentemente lubrificado. Bate um recorde em funcionamento livre de desarranjos!

Vá visitar o agente autorizado da Kelvinator, ou escreva-nos diretamente para pedir mais detalhes. Há Kelvinators para todas as exigências—e para todos os orçamentos.

Veja o novo "Cozinheiro Automático" Kelvinator! Prepara—sozinho—refeições completas! Torna as tarefas da cozinheira muito mais faceis que nunca!



Veja o ultra-moderno "Congelador Doméstico" Kelvinator—com capacidade para 95 Kgs de generos congelados de toda ordem. Banqueteie-se como um Rei com os acepipes que mais lhe agradem—em qualquer época do ano.

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

Novo...Diferente!

MOLHO SAROMA

A fórmula secreta de cozinheiros famosos

Umas gôtas de Saromo adicionam um rico sabor de carne às sopas, molhos e pratos que não levam carne!

Grátis! Novo livreto de receitas "Novo Produto! Novo Sabor!—Saroma!"

Escreva para: Standard Brands of Brazil, Inc., Dep. V-8-648—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

Suco de Vegetais V-8!

QUENTE OU FRIO É DELICIOSO

Não apenas um, mas 8 vegetais frescos entram em Cocktail V-8. Delicioso . . . Nutritivo!

Grátis! Folheto indicando novas maneiras de servir Cocktail V-8. Escreva para: Standard Brands of Brazil, Inc., Dep. V-8-648—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

Símbolo de PRECISÃO ULTRA-MODERNA!

Sempre bem-vindas!

GRATIS! Para receber o famoso Livro de Receitas Swift, envie 3 rótulos de diferentes produtos Swift para: Caixa Postal 4210, Dep. 1-25-1, São Paulo.

As salsichas Swift prestam-se para o preparo rápido e fácil de uma infinidade de pratos suculentos e nutritivos. Em qualquer ocasião, são sempre bem-vindas: seja para simples refeições, para sanduíches e coquetéis, ou para menus elaborados. Feitas com carnes da melhor qualidade, são saborosas, diferentes. Tenha-as sempre em casa!

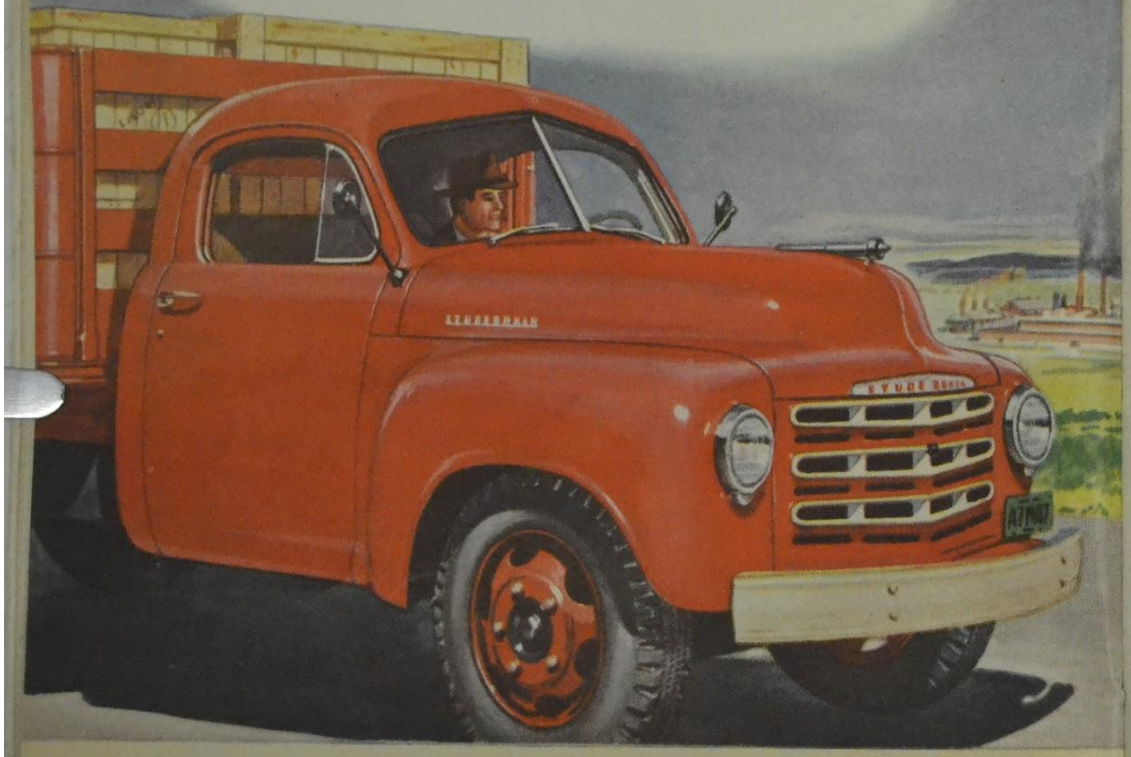
Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Studebaker anuncia

OS PRIMEIROS MODELOS DO MUNDO EM CAMINHÕES PARA 1949



Linhas novas! Nova robustez!

Novo poder de tração! Visibilidade Nova! Conforto Novo!

Modelos para serviço leve, médio e pesado

em um sortimento inteiramente novo!

Vá ver os caminhões mais modernos do mundo na agência Studebaker mais próxima.

The Studebaker Export Corporatio South Bend 27, Indiana, E.U.A. Telegramas: Studebaker

Mamãe e eu não ralhamos por causa de RESFRIADOS!

As crianças gostam desse modo agradável, externo, de aliviar os resfriados

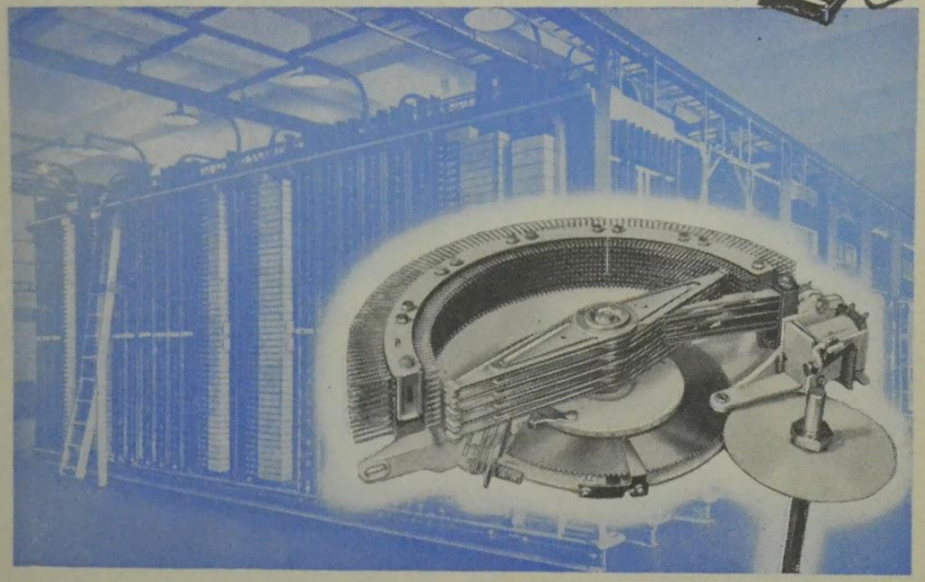
Não haverá choro nem bulha quando a senhora usar o Vick VapoRub para aliviar o resfriado do seu garoto. Nem há perigo de perturbações do estômago, porque o VapoRub é para uso *externo* . . . basta esfregá-lo no pescoço, no peito e nas costas da criança, ao deitá-la.

VapoRub dá alívio *onde é preciso*. Os vapores que desprende, acalmantes e medicinais, são aspirados na respiração . . . desentupindo o nariz, acalmando a dor de garganta, diminuindo a tosse. Ao mesmo tempo, o VapoRub atua sobre a pele como uma cataplasma, "extraindo" a opressão do peito e da garganta.

Enquanto a criança dorme confortàvelmente, a dupla acção do VapoRub . . . vapores e cataplasma . . . continua. Os piores tormentos do resfriado passam, geralmente, na manhã seguinte.

Uma simples fricção alivia TODOS estes tormentos:

Como se fôsse uma telefonista com um milhão de dedos



Ao discar um número telefônico V.S. põe em ação uma das máquinas mais engenhosas que se inventaram até hoje—o intricado mecanismo das centrais telefônicas, que efetua automaticamente o trabalho que somente uma telefonista com um milhão de dedos conseguiria executar. Os seletores rotativos, como o que se mostra em cima, reagem com precisão em rápida sequência —os relés abrem e fecham seus contactos— funcionam outros seletores—e a campainha do telefone sôa . . . a vários quilômetros de distância. Entre os muitos milhares ou talvez milhões de telefones da rede, V.S. chamou precisamente ao da pessoa com quem desejava falar.

As contribuições da ISE à expansão, exploração e conservação das modernas redes telefônicas representam apenas algumas das *muitas* maneiras por que ela procura contribuir para o aumento do nosso conforto e conveniência na era da eletricidade. Graças às fábricas e escritórios de vendas que possui em quase todos os países do mundo, a ISE está em situação de proporcionar o melhor *em todos* os domínios da telecomunicação e da eletrônica. Para utilizar esta extensa rede de serviços V.S. terá somente que consultar ao mais próximo representante da ISE.

MANUFATURA, VENDA E SERVIÇO EM TODO MUNDO

Standard ISE Electric

INTERNATIONAL STANDARD ELECTRIC CORP. N.Y. U.S.A.

MARCA REGISTRADA

Associada da **IT&T**

Nova York 4, N. Y., E. U. A.

Seus calcanhares suportam em média

toneladas diàriamente

Se multiplicarmos o pêso de um homem (80 k), pelo número de passos que êle dá em média diàriamente (12.185), verificamos que isto equivale a uma tração aproximada de 974 toneladas! Por isto os higienistas aconselham o uso de saltos de borracha para tornar o passo mais flexível e mais leve.

SALTOS

GOODYEAR

Experiência Técnica e Métodos Avançados *Produzem o*

Aço Bethlehem

BETHLEHEM STEEL

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Na fabricação do Aço Bethlehem entra uma aptidão técnica no mais alto grau. E esta aptidão é sempre auxiliada pelo que há de mais moderno em maquinaria e processos industriais. A Bethlehem é uma organização centralizada, onde todas as fases de operação—desde a mineração até o embarque final do produto acabado — decorrem sob uma só direção e controle, e sob uma única responsabilidade. O resultado disto é que os produtos de Aço Bethlehem gozam de uma reputação universal, quanto a qualidade, uniformidade e confiança.

Bethlehem Steel Export Corporation

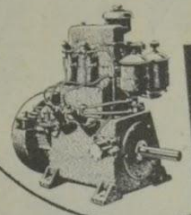
25 Broadway, Nova York 4, N. Y., E.U.A. Telegramas: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

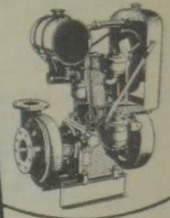
No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165, Salas 307/8/9
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

202-PSS

COMBUSTIVEL ECONOMICO
— significa força-motriz Diesel abundante com menos despesas
Motores estacionários de 1 e 2 cilindros



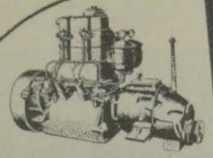
EFICIENTES
As unidades de bombeamento Diesel trazem novas economias aos donos de indústrias e fazendas. Amplo sortimento de unidades de bombeamento.



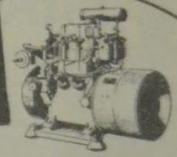
Os Motores Diesel de Baixa Potência pagam-se por si em Operação e Manutenção

DE BAIXO CUSTO • MOTORES DIESEL HALLETT

à sua medida 8 a 18 H. P.



A PROVA DE DESARRANJOS
Os motores Diesel marítimos de confiança poupam nas despesas de operação e manutenção.
Motores marítimos de 1 e 2 cilindros



DE CONFIANÇA
Uma generosa fonte de eletricidade proporciona força-motriz a baixo custo para muitas aplicações.
Grupos eletro-geradores Diesel de 2 a 10 kw.

HALLETT MANUFACTURING COMPANY

603 South Redondo Boulevard, Inglewood, California

"O maior produtor mundial de motores Diesel de baixa potência"

Representantes exclusivos no BRASIL:

REMMA S. A.

Caixa Postal 2052 RIO DE JANEIRO

Distribuidores autorizados: Rio de Janeiro: G. Borghoff & Cia.—São Paulo: G. Borghoff & Cia.—Curitiba: C. O. Mueller—Blumenau: Com. E. Ind. Walter Schmidt S. A.—Porto Alegre: Ricardo Landgraf—Belo Horizonte: Juventino, Castro & Cia. Ltda.—Salvador: Irmãos Czékus—Recife. Brederodes Costa & Cia.—Fortaleza: M. Ramalho & Cia., Ltda.—Parnaiba: Neves & Cia.—Belém: A. B. Mattos & Cia.—Manaus: J. G. Araujo & Cia. Ltda. PORTUGAL, Lisboa: B. A. Catella, João Felix da Silva Capucho, Sociedade Framar Ltd. Luanda, Angola: Angeja & Macedo Ltda., Casa Americana, Ltda.; MOÇAMBIQUE, Lourenço Marques: F. Dicca. MADEIRA, Funchal: Leacock & Cia., Ltda.

Atenção Sres. agentes: Nos paises ainda sem agências existem vagas para representações. Escrevam a: Hallett Manufacturing Company, Inglewood, California, E.U.A.

Queira remeter o cupom ao agente local. É favor mandar-me informações completas sobre:

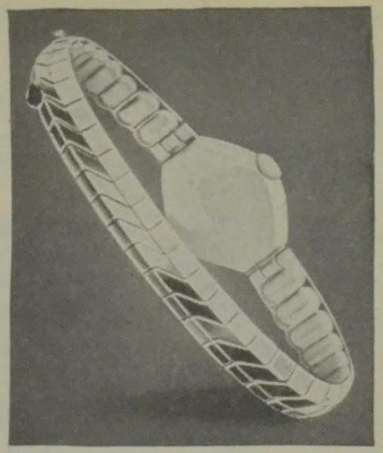
☐ Motores Estacionários ☐ Unidades de Bombeamento

☐ Motores Marítimos ☐ Grupos Eletro-Geradores Diesel

NOME_____

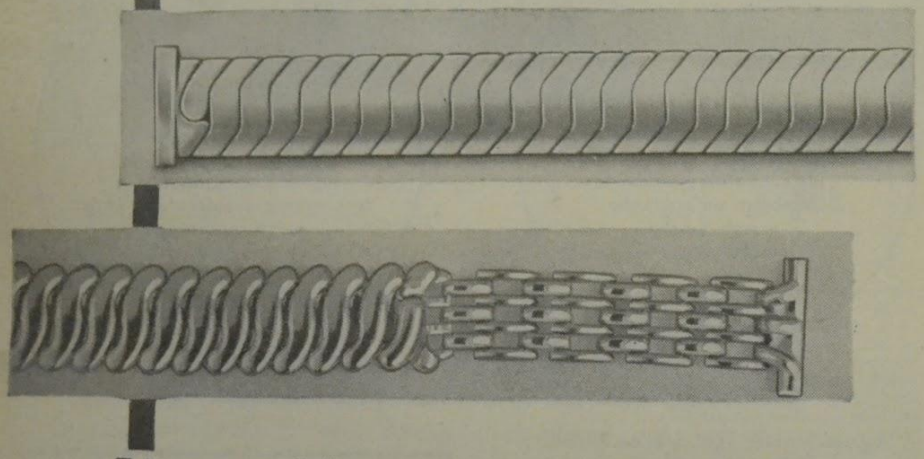
ENDEREÇO_____

O símbolo da qualidade em pulseiras para relógio



JB

CHAMPION



Feitas para servir durante muitos anos . . . chapeadas de ouro amarelo, rosa ou branco. Alguns modelos são de aço inoxidavel. O complemento de elegância ideal para o seu relógio!

Todas as pulseiras Champion para Relógio têm uma base refratária à corrosão, que assegura plena satisfação em qualquer clima.

Peça Pulseiras Champion
para Relógios de Homem e de Senhora

São fabricadas nos Estados Unidos por Jacoby-Bender, Inc.

A VENDA NOS ESTABELECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

Representantes exclusivos para venda no Brasil:
Hermes Fernandes & Cia., Ltda. Avenida Rio Branco 20, 19º, Rio de Janeiro

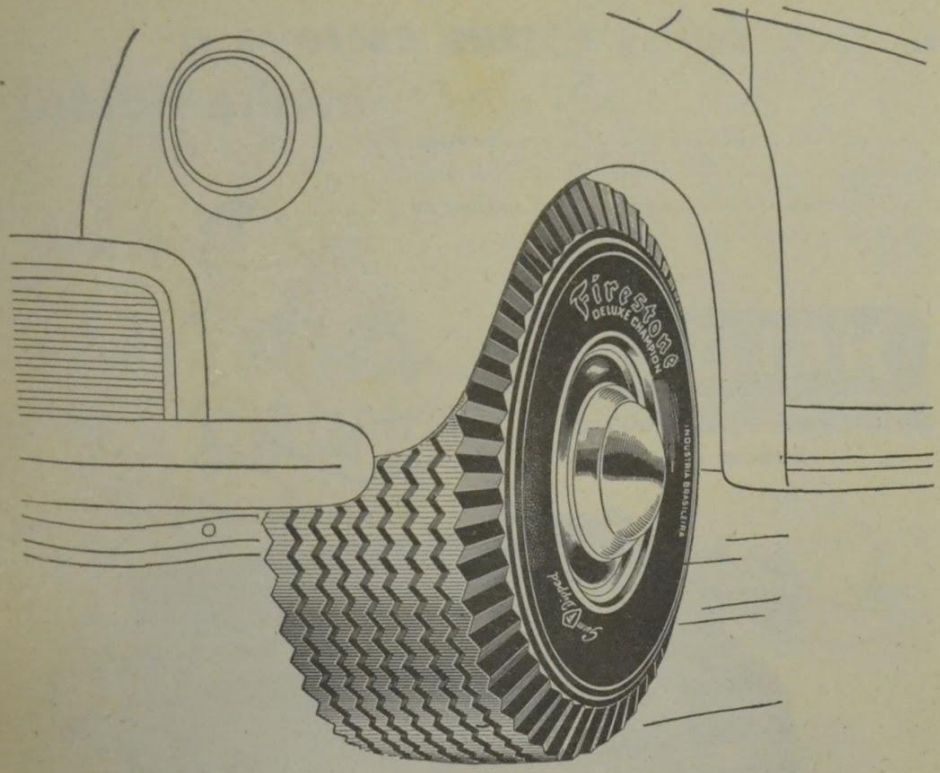
Oh, que belas cartas escreve a minha Halda!

Uma bôa letra, facilmente decifrada, é um detalhe importante nas suas cartas. Com HALDA, a mundialmente conhecida maquina sueca de escrever, V. S. terá uma caligrafia moderna. O seu toque levissimo diminue o cansaço e aumenta a velocidade. A côr poupa a vista.

HALDA

Fabricas Facit • Åtvidaberg
Suécia

REPRESENTANTES:
Alberto Amaral & Cia, Rio de Janeiro • Insubra S. A., São Paulo • Casa Coates, Porto Alegre W. Andersen, Belém • Francisco Aguiar & Cia, São Luiz do Maranhão • João Mattos, Fortaleza José Lôbo, Recife • Importadora da Bahia, Bahia • Dumans & Cia, Victoria • João Scheffer & Co., Curitiba • Casa Marc Jacob S. A., Parnaiba • Mattos Areosa & Cia, Manaus • Agencia Comercial Sueca Lda, Lisboa.



Aqui vem maior segurança

FIRESTONE *DE LUXE* CHAMPION-
O PNEU MAIS SEGURO, MAIS DURÁVEL
E MAIS BELO ATÉ HOJE FABRICADO

Firestone

INDÚSTRIA BRASILEIRA

O MELHOR HOJE AINDA MELHOR AMANHÃ

EM dois segundos APENAS

...as "pulsações" do Radar transpõem a incrível distância de Km. 600.000, em vôos assombrosos entre a Terra e a Lua!

EM DOIS SEGUNDOS APENAS
Melhoral entra em ação ultra-rapida, produzindo

ALÍVIO IMEDIATO!

Deite num copo d'água um comprimido de Melhoral, e *você verá* a razão científica porque o Analgésico das Américas age ultra-ràpidamente no combate à dor de cabeça, à gripe e ao resfriado. *Tanto no copo quanto no seu estômago,* Melhoral começa a se dissolver em *dois segundos apenas,* logo ao tocar a umidade. Eis porque Melhoral atinge imediatamente os centros nervosos! Eis porque Melhoral alivia prontamente a dor, baixa a febre e corta o resfriado!

Melhoral

CONTRA A DOR DE CABECA

"Descubra um Noivo para mim"...

—Oh. Laura... Não creio. Honestamente, você também não acredita que a cartomante possa descobrir um noivo para você... O mais certo é você "descobrir" sua beleza...

—Sim... Seu encanto natural está oculto pelo excessivo "maquillage" que você usa para disfarçar as imperfeições da pele. Procure corrigí-las com Leite de Colonia.

Laura passou a usar, diariamente, o Leite de Colonia e, em breve, recebia declarações como esta:— "Querida. Ontem nos conhecemos... Hoje estou ansioso para revê-la. Roberto"

Não artificialize sua beleza! CORRIJA as imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA!

É um perigo! O exagerado "maquillage" para disfarçar as imperfeições do rosto artificializa sua beleza. Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele. Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz. E, à noite, numa última limpeza da cutis. Assim, conquistará aquela irradiante beleza natural que os homens adoram... e as mulheres invejam.

Leite de Colonia

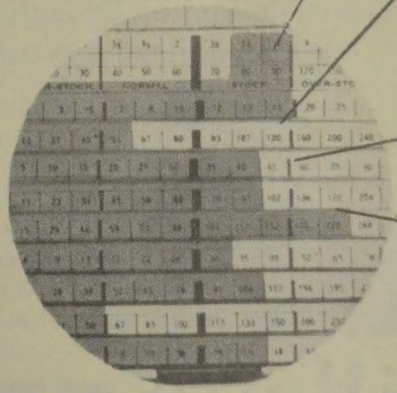
O EMBELEZADOR DA MULHER

Eis como o KARDEX revela os FATOS

PARA AUMENTAR OS LUCROS...
REDUZINDO AS DESPESAS

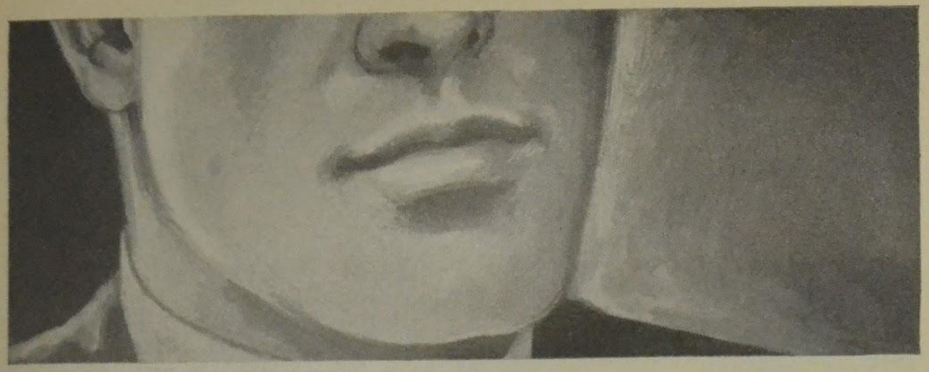
As pessoas ocupadas não têm tempo para analisar copiosos dados em busca de fatos essenciais. Precisam de um sistema de arquivos que revele esses fatos... sob nossos olhos, instantaneamente. É isso que os sistemas e métodos Kardex dão a V.S.—um sumário gráfico que mostra *onde* e *quando* V.S. precisará dar atenção aos fatos referentes à gestão de seu negócio.

O Kardex pode centralizar o arquivamento, aumentando a eficiência para reduzir as despesas, alem de acelerar o funcionamento das seções de Vendas, Produção, Inventário, Compras e Pessoal. O Kardex pode ser usado em qualquer gênero de atividades comerciais... em companhias pequenas ou grandes.



GRATIS· Peça-nos o folheto intitulado *"Kardex Concentra sua Atenção"* ...com pormenores que mostram as numerosas vantagens dos Sistemas Visíveis Kardex. Enderece sua carta ao Dept. H, Divisão de Exportações, Remington Rand, 315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y.

Remington Rand O PRIMEIRO NOME EM APARELHAMENTO PARA ESCRITÓRIOS



A maior diferença

está no barbear!

● Exteriormente, o novo aparelho de barbear Gillette-Tech assemelha-se aos aparelhos comuns. Mas a diferença está na barba . . . que foi feita sem cortes no rosto (graças aos novos frisos anti-deslizantes) e com maior suavidade (graças à barra-distensora da pele). A limpeza no novo Gillette-Tech é mais rápida, graças às aberturas mais amplas. E houve economia, porque êste novo aparelho foi desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito!* Há diferença neste aparelho. Mas você verá diferença *ainda maior* ao barbear-se!

Alie a segurança, rapidez e suavidade do aparelho Gillette-Tech à economia da lâmina Gillette Azul. Resultado: um barbear mais perfeito!

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

V. S. SABE QUE...

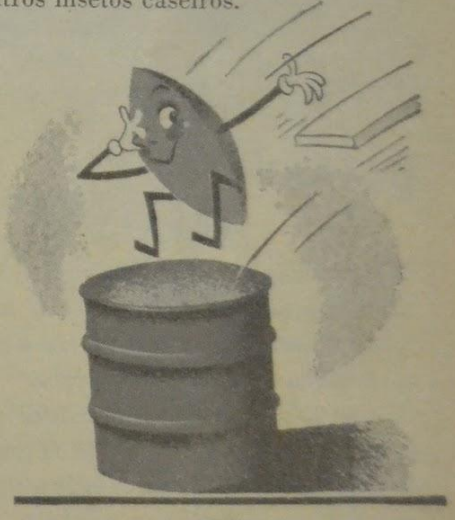
os insetos da batata estão arrumando as malas?

Os químicos da Du Pont começaram a trabalhar em produtos para o campo e os insetos da batata estão em fuga. Atualmente, milhares de toneladas de DDT da Du Pont são fabricadas por ano para exterminar esses e outros insetos. Quando se pulverizam ou expurgam os campos com compostos de DDT, matam-se os insetos daninhos e protege-se a vegetação. O DDT da Du Pont serve para eliminar moscas, formigas, mosquitos, e outros insetos caseiros.

um mergulho em pó proporciona às sementes um "melhor porvir?"

Para obter melhores colheitas, os lavradores mergulham as sementes de verduras e flores no desinfetante "Semesan" Du Pont para sementes. O "Semesan" destroi os organismos nocivos das sementes e as envolve numa capa que as protege dos germens que se encontram na terra. As sementes assim tratadas têm mais probabilidade de germinar e produzir mais e melhores plantas. O lavrador obtém colheitas melhores e maiores lucros.

(DDT e desinfetantes para sementes são apenas duas das mais de 28.000 "Coisas melhores para viver melhor...graças à química" fabricadas pela Du Pont Company. Peça informações às Indústrias Químicas Brasileiras "Duperial" S.A., Caixa Postal 112-B, São Paulo, Brasil.)



DU PONT

Coisas melhores para viver melhor
... *graças à química*
Desde 1802

E. I. Du Pont de Nemours & Co. (Inc.), Wilmington 98, Delaware, E. U. A.

O Caminhão Mack rende mais trabalho

porque o fabricamos com mais precisão

O Caminhão Mack que aquí se vê transporta cargas de 15 toneladas nos 1230 quilômetros de estradas de serra que separam São Paulo e Curitiba.

Ele está provando ao seu dono, sr. Carmine Giorgio, que, quando se trata de trabalhar mais e de durar mais tempo por menor custo, não há nada nessas estradas que seja capaz de vencer o Mack.

O distribuidor Mack na sua região terá muito gosto em lhe mostrar como é que os Caminhões Mack podem aumentar a eficiência e rebaixar as despesas no seu trabalho específico de carga e transporte.

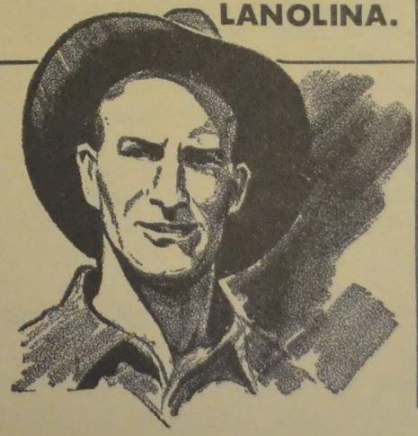
Mack

Em toda a América Latina se tornou corrente o dito: "Forte como um Mack"

Mack Trucks, Inc., Empire State Building, Nova York 1, E.U.A. Fabricantes de famosos caminhões, ônibus, carros de incêndio e motores a gasolina e a óleo diesel. Há distribuidores da Mack em todas as capitais dos países americanos.

ADMINISTRA UMA FAZENDA DE 40.000 HECTARES
(mas tem a cara ultra-sensivel)

A EXPOSIÇÃO CONSTANTE AO SOL E AO VENTO TORNA MINHA CARA SENSIVEL E IRRITAVEL. MAS BARBEAR-ME É COISA FACIL QUANDO USO O CREME **WILLIAMS,** QUE CONTEM **LANOLINA.**



Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

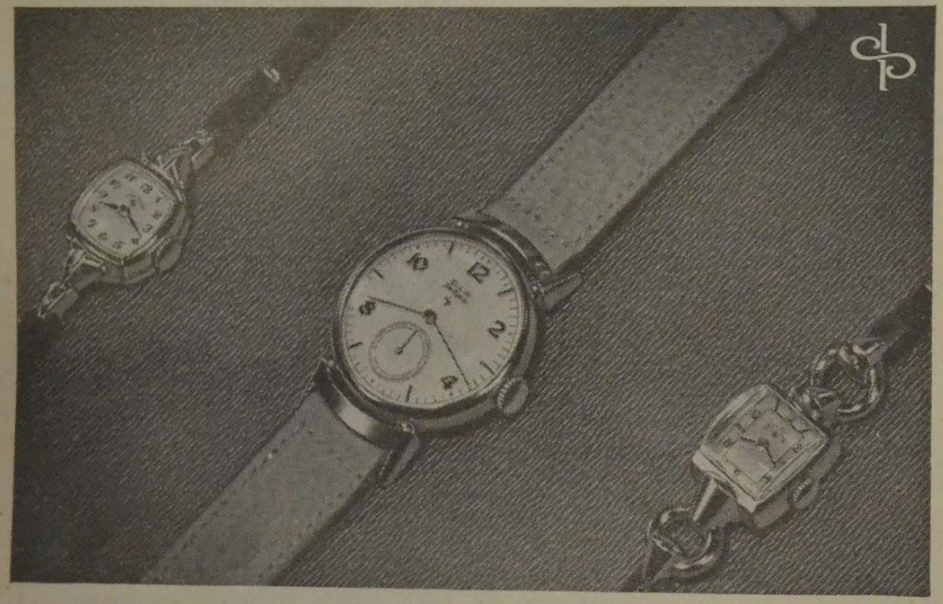
CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

OS ELGIN DE AGORA—MAIS BELOS QUE NUNCA—APRESENTAM

a mais importante inovação de relojoaria nestes últimos 200 anos!

Procure este emblema no mostrador



TODOS os novos relógios Elgin têm uma corda de novo tipo que é um assombro! Esta corda de DuraPower* é feita de uma liga metálica inteiramente nova. Elimina 99% dos consertos em relógios, devidos à fratura das molas de aço. Acaba com a causa mais frequente dos desarranjos—a ferrugem! E é capaz de conservar indefinidamente a sua elasticidade, assegurando maior precisão de funcionamento por muitos anos. Peça ao seu ourives ou relojoeiro que lhe mostre os novos e belos Relógios Elgin—certos como as estrelas! Todos eles têm esta corda maravilhosa . . . sem custarem mais, e são ajustados na fábrica às mudanças de temperatura e posição.

*Só os ELGIN têm Corda de DuraPower

SELEÇÕES

TOMO XIII
No. 77

do Reader's Digest

JUNHO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

As coisas nos sairão bem ou mal, conforme a atitude que assumirmos

NOSSA MANEIRA DE ENCARAR AS COISAS

(*Condensado de «Your Life»*)

Por Fulton Oursler

MEU AMIGO dr. Edwin tinha o dom de curar os ansiados e aflitos. Psicólogo e psiquiatra, era, tambem, crente fervoroso em Deus, e foi, durante muitos anos, a alma de um grande instituto de neurologia, cujos médicos e enfermeiras ainda hoje, após sua aposentadoria, o chamam de seu «santo emérito».

Os neuróticos que curou, os tímidos a que deu ânimo e coragem, teriam a seu alcance todos os recursos da moderna técnica hospitalar. O dr. Edwin deixava que seus colegas fizessem psicanálise, empregassem a «grupoterapia», o tratamento de choque, etc. Sua maneira de agir era original. Limitava-se a conversar paternalmente com os pacientes.

«Olhe,» costumava dizer-lhes, «você é o único responsavel pelo seu estado, e a cura depende exclusivamente de você.»

Para ilustrar a recomendação, contava a história de uma senhora que, vivamente irritada, procurara o gerente do hotel, dizendo-lhe: «Estou

desmaiando, de tão atordoada. Veja como estou tremendo. Há alguem, no quarto ao lado do meu, que não cessa de batucar no piano, o dia inteiro. Não aguento mais. Se o senhor não o obrigar a parar, terei um colapso, e o senhor será responsabilizado por isso.»

«Sinto muito não poder resolver o seu caso, minha senhora,» respondeu o gerente. «Acontece que o seu vizinho de quarto está ensaiando para o concerto desta noite. É Paderewski.»

«Não me diga!» retrucou a senhora. «Mas isso é outra coisa!»

Logo depois, começou a convidar amigos para ouvirem, de seu quarto, os ensaios do imortal pianista. Os ataques nervosos, será escusado dizê-lo, desapareceram como que por encanto.

«A única coisa que mudara,» explicava o dr. Edwin, «fora a atitude dela.» E prosseguia: nenhum fator é tão importante quanto a «disposição» com que uma pessoa encara os fatos.

Há uma correlação íntima entre essa «disposição» e os males físicos.

«Certas atitudes mentais provocam mais doenças que os germes,» diria Edwin aos pacientes. «A resistência natural do organismo aos micróbios pode ser facilmente destruida por irritações e raivas. Por exemplo, a simples maneira de encarar uma injúria, real ou imaginária, pode produzir uma brecha nas defesas orgânicas e provocar uma gripe capaz de inutilizar a pessoa por uma semana inteira. O tempo nos está mostrando que Hipócrates, o pai da medicina, tinha razão quando afirmava que o medo e a raiva geram venenos no sangue. Uma pessoa perfeitamente sadia, se dominada por sentimentos de vingança, poderá ficar entrevada para o resto da vida pelo artritismo ou reumatismo.»

Contou-me o dr. Edwin o caso de uma senhora recolhida ao hospital para se operar de uma úlcera do duodeno. Com um fulgor triunfante no olhar, disse ela ao cirurgião:

«Meu marido sabia que eu queria um casaco de peles como presente de Natal. Disse que não me podia dar. Veja o senhor! O miseravel casaco custava apenas 650 dólares. Agora, esta operação vai sair-lhe por 1.500!»

Parecia não ter noção do que estava custando, a *ela própria*, tão amargo ressentimento. Não suspeitava que a úlcera poderia ter sido provocada precisamente pela sua tensão emotiva—fator que contribui para causar numerosas úlceras.

O bom-senso, a faculdade de ver as coisas objetivamente, eis a nossa melhor proteção. Há uma velha prece que diz: «Senhor, dai-me coragem para transformar as coisas que posso transformar, serenidade para aceitar as que não posso mudar e sabedoria para poder distinguir umas das outras.»

Com esse espírito de boa vontade, a pessoa pode não apenas evitar os percalços da malevolência como assegurar, a si mesma, uma vida sadia e venturosa.

Uma das parábolas da vida real, prediletas do dr. Edwin, era o caso de uma jovem violinista do interior dos Estados Unidos. Muito mocinha ainda, costumava dar concertos pelas cidades vizinhas, com o seu próprio quarteto de música de câmara. Subitamente, seu pai, viuvo, ficou paralítico. A artista abandonou as turnês para atendê-lo e confortá-lo nos últimos anos. Quando, dois anos após, ele faleceu, a jovem mudou-se para Nova York. Depois de meses de tentativas, convenceu-se de que a cidade estava repleta de violinistas, jovens como ela, em busca do êxito...

Lembrou-se, então, de um sábio conselho do pai: «Não recue diante das circunstâncias. Observe a dificuldade e veja o que deve fazer para vencê-la.»

Com o último dinheiro que lhe restava, matriculou-se num curso comercial para aprender estenografia. Embora diplomada entre as primeiras da sua classe, não conseguiu encontrar emprego. A época era de crise, sendo grande o número de secretárias sem colocação. Um domingo, pôs num jornal de Nova York o seguinte anúncio na coluna de «classificados»:

«Não posso conseguir emprego sem experiência. E não posso conseguir experiência sem emprego. Estou, pois, disposta a trabalhar gratuitamente para a sua firma durante um mês, e depois deixá-la. A firma não assume nenhum compromisso comigo. E sou uma secretária competente!»

A jovem recebeu mais de mil respostas, selecionou três, entre as melhores, e entrou em entendimentos com as firmas que as haviam subscrito. No fim de três meses, tinha trabalhado em três empresas de grande reputação e recebido pagamento integral, no fim de cada semana. Quando pleiteou um emprego permanente no escritório de um conhecido advogado, pôde então apresentar-lhe excelentes referências. Para terminar a história: o falecido Louis McHenry Howe, auxiliar de confiança do Presidente Roosevelt, teve tão boa impressão dela que acabou por obter-lhe um lugar de secretária na Casa Branca.

Edwin tambem contava o caso de Rosa, uma jovem que gostava de desenhar e pintar; era, porem, tão pobre que não podia pagar um professor e nem um modelo.

«Preciso encontrar um modelo que se disponha a posar de graça,» dizia Rosa consigo mesma. Encontrou não um, mas cem, no mercado de potros de raça, em París. Tirando, assim, o maior proveito possivel daquilo de que dispunha, Rosa Bonheur conquistou fama mundial como pintora de animais.

Não é facil encontrar o verdadeiro «ponto de vista» e, sobretudo, mantê-lo. Temos certa tendência a encarar de modo errado as coisas que nos parecem injustas. O dr. Edwin costuma contar o caso de um jovem soldado ferido em combate. Quando voltou a si do eter, ainda na mesa de operações, o cirurgião militar disse-lhe, em tom paternal:

«Você vai ficar bom depressa, rapaz. Mas preciso dizer-lhe que você perdeu uma perna.»

«Ora, doutor!» exclamou o soldado. «Perdí, nada—dei!»

Porque preferiu receber o golpe com bravura e superioridade, o rapaz pôde delinear o seu próprio futuro, sem amargura ou ressentimentos.

Para o dr. Edwin, esse ponto de vista não é o resultado de uma simples acrobacia mental; é a conversão de uma alma. Significa não lamentar o perdido, e utilizar melhor o que ficou. Trata-se de uma atitude espiritual, não de submissão sombria ao inevitavel, mas de rendição integral. Entre estas duas palavras, *submissão* e *rendição*, o dr. Edwin vê a diferença entre o tormento e a paz, entre a loucura e o equilíbrio. O homem que apenas se submete tem, dentro de si, uma voz a segredar-lhe: «Deixe estar; ainda hei-de me vingar.» Esse estado de espírito assemelha-se ao dos dementes.

«Quando não conseguem mudar essa atitude, raramente se curam,» disse-me o dr. Edwin. «Mas se se *rendem*, logo melhoram, sensivelmente. Esquecem o passado e começam a construir o futuro sobre bases novas, feitas de boa vontade. Já sente o peso esmagador do infortúnio e, no entanto, não cessa de agradecer a Deus. Nenhum fator externo poderá provocar essa conversão, cuja única fonte está no íntimo do indivíduo. A este, apenas, cabe decidir como encarar o seu próprio caso.»

Os ressentimentos crescem à medida que vamos cultivando e alimentando as ofensas e decepções. Nessas condições, uma pessoa atravessará, insone, noites inteiras, a imginar e a forjar planos malignos contra o inimigo. Tal estado de espírito destrói o sono, mata o apetite, gera um mal-estar geral, e incita às discussões e exaltações.

Tudo isso porque a pessoa *preferiu* sentir-se ofendida. Se não tivesse ligado importância, tudo seria diferente.

A quem se julgar ofendido pela esposa ou pelo marido, o dr. Edwin contará a famosa história do astrônomo Kepler. Infeliz no primeiro casamento, decidiu ele escolher uma segunda esposa «cientificamente» perfeita. Preparou, primeiro, uma lista de pessoas «possiveis» e escreveu, à direita de cada nome, as qualidades, e, à esquerda, os defeitos. Matematicamente, selecionou a jovem com o maior número de qualidades. O segundo casamento, entretanto, foi ainda mais infeliz que o anterior, e o cientista terminou por declarar o problema sem solução...

A Kepler, porem, jamais ocorrera fazer uma lista dos seus próprios defeitos. Qualquer dos dois casamentos poderia ter sido feliz se ele tivesse buscado os remédios no seu próprio coração.

Outra das parábolas favoritas do dr. Edwin é a história de Henry Fawcett que, aos vinte e poucos anos, acompanhou o pai a uma caçada. Devido a um deploravel acidente, encontrou-se inteiramente cego por uma descarga do fuzil paterno. Sentiu, nos primeiros tempos, profunda amargura e revolta. Pensando, porem, no desgosto do pai, entregue ao mais completo desespero, começou a simular bom humor e alegria.

Embora seja dificil de acreditar, a simulação acabou por transformar-se em realidade. Henry Fawcett foi eleito para o Parlamento britânico e, mais tarde, por sugestão de Gladstone, nomeado diretor-geral dos correios. Dominando o infortúnio, conseguira construir uma vida agradavel. Tivera, entretanto, em suas mãos a opção por uma vida de sofrimentos e miséria.

A maioria das pessoas não encontra, pela frente, tragédias desse tipo, mas tão somente uma série de pequenas dificuldades e irritações. Quando estas se repetem, às vezes decidimos ter um daqueles clássicos ataques nervosos. Nesses casos, o dr. Edwin aconselha paciência e resignação ante as provações, que considera inestimaveis para o fortalecimento do espírito.

Por que havemos de fortalecer o espírito? Porque, nos momentos de lucidez integral, confiamos em que, sejam quais forem os golpes sofridos, a vida é bela, e gostaríamos de desempenhar, nela, um papel digno de nós próprios.

Mesmo quando já não houver esperança, quem não preferirá ser bravo e cavalheiro, a exibir um acesso de histeria?

Há, ainda, um sussurro divino a insuflar-nos confiança. Confiança que nos fará fortes, sempre felizes e jovens. Julgamos a sabedoria do homem pela sua esperança, já nos dizia Emerson. A consciência de que a natureza é inexhaurivel constitui a própria fonte da juventude perene.

Fobia oratória

Compelido a fazer um discurso, em determinada ocasião, na Inglaterra, John G. Winant, falecido embaixador dos Estados Unidos naquele país, passou quatro minutos de agonia, sem poder dizer palavra. Finalmente, sua voz fez-se ouvir, quase num sussurro:

«Esse foi o maior erro que jamais cometí. Nunca deveria ter chegado a me levantar.»

—*Time*

O dr. Frank Aydelotte, diretor do Colégio Swarthmore, nos Estados Unidos, ofereceu, certa vez, um jantar em honra a Einstein. Convidado a falar, o grande cientista limitou-se a observar:

«Senhoras e Senhores. Sinto não ter nada a dizer.»

Foi tal o murmúrio que essas palavras produziram, que Einstein levantou-se outra vez, e declarou: «Quando tiver alguma coisa a dizer, voltarei.»

Seis meses depois, telegrafou ao dr. Aydelotte: «Tenho agora o que dizer.» O diretor organizou um novo jantar, durante o qual o sábio fez, então o seu discurso.

—Leonard Lyons

Flagrantes da vida real

★ Nós, GRAVADORES, costumamos pensar que nossas interpretações da vida norte-americana deveriam ser amplamente usadas nos quartos de hotel, nos Estados Unidos, em lugar das gravuras comuns, esportivas ou de flores. Mas quando sugerí a idéia a um dos bons hotéis de Los Angeles, o gerente não se impressionou.

—Ora, pois se eu compro gravuras inglesas pela metade do preço das de vocês, respondeu ele.

—Mas o senhor não escolhe a espécie de arte que oferece aos seus hóspedes? perguntei. —Não se atem a certas normas?

—Qual arte qual nada. A única norma que me interessa é que os quadros usados no hotel sejam suficientemente grandes para não caberem numa valise...

—Colaboração de Ralph M. Pearson

★ DE QUAL de seus 13 filhos a senhora gosta mais? perguntou a visitadora de uma sociedade de beneficência, num casebre dos arredores de Nova York.

—Do que estiver doente, até ficar bom, respondeu a mãe. —Do que estiver fora, até voltar para casa...

—Colaboração de Marion R. Johnson

★ NA CADEIRA do dentista, a jovem senhora tira do dedo uma aliança de ouro, delicadamente lavrado.

—Gostaria que o senhor obturasse o meu dente com isso, disse ela.

O dentista examinou o anel.

—Bem, posso de fato fazer isso... Mas este anel é muito caro, minha senhora. Não seria preferivel usar o nosso ouro, especial para estes casos?

—Não, doutor, explicou ela. —A razão é a seguinte: prometí a meu primeiro marido, falecido há três anos, usar sempre essa aliança. Mas acontece que vou casar-me de novo na semana que vem, e o meu noivo me fez prometer que, depois da cerimônia, eu só usaria a aliança dele... De modo que esta é a única maneira de cumprir as duas promessas.

—Colaboração de Arnold E. Batho

★ COM EXCEÇÃO da robusta e quarentona Miss Jones, todos os outros hóspedes da pensão, em Reno, lá se encontravam pelos motivos habituais, isto é, obter divórcio facil. Ela saía pela manhã, logo depois do café; uma hora depois, voltava, ia diretamente ao quarto e saía outra vez para a cidade, sempre a pé. Duas ou três dessas viagens pela manhã e três ou quatro durante a tarde deixavam Miss Jones quase sem forças para fazer mais uma ou duas depois do jantar.

A dona da pensão, por fim, nos explicou: «Há três anos que ela passa as férias aquí; adora o jogo, mas como só leva um dolar, cada vez que vai à

cidade tem que voltar aquí, frequentemente, para buscar mais dinheiro. Desse modo, não corre o risco de perder mais do que pode. Mas, para ela, o principal é perder, com as caminhadas, uns bons cinco quilos e, ainda por cima, divertir-se.»

—Colaboração de P. H. Maloy

★ É UM PROBLEMA recrutar, no Reformatório, meninos para ajudar a missa: usam um linguajar horrivel e custam a aprender o ritual latino. Há pouco tempo, estando os meus acólitos em vésperas de obter livramento condicional, selecionei, com todo cuidado, seis novos meninos. Depois de muito ensaiar, rezamos a primeira missa. Não fizeram um erro, sequer. Pareciam anjos, nos seus sobrepelizes brancos, e procederam todos com correção admiravel. Eu me felicitava pelos resultados obtidos, quando ouví dois dos meninos conversando:

—Eu fiquei um bocado nervoso, e você? perguntou um deles.

—Que dúvida! Só fiquei nervoso assim uma vez: foi quando fizaque-le primeiro roubo...

—Colaboração de Robert P. Donavan, Capelão Católico

★ UM DIA em que viajava em meu automovel novo, dei uma carona a um senhor de aspecto respeitavel. Mal havíamos rodado alguns quilômetros, quando ele me pediu para saltar.

«Eu moro perto do lugar onde o senhor me apanhou,» explicou-me ele. «Este é o quarto carro em que ando hoje. Estou com intenções de comprar um automovel e não há melhor maneira de experimentar todas as marcas. Muito obrigado.»

—Colaboração de Ken L. Lattin

Os hóspedes se foram

QUE deliciosa sensação de paz reina agora em nosso lar! Que divino vazio! A poltrona, livre dos hóspedes, parece estender-nos os seus braços acolhedores. O silêncio cai como pétalas desfolhadas sobre este reino abandonado pelos pretendentes.

Viver, de novo, a nossa vida! Prezados hóspedes, o claro que deixastes, ao partir, ensinou-nos a dar maior valor à vossa ausência, a usufruir, com mais encantamento ainda, a sensação da vossa inexistência.

Esta noite, nosso sono será profundo e reparador. Não precisamos mais preocupar-nos com que nada lhes falte; saberemos que nada lhes faltará, em suas respectivas casas. Deus os abençoará e acompanhará, deixando-nos tranquilos, como que reclinados em coxins de plumas, a desfrutar as delícias de um ócio adoravel.

Infelizmente, porem, deixastes, ao partir, alem desta bendita paz, uma caneta-tinteiro, uma escova de dentes e um vidro de água de colônia.

—Rose Macaulay, *Personal Pleasures*

AQUARELA DO OASIS *(Condensado de «Holiday»)*

Por Ben Lucien Burman

O TURISTA estava no bar do luxuoso hotel do deserto—um norte-americano alto, bem vestido, evidentemente um financista da Wall Street, em gozo de férias.

—Monótono, isto aquí, comentou. —Não se compara com Argel ou Casablanca. Não há cabarés; não acontece nada! Deve ser uma caceteação medonha viver aquí. Um dia ou dois... talvez. Mas seis meses, como você! Eu acabaria doido.

Saí do hotel, para a rua ladeada de palmeiras, e tornei à nossa casa, nos arredores da aldeia. Viéramos com duplo objetivo: minha esposa queria pintar árabes, e eu escrever um romance... Das janelas de meu gabinete de trabalho eu via o Oued, curioso riacho que brota misteriosamente do deserto para regar os jardins desta aldeia argeliana de Bou Saâda, e depois sumir repentinamente nas areias sequiosas do Saará.

Bateram à porta da rua. Daí a um instante, surgiu Nejma, a cozinheira.

—É o marabú, disse ela calmamente. —O homem santo. Eu disse p'ra ele que o senhor passa as noites em claro. Ele veio curar o senhor.

Fiquei espantado, mas não fiz comentário ao acolher a visita. Com suas vestes de um escarlate fúlgido, diante das almofadas douradas sobre os luzidios azulejos do páteo, ele parecia o sol nascente do deserto.

—Trouxe-lhe dois talismãs, começou solene. —O primeiro é este amuleto.

Estendeu-me um pequeno quadrado de seda preta:

—Use-o no capacete, de dia; à noite, ponha-o debaixo do travesseiro, acrescentou.

Tomei do pedaço de pano.

—Este papel é o outro talismã, prosseguiu. —Contem palavras mágicas de poder infinito. À noite, tire toda a roupa e ponha-se diante de um braseiro aceso. Deite o papel mágico nas brasas, deixando que a fumaça lhe penetre o corpo. Dormirá como um inocente.

Paguei-lhe, e ele se retirou.

Eu padecia de uma insônia desesperadora, e estava disposto a tentar tudo. Usei o amuleto o dia inteiro. Ao anoitecer, postei-me junto ao braseiro e atirei o papel mágico às brasas. Recolhí-me ao leito cheio de esperanças.

Não preguei olho a noite toda, imaginando o que estaria escrito naquele papelucho...

LEVANTEI-ME muito depois do raiar do dia. Em frente de nossa casa os camelos se arrastavam, pejados de ramos do cedro fragrante das montanhas, destinados aos aromáticos lumes da aldeia. Pastores, trajados como nos tempos bíblicos, dirigiam-se a uma escassa nesga de terra verdejante perdida no deserto, para apascentar as greis de ovelhas e cabras.

Do minarete de uma mesquita distante, o almuédão convocava os fiéis para as orações.

Caminhei até a orla do deserto. O sol já estava alto. No mormaço longínquo, vi duas dezenas de lagos, uns com magníficos reflexos de rubros castelos ameados, nas águas azuis, outros com canoas festivas e barcos de velas vermelhas junto às margens arenosas. Eu já estivera alí muitas vezes e sabia que esses lagos e barcos eram miragens.

Voltei até o mercado, onde minha esposa e a fiel Nejma faziam as compras diárias. Enquanto Nejma discutia com veemência o preço de uns legumes, para poupar-nos um *sou*, comprei dois bolinhos de mel, cobertos de nozes, e eu e minha esposa nos pusemos a comê-los. Nejma viu-nos.

—Quanto pagou? exigiu, severa.

—Um franco pelos dois, respondí, com certa apreensão.

Ela voltou-se para o comerciante, qual leoa enraivecida. «Ladrão!» gritou. «Filho de camelo! Eu te ensino a roubar meu patrão!»

Arrebatou-nos às mãos os doces trincados. Jogando-os na bandeja do doceiro, apanhou o franco e desatou a correr pela rua fora. O negociante gorducho gritou pela polícia e saiu-lhe no encalço.

Num triz, o mercado era um pandemônio. Os dois contornavam tendas repletas, enquanto os circunstantes se precipitavam a participar da perseguição desordenada. Moleques e mendigos cairam sobre a tenda abandonada do doceiro e saciaram-se de seus tesouros melosos...

Afinal, surgiu um policial árabe, e cessou a agitação. Nejma retornou tranquilamente à cozinha. O doceiro voltou para sua tenda, confortado com uns quantos francos que eu lhe dera para reparar os danos morais e materiais que ele sofrera.

NOSSA casa, conquanto fosse residência de um chefe árabe, não dis-

punha de um banheiro apropriado. Portanto, quando queríamos um banho, costumávamos ir a um *hammam* público, palacete que lembrava as antigas termas romanas, destinado a acomodar cerca de 80 pessoas. Com meio dolar podíamos alugar o edifício inteiro pelo espaço de duas horas; no preço estavam incluidos os serviços de uma sentinela vistosamente trajada, que ficava à porta para barrar a entrada aos intrusos.

—Amanhã teremos vento, disse Haroun, o sapateiro, apontando para umas nuvens de curioso aspecto, como enormes gadanhas, que se concentravam no sul. —É sinal de simum.

Coruscando pinceladas de carmezim, as nuvens pareciam cimitarras encrustadas de jóias, de algum imperador bárbaro.

—Uma tempestade de areia antes do amanhecer, disse Ben Tahib, o alfaiate. —Varrerá das tocas as próprias raposas.

Aquela noite descemos a rua das Ouled Nails, repleta já das bailarinas desse perfumado Jardim de Alá. Em toda parte estavam elas, sentadas diante dos portais estreitos, os rostos delicados iluminados pela luz dos braseiros que tinham os pés calçados de sandálias. As vezes levavam à boca suas graciosas mãos e emitiam um grito estranho para atrair os transeuntes. Eram mais do que mulheres que pudessem ser compradas a preço, essas Ouleds. Expulsas da tribo por terem pecado contra uma lei qualquer, eram pessoas de prestígio em Bou Saâda e no mundo do deserto, cujo centro era a aldeia. Podiam casar-se com um beduino, um comerciante ou mesmo com um xeque; suas casas eram os clubes onde convergiam os cidadãos mais respeitaveis, para tomar chá e ouvir a bisbilhotice do dia. Eram elas que presidiam às reuniões de gala, no deserto.

Na manhã seguinte, o mundo exterior estava como que apagado por uma turva cortina plúmbea. Os espessos muros das casas vizinhas ficaram invisiveis. Já não ouvíamos os balidos melancólicos das ovelhas, o queixume plangente dos camelos. Havia só o uivo do vento e o constante sibilar da areia açoitando muros e janelas.

Nejma surgiu do páteo como um fantasma amortalhado, trazendo-nos numa bandeja nossa refeição matinal. Embora ela só tivesse levado um instante para vir da cozinha, os pratos já ostentavam uma crosta amarela. O café parecia areia líquida.

O dia clareou pouco. Já podíamos distinguir as palmeiras, curvando-se respeitosamente como se fossem gigantes do deserto que orassem a Alá. Envolvemos o rosto em panos, para resguardá-lo das rajadas que nos fustigavam as faces e enchiam os pulmões, e fomos à aldeia tomar as providências cotidianas. A avalanche de areia parecia ter encoberto e petrificado todas as criaturas vivas que encontrara. Os camelos abrigavam-se junto a um muro, levantando-se de quando em quando para sacudir a areia de suas ilhargas peludas; as ovelhas encolhiam-se perto deles, como se as grandes alimárias, profundas conhecedoras das manhas

do deserto, pudessem protegê-las do inimigo rodopiante.

Durante três dias o vento soprou e a areia açoitou as casas. Depois, a tormenta passou. Mais uma vez os camelos arrastavam as patas, demandando as dunas, e as ovelhas de gordas caudas encaminhavam-se placidamente para aquele retalho verdejante no deserto. Mais uma vez os barbados escribas sentavam-se no mercado, à espera de clientes que quisessem ditar cartas, e os ourives martelavam melodiosamente em suas tendas.

Minha insônia piorou. Cheguei à conclusão de que a causa era o trânsito constante em frente de minha porta. Aluguei outra casa, longe da estrada. Mas tive que continuar a pagar o aluguel da primeira. Há contratos no oasis, como em toda parte. A segunda não adiantou, e aluguei uma terceira. «Louco,» disseram os naturais da região. O aluguel global das três casas era de 26 dólares mensais.

Havíamos estado pouco tempo na terceira casa quando o chefe de polícia—francês jovial, de bigodes,—veio ver-me, seu rosto revelando constrangimento. Tirou o pigarro nervosamente.

—Aquí em Bou Saâda não gostamos de nos imiscuir nos negócios alheios, disse, hesitante.

—De que se trata, *monsieur*? perguntei admirado.

—São as três casas e as Ouleds, meu amigo. Acendeu um cigarro e pitou, com o ar preocupado. —Como sabe, é proibido às bailarinas sairem do bairro sem licença prévia da polícia. Todos os dias vêm pedindo licença para visitar uma das três casas do senhor. Sempre tivemos muito prazer em conceder licença, *monsieur*. Ainda que fosse... singular. Mas, na semana passada, *monsieur*, já não foi só uma Ouled. Foram duas. Amanhã poderão ser três.

—Venha comigo, *mon commandant*, propús. Abrí a porta do quarto onde minha mulher completava uma tela. Duas Ouleds estavam sentadas, uma com um alaude árabe e a outra com um tambor.

O rosto do policial ficou radiante. —Ah, então era verdade o que as Ouleds diziam. Não vinham ver o senhor.

Saiu satisfeito.

Os dias sucederam-se. O calor aumentou. Já éramos cidadãos do oasis, e não gente esquisita, de fora. Num feriado árabe, visitamos uma aldeia vizinha. Pelas ruas passeavam os nativos, trajando vestes variegadas. Em frente de uma das mesquitas achava-se um bando dos Aissawa, fanáticos árabes. Formavam uma fila comprida: 30 ou 40 dos humildes homens que carregavam água, cuidavam das cabras e faziam o trabalho braçal do povoado. Mantinham uma atitude de expectativa, as mãos dadas como crianças. Os muçulmanos mais cultos contemplavam-nos com desdem e risos.

Uma orquestra de flautas e tambores irrompeu numa sinfonia estridente e os fiéis começaram a oscilar. Balouçavam para trás e para a frente, rugin-

do como leões. O ritmo da música acelerou-se e os vaivens o acompanhavam. Durante um quarto de hora os devotos prosseguiram, os rugidos cada vez mais fortes. Súbito, pararam. Com espanto, constatei que tinham os olhos embaciados, as bocas espumejantes. Estavam todos hipnotizados.

A fila abriu-se inopinadamente. Um fanático arremessou-se rente de mim. Pôs-se desvairadamente a abater uma alta cerca de cacto. Os espinhos eram como agulhas; mediam cinco centímetros. O mais ligeiro contato já me fizera jorrar sangue do dedo.

Vestido só de tanga, o beato saltitou, alucinado, ao redor dos fragmentos que arrancara e, ato contínuo, lançou-se sobre eles, centenas de espinhos penetrando-lhe o corpo; mas não brotou uma só gota de sangue para assinalar os ferimentos.

Aumentou o estrídulo das flautas e o rufar dos tambores. Outro fanático destacou-se do grupo e devorou escorpiões e cacos de vidro como se fossem bombons. Ainda outro varou de espetos as carnes do abdome e o couro cabeludo da cabeça, sem que lhe escoresse sangue algum.

Os tambores alcançaram um auge de frenesí. Surgiu o astro do espetáculo, um gigante bronzeado, que deixou os fiéis atarem-no com enormes correntes de âncora. Era costume seu romper as cadeias com os músculos, em tributo a Alá. Seu enorme corpo enrijou-se. A musculatura gigantesca entumesceu-se, mas os imensos elos não partiram. Tentou mais uma vez, e outra ainda, mas debalde. Desistiu de estrebuchar e ficou com o olhar fixo, insensivel.

Súbito, seu olhar caiu sobre minha mulher. Como se tivesse descoberto a causa do fracasso, investiu contra ela, os lábios brancos de escuma.

Estava a um metro de distância quando um árabe robusto, de compleição quase igual à dele, desferiu-lhe um golpe na cabeça, com uma enorme clava. O gigante possesso tombou como uma pedra.

Vi-os, a ele e a outros devotos, decorridas algumas horas, regressar tranquilamente aos lares. O fanático ergueu a mão ao turbante, em sinal de saudação. «*Salaam-aleikoum*,» disse («que a paz esteja convosco»).

No HOTEL, à margem do povoado, duas norte-americanas roliças sorviam coquetéis. «Isto aquí é bem cacete, não é?» observou uma. «Não acontece nada. Devíamos ter ficado em Casablanca.»

AH! BOM tempo aquele, em que o Governo vivia apenas com as suas rendas, e sem uma boa parte das nossas.

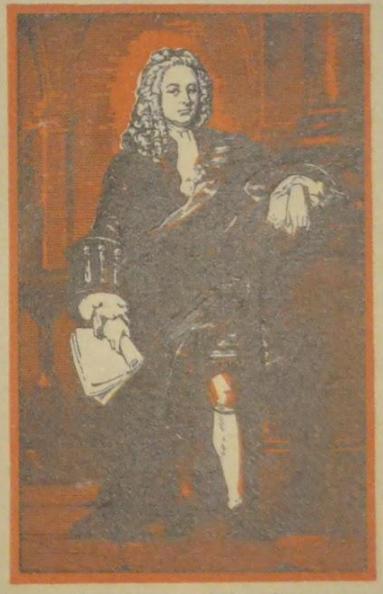
—Barclay Braden, em *Coronet*

A comovente história do maior oratório do mundo

Como Handel compôs *O Messias*

(*Condensado de «Christian Herald»*)
Por Doron K. Antrim

NAQUELA noite de inverno de 1741, um velho corcovado arrastava-se sem ânimo, descendo na escuridão uma rua de Londres. Era George Frederick Handel, que iniciava uma das tristes caminhadas noturnas, sem destino, que havia tempos se tinham tornado para ele um hábito quase ritual. No seu espírito travava-se um duelo constante entre a esperança, nutrida das glórias passadas, e o desespero, que o futuro lhe provocava. Durante quarenta anos Handel escrevera música solene para a aristocracia da Inglaterra e da Europa continental. Reis e rainhas o haviam cumulado de honras. Mas, de repente, a sociedade cortesã se voltara contra ele; desordeiros, a soldo dos rivais, ciosos de seu triunfo, interrompiam a representação de suas óperas. E, em consequência disso, o compositor virase finalmente reduzido à penúria.



Quatro anos antes, em 1737, uma hemorragia cerebral o deixara paralisado do lado direito: não podia andar, mover a mão direita, nem escrever sequer uma nota. Os médicos davam-lhe poucas esperanças de restabelecimento.

Sem se dar por vencido, Handel fez-se transportar a Aix-la-Chapelle para sujeitar-se a um tratamento de banhos termais. Os médicos o preveniram de que ele corria perigo de morte, deixando-se ficar mergulhado nas águas escaldantes mais de três horas de cada vez: mas Handel, na esperança da cura, aí ficava nove horas a fio. Vagarosamente, seus músculos inertes foram assim recuperando a energia e o movimento, e ele pôde voltar a andar e a fazer uso da mão direita.

Lançou-se em verdadeira orgia mu-

sical, escrevendo quatro óperas em rápida sequência. Viu-se de novo coberto de glória e de honras.

Foi então que faleceu a Rainha Carolina, que até esse momento lhe dera um firme patrocínio. Handel viu cortada a pensão real que o mantinha. Um inverno inclemente veio açoitar a Inglaterra e, não havendo maneira de aquecer os teatros, os espetáculos foram cancelados. Vendo-se de dia para dia mais endividado, o compositor perdeu a chama criadora. Estava à porta dos 60, e sentia-se velho, irremediavelmente cansado.

Nessa noite, ao descer vagarosamente a rua úmida e obscura, viu a fachada de uma igreja definir-se vagamente na névoa baça, e aí deteve-se, sentindo uma golfada de amargos pensamentos subir-lhe do fundo da alma, e transformar-se nos lábios em lamento: «Por que permitiu Deus que eu voltasse à vida, só para que os meus semelhantes de novo me enterrassem? Por que se dignou Ele conceder-me novas forças, se não mais me é dado criar?» Depois, como o fizera Cristo, arrancou às entranhas este grito de protesto: «Meu Deus, por que me desamparaste?»

Deu meia volta e, desesperançado, regressou ao seu humilde tugúrio. Mas, logo ao entrar, seus olhos caíram sobre um volumoso pacote que alguem lhe pusera na mesa de trabalho. Rompeu o lacre e rasgou em pedaços o papel do embrulho. Ah, era mais um libreto, e para um «Sacro Oratório»!

Handel resmungou de mau humor. O manuscrito era de Charles Jennens, poetastro amimado, que gozava então de muita voga. Havia tambem uma carta. Percorreu-a por alto. Jennens manifestava o desejo de que Handel começasse logo a trabalhar no Oratório, e rematava: «É a vontade de Deus.»

Handel irritou-se: será que este Jennens tem o desplante de se julgar inspirado por Deus? Handel, sem ser propriamente religioso, andava sempre ajudando os infelizes, mesmo quando tinha escassamente com que viver. Era, porem, dotado de um gênio violento, dominador, e fazia inimigos a torto e a direito. Por que não lhe mandava Jennens o libreto de uma ópera, em vez desta banalidade religiosa?

Pôs-se a folhear o manuscrito do oratório, desanimado, até que algumas palavras lhe prenderam a atenção: «Viu-se desprezado e repelido pelos homens. Procurou em volta de si alguem que d'Ele tivesse piedade, mas não achou ninguem. Tãopouco encontrou quem O confortasse.»

Sentindo-se possuido de um crescente sentimento de parentesco com aquela dor, Handel continuou a ler: «Ele confiou-se a Deus... Deus não deixou que a sua alma ardesse nas chamas eternas... Ele te dará a paz que buscas!»

As palavras foram-se tornando mais vivas, ganhando a seus olhos fulgores de significação: «Conselheiro miraculoso,» «eu sei que meu Redentor vive... Rejubilai... Aleluia!»

Handel pôde sentir dentro de si reacender-se o fogo de outros tempos. Melodias de sublime inspiração começaram a borbotar-lhe do íntimo da alma, e a precipitar-se em cascata. Lançando mão da pena, começou a escrever. Com rapidez crescente, quase incrivel, as notas foram enchendo páginas após páginas.

A noite correu e, na manhã seguinte, o criado veio encontrar Handel ainda curvado sobre a mesa de trabalho. Pôs a bandeja com a primeira refeição ao alcance do compositor, e esgueirou-se em silêncio para fora do quarto. Quando voltou, pelo meio-dia, a bandeja estava ainda intacta.

Seguiram-se dias de ansiedade para o velho e fiel servidor: seu amo não comia; agarrava um pedaço de pão, esfarelava-o nos dedos e o deixava cair no chão—escrevendo, escrevendo sem parar, depois levantava-se subitamente e corria ao clavicórdio. Por vezes punha-se a caminhar para cá e para lá, batendo o ar com os braços, e cantando com toda a força dos pulmões: «Aleluia! Aleluia!» E as lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo.

«Nunca o vi em semelhante estado,» confiou o criado a um amigo. «Fica olhando para mim, mas sem me ver. Disse-me outro dia que a porta do Céu se abriu de par em par diante dele, e Deus, o próprio Deus, lhe apareceu. Receio que ele esteja ficando louco.»

Durante 24 dias, Handel trabalhou febrilmente, quase sem comer nem repousar. Por fim, exhausto, deixou-se cair na cama. Em cima da mesa repousava o manuscrito d'*O Messias*—o mais belo oratório de todos os tempos.

Handel entrou a dormir, e assim ficou durante dezessete horas, num estado semelhante ao coma. O pobre criado, julgando que ele ia morrer, mandou chamar o médico. Mas antes de ter este chegado, já Handel estava de pé, e bradando por comida. Comeu, com um apetite de lobo, metade de um presunto copiosamente regado com sucessivas canecas de cerveja, e, depois de bem reconfortado, acendeu o cachimbo. Quando viu entrar o médico, riu a bom rir, e pôs-se a gracejar com ele: «Se veio aquí fazer-me uma visita de amigo, seja benvindo. Mas não vou permitir que me apalpe a carcassa. Não tenho doença de espécie alguma!»

Uma vez que Londres não o queria ouvir, Handel levou *O Messias* consigo para a Irlanda. O vice-rei fizera-lhe um convite cordial. Mas Handel recusou aceitar dinheiro por esse trabalho; a receita da sua apresentação ao público devia destinar-se a obras de caridade. E explicava: fora um milagre que o arrancara ao negro abismo do desânimo; que o fruto dele fosse agora a esperança da humanidade!

Uma vez em Dublin, juntou os coros de duas igrejas, e começou os ensaios da sua obra. O entusiasmo foi crescendo à medida que se aproximava a data da primeira audição pública. Os bilhetes venderam-se rapidamente até o último, e, para que houvesse mais lugar na sala, rogava-se às damas que não usassem saias de balão, e aos cavalheiros que não trouxessem espada... No dia 13 de abril de 1742, muitas horas antes da abertura da sala, já era grande a multidão que esperava ansiosamente em frente das portas. A rea-

ção dessa primeira platéia foi tumultuosa.

Após esse triunfo, Londres queria, tambem, ouvir a obra. Aliás, durante a primeira execução da mesma na capital inglesa, deu-se um incidente empolgante: quando o coro entoou a Aleluia, o público pôs-se de pé, e de pé ficou até o fim—coisa que até hoje sucede, quando se executa o oratório.

Até o fim da vida, Handel apresentou *O Messias* todos os anos, em espetáculo de caridade cuja receita se destinava a um asilo de menores abandonados. Antes de morrer, legou à mesma instituição todos os direitos de propriedade artística referentes à sua obra.

A partir de então, viu-se muitas vezes assediado por dificuldades e sofrimentos; mas nunca mais se deixou sucumbir ao desespero. Os anos lhe foram minando a imensa vitalidade. Mais tarde veio a cegueira. Mas a força do espírito, essa nunca mais o abandonou.

Na noite de 6 abril de 1759—tinha ele 74 anos—assistia mais uma vez à apresentação d'*O Messias*, quando, ao entrar o coro na passagem «A trombeta há-de soar», o compositor sentiu que desmaiava e quase caiu no chão. As pessoas que estavam em volta o socorreram e ampararam. Os amigos conduziram-no até a casa e o puseram na cama. Poucos dias depois dizia Handel: «Eu gostaria de morrer na Sexta-Feira Santa!» A 13 de abril, aniversário da primeira audição d'*O Messias*, cumprindo esse voto do coração, a alma de George Frederick Handel desprendeu-se do corpo e da terra. Seu espírito, porem, continua pairando entre nós nos acordes arrebatadores d'*O Messias*, triunfo da esperança sobre o desespero. Hoje, a apresentação do famoso oratório no Albert Hall de Londres, na Sexta-Feira Santa, é uma cerimônia inseparavel das celebrações da Páscoa na Inglaterra.

No seu *Messias*, Handel acendeu um facho que desde então vem passando pelo mundo afora, para levar a luz aos recantos mais negros da terra, e assim continuará enquanto houver vozes capazes de erguer-se em cânticos, olhos para olhar ao longe, e corações transbordantes de esperança.

Páreo de D. Juans

A AERO-MOÇA do meu avião estava ocupadíssima naquela noite. Mal se livrara de um D. Juan—que lhe dera o número do quarto do hotel em que vivia, prometendo-lhe enchê-lo de rosas—surgiu-lhe outro, no encalço: «Escute, meu bem, diga logo onde mora, pois eu acabarei descobrindo de qualquer maneira.»

A jovem segredou-lhe um endereço e fez uma referência qualquer sobre as rosas. «Lá estarei, querida, com grandes *bouquets*, prometeu ele. Seria divertido ver o que aconteceu quando o segundo D. Juan chegou ao quarto do primeiro...

—Capitão Hy Sheridan, em *The Saturday Evening Post*

Vapores invisiveis, inodoros, que prometem guardar-nos de uma das doenças mais incômodas

Agora podemos *evitar* os resfriados

(*Condensado de «Hygeia»*)

Albert Q. Maisel

QUALQUER médico nos dirá que não pode curar o mais banal dos resfriados.* No entanto, já hoje dispomos de sólidas provas quanto à possibilidade de *evitá-los*. Muitos anos de pesquisas, corroboradas por uma série feliz de acidentes inesperados, levaram à nova técnica de prevenção do resfriado.

Em 1939, cinco engenheiros da Research Corporation, dos Estados Unidos, estavam montando a instalação de ar condicionado em um banco de Nova York, quando, afim de extrair o excesso de umidade atmosférica, um deles se lembrou de fazer passar o ar através de glicol tri-etileno, substância que revela notavel afinidade pela água. Um ano depois, Clarence G. Michalis, diretor-presidente do banco, telefonava à Research Corporation para indagar: «Que foi que os senhores puseram na nossa instalação de ar condicionado, que nos tem livrado de resfriados?»

«Nós?» respondeu assombrado o chefe dos engenheiros de condicionamento do ar. «Não pusemos nada!»

«Bem, há alguma coisa produzindo esse efeito,» volveu o banqueiro. «Quase que não se têm registado aquí no banco faltas de pessoal devidas a resfriados.»

Intrigados com isso, os engenheiros passaram a estudar o problema e vieram a averiguar que nos abrigos subterrâneos contra ataques aéreos, de Londres, quatro médicos ingleses haviam tentado, com certo êxito, esterilizar a atmosfera, pulverizando nela um germicida bem conhecido, o hexil-resorcinol. Com o fim de conseguirem gotículas capazes de manter-se muito tempo em suspensão no ar, haviam dissolvido a referida substância em glicol propileno, parente químico próximo do glicol trietileno. Mas, no caso de Nova York, o glicol trietileno parecia estar prevenindo os resfriados mesmo sem o auxílio do germicida.

Os engenheiros foram procurar o dr. O. H. Robertson, da Universidade de Chicago, que já ao tempo vinha fazendo experiências com o «he-

*Vide «Não há cura para o resfriado», Seleções, janeiro, 1948.

xil-em-glicol» empregado pelos ingleses em borrifos. Preocupado com o elevado custo do hexil, o dr. Robertson vinha reduzindo progressivamente a dose desse germicida na solução a borrifar. Chegara por fim à conclusão de que o glicol propileno era, só por si, um germicida muito superior ao hexil-resorcinol e capaz de aniquilar grande variedade dos mais perigosos micróbios, tais como estafilococos, pneumococos, estreptococos, e toda uma hoste de outros germes transmitidos pelo ar. Nisto residia, em resumo, a chave do «mistério» do banco.

Entretanto, como a entrada dos E. U. A. na guerra parecia iminente, e ainda não tinham sido esquecidas as epidemias que, durante a primeira guerra mundial, haviam devastado os centros de treinamento militar no país, o cirurgião-chefe do exército instalou uma comissão especial para estudo das infecções transmitidas pelo ar, pondo à testa da mesma o dr. Robertson.

De começo, os homens de ciência não compreendiam por que o glicol produzia esse efeito. Sabiam que o fenol e o hexil-resorcinol eram germicidas mais poderosos do que os glicóis, quando usados em forma líquida. Não obstante, quando em gotículas, os glicóis se mostravam muito superiores àqueles. O dr. Theodore Puck, da comissão de estudo das infecções transmitidas pelo ar, começou por provar que não eram as gotículas que matavam os germes, pois nenhum borrifo produzia gotículas suficientes para causar a destruição fulminante que se vinha observando entre os micróbios. Finalmente verificou que o verdadeiro germicida era a quantidade minúscula de *vapor* de glicol—na realidade bilhões de moléculas—formado quando os borrifadores reduziam o glicol a uma nuvem de glóbulos.

A grande afinidade que essas moléculas de vapor revelavam ter pela água fazia com que elas penetrassem no âmago das bactérias úmidas, e instantaneamente estabelecessem uma forte concentração de glicol dentro da célula da bactéria. Os bactericidas mais antigos não tinham essa atração pela água, e por isso não penetravam no seio das bactérias úmidas. Conseguem-se assim dez vezes mais resultados com o glicol em forma de vapor do que com esse produto em gotículas. Uma só gota de glicol tri-etileno, quando vaporizada, limpará de germes uma sala de três metros por três, em poucos minutos.

Uma das primeiras tarefas da comissão era verificar se o glicol borrifado poderia ser nocivo. Realizaram-se as primeiras experiências com animais. Os numerosos médicos que fizeram as observações não verificaram quaisquer efeitos perniciosos. Depois, na Escola de Medicina de Dartmouth, o dr. Truman S. Potter pôs algumas cobaias em uma câmara, e borrifou-as com uma dose de mortíferos bacilos da tuberculose; todas as cobaias morreram. Em seguida, depois de borrifar a câmara com glicol, repetiu a experiência com uma segunda leva de cobaias: desta vez, nem uma só contraiu a tuberculose.

Trabalhando com ratos, o dr. Robertson pôde demonstrar que os vapores de glicol eram letais, não só para as bactérias, como tambem para os virus da influenza. Expôs durante uma boa hora algumas dúzias de ratinhos a uma «pulverização» de virus da influenza: dentro de dez dias, todos tinham morrido dessa doença. Os ratos do mesmo tipo, expostos a idêntica «pulverização» de virus, em gaiolas vaporizadas com glicol, escaparam do teste sem um só caso de influenza.

Pelas alturas de 1943, os pesquisadores se julgaram enfim em condições de empreender testes em larga escala sobre seres humanos. O dr. Edward Bigg e os professores B. H. Jennings e F. C. W. Olson instalaram aparelhos vaporizadores de glicol no Posto de Treinamento Naval de Great Lakes. Nos dormitórios tratados pelos vapores dormiam 320 homens. Um grupo idêntico foi destinado aos dormitórios de controle—isto é, onde não se fizera o tratamento pelos vapores. Durante os primeiros vinte dias de treinamento elementar, a saude dos homens não revelou, entre os dois grupos, diferenças sensiveis. Mas, no segundo período de 20 dias, foram remetidos para o hospital 19 homens dos dormitórios de controle, e apenas sete daqueles onde se fizera o tratamento pelo glicol vaporizado. Quando os médicos repetiram a experiência com um novo grupo, o segundo período produziu apenas doze infecções entre os homens protegidos pelos vapores, contra um número cerca de três vezes maior entre os do grupo de controle.

Durante três invernos inteiros de experiências numa creche, em Atlantic City, as crianças protegidas pelos vapores de glicol sofreram somente treze infecções; as de outras seções, não protegidas, registaram um número de infecções dez vezes superior.

Nos testes que atualmente se estão efetuando no Bellevue Hospital de Nova York, o dr. L. Emmett Holt Jr. está empregando vapores de glicol para evitar a difusão de doenças de virus tais como papeira e rubéola. Os resultados preliminares mostram-se já altamente favoraveis. Caso as conclusões finais venham a corroborar as esperanças dos pesquisadores, a ciência disporá de um meio de prevenir quase todas as infecções que, atualmente, nas enfermarias hospitalares de doenças contagiosas, sobrepõem uma segunda doença, alí colhida, à primeira com que o doente entrou.

A maior possibilidade imediatamente perceptivel, na aplicação dos vapores de glicol, está, porem, no combate aos resfriados. Nas fábricas de aviões da Lockheed, em Burbank, na Califórnia, já foram instalados vaporizadores em dois prédios onde trabalham cerca de mil operários. Dois edifícios quase idênticos, da fábrica Vega, nas proximidades, serviram de ambiente de controle. Pois bem, durante cerca de um mês e meio, a perda de horas de trabalho devida aos resfriados, na fábrica Vega, foi quase o dobro da que se registou na Lockheed!

Instalações similares de vaporização têm produzido, nestes dois últimos anos, resultados em tudo compara-

veis, nos vastos escritórios da companhia de seguros Metropolitan, de Nova York e em outros edifícios.

Uma das observações que mais têm intrigado os homens de ciência é a redução do número de infecções entre as pessoas que passam apenas uma parte do seu tempo em uma atmosfera glicolizada. Se o glicol se limitasse a destruir as bactérias e virus antes de estes nos infetarem, como é que poderiam proteger as pessoas que trabalham em salas vaporizadas pelo glicol, quando ao sair do trabalho se vão expor ao contágio dos resfriados em lugares públicos de grande concorrência, tais como ônibus, trens, teatros e restaurantes?

Nova luz veio recentemente projetar-se sobre esse aspecto misterioso do problema, graças ao dr. Samuel J. Prigal, da Faculdade de Medicina de Nova York. Como resultado meramente acidental de experiências com borrifos de penicilina, o dr. Prigal verificou que o glicol propileno, no qual ele dissolvia a penicilina, demonstrava possuir acentuados poderes antibióticos no soro sanguíneo do paciente. As pessoas que inalam vapores de glicol durante algumas horas por dia, enquanto trabalham, podem ir desenvolvendo suficiente imunidade antibiótica, que lhes permite repelir as infecções menores com as quais entrem porventura em contacto durante as horas que passam ausentes do trabalho.

Os edifícios dotados de instalação de condicionamento ou circulação de ar podem ser complementarmente apetrechados com um aparelho de vaporização da atmosfera pelo glicol, ao custo de apenas 500 dólares. O funcionamento do aparelho custará por dia, em uma fábrica ou escritório, cerca de um centavo de dolar por empregado. Nas escolas o custo será ainda menor: cerca de ¼ de centavo diário por aluno.

A Air Purification Service, Inc., constituida pelos cinco engenheiros que foram os primeiros a descobrir os efeitos dos vapores de glicol como preventivos dos resfriados, criou há pouco um dispositivo que poderá levar em breve a proteção dos vapores de glicol a milhões de escolas, escritórios e lares. Um pequeno aparelho de relojoaria a eletricidade, muito econômico, faz correr uma fita impregnada de glicol sobre um cilindro aquecido tambem a eletricidade. Tem um registo que permite regular a quantidade de vapor de glicol, invisivel e inodoro, que assim se projeta para dentro da sala.

Se esses borrifadores domésticos funcionarem nem que seja somente com 50 por cento dos resultados que dão as grande instalações comerciais, não tardará que se ouçam grandes protestos e sentidos lamentos entre os fabricantes de pílulas, unguentos e gotas para o nariz, que hoje embolsam quantias astronômicas graças aos resfriados banais que amolam a paciência da humanidade.

Como podem as crianças aprender a confiar em si mesmas, vivendo encurraladas e ultra-protegidas no mundo urbano de hoje?

Não cuide tanto de seu filho

(*Condensado de «The Atlantic Monthly»*)

Por Philip Wylie

A INFÂNCIA que vegeta nas cidades vem sendo estragada, nestes últimos cinquenta anos, por aquilo que nos habituamos a chamar de civilização. O automovel roubou às crianças os últimos privilégios de que elas gozavam, confinando-as no quintal da casa, ou no quarteirão onde moram, opondo limites mortais aos seus impulsos de correr atrás de uma bola, e buzinando ferozmente sempre que elas se atrevem a pôr o pé nas sargetas das suas inviolaveis pistas de corrida.

As crianças de hoje encontram-se desprovidas de meios adequados para evadir este implacavel e universal encarceramento. Os pais, no seu terror dos acidentes, esforçam-se mais e mais por erguer barricadas que as protejam do perigo, para instalar grades em volta dos pátios das escolas, e para conseguir que haja mais guardas às esquinas.

Tudo isso veio imprimir um carater «ilegal» a toda expressão espontânea dos instintos naturais da criança que vive nas cidades grandes e médias. Se ela ousa, quando mais não seja, arrancar a casca de uma árvore para fazer um barquinho que deseja ver flutuando num tanque, está destruindo a propriedade particular de alguem, papai será forçado a pagar pelo estrago, e a senhora dona do tanque com peixinhos vermelhos no jardim, chamará um guarda para correr com o intruso.

A vida da criança devia ser uma teia contínua de aventuras, experiências e proezas. Só dessa forma pode uma criança evolucionar de verdade, e tornar-se um adulto dotado de maturidade de sentimentos. Só desse modo ela pode aprender a confiar em si mesma, e a cultivar a independência pessoal. Mas, em vez de estimularmos esse processo, limitamo-nos a pôr nossos filhos ao abrigo dos fatos reais da vida.

Desde que me conheço, tenho observado com genuino desgosto que os meus companheiros de trabalho são desprovidos da mais elementar experiência da vida. Julgam saber o que

estão fazendo, quando na realidade vivem num mundo de sonhos; e sua própria ignorância gera inevitavelmente um sentimento de ilimitada insegurança, e a germinação de intensas hostilidades.

Tenho conhecido incontaveis pessoas que desempenham uteis funções em diversas instituições de higiene, prevenção e beneficência, e que nunca viram nascer um gato, nem sabem como se mata uma galinha. Atravessam o Atlântico, mas não sabem nadar. Já dormiram em hotéis do Cairo e Bombaim, mas nunca o fizeram na sombra de um bosque. Vão de automovel ao cimo de altas montanhas, mas jamais subiram a uma árvore, nem escalaram um morro. Comem regularmente todos os dias, exibem cravos na lapela, e até orquídeas nas grandes ocasiões—mas nunca plantaram uma semente nem cultivaram planta alguma.

Pois bem, a despeito de todas as suas maravilhosas realizações, como por exemplo a bomba atômica, esses indivíduos não são realmente conscientes, porque lhes faltam as experiências verdadeiramente primordiais da vida; não sabem o que é viver nem sentir-se vivo. Todos se sentem possuidos de um medo pânico diante dos frutos da sua civilização. Seus temores vão desde a ansiedade inteiramente racional que lhes provoca o fato de atravessarem a rua onde moram, até o pavor, igualmente racional, que lhes desperta a possibilidade de se verem envolvidos em outra guerra. Tais temores os tornam naturalmente agressivos, o que só vem agravar mais as possibilidades de uma guerra. Levam toda a vida vacilando entre a preocupação e a fuga à realidade, que o trabalho e a diversão lhes asseguram. Quer dizer, conservam-se, pela vida a fora, supremamente infantís.

Os temores nutridos pelos pais, relativamente ao mundo que conhecem, vão-se projetando assim, por via da ignorância, e portanto duplamente, sobre o ambiente normal, real e natural da infância, do qual nada sabem. E é dessa maneira que se empenham teimosamente em eliminar, proibir ou dificultar as próprias atividades essenciais à infância.

Pela minha parte, desde a mais tenra infância me ensinaram a queimar fogos de artifício: de começo, fogos mais inocentes, e depois os maiores. O Dia da Independência dos Estados Unidos, que se celebrava com grande estrondo de foguetes e morteiros, era sempre o dia maior da minha independência de gurí. Era-me consentido, nessa data memoravel, ajudar a acordar a cidade inteira logo ao raiar da aurora, e fazer durante o dia todo o barulho que me apetecesse. E à noite autorizavam-me a brincar com fogos de artifício até fartar.

Quando cheguei aos meus doze anos, passamos a viver em outro Estado, e o Dia da Independência tornou-se para mim um dia odioso de parada de escoteiros, com uniformes de suadouro, e uma marcha até ao cemitério—não se podia escolher melhor lugar, para um dia de festa e de alegria! —para depor aos pés de um monumento uma coroa

fúnebre e solene; depois a caminhada interminavel de regresso a casa, o jantar fora de horas, e os fogos de vista contemplados de longe, à noite, num parque público.

Aos treze anos de idade descobrí, em uma biblioteca pública, um livro que explicava a maneira de fazer pólvora preta. Comprei em três drogarias diferentes o enxofre «para as roseiras», o nitrato de potassa «para as plantas», e o carvão em pó «para o estômago de papai»... Fabriquei depois uma espécie de obús, escavando interiormente um bloco de carvalho; atulhei-o de pólvora, pus-lhe uma bucha de papel higiênico e cascalho que tirei da calçada, e no fim peguei-lhe fogo com um pedaço de jornal em chamas. Meu deleite foi indescritivel quando, ao explodir, a pólvora deu um estouro tremendo, e as pedrinhas foram rebentar com as vidraças de algumas janelas do porão, na casa vizinha da nossa. Papai pagou os estragos...

Há capítulos da minha infância que provocam espanto e brados de horror às pessoas respeitaveis das minhas atuais relações; é que tive uma quota parte de perigos e trabalhos, deveres e pesadas responsabilidades, muito mais apreciavel do que a da maioria dos meus amigos. Meus pais, sempre muito ocupados, deixavam-me à vontade, fazendo o que eu queria; e mais, chegavam mesmo a instar comigo para que eu me atrevesse a correr riscos diante dos quais eu relutava... Mas só o faziam por estar certos de que eu tinha o necessário conhecimento e disciplina.

A todos os pais que vivem no terror constante dos perigos que ameaçam seus filhos, gostaria de fazer notar que, embora me tenha machucado muitas vezes durante a infância—cortes, esfoladuras, pisadelas, distensões musculares, etc.—graças à independência dos meus atos, a verdade é que a mais estrita vigilância não conseguiu livrar-me de padecer: a pior queimadura de minha vida foi a que tive quando, ainda bebê e ao colo de minha mãe, estendí o braço e assentei a mão em cheio no tampo de um fogão de lenha aquecido ao rubro-branco! O maior trambolhão que já tive, levei-o quando tinha quatro anos e minha avó me estava dando banho numa bacia: deixou-me cair no chão não sei como.

Os modernos educadores têm tentado organizar métodos de ensino em que se deixa lugar para o desenvolvimento do ego infantil, em relação aos companheiros de folguedo e à «constelação» mãe-filho-pai. Em certas escolas chegou-se mesmo ao ponto de abandonar toda a disciplina formal, com o fim de «liberar» a personalidade das crianças. Tudo isto é inutil. A única disciplina que a criança deve conhecer, para vir a ser um adulto com êxito na vida, é a disciplina natural de causa e efeito—a perfeita honestidade da natureza e a absoluta inviolabilidade de suas leis.

As crianças têm o direito de observar e experimentar todos os fatos da natureza—animal, mineral e vegetal. Têm o direito de aprender tantas verdades e consequências, quantas lhes permite o seu desenvolvimento emo-

cional, em um ambiente onde lhes seja possivel cavar a terra, colecionar, construir, andar, nadar e rachar, sem autorizações nem obstáculos. As crianças têm o direito de correr tantos riscos naturais quantos sua experiência da natureza lhes permite enfrentar.

Os pais não têm o direito de viver nas cidades, quando lhes for possivel viver fora delas. Só o adulto capaz de viver e de vencer num mundo primitivo, pode contribuir para a vida civilizada com experiência e conhecimentos bastantes, de modo a torná-la digna de viver-se. O homem que não possui a experiência acumulada durante uma infância realista, é, ele próprio, um mero autômato. E o ser humano não foi decerto concebido e criado para se tornar um sub-produto de um amontoado de edifícios e de uma aglomeração de máquinas.

Sei perfeitamente que alguns de meus leitores, neste ponto, estarão pensando que isto é uma teoria sinistra, e que eu com certeza nunca tive uma criança sob minha responsabilidade. No momento em que escrevo estas linhas, minha própria filha, que hoje tem 14 anos, acaba precisamente de restabelecer-se de uma grave fratura que sofreu num braço, ao cair de um cavalo indocil—eu próprio passei boa parte do verão incitando-a a montar, e acompanhava-a nesse exercício. Nadei com ela em «águas infestadas de tubarão», nesse mesmo período. Quando um dia soube que ela fora nadando, sozinha, para alem dos recifes de coral das Bahamas, confesso que tive terrivel susto. «Só nadei para terra», contou ela depois, «quando avistei uma raia venenosa, nadando bem por baixo de mim.» Por aí o leitor já pode ver que a ensinei a ser prudente. E alguns dos leitores compreenderão talvez que ela tem boas probabilidades de vir a tornar-se uma pessoa com uma dose muito razoavel de confiança em si mesma e de independência. Tal é, pelo menos, a minha esperança...

Que mulher!

UM PRODUTOR cinematográfico de Hollywood, ao chegar à casa pela madrugada, encontrou a mulher acordada a esperá-lo. Esta, batendo o pé, interpelou-o vivamente sobre o que estivera fazendo.

—Bem, explicou o marido, —fizemos a primeira exibição do meu novo filme e depois fiquei conversando com a atriz principal. Uma pessoa encantadora, aliás. Fomos tomar uns uisques, e depois, como ela insistisse em me mostrar seu apartamento, fomos até lá. Você sabe como são essas coisas; as horas foram passando...

—Não minta, seu descarado! explodiu a esposa. —Tenho a certeza de que você passou a noite toda com amigos, jogando o maldito poquer!

—Fred Kohlmar, citado por Sidney Skolsky, United Features Syndicate

Uma compilação de anedotas

Rir é o melhor remédio

O PSIQUIATRA ao paciente, entre outras perguntas:

—O senhor é perturbado por maus pensamentos?

—Perturbado não é bem o caso, respondeu o paciente. —Para lhe falar a verdade, eles bem que me dão prazer!

—*Super Service Station*

UM TURISTA norte-americano, em París, tenta empregar o seu francês de ginásio, num restaurante:

—Garsong, disse, após um detido exame do cardápio, —je desire consomme royal, et un piece of pang et burr—não, suspenda isso—une piece of burr—

—Sinto muito, cavalheiro, respondeu o garção, em perfeito inglês, —mas eu não falo francês.

—Ora essa, retrucou o turista, —então me arrange alguem que fale.

—*Gaya*

PERGUNTARAM a uma senhora, mãe de 13 filhos:

—Como é que a senhora encontra tempo para cuidar de todos eles?

—Bem, respondeu, —quando eu tinha um só, ele me tomava todo o tempo. Assim é que os outros 12 não fizeram muita diferença.

—*Times* de Pueblo, Colorado

UM TÉCNICO em eficiência, interrogando funcionários, numa repartição pública em Washington:

—Qual é sua função aquí? perguntou a um deles. Este, mal humorado, manuseando papéis, fórmulas e ofícios e ainda por cima importunado por técnicos em eficiência, limitou-se a responder:

—Eu? Nenhuma.

O técnico arregalou os olhos, tomou uma nota e voltou-se para outro funcionário:

—E o senhor, que faz aquí?

O segundo funcionário, seguindo o exemplo do primeiro, replicou:

—Eu? Nada.

O rosto do técnico iluminou-se.

—Hmmmm, concluiu, com precisão, —duas pessoas para o mesmo trabalho.

—*Pathfinder*

UM JOVEM casal enviou a uma amiga, que acabava de ter o quarto filho, um cercado de madeira para crianças. O bilhete de agradecimento deixou-os estupefatos: «O cercado é realmente providencial. Agora me sento nele todas as tardes e consigo ler um pouco. As crianças não me podem alcançar.»

—Rosamond Lee, em *Baby Talk*

Haverá algum dia outro Man o' War?

Morreu o cavalo invencivel

(Condensado de «The New York Times»)

Arthur Daley

MORREU o Rei do Turfe, sem deixar sucessor! Man o' War, o mais galhardo dos cavalos de corrida, teve enterro condigno, sendo-lhe aberta sepultura naqueles campos de pastagem por onde ele passeara majestosamente durante os últimos anos de sua velhice. Segundo disseram os veterinários, o Grande Alazão sucumbira a um ataque cardíaco; mas bem pode ser que ele tenha morrido de tristeza...

Will Harbut, seu velho tratador, falecera pouco tempo antes, e Man o' War tinha por esse negro e devotado amigo um desses profundos afetos que os animais criam às vezes por certas pessoas. O velho Will, acariciando o cavalo, costumava narrar com incontido orgulho, uma por uma, as brilhantes vitórias obtidas nos páreos de corrida pelo seu belo favorito; e ele, como que compreendendo os elogios do velho, inclinava afirmativamente a cabeça quando Will o classificava como «o melhor cavalo do mundo.» Depois, Harbut dizia-lhe com certo jeito: «Alto aí, Man!» E o cavalo ficava imovel.

Grande tinha sido a estima que os unira, durante anos, e profunda foi a saudade que o animal sentiu do amigo desaparecido. Talvez a mais comovente referência feita por ocasião da morte do velho Will, fosse aquela com que terminava o necrológio inserto no orgão oficial do turfe: «Contam-se entre os seus sobreviventes a viuva, seis filhos, três filhas e Man o' War.»

Mas o velho Will não exagerava ao dizer que Man o' War era o melhor cavalo do mundo. Com efeito, nunca houve outro como ele. Nenhum cavalo de corrida chegou, como ele, a causar tão alta emoção no público, despertando-lhe entusiasmo sem limites. Estabelecia novos recordes em quase todos os páreos em que tomava parte, e tamanha era a sua pujança, que em três corridas foi favorito na proporção de 100 para 1, inclusive no famoso páreo Belmont Stakes, que é tido como uma das mais puxadas provas para potros de três anos.

Em toda a sua rápida e brilhante carreira no turfe, Man o' War só perdeu um páreo: venceu-o Upset quando ainda potro. Um inexperiente fiscal de corridas deu o sinal de partida quando o Grande Alazão estava pateando, distraido. Ele ainda conseguiu aproximar-se da meta, com a velocidade de um raio, mas perdeu a corrida por meio corpo.

Em outra ocasião, depois do incidente de Upset, Man o' War viu-se em verdadeiro perigo de derrota. Foi quando se mediu com o cavalo John P. Grier, que levava um contra-peso muito leve. O Grande Alazão, cujo pelo, ao sol, parecia soltar faiscas, levava uma carga de 126 libras, ao passo que o contendor só levava 108. Os dois atiraram-se à liça, de galope a galope, de cabeça a cabeça, e a multidão vibrava de entusiasmo e espanto à medida que a porfia se intensificava.

A cada marco Man o' War vencia um novo recorde. Mesmo assim, não conseguia tomar dianteira ao outro. E já na reta final, John P. Grier, redobrando de esforço, surgiu de corpo inteiro à frente. Man o' War tinha encontrado por fim um competidor mais possante. Mas... teria mesmo? O velho Harbut tinha razão ao classificá-lo sem igual, porque, ao ver isso, o Grande Alazão, desdobrando as reservas de força, voava sobre a pista, e acabou ganhando por um corpo e meio. O contendor derrotado nunca mais se animou a repetir a proeza...

Quando, terminado um período de três anos de constantes vitórias, com um recorde mundial, naqueles tempos, de quase um quarto de milhão de dólares ganhos por ele, o seu dono, Samuel D. Riddle, resolveu retirá-lo da pista, Man o' War levou consigo a auréola de fama que o cercava; e depois até aumentou a sua popularidade,

ENTRE os dois e três anos de idade, Man o' War venceu 20 dos 21 páreos em que correu. Foi posto à prova e conquistou 5 recordes mundiais; e ainda hoje não foram ultrapassados os seus recordes de velocidade para uma milha e três oitavos e uma milha e cinco oitavos.

Era um gosto vê-lo a galope, com a sua graça invulgar, vencendo em cada passada 8 metros de terreno! Corria com tanta rapidez, que os rivais às vezes nos davam a impressão de estarem parados. E ele parecia ter satisfação em passar os contendores, havendo de uma feita ganho uma corrida por quase um quarto de milha. Devido à sua rapidez, exigiam nos *handicaps* que levasse grandes pesos, tendo sido esse um dos motivos por que Samuel Riddle o retirou da arena.

«Informaram-me uma vez,» confessou Riddle, «que Man o' War carregava mais contra-peso que nenhum outro cavalo havia jamais carregado. Eu sabia que esses excessos acabariam por enfraquecer-lhe as pernas.»

Riddle recebeu fabulosas ofertas, algumas de um milhão de dólares, por Man o' War; porem o dedicado desportista não quis jamais separar-se do seu famoso cavalo, que teve uma existência de quase o dobro da vida média dos cavalos de corrida. Tinha 30 anos quando morreu, o que equivale a 105 anos na escala de vida humana. — Do *Herald Tribune*, de Nova York

quando a sua fama de reprodutor lhe conquistou foros inesperados. A sua estrebaria, em Faraway Farms, perto de Lexington, tornou-se Meca obrigatória de todos os turistas.

Era um prazer vê-lo, com a cabeça escultural arrogantemente erguida, e o corpo possante e bem talhado a espelhar ao sol, cujos raios, penetrando pela janela da cavalariça, pareciam vir brincar com as bastas crinas que lhe caíam do pescoço. Avantajado de tamanho, com seus 16 palmos de altura, era uma heróica figura equestre. E era realmente um monarca nos seus paços reais, dignando-se de volver os olhos pardos e suaves para seus admiradores, num total de 2 milhões, que alí foram render homenagem ao majestoso equino. Ele parecia notar que era, com efeito, alguma coisa fora do comum.

Mas o Rei do Turfe já não existe. Ser-nos-á dado ver ainda outro Man o' War?

Os segredos da noite

UMA DAS piores heresias modernas—que eu ainda espero remediar, através de entendimentos com os responsaveis pelos horários das estradas de ferro—é a mania de que os viajantes devem chegar aos lugares pela manhã, em plena luz do sol. Desse modo, as imagens são assimiladas tão gradualmente que as pessoas, privadas do choque da surpresa (única maneira de forçar o ser humano a enxergar claramente as coisas), acabam não se apercebendo de coisa alguma. É preciso que se faça precisamente o contrário. Que o trem chegue à cidade desconhecida e promissora, sempre na calada da noite, induzindo o passageiro a esticar o pescoço para fora da janela, a respirar o ar puro e fresco da meia-noite, enquanto procura decifrar os contornos da cidade, oculta nas trevas. Que as pessoas sejam conduzidas através das ruas adormecidas e de janelas cerradas até os hotéis escolhidos; que tomem aí o seu copo de vinho frio, ou um bom trago de grogue quente, segundo a estação; e, depois de oito horas de perfeito repouso, que pulem da cama, abram as janelas e descortinem, então, de jacto, o novo mundo.

—Alastair McKay, em *The Seven Sea*

Humor centenário

CLARENCE S. JACKSON conta que seu pai, o famoso fotógrafo William H. Jackson, depois de ser fotografado no dia em que completou 98 anos, ouviu do jovem e amavel colega que lhe tirara o retrato:

—Muito agradecido, Mr. Jackson, espero ter o prazer de tirar-lhe outro retrato, no dia do seu centenário.

O ancião olhou-o, de alto a baixo, e replicou:

—Por que não? O sr. parece ter excelente saude.

—Colaboração de Cleveland Amory

J. EDGAR HOOVER—
mestre de investigadores

(Condensado de «Coronet»)

Por Bill Davidson

DURANTE a última guerra, entre as ruinas da cidade francesa de Avranches, um correspondente de um jornal americano viu dois meninos que brincavam no entulho, disparando tiros imaginários um sobre o outro. O jornalista perguntou a um deles:

—De que estão brincando? De Gestapo e Resistência?

—Não, respondeu o francesinho. —Meu amigo é Al Capone e eu sou J. Edgarr Uverr.

Em lugares tão remotos quanto Arcangel, na Rússia, e Jodhpur, na Índia, os três norte-americanos mais conhecidos são Franklin D. Roosevelt, o Camondongo Mickey e J. Edgar Hoover, chefe dos *G-men* (agentes do governo federal).

Esse renome mundial deve-se às extraordinárias proezas do FBI (Bureau Federal de Investigações). Durante a guerra, não se registou um único caso de sabotagem dirigida pelo inimigo, nos Estados Unidos, e, até onde é possivel apurar-se, nenhum agente do inimigo chegou às plagas do país sem que os brilhantes investigadores de Hoover lhe descobrissem a pista. No setor criminal, o total incrivel de 97,6 por cento dos processos movidos pelo FBI culminou em condenações, em comparação com a média geral de 35 por cento de condenações obtidas pelas polícias estaduais e municipais. Em consequência, os malfeitores norte-americanos de maior vulto dão-se o máximo cuidado para inventar meios de perpetrar crimes que não estejam previstos nas leis federais.

Por vezes, contudo, todo esse cuidado é pouco. Citemos um exemplo:

Joel Thomas Pierce, proprietário de um clube nos arredores de Savana, Geórgia, explorava o lenocínio sem interferência por parte das autoridades locais.

«Desde que as minhas pequenas não transponham as fronteiras do Estado,» blazonava ele, «o FBI não pode pegar-me.»

Em maio de 1943, entretanto, os *G-men* prenderam-no por ter violado uma velha lei federal que proibe a servidão involuntária. Pierce caiu na armadilha da lei porque pagava suas vítimas com roupa e comida em vez de dinheiro, obrigando-as, com brutais espancamentos, a ficarem no clube. Por ter assim subestimado o alcance do braço de J. Edgar Hoover, Pierce foi condenado a dez anos de reclusão.

Há dois decênios, a Divisão Federal de Investigações—tal se denominava então—era uma força policial insignificante. A Divisão não possuia arquivo dactiloscópico, nem tãopouco um laboratório de pesquisas para a solução de crimes.

O próprio J. Edgar Hoover foi o fator precípuo na transformação desse triste aglomerado no eficiente Bureau atual, com seus 3.800 agentes—todos dotados de instrução superior—seu arquivo de 106 milhões de impressões digitais, vastíssimos laboratórios, técnicos e aparelhagem de treinamento. O diretor do FBI é, talvez, um dos civís norte-americanos que mais honrarias têm recebido em seu tempo, possuindo dois diplomas universitários, 15 graus honorários e muitas outras distinções.

John Edgar Hoover nasceu em Washington, no dia de Ano Novo, em 1895. Seu pai era um funcionário público subalterno e sua mãe, neta de um pedreiro suiço que lavrara colunas para o edifício do Congresso dos Estados Unidos. Apesar de muito jovem quando o pai morreu, John conseguiu cursar aulas noturnas na Faculdade de Direito da Universidade de George Washington, enquanto trabalhava, de dia, como mensageiro da Biblioteca do Congresso.

Em 1917, Hoover conquistou o título de Mestre em Direito e agregou-o ao grau de Bacharel em Ciências Jurídicas, que possuia, empregando-se, então, no Ministério da Justiça. Durante a primeira guerra mundial, dedicou-se à contra-espionagem.

Foi em 1924, com a idade de 29 anos, que Hoover assumiu a chefia do departamento, já então denominado FBI. Exonerou os políticos que serviam no Bureau e nomeou um punhado de advogados e contadores jovens e probos. Foi-lhes incutido o dito de Hoover: «*Mais vale o tubo de ensaio do que o casse-tête.*» A seguir, Hoover começou a reunir seu enorme arquivo dactiloscópico e organizou os laboratórios ultra-modernos para a solução de crimes. Mais tarde, fundou a Academia Nacional do FBI, onde os polícias das forças locais fazem estágio, aprendendo métodos modernos, para depois voltarem aos seus postos e disseminarem em suas próprias corporações os conhecimentos adquiridos.

As reformas não foram efetuadas de um só golpe e, até 1932, Hoover tinha

as mãos atadas, devido à inexistência de leis federais que lhe dessem jurisdição em casos de crimes de violência. Nisto, surgiu uma onda de raptos e de assaltos a bancos, que produziram forte indignação no país inteiro. Bandidos tais como Kelly «Metralhadora», Nelson «Cara de Bebê,» Floyd «Bonitão» e outros da mesma estirpe perpetravam graves crimes e evadiam-se, a seguir, de estado para estado, vendo-se as polícias locais impossibilitadas de perseguí-los. Estas, confessando o fracasso, instaram o governo nacional a organizar uma polícia que pudesse transpor os limites estaduais.

O Congresso acabou por aprovar uma série de leis que permitia ao FBI agir quanto a quase todos os crimes graves cometidos em qualquer parte do território dos Estados Unidos. Não tardou que fosse sustada a vaga de crimes. Em 1935, já John Dillinger, Ma Barker, Clyde Barrow, Nelson e Floyd estavam todos encarcerados ou mortos.

Quem primeiro apelidou os agentes do FBI de *G-men*—nome por que são conhecidos—foi justamente Kelly, fascínora que, enquanto toda a nação andava à sua procura, mandou cartas a Hoover dizendo que estava passando bem e tomando muita cerveja... O FBI, entretanto, localizou o esconderijo de Kelly, em Memphis, com a colaboração da polícia da cidade.

Varejaram o apartamento de madrugada. Quando um agente arrombou a porta aos ponta-pés, Kelly estava encolhido num canto balbuciando:

—Não atirem, *G-men!*

—Que é que você disse? perguntou, ressabiado, um dos agentes federais.

—*G-men*, government men (homens do governo), disse Kelly.

O próprio Hoover tomou parte em várias capturas. Quando o Senador McKellar o acusou, em pleno Senado, de nunca arriscar a pele, o chefe do FBI entrou em ação e efetuou, ele próprio, a prisão de Alvin Karpis, o «Inimigo Público Número Um», daquela época.

Quando rebentou a segunda guerra mundial, já a estrela dos grandes *gangsters* estava em franco declínio. Atacado Pearl Harbor, quase todos os agentes inimigos mais perigosos foram detidos no prazo de 48 horas. Fracassou a única tentativa de sabotagem alemã, de maiores proporções (ocasião em que oito agentes foram desembarcados de submarinos, em Long Island e na Florida), pois todos cairam em poder do FBI, no espaço de uma semana.

Hoje em dia Hoover tem que zelar pela observância de umas 120 leis federais. Alem disso, existe uma ordem do poder executivo que o manda cooperar na investigação de todos os funcionários civís da Comissão de Energia Atômica e realizar investigações preliminares, nos termos do «Programa de Lealdade» do governo federal. Neste último caso, o FBI apenas transmite à repartição competente as informações relativas ao indivíduo, abstendo-se de fazer recomendações. Cabe então àquela exonerar o funcionário, se lhe parecer justificada essa providência.

Hoover já foi tambem chamado a garantir os direitos civís dos negros, principalmente em casos de lincha-

mento. É um trabalho árduo e ingrato, que reduz a média de condenações obtidas pelo FBI aos 97,6 por cento atuais. Em Greenville, na Carolina do Sul, por exemplo, onde motoristas de taxi teriam linchado um negro, de nome Willie Earle, as mais minuciosas investigações, e até as confissões dos réus, não bastaram. O juri local recusou-se a condená-los.

Hoover não tem mãos a medir para viajar de cidade em cidade, visitando as 51 agências regionais, que têm autonomia nas contravenções verificadas nas respectivas zonas. Em Washington, dedica 13 horas por dia ao trabalho, no seu gabinete, e muitas vezes trabalha em casa até a meia noite.

Para divertir-se, o diretor faz visitas ocasionais às *boîtes* de Nova York, mas, mesmo aí, toma notas. «Por vezes,» diz, «descubro muita coisa ouvindo os frequentadores dos cabarés...»

Hoover preocupa-se bastante com certas acusações que lhe fazem continuamente. A extrema esquerda já lhe chamou «o chefe fascista da Gestapo norte-americana.» Outros extremistas consideram-no um «adepto dos vermelhos,» acusação que foi reavivada quando ele declarou, perante uma comissão do Congresso, no ano passado, que o partido comunista não devia ser proscrito, e sim, apenas, desmascarado.

Até o presente, a União Defensora dos Direitos Civís ainda não conseguiu indigitar um único agente do FBI por ter violado esses direitos. Nenhum agente foi condenado por ter recorrido à brutalidade e jamais se provou nenhum caso de detenção injustificada.

Hoover nunca permitiu, tãopouco, que o FBI fosse usado como arma para reprimir greves, o mesmo não se podendo afirmar de muitas forças policiais. Durante uma das grandes greves de amplitude nacional, no ano passado, instaram com o diretor do FBI para que este mandasse seus agentes mover uma campanha contra os maiorais dos sindicatos, à cata de infrações de obscuras leis federais. Hoover recusou-se a fazê-lo.

A lenda de que Hoover seja um empedernido e desiludido caçador de criminosos, que nunca comete erros, não é de todo fundamentada. Não faz muito, enquanto ele cultivava sua horta, surgiu um desconhecido guiando um caminhão; elogiando a horta de Hoover, observou:

—Escute, parceiro: tenho aquí um caminhão cheio de esterco de carneiro, o melhor adubo que há. Fiquei de fazer entrega logo alí, mas não tem ninguem em casa. Que tal se eu vendesse o estrume p'ro senhor, pela metade do preço?

Hoover pagou-lhe 30 dólares. Naquela mesma noite, veio visitá-lo o vice-diretor Clyde Tolson, e Hoover mostrou-lhe orgulhosamente a aquisição que fizera.

—Esterco de carneiro? perguntou Tolson, que fora criado numa granja.
—Ora, isso é quase tudo terra e serragem. Você foi tapiado...

O diretor do FBI empenhou-se pessoalmente na solução do Caso do Motorista Fugaz, mas ainda não conseguiu achar o paradeiro do meliante.

Quem não compareceu ao encontro?

Robert Zacks

Um amigo meu contou-me esta história e, como ele já é falecido, não vejo inconveniente em narrá-la...

Isto aconteceu numa dessas pitorescas estalagens dinamarquesas que hospedam turistas e onde se fala o inglês. Alí estava eu com meu pai, em viagem de recreio e negócio, e em nossas horas de folga divertíamo-nos a valer.

—É uma pena que sua mãe não pudesse ter vindo, disse papai.—Gostaria que ela visse tudo isto.

Papai, quando ainda moço, visitara a Dinamarca. Perguntei-lhe:

—Quanto tempo faz que você esteve aquí?

—Há uns 30 anos... A propósito, lembro-me de haver estado nesta mesma estalagem.

Olhou em redor, recordando. Bons tempos aqueles.

Parou de repente, e notei que ele estava pálido. Pelo olhar, vi que acompanhava, através da sala, os movimentos de uma mulher que distribuia uma bandeja de bebidas a um grupo de fregueses. Talvez tivesse sido bela noutros tempos, mas agora estava pesadona e tinha o cabelo desalinhado.

—Você a conhece? perguntei.

—Conhecí-a há tempos...

A mulher aproximou-se de nossa mesa, e logo inquiriu, com certa rudeza:

«Querem tomar alguma coisa?»

Mandei vir cerveja. A mulher fez um aceno de cabeça e saiu.

—Como ela mudou! Graças a Deus ela não me reconheceu, murmurou meu pai, passando o lenço no rosto.
—Conhecí-a antes mesmo de haver encontrado sua mãe, continuou.—Era um verdadeiro encanto. Apaixonamo-nos loucamente um pelo outro.

—Mamãe sabe desta história? perguntei bruscamente, já um tanto ressentido.

—Naturalmente que sabe, respondeu ele com doçura.

Olhava para mim com certa ansiedade. Sentí-me constrangido, menos por mim que por ele próprio.

—Pai, não é preciso você explicar...

—Mas eu quero explicar. Você precisa saber, para não ficar imaginando

coisas. O pai dela era contra o nosso namoro. Eu era estrangeiro, não tinha futuro e dependia de meu pai. Quando escreví a papai dizendo que queria casar, ele me cortou a mesada. Tive que voltar para casa. Mas encontrei-me com a moça ainda um vez. Expliquei que voltaria à América, contrairia um empréstimo que me permitisse levar a efeito o nosso projeto de casamento, e voltaria a ela dentro de poucos meses.

—Como sabíamos que o pai dela podia interceptar as cartas, combinamos que eu poria no correio apenas um pedaço de papel com a data em que ela devia encontrar-se comigo num determinado lugar. Logo depois, nós nos casaríamos. Tudo combinado, voltei aos Estados Unidos, arranjei o empréstimo e comuniquei-lhe a data.

—E que foi que aconteceu? indaguei.

—Ela recebeu o bilhete e escreveu-me: esperaria no lugar indicado. Mas não esperou. Descobrí depois que ela havia casado quinze dias antes, com o administrador de uma estalagem. Dou graças a Deus que ela não me tivesse esperado, rematou meu pai. —Voltei para casa, conhecí sua mãe e desde então temos sido inteiramente felizes. Muitas vezes nos divertimos à custa desse romance da mocidade...

A mulher apareceu com a nossa cerveja.

—Os senhores são americanos? perguntou-me.

—Somos, respondí.

O semblante dela iluminou-se.

—Grande país, a América.

—De fato, e muitos patrícios seus emigraram para lá. Nunca pensou em ir tambem?

—Eu, não. Já pensei nisso uma vez, há muito, muito tempo. Mas acabei ficando. É muito melhor aquí...

Tomamos a nossa cerveja e saimos. Na rua perguntei:

—Papai, como é que você escreveu a data em que ela devia encontrá-lo?

Ele parou, tirou do bolso um envelope e rabiscou a data.—Foi assim, disse:—12-11-13, que equivale, naturalmente, a 11 de dezembro de 1913.

—Não! exclamei.—Só é assim nos paises de língua inglesa, mas não nos outros. Aquí na Dinamarca, eles escrevem primeiro o dia, depois o mês. De sorte que a data marcada não era 11 de dezembro, e sim 12 de novembro!

Papai passou a mão pelo rosto.

—Então ela compareceu! E por que eu não vim ela se casou com outro.

Ficou um momento silencioso.

—Bem, continuou.—Faço votos que ela seja feliz. Aliás, parece mesmo...

Quando retomamos o nosso caminho, quebrei de novo o silêncio.

—Foi ótimo que as coisas tivessem acontecido como aconteceram. De outra forma você não teria encontrado mamãe.

Papai envolveu-me os ombros com o braço, olhou-me com um sorriso repassado de ternura, e disse:

—Fui duplamente feliz, pois de outra forma tambem não o teria conhecido, meu filho.

Um erro fundamental dos norte-americanos em sua interpretação do mundo impede o país de formular uma política exterior acertada

RIVALIDADE ENTRE AS NAÇÕES

(*Condensado de «The Atlantic Monthly»*)

Por Walter Lippmann

SE ESTUDARMOS a história das relações exteriores dos Estados Unidos nos últimos 40 anos, seremos surpreendidos por um paradoxo extraordinário. Durante esse período, o país tornou-se uma das principais potências do mundo, apesar de se haver visto a braços, por duas vezes, com os terriveis problemas da guerra e da paz. Pode-se, porem, dizer que os americanos conseguiram formular uma política externa capaz de conduzí-los adequadamente através dos acontecimentos do mundo atual?

Não há dúvida de que venceram as duas guerras. Mas em todas as questões capitais, a diplomacia americana tem fracassado. Não pôde prevenir a guerra, ou evitá-la. Não preparou os cidadãos para a guerra. Não pôde sequer consolidar a paz que se seguiu às guerras vitoriosas.

Agora, discute-se no país a possibilidade de uma terceira guerra mundial. Urge, pois, saber se, de fato, está a nação envolvida num ciclo fatal de guerras que geram outras guerras, sempre mais selvagens que as precedentes e, como estas, nada decisivas. A essa sombria interrogação, poderíamos responder que se as previsões atuais dos americanos não forem mais exatas que as anteriores, durante e após a Primeira e Segunda Guerra Mundiais, serão eles, uma vez mais, surpreendidos e decepcionados pelos acontecimentos.

O século XX presenciou a elevação dos Estados Unidos a uma posição proeminente entre as nações, com imensa responsabilidade na configuração dos destinos da humanidade. Essa ascensão foi marcada pelo esboroar sucessivo de promissoras declarações de política, altamente inspiradas: a neutralidade de Wilson, os Quatorze Pontos de Wilson, e o Pacto da Liga das Nações; os tratados de desarmamento de Washington e o Pacto Antibélico Kellogg; o Plano Dawes, o Plano Young e a Moratória de Hoover para reconstruir o mundo depois da Primeira Grande Guerra; a doutrina

Stimson para prevenir agressões; a Lei de Neutralidade, antes da Segunda Grande Guerra; os discursos de Franklin Roosevelt e as Quatro Liberdades, os Dezessete Pontos de Hull, e a Carta do Atlântico, a Declaração de Ialta e a Doutrina Truman.

Quando refletimos sobre essa série de declarações e sobre as decepções que produziram, sentimo-nos chocados pelo contraste entre a capacidade que têm os Estados Unidos de desenvolver o seu poderio como nação e a incapacidade de utilizá-lo com propriedade. Para falar com clareza, a origem desses insucessos reside na formulação da política norte-americana —isto é, na determinação adequada de quando, como e com que objetivo se deve empregar o enorme poder e a influência que o país foi capaz de criar.

Procuremos a causa desses insucessos diplomáticos nos próprios hábitos de pensamento dos americanos. A série de fracassos sistemáticos que caracterizam a sua política externa, desde Woodrow Wilson a Harry Truman, deve-se à infiltração, entre os próprios americanos, bem como entre estes e o mundo exterior, de uma série de preconceitos estereotipados, de tabús, e concepções eivadas de otimismo infundado, que desvirtuam a natureza das coisas, deturpam a essência dos fatos e impossibilitam a delineação de uma política realista e prática.

Nós, norte-americanos, trazemos conosco, desde a «idade da inocência», no século XIX, em que estávamos alheios às rivalidades entre as demais nações, uma imagem abstrata e falsa do mundo em que vivemos. Dentro desse quadro, a luta pela existência, os choques e conflitos entre estados, as conquistas materiais não passam de anormalidades transitórias. Devido a essa crença, o nosso propósito não tem sido ajustar, moderar e conciliar as facções em luta. Ou nos abstemos de todo, ou pregamos a suspensão imediata da luta ou mobilizamos uma cruzada contra as nações mais combativas. Nossa aversão a reconhecer a normalidade dos conflitos entre estados é a principal responsavel pelo insucesso da diplomacia americana.

Em diplomacia, quando a vida e a morte estão em equação, o problema confiado ao formulador da política não consiste na seleção feliz dos objetivos mais desejaveis, mas dos objetivos possiveis. Se examinarmos, porem, as grandes linhas da política externa americana, veremos, como traço dominante, uma disposição indisfarçavel para encarar os fatos em termos absolutos: ou tudo ou nada, isolacionismo ou universalismo, neutralidade ou cruzada, abolição da guerra ou a própria guerra preventiva.

Não há lugar, nessa concepção artificial do mundo, para a adoção de fins ou meios ilimitados, para o equilíbrio de forças, para a demarcação das esferas de influência e de poder, para a acomodação, o reajuste, a conciliação, elementos básicos de uma diplomacia eficiente.

O uso do poder para alcançar e manter um equilíbrio de forças é tachado,

pelos plasmadores da ideologia americana, de «política da força». Consideram «apaziguamento» o reconhecimento das esferas de influência. Entretanto, na falta de um poder universal, impõe-se a existência de um equilíbrio entre as várias potências e o reconhecimento das respectivas esferas de influência.

Deslumbrados por essa imagem ideológica do mundo, excluem os americanos, do seu pensamento, a própria essência da diplomacia. Desejariam mesmo declarar ilegal essa essência, excomungando todos quantos a discutissem. Obstinam-se em considerar a rivalidade entre as nações como um fenômeno descabido nas relações entre homens de bem. Não tentam dissipar essa rivalidade, simplesmente porque julgam que ela não deveria existir. Desse modo, confinam-se às três bitolas da sua política: desprezar a rivalidade, mediante uma proclamação de neutralidade; negar a rivalidade, e acreditar que a mesma desaparecerá uma vez que as nações sejam membros de uma sociedade universal; ou conduzir cruzadas de aniquilamento contra os leões que não quiseram conviver pacificamente com as ovelhas.

Que relação têm essas reflexões com o assunto que tão vivamente nos preocupa a todos: as relações dos Estados Unidos com a União Soviética, com a qual os americanos sustentam uma guerra diplomática de âmbito mundial?

Inicialmente, para se compreender a questão russa, parece-me indispensavel reconhecer o fato histórico de que a divisão entre o leste e o oeste da Europa, a rivalidade entre a Rússia e as nações ocidentais não começou com Marx, Lênine ou Stáline, nem terminaria se o regime soviético fosse abolido. A divisão cultural e ideológica da Europa é tão antiga quanto a divisão da Cristandade entre Roma e Bizâncio. A rivalidade imperial com a Rússia no Báltico, na Europa oriental e central, nos Balcãs, no Médio e Extremo Oriente ocupou tanto a diplomacia dos czares como a dos comunistas. A rivalidade com a Rússia é um problema novo para os Estados Unidos. O Ministério do Exterior da Grã Bretanha, porem, ocupa-se do assunto há mais de 150 anos. E os americanos devem ter presente o fato de que essa mesma preocupação os absorverá ainda por muitos anos.

Cumpre abandonar a noção de que é preciso optar entre um mundo só, em que russos e americanos seriam sócios, e dois mundos, em que seria necessário aniquilar os russos ou ser por eles aniquilados. Não creio que seja mister abraçar os russos ou combatê-los, ter paz perfeita ou guerra total. A melhor política, a meu ver, seria reconhecer que a rivalidade continuará, e não acreditar que possa ser dissipada pelas Nações Unidas ou por uma guerra vitoriosa; e, uma vez reconhecido esse fato, caberia aos americanos empregar todo o seu poder e influência para conter a rivalidade dentro de determinados limites, estabelecer esferas de influência, um equilíbrio de forças tanto quanto possivel estavel. O

propósito dos Estados Unidos é estabelecer com os russos uma corrente normal de intercâmbio, comerciar com eles, friamente, astutamente, sem receios mas tambem sem esperanças extravagantes, com empenho em proceder com justiça, tanto quanto possivel, num campo em que as partes se guiam por princípios morais distintos.

Estou convencido de que os Estados Unidos têm poder e influência capazes de resolver suas questões com a Rússia, se os empregarem com eficiência. Resolvê-las, porem, sem pretender alcançar utópicas unanimidades, harmonias ideológicas e a abolição de todas as divergências, mas sim por meio de uma trégua na «guerra fria», de um *modus vivendi* durante o qual as nações pudessem refazer-se das destruições da guerra; por meio de tratados que promovessem a retirada das tropas de ocupação da Europa e a devolução da Europa aos europeus.

A tarefa não é facil. Exigirá a pressão do poder, que susceptibiliza os infensos à «política de força». Exigirá transações tanto políticas como econômicas, tão do desagrado dos inimigos do «apaziguamento». Mas se uma trégua, um *modus vivendi* e um tratado são dificeis de alcançar pela força e pela transigência, tambem é certo que nada se pode obter se não se tiver a força em uma das mãos e na outra a faculdade de transigir.

Se os americanos não usarem os processos clássicos da diplomacia—perene combinação da força e da transigência—teremos pela frente uma era de desintegração no mundo civilizado, seguida, talvez, por uma guerra selvagem, universal e, sobretudo, como as anteriores, não decisiva.

A modéstia do General

EISENHOWER, ao conferir a Medalha de Mérito a um grupo de correspondentes de guerra, lamentou não possuir suficientes dotes oratórios para fazer justiça aos agraciados.

«Isso me faz lembrar a minha meninice numa fazenda,» contou o General. «Um velho fazendeiro tinha uma vaca que nós desejávamos comprar. Fomos um dia visitá-lo e perguntamos pelo *pedigree* da vaca. Como ele não soubesse o que significava *pedigree*, perguntamos-lhe sobre o grau de gordura do leite. Respondeu-nos não ter a menor idéia. Perguntamos, finalmente, quantos litros de leite produzia a vaca, por ano. O fazendeiro abanou a cabeça e disse:—Não sei. Mas posso lhe assegurar que é um animal honesto e lhe dará todo o leite que tiver!

«Bem,» concluiu o General, «é o que lhes posso prometer. Dar-lhes-ei tudo o que tiver.»

—Gerry Robichaud, no *Independent*, de Pasadena

Aonde irá agora este homem de múltiplas carreiras?

O incrivel Mountbatten

(Condensado de «National Home Monthly»)

Por Lawrence e Sylvia Martin

LOUIS MOUNTBATTEN, Conde da Birmânia e Governador Geral da Índia, é uma das personalidades mais romanescas e paradoxais do nosso tempo.

É, ao mesmo tempo, o aristocrata de sangue real que tirou o governo trabalhista inglês dos sérios embaraços em que este se viu metido o ano passado, devido à questão da Índia; o rico mundano que fez do destroier *Kelly* uma espécie de pesadelo para os nazistas em dois oceanos; o chefe idolatrado dos heróicos «Comandos», que acabou assumindo a direção suprema do teatro de guerra no sueste da Ásia.

Homem de bela aparência, Mountbatten provoca, à primeira vista, certa antipatia em outros homens; mas raras vezes seu encanto pessoal deixa de conquistar-lhe o respeito e a fiel amizade de todos eles. Não é somente pela coragem que ele faz jus à lealdade de seus comandados: é tambem porque sabe manter-se sempre idêntico a si mesmo, quer se encontre entre os marujos que esfregam o convés de um navio, quer entre os grandes do mundo. Gosta de sentir-se em foco, adora o espetacular, as paradas e as fardas vistosas, se bem que não leve nada disso a sério... Surgindo sempre em cena no momento crítico, com o impulso e a agilidade de um personagem das novelas de capa-e-espada, ele soube tornar-se o herói romântico do nosso tempo.

Se alguem lhe faz notar esse fato, sua resposta é típica do homem, pela honestidade e pelo prosaismo: «Na verdade, minha inteligência é bem limitada... Se tive algum êxito, foi graças a trabalho duro...»

Mountbatten nasceu a 25 de junho de 1900, filho de uma neta da Rainha Vitória. Seu pai era o Príncipe Louis de Battenberg, alemão de nascimento, que, tendo-se tornado súdito britânico, ascendeu ao alto cargo de Primeiro Lorde do Almirantado. No batizado do pequeno Louis produziu-se um pitoresco incidente, que bem poderia considerar-se de bom agouro:

quando seu tio e padrinho, o Czar Nicolau de Todas as Rússias, lhe estava dando o nome de Louis Francis Albert Victor Nicholas, o nobre bebê, em sinal de protesto, arrancou os óculos do nariz da Rainha Vitória, sua bisavó!

Apesar de tantos nomes a escolher, acabaram dando-lhe o apelido de Dickie. Em 1917, quando a opinião inglesa estava mais exacerbada contra os alemães, o pai anglicizou o nome, traduzindo-o para Mountbatten.

À idade de 12 anos, Dickie fez o seu aprendizado na marinha de guerra inglesa; chegada a primeira conflagração mundial, serviu no posto de guarda-marinha. Nunca brilhou como estudante, e seus colegas achavam graça nos esforços que ele fazia: «Para que amolar-se tanto, se ele tem tão boas relações?» perguntavam. Esforçando-se desesperadamente por despertar uma inteligência que teimava em ficar para trás, Dickie recorria a expedientes de toda ordem. Por exemplo, sentindo-se incapaz de aprender o código telegráfico Morse, pagou a um telegrafista para que este passasse as noites remetendo-lhe mensagens no referido código, enquanto ele dormia com os fones colados aos ouvidos, de modo a habituar o sub-consciente àqueles sinais! Mas nem mesmo assim conseguiu aprendê-los. Tudo lhe saía errado, até descobrir que só era capaz de começar a dominar qualquer assunto depois de haver desencantado os princípios básicos do mesmo. Então, tudo se lhe tornava tão lúcido e claro, que era capaz de escrever livros a respeito, e aliás chegou mesmo a fazê-lo.

Nomeado instrutor de rádio-telegrafia na Escola de Sinaleiros de Portsmouth, compilou um manual sobre a matéria, e pouco depois publicava um livro de texto escolar a respeito de aparelhos de transmissão e recepção de rádio em alto mar. Pode dizer-se que os muitos manuais técnicos de sua autoria, ele os escreveu principalmente para ensinar a si mesmo...

Pouco depois de 1920, Dickie foi nomeado ajudante-de-ordens de seu primo e colega de infância, o Príncipe de Gales, hoje Duque de Windsor. O Príncipe, exímio no jogo de polo, obrigava Dickie a fazer figura de tolo durante as partidas. Sem se dar por achado, Mountbatten mandou fazer um filme do jogo, em câmara lenta, graças ao qual lhe foi possivel analisar detidamente todos os movimentos desse esporte. Fez depois um longo tirocínio secreto das táticas do polo, servindo-se de uma mesa de bilhar como campo de jogo. E um belo dia fez surgir de surpresa um time naval de «marinheiros a cavalo», que ele próprio chefiava, levando-o a conquistar o primeiro lugar nos desafios de polo entre as diversas armas! Note-se que a sua *Introduction to Polo*, publicada sob o pseudônimo de «Marco», é ainda hoje um livro clássico sobre esse esporte.

Mountbatten soube tambem levar seu engenho técnico ao capítulo da guerra: entre as suas contribuições nessa matéria, contam-se aperfeiçoamentos do rádio naval, um novo tipo de ponte para destróieres, e o *Mountbatten Station Keeper*, dispositivo por meio do qual se torna possivel manter em rigorosa formação naval as diversas unidades que constituem uma frota.

Durante o alegre período que se seguiu à guerra de 1914, poucas pessoas puderam aperceber-se dos reais talentos que ornavam o despreocupado companheiro de juventude do Príncipe de Gales. Após um namoro ciclônico, Mountbatten casou-se com Edwina Ashley, neta de Sir Ernest Kassel, conhecido financista; e foram acabar a lua-de-mel em Hollywood. A Rainha Mary, esposa de Jorge V, espantou-se ao ler nos jornais que Edwina dançara o Charleston com Fred Astaire. Daí a algum tempo, o Tenente Mountbatten partia em serviço a bordo de um dos navios da Esquadra do Mediterrâneo; a esposa seguiu-o por terra, de país em país, para encontrar-se com ele sempre que a esquadra lançava ferro em um porto. Quando já lhes tinham nascido duas filhas, Patrícia e Pamela, o casal fez uma nova aquisição: a Princesa Alice, irmã de Lorde Louis, e o marido, o Príncipe André da Grécia, que viviam exilados em París, haviam resolvido que seu filho Philip, então com oito anos de idade, fosse criado e educado como inglês, para dar mais tarde entrada na marinha britânica. Pediram aos Mountbatten que tomassem o menino sob sua proteção. Este Philip é o rapaz que, sob o nome tambem de Mountbatten, se consorciou há pouco com a Princesa Elizabeth, herdeira do trono inglês.

De regresso a Londres em 1932, os Mountbatten construiram ali o primeiro *penthouse*, isto é, um apartamento erigido sobre o terraço de um edifício. Louis encheu os 25 aposentos do seu *penthouse* com dispositivos e aparelhos mecânicos: botões elétricos, olhos elétricos, uma sala de jantar conversivel em cinema, e um ascensor de alta velocidade, especialmente importado dos Estados Unidos.

Em sua casa de campo, chamada Broadlands, os hóspedes, admirados, deparavam de vez em quando com filhotes de leão e cangurú, e outros animais de estimação pouco comuns. Essas eram as contribuições de Lady Edwina ao encanto do lar... Durante as longas temporadas que o esposo passava no oceano, em serviço, em vez de seguí-lo de porto em porto, como outrora, ela partia em demoradas explorações pelos mares do sul e o interior da Pérsia e da China.

Já na fase crítica que precedeu a guerra, Lorde Louis foi promovido ao posto de capitão, e confiaram-lhe o comando de uma esquadrilha de destróieres. Dois meses depois, as legiões de Hitler transpunham a fronteira da Polônia. Quando o Capitão Louis pôs pé a bordo do seu navio, o *Kelly*, disseram-lhe que seriam precisos vinte dias de trabalho para pô-lo em condições de navegar e combater. O Lorde deixou escapar uma interjeição algo profana, passou a dar ordens, e daí a pouco era o primeiro homem a descer num andaime, com um balde de tinta, para pintar o costado do navio. Três dias depois o *Kelly* estava aprestado, pronto a fazer-se ao mar!

Quatro vezes, durante a guerra, viu Mountbatten seus navios bombardeados. Chegaram até a explodir-lhe sob os pés. Quando o *Kelly* foi torpedeado ao largo da Noruega, em 1940, o Capitão Louis recusou-se a abandoná-lo: durante quatro dias, aguentando-se no posto e navegando sob incessante bombardeio e tiroteio, conseguiu que o *Kelly* se fosse arrastando mar em fora até poder levá-lo a bom porto, já com as ondas a varrer-lhe o tombadilho.

Churchill nomeou Mountbatten para o posto de Comandante das Operações Combinadas, que acabava de ser criado. O Lorde tornou-se assim o primeiro oficial «trifíbio» da história militar,—isto é, oficial de três armas distintas: vice-almirante, tenente-general, e marechal do ar... Um dos seus papéis menores, em toda a fase da guerra, foi o de chefe dos «Comandos», chamados popularmente pelo nome de «Anjos de Mountbatten». Nesse posto, planejou e comandou os desembarques, que ficaram famosos, em Vaagö, St. Nazaire, Diepe e no Norte da África.

Foi uma verdadeira bomba de surpresa quando, em seguida, Churchill o nomeou para o comando supremo do Sueste da Ásia. Muitos oficiais de categoria dos exércitos aliados vinham-se empenhando para obter esse invejado posto. Quando alguem perguntou ao sr. Knox, ministro da Marinha dos Estados Unidos, por que razão fora escolhido aquele inglês de «sangue azul», o ministro respondeu: «Porque ele é o mais competente!»

Durante os piores dias da campanha da Birmânia, Mountbatten contraiu a temivel disenteria amebiana. Seu médico ordenou-lhe que ficasse de cama durante um mês. O doente respondeu com outra de suas exclamações sacrílegas. O médico então deu-lhe logo uma droga, que teria posto qualquer outro a dormir durante horas: não via outra forma de obrigá-lo a deitar-se. No mesmo dia em que tomou a droga, Mountbatten ficou, porem, trabalhando desde o amanhecer até depois da meia-noite.

No ano passado, Lorde Mountbatten foi nomeado Vice-Rei da Índia pelo governo trabalhista, o que muito o surpreendeu. Essa última tarefa foi por certo uma das mais delicadas missões diplomáticas já registradas na história do Império Britânico. A Inglaterra se comprometera a retirar-se da Índia até junho de 1948. Faltavam somente um ano e dois meses...

Tudo então estava ainda confuso, longe de maduro para a solene cerimônia de entrega do governo. Os muçulmanos de Alí Jinnah mostravam-se partidários intransigentes da divisão; Nehru e o falecido Gandhi mantinham-se inflexiveis na manutenção da unidade da Índia.

Mountbatten não tinha a menor experiência política, e agora caía-lhe nas mãos uma tarefa política por excelência, em que os mais habeis estadistas haviam falhado! Por que motivo fora então ele o escolhido? Para conseguir explicá-lo, teremos que recuar alguns anos: enquanto estivera em Singapura, Mountbatten fizera amizade (muito à sua maneira) com um dos mais encarniçados inimigos da Grã Bretanha: Nehru, o lider de maior influência na Índia, depois do Mahatma Gandhi. A solução do problema indiano nasceu desse encontro dos dois em 1945.

Em meados de 1946 o governo inglês mandou à Índia uma missão, chefiada por Sir Stafford Cripps, que voltou de lá sem ter conseguido avançar um passo. Os líderes indianos diziam que, para levar a bom termo as negociações, era preciso um homem capaz de dominar em pouco tempo todos os intrincados pormenores do problema, saltar por cima dos impecilhos burocráticos, e conquistar a confiança do Congresso Pan-Indiano e da Liga Muçulmana.

Poucos meses depois, Nehru foi a Londres de avião, em rápida visita. Logo após o seu regresso à Índia, Mountbatten recebeu a inesperada notícia de que ia partir para Nova Deli na categoria de Vice-Rei, com inteira liberdade de ação para solucionar o insoluvel...

O primeiro triunfo do novo Vice-Rei consistiu em juntar numa conferência Gandhi e o seu implacavel inimigo Jinnah, chefe da Liga Muçulmana. Continuou depois o seu trabalho, totalmente isento da velha diplomacia dos punhos de renda. Por exemplo, em lugar de ditar pomposas cartas oficiais, convidava os homens de influência para virem conversar com ele sem a menor cerimônia. A maior parte desses visitantes haviam passado anos nos cárceres ingleses. Mas Mountbatten os acolhia como se visse neles os legítimos herdeiros do governo da Índia. Dessa maneira conseguiu levar a cabo a partilha da Índia entre hindús e muçulmanos, no espaço vertiginosamente curto de dois meses e nove dias —ou seja, desde fins de março, em que tomou posse do cargo, até ao dia do acordo, 3 de junho de 1947.

Durante as cerimônias que marcaram a entrega formal do governo da Índia aos seus líderes, Mountbatten teve de ser socorrido pela polícia, pois a multidão dos seus exaltados admiradores quase ia dando cabo dele. Os líderes do Congresso (partido predominantemente hindú) rogaram-lhe, nos termos da mais eloquente homenagem, que ficasse na Índia como Governador Geral, até que o novo governo constitucional fosse organizado e iniciasse seus trabalhos.

Agora que o governo de Mountbatten chegou ao termo, os ingleses não são os únicos a preocupar-se com o que o futuro reserva a Mountbatten. A verdade é que, nos dias críticos que vem atravessando, a Grã Bretanha bem poderia utilizar os serviços, não de um, mas de uma dúzia de Mountbattens na gerência dos negócios do Estado. Este primo da família real rompeu com todas as tradições, ao se tornar uma figura política de destaque. O prof. Harold Laski, sumo sacerdote do Socialismo Trabalhista inglês, afirma a respeito: «Ele é sem dúvida o mais apto dos homens que de há muitas gerações a realeza nos tem dado. Possui energia, coragem, tacto, iniciativa, e grandeza d'alma. Tanto

ele quanto a esposa têm destacada consciência social.»

Mountbatten está de acordo com os chefes do governo trabalhista no tocante às questões de máxima importância, e suas relações com o gabinete são excelentes. Entre os antigos mineiros e ex-choferes de caminhão que estão hoje no poder em Londres, travam-se muitas discussões no esforço de prever qual será o futuro deste homem, tão cheio de surpresas. Um só fator o impede talvez de vir a ocupar as mais altas funções políticas: o seu parentesco com a família real. Mas o Partido Trabalhista, sob cuja égide Mountbatten triunfou na Índia, é um partido em certos aspectos revolucionário. Para o Partido Conservador, confiar qualquer posto de alta responsabilidade política interna a um membro da realeza, é coisa inteiramente inaceitavel. Por muito paradoxal que isso pareça, só um governo socialista poderia romper com semelhante tradição.

Filosofia de fazendeiro

Ao ouvir os argumentos apresentados por um russo contra certas providências da ONU em relação aos Balcãs, Warren Austin, delegado dos Estados Unidos, lembrou-se da história do fazendeiro cujo vizinho lhe pedira um machado emprestado.

—Sinto muito, disse o fazendeiro, —mas tenho que me barbear esta noite.

A mulher interpelou-o, depois:

—Mas por que foi que você deu uma desculpa tão tola?

—Quando a gente não quer mesmo fazer alguma coisa, replicou o lavrador, —qualquer desculpa serve.

—Nat Barrows, *Chicago Daily News Service*

Vaidade masculina

Lady Astor observou certa vez, durante um grande banquete, que os homens são mais vaidosos que as mulheres, e em vista da calorosa oposição que encontrou, declarou estar pronta para provar sua afirmação. Levando a conversa para o campo das modas masculinas, exclamou subitamente em voz bastante alta:

—É uma pena que os homens mais inteligentes e instruidos sejam justamente aqueles que prestam menos atenção ao seu modo de vestir. Nesta própria mesa, o homem mais culto está com a gravata horrivelmente desajeitada!

Como se estivessem esperando por um sinal combinado, todos os homens presentes levaram imediatamente a mão à gravata, para acertá-la.

—*L'Humeur* (Paris)

Este sistema escolar, com expediente a todas as horas, constitui todo um centro de civismo

Toda a população utiliza esta escola

(*Condensado do «Farm Journal»*)

Por Karl Detzer

Em 1943, Fred Vescolani, rapaz de 31 anos, foi nomeado superintendente da Escola Municipal de Nadeau, no Estado de Míchigan; e pouco depois um dos dois prédios escolares pegou fogo. Imediatamente Vescolani expediu cartas tarjadas de preto, convidando todos os contribuintes para uma série de reuniões afim de «tratar de nossa grande perda.»

Expôs-lhes então sua profissão de fé: é dever de toda escola ampliar o campo de atividade, não só das crianças, como da população inteira. Prometeu que sua escola se consagraria a esse objetivo, caso os contribuintes votassem a verba; estes concordaram, e assim se fez. A partir dessa data, Vescolani vem fazendo da escola o centro de toda atividade coletiva, a um custo extraordinariamente baixo para os contribuintes.

Quando, recentemente, visitei o novo prédio, construido com tijolos vermelhos, vi um sitiante, acompanhado pelo filho, rapazola alto e desengonçado, consertando o seu trator na oficina da escola. No porão, duas moças, de volta das férias, revelavam retratos na câmara escura. Donas de casa faziam conservas de tomate, numa sala completamente aparelhada para enlatamento.

Enquanto isso, nas salas de aula, prosseguiam normalmente as classes regulamentares. Nem todos os 408 alunos, porem, meninos e meninas, estavam alí no momento; na mata da escola, a cerca de meia légua de distância, 35 deles tomavam aula prática de geometria, estudando o local para um posto de extração de madeira.

Como a lei do Estado de Míchigan dá a todo distrito escolar o direito de adquirir, para uso da escola, terras devolutas do Estado ao preço de um dolar por lote de 16 hectares, Vescolani comprou 112 hectares de matas, pagando apenas 7 dólares.

É esse talvez o melhor exemplo do que Vescolani chama «educação funcional». Alem de proporcionar problemas concretos de matemática, a mata fornece mil variedades de flores e ervas silvestres, árvores e arbustos, para a aula de botânica; de animais de toda espécie, para estudos de biologia.

Tratando da mata como de uma roça, os estudantes desbravaram-na cientificamente. Meninos e meninas aprenderam a manejar, sem perigo, machados e serras, assim como a cortar e medir madeira para barrís e estacas para cercas. Com um trator de cinco toneladas, que tomaram emprestado, e usando trenós feitos por eles mesmos, transportam os toros até a estrada de ferro e vendem-nos. Plantaram, nos últimos anos, 15 mil árvores novas, segundo um mapa delineado em conjunto pelos departamentos de geografia e arte.

No posto de exploração de madeira, meninos e meninas revezam-se nos trabalhos de escritório e tambem como apontadores, capatazes, vendedores e aprendem escrituração e a arte de lidar com os fregueses. Aplicam-se seriamente a esse ramo, pois 25 por cento dos lucros são distribuidos entre eles, de acordo com as horas de trabalho de cada um. No primeiro ano o lucro líquido foi de 425 dólares. Os 75 por cento restantes, não distribuidos entre os alunos, foram aplicados na compra dum aparelho cinematográfico para a escola.

Até as classes de linguagem se beneficiam com o departamento florestal, pois do programa constam cartas de propaganda comercial, relatórios ao departamento de conservação florestal do Estado e ao conselho local de educação.

A maioria dos 1.680 habitantes do município de Nadeau são, em primeira e segunda geração, descendentes de estrangeiros: escandinavos, poloneses, russos, alemães, italianos e franco-canadenses. Em geral casam-se cedo e estabelecem-se nas vizinhanças, a uma hora de viagem em automovel. É para essa vida que Vescolani deseja preparálos. Este ano está procurando uma casa que, em virtude do não-pagamento de impostos atrasados, tenha passado à propriedade do governo, e que ele poderá talvez comprar por um dolar e transformar em departamento de economia doméstica.

«É esta a maneira de ensinar a arte doméstica,» diz ele, «numa casa onde as meninas possam realmente pôr em prática o que estão estudando.»

Faltava um lugar para depositar valores, posto que não havia banco no município de Nadeau. Vescolani obteve a caixa forte de um banco falido numa cidade vizinha, e instalou-a no porão da nova escola, alugando-a a preços baixos e aplicando o rendimento na compra de aparelhamento escolar. Uma vez, precisando de u'a máquina fotostática para trabalhos da escola, pôs um pote de vidro no botequim duma encruzilhada, com um dístico explicando, e em pouco tempo os fregueses do estabelecimento haviam contribuido com 185 dólares. A máquina fotostática serve agora a todas as casas de comércio locais. Dezesseis organizações—cívicas, religiosas, sociais—usam o prédio da escola para suas reuniões.

A oficina de consertos, magnificamente aparelhada com maquinaria que sobrou da guerra e foi comprada ao governo, pode ser usada gratuitamente pelos fazendeiros, desde que não se

trate de trabalho remunerado. Entretanto, se algum mecânico se vir desprovido de instrumentos para algum trabalho complicado, tem permissão para usar a oficina, gratuitamente, em vez de encomendar o trabalho a alguma aldeia vizinha.

Não existia cinema no município; Vescolani então comprou do governo, por um dolar, um edifício adequado, cujos impostos não haviam sido pagos, e organizou um plano para seu uso: o bedel da escola arrendou o prédio a longo prazo, custeando a instalação do aparelho e de cadeiras, e ficando, em compensação, isento de aluguel. Ao cabo de dez anos, todo o equipamento se tornará propriedade da escola. E assim a população de Nadeau pode divertir-se por pouco dinheiro.

O distrito escolar necessitava de uma garage grande para os cinco ônibus da escola, enquanto a municipalidade precisava de abrigo para o caminhão dos bombeiros; diante disso, o governo municipal construiu, no terreno da escola, uma sede para o corpo de bombeiros, suficientemente espaçosa para conter tanto a maquinaria contra incêndio quanto os ônibus. A escola fornece o aquecimento e presta ainda outro serviço público: o auto-caminhão escolar serve gratuitamente como ambulância.

O sistema escolar de Nadeau já salvou de bancarrota mais de um lavrador. Em dias de frio intenso, com receio de que as batatas se congelem no caminho do mercado, os sitiantes dirigem-se à escola: os ônibus ficam então fora durante a noite e as batatas tomam-lhe o lugar na garage aquecida.

Desejando erigir um monumento para perpetuar a memória dos que deram a vida na guerra, a municipalidade votou uma verba de 1.600 dólares para esse fim. Vescolani então sugeriu que se construisse, em terreno da escola, um estádio iluminado, em homenagem àqueles heróis. Os estudantes de geometria desenharam o projeto e os alunos do curso de trabalho manual ajudaram a fazer a instalação elétrica. E assim essa cidadezinha do interior de Míchigan possui agora um estádio iluminado, para jogos noturnos.

Educadores de todos os pontos do Estado têm ido a Nadeau afim de estudar-lhe o sistema escolar e os serviços que presta à coletividade. Alguns se mostram muito impressionados, enquanto outros, empedernidos no tradicionalismo, simplesmente se escandalizam.

«Ora essa! estas coisas não se fazem!» dizem eles a Vescolani. «A lei não permite. Você está-se arriscando!»

Mas Vescolani tem uma boa resposta:

«Outro dia meus garotos trouxeram do charco uma tartaruga. Não posso deixar de constatar que, enquanto não arriscou a cabeça para fora da carapaça, a bichinha não conseguiu avançar nem um passo.»

Um velho defensor das liberdades civis relata as extraordinárias realizações de MacArthur

Como nasce a democracia no Japão

(*Condensado de «Current Events»*)

Roger N. Baldwin

A ATUAÇÃO das autoridades norte-americanas no Japão, até o momento, constitui uma das realizações mais revolucionárias de toda a história. Quando as forças militares dos Estados Unidos se retirarem do Japão, firmado o tratado de paz, os ianques poderão ter operado um quase-milagre no setor das relações humanas.

Jamais outro exército conquistador transformou inimigos em amigos, aliciando a cooperação ardente dos vencidos para tornar em democracia uma autocracia militar. Jamais outro conquistador, depois de arcar com enormes despesas, entendeu de retirar-se sem um níquel de indenizações ou uma só garantia de regalias especiais. Renovei, no Japão, minha fé na capacidade da democracia para conduzir os povos pelo caminho da liberdade, pois o país já está em vias de se transformar em uma das grandes democracias do globo, aliado espiritual na batalha pela democracia universal.

A figura central do grande drama é o General Douglas MacArthur, que conquistou a admiração e, mesmo, o afeto dos japoneses. Eles ainda relatam alegremente um caso sucedido por ocasião da sua chegada, poucos dias antes da rendição oficial. Viera MacArthur num avião desarmado, sem escolta, aterrissando no meio de um povo ainda em pé de guerra, o que já era impressionante prova de confiança. Dirigiu-se para os escritórios que lhe haviam sido reservados, e, ao entrar no elevador, um carpinteiro japonês, que alí estava trabalhando, saiu precipitado, curvando-se confusamente. O General chamou-o, convidando-o a subir com ele.

«Foi nossa primeira lição de democracia,» declaram meus amigos japoneses. «Nenhum general japonês teria procedido assim.»

ROGER N. BALDWIN é diretor-fundador da União Defensora das Liberdades Civís, dos Estados Unidos. Visitou o Japão a convite das autoridades de ocupação, as quais desejavam consultá-lo sobre questões relacionadas com a proteção aos direitos individuais.

Desde então, as lições têm sido abundantes. Os japoneses são ótimos alunos; e, como disse certo observador norte-americano, «parecem feitos de encomenda para as forças de ocupação.» A capacidade que demonstram para animar novos ideais, uma vez que os antigos tenham falhado, faz com que sua conversão à democracia pareça muito natural. Não percebí neles insinceridade alguma.

Os japoneses se esforçam visivelmente por ser democráticos. O processo é moroso: substituir a velha prática da ordem imposta de cima, pela teoria de governo em que os poderes emanam do povo, é uma tarefa que requer muitos anos. Mas, empolgou com alento e entusiasmo, a imaginação do povo.

É falsa a impressão popular de que o General MacArthur é conservador e autocrata. Nunca encontrei, na vida pública, quem tivesse mais profunda compreensão dos princípios e das práticas da democracia liberal, ou maior fé em suas instituições. Simpático, espirituoso, sagaz, pouco marcial na acepção comum do termo, ele é animado por um fervor missionário quase religioso. Está empenhado numa cruzada em prol de uma democracia genuina, ampla, não em moldes da norte-americana e sim em bases universalistas. Ademais, deposita a máxima confiança nos japoneses.

Em Tóquio, contaram-me da visita que o General Deveryanko, chefe da delegação russa ao Conselho Aliado, fizera ao General MacArthur, no inverno passado. Era em vésperas da greve que os funcionários públicos, instados pelos comunistas, ameaçavam fazer. O General Deveryanko teria declarado:

—General, em nome do Governo Soviético, quero protestar contra sua decisão de proibir a greve geral. Estamos aquí para democratizar o Japão e, numa democracia, o direito de greve é fundamental.

MacArthur respondeu:

—Desde quando o Governo Soviético permite aos seus funcionários fazer greve?

O russo apelou para a indignação teatral:

—O senhor está injuriando o meu Governo!

MacArthur voltou-se para o intérprete e disse:

—Diga-lhe somente a expressão russa que significa «Conversa fiada!»

O COMUNISMO está progredindo pouco, em face da fé na salvação democrática. MacArthur sabe que, onde triunfa a democracia genuina, o comunismo fracassa. Os comunistas também o sabem. Segundo me declararam alguns líderes comunistas nipônicos, a ocupação, que veio livrá-los do cárcere e do exílio, não só é desejavel, como ainda, deverá continuar até haver o Partido Social-Democrático adquirido tal domínio da economia nacional que jamais os reacionários possam arrebatá-lo. Essa concessão aos socialistas decorre do reconhecimento de que não há, no momento, nenhuma esperança de triunfo para os comunistas. Sem dúvida, eles esperam

que a sua vitória há-de chegar um dia.

Os comunistas fora do Japão, no continente asiático, movem uma incessante campanha de propaganda anti-americana. Duas estações de rádio e vários jornais vivem a alegar que os ianques estão apenas fundando mais uma colônia para os imperialistas. A propaganda não produz efeito evidente. Procura-se incutir as mesmas noções ao meio milhão de soldados nipônicos ainda nas mãos dos russos.

—Como foi que os trataram? perguntei a um grupo desses soldados que regressava ao Japão.

—Trabalho forçado, responderam —e muita propaganda. A gente fingia que acreditava, para poder voltar. Mas esquecemos tudo no cais...

Um dos maiores feitos da ocupação foi ter conseguido transfigurar o Imperador Hirohito. Foi ele reduzido à estatura humana, sem poderes políticos: mero símbolo da nação. E, como homem do povo, os japoneses o recebem com entusiasmo ainda maior do que quando aceitavam sua austera divindade.

Minha audiência com o Imperador resumiu-se numa palestra de 40 minutos com um homenzinho tímido, rodeado de camaristas—todos de traje a rigor—o soberano indistinguivel entre os demais. Conversou sem embaraço, através do intérprete. Respondeu-me prontamente, com sua voz fina, baixinha, manifestando fé nas Nações Unidas, na paz, no General MacArthur e na Ocupação. Externou sua esperança de que esta perdurasse até completar sua importante missão.

Opinei que, conquanto eu não estivesse capacitado para julgar do valor da monarquia, achava que os norte-americanos haviam procedido com acerto, mantendo-o no trono, ao que o intérprete gaguejou um pouco... O Imperador sorriu e concordou. No momento de minha partida, levantou-se, estendeu-me a mão e agradeceu-me calorosamente as latas de bombons que eu lhe trouxera para os filhos, como presente dos meus—os primeiros presentes, disse-me, que seus filhos jamais haviam recebido de meninos estrangeiros. Trocamos observações sobre os meninos e as escolas; ele discorreu demoradamente a respeito, como os pais em todo o mundo.

A execução dos planos e diretrizes do General MacArthur cabe ao General de Divisão Robert L. Eichelberger, comandante do exército de ocupação, com sede em Iocoama. O «Tio Bob», como lhe chamam os soldados, é um chefe brando e popular. Dirige o próprio automovel, e muitas vezes oferece condução às praças.

«Aprendo mais com os soldados do que com os oficiais,» diz ele. Certa vez, atravessou a rua para conhecer um redator japonês que me acompanhava. Apresentei o ex-inimigo—que ficou bastante surpreso—à alta patente militar. Finda a palestra amistosa, o redator observou:

«Suponho que se trata de democracia. Um general nipônico ter-me-ia obrigado a ir ao seu encontro. Aliás, nem estaria andando pelas ruas.»

Eichelberger mantem bem alto o moral das forças de ocupação. Cerca da terça parte está inscrita em cursos educacionais. Fiz um inquérito entre 300 soldados cuja permanência no Japão datava de pelo menos um ano. Desse número, 270 nutriam sentimentos amistosos para com os japoneses; achavam, contudo, que estes eram ainda mais amistosos para com eles. A metade opinou que os nipônicos estavam sinceramente procurando democratizar-se. De cada seis soldados, cinco sentiam-se satisfeitos com a vida que levavam alí.

Todas as grandes cidades do Japão, menos uma, foram bombardeadas e incendiadas; vastas extensões são ainda montões de entulho. Mas os japoneses parecem não alimentar rancores contra o inimigo que as arrasou. Perguntei a um japonês, que havia passado pelos terriveis ataques incendiários, qual sua opinião dessa modalidade de guerra. Respondeu-me com simplicidade: «Foi muito eficiente.»

Em Tóquio, no dia das últimas eleições, as urnas de certa circunscrição estavam instaladas nos escombros de um colégio bombardeado. Vi centenas de homens e mulheres formar fila para registrar-se, marcar as cédulas em cabinas individuais e sair para assistir a um jogo de basebol, no páteo. Com efeito, uma nova ordem estava surgindo das ruinas da antiga. Um general norte-americano contemplava tudo ufano. «Já viu nos Estados Unidos uma votação mais bem administrada?» perguntou.

O estadista mais venerado é Yukio Ozaki, que conta 90 anos de idade —parlamentar de tendências liberais —que desde 1889, vem ocupando ininterruptamente sua cadeira na Dieta.* Os norte-americanos o conhecem como o presenteador das cerejeiras plantadas em Washington; deu-as quando era prefeito de Tóquio. Ozaki critica seu povo com candura:

—Toda essa conversa de democracia significa pouco, enquanto não tivermos um tratado de paz e não pudermos sustentar-nos a nós mesmos. Os americanos estão fazendo quanto pode um estrangeiro, mas precisam de melhores consultores japoneses.

—E quem seriam estes consultores? indaguei.

Ele refletiu por um instante e respondeu:

—Não há nenhum... A seguir continuou: —Que mistura é o Japão! O velho e o novo, o feudal e o moderno, carros de boi e limusines, ônibus e jerinxás, quimonos e vestidos ocidentais. Dentro de nossa cabeça, tambem é assim. Levará muito tempo até que todos tenhamos a mesma orientação.

Fazem-se muitas críticas à ocupação e aos japoneses. Os jornalistas tendem, creio, a ressaltar os atritos porque tais fenômenos constituem novidade, justamente por serem raros. Alguns japoneses, ofendidos, manifestam desconfiança, e do mesmo modo

*Nota da Redação: A filha do sr. Ozaki, a viscondessa Sohma, vem há dois anos prestando sua valiosa colaboração, em Tóquio, à redação do *Reader's Digest* em língua japonesa.

procedem algumas autoridades da Ocupação.

Os críticos, porem, erram ao comparar os dois anos e meio de esforços norte-americanos no Japão com os 150 anos de evolução democrática nos Estados Unidos. Não vêem os sinais da imensa e profunda revolução que se processa sob as suas vistas. O roteiro já foi demarcado; com um tratado de paz construtivo, o progresso deverá continuar. O rol das realizações é impressionante. Ei-las aquí:

O Japão está desarmado e desmilitarizado. A Constituição renuncia à guerra; os militaristas foram expulsos dos cargos públicos e particulares.

O Imperador, outrora divino, tornou-se um símbolo sem autoridade política.

A religião oficial, de carater político, perdeu a situação privilegiada que desfrutava.

Os fidalgos tiveram seus privilégios cassados.

A Constituição é uma das mais democráticas do globo. Acaba com o antigo poder centralizado, assegura a autonomia local, garante os direitos civís e políticos de todos.

Foi assegurada ao povo japonês a liberdade de religião, de expressão, de pensamento, de assembléia e de associação, e quebrantaram-se os poderes ilimitados que a polícia exercia sobre a vida cotidiana do cidadão.

As mulheres têm direitos iguais aos dos homens; os sindicatos são amparados; as relações entre o operariado e os empregadores são reguladas equitativamente.

Acabou-se com o monopólio das vinte famílias tradicionais. O imposto de 70% sobre o valor dos capitais e a proibição dos latifúndios cercearam a influência dos ricos. As terras estão sendo distribuidas entre os que nenhuma terra possuem. A iniciativa particular, para o povo, tornou-se mais facil.

Tudo isso já vai a uma grande distância do Japão antigo. Mas, no fundo de todas essas reformas, há um fator de precípua importância. O General MacArthur chama-lhe o fator espiritual. Por toda parte reina uma atmosfera de esperança, de bulício, de transformação e realização. O Japão é uma colmeia de energias canalizadas. A Democracia, entendida de formas várias, conforme as múltiplas facetas que apresenta, é a nova fé que o anima.

NUM JANTAR comemorativo do 25º aniversário de uma associação universitária, o diretor apresentou a oradora com grande ênfase, enaltecendo seus notaveis serviços à organização e seus dotes de inteligência e carater. Um tanto contrafeita, a oradora encarou o auditório. «Depois de tal apresentação,» disse ela, com espírito, «eu mesma estou ansiosa por ouvir o que vou dizer.»

—Colaboração de Adnelle H. Heskett

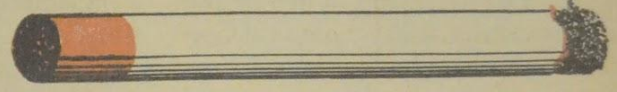
Um estudo sobre a formação e a perda dos hábitos

Então vai deixar de fumar?

(Condensado de «Your Life»)

Henry C. Link, Doutor em Filosofia

Diretor do Psychological Service Center, de Nova York, e autor de «The Return to Religion»



MAIS CEDO ou mais tarde, quase todo fumante descobre que não está fumando por vontade, mas por simples hábito, e que esse hábito lhe é provavelmente prejudicial. Tenta então abandoná-lo, mas não sabe como. Às vezes a contragosto, outras vezes com ardor, ele luta contra o seu fraco—mas em vão. É que o seu autodomínio se acha perigosamente corroido pelo simples mecanismo do hábito.

Há anos que ele vem pondo em funcionamento, diariamente, esse mecanismo, sem perceber que o mesmo se tornava automático, que estava aperfeiçoando toda uma cadeia de movimentos costumeiros, num processo neuro-muscular irresistivel. Começa com o levantar do maço, o tirar de um cigarro, o bater de uma ponta, o colocá-lo entre os lábios, o riscar do fósforo, o primeiro trago de fumaça, e assim por diante, até que o toco vai parar no cinzeiro. Cada cigarro fumado acarreta a mesma cadeia de ações e reações, que parecem pôr-se em movimento e seguir automaticamente até o fim. Muitas vezes o fumante nem as nota. Como os velhos relógios de repetição, ele parece regulado para desempenhar a função, do começo até o fim, diversas vezes por dia. Como um autômato, move-se controlado por um poder invisivel.

Que poderá fazer então?

Detrás dessa pergunta encontra-se importante lição de psicologia, porque o hábito de fumar é apenas um exemplo comum de todo o processo psicológico da formação e perda de hábitos.

Durante os últimos dez anos o consumo mundial de cigarros aumentou consideravelmente. Hoje em dia, em muitos paises, 60 por cento dos homens e surpreendente percentagem das mulheres são fumantes inveterados. A média de consumo é de 20 cigarros diários para os homens e 11

para as mulheres, sendo que cada fumante tende insensivelmente a aumentar a sua quota. Esse hábito de fumar, conquanto seja considerado por muitos como um aspecto insignificante da vida, pode julgar-se o símbolo de uma tendência fundamental da nossa civilização. Essa propensão se traduz na frequência, cada vez maior, com que os indivíduos se deixam levar pelos hábitos, em lugar de criarem, eles próprios, o seu meio ambiente.

Afim de descobrir os fatores que originam esse arraigado índice de fraqueza de carater, a Psychological Corporation, dos Estados Unidos, realizou recentemente um estudo experimental sobre mil homens que eram ou tinham sido fumantes inveterados. Dentre esses, 145 haviam deixado de fumar. Dos 855 restantes, quase metade abandonou o vício uma ou outra vez, sem porem conseguir deixá-lo completamente. Alguns já tinham desistido de tentar, mas 28 por cento persistiam na luta. *O caso é, porem, que não conseguiam vencer.*

As razões dadas foram, em geral, as seguintes:

«Não tenho bastante força de vontade.»

«Não posso passar sem os cigarros.»

«Sou muito fraco.»

«Cheguei a parar uma vez, mas não consigo mais.»

«Por que é que eu não consigo? É o que eu gostaria de saber.»

Eis aí, sem dúvida alguma, um triste comentário sobre grande número de adultos. Pelos recentes estudos do dr. Raymond Pearl, da Universidade Johns Hopkins, sabemos que os que não fumam têm vida mais longa do que os fumantes. Ainda assim, apesar de que milhões de pessoas compreendem os efeitos prejudiciais do fumo, confessam a sua incapacidade de vencer esse hábito puramente mecânico.

A maioria desses 145 homens que tinham conseguido parar de uma vez, e muitos dos que haviam deixado o vício por algum tempo, exprimiram grata satisfação.

«Comecei a dormir melhor e não tusso mais.»

«Sentí um gosto melhor na boca.»

«Meu olfato se aguçou.»

«Passei a sentir mais energia e melhor apetite.»

E houve comentários ainda mais entusiásticos:

«Não sei como explicar, mas o fato é que melhorei em tudo.»

«Tive uma alegria enorme por conseguir parar finalmente.»

«Fez um grande bem ao meu estado de espírito.»

Temos aquí a antítese dos comentários daqueles que não haviam conseguido parar. Note-se como o domínio sobre um hábito arraigado deu a muitos deles uma sensação de bem-estar e de força de carater.

Eu próprio experimentei essa sensação. Durante 23 anos vinha fumando sem cessar, às vezes até 60 cigarros por dia. Chegara, no passado, a parar durante uma semana ou quinze dias, mas ultimamente não havia meio de parar nem um dia. Depois de muitos fracassos, cheguei à conclusão de que meus estudos sobre o problema desse hábito eram muito superficiais. Assim, antes de tentar de novo, resolví redigir um plano para livrar-me do hábito.

Eis aquí um extrato desse plano, que escreví oito meses antes de deixar de fumar:

> A força do hábito de fumar reside na cadeia de atos neuromusculares que tão facilmente pomos em movimento. O corpo todo entra em ação. Ao parar, essa cadeia provoca um desejo até que seja posta em movimento e, uma vez ativa, tem de ir até o fim. Portanto, em vez de parar, vou interromper essa rotina. Quando pegar um cigarro, vou deixá-lo de novo onde estava, e esperarei. De vez em quando o acenderei, mas antes de tirar uma baforada apagarei o cigarro e esperarei alguns minutos.
>
> Quando estiver em casa à noite, heide colocar o maço sobre a mesa e marcar hora para os cigarros. Antes de chegar o momento, talvez eu queira fumar, mas para fazê-lo terei de ir até a mesa. Em virtude disso o ciclo da rotina será interrompido e poderei às vezes adiar o cigarro. Reduzirei, assim, o número de cigarros por dia.
>
> Em suma, inventarei meios de interromper frequentemente, ou adiar, a sucessão de atos que constituem o meu hábito. Farei isso durante seis meses, afim de quebrar aos poucos o mecanismo que levei anos a aperfeiçoar. Dentro de algum tempo é provavel que consiga parar por um ou dois dias sem muita dificuldade; depois, talvez por uma semana e, por fim, de uma vez. Não marco data definitiva, mas vou experimentar.

Preparei esse plano em junho de 1937. Em janeiro de 1938 já conseguia parar por um ou dois dias de cada vez. Desde 10 de fevereiro desse ano, não tiro uma baforada.

Será esse método aplicavel aos fumantes em geral? Afirmam os psicólogos não haver fórmula que se aplique em todos os casos. A maioria deles afirmará tambem que a fórmula concebida por William James, o grande estudioso dos hábitos, contem uma boa dose de bom senso. Poderemos resumir os seus princípios da seguinte maneira:

> Tome uma resolução definitiva, baseando-a no maior número possivel de razões que seja capaz de inventar.
>
> Nunca abra exceções até que o novo hábito esteja firmemente arraigado.
>
> Renove sua resolução de tempos em tempos, procurando novas razões em que apoiá-la.

Em nosso estudo dos 145 homens que conseguiram parar de fumar de uma vez, e dos 366 que haviam parado temporariamente, descobrimos que tinham utilizado principalmente três métodos. O mais comum foi o aconselhado por James, isto é, deixar de fumar de uma vez por todas, sem fazer concessões. O segundo consistia em empregar substitutos, como sejam o cachimbo, os charutos, goma de mascar ou balas. O terceiro é o conhecido método de diminuir aos poucos o número de cigarros.

Conquanto o método de parar *de repente* tivesse sido mais empregado pelas pessoas que analisamos do que o de parar *aos poucos*, averiguamos que a percentagem dos que conseguiram vitória permanente era muito maior entre os que o fizeram por etapas. O meu método de *interrupções* é gradual, e tem uma diferença importante: interrompe o curso normal daquela su-

cessão de atos a que nos habituamos; quebra a série monótona de movimentos automáticos, e o fato de agirmos de maneira diferente daquela a que estamos acostumados serve para pôr o cérebro em estado de alerta.

O fato é que essas experiências, coroadas de êxito, oferecem eloquente contraste ao desespero dos que se consideram vítimas indefesas do cigarro. O domínio desse hábito específico talvez não pareça de muita importância do ponto de vista social. Mas uma atitude derrotista, com relação a qualquer dos nossos hábitos de viver, afeta diretamente a todos: pais e filhos, e a sociedade em geral. É essa atitude que leva os indivíduos a se considerarem vítimas das circunstâncias—da crise, da política, da educação errônea, da indulgência da família, ou de experiências funestas.

A pessoa que admite, aberta ou tacitamente, que é escrava do hábito já perdeu a noção do auto-domínio e se tornou menos util à sociedade.

Lembro-me de que, em meus tempos de estudante, nosso livro de fisiologia continha admoestações contra o uso do fumo e do álcool. Não sei, porem, de lição alguma nas escolas primárias que ensine as crianças nem mesmo os princípios mais simples sobre a formação e a perda dos hábitos. Quer o fumo seja desejavel ou não, as crianças têm o direito de aprender como funciona o mecanismo do hábito, *antes de o terem contraido*. O mesmo se aplica a muitos outros hábitos. Em geral as escolas têm-se preocupado com o desenvolvimento mental, mas não procuram explicar como se podem adquirir ou corrigir hábitos emocionais ou da personalidade.

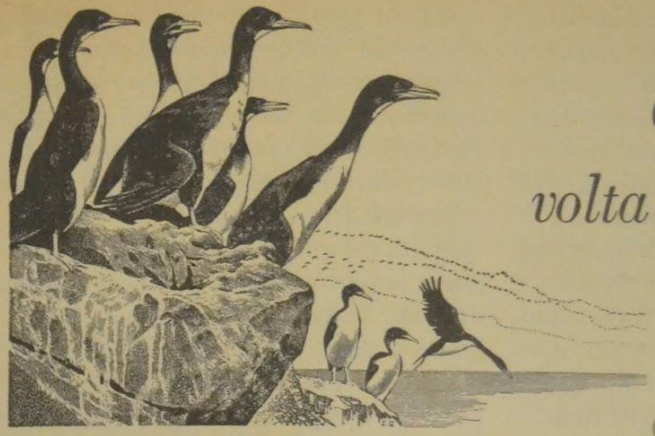
O estudante que termina a escola primária, o ginásio ou a universidade, sem a convicção inteligente de que é o criador de seus próprios hábitos, e não vítima dos mesmos, está fadado à derrota e à escravidão.

Sempre o mesmo

O COMITÊ de Ação Feminina Pró-Paz Duradoura, em Nova York, escreveu a Bernard Shaw, em Londres, pedindo-lhe que autografasse alguns livros para serem vendidos em leilão da sociedade. Shaw respondeu que não o faria. Achava a causa das Nações Unidas «demasiado grande para o pequeno Comitê de Ação Feminina». E alongou-se em caçoadas.

Em todo caso, as senhoras realizaram o leilão. Um livro popular, autografado, rendeu apenas 70 dólares. Mas a zombeteira carta de Shaw foi vendida por nada menos de 170...

—Do *Herald Tribune*, de Nova York



O guano volta a ser riqueza

(Condensado de «The Pan American»)

Por William Krehm

Estranha combinação de circunstâncias torna originais e extremamente valiosas algumas ilhotas peruanas.

AO AMANHECER de um dia em fins do ano passado, pude observar os bandos avançados de *guanays* a explorar o oceano azul, nas proximidades das ilhas rochosas que se estendem ao largo da costa deserta do Perú. Ao avistarem os cardumes de anchovas, desenrolou-se incrivel cena: aquilo que, à distância, parecia ser parte da ilha levantou-se e estendeu-se—era um esvoaçante tapete de aves, de 25 a 30 quilômetros de comprimento. No lugar em que deveriam alimentar-se, os *guanays* cobriram as águas, cada um deles enguliu 60 a 70 anchovas, e finalmente elevaram-se às alturas para digerir o alimento. Ao cair da tarde, as ilhas eram novamente cobertas por esses irrequietos pássaros de peito branco, e os céus se enchiam dos seus estridentes piados. O espetáculo era sumamente agradavel aos peruanos, de vez que a presença desses milhões de pássaros significava a volta da mais estranha indústria do mundo—a colheita do guano, excremento do *guanay*—depois de uma série de anos magros.

Somente com o auxílio do guano, adubo de prodigiosa riqueza, é possivel desenvolver a agricultura na costa seca do Perú. As montanhas fornecem algumas minguadas gotas de água para irrigação; mas, espalhando suficiente quantidade de guano, o agricultor peruano consegue cerca de 320 quilos de algodão por hectare, enquanto que a média é de 55 quilos no Estado de Louisiana e de 70 no Egito.

Em 1940 a corrente marítima antártica Humboldt desviou-se das ilhas costeiras, carregando consigo as anchovas de que se alimentam os *guanays*. Sub-alimentados, os pássaros pereceram, vítimas de várias moléstias. Ago-

ra, porem, as águas fecundas da Corrente de Humboldt começam a banhar de novo as ilhas. Quando visitei a ilha Chincha do Norte e conversei com Carlos Llosa Belaunde, diretor da Compañía Administradora del Guano, ele previa uma colheita de 170 mil toneladas de guano em 1947, ao passo que a de 1942 fora de 79 mil.

O *guanay*, que é o corvo marinho peruano, é, por assim dizer, u'a máquina ideal de fazer guano; defeca de 15 em 15 minutos e, durante toda a sua vida, que dura dez anos, produz aproximadamente 53 quilos de guano seco. Os *guanays* têm cerca de 45 centímetros de altura e, com o peito alvo e o dorso negro, parecem diplomatas em traje a rigor. São de origem antártica e resistem às latitudes tropicais graças apenas ao frio da Corrente de Humboldt.

Cuidadosas medidas foram tomadas pelo governo peruano para que os *guanays* vivam em paz. É proibido aos pilotos de barcos tocar as sirenas nas proximidades das ilhas, aos aviões voar baixo e aos pescadores sequer aproximar-se das ilhas. Atiradores de pontaria certeira montam guarda para abater os gigantescos condores que, em revoadas, descem das montanhas e devoram filhotes e ovos de *guanays*. O recolhimento do guano se processa de abril a agosto, de maneira que os pássaros não são molestados durante a cria; a colheita tambem obedece a um sistema de rodízio nas ilhas, de sorte que os pássaros têm um período de paz de dois anos.

Como raramente chove ao largo da costa do Perú, o alto teor de nitrogênio das fezes conserva-se praticamente intacto. Depois de ter sido removido quase todo o guano a pá e picareta, as rochas são raspadas para se aproveitar até a última parcela dessa preciosidade. Conquanto a última colheita de guano tenha sido vendida por 2.800.000 dólares aos fazendeiros do país, poderia ter rendido 20 milhões, se fosse exportada. Entretanto, o adubo é tão vital à agricultura do Perú que o governo desse país permite apenas a exportação de alguns quilos, solicitados por instituições científicas para estudo.

Os incas, primitivos habitantes do Perú, atribuiam ao guano um valor tão grande como adubo para seus campos irrigados, que impunham a pena de morte a quem matasse um *guanay*. Mas os espanhóis, absorvidos com a conquista do ouro, desprezaram o guano. Durante os seus três séculos de domínio, uma camada de guano acumulado, de cerca de 45 metros, deu às ilhas o aspecto de picos de montanha cobertos de neve. Em 1840, porem, o químico alemão Von Liebig declarou ser o guano um adubo quase perfeito, 33 vezes mais rico em nitrogênio que o estrume de gado, e por ele começaram a clamar a Europa e os Estados Unidos. Os preços subiram às alturas e os mares foram em vão percorridos, em busca de outras ilhas onde fosse encontrado adubo semelhante. Somente a costa peruana oferecia as condições ideais de um clima sem chuvas, com águas polares que até lá se prolongavam, plenas de aves

gregárias. Na década seguinte a 1850 os Estados Unidos importaram anualmente 200 mil toneladas de guano, ou seja, mais que a produção total de hoje.

Dentro em pouco, a maior percentagem da receita do governo peruano provinha do guano. Foi este que financiou as espetaculares vias ferreas andinas e, em grande parte, deu origem à orgulhosa aristocracia de Lima. Governos dissipadores, entretanto, hipotecaram a produção de guano com dezenas de anos de antecedência e quando, 25 anos depois, se esgotaram os antigos depósitos, que em 1847 se elevavam a 32 milhões de toneladas, o Perú se encontrava em ruinoso estado de insolvência.

Até então pouca atenção fora dada às próprias aves. Eram mortas quando apanhadas sob os pés dos colhedores de guano e nunca haviam tido oportunidade de se multiplicar. O guano era considerado exploravel como se fosse u'a mina. No princípio do novo século, entretanto, passou a ser encarado como colheita anual. Em 1909 foi formada a Compañía Administradora del Guano (com participação de 51% do governo) com o fim de reorganizar a indústria e prover adubo para as culturas do algodão e do açucar, que rapidamente se expandiam no litoral.

Nos últimos anos a companhia não tem conseguido atender a mais que uma fração das necessidades dos fazendeiros peruanos. Afim de aumentar a produção, a companhia construiu, em torno das escarpadas ilhas, muros de um metro de altura para impedir que os pássaros arrastem o guano para o mar quando levantam vôo. A companhia está tambem erigindo paredões de quase três metros de altura em torno dos promontórios onde os *guanays* frequentemente pousam, mas nunca constroem ninhos, porque as raposas descem das montanhas para devorar-lhes os ovos.

Ao invés de continuar vendendo guano em seu estado original, a companhia encomendou maquinaria nos Estados Unidos para misturá-lo com outros adubos em determinadas proporções. O teor de nitrogênio do guano é muito alto para as batatas, por exemplo; e é nulo o seu conteudo de potássio. As misturas darão maior rendimento ao guano disponivel. Muitos jovens peruanos têm sido mandados aos Estados Unidos para estudar ictiologia, ornitologia e oceanografia, afim de adquirirem conhecimentos que lhes permitam desenvolver as pesquisas dos problemas relativos ao *guanay*.

A transformação de uma indústria de mineração em agricultura deve-se, principalmente, a José Antonio de Lavalle y Garcia, um agrônomo hoje sexagenário, que entende mais de guano que qualquer outra pessoa. Logo no início de suas pesquisas, Lavalle concluiu que os *guanays* escolhem o lado da ilha batido pelo vento, não só porque a temperatura alí é mais fresca, mas tambem porque os seus problemas de aerodinâmica são, em essência, os de um avião. Para que o *guanay* possa alçar seu poderoso vôo, precisa de vento de frente e boa

pista. Para fornecer-lhes as pistas, Lavalle removeu toneladas de pedras.

Lavalle julga o guano importante demais para ser confinado a um país. Em sua migração do Antártico, o *guanay* foi detido pelo calor a três quartos do caminho, ao longo da costa peruana. Se os pássaros pudessem ser transportados para alem da barreira tropical, achariam condições semelhantes às do Perú: uma corrente fria banha a costa deserta da Baixa Califórnia. Estão sendo feitas negociações entre o Perú e o México com o fim de se obter do Perú ovos de *guanays*, alem de técnicos para introduzir o pássaro na Baixa Califórnia, sendo o referido país recompensado com uma percentagem da futura colheita.

Hoje em dia o guano é colhido por índios dos Andes. Atraidos pelo «fabuloso» salário de Cr$15,00 por dia, mais a alimentação, eles são contratados todos os anos por cinco meses. Durante o período do contrato, não têm permissão para sair da ilha, onde não cresce nem uma folha de capim. A companhia tem que abastecer a ilha tal como se esta fosse um navio; até mesmo a água tem que ser trazida. As casas na maior parte são simples cabanas de taquara. A companhia está começando agora a levantar modestas casas «pre-fabricadas», e até já se fala que haverá bibliotecas, escolas e cinemas. Tal como os *guanays*, os trabalhadores do guano terão enfim um novo trato.

Cena não ensaiada

LAURITZ MELCHIOR, grande tenor wagneriano, recorda um episódio ocorrido durante uma representação das «Valquírias». Quando cai o pano, a heroina está adormecida na encosta de uma colina, rodeada por uma parede de fogo. Hoje em dia, o fogo é artificial, simulado por vapor e luzes vermelhas, mas, naquela época, o fogo era de verdade—provocado pela queima lenta de pólvora espalhada numa espécie de calha.

«Num pequeno teatro da Alemanha, anos atrás, fiquei fora do palco controlando essa impressionante cena final,» conta Melchior. «A meu lado sentou-se um velho bombeiro, com dois baldes d'água, para qualquer emergência. Pouco apreciador de ópera, o bom velho cochilava tranquilamente. Quando o fogo chegou ao auge, o cheiro o despertou. Levantou-se rapidamente e, aos gritos de *Fogo! Fogo!*, entrou no palco e despejou os dois baldes sobre as chamas e sobre a própria heroina, antes que alguem pudesse contê-lo.

«A ópera teve de terminar aí mesmo. Mas, apesar da interrupção, foi calorosamente aplaudida. A heroina e eu fomos sete vezes solicitados pelo público. E o bombeiro, dez vezes.»

—Bart Hodges, N.Y. Post Syndicate

Pode ser preciso um incêndio para derreter o gelo, mas...

ACOLHIDA CAMPESTRE

(Condensado de «Enterprise» de Lisbon)

Por John Gould

Escritor, fazendeiro, e diretor do «Enterprise» de Lisbon (Maine)

NAQUELA manhã de primavera, andava eu borrifando as minhas macieiras com o inseticida, quando a buzina que em minha casa anuncia a hora da «bóia» me trouxe aos ouvidos o sinal que inventamos para anunciar a chegada de visitas. Larguei o trabalho, encaminhei-me para casa, e fui encontrar em frente da porta um automovel com placa de um Estado vizinho. Na sala de visitas esperava-me um casal de jovens. Inquiridos sobre o motivo da visita, informaram que, tendo lido o meu livro sobre a vida do agricultor no Maine*, tomaram-se de entusiasmo, a ponto de renunciar a tudo mais, e alí estavam agora, à procura de um sítio para comprar.

Está visto que nenhum escritor do Maine se pode considerar responsavel pelas consequências do que escreve, quando algum leitor citadino se deixa apaixonar pela região descrita, a ponto de decidir assentar arraiais entre nós. Mas o caso muda de figura quando esses convertidos se instalam em nossa sala de visitas, para pedir ajuda.

Minha mulher pôs na mesa mais dois lugares para o almoço, e palestramos sobre o assunto. Nossos convivas chamavam-se Walter e Betsy Savell, e tinham deixado os dois filhos em casa da avó. Walter fora capitão de corveta no setor do Pacífico, durante a guerra, e de regresso à América, ao tentar recomeçar a vida no ponto em que a deixara interrompida, verificou que já não se ajustava à antiga carreira de engenheiro. Detestava o trem suburbano de Nova York, e a agitação da cidade não lhe deixava tempo suficiente para gozar a vida de família, pela qual suspirara durante os anos de guerra. Betsy, a esposa, pensava exatamente da mesma forma.

Quando chegamos ao fim do almoço, minha mulher e eu já simpatizávamos com o casal. Não eram gente do campo, mas tinham reservas de juventude e coragem que lhes permitiriam vencer no novo ambiente. Constou-nos que estava à venda a velha

*Vide «Casa-se o fazendeiro», Seleções, maio de 1946.

chácara King, com o seu regato e tudo, e os levamos a visitá-la. Daí a uma semana estavam assinados os papéis, e os Savell foram buscar os meninos e a mobília. Uma vez instalados, não tornaram a sair do Maine.

Fomos depois apresentá-los no banco e nas lojas do lugar. Betsy foi convidada a aparecer no clube local, e causou logo excelente impressão. Não procuramos impôr os Savell a quem quer que fosse; algumas das senhoras da vizinhança foram visitá-los para dar as boas-vindas, e outras não apareceram. Aquí a aceitação das pessoas depende do seu mérito, e ninguem pode mostrar-se demasiado pressuroso nessas coisas...

Contamos aos Savell meia dúzia de anedotas, a respeito do sítio que tinham comprado, isto com o fim de animá-los. A história que mais agradou a Walter Savell foi a daquele empregado que um dia deu um tiro em Mr. King. Costumava o patrão guardar no celeiro um velho mosquete, para atirar em algum rato ou corvo que por alí se aventurasse. A arma estava sempre carregada, mas só de pólvora; o chumbo encontrava-se em uma lata, sempre à mão. Mas o empregado não sabia disso, e um dia, num momento de exaltação, agarrou na arma e atirou em Mr. King. A única coisa que podia causar algum dano ao fazendeiro era a bucha de papel que comprimia a pólvora, e Mr. King foi assim «baleado» com a página dos artigos de fundo do jornal local de Lewiston. Esses artigos causaram-lhe grande impressão, e posteriormente ele confessou que nunca encontrara leitura tão penetrante...

Seja como for, o ano de 1946 foi correndo, e Walter ia desempenhando bastante bem as obrigações de fazendeiro. Limpou as nascentes de água que havia na propriedade, e enterrou nelas os barrís que por aquí servem de poços. Depois podou as suas macieiras. Derrubou a chaminé, que ameaçava ruina, e ergueu em lugar dela uma nova, no que foi muito bem sucedido.

Em outubro seguinte, Betsy deu à luz um bebê. Pouco antes do Natal, chegaram as grandes nevadas e ao longo das estradas começou a ouvir-se o tilintar dos guizos dos trenós. A árvore do Natal, pinheirinho cortado nos bosques da própria chácara, aguardava atrás do telheiro o momento de a instalarem; os armários estavam cheios de brinquedos.

Nisto, uma madrugada, por volta das quatro, Walter ouviu chorar a menina, Suzana, anunciando que eram horas da mamadeira: levantou-se da cama e foi encontrar a sala de jantar em chamas. No telefone, nem pensar: o fogo ardia precisamente com mais violência junto dele. Assim, carregando Suzana nos braços, Walter arrastou a esposa e os filhos até o automovel, e rodou uns 400 metros até à casa de Stacy Pillsbury, de onde chamou os bombeiros. Quando estes chegaram, porem, o fogo se apossara já de grande parte da casa. Um incêndio pode causar incalculaveis estragos enquanto o nosso bombeiro se esforça por fazer avançar a bomba puxada a cavalos, sobre uma légua de estradas que o

inverno torna quase intransitaveis.

Os nossos amigos recem-chegados perderam nesse incêndio todas as suas posses, com exceção das roupas de dormir que usavam na ocasião. Alí ficaram como atordoados, vendo queimar a casa no alvorecer daquele dia de inverno, sem a mais leve idéia do que seria o seu dia de amanhã. Qualquer vizinho, porem, poderia ter-lhes dito que o dia que estava agora dealbando ficaria lembrado como um dos mais belos de sua vida—o dia em que os Savell perderam a casa com todo o recheio, mas tambem o dia em que a nossa já lendária reserva e frieza de ianques do Maine se derreteu, e estes velhos caracóis encolhidos, que nós somos, encontraram um pretexto para sair da concha.

Os Savell estavam agora na cozinha da família Pillsbury; a dona da casa distribuia-lhes ovos fritos, presunto e bolos de batata, dizendo-lhes ao mesmo tempo que comessem, com esse espírito prático e francamente rude dos ianques, para quem nada há no mundo mais importante do que comer o que nos põem na frente. Os sinistrados estavam fazendo esforços para seguir esse conselho, quando chegou o seu primeiro visitante; era o dr. Spear, que enfiou a cabeça pela porta e disse: «Quando vim morar nesta terra, tive que comprar a maior casa que já se viu. Foi a única que pude encontrar! Venham morar conosco, até que apareça outra casa. Espaço não falta. Incômodo nenhum!» Dito isso, bateu a porta e seguiu o seu caminho.

Em seguida apareceu a Ruth French com algumas caixas de roupas para as crianças. «Talvez nem todas sirvam, mas algumas devem estar boas,» disse ela. «Fico até satisfeita de me ver livre delas!» Depois foi a Annie Jordan que telefonou, para falar de um terno para o Walter: «Só serve para quem tenha 1m80, mas eu já vi seu marido passar, e sei a altura dele.» Hubert Bowie tinha um sobretudo: «Acaba de voltar da tinturaria. Está limpinho. Veja se lhe serve!» Verna Harriman foi desencantar um berço, cobertores, fraldas e alfinetes para o bebê—e até uns sapatinhos côr de rosa, de crochê, que cheiravam a naftalina.

A «Liga Auxiliar Feminina» de uma localidade vizinha acabava justamente de fazer uma colcha de retalhos, que foi tambem doada. As medidas de Betsy foram sendo transmitidas de casa em casa, até que, por volta do anoitecer, ela se achou na posse de um guarda-roupa completo, sem faltar mesmo um casaco de peles, e os meninos ganharam brinquedos, muitos dos quais novinhos em folha.

A essa altura Betsy já enxugava os olhos com a ponta do lenço, enquanto o marido se assoava com estrépito.

O vereador Abner McIntosh passou pelo lugar, somente para dizer que «por acaso» acontecia ter ele agora uma grande casa desocupada, que andava consertando para residir nela com a família; tinha todos os apetrechos necessários, com exceção do fogão e da bomba de água. Disse logo que não alugava a ninguem, mas que os Savell podiam ocupá-la todo o

tempo que fosse preciso. Essa casa ficava situada perto da velha fazenda King, segundo ele teve o cuidado de frisar, e seria conveniente a Walter quando este começasse a remover o entulho do incêndio e iniciar a construção da casa nova.

É possivel que Walter e Betsy tivessem pensado em regressar ao Estado natal, mas a essa altura já não ousariam confessá-lo... Todos os vizinhos do lugar pareciam esperar que Walter reconstruisse a casa, e ele compreendeu logo que seria vergonhoso abandonar tudo, só porque a casa queimara até aos alicerces! Acompanhado de um grupo de vizinhos, entre eles eu, escavou entre as cinzas para aproveitar alguns salvados, tais como canalizações de água, torneiras, alguma louça. Descobrimos que a bomba do porão estava em boas condições, e a esvaziamos muito bem para que a congelação da água não a prejudicasse. E, naturalmente, fomos de caminho conversando a respeito de certas alterações que faríamos na casa, se a nós coubesse construí-la. Walter contribuiu com algumas boas idéias, e sentimo-nos todos bastante aliviados.

Chegada a altura de reconstruir a casa, metade dos vizinhos puseram mãos à obra, para abater as árvores de que deviam sair as madeiras de construção. Não tardou que voltassem da serraria as primeiras tábuas de pinho cheirando a resina fresca. Por essa data já o mestre-carpinteiro da nossa vizinhança tinha traçado uma planta da casa, e declarava que lá pelo dia primeiro de abril teria reunido os operários para o trabalho. Assim foi, e durante todo o verão não se ouviu por alí senão o ruido contínuo de martelar e serrar madeira.

Sim, agora, ao falar do sítio, já ninguem lhe chama «a chácara do King». Walter trabalhou desde o primeiro dia ao lado dos operários, e não foram poucas as idéias originais que lhe ocorreram para a construção. Diz o mestre de obras que Walter é digno de respeito com uma ferramenta na mão, e homem de trato muito leal. No primeiro aniversário de Suzana, a casa estava pronta, e pode-se dizer que não houve vizinho naquelas redondezas que faltasse à festa de inauguração. Walter confessou-me, envaidecido, que «a casa é bem boa e sólida, para viver esta vida do Maine.»

Os vizinhos concordam com ele. Em uma roda de muitos quilômetros, não há quem não conheça os novos residentes, e todos nos orgulhamos destes amigos. Pode ser que os Savell de longe em longe ainda se sintam como recem-chegados, mas a gente destas paragens sabe reconhecer quem é bom de fato, e, no que nos diz respeito, os Savell já conquistaram definitivamente o nosso apreço.

QUASE sempre, a maior ou menor felicidade depende do grau da decisão de ser feliz.
—Abraão Lincoln

Meu amigo, o rei, assina um pacto

(Condensado de um livro a aparecer)

Por William La Varre

Ex-Chefe da Divisão das Repúblicas Americanas do Ministério do Comércio dos Estados Unidos, e autor de «Gold, Diamonds and Orchids», «Southward Ho!», e outras obras.

O GOVERNADOR da Guiana Holandesa após o selo branco da Real Colônia nos meus documentos, rabiscou uma assinatura e disse:

«Aliás, minha assinatura não adianta nada... Este é o único lugar do mundo civilizado onde a assinatura de um branco não vale um niquel, enquanto não for confirmada pela impressão digital de um negro!»

Assim, pois, a delicada missão que me cabia agora desempenhar era a de conseguir essa dedada indispensavel.

Passava-se isso alguns meses antes do ataque a Pearl Harbor, e, nesses dias de ansiedade em que os nazistas conquistavam retumbantes vitórias, houve muitos americanos a quem foram confiadas as mais estranhas incumbências, com o objetivo de alcançar a consolidação das defesas do Hemisfério Ocidental. Minha missão consistia, muito simplesmente, em obter, de quem de direito, autorização para que os Estados Unidos pudessem utilizar como base aérea militar, um vasto planalto, perdido entre as selvas setentrionais da América do Sul. Essa plataforma natural era o ponto mais bem situado, estrategicamente, para a instalação de uma base a partir da qual fosse possivel interceptar qualquer ataque de bombardeiros alemães que se dirigissem da África para o Canal do Panamá. Mas, afim de estabelecer aí uma base, era preciso obter a autorização do soberano local, que reinava sobre uns quarenta mil negros primitivos, descendentes de antigos escravos africanos que haviam escapado aos seus senhores.

Os achantís, naturais da costa ocidental da África, foram trazidos pelos negreiros para as plantações da Guiana colonial nos começos do século XVIII, e depois reagiram contra os maus tratos de que eram vítimas. Organizaram uma revolta, assassinaram os colonos brancos seus senhores, internaram-se profundamente nas selvas quase virgens do interior da Guiana, e aí ergueram suas grandes aldeias de palhoças, retornando ao culto de seus velhos costumes. Quando outros colonos chegavam da Holanda, trazendo consigo novos carregamentos de escravos, os achantís faziam incursões noturnas, incendiavam as novas plantações, massacravam os colonos e punham os escravos em liberdade. Por volta de 1748 já havia uns quinze mil africanos assim libertos, vivendo nas selvas da Guiana.

Sob a chefia de um ex-escravo chamado Adoe, os *djukas*, como a si mesmos se chamavam os africanos que por suas próprias mãos se haviam alforriado, repeliram todos os ataques das tropas coloniais, continuaram incendiando as plantações costeiras, matando os colonos e libertando os escravos. Finalmente, em 1762, o governador holandês se viu forçado a pedir a paz: firmou-se então, entre a Holanda e os djukas, um tratado de paz exatamente nos termos ditados pelo *Granman* Adoe. O tratado colocava os djukas fora da alçada de todas as leis coloniais, prometia-lhes vinte mil *guilders* de prata por ano, a título de tributo de paz, e entregava-lhes perpetuamente todas as terras coloniais situadas a mais de 40 quilômetros da costa, para o interior—área mais vasta do que as repúblicas do Haití e São Domingos juntas. Ora, quando as hordas nazistas invadiram a Holanda, esse veneravel tratado encontrava-se oficialmente arquivado no departamento competente da Liga das Nações. Todos os djukas, agora mais de 40.000, o conheciam de cor, palavra por palavra.

Por essa razão era preciso que o *Granman* Ah Tu Den Du, agora soberano da nação djuka por direito hereditário, subscrevesse a firma do governador holandês, antes que os americanos pudessem instalar qualquer base aérea em território da sua gente. Verdadeiro buda de ébano, colosso de 1,80m de altura e 135 quilos de peso, Ah Tu Den Du estaria agora esperando por mim lá no âmago da selva, entre montanhas, pronto a medir forças comigo, em astúcia e diplomacia. A única coisa que militava em meu favor era o fato de que, sete anos antes, com autorização (embora de mau-grado) por ele concedida, eu realizara extensa expedição através das selvas dos djukas. Eu cumprira religiosamente todas as promessas então feitas, e presenteara prodigamente não só o soberano, como todos os seus chefes de aldeia. Por consequência, a meu pedido, ele mandava agora seu próprio filho Mombai rio abaixo à testa de uma escolta, ao meu encontro, para me conduzir até Goddo, capital dos djukas, a uns 260 quilômetros de distância do ponto onde eu esperava.

«*Odi, Bahkra!*» («Olá, homem branco!») exclamou Mombai quando finalmente me aproximei dele. Disse-me logo, em seu idioma arrevezado, que eu desperdiçara um tempo precioso: a maré estava subindo e o Deus Rio ficaria muito zangado se eu tardasse em aproveitar-lhe a bondade.

Pusemo-nos logo a caminho, galgando na crista das ondas do veloz Surinão, em quatro formidaveis canoas, cascos endurecidos ao fogo depois de talhados de uma só peça em troncos de árvores gigantescas. Em cada uma das canoas iam dezesseis djukas de tremenda musculatura, manobrando vigorosamente os remos nas águas lodosas do rio. Todos tinham o cabelo arrumado em pequenas tranças, rijas como espinhos; olhando as costas deles, de um negro-arroxeado, suando debaixo do sol abrasador, eu podia ver que a sua pele era quase completamente revestida de complicados entalhes decorativos, há muito cicatrizados. Manobravam agilmente os remos, e em silêncio, como se tivessem pressa de afastar-se o mais cedo possivel do litoral dos homens brancos, e não tardou que a muralha imensa e contínua de verdura da floresta ocultasse todos os vestígios da civilização que íamos deixando para trás.

Durante dez dias de duro trabalho, remando sempre e muitas vezes carregando a embarcação por terra, lá fomos rompendo caminho rio acima, muitas vezes transpondo rápidos em que os botes a motor não teriam resistido nem uma hora. Em alguns dos trechos mais dificeis do rio, alguns habeis rapazes, armados de longas varas, apoiadas com firmeza no leito duro do rio, manobravam as canoas de modo a fazê-las avançar com segurança, palmo a palmo. Em outras passagens, alguns dos djukas saltavam da embarcação, segurando nos dentes umas cordas compridas, e nadavam por sob a superfície das águas agitadas em direção a um rochedo isolado, com calma semelhante à que eu teria revelado ao atravessar uma rua de grande movimento.

Chegada a noite, parávamos para repousar em alguma aldeia djuka das margens; e por toda parte eu era recebido com cerimoniosa mas vigilante hospitalidade.

Em uma dessas aldeias vi uma antiga vergasta de pele de cobra preta, enrolada e suspensa do teto de colmo de uma espécie de santuário. *E-ya!* explicou Mombai, aquilo era o próprio flagelo que os brancos outrora haviam empregado para açoitar os antepassados dos djukas, nos tempos da escravidão. Era hoje o Deus-Vergasta, que dia e noite exercia vigilância para garantir que nenhum branco voltasse jamais a bater em um djuka. Em outro santuário estava guardado um pedaço da cadeia de ferro que outrora agrilhoara as pernas do *Granman* Adoe, e que ele partira, para libertar-se e conduzir à vitória a sua gente revoltada. Era o Deus-Grilhão, que para sempre havia de proteger os djukas contra o perigo das cadeias... Os filhos dos djukas podiam hoje criar-se e crescer livres, livres, livres!

Livre parecia ser a única palavra que os djukas incessantemente repetiam na conversa, nas lendas e nas crenças:

nunca os homens da sua raça voltariam a ser escravos! Não lhes ocorria, porem, que continuavam sendo escravos de muitas superstições no decurso da vida.

À medida que subíamos o curso sinuoso do rio, ia eu observando uma constante exibição da crença daqueles homens em feitiços e tabús: as veredas que levavam às aldeias da selva apareciam com frequência ornadas de caramanchões feitos de varas atravessadas no alto, das quais pendiam folhas de palmeira, supostamente dotadas de poderes para afugentar os espíritos maus. Os remadores detinham-se de vez em quando para apaziguar o Deus-Rio, depondo oferendas sobre as rochas do seu curso. A maior parte deles usavam amuletos nos pulsos, nos tornozelos e no pescoço—*obeahs* lhes chamavam—para os defender da magia negra. Alem disso havia numerosos tabús, ou *traifus*. Visto ser *traifu*, ou proibido, sentar-se por terra, todos os djukas carregavam consigo um banquinho de viagem, geralmente entalhado com símbolos *obeah*, destinados a aplacar o Deus-Chão. Cada indivíduo possuia seus *traifus* pessoais que, na maior parte dos casos, eram uma herança de família.

Um dos remadores, por exemplo, não podia comer da panela comum, como faziam todos os outros; a comida era-lhe sempre servida, só para ele, sobre uma grande folha de árvore. Mombai me informou que o pai daquele remador morrera de uma cabeçada que dera em uma caldeira de cozinhar. Desde então, todas as panelas se tornaram para sempre *traifu* naquela família. Essa diversidade de *traifus* tornava as jornadas em grupo um verdadeiro poço de surpresas. Em uma das ocasiões em que carregamos a embarcação, três dos djukas tiveram que ser levados às costas dos seus camaradas: uma árvore caira um dia naquele mesmo lugar, matando na queda o pai desses três rapazes; e desde então aquela passagem era *traifu* para eles...

Quando só nos faltava percorrer uma última curva do rio, cujas margens densamente arborizadas ocultavam a nossos olhos a Vila de Goddo, capital dos djukas, os remadores se detiveram em um areal da margem e procederam à sua cuidadosa *toilette:* tomaram banho no rio, e depois envergaram uma espécie de togas coloridas, próprias para o cerimonial do regresso a casa. Banhei-me tambem, engraxei minhas botas, e vestí as calças, camisa e casaco de xantum. Meus companheiros de viagem miraram-me com evidentes sinais de aprovação. Quando por fim todos nos demos por satisfeitos com a nossa aparência, Mombai soprou num grande búzio, que lhe servia de trombeta, para anunciar que estávamos chegando.

Ao darmos a volta à última curva do rio, avistei o *Granman* Ah Tu Den Du, de pé no alto de uma elevada ribanceira, ladeado à esquerda e à direita de longas filas de seus sub-chefes. Um imenso guarda-sol vermelho e amarelo abrigava-o dos rigores da soalheira, e a sua indumentária era digna de admiração: coroava-lhe a cabeça um velho chapéu de almirante, ornado

a galões de ouro e encimado por uma grande pluma roxa de avestruz; a sobrecasaca preta, tambem de almirante, exibia complexos bordados a ouro, botões dourados e duas enormes dragonas de ouro cujas franjas desciam quase até os cotovelos. Em volta da cintura imensa via-se apertada faixa, de uns 15 cm de largura, feita de moedas de prata unidas umas às outras. As calças eram escarlate, tendo em cada perna um galão amarelo e azul.

Muitos dos sub-chefes vestiam calças de lamê de ouro, e túnicas enfeitadas com aplicações de todas as cores do arco-iris. Alguns deles ostentavam, orgulhosamente, cartolas de evidente antiguidade, mas ainda reluzentes. Enfim, para assistir à chegada do homem branco, não havia homem nem mulher em Goddo que não tivesse envergado o melhor do seu guarda-roupa festivo.

«*Odi, Bahkra!*» disse Ah Tu Den Du, estendendo-me sua respeitavel manápula.

«*Odi, Granman!* respondí solenemente, apertando-lhe a mão.

«*Waki bon na watra?*» perguntou ele com solicitude (se eu tinha «andado bem» na água).

«*E-ya!*» respondí. A viagem pelo rio fora segura e confortavel. Os barqueiros djuka eram sem contestação os melhores do mundo e Mombai, seu filho, o melhor guarda-costas de toda a terra. Os deuses djukas me haviam protegido, e a todos eles eu ofertara presentes. Entoei essas frases rituais em cadências ensaiadas, exibindo meu conhecimento do dialeto local.

Ah Tu Den Du me escutou com um ar de aprovação. Por fim sorriu, e seus grandes dentes alvos faiscaram ao sol: «O *Bahkra,*» concedeu ele, «aprendeu bem a falar como os djukas falam. *Kai!* Quem havia de dizer!»

«*Tanki, Granman!*» disse eu, em respeitoso agradecimento. Mas não vi razão para explicar que um velho missionário morávio, que passara muitos anos traduzindo a Bíblia para o dialeto djuka, se dera ao trabalho de bater à máquina, para meu uso e aprendizagem, todo um dicionário de palavras e frases djukas.

Muitos brancos, ao chegar à presença do *Granman* naquela selva perdida do mundo, e ao vê-lo assim rebentando de gordo em sua antiquada farda de almirante, poderiam ter pensado que ele não passasse de um pobre selvagem cretino: «cretino» como uma raposa, é o que ele era! Eu é que não ia cometer semelhante erro...

Ah Tu Den Du me fez sinal para que me colocasse à sua esquerda, e em seguida todos os sub-chefes desfilaram diante de nós, numa cerimônia das mais formais, dando-nos um rápido aperto de mão. Não se disse uma palavra, e as expressões permaneceram inalteraveis em todos os rostos; tudo se resumiu àquele rápido tocar dos dedos, primeiro comigo, depois com o soberano, e finalmente com o mais velho dos sub-chefes.

Acabada a cerimônia, o *Granman* me acompanhou até uma pequena casa reservada aos hóspedes, coberta de palmas tingidas de azul e côr de rosa, situada perto do seu próprio palácio.

A casa tinha quatro divisões, com tabiques de pranchas de cedro aromático. No quarto principal deparei uma grande mesa de acajú entalhado, e doze bancos que eram simples seções de troncos da mesma espécie de madeira. Sobre a mesa encontrei duas grandes bandejas cheias de frutas, e outra menor, sobre a qual se erguia uma verdadeira pirâmide de galinha frita e pato assado! O *Granman* acompanhou-me na visita que fiz a todos os quartos, e inspecionou tudo com a maior atenção antes de deixar transparecer com um resmungo a sua aprovação.

A dada altura lembrei que havia trazido alguns presentes para o *Granman:* seria agora o momento de ofertá-los? perguntei.

Os olhos do grande chefe cintilaram de alegria antecipada: deixou cair pesadamente seu grande corpanzil em um dos tamboretes, enquanto eu corria a abrir dois dos baús que havia transportado comigo. Trazia-lhe em primeiro lugar uma esplêndida espingarda de caça, de dois canos, com a culatra toda embutida de madrepérola, e a respectiva caixa de cartuchos de latão; depois, cinco peças de algodão fino, de cores vivas e de alta qualidade, melhor que qualquer pano que se pudesse conseguir nos mercados do litoral. Em seguida, um gramofone à prova do clima da selva, acompanhado de cem discos entre os quais se incluiam canções religiosas de negros americanos e danças rituais do Haití, acompanhadas de batuque vodú; finalmente, um pequeno estojo que continha duas dúzias de canivetes.

Ah Tu Den Du declarou logo que o *Bahkra* era um amigo generoso. Aqueles presentes iam proporcionar-lhe muito prazer.

Quando o soberano foi embora, apressei-me em suspender minha rede de fibra com o respectivo mosquiteiro em um dos silenciosos quartos. Até que, finalmente, estava em Goddo! Um branco solitário em meio de 40 mil negros primitivos... Para meu serviço tinham-me dispensado três moças, cujos corpos luzidios, abrigados em um mínimo de vestuário—tangas bordadas a ouro—teriam feito a delícia de um escultor. As cicatrizes dos entalhes *kamemba*, feitos a faca na pele, em volta do umbigo e dos seios opulentos, significavam, segundo o costume djuka, que todas elas estavam em idade de procriar. Mas em suas rijas pernas não se viam tais cicatrizes, sinal de que ainda eram donzelas. Pouco tinham que fazer por alí, nos meus aposentos; mas pareciam decididas a inventar ocupações—deslocando um tamborete daquí para alí, arrumando melhor as frutas nas bandejas, ou passando um esfregão de fibra nas tábuas do soalho de acajú, já imaculadamente limpas.

Ah, aquí eu bem podia levar vida regalada, balançando-me indolentemente na minha rede, com comida à farta, três robustas serventes se ocupando de mim, hóspede de um rei. *E-ya!* disse a mim mesmo, seria uma vidinha bem facil e confortavel... se eu fosse um djuka!

Essa mesma noite houve grande festança no palácio do *Granman*, vasto e

atarracado edifício de dois andares, feito de adobe, sapê, bambús, que abrangia a superfície de um bom quarteirão urbano. Entrei numa ampla sala iluminada a lanternas de óleo de palmeira, que eram simples latas de querosene usadas, e dei de cara com uma sólida mesa, no centro da casa, sobre a qual se empilhavam, a grande altura, os acepipes nas suas travessas de madeira. Cerca de 40 sub-chefes estavam sentados em tamboretes, arrumados contra as paredes. No extremo oposto à entrada vi Ah Tu Den Du, que, como seus compatriotas, voltara a envergar a tanga e a toga. Estava sentado numa enorme cadeira de espaldar em leque, forrada de pele de jaguar e cravejada de tachas de latão. Sua toga vermelha e verde ele havia atirado para as costas, de modo a ficar mais à vontade, e seu grande corpanzil de ébano reluzia à luz das lanternas. Convidou-me com um sinal a sentar-me a seu lado. Assim que o fiz, vieram logo servir-nos formidaveis porções de comida, enchendo nossos pratos de madeira, que tinham bem o dobro do tamanho dos pratos comuns. Todos aqueles homens, servidos cada um por u'a mulher, comiam fenomenalmente. Havia carne de galinha, pato, porco, veado e iguano; havia arroz, feijão, inhame, abóbora, mel silvestre e bolo de mandioca, amendoim e nozes de palma; havia abacaxí em talhadas, melão em metades, bananas, laranjas em fatias, e coco ralado.

Serviram-nos, por fim, uma espécie de chá de gosto pungente, feito com a infusão de certo arbusto da selva. Depois de tudo isso, uma das minhas serviçais introduziu, naquela assembléia de homens regurgitantes de manjares e já meio ébrios, uma caixa de rum fortíssimo—minha contribuição ao festim. Uma vez feita a distribuição, levantamo-nos todos, derramamos algumas gotas pela borda de nossas taças, como oferenda ao Deus-Chão, e em seguida bebemos.

Fiz então a declaração de praxe: «Sete dias hão-de passar antes que eu possa comer de novo!»

Esse meu comentário parece ter causado agradavel impressão no *Granman*, que a esta altura já suava profusamente. Com um aceno da mão dirigido à mesa ainda carregada de iguarias, deu-me a entender que pouco tínhamos comido. Depois, trabalhosamente, arrancou o volumoso corpo à cadeira.

«Venha,» resmungou para mim. «Estou pronto agora a ouvir o *Bahkra* me falar do assunto que o traz por aquí!» Conduziu-me a uma sala onde se encontravam suspensas duas redes de fibra. Instalou-se em uma e eu na outra; assim, durante uma hora, enquanto o régulo se balançava em silêncio, fui-lhe desenrolando minha exposição dos fatos, por vezes repetindo algum pormenor para melhor o acentuar.

Expliquei-lhe que os exércitos alemão e italiano tinham conquistado quase toda a Europa, e estavam agora mandando tropas paraquedistas para a África Equatorial Francesa, através da Líbia e do Sudão. Seu plano era avançar para o sul, seguindo a costa

ocidental da África, terra dos antepassados dos djukas. Dacar tornar-se-ia o trampolim de onde os reides aéreos seriam lançados através das «grandes águas», em direção à América. Os países deste continente teriam que patrulhar as «grandes águas» dia e noite, com seus navios de guerra e aviões. Aquí, a meio caminho entre Dacar e o Panamá—ao dizer isso, indiquei com o dedo, no meu mapa de bolso, o lugar onde nos encontrávamos—havia este elevado planalto, liso, a 1.200 metros de elevação sobre a selva...

«*E-ya!*» resmungou outra vez o chefe. «A montanha tão lisa no cimo como uma mesa. Conheço bem! *Gransabana* é o nome que os djukas lhe dão.»

Insistí no meu ponto de vista: o que queríamos era construir uma cidade de brancos no cimo da *Gransabana*, uma grande base aérea para mil aviões. De outra maneira, os selvagens brancos da Alemanha poderiam vir dentro em pouco varrer a tiro de metralhadora e crivar de bombas todo o litoral da América do Sul.

Ah Tu Den Du, sempre balançando o corpo na rede e em silêncio, de olhos pesados, esperava que eu continuasse. E prosseguí: os homens brancos da América queriam fazer um contrato, um tratado, com o rei dos djukas. Queriam arrendar o planalto até o dia em que os brancos selvagens fossem derrotados, e isso podia ainda demorar dois ou três anos. Acabada a guerra, todos os brancos sairiam da montanha, e esta voltaria à posse exclusiva dos donos legítimos. Nesse ínterim, haveria trabalho para uns mil djukas, a cinco dólares de prata, por dia. Ao dizer isso, passei para as mãos do *Granman* uma reluzente moeda, à guisa de amostra. Os *bahkras*, fui acrescentando, instalariam tambem um grande armazem de mercadorias onde os djukas poderiam comprar, com seu salário, coisas muito melhores do que as que se encontravam a venda nas pequenas lojas do litoral. *E-ya!* rematei com veemência, esse era o assunto que me trouxera pelo rio Djuka acima.

Ah Tu Den Du olhou-me em silêncio durante alguns momentos, e em seguida perguntou: «*Tru-tru?*» («É verdade mesmo?»)

«*E-ya!*» disse eu, olhando-o bem direito nos olhos. «*Tru-tru, Granman!*»

«O *bahkra* traz assunto muito sério!» disse ele. «Será preciso convocar um *krutu*.» Bateu palmadas com as manápulas, que soaram como tiros de espingarda, e, à serviçal que logo acorreu, ordenou que convocasse imediatamente todos os sub-chefes. Quando por fim se reuniram, tive que repetir-lhes a história, palavra por palavra.

Ah Tu Den Du me escutou atentamente, comparando as palavras que eu agora dizia com os fatos que anteriormente lhe propusera. Depois, resumiu calmamente os prós e os contras da questão, falando para os sub-chefes: se os brancos selvagens da outra banda das «águas grandes» se apoderassem de todo o mundo dos homens brancos, os djukas, e com eles todos os outros negros, ficariam à mercê dos vencedores; ora, os djukas não tinham grandes canhões! Mas, se os djukas concedessem aos americanos a posse da *Gransabana*, estes últimos eram capazes de não sair de lá quando a guerra estivesse ganha; era sabido que os homens brancos faltavam com frequência à sua palavra—mesmo quando esta ficava escrita e assinada em tratados públicos. Durante alguns anos os djukas que quisessem trabalhar na *Gransabana* podiam ganhar bom dinheiro em metal sonante; mas, por outro lado, teriam que sair de suas casas e ir viver no alto da montanha, o que bem podia desagradar as respectivas esposas. Tais eram as coisas, concluiu ele, que era preciso meditar e discutir.

«*Dasso!*» bradaram os sub-chefes. «Precisamos pensar tudo com cuidado! Como sempre, o *Granman* fala a verdade!»

«Agora já todos ouviram as palavras do *Bahkra*,» replicou Ah Tu Den Du. «Vão embora e reunam os seus próprios *krutus*. Vamos meditar bem este assunto durante mais um dia e uma noite. Depois juntamos as idéias e damos nossa resposta ao *Bahkra*.»

Durante aquele segundo dia que passei em Goddo, os sub-chefes e os anciãos realizaram os seus *krutus*. A voz profunda e sonora do Tambor Falante tambem teve o seu *krutu* com os Tambores Falantes que respondiam a montante e a jusante do rio, e das aldeias situadas através da selva, trocando mensagens retransmitidas por outros tambores até as mais distantes povoações djukas. Desconhecendo a cifra dos tambores, eu não podia interpretar o que eles diziam, e minhas serviçais não me deram ajuda. Às minhas perguntas elas responderam com astúcia, dizendo que os tambores «não falavam a fala das mulheres».

Finalmente Ah Tu Den Du mandou recado por aquelas terras, de que se ia realizar grande assembléia naquela mesma noite, na praça central de Goddo, à qual assistiriam todos os sub-chefes e os chefes visitantes. Quando o recado me chegou, mandei dizer que tinha trazido uma lanterna mágica, e queria mostrar aos djukas alguns dos fatos que já lhes havia relatado. Tirei das caixas o projetor, as lâmpadas e a bateria, e instalei uma tela de 3 por 4 metros. Talvez fosse este o trunfo que me daria ganho de causa nesta partida de tacto diplomático. Eu passara algum tempo coligindo documentos fotográficos sobre a invasão fascista da Abissínia, e mandara fazer os respectivos diapositivos para a minha lanterna.

Felizmente, a noite não estava de luar. Voltado para a tela, atrás de todos, eu podia do meu lugar abranger com os olhos alguns milhares de djukas apinhados nos seus banquinhos em fileiras sucessivas. Exprimindo-me devagar, e enunciando cuidadosamente, fui dizendo: «Eu trouxe comigo, para mostrar aquí, algumas imagens *bahkra* de coisas—fatos—que aconteceram muito longe, do outro lado das águas grandes. Quando eu falar de um fato, mostrarei tambem o mesmo fato. Quando os olhos vêem um fato, o espírito acredita no fato—não é verdade?»

«*E-ya!*» afirmou o *Granman*, vindo em meu auxílio. «*E-ya!*» respondeu em coro a minha assistência.

«Agora, para não deixar dúvidas, vou provar que todas as imagens são fatos,» continuei. «Sentado aquí ao meu lado, está o vosso *Granman*, Ah Tu Den Du. Olhem com atenção! Vou-lhes mostrar uma imagem real do *Granman* Ah Tu Den Du.» Passei então a primeira chapa, que era a reprodução de uma fotografia do soberano, por mim tirada durante a minha prévia expedição ao país dos djukas.

Alguns dos espectadores voltaram vivamente a cabeça, para se certificarem de que o *Granman* não saira da sua cadeira ao meu lado. «*E-ya*, Granman!» bradou a platéia em peso. «Aquele és tu!»

Passei outra chapa no projetor, para mostrar doze djukas ao fim de uma caçada. «*Kye!*» bradaram alguns deles com explosivo entusiasmo: «Alí está Mombai! Alí está Casito! Alí está Sungi!» E um deles exclamou em solo: «Alí está a corça que eu matei!»

Vendo que os espíritos estavam preparados, estendí a mão para o terceiro diapositivo. Ia levá-los agora ao coração da África, terra dos seus antepassados, para lhes mostrar as hordas de Mussolini atacando os etíopes, bombardeando suas aldeias, massacrando do ar os guerreiros em fuga. Dispunha de cem chapas, e trazia na ponta da língua a minha palestra, que aprendera de cor. Essa palestra ilustrada teria durado uma hora e meia entre a nossa gente; aquí, porem, muitas das cenas tive que manter na tela durante três minutos, enquanto repondia às perguntas de Ah Tu Den Du. Os comentários dos espectadores foram-se avolumando e crescendo, cena após cena, num tremendo rugir de cólera primitiva.

«É dificil acreditar que os homens brancos possam ser tão maus!» bradou Ah Tu Den Du, cobrindo com a sua voz as roucas exclamações dos sub-chefes. Após três horas de contínua palestra, cheguei por fim ao último diapositivo, e, com a voz já rouquenha, berrei para fazer-me ouvir por entre o tumulto: «Todos viram os fatos! Todos viram o que aconteceu aos homens de côr, do outro lado das águas grandes! Vou mostrar agora os dois selvagens brancos que comandaram esses atos de crueldade—os dois selvagens brancos que estão procurando conquistar o mundo inteiro!» Fiz deslizar a última chapa no projetor: lá adiante, na tela, Hitler e Mussolini surgiram com rasgados sorrisos, dando um grande aperto de mão, rodeados pelas suas comitivas jubilosas.

Cinco segundos depois, a tela, bem esticada, estava retalhada em tiras: os djukas pulavam uns sobre os outros para golpear com as suas facas as imagens dos dois chefes do Eixo. Parecia um caso de combustão espontânea da massa humana. Acendí rapidamente o meu pequeno holofote. Ah Tu Den Du bateu as palmas para pedir a atenção dos presentes, e disse:

«Todos ouvimos a história do *bahkra*. Vimos as imagens reais. Se os brancos selvagens podem conquistar a África, podem mandar suas máquinas pelo ar, umas atrás das outras, sem fim, até chegarem talvez à terra dos djukas. Quem sou eu para dizer que eles não podem?» Fez uma curta pausa e em seguida me decepcionou com esta declaração:

«Esta noite não é para dormir. Esta noite e amanhã vamos reunir muitos *krutus*. Só depois daremos a nossa decisão ao *bahkra!*»

«*E-ya, Granman!*» bradaram em coro os sub-chefes. «O *Granman* é sábio, e amado por todos os deuses!»

Sim, os deuses podiam amá-lo, mas eu é que não! O grande chefe podia ter imprimido logo alí a marca do seu grosso polegar no nosso contrato, sem mais demoras. Nunca um soberano teve apoio tão unânime de seus súditos. Para que, então, estava ele demorando?

Nessa mesma noite, já tarde, depois de muito matutar, tomei a decisão de lhe dizer sem papas na língua o que pensava. Saí em busca dele, e fui encontrá-lo ao lado do grande Tambor Falante de Goddo, ditando mensagens ao tamborileiro. Disse-me abruptamente que estava muito ocupado. Não teria tempo de falar comigo antes do amanhecer. O tamborileiro continuou a batucar sua trovejante mensagem na enorme caixa de ressonância, que constava de uma pele de tapir, bem esticada sobre a cavidade do cerne de um tronco gigantesco, com três metros e meio de comprimento, e metro e meio de diâmetro. A tremenda concussão da caixa produzia uma sensação dolorosa em meus ouvidos ainda não habituados, e dava-me uma pulsação horrivel na cabeça.

Recuei para fugir à insuportavel vibração, e o tambor lá ficou falando e falando, enchendo a noite da selva do seu imenso vozeirão retumbante.

Na manhã seguinte, quando pedí que me recebesse, Ah Tu Den Du mandou-me dizer que ainda estava muito ocupado. E o retumbar do tambor continuava sem interrupção. Resolví então dar um passeio.

A cidade de Goddo era constituida por uma série de agrupamentos de casas em volta de pequenas praças. Os quarteirões de cabanas de colmo estavam separados entre si por uma série de hortas, protegidas por tapumes de bambús contra a invasão das galinhas, porcos, patos e cachorros que vadiavam livremente pelas ruas da povoação. Causou-me impressão o fato de que os cachorros se apresentam todos pintados de um vermelho muito vivo, com uma tintura considerada como um *obeah* muito bom para os bichos; e o era provavelmente, pois se obtinha pela fermentação de certas raizes indígenas, dotadas de poderosas propriedades inseticidas.

Muitas das mulheres djukas carregavam velhas latas de querosene cheias de água do rio, a caminho das hortas, levando-as suspensas de varas apoiadas nos ombros. Os velhos ficavam sentados por alí, fazendo artísticos entalhes nos utensílios de madeira. Vi muitos homens ainda moços cortando e queimando o cerne de grandes troncos de árvore de 6 e 9 metros de comprimento, para deles fazerem canoas. Delgadas colunas de densa fumaça branca subiam dos buracos aber-

tos no alto de pequenas cabanas cônicas: lá dentro, escondidos, os curandeiros djukas cozinhavam cerimonialmente suas poções primitivas, mas tantas vezes poderosas.

Para alem da cidade, algumas trilhas bem batidas conduziam, através da floresta altíssima, até às clareiras onde estavam as culturas de arroz, mandioca, milho, cana de açucar e coqueiros. Na casa de cada djuka havia uma despensa privativa, onde se guardavam os frutos da terra. Por toda parte encontrei, com efeito, sinais consideraveis da indústria e prosperidade daquela gente. Alem dos seus 20 mil *guilders* do tributo anual de paz, pago pelos holandeses, eu sabia que Ah Tu Den Du podia conseguir todos os artigos de comércio que lhe fossem necessários, bastando para isso que lançasse rio abaixo as preciosas balsas de grossos troncos de acajú.

Quando regressei da minha deambulação, vim encontrar Mombai esperando por mim. Disse-me que o pai lhe dera ordem de me levar à sua presença. Tomei um banho, mudei de roupa, calcei minhas botas bem engraxadas, e acompanhei-o ao palácio.

«*Odi, Bahkra!*» rosnou Ah Tu Den Du quando me aproximei dele. Doze idosos sub-chefes cercavam o soberano, acocorados nos seus banquinhos, semi-nus e imoveis como múmias de obsidiana.

«*Odi, Granman!*» respondí, e fiquei de pé, esperando que ele falasse.

«O *Bahkra* ouviu o Tambor Falante, e talvez os outros tambores respondendo às mensagens de Goddo?»

«*E-ya!* Estive escutando toda a noite. Que remédio senão ouví-los! Não houve maneira de dormir!» Sentia crescer a minha impaciência e, embora um passo em falso pudesse pôr em perigo o êxito de minhas negociações, resolví enveredar pelo dificil meio-termo entre a demasiada obsequiosidade e uma excessiva frieza. «O Tambor Falante do *Granman* deve estar com dor de garganta! Se um homem branco falasse tanto tempo, e tão de rijo, ficaria sem voz durante um mês!»

Os anciãos sorriram, e o *Granman* riu baixinho: «Os tambores falantes dos Djukas nunca têm dor de garganta!» respondeu ele com orgulho, e seus olhos cintilaram. Depois cruzou os dedos e descansou as palmas das mãos no ventre protuberante.

«Já posso dar resposta. Estamos de acordo que os problemas do *Bahkra* são nossos problemas. Os brancos selvagens são tambem inimigos dos djukas. Os brancos americanos têm máquinas voadoras. Os djukas têm *Gransabana*, onde as máquinas podem juntar-se para a caça. O acordo está feito. O *Granman* está pronto a pôr o polegar no tratado do *Bahkra*.»

«*Tanki, Granman!*» exclamei, sem poder reter meu júbilo. Corrí à casa dos hóspedes, e voltei a toda a pressa, trazendo comigo o memorando oficial do acordo. Ah Tu Den Du olhou para a fita vermelha com que o caderno estava cosido, para o texto dactilografado, para o selo colonial e a assinatura do governador holandês. Em seguida, pediu-me que lhe lesse o tratado.

Puxei de um livro de notas que tinha no bolso, no qual transcrevera rigorosamente em idioma djuka, foneticamente soletrado, o conteudo do acordo. Os sub-chefes escutaram a leitura de olhos fechados, imoveis de atenção nos seus banquinhos. Quando terminei a vagarosa leitura, Ah Tu Den Du falou assim:

«Ouviram o *Bahkra* ler as palavras exatas do papel do tratado. Repitam agora, palavra por palavra, ao *Bahkra*, para que ele saiba que cada uma delas ficou gravada em nossa mente, e nem uma só palavra será esquecida!»

Como se todos falassem pela mesma boca, os anciãos começaram então a entoar palavra por palavra a tradução do tratado em djuka, tal como eu acabava de lê-la! De começo fiquei assombrado, mas depois veio-me à memória o que um traficante de acajú do litoral me dissera: que os djukas, não possuindo linguagem escrita, treinavam a memória de alguns de seus homens, desde a infância, para que pudessem decorar compridas mensagens e repetí-las com fidelidade durante muitos anos. Eram, no dizer do mercador, verdadeiros «livros humanos».

Quando essa desconcertante recitação chegou ao termo, o *Granman* voltou-se para mim e perguntou se haviam falado direito. Assim o confirmei. Mas ainda faltava mais um obstáculo a vencer: durante alguns instantes, Ah Tu Den Du pareceu espiar-me com uma interrogação irônica nos olhos; depois fez um sinal de cabeça a um dos anciãos; vagarosamente, o subchefe levantou-se, lançou mão do tratado, sacou uma pequena caixa preta dentre as dobras da tanga, abriu-a para tirar um par de óculos de aro dourado, instalou-os no nariz, e começou a ler o texto datilografado... em inglês! Lia o inglês perfeitamente, e mais, com o refinado sotaque de Oxford. Não pude conter uma exclamação de espanto.

Fez-se luz, então, no meu espírito: se eu tivesse tentado iludir os djukas, não teria ido muito longe. Para me pôr à prova, Ah Tu Den Du conservara esse trunfo secreto até o último momento.

Após ler o tratado e aprovar minha tradução, o velho djuka tornou a guardar os óculos com todas as cautelas. De repente, voltou a ser o mesmo ancião engelhado e semi-nu. Escapou-me esta pergunta: «Onde é que o senhor aprendeu inglês?»

O ancião olhou para o *Granman*, que lhe fez um sinal de aprovação; depois, com um vago sorriso que lhe franziu os olhos, respondeu: «Faz muitos anos, o *Granman* Iancuso me mandou à Inglaterra para estudar diversas ciências — entre elas o inglês...»

Ah Tu Den Du estava deliciado com a partida que me pregara, e todo ele era agora afabilidade. Levantou o grosso polegar da mão direita, apertou-o na almofada de tinta que eu trazia na minha pasta, e imprimiu solenemente a real dedada no nosso contrato.

Metí o tratado na pasta, com um suspiro de alívio: estava cumprida a minha missão. Ah Tu Den Du me disse, como se lesse meus pensamentos,

que na manhã seguinte três canoas estariam aprestadas para me levar rio abaixo.

Quando ficamos a sós, explicou-me o caso dos Tambores Falantes. Era bem certo que, na qualidade de *Granman* de todos os djukas, a sua palavra valia como lei; mas um homem revestido de tamanha autoridade tinha tambem pesadas responsabilidades! Por isso, antes de anunciar sua decisão, quisera informar todos os homens e mulheres da nação djuka sobre as negociações em curso, e obter o assentimento de todos.

Depois, Ah Tu Den Du me esclareceu, em palavras repassadas de reverência, que o seu predecessor, o *Granman* Iancuso, fora homem de grande sabedoria, que havia conduzido a nação djuka através de tempos muito acidentados. Antes de expirar na sua rede, dera este sábio conselho a Ah Tu Den Du, para guiá-lo no governo: a primeira coisa, e a mais importante, que tem a fazer o homem investido do poder de dar leis aos outros homens, é traçar as leis da sua própria conduta; e entre estas está a lei da paciência.

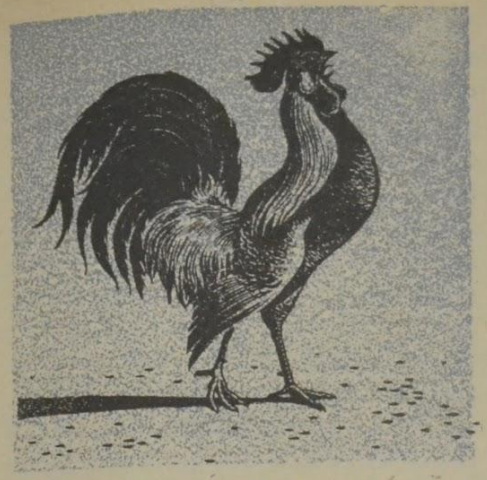
«*E-ya, Bahkra!*» disse Ah Tu Den Du paternalmente, como se eu fosse um gurí sentado no seu grosso joelho negro, ouvindo uma lição. «Paz e paciência vão sempre juntas. Liberdade e paciência vão sempre juntas. Amizade e paciência vão sempre juntas. Nós, os djukas, temos aprendido a ser pacientes uns com os outros. É ou não é verdade que o *Bahkra* nunca ouviu os djukas brigando entre si, como brigam os homens brancos? Se eu de repente me deixasse impacientar, como na sua pressa o *Bahkra* queria que eu fizesse, a paz entre os djukas podia ficar perturbada para muitos e muitos anos. É quase certo que alguns dos djukas das aldeias mais distantes teriam começado a suspeitar de mim —a imaginar que eu não obedecia mais às leis da minha própria conduta!»

É bem possivel que, aos olhos das autoridades coloniais do litoral, este homem tenha passado muitas vezes por um «régulo selvagem». Pela minha parte, não me faltaram ensejos de observar que Ah Tu Den Du, *Granman* dos djukas, era de fato um verdadeiro democrata.

Depois de vencidas todas as naturais reservas e suspeitas por parte dos djukas, e obtida a sua amistosa cooperação com os homens brancos dos Estados Unidos, as autoridades de Washington abandonaram a idéia de construir uma base aérea no território deles. Os diversos departamentos e repartições do Governo não puderam pôr-se de acordo quanto à localização das diversas bases de defesa aérea do Canal, e poucas dessas bases chegaram de verdade a ser construidas. Os djukas, como é facil compreender, ficaram decepcionados quando se viram esquecidos, e disso resultará provavelmente que não voltarão por muito tempo a conceder o seu auxílio e cooperação aos brancos.

—Nota do Autor

Crise é a época em que a gente aperta o cinto. Quando a gente não tem cinto para apertar, a época chama-se «depressão»; e se já não tem calças para suster, chama-se «pânico».



Não se preocupe com o sono

(Condensado do livro «Why Worry?»)

Pelo dr. George L. Walton
Neurologista-consultor do Massachusetts General Hospital

Seria tolice esperar que um espírito continuamente atormentado e ansioso, dia após dia, pudesse subitamente dar lugar ao plácido estado mental favoravel a um sono reparador. As preocupações, e não o trabalho, causam o nervosismo que afugenta o sono. Nem deveria o insone chegar à conclusão de que é a falta de sono, e não o excesso de preocupação, que o deprime. Quanta noite mal dormida se poderia atravessar sem grande malefício, se não nos preocupássemos com a falta de sono!

É essencial, porem, que o trabalho cotidiano seja variado e, de vez em quando, interrompido. É o que fazem os treinadores de competições atléticas, quando insistem na necessidade de cessar-se todo esforço violento imediatamente antes da prova final. Por que não aplicarmos ao espírito o mesmo tratamento benéfico, assim aplicado ao corpo? Afim de adquirir-se o hábito de bem dormir, é mister aprender a concentrar-se no assunto do momento. Assim aprenderemos a considerar que o sono, na hora de ir para a cama, é tarefa imediata e suficiente, em vez de procedermos como se fosse essa a hora propícia para acertar todas as complicações e especular sobre os problemas que talvez o futuro nos reserve. Muitas vezes, à hora de deitar, uma caminhada, um banho, um pouco de ginástica, facilitam o sono; mas de pouco valerão se o espírito continuar atribulado.

A melhor preparação imediata para uma noite bem dormida consiste em acreditarmos, confiantemente, em que *vamos dormir*, e mantermo-nos *indiferentes quanto a uma possivel insônia*. Embora um bom sono, contínuo e longo, seja sempre desejavel, não é essencial à longevidade ou à eficiência. O conhecido filantropo George Y. Angell dizia, aos 84 anos,—quando ainda em plena atividade—que certa vez passara toda uma semana sem dormir; de outra vez, durante três meses, não dormira em média mais de duas horas por dia; e não se lembrava de ter jamais dormido bem toda uma noite. Sabe-se de muitos outros que, durante anos, dormiram em média apenas algumas horas por noite, sem sacrificar a saude ou o bem estar.

A pior atitude mental, à hora de

dormir, é a idéia de que o período de oito horas de sono tem de começar imediatamente, ficando-se a contar as horas sem sono e a compará-las com o total ambicionado. A própria insistência afugenta o sono. Se pensarmos, porem, que, insones hoje, dormiremos amanhã, verificaremos, surpreendidos, que acabamos dormindo hoje mesmo... Qualquer posição de absoluta e contínua distensão muscular no leito, mesmo sem sono, é mais repousante que a agitação de um lado para o outro. A prática desse repouso pode adquirir-se exercitando-se durante o dia em dominar movimentos nervosos. Outra prática de decidida utilidade é a da auto-sugestão. Quem quiser pôr à prova o efeito de uma sugestão desfavoravel acompanhada de agitação, deite-se de bruços, vire da direita para a esquerda, num círculo completo, parando várias vezes e repetindo o mais depressa possivel: «Não poderei dormir nesta posição.» Verá que o movimento rápido e a sugestão afastarão o sono. Para demonstrar o efeito do repouso corporal, combinado com a auto-sugestão acertada, comece na mesma posição acima descrita e faça o mesmo círculo, porem com pausas prolongadas, com os músculos distendidos, e diga a si mesmo, de cada vez: «Sou capaz de dormir em qualquer posição.» Repita-o deliberadamente, como se na verdade o acreditasse. Em geral, antes mesmo de completar o círculo, o sono vem, trazido pela posição de repouso e pela sugestão.

Há pessoas que se martirizam com a idéia de que não poderão dormir enquanto não tiverem resolvido, mentalmente, todos os seus problemas. Como é facil afastar indefinidamente o sono, nessas condições! Para as vítimas de tais tendências o melhor treinamento é confiar na sorte e no dia de amanhã. O hábito de libertar-se voluntariamente dos pensamentos desagradaveis é dificil, mas não impossivel de adquirir-se. Canon Beadon, que viveu mais de cem anos, dizia que o segredo de uma vida longa, no seu caso, consistia em sua resolução de nunca pensar em coisas desagradaveis depois das dez horas da noite.

Outra circunstância deprimente é fazer-se questão de certas condições para dormir, como sejam o silêncio, luz ou sombra, calor ou frio, quarto arejado ou calafetado. Quem sofrer dessa forma deverá dizer a si mesmo: «Qualquer pessoa suporta bem aquilo de que gosta; mas só os filósofos podem suportar bem o que lhes é desagradavel.» Tente-se então ser filósofo, dominando a hipersensibilidade. As pessoas que se agitam, em busca de lugar sossegado para dormir, podem afinal achar opressivo o próprio silêncio, ou, pior ainda, ficar acordadas a ouvir o ruido da sua própria circulação sanguínea, estado de coisas irremediavel.

Lembremos, acima de tudo, que quando sofremos de insônia o mal está em nossa mente. Quem quiser uma noite bem dormida deve começar por regular o dia; primeiro, evitar trabalho excessivo, que resulte em grande tensão; segundo, desenvolver suas atividades sem o contínuo acompanhamento de preocupações indevidas.

«—na calamidade e no fragor da batalha, ela mostra seu secreto vigor»

A prodigiosa vitalidade da Inglaterra

(Condensado de «The New York Times»)

Herbert L. Matthews

Correspondente-chefe do «Times» em Londres

Os PROFETAS da decadência deram novamente para prever o declínio e a queda do Império Britânico. É possivel que desta vez eles tenham razão. Nenhuma civilização é eterna; a história nem sempre se repete, e o totalitarismo é a nova ameaça que paira sobre o mundo.

Mas, convem lembrar que a Grã-Bretanha já passou por crises tão dificeis quanto a atual.

Em 1649, viu o governo de Cromwell a sua autoridade exposta ao ridículo, a marinha paralisada pelos motins, as colônias revoltadas, seu prestígio reduzido a zero, enquanto a Holanda, a França e a Espanha arrolavam com desprezo a Inglaterra como potência de terceira classe.

Nos dias de William Pitt, o Moço, as colônias americanas separam-se do Império; une-se o mundo inteiro contra a Inglaterra, que se debate com a crise econômica. É quando Pitt declara: «Em nosso derredor não há senão ruinas e desespero.»

O período que se seguiu às guerras napoleônicas constituiu época horrivel de miséria e de desemprego, e o século XIX começou sob maus auspícios para os ingleses. Entre 1840 e 1850—«a década da fome»—assim falava Disraeli: «Na indústria, no comércio e na agricultura não há esperança.» Entretanto, ainda em vida do mesmo Disraeli, conquistaria a Inglaterra uma supremacia comercial e um poderio jamais igualados na história.

Entre alturas estonteantes e extremos de desespero, o tempo e o carater britânico sempre operam o milagre de converter as desgraças inglesas em fonte de novas glórias. Se é que estão hoje definitiva e irremediavelmente batidos, não o sabem os britânicos. E sabem-no menos agora do que o sabiam, depois de Dunquerque. Somente quando eles deixarem de combater com a confiança e a coragem de sempre é que se poderá cavar o túmulo do Império Britânico. Se esse dia chegar, a história há-de escrever sobre a sua lápide: «Aquí jaz a Civilização Oci-

dental»—e já então estaremos todos enterrados em suas ruinas.

Após uma análise das condições econômicas da Inglaterra, o observador imparcial não se poderá furtar a estas duas convicções: para o futuro imediato, as condições do país são más e tendem a piorar: para um futuro mais distante, é possivel e mesmo provavel um alto nivel de prosperidade. A Inglaterra está sofrendo as consequências de séria inflação, sua despesa é maior que sua receita, consome mais do que produz, e importa mais do que exporta. Lucros elevados, salários altos e subprodução significam muito dinheiro à procura de pouca mercadoria. Ainda assim, com auxílio do exterior, a Inglaterra poderá vencer a crise. Quatro ou cinco anos para restabelecer a conversibilidade da libra esterlina, dez a doze para atingir um padrão de vida estavel e satisfatório—são esperanças bastante razoaveis. Alem disso, qualquer solução para os problemas britânicos há-de seguir linhas ortodoxas, estejam no poder Trabalhistas, Conservadores ou Liberais.

Até aquí, limitou-se o socialismo inglês a abolir a propriedade privada em algumas indústrias nacionais. Os seus próprios líderes proclamam, entretanto, a necessidade de deixar muitos empreendimentos confiados à iniciativa individual (presentemente, 80 por cento). Lentos, pesados, cautelosos, pelo espírito e pelo coração mais da classe média do que de qualquer outra, os ingleses são mais propensos a transigir e contemporizar do que a alterar e abolir. Ancorados na tradição, preferem a evolução à revolução. A Revolução Francesa, as revoltas de 1848 e os levantes de 1918 não os atingiram. Entretanto, em 1945 votaram pacificamente a favor do socialismo. O governo age com a aprovação do Parlamento; se a maioria do povo não estiver satisfeita com o governo atual, poderá derrubá-lo em 1950. Isto não é revolução. Pode mesmo dizer-se que nem é socialismo.

A hipótese de que venham um dia a abrir mão da liberdade individual não acudirá a ninguem que conheça os ingleses. Eles trazem a liberdade no sangue, nos pensamentos e nas aspirações. As grades de um governo autoritário, um conquistador estrangeiro, uma economia precária, não lhes reduziria por muito tempo a paixão da liberdade.

Que a monarquia subsistirá na Inglaterra e no Império é escusado discutir. A continuidade de sua existência é outra garantia de estabilidade, assim para a Inglaterra como para o Império Britânico, onde todos devem fidelidade ao Rei.

Uma coisa, porem, é a estabilidade, e outra o prestígio e poder decorrentes da força econômica e militar. Neste ponto a situação é contra a Inglaterra. Em verdade, exército e marinha, territórios e riquezas não são por si mesmos necessários à conquista e manutenção da prosperidade e do bem-estar nacionais. A Suécia, a Suiça e outras pequenas nações já demonstraram isso mesmo com bastante clareza. A Inglaterra poderia atingir um alto padrão de vida, sem nunca mais deter em suas mãos as rédeas de um poder tal como o que tinha ao tempo da geração passada. Entretanto, não poderia manter sua prosperidade sem o comércio em larga escala com o Império.

É preciso não esquecer que o mundo inteiro foi abalado. Reinvindicações separatistas, desejos de desenvolvimento no sentido de uma indústria auto-suficiente, não são por certo desejos confinados às terras do Império Britânico. A perda de segurança pessoal e de estabilidade é comum a todos os que vivem atualmente neste mundo de temores e balbúrdia. O colapso econômico ainda é pior no continente europeu do que na Inglaterra. À proporção que se processar o reerguimento da Europa e do mundo, beneficiar-se-á a Inglaterra. Se o mundo não se reerguer, a Inglaterra naufragará com as demais nações.

Ao traçar o futuro da Inglaterra, seria mal avisado confiar somente nos elementos estatísticos. Hitler, olhando, através das estatísticas, os recursos dos ingleses em homens, materiais e distribuição geográfica, concluiu com muita lógica, em 1940, que a Inglaterra estava derrotada. Deixou, porem, de ponderar os intangiveis—o espírito, a coragem e a fé. E estes fatores, com o tempo, resultaram mais importantes que todos os demais.

O que mais importa no ativo de qualquer país é o carater. Negá-lo à Inglaterra, tão paciente na adversidade, tão constante na coragem, tão experiente e sábia no mundo dos negócios, é o mesmo que raciocinar ao arrepio do senso comum. Acreditar na final rehabilitação da Inglaterra, é mais do que um ato de fé: é uma dedução lógica de fatos verificaveis.

É forçoso lembrar que o povo britânico está fatigado; que, em seis anos de guerra, teve de combater intensa e ardorosamente. O preço da luta não foi somente a destruição e a perda de todas as formas de riqueza; foi tambem a exhaustão nervosa e espiritual, bem mais profunda do que supõem os próprios ingleses. Muitos entre eles acham que, enquanto houver possibilidade de se apertarem ainda mais os cintos, de se alongarem as filas e de existirem apenas nove empregos para dez desempregados, a Inglaterra—isto é, o conjunto do povo e particularmente o operário sindicalizado—que continua lutando pela redução das horas de trabalho e pelo aumento de salários, a despeito do já alcançado—não reagirá à maneira como sempre reagiu em presença das mais graves crises nacionais. Somente quando as coisas chegarem ao extremo—na famosa batalha final, sempre vencida, depois de tantas batalhas preliminares perdidas—é que se revelará a verdadeira grandeza britânica.

O otimismo britânico é algo fundamental e inabalavel. Um homem sentado à minha frente, numa viagem de Leeds a Londres, nas cinco horas que o trem levou atravessando uma região crestada pela seca de muitas semanas, não abriu a boca para dizer uma só palavra. Mas, ao aproximarmo-nos de Londres, olhou animado através da janela e comentou: «Há ainda um pouco de verde.»

A jovialidade, caraterística familiar e universal dos ingleses de hoje, é um traço portentoso. Ralph Waldo Emerson, num famoso discurso feito há cem anos em Manchester, durante uma terrível crise econômica, já notara a mesma caraterística: «Sombrios e mal humorados na prosperidade, são grandes na adversidade... com uma espécie de pressentimento de que a Inglaterra vê um pouco melhor em dias de névoa e só mostra o seu pulso de ferro e o vigor secreto diante da calamidade e no fragor da batalha.»

O mundo mudou desde que Emerson pronunciou essas palavras. A Inglaterra alçou-se a novas alturas e afundou de novo. Só um fator não sofreu modificações: o carater inglês.

A História acaba de fechar mais um volume, um imenso volume, com muitas páginas gloriosas para a Inglaterra. O novo começa com palavras sombrias sobre tempos tormentosos. Será certamente uma história dramática; não há-de ser, porem, de modo algum, uma história trágica, o futuro da Inglaterra.

Identificando os bons vizinhos

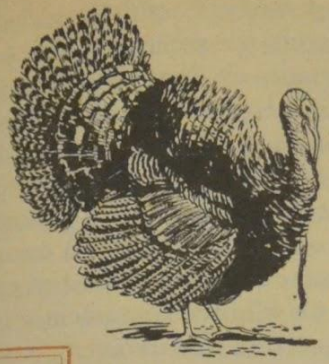
(Adaptado do *Daily News* de Chicago)

Por mais que a gente aprenda geografia na escola, por mais que contemple estas coisas fascinantes que se chamam «mapas», sempre restam, para quase todos nós, algumas dúvidas... Durante a guerra, para entender bem o que se estava passando, muitos de nós nos vimos obrigados a desenferrujar nossos conhecimentos geográficos. Acabada a guerra, não custa nada manter-nos em dia neste, como em outros assuntos. Senão, vejamos. No mapa da América do Sul, que se vê à direita, todos os paises—menos o Brasil, é claro—estão marcados com números, mas sem os respectivos nomes.

Trata-se de um teste, como o leitor já terá adivinhado... No espaço seguinte ao nome de cada país, na lista abaixo, escreva o número que se acha no mapa, e que, em sua opinião, corresponda àquele país. Por exemplo, a Argentina é o número 12 do mapa. Lapis em punho, pois.

Equador.....	Perú.....
Colômbia.....	Bolívia.....
Paraguai.....	Guiana Holandesa.....
Guiana Inglesa.....	Uruguai.....
Chile.....	Guiana Francesa.....
Venezuela.....	

(*Vd. respostas à p. 153*)



Está na roda o perú

(Condensado de «American Magazine»)

Por Don Eddy

Os perús—eles que nos perdoem a franqueza—são todos doidos. Ranzinzas, brigalhões, implicantes, não há numa granja bicho que cause tanto atropelo ou que seja tão incerto para o criador. Sei disso por experiência própria, pois já tive criação de perús.

Os filhotes de perú são capazes de morrer de fome, por não reconhecerem a comida, ou de sede, por não atinarem que a água é para beber. Abobalhados por natureza, não lhes ocorre sair da chuva; encharcam-se... e acabam morrendo de pneumonia. Em outras ocasiões, morrem engasgados, tentando engulir qualquer coisa colorida, seja uma bolinha de vidro, u'a moeda, ou um pedaço de pano.

Poder-se-ia pensar que eles são assim porque são novos, e que, ao crescerem, tomam juizo; no entanto, nunca aprendem. Um avião que passe, ou um pedaço de papel levado pelo vento, é o bastante para os meter em disparada, assustados, pisando uns aos outros, matando-se. De outras vezes, acocoram-se, acovardados, sem soltar um pio, enquanto alguma raposa famélica os vai devorando, sem oposição...

Os perús são de uma curiosidade sem limites e gostam muito de se meter onde não são chamados. Ponha-se algum objeto vistoso do lado de fora da cerca de uma capoeira de perús, e logo vem a tropa inteira, curiosa, a investigar de que se trata. Alguns voam por cima da cerca, para ver a coisa de perto. Mas, uma vez do lado de fora, esquecem-se do que queriam, e põem-se a andar excitados ao longo da cerca, metendo o pescoço aquí e alí, tentando entrar novamente.

Informei-me recentemente, em conversa com vários criadores de perú, de que esses bichos são mesmo casmurros, enigmáticos, e a gente nunca sabe o que eles vão fazer. Como têm a mania de grugrulejar ensurdecedoramente à aproximação de qualquer pessoa estranha, muitos granjeiros conservam alguns perús à solta, em torno da casa, à guisa de vigias. Disse-me um sitiante que, devido a essa peculiaridade, resolvera deixar solto, sem guarda, todo o seu enorme bando de perús. Mas certa noite, vieram uns gatunos em grandes caminhões, e enquanto os pe-

rús se mantinham calados como túmulos, eram levados em massa.

Encontrei dezenas de criadores, tão indignados com esses estúpidos galináceos, que juravam nunca mais criá-los. Entretanto, ao mencionar essa formal recusa a um vizinho, cuja família vem criando perús há mais de um século, ele começou a rir.

«Espere até a primavera!» exclamou em tom de profecia. «Espere e verá que essa gente volta aos perús. Quem os criou uma vez, adquire o vício...»

De todas as aves domésticas, só os perús são nativos do Novo Mundo; desconhecidos nas outras partes do globo, já existiam em bandos selvagens quando Colombo aportou a estas plagas. Não se sabe quem primeiro domesticou o perú; mas, fosse quem fosse, a obra não foi completa, porque ainda hoje o mais doméstico dos perús é um bicho arredio, paspalhão, desconfiado, que sofre de histeria crônica.

Durante anos, os criadores de perú têm-se especializado na produção de espécimes cada vez maiores, seguindo o simples processo de reservar os de maior porte para reprodutores. Tive ocasião de ver, exposto a venda, um perú que bateu todos os recordes em tamanho: pesava 25 quilos e 200 gramas. No entanto, esses peruzões agigantados não são práticos para o mercado, em virtude do crescente número de famílias pequenas. A esse propósito, o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos foi previdente: há alguns anos vem procurando obter, mediante cruzamentos, um perú nanico, «tipo apartamento». E muitos criadores estão fazendo experiências para ver até que ponto podem reduzir o tamanho dos perús sem sacrificar-lhes a proporção da gordura e a qualidade.

Os ovos de perua são três vezes maiores que os de galinha e bem gostosos, para quem tenha dinheiro... A casca é mais grossa, e forrada por uma espessa película. Os filhotes consomem a gema, enquanto se desenvolvem, sendo esse o único alimento de que precisam durante esse período. Os peruzinhos recem-nascidos podem ser enviados ao mercado em engradados, sem comida e sem água, e não correm nenhum perigo, contanto que não se tenham acostumado a comer, hábito esse que não adquirem com facilidade.

Conheço um importante criador de perús que costumava pôr bolinhas de vidro colorido dentro do côcho da comida e dos alguidares de água. Atraídos pela côr, os filhotes começavam a bicar as bolinhas, e às vezes, por acaso, ficavam a piar, desconsolados, sem saber onde estavam os víveres. Já agora, esse avicultor tem por costume pegar cada peruzinho de per si e enterrar-lhe o bico na comida, para ensinar-lhe o «complicado» processo.

Todas as capoeiras de perú são de construção quadrangular, mas os criadores já descobriram a necessidade de arrendondar-lhes as arestas com tela de arame, ou com cartolina grossa, pois, do contrário, os peruzinhos se amontoam nesses recantos, e os que ficam em baixo dos outros morrem sufocados. Outro criador, de minhas relações, estava dando a ração matutina aos seus peruzinhos, quando de casa o chamaram para o almoço. Atendendo ao chamado, deixou vazio, no meio da capoeira, um dos baldes em que costumava levar-lhes a comida. Ao voltar à tarefa, verificou, com espanto, que o recipiente estava cheio de perús mortos. Os bichos, levados pela curiosidade, tinham saltado um a um para dentro da vasilha, e, de tolos que são, não se haviam lembrado de saltar para fora.

Outro fazendeiro, dado à criação de perús, vendo-os perseguidos pelos gaviões, fincou uns postes no meio do quintal, fixando na ponta de cada estaca uma armadilha de aço. Quando, porem, voltou a ver os resultados, as armadilhas tinham caça: em cada uma estava um de seus perús preso pelo gasganete!

Em certa tarde chuvosa de outubro de 1946, um granjeiro e sua mulher viram os dois mil perús de sua criação dirigindo-se ao poleiro, ao lado da casa, para dormir. Logo ao cair da noite, sobreveio um vendaval, atirando pelo ar um turbilhão de folhas arrancadas às árvores. Isso foi bastante para produzir uma catástrofe entre os perús. Era perto da meia-noite, quando o homem ouviu a revoada das aves, que se atiravam desastradamente ao chão, como loucas. Ele e a mulher trabalharam até de madrugada, em meio à tempestade, mas, ao romper do dia, contaram 703 aves mortas. Havia montões dentro das valetas de esgoto, enquanto outras tinham perecido dando com a cabeça contra o tronco das árvores, quebrando o pescoço nas aberturas de cerca ou em choque contra as paredes. «E o mais curioso,» observou a senhora do fazendeiro, «é que muitos dos perús mortos não apresentavam ferimento nenhum. Parece que morreram só de medo!»

Deixados aos seus instintos naturais, só em fins de março é que os perús, nas regiões do norte, começam a ensaiar seus devaneios românticos. Do ponto de vista comercial, março já é tarde, caso o criador queira perús grandes e gordos para as festas de fim de ano, Assim sendo, nos Estados Unidos os criadores têm já estabelecido um programa mais prático. Em janeiro e fevereiro, põem todos os perús machos numa capoeira separada, que fica iluminada de noite e de dia com brilhantes focos elétricos. Uma quinzena depois, iluminam intensamente o «dormitório» das peruas. Decorridos outros quinze dias, começam fêmeas e machos a sua cantarola amorosa através do tabique.

Ainda não vi criador de perú que soubesse explicar o efeito das lâmpadas elétricas na repetição desse fenômeno. Mas, como em qualquer época os resultados não falham, os criadores recorrem sempre a esse sistema, afim de terem perús para o mercado durante todo o ano.

Os machos julgam-se «os tais»; mas de fato é a fêmea quem escolhe o companheiro que mais a interessa, embora às vezes tenha de subjugar o eleito à força de contínuas e tremendas bicadas. O mesmo fazem outras nove peruas, pois o harem consta de um sultão e dez odaliscas.

Em Nova Hampshire, um comerciante transformou um velho caminhão para entrega de óleo combustivel em novo tipo de carro de bombeiros

Outro invento para apagar incêndios

(Condensado de «National Safety News»)

Por Paul W. Kearney

DURANTE oito dias do mês de outubro do ano passado, Jack Holden, chefe do corpo de bombeiros voluntários da cidadezinha de Newington, em Nova Hampshire, foi convocado, quase freneticamente, por uns doze prefeitos.

«Venha a Biddeford, no Maine, e traga todo o aparelhamento que puder,» foi o primeiro apelo. «Estamos cercados por um incêndio na floresta.»

Antes que Holden e seus homens pudessem pôr-se em movimento, outros apelos se acumularam, vindos de Sanford, de Kennebunk, de Goodwin Mills. O problema de decidir quem deveria ser atendido primeiro foi resolvido por um apelo direto do governador do Estado de Maine, para que fossem a Kennebunk. Depois de travarem alí uma luta que levou a noite inteira, os esfalfados bombeiros receberam outra chamada urgente do governador, para irem imediatamente às redondezas de Waterboro. Em toda essa semana, Holden e seus homens mal conseguiram umas 14 horas de sono.

O corpo de bombeiros de Newington estava sendo especialmente procurado por causa da inovação criada por Holden, uma das idéias mais revolucionárias aparecidas durante os últimos cinquenta anos de combate ao fogo. Holden transformara em carros de bombeiros caminhões-tanques de óleo, comprados de segunda mão, que custam muito mais barato e funcionam mesmo em casos em que o equipamento comum falha por falta de água. Hoje, mais de 25 comunidades na Nova Inglaterra, desde minúsculos povoados até cidades de porte, adotam o sistema, enquanto outras doze, pelo menos, já encomendaram o aparelhamento necessário. Um dos maiores fabricantes de carros contra incêndio já incluiu, entre seus modelos, essa nova «geringonça».

O autor da idéia, Jack Holden, distribuidor de combustivel por atacado, pôs-se um dia a meditar sobre o perigo dum incêndio no grande estoque de 30 milhões de litros de petróleo e subprodutos, que mantinha em suas instalações em Newington. Embora tivesse tomado medidas contra o fogo, não estava totalmente eliminada a possibilidade de manifestar-se um incêndio súbito, que escapasse a qualquer controle. Que fazer, nesse caso? Portsmouth, a cerca de oito quilômetros de distância, tinha o encargo de socorrer a vila, mas na realidade não dispunha de um único depósito de água de que os bombeiros se pudessem servir.

Na garage de Holden estavam parados, enferrujando-se, dois caminhões com capacidade para 3 mil litros de óleo, dos que se usam para entregas a domicílio. Holden tirou as peças desnecessárias, instalou sobre os tanques um cavalete para escadas, e acrescentou uma pesada bomba contra incêndio. Numa caixa acondicionou os canos, noutra os instrumentos; um vaporizador e vários extintores foram instalados no carro em diversos pontos. Alem disso, o uso de foles de vapor e de um agente hidratante tornam o conteudo de um desses tanques quatro vezes mais eficiente que a mesma quantidade de água tirada da rede de canalização da cidade através dos registros localizados nas calçadas.*

Holden tinha ainda seis reboques, para entregas a grande distância, cada um deles com capacidade para 16.600 litros. «Instalaremos em cada um deles uma bomba,» disse Holden, «alem de canos condutores de água e de sucção, para transformá-los em carros contra incêndio. Haverá sempre um no pátio, como reserva, cheio de água para qualquer emergência. Se precisarmos de outros, em cerca de sete minutos poderemos esvaziá-los de óleo e enchê-los de água.»

Holden recrutou uma brigada de 30 voluntários e enviou doze de seus motoristas à Escola de Bombeiros da Base da Marinha Americana, em Portsmouth, afim de organizar um núcleo de peritos para seu departamento.

Pouco depois de organizado o departamento, veio uma chamada duma grande fazenda a certa distância da cidade. Já lá se achavam os carros comuns contra incêndio, mas, faltando água nas redondezas, a situação parecia desesperadora. Os auxiliares de Holden extinguiram o fogo e salvaram a casa, que valia 50 mil dólares.

Pouco depois, noutra cidade, o aparelhamento de Newington extinguiu outro incêndio que se alastrara a três casas, enquanto um custoso carro do corpo de bombeiros da cidade estacionava ao lado, impossibilitado de funcionar por falta de água.

A mais dramática proeza da turma de Holden foi talvez o socorro prestado, há um ano, a uma família de quatro pessoas, cercada por um incêndio na mata, com os troncos a arder em ambos os lados da casa. O caminho parecia intransponivel. Mas Holden enfileirou dois de seus maiores tan-

*Vide *Água «molhada» para incêndios*, Seleções, maio de 1947.

ques, um atrás do outro. O primeiro, com sua poderosa bomba, varreu as labaredas que haviam invadido o caminho; o segundo envolveu os bombeiros numa contínua cortina de vapor, resguardando-os contra as chamas. E assim alcançaram a casa justamente a tempo de salvá-la.

O plano Holden é particularmente importante para os corpos de bombeiros voluntários das pequenas cidades. Ao passo que uma bomba regulamentar custa de 16 a 20 mil dólares, um tanque de óleo, novo e completamente equipado para serviço contra incêndio, pode ser obtido por seis mil. Se for de segunda mão, custará metade do preço. Alem disso, a entrega de um tanque novo demora cerca de quinze dias, enquanto a do aparelhamento regulamentar leva um ano e meio. Ainda mais: em caso de necessidade pode-se recorrer a caminhões-tanques vazios, emprestados por companhias de petróleo locais.

Uma vez, por exemplo, Holden levou todo seu equipamento a Alfred, no estado de Maine, salvando a cidade de ser destruida pelo fogo. Afim de combater outro incêndio que ao mesmo tempo se alastrava na mata, pediu ao destacamento de polícia estadual que requisitasse todos os caminhões de gasolina e de leite que estivessem vazios nos arredores. Mais de cinquenta caminhões foram assim obtidos e aparelhados com foles vaporizadores.

Alguns desses caminhões foram usados, em rodízio, para suprir continuamente de água os caminhões-tanques munidos de bombas; outros, colocados nas estradas, auxiliavam o combate às chamas que devoravam a mata. Em certo ponto, onde as labaredas se alastravam tanto pelo topo das árvores quanto pela ramagem inferior em direção a quinze casas e um sanatório, levaram um caminhão-tanque até o quintal de cada casa ameaçada, molhando as paredes como precaução, enquanto outros três foram distribuidos entre as bombas do destacamento municipal afim de fazer um aceiro na estrada. Assim, não se perdeu uma só vida, nem uma só casa, durante essa luta contra as chamas.

Potência visual

Nos laboratórios técnicos da Du Pont de Nemours & Co., os peritos em cores utilizam instrumentos de alta precisão, mas a função mais importante do laboratório—a combinação de cores, para efeitos determinados—é desempenhada pela vista humana. Um olho bem treinado pode reconhecer cerca de 100 mil tonalidades e cores diferentes. Se a uma garrafa de tinta amarela adicionarmos uma quantidade de tinta vermelha 20 mil vezes menor, um olhar experimentado notará a diferença. Há peritos capazes de identificar 300 tons da côr branca e quase outros tantos da côr negra.

—Walter E. Burton, em *Popular Science Monthly*

Que tal a esposa dele?

(*Condensado de «Forum»*)

Por Gretta Palmer

Esta empresa afirma que os negócios são assunto de família e que as esposas devem partilhar das preocupações profissionais dos maridos

Foi durante a década subsequente a 1920 que William B. Given, Jr., presidente da American Brake Shoe Company, pôs em prática o princípio de que «a indústria não contrata homens —contrata famílias». Essa orientação deu tão bons resultados, e tão felizes para a companhia e seus 10 mil empregados distribuidos por 60 fábricas, que as idéias de Given receberam a consagração dos entendidos, e são hoje parte dos cursos de administração de negócios em universidades como as de Yale, Harvard e Colúmbia.

A filosofia de Given se alicerça na crença de que a esposa é a chave do êxito de um homem, do seu triunfo na vida e nos negócios. Antes de admitir ou contratar um novo empregado para preencher funções de responsabilidade, sejam elas de venda ou de gerência, o chefe do respectivo departamento prepara-se para uma conversa com a esposa do candidato, levando consigo sua própria esposa, para depois confrontar as impressões desta com as dele. Todas as vezes que se mostra insatisfatória a folha de produção ou de acidentes de um empregado da Brake Shoe, os capatazes da respectiva oficina já estão preparados para descobrir a causa disso nas dificuldades domésticas do empregado em apreço.

Verificada a existência de uma «crise familiar», a empresa se esforça para intervir e ajudar a debelá-la. Mais de uma vez tem acontecido que um chefe de seção, fatigado, seja despachado com a família para uma estação de cura e repouso, à custa da companhia. Os capatazes e as enfermeiras da fábrica têm poderes discricionários para gastar dinheiro com o fim de acudir às famílias do pessoal, em casos urgentes. Quando, por exemplo, está iminente um divórcio, a companhia se esforça para evitá-lo por todos os meios ao seu alcance, desde que não entrem, claro está, no domínio da indiscrição. Assim é que a Brake Shoe tem mandado muitos dos seus empre-

gados de todos os niveis e categorias consultar sacerdotes, psiquiatras e advogados, correndo as despesas, quando as haja, por conta da companhia.

Vejamos porem, como se passam as coisas. Em uma das fábricas, um jovem modelador começou a atrasar-se no trabalho, a faltar, até que o contra-mestre veio a saber que a esposa do operário havia ameaçado abandonálo. «Você dá licença que eu tente dar uma ajuda?» perguntou ele ao subordinado. «Apareço lá em sua casa logo mais.»

Quando, nessa noite o contra-mestre se sentou a conversar com a esposa do modelador, sugeriu: «A senhora diga primeiro o que tem a dizer; doulhe cinco minutos para isso. Depois o Bill é que tem a palavra, tambem durante cinco minutos.»

Ouvidas ambas as partes, a questão resumia-se em muito pouco: tinham-se acabado as doçuras da lua-de-mel, e desaparecera o primeiro encanto. Apelando para os seus muitos anos de experiência doméstica, o contra-mestre acabou oferecendo estes conselhos: «Casamento é assim mesmo... Aguentem-se mais algum tempo; hão-de ver que tudo melhora; vocês vão-se sentir ainda mais unidos. Não quero saber de homem divorciado na fábrica, um sujeito que passa a noite nos bares, porque não tem uma casa para onde ir... Preciso do Bill, mas só se ele se sentir feliz no casamento.»

A intervenção do contra-mestre deu resultado, e Bill ainda há pouco anunciava que tudo ia de vento em popa em sua casa...

Para que as entrevistas dessa ordem sejam alguma coisa mais do que mera bisbilhotice, intromissão indiscreta por parte dos empregadores, requer-se evidentemente grande dose de simpatia humana e de compreensão. Assim, nenhum indivíduo alcança na empresa uma posição de autoridade sobre os outros empregados, a não ser que previamente haja provado possuir o dom especial de ganhar a confiança dos outros homens. Todo o mundo alí, desde os capatazes ao presidente da companhia, é simultaneamente um perito em assuntos de pessoal. «Isso quer dizer que todos nós somos obrigados a levar conosco para casa os assuntos do trabalho» assevera o sr. Given. «Nenhum dos problemas suscitados pelas relações humanas pode ser visto sob uma luz favoravel e na sua verdadeira perspectiva, se teimarmos em julgá-lo somente do ponto de vista de um só dos sexos.»

Walter K., que hoje é contra-mestre, tinha em tempos a reputação de rebelde e indisciplinado, possuidor de uma folha negra de faltas ao trabalho. O inspetor do seu departamento foi um dia visitar a sra. K. e disse-lhe: «Vocês tem que ver se encontram solução para isto, mas em família. A senhora já terá experimentado tornar sua casa mais atraente para seu marido, convidando os amigos a virem até aquí à noite, ou jogando cartas com Walter?» A sra. K. compreendeu e aceitou o conselho, e o certo é que Walter se regenerou.

A Brake Shoe recomenda que os assuntos do trabalho ou negócio sejam

discutidos em família antes de se chegar a qualquer decisão. «As mulheres,» costuma dizer o sr. Given aos seus gerentes, «têm capacidades especiais de inteligência e coração, que faltam aos homens. A nossa empresa entende que deve tirar partido das especiais aptidões de ambos os sexos.»

Quando as esposas do pessoal da companhia se juntam é quase certo que a conversa gira em torno dos negócios. Todas elas visitaram pelo menos uma das fábricas: habitualmente, as esposas dos gerentes e empregados de categoria conhecem, como a palma das mãos, o interior de umas doze fábricas. Organizam-se periodicamente jantares-conferências dos chefes de seção e suas esposas, e estas últimas são instadas a dar parecer e a fazer sugestões sobre a orientação geral da empresa. O próprio sr. Given oferece o exemplo dessa «dependência matrimonial»: a esposa ainda hoje o acompanha nas suas voltas de inspeção pelas oficinas, desempenha o papel de dona de casa nos jantares da companhia, e ouve-o ler seus discursos antes de serem estes pronunciados na presença dos convivas. Mas o mérito maior dessa senhora está nos domínios da avaliação dos caracteres humanos.

Visto que a companhia considera as esposas como parte do «ativo» da empresa, foi de há muito levantada aí a proibição, tão comum nas empresas em geral, de discutir em família os segredos do negócio. A palavra de ordem a tal respeito se resume nisto: «Tenha confiança na sua mulher, mas aconselhe-a a não falar de assuntos reservados.» Essa participação nos segredos do ofício robustece os laços matrimoniais—e tudo quanto possa aproximar e solidarizar mais os esposos entre si é considerado como uma ajuda e um impulso na carreira do empregado.

«Muitos lares se têm desfeito,» diz ainda o sr. Given, «somente porque a esposa não tinha compreensão alguma dos problemas profissionais do marido. Procurem fazê-la sentir-se como se fosse sócia no seu emprego; e dêem às suas sugestões o respeito que as de um verdadeiro sócio lhes teriam inspirado.»

Sabendo que, no trabalho, os superiores lhe perguntam com frequência: «Que diz a isto a sua senhora?» o empregado aprende a escutar o que ela diz, e desse modo se inicia a confabulação familiar...

John G. era um escriturário que fizera o seu curso de contabilidade em uma escola noturna. Dando-se por satisfeito, dispunha-se a ficar nesse ponto; mas a cara-metade não concordou: «A senhora do teu patrão,» disse-lhe ela «contou-me como é que o marido dela lucrou em ter estudado Direito. Quem sabe se não vale a pena você estudar Direito à noite?» O rapaz assim fez, e aos 31 anos de idade já era alto funcionário da companhia.

Torna-se evidente, porem, que nem todas as esposas são um «bom capital». Acontece muitas vezes que uma esposa implicante, possuida de ambições desmedidas, torna um inferno a vida do marido, cuja situação em outros setores não corre nada mal. Os

gerentes estão sempre atentos aos casos desse gênero, e sempre que os encontram, procuram convencer a esposa impaciente. E têm dito: «Quando ela fica sabendo que estamos satisfeitos com o trabalho do marido, na maior parte dos casos passa a deixá-lo em paz...»

Um dos mais promissores empregados jôvens da companhia encontrava-se impossibilitado de trabalhar fora de horas ou de fazer viagens a serviço da firma com a frequência que o emprego lhe exigia, porque a mulher se opunha a isso. O chefe promoveu uma reunião dançante para os dois casais, e, quando estava a sós com a esposa do empregado, no ambiente cordial assim criado, explicou à mesma como ela estava contribuindo para dar cabo da carreira do marido. O certo é que a moça não tornou a criar obstáculos ao esposo.

O sr. Given está hoje convencido de que essa prática tem dado bons resultados, pois nota nos empregados maior eficiência e lealdade à empresa.

Observa-se hoje, em várias empresas, uma tendência a seguir esse exemplo, embora poucos empregadores tenham sabido ir tão longe quanto Given, no apreço do que representa, para o bem dos negócios, a felicidade matrimonial de seus empregados e operários. Insiste ele em que as moças sejam treinadas para auxiliar seus futuros maridos na qualidade de «consultoras de negócios». «Um treino dessa ordem pode vir a ser muito mais valioso para elas do que, por exemplo, aprender a preparar uma torta de maçã. Um homem solitário ou uma mulher solitária podem ser bem sucedidos nos negócios, mas,» prossegue ele, «sofrerão sempre de uma desvantagem. No trabalho, como na vida social, a unidade normal é a família—a família *feliz*.»

Entenda se puder

A LISTA de vencedores dos torneios em um piquenique incluia os seguintes: «A sra. Smith venceu a prova de arremesso, para senhoras, lançando uma pedra à distância de 25 metros. O sr. Smith venceu a corrida de 100 metros».

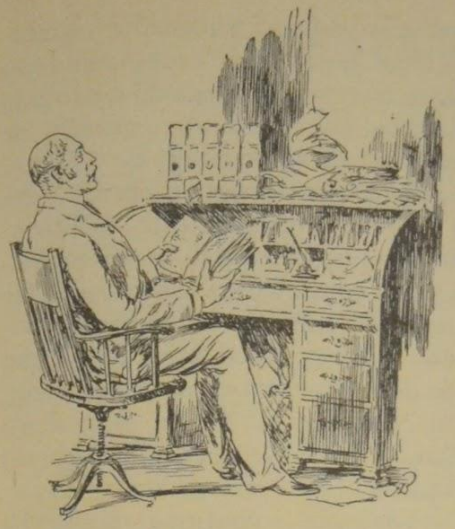
—Edward S. A. Altiere, em *Capper's Farmer*

UM JORNAL do interior dos Estados Unidos publicou estas duas epígrafes, lado a lado:

«55 Galináceos
Roubados de uma Fazenda.»

«Frangos *à la King*
no Jantar do Clube Socialista.»

ARTIGO 6, Parágrafo 16, dos Estatutos da Liga Americana de Vidraceiros: «O Secretário-Tesoureiro tem poderes para contratar uma estenógrafa. A pessoa escolhida deverá agradar ao Presidente».



A dívida de vovô

Por Jean Dalrymple

TERMINADA a Guerra de Secessão, meu avô, que servira no posto de major, voltou para a sua casa em Nova Jersey e estabeleceu alí, de sociedade com um tenente do seu batalhão, um negócio de madeiras e carvão.

Vovô, alto e forte na sua compleição de escocês e com olhos de um azul vivo, tinha muitos amigos. Vários deles investiram dinheiro na nova companhia. Todos gostavam de negociar com Henry Dalrymple. Alem de conhecer as boas madeiras, era ele quem em toda a redondeza tinha sempre em depósito as de melhor qualidade. E assim, prosperava.

Meu avô era profundamente religioso. Contribuia generosamente para todas as boas causas, e alguem que, sem dispor de dinheiro, estivesse necessitado de madeira ou de carvão, podia recorrer a ele e comprar fiado. Para isso, entretanto, era preciso abordar o assunto quando estivesse sozinho no escritório, pois o sócio não via com bons olhos a maneira por que vovô cuidava das finanças da firma. Ficou mesmo bastante zangado por ocasião do embarque de um carregamento de madeiras caras para um ex-companheiro de farda, pois achava que o tal amigo jamais poderia pagar-lhes. Mas vovô não se deixava perturbar. Estava certo de que Jim, agora empreiteiro de construções na cidade de Nova York, teria êxito nos negócios.

Um dia a comunidade foi colhida de surpresa com a notícia de que o sócio de vovô desaparecera, levando consigo 78.000 dólares da firma e a esposa de outrem.

Vovô limitou-se a comentar que, se tivesse exercido adequada influência cristã sobre o infeliz, uma coisa dessas nunca teria acontecido. Cobriu o prejuizo com uma promissória, comprometendo-se a resgatá-la o mais depressa possivel. Como o presidente do banco era um velho amigo, esse arranjo foi questão de algumas palavras e de um aperto de mão.

Passam-se os anos. Por volta de 1890, sobrevem uma grande depressão e logo nos cofres da companhia entra-

JEAN DALRYMPLE tem feito sucesso como atriz, cantora, autora teatral, e empresária. Foi representante e conselheira de José Iturbi, de Grace Moore e de muitos outros artistas célebres.

ram a acumular-se mais vales do que dinheiro. Da dívida primitiva, porem, faltava pagar 17.000 dólares.

Nesta altura morre o presidente do banco, o amigo de vovô, assumindo-lhe o lugar o filho, homem de poucos amigos. Este o momento que o banco havia de escolher para intimar vovô a pagar os 17.000 dólares dentro de três dias, sob pena de tomar-lhe o armazem de madeiras por conta da dívida. «Estamos certos de que V.S. compreenderá» — escreveram-lhe — «nossa presente necessidade de exigir pagamento imediato desse empréstimo, que vem figurando em nossos livros há tanto tempo.»

Vovô não queria acreditar. Ninguem na cidade podia crer. Entretanto, pequenos devedores, ansiando por ajudar vovô, foram pagando depressa suas dívidas. O total que entrou, porem, não passava de uma gota num balde. Apelando para os amigos mais prósperos, vovô verificou que estes quase que estavam em situação idêntica à sua. Ninguem tinha dinheiro disponivel.

Finalmente, chega o último dia do prazo. Era uma hora da tarde e vovô precisava arranjar o dinheiro até às cinco. Às duas horas ele convoca suas energias e faz esta declaração aos empregados: «Meus amigos, quero que saibam que este é o último dia do meu prazo. Fiz tudo quanto estava em mim, sem resultado. A menos que Deus nos ajude, pois agora só Ele nos pode valer, das cinco em diante estareis trabalhando para outra pessoa.» A seguir, mandou que voltassem para o trabalho e abriu calmamente a Bíblia

Duas horas mais tarde, um trem entra na estação situada do outro lado da rua, em frente ao escritório de vovô. O seu velho amigo do exército, o empreiteiro de construções em Nova York, chega ruidosamente, conduzindo uma pequena mala. Ao ver vovô alí sentado com a Bíblia nas mãos, dá-lhe tremenda palmada no ombro e vocifera: «Henry, meu caro, que diabo lhe deu na veneta de se afundar aquí em Nova Jersey? O seu lugar é em Nova York. Olhe para mim. Veja só: estou rico, rico, sim senhor!»

«Você sabe,» continou «comecei a pensar nisso mesmo, hoje, quando acabava de almoçar. Pensei com meus botões: aposto que o camaradão do Henry, lá metido em Jersey, está passando o diabo nestes dias de dificuldade. Depois, então, dei uma olhada nos meus livros e, santo Deus, verifiquei que lhe estava devendo um dinheirão e há muito tempo. Disse de mim para mim: chegou a hora de pagar a conta e aposto como o Henry está precisando do dinheiro. De maneira que fui à caixa-forte, onde venho guardando as pelegas precisamente para os tempos das vacas magras, como os de agora, e metí estes 20.000 dólares nesta velha mala preta. E aquí estão eles. Desculpe a demora, desculpe ter-lhe feito esperar todo esse tempo».

Vovô contemplou o amigo, contemplou a mala, depois olhou para a Bíblia. Disse então com toda a calma: «Em verdade, só comecei a esperar por você esta tarde, depois da uma hora, meu caro Jim.»

A magnífica promessa da Campanha de Alfabetização das Massas, idealizada por Jimmy Yen

A China constrói para o futuro

(Condensado de «The New Leader»)

Por George Kent

EM MEIO à confusão reinante na China de hoje — guerras, banditismo e inflação astronômica — está surgindo um fenômeno social que se poderá sagrar um dos movimentos mais significativos de nossos tempos.

O movimento em questão teve sua humilde origem na França, depois da primeira guerra mundial, quando um chinês franzino, ativo, chamado Jimmy Yen, teve a idéia de que os *coolies* chineses analfabetos levados à França para as turmas de trabalho poderiam aprender a ler e escrever. Uma das incumbências de Yen fora a de escrever cartas para a China, a pedido deles, tarefa sumamente extenuante. Ocorreu-lhe então ensinar-lhes, não os 40 mil caracteres da língua chinesa, e sim uma forma simplificada dos mesmos.

Das palavras que mais usavam, Yen escolheu mil caracteres que os humildes *coolies* aprenderam com rapidez. Era animador. Se eles eram capazes de aprender, todos o seriam. De regresso à China, Jimmy e seus amigos organizaram a Campanha de Alfabetização para disseminar esses conhecimentos.

Começaram pelas cidades. Mais tarde, um aristocrata chinês de Tinsien, comarca da província de Hopei, convidou-os a tentarem alí o seu método.

Chegara a oportunidade de alcançar os milhões de habitantes do vasto interior da China. Realizada uma reunião em Peipim, 60 eruditos — catedráticos de universidade e médicos — resolveram aceitar o repto, abandonando para isso seus bons empregos e suas casas confortaveis.

«Nossas primeiras tentativas revelaram,» diz Jimmy Yen, «que não bastava combater o analfabetismo, se

quiséssemos livrar o camponês da pobreza e da miséria. Era preciso melhorar os métodos da lavoura, estabelecer cooperativas que salvassem o agricultor das garras do agiota, introduzir medidas higiênicas rudimentares. Mais distante ficava o objetivo com que todos sonhávamos: difundir noções de auto-governo e de responsabilidade individual pelo bem-estar da comunidade. Em 1929, no «laboratório social» de Tinsien já havíamos elaborado um programa quádruplo: instrução, ofício, saude e auto-governo.»

Em Tinsien, os professores moravam em casebres de bambú e choças de barro, sem janelas ou instalações modernas. Quando chovia, as ruas se transformavam em lamaçais. Logo de início, encontraram persistente oposição. Os agiotas e intermediários, cujas explorações haviam sido coibidas, espalharam insídias a respeito dos homens de toga e das enfermeiras. Não obstante, estes perseveraram em sua missão.

Em uma das comarcas havia mais de 400 mil possiveis estudantes. Para aproveitar ao máximo os esforços de todos, os alunos prepararam-se para o magistério, difundindo ensinamentos de homem para homem, de aldeia em aldeia, num círculo cada vez maior. Sua verba anual era apenas uma quantia equivalente a vinte mil cruzeiros, mas, com o decorrer do tempo, foram conseguindo manuais de ensino e cadernos. Aperfeiçoando os métodos, puderam encurtar o período necessário à realização do quádruplo programa educacional. Em vez de levar três anos, passou a ser completado com eficiência em ano e meio, com um dispêndio correspondente a 120 cruzeiros por pessoa.

Ao terminarem o curso, homens e mulheres se reuniam na Associação dos Ex-Alunos, tornando-se líderes das respectivas aldeias. Instalaram estações de rádio e montaram receptores nas praças públicas. Carregavam nos ombros varas de bambú, com cestas cheias de livros, e corriam de aldeia em aldeia, para trocar os livros das bibliotecas que a Campanha havia estabelecido.

Tornaram-se «médicos» locais. As crianças morriam de tétano—para citarmos um exemplo—porque as parteiras lhes cortavam o cordão umbilical com tesouras enferrujadas. Os membros da Associação ensinaram-nas a esterilizar as tesouras. Providenciaram, ainda, no sentido de que cada aldeia dispusesse de pelo menos uma cisterna em boas condições de higiene. Isolaram as vítimas de moléstias contagiosas. Vacinaram o povo contra a varíola e a cólera.

Yen persuadiu as faculdades de medicina a permitir que, durante o período reservado à prática hospitalar e clínica os doutorandos fossem exercendo a medicina nas aldeias e regiões rurais. Na sede da comarca, fundaram um hospital de 50 leitos. Em cada distrito estabeleceram uma clínica, com médico e enfermeiro.

Na aldeia, era ao Ex-Aluno que cabia a responsabilidade. Diariamente, terminada a faina nos campos, ele abria seu «gabinete», geralmente um

celeiro ou um estábulo, e alí tratava de ferimentos, equimoses e fraturas, e tomava temperaturas. Os casos mais graves eram encaminhados para a clínica ou para o hospital. No tempo que lhe sobrasse, fazia conferências sobre saude, utilizando gráficos e cartazes fornecidos pela Campanha. Durante a guerra com o Japão, a idéia foi utilizada pelo exército e contribuiu para melhorar as condições de higiene da China rural. Antepunha-se sempre a prevenção à cura.

Profundamente conservador, o camponês da China tinha que ver para crer. Por exemplo, quando os agrônomos criaram galinhas que produziam o dobro do número de ovos, o fazendeiro Ying disse: «Claro que os senhores fazem maravilhas, pois são sábios.» E nada fez, até que os técnicos induziram o vizinho de Ying, o ex-estudante Fong, a fazer criação de aves da nova espécie. Isso já era diferente: se Fong era capaz, então Ying o seria tambem. Mas antes que Ying pudesse ganhar as aves—disseram-lhe os técnicos—teria que merecê-las, aprendendo a ler e escrever.

Os dirigentes da Campanha de Alfabetização ficaram assombrados com a capacidade de progresso que os camponeses demonstraram, uma vez que lhes houvesse sido apontado o caminho. Para cada dolar que a Campanha inverteu, o povo contribuiu com cem em dinheiro, trabalho ou materiais. Em Tinsien, por exemplo, os companheiros de Yen construiram seis escolas experimentais; o povo, por sua livre iniciativa, construiu 472. Um camponês, depois de ter aprendido os modernos processos de seleção de sementes, aperfeiçoou uma variedade de trigo que aumentou de 45% o rendimento desse cereal.

Jimmy Yen fazia, vez por outra, visitas aos Estados Unidos. Em 1928, a Universidade de Yale, onde fora estudante havia alguns anos, conferiu-lhe o grau de mestre, *honoris causa*. Em 1943, foi eleito, juntamente com Henry Ford, Albert Einstein e outros, um dos dez homens mais importantes da nossa época. Para o programa de estudos e treinamento da Campanha, Yen angariou 500 mil dólares em donativos de fundações e particulares interessados em sua meritória obra.

Em 1937, já havia em Tinsien 80 mil diplomados das escolas e centenas de cooperativas nas aldeias. Afluiram visitantes de todos os quadrantes da China, e uns 800 voltaram às suas terras para fundar centros nas respectivas povoações. Depois, veio a guerra interromper a obra.

«Felizmente,» disse Yen, «a China é um vasto país. Lá no sul, isolada das zonas de guerra pelas montanhas, fica a maior província da China, Szechuan. Há mais duas províncias contíguas. Ao todo, a população daquelas províncias é de 120 milhões de almas. Terra de pequenas granjas e indústria caseira, era um campo ideal para nós.»

Em 1946, Yen e seus colaboradores delimitaram uma circunscrição de 11 comarcas—região de 5 milhões de habitantes. Resolveram concentrar seus esforços numa delas, Bixã, para fazê-la

uma comunidade modelar. Os dirigentes eram 20 especialistas de larga experiência e uns 40 estudantes, de ambos os sexos, da Faculdade de Reconstrução Rural, que prepara líderes para a Campanha.

Muito cedo, escuro ainda, e antes de ser iniciado o labor nos campos, os alunos vão à escola—situada, talvez, num estábulo ou num terreiro. O professor, escolhendo a esmo um lavrador, diz-lhe:

—Wang, sua vista é boa?

—É, sim, senhor, responde o interpelado.

—Ótimo. Está vendo este livro?

—Estou, sim, senhor.

—Diga-me o que está escrito.

Wang fica acanhado. O professor continua:

—Está vendo... mas é cego. Vamos curar sua cegueira. Diga-me, sabe escrever o seu nome?

O professor faz uma demonstração e a manopla rude de Wang procura imitá-lo. Ao cabo da primeira lição (de uma hora), Wang já sabe escrever o nome, o vocábulo correspondente a «balde», e mais uma dúzia de palavras. Daí a um mês, já saberá ler uma linha do jornal para seus vizinhos, na rua da aldeia. Mais tarde, aprenderá a ler o jornal inteiro.

Quando a classe já aprendeu uns 500 caracteres, o professor faz um pequeno discurso. A instrução, diz ele, deve ser compartilhada com os outros; pede aos alunos, portanto, escolherem cinco dos mais inteligentes da turma, que vão às aldeias próximas, servir de alunos-professores, ou *tao-xeng*.

O *tao-xeng* procura um local apropriado, talvez um quarto em casa de um amigo ou, mesmo, um terreiro, e lá inicia nova classe. É uma cena inesquecivel, a de um menino de doze anos ministrando ensinamentos a homens que, pela idade, poderiam ser seu pai.

Não são só os homens que frequentam as escolas. As esposas de comerciantes tambem acorrem a elas; as filhas dos camponeses aprendem, juntamente com o abecedário, rudimentos essenciais de puericultura e obstetrícia.

Os resultados já se fizeram sentir. As velhas solidariedades ao clã estão cedendo lugar ao interesse pelo bem-estar da coletividade. Os chineses estão organizando clubes, que se devotam à melhoria do lar, e ao progresso da aldeia. Ainda mais animadora é a maneira pela qual essa instrução de adultos beneficia as crianças. No município de Ho Pien, por exemplo, onde, em seis meses, o analfabetismo foi reduzido à metade, a frequência escolar das crianças aumentou de 367 para 1435.

Em Bixã, outrora famosa pelos seus tecidos de algodão, os lavradores-tecelões, empobrecidos, não tinham com que comprar fio. Sun Lien Chuan, diretor da Campanha no distrito, prometeu conseguir-lhes fio, impondo-lhes apenas umas condições muito simples. Os agricultores deveriam constituir duas cooperativas, da qual ninguem que possuisse mais de três teares poderia participar. Todos teriam que aprender a ler e escrever. Outra condição era de que todas as peças produzidas tivessem 40 jardas de comprimento, 60 polegadas de largura e 60 fios por polegada. Essa padronização era novidade para a China, mas foi muito grata aos comerciantes.

Famílias inteiras empenharam-se na tarefa e, em dois meses, haviam produzido 787 peças de fazenda, ganhando 900 dólares em ordenados e mil em lucros líquidos para a cooperativa. Resolveram, por votação, destinar 20 por cento dos lucros à instrução, dez por cento à clínica e o restante para reforçar o capital da empresa.

Em breve afluiram agricultores e tecelões das comarcas adjacentes, pleiteando os mesmos privilégios. Foram informados de que cada aldeia teria de construir uma escola. Ato contínuo, começavam a derrubar árvores, fabricar tijolos e reunir sapé. Era tudo muito alentador, mas tambem causava preocupações. Com que dinheiro iria Sun comprar fio para tantos tecelões?

Sun solicitou ao gerente do banco federal, em Xunquim, um vultoso empréstimo no valor correspondente a uns 6 milhões de cruzeiros. O banqueiro fitou-o espantado. Essa quantia era de quanto dispunha para empréstimos em toda a província. Mas o inspetor que o banco despachou para a região voltou entusiasmado e o gerente recomendou à sede, em Nanquim, que concedesse o empréstimo. Em um mês e meio fez-se a transferência dos créditos, o que constitui um recorde na China. Surgiram dezenas de cooperativas e agora está sendo construida em Bixã uma fábrica para tingir e preparar os tecidos para o mercado.

No território compreendido em três comarcas, há duas mil fábricas de papel—quadradinhos de papel amarelo barato, que os chineses supersticiosos costumam queimar durante as exéquias. Agora, os especialistas os estão ensinando a fabricar papel para livros e jornais. Futuramente, haverá uma cooperativa, sendo a construção de escolas uma condição indispensavel.

Chegara a hora oportuna para estender o cooperativismo à lavoura. Sob o regime antigo, praticamente todos os lavradores eram arrendatários, pagando de 50 a 70 por cento da colheita, a título de aluguel. Em 1946, porem, o governo baixou um decreto de reforma agrária, que fixou em 30 por cento da colheita o aluguel máximo e tornou obrigatória a venda da terra ao arrendatário, se este pudesse pagar o respectivo preço. A Campanha distribuiu folhetos sobre a nova lei. Mas onde iria um camponês indigente obter dinheiro? Só havia um lugar: sua cooperativa. A cooperativa, portanto, adquiria a terra, e o lavrador ia amortizando a dívida aos poucos. Dessa forma poderá transformar-se em realidade a tese de Sun Yat Sen, de que «o lavrador do solo deve tornar-se dono do mesmo». Em outros paises já se procurou conseguir o mesmo objetivo mediante desapropriações à larga, com resultados pouco felizes. Na China, o desiderato está-se concretizando pela evolução pacífica.

A Campanha de Alfabetização já avançou a passos largos e, não fosse o

conflito civil, poderia hoje abranger a China inteira. O programa já beneficiou 60 milhões de analfabetos, homens e mulheres, e os líderes da campanha têm certeza de que a estes poderá caber um papel importante, na formação de um povo bem nutrido, sadio e esclarecido, desde que disponham de autoridade e de elementos.

A Campanha fornece uma «ideologia ativa» para contrapor-se à ideologia comunista do norte do país. O comunismo é contrário à índole dos chineses, povo sumamente individualista. A gente que aderiu à bandeira vermelha, no norte, fê-lo impelida pelo desespero. Somente o combate às causas desse desespero reconciliará os extraviados. Essa guerra terá lugar nos campos de arroz, e não nos de batalha.

Recentemente a UNESCO instou Yen a estender ao setor mundial «a magna obra que estava realizando na China.»

«Três quartas partes dos habitantes do globo são analfabetos, subnutridos, mal trajados, mal abrigados, enfermos e desanimados,» disse Yen. «Entre eles há milhões de jovens, vigorosos e idealistas. Hoje são analfabetos e oprimidos, mas constituem o núcleo estratégico destinado a plasmar o futuro. Se lhes derem instrução e oportunidade, serão a vanguarda da reconstrução e da paz do mundo.»

Já existe o instrumento para forjar um povo, uma humanidade melhor: a Campanha de Alfabetização das Massas, a mais recente das contribuições da China à civilização.

Piadas

Bill Bowers, escritor do cinema, foi jantar em um restaurante. Como estivesse fungando muito, o garção perguntou-lhe, com interesse:

—Que é que há, Mr. Bowers? Uma gripe feia?

—Tremenda, respondeu Bill.

O garção abanou a cabeça.

—Pena que o sr. não esteja com pneumonia, pois p'ra isso já há remédio...

—Harrison Carroll, *King Features*

Notando a ausência de Eddie, moroso e ineficiente empregado de uma loja em pequena cidade, um dos fregueses perguntou:

—Onde está o Eddie? Estará doente?

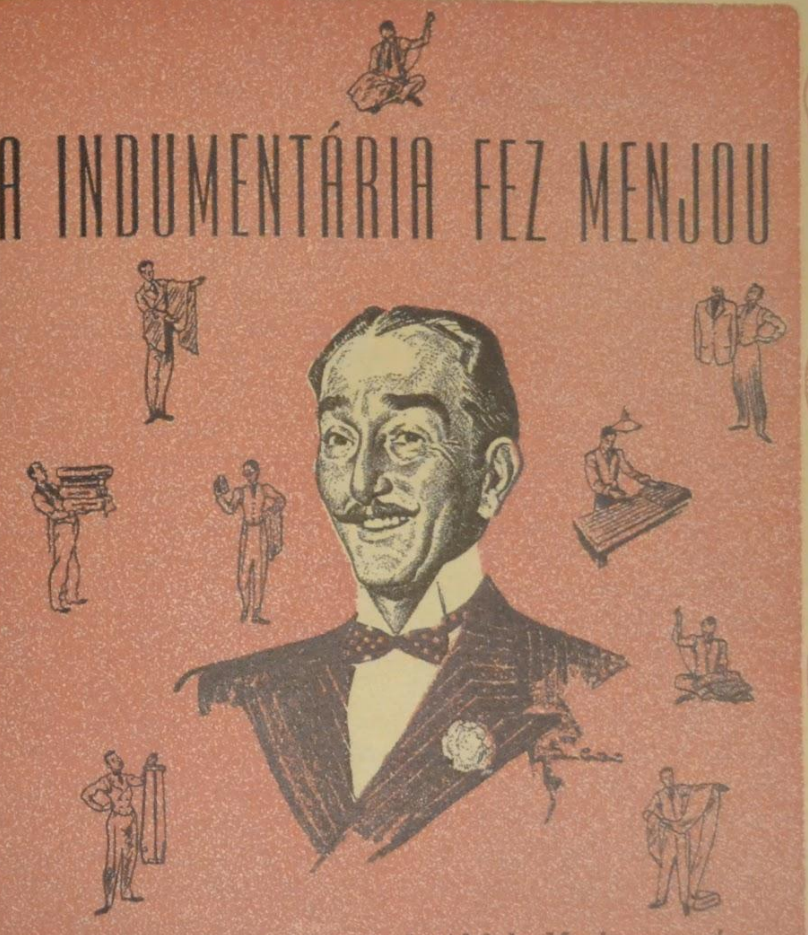
—Não, respondeu o proprietário, —ele já não trabalha mais aqui.

—Não me diga! exclamou o freguês. —Já tem alguem em vista para preencher a vaga?

—Não, retrucou o proprietário, —Eddie não deixou vaga...

—Walter Hard (Adaptação de *The Nashua Cavalier*)

A INDUMENTÁRIA FEZ MENJOU

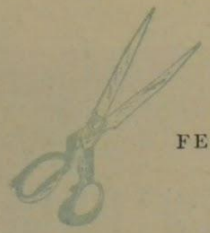


Condensação da autobiografia de Adolphe Menjou segundo a narrativa por ele feita a M. M. Musselman

Adolphe Menjou, que é o «vilão» mais elegante de Hollywood, foi quase sempre, no tempo do cinema silencioso, um sinistro personagem no mais rigoroso sentido da palavra. Lutando, chegou a desempenhar primeiros papéis romanescos, o que lhe deu certa respeitabilidade e o fez subir ao «estrelato». Neste livro, salpicado de bom humor e espírito, o conhecido ator narra todas—ou quase todas—as vicissitudes da sua agitada carreira no mundo do celulóide.

Copyright 1948, de M. M. Musselman. Ed.: Whittlesey House, Nova York. Preço, $3.50.

A INDUMENTÁRIA FEZ MENJOU



NO INVERNO de 1913, Cecil B. de Mille acabava de filmar o seu primeiro grande êxito do cinema, *The Squaw Man*, em que Dustin Farnum desempenhava o principal papel, na qualidade de astro; nesse tempo feliz, a gente podia ir ao cinema por alguns niqueis, e o produto mais importante de Hollywood ainda eram as laranjas...

Eu trabalhava então no restaurante de meu pai em Nova York, a *Maison Menjou* (assim mesmo em francês), e aí executava um pouco de todas as funções, desde caixa até gerente. Papai nutria muitas esperanças em mim, isto é, no meu futuro como *restaurateur*. Sabia, evidentemente, das minhas ardentes aspirações teatrais, mas esse era um assunto que evitávamos, como se evita falar de corda em casa de enforcado. O «velho» tinha para isso uma razão de ordem sumamente prática: durante sua longa carreira, uma vida inteira no negócio de restaurantes, os atores ocuparam sempre o primeiro lugar entre os fregueses que, em vez de pagarem as contas, limitavam-se a assiná-las, com muitas promessas, nunca cumpridas, de pagarem «um dia». Atores, para ele, eram gente caloteira. Não queria nem ouvir falar de atores na família.

Ora, um dos fregueses habituais da casa era um tal Robinson, diretor artístico dos saudosos Estúdios Vitagraph, de Nova York, há muito desaparecidos. Não tardei a relacionar-me com ele, e uma noite roguei-lhe que me ajudasse a encontrar colocação em algum teatro, como ator.

Robinson não se mostrou muito animador: na sua opinião, isso de teatro não era carreira para um homem que quisesse ganhar a vida. Mas assim mesmo sugeriu que eu fosse um dia até aos Estúdios da Vitagraph, pois talvez conseguisse arranjar por alí emprego como figurante.

«Mas eu de cinematógrafo não sei nada!» lamentei.

«Tanto melhor. Pode ser que assim façam de você um diretor!» redarguiu ele. «Pergunte por Arthur Cozzine. É o diretor do pessoal.»

Não me fiz esperar. Logo na manhã seguinte, aparei, retorcí e encerei o bigode, enverguei meu melhor terno, e escapulí porta fora, sem dizer nada a papai. Por sorte, meu emprego no restaurante, das cinco da tarde à meia-noite, não iria colidir, de modo algum, com o meu possivel horário de trabalho como ator...

Logo à entrada do estúdio encontrei uma fila de automoveis europeus, de grande luxo, cuja propriedade atribuí às «estrelas» da Vitagraph. Na realidade, só depois vim a saber que pertenciam todos aos proprietários da Vitagraph, os quais estavam transformando o celulóide em ouro, tão depressa, que a Casa da Moeda se via obrigada a trabalhar horas suplementares, para não ficar aquem dos lucros vertiginosos desses cavalheiros! Em meio de todo aquele luxo em quatro rodas, ajustei o ângulo da aba do chapéu, para fazer uma entrada que causasse impressão. Mas todo o meu talento histriônico foi vão, pois me encontrei momentos depois em um vestíbulo completamente vazio. Subí até o primeiro andar, onde uma jovem, sentada à mesa de recepção, com o modo mais displicente deste mundo tomou nota do meu nome e me mandou esperar.

Minutos depois Mr. Cozzine saiu silenciosamente do seu escritório particular, e veio dar comigo, pensativamente roendo a unha rachada do polegar... Em vez de exibir uma pose serena e imponente, como sonhara, devo ter-lhe causado logo a impressão do que era na realidade: um rapaz moço, cheio de nervosismo, em busca de emprego.

Cozzine atirou-me uma rápida olhadela de avaliador: «Serve,» disse. «Boa figura, bom tipo. Desça para o pátio e espere. Vou mandar o Wally Van lá em baixo, para dar uma vista d'olhos em você.»

Quem fosse admitido ao «pátio» — vasto espaço descoberto, rodeado por todos os lados pelos edifícios e cenários do estúdio — podia considerar-se ator reconhecido, e de um momento para outro seria possivelmente escolhido para desempenhar um papel. Para começo, não era mau. Nessa manhã já estavam esperando alí uns 40 ou 50 atores, alguns deles autênticos profissionais do teatro, mas a maioria simples rapazinhos do bairro com aspirações à glória do celulóide.

Daí a pouco aparecia Wally Van, homenzinho dinâmico, que, antes de se fazer fabricante de filmes, fora mecânico de automoveis. Encaminhou-se para os artistas e, depois das formalidades preliminares, voltou-se para mim e disse o seguinte:

«No filme que estamos fazendo, há um papel de mestre de cerimônias de circo, mas você terá que entrar com seu próprio fraque e cartola se quiser representar. Tem guarda-roupa?»

«Tenho tudo!» apressei-me a afirmar, com um gesto que abraçava este mundo e o outro.

Deu-me então ordem de me apresentar na manhã seguinte, para figurar em uma fita intitulada *The Man Behind the Door*. A manivela da filmagem começaria a girar às nove em ponto. Quando saí do estúdio, trazia bem agarrado na mão um pedaço de papel pelo qual se provava que era «ator», e regiamente pago com o colossal ordenado de cinco dólares por dia... Havia só uma pequena dificuldade: é que eu não tinha nem fraque nem cartola...

De regresso ao meu bairro, pus-me logo em campo, correndo de porta em

porta, a casa de meus amigos, a ver quem me poderia emprestar aqueles artigos da minha indumentária teatral. O fraque não foi dificil achar, mas ninguem tinha cartola que me servisse. Finalmente, conseguí alugar uma, que já vira melhores dias. Encontrei-a em um belchior poeirento e obscuro, que me cobrou o aluguel de meio dolar por dia.

Na manhã seguinte entregaram-me, no estúdio, as peças com que eu devia acabar de compor minha indumentária. Mas logo verifiquei, com amarga tristeza, que o calção e as botas de equitação eram de medida muito superior à minha. Esforcei-me desesperadamente para ajustar o calção, fazendo-lhe uma prega atrás, e apertando o cinto: mas isto deixava-me uma espécie de enchimento escandalosamente saliente por baixo das abas do fraque. Minha indescritivel consternação contribuiu só para provocar o riso dos outros atores. Alguem me disse então:

«Não se importe! Se você fica de cara voltada para a câmara, ninguem pode ver o fundilho dos seus calções.»

Eu tinha certeza que Wally Van, assim que reparasse na minha «saliência», correria logo a chamar outro mestre de cerimônias do circo, tão rotundo que enchesse o calção do estúdio. Mas não chamou. Após lançar-me rápida mirada, fez um aceno de aprovação, meteu-me nas mãos um chicote de cocheiro—e a filmagem começou!

Quatro elencos, ao todo, partilhavam naquele momento o estúdio, que tinha todo o ar de um barracão de fazenda. Em um dos lados representava-se uma cena de taverna do Oeste, cheia de tiros de pistola; em outro, dois comediantes faziam palhaçadas; no cenário seguinte representava-se um ato de cabaré, com uma orquestra de cinco instrumentos. E havia finalmente o nosso drama. Tudo isso se representava ao mesmo tempo, no meio do estrépito ensurdecedor dos martelos e serrotes dos carpinteiros, que as vozes de quatro diretores se esforçavam por abafar, rugindo instruções de toda ordem. Era uma babilônia!

Percebí logo que a arte de representar num filme era duma simplicidade desconcertante. Wally dava-nos uma idéia geral da cena, indicava-nos as entradas e as posições, e começava-se logo a filmar. Como me tinha distribuido o papel de mestre de circo, eu esperava naturalmente fazer alguma coisa nessa qualidade: mas não, a única coisa que eu fazia era andar pé ante pé, por trás das lonas da tenda dum circo imaginário, de chicote em punho, conspirando não sei que sinistros malefícios com o domador de leões.

Somente quando cheguei a ver na tela o filme terminado, vim a descobrir que *The Man Behind the Door* era uma comédia de colegiais, na qual o circo tinha uma parte muito secundária. As únicas cenas em que se via trabalhar um mestre de circo haviam sido filmadas num circo autêntico, na França. Acho que a razão por que me deram aquele papel, foi que o mestre de circo francês tinha, como eu, um bigodinho e um calção de montar demasiado amplo.

Ao cabo de três dias, meu papel estava terminado. Fui restituir a cartola ao belchior, e tentei arrumar as contas com o dono por um dolar apenas.

«Imagine só,» disse-lhe eu, «um dia o senhor vai poder dizer que esta cartola foi usada por Adolphe Menjou, o célebre ator de cinema, e vendê-la por um preço enorme!»

«Ora, menino...» disse o honrado comerciante. «Você pensa que eu vou viver tanto?»

História de um bigode

JÁ NO tempo em que frequentava o ginásio, eu sentia ardente vocação para a arte dramática; mas nunca poderei compreender onde é que fui buscar essas aspirações ao teatro, ou a idéia de que possuia algum talento natural. Minha mãe passara a infância em uma pitoresca aldeia da Irlanda, onde o teatro era considerado somente como uma etapa na estrada da perdição. Quanto a meu pai, nascido numa cidadezinha da França, nem sequer vira um teatro por dentro até quase à idade de poder votar. Seus pais emigraram para os Estados Unidos quando ele tinha onze anos, e, aí por volta dos quinze, ele arranjou em Nova York um emprego que lhe permitiu aprender o negócio de hotéis e restaurantes.

Tanto meu irmão mais velho, Henry, como eu, parecíamos fadados a seguir as gloriosas pegadas de nosso pai. Mas, quando já estávamos no ginásio, papai se convenceu, de uma hora para a outra, de que, dada a popularidade sempre crescente dos automoveis, não tardaria que o mundo virasse o paraiso dos engenheiros. Foi esse o motivo por que nos despachou para a escola de engenharia da Universidade de Cornell. Fiz tudo quanto me era possivel para levar a sério o estudo, mas ao fim de dois meses me sentí tão atolado, que resolví concentrar meus esforços nos aspectos mais apraziveis da vida escolar. Isso me tornou a existência muito mais facil. Passava quase todo o tempo pelas salas de bilhar e de boliche, e conseguí mesmo fazer inúmeras relações entre pessoas do belo sexo.

Lá por meados do ano letivo, papai surgiu de surpresa na universidade. «O reitor me escreveu uma carta,» disse-me ele com o seu iniludivel sotaque francês, e consideravel severidade. «Ele acha que você não está estudando bastante.»

«Passo a noite de pé até a uma e duas da manhã,» respondí. «Que mais quer que eu faça?»

Para o distrair de tão negras apreensões, levei-o a dar um passeio pelo recinto da universidade, e finalmente convidei-o para um joguinho de bilhar, que era, por sinal, o seu passatempo preferido. Esse foi o meu erro. Depois de eu lhe ter ganho duas partidas, depôs o taco, lançou-me um olhar azedo e comentou: «Meu filho, talvez você esteja estudando o que não deve!»

No ano seguinte transferí-me para o Colégio das Artes Liberais, onde conseguí arranjar um programa de estudos compativel com as minhas atividades extra-escolares. Logo sobressaí

na especialidade de entreter e divertir os camaradas, nos banquetes e espetáculos de revista da universidade, recitando monólogos, cantando canções cômicas, tocando solos de piano, ou simplesmente narrando algumas anedotas. Eu não era dificil de contentar, e estava sempre disponivel para o que desse e viesse.

Durante o terceiro ano acordei certa manhã e, correndo ao espelho, verifiquei que uma sutil metamorfose se havia processado em mim. Só então me lembrei: era o meu natalício! Tinha 21 anos de idade. «Adolphe,» disse eu à minha imagem, provavelmente com muitos gestos, «é tempo de fazermos alguma coisa!»

Nessa manhã não passei a navalha no lábio superior, e desde então nunca tornei a raspá-lo.

No fim desse ano, quando regressei aos penates, o meu mui respeitavel bigode já atingira o comprimento suficiente para me permitir retorcê-lo. Mas, a despeito do meu elegante paletó à Norfolk, de minhas calças tufadas com pregas no cinto, e do meu colarinho engomado, com oito centímetros de altura, papai não se mostrou muito impressionado com o fruto dos três anos que eu passara na Universidade. Por essa época ele andava com a saude abalada e, depois de me ver tentar o vôo em diversas empresas, todas elas, já se vê, mal sucedidas, papai propôs que eu assumisse as funções de seu ajudante na *Maison Menjou*, que ele acabava de inaugurar. Só passadas algumas semanas é que conseguí aquele primeiro emprego na Vitagraph.

Logo no inverno seguinte me tornei um dos figurantes habituais da companhia. Era sempre o bigode que me arranjava emprego. Nesse tempo, a maioria dos filmes eram apenas de um ou dois atos, de maneira que era necessário tornar o herói e o vilão faceis de identificar aos olhos do público; ora, para marcar um vilão, nada se comparava a um bigodinho impertinente! O autêntico pulha desprezivel tinha que ser sempre, forçosamente, um «nobre estrangeiro» que sofria de hemofilia, abandonara três amantes sucessivas, e maquinava sinistras intenções de casar-se com uma herdeira tão bela como inocente. Era nesses papéis que eu brilhava melhor, e os diretores eram unânimes em considerar-me talhado para desempenhá-los.

Quando percebí que eles me haviam estereotipado como «nobre estrangeiro», comecei tambem a viver a sério a minha incarnação: comprei um par de polainas imaculadamente brancas, uma gravata de plastrão, e uma bengala; e esforcei-me por mostrar uma aparência tão *blasée* quanto possivel. A coisa rendia! Foram tantos os papéis do gênero que desempenhei para a Vitagraph, que acabei por me tornar conhecido nos arredores pela alcunha de «Duque».

Um tipo parisiense

Um dia, na primavera de 1915, dei um pulo até aos escritórios da Fox Film Company. Cá fora uma multidão agitava-se ansiosamente; sinal de que deviam estar distribuindo os papéis de algum novo filme!

Rompí caminho, à cotovelada, por entre o povaréu, e perguntei em voz bem alta qual o nome do filme: responderam-me que era *A Parisian Romance*. Um título desses parecia vir direitinho ao encontro de minhas especiais aptidões: retorcí as pontas do bigode, repuxando-as um pouco mais para cima.

Nesse momento apareceu-nos um dos diretores da Fox, Fred Thompson. De pé em cima de uma cadeira, começou a escolher o elenco entre a multidão dos pretendentes, apontando a dedo os que lhe agradavam. Nessa altura eu encontrava-me à retaguarda de todos, erguendo-me nas pontas dos pés, para que ele me visse. Até que, por fim, Fred olhou para o meu lado, e chamou: «Esse do bigodinho, lá atrás! Você é francês?» Retorquí sem hesitar: «*Pardon, monsieur, est-ce-que vous m'addressez?*»

«Venha, você serve,» disse ele, e em seguida ordenou que nos apresentássemos no estúdio às nove da manhã do dia seguinte, vestidos a rigor.

Lá do meu canto berrei: «O senhor quer dizer às nove horas H.O.C.?»

Thompson fitou-me um momento e depois sorriu. «H.O.C.» (*hand on crank*, ou seja «de mão na manivela») significa, na jíria dos estúdios, «já pronto para entrar em cena». Fred ficava sabendo, assim, que eu era um figurante de experiência, o que muito me convinha, pois nunca se sabe quando é que um diretor se lembrará de escolher um figurante dentre a multidão anônima, para lhe confiar um papel de ator.

Foi justamente isso o que sucedeu no dia seguinte. Naquele filme figurava um personagem chamado Juliani, violinista. Ao distribuir os papéis, alguem contratara um músico que se revelou um paspalhão, incapaz de representar. Perdeu-se boa parte da manhã em esforços para filmar uma cena, até que Fred Thompson ficou exasperado, e gritou: «Haverá por aí um ator capaz de tocar violino?»

Disparei tão depressa na direção de Thompson, atravessando a multidão, que só conseguí travar a quase metro e meio para alem dele.

—Ah, é o francês... Sabe tocar violino?

—Não, mas sei tocar piano! respondí.

O diretor lançou-me um olhar de resignação e disse: —Está bem, muda-se o papel para pianista.

Ensaiamos a cena uma só vez, e entramos logo a filmar. Ocioso é dizer que eu tremia dos pés à cabeça, mas, quando chegamos ao fim, Thompson gritou: «Magnífico!» Encaminhou-se para mim e deu-me um caloroso aperto de mão. Que sensação deliciosa!

À medida que a filmagem continuava, eu ia matutando. Ninguem alí me dissera uma palavra sobre aumento de salário: eu estava ganhando apenas como figurante. «É muito bonito desempenhar um papel importante, e ver o nome na tela,» pensei com meus botões, «mas não se faça de trouxa, amigo Menjou.»

Quando se acabou a filmagem daquele dia, os figurantes começaram a entrar na fila da caixa para receberem

a diária. Senti-me tentado a seguí-los, pois só tinha 15 centavos no bolso; mas, se aceitasse dez dólares pelo meu trabalho daquele dia, provavelmente nunca viria a conseguir que me pagassem mais do que isso por um dia de trabalho, até a terminação daquele filme. Se pedisse aumento, corria o perigo de ser despedido.

Nessa altura reparei que quatro carpinteiros começavam a demolir o cenário da grande sala de baile onde decorrera a cena já filmada. Ocorreu-me luminosamente que, na manhã seguinte, com o cenário feito em cacos, lhes sairia muito mais caro reconstruí-lo do que pagar-me um bom salário! Resolví então esperar até o dia seguinte, e, logo de manhã, fui «cavar» com o gerente um aumento.

—Por que é que você não recebeu ontem a sua diária? indagou ele.

Expliquei-lhe então que não era mais um figurante, mas *ator*—e como tal esperava ser pago na base de um salário semanal.

—E quanto quer você?

—Cento e cinquenta.

O gerente deu gritos, xingou-me de gatuno, ameaçou pôr-me na lista negra, e rematou com esta ameaça:

—Assim, você nunca mais arranja trabalho!

—Sinto muito, respondí. —Talvez lhe convenha mais chamar outro ator?

Mas àquela hora ele já sabia que o cenário estava feito em estilhas, e sabia que eu não o ignorava... Foi assim que conseguí os 150 dólares semanais durante um mês. Quando acabamos de filmar, o diretor Thompson deu-me fotos de todas as cenas em que eu aparecia no papel de Juliani, o que para mim valia mais, então, do que uma carta do Presidente da República. Assim armado, já agora podia bater à porta de todos os diretores e provar-lhes que era ator. Estava lançado!

Fascinação do album de recortes

Durante essa fase de minha vida, em que me debatia para conquistar lugar ao sol nos estúdios, a indústria do cinema ia tambem atravessando, em seu conjunto, um período de tentativas e incertezas, esforçando-se por encontrar a maneira de adaptar a nova arte às necessidades da produção em massa, para divertimento das multidões. A primeira grande descoberta do cinema foram as fitas do Oeste, que se podiam produzir com papéis e enredos padronizados. A seguinte foi a dos filmes em série, em que a heroina ficava suspensa à beira de um abismo no fim de cada episódio, dramas esses que já se tornavam o prato de resistência de todos os programas. A única experiência que tive nesse domínio foi a de um filme intitulado *The Scarlet Runner*. Não era grande coisa, mas o breve episódio em que figurei tinha uma inovação, visto que o autêntico «astro» era, nele, um automovel Cadillac... Esse Cadillac fora emprestado à Vitagraph com o entendimento de que devia figurar da maneira mais destacada em todo o filme. O emblema da luxuosa marca aparecia como um brazão de nobreza não só no radiador, mas tambem em ambas as portas, e até na retaguarda do carro! Este recebeu mais

metragem do filme do que a estrela de carne e osso, e estou certo de que a companhia Cadillac tirou bastante proveito de tudo isso.

Conquanto os filmes em episódios constituissem, durante algum tempo, a resposta às preces dos produtores, a maior descoberta dos nababos do cinema foi que, uma vez passada a novidade dos filmes em si, eram as estrelas, e não as peças ou entrechos, que os fãs acudiam a ver. E foi assim que os produtores passaram a explorar as estrelas, de preferência ao seu produto. Os salários subiram às nuvens. Quando Adolph Zukor anunciou que havia contratado Mary Pickford pela vertiginosa soma de dois mil dólares semanais, iniciou-se verdadeira corrida ao ouro. Toda a gente queria figurar em fitas de cinema. As estrelas do palco compreenderam de repente que, embora a pureza da sua Arte pudesse ressentir-se na tela, pelo menos elas nunca estariam de estômago vazio.

Mas está claro que nós, os «diaristas» do cinema, não tivemos participação alguma na maré de prosperidade. Embora eu tivesse um «gostinho» de abastança com *A Parisian Romance*, passou-se muito tempo antes que voltasse a ganhar o polpudo salário de 150 dólares por semana. Trabalhava um dia como figurante, por 5 dólares, no dia seguinte davam-me um papel de segunda ordem por 10 dólares, e eventualmente conseguia pescar um papel de importância, de 75 dólares por semana, durante, digamos, dez dias.

Trabalhei por esse tempo em películas de dois a quatro atos, umas boas, outras más. Meu processo para reconhecer os bons era infalivel: eram aqueles em que eu merecera as honras de uma referência por parte de um crítico... Quando essa raridade se produzia, a crítica era cuidadosamente recortada do jornal, e colada com mil e ternos cuidados no meu album de recortes.

E note-se que eu não era intolerante, em absoluto. Uma crítica me enfureceu um dia, e nem por isso deixei de recortá-la e guardá-la. O crítico de cinema do jornal *Plain Dealer*, de Cleveland, sentenciou-me inexoravelmente com estas curtas palavras: «Um indivíduo de Cleveland, Adolph Anjou, desempenha o papel de francês *sans soucis*.» Um jornal da minha própria cidade natal—e nem sequer grafava direito o meu nome!

Nesse tempo os agentes encarregados de colocar artistas não ligavam importância aos figurantes, de modo que não havia remédio senão cada um puxar a brasa para a sua sardinha. A concorrência era feroz. Era preciso arranjar apresentação para o diretor do elenco e «cavar», conforme fosse possivel, o trabalho de cada um. Decidimos organizar-nos, quatro de nós, em uma espécie de *troupe* de cinema sob o nome de *Gentlemen Riders*, que imediatamente nos identificava, aos olhos dos distribuidores de papéis, como tipos da alta sociedade. Um dos diretores que com mais frequência apelavam para os *Gentlemen Riders* era Allan Dwan. Foi por seu intermédio

que conseguimos entrar no segundo filme de Douglas Fairbanks, *The Habit of Happiness*.

Fairbanks representava o papel de um sujeito para quem o riso era a cura de todos os males que afligem a humanidade. Uma das sequências do filme mandava que ele fosse a uma pensão barata do sombrio bairro de Bowery, em Nova York, onde o personagem reunia toda uma turma de vagabundos e maltrapilhos, para ensiná-los a rir, de modo a infundir-lhes novas esperanças.

Dwan resolveu que, para uma cena bem realista, em vez de contratar atores, seria muito mais simples ir diretamente ao referido bairro e engajar um bando de autênticos malandros. Certa manhã meteu-se no automovel, foi a uma pensão acompanhado de quatro policiais, e reuniu todos os indivíduos que lá estavam. De começo, julgando que iam ser postos no xilindró, os personagens do Bowery ergueram um escarcéu dos diabos. Quando souberam, porem, que iam ganhar dinheiro para figurar num filme, mudaram de atitude, e aceitaram pacificamente a proposta.

Na cena que Dwan devia filmar, Douglas Fairbanks chegaria todo pimpão, e faria aos vagabundos um discurso polvilhado de ditos espirituosos e piadas «finas». Mas, por muito que o ator se esforçasse, os rapazes não estavam achando muita graça... Afinal, levado ao desespero, Douglas lhes contou uma anedota apimentada. Foi a conta: os desprotegidos da sorte largaram uma retumbante gargalhada.

«Continue, continue!» ordenou Dwan, e fez sinal ao *cameraman* para dar à manivela.

Douglas foi contando piadas, e carregando mais e mais no sal. O bando de maltrapilhos ria com mais e mais gosto... Nos intervalos da filmagem, os outros atores e os técnicos davam tratos à bola para descobrir outras anedotas picantes...

Algum tempo depois o filme era posto em circulação, e as cartas de protesto começaram logo a chover na companhia; eram cartas muito especiais, remetidas por surdos, sociedades de surdos-mudos, e diversas organizações sociais. A explicação do fenômeno é simples: quem soubesse ler nos movimentos dos lábios podia compreender, sem a menor dificuldade, que Douglas não estava contando o gênero de piadas que as legendas do celulóide indicavam! A companhia viu-se obrigada a recolher todas as cópias do filme, e a contratar especialmente um técnico em leitura labial que ajudasse a eliminar das anedotas todos os vestígios de sal e pimenta.

Estava eu representando «outro papel de vilão», segundo a palavra dos críticos, quando os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha. Assentei praça no Corpo de Saude. Depois, já com a patente de capitão, servi em um grupo de ambulâncias na França, durante a última grande ofensiva.

Rumo ao Oeste, rapaz

EM JUNHO de 1919 regressei aos Estados Unidos, e dei baixa, verificando então que Nova York deixara de ser a capital do cinema. Com efeito, durante a guerra, grande parte dessa indústria mudara-se para Hollywood. Tomei logo a decisão de seguir tambem para o Oeste, e tentar a sorte alí.

Mas não fui sozinho para Hollywood: levei comigo uma esposa novinha em folha. Visto que conseguira economizar parte dos meus vencimentos de oficial durante a guerra, resolvemos passar nossa lua-de-mel na Califórnia onde, ao mesmo tempo, eu podia tentar abrir caminho no mundo do celulóide.

Logo que nos vimos instalados num apartamento de terceira ordem, pus-me a matutar sobre a melhor maneira de encontrar emprego. Não conhecia diretores nem produtores. Mas, uma noite, um amigo convidou-me para um jogo de poquer ao qual deviam comparecer vários diretores de cinema.

Bem que eu sabia não ter recursos para tais aventuras, mas era para mim tão importante travar conhecimento com gente dessa, que não pude resistir à tentação de ir ao jogo. E que jogo, meus amigos! Cada rodada abria com 5 dólares, e todas as vezes que eu arriscava os meus 5, havia sempre alguem que dizia: «Seus 5, e mais 45, só para deixar os pexotes de fora!»

Pexote—era comigo. Eu era o único pexote naquela casa! Feitas as contas, quando saí dalí, tinha perdido 300 dólares somente em entradas. Em casa, confessei a minha mulher quanto perdera, e de nada valeu explicar-lhe que, em compensação, conhecera diretores capazes de dar-me emprego, se surgisse uma oportunidade.

Quando penso nesses primeiros tempos de Hollywood, palavra que ainda sinto calafrios! Parecia haver sempre um emprego à vista: mas, quando eu chegava... o pássaro batera as asas. Afinal minha carteira ficou tão magra, que o dinheiro nem me chegaria para a passagem de regresso a Nova York. Sentí-me, então, tomado de pânico.

Foi justamente nessa altura que me veio a primeira oportunidade real. Mabel Normand estava-se preparando para fazer um filme na Metro, em que havia um papel de reporter; esse papel ela queria confiar a um ator que tivesse alguma característica invulgar. Não sei como se lembrou de mim, pois mal me conhecia; mas o fato é que sugeriu meu nome. Quando fui ao encontro do diretor, este me disse que o papel «valia» *somente* 350 dólares por semana... Interrompí logo, e declarei peremptoriamente que aceitava o papel. Nunca na minha vida ganhara tanto dinheiro!

Ao apresentar-me no estúdio para tomar o meu lugar, ia assustado, pois fazia muito tempo que não me via diante da objetiva de uma câmara. Mas Mabel Normand, depois de ver como desempenhei o papel, pediu que me contratassem tambem para o filme em que ela devia entrar a seguir. Foi graças a esses dois filmes que ingressei na Paramount, afim de figurar em uma película que veio a tornar-se um grande êxito—*The Faith Healer*.

Já me sentia no sétimo céu. Esse papel era exatamente do gênero dos que eu antes desempenhara: um personagem sinistro, que toda a gente odiava. O curandeiro milagroso era

Milton Sills, e eu era o médico que caçoava dos seus milagres, e o tratava de «charlatão». Mas quando o filme apareceu em público, os críticos de Nova York me «liquidaram»! Leia-se o que disse o pior de todos eles, Alan Dale, no *American:*

> «Quanto ao vilão, é um desses indivíduos de risinho afetado, sardônico, que há muito passaram de moda. Exigimos que, de agora em diante, os personagens sinistros não tragam estampado na cara, nos bigodes ou nas mangas do casaco, o seu carater nefando! Em um filme como esse, tal vilão está absolutamente deslocado, é absurdo. O resto do elenco, excelente...»

Essa crítica deixou-me triste durante três dias. Tive medo de sair em busca de outro emprego: imaginava os diretores do pessoal atirando-me à cara o jornal com a crítica odiosa... Afinal, ao terceiro dia, ouví tocar o telefone. Chamavam da First National Pictures. Sidney Franklin queria que eu trabalhasse em outro filme, e meu papel destinava-se a figurar em quarto lugar no cartaz.

Assim que entrei no gabinete, disse-me ele: «Vi o papel que você fez em *The Faith Healer*, e acho que foi um desempenho magnífico!» Confesso que desde essa data tenho sido admirador constante desse Mr. Franklin.

Foi por essa altura que aquele joguinho de poquer, em que eu perdera 300 dólares, começou a render. Meu primeiro contrato, em 1921, veio precisamente de Al Green, um dos nababos que me haviam depenado nesse jogo. Disse-me que lhe agradara o espírito esportivo com que eu soubera perder, e nessas condições entendia poder confiar-me o papel de um chantagista amavel e odioso, num filme cuja estrela seria Mary Pickford.

Conseguí o papel, mas tive que aceitar um corte de 50 dólares no salário. Quando saí do escritório de Mary Pickford, vinha falando com meus botões: «Como é que essa mocinha franzina e bonita pode ser tão esperta em questão de negócios?» Mas, que importava! Um filme da Pickford era um maná para qualquer ator, porque bastava o nome dela para o povo fazer fila na bilheteria dos cinemas...

Ainda bem não tínhamos terminado esse filme, recebí um chamado de Nat Deverich, um dos cavalheiros que me tinham tirado couro e cabelo no tal jogo de poquer. Era assistente de John Stahl, da Metro; queriam confiar-me um pequeno papel. Stahl era um excelente diretor, mas, não sei por que motivo, não conseguimos pôr-nos de acordo. Logo no primeiro dia tivemos uma discussão, que não durou muito, pois Stahl exigiu que me substituissem.

Trouxeram-lhe outro ator, mas não puderam despedir-me, porque meu contrato vigoraria ainda uma semana; tiveram que dar-me um papel de figurante, e fiquei por alí, caceteado, mas aparentando soberba indiferença. Outros atores, no meu lugar, teriam logo batido com a porta, mas nesses tempos seria dificil sentir-me insultado... com um salário de 350 dólares por semana.

Esse incidente com Stahl foi de certo modo um golpe no meu orgulho, mas depressa me restabelecí dele, quando me chamaram à United Artists para me avistar com Douglas Fairbanks, afim de discutirmos o meu papel em *Os Três Mosqueteiros*: fora o escritor teatral Edward Knoblock que lembrara o meu nome para incarnar Luiz XIII. Tinha-me visto representar em *The Faith Healer*, e lhe parecera que eu tinha certa semelhança com um Luiz XIII não sei de que quadros ou estampas. São os acasos dessa espécie que muitas vezes representam o triunfo ou o fracasso em Hollywood. Esse papel foi um degrau importante na minha ascensão. Devo dizer que minha carreira de ator foi fertil em tais acasos.

Está claro que eu precisava de muita sorte, já que a natureza não me havia dotado com nenhum dos atributos que fazem os astros do celulóide. Muitos astros de Hollywood se têm visto guindados a essas alturas, só porque são talhados para certos papéis... Douglas Fairbanks não podia ter errado o alvo da glória, pois era o mais agil dos comediantes da tela. Provou ele, para alem de todas as dúvidas, que a agilidade estrênua era uma forma de arte dramática... Nunca andava: ou dava passadas enormes, ou ia aos saltos. Chegou a conseguir este milagre: estar sentado ou deitado eram coisas que, na sua arte, sempre sugeriam proezas de esforço.

Era emocionante trabalhar num filme de Douglas Fairbanks. Os cenários estavam sempre atulhados de celebridades e amigos que vinham visitá-lo. Douglas era homem para empreender entre duas filmagens, sem mais nem menos, uma exibição esportiva na companhia de alguns dos seus camaradas de atletismo.

Um dos membros assíduos daquela turma era um ex-lutador italiano chamado «Touro» Montana, cujos músculos dariam para três homens. Sempre que havia visitas, esse brutamontes havia de estabelecer discussão com Doug; palavra puxa palavra, a discussão acalorava-se cada vez mais, até que a certa altura o lutador arremetia contra o chefe. Então, com uma reviravolta do pulso, Douglas o fazia sair voando por cima dos ombros, e o lutador ia-se estatelar no chão, gemendo e suplicando: «Pelo amor de Deus, *signor* Fairbank, não me machuque!» Ele provavelmente seria capaz de partir Douglas pelo meio, se o quisesse, mas adorava fazer-se passar por frangote nas mãos do patrão.

Durante a filmagem dos *Três Mosqueteiros*, quase todos tomamos lições de esgrima, porque eram gratuitas. Ainda lembro os cuidados com que o instrutor lecionava Douglas, antes das cenas de capa e espada que este tinha a desempenhar, para que tudo saisse tecnicamente perfeito. Mas quando chegava a hora de filmar, Doug fazia o que lhe apetecia, e da maneira menos ortodoxa. Corria por todo o cenário, pulando por cima das cadeiras, saltando em cima das mesas, brandindo o florete como se este fosse uma espada. O mestre de esgrima arrancava os cabelos em protesto, mas é claro que

Douglas fazia o que muito bem entendia. Quando o filme era lançado ao público voraz, milhões de espectadores por esse mundo alem pensavam que ele era realmente o maior esgrimista de todos os tempos.

Que sujeito cacete!

DURANTE os dois primeiros anos em que trabalhei em Hollywood, raras vezes me deram papéis que não fosse de vilão—o detestavel, inescrupuloso explorador de mulheres indefesas, o demolidor de lares tranquilos e felizes. As coisas chegaram a tal ponto que os gurís, quando me viam surgir na tela, começavam logo a vaiar, antes mesmo de saberem qual seria o enredo do filme. Quase sempre os autores da peça me matavam no último ato, só para satisfazer a platéia... Se quisessem que os espectadores aplaudissem, de tão contentes, bastava abater-me a tiro logo no segundo ato.

Pouco a pouco fui compreendendo que um ator tão profundamente odiado pelos seus semelhantes, nunca poderia ter esperanças de ganhar mais que aqueles 350 dólares por semana. Se eu quisesse alcançar maiores alturas, era preciso que o público me estimasse, ou pelo menos que se compadecesse das fraquezas do meu carater. Sentí-me desanimado. Cheguei à conclusão de que era um fracassado—com 32 anos de idade, uns «míseros» 15.000 dólares de ordenado por ano, e nenhuma esperança de futuro!

Afinal alvoreceu o dia memoravel em que me convidaram para um papel em *Rupert of Henshaw*. Perguntei a Myron Selznick, encarregado de superintender o filme, qual o gênero de papel em que ele me queria, e acrescentei: «Se o público aplaude quando eu caio morto, é melhor nem falarmos: procure outro ator.»

«Não, é outra coisa,» respondeu ele, reconfortando-me. «Queremos chamá-lo para este filme, porque você é o homem que melhor sabe vestir-se em Hollywood. Vamos metê-lo em um uniforme carregado com 10 quilos de bordados a ouro!»

«Personagem rico, hem?» repliquei. «Nesse caso, sinto muito mas não posso desempenhar um papel assim por menos de 500 dólares.»

Mr. Selznick fez-me notar que se tratava de uma epopéia que havia de ficar eterna na memória dos homens; e que eu devia aceitar uma reduçãozinha, só pela honra de entrar em semelhante obra-prima. A isso opús eu que não me estava sentindo muito bem de saude, e que isso de andar de um lado para o outro com 10 quilos de bordados de ouro às costas, e ainda por cima com a responsabilidade de «representar», eu só poderia fazer mediante remuneração extraordinária.

Dito isso voltei para casa, e pus-me a andar à roda no tapete da sala, até lhe fazer um buraco, enquanto esperava pela decisão do chefe. Estava quase perdendo as esperanças, quando o telefone retiniu: era a secretária de Mr. Selznick com ordem de me apresentar ao trabalho na segunda-feira!

Todas as vezes que uma pessoa consegue um aumento de ordenado, sobe logo mais alguns pontos no respeito

geral de Hollywood. Quando a Paramount soube que eu estava ganhando 500 dólares por semana, ficou logo a roer-se de inveja, pois percebeu qúe eu devia ser melhor ator do que se supunha... Resultado: fui logo convidado a entrar num filme, coisa superespecial, em que eles se preparavam para lançar a sua mais recente estrela —Pola Negri. Pola era uma moça tão cheia de nervos, que durante cinco anos provocou nos estúdios da Paramount uma verdadeira roda-viva; o número, a intensidade, e o alto nivel social dos seus convulsivos amores bateu todos os recordes, mesmo os de Hollywood.

É talvez a Pola Negri que devemos a popularidade do que, em Hollywood, se chama de «amores batidos»: isto é, um romance de amor em que o rapaz encontra a moça, detestam-se mutuamente de começo, degladiam-se furiosamente durante oito atos, e de repente caem nos braços um do outro. As batalhas de Pola Negri com os seus apaixonados eram das mais espetaculares que já se travaram. Conta-se, por exemplo, que durante um histórico embate de temperamentos entre Pola e Charles Chaplin, aquela rematou a cena de amor desmaiando graciosamente sobre uma pele de urso. Enquanto as pessoas presentes corriam desvairadas em todos os sentidos, procurando água para revivê-la, Chaplin recusou dar-se por vencido, e desmaiou tambem, dramaticamente, ao lado dela. Pola Negri ficou tão enfurecida que rompeu logo alí o compromisso de casamento que tinha com ele.

UM BELO dia, Chaplin, que tinha 34 anos e estava já no apogeu da sua carreira, anunciou a sensacional notícia de que ia realizar um filme no qual o famoso «Carlitos» não aparecia—um filme *sério*. Ninguem saberia dizer por que motivo o genial criador de muitas comédias de êxito ia agora, sem mais nem menos, arriscar-se em um campo onde poderia sofrer um fracasso dispendioso. Fosse qual fosse a razão, o certo é que *A Woman of Paris* foi um marco em minha carreira de ator.

No dia em que me contratou, Chaplin me contou todo o enredo do filme, no qual eu devia desempenhar o papel de um rico *bon vivant* parisiense, chamado Revel. A princípio achei a história medíocre e tola. Mas quando começamos a filmar verifiquei que estávamos realizando alguma coisa de novo e de empolgante.

Chaplin é um dos maiores diretores de cinema sob cujas ordens tenho trabalhado, e, nos oito meses que levamos a fazer esse filme, acho que aprendí mais da arte de representar do que até então aprendera com qualquer outro mestre.

«Não exagere!» dizia Chaplin a cada passo. «Lembre-se que o público o está espiando com sete olhos!» Era u'a maneira concisa e pitoresca de me lembrar que no cinema, quando os atores têm alguma emoção forte e profunda a exprimir, a câmara os focaliza e se lhes aproxima do rosto, e a gente surge na tela com uma cabeçorra que mede quase dois metros da testa ao queixo. E o público nos vê como se espiasse ao microscópio. Ora,

haviam-me ensinado a trabalhar com as expressões e gestos exagerados do cinema silencioso dos primeiros tempos. Mas quando Chaplin sacudia a cabeça e dizia: «Eles o estão espiando!», eu sabia logo que acabava de me enterrar até ao pescoço, e de bom-grado repetia a cena desde o começo ao fim.

Chaplin, homem exigente, só se satisfazia com a perfeição, ou pelo menos com a excelência. Se estou bem lembrado, houve uma cena que tivemos que filmar mais de 200 vezes, e era frequente termos que repetir um detalhe umas cinquenta vezes.

Por vezes esse amor à perfeição levava a complicações. Um dia, por exemplo, Chaplin decidiu que, em certa cena de jantar, seria servido um prato raro, que suscitaria comentários. Um dos dois peritos que Chaplin havia contratado teve uma inspiração súbita: sopa de trufas com champanha! O segundo perito levou as mãos à cabeça num gesto de horror: nunca ouvira falar em tão repulsivo *potage*! O primeiro perito, torcendo desdenhosamente os lábios, replicou: «O caso é que você nunca jantou no melhor de todos os restaurantes! É um lugarzinho onde só come gente da mais fina, e por convite somente. *La Truffe d'Or* é o único restaurante do mundo onde se serve sopa de trufas com champanha.»

A despeito dos brados de protesto, Chaplin gostou da idéia, e o filme teve mesmo jantar com sopa de trufas e champanha.

Alem desse, muitos outros pormenores quase imperceptiveis deram a *A Woman of Paris* um ambiente inteiramente novo na indústria do cinema. Recordo, entre outras, a cena em que se revelava ao público que Marie, a protagonista, era a amante de Revel. Chaplin queria indicar que existia essa intimidade entre os dois, sem que nada se dissesse, e de maneira a não chocar o público.

Para tal, eis como ele imaginou a cena: Revel entra nos aposentos da moça, onde é recebido pela empregada. O público, até aquí, não tem a menor idéia de quem seja esse cavalheiro, e que papel tem na vida dela. Chaplin queria desencantar a maneira mais natural de mostrar que Revel era frequentador assíduo e privilegiado da casa. Discutiram-se muitos truques e artifícios, que foram postos de parte, até que por fim Chaplin teve a idéia do lenço.

Uma vez no apartamento, eu dirigia-me ao armário onde estavam guardadas as bebidas, e servia-me um cálice. Em seguida levava a mão ao bolso para tirar o lenço, e verificava que o tinha esquecido; então, com a maior naturalidade, entrava pelo quarto de dormir. Marie estava sentada ao toucador, ocupada em arranjar o cabelo. Sem olhar para ela, e sem que ela me prestasse a mínima atenção, eu atravessava o quarto, ia direito a um *chiffonier*, abria uma gaveta, tirava um grande lenço visivelmente *masculino*, e saía do quarto. Dessa maneira, revelou-se discretamente a relação íntima existente entre os dois personagens.

A *première* mundial de *A Woman of Paris* teve lugar em Los Angeles, e quase toda a gente de posição social em Hollywood se encontrava presente. Fiquei sentado, durante as primeiras sequências do filme, em um estado de nervos que raiava pela prostração. Depois, perto de mim, escutei a voz de Herbert Brenon, um dos maiores diretores de Hollywood, a exclamar: «Admiravel! Formidavel!» Então compreendí que estávamos garantidos.

Mas as palavras mais consoladoras foram as que sairam, pouco depois, da pena de Alan Dale, o crítico que, mais que todos, me odiava: «Achei adoravel o vilão desempenhado por Adolphe Menjou... sua imperturbavel serenidade é deliciosa... se alguma vez já se viu na tela uma caracterização mais sutil e deliciosa, eu não estava presente para vê-la.»

Quem, em Hollywood, é alvo de uma crítica assim, compra logo uma casa nova, dois automoveis, um custoso casaco de peles para a esposa, e começa a tomar as medidas do quintal para mandar fazer uma piscina de natação... E, claro está, corre logo a pedir aumento de ordenado. Isto mesmo sucedeu comigo: logo no meu filme seguinte, meu salário pulou de 500 para 1.000 dólares por semana!

Em fins de 1923 já me sentia maduro para a «esfola» de Hollywood, coisa a que estão expostos todos os atores que triunfam no cinema. Uma vez reconhecido como homem mundano e «civilizado», convencí-me de que me era preciso adquirir uma casa decente, onde pudesse receber outros homens mundanos, tais como ex-negociantes agora feitos produtores de cinema; antigos choferes de caminhão, hoje diretores; e ex-repórteres de polícia, que houvessem virado cronistas de influência... Nessas condições, comprei uma casa, gastei 10 mil dólares em remodelá-la, e em seguida comecei a fazer excursões pelas lojas de antiguidades. A notícia não tardou a correr; havia mais um «trouxa» no mercado...

Mas fui esperto. Em vez de procurar os estabelecimentos de luxo, dirigí-me aos mais modestos, que podiam vender a preços irrisórios, porque não tinham grandes despesas. Sim, senhor! Venderam-me as melhores falsificações de antiguidades que se podiam encontrar na cidade, por três vezes o preço que elas valiam...

Creio que a maior esfoladela que sofrí foi na compra de um tapete oriental. O honrado bandido que mo vendeu tinha, ao que parece, um serviço secreto de comunicações diretas com um velho palácio do Hindustão, de modo que estava em condições de me vender por 1.500 dólares (uma ninharia!) um «genuino» tapete muito antigo, para a sala de jantar. Que o tapete era velho, isso eu posso jurar: estava todo gasto, e até bastante esburacado!

Quando perguntei ao meu antiquário se não podia mandar remendar esses feios buracos, ele respondeu indignado: «Nunca! Seria um sacrilégio! Nesses buracos não se toca! São lindos, são uma preciosidade!»

Pus-me a olhar para o tapete com algumas dúvidas, mas ainda assim com admiração, pois acreditava na autenticidade da coisa. Comprei-o, e daí em diante levava meus amigos à sala de jantar, apontando-lhes o precioso tapete com buracos: «Gasto pelos pés de inúmeras bailarinas deslumbrantes!» explicava.

Certo dia, tivemos um princípio de incêndio no porão, e os bombeiros, ao atravessarem correndo a sala de jantar, derramaram não sei que líquidos corrosivos no meu tesouro! Fiquei abatido. Meu único consolo era que tinha o tapete no seguro, e por bom dinheiro. Mas quando o avaliador da companhia de seguros veio ver os estragos, e lhe mostrei o tapete, caí das nuvens.

«Quanto é que o senhor pagou por isso?» perguntou ele com desdenhosa indiferença.

«Mil e quinhentos dólares, mas vale muito mais!»

O homem lançou-me um olhar de piedade e abanou a cabeça: «Se pagou mais de 250, foi vítima de um roubo descarado!»

Um simples ator se vê em apuros para conservar os pés na terra, quando o dinheiro lhe entra pela casa, principalmente se antes disso ele nunca possuiu mais do que uma escova de dentes e um estojo de maquilhagem. Alguns de nós, porem, temos aprendido, à custa de amargas experiências, a acautelar nossos interesses. Hoje,—confesso-o sem sombra de acanhamento —considero-me arguto estudioso do dolar...

Quem leva a moça...

Conquanto por essa época eu houvesse conseguido certa medida de êxito, ainda não me dava por satisfeito. Queria ser astro! Sonhava «conquistar a moça», de vez em quando, privilégio que sempre cabia ao astro.

A primeira vez que conquistei a moça (em 1924) foi mesmo um golpe de sorte. Desempenhava o papel de um rapaz grã-fino, e Don Juan irresistivel. Ao cabo de 20 dias de filmagem, o diretor chegou à conclusão de que o jovem e virtuoso herói era um pretensioso insuportavel. Resolveu dar ao entrecho uma resolução diferente da primitiva: o vilão é que havia de conquistar a pequena!

A idéia vinha de encontro a todas as tradições consagradas, mas o certo é que deu resultado. Os fãs ficaram encantados quando viram o vilão impenitente, com cem números de telefone no seu livrinho de endereços, pegado no laço e amansado por uma donzela ingênua! Apesar desse êxito, durante muito tempo não tornei a «conquistar a pequena». Nenhum outro diretor se atrevia a correr os riscos de me tornar o centro de interesse amoroso num filme.

Passado algum tempo, Adolph Zukor ofereceu-me um contrato para a Paramount. O primeiro ano que aí passei não se pode classificar de feliz. Não havia maneira de verem em mim o «tipo» por quem as moças se apaixonam, e, quando reclamei, o vice-presidente, encarregado da produção, limitou-se a sacudir a cabeça. Resolví então entrar em greve, e daí a uma semana minha senhora e eu estávamos singrando o oceano, rumo à França.

Quando desembarquei em París, encontrei três críticos dos jornais que me queriam entrevistar. De começo supús que lhes tivessem chegado aos ouvidos alguns boatos de Hollywood —boatos da iminente falência da Paramount, por via da greve que Menjou declarara... Tal não era porem o caso. Os jornalistas estavam alí simplesmente para cumprir seu dever profissional.

Asseguraram-me logo que eu era o maior ator do cinema americano: pois não era eu francês, e não eram os franceses os melhores atores do mundo? Expliquei-lhes que não era francês, e sim americano. Os cavalheiros trocaram olhares escandalizados! Toda a cidade de París estava convencida de que eu era francês, fizeram-me saber em tom de grande excitação. Alem disso, se era americano, como é que falava francês tão bem?

Expliquei-lhes que meu pai era francês, e me ensinara desde menino a falar a sua língua materna. Isso pareceu trazer-me alguma vantagem, mas as entrevistas, que aqueles amigos mais tarde publicaram nos seus jornais, davam de certo modo a impressão de que eu estava residindo apenas temporariamente nos Estados Unidos, e que, mais tarde ou mais cedo, havia de regressar à pátria. Ainda hoje muitos fãs do cinema, na França, acreditam que eu sou francês...

Depois de ter esperado durante cinco dias em París por algum recado da Paramount, compreendí que a minha greve era um fracasso. A companhia ia continuar produzindo filmes, sem fazer caso de mim. Disse a minha mulher que começasse imediatamente a arrumar as malas.

Os Estúdios Paramount nunca me pareceram tão bonitos nem tão hospitaleiros, como no dia em que regressei ao trabalho! Cheio de entusiasmo, dirigí-me logo para o escritório de Walter Wanger. Ao ver-me entrar, ele disparou-me esta pergunta:

«Gostaria de fazer um filme com Florence Vidor e Betty Bronson?»

«Ótimo! Magnífico! E que papel terei?»

«Você seria o pai de Betty Bronson.»

Fiquei atordoado durante alguns instantes. Tinha somente 35 anos, e já me estavam relegando a papéis de pai! «Então o senhor me acha com cara de velho?» explodí.

Walter esforçou-se por me acalmar. «Por que não vai falar com o diretor? É novo aquí na casa; chama-se Mal St. Clair.»

«St. Clair!» bradei, fora de mim. «Mas ele não tem feito outra coisa senão fitas de Rin-Tin-Tin! É um diretor de cachorros!»

Já tinha vontade de fazer greve outra vez. Mas os dez minutos que logo em seguida passei conversando com Mal, convenceram-me de que ele sabia o que era fazer um filme, sem prejuizo do seu passado «caninamente» famoso. Corridos poucos meses, era ele quem me dirigia em meu primeiro papel de astro, em *The Grand*

Duchess and the Waiter, filme que me guindou até os degraus mais altos da escada de Hollywood. Está claro que eu já criara o hábito da insônia, tinha a inevitavel úlcera de Hollywood, e meus primeiros cabelos brancos: mas era, enfim, astro...

O CINEMA silencioso atingiu o seu apogeu entre 1925 e 1928. No curso desses anos tive papéis de astro em doze filmes, interpretando sempre o mesmo personagem. Tornei-me tão estereotipado quanto a vampiresca Theda Bara, ou William Hart no papel de xerife de dois revólveres. Meus traços de identificação eram o olhar malicioso, o sorriso cínico, e o traje de rigor impecavel.

Cabia ao departamento de publicidade da Paramount manter o público esclarecido quanto a minhas inconfundiveis características de vilão, e a verdade é que esses rapazes se portaram à altura. Apareceram na imprensa centenas de artigos e entrevistas subordinadas a títulos tais como: *O Mundano Mr. Menjou; Menjou, o Mulherengo; Menjou, o Cínico Amavel...*

Confesso, porem, que a faceta que eles melhor souberam explorar foi o meu extenso guarda-roupa. Vi meu nome como autor de muitas variantes de um mesmo artigo, mais ou menos intitulado *Como gastar dinheiro em roupas*, no qual vim a descobrir que meu orçamento anual em indumentária era de 14.500 dólares, cifra um tanto exagerada, mas, enfim, impressionante para os fãs...

Olhando hoje para trás, reconheço que fui em boa parte responsavel por essa reputação de manequim. Meu pai era dado a elegâncias, e ensinara-me a vestir-me sempre até onde meus recursos o permitissem. Assim, quando me vi sentado entre os astros, e dispondo de dinheiro, passei a colecionar roupas com o entusiasmo que o filatelista tem pelos selos. Meu guarda-roupa se avolumou. Experimentei os melhores alfaiates em Nova York e Londres.

Explicaram-me na Inglaterra que os homens realmente elegantes eram de parecer que, enquanto uma firma de alfaiates talhava e fazia as melhores calças, outra era reconhecidamente superior pelos seus coletes, e uma terceira pelos casacos... Disseram-me que o Príncipe de Gales punha habitualmente três alfaiatarias a trabalhar nas três diferentes partes de que se compõe um terno. Entretanto, mesmo a mim, isso parecia excessivo.

Veio a Revolução...

O CINEMA sonoro lançou o pânico em Hollywood. As grandes companhias não estavam prontas para acolhê-lo, e os atores tãopouco. Da noite para o dia, muitos dos maiores astros e estrelas passaram ao rol do esquecimento. Por toda a cidade do celulóide, a assustadora pergunta agora era esta: «Você tem voz?» Compreendí que me encontrava em situação precária. Corria o último ano do meu contrato, e, a menos que demonstrasse ter voz aceitavel, antes de expirado aquele, eu estaria perdido.

Por essa altura a Paramount fazia fitas com artistas de experiência teatral. Fui-me deixando ficar por alí, sem nada que fazer durante algum tempo, recebendo meu salário, até que alguem resolvesse que eu representava uma despesa excessiva, e que, bom ou mau, era preciso que eu desse receitas à Caixa. Afinal encontraram um enredo para mim, e entramos logo em atividade.

Desempenhei meu papel falando com sotaque francês, e uma vez por outra falei mesmo francês. Quando terminamos esse filme, continuei esperando que o estúdio me saisse com uma proposta, mas só conseguí um silêncio de enregelar. Meu contrato terminou no dia 24 de maio de 1929. Resolví fazer outra viagem à França, e ficar ocioso por algum tempo.

Quando, oito meses depois, regressei a Hollywood, verifiquei que toda a população da capital do cinema era constituida por *ex*-milionários! Os vendedores de Rolls-Royce tinham passado a vender maçãs, e nas noites de *première* usavam-se agora somente três projetores, em vez dos vinte que dantes focalizavam as celebridades sempre numerosas entre a assistência. Os personagens elegantes e cínicos, que eu até então encarnara, estavam inteiramente deslocados nesse ambiente de crise.

O que me salvou e me manteve ativo, foram os meus conhecimentos de alguns idiomas, pois os únicos papéis que então conseguí, de começo, eram todos em filmes estrangeiros. Sou talvez, assim, o único ator que já fez filmes em quatro línguas diferentes: inglês, francês, espanhol e alemão.

Em 1931 tropecei em um papel que foi para mim como uma injeção salvadora: Lewis Milestone, da United Artists, ofereceu-me o papel de Walter Burns, o cínico redator de jornal, no filme *The Front Page*.

«Todos me dizem que estou doido,» confessou-me o Milestone. «Afirmam que você não é homem para esse papel. Que acha?»

Respondí que não sabia, que se havia de ver. «Qualquer coisa, desde que me tirem desta casaca!»

Nesse filme tive que haver-me com algumas das cenas mais violentas e dificeis de toda a minha carreira. Burns, meu personagem, era obrigado a falar com a rapidez de uma metralhadora, e logo na primeira grande cena emitia uma série de ordens de tiro-rápido, lançava mão do telefone, ditava um artigo, suspendia o fone e fazia um discurso sobre o jornalismo... E, no meio de tudo isso, eu a cada passo saltava linhas do meu papel, esquecia meus discursos, dava cabo da cena. Acabei tão perturbado, que supliquei a Milestone cortasse a cena, encurtando as filmagens. Milestone porem espicaçou-me:

«Você afirma que é ator, não? Pois então prove isso! Os atores de verdade chegam a estar duas horas em cena sem esquecer nem uma palavra do seu papel. E então você não é capaz nem de fazer uma cena de seis minutos?...»

Aí não insistí mais. Voltei ao trabalho, e acabei por desempenhar a

cena em condições. Depois dessa primeira, as outras não eram nem de longe tão dificeis. Chegados ao fim, fiquei satisfeito de que Milestone me houvesse forçado a representar aquelas compridas cenas em uma só filmagem, porque todos os diretores de Hollywood concordaram que eram formidaveis. Nesse ano apresentaram o meu nome entre os candidatos ao prêmio da Academia de Cinema, e conseguí enfim desembaraçar-me da casaca. Estava de novo em plena atividade.

Esse filme, *The Front Page*, teve para mim, profissionalmente, grande importância. Até essa data eu entrara em 59 filmes em Hollywood... Atingira a categoria de astro, dera com os burros n'água, e rumara direito ao esquecimento... Mas, a partir desse filme, ainda fiz 54 outros!

Foi aquí que eu entrei...

Vi-me sempre forçado a lutar contra os papéis estereotipados, que me queriam confiar. Em Hollywood todo o mundo só fala em «tipos»: este sujeito, dirão por exemplo, eu o vejo como uma espécie de Cary Grant com uns toques de Wallace Beery. Quanto a mim, eu era o «Tipo Menjou»—ou seja, um sujeito que os alfaiates põem na sua lista anual dos dez homens mais bem vestidos. Mas, à data presente, verifica-se que Hollywood me tem confiado os gêneros de papéis mais variados. Desempenhei, entre tantos outros, o de «produtor de cinema»—que exigiu um tato inexcedivel da minha parte; um mirabolante advogado de juri e um investigador de uma loja. Mas um dos papéis mais simpáticos que já tive, durante toda a minha carreira, foi o de pai de Deanna Durbin em *Cem homens e uma menina*.

Deu-se recentemente uma coisa pitoresca, quando eu me preparava para interpretar o papel de diretor de uma empresa de publicidade no filme *Mercador de Ilusões*, em que Clark Gable desempenhou o primeiro papel. Estudava a minha parte, quando de repente cheguei a uma linha do texto que me fez parar com um calafrio: aí, eu tinha que dizer ao Gable: «Você não deve faltar hoje ao jantar lá em casa: temos trufas com champanha!»

Não podia crer no que meus olhos viam! Fora nesse ponto que eu entrara, 24 anos atrás, quando aquele prato raro dera pretexto a tamanha discussão durante a filmagem de *A Woman of Paris*.

Durante a filmagem de *Mercador de ilusões*, festejei meu 57º natalício—mas em segredo, para não revelar a ninguem essa data tocante. Desses longos anos, 34 passei no cinema. E durante estes tenho trabalhado em 146 filmes em Nova York e Hollywood. Confesso que, chegado aquí, gostaria de fazer mais uns cem. Andarei então pelos noventa anos de idade—e será tempo de consagrar todos os ócios ao golfe...

O outro Adolphe Menjou

Alexander Barmine

(Ex-diplomata soviético, que adquiriu a cidadania norte-americana)

Em fins do ano passado conhecí em Hollywood um ator do qual sabia apenas que tinha a fama de ser o «astro» mais bem vestido dos Estados Unidos. Surpreendí-me, pois, agradavelmente, ao ouví-lo conversar comigo em russo irrepreensivel, revelando ser, tambem, um dos homens mais bem informados quanto ao comunismo.

Desde 1939, Adolphe Menjou vem comprando, lendo e estudando todos os livros disponiveis sobre a Rússia e o comunismo—uns 400 ao todo. À semelhança de todos os principais atores do cinema, precisava de um «substituto», isto é, um homem que tomasse o seu lugar em certas cenas; escolheu, para essa função, um russo, e, assim não só aprendeu a falar o idioma russo de maneira a informar-se diretamente nas próprias fontes como tambem conversa, ainda hoje, com o substituto, em russo, nos intervalos da filmagem. Fala, ao todo, sete línguas, e, durante a guerra, usou algumas delas nos programas radiofônicos do Serviço de Informações do Governo norte-americano. Ultimamente, diversas agremiações políticas e educativas, alem de grupos de veteranos da guerra, têm-no convidado com frequência para fazer palestras.

Para esperto, esperto e meio

Como de costume, acabei vencida pela insistência do vendedor ambulante, e comprei algo de que não necessitava. Observei, porem, da minha varanda, que o vendedor não se demorara mais de dois minutos na casa ao lado. Procurei logo a vizinha para perguntar-lhe de que maneira conseguira livrar-se do importuno.

—Trata-se de um segredo de família, respondeu ela, —mas vou lhe contar. Tenha sempre alguma coisa para vender a eles... Depois que o vendedor me exibe a mercadoria, eu digo: «É magnífica. Mas veja, eu tambem tenho algumas coisas para vender. Fique vendo, por favor, estas aquarelas que estão aquí na parede, enquanto vou buscar umas outras para lhe mostrar. O sr., na certa, vai querer levar uma para sua senhora.» É um santo remédio. O vendedor se desconcerta e desaparece. Minhas irmãs usam o mesmo sistema: uma tem aventais bordados à mão e a outra, mudas de dália. Por que a sra. não adota o mesmo truque?

—Colaboração de Reba H. Mayo

Respostas a «Identificando os bons vizinhos»

(*Vide p. 112*)

Equador, 5; Colômbia, 11; Paraguai, 4; Guiana Inglesa, 3; Chile, 2; Perú, 10; Bolívia, 6; Guiana Holandesa, 7; Uruguai, 9; Guiana Francesa, 1; Venezuela, 8.

Índice de SELEÇÕES do *Reader's Digest*

Tomo XIII — Janeiro a Junho de 1948 — Números 72 a 77

Em frente a cada título lê-se o nome do mês a que corresponde o artigo, e a página em que o mesmo começa

AGRICULTURA
O guano volta a ser riqueza ..... *junho* 85
Trabalho agrícola por empreitada ... *abril* 122

AMÉRICA LATINA, Homenagem à .... *junho* 1

ANIMAIS
Ave de tretas ... de penas pretas .. *maio* 77
Baleia à vista! ..... *janeiro* 47
Está na roda o perú ..... *junho* 113
Meu pequeno hóspede alado .... *fevereiro* 86
Morreu o cavalo invencivel ..... *junho* 54
Olhe para o avestruz—mas de longe. *março* 37
O melhor amigo do homem ..... *abril* 73
Salar, o salmão ..... *março* 113

ANTÁRTICO, Nas terras encantadas do. *janeiro* 92

ARGENTINA
Danças argentinas ..... *março* 48

ARTE indígena, Renascimento da ..... *maio* 73

ARTE DE VIVER
A alegria contagiosa de Salvatore Cascavilla ..... *março* 60
Acolhida campestre ..... *junho* 89
Ante a morte dos seres queridos ... *janeiro* 72
Calma! Talvez você não esteja louco ..... *fevereiro* 60
Cultive a arte de conversar ..... *março* 76
Divirta-se tambem ..... *maio* 38
Então vai deixar de fumar? ..... *junho* 81

ARTE DE VIVER (*Cont.*)
Não sejamos tão vaidosos ..... *fevereiro* 71
Não se preocupe com o sono ..... *junho* 107
Nossa maneira de encarar as coisas ..... *junho* 29
Os juros compostos da tia Fefa .. *fevereiro* 39
Uma família inesquecivel ..... *fevereiro* 25
Vinte minutos de realidade ..... *fevereiro* 47

ASTRONOMIA
Levante os olhos para o infinito ... *março* 89

AVENTURA
As ilhas encantadas do Havaí ..... *abril* 51
Baleia à vista! ..... *janeiro* 47
Do Perú à Polinésia numa balsa .. *janeiro* 19
Meu amigo, o rei, assina um pacto .. *junho* 93
Nas terras encantadas do Antártico ..... *janeiro* 92

AVIAÇÃO
Aeronauta intrépido ..... *março* 45
Vôo de prova de um avião supersônico ..... *abril* 85

BIOGRAFIA
(Campbell, Will) Banqueiro dos camponeses ..... *fevereiro* 79
Capra, Assim é Frank ..... *fevereiro* 66
Cascavilla, A alegria contagiosa de Salvatore ..... *março* 60
(Cushing, Dr. Harvey) O pai da moderna cirurgia do cérebro ..... *maio* 88

BIOGRAFIA (*Cont.*)
(De Gaulle, Charles) De Gaulle—biografia inacabada ..... *maio* 31
(Dubinsky, David) Estadista do trabalhismo ..... *fevereiro* 53
(Eisenhower, Dwight D.) Eisenhower, candidato à Presidência ..... *abril* 45
Florey: pioneira da penicilina, Ethel ..... *abril* 75
(Handel, George Frederick) Como Handel compôs *O Messias* ..... *junho* 41
(Hiller, Stanley) Um menino prodígio da mecânica ..... *março* 93
Hoover—o Presidente desconhecido, Herbert ..... *abril* 125
Hoover—mestre de investigadores, J. Edgar ..... *junho* 57
(Karsh, Yousuf) Fotografias que imortalizam ..... *fevereiro* 35
(Kettering, Charles F.) Inventor incansavel ..... *janeiro* 99
(Maris, Herbert) Um redentor de inocentes ..... *abril* 79
(Masaryk, Jan Garrigue) Masaryk: diplomata à força ..... *abril* 63
(Menjou, Adolphe) A indumentária fez Menjou ..... *junho* 131
(Mountbatten, Louis) O incrivel Mountbatten ..... *junho* 67
(Pyle, Ernie) Terra Nativa ..... *fevereiro* 111
(Reiter, Max) O ônibus parou em Waco ..... *abril* 113
(Roebling, John A. e Washington Roebling) Assim se fez a Ponte de Brooklyn ..... *março* 81
(Roosevelt, Franklin D.) O verdadeiro Roosevelt ..... *abril* 23
(Silva, Raimundo Araujo de Souza e) Meu tipo inesquecivel ..... *abril* 56
(Tirado, Alfonso Ortiz) A canção de Ortiz Tirado ..... *maio* 23
Trapp, A encantadora família ..... *maio* 116
(Watumull, G. J.) Dois mundos apertam-se as mãos ..... *abril* 101
(Wrigley, William, Jr.) Três paladinos do chicle ..... *março* 97
«Bonus notches», amigos ..... *maio* 48

BRASIL
O café no Brasil ..... *maio* 1
Meu tipo inesquecivel ..... *abril* 56
Praia Vermelha ..... *fevereiro* 135

CALEFAÇÃO radiante, Finalmente .. *fevereiro* 77

CANADÁ, Memorial de agravo do ..... *maio* 97

CARTAS que trazem presentes inestimaveis ..... *fevereiro* 57
Quem não compareceu ao encontro? ..... *junho* 61

CASAMENTO
Ajudemos os jovens a casar cedo .. *janeiro* 65
Que tal a esposa dele? ..... *junho* 119

CEGUEIRA
Terra Nativa ..... *fevereiro* 111

CHINA constrói para o futuro, A ..... *junho* 125
Quatrocentos milhões de clientes ... *maio* 121

CIÊNCIA
Como se guardou o segredo da Bomba Atômica ..... *fevereiro* 28
Do Perú à Polinésia numa balsa .. *janeiro* 19
Ethel Florey: pioneira da penicilina ..... *abril* 75
Existe ainda o Santo Sudário? ..... *abril* 29
Finalmente, calefação radiante .. *fevereiro* 77
Inventor incansavel ..... *janeiro* 99
Laboratório de luta contra a morte ..... *janeiro* 39
Maravilhas do som «silencioso» .. *fevereiro* 22
Outro invento para apagar incêndios ..... *junho* 116
Pode-se fazer chover ..... *janeiro* 52
Um ano após Biquini ..... *janeiro* 107
Um menino prodígio da mecânica ..... *março* 93
Voô de prova de um avião supersônico ..... *abril* 85

CINEMATOGRAFIA
A indumentária fez Menjou ..... *junho* 131
Assim é Frank Capra ..... *fevereiro* 66
Cinquenta anos de cinema—e para quê? ..... *abril* 118
Do quadro negro à tela branca ..... *maio* 63

CIRCOS
«O maior espetáculo do mundo» ..... *fevereiro* 41

COLÔMBIA, As orquídeas da ..... *abril* 138

COMUNISMO
Como os russos me despojaram do governo ..... *fevereiro* 95
Eles votam com os pés ..... *fevereiro* 63
Objetivos e razões do Kremlin ... *janeiro* 31
O que se diz atrás da Cortina de Ferro ..... *abril* 83

CRIANÇAS
Cartas que trazem presentes inestimaveis ... fevereiro 57
Com as mãos tambem se aprende .. janeiro 87
Ensaios no teatro da vida ... abril 42
Música para crianças ... janeiro 104

CRIME
A ladra do dormitório ... fevereiro 83
J. Edgar Hoover—mestre de investigadores ... junho 57
O detective que não entendia as mulheres ... abril 37
O fabuloso barão do Arizona ... abril 67
Os moedeiros falsos de Filadélfia ... fevereiro 89
«Sem a menor dúvida» ... fevereiro 19
Um banco que Jesse James não pôde saquear ... maio 101
Voltam à carga os contrabandistas .. março 40

DESPORTES
Cavaleiros temerários do «rodeo» .. janeiro 96

DIREITO
Um redentor de inocentes ... abril 79

DIVERSÕES
«O maior espetáculo do mundo» .. fevereiro 41

EDUCAÇÃO
A China constrói para o futuro ... junho 125
Com as mãos tambem se aprende .. janeiro 87
Como se educa o futuro Micado ... maio 81
Continuarei sendo professora ... janeiro 28
Devemos tratá-los como seres humanos ... maio 56
Divirta-se com o dicionário ... abril 61
Do quadro negro à tela branca ... maio 63
Ensaios no teatro da vida ... abril 42
Frutos amargos da educação norte-americana ... janeiro 76
Lição de um rasto de sangue ... março 69
Minha filha poderá viver só ... março 24
Música para as crianças ... janeiro 104
Não cuide tanto de seu filho ... junho 49
Toda a população utiliza esta escola .. junho 73
Você sabe o que quer dizer? ... maio 29

ENERGIA ATÔMICA
Como se guardou o segredo da bomba atômica ... fevereiro 28
Um ano após Biquini ... janeiro 107

ENGENHARIA
Assim se fez a Ponte de Brooklyn .. março 81

EXPERIÊNCIAS DA VIDA
A canção de Ortiz Tirado ... maio 23
A dívida de vovô ... junho 123
A mulher que não se deu por vencida ... março 79
Como os russos me despojaram do governo ... fevereiro 95
Fizeram-me passar por mulher .. fevereiro 73
Nas terras encantadas do Antártico ... janeiro 92
Os juros compostos da tia Fefa .. fevereiro 39
Quem diria! ... fevereiro 51
Quem não compareceu ao encontro? .. junho 61
Terra Nativa ... fevereiro 111
Uma família inesquecivel ... fevereiro 25

FANTASMAS ingleses, Galeria dos ... março 33
FLAGRANTES da vida real ... janeiro 90
FLAGRANTES da vida real ... fevereiro 33
FLAGRANTES da vida real ... março 31
FLAGRANTES da vida real ... abril 94
FLAGRANTES da vida real ... maio 61
FLAGRANTES da vida real ... junho 34

FICÇÃO
Ciumes ... abril 105
Retorno à vida ... abril 109

FOTOGRAFIA
Fotografias que imortalizam ... fevereiro 35

FOTOGRAFIAS (CAPAS)
As orquídeas da Colômbia ... abril
Danças argentinas ... março
Homenagem à América Latina ... junho
O café no Brasil ... maio
Praia Vermelha ... fevereiro
Sacsayhuamán, Cusco ... janeiro

FRANÇA
«Partimos do zero» ... maio 53

GRÉCIA, Precisa-se de um milagre na .. março 53

GUERRA
Como se guardou o segredo da bomba atômica ... fevereiro 28

HAITÍ—um eden superpopulado ... março 86

HISTÓRIA
Juan Ortiz e a filha do cacique ... janeiro 83

HOSPITAIS
Cartas que trazem presentes inestimaveis ... fevereiro 57

HUMORISMO
Aeronauta intrépido ... março 45
Aposto que você tãopouco sabe falar! ... janeiro 59
Coisas da gente ... abril 108
Como anda este mundo ... março 63
Fizeram-me passar por mulher .. fevereiro 73
O detective que não entendia as mulheres ... abril 37
O mal dos homens—e das mulheres ... janeiro 37
Para um jantar de cerimônia ... janeiro 109
Rir é o melhor remédio ... março 130
Rir é o melhor remédio ... maio 95
Rir é o melhor remédio ... junho 53
Vive-se, depois dos quarenta? ... maio 45

HUNGRIA
Como os russos me despojaram do governo ... fevereiro 95

INDÚSTRIA
Cuidado com a bonança da seda .. fevereiro 45
Finalmente, calefação radiante .. fevereiro 77
Inventor incansavel ... janeiro 99
Maravilhas do som «silencioso» .. fevereiro 22
O jovem Ford, novo revolucionário industrial ... abril 89
Um menino prodígio da mecânica .. março 93
INGLATERRA, A prodigiosa vitalidade da ... junho 109
Galeria dos fantasmas ingleses ... março 33
O incrivel Mountbatten ... junho 67

JAPÃO, Como nasce a democracia no .. junho 76
Como se educa o futuro Micado ... maio 81

MEDICINA
Agora podemos *evitar* os resfriados .. junho 45
Calma! Talvez você não esteja louco ... fevereiro 60
Cinquenta anos depois—o leprosário do padre Damião ... março 47
Como deve alimentar-se a gestante .. março 57
Contra a sinusite: «vapor» de penicilina ... maio 41
Ethel Florey: pioneira da penicilina ... abril 75
Monopólio contra a saude ... maio 67
Não há cura para o resfriado ... janeiro 79
O coração—orgão maravilhoso ... maio 84
O pai da moderna cirurgia do cérebro ... maio 88
Operações desnecessárias ... março 27
Operam-se milagres com os inválidos .. maio 105
Para a mulher em idade crítica ... abril 97

MELHORAMENTOS URBANOS
Banqueiro dos camponeses ... fevereiro 79
Cidadãos que ajudam a governar ... maio 113
Civismo exemplar—aos 15 anos .. janeiro 44
Outro invento para apagar incêndios ... junho 116
Meu tipo inesquecivel ... janeiro 55
Meu tipo inesquecivel ... abril 56

MULHERES
A mulher que não se deu por vencida ... março 79
Ciumes ... abril 105
Como deve alimentar-se a gestante ... março 57
Minha filha poderá viver só ... março 24
O mal dos homens—e das mulheres ... janeiro 37
Para a mulher em idade crítica ... abril 97
Que tal a esposa dele? ... junho 119

MÚSICA
A canção de Ortiz Tirado ... maio 23
A encantadora família Trapp ... maio 116
Como Handel compôs *O Messias* .. junho 41
Música para as crianças ... janeiro 104
O ônibus parou em Waco ... abril 113

NAÇÕES UNIDAS, O que está maniatando as ... abril 32

NATAL
Cartas que trazem presentes inestimaveis ... fevereiro 57
Uma família inesquecivel ... fevereiro 25

NEGÓCIO
A farmácia mais curiosa do mundo .. maio 109
Banqueiro dos camponeses ... fevereiro 79
Há lugar para o pequeno negociante ... janeiro 62
«Isso não se pode vender!» ... março 65
Monopólio contra a saude ... maio 67
Quatrocentos milhões de clientes ... maio 121
Quem é «protegido» pelas tarifas aduaneiras? ... maio 26
Que tal a esposa dele? ... junho 119
Renascimento da arte indígena ... maio 73
Três paladinos do chicle ... março 97
Vende-se mais... com honestidade .. abril 49

PERÚ
O guano volta a ser riqueza ... junho 85
Renascimento da arte indígena ... maio 73
Sacsayhuamán, Cusco ... janeiro 164

POLÍCIA
Salvadores por ofício.....*abril* 95

POLÍTICA
De Gaulle—biografia inacabada....*maio* 31
Eisenhower, candidato à Presidência.....*abril* 45
Herbert Hoover—o Presidente desconhecido.....*abril* 125

POLÍTICA INTERNACIONAL
A chama da Europa.....*março* 71
A prodigiosa vitalidade da Inglaterra.....*junho* 109
Começa a funcionar o Banco Internacional.....*janeiro* 69
Como os russos me despojaram do governo.....*fevereiro* 95
Memorial de agravo do Canadá....*maio* 97
Objetivos e razões do Kremlin...*janeiro* 31
O que está maniatando as Nações Unidas.....*abril* 32
O que se diz atrás da Cortina de Ferro.....*abril* 83
Poderá o dolar salvar o mundo?...*março* 101
Precisa-se de um milagre na Grécia.....*março* 53
Quem é «protegido» pelas tarifas aduaneiras?.....*maio* 26
Rivalidade entre as nações.....*junho* 63
Um governo para o mundo.....*março* 19

PSICOLOGIA
Calma! Talvez você não esteja louco.....*fevereiro* 60

REFUGIADOS
Eles votam com os pés.....*fevereiro* 63

RELIGIÃO
Existe ainda o Santo Sudário?.....*abril* 29
Retorno à vida.....*abril* 109
Vinte minutos de realidade.....*fevereiro* 47

RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO
Ciumes.....*abril* 105
Quem diria!.....*fevereiro* 51

RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO (*Cont.*)
Quem não compareceu ao encontro?.....*junho* 61

RÚSSIA
Como os russos me despojaram do governo.....*fevereiro* 95
Eles votam com os pés...*fevereiro* 63
Objetivos e razões do Kremlin...*janeiro* 31
O que se diz atrás da Cortina de Ferro.....*abril* 83

SEÇÃO DE LIVROS
A esposa do sargento Mike.....*janeiro* 111
A indumentária fez Menjou.....*junho* 131
Como os russos me despojaram do governo.....*fevereiro* 95
Herbert Hoover—o Presidente desconhecido.....*abril* 125
Poderá o dolar salvar o mundo?...*março* 101
Quatrocentos milhões de clientes...*maio* 121
Salar, o salmão.....*março* 113
Terra Nativa.....*fevereiro* 111

TCHECOSLOVÁQUIA
Masaryk: diplomata à força.....*abril* 63

TESTES
Vamos quebrar a cabeça.....*março* 26
Vamos quebrar a cabeça.....*maio* 72

TRABALHISMO
Estadista do trabalhismo.....*fevereiro* 53
O jovem Ford, novo revolucionário industrial.....*abril* 89

VIAGENS
Aquarela do oasis.....*junho* 36
As ilhas encantadas do Havaí.....*abril* 51
Do Perú à Polinésia numa balsa...*janeiro* 19
Nas terras encantadas do Antártico.....*janeiro* 92
Quatrocentos milhões de clientes...*maio* 121
Terra Nativa.....*fevereiro* 111

VOCABULÁRIO
Você sabe o que quer dizer?.....*maio* 29

SMITH-CORONA
Typewriters Inc Syracuse 1 N Y E U A

Smith-Corona Maquina de escrever portatil

Smith-Corona Maquina de escrever para escritório

A Melhor Custa-lhe Menos

Porque as máquinas de escrever Smith-Corona duram mais. Materiais de qualidade, mão de obra por peritos e outros elementos que a destacam garantem anos e anos de funcionamento superior e de confiança.

BRASIL: Superintendente de vendas para o Brasil

HERBERT N. COHN, Machinas - Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro*

Machinas - Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro, São Paulo & Belo Horizonte*

Carvalho & Cia., *Recife*

Dantas, Krauss & Cia., *Aracajú*

Importadora de Ferragens, S. A., *Belem*

J. Goossens & Cia., Ltda., *Fortaleza*

Antonio M. Henriques & Cia., *Manaus*

Carlos Hoepcke, S. A., *Florianopolis*

Wandick Lopes, *Natal*

Simon Rosenblit, *São Salvador*

Guimarães E. Souza & Cia., *São Luiz*

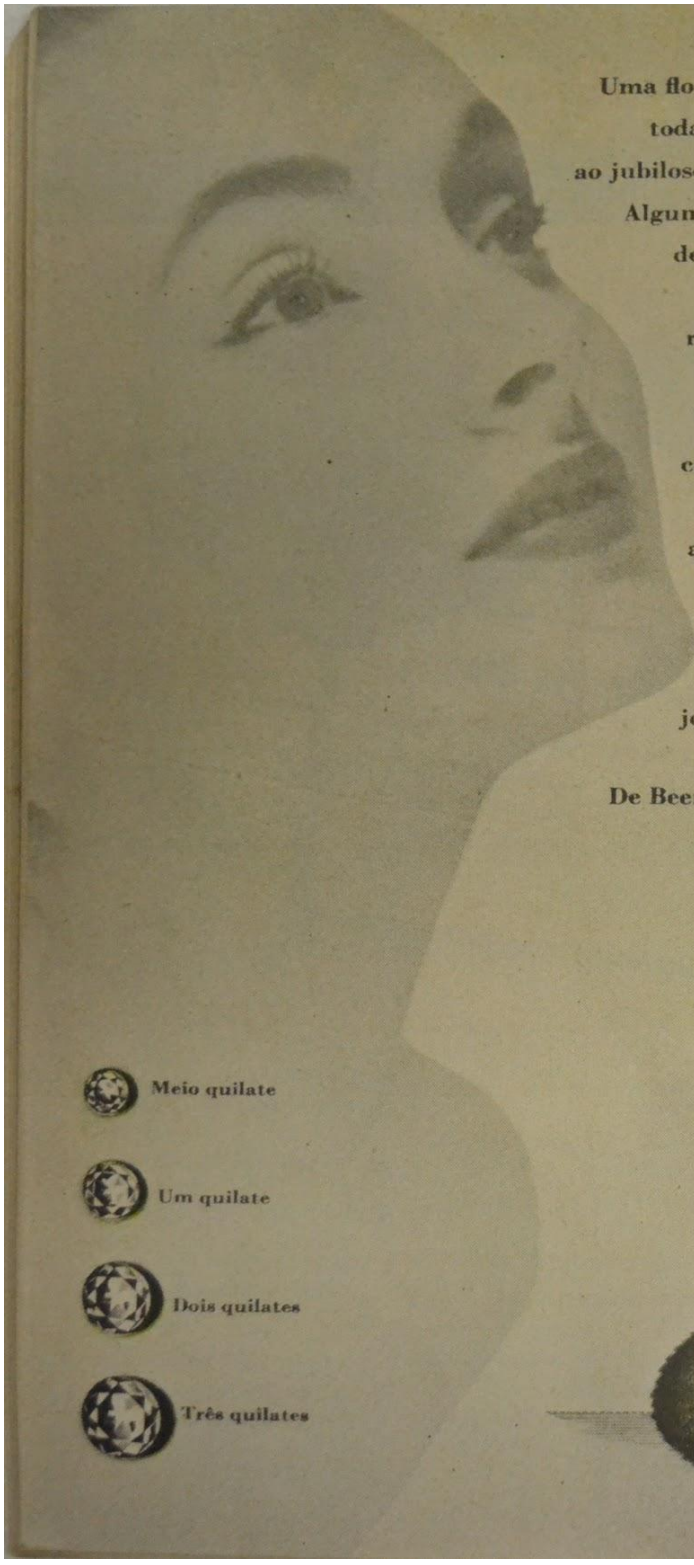
Soc. de Com. e Refrigeração Springer, Ltda., *Porto Alegre*

PORTUGAL: Soc. de Com. Internacional, Lda., *Lisboa*

ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA: John Orr & Co., *Lourenço Marques*

GUINÉ PORTUGUESA: Carlos Pinto Machado, *Bissau*

ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA: Angola Coaling Co., Ltd., *Luanda & Lobito*; Issardas Utamchand, *São Tomé*



Uma flor se destaca, risonha entre todas, quando ela passa entregue ao jubiloso devaneio do seu Amor . . . Algum dia o brilhante do anel de noivado reluzirá tambem mais do que todos os outros, radioso do contentamento que o Amor lhe trouxe! Deve ser escolhido com o máximo cuidado. Não precisa ser de muitos quilates, porque a côr, a "água", e o talhe contribuirão tambem para sua beleza e valor.

Não deixe de consultar um joalheiro de sua confiança.

De Beers Consolidated Mines, Ltd.

 Meio quilate

 Um quilate

 Dois quilates

 Três quilates

Muitos tanques de armazenamento Esso, de 800.000 a mais de 16.000.000 de litros, estão sendo construidos.

Armazenamento para o Futuro

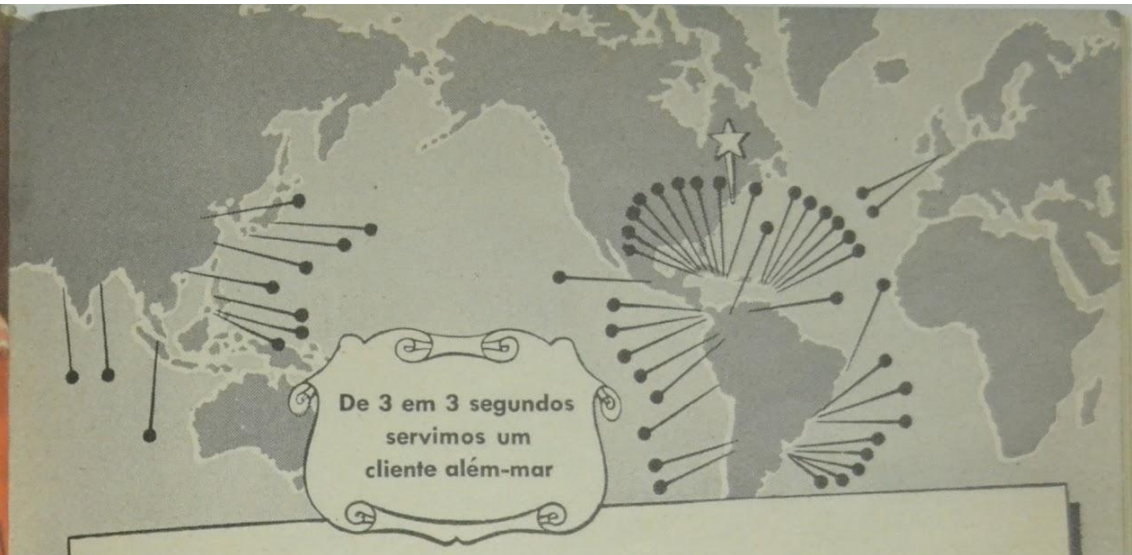
As necessidades do petroleo no mundo atingiram um nivel elevadíssimo—e continuam aumentando! Atualmente o consumo de petroleo é ainda maior do que em 1945, ano de maiores gastos da guerra. Essa a razão do programa de grandes construções da industria petrolifera.

Novas instalações de armazenamento estão sendo feitas; constroem-se tambem, com toda a urgencia, novos oleodutos e refinarias, e adquirem-se navios tanques. Tudo isto porque aonde vai o petroleo vão a facilidade e o bem estar.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM SÍMBOLO DE SERVIÇO — **Esso** — UM EMBLEMA DE QUALIDADE

ORGANIZAÇÃO ESSO



Tem Negócios com o Extremo Oriente?

Acelere suas transações com o Oriente—ou com qualquer outra região do mundo—por intermédio dos serviços do National City Bank de Nova York. Onze filiais do National City na Índia, na China, no Japão, nas Filipinas e em Hong-Kong; e trinta e sete filiais ultramarinas em outras áreas do mundo comercialmente importantes—lhe asseguram serviço bancário internacional o mais completo e experiente, e da máxima confiança. Para informações completas, queira escrever à mais próxima das filiais indicadas abaixo, ou à Casa Matriz do National City Bank—55 Wall Street, Nova York, E. U. A.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK

O Primeiro em Negócios Bancários Mundiais

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

ARGENTINA
Buenos Aires
Flores
Plaza Once
Rosario

BRASIL
Rio de Janeiro
Recife (Pernambuco)
Santos
São Paulo

ZONA DO CANAL
Balboa
Cristobal

CHILE
Santiago
Valparaiso

CHINA
Shanghai
Tientsin

COLÔMBIA
Bogotá
Barranquilla
Medellin

CUBA
Havana
Cuatro Caminos
Galiano
La Lonja
Caibarien
Cardenas
Manzanillo
Matanzas
Santiago

INGLATERRA
Londres
117, Old Broad St.
11, Waterloo Place

HONG KONG

INDIA
Bombaim
Calcutá

JAPÃO
Tokyo
Osaka

MEXICO
México, D. F.

PERU
Lima

FILIPINAS
Manilha
Cebu
Clark Field

PORTO RICO
San Juan
Arecibo
Bayamon
Caguas
Mayaguez
Ponce

REPÚBLICA DO PANAMÁ
Panamá

SINGAPURA

URUGUAI
Montevideo

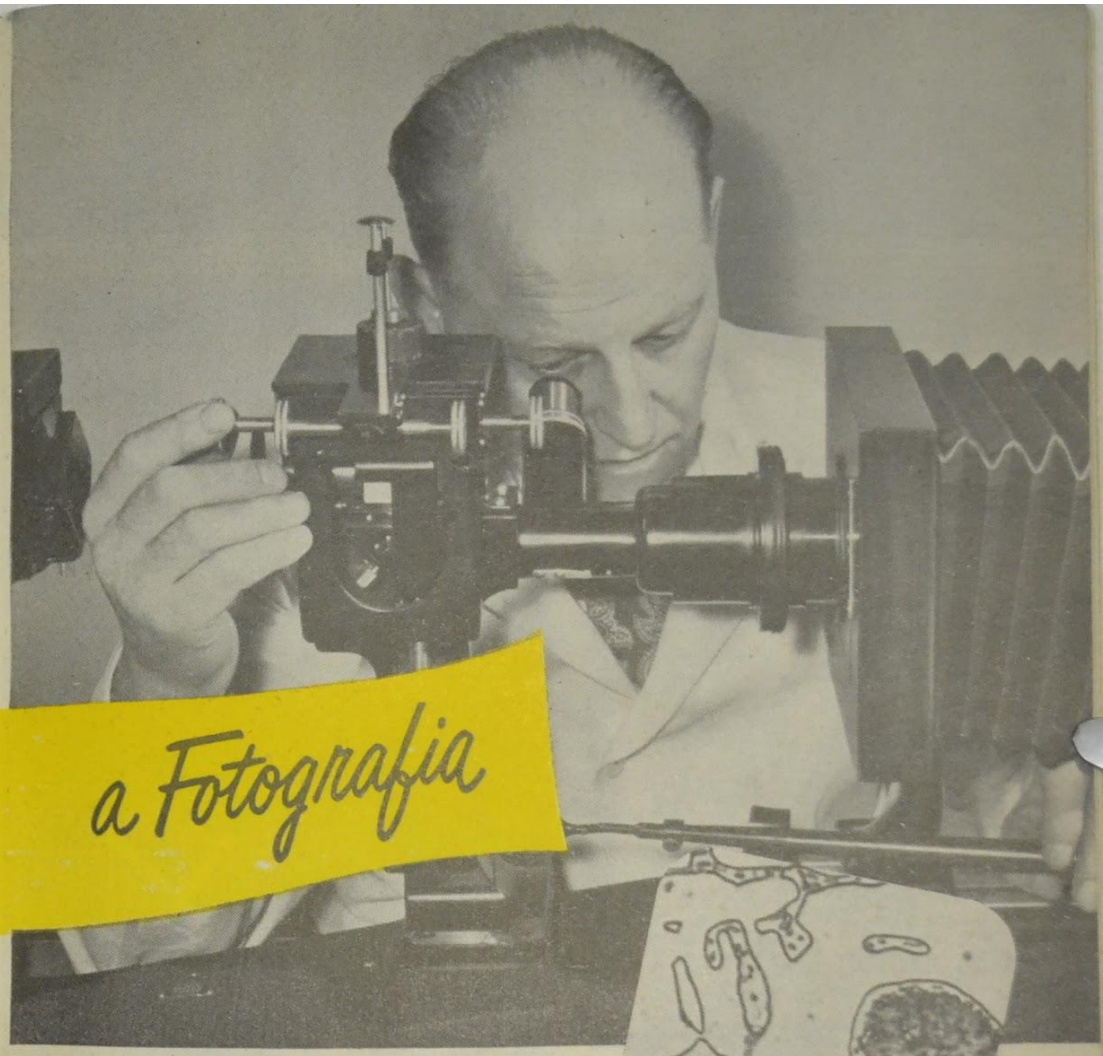
VENEZUELA
Caracas

Ambos usam a Fotografia

V. S., para tirar instantâneos . . .
Que mais tarde hão-de evocar os momentos felizes da infância de seus filhos.

Eis aqui dois dos inúmeros campos em que a Kodak põe a fotografia a seu serviço.

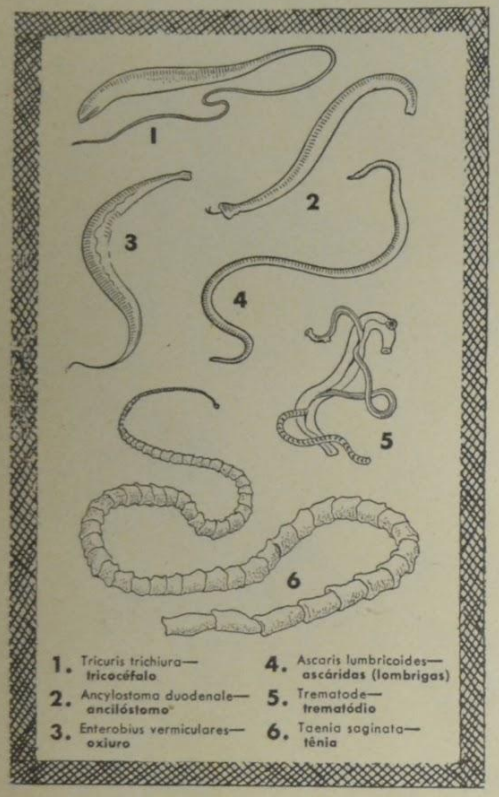
Kodak



O metalurgista, na microfotografia . . . indispensavel no registo exato e veloz da composição física dos metais, que desse modo nos podem dar melhores produtos, desde facas até locomotivas.

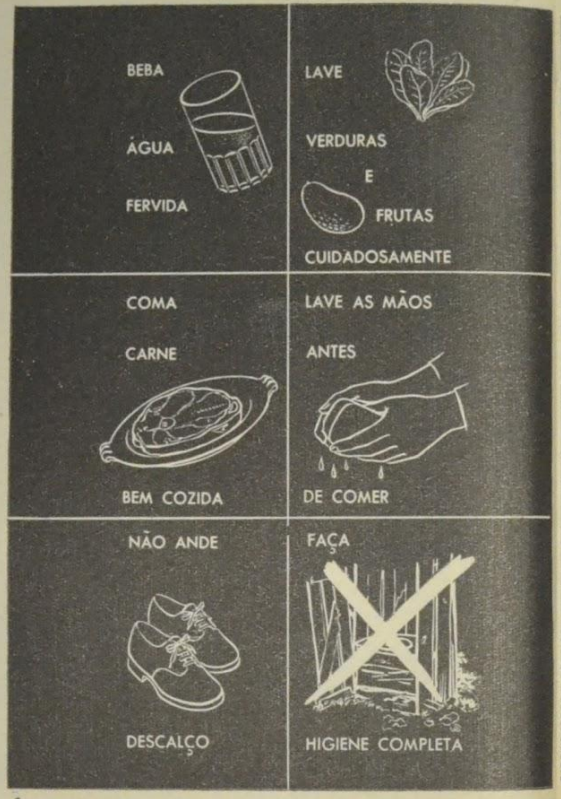
EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Porque você não precisa temer os Vermes Intestinais



Alguns dos vermes ilustrados acima medem menos de dois centímetros, outros têm vários metros de comprimento.

Primeiro "conheça os hábitos do inimigo" —Existem várias espécies de parasitas que se podem localizar nos intestinos: os ancilóstomos, (amarelão), ascáridas (lombrigas), tênias (solitárias), oxiuros e trematódios. Os ancilóstomos, geralmente penetram através da pele, mas a maioria dos parasitas são ingeridos sob a forma de ôvo ou de embrião com os alimentos e com a água. Atingindo o canal intestinal os vermes passam do estado embrionário ao adulto. Alguns são eliminados nas dejeções, sob a forma de ôvo ou de embrião. E assim se repete o círculo vicioso.



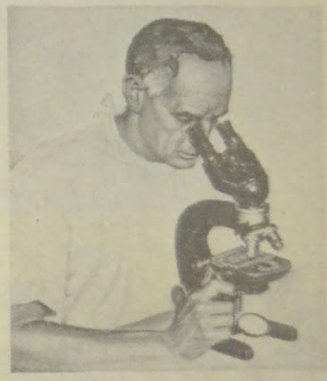
É principalmente a falta de higiene, que abre o caminho a êsses parasitas que minam a saúde das pessoas.

É fácil evitá-los se—Você estudar os conselhos acima. Se Você se habituar a tomar *sempre* estas precauções, os vermes intestinais não o atacarão. Porque a maioria dêles são ingeridos nas carnes deterioradas (vaca e pôrco) e nos alimentos e águas contaminados. A ancilostomíase pode ser evitada, na maioria dos casos, com o simples uso do calçado. Faça com que tôdas as pessoas de sua casa usem sempre sapatos que cubram inteiramente os pés! Como não existem sintomas típicos produzidos pelos vermes, *prevenir-se* contra êles é providência duplamente importante.

Na ancilostomíase o sangue torna-se fraco. Podem até sobrevir abcessos capazes de causar a morte.

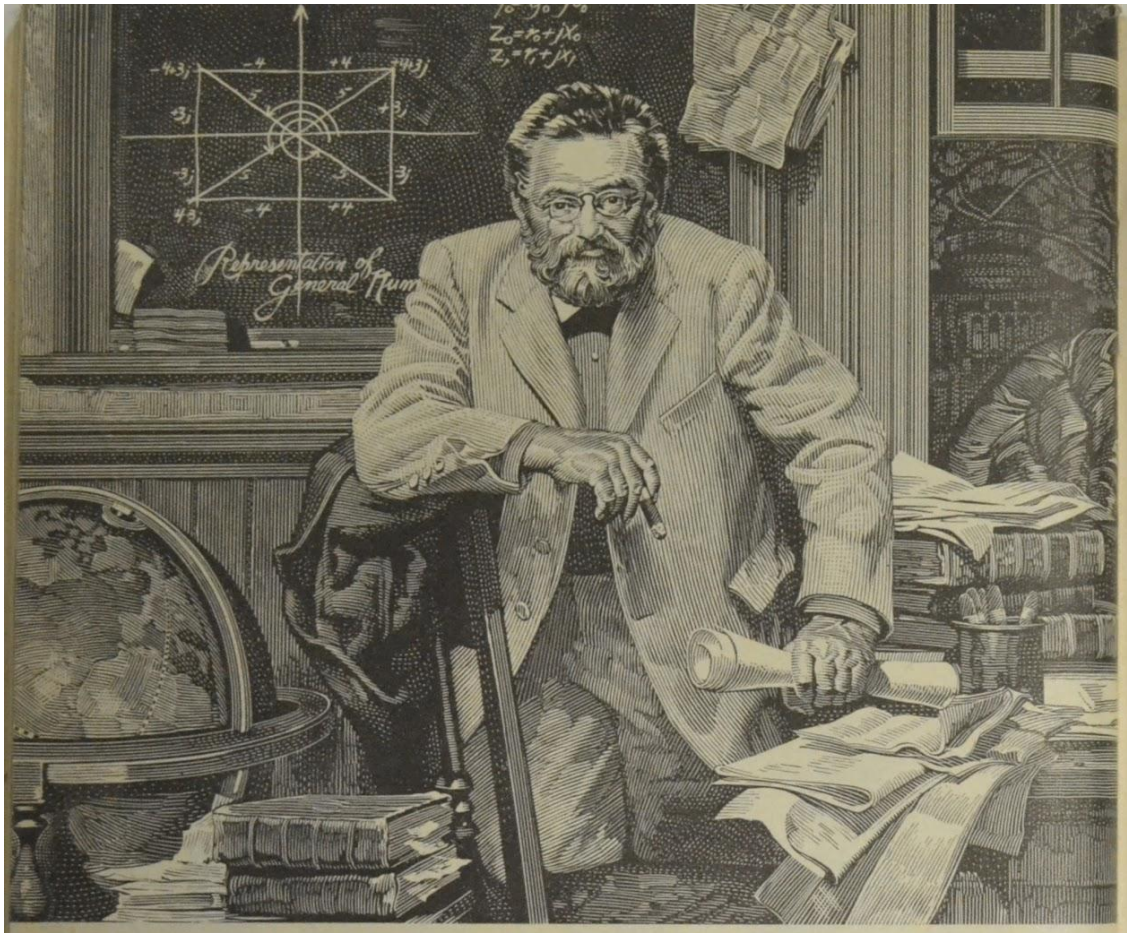
Será fácil a cura se—Você se livrar dos parasitas. Mas o tratamento deve ser orientado por um médico. Alguns exames lhe dirão logo se Você tem qualquer dêstes parasitas. Embora não haja sintomas típicos, existem certos sinais de alarme. Ao perceber qualquer um dêles, procure imediatamente o seu médico. Ei-los aqui: dores abdominais, evacuações irregulares, prurido na região anal, vômitos, perda de apetite. Mesmo que Você não tenha nenhum dêstes sintomas, mas sinta cansaço ou desânimo permanente, Você deve procurar um médiço sem demora.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



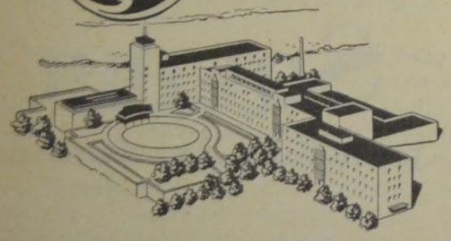
SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES



O verdadeiro progresso origina-se das grandes inteligências. Charles Steinmetz era uma dessas inteligências privilegiadas que colaboraram com a G.E., personificando o espírito de nossos Laboratórios de Pesquisa.

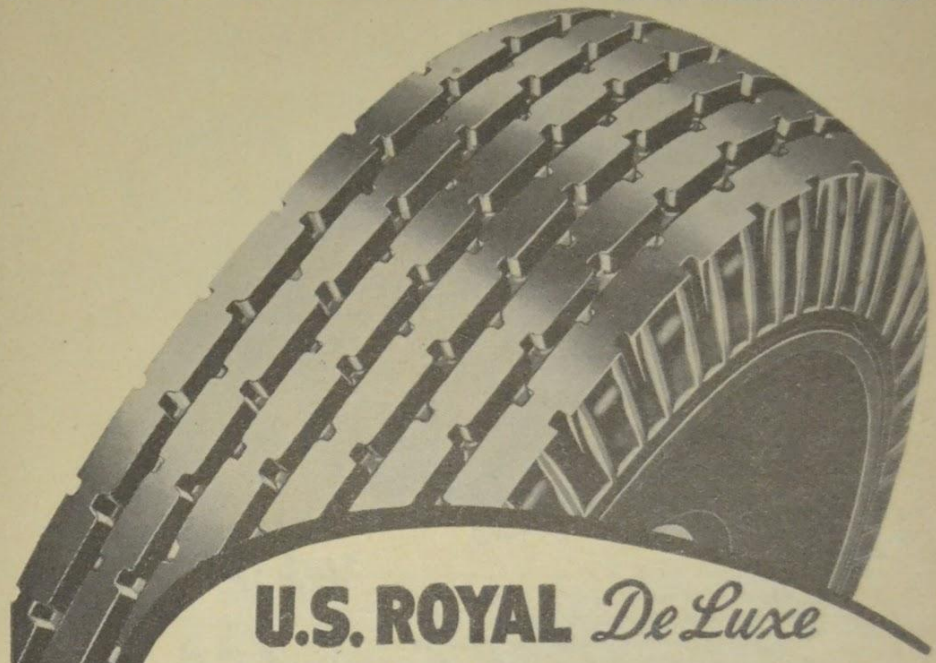
Steinmetz aplicou a análise matemática aos problemas electrotécnicos de seu tempo, e as soluções que ofereceu ampliaram o uso corrente da eletricidade.

Nossos atuais pesquisadores perpetuam os altos padrões de Steinmetz, fornecendo aos lares e à indústria de todo o mundo melhores aparelhos através do milagre da eletricidade. A-8-4

GENERAL ELECTRIC

Todos os produtos General Electric Co., E. U. A. distinguem-se por seu funcionamento garantido

Exija "U. S." e siga para à frente



U.S. ROYAL *DeLuxe*

para maior quilometragem e segurança

Ano após ano, os principais engenheiros especificam a montagem dos pneumáticos U. S. DeLuxe na construção dos melhores carros do mundo—o que constitui a prova suprema da excelente qualidade destes pneus.

Fabricados com cordonel de rayon* especialmente preparado, esquentam menos na rodagem, por isso que duram mais tempo e são mais seguros.

*Nos de medida 6.50 e maiores.

UNITED STATES RUBBER COMPANY — US — TRADE MARK

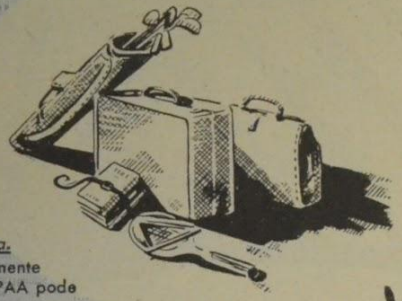
OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para automóveis | Pneumáticos para caminhões | Sapatos Keds | Arames e cabos elétricos | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.,

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • E. U. A., Nova York 20



Há sempre um motivo para Viajar -- seja negócios... estudos... recreio -- mas há *muitas* razões por que a Melhor maneira de viajar é representada pelo emblema da PAA...

Rapidez com Segurança.

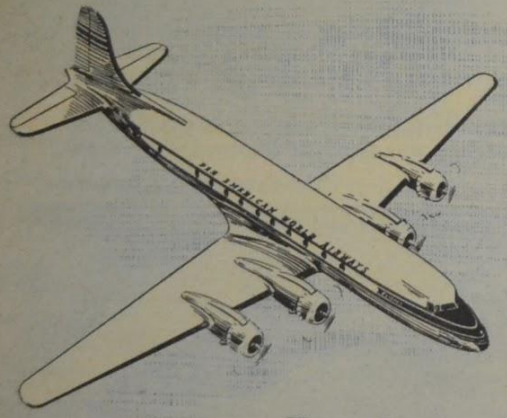
Regularidade que sòmente a experiência da PAA pode oferecer.

Assistência exemplar aos passageiros.

Atenções prestimosas a todos os seus desejos.

Repouso no requintado confôrto que caracteriza os gigantescos Clippers. Portanto... da próxima vez que viajar...

VIAJE PELA PAA



-- Melhor Maneira Não Há!

Sim, todos os dias, de Buenos Aires a Nova York, de Caracas a Calcutá, a PAA proporciona ao viajante rapidez, elegância e confôrto que representam hoje os mais altos padrões em transportes aéreos... padrões de que V. S. pode desfrutar ao redor de todo o mundo.

Viagens por toda parte. Consulte as Agências de Viagens ou a...

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

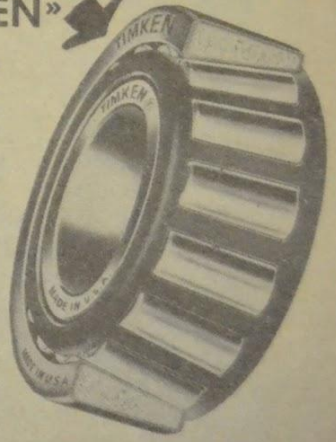
PAA

A Rêde dos Clippers Voadores

PASSAGEIROS • CLIPPER CARGO • CORREIO AÉREO

NÃO SE ARRISQUE A COMPRAR QUAISQUER ROLAMENTOS!

Quando comprar, faça questão de ver a marca registrada «TIMKEN»



Só porque outros rolamentos cônicos *se parecem* com os rolamentos Timken, ou se chamam «do tipo Timken», não pense o sr. que sejam *tão bons* quanto os rolamentos Timken autênticos! A Timken Roller Bearing Company é a *única* fabricante de rolamentos que lhe assegura *todas* as vantagens seguintes: 1) Traçado novo 2) Qualidade rigidamente controlada 3) Manufatura de precisão 4) Aços de análise especial. E se não levarem estampada a marca registrada «Timken», não são Rolamentos Timken!

Os Rolamentos Timken são, há cerca de 50 anos, os preferidos dos fabricantes de maquinaria. São por isso, tambem, os melhores para substituições. Procure sempre a marca registrada «Timken» que devem ostentar todos os mancais de rolamento cônico que o sr. comprar. Endereço telegráfico: «TIMROSCO».

ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS **TIMKEN**

Marca Registrada
Reg. U. S. Pat. Off.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.

Representantes exclusivos para venda no Brasil

• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •

Rua Senador Queiroz, 396—Telefones: 2-7269 e 3-4834

Comércio Internacional Não se Aprende da Noite Para o Dia

As operações bancárias de importação e exportação constituem transações complicadas. Trata-se de um campo em que a competência se ganha somente à custa de longa experiência e extensas instalações.

The First National Bank of Boston vem ajudando importadores e exportadores *há 164 anos*. Sua experiência começou no período posterior à Revolução Americana, e tem continuado através de todas as guerras e fases post-bélicas, durante crises e épocas de prosperidade desde esse tempo.

Do ponto de vista das instalações, The First National Bank of Boston acha-se tambem perfeitamente aparelhado para assistir a V.S. nos seus problemas de comércio entre as Américas, ou com qualquer outra região do mundo. Tem a seu serviço sucursais bancárias em dez centros comerciais desde Boston a Buenos Aires, e as facilidades de bancos correspondentes no mundo inteiro.

Dotado de grande corpo de especialistas em comércio externo, nos E.U.A. e fora deles, The First National Bank of Boston está pronto a colaborar com importadores e exportadores em qualquer ramo de negócio, e em transações com qualquer país do mundo. Todas as agências do banco acolherão com interesse os seus pedidos de informação.

The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

KAISER

Nunca Andei Num Carro Assim!

FRAZER

Muito tempo depois de começarem a considerar fora de qualquer dúvida a beleza nova e o notavel funcionamento do KAISER e do FRAZER, seus donos ainda se sentem maravilhados com as respectivas qualidades de marcha! A cada viagem estas lhes causam renovada surpresa, pois nunca as observaram em outros carros! Tanto os passageiros como o motorista repousam bem à vontade—a jornada é sempre um prazer! Experimente-os a todos—*e compare as qualidades de marcha!* Verá que nunca andou num carro assim.

KAISER-FRAZER EXPORT CORP.
Willow Run, Michigan, E. U. A. · Telegramas: KAFREX

PARA VOCÊ
um pedacinho da SUIÇA

V. não pode ir à Suiça?—A Suiça irá ter com V. na forma do belo Relógio Suiço atual! Pois a manufatura de relógios é tão parte da Suiça quanto os majestosos Alpes—uma arte que vem sendo transmitida de pais a filhos desde há 250 anos. Os relojoeiros da Suiça se orgulham de que seus belos produtos sejam preferidos pela gente de bom gosto do mundo inteiro.

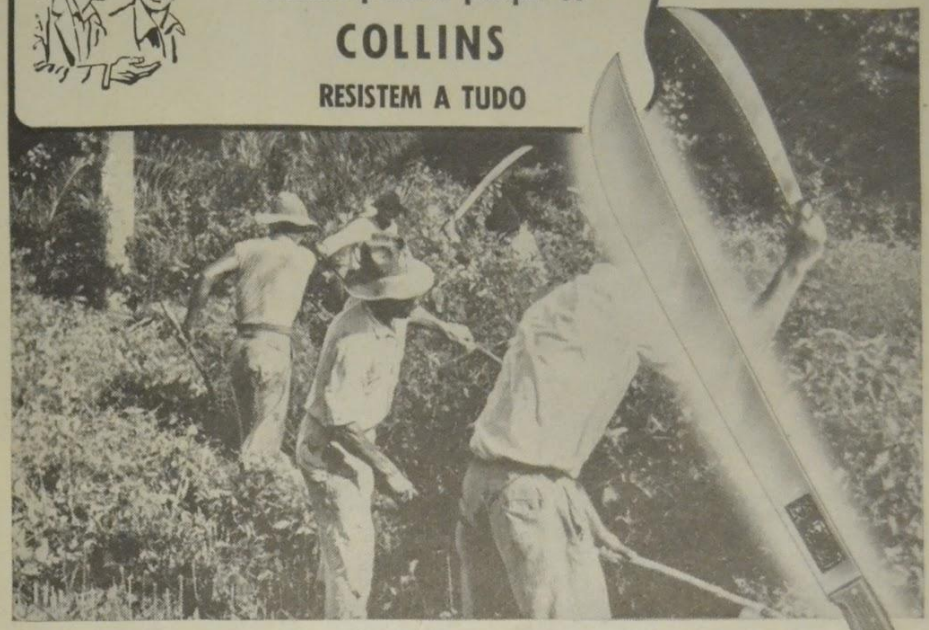
OS RELOJOEIROS
DA SUIÇA

Executado na Suiça por Hans Thoni

Compramos COLLINS para o nosso pessoal porque os

COLLINS

RESISTEM A TUDO



O Famoso Aço Collins É Hoje Mais Rijo do que Nunca

Há muitas gerações que a Collins é conhecida pela resistência de suas ferramentas que aguentam firme horas e horas, anos e anos de trabalho, sob as mais rudes condições. Hoje, graças aos progressos recentes da metalurgia, o aço Collins é de qualidade melhor ainda do que antes. Mais bem temperado e mais rijo, o Collins dá hoje um gume prodigiosamente afiado, e o conserva por muitas horas de uso constante. E o soberbo equilíbrio do Collins poupa a energia do trabalhador, produz mais trabalho com menor esforço. O Collins é o melhor que o seu dinheiro pode comprar.

COLLINS

"SEU AMIGO HÁ MAIS DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Senador Queiroz 101. Caixa Postal
No. 2068, São Paulo, Brasil.

O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

V.S. Terá Orgulho em Oferecer uma EVERSHARP!

Quando fizer um presente a uma pessoa querida, ofereça-lhe o que há de melhor . . . ofereça uma EVERSHARP. EVERSHARP é a caneta que mais se vende nos Estados Unidos. A *Pena Mágica*, de ouro genuíno, permite escrever suave e silenciosamente. O *Alimentador Mágico* evita que a tinta vaze ou goteje. *Serviço de Consertos* garantido para sempre. Para si próprio, para as pessoas a quem estima, adquira sempre o melhor . . . adquira EVERSHARP.

EVERSHARP
Jogo
Presentation

Dê o melhor . . . dê **EVERSHARP**

QUAL DESSAS PORTAS TEM O SEU NOME?

1. **Se êste é o seu escritório,** o senhor ainda usa o método antigo...o método vagaroso e exhaustivo de ditar à sua secretária, que ocupa duas pessoas, quando uma bastaria.

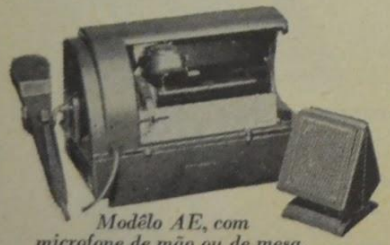
2.

Ah! Ditado Eletrônico! Nada mais moderno, nem mais rápido, nem mais preciso! Basta reclinar-se, apertar um botão, e pensar em voz alta...Tôda palavra—até mesmo num murmúrio—é clara, *eletrônicamente* reproduzida.

O Ditado Eletrônico deixa-o descansado e à vontade, facilitando o trabalho de sua secretária, que pode transcrevê-lo a tempo e sem erros.

Veja, hoje mesmo, o representante da Dictaphone, e para obter folhetos informativos, escreva a: Dictaphone Corporation, I.D., 420 Lexington Ave., New York 17, N. Y., U.S.A.

A palavra DICTAPHONE é a Marca Registrada da Dictaphone Corporation, fabricante das Máquinas Eletrônicas e Acústicas de Ditado, e de outros aparelhos de gravação sonora e reprodução que levam a referida marca.



Modêlo AE, com microfone de mão ou de mesa.

DICTAPHONE CORPORATION

INTERNATIONAL DEPARTMENT

A SUAS ORDENS

para melhores produtos de petróleo

RECURSOS tremendos e vastas quantidades de equipamento especializado trabalham continuamente para produzir os Lubrificantes e Combustiveis Texaco. Para todas as suas necessidades automotrizes, industriais e de transporte, especifique sempre os produtos de qualidade Texaco—que lhe asseguram operação econômica e eficiente.

THE TEXAS COMPANY

e seus distribuidores

TEXACO MARCA REG

Grande válvula de controle para extração de produtos intermédios de petróleo de gás natural úmido.

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Elegante e Prática

A Caminhonete 'Jeep' para transporte de passageiros é um carro elegante e distinto que transporta seis pessoas folgada e confortàvelmente . . . tem grande visibilidade em tôdas as direções . . . e combina invulgar facilidade de manejo com a marcha suave, que descansa. Removendo-se os assentos, a Caminhonete 'Jeep' transforma-se num veículo altamente útil e prático, de notável economia e durabilidade. Tem 98 pés cúbicos de espaço para carga, carrega até ½ tonelada de carga útil e é inexcedível en muitas espécies de transporte leve e serviços de entrega.

Willys-Overland Export Corporation, Toledo, Ohio, E. U. A.

O 'Jeep' Caminhonete

O ÚTIL VEÍCULO DE DUAS FINALIDADES, FABRICADO PELA WILLYS-OVERLAND

No Hotel Metrópole, em Bruxelas...

Hotel preferido pela sociedade elegante de tôdas as partes do mundo! Aqui, também, Parker foi eleita como a mais desejada.

Votada como a caneta mais desejada do mundo

...Parker "51"

● Em tôdas as línguas, em todos os continentes, a "51" é um motivo de orgulho. 77 investigações escrupulosamente realizadas em 29 países diferentes demonstram ser a Parker a caneta mais desejada do mundo, frequentemente, mais desejada do que tôdas as outras marcas combinadas.

"51"... Escreve sêco com tinta líquida!

REPRESENTANTES E POSTO CENTRAL DE REPARAÇÕES PARA

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C. P. 463—Lourenço Marques

Sempre ao seu alcance!

Nas principais estradas por onde V. S. viaje, e no momento em que o necessite, encontrará sempre ao seu alcance um Posto de Serviço Ford — o Serviço que convem ao seu Ford! Será atendido aí por habeis mecânicos especializados nos métodos Ford, aptos e prontos a solucionar qualquer dificuldade da maneira mais rápida e segura. E o Serviço Ford emprega exclusivamente peças e acessórios Ford genuinos, que asseguram funcionamento imediato e infalivel, e longa duração.

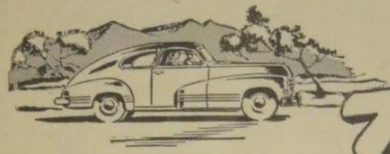
É tranquilizador saber que V.S. encontrará sempre, ao seu alcance, um Posto de Serviço Ford.

Divisão Internacional, Ford Motor Co.

SERVIÇO Ford

Para que seu FORD o sirva melhor, leve-o a um POSTO DE SERVIÇO FORD

QUER IR ADIANTE? Passe-se para Auto-Lite



Instale um jogo de velas Auto-Lite "engenhadas para ignição" e note como rejuvenescerão o centelhamento fatigado do motor. Projetadas por engenheiros que também projetam os sistemas completos de ignição para muitos dos principais automóveis, as velas Auto-Lite proporcionam partidas mais rápidas, rendimento máximo e economia de gasolina. Para equipamento elétrico de automóveis, passe-se para Auto-Lite.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building, Nova York 17, N. Y., E. U. A.
Engenhadas para Ignição

VELAS AUTO-LITE

ACUMULADORES • CABOS • ARRANQUES • GERADORES

(Continuação da segunda capa)

Hoje em dia, porem, as crianças vivem numa roda-viva incessante, tal como nós, adultos. Em minha juventude, havia menos variedade de leituras e mais tempo para ler. Por conseguinte, reduzida como era a quantidade de livros e periódicos, líamos em geral coisas mais sérias, e de interesse mais duradouro, do que as que hoje servem de alimento intelectual à juventude. E as líamos com mais cuidado. Estou convencido disso, pois hoje ainda sou capaz de repetir muitos trechos de livros com que me deliciei na infância.

Atualmente, as crianças são absorvidas por inúmeras distrações. Por um lado, as escolas oferecem atividades de todo gênero, e há os desportes organizados, o escotismo, os grupos excursionistas. Por outro lado temos o cinema, o rádio, o automovel da família... Onde achará tempo para a boa leitura o adolescente de hoje, atraido por tão sedutoras oportunidades? No entanto é na infância, enquanto se formam os hábitos e se aguça a curiosidade intelectual, que melhor se adquire a alegria da boa leitura e o interesse pelas coisas públicas e pelas tendências do pensamento contemporâneo.

Entre os adultos cheios de ocupações, «Seleções do Reader's Digest» contribui para satisfazer tais exigências; entre as crianças, igualmente ocupadas, esta revista pode tambem ajudar a despertar-lhes o interesse, a cultivar o gosto da boa leitura, que mais tarde resultará numa vida plena, em contraste com uma existência estreita e egoista. A criança egocêntrica precisa urgentemente de higiene mental, e esta pode ser obtida através de tópicos que incutam o altruismo e ensinem o leitor a interessar-se por outras pessoas e pelos negócios públicos.

Em casa, nós, os adultos, não devemos monopolizar «Seleções» e, sim, deixá-la ao alcance de nossos filhos; cumpre fazer com que estes adquiram o hábito de lê-la; ler para eles, em voz alta, os artigos que mais possam interessar-lhes; comentar com eles e com toda a família os assuntos ventilados nas páginas da revista. Esta será apreciada de maneira mais completa pelos adultos, se fizermos dela uma fonte regular de conversação estimulante em família.

Ao concluir, quero frisar que, nas páginas de «Seleções», jamais encontrei coisa alguma que pudesse ser prejudicial ao espírito dos jovens. A acertada escolha dos artigos e sua magistral condensação fazem dessa revista uma leitura sadia, instrutiva e interessante. Quanto a mim, não poderia passar sem ela.

PERÚ

BRASIL

BOLIVIA

VENEZUELA

COLOMBIA

MÉXICO

HONDURAS

ARGENTINA

REPÚBLICA DOMINICANA

ECUADOR

JULHO de 1948

Cr. $ 3,00

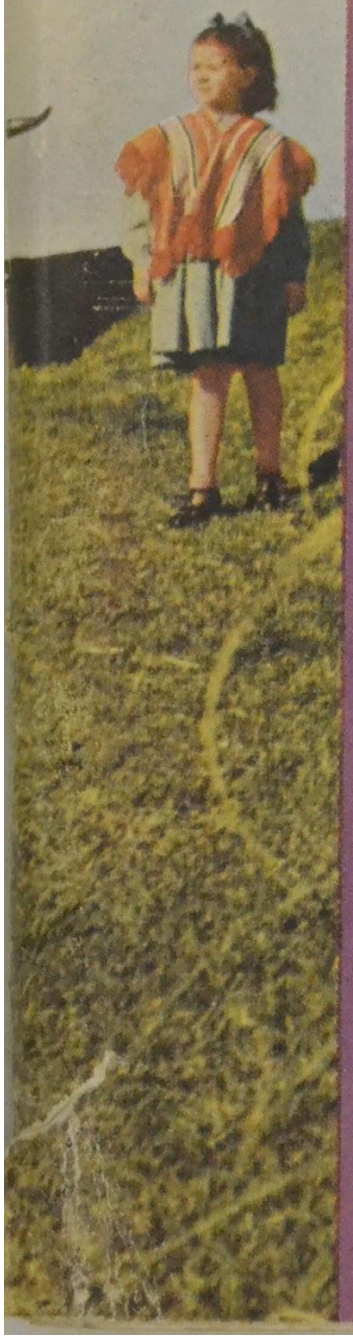
Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Afinal, boas notícias da Europa . . . . *Stanley High* 25
Abra essas malas... e viva! . . . . . *Ibbie Bryan* 31
A original República dos Parvenses . *Michael Scully* 33
Atravessando o Atlântico a remo . . *Tom Mahoney* 37
Flagrantes da vida real 41
Cortina de ferro para a Tchecoslováquia . *Albion Ross* 43
Fracassa a luta contra a febre aftosa no México
Paul Friggens 47
Sementeira de futuros legisladores . *T. C. Desmond* 52
Filosofia de um homem de ação . . . . *J. P. McEvoy* 55
Nova arma contra a lepra . . . *Lois Mattox Miller* 59
Todos aprendem a ler! . . . . . *Albert E. Wiggam* 61
Máquina que serve café com leite . . . *Don Wharton* 65
Será inevitavel a guerra no Oriente Médio? . *B. Dodge* 67
Rádio miniatura para recepção e transmissão
Harland Manchester 78
Como vencí a gagueira . . . . . *Joseph P. Blank* 81
Shakespeare e sua aldeia . *Lawrence e Sylvia Martin* 85
Quanto devemos à humilde minhoca . *Frank J. Taylor* 90
Assalto em pleno dia em Nova York . *F. Sondern, Jr.* 93
Você sabe o que quer dizer? 99
O sábio que não quis ser rico . . *Harland Manchester* 101
Quando se processavam os animais . . *A. Alexander* 106
Por que se perde sempre nas corridas . *Robert S. Dowst* 109
Delícias dos duelos . . . . . *Paul Gallico* 113
Já é tempo de fazer algo com a Alemanha
O. K. Armstrong 115
Babel—sem desordem . . . . . *Mary Day Winn* 121
Feira de borboletas . . . . . *Dee Bredin* 125

Seção de Livros — Memórias de um ex-demente
Clifford W. Beers 127

«A Carreta» — *Fotografia* . . . . . quarta capa
Nota . . . . . primeira página



CMOPO-CA
I-864

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19.° andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3.° andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19.° andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: J. A. Carvalho, Minerva Central, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

Tomo XIV, No. 78 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Julho de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas.
Administrador: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Seere Salminen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIV, No. 78, July 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

«*A Carreta*»

Pelo engenheiro
Juan P. Fabini
ex-prefeito de Montevidéu

SITUADO sobre um pequeno montículo, pode ver-se, no Parque José Batlle y Ordóñez, em Montevidéu, um monumento que, à medida que o tempo passa, cresce no reconhecimento público, por constituir uma das criações mais expressivas e relevantes da arte moderna. Seu tema é tão simples como é atraente o seu efeito. Seis bois vigorosos se esforçam em arrastar o peso de um carro primitivo com capota de couro. Outros o seguem, espicaçados por um cavaleiro vigilante, com todo o garbo rústico de há um século. Sem pedestal, colocado simplesmente na relva, o grupo inteiro, de 20 metros de comprimento, demonstra tanta vida que quase parece ouvir-se o ranger dos eixos e o forte resfolegar dos animais em seu esforço. Todo uruguaio que se detenha diante de «A Carreta» compreende que aí, realizado em bronze, está um pedaço da história do país. A obra evoca, entre outras coisas, o modesto camponês que, no curso de várias gerações, afirmou a liberdade, defendeu as fazendas, ergueu seus lares e implantou uma civilização democrática.

É essa a mensagem que o escultor José Belloni quis divulgar quando, no ano de 1928, trabalhou em seu *atelier* para fazer de «A Carreta» uma obra-prima. Seu êxito foi tão cabal e definitivo que o Conselho Departamental de Montevidéu decidiu oferecê-la ao país como uma homenagem da cidade quando o Uruguai, em 1930, comemorava seu centenário de Estado soberno.

Foto: Leo Matiz

Ao erigir-se, porem, «A Carreta», alcançou-se significado ainda mais amplo. Na oportunidade de comemorar-se o centenário, abordou-se o problema de quais seriam as obras de arte destinadas a celebrar tal acontecimento; surgiu então a questão de escolher os temas de maior significado. Artigas, a verdadeira grande figura da luta pela emancipação, já tinha seu monumento na Praça da Independência. Depois dele, que homens mereceriam reconhecimento semelhante? Existiam, sem dúvida, outras figuras militares e políticas cuja atuação se lhe seguia em importância, mas o que se procurava era um motivo mais impessoal e anônimo.

Os construtores da República eram tambem, ao lado do carreteiro de Belloni, o *peón*, o trabalhador, o professor, o artesão, os quais, completando honradamente sua jornada de trabalho, aceitando a adversidade com crescente boa-vontade, enfrentaram valorosamente o futuro, para forjar uma raça vigorosa. Essa era a gente que, a par dos elementos formadores do Uruguai moderno, deveria ser imortalizada. Assim se fez. Os escultores Pagani, Belloni, Escalada, D'Aniello, Pose, Michelena, Pena, Moller de Berg, Prati, Lussich e Furest foram encarregados de criar outros monumentos que refletissem diversos aspectos da pátria em formação.

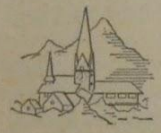
Como resultado disso, Montevidéu possui um museu em bronze ao ar livre, onde todo uruguaio pode, simples e

(*Continua na p. 105*)

100 anos

em busca de perfeição . . .

Um século na História da Humanidade é quase nada na fuga do tempo. Mas, na História de uma indústria, é uma longa, longuíssima jornada.

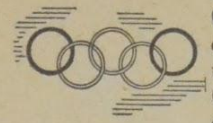


Uma jornada assim, de lutas, de trabalho, de progresso, está sendo transposta pelos fabricantes do relógio Omega. Foi em 1848 que, na Suíça, um grupo de consumados artífices relojoeiros, cheios de entusiasmo e ambição, se reuniu para criar a mais perfeita máquina de medir o tempo, que fosse possível às mãos e ao engenho humanos.

Um século transcorreu . . . Cinco gerações de habilíssimos relojoeiros, cuja arte e perícia foi transmitida de pais para filhos, criaram uma máquina de medir o tempo que hoje representa um símbolo de precisão e de confiança pelo mundo inteiro . . . o relógio Omega!

E devido a toda essa experiência ganha com a fabricação de mais de 10 milhões de relógios é que hoje mais de 100.000 dos melhores relojoeiros nos 5 continentes se orgulham de recomendar um relógio Omega —esse maravilhoso instrumento de precisão que, em 100 anos, sempre manteve a vanguarda pelo seu irrepreensível funcionamento e pela sua beleza, como relógio de absoluta confiança.

Coroando esse imenso trabalho de um século, Observatórios mundialmente famosos confirmam a confiança dos melhores relojoeiros e justificam a preferência de milhões de homens e mulheres. Desde 1933, Omega vem detendo os mais altos recordes de precisão do Real Observatório de Teddington na Inglaterra, tendo conseguido, em 1940, *o mais elevado "score" de precisão jamais alcançado por um relógio de pulso.* E em 1946, em Genebra, o maior centro relojoeiro do mundo, Omega superou o seu próprio recorde de precisão para relógios de pulso.



Tudo isso certamente explica porque para a cronometragem oficial das Olimpíadas de 1932 e 1936 foi escolhido Omega. E ainda, culminando essa confiança absoluta dos técnicos de cronometragem—não só de um país, mas do mundo inteiro—também a cronometragem das Olimpíadas em Londres e St. Moritz, de 1948, foi confiada a Omega, exclusivamente.

Ao festejar o seu 1º centenário, os fabricantes de Omega têm uma dívida de gratidão para com todos os que lhe emprestaram a sua confiança no passado. E como o passado é apenas a preparação do futuro, este século de experiência e êxito impõe a Omega um compromisso: o de produzir relógios cada vez mais perfeitos, ultrapassando em qualidade e beleza todas as suas criações do passado . . . empregando todo esforço possível para manter o nome Omega como o mais elevado símbolo de precisão e de confiança.

3

vezes seguidas

Omega é o cronómetro único e exclusivo dos Jogos Olímpicos!

TÉCNICOS MUNDIAIS REAFIRMAM OFICIALMENTE SUA CONFIANÇA NA FAMOSA PRECISÃO OMEGA!

Em Los Angeles, em 32 . . . Em Berlim, em 36 . . . E agora em Londres, em 48 . . . É portanto a terceira vez consecutiva, que Omega foi admitido oficialmente como o cronómetro único e exclusivo dos Jogos Olímpicos! Aí concorrem os melhores atletas do mundo . . . Uma fracção mínima de décimos de segundo muitas vezes pesa nas decisões . . . Grande, portanto, é a responsabilidade dos técnicos mundiais de cronometragem que actuaram e actuarão nas Olimpíadas! E são homens dessa responsabilidade que, por três vezes consecutivas, escolheram Omega como o cronómetro absoluto, único e exclusivo, na medição do tempo em todas as provas Olímpicas! Uma decisão como esta, unânime e verificada em três Olimpíadas consecutivas, fala por si! Fala da confiança reafirmada três vezes sobre a famosa Precisão Omega, que assim incorpora à sua gloriosa série de triunfos mais esta consagração de parte das mais respeitáveis autoridades mundiais da técnica cronométrica!

Ω

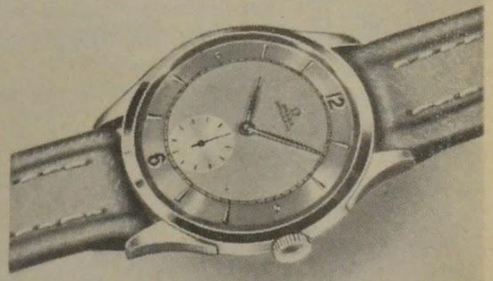
OMEGA

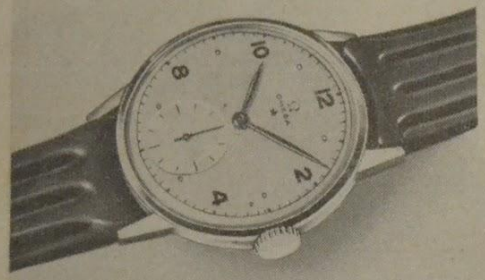
Não pode haver relógios

Mais Finos!

OMEGA AUTOMÁTICO

Combina a mais perfeita e engenhosa auto-renovação da corda com a Precisão Omega. É o relógio automático da mais notável resistência e ainda, para mais elegância, de menor espessura!



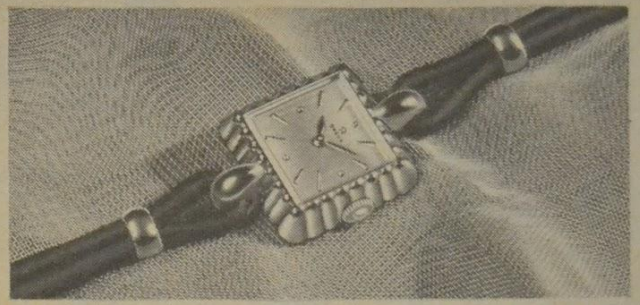


MODELO TEDDINGTON

De precisão oficialmente comprovada, porque sua máquina é exactamente igual à que detém desde muitos anos o primeiro lugar na célebre Prova Internacional de Precisão do reputado Observatório de Teddington, na Inglaterra.

CRONÓMETRO OMEGA 30 m/m

Precisão em grau supremo! Seu mecanismo assinala as mais notáveis performances dos anais da cronometria, graças a seu dispositivo especial de regulagem de alta precisão. É um cronómetro de pulso de classe única!



Realce para a elegância *Feminina...*

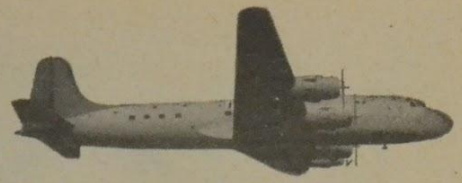
... e ainda possui a Precisão Omega!

Há um vestido para cada ocasião... Mas, sua elegância sempre se realça e completa com um fino e delicado relógio... com um Omega! É que esse relógio é uma pequena obra-prima da ourivesaria... E não é só... Omega lhe dá sempre o tempo certo, porque oferece esse ponto culminante da relojoaria suíça—a famosa Precisão Omega! Nos bons relojoeiros, admire os lindos modelos Omega!

Ω

OMEGA

O MÁXIMO DE PRECISÃO



"... o DC-6 de hoje ...

é um dos melhores, mais seguros e mais adiantados aviões de transporte ao serviço do público."

T. P. WRIGHT
Administrador da Aeronáutica Civil
Secretaria do Comércio dos E.U.A.

Estes termos elogiosos de tão eminente personagem do Governo dos Estados Unidos prestam elevado tributo à tradicional perícia da Douglas, como fabricante dos melhores aviões do mundo. O Douglas DC-6 de hoje incorpora mais dispositivos de segurança, melhor funcionamento em vôo, e maior conforto para os passageiros, que qualquer outro avião de transporte atualmente em serviço.

No grande DC-6, V. S. se sente tranquilo, mesmo a uma velocidade de 8 kms por minuto, em razão da segurança que ele lhe inspira ... incorporada nos DC-6 pelos engenheiros da Douglas, que projectaram mais de 90% de todos os aviões de carreira do mundo.

Este incomparável recorde de experiência culmina no DC-6 de hoje. Douglas, agora mais que nunca, oferece o apogeu do luxo e da segurança em transporte aéreo.

O DOUGLAS DC-6

de hoje
ilustre companheiro dos
DC-4 DC-3
logo nas
principais linhas aéreas do mundo.

F.A.M.A.
KLM
Philippine Air Lines
Sabena Belgian Airlines
Scandinavian Airlines System
American Airlines
Braniff International Airways
Delta Air Lines
National Airlines
Panagra
United Air Lines

MAIS PASSAGEIROS TRANSPORTADOS A MAIORES DISTANCIAS PELOS DOUGLAS

DOUGLAS AIRCRAFT COMPANY, INC., SANTA MONICA, CALIFORNIA, U.S.A.

a Calculadora

QUE SE RECORDA DO QUE OUTRAS CALCULADORAS SE ESQUECEM

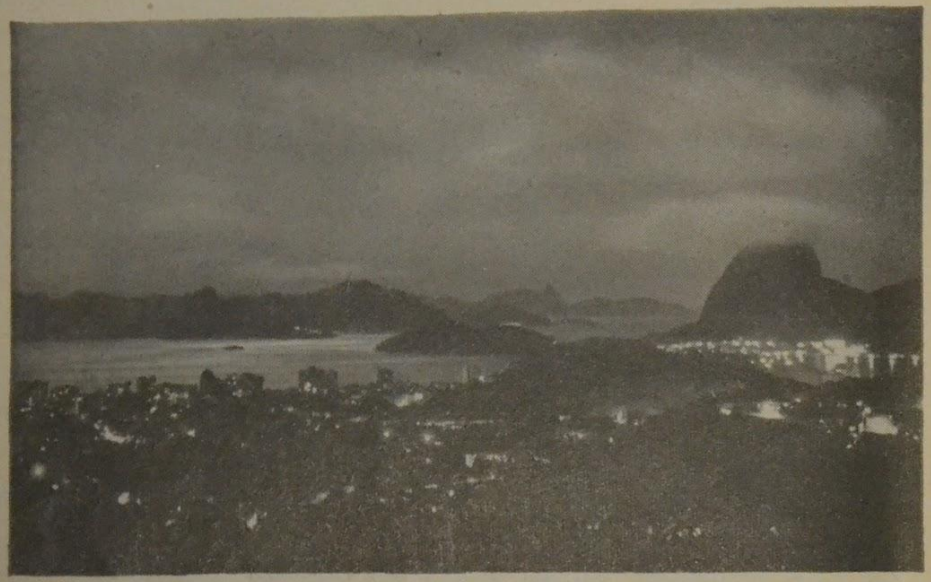
Esta nova Calculadora Burroughs—com sua "memoria" propria—dá-lhes o resultado de cada cálculo e o resultado final ou total sem perda de tempo com mais cálculos. Assim, produzindo o trabalho com menos esfôrço, poupa-lhes tempo e reduz as despesas de custo dos cálculos. Peçam uma demonstração na execução de seu serviço de contabilidade.

★ ★ ★

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., rua da Alfandega, 81A-1º, Rio de Janeiro e Largo do Paissandú, 51-1º, São Paulo. A representante em Portugal é a Robinson Bardsley & Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

Burroughs

TODOS CANTAM SUA TERRA



Êste aspecto da Baía de Guanabara é uma das razões porque, no mundo inteiro, o Rio de Janeiro é evocado com a saudade dos que o conhecem e a aspiração dos que sonham conhecer uma das mais belas de tôdas as cidades. Seus habitantes são famosos pelo espírito alegre e vivaz, a facilidade com que aprendem e a graça com que falam. Êsse bom humor pode ser explicado, em parte, porque o Rio é uma das capitais sul-americanas onde mais se consome Melhoral, o analgésico de ação ultra-rápida, que corta imediatamente o resfriado e alivia prontamente a dor de cabeça. Na Cidade Maravilhosa, há dois milhões de pessoas que sabem que Melhoral é o mais rápido e seguro recurso da ciência, até hoje conhecido, para aliviar a dor, baixar a febre e cortar a gripe ou o resfriado.

NO BRASIL INTEIRO **Melhoral** É O PRIMEIRO

CONTRA DORES, GRIPES, RESFRIADOS

3 VANTAGENS ADICIONAIS

neste novo aparelho de barbear!

Gillette foi sempre símbolo e instrumento de um barbear melhor. E Gillette é também aperfeiçoamento constante. O novo Gillette Tech é um aparelho de barbear que, entre outros melhoramentos, oferece 3 particularmente notáveis:

1. *Novos frisos anti-deslizantes, para evitar cortes, mesmo a um gesto brusco;*

2. *Nova barra-distensora, para um barbear mais suave;*

3. *Aberturas amplas, para limpeza mais fácil. Não acumulam espuma, basta colocar sob a torneira.*

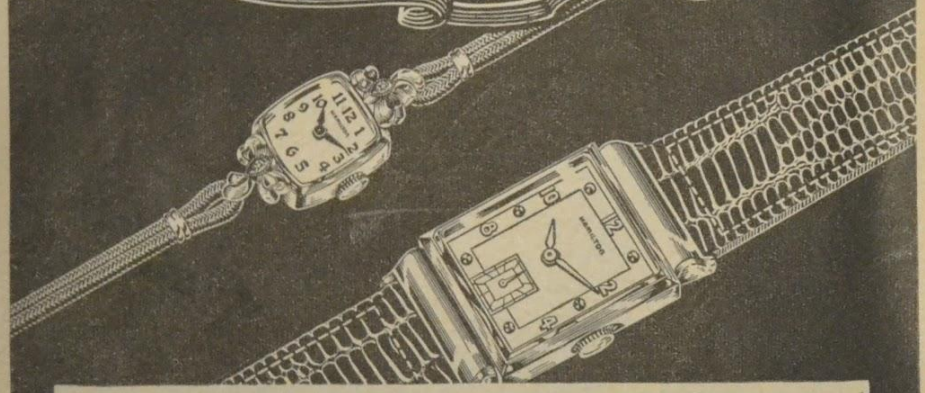
Alie a essas vantagens do novo aparelho o fato de haver sido êle desenhado especialmente para a lâmina Gillette-Azul, que *custa pouco, porque dura muito!* Pense em tudo isso e adquira ainda hoje, para maior confôrto, o novo Gillette Tech, um aparelho de barbear *ainda melhor*.

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Recorde...

o ente querido com o brinde dos brindes



PARA ESSE "ALGUEM"... não há recordação pessoal mais delicada que um lindo Hamilton de precisão. No seu dia de anos, aniversário de casamento ou bôdas o brinde ideal é um Hamilton: "O Relógio de Confiança das Américas" fabricado nos E.U.A.

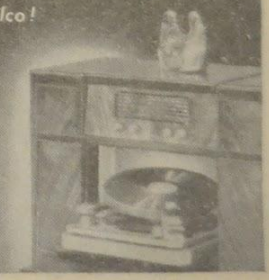
HAMILTON

O Aristocrata dos Relógios

Aqui está o Rádio-Tonógrafo que V. desejava!

ao preço que V. gostaria de pagar

Com pequeno dispêndio terá um luxuoso e soberbo rádio-fonógrafo: o novo Philco 1827! Com toca-discos automático, macio como veludo, sintonização elétrica de faixa ampliada, ondas longas e curtas: 4 faixas de 13,6 a 103 metros! Elegante gabinete de mogno! Veja êste sensacional modêlo no seu Revendedor Philco!



PHILCO

De Fama Mundial pela Qualidade

Philco International Corporation, 50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

UM GRANDE SUCESSO...

AMALIE
100% PENNSYLVANIA MOTOR OIL

O MAIS OLEOSO DOS ÓLEOS!

Eis o motivo por que o AMALIE Motor Oil, é um êxito tão assinalado entre os motoristas de todo o mundo. Pelo seu uso constante, eles verificaram que a *maior oleosidade* do AMALIE Motor Oil representa maior proteção, melhor aderência às peças metalicas, muito menos desgaste e menos desarranjos.

Para seu automovel, caminhão, ônibus, trator, maquinaria de construção ou motores industriais, exija sempre o AMALIE Motor Oil. A venda em todo o Brasil nos vasilhames originais hermeticamente fechados nas nossas refinarias em Pensilvânia.

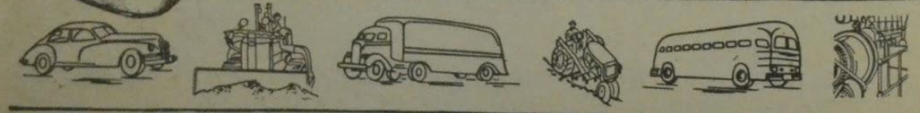
L. SONNEBORN SONS, INC.

Divisão da América Latina — Nova York 16, E. U. A.

Refinarias: Petrolia & Franklin, Penna., E. U. A.

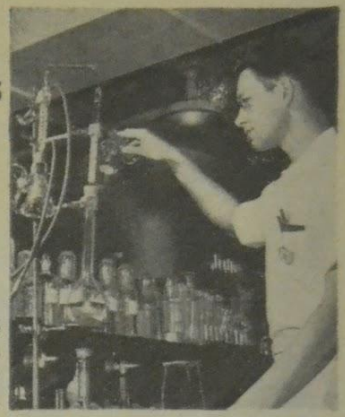
Fábrica: Nutley, N. J., E. U. A.

Distribuição em: Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, Recife, Paraiba, Alagoas, Bahia, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.



Sua Indústria Pode Lucrar com os Produtos Químicos e os Plásticos feitos pela

MONSANTO



A Monsanto tem criado novos e melhores produtos para a indústria. Seja qual for a sua indústria ou o seu negócio, V.S. pode ficar seguro de que haverá sempre produtos químicos ou plásticos Monsanto que contribuirão para melhorar seus artigos, aumentar o volume da produção, e diminuir as respectivas despesas . . . Veja estes resultados assombrosos das pesquisas da Monsanto.

LUSTREX*—Plástico, tão resistente ao calor que pode ser posto em água escaldante e sair dela intacto. Note como a colher à direita se deformou, ao passo que a colher de LUSTREX ficou perfeita! LUSTREX, o composto de modelação termoplástica da Monsanto, oferece centenas de aplicações e presta-se a produção de alta velocidade. Em muitas côres vivas e atraentes.

VUEPAK*—Quando V.S. embala seu produto em VUEPAK da Monsanto, atrai imediatamente a atenção dos fregueses. Este material plástico, transparente mas rijo e resistente, dá realce à aparência, protege o artigo, e ao mesmo tempo permite ao cliente vê-lo perfeitamente. Os industriais têm declarado que o VUEPAK é um grande auxiliar de venda dos seus produtos.

Aí tem dois exemplos, somente, das centenas de produtos químicos e plásticos criados pela Monsanto. Com todos estes produtos, manufacturados em 28 fábricas situadas em diversas partes do mundo, a Monsanto está contribuindo para que a Indústria lance no mercado novos e melhores artigos para o grande público.

MONSANTO CHEMICAL CO.
1700 South Second Street
St. Louis 4, Missouri, E.U.A.

MONSANTO CHEMICALS, LTD.
Victoria Station House
London S. W. 1, England

Representantes nas Principais Cidades do Mundo

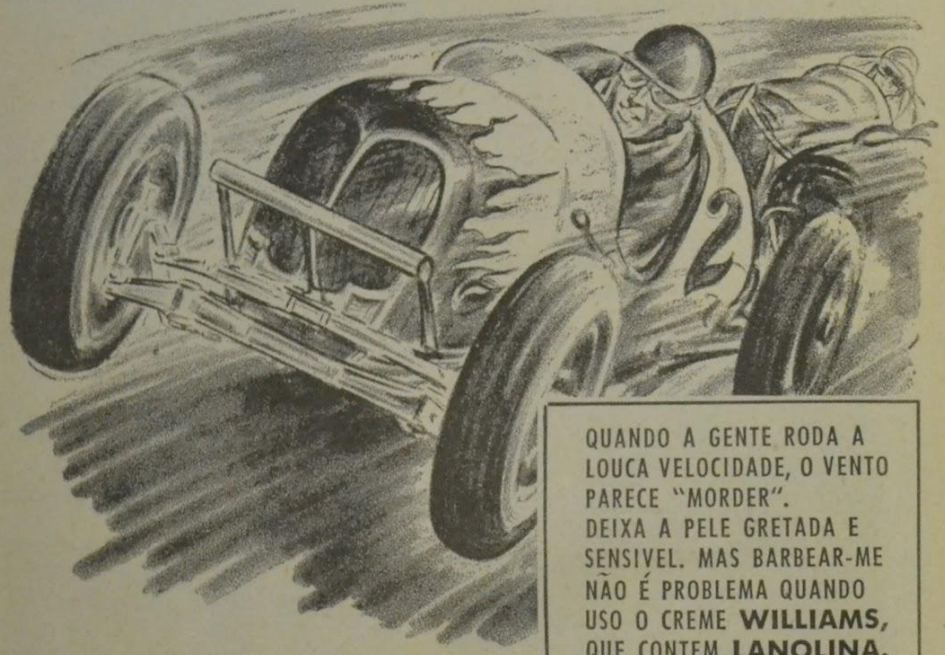
*Marca Registrada nos Estados Unidos

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA... QUE SERVE A HUMANIDADE

GANHA CORRIDAS DE AUTOS "ANÕES"

(mas tem a cara ultra-sensivel)



QUANDO A GENTE RODA A LOUCA VELOCIDADE, O VENTO PARECE "MORDER". DEIXA A PELE GRETADA E SENSIVEL. MAS BARBEAR-ME NÃO É PROBLEMA QUANDO USO O CREME **WILLIAMS**, QUE CONTEM **LANOLINA**. É BENÉFICO PARA A PELE.

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes—o "Luxury" e o Mentolado.

OS CAVALHEIROS PREFEREM O REMINGTON

Em qualquer lugar, os cavalheiros que fazem questão de uma boa aparência sabem como é importante fazer a barba bem rente, sem irritar o rosto, e com rapidez, sem escoriar-se. É por isso que hoje tantos homens exigentes preferem o Aparelho Elétrico Remington de Barbear a Seco.

Experimente um Remington hoje. Veja como ele raspa a barba delicadamente, com que rapidez funciona, como é facil usá-lo. Ficará sabendo, então, porque é que tantos cavalheiros modernos abandonaram o antiquado e incômodo pincel de barba, a espuma e as lâminas—porque é que tantos cavalheiros modernos preferem fazer a barba à seco, fazê-la elétricamente, fazê-la com um Remington. Há um aparelho para V.S. na série completa da Remington.

Aparelhos Elétricos de Barbear

REMINGTON

Producto de *Remington Rand*

- SEM LÂMINAS
- SEM ESPUMA
- SEM PINCEL
- ELÉTRICO
- RÁPIDO
- SUAVE

Mais perfumadas que nunca!

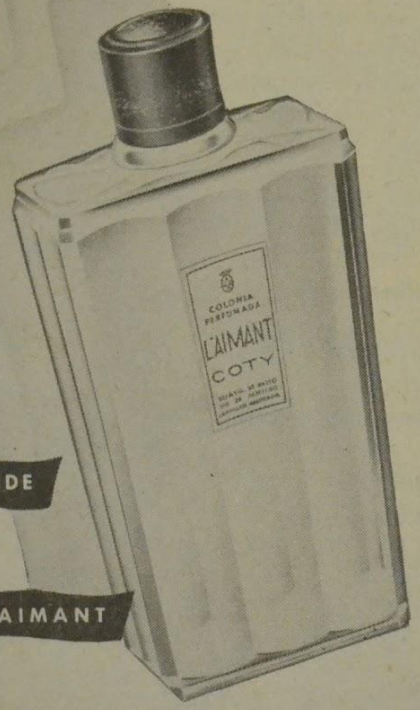
EPREUVE

L'ORIGAN

A SUMA

EMERAUDE

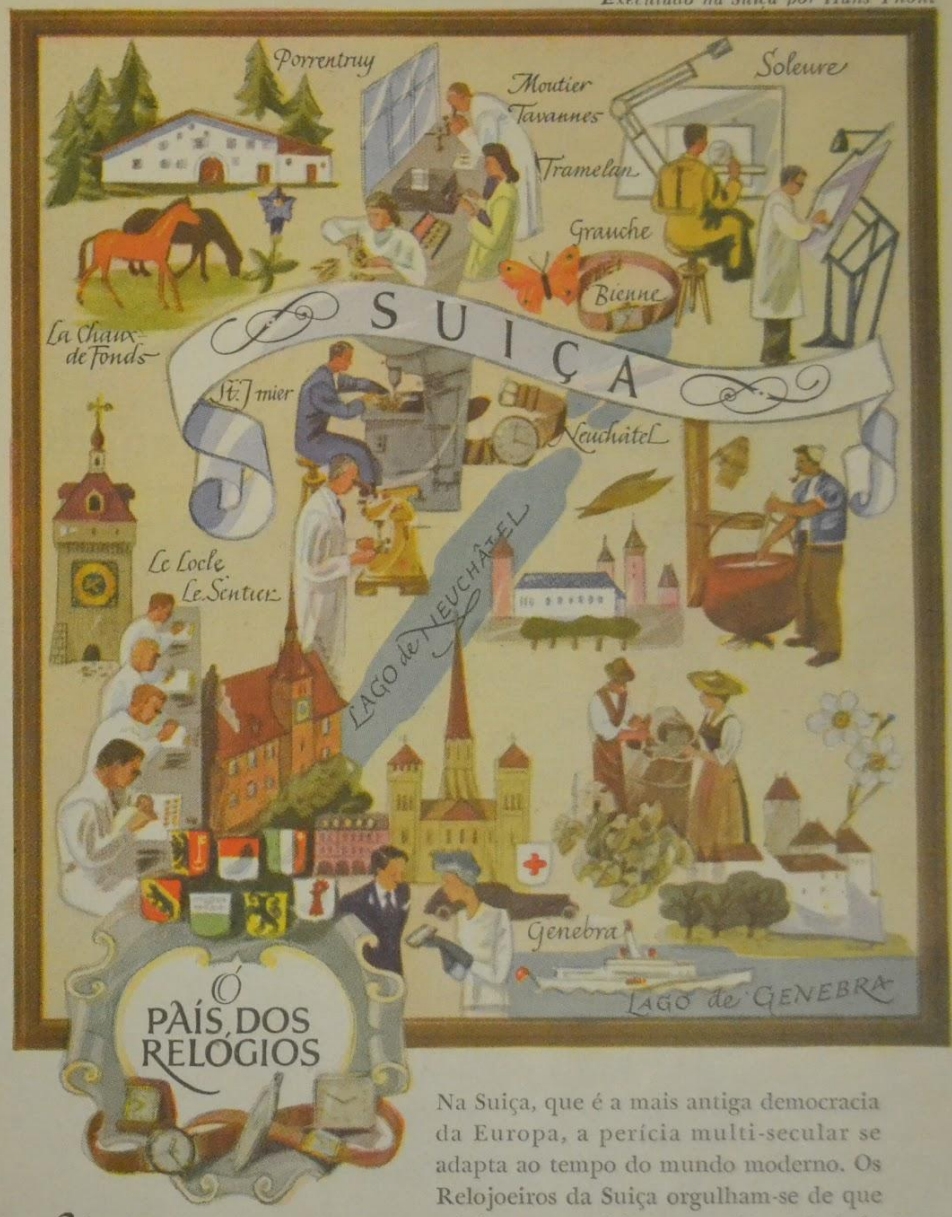
L'AIMANT



COLÓNIAS DE FRAGRÂNCIA
PERSISTENTE

Coty

Executado na Suiça por Hans Thoni



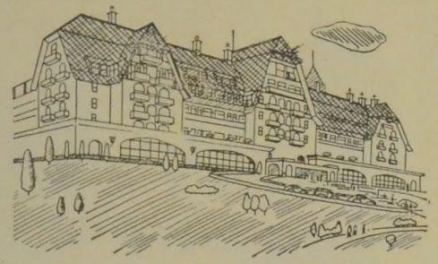
O PAÍS DOS RELÓGIOS

Uma nação pequena dá horas ao mundo

Na Suiça, que é a mais antiga democracia da Europa, a perícia multi-secular se adapta ao tempo do mundo moderno. Os Relojoeiros da Suiça orgulham-se de que a beleza, a precisão e a confiança do belo Relógio Suiço tenham feito dele o preferido da gente de bom gosto do mundo inteiro. — Os *RELOJOEIROS DA SUIÇA.*

No Hotel Quitandinha, perto do Rio . . .

Nas alturas da Serra do Mar— hóspedes famosos de todo o mundo votaram, também, na Parker como a mais desejada das canetas!



Votada como a caneta mais desejada do mundo

Parker "51"

● Setenta e sete investigações em 29 países demonstraram ser a Parker a caneta mais desejada do mundo. Preferida por suas linhas delicadas e elegantes, pela precisão de manufatura que permite escrever firme e suavemente. E sòmente a "51" foi desenhada para o uso satisfatório da nova tinta Parker Superchrome que *escreve sêco*—a tinta mais brilhante e permanente jamais conhecida!

"51"... Escreve sêco com tinta líquida!

Representantes e Posto Central de Reparações para

Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C. P. 463—Lourenço Marques

Amigas e Colegas no Escritório

Durante tantos anos em que trabalharam juntas, Ela e Halda foram sempre as mais ligeiras no escritório. A Halda não fatiga, graças ao seu toque suave e marcha ligeira. A sua escrita é extremamente bela e a sua cor não cansa a vista. Ao aço sueco deve a sua construção robusta. Experimente a

HALDA

com sua bela letra

REPRESENTANTES:
Alberto Amaral & Cia, Rio de Janeiro • Insubra S. A., São Paulo • Casa Coates, Porto Alegre W. Andersen, Belém • Francisco Aguiar & Cia, São Luiz do Maranhão • João Mattos, Fortaleza José Lôbo, Recife • Importadora da Bahia, Bahia • Dumans & Cia, Victoria • João Scheffer & Co., Curitiba • Casa Marc Jacob S. A., Parnaiba • Mattos Areosa & Cia, Manaus • Agencia Comercial Sueca Lda, Lisboa.

Economize nos manjares destas 2 maneiras!

Use o Fermento Royal para maior rendimento de ingredientes escassos . . . e para evitar insucessos!

Não deixe que o elevado custo dos alimentos torne a sua mesa desinteressante. Êste Bôlo Sonho de Chocolate é rico em sabor e em elementos nutritivos, além de econômico, quando feito com Fermento Royal. Compre Fermento Royal ainda hoje—nas famosas latinhas vermelhas . . . e sirva êste regalo à sua família, no jantar!

A chave de mil e um pratos deliciosos!

BÔLO ASSADO UNIFORMEMENTE

Este bôlo foi feito com Fermento Royal. Repare como *assou por igual,* proporcionando um crescimento uniforme. Possui uma delicada textura de massa, ótimo sabor ... e permanecerá fresco mais tempo!

BÔLO ASSADO IRREGULARMENTE

Este bôlo foi feito com fermento inferior. Repare: o *assamento irregular* não deixou o bôlo crescer. A massa dêste bôlo é grosseira, esfarelenta, de pobre sabor . . . e ficará ressecada e velha muito depressa.

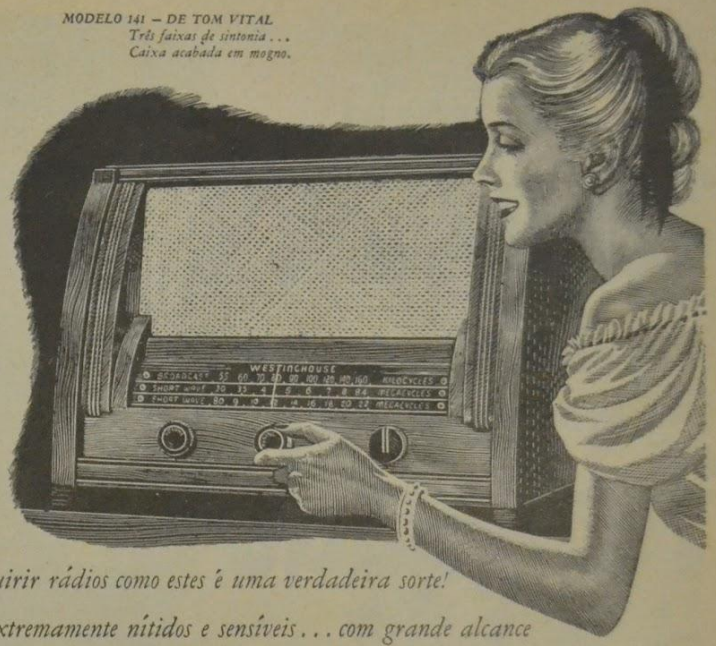
Gratis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal," para receber o famoso "Livro de Receitas Royal." Se não encontrar o cartão, escreva para:

Fermento Royal

CAIXA POSTAL 3215—RIO DE JANEIRO. DEP. 9-700

MODELO 141 — DE TOM VITAL
Três faixas de sintonia . . .
Caixa acabada em mogno.



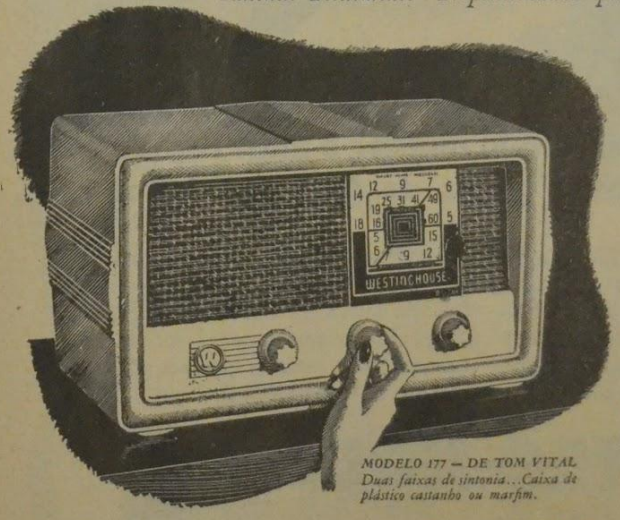
Adquirir rádios como estes é uma verdadeira sorte!

. . . Possantes, extremamente nítidos e sensíveis . . . com grande alcance em ondas curtas . . . e especialmente construidos pela Westinghouse para a América Latina. Totalmente "Tropicalizados" para prolongar-lhes a eficiência e a beleza. Sua performance e preço moderado irão surpreendê-lo.

Veja e oiça os novos

Rádios Westinghouse de Tom Vital

TRAZEM O MUNDO AO SEU LAR



MODELO 177 — DE TOM VITAL
Duas faixas de sintonia . . . Caixa de plástico castanho ou marfim.

Visite o Revendedor da Westinghouse

Compare e Comprará um Rádio **Westinghouse**

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY, 40 WALL STREET, NOVA YORK 5, E. U. A.
INT-AD-19

AGORA POSSO

Respirar

LIVREMENTE

APESAR DO

Resfriado

Obtenha alívio melhor e mais rápido com estas gotas de DUPLO efeito!

1. UMAS POUCAS GOTAS deste medicamento suavizante reduzem ràpidamente o inchamento e a inflamação, desprendem o muco, abrem as passagens nasais, e deixam respirar com facilidade. *Mas não é tudo...*

2. ESTIMULANDO as defesas naturais da mucosa nasal, Va-tro-nol também as ajuda a combater a infecção e debelar o resfriado! Usadas em tempo, estas gotas especiais podem mesmo *evitar* muitos resfriados.

VICK VA-TRO-NOL GOTAS NASAIS

O medicamento nasal mundialmente preferido

Idealize
um interior diferente...

e aprenda a executá-lo
num Curso SINGER!

Tôda mulher sente prazer em variar, de vez em quando, a aparência de seu lar. Umas cortinas novas . . . capas coloridas para as velhas poltronas . . . e o ambiente *renovado* torna-se mais alegre e acolhedor. Tudo isto poderá ser feito por você mesma, por menos habilidosa que seja. E com notável economia para o seu orçamento! Procure uma Loja SINGER e informe-se sôbre o Curso de Decorações do Lar.

SINGER
SEWING MACHINE COMPANY
—o nome garante o produto!
Lojas SINGER em todo o Brasil

Em qualquer Loja SINGER há completo e sortido "stock" de aviamentos, nacionais e importados, para tôda espécie de costura. Compre suas linhas, agulhas, botões, cintos, flôres, fechos, echarpes, fitas, etc. nas Lojas SINGER!

M. R.

Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company
All Rights Reserved for All Countries • Todos os direitos devidamente protegidos, pelo Tratado Internacional

SELEÇÕES

TOMO XIV
No. 78

do Reader's Digest

JULHO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

AFINAL, BOAS NOTÍCIAS DA EUROPA

(Condensado de «The Christian Science Monitor»)

Por Stanley High

OS CABEÇALHOS dos jornais norte-americanos vivem cheios, atualmente, de notícias sobre conflitos e complicações na Europa—greves, inflação, fome, mudanças políticas e conspirações comunistas. Mais significativos, porem, do que essas notícias, embora não tenham sido até agora geralmente apreciados, são estes fatos confortadores:

O modo pelo qual a Europa, três anos depois da mais desastrosa de todas as guerras, vem efetuando a sua recuperação econômica; a energia e força de vontade que os povos europeus têm revelado; e o conjunto de indícios de que a Europa começou a movimentar-se, com crescente decisão, no sentido do amplo desdobramento de uma economia coordenada.

Tendo estudado de perto esses aspectos do desenvolvimento europeu, Christian A. Herter, deputado federal norte-americano, assim resumiu a situação: «Nosso futuro auxílio é necessário, não para salvar a Europa, mas para ajudá-la a levar a bom termo a tarefa de salvar-se a si mesma.»

Considere-se o milagre operado pelas fábricas européias nestes três últimos anos. No ano passado, a Inglaterra, a Bélgica, a Dinamarca, a Noruega e a Suécia produziram mais mercadorias do que no ano anterior à guerra. Em 1944 as fábricas devastadas da França atingiram a apenas 41 por cento da produção normal anterior. Com o equipamento norte-ame-

ricano que lhes foi possivel conseguir, um extraordinário trabalho de reparação, salvamento e improvisação, estão elas agora produzindo 95 por cento. A Itália em 1945 parecia industrialmente falida e liquidada. Sua produção fabril não passava de 15 por cento do que fora antes da guerra. Agora as fábricas italianas voltaram a produzir 70 por cento da produção anterior. Nas fábricas da Holanda, terminado o conflito, de cada três máquinas uma havia sido roubada ou destruida. A produção industrial era 30 por cento do total de 1938. Com um pequeno auxílio dos Estados Unidos, o engenho e a indústria dos holandeses levantaram aquela cifra a 105 por cento. Em fins de 1947, as 13 principais indústrias da Bélgica superavam a produção anterior à guerra, numa média de sete por cento.

Durante quase seis anos, foram os estaleiros dos paises incluidos no Plano Marshall os alvos preferidos dos bombardeiros aliados e alemães. Apesar disso, a recuperação se tem processado com tal rapidez, que em 1947 já havia nos mesmos estaleiros mais navios em construção do que em 1939. Em 1938, a força hidráulica dos paises compreendidos no Plano Marshall era avaliada em 130 bilhões de quilowatts-horas. No ano passado, era de 170 bilhões. A produção de carvão, excluida a da Inglaterra, caira em 1945 a 41 por cento do nivel de antes da guerra. Voltou a subir a 90 por cento.

Nenhum arrasamento de indústrias foi mais completo do que o das estradas de ferro do Oeste europeu. Cinquenta por cento da rede ferroviária francesa—trilhos, dormentes, material rodante, oficinas de construção e reparo—tudo foi arrasado, acontecendo o mesmo às ferrovias de outros paises. As da Itália foram 40 por cento destruidas; as da Holanda, 92 por cento; as da Bélgica, 60 por cento. Ainda assim, no ano passado, com um pouco de auxílio dos Estados Unidos, a consolidação das linhas, a reparação e a volta ao serviço do antigo material, essas estradas de ferro conduziram mais carga e passageiros do que em 1938.

A indústria primordial da Holanda é a navegação, e o seu porto principal, Roterdã, era, antes da guerra, o de maior tamanho na Europa continental. Os alemães em retirada dinamitaram-no, destruindo 80 por cento de suas instalações. Mas os observadores que escreveram sobre o assunto, dando o porto como completamente perdido, não contaram com o ânimo resoluto do povo de Roterdã. Hoje, a capacidade de Roterdã no armazenamento de cereais voltou aos 100 por cento anteriores à guerra, sendo de 80 por cento sua capacidade no tocante ao petróleo. Seus diques flutuantes já alcançaram 94 por cento de sua capacidade de antes da guerra. A marinha mercante holandesa, que fora destruida em 50 por cento, voltou a 83 por cento da tonelagem anterior à guerra.

O que se verificou com as fábricas européias ocorreu tambem—a despeito das prolongadas secas do último verão—com as granjas da Europa Ocidental. No último inverno, as plantações de trigo na França ultrapassaram em 10 por cento as de antes da guerra. Em consequência das inundações, das instalações militares e de outras circunstâncias da guerra, em cada oito hectares de terra das granjas holandesas, um ficara inutilizado. Mas as terras inundadas foram em tempo salvas para o plantio do ano passado e o granjeiro holandês, com o emprego em larga escala de instrumentos manuais que escondera aos alemães, produziu 76 por cento do total de antes da guerra. A produção agrícola da Itália subiu dos 60 por cento do total anterior à guerra para 80 por cento. Foi tão completa a recuperação da Noruega que no inverno passado o governo norueguês pediu às instituições de socorro norte-americanas que não lhe mandassem mais remessas de mantimentos, mas que as «canalizassem para regiões onde a privação fosse mais sentida».

Considere-se ainda o espírito e a firme determinação com que o povo europeu apertou o cinto e dispôs-se a enfrentar esta gigantesca empresa de reerguimento. O trabalhador francês, em regime de racionamento, recebe a metade da carne que consumia antes da guerra. A ração de 200 gramas diárias de pão é menor do que a dos piores tempos da ocupação alemã. Não obstante, o operário francês, que trabalhava, em média, 39 horas por semana em 1938, concordou espontaneamente, em 1946, em trabalhar 43 horas e meia por semana, depois 44 horas e, em julho do ano passado, 45 horas, ficando entendido que trabalharia 48 horas semanais assim que o permitissem os suprimentos de matéria prima. Inconformados com a baixa de produção nas minas de carvão da França, resultante das greves articuladas pelos comunistas no inverno anterior, os próprios mineiros franceses, nas semanas que se seguiram às greves, reduziram o absenteismo ao mínimo já alcançado no após-guerra, elevando a produção de carvão ao máximo de todos os tempos.

Com o objetivo de superar em dez por cento e em dois meses a produção dos teares de algodão, Sir Stafford Cripps dirigiu, em setembro de 1947, um apelo aos operários britânicos nas indústrias texteis. «Ninguem aquí encara a situação com optimismo,» dizia um despacho de Manchester para o *New York Times*. Mas os operários voluntariamente prolongaram suas horas de trabalho e a produção de algodão dos teares, em vez de aumentar dez por cento, no fim de dois meses tinha subido 14 por cento.

Três anos depois da primeira guerra mundial, a indústria de carvão da Inglaterra sofreu o desastroso golpe de uma greve que custou ao país 58 milhões de toneladas de carvão. Três anos após o término da segunda guerra mundial, os mineiros britânicos abriram mão, voluntariamente, da semana de cinco dias e de 35 horas de trabalho, afim de ajudar a vencer a batalha da produção.

Com homens mais velhos e em menor número do que em 1938, e os alimentos reduzidos, os mineiros ingleses, em fins de 1947, estavam tirando

mais carvão do que em qualquer período dos últimos cinco anos e numa proporção consideravelmente maior do que a prevista pelo governo. Essa produção permitiu à Inglaterra voltar a exportar o seu carvão, fato esse de imensa importância econômica para o resto da Europa.

Tambem se acelerou o ritmo da modernização das minas de carvão da Inglaterra. Em fins de 1947, mais de 1.500 cortadeiras modernas de carvão tinham sido entregues às minas. Outras mil serão entregues em 1948. Cinco mil transportadores mecânicos já foram instalados. Mais quatro mil foram encomendados para 1948. Hoje, 70 por cento do carvão inglês é cortado e transportado com máquinas fabricadas na Inglaterra.

Um dos maiores impecilhos à indústria inglesa em fins do ano passado era a escassez de vagões de carga. Pelo rádio e pela imprensa foi feito um apelo ao povo para ajudar, nas horas disponiveis e em fins de semana, no descarregamento de mercadoria, de modo a facilitar a movimentação rápida dos meios de transporte. Milhares de voluntários—ferroviários, estudantes, camponeses e empregados de escritório—alistaram-se em massa. O número das viagens de ida e volta aumentou, em algumas estradas, 200 por cento. Em fins de dezembro, o transporte de mercadorias no país voltara à normalidade.

Três quartas partes do porto francês do Havre—o segundo da França, em tamanho—figuravam no rol das perdas de guerra. Terminado o conflito, achavam os engenheiros aliados que a sua reconstrução levaria 25 anos. Mas a população do Havre não estava por esperar. Munida de pá e picareta, aquela gente decidida efetuou um dos mais rápidos trabalhos de remoção de entulhos já vistos na Europa. Centenas e centenas de voluntários de todas as partes da França—entre os quais 500 estudantes—trabalharam na reconstrução. «O Havre há-de ser o porto mais moderno da Europa continental,» diziam eles. E a tarefa foi levada tão a peito que já no ano passado o Havre dava conta de 85 por cento do tráfego anterior à guerra.

Em começos de janeiro, a França inaugurava oficialmente a represa de Génissiat, no Alto Reno—primeiro passo no plano de um desenvolvimento hidroelétrico que até o fim deste ano aumentará grandemente a força elétrica do país.

Na Itália, para compensar a falta de carvão e acelerar o crescimento industrial do país, o capital privado está fomentando a construção de aquedutos de ferro destinados à exploração dos vastos recursos de gás natural do vale do Pó. Ao mesmo tempo, duas novas minas de carvão foram abertas na Sardenha. Estas, pelos cálculos feitos, triplicarão a produção nacional de carvão.

A Europa, ao fim da primeira guerra mundial, reverteu quase imediatamente a um desenfreado nacionalismo político e econômico. Na inflação decorrente desse nacionalismo, desvalorizou-se o dinheiro em circulação, milhões de pessoas ficaram sem emprego e, incapazes de colaborar entre si, as nações do Ocidente europeu enveredaram pelo caminho que as conduziria, mais dia menos dia, à segunda guerra mundial.

Três anos após a última guerra, os Estados Unidos da Europa ainda constituem uma possibilidade remota. Mas, nesses três anos, houve mais progresso no sentido de estabelecer a base econômica de uma futura união européia do que em qualquer dos períodos anteriores da história moderna da Europa.

A ilustração mais dramática do progresso feito é a Benelux—nome aplicado à união aduaneira estabelecida entre a Bélgica, Holanda e Luxemburgo. De acordo com entendimentos iniciados antes da guerra, estão os três paises atualmente eliminando entre si as barreiras comerciais e, de futuro, removerão as restrições cambiais, e conjugarão todos os seus recursos. Estabeleceram uma unidade econômica tão firme que já são considerados como uma única região comercial—uma das mais importantes áreas comerciais do mundo.

Há indícios de que outras nações se encaminham no mesmo sentido, em busca de melhor futuro econômico. Em janeiro, depois de três meses de estudos, uma comissão franco-italiana advogava sem discrepância a adoção de medidas em favor da união econômica entre a Itália e a França. Uma comissão dos paises incluidos no Plano Marshall está agora estudando quais as medidas preliminares que poderão ser postas imediatamente em prática no caso de um objetivo similar por parte das 16 nações a ele ligadas.

Falando na Câmara dos Comuns a 22 de janeiro, Ernest Bevin, Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, declarou: «Não devemos permitir que as ameaças ou os métodos de propaganda da quinta coluna nos afastem do propósito de unir, pelo intercâmbio comercial, social e cultural, e por todas as outras formas de contacto, aquelas nações da Europa e do mundo que queiram e possam cooperar.»

Antes da guerra, o tráfego internacional de caminhões pelas rodovias da Europa Ocidental era dificultado, em cada fronteira, pela transferência obrigatória da carga aos veículos do país por onde tivesse de passar. No ano passado, os paises daquela região resolveram que essa custosa demasia de nacionalismo econômico tinha que acabar. Chegaram a um acordo e, a partir de janeiro, começaram os caminhões a levar seus carregamentos através da Inglaterra, França, Holanda, Suécia, Suiça, Itália, Dinamarca e Tchecoslováquia, livres de restrições.

Afim de acelerar o transporte ferroviário, 15 Estados europeus criaram uma «câmara de compensação» para a troca e recâmbio de vagões de carga. O estabelecimento, em princípios de janeiro, de uma união multilateral com o objetivo de facilitar o câmbio de dinheiro—a Foreign Exchange Clearing Union, que serve cinco países—é mais um passo no sentido de aumentar a conversibilidade das várias moedas.

A maioria dos Estados da Europa Ocidental enfrenta o problema da escassez de mão de obra; alguns, porem, como a Itália, têm-na em excesso. Como índice da crescente convicção de que o problema do reerguimento da Europa é um problema comum, centenas de milhares de trabalhadores italianos já estão empregados na tarefa de reconstrução da França. Em começos deste ano, reuniram-se os representantes dos 16 paises ligados ao Plano Marshall, para planejar as primeiras medidas tendentes a dar maior eficiência ao uso e distribuição das reservas de braços de toda a Europa Ocidental.

Esse extraordinário empreendimento europeu não podia ter sido realizado tão rapidamente e tão bem, sem o auxílio dos Estados Unidos. A história, até agora não contada, de como essa tarefa vem sendo superiormente posta em execução, é prova de que, no auxílio prestado, o dinheiro norte-americano não foi jogado fora. Não é por falta de esforço e de decisão que esses paises necessitam de novo auxílio. Precisam dele, porque a inflação, a seca, o desgaste da velha maquinaria já demasiadamente usada, a extrema utilização das reservas disponiveis de matérias primas, a dificuldade no conseguir saldos em dólares para efetuar novas compras, e o contínuo, intenso esforço do partido comunista para evitar o reerguimento desses paises—são obstáculos críticos, que não podem ser superados de um momento para outro. O auxílio dos Estados Unidos é necessário para ajudar a Europa a levar a cabo a grande tarefa tão bem começada.

Cochilos da imprensa

De um necrológio num jornaleco do interior dos Estados Unidos: «Sua morte constituiu um grande choque pelo fato de ter ele comparecido ao trabalho, como de costume, no dia em que faleceu, e o passamento ter-se dado enquanto dormia.»

—Citado em *The New Republic*

Notícia publicada num jornal de Rochester: «Dois grupos foram considerados. Um compreendia 40 legisladores; o outro, 40 pessoas isentas de qualquer crime.»

Da seção «Pessoais» de outro periódico americano: «Devido à doença do proprietário, a Barbearia Milton funcionará aos cuidados de um barbeiro competente, até à volta do dono.»

Abra essas malas... e viva!

(Condensado de «This Week Magazine»)

Por Ibbie Bryan

Mrs. Dowell é agora uma senhora de idade, e um tanto cansada. Seus filhos estão todos casados, e o marido faleceu há anos. Ela vive de cá para lá, procurando encher o tempo.

No outro dia, disse-me, com um ar pensativo: «Sabe de uma coisa? Nunca me sentí completamente à vontade neste mundo. Tenho sido sempre como o viajante que vai passar uma noite no hotel e acha que não vale a pena desfazer as malas por tão pouco tempo. Havias tantas coisas que eu queria fazer... e vivia prometendo a mim mesma que ia fazê-las, mas nunca cheguei a sentar pé.»

Ao ouvir isso, comecei a pensar em todas as pessoas neste mundo que estão esperando para desfazer as malas. Os que acham que vão realizar uma porção de coisas quando... bem, quando os filhos crescerem... quando tiverem mais dinheiro... quando encontrarem casa melhor... quando descobrirem um trabalho de que realmente gostem. Vão ler muito, dedicar-se ao passatempo predileto, tomar talvez algumas aulas, manter contacto com os amigos. Tirarão, mesmo, tudo de dentro das malas...

Mas agora não há tempo. E assim se passam os dias e as semanas. Cinquenta e duas semanas perfazem um ano...

Por que adiar essas coisas todas com que sonhamos? Quem morar num apartamento minúsculo poderá adorná-lo com flores tão belas quanto seriam as da casa que pretende construir um dia. Mesmo as pessoas que não podem dedicar longas horas à leitura, pensando em fazê-lo quando as crianças começarem a frequentar a escola, poderão, sem dúvida, «achar» uns 15 minutos aquí e alí.

A Inglaterra, certamente, não está levando vida normal. Seria de esperar que os ingleses fossem vivendo, a trouxe-mouxe, até que as coisas se arranjassem. Mas, no outro dia, recebí uma carta duma senhora de Londres, que dizia: «A gente não pode esquecer as pequeninas coisas que tornam a vida agradavel, nem mesmo nestas horas. Há tanta coisa que precisa ser adiada, que nos habituamos a nem sequer fazer projetos, mas a aproveitar ao máximo cada segundo de que dispomos.»

Afinal de contas, talvez seja melhor assim. Há uma porção de coisas que podemos desfrutar sem espera, experimentar em vez de desejar apenas.

Na cidade em que nascí havia um velho médico que a todo momento era chamado pelos doentes, e sempre os atendia. Entretanto, todas as tardes ia para casa, punha os chinelos e um paletó confortavel e sentava-se ao pé da lareira, com o cachimbo e um livro, como se tivesse várias horas livres pela frente. Um dia perguntei-lhe: «Como é que o sr. pode acomodar-se tão à vontade, sabendo que algum cliente

o chamará a qualquer momento?»

Ele riu-se. «Ora, minha filha, se eu fosse esperar até ter certeza de que não seria interrompido, nunca teria momentos de ócio... Desta maneira consigo intercalar uns bons minutos de verdadeiro conforto.» Assim dizendo, foi atender a um chamado telefônico.

Eu costumava sonhar com o dia em que pudesse ter minha própria mobília. Tinha num baú uma porção de coisinhas, que gostaria de usar. Mas, enquanto isto, vivia num apartamento mobiliado, lamentando, diariamente, que ele se parecesse tanto com todos os outros apartamentos mobiliados... Até que, certa manhã, abrí o baú e, tirando todos os quadrinhos e vasos, pus mão à obra. Ao meio dia, meu apartamento não tinha mais aquele aspecto vulgar. Não é ainda exatamente o que pretendo ter algum dia, mas já se lhe nota certo encanto.

Foi então que resolví «desfazer as malas». Fui à biblioteca a retirei três livros que desejava ler havia uns cinco anos. Fiz fichas dos endereços das pessoas amigas, e agora, todas as noites telefono a algumas, só para dizer que tenho pensado nelas. Comecei até a dar passeios a pé, diariamente. Claro que ainda tenho planos para o futuro, e estou trabalhando para realizá-los. Mas, enquanto isto, pretendo viver plenamente.

Muitas pessoas atravessam a vida eternamente empolgadas com sonhos do futuro, e assim nada fazem. Ont m à noite ouví no rádio uma nova melodia que muito me agradou. Era de autoria de um jovem compositor que muito promete, e a quem chamaremos João. Há alguns anos, João trabalhava num escritório de arquitetura. Seu amigo José tambem trabalhava lá. Aquilo, porem, era para eles apenas um meio de vida, pois João pretendia logo abandoná-lo para dedicar-se à música, ao passo que José queria pintar.

João, de fato, começou a compor. Mas José ainda está ponderando sobre o caso; não desfez ainda as malas. Aos 60 anos, dirá com pesar: «Quando eu era jovem, queria ser pintor. Tinha jeito para a coisa. Mas nunca cheguei a tentar...»

Não há absolutamente razão para que se passe pela vida como forasteiro. Ponha-se à vontade—desfaça as malas e ponha mãos a obra, em vez de esperar por «melhores dias», que talvez nunca cheguem.

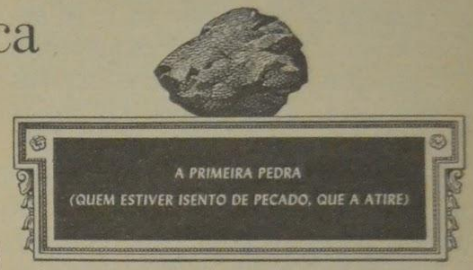
UMA GRÃFINA aproximou-se de um famoso romancista, dizendo-lhe com grande efusão que tambem desejava ser escritora. No momento, queria que ele lhe explicasse como se começa a escrever.

«Começa-se da esquerda para a direita, minha senhora,» respondeu-lhe serenamente o autor.

—Louis Sobol, King Features

«A revolução mais pitoresca de que reza a história da América Latina»

A original República dos Parvenses



(*Condensado de «The Pan American»*)

Por Michael Scully

SE ALGUEM me perguntasse qual é o fator que mais poderia contribuir para a estabilização deste mundo titubeante em que vivemos, eu indicaria logo uma coisa chamada «República dos Parvenses», que floresce em Montevidéu, no Uruguai. Os uruguaios mais prosaicos dir-nos-ão que se trata de um clube onde alguns cidadãos de categoria se entregam a ocupações tolas e risiveis. Os *parvenses* afirmam, porem, que a sua organização é um estado independente, fundado na presunção, aliás sustentavel, de que o resto do mundo está maluco.

Para compreendermos os *parvenses*, precisamos remontar às suas origens. Em 1880, durante um manso fim-de-semana, Juan Zuchelli foi juntar-se a um grupo de amigos que se encontravam em uma cabana de pescadores, à margem do Rio da Prata. Trouxera consigo, para ler no remanso do feriado, um livro da sua biblioteca: era a história daquele francês avaro que levou a vida inteira escravizado aos seus desígnios de riqueza, com a qual sonhava comprar os confortos e prazeres da existência, até que um dia, já vergando ao peso dos anos, compreendeu que não conquistara amigos nem tivera alegrias. Por isso, retirou-se para um pequeno chalé no meio dos bosques, sobre cuja porta gravou um dístico latino carregado de ironia: *Parva Domus Magna Quies*—casa pequena, grande quietude.

Depois de ter lido a parábola em voz alta aos seus amigos, Zuchelli indagou pensativamente: «Quem sabe se nós não somos assim tambem? Que é que você deseja mais da vida, Luís? E você, Ramón?»

Os treze amigos chegaram à conclusão de que desejavam realmente da vida coisas que nenhum dinheiro pode comprar: a amizade, o riso, a paz de espírito...

«Ora, que é que a gente aproveita de toda esta confusão de negócios, política e rivalidades sociais a que damos o nome de vida normal?» inquiriu

Zuchelli. «Preocupações, invejas, aparências, chicanas! Vivemos tão empenhados em embrulhar o parceiro com a nossa esperteza, e em exibir nossas falsas penas de pavão, entre os pavões da nossa espécie, que esquecemos nossos objetivos reais. Somos escravos de uma tirania—a tirania dos nossos próprios falsos pensamentos!»

Subiu dentre o grupo um murmúrio de aprovação. Alguem perguntou: «E que podemos fazer para remediar a situação?»

José Achinelli foi quem deu a resposta: «Que faríamos contra qualquer outra tirania? Uma revolução, não é? Pois bem, revoltemo-nos!»

Foi assim que deflagrou a revolução mais pitoresca de que reza a história da América Latina. Um dos rebeldes, mais exuberante, disparou um tiro mais ou menos na direção de Montevidéu, como símbolo de que o grupo se proclamava independente de um mundo iludido. Outros rebeldes desenharam a bandeira, outros ainda improvisaram um hino nacional. A cabana de pesca à beira do Prata foi solenemente ungida como capitólio de um livre estado de espírito—a República de *Parvus Domus*—e cada um dos *parvenses* se tornou agente secreto de propaganda para o aliciamento de novos revolucionários.

Hoje, perto do local onde se erguia a cabana de pesca, o novo estado tem como sede uma vasta casa de pedra que se ergue no meio de jardins. Os 250 *parvenses* exercem uma influência que ultrapassa de longe o seu número. Muitos deles são homens de destaque na política, nas profissões liberais e nos negócios do Uruguai—mas tudo isso eles deixam ficar para trás e esquecido, tão depressa transpõem a fronteira *parvense*. A primeira lei da «República» impõe a todos os cidadãos silêncio absoluto sobre certos assuntos—tais como política, negócios, preconceitos religiosos, a importância pessoal de cada um. Essa proibição imposta às aparências, vaidades e propensões que levam os homens a proceder como seres deshumanos, fez dessa república liliputiana, segundo os *parvenses* se gabam, a sociedade mais civilizada de todo o mundo.

É talvez, tambem, a mais democrática. Quando algum cavalheiro se candidata a cidadão da «República», a primeira pergunta que os *parvenses* lhe disparam é esta: «De que modo você nos pode tornar mais felizes?» Quem contribui com uma nova canção recolhe sempre mais sufrágios do que o pobre diabo que é apenas dono de um banco... Não há alí classes privilegiadas, nem condição servil. Quando os *parvenses*, uma vez por semana, se sentam à mesa para o jantar coletivo, entre os garções que servem podem contar-se um cirurgião eminente, um rei do gado ou um ministro do governo. O personagem mais venerado da sua Galeria de Honra é Luís Maglione, «o nosso maior cozinheiro».

A política exterior da «República» é inequívoca e firme: consiste, nas palavras do Ministro das Relações Exteriores, Alberto Martín, «em mostrar como o resto do mundo sofre de burrice». E essa política apoia-se em uma

força mais devastadora do que todas as bombas: a troça. Quando os ditadores de opereta começaram na Europa a exigir concessões territoriais dos seus vizinhos, os *parvenses* desencadearam uma «guerra de nervos» contra o Uruguai, reclamando que este lhes concedesse um corredor de acesso ao mar, a menos de 200 metros de distância. Fizeram paradas com o seu exército motorizado em velhos automoveis «blindados» de lona; levaram moças bonitas, como refens, e fizeram dispersar bandos de garotos da rua, com «rajadas» de bombons.

A indústria mais importante entre os *parvenses* consiste em despojar os vaidosos das plumas com que se enfeitam. Por exemplo, se um embaixador estrangeiro é recebido na «República», os cidadãos apresentam-se todos com grandes bigodeiras diplomáticas, de monóculo, e com medalhas do tamanho de pratos. É provavel que o dignitário se veja escoltado por um «pinguim» do tamanho de um homem, ao avançar entre alas de peitilhos de camisa sem gente dentro, enquanto a guarda do palácio, rigidamente inexpressiva, dispara uma salva de espingardinhas de rolha. Escusado será dizer que o senso protocolar do hóspede nunca mais será o mesmo...

Um almirante norte-americano dos mais destacados, acompanhado do seu estado-maior, foi acolhido pela «marinha-de-guerra» *parvense* em peso («todos almirantes!»); não houve nem um cidadão que faltasse à cerimônia, todos eles cobertos de condecorações até aos joelhos. Um famoso cantor da ópera, que era convidado de honra, ficou sentado entre a indiferença dos seus anfitriões, enquanto um impostor, apresentado sob o nome dele, arrancou aplausos delirantes, parodiando comicamente os papéis mais notaveis do convidado. Quando certo cientista uruguaio recebeu grandes recompensas honoríficas no estrangeiro, a «República» sentiu-se compelida a contribuir com um banquete de homenagem, em que o sábio se encontrou entrouxado num carrinho de bebê descomunal, e assim deu entrada no salão do banquete, onde o amamentaram com a mamadeira, enquanto os oradores papagueavam.

Aquilo, porem, de que mais se orgulham os parvenses, é da sua atividade cultural. O museu da «República» não tem talvez rival no mundo. Um dos objetos aí expostos, que mais nos estimulam a pensar, tem o nº 430 e se parece com qualquer calhau do tamanho de um punho fechado; mas quando a gente lê a respectiva etiqueta, fica sabendo que se trata de «a primeira pedra (quem estiver isento de pecado, que a atire)». Outro objeto é um impagavel dispositivo devido ao gênio *parvense*, concebido para «impedir que a gente meta o nariz onde não é chamado». Vê-se alí tambem um complicado aparelho, todo em cadeias, alavancas e engrenagens, descrito no catálogo como sendo «talvez a máquina mais importante do mundo». Esse «talvez» está alí modestamente para indicar que o inventor ainda não encontrou utilidade para a máquina...

Todos os cidadãos *parvenses* têm por

dever contribuir para o enriquecimento cultural dos seus semelhantes, e essa regra dá lugar às mais assombrosas revelações no curso das sessões, às tardes de domingo, da Academia de Artes, Ciências e Vinicultura. Pede a palavra um artista, por exemplo, para ler solenemente uma erudita comunicação sobre este assunto transcendente: «Em que estava pensando a Mona Lisa.» Outro cidadão causou grande reboliço ao afirmar que o produto mineral mais importante da terra não é o ferro, nem o petróleo, nem a hulha, nem os metais preciosos, mas, pura e simplesmente—o pó! O arguto acadêmico conseguiu demonstrar, em termos de bilhões de «dona-de-casa-horas», que o pó dá emprego a maior número de pessoas do que qualquer das indústrias mineiras; devem ao pó o seu ganha-pão incontaveis legiões de lavadores de janelas, de lavadeiras e engomadeiras, de varredores de ruas; sem o pó, os médicos especializados no tratamento de sinusites e os consertadores de relógios andariam mendigando de porta em porta, e as indústrias do sabão, dos lenços, dos cremes faciais e dos colírios, teriam que abrir falência. Em conclusão, o acadêmico propunha que o mundo criasse uma Reserva Internacional de Pó, destinada a assegurar mais trabalho e emprego em épocas de crise.

A vida nessa «República» é um antídoto seguro contra preocupações, inveja, hipocrisia e chicana, contra as quais, há sessenta e oito anos, José Achinelli desfraldou o estandarte da revolta. Cada um dos 250 *parvenses* sabe que pode encontrar alí 249 almas irmãs, e ao mesmo tempo, seja a que hora for, o riso e a paz de espírito.

Parece tambem que tudo isso é muito bom para a pressão arterial: Achinelli viveu até aos 100 anos, e a «República» está hoje cheia de veneraveis cidadãos de 70 e 80 anos de idade, que todos os domingos de tarde se divertem à farta. Os candidatos mais jovens esperam «em fila», vários anos, até que haja vaga para serem admitidos.

Mais uma vantagem: embora a política do Uruguai se conte entre as mais agitadas e complicadas da América Latina, a sua história nestes tempos mais recentes tem sido singularmente livre de revoluções e de violência. Isso se deve, pelos menos em parte, à influência dos *parvenses*, entre os quais se contam muitos homens de todos os partidos. Nenhum *blanco* que haja uma vez cantado na companhia de um *colorado*, e entrechocado o seu copo de cerveja com o dele, irá para sua casa organizar uma revolução destinada a derrubar os *colorados* do poder! Nenhum *colorado* que já tenha rido a bandeiras despregadas com uma boa piada de um *blanco* poderá participar de complô destinado a fazê-lo exilar-se... A política que se afigure absurda de um lado da fronteira *parvense* perde simplesmente toda a sua importância e carater sanguinolento do outro lado tambem. Neste campo, como em tantos outros, os *parvenses* conseguiram demonstrar uma verdade de transcendente importância para o mundo de hoje—é que todos os homens pertencem à mesma raça humana.

ATRAVESSANDO O ATLÂNTICO A REMO

(*Condensado de «Coronet»*)
Por Tom Mahoney

POR INCRIVEL que pareça, dois homens atravessaram uma vez o Atlântico a remo, fazendo o trajeto de Nova York à França, isto é, 3.250 milhas. Foram autores do feito George Harbo e Frank Samuelson, dois rudes imigrantes noruegueses que residiam em Brooklyn, Nova York. Ao tempo da expedição, Harbo tinha 30 anos e Samuelson 26; ambos haviam passado a vida no mar.

Um dia, em 1894, Samuelson disse a Harbo: «Quem conseguisse atravessar o oceano a remo faria uma fortuna. Toda a gente havia de pagar para ver o barco.» Pelos seus cálculos, dois homens com experiência do mar, remando 54 milhas por dia, poderiam fazer a travessia em dois meses.

Nos dois anos que se seguiram, empregaram seu tempo disponivel em fazer planos. Harbo, marujo e piloto licenciado em navegação a vapor, assumiu a direção do projeto. O caminho mais viavel era pelas Correntes do Golfo e do Atlântico Norte, que haviam de ajudá-los em cerca de uma milha por hora. Alem disso, tratava-se de uma rota de intensa navegação, onde seria possivel obter socorro em caso de necessidade.

Desenharam um barco aberto de duas pontas, com cinco metros e meio de comprimento por um e meio de largura; essa embarcação, quando carregada, tinha um calado de 20 centímetros. Na proa e na popa havia compartimentos estanques e depósitos para água potavel. Richard K. Fox, diretor do jornal *Police Gazette*, financiou a construção, e o bote recebeu o nome de *Fox* em homenagem ao jornalista.

Levava o *Fox* 250 quilos de mantimentos, cinco pares de remos de freixo, bússola, sextante, âncora cônica de lona, luzes de sinalização e cerca de 20 litros de querosene. Um pequeno fogão a óleo fora instalado na proa. Nos depósitos se puseram uns 230 litros de água potavel. O barco não tinha velas.

A 6 de junho de 1896, uma multidão de duas mil pessoas, reunida no cais de Battery, em Nova York, assistiu à saida do *Fox*, por ocasião da vazante das cinco da tarde. A rotina

que eles se impuseram exigia que os dois tripulantes remassem constantemente das 8 da manhã até à hora do almoço. Terminado este, caso o tempo o permitisse, ancoravam e descansavam uma hora, para tornarem aos remos até ao jantar. Com um descanso de mais uma hora voltavam então a remar até às 8 da noite. Dessa hora em diante até o café da manhã seguinte, revezavam-se de três em três horas: enquanto um dormia, o outro remava.

Nos primeiros dias, o tempo esteve magnífico. A mais leve aragem, porem, tornava dificil manter aceso o fogão a óleo. Tomavam pouco café e no fim já comiam os ovos crús. Na quarta noite sentiram uma batida e viram algo branquejando no escuro das águas, junto ao barco.

«Um tubarão, e dos grandes!» exclamou Harbo. Durante dois dias foram seguidos pelo tubarão, a uma distância que por vezes não ultrapassava o comprimento de um remo.

O domingo de 14 de junho trouxe de leste um forte temporal. As ondas lavavam o *Fox* de ponta a ponta. Apesar do esforço ingente dos remadores, a embarcação não avançava. Às 9 da manhã jogaram a âncora de lona. Ligada a um cabo de 60 toesas, essa armação, com forma de guarda-sol, agarrava ao mar a quilha do barco. Somente às 5 da tarde puderam novamente remar. Pelos cálculos de Harbo tinham-se atrasado, naquele dia, 25 milhas.

Na altura dos grandes bancos da Terra Nova, Harbo e Samuelson penetraram num cardume de baleias. A água estava lisa como um espelho e pelo menos 30 desses monstros refestelavam-se ao sol.

Passados dois dias, encontraram o navio *Fürst Bismarck*, do Loide Norte Alemão. Para manter a cordialidade náutica, Harbo desfraldou uma bandeira americana à popa do *Fox*, ao que o vapor correspondeu com as cores do seu pavilhão. O comandante alemão fez parar o navio a uma distância em que sua voz pudesse ser ouvida.

«Náufragos?» berrou ele.

«Não. Vamos para a Europa.»

Alinhados ao longo da amurada, os passageiros, assombrados, soltavam exclamações de entusiasmo, enquanto o *Fox* se afastava rumo a leste.

A 21 de junho, pelos cálculos de Harbo, o *Fox* estava a 662 milhas do ponto de partida. A 1.° de julho, ainda nos Grandes Bancos, encontraram a sumaca de pesca *Leader*, de Lunenburgo, no Canadá. Foram convidados a subir a bordo, onde, pela primeira vez em vinte dias, fizeram uma refeição completa de comida quente.

Uma rajada soprou do oeste a 7 de julho. Durante dois dias e duas noites conseguiram manter o barco no lugar com a âncora de lona. Mas, na madrugada de 9, as ondas, umas após outras, passaram a rebentar sobre o *Fox*, deixando Harbo e Samuelson inteiramente ensopados. Um deles tinha que permanecer tirando água do bote, enquanto o outro manejava os remos para manter a embarcação aproada contra o vento. A única coisa que mantinha o *Fox* à tona eram os compartimentos estanques.

Cerca das 9 horas da noite, Samuelson divisou uma onda tremenda a avançar para a pequena embarcação. «Olha!» gritou.

«Desta não escapamos,» exclamou Harbo.

Num abrir e fechar de olhos a avalanche fez emborcar o *Fox*, e os dois homens tiveram de lutar contra as águas geladas. Mas até tais emergências haviam sido previstas. Cada um usava um salva-vidas amarrado com cordas de 3 toesas de comprimento; na quilha do bote fora ajustado um corrimão. Lutando confusamente, conseguiram tornar ao barco e conservar-se agarrados ao corrimão até que as ondas começaram a abrandar. Depois de várias tentativas, endireitaram a posição do bote e alçaram-se para dentro.

Quando o sol surgiu, por fim, sobre um mar relativamente calmo, fazia 72 horas que não dormiam e mal se alimentavam. Despiram-se e torceram as roupas. Samuelson fez um turno de três horas nos remos; Harbo, esse dormia como um homem morto. Ao ser acordado, tinha o corpo inchado e as juntas tão enrijecidas que não podia mover-se. O companheiro ajudou-o a apanhar os remos. Dentro em pouco, já podia remar moderadamente; Samuelson, ao despertar do seu primeiro sono após três dias de vigília, estava nas mesmas condições.

Terminou então o mau tempo. Houve, porem, outros empecilhos. O vento, o sol e a água salgada deixaram-lhes as costas das mãos em carne viva e suas jaquetas de oleado irritavam-lhes ainda mais as inflamações. Grande parte do suprimento estragara-se ou fora arrastada pelas ondas.

Na manhã de 15 de julho avistaram uma bonita e bem equipada embarcação, navegando à vela rumo ao nordeste. Amarraram um cobertor a um dos remos e ficaram uma hora abanando, até que, finalmente, o navio se voltou majestosamente em direção a eles. Era uma barca norueguesa. Enquanto Harbo e Samuelson se deliciavam com uma refeição pantagruélica, os noruegueses supriram de água os depósitos do *Fox*, e empilharam a bordo toda sorte de provisões frescas.

Vencida metade da jornada, Harbo e Samuelson retomaram os remos. Durante mais de uma semana, perfizeram uma média de 65 milhas por dia. A 24 de julho encontraram outra barca norueguesa, a *Eugen*, tendo sido informados de que estavam somente a 400 milhas das Ilhas Sorlingues, no extremo sudoeste das Ilhas Britânicas.

Bem cedo, na manhã de sábado, primeiro de agosto, avistaram terra, e, precisamente após 55 dias da partida de Nova York, desembarcaram na ilha de Santa Maria, onde foram saudados pelo consul norte-americano, que se mostrou bastante surpreendido.

Com apenas um dia de descanso, o *Fox* largou novamente rumo ao Havre, na França, a 250 milhas de distância. Alí, a 7 de agosto, sob os aplausos de milhares de franceses, terminou a viagem.

A fortuna com que os dois remadores contaram fora ilusória. Muita gente pagou para ver o barco, durante os quatro dias em que estiveram no Ha-

vre, mas em París, apesar de se terem exibido no Sena, como remadores, ganharam apenas para as despesas. Na Inglaterra foi pequena a multidão que conseguiram atrair; e em seguida embarcaram para a Noruega, sua pátria de origem. Suas famílias ficaram encantadas em vê-los, mas a imprensa norueguesa lhes foi hostil. Achavam os jornalistas que a viagem devia ter sido empreendida sob a bandeira da Noruega, de nada servindo as explicações dadas pelos remadores, de que se haviam naturalizado americanos.

Passado um ano, trouxeram o *Fox* de volta para os Estados Unidos a bordo de um vapor, mas, como atração de feira, o *Fox* foi um fracasso. O barco a remo que atravessara o Atlântico pouco se diferençava de qualquer outro. Os dois homens desapareceram do cartaz, e acabaram voltando para a Noruega. Em 1946, Samuelson morreu num asilo de velhos em Farsund. A imprensa norueguesa tratou-o com mais simpatia na morte do que o tratara em vida: «O mundo raramente verá outro como ele,» disse um jornal, em seu artigo de fundo. «Nossa época não produz homens dessa têmpera.»

O cúmulo da parcimônia

NO ARMAZEM de secos e molhados eu via sempre uma senhora de meia-idade, que, ao comprar, era a economia em pessoa. Um dia, ao lhe comunicar a impressão que me causava sua poupança em tudo, ela explicou:

«Deve ser dom de família. Fui criada na fazenda de minha avó, e ela nunca cortava a alface, aos domingos, senão depois que vinha da igreja...»

«Por quê?» inquirí com surpresa.

«Não vê? Porque, enquanto vovó estivesse na missa, a alface crescia mais um pouquinho.»

—Colaboração de Charlotte Raman

Ao pé da letra

UM RAPAZ de nome Will Smith compareceu um dia ao Bureau de Licenças de Chofer, em Detroit. A sala estava apinhada de futuros automobilistas. Um polícia, muito afobado, atirou-lhe um formulário através da mesa: «Preencha isso e escreva o seu último nome em primeiro lugar, e o primeiro, em último,» disse o homem.

«Como disse o senhor?» perguntou Smith meio confuso.

«Tal como lhe disse,» replicou o polícia. «De trás para diante.»

Smith deu de ombros e momentos depois entregava o papel, com a curiosa assinatura: «lliW htimS».

—*Free Press*, de Detroit

Flagrantes da vida real

★UM CASAL ainda jovem entrou certa vez num pequeno restaurante; a mulher vinha a ralhar com o marido pela escolha que ele fizera da estrada, a estupidez de tomar por um caminho daqueles, fazendo tanto frio, etc., etc. A arenga continuou durante a refeição e o pobre do marido, tímido, vencido, engulia a bucha calado...

O proprietário, um sujeito de cara de lua-cheia, que supunha ter remédio para tudo e poder opinar sobre todas as coisas, esteve a ouví-los, impaciente, por algum tempo, e depois, aproximando-se do casal, dirigiu-se ao homem: «Olhe, amigo; nós aquí aturamos tudo, menos um marido que se deixa dominar pela mulher! Se não reage já, mostrando que é homem, trate de ir dando o fora!»

O homem virou-se, apalermado, para o proprietário e para a mulher, e depois enfiou os olhos no café que estava tomando. Um grande silêncio enchia agora a casa. Quando, minutos depois, eles saiam, entreouví a mulher dizer: «Com franqueza, nunca julguei que eu fosse tão má. Nós devíamos ter vindo aquí há cinco anos!»

—Colaboração de C.H.G.

★JOHNNY, um rapaz bem-humorado e trabalhador, foi o primeiro imigrante europeu que se localizou na pequena cidade norte-americana onde nascí, e por isso ele se fez logo objeto do nosso interesse e atenção. Depois, passados anos, chegou o grande dia em que Johnny ia votar pela primeira vez, e grande parte da população acompanhou-o ao posto eleitoral. Houve apertos de mão e saudações efusivas quando o rapaz afinal saiu. «Então, homem? Que tal é ser eleitor?» perguntavam os presentes.

«Ótimo, senhores! Maravilhoso, estupendo!» exclamou Johnny muito circunspecto. Depois, mudando de expressão, disse ele com um ar de sorriso: «Até digo mais, meus amigos: quem não votar como eu votei, é idiota!»

Trocaram-se sorrisos amarelos, entre os circunstantes, porque o pleito estava sendo muito renhido na comarca. «Como assim?» perguntou alguem em tom ameaçador. «Como é que você votou afinal, seu Sabe-Tudo?»

Johnny sorriu desconcertado, e acrescentou: «Eu me explico, senhores. Votei de acordo com minha consciência, e qualquer pessoa que não fizer o mesmo é idiota!»

—Mrs. H. F. Kennedy

★MINHA MÃE mora num pequeno povoado, um lugarzinho de uns 500 habitantes e uma dúzia de telefones. Ela não tem aparelho em casa, de sorte que quando minha irmã teve o primeiro filho, procurei comunicar-me com mamãe pelo interurbano, sabendo que ela teria de ir à própria com-

panhia telefônica. «Será um pouco difícil trazê-la aquí,» explicou a telefonista. «Ela mora a quase um quilômetro daquí, ao lado da estrada.»

«Ficaria muito caro mandar um recado?» perguntou minha telefonista.

«Não; não custa nada,» explicou a telefonista local. «Eu dou um tiro na direção da casa dela, e quando ela olhar para cá, faço-lhe um sinal para que venha.»

—Colaboração de Evelyn Anderson

★ Meu bisavô fez parar o seu velho Ford chocalhante ao lado de uma lustrosa limusine que havia enguiçado à beira da estrada. «Olá, patrício!» disse ele ao chofer, que estava com a cabeça debaixo do *capot* do motor, a mexer nas entranhas do bicho. «Enguiçou, hem?»

O chofer confirmou: «... É u'a mola do cilindro quebrada ou coisa pior...»

«Ora essa!» exclamou o velho. «Veja aquí o meu fordeco; é meu há 15 anos, e nunca me falhou uma vez! É o que lhe digo, nada como o velho Ford, o melhor carro que há!» Tirando de sob o assento do carro umas correntes enferrujadas, meu bisavô atou-as à luxuosa limusine, e, sentando-se ao volante do seu carro, disse ao chofer: «A cidade fica aí perto; lá você achará uma garage. Suba e vamos!»

O chofer olhou para dentro da limusine, como que a pedir ordens ao patrão, e, em seguida, colocou-se junto ao volante. Lá se foi a limusine rebocada pelo velho Ford. Daí a três léguas, no fim do percurso, quando meu bisavô desatava o reboque, aproximou-se o dono do carro de luxo, com a carteira na mão. «Nada disso, patrício!» objetou o velho. «Que seria deste mundo, se um amigo não desse a mão a outro numa hora destas?»

O ricaço guardou a carteira e apertou com vigor a mão que meu bisavô lhe estendera. Havia algo de lustroso em seus olhos, ao ver o velho Ford sair por alí chocalhando os ferros...

Alguns meses depois, eram os olhos de meu bisavô que denunciavam algo de lustroso, ao ler um bilhete que vinha preso ao volante de um Ford novinho em folha, que acabavam de lhe entregar à porta:

«Caro patrício, fui informado de que perdeu o seu carro num acidente. Que seria deste mundo, se um amigo não desse a mão a outro numa hora destas?»

A assinatura era... Henry Ford.

—Colaboração de Clyde V. Fitzgerald

Nenhum autêntico ator poderá resistir à poderosa atração do cinema. Não o seduz o dinheiro, ou a grande publicidade, mas simplesmente o fato de que o cinema lhe permite olhar para si próprio...

—George Jean Nathan

Cortina de ferro para a Tchecoslováquia

(Condensado de «The New York Times»)

Albion Ross

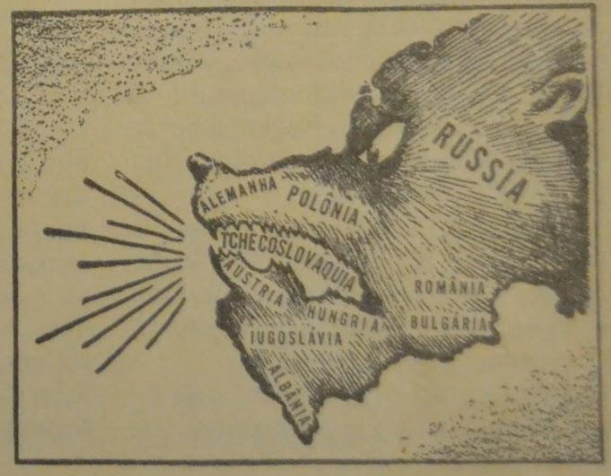
Reportagem enviada diretamente de Praga

A Tchecoslováquia prestou um serviço ao mundo, como laboratório de uma experiência destinada a revelar se o comunismo e a democracia podem governar simultaneamente, no mesmo Estado. A prova teve como resultado a extinção da democracia.

Ao aproximar-se o fim da guerra, diante do problema apresentado pelas relações com Moscou, o Presidente Beneš e seus colegas optaram pelo que lhes pareceu um ajuste realista: todos os grupos políticos, inclusive os comunistas, concordaram com um programa que preconizava um governo de frente única, constituido de todos os partidos, os quais se empenhariam num fraternal esforço conjunto, a bem da rehabilitação do país. No setor econômico, previa-se a nacionalização de todas as indústrias básicas e instituições financeiras de vulto. As indústrias e o comércio de proporções pequenas e médias continuaram sob o regime da iniciativa particular. O governo tinha por base o parlamento.

Em meados de 1946, a Tchecoslováquia efetuou eleições livres, nas quais os comunistas conseguiram 38 por cento dos votos, tornando-se assim o partido majoritário. Acrescido do Partido Social Democrático—na realidade, marxista—o bloco marxista detinha 52 por cento dos votos. O comunista Klement Gottwald assumiu o cargo de Primeiro Ministro.

Em todo o país, foram constituidos os chamados «comitês nacionais», que ocupavam posição predominante nos governos locais e das províncias. Esses comitês representavam—em proporção mais ou menos igual—todos os partidos. Os comunistas, entretanto, conseguiam quase sempre introduzir seu representante num cargo onde fosse responsavel pela segurança pública ou pelas funções policiais. Quan-



do da formação do primeiro governo nacional, os comunistas fizeram questão de que lhes fosse confiado o Ministério do Interior, que tem jurisdição sobre a polícia.

O Ministério de Informações—aliás comunista—administrava a estação de rádio oficial; acabou sendo orgão de propaganda comunista, juntamente com o serviço de imprensa oficial, única agência noticiosa autêntica.

Descobriu-se, no ano passado, que o Ministro do Interior transferia, sistematicamente, os funcionários não-comunistas, substituindo-os por comunistas. Por fim, 80 por cento dos cargos policiais de autoridade cairam nas mãos destes.

Alarmados, os próceres dos demais partidos despacharam investigadores para sondar a situação dos outros cargos administrativos. Os inquéritos revelaram que os comunistas haviam maquinado com afinco para colocar seus agentes em postos vitais.

A 23 de janeiro, o Ministro da Justiça, em sessão secreta do gabinete, denunciou o Ministro do Interior, apresentando provas de que este se valera de agentes provocadores, com o intuito de acusar fraudulentamente de conspiração o Partido Nacional Socialista—o do próprio Ministro da Justiça.

A denúncia teve as mais profundas repercussões. Os ministérios, o Parlamento e as secretarias dos partidos fervilharam de agitação. Estava iminente uma crise.

Raiou, então, a sexta-feira, 13 de fevereiro, —uma sexta-feira aziaga que abriu caminho para o colapso da democracia. Todos os partidos—inclusive o Social Democrático—desafiaram os comunistas abertamente, disputando a única coisa que importava: o poder. Oito delegados distritais de polícia, em Praga e arredores, haviam sido substituidos por comunistas. As autoridades dessa categoria tinham poderes para ordenar o uso de armas. A maioria do gabinete votou uma ordem mandando o Ministro do Interior suspender as recentes nomeações.

> A MAIOR surpresa do golpe de estado, em Praga, foi a invasão das ruas por uma força de operários armados, de cuja existência não se tinha conhecimento. Mais de 10 mil proletários, que empunhavam fuzis novos e ostentavam braçadeiras vermelhas à guisa de uniforme, desfilaram pelas ruas da cidade, surgindo não se sabia de onde, e sumindo da mesma forma misteriosa. O intuito era, sem dúvida, o de mostrar o poderio armado de que dispunham os comunistas, caso o Presidente Beneš se recusasse a aceitar o novo gabinete. A tática vingou. Dalí a poucas horas, toda oposição articulada desmoronava-se como um castelo de cartas. Na manhã seguinte, Beneš não teve outro recurso senão homologar o novo gabinete. A revolução era um fato consumado. A agitação terminou tão subitamente quanto começara: tributo ao cuidado com que fora encenada. O aspecto de Praga era assombrosamente normal. Em realidade, a revolução tcheca abandonara as ruas e processava-se já por trás de portas cerradas. A fase espetacular passara; começara a fase feia, silenciosa: a dos expurgos e do resto.
>
> —De uma irradiação feita por Howard K. Smith, comentarista da CBS e testemunha ocular do golpe de Praga.

Chegara o momento. Os comunistas anunciaram que seria convocada uma convenção de 8 mil operários em Praga, no domingo, 22 de fevereiro. A toda a pressa, foram adotadas resoluções, nas fábricas, reivindicando qualquer coisa de parecido com uma nova revolução social e econômica, que derribasse o ajuste entre a iniciativa privada e o capitalismo do Estado. Os operários hostís ao programa perderam os empregos.

O Ministro do Interior não acatou a ordem que o mandara retirar seus comunistas dos postos de autoridade policial. Estivera enfermo e não assistira à reunião do gabinete. Foi convocada nova sessão. Doze ministros de três partidos (Nacional Socialista Tcheco, Popular e Democrático Eslovaco) recusaram-se a comparecer enquanto não recebessem garantias de que a ordem do gabinete seria cumprida. Não recebendo satisfação, renunciaram.

Os doze ministros demissionários e os comitês executivos centrais de seus respectivos partidos pleiteavam uma única medida: eleições imediatas. Tinham certeza, com ou sem razão, de que os comunistas pretendiam aferrar-se de tal forma no governo, antes das eleições, que os poderes ministeriais ficariam destituidos de todo valor. Os membros do partido Social Democrático, entretanto, não renunciaram; receavam uma cisão no partido.

Todos os democratas mostraram-se simples amadores disputando uma partida com profissionais. Os comunistas reagiram, proclamando a constituição de uma nova frente única nacional, estribada «nas massas populares, nas grandes entidades nacionais e em todos os tchecos e eslovacos de boa vontade». O Primeiro Ministro Gottwald instou pela organização imediata de «comitês de ação», ou sejam, em linguagem clara, sovietes revolucionários.

Os comitês de ação movimentaram-se céleres. Alguns ministérios foram ocupados. A conferência de operários, realizada no domingo, 22 de fevereiro, decretou, para a terça-feira seguinte, uma demonstração grevista de uma hora. Os faltosos foram demitidos dos empregos. Milhares de proletários, que nem sequer eram comunistas, desfilaram em manifestações em prol do novo gabinete comunista proposto por Gottwald.

Os comitês de ação ocuparam as sedes dos jornais do Partido Nacional Socialista Tcheco e do Partido Popular; os periódicos foram silenciados. A polícia invadiu o recinto da chefia do Partido Nacional Socialista. Contingentes das polícias especial e civil surgiram nas ruas de Praga munidas de fuzís. Somente os estudantes continuaram a luta, manifestando-se pela «república de Masaryk e Beneš». A polícia dispersou os manifestantes e deteve os chefes. Efetuaram-se prisões nos ministérios e em outros lugares onde tivessem efeito mais profundo, e intimidassem possiveis rivais.

Na quarta-feira, o Presidente Beneš aceitou o novo gabinete, pela razão constitucional de que o Primeiro Ministro conseguira reunir número suficiente de deputados—renegados dos três partidos, e membros do Partido Social Democrático,—para constituirem maioria parlamentar. O novo gabinete foi integrado por homens que haviam aprendido muito bem a sua lição...

Incidente simbólico ocorrera na véspera. O orgão principal do Partido Nacional Socialista Tcheco mantinha escritório no coração de Praga. O edifício ostentava um grande letreiro elétrico com o nome do jornal, *Voz Livre*. Ocupado o recinto, as luzes extinguiram-se e o nome foi envolvido pelas trevas. Do centro de propaganda comunista, do outro lado da rua, um locutor proclamou pelo alto-falante: «Colegas da *Voz Livre*, vossa luz apagou-se para sempre.»

Vaidade ferida...

CERTA MOÇA, legítima beldade, regressa à casa paterna depois de anos de ausência; vai em companhia do marido, boa alma, porem espantosamente feio. E as crianças tinham infelizmente saido ao pai. A mãe-preta ainda lá estava, e ficou jubilante ao abraçar a sua sinhá-branca. Mas, logo depois, segredava a alguem da família: «Que pena! Esse homem estragou todos os bebês dela!»

—Colaboração de F. C. Smith

Nada é impossivel...

(*Excertos da Seção de Miscelânia da revista «Time»*)

Educação progressista: Em Dartford, na Inglaterra, os encarregados de uma exposição comercial de artigos de escritório descobriram o motivo por que alí se reuniam tantos meninos de escola: é que iam resolver os problemas de aritmética nas máquinas de calcular alí expostas...

Curioso acidente: Em Knoxville, no Tenessí, Cora Sharp foi tratada de um ferimento leve, tendo explicado à Polícia que o mesmo fora acidental, quando, ao sacar rapidamente o revolver que trazia no seio, a arma se disparara...

Quites, enfim! Em Milwaukee, Arthur Pontow, ao regressar a uma joalheria para queixar-se de que o relógio que alí comprara não prestava, foi imediatamente preso. O cheque com que pagara tambem *não prestava* —por falta de fundos...

Por vingança: Perto de Winchester, no Indiana, um touro atacou a chifradas o auto de Jack Townsend, encarregado do departamento de inseminação artificial da comarca.

Inflação: Em Evanston, no Illinois, o departamento de química da Northwestern University declarou que os elementos químicos do corpo humano, que antes eram estimados em 98 centavos em moeda americana, subiram a $31.04.

Pinga milagrosa! Em Fairbanks, no Alasca, um homem de muletas entrou num bar e, depois de tomar alguns tragos, saiu desempenadamente pela porta—deixando atrás as muletas!

Fracassa a luta contra a febre aftosa no México

(*Condensado de «Farm Journal»*)

Por Paul Friggens

A BATALHA para eliminar a febre aftosa no México foi perdida. Dez meses depois dos Estados Unidos haverem lançado uma campanha orçada em 35 milhões de dólares na qual se empregaram 2 mil homens e 1.500 peças de equipamento, os trabalhos tiveram que ser interrompidos, não havendo indícios de que sejam reiniciados. A febre aftosa, uma vez passando as fronteiras de um país, pode trazer efeitos devastadores a todos os animais de casco fendido, principalmente ao gado vacum, e às ovelhas, porcos e cabras.

Em dezembro de 1946 chegaram aos Estados Unidos as primeiras notícias do terrivel flagelo que assolava o México, e as autoridades imediatamente fecharam as fronteiras tanto ao gado vivo como às carnes. As autoridades sabiam o que o leigo talvez ignore: que, embora a febre aftosa raramente seja fatal, as graves lesões que sofrem os animais atacados pelo virus tornam-lhes dificil comer e locomover-se, de maneira que quase morrem de fome. A doença provoca abortos em larga escala e diminui o leite. Altamente contagiosa, pode propagar-se pela água, pelo feno ou pela palha, e por contacto com animais infectados ou expostos, vivos ou mortos (o virus vive oito meses, mesmo em carnes refrigeradas). Os seres humanos podem ser portadores da moléstia e, se comerem carne, leite, manteiga ou queijo contaminados, podem contraí-la—mas somente em forma muito benigna, nunca fatal. O único processo conhecido para combater a propagação do mal é abater todos os animais infectados.

Antes que uma campanha conjunta dos Estados Unidos e do México pudesse articular-se, a febre aftosa se propagara a 16 estados mexicanos. Eliminá-la constitui provavelmente a tarefa mais árdua jamais tentada pela ciência veterinária. Os Estados Unidos, quando sofreram o seu pior surto de febre aftosa, abateram apenas 172 mil animais. Ao todo, foram sacrificados no México um milhão de animais, a metade dos quais era gado vacum. É duvidoso que um milhão de animais pudessem ter sido abatidos nos Estados Unidos sem causar sérias complicações. Agora no México não há somente a moléstia a ser combatida—

existem ainda aproximadamente 7 milhões de cabeças de gado na zona contagiada, e alem disso o ressentimento do povo.

A campanha foi levada a efeito por um corpo de veterinários e especialistas em pesquisas de laboratório, auxiliados por uma força de 2 mil norte-americanos e mexicanos recrutados às pressas. Dos norte-americanos, poucos compreendiam os mexicanos ou ao menos falavam o espanhol. Os médicos eram dos melhores do mundo, mas a máquina administrativa era tragicamente vagarosa. Para cada funcionário, médico, avaliador, pagador, técnico e empregado especializado americanos, havia um mexicano com tarefa correspondente. Choferes que falavam as duas línguas agiam como intermediários, tentando interpretar ordens para ambos os lados. O governador de cada estado mexicano e o prefeito de cada cidadezinha, e muitas vezes o padre, tinham que ser consultados. Por cima de tudo isso havia ainda o Bureau de Indústria Animal, os Ministérios da Agricultura e do Exterior dos Estados Unidos, e o Governo Mexicano. Como disse um médico de um dos postos de isolamento: «A confusão era tal, que, para obter um trator ou uma simples vassoura, era preciso promover uma conferência.»

A luta tinha que ser desenvolvida num país que tem um dos terrenos mais acidentados do mundo, em que não se via uma cerca por centenas e centenas de quilômetros. Havia ainda os obstáculos dos costumes e superstições rurais, os boatos e a política. Grande número de pessoas nas áreas rurais são índios, muitos dos quais nem ao menos falam espanhol, não podendo sequer compreender o que vem a ser febre aftosa. Elementos anti-americanos espalharam boatos perniciosos: que aviões norte-americanos tinham deliberadamente disseminado a doença; que Tio Sam queria dar cabo da indústria da carne no México; que a soda calcinada, desinfetante usado pelos veterinários, era um pó misterioso que propagava a aftosa.

Entre os mexicanos cultos, o sentimento anti-americano assim se resumia: «Os norte-americanos estão sempre vindo aquí para nos empurrar alguma coisa pela garganta.» O México não se esqueceu de duas invasões norte-americanas levadas a efeito num único século.

Em tal solo, as primeiras sementes da derrota estavam lançadas.

A princípio, os Estados Unidos concordaram em indenizar os proprietários de todo o gado vacum sacrificado, enquanto os mexicanos pagariam todos os suinos, ovelhas e cabras. Os funcionários americanos verificaram sem demora que os pequenos camponeses mexicanos se recusavam a entregar o gado doente, alegando que ainda não tinham sido pagos pelos animais menores mortos. Em breve os camponeses passaram a levar seus animais de volta para as montanhas, disseminando ainda mais a doença.

Os Estados Unidos, então, assumiram a responsabilidade de pagar indenização por todos os animais que fossem abatidos—uma média de 50 dólares por cabeça de gado vacum e 5 pelos animais de pequeno porte. Ambulâncias do exército foram convertidas às pressas em carros-pagadores, que estacionavam nos próprios locais de matança. O camponês levava o gado, inclusive seus preciosos bois; os animais eram abatidos e o pagamento se efetuava imediatamente.

Mas cada animal que caía aumentava a tensão. As mulheres e crianças se arrastavam de joelhos e mãos no chão para ir chorar junto aos bois mortos, enquanto os homens nervosamente tamborilavam com os dedos no cabo de seus facões. Depois, os americanos às vezes encontravam cortados os pneumáticos de seus *jeeps*.

Uma coisa havia passado despercebida: dinheiro algum podia indenizar os camponeses pela perda de seus queridos bois. Estes, como me disse um mexicano, eram parte de sua família, e ver os animais esperneando e estrebuchando, mortos pelos *gringos*, era coisa que ele não podia suportar.

Para compensar em parte a perda dos camponeses, os Estados Unidos e o México distribuiram 22 mil mulas. Mas um fazendeiro mexicano nunca trocaria espontaneamente os seus bois por mulas.

Outro obstáculo era que, embora a febre aftosa cause graves danos ao animal, a mortalidade é pequena. «Muitas vezes eu fico doente e ninguem me mata,» disse um índio. «Por que matar a minha vaca?»

Em muitos casos, naturalmente, grandes fazendeiros mexicanos cooperaram no plano da matança; mas, para cada fazendeiro compreensivo, havia talvez 500 camponeses que não entendiam—e possivelmente nunca entenderão—a necessidade de se matar o gado e do moderno sistema de quarentena.

Um dia os ânimos se inflamaram. Na vila de Senguio, no Estado de Michoacán, a 1° de setembro, o dr. Augusto Juárez Medina, veterinário mexicano, acompanhado de um capitão e seis soldados, chegou para fazer uma visita de inspeção. Embora tivessem sido prevenidos de que correriam risco se entrassem na vila, o dr. Medina e o Capitão Gómez Macías levaram seu *jeep* até a praça. Instantaneamente, os habitantes da vila bloquearam todas as saidas.

O médico e o capitão ficaram calmamente sentados no veículo. Uma mulher cumprimentou-os, passou o braço em volta do capitão e o apunhalou. Depois deu uma cacetada no veterinário e gritou para a população que atacasse. Os soldados, em redor do seu capitão moribundo, pediram permissão para atirar, mas ele a negou. Um a um, os soldados foram arrancados do *jeep* e estraçalhados.

A história de Senguio correu pelos sertões do México. Naquele mesmo dia, contou-me um médico, uma vila inteira concordara em trazer o gado contaminado para ser sacrificado. No dia seguinte, porem, quando a notícia de Senguio lhes chegou aos ouvidos, os camponeses não quiseram mais saber de nenhum entendimento com os veterinários.

Na Cidade do México, a seção a

cargo dos Estados Unidos tomou imediatas providências para a retirada de suas forças da área infectada, até que voltasse a calma. Simultaneamente, o Governo Mexicano fez pressão no sentido de cessar-se completamente a matança, sob a alegação de que o México não podia suportar esse golpe em sua economia.

No dia 26 de novembro, os Estados Unidos concordaram com a imposição mexicana e agora, a menos que surja um milagre da ciência, a febre aftosa se estabeleceu no México em carater permanente.

Enquanto isso, foram traçadas duas linhas de isolamento. A do norte vai de Tampico, no Golfo do México, em direção oeste, através do México central, até Puerto Vallarta, no Oceano Pacífico—por entre florestas impenetraveis, vastas extensões de terras áridas e rochosas, e por sobre montanhas de 3 mil metros de altura. A linha do sul atravessa florestas e pantanais, correndo paralela à fronteira da Guatemala. A eficiência dessas linhas, patrulhadas pelo Exército Mexicano, depende da força da polícia mexicana e da opinião pública do país.

Viajei de automovel por uma área accessivel da linha norte, e encontrei os soldados mexicanos separados uns dos outros por distâncias até de 60 quilômetros. Grande parte da região era plana e aberta, e o gado atravessava à vontade, de um lado para o outro, a estrada que constituia a linha de isolamento. A certa altura, perguntei a um mexicano quantas cabeças de gado haviam cruzado a linha na noite anterior, e ele me respondeu, sorridente: «Umas cem.»

O tráfego para o norte representa um perigo permanente. Todas as pessoas, veículos, vagões de estrada de ferro e objetos que saiam da área contaminada têm que ser completamente desinfetados nos postos de quarentena. Os importadores americanos de produtos mexicanos têm tido que enviar grandes quantidades de material próprio para embalagem de artigos frageis, que antigamente eram acondicionados em capim, feno ou palha. É um milagre que as centenas de milhares de turistas americanos que viajam de automovel e avião ainda não tenham trazido o virus para os Estados Unidos.

Os mexicanos querem que os Estados Unidos construam duas cercas de cinco arames, de 1.200 quilômetros de comprimento, do Golfo do México ao Oceano Pacífico. De nada valerá, entretanto, construir uma cerca, enquanto não houver a certeza de que a doença ficará restrita ao outro lado. É até duvidoso que uma cerca possa servir como linha de isolamento da doença.

Resta, então, a vacina. Mas nunca se soube que a vacina tenha liquidado a febre aftosa em nenhuma parte do mundo. Na América do Sul usa-se a vacina, e os fazendeiros têm que se conformar com uma perda anual de pelo menos 20 por cento. Acresce que as melhores vacinas atuais só produzem efeito por quatro a seis meses, o que torna necessário fazer-se a imunização duas vezes por ano—caso se

encontrem todos os animais que devam ser vacinados.

Segundo o novo plano, os mexicanos aceitaram a maior parte da responsabilidade no aperfeiçoamento da vacina, esperando as autoridades, certamente, descobrir um soro que imunize para sempre. Estão construindo um laboratório de pesquisas, e os Estados Unidos os estão assistindo com equipamento e auxílio técnico. Entrementes, 50 mil doses experimentais de vacina foram importadas da Holanda e da América do Sul. A vacinação de todo animal sadio, encontrado na zona de isolamento, será um auxílio, mas não resolverá o problema.

O extraordinário é que, apesar das várias irrupções da doença nos Estados Unidos—uma das quais abrangeu 22 estados—este país ainda seja apanhado de surpresa, sem conhecer uma solução melhor que a matança. Agora o Bureau da Indústria Animal, do governo norte-americano, está estudando o problema juntamente com autoridades mundiais, estando em vias de estabelecer programas de pesquisas tanto a prazo curto como a longo prazo, para cuja realização serão necessários muitos milhões de dólares.

A febre aftosa está estabelecida no México por um período indefinido. A qualquer momento pode transpor a fronteira dos Estados Unidos. Havendo, no mundo inteiro, necessidade premente de mais carne e lacticínios, nem o México nem os Estados Unidos podem abrigar esse terrivel flagelo para sempre.

A eterna inquietude humana

HENRY THOREAU, a quem perguntaram uma vez se tinha viajado muito, replicou: «Sim, tenho viajado extensamente na cidade de Concord.»

Aí está, parece-nos, uma solução à inquietude de tanta gente: percorrer os territórios que nos são familiares e descobrir o desconhecido no que é conhecido... Foi o amigo e vizinho de Thoreau em Concord, o arguto Emerson, que escandalizou certa vez os professores da Universidade de Harvard, ao dizer-lhes: «Não me interessa o que é grande, remoto, ou romântico; nem o que vai pela Itália ou pela Arábia; não cogito do que seja a arte grega ou da significação dos trovadores provençais: aproximo-me curioso do que é conhecido e comum, consultando o que é corriqueiro e familiar. Deixem-me perceber a essência do presente, e que fiquem outros com os mundos passados e futuros.»

Não era isolacionismo ou provincialismo o que pregavam os escritores de Concord. Seu pensamento se abria para o mundo. Sabiam mais do que muitos acadêmicos das coisas da antiguidade e das que estão por vir. Mas sabiam também que a inquietude é ditada pela ânsia da alma por alcançar um novo céu e uma nova terra, e isso nada tem que ver com a geografia...

—*The Christian Science Monitor*, citado em *The Editorial Digest*

Adolescentes que, reunidos em parlamento-modelo, sugerem medidas salutares, aprendendo ao mesmo tempo como opera a democracia no processo legislativo

Sementeira de futuros legisladores

(*Condensado de «Liberty»*)

Por Thomas C. Desmond
Senador Estadual de Nova York

NO RECINTO de mármore onde Franklin D. Roosevelt adquiriu sua têmpera de estadista, um rapaz de 16 anos enfrentava o Senado estadual de Nova York, dizendo aos legisladores: «Falo em nome da nova geração, e ela deseja que esta lei seja aprovada.»

Ao ver meus colegas sacudirem afirmativamente a cabeça, senti pela primeira vez que seria aceito o meu projeto de lei sobre exame médico pre-nupcial.

«Senhores,» continuou a voz jovem e calorosa de Irving Birdseye, «bem sabeis que a muitos casamentos, neste Estado, comparece o indesejavel espiroqueta; e que todo ano cerca de treze mil homens e mulheres sifilíticos obtêm licença na Pretoria. Cabe a vós pôr um paradeiro a esta situação.»

Na qualidade de membro de um dos «parlamentos juvenís» patrocinados pela Associação Cristã de Moços, Irving Birdseye havia preparado uma emenda ao projeto. Examinei-a, gostei dela e apresentei-a na capital do Estado. Os puritanos e os ignorantes queriam opôr-se, e pedí a Irving que viesse cooperar comigo.

«Em nosso parlamento-modelo o projeto foi unanimemente aprovado,» ouví-o dizer aos senadores. «Somos nós, os jovens, e não os de vossa geração, que vamos casar-nos de acordo com esta lei, se ela for aprovada.»

O projeto foi transformado em lei. E hoje, dez anos depois, sabemos que milhares de pessoas foram salvas da infelicidade por esse dispositivo legal.

Irving Birdseye figurava entre centenas de rapazes e moças que, nesses «parlamentos», acham oportunidade de desenvolver seus dotes de liderança e de aprender, por experiência própria, os processos legislativos. Iniciado em Nova York há doze anos, o movimento, que se estendeu a vários pontos do país e hoje funciona em onze Estados norte-americanos, parece-me ser um dos passos mais promissores em direção a uma democracia esclarecida.

Todos os anos, pelo outono, meu escritório é assaltado por jovens constituintes ardorosos, eleitos membros do parlamento-modelo pelos respectivos clubes.

Entre esses jovens legisladores estava a lourinha Nancy Hallas, cujo objetivo de momento consistia em melhorar os almoços servidos aos alunos. Envergando, à guisa de toga senatorial, uma camisa branca solta sobre «macacões» azuis, ia de classe em classe nas escolas, fazendo uma pergunta curta e incisiva: «Você gosta do almoço servido aquí no colégio? Se não gosta, qual é o motivo?» Terminado o inquérito, pediu-me que a ajudasse a obter apoio do governo do Estado, no sentido de fornecer aos escolares um almoço barato e substancial. «O concessionário,» disse ela indignada, «enche a gente de doces e bolos; assim ninguem come uma refeição sadia.»

Vinha eu tentando, havia muitos anos, que se legislasse a esse respeito no Senado estadual. Nancy levara seu projeto vitoriosamente de discussão em discussão, desde o clube do ginásio que frequentava, até o triunfo no embate final, isto é, no parlamento juvenil, que funcionava solenemente na sala de mármore do palácio. Apoiado pelo testemunho de Nancy, pude finalmente persuadir meus colegas a aprovar uma subvenção para os almoços escolares. Desse modo, em grande parte graças a Nancy Hallas, as crianças das escolas de Nova York recebem agora, ao almoço, leite, sopa, carne e legumes.

A idéia desses parlamentos juvenís coube a Clement A. Duran, membro veterano da Associação Cristã de Moços, que hoje faz frequentes viagens pelos Estados Unidos, a organizar os grupos e a ajudar os jovens legisladores, obtendo para estes a cooperação de industriais, funcionários públicos e professores universitários.

Antes de ser examinado por um «parlamento juvenil», qualquer projeto tem de ser primeiro discutido e votado num clube de menores. Uma vez aprovado pelo clube, o projeto vai para um «parlamento-modelo» municipal, onde os jovens legisladores se reunem com as autoridades locais para o exame de problemas sociais e políticos do momento.

Alem disso, uma vez por ano, num fim de semana, os jovens se reunem para legislar no edifício do Senado estadual. Não se trata de farsa para publicidade; tudo se passa num ambiente de seriedade e ação. O próprio governador, bem como membros de seu gabinete, falam à assembléia.

Os ideais dessa gente jovem se refletem nos projetos de lei que aprovam. O que desejam é obter melhor ensino, melhor salário para os professores; aulas obrigatórias sobre o manejo de automoveis, cursos corretivos de dicção, e bolsas de estudos para jovens talentosos que não têm com que pagar o curso superior. No «parlamento-modelo» da Geórgia apresentaram um projeto pelo qual todos os manuais de ensino de ciência teriam de ser revistos e re-editados de dois em dois anos, afim de se manter em dia com as novas invenções e descobertas.

Desejam tambem uma série de outras medidas, que visam, por exemplo, melhorar as condições sanitárias nos restaurantes, reforçar as precauções contra incêndios, e assim por diante.

Em muitos Estados, a ação desses pequenos parlamentos é frequentemente citada nos debates do Congresso. Certa vez, opondo-se um senador a um projeto de seguros para os atletas das escolas, um colega levantou-se e alegou: «V.Excia. parece ignorar que os parlamentos juvenís de sua própria cidade já aprovaram o projeto.» O senador pediu então que lhe dessem tempo para sondar a atitude da população local, e finalmente modificou seu voto.

Muitos legisladores, que a princípio olhavam para os esforços desses estudantes com um sorriso de superioridade, aprenderam a colher, nas sessões juvenís, idéias que prazerosamente punham em prática. Em Nova York, diversas propostas, adotadas por colegas meus no Senado e na Assembléia, haviam sido apresentadas pelos jovens. Citarei algumas leis que visavam, por exemplo, uniformizar as regulamentações do tráfego, aumentar o número de bolsas escolares concedidas pelo Estado, e melhorar o aparelhamento de proteção contra incêndios nos hotéis e casas de apartamento.

Em um ou dois Estados, os parlamentos juvenís aprovaram projetos de lei concedendo direito de voto a partir dos 18 anos de idade. Mas os de Nova Jersey tinham suas dúvidas. Após longo debate o parlamento juvenil (onde a idade média é 17 anos) viu-se dividido em dois grupos, com empate de opinião. Coube ao presidente do «Senado» dar o voto de desempate, e ele votou contra. Vários outros parlamentos juvenís têm revelado suficiente bom-senso para reconhecer que muitos rapazes e moças de 18 anos não têm ainda maturidade bastante para exercer o direito de voto.

Em questões de preconceito racial, esses adolescentes são menos infantís que seus colegas da geração mais velha. O parlamento-modelo do Minesota conta com dois rapazes negros, dois descendentes de chineses e um de japoneses. Em Nova Jersey, um rapaz negro apresentou um projeto de lei visando eliminar a discriminação racial na indústria; isto provocou acalorado debate no Congresso Estadual, que acabou, aliás, aprovando um projeto semelhante. Hoje, o Estado todo se orgulha de sua lei que regula a matéria.

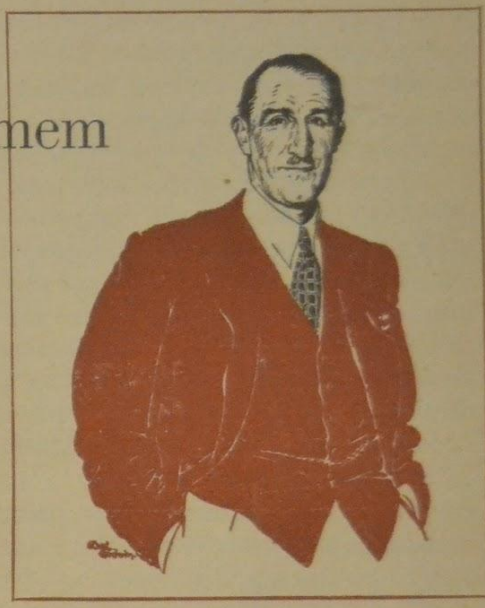
Quem acompanhar as atividades dessas agremiações há-de convir em que a democracia estará bem amparada nas mãos dos jovens de hoje, pois eles têm o «sentido» do governo democrático, reconhecem-lhe o valor e preparam-se para salvaguardá-lo.

ANTIGAMENTE, o homem que economizava dinheiro era tachado de avarento; hoje... é um mágico.

—*Sunshine Magazine*

Filosofia de um homem de ação

Por J. P. McEvoy



«APRENDÍ com meu pai que é tolice pôr todos os ovos numa só cesta,» diz J. Arthur Rank, que possui maior variedade de grandes empresas do que qualquer outro indivíduo do Império Britânico, contando-se entre elas desde uma fábrica de farinha até estúdios cinematográficos. «Arranje uma porção de cestas, dizia meu pai, e ponha uma boa galinha poedeira em cada cesta; assim terá sempre ovos em grande quantidade.»

Não esqueçamos a razão das coisas

Ao SAIR, certa noite, de um de seus cinemas, Rank pôs-se a refletir: «Não foi a fita que me deu este mal-estar; portanto, deve ter sido a cadeira. Temos de arranjar coisa mais confortavel.» Os funcionários que enviou às fábricas fornecedoras voltaram com a informação de que os fabricantes achavam as cadeiras satisfatórias. «Pois eu não acho,» disse Rank. «Vamos fabricá-las nós mesmos.» O público tinha quanto às cadeiras a mesma sensação experimentada por Rank. Assim, suas novas companhias em pouco tempo dominaram esse ramo industrial nas Ilhas Britânicas.

«Muitas vezes os homens de negócio se esquecem de indagar o *porquê* fundamental no seu ramo. A finalidade duma fábrica de cadeiras não é apenas produzir a mercadoria e ganhar dinheiro; é produzir cadeiras confortaveis. O fabricante que se esquecer desse pormenor há-de descobrir um dia que está tendo prejuizo.»

O valor de um aperto de mão

RANK certa vez emprestou a Hollywood uma de suas atrizes, que na Inglaterra figurava em segundo lugar como êxito de bilheteria. Não havendo tempo de assinar, antes do embarque da artista, novo e longo contrato de exclusividade, sobre o qual estavam de acordo, Rank propôs: «Troquemos um aperto de mão, por enquanto, e deixemos que os advogados tratem dos papéis com vagar.»

Em Hollywood, depois de fazer tal sucesso que todos os estúdios lhe ofereceram contratos, a estrela finalmente assinou um deles, obrigando-se a fazer um filme «extra» por ano, nos Estados Unidos. De volta à Inglaterra, sabendo que Rank estava zangado, a atriz mandou seu agente explicar que esse filme não afetaria o contrato prévio; aliás, alegou, não assinara documento algum com Rank... «Não há mais contrato algum entre nós,» foi a resposta. «Ainda que você fosse o maior êxito de bilheteria na história do cinema, não me interessaria. Não faço negócios com pessoas para quem um aperto de mão vale menos que um compromisso escrito.»

Para conseguir uma boa poedeira

Depois de organizar a maior cadeia de cinemas no sul da Irlanda, a família Elliman vendeu-a a Rank, que então perguntou: «Quem irá agora dirigir tudo isto?» O velho Elliman sugeriu alguns nomes. «Esses são os melhores?» «Os melhores não,» respondeu Elliman. «Claro que os melhores somos meus filhos e eu; pois não fomos nós que organizamos a empresa que acabamos de vender?» «Se é assim, por que não a dirigem vocês mesmos? Parte de meu pagamento a vocês será feita em ações; portanto, vocês têm tanto interesse quanto eu em que os cinemas sejam bem dirigidos.» Elliman finalmente concordou. «Mas quanto receberemos pela gerência?» perguntou a Rank. «O que vocês acharem justo.» Os Elliman, negociantes afiados, trataram da questão entre si, com tal preocupação pelo interesse da empresa, que Rank esfregou as mãos de contente: «Ficaram pela metade do preço que eu pagaria se a iniciativa tivesse sido minha...» E acrescentou: «Não basta arranjar um novo cesto; é preciso atrair a melhor galinha e persuadí-la a sentar-se nele...»

Muitas vezes o «Chefe» é quem erra

O pai de Rank, que iniciara a fortuna da família com uma fábrica de farinha, ensinou o filho a lidar com as pessoas de temperamento difícil. «Meu pai tinha entre seus funcionários um homem engenhoso,» conta Rank, «brilhante e inventivo, que não se contentava com o trabalho intelectual: desejava dirigir um dos moinhos. Depois de tentar dissuadí-lo, meu pai afinal cedeu. Não tardou que o moinho desse prejuízo. O rapaz continuava produzindo idéias, mas não havia ninguem a seu lado que fosse capaz de escolher algumas dentre as melhores, afim de pô-las em prática e levá-las a bom termo.

«Os sócios insistiam em que o despedissem. Meu pai opôs-se, alegando: —Despedí-lo e deixar que nossos concorrentes se apossem dum homem desse calibre? Muitos chefes despedem o empregado que falha numa tarefa imprópria para ele, quando deviam cogitar: quem sabe se eu é que falhei e não lhe dei tarefa adequada? Não; vamos felicitá-lo, aumentar-lhe o salário, e dar-lhe novamente a função de colaborador intelectual.

«E meu pai orgulhosamente apontava o homem engenhoso, que ele restituira ao antigo cargo e que brilhava então, mais que nunca, com suas idéias.»

Tratamento de choque

Rank esteve uma vez muito doente, com o coração quase parando. Os maiores médicos da Inglaterra estavam à sua cabeceira, e um deles propôs, como último recurso, que instilassem na garganta do doente um enorme gole de conhaque puro. A reação foi violenta e milagrosa: o coração pôs-se novamente a bater com força. Quando os amigos caçoam com ele por ter tido a vida salva com um gole de conhaque—ele, autêntico abstêmio—Rank sorrí e diz: «Se eu não fosse abstêmio, acham que um gole de conhaque teria tido a força suficiente para reanimar meu coração?»

Lição de Catecismo

Rank resolveu dedicar-se à indústria cinematográfica por ter verificado que as crianças da Igreja Metodista, às quais ensinava catecismo nos domingos, estavam mais interessadas em fitas de cinema que nas lições da Bíblia. «Se assim é, não seria mau dar lições bíblicas por meio de filmes,» observou Rank com seu habitual espírito prático. Imediatamente passou a procurar material adequado. Como no caso das cadeiras de cinema, não achou no mercado coisa que o satisfizesse. «Pois bem, eu próprio farei as fitas,» resolveu. Se assim o disse, melhor o fez. Ainda hoje produz filmes para crianças, exibindo-os semanalmente, aos sábados, por toda a Grã-Bretanha.

Tempos depois, Rank sentia-se muitas vezes desalentado ao ver as fisionomias inexpressivas dos seus jovens alunos de catecismo, ao tentar explicar-lhes como a religião nos pode dar o sentimento da harmonia com Deus. Numa de suas viagens de negócios aos Estados Unidos, viu numa vitrina, em Nova York, um objeto que lhe agradou; comprou-o e levou-o para a Inglaterra. Havia em seus olhos um lampejo de confiança e ânimo quando de novo enfrentou sua classe de catecismo: «Lembram-se do que eu lhes disse, que Deus está sempre à nossa volta e que se nos portamos bem poderemos ficar em harmonia com Ele e conhecê-Lo? Vocês não acreditam?» As fileiras de cabecinhas se ergueram para ele, rostos impassíveis, como se fossem apenas umas pamonhazinhas.

«Vocês acreditam que o ar à nossa volta está cheio de música, neste momento?» Os meninos olharam para ele e depois uns para os outros. Claro que não havia música alguma no ar. Rank então, disfarçadamente, pôs a mão no bolso e em um segundo o ar se encheu de música. As crianças entreolharam-se espantadas. Rank tirou do bolso o rádio-miniatura que comprara em Nova York e explicou-lhes: «A música estava no ar o tempo todo, mas foi preciso esta maquinazinha, adequadamente sincronizada, para que vocês pudessem ouví-la.» E concluiu triunfante: «Deus está à nossa volta, da mesma forma que a música; mas precisamos sincronizar-nos com Ele afim de conhecê-Lo.»

A escada das orações

PRECISANDO de uma sede para seus funcionários de categoria, Rank comprou a enorme casa do Duque de Abercorn, no bairro de Mayfair, em Londres. Havia nela um magnífico elevador elétrico usado por todos, menos Rank, que sempre subia e descia os degraus da elegante escadaria em espiral. Um dia lhe perguntaram por que não usava o elevador. «Porque seria facil demais,» respondeu. «Eu assim me esqueceria. Prefiro usar minha escada de orações.» «Sua o quê?» Rank explicou: «De manhã, subo as escadas porque assim tenho tempo de rezar—pedindo a Deus que minhas decisões do dia estejam à altura de minha responsabilidade em relação aos 30 mil funcionários que trabalham em minhas empresas no mundo inteiro, e aos milhões de pessoas que assistem aos nossos filmes. À noite, desço a escada para lembrar-me de agradecer a Deus, que me guiou os passos através da labuta cotidiana.»

Silêncios prolongados

RANK tem o hábito de sentar-se recostado ao espaldar da cadeira e ficar em silêncio, talvez de um a cinco minutos, sempre que, numa reunião, tem de tomar alguma decisão séria. Os que o conhecem conservam-se em silêncio absoluto, à espera. Os negociantes mais inteligentes, dos dois lados do Atlântico, sentem-se desnorteados com esses longos períodos de meditação. «Que se passa na cabeça de Rank?» perguntam. «Que processo oculto emprega ele para pesar todas as circunstâncias e tomar uma resolução que é sempre tão acertada?»

Quando lhe perguntaram sobre este hábito, Rank respondeu com uma simplicidade que desarmava: «Primeiro, fico apenas sentado, descansando. Depois tento varrer de meu espírito, sistematicamente, todas as razões pelas quais desejo concordar ou discordar. Não fico pesando os argumentos, nem computando algarismos. Ao contrário, liberto-me deles. O mais dificil problema dos nossos tempos é conservar o raciocínio livre de todos os acessórios que a civilização fornece aos homens afim de aumentar-lhes a persuasão. Finalmente indago a mim mesmo: isto estará certo, ou errado? Nada mais. Quer se trate de um milhão de libras, ou de alguns vintens, uma decisão é sempre certa ou errada. Quando consigo reduzir o problema a esses termos, estou em condições de decidir numa palavra—sim ou não. É disso que se ocupa o meu espírito...»

OS ELOGIOS são como os perfumes—para aspirar, não para beber.
—Charles Clark Munn

NOVA ARMA CONTRA A LEPRA

Por Lois Mattox Miller

A NOTÍCIA como que veio levantar a poeira dos séculos: graças a novos compostos químicos, remotamente aparentados com as sulfas, tornava-se enfim possivel deter a lepra. No curso de 1946 e 47, muitos doentes foram tratados com êxito, nos Estados Unidos, no Leprosário Nacional de Carville, na Louisiana, e receberam alta. O falecido dr. Guy H. Faget, afamado leprologista de Carville, declarou entusiasmado: «As sulfonas detiveram mesmo os casos mais desanimadores.»

A maioria das pessoas ainda hoje teme o «toque dos leprosos» e considera a lepra como a mais contagiosa das pragas infecciosas: não obstante, segundo sanitaristas abalizados, a lepra é de fato (pelo menos para outros que não as crianças de pouca idade) muito menos contagiosa do que a tuberculose e um sem-número de outras doenças infecciosas mais comuns. O falecido dr. Richard C. Cabot, na Universidade de Harvard, afirmava que a lepra «é uma das doenças menos contagiosas, e todos os dias estamos expostos a outras que o são em muito maior grau.» Com efeito, é muito significativo que, durante 52 anos, nem uma só enfermeira, nem um só médico do Leprosário Nacional haja contraído a lepra.

A maneira pela qual esta doença se transmite ainda hoje constitui um mistério. O micróbio da lepra—*Mycobacterium leprae*—foi descoberto em 1873 pelo cientista norueguês dr. G. Armauer Hansen, e oferece flagrante semelhança com o bacilo da tuberculose. Desde essa época já distante, todas as pesquisas sobre a transmissão da lepra têm esbarrado em um obstáculo insuperavel: a completa inviabilidade de todas as tentativas feitas para provocar a infecção em animais de laboratório, e até mesmo nos voluntários que têm arriscado a vida pelo bem da humanidade.

O bacilo da lepra, ao que parece, pode permanecer incubado durante muitos anos no organismo humano, antes de produzir quaisquer sintomas. Em seguida, ataca a pele, outros tecidos e orgãos superficiais, e os nervos periféricos.

Há dez anos, uma equipe de cientistas dos laboratórios Parke-Davis provocou nova agrupação das moléculas de uma das sulfonas, conseguindo assim um novo composto químico a que deram o nome de *promina*. Ensaiada em cobaias tuberculosas, a promina parecia constituir a quimioterapia há tanto tempo procurada para a tuberculose. Quando aplicada, porem, aos seres humanos, redundou em grande decepção.

No Leprosário de Carville, entretanto, o dr. Faget começou a empregar a promina no tratamento experimental da lepra. Injeções diárias, em massa, por um período muito prolongado—ano e meio ou mais— foram reduzindo as inchações, limpando as manchas, e até provocaram a cicatrização de lesões. Nos casos de maior êxito, o exame microscópico revelava mesmo que os bacilos haviam desaparecido por completo. A doença, porem, não se considera *detida* (os médicos evitam a palavra «cura») enquanto o paciente não se houver submetido durante doze meses a exames repetidos, todos com resultado negativo.

Nesse ínterim, pesquisas mais detidas tiveram por fruto duas outras drogas relacionadas com a promina: a diasone e o promizole, que podem ser ministradas sob a forma de comprimidos. Em fins de 1947, o Leprosário de Carville deu alta a 35 doentes tratados com promina, e a dez tratados com diasone. Esses remédios estão sendo usados com idêntico êxito na famosa Colônia Kalaupapa, em Molokai, no Havaí.*

As autoridades sanitárias norte-americanas calculam que o número das pessoas atacadas de lepra nos Estados Unidos ande por um a dois mil. Julga-se que muitos desses doentes ocultam deliberadamente a enfermidade, devido ao injustificavel horror que sempre a acompanha. Ainda no ano passado, o Conselho Nacional de Lepra recomendava que se abandonasse a segregação dos leprosos, exceto como último recurso nos casos extremos. Em vez da segregação, o Conselho propunha que se instalassem centros de diagnóstico e tratamento na Florida, no Texas, na Louisiana e na Califórnia, onde se registra a maioria dos casos conhecidos nos Estados Unidos. Paralelamente, nota-se hoje uma tendência a pôr de parte o nome nefando de lepra, substituindo-o pelo de «mal de Hansen», em homenagem ao norueguês ilustre que descobriu o respectivo microorganismo.

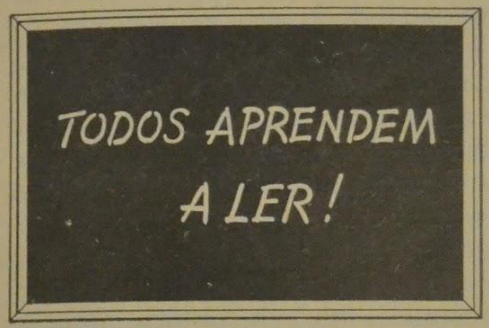
*Vide «Cinquenta anos depois—o leprosário do padre Damião», Seleções, março de 1948.

O meu cão

GOSTARÍAMOS de assinalar a todos os ensaistas a clareza, concisão e interesse das seguintes palavras escritas por um menino de oito anos, John Morrison, de Rochester, Nova York, sob o título «O que significava para mim o meu cão»: «O meu cão significa um ente querido, de quem eu gosto de estar perto. Não diz *Faça*, como mamãe, ou *Não faça*, como papai, ou *Preste atenção*, como meu irmão mais velho. O meu cão e eu nos sentamos calmamente, um ao lado do outro, e eu gosto dele e ele de mim.»

—Citado no *Times*, de Chattanooga

«Sensacional descoberta em pedagogia»



Albert Edward Wiggam
Autor de «The Marks of an Educated Man», «The Fruit of the Family Tree», etc.

A DRA. GRACE FERNALD, psicóloga em Los Angeles, viu certa tarde entrar em seu consultório um garoto tímido, de seus onze anos, que lhe entregou uma nota de um inspetor de instrução pública, pedindo-lhe atestar oficialmente que o menino era debil mental e deveria ser transferido para um estabelecimento especializado. A doutora Fernald verificou que o menino, embora incapaz de ler uma única palavra, reagia como uma criança normal nos testes que não requeriam leitura. Escreveu, portanto, a palavra «normal» no cartão, e mandou o pequeno de volta à escola.

Daí a uma hora o garoto voltava com o mesmo cartão, no qual havia sido aposto o seguinte comentário lacônico: «Se acha que este menino não é debil mental, por que a senhora não experimenta ensinar-lhe alguma coisa?»

A dra. Fernald aceitou o desafio e, graças a uma descoberta extraordinária, finalmente ensinou o «debil mental» a ler e o devolveu à escola, onde rapidamente se desenvolveu. A esse episódio realmente notavel, o Professor Lewis M. Terman, diretor do Departamento de Psicologia da Universidade de Stanford, na Califórnia, chama «uma sensacional descoberta em pedagogia».

Muitos alunos de escola primária que são reprovados antes de atingir o fim do curso devem o insucesso somente ao simples fato de que não conseguem aprender a ler, embora não se verifique neles nenhum defeito da vista ou da inteligência. Muitos estudantes universitários, de ambos os sexos, não chegam a formar-se. Grande parte desses fracassos são devidos à mesma causa: os estudantes encontram grande dificuldade em ler. Psicólogos competentes avaliam que milhões de adultos de inteligência normal, nos Estados Unidos, se não são analfabetos, lêem mal, sem compreender. É essa a única razão por que essas pessoas são mal sucedidas em toda atividade que requeira leitura.

Entretanto, essa imensa e contínua tragédia humana pode ser evitada. *Todo indivíduo pode aprender a ler facilmente e bem.* Podemos agora dizê-lo com segurança, baseados na descoberta feita no Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, pela doutora Fernald e sua assistente, a senhora H. B. Keller.

À semelhança de tantas descobertas científicas, esta se fez aparentemente por acaso. «Durante três meses inteiros,» disse-me a dra. Fernald, «ten-

tamos, por todos os métodos conhecidos, ensinar àquele menino alguma coisa, mas não conseguíamos nem sequer fazê-lo reconhecer o próprio nome. Não conseguia ler os cartazes nem os letreiros dos bondes, e para chegar à universidade precisava distinguir os veículos pelas cores. Experimentamos as chamadas cartas-relâmpago, cada uma contendo uma única palavra, escrita em letras grandes; dá-se ao aluno uma palavra para observar, embaralham-se as cartas e depois apresenta-se-lhe a mesma carta. Mas, por mais vezes que eu lhe mostrasse a palavra, ainda não a reconhecia.

«Um dia mostrei-lhe um cartão com o vocábulo *terra*, e ele disse imediatamente: —Isso aí é terra. —Pensei que fosse por acaso, e novamente lhe apresentei o cartão. Pois ele repetiu: —Isso aí é terra. —Perguntei-lhe como sabia. —Não sei. Só sei que é *terra*.

«Perguntei à minha assistente o que teríamos feito com aquela palavra para torná-la diferente, talvez, das outras. Disse-me ela: —Não sei. Só me lembro que você ontem, no auge do desespero, escreveu *terra* no quadro negro, pegou a mão do menino e mandou que ele seguisse com os dedos o *desenho* das letras.

«Lembrei-me do método Montessori, de acompanhar o traçado de *letras* isoladas, o que, segundo penso, prejudica a aprendizagem das *palavras* propriamente ditas. Pois bem, levei novamente o menino para o quadro negro e mandei que ele seguisse com os dedos o desenho de *palavras inteiras* —*casa*, *mesa*, e assim por diante. Verifiquei que ele era capaz de reconhecer mais tarde as palavras cujo traçado tivesse seguido *como um todo*.

«Estimuladas por essa descoberta, continuamos a trabalhar intensamente em formar-lhe um vocabulário; e ao fim de cinco meses convidamos seus antigos professores para ouvirem o «debil mental» ler. A princípio não quiseram acreditar que ele estivesse, de fato, lendo. Deram-lhe livros de anatomia, fisiologia, história, arqueologia. O menino surpreendeu os presentes, lendo palavras técnicas sem dificuldade. Depois dessa sessão, voltou para a mesma escola em que fora continuamente reprovado e concluiu o curso primário em prazo curtíssimo, mesmo para um aluno normal.»

A sessão memoravel marcou época, não só nos meios pedagógicos, como tambem na vida de milhares de crianças que atravessavam a escola prisioneiras da ignorância, muitas delas realmente encarceradas, em virtude de terem sido levadas ao crime pelos grilhões mentais. É claro que são poucos, nas escolas, os alunos absolutamente incapazes de ler; mas os que lêem *mal* são numerosos.

O mais triste é que essas crianças sejam geralmente consideradas como retardadas; ora, na verdade, aprendem, se bem que de maneira diferente, isto é—para usar a expressão técnica—aprendem pelo método «cinestésico». Em lugar de aprenderem pelos olhos e pelos ouvidos, aprendem através dos músculos e dos nervos. Aprendem fazendo e sentindo, com todos os sentidos físicos, e assim aprendem melhor,

gravando as coisas mais profundamente. Uma vez aprendida uma palavra, jamais erram na ortografia. Estudando aritmética por esse método, parecem *sentir* a solução do problema, quase como se o agarrassem com os músculos; e assim tornam-se mais peritas em contas que as crianças comuns.

Desde a sua descoberta, a dra. Fernald e a sra. Keller têm recebido inúmeras dessas crianças em condições análogas, vindas não só das escolas de Los Angeles como de todos os pontos do mundo. (A propósito: verificaram, em suas observações, que as crianças incapazes de ler são todas do sexo masculino, mas que tambem entre meninas existem algumas *quase* incapazes. Aliás, por alguma razão desconhecida, a maioria das crianças totalmente incapazes de ler são canhotas.) Quase todos esses maus ledores ou analfabetos tinham sido reprovados várias vezes e tão ridicularizados e repreendidos, que se envergonhavam de tentar novamente. Mas a dra. Fernald ensinou-lhes a ler à perfeição. Um homem de 38 anos, que jamais conseguira ler alem de umas quantas palavras, ficou tão entusiasmado e lia tão constantemente, que a dra. Fernald teve de interromper-lhe a aprendizagem, temendo que ele tivesse um colapso nervoso...

Outra de suas «curas» foi um rapaz, William J____, o qual estivera no reformatório estadual, classificado como «incorrigivel». Em cinco anos de escola não conseguira aprender nada e só sabia ler o próprio nome quando abreviado para *Wm*; e mesmo assim, com o *m* sublinhado. A dra. Fernald explicou a outro menino, tambem interno do reformatório, como ensinar William pelo método de seguir com o dedo o desenho das letras das palavras. O colega aplicou o método tão bem que William fez três anos escolares em três meses. Em pouco tempo pôde dar por terminado o curso especial, e tornou-se um dos melhores alunos da sua escola, em vez de entregar-se à delinquência e mesmo, provavelmente, ao crime.

A melhor maneira de descrever o método Fernald será contar o que presenciei do ensinamento ministrado a Donald, rapaz de 17 anos, que tivera vários professores particulares e, ao fim de 11 anos de escola, não aprendera absolutamente *nada*. Era-lhe impossivel arranjar emprego, pois não sabia ler as etiquetas de preço, nem notas de venda, nem rótulos.

Primeiro a dra. Fernald aplicou-lhe um teste de inteligência, que indicou capacidade mental acima da média. A seguir disse-lhe: «Temos um método pelo qual você pode ler e aprender como qualquer outra pessoa, um método que *nunca falhou*. Agora diga-me, que é que mais lhe interessa?» «O Serviço Secreto,» respondeu Donald imediatamente. A dra. Fernald escreveu as palavras *Serviço Secreto* em letras de cerca de oito centímetros de altura e Donald acompanhou seu traçado com os dedos, talvez umas 50 vezes. Ao mesmo tempo, disseram-lhe que *pensasse* nas palavras e as repetisse em voz alta—sílaba por sílaba—à medida que as seguia com os dedos, re-

petindo a palavra toda ao terminar.

Finalmente Donald se dispôs a escrever e o modelo foi retirado de sua vista. Primeiro escreveu «Serv. Scr.» «Muito bem!» exclamou a professora, que lhe deu então, novamente, o modelo. Donald desenhou-o várias vezes e, ao fim de cerca de três horas, escreveu perfeitamente a sentença: «Estou interessado no Serviço Secreto.» Isso ele jamais conseguira fazer durante os 11 anos que passara na escola! Uma vez aprendida a sentença, as palavras foram batidas à máquina para que ele comparasse a letra de forma com o cursivo. É sempre necessário que os alunos vejam as palavras em letra de imprensa. Daí em diante, Donald continuou aprendendo palavras novas por esse método. Esse período de ensino especial dura apenas de quinze a vinte dias, para algumas crianças; para outras são precisos dois meses, e às vezes mais.

Gradualmente Donald foi desenvolvendo a capacidade de aprender vocábulos novos diretamente do modelo impresso. Depois, passou a aprender sem escrevê-los antes, e começou a ler trechos de livros. Assim chegou ao estágio final, em que adquiriu confiança absoluta e quis abordar toda espécie de leitura. Desse ponto em diante o desenvolvimento mental está nas mãos do próprio estudante, ou melhor, depende de seu espírito emancipado.

A dra. Fernald acentua a importância de três precauções a tomar na aplicação do seu método. A criança tem de ser separada dos antigos companheiros, pois o longo insucesso perante os professores e colegas fazem-na recear novas tentativas. Enquanto não conseguir ler com perfeição, não deve jamais ser forçada a ler na presença de outras pessoas. Acima de tudo, *toda criança que inicia esta espécie de treinamento tem de continuar o curso até o fim*—isto é, até a fase *em que pega um livro e lê espontaneamente.*

«Nunca se pode saber quando chegará esse dia,» diz a dra. Fernald. «Muitas vezes chega com surpreendente subitaneidade. O porquê, é um mistério; mas, tanto para nós quanto para o próprio aluno, parece um milagre. Muitas vezes, depois de passarmos semanas ou meses formando o vocabulário duma criança, palavra por palavra, ei-la um dia, de repente, sem nenhuma indicação prévia, a ler em voz alta os termos mais compridos, mais complicados, tão bem quanto um universitário. Frequentemente ouvimos exclamarem com incontida alegria:—Conseguí ler sozinho! conseguí ler sozinho!

«Alguns chegam a esse ponto em cinco ou seis meses; outros, em dez ou doze. Mas, uma vez alcançado esse estágio, nunca mais o aluno será mal sucedido em aprender qualquer coisa que quiser, durante o resto da vida.»

Só diz «tenho certeza», em altos brados, quem não a tem.
—Ambrose Bierce

A irritação de dois veteranos da guerra dá origem a um negócio de grandes proporções

MÁQUINA QUE SERVE CAFÉ COM LEITE

(*Condensado de «Forbes»*)

Por Don Wharton

Em certa manhã de 1944, dois jovens aviadores norte-americanos trabalhavam num aeroporto militar. Tratava-se do tenente Lloyd Rudd, veterano da campanha de Guadalcanal, e do cabo Cy Melikian, que fora mecânico de vôo de um B-17. Cansados, resolveram interromper sua tarefa para tomar um café, mas, ao chegar à cantina, depararam com uma nova ordem afixada na parede: «Doravante não se serve café entre as refeições.» Amolados, dirigiram-se a um caça-niqueis, onde conseguiram dois refrescos.

E Rudd comentou, casualmente: «Não seria bem bom se a gente pudesse pôr um niquel de cinco centavos numa dessas máquinas e tirar uma xícara de café?»

Dias depois Rudd e sua senhora foram visitar o casal Melikian, e lhes foi servido o chamado «café instantâneo», isto é, a rubiácea já concentrada, bastando acrescentar-lhe água fervendo na própria xícara. A esse propósito, surgiu na conversa a vaga sugestão que o tenente fizera ao amigo. «E por que não?» perguntou alguem. Não tardou que os dois rapazes começassem a desenhar esboços de sua imprecisa invenção.

Hoje, têm em Filadélfia uma fábrica que produz 40 «caça-niqueis» de café por semana; em 1947, o volume de seus negócios, incluindo a venda de acessórios, montou a mais de um milhão de dólares. Rudd, que conta hoje 27 anos, é filho de um fazendeiro modesto; e Melikian, 2 anos mais velho, é filho de um imigrante armênio. Pois hoje esses dois moços têm 53 empregados (aliás veteranos tambem, em sua maioria). Já se acham em uso mais de 400 de suas máquinas; e a fábrica já recebeu 3 mil encomendas, acompanhadas de «sinais» em dinheiro.

A máquina aquece, eletricamente, um tanque de água com capacidade para 20 litros aproximadamente, e refrigera o leite. Ao colocar-se um niquel de cinco centavos na abertura própria, a máquina «entrega» ao freguês uma colher de madeira; em seguida coloca em posição uma xícara de cartolina, enche-a de água fervendo e café concentrado. Caso o freguês deseje leite ou açucar, basta apertar os respectivos botões.

Disse Henry Ford certa vez que, apesar dos laboratórios modernos, os homens continuariam a ganhar fortunas com a exploração de suas próprias idéias. As de Rudd e Melikian foram desenvolvidas em suas respec-

tivas cozinhas de apartamento, onde trabalhavam, muitas vezes, das 6 da tarde à meia-noite. Com persistência admiravel, ferramentas improvisadas e capital mínimo, venceram afinal todos os obstáculos mecânicos e acabaram por fabricar a primeira máquina, quase toda feita de velhas peças de automoveis.

Já em julho de 1946, tendo sido desmobilizados, Rudd e Melikian estabeleceram sua fábrica em Filadélfia, numa garage. Ao fim do ano haviam conseguido, de vários interessados, 85 mil dólares de capital, mas continuavam a exercer o controle da firma.

Oito meses após terem dado baixa do exército, realizaram a primeira demonstração pública da máquina. Esta vendeu 275 xícaras de café durante uma partida de futebol em Filadélfia. A primeira encomenda de vulto foi de 400 máquinas, no valor total de 300 mil dólares. A seguir uma firma da Califórnia encomendou 800. Uma dessas máquinas está vendendo 350 xícaras por dia aos alunos do Colégio Upsala. Eu próprio vi outra que vendeu 57 xícaras no espaço de dez minutos, num alojamento para soldados em Nova Jersey. Atualmente acham-se instaladas em aeroportos, grandes *magazins*, repartições públicas, fábricas, colégios e universidades nos Estados Unidos.

Rudd e Melikian foram citados pela National Association of Manufacturers (importante associação de industriais norte-americanos) como «um dos mais felizes exemplos, no ano de 1947, das vantagens da livre concorrência».

Opiniões

TODO homem tem direito a errar em suas opiniões, nunca em seus fatos.

—Bernard Baruch, citado em *Pathfinder*

DIR-TE-ÃO: Procura provar que tens razão. Eu direi: Tenta provar que não a tens.

—Louis Pasteur

O HOMEM é um animal gregário, mais ainda do ponto de vista mental que do físico. Embora goste de dar sozinho uma caminhada, sempre deseja que suas opiniões sejam compartilhadas.

—George Santayana

SABER um pouco menos e compreender um pouco mais, eis a nossa maior necessidade.

—James Ramsey Ullman, *The White Tower*

Um ilustre amigo dos árabes e dos judeus propõe uma solução pacífica para o problema da Palestina

SERÁ INEVITAVEL A GUERRA NO ORIENTE MÉDIO?

Por Bayard Dodge

A QUESTÃO da Palestina já não pertence, apenas, à Palestina. Influi, hoje, poderosamente, sobre todos os Estados árabes, o mundo muçulmano, e o Programa de Reerguimento da Europa Ocidental; repercutirá sobre os vitais interesses dos Estados Unidos, o futuro imediato das Nações Unidas, e o próprio esforço conjugado em prol da paz universal.

Ao «recomendar» a partilha da Palestina entre os árabes e judeus, a Assembléia Geral das Nações Unidas previu a vigorosa oposição que se levantaria em todo o mundo árabe. Solicitou, por conseguinte, ao Conselho de Segurança que, munindo-se de toda a sua autoridade, assegurasse o cumprimento da recomendação, inclusive por meio da força armada. Perguntemos, pois, em primeiro lugar:

Tal solução será *viavel?*

Os sionistas afirmam que sim. Alguns de seus líderes admitem a probabilidade de uma «guerra civil local», de pouca duração, depois da qual a resistência árabe desaparecerá.

O DR. BAYARD DODGE, profundo conhecedor das questões religiosas, raciais e políticas do Levante, escreveu este artigo antes que o Conselho de Segurança das Nações Unidas houvesse resolvido qualquer coisa sobre a recomendação da Assembléia Geral relativa à partilha da Palestina; e antes, tambem, da data fixada para a retirada das tropas britânicas da Terra Santa. Não obstante, acreditamos que tão autorizada opinião conserva um alto valor documentário, como poderá julgar o leitor bem informado, à luz dos acontecimentos posteriores.

O dr. Dodge pertence a uma família que tem dedicado talento e fortuna à difusão da cultura e do progresso social no Oriente Médio. Foi reitor da Universidade Americana de Beirute, no Líbano, de 1923 a 1948.

Os árabes, por sua vez, asseguram que resistirão indefinidamente, se for constituido um Estado judeu com liberdade para receber um número ilimitado de imigrantes israelitas. O

chefe do governo de um país árabe, vizinho da Palestina, disse, recentemente, a um norte-americano amigo meu:

«Lutaremos sem desfalecimento até expelir da Palestina o Estado judeu. Quando morrermos, passaremos o facho da resistência a nossos filhos. Anos e anos, que poderiam ser dedicados ao soerguimento dos nossos povos árabes, serão consagrados exclusivamente à luta sem trégua contra o Sionismo.»

Pondo de lado as opiniões das partes mais diretamente afetadas, quais seriam as perspectivas reais do caso?

Quando a visitei, pela primeira vez, em 1910, a Palestina era uma província colocada sob o pesado jugo do Império Turco. Ao percorrê-la, a cavalo, pude testemunhar o esforço tenaz desenvolvido pelas primeiras colônias agrícolas judias patrocinadas por Rothschild. De 1913 a 1948, na Universidade Americana de Beirute, travei relações com um grande número de judeus e árabes, professores e alunos. Muitos dos atuais líderes árabes e judeus do Oriente Médio formaram-se em Beirute.

Tenho visto árabes e judeus ensinando juntos, aprendendo e trabalhando juntos, Hoje, estão lançados em conflito, uns contra os outros. Minha profunda tristeza impele-me a tentar expor os elementos desta tragédia e tambem a sugerir algumas medidas que porventura possam conjurá-la.

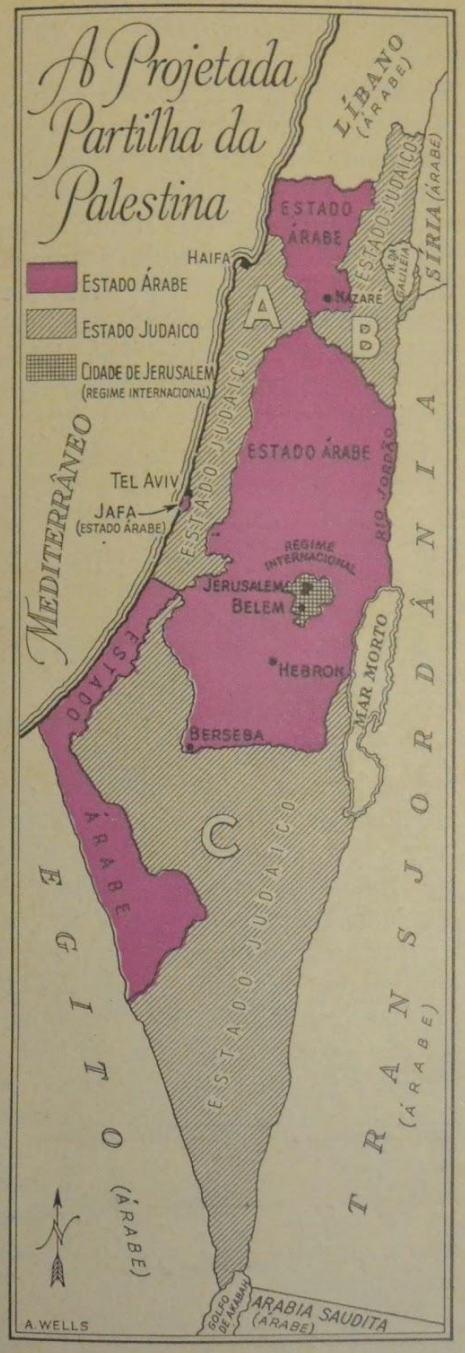
Devo confessar, em primeiro lugar, que a resistência árabe, a meu ver, se caracteriza por um profundo impulso emotivo. Estive, no ano passado, no Líbano, na Síria, no Iraque e no Egito, e em contacto íntimo com amigos oriundos de outros estados árabes. Em todas essas regiões, a reação contra a partilha surpreende pela sua intensidade, sendo, por vezes, tão violenta quanto a verificada entre os árabes da própria Palestina.

Não se trata de um sentimento fomentado artificialmente pelos governos árabes. Ao contrário, esses governos vêm sendo influenciados pelos líderes das cidades e aldeias árabes e, especialmente, pela veemência patriótica dos jovens árabes em idade militar. São esses jovens, aliás, que integram a maioria dos bandos de guerrilheiros que atualmente se infiltram na Palestina.

O relatório de uma testemunha ocular, dirigido ao Presidente do Colégio Americano, em Alepo, na Síria, a 560 km de Jerusalem, revela a profundidade dos sentimentos árabes contra o Sionismo:

«Quando chegaram as notícias da partilha da Palestina, levantou-se, espontânea e irreprimivel, uma onda de violência contra as propriedades dos judeus. Quinze incêndios foram vistos na cidade, ao mesmo tempo.

«A hostilidade do mundo árabe é poderosa e grave. Domina todas as camadas da população. Preparativos de guerra são levados a cabo, tanto pelos guerrilheiros como pelos próprios exércitos dos Estados árabes. Não posso, pois, acreditar que os povos árabes se limitem a clamar, por algum tempo, e depois esquecer. Estão apossados de um furor mortal.»



Desde a Primeira Guerra Mundial, judeus e árabes vêm esgrimindo reivindicações com referência à Palestina. Os judeus alegam que seus antepassados, sob as ordens de Josué, conquistaram a Palestina mais de mil anos antes de Cristo. Os árabes retrucam que os judeus foram posteriormente dispersados pelos assírios, babilônios e gregos, tendo sido virtualmente eliminados da Palestina pelos romanos no ano 135 da Era Cristã, ficando, assim, o país entregue aos chamados «árabes» que, há mais de 1.800 anos, constituem a esmagadora maioria da população.

Tanto os judeus como os árabes apelam para as promessas que lhes foram feitas durante a Primeira Guerra Mundial, quando a Palestina era ainda uma província do Império Turco. Em 1916, Sir Henry McMahon, em nome da Inglaterra, prometeu a independência a vastas regiões árabes; e os árabes alegam que a Palestina estava incluida nessas regiões. Mas, em 1917, Arthur Balfour, tambem em nome da Inglaterra, prometeu aos ju-

deus estabelecer-lhes um «lar nacional» na Palestina; e, segundo alegam os judeus, Balfour e Lloyd George esperavam que esse «lar» se desenvolvesse, transformando-se em um Estado judeu na Palestina. À luz dos antecedentes históricos e circunstâncias legais, qual era a validez dessas promessas?

Na Assembléia Geral das Nações Unidas, os árabes propuseram que a questão fosse submetida à Corte de Justiça Internacional para uma decisão imparcial. Uma sub-comissão da Assembléia Geral rejeitou a proposta. Dizem os árabes, agora, com crescente rancor: «A Assembléia Geral recusou-se a consultar o Direito Internacional antes de decretar uma ação política internacional contra nós.»

E acrescentam que a ação política tomada era «política» a um extremo quase sem precedentes. A maioria dos diplomatas americanos ou membros dos serviços de inteligência do Exército, que serviram no Oriente Médio, eram contrários à partilha, segundo asseveram os árabes. Esta, entretanto, prosseguem eles, foi apoiada pelos altos expoentes da política, nomeados pelo Presidente dos Estados Unidos, e transformada em «política do Governo norte-americano». Tal política, concluem os árabes, não foi, pois, ditada pelo conselho e pela experiência dos especialistas norte-americanos, mas pelo desejo dos políticos de atrair os votos dos sionistas—judeus ou não—para si ou para os seus partidos, nas eleições norte-americanas.

Prosseguem, ainda, os árabes denunciando os americanos por terem exercido, nas Nações Unidas como em Washington, grande pressão política, econômica e financeira sobre os países que relutavam em apoiar a partilha. Sete países, que se haviam abstido na votação preliminar do Comitê, foram por esse processo induzidos a pronunciar-se a favor na votação final. Sem esses sete votos, a partilha teria sido decisivamente rejeitada. Dez países, inclusive a Inglaterra e a China, ainda se abstiveram.

Os judeus asseveram que foram alvos de grande solidariedade à sua causa, em consequência dos trágicos sofrimentos que lhes foram impostos na Europa; não duvidam, pois, que existe consideravel aprovação popular em todos os países à concessão de um refúgio aos israelitas na Palestina.

Os árabes, por sua vez, declaram que a partilha não representa uma expressão legítima e livre dos países que integram as Nações Unidas. Observam que a população total dos países que votaram a favor da partilha é de 600 milhões, enquanto que a dos países que a ela se opuseram, ou que se abstiveram, eleva-se a mais de um bilhão e cem milhões. Por conseguinte, não podem concordar em que a decisão referente à partilha tenha sido apoiada pela «força moral unificada da humanidade».

Reclamam, finalmente, que os limites da Palestina partilhada são altamente injustos para com o Estado árabe projetado.

Acompanhemos os argumentos observando o mapa.

A PALESTINA tem uma área aproximadamente igual à do Haití. O minúsculo território deverá ser agora dividido em oito fragmentos. Um deles abrange a cidade de Jerusalem e seus arredores, sob o governo do Conselho de Tutela das Nações Unidas. Três fragmentos, dois dos quais sem comunicação direta, deverão constituir o Estado judeu. Três outros fragmentos, dois dos quais tambem sem comunicação direta, constituirão o Estado árabe. O oitavo fragmento é o porto de Jafa, que pertencerá ao Estado árabe, embora totalmente cercado por território judaico.

Os árabes alegam que apenas em uma fração do Estado judeu a população israelita é maior que a árabe. Referem-se ao trecho, ao longo do Mediterrâneo, assinalado no mapa por um «A». Na área assinalada por um «B», há três vezes mais árabes que judeus. Em «C», há apenas 2 mil judeus em comparação com cerca de 80 mil beduinos árabes. O Estado judeu (ou seja, o conjunto dos três fragmentos) terá em sua população, para cada 55 judeus, 45 árabes sob o domínio judaico.

De um modo geral, as montanhas e colinas irão para os árabes e as planícies ferteis para os judeus. O único porto seguro da Palestina no inverno —Haifa—acha-se no Estado judeu.

As frutas cítricas constituem a principal exportação da Palestina. Entretanto, a área cultivada ficará localizada quase toda no Estado judeu, embora cerca de metade das plantações pertença a cidadãos árabes.

Desproporção semelhante favoreceu o Estado judeu na partilha dos demais valores econômicos da Palestina.

Os árabes invocam, em favor da sua tese, o parecer do próprio Comitê Especial das Nações Unidas que fez a redação original do plano de partilha. O Comitê não negou ter delineado um Estado árabe com recursos absolutamente insuficientes e sem meios de assegurar a sua própria manutenção. Assim se expressou o Comitê a esse respeito:

«Deverão ser acolhidas com simpatia as solicitações de assistência feitas pelo Estado árabe a organizações internacionais, sob a forma de empréstimos para serviços sociais de importância vital.»

Em outras palavras, dizem os árabes, o que se propõe é nada menos que a constituição de um Estado árabe destinado à mendicância internacional.

Essas queixas são conhecidas nos Estados árabes com muito mais detalhes que no exterior. Os judeus, por outro lado, alegam, com razão, que pagaram generosamente, e por vezes exageradamente, as terras adquiridas aos árabes; e se julgam, portanto, merecedores de uma consideração especial com relação ao uso dessas terras.

OS OBSERVADORES neutros fazem ver que a palavra «partilha» se presta a uma falsa interpretação. É certo que se pede, a árabes e judeus, que constituam governos políticos separados, cabendo, portanto, ao Estado judeu o direito de permitir a imigração israeli-

ta ilimitada; a Assembléia Geral, entretanto, não ignorava que a verdadeira partilha deixaria em situação gravemente precária os principais serviços públicos da Palestina. As estradas de ferro, as linhas telegráficas e telefônicas, as linhas de transmissão de luz e força cruzam em todos os sentidos os limites intrincados dos propostos Estados judeu e árabe. A água de Jerusalem é proveniente do Estado judeu; em seu caminho para Jerusalem, necessita cruzar o Estado árabe.

Economicamente, a Palestina constitui, sem dúvida, um país. Daí a determinação da Assembléia Geral de que o Estado judeu e o Estado árabe estabeleçam uma «União Econômica». Examinemos, porem, essa União.

Cada Estado palestiniano—o judeu e o árabe—deverá organizar um Conselho Provisório. Cada Conselho indicará três representantes a uma Junta Econômica. O Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, por sua vez, nomeará tambem três representantes. Caberá a estes nove homens a direção da economia inter-estatal da Palestina.

Chegamos, aí, a uma falha fundamental. Os árabes anunciaram que não reconhecerão nenhum detalhe do atual plano de partilha. Não organizarão o Estado árabe, nem o Conselho Provisório, e nem indicarão representantes à proposta Junta Econômica. Resistirão à partilha tanto passiva como ativamente, quer recusando-se a cooperar, quer recorrendo à violência. Que acontecerá então?

No Estado judeu, embora os sionistas organizem um governo, os árabes e beduinos (quase meio milhão de pessoas), radicados na jurisdição desse governo, se recusarão a obedecer-lhe e terão de ser subjugados à força.

No chamado Estado árabe, não haverá governo algum. Os árabes agirão como indivíduos unidos apenas pelo sentimento comum de hostilidade ao Estado judeu.

As forças sionistas do Estado judeu teriam de tentar o patrulhamento do Estado árabe. Neste último, porem, já se estão infiltrando milhares de guerrilheiros oriundos dos sete paises árabes independentes e vizinhos. Os judeus na Palestina são cerca de 600 mil. A população dos Estados árabes independentes eleva-se a cerca de 38 milhões. Os chefes sionistas asseguraram, até há pouco, que as forças judaicas poderiam defender-se com os seus próprios recursos. Agora, sentindo o volume e a pressão do mundo árabe, reclamam o socorro de um exército das Nações Unidas.

Esse exército—segundo autoridades militares neutras—teria de manter um efetivo pelo menos igual ao das atuais forças britânicas de ocupação, ou sejam 80 mil homens aproximadamente. Os guerrilheiros árabes são experimentados na tradicional tática beduina do «surpreender, destruir e desaparecer». O exército das Nações Unidas, afim de destruí-los, teria forçosamente de penetrar em território árabe independente.

Seria essa a centelha capaz de provocar, em toda a Ásia, a eclosão de uma violenta onda de hostilidade contra a Europa e a América. O exército das Nações Unidas teria de ser constituido de soldados das nações européias e americanas, numa espécie de simulacro de nova cruzada cristã contra o Oriente; a reação do Oriente poderia, inclusive, destroçar as próprias Nações Unidas. Os delegados árabes já declaram, no recinto da Assembléia Geral:

«A Carta das Nações Unidas morreu. Foi assassinada.»

Com toda a certeza, a presença de um exército das Nações Unidas na Palestina não só porá em grave perigo o funcionamento de todos os estabelecimentos comerciais e educativos, bem como as concessões de petróleo, mantidas por nações estrangeiras nos paises árabes.

É um grave erro considerar o petróleo do Oriente Médio como destinado, primordialmente, a servir aos Estados Unidos. Pertence ao mundo, e deveria, neste momento, servir especialmente à Europa Ocidental. Afim de esclarecermos esse ponto, objeto de tão viva controvérsia, ouçamos a opinião do dr. Joseph E. Pogue, uma das maiores autoridades mundiais em petróleo.

«As necessidades mundiais de petróleo, nos próximos dez anos, deverão aumentar de 40 por cento. Os Estados Unidos já não podem continuar como um dos grandes fornecedores de petróleo do mundo. Daí a importância crescente, para o futuro do mundo, das grandes reservas de petróleo existentes nos paises do Oriente Médio.

«Entre 1947 e 1951, as companhias petrolíferas estrangeiras deverão empregar 1.650.000.000 de dólares nas instalações do Oriente Médio. Em 1941, a produção prevista será de 1.500.000 barrís diários e atenderá, principalmente, às necessidades da Europa e do Hemisfério Oriental. Essa produção desempenhará papel vital no Plano Marshall, cujo êxito depende de um abastecimento abundante de petróleo para cobrir o grande *deficit* de combustiveis na Europa Ocidental.

«Não será exagero afirmar que esse milhão e meio de barrís diários, transportados principalmente em oleodutos aos portos do Mediterrâneo, farão mais pelo reerguimento industrial da Europa e pela consolidação da paz do que todos os esforços políticos orientados nesse sentido, até esta data.

«Não devemos, tãopouco, perder de vista os benefícios que o próprio Oriente Médio usufruirá. Em 1951, as companhias estrangeiras de petróleo pagarão, aos paises produtores do Oriente Médio, direitos de concessão no valor de 110 milhões de dólares. Empregarão igual soma em salários aos trabalhadores locais e em suprimentos diversos. Desse modo, os paises do Oriente Médio serão beneficiados pelo ingresso, em suas economias, de quase um quarto de bilhão de dólares em 1951.»

Tais recursos são essenciais ao Oriente Médio, como o são, tambem, os projetos das companhias de petróleo, que abrangem a construção de novas refinarias, de grande capacidade, e a montagem de mais cinco extensos oleodutos. Essas obras con-

tribuirão não só para eliminar o desemprego, como para elevar o nivel de vida das populações do Oriente Médio.

Se esse auxílio de ordem comercial aos paises árabes for sustado, haverá, em lugar do progresso econômico e da estabilidade, crise, confusão, consolidação das esquerdas e um clima propício à revolução social.

Que melhor oportunidade poderia a Rússia desejar, para levar a cabo a sua antiga e constante ambição de alcançar as «águas tépidas» do Golfo Pérsico, através dos territórios do Oriente Médio? Stáline declarou ser o Golfo Pérsico o «centro das aspirações da União Soviética». Muitos perguntarão: por que razão a Rússia votou em favor da partilha, na Assembléia Geral? A resposta básica foi dada pelo comentarista Constantine Brown, no jornal *Post*, de Washington.

«Se a Rússia conseguir separar os árabes dos Estados Unidos, terá alcançado uma vitória estratégica permanente.»

Muitos americanos se regozijaram pelo fato de que, a propósito da partilha, os Estados Unidos e a Rússia votaram, pela primeira vez, no mesmo sentido. Não se aperceberam de que, naquele dia, se abrira o caminho à influência da Rússia sobre uma área estratégica de onde se achava excluida, e que ardentemente cobiçava.

Um ilustre americano, especializado em assuntos do Oriente Médio, declarou, há pouco, ao chegar da Arábia Saudita, que os chefes árabes não simpatizam com as idéias comunistas, mas costumam expressar-se da seguinte maneira, com relação ao governo russo:

«Nós, árabes, esperávamos que os Estados Unidos agissem com toda a correção. Tal não aconteceu. Nunca esperamos idealismo por parte dos russos. Estes são oportunistas. Mas tambem são práticos, e poderíamos entender-nos com eles. A Rússia tem cerca de 30 milhões de muçulmanos em seu território. O jogo atual dos russos com os judeus só pode ser temporário. É lógico que eles querem introduzir muitos milhares de judeus comunistas na Palestina. Mas os judeus nada têm a oferecer-lhes, em comparação conosco. Alem do petróleo, dispomos de uma extensa costa marítima, que vai até à India. Nós e os russos temos vantagens a trocar. *E preferimos aliar-nos aos russos a tolerar a criação de um Estado judeu em território árabe.*»

As possibilidades assim delineadas poderiam tornar-se realidade, mas num futuro remoto. No entanto, os russos têm a ganhar, imediatamente, duas vantagens. Afim de criar um Estado judaico, a partilha da Palestina abre um precedente em favor da partilha da Turquia, para criar um Estado armênio; da partilha do Irã para produzir um Estado azerbadjão; da partilha simultânea da Turquia, do Irã e do Iraque para criar o Estado curdo. Todos esses novos Estados seriam adjacentes à União Soviética; e os agentes soviéticos vêm trabalhando, há tempos, no sentido de criá-los.

A segunda vantagem imediata para a Rússia seria a redução dos suprimentos de combustiveis do Oriente Médio para a Europa, com o consequente enfraquecimento do Plano Marshall, que a Rússia combate abertamente.

Voltemo-nos, agora, para o árbitro supremo da questão da Palestina: o Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O Conselho não está de modo algum obrigado, pela Carta, a aceitar a recomendação da Assembléia sobre a partilha. Tem liberdade legal para reabrir o exame do problema.

Entre os paises que instarão para que o Conselho encontre uma solução que não envolva o uso da força, figuram a Grécia e a Turquia. Ambos votaram contra a partilha na Assembléia Geral. Temem a remessa de um exército das Nações Unidas para a Palestina. O alarma produzido nos círculos oficiais turcos foi descrito nos seguintes termos a um visitante americano digno de crédito:

«Temos os russos ao norte e a leste e a Bulgária a oeste. Se as Nações Unidas enviarem um exército à Palestina, a Rússia poderá exigir que dele faça parte um contingente soviético. Nesse caso, teríamos russos tambem ao sul. Não podemos compreender por que os americanos, que são nossos amigos e nos estão reforçando contra a Rússia, querem expor-nos a esse novo perigo.»

Alguns americanos replicam da seguinte forma:

«No Conselho de Segurança, os Estados Unidos, como membro permanente, têm o direito de vetar qualquer ação proposta. Vetarão, pois, a remessa de um contingente russo e se absterão de enviar um contingente norte-americano. Apoiarão, porem, a constituição de um exército com soldados das potências menores, evitando, assim, o ressentimento dos árabes contra os Estados Unidos.»

Os árabes, entretanto, não ignoram que os Estados Unidos podem vetar o envio de tropas, quaisquer que sejam.

Nem todos os judeus são sionistas e nem todos os sionistas são extremistas. Muitos judeus americanos eminentes opõem-se à criação de um Estado israelita na Palestina. Seu porta-voz é o Conselho Americano Pro-Judaismo. Um consideravel número de sacerdotes cristãos, impressionados pelas profecias do Antigo Testamento, mas sem contacto algum com o Oriente Médio, apoiam o estabelecimento do Estado judaico na Palestina, ainda que à força. O referido Conselho, entretanto, é infenso a tal empresa.

O Conselho, sob a presidência do eminente industrial e filantropo israelita Lessing J. Rosenwald, denuncia o proposto Estado judeu como fruto do «nacionalismo racista» e, por conseguinte, uma ameaça à paz. O Judaismo, prega o Conselho, não é um objetivo político territorial mas sim uma mensagem religiosa universal.

O Conselho pronuncia-se a favor da idéia de um estado palestiniano «multicultural», composto de muçulmanos, judeus e cristãos, com iguais

direitos assegurados a todos os cidadãos. Apoia, igualmente, a idéia de uma tutela temporária da Palestina, por parte das Nações Unidas.

O grande intelectual judeu e meu particular amigo, dr. Judah L. Magnes, presidente da Universidade Hebraica de Jerusalem, sugere a criação de uma «Palestina bi-nacional», com paridade política para judeus e árabes. Explica ele:

«A partilha suscitará ressentimentos por parte de quase todos os árabes e de muitos judeus. Deflagrará a guerra civil. A Palestina não é um país judeu nem tãopouco árabe. É um território internacional e inter-religioso de judeus, muçulmanos e cristãos. Não desmembremos esse país. Não separemos os árabes dos judeus. Façamos da cooperação judaico-árabe o principal objetivo da política internacional, e a reação, tanto dos judeus como dos árabes, será cada vez mais construtiva.»

O famoso rabino americano Morris S. Lazaron acha que a Palestina árabe-judaica federalizada deveria unir-se à federação de todos os Estados árabes do Oriente Médio, para benefício comum de árabes e judeus.

Os árabes atenuaram, ultimamente, a sua intransigência anterior. Já não exigiam que a Palestina fosse única e exclusivamente um Estado árabe. Na Assembléia Geral do ano passado, propuseram uma Palestina com as seguintes características: uma união federal de todas as províncias do país; cantões separados, judeus e árabes, mais ou menos nos moldes dos cantões suiços ou dos estados norte-americanos; uma constituição baseada na dos Estados Unidos, assegurando a «todos os cidadãos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião, o uso e gozo dos direitos e liberdades essenciais.»

Creio que tanto os judeus como os árabes terão boas razões para desejar resolver, satisfatoriamente, um impasse que pode vir a arrastá-los ao desastre.

Os árabes podem exibir, com orgulho, os progressos verificados nos seus Estados: melhores bairros residenciais, novas indústrias, projetos de irrigação, escolas e hospitais, um número crescente de homens e mulheres cultos e prósperos. Uma longa guerra com os judeus debilitaria as finanças públicas, produzindo uma decadência social e econômica.

Os judeus sofreriam tambem e, provavelmente, ainda mais, pois muitos deles se acham em posições extremamente vulneraveis. Nas planícies do alto Jordão e do Esdrelão, por exemplo, estão radicados milhares de jovens judeus, gente de esplêndidas qualidades, cujas colônias constituiriam alvo facil para canhões nas colinas inacessiveis das fronteiras do Líbano, da Síria e da Transjordânia.

Devemos lembrar-nos, ainda, de que cerca de 250 mil judeus têm vivido em paz com os árabes nos sete paises da Liga Árabe. Atualmente estão expostos não só à violência das massas como a medidas discriminatórias dos governos. O Líbano e a Síria já decretaram a expulsão de todos os judeus palestinianos e subordinaram as

atividades sociais ou comerciais dos outros israelitas a autorizações especiais da polícia.

Na própria Palestina, muitos judeus já começam a sentir-se em situação insustentavel, sendo grande o número de pedidos, feitos ao Consulado Geral dos Estados Unidos em Jerusalem, de vistos que lhes permitam emigrar para a América do Norte.

Numa Palestina federada, sob a tutela das Nações Unidas, os árabes perderiam o controle absoluto do país, e os judeus, por sua vez, perderiam o direito de promover ampla imigração judaica, mas tanto uns como outros conquistariam sólidas vantagens. Os judeus manteriam um «lar nacional» de proporções consideraveis, o qual, devido à sua superioridade em matéria de técnica industrial moderna, poderia atingir pacificamente a liderança econômica de todo o Oriente Médio; os árabes, por seu turno, se beneficiariam com o progresso alcançado no comércio e na indústria.

Por conseguinte, todos os caminhos capazes de conduzir à conciliação árabe-judaica deveriam ser explorados. Os árabes e judeus são os dois principais povos semitas que sobreviveram à Antiguidade. Têm, pois, a uní-los o próprio sangue. Conviria a ambos lembrar que, quando os judeus foram cruelmente perseguidos na Europa cristã, encontraram acolhida nos Impérios árabes da Idade Média. Não poderiam reviver essa era?

Os cristãos têm a sua parcela de responsabilidade no caso. Na Assembléia Geral do ano passado, os árabes propuseram que os judeus e demais refugiados fossem recebidos por todos os paises membros das Nações Unidas «em quantidades proporcionais à área, população e outros fatores relevantes.» A proposta foi rejeitada, havendo os Estados Unidos votado contra.

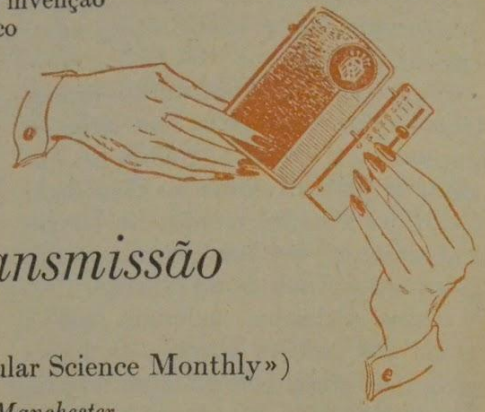
Com que direito, pois, vamos exigir que a hospitalidade árabe aos refugiados seja mais generosa do que a nossa?

Devemos lembrar-nos de que a emigração judia em larga escala para a Palestina não poderá resolver a situação mundial dos judeus. Mesmo que fosse possivel comprimir mais um milhão de judeus na Palestina, continuariam, ainda, no resto do mundo, mais de 9 milhões.

Os sionistas falam em «povo sem pátria». De fato, muitos judeus cultivam esse sentimento e muito pouco temos feito, os cristãos, para atenuá-lo. Muitos de nós, certamente, teremos contribuido para agravá-lo. Entretanto, cumpre não esquecer que tal sentimento, entre muito judeus, é o fruto emocional das manifestações extremas do Sionismo.

O problema judaico na Palestina e o problema judaico fora da Palestina devem ser resolvidos simultaneamente. Esperemos que judeus, árabes e cristãos estudem esses problemas, de mãos dadas, e com o coração elevado. Procuremos usufruir uma trégua, banindo a violência, seja árabe, seja judaica ou seja das Nações Unidas. Disse o falecido Papa Pio XI, referindo-se ao judeu Jesus: «Espiritualmente, todos os cristãos somos semitas.»

Rádios minúsculos, utilizados em notavel invenção bélica, que já estão prontos para o público



Rádio miniatura para recepção e transmissão

(Condensado de «Popular Science Monthly»)

Harland Manchester

HÁ POUCO tempo, um engenheiro radioeletricista saiu do Bureau de Normas Técnicas, em Washington, transportando na palma da mão uma estação radiotransmissora completa, e falando em voz alta à medida que se afastava do edifício. Suas palavras chegavam até nossos ouvidos através um alto-falante instalado na sala de que ele acabara de sair, com tanta nitidez como se ainda alí estivesse. Esse transmissor, com microfone, válvulas, circuitos, acumuladores e antena, estava alojado em uma caixa de material plástico de tamanho comparavel ao de um maço de cigarros.

Tratava-se de um dos muitos tipos de radiotransmissores em miniatura que as pesquisas do tempo de guerra tornaram possiveis. Alguns desses rádios, do tamanho de uma carteira de bolso, podem receber os programas comuns das estações emissoras, ao passo que outros, simultaneamente transmissores e receptores, cabem em uma pequena bolsa de couro que se leva a tiracolo, como as máquinas fotográficas. Nos laboratórios do Bureau de Normas Técnicas há transmissores do tamanho de um *bâton* para os lábios, com algumas válvulas pouco maiores que um grão de arroz.

Esses rádios extraordinários têm sua origem em uma das invenções bélicas mais eficientes—a espoleta de aproximação. Tal dispositivo, análogo ao radar, era montado na ponta das granadas antiaéreas e provocava a explosão do projetil logo que este se acercava uns 20 metros do avião. Ninguem ignora que antes da invenção dessa espoleta, o tiro antiaéreo era impreciso. Na batalha da Inglaterra, por exemplo, o número de projeteis necessários para destruir um avião nazista chegava a 2.500. Os cientistas ingleses e americanos tiveram então a idéia de construir estações transmissoras e receptoras de dimensões mínimas, dando-lhes a forma de um cone que pudesse ser adaptado à ponta das granadas.

Já existiam válvulas de rádio do tamanho da metade de um cigarro, fabricadas expressamente para os amplificadores de audição utilizados pelos surdos. Construiram-se outras, então, ainda menores, e tão resistentes que podiam ser disparadas de um canhão sem danificar-se. Até à capitulação do Japão tinham-se construido 140 milhões destas válvulas, a custo quase igual ao de muitas válvulas comuns.

Os circuitos impressos, mais tarde inventados durante a guerra, constituiram outro adiantamento decisivo. Ao passo que nos receptores comuns há uma série de circuitos formados por uma rede confusa de fios soldados laboriosamente a mão, os engenheiros do Bureau e da Globe Union, Inc., de Milwaukee, aplicaram uma idéia que vinha sendo discutida havia muitos anos mas que nunca fora utilizada, e conseguiram literalmente imprimir circuitos elétricos em lâminas delgadas de plástico ou porcelana. Para conduzir a corrente empregam-se tênues linhas de tinta de prata, utilizando-se tinta com carvão pulverizado para os circuitos de resistência. Esse método foi aperfeiçoado a tal ponto, que permite imprimir todos os circuitos dos receptores em miniatura num pedaço de plástico do tamanho de um cartão de visita. Tais circuitos são tão eficientes como os dotados de fios, estando menos sujeitos a avarias. Finalmente, inventaram-se acumuladores minúsculos, de extraordinária resistência.

Desde o fim da guerra que o dr. Cledo Brunetti e seus colaboradores do Bureau procuram adaptar a aplicações comerciais os circuitos dos rádios em miniatura. O primeiro aparelho com circuitos impressos a ser posto à venda é um amplificador para surdos, que, pesando 170 gramas, é somente um pouco maior que um maço de cigarros. A empresa fabricante, a Allen-Howe Electronics Company, reduziu as 173 peças que compunham os antigos amplificadores (inclusive os fios, parafusos, uniões soldadas e receptáculos de válvulas) de maneira a possibilitar a montagem do conjunto em uma placa de porcelana impressa, com cerca de 4 cm por 4 cm. Três outras firmas que adotam os mesmos métodos (Raytheon, Masterpiece Radios e Modernair) iniciarão brevemente a venda de rádios com cerca de oito centímetros de largura, 13 centímetros de comprimento e dois centímetros e meio, ou ainda menos, de altura. Esses receptores, verdadeiramente minúsculos, terão fones ligados por fios finíssimos e, quando em serviço, não serão mais visiveis do que os audio-amplificadores dos surdos. Seus preços variam de 20 a 65 dólares.

Grande número empresas concluem apressadamente pequenos aparelhos transmissores-receptores para o novo Serviço Popular de Radiocomunicação, a ser inaugurado brevemente. A Comissão Federal de Comunicações, dos Estados Unidos, reservou uma nova faixa de rádio para os indivíduos, empresas comerciais e outras organizações que pretendam utilizá-la para a transmissão de mensagens pessoais ou comerciais. Empregando essa faixa, os médicos poderão chamar seus con-

sultórios, os repórteres comunicar-se com os chefes de redação, e os simples cidadãos ligar para suas casas e conversar com os seus.

Como esses transmissores-receptores funcionam em onda ultra-curta, seu alcance é mais ou menos limitado ao horizonte visual. Enquanto os guardas florestais, no alto das montanhas, ou os passageiros de aviões podem comunicar-se com pessoas situadas a uns 160 km de distância, as comunicações ao nivel do mar não excedem a cerca de 8 quilômetros.

As novas válvulas em miniatura, e os circuitos impressos, parecem estar destinados a revolucionar os receptores de rádio e outros aparelhos eletrônicos. Um operário pode produzir 500 circuitos impressos, no mesmo tempo necessário para montar a instalação dos fios de um rádio comum.

Devido principalmente à simplificação dos processos de manufatura, atualmente é possivel comprar rádios de 30 dólares que superam, em eficiência, os de 200 dólares de 1927. Todavia, os engenheiros não hesitam em prognosticar transformações ainda mais radicais em futuro próximo.

A vez das crianças

Como toda criança, meus filhos são amigos da verdade... mas em termos. Mas quando arquitetam uma história, é do arco da velha.

Um dia, meu menino apareceu-me com uma gaita nova em folha. Mandei-o, imediatamente, devolvê-la ao dono. Mas ele negou que a tivesse «surripiado» e acrescentou que tãopouco a achara: «Fui eu mesmo que fiz a gaita, papai». Diante de tão flagrante mentira, acabei mudando de assunto.

Minha filha perdeu um dos patins e disse-nos que um homem o roubara, em plena rua. «Por que você não chamou o polícia?» perguntei. «Ora, pois se foi o próprio polícia quem roubou!» respondeu ela. Admitindo que a história pudesse ser verídica, insistí: «Mas por que é que o polícia haveria de roubar um patim só e não os dois?» A menina, sem vacilar, esclareceu: «Porque ele só tinha uma perna, coitado.» Excusado dizer que mudei, tambem, de assunto...

Histórias como essas acabaram por complicar a minha vida. Há alguns dias, por exemplo, saí às pressas do escritório e corrí para pegar o elevador. A porta fechou-se no momento em que eu chegava, prendendo a ponta da minha gravata. Tive de ficar preso, como um novilho laçado, até que o elevador subisse de novo e me soltasse. Em consequência, perdí o trem, e minha mulher quiz saber por que motivo eu estava chegando, de novo, atrasado para o jantar. Atribuí a demora ao fato de ter ido tomar um aperitivo com os colegas.

Se eu lhe tivesse contado a verdade, ela por certo retrucaria: «Tenha paciência! Essa nem as crianças pregariam!»

—Charles D. Rice, em *This Week Magazine*

Desafiando o próprio medo, conseguiu esquecer muitos anos de agonia e humilhação

Como vencí a gagueira

(*Condensado de «The Baltimore Sunday Sun»*)

Por Joseph P. Blank

Até há cinco meses atrás, eu era um desses muitos milhões de infelizes que, pelo mundo a fora, morrem de aflição cem vezes por dia, sempre que tentam falar. Em suma; era gago. Falar, para mim, era uma luta atroz; obrigava as palavras a transpor a barreira dos músculos retesados da garganta e da face. Era forçado a espremer as sílabas explosivamente através da minha sufocação e dos espasmos involuntários da boca. Raras vezes era capaz de conversar com alguem durante três minutos, que não sentisse o estômago contrair-se de medo só porque uma palavra me ficara entalada na garganta. Em tais momentos, só tinha um desejo: que me deixassem em paz, sozinho e esquecido!

Durante vinte e cinco anos sofrí diariamente essa onipresente tortura, tão real quando eu falava, como quando tinha somente *medo* de falar. Aos quatro anos de idade, ao descer para o porão da casa, caí pela escada abaixo. Sofrí tão grande abalo que, ao tentar falar, não conseguí expelir nenhum som. Com o andar dos meses, essa gaguez, e a sufocação que a acompanhava, foram-se agravando cada vez mais, até dominarem toda a minha existência. As alegrias de uma simples festa de aniversário eram anuladas pelo terror que me assaltava, ao agradecer os presentes dos meus amigos. O orgulho que, mais tarde, já no último ano primário, eu tinha em redigir a melhor composição da turma, era nada em comparação com o medo cruciante de que a professora me mandasse ler em voz alta o meu trabalho.

A piedade e os conselhos tinham como único resultado agravar minhas dificuldades. Quando me diziam: «Calma!» e me prestavam atenção, meu pavor era tal que me paralisava as cordas vocais. Com as pessoas estranhas, então, a coisa piorava muito, como por exemplo quando, aos 17 anos de idade, fui visitar pela primeira vez a minha namorada. Os pais dela apareceram enquanto eu esperava na saleta, e quando quis responder às palavras amaveis e polidas que eles me dirigiram, sentí contrair-se-me o rosto em titânicos esforços. Nos olhares que eles trocaram pude ler consternação e dó. Tive a impressão de que deixava de ser para eles o rapaz orgulhoso que eu me sentia em minha roupa nova, para ficar sendo apenas alvo de comiseração.

Resolví falar o menos possivel, e restringir-me às palavras que começassem por vogais, muito menos dificeis de emitir. À falta de vogal inicial, eu

podia preceder alguma palavra indispensavel com um «ah», sacudir a cabeça para indicar ignorância ou negativa, ou ainda servir-me da mímica. Observei que, graças a um movimento violento das mãos, dos braços ou dos pés, acompanhado de um estremeção de todo o tronco, eu era capaz de expelir certas palavras que começavam com consoante. Às vezes, um rijo pontapé na perna de uma cadeira servia para forçar a palavra a vencer a resistência da minha garganta. Casos havia em que as contorções de meu rosto, no esforço de falar, provocavam o riso dos presentes.

Nesses anos embaraçosos de transição, quando um rapaz começa a tatear pelo caminho que o levará ao mundo dos adultos, toda a confiança lhe é precisa. Todas as vezes que me via na necessidade de praticar algum ato, examinava-o do ponto de vista de minha deficiência: que teria de dizer? Quantas pessoas me iriam ouvir? Numa idade em que eu devia deixar-me levar no turbilhão de festas e namoros, como é próprio da adolescência, eu passava dias inteiros sozinho no quarto, lendo em voz alta.

Tinha eu dezoito anos quando se produziu um acontecimento realmente esmagador. Pouco antes do aniversário de minha mãe, ouví-a um dia referir-se a um vaso de flores que ela vira à venda, e que gostaria de possuir. Eu sabia muito bem em que estabelecimento podia comprá-lo. Mas, quando entrei na loja, uma das maiores de Nova York, andei muito tempo de seção em seção, sem me atrever a abrir a boca para perguntar onde é que se encontrava à venda o tal vaso. À hora de fechar o estabelecimento, sentia-me derrotado.

Chegado o dia da festinha familiar do natalício, mamãe foi abrindo os pacotes com os presentes de meu irmão e minha irmã. Quando, ao rasgar o meu envelope, encontrou um cartão de parabens acompanhado de uma nota de cinco dólares, ela não pôde esconder sua decepção. Consternado e gaguejante, tentei explicar: «Eu não sabia o que a senhora queria...»

Essa noite, ao ir para a cama, jurei a mim mesmo que ia dominar a gagueira; mas logo na manhã seguinte tropecei na primeira palavra que tentei dizer...

Passei mais tarde da escola para a faculdade, onde tudo correu num céu aberto: na maioria dos cursos eu podia limitar-me a ser ouvinte, e falava pouquíssimo em público. Mas o meu próprio nome, cheio de consoantes, —Joseph P. Blank—sempre me embaraçou!

À medida que a maturidade se aproximava, fui-me vendo livre, enfim, das crueldades inocentes das crianças, e da comiseração humilhante das pessoas de mais idade; fui-me desembaraçando um pouco no falar; mais tarde, entre as experiências da guerra, o meu defeito já não me parecia a coisa mais grave deste mundo.

Mas o que não conseguí foi sacudir para sempre a mordaça que me contorcia perpetuamente a boca em espasmos, e me estrangulava a garganta, sempre que eu queria falar. Perdí o

ensejo de uma promoção na casa editora onde trabalhava, porque o emprego desejado impunha conversas diárias com os escritores e os outros membros do corpo editorial da empresa. Perdí contactos pessoais indispensaveis na profissão, porque hesitava sempre em falar em público ou na presença de estranhos.

Recorrí às aulas de elocução. Passava longas horas praticando cantilenas ao ritmo de um metrônomo. Como sucede com tantos outros dos meus companheiros de infortúnio, minhas dificuldades diminuiam ao ler poemas rimados, e desapareciam por completo quando eu cantava. Aprendí a ler, com suficiente coerência, o famoso poema *The Ancient Mariner*, de Coleridge. Fui adquirindo confiança em mim mesmo, na sala de dicção e no professor.

Mas, tão depressa eu saia daquele ambiente acolhedor, o medo voltava a paralisar-me. Conseguia balbuciar a primeira palavra, a segunda e a terceira, mas daí não passava. Cheguei a inventar truques, como aquele de balançar um dedo no bolso do paletó, como se fosse o pêndulo de um metrônomo—em vão.

Apelei então para a medicina. Um especialista declarou-me que não havia razões para preocupar-me—que eu «acabaria, com o tempo, por vencer o defeito». Um psiquiatra receitou-me sedativos para acalmar minha tensão nervosa, e aconselhou minha mulher a me «animar», quando me visse deprimido. Nada disso produziu os frutos esperados.

Um dia, em estado de desespero, sentei-me a sós comigo, e, pela primeira vez nos meus vinte e cinco anos de luta, *refletí* bem seriamente no meu defeito. Até então, nunca o encarara frente a frente. Afinal de contas—perguntei a mim mesmo—quem é que tinha a culpa daquilo tudo? Não era minha mulher, nem meus amigos, nem meus mestres: era eu, e só eu. Era a mim portanto que cabia vencer o defeito—ou então sofrer-lhe as consequências até o fim de meus dias.

Perguntei-me depois que é que me fazia gaguejar: quando estava só, nem gaguejava, nem me sufocava; isso só me acontecia na presença de outras pessoas. A atenção, o acanhamento e a compaixão das pessoas que me rodeavam, haviam provocado uma reação que se exprimia na minha inibição para falar. Eu *receava* o fato de gaguejar, as emoções que o acompanhavam, e o seu efeito sobre os que me ouviam.

Em terceiro lugar, indaguei quais os momentos em que falava *bem*, e aqueles em que falava *mal*. Era de manhã, quando me sentia repousado de corpo e alma, que conseguia falar melhor. Quando, porem, me achava cansado ou aborrecido, atropelava violentamente as minhas palavras.

A partir de então, à força de repetição e de cega esperança, fui-me convencendo do seguinte: nada tinha a temer. Meus receios eram meras sobrevivências da infância. Não havia nada neste mundo que me obrigasse a gaguejar. Não precisava de me preocupar com os sentimentos das pessoas que me escutavam: minha gagueira era-me mais penosa, a mim, do que aos

outros. Dormir bem e ter um regime alimentar saudavel eram coisas essenciais à minha libertação.

Aventurei-me sem a menor hesitação. Saí para a rua e pedí ao primeiro desconhecido que me indicasse onde ficava a parada de ônibus mais próxima. Repetí palavra por palavra a informação que ele me deu, e, embora gaguejasse lamentavelmente, foi esse um dos melhores momentos que já tinha atravessado em toda a minha vida. Daí em diante, procurei propositalmente as dificuldades, para vencê-las. Ao comprar o jornal, em vez de o tirar da banca, pedia-o de viva-voz ao jornaleiro. Passei a conversar com os barbeiros e os ascensoristas; a praticar esportes que me punham em contacto mais próximo com outras pessoas.

Os resultados foram miraculosos.

À medida que o medo me foi deixando, a gagueira desapareceu tambem. Uma vez por outra, ainda me voltava a dominar o velho temor, e eu tropeçava nas palavras; mas, quanto mais teimava em afrontá-lo, menos frequente era a sua repetição. Se, por exemplo, empacava ao querer dizer uma palavra mais dificil, fazia questão de lançá-la à primeira pessoa que encontrasse; e inventava frases em que fosse obrigado a emitir sons complicados. Dei para usar e abusar das consoantes mais dificeis, como a desafiá-las a que me apresentassem os tropeços de outros tempos.

Tempo chegou em que esquecí meus próprios receios. Perdí por completo a consciência das palavras que pronunciava. E dei-me finalmente por vencedor quando, não há muito, num jantar de dez convivas, tive a coragem de interromper um orador que estava arrastando demasiado o seu discurso, e lhe disse: «Deixe um lugarzinho para os outros falarem tambem. Agora é a minha vez!»

Em Hollywood, alguem contou à escritora Ilka Chase a história de um casal vizinho, que se notabilizava por violentas brigas, a socos e pontapés. «Não se fala noutra coisa. Alguns justificam o marido, outros a mulher,» completou o informante.

Replicou Ilka, com sarcasmo; «E provavelmente há ainda alguns poucos excêntricos que prefiram ocupar-se com os seus próprios assuntos...»

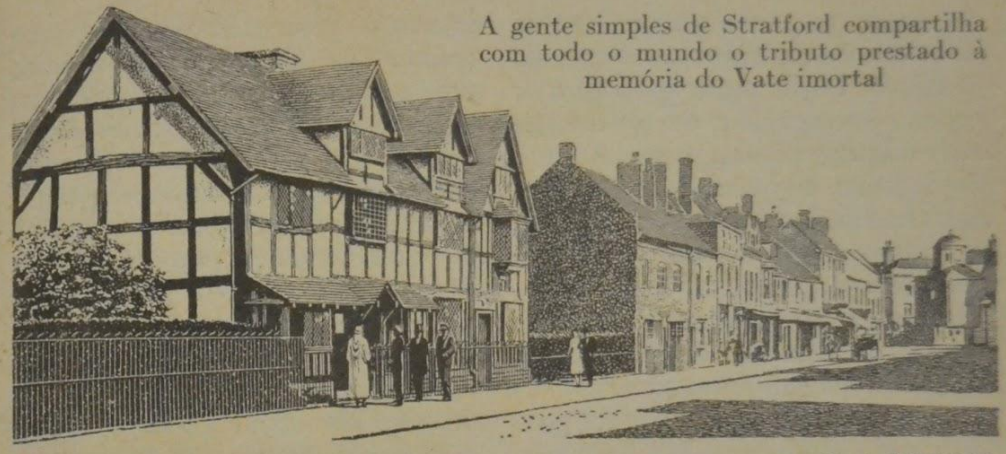
Um homem queixava-se do seu novo genro:

—O diabo do rapaz não bebe e não joga.

—Mas esse é o tipo ideal de genro! disse um amigo.

—Qual nada. Ele não sabe jogar cartas, mas joga assim mesmo. Não sabe beber, e bebe...

—Earl Wilson, no *Post*, de Nova York



A gente simples de Stratford compartilha com todo o mundo o tributo prestado à memória do Vate imortal

Desenho de Irwin Smith

Shakespeare e sua aldeia

(Condensado de «Forum»)

Por Lawrence e Sylvia Martin

Desde outubro a abril, a vida corre em Stratford-on-Avon com mansidão comparavel à do próprio rio que banha a cidade. Mas, a partir de abril, na pequena e antiga aldeia, a vida se reanima e os negócios se ativam prodigiosamente. Nos hotéis, os aposentos foram todos reservados com grande antecedência. São as interminaveis filas de romeiros que se formam para ver, mediante o pagamento de alguns xelins, a casa onde nasceu Shakespeare, ou o bangalô onde a mãe do Poeta passou a infância, ou ainda a propriedade que ele comprou quando, depois de haver triunfado pelo gênio, regressou à terra donde saira rapaz sem eira nem beira. Nada menos de meio milhão de visitantes, vindos de todos os cantos da terra, comparecem aí anualmente, e metade deles, pelo menos, assistem à representação de uma peça de Shakespeare no Memorial Theatre.

Depois de Londres, Stratford-on-Avon é hoje na Inglaterra o centro de atração turística que mais renda arrecada. A pequena cidade tornou-se tão importante que, em pleno período de escassez de materiais de construção, após a guerra, a gerência do velho Hotel Shakespeare conseguiu facilmente a prioridade indispensavel para a remodelação quase total do edifício. Nesse hotel—como no White Swan e no Falcon—ainda é possivel comer um bom jantar, coisa que só de muito raros estabelecimentos se pode dizer na Grã-Bretanha do após-guerra...

Stratford-on-Avon é, hoje, uma verdadeira encruzilhada internacional. Ainda no ano passado, a despeito das restrições cambiais e turísticas, Stratford recebeu visitantes proce-

dentes de 53 países. Postando-se ao lado do livro dos visitantes, à entrada da casa de Shakespeare, o observador poderia acompanhar o registro das mais variadas personagens: um notário de Rião, o governador de Estambul, um diplomata peruano, um chefe de tribo do Sudão (com sua túnica branca esvoaçando ao vento), uma *troupe* de atores finlandeses, um banqueiro da Pensilvânia acompanhado da esposa, e assim por diante.

Chegam de visita soldados em gozo de licença, clubes femininos em passeata coletiva, caminhões repletos de trabalhadores de mãos calejadas, vindos das minas do País-de-Gales ou das usinas de Lancashire. Milhares de pessoas acampam nos prados em volta da cidade.

Toda essa gente aproveita ao máximo o seu dinheiro. Os espertos stratfordianos souberam converter a sua cidade provinciana em um genuino centro da «alegre Inglaterra» dos tempos da Rainha Elizabete, dotada, porem, de banheiro moderno... Os turistas podem perder-se deambulando pelos quietos atalhos e sinuosas veredas arborizadas, por entre as casas do tempo dos Tudors com suas fachadas de grandes madeiramentos a descoberto, e altas empenas. Pode-se dormir num quarto cujo teto se apoia em vigas enegrecidas pelos séculos, em estalagens que já eram antigas no tempo em que Shakespeare veio ao mundo.

Stratford-on-Avon levou 250 anos para compreender as excepcionais oportunidades de lucro decorrentes do fato de ser o berço de William Shakespeare. Em vida, este foi considerado uma celebridade pouco honrosa para a terra. Os laboriosos agricultores do século XVII tinham acentuadas inclinações puritanas... Para eles, o teatro era um antro de vícios. Deu-se mesmo este fato digno de registo: quando em 1622—seis anos apenas após a morte do Poeta—seus antigos colegas vieram a Stratford com autorização especial do Rei, para representar as peças de Shakespeare «sem entraves», os cidadãos mais respeitaveis do lugar foram ao encontro deles, a oferecer-lhes uma bolsa—com seis xelins!—para que a troupe *não* representasse alí...

Depois, durante um século e meio, ou quase, os únicos forasteiros que se interessaram por Stratford, a ponto de ir visitá-la, eram alguns raros eruditos. Seu número foi porem crescendo, até que, em 1769, o proprietário da estalagem White Lion conseguiu persuadir seus conterrâneos a comparecer a um comício público destinado a celebrar o aniversário de William Shakespeare. Quando o ilustre ator David Garrick chegou de Londres afim de organizar o festival, os anciãos da cidade renderam-se sem mais resistência, e anuiram a colaborar num jubileu com salvas de artilharia, almoços públicos, fogos de artifício. Nessas comemorações houve de tudo—exceto a representação das peças do dramaturgo.

Durante o século seguinte, as comemorações foram todas desse gênero. Os mercadores locais auferiam alguma renda à custa dos visitantes de fora,

mas a cidade em si parecia condenada a permanecer o que era então—uma aldeia grande, sonolenta e estagnada.

Quem a salvou dessa sorte foi um cervejeiro, Charles Edward Flower, um gigante barbudo. Por volta de 1870 discutia-se acaloradamente esta questão magna: deviam ou não erigir um monumento em honra do seu grande Bardo?... Charles Flower rebelou-se contra a idéia de se erigir uma coluna de granito, homenagem absolutamente banal. «Shakespeare,» argumentava o cervejeiro, «é um nome que significa teatro, bom teatro! O melhor monumento será um teatro onde esse povo possa assistir à representação das peças de Shakespeare!»

Pôs-se então a viajar por toda a Inglaterra, na esperança de levantar por subscrição o dinheiro necessário à construção do teatro. Mas a imprensa e os graudos de Londres ridicularizaram o projeto, tachando-o, entre outras coisas, de «caricatura burlesca» do respeito nacional devido a um grande homem. Alegavam que Londres, capital da cultura britânica, era o único lugar onde se devia erigir um teatro dessa ordem. Segundo esses críticos, Stratford era uma cidade «morta e esquecida», e os seus moradores «umas nulidades».

Flower trovejou: «Esperamos quase 300 anos que as *sumidades* fizessem alguma coisa; vamos mostrar agora o que é que as *nulidades* são capazes de fazer!»

Ofereceu então quase um hectare de terra na margem do rio Avon. Mas só conseguiu, na Inglaterra inteira, umas escassas mil libras. O teatro construiu-se assim mesmo, mas custou 20 mil libras, as quais sairam em grande parte do bolso do cervejeiro. Em seguida, como não tinham filhos, ele e a esposa doaram grande parte dos seus bens à Shakespeare Memorial Association (Sociedade Comemorativa de Shakespeare), que ele fundou para gerir e explorar o teatro.

Quando a cortina se ergueu pela primeira vez, em abril de 1879, para a representação da peça *Much Ado About Nothing*, de Shakespeare, por uma companhia de Londres, o grande teatro da pequena Stratford parecia ser um elefante branco... Mesmo durante esse festival muitos dos 850 lugares da casa permaneceram vazios.

Mas Flower não se deu por vencido, e contratou em seguida Frank Benson e a sua *troupe* de atores. Benson era um dos raros atores em cuja opinião «o teatro era para toda a gente, e não apenas para a elite de Londres»; por sua livre e espontânea vontade, passava quase todo o seu tempo representando em barracões, nas províncias.

Inflamado de entusiasmo com a idéia de um teatro no coração da Inglaterra, Benson conseguiu atrair o público a Stratford, tanto pela sua irresistivel personalidade, quanto pelo seu talento de ator. A instâncias do público, o festival, que, de começo, durava somente uma semana, passou a durar duas e depois três. Atualmente, as comemorações shakespeareanas duram seis meses por ano, com 200 representações, e os lugares são

disputados, vendendo-se mesmo, a quem mais der, os próprios lugares de pé no novo teatro, que tem lotação para 1.200 pessoas. Benson reinou quase durante 35 anos em Stratford, e conquistou grande renome mundial, não só para o seu teatro, como para a própria cidade.

Charles Flower faleceu em 1892, depois de haver consagrado 20 anos da sua existência à realização do sonho que concebera. Seu irmão Edgar continuou essa obra até 1903, ano em que morreu. Foram depois os dez filhos de Edgar que assumiram a direção da obra, destacando-se, entre eles, Archibald Dennis Flower.

Em 1926 um incêndio destruiu o teatro até aos alicerces. Archibald pensou: «Tanto melhor. Já era tempo de se construir um teatro bem maior.» Nesse ínterim, para não interromper as comemorações, conseguiu que as peças continuassem a ser representadas no cinema local.

Para conseguir dinheiro, Archibald, acompanhado da esposa, percorreu os Estados Unidos contando a história do Memorial Theatre, do que nele fora feito, e do que se esperava ainda fazer. Cerca de dois mil doadores contribuiram com 600 mil dólares aproximadamente, por intermédio da Fundação Shakespeareana da América. Os donativos chegados de outras partes do mundo subiram a um milhão de dólares. Com essas contribuições foi custeada a construção do teatro novo sobre as ruinas do antigo.

A Shakespeare Memorial Association é sempre presidida por um membro da família Flower (atualmente acham-se em atividade sete deles). Archibald Flower aposentou-se no ano passado, tendo-lhe sido concedido pelo Rei, em 1930, um título de nobreza. Seu filho, o coronel Fordham Flower, projeta edificar uma Universidade Shakespeareana às margens do Avon, onde seriam ensinadas as artes teatrais e correlatas—sem excluir a de escrever peças—a estudantes do mundo inteiro.

«Quem foi que falou em *nulidades?*» diz hoje, rindo, Fordham Flower, ao relembrar as troças dos londrinos de gerações passadas. E narra que, ainda no ano findo, a companhia de Stratford foi convidada pela primeira vez a ir à metrópole dar uma série de representações na elegante temporada do outono. O êxito que ela obteve foi estrondoso. Assim, os tempos têm mudado muito, e a roda deu uma volta completa...

Durante os seis meses do ano em que sai de sua hibernação, a cidade de Stratford-on-Avon pouco mais faz do que comer, beber, e discutir Shakespeare. Quando pressentem que algum perigo ameaça a sagrada memória de Shakespeare, os agricultores e lojistas de Stratford se põem de lança em riste. Na última temporada, por exemplo, quando o jovem e talentoso diretor teatral Peter Brook revolucionou a tragédia dos malfadados amantes Romeu e Julieta, reduzindo-os às proporções de namorados da adolescência, a indignação apoderou-se da cidade. Os habitantes de Stratford-on-Avon condenaram os atores

ao desprezo, e houve mesmo uma velhota que, sacudindo um dedo ameaçador na cara de um dos atores, lhe disse com indignada severidade: «Moço, deixe o nosso Shakespeare em paz!»

Desde que Charles Flower os despertou, os stratfordianos vêm remodelando, pouco a pouco, a sua cidadezinha outrora sonolenta. Entre outras coisas, lançaram-se às fachadas de suas casas, lojas e estalagens, arrancando o horrivel estuque que em séculos posteriores, de mau gosto, tinham sido sobrepostos aos formosos madeiramentos que, no tempo do Poeta, embelezavam as ruas da cidade. Lareiras, chaminés, armários, painéis, escadarias, traves e vigas—todos os encantadores pormenores do interior inglês do século de Elizabete, foram sendo restaurados. Há mais de 70 anos vêm eles amorosamente preservando, como um fideicomisso nacional, todos os edifícios e lembranças que se liguem a Shakespeare e seu tempo. Assim, a cidade inteira é hoje um monumento vivo ao Poeta, que a gente simples de Stratford se orgulha de partilhar com o mundo inteiro.

O ator Mussolini

Alguns anos antes da guerra, por ocasião de uma pequena crise européia, meia dúzia de diplomatas, representantes dos principais países, tiveram de avistar-se, incorporados, com Mussolini. Estávamos conversando banalidades sociais, à espera do ditador, quando a porta, pela qual havíamos entrado, se abriu ao som de uma matraca. Olhávamos, boquiabertos, para a porta, enquanto se fazia um silêncio de morte.

«Bom dia, senhores.»

Voltamo-nos subitamente. Mussolini estava atrás de nós, imovel. Não havia o menor indício da existência de portas daquele lado do salão—e alguem lembrou, quando saimos, que ele só poderia ter entrado por algum alçapão secreto. O fato é que Mussolini lá estava sorridente, os olhos a luzir, com as pontas dos dedos metidas nos bolsos da túnica, em sua atitude de esfinge.

Depois de ouvir nossas declarações, disse-nos: «Muito obrigado, senhores. Esta tarde, às 4 menos 10, terão a minha resposta.»

Às 3 e 50, voltávamos, pontualmente, ao mesmo salão da manhã. A porta principal abriu-se outra vez, do lado de fora, ao som da mesma matraca. Mas, desta vez, para não sermos colhidos de surpresa, voltamo-nos todos para o lado oposto à porta.

«Boa tarde, senhores.»

Demos outra volta. Mussolini, sorridente, entrava pela porta principal.

—*The Whispering Gallery*

Um passatempo de grandes atrativos para quem quiser melhorar o rendimento da horta ou do jardim

Quanto devemos à humilde minhoca

(*Condensado de «Countrybook»*)

Por Frank J. Taylor

CERTO DIA sombrio, em 1936, o dr. Thomas J. Barrett, médico de Los Angeles, viu-se a braços com uma crise. Sua saude falhara e o negócio em que invertera as economias fora por água abaixo, deixando-o com nove dólares no bolso. Justamente na idade em que contara aposentar-se, foi obrigado a recomeçar a vida. Hoje, entretanto, o dr. Barrett opina que foi esse o seu dia mais auspicioso.

Para recobrar a saude, o dr. Barrett teve de sair da cidade. Um amigo ofereceu-lhe alguns alqueires de terra situados numa encosta árida, na orla do vale de S. Fernando, na Califórnia, dizendo: «Pague-me cinco dólares por mês, quando puder.» A única vegetação que havia na vertente íngreme eram o cacto e uma pessegueira mirrada que germinara num monturo de latas enferrujadas. O médico e a esposa dedicaram os sábados e domingos a desimpedir o terreno, escavando o solo raso, afim de nivelar o sítio para a construção de um abrigo.

A primeira pá de terra que o médico tirou descobriu uma minhoca a serpear. Esse verme transformou não somente a «chácara» mas, ainda, a própria vida do dr. Barrett. As minhocas proporcionaram-lhe um meio de vida e valeram-lhe a inclusão do nome nas páginas do *Who's Who*, registro das figuras de maior projeção da atualidade. Horticultores e técnicos oficiais têm vindo ao seu encontro, procedentes de muitos paises. Sua casa já não é uma pequena choupana, e sim um bangalô hospitaleiro, coberto de hera, rodeado de árvores, parreira, horta e jardim.

A minhoca que surgira na pá despertou-lhe na memória a lembrança do que se passara certo dia, havia 18 anos. Thomas Barrett, então simples soldado do Corpo Expedicionário dos Estados Unidos na França, contemplava um idoso camponês que, indiferente ao fragor do canhoneio, recolhia com a vassoura a terra solta junto a um muro. O soldado indagou por que essa terra era tão preciosa.

«*Le bon Dieu* sabe produzir terra boa e confiou o segredo às minhocas,» respondeu o velho, sério. Esclareceu

que apanhava, de quando em quando, as dejeções das minhocas, ao pé do muro, aproveitando-as para enriquecer o solo em que criava suas flores mais seletas.

«Se umas poucas minhocas enriqueciam o jardim daquele velho francês, por que não as aproveitarmos para transformar nosso barranco num jardim?» indagou Tom Barrett à esposa naquele dia de 1936.

Pôs-se a ler tudo quanto se havia escrito sobre as minhocas, desde as obras de Aristóteles e os monumentais trabalhos de Charles Darwin até os escritores contemporâneos. As minhocas, com suas perfurações incessantes, mantinham friavel a crosta da terra; transformavam em rico humo as dejeções animais e os resíduos vegetais; convertiam em alimentos para as plantas as substâncias químicas da terra; seus incontaveis trilhões de minúsculos tuneis permitiam ao ar e às águas pluviais penetrar no solo. O dr. Barrett chegou à conclusão de que o trabalho mais util a que pudesse dedicar o resto de sua vida seria o de «domar a minhoca», talvez, mesmo, contribuir assim para a solução de alguns dos prementes problemas da humanidade no tocante à nutrição.

Iniciou os trabalhos com algumas minhocas trazidas de ravinas arborizadas na estação das chuvas. Outras, ele as adquiriu a criadores especializados. Constatou que as minhocas, no esterco úmido, proliferam prodigiosamente, desde que fartamente alimentadas. Alimentam-se de folhas, feno, estrume e restos de cozinha.

À medida que o médico realizava experiências, a vegetação em seu terreno, outrora esteril, tornava-se mais e mais luxuriante. Se não lhe agradava o crescimento de uma árvore, de um arbusto ou de uma trepadeira, escavava um buraco junto à raiz do retardio e enchia-o de terra recolhida no viveiro de minhocas. A grama vicejava três vezes mais densa do que nos outros lotes da vizinhança. As petúnias eram duas vezes maiores. As videiras produziam uvas de primeira qualidade. O médico criou cenouras tão grandes que uma só, devidamente cortada e cozida, enchia três latas de tamanho normal. Alguns pêssegos chegaram a pesar meio quilo. Experiências realizadas em várias universidades acusaram aumentos semelhantes, tudo graças à atividade das minhocas.

As minhocas, trabalhando na superfície do solo à noite, e penetrando-o de dia, produzem, em vinte e quatro horas, dejeções equivalentes ao seu próprio peso, as quais constituem ótimo alimento para as plantas. O solo superficial, assim transformado pelas minhocas, contem cinco vezes mais azoto, sete vezes mais fosfato e onze vezes mais potassa, segundo testes realizados no Posto Experimental de Connecticut.

O dr. Barrett calcula que tem agora pelo menos um milhão de minhocas a escavarem seu morro, transformando em humo as dejeções orgânicas, e penetrando dois metros no subsolo rochoso, para trazerem à tona minerais que eram antes inaccessiveis às raizes das plantas.

Um milhão de minhocas—calcula, ainda, o doutor—pesam quase o mesmo que um cavalo, mas seus músculos, reunidos, têm cem vezes a força do equino. Trabalham dia e noite, ao passo que o cavalo só arrasta a charrua oito horas por dia e, ademais, elas fertilizam as raizes em lugares que o cavalo e a charrua nem poderiam alcançar. Em vez de prejudicarem as raizes, as minhocas abrem-lhes tuneis na terra compacta.

Infalivelmente, alguem pergunta ao dr. Barrett por que ele não compra o terreno sáfaro, contíguo, para soltar alí as suas minhocas.

«Não quero mais terra,» esclarece. «Só quero mais humo. Podemos criar neste terreno todos os legumes e frutos que somos capazes de comer, desde que deixemos as minhocas cuidar do cultivo e da fertilização. Esse é justamente o mal: todos querem mais terras, ao passo que precisam é de mais humo.»

O médico escreveu dezenas de artigos e «cartas à redação», as quais foram reproduzidas em revistas de agricultura; falava sobre minhocas e seus prodígios a quantos lhe dessem ouvidos. Quando lhe começou a chover correspondência—centenas de cartas semanais—ele mandou imprimir um livreto, pelo qual cobrava um preço módico. Até hoje já vendeu 19 mil exemplares. O livreto é a condensação de uma obra de 200 páginas* que encerra todos os conhecimentos adquiridos em uma década de pesquisas, sendo que três anos, ele os passou na qualidade de assistente do laboratório do Instituto de Tecnologia da Califórnia.

«Toda cidade poderia manter uma fazenda onde o lixo da coletividade fosse destinado à alimentação de minhocas, para a produção de humo, em vez de ser desperdiçado,» afirma o dr. Barrett. «As dejeções orgânicas de uma cidade, transformadas em humo pelas minhocas, poderiam produzir alimentos suficientes para o sustento de toda a população.

«A natureza leva de 500 a mil anos para depositar uma polegada de humo; sendo favoraveis as condições, as minhocas, em número suficiente, podem produzir a mesma quantidade em cinco anos. Qualquer indivíduo, preparando um monturo de esterco, está apto a iniciar a produção de humo para seu jardim.

«Atulhados na face do globo, há mais de dois bilhões de habitantes que dependem, para seu sustento, da reserva, cada vez menor, de humo. Já é tempo,» conclui o dr. Barrett, «de domarmos as minhocas para reconstituir o solo.»

*«Harnessing the Earthworm», editado pela Bruce Humphries Press, Boston, Massachusetts.

INCLINAMO-NOS a julgar os outros pelos seus atos e a nós mesmos pelos nossos ideais.
—Harold Nicholson, citado em *John O'London's Weekly*

O maior, mais rápido, e mais bem organizado dos assaltos à mão armada que regista a história do crime

Assalto em pleno dia em Nova York

(*Condensado de «Argosy»*)

Por Frederic Sondern, Jr.

Pouco depois do meio-dia, numa tarde sufocante de agosto de 1934, um grande caminhão blindado da U. S. Trucking Company, empresa especializada no transporte de valores, cruzava com estrondo as ruas de Brooklyn, em Nova York, a caminho da fábrica de gelo da Rubel Company. Dentro do caminhão havia quase meio milhão de dólares, cuidadosamente guardados em sacos de lona, para ser depositados em vários bancos da cidade. Quando o carro blindado parou em frente da porta, os três homens que o guarneciam, antes de saltarem na calçada, espiaram como de costume as imediações, através das fendas próprias na blindagem do veículo. Avistaram apenas os habituais vendedores de gelo, que esperavam com suas carrocinhas junto à plataforma de carregamento da fábrica; alguns meninos brincando na rua, e umas quantas pessoas que jogavam tenis num *court* vizinho. Nada tendo notado de anormal, os três homens iniciaram a operação obedecendo a regras prescritas e invariaveis. O motorista deu uma ordem, e sacou a pistola que trazia num coldre à cintura. Um dos guardas que vinham no carro destrancou a pesada porta de aço à retaguarda, e dirigiu se ao escritório da fábrica, afim de recolher dinheiro. Instantes depois, o segundo guarda abriu por sua vez a porta para sair e esperar

do lado de fora, de revolver em punho, o regresso do companheiro. Foi então que a coisa aconteceu!

Com uma das mãos ainda no trinco da porta aberta, a outra na coronha da pistola, o guarda viu de súbito, bem à sua frente, a boca negra de uma metralhadora ligeira, que um dos vendedores de gelo lhe apontava: «Mãos ao ar! E não feche essa porta!» A voz era calma, mas tinha um prenúncio de morte. Por sua vez o motorista, de pistola em punho, sem querer acreditar no que via, esgazeava os olhos em frente do cano de outra metralhadora, e deixava cair sua arma ao chão. Ao mesmo tempo, nos degraus da entrada da fábrica, dois homens encostavam os canos das pistolas nas costelas do primeiro guarda, e desarmavam-no rapidamente. Dois automoveis, vindos não se sabe donde, encurralaram de repente o caminhão blindado. Outros homens armados postaram-se em volta dos autênticos vendedores de gelo que alí esperavam a sua carga. Estes, sem hesitar, obedeceram a uma ordem brusca de se deitarem no chão de rosto para baixo. Outros bandidos começaram logo a carregar as sacas de dinheiro do caminhão para os dois automoveis.

No meio dessa eficiente formação de assalto, via-se um homem atarracado, de cabelo preto e uma barba de vários dias, mal vestido e com um avental branco bastante sujo, dirigindo a manobra com um olho nos bandidos e outro no relógio de pulso. De repente exclamou: «Três minutos! Vamos cair fora!» As portinholas dos carros bateram com estrondo, os motores foram acelerados bruscamente, e a quadrilha sumiu.

Alguns minutos depois, a voz do locutor de rádio da chefatura de polícia perdeu a sua sonolência do costume, e passou de repente a ladrar ordens em *staccato*. Todos os automoveis da patrulha policial de Nova York, num total de 420, foram convocados para dar caça aos bandidos. As três pontes sobre o East River, sempre pejadas de tráfego, que ligam os bairros de Nova York, foram rapidamente bloqueadas por brigadas policiais de emergência. Em todas as estações do trem subterrâneo, linhas de bondes e pontos finais de ônibus postaram-se, vigilantes, agentes uniformizados e à paisana. Dentro de meia hora, o gigantesco bairro de Brooklyn, com seus dois milhões e meio de habitantes, encontrava-se rigorosamente cercado. Assim, pelo menos, julgava a polícia...

Mas, ao cair da noite, tornou-se evidente que os bandidos tinham escapulido—pelo rio; seus automoveis foram encontrados num embarcadouro, a cerca de quilômetro e meio de distância da fábrica Rubel. Os trabalhadores que andavam por alí tinham notado «uma porção de homens», parecendo um grupo de pescadores, que carregavam, porem, sacas de lona; tendo-se apeado de dois automoveis, os desconhecidos embarcaram em dois botes. Estes largaram sem demora, e, com eles, desapareciam os bandidos, levando 427.950 dólares em notas de pequeno valor, impossiveis de identificar. Diga-se de passagem que a polícia jamais conseguiu recuperar um centavo dessa avultada quantia. A história penal não regista um só caso de assalto e roubo de dinheiro à mão armada, de tão grande vulto, tão veloz, nem tão bem planejado como este.

Ficou encarregado das investigações o Inspetor John J. Sullivan—dinâmico e incansavel chefe dos detectives de Nova York—assistido pelo Inspetor John Ryan, de Brooklyn. As pistas levavam todas, uma após outra, a becos sem saida. Os tripulantes do carro blindado foram incapazes de identificar qualquer dos assaltantes, através da galeria fotográfica da Polícia. «Foi tudo tão rápido!» explicavam. «Numa hora dessas, a gente olha é para a metralhadora, e não para o atirador.» Os automoveis utilizados pelos bandidos não forneceram nenhum indício aproveitavel. Não havia em parte alguma uma impressão digital reveladora. Os bandidos tinham, todos eles, usado luvas de algodão. De ponta a ponta da cidade, os detectives puseram em ação os seus espiões e informadores que se movimentam no mundo do crime, mas em vão. Estava-se, ao que parecia, em presença do «crime perfeito».

Horas depois do assalto, os bandidos foram encontrar-se a alguns quilômetros de distância do teatro do crime, para repartir a pilhagem. Foi uma reunião imponente, segundo os padrões do mundo do crime: cada um dos homens alí presentes era um consumado especialista no seu próprio ramo. Eram eles os três raptores Percy Geary, John e Francis Oley; o habil gatuno Archie Stewart, o falsário Stewart Wallace, o campeão de furto de automoveis Joseph Kress, e dois antigos contrabandistas de bebidas do tempo da «Lei Seca», Thomas Quinn e John Hughes. O mais singular de todos era, porem, o lider John Manning, homem baixo e forte, de falas brandas e maneiras imperturbaveis. A sua biografia era um tanto obscura para os próprios profissionais do crime, mas Manning soubera conquistar sólida reputação, graças a seus «trabalhinhos», e, conquanto a polícia suspeitasse dele, nunca fora preso.

Manning passara três meses planejando e aperfeiçoando os pormenores deste golpe, o maior de quantos já havia levado a cabo. A idéia do assalto acudira-lhe um dia, ao ver um carro blindado carregando sacos de dinheiro à porta duma filial da Brooklyn Trust Company. Seu olho perspicaz de profissional notou logo que havia um momento, um lapso, na bem organizada operação, durante o qual o caminhão ficava exposto a um ataque.

Tendo selecionado a quadrilha com todo o vagar e a máxima cautela, Manning realizou interminaveis sessões de reconhecimento do terreno e de planificação do golpe. Dias e dias seguidos, ele e Benny McMahon—ex-contrabandista de bebidas, muito habil, e seu único amigo de inteira confiança—seguiram todos os movimentos do carro blindado, verificando que o horário e o percurso eram diariamente alterados, sendo impossivel saber-se a que hora ele chegaria a deter-

minado local. Mas uma observação fizeram, que lhes seria util: o carro visitava sempre o banco e a fábrica de gelo da companhia Rubel no mesmo dia da semana. A fábrica parecia-lhes ser o lugar ideal para o assalto. Tinha a vantagem de ficar perto do rio, tornando assim possivel a fuga em botes, o que lhes permitiria evitar os congestionamentos do trânsito e o encontro com os carros de patrulha policial orientados pelo rádio. Quinn e Hughes, ex-contrabandistas, concordaram em fornecer uma lancha veloz, e um barco de pesca a motor. Kress, perito em automoveis, encarregou-se de arranjar os carros.

Durante os vinte dias anteriores ao assalto, os comparsas ensaiaram diariamente em frente da fábrica. Manning, disfarçado de vendedor ambulante de gelo, com um avental branco, empurrava o seu carrinho de mão até ficar em frente do escritório a cuja porta o auto blindado parava sempre. Geary, que entabulara relações de amizade com alguns dos autênticos vendedores de gelo, ficava «de plantão» na plataforma de carga; Stewart e os dois Oleys, fingindo estar interessados no tenis, deitavam-se no capim que cobria as imediações do *court*. Toda a gente se foi habituando à presença deles. Passado algum tempo, Manning comprava um pouco de gelo, e o empurrava na carrocinha aos solavancos pela rua a fora...

No dia do roubo, Manning chegou de manhã cedo ao seu posto de observação. Levava duas metralhadoras portateis na carrocinha, disfarçadas sob um pano de aniagem. Os automoveis destinados à fuga estavam estacionados ao alcance da vista, com Kress e McMahon aos respectivos volantes. Assim que viu chegar o carro blindado, Manning levou a mão à carrocinha, e agarrou uma metralhadora; Geary pulou da plataforma abaixo, e pegou na outra. O resto correu com matemática precisão.

Consumado o assalto, Manning e sua quadrilha passaram quinze minutos às voltas e reviravoltas pelas ruas, afim de confundirem os perseguidores quanto ao caminho que haviam seguido, e depois dirigiram-se ao embarcadouro, onde se achavam atracados os botes. Quando já iam atravessando o estuário do rio, produziu-se um grave acidente: quando McMahon transferia as notas dos sacos de lona para dentro de malas, o cordel que atava a boca de um saco embaraçou-se no gatilho de sua espingarda de dois canos serrados; a arma disparou-se, e a carga crivou-lhe em cheio ambas as pernas. Inalteravel, o chefe ordenou que dois dos seus homens conduzissem o camarada ferido a certo bordel, e chamassem um médico seu conhecido, homem sem escrúpulos. Quando Benny expirou no dia seguinte, seu cadaver foi esquartejado, metido em uma mala, e finalmente depositado no quintal de certa casa que, durante o verão, ficava fechada. Consta que Manning, posto ao corrente das consequências do desastre, teve apenas este comentário: «Coitado do Benny, foi pena. Mas a polícia vai pensar que ele foi morto em uma briga de quadrilhas. Isso não nos vai trazer encrenca.»

Os dois barcos foram postos a pique ao largo dos ancoradouros no bairro de Queens. Os bandidos puseram-se então a caminho do seu esconderijo, em um caminhão de carroceria fechada que os viera esperar ao cais. Depois de feita a partilha, o bando concordou em dispersar-se e abandonar os «negócios» durante algum tempo. Manning retirou-se, para passar o resto do verão no seu esconderijo predileto, que com toda a razão ele considerava o lugar mais seguro possivel para iludir a vigilância policial: nada menos que uma respeitavel colônia de nudistas, no Estado de Nova Jersey.

Passaram-se os meses. Até onde o grande público podia ajuizar, o roubo já era um caso enterrado e esquecido. Mas o inspetor John Ryan estava resolvido a pegar os bandidos, por muito tempo e esforço que isso lhe custasse. Escolheu, como seu delegado na execução dessa tarefa, o jovem e astuto detective Frank Phillips, que possuia conhecimentos verdadeiramente enciclopédicos sobre o mundo do crime, e uma paciência só igualada pela do seu chefe.

Poucos dias depois do roubo, os barcos em que os salteadores tinham fugido apareceram flutuando perto dos ancoradouros de Queens. Manning cometera um erro palmar: ao ordenar o afundamento dos botes, esquecera que havia a bordo destes alguns salvavidas pneumáticos, cuja força de impulsão acabou erguendo de novo os cascos à tona. Quando as autoridades se puseram a investigar a origem daqueles barcos, averiguou-se que eles estavam registados na Guarda-moria em nome de um tal «John Donahue» inexistente, que dera como endereço um trapiche. Esse trapiche, segundo logo se verificou, fora, anos antes, o centro de operações dos ex-contrabandistas Quinn e Hughes... Os detectives examinaram as atividades, naqueles últimos meses, desses dois personagens. De indício em indício, tendo investigado algumas dezenas de indivíduos suspeitos, Frank Phillips, menos de quinze dias após o assalto, depunha na mesa do Inspector Ryan um relatório em que se continham—como se veio a provar mais tarde—os nomes de todos os membros da quadrilha! Ao ver aquilo, o inspetor esboçou um dos seus raros e frios sorrisos de aprovação, e disse: «Agora, só nos falta conseguir as provas...»

Parecia facil—mas levaria quatro anos a obter!

Certa tarde de julho de 1936, quase dois anos após o assalto, o corpo de Manning, cravado com quatro balas de pistola, dava entrada no necrotério. Consoante informações chegadas do *bas-fond* por meios indiretos, o chefe fora atraido a um encontro fatal por membros da quadrilha que o acompanhara no ataque ao carro blindado; os camaradas tinham ouvido boatos de que o chefe resolvera «regenerar-se», e temiam que ele acabasse dando com a língua nos dentes. A polícia opinou que esse fora o assassínio mais injustificado de que havia memória. Manning não era homem para se abrir, fosse com quem fosse.

Pouco depois da morte do chefe, Archie Stewart e Stewart Wallace assaltaram um banco em Pine Bush, no Estado de Nova York: foi um «trabalhinho» muito mal organizado, de que ambos sairam baleados e de algemas nos pulsos. Julgados, receberam sentença de trinta a sessenta anos de cárcere. Foi porem debalde que o Inspetor Ryan se esforçou para lhes arrancar a desejada confissão: falaram de tudo, menos do assalto ao carro blindado.

Cerca de um ano depois, um empregado da Casa da Moeda dos Estados Unidos em Denver, no Colorado, ao ler uma revista policial, encontrou uma fotografia de Francis Oley, que a polícia andava procurando sob a acusação de ter raptado o opulento John J. O'Connell, Jr., em Albany, capital do Estado de Nova York. O referido funcionário público comunicou à polícia que o retrato lhe fizera lembrar um indivíduo que frequentava um bar nas suas vizinhanças. Oley foi preso sem demora. A polícia encontrou em sua casa algumas cartas que revelavam a cumplicidade de seu irmão John e de Percy Geary no mesmo rapto. Daí a 24 horas estavam ambos a ferros em Nova York. Francis Oley enforcou-se na cela da prisão, durante o julgamento. Geary e John Oley foram sentenciados a 77 anos na famosa prisão federal de Alcatraz, na Califórnia. Mais uma vez o Inspetor Ryan se esforçou para obter deles uma confissão do roubo da fábrica de gelo —e uma vez mais sem resultado.

Um dia, contudo, o inspetor descobriu que um irmão de Archie Stewart andava fazendo o seu estágio de candidato à polícia de Nova York. Depois de o vigiar por algum tempo, resolveu um dia mandá-lo à cadeia, com instruções para persuadir o irmão, que alí estava preso, a contar toda a história do roubo do carro blindado. Finalmente, a instâncias do irmão policial, o preso consentiu em contar tudo o que sabia.

Durante os dois meses seguintes, Ryan e Phillips trabalharam com a ajuda de Archie Stewart—na organização de um processo sem escapatórias. Foram convocadas todas as testemunhas capazes de corroborar as provas. Hughes tinha desaparecido, havendo razões para crer que a quadrilha o matara. Quinn, Stewart Wallace e Kress foram perseguidos e finalmente presos. Submetidos a julgamento, foram condenados a pesadas penas. Eram os únicos membros da quadrilha de Manning que ainda não tinham morrido nem estavam trancafiados.

Mostraram-me um dia uma fotografia de John Manning, tirada quando ele jazia no necrotério. Tinha os cantos da boca ainda erguidos num sorriso sardônico... O agente de polícia que me acompanhava comentou: «Até parece que ele sorriu na hora de levar fogo, hem?» E parecia. Dir-se-ia até que, por trás daquele sorriso, com as suas maneiras discretas e imperturbaveis, o chefe tivera tempo de comentar de si para consigo: «Que trouxas!»

Você sabe o que quer dizer?

À MEDIDA que nos vamos tornando habituados às palavras, passamos a aceitá-las sem qualquer dúvida, esquecendo que cada uma delas tem vida própria e é cheia de mistério. Procure o leitor examinar as palavras deste teste—aliás, quaisquer outras tambem—com novos olhos, animado de curiosidade. Marque a definição *que mais se aproxime* do verdadeiro significado. As respostas se encontram na página seguinte.

(1) canhestro—A: *desajeitado.* B: *espécie de vassoura.* C: *pano grosseiro.* D: *arma de fogo antiga.*

(2) aluir—A: *esvoaçar.* B: *desmoronar.* C: *referir-se.* D: *enlouquecer.*

(3) escarpim—A: *pequeno declive.* B: *pessoa irascivel.* C: *sapato descoberto, de sola fina.* D: *espécie de adaga.*

(4) trepanação—A: *vibração excessiva.* B: *corte transversal.* C: *crítica ligeira.* D: *perfuração dos ossos pela cirurgia.*

(5) loquaz—A: *palrador.* B: *mentiroso.* C: *teimoso.* D: *persuasivo.*

(6) engendrar—A: *projetar.* B: *caluniar.* C: *seduzir.* D: *inventar.*

(7) recôndito—A: *escondido.* B: *clandestino.* C: *azarento.* D: *absurdo.*

(8) guinéu—A: *galinha de Angola.* B: *moeda inglesa.* C: *madeira para fazer figas.* D: *tecido de algodão.*

(9) cepo—A: *fécula de mandioca.* B: *tronco de videira.* C: *tubérculo.* D: *toro cortado transversalmente.*

(10) liliputiano—A: *gigantesco.* B: *medíocre.* C: *pequeno.* D: *afeminado.*

(11) transcender—A: *transfigurar-se.* B: *sobreviver.* C: *escapar.* D: *passar alem de.*

(12) analgésico—A: *que faz dormir.* B: *que suprime a dor.* C: *que imuniza.* D: *que excita.*

(13) probo—A: *exato.* B: *indiscutivel.* C: *mórbido.* C: *íntegro.*

(14) coalizão—A: *acordo político.* B: *chantage.* C: *constrangimento.* D: *atadura.*

(15) parco—A: *vistoso.* B: *frugal.* C: *cúmplice.* D: *semelhante.*

(16) lince—A: *coruja asiática.* B: *lagarto tropical.* C: *espécie de lobo.* D: *gato silvestre.*

(17) sectário—A: *membro de uma seita.* B: *dente incisivo.* C: *político deshonesto.* D: *pessoa dogmática.*

(18) âmbito—A: *cobiça.* B: *campo de ação.* C: *dúbio.* D: *de duas espécies diferentes.*

(19) estuar—A: *colocar.* B: *expandir.* C: *ferver.* D: *representar.*

(20) títere—A: *nominal.* B: *vacilante.* C: *riso infantil.* D: *fantoche.*

Respostas a

«Você sabe o que quer dizer?»

(1) CANHESTRO—A. *desajeitado*. De *canho*, ou *canhoto*.

(2) ALUIR—B. *desmoronar*. Do latim *ab* + *luere*.

(3) ESCARPIM—C. *sapato descoberto, de sola fina*. Do italiano *escarpino*.

(4) TREPANAÇÃO—D. *perfuração dos ossos pela cirurgia*. De *trépano*, instrumento usado em tais intervenções (do grego *trupanon*).

(5) LOQUAZ—A. *palrador*. Do latim *loquax*.

(6) ENGENDRAR—D. *inventar*. Do latim *ingenerare*. Por exemplo: «O réu engendrou uma defesa pouco plausivel.»

(7) RECÔNDITO—A. *escondido*. Do latim *reconditus*.

(8) GUINÉU—B. *moeda inglesa*. De Guiné, donde proveio o ouro para o primeiro *guinéu*.

(9) CEPO—D. *toro cortado transversalmente*. Do latim *cippus*.

(10) LILIPUTIANO—C. *pequeno*. De Lilliput, ilha imaginária nas *Viagens de Gulliver* de Swift, cujos habitantes tinham apenas 6 polegadas de altura.

(11) TRANSCENDER—D. *passar alem de*. Do latim *transcendere*.

(12) ANALGÉSICO—B. *que suprime a dor*. De *analgia*, que vem do grego *an* + *algos*, ou seja, *privação de dor*.

(13) PROBO—D. *íntegro*. Do latim *probus*.

(14) COALIZÃO—A. *acordo político*. Do latim *coalitio*.

(15) PARCO—B. *frugal*. Do latim *parcus*.

(16) LINCE—C. *espécie de lobo*. Do grego *lunx*.

(17) SECTÁRIO—A. *membro de uma seita*. Do latim *sectarius*.

(18) ÂMBITO—B. *campo de ação*. Do latim *ambitus*.

(19) ESTUAR—C. *ferver*. Do latim *aestuare*.

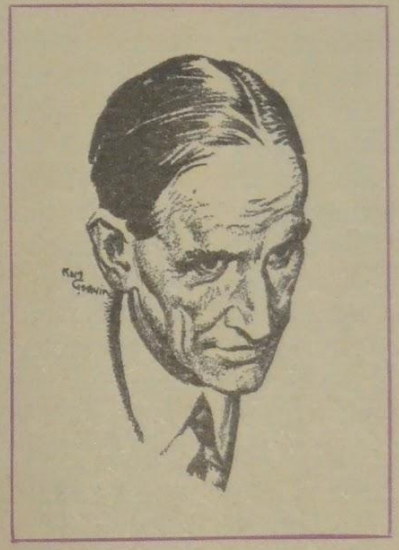
(20) TÍTERE—D. *fantoche*. Do latim *titulum*, que passou a *títere* quiçá através do francês *titre*.

Desprezando as riquezas, o dr. Cottrell erigiu um monumento imperecivel ao progresso da sabedoria humana

O sábio que não quis ser rico

(Condensado de «Argosy»)

Harland Manchester



EM CENTENAS de fábricas, espalhadas por todos os quadrantes do globo, um dispositivo chamado «cottrell» —engenhoso precipitante elétrico instalado numa chaminé— retira da fumaça as partículas sólidas e os gases nocivos, deixando-a tão pura quanto a atmosfera. O aparelho permite aproveitar substâncias químicas que, de outro modo, iriam poluir o ar e envenenar cursos de água e searas; e poupa vultosas quantias à indústria e à lavoura.

Como simples meio de remediar um dos aspectos incômodos da industrialização, o «cottrell» já é uma dádiva para a humanidade. Mas é ainda muito mais: em virtude de um plano singular, os lucros auferidos da venda dos «cottrells» revertem em benefício da ciência, sob a forma de subvenções concedidas anualmente a uns 200 cientistas jovens e ambiciosos. Com esse alento, realizaram-se notaveis progressos na aeronáutica, na física atômica, na química, na medicina, e em outros setores. O plano está em vigor há quase quatro decênios, mercê do amor à ciência e da abnegada visão social do inventor de tão util aparelho—Frederick Cottrell.

O dr. Cottrell começou suas experiências quando ainda moço, pela mais prática das razões: a falta de dinheiro. Nascido em Oakland, na Califórnia, formou-se, em 1877, na universidade estadual, estudando, a seguir, nas universidades de Berlim e de Lípsia. Voltando à sua terra natal, com o grau de Doutor em Filosofia, passou a lecionar físico-química no estabelecimento em que se formara. Em breve, casava-se.

A fumaça, a poeira e o vapor das fundições e das fornalhas estavam prejudicando as florestas e a lavoura na costa ocidental dos Estados Unidos. Dada a ineficiência dos filtros comuns, as fábricas de cimento e de produtos químicos viam-se obrigadas a despender milhões de dólares na aquisição das terras circunvizinhas, para pôr termo às queixas dos respectivos proprietários. Cottrell—para equilibrar o seu orçamento doméstico—empenhou-se na solução do problema.

Primeiro, procurou revolver a fumaça num aparelho centrífugo, para separar as partículas maiores, constatando, porem, que o êxito não era completo. A seguir, repetindo experiências feitas por outros,—notadamente por Sir Oliver Lodge, que procurara debalde dissipar a cerração e a fumaça por meio da precipitação elétrica—Cottrell suspendeu um fio carregado de eletricidade num jarro de vidro cheio de fumaça. A carga elétrica transferiu-se para as minúsculas partículas da fumaça no jarro, fazendo com que elas aderissem umas às outras, deixando, assim, um gás claro e transparente.

O princípio fundamental era bastante simples, mas o que o dr. Cottrell precisava era de um aparelho que purificasse grandes quantidades de fumaça. A essa obra ele dedicou quatro anos de trabalhos e vinte mil dólares —contribuição de três colegas interessados. Apenas completara a obra, seu laboratório foi arrasado pelo terremoto de 1906. Ele havia, contudo, construido um pequeno precipitante elétrico que filtrava grandes nuvens de fumaça, removendo mais de 98 por cento dos sólidos e gases nocivos.

A gerência de uma fundição de chumbo soube da invenção de Cottrell e mandou chamá-lo. Os agricultores das cercanias haviam recorrido aos tribunais em defesa de suas lavouras, e a própria existência da companhia periclitava. Instalados os primeiros grandes «cottrells», estes não somente protegeram os campos, mas, ainda, sairam de graça, pois produziram nova renda: a captação de substâncias químicas, antes desperdiçadas.

Quando os citricultores ameaçaram mover ação judicial contra uma fábrica de cimento em Riverside, na Califórnia, os «cottrells» puseram cobro aos prejuizos, permitindo, ainda, a recuperação diária de cem toneladas de partículas de cimento. Foi, tambem, extraida potassa dos gases de combustão, tendo a companhia, na primeira guerra mundial, realizado maiores lucros com a venda da potassa do que com a do cimento.

Posteriormente, os «cottrells» foram utilizados para as mais variadas finalidades. Muitas usinas de energia elétrica mandaram instalar o dispositivo, que lhes permite a combustão de carvão em pó, sem transgredirem a lei que proibe a produção de fumaça excessiva. A Casa da Moeda dos Estados Unidos usa-os para recuperar grandes quantidades de ouro e prata. Já foram fundadas companhias Cottrell no Canadá, na Inglaterra, na Alemanha e no Japão, aumentando, ano a ano, a procura dos aparelhos.

Ainda nos alvores do triunfo, o dr. Cottrell foi vitimado por grave enfermidade que o obrigou a prolongado repouso. Teve muito tempo para refletir, e chegou à conclusão de que não queria ser comerciante. «Muitos homens descuidam de seus verdadeiros interesses, afim de fazerem fortuna,» diz ele. «Meu lugar era no laboratório, e alí resolví ficar.»

Fundou, assim, uma corporação filantrópica, destinada a fabricar e vender os aparelhos e aplicar os lucros no custeio de pesquisas em universidades e instituições científicas. Sua fundação—a Research Corporation—ocupa atualmente uma situação única, pois é uma indústria fabril sem acionistas ou dividendos.

Outras fundações filantrópicas têm feito donativos que superam de longe as da instituição criada por Cottrell, mas o amparo oportuno desta veio socorrer muitos projetos promissores, impedindo que os mesmos, à míngua de recursos financeiros, fossem relegados ao abandono. Por exemplo, em 1931, Ernest Lawrence, jovem físico da Universidade da Califórnia, queria construir u'a máquina a que dava o nome de «ciclotron». Afirmava que o aparelho desintegraria átomos e demonstrou o princípio fundamental com um modelo de dez centímetros, construido de vidro comum e de aparas de latão. Queria montar um aparelho muito maior, mas não tinha recursos para tanto. A Corporation concedeu à Universidade a importância de 5 mil dólares, para levar adiante os trabalhos. Lawrence construiria em breve o famoso ciclotron de 94 centímetros, que estabeleceu as bases preliminares para a desintegração atômica, abriu caminho para a produção de substâncias radioativas destinadas à medicina e valeu a seu inventor o Prêmio Nobel.

Ano após ano, a Research Corporation foi renovando a subvenção. Mais tarde, vultosas importâncias vieram da Fundação Rockefeller e de outras fontes. Lawrence construiu um ciclotron de 1,50 m e, afinal, o gigante de 4,60 m—o maior do mundo—que ainda hoje domina, da encosta do morro, a cidade de Berkeley. Graças a isso, produziu-se o primeiro plutônio que o mundo conheceu, e extraiu-se do urânio comum a primeira quantidade consideravel de U-235. Tivesse a obra preliminar de Lawrence sido retardada pela falta de recursos, a bomba atômica poderia não ter surgido na segunda guerra mundial.

Em 1916, o saudoso professor R. H. Goddard, da Universidade de Clark, pleiteou auxílio para a construção de foguetões. Tais «foguetei-ros» eram considerados um tanto malucos, reinando a impressão popular de que Goddard pretendia empreender um vôo à lua. Solicitaram o parecer de Cottrell, sobre a inversão dos capitais da Research Corporation numa empresa tão arriscada.

«Esse dinheiro é para isso mesmo... para as empresas arriscadas,» respondeu ele. Com essa ajuda, o Prof. Goddard completou os trabalhos preliminares para o aperfeiçoamento dos foguetes militares usados na recente

guerra. Mais tarde, Goddard recebeu sólidos subsídios da Fundação Guggenheim, antes da Marinha norte-americana interessar-se pela sua obra. Mas o impulso inicial fora dado pelas verbas da Corporation e pelo espírito arrojado do dr. Cottrell. Quando os técnicos norte-americanos, finda a guerra, interrogaram alguns cientistas alemães acerca do funcionamento dos projeteis V-2, estes responderam: «Perguntem a Goddard, que ele sabe.»

Surgirá em breve no mercado uma vitamina A artificial. Há oito anos a Corporation começou a auxiliar o dr. Nicholas Milas, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o qual pretendia sintetizar uma forma de vitamina A que não tivesse sabor nem cheiro, pois até então ela havia sido extraida de fígado de peixe. Espera-se que o novo processo beneficie o consumidor, baixando o preço do produto.

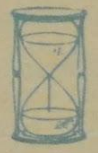
Cerca de 125 mil dólares já foram adiantados pela Corporation ao dr. Morris Kharasch, chefe do departamento de química orgânica da Universidade de Chicago. Várias descobertas importantes resultaram, qual um composto germicida, o mertiolato, que está rapidamente substituindo, na cirurgia, o iodo e o mercurocromo para a assepsia da epiderme antes das operações. Outro projeto de Kharasch tem em mira a produção de novos vernizes, tintas, materiais plásticos e tecidos semelhantes ao «nylon».

Graças às rigorosas normas da Corporation quanto à utilização de patentes de interesse geral, diversas instituições de ensino e de pesquisas já lhe confiaram patentes outorgadas a vários dos seus cientistas. O dr. Edwin J. Cohn, da Universidade de Harvard, cujas célebres descobertas relativas ao fracionamento do sangue humano salvaram muitas vidas durante a guerra, fez o mesmo com as patentes que possuia, e a Corporation concede, aos laboratórios que produzem plasma, o direito de se servirem do processo, sob um regime de licenciamento. A renda é destinada ao sustento de um laboratório experimental dirigido pelo próprio dr. Cohn.

Em 1935, o dr. Robert R. Williams e seus colegas confiaram à Research Corporation o processo que haviam aperfeiçoado para a produção, em grande escala, da vitamina B1, tendo o preço desse produto decaido, no decênio seguinte, de dez dólares a grama, para 16 centavos. Foi isso que possibilitou sua extensa utilização atual no enriquecimento do pão branco e da farinha de trigo. A metade dos direitos cobrados é reservada para o combate às moléstias ligadas à nutrição e, até a data atual, mais de 500 mil dólares já foram distribuidos, para essa finalidade, a 37 instituições científicas.

Depois de se ter desvencilhado de sua «mina de ouro», o dr. Cottrell prosseguiu em sua vida de cientista. Já fez brilhante carreira como químico e como engenheiro metalúrgico, e hoje, aos 71 anos de idade, vive com a esposa numa casa modesta, à sombra de palmeiras, em Palo Alto, na Califórnia, aposentado, mas não inativo. Tem o passo leve, olhos que fuzilam sob o denso sobrecenho, e um cérebro fervilhante de teorias e projetos. Seus colegas consultam-no sobre problemas que abrangem setores tão díspares quanto a mineração do cobre e o cultivo de orquídeas. Há quarenta anos, muitos cientistas vêm recebendo o mesmo conselho: «Procure o Cottrell. Ele talvez não entenda da matéria, mas em dez minutos lhe fará uma sugestão aproveitavel.»

Cottrell já recebeu quase todas as medalhas e honras que poderiam premiar os méritos de um indivíduo em seu ramo, mas seu maior triunfo é a consciência de que, auxiliando os outros cientistas, dilatou mil vezes seus próprios horizontes.



Ouvimos sempre dizer que as pessoas más são incapazes de encarar-nos firmemente. Não há maior tolice. A deshonestidade encarará fria e firmemente a própria honestidade, em plena luz do dia, sempre que houver algum proveito a tirar.

—Charles Dickens

«*A Carreta*»

(Continuação da p. 1)

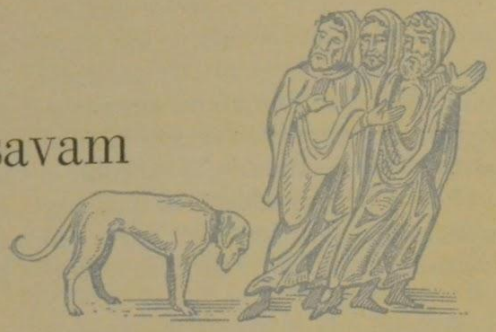
exatamente, observar as origens de seu povo e contemplar o rol de seus antepassados. Volvendo o olhar para a grande cidade metropolitana de hoje, para as granjas e as estâncias bem providas, sentirá um orgulho pessoal pelas realizações atingidas.

Cada monumento encerra uma lição. «O Imigrante», um europeu animoso, levando ao ombro seus poucos objetos de uso, é uma recordação viva de que os uruguaios, como todos os demais americanos, são filhos de imigrantes. «Os últimos charruas», uma família índia que descansa à sombra de uma árvore típica, é uma homenagem a essa tribo desaparecida de quem os gauchos virís herdaram, com o sangue, o ânimo combativo e o amor da liberdade. Tambem «A Mestra», que difundiu a semente da cultura nacional; «O Estivador», que fez de Montevidéu um grande porto; «O Lavrador», «O *Peón*», «O Trabalhador Urbano», «O Arquiteto», todos estão representados. Não foi esquecido, tãopouco, que os escravos desempenharam papel importante na luta heróica pela independência. Eles tambem foram recordados no bronze.

Tais monumentos estão provisoriamente dispersos nos parques e nas praças da cidade. Mas serão, talvez, colocados na Rambla, a grande avenida costeira de Montevidéu, para que contem às gerações uruguaias vindouras os humildes mas heróicos princípios de nossa nação.

Quase todos os animais, inclusive insetos, pagavam por seus «crimes» nos tempos medievais

Quando se processavam os animais



(Condensado de «Nature Magazine»)

A. Alexander

Em Zurique, no Ano da Graça de 1442, reuniu-se um inusitado tribunal para julgar um criminoso. Defronte da Corte de Justiça, os juizes, envergando suas solenes togas, achavam-se sentados sobre um palanque. Um malajambrado bedel, levantando o bastão negro do seu cargo e mister, soltou a voz de comando: «Tragam o réu à barra do tribunal!» Dentro de uma pesada jaula, o réu foi trazido para o meio da cena: era um enorme lobo, que ia ser solenemente julgado pela morte de duas meninas!

O promotor público, erudito togado, iniciou os trabalhos, fazendo a acusação; o advogado, igualmente erudito, fez a defesa da fera. Citaram-se, de parte a parte, colendas sumidades do Direito, inquiriram-se testemunhas. Por fim, o hirsuto réu foi dado como autor do crime e condenado à forca em praça pública. Entre o vozerio da multidão, a sentença foi cumprida.

Os julgamentos de animais figuram entre as mais fantásticas cerimônias da Idade Média. Não se julgue que eram raras essas cenas; basta ver que um historiador do Direito menciona uns duzentos desses casos no decurso de um único século.

Notemos, por exemplo, a reunião bizarra que se verificou na cidade normanda de Falaise, no ano de 1386, quando um porco foi levado a juizo por ter matado uma criança. O julgamento assumiu as proporções de um acontecimento festivo, saindo quase toda a população para a praça pública. O infeliz animal, tendo sido *vestido de trajes humanos*, foi açoitado e mutilado antes que o degolassem sobre o cepo.

Suinos infanticidas eram os mais comuns entre os animais criminosos. Criados à solta nas aldeias e cidades, eles formavam uma espécie de turma de limpeza pública, devorando quanto lixo e sujidade iam encontrando; e tão ferozes se tornavam, que grande risco corriam as crianças pequenas deixadas ao seu alcance.

Em Sévigny, em 1547, uma porca e seis bacorinhos foram julgados em público por terem devorado uma criancinha. O advogado dos réus elaborou uma defesa tão eloquente, que apenas a porca foi executada; os bacorinhos foram exonerados pelo fato de serem muito pequenos e terem agido sob a influência da mãe que lhes dera o mau exemplo. Entretanto, vinte dias depois, os mesmos seis porquinhos voltavam à barra do tribunal porque o seu dono se recusava a depositar uma caução de garantia de que futuramente os bichos se portariam bem; o homem temia que eles, por força da tara materna, viessem a reincidir no crime...

No dia 5 de setembro de 1370, o filho de um criador de porcos da Borgonha foi morto por três porcas, que estavam de ninhada e temiam talvez que o menino lhes fosse molestar os bacorinhos. Verificado o fato, as porcas e suas respectivas «famílias» foram levadas ao tribunal, mas o dono dos animais pronunciou tão comovente apelo para que os leitõezinhos fossem poupados, que o próprio Duque de Borgonha, emocionado pela defesa, sentenciou que *unicamente* as três porcas sofressem a pena capital, «considerando-se embora a circunstância agravante de que os outros porcos, presentes ao ataque contra o menino, não tivessem procurado defendê-lo».

Touros bravos e perigosos eram tambem submetidos a julgamento. Em 1314, na cidade de Moissy, um touro deu tamanhas marradas num homem, que o pobre faleceu das contusões. O animal foi logo trancafiado na cadeia local, junto com presidiários humanos, como sempre sucedia com os animais maiores que aguardavam julgamento; e acabou sentenciado à forca.

Em 1639, o tribunal de Dijon condenou e mandou executar um cavalo por crime de homicídio, e uma égua foi condenada à fogueira, em Aix, no ano de 1694, por sentença do mais alto tribunal daquela província. Ambos os animais foram dados como possessos do demônio; as testemunhas inquiridas declararam ter havido mesmo *premeditação* do crime!

Tratando-se de roedores e insetos, cuja prisão, em grande número, se tornava por demais dificil, o seu julgamento e sentença ficavam sob a jurisdição eclesiástica, em vez dos tribunais civís, prevalecendo, ao que parece, a teoria de que, onde falhasse o judiciário, um anátema da Igreja daria resultados. Depois de julgados em público, sentenciados e executados, então uma excomunhão solene era lançada sobre todos os irmãos dos bichos criminosos...

Invocavam-se, nesses julgamentos zoológicos, todos os recursos da jurisprudência. Foi assim que o grande jurista francês Bartolomeu Chassenée firmou sua reputação em 1521. Ainda jovem sucedeu ser indicado pelo tribunal para fazer a defesa de uma legião de ratos que tinham devorado quase toda a safra de cevada na província de Autun. Quando os ratos deixaram de comparecer em juizo depois das citações da praxe, o advogado alegou que a citação fora demasiado

restrita, abrangendo apenas uma pequena área, e que, como o caso envolvia todas as ratazanas da comarca, todas elas deviam ser intimadas.

Mas, como os ratos continuassem a não dar atenção ao chamado, Chassenée justificou o ato de negligência de seus constituintes, dizendo que eles não saiam de suas tocas porque temiam o ataque traiçoeiro de uns senhores gatos, sempre «muito malintencionados». Entretanto, uma citação judicial, continuou o ilustre orgão da defesa, deveria oferecer proteção ao indivíduo em seu caminho para o tribunal e depois de volta para casa. Era de justiça, dizia ele, que o querelante depositasse uma alta caução, perdendo o direito à mesma caso os animais indigitados fossem vítimas de ataques quando a caminho do juri. O juiz achou justo o alvitre do advogado, mas o queixoso se negou a fazer a caução, e assim ficou encerrado o caso.

Em 1499, um advogado incumbido da defesa de um urso que pilhava os vilarejos de Schwartzwald apresentou a curiosa atenuante de que o seu constituinte tinha que ser julgado por um juri composto por seus pares. Os cerrados debates sobre esse ponto fizeram que o julgamento se prolongasse por mais de uma semana.

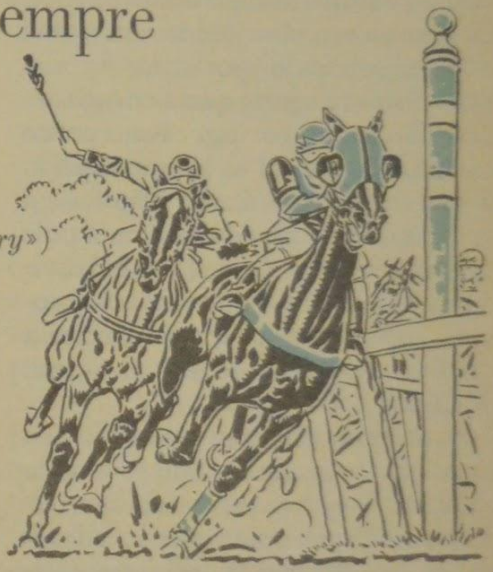
Até cães hidrófobos eram às vezes julgados e condenados como criminosos. Era já de praxe forense que um cão danado não tinha o direito de alegar seu estado de loucura; devia ser severamente punido, sendo mutilado progressivamente, correspondendo cada parte mutilada às partes da pessoa ou animal por ele mordidas; começava-se a execução da sentença pelo corte das orelhas, depois da cauda, indo-se até a amputação das quatro patas. Concluida essa bárbara tortura, era o animal então executado. Durante esses julgamentos, usavam-se a roda, o «espicha» e outras formas de tortura, afim de obrigar os animais a confessar. Os gritos e grunhidos das vítimas eram tomados como sinal de confissão do delito.

Às vezes, certos animais eram admitidos no tribunal como testemunhas. Um homem, acusado de haver cometido um assassínio em sua própria casa, compareceu em juizo com um gato, um cachorro e um galo—suas testemunhas. Jurou, diante desses animais, que era inocente do crime, e, como eles não produzissem nenhum som de protesto, foi o homem posto em liberdade. A crença dominante era de que, se o homem tivesse mentido, Deus daria milagrosamente o dom da palavra aos animais, para que o acusassem e assim não ficasse impune um criminoso!

Nunca se deu uma explicação racional à extravagância desses julgamentos. Ao que parece, era crença geral, na Idade Média, que os animais estavam possessos do demônio, ou, muita vez, era o próprio Belzebú que se disfarçava num porco ou num bode para executar suas artimanhas. No fundo, porem, esses julgamentos eram manifestações do sadismo de uma era em que os divertimentos eram bárbaros e escassos...

Um perito analisa as probabilidades remotas de ganhar dinheiro nos hipódromos

Por que se perde sempre nas corridas



(Condensado de «The American Mercury»)

Robert Saunders Dowst

NOS ÚLTIMOS 20 anos venho ganhando dinheiro com apostas nas corridas de cavalos. Por ter passado boa parte de minha vida a estudar os cavalos e as probabilidades matemáticas das apostas, conseguí obter um lucro médio de 20 por cento sobre o capital invertido. Todavia, esta percentagem insignificante nunca atraiu os jogadores que pretendem enriquecer depressa. Eles se esquecem de que 99,9 por cento dos que apostam em cavalos perdem sistemática e inevitavelmente. Até hoje, *nenhum* jogador, excetuados os profissionais, descobriu a maneira de apostar nos cavalos sem perder dinheiro.

Apesar desse fato, milhões de pessoas assistem ocasionalmente, ou com regularidade, às corridas de cavalos; e alem destes, muitos outros milhões jogam por intermédio de corretores, sem visitarem os hipódromos. O número de jogadores cresce constantemente, porque os que ganham dinheiro gostam de jactar-se de seus êxitos, e porque são quase legendárias as histórias de gente humilde que aposta pouco e ganha muito. Se esses homens conseguiram enriquecer, por que não hão de conseguí-lo os outros jogadores?

No entanto, a verdade é que, se há um jogo destinado a prejudicar sempre os que dele participam, esse jogo é, justamente, o das corridas de cavalos. No sistema comum de apostas *pari mutuel* deduz-se imediatamente, da receita de cada corrida, uma boa percentagem, que é absorvida pelos concessionários e pelos impostos. Do ponto de vista dos jogadores que ganham, tal percentagem parece insignificante. Contudo é desastroso o seu efeito sobre os apostadores em geral.

Digamos que, num hipódromo que fique com 15 por cento, os apostadores invertam 100 mil dólares, exatamente, para ganhar em determinada corrida. Antes de se distribuir o dinheiro entre os vencedores, já se deduziram 15 mil dólares, sobrando, portanto, 85 mil. Suponhamos, agora, que a corrida tenha sido ganha por um cavalo pouco cotado, do qual só se hajam vendido 2.500 pules de 2 dólares. Não fosse a arrecadação do hipódromo, cada pule valeria 40 dólares (isto é, 100 mil divididos por 2.500). A arrecadação, porem, reduz o valor de cada bilhete a 34 dólares apenas (ou sejam, 85 mil divididos por 2.500).

Se o cavalo vencedor for um favorito no qual se fizeram 25 mil apostas de 2 dólares, o «preço», ou valor, correspondente a cada pule vencedora deveria ser de 4 dólares. A arrecadação reduz essa cifra a $3.40. No caso das apostas relativas ao terceiro lugar, o efeito é, muitas vezes, ainda mais drástico.

Reparem como esse sistema reduz os lucros do afortunado jogador. No caso em que vença o cavalo menos cotado, o resultado matemático é que o hipódromo só pagará ao jogador 84 por cento do que ele deveria ter ganho. Se o vencedor for o favorito, o apostador receberá apenas 70 por cento do que deveria ganhar. No caso das apostas «em terceiro lugar», a quantia líquida recebida pelo apostador poderá não passar de 25% da soma que lhe deveria caber.

Essa é a principal razão por que ninguem pode ganhar nas corridas de cavalos. Como é possivel continuar apostando se o hipódromo cobra a totalidade da aposta de cada vez que perdemos, mas só paga 82, 70 e, às vezes, somente 25 por cento de cada vez que ganhamos?

Alem disso, os poucos que conseguem ganhar algum dinheiro não possuem método algum que os demais 99,9 por cento possam comprar ou copiar. A verdade é que, pela sua longa prática, eles se tornaram tão habeis em cotar cavalos que conseguem acertar num número suficiente de vencedores.

Para apostar com êxito é necessário possuir uma força de vontade que a maioria dos jogadores não tem. Assim, por exemplo, os peritos do turfe não apostam senão em uma corrida de cada dez ou doze, visto que nas outras a categoria dos cavalos é tão uniforme ou tão duvidosa que a seleção só pode fazer-se por acaso.

Esses peritos têm que aprender sua profissão sozinhos, sem auxílio de outras pessoas. Os que prognosticam «vencedores» nas colunas dos jornais, os que cotam cavalos para as publicações turfistas, os que recomendam os «provaveis» nos programas do hipódromo e os que vendem «palpites» à porta das bancadas... nunca vencem no jogo. Quem lhes seguir os conselhos está condenado à bancarrota.

Muitos jogadores pertencem ao grupo que eu classifico de «inofensivos». Frequentam o hipódromo uma vez por semana durante a época das corridas, seguem seus próprios palpites ou os conselhos de qualquer publicação turfista, apostam somente em vencedor e nunca jogam mais de 2 dólares de cada vez. Naturalmente, quando chegam ao fim da temporada perderam dinheiro, mas os prejuizos não são suficientes para desequilibrar-lhes o orçamento doméstico, e, de uma maneira ou de outra, conseguiram divertir-se.

No polo oposto estão os numerosos tolos que acabaram por converter-se em frequentadores inveterados dos hipódromos. Têm a certeza de que todos os dias se fazem fortunas nas corridas de cavalos, e vivem na esperança de obter certo dia a informação confidencial que há de convertê-los em milionários. Compram todos os jornais, revistas turfistas e folhas de palpites e escutam com respeito as «informações confidenciais» dos empregados dos bares e dos vendilhões do hipódromo. Uma vez obtida toda a série de indicações erradas e conselhos contraditórios, selecionam um «vencedor» para cada corrida... e acabam por apostar muito mais que suas posses permitem.

Esses tolos acabam por perder todo o dinheiro que possuem e ainda o que pedem emprestado. À medida que seus prejuizos aumentam, convertem-se em presa facil dos parasitas que infestam os hipódromos. Lêem os anúncios dos palpiteiros que «garantem» a indicação de um vencedor pela *módica* quantia de 10 dólares (sem reparar que a «garantia» consiste apenas no fornecimento gratuito de outros palpites até que um deles venha a dar certo) e empenham o automovel... para perderem mais uma vez.

As corridas de cavalos convertem em tolos muitos homens que revelaram sólida inteligência sob todos os outros pontos de vista. Muitos negociantes e profissionais eminentes viram desaparecer suas economias nas mãos de «palpiteiros» que se apresentam como joqueis ou proprietários de «invenciveis».

Contudo, o mais triste de todos os jogadores é o que tenta seguir um sistema. Com os parcos conhecimentos de matemática que logrou acumular e abrigando no coração a eterna esperança, convenceu-se de que pode bater os cavalos com uma régua de cálculo. Inventa, naturalmente, um método infalivel, como o de apostar uma quantia determinada na primeira corrida, o duplo na segunda, o triplo na terceira e assim sucessivamente... até acertar em um vencedor.

Mas o dia do «ajuste de contas» é inevitavel, e os que duplicam as apostas nos favoritos—o mais vulgar de todos os métodos—acabam mais cedo ou mais tarde por defrontar com uma série de corridas em que todos os favoritos perdem. Se eles começarem suas apostas com 2 dólares, e apostarem 4 na segunda, 8 na terceira e assim por diante, após a décima desilusão terão perdido 2046 dólares e a décima quinta derrota custar-lhes-á 65.534 dólares. Em uma das recentes séries de corridas no hipódromo de Gulfstream Park, na Florida, 21 *favoritos* perderam corridas sucessivas!

Não há maneira possivel de evitar as séries de corridas «caiporas». Muitos jogadores adotam o critério de

apostar segundo a fama dos joqueis —mas no ano passado, um joquei de primeira plana que tinha ganho o Kentucky Derby cavalgou 75 perdedores consecutivos. Outros jogadores orientam suas apostas pela posição dos cavalos na linha de partida, mas esse sistema é o mais arriscado de todos. A única coisa certa a respeito dos sistemas de ganhar dinheiro nas corridas, é a inevitavel bancarrota dos jogadores.

Eis o meu conselho aos que apostam nos cavalos: quem não souber «cotar» cavalos e não conseguir acertar num grande número de vencedores para ganhar nas apostas de 2 dólares, acabará por perder dinheiro, seja qual for o critério que adotar no cálculo de cada aposta. Pode atenuar seus prejuizos se fizer apostas pequenas, apostar somente em vencedor e empregar a mesma quantia em todas as corridas. Tambem pode «perder menos» se tiver a paciência de não apostar nas corridas de cavalos que ainda não tenham levantado prêmios, visto ser impossivel prognosticar qual será o vencedor.

Isso, porem, é o máximo. Nunca espere ganhar dinheiro. Exceto para os pouquíssimos jogadores que sabem estudar cavalos e que converteram as corridas em profissão lucrativa, os hipódromos são apenas uma forma de espetáculo em que o público tem de pagar... e paga mesmo.

Lucros no papel

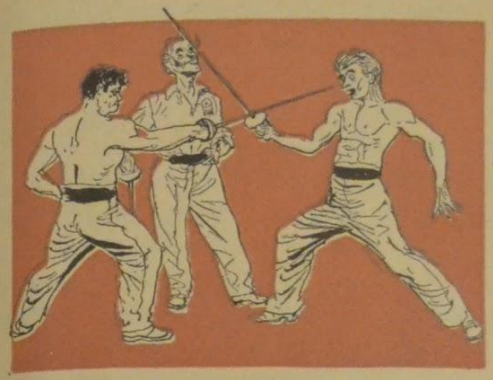
Há alguns anos atrás, eu dedicava boa parte do meu tempo ao jogo da bolsa. Creio que devo o êxito então obtido ao fato de me recordar de uma história, ocorrida com meu tio, de uma armadilha para caçar perús do mato.

A armadilha consistia em uma caixa quadrada com um dos lados levantado e apoiado em uma vara. Uma corda comprida, amarrada à vara, estendia-se até uma macega, onde se ocultava meu tio. Quando a corda era sacudida, os perús que se tivessem aventurado pela caixa a dentro ficavam presos. Trilhas de grãos de milho atraiam os perús à armadilha, no interior da qual se alinhavam apetitosos montículos de grãos variados.

Um dia, meu tio observou a aproximação de um bando de doze perús. Onze deles foram entrando logo na armadilha. «Mais um minutinho só», pensou ele, «e pego o outro tambem».

Mas enquanto esperava, três dos onze perús sairam da caixa. Arrependeu-se, então, de não se ter contentado com os onze. Bem, refletiu ele, assim que um dos três voltar à caixa, puxarei a corda. Nisso, cinco outros sairam tambem, ficando, na caixa, apenas três. Não havia dúvida de que, pelo menos, dois ou três voltariam à caixa, onde ainda havia boa quantidade de grãos. Entretanto, sairam outros dois. Restava-lhe, apenas, um. Enquanto meu tipo pensava no que deveria fazer, o último perú saltou fora e se foi embora com os outros... Os onze perús que tivera em suas mãos simbolizavam a precariedade dos «lucros no papel».

—Fred C. Kelly



Delícias dos duelos

(Condensado de «Esquire»)

Por Paul Gallico

Um amigo meu, que há pouco regressou de uma visita a uma antiga e briosa nação européia, deu-me com o abraço de chegada o seguinte conselho: «Se você tiver vontade de se bater em duelo, vá para lá, e já, que os duelos estão na moda! Nunca esse esporte foi tão popular como agora, e tambem nunca tão inofensivo!

«Tem-se a faculdade de escolher pistola ou *épée* (é a palavra própria...). Mas quem for sagaz e tiver certa força política, poderá assumir a posição de insultado e não a de ofensor. Nesse caso, terá direito, pelo antigo código de honra, a escolher as armas; e andará muito acertado em preferir a pistola.»

O meu informante, na solene qualidade de padrinho, teve recentemente ocasião de oficiar, nas vizinhanças da capital, em vários desses encontros sangrentos. Não sabendo ainda do truque, quando lhe ofereceram a escolha das armas, optou pela espada, por julgar que o diretor do duelo conservaria os contendores a cautelosa distância, de maneira que nenhum dos dois saisse ferido. Mas quando o apadrinhado soube da escolha, tremeu todo, e, cobrindo o rosto com as mãos, murmurou: «Amigo, você errou. Devia ter escolhido pistola... Mas agora é tarde! Sou um homem morto... Adeus!»

Entretanto, no decorrer da pugna, verificou que quem errara fora ele, pois o único a sair ferido foi o diretor, cuja perigosa missão é colocar-se entre os combatentes e dar um apito, sempre que um deles dá um golpe ou salto que o aproxime do inimigo... Ora, sucedeu que, no caso em apreço, um dos duelistas tropeçou e caiu, atravessando acidentalmente a perna do árbitro com a espada. Então, como o sangue—se bem que de terceiro—ensopasse o campo da honra, os contendores abraçaram-se com grande efusão e deram o duelo por findo.

Na realidade, a arma de fogo é preferida, porque não há notícia de que jamais tivesse um duelista caido no campo da honra ferido por bala de pistola, se bem que vários acólitos tivessem as calças chamuscadas de pólvora durante os disparos... A carga ideal, por que ambas as partes porfiam, é uma quantidade tão insignificante de pólvora, que a detonação mais parece um espirro de gato, e mal chega para fazer a bala rolar alguns passos sobre o chão. Segundo parece, é costume dos hierofantes desse ritual reunirem-se dias antes do duelo, no cha-

mado «campo da honra», para experimentar as armas. Medem cuidadosamente o espaço que deve separar os combatentes—uns 30 ou 40 metros—distância essa em que se requereria um bom atirador para acertar num elefante... Fazem erguer então, em cada lado do campo, umas armações cobertas de papel, da altura e da forma de um homem, para servirem de alvo aos tiros. Se a bala alcança o papel, o fato não recebe a aprovação dos presentes; mas se o projetil roça o alvo—ou, que Deus não o permita—o atravessa de lado a lado, então diminuem logo a carga de pólvora, e iniciam de novo a curiosa experiência...

Os duelos, sejam a pistola ou espada, são dispendiosos. Em primeiro lugar, tem-se que encomendar aos fabricantes um par de espadas novinhas em folha, forjadas segundo as especificações fornecidas pelos duelistas. Isso custa boa soma de dinheiro e requer de 15 a 20 dias; enquanto esperam, os galantes contendores têm tempo para pensar no caso, e até para estremecer de nervosismo...

Alem disso, os diretores do duelo têm que ser pagos, e muito bem pagos, pois do contrário podem ficar olhando para outro lado, quando os dois «valentes» se estejam digladiando e correndo o risco de realmente se ferirem. Por isso, o duelista não facilita. Remunera bem o diretor, afim de que este não se descuide de sua missão. Há ainda uns dois médicos, que tambem têm de ser remunerados.

O custo dos assistentes ou «padrinhos», pois há dois ou três de cada lado, vem a encarecer mais o luxo dos duelos. A missão dos padrinhos é ir ao «campo da honra», o qual geralmente fica distante da cidade, e aí delimitar a área apropriada ao encontro, visitando-a durante três dias, de manhã cedo, para se certificarem de que o sol não venha a encandear os olhos de nenhum dos heróis. No desempenho dessa missão, os padrinhos em geral se instalam numa estalagem da vizinhança, para um repasto matutino. É nesse ponto que a conta vai aumentando... O meu amigo mencionou o caso de um duelo, em que os padrinhos «espicharam» suas idas ao campo, para investigar o sol, durante quinze dias. Tratava-se de um duelo de luxo, que foi muito apreciado por todos.

Uma vez concluidas as providências preliminares, vêm então os combatentes, que a essa altura estão como pilhas elétricas, de tão nervosos. Desnudos até a cintura, recebem as espadas, e se lançam aos golpes, em doidas arremetidas. Como já ficou dito, o diretor de duelo é o verdadeiro herói da escaramuça. Ao primeiro entrechoque das lâminas, ele brada—«Alto!»—e rebate-lhes as espadas com a sua, repetindo esse ato cada vez que os combatentes se aproximam muito ou quando dão indicação de que desejam mesmo uma brecha para uma estocada em regra, o que é raro, muito raro...

Em geral, os contendores caem esfalfados; outras vezes, o diretor apanha alguma estocada de acaso, ou um dos duelistas recebe um arranhão num braço, o que é o bastante para que dêem a honra por vingada.

Já é tempo de fazer algo com a ALEMANHA

O. K. Armstrong

Escritor, publicista; membro do Conselho dos Governos Estaduais, dos E. U. A. Ex-membro da Assembléia Legislativa de Missuri

NENHUM outro povo teve pela frente tarefa mais árdua do que a que atualmente desafia o povo alemão: reconstruir o país econômica, política e espiritualmente. O governo e o povo norte-americanos assumiram a maior parcela de responsabilidade pelo futuro da Alemanha. Entretanto, até a presente data, as autoridades de ocupação fracassaram até mesmo em promover o começo do retorno desse país à democracia e à auto-suficiência econômica.

Falei recentemente com militares, clérigos, funcionários, operários, fazendeiros, ex-combatentes e donas de casa nas quatro zonas de ocupação. Não há dúvida de que a Alemanha sabe quem perdeu a guerra. Quase todas as suas grandes cidades ainda estão em ruinas. As cidades pequenas, essas, em sua maioria, foram parcialmente arrasadas. Cerca de 2.750.000 soldados e 450.000 civís pereceram. Três quartas partes da indústria alemã foram bombardeadas ou, depois da guerra, desmanteladas.

A fome assola o país. Quatro milhões de pessoas, cujas casas foram destruidas pelos bombardeios, procuram abrigar-se o melhor que podem. Cerca da quarta parte do território alemão —precisamente a principal zona produtora de alimentos—foi incorporada à Rússia ou à Polônia. Quase 13 milhões de deslocados confinam-se, miseravelmente, na área restante.

Há hoje quatro Alemanhas. Os russos, que dominam o terço oriental, opõem-se, terminantemente, à unificação econômica do país. Os ingleses e franceses estão, progressivamente, transferindo para os ombros americanos o peso dos gastos de ocupação. Os americanos, portanto, precisam escolher: ou retirar-se, deixando o coração da Europa em estado caótico, presa inevitavel do totalitarismo, ou promover, de fato, o soerguimento de uma Alemanha democrática e pacífica. Para levar a cabo essa tarefa, precisam eles traçar uma nova política, tão justa e construtiva que mereça o apoio das gerações futuras.

Quatro providências deveriam ser tomadas imediatamente:

1. *Substituir o espírito de vingança pelo de justiça.* Quando as tropas americanas penetraram no país, milhões de alemães disseram: «Os americanos são amigos da justiça. Eles nos libertarão do nazismo e nos trarão a democracia.» Não tardou, porem, o desengano. A política norte-americana orientou-se num sentido punitivo e rude para com o povo alemão.

É compreensivel que os americanos considerem todos os alemães culpados dos crimes cometidos pelos seus chefes nazistas contra a humanidade. Foi essa umas das teclas da propaganda dos Estados Unidos durante a guerra. É facil dizer: «Punição em massa é o que eles precisam. A culpa foi deles.» Mas o conceito de culpa indiscriminada e a política de vingança indiscriminada são precisamente o oposto dos princípios básicos da justiça norte-americana.

Esses princípios estão implícitos na «Declaração de Direitos» do povo norte-americano: não haverá leis retroativas. A culpa é individual; não existe «culpa coletiva». Presume-se inocente o indivíduo até prova em contrário. Ninguem poderá ser julgado mais de uma vez pelo mesmo crime. As penas deverão ser impostas com humanidade, visando mais a rehabilitação que o sofrimento e a degradação. Todos esses ideais têm sido violados durante a ocupação americana da Alemanha.

O programa de «desnazificação» não passa de um artifício para disfarçar a punição em massa. Os alemães, evidentemente, esperavam que fossem punidos os responsaveis pelos crimes militares ou civís. Mas a desnazificação começou por considerar culpada toda a população, impondo «prisão automática» a todos os indivíduos de certas categorias. Em vez de prova de culpa, exige-se prova de inocência. Enquanto isso, os acusados não podem exercer nenhuma atividade capaz de «influenciar a comunidade», exceto trabalhos manuais.

Ao estudar os resultados da desnazificação, verifiquei serem comuns casos como estes: um industrial fora forçado a fazer fortes contribuições para o partido, sob pena de perder o negócio; agora, sua fábrica foi confiscada e ele proibido de trabalhar em funções executivas. Muitas unidades da Cruz Vermelha Alemã haviam sido incorporadas como auxiliares do partido nazista, sem o consentimento dos seus membros; hoje, as enfermeiras dessas unidades estão proibidas de exercer a profissão. Um pastor foi preso com centenas de outros acusados e levado a um campo de concentração, onde ficou sete meses, antes do julgamento; verificou-se, então, que aquele sacerdote fora detido por engano.

Os tribunais locais de desnazificação são dirigidos por alemães escolhidos pelas autoridades de ocupação. Mesmo depois de absolvidos por esses tribunais, os acusados continuam à mercê dos «Serviços Especiais», criados na zona americana, com poderes para anular as sentenças dos tribunais. Por conseguinte, milhares de pessoas são julgadas consecutivamente e forçadas a um regime de fome e miséria.

Um jovem austríaco, treinado nos Estados Unidos em 1943, logo depois de se ter tornado cidadão americano, tem hoje um importante posto na «desnazificação». Em conversa comigo, declarou-me não ter feito nenhum curso de direito, mas afirmou que para executar a punição em massa de alemães, a primeira providência deveria consistir em pôr de lado os processos legais americanos.

Essa aplicação da «justiça norte-americana» enche de amargura o coração do povo alemão. Milhões de alemães, que jamais toleraram a política hitlerista de agressão e ódios raciais, recordam-se de que estadistas das nações hoje vitoriosas aplaudiram, ontem, calorosamente, o ditador alemão, e que os governos desses mesmos paises reconheceram o regime nazista.

A estagnação física e a decadência moral da Alemanha são a prova eloquente de que a vingança não pode gerar senão o ódio; longe de lançar as bases de uma paz duradoura, lançará, em terra fertil, a semente de futuros conflitos. Já é tempo de substituir esta política por outra, de cooperação baseada na justiça.

2. *Restabelecer as indústrias pacíficas da Alemanha.* «Que nos dêem o direito de trabalhar outra vez!» eis o brado que mais se ouve na Alemanha. As leis de ocupação impedem o rendimento normal do trabalho. As drásticas restrições impostas às pessoas acusadas de ligações com o nazismo estagnaram completamente a indústria. Com as principais figuras do comércio, dos transportes, da indústria, da educação, etc., forçadas a carregar pedras ou a trabalhar de enxada, a produção, evidentemente, não poderá jamais sair do estado atual.

A política de «desindustrialização», somada às devastações da guerra, transformará a Alemanha numa imensa favela. Essa política foi incorporada, vagamente, numa proclamação dos chefes aliados em Quebec, em 1943, e implementada pelo acordo de Potsdam, em agosto de 1945. Os detalhes nunca foram esclarecidos mas, na prática, o plano visa destruir as principais indústrias alemãs e reduzir o país a uma zona «agro-pecuária». A razão invocada é a eliminação de uma futura «potencialidade agressiva» da Alemanha; e, menos abertamente, a eliminação da Alemanha como parque industrial concorrente das nações vitoriosas.

Técnicos ingleses e norte-americanos na Alemanha, em declaração publicada em agosto de 1945, taxaram de absurda a aplicação do «plano pastoril» ao país mais altamente industrializado da Europa: «A opinião mundial exigirá, após alguns anos de experiência, a aplicação de uma nova fórmula. A Alemanha não pode alimentar-se a si própria, apesar da diversificação da sua agricultura. A política atual se transformará em 1948 ou 49 em consequência da modificação da opinião pública.»

Afim de dificultar os movimentos do Exército alemão, as estradas de ferro e outros meios de comunicação foram pesadamente bombardeados. As

indústrias que forneciam materiais e sobressalentes para as estradas de ferro, linhas fluviais e costeiras e outros serviços de transporte, ainda não foram autorizadas a funcionar. Com as oficinas de reparos fechadas, 75 por cento das locomotivas estão imobilizadas, criando ferrugem, enquanto apenas uns escassos trens continuam a rodar.

As minas alemãs de carvão alimentavam cerca de metade das indústrias da Europa continental e aqueciam milhões de casas e oficinas de trabalho. Atualmente, a quota de carvão atribuida às zonas ocidentais é tão reduzida que as indústrias pesadas, mesmo se fossem autorizadas, não poderiam funcionar, e populações inteiras sofrem os horrores do frio.

Todos os tipos de produção industrial foram incluidos nesse quadro sombrio de atividades proibidas, excetuados apenas alguns artigos de pequena importância. Entretanto, a burocracia dos controles chega ao ponto de neutralizar até mesmo os esforços empregados no sentido de incentivar as raras indústrias autorizadas. A orientação administrativa e a execução de seus inumeraveis editos está a cargo de funcionários dos Departamentos de Estado e da Guerra, em sua maioria inexperientes em questões de produção e distribuição e, frequentemente, infensos a assumir a responsabilidade das decisões.

Mais sombrio ainda é o programa de desmantelamento sistemático do equipamento industrial da Alemanha. Uma parte é desmontada para reparações e destinada principalmente à Rússia, mesmo depois de anunciada pelos líderes soviéticos a formação do Cominform para sabotar os planos de auxílio norte-americano à Europa. Em 16 de outubro último, as autoridades inglesas e americanas anunciaram que 682 estabelecimentos industriais ainda seriam desmontados. Uma resolução, não publicada, mas exibida aos membros de um comitê do Senado dos Estados Unidos por um funcionário americano alarmado com as destruições, incluia escolas, quartéis e hospitais, a serem derrubados simplesmente por terem sido usados pelo Exército alemão durante a guerra. Enquanto isso, milhões de pessoas continuam sem teto e à míngua!

Os resultados dessa política de esterilidade e destruição são óbvios: milhares de desempregados erram pelas zonas ocidentais da Alemanha à procura de restos de comida ou arquitetando «golpes», privados que estão do exercício de qualquer atividade util. O mesmo não sucede na Zona Soviética, onde não se permite o desemprego.

A fome vai-se tornando um flagelo. Em tempos normais, a Alemanha trocava produtos industriais por 40 por cento dos alimentos que consumia. Atualmente, as zonas ocidentais necessitam importar 65 por cento dos víveres. A ração diária, que em 1945 era de 1.550 calorias, ou seja o «nivel de subsistência», vem desde então decaindo continuamente, a ponto de hoje, em muitas cidades, não passar de 800 calorias.

As nações e exércitos vitoriosos não têm o direito de destruir os meios de subsistência de um povo vencido. Teria sido melhor permitir que os alemães produzissem mercadorias para reparações do que tirar-lhes os meios de fazê-lo. Tentar eliminar a concorrência de produção alemã é um erro. A prosperidade de um país favorece a prosperidade dos demais.

A produção alemã para fins pacíficos é vital para a vida da Europa. A economia dos paises vizinhos repousou, por muito tempo, no comércio alemão. Com uma Alemanha industrialmente impotente, o nivel de vida europeu baixará cada vez mais, com o consequente empobrecimento não só do povo alemão como de todos os demais. Hoje, os Estados Unidos necessitam gastar bilhões no sustento da Alemanha e de seus vizinhos. E o dinheiro dos contribuintes norte-americanos continuará a ser drenado para a Europa se não for restaurada a indústria alemã. Consequentemente, o melhor será permitir que os alemães voltem a trabalhar para a sua própria manutenção.

3. *Promover uma solução justa para o problema das «pessoas deslocadas»*. Há dois grupos que agravam todos os problemas econômicos e sociais da Alemanha. O primeiro é constituido por uns 700.000 cidadãos de paises atualmente incorporados à União Soviética, como a Estônia, a Letônia e Lituânia, ou sob domínio russo, como a Polônia, os quais se recusam a ser repatriados por temor às perseguições soviéticas. O segundo abrange mais de 12 milhões de pessoas tocadas de seus lares em virtude do acordo de Potsdam. Este inacreditavel e sinistro documento assim estatuiu: «Os três governos (Estados Unidos, Grã Bretanha e União Soviética) . . . reconhecem a necessidade da transferência para a Alemanha das populações alemãs». Funcionários do Departamento de Estado justificam-se alegando que o Governo soviético assegurara que apenas 1.500.000 pessoas seriam afetadas. Em virtude deste acordo, o Presidente Truman, em nome do povo norte-americano, endossou esse inominavel episódio de vingança racial aceitando, assim, um odioso princípio contra o qual fora feita a guerra.

Na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Silésia, Pomerânia, Prússia Oriental, Iugoslávia e em outras áreas, esses *Volksdeutsche* foram expelidos das casas e granjas que lhes pertenciam há cinco séculos. Conversei com muitos deles, oriundos de todas as regiões afetadas. Suas histórias são todas idênticas: súbita chegada de soldados armados, a ordem de empacotar alguma roupa e alimentos, a expulsão forçada e a morte para os que resistiam; o acúmulo de gente nos caminhões e trens, a chegada à zona norte-americana e a instalação forçada nas casas dos habitantes locais.

Esses infelizes são acumulados, principalmente, nas pequenas cidades e áreas rurais. Não raro, uma dúzia de crianças, mulheres e homens, são metidos num único quarto. O temor, e os problemas sociais assim criados, são de proporções imprevisiveis.

Não poderá haver solução para os vastos problemas da Alemanha enquanto os «deslocados» não receberem casas e começarem a trabalhar na Alemanha, ou emigrarem para outros países. Este é um aspecto que exige a imediata atenção do Congresso norte-americano.

4. *Ajudar a salvar a nova geração.* A menos que a nova geração alemã seja salva, qualquer programa que vise criar uma nação pacífica falhará. A tarefa não poderá ser levada a cabo por meio dos socorros atualmente administrados pelo Governo Militar americano. Terá de ser incorporada ao plano geral e permanente de reabilitação.

Um recente estudo estatístico sobre as crianças de Berlim servirá para darnos uma idéia da gravidade do problema. Dentre os 41 meninos de uma classe, de 12 a 14 anos de idade, nove eram orfãos de pai e mãe e 22 haviam perdido ou o pai ou a mãe. Com a exceção de duas, todas as mães trabalham fora, diariamente; 23 meninos passam os dias inteiros longe dos cuidados de qualquer pessoa adulta; apenas quatro possuem camas próprias; 35 dormem em camas com duas ou mais pessoas; 22 não dispõem de lençóis. Apenas cinco recebem duas refeições quentes por dia. Estão todos subnutridos. E, o que é ainda mais triste, 32 desses 41 meninos confessam terem furtado. Um relatório sobre uma turma de 34 meninas revela condições similares, com esta agravante: 14 confessam que praticam a imoralidade como meio de obter alimentos.

São essas as crianças da Alemanha de hoje. Se continuarem famintas e abandonadas, a delinquência, o crime e o desespero transformarão essa geração em foco de inevitaveis desordens e dificuldades no futuro. Atividades realmente produtivas, casas e, sobretudo, uma orientação firme, porem cordial—eis os elementos cuja necessidade mais se impõe no momento.

Como demonstração prática, o dr. A. Freudenberg, pastor luterano, reuniu cerca de 200 rapazes que haviam sido presos por diferentes contravenções. Num campo de trabalho, por eles mesmos construido, os rapazes estão formando novas vidas, em atividades produtivas. «A menos que se faça o mesmo em toda a Alemanha, o país se encherá de perigosos vagabundos,» disse-me o dr. Freudenberg.

Precisamos ajudar a Alemanha a restaurar o seu sistema educacional, dentro de uma orientação realmente democrática. Deveriam ser-lhe concedidas ferramentas e maquinaria para a reconstrução das escolas e bibliotecas, e estas devem ser dotadas de dormitórios e equipamentos adequados. É preciso pôr em prática novos métodos e programas.

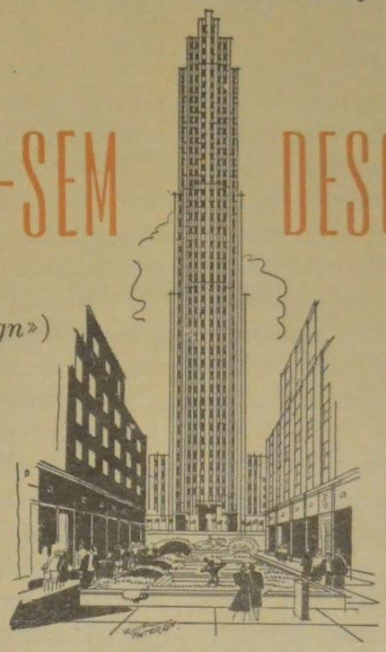
Os Estados Unidos e seus aliados devem assegurar ao povo germânico a sua real colaboração na demorada tarefa de criar uma nação economicamente autônoma e respeitadora da lei e do direito. Desse modo, suscitarão entre os vencidos não só a consciência da derrota na guerra como tambem a compreensão da vantagem de continuarem a viver em paz, no futuro.

Por que será o Rockefeller Center uma das maiores atrações turísticas do mundo?

BABEL—SEM DESORDEM

(Condensado de «The Sign»)

Por Mary Day Winn



NUMA TARDE de maio, em 1939, 165 empregados do comércio, de ambos os sexos, vestindo togas azuis e vermelhas, reuniam-se na parte baixa da Praça Rockefeller, no famoso centro de arranha-céus de Nova York. Por detrás deles erguia-se um dos mais altos arranha-céus do mundo, o edifício de setenta andares da RCA; à sua frente viam-se flores em profusão.

Era o coro do Rockefeller Center, composto de amadores que o tinham organizado por mero divertimento, prontos, agora, para o seu primeiro concerto. Para Nelson Rockefeller, então presidente do Rockefeller Center, era a realização de um sonho. Ele se pôs a explicar aos cantores: «Quando meu pai concebeu a idéia da construção do Rockefeller Center, tinha em mente algo mais do que um grupo de edifícios—mais do que tijolos e cimento, mais do que indústria e comércio. Ele idealizava um lugar que atraísse os cidadãos por ser cheio de vida e beleza, acolhedor e hospitaleiro.»

Esse centro, de onde provinham os componentes do coro, abriga 160 mil pessoas—não só inquilinos como os que alí vão diariamente—conquanto tenha apenas 15 edifícios e ocupe pouco menos que três quarteirões.

Construidos por John D. Rockefeller, Jr., e destinados a constituir grande centro de negócios e diversões, os prédios ocupam uma área pertencente, na proporção de 82 por cento, à Universidade de Colúmbia, à qual o Center paga todos os anos um foro de 3.500.000 dólares. No ano de 2.015, em que expira o contrato, os prédios passarão à propriedade da Colúmbia.

Aí, no coração de uma cidade ultradinâmica, esguicham chafarizes e desabrocham flores, em pleno «Canal da Mancha»—o passeio que separa o Edifício do Império Britânico da

«Maison Française». No inverno, na área mais baixa que a rua, em frente à famosa Fonte de Prometeu, desli-sam, ao som de ritmos diversos, os patinadores sobre o gelo, sejam veteranos ou noviços. Muitas vezes comemoram-se, aí, acontecimentos especiais, como a libertação de París, em que houve danças típicas em trajes regionais, Lily Pons cantou «A Marselhesa» e foram poucas, na multidão, as pessoas cujos olhos não se umedeceram. Na Páscoa, o coro canta, tendo como pano de fundo um milhar de lírios.

De tempos em tempos o Centro pede emprestada, do Jardim Zoológico, uma estranha coleção de bichos: são pinguins empertigados que se equilibram na beirada da fonte; focas que fazem piruetas para divertir os espectadores. Uma ocasião, no Natal, trouxeram-se alguns gamos e, embora eles tivessem de ser colocados na área por meio de guindastes, pareciam perfeitamente à vontade nesse novo ambiente.

Alem disso, o Centro alegra as horas de lazer de seus 1.700 empregados com esportes e jogos em seu ginásio. Há ainda clubes, em que se cultivam os mais diversos passatempos, e exposições de flores nas quais recebem prêmios de consolação mesmo as plantas de aspecto mais *doentio*, cultivadas em vasos, nos escritórios.

A iniciativa mais espetacular do Centro talvez seja a árvore de Natal, que mede de 15 a 25 metros e resplandece de luzes. Em agosto, a comissão encarregada inicia sua peregrinação de centenas de quilômetros, em busca do espécime mais perfeito. Dezenas de pessoas, amantes das árvores, escrevem todos os anos sugerindo possibilidades, e todas as que parecem viaveis são examinadas.

As flores exibidas no «Canal» tambem são cuidadosamente escolhidas com um ano de antecedência. Quatro meses após o dia da Vitória na Europa, em 1945, o Centro enviou à Holanda o seu horticultor-chefe, Aart Marius van den Hoek, afim de obter bulbos para a primavera seguinte.

Para a exposição em que se reproduziram os famosos jardins de Charleston, a histórica cidade da Carolina do Sul, foram necessários planos ainda mais complicados. Quatro carvalhos, cobertos de musgo, foram trazidos daquele Estado; mil pés de azáleas foram cultivados em vasos, e foi precisa uma série de artimanhas por parte dos horticultores para impedir que as camélias do sul florescessem antes do dia 4 de maio, data em que se inaugurou a exposição.

A administração dessa cidade de arranha-céus—que conta com um sistema próprio para alarme em caso de incêndio, um corpo de bombeiros, polícia, departamentos médico e sanitário e agência do correio—requer um pessoal numerosíssimo. Uma das tarefas mais árduas é a da limpeza de mais de 20 mil salas, alem de quilômetros de corredores. Aos 650 limpadores recomenda-se uma providência original: conservar o conteúdo de cada cesta de papéis num saco, com a indicação da procedência, durante 48 horas; nem

os aspiradores de pó são esvaziados antes desse prazo. A essa medida de precaução devem certos inquilinos descuidados a restituição de objetos perdidos, tais como 161 diamantes lapidados, encontrados na cesta de lixo de um joalheiro, e a dentadura de um consul...

Quatro serralheiros e um chaveiro fabricam e consertam chaves e abrem caixas-fortes e cofres quando, por qualquer motivo, não se encontram os respectivos segredos. Outro especialista dedica-se exclusivamente a conservar em ordem as molas das portas; quatro ou cinco eletricistas passam a maior parte do tempo trocando lâmpadas queimadas; seis empregados recolhem tocos de cigarros nos saguões e corredores, e removem goma de mascar do chão e das calçadas.

Há detectives e guardas em serviço durante 24 horas diárias. Quaisquer ladrões que procurem escapulir caem muitas vezes nas inteligentes armadilhas preparadas pelos arquitetos; enfiam-se pelas saidas de emergência para alcançar as escadas, sem saber que essas portas só abrem numa direção e que o único jeito de sair de lá é descer a pé até em baixo—70 andares talvez—ou pedir socorro por um dos telefones colocados de intervalo a intervalo nas torres de incêndio... Mesmo que o ladrão resolva, em desespero de causa, descer as interminaveis escadarias, ainda terá outros obstáculos à sua frente. No segundo pavimento há um patamar e ele tem de passar por um portão que dá o alarma, sendo que, em geral, um dos guardas do andar térreo está à sua espera.

O Departamento de Proteção, com o seu painel de controle em que um funcionário observa, dia e noite, as luzes dos sinais de alarma, está apto a resolver qualquer situação de emergência. Se o monóxido de carbono se acumula na rampa subterrânea e na enorme sala de descarga, a ponto de se tornar perigoso, alarmas automáticos denunciam o fato e ventiladores, tambem automáticos, dispersam o gás. Se acontece que algum fósforo aceso caia numa cesta de papéis, existem aparelhos contra incêndio em todos os andares, e um alarma que chama imediatamente, ao local do acidente, o corpo de bombeiros.

Conta-se que, quando o Rockefeller Center estava em construção, John D. Rockefeller, Jr., desejando certo dia ver melhor o que se passava por detrás dos tapumes que cercavam o local da excavação, aproximou-se, e um guarda lhe ordenou: «Vá andando, chefe!» O «chefe» foi andando; mas outros curiosos descobriram, dias depois, que se tinham feito buracos especiais para que eles pudessem espiar à vontade. Cada um recebia um cartão identificando-o como sócio do «Clube dos Fiscais de Calçada». Esse cartão ostentava o lema do clube, tradução de um velho provérbio holandês: «Os melhores pilotos ficam na praia.» A pedido do povo, esses orifícios de «inspecção» tornaram-se costumeiros sempre que se levanta um grande prédio em Nova York.

Os visitantes admiram-se de que,

mesmo nos dias sem vento, haja sempre uma brisa na Praça Rockefeller. É que o sol, refletindo-se nas grandes superfícies de tijolo e vidro, faz subir a temperatura do ar; este, aquecido, se eleva, sendo substituido por ar mais frio. Os caprichos dessas condições atmosféricas fabricadas pelo homem fazem às vezes com que as bandeiras de diferentes nacionalidades, hasteadas em altos mastros na praça, flutuem em direções diversas.

O calor dos prédios, elevando-se através dos tetos até os «jardins celestes» nos terraços, faz tambem com que as flores alí se abram muitos dias antes das que crescem no nivel da rua. Nos dias frios, o ar quente, procurando subir pelos poços dos elevadores, produz um assovio semelhante a um gemido fantasmagórico; e a força do vento contra as paredes dos altos edifícios muitas vezes faz com que o estuque do lado de dentro estale ou se estufe, principalmente nos andares inferiores.

O Rockefeller Center é um dos pontos obrigatórios para o visitante em Nova York; aliás, é mesmo uma das maiores atrações turísticas do mundo.

O poder da fantasia

Na minha meninice no interior dos Estados Unidos, a cidade de Independence, no Estado de Missouri, estava cheia de veteranos que durante a guerra civil haviam servido nos exércitos do Sul. Lembro-me perfeitamente de um deles, o Coronel John, autêntico gargântua, que se iluminava ao reviver os episódios da campanha. Numa tarde de verão, instalou-se em frente ao pequeno hotel local, armado com um leque de folhas de palmeira, e começou a descrever, em cores vivas, heróicas batalhas, cenas de epopéia.

«Lá estávamos,» estrugiu ele, «um bando de jovens Sulistas, catados aquí e acolá, armados de velhos trabucos, cabos de enxada e forcados, dispostos a repelir os poderosos invasores. A madrugada anunciava os seus primeiros alvores. Mastigávamos as nossas espigas de milho—nosso único alimento, por muitos dias—quando um forte destacamento de ianques assomou no alto da colina. Eram 20 para cada um de nós, e estavam armados até os dentes.

«Você pensa que algum de nós se atemorizou? Que algum lábio tremeu ou algum soldado vacilou? Qual nada! Tal como os heróis das Termópilas ou os imortais Seiscentos, os nossos avançaram, com incrivel arrojo, sobre as hordas nortistas, esmagando-as completamente.»

«Ora, John,» atalhou um velho companheiro. «Eu estive nesse combate e a verdade é que os ianques nos deram uma corrida em regra.»

«Deus do Céu!» grunhiu o Coronel John. «Eis aí mais um grandioso episódio desbaratado pelo raio de uma testemunha ocular.»

—George Creel, *Rebel at Large* (Putnam's)

Feira de borboletas

(*Condensado de «The New York Times Magazine»*)

Por Dee Bredin

Em Bexley, pequena aldeia do Condado de Kent, a poucos quilômetros de Londres, há uma pequena propriedade rústica que não chega a medir um oitavo de hectare, e que é talvez a única do seu gênero no mundo. Mora aí, e aí trabalha, Hugh L. Newman, por muita gente alcunhado «o homem das borboletas».

É nos terrenos dessa granja singular, verdadeiro pesadelo para os jardineiros—pois os troncos das árvores parecem mexer-se, de tão inçados de lagartas—que Newman se consagra à criação de borboletas e traças aos milhares. As espécies mais raras e mais belas encontram-se dentro de casa, em vitrinas e bandejas cobertas com campânulas de vidro. Newman tem uma freguesia numerosa entre os laboratórios, colégios, museus, agricultores, colecionadores e proprietários de fazendas. Entre os clientes mais assíduos conta-se o ex-primeiro-ministro Winston Churchill, que converteu uma estufa da sua residência de campo em santuário de borboletas.

No prodigioso jardim do sr. Newman pode-se observar, no curto espaço de uma hora, todo o ciclo da existência da borboleta, visto que as várias espécies se acham em diversas fases de desenvolvimento, e a vida delas dura entre quinze dias e um ano. Vemos aí larvinhas minúsculas saindo do ovo; outras, já maiores, pousadas nos arbustos de que se alimentam, debaixo de gigantescas cortinas de musselina, ou dentro de gaiolas de rede apertada, sobre estacas; lagartas crescidas, que já vão entrando na fase de crisálida, e finalmente as borboletas que rompem do casulo, sacudindo as asas ainda dobradas sobre o corpo, para se transformarem em criaturas de rara beleza, algumas delas maiores que a mão dum homem. Uma vez por outra surge um «monstro», um prodígio tão raro, que o seu preço sobe a quinhentas vezes o preço normal da espécie.

Em uma das gaiolas vimos um par de borboletas da traça do ailanto, em plena união amorosa. As fêmeas desta espécie, chegada a época nupcial, derramam no ar um aroma capaz de embriagar os respectivos machos a mais de quilômetro e meio de distância. Um jovem médico do Condado de Surrey faz atualmente experiências para descobrir qual a composição química desse odor; se se pudesse produzí-lo sinteticamente, seria possivel pegarem-se legiões de lagartas e traças das que nos comem as roupas.

A granja das borboletas foi inaugurada há 51 anos pelo pai do sr. New-

man, que caçava borboletas por passatempo. Depois de ter vendido por bom dinheiro uma de suas coleções a Lorde Rothschild, passou a explorar a granja. Ainda hoje é sócio do filho.

Um dia, faz muitos anos, andava o velho Newman caçando borboletas no sul da Inglaterra, nas vizinhanças de um manicômio, quando um casal que passava por alí encontrou uma rede de pegar insetos, e perguntou-lhe se não tinha perdido nada. Absorvido no seu trabalho, Newman pai respondeu que andava procurando «fantasmas». Daí a minutos, os guardas do manicômio cairam em cima dele, e o pegaram numa rede antes de o pobre ter tempo de explicar que os «fantasmas» que andava procurando eram apenas uma variedade de traça!

O banco das gravatas

VÁRIAS revistas norte-americanas têm publicado, recentemente, o seguinte anúncio: «Troquem de gravatas! Mandem-nos, pelo correio, de uma a seis das gravatas de que já estejam enjoados. Receberão, imediatamente, igual número de gravatas, que obtivemos da mesma maneira, limpas e bonitas, pelo preço de um dolar, apenas. Banco das Gravatas, Caixa Postal 547, Wilmington, Delaware.»

Os idealizadores desse curioso negócio são dois ex-combatentes da Marinha, Bernard e Jake Kreshtool. O Banco das Gravatas, iniciado em janeiro passado, recebeu, nos primeiros seis meses, 17 mil gravatas de 3.500 clientes, residentes em todos os recantos do país, no longínquo Havaí e até na Venezuela. Embora o negócio renda hoje uma média de 400 dólares mensais, não ocupa senão as horas vagas dos irmãos Kreshtool. Jake dirige uma agência de publicidade e Bernard é estudante de odontologia. Levam para casa os pacotes que abarrotam a Caixa Postal 547 e dedicam três noites por semana à seleção e grupamento das gravatas. Encarregam-se, eles mesmos, do empacotamento e expedição, confiando, porem, a uma lavanderia a lavagem a seco das gravatas.

As perspectivas são excelentes. Em realidade, contudo, os rapazes têm uma preocupação: como poderiam pôr termo ao negócio, se assim o desejarem um dia?

Adaptado de *Advertising Age*; Lawrence Galton, em *Collier's*

Não é bem assim

A HUMILDE Mandy frequentava a igreja regularmente. Sempre sorridente, irradiava alegria e felicidade. Tendo faltado à missa num domingo, procurou o padre na manhã seguinte, para entregar-lhe o óbolo costumeiro. O sacerdote, que se encontrava um tanto acabrunhado, observou-lhe, com alguma inveja: «Bem se vê, Mandy, que você encontrou a felicidade.»

«Não, senhor!» protestou a jovem com energia. «Não encontrei, não. Eu é que a fiz!»

—Bess White Cochran, *Without Halos*

MEMÓRIAS DE UM EX-DEMENTE

Condensação do livro
«A Mind That Found Itself»

POR CLIFFORD WHITTINGHAM BEERS

POUCOS homens terão escrito sua própria biografia ao fogo vivo de uma lembrança tão ardente como Clifford W. Beers neste livro; e talvez nenhum haja tido a satisfação de ver sua autobiografia produzir uma reforma de tal magnitude. É que, com ela, o autor foi alem da ambição de fazer despertar o mundo, e o livro ficou como a declaração de direitos dos alienados. Há 40 anos que vem gozando da mesma popularidade, e é considerado hoje um clássico no gênero.

Copyright 1908, 1935. Editora: Doubleday, Doran & Co., Inc. Nova York. Preço: $2,50.
Edição brasileira: *Um espírito que se achou a si mesmo*, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1934.

MEMÓRIAS DE UM EX-DEMENTE

A HISTÓRIA que tenho a contar não é só uma autobiografia. É mais do que isso. É a história de outro eu, parte de mim mesmo, que me dominou dos 24 aos 26 anos. A esse período posso dar o nome de guerra civil mental, travada no âmbito do meu crânio. Um exército traiçoeiro—o da Loucura—atacou minha consciência desnorteada, e ter-me-ia destruido não fora a estratégia superior da Razão.

Em junho de 1894, ocorreu o fato que iria determinar diretamente meu colapso mental seis anos depois: um irmão mais velho foi atacado pelo que se pensou ser a epilepsia. Poucas doenças desorganizariam tanto uma casa e abateriam seus membros como essa o fez. Quanto a mim, fiquei logo com os nervos destrambelhados. Acontecera aquilo a quem gozara perfeita saude toda a vida; por que não sucederia a mim tambem? Pouco a pouco tais pensamentos foram tomando conta de meu espírito, e daí passei facilmente a considerar meu próprio ataque questão apenas de tempo. Condenado ao que julgava uma morte em vida, meus pensamentos, meus sonhos giravam em torno da epilepsia, até que minha imaginação extenuada parecia ter-me colocado no limiar do ataque.

Enquanto frequentei a Universidade de Yale, e durante os três anos que se seguiram, não passei de um homem doente. Até que um dia, 15 de junho de 1900, se deu a crise, quando trabalhava num escritório em Nova York. Vi-me impedido de dar expressão aos meus pensamentos e minha mão não tinha a firmeza necessária para copiar documentos, enquanto os números formavam uma massa confusa diante de meus olhos. Fui para casa, em New Haven, e lá, uma noite, minha vontade capitulou à loucura. O medo deu lugar ao aparecimento de uma falsa crença, criou uma ilusão. Com uma convicção mais forte do que a de qualquer espírito normal, acreditei que estivesse realmente epiléptico. Desde então só alimentei um pensamento: morrer. Condenei-me ao leito, quase não dormindo, quase sem poder articular palavra. A 23 de junho, atirei-me da janela de um quarto andar, com a intenção de esmigalhar a cabeça de encontro às pedras. Mas, ao invés, caí de pé, fraturando a maioria dos ossos pequenos dos pés. Não perdí os sentidos, e, no instante em que me

choquei com o solo, aquele pavor que me havia impelido ao desespero dissipou-se inteiramente. Nunca mais experimentei um só daqueles ataques imaginários.

FUI transportado para um hospital, e meu quarto tornou-se logo uma verdadeira câmara de tortura mental. Colocaram barras de ferro na janela para minha proteção, mas ao meu espírito aquelas barras deram início a nova série de alucinações que persistiram durante 798 dias. Acreditava-me sob coação legal, tendo em breve que comparecer, como réu, ao tribunal. Qualquer ato de outras pessoas me parecia parte de um plano para arrancar-me confissões: cataplasmas quentes nos pés convenceram-me que me estavam extorquindo declarações; soluções salinas quentes, dadas por indicação médica, eu julgava fazerem parte do mesmo programa inquisitorial; uma cruz de esparadrapo na minha testa ferida, interpretava-a como estigma de infâmia. É claro que tudo aquilo não passava de absurdo, mas no fantástico vocabulário da loucura não figura a palavra «absurdo».

Mesmo depois de transferido para casa, sentia-me sob vigilância policial. Meu irmão se me afigurava um detective. Recusava-me a dirigir-lhe a palavra, não só a ele como a todas as demais pessoas. Durante dois anos e tanto, meu único mundo foi aquele gerado no caos do meu próprio espírito, pois *todos* os meus sentidos ficaram inteiramente transtornados. Ouvia «vozes falsas»; o sal que usava na comida era alumen; sentia cheiro de carne humana assada e outros odores nauseabundos; nas paredes via coisas escritas, e no teto figuras de corpos humanos em movimento, despedaçados e ensanguentados. Ao ser conduzido, um mês depois, para um sanatório particular, acreditei-me a caminho do tribunal; e, quando o diretor me deu para assinar a ficha usual, pensei que aquilo não passasse de um truque policial; era, a meus olhos, a assinatura de minha própria sentença de morte.

O sanatório alojava cerca de 250 pa-

O autor

CLIFFORD W. BEERS teve alta, aos 28 anos, de um hospital de alienados, após dois anos de reclusão. Isso não o impediu de retomar seu posto no mundo dos negócios dos Estados Unidos, e de criar os planos mais audaciosos de reforma no terreno da higiene mental.

Seu primeiro passo foi contar a própria história no livro cuja condensação vamos ler. Decorridos apenas dois meses da publicação da obra, era fundada a primeira sociedade de higiene mental, no Estado de Connecticut, à qual se seguiu logo a Comissão Nacional de Higiene Mental.

De então em diante a causa da higiene mental só tem ganho terreno, em todo o globo. Em 1930, reuniu-se em Washington o Primeiro Congresso Internacional de Higiene Mental, nele tendo tomado parte delegados de mais de cinquenta paises. Foi numa das sessões desse congresso que o sr. Beers fundou a Comissão Internacional de Higiene Mental, tornando-se seu Secretário Geral.

cientes em doze pequenos pavilhões, que seriam verdadeiras armadilhas para os doentes em caso de incêndio. O interesse do lucro exorbitante emprestava à instituição um espírito de economia mesquinha. Empregavam-se enfermeiros grosseiríssimos, sem a menor competência para ter a seus cuidados um doente em minhas condições. Um deles me falava em termos cuja baixeza me impede de repetí-los; outro chegou até a cuspir em mim. O ácido sulfúrico talvez não me tivesse causticado tão profundamente. Sem embargo, privado da fala pelo desvario, eu não era capaz de uma palavra de protesto. A um velhinho, em estado de extrema penúria física, deram como guarda um homem que nunca entrara num hospital antes daquele dia, tendo sido empregado de estrada de ferro. Ao morrer o doente, o diretor teve o seguinte comentário: «Foi-se o nosso cliente mais rendoso; ele nos pagava 85 dólares por semana.» Uns 20 dólares era quanto poderia custar a sua manutenção. O resto ia para o bolso do proprietário.

Minha situação ainda era séria, de modo que tinha comigo um enfermeiro de dia e outro de noite. Mas quando foi dispensado um deles, porque minha família não podia sustentar dois, fui submetido a um detestavel e torturante regime de coibição. À noite, minhas mãos eram metidas nuns envólucros, relíquias da Inquisição. Eram feitos de tela, com uma divisão interna para separar as mãos. Em cada extremidade havia uma correia, amarrada bem apertada nos pulsos. Isso constituiu a situação mais humilhante que enfrentei na vida. Ofereci pequena resistência, e, afinal, pela primeira vez desde o início da doença, caí em pranto. Aquele aparelho era usado não só como meio de coibição, mas tambem como recurso disciplinar. Em lutas desiguais com enfermeiros, fui muitas vezes dominado com incrivel brutalidade. Estendido no chão (as costas tambem tinham sido feridas), com os pés ainda em aparelhos de gesso, os braços e mãos eram o único meio de defesa de que dispunha. Nem ao menos podia xingar meus opressores, pois estava praticamente sem voz.

Para eles, eu não passava de um cabeçudo; mas quando uma pessoa, privada de suas faculdades mentais, se atem a uma idéia sem ter como certificar-se se está ou não errada, não se trata de teimosia, e sim de sintoma de doença. Claro que não merece castigo. Não se irá vergastar a face que a cachumba desfigurou. Aliás, o próprio médico me maltratou uma vez, estando eu física e mentalmente impossibilitado de defender-me e quase incapaz de falar. Certa manhã, entrou ele em meu quarto.

—Bom dia, saudou-me. —Como vai?

Não tendo obtido resposta, insistiu:

—Sente-se mal hoje?

Igual silêncio.

—Por que é que você não fala?

Nenhuma resposta, exceto um olhar de desprezo. Subitamente, sem qualquer advertência, agarrou-me o braço e arrancou-me da cama. Só por cúmulo de sorte meus tornozelos não se deslocaram de novo. No entanto, fora justamente esse o homem que me prendera as mãos para que eu não me ferisse! Esse tipo de médico tem espalhado a desolação entre os pobres loucos indefesos; e desse estofo é que se fazem muitos proprietários de asilos, aproveitadores da infelicidade alheia. «Pague o preço que pedimos, ou então coloque seu parente num estabelecimento público,» é a linguagem antes do internamento. «Pague ou retire-se!» é o refrão quando os recursos se esgotam. O dono daquele sanatório jactava-se de haver alcançado lucros montantes a 98 mil dólares num ano. Por ocasião de sua morte, cerca de vinte anos depois, deixou bens no valor de um milhão e meio de dólares.

Não era considerada provavel qualquer melhora no meu estado, de modo que fui transferido para uma instituição particular, licenciada, sem intuitos lucrativos. Situada em ponto muito agradavel, era cercada por um vasto parque, e o pavilhão onde fui alojado era muito confortavel. Em tempo bom, os doentes que podiam caminhar eram levados a passear, ou ficavam sentados do lado de fora, sempre sob vigilância severa. Os doentes em melhor estado recolhiam-se às nove ou dez da noite; os mais dificeis, por volta das oito horas. Esse sistema produzia certa satisfação, e teria sido ainda melhor não fosse a «mania de perseguição» que não me largava. Acreditava que a casa era povoada por detectives, que todos os visitantes não passavam de conspiradores e que todas as cartas eram falsas. Aos poucos, à medida que ia podendo caminhar, fui começando a ler às ocultas, pois não pediria licença para fazer coisa alguma, mesmo a mais ardentemente desejada. Ainda me era penoso caminhar; e, acreditando que estava sendo engordado como um boi para o talho, fingia-me mais fraco do que realmente estava. Preferia que me deixassem sozinho, e o médico, com duvidosa sabedoria, anuiu a esse desejo meu. Passei assim um ano sem que ninguem me desse a menor atenção, a não ser para que não me faltassem alimentos, banhos e exercício.

Presenciei o abandono em que eram deixados muitos doentes pela sua família, de modo que é imorredoura minha gratidão pelo devotamento constante dos meus parentes durante todo o tempo que passei internado. Em verdade, as visitas eram penosas, pois, acreditando tratar-se de conspiradores, recusava-me a falar mesmo a meus pais. Apesar disso, às vezes me convencia de que eram eles mesmos e de que tinham boas intenções para comigo. Talvez seja confortador dizer isso aos parentes dos atuais internados. Lembrem-se do preceito bíblico, tambem aplicavel aos loucos: «Deveis tratar os outros como quereis que vos tratem.» Não deixem de ir vê-los e de escrever-lhes. Não consintam que sua dedicação esmoreça, nem desanimem ante qualquer repulsa.

Sempre que me mantinha calmo, os enfermeiros eram gentís e atenciosos. Mas veio o momento em que as relações se tornaram dificeis, e surgiu o

conflito. Havendo melhorado de vigor físico e mental, conversava às vezes com outros doentes. A depressão, porem, ainda não me deixara, e eu buscava apenas uma ocasião para pôr termo à vida; isso teria tido, sem dúvida, consequência trágica, não fora minha crença de que era vigiado constantemente por um detective. Provavelmente minha vida foi salva pelo interesse que tinha por novas situações. Por aquele tempo, fiz camaradagem com um rapaz, dentre os internados o único em quem confiava. Ele tinha licença para ir à cidade, de modo que o tomei como meu detective particular. Um dia disse-lhe: «Estes são os endereços de meu pai, de meu irmão e de meu tio. As pessoas que vêm aquí me ver dizem que moram nesses endereços em New Haven; veja se os nomes deles estão incluidos no catálogo de telefones. Se estiverem, uma carta para qualquer desses endereços chegará às mãos de meus parentes.» Quando meu detective me informou que os endereços estavam na mais recente lista telefônica da cidade, escreví uma carta, a primeira naqueles últimos dois anos. Ainda a guardo comigo. Ei-la: «Caro George. Quarta-feira passada veio aquí ver-me uma pessoa que disse ser George M. Beers, meu irmão. Pode ser que isso seja verdade, mas tenho minhas dúvidas. Se você é mesmo essa pessoa, traga esta carta consigo a título de passaporte. Em caso contrário, não diga palavra sobre o assunto, e quando chegar o impostor, eu lhe direi tudo o que penso dele. Um abraço do Clifford W. B.» Era mesmo como se fosse um menino escrevendo a Papai Noel, com sua fé infantil já abalada.

O homem que me apertou a mão na tarde seguinte era na verdade idêntico a meu irmão, mas, para mim, não passava ainda de um detective. Apresentou-me então a carta que lhe escrevera. «Aquí está o meu passaporte.» Passei os olhos no documento e apertei-lhe a mão de novo, desta vez a mão de meu irmão.

—Você não quer ler a carta?

—Não preciso... Estou convencido.

Minha longa jornada, pela floresta agreste da imaginação em delírio, teve fim no instante em que vi aquela carta. Grande parte de meu antigo mundo era minha novamente, e, *para mim*, era como se meu espírito se tivesse encontrado a si mesmo. Parece milagre que o nó górdio da tortura mental pudesse ser cortado assim tão rapidamente. Não são poucos os doentes, todavia, que conseguem aperceber-se, em alto grau, de sua verdadeira condição mental, como resultado de algo que se poderia chamar um relâmpago de iluminação divina.

Após dois anos de silêncio, não me era facil sustentar conversa; no entanto, meu irmão me achou tão bem que pensou em retirar-me breve. Não é preciso dizer que concordei. Mas o mecanismo cerebral é muito complexo para reajustar-se da noite para o dia. Minha nova capacidade de raciocinar corretamente sobre certos assuntos marcou simplesmente a transição de uma fase do distúrbio para outra. Do ponto de vista da medicina, meu estado mental era o mesmo; no entanto, sentia-me feliz! Dentro em pouco comecei a sofrer de idéias de domínio e de manias de grandeza. Os companheiros, acostumados a meu silêncio de catorze meses, não puderam esconder a surpresa diante de minha loquacidade desenfreada e de meu irreprimivel bom humor. É que, saindo da depressão, caira num estado anormal de exaltação, que os psiquiatras bem conhecem.

Durante muitos dias não conseguia dormir mais de três horas por noite, mas não sentia fadiga. Os mais grandiosos projetos tomavam corpo em minha mente. O espírito religioso entrou, dentro de mim, em atividade dominadora, e os mais banais incidentes eu os interpretava como mensagens de Deus. Depois de dois anos sem amigos, passei a escrever tanto que esgotei o papel de carta, e tive que recorrer ao de embrulho. Tiras medindo trinta centímetros por cerca de um metro eu considerava simples bilhetes, pois uma carta verdadeira exigia longas tiras de papel; cheguei a escrever em três dias tanta coisa que as tiras dariam para estender de uma extremidade a outra de um corredor de cerca de trinta metros.

Sempre tive tendência a dirigir as coisas, de modo que, naquele estado de exaltação, assumí a direção de toda a minha ala do hospital. Naturalmente usava a princípio meios suasórios, mas se estes fracassavam não temia em recorrer a verdadeiros ultimatos. Certamente nem todos os meus pedidos podiam ser concedidos, mas o médico, desavisadamente, sem o menor tato, proibiu-me quaisquer regalias, inclusive telefonar a meu irmão. Isso poderia ter sido feito com jeito, sem despertar-me irritação; ao contrário, sua desdenhosa indiferença criou em mim ressentimento e ódio, e nos dois meses que se seguiram fui presa da maior agitação.

Minhas tendências reformadoras assumiram logo carater agudo. Correram boatos sobre violências praticadas contra doentes da chamada seção dos agitados, de modo que resolví fazer uma investigação. Disse a companheiros que ia incorrer propositadamente em alguma falta, afim de ser transferido para lá. Pensei a princípio em quebrar umas vidraças, mas o fator que motivou minha transferência foi uma espiga de milho! É que durante essa onda de confiança em mim mesmo, tive irresistiveis impulsos artísticos, embora nunca houvesse feito antes o menor caso da pintura. Mas o médico, em lugar de ajudar-me a drenar o excesso de energia, tomou-me todos os instrumentos e destruiu meus desenhos. Então o enfermeiro fez menção de jogar fora várias espigas de milho que eu desejava dourar como recordações artísticas. Disse-lhe então que tal gesto redundaria em luta, o que de fato se deu. Um médico que nos desapartou mandou-me então para a seção dos agitados.

Alguns amigos têm-me perguntado que se deve fazer quando um louco tem um acesso. Respondo-lhes sempre que devemos simplesmente *evitar* que ele tenha o acesso. Disseram-me psi-

quiatras que um enfermeiro competente e avisado, que tivesse condescendido com o meu desejo de guardar as preciosas espigas, teria evitado a luta e as consequências ainda mais funestas que se lhe seguiram.

Meu novo quarto era nu, embora limpo, não tendo nenhum movel, exceto a cama, aparafusada no chão; alem da janela com uma grade de ferro, havia nele uma porta sempre trancada, por onde me traziam a comida. Só não me tomaram um toco de lapis, com o qual conseguia encher o tempo, escrevendo pelas paredes. Nem Miguel Ângelo pôs mais sentimento nos murais que pintou. Uma vez por outra interrompia minhas composições dando ponta-pés furiosos na porta. Certo dia, lançando um sapato com violência, arrebentei o globo de iluminação preso ao teto. Os enfermeiros atiraram-me à cama e me apertaram a garganta até que os olhos quase saltaram das órbitas. Depois disso, com um pedaço de vidro que escapou à limpeza, escreví no chão uma frase raspada de sentimento absolutamente sincero, embora lhe faltassem qualidades clássicas: «Meu Deus, abençoai a nossa Casa, que é o próprio inferno.» Simulei então um suicídio. Com os suspensórios presos à armação da cama e, por um nó, ao pescoço, o corpo, ligeiramente pendurado, dava uma aparência bem plausivel de suicídio. O médico, chamado às pressas, colocou cuidadosamente na cama meu corpo amolecido. Acabei então com a comédia, e disse: «Seus animais, vocês precisam ouvir umas tantas coisas. Vocês não me concedem nem um direito; não posso nem beber um pouco d'água entre as refeições... Por sua causa vivo isolado de meus parentes... Mas um dia eu hei-de me vingar. A minha maior ambição é reconquistar a liberdade para dizer cruamente os abusos que se praticam em lugares como este. Se não botar vocês na cadeia, ao menos conseguirei que sejam todos demitidos.»

Não tenho hoje nenhum desejo de pôr esses homens na prisão, pois, tanto quanto eu, eles eram vítimas de um sistema infame. Onde quer que sejam tolerados os princípios da «coibição», a atmosfera é brutalizante. Ponha-se um porrete nas mãos de qualquer pessoa, e os métodos brandos de persuasão serão esquecidos. A «coibição mecânica» usa camisas de força, aparelhos para as mãos, todos eles meios de tortura e desprezo; a «coibição química» usa drogas com as quais um paciente agitado e incômodo pode ser reduzido à inconsciência ou ser mantido em torpor durante vários dias. Mas não será o medo de um castigo (coibição) que deterá jamais um homem presa da exaltação eufórica. Eu sabia muito bem naquele dia que em breve estaria metido numa camisa de força.

Não tenho na vida recordação mais indelevel do que a da primeira noite numa daquelas camisas. Trata-se de um casaco justo, de lona encorpada, sem botões. As mangas são fechadas nas extremidades, e o casaco é amarrado atrás, bem apertado. Cada manga, tendo na ponta um cordel forte, é

amarrada de modo a fazer com que os braços fiquem dobrados e presos ao torax da vítima. Esse casaco pode ser ajustado sem que o paciente sofra nenhuma *tortura* propriamente dita; durante toda aquela noite, porem, sofrí dores intensíssimas. Permanecí na tortura quinze horas consecutivas; e durante doze horas nem um dos cordéis foi sequer afrouxado. Quando me retiraram o casaco, eu não dava acordo dos dedos. Se naquele momento me tivessem prometido a liberdade com a condição de vestir-me por mim mesmo, não me teria sido possivel valer-me do oferecimento.

Fui submetido à mesma provação 21 noites consecutivas, e mesmo durante o dia, algumas vezes, por qualquer desobediência futil. Passava a maioria do tempo em uma cela fechada, mísero buraco, anti-higiênico, tão frio por vezes que podia ver meu próprio hálito. Quando conseguia dormir um pouquinho era sobre um colchão duro, no chão liso. Durante esse tempo, tive todas as comunicações cortadas, inclusive com meu curador legal, meu irmão. Quando ele telefonava, dizia-lhe o médico que eu estava muito agitado e rebelde, mas silenciava sobre minha reclusão. Felizmente, não vendo qualquer melhora no meu estado, meu irmão me transferiu para o Hospício do Estado.

Nas primeiras semanas alí passadas, fui tão docil quanto qualquer dos outros 2.300 internados. Convencido, porem, de que lá tambem reinava a brutalidade, decidí inspecionar pessoalmente todas as seções, boas ou más. Apaixonara-me (anormalmente, por certo, mas com ardor) pela idéia de reforma, e entreguei-me por isso a uma séria investigação. De acordo com esse pensamento, um dia fiz uma barricada atrás da porta e recusei-me a abrí-la. Assim forçaram a porta, travou-se nova luta, novamente fui subjugado pela garganta, e outra vez fui mandado para a seção dos agitados. Pelo caminho pedí ao médico que me fizesse experimentar o pior que lá houvesse em matéria de repressão, o que ele prometeu de bom grado fazer.

Mesmo para uma seção de agitados, minha entrada foi espetacular, e os três enfermeiros de serviço, guardas atléticos do tipo «força bruta», naturalmente concluiram logo que outro provocador de encrencas lhes havia sido atirado às costas. Cumprindo as ordens do médico, eles despojaram-me das vestes externas e, somente em roupas de baixo, fui atirado numa cela.

Em poucas prisões haverá cafuas piores do que aquele cubículo de uns três metros de comprimento por dois de largura. As grades da janela deixavam que a luz coasse, mas era escassa a ventilação. De mobília, nem sombra, e o tapete de feltro devia ser usado como cama. Não havia aquecimento nesse cubículo, e eu vivia gelado o dia todo. Sem roupas, só me aquecia com as poucas peças internas, completando com a imaginação o que faltava; dei então com a idéia de rasgar em tiras o tapete, tecendo-as para fazer um casacão rústico. Durante todo o meu tempo de reclusão solitária, destruí

cerca de vinte desses tapetes. (Confesso que isso me deu certo prazer, mas minha fúria destruidora era devida tambem à «pressão da atividade».) Negaram-me banho durante um período de vinte dias. Aliás não me importei com isso, pois certamente teria tomado banho com água já usada por outros pacientes, prática nojenta, usual naquela seção. Alem de tudo, os doentes agitados faziam sempre uma barulheira infernal na ala em que eu estava, de modo que nunca pude dormir mais de três horas por noite. Tornei-me logo mais ruidoso que meus vizinhos. O homem da cela ao lado estava na mesma fase de exaltação, e assim não dávamos tréguas aos enfermeiros; pelo menos não tínhamos tal intenção. Exprobrávamo-lhes as negligências, forjávamos planos de fuga e vivíamos a blasonar de nossos projetos. Mas a cruz mais pesada em todo esse caminho de excitação e martírio era o fato de que me recusavam água sistematicamente. Se pedia com bons modos, não prestavam atenção; se me enfurecia, então me respondiam com pragas e ameaças. Chegaram a confessar que esperavam uma oportunidade de «amansar-me».

A 25 de novembro de 1902 dei-lhes o pretexto. Fui imediatamente derrubado, batido a ponta-pés, ferido, quase esganado. Quando afinal fingí ter perdido os sentidos eles me abandonaram num canto para que passasse a noite como melhor me arranjasse. Embora tivesse exposto aos médicos, no dia seguinte, uma porção de ferimentos e contusões, os enfermeiros que me seviciaram não foram despedidos.

Notei logo que os únicos pacientes mais ou menos poupados pelos maus tratos eram os menos necessitados de cuidados. Os violentos e incômodos eram seviciados porque violentos e incômodos. Aqueles tão fracos a ponto de nem poder desobrigar-se de suas necessidades, eram maltratados justamente porque seu estado precário exigia que alguem os ajudasse. De ordinário, um doente, quando posto na seção dos agitados, recebia logo no primeiro dia sua dose de castigos, para ser «domado» desde o início. Acreditavam aqueles homens ignorantes e incompetentes que os «casos violentos» só com violência podiam ser tratados.

Os assaltos davam a impressão de vir em série; a alguns dias de trégua seguiam-se verdadeiros festins de pancadaria. O paciente atacado com mais frequência era um velhinho, incoerente, que vivia a falar noite e dia, como o faria qualquer homem perseguido por tais ilusões. Imaginava que lhe haviam roubado o estômago, e lamentava essa perda mesmo quando comia. Não adiantava querer provar-lhe que ele estava equivocado; mas sua arenga monótona aborrecia os encarregados de cuidá-lo, os quais não mostravam por ele a menor condescendência. Todo dia era espancado a murros ou a cabo de vassoura. Embora tanta sevícia baste muitas vezes para causar a morte, aquele infeliz viveu cinco anos. Outro homem, quase completamente idiota, foi reduzido a tal estado de pavor, que, ao passar um enfermeiro, ele lhe ficava rodando em torno, como um cão habituado ao azorrague, que

circulasse em torno do seu dono cruel. Quando as manifestações se tornavam demasiado acintosas, o enfermeiro o castigava por causa do insulto nelas implícito. Havia outra vítima, um espadaudo irlandês, rapaz jovial e espirituoso, que fora lançado à seção dos agitados, embora sua «violência» não passasse de uma irresponsabilidade maçante: praticava persistentemente atos triviais mas proibidos. Evidentemente os enfermeiros classificavam sua atitude como desobediência deliberada e reincidente. Não fui testemunha ocular da surra que lhe deram, mas ouví tudo, não somente o zunido das chicotadas mas tambem seus gritos de misericórdia, até não lhe restar mais fôlego para implorar que lhe poupassem a vida. Dias e dias, aquele Hércules destroçado se arrastou de um lado para o outro, lamentando-se e gemendo de fazer dó.

Numa seção de agitados, a morte violenta não deixa de ser, em última análise, uma morte natural. Um velho, física e mentalmente uma ruina, foi colocado na ala dos agitados, apesar de sua violência cifrar-se apenas numa incapacidade de obedecer, pois estava muito fraco para poder desobrigar-se de suas necessidades comuns. No dia seguinte ao de sua chegada, ele jazia nu, inerte, na cama da cela. Vi-o logo depois de haver sido brutalmente seviciado, e aí ficou o dia todo em estado de semi-inconsciência. De noite, foi posto num lençol, e dois serventes carregaram aquele simulacro de maca com seu conteudo inerte. Morreu naquela noite. Se foi assassinado ou não, ninguem jamais poderá saber. Quanto a mim, acredito em sã consciência que o foi.

Lembra-me bem meu vigésimo-segundo dia de exílio na seção dos agitados, pois nessa data meu pai completava 77 anos. Quis escrever-lhe uma carta de felicitações, como fazia desde muitos anos. Era noite quando pedí a licença para isso, e estava estendido em meu tapete-cama, a cela iluminada apenas pela lanterna do médico. Arrisquei o pedido a princípio em linguagem polida, e o médico simplesmente me negou a permissão. Lancei depois um apelo calculado para despertar-lhe simpatia, o qual não o demoveu. Então, mostrei-lhe estar ele desrespeitando as leis estaduais que permitem a qualquer internado o uso de papel de carta (havia então vinte dias que não me permitiam escrever a quem quer que fosse), e, contrariamente a meus hábitos, insistí no pedido envolvendo-o numa concessão: prometia que no bilhete de parabens não mencionaria meu estado. Embora a oferta fosse plausivel, aceitá-la implicaria a confissão de que algo havia a esconder, e o pedido foi recusado.

Dessa forma, dia após dia aplicavam-me repressões por meios e modos que bastariam para pôr qualquer espírito são fora de si. Sem embargo, viviam frequentemente a exortar-me que não perdesse a compostura de cavalheiro. Porventura as boas maneiras foram, algum dia, fruto de tal tratamento? Sem roupas e sem alimentação suficiente, sem que pudesse aquecer o

corpo e sem dispor de companhia sadia e agradavel, declarei aos responsaveis pela minha guarda que, continuassem eles a tratar-me como um réprobo, eu faria tudo para completar-lhes a ilusão. A responsabilidade pela prova de minha sanidade foi colocada, com todo o seu peso, sobre meus ombros. Tivesse o médico devolvido minhas roupas sob a condição de que seriam de novo tomadas à menor infração, mesmo que fosse a retirada de um botão, seu procedimento teria dado bons resultados, e ter-me-ia por certo poupado muito sofrimento pelo frio.

Pedia diariamente um lapis, luxo de nada, que representa a réstea da felicidade para milhares de pacientes, como outros tantos a encontram num maço de cigarros. Durou quase dois meses a minha ânsia, até que, afinal, um médico assistente se compadeceu de mim e me presenteou com um belo lapis, inteirinho, o que o colocou bem alto na lista de meus benfeitores. Aquele pequeno utensílio se tornou para mim o verdadeiro eixo da Terra.

Finalmente, às vésperas do Natal, acabou-se a pior, a mais penosa de minhas privações, ao me serem devolvidas as roupas. Imediatamente minha conduta melhorou, dando lugar a que outros privilégios fossem acrescentados (em verdade, a concessão de meus direitos): permissão para escrever cartas; uma visita rápida à seção melhor, de onde eu fora removido tempos atrás; um fornecimento de material de desenho; passeios do lado de fora, coisa realmente encantadora, após minha reclusão solitária. De maneira geral, minhas últimas semanas na ala dos agitados podem ser qualificadas de confortaveis.

Parte desse tempo dediquei à invenção de u'a máquina voadora, que logo aperfeiçoei—na imaginação, é claro. Anunciei que breve voaria até certa cidade distante, afim de requerer e receber o prêmio de cem mil dólares prometido ao avião mais eficiente; aliás, eu não era dono somente da máquina voadora, mas tambem de uma fortuna no banco. Transformei-me logo num perdulário... de boca; meus projetos humanitários eram de uma magnitude tal que deixariam o mundo perplexo. Os delírios de grandeza, afinal de contas, são um dos divertimentos que mais apaixonam. A imaginação cria riquezas que banham o mundo em puro ouro. Mas a satisfação *sui generis*, resultante dessas miragens de fortuna, é que sua perda não deixa o menor pesar. Pois, quando o navio-fantasma, carregado de seu tesouro, larga de vez para regiões ignotas, o observador faz a descoberta alviçareira de que sua frota de piratas deixou atrás de si o inestimavel despertar da Razão!

Foi o que se deu comigo. À medida que minhas ilusões se tornaram cada vez mais fracas, patenteava-se dia a dia o fortalecimento da Razão. Oportunamente, meu irmão e outros visitantes, que tiveram afinal permissão para ver-me, acharam minha conduta tão normal que previram meu breve restabelecimento. Em março de 1902, a doença estava amortecida a tal ponto, que fui transferido para um quarto

num pavilhão sossegado, com uma cama, cadeira e guarda-roupa. Não tardou que me dessem licença para passear pela cidade, embora sempre acompanhado. Acotovelar-me com gente normal foi de excelente efeito no sentido de restaurar-me o equilíbrio mental e a confiança em mim mesmo, essenciais à minha volta ao mundo. Meses depois, tive permissão para visitar a minha casa, sendo que de uma vez me demorei lá três dias.

A 10 de setembro de 1903, tive alta do hospital. Era de novo um homem livre. Para os fins de outubro, obtinha emprego na firma para a qual primeiro trabalhara. Não era pequena minha sorte, pois sempre é dificil, a um homem que se refez de uma doença mental, conseguir colocação. O medo generalizado da loucura só gera a desconfiança. Não obstante, essa atitude não passa de um equívoco. É da confiança que nasce a confiança, e a atitude sensata de meu chefe, realmente excepcional naquele tempo, será algum dia corriqueira. Registro aquí suas próprias palavras: «Um empregado doente é um empregado doente. Em qualquer tempo que necessite tratamento, pode tratar-se no lugar adequado, seja um hospital comum ou um hospício, e no momento oportuno; depois, nada impede que venha trabalhar de novo conosco, quando estiver em condições.»

Compreendí logo que não podia ter êxito em qualquer campanha reformadora enquanto não provasse minha capacidade de prover ao meu próprio sustento. De modo que, durante um ano, empenhei no trabalho todas as energias de que dispunha. Por volta de julho de 1905, vi que o tempo estava maduro para aplicar minha atenção ao projeto que me absorvia o espírito: a correção dos abusos existentes nos hospícios e a proclamação de um Código de Direitos do Alienado, com base no princípio evangélico de tratar os outros como desejamos que eles nos tratem. No mesmo quarto onde, em 1900, a razão me fugiu, escreví mais tarde parte do relato de minhas experiências. Redigí meu livro, não como uma história para matar o tempo, mas como o disparo do primeiro tiro nessa campanha.

Nota do autor

DEVE o leitor ter em mente que o relato de abusos e maus tratos que acaba de ler diz respeito a condições existentes há muitos anos. Em consequência do trabalho realizado durante os últimos anos pela Comissão Nacional de Higiene Mental e por associações congêneres, aparecidas depois da publicação desse livro, o velho tipo de hospício e seus métodos de confinamento e repressão foram de modo geral sendo afastados.

Depois que estive doente, milhões de novos casos foram internados em hospitais para doentes mentais, milhares de outros receberam tratamento fora de instituições, e ainda outros milhares ficaram sem qualquer tratamento. No entanto, na opinião de especialistas em doenças mentais, mesmo os mais conservadores, cerca de metade dos casos de distúrbios nervosos e mentais poderiam ser evitados pela

aplicação oportuna, sobretudo na infância e adolescência, dos conhecimentos científicos de que dispomos atualmente.

Os chamados loucos são de ordinário levados a esse estado pelo seu próprio semelhante. As pessoas predispostas à loucura podem conservar-se mentalmente sãs se receberem, em tempo, tratamento bondoso e inteligente. Todavia, mais importante do que a reforma técnica, a cura ou a profilaxia, é uma mudança de atitude em face dos loucos, —a compreensão de que eles são tambem seres humanos, que amam e odeiam, e sabem ver as coisas com *sense of humor*. Mesmo aqueles em estado mais precário são sensiveis à bondade.

Minha ilimitada fé no movimento de higiene mental tem sido amplamente justificada. Durante os últimos 35 anos, vi-o espalhar-se pelos Estados Unidos e pelo mundo inteiro.

Como conservar a juventude

A MOCIDADE não é um momento da vida—é um estado de espírito. É uma disposição da vontade, um predicado da imaginação, o vigor das emoções; o predomínio da coragem sobre a timidez, da sede de aventuras sobre o amor ao conforto.

Ninguem envelhece simplesmente por ter vivido um dado número de anos. Só envelhecemos ao desertarmos nossos ideais. Os anos enrugam a fronte, mas a renúncia ao entusiasmo enruga a alma. Preocupações, dúvidas, falta de confiança em nós mesmos, medo e desespero, —eis aí os longos anos que fazem inclinar-se as cabeças, forçando o espírito, ainda em evolução, a transformar-se novamente em pó.

Aos setenta como aos dezesseis anos, há no coração de todo ser humano uma atração por tudo que é maravilhoso—um suave espanto diante das estrelas e diante das coisas e dos pensamentos com fulgores estelares; um indomavel desafio dos acontecimentos; um apetite infantil pelo que está por acontecer, a alegria e os caprichos da vida.

Somos tão jovens quanto nossa fé e tão velhos quanto nossa dúvida; tão jovens quanto nossa confiança em nós mesmos, tão velhos quanto nossos receios; tão jovens quanto nossas esperanças, tão velhos quanto nosso desespero.

Enquanto o coração receber mensagens de beleza, alegria, coragem, grandeza e poder, —da terra, dos homens e do infinito—seremos jovens. Quando os fios que transmitem estas mensagens tiverem caido por terra, e o coração se nos cobrir com a neve do pessimismo e o gelo do cinismo, então teremos realmente envelhecido, e que Deus tenha piedade de nós.

—Baseado num poema de Samuel Ullman, em *This Week Magazine*.

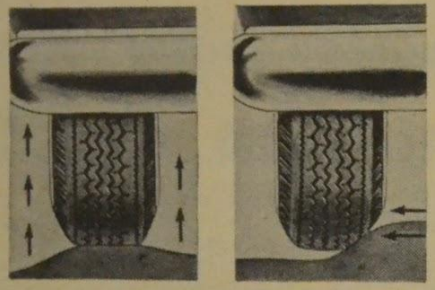
O MAIOR APERFEIÇOAMENTO NA INDÚSTRIA DE PNEUS NOS ÚLTIMOS 15 ANOS...

é uma criação GOODYEAR!

Absorve os choques laterais!

Maior volume de ar, com menor pressão!

● Proclamado pelos engenheiros automobilísticos, nos Estados Unidos, "o maior aperfeiçoamento na indústria de pneus nos últimos 15 anos", o Super-Cushion feito por Goodyear não é apenas um novo pneu—é um novo tipo de pneu! Adotado como equipamento original por vários dos mais importantes fabricantes de automóveis, o Super-Cushion está agora sendo fabricado também no Brasil, um dos primeiros países no mundo, depois dos Estados Unidos, a produzir esta revolucionária criação Goodyear.



Os carros recebem choques de duas naturezas: verticais (à esquerda) e laterais (à direita). Os pneus comuns e o molejo absorvem os choques verticais, mas até que Goodyear produzisse o Super-Cushion, os choques laterais permaneceram um problema sem solução

Veja êstes característicos revolucionários:

Pressão extra-baixa: primeiro pneu para carro de passageiros construído para pressão extra-baixa—24 libras.

Nova construção: primeiro pneu para carro de passageiros construído especialmente para absorver choques laterais, reduzindo os cortes e rachas nas paredes.

Maior volume de ar: maior e mais largo, contém maior volume de ar—"flutua" sôbre os obstáculos e mantém-se melhor na estrada.

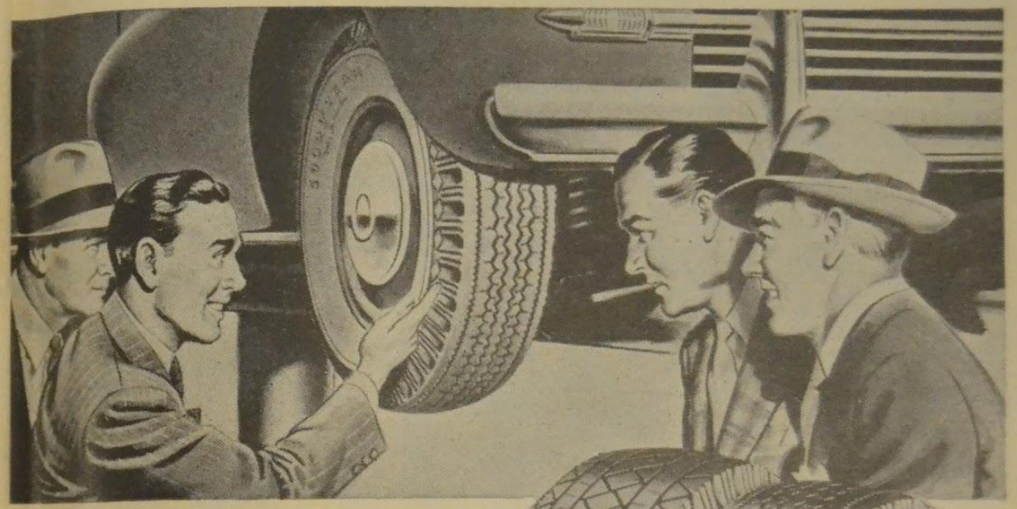
Novo desenho: dotado de ranhuras especiais, para melhor tração, especialmente nas curvas.

Menor aquecimento: proporciona proteção extra contra cortes, ranhuras e estouros, resultando em maior quilometragem.

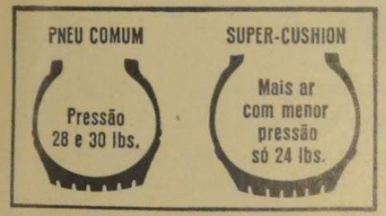
Mais bela aparência: aspecto moderno e imponente.

UM NOVO TIPO DE PNEU!...

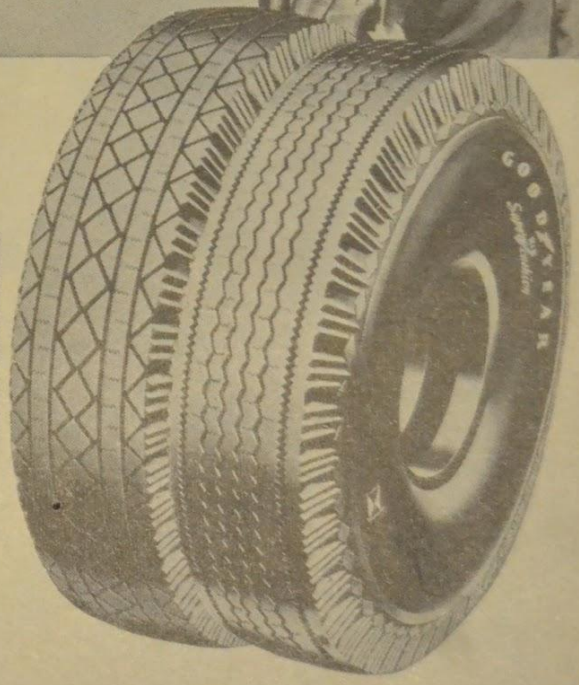
Super Cushion



O pneumático SUPER-CUSHION vende-se em dois famosos desenhos de ranhuras: RIB e ALL-WEATHER



Os novos Super-Cushion são maiores do que os pneus comuns. Por isso comportam 26% mais volume de ar, com apenas 24 libras de pressão!



GOODYEAR

Encantadoras damas da sociedade confirmam:

RUGÓL
é maravilhoso
tratamento
de beleza
num só creme

Deixe que passem os anos, sem macular os peregrinos encantos de sua mocidade... Aplique o Creme Rugól à noite, para clarear a pele, tornando-a limpa, fresca e transparente. Usado todos os dias, como creme embelezador, suaviza a cútis e lhe dá irresistível encanto. Rugól é muito indicado para as imperfeições da pele, porque elimina, ràpidamente, cravos, rugas, espinhas e manchas. Faça do Creme Rugól o seu permanente tratamento de beleza, com um só creme. Comece a usá-lo desde hoje.

Aplique Rugól tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens de 3 a 5 minutos. Use-o também como base para a maquillagem.

Creme
RUGÓL

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

Miríades de arco-iris têm sorrido através
dum mundo obscurecido pelos temporais. . .
Mas nenhum deles tão radioso como aquele que
lhe traz uma promessa de Amor . . . O brilhante
do anel de noivado refletirá tambem,
com a mesma súbita alegria, a realização
dos seus sonhos! Por isso deve ser
escolhido só para ela. Não precisa
ser de muitos quilates, pois a
côr, a "água" e o talhe contribuirão
tambem para sua beleza e
valor. Não deixe de consultar
um joalheiro de confiança!

De Beers Consolidated
Mines, Ltd.

Meio quilate

Um quilate

Dois quilates

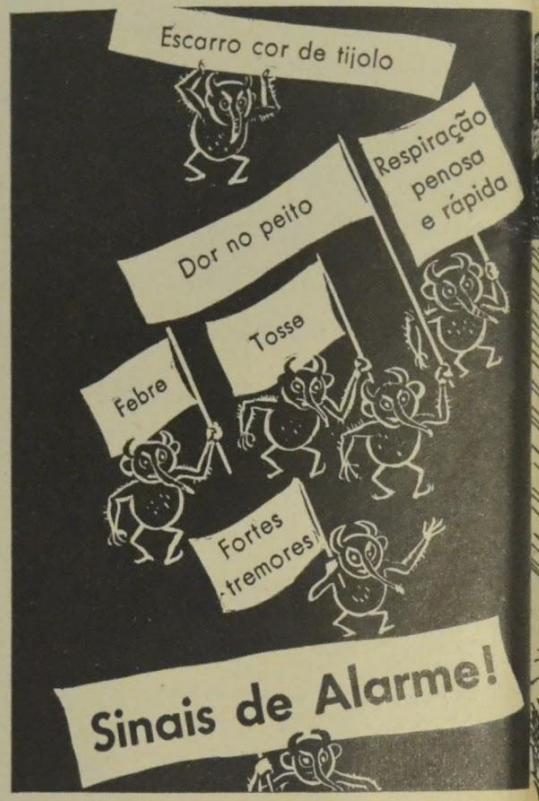
Três quilates

Novas Drogas que podem salvar 9 entre 10 vítimas de Pneumonia!

Milhares de pessoas anualmente são salvas da morte por pneumonia, graças a modernos medicamentos.

Mas, há um "se" . . . Quando seus pais ainda eram pequenos, as vítimas de pneumonia tinham apenas *metade* das probabilidades que você hoje tem de escapar. Agora, graças aos novos medicamentos, a *maioria* dos casos é curável . . . *se* o tratamento for feito logo no início sob assistência médica.

Mesmo assim, hoje em dia se a resistência do doente for baixa, poderá morrer antes desses novos medicamentos produzirem seu efeito. Você vive em perigo permanente se não cuida de seu estado geral. A pneumonia mata com espantosa rapidez. E há ocasiões em que é preciso ser extremamente precavido.



Tome nota destes sintomas. Se *qualquer* deles se manifestar, *chame o médico!* Enquanto isso, permaneça deitado.

As mínimas coisas podem ser gravíssimas! Quando sentir que vai ficar resfriado, tome logo cuidado. O resfriado facilita a entrada nos pulmões dos germes da pneumonia. A pneumonia não só significa longa permanência no leito, sofrimento e despesa, como também e sobretudo—uma batalha pela *vida!*

Lembre-se, pois—se espirrar com frequência e tiver coriza, observe estes conselhos:

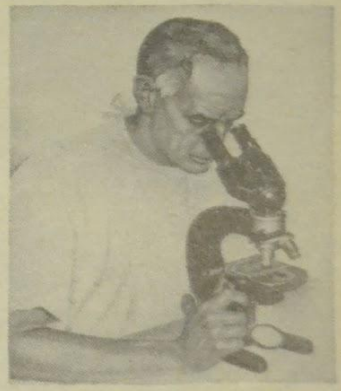
1. Deite-se, se possível, e descanse.
2. Consulte seu médico sobre a dieta, a saúde e o estado geral.
3. Beba grande quantidade de líquidos . . . suco de frutas cítricas, água, leite.

Cuide inteligentemente de sua saúde! Evite expor-se inùtilmente, mantendo-se sempre bem agasalhado!

O que é preciso ter em mente. A pneumonia é uma séria inflamação dos pulmões. Mata traiçoeiramente, manifestando-se com extrema rapidez . . . E sempre espreita que você esteja transpirando ou tiritando de frio; que esteja esgotado . . . ou constantemente abatido; que esteja resfriado ou com gripe ou bronquite; que esteja enfraquecido por uma operação, por um acidente ou ferimento.

Proteja-se, portanto, contra a pneumonia, fazendo periodicamente um exame de saúde. E nunca se esqueça: quando um resfriado se agravar e for acompanhado de febre, *chame seu médico!* E sem demora!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormónios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

DELICIOSAS

... e como são convenientes para as donas de casa!

ERVILHAS FRESCAS O ANO INTEIRO

Em qualquer período do ano, mesmo fora da "época", saboreie ervilhas tenras e frescas com Swift!

CONVENIENTES

Evite o trabalho de descascar, lavar e preparar... as ervilhas Swift já vêm prontas para servir!

SEMPRE À MÃO

Tenha-as sempre ao alcance da mão, todo o ano, em sua dispensa!

DELICIOSAS

Preparadas e enlatadas imediatamente, conservando todo o frescor e sabor da ervilha natural... como se fôssem colhidas da própria lata

COM

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Inteiramente novos em 1948!

CAMINHÕES FORD — em cada peça um *valor extra!

Mais sólida construção para maior duração

Novos de Ponta a Ponta!

Novos Motores! Um Seis, inteiramente novo . . . E Dois Novos V-8!

Novas Carrocerias! Cabine ampla e cômoda: o conforto de um carro de passageiros.

Novos Chassis! Mais sólidos do que nunca!

Extra-Grandes! Os maiores Caminhões Ford até hoje fabricados!

Novos Modelos! Mais de 139 . . . cinco novas séries!

***Valores-Extra.** O EXTRAORDINÁRIO RESULTADO DE UM NOVO PRINCÍPIO MECÂNICO QUE ASSEGURA MAIS LONGA VIDA AO CAMINHÃO . . . E QUE SÓ OS CAMINHÕES FORD OFERECEM!*

Os grandes Caminhões Ford para 1948 são fruto de um novo princípio mecânico, comprovado pelo tempo . . . a *Construção Ford* com Valores Extra.

Valores-Extra—Cada uma de suas peças, cada um de seus pontos vitais, foi desenhado e construido com valores extra!

Valores-Extra—Esta nova construção super-reforçada, proporciona RESERVAS DE TRABALHO que resultam, em:

Valores-Extra—Maior Campo de Utilização! Dão ao novo Ford maior variedade de usos, permitindo transportar cargas além das necessidades normais do trabalho!

Valores-Extra—Maior Duração! Estas mesmas RESERVAS DE TRABALHO permitem aos Caminhões Ford realizar seu trabalho com menor desgaste e menos esforço. Os Caminhões Ford *duram mais* porque realizam o trabalho *mais fàcilmente.*

Conheça a grande linha dos novos Caminhões Ford, para 1948 construídos com valores extra!

Divisão Internacional • Ford Motor Company

OS PERITOS DE SEGUROS PROVAM QUE OS CAMINHÕES FORD DURAM ATÉ 19,6% MAIS!

Em todo o mundo Coca-Cola é o refresco ideal

COPYRIGHT 1948—THE COCA-COLA EXPORT SALES CO.,
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

Carregue sua câmara com filmes Kodak de côr, e verá com surpresa como é facil tirar fotografias tão encantadoras como esta. Escolha: *Filme Kodacolor* para a maior parte dos aparelhos de rolo; e *Filme Kodachrome* para a maioria das câmaras miniatura, de película plana e de cinema para o lar. Vá consultar o revendedor da Kodak!
EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.

Para fotos a todas as Côres

Kodak

O PONTO BRANCO-SÍMBOLO DE DISTINÇÃO

A única linha completa e nova de instrumentos de escrita leva o nome SHEAFFER e V. pode identificar fàcilmente a qualidade SHEAFFER—a melhor do mundo—pelo PONTO BRANCO—Símbolo de Distinção.

O PONTO BRANCO é a sua garantia de que o instrumento de escrita que o ostenta é a última palavra em qualidade, beleza e funcionamento.

encontra-se sòmente nos melhores instrumentos de escrever da Sheaffer

W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, E. U. de A., Malton, Ontario, Canadá.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11° and.

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

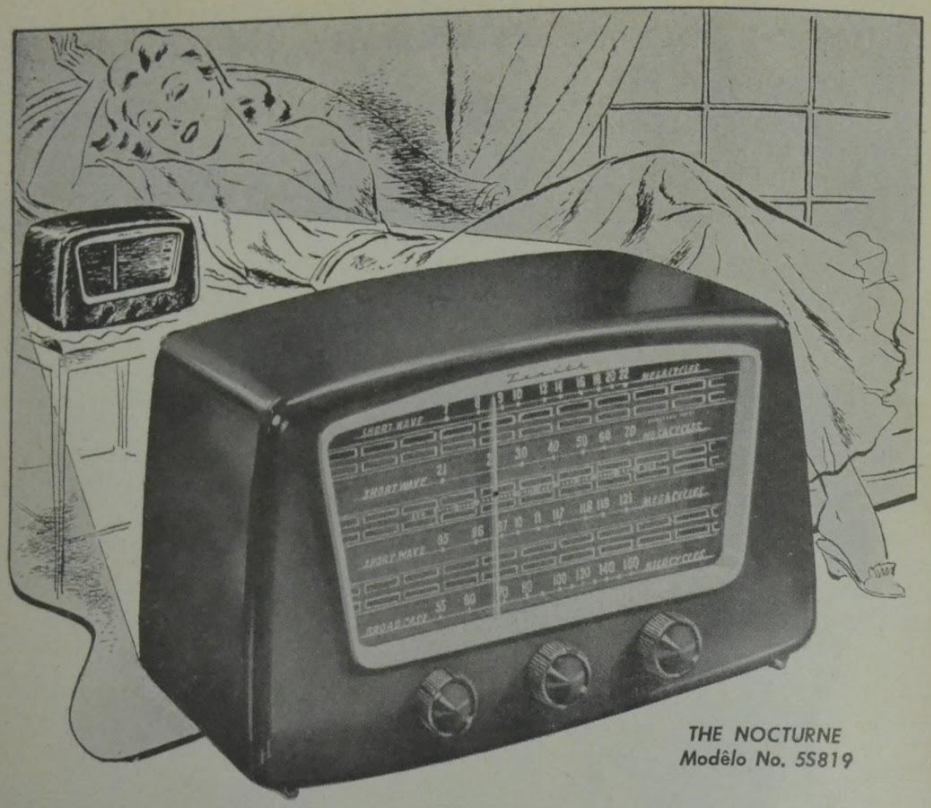
SHEAFFER'S

CINZANO

VERMOUTH

Qualidade

Fábrica Central: São Paulo, Brasil • Fazenda Viti-Vinícola: Estação Mailaski (São Roque).



THE NOCTURNE
Modêlo No. 5S819

COMPLETAMENTE **NOVO** EM ESTILO...
SENSACIONAL EM FUNCIONAMENTO

O estilo brilhante e distinto . . . a tonalidade clara, rica e perfeita . . . estas são as caraterísticas de um rádio de QUALIDADE. Especial para os climas tropicais, naturalmente . . . com Sintonização de Faixa Super-Ampliada para ondas curtas.

ZENITH
INTERNATIONAL

Eis Aqui! A N O V A Royal Portátil...
com teclas DE ACOMODAÇÃO DOS DEDOS

Nunca se viu *antes*, numa máquina de escrever um melhoramento com este...

Imagine... uma máquina de escrever com teclas desenhadas para se ajustarem à parte polpuda de seus dedos! AS TECLAS DE ACOMODAÇÃO DOS DEDOS proporcionam um novo conforto, trabalham com maior precisão!

A beleza em ação!

E quanto a BELEZA! A nova Royal Portátil está muito na vanguarda dos modelos de máquinas de hoje, tanto em estilo como em beleza.

A nova Royal Portátil possui uma BARRA ESPAÇADORA VELOZ que poupa tempo, e reduz os êrros no espaçamento; a MUDANÇA RAPIDA DA FITA que torna mais rápida, mais limpa e mais fácil a mudança da fita!

A Royal oferece a "MAGIC MARGIN," que torna antiquada qualquer outra forma de fixação de margem numa portátil!

Procure o agente local para ver a nova Royal Portátil. Dois Modelos: *Novo* Quiet DeLuxe, *Novo* Arrow.

ROYAL PORTATIL

A Primeira Máquina de Escrever Portátil Realmente Moderna do Mundo

Royal Typewriter Co., Inc., New York

Representantes em todos os países do mundo

SUPREMO NA COZINHA
porque é "Supremo em Sabor"

As cozinheiras experientes insistem sempre no *Leite em Pó Golden State* para cozinhar e fazer bolos, porque ele dá a todos os pratos e acepipes aquele delicioso sabor que só se encontra no *Golden State*. E o *Golden State* é inexcedivel, tambem, em vital energia alimentar!

Prepara-se facilmente em dois minutos.

Por isso, milhões de consumidores têm passado a usar o *Golden State*. Será V.S. um deles? . . .

Golden State
BRAND
LEITE EM PÓ

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro
GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

O SERVEL FUNCIONA EM QUALQUER PARTE

Conserva Frescos os Alimentos . . . Faz Cubos de Gêlo em Quantidade

—funciona a querosene, gás natural ou industrial, butano ou propano

Viva onde viver—nem que seja num lugar acessivel só de avião—V.S. pode desfrutar todas as vantagens modernas do Refrigerador Servel. Isto porque o Servel funciona sem maquinaria—não tem, no sistema de congelação, peças moveis que se desgastem ou desarranjem. Por meio de uma pequenina chama de gás ou querosene, o Servel conserva frescos os alimentos . . . mantem frias as bebidas . . . protege os remédios sensiveis ao calor . . . e produz cubos de gêlo em grande quantidade. E mais—o Servel presta serviço durante muitos anos a baixo custo.

Servel O REFRIGERADOR DIFERENTE

SERVEL, INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

GIRARD PERREGAUX

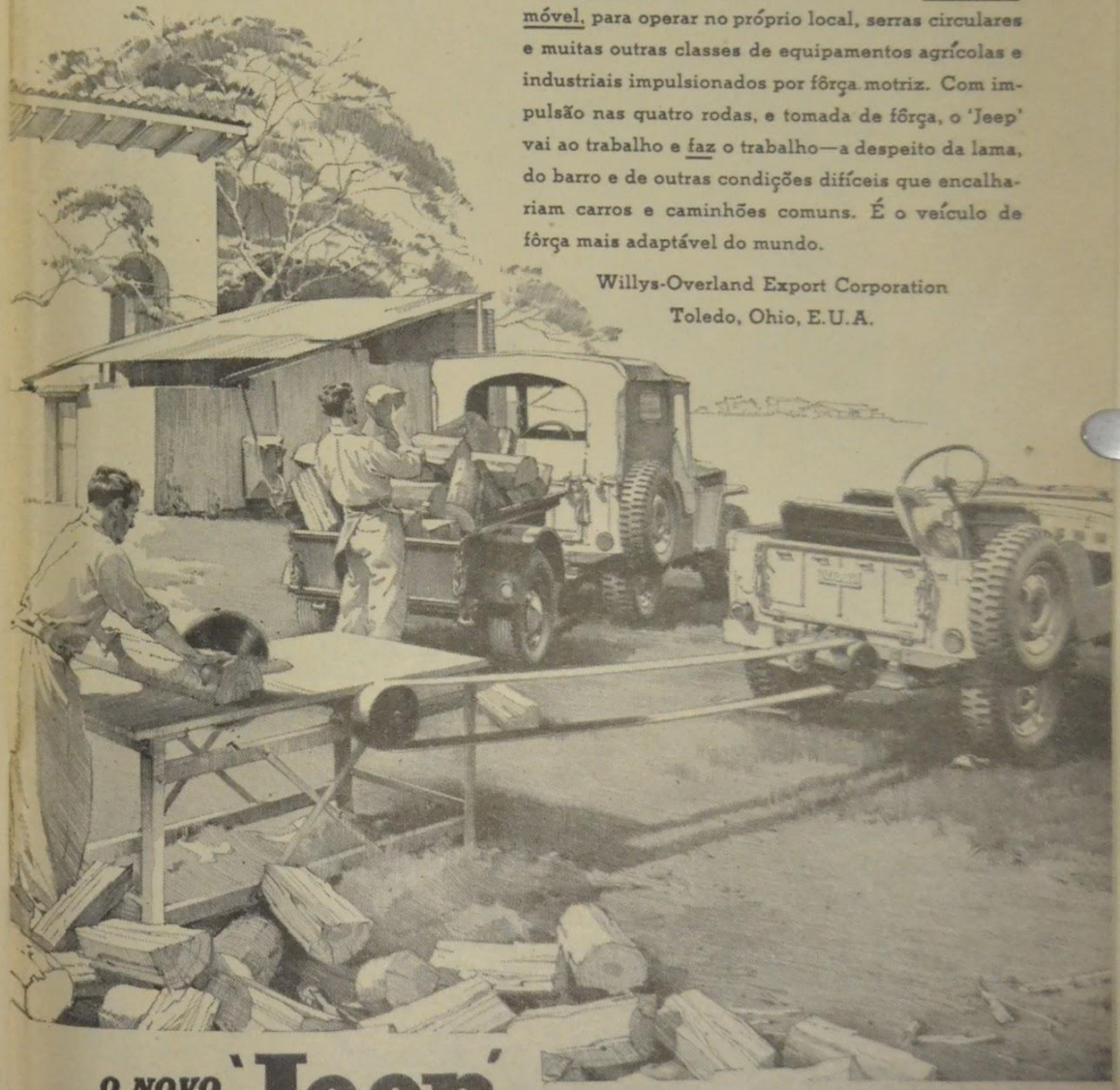
Relógios de Alta Qualidade desde 1791

As melhores lojas do mundo
vendem os relógios Girard-Perregaux
Fabricantes: Girard-Perregaux & Cia., S.A.,
La Chaux-de-Fonds, Suiça

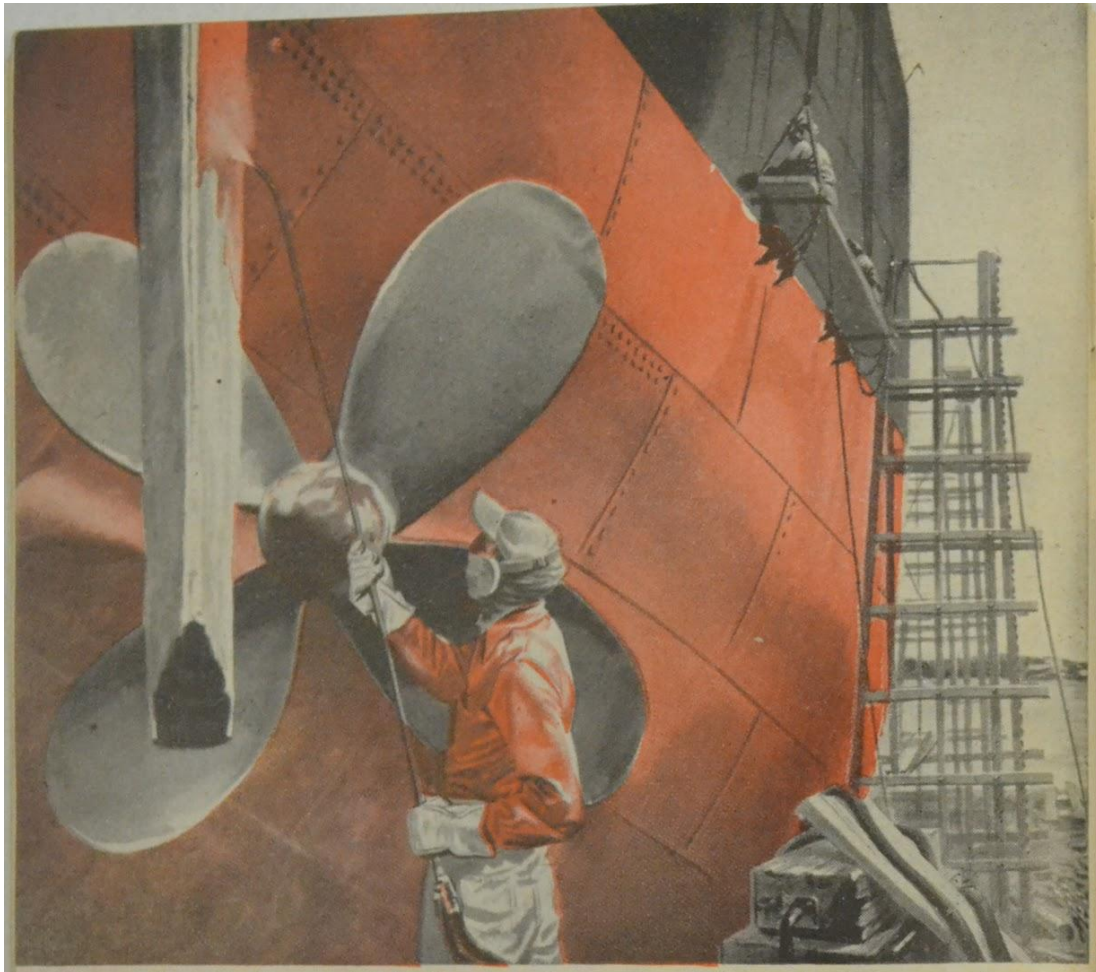
A FÔRÇA DO 'JEEP' EM AÇÃO

O 'JEEP' UNIVERSAL tem duas categorias de fôrça. Tem fôrça tratora, para rebocar ou puxar e fôrça locomóvel, para operar no próprio local, serras circulares e muitas outras classes de equipamentos agrícolas e industriais impulsionados por fôrça motriz. Com impulsão nas quatro rodas, e tomada de fôrça, o 'Jeep' vai ao trabalho e faz o trabalho—a despeito da lama, do barro e de outras condições difíceis que encalhariam carros e caminhões comuns. É o veículo de fôrça mais adaptável do mundo.

Willys-Overland Export Corporation
Toledo, Ohio, E.U.A.



O NOVO 'Jeep' Universal construído por WILLYS-OVERLAND



Reaparelhamento de um petroleiro Esso—para levar mais petroleo aonde ele é necessario.

Eles Trazem boas Noticias

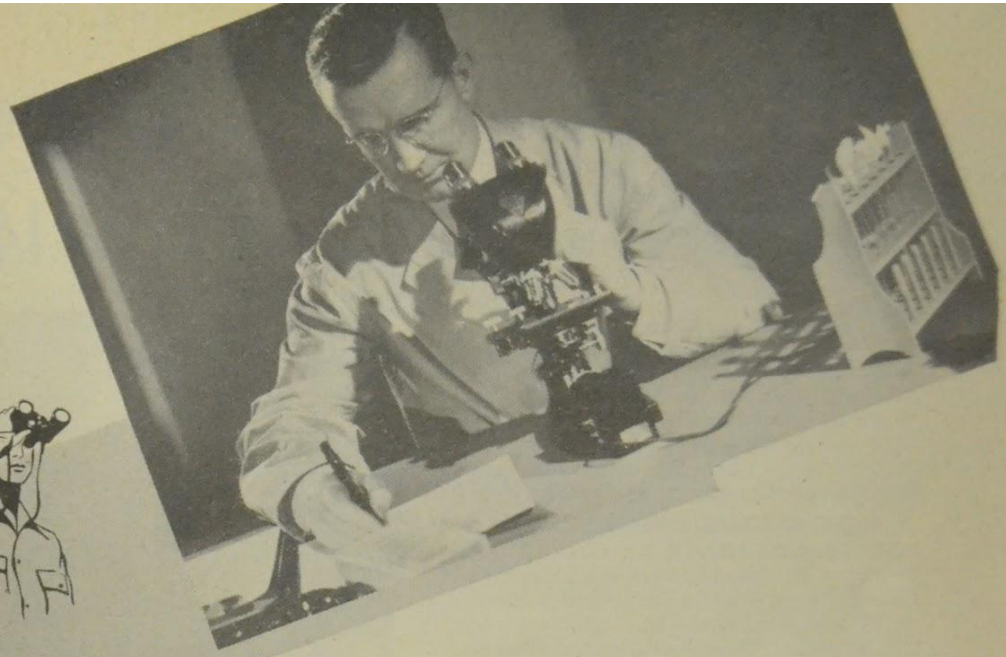
As necessidades de petroleo no mundo atingiram um nivel elevadíssimo—e continuam aumentando! Atualmente o consumo de petroleo é ainda maior do que em 1945, ano de maiores gastos da guerra. Esta a razão pela qual estamos ampliando, a toda pressa, nossa frota de navios tanques. De cada vez que se põe a navegar um navio tanque, sabe-se que em breve estará auxiliando a distribuir mais petroleo.

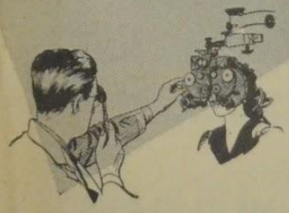
Como parte deste programa, estão sendo tambem ativadas as construções de novos oleodutos e instalações para refinação e armazenamento. Tudo isto porque aonde vai o petroleo a vida se torna mais facil e cheia de conforto.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE **Esso** UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

ORGANIZAÇÃO ESSO





Uma vida longa e mais alegre... para Você!

Seu médico é o guardião de sua saude. Ele pode ajuda-lo a desfrutar uma vida longa. Um dos instrumentos mais importantes de sua ciencia é o microscópio, e os melhores microscópios do Mundo são produzidos por Bausch & Lomb. Produz tambem Bausch & Lomb os melhores binóculos, óculos Ray-Ban, instrumentos para pesquizas e laboratórios e uma variada linha de armações e lentes para óculos para que Você possa ter uma melhor e mais confortavel visão.

Consulte seu oculista uma vez por ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES

NOVO! BROCA de Precisão SOUTH BEND de 14"

South Bend oferece esta nova Broca de 14" como companheiro do Tôrno de Precisão South Bend. Fabrica-se com as mesmas normas insuperáveis de exatidão e de hábil mão de obra. É uma ferramenta superior sem igual na sua precisão, facilidade de operação, adaptabilidade e rendimento digno de tôda confiança.

CARATERÍSTICAS E ESPECIFICAÇÕES

DESENGATE DA TENSÃO DA CORREIA. Uma alavanca de ação rápida para o desengate da tensão da correia simplifica o câmbio de velocidades. Mantem a devida tensão.

LUZ INTEGRAL. Iluminação sem sombras na área de trabalho. Interruptor integral.

FUSO. Desenho flutuante evita o mal alinhamento, o impulso lateral e o açoite.

CHUMACEIRAS DE ESFERAS. Tipo selado e de precisão. Não se lubrificam. Duas na transmissão ao fuso, duas no fuso.

INDICADOR DA PROFUNDIDADE. Com graduações em polegadas. Os colares ajustáveis governam o avanço e o retrocesso.

CAPACIDADE. Tamanho máximo do furo em ferro ou aço, 12.7 mm. Broca até o centro dum círculo de 355 mm.

MANDRIL. Capacidade, De 0 até 12.7 mm.

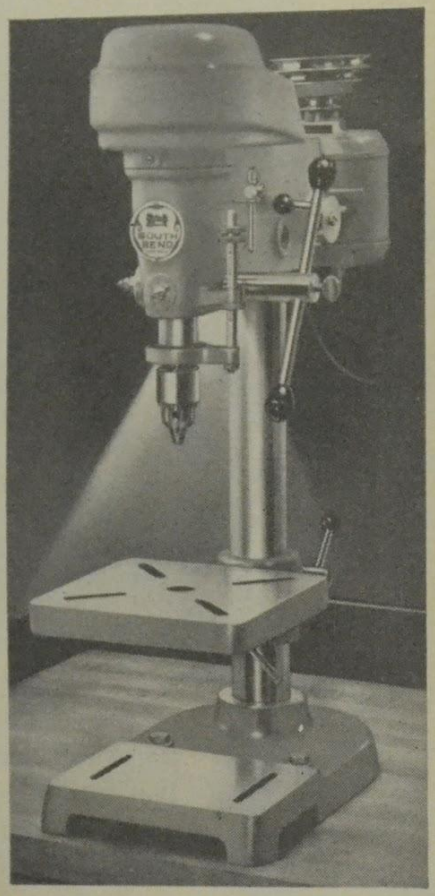
VELOCIDADES. Quatro, De 700 até 4300 rpm.

DISTÂNCIA DO MANDRIL À BASE. Modelo de banco, 432 mm. Modelo de chão, 1181 mm.

TAMANHO DO PRATO. 254 mm x 254 mm.

COLUNA. 70 mm. de diâmetro.

MOTOR REQUERIDO. 1/3 H.P., 1725 rpm. Montagem vertical. Fornece-se interruptor.



Catálogo Número 400-B—modelo de banco (ilustrado)
Catálogo Número 400-F—modelo de chão

No Brasil dirija-se à
BERT KELLER, S.A.
Máquinas Modernas
Caixa Postal 1975
São Paulo, Brasil

Em Portugal dirija-se à
SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LTDA.
R. da Boa Vista 83-A—Aptdo. 326
Lisboa, Portugal

Só os legítimos Tornos South Bend exibem este emblema

SOUTH BEND LATHE WORKS

Fabricamos melhores ferramentas desde 1906

497 EAST MADISON STREET, SOUTH BEND 22, INDIANA, E. U. A.

Bastam dois homens — um para guiar o Trator Allis-Chalmers, e outro para manobrar o acessório de ensacagem — para colher esta safra de sementes de trevo forrageiro com a Colhedeira "ALL-CROP".

A Maravilha de uma COLHEITA COM A "ALL-CROP"

O homem anda sempre em busca de melhores e mais fáceis maneiras de fazer o seu trabalho. Assim, cria máquinas que produzem com mais eficiência, mais economia, e menos trabalho.

A Colhedeira "ALL-CROP" ("Colhe Tudo")—produto da Allis-Chalmers—é na verdade uma máquina prodigiosa, pois habilita um ou dois homens a realizar o que, antigamente, exigia a mão-de-obra de muitos. Faz a colheita de mais de cem produtos agrícolas diversos, tais como trigo, feijão, cevada, centeio, e pequenas gramíneas. Colhe cereais ainda na haste, e plantas já acamadas e curadas na terra.

É uma máquina que a tôda parte leva uma existência melhor, porque permite que menos homens produzam mais gêneros a menor custo.

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD748 — Divisão de Tratores — Milwaukee 1, E. U. A.

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro

Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão

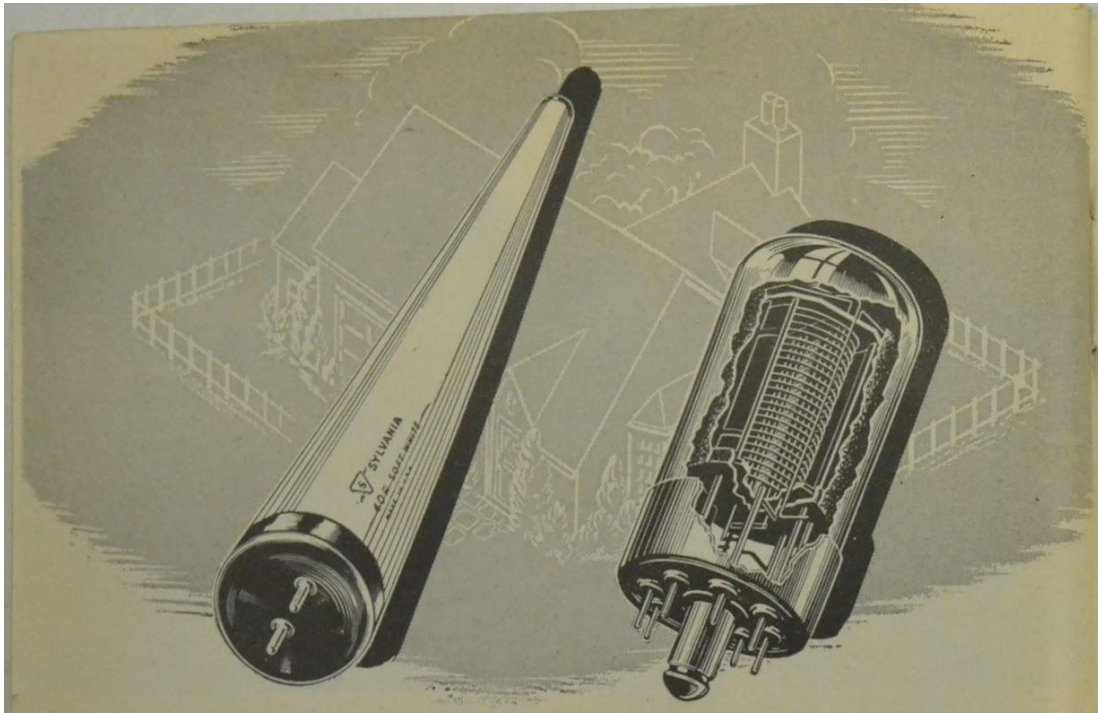
Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo

B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem, Pará

Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Porto Alegre, Rio Grande do Sul

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:

H. Voultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.



SYLVANIA

A Melhor Luz Fluorescente

Iluminação moderna para o lar *moderno*, cujo grande brilho assegura boa visibilidade, é brando e difuso, não esquenta nem ofusca . . . Em igualdade de preço, as lâmpadas e instalações fluorescentes Sylvania asseguram iluminação superior e de maior alcance do que outro processo qualquer de iluminação.

A Melhores Válvulas de Rádio

A famosa válvula Sylvania "Lock-In" é reconhecida no mundo inteiro como sendo elétrica e mecanicamente superior a quaisquer outras válvulas de rádio—insuperavel pela sua recepção claríssima.

Sylvania Electric Products, Inc.
Divisão Internacional
50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

Lâmpadas de Bolso e Pilhas Elétricas

Peça uma demonstração das novas e modernas Lâmpadas Elétricas de Bolso e respectivas Pilhas Sylvania.

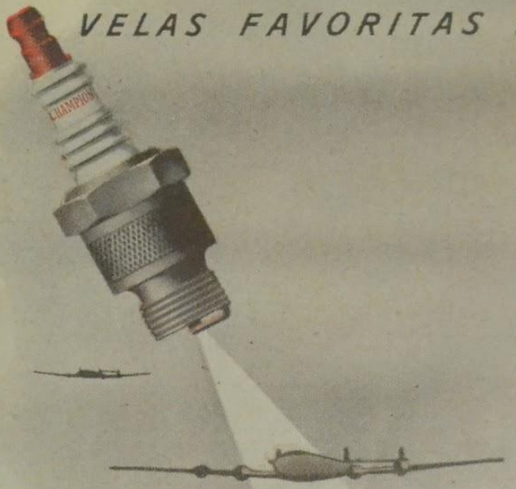
SYLVANIA ELECTRIC

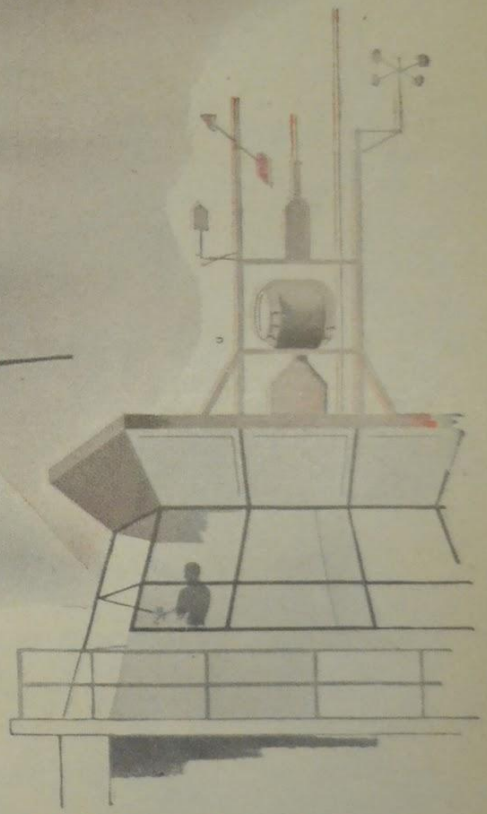
Fabricantes de lâmpadas, placas e lustres fluorescentes, dispositivos de instalação elétrica, lâmpadas elétricas, válvulas de rádio e equipamento eletrônico.

Fieis

CHAMPION

VELAS FAVORITAS DO MUNDO





AS VIAGENS AÉREAS SÃO HOJE UM NEGÓCIO ALTAMENTE ORGANIZADO E ESTÁVEL . . . O ano passado, os aviões de carreira transportaram mais passageiros do que nunca em uma quilometragem total sem precedentes, e com o melhor recorde de segurança na história das linhas aéreas—um recorde que rivaliza favoravelmente com o de qualquer outro gênero de transportes públicos. A aceitação que a Vela Champion atingiu junto das empresas e forças aéreas e os aviadores particulares é uma demonstração convincente de confiança que V. S. deve ter presente ao comprar velas para seu carro. Se quer melhor funcionamento, especifique Champion —a vela de motor preferida no mundo inteiro.

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

EXIJA CHAMPION—AS VELAS DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY
Toledo, U. S. A. • Windsor, Can. • Feltham, Eng.

Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES

Os mais modernos cargueiros do mundo, movidos a eletricidade, são equipados com turbinas, geradores, motores, controles, radar, lâmpadas, fogões, fornos e outros equipamentos G-E que contribuem para o êxito e segurança das viagens e para o confôrto das tripulações.

Este mesmo serviço de confiança evidencia-se em todos os produtos G-E para o lar e para a indústria.

A-8-5

GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se por seu funcionamento garantido.

Aquêles que brilham com GLOSTORA

★ *"Uso Glostora porque sou contra o penteado-forçado".* Alvarenga

★ *"Uso Glostora porque me conserva penteado o dia inteiro".* Ranchinho

Uma "enquete" realizada entre as celebridades nacionais revelou que 81,7% das figuras notáveis do Brasil preferem Glostora. Entre elas, ALVARENGA & RANCHINHO, que, fora dos seus magníficos espetáculos cômicos, são dois rapazes elegantíssimos. É que as pessoas de temperamento artístico exigem a perfeição. E em produtos para os cabelos, indubitàvelmente a perfeição é Glostora, o preparado rigorosamente científico e moderno, que fixa sem empastar e amacia sem engordurar.

USE E SABERÁ PORQUE AS FIGURAS FAMOSAS USAM

Glostora

UM PENTEADO CORRETO E UM PERFUME DISCRETO

Aprender—aventura sem fim

Por Glenn Frank

Presidente da Universidade de Wisconsin

NÃO HÁ homens cultos. Nunca os houve. Jamais os haverá. Aqueles a quem poderíamos, com mais razão, chamar cultos são simplesmente os homens que prosseguem sem interrupção na busca incessante do conhecimento e da sabedoria, objetivo sempre fugaz.

O processo da educação sofre do que se poderia denominar «calendarite». Os diplomas e os títulos trazem consigo a impressão sutil de que o homem pode considerar-se culto em certa idade, podendo então cessar de aprender, para dedicar-se a viver...

Ora, em última análise, aprender é tarefa para toda a vida. O processo da educação é infinito. Os homens começam a recebê-la no berço e não param de adquirí-la até a sepultura.

Em muitos sentidos, o adulto aprende melhor que o jovem. Certas coisas, só as assimilamos satisfatoriamente depois que a idade nos deu bastante experiência da vida. Está provado que o momento mais propício para adquirirmos qualquer conhecimento é justamente antes de necessitarmos usá-lo. Por fim, nada nos apresenta melhores oportunidades de aprender do que os próprios problemas com que deparamos em nossa vida particular, profissional e pública. Aprender é uma contínua aventura, se nos esforçarmos por entender a época em que vivemos.

Quase todos temos os dias cheios. Falta-nos a tranquilidade de nossos antepassados, cuja existência era marcada por um ritmo mais lento. A perda pode ser lamentavel, mas, enfim, essa é a realidade, e precisamos encará-la.

Por isso, Seleções do Reader's Digest, que nos permite captar, em momentos vagos aquí e alí, idéias uteis em pleno vôo, e que nos encaminha frequentemente para novas leituras, tanto em livros como em periódicos, é mais que uma simples revista: é um notavel instrumento para a educação de adultos.

AGOSTO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Os ossos têm vida	*Elsie McCormick*	25
Aprovado com distinção	*James W. Bellah*	29
A Rússia está preparada para a guerra?	*Henry J. Taylor*	31
Rir é o melhor remédio		37
Acabemos com as Olimpíadas	*Stanley Frank*	38
O mal alheio ajuda a remediar o nosso	*Edith M. Stern*	41
Beija-flor, jóia dos jardins	*Donald Culross Peattie*	46
Sherlock Holmes em carne e osso	*Irving Wallace*	49
Se tiver uma boa desculpa, não a use!	*Harry E. Fosdick*	53
O doente é o herói	*Paul de Kruif*	56
Para que os convidados não se enfadem	*Sherman Billingsley*	61
Meu tipo inesquecivel	*John L. O'Hara*	64
Flagrantes da vida real		71
A voz hostil da Rússia	*Robert S. Bird*	73
Vermiculite, o mineral mais estranho	*Myron M. Stearns*	78
Jackson—Presidente do povo	*Donald Culross Peattie*	81
Uma cachorrinha andeja	*James Thurber*	87
A grande muralha que deteve os manchús	*Blake Clarke*	89
É facil escrever cartas	*Gelett Burgess*	94
Barbeiro de meio mundo	*Don Wharton*	97
País modelo	*Joseph Wechsberg*	102
Vivamos mais intensamente	*I. A. R. Wylie*	105
Férias escolares remuneradas		110
Uma reformadora de armas na mão	*Alan Hynd*	112
Instantâneos pessoais		148
Seção de Livros — Borrasca	*Richard Hughes*	117

Xochimilco — *Fotografia* ..... *quarta capa*
Nota ..... *primeira página*

CMD PUCA
1965

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.
PARANÁ J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3.º andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: J. A. Carvalho, Minerva Central, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

Tomo XIV, No. 79 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Agosto de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.,
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Administrador:* Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco*: redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Seere Salminen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIV, No 79, August 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Xochimilco

Por
Artemio de Valle-Arizpe
Cronista da Cidade do México

AS RUAS da grande cidade de Tenochtitlán, quando os espanhóis a conquistaram pela força das armas, eram, algumas, só de água, outras de terra e água, e ainda outras unicamente de terra, «largas como duas lanças de infantaria». Qual filigranada flor de pedra surgia da lagoa a cidade azteca. Os bairros eram entrelaçados entre si por numerosos canais que cruzavam as ruas, e por eles, em canoas ou chalupas ligeiras, se fazia diariamente o movimentado comércio daquela cidade.

Xochimilco era uma larga lagoa transparente, enriquecida por mananciais inesgotaveis. Nela flutuavam, indo e vindo em sua superfície polida, jardins floridos que deixavam no ar a sua fragrância. Os indígenas os formavam com grossos troncos; punham-lhes encima espessa capa de folhas secas, e em seguida outra de terra, e aí espalhavam as sementes, das quais logo saíam plantas louçãs que se enchiam de flores em profusão—encanto dos olhos. Por isso Xochimilco quer dizer, em língua mexicana, *jardim de flores*.

Os homens de Cortês ficaram enlevados ao ver aquela formosura movediça e multicor. Não se fartavam de contemplá-la. Onde haviam visto coisa semelhante? Nem na fantasmagoria de seus sonhos... Muito tempo depois da Conquista, os aborígenes plantaram árvores que logo cresceram e cujas raizes traspassaram a base dos troncos; alcançando o fundo da lagoa, detiveram, como se fossem âncoras, o constante vaivem das ferteis *chinampas*, que é o nome apropriado desses primorosos jardins flutuantes, e assim se formaram ruas, algumas largas, estreitas outras, mas todas debruadas de árvores altas, de ramagem delgada, com galhos apenas para cima, apresentando o aspecto triste de ciprestes cinzentos, mas muito rumorosas quando entre elas sopra o vento. Essas rijas árvores se chamam *huejotles*.

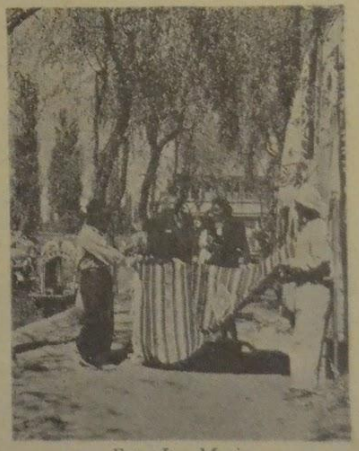


Foto: Leo Matiz

Alem das flores, pelas quais tinham singular carinho, os aborígenes plantavam diversas verduras e hortaliças, que iam vender na Cidade do México em suas chalupas ligeiras ou nas grandes e espaçosas *trajineras*, barcaças de fundo chato, impulsionadas por grandes varapaus, e assim percorriam todos os canais, chamados *acalotes*, que corriam entre muitas ruas da cidade colonial. Detinham-se no canalzinho estreito de alguma rua transversal para não perturbar o trânsito, e estabeleciam seu pitoresco mercado cheio de regateios, com sua melodiosa algaravia. Seus cadenciosos pregões, largos e ondulantes, enchiam o ar fino do México de uma como música contínua que afagava gratamente os ouvidos.

Xochimilco era um velho centro senhorial do Vale do México, que persistiu até a chegada dos espanhóis, aos quais sua população deu guerra tenaz, antes de dizimá-los. Dos xochimilcas temos escassas informações. Os cronistas asseguram que eles chegaram ao referido Vale do México após longa e difícil peregrinação a partir de um local distante

(*Continua na p. 111*)

"Fabricado *pela* Bethlehem"

significa

Resistência, Segurança, Durabilidade

O controle centralizado da produção da Bethlehem — desde a extração do minério até o embarque do produto acabado,—combinado com alta aptidão técnica, maquinaria moderna e métodos os mais avançados, assegura a V.S. obtenção de estruturas de aço nunca ultrapassadas em resistência e segurança. O aço fabricado da Bethlehem é fornecido em sólidas seções faceis de montar. Para suas necessidades de estruturas de aço especifique sempre "Fabricado pela Bethlehem".

BETHLEHEM STEEL

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, Nova York 4, N. Y., E.U.A. Telegramas: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165, Salas 307/8/9
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

203-PSS

IDÉIAS A ESMO

...com que a investigação científica mundial procura elevar o seu nivel de vida

Todos os produtos que V.S. utiliza nasceram de uma *idéia.* E nos Laboratórios de Telecomunicações da Federal, em Nutley, New Jersey, E.U.A., os cientistas mais hábeis trabalham presentemente nas idéias que, amanhã, hão de representar melhores produtos elétricos e de telecomunicação para V.S.

Este é somente um dos meios de que a ISE dispõe em todo o mundo para as pesquisas, manufatura e vendas—que hão de trazer a V.S. os últimos adiantamentos nas comunicações telefônicas e pelo rádio, navegação marítima e aérea, sinalização de estradas de ferro, energia elétrica e utensílios domésticos. Não esqueça que esta rede de facilidades mundiais está ao seu alcance. Comunique-se com o mais próximo representante da ISE.

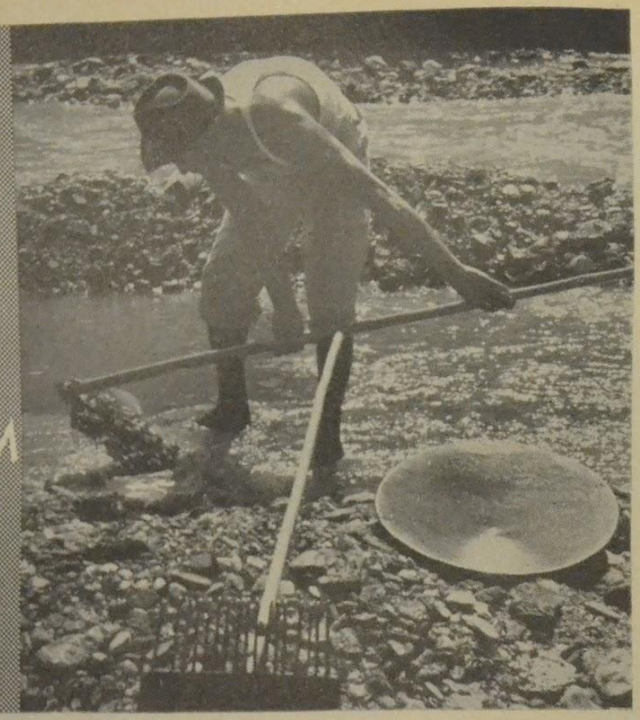
MANUFATURA, VENDA E SERVIÇO EM TODO MUNDO

Standard — ISE — Electric

MARCA — INTERNATIONAL STANDARD ELECTRIC CORP. N.Y. U.S.A. — REGISTRADA

Associada da IT&T

Nova York 4, N. Y., E. U. A.



TODOS CANTAM SUA TERRA

Êste é o Garimpeiro do Brasil. As herdeiras da América e as princesas da Europa jamais ouviram o nome dêste brasileiro humilde que, aumentando as riquezas da sua Pátria, acende o fulgor dos brilhantes nos braceletes milionários e nas coroas reais. Mas nós, que o conhecemos de perto, honramo-lo nesta página a êle oferecida por MELHORAL, o analgésico de ação ultra-rápida, que todos os brasileiros preferem contra a dor de cabeça, a gripe ou o resfriado. Êste esplêndido quadro "Garimpeiro", autêntico trabalho de Eric Hess, faz parte da GRANDE SÉRIE-MELHORAL DE QUADROS BRASILEIROS, que o leitor poderá obter gratuitamente. Basta remeter o coupon abaixo, juntando apenas 5 cruzeiros em selos para o custo de remessa.

Logo receberá "Garimpeiro" em genuino papel-linho, tamanho 36 x 54, no valor comercial de Cr$ 40,00.

NO BRASIL INTEIRO **Melhoral** É O PRIMEIRO

CONTRA DORES, GRIPES, RESFRIADOS

NOME..... RUA.....

.....CIDADE..... ESTADO.....

M.1

Os caminhões mais novos do mundo!

STUDEBAKER NOVOS PARA 1949

A cabine de caminhão mais moderna do mundo! Confortavel, espaçosa, permitindo ver para todos os lados—é o sonho do chofer de caminhão! O sistema de ventilação é o melhor do mundo em caminhões! Boléia cômoda, com lugar para três, da altura de uma cadeira!

Novos em traçado! Novos em funcionamento! Novos em características únicas!

Estes novos caminhões Studebaker para 1949 —sensacionalmente avançados—vêm dar nova e grata solução ao problema de redução de despesas de transporte.

Robustos, elegantes, de soberba potência, estes imponentes Studebaker são caminhões inteiramente novos, não somente nas linhas exteriores, mas em construção e engenharia.

São estes os primeiros caminhões do mundo concebidos para permitir rápidos ajustamentos e serviços mecânicos—motor, accessórios do motor e instalação elétrica, tudo é de facílimo acesso. Estão muito adiante dos demais em vantagens no funcionamento, facilidade de manejo, e conforto do chofer.

Vá sem demora à loja do distribuidor mais próximo, para ver estes caminhões Studebaker para 1949.

The Studebaker Export Corp., South Bend 27. Indiana, E.U.A. Endereço Telegráfico: Studebaker.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11° and.

SHEAFFER'S

W. A. Sheaffer Pen Company
Ft. Madison, Ia., E.U. de A. • Malton, Ontario, Canadá

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

ROYAL significa o melhor em SOBREMESAS!

PUDIM ROYAL—tão leve . . . tão delicioso . . . tão fácil de fazer. O melhor para tôda a família. Em 3 sabores: Baunilha, Chocolate e Caramelo!

GELATINA ROYAL—tão refrescante . . . possui o sabor delicado e *real* das frutas: Cereja, Morango, Framboesa e Limão. Experimente batê-la para dar-lhe uma aparência leve e festiva.

Gratis!

Novo e interessante folheto ilustrado sôbre tentadoras maneiras de servir as Sobremesas Royal. Envie nome e enderêço para: Standard Brands of Brazil, Inc., Dep. PG-848—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

Um vendedor e tanto!

"ONTEM à noite, com a cabeça no travesseiro..." Há uma velha cantiga que diz assim. Pois ontem à noite, com a cabeça no travesseiro, adivinhe no que estive pensando: na bomba atômica! E, assim pensando, adormecí como um anjo!

"Adormeceu como um quê?..."

"Como um anjo. E tive sonhos deliciosos. Talvez não queira acreditar? Bem, eu devia ter explicado logo que durmo numa cama excepcionalmente confortavel, tão cômoda, que nem a bomba atômica consegue afugentar Morfeu, ou lá quem for que faz a gente dormir! Você ainda não acredita? Mas talvez se convença quando eu lhe disser que o colchão em que durmo é o resultado da *espumificação* de um composto de latex de Hevea, sendo a borracha posteriormente comprimida e vulcanizada, e esses produtos se dividem mais ou menos em três classes, a saber: os que provêm da *espumificação* e...

"Você não está entendendo nada do que eu estou falando, está? Mas talvez entenda se eu lhe disser que a espuma de latex, meu amigo, não é—como pode parecer à primeira vista—nem um banho de luxo, nem um xampú pra o cabelo! É, em termos genéricos, uma mistura composta de latex a que se incorporou um agente *espumificador*, e que se pode bater com uma batedeira, como se faz com os ovos...

"Acha que eu fiquei doido?

"Então, deixe que eu explique de outro jeito. Essa poltrona, onde V. está instalado, e as cadeiras do cinema onde estivemos ontem à noite, e os assentos do trem em que viajamos hoje,—tudo isto Você acha bem confortavel, não é? Pois bem, o mesmo pode-se dizer de muitas outras coisas, tais como camas de Hospitais e Casas de Saude (onde, é claro, o máximo conforto e higiene da cama são essenciais a quem se deita nela), e de muitos Hotéis (onde o conforto é bom negócio). O mesmo se aplica aos assentos de bondes, automoveis e transportes de toda ordem. E dizer que todo esse conforto se tornou possivel só porque, quando a espuma de latex dá entrada numa câmara de ar quente, seca e é vulcanizada, o agente coordenador..."

"...Me dá um belo e confortavel colchão, não é isso?"

"Não é bem isso...! Mas fornece-lhe o *Dunlopillo*, que é o nome dado ao primeiro recheio de espuma de latex, inventado, como o nome indica, por Dunlop. É o estofo mais confortavel do mundo! Não precisa de molas—dessas molas cacetes que enferrujam, ou entortam, e começam a romper o assento ou o colchão... Nunca perde a forma. Não abriga poeira nem germes. Não produz penugem nem farrapinhos que se espalhem no ar... É praticamente indestrutivel—dura uma vida inteira! Asseguro-lhe que é impossivel ficar acordado num Colchão de Dunlopillo—nem mesmo quando a bomba atômica quer dar insônia à gente. E outra coisa...

"Escute aquí: será que Você anda *vendendo* Colchões Dunlopillo?"

"Ah, não, meu velho! Quem vende os Colchões Dunlopillo, é o Jorge, que está alí fora. EU VENDO DESPERTADORES!"

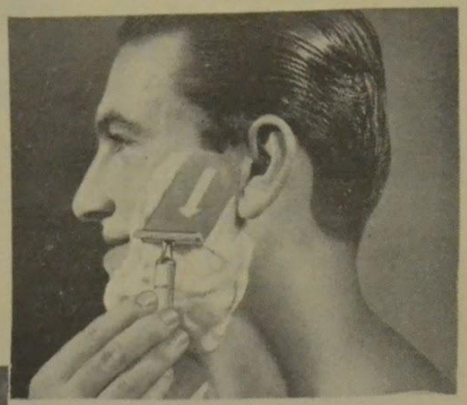
Conselhos para um barbear *mais perfeito*

1. Lave o rosto, de preferência com água morna.

2. Use um bom sabão de barba, formando espuma abundante, que lhe facilitará a tarefa.

3. Dê ao aparelho a inclinação indicada na figura I.

4. Sem pressão excessiva sôbre a pele, maneje o aparelho em sentido diagonal (fig. II).



5. Use o novo e já famoso Gillette Tech, desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito*. Gillette Tech possui frisos anti-deslizantes para maior segurança; tem uma barra-distensora para maior suavidade e não acumula espuma . . . pois é de limpeza instantânea.

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR
TÈCNICAMENTE PERFEITO

JOGA O POLO DE DEZ GOALS

(mas tem a cara ultra-sensivel)

GALOPAR DEBAIXO DUM SOL ABRASADOR TORNA MINHA CARA SUSCETIVEL. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE CONFORTAVELMENTE, E A MEU GOSTO, QUANDO USO O CREME **WILLIAMS** QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do Creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes—
o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

V. S. SABE QUE...

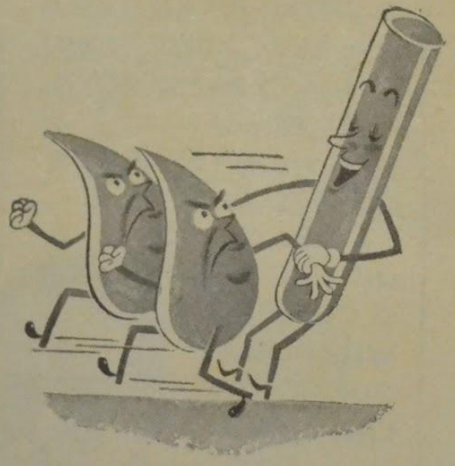
os químicos obtêm "Violetas" da herva?

A essência natural de violetas foi sempre um artigo caro. Hoje, porem, os químicos de Du Pont utilizam a herva limão para obter "iononas" que reproduzem com perfeição, quase absoluta, o perfume das violetas naturais. Os perfumistas utilizam as "iononas" para que V.S. possa desfrutar esse delicado perfume a um custo moderado. Elas são apenas um dos muitos adiantamentos alcançados nos domínios das pesquizas de perfumaria pelos químicos especialistas de Du Pont.

graças aos tubos de ensaio as côres não desbotam?

Anos atrás os suéteres, meias e outras peças do vestuário eram tingidos exclusivamente com corantes naturais que quase sempre desbotavam e desapareciam. Atualmente, os tubos de ensaio dos químicos proporcionam corantes sintéticos de redução, de beleza comparável à das côres naturais, que persistem e duram tanto como as próprias peças do vestuário. Du Pont creou mais de 1200 tipos de corantes, inclusive alguns que resistem à ação da luz do sol, às lavagens e à transpiração.

E. I. Du Pont de Nemours & Co., (Inc.), Wilmington 98, Delaware, E.U.A.—desde 1802.



DU PONT

COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR
... GRAÇAS À QUÍMICA

(Os aromaticos e corantes são parte das 28.000 "Coisas Melhores para Viver Melhor ... Graças à Química", creadas pelas pessoas que trabalham na Companhia Du Pont).

"Eu reservo sempre a minha passagem na *K.L.M....*

...viajar de avião é muito natural para os holandêses".

Viajar pelo mundo com segurança e eficácia é próprio do temperamento holandês. E por isso, hoje em dia, tôdos os viajantes preferem os aviões da K. L. M. pois sabem que a grande perícia dos seus pilotos em viagens de longo curso é uma qualidade que herdaram dos seus antepassados, grandes navegadores.

7 Grandes Serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMÉRICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.

AQUI TEM COMO A WESTINGHOUSE

Pode Atrair Serviços Aéreos Regulares à sua Cidade

A Carência de Serviços Aéreos Regulares Vem Retardando o Progresso de sua Comunidade? *Os Aeroportos Integrais* da Westinghouse Irão Rasgar-lhe Novos Horizontes Comerciais

As linhas aéreas não fazem escala em muitas cidades de importância porque não podem arriscar vidas preciosas nem aviões caríssimos, aterrissando em aeroportos impróprios. O traçado e construção de aeroportos em conformidade com os padrões internacionais era, até há pouco, tão caro, que só as grandes cidades se podiam permitir tal luxo.

A Westinghouse resolveu, faz sete anos, solucionar o problema: promovendo em doze países conferências com técnicos de aviões, aeroportos e serviços aéreos, e com autoridades de Aeronáutica Civil. Paralelamente, nossos engenheiros analisavam centenas de artigos os mais variados, desde balanças de bagagem até vidraça para torres de contrôle. Chegamos a refazer o traçado de nosso próprio equipamento elétrico! Assim nasceu toda uma nova técnica de construção de aeroportos.

A Westinghouse pode hoje fornecer planos minuciosos, e todos os materiais e equipamento para aeroportos completos, adaptáveis a qualquer localidade. *Pela primeira vez, qualquer cidade, seja lá onde for, pode encomendar a uma só empresa, em um só conjunto de baixo custo, tudo quanto precisa para montar um aeroporto moderno, de segurança.* A cidade só tem que fornecer o terreno. Desde Lima a Angora, os Aeroportos Equipados pela Westinghouse vão abrindo hoje cidades sucessivas ao serviço regular de aviões.

A Westinghouse está realizando no mundo inteiro obras de Engenharia Criadora deste tipo . . . descobrindo novas aplicações da eletricidade no *seu* lar, no *seu* negócio, no *seu* país . . . Para recorrer aos serviços da Westinghouse, basta consultar o Distribuidor local, ou escrever à Westinghouse Electric International Co., 40 Wall St., Nova York 5, E. U. A.

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse, boa vizinha e boa amiga, vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. A nossa tarefa mais difícil não é hoje aplicar nossos produtos elétricos; mas consagrar nossos recursos, facilidades e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

Compramos COLLINS para o nosso pessoal porque os

COLLINS RENDEM MAIS TRABALHO!

Seu melhor equilíbrio e gume mais duradouro aceleram o trabalho

Qualquer homem acha mais facil fazer um bom dia de trabalho com um Collins. Graças à leveza e soberbo equilíbrio do Collins, ele pode trabalhar ligeiro e sem esforço horas e horas seguidas. As afiadas lâminas de aço Collins de alta qualidade —hoje mais fino que nunca, graças aos recentes progressos da metalurgia—cortam velozmente, e com esforço mínimo, as madeiras e fibras mais rijas. Os trabalhadores experimentados lhe dirão que podem fazer mais trabalho com menor esforço, quando empunham um Collins. O Collins lhe dá o máximo pelo dinheiro que o Sr. paga.

LEGITIMUS

COLLINS

"SEU AMIGO HA MAIS DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Senador Queiroz 101. Caixa Postal
No. 2068, São Paulo, Brasil.

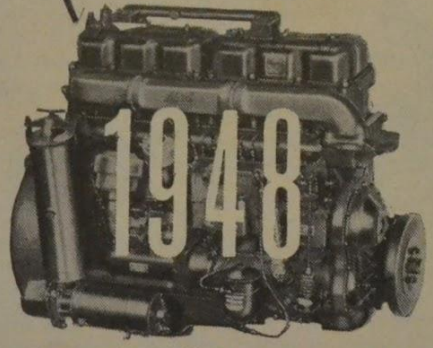
O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

O APERFEIÇOAMENTO DO DIESEL MACK

abrange um período de 21 anos cheios de realizações. É nessa experiência criadora, a que vieram somar-se pesquisas infatigaveis e engenharia progressista, que se firma a comprovada performance dos Motores Diesel Mack de 4 ciclos, nos mais pesados trabalhos em caminhão e em ônibus.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Mack produziu e entregou às forças de combate dos Aliados mais de 15 mil caminhões a motor Diesel — número muito superior ao de qualquer outro fabricante.

Os Motores Diesel Mack são as únicas "usinas de força" do gênero, concebidas para uma série específica de veículos. Sendo os mais altamente desenvolvidos no domínio do automovel, eles incorporam na sua construção inúmeras características exclusivas, muito avançadas, que garantem superior suavidade e flexibilidade, maior economia e serviço de confiança.



Mack

Em toda a América Latina se ouve repetir: "FORTE COMO UM MACK"

Mack Trucks, Inc., Empire State Building, Nova York, N. Y., E.U.A. Fabricantes de Caminhões, Bombas de Incêndio, e Ônibus de Fama Universal. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades da América Latina.

Pega perfeitamente qualquer estação!

Graças à nova faixa ampliada elétrica.

Apanha estações distantes de ondas curtas tão bem como as locais.

PHILCO TROPIC 828. Sensacionais aperfeiçoamentos permitem esplêndida recepção das mais remotas estações do mundo! Quatro faixas asseguram a sintonização de qualquer estação de onda longa ou curta. Inimitável beleza de tom. Elegante caixa de nogueira. Veja-o no seu concessionário Philco.

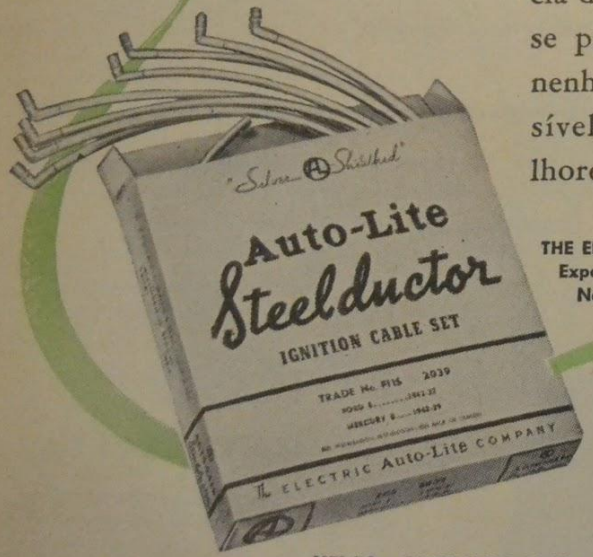
PHILCO

Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION
50 BROADWAY, NOVA YORK 4, N.Y., E.U.A.

Passe-se para os Fios e Cabos

Auto-Lite



Para aumentar a eficiência da ignição ... Passe-se para Auto-Lite. Por nenhum dinheiro é possível adquirir-se melhores cabos para velas.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building
Nova York 17, N. Y., E. U. A.

VELAS • DISTRIBUIDORES • ARRANQUES • ACUMULADORES

FRIDEN é a *Resposta*

- **Preparo de Folhas de Pagamento**
- **Distribuições de Despesas**
- **Cálculo de Percentagens**
- **Preparo de Faturas**
- **Descontos e Comissões**
- **Dá Respostas Precisas em Qualquer Tipo de Cálculo Exigido Pela Sua Contabilidade.**

Chame o seu representante local de Friden, arrange uma demonstração e aprenda como é facil obter respostas em todos os tipos de problemas numéricos.

O Serviço Mecânico e Instrutivo FRIDEN encontra-se ao vosso dispôr nas principais cidades do Mundo.

FRIDEN CALCULATING MACHINE CO., INC.
ESCRITÓRIOS E FÁBRICAS • SAN LEANDRO, CALIF., U. S. A. • VENDAS E SERVIÇO ATRAVÉS DO MUNDO

Mamãe e eu não ralhamos por causa de RESFRIADOS!

As crianças gostam desse modo agradável, externo, de aliviar os resfriados

Não haverá choro nem bulha quando a senhora usar o Vick VapoRub para aliviar o resfriado do seu garoto. Nem há perigo de perturbações do estômago, porque o VapoRub é para uso *externo* . . . basta esfregá-lo no pescoço, no peito e nas costas da criança, ao deitá-la.

VapoRub dá alívio *onde é preciso*. Os vapores que desprende, acalmantes e medicinais, são aspirados na respiração . . . desentupindo o nariz, acalmando a dor de garganta, diminuindo a tosse. Ao mesmo tempo, o VapoRub atua sobre a pele como uma cataplasma, "extraindo" a opressão do peito e da garganta.

Enquanto a criança dorme confortávelmente, a dupla acção do VapoRub . . . vapores e cataplasma . . . continua. Os piores tormentos do resfriado passam, geralmente, na manhã seguinte.

Uma simples fricção alivia TODOS estes tormentos:

NARIZ ENTUPIDO
DOR DE GARGANTA
TOSSE
OPRESSÃO DO PEITO

VICK VAPORUB

3 gerações de Brasileiras

consagraram
os produtos **GESSY**

FUNDADA EM 1895, na vila de Valinhos, no Est. de São Paulo, a Cia. Gessy Industrial, em 53 anos de existência, transformou-se, de pequena indústria local, na maior indústria de perfumaria da América Latina, produzindo tôda uma série completa de artigos da maior pureza—do sabonete ao baton, do rouge ao óleo para cabelo! Faça como milhões de brasileiras—use, também, os produtos Gessy!

GESSY—a maior indústria de perfumaria da América Latina, é uma organização 100% brasileira!

GESSY MAIS DE MEIO SÉCULO A SERVIÇO DA EUGENÍA E DA BELEZA!

"Meu Noivo Será Meu Marido...?"

—Desculpe-me, Lydia. Não posso demorar. Hoje vou ao Clube. (É fácil conquistar um noivo... mas é difícil conservá-lo. Lydia pensa que pode atraí-lo com sua beleza artificial.)

—Minha filha. A beleza natural é importante para um casamento feliz. E você artificializa sua beleza com "maquillage" para disfarçar as imperfeições. Corrija-as com Leite de Colonia.

(Foi um conselho materno. E Lydia teve o feliz fim do seu noivado.) —Minha querida. Hoje vamos marcar o dia do nosso casamento. Agora, quero viver sempre ao seu lado.

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia

É um êrro disfarçar as imperfeições da pele com o "maquillage" exagerado—nocivo à vital respiração da pele. O certo é corrigir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o pela manhã em massagens sôbre o rosto, colo e pescoço... quando sair, como fixador do pó e protetor da cutis... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela beleza das peles eternamente jovens... eternamente lindas.

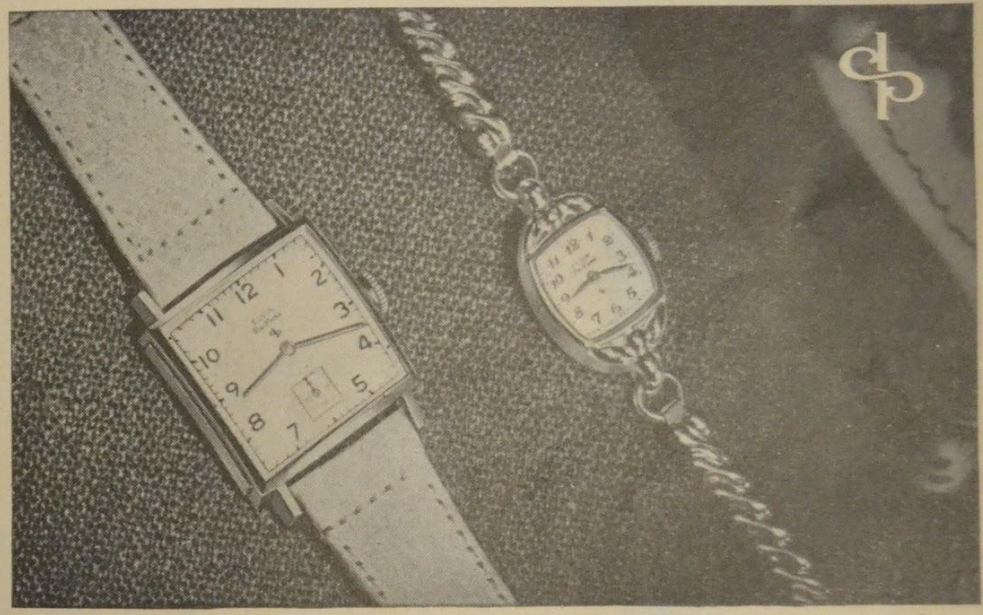
Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Só o ELGIN *tem a Corda DuraPower**

que elimina 99% dos consertos devidos à quebra das molas de aço!

Procure este emblema no mostrador



Para a pessoa querida...nada como um ELGIN!

O Elgin é hoje um presente mais belo que nunca—para quem o dá e para quem o recebe. E isso porque se conseguiu atribuir uma perfeição inédita à peça que o faz funcionar—a corda.

A Corda DuraPower, exclusiva da Elgin, *conserva* indefinidamente a elasticidade, garantindo maior precisão através dos anos. Absolutamente imune à causa mais comum da quebra—a ferrugem. Vá ver os lindos Elgin novos, que já estão à venda nas relojoarias e joalherias! *Patente requerida

Os Relógios Elgin acertam-se pelas estrelas no Observatório privativo da Elgin

Para aqueles que preferem uma caneta menor...

Demi-size

a nova

Parker "51"

As canetas mais desejadas do mundo

● Se você prefere uma caneta-tinteiro menor, mais compacta, esta é a caneta que lhe serve. Medindo menos de 13 centímetros de comprimento, cabe, em posição vertical, em qualquer bolsa de senhora e até no bolso de uma camisa de homem.

Lembre-se: a *demi-size* e as canetas "51" comuns são as únicas destinadas ao emprego satisfatório da nova *Superchrome de escrita sêca*—a tinta mais permanente e mais brilhante jamais conhecida.

Escreve sêco com tinta líquida!

REPRESENTANTES E PÔSTO CENTRAL DE REPARAÇÕES PARA

Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C. P. 463—Lourenço Marques

SELEÇÕES

TOMO XIV
No. 79

do Reader's Digest

AGOSTO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

A notavel estrutura óssea do corpo humano vai-se revelando, de dia para dia, mais susceptivel à correção cirúrgica das deformidades

OS OSSOS TÊM VIDA

(Condensado de «Hygeia»)

Elsie McCormick

O CORPO humano encerra ao todo mais de 200 ossos, que variam em tamanho desde o longo femur, na coxa, até ao minúsculo «estribo», que jaz no interior do ouvido médio. Os ossos se contam entre os materiais mais duradouros da terra: já se têm encontrado ossadas humanas com cerca de um milhão de anos de idade! Os ossos não se deterioram em contacto com a água: se assim não fosse, os fluidos do nosso corpo os dissolveriam. Por isso os ossos duram mais que o ferro e outros metais susceptiveis à ação da umidade.

Muita gente pensa que o esqueleto humano é uma coisa seca e morta, como os que se vêem nas escolas de Medicina. Ao contrário, os ossos contêm milhares de pequenos vasos sanguíneos, e são tão vivos como, por exemplo, o estômago. Pequeninas células chamadas osteoblastos trabalham ativamente na criação de nova matéria óssea, enquanto outras células de demolição, conhecidas pelo nome de osteoclastos, trabalham com igual energia na desintegração dos materiais destinados à eliminação.

Paralelamente, a medula vermelha é uma verdadeira fábrica de células sanguíneas, e os ossos propriamente ditos servem como depósitos de cálcio. Quando o suprimento de cálcio do sangue, dos nervos ou dos músculos desce abaixo do normal, o organismo vai buscá-lo no esqueleto. As crianças submetidas a um regime alimentar pobre

e desprovido de leite, sofrem uma descalcificação contínua do esqueleto, a tal ponto que seus ossos amolecem e até entortam.

Se uma pessoa passa o dia sentada numa cadeira de braços, seu organismo, por assim dizer, presume que ela não precisa de ossos rijos, e passa a retirar destes últimos parte dos preciosos minerais. Assim, quem faz pouco exercício está muito mais sujeito a sofrer, em idade avançada, fraturas ósseas capazes de aleijar.

Hoje, graças a novas técnicas na cirurgia dos ossos, são muito menos numerosas do que o eram, há algumas décadas, as pessoas gravemente aleijadas. Se a paralisia infantil, ou uma fratura mal consolidada, deixa uma perna mais curta, pode encurtar-se a outra perna, serrando-lhe um segmento de osso; ou alongar-se a perna mais curta, serrando obliquamente o osso, e afastando as duas partes uma da outra, até que por vezes só as pontas fiquem em contacto uma com a outra. Novas células virão em breve reforçar o trecho onde o osso ficou adelgaçado, reconstituindo-o até atingir a espessura normal. O osso pode chegar a ganhar dessa maneira um alongamento de sete ou oito centímetros.

Antigamente era comum, nos bairros ou nas regiões mais pobres, verem-se crianças com as pernas cambadas, devido ao raquitismo; mas hoje, pelo menos nos Estados Unidos, é difícil encontrar um caso extremo dessa deformidade, que mereça ser exibido aos estudantes de medicina. O Hospital de Cirurgia Especial de Nova York, uma das grandes instituições ortopédicas dos Estados Unidos, não registou um só desses casos desde 1934. Esse notavel progresso é o resultado de um regime alimentar melhor, do uso da vitamina D e de roupas que permitem ao sol banhar uma extensão maior da pele.

Há vinte e cinco anos, outra causa muito frequente de aleijões era a tuberculose óssea, a que se podia atribuir uma quarta parte da clientela do cirurgião ortopedista. Mas, desde então, o declínio desses casos tem sido constante, especialmente entre as crianças. Este decréscimo deve-se sobretudo à manipulação mais higiênica dos lacticínios, à mais cuidadosa inspeção do gado, e ao emprego generalizado da pasteurização.

Quando a tuberculose óssea consegue lançar raizes, ataca frequentemente a coluna vertebral. O fato de que é tão raro vermos hoje uma pessoa jovem corcunda, deve-se em parte aos esforços dos drs. Russell Hibbs e Fred Albee. Sabendo que a infecção desaparecia geralmente das articulações mantidas em completa imobilidade, inventaram, simultaneamente, uma técnica operatória cujo fim é soldar entre si as vértebras infectadas, de modo a enrijecer a espinha dorsal. O dr. Armitage Whitman, um dos mais eminentes cirurgiões ortopedistas de Nova York, explica essa técnica nos seguintes termos: «É como se amarrássemos solidamente a espinha a um mastro.» A rigidez resultante deste tratamento passa quase despercebida, e andam por aí, dançando, nadando ou jogando o tenis, muitas antigas vítimas da doença.

A medicina teve outra vitória espetacular, no combate à osteomielite aguda, outrora um dos mais sinistros e velozes ceifadores de vidas, particularmente entre os meninos de cinco a quinze anos de idade. Basta uma canelada, um encontrão ou uma queda, para lesar ligeiramente um osso, dando às bactérias, que sempre percorrem o organismo, a oportunidade de instalar-se. Antigamente a doença ia-se transmitindo de osso em osso, por via da circulação sanguínea, obrigando a operações sucessivas para extração dos segmentos ósseos infectados ou mortos, ou então provocando a morte. Atualmente, a maior parte dos casos de osteomielite aguda podem curar-se em uma semana ou quinze dias, graças à penicilina que, quando prontamente usada, reduz o índice de mortalidade praticamente a zero.

«...os ossos duram mais que o ferro...»

Quando o osso fraturado rompe a pele, os germes, capazes de causar outra forma de osteomielite, entram diretamente do exterior para o esqueleto. Nos primeiros meses da guerra mundial de 1914-18, a mortalidade devida às fraturas expostas era altíssima. Mais tarde tornou-se possivel reduzí-la, mediante a irrigação dos ferimentos com o líquido de Dakin-Carrel, a extração do osso, ou a inserção dos membros feridos em aparelhos de gesso, onde se deixavam ficar intactos até que a lesão cicatrizasse por si própria. Mas ainda hoje, nos hospitais de veteranos, há doentes da primeira guerra mundial que estão sendo tratados de infecções ósseas renitentes. A história é muito diversa no que toca à segunda guerra mundial: desta vez os cirurgiões começavam por limpar o ferimento da fratura exposta, tratavam-no com sulfas ou penicilina, e fechavam-no imediatamente, resultando que raras infecções osteomielíticas conseguiram tomar pé. Mesmo quando o conseguiam, dentro de um mês e meio a dois meses a infecção estava muitas vezes dominada.

Uma das inovações mais notaveis da cirurgia óssea foi a criação do «banco de ossos». Antigamente, o osso para enxertos era tirado do próprio doente. Por vezes, a extração parcial de um osso da perna deixava este membro tão debil, que se podia fraturar facilmente. Por outro lado, tornava-se muitas vezes impossivel subtrair ao diminuto esqueleto de uma criança osso bastante para um enxerto. O dr. Philip D. Wilson, cirurgião-chefe do Hospital de Cirurgia Especial, nos Esta-

dos Unidos, concebeu a idéia de conservar ossos humanos por meio da congelação rápida de ossos, sob a direção do dr. Allan de Forest Smith. Quando no decurso de uma operação, como a que se destina a reconstituir o quadril, se extrai um pedaço do osso em boas condições, este é imediatamente refrigerado e armazenado, para mais tarde prestar valioso serviço.

Durante o ano passado, cada um dos «bancos de ossos» de Nova York foi usado, com êxito, mais de cem vezes. Caso típico foi o de certa moça de 22 anos, que ficara sofrendo de uma séria curvatura da espinha após um ataque de paralisia infantil. Como tivesse as pernas em aparelhos de gesso, não havia maneira de extrair do corpo a grande quantidade de osso necessária ao tratamento. Veio o «banco» em socorro dela: ossos removidos de nove pessoas vivas conseguiram reforçar-lhe a coluna vertebral, com tão bons resultados, que a paciente tem hoje um emprego e—o que é para ela ainda mais importante—não difere visivelmente de qualquer outra moça.

As células ósseas podem conservar-se vivas por muitas horas, depois de ter parado o coração. Assim, se se puder pôr um esqueleto no «banco de ossos» imediatamente após a morte, ele servirá tão bem para material de enxertos quanto os ossos extraidos de uma pessoa viva.

Estatísticas e pesquisas recentes revelam que a atitude mental das pessoas tem muito que ver com a frequência das fraturas ósseas. Após um estudo dirigido pelo dr. Flanders Dunbar, no Medical Center de Nova York, o qual teve como objeto 1.500 casos de fraturas, chegou-se à conclusão de que cerca de 80 por cento dos pacientes haviam quebrado os ossos quando se encontravam sob a influência de tensão emotiva—preocupados, irritados, ou em presença de alguma decisão dificil. Por exemplo, uma senhora tropeçou no tapete da sala, e quebrou uma perna, pouco antes da hora em que a sogra devia chegar para fazer-lhe uma visita... Uma menina que em breve devia dar entrada num internato, porque a mãe ia casar-se pela segunda vez, fraturou a rótula do joelho numa brincadeira endiabrada. A menina declarou com alívio: «Agora que eu posso ficar aleijada para toda a vida, com certeza mamãe não vai mandar-me para o internato!» Um homem, que acabava de perder o emprego, atravessou a rua sem esperar pelo sinal verde; resultado, acabou no hospital com uma fratura do femur! É possivel que muitos dos acidentes estudados neste inquérito se tivessem produzido mesmo sem a influência do fator nervoso; mas a prevalência dos abalos emocionais em todos eles era demasiado acentuada para se poder considerar puramente casual.

Assim, é preciso ter cuidado com os passos em falso—especialmente quando nos sentimos irritados ou ansiosos, porque o esqueleto merece que o tratemos bem.

Aprovado com distinção

(Condensado de «Air Facts»)

Por James Warner Bellah

Autor de «Irregular Gentleman», «Ward Twenty», etc.

Conhecí-o num aeródromo da Inglaterra, durante os últimos meses da primeira guerra mundial. Era um rapaz esbelto, com um sorriso simpático e maneiras que agradavam; modesto e extremamente cortês.

Servira na Marinha Britânica e estivera em grande número de batalhas. Depois de longos períodos de enfermidade, passou a trabalhar na Real Força Aérea, com o posto de capitão. Não lhe pareceu satisfatória a situação, porque nessa arma o prestígio dependia da perícia no vôo e isso não é coisa facil de adquirir. Eram frequentes os acidentes fatais, e às quartas-feiras e aos sábados enterrávamos os erros da aviação em cerimônias coletivas para as quais guardávamos até esses dias os cadáveres das vítimas. O que o futuro imediato nos reservava era a França e o privilégio de jogar nossas vidas através da mira de uma metralhadora Vickers sincronizada com a hélice.

Segundo se dizia, o jovem capitão rogava que lhe permitissem aprender a voar, e o pai dele, homem politicamente poderoso, era decididamente contrário à permissão, porque já tinha outro filho, oficial do exército, arriscando a pele na França. Mas o jovem e tímido capitão devia ter insistido, pois exibiu certa manhã uma ordem para tomar aulas de vôo.

Um mês depois alguem lhe perguntou se gostava de voar. «Não muito,» respondeu, demonstrando ser mais sincero do que nós. Esse incidente serviu para torná-lo ainda mais estimado.

Foi nessa época que o irmão, voltando da França após uma ausência de quase quatro anos, foi vê-lo, e perguntou-lhe se sabia algo sobre os aviões De Havilland. «Praticamente nada,» foi a resposta. Isso nos agradou enormemente, porque nós tãopouco sabíamos coisa alguma a respeito, embora já estivéssemos voando em aparelhos desse tipo.

Mas o que firmou sua reputação de bom camarada foi um incidente ocorrido certa noite no rancho dos oficiais superiores, durante um jantar para o qual eu fora convidado. Outro dos convivas era um célebre combatente do ar, que trazia o peito coberto de condecorações britânicas e algumas medalhas francesas. O herói abusara da bebida e o espírito se lhe embotara.

Depois de contemplar demoradamente as fitas que se achavam no peito do acanhado capitão, entre as quais não figuravam as asas da aviação, perguntou:

—Capitão, para que todas essas insígnias?

Durante um tempo igualmente lon-

go, o capitão baixou com curiosidade o olhar para as próprias condecorações, como se nunca as tivesse visto. Ao levantar os olhos, sorriu e explicou:

—Não sei bem. Sempre que mando fazer farda nova, o alfaiate as põe aí.

Ninguem deixou de perceber a tranquila ironia da observação.

Eu gostaria de poder contar que o nosso jovem capitão se tornou um grande combatente do ar, mas tal não se deu. Não obstante, conseguiu o distintivo de aviador.

Nessa altura, o irmão, após anos de proeminência, retirou-se da cena, e o jovem e modesto capitão foi promovido ao posto daquele.

A última vez que tivemos notícias dele, soubemos que era Rei da Inglaterra.

Na Polônia de hoje

EMBORA as piadas anti-comunistas, na Polônia, possam dar em cadeia, os poloneses as inventam e disseminam todos os dias. Eis algumas das últimas:

Um estrangeiro perguntou a um polonês: «Como vão agora as relações comerciais da Polônia com a Rússia?»

«Muito cordiais,» disse o polonês. «Nós lhes mandamos tecidos, e eles, por seu turno, nos levam o carvão.»

—*Daily Telegraph*, de Londres, citado em *Newsweek*

OS POLONESES se vingam do Plano Trienal para suprir a Rússia, contando a história de um figurão moscovita, membro do Politburo, que exorta os trabalhadores numa fábrica de Moscou com a seguinte promessa: «Depois do primeiro Plano Quinquenal,» disse ele, «vocês terão a sua bicicleta; terminado o segundo, terão motocicletas; depois do terceiro, terão automoveis... Mas, depois do quarto plano—todos vocês terão seus aviões!»

«Para que me servirá um avião?» resmungou um dos operários.

De cara fechada, o homem respondeu: «Tovarisch, suponhamos que você receba notícia de que em Astracã estão vendendo fósforos muito barato. Você mete-se no seu avião em Moscou e em uma hora voa até Astracã. Chegará a tempo para se colocar entre os primeiros na fila para comprar fósforos!»

—Paula Le Cler, no *Standard* de Montreal

DE VISITA a Varsóvia, um polonês de Lwów (hoje pertencente à Rússia) defrontou com a seguinte pergunta: «Como vão as coisas na Rússia?»

«Bem, não nos podemos queixar...»

«Como? Ouvimos dizer que aquilo está pior do que aquí...»

«Ninguem reclama,» respondeu o visitante.

«Por que não?»

«Tente reclamar, para você ver!»

—Paula Le Cler, no *Standard* de Montreal

A Rússia está preparada para a guerra?

Henry J. Taylor

No decênio iniciado em 1930, o autor realizou uma série de estudos sobre o perigo de guerra representado pela economia totalitária nazista. Suas conclusões revelaram-se impressionantemente acertadas. Após meses de estudos, oferece-nos ele agora uma análise semelhante da União Soviética de hoje.

ESTÁ a Rússia em condições de fazer guerra ao mundo? Eis a maior incógnita com que hoje nos defrontamos. Os planos bélicos da Rússia, como os dos Estados Unidos, têm forçosamente que depender de sua economia industrial. As informações sobre a economia da União Soviética não são abundantes, mas dispomos de muitos dados fundamentais. Principiemos pela população e disposição geral do país. É um erro pensarmos que a Rússia é um imenso território, com recursos ilimitados e possibilidades irrestritas.

A Rússia tem 45 vezes a extensão da Alemanha. Entretanto, mais da metade de seu território consiste em

HENRY J. TAYLOR, conhecido jornalista, economista e comentarista de rádio, escreve baseado em sua experiência de 25 anos em matéria de problemas econômicos mundiais. Entre as fontes de informação de que se serviu para escrever este artigo, contam-se engenheiros, banqueiros e comerciantes, suiços e suecos, que fazem frequentes visitas aos centros industriais da Rússia.

florestas; quase a quinta parte são desertos ou semi-desertos; somente a oitava parte das terras restantes é realmente fertil. Para o sustento de sua população de 192 milhões, a Rússia possui mais ou menos a mesma área aravel de que dispõem os Estados Unidos para o sustento de 142 milhões. Por conseguinte, a produção de alimentos, na Rússia, jamais correspondeu às necessidades de sua crescente população. A verdade é que a Rússia sempre foi—e provavelmente sempre será—uma das terras flageladas pela fome.

Cerca de 50 milhões dos habitantes da Rússia acham-se tão esparsamente disseminados pelos remotos recantos do país, que se perdem nas vastas florestas e tundras. A parte produtiva da população da Rússia é, portanto, mais ou menos igual à população dos Estados Unidos.

A maior parte das indústrias da Rússia concentra-se num triângulo que se estende desde Leningrado e a Ucrânia, no oeste, até às novas zonas industriais da Sibéria central. Essa é apenas uma fração da área total da Rússia, mas é a principal fonte de sua expansão econômica. Esse triângulo é sumamente vulneravel.

A produção industrial da União Soviética ainda hoje não é tão grande quanto era a dos Estados Unidos no início deste século.

Sabemos como a guerra destroçou a Alemanha, a Itália, o Japão e a Inglaterra. Nenhum país, porem, sofreu tantos danos quanto a Rússia. Esta perdeu 58 por cento do material rodante das suas ferrovias, 45 por cento de sua produção de aço, 44 por cento de sua produção de força elétrica, 55 por cento de sua produção de carvão, uma quarta parte de seu gado, alem de milhões de lares, edifícios diversos e pontes.

Ao fim da guerra, o potencial econômico da Rússia caira de 42 por cento da capacidade dos Estados Unidos ao nivel de 25 por cento. Se tudo correr bem na União Soviética—e as coisas não correm bem por lá—a Rússia terá em 1951 a capacidade industrial que os Estados Unidos possuiam em 1904 (isto é, há 44 anos). Em 1960, sua produção terá alcançado o nivel do que era, em 1918, a indústria norte-americana.

Ao apresentar, a 9 de fevereiro de 1946, o atual plano quinquenal (que é o quarto), declarou Stáline: «O problema fundamental consiste em restaurar o índice industrial e agrícola anterior à guerra, para depois exceder esse nivel em proporções mais ou menos consideraveis... Talvez três novos planos quinquenais, no mínimo, se façam necessários. Mas é o que temos de fazer.» É muito revelador estudarmos minuciosamente esse programa, analisando os objetivos de Stáline, e baseando nossas conclusões nas cifras mais otimistas, apresentadas pelos sovietes—muito embora a Rússia jamais tenha alcançado os objetivos de nenhum plano quinquenal.

Stáline anunciou que seu objetivo, quanto à produção de petróleo, era de 60 milhões de toneladas anuais, em 1951. Os Estados Unidos, em 1947, produziram 270 milhões de toneladas. A reserva russa de petróleo utilizavel é ainda tão reduzida que o país se vê obrigado a recorrer ao carvão e a outros combustiveis sólidos sempre que possivel.

Os técnicos suecos em combustiveis, na Rússia, calculam que as locomotivas consomem hoje 30 por cento da produção de carvão. Outros 30 por cento destinam-se à produção de energia elétrica. Restam, portanto, 40 por cento para toda a indústria soviética, inclusive a produção de coque para a siderurgia. Stáline quer que seu atual plano quinquenal culmine, em 1951, na produção de 500 milhões de toneladas anuais. A América do Norte excedeu essa cifra há 30 anos.

Stáline pede uma produção de 60 milhões de toneladas de aço no fim deste plano quinquenal ou do seguinte. A produção norte-americana já era quase 50 por cento superior a essa cifra em fins da última guerra.

Faltam à Rússia muitos materiais de valor estratégico necessários à guerra: tungstênio, molibdeno, estanho, antimônio e, sobretudo, borracha. Ela não dispõe de vias marítimas garantidas, para o acesso à borracha natural; e ainda não logrou construir as complicadas fábricas indispensaveis à produção de borracha sintética.

A MAIOR deficiência da União Soviética é, entretanto, seu sistema de transportes. Quanto aos transportes externos, a situação não é tão desfavoravel, no que respeita à frota de navios mercantes. A marinha mercante, que possuia antes da guerra um milhão de toneladas brutas (comparavel à da Suécia), foi elevada quase ao dobro com os navios cedidos pelos Estados Unidos, nos termos da lei de empréstimos e arrendamentos, e com a incorporação de navios que pertenceram à Alemanha, à Itália e à Finlândia. Ademais, os estaleiros japoneses deverão construir 175 navios para a Rússia, a troco de carvão e de coque.

A extensão territorial da União Soviética impõe, entretanto, tremendos encargos à sua restrita rede de viação interna. As estradas são poucas e ruins. Praticamente as únicas rodovias importantes são as que ligam Moscou com Leningrado, ao norte; com Minsk ao oeste; e com Kiev e Kharkov, ao sul. Os caminhões são usados principalmente nas cidades.

A Rússia não possui uma rede de canais, tal como a que transporta o grosso do material pesado na Europa ocidental. Não conta com um sistema de transportes fluviais, à exceção de uns quantos grandes rios, obstruidos pelo gelo durante parte consideravel do ano. Por conseguinte, 83 por cento do transporte interno da Rússia tem que ser efetuado por via férrea. Mesmo no triângulo industrial, o sistema ferroviário é assombrosamente inadequado. A quilometragem total das vias férreas na Rússia é comparavel ao que era a dos Estados Unidos em 1872, isto é, há 76 anos. No entanto, essa mesma rede tem que servir a uma área três vezes maior. Existem apenas 91 mil quilômetros de linha férrea em todo o país, em contraste com os atuais

363 mil dos Estados Unidos. Os transportes ferroviários são o maior entrave da economia soviética. Continuarão a embargar o progresso da Rússia ainda por muitos anos.

Mesmo de acordo com o presente plano quinquenal, a Rússia construirá apenas 7.000 km de via férrea. Deve-se isso a que a rede ferroviária de antes da guerra, concentrada na região ocidental do país, que caiu em mãos dos nazistas, ficou gravemente avariada, impondo-se com urgência sua reconstrução. O plano mais ambicioso empreendido pela Rússia em matéria de construção de estradas é o chamado Magistral Sul-Siberiano, paralelo à linha Transiberiana. Convem assinalar, ainda, que cerca de 5.000 km de ferrovia, principalmente nos Urais e na Sibéria, estão sendo eletrificados.

A Rússia vê-se agora obrigada a substituir grande parte de seu material ferroviário. Continuam ainda em funcionamento locomotivas antiquadas; material rodante de todos os tipos foi confiscado à Alemanha e aos países satélites. Segundo constataram os técnicos suecos, os engenheiros soviéticos copiam locomotivas norte-americanas de vários tipos, com bons resultados.

Podemos descobrir muito sobre a Rússia, estudando sua indústria automobilística. Como toda a indústria russa, esta é tambem de propriedade do Estado, dominada pela política, e não produz modelos básicos próprios; adapta tipos ingleses e norte-americanos, com ligeiras modificações. Ainda assim, os automoveis russos caem aos pedaços e a duração média de um carro leve de passageiros é de apenas 12.000 quilômetros.

O APROVEITAMENTO da mão de obra na União Soviética revela muito sobre seu potencial bélico. Na revista *Problemas de Economia*, de Moscou, há um estudo comparativo entre a usina de energia elétrica de South Amboy, em Nova Jersey, e a usina de Kemerovo, na Rússia. As duas têm produção idêntica. Entretanto, 51 pessoas trabalham na norte-americana; 480, na soviética. A usina norte-americana tem 17 funcionários de escritório; a soviética, 91. Ao todo, 11 homens são necessários para produzir mil quilowatts de energia elétrica, sob o sistema econômico comunista; sob o norte-americano, bastam dois.

A situação na região carbonífera é tambem expressiva. Nos Estados Unidos, mais de 90 por cento do carvão bituminoso extraido do sub-solo é cortado mecanicamente, e cerca de 60 por cento é embarcado por meio de máquinas; apenas quatro por cento é extraido a pá e picareta. Na Rússia, grande parte é minerada a mão.

As minas de carvão soviéticas, como toda a indústria russa, estão cheias de pessoal improdutivo. Os engenheiros siderúrgicos suecos que há pouco visitaram a região carbonífera de Donbas, na Rússia, encontraram um engenheiro, um superintendente, um especialista, e um comissário político ou um guarda armado para cada quatro mineiros que, em regime de trabalho forçado, trabalhavam realmente nas minas. O total dos operários submetidos a trabalhos forçados na Rússia é provavelmente superior ao número de obreiros livres. No entanto, o trabalho forçado, numa economia comunista, não produz tão eficazmente quanto o trabalho de homens livres numa economia livre.

A reserva humana da Rússia é a maior do globo, excetuadas a China e a Índia. Não obstante, em todo o território soviético há menos técnicos especializados do que no Estado de Illinois, na república norte-americana. Estimativas cuidadosas prevêem que, mesmo em 1960, a produção russa, por operário, alcançará somente 50% do que era a norte-americana há 30 anos.

Durante os três primeiros planos quinquenais de Stáline, fizeram-se tentativas, nas escolas de aprendizes mantidas pelo Estado, no sentido de preparar operários especializados. Até 1939, as referidas instituições haviam preparado apenas um milhão. Ainda hoje o progresso nessa direção é moroso. O presente plano quinquenal tem o objetivo de preparar 6 milhões de operários especializados. Mesmo assim, ao terminar-se o plano, a Rússia só terá treinado um número de operários igual ao daqueles que hoje fabricam automoveis e conduzem caminhões nos Estados Unidos.

Os ESTADOS UNIDOS devem, entretanto, levar em conta um elemento relevante, isto é, a proporção da economia total que pode ser desviada para a guerra. Se, por um lado, 60 por cento da atual produção soviética pode ser dedicada a fins militares,—devido ao baixo padrão de vida do povo russo —por outro, apenas 40 por cento, no máximo, da produção total norte-americana pode ser posta à disposição das necessidades militares, sem comprometer gravemente a estabilidade da economia dos Estados Unidos.

Outra particularidade a ter presente é que as indústrias controladas, nos países satélites, contribuem para compensar as deficiências russas. Entretanto, a Rússia sempre importou materiais e técnicos da Europa Ocidental, da Inglaterra e dos Estados Unidos, e conta atualmente com menos produção e auxílio técnico provenientes do exterior, do que antes da guerra. Os técnicos alemães, suecos e suiços que foram recrutados realizaram seus maiores progressos em quatro setores: eletrônica, fabricação de aviões, construção naval e fabrico de armamentos.

E quanto à bomba atômica? Quando poderá a Rússia fabricá-la e produzí-la em quantidades que lhe permitam acumular um estoque?

Eminentes cientistas britânicos e norte-americanos estão persuadidos de que os cientistas russos estão a par do funcionamento da bomba, conquanto possam ignorar certas fases necessárias à obtenção da «reação em cadeia»: isto é, o meio de «detoná-las». O maior problema para os russos são as fábricas intricadas, indispensaveis à produção da bomba. A bomba atômica ocupa o ápice de uma pirâmide industrial de incrivel complexidade. O perigo da rádioatividade, por exemplo, impõe o emprego de controles automáticos; algumas seções das fábricas

de bombas atômicas têm que funcionar por prazo indefinido sem intervenção humana e sem interrupções para a conservação das instalações. Nesse nivel prático da ciência avançada, os russos são deficientes: na técnica e na capacidade de produção, as indústrias indispensaveis ao fabrico da bomba atômica estão, na Rússia, 22 anos atrás de suas congêneres norte-americanas.

Admitamos, entretanto, que a Rússia possa criar as indústrias, coordená-las suficientemente, e fabricar a bomba. Quando a Rússia tiver chegado ao ponto de produzir a primeira bomba, os Estados Unidos já disporão de um acervo de bombas igual ao de 18 anos de produção soviética.

RESUMINDO: qual é o potencial econômico da Rússia para a guerra?

A Rússia é a grande perturbadora entre as nações, representando verdadeira e terrivel ameaça à paz. Mas é tambem muito mais fraca do que comumente se supõe. Poderia mostrar-se muito forte numa guerra defensiva, travada em seu próprio território ou nas adjacências, mas, durante ainda muitos anos, será demasiado debil para atacar a América do Norte ou para investir, como o fizeram em 1939 as potências industrializadas do Eixo.

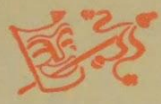
A força da Rússia consiste em sua situação geográfica—sua vasta extensão na Europa e na Ásia, abrangendo a sexta parte da superfície sólida do globo. Essa situação geográfica é quase inexpugnavel. Dando-lhe grande poder defensivo, permite-lhe assumir sua atual atitude para com as potências ocidentais. Com golpes políticos nos paises estrangeiros, com as quintas colunas, as campanhas psicológicas em vários paises, inclusive nos Estados Unidos, a Rússia pode provocar e sustentar *por prazo indefinido* um mundo de perturbações que enfraqueçam todos os demais paises, sem exigir grande custo ou esforço do Kremlin.

A Rússia não quer a verdadeira guerra e não pretende provocá-la. Os homens do Kremlin viram como a América avariou a Alemanha no último conflito, e não pensam em expor o seu país às mesmas consequências.

O Kremlin tem uma solução melhor. A Rússia recorre a ela sem esmorecer: quer que os Estados Unidos cometam tantos erros custosos, não só no território nacional, como alhures,—acima e alem dos atos de importância estratégica—que as consequências redundem em suicídio econômico. Todas as suas declarações, todos os seus atos têm hoje o propósito de sobrecarregar o sistema norte-americano de livre iniciativa e de provocar o desmoronamento da sua economia. Ela espera que os Estados Unidos *derrotem a si próprios*, por efeito de suas confusões e gastos excessivos—que se esgotem, por assim dizer, em seu próprio campo de ginástica. Isso deixaria a Rússia incólume. Ela sabe que a chave da dominação mundial é a força interna; perdida esta, perde-se aquela.

Cumpre aos Estados Unidos compreender que esse é o plano fundamental da Rússia. Assim, os norte-americanos, ao tomarem suas decisões, deverão baseá-las sempre nesse fato.

Uma compilação de anedotas



Rir é o melhor remédio

—SOU A SRA. do dr. Brown, disse a morena apresentando-se à loura, numa recepção.

—Eu sou a secretária dele, respondeu a loura.

—Ah! disse a morena, arregalando ligeiramente os olhos, —*era* mesmo?

—*Daily Province*, de Vancouver

UM CAVALHEIRO, que fizera fortuna de noite para o dia, descrevia a um amigo as maravilhas do seu novo palacete, com três piscinas.

—Mas por que *três* piscinas? exclamou o amigo.

—Uma é de água fria, explicou o novo-rico. —Outra de água quente e a terceira não tem água.

—Compreendo que você tenha uma piscina de água fria e mesmo uma segunda, de água quente, admitiu o amigo. —Mas ter uma piscina seca me parece o cúmulo do absurdo.

—Qual nada, replicou o ricaço com certa mágoa. —É que muitos dos meus amigos não sabem nadar.

—Bennett Cerf, em *The Saturday Review of Literature*

UMA SENHORA achou a conta do médico exageradamente alta.

—Não se esqueça, lembrou ele, —de que fiz onze visitas à sua casa quando seu filho teve sarampo.

—E o senhor não se esqueça, replicou ela, —de que ele contagiou a escola inteira.

—*Commerce Magazine*

DUAS amas-secas passeavam no parque com suas respectivas crianças.

—Você vai ao baile hoje? perguntou uma delas.

—Gostaria muito de ir, respondeu a outra, —mas para lhe dizer a verdade, não tenho coragem de deixar a criança com a mãe.

—*Commerce Magazine*

O CONFERENCISTA chegara ao ponto culminante da alocução: «O homem que cede quando está errado é um sábio; mas o homem que cede quando está certo é...»

«Casado», completou alguem do auditório.

—*The Burning Question*

UMA JOVEM, recem-casada, acabara de contar à amiga que ia ter um filho.

—Nós queríamos um automovel novo e um bebê. Mas não podíamos ter as duas coisas, disse ela.

—Você escolheu bem, observou a amiga.

—Pois é, completou a jovem.—Preferimos o bebê porque a entrega seria mais rápida.

—*The Saturday Evening Post*

O certame desportivo internacional, destinado a fomentar maior aproximação entre os povos, quase sempre provoca dissídios

Acabemos com as LIMPÍADAS

(Condensado de «Cosmopolitan»)

Por Stanley Frank

Os PRIMEIROS Jogos Olímpicos foram abolidos pelo imperador romano Teodósio I, no ano 394 da nossa era, após 1.170 anos de competições, porque todo o mundo estava já farto dos dissídios, dos conluios e dos rancores que aqueles certames sempre suscitavam. Parece agora que as modernas Olimpíadas estão fadadas à mesma sorte, e pelos mesmos motivos.

A disputa em Londres, neste mês de agosto, a primeira desde 1936, já foi assinalada antecipadamente por recriminações e denúncias bastantes para indicar que o ideal olímpico de lealdade desportiva internacional é uma teoria visionária que a prática não confirma.

Em princípios deste ano, o *Sovsports*, de Moscou, tachou a equipe olímpica de hoquei da Real Força Aérea Canadense de «profissionais fardados de pilotos». Os suiços se sentiram ofendidos quando se procurou acoimar de profissionais seus melhores esquiadores, porque ganhavam a vida como guias alpinos. Como de costume, os Estados Unidos contribuiram para a confusão geral: sua Amateur Athletic Union ameaçou boicotar o certame ao ser levada de vencida numa questão relativa às credenciais da equipe norte-americana de hoquei.

Tais rixas preliminares foram eclipsadas por uma nova complicação quase insuperavel. A Inglaterra, país onde se realizará o certame, não o queria. Há motivos para crer que os britânicos se teriam eximido ao compromisso se pudessem atinar com uma escapatória que lhes permitisse fazê-lo com o devido decoro. A Inglaterra, por mais que necessite da moeda estrangeira trazida pelos 250 mil visitantes previstos, não conta com acomodações nem alimentos para eles. Os ingleses não estão dispostos a desviar materiais escassos, só para terem a discutivel honra de encenar uma exibição de músculos.

Os motivos que engendram a antipatia britânica pelas Olimpíadas foram resumidos pelo jornal *Evening Standard* de Londres, num mordaz artigo de fundo: «Mesmo em épocas normais, a atitude britânica diante

dos Jogos oscilava entre tibieza e aversão. Não encaramos o esporte principalmente como pretexto para afirmação de nacionalismo. O ambiente das Olimpíadas tende, entretanto, como é notório, a revestir-se de um cunho de rivalidade chauvinista que é a antítese da verdadeira competição desportiva.»

Um fator importante, com raizes no carater britânico, é o receio de um fracasso que revele ao mundo a indigência do país. Hylton Cleaver evocou essa atitude no referido *Evening Standard:* «O celeiro está vazio e estamos, quase todos, na penúria. Entretanto, vamos apresentar esse colossal espetáculo com o plácido caradurismo de parentes pobres que procuram ser hospitaleiros a primos abastados.»

Na primeira reinstituição moderna dos Jogos, em 1896, equipes amistosas, procedentes de oito paises, reuniram-se em Atenas, e todos se deram às mil maravilhas, a ponto de ficarem radiantes pelo fato de Spiridon Loues, obscuro pastor grego, ter-se sagrado o rocambolesco vencedor da maratona, prova principal. Mas esses exercícios terão que figurar na História como a lua-de-mel mais curta que jamais se constatou...

Os Jogos de 1904, em St. Louis, nos Estados Unidos, constituiram uma farsa completa; aliás, a França e a Inglaterra calculadamente não enviaram representante algum.

Os conchavos, em proporções deveras olímpicas, alcançaram o auge em Londres, em 1908. No dia inaugural, os pavilhões dos Estados Unidos e da Suécia não flutuaram sobre o estádio, por um descuido que poderia ter sido casual. A Finlândia ofendeu-se porque teve ordem de desfraldar a bandeira russa ou nenhuma; os irlandeses quase tiveram convulsões quando souberam que quaisquer vitórias que alcançassem seriam agregadas à contagem dos detestados ingleses. Os ciclistas franceses e canadenses vociferaram contra as decisões dos juizes; o mesmo fizeram os suecos na luta livre, acabando por retirar sua equipe.

No páreo final dos 400 metros, dois norte-americanos, Carpenter e Robbins, tomaram a dianteira ao inglês Halswelle por boa margem quando, súbito, alguem gritou «*Foul!*» Num pestanejar, os árbitros ingleses invadiram a pista e invalidaram a prova. Dezenas de testemunhas oculares surgiram para jurar que Carpenter havia estorvado Halswelle. Determinou-se que a corrida fosse repetida no último dia do certame, mas a delegação norte-americana denunciou a decisão como uma burla, e Halswelle correu sozinho.

Dorando Pietri, um italiano desconhecido, assombrou os espectadores quando entrou cambaleando, pelas portas do estádio, à frente dos demais concorrentes, na maratona. Exhausto pela corrida de 40 km, tombou na pista a uns escassos 500 metros da meta final. Os juizes ingleses estavam reunidos em torno de Dorando quando a notícia correu de boca em boca de que o norte-americano, Johnny Hayes, vinha chegando. Os ingleses imediatamente levantaram Dorando e carrega-

ram-no à meta, adiante de Hayes. Foi içada a bandeira da Itália em sinal de triunfo. Hayes foi posteriormente declarado vencedor oficial, mas já era tarde para serenar os ânimos.

París, em 1924, e Amsterdã, em 1928, experimentaram relativa calma, conquanto, em París, um pugilista francês tivesse mordido seu adversário, um inglês; a situação ainda piorou quando um jornal parisiense indagou, solícito, ao *boxeur* francês se, em consequência da mordida, ele havia sofrido alguma coisa... A acrimônia recrudesceu em Los Angeles, em 1932, quando Nurmi, o maior atleta dos anais olímpicos, fez uma viagem de 7.500 milhas, só para se ver desqualificado por uma questão da ajuda de custo que recebera. Mais tarde, um finlandês foi acusado de ter estorvado Ralph Hill, na corrida de 5.000 metros, «fechando» o norte-americano na pista para impedir que o passasse na reta final.

A mais torpe das Olimpíadas foi a realizada em Berlim, em 1936. Não passou de um circo fascista, com os esportes em plano secundário. Houve, entretanto, um capítulo luzidio: Jesse Owens, discreto rapaz negro norte-americano da Universidade Estadual de Ohio, correu o próprio Hitler do local, vencendo três campeonatos. Hitler, que havia pessoalmente felicitado os campeões das provas anteriores com ridículas fanfarras fascistas, saía precipitado, toda vez que Owens, filho de uma raça supostamente inferior, vencia os «valorosos» nórdicos.

Se o certame de Berlim chegou a provar qualquer coisa, foi o fato de que os esportes já não se eximiam às pressões que plasmam o mundo.

Nenhum benefício advirá dessas competições internacionais, que não primam pelo espírito esportivo. Os sinais de perigo já foram divisados muitas vezes. Acabemos com as Olimpíadas.

Extra!

UMA DAS MAIS bonitas jornalistas de Nova York, fazendo uma reportagem sobre as Nações Unidas, notou que o Ministro Marshall a olhava como que fascinado. Ela correspondeu com um sorriso, tentando dissimular o orgulho que sentia. Levantando de novo o olhar, viu que Vishinsky tambem a contemplava com interesse. Aí a nossa heroina disse consigo: «Isso tambem é demais!» E, notando que já agora vários outros delegados a olhavam, cheios de admiração, resolveu passar um exame em si própria, e logo fugiu da sala precipitadamente. Estava sendo alvo das atenções de tantos cavalheiros, porque certo artigo, que ela usava para ressaltar as graças naturais, tinha escorregado, oferecendo à vista Três, onde a Natureza nunca põe mais de Dois!

—Walter Winchell

Psicoterapia em grupo—a nova técnica de tratamento dos males afetivos

O mal alheio ajuda a remediar o nosso

(*Condensado de «Your Life»*)

Edith M. Stern

NAQUELA tarde, há cerca de nove anos, certa clínica neuropsiquiátrica de Filadélfia tinha a sala de espera a transbordar de doentes. Perdendo a esperança de poder vê-los um a um, e de tratá-los individualmente, o dr. Samuel Hadden abriu a porta do gabinete e exclamou: «Entrem todos de uma vez!» Mais tarde verificou que aquele mero expediente de serviço constituia, na realidade, um descobrimento. Embora ele tivesse tomado a decisão bruscamente e em recurso de desespero, a verdade é que o problema já lhe havia merecido muita meditação; desde longa data vinha pesando as maneiras de melhorar os processos de tratamento dos seus doentes, e a única solução prática lhe parecia ser a discussão coletiva dos casos.

Hoje a psicoterapia em grupo é um processo assente e coroado de êxito na clínica do dr. Hadden, no Hospital Geral de Filadélfia. Os doentes, tanto homens como mulheres, apresentam uma extensa gama de sintomas para os quais não foi possivel descobrir qualquer razão orgânica. É hoje um fato geralmente aceito que muitos sintomas físicos—tais como dor de cabeça, transpiração excessiva, palpitações do coração, indigestão, náusea, insônia e dores nas costas—são devidos a distúrbios emocionais. Uma vez revelada a causa subjacente da perturbação emotiva, e compreendida a sua significação, o doente dos nervos se torna mais apto a fazer frente aos problemas de cada dia, e os sintomas orgânicos desaparecem. O tratamento em grupo ajuda a maior parte das pessoas que o recebem; muitas se libertam por completo dos seus sintomas, algumas mesmo no curto espaço de dois meses e meio.

Nenhum dos doentes que constituiam o grupo do dr. Hadden podia permitir-se o luxo de consultar um psiquiatra para tratamento individual. Alem disso, mesmo que estivessem em condições econômicas de fazê-

lo, é provavel que a maior parte não o tentasse. Alguns psiquiatras entendem que são precisos às vezes três anos de entrevistas diárias, de cerca de uma hora, para que uma pessoa consiga penetrar até à raiz dos seus problemas; ora, poucas pessoas estão dispostas a empreender uma campanha que absorva tanto tempo e dinheiro. A psicoterapia em grupo veio transpor essas dificuldades.

Quando o grupo de doentes do dr. Hadden se reuniu pela primeira vez nesta temporada, eu estava tambem presente. Contei oito mulheres e quinze homens, cujas idades oscilavam entre a relativa juventude e a maturidade. Nenhum dos presentes tinha uma aparência enfermiça ou denunciava um «nervosismo» visivel. O dr. Hadden, homem simpático, de faces coradas e cabelo louro pálido, deu as boas vindas aos novos membros do grupo, e depois disse: «Com certeza vocês não sabem por que é que vieram parar aquí; mas já lhes explico. O exame clínico minucioso não revelou qualquer doença orgânica a que pudessem atribuir-se os seus sintomas; foi por isso que os remeteram para a minha clínica, onde poderão compreender melhor os seus sentimentos e a sua conduta.»

Dito isto, disparou-lhes sem transição a seguinte pergunta: «Algum dos presentes teve alguma vez medo de apresentar-se em público?»

Um por um, homens e mulheres foram respondendo que sim.

O dr. Hadden voltou à carga: «E que é que sentiram?»

As respostas variavam: «Minhas mãos suavam.» «Fiquei com a língua presa.» «Meu coração batia mais depressa.» Houve na sala risos de solidariedade quando uma das moças disse com esforço: «Estou sentindo o mesmo nervosismo agora!»

A idéia que o psiquiatra queria comunicar aos pacientes, naquela primeira sessão, era que as emoções produzem efeitos físicos definidos. Entre outras pessoas, faziam parte do grupo três bombeiros. Estes, a instância do médico, falaram do medo que haviam sentido no exercício de suas funções. Todos declararam que, no início da carreira, haviam ficado, várias vezes, literalmente paralisados de terror; mas que agora, não obstante terem medo durante o combate a um incêndio, o receio não durava muito porque—supunham eles—já estavam «habituados». O médico conseguiu habilmente encaminhar a discussão no sentido de esclarecer o motivo real do desaparecimento do medo: graças ao treino, os bombeiros podiam agora traduzir o medo em ação.

«É para isso que aquí estamos,» explicou o psiquiatra. «É para aprender a manipular as emoções, de modo a traduzí-las em ação proveitosa e efetiva.»

Uma semana depois, na segunda sessão, um rapaz que se queixava de distúrbios gástricos, declarou sentir-se «muito melhor», no relatório escrito que todos os pacientes são obrigados a entregar à entrada da clínica.

«Como é que o sr. explica isso?» perguntou-lhe o dr. Hadden.

«Bem, a semana passada o doutor disse que a gente devia fazer alguma coisa quando tivesse algum aborrecimento,» respondeu o jovem. «Foi isso que eu fiz. Sabe, nós estávamos morando na casa de meus pais, e minha mulher não andava nada contente. E eu tambem ficava nervoso. Resolvemos ir morar com a família dela; ela está muito mais satisfeita, e eu tambem. Até a comida me assenta melhor no estômago!»

Depois da sessão, o dr. Hadden me explicou: «Não foi somente por eu lhe ter dito que fizesse alguma coisa, que ele ganhou coragem para sair da casa dos pais; foi a confiança que ganhou aquí em contacto com o grupo. Ao perceber que as suas dificuldades não eram as únicas neste mundo, ele passou a encará-las sob um prisma mais optimista, e foi isso que, por sua vez, o habilitou a agir.»

Uma das sessões subsequentes foi consagrada à «racionalização»—isto é, o processo psíquico por meio do qual nós elaboramos razões lógicas para justificar nossa maneira de ser e proceder. Outra teve como tema a «projeção», que o dr. Hadden definiu como sendo o hábito de «lançar a culpa para cima do próximo». Outras sessões foram consagradas ao sentimento de inferioridade e à maneira como ele se desenvolve, à importância das experiências da primeira infância, e aos efeitos emocionais da «rejeição» pelos genitores—quer dizer, a atitude dos pais que leva a criança a sentir-se indesejavel ou reprovada.

Após algumas sessões consagradas a estabelecer certos princípios gerais, o dr. Hadden passa a orientar o curso da discussão de maneira a poder prestar ajuda ao maior número possivel de pessoas. «É como quando a casa se enche de visitas,» diz ele. «De começo, é a dona da casa que tem de fazer tudo para entreter os convidados; mas, quando estes começam a tomar parte ativa, a reunião corre por si só!»

Uma das grandes vantagens da psicoterapia em grupo é que os participantes nem sequer necessitam falar de si próprios; basta que ouçam falar dos problemas dos outros, para já se sentirem aliviados. São frequentes os casos em que uma pessoa de repente vê sua própria situação, com clareza, ao reconhecer um «denominador comum» nos problemas de outro indivíduo. Temos por exemplo o caso daquele rapaz de 35 anos, de nome Mundt, que mal chegara a abrir a boca durante quase toda uma série de sessões, e não dera notícia de ter melhorado dos sintomas que o atormentavam: mãos suadas e fraqueza nas pernas. Em dado momento a discussão concentrou-se no caso de um estudante de 19 anos, chamado Joseph, que sofria tambem de suores, e, quando arguido na sala de aulas, quase desmaiava. Timidamente, quase num murmúrio, Joseph disse que o pai com frequência «ralhava com mamãe e conosco», e que isso o fazia sentir-se fraco e nervoso. E acrescentou: «Sempre que eu me portava mal, meu pai me batia.»

Em que altura começara esse senti-

mento de fraqueza, e esse suor? Joseph concentrou-se e, finalmente, concluiu que fora no seu primeiro ano ginasial. «Em que é que o ginásio era diferente da escola primária?» inquiriu o dr. Hadden. «Bem, os professores eram todos homens!» O dr. Hadden tomou esta deixa, e focalizou o fato de que, quando Joseph encontrava pela frente um homem revestido de autoridade, —como seu pai—o medo se apoderava dele.

Foi então que o sr. Mundt, até alí calado, levantou a mão, pedindo licença para falar: «Ora essa! O caso desse rapaz é quase igual ao meu!» exclamou. «Meu pai tambem era um homem severo. Tinha umas idéias de disciplina à moda prussiana. Eu tinha muito medo dele. Ainda hoje, todos os patrões me metem medo! A primeira vez que sentí isso, foi aos dezoito anos, quando arranjei o primeiro emprego e conhecí o primeiro patrão. Só agora, pela primeira vez, tudo isso me parece claro!»

Gradualmente, outros membros do grupo foram confessando ter desejado a certa altura da sua vida resistir a um progenitor colérico, autoritário ou implicante. O dr. Hadden explicou: «Mas vocês eram pequenos e fracos, e não podiam rebelar-se. Por isso, hoje, sempre que se encontram em presença de alguem que lhes lembra esse pai—seja patrão ou professor—sentem-se incapazes de revidar, e é por isso que ficam nervosos, e suam frio, ou acham que vão desmaiar, ou têm dor de cabeça. Qual será, nesse caso, a solução?»

«Olhá-los de igual para igual!» respondeu um frequentador já antigo.

«Isso mesmo! De adulto para adulto,» concordou o dr. Hadden. «Ninguem pode desembaraçar-se higienicamente dos seus velhos ressentimentos recalcados, se teimar em permanecer criança!»

Após meia dúzia de sessões, o grupo transforma-se numa entidade com carater próprio: semelhante a uma família, sente-se inclinado a apoiar ou condenar os indivíduos que o compõem. Muitas vezes a aprovação do grupo contribui de maneira inestimavel para aliviar os sentimentos de culpa que originam os sintomas do doente.

Uma vez por outra acontece que o grupo antipatiza com um dos seus membros, e procura transformá-lo em bode expiatório, ou divertir-se à custa dele. Em casos tais, o dr. Hadden, que está sempre de sobre-aviso, procura desviar a discussão, para que o paciente em causa não se sinta ofendido. Por vezes, todavia, o que o doente precisa é exatamente de certa medida de «reprovação» por parte do grupo. O dr. Hadden relatou-me um caso desses: «Tínhamos um sujeitinho feio, pequeno, de quem ninguem gostava; ao cabo de algumas sessões, sai-se ele de repente com a confissão de uma carreira criminosa! Explicou-nos que seguira esse rumo muitos anos atrás, quando saira de um orfanato, sem vintem e sem amigos.

«Fiquei com receio de que os outros doentes o liquidassem alí mesmo, ou lhe provocassem uma recaida talvez irreparavel. Pois, muito ao contrário, a reação deles foi esta: muito bem, percebemos por que é que você começou, mas porque há-de continuar nesse caminho? Passado pouco tempo esse homem passou a trabalhar honestamente, e os seus sintomas nervosos desapareceram. Aí está: graças a essa combinação de simpatia tolerante e de crítica firme por parte do grupo,—uma forma de ajuda que eu nunca poderia ter-lhe dado só por mim—o nosso delinquente se regenerou! Atualmente, com a experiência que tenho disso tudo, não me iria preocupar com a reação do grupo ao caso individual. Tenho cada vez mais respeito pelo julgamento coletivo.»

O dr. Hadden é somente um dos muitos médicos e psicólogos que adotam a psicoterapia em grupo. Existe hoje uma associação de grupoterapia, de que fazem parte especialistas dos Estados Unidos, da Europa e da América Latina. Como todos os outros tratamentos poderosos, pode, se mal aplicada, causar mais estragos do que benefícios; não é portanto coisa que qualquer leigo ou inexperiente possa intentar. Para alcançar o seu objetivo, é indispensavel possuir especiais conhecimentos médicos e psicológicos. «Mas, para lhe falar com toda a franqueza,» remata o dr. Hadden, «o que o grupo aprende comigo não é nada, comparado com o que eu aprendo com o grupo!»

Delicadeza e tacto

O CIRURGIÃO, um cavalheiro de cabelos grisalhos, sorriu para a paciente, uma velhinha franzina, dizendo-lhe:

—A senhora já está curada. Sua coragem salvou-a. Amanhã pode voltar para casa.

—Minha coragem, não, doutor... respondeu a cliente. —Graças à sua perícia e sua grande bondade, é que eu sarei... Hesitou um instante, e prosseguiu: —As suas contas, doutor, são sempre muito pequenas, e sempre eu preciso lembrar-lhe, senão o senhor se esquece de cobrar. Não posso aceitar caridade, e não esqueça de me informar quanto lhe devo.

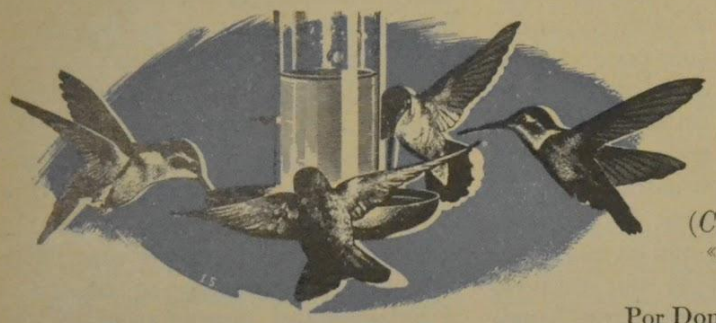
O especialista fez um sinal afirmativo com a cabeça.

—Não me esquecerei. A senhora receberá a nota num destes dias, disse. Efetivamente, dias depois, ela recebia a conta, cuja importância era assustadoramente grande.

Mas ao pé da nota, viam-se estas palavras, escritas na letra firme do médico: «Esta conta já foi paga—com gestos de amabilidade.»

—Colaboração de Justine Randers-Pehrson

Qualquer jardim pode receber a visita desses mensageiros de um reino encantado



(*Condensado de «Frontiers»*)

Por Donald Culross Peattie

Beija-flor, jóia dos jardins

ELE CHEGA de súbito, como um pequenino projetil de asas. Ouve-se um zumbido, que parece de inseto, e ei-lo visivel... qual minúsculo avião metálico, suspenso no ar, as hélices girando na proporção de umas 75 rotações por segundo—tão rápido que, buscando fixá-lo, apenas percebemos como que uma borleta esbatida no espaço. Da gorja encarnada saem-lhe cintilações côr de fogo. De repente ele poderá lançar-se em vôo para trás, espantando alguma abelha; guinar depois para um lado perseguindo um bem-te-vi, ou partir, com a precipitação com que chegou, a 80 km por hora, riscando no espaço um roteiro de beleza e deixando-nos uma fugaz sensação de encantamento. Tudo isso num lapso de tempo tão curto, que nem chegaria para dizermos *Archilochus colubris*, nome científico do beija-flor de pescoço encarnado.

Essas pequeninas criaturas pesam pouco mais de três gramas; no entanto, não há vôo mais controlado que o seu, sendo-lhes possivel até voar para trás; isso conseguem porque suas asas têm músculos proporcionalmente imensos e, tambem proporcionalmente, têm o coração maior que qualquer outra ave.

O colibrí se distingue não só como exímio acrobata do ar, mais ainda como exibicionista em seus idílios. Diante da sua dama, ele voa de um lado a outro, enquanto ela agita a cabecinha, acompanhando-lhe os giros. E em pouco se convence de que o macho é um gênio... Segue-se logo a união, e depois a postura, tudo tão depressa que, se fossem gente, a lei não o permitiria...

O ninho dos beija-flores não chega a ter mais de dois e meio centímetros de diâmetro, e, como tudo mais na vida

deles, é feito com grande rapidez, não requerendo às vezes mais de um dia. Não obstante, é uma primorosa obra de arte. Bem dissimulado com líquenes, torna-se quase invisivel, embora fique em geral a descoberto sobre um galho ou nos lugares mais pitorescos, como nas dobras de uma corda ou sobre uma laranja pendente da árvore. O pequeno ninho é forrado de penugem de cardo, de paina, ou de «lã» de sicômoro; esse conjunto é fixo em seu lugar por meio de uma seda finíssima, que a fêmea entretece com o seu biquinho afiado como uma agulha.

Aí deita ela dois ovinhos brancos, do tamanho de ervilhas, e os filhotes ao nascer pouco excedem o tamanho de uma unha. Sempre de bico aberto, chiando a pedir comida, têm que ser alimentados, a princípio, de minuto em minuto. Quem vir a fêmea injetando os alimentos na garganta dos filhotes, terá a impressão de que ela os vai alfinetar, tão penetrante é o bico.

Nas regiões tropicais há centenas de variedades de colibrís, e alguns são estonteantemente lindos, comparaveis às flores silvestres de que extraem o sustento. Nas campinas do Oeste dos Estados Unidos, ou nas regiões montanhosas da América do Sul, os colibrís são quase tão comuns como as abelhas. O meu jardim, na Califórnia, é visitado por umas cinco espécies diferentes. A língua do beija-flor, diversa da de todos os outros pássaros, consiste em dois minúsculos tubos, mas ainda não se conseguiu averiguar como por eles sobe o nectar das flores. Os colibrís, alem do nectar, se alimentam de pequeninos insetos que encontram nas flores ou apanham em pleno vôo.

Os colibrís mostram-se peritos em botânica, ao escolher as flores onde pousam. Preferem as de corola alongada, em que o nectar se encontra bem no fundo. Aí não têm que temer a concorrência das abelhas; apenas as borboletas, com suas trombas compridas, chegam até o recôndito dessas flores, mas o colibrí, que não foge a uma briga, afasta-as sem cerimônia...

Pensava-se, antigamente, que eles dessem preferência às flores vermelhas; mas, na verdade, os colibrís visitam com a mesma frequência as flores azuis, amarelas ou brancas, uma vez que lhes agrade o feitio delas, e que produzam bastante nectar. Portanto, quem quiser atrair colibrís ao seu jardim deve plantar madressilvas, campainhas, jasmins de Veneza ou qualquer outra flor de forma semelhante, ao lado da varanda ou das janelas. Poderá então vê-los saltar e adejar de flor em flor, chispando com seu colorido fulgente. Aliás, entre os pássaros não domesticados, são os mais mansos que já vi: alguns chegam a voar bem perto do rosto da gente, como que a investigar que criatura será aquela... Nos jardins, os colibrís parecem preferir as salvas e as fúcsias, como tambem as aquilégias. Na ronda que fazem em busca do nectar, levam o polen nas penas, sendo esse o único veículo de polinização entre certas flores.

Mas nem é preciso plantar flores especiais para atrair os colibrís. O sr. Benjamin F. Tucker, ex-banqueiro da Califórnia, suspendeu tubos de ensaio

cheios de água com açucar, usando como chamariz uns colares multicores que imitavam corolas. Os beija-flores acorreram ao «Bar de Pássaros» do sr. Tucker, no qual, aliás, ele já realizou vários melhoramentos; dispositivos para afastar abelhas e formigas, e até uma espécie de poleiro, de onde o colibrí, comodamente instalado, se abastece... Em plena primavera, centenas de beija-flores enchem o ar nesse jardim, constantemente visitado por milhares de curiosos, que vão admirar o espetáculo.

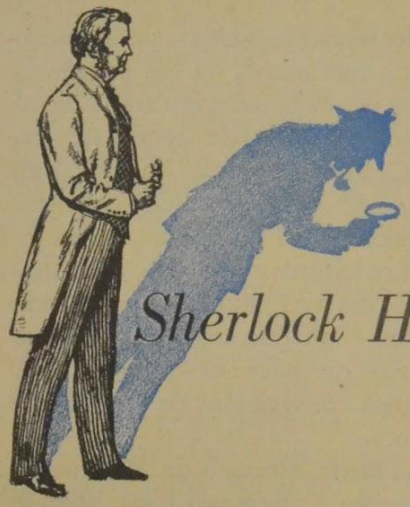
Mas é na região andina que se encontram colibrís de variedades tais como safira, arco-iris, fada e silfo. Conhecem-se ao todo 650 variedades de colibrís, tendo sido dificil aos classificadores encontrar nomes para tantos: ametista, rubí, esmeralda, raio-de-sol, cometa, coquete, etc.

Sendo todos tão belos, como escolher o mais formoso? Há quem dê o prêmio a uma espécie da Colômbia, o «esmeralda», que tem os pés brancos, o corpo de um verde reluzente, asas de um roxo etéreo e a cauda bifurcada, com três vezes o comprimento do corpo. Outros reservam as maiores honras para os colibrís com peito de topázio. Essa avezinha, que procura de preferência as orquídeas das florestas andinas, tem o corpo de um rubí metálico, a cabeça de um negro veludoso, e o papo de um verde frio de berilo, tendo ao centro um topázio.

Não admira que essas aves, de tão lindas plumagens, venham sendo caçadas desde o tempo dos aztecas, quando os nobres da corte de Montezuma usavam capas cobertas com penas de beija-flores. Até os índios norte-americanos, que receberam os primeiros colonos ingleses, costumavam levar brincos feitos com colibrís. No tempo da Rainha Vitória, em que os enfeites exagerados eram moda, aumentou a matança dos beija-flores. Com suas plumas irisadas faziam-se milhares de flores artificiais e espanadores inuteis, e assim muitas espécies de colibrís quase foram extintas.

Os Estados Unidos tornaram ilegal esse comércio, proibindo a importação de plumas de aves silvestres. Essa medida salvadora foi inspirada, em grande parte, pelos naturalistas que estudam os colibrís e que, por isso, bem merecem suas coleções. Uma das melhores é a de Robert Moore, de Pasadena, que consta de umas 600 variedades, quase todas colhidas por ele próprio.

Ao volver entre os dedos, como quem examina uma jóia, os corpinhos embalsamados dessas avezinhas, surpreendí-me com os tons furta-cores que deles se desprendiam. O pequenino peito, que à primeira vista era simplesmente negro, logo se tornava esmeralda! A pigmentação, porem, não está nas penas. A magia das cores dos colibrís é produzida por reflexo: as minúsculas pelugens que formam cada pluma, à semelhança das facetas de um diamante, são dispostas de tal forma, que refletem a luz. Os colibrís são como prismas alados, arco-iris vivos... Captam, para nosso gáudio, a luz do sol, transformando-a em uma jóia alígera.



O professor que inspirou a Conan Doyle o imortal Sherlock Holmes

Sherlock Holmes em carne e osso

(Condensado de «The Saturday Review of Literature»)

Por Irving Wallace

Uma noite, há cerca de cinquenta anos, depois de uma caçada na Escócia, os convivas estavam sentados à mesa de jantar, conversando sobre crimes célebres cujos autores nunca foram descobertos. Um dos convivas, o dr. Joseph Bell, mantinha os interlocutores admirados, graças às suas mirabolantes deduções. Esse dr. Bell era um eminente cirurgião cujas lições, recheadas de engenhosos raciocínios, haviam exercido consideravel influência sobre cinco gerações consecutivas de estudantes da Universidade de Edinburgo. Entre esses, alguns se tornaram célebres, como Conan Doyle, Robert Louis Stevenson e James M. Barrie.

«A maioria das pessoas vêem, mas não sabem observar,» dizia o dr. Bell aos seus convivas. «Olhando de relance um indivíduo, a gente pode identificar-lhe o país de origem por suas feições; pelas mãos, a profissão e os meios de vida; e todo o resto da sua história é revelado pelo modo de andar, os maneirismos, os berloques do relógio, e até os fiapos que aderem às suas roupas.

«Um dia entrou um doente na sala onde eu estava lecionando uma turma de estudantes de medicina. —Senhores, disse eu, este homem foi soldado num regimento escocês, e provavelmente músico da banda.

«Chamei a atenção dos rapazes para o jeito meio arrogante com que o doente andava, fazendo lembrar os tocadores de gaita de foles; sendo ele de baixa estatura, deduzí que, se era mesmo soldado, fazia parte da banda. Mas o nosso homem afirmava que era sapateiro, e nunca tinha sido soldado.

«Pedí que ele tirasse a camisa, e no peito nu vi um pequeno *D* azul, marcado a ferro na pele: era assim que as autoridades costumavam marcar os desertores durante a Guerra da Criméia. O sujeito acabou confessando que tinha sido músico de um regimen-

to escocês durante a guerra. A dedução foi realmente elementar...»

Um dos presentes observou: «O dr. Bell quase que podia ser Sherlock Holmes.» Ao que o médico retorquiu vivamente: «Meu caro senhor, eu sou de fato Sherlock Holmes!»

O dr. Bell foi, na verdade—e Arthur Conan Doyle o revelou em sua autobiografia—o inspirador do imortal personagem da ficção policial.

As regras do raciocínio dedutivo e da análise que tornaram Sherlock Holmes célebre, refletiam simplesmente a técnica usada na vida real pelo dr. Bell. Dizia este um dia, a um reporter que o entrevistou: «Sempre me esforcei por incutir nos estudantes a noção da importância das pequenas diferenças, da inestimavel significação das insignificâncias. Por exemplo, quase todas as ocupações deixam impresso, nas mãos de quem as pratica, um verdadeiro tratado de identificação profissional. As cicatrizes do mineiro diferem das do homem que trabalha na pedreira. As calosidades da mão do carpinteiro não são as mesmas que vemos na mão do pedreiro. O soldado e o marinheiro distinguem-se um do outro pela maneira de andar. O médico observador pode muitas vezes dizer com acerto qual é a região do corpo de que o cliente se vai queixar, especialmente quando se trata de uma mulher.»

O dr. Bell estava convencido de que o desenvolvimento das faculdades de observação era de imperiosa necessidade para médicos e policiais; mas, sustentava ele, qualquer homem exercitando essas faculdades, pode transfigurar a monotonia da sua existência em uma empolgante aventura. «Quando a família viajava de trem,» recorda a sra. Cecil Stisted, sua irmã, «Joseph nos dizia de onde provinham os outros passageiros, para onde iam, e descrevia até os hábitos e ocupações dos mesmos. Tudo isso sem ter conversado com eles. E quando estes confirmavam o acerto de suas observações, nós ficávamos convencidos de que ele era mágico.»

Uma tarde, estava o dr. Bell no seu gabinete na Enfermaria Real, quando alguem lhe bateu à porta:

—Entre! disse ele.

Entrou um homem. O médico olhou-o atentamente e perguntou:

—Por que é que o senhor está preocupado?

—Quem é que lhe disse que eu estou preocupado?

—As pessoas que não estão preocupadas batem duas, ou talvez três vezes. O sr. deu quatro pancadas.

O homem confessou que estava realmente preocupado...

Conan Doyle disse um dia a um jornalista que «o dr. Bell, sentado no seu gabinete, recebia os doentes e fazia o respectivo diagnóstico assim que eles entravam, antes mesmo de terem aberto a boca. Descrevia-lhes os sintomas todos, e chegava a dar pormenores sobre o passado deles. E era raro enganar-se.»

Procurava diariamente demonstrar aos estudantes que a observação não é obra de magia, mas uma verdadeira ciência. Trabalhando na Enfermaria

Real, o dr. Bell, ao ver entrar um doente, comentava: «Sapateiro, não é?» Mais tarde explicava aos alunos: «O lado interior das calças do homem, na altura dos joelhos, estava todo gasto, particularidade essa que só se encontra nos sapateiros. É aí que eles assentam a pedra.»

No tempo em que Conan Doyle, ainda moço, era aluno e assistente do dr. Bell, um enfermo entrou um belo dia no gabinete do médico, que lhe disparou esta pergunta:

—Que tal foi o passeio desta manhã no campo de golfe, quando o senhor veio do lado sul da cidade?

O paciente replicou com uma expressão de espanto:

—Muito agradavel, sim senhor! Mas o doutor me viu?

O médico não o tinha visto, mas explicou:

—Num dia chuvoso como hoje, o barro vermelho do campo de golfe adere ao calçado. Não existe outro barro vermelho em toda esta redondeza.

Conan Doyle conta-nos em sua auto-biografia outro exemplo da argúcia do dr. Bell. Depois de examinar em silêncio um doente de fora, disse-lhe o médico:

—Bom, você fez serviço militar num regimento escocês, e deu baixa não há muito tempo.

—É verdade.

—E foi sargento na guarnição de Barbados?

—Isso mesmo, doutor.

Saido o doente, o dr. Bell voltou-se para os estudantes: «Como os senhores viram, ele era um homem bem educado, mas entrou sem tirar o chapéu. É o que se faz no exército, mas se ele tivesse dado baixa há muito tempo, já teria voltado a aprender os costumes da vida civil. Tinha um modo autoritário, e inconfundivelmente escocês. Quanto a Barbados, sofre de elefantíase, doença que sugere a permanência nas Antilhas.»

Esse incidente causou tal impressão em Conan Doyle, que muitos anos depois ele ainda havia de reproduzí-lo quase textualmente em seu conto *The Greek Interpreter*, cujo herói é Sherlock Holmes.

Doyle colou grau na Universidade de Edinburgo em 1881. Especializado em doenças dos olhos, pôs a tabuleta na porta e ficou à espera dos doentes. Seis anos depois ainda estava à espera... Na dura necessidade de ganhar algum dinheiro, começou a escrever. Estreou-se sem êxito, e, sob a influência de Gaboriau e de Edgar Poe, resolveu tentar o gênero policial. Mas para isso queria um novo tipo de detective.

«Lembrei-me então do meu velho professor, o dr. Bell,» recorda Doyle na já referida autobiografia. «Se ele tivesse sido detective, teria com certeza reduzido esse ofício fascinante, mas ao tempo ainda desorganizado, a alguma coisa de semelhante a uma ciência exata. É muito facil dizer que um detective é sagaz, mas o leitor quer exemplos dessa perspicácia—exemplos como os que Bell nos dava a toda hora. A idéia me pareceu interessante.»

A primeira vez que Sherlock Holmes apareceu, no *Beeton's Christ-*

mas Annual de 1887, não foi muito bem recebido. Apesar disso, um editor americano encomendou-lhe, dois anos depois, mais alguns contos de Sherlock Holmes, e o detective entrou no caminho da imortalidade literária.

Em ambas as margens do Atlântico os fãs discutiam acaloradamente cada nova proeza do sagaz detective, que a habil pena de Doyle sabia tornar tão plausivel. Em *Adventure of the Norwood Builder*, um rapaz meio alucinado entra de rompante na casa de Sherlock Holmes, e, ao anunciar seu nome,— John McFarlane— ouviu do detective esta resposta, dita com sua característica indolência: «O sr. diz o seu nome como se eu tivesse obrigação de reconhecê-lo! Mas asseguro-lhe que, alem do fato evidente de que o sr. é solteiro, solicitador, membro da Maçonaria e asmático, nada sei a seu respeito!»

Entretanto, o próprio dr. Bell mostrou que não era infalivel, e que tinha alem disso um acentuado bom-humor. Quando os seus visitantes lhe pediam que lhes narrasse histórias das suas proezas no mundo da dedução, contava-lhes a visita que um dia fizera a um doente acamado.

De pé ao lado da cama, rodeado dos estudantes, Bell perguntou ao enfermo:

—Diga-me uma coisa: o sr. não é músico da banda militar?

—Sou, sim senhor, confirmou o paciente.

Então o dr. Bell se voltou muito ufano para os seus estudantes:

—Como vêem, a coisa é muito simples. Este homem sofre de paralisia dos músculos das bochechas, resultado de tanto soprar nos instrumentos. Basta a gente perguntar, para confirmar essa conclusão.

E voltando-se de novo para o doente: —Ora diga, meu velho, que instrumento tocava na banda?

O paciente se ergueu um pouco, apoiado nos cotovelos, e respondeu:

—Era o tambor.

Ordens... de circo

QUANDO o circo visitou a nossa cidade, muitos garotos, aproveitando um lugar onde havia um cravelho frouxo, passaram por debaixo do pano. O guarda dava-lhes caça, de vez em quando, mas pouco a pouco todos voltavam e acabavam entrando clandestinamente. Alguem perguntou ao guarda por que desistira assim facilmente, e este respondeu: «Foram ordens do chefe, minha senhora.» E explicou: «Antigamente, aos sábados, o circo costumava dar entrada gratis aos meninos. Mas o novo chefe resolveu acabar com isso. Disse que assim não tinha graça... A aventura está em *furar o pano*. E me deu ordens de perseguir a meninada um pouquinho, para dar a eles uma ilusão gostosa...»

—Colaboração de Vivian Wing

Faça como têm feito os mais nobres espíritos

Se tiver uma boa desculpa, não a use!

Harry Emerson Fosdick

Autor de «On Being a Real Person», «Living Under Tension», etc.

UMA DAS CAUSAS principais da tragédia humana reside no fato de que, quando nos aparece alguma boa desculpa para desistirmos da luta, geralmente nos convencemos de que só nos cabe aproveitá-la. Durante minha longa experiência como pastor, tendo ouvido muitas histórias de infortúnio pessoal, tenho pensado, ante o desenrolar de tais tragédias, que ninguem poderia censurar os infelizes que se deixam vencer. Mas muitas vezes ocorre o milagre: a boa desculpa é abandonada, e a vida continua corajosamente, como se não houvesse justificativa para a derrota.

Examinemos, por exemplo, a vida de alguns dos personagens que mais têm merecido a admiração do mundo. Ouvindo Madame Schumann-Heink cantar nos seus dias de glória, muita gente teria refletido: «Com uma voz destas, seria impossivel não se tornar cantora!» Entretanto, no princípio de sua carreira, o diretor da Ópera Imperial de Viena dissera à artista que ela não possuia nem voz, nem aparência física, nem personalidade para vir a ser uma cantora. «Compre u'a máquina de costura e vá ser costureira!»

Assim tambem, na vida de quase todos os personagens notaveis se encontram motivos para a desistência: cegueira no caso de Milton, surdez no de Beethoven, paralisia em Pasteur, tuberculose em Robert Louis Stevenson. Thackeray, cuja adorada esposa estava louca, exclamou certa vez:

«Quanta coisa espirituosa escreví em circunstâncias mais próprias ao suicídio!»

Através das biografias somos tentados a esta conclusão: tudo quanto há de mais valioso na vida humana floresce quando se tem a coragem de pôr de lado alguma boa desculpa.

Tenho visto homens escravizados pela bebida que se sentiam, nas palavras do ator Edwin Booth, deste modo: «Quando o desejo de beber me avassala, seria capaz de vender minha alma, minha esperança de salvação, por um copo apenas!»

No entanto tenho-os visto chegar, como Booth, ao mais alto cume da glória humana. Tenho visto famílias, a quem a experiência conjugal ofereceria motivos de separação, deixarem de

lado os pretextos e dizer, como Mark Twain: «Nenhum casal pode realmente conhecer o amor pleno antes das bodas de prata.» Tenho visto pessoas, a quem a velhice traz amplas razões de queixa, desprezar essas razões e até dizer, como aos 90 anos disse Julia Ward Howe: «Toda a doçura estava no fundo da xícara...» Em contraste com esses exemplos, em geral buscamos desculpas para desistir da luta. Certo homem da lei, perante quem Jesús compareceu, começou uma sentença que muitos de nós enxertamos em desculpas: «Mas ele, usando do direito de justificar-se, disse...»

O melhor remédio que conheço para o hábito de buscar excusas é pensar em alguem que, tendo motivos para apiedar-se de si mesmo, não o faz.

Conhecí um casal que vinha vivendo feliz, havia muitos anos, quando a mulher adoeceu. Uma operação exploratória revelou que o caso era desesperado, mas o prognóstico lhe foi oculto até alguns meses antes do desenlace. O marido teve então que dizer-lhe e, encouraçando-se para a prova, preparou-se para apoiar a esposa contra o golpe. Mas ela conversou calmamente sobre o assunto e depois disse: «Bem, agora traga o baralho e vamos jogar um pouco.» Ora, muita gente, ao ver a atitude de pessoas como essas, poderá, se quiser, concluir que apiedarmo-nos de nós mesmos é, na maioria dos casos, pretexto para a inação.

Um dos mais fortes motivos para arquitetar desculpas é o desejo de fugir à auto-crítica—fugir à responsabilidade pessoal por nossas dificuldades e insucessos. Parecemos às vezes aquele fazendeiro que penosamente guiava sua carruagem por uma estrada poeirenta e afinal perguntou a alguem:

—Ainda falta muito para acabar esta subida?

—Que subida? foi a resposta. —Suas rodas traseiras é que se soltaram!

Afim de justificar nossas dificuldades e fracassos, culpamos a hereditariedade, o ambiente, a falta de sorte. Aprendemos com os psiquiatras a atribuir o infortúnio ao tratamento recebido na infância. E não precisamos de que nos ensinem a culpar nossos inimigos pessoais e a injustiça da sociedade. O pior é que talvez estejamos com a razão; há sempre desculpas excelentes para justificar toda espécie de insucessos e dificuldades. Mas Helen Keller, cega e surda, já disse: «Agradeço a Deus meus defeitos físicos, porque por meio deles descobrí a mim mesma, descobrí meu trabalho e meu Deus.»

De todos os mecanismos de defesa, um dos mais comuns é o sentimento de que afinal não valemos mesmo nada. Que retirada confortavel para os espíritos seriamente abatidos e humilhados por desvantagens de toda sorte! Desde que são mesmo uns fracassados, nada precisam exigir de si próprios. Mas lembram-se então de homens e mulheres que, tendo excelentes razões para duvidarem de si, recusaram-se a aceitar o insucesso: lembram-se de um gago como Demóstenes, que se tornou orador; de um corcunda como Steinmetz, que realizou prodígios na ciência, apesar da deformidade. *O Messias*, com seu coro de Aleluia, talvez nunca tivesse vindo a lume se Handel, empobrecido e meio paralítico, não tivesse decidido largar os pretextos e pôr mãos à obra.*

As tragédias do mundo têm levado muita gente a perder a fé na vida em geral, e a trilhar uma estrada bem conhecida, que conduz a colapsos morais e emotivos. São pessoas que não vêem finalidade alguma no universo, não se apercebem da presença de Deus por toda parte, nem enxergam à sua frente um objetivo real. Declarou um cético moderno: «O cosmo é caos; o caos sou eu; eu sou minhas glândulas.» Ora, quem assim afirma poderá desculpar-se de quase tudo. Nesta geração desiludida, que presenciou algumas das cenas mais horrendas da história, muitos se vêem tentados a aceitar essa descrença, achando nela, e na negação de Deus, desculpa suficiente para entregar-se ao desânimo.

Aquí, tambem, a esperança do mundo reside naqueles que, conhecendo perfeitamente todas as excusas para crer que a vida vem do nada, nada significa e nada visa, ainda assim se recusam a utilizá-las. Ao contrário, perseveram na convicção de que existe um universo moldado em leis, onde, a despeito dos males da vida, existe o verdadeiro bem; onde o progresso social, arduamente conquistado, abre caminho passo a passo; onde, de Nabucodonosor a Hitler, as incarnações do mal, que parecem tão possantes, não passam afinal de ídolos de pés de barro; e onde um poder, que nos transcende, nos dá às vezes demonstrações inequívocas da sua justiça.

Durante a primeira guerra mundial, Newton Baker, Ministro da Guerra dos Estados Unidos, costumava visitar os soldados gravemente feridos em combate. Um dos casos mais trágicos que viu foi o de um homem que perdera as duas pernas, um braço, ambos os olhos, e ficara com o rosto mutilado. Embora preso a uma cadeira de rodas, o ferido mostrava-se animado. Mais tarde Baker perguntou:

—E aquele rapaz, resistiu?

—Se resistiu! foi a resposta. —Até casou-se com a enfermeira.

Alguns anos depois, Baker, então membro do Conselho da Universidade de Johns Hopkins, ouviu dizer que o estabelecimento ia promover uma reunião afim de conferir o grau de doutor em filosofia a um rapaz que, apesar de terrivelmente mutilado, fizera brilhantes trabalhos de pesquisa. O nome era o mesmo do ex-combatente aleijado. Incrédulo, Baker indagou a respeito. Não havia dúvida, era ele.

A todos aqueles que se escondem atrás de um pretexto, desejo sugerir que reflitam nesta história inspiradora.

Depois de uma luta exhaustiva com a doença, Robert Louis Stevenson disse: «Acredito que há uma dignidade suprema nas coisas; e mesmo que um dia eu despertasse no inferno, ainda assim acreditaria!» E Edwin Booth: «A vida é como uma cartilha; a cada página as palavras tornam-se mais difíceis; mas todas têm um significado. E ao volvermos a última folha, saberemos a lição de cor.»

*Vide «Como Handel compôs *O Messias*», Seleções, junho de 1948.

A doença é incuravel—mas a paralisia que ela causa pode-se vencer

O DOENTE É O HERÓI

Por Paul de Kruif

«O PACIENTE sofre de esclerose em placas.»

Esse diagnóstico pavoroso equivaleu durante muito tempo a uma predição de incapacidade física progressiva, que algumas vezes levava à invalidez total e permanente. Há vinte anos que recebo cartas desoladoras de vítimas dessa enfermidade—muitas cartas, pois a esclerose múltipla está longe de ser uma raridade! Até há pouco a ciência médica confessava-se incapaz de oferecer aos doentes qualquer esperança de rehabilitação, ainda que só parcial. Mas agora, sob a pressão de uma dupla e tenaz ofensiva, a insidiosa doença começa a apresentar aspecto menos desanimador.

Ainda hoje não é possivel curar a esclerose em placas: mas são muitos os tratamentos que vêm sendo experimentados em numerosas clínicas espalhadas pelos Estados Unidos. Por exemplo, nos Institutos Kabat-Kaiser de Washington e Oakland, respectivamente no Distrito Federal de Colúmbia e na Califórnia, cresce o número das vítimas dessa doença paralisante—casos «perdidos»—que estão voltando a firmar-se nos pés, a andar, a romper caminho de novo para uma existência util e independente.

Milhares de pessoas, recrutadas entre as vítimas e as suas famílias, constituiram a Sociedade Nacional de Combate à Esclerose em Placas, que está começando a reunir fundos para pesquisas destinadas a descobrir a causa e o remédio do mal.

A esclerose em placas ataca-nos habitualmente entre os 20 e os 40 anos de idade, nessa fase que é por via de regra a mais produtiva da existência humana. De começo, o doente pode sofrer de diplopia, ver as imagens turvas, ou mesmo «pontos cegos», manchas escuras no campo visual. Ao andar, pode perder o equilíbrio e o sentido da direção. As pernas parecem-lhe fracas e pesadas; nos dedos das mãos podem verificar-se dormência e formigueiros; muitos dos doentes nessa fase têm acessos de choro irreprimivel. Esses sintomas apresentam-se simultânea ou separadamente, podendo ser transitórios.

A mortalidade causada pela doença não é elevada; mas o resultado final, em cerca de 80 por cento dos casos, é a paralisia espástica (rija) das pernas. A partir desse estágio, pelo menos até há bem pouco, era muito raro o restabelecimento do doente em grau digno de registo.

Durante muitos anos a pesquisa médica andou às cegas, em busca das causas dessa estranha doença. Não se trata de um mal contagioso, e ainda não foi possivel atribuí-lo, com provas evidentes, a qualquer micróbio ou virus. Sabe-se, porem, que a desconcertante diversidade de seus indícios e sintomas resulta de uma destruição em manchas ou placas da matéria branca do cérebro e da medula espinhal. Os drs. Tracy J. Putnam, de Los Angeles, e I. Mark Scheinker, de Cincinnati, estão razoavelmente seguros de que essa degenerescência em placas é causada por coágulos em pequenos vasos sanguíneos, o que impede o suprimento normal de sangue ao sistema nervoso.

Essa concepção comporta certas esperanças para o doente, pois que os referidos coágulos não se encontram em todas as veias do sistema nervoso: são irregulares, dispersos, e podem até ser absorvidos; isso poderia explicar os altos e baixos que se notam na esclerose múltipla ou degenerescência em placas, dando-se o nome de remissões aos altos, e o de recaidas aos baixos. Mas esses misteriosos altos e baixos, que se constatam sobretudo nas fases iniciais da doença, levaram muitos homens de ciência a supor erradamente que haviam descoberto o remédio do mal. Tratamentos pela febre artificial, a aplicação de raios X à espinha, a quinina, as injeções de extrato de fígado e de vitaminas em massa, a histamina, e até a ablação de segmentos do sistema nervoso simpático—todos esses tratamentos se revelaram a dada altura esperançosos, e foram depois uma decepção.

Alguns especialistas do sistema nervoso estão convencidos de que o melhor tratamento, nas fases iniciais, é o repouso absoluto durante os ataques agudos. O dr. Walter Freeman, de Washington, teve uma série impressionante de casos incipientes em que os enfermos, depois de haverem repousado durante alguns meses, foram capazes de voltar à vida e de trabalhar por muitos anos sem uma recaida. Por outro lado, o mesmo dr. Freeman tem visto casos em que o repouso pareceu condenar as vítimas à incapacidade permanente. Outros neurologistas têm receitado desde há muito tempo a fisioterapia e as tentativas de atividade.

Dois casos de atividade imposta pelos doentes a si mesmos trouxeram certas esperanças de rehabilitação: um deles é o de Wilford Wright, veterano da primeira grande guerra, que adoeceu em 1922 e por volta de 1937 estava completamente inutilizado. Foi hospitalizado numa instituição pública para ex-combatentes, mas os médicos do estabelecimento perderam toda a esperança de conseguir melhoras.

Em 1941, porem, o jornal *Evening Star*, de Washington, estampou um cabeçalho sensacional: PARALÍTICO INCURAVEL ASSOMBRA A MEDICINA COM SEUS PASSEIOS EM TRICICLO. Ainda na cama, Wilford havia começado a fazer esforços para mover sistematicamente, embora com debilidade, os seus músculos rígidos e atrofiados. Conseguiu afinal montar laboriosamente em um triciclo próprio para adultos. Desde então, tem causado o assombro de toda a gente, pedalando desde a Florida até a Nova Escócia, e até ao litoral do Pacífico. Não se pode considerar completamente rehabilitado, mas as suas melhoras são notaveis.

Outro caso é o da jovem Betty Bard, de Cleveland, que jazia paralisada pela esclerose em placas. Por sua própria iniciativa, começou a impor-se exercícios físicos, fracos, mas animados por grande resolução. Foi-se tornando conhecida na medicina, como uma vítima de esclerose adiantada, que conseguiu libertar-se da paralisia total.

Mas seriam esses dois casos meramente fortuitos, exceções inexplicaveis a uma regra inexoravel? Uma experiência praticada simultaneamente em Washington e em Oakland está hoje dando resposta a essa pergunta, e mostrando que há alguma esperança.

Quatro anos atrás, o dr. Herman Kabat recebeu a visita de uma doente que havia 16 anos se encontrava paralisada devido à esclerose em placas. Com grande dificuldade, a doente podia ter-se de pé durante um curto lapso de tempo, amparada numa cadeira; mas não podia andar. O que desde logo mais impressionou o dr. Kabat, foi que ela não houvesse piorado, isto é, que a doença se houvesse mantido estacionária durante tantos anos. E perguntou a si mesmo em que medida o entrevamento da enferma seria devido, não à esclerose em placas, mas à completa ociosidade dos nervos e dos músculos?

Começou a prescrever-lhe exercícios sistemáticos, de dia para dia mais prolongados, de maneira a robustecer-lhe os músculos atrofiados do tronco e das pernas. Daí a três meses ela já podia dar alguns passos, embora ainda amparada, e o tremor começava a desaparecer. Ao cabo de um ano, podia percorrer uma pequena distância sem ser amparada, e transpor alguns quarteirões com a ajuda de uma bengala. À data em que escrevemos, continua fazendo acentuados progressos no sentido do restabelecimento.

O segundo doente de esclerose em placas que apareceu ao dr. Kabat foi Henry J. Kaiser Jr., filho do conhecido industrial e construtor de navios. Os primeiros sintomas alarmantes da enfermidade tinham-no assaltado em 1935; em fins de 1945 a paralisia progredira de tal forma, alastrando-se nas pernas, que ao andar o doente cambaleava, e os joelhos se lhe dobravam sob o peso do corpo, dando em resultado quedas frequentes.

O dr. Kabat sugeriu uma reeducação intensiva dos músculos, por meio de exercícios que duravam hora e meia todas as manhãs. Em setembro de 1946 produziu-se um surto impressionante de energia no doente, sua resistência melhorou, e o andar, até então trêmulo e cambaleante, começou a firmar-se. Sentia-se já capaz de caminhar grandes distâncias sem se fatigar. Em dezembro, os músculos do tronco e das pernas, por tanto tempo inativos, já haviam readquirido o vigor. Conquanto a sua coordenação muscular ainda não fosse perfeita, o jovem era capaz de correr quase um quilômetro. Hoje está trabalhando dentro de um horário normal. O treinamento diário, persistente, de nervos e músculos, vai progressiva e firmemente melhorando sua coordenação e força muscular.

O dr. Kabat sabia muito bem que o seu tratamento não poderia curar, nem sequer reparar os estragos que a doença provocava no sistema nervoso central. Mas esse era apenas um aspecto da esclerose múltipla. Não menos perniciosa era a perda do controle nervoso e da energia muscular, devida à falta de uso. A ruina das fibras nervosas produzia-se em placas, em manchas—e aí residia mais uma esperança: pois dir-se-ia que a reeducação dos músculos ia produzindo novas vias de comunicação entre os músculos e o cérebro, contornando essas placas. Eram como novos trilhos através do desespero...

Em outubro último, no Instituto Kabat-Kaiser, de Washington, tive ocasião de ver treze casos bem adiantados de esclerose em placas. Os doentes estavam aprendendo a sentar-se, a ficar de pé, a andar, e a usar de novo as mãos. Quando deram entrada no Instituto, sua piora vinha-se acentuando, conforme cada caso, havia entre cinco e vinte anos, e em todos a paralisia espasmódica se agravava inexoravelmente. Quando os visitei, marcavam uma etapa de avanço no caminho da rehabilitação.

Todos me provaram que, nessa luta sem tréguas contra a terrivel paralisia, o verdadeiro herói é o próprio doente. Enferma desde há vinte anos, entrevada na cama durante cinco, a sra. Henrietta Spatta aprendia de novo a andar, só por si, sem ajuda alguma. Quando fazia o seu exercício, reparei que crispava as mãos em um esforço sobrehumano e concentrado, e ao fim dos trinta passos vi um sorriso de triunfo iluminar-lhe a face outrora marcada pelo desespero.

Gordon Tolman, há muitos anos doente, e incapacitado desde 1945, viera parar no Instituto, depois de haverem falhado todos os outros tratamentos. Vinte dias depois já era capaz de sentar-se na cama sem auxílio de ninguem. Na sexta semana, ele próprio ficou surpreendido ao ver que podia pôr-se em pé sem se amparar em nada. Está fazendo hoje progressos consideraveis na recuperação da marcha.

Esses treze doentes recebem um tratamento que é tão elementar quanto árduo para eles. A prostigmina, substância que lhes é diariamente injetada, parece atenuar a rigidez espasmódica e estimular o primeiro e tênue lampejo de energia nervosa que atinge os músculos de há muito inertes e ociosos, e ao mesmo tempo diminuir

a fadiga.* Paralelamente começa a travar-se uma batalha renhida: esta, que é a parte essencial do tratamento do dr. Kabat, consiste em exercícios diários que duram uma hora ou duas, contra duras resistências—ou seja, a pressão que lhes opõem as mãos robustas do massagista. Seguem-se mais três horas de extenuantes exercícios físicos, no ginásio do Instituto. De começo aplicados somente aos músculos isoladamente, depois aos grupos musculares inteiros indispensaveis ao ato de sentar-se, estar de pé, e andar—teimosa e progressivamente praticados à medida que vão correndo as semanas e os meses—esses pesados exercícios de resistência vão desenvolvendo e rasgando novas vias nervosas e musculares que, para o enfermo, são outros tantos caminhos de ressurgimento para a vida ativa. Esse tipo de reeducação muscular exige um treinamento novo e especial, e grande perícia por parte do fisiopata, que se vê obrigado a dominar a exagerada violência dos reflexos neuro-musculares e os movimentos descontrolados, característicos da doença, disciplinando-os de novo para a ação coordenada e voluntária que provoca os movimentos normais.

Na concentração exasperada de seus esforços, os doentes dão-nos a impressão estranha, quase lúgubre, de se esforçarem para relembrar atividades de há muito esquecidas. Têm que lutar afim de readquirir e dominar os gestos mais simples da vida, que todos nós aprendemos naturalmente na primeira infância, e que desde então praticamos automaticamente, sem neles pensar. Não obstante, tão depressa conseguem restabelecer seu novo padrão de hábitos, sua atividade volta a tornar-se automática.

Margaret Knott, chefe dos 20 fisiopatas do Instituto, explicou-me nos seguintes termos o que é essa prodigiosa medicina moral: «Os médicos felicitam os doentes a cada novo esforço muscular, por mínimo que seja, que eles não podiam praticar antes, e isso os leva a possuir-se novamente do desejo de viver. Todos nós começamos por antever-lhes um futuro risonho, com bons passeios, e até uma corrida quando for preciso... São eles os heróis. É o ânimo e a coragem de nossos doentes que nos mantem de pé, a nós, seus enfermeiros...»

*Vide «Contra os estragos da paralisia», Seleções, maio de 1946.

Diz ao marido uma esposa atarefada, dando os últimos preparativos para o jantar: «Por que você não me telefona, de vez em quando, para avisar que não vem jantar, como fazem outros homens?»

—Henry Boltinoff, em *Collier's*

Os leves retoques de hospitalidade que agradam às visitas...

Para que os convidados não se enfadem

(Condensado de «The American Magazine»)

Por Sherman Billingsley

Proprietário do conhecido «Stork Club» de Nova York

Foi minha mãe quem, há muitos anos, me revelou o segredo capital do êxito das reuniões sociais; as que ela oferecia eram, aliás, muito modestas. Dizia-me que, onde não houvesse mulheres bonitas, os homens ficavam sempre enfadados...

É muito facil obter êxito como anfitrião ou dona de casa, quando a gente se apercebe desta verdade essencial: as mulheres têm interesse e curiosidade tanto pelos homens como pelas mulheres; mas os homens, socialmente, só se interessam pelas mulheres... Isso não quer dizer que os homens sejam obcecados pelo sexo. É normal, evidentemente, que eles se sintam atraidos pelas mulheres, e estas ficariam furiosas se eles perdessem essa atração primordial, que se encontra mesmo entre os maridos mais fiéis. Um grupo de mulheres reune-se para um almoço ou para um chá, e podem passar uma hora das mais agradaveis; sentem-se mutuamente estimuladas, divertem-se imenso falando de modas e vestidos, e contando os prodígios dos seus filhos.

Mas, quando os homens se deixam arrastar a uma reunião social da qual a mulher fica ausente, são numerosos os convidados que, no dia seguinte, acordam arrependidos de ter ido.

Assim, quem quiser dar uma reunião de êxito, convide, em primeiro lugar, algumas mulheres bonitas...

Um dos erros mais comuns na vida social é dar sempre preferência às pessoas a quem a dona de casa deve algum favor. As senhoras cujas relações assentam exclusivamente na reciprocidade, convidando apenas quem as convida, dão sempre festas cacetes, e o círculo de seus amigos vai-se estreitando até ficar reduzido a um grupo de pessoas cuja vida social consiste em se convidarem umas às outras. Tais reuniões são quase sempre atrozes: não se vê uma cara nova, não se ouve uma anedota inédita, nem se discutem idéias originais. Isso nem é reunião social: é apenas uma refeição gratis.

DEVEMOS dar festas não só para agradar aos amigos velhos, mas para fazer novas amizades. Onde quer que a gente more, há sempre na vizinhança muitas pessoas cujo convívio nós e os nossos convidados muito apreciaríamos, se as conhecêssemos melhor. Não deixemos pois de convidar aquela bonita dona Fulana, e o marido, que é tão simpático! Devemos, está claro, pagar as nossas dívidas sociais, mas aos poucos, em diversas reuniões.

Torna-se às vezes imperativo decidir se devemos ou não convidar certo casal de que um dos cônjuges é uma pessoa encantadora, e o outro é o contrário; em tais casos, considere-se sempre a mulher o fator dominante. Se ela na realidade enriquece o ambiente com sua presença, devemos convidá-la —e consentir que arraste consigo o «peso morto» do marido...

NÃO É dificil uma pessoa tornar-se agradavel na vida social. Minha mãe ensinou-me tambem, quando eu era menino, um dos segredos da sociabilidade. Consiste nisto: não se deve falar só por falar, para encher o ar de palavreado. Não devemos falar senão quando temos alguma coisa a dizer. Incluidas em «alguma coisa a dizer», estão as perguntas orientadoras que possam estimular o nosso interlocutor, e inspirá-lo a assumir a direção da conversa. Indaguemos a respeito da pessoa dele e da família, do seu trabalho e das suas distrações. Acima de tudo, não deixemos divagar a nossa fantasia: escutemos! Saibamos rir no momento apropriado, interpor leves comentários para o ir provocando a dizer mais. Uma pessoa poderá não dizer mais de cem palavras durante toda a reunião, mas, graças a este sistema, transformar-se em um animador da conversa, e como tal muito procurado nos círculos sociais.

Um dos frequentadores regulares do Stork Club teve em tempos uma alta posição no Ministério do Exterior dos Estados Unidos. Eu nada sei de diplomacia nem de problemas internacionais; mas escuto-o sempre com muita atenção, e de vez em quando interponho curtas frases, tais como: «Está claro. É a única solução.» Ou isto: «Que passo se deve dar agora?» Um dia, à guisa de piada, ousei perguntar: «Mas, e o Afganistã?» Durante quinze minutos o diplomata perorou a respeito desse país remoto... Ao sair do cabaré, encontrou outro amigo meu, a quem disse com admiração: «Você sabe, este Billingsley é um homem curioso. Ninguem diria que um dono de restaurante pudesse estar tão a par dos problemas internacionais!»

A RESPEITO do número de pessoas que devem tomar parte na recepção, a regra é esta: quanto maior for o número dos convidados, tanto mais facil se tornará para todos encontrar as pessoas cuja companhia lhes é agradavel. É sempre estimulante sentir-se a gente parte de um grande grupo. Havendo apenas meia dúzia de convidados numa grande sala, deve agrupar-se o mobiliário de maneira que se sentem perto uns dos outros. Quando uma sala está quase vazia, seja num baile, num restaurante ou num teatro, ninguem se diverte muito.

O MOMENTO mais importante para os convidados é o da entrada na sala: deve haver alguem para recebê-los e apresentá-los às outras visitas. Os donos da casa devem arranjar sempre quem os substitua, enquanto o marido vai preparar as bebidas e a senhora corre à cozinha a ver que é que está queimando...

As boas-vindas devem ser calorosas e rápidas, e ao dá-las pronuncie-se com clareza o nome de cada pessoa. Sendo possivel, deve oferecer-se (com um alfinete) um cravo a cada um dos homens e uma gardênia às damas. Mas até flores mais modestas, e menos caras, poderão prestar o mesmo serviço. Assim os convidados não podem deixar de sentir-se bem.

Quando se fazem as apresentações deve-se proceder com presteza e, em vez de se dizer simplesmente «dona Fulana, apresento-lhe o sr. Beltrano,» devemos fazer alguns comentários sobre as duas partes; nunca faz mal a ninguem ouvir-se apresentar como uma personalidade mais fascinante e eminente do que realmente é. Isto lhes dará logo uma base para encetarem uma agradavel palestra. Procuremos sempre aproximar as pessoas que possam ter algum interesse em comum, acompanhando a apresentação de frases tais como: «Mas ambos os srs. conhecem Sicrano!» Ou esta: «Ah, vocês estão ambos procurando casa!» Há tambem aqueles a quem se pode dizer: «Agora me lembro, os srs. nasceram no mesmo lugar!» Quando conseguimos apresentar um rapaz simpático e uma moça bonita naturais da mesma região, pode-se ter a certeza de que ficamos livres deles até o fim da reunião...

CONVEM fazer com que se revezem continuamente os componentes dos vários grupos. Coloquem-se as cadeiras de modo que os convidados, ao se sentarem, não formem grupos de mais de quatro ou cinco, a distância de poderem conversar entre si. Quanto menos cadeiras, melhor! Se os convidados ficarem amarrados a um único canto, ancorados nas cadeiras, a festa estará condenada a morrer. O bom anfitrião é aquele que não se limita a ser sociavel, mas o prova tambem com atos. Minha mãe costumava oferecer sempre alguma coisa a cada visitante— adulto ou criança—por breve que fosse a sua permanência em nossa casa. Dizia-me ela assim: «É um modo de a gente agradecer a eles, dizendo que a visita deu muito prazer, e que apareçam mais vezes.» Como não tivéssemos muito dinheiro, esse oferecimento era às vezes uma simples maçã, ou um biscoito, ou uma xícara de chá, ou um ramalhete de flores do jardim... O que importava não era o valor material, mas sim a cordialidade de que ele era penhor. É nesse espírito que sempre devemos dar nossas festas e recepções, para serem bem sucedidas. Esse pequeno esforço, esse retoque que faz saber aos convidados, sem uma sombra de dúvida, que são benvindos em nossa casa e nos causam prazer.

MEU TIPO INESQUECIVEL

Por John L. O'Hara
Ex-Diretor da Penitenciária do Estado de Nova Jersey

HAVIA pouco tempo que eu era diretor da penitenciária estadual de Nova Jersey, quando um dia me vieram dizer que um dos condenados a prisão perpétua desejava falar comigo. Chamava-se James Duncan, e estava cumprindo o sétimo ano de internamento.

De começo, esse nome nada me sugeriu de especial; mas de súbito recordei-me de um campo de golfe, a relva inundada de sol, em dia de torneio de profissionais. Nesse tempo James Duncan contava apenas 18 anos, mas era já conhecido como um dos melhores jogadores de golfe do Estado. Evoquei a cena do início do jogo, quando o rapaz contraía e distendia o corpo delgado e agil, desferindo o golpe num movimento de grande potência, mas sem esforço aparente. Foi esse um dos percursos mais longos e mais belos que até então me fora dado ver e, como os esportes me haviam sempre interessado profundamente, um acontecimento dessa ordem não podia deixar de gravar-se com grande nitidez em minha mente.

James Duncan... por que estaria ele na penitenciária? Fui consultar o processo respectivo, e tudo se esclareceu: estando em vigência a «Lei Seca», o jovem esportista arranjara emprego como piloto de uma lancha a motor usada no tráfico clandestino do álcool. Certa noite, a lancha foi atacada por alguns rivais no contrabando de bebidas. Poucos dias depois era encontrado o cadaver do assaltante, um tal Mike Dries, bandido de alto coturno. Duncan foi acusado desse homicídio, juntamente com os outros dois membros da tripulação da lancha. Os três foram julgados e condenados à prisão perpétua. Duncan começara a cumprir a pena justamente no dia em que completava 19 anos...

Que efeito, pensei, teriam exercido no rapaz aqueles anos passados na cadeia? Os condenados a prisão perpétua com quem eu havia falado lembravam, quase todos, o concreto a jorrar dos misturadores: tinham movimentos preguiçosos, lentos, sem vida.

Era nítida em mim a lembrança do rosto juvenil de Duncan, curtido pelo sol, e do seu sorriso rasgado, infantil. Por isso eu temia agora o momento em que ele surgisse diante de mim.

Mas quando o preso entrou no meu gabinete, mal pude reter uma expressão de assombro: até onde me era possivel observá-lo, não se notava nenhuma alteração na sua aparência. Seus ombros largos não tinham perdido o vigor; os olhos de um cinzento azulado eram ainda risonhos. Perguntei-lhe: «Como vai, Duncan?» Depois, querendo pô-lo mais à vontade: «Vi você jogar golfe, há tempos. Apreciei muito o seu estilo!»

Ele contraiu os músculos da mandíbula magra e dura, e percebí que fizera uma gafe... Mas a reação durou somente um abrir e fechar de olhos. Duncan sorriu:

«É que o senhor ainda não me viu cavar no areal!»

Em seguida, abordou, sem rodeios, o assunto da visita: mostrou-me um recorte de jornal, um curto parágrafo onde se falava de um preso que falecera numa penitenciária de Connecticut, depois de ter servido voluntariamente de cobaia humana em certas experiências médicas dirigidas pelo Corpo de Saude do Exército. E disse:

—Sr. Diretor, eu gostaria que a gente pudesse fazer a mesma coisa.

—Como? Morrer? perguntei.

—Não, respondeu com vagar. —Viver outra vez...

O sorriso dele apagara-se, e havia nos seus modos algo que me provocou a curiosidade. Retorquí:

—Vamos ver o que se pode fazer. Você acha que os outros se prestariam a isso?

—Quase todos, foi sua resposta.

Dito isso, despedimo-nos, e ele saiu do meu gabinete, enérgico e sorridente. Lembro-me que me deixou a impressão de ser um homem imensamente ocupado, cujo tempo fosse de um valor inestimavel. E era esse, precisamente, o caso, como não tardei a averiguar.

Pelo seu dossiê, e falando com outras pessoas, fiquei sabendo que, três dias depois de haver dado entrada na cadeia, Duncan iniciara uma carreira que se pode dizer única. Tendo observado que o cabo da sua escova de dentes tinha um orifício demasiado pequeno para entrar na escápula que havia por cima do lavatório, o preso tinha-lhe chegado a brasa do cigarro, a ver se podia derreter a matéria plástica de que era feita a escova. E conseguiu de fato derretê-la. Em seguida, pegou fogo num pedaço de jornal, e verificou que o calor fazia amolecer todo o cabo da escova, tornando-o maleavel. Extraindo então os pelos da escova, transformou-a em um anel. Servindo-se depois de uma lâmina de barbear (que todos os prisioneiros estão autorizados a ter na cela, com exceção dos que tenham revelado tendências suicidas), talhou uma cabeça de camafeu no plástico, para rematar a obra.

À hora de jantar, nesse mesmo dia, trocou o anel por seis maços de cigarros, com um camarada. Dez dias depois, estava senhor de um estoque

clandestino de duzentas escovas de dentes da prisão, com outras tantas encomendas de presos que tambem queriam anéis...

Os funcionários da cadeia, tão maravilhados como os próprios presos com aquele trabalho, autorizaram-no a ter em sua posse um alicate, uma torquês, e uma reserva de lâminas de barbear, usadas. Duncan escreveu então às fábricas de materiais plásticos, pedindo folhetos descritivos dos produtos, e sobre o emprego de solventes. Passado pouco tempo, estava produzindo anéis plásticos em duas cores, e o mais variado sortimento de bijuteria.

As encomendas começaram a chover, e Duncan trabalhava febrilmente desde que findava a sua jornada de trabalho na padaria e na tipografia da cadeia, até ao toque de silêncio, que era às nove da noite. Afim de poder prolongar o seu horário de trabalho, teve licença para usar velas, e com uma garrafa improvisou uma lanterna. Graças a essa iluminação noturna, trabalhava muitas vezes até às duas da madrugada, para se levantar às seis e voltar às tarefas obrigatórias da prisão.

Com aprovação das autoridades, Duncan dispôs-se a ensinar outros presos a fabricar bijuteria plástica. As encomendas de fora iam aumentando, especialmente para os artigos em que ele, por um processo de sua invenção, conseguia incrustar arame de ouro em lâminas de plástico, aparentemente sólidas. Aliás ele repudiou diversas ofertas de vulto que alguns fabricantes de plásticos lhe fizeram pela invenção. Não tardou que, para satisfazer a grande procura dos seus artigos, Duncan tivesse 135 prisioneiros trabalhando ativamente nas suas celas. O negócio foi-se desenvolvendo, e chegou a atingir o assombroso volume de 90 mil dólares por ano.

Graças aos proventos que tiravam do negócio, muitos presos ficaram em condições de pagar suas dívidas, de assegurar à família um nivel de vida confortavel, e até de abrir contas em bancos, para o dia em que voltassem a ser homens livres. Esse trabalho recreativo e util, que Duncan havia inaugurado com a sua escova de dentes, propagou-se depois a dezenas de outras cadeias.

Agora, ao vir procurar-me, Duncan queria arriscar a vida, servindo de cobaia para as experiências médicas. Dirigí então uma consulta ao gabinete do Cirurgião-Mor do Exército indagando se precisavam de voluntários para essas experiências. Havia, na realidade, necessidade urgente, pois muitas doenças não se podem transmitir aos animais para fins de experiência. Mandamos, então, instalar sem demora uma enfermaria de emergência no hospital da penitenciária.

O Exército começou por pedir voluntários para experiências sobre a doença do sono: Duncan foi o primeiro a oferecer-se.

Seguiu-se depois a febre da moscada-areia, doença eruptiva que deixara agonizantes, nos desertos da África do Norte, tantos soldados de Rommel. Mais uma vez, Duncan se incluiu no primeiro grupo a ser inoculado com o virus dessa enfermidade.

Figurou tambem entre os primeiros 16 homens que se expuseram ao virus do dengue, a «febre quebra-osso», que ao tempo estava causando mais óbitos entre as tropas americanas do Pacífico, do que as balas do inimigo.

Como os outros homens, Duncan sofreu terrivelmente com a experiência da febre dengue. Visitando diariamente a enfermaria, eu via os voluntários metidos em gelo, para poderem aguentar a temperatura de 41° e mais, que lhes queimava o corpo. Para se poder observar a doença em todo seu curso natural, os doentes nem sequer podiam tomar aspirina. Para que o anestésico não destruisse, possivelmente, o virus esquivo, os presos consentiam que os médicos lhes arrancassem, a frio, talhadas de carne viva. Nesta experiência o peso de Duncan caiu de 78 para 63 quilos.

Restituido à saude graças a uma dieta especial, tão depressa se viu de novo em pé, Duncan se ofereceu mais uma vez para uma segunda série de experiências da febre dengue. Mas, no intervalo desses quatro torneios voluntários com a morte, levara a cabo uma série quase incrivel de outras façanhas.

Concebeu, organizou e redigiu uma revista na prisão, *The Viewpoint* (O Ponto de Vista), que se manteve invariavelmente na lista das dez melhores publicações, entre as 225 que se editam nas cadeias norte-americanas.

Dirigiu os outros presos na organização de um grupo de 26 voluntários, que os hospitais de Trenton pediam para experiências de enxerto de pele.

Lançou entre os seus camaradas uma campanha para a compra de bonus de guerra, cujo produto se destinava a comprar um avião de bombardeio: o resultado da campanha deu para três aviões! (Boa parte desse dinheiro proveio da receita que os presos realizavam com o seu trabalho recreativo com os plásticos.)

Foi tambem um dos primeiros a oferecer sangue para o «Banco de Sangue». Provocou tal entusiasmo entre os presos, nas páginas do *Viewpoint*, que muitos deles chegaram realmente a pôr em perigo a saude, com as suas visitas demasiado frequentes à sala dos doadores de sangue.

Em uma palavra, durante esses anos Duncan deu maiores provas de coragem, capacidade de liderança, e energia organizadora, do que qualquer outro homem que eu já tenha conhecido, dentro ou fora das prisões. Mas a origem dessa rara coragem e inspiração continuava a ser um mistério para mim.

Por que seria que esse preso, condenado pela sociedade a passar o resto dos seus dias enclausurado entre muralhas de concreto, se mostrava tão disposto a comprometer conscientemente a vida, para que outros pudessem ser salvos da dor e da morte?

Eu estava convencido de que não era por patriotismo, somente, que ele o fazia; nem era tãopouco na esperança de recompensa, pois, antes de cada experiência, os voluntários firmavam uma declaração tão dura como inequívoca, pela qual claramente renuncia-

vam não só a quaisquer benefícios a que seus herdeiros se julgassem com direito, por via da sua morte, como tambem a todas as honras, esperança de perdão ou comutação da sentença.

Foi só quando a guerra estava prestes a acabar que eu obtive, uma noite, a resposta ao enigma. Duncan tinha-se oferecido pela quinta vez para cobaia —agora em estudos de icterícia por transfusão, doença que, segundo o haviam prevenido, poderia prejudicar-lhe para sempre a saude. Um voluntário já morrera durante experiência idêntica na Penitenciária Estadual de Míchigan.

Ao atravessar a enfermaria escassamente iluminada, detive-me em frente da cama de Duncan: pálido e febril, estava seriamente doente. Disse-lhe:

—Sente-se muito mal, não é?

—Qual nada! e deu um sorriso. —Estou muito bem. Estou falando a verdade, *seu* diretor. Por fora estou ruim mesmo, mas por dentro, cá no fundo, estou muito bem...

Calou-se um momento, e depois, em voz baixa, como se tivesse vergonha do que estava dizendo, continuou: «É uma espécie de bem-estar *por tabela.*»

Percebeu a minha perplexidade, e prosseguiu:

«Só compreendí isso dois anos depois de estar internado aquí. Já estava ficando feito os outros condenados a prisão perpétua: estava meio azedo... Um dia, um dos companheiros, que eu tinha ensinado a trabalhar com plásticos, veio falar comigo no pátio, e me disse: «Recebí hoje uma carta do meu filho. Sabe o que ele vai fazer com o dinheiro que eu estou mandando? Vai entrar para a universidade! Diz ele que quer ser médico. Imagine só! *Eu* mandar meu filho para a universidade!» Pela primeira vez desde que o conhecí, vi um sorriso na cara dele.

«E de repente eu tambem fiquei contente. Isso durou o dia inteiro. Depois eu compreendí; tinha descoberto um segredo que nem era segredo... Tinha aprendido que a única maneira de eu gozar alguma felicidade, era fazer os outros felizes. Entendí então o que significava o nosso trabalho com os plásticos; mesmo na prisão, nós estávamos trabalhando para fazer a felicidade de outras pessoas.

«Nessa noite eu já não estava tão azedo... Tinha achado uma razão para viver uma vida plena dentro da cadeia, mas fora de mim mesmo.

«Quando, mais tarde, eu soube que o Exército queria voluntários para essas experiências, logo vi que essa era a minha maior oportunidade: o ensejo de sentir que eu estava fazendo alguma coisa, não a favor de meia dúzia de pessoas, mas de milhares delas: os soldados que lutavam no estrangeiro, as famílias deles, e muitas gerações futuras.

«É por isso que eu digo, *seu* diretor, que cá no fundo, estou me sentindo ótimo. Como nunca me sentí!

Duncan tirou uma tragada bem funda do cigarro que eu acendera para ele. As luzes veladas da enfermaria punham um pálido clarão na sua face cansada. Depois de uma pausa, perguntei:

—Será que os outros presos pensam assim tambem?

—A maioria deles, com certeza, respondeu Duncan. —Digo até, se me encarregassem de fazer uma reforma penal, eu mandava instalar uma enfermaria para cobaias humanas em todas as prisões deste país. Estou convencido que seria o maior serviço prestado à rehabilitação dos condenados—sem falar nas vantagens que isso poderia trazer à medicina.

«O senhor deve saber melhor do que eu, que quando um homem—e eu não quero dizer o criminoso habitual —entra numa prisão, ele perde muito mais do que a liberdade: perde a identidade e o respeito a si mesmo. O pior de tudo é a gente sentir que não pode fazer nada para provar que ainda resta muita coisa aproveitavel cá dentro.

Apontou com a mão as outras camas, e disse em voz baixa:

—Basta uma coisa assim. O senhor sabe que a transformação de alguns destes homens foi quase milagrosa. Veja o camarada que está na terceira cama a contar desta: tem trinta anos, e já passou doze na prisão. Xadrez e rua, xadrez e rua, quase desde criança! Ficou com raiva da vida. Costumava contar prosa, que era um «bamba» aquí na cadeia, e era mesmo.

«Apesar disso, é a segunda vez que ele se oferece para o sacrifício. Ainda o outro dia ele me disse: —É a primeira vez que sou tratado feito gente...

«Uma das enfermeiras militares que temos aquí levantou-se um dia às cinco da manhã, e foi à cidade comprar frutas para o nosso almoço. Com o dinheirinho dela, e sacrificando as poucas horas de descanso. Quando esse bamba aí soube do caso, quer saber o que ele disse? —Ela está doida! Que é que ela pensa que nós somos? Heróis? E nisso desatou a chorar com tanta força, que até nós ficamos envergonhados. Foi assim que se acabou o valentão da cadeia...

Duncan apagou o toco do cigarro, e sorriu, acrescentando:

—O senhor deve estar lembrado do dia em que o médico anunciou que tinham achado remédio para a febre dengue, e que a vacina ia ser mandada por avião para o Pacífico: nesse dia, tenho certeza, não houve no mundo homens mais felizes do que nós. Ele disse tambem que, em vez de usarmos listas nas calças, devíamos levá-las nos ombros, como galões militares. O mundo lá de fora tinha dado à gente a oportunidade de provar que mesmo os assassinos, assaltantes de bancos, falsários ou gatunos—são ainda homens, dispostos a se sacrificar pelos outros homens.

Antes de terminadas as experiências com a icterícia, a guerra acabou, e as pesquisas na penitenciária foram suspensas. Mais adiante, no verão de 1946, o caso de Duncan e dos seus dois cúmplices, condenados pelo mesmo crime, foi tomado em consideração pela Junta de Perdões do Estado, e os três homens foram finalmente postos em livramento condicional.

Poucos dias depois de regressar a casa, Duncan entrou em estado comatoso, e foi urgentemente remetido em ambulância para o hospital da Univer-

sidade de Pensilvânia. Ao cabo de muitos meses de hospitalização, recebeu alta, somente para voltar a adoecer com uma grave infecção do maxilar. Foi preciso arrancar-lhe todos os dentes, e raspar-lhe mais de meio centímetro de osso da mandíbula. Dir-se-ia que Duncan, finalmente, ia sucumbir às consequências dos cinco combates que travara com a morte.

Mas, quando tornei a ter notícias dele, soube que estava outra vez no mundo dos vivos, dedicando-se a ensinar a um grupo de veteranos da guerra, aleijados, o seu processo de incrustar fio de ouro em plásticos, até alí ciosamente guardado em segredo.

Durante algum tempo, após ter expirado o prazo de cinco anos da minha nomeação como diretor da penitenciária, perdí Duncan de vista. Só em começos deste ano recebí uma carta dele. A história de James Duncan, cobaia humana, encontrara um remate feliz. Restabelecera-se completamente, tinha casado, e trabalhava agora como chefe das máquinas de impressão de uma revista do Alasca. Mas a carta continha apenas um módico parágrafo relativo à vida de Duncan; o resto era um desenvolvimento da teoria que ele me expusera, tempos atrás, na noite em que falamos na enfermaria da penitenciária:

«Estou convencido de que os homens que ficaram na cadeia estão tão ansiosos de se oferecer para as experiências médicas da paz, como o estavam no tempo da guerra... Entre esses homens esquecidos há um punhado deles que estariam prontos a fazer fosse o que fosse para se redimirem aos olhos da humanidade, e restituir certa medida de dignidade às suas vidas malbaratadas, e às vidas de suas famílias...»

Ao ler essa carta, tornei a ver diante de mim o rosto pálido e emaciado de Duncan, tal como o vira naquela noite, à luz baça da enfermaria. E tornei a escutar a sua voz cansada:

«É o que eu chamo de bem-estar *por tabela*...»

O tributo de um médico

JAMES DUNCAN não tomou parte ativa na segunda guerra mundial, mas dificilmente se encontraria um soldado que tivesse dado maiores provas de coragem. Sua contribuição para a saude do Exército e do público em geral, ao prestar-se voluntariamente a experiências médicas, foi de um valor inexcedivel. O rol das doenças a cuja inoculação ele se sujeitou, é verdadeiramente notavel, e creio que nunca um homem, na história da medicina, se submeteu a tantos riscos.

—Dr. Sydney S. Gellis, Médico Militar Encarregado da Experiência da Icterícia por Transfusão, Penitenciária de Nova Jersey, 1945.

UM GAROTO ao pai: «Aquí está o meu boletim escolar; e um seu, que encontrei lá no sotão.»

—Hoff, em *The Saturday Evening Post*

* Flagrantes da vida real *

TINHA havido um pequeno desastre de automovel, e os dois choferes discutiam, porem de maneira pouco comum. A senhora, que guiava um dos carros, fora realmente a culpada e não procurava negá-lo; mas o cavalheiro, motorista do outro carro, insistia em que o culpado fora ele, concluindo: «Hoje de manhã, ainda em casa, eu vi quando a senhora saía com o carro. A culpa foi minha, por ter saido tambem...»

—Colaboração de C.O.R.

QUATRO pequenos heróis, cujas idades variavam de dez a quinze anos, estavam sendo festejados em certo clube, por terem salvo um companheiro que caira num lago. Um dos membros do clube perguntou:

—Essa idéia de fazer uma cadeira humana, para salvar o companheiro, veio-lhes intuitivamente, ou tinham aprendido esse método nos manuais de escotismo?

—Não, senhor, respondeu um dos garotos. —Eu tinha visto isso numa história em quadrinhos.

—Colaboração de R.E.W.

VIAJANDO de auto, passávamos por uma estrada remota, quando se nos deparou uma pequena granja. Mais adiante a estrada fazia uma curva, e aí vimos um casal de velhos que esparziam flores silvestres pelo caminho. Terminada a tarefa, ficaram de pé por alguns momentos, cabisbaixos, como em prece.

Usando de muita discrição, perguntei ao velho qual o motivo para aquela cerimônia tão inusitada. E ele respondeu: «Veja o senhor, um dia nosso filho foi para a guerra, e nunca mais voltou. Foi nesta curva que ele parou para nos dar adeus... E foi a última vez que o vimos. Talvez ninguem entenda o motivo destas flores espalhadas pelo chão... Mas ele entende...»

—Colaboração de H.C.

A CONTA do almoço, no carro-restaurante, importava em um dolar e 45 centavos. Meu chefe tirou do bolso duas notas de um dolar e as entregou ao garção. Este trouxe-lhe de troco uma moeda de 50 centavos e um niquel de 5. O chefe olhou para o garção, que nesse momento tinha os olhos fixos na bandejinha do troco. Soltando um murmúrio surdo, o chefe meteu a prata de 50 no bolso e deixou apenas o niquel para o garção, e este o surpreendeu com um largo sorriso.

—Não há de ser nada, disse o rapaz rindo-se. —Eu joguei... e perdí. É só!

—Colaboração de F.A.S.

O MEU vizinho do andar inferior tem um cão pastor que, de mal acos-

tumado, ladrava como um possesso e irritava a vizinhança, especialmente as pessoas que moram paredes meias e que se recolhem cedo.

Certa vez, aí pelas seis da manhã, fui despertada por um barulho, e não atinei logo com o que poderia ser. Levantei-me (como fizeram outras pessoas igualmente importunadas) e fui ver o que era: descobrí então que minha vizinha, sentada calmamente à janela, lançava longos latidos de cão, prática em que se manteve durante quase uma hora.

O cachorrinho parece que se sentiu amesquinhado com a imitação, pois daí para cá não tem ladrado quase nada...

—Colaboração de M.G.B

Eu apreciava uma fita, num cinema da vizinhança, quando notei uma senhora idosa, sentada ao meu lado. Estava completamente absorvida pela fita e a cada transe do enredo suspirava, chorava e de vez em quando sacudia a cabeça em sinal de desaprovação. Já para o fim da história, a estrela volta a uma casa há muito abandonada, e, ao suspender uma cortina, o ar se encheu de uma nuvem de pó; depois, a atriz pegou um desenho, e atirou-o sobre a mesa, provocando nova onda de poeira. Aí a velha soltou um grande espirro, e me explicou:

«Desculpe, minha filha. O pó sempre me faz espirrar.»

—Colaboração de A.H.S.

O oficial da Marinha ia ser pai, e descobriu que toda a vizinhança estava interessada e curiosa a respeito. Foi então ao jardim e aí erigiu um mastro de 10 metros, com roldana, cabos e tudo. Revelou que hastearia uma bandeira azul ou uma côr-de-rosa, conforme o bebê fosse menino ou menina.

No entanto, tendo sua esposa sido levada para a maternidade, reinou grande tensão nervosa na vizinhança durante três dias, pois tremulava ao vento uma bandeira vermelha; ora, isso, em linguagem de marinheiros significa, mais ou menos, «Cuidado: descarregando munições.» Em seguida foi hasteada uma fralda branca, sinal de perigo, no código do mar. No dia seguinte todos os vizinhos suspiraram de alívio: no topo do mastro tremulava uma bandeira azul...

—Colaboração de M.G.

Isto se passou numa organização oficial de auxílio aos necessitados. Surgiu lá, certo dia, uma senhora corpulenta, ainda moça, afim de requerer assistência financeira para si e seus treze filhos menores, alegando que sua única fonte de renda era seu trabalho de lavadeira.

—Mas que história é essa? perguntou a funcionária de serviço. —A senhora me diz que seu marido a abandonou há dez anos; no entanto, oito de seus filhos têm menos de 10 anos de idade!

—Ah, eu lhe explico, esclareceu a requerente, toda animada. —É que ele voltava de vez em quando p'ra pedir perdão...

—Colaboração de N.H.D.

Como os ataques desfechados contra os Estados Unidos pelas radioemissoras soviéticas procuram saturar o mundo de ódio e desconfiança em relação àquele país

A VOZ HOSTIL DA RÚSSIA

(*Condensado de «The New York Herald Tribune»*)

Robert S. Bird

Este artigo—que cita profissões de ódio—baseia-se em irradiações soviéticas captadas pelo governo de Washington, nos últimos meses.

Os ataques de propaganda desencadeados pela União Soviética contra os Estados Unidos alcançaram um grau de hostilidade que os cidadãos norte-americanos desconhecem. Durante as vinte e quatro horas do dia, as emissoras soviéticas canalizam, para todas as partes do globo, violentas acusações aos Estados Unidos, pejadas de dúvida, suspeitas e temores. Os russos vão ainda mais longe nas irradiações para seu próprio povo, exortando-o, literalmente, a «odiar» esse inimigo ameaçador.

O «olho» fotoelétrico dessa máquina de propaganda esquadrinha incessantemente os Estados Unidos, detendo-se em insignificâncias para «provar» que o «imperialismo do dolar» procura «escravizar a Europa», «explorar o mundo» e «submergir o globo numa terceira guerra mundial».

Tais «denúncias» e «revelações» jorram das emissoras da máquina de propaganda em mais de 30 idiomas e dialetos. São consultados os gostos e as suscetibilidades dos diversos auditórios. Uma palestra sobre a importância literária de George Santayana, por exemplo, é ótima para o Canadá, mas não para os Curdos. Um relato simples e vívido dos estratagemas traiçoeiros utilizados pelos cabos eleitorais de Kansas City é, porem, compreensivel às tribos asiáticas.

Para coreanos ou iranianos, prefere-se uma retórica oriental sumamente estilizada, qual a seguinte irradiação de 26 de janeiro, no idioma azerbaidjão: «Iranianos, abrí os olhos! Defendei vosso país! Revoltai-vos contra os usurpadores americanos, revoltai-vos! Estão-vos roubando. Revoltai-vos contra o menino-traidor: o Xá!»

Boa parte da propaganda soviética ataca o Plano Marshall de reerguimento da Europa. Flagrantes deturpações são empregadas para espalhar idéias errôneas não só quanto ao plano como em relação ao próprio Secretário de Estado. Por exemplo, ao resumir sua exposição dos objetivos do

plano, o sr. Marshall declarou aos seus ouvintes, em Pittsburgh, a 15 de janeiro: «Tenho certo conhecimento, por experiência própria, do que foi necessário fazer, no passado, para conservar alguns de nossos valores nacionais em matéria de segurança, paz e liberdade.»

Mas a irradiação soviética transmitida da Rumânia, atribuiu as seguintes palavras ao Secretário de Estado: «Sei o que nos foi exigido, no passado, para conservar algumas de nossas conquistas nacionais.» Depois a rádio rematou: «Em outras palavras, desta vez Marshall abandonou as frases ocas, de auxílio à Europa, e aludiu simplesmente às inversões de capitais que produziriam ricos proventos.»

O povo norte-americano é caracterizado, perante os ouvintes na própria Rússia, como uma classe oprimida, com o tacão dos «suzeranos imperialistas» a calcar-lhe o pescoço. Em contraste, «a perversa classe milionária» tem uma existência dourada.

«As classes abastadas nos Estados Unidos,» afirmou a rádio soviética, numa irradiação especial para crianças, «encomendam louça especial, dispendiosa, para seus cães, colocam-lhes coroas de ouro na cabeça e lustram-lhes as unhas. Os cães são conduzidos a salões onde são lavados e penteados, e onde seu pelo é tingido de várias cores.»

O empenho da rádio soviética em depreciar, em todo o mundo, as contribuições norte-americanas para a vitória militar, e em asseverar que a Rússia ganhou a guerra praticamente sozinha, é um dos muitos temas do ataque desferido contra os Estados Unidos. Vejamos um exemplo:

«As forças armadas soviéticas correram o invasor do solo russo, libertaram as nações da Europa e salvaram o mundo civilizado da escravização nazista...» «O exército soviético sustentou o pêso da guerra no oeste e desfraldou o pavilhão vitorioso em Berlim...» «As forças aliadas só desembarcaram na França depois que o desfecho da guerra já estava virtualmente decidido, e todo o mundo já via que a União Soviética poderia ocupar a Alemanha inteira, e libertar a França.»

Numa grande cruzada ideológica, destinada a «corrigir» a atitude do povo russo, o governo soviético investe furiosamente contra os Estados Unidos. O seguinte foi captado a 23 de janeiro: «Odiemos com décupla fúria aqueles para os quais não existe qualificativo em linguagem humana, aqueles que ainda não se saciaram de lucros extraídos do sangue de milhões; e que, em sua cegueira satânica, preparam nova guerra para a humanidade aflita. Enquanto despenderem bilhões de dólares com o fabrico de bombas atômicas e com preparativos para uma guerra monstruosa, continuemos a votar-lhes ódio. Este há-de ser util, chegado o momento oportuno.» Essas mesmas palavras foram publicadas, ainda, no jornal oficial, o *Pravda*, na mesma semana da irradiação.

Para consumo nacional, a rádio soviética atribui a si mesma o monopólio total da verdade. Tudo o que não esteja rigorosamente de acordo com a versão soviética são «mentiras e calúnias». «Caluniam,» disse a emissora soviética, numa irradiação nacional, atacando a imprensa norte-americana, a 30 de janeiro, «de conformidade com o velho dito de que caluniando, caluniando, alguma coisa sempre fica. Mas o sol da verdade soviética ilumina o mundo com tal fulgor, que ele não pode ser obscurecido pelo nevoeiro da mentira.»

Uma irradiação russa, de 10 de dezembro, acusou a imprensa norte-americana de haver «deturpado fatos históricos» num «vil ataque à ciência russa e soviética», pois atribuira a invenção da telegrafia sem fio a Marconi, e não a Alexandre Stepanovich Popov, cientista russo, ao qual os sovietes atribuem a primazia da invenção.

A propaganda soviética parte invariavelmente da premissa de que o mundo está dividido em dois sistemas incompatíveis: o capitalista e o socialista. E diz, por exemplo:

«Existe tão somente a luta entre os imperialistas escravizadores do povo, e o povo democrático, amante da liberdade.»

Não obstante, a rádio soviética proclama que a Rússia não nutre o intuito de intervir nas questões internas de outras nações; e informa ao mundo que, a esse respeito, sua conduta é oposta à dos Estados Unidos.

«Não existem tendências expansionistas na U.R.S.S.,» afirmou a irradiação à Polônia, a 2 de junho de 1947. «Nenhum polonês honesto acredita que a U.R.S.S. tenha o propósito de intervir nas questões internas da Polônia. Ao mesmo tempo, todos os poloneses têm de reconhecer o grande auxílio que a U.R.S.S. vem prestando, desinteressadamente, à Polônia.

O «auxílio» que a Rússia Soviética presta à Polônia e aos demais países satélites geralmente se vincula à luta dos povos «democráticos» para se «libertarem» dos regimes «capitalistas» ou «títeres» que procuram, ou procuravam, «escravizar a nação». Na maior parte dos casos, a emissora «denuncia» o dedo do imperialismo norte-americano a intervir em algum lugar que se ache sob a jurisdição dos regimes criticados.

Afim de que tanto o fato como a ficção lhe sirvam os propósitos, a rádio soviética apela para engenhosas manipulações de semântica. Por exemplo, na palavra «democracia» resume-se todo o conflito entre os dois regimes opostos: para efeitos de propaganda, a U.R.S.S. é a «terra dos povos amantes da liberdade», puríssima «democracia». Os Estados Unidos são chamados de «imperialismo». Conquanto estes ainda não hajam sido tachados de «fascistas» completos, «grupos fascistas» estariam, não obstante, dominando a nação, «escravizando» seu povo e urdindo conspirações «fascistas» para a exploração do mundo. Com tais palavras, e as infâmias que elas trazem à memória, os Estados Unidos são vinculados à Alemanha hitlerista.

«Recentemente, Clark, Procurador Geral dos Estados Unidos, revelou

que milhões de norte-americanos eram submetidos à humilhação de terem registradas suas impressões digitais,» a rádio de Moscou declarou aos russos, a 28 de janeiro. «A essa praxe policial, geralmente reservada para os criminosos, todos os funcionários do governo federal norte-americano estão adstritos. Por tais métodos, os imperialistas procuram transformar a América do Norte num campo policial, organizado segundo o padrão da Alemanha de Hitler.»

Uma das atividades mais eficientes da propaganda russa é a transcrição textual—sempre no intuito de estribar seus argumentos—de declarações e escritos de norte-americanos de projeção que fazem (no Congresso, por exemplo) restrições às praxes do governo. A rádio moscovita transmitiu mundo a fora os inquéritos instaurados pelo Comitê sobre Atividades Anti-Americanas, reproduzindo textualmente as palavras pronunciadas nos Estados Unidos pelos críticos desse comitê.

Citando palavras de Henry Wallace, a rádio informou, em língua russa, a 16 de janeiro: «Mais de 170 oficiais do exército e da marinha ocupam importantes postos civís.» Voltou-se, a seguir, para a tese que defendia: «Da mesma forma por que os suzeranos feudais da Europa medieval recrutavam oficiais entre a aristocracia, na América do Norte contemporânea eles são recrutados entre os homens do comércio. Sob o atual governo, Wall Street dispõe-se a governar o mundo, disse Wallace perante uma reunião realizada em setembro do ano passado.»

Dia e noite, a rádio soviética ecoa piamente as aspirações à unidade, do povo alemão, atribuindo aos Estados Unidos a única responsabilidade pelos óbices interpostos à unificação. O tema principal é que os Estados Unidos preferem uma Alemanha desmembrada, afim de criar, no coração da Europa, um bastião militar do imperialismo norte-americano, que sirva de ponto de partida para a «conquista» da Europa inteira.

Desenvolvendo esse tema, a emissora de Moscou fez uma irradiação ao povo russo, citando o *Pravda* nos seguintes termos: «Falando perante o Comitê Senatorial de Negócios Estrangeiros, em defesa do plano (de Rehabilitação da Europa), Forrestal, nomeado Secretário da Defesa por vontade da Wall Street, fez exposição, com cínica franqueza, de todos os fatos que seu colega Marshall havia ocultado. O diabo leve a caridade! Um negociante não faz dinheiro para esbanjar! Os Estados Unidos não vão mandar ovos deshidratados e cigarros para a Europa, sem indagar que destino terão esses produtos.

«Nos cérebros febrís de Forrestal e de seus amigos,» a rádio acrescentou, «já se formava um quadro da Europa restaurada e apaziguada, com bases norte-americanas funcionando em toda parte, com soldados britânicos, franceses, italianos e belgas obedecendo às ordens de oficiais norte-americanos, munidos de metralhadoras norte-americanas, entoando canções

patrióticas norte-americanas, e com governadores norte-americanos em todos os cargos de autoridade.»

A França e a Itália serão «submetidas», «relegadas à condição de nações agrárias», ou, mesmo, de «colônias», —é o que diz a emissora a esses dois paises.

«Os britânicos calaram-se,» afirmou em francês, a 8 de fevereiro, o propagandista Ilya Ehrenburg. «Foi o casca-grossa de alem-mar que tomou da clava e agora ameaça a França com um De Gaulle, com invasões, fome e a bomba atômica.

«Ele se esquece de que os franceses não podem ser intimidados. O povo francês saberá defender a independência da França e livrar as crianças francesas tanto das fraldas americanas quanto das bombas americanas. Meu coração está com o povo francês!»

A irradiação terminou com a execução da «Marselhesa».

Assim, pois, à volta do mundo, sem cessar, a rádio soviética fala com estridência ou suavidade. Talvez jamais tivesse falado com maior veracidade do que a 9 de dezembro, ocasião em que as emissoras soviéticas irradiaram, pelo espaço de uma hora e um quarto, em russo, francês, eslovaco, alemão e inglês, um relato completamente franco e explícito do discurso pronunciado por Malenkov, relativo ao recem-constituido Cominform. Disse Moscou:

«Quanto à U.R.S.S., o peso da luta de classes transferiu-se para a arena internacional. Aí, deparamos com dois sistemas rivais: o capitalista e o socialista. Aí, em batalhas com os inescrupulosos homens de negócios da política burguesa, nosso partido terá que pôr à prova as suas armas.»

O rádio é uma dessas armas soviéticas. A batalha não tem tréguas. Seus objetivos são os Estados Unidos da América: seu governo, seus propósitos, sua política, seu modo de viver.

Os eternos distraidos...

Tendo ido ao banho de mar, com um amigo, observamos um senhor de certa idade, que ia a se meter na água e levava no punho um bonito relógio de ouro. Meu amigo chamou-lhe a atenção. «Muito obrigado!» disse o homem, e, metendo o relógio no bolsinho do calção de banho, atirou-se de cabeça às ondas!

—Colaboração de M. C. Skinner

Dwight Morrow, ex-embaixador norte-americano no México, embarcou um dia num trem de subúrbios em Nova York, e, ao chegar o guarda, o homem procurou aquí e alí e não encontrou o bilhete da passagem. Reconhecendo o ilustre passageiro, o guarda procurou tranquilizá-lo: «Está bem, Mister Morrow, o senhor me dá o bilhete na próxima vez...»

«Para você, está bem, rapaz... Mas, não para mim: sem a passagem, como é que eu vou saber para onde vou?»

—Max Eastman, *Enjoyment of Laughter* (Simon & Schuster)

O emprego de um minério mal conhecido pode vir a revolucionar a construção civil

Vermiculite, o mineral mais estranho

Por Myron M. Stearns

Em Dallas, no Texas, concluiu-se recentemente a construção de um edifício de 30 andares para o Mercantile National Bank, no qual se empregou um novo material—vermiculite. Enquanto o concreto e o emboço normais pesariam umas 19 mil toneladas, o emprego de argamassa de vermiculite e concreto reduziu o peso total dos materiais a 5 mil toneladas. Devido a essa diferença no peso, empregaram-se apenas 4.200 toneladas de aço em vez de 5.300, e a economia no custo foi de cerca de 235 mil dólares.

A vermiculite é um minério que, depois de tratado termicamente e expandido, pesa apenas de 100 a 130 quilos por metro cúbico. A areia pesa uns 1.600 quilos por metro cúbico. Consequentemente, a primeira aplicação lógica da vermiculite foi como substituto da areia na argamassa e no cimento, para poupar peso. Por exemplo, este material levíssimo permite acrescentar novos andares a edifícios que de outra maneira não poderiam suportá-los. Certo dia, um fornecedor de argamassa, não conseguindo encontrar um caminhão para transportar três toneladas de areia destinada a um trabalho urgente, decidiu-se pela vermiculite, e conseguiu carregar, no seu próprio automovel, a nova substância, cujo peso não passava de 220 quilos.

Por causa do seu elevadíssimo ponto de fusão, cerca de 1.370 centígrados, a vermiculite é extremamente valiosa como material à prova de incêndios. Uma camada de dois centímetros e meio de argamassa de vermiculite produz efeito ignífugo duas a quatro vezes maior do que o de uma camada de argamassa comum da mesma espessura, e uma camada de dois centímetros e meio de concreto de vermiculite oferece a mesma proteção contra as chamas que uma camada de concreto comum da espessura de meio metro.

Em uma experiência recente, expôs-se a temperaturas de 1.100 graus centígrados um teto de emboço de vermiculite de dois centímetros e meio de espessura. Sobre esse teto, mas separado por vigas de aço, havia um piso de concreto de vermiculite de cinco centímetros de espessura. Transcorridas quatro horas, a face superior do piso de vermiculite tinha atingido somente uma temperatura de 95 graus —na qual nem a própria madeira corre

perigo de queimar-se. As duas camadas de vermiculite haviam eliminado uns mil graus de temperatura!

A argamassa de vermiculite possui igualmente a vantagem de amortecer consideravelmente o som, constituindo um isolante acústico de grande utilidade para estúdios de radioemissoras, bibliotecas, teatros, etc. Ao contrário da argamassa comum, não se desintegra, dissolve ou apodrece, nem produz emanações, quando molhada; alem disso, seca sem cambar ou empenar. Outra vantagem do seu emprego nas paredes é que não se fende. Podem introduzir-se pregos ou escápulas na sua superfície; e as pancadas violentas com um martelo não produzem mais que mossas ligeiras.

Devido a essas qualidades, tem sido empregada como isolante acústico nos soalhos de fábricas, dormitórios de colégios e em outros edifícios. Em um bairro de Sacramento, na Califórnia, aplicou-se diretamente sobre o terreno, na edificação de um grupo de 400 casas construidas sem porões; todavia, quando os pisos têm que suportar muito trânsito, costuma-se cobrí-los com uma camada de concreto comum, cuja resistência ao desgaste é maior.

Tambem se emprega o emboço de vermiculite para isolar paredes. Alguns fazendeiros que aplicaram a vermiculite por esse processo conseguiram manter temperaturas adequadas no interior dos estábulos, apesar da temperatura exterior ser de vários graus abaixo de zero. Do mesmo modo, as capoeiras com pisos, paredes e tetos de vermiculite retêm temperaturas interiores moderadas em circunstâncias semelhantes. No verão, mesmo que a temperatura exterior suba a 39 graus centígrados à sombra, a temperatura interior não passa de 29 graus. Na Penitenciária Estadual de Lincoln, no Nebrasca, onde há capoeiras sem isolamento e capoeiras isoladas com vermiculite, observou-se que a produção de ovos nestas é quase o duplo.

O Ministério da Agricultura dos Estados Unidos anunciou que a vermiculite, empregada sob certas formas, auxilia o desenvolvimento das plantas. Seu emprego permite obter enxertos de três a vinte dias mais cedo que nos casos em que a planta cresce diretamente na areia. Apesar de não se tratar de um adubo, e de não ter valor nutritivo, a vermiculite fomenta o crescimento porque sua textura laminar retem mais ar e umidade do que o solo comum. Alem disso, como é muito leve, é mais facil de transportar e manejar.

Os garimpeiros norte-americanos conheciam esse minério, desde 1890, sob o nome de «ouro dos bobos», devido ao seu brilho metálico quando exposto aos raios solares. Durante a primeira guerra mundial, um hoteleiro de Libby, no Montana, supôs que o minério contivesse potassa, de que havia grande carência nessa época. A análise química revelou que se tratava de «um minério inerte, não metálico, levíssimo e flexivel, produzido por uma alteração da mica». Tinha apenas quantidades insignificantes de potassa, mas continha algum vanádio.

Organizou-se imediatamente uma

pequena companhia para explorá-lo; mas o custo de extração do vanádio ultrapassava o valor deste. Os acionistas, porem, não perderam a esperança, e enviaram amostras a vários laboratórios para novas pesquisas.

Segundo afirmaram esses técnicos, a vermiculite era constituida por lâminas tão delgadas que eram necessárias 400 mil para alcançar a espessura de um centímetro. Quando submetida a temperaturas muito elevadas, pode dilatar-se até cerca de 15 vezes o tamanho original, e isso porque as partículas de água retidas entre as lâminas se transformam em vapor, provocando a expansão brusca. As partículas assim expandidas ou «explodidas» são incombustiveis, imputresciveis e resistentes aos vermes.

Em 1939 a Ford Motor Company instalou no terraço da usina elétrica da sua fábrica de Milford, no Michigan, cerca de 170 metros quadrados de isolamento, fabricado com concreto que continha partículas de vermiculite expandida em vez de areia e saibro. Os resultados foram tão bons que a empresa Ford resolveu aplicar esse revestimento em todos os seus edifícios. Outras grandes empresas industriais, colégios e edifícios públicos nos Estados Unidos compreenderam as vantagens e adotaram tambem o produto.

Constantemente vêm sendo descobertas novas aplicações para a vermiculite. Esse util material já está sendo empregado como base de cosméticos, como proteção contra bombas e incêndios e para retardar o esfriamento do aço nas usinas siderúrgicas. Durante os últimos anos da guerra experimentou-se a vermiculite no Pacífico como ignífugo a bordo dos navios de guerra.

A vermiculite é encontradiça em quase todos os paises do mundo. A maior empresa exploradora de vermiculite, a Universal Zonolite Insulating Company, é a atual proprietária da jazida de Montana, e iniciou agora a exploração de um segundo campo.

Depois de extraido, o minério é classificado em diferentes tamanhos e tratado mediante exposição a temperaturas adequadas. Os grãos mais finos são utilizados na argamassa e os maiores, no concreto.

As partículas de vermiculite, logo após a extração, têm o aspecto de pedaços minúsculos de mica preta muito lisa; mas, uma vez aquecidas numa panela ou diretamente nas chamas, incham imediatamente e se tornam prateadas. Apesar de parecerem tão leves como o ar, sua dureza é idêntica à dos metais.

A vermiculite não custa muito mais caro que a areia de boa qualidade ou o saibro escolhido. Um empreiteiro de Detroit escreveu o seguinte: «Nossos preços são idênticos, tanto para os trabalhos efetuados com argamassa de vermiculite como para aqueles em que empregamos argamassa de areia.» O gerente de uma empresa fornecedora de tijolos e materiais de construção declara: «De cada dez dos nossos empreiteiros, nove estão empregando vermiculite em vez de areia.» Quando houver vermiculite em quantidade suficiente, essa afirmação poderá ser verdadeira no mundo inteiro.

Uma figura singular da história norte-americana

JACKSON—PRESIDENTE DO POVO

Por Donald Culross Peattie

A GUERRA de 1812, entre os Estados Unidos e a Inglaterra, deu nascimento a uma lenda que se encarnou em um homem; e produziu um homem que, por sua vez, se tornou lendário. A lenda foi a do «Tio Sam»; o homem foi Andrew Jackson, o sétimo presidente dos Estados Unidos. A lenda e o homem vieram a simbolizar, em muitos casos, as mesmas coisas, e chegaram finalmente a confundir-se.

Os céus de batalha no ano de 1812 eram deveras bem negros e baixos; tudo parecia correr mal nos Estados Unidos. Havia partes do país contrárias à guerra e que, em vez de ajudarem, criavam dificuldades; desde o exército até o último paisano, o país não estava preparado para a luta. O pior era que o governo apoiava uma súcia de incompetentes, pondo de lado homens aptos e sérios. Um destes últimos era Andrew Jackson, que amolava a paciência dos governantes, mandando-lhes planos de campanha que eram lançados à cesta de papéis. Fazia, tambem, reiterados pedidos de que o deixassem alistar-se nas forças de combate—coisa ridícula aos olhos do governo, pois a bala de um duelo se alojara tão junto do coração dele, que nunca poderia ser extraida. Alem disso, Jackson clamara contra o General James Wilkinson, o grande favorito do Ministério da Guerra, tratando-o de venal e incompetente,—coisas que, aliás, vieram a provar-se posteriormente.

O governo sabia vagamente quem era esse Jackson de Nashville, mas as notícias eram desencontradas. Fora ele um excelente general na milícia do seu Estado, advogado de êxito, e um bom juiz de comarca; tendo sido um dos delegados do povo que ajudaram a elaborar a constituição do novo Estado de Tenessí, fora o primeiro deputado federal do Estado onde nascera, e

mais tarde senador. Votara *contra* o projeto de se comprar a peso de dinheiro a paz com os piratas argelinos, e *a favor* da construção de fragatas de guerra para lhes dar caça. Tinha o gosto de um autêntico *gentleman* em questão de corridas de cavalos, e uma habilidade inigualavel para atrair o sufrágio dos «frequentadores de tavernas», nos pleitos políticos locais.

Democrata jeffersoniano, opinava que o «radicalismo» de Jefferson não passava de meio-radicalismo. Tinha um gênio de galo de briga, constando que era capaz de se bater em duelo com o primeiro homem que lhe pisasse os calos. Era pouco instruido, um auto-didata, dado a especular em terras, e estivera implicado em um velho escândalo, cuja simples menção já custara a vida a um homem... As tropas sob o seu comando adoravam-no, e era positivo que nunca obedeceriam a ordens contrárias às dele.

Quando, durante a guerra de 1812, os índios *Creek*, espicaçados pelos agentes da Inglaterra, vieram do território do Mississipi e desencadearam uma série de mortíferos ataques ao Tenessí, o governador deste Estado convocou a milícia e entregou o comando a Jackson.

Esses *Creeks* constituiam então a mais aguerrida das confederações índias das regiões do sul. As tropas de Jackson eram mal equipadas, e estavam com o soldo atrasado. O próprio Jackson sofria, ao tempo, de um violento ataque de disenteria, e mal se podia ter na sela do cavalo. Mas, a 27 de março de 1814, conseguiu pegar os bravos índios numa curva do rio Tallapoosa, em território que hoje faz parte do Alabama. Quando a noite caiu sobre o campo dessa batalha de ferocidade nunca vista, viam-se cadáveres de indígenas aos montões.

Vendo-se agora em presença da mais grave ameaça de toda a campanha, decidiu o Ministério da Guerra mandar este homem, até então desprezado como um excêntrico, deter um ataque dos ingleses à cidade de Nova Orleãs. As tropas inimigas consistiam em dez mil veteranos experimentados, ingleses e escoceses que, sob o comando de Wellington, já tinham batido os exércitos de Napoleão.

Quando Jackson lá chegou, a cidade de Nova Orleãs nem sequer iniciara as obras de defesa com a construção de um simples baluarte. Os habitantes, gente amiga de espetáculos, decepcionaram-se a princípio com esse general vindo de outras terras com o uniforme encardido por longas campanhas, que desdenhava a famosa culinária local, preferindo-lhe a ração de cangica com que se alimentava. Jackson achou necessário decretar a lei marcial, e, na vigência desta, pôs na cadeia um membro do legislativo. Quando um juiz expediu um alvará de soltura, foi preso tambem... Em seguida, acompanhado dos seus «soldados dos bosques», dos voluntários de Nova Orleãs, e dos piratas-patriotas das tripulações de Laffite, começou a ordenar as defesas da cidade. No dia 8 de janeiro de 1815, vendo brilhar a pouca distância, através da névoa matinal, as baionetas dos ingleses que estavam na plantação de Chalmette, Jackson lembrou-se de que tinha umas «velhas contas» a ajustar com eles.

A razão era que, com 13 anos somente, vivendo ainda na Carolina do Sul, onde nascera, Jackson se alistara no Exército da Revolução. Fora capturado na companhia de um seu irmão, que por sinal estava ferido. Tendo-se recusado a engraxar as botas de um oficial, recebera golpes de sabre que lhe abriram uma brecha no couro cabeludo e lhe cortaram a carne de um braço até ao osso. Assim mesmo, escorrendo sangue, esfaimado e sedento, fizeram-no marchar até um alojamento de prisioneiros em Camden. Os dois irmãos contrairam, aí, a varíola, e só assim a mãe deles, viuva, conseguiu que fossem postos em liberdade. O mais doente, ela pôs sobre o dorso de um cavalo; quanto a Jackson, sem casaco, sem chapéu, descalço, teve que arrastar-se a pé debaixo da chuva gelada, bem uns 60 quilômetros até sua casa, onde chegou para cair de cama, já delirante de febre. Conseguiu sobreviver, mas o irmão morreu; a mãe viveu mais um ano apenas. Tinha então 14 anos de idade, e ficou sozinho neste mundo, responsavel pelos seus próprios atos...

Essas as «contas» que ele queria ajustar com os ingleses, cujas baionetas via agora brilhar a tão pouca distância. Estava quase com 48 anos, e aos seus olhos azuis assomou pela primeira vez aquele lampejo de aço que os seus semelhantes iam aprender a conhecer e a recear daí em diante. O entardecer desse dia veio encontrar os ingleses expulsos da plantação, vergonhosamente derrotados. Foi essa, para os americanos, a mais gloriosa batalha da guerra, e nem sequer o fato de que o tratado de paz fora assinado quinze dias antes em Gante, na Bélgica, diminui essa glória.

A partir de então, Nova Orleãs passou a adorar Jackson. Tão popular se tornou o novo herói nacional, que quando o juiz que ele prendera o multou, por vingança, em mil dólares, um admirador pôs discretamente na mão do general uma bolsa cheia de dinheiro para pagar a multa... Mas o herói distribuiu a quantia pelos orfãos e viuvas da batalha, e pagou a multa do seu próprio bolso.

Todos os que o haviam conhecido orgulhavam-se de poder falar como ele era «naquele tempo»—velhos rústicos que outrora se reuniam para ouví-lo, aos 10 anos, ler-lhes o jornal em voz alta; companheiros da mocidade que o recordavam como «o sujeito mais barulhento, irrequieto e farrista de todos, jogador impenitente, apaixonado por brigas de galo e corridas de cavalos»; moças que só sabiam descrever a fascinação de Jackson dizendo que ele «chamava a atenção»; jurados que recordavam a ordem invariavelmente peremptória com que o Juiz Jackson lhes confiava a decisão de uma causa: «Façam o que for de justiça entre as partes interessadas»; parlamentares que se tinham rido à custa dele, por o verem sentado um dia na Câmara dos Deputados com as suas roupas de homem da «fronteira»...

Ao demitir-se das suas funções militares, em 1821, Jackson esperava poder passar o resto dos dias na sua propriedade, perto de Nashville, à qual queria com entranhado amor. Não conseguiu, porem, fugir ao seu destino. Em 1824 os amigos o obrigaram a concorrer à presidência contra quatro outros candidatos, entre eles Henry Clay e John Quincy Adams. Sem ter entrado pessoalmente na campanha, Jackson ganhou a maioria do sufrágio popular. Mas, como não havia no Colégio Eleitoral uma maioria bem definida de votos em favor de qualquer dos candidatos, a eleição foi decidida na Câmara dos Deputados, onde a poderosa influência de Clay levou Adams à Casa Branca.

Pouco depois da eleição, Jackson era novamente proposto. A campanha contra ele tomou aspectos sem precedentes na política americana, devido aos ataques caluniosos. Iniciou-se então a lenda de Jackson—que ainda hoje corre impressa em inúmeros livros de história—a de um homem de baixa moralidade, assassino, ignorante, oportunista sem quaisquer princípios políticos definidos.

O pior de tudo, para o General Jackson como para a esposa, foi a publicidade que então se deu a um antigo infortúnio de família. Quando Andrew Jackson, ainda moço, conheceu e amou Rachel, a mulher com quem se casaria, esta era esposa de Lewis Robards, do Kentucky, embora dele vivesse separada. Robards intentou ação de divórcio com grande espalhafato, depois desistiu discretamente do processo, e mais adiante deixou correr o boato de que obtivera sentença favoravel. Fiado nessa história, Jackson consorciou-se com a senhora Robards. Dois anos depois os esposos ficaram sabendo, com dolorido assombro, que só então Robards estava tratando de conseguir o divórcio, desta vez com o fundamento de que a esposa «adúltera» vivia com outro homem!

A desenfreada publicidade que teve esse lamentavel incidente, durante a campanha de 1828, matou Rachel Jackson—ou pelo menos assim pensava o marido, que a adorava, agora sombrio, de pé, ao lado do seu túmulo. O estrépito da vitória nas urnas eleitorais caiu em ouvidos moucos: Jackson estava todo entregue à sua dor. Nunca na Casa Branca entrou um vencedor mais triste. Acresce que a sua saude, debilitada pela disenteria, declinara muito, e ele sofria agora de tuberculose.

Mas a noção do dever chamava Jackson ao serviço da pátria. Com 62 anos, o cabelo já côr de neve, a silhueta ainda marcial se bem que adelgaçada, não foi de carruagem, num cortejo triunfal, que ele deu entrada no Capitólio: mas a pé, desde o hotel. O Presidente do Supremo Tribunal, John Marshall, em cuja opinião Jackson seria a ruina do país, tomou-lhe o juramento da praxe. Adams, antecessor de Jackson, recusou-se a acompanhá-lo na carruagem presidencial até à Casa Branca. Mas a multidão tomou-a de assalto para aplaudí-lo.

O corpo diplomático compareceu ao jantar de gala, pronto a divertir-se

à custa do sertanejo ignorante que o populacho havia eleito para a presidência; encontrou, porem, um ancião cortês que soube dispensar-lhe a mais urbana conversação à mesa e servir-lhe os melhores vinhos. Os «sabichões» da política, que vieram logo assediá-lo com o conselho da sua experiência, viram-se forçados a esperar que ele regressasse de um passeio a cavalo em companhia de um grupo de meninos. O Presidente explicou assim o seu gesto: «São eles os únicos amigos que não me amolam a paciência com conselhos!»

Os observadores estrangeiros estavam convencidos de que os Estados Unidos da América se encontravam à beira de uma revolução sangrenta; não chegou a tanto, mas foi, de fato, um novo capítulo na revolução norte-americana, que se iniciara com a chegada dos primeiros colonizadores. Alvorecia então uma fase nova da economia nacional, o começo da chamada era da máquina. Entre 1820 e 1840, o número dos operários na indústria subiu de 127 por cento, quer dizer, mais do que qualquer outro grupo do país. Não havia qualquer espécie de controle por parte do governo sobre os industriais. Grande parte da «antiga classe governante», expulsa do poder pela vitória de Jackson, estava acorrentada pelas suas contas de banco a essa nova força social desenfreada. O Banco dos Estados Unidos, que então funcionava com carta-patente do governo, diferia de todos os estabelecimentos modernos no gênero; era uma instituição particular, mas onde o governo depositava todas as suas reservas. O homem que a vontade do povo americano elevara à chefia do Poder Executivo, viu nesse regime um perigo.

«O Banco dos Estados Unidos,» trovejava Jackson, «é só por si um governo. A questão que se debate agora é saber quem é que detem o poder!»

A controvérsia foi crescendo de intensidade, a tal ponto que o presidente do Banco, Nicholas Biddle, e as forças que o apoiavam, lançaram mão dela na campanha que Jackson então empreendia para reeleger-se. Esses adversários estavam certos de que o derrotariam, pois os interesses financeiros tudo tinham nas mãos: a maioria da imprensa, muitos dos púlpitos mais reputados, a maioria do Senado. Todos procuravam fazer passar o Presidente como inimigo dos negociantes, empenhado em rasgar a Constituição e em violar as leis de Deus. Mas a maioria do povo dos Estados Unidos estava ao lado do seu Presidente, e pela segunda vez o sufrágio popular o levou de roldão à Casa Branca.

Quando o Congresso aprovou a renovação da carta-patente do Banco dos Estados Unidos, Jackson opôs o veto presidencial à medida, e este foi sustentado pelas duas casas do Congresso. Mas quando Jackson tentou retirar do banco os depósitos que o governo alí mantinha, dois Ministros da Fazenda se recusaram sucessivamente a fazê-lo. Por fim Roger Taney, mais tarde nomeado por Jackson Presidente do Supremo Tribunal, cumpriu a ordem do seu chefe. Em resposta, Biddle reclamou o reembolso de

todos os empréstimos do banco, provocando dessa maneira um verdadeiro pânico no mercado nacional. Jackson viu-se assediado por delegações e comissões vindas de todos os cantos do país. Estas, apavoradas ou irritadas, pediam-lhe que fizesse alguma coisa para apaziguar o banco... Mas o velho general não se deixou demover: «Vão ter com Biddle, se têm reclamações a fazer,» era a sua áspera e pronta resposta.

Mas Biddle não podia prosseguir na luta com o Governo da União. Quando este retirou do banco os seus depósitos, o estabelecimento afundou-se. E com ele morreu a arrogância do dinheiro, que até alí se gabava de controlar o Governo.

Jackson estava convencido de que o melhor governo é o que menos gasta, e quando deixou a Presidência, o Tesouro Nacional estava mais rico do que antes de sua gestão. Durante o seu governo foram derrubadas as antigas barreiras que dificultavam o comércio internacional. Jackson praticou abertamente a política expansionista. Seus métodos eram rudes, mas os americanos da época aprovaram estrepitosamente a maneira como ele forçou a Espanha a vender a Florida aos Estados Unidos, os processos de que se valeu para ir rechaçando os índios para o Oeste, e a anexação do Texas, levada a efeito por um punhado de seus dedicados seguidores.

Quando saiu da Casa Branca, Jackson estava pobre: sua pródiga hospitalidade e caridade, seu desprezo dos interesses pessoais no serviço da nação, haviam-no reduzido à ruina. Em compensação, deixou a Casa Branca mais forte e mais prestigiada do que a encontrara.

Jackson não era homem sem defeitos: mas foi *homem*, em toda a extensão da palavra, um presidente do povo, e uma grande figura na história dos Estados Unidos.

Poucas palavras bastam...

NA SUA maneira suave e tranquila, o dr. George Harris muito fez quando presidente do Amherst College, importante escola superior norte-americana; mas costumava negligenciar ou esquecer os deveres menos agradaveis. Não se manifestava contra o trabalho, mas nunca o ouví fazer-lhe abertos elogios... Certa vez, levantou-se ele para dirigir a palavra aos estudantes na primeira reunião do ano letivo; mal, porem, havia pronunciado uma ou duas sentenças, como que já fatigado da tarefa, interrompeu o que ia dizendo, e arrematou com um sorriso de ironia:

«Era meu intuito dar-vos alguns conselhos. Mas recordo-me de que ainda sobram alguns dos que dei no ano passado e não foram usados...»

Sem mais palavras, tomou o chapéu e retirou-se calmamente da sala.

—John Erskin, *The Memory of Certain Persons* (Lippincott)

UMA CACHORRINHA ANDEJA

(*Condensado de «The New York Times Magazine»*)

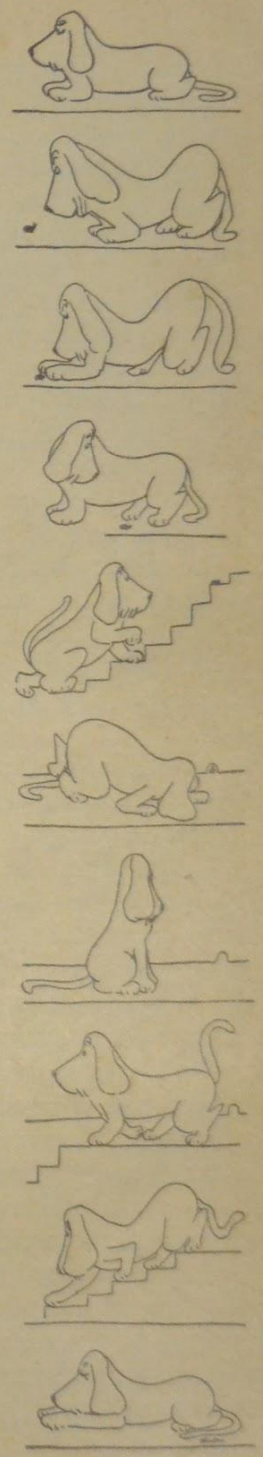
Por James Thurber

JEANNIE era uma cadelinha Scottish terrier. Tinha as mandíbulas fracas, era descarnada de quartos, e tinha as patas dianteiras um pouco cambaias. Pensava de maneira um tanto confusa, e as suas condições gerais não eram lá muito boas. Mesmo quando em repouso, parecia estar em posição forçada, apresentando o aspecto pouco confortavel de uma mulher encarapitada numa bicicleta...

Jeannie fazia tudo da maneira mais facil: escarvava o solo, por exemplo, usando uma só pata de cada vez; procurava passar pelas portas, pondo-se de lado, e ia ao extremo de dar à luz os seus filhotes no recanto de um armário cheio de sapatos. Fora adquirindo uns ares de constante preocupação, lembrando uma pessoa que estivesse a consertar um relógio com as mãos enluvadas.

A cachorrinha nascera na cidade, onde passara seus primeiros dois anos de vida. Quando, porem, foi levada a viver na zona rural, ficava-se durante semanas ferrada ao pé da lareira, saindo apenas, de vez em quando, para lançar um olhar espantado aos arredores, que de certo lhe pareciam os mais traiçoeiros para uma tímida cadelinha do seu feitio. Por fim, o faro lhe indicou a existência de alguma toupeira no quintal ou o ouvido lhe disse que havia esquilos por alí, e assim decidiu-se a fazer algumas explorações no terreno em redor.

Decorridos alguns meses, Jeannie deu para sair de casa de manhã cedo e só voltar quando era noite quase fechada. Começava tambem a engordar, apresentando-se mais limpa e «cheia de si», notando-se-lhe ainda certo ar de alegria e surpresa, como uma mulher que descobre, na sua bolsa, um dinheiro do qual não tinha a menor idéia.



Decidí um dia seguí-la discretamente, e aos poucos fui levado através de terreno desconhecido a um grupo de bangalôs de verão, onde, segundo vim a descobrir, a nossa Jeannie se fizera a mascote de todos. Imiscuira-se por alí, e, à custa dos veranistas, ia-se enchendo de almôndegas, batatas fritas, bolos e outras guloseimas. Jeannie havia conquistado a amizade de todos com o único truque de que era capaz. Aprendera a sentar-se, não sem grande e divertido esforço, e, colocando uma pata contra alguma coisa, uma pedra ou algum toro de madeira, conseguia aprumar-se numa posição aliás muito precária; mas, se caisse, não fazia mal —ganhava o prêmio de qualquer maneira! Não podia perder; o pessoal gostava dela, e alí era sempre admirada...

A velhaca foi aos poucos verificando que o enfadonho regresso à casa, depois daquela orgia, era uma tola perda de tempo. Afinal de contas, em casa só lhe tocava uma boa ração por dia— coisa muito mesquinha para quem, como Jeannie, fizera fortuna lá por outras bandas. Deixava-se, pois, ficar por lá, às vezes, durante dias. Eu tinha então que ir buscá-la de automovel.

Uma vez, os próprios veranistas a trouxeram à casa; e Jeannie parecia haver compreendido que a «marmelada» acabara. De fato, quando do próximo desaparecimento fui ao mesmo local para buscá-la, já lá não estava. Logo depois, falando ao carteiro, tive notícias de Jeannie: «A sua cachorrinha está hospedada no bangalô da professora, do outro lado do lago,» informou-me obsequiosamente o homem.

A professora, segundo vim a saber depois, abrira a porta certa manhã, e alí estava uma cadelinha terrier, suplicante. A espertinha acabou obtendo, de sua nova senhora, três boas refeições por dia, ganhando, às vezes, bombons de sobremesa. Mas, tendo notado que eu havia descoberto esse seu esconderijo, Jeannie tratou logo de mudar-se para outro lugar. «A sua cachorrinha está morando com uma família de Danbury,» informou-me o mesmo carteiro uma semana depois.

Encontrei-a, e abrí a porta do carro. Ela entrou tranquilamente, sentando-se ao meu lado. Durante toda a viagem de volta ambos mantivemos sempre o olhar fixo na estrada à frente.

Jeannie estava fadada a perder-se... As suas fugas eram instintivas: não tinham remédio. Afinal, eu tinha que cuidar de minha vida, e, a seguir nessa marcha, breve teria que ir buscá-la em lugares mais distantes, onde quer que abundassem as coisas gostosas. «A sua cachorrinha...» o carteiro ia começando a dizer, ao encontrar-me dias depois. «Já sei,» disse-lhe, atalhando. «Obrigado.» Entrei sem mais palavra. Jeannie voltou espontaneamente, daí a uns vinte dias, e creio que fez autênticos esforços por se readaptar ao lar. Mas já era tarde...

Quando Jeannie morreu, aos nove anos de idade, talvez de uma indigestão de chocolate, a família com a qual morava na ocasião escreveu-me uma carta muito gentil, dando-me as últimas notícias da cadelinha andeja...

A grande muralha que deteve os manchús

(*Condensado de «Argosy»*) Por Blake Clarke

Este monumento colossal imolou uma geração inteira ao sonho de grandeza de um Imperador

A Grande Muralha da China é a mais estupenda de quantas estruturas o homem já concebeu e executou. Os astrônomos já têm afirmado que ela é talvez o único objeto criado pelo homem que seria visivel a olho nu para um observador postado na lua. Se fosse reconstituida ao longo do equador, poderia formar um muro de dois metros e meio de altura e 90 cm. de espessura, a toda a volta do globo terrestre. Em 1790, um cientista calculou que a Muralha da China continha mais tijolos e pedras do que, juntos, todos os edifícios da Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales. O General Grant, que foi Presidente dos Estados Unidos e notavel engenheiro, calculou que «a mão-de-obra que entrou na sua construção teria bastado para construir todas as estradas de ferro, canais e cidades dos Estados Unidos».

Partindo de um ponto situado abaixo do nivel do mar, a Muralha vai subindo até quase atingir o «teto do mundo», para ir findar à vista das montanhas do Tibete. Medida em linha reta de ponta a ponta, teria 1.840 quilômetros de comprimento; mas contando todas as suas saliências, prolongamentos e curvas, sua extensão total chega aos 4 mil quilômetros.

O Imperador Chin Xi-huang, que concebeu a construção, subiu ao trono no estado feudal de Chin (hoje província de Xensi) no ano de 246 A.C., à idade de treze anos. Filho de uma bailarina itinerante por quem o rei seu pai se apaixonara, tinha ele ambições ilimitadas. Por esse tempo, extinta a famosa dinastia Chu, que ocupara o poder durante 800 anos, e sob a qual haviam florescido gênios tais como Confúcio, Mêncio e Lau-Tseu, a China fragmentara-se em grande número de estados desunidos, que se guerreavam entre si. Chin resolveu fundir esses estados rivais em um só império.

Ao cabo de sete anos, apoiado por excelentes generais e sagazes ministros, Chin tinha submetido todos os estados vizinhos. Desde as fronteiras setentrionais da China moderna, até o Rio Iangtsé, e desde o Mar Amarelo até à província atual de Setchuã, o oeste, a sua vontade tornou-se lei.

Para evitar que seus ex-inimigos conspirassem contra ele, Chin transferiu 120 mil dos mais ricos e poderosos senhores da China para a capital, instalada em Sieniang, onde passaram a viver com o máximo esplendor como nobres da sua corte, mas, ao mesmo tempo, se encontravam radicalmente isolados dos seus partidários. O Imperador mandou construir para cada um deles um palácio que era a reprodução exata da mansão que o prisioneiro fora forçado a abandonar. A arrumação desses palácios sobre uma área de 500 km quadrados, foi, ao que se diz, concebida para refletir na Terra a disposição dos astros na Via Láctea...

O próprio Imperador vivia num luxo e esplendor quase inconcebiveis. A sua residência na capital era um palácio erigido pelo labor de meio milhão de homens, com milhares de salas e um auditório todo forrado de panos de brocado, com capacidade para 10 mil pessoas. O palácio tinha um sem-número de luxuosos anexos, em cada um dos quais o Imperador instalara uma de suas esposas, todas elas escolhidas entre as mais belas mulheres de todas as partes do seu império. Tantas eram essas esposas, que, segundo corria nos bastidores da imperial residência, o luxurioso soberano levaria 36 anos para conseguir passar uma noite com cada uma delas. O mais provavel é que ele tenha acabado por conhecê-las todas, porque, vivendo no pavor constante da morte, quer às mãos de inimigos implacaveis, quer por obra dos espíritos maus, Chin gostava de mudar de quarto todas as noites...

Pouco tempo depois de Chin ter conseguido firmar o seu império, um oráculo o preveniu de que sua ruina seria obra de «Hu», palavra que entre outras coisas significa «bárbaro». O Imperador não duvidou que o termo se referia aos povos do norte que, havia 500 anos, vinham semeando o terror entre os agricultores da China. Suas incursões repentinas eram tão receadas, que corria entre os chineses este provérbio: «Não temas o tigre do sul, mas tem cautela até com um galo do norte.»

Como Chin não tivesse esperança de submeter pela força as hordas errantes daqueles velozes cavaleiros, o melhor

expediente seria construir uma barreira gigantesca que nenhum cavaleiro pudesse escalar nem contornar. Para realizar esse plano, mobilizou praticamente todas as pessoas sadias que havia na China. Eruditos e letrados, cujos delicados dedos nunca haviam sopesado ferramenta mais rude do que o estilo de escrever, viram-se obrigados a talhar e arrancar lages de granito das pedreiras. Ladrões, assassinos, juizes corruptos, e outros sentenciados foram todos arrebanhados para a obra da Muralha, que se tornou assim uma penitenciária do império. Milhares de capatazes brutais conduziam, à chicotada, os trabalhadores a suas tarefas. Os que resistiam eram levados de rastos até à Muralha, e nela enterrados vivos.

A muralha começava junto ao mar, perto de Xangaicuã. A partir desse ponto, os operários, forçados pelo terror a trabalhar, foram escavando dois sulcos paralelos, a 7 metros de distância entre si; depois, nesses sulcos, assentavam tijolos e blocos retangulares de granito, até a altura de 6 metros. Ficava assim entre os dois muros o leito de uma estrada, que era em seguida atulhado de terra. Depois, de cada lado, coroando a muralha, erigiam um parapeito de metro e meio.

Ofegantes e suarentos, os pobres trabalhadores foram assentando a estrada, palmo a palmo—e cada palmo, uma tortura sem limites. No transcurso dos primeiros 400 quilômetros, acontecia-lhes levar meses seguidos sem pôr o pé em um trecho de terreno plano. Arrastavam os pesados blocos de pedra encosta acima, os lombos retezados de esforço, escorrendo sangue sob os chicotes de capatazes cruéis. Sem quase o que comer, vestidos apenas de farrapos apodrecidos, muitos adoeciam e morriam. Raros os mensageiros mandados pelas famílias, carregando comida, que chegaram ao seu destino: temiam ser pegados alí e forçados a entrar no trabalho. Registra um historiador que, em média, de cada 200 carregamentos de arroz mandados pelos parentes aos trabalhadores, somente um chegava ao destino. As cantoras chinesas de todas tradicionais ainda hoje recitam baladas multiseculares, descrevendo a angústia de pobres esposas delicadas, que pereceram em vãs tentativas de alcançar os maridos, nas obras da Muralha, para levar-lhes provisões e um pouco de conforto.

Os fiscais do Imperador faziam todo o possivel para que a obra resultasse soberba, mesmo à custa de penosos esforços. Até nos picos mais distantes, vistos raras vezes a não ser pelos abutres que os sobrevoavam em círculos, as correias do chicote estalavam nas costas dos servos para que os blocos de granito saissem talhados e acabados com tantos cuidados como se se destinassem ao palácio imperial. Segundo o parecer de engenheiros modernos, a Muralha dificilmente poderia ter saido melhor, se fosse construida agora.

A oeste de Pequim os construtores deram com terrenos de barro, moles e pegajosos. Aí, em lugar do granito, passaram a acorrentar uns aos outros pesados toros, que arrastavam até aos sulcos, para com eles erguer as paredes

paralelas. Entre essas muralhas de troncos, lançavam a terra mole da região; era então uma interminavel fileira de carregadores, cada um dos quais levava duas cestas de terra suspensas de uma vara de bambú atravessada nos ombros vergados sob o peso: descarregavam a terra e iam buscar mais, enquanto outros trabalhadores calcavam o aterro. À medida que cada segmento da Muralha se ia completando, os homens carregavam os toros por alí a fora, e avançavam com a obra. A Muralha aguentava-se apesar de feita apenas de barro firmemente comprimido.

À retaguarda de cada segmento concluido, o General Ming Tien, encarregado de dirigir a construção, ia aquartelando uma enorme guarnição permanente. As fortalezas, erigidas a intervalos de pouco mais de quilômetro e meio, recebiam seus destacamentos de guarnição; nas torres de vigia, que se salientavam da Muralha, estavam os archeiros sempre de atalaia. Cada guerreiro guardava 200 metros de ameias. Nos intervalos do serviço ativo, os soldados da guarnição da Muralha faziam exercícios militares, e cultivavam as terras que o Imperador lhes dava em prêmio de seus serviços. O exército de Chin, com seus 3 milhões de homens, foi o primeiro exército efetivo de que a História dá notícia. Os trabalhadores que adoeciam eram abandonados à morte, e seus cadáveres lançados, de mistura com pedras e terra, na vala comum da Muralha—que assim se tornou o cemitério mais longo do mundo.

Assim foi progredindo a Muralha, mês após mês, ano após ano, erigida pelo labor ininterrupto de milhões de homens. Contornava, em curvas audaciosas, os acidentes naturais daquela remota região, escalava serranias de mais de mil metros de altura, parecia precipitar-se em abismos, subia em ravinas, transpunha rios de salto... A construção só se deteve em frente de um precipício de 60 metros de altura, em cujo fundo rugia um rio torrencial, branco de espumas.

Não se sabe ao certo quanto tempo levou a construção da Muralha. Pelos milhares e milhares de homens utilizados por Chin, e havendo este incorporado muitos quilômetros de muralhas anteriormente construidas, um historiador calcula que a tarefa deve ter ficado concluida em cerca de 18 anos. Dizem outros, porem, que ela só veio a ser terminada no reinado de imperadores subsequentes.

O Imperador Chin Xi-huang veio a falecer em 210 A.C., pouco depois de uma jornada de inspeção das obras da Muralha. Foi grandioso na morte como o fora em vida. Ao que reza *Xi Tchi*, a primeira história da China, o mausoléu, que o próprio Imperador desenhou, era todo «forrado de bronze, e estava cercado de rios subterrâneos de mercúrio». No teto viam-se representadas as constelações de Céu, e o chão reproduzia o mapa das posses terrestres de Chin. Havia tambem arcos cujas flechas estavam dispostas de tal modo, que podiam ser disparadas automaticamente contra o mortal que ousasse profanar o sagrado recinto.

Mesmo na morte, acompanhavam-no uma hoste imensa de concubinas, e muitos dos obreiros anônimos que lhe haviam construido o túmulo: estes, para que não revelassem a ninguem o segredo da respectiva construção... Tudo isso ficou disfarçado como uma colina qualquer.

A obra mais colossal que o homem já empreendeu, serviu eficazmente os propósitos que a haviam ditado: durante mais de 1.400 anos obstou a passagem dos selvagens cavaleiros do norte. No Século XIII Gengis Cã conseguiu transpô-la e invadir a China, mas sua conquista foi efêmera. E quando, finalmente, os manchús abriram brecha para entrar na China, em 1644, foi só à custa dum assédio de trinta anos. De um modo geral, não era errôneo o dito, segundo o qual a Muralha destruiu uma geração para salvar cem.

A Muralha que se vê hoje não é inteiramente a que o famoso Chin mandou edificar: foi mais tarde reparada e ampliada, e deve-se grande parte da estrutura aos melhoramentos instituidos ao tempo da Dinastia Ming, que regeu os destinos da China de 1380 até 1644. Alguns trechos encontram-se muito bem conservados; outros, mais antigos, hoje elevam-se apenas a pequena altura acima das dunas do deserto. Apesar de tudo, a Grande Muralha resiste ainda, monumento perene ao sonho de grandeza de um homem, e obra da incrivel operosidade e energia de um povo.

Vão-se os anéis, ficam os dedos...

James J. Jeffries, ex-campeão mundial de boxe, conta a seguinte história:

A maior luta que eu vi foi a que meu pai travou com a terra, na nossa fazenda, para fazê-la prosperar, o que era o seu maior empenho. Passava os dias no campo, de sol a sol, lavrando o terreno. Coitado de meu pai, não tinha mãos a medir! Eram os gorgulhos, os gafanhotos, as lagartas—tudo contra ele! Mas o maior invasor da fazenda era a vizinha cidade de Los Angeles. Crescia a olhos vistos e muito breve começou a invadir-nos a propriedade.

Meu pai viu-se forçado a ir vendendo pedaços de terra aquí, pedaços acolá. Trazia o dinheiro e o guardava num bornal de caça. Quando estava cheio, minha mãe mandava depositar o dinheiro no banco. Quanto mais diminuia a fazenda, mais redobrávamos de esforço para evitar a falência total, com a pouca terra que restava. A cidade crescia, e nossas terras se reduziam. Papai queixava-se e nós vivíamos a levar saquetes de dinheiro ao banco...

Finalmente, foi vendida à gente da cidade a última nesga de terra cultivada.

—Estamos liquidados! exclamou meu pai com um lamento. —A fazenda já se foi! Agora só nos resta a casa, a cocheira, a plantação de laranjas e um milhão de dólares no banco!

—Bart Hodges, N.Y. Post Syndicate

É facil escrever cartas

Por Gelett Burgess

«Por que não lê sua carta? Você nem abriu o envelope ainda! É da tia Clara, não é?»

O leitor provavelmente já recebeu dessas cartas que, à simples vista do envelope, fazem a gente suspirar e pô-las de lado, sabendo de antemão que vai ser uma carta cacete, com a primeira página geralmente cheia de desculpas do missivista por não haver escrito antes.

«Estou me divertindo à grande. Seria bom que você estivesse aquí!» Eis o tipo clássico da carta vazia e fátua, portadora de generalidades apenas, sem nenhum pormenor. Certas pessoas são capazes de dar a volta ao mundo, ou presenciar a explosão de uma bomba atômica, sem achar comentário algum a não ser «formidavel!»

Outras, porem, são capazes de descrever as coisas mais simples de maneira interessante. Vejamos, por exemplo, este trecho original de uma carta do célebre poeta inglês John Keats:

As ruas daquí têm um ar extremamente virginal. Nas portas, as aldravas parecem envolvidas numa quietude solene, séria, quase medrosa. Nunca vi coleção mais plácida de cabeças de leão e de carneiro.

Longe de casa, o que mais se deseja receber, nas cartas da família, são os pequenos pormenores caseiros: comentários sobre o gatinho que virou a garrafa de leite na cozinha; sobre a caçula que já sabe cozinhar; sobre aquela garota «assanhada» que continua correndo atrás dos rapazes... Instantâneos da vida cotidiana—eis o que todos desejam ver nessas cartas íntimas e amigas.

Sentar-se à escrevaninha e, de sangue frio, escrever uma carta divertida, é tarefa dificil. Mas será facil compor cartas interessantes e ricas em pormenores, se durante o dia se forem anotando os acontecimentos e pensamentos que ocorrerem. Mais tarde, na hora de escrever, é só consultar o caderno de notas; reunindo-se um pouquinho de cada dia, ter-se-á material

para desenvolver numa carta palpitante de vida.

Outra maneira de compor uma carta viva é dedicar alguns minutos, todas as noites, a escrever o que se fez ou pensou, mesmo que seja apenas um só paragrafo, e ir acrescentando outras coisas com o tempo, quando se estiver disposto, em vez de escrever de uma vez. Assim se guardará intacto o primeiro entusiasmo.

Simples futilidades e mexericos, entretanto, não bastam para tornar interessante uma carta. É preciso que lhe imprimamos um pouco de nós mesmos. Qualquer acontecimento precisa do tempero da personalidade que o relata, para dar-lhe sabor. Vejam como Lady Mary Montagu, uma das mulheres mais espirituosas da Inglaterra do século XVIII, dava personalidade a suas cartas:

«*Bridget Noel,*» escreveu ela à irmã, «*vai tornar-se Lady Willington.*» Tendo assim contado a novidade do dia, acrescenta: «*...para estímulo e consolo de todas as coquetes da cidade.*» Assim punha no papel um pouco de seu próprio pensamento. «*E todos se apressam em tornar-se o mais indignos possivel afim de fazer fortuna.*» Trata-se de um comentário que é uma faisca de sua personalidade sarcástica, cruel talvez, mas cintilante de vigor.

Pôr numa carta nosso verdadeiro *eu* não é tão dificil como se poderia pensar. Escondido em nosso subconsciente, nós possuimos mais pensamentos imaginosos e interessantes do que usualmente dizemos ou escrevemos. Pensamos, erroneamente, que devemos limitar-nos ao que se considera importante, deixando de lado idéias e caprichos pessoais. Não, não se limite dessa maneira o leitor. Poderá a princípio ter a sensação de estar escrevendo tolices, mas, se continuar, logo verá abrir-se em seu espírito portas inesperadas, e há-de surpreender-se ao descobrir que é, afinal de contas, uma pessoa notavel... Escreva os pensamentos que lhe ocorrem enquanto faz a barba ou se penteia. Nesses momentos de liberdade o espírito se expande em fantasias, com sugestões invulgares e divertidas.

Se deseja ser correspondente agradavel, evite algumas faltas que a meu ver constituem «horrores» na tarefa de escrever cartas. Por exemplo:

Não discorra sobre o tempo. Pode ser que me interesse a temperatura do lugar onde moro, mas que me importa a de outros lugares?

Não use tinta apagada, nem fita-de-máquina gasta. Toda tinta de côr—vermelha, verde, ou roxa—é sutilmente enervante, representando uma expressão de egoismo.

Não sublinhe palavras a não ser que seja absolutamente necessário. Sublinhar equivale a fazer gestos exagerados em conversa.

Por favor, não ponha entre aspas todas as expressões de jíria; faça a seu correspondente a justiça de acreditar que a jíria será reconhecida como tal.

Não semeie sua carta de exclamações parentéticas como (ufa!) ou (ah! ah!). Bem sei que esses enxertos são considerados jocosos, mas é como se a gente fizesse cócegas num interlo-

cutor, após contar-lhe uma anedota...

Embora eu preferisse assim minhas cartas com alguma variante menos corriqueira, acho mais prudente mesmo quando não se gosta da pessoa, começar com um «Meu caro» e acrescentar no fim «com estima e consideração», ainda que o destinatário seja um tratante.

MUITA GENTE se desculpa de não escrever, dizendo que não tem tempo. Mas não será em geral porque se pensa que é preciso escrever cartas longas, noticiosas, à custa de muito esforço? Conviria então tentar escrever cartas curtas.

Conheço um homem que tem o costume de rabiscar bilhetes enquanto espera que a mulher acabe de vestir-se para sair. As cartas breves tambem podem interessar, se espoucarem constantemente, como pipocas—sem muita importância, talvez, mas cheias de vida.

Um amigo meu, sempre que encontra em jornais ou revistas uma notícia ou história que possa interessar a alguma pessoa de suas relações, recorta-a e envia-a a esta. Assim, se depara com uma boa história a respeito de cachorros, remete-a a alguem que se interesse especialmente por cães. A outro amigo, enviará um recorte a respeito do seu passatempo predileto. Ou talvez uma caricatura. Aquele meu amigo mantem-se alerta à procura de tais notícias, que sempre faz acompanhar de um bilhete atencioso. Não gasta mais de cinco minutos de cada vez, mas suas comunicações são sempre recebidas com prazer.

Não é preciso escrever cartas longas para manter e avivar amizades; os bilhetes curtos terão o mesmo efeito, se forem enviados com frequência.

O silêncio é de ouro...

O ATOR, nova «descoberta» da tela, estava desconsolado: «Você viu o que aquele crítico disse de mim?» perguntou ao produtor.

«Não se aflija com isso,» replicou-lhe o magnata, animando-o. «Aquele sujeito é um perfeito papagaio: repete exatamente o que ouve todo o mundo dizer!»

—Colaboração de Jack Seaman

CERTO político, chegando a uma cidade onde predominava a oposição ao seu partido, pôs-se inocentemente a fazer um longo discurso, em que enaltecia os dotes do seu candidato. O povo que enchia a sala vaiou-o durante todo o tempo. Concluida a ruidosa sessão, o porteiro do auditório chegou-se ao político com desejos de consolá-lo: «Não se preocupe, *seu* doutor,» disse-lhe o velho. «Esse povaréu é a ralé da cidade. A gente mais sensata ficou em casa.»

—*The Christian Science Monitor*

Graças a ele, milhões de pessoas fazem a barba em casa

Barbeiro de meio mundo

(*Condensado de «Advertising & Selling»*)

Por Don Wharton

SEGUNDO indica a História, faz uns 50 séculos que o homem se barbeia; no entanto, foi só há 45 anos que se lhe tornou possivel livrar-se de uma navalha cega com a facilidade com que joga fora uma pena escarrapichada. O aparelho de segurança, que nos permite trocar lâminas usadas por lâminas novas, só apareceu no mercado em dezembro de 1903. Poucas invenções têm tido tão rápida aceitação em todo o mundo.

King Gillette tinha 40 anos de idade, e era simples vendedor ambulante de rolhas-patentes para garrafas; mas nessa época, como mais tarde confessou, já se achava «obcecado» com o desejo de inventar alguma coisa—preferivelmente um artigo «que se usasse, jogasse fora e comprasse outro». Chegou a catalogar alfabeticamente tudo que fosse necessário, materialmente, ao homem, em busca de uma idéia que valesse a pena. Barbeando-se certa manhã, Gillette sentiu que sua navalha comum estava um pouco cega; era preciso mandá-la a um amolador. Parado diante do espelho, tendo na mão o seu velho instrumento, veio-lhe então, de uma vez, a idéia—lâminas de aço finas e baratas, afiadas de ambos os lados, presas entre duas chapas de metal ligadas a um cabo. «É uma grande invenção!» disse ele à mulher. «A nossa fortuna está feita!» Não obstante, só onze anos depois é que ele viu o primeiro dolar de dividendos.

No mesmo dia em que lhe ocorreu a idéia, King dirigiu-se a uma casa de ferragens de Boston, onde adquiriu fitas de aço, das que se usavam para cordas de relógio, e comprou tambem pedaços de latão, um pequeno torno de mesa e diversas limas. Mas, quando apresentou aos amigos um modelo completo, estes levaram a invenção em troça; cutileiros e mecânicos de diversas cidades, a quem ele fora consultar, aconselharam-no a abandonar idéia tão estapafúrdia. Durante anos, todos se esforçavam por produzir lâ-

minas que durassem tanto quanto possivel; ora, ele se propunha inverter essa ordem de coisas, com suas lâminas finíssimas e tão baratas, que não precisavam ser duraveis. Quem entendia algo de siderurgia não acreditava serem viaveis as lâminas que Gillette imaginara, o que o levou a comentar: «Se eu tivesse conhecimentos técnicos, desistiria de fabricá-las...»

Em vez disso, pôs-se à procura de capital. Ao cabo de seis anos, conseguiu finalmente arrolar vinte pessoas que se arriscavam a aventurar 250 dólares cada uma. Um destes, fabricante de garrafas, recebeu 500 ações da companhia pelos 250 dólares empregados, e logo esqueceu a transação; alguns anos depois, Gillette resgatou essas ações, mas teve de pagar por elas a bagatela de 62.500 dólares!

Com os 5 mil dólares subscritos pelos 20 acionistas, Gillette adquiriu as máquinas necessárias e contratou os serviços de um tal William Nickerson, possuidor de verdadeiro talento para a mecânica. Instalada a oficina numa pequena sala que ficava sobre uma peixaria, na zona portuária de Boston, Nickerson aperfeiçoou os meios de afiar e temperar fitas de aço. Em fins de 1903, a navalha de segurança convertia-se em realidade, mas a pequena companhia estava endividada, e os operários reclamavam que os salários estavam atrasados. Gillette tentou vender mais ações, mas ninguem as queria, nem mesmo a 25 centavos. Um dia Gillette travou conhecimento com John Joyce, imigrante irlandês de respeitavel bigodeira, que começara a vida vendendo reconstituintes pela rua, e acabara dono de grande fortuna no comércio de bebidas por atacado. Joyce concordou em empregar 60 mil dólares com a condição de manter um quase completo controle da companhia. Nesse ano de 1903, venderam-se 50 aparelhos Gillette a 5 dólares cada um; em 1904, as vendas subiram a 90.844 aparelhos, e a 276.577 no ano seguinte. Desde o seu início, a Gillette Company já pagou um total de 144.729.791,57 dólares em dividendos.

O aparelho Gillette foi o primeiro em que se podiam trocar as lâminas, mas já havia outros aparelhos de segurança, pois, em 1880, os irmãos Kampfe, três imigrantes alemães, haviam fabricado um aparelho denominado Star, em forma de enxadinha. Sua lâmina era um segmento da navalha comum, de superfície côncava. Em 1886, o jurisconsulto Oliver Wendell Holmes falava com entusiasmo a respeito da Star, dizendo que com ela «não cortava o rosto», e recomendava-a aos «viajantes de mar e terra, bem como àqueles que não saem de suas casas». Cedo, porem, teve a Star duas competidoras—a Gem e a Yankee. Se bem que as três fossem vendidas em toda parte, suas lâminas tinham de ser amoladas e assentadas com a maior perícia; devido a isso, quase não faziam concorrência às barbearias.

Os fabricantes de aparelhos de segurança viram que Gillette oferecia ao público o que este queria: facilidade no uso e lâminas que não precisavam ser reafiadas. Suas patentes lhe

deram monopólio de 17 anos quanto às lâminas flexiveis de dois gumes, mas qualquer pessoa poderia fabricar um aparelho de barbear com uma lâmina rígida, de um só gume. Em 1918, já havia no mercado nada menos de 340 marcas diversas de aparelhos de segurança, com lâminas de uso temporário.

Os anúncios desse tempo apelavam, na sua totalidade, para o mesmo princípio: «Barbeie-se a si próprio!» Um anunciante afirmava que «se todo o tempo, dinheiro, energia e esforço mental esperdiçados nas barbearias pudessem ser aplicados em dada direção, o Canal do Panamá poderia ter sido construido em quatro horas.» Pouco depois, um anúncio de página inteira trazia uma grande ilustração, em que se via George Washington rejeitando uma navalha comum para dar preferência a uma Gillette, e cujo texto dizia: «George Washington deu uma era de liberdade ao seu país; assim tambem a Gillette confere liberdade pessoal a todos os homens, pois os liberta do hábito escravizante de serem barbeados por outrem.»

Em 1905, Gillette abriu uma sucursal em Londres e no ano seguinte estava vendendo seu artigo na França, na Alemanha, na Áustria, na Itália, e na Escandinávia. Em pouco, a navalha de segurança se fizera um representante tão típico do comércio americano como os brinquedos mecânicos o eram da Alemanha. A 15 de fevereiro de 1913, Mark Cross lançou ao mercado, em Nova York, navalhas de segurança a 25 centavos cada uma, e gabou-se de ter vendido 98 mil unidades no primeiro dia. Em 1915, com a divisa «Shave and Save» (barbeie-se e economize), a Ever-Ready lançava uma campanha de vendas em colaboração com bancos de Chicago, Filadélfia, Detroit, Cleveland e seis outras grandes cidades dos Estados Unidos; a pessoa que comprasse uma Ever-Ready de um dolar podia, mediante a apresentação do recibo, abrir num desses bancos uma conta corrente do respectivo valor.

A despeito, porem, da publicidade, foi necessário o advento de uma guerra mundial para divulgar no mundo a navalha de segurança. Certo dia, em 1917, King Gillette chegou ao escritório da companhia com um de seus planos visionários: queria oferecer um aparelho a todos os soldados, marinheiros e fuzileiros navais das forças americanas. O plano agradou mesmo aos seus colegas de espírito prático, mas com pequena modificação: «que se vendessem as navalhas ao governo, deixando a este fazer o oferecimento.» Assim foi que o governo adquiriu logo 4.180.000 Gillettes e, tambem, enorme quantidade de Gems e Ever-Readys. Essa avalanche de navalhas, postas na mão de milhões de jovens que chegavam à idade de se barbear, criou nos Estados Unidos o hábito da navalha de segurança. Qualquer caricaturista que então tivesse de desenhar um gaiato a se barbear, pintava-o invariavelmente com uma navalha tipo Gillette. Sinclair Lewis iniciou o seu famoso romance *Babbitt*, mostrando-nos o herói «a escanhoar a cara rotunda com uma navalha de seguran-

ça». Naquele ano—1920—os dividendos da Gillette atingiram a bela soma de 3 milhões de dólares. A conquista estava agora tão generalizada, que nos vagões-dormitórios, nas estradas de ferro dos Estados Unidos, já havia, na parede dos lavatórios, uma fenda especial para as lâminas usadas.

Mas havia prenúncios de mau tempo no horizonte: a 15 de novembro de 1921, as patentes básicas da Gillette iam caducar, e daí por diante qualquer pessoa podia livremente fabricar e vender aparelhos e lâminas semelhantes. Já havia, mesmo, fabricantes prontos para inundar o mercado com imitações. Num armazem de Chicago, havia dezenas de milhares de lâminas feitas no Japão, que estavam aguardando o momento oportuno. No entanto, seis meses antes de prescrever o seu direito, Gillette fez frente a essa situação com a apresentação de novos modelos de sua navalha, inclusive um que se vendia por um dolar. Resultado: a companhia fez mais dinheiro no ano que se seguiu à caducidade da patente do que em qualquer dos anos anteriores.

A Gillette começou então a vender o aparelho como mero incentivo à venda das lâminas. Para fins de publicidade, a navalha de segurança era posta no mercado em associação com outros artigos. Assim, Wrigley, o fabricante de chicles, comprou, de uma feita, um milhão de aparelhos para premiar os consumidores da sua goma de mascar. Uma nova marca de creme de barbear distribuiu por seu turno 2 milhões de Gillettes, que, por outro lado, eram tambem oferecidos como estímulo à venda de café, chá, condimentos, canivetes e colarinhos. Certo fabricante de roupas punha um aparelho Gillette no bolso de cada macacão que vendia. A venda das lâminas atingiu 24 bilhões!

O retratinho de King Gillette, que se vê nos pacotes de lâminas, foi impresso mais vezes que o de qualquer outro homem de negócios de que reza a História: 96 bilhões. Os seus traços —bigode grosso, colarinho de ponta, alfinete de gravata e cabelo basto e negro partido ao centro—fizeram-se conhecidos em todo o mundo. Certa vez, há uns 25 anos, King Gillette chegava ao Egito, numa de suas viagens em redor do globo, e quando, montado num camelo, se preparava para uma visita às pirâmides, eis que se reuniu em torno um bando de curiosos, os quais apontavam para ele e raspavam o rosto com dedos indicadores dobrados em ângulo, para imitar uma navalha...

As falsificações da Gillette ainda hoje se fazem em vários paises. Alguns negociantes compram lâminas usadas, que são reafiadas e postas em pacotes falsificados. Estão sempre surgindo lâminas que são flagrantes imitações das Gillettes; e com nomes tais como Ginete e Agillette, em diversos pontos da América do Sul; e Gui-lle-tte e Billette, na Espanha. A Bolívia teve sua Gillotin, e no Brasil houve uma Guilittex.

Mas, perguntar-se-á: que fim teve Gillette?

Aí por 1918, mudou-se para a Califórnia, onde se dedicou à compra de imoveis; fez-se depois pomicultor, especializando-se em grandes plantações de tâmaras, tendo ainda publicado livros em que aconselhava que o mundo todo fosse governado por uma sociedade anônima... Antes de 1930, já ele havia vendido as 20 mil ações de sua companhia por um milhão e 650 mil dólares, abrindo mão do posto de presidente. Quando veio a falecer, em 1932, os seus bens, em situação precária, estavam reduzidos a cerca de um milhão de dólares. Hoje a família Gillette já não possui nem uma parte das ações da companhia, e a venda das navalhas não lhe traz mais proveito do que às pessoas que há bons 50 anos se riam da idéia estrambótica de um caixeiro viajante.

Vamos quebrar a cabeça!

Extraido do livro *Test Yourself*
Por William Bernard e Jules Leopold

Alguns psicólogos definem «inteligência» como adaptabilidade, ou seja a faculdade que a gente tem de se ajustar a certas circunstâncias específicas.

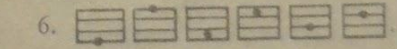
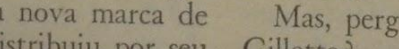
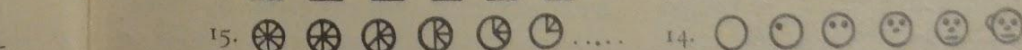
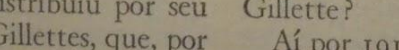
Ora, em muitos casos, adaptabilidade significa perceber a relação que uns fatos têm com outros. Todos sabemos, por experiência própria, que, quando o acaso nos depara uma situação inusitada, logo se nos apresentam certos problemas, e, quanto mais depressa conseguirmos relacionar entre si os seus elementos, tanto mais depressa poderemos solucionar tais problemas.

O elementos em cada uma das linhas deste teste representam uma sequência, isto é, há uma relação certa entre eles. Vejamos agora com que rapidez consegue o leitor descobrir essa relação dos termos e tornar-se senhor de cada enigma.

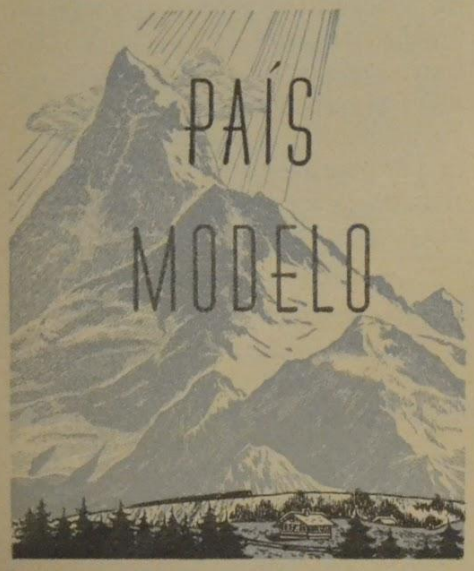
As soluções encontram-se na página 147.

Instruções: Os algarismos, letras e figuras das linhas abaixo seguem uma sequência interrompida. Procure pôr no espaço em branco o número ou figura que deve seguir-se. Por exemplo: 13, 11, 9, 7, 5 representam uma sequência, na qual o próximo número deve ser 3.

LIMITE DE TEMPO: 5 MINUTOS

1. 20, 17, 14, 11, ...
2. 16, 15, 13, 12, 10, 9, ...
3. H g F e D c .....
4. A A C B B D .....
5. 47, 38, 30, 23, 17, ...
6.  .....
7. a C B d F E g .....
8. .....
9. A Z Y B X W .....
10. * ** *** **** *** ** .....
11. 30, 15, 45, 15, 60, ...
12. A B D G K P. .....
13.  .....
14.  .....
15.  .....

Suiça, nação minúscula mas opulenta no meio de um continente empobrecido



(*Extraido de «The Atlantic Monthly»*)

Por Joseph Wechsberg
Músico, jornalista e romancista

SE ALGUM dia o leitor chegar pela manhã cedo à fronteira da Suiça, não deixe de experimentar a grata e viva sensação de tomar o seu primeiro dejejum num dos pequenos restaurantes das redondezas. Poderá saborear café forte e gostoso, —coisa que na Itália, seu vizinho do sul, é um acepipe estritamente de câmbio negro; pãezinhos brancos, frescos de casca quebradiça, que hoje não passam de saudosa recordação para o vizinho do oeste, a França, onde o pão tem agora o estranho e tríplice sabor de milho, de cimento e de... «já-é-tempo-de-mudarmos-de-governo»; ovos, manteiga, geléia e leite, — artigos que a maior parte das pessoas na Áustria e na Alemanha, respectivamente o terceiro e o quarto vizinho, ao ouvir mencioná-los, se põem a engulir em seco, perguntando que gosto é que isso tem.

Logo após haver-se cruzado a fronteira, recebe-se uma vivíssima impressão de opulência, alí no coração de um continente empobrecido. É como se, por obra de um mágico palco giratório, os escombros e as casas meio arruinadas da Europa central fossem de repente substituidos por pitorescos chalés, que mais parecem caixinhas de música ligeiramente ampliadas. Nem seria surpresa nenhuma, se a gente pudesse levantar o telhado de um desses chalés, e ouvisse tocar o «Danúbio Azul» (as composições musicais figuram entre as muitas coisas que a Suiça se vê obrigada a importar). Os campos plácidos são um tapete de jardins e hortas esmeradas, sendo a terra aproveitada até as mais ínfimas parcelas.

Nas soalhentas encostas dos Alpes do Valais cultivam-se cereais a uma altitude de 2.000 metros. A Suiça, porem, só pode abastecer três quintos de sua população, dependendo das importações para o resto dos víveres. Da sua área (41.300 km quadrados), somente três quartos são produtivos, e uma terça parte da terra aravel é reservada ao cultivo de pastagens para o gado. Isso se presta para tirar lindas fotografias, e dá ensejo a que todas as manhãs, e pelo entardecer, se ouçam tilintar os bucólicos chocalhos do gado, que vai para as pastagens ou delas regressa.

Mas foi tambem por isso—fato muito menos conhecido—que a Suiça, durante a guerra, teve que reduzir a ração individual de pão para 225 gramas por dia.

Os lençóis e travesseiros ficam toda a manhã amontoados ao sol nos parapeitos das janelas, para arejar; diz-se que esse ritual garante um bom sono durante a noite. Aliás, com certeza os suiços dormem quase todos bem, porque têm a consciência tranquila: pouquíssimas pessoas, na Suiça, são assassinadas, roubadas ou espancadas...

O analfabetismo é desconhecido, e todo o mundo lê à farta. Em proporção ao número de habitantes, a Suiça tem mais jornais que qualquer outro país; publicam-se alí, anualmente, 3 mil livros novos, o que não é pouco para uma população de 4.250.000 almas. (Proporcionalmente, os editores norte-americanos teriam que publicar 95 mil livros por ano, o que seria uma coisa horrivel.)

Apesar de haver poucos suiços realmente opulentos, todo o mundo anda mais ou menos bem vestido, e nem nos bairros mais pobres se vê gente com os saltos do calçado gastos pelo uso. Quase não há favelas nem mendigos.

Os visitantes procedentes dos paises de nivel de vida mais baixo afirmam às vezes que a Suiça enriqueceu durante as duas grandes guerras, fazendo negócios de vulto com os dois campos inimigos. A isso os suiços respondem que o preceito da neutralidade permanente que adotaram é fruto de uma «profunda convicção», e implica renúncia a qualquer espécie de «política de força». Essas convicções profundas, em todo caso, têm sido regiamente recompensadas. Quando, em 1943, o resto do mundo se empobrecia de hora para hora, o Banco Nacional da Suiça tinha reservas de ouro superiores a 4 bilhões de francos suiços, isto é, o suficiente para cobrir todas as cédulas em circulação.

Os hotéis suiços são ainda hoje os melhores do mundo, quer a gente se hospede num palácio como o Baur au Lac em Zurique, quer em alguma das pequenas estalagens mais modestas. Por 15 francos pode-se conseguir um bom quarto, limpo, com água quente e fria, e uma varanda de onde se avista o imponente panorama do Jungfrau ou do Matterhorn; essa diária inclui três substanciosas refeições—e os sapatos engraxados. Esse mesmo tratamento custará uns 80 francos se pagarmos por semana, e o serviço é em tudo comparavel ao de outras eras, que vai desaparecendo rapidamente. Há lugares que custam duas e até três vezes mais, porem são menos atraentes: hoje, as pessoas que gostam de jogar dinheiro pela janela fora não são sempre uma companhia agradavel...

Para o passageiro que chega exhausto e empoeirado dos trens escangalhados da Europa central, as ferrovias da Suiça são um motivo permanente de assombro. Noventa por cento da sua rede de 5.870 quilômetros de estradas de ferro estão eletrificados. Dentro de poucos anos, a locomotiva a vapor será na Suiça uma mera curiosidade histórica. Não há pó, nem cisco para cair

nos olhos do viajante. Só da estação central de Zurique partem diariamente 600 trens: todo o mundo parece andar em constante vaivem. Os trens têm três classes, mas ninguem viaja na primeira, exceto os altos funcionários da companhia (porque não pagam), e os turistas americanos (porque desconhecem os usos da terra).

Para telefonar a qualquer cidade da Suiça, basta discar um prefixo, e as chamadas são baratíssimas. À pessoa que lhe peça, a telefonista se presta a acordá-la todas as manhãs a hora certa —coisa que se pode tornar necessária para o forasteiro, pois os suiços têm o hábito, que eu reputo infeliz, de se levantar muito cedo. Às sete da manhã em ponto a população inteira está-se lavando e escovando os dentes. Os diretores dos bancos, os professores e os gerentes estão nos seus escritórios às oito. Em Paris ou Londres, a gente pode-se dar por feliz se encontra um desses cavalheiros de pé às 10 da manhã... Trabalho árduo e horários longos, eis talvez um dos poucos segredos que explicam como é que os suiços conseguiram levar o seu país a tão alto nivel de prosperidade.

Não é para vender

A REVISTA *Country Gentleman* publicou na sua seção «Correspondência do Campo», dirigida por Russell Lord, a seguinte carta da sra. Clark Amos, residente em Canby, na Califórnia:

Muita gente não compreende por que não vendemos nosso sítio, agora que os preços estão altos. Temos andado muito por Seca e Meca, de cidade em cidade, de emprego em emprego. Os salários eram bons, mas ganhamos mais inquietude do que paz.

Temos três filhos, entre 7 e 11 anos, e queremos que eles se radiquem na terra. Queremos vê-los fortes como a potranca musculosa que abre caminho pelos atalhos pedregosos da montanha. Queremos que eles saibam onde se encontram as flores silvestres e disponham de espaço e terreno para as suas criações. Queremos que conheçam a paz de quem se deita à sombra de um velho olmo, acariciado pelas brisas da tarde, e que experimentam o delicioso sabor do milho verde colhido e assado por eles mesmos, e comam melancias recem-colhidas.

Queremos que parem e aspirem o ar fresco do regato ensombrado de choupos e que saibam distinguir entre o grito do picanço e o da cotovia—e o dos perús quando, assanhados, perseguem gafanhotos nas moitas de girassóis e artemísia dos campos. Queremos que cantem, assobiem ou gritem, sem medo de incomodar ninguem—e ao escurecer possam contemplar o vale verde e fertil e ter a certeza de que velhos amigos e vizinhos sinceros vivem alí, onde brilham as luzes nas casas... Não, não está a venda; vamos morar lá, no nosso sítio, na colina.

Vivamos mais intensamente

I. A. R. Wylie

SE os desbravadores da terra norte-americana pudessem hoje visitar o teatro das suas remotas aventuras, ficariam de boca aberta diante dos apetrechos e utensílios materiais que temos inventado. Mas, creio, maior seria ainda a sua surpresa diante de nós mesmos. Por que razão, dispondo de todos os instrumentos, incriveis aos olhos deles, para a conquista do bem-estar e da segurança, nos mostramos tão óbvia e desesperadamente vazios de confiança na vida e em nós próprios? Que sucedeu ao homem, perguntariam eles com espanto, desde que embarcou em frageis cascas de noz para sair em busca de ignotos continentes, por mares bravios e desertos? Que é feito daquela alegria de antanho, com que ele experimentava a força do seu braço contra os poderes da adversidade?

A coragem de nossos antepassados tinha sua origem numa aceitação equânime do êxito e do fracasso, das atribulações e das venturas, como se elas constituissem a ordem natural das coisas, à qual o homem se devesse conformar, contando apenas com Deus e com sua própria firmeza interior. Para eles a vida era somente um terreno de provas. O que realmente lhes importava, não era o número nem a próspera fortuna de seus dias—mas sim a maneira como suportavam essa prova e mostravam a fibra de que eram feitos. Não me consta que cristão algum se haja suicidado antes do século XVIII. Nesses tempos, os homens dignos do nome não recuavam diante do infortúnio.

Muito ao contrário, nós temos sido criados na tradição (se não na realidade) do contentamento e da segurança, que consideramos um direito natural; quando enfrentamos um perigo ou um desastre, só temos dois recursos: ou ocultamos nossa falência sob alguma neurose, ou, se fazemos face ao inimigo, embora com bravura, é também com um sentimento de choque e surpresa, como se nos houvera sido infligida uma injúria totalmente inesperada e injustificada. Por ocasião da grande crise de 1929 e anos seguintes, homens houve que, nada mais tendo perdido do que o dinheiro, se atiraram das janelas dos seus escritórios.

DESDE que, aos 20 anos, vendeu sua primeira obra de ficção, Miss Wylie tem tido uma notavel carreira literária. As mais importantes revistas americanas e inglesas têm estampado regularmente centenas dos seus contos, folhetins e ensaios de grande brilho e penetração. É autora de dezoito livros e meia dúzia de argumentos para filmes. Miss Wylie nasceu na Austrália, educou-se na Europa, e percorreu grande parte do mundo antes de fixar-se na sua fazenda, em Nova Jersey.

Mas a segurança é e sempre foi uma ilusão! A vida, como nossos antepassados souberam compreender com alegre energia, é uma grande aventura, ou então um simples processo de vegetação e decadência. Segundo as palavras de uma pessoa minha amiga, «vim a este mundo para solucionar problemas. Se eu não os tivesse só poderia concluir que não me consideraram capaz de resolvê-los.»

Afortunadamente para nós, porem, a era em que vivemos ainda nos oferece problemas sem fim e pavores mortais de uma realidade incontestavel. Seremos capazes de recuperar essa jovialidade na aventura, essa aceitação cordial do preço da fortuna, que dava aos nossos antepassados a coragem não só de suportar a adversidade, mas de suportá-la com brio e galhardia? Que somos capazes de aprender da vida, que possa suster-nos através de novas vicissitudes, e da aventura tenebrosa que nos espera?

Ameaça ainda maior talvez do que a bomba atômica é, de um lado, o sentimento de que as coisas materiais poderão aplacar nossa inquietude e nossa melancolia; e, do outro, o medo de viver, e a consequente fuga às responsabilidades, a crença de que a impotência do indivíduo para enfrentar este universo ilimitado e ameaçador pode encontrar refúgio e alívio nas organizações de massa.

Nunca hei-de esquecer aquele rapaz nazista que, pouco antes da guerra, me dizia: «Nós, alemães, somos felizes. Estamos livres da liberdade.» Ele queria somente dizer que não era mais obrigado a tomar suas próprias decisões, nem sequer a pensar seus próprios pensamentos. Estou certa de que esse jovem terá pago há muito, e a bom preço, essa trágica ilusão.

Tambem recordo o jovem comunista que me serviu de guia na Rússia, e que me disse com orgulho: «Pouco importa o que sofremos hoje. Dia virá em que cada russo terá um automovel na garage, um rádio na sala, e na despensa toda a comida que quiser. Não terá então que trabalhar mais de duas horas por semana para conseguir tudo isso. Todos os nossos problemas estarão resolvidos.» Nem valia a pena dizer-lhe que eu própria tinha um carro e um rádio, não me faltava o que comer—e que, apesar disso, meu problema não estava resolvido; ou que as horas em que eu trabalho são as melhores e mais felizes de minha vida. Não me teria compreendido nem acreditado.

O indivíduo, ainda quando seja um fascista ou um comunista, terá que haver-se, em última análise, sozinho consigo próprio, com suas relações pessoais, seu próprio sofrimento e morte. Nenhum «ismo» pode viver por nós a nossa vida. Ao contrário, devemos aceitar a vida como ela é na realidade —um repto às qualidades intrínsecas sem as quais nunca chegaríamos a saber de que estofo somos feitos, nem poderíamos crescer plenamente.

Meu maior apoio na vida é a lembrança dos tempos de perigo ou de dificuldades em que soube conduzir-me com a energia de um homem. Uma das mais persistentes, entre essas

memórias, gravou-se em mim em condições aliás de pouca monta. Acompanhada da minha cachorrinha Susie, passeava à margem de um canal profundo e congelado. De repente, lançando-se talvez na perseguição de algum bicho imaginário, Susie disparou através do canal e, quando alcançou aproximadamente o meio, o gelo rompeu-se. Vendo que ela estava prestes a afogar-se, compreendí que não tinha outro remédio: mergulhei até a cintura, os ombros, o pescoço; finalmente, em um mergulho arriscado, quebrei o gelo que me separava da cachorrinha espavorida, e reconduzí-a com dificuldade até à margem. Embora tivesse que fazer depois disso uma caminhada de três quilômetros, e um percurso de automovel de oito quilômetros para chegar a casa, e minhas roupas estivessem geladas, não tive consciência do frio, e não me resfriei. Sentia-me leve como uma pluma, e mais feliz do que nunca. Tãopouco esquecí o ensinamento que esse incidente me legou: a certeza de que sou capaz de arriscar minha vida e estou disposta a isso; a certeza de que, afinal de contas, não me apavora muito a morte, nem qualquer outra coisa. Passei a sentir-me segura e confiante de que podia enfrentar qualquer situação análoga. Por outro lado, sei que, se tivesse deixado afogar-se a cadelinha, nunca mais eu teria tido tranquilidade.

Reconheço que essa sede de estabilidade e segurança é inerente à nossa natureza; e confesso que, embora pareça estar ditando a lei sobre este assunto, eu própria sou, muitas vezes, vítima das ilusões que deploro. Dou às vezes comigo contando e recontando minhas posses materiais; às minhas economias, à minha situação profissional, aos anos que ainda espero viver, adiciono o número de meus amigos... De repente, com um choque salutar, recordo que meu banco pode falir; minhas economias, magras como já são, podem desfazer-se em fumo; meus amigos podem morrer. Fico sentada em frente desse quadro sombrio, suando de medo. Mas, a dada altura, consigo apelar para as forças da minha alma: fecho de golpe meu livro de cheques; aceito as vicissitudes da amizade e a incerteza de meus dias. Em uma palavra, aceito a vida. («Mas, meu Deus, é o melhor que a senhora tem a fazer!» assim consta que Carlyle redarguiu a certa dama que fizera um comentário muito semelhante ao meu.) Depois disso, com que posso contar? A resposta é bem simples: *comigo mesma*.

Essa resposta pode não parecer muito satisfatória. Mas, ao raciocinar desse modo, não me estou referindo ao «eu» ostensivo, mas a um outro «eu» que achei dentro de mim em um momento de extrema necessidade, secreta cidadela tão profundamente oculta na selva do ramerrão cotidiano, que seu caminho fica muitas vezes obstruido ou esquecido, e perdemos a chave da porta. No entanto, é lá que se encontra o «lugar seguro». Já antes me refugiei alí; serei capaz de achar mais uma vez o caminho. Então por que havia de me assustar? De súbito, com

o coração ligeiro, sei que não estou assustada...

Não sou fanaticamente religiosa; mas tenho fé em Deus. Como Malvólio, «considero nobre a alma humana.» Creio nela, porque já tenho experimentado sua realidade. Por vezes, quando as coisas me correm mal, tenho dado comigo correndo em círculos, como uma lebre perseguida de perto pelos caçadores e a matilha. Então, quase no extremo da agonia, costumo lembrar-me desse outro *eu* que está dentro de mim, e que nem tem medo nem se sente indefeso. A parte de mim que se assusta e sente perseguida, refugia-se nesse íntimo «lugar seguro», e bate a porta com violência na cara dos perseguidores. Bem que o inimigo se esforça por derrubar as muralhas: a «mim» é que ele não chega! Com essa certeza vem sempre sobre mim uma grande paz e um sentimento de reintegração; volto a sentir-me capaz de sair e fazer face ao inimigo—percebendo muitas vezes que não se tratava realmente de um inimigo.

Outro dia falava eu com alguns amigos sobre os tempos dificeis e perigosos que atravessamos hoje, do ponto de vista do Bem-Viver. Todos tínhamos passado, ao que parece, pela mesma experiência: todos sabíamos daquele «lugar seguro» que dentro de nós existe—mas, de começo, não estávamos certos do caminho que lá nos levaria. Depois de longo debate, chegamos finalmente a uma conclusão simples e chã: só quem se encontra na terra firme da integridade moral é capaz de chegar a essa fortaleza interior. O caminho da cidadela está automaticamente vedado ao burlão, ao mentiroso, ao tirano, ao egoista. Fecha-se a nós todas as vezes que nos desviamos do código absoluto da honra e da decência. Todo ato intolerante, deshonesto ou pouco generoso representa uma traição a nós próprios e em favor do inimigo. Podemos por vezes mostrar-nos prósperos e fortes; assumir até a atitude de temeridade e arrogância que é própria dos bandidos: mas, no íntimo, seremos sempre as mesmas pessoas pequeninas, vulneraveis e apavoradas.

Encontrava-me na Inglaterra pouco depois do Pacto de Munique, de negra memória, quando o país se esquivou às suas obrigações morais, preferindo o caminho da segurança material ao da integridade espiritual; nunca o povo inglês se sentira tão infeliz, confuso e desintegrado. Tornei a ver a Inglaterra após a retirada de Dunquerque: a nação se erguera para responder ao desafio. Tendo ainda liberdade de optar pela segurança, os ingleses tinham preferido aceitar a ruina quase certa de suas vidas individuais, e a ruina total e final do seu país. Nunca me encontrei entre gente tão serena, tão orgulhosa e jovialmente confiante. Tinham-se entrincheirado para resistir na cidadela interior, e estavam enfim salvos.

Todos os homens e mulheres de boa vontade têm dentro de si essa fortaleza. Encontrá-la depende do esforço de cada um—o mais urgente e o mais significativo dos esforços de toda a nossa vida. Uma vez que saibamos repudiar a salvaguarda dos bens materiais—que não são salvaguarda—podemos aceitá-los com gratidão pelo consolo real que nos trazem quando os partilhamos com os nossos semelhantes, como é dever entre romeiros da mesma fé. Podemos então sair da nossa cidadela inexpugnavel, marchando de bandeiras desfraldadas, prontos a correr todos os riscos, a aproveitar com energia todos os ensejos, a enfrentar todas as transformações com espírito de voluntária adaptabilidade. Muitas vezes nos sentiremos feridos: ninguem pode escapar à dor, à tristeza e às decepções. Mas, como a própria morte, tudo isso terá perdido o poder de nos atingir. Nossas cabeças poderão ficar ensanguentadas dos golpes: mas não se deixarão curvar. Seremos enfim, no sentido mais real da palavra, livres e seguros.

Sal e Pimenta

PERGUNTARAM a um general graduado se ele conhecia pessoalmente o General MacArthur. «Ora, se o conheço!» exclamou o oficial. «Ele me ensinou arte dramática durante quatro anos!»

—Bennett Cerf, em *The Saturday Review of Literature*

RUSSELL MALONEY, humorista e escritor ferino, conta-nos a seguinte sobre si próprio. No dia em que assinou o seu primeiro contrato para ser «televisionado», entrou em casa, brandindo o documento, e disse à esposa:

—Isto significa que de hoje em diante serei visto em todos os bares e restaurantes de Nova York!

Tranquilamente, a devotada esposa comentou:

—Você pensa que foi invisivel até hoje?

—Louis Sobol, King Features

A RIVALIDADE «polida» entre as atrizes Lynn Fontanne e Tallulah Bankhead começou numa festa, quando Miss Bankhead disse à sua rival:

—Que sorte tem você, querida, de ser casada com Alfred Lunt! O ator perfeito que ele é, tão bom diretor, com tamanho conhecimento do teatro! Onde estaria você, se não fosse ele?

—Provavelmente, replicou Miss Fontanne, —estaria interpretando os teus papéis!

—Walter Winchell

Férias escolares remuneradas

VENDENDO SOSSEGO

Nan McAlester, segundo-anista de ginásio e dona de uma bicicleta, organizou um serviço original para a gente das cidades em período de férias no campo. A um dolar e meio por semana, ou 5 dólares por mês, encarrega-se de inspecionar as casas dos ausentes, mandando-lhes relatórios semanais ou mesmo mais frequentes, em casos especiais.

Antes de partir, os «clientes» de Nan indicam-lhe o lugar de cada coisa na casa e na garage. Alguns confiam-lhe as chaves e dois chegaram a pagar-lhe uma quantia adicional, afim de que desse comida aos gatos. Em suas inspeções diárias, Nan cuidava de telas soltas, portas de garage a baterem com o vento, passeios enlameados; e providenciava quanto às garrafas de leite e à correspondência, que continuavam a ser entregues por falta de instruções a respeito. Pôde assim tratar, na ausencia dos donos, do conserto de várias coisas danificadas: vidraças, uma cerca derrubada por um carro e uma garage chamuscada por um incêndio, enviando ao dono fotografias da avaria, e telefonando ao agente de seguros. Descobriu um roubo poucas horas depois da ocorrência, o que a habilitou a chamar a polícia em tempo de resolver o caso e lhe deu oportunidade de escrever uma reportagem para o jornal local.

Trabalhando cerca de três horas por dia, Nan teve um lucro líquido de 250 dólares durante um só verão. Ainda mais: conquistou largo círculo de relações e pôs-se a par da escassez de alojamentos, podendo assim trabalhar como corretora de imoveis por amadorismo, sem cobrar comissão; e assim pôde conseguir casas e apartamentos para quinze famílias que lhe ficaram gratíssimas.

—B.H.S.

FAZENDO ABAJURES ARTÍSTICOS

Na cidade onde moro, uma menina iniciou sua carreira de decoradora, comprando um estoque de abajures comuns, que transforma em outros artísticos. Para filatelistas, usa decorações feitas com selos vindos de todos os pontos do mundo, envernizando-as com laca. Para os jardineiros-amadores, faz aplicações de flores e folhas secas e comprimidas. Para os quartos de brinquedos, fez um abajur interessante, coberto de caricaturas; e para escritórios, usou rótulos de hotéis e companhias de navegação. Para apreciadores de música, dobrou folhas de música em forma de sanfona, cobrindo-as com laca. Vendendo os abajures a um preço de cinco dólares cada um, a menina ganhou 150 dólares num verão.

A.O.

CONSULTOR DE ILUMINAÇÃO

Um ginasiano, morador no meu bairro, passou um verão lucrativo como «consultor de luz». Munindo-se de um fotômetro portatil e de circulares da companhia de força e luz, ia de casa em casa oferecendo-se para mostrar a cada residente a quantidade de luz necessária para ler, coser ou escrever, sem forçar os olhos. Sempre que a luz era insuficiente, como em geral é o caso, vendia lâmpadas adicionais. A seu estoque de lâmpadas juntou vários tipos de placas para melhorar a aparência dos interruptores de luz. Muitos habitantes dos bairros mais velhos da cidade, que o menino percorreu, prontamente concordavam em substituir seus antiquados interruptores de cordel pelos últimos modelos de comutadores elétricos. Comprando de atacadistas e revendendo aos preços habituais no varejo, o menino ganhou aproximadamente 25 dólares por semana.

N.E.M.

Xochimilco

(Continuação da p. 1)

chamado Ahuilazco, guiados por seu caudilho Huetzalín, que morreu ao entrar na cidade sagrada de Tollán. Parece que esses xochimilcas foram os primeiros a ocupar a linda região dos lagos, mas antes de se estabelecerem nela definitivamente para fundar sua comunidade estavel, tiveram guerras encarniçadas para defender sua possessão. Aztecas e *acolhuas* belicosos, com os quais viviam em contenda, sempre os derrotavam, afastando-os para longe da paragem onde se haviam fixado, até que, por fim, os deixaram no precioso lugar em que os espanhóis foram encontrá-los, pois não eram homens aguerridos, e, sim, gente suave, sossegada e de paz, que se consagrava apenas, com amorosa dedicação, à cultura de seus magníficos jardins.

Agora Xochimilco—chamada, por alguns, a Veneza mexicana—é um local pitoresco, ameno e florido, com suas ferteis *chinampas* e seus canais, uns silenciosos e remotos, de águas muito claras, outros cheios de grande bulício, pelos quais vão e vêm uma multidão de canoas sempre coroadas de flores, e outras de pequenez inverossimil, nas quais apenas cabe uma índia, reluzente de limpeza, a vender suculentos acepipes mexicanos; vê-se tambem grande número de chalupas, floridas com curioso primor, nas quais navegam músicos a tocar violão e gente alegre a cantar. Não há na América nada que se possa comparar com este primoroso «jardim de flores».

Notas biográficas da mais valente inimiga do alcoolismo

Uma reformadora de armas na mão

(*Condensado de «Cosmopolitan»*)

Alan Hynd

EM CERTA manhã de agosto de 1901, uma austera e corpulenta mulher de 55 anos, que usava uma espécie de barrete do tempo dos puritanos e um vestido negro de alpaca, penetrou beligerantemente na portaria do Hotel Victória, em Nova York, e fez no livro de registro esta curiosa inscrição:

Sra. Carry Nation
Defensora dos Vossos Lares Queridos
Procedente de Medicine Lodge, Kansas

Em seguida, através dos óculos de aros de aço, lançou o olhar para uma desnuda escultura de Diana que havia no saguão, e foi logo bradando: «Que é que essa nua descarada está fazendo aí?» E acrescentou: «Vistam essa mulher, já, antes que eu a faça em pedaços!» Abrindo uma bolsa de couro que trazia, tirou dela, ameaçadoramente, uma machadinha, assumindo aí a atitude de quem faz o que promete.

Não tardou que se estendesse uma tarlatana sobre a clássica Diana...

Foi assim que Carry Nation, a mais espetacular reformadora dessa época, especialista no uso da machadinha, entrou em Nova York, cidade que ela classificava como a mais pecadora desde os tempos de Sodoma e Gomorra. Depois de haver biblicamente «sacudido o pó das sandálias» que trouxera da pecaminosa Filadélfia, onde estivera presa por perturbar a paz local, Carry resolveu dar uma entrevista coletiva à imprensa metropolitana.

«John L. Sullivan disse algo contra a senhora,» informou um dos repórteres presentes, «e eu gostaria de ouvir seus comentários.»

A agigantada e ossuda «reformista» de Medicine Lodge ficou de faces arroxeadas ao ouvir falar no ex-campeão mundial de boxe, que a esse tempo era proprietário de uma grande taverna na cidade.—Que é que aquele bêbado do inferno disse de mim? perguntou, em tom enraivecido.

—Disse que se a senhora pusesse os pés no Bar Sullivan, ele a atiraria à sargeta a ponta-pés.

Carry abriu a bolsa e, empunhando a machadinha, bradou:—Vamos lá! Eu vou arrebentar o botequim de Mr. Sullivan!

O gigantesco ex-lutador estava sentado à calçada do estabelecimento, com um grupo de amigos, quando notou Carry que se aproximava, brandindo a machadinha no ar como um espadachim ostentaria a espada. Pois bem, o grande Sullivan, rápido como uma lebre, correu para dentro, de sorte que, quando a reformista chegou, já as portas estavam aferrolhadas.

Dando murros à porta Carry bradou: «Abra este laboratório de bêbados, seu cachaceiro covarde!» A um segundo brado, um caixeiro entreabriu timidamente um lado da porta, explicando que o patrão, Mr. Sullivan, estava dormindo...

«Dormindo nada!» berrou Carry à turba que se reunira. «Ele está é com medo de mim!» acrescentou vitoriosa.

Essa foi realmente a única luta de que o campeão Sullivan desertou.

Dias depois, Carry tomou uma barca de excursionistas para o parque de diversões de Coney Island, onde ia fazer uma conferência. Aconteceu, porem, que vendiam cerveja a bordo, e a reformista, que tinha mais de 1 m 80 de estatura e era forte como um touro, saiu pelo convés da barca a derribar os franzinos criados que passavam por alí carregando bandejas de copos de cerveja.

No decorrer da tal conferência, ela atacou o uso de bebidas alcoólicas, o fumo, a falta de decoro nas vestes femininas, e o pecado em geral... «Você está é louca!» gritou-lhe um dos ouvintes. «Estou louca, hem?» fez Carry fuzilando os olhos de raiva. E, sem mais aquela, saltou da plataforma, de machadinha em punho, em busca do gaiato, que, depois de muito correr, com a mulher atrás, embarafustou por dentro de uma charutaria, fechando a porta. Certificando-se de que o estabelecimento pertencia ao aparteante, Carry não teve dúvidas: vibrou a machadinha, e em pouco havia reduzido a loja a pandarecos!

Isso tambem já era demais, e Carry foi prontamente metida no «tinturreiro». Um corpulento policial teve que redobrar de esforço para subjugá-la e metê-la no carro. Carry, mais explosiva do que nunca, gritou: «Olhem para a cara deste pulha—vermelha como uma beterraba! Mas tenho um consolo, seu bêbado de uma figa: *é que você não há-de durar muito!*» Coisa curiosa: daí a um mês e pouco, o polícia era fulminado por um ataque apoplético!

Carry Nation tinha recebido na pia batismal o nome de Carry Amelia Moore. Nascera em 1846, numa granja agreste do Estado de Kentucky. O pai era essa *avis rara*: um irlandês que não tocava em bebida... A mãe, mentalmente avariada, acabou os dias num hospício. Quando Carry contava 19 anos e residia em Belton, Estado de Missouri, tornou-se noiva de um jovem e simpático médico, o dr. Charles Gloyd.

Cedo, porem, veio à tona a trágica verdade: o dr. Gloyd era vítima do

alcoolismo. Em vista disso, o pai de Carry opôs-se terminantemente ao casamento. Mas a filha insistia em que o seu grande amor pelo médico o salvaria da bebida, e por fim casaram-se.

Durante os primeiros tempos, o dr. Gloyd tornou-se abstêmio. Mas, logo depois, Carry começou a descobrir garrafas de uisque escondidas em diversas partes da casa. Verificando que se achava grávida, redobrou de esforços por manter-se em paz com o marido, chegando a ir buscá-lo todos os dias ao consultório e trazê-lo para casa. Mas o homem achou logo meios de ficar-se dias inteiros metido no seu clube, dominado pela bebida.

O dr. Gloyd veio a falecer logo após o nascimento do bebê, que foi uma menina. Carry, depois da viuvez, ficou durante alguns anos a morar com a sogra, e ganhava a vida ensinando numa escola. Um dia, com sua fé inabalavel na eficácia das orações, fez uma fervorosa prece, rogando a Deus que lhe mandasse um marido. Aconteceu que, uns dez dias depois disso, indo ela pela rua, lhe apareceu um cavalheiro alto, empertigado, de seus 50 anos, de barba ponteaguda e chapéu de copa alta. «Ao vê-lo, sentí uma pancada no coração,» Carry explicou depois.

O desconhecido fez-lhe uma cortesia. «Meu nome é David Nation», disse ele. «Sou advogado e pastor de uma igreja protestante. Se lhe conviesse, gostaria de me corresponder com a senhora...»

Mês e meio depois, a professora Carry passava a ser a Sra. Nation.

Em 1881, o casal Nation mudou-se para Richmond, no Texas, onde Carry, com as economias que tinha feito, comprou um pequeno hotel. O negócio lhe teria dado algum proveito, se ela não tivesse estritamente proibido em casa o uso do fumo e das bebidas alcoólicas.

Não obstante sua excentricidade, Carry era benquista em Richmond. Nenhum viandante passava fome no seu hotel, por não ter com que pagar. «Coma, e pague depois,» dizia a hoteleira. «Pague a Deus!»

Por volta de 1890, o casal transferiu-se para Medicine Lodge, no Kansas, Estado com que Carry simpatizava porque aí o uso de bebidas alcoólicas era proibido por lei. Quando o marido lhe explicou que essa lei não valia muito, «pois quem queria beber sempre achava onde comprar bebidas,» Carry soltou o seu brado de guerra ao alcoolismo. Apelou primeiro para as autoridades, afim de que fechassem todos os bares e botequins; aquelas, porem, fizeram de conta que não entendiam...

A reformista decidiu avocar a si a solução do problema. Passava de oito a dez horas por dia à porta do botequim de um tal Henry Durst; aí, de joelhos em terra, emocionada, rogava a Deus que destruisse o estabelecimento com um raio. Não veio fogo do céu, mas uma ventania quase levou a casa de Durst pelos ares. «É que Deus não ouviu bem o meu pedido,» Cary explicava...

Mas a sua campanha afetou o negócio de Durst, pois os fregueses achavam um tanto embaraçoso entrar no bar com aquela mulher alí, ajoelhada, de dedo acusador apontando para os que se aproximavam da porta. Por fim, Durst teve que se mudar para outra localidade...

Depois dessa vitória, Carry levou sua campanha até Kiowa, cidadezinha de maus bofes, no Estado de Oklahoma. Um dia, entrou num botequim da rua principal, e, agarrando as bolas de bilhar com que jogavam, começou a bombardear com elas as garrafas de bebida na prateleira. A primeira bola acertou na cabeça do caixeiro, deixando-o por terra sem sentidos. Quando Carry acabou de descarregar todas as «granadas», o bar estava escangalhado.

Tendo destroçado nesse dia mais dois botequins em Kiowa, Carry regressou a Medicine Lodge bem satisfeita com os resultados obtidos, pois descobrira que podia atacar essas casas sem nenhuma reação dos donos.

Vivia agora com mil planos de batalha, pois o país estava cheio de botequins que precisavam ser destruidos. O marido ressentia-se desse vandalismo da esposa, com quem agora mal trocava algumas palavras. Um dia, por mera ironia, David sugeriu que ela bem poderia atacar os botequins a machadinha. Carry aceitou logo a idéia, exclamando: «Aí está, foi a coisa mais acertada que já disseste desde que nos casamos!» E a machadinha entrou em cena...

Com sua arma ao ombro, invadiu como uma possessa várias localidades do Kansas. Tendo desenvolvido verdadeiro faro para descobrir «as fábricas de bêbados», ela as atacava de surpresa e logo desaparecia. Em 1901, quando Carry já era famosa, James E. Furlong, que dirigia em Nova York uma agência para contratar conferencistas, resolveu trazê-la para atuar na gigantesca metrópole.

Quando Carry chegava a uma cidade que não lhe dava grande importância, tinha por costume, para atrair atenção, quebrar algum botequim ou então sair pela rua a atirar água à cara dos cidadãos que passavam fumando. Fora presa tantas vezes, que para ela a cadeia se tornara a coisa mais natural do mundo. Mais tarde, os donos de botequins começaram a transformar os ataques de Carry em objeto de propaganda. Os danos sofridos pelos proprietários eram mais do que compensados pelo aumento do número dos fregueses, que vinham ver os estragos e beber...

Mas Carry Nation aplicava suas atividades a outros setores. Fundou em Kansas City, a expensas suas, uma casa para mulheres abandonadas por maridos ébrios, e mantinha em Medicine Lodge várias famílias deixadas sem arrimo. Chegou a redatar e publicar um periódico «do contra» intitulado *The Hatchet* (A Machadinha) e, embora recebesse generosos honorários pelas conferências que dava, estava sempre sem um vintem...

Em 1907, na idade de 61 anos, Carry mudou-se para Washington, afim de defender na capital do país a causa da proibição do álcool. Mas, a esse tempo, ela já entrava em declínio—

perdia o seu «toque mágico». Em Elizabethtown (Kentucky) a famosa reformista encontrou o seu Waterloo, pois aí, pela primeira vez em sua longa e belicosa carreira, achou um botequineiro que lhe quebrou uma cadeira na cabeça! Depois disso, desfeito o «encanto», riram-se dela na Carolina do Norte, quando sozinha se meteu a atacar os armazens de duas grandes fábricas de cigarros da localidade.

Quase da noite para o dia, Carry Nation passou da mulher vigorosa que era no apogeu da vida, para uma velhinha debilitada, fraca de corpo e espírito. David morrera logo após divorciar-se dela. Carry construiu então uma casa modesta nas montanhas de Ozarks, no norte do Arcansas, onde veio a falecer em junho de 1911, convencida de que não estaria longe de ser aprovada uma lei proibindo o álcool em todo o país. No último momento, recobrando um pouco as forças, disse ao médico que a assistia: «Eu fiz o que pude...»

Respostas espontâneas

UM PROFESSOR de Química perguntou aos alunos qual era, na opinião deles, a mais notavel contribuição da Química ao mundo. Uma voz respondeu, sem hesitar: «As louras».

—Chub De Wolfe, no *Blade*, de Toledo

O SECRETÁRIO da Universidade, ao folhear os questionários preenchidos pelos estudantes, observava as respostas ao item: «Qual a Igreja de sua escolha?» A maioria respondeu: católica, batista, metodista, presbiteriana, etc. Uma das respostas, porem, fê-lo arregalar os olhos. Era de um doutorando em Arquitetura, cuja Igreja preferida era... «gótica».

—Colaboração de John Newton Baker

EU TENTAVA explicar à minha classe o erro que os pais em geral cometem ao se dedicarem inteiramente aos filhos deixando, por completo, de desenvolverem as suas próprias faculdades. Terminei a minha exposição com estas palavras: «Depois que os filhos crescem, casam-se e vão embora, que deixam eles aos pais que não criaram ou desenvolveram outros interesses e passatempos?»

«Netos,» respondeu logo alguem, do fundo da sala.

—Colaboração de Delma E. Harding

A FREGUESA examinava, numa loja, artigos para bebês. Uma caixeira, para iniciar conversa que facilitasse a compra, perguntou: «A senhora está esperando?»

«Esperando só, não,» foi a resposta. «Tenho certeza!»

—Colaboração de Carl W. Houser

BORRASCA

Condensação do romance «In Hazard», de

RICHARD HUGHES

Autor de «A High Wind in Jamaica»

COMO É QUE um navio de sólida estrutura enfrenta e desafia a mais violenta das forças da natureza—o ciclone? Como é que, reduzida à derradeira extremidade, a tripulação consegue encontrar coragem e tenacidade para suportar tantos perigos e trabalhos, sem perecer?

Em plena tormenta do mar das Antilhas, no seu navio indefeso e espancado pelos elementos, oficiais e tripulantes do *Archimedes*, desde os grumetes ao bravo e indulgente capitão, todos ficam sabendo o que em suas almas sobrevive àquela prova suprema.

«Se o leitor gosta de comoventes situações, trespassadas por clarões de beleza, aquí tem o que procura!»
—Ralph Bates, em *The New Republic*

Copyright 1938, *Harper & Brothers, Nova York, E.U.A.*
Gravura em madeira de B. Brussel-Smith, Holiday

BORRASCA

O *Archimedes* era um pequeno vapor a turbina, de uma só hélice, que deslocava nove mil e poucas toneladas. Cargueiro, já se vê, e nada mais. Os donos, uma das firmas mais conhecidas de Bristol, na Inglaterra, possuiam uma vasta frota; mas queriam a cada um dos seus navios como se fossem filhos, e sabiam tirar deles o máximo partido possivel. Todos os barcos eram construidos de acordo com o traçado dos próprios donos, e mantidos em excelentes condições de trabalho. Nenhum deles estava, porem, no seguro: se havia danos ou prejuizos, a idéia dos armadores era que as perdas são um fruto tão natural dos negócios, quanto os lucros... Assim se explica que, por parte de cada homem a serviço da companhia, do presidente para baixo (não excluindo mesmo o gato do navio), fosse tão resoluto, quase fanático, o ânimo de evitar todo e qualquer risco.

Nessas condições, todos os cuidados eram poucos. Vejam-se por exemplo os calabres da chaminé do *Archimedes*: tão fortes, que seriam capazes de aguentar uma tensão de cem toneladas! Nunca se exerceria semelhante tensão nesses cabos: uma ventania de 120 quilômetros à hora poderia arrancar em tiras e farrapos todos os panos de um veleiro; entretanto, nem mesmo um furacão dessa força conseguiria, no sábio entender dos engenheiros navais, aplicar à chaminé do *Archimedes* uma pressão superior a dez ou quinze toneladas.

Mr. MacDonald, o maquinista-chefe, era como um rei na sua casa das máquinas, nas caldeiras e outros lugares adjacentes.

A casa das máquinas de um vapor não tem nada que se lhe assemelhe na arquitetura terrestre: é um espaço duma altura imensa, que vai desde o fundo do navio até, mais ou menos, o nivel da amurada. Enorme! Mas, ao contrário do que sucede com a maior parte dos grandes espaços arquitetônicos, para se entrar alí só há uma porta, pequena e situada no alto.

Essa vazia imensidade está engenhosamente ocupada por máquinas arrumadas com o mais escrupuloso cuidado: turbinas de alta e de baixa pressão, engrenagens de redução, condensadores, bombas, etc. Mas o visitante, é claro, nada pode ver da natureza e funções dessas máquinas, pois cada uma delas trabalha rigorosamente «abotoada» dentro de uma caixa de ferro, com centenas de pesados parafusos de porcas a fazerem de botões.

Grandes canos de vários diâmetros, alguns deles frios, de reluzente cobre orvalhado, outros envoltos em espessas capas brancas para conservar-lhes o calor interno, ligam as máquinas umas às outras.

A casa das caldeiras, onde de ordinário se entra pela base, transpondo uma porta baixa que comunica com o fundo da casa das máquinas, é um lugar de aparência muito diferente. Encontramos aí uma simetria que nos faz pensar muito mais na arquitetura dos edifícios terrestres: uma série de fornalhas em fila, estreitas em baixo e alargando progressivamente para cima, de tal forma que tendem a aproximar-se umas das outras lá no alto, fazendo lembrar arcarias góticas duma cripta de metal.

Logo em nossa frente avistamos uma série de portas parecidas com bocas de forno, cada uma com o seu pequeno ralo por onde se podem ver as chamas lá dentro. Quando a gente espreita por um desses ralos, para observar o incêndio interior, custa a acreditar que aquele inferno provenha somente dum jactozinho de óleo aquecido, que esguicha de um bocal do tamanho de um bico de mamadeira, o qual um homem poderia transportar no bolso do colete.

Quem entra aquí, na casa das caldeiras, fica diretamente colocado sob as raizes da chaminé. Uma escada de ferro conduz-nos por alí acima, espiralando em volta da base da chaminé; ao alto da escada encontra-se uma porta, que abre para o convés. Mas o visitante, a quem Mr. MacDonald mostra os seus domínios, regressa em geral diretamente da casa das caldeiras à das máquinas.

Transposta a casa das máquinas, deixamos para trás a vasta cripta de fornalhas e de máquinas rangentes, e encontramos enfim diante de nós o objeto e causa de todo aquele trepidante aparato: uma simples coluna de aço, polida e bem lubrificada, que jaz horizontalmente num leito confortavel de mancais, e gira continuamente, sem produzir o mais leve rumor: é o eixo da hélice. Esse eixo corre ao longo de um tunel onde não cabe uma pessoa em pé, e estende-se interminavelmente até à popa do barco, onde a rotação da hélice provoca esse redemoinho gigantesco de águas espumantes que constitui a esteira do navio.

Tudo isso pertencia aos domínios exclusivos de Mr. MacDonald, o mesmo sucedendo com certos outros mecanismos isolados do vapor: a engrenagem do leme, por exemplo, metida na sua «casa» sobre o castelo da popa. Essa engrenagem é um maquinismo maciço e possante; mas suas poderosas energias, que acionam o pesado leme com exatidão, de lado para lado, podem ser desencadeadas ou detidas pelo delgado pulso do timoneiro chinês, que está na sua guarita da ponta. Mas, se falhasse o maquinismo do leme, acionado a vapor, ai de nós!—pois não se pode mover à mão um leme desse peso. Nem toda a tripulação, junta, seria suficiente para fazê-lo mover uma só polegada.

Tanto basta, por ora, sobre os domínios de Mr. MacDonald. Tinha este

sob as suas ordens nada menos de sete oficiais maquinistas; e abaixo destes havia um punhado de prudentes e habeis chineses, foguistas e lubrificadores. O resto do navio—casco, conveses, e sobretudo o porão da carga, dependia de Buxton, o primeiro oficial, ou imediato, do *Archimedes*.

No outono, o *Archimedes* fez escala em vários portos da costa atlântica dos Estados Unidos, para receber uma carga heterogênea, destinada aos portos do Extremo Oriente. Mr. Buxton era, bem entendido, responsavel pelas complicadas manobras da estiva. (Um oficial de convés de marinha mercante é realmente obrigado a entender mais de carga do que das ondas do mar.) Em Nova York arrumou no fundo do porão umas quantas sacas de cera. Vieram depois mercadorias de várias espécies: um dos artigos principais era uma porção de toneladas de jornais velhos, matéria-prima que os chineses empregam na construção de casas. Os jornais, em fardos, foram preciosamente arrumados sobretudo nas entrepontes do porão—quer dizer, a grande altura, pois eram carga relativamente leve. Pararam depois em Norfolk, na Virgínia, para carregar fumo de inferior qualidade, tambem com destino à China, onde seria utilizado na confecção de cigarros baratos. O fumo foi tambem arrumado nas entrepontes.

Norfolk foi o derradeiro porto em que tocaram para receber carga, e tiveram alí alguma demora. Mas isso não foi motivo de aborrecimento; ao contrário, pois houve festas em quantidade...

Os oficiais subalternos tiveram até algumas experiências bem edificantes. Mr. Watchett, por exemplo, oficial muito jovem, viu-se uma noite envolvido por um grupo de rapazes e moças da região. Puseram-se a conversar com ele, e, quando souberam que vinha de outra Norfolk, na Inglaterra, não foram precisas mais apresentações nem cerimônias. O oficial nunca os vira mais gordos na sua vida, mas eles o trataram logo com essa amistosa indiferença que é própria dos velhos conhecimentos. Levaram-no a dançar até que ele ficou com as pernas bambas de fadiga, e depois, sem mais nem menos, meteram-se em automoveis, levando-o consigo, e abalaram em louca correria pela noite a dentro. Watchett sentiu no nariz as quentes emanações de uma estrada de saibro asfaltado, e viu passar, à desfilada, as ramarias de árvores altíssimas que quase se tocavam lá em cima; ouviu o coaxar das rãs e o cricrí dos grilos. Chegaram por fim a uma bonita casa de estilo colonial, onde os novos amigos lhe serviram aguardente de milho, em uma sala recheada de mobílias da era Vitoriana, e cheirando a mofo.

Fazia parte do grupo certa moça adoravel, de pele clara, com uns grandes olhos rasgados e ingênuos. Era uma flor de mocidade em botão—ainda cursava o ginásio! Chamava-se Sukie, e estava presente um homem de muito mais idade, que não a largava, teimando em fazer-lhe a corte.

Isso desagradava a ela, pois a jovem era, na realidade, tão inocente quanto aparentava; resolveu assim adotar Dick como seu «protetor», e aninhou-se junto dele como um passarinho friorento. Dick não se esforçou muito para falar com ela; mas a companhia de Sukie lhe dava um prazer infinito... A moça era mesmo um encanto.

Quando regressou a bordo do navio, ficou muitas horas de olhos arregalados no escuro, sem poder dormir, cheio daquela imagem que recusava apagar-se-lhe da alma. Mas sempre acabou adormecendo, com o sorriso de Sukie a perpassar-lhe como uma luz por entre os sonhos.

O *Archimedes* largou de Norfolk às quatro da tarde. Ao chegar à vista do Cabo Hatteras, na manhã seguinte bem cedo, disse adeus ao continente, e fez-se de rumo para a ilha de São Salvador, nas Índias Ocidentais.

Estava um dia de bom tempo e ares lavados. Mar e céu apresentavam-se dum azul carregado, e as raras nuvens que passavam eram brancas e fofas; até parecia que o verão tinha voltado. O *Archimedes* estava sozinho no mar, e já ninguem a bordo pensava mais na terra: era chegado aquele momento em que todos no mar se sentem tomados de alegria.

Sozinho à exceção dos golfinhos: cortando o mar de vidro azul-violeta, a proa do navio erguia a cada lado um rolo de alvas espumas cintilantes, e lá bem fundo, no coração cristalino do mar, os golfinhos brincavam, oferecendo o espetáculo mais belo que Dick Watchett já contemplara na vida. Bem uma dúzia deles, e grandes, maiores do que um homem, com o lombo de um marrom azeitonado, os flancos e o ventre de um pálido verde reluzente; suas formas ageis pareciam a incarnação da própria velocidade. O focinho pontiagudo, projetando-se adiante da testa bojuda, cortava prodigiosamente bem as ondas, que voltavam a fechar-se no rasto da cauda latejante, como se por entre elas nada houvesse passado.

Levaram quatro dias para alcançar São Salvador.

Pareciam ter atravessado aquele pequeno oasis de estio, porque o mar tinha agora uma ondulação mais larga, do sueste; pusera-se cinzento, o céu enevoou-se, e soprava uma brisa muito fresca com chuveiros intermitentes. Mas não havia razão para esperar tempo realmente mau: segundo era de presumir, a época dos furacões findara pelo menos uma quinzena antes.

A vida de bordo voltou a cair sob o império da rotina. À mesa das refeições ninguem falava ao capitão, a não ser que este lhe dirigisse primeiro a palavra. O Capitão Edwardes não era, na vida privada, uma pessoa inabordavel, nem sequer homem que causasse uma forte impressão; o que o impunha alí era o seu posto.

Não possuia aqueles ares naturalmente soberanos que caraterizam tantos marujos; era homem de pequena estatura, com alguma coisa de um querubim, só que trigueiro. Tinha os

olhos brilhantes, mas de um brilho que parecia provir mais da excitação que da energia; e logo à primeira vista se percebia que teria sido pessoa das mais afaveis, se a posição lho permitisse... Quanto a Dick Watchett, lá bem nos recônditos da sua mente, teria perferido ver Mr. Buxton, o imediato, ocupar o comando do navio.

Mr. Foster, o oficial logo abaixo do imediato, dava tambem todos os sinais de ser um autêntico homem do mar. Mas um fisionomista que olhasse em volta da sala, em busca de alguem em quem pudesse depositar confiança implícita, teria escolhido quase sem hesitação o magro e pequeno Mr. Rabb, com seus olhos serenos de um azul brilhante, a mandíbula firme, e uma aparência que era mais a de comandante de marinha de guerra, que de oficial de um navio mercante.

Em Mr. Rabb só se notava uma coisa desagradavel: suas unhas estavam sempre roídas até ao sabugo!

Depois de passarem a ilha de Navassa, entre Jamaica e o Haití, desdobrou-se em frente deles o mar das Antilhas, que era apenas uma estreita etapa a transpor para chegar ao Canal do Panamá—um percurso de 48 horas, mais ou menos.

Todo aquele dia o vento fresco soprou do nordeste, e o mar esteve escuro e agitado. Mas que é, para um belo navio moderno como o *Archimedes*, um mar agitado e um vento forte? O bastante para que ele possa exibir suas excelentes qualidades de navegação, e nada mais; fazer com que um calouro como Dick Watchett, postado na ponte, se sinta como um autêntico lobo do mar...

Ao anoitecer, o vento transformara-se num vendaval. Mas isso era o máximo que se podia esperar, agora, que era passada a estação dos ciclones.

A razão dessa ventania tornou-se patente quando a bordo se recebeu, pelo rádio, o boletim oficial do tempo: a cerca de cem milhas para leste do *Archimedes*, encontrava-se o centro de uma «perturbação atmosférica tropical». Naquela estação do ano nem se poderia pensar num furacão de proporções graves. Não obstante, e como a «cautela» era a palavra-de-ordem da Sage Line, a empresa proprietária do navio, o Capitão Edwardes desviou um pouco para oeste a rota que vinha seguindo, que era a do sul, de modo a colocar-se bem fora do alcance da rajada.

Era provavel que a tormenta se extinguisse antes do amanhecer; e na noite seguinte o vapor devia estar lançando ferro em Colón. Uma ligeira subida do barômetro, verificada ao fim da tarde, parecia provar decisivamente que não tardariam em distanciar-se bastante do vendaval.

Mas não: às seis da manhã o barômetro começou a descer de novo, e o vento a soprar com autêntica violência. Não seria prudente prosseguir na tentativa de passar para oeste do mau tempo, uma vez que desse lado das Antilhas se encontravam recifes. Determinou-se que o novo rumo seria de proa ao sul, de maneira a safar-se da pequena área de perturbação em que, era bem evidente, eles se haviam

deixado envolver sem dar por isso. Às oito da manhã Mr. Buxton resolveu dar uma volta pelo navio, para ver se tudo se encontrava no seu lugar, e tudo bem firme e trancado, pois poderiam estar na iminência de um grande golpe de mau tempo.

Às nove verificou-se que a violência do vento continuava crescendo. Era indiscutivel que se estava passando algo de anormal. Primeiro, o vento estava-se transformando em verdadeiro furacão; segundo, este não estava onde se supunha que devia estar. O Capitão Edwardes ordenou ao imediato que metesse «de capa». Não é que o navio não pudesse aguentar a borrasca; mas nada se ganharia em sujeitá-lo, desnecessariamente, a tamanha tensão. O melhor seria virá-lo de proa ao vento, manter as máquinas funcionando à pressão justamente necessária para guardar essa posição, e deixar correr o marfim. Porque aquilo não era coisa que pudesse durar muito. Teriam que aguentar, durante algumas horas, um vendaval tremendo que sopraria dum quadrante; viria depois uma curta calmaria, enquanto o centro do ciclone passasse sobre eles; finalmente, o vento sopraria do quadrante oposto, enfraquecendo gradualmente à medida que o navio fosse saindo do seio da tormenta.

Quarta-feira

Dick Watchett estava atarefado, e sentia certo nervosismo. Era esse o seu primeiro ciclone, e ansiava por ele, como uma empolgante novidade. Tinha esperança de que o vento provocasse coisas espetaculares: que vergasse grossas barras de ferro, causando estragos tangiveis, alguma coisa de vívido, digno de contar em cartas para a família. Mas, a bordo de um navio tão grande e tão bem aparelhado como o *Archimedes*, só dificilmente se podia esperar um espetáculo dessa ordem...

Vagas imensas, de cristas aguçadas, corriam em volta deles, em todas as direções, a grande velocidade, como que animadas de impenetraveis propósitos; altas como prédios, corriam com a velocidade de um trem. Por vezes entrechocavam-se com violência, erguendo-se juntas no ar. Outras vezes embatiam de súbito no casco do navio, e rebentavam em rápida plumagem de espumas, que durante instantes encobriam tudo. Às 2 da tarde a velocidade do vento ainda aumentava. O estrondo era tão ensurdecedor que chegava a assustar. O ar era uma densa cortina de espuma pulverizada; exceto por momentos, quando aquilo amainava um pouco, não se podia ver o mar, nem o próprio tombadilho.

Entretanto, quanto mais violento é um furacão, menor é, por via de regra, a área que ele abrange, e assim, mais depressa tambem se veriam livres dele. Lá para o anoitecer, se a sorte os favorecesse. Quer dizer, se nada acontecesse de anormal...

Por volta das duas e meia, porem, aconteceu uma coisa deveras anormal. As máquinas, trabalhando a meia-força, começaram a dar sinais de não poderem aguentar o navio de proa

contra o vento. Em vista disso, o capitão ordenou que tocassem adiante a toda força. Mesmo assim não se notou diferença alguma: a hélice, já incapaz de aguentar o navio contra o vento, apenas rugia em vão no mar de leite que se alastrava sob a popa.

O *Archimedes* começou a virar lentamente; as vagas embatiam agora mais por boreste, enquanto o vento soprava pela bochecha de boreste.

De sua guarita da roda do leme, o timoneiro fazia sinais frenéticos de susto, através das vidraças: algo de grave estava acontecendo no maquinismo do leme. Aí estava a explicação! Nada havia porem a fazer, senão seguir com os olhos a agulha da bússola, girando lentamente. Sim, porque, chegado o momento de se conseguir pôr a funcionar o timão de emergência da ré, o vento já estaria pelo través, e não haveria força humana capaz de fazê-lo aproar de novo ao vento, antes que este amainasse. Após cinco minutos, o *Archimedes* já estava de boreste exposto ao furacão, adernando sensivelmente, em posição vulneravel. Mr. Buxton viu que horas eram, e anotou o acontecimento no diário.

Depois Gaston, que era o quarto maquinista, provisoriamente encarregado da casa das máquinas, telefonou lá de baixo pedindo auxílio. O vento levara pelos ares a clarabóia da casa das máquinas, e esta fora inundada pela espuma, que havia provocado curtos circuitos na iluminação. Aliás, bastava que o navio estivesse inclinado daquele jeito, para as máquinas terem dificuldade em trabalhar!

O vento continuou aumentando de violência. Nada se podia ouvir agora através da muralha ululante do seu contínuo clamor, nem mesmo o ribombo das vagas. O Capitão Edwardes já mais de uma vez se vira colhido em borrascas e vendavais; nunca, porem, em nada que se comparasse a isso. Para calcular a velocidade do deslocamento do ar, pôs a mão fora da janela da ponte, por um momento, mergulhando-a em plena força da espuma—mas logo teve que recolhê-la, sangrando pelas pontas dos dedos e dormente como se tivesse levado um choque elétrico. É que o vento soprava agora a mais de 150 km por hora—se não mesmo 300. Ora, considera-se furacão um vento que sopra a 120 km.

Pouco depois das três, por uma clareira na espuma, o comandante notou que as vagas iam arrastando alguns destroços, e disse:

—Tem outro navio em apuros por aí...

—Nada disso! observou Mr. Buxton, que conhecia seu navio como as pontas dos próprios dedos. —Isso aí é o quartel da nossa própria escotilha número 2...

A espuma cortara, como uma navalha, os encerados que cobriam a escotilha, e o vento se encarregara de sorver depois os tampos da mesma como saca-rolhas que abrisse uma garrafa. Embora nesse momento os vagalhões não varressem o convés, a espuma era tão densa que daí a pouco centenas de toneladas de água abririam caminho até aos porões.

Foi então que Mr. Buxton se pôs a pensar, apreensivo, na maneira como tinha arrumado a carga no porão: todos aqueles fardos de jornais e de fumo nas entrepontes—alí bem alto! Toda aquela massa de água descendo para o porão... Já era o diabo que ela entrasse assim em golfões para dentro do navio, enchendo-o gradualmente; ainda, porem, que tal sucedesse, demoraria bastante, e não chegaria a prejudicar a estabilidade do navio, pois seria possivel ir retirando a água por meio das bombas a vapor. Mas os jornais e o fumo são matérias absorventes: empapados de água, passariam a ter muitas vezes o seu peso normal, e um peso daqueles, a grande altura no porão, poderia fazer virar o *Archimedes*. O imediato olhou para o clinômetro: a adernação estava aumentando, o navio já ia inclinado a 35 graus, e com o balanço atingia por vezes um ângulo de 40. Era preciso tornar a fechar sem demora aquelas escotilhas, fosse como fosse, e ao preço de todos os riscos!

Capitão e imediato, em momentos de urgência, pensam como um só homem. O fumo e os jornais ensopados estavam tão presentes na mente do capitão, como na do seu auxiliar.

«Veja se consegue firmar o tampo da escotilha número 2!» ordenou o capitão. «Leve consigo quantos homens puder. Você aí, Bennett!» bradou para um dos sub-oficiais. «Chame os homens no castelo da proa e vá com eles!»

Buxton chamou os outros rapazes para que o seguissem, e desceu aos trambolhões a escada do convés: cego e surdo desde que pôs o pé fora da ponte, e andando como um fragil bebê.

Assim que ouviu as ordens do comandante, Bennett pôs-se logo em campo; mas os outros nem ouviram a ordem do imediato, que os chamava; nem sequer o viram descer. Sentiam-se cheios de vento, como se em lugar de pulmões tivessem balões que alguem estivesse enchendo; e ao mesmo tempo isso lhes dava uma vertigem e uma sensação de fraqueza, que lhes provocava um desejo absurdo de dar gargalhadas.

Buxton não sabia disso; acreditava que os subordinados estivessem com ele. Todos os seus esforços eram poucos para romper caminho até o convés do poço da proa; quem o seguisse que cuidasse de si próprio! Por isso, só descobriu que estava sozinho quando chegou àquele ponto. Mas não se alarmou, e resolveu esperar que Bennett e os chineses viessem ter com ele.

Mas, ainda que os outros o acompanhassem, já não havia nada a fazer: as coberturas da escotilha tinham sido lançadas ao mar. Seria impossivel carregar até alí as enormes tábuas necessárias para fazer a reparação, aproveitando as rápidas abertas entre as rajadas da ventania. Era preciso esperar a calmaria central do furacão—e, no ínterim, a estabilidade do navio teria que correr seus riscos. O melhor seria que ele voltasse atrás para abrigar-se depressa, antes que uma onda o pegasse.

O mais curioso era que o encerado da escotilha não fora arrastado ao mar: tombara sobre o convés. No momento em que Buxton dava meia-volta para ir embora, engatinhando pelo convés, o encerado pulou no ar, erguendo-se como um muro negro; esbarrando no imediato, derrubou-o, caiu-lhe em cima, e o cobriu, esborrachando-o no convés com o seu grande peso morto.

Logo em seguida veio a vaga. Rebentou por sobre a amurada—só Deus sabe quantas toneladas de água enfurecida; desfez-se no convés com uma braça de altura. Seu peso quase esmagou Buxton, prisioneiro sob a capa de encerado—a tela alcatroada, rija, cingiu-o todo como se fora um molde. Depois a vaga rolou para sotavento, e galgou a outra amurada: o navio estremeceu, cambaleou e ergueu-se. Debaixo do encerado, Buxton não só escapou com vida, como tambem verificou que estava quase seco.

Esgueirou-se então para fora do abrigo, machucado e tonto, tão descuidado que a rajada o ergueu como uma pena e o arremessou na direção do castelo do meio, estampando-o de encontro à porta de onde saira.

Se nada se podia fazer no convés da proa, era necessário considerar ainda as escotilhas da ré... Talvez o vendaval houvesse arrancado tambem as respectivas coberturas. O convés do poço da ré oferecia melhor abrigo, de sorte que talvez se pudesse trabalhar alí—se houvesse homens disponiveis em número suficiente para a tarefa.

Mr. Buxton começou por dirigir-se ao salão, onde foi dar com Mr. Rabb, de olhos límpidos e azuis olhando fixamente em frente, como se nem o pior dos temporais pudesse perturbar-lhe a serenidade. Era um gosto vê-lo, para quem estivesse em extrema necessidade de ajuda. Mr. Buxton o chamou.

No corredor encontrou o jovem Bennett, acompanhado somente do contra-mestre chinês, porque todos os outros chineses se haviam recusado a seguí-los. Depois apareceu Phillips, o rapaz alto.

Eram agora cinco homens ao todo: e cinco homens poderiam fazer alguma coisa. Dirigiram-se à ré e, ainda ao abrigo do castelo do meio, puderam observar o trabalho que havia a fazer.

A escotilha número 6 ficara tambem a descoberto, mas as pranchas não tinham sido arrastadas para o mar. Se fosse possivel recolocar e pregar bem algumas delas, poderiam evitar que a água continuasse a cachoar para o porão.

Convinha lançarem-se ao trabalho sem demora. Conseguiram erguer as pranchas uma por uma, e arrastaram-nas desde os embornais de sotavento. Em seguida, o imediato e Phillips montaram nas vigas da escotilha, com a bocarra negra do porão escancarada sob seus pés, enquanto Bennett os ajudava de fora, no convés. Era essa a operação mais complicada—erguer as pranchas sem que o tufão as pegasse por baixo. Não viram nem sinais de Mr. Rabb ou do contra-mestre. A tarefa era excessiva para um homem, ajudado somente por dois rapazolas.

Assentaram três das pranchas no seu lugar, e as amarraram. Estavam travando luta com a quarta prancha, quando uma rajada de excepcional violência os pegou: Mr. Buxton e Phillips ficaram pendurados das traves em que estavam montados, como preguiças suspensas de um galho de árvore. O vento arrebatou a prancha das mãos deles e arremessou-a contra o pobre Bennett, lançando-o até os embornais de sotavento, onde ficou inerte, jogando como um destroço nas espumas.

Mr. Buxton conseguiu içar-se de novo, e preparava-se para ir socorrê-lo, quando Bennett se sentou, reanimado pelos bofetões da água fria.

Nesse ínterim Mr. Buxton matutava no que havia de fazer. O dever impunha-lhes ficar alí, até haverem firmado no seu lugar o tampo da última escotilha. Mas, ao mesmo tempo, ele não queria pôr em perigo a vida dos rapazes, que eram como dois leõezinhos a lutar. Já fora uma grande sorte que Bennett não tivesse caido ao mar daquela vez! Em todo caso tinham impedido que grande parte da água continuasse a entrar pela escotilha número 6. «Vamos embora!» gritou ele; e os três juntos deram uma corrida para a popa.

Ainda bem que foram tão depressa, porque logo a seguir o vento recomeçou a soprar com a máxima violência, e o convés da popa, com o seu poço descoberto, se tornava intransponivel.

Enquanto Mr. Buxton e os dois rapazes corriam para a escotilha número 6, Mr. Rabb deixara-se ficar prudentemente para trás—pois sabia que, mesmo no caso de os acompanhar, não lhes poderia ter dado grande ajuda, tal o medo que dele se apossara.

O medo tem muitas vezes por efeito levar um homem a extenuar-se de esforço. Quando, por exemplo, um marinheiro recebe ordem de subir a um mastro pela primeira vez, sentindo-se assustado, agarra-se com unhas e dentes para não cair, e nesse esforço gasta energia que seria suficiente para aguentar três homens em vez de um só. Esse afinco logo o esgota, deixando-o sem forças para executar a tarefa de que o incumbiram. O mesmo se daria com Mr. Rabb se, amedrontado, fosse ajudar os companheiros junto às escotilhas: ele se teria agarrado com tal força às braçolas da escotilha, que dentro em pouco a fadiga o deixaria fraco como um cordeirinho, e o primeiro safanão do mar teria bastado para desalojá-lo. Não adiantaria nada. Só um homem de juizo reconhece quando é que está com tal medo que não poderia sujeitar-se com êxito a correr certo risco.

Mr. Buxton só regressou à ponte de comando pouco antes das sete horas. O Capitão Edwardes passara o dia inteiro alí. Agora que o imediato chegava para o render, achou que era tempo de ir ver com os seus próprios olhos como as coisas estavam correndo em outras partes do seu navio. O barômetro caira para 26,99. Nunca se registara no mar uma pressão tão baixa: os precedentes, o saber dos livros,

a experiência, tudo isso deixava, nessas circunstâncias, de servir-lhe de guia. Era agora de esperar que a atmosfera executasse peripécias que nenhum marinheiro vivo houvesse jamais visto.

Deixando o imediato a cargo do comando, o capitão desceu à casa das máquinas.

Tudo estava escuro lá em baixo, e os maquinistas trabalhavam à luz de lâmpadas de pilhas. Haviam barricado a clarabóia que o temporal destroçara, mas os salpicos do mar ainda a atravessavam. As máquinas arfavam e rangiam sobre os seus suportes, perigosamente inclinados a um ângulo fora do comum. Os maquinistas duvidavam que máquinas e homens fossem capazes de aguentar-se muito mais no trabalho, sob tão duras condições. Pelo amor de Deus, não poderia o pessoal do convés dar um jeito à situação?

«Vocês aquí são os únicos que podem dar um jeito à situação!» respondeu o comandante. «O primeiro dever de vocês é manter as caldeiras à máxima pressão. Devemos estar perto do centro do ciclone; daquí a poucas horas o pior terá passado. Mantenham as bombas trabalhando nos porões 2 e 6, e quando vier a calmaria o navio já poderá endireitar; aí a gente pode controlá-lo outra vez, e metê-lo à capa, com segurança, até vir a rajada seguinte. Mas sem vapor é que a gente não pode manobrar o leme, nem drenar os porões—de modo que, haja o que houver, aguentem essa pressão o mais alto que puderem!»

O capitão regressou ao convés, mas, ao chegar lá, em plena escuridão, o vendaval o esmurrou em plena boca, tirando-lhe o fôlego. Procurou tomar alguns haustos de ar, mas não o conseguiu: alguma coisa pungente lhe encheu de súbito os pulmões, forçando-os a arquejar e contrair-se em espasmos para respirar. Concluiu que devia encontrar-se dentro de uma nuvem de densa fumarada, mas, evidentemente, era-lhe impossivel distinguí-la da escuridão da noite. O capitão não fazia a menor idéia da origem daquela fumaça; talvez fosse da base da chaminé. O que havia agora a fazer era encontrar o caminho para a ponte,—isto é, se os pulmões se pudessem aguentar. Conservando a cabeça lúcida num esforço supremo de vontade, começou a avançar às apalpadelas, retendo nos pulmões, conforme podia, o ar que conseguia inspirar, e resistindo sobretudo à perigosa tentação de pôr-se a correr.

Em baixo, o pessoal tinha do acontecido uma idéia tão vaga como a do próprio comandante, embora se tornasse evidente, lá em baixo tambem, que alguma coisa corria mal. Logo depois de sair o capitão, os homens ouviram um pequeno estampido que vinha da casa das caldeiras: «Um dos elementos de superaquecimento que entregou os pontos,» pensou Mr. Mac Donald; «nada de grave.» Mas logo em seguida os foguistas sairam da casa das caldeiras, correndo e saltando como coelhos espavoridos: e com muita razão, porque o vapor estava vazando, assim eles explicaram,—vapor a 14 kg de pressão por centímetro quadrado, à

temperatura de 200°C. Nem tempo houvera de verificar por onde ele escapava; quando muito, tempo para fugirem, porque em 30 segundos a casa das caldeiras se tornara inhabitavel.

Nesse ínterim, olhando para os manômetros da casa das máquinas, podia-se ver perfeitamente que a pressão estava baixando, baixando inexoravelmente... Que se tinha passado? Um simples elemento de superaquecimento não podia ter causado uma fuga de vapor de semelhantes proporções. E nem havia maneira de verificar. Imagine-se o inferno que seria a casa das caldeiras, invadida por um denso jorro de vapor aquecido a tantos graus acima do ponto de ebulição! Quem se atrevesse a entrar alí ficaria escaldado de morte antes de poder dizer «ai», e passados poucos minutos rebentaria, provavelmente, como um chouriço na panela...

O Capitão Edwardes encontrou por fim o caminho para a ponte de comando, com a fumaça a perseguí-lo em redemoinho. Mr. Buxton ainda estava lá, naturalmente. Já notara tambem aquela fumaça, mas sentia-se tão incapaz de explicar a origem dela como o próprio capitão.

O rugido da tormenta era agora tão denso, tão uniforme, que equivalia ao mais profundo silêncio, na maneira como absorvia e eliminava todos os outros rumores habituais. Homem nenhum poderia dizer se o rugir era fora ou dentro dele; era algo como uma dor de ouvidos sentida por um surdo.

Foi então que chegou da casa de máquinas o recado: sucedera qualquer coisa, pois a pressão do vapor estava caindo.

À medida que caía a pressão do vapor, claro está, toda a aparelhagem de bordo movida a vapor começou a falhar. As bombas foram afrouxando, até que silenciaram. Os dínamos quase pararam, e os ventiladores, que forçavam o ar fresco a entrar nas fornalhas para alimentá-las, deixaram de trabalhar. Quando os ventiladores pararam, o fogo das fornalhas começou a soprar para a retaguarda, produzindo explosões que rebentavam as portinholas das fornalhas, e vinham iluminar o negro interior da casa das máquinas com clarões vermelhos que lembravam relâmpagos. A essa altura, porem, já o vapor que vazava arrefecera o bastante para permitir que se entrasse pelo menos em algumas partes da casa das caldeiras; mas as chamas das fornalhas tinham tomado o lugar do vapor, para impedir a entrada. A cada jacto de chamas, uma língua de fogo de uns 10 metros de comprimento brotava infernalmente das portinholas escancaradas das fornalhas.

O Capitão Edwardes recebia pouco depois recado de que a pressão do vapor caira tão baixo, que as bombas tinham deixado de funcionar, os ventiladores haviam parado, o dínamo ia deixar de girar, e o fogo nas fornalhas retrocedia. Eram oito da noite.

Mas, embora não funcionassem os ventiladores, refletiu ele, a chaminé devia pelo menos continuar dando

tiragem suficiente para permitir que as fornalhas trabalhassem, mesmo com reduzida eficiência. O comandante e o imediato, através das abertas da espuma, lançaram a luz de suas lanternas sobre a fumaça, para ver se conseguiam descobrir-lhe a origem. Devia estar saindo da base da chaminé, escondendo esta dentro da sua nuvem negra—pois não se enxergavam nem vestígios da imponente estrutura da chaminé.

Com uma terrivel sensação de desalento, Edwardes e Buxton forçaram-se a acreditar no que inegavelmente viam: a fumaça saía em densos rolos de um grande buraco oval no convés do navio. A chaminé desaparecera: devia ter caido ao mar fazia bem uma hora. No entanto, o temporal era tamanho, que Mr. Buxton, postado na ponte, não vira nem ouvira absolutamente nada!

Uma chaminé—note-se—amarrada com espias capazes de aguentar uma pressão lateral de cem toneladas! Um furacão de 120 quilômetros por hora teria exercido sobre ela uma pressão de somente 15 toneladas. Mas a pressão exercida pelo ar aumenta em razão direta do quadrado de sua velocidade: logo, a pressão de um vento de 320 quilômetros por hora haveria de ser, aproximadamente, sete vezes maior, o que equivale a... Mas o leitor pode fazer os cálculos por si, como os fez o Capitão Edwardes, mentalmente, enquanto o imediato corria para a casa das máquinas, bradando como louco: *Ficamos sem a chaminé! Ficamos sem a chaminé!*

O TUBO do apito a vapor estava aparafusado à chaminé, de sorte que, quando o vento arrebatou esta, aquele não podia deixar de acompanhá-la. Assim se explicava o escapamento do vapor—jorrando do orifício do cano partido. Isso se tornou claro a todos os maquinistas, no momento em que tiveram a desconcertante notícia.

Ora, havia uma torneira de segurança, para cortar o vapor que fazia funcionar o apito, mas para alcançá-la era preciso subir ao cimo das caldeiras, bem junto do ponto de rutura do cano. Como, porem, chegar até lá? Estando tão perto da rutura, a torneira devia estar defendida ainda pelo jacto contínuo de vapor escaldante. Nem podiam os homens acercar-se das caldeiras, pois as fornalhas varriam o recinto com as suas chamas. Soutar, o segundo maquinista, chamou Gaston:

—Temos que ir lá em cima, onde está o escapamento, e fechar a torneira, disse.

—Está certo, respondeu Gaston. —Mas, e o fogo das fornalhas?

—Bem, é preciso apagá-las primeiro, respondeu o outro. —Apagar algumas delas, pelo menos, para podermos chegar às caldeiras.

Gaston notara que as chamas que saíam das portinholas das fornalhas não lambiam o chão—em vez disso, encaracolavam para cima nas extremidades, deixando um espaço junto ao chão. Assim, Soutar e Gaston muniram-se de cabos de vassoura e entraram, rastejando, na casa das caldeiras, a despeito do risco de ficarem assados como costeletas numa grelha. Em seguida, levantando os cabos de vassoura, conseguiram fechar o registro do combustivel de uma fornalha após outra, com as faces banhadas em óleo escaldante, e as costas crestadas pelas chamas. Eram agora dez da noite: menos de três horas após a ordem do capitão para que mantivessem a pressão das caldeiras a todo custo. Agora acabara-se a pressão. Apagados os fogos, seria muito dificil tornar a acendê-los, uma vez que as fornalhas tivessem esfriado.

Assim, por volta das dez da noite, o *Archimedes* deixou totalmente de funcionar. Tudo a bordo trabalhava a vapor ou a eletricidade — pois é bem pouco o que, em um navio moderno, se deixa ao esforço do braço humano. Faltando o vapor, faltou tambem a eletricidade. O navio escureceu todo, e aquí e alem somente a luz de algumas lanternas ou dos lampiões a querosene picava debilmente as trevas. As ondas continuavam a galgar para dentro da escotilha escancarada da proa; mas as bombas, sem força motriz, jaziam inertes. O aparelho de rádio, dependente da eletricidade central, emudecera. A hélice ficara imovel; o leme, paralisado. *O Archimedes* estava morto, morto como um madeiro que o mar sacode; deixara de ser um navio.

Quinta-feira

PELA meia-noite, o Capitão Edwardes foi até o salão, de cujo teto estava suspenso um lampião de querosene. Tudo alí se encontrava em desoladora confusão. Em primeiro lugar, estava profundamente inclinado para um dos lados, onde os destroços das cadeiras e detritos de toda espécie flutuavam na água que, de vez em quando, rolava até ao extremo mais alto da sala. Era aí que os oficiais do comando, os marujos e alguns maquinistas—desta vez misturados sem distinção—tinham conseguido encaixar-se atrás de uma mesa tombada.

Havia um cheiro de água de mar estagnada, de comida azeda e de ar viciado. Mas sentia-se ainda outro cheiro: um odor acre, de amoníaco. Era quase imperceptivel, mas não escapou ao capitão, que o conhecia. Quem já o tenha sentido, nunca mais o esquece: era o cheiro do medo. Um homem disciplinado pode dominar os músculos, e até as expressões faciais; mas o que não pode controlar é o processo químico que ocorre nas suas glândulas sudoríparas.

O comandante percebeu logo que era preciso incutir-lhes ânimo, e foi o que procurou fazer com as sobrancelhas espessas, que se projetavam sobre seus olhos cintilantes, o corpo atarracado, firme como um farol encravado num rochedo... Sentia-se cheio de coragem suficiente para dar aos marujos...

«Assim que chegar a calmaria,» disse «quero todos a postos! Os chineses podem dar o que fazer, mas confio em vocês para porem tudo nos eixos. Sabem tão bem como eu que o navio não corre nenhum perigo, se todos cumprirmos o nosso dever. Quando vier a calmaria, todos os oficiais de convés devem apresentar-se na ponte.»

Para fazer-se ouvir, teve que dizer tudo isso em voz de trovão.

Foi só perto das duas da manhã que o tempo deu alguns sinais de mudança. O vento começou a soprar irregularmente: vinha de todos os lados, em rajadas, como se em volta do navio explodissem ao acaso granadas de grosso calibre; rajadas ainda muito fortes, mas totalmente incertas quanto à direção.

Edwardes sabia bem que uma área assim, de violento caos, era com frequência a orla esfarrapada da calmaria do centro de um furacão. Esse centro, finalmente, já não podia estar longe. Mas a pausa do vendaval podia ser de pouca duração: era preciso, por conseguinte, estar a postos para tirar dela toda a vantagem possivel. Apitou para baixo em direção ao salão, convocando os oficiais, e mandou o imediato dar uma volta pelo alojamento dos tripulantes chineses.

Buxton correu o risco de atravessar de um pulo o poço do convés da proa para ir ao dormitório dos marinheiros, no castelo da proa. Era aquele constituido por um só quarto amplo, com tarimbas a todo o comprimento de um dos lados, e em ambos os extremos, cada tarimba com sua cortina de côr diferente, pois os marujos chineses fazem muita questão de um discreto isolamento em sua vida privada. Habitualmente, o dormitório estava sempre muito limpo e arrumado. Mas desta vez tudo parecia diferente: a água do mar, ao invadí-lo, arrancara tudo dos seus lugares, cortinas e roupas de cama; nos redemoinhos da água flutuavam alguns colchões de palha rebentados, e os leitos estavam vazios.

Dos chineses, nem sinal!

Mr. Buxton deu outra corrida através do poço do convés para regressar ao castelo do meio. Foi aí, nos dois espaços abertos a um e outro lado da casa das máquinas, que ele encontrou os marujos chineses. Não pareciam mais humanos. Estavam empilhados como peixe meio-morto à beira do cais, muitos deles enjoados. A cada balanço do navio, aquele amontoado de gente se desmoronava, ou escorregava todo inteiro de encontro a um dos anteparos, e era então que dalí vinham sinais de vida— debeis lamentos e vagidos...

Mr. Buxton olhou aquele espetáculo consternador: como seria possivel conseguir deles algum trabalho util? Nem valia a pena tentar despertá-los. Seria preferivel esperar a calmaria: talvez então eles se sentissem melhor. O imediato regressou logo à ponte, onde já se encontravam todos os oficiais, inclusive o dr. Frangcon, e «Sparks», o radiotelegrafista. Estavam esperando. Por essas alturas a calmaria já não podia estar longe.

Mas Mr. Buxton já começara a duvidar tambem de que a tal calmaria viesse. Talvez o verdadeiro centro do ciclone nunca chegasse a envolver diretamente o navio; talvez este não conseguisse passar daquela franja.

Seu olhar cruzou-se com o do capitão, e ele percebeu que este estava pensando a mesma coisa. Alem disso, o comandante procedia então a certos

cálculos mentais. O navio havia levado um tempo excessivamente longo para atingir esse centro—17 horas! Estava escrito que levariam outras 17 horas para transpor o ciclone até à zona oposta. Em tal período, muita água poderia entrar pelas escotilhas abertas. Se, daquele momento até o fim, viesse a entrar no bojo do navio tanta água quanta já entrara, o *Archimedes* acabaria emborcando. Era imperativo reparar os quartéis das escotilhas, antes do segundo golpe.

—Vamos começar logo, disse ele. —O vento amainou um pouco. Mr. Buxton, encarregue-se das escotilhas da proa; Mr. Rabb, das escotilhas da popa. Mr. Watchett, acompanhe Mr. Buxton. Mr. Foster, faça chegar a madeira ao seu destino. Os maquinistas já a aprontaram. Doutor, o senhor ficará de sobreaviso.

O dr. Frangcon ponderou:

—Capitão, os chineses me conhecem melhor talvez do que aos oficiais de comando. Quem sabe se não valeria a pena que eu fosse falar com eles?

—Está bem. Veja o que pode fazer.

O capitão retornou à guarita do timoneiro. O lugar estava em ruinas. Percorreu o interior com a luz da lanterna: o vento não se limitara a rebentar as janelas; arrancara das esquadrias todos os estilhaços de vidraça, e agora entrava pelas aberturas. O capitão julgava encontrar a guarita vazia, mas sua lanterna revelou que estavam alí dois homens, agachados para se proteger da rajada do vento, como se este fosse uma saraivada de tiros.

Tornou a fazer incidir a luz sobre eles: tratava-se de Mr. Rabb e Mr. Watchett.

Dick ficara involuntariamente trancado por fora na sua cabine, desde as duas da tarde. Quando finalmente, após a meia-noite, o vento se tornara instavel, uma das suas tremendas lufadas desvencilhara a porta encravada, e o rapaz pudera abrí-la. Fora então diretamente ao salão, sem passar pelo convés, e alí se deixara ficar na companhia dos outros, até que chegara a ordem do comandante para se apresentarem todos na ponte. Assim, quando chegou à ponte teve seu primeiro contacto com os estragos que o vento fazia. Ao contrário dos outros oficiais e tripulantes, ele não viera até alí gradualmente.

Mesmo assim, manteve-se em boas condições até o derradeiro minuto. Quando o capitão deu as suas ordens, Dick estava-se aprestando para seguir Mr. Buxton pela escada abaixo, quando uma pancada pavorosa de vento o arremessou subitamente ao chão, fazendo-o cair sobre mãos e joelhos. O resto aconteceu num abrir e fechar de olhos; em vez de rastejar pela escada abaixo, atrás dos outros, foi-se encontrar, quase sem saber como, escondido na guarita da roda do leme.

Evidentemente ele não sabia que Mr. Rabb fizera exatamente o mesmo.

Quanto a este, já não estava realmente na posse integral de suas faculdades: procedia com o automatismo de um sonâmbulo, e a inflexivel tenacidade do instinto puro.

—Mr. Rabb, exclamou o capitão, —vá à ré e aperte a escotilha Nº. 6. Mr. Watchett, vá para a proa ajudar Mr. Buxton a fechar a escotilha número 2.

Mr. Rabb nem falou nem se mexeu: parecia não ter ouvido. Mas Watchett, esse falou:

—Não posso, capitão... disse ele lamentosamente.

—Eu não dou ordens que não se possam cumprir, rapaz! exclamou o capitão, sempre calmo.—Você tomou um susto momentâneo; foi só isso. Passa logo, você vai ver. Olhe, eu vou contar até dez. Quando eu chegar a dez, você já estará pronto para outra. Quando eu disser *dez*, fique em pé, bem firme nas pernas. Ora essa! Eu sei que você não tem nada, pois do contrário eu não perdia tempo em lhe falar. Um, dois, três...

Enquanto contava, manteve o foco da lanterna apontada para os rostos dos dois homens. Watchett olhou para Rabb, e, pela primeira vez, viu a expressão do medo posto a nu. Watchett estava mortalmente apavorado com o vento; mas o medo que se lia no semblante de Rabb, ele viu logo, era mais temivel que o próprio furacão.

«...oito, nove...»

«Vá ajudar Mr. Buxton a fechar a escotilha número 2,» repetiu Dick maquinalmente, e começou a rastejar para trás, de ventre no chão, pela escada abaixo, sentindo que ganhava ânimo à medida que se afastava.

Mas Rabb não se mexeu, nem dava acordo de si: era preciso acordá-lo primeiro.

«Seu safado! Sem-vergonha!» rompeu o comandante, e não se ficou por aí: deu-lhe pontapés e continuou a xingá-lo, envergonhado da sua própria linguagem—pois não era homem que estivesse habituado a dizer nomes feios—mas em todo caso teimando em crer nas qualidades tonificantes do insulto. A única resposta que conseguiu, porem, foi o olhar fixo, úmido e quase luminoso de Rabb, cujo temor era visivel.

Não era possivel deixá-lo assim: um medo daqueles é um perigo, pior que a peste a bordo! Propaga-se mais depressa. É uma coisa que não se pode consentir.

Em sua cabina estava o revolver. Deu meia-volta para ir buscá-lo, pois um tiro lhe parecia a única solução.

Mas logo sentiu um safanão sacudir a ponte, mais violento do que os outros, e teve outra idéia, bem mais inteligente: deixou escapar um grande grito simulado, e caiu no chão, ao lado de Rabb, agarrando-se a ele. «Meu Deus!» gritou. «Você sentiu? A ponte soltou-se! A primeira onda forte vai arrancar a ponte inteirinha, e todos os homens que estejam nela! Pelo amor de Deus, homem, vamos lá para baixo, enquanto é tempo!»

Uma estremeção percorreu o corpo de Rabb, até então inerte; sem um pio, sem um vestígio de expressão no rosto lívido e morto, ele rastejou como um verme até ao cimo da escada e sumiu, mas não da vista do capitão, que o acompanhou. E quando Rabb, mais tarde, recuperou um pouco da consciência normal, encontrava-se sentado entre as ombreiras de uma porta, no castelo do meio, dirigindo (é um modo de dizer) o velho dr. Frangcon e três chineses que colocavam novo quartel na escotilha número 6.

Quando Dick Watchett chegou ao convés da proa, esbarrou na escuridão com Mr. Buxton, e este sentiu que o rapaz tremia. Perguntou-lhe:

—Que é que há, Dick?

—Estou com medo, respondeu Dick, assombrado, ele próprio, com a desvergonha da sua confissão.

Mas o imediato não se mostrou surpreso.

—É claro, disse, —que você está com medo. Eu tambem estou! Mas você está aquí, e isso é o que importa.

A escuridão era um negrume de tinta.

Mesmo assim, fez-se o trabalho—e fez-se de fato... Quando viu que as escotilhas estavam bem protegidas, o Capitão Edwardes foi procurar o comissário, para ver se este conseguia servir uma refeição. Só então ficou sabendo que quase não havia víveres a bordo, e de água doce, nem uma gota!

Essa carência de água potavel era ainda mais grave do que a falta de alimentos. Para chegar aos tanques era preciso descer pelos postigos situados no chão da casa das máquinas. Mas esta se achava inundada de água salgada, que marulhava de lado a lado. Abrir um tanque equivalia agora, simplesmente, a estragar a água do mesmo.

Só um dos tanques tinha a tampa colocada numa posição tal, que a punha ao abrigo da inundação; mas, por má sorte, justamente esse estava quase sem água, até onde as bombas haviam podido esvaziá-lo, pois estas, incapazes de sugar todo o líquido, deixam sempre no fundo um lençol de alguns centímetros. Gaston e o comissário desparafusaram a tampa do tanque, e Gaston desceu, suspenso de cordas, levando jarros e conchas, com os quais recolheu quanta água pôde. Não era grande coisa, mas sempre deu para cada homem molhar a boca e com isso tinham que contentar-se até se safarem do temporal.

Foi durante essas operações que o navio transpôs o centro do ciclone—se de centro se podia falar. Começava agora a segunda fase daquela tremenda luta contra as forças da natureza. Assim, pelo menos, todos pensavam a bordo.

Quando um navio navega rumo ao centro de um ciclone, o vento sopra predominantemente em um só sentido. Atravessado o centro o navio vai encontrar-se do lado em que, naturalmente, o vento sopra em sentido contrário. À medida que o *Archimedes* foi saindo do «centro», o vento começou novamente a soprar de um quadrante com bastante constância. Mas parecia continuar a soprar no mesmo sentido em que soprara antes!

Teria o navio, porventura, dado uma volta completa? Edwardes olhou para a bússola. Não, o navio continuava com a proa sensivelmente na direção em que vinha navegando.

Portanto, o *Archimedes* não havia atravessado o centro do ciclone. Aproximara-se dele, é certo, e depois recua-

ra, conservando-se no mesmo quadrante do temporal em que se achava antes!

Assim, pois, o temporal não estava passando por cima deles: ao contrário, ia arrastando consigo o *Archimedes* indefeso.

Com o dealbar do dia, a luz cresceu, mas nem por isso as coisas se tornaram mais visiveis. Havia em volta deles uma espessa nuvem de água pulverizada, que tudo escondia. A noite era agora branca, e não negra; e nada mais...

Ninguem tinha dormido; mas, durante as horas da madrugada, de todos eles um só continuara a trabalhar: «Sparks», o rádiotelegrafista. O temporal não se limitara a arrebatar-lhe a antena: causara-lhe muitas outras dificuldades. A corrente elétrica de que se servia extinguira-se, como no resto do navio. Assim, para começar, ele passou seis horas enxugando com um maçarico as baterias de reserva, que o mar encharcara. Em seguida, pôs-se a enxugar, pelo mesmo processo, todas as peças essenciais da cabine do rádio, coisa indispensavel para que o transmissor de emergência voltasse a funcionar, com uma antena tambem de emergência.

No entanto, pelas 9 h 16 m, «Sparks» conseguira fazer soar o alarme automático de outro navio, que navegava a 50 ou 60 milhas de distância; pôs-se em contacto com ele, e ficou sabendo qual era o estado do tempo naquela zona. Os ventos sopravam rijos por alí, tão fortes que quase levavam a supor (se não estivessem em novembro) que um furacão devia estar soprando algures... O rádiotelegrafista do *Archimedes* preparava-se para responder, quando o aparelho de emergência deixou de funcionar, pois a água do mar inundara mais uma vez a cabina, desencadeando curtos circuitos. Não havia mais esperança de que o rádio voltasse a funcionar. Estavam completamente isolados, e tinham que safar-se pelos seus próprios recursos.

Desde que o fogo se apagara nas fornalhas, ninguem mais pensara a sério nas máquinas; mas, já agora, lembraram-se delas. Vapor! Tinham conseguido vedar o escapamento; se pudessem novamente produzir o vapor necessário para fazer funcionar as bombas, já não precisariam preocupar-se com a água que entrasse pelas escotilhas.

O Capitão Edwardes ordenou a Mr. MacDonald que voltasse a acender as fornalhas.

Não é facil acender as fornalhas de um navio quando estão frias, mesmo numa doca, e com a chaminé no seu lugar. É necessário aquecer previamente o óleo por meio de maçaricos, e bombeá-lo a mão, sob pressão, através dos crivos. Em seguida, até conseguir-se vapor suficiente para fazer funcionar os ventiladores, só se pode contar com a tiragem da chaminé. Ora, sem chaminé, como estavam, os maquinistas sabiam que isso não era possivel. Mas o capitão se mostrou inexoravel: acendessem as fornalhas, e não havia mais discussão. Mr. MacDonald transmitiu as ordens aos subordinados como se aquilo fosse a tarefa mais simples deste mundo, e os maquinistas puseram mãos à obra como se se tratasse de uma coisa possivel.

Para aquecer o óleo com os maçaricos gastaram muitas horas. Afinal, o chefe deu ordem para acenderem uma das fornalhas. Esta vomitou chamas para o interior do recinto, como todos previam. Explodiu. MacDonald mandou recado chamando o capitão, e este veio. Ninguem disse uma palavra. Os maquinistas deixaram que a fornalha falasse por si, acendendo-a e tornando a acendê-la, vezes e vezes sem conta, para mostrar ao capitão, até que o óleo escaldante inundou o chão da casa das máquinas.

«Está visto,» disse o comandante. «Venham comigo para o convés. Vamos consertar as escotilhas de novo. Agora estamos de fato no centro do ciclone.»

A essas palavras, os maquinistas voltaram a ter consciência do mundo exterior, do qual se haviam esquecido completamente. Notaram de repente que o rugir do temporal cessara, e que, em lugar dele, um silêncio espectral se derramara sobre o mar. No entanto, havia naquele silêncio qualquer coisa estranha... Para se ouvirem uns aos outros, eram ainda obrigados a gritar. O fato é que não se pode viver muito tempo sob um estrondo infernal, como eles viveram, sem ficar ensurdecido.

Pela primeira vez desde que o temporal chegara ao auge, podiam ver agora o navio todo, da proa à popa. Puderam contemplar pela primeira vez a negra cratera que a chaminé deixara no convés. Os guindastes contorcidos e derrubados, os cordames enrodilhados. A casa da roda do leme parecia uma estufa demolida. Alem disso, o navio adernado. De começo, essa inclinação era alguma coisa sensivel; depois, à medida que se foram acostumando a ela, quase lhes passava despercebida; mas agora podiam ver o horizonte inclinado para um lado, a massa imensa do oceano empinada como uma encosta íngreme, prestes a transbordar pela aresta do mundo; tão íngreme, que parecia erguer-se como uma torre por sobre a amurada de sotavento. Essa massa de água estava apinhada de tubarões, que olhavam os homens quase cara a cara—ou, mesmo, segundo lhes parecia, de cima para baixo... A impressão que aquilo dava era de que os tubarões podiam, de um momento para outro, escorregar pela verde encosta das águas abaixo, para virem cair em pleno convés. Via-se perfeitamente que os tubarões andavam por alí esperando alguma coisa, e esperando com impaciência o momento de devorar a presa.

Mas não eram os tubarões os únicos seres vivos que lhes faziam companhia: todo o convés, feito em pedaços, e as superestruturas, tudo estava coberto de seres vivos. Vivos mas imoveis. Pássaros, e até borboletas e grandes gafanhotos. Lá em cima, na bússola padrão, estavam empoleiradas três gralhas. Um grande pássaro, parecido com um grou, com umas asas enormes que, depois de fechadas, pareciam demasiado grandes para ele, estava pousado num escaler, fitando os

homens com um olhar inexpressivo. Algumas garças tentavam mesmo instalar-se na amurada de sotavento, quase completamente submersa, e os tubarões as pegavam como quem colhe fruta madura. Por todo o navio amontoavam-se aves parecidas com andorinhas, em numerosos bandos, como se se tratasse de uma migração. Mas quando algum dos homens pousava a mão na amurada para se equilibrar, as aves nem sequer se moviam: era preciso empurrá-las com a mão, e então caíam como mortas.

Os tombadilhos estavam cobertos de espessa camada de óleo negro e pegajoso que o buraco da chaminé vomitara, e por todo lado se viam aves que tinham ficado pegadas nesse óleo como insetos em papel de pegar moscas. Os oficiais andavam descalços, e, ao caminharem, pisavam a cada passo as aves vivas; era impossivel evitá-las. Mas os pássaros esmagados, ou apenas pisados, nem um pio soltavam.

Trégua? Essa calmaria era ainda mais enervante do que o próprio temporal.

O trabalho era a única coisa que permitia esquecer aqueles pássaros e, felizmente, não faltava o que fazer: fechar novas escotilhas, protegendo-as com toldos de lona em vez dos encerados que o vento arrancara. Quando por fim o vento se desencadeou de novo, desta vez do quadrante oposto, varrendo toda aquela passarada para a morte, toda a tripulação ficou sinceramente aliviada. Graças a Deus, nenhuma dessas aves tornou a ser vista a bordo.

Sexta-feira

No dia seguinte pelo meio-dia o capitão e Mr. Buxton tornaram a encontrar-se na ponte de comando. Era sexta-feira, e o navio andava à mercê do furacão desde quarta-feira de manhã. Fora na quinta-feira de manhã cedo, salvo engano, que tinham comido qualquer coisa—umas bolachas, e uns pingos de água... Quanto a dormir, não haviam pregado olho duas noites consecutivas, e nem sequer tiveram algum repouso.

O ciclone estava soprando de novo com a máxima violência desde a hora em que varrera de bordo os pássaros.

O mar estava medonho, pior do que nunca. Facilmente percebia-se que não era muito fundo: mar que rola em leito liso não se encapela com tanta violência. Porque uma vaga, ao contrário do que pode parecer, não é qualquer coisa assim solta, sem fundo; a forma e as forças da onda existem tanto por baixo como por cima, e, se ela encontra um obstáculo no fundo, tem forçosamente que rebentar à superfície.

O Capitão Edwardes sabia que iam navegando agora sobre um banco de escolhos. Perto do centro de semelhante vórtice, a massa de águas do mar erguia-se em grandes dobras, levando no topo o navio. Em condições normais, aquilo podia até ser terra, uma restinga ou mesmo uma ilha, e eles, galgando por sobre ela sem encalhar nem embater, queixavam-se ainda da agitação das águas.

Aquelas vagas tinham realmente as proporções e quase a forma de árvores

—árvores que galopassem doidamente em todos os sentidos, vergastando-se e debulhando-se mutuamente em estilhas. Meia dúzia dessas ondas que caissem no convés, com as escotilhas de novo abertas, não tardariam em inundar o bojo do *Archimedes*, fazendo-o ir a pique.

Derramar óleo no mar era o único remédio, e havia que aplicá-lo sem demora.

Na casa das máquinas havia um tanque de reserva de óleo lubrificante; e havia latrinas à proa e à ré. Todos os navios deviam ter algum dispositivo especial para regar de óleo, com uma bomba manual, os mares agitados; mas não o têm, e, na falta dele, as latrinas representam a melhor solução. O comandante mandou fazer um furo no tanque de óleo. Os chineses da casa das máquinas encheram vários tambores pequenos, de uns vinte litros, com o óleo que esguichava do tanque, e os fizeram rolar até aos conveses do poço da proa e da popa. Como esses tripulantes se recusavam a sair para o ar livre, os oficiais do convés encarregaram-se do serviço daí em diante.

Watchett foi despachado para as operações nas latrinas da proa; o jovem Bennett seguiu para as da ré, enquanto Buxton e Phillips ficaram encarregados de abastecê-los, a ambos, de óleo. Bennett tinha na mão um rolo de estopa para usar à guisa de rolha, de maneira a obrigar o óleo a escoar-se lentamente, em gotas. Para aplacar a agitação do mar, basta uma quantidade muito pequena de óleo; mesmo para um navio daquelas dimensões, um tambor devia dar para uma ou duas horas.

Bennett conseguiu alcançar, numa carreira, o grande gabinete de ferro, com a sua longa fila de sentinas. Atrás dele, fizeram rolar um tambor de óleo, e a grande porta de ferro fechou-se com estrondo. Alí dentro estava escuro como breu. A adernação do navio fizera baixar o recinto, a boreste, quase ao nivel do mar; com os balanços do navio, a água entrava pelo ralo, gorgolejando como o despejo de uma banheira gigantesca, e redemoinhava dentro da sala até à altura dos joelhos do rapaz. Tomado de pânico, Bennett correu para a porta, mas não conseguiu abrí-la: o trinco de ferro, que estava do lado de fora, era do tipo giratório, e o ângulo de inclinação do navio o fizera entrar no seu lugar, trancando a porta. Esta, agora, só podia abrir-se do lado de fora. Se o navio desse um balanço um pouco maior para aquele lado, o recinto se encheria de água e o afogaria.

Mas não se preocupou muito: por ora a água parecia não subir acima da altura dos seus joelhos, e mesmo assim era só de vez em quando. Meteu mãos à obra: aplicou a rolha de estopa ao orifício do tambor, e começou a derramar o óleo, pouco a pouco. Alí onde estava, não podia saber se a operação ia dando resultados; só os homens que se achavam lá fora podiam dizê-lo.

Os homens lá de fora puderam realmente constatar que era mágico o efeito do óleo. Uma fina película de óleo, de algumas moléculas apenas de espessura (uma vez que se alastrou),

conseguiu dominar milhões de toneladas de água. Gigantescas massas de água lançavam-se contra o navio como catedrais enlouquecidas, e de repente aquela camada de óleo se espalhava sobre elas; os vagalhões arredondavam-se, rebatiam-se, e rolavam para longe sem causar danos. Mesmo quando rebentavam contra o costado, eram apenas como massas de água morta, inofensiva.

O primeiro tambor esgotou-se ao fim de hora e meia, e o imediato, acompanhado de Phillips, trouxe-lhe mais outro. Bennett manteve-se no seu posto, derramando óleo, sem comer nem repousar, durante vinte horas consecutivas—até ao meio dia de sábado. No fim, estava tão extenuado que já sonhava de pé.

Não resta dúvida que foi o óleo derramado que, nessa conjuntura, salvou o navio. Não resta dúvida também que foi a firmeza com que Bennett e Watchett se mantiveram nos seus postos, nas latrinas da proa e da ré, o que tornou tão bem sucedida a operação de apaziguamento das vagas pelo óleo.

A NOITE que se seguiu foi tal, que nenhum daqueles homens jamais a esqueceria; no entanto, nenhum deles seria jamais capaz de recordá-la com clareza.

Sob certos aspectos, Dick saiu-se pior do que Bennett. O castelo da proa era mais batido pelo mar do que o da popa; e mais alterosas as ondas que se engolfavam pelo ralo. Mas, ao contrário de Bennett, Dick não ficara prisioneiro, porque o temporal arrancara a porta.

Doia-lhe a cabeça. A língua, em vez de achatada e úmida, estava redonda e seca; por conseguinte, fazia esforços repetidos para sair, abrindo caminho entre os lábios ressequidos, como a ponta aguçada de uma cunha. Mas não o conseguia: ficava sempre pegada aos lábios, como se estes estivessem besuntados de grude, e era então preciso despegá-la deles com todo o cuidado, para não arrancar a pele. A dada altura ele disse imaginariamente a Sukie, sua namorada de Norfolk:

—Você compreende, é preciso ter muito cuidado. Se a língua pega na boca, só sai levando um pedaço de pele. Com muito jeitinho, eu consigo soltá-la, e ela volta ao normal.

Exatamente nesse momento, o imediato e Phillips chegaram junto dele com mais dois tambores de óleo. «Ponha um de reserva,» disse o imediato. «São ordens do capitão.»

Dick tentou responder, mas não pôde: a língua doia-lhe demais. Falar com Sukie era diferente; não tinha nada de penoso...

De repente notou que o recinto estava literalmente mudando de feitio. As paredes iam-se aproximando uma da outra: da mesma maneira que o ferro se amolga sob as pancadas de um martelo, assim as paredes de ferro iam cedendo aos embates do mar! Começavam a abaular para dentro. Ele sentiu-se mais uma vez tomado de terror.

Havia muitos anos que Dick não

rezava por qualquer motivo de ordem material—parecia-lhe que isso não era justo. Mas desta vez, alí mesmo, na latrina do bombordo da proa, caiu de joelhos abraçado a um pilar, e rezou contrito, rezou até que o suor lhe escorria pelo rosto abaixo:

«Meu Deus, que doido que eu fui de escolher esta vida do mar!... Meu Deus, deixai-me voltar são e salvo à minha terra! Meu Deus, eu me arrependo humildemente dos anos de vida que perdí. Senhor, eu vos rogo, livrai-me do mar!»

Para tornar mais intensa e fervorosa a sua prece, ferrou os punhos com força contra os olhos. A dor que isso lhe causou foi quase intoleravel, pois seus olhos estavam inflamados e gretados, e as mãos besuntadas de óleo e água salgada.

Ergueu-se e voltou ao trabalho. Daí a pouco ele percebeu a significação heróica do papel que estava desempenhando alí—derramando no mar o óleo salvador, em combate singular com todas as fúrias do oceano, em defesa do navio. Ah, se ao menos Sukie estivesse alí agora para vê-lo! Nada do uniforme de gala, de botões reluzentes, como um manequim de alfaiate—mas seminú, esfarrapado, e rijo como o aço, dando batalha ao temporal com sobrehumana força. Horas e horas sem fim. Dias e dias seguidos... Infatigavel. Certo, se ela o pudesse ver assim, havia de amá-lo de todo o coração.

Ora... mas quem sabe lá? Seria ela capaz de amá-lo? Seu rosto não exibia, como ele pensava, os traços secos e vincados, leoninos, que todos esperam ver no rosto de um herói inquebrantavel.

É bem dificil distinguir entre os efeitos imediatos do heroismo e as marcas do vício. Sem outra coisa para se guiar, alem das aparências, o mais certo seria ver-se, num rosto assim, o retrato vivo de um fracassado: um homem encharcado de bebida, que acabasse de passar a noite num antro. Seu rosto estava inchado e sujo, balofo, com uma expressão de fraqueza—horrendo de feio, e bastante repulsivo. Alem disso, emanava do rapaz um cheiro nauseabundo...

Sábado

ASSIM que o dia clareou, o comandante viu, com um suspiro de alívio, que o navio vogava de novo em águas profundas. Percebia-se isso pela côr, e pela forma mais natural que as vagas iam tomando. Não obstante, ele decidiu ser mais prudente continuar derramando óleo. Segundo seus cálculos, não menos de mil toneladas de água haviam entrado nos porões pelas escotilhas abertas. Somando uma coisa e outra, parecia provavel que o navio aguentasse no bojo apenas umas 1.200 toneladas. A margem de risco se estava reduzindo bastante.

Acresce que aquelas águas profundas podiam não durar muito. Uma longa barreira de recifes e restingas se estende desde a América Central até à costa da Jamaica; e mesmo quando houvessem transposto esses baixios, para onde iria derivando o barco? O canal de Iucatã tem pouco mais de cem

milhas marítimas de largo; que esperança podia ele ter de alcançar esse canal, para ganhar depois as águas abertas do golfo do México, sem que o mar o arremessasse contra o litoral de Iucatã ou a ilha de Cuba?

Aliás, não adiantava tentar prever tão longe. Em termos de aproximação, em que alturas se encontraria agora o navio? Devia andar a umas 250 milhas a leste do cabo Gracias, rumando sempre aos mares semeados de escolhos—e o temporal não dava sinais de amainar. Era o quarto dia que andavam à mercê do vento.

Da mesma forma por que os maquinistas se haviam sentido atraidos à casa das máquinas, assim tambem o capitão Edwardes e Mr. Buxton se encontravam agora na ponte de comando.

O imediato verificou mentalmente os cálculos do comandante—mil toneladas de água que o navio tragara, sendo que 1.200 seria o máximo—e concordou com ele. Outro fato interessante chamava-o tambem à reflexão: o navio adernava menos agora do que antes. Devia-se isso a que o peso da água, no fundo dos porões, tendia a compensar o peso da carga saturada de água, que estava arrumada acima, nas entrepontes. Mas, supondo que as bombas tivessem funcionado sem parar, o que elas teriam despejado para o oceano seria apenas a água livre acumulada no bojo do navio. Nesse caso, sem esse lastro a contrabalançar o peso da mercadoria ensopada, o *Archimedes* poderia facilmente ter emborcado. Que erro sério não teria sido fazer uso excessivo das bombas! E como era facil errar assim, em tais circunstâncias!

Edwardes, com os dedos enfiados no cós das calças, conseguiu, de um modo ou de outro, dar algumas passadas na ponte. Tinha o queixo revestido de densa barba grisalha, e as bochechas murchas,—mas seus olhos de pássaro brilhavam.

De onde viria toda a assombrosa confiança do capitão? Tal era a pergunta que martelava na cabeça de Mr. Buxton.

O imediato sempre simpatizara com seu superior, mas nunca tivera o ensejo de observar como era gigantesco o homem por dentro!

Dir-se-ia que os sentimentos calorosos do imediato se tornaram de repente perceptiveis, pois no mesmo instante o capitão, fitando-o de frente, agarrou-lhe a mão e apertou-a.

«Vá dizer ao pessoal que continue derramando óleo mais um pouco,» disse ele. E, à medida que Mr. Buxton se afastava, o capitão o observou. Esse homem é oficial de primeira, frio, intrépido, sereno... (mentalmente, o comandante já esboçava o relatório que teria de dar aos proprietários do navio.)

A caminho da popa, outro pensamento prático acudiu ao espírito de Mr. Buxton: e se a chaminé não tivesse desaparecido? Já se tem visto mais de um veleiro tombar de lado no mar, mesmo quando nada lhe resta, acima da amurada, senão os mastros descarnados. Ora, proporcionalmente, a resistência daquela enorme chaminé teria sido maior ainda! Portanto, se a chaminé não se tivesse soltado, diminuindo a resistência do navio à ventania, o *Archimedes* não teria emborcado?

O imediato vinha verificando com horror este fato: a cada tentativa que faziam, para salvar-se, parecia seguir-se novo perigo. Agora, tornava-se-lhe evidente, por outro lado, que haviam sido salvos precisamente pelos seus piores desastres...

Pelo meio-dia encontravam-se de novo no âmago do centro ciclônico, com a diferença que, desta vez, não havia pássaros.

O céu tambem mostrava outro cariz: em lugar daquele negro de tempestade, era de um cinzento uniforme e luminoso, brilhante mesmo. Mas o calor e a rarefação do ar eram tão desalentadores como antes.

Uma coisa estranha, porem, era que, após ter caido ao mar tanta coisa, vários escaleres se encontravam ainda no seu lugar. Todo escaler leva sempre rações de emergência armazenadas, bolachas e água—ou pelo menos devia levar. Assim, o capitão ordenou que alguns dos homens procedessem a uma busca; com efeito, encontraram o que procuravam: barricas de bolachas e cantís de água!

Água era justamente o que acima de tudo eles desejavam. Mas os cantís usados para esse fim têm rolhas de madeira, que tendem a encolher e a soltar-se. Depois, se o barco joga muito, saltam' do gargalo. Era o que tinha acontecido! Acharam muito pouca água que não estivesse contaminada de salsugem. Distribuiram-na sem perda de uma gota, e depois passaram às bolachas.

A maior parte das barricas tinha deixado infiltrar a água do mar, e algumas até haviam rebentado. Ainda assim, conseguiram aproveitar algumas bolachas.

Mr. MacDonald, chamuscado e com o olhar fixo, andava, cambaleante, pelo convés, segurando em cada mão um pedaço inutil de biscoito. Inutil? «Está muito bem pra vocês, que são moços,» grasnava ele raivosamente. «Mas já tentaram comer bolacha de bordo com dentadura postiça?» E o vazio terrivel que lhe ia nas entranhas parecia latejar com o ritmo de implacaveis marteladas...

Pela undécima vez o comissário foi passar uma busca minuciosa na despensa, vasculhando todos os recantos, gavetas e escaninhos, e desta vez encontrou algo: u'a maçã e uma laranja, que foi correndo levar ao comandante.

Edwardes começou a comer metade da laranja, na intenção de reservar a outra para o imediato. Mas, quando lhe sentiu o sabor, não pôde mais dominar-se: comeu-a toda inteirinha. Quando, no fim, se apercebeu do que havia feito, saiu em busca do oficial.

Ao encontrá-lo, entregou-lhe a maçã e disse: «Mr. Buxton, eu estou em falta com o senhor. Havia uma laranja, tambem, mas eu a comí toda.»

Domingo

Muito embora a fúria do temporal não tivesse ainda cedido, o capitão

notou em dado momento que o barômetro subira um pouco. Toda aquela noite continuou subindo, e pelas alturas do amanhecer o vento havia amainado sensivelmente. Por volta das nove da manhã era certo e seguro que o sorvo do temporal afrouxara um tanto: e o *Archimedes* havia conseguido sair da esteira do tufão.

O vento já não era mais violento do que uma boa brisa. O navio mantinha-se de proa geralmente a nordeste, com o vento soprando quase pela popa.

Enquanto durara o furacão, o *Archimedes* estivera como que preso ao mar, e as vagas não podiam fazê-lo dançar inteiramente de acordo com o seu capricho. Mas agora o furacão, fator estabilizante, havia afrouxado, e nada podia conter os movimentos do navio. O *Archimedes* bailava qual rolha de cortiça, como ainda não jogara desde o começo do mau tempo. As poucas coisas de bordo que não haviam sido destroçadas, eram-no agora. Os poucos escaleres que restavam suspensos dos cadernais, soltaram-se dos pontaletes, e a mesa do salão, apesar de aparafusada ao soalho, desvencilhou-se das próprias pernas com um puxão. Por todos os lados se ouvia uma dissonante batucada, como sinos diabólicos. Do ponto de vista do pandemônio, o navio estava pior do que nunca.

Dick Watchett foi dar com o capitão e Mr. Buxton na sala de navegação, ambos agarrados ao rolo dos mapas embutido na parede.

«Será possivel, capitão, que a gente esteja mesmo livre do temporal?» perguntou ele, sem poder conter sua impaciência.

O superior acenou afirmativamente. Então, olhando para o semblante do chefe, Dick observou uma coisa que era de espantar: pela primeira vez desde que o ciclone se desencadeara, o capitão Edwardes estava com medo!

Dick observou o navio abaixo de seus pés, e só então percebeu a razão do medo que o comandante demonstrava: viu a popa desaparecer sob uma onda de espumas enfurecidas, que rolavam em direção ao castelo do meio. O vagalhão galgou, passou, mas a popa já não se ergueu toda. Era evidente que o *Archimedes* começava a submergir pela popa!

Precisamente nesse momento «Sparks» surgiu na ponte, para comunicar que o seu aparelho de emergência já funcionava outra vez. O capitão ordenou:

«Transmita um apelo para toda a navegação. Nestes termos: *posição aproximada, tal e tal. Pedimos socorro imediato.*» Depois virou-se para Dick: «Peça a Mr. MacDonald que venha até aquí?»

O maquinista-chefe apareceu daí a pouco na ponte, com os olhos desvairados e injetados, e trazendo na mão a dentadura postiça.

—Mr. MacDonald, disse o capitão. —que é que o impede agora de meter vapor no «burro»?

—Não tem chaminé!

O «burro» é uma pequena caldeira auxiliar, destinada a produzir pressão para diversas tarefas menores de bordo. Tem sua chaminé própria, apoiada por meio de braçadeiras à chaminé grande do navio; é claro que o vendaval levara ambas.

—Bem, mas agora que o vento já amainou, insistiu o comandante,—que é que o impede de montar uma chaminé provisória? Daquí a duas horas quero pressão que chegue para pôr a trabalhar as bombas! É capaz de conseguir isso?

—Capaz, não sou, não. Mas sempre se pode tentar.

—Então tente.

Foi assim que os maquinistas arrancaram do seu lugar um dos poucos tubos de ventilação, altos, de capacete, que haviam escapado à fúria do temporal, e, com um pouco de cimento, puseram-no de pé sobre o coto que restava da primitiva chaminé do «burro». Prenderam-no firmemente por meio de patarrazes de aço (o que exigiu grande habilidade no meio de tamanha agitação), e depois voltaram para baixo afim de tentar acender a fornalha do «burro».

Quatro horas—não duas—tinham passado, quando eles se viram forçados a reconhecer, muito a contragosto, que a coisa ainda não andava! Mesmo com a chaminé auxiliar, não conseguiam tiragem suficiente, e o óleo escaldante escorria da portinhola da fornalha para dentro da câmara. Mas, se o óleo teimava em não queimar, era indispensavel encontrar outro combustivel. O capitão perguntou:

—Mr. MacDonald, vamos experimentar um combustivel sólido?

—Ah, quem dera que houvesse carvão e grelha para queimá-lo! Mas não temos nem uma coisa nem outra!

—E madeira?

Mr. MacDonald olhou um momento para o capitão, como se este tivesse perdido o juizo, e depois deu uma grande palmada na coxa.

À primeira vista parecia impossivel queimar combustivel sólido numa fornalha a óleo. Mas a coisa não é realmente tão dificil como parece. O essencial é ter uma grelha, onde o combustivel possa assentar.

De modo que Mr. MacDonald pôs os seus maquinistas a trabalhar em uma nova tarefa: começaram por reunir certo número de elementos de superaquecimento (feixes de tubos finos, agrupados aos quatro e cinco), e depois os cortaram com serrotes ao comprimento das fornalhas, onde os colocaram, apoiados em tijolos refratários. Os pedaços mais curtos, eles assentaram de través sobre os primeiros. Em seguida atulharam as fornalhas com madeira do lastro e mobiliário velho, e finalmente pegaram-lhe fogo.

Já quando conseguiram fixar as barras daquela grelha improvisada, o navio devia estar balançando muito menos, pois do contrário nunca teriam podido sair-se da tarefa com êxito.

Agora, que o perigo maior parecia um tanto reduzido, e que os contínuos trambolhões do mar haviam cessado—a fome a bordo se tornou uma coisa muito séria. O imediato sugeriu que talvez se pudessem salvar alguns

víveres do armazem inundado, já que os movimentos do navio haviam acalmado.

A escada que levava ao armazem soltara-se e desaparecera. Havia sacas de arroz armazenadas sob o soalho: mas, com a invasão da água do mar, o arroz havia inchado de tal modo, que as sacas estouraram, rompendo o soalho, e depois começaram a fermentar de uma maneira horrorosa. Se lhes tivessem dado tempo, acabariam tornando impossivel a entrada dos tripulantes no armazem, a não ser que levassem máscaras contra-gás. Felizmente, a fermentação ainda ia somente no começo. Nessas condições, arriaram Dick para dentro do armazem, sentado na dobra de uma corda e empunhando um gancho de ferro. Era de entontecer. Ele pendia para um lado, enquanto, no fundo, a água escorria para o lado oposto. Assim, ele, mais as latas e caixões que se estava esforçando por pegar, escorregavam de um lado para o outro, com grande violência, mas não chegavam a colidir. Afinal conseguiu agarrar um caixão cheio de latas de pêssegos em calda; deu sinal para cima, e os outros içaram o caixão. Depois içaram-no a ele, meio inconsciente, em parte devido ao balanço, em parte às emanações fétidas do arroz fermentado.

Quando os homens viram abrir as latas de pêssegos, as glândulas salivares chegaram a doer-lhes nas mandíbulas. É bom lembrar que era domingo, e, desde quinta-feira de manhã, só haviam comido uma vez.

A essas horas já os maquinistas estavam pedindo mais madeira. Precisavam dela aos montões, pois, para produzir nas caldeiras a pressão necessária, as fornalhas tinham de arder continuamente; ora, a madeira queimava como palha. Era o mesmo que tentar ferver água numa cafeteira, queimando pedacinhos de papel, num piquenique ao ar livre. Não era que faltasse madeira a bordo do *Archimedes*: havia por todos os cantos madeiras estragadas, de toda ordem, desde os caixões de embalagem dos porões, até às mobílias do salão: o problema era partí-las e levá-las para a fornalha do «burro», com a rapidez necessária. Todos os oficiais desataram a rachar lenha com machados, rebentando, partindo e escavacando para a direita e para a esquerda, enquanto os chineses corriam de todos os lados para a fornalha, carregando braçadas de tábuas e cavacos.

Horas depois, Dick escutou uma ordem dada na sala da fornalha auxiliar, e uma voz cheia de firmeza e confiança. Ouviu-se um silvo quando se abriram as torneiras do vapor, e logo em seguida as bombas chocalharam, primeiro com estrépito, enquanto a água não começou a subir, e, em seguida, com ritmo firme e vagaroso. Um jorro de água parda e imunda, espumosa de bolhas de ar, começou a cachoar para o mar límpido. Iniciara-se a drenagem do porão número 6!

Esse fato animador como que trouxe alma nova e esplêndida à tripulação do *Archimedes*: conforme descia o nivel da água nos porões da ré, os tripulantes cantavam, ao mesmo tempo que trabalhavam com vigor. No zelo com que rachavam lenha para a fornalha, até destruiam coisas que não estavam seriamente danificadas: porque, milagre inexplicavel, ainda restavam a bordo alguns objetos que o temporal poupara.

Outra coisa não menos miraculosa, aliás, era que ninguem tivesse morrido durante a pavorosa tormenta. A tripulação vira-se durante alguns dias no meio de acontecimentos tão mortíferos como um ataque aéreo; sem embargo, não sofrera nem uma baixa. Quase todos os tripulantes haviam sofrido trambolhões, cortes e contusões, e nada mais.

Em meio dessa atividade, «Sparks» foi à presença do capitão entregar-lhe uma mensagem remetida pelos proprietários do navio em Bristol e retransmitida de Boston:

COMANDANTE ARCHIMEDES. NAVIO SOCORRO PATRÍCIA ANDA SUA PROCURA TRÊS DIAS. ESTARÁ NAVIO PRESTES AFUNDAR-SE? ESFORCE-SE AO MÁXIMO PARA DETERMINAR RIGOROSAMENTE POSIÇÃO. SAGE.

O Capitão Edwardes, com os seus olhos castanhos e brilhantes fitos num ponto longínquo, e o lábio inferior repuxado para cima, pareceu de repente possuido de grande energia e de uma espécie de raiva surda. Pescou um papel de telegrama que trazia num bolso, todo ensopado, e, a custo, pôs-se a gravá-lo com o toco de um lapis preto. «Sparks» esperava. A resposta do comandante dizia assim:

SAGE, BRISTOL. FURACÃO AMAINANDO. CONFIO SALVAÇÃO NAVIO. RUMAMOS KINGSTON. EDWARDES.

Depois estendeu a mensagem e a resposta a Mr. Buxton, sem dizer palavra. O imediato deixou escapar um leve assobio:

—Rumamos? observou ele.

—Rumamos! tornou o capitão.

Respostas ao teste «Vamos quebrar a cabeça!»

(Vide p. 101)

(1) 8, (2) 7, (3) B, (4) C, (5) 12, (6) (7) I, (8) (9) C, (10) *, (11) 15, (12) V, (13) (14) (15) .

Conte três pontos para cada resposta correta.

Excelente	45—36
Bom	33—30
Sofrivel	27—24
Mau	21— 0
Total do leitor	

Instantâneos pessoais

A MEDICINA é apenas uma das muitas atividades do dr. Albert Schweitzer, que abandonou sua brilhante carreira de professor e organista, afim de seguir, como missionário médico, para a África Equatorial Francesa. Alí, nos domingos, o dr. Schweitzer prega o evangelho, e nos dias uteis serve a um tempo de arquiteto, carpinteiro, juiz ou capataz de trabalhadores no campo. Certa vez, um amanuense, natural da terra, recusou-se a ajudar a transportar toros de madeira, alegando que era um intelectual. O dr. Schweitzer, que todos os dias ajudava a carregar madeira, retrucou-lhe: «Você é um felizardo! Eu tambem quis muito ser intelectual, mas não conseguí!»

—*Time*

O CAMBISTA que me vendeu os bilhetes para a peça *Winged Victory*, encenada pela Força Aérea dos Estados Unidos durante a guerra, avisou-me que eu devia estar no teatro à hora exata. Sendo um espetáculo dirigido pelo Exército, o pano subia todas as noites às 8 e 15 *em ponto*. Mas já eram 8 e 29 e o espetáculo não havia começado. A orquestra, num constante afinar de instrumentos, parecia ecoar a impaciência do público.

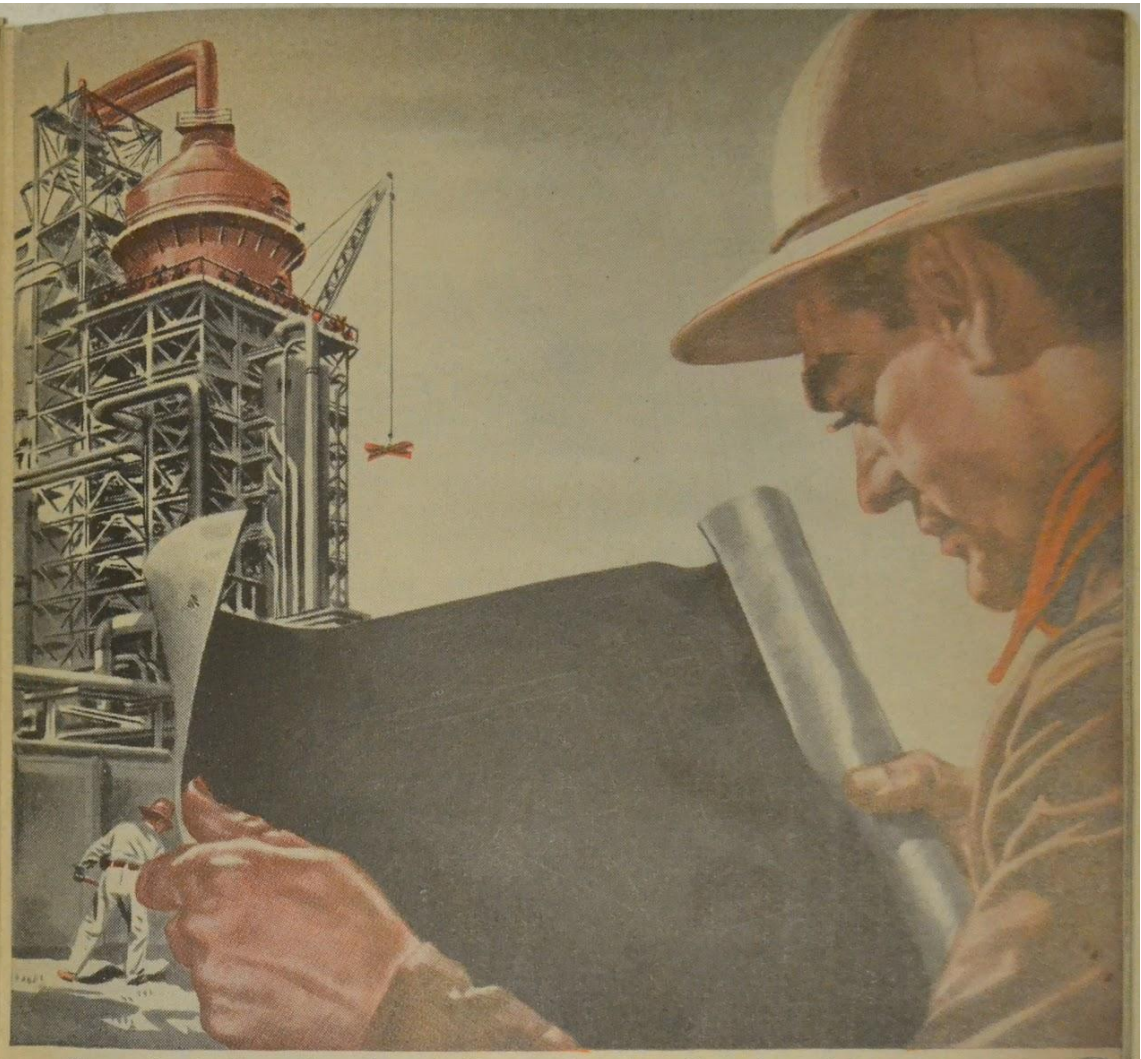
Notamos então certo alvoroço à entrada do salão. Ao virar-nos para ver o que era, reparamos, pela primeira vez, que havia duas filas de poltronas ainda vazias atrás da nossa, e vimos um grupo de figurões do Exército que se dirigia pela ala central a ocupar esses lugares. Estrondou então entusiástica salva de palmas quando o público reconheceu num dos recem-chegados o chefe do Estado-Maior do Exército, o General George C. Marshall, que se sentou atrás de nós.

As luzes começaram a se amortecer. Naquele momento de silêncio, pude ouvir o General dizer à senhora com quem viera: «Que sorte! Chegamos justamente à hora de começar!»

—Colaboração de John S. Martin

CHARLES KETTERING, famoso inventor e cientista da grande empresa General Motors, um dia mostrava a alguns amigos a sua residência. Por um ascensor especial, foram do pé do morro ao porão da casa. O inventor mostrou-lhes aí a sua tenda de trabalho—um legítimo laboratório bem equipado, oficina, petrechos científicos, etc. «Realmente, é um porão maravilhoso!» exclamaram os amigos. «E lá em cima,» perguntaram, «quantos quartos tem?» «Ah, lá em cima?» disse o dr. Kettering. «Para dizer a verdade, não sei...»

—Leonard Lyons



Novas refinarias Esso estão sendo construidas—e muitas outras estão sendo ampliadas.

Construindo uma Resposta

As necessidades de petroleo no mundo atingiram um nivel elevadíssimo e continuam aumentando! Atualmente, o consumo de petroleo é ainda maior do que em 1945, ano de maiores gastos da guerra.

Para satisfazer esta procura, estão-se construindo, o mais rapidamente possivel, novas refinarias. Destas sairão quantidades cada vez maiores de produtos de petroleo. Estamos providenciando tambem novos oleodutos, navios tanques e instalações para armazenamento.

Este programa de expansão auxiliará a atender à procura mundial de petroleo.

Tudo isto porque aonde vai o petroleo a vida se torna mais facil e cheia de conforto.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM SÍMBOLO DE SERVIÇO — Esso — UM EMBLEMA DE QUALIDADE

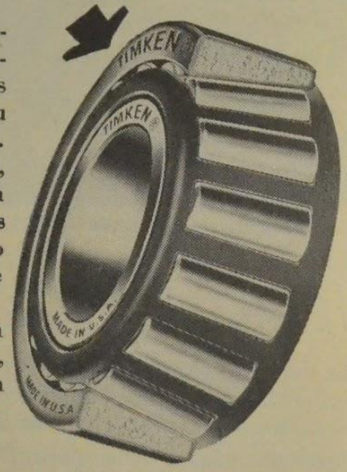
ORGANIZAÇÃO ESSO

NÃO SE AVENTURE, TAMPOUCO, EM MATÉRIA DE ROLAMENTOS

Ao comprar rolamentos, só aceite os que tiverem estampada a marca «TIMKEN»

Quer ter certeza de obter sempre *o melhor*, em rolamentos cônicos? Procure a marca registrada «Timken» estampada em todo rolamento que comprar. Lembre-se: os rolamentos inferiores podem *parecer* com «Timken», ou mesmo ser chamados «tipo Timken», pelos imitadores. Mas eles não lhe oferecem a mesma superior qualidade, porque a The Timken Roller Bearing Company, pioneira dos rolamentos cônicos, é a única fabricante de rolamentos cônicos que lhe oferece todas estas vantagens: 1) desenho perfeito; 2) rigoroso contrôle de qualidade; 3) precisão de manufatura; 4) finíssima liga de aço «Timken».

Há quase meio século, os rolamentos «Timken» vêm sendo preferidos como equipamento original. Portanto, ao comprar rolamentos cônicos, só aceite os que tiverem estampada a marca registrada «Timken».



ROLAMENTOS DE ROLOS CÔNICOS **TIMKEN**
Marca Registrada
Reg. U. S. Pat. Off.

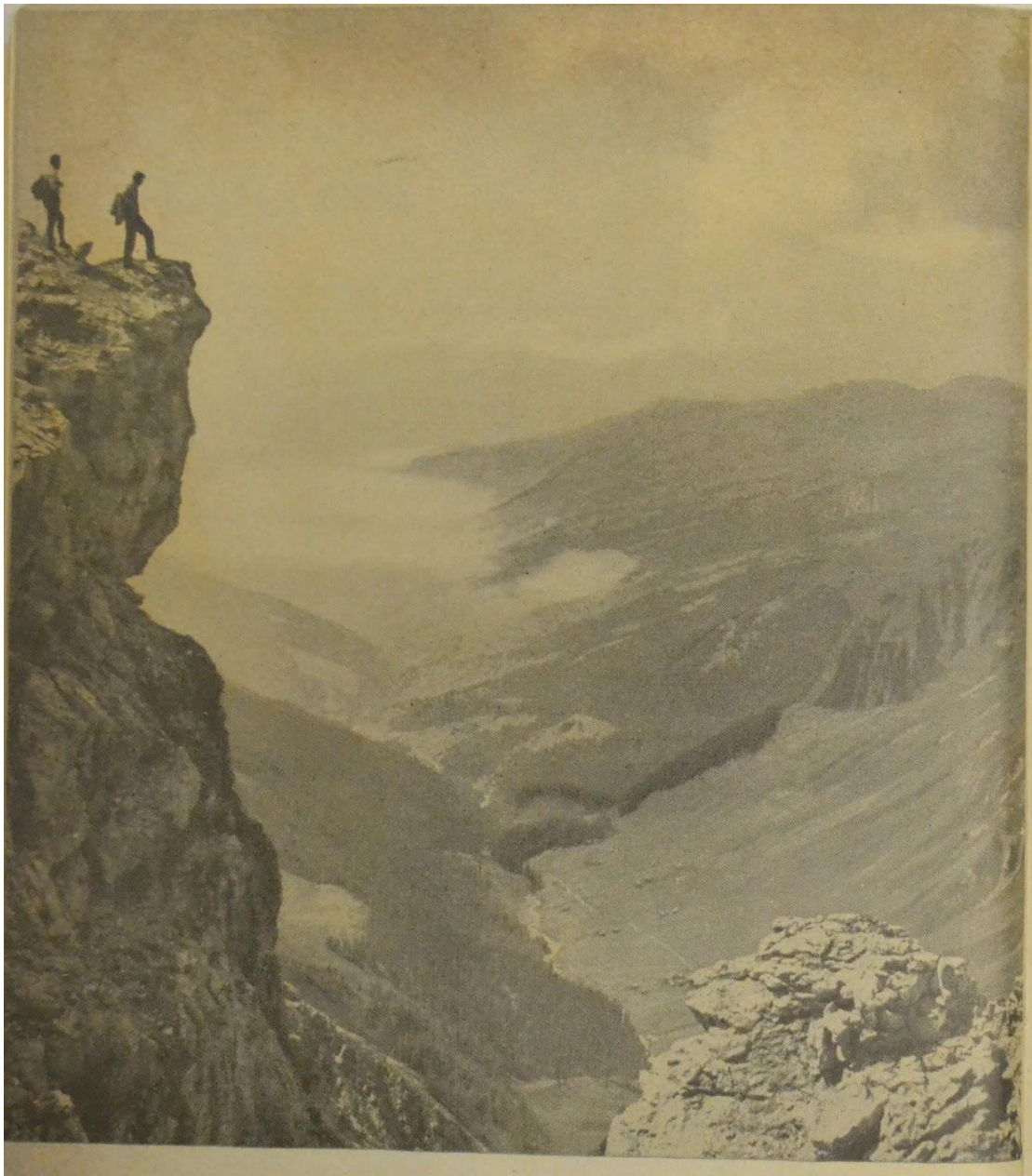
THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.
End. Tel.: "TIMROSCO"
Representantes exclusivos para venda no Brasil
• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •
Rua Senador Queiroz, 396—Telefones: 2-7269 e 3-4834—São Paulo, Brasil

NÃO HÁ OBRAS DEMASIADO DISTANTES!

O 'JEEP' UNIVERSAL abre seu próprio caminho... fornece força-motriz portatil para a soldagem in loco de oleodutos, e para muitas outras obras que é preciso executar em locais remotos e de acesso difícil. É um veículo possante, que se manobra com a maior facilidade, munido de transmissão nas quatro rodas, capaz de transportar homens e ferramentas aonde quer que seja preciso. O fato de poder ir "seja onde for" torna o 'Jeep' preferido das empresas petrolíferas, dos engenheiros, dos serviços de utilidade pública, e de outras empresas que precisam realizar obras em lugares fora de mão, em quaisquer condições de tempo.

Willys-Overland Export Corporation
Toledo, Ohio, E.U.A.

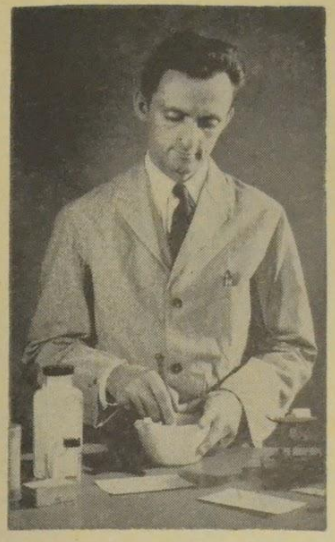
O NOVO 'Jeep' Universal construído por WILLYS-OVERLAND



A BELEZA PODE MORAR NO CORAÇÃO DOS HOMENS...

As belezas naturais da Suiça se refletem nas criações dos suiços... no instinto do desenho e da simetria, na precisão de uma assombrosa variedade de artigos que este pequeno país produz. E talvez não haja melhor exemplo disto do que o belo Relógio Suiço, fruto de tradições multi-seculares, transmitidas de pais a filhos, há para mais de 250 anos.

Sempre insatisfeito, o relojoeiro suiço se esforça constantemente para melhorar, para inovar, para combinar um mecanismo eficiente com um artigo de beleza que se tornou hoje uma necessidade em toda a parte do mundo. *OS RELOJOEIROS DA SUIÇA.*



Saude para Todos Graças aos Produtos Farmacêuticos da

MONSANTO

Iniciado em 1901 com um só artigo, a sacarina, o sortimento de produtos farmacêuticos da Monsanto compreende hoje 43 produtos químicos de alta qualidade e pureza comprovada—tão essenciais ao bem-estar da humanidade. Entre a diversidade dos produtos químico-farmacêuticos da Monsanto, que diariamente contribuem para a saude e bem-estar da humanidade, contam-se os seguintes:

O Ácido-Acetil-salicílico, U. S. P., (vulgarmente chamado aspirina) é largamente conhecido e está de há muito aceito pelos laboratórios farmacêuticos mais exigentes, porque obedece aos mais rigorosos padrões de qualidade e uniformidade. Existe à venda agora, em muito maiores quantidades.

Os Glícero-fosfatos Monsanto são largamente empregados no preparo de tônicos, nutritivos e produtos medicinais congêneres. Utilizados como veículo do cálcio, do ferro, do magnésio, do manganês, do potássio e do sódio, em combinação com o fósforo. Qualidade superior e uniforme.

Fotografia da maquete (trabalho manual) da fábrica John F. Queeny da Monsanto, para produtos farmacêuticos.

Alem de artigos farmacêuticos, a Monsanto fabrica muitas centenas de produtos químicos e plásticos. Elaborados em 28 fábricas distribuidas no mundo inteiro, esses produtos vêm de há muito servindo a indústria, que a| seu turno serve a humanidade.

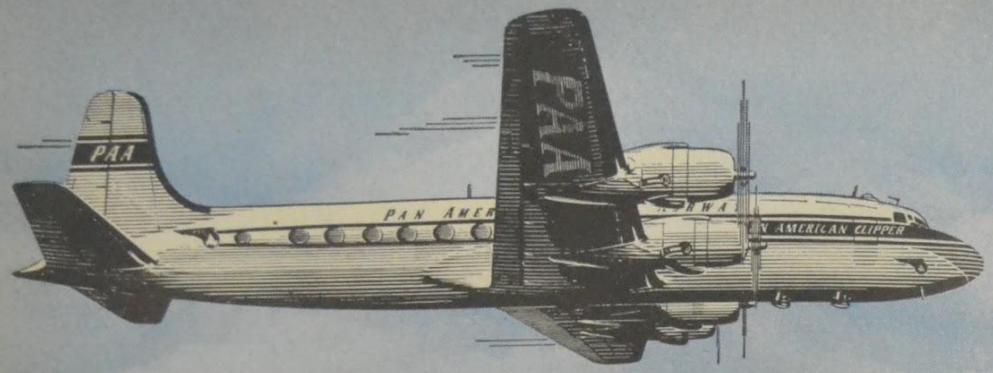
MONSANTO CHEMICAL COMPANY
St. Louis 4, Missouri, E. U. A.

MONSANTO CHEMICALS Ltd., Londres
MONSANTO (Canadá) Ltd., Montreal
MONSANTO (Austrália) Pty. Ltd., Melbourne

Representantes nas principais cidades do mundo

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA QUE SERVE A HUMANIDADE



VIAJE PÊLA PAA

- Melhor maneira não há!

A Pan American insiste em dar a máxima atenção aos mínimos detalhes de sua viagem.

É um prazer para o viajante internacional verificar a simplicidade de uma viagem por Clipper - desde a reserva da passagem até a chegada.

As agências de passagens da PAA, convenientemente localizadas em tôda parte, põem ao seu alcance os mais longínquos recantos da terra.

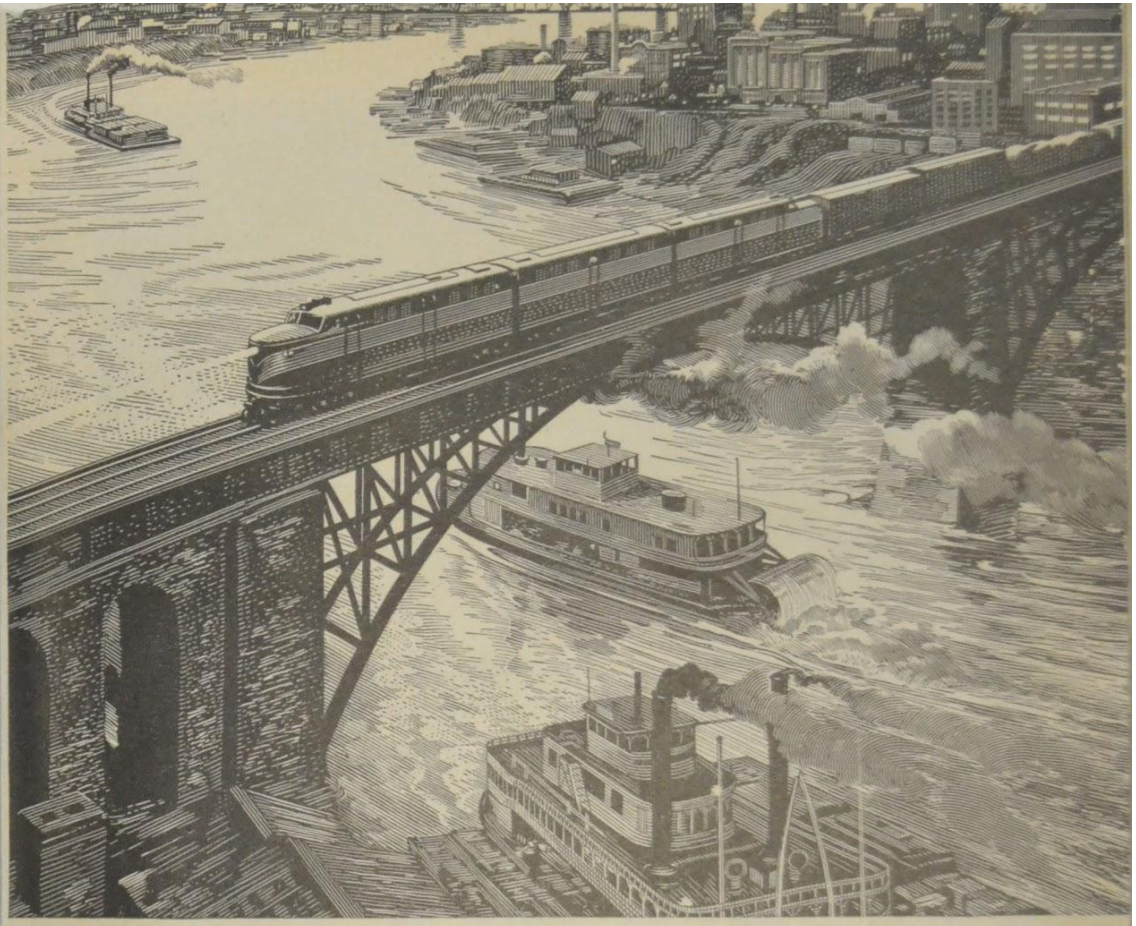
Através do mundo inteiro, a vasta rêde meteorológica da PAA mantém uma vigília constante - perscrutando, prevendo, cartografando - numa assistência vital que sòmente um perfeito conhecimento pode proporcionar - assegurando assim a V.S. os padrões mais elevados de segurança e confôrto.

PASSAGEIROS • CLIPPER CARGO • CORREIO AÉREO

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

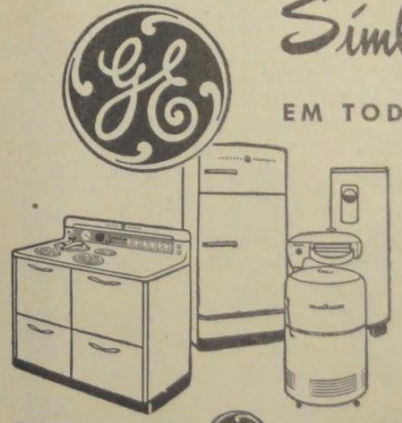
A Rêde dos Clippers Voadores

PAA



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES



GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se por seu funcionamento garantido.

As locomotivas diesel-elétricas G-E contribuem de maneira notável para o progresso de nosso país—transportando cargas e passageiros com rapidez, segurança, conforto . . . e economia também, pois consomem menos combustível.

Onde quer que a eletricidade torne a vida mais fácil e confortável—V. encontrará a poderosa influência das pesquisas, da engenharia e da capacidade industrial da G-E.

A-3-6

SPEEDS THE

UNDERWOOD

WORLD'S BUSINESS

Underwood acelera o comércio mundial

COM MÁQUINAS DE FAMA MUNDIAL

Em toda a parte do mundo — em todos os ramos de negócio, V. S. encontrará as Máquinas Underwood prestando bons e eficientes serviços.

A Nova Máquina de Escrever Underwood—de Toque Rítmico . . . mais rápida . . . mais simples e duradoura.

Máquina de Escrever Underwood Portatil—A última palavra em máquinas de escrever para uso pessoal. Um modelo para cada requisito.

Máquina de Contabilidade Underwood Sundstrand—Inteiramente automática—teclado de 10 algarismos somente . . . para muitos tipos de formulários de contabilidade. Um modelo de máquina próprio para cada operação de contabilidade.

Máquina de Somar Underwood Sundstrand—Teclado simples, de 10 algarismos . . . para grande rapidez e precisão. Funcionamento manual ou elétrico.

Underwood Elliott Fisher—A única máquina de contabilidade com superfície plana de escrever. Inteiramente elétrica. Com teclado comum de máquina de escrever. Podem-se inserir e tirar os formulários com rapidez nunca vista.

Vendas e Serviço no Mundo Inteiro

Dirija-se ao Distribuidor Underwood na sua localidade, ou escreva-nos diretamente

UNDERWOOD CORPORATION

International Division

ONE PARK AVENUE, NEW YORK 16, N. Y., E. U. A.

Máquinas de Escrever · de Somar · de Contabilidade · Papel Carbono · Fitas

A SEU SERVIÇO

para melhores produtos de petróleo

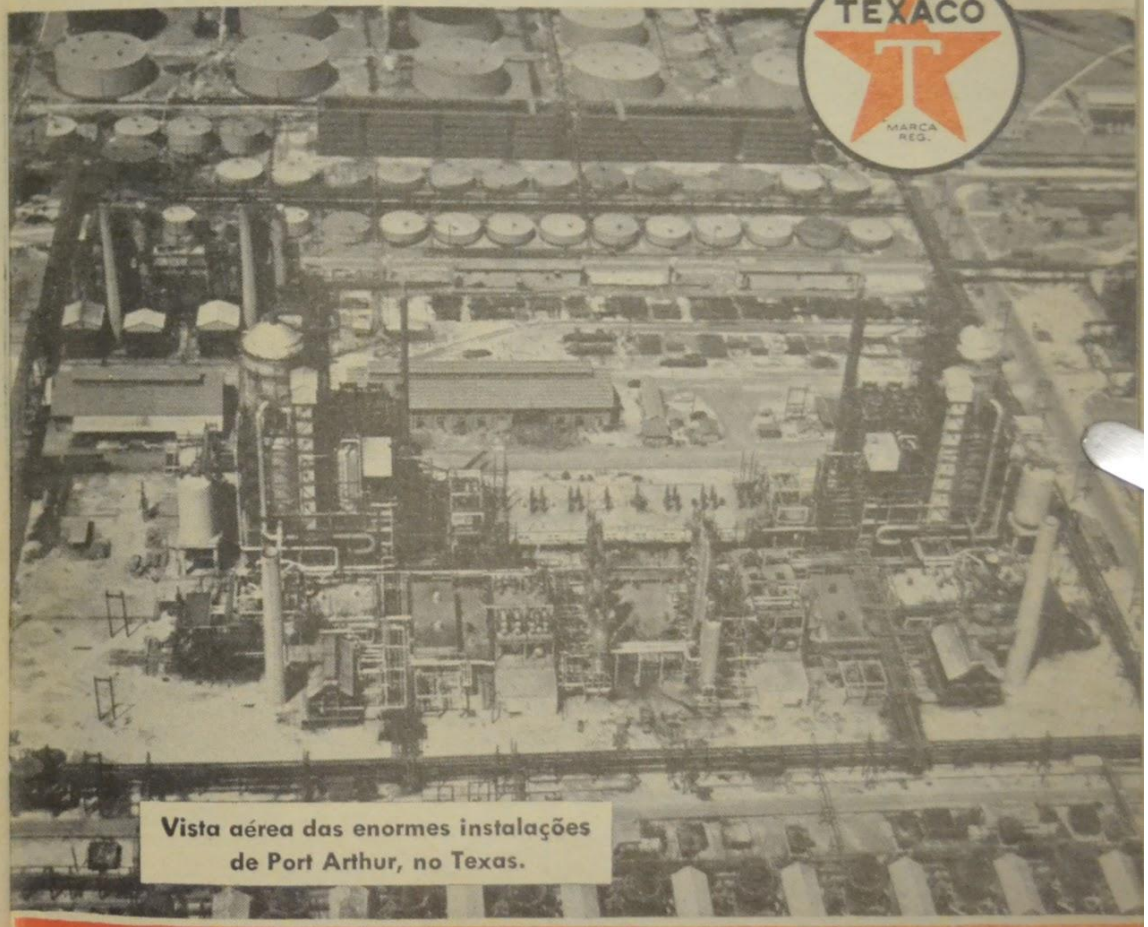
Cada litro e cada quilo dos lubrificantes e combustiveis de qualidade *Texaco* é fruto do mais rigoroso controle, exercido sobre todas as fases da respetiva produção e refinação. Nisto reside o segredo de uma operação econômica e eficiente.

Exija sempre *Texaco* para obter serviço satisfatório em todos os campos — no automotriz, fabril e no transporte — se deseja abastecer-se de produtos de petróleo de alta e uniforme qualidade, e de máxima confiança.

THE TEXAS COMPANY *e seus distribuidores*

TEXACO

MARCA REG.



Vista aérea das enormes instalações de Port Arthur, no Texas.

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

Degela Enquanto V.S. Dorme!

O Self-D-Froster NORGE desliga-se automaticamente todas as noites . . . voltando a ligar-se quando a degelação termina.

A Carne Fica Intacta!

O período de degelo nunca afeta os alimentos guardados no Congelador Selado.

Elimina o Degelo Manual!

A umidade acumula-se numa bandeja, e escoa-se para um recipiente facil de despejar.

ADIANTADA DE MUITOS ANOS!

O Novo SELF-D-FROSTER NORGE

Diga Adeus ao Degelo Antiquado

Para quem possui um Refrigerador NORGE do tipo Self-D-Froster—basta despejar um pequeno recipiente de dez em dez dias. O Self-D-Froster NORGE constitui a maior inovação na refrigeração elétrica até à data.

Um lindo relógio elétrico montado na porta do refrigerador—obra-prima de electro-mecânica . . . exclusiva da NORGE!

Procure sempre *modernizar* sua cozinha . . . e, para tanto, terá que pensar no NORGE!

REFRIGERADORES · FOGÕES ELETRICOS · REFRIGERADORES DE AGUA · MAQUINAS DE LAVAR · AQUECEDORES ELETRICOS DE AGUA AQUECEDORES DOMESTICOS FOGÕES A GAS CONGELADORES DOMESTICOS

VEJA OS NORGE ANTES DE COMPRAR

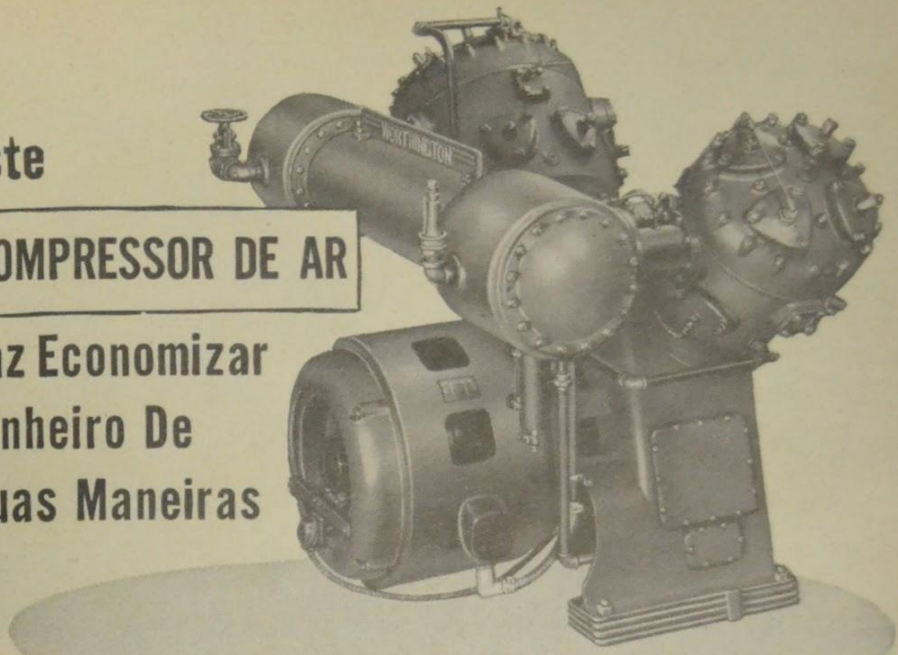
BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

BORG-WARNER INTERNATIONAL

Este COMPRESSOR DE AR Faz Economizar Dinheiro De Duas Maneiras



1. *O Compressor Worthington YC custa menos para instalar porque:* já vem montado, pronto para funcionar logo que se faça a ligação da energia elétrica e da tomada de ar; é menor, exigindo apenas a quarta parte do espaço que ocupa um compressor horizontal de igual capacidade; pesa menos, reduzindo portanto as despesas de transporte.

2. *O Compressor Worthington YC funciona mais economicamente porque:* os seus rolamentos de formato especial e barras de conexão requerem menos consertos; suas peças, de pequeno tamanho e preço módico, proporcionam maior facilidade para um rápido exame; suas Válvulas Feather* foram projetadas para maior eficiência e menor despesa de manutenção.

Escreva-nos para obter mais provas de que os Compressores Worthington YC dão o máximo de ar pelo mínimo custo. *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, New Jersey, U.S.A. Escritórios e representantes no mundo inteiro.*

*Marca Registrada

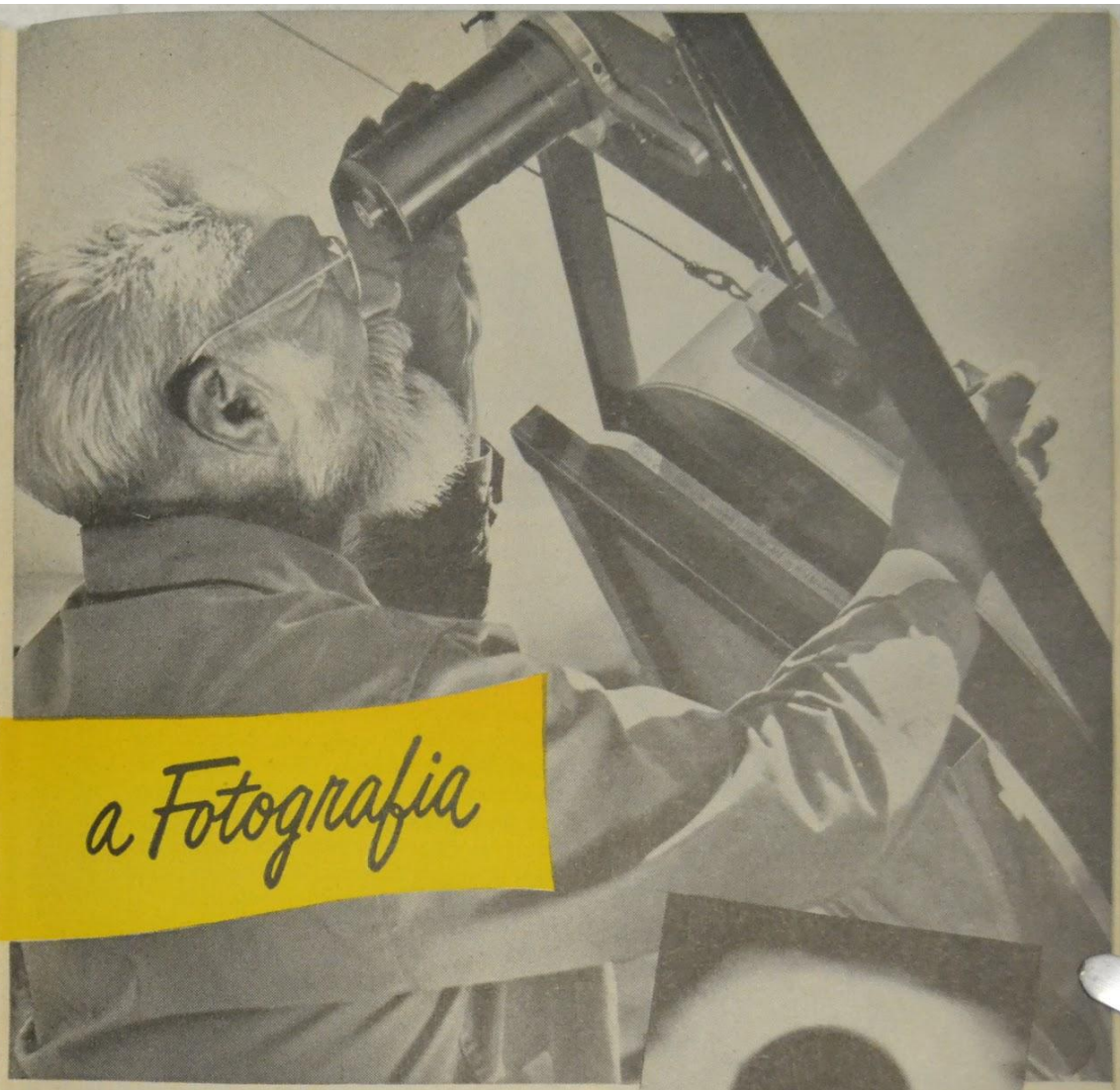
WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

F 7-5

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores • Equipamento para Construção • Refrigeração

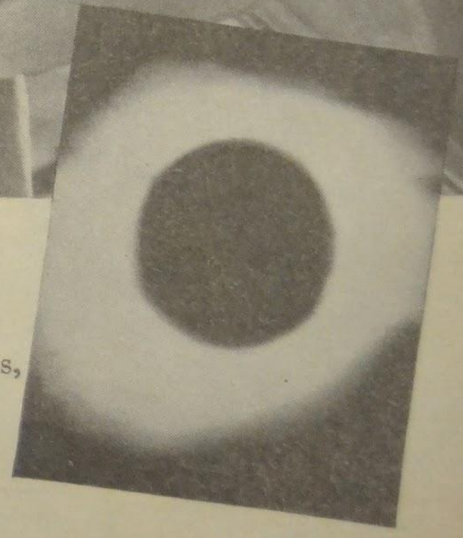
Ambos usam a Fotografia



V. S., para tirar instantâneos . . . capazes de perpetuar os "pequenos" incidentes que tanto significam.

Eis aqui dois dos inúmeros campos em que a Kodak põe a fotografia a seu serviço

O astrônomo, para fazer fotos do ceu . . . indispensaveis no estudo moderno dos astros. Mercê desses estudos, o homem aprende a dominar as forças da natureza para servir a humanidade.



Kodak

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

Como Evitar o Comércio Exterior "Por Palpite"

Não há nenhum vidente que, com a sua "esfera de cristal," possa revelar a qualquer exportador ou importador todos os fatores financeiros desconhecidos que hoje podem influenciar o comércio externo. Ora, não se reduzindo ao mínimo absoluto o método dos "palpites," corre-se um sério risco de prejuizos. A única maneira de reduzir os fatores desconhecidos a esse mínimo, é recorrer à ajuda e conselho de especialistas competentes e experimentados.

The First National Bank of Boston vem há 164 anos assistindo a importadores e exportadores. Possui escritórios em dez centros comerciais, de Boston a Buenos Aires. Tem um numeroso quadro de especialistas experientes em comércio exterior, nos E.U.A. e alem-mar, e serviços de correspondentes em toda parte, sempre ao dispor dos seus clientes que estejam empenhados em negócios internacionais.

Este Banco, o maior e mais antigo da Nova Inglaterra, é um lider mundial em muitos artigos essenciais, tais como couros e lãs. Ao mesmo tempo, tem tido longa e bem sucedida experiência nos problemas especiais de produtos novos e novos mercados. Qualquer filial do Banco terá prazer em mostrar a V.S. como é que a experiência e os serviços desta organização podem ajudá-lo nas suas operações comerciais de alem-mar.

The FIRST NATIONAL BANK of BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

O novo processo

"Air Spun"

PRIVILÉGIO DE COTY EM TODO O MUNDO

MICRONIZA

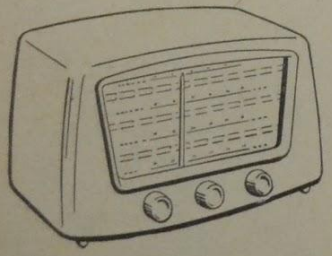
as partículas de pó de arroz e rouge

Processo exclusivo, máquinas exclusivas, dão ao novo pó de arroz "Air Spun" uma composição macia e perfeitamente homogénea. E o novo rouge "Air Spun," feito pelo mesmo processo, é agora uma carícia colorida, que pode ser escolhida numa gama de 10 lindas cores tentadoras. Novos tons, novas embalagens.

Pó de Arroz e Rouge "AIR SPUN"

Peça uma amostra "Air Spun," indicando se deseja o "maquillage" claro, médio ou escuro, à Caixa Postal 199, Rio.

Coty



Modêlo 5S819

A experiência da Zenith, construindo há mais de 30 anos, exclusivamente, os melhores rádios, é a sua garantia de superior qualidade e funcionamento—superioridade que lhe dará um novo mundo de deleite através de rádio ou discos.

Zenith **INTERNATIONAL RADIOS**

UMA VISITA

Que vale a pena fazer!

Tenha ou não algum problema de costura, uma visita à Loja *SINGER* do seu bairro será sempre uma ótima oportunidade de se pôr em dia com as últimas novidades dêste ramo. Em qualquer Loja *SINGER* a Snra. será atendida por funcionárias atenciosas e competentes, e poderá apreciar o que há de mais moderno em máquinas de costura, acessórios em geral, trabalhos de agulha, aviamentos, assistência mecânica, etc., enfim *tudo* o que a Snra. possa desejar em matéria de costura e bordado.

Escreva para a Caixa Postal 1180—Rio de Janeiro, Caixa Postal 146-B—São Paulo, Caixa Postal 21—Recife, e peça informações sôbre os nossos Cursos de Costura e Bordados ou solicite a remessa, pelo reembôlso postal, do nosso livro "Método de Corte e Costura". Preço: Cr$100,00.

SINGER—*o nome garante o produto!*

Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company. All Rights Reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos pelo Tratado Internacional

M. R.

RIO DE JANEIRO · SÃO PAULO · RECIFE

Lojas em tôdas as capitais do país

Exija "U.S." e siga para à frente

MAIOR QUILOMETRAGEM porque...

- A banda de rodagem é resistente e demora mais em gastar-se.
- A construção com camada amortecedora oferece maior proteção contra estouros.
- O cordonel de segurança de rayon proporciona maior resistência ao desgaste e ao calor.
- A carcassa mais forte permite recauchutar maior número de vezes.

U. S. ROYAL FLEETWAY

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para automóveis | Pneumáticos para agricultura | Sapatos Keds | Arames e cabos elétricos | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

EXCELÊNCIA

em execução — em estilo

A REMINGTON DE LUXE KMC* QUIET

EXCELÊNCIA PARA V.S., O CHEFE

Alem das oito Vantagens Extra que fazem de *toda* Remington KMC a primeira entre as favoritas da gerência como das datilógrafas, está o *Executype* . . . Dá uma nota de distinção à correspondência, produzindo cartas e relatórios que V.S. se orgulhará de firmar.

A primorosa combinação de cores harmoniza-se elegantemente, mas sem chamar a atenção, com qualquer tipo de mobiliário de escritório . . . e seu funcionamento, sensivelmente mais silencioso, torna todo o escritório um local de trabalho mais agradavel.

EXCELÊNCIA PARA VOCÊ, QUE A USARÁ

A Máquina de Escrever Remington Quiet DeLuxe KMC foi desenhada de modo a tornar possivel uma escrita suave, silenciosa, eficiente. O KMC (°Keyboard Margin Control—Controle das Margens no Teclado), exclusivo da Remington, exige apenas um leve movimento dos dedos para ajustar as margens instantaneamente, com precisão absoluta. O Indicador de Página, tambem exclusivo, faz aparecer instantaneamente um sinal vermelho de aviso quando se vai aproximando o fim do papel. O novo acabamento cinzento em dois tons, neutro à luz, foi pintado cientificamente de modo a absorver a luz deslumbrante e reduzir a fadiga dos olhos.

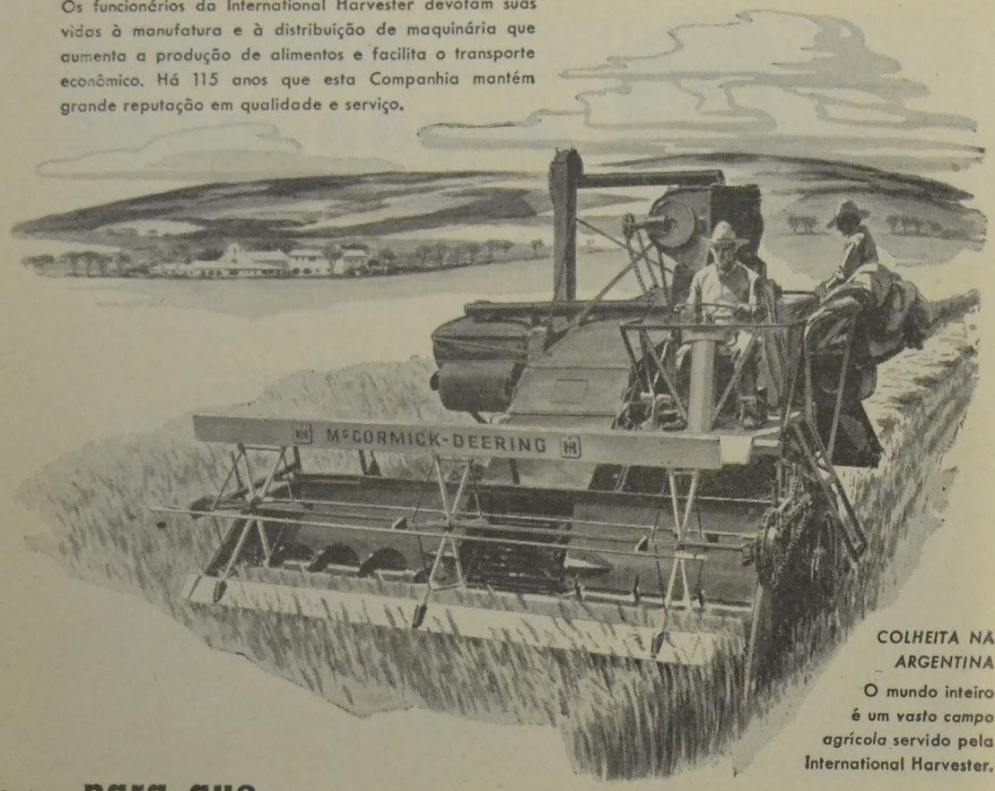
Antes de substituir qualquer de suas máquinas, chame o representante mais próximo da Remington Rand. Ou então escreva, pedindo informes, à Export Division, Department H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N. Y., U. S. A.

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

FABRICANTES TAMBEM DAS MÁQUINAS DE ESCREVER REMINGTON KMC, NOISELESS E PORTATIL

Os funcionários da International Harvester devotam suas vidas à manufatura e à distribuição de maquinária que aumenta a produção de alimentos e facilita o transporte econômico. Há 115 anos que esta Companhia mantém grande reputação em qualidade e serviço.



COLHEITA NA ARGENTINA

O mundo inteiro é um vasto campo agrícola servido pela International Harvester.

. . . para que o homem possa colher maiores e melhores safras

Há mais de cem anos uma ceifadeira mecânica demonstrou, pela primeira vez na história, que a máquina podia com sucesso aliviar os músculos humanos na árdua tarefa de colher cereais.

O progresso que seguiu esta primeira ceifadeira, em tôdas as fases da agricultura, foi enorme. E a International Harvester, cuja origem vai até à ceifadeira, tem sido um fator importante nêsse progresso. Hoje em dia a International Harvester fabrica uma linha completa de máquinas para tôdas as necessidades agrícolas . . . máquinas que ajudam o homem a plantar mais hectares, produzir melhores safras e obter maiores lucros da terra.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building
Chicago 1, E.U.A.

Com a invenção da primeira ceifadeira mecânica, Cyrus Hall McCormick livrou o homem do laço que o prendia à terra. Dela nasceu uma linha completa de máquinas agrícolas McCormick-Deering International.

INTERNATIONAL HARVESTER

TRATORES Y MÁQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL

CAMINHÕES, FÔRÇA INDUSTRIAL E REFRIGERAÇÃO INTERNATIONAL

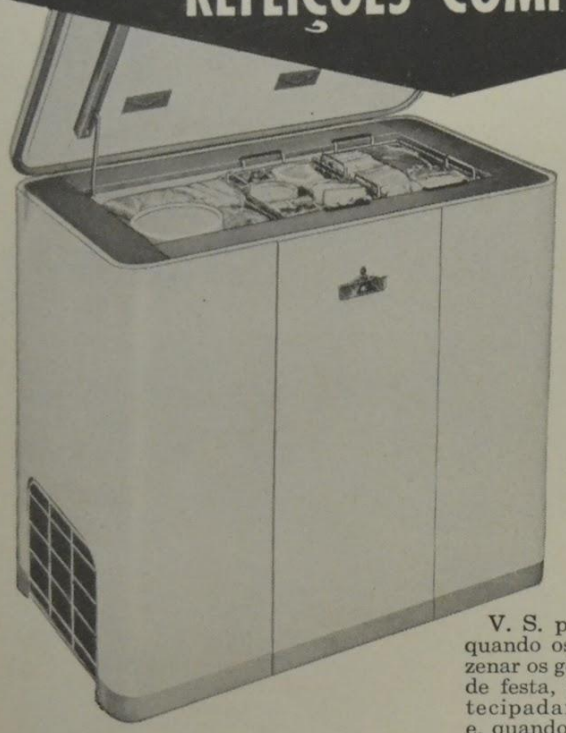
Alegria na mesa...

. . . com Presuntada Swift, feita de tenra e suculenta carne de porco. Tôda a sua família achará uma delícia—quente ou fria
Já vem pronta: é só abrir, servir . . . e repetir!

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS!

GARANTE-LHE DURANTE MESES, REFEIÇÕES COMPLETAS!



Veja V. S. o que lhe oferece agora o NOVO Congelador-Despensa Kelvinator

Tendo o maravilhoso Congelador-Despensa Kelvinator, V. S. pode comer exatamente o que quiser . . . e quando lhe aprouver. Pode regalar-se dos manjares mais delicados fora da época própria, saidos do grande sortimento do Kelvinator.

Uma vez resolvido o que V. S. e seus convidados desejam comer, basta tirá-lo do seu congelador doméstico (95 quilos de capacidade) que está repleto de carnes, galinhas, caça, fruta, legumes, sorvetes —e até pão e pastelaria. E facil assim!

V. S. pode assim fazer suas compras quando os preços estão baixos, e armazenar os gêneros durante meses. Nos dias de festa, podem-se preparar assim, antecipadamente, refeições inteiras — e, quando chega o grande dia, há tempo para tudo.

Eis a melhor maneira, e a mais moderna, de ter sempre à mão uma boa reserva de alimentos . . . e de servir as refeições mais apetitosas e atraentes.

O Congelador-Despensa Kelvinator é acionado pela famosa Unidade Polarsphere — mecanismo de refrigeração imune aos desarranjos, de lubrificação perpétua, e hermeticamente fechado em sua caixa de aço.

Vá vê-lo no concessionário autorizado da Kelvinator na sua localidade, ou peçanos, diretamente, mais informações.

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

A Maior Notícia no Ramo de Automoveis de Qualidade

DOIS "LINCOLN" INTEIRAMENTE NOVOS PARA 1949

SELEÇÃO DE ESPLÊNDIDOS TIPOS DE CARROCERIA . . . DUAS CATEGORIAS DE PREÇO

Custaram anos de trabalho para chegar à perfeição . . . Mas aquí estão, e V.S. não se arrependerá de ter esperado por eles: porque, de para-choque a para-choque, estes dois belos Lincoln para 1949 são *inteiramente novos, inteiramente satisfatórios!*

Linhas novas. Motor inteiramente novo, aprovado em todos os testes. Oito cilindros em V, 152 H.P. O novo sistema de molas de suspensão permite a V.S. "flutuar" por sobre os trechos mais acidentados. Novo centro de gravidade, mais baixo, e novos pneus de máximo equilíbrio. O perfeito equilíbrio do Lincoln constitui uma sensação nova de guiar sem esforço! Sejam quais forem os seus projetos, não deixe de ir ver o Lincoln!

DIVISÃO INTERNACIONAL • FORD MOTOR COMPANY

Não há nada melhor—nem mais novo!

Símbolo de PRECISÃO ULTRA-MODERNA!

Relógios-Pulseira

Ingersoll

Exatidão maravilhosa e belo feitio . . . muito práticos e ao alcance de todos os bolsos

O novo *Ingersoll*

Elegante despertador, apropriado a qualquer parte do lar . . . decorativo, certo e tem corda para 40 horas.

US TIME

Fabricados por THE UNITED STATES TIME CORP., E. U. A.

Agente: Costa, Portela & Cia., Rio de Janeiro

CONFIE NOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

O transporte por caminhão proporciona um meio rápido e econômico para levar seus produtos de porta a porta. Envie por caminhão — estimule o plano rodoviário brasileiro.

Envie por Caminhão

OS TRANSPORTADORES EXPERIMENTADOS CONFIAM NOS PNEUS

Firestone

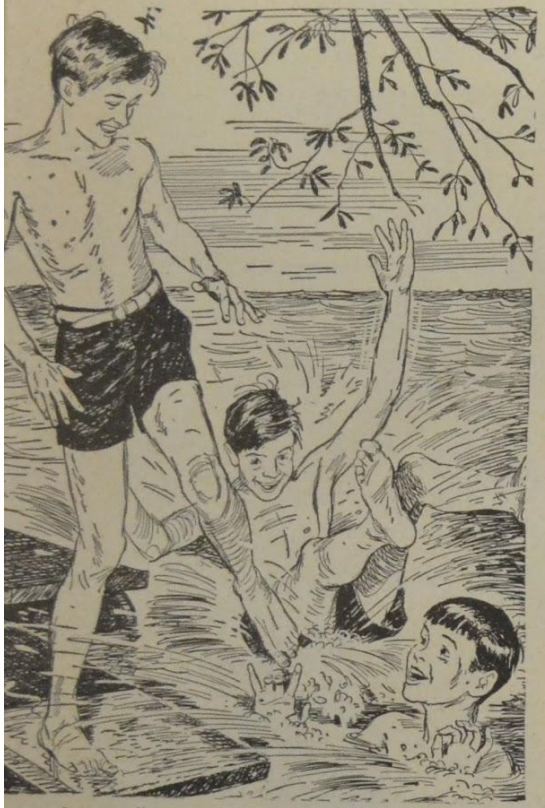
PARA SEGURANÇA
ECONOMIA
RENDIMENTO

Firestone

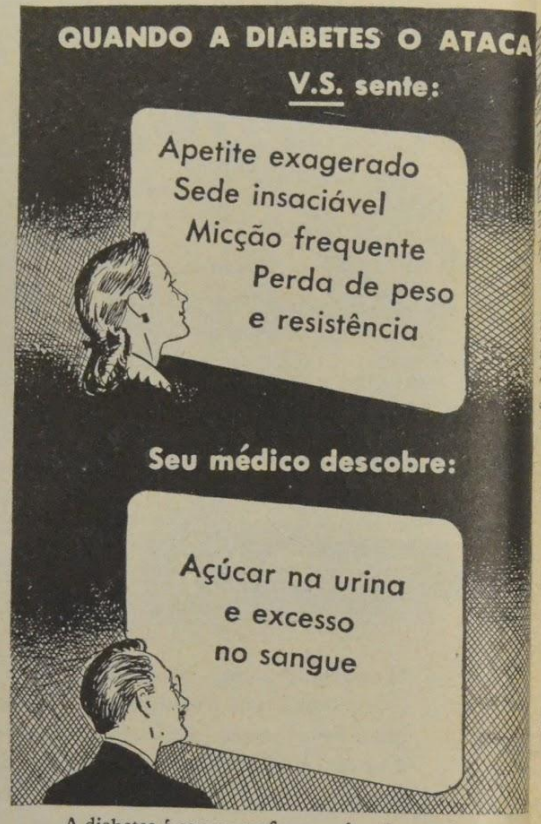
INDÚSTRIA BRASILEIRA

O MELHOR HOJE . . . AINDA MELHOR AMANHÃ

Os diabéticos podem levar uma vida sã e normal



Antes a diabetes significava a morte. Hoje em dia um diabético pode viver tanto quanto uma pessoa normal!



A diabetes é como um fogo oculto. Ignorada no início, pode subitamente manifestar-se com violência.

Faça da derrota um triunfo! Forme uma frente única com seu médico e siga um regime adequado.

Que sabe você sobre diabetes? A diabetes é causada por uma perturbação do pâncreas, em virtude da qual o organismo não pode reter o açúcar, fonte vital de calor e energia.

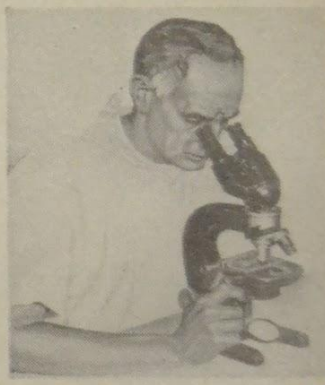
Em 1922 os cientistas isolaram a insulina . . . um extrato pancreático que restabelece a capacidade orgânica de reter e armazenar o açúcar. Seu efeito é rápido—porém só traz alívio por poucas horas. Agora existe uma insulina de *ação mais lenta*, que perdura por 24 horas. Felizmente, há grande quantidade de insulina. E está sendo constantemente aperfeiçoada, e tornando-se mais barata.

Quem está mais sujeito a contrair diabetes? Em geral as pessoas entre 30 e 60 anos, cujo peso é excessivo, ou com algum antepassado diabético. Quando uma pessoa come demais, as células produtoras de insulina do pâncreas ficam sobrecarregadas . . . podem ficar inutilizadas. Podem também ser prejudicadas por excesso de trabalho ou ansiedade. Nem sempre os sintomas típicos apontados acima se manifestam. Eis porque um exame de urina deve fazer parte da sua próxima consulta. Assim a diabetes poderá ser descoberta em tempo, tornando-se fácil dominá-la.

A diabetes não se cura com uma Lâmpada de Aladim! Não obstante, um regime dietético, insulina e exercícios—aconselhados por seu médico—podem operar milagres! Ele lhe dirá qual a quantidade de insulina de que você necessita. Você comerá os mesmos alimentos que sua família—mas em proporções diferentes, naturalmente. (Graças à insulina, você não ficará escravizado à mesma dieta restrita de anos atrás.)

E lembre-se—seu médico poderá descobrir a diabetes e dominá-la, prevenindo grande número de complicações.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

Indispensavel para a vida moderna

Por William McFee

Ilustre romancista; autor de «Casuals of the Sea», «Command», etc.

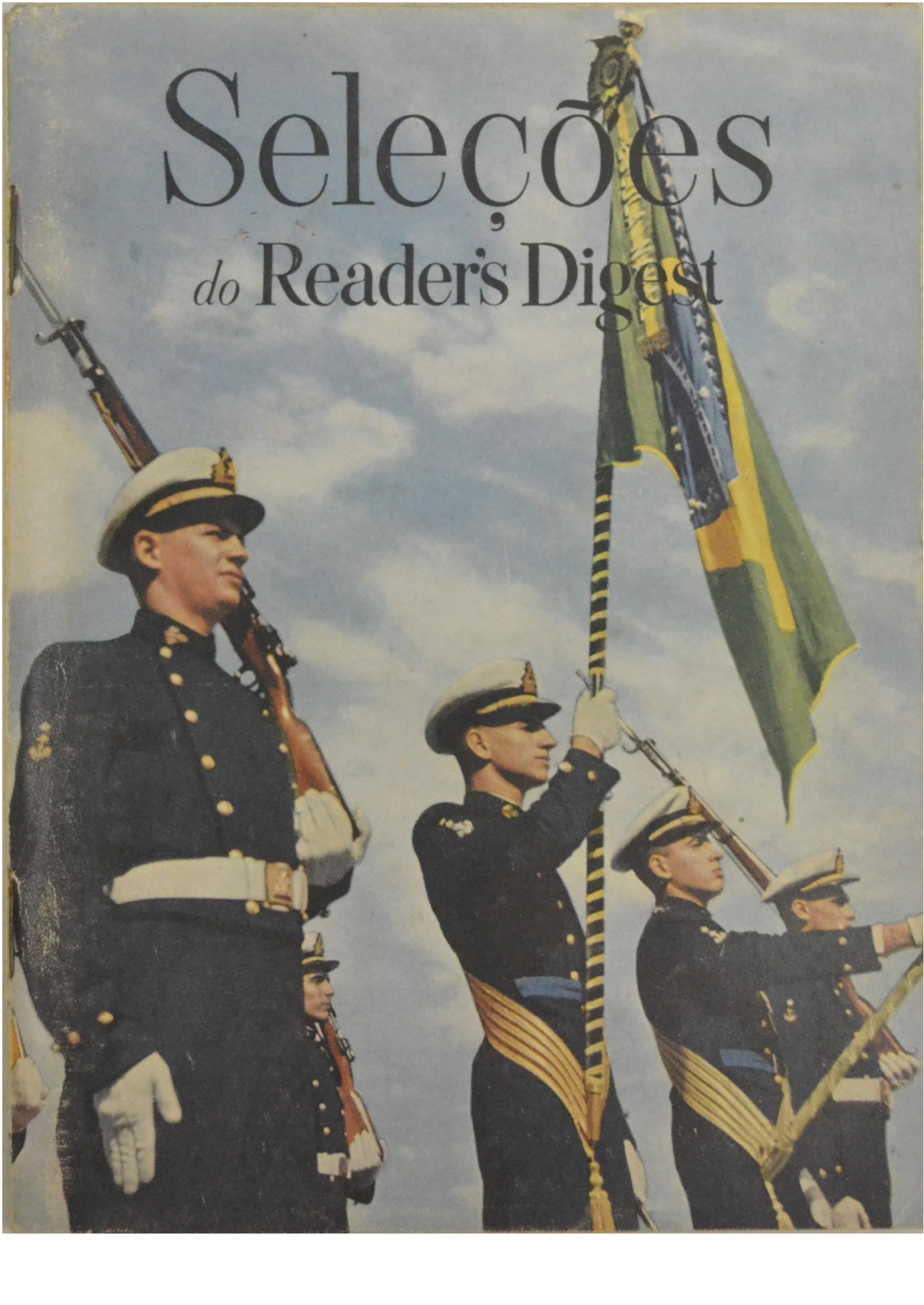
Se não me engano, foi G. K. Chesterton quem estabeleceu uma distinção precisa e necessária entre dois tipos de leitores. Há pessoas que querem ler um livro—isto é, uma obra determinada—e há aquelas que querem um livro para ler...

Figuro entre os leitores do primeiro tipo. Os livros, e entre eles incluo tambem artigos e ensaios publicados em revistas, constituem meus instrumentos de trabalho. Compro revistas para ler certos artigos, que desejo utilizar afim de dar forma a alguma idéia em meu espírito, com um objetivo futuro. Sou assinante de meia dúzia de revistas. Muitas vezes, tambem, compro, por 40 ou 50 centavos, um exemplar de uma revista, para ler um único artigo que me interesse de modo particular. Os mecânicos possuem, com frequência, pequenas ferramentas, de desenho especial, para certas tarefas específicas. Usam-nas poucas vezes, mas têm-nas na conta de indispensaveis a todo bom trabalhador. Às vezes compram uma ferramenta única para executar uma tarefa especial.

Assim é, para mim, Seleções do Reader's Digest. Há tantas revistas! Ninguem seria capaz de lê-las todas, a menos que não fizesse outra coisa. É a tarefa que Seleções executa para mim. Em suas páginas encontro artigo após artigo, muito uteis na formação de juizos bem orientados. Já disse que considero ferramentas esses artigos. Alguns têm gume afiado, cortando noções errôneas e pondo a nu idéias falsas. Outros são martelos, dando formas mais aproveitaveis a conhecimentos de que já dispomos. Outros, ainda, são lentes, que ampliam para mim fatos microscópicos mas importantes. Contribuem todos, de maneira muito especial, para a satisfação que sinto em viver nos dias de hoje. Por sua forma concisa e pela facilidade da sua utilização, parecem-me indispensaveis para a vida moderna.

Seleções

do Reader's Digest



SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Queirós Gomes & Cia., Rua Joaquim Sarmento, 31, Manaus.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3.º andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: J. A. Carvalho, Minerva Central, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

Tomo XIV, No. 80 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Setembro de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Administrador:* Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edi ão em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Seere Salminen (Helsinque). *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIV, No. 80, September 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154. Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Economize nos manjares destas 2 maneiras!

Use o Fermento Royal para maior rendimento de ingredientes escassos . . . para evitar insucessos!

Estes Rolinhos de Carne dão para 6 pessoas e são feitos com apenas 450 grs. de carne—e sem ôvo. Recorra ao Fermento Royal para enfrentar o atual custo elevado dos alimentos. Com Fermento Royal a senhora obtém maior rendimento . . . melhor sabor e uma textura mais delicada. Não confie ingredientes caros a fermentos de qualidade inferior. Compre sempre Royal—nas famosas latinhas vermelhas.

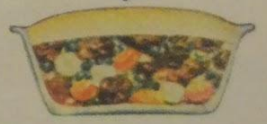
A chave de mil e um pratos deliciosos!

Gratis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para:

ASSAMENTO **UNIFORME**

Repare que massa leve, fôfa, o Fermento Royal deu a esta torta de carne. O *assamento uniforme* de Royal permite que a massa cresça por igual . . . uniforme em textura e na forma. Deliciosa!



ASSAMENTO **IRREGULAR**

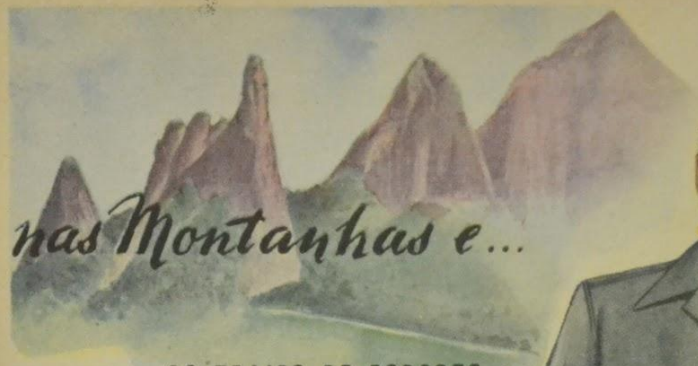
Repare como a ação irregular do fermento inferior não deixou a massa crescer. Resultado: massa pesada, encruada, de textura grosseira e pobre sabor... dispendiosos ingredientes perdidos.

Fermento Royal

CAIXA POSTAL 3215—RIO DE JANEIRO. DEP. II-900

Em todo o mundo
Coca-Cola
é o refresco ideal

COPYRIGHT 1948 THE COCA-COLA EXPORT SALES CO. PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA



OS TRAJES DE ESPORTE
DA MAIOR FABRICA DO BRASIL

CONFECÇÕES
SARAGOSSY
RIO

MARCA REGISTRADA

A FABRICA SARAGOSSY NO RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES NO BRASIL

RIO DE JANEIRO : José de Brito - Av. Gomes Freire, 28
SÃO PAULO : Hans Alex Loewenthal - Rua São Bento, 480 s. 301/2
PARANÁ : S. Rigler - Rua Cabral, 773 Curitiba
PERNAMBUCO : A. S. Castro Rua Aurora, 65 - Recife
RIO GRANDE DO SUL : Hess & Wolff Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA : Armando Brandão Pça Conde dos Arcos, 4 - s. 4 - Salvador
PARÁ : Bento Mendes Leite Rua João Alfredo, 91 - Belem

Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis - Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

Os mais ardentes desejos . . .
se satisfazem com

EVERSHARP!

Eversharp anotará fielmente todos os seus pensamentos. Eversharp tem estas qualidades exclusivas: *A Pena Mágica*, de ouro de 14K, que escreve com tanta suavidade que é realmente silenciosa. *O Alimentador Mágico*, que evita que a tinta vaze ou goteje. A Caneta e a Lapiseira de Repetição são de elegante estilo com tampa de ouro de 14K. *Serviço de Consertos* garantido para sempre. Compre EVERSHARP hoje mesmo.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.

EVERSHARP
Jogo
Presentation

Dê o melhor . . . dê

EVERSHARP

Fieis

CHAMPION

VELAS FAVORITAS DO MUNDO

A velocidade e a audácia desses carrinhos anões nas pistas de corrida assombram milhares de espectadores. Correndo, suas rodas quase se tocam, e isto exige tremenda aceleração e uma habilidade extrema por parte do condutor. Nem o carro nem o motorista podem falhar por uma fração de segundo, e é aí, precisamente, que as fieis velas se tornam de soberana importância. A esmagadora maioria dos pilotos de carros de corrida usam as fieis velas Champion. Aí tem o depoimento dos peritos: as Champion tornam melhores os motores, dão-lhes melhor desempenho e maior fidelidade!

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

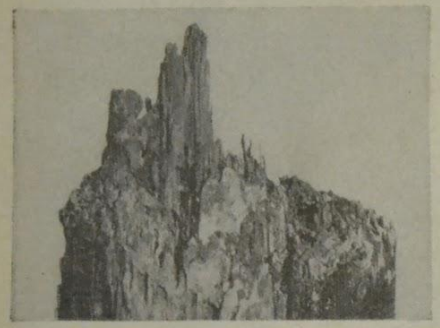
EXIJA CHAMPION—AS VELAS DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY • TOLEDO, U.S.A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

Há Muito a Ganhar
Com os Produtos Químicos e Plásticos
da

MONSANTO

Há muitas centenas de produtos químicos e plásticos da Monsanto que redundam em apreciaveis economias—intensificação da produção, melhoramento da qualidade, e redução de despesas. Descrevemos adiante dois inseticidas químicos da Monsanto: mas há muitos outros artigos que lhe poderão interessar.



SANTOPHEN* 20 da Monsanto é um preservativo da madeira, já comprovado, que se pode aplicar a todas as espécies de madeiras em bruto ou trabalhadas, usadas na construção pesada ou na edificação de moradias. Defende a madeira da putrefação e dos ataques de insetos nocivos, fazendo-a durar muito mais tempo.

SANTOBANE* é o DDT da Monsanto. Quando devidamente aplicado, detem os estragos causados por muitas variedades de insetos que atacam as frutas e as verduras. Muito empregado tambem no combate às moscas e outras pragas domésticas e agrícolas. Como é granuloso e fluente, pode-se preparar facilmente em soluções e pós inseticidas.

Este são dois, somente, das muitas centenas de produtos químicos e plásticos fabricados pela Monsanto em 28 fábricas distribuidas pelo mundo inteiro. Servindo a indústria, eles servem a humanidade.

*Marca registrada nos E. U. A.

MONSANTO CHEMICAL COMPANY
St. Louis 4, Missouri, E. U. A.
MONSANTO CHEMICALS Ltd., Londres
MONSANTO (Canadá) Ltd., Montreal
MONSANTO (Austrália) Pty., Ltd., Melbourne

Representantes nas Principais Cidades do Mundo

AO SERVIÇOS DA INDÚSTRIA ... QUE SERVE A HUMANIDADE

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

USE HOJE O LUBRIFICANTE DO FUTURO!

Não é segredo para ninguem que os petróleos crus da Pensilvânia produzem os melhores óleos lubrificantes do mundo. O que faz do AMALIE Motor Oil — 100% Pensilvânia — um óleo *superior* ... que se adianta ao tempo presente ... é o processo exclusivo da sua refinação. O processo AMALIE preserva e protege a qualidade que conta acima de tudo em um óleo: a *oleosidade*.

É por isso que este óleo *mais oleoso* é de há muito o preferido para autos, caminhões, ônibus, tratores, maquinaria de construção e motores industriais. A maior oleosidade do AMALIE Motor Oil representa mais quilometragem ... mais rendimento da maquinaria agrícola ... mais longa duração util dos motores. Assim, hoje ... amanhã ... *sempre* — use o AMALIE Motor Oil ... que opera com mais eficiência e maior economia.

OS LUBRIFICANTES AMALIE PARA MOTORES SIGNIFICA QUALIDADE-SEGURANCA—ECONOMIA

A venda em todo o Brasil nos vasilhames originais hermeticamente fechados nas nossas refinarias em Pensilvania.

L. SONNEBORN SONS, INC.
Divisão da América Latina — Nova York 16, E. U. A.
Refinarias: Petrolia & Franklin, Penna., E. U. A.
Fábrica: Nutley, N. J., E. U. A.

Pontos atuais de distribuição: Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, Recife, Bahia, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.

"Viaja sempre pela *K.L.M.*?"

"Claro, *viajar de avião é muito natural para os holandêses*."

Viajar, atravessar oceanos, chegar aos confins do mundo, tudo isto está no temperamento holandês. Se viajar com a K.L.M. notará lógo a excelência do serviço e terá a sensação de segurança, fruto dessa bela tradição, perfeita competência em viagens de longo curso.

7 grandes serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMÉRICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M

Diretamente aos seus clientes

A grande usina da Bethlehem em Sparrows Point, no porto de Baltimore, é a única usina produtora de aço nos Estados Unidos que fica situada à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se assim ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Desde as operações de mineração até o embarque final do produto acabado, a manufatura dos Aços Bethlehem é processada sob a fiscalização de engenheiros e metalurgistas de grande experiência. Organização rigorosamente completa, de minas e usinas, a Bethlehem adota a produção de controle único, combinando o equipamento com os métodos os mais modernos, para assegurar a V.S. a qualidade e a uniformidade, dignas da maior confiança.

Bethlehem Steel Export Corporation

25 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A. Telegramas: "BETHLEHEM, NEWYORK"

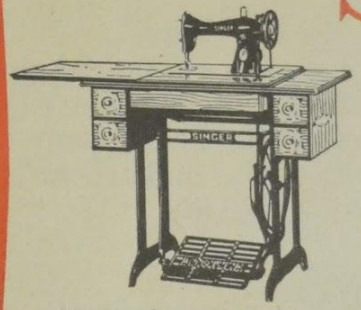
Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a, BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165, Salas 307/8/9
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

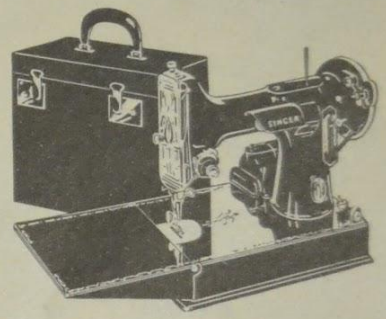
204-PSS

A SUA *MELHOR* COMPRA AINDA É UMA

SINGER



Máquina Singer de pedal
Modêlo 15-88



Máquina Singer Elétrica-Portátil

Os mais lindos modelos de máquinas — portáteis, de gabinete, mesa ou pedal — aguardam a sua escolha, em qualquer Loja Singer. E, embora pareça impossível, a Snra. descobrirá nas novas Singer vários aperfeiçoamentos que transformam a costura num verdadeiro prazer! Adquira a sua máquina imediatamente em suaves mensalidades.

Singer Sewing Machine Company

— o nome garante o produto!

RIO DE JANEIRO • RECIFE • S. PAULO
Lojas Singer em tôdas as cidades do Brasil

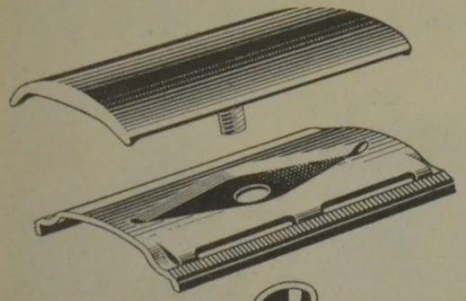
E sòmente Singer oferece esta GARANTIA!

Em tôdas as cidades do continente há Lojas Singer que oferecem a mais perfeita assistência mecânica e peças sobressalentes para a sua Singer.

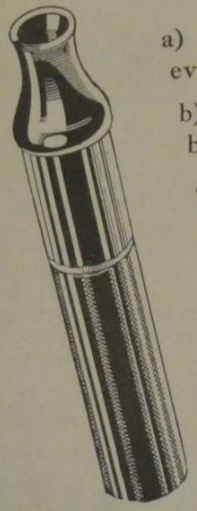
M. R.

Copyright U.S.A., 1938 by Singer Sewing Machine Company
Todos os direitos devidamente postos em seus Países Respectivos

Em menos tempo
e com maior segurança!



Essa é a vantagem que lhe oferece o novo Gillette-Tech—um aparelho de barbear que possui:



a) Novos frisos anti-deslizantes, para evitar cortes, mesmo a um gesto infeliz;

b) Nova barra-distensora, para um barbear mais suave;

c) Aberturas amplas, para limpeza mais fácil. Não acumulam espuma, basta colocar sob a tôrneira.

E mais esta vantagem: o novo aparelho Gillette-Tech foi especialmente desenhado para a lâmina Gillette Azul, de qualidade inigualável, *que custa pouco, porque dura muito, e faz melhor a barba.*

Gillette TECH

Alie a segurança, rapidez e suavidade do aparelho Gillette-Tech à economia da lâmina Gillette Azul. Resultado: um barbear mais perfeito!

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Não custa experimentar

CONSTANCE MOORE
(da "Republic")

Qualquer que seja o dentifrício que vem usando por fôrça de um hábito antigo! Se não obtém resultados rigorosamente satisfatórios, experimente, *DURANTE 7 DIAS APENAS*, a moderna e científica Pasta Dental Phillips, que contém 75% do genuíno Leite de Magnésia de Phillips. Dez anos à frente dos dentifrícios comuns, a Pasta Dental Phillips neutraliza a acidez bucal, impede a formação da cárie e mantém os dentes sadios, alvos e brilhantes.

Aproveite esta oportunidade excepcional! Preencha e mande o coupon abaixo, e faça *GRATUITAMENTE* a experiência salutar da Pasta Dental Phillips, o dentifrício do futuro ao seu alcance no presente.

PASTA DENTAL PHILLIPS BRILHO, BELEZA, BRANCURA

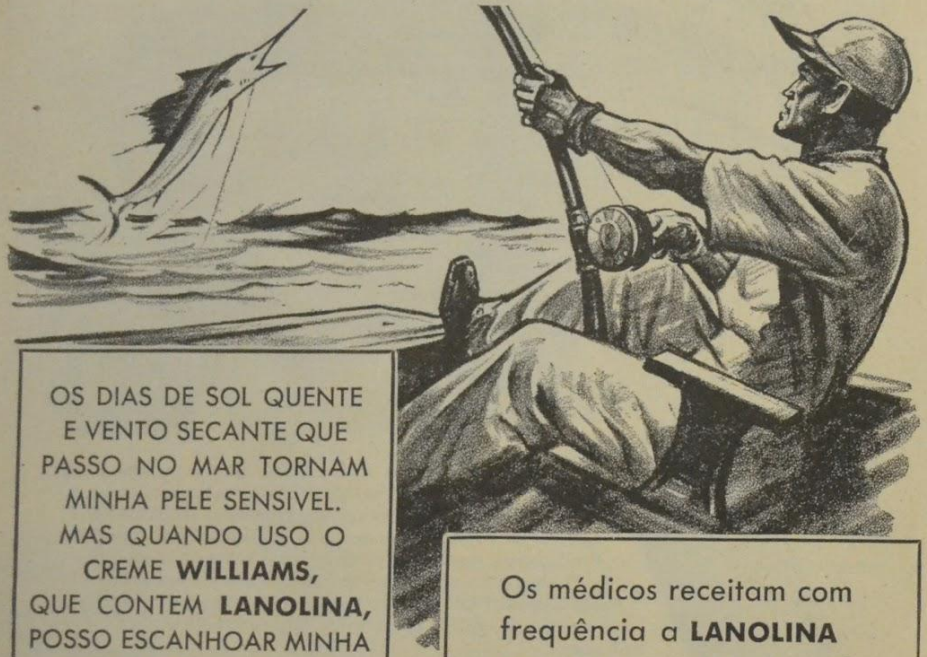
GRÁTIS — APENAS PELO CUSTO DA REMESSA

Para despesas de remessa, envio à Cx. Postal 1363, Rio, Cr$ 3,00 em selos postais, para que me seja enviado um tubo da PASTA DENTAL PHILLIPS, no valor de Cr$ 7.00.

NOME .....
RUA ..... N.º .....
CIDADE ..... ESTADO .....

PESCA ESPADARTES DE 320 QUILOS

(mas tem a pele ultra-sensivel)



OS DIAS DE SOL QUENTE E VENTO SECANTE QUE PASSO NO MAR TORNAM MINHA PELE SENSIVEL. MAS QUANDO USO O CREME **WILLIAMS,** QUE CONTEM **LANOLINA,** POSSO ESCANHOAR MINHA RIJA BARBA SEM QUE A PELE SE IRRITE OU RACHE.

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do Creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

Uma Pulseira *Champion* no seu Relógio ...formará o Conjunto mais Elegante

JB

Pulseiras finas e modernas para homem e senhora, que dão realce aos relógios de estilos populares da atualidade, e duram muitos anos. São douradas em amarelo, branco ou côr de rosa. Algumas são de aço inoxidavel.

Todas as pulseiras JB têm uma base incorrosivel que protege e conserva sua elegância em todos os climas.

Peça Pulseiras JB pelo Nome

Fabricadas nos E.U.A. por Jacoby-Bender, Inc.

A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS

Representantes exclusivos para venda no Brasil:

Hermes Fernandes & Cia., Ltda. Avenida Rio Branco 20, 19º, Rio de Janeiro

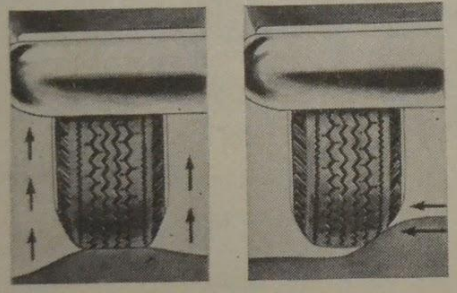
O MAIOR APERFEIÇOAMENTO NA INDÚSTRIA

é uma criação GOODYEAR!

Absorve os choques laterais!

Maior volume de ar, com menor pressão!

● Proclamado pelos engenheiros automobilísticos, nos Estados Unidos, "o maior aperfeiçoamento na indústria de pneus nos últimos 15 anos", o Super-Cushion feito por Goodyear não é apenas um novo pneu—é um novo tipo de pneu! Adotado como equipamento original por vários dos mais importantes fabricantes de automóveis, o Super-Cushion está agora sendo fabricado também no Brasil, um dos primeiros países no mundo, depois dos Estados Unidos, a produzir esta revolucionária criação Goodyear.



Os carros recebem choques de duas naturezas: verticais (à esquerda) e laterais (à direita). Os pneus comuns e o molejo absorvem os choques verticais, mas até que Goodyear produzisse o Super-Cushion, os choques laterais permaneceram um problema sem solução

Veja êstes característicos revolucionários:

Pressão extra-baixa: primeiro pneu para carro de passageiros construído para pressão extra-baixa—24 libras.

Nova construção: primeiro pneu para carro de passageiros construído especialmente para absorver choques laterais, reduzindo os cortes e rachas nas paredes.

Maior volume de ar: maior e mais largo, contém maior volume de ar—"flutua" sôbre os obstáculos e mantém-se melhor na estrada.

Novo desenho: dotado de ranhuras especiais, para melhor tração, especialmente nas curvas.

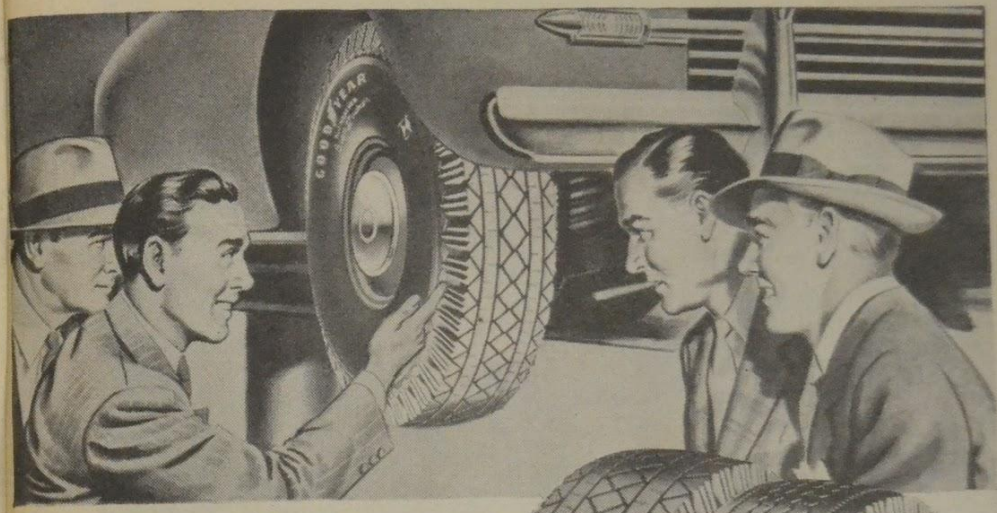
Menor aquecimento: proporciona proteção extra contra cortes, ranhuras e estouros, resultando em maior quilometragem.

Mais bela aparência: aspecto moderno e imponente.

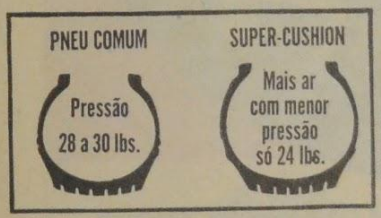
UM NOVO TIPO DE PNEU!...

Super Cushion

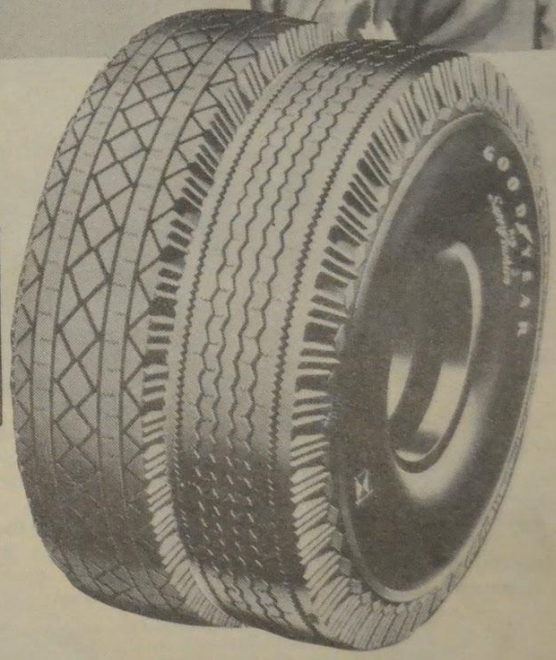
DE PNEUS NOS ÚLTIMOS 15 ANOS...



O pneumático SUPER-CUSHION vende-se em dois famosos desenhos de ranhuras: RIB e ALL-WEATHER



Os novos Super-Cushion são maiores do que os pneus comuns. Por isso comportam 26% mais volume de ar, com apenas 24 libras de pressão!



GOODYEAR

Milhares das mais importantes empresas comerciais do mundo estão empregando hoje a Calculadora Burroughs para computar folhas de pagamento, fazer faturas, análises de vendas e outras operações de cálculo . . . porque essa máquina demonstrou ser 15 a 40 por cento mais veloz do que outro qualquer tipo de máquina de calcular. V.S. poderá tambem poupar tempo e dinheiro, se utilizar esta moderna Burroughs. Peça ao Representante local da Burroughs que lhe proporcione uma demonstração, aplicada ao seu gênero de operações.

Há representantes de Burroughs em todas as cidades, importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., rua da Alfandega, 81A-1º, Rio de Janeiro e Largo do Paissandú, 51-1º, São Paulo. A representante em Portugal é a Robinson Bardsley & Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

Burroughs

Pega perfeitamente qualquer estacão!

Graças à nova faixa ampliada elétrica.

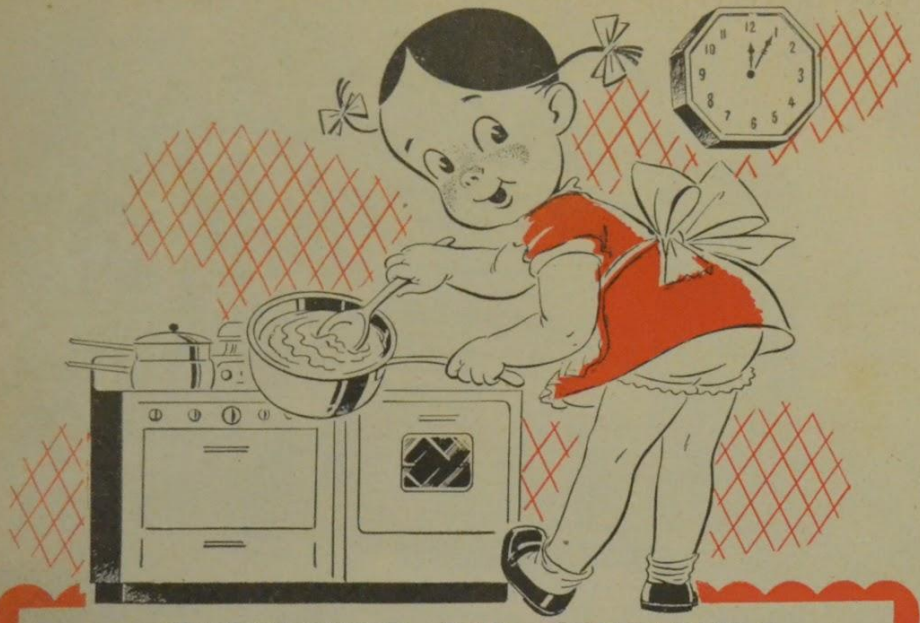
Apanha estações distantes de ondas curtas tão bem como as locais.

PHILCO TROPIC 828. Sensacionais aperfeiçoamentos permitem esplêndida recepção das mais remotas estações do mundo! Quatro faixas asseguram a sintonização de qualquer estação de onda longa ou curta. Inimitável beleza de tom. Elegante caixa de nogueira. Veja-o no seu concessionário Philco.

PHILCO

Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION
50 BROADWAY, NOVA YORK 4, N.Y., E.U.A.



SUPREMO NA COZINHA
porque é "Supremo em Sabor"

As cozinheiras experientes insistem sempre no *Leite em Pó Golden State* para cozinhar e fazer bolos, porque ele dá a todos os pratos e acepipes aquele delicioso sabor que só se encontra no *Golden State.* E o *Golden State* é inexcedível, tambem, em vital energia alimentar!

Prepara-se facilmente em dois minutos.

Por isso, milhões de consumidores têm passado a usar o *Golden State.* Será V.S. um deles? . . .

Golden State
BRAND
LEITE EM PÓ

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro
GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

Que tormento!

Nariz entupido pelo CATARRO NASAL?

Obtenho maior e mais rápido alívio com estas gotas de duplo efeito!

1. NUM INSTANTE, as passagens nasais se abrem e ficam desimpedidas, enquanto este medicamento suavizante descongestiona as membranas, desprende o muco e torna fácil a respiração. *Mas não é tudo . . .*

2. A FÓRMULA especial do Va-tro-nol também *estimula* as membranas nasais, ajudando-as a debelar a infecção e abreviar o resfriado. Usado em tempo, Va-tro-nol pode mesmo *evitar* muitos resfriados.

Não admira que seja o medicamento nasal preferido em todo o mundo!

VICK VA-TRO-NOL
GOTAS NASAIS

UM CAMINHÃO ECONÔMICO E DE CONFIANÇA PARA A LAVOURA

OS CAMINHÕES 'JEEP' são "feitos de encomenda" para o transporte nas fazendas. São acionados pela fôrça do motor 'Jeep', e tão vigorosamente construidos quanto o próprio 'Jeep' Universal. São engenhados para reduzir o custo do transporte e prestar um perfeito serviço o ano todo, mesmo sob as mais rigorosas condições. Seu pouco pêso torna-os econômicos no consumo de gasolina, óleo e pneumáticos, e seu desenho funcional simplifica o problema de manutenção e consertos.

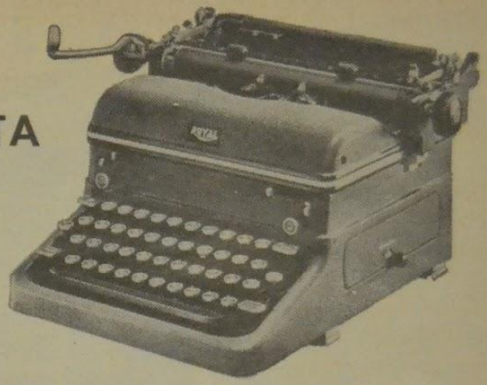
DISPONÍVEIS COM PROPULSÃO NAS 2 OU 4 RODAS, êstes novos caminhões oferecem a escolha de carrocerias em estilos estandardizados—com capacidade de carga útil de ¾ a 1 tonelada. Todos têm cabina inteiramente fechada e à prova de tempo, sendo a tomada de fôrça facultativa nos modelos de propulsão nas 4 rodas.

Willys-Overland Export Corporation, Toledo, Ohio, E. U. A.

Willys-Overland *Caminhões* 'Jeep'

Reduz as despesas de transporte

NÃO SE NECESSITA INTÉRPRETE!



E o mesmo em qualquer idioma: ao dizer "Royal," V.S. quer dizer "A Máquina No. 1 do Mundo!" Nenhuma outra máquina de escrever é tão famosa . . . nem tão procurada no mundo inteiro!

Porém, em efeito, nenhuma outra máquina de escrever apresenta tôdas estas vantagens:

As Royals são duradouras. Estas máquinas de escrever são verdadeiramente resistentes. Prestam *melhor* serviço com *menos* desgaste . . . em conseqüência, exigem menos cuidado.

A Royal é eficiente. Economiza tempo e trabalho, o que significa máxima performance por máquina.

A Royal está dotada de adiantamentos mecânicos notáveis. Para maior exatitude e comodidade, oferece:

"Magic Margin"—que fixa as margens com facilidade e rapidez.

"Touch Control"—que proporciona a tensão desejada.

Prendedor Automático do Papel—que mantem o papel liso e firme.

Estas são apenas algumas das características pelas quais a Royal goza de predileção mundial. Porisso deve ser também a sua preferida.

Procure nosso representante para ver a Nova Royal Portátil . . . a primeira Máquina de Escrever *Realmente Moderna* do mundo . . . com Teclas de Acomodação dos Dedos, Espaçadora Rápida, Alavanca de Mundança Rápida de Fita, e muitas outras vantagens!

ROYAL

A Máquina No. 1 do Mundo

Royal Typewriter Company, Inc., Nova York

Representantes em tôdas as partes do mundo

UM MUNDO DE
AUDIÇÃO LUXUOSA . . .
COM ÊSTE NOVO ZENITH

Traçado e montado para assegurar um superior desempenho . . . Um instrumento musical mais possante, mais *belo,* e de melhor tonalidade. Recepção mundial em cinco faixas com sintonização exclusiva de Faixa Ampliada Magnascope. Inteiramente refratário aos climas tropicais.

Na gravura
o Modêlo 7S046

PEÇA E APRECIE
UMA DEMONSTRAÇÃO

ZENITH
INTERNATIONAL
RADIOS

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO XIV
No. 80

SETEMBRO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

As terras inaproveitadas deste país vizinho proporcionam abrigo e paz aos europeus deslocados pela guerra

A VENEZUELA ABRE SUAS PORTAS

(Condensado de «This Week Magazine»)

Por James L. Tuck

ASSIM que o navio de transporte norte-americano fretado pela Venezuela baixou a prancha em La Guaira, o porto marítimo mais importante daquele país, o comandante fez com que a sirena de bordo largasse um longo e triunfante aviso. Para os 853 passageiros que, apinhados contra a amurada do navio, devoravam com os olhos o panorama da cidade e das verdes montanhas distantes, esse apito anunciava o fim de uma década de horror—e o começo de uma vida nova.

Todos aqueles viajantes, das mais diversas nacionalidades, — poloneses, estonianos, letões, italianos, alemães e húngaros—tinham duas coisas em comum: eram todos «desalojados da guerra», saidos dos acampamentos superlotados da Europa, e vinham todos viver na Venezuela. Via-se de bordo uma gigantesca bandeira atravessada de um lado ao outro do cais, na qual o país lhes dava as boas-vindas nestes termos:

AOS SEUS NOVOS COLONOS, A VENEZUELA OFERECE PAZ, ESTABILIDADE E VENTURA

Enquanto o resto do mundo debate as várias maneiras de socorrer essas vítimas da guerra, a Vene-

zuela iniciou a execução de um enérgico programa decenal de ampla imigração, patrocinado e financiado pelo governo. Esse empreendimento já permitiu instalar alí 25 mil imigrantes que estão contribuindo proveitosamente para a economia da Venezuela, e o país admitirá ainda, durante 1948, mais 50 mil colonos. Lá pelo ano de 1956, a nação poderá ter absorvido uns 3 milhões de imigrantes. O número de «desalojados da guerra» não chega a tanto.

A Venezuela é um país tão sub-povoado que menos de 4.500.000 pessoas vivem alí numa área maior do que a da Itália e da França reunidas. Nas regiões central e meridional do país estão ainda deshabitadas grandes planícies com muitos milhares de quilômetros de terra fertil e bem irrigada, que são domínio do governo. Apesar de se encontrar nas proximidades do equador, grande parte da Venezuela está situada a 700 metros acima do nivel do mar, e goza de um clima parecido com o da Europa na primavera.

Os venezuelanos receberam de braços abertos o novo programa de colonização. Em *enquête* realizada, 85,3% dos habitantes manifestaram-se favoraveis a esse plano. Baseado nesse forte apoio popular, foi submetido ao Congresso um orçamento superior a trinta milhões de bolívares, para custear a execução do projeto nos dois primeiros anos. Esse orçamento foi aprovado por unanimidade.

Três comissões venezuelanas percorrem a Alemanha, a França e a Itália, afim de colher informações acerca da experiência técnica e profissional dos pretendentes à colonização. Como a Venezuela importa mais de 90 por cento dos gêneros alimentícios que consome, dá-se preferência à imigração de camponeses, trabalhadores agrícolas, criadores de gado com experiência, pescadores e operários das indústrias de alimentação. A favoravel contribuição que representam esses colonos para a economia alimentar é comprovada pelo fato oficialmente divulgado de que a Venezuela chegará a exportar, este ano, gêneros alimentícios que antes importava.

Chegando à Venezuela, os colonos passam um mês na grande fazenda El Trompillo. Aí, à sombra de grandes árvores frondosas, uns 3 mil colonos aprendem espanhol, agricultura tropical e saneamento rural. Os professores ensinam-lhes tambem a história política e social do país. Organizaram-se escolas para as crianças, assim como cinemas, salas de baile e campos desportivos para recreação dos colonos e suas famílias. Após dois anos de residência, os imigrantes já podem requerer sua naturalização. O governo estimula a filiação dos mesmos ao partido político ou sindicato que prefiram. O sr. Júlio Grooscors, chefe do Instituto de Imigração, que está encarregado da execução do plano, declarou haverem participado nas últimas eleições «mais de 97 por cento daqueles que tinham o direito de votar».

Mais de cem colônias agrícolas, cada uma delas com 50 famílias em média, foram já estabelecidas em grandes concessões de terra boa e fecunda. O banco financiado pelo governo concede-lhes empréstimos a longo prazo e juros baixos, para comprar maquinaria, montar casa, e adquirir animais para a lavoura.

O Instituto se esforça por manter nas mesmas colônias o maior número possivel de nacionalidades diversas, pois é de opinião que todo agrupamento tem sempre algo que ensinar aos demais, e que a associação de diferentes povos acelera a adaptação dos colonos europeus aos costumes e à cultura da Venezuela. Na Fazenda Esmeralda, estabelecimento-modelo do Instituto de Imigração, uma colônia composta de 48 famílias russas, romenas e húngaras trabalhava nas plantações de cana, ao lado de 50 famílias venezuelanas. Combinando-se a perícia dos trabalhadores venezuelanos com a técnica científica dos europeus, a produção de cana aumentou de uns 25 por cento.

De Gênova, na Itália, veio uma companhia empreiteira de construções, completa, abrangendo mais de 300 trabalhadores e as respectivas famílias. Em pouco mais de um ano, construiram eles cerca de 100 quilômetros de estradas, e três grandes represas de terra para o abastecimento de água à capital da república. Essa turma é seguida de perto por uma brigada de ex-lenhadores húngaros, que dão combate à erosão, plantando árvores.

Centenas de colonos trabalham como mecânicos, bombeiros, eletricistas, carpinteiros, choferes de caminhão, pedreiros e operários industriais, com salários comparaveis aos dos Estados Unidos. Dois dos mais importantes hotéis de Caracas anunciam o serviço de garções franceses e italianos. Mais de 200 choferes de taxi, vindos da Europa, aprenderam já a circular com ligeireza no labirinto das ruas da capital.

A maioria desses imigrantes têm-se dado bem na Venezuela. Àqueles que, ao fim de um ano, manifestarem o desejo de retornar ao país de origem, o governo oferecerá a passagem de volta. Até hoje, porem, os colonos que requereram licença para regressar à Europa não chegam a um por cento.

Esperança

MUITA GENTE tem dito: «Os filmes andam ruins... Que é que há com o cinema?» A melhor resposta foi dada por um homenzinho num cinema recentemente. Terminado o «trailer», virou-se para a esposa e disse: «É... Sempre tem fita boa... na semana que vem.»

—George McCall, citado por Leonard L. Levinson, em *Variety*

UM COMEDIANTE enviou um telegrama na estréia de um seu antigo rival. O despacho dizia assim: «Como não posso estar aí em espírito... irei em pessoa.» —Bennett Cerf

O Queen Elizabeth, *após seus feitos como transporte de guerra, proporciona hoje enormes lucros como transatlântico de luxo*

Rainha dos mares

(*Condensado de «Esquire»*)

Allan A. Michie

EM 27 DE setembro de 1938, durante a crise de Munique, a Rainha Elizabeth da Inglaterra presidiu ao lançamento do maior navio do mundo, quebrando uma garrafa de champanha na proa do transatlântico. Quando este deslizava serenamente a caminho da água, a soberana britânica proclamou: «O lançamento de um barco é como o início de qualquer dos grandes feitos da raça humana—um ato de fé.»

Dez anos após, transcorrida a segunda guerra mundial, o ato de fé, que levara a Cunard White Star, Limited, a construir esta obra-prima da arquitetura naval britânica, tinha produzido uma mina de ouro. Convertido em transporte de guerra antes de ter podido efetuar a sua primeira viagem, o *Queen Elizabeth* veio a ser de valor incalculavel para o Alto Comando Aliado: os técnicos militares afirmam que sua capacidade de transportar uma divisão completa em cada viagem a qualquer das frentes de combate, encurtou de vários meses a duração das hostilidades. Reconvertido, em 1946, no mais luxuoso transatlântico de que há notícia, o *Queen Elizabeth* tornou-se desde então o mais persistente angariador de dólares da «Segunda Batalha da Inglaterra». A renda bruta de cada viagem de ida e volta, que efetua de quinze em quinze dias—com uma pontualidade jamais conseguida por qualquer outro navio—atinge uma cifra equivalente a 26 milhões de cruzeiros, cuja metade é recebida em dólares, de que a Grã-Bretanha tanto carece.

Logo no primeiro ano de serviço após a guerra, o *Queen Elizabeth* desfez a lenda do tempo da depressão econômica, de que os grandes transatlânticos sempre davam prejuizo. No ano passado, ele proporcionou à Cunard um lucro equivalente a quase cem milhões de cruzeiros, convertendo-se no navio mais lucrativo de quantos têm sulcado o Atlântico.

As personalidades mais famosas disputam suas acomodações de luxo, e são raras as viagens em que o grande transatlântico não transporta uma constelação de estrelas de Hollywood. Entre essas celebridades, destacaram-se Bing Crosby, que deliciou os demais viajantes, numa travessia durante a guerra, com suas canções; e a viuva do Presidente Roosevelt, que infatigavelmente percorreu, um a um, todos os recantos do colosso. Noutra viagem, quando vinha a bordo Molotov, Ministro das Relações Exteriores da Rússia, o comandante convidou-o a tomar a roda do leme por uns minutos, durante os quais o navio desviou-se do rumo uns dois graus... para a esquerda.

Do ponto de vista estatístico o *Queen Elizabeth* é uma coleção de superlativos. Apesar de suas linhas serem tão elegantes como as de um iate, esta verdadeira rainha dos oceanos constitui a maior massa flutuante construida até hoje (83.673 toneladas brutas), o maior peso propulsado por máquinas, e o navio mais comprido de que há notícia (314 metros). Quem passear nas suas 14 cobertas pode caminhar 35 quilômetros sem passar duas vezes no mesmo ponto. A instalação elétrica possui cerca de 6.500 quilômetros de fios.

No início da construção pretendia-se dar ao *Queen Elizabeth* as mesmas dimensões gerais do *Queen Mary*, lançado dois anos antes. Todavia, os adiantamentos técnicos introduzidos durante a construção foram tão numerosos, que ele veio a ficar cerca de 3 metros mais comprido e umas 2.400 toneladas mais pesado que o seu predecessor.

O *Queen Elizabeth* é propulsado por quatro turbinas a óleo que acionam outras tantas hélices de bronze-manganês. Cada uma dessas hélices pesa 32 toneladas, mas seu equilíbrio é tão perfeito que um simples impulso com a mão é suficiente para fazê-las girar. O leme é uma monstruosidade de 140 toneladas, mas os pilotos de Nova York e Southampton afirmam que o seu timão «é tão suave quanto o de um esquife de regatas».

Os quatro turbogeradores que fornecem corrente elétrica a uns 650 motores de vários tamanhos e a 30 mil lustres, podiam suprir com facilidade os requisitos de força e luz de uma cidade de 130 mil habitantes.

Alguns «marinheiros de água doce» espalharam o boato de que o *Queen Elizabeth* jogaria até mesmo na doca seca. O seu atual comandante, Capitão Charles Ford, reconhece que ele joga, especialmente com vento de popa, mas acrescenta que «proporcionalmente ao tamanho é menos afetado pelas vagas que a maioria dos transatlânticos». Nas travessias com mar grosso, raramente diminui a velocidade, e o jogo e as arfadas aumentam em consequência da velocidade de 28 ou

30 nós que o navio deve manter para completar em quatro dias e meio cada viagem entre Southampton e Nova York ou vice-versa.

O *Queen Elizabeth* é meticulosamente equipado com aparelhos e dispositivos de segurança. Tem três instalações de radar, radiogoniômetros e um piloto giroscópico que mantem automaticamente a rota desejada. Como a maioria dos transatlânticos modernos, possui casco duplo até à linha d'água. Mas, ainda que o casco interior fosse perfurado por qualquer obstáculo submarino, o rombo poderia ser localizado em um ou mais dos 140 compartimentos estanques que se podem fechar instantaneamente, pela simples pressão de botões situados na ponte de comando. O perigo de incêndio é reduzido pelos anteparos e portas incombustiveis que fecham as cobertas superiores, pela tinta à prova de fogo e pela instalação de pulverização de água nas acomodações dos passageiros. No posto de bombeiros há tubos que aspiram ar de todos os pontos do navio e que acionam um dispositivo fotoelétrico quando registam a existência de fumaça.

A fumaça das caldeiras é lavada e filtrada por 600 toneladas de água por hora, afim de evitar que a fuligem suje a roupa dos passageiros. A sereia de bordo é cientificamente abafada; como emite sons ajustados a duas oitavas abaixo do lá natural, pode ser ouvida distintamente a mais de dez milhas, mas é quase inaudivel para quem estiver nas cobertas inferiores.

Não obstante a confiança que inspiram os prodígios da técnica contemporânea, o *Queen Elizabeth* preservou algumas tradições dos tempos da navegação à vela. O encarregado das luzes de bordo dispõe de um jogo de lâmpadas de emergência a óleo, que são acesas durante pelo menos três horas por semana para que se verifique se estão em condições de substituir as luzes de navegação no caso de faltar a energia elétrica; e a tripulação ainda limpa o convés esfregando-o com pedras durante a noite.

Quando rebentou a guerra o *Queen Elizabeth* estava sendo aprestado em uma doca da Inglaterra, reduzido praticamente à situação de presa facil dos bombardeiros nazistas. Todavia, na madrugada de 2 de março de 1940, antes das experiências e provas de navegação, desceu o Clyde e lançou-se através do Atlântico infestado de submarinos, a caminho de Nova York. Em novembro, partiu para Singapura afim de ser armado em transporte de guerra, e desde abril do ano seguinte esteve em serviço quase constante. Sua lotação normal era de 2.314 passageiros, mas as modificações impostas pela guerra elevaram sua lotação, como transporte de tropas, à cifra fantástica de 15.600 soldados.

Os soldados norte-americanos acabaram por considerar o *Queen Elizabeth* como um produto da indústria dos Estados Unidos. Certo dia, o seu comandante, Comodoro Sir James Bisset, ouviu um soldado americano dizer a um dos seus camaradas: «Quanto não dariam os ingleses para poderem construir um navio como este!» O comandante ordenou logo que se afixasse nos quadros de aviso de bordo a história do navio.

O *Queen Mary* e o *Queen Elizabeth* raramente navegaram em comboio, pois confiavam na facilidade de seu manejo e na velocidade de 30 nós para escaparem aos submarinos. Hitler chegou a oferecer uma soma correspondente a 4 milhões de cruzeiros e as maiores homenagens do Reich à tripulação do submarino que conseguisse pôr a pique qualquer dos dois navios, mas, segundo os registros navais alemães, apenas um submarino pôde focalizar o *Queen Elizabeth* com o seu periscópio, e isso quando já não tinha mais torpedos.

Desarmado em março de 1946, o *Queen Elizabeth* regressou ao Clyde para os trabalhos de reconversão, cujo custo subiu a quase 100 milhões de cruzeiros. Hoje, a única recordação dos anos de guerra são as balaustradas do convés, em que se conservam gravados os nomes e iniciais dos soldados norte-americanos transportados a bordo.

O *Queen Elizabeth* equivale a um luxuoso hotel de veraneio flutuante. Seus moveis e acessórios—90 por cento dos quais fabricados antes da guerra—incluem produtos dos pontos mais remotos do Império Britânico: aços especiais de Sheffield, linho de Belfast, porcelanas e vidros das cidades do Staffordshire, cutelarias de Sheffield e Birmingham. Nos seus beliches e nos 35 salões há moveis estofados especialmente com couro natural e colorido, paredes almofadadas a cetim, e madeiras raras, tais como figueira da Índia, álamos perlados, carvalho da Austrália e teca. Todos os beliches de primeira classe têm ar condicionado, banheiros com água doce e salgada e rádiotelefones que proporcionam comunicação com as principais cidades do mundo.

Entre as atrações de bordo incluem-se dois cinemas, três salões de recreio, duas piscinas, três ginásios, 12 bares, um campo de tenis coberto, canís e banhos turcos. Suas três bibliotecas possuem 4.000 livros em 14 idiomas. Tambem há umas seis lojas e três bancos, alem dos indispensaveis salões de beleza e barbeiros.

Os serviços médicos abrangem uma sala de operações e um hospital geral e outro para isolamento, com um cirurgião, um médico, nove enfermeiras e o demais pessoal necessário.

Como se servem a bordo mais de 10 mil refeições diárias, o *Queen Elizabeth* compra em Nova York as imensas quantidades de alimentos de que carece, salvo o leite fresco e o peixe, afim de não sacrificar as escassas rações britânicas. As perdas na baixela e talheres são elevadas, em parte devido ao destroço causado pelas tempestades e em parte por causa dos furtos. Em cada travessia perdem-se de 50 a 90 por cento da louça e dos copos. Numa viagem de ida-e-volta normal não ficam mais de 1.800 xícaras de café, das 5.600 que o navio carrega no início.

A lavanderia constitui outro problema peculiar do *Queen Elizabeth*. Em cada travessia utilizam-se 10 mil lençóis, 30 mil guardanapos, 70 mil toa-

lhas e milhares de panos de cozinha diversos. Para que exista sempre roupa limpa são necessários três jogos completos; um que segue no navio e dois que são deixados para lavar em Southampton e em Nova York.

A bordo do *Queen Elizabeth* tem havido menos nascimentos, mortes e casamentos do que seria de esperar em um navio de tamanhas proporções. Não obstante ter transportado carregamentos completos de jovens esposas dos soldados norte-americanos e canadenses, até fins de 1947 somente havia sido registrado um nascimento a bordo: uma menina, que, como era de prever, recebeu o nome de Elizabeth. Durante muito tempo o *Queen Elizabeth* foi detentor do recorde notavel de não ter tido casos de morte entre os passageiros (em toda a guerra apenas faleceram três tripulantes no mar), mas este recorde auspicioso cessou em julho de 1947, quando um passageiro idoso morreu subitamente pouco depois da largada de Nova York. Os casamentos a bordo já não são permitidos pelas leis britânicas, mas, ainda que o fossem, o Comandante Ford hesitaria em celebrá-los. «Na época das viagens morosas à vela, os casamentos a bordo podiam ser necessários,» diz ele piscando um olho, «mas hoje, quem viaja num transatlântico expresso como este, pode esperar.»

É possivel que o *Queen Elizabeth* seja o último navio de luxo a ser construido. Como a lista de passageiros que esperam acomodações na classe de turistas é dez vezes maior que a dos passageiros de primeira classe, os técnicos crêem que os navios do futuro terão que sacrificar a elegância e o luxo a favor das passagens mais baratas. Vladimir Yourkevitch, que projetou o *Normandie*, pretende construir um navio de 100 mil toneladas para turistas, que permitirá reduzir o preço das passagens a uma cifra entre 800 e 1.600 cruzeiros por travessia. Os armadores franceses, adotando esse ponto de vista, planejam navios com classe única e restaurantes econômicos, relegando os passageiros de luxo para as linhas aéreas.

Entretanto, essas tendências não preocupam os proprietários do *Queen Elizabeth*. Calcula-se em um milhão o número de pessoas que desejam atravessar o Atlântico e que não puderam fazê-lo durante os anos de guerra. Segundo afirmou recentemente um representante da Cunard, «a concorrência das linhas aéreas não poderá absorver senão um número insignificante desse total».

Não há dúvida que com o *Queen Mary* e o *Queen Elizabeth*, o *Mauretania*, de 36 mil toneladas, totalmente recondicionado, e o *Caronia*, de 34 mil toneladas, atualmente em construção, a Inglaterra conservará durante muitos anos o primeiro lugar no serviço transatlântico de passageiros.

Muitas pessoas brigam porque não sabem discutir.
—G. K. Chesterton

Reunindo opiniões sobre um dos problemas capitais do nosso tempo

QUEM DEFENDE O AMOR LIVRE?

SERÁ o amor entre o homem e a mulher apenas uma função animal? Serão os ideais espirituais de união, fidelidade e castidade nada mais do que tolices irracionais e sentimentais? Porventura as convenções e regras de vida moral, que até aquí nos regeram—e que nos habituamos de há muito a considerar como preceitos de simples decência—passaram à categoria de velharias risiveis, diante das verificações da moderna ciência?

Eis as perguntas que muita gente vem fazendo, no receio de que as antigas amarras da moralidade se tenham rompido, ou ruido até os alicerces as antigas estruturas familiares.

Pais de família, e até os próprios moços e moças, vêm pedindo uma orientação moral aos seus conselheiros espirituais, médicos de família, psicólogos e autoridades responsaveis em muitos campos de atividade social. Algumas das perguntas, que com mais frequência se repetem, foram afinal apresentadas a um seleto grupo de educadores, cientistas e professores de religião. Seus comentários, que a seguir leremos, provam-nos que ainda se encontra um corpo notavel de opinião competente, entre os homens de ciência e os intelectuais, o qual se mantem fiel aos ideais de há longo tempo aceitos, de virtude e moralidade.

Aquí temos alguns dos comentários que *The Reader's Digest* recebeu.

Dr. Joshua Loth Liebman, autor do livro *Paz de Espírito*,* grande êxito de livraria:

«Poderemos aceitar a incontinência e a luxúria como parte da vida natural? A resposta deve ser: renunciar construtivamente ao mal faz parte integrante de toda vida decente. A única forma plena de relações entre homem e mulher é a monogamia. O adúltero é, muito mais do que em geral o suspeitamos, um personagem trágico que corre de aventura em aventura, perseguido pelo demônio da solidão, sempre insatisfeito, frustrado e infeliz... A nossa era, com todo o seu verniz de «emancipação» em matéria de sexo e casamento, é na realidade muito futil, porque ainda não soube aprender a dizer «não» a determinados impulsos. Na minha qualidade de rabino, estou convencido de que os jovens, do mesmo modo

*Vide Seleções, agosto de 1946.

que os adultos, devem ser chamados pela religião a distinguir entre a decência e a indecência, a realizar esse auto-domínio, que alcançamos ao compreendermos que só a maturidade moral nos pode premiar com a desejada serenidade interior. A renúncia aos atos imorais, que nos prejudicam e prejudicam a outros seres humanos, no círculo de nossa influência, é a marca verdadeira e inconfundível da maturidade e da nobreza.»

A. Cressy Morrison, ex-presidente da Academia de Ciências de Nova York:

«Não há quem possa revogar as leis morais. A esperança da civilização jaz em nossa obediência a essas leis, e não na sujeição passiva aos instintos animais. Castidade, fidelidade, decência, como todas as velhas virtudes, são parte da sabedoria dos antigos, que até nós chegou filtrada pelo tempo; uma bela necessidade para uma raça mais gloriosa. Só nos tornamos realmente adultos por via do auto-domínio.»

Rev. Pe. Gerald Kelly, S. J., professor de Teologia Moral no St. Mary's College, Kansas, Estados Unidos:

«A gente moça ouve dizer muitas vezes que a castidade e a continência são prejudiciais à saude. Ora, isto é simplesmente contrário à verdade. Tal concepção já foi demolida pelas conclusões científicas dadas a público pela Câmara de Delegados da Sociedade Médica Americana, e tambem pelo Conselho Britânico de Higiene Social.»

Dr. Mário A. Castallo, co-autor, com Cecilia L. Schultz, do livro *Woman's Inside Story*, recentemente editado pela Macmillan Company:

«Em nosso tipo de civilização, o casamento e a família são as pedras angulares da sociedade. Por essa razão, a cohabitação de um homem e uma mulher recebe o carimbo da aprovação social somente quando consagrada pelo matrimônio. A sociedade, ao pronunciar sentença condenatória contra as relações extra-matrimoniais, está-se resguardando da destruição.

«A mulher que desrespeita as leis sociais da sua gente está condenada a sofrer, mais cedo ou mais tarde, a pena do abalo emocional. Mesmo quando a concepção e a infecção se evitam cuidadosamente, as relações de amor ilícito resultam com frequência em conflitos mentais, que destroem toda a serenidade, a paz da alma. Temos assim que entre as penalidades das relações sexuais prenupciais figuram as mais graves consequências psicológicas.»

Lecomte du Noüy, biologista notavel e consagrado autor do livro *Human Destiny*, pouco antes de morrer declarou, ao ser entrevistado por um redator de *The Reader's Digest:*

«No meio do materialismo que hoje irrompe de tantas falácias científicas, nunca devemos perder de vista que o maior acontecimento da história natural foi o aparecimento da consciência no espírito do homem. Foi nesse instante que o homem pôs de

parte o seu mais robusto instinto natural, que era o interesse egoista. Até esse momento, ele tivera apenas em mira o seu próprio prazer e segurança. Mas este novo homem, dotado de consciência, era capaz de dar sua vida por alguma coisa mais e por mais alguem. Ao dominar seus instintos de animal egoista, o homem percebeu que a sua alma e a sua evolução adquiriam de repente um futuro moral. Se continuar a governar esses instintos com sabedoria, a humanidade conseguirá chegar a um estado de verdadeira civilização.»

Norman Vincent Peale, ministro da Igreja Marble Collegiate, de Nova York:

«Vêm ter comigo rapazes e moças que me repetem o conceito de que talvez não haja lugar para a palavra *anormal* no vocabulário do homem de ciência. A isso respondo, não obstante, que essa palavra pertence à linguagem de todos quantos têm fé na humanidade e na sua capacidade de aperfeiçoamento. Por muito numerosos que sejam os assassinos, o homicídio nunca pode ser normal. Não se conhece uma época da vida humana em que o homicídio fosse considerado normal, muito embora ele tenha sido comum em certas épocas. Desde então o homem tem progredido moral e espiritualmente, a tal ponto que o homicídio é hoje excepcional. E a mesma coisa se pode dizer de todos os outros desvios em relação à conduta decente. Nunca julguemos que, somente por prevalecerem, o anormal e o injusto possam vir a ser considerados normal e justo. O homem não ficará sempre acorrentado aos seus impulsos. Bastará erguer os olhos, para enxergar novos panoramas, e sentir-se capaz de torná-los reais na sua própria existência pessoal.»

Dr. Richard H. Hoffmann, psiquiatra de Nova York, que tem servido de consultor técnico em muitos juris criminais:

«Ainda hoje se pode considerar verdade que o homem que se domina a si mesmo supera aquele que conquista cidades. Os valores morais são fruto da vontade e da inteligência, que nos habilitam a submeter-nos a uma disciplina. Está claro que o homem tem uma pertinaz inclinação a satisfazer seus apetites. Mas, se se abandonar a essas paixões, não passará de escravo delas. O homem só se torna livre quando o curso de sua vida é dominado pelo espírito, e não pelo instinto animal.

«E permitam-me registrar aquí um aviso: há 25 anos me esforço por arrancar a verdade aos meus pacientes, e posso dizer que, em geral, o gênero de pessoas que gostamos de ter como nossos amigos não andam contando a todo o mundo as histórias de suas experiências sexuais. Só os exibicionistas o fazem—e, pela minha parte, desconfio de tudo quanto me narra um espírito doente.»

Padre E. J. Flanagan, famoso organizador da «Cidade de Meninos», recentemente falecido:

«Anda bem longe da verdade científica esse argumento de tanta gente, segundo o qual, só porque muitos rapazes e moças se têm mostrado incapazes de viver de acordo com certos padrões, deveríamos rebaixar esses padrões! Os rapazes são delinquentes de muitas maneiras—furtam, mentem... mas iremos tomar por isso como regra a sua fraqueza? Ou deixar de ensinar os gatunos e os mentirosos a modificar a sua maneira de ser—a empregar suas energias em novas e mais construtivas direções? É porque tenho visto mil vezes repetido esse processo de regeneração, que digo aquí: não há ninguem que não seja capaz de regenerar-se.»

Norman Angell, famoso escritor e conferencista, detentor do Prêmio Nobel:

«Duvido muito que os jovens, criados sob as condições da Era Victoriana, a despeito de restrições por vezes absurdas, fossem menos felizes do que as pessoas da nossa época, em que o sexo anda tão discutido, e em que a monogamia está tão sujeita a objeções. Afinal de contas, a monogamia é um legado que o Cristianismo nos deixou, afim de corrigir os males de um sistema anterior.»

Ernest I. Pugmire, Comandante do Exército da Salvação, nos Estados Unidos:

«Por muito emancipado que seja um rapaz ou uma moça, os efeitos da incontinência sexual sobre o sistema nervoso são muito sérios. Tais relações são clandestinas, furtivas, cheias de temores. Isso leva às neuroses. Não há quadros nem tabelas científicas que possam modificar esses fatos. As pessoas que começam por se rebelar contra os princípios chamados bolorentos da moral e da religião, arriscam-se a acabar num hospício.»

J. Edgar Hoover, Diretor do F.B.I. (Bureau Federal de Investigações dos Estados Unidos):

«Para o próprio futuro da vida nacional, importa que preservemos firmemente a nossa fé. A noção de decência do homem basta para distinguir o que é normal do que o não é. Sempre que o nosso povo—jovens e velhos—chegue a crer que não há diferença entre bem e mal, normal e anormal, aqueles que esperam na sombra o ensejo de destruir a nossa civilização, aplaudirão freneticamente uma vitória decisiva sobre o nosso estilo de vida.»

Numa sala de leilão, uma vozinha infantil disse, clara e decididamente: «Ofereço um dolar inteiro.» Fez-se silêncio no auditório. Momentos depois, uma garotinha de seus oito anos saía levando consigo uma bicicleta, de que fora ela a única licitante.

—AP

A meu filho, no dia de seu casamento

(Do «Journal-American» de Nova York)

Por J. P. McEvoy

Querido filho:

Muita gente vai querer dizer-lhe como ser feliz, apesar de casado. Dir-lhe-ão, por exemplo, que viver feliz com uma mulherzinha seria a coisa mais facil do mundo, se as mulheres fossem razoaveis. Não acredite nisso. As mulheres não precisam ser razoaveis; têm um dom todo especial a que elas próprias chamam «intuição». É um mecanismo extra-sensorial, uma espécie de radar interno, que as põe em constante e infalivel contacto com tudo quanto vai por este mundo e pelo outro, e em que você não poderá crer enquanto não o vir em funcionamento.

Thoreau disse que os homens em sua maioria vivem uma vida de tranquilo desespero. Referia-se ele aos maridos. O que leva estes ao desespero é o fato de serem ambiciosos demais. Casam-se com a melhor pequena do mundo, e depois dedicam-se a aperfeiçoá-la. Isso não tem futuro. Assim, meu primeiro conselho é o que Belasco costumava dar aos escritores teatrais quando queriam melhorar uma obra que já estava em cartaz mais de um ano: «Não mexa numa peça que já triunfou.»

Naturalmente é possivel que sua mulher tente melhorá-lo e bem que ela poderá fazer alguma coisa se você souber cooperar, aproveitando, em um plano de auto-aperfeiçoamento, todos os momentos que ela o fizer esperar. Você vai aprender o que todos os homens casados sabem—que grande parte de sua vida doravante consistirá em esperar... Já calculei que, se tivesse gasto em estudos todos os momentos que fico esperando por minha mulher, desde quando ela diz: «Já estou pronta, só falta pôr o chapéu,» até que entramos no carro,—eu seria hoje um perito em chinês, solda autógena, contabilidade por partidas dobradas, física nuclear e banjo.

Minha terceira contribuição é uma paráfrase do que disse Stephen Decatur certa vez. Aplicando à esposa o que ele declarou a respeito do país, teríamos: «Minha mulher—que ela sempre tenha razão; mas, com ou sem razão, ela é minha mulher, não é?»

Se isso parece um tanto confuso, talvez o anime saber que, na prática, é mais confuso ainda. O que se quer dizer, em última análise, é que sua mulher tem razão muito mais vezes do que você pensa—graças ao tal radar interno. Os acontecimentos futuros são sempre projetados na tela do radar enquanto, para você, ainda estão muito alem do horizonte. Não vá

dar tratos à bola tentando entender por quê. Limite-se a não lutar, pois perderia na certa...

Como pode ser reconhecido um homem feliz no casamento? Aquí estão algumas chaves:

1. Há muito tempo ele deixou de protestar contra a mania que sua mulher tem de meter objetos na maleta já repleta. Tãopouco protesta por ficarem coisas «sobrando» para o lado de fora depois que ela fecha as malas. Em resumo: ele não protesta...

2. Quando sua mulher comete exageros, seja por entusiasmo, seja porque, como a maioria das mulheres, não sabe somar direito, ele não a corrige nem a contradiz. Na realidade, nem a ouve. Essa surdez protetora pode ser adquirida e é o índice de todo homem feliz no casamento.

3. O homem feliz no casamento foge o mais que pode das responsabilidades domésticas, dizendo: «Meu bem, isso é com você.» Uma vez ou outra ele se poderá erguer majestosamente e declarar: «O que há aquí nesta tribo é que existem muitos caciques para poucos índios.» Mas jamais comete o erro de acreditar nisso. Ao contrário, continua sendo índio, o que lhe dá tempo para a caça, a pesca e o ócio enquanto sua mulher tem que pensar, aborrecer-se e trabalhar. Isso encerra uma filosofia: a mulher só se sente feliz quando está ocupada, e portanto é para o marido um dever, e não só um prazer, mantê-la sempre atarefada. Assim ela se convence de que é necessária—o que a faz feliz.

4. Mas a melhor chave da felicidade de um marido é uma esposa feliz—que é feliz porque seu marido é feliz.

Por último, meu filho, não esqueça este lema de Epiteto: «Escolha a melhor vida, pois o hábito a tornará agradavel.»

Seu pai.

Oscilações...

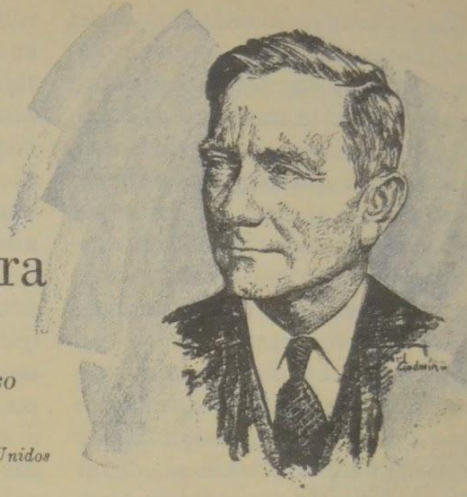
Exclamou uma senhora, no ascensor de uma loja: «Francamente, é um pecado fazerem-se compras, pelo preço por que estão as coisas! Pelos meus cálculos, o salário do meu marido vale hoje metade do que valia há oito anos. Por isso, quando uma caixeira me dá o preço de uma coisa, eu o divido logo pela metade... e assim o choque não é tão grande.»

—*Time*

Parece que as incertezas da política internacional engendram pessimismo nos ascensoristas do edifício do Congresso, em Washington. «Como vão as coisas?» perguntou um passageiro a um desses filósofos «de alto-a-baixo». O rapaz olhou-o desconsolado e respondeu: «Eu não sou homem não, chefe. Sou um iô-iô...»

—Hal Boyle, AP.

Como vencer sem ir à guerra



Condensado de um discurso

William O. Douglas

Juiz Adjunto, Suprema Corte dos Estados Unidos

Este é um dos magnos documentos da atualidade, escrito por um norte-americano ilustre, sobre o mais premente problema de nossos tempos.

Podem adquirir-se exemplares avulsos, ao preço de custo, em português, inglês, francês, alemão, italiano e espanhol. Especificar o idioma desejado.

Endereço: Reprint Dept., The Reader's Digest, Pleasantville, N. Y., E. U. A.

Preços (em moeda norte-americana): 5 exemplares..$ .15
10 exemplares..$ .25
100 exemplares..$2.00

Há poucos anos, nós, os democratas do mundo, recebemos uma lição sobre os propósitos e táticas do fascismo. Hoje, defrontamo-nos com um programa político do comunismo, de maestria infinitamente superior. Os comunistas, muito disciplinados, agem de sua sede em Moscou, planejando o domínio do mundo. Já é tempo de que tanto os liberais quanto os conservadores compreendam em que consiste esse plano. Porque, se os comunistas vingarem em suas campanhas políticas, nós, democratas, estamos fadados à extinção total. A extinção é igualmente completa e definitiva, quer o carrasco seja nazista, quer comunista.

Nós, democratas, somos um grupo diverso. Milhões somos operários. Milhões, lavradores, especialistas e técnicos. Outros milhões, capitalistas, como o lojista da cidade do interior, os donos de fábricas, e os possuidores de títulos e ações.

Nós, democratas, somos de diferentes cores, raças e religiões. Temos gostos variados, na arte como na literatura e na filosofia; há divergências de política e de teorias econômicas. Essa diversidade é nossa força. Já que nossa

tradição consiste na liberdade do indivíduo, temos procurado, com o juiz Holmes, confiar na «capacidade que têm as idéias de se impôr na concorrência pública». Nosso ideal democrático determina que a praça pública, as tribunas, a imprensa e o rádio sejam acessiveis a todos. Nas democracias, os jornais comunistas são vendidos nas mesmas bancas que os periódicos hostís ao comunismo.

Nossa literatura não é material estereotipado, produzido por uma repartição central do governo. Nossa arte, música e literatura não se acham limitadas pelos moldes que fazem o panegírico da figura ou do partido no poder, moldes esses que mantêm a fé em determinado credo ou culto. Qualquer pessoa pode escrever ou retratar o aspecto sórdido ou vergonhoso de nossa conduta e merecer aplausos públicos ou honrarias por esse motivo.

Por esse meio, e por outros, garantimos o «livre intercâmbio de idéias.» Podemos formar opinião favoravel a esta ou àquela reforma. Podemos realizar experiências e prosseguir nas tentativas e nos erros. Não nos ligamos a nenhuma panacéia para todos os males da humanidade.

Assim é que a primeira diferença, fundamental e irreconciliavel, entre a filosofia política dos totalitários e a dos democratas é que estes rejeitam soluções absolutas e prezam a todo custo a liberdade de realizar experiências. Os democratas sabem que os caminhos que conduzem a felicidade e às realizações plenas não são um só, mas muitos; que uma só doutrina econômica é insuficiente para atender a todas as necessidades do homem.

Tanto o fascismo quanto o comunismo se distinguem pelo absolutismo. Nenhum dos dois comporta acomodação, pois estão vinculados a uma única teoria econômica e política. O comunismo, ademais, alicia todos os meios de comunicação para a propagação e defesa de seu credo político. Assim é que, na Rússia, a arte, a literatura e a música foram recrutadas para a guerra psicológica. Os pintores foram relegados à condição de simples ilustradores das reputadas glórias de um regime político. O gênio criador do Homem é dessarte pervertido de forma indigna e espalhafatosa.

James Madison, quarto presidente dos Estados Unidos da América, salientou a segunda grande diferença irreconciliavel entre o totalitarismo e a democracia, ao afirmar que o governo devia impedir que qualquer interesse ou facção da sociedade usurpasse os direitos de outro; e que, ao mesmo tempo, o próprio governo não devia «criar um interesse adverso aos da coletividade.»

A afirmativa de Madison é eterna devido à sua penetração. Toda sociedade é um conjunto de grupos de interesses. As atividades destes não são de se deplorar. São, sim, sinal de vigor. O perigo advem da ascendência que determinado grupo possa adquirir sobre os demais, para explorá-los. Quando isso sucede, segue-se, em consequência, uma revolução. Se no regime não forem previstos meios para modificações pacíficas, a revolução segue o caminho da violência. Mas, se o regime estabelece o mecanismo para sua própria transformação, a revolução é incruenta. Efetuada a revolução, podemos desfazê-la posteriormente.

A unanimidade é um sonho irrealizavel, e o homem não se devia esforçar por impô-la. O Criador dotou o homem da mesma diversidade admiravel que deu às campinas no verão. Todo homem precisa de latitude. Quem entender de limitar o homem a determinadas aspirações, a determinada conduta ou crença, terá forçosamente de recorrer às polícias secretas e aos exércitos. Mas a força não basta, como o constataram os ditadores de todos os tempos. Porque o homem, pela sua própria natureza, não pode ser mantido na servidão.

É isso que Madison sabia. Não ignorava, tãopouco, que o governo, o próprio Estado, pode fazer-se tão poderoso que seus interesses se tornem adversos aos da coletividade. E a tirania é a situação em que determinado interesse detem o poder de vida ou morte sobre os demais.

O comunismo rejeita o postulado de Madison. Estriba-se no *Manifesto Comunista*, publicado em 1848 por Marx e Engels. Estes viram a burguesia, isto é, os capitalistas, «em posição de domínio». Os capitalistas o estavam, realmente. Aqueles doutrinadores viram os operários torpemente explorados, o que inquestionavelmente era verdade. Marx e Engels acreditavam que a revolução violenta era o único recurso que permitiria aos trabalhadores libertar-se dos grilhões.

Assim o era, incontestavelmente, na Rússia; tambem, provavelmente, em outros paises da Europa, há cem anos. Logo a seguir, Marx e Engels deram um grande passo, que, para a História, foi, talvez, o mais fatídico de todos. Proclamaram que o «proletariado terá, antes de mais nada, que adquirir supremacia política, constituir-se na própria nação». E apelaram para os trabalhadores do mundo, com estas vibrantes palavras: «Estremeçam as classes governantes, diante da revolução comunista. Os proletários nada têm a perder senão os grilhões. Têm um mundo a conquistar. Trabalhadores de todos os paises, uní-vos.»

Eram, para muitos, palavras altissonantes de idealismo. Por «proletariado» entendeu-se o povo; o manifesto foi interpretado como a Carta Magna da liberdade do homem do povo. Mas o idealismo atribuido ao manifesto revelou-se, na prática, uma ilusão.

Cedo ficou patente que «proletariado» e «povo» não eram sinônimos. Lênine tornou claro que a ditadura do proletariado «tem sentido tão somente quando uma classe compreende que assume o poder sozinha e não se ilude a si mesma, ou a outras, com alusões a governo popular eleito, santificado pela coletividade do povo.» Na prática, os comunistas se adiantaram a Lênine. Não confiaram a autoridade nem sequer ao proletariado. Confiaram-na, sim, a um círculo político selecionado.

Constitui verdadeira antítese da democracia a aquisiçao permanente,

por um grupo único, de todos os poderes do governo. O problema perene da sociedade é o de livrar-se da dominação de qualquer classe e de proporcionar o maior grau de liberdade a cada indivíduo, na realização do seu próprio destino. Foi essa a luta do homem em todas as épocas; e o homem obteve o maior êxito nesse empreendimento sob o regime democrático. Os comunistas, promovendo a doutrina contrária, aliam-se aos nazistas em conceder a determinado bloco o direito de explorar os demais.

Aliás, presumir hoje que a luta fundamental se trave entre operários e patrões é cometer um erro palmar. Existe conflito entre esses grupos. Mas isso, só por si, não é significativo, pois a própria vida é conflito. O fato significativo é que o conflito entre operários e patrões está adquirindo moldes suscetíveis de solução tanto nos Estados Unidos quanto nas democracias da Europa ocidental.

É verdade que um dos mais importantes problemas econômicos da sociedade se localiza no setor industrial. Mas não no conflito marxista entre o capital e o trabalho. Juntos, capital e trabalho constituem a força industrial de uma nação. O problema primordial é a relação dessa força industrial com a economia total.

O padrão de vida de um país depende da produtividade dos homens e das máquinas. Para aumentarmos a renda real do povo a pináculos jamais sonhados, necessitamos de economia em expansão, aumento de produtividade e ampla distribuição de produtos. São problemas tanto de administração quanto de mão de obra. Ambas são responsaveis, perante a sociedade, pela sua solução.

O comunismo não foi concebido como solução para esse problema. O comunismo é essencialmente uma doutrina política e não um plano científico para a Idade da Máquina. Foi lançado numa economia de pobreza em que os problemas da industrialização ainda não haviam surgido. Jamais focalizou, e muito menos solucionou, esses problemas complexos. Confiou, simplesmente, a autoridade estatal a um único grupo e optou pela luta de classes como o principal problema da época.

HÁ UMA terceira diferença fundamental e irreconciliavel entre o totalitarismo e a democracia, a qual se reveste de significação imediata ainda maior que as anteriores. É uma diferença radical, de técnica política.

Existe um gênio cívico que caracteriza o desenrolar da política nas democracias. É o que William James chamou «o hábito disciplinado e adquirido de manter a equanimidade diante da justa vitória do partido oposto». O partido vencedor assume o governo somente pelo prazo em que contar com o apoio popular. Não há polícia ou exército para suprimir o partido derrotado.

O comunismo não tem tal tolerância. Não admite acomodações ou transigência. Anima-o um único objetivo: transformar um exíguo grupo no Estado. Jamais demonstrou transigência quanto a esse objetivo. Somente transigiu no tocante aos processos utilizados para alcançá-lo. Bem analisada, essa transigência é uma prova da astúcia com que os comunistas solapam as instituições democráticas.

Stáline revela essa técnica, meridianamente, em seus livros: *Fundamentos do Leninismo* e *Problemas do Leninismo*. Esse processo consta de duas fases. A primeira é a revolução burguesa. A segunda é a revolução proletária. A primeira consiste em dominar as instituições democráticas. Foi o que sucedeu há pouco na Tchecoslováquia. Os comunistas fazem-se passar por democratas; valem-se de lemas democráticos. Apresentam-se como paladinos de causas liberais. Opõem-se aos exploradores e batem-se pelos desfavorecidos. São os defensores de todas as minorias.

Na realidade, entretanto, (como, decepcionados, já o constataram muitos liberais) os comunistas defendem a causa da justiça e do liberalismo somente enquanto isso os ajuda a alcançar o predomínio. Ambicionam o poder. Sua maior probabilidade de galgá-lo, por meios políticos, é derribar um governo democrático debil e inepto. Sua estratégia política, por conseguinte, consiste em explorar pontos fracos, suscitar dúvidas e suspeitas, fomentar divergências.

Se o público percebesse essa estratégia, o prestígio político dos comunistas seria infinitesimal. É porque se apresentam à guisa de paladinos dos oprimidos, que granjeiam apoio e prestígio. Muita gente idealista se deixa seduzir porque sempre encontra os comunistas perfilados com os propugnadores de reformas, diante de questões de atualidade. E muito amiude os conservadores, ao invés de combaterem os comunistas, combatem causas liberais porque estas são defendidas pelos comunistas. Assim, aumentam estes a cizânia nacional.

Até consumarem a revolução burguesa, valem-se da «liberdade de palavra», das «eleições livres» e de outros apanágios da tradição democrática. Uma vez no poder, reunem às técnicas políticas dois perenes esteios da tirania: assassínio e terror. Quem se opuser à destruição do governo democrático e à sua suplantação por um Estado unipartidário, em que existe uma classe única, poderá sumir misteriosamente—como os líderes regionais dos partidos poloneses; ou ser submetido a julgamento por crimes de lesa-pátria e traição. O fato precípuo é que todos quantos possam constituir núcleos de oposição ativa têm de ser liquidados.

Quem não tiver experimentado o jugo do totalitarismo não pode fazer idéia do que é a vida num ambiente de terrorismo e de pavor. Num Estado policial, toda mãe que precisa de cupons para comprar leite e carne para os filhos, sabe o que isso é. Uma vez que o terror começa a manifestar-se de mil formas diferentes, a dominação comunista sobre o Estado democrático torna-se cada vez mais absoluta.

A conversa de «eleições livres» revela-se uma burla. O povo abstem-se de manifestar opiniões, receoso de re-

presálias. As fileiras do comunismo engrossam-se com novos aderentes. Ele conquista apoio avassalador nas eleições.

E, quando os comunistas vencem uma eleição, é para todo o sempre. Não assumem o governo a título precário, e sim permanente. Tomam o poder com um único objetivo: destruir o governo democrático que lhes possibilitou a eleição e fazer de seu partido o próprio Estado. Essa é a revolução proletária. À semelhança da revolução burguesa, pode, tambem, realizar-se sem que se lance uma bomba ou se arme um soldado.

Assiste, é claro, ao povo russo o direito de viver sob o regime que preferir. Nós, democratas, seremos os primeiros a defender esse direito. Confinado às suas fronteiras, o regime totalitário interessa aos russos, e não a nós. Todo povo deve ter liberdade para plasmar seu próprio futuro. Mas é esse mesmo princípio, tão fundamental para a democracia, que causa preocupação quando outras nações são vítimas involuntárias do comunismo. Nossa verdadeira preocupação é com a forma pela qual os comunistas solapam democracias florescentes e conquistam triunfos por desistência do adversário.

Muitos que já estudaram esse fenômeno político do comunismo chegam à conclusão de que a guerra entre a Rússia e as democracias ocidentais é inevitavel. Os maiorais e organizadores comunistas são verdadeiros cruzados dotados de fervor consumidor. A religião, eles a encontram no materialismo dialético. Há quem diga que o materialismo dialético é contra-senso dialético. Não obstante, é um culto a que certos homens devotaram a vida. É a teologia do comunismo.

Esses fatos tornam sombrias as perspectivas de paz. Mas a alternativa não é paz ou apaziguamento: nem uma nem outra conjurará o problema que se nos depara. Um exército pode ser derrotado e desbaratado a tiros. Mas o comunismo é um programa político, e, como tal, não pode ser destruido à força armada, a menos que o vencedor, a exemplo dos comunistas, esteja disposto a instituir um Estado policial.

Se imaginássemos os Estados Unidos vitoriosos numa guerra com a Rússia e estendêssemos as vistas para o futuro, que veríamos, daquí a dez anos? Um mundo em ruinas—miséria e epidemia por toda parte—sofrimentos e comoções sociais sem precedentes na História. Esse é o ambiente em que florescem doutrinas tão nocivas como o fascismo e o comunismo.

As realidades da situação proclamam com eloquência que a defesa contra o programa político do comunismo só pode ser um programa político democrático e dinâmico. Comecemos por acabar com o hábito vergonhoso de chamar «comunistas» a todos que advoguem reformas liberais ou defendam projetos em prol dos desfavorecidos. Afastemos os comunistas de cargos de onde possam exercer influência política. Mas, para combatê-los, não precisamos imitar sua

técnica de perseguição. Eles são, sempre, agentes políticos incansaveis. Dedicarão as noites a procurar novos adeptos ou a escrever panfletos, enquanto nós outros estivermos no cinema ou em reuniões sociais. Com tenacidade e paciência, dominarão comícios que defendam causas populares, introduzindo seus agentes nos cargos importantes de organizações democráticas.

O antídoto político para o comunismo é o governo democrático eficiente, pois um governo dessa natureza pode remover até o pretexto da existência de divergências irreconciliaveis entre classes ou grupos de uma nação. Isso pode ser realizado, não dando aos menos favorecidos esmolas ou entorpecentes, e sim adotando medidas de carater prático que reconheçam os direitos humanos de todos os cidadãos e elevem o padrão de vida de todas as camadas da sociedade.

O problema no setor estrangeiro é de igual importância, mas muito mais dificil. O maior erro que as democracias poderiam cometer seria o de formular uma política exterior meramente anti-comunista. Estaremos fadados ao fracasso se não formos alem disso. Acabaremos, então, invectivando e verberando o espectro do comunismo sem remediar as condições que o fazem medrar.

A política exterior dos Estados Unidos deve ser formulada de modo a esposar e promover programas liberais e humanitários para as massas do mundo. Deve reforçar os elementos democráticos de outros paises e não consolidar interesses reacionários sequiosos de poder. A maior parte das regiões do globo é árida e desolada. Por vezes o povo vive subjugado pela pobreza e vencido pelas doenças. Outras vezes, a sujeição é industrial ou política. Os comunistas são habeis exploradores de tais condições. Prometem mundos e fundos a quem se alistar em sua legião política. A revolução pode parecer, aos explorados, um grato alívio.

Tais ímpetos não podem ser refreados por palavras vagas sobre remotos ideais democráticos. Se quisermos a adesão de milhões de habitantes do globo às fileiras da democracia, temos que mostrar-lhes o caminho com programas concretos de reconstrução social.

Não podemos impor tais programas a outras nações. Há, porem, em muitos paises, homens dotados da íntima resolução e vitalidade necessárias à formulação de programas para seus povos. James Yen tem tal programa para a China: programa de alfabetização das massas e de recuperação das zonas rurais. É programa originário da China e, portanto, próprio da índole chinesa. Com o amparo e apoio das democracias ocidentais, poderá fazer muito mais do que salvar a China do comunismo. Poderá iniciar um movimento que se estenda à Asia inteira e a coloque ao lado das forças democráticas do mundo. O que se pode realizar na China tambem se pode fazer em outros paises.

Quando escoramos governos egoistas, corruptos ou fascistas, perdemos

terreno no combate universal ao comunismo. Quando nos perfilamos com as forças liberais e progressistas de outros paises, identificamo-nos, aos olhos do mundo, com esses elementos. Desse modo, avultam a força e o carater da causa democrática. Assim procedendo, fazemos recuar a maré do comunismo.

Essa orientação requer suma destreza. Exige, ainda, o sustentáculo de uma máquina bélica forte, alerta e de grande mobilidade. Os fracos jamais venceram uma campanha—política ou não—contra ditadores. Não podemos arriscar-nos a ser diletantes. Se o formos, talvez venhamos a pagar um preço maior do que o que pagamos por ter contribuido pouco e tarde para aqueles que nos separavam dos nazistas.

A experiência com o governo democrático revela a fulgurante promessa, o grande potencial que ele encerra. Revela que o governo pode ser justo e, contudo, civilizado; equitativo para com todas as classes, sem explorar nenhuma. A sobrevivência e a ampliação das tradições democráticas são os magnos objetivos deste século.

Momentos embaraçosos

CERTA VEZ, em Roma, o humorista George Ade ofereceu um jantar a alguns amigos, entre os quais se achava o romancista Booth Tarkington. Aí pelas dez horas, uma das senhoras convidadas desejou voltar para o seu hotel, que ficava perto, e George gentilmente foi levá-la até a porta. Em seguida, passando pelo bar do hotel, viu alí alguns conhecidos e parou para conversar com eles. O tempo foi passando, enquanto se repetiam as histórias e as anedotas provocavam gargalhadas. Aí pela meia-noite, Ade mencionou o fato de ter jantado com Booth Tarkington, que havia contado histórias estupendas. «Quem ofereceu o jantar?» perguntou alguem.

George pensou um instante, e disparou como um raio para a porta, bradando: «Ora essa! Fui eu!»

—Fred C. Kelly, *George Ade, Warmhearted Satirist* (Bobbs-Merrill)

O FALECIDO Leonard Liebling, redator-chefe da revista *Musical Courier*, sempre se recordava do dia em que, na sua juventude, chegando um visitante à sua casa à hora do jantar da família, ele dissera à criada que mandasse o recem-chegado sentar-se e esperar. Ao cabo de uma refeição calma e lenta, foi o sr. Liebling cumprimentar o visitante. «Desculpe-me tê-lo feito esperar; costumamos jantar sempre às 7...»

«Foi o que pensei,» replicou-lhe o amigo, «quando você me convidou para vir jantar aquí hoje.»

—Abraham Mandelstam, em *Pageant*

Eis um novo teste, rápido e facil, para descobrir a tempo o cancer do útero

Nova conquista contra o cancer

(*Condensado de «Ladies' Home Journal»*)

Por W. L. White

SE NOS FOSSEpo ssivel aplicar sem demora os conhecimentos recentemente adquiridos em matéria de descoberta do cancer incipiente, poderiam salvar-se quase todas as mulheres—e são muitos milhares—que anualmente perecem vítimas do cancer uterino.

Consideremos um caso a esmo—uma das muitas mulheres de aparência saudavel e feliz que cuidam, despreocupadamente, de suas tarefas domésticas. Não a aflige qualquer apreensão relativa ao cancer; ouviu dizer que, no tocante a essa doença, a «idade perigosa» chega, para a mulher, depois dos 40: ora, ela tem somente 37... Mas o que ela ignora é que, quando o seu cancer começou, há coisa de 12 meses, era tão pequeno, que se podia equilibrar na ponta de um alfinete. Hoje, embora crescendo devagar, encontra-se ainda à superfície do colo do útero—segundo a expressão corrente, ainda «não criou raizes»—e poderia ser extirpado com facilidade.

Mas por que haveria ela de consultar o médico, se não observou nenhum sintoma? Por sua vez, o próprio médico não poderia provavelmente notar nada de anormal. Os primeiros sintomas só virão a manifestar-se talvez daquí a um ano, ou coisa assim: gotículas de sangue que vêm fora do ciclo regular da menstruação. Mas ainda então ela não se preocupara; pois sabia que uma pequena hemorragia como essa geralmente se deve a uma de muitas outras causas sem importância. Nessas condições, o mais certo é que não tome providência alguma, até que o fenômeno se haja repetido muitas vezes; e cada semana que passa lhe vai roubando mais probabilidades de escapar com vida.

Pode ser tambem que ela hesite em consultar o médico, porque, até há pouco tempo, o único exame para esse tipo de cancer era a biopsia, e isso custa tempo e dinheiro. Em geral, é preciso esperar que haja leito vago num hospital; depois submeter-se à anestesia, enquanto o médico retira pedacinhos de tecido do útero, que serão remetidos ao laboratório para análise. Tudo o que isso representa em

tempo e despesas leva a doente e o médico a hesitar por igual: para que arriscar-se desnecessariamente a tantos trabalhos, se a causa da hemorragia pode ser qualquer outra, sem importância? Assim a demora, o medo e a ignorância concorrem para que o cancer acabe matando essa mulher.

No entanto, descobriu-se recentemente um novo exame que é rápido, econômico, simples, indolor, e, em 96 por cento dos casos, digno de confiança. Qualquer clínico pode fazê-lo no seu consultório, e remeter depois os resultados, para interpretação, a um especialista devidamente treinado no assunto. Se for universalmente aplicado, esse processo pode salvar da morte a imensa maioria das mulheres que hoje sofrem de cancer no colo do útero, e o ignoram.

A história dessa descoberta data já de 1928. Nesse ano, o dr. George N. Papanicolaou, professor de anatomia do New York Hospital-Cornell Medical Center, descobriu a presença de algumas células feias, tipicamente disformes, que flutuavam no fluido vaginal por ele extraido de uma mulher que sofria, reconhecidamente, de cancer do útero. Ao especialista ocorreu que talvez pudesse encontrar células idênticas em outras padecentes de cancer. Munindo-se então de um tubo de vidro curvo, com uma esfera de borracha em uma extremidade, extraiu numerosos espécimes vaginais. Depunha o fluido em gotas nas lâminas do microscópio, e procurava células cancerosas. Encontrava-as com frequência surpreendente.

O EXAME elementaríssimo do dr. Papanicolaou, para o cancer do útero, está sendo aplicado atualmente a outros fluidos do corpo humano, com resultados comparaveis, em exatidão, aos que se verificaram com o exame dos fluidos vaginais. O cancer do estômago, por exemplo, que é o que mais vítimas causa, pode ser descoberto nos sucos gástricos; o dos pulmões, na expectoração; na urina, percebe-se a presença dos cânceres das vias urinárias. Esses métodos vêm acrescer enormemente a importância das clínicas para descoberta do cancer. O *American Journal of Public Health* dizia recentemente que «as oportunidades que, neste campo, se oferecem aos laboratórios de Saude Pública são positivamente animadoras».

Médicos e técnicos de laboratório estão sendo especialmente treinados nessa técnica, em diversos hospitais dos Estados Unidos, como o New York Hospital-Cornell Medical Center e o Massachusetts General Hospital.

Finalmente, em junho de 1943, o dr. Papanicolaou publicou uma comunicação muito cautelosa, na qual sugeria que esse seu método podia aplicar-se como recurso complementar da biopsia, para descoberta do cancer no colo do útero.

Durante algum tempo nada sucedeu. Um dia, porem, um clínico do Massachusetts General Hospital, em Boston, leu a comunicação quase por acaso. Tivera ele recentemente alguns casos trágicos de cancer no colo do útero. Talvez fosse essa a maneira de descobrir a tempo a presença da moléstia em casos semelhantes, ou a incidência do cancer não revelado pela biopsia. Em vista disso, o médico mostrou a comunicação a um seu amigo, um dos mais eminentes cirurgiões ginecologistas dos Estados Unidos.

A primeira coisa que impressionou esses pesquisadores foi a precisão de um exame tão simples: aplicado a um primeiro grupo de 220 casos, falhou somente quatro vezes. Resultados dessa ordem eram decerto dignos de ser divulgados; publicaram então, em dezembro de 1943, sua primeira nota sobre o assunto. Sentiam, porem, que ainda se achavam no começo. Aqueles 220 casos submetidos ao exame eram, todos eles, de cancer uterino confirmado ou suspeitado. Que resultados se observariam, porem, nos casos em que a presença do cancer era ainda insuspeitada, ou em que a biopsia parecia ter concluido pela negativa? Os pesquisadores se lançaram de novo ao trabalho.

Um dia, um dos médicos desse grupo dispunha-se a operar uma doente que sofria de um tumor comum, não canceroso. Em obediência à praxe, antes de operar, remeteu ao laboratório uma amostra das secreções vaginais da paciente: havia células cancerosas nos resíduos vaginais.

Ora, esse cirurgião, que tem visto muitos tumores malignos em sua carreira, haveria por certo de reconhecer um cancer quando o visse. No entanto, quando a doente chegou à mesa da operação, nada havia nela que o operador pudesse, à vista desarmada, reconhecer como cancer; pronunciou-a pois isenta do mal, e mandou ao laboratório um severo recado: «Vocês querem nos expor ao ridículo!» Com efeito, se se verificasse que o exame de espécime vaginal concluia pela presença de células cancerosas imaginárias, toda a experiência poderia tornar-se perigosa.

Após a intervenção, o patologista do laboratório examinou o material que lhe mandaram da sala de operação, e por coincidência retalhou uma fatia de tecido do ponto exato do colo uterino. Olhando através do microscópio, deparou, assombrado, com um cancer—o menor de todos até então observados naquele hospital.

Já agora, os pesquisadores redobraram de confiança no exame. Em mais de 3 mil casos, o simples exame do resíduo vaginal manteve integralmente em 96% o seu recorde de conclusões acertadas. Muitos meses antes de ser possivel descobrir o cancer por outros meios, esse teste permitia encontrar cânceres minúsculos em mulheres, muitas das quais ainda não haviam alcançado a perigosa «idade do cancer» e cujos tumores foram facilmente extirpados.

Esse novo processo é a um tempo simples e barato. Qualquer médico pode colher um espécime, servindo-se do pequeno tubo de vidro, com a esfera de borracha na ponta, como aquele que usou o dr. Papanicolaou. O fluido é depositado numa lâmina de vidro, fixado com alcool e eter, e remetido ao laboratório do especialista.

Os franceses tentaram nacionalizar a indústria, mas não deu certo

Retorna à França a iniciativa livre

(Condensado de «Forum»)

Por Edwin Muller

MUITAS PESSOAS deste lado do Atlântico acreditam que a França esteja pendendo quase totalmente para o socialismo e que dentro em breve a transição será completa. Observando que já se acham nacionalizadas várias indústrias no país, supõem que na França a iniciativa particular esteja extinta ou moribunda.

Os fatos, entretanto, são diversos.

A nacionalização veio de repente, no fim da guerra, durante a participação dos comunistas no governo. As estradas de ferro já pertenciam ao Estado. Nacionalizaram-se então as minas de carvão, os grandes monopólios de serviços públicos e os bancos mais importantes, bem como as grandes fábricas de aviões e uma das maiores companhias produtoras de automoveis.

Mas nos meados de 1946 cessou essa tendência para o controle governamental. A marinha mercante, que durante a guerra esteve sob a direção do governo, voltou a mãos de particulares. As indústrias de aço e produtos químicos, que estavam no rol das empresas a serem nacionalizadas, continuam sob administração privada. E há um movimento no sentido de devolver a firmas comerciais as fábricas de aviões.

Que terá acontecido? Ao que parece, a experiência de nacionalização das indústrias não causou boa impressão à maioria dos franceses, os quais tiveram a oportunidade de comparar a administração particular com a do Estado nos mesmos ramos.

Desde o princípio corriam boatos sobre a inépcia da administração nas fábricas de aviões nacionalizadas, e no ano passado o governo ordenou que se instaurasse um inquérito. O Ministério da Fazenda incumbiu a dois de seus melhores fiscais de preparar relatórios independentes a respeito. Ambos chegaram à mesma conclusão, condenando categoricamente a manufatura de aviões pelo Estado.

Esses documentos vieram demonstrar que, tendo sido os gerentes das fábricas substituidos por protegidos políticos, estes, afim de pagar favores, contrataram empregados incompetentes. Os relatórios calculavam que o total de empregados necessários à indústria de motores de aviação seria de 11.500; havia, porem, 23 mil em serviço. Em seu conjunto, a indústria aeronáutica tinha um número de empregados 40% superior ao que seria necessário; e grande parte deles trabalhavam nos escritórios, e nada produziam. O recondicionamento de um avião, numa fábrica nacionalizada, consumia 3 mil homens-horas de trabalho, sendo que o avião permanecia imobilizado durante três ou quatro meses, e o custo da tarefa montava a 600 mil francos. O mesmo serviço, executado por fábrica particular, requeria 1.500 homens-horas, o avião ficava imobilizado menos de um mês e o serviço custava 300 mil francos.

Os relatórios observavam que, sob a administração do governo, a indústria francesa de aviões ficara muito abaixo da de outros paises. «Os aviões carecem dos melhoramentos modernos introduzidos por outros.» Air France, a empresa do governo francês que monopoliza o transporte aéreo civil no país, recusou-se a aceitar muitos dos aviões construidos na França, devido a defeitos de manufatura.

Esses relatórios oficiais tiveram ampla divulgação e influiram sobre a opinião pública francesa quanto à indústria nacionalizada.

Quando o governo se propôs, depois da guerra, a nacionalizar a construção naval (como fizera com a indústria de aviação), os donos de estaleiros solicitaram mais uma oportunidade de rehabilitar a indústria, o que lhes foi concedido. Conforme fizeram ver ao governo, a restauração dos estaleiros danificados custaria bilhões de francos e, se o governo tomasse a indústria a seu cargo, teria, ele próprio, de arcar com as despesas. Ora, se os estaleiros continuassem nas mãos dos donos, estes levantariam parte dos fundos. O governo concordou, e só teve de adiantar 2,2 bilhões de francos para a reconstrução. Os proprietários dos estaleiros levantaram 3,56 bilhões.

Em dois anos, a construção naval já atingiu a cifra de 80 por cento da produção de antes da guerra, embora grande parte desse tempo tivesse sido empregada na reconstrução dos estaleiros. À exceção dos comunistas, ninguem na França, hoje em dia, fala em nacionalizar a indústria naval.

As duas maiores fábricas de automoveis da França são a Renault e a Citroën—a primeira pertencente ao Estado e a outra a particulares. A concorrência entre as duas é comparavel à que reina, nos Estados Unidos, entre a General Motors e a Ford. Dois homens, bem familiarizados com a situação da indústria automobilística francesa, e cujos postos oficiais lhes devem imprimir imparcialidade, declaram que, embora o governo esteja concedendo à Renault prioridade em suprimento de aço e maquinaria, a Citroën está produzindo tanto quanto a primeira. E, como índice de eficiência, a produção da Citroën está muito mais próxima da sua capacidade total do que a da Renault.

«Em qualquer companhia de automoveis grande e próspera, sente-se que há uma direção centralizada e bem coordenada,» disse-me um dos meus

informantes. «A companhia Renault era assim, mas agora não é mais.»

A opinião geral é de que a Renault já custou ao governo entre dois e três bilhões de francos. A Citroën nada custa ao Estado.

Antes da guerra, o rádio pertencia metade ao governo e metade a particulares. O ouvinte podia escolher os programas. Agora só ouve os do Estado, o que não lhe agrada em absoluto. Mas, tratando-se do controle de serviços de luz e força pelo Estado, o descontentamento é maior ainda. Antes da guerra, a energia elétrica era explorada por empresas particulares, concentradas em sete ou oito companhias ligadas entre si, que serviam todo o território da França. Eram severamente criticadas como trustes e monopólios, mas, apesar disso, não se saíam tão mal. A indústria estava sempre crescendo e os serviços duplicavam de dez em dez anos mais ou menos. Essa expansão era financiada por capital particular, sendo que quase todos os franceses, incluindo até os lavradores, possuiam uma ou duas ações dessas empresas. As ações pagavam bons dividendos e seu preço não era excessivo.

Depois da guerra a indústria foi nacionalizada, e criou-se um projeto no sentido de expandí-la para fomentar a reconstrução econômica da França. Os *deficits* tinham de ser cobertos pelo Estado; começaram a crescer dia a dia, tornando-se uma das causas da inflação e do declínio do franco.

Por fim, o governo decidiu que não podia mais seguir no mesmo caminho; as taxas precisavam ser aumentadas. Na indústria elétrica as taxas sobem, geralmente, mais devagar do que os preços de outras utilidades. Na França, estão por cima. Em 1948 o custo de gêneros nesse país é 14 vezes maior do que em 1938; pois as taxas de eletricidade, em janeiro deste ano, eram 19 vezes maiores do que há uma década.

Isso, naturalmente, constitui verdadeira catástrofe para a dona de casa francesa. Muitas pessoas viram-se forçadas a privar-se completamente do uso de eletricidade, e quase todas tiveram de reduzir o gasto. No momento em que escrevo este artigo, o governo está fazendo um esforço supremo para reduzir o custo de vida e promete pequena diminuição nas taxas de eletricidade. Isso feito, o governo, ao que parece, não terá outra saida senão reassumir o pagamento dos *deficits* da indústria—ou interromper-lhe a expansão.

A história das minas de carvão nacionalizadas é idêntica. O consumidor francês que usa o carvão para aquecer sua casa—e não são muitos os que têm a sorte de fazê-lo—terá que gastar 17 vezes mais que antes da guerra.

Para fazer reviver a indústria francesa em geral, tornava-se necessário um aumento urgente na produção de carvão, e esta foi elevada de 12 por cento acima do nivel anterior à guerra. Isso se conseguiu aumentando o número de mineiros; empregaram-se em grande parte, para esse fim, prisioneiros de guerra e os chamados «desalojados». Mas a produção por mineiro está 20 por cento abaixo do que era antes da guerra.

Colocou-se um comunista à testa da indústria nacionalizada de mineração. Ele instalou centenas de «fiscais» que pouco ou nada entendiam de minas de carvão, mas eram, na realidade, organizadores comunistas. Estes, por sua vez, executaram a contento a tarefa: nomearam capatazes comunistas que tornaram bastante dificil o trabalho dos operários não-comunistas.

Agora que o Partido foi repelido pelo governo, o chefe da indústria mineira não é mais um comunista. Mas, mesmo assim, restam dúvidas quanto ao grau de eficiência com que as minas poderão ser administradas sob o sistema de nacionalização.

Há pouco tempo, a Bélgica estava debatendo o problema de nacionalizar suas minas de carvão ou deixá-las em mãos de particulares; e o Senado belga enviou um comitê para estudar as minas francesas. O relatório foi completamente desfavoravel: «A mistura da política com a indústria é desastrosa.» O comitê recomendou que as minas belgas continuassem sob a posse e administração de particulares, e assim se acham até o presente.

A indústria particular francesa tem mantido um nivel admiravel desde a guerra. Eis alguns dados sobre a sua produção, considerando 100 como o nivel de 1938. Aço em chapas 131; alumínio, 146; borracha, 124; cimento, 122; tecidos de algodão, 100; *rayon*, 154; produtos químicos, 110 a 129. E lembremo-nos de que muitas das fábricas haviam sido destruidas e inúmeras outras despojadas de suas máquinas.

Há hoje em dia um novo espírito na indústria particular francesa. Para compreendê-lo é preciso examinar o passado. Antes de 1939, grande parte da indústria pesada era controlada por grupos pequenos e inter-relacionados —as «200 famílias»—que eliminavam a concorrência, fixavam preços e tentavam impôr salários baixos. Combatiam com afinco o operariado e suas pretensões; e o operariado contra-atacava do mesmo modo. Os empregadores e os empregados detestavam-se.

Hoje pouco se ouve falar das «200 famílias». O presidente da Associação das indústrias francesas, George Villiers, é diretor de uma pequena fábrica, assim como muitos de seus colegas. No conjunto da indústria francesa há hoje mais empresas pequenas do que antes da guerra. Com isso reavivaram-se um pouco, não só o espírito de concorrência como tambem a decisão de restabelecer o mercado livre. Um número cada vez maior de industriais está adotando o princípio de produção em grande escala e lucros reduzidos.

Há provas de que as relações entre empregadores e operários estão melhorando. Os comunistas, naturalmente, ainda dominam certos sindicatos em indústrias de vital importância, e é bem possivel que haja novas greves. Mas a maioria dos operários franceses não são comunistas. O que desejam é trabalhar e, em contraste com a ácida animosidade reinante antes da guerra, estão dispostos a avançar metade do caminho no sentido de chegar a acordos com os industriais no que se refere a salário e condições de trabalho.

Os empregadores, por outro lado, tambem apresentam atitude mais conciliatória. Nestes últimos dois anos, cerca de 600 firmas instituiram o sistema de participação nos lucros. Outras procuram melhorar as condições de trabalho, introduzindo almoço gratis e outras vantagens.

Aí estão alguns dos fatores que explicam o notavel restabelecimento da indústria francesa após o fim da guerra. Alguns norte-americanos temiam que a ajuda à França pelos Estados Unidos, dentro do Plano de Rehabilitação Econômica da Europa, fosse dar força a um Estado inteiramente socializado, a uma indústria nacionalizada e a um modo de vida oposto ao da liberdade. Ao contrário, essa ajuda destina-se a uma nação em que o amor à liberdade, inclusive à livre iniciativa, se vem reafirmando.

Liberdade é ainda a senha primordial da França.

Um estratagema prático

GERALMENTE, já fatigado das liças, certo comerciante manda sua secretária avisar os vendedores, na sala de espera, que o chefe lhes concede apenas «cinco minutos» de conversa. Mas o sr. George J. Boesch, vendedor de St. Louis, nos Estados Unidos, tomou isso muito ao pé da letra. Tem um relógio de pulso que é tambem despertador. Ao entrar no gabinete do chefe da firma, ajusta o despertador para daí a cinco minutos exatamente. Quando toca a campainha do relógio, o homem exclama: «Que é isso?»

«São os meus 5 minutos que se extinguem,» diz o vendedor travando a campainha.

Depois disso, em geral lhe concedem meia hora ou mais, e quase sempre obtem encomendas para as mercadorias que vende. Interessado no truque do relógio, o comprador torna-se menos rígido e mais camarada. Que mais pode pedir um arguto vendedor?

—*The Christian Science Monitor*

Vale a pena anunciar

HÁ POUCO tempo, um universitário norte-americano achava-se, como se diz, a mangas de colete. E como era apenas o terceiro dia do mês, não queria escrever aos pais pedindo mais dinheiro. Só havia uma solução: vender alguma coisa. No dia seguinte apareceu, no jornalzinho da Universidade, o seguinte anúncio: «VENDE-SE: lindo paletó de casemira. Artigo superior, e eu preciso de dinheiro. Cartas a Fulano.»

Daí a dois dias o anunciante recebia uma carta expressa de sua casa, contendo um recorte do jornal com o anúncio e um cheque, mais o seguinte comentário: «Eu compro esse maldito paletó!» Assinado: Mamãe.

—Colaboração de Charles T. Coyle

O poder de um bilhete postal

(Condensado de «Pageant»)

Helen Colton

TODOS os empregos que tenho tido, conseguí-os por meio de um simples cartão postal. Quando terminei meu curso ginasial, em junho de 1934, havia grande falta de trabalho. Mas não me deixei desanimar: enquanto as minhas colegas de curso andavam de porta em porta procurando emprego, fui ao catálogo de telefones e escolhí cem firmas comerciais, às quais mandei um postal mimeografado, endereçado ao Ilmo. Snr. Diretor. Procurei escrevê-lo colocando-me do ponto de vista do empregador. Dizia assim:

Pronta a assistir a um industrial muito ocupado. Moça desembaraçada, esteno-datilógrafa, sabe tratar com os clientes, lidar com o dinheiro da casa de modo a evitar perdas, e ajudar a obter lucro.

Daí a uma semana eu já estava trabalhando como caixa numa joalheria de vendas a crédito. Depois resolví enveredar pelo ramo da publicidade. Para facilitar a resposta aos meus possiveis empregadores, comprei cartões postais duplos, do gênero cartão-resposta comercial, e, na parte destinada à resposta, mimeografei os seguintes dizeres:

*Miss Colton: Compareça a este escritório no dia*_____
*às*_____*horas*
*Nome*_____
*Endereço*_____

Como, desta vez, eu queria emprego que pagasse mais, organizei um rol mais extenso—500 firmas de publicidade, só em Nova York—e recebí cem respostas!

Quando um empregador me chamava para uma entrevista, eu enviava, em aditamento ao primeiro cartão, dois outros: em um, confirmava a data e lugar da entrevista, e no outro, remetido após a entrevista, agradecia-lhe a atenção que me dispensara. De todas as vezes que fui entrevistada, ofereceram-me os respectivos empregos, pois os meus cartões davam a impressão de que eu era eficiente. Optei por um lugar de secretária-assistente, com a obrigação, tambem, de escrever circulares de publicidade.

Embora eu já não precise de procurar emprego, ainda considero o cartão postal uma arma de grandes recursos. Quando meu marido e eu fomos desalojados de nossa casa, organizei uma lista de 300 prédios de apartamentos, tirada do catálogo de telefones, e remetí um cartão postal ao gerente de cada um deles, nestes termos:

Precisa-se de um apartamento mobiliado, sala, cozinha e banheiro, até 50 dólares. Casal sem filhos, sem animais de estimação, nem amigos que risquem os moveis. Pagadores pontuais, inquilinos respeitosos, com telefone próprio.

No dia seguinte tínhamos apartamento...

Mesmo na correspondência com as pessoas de minhas relações, prefiro os cartões postais, pois é muito mais facil mandá-los com relativa frequência, do que escrever uma interminavel carta cheia de desculpas por «não ter escrito há mais tempo». Certa amiga minha, casada com um homem distraido, adotou o sistema de inserir um cartão postal entre a copa e a carneira do chapéu dele. O cartão é endereçado ao marido, e leva uma mensagem a que só falta a assinatura de quem o encontrar: *Meu caro, você esqueceu-se do chapéu em nossa casa. Venha buscá-lo.*

Que estamos esperando?

Por Richard L. Evans
(King Features Syndicate)

Muitos de nós vivemos como que na expectativa de que a vida começará um dia... Nem sempre sabemos com clareza o que é que esperamos; mas insistimos na espera, e o fazemos de maneira tão crônica, que a vida vai-se escoando... enquanto continuamos aguardando qualquer acontecimento que, na realidade, já se está desenrolando há muito tempo. Alguns pais esperam que cessem outras obrigações, afim de se aproximarem dos filhos. Mas um dia destes, os filhos estarão homens e se afastarão do lar, tendo sido perdidos, assim, os melhores anos em que pais e filhos deviam ter-se conhecido mais estreitamente. Há mães que pretendem sinceramente prestar mais atenção às filhas na primeira oportunidade; e as filhas, por sua vez, um dia procurarão redobrar de carinhos... Entretanto, o tempo passa, as distâncias se dilatam, os filhos crescem e vão fugindo ao círculo da família.

Há ainda velhos amigos que esperam ver-se mais amiude e desfrutar mais da amizade um do outro—mas o tempo vai passando. Quantos maridos e esposas se prometem que hão-de ser mais cordatos e compreensivos. Entretanto, o tempo, só por si, não une as pessoas com elos mais estreitos. Há homens que vão mudar de conduta; há pessoas que pretendem comer mais moderadamente; e outras juram que vão gastar menos. Há muitos cidadãos que prometem a si mesmos interessar-se mais pelos atos do governo... Mas quando?

Não temos motivos para duvidar das boas intenções de cada uma dessas pessoas. Mas quando começaremos a viver como se compreendêssemos que a vida aquí está, neste momento? É este o nosso dia, esta a nossa geração. O céu e o alem terão suas próprias oportunidades e misteres. Mas aquí está a vida durante a qual temos que realizar as obras da própria vida. Para isso é que nascemos, embora a vida não seja o que julgamos que devia ser. Entretanto, esta é a vida que conhecemos, dê-nos prazer ou nos cause grandes aborrecimentos. Esta é a vida—e como passa depressa! Que estamos esperando?

Vôo da águia solitária

(Condensado de «Redbook»)
Por Francis e Katharine Drake

A história autêntica do vôo sensacional de Lindbergh

Todos os dias, mais de 500 pessoas, em aviões aquecidos e cômodos, trabalham, comem, dormem, lêem ou jogam cartas nas alturas, sobre o Oceano Atlântico. Postos meteorológicos, situados na Terra Nova, no Labrador e na Islândia, formam uma rede protetora que se mantem em vigília contínua sobre o rumo seguido pelos aviões; ao mesmo tempo equipes de pilotos, mecânicos, navegadores e rádiotelegrafistas transportam os passageiros dos Estados Unidos à Europa, com toda a segurança, no espaço de meio dia.

Há somente 21 anos, entretanto, os ares sobre o Atlântico ameaçador sustinham um único avião, que se arrastou pela imensidão do espaço, de Nova York a París, em 33 horas e meia. Contrastado com os atuais gigantes metálicos, de 10 mil cavalos de potência, é assombroso que esse avião tivesse chegado ao destino, pois era um monoplano com um único motor, de 220 cavalos, que conduzia um só ocupante. Não possuia faróis, calefação, rádio, piloto automático nem dispositivos para derreter o gelo. As asas eram de madeira e pano, e seu peso total era inferior ao da instalação elétrica de um moderno avião de carreira. Não obstante, ingressou nas páginas da História e elevou seu piloto aos píncaros da fama.

Em 1919, Raymond Orteig, hoteleiro de Nova York, oferecera um prêmio de 25 mil dólares a quem vencesse em um só reide sem escalas a distância de 3.600 milhas que separa Nova York de París. Oito anos decorreriam antes que os progressos na manu-

fatura de aviões e motores permitissem que tal empreendimento chegasse às raias da possibilidade. O início de 1927 veio encontrar certo número de pilotos famosos, de ambos os lados do Atlântico, preparando-se para a tentativa. Quase no último momento, chegou a Nova York um derradeiro concorrente, obscuro demais para atrair grande atenção.

Mas não fora nenhum ímpeto de última hora que havia trazido Charles Lindbergh ao ponto de partida. Aos 25 anos de idade, piloto veterano da mala aérea e capitão da Reserva da Aeronáutica, ele fizera, em 1926, todos os cálculos sobre o avião, o motor, a navegação e as despesas para a travessia do Atlântico. Mas só dispunha de dois mil dólares, e o Ano Novo já se aproximava, quando um grupo de comerciantes de St. Louis elevou seu capital a 15 mil. (A despesa total, desde os desenhos até a chegada em París, foi de 13.500 dólares.)

A fabricação do aparelho — um Ryan munido de tanques especiais e de motor Wright Whirlwind—foi iniciada a 28 de fevereiro. Porque os demais concorrentes faziam preparativos para largar na primavera, Lindbergh estabeleceu o prazo máximo de 60 dias para a conclusão da obra. Esforços sobrehumanos, por parte de todos os interessados, permitiram a Lindbergh e seus companheiros chegar a Curtiss Field, em Long Island, a 12 de maio de 1927. Justamente nessa semana, Nungesser e Coli desapareceram no mar; e Byrd—com sua equipe de três homens—alem de Chamberlin e Levine, tambem se preparavam para decolar de Nova York. A morte e a catástrofe haviam eliminado os restantes concorrentes.

Fez mau tempo a semana inteira. Mas, na noite chuvosa do 19 de maio, quando Lindbergh e seus auxiliares saíam para jantar, o boletim meteorológico assinalou uma brusca mudança de tempo: as tempestades e a cerração iriam dissipar-se no roteiro da França. Seguiram-se treze horas de atividade febril; nessa atividade se incluiam: a encomenda de cinco sanduiches e cinco litros de água; a obtenção do passaporte e—como cortesia—de cartas de apresentação; e, finalmente, a condução, a reboque, do *Spirit of St. Louis* ao aeroporto Roosevelt, que dispunha de uma pista mais extensa. Quando subiu à carlinga, às 7,45 da manhã, Lindbergh não pregara olho havia 24 horas, omissão essa que, durante o vôo, ele iria lamentar cada vez mais.

O semblante do piloto, enquanto este escutava o motor, não traía o fato de que estava iminente a parte mais perigosa de todo o reide: a decolagem. Esta já havia eliminado os concorrentes Fonck, Davis e Wooster. Jamais um motor de tão pouca potência havia içado carga tão grande. Alem disso, Lindbergh teria que levantar vôo com algum vento pela popa, numa pista lamacenta, que lhe reduziria a velocidade. No fim da pista erguiam-se fios de telefone, árvores e outros obstáculos.

Imprimiu plena força ao motor, enquanto os mecânicos se puseram a escutar. A rotação do motor ainda tinha

quarenta revoluções menos que o normal; mas, opinaram os técnicos, funcionava tão bem quanto seria de esperar num dia úmido. Lindbergh agradeceu-lhes o auxílio e acenou aos mecânicos para que retirassem os calços.

Os carros de bombeiros precipitaram-se para o fim da pista. A multidão estava tensa. Lembravam-se todos das labaredas que devoraram Davis e Wooster, havia um mês. Tinham ímpetos de deter o rapaz. Mas já era tarde. As rodas haviam começado a rolar, numa arrancada que ficaria célebre.

Decorreram cinco segundos, dez, quinze—e a cauda ainda se arrastava pela lama. Os pilotos que contemplavam a manobra contorciam-se nervosos, como se quisessem, com seus corpos, dirigir o aparelho. Vinte e cinco segundos, trinta—o monoplano já transpusera a linha de segurança; era tarde para brecar e fazer nova tentativa. *Agora!* Um trecho de pista mais firme, súbita aceleração—um salto, dois, uma trajetória maior, um *viva* da multidão. *Decolara!*

Subiu, palmo a palmo, passando o carro de bombeiros, pouco acima de um trator. Seis metros acima do fio de telefones. Velocidade bastante para transpor as árvores e desviar-se, rente, de uma colina.

Lindbergh descreveu-o assim: «Pelas 7 e 40 foi dada partida ao motor e às 7 e 52 alcei vôo rumo a París.»

As horas sucederam-se até ao meio-dia e entraram na tarde, antes que a primeira palavra de alento fosse recebida pelas multidões que acompanhavam, quase sem fôlego, a sorte do jovem piloto. Às 19 e 15, chegou a notícia, da Terra Nova, de que o *Spirit of St. Louis* havia passado St. Johns—pontualmente, é claro! Na luta de pugilismo entre Maloney e Sharkey, no Yankee Stadium, 40 mil fãs levantaram-se à uma, à voz do locutor, e fizeram preces por Lindbergh.

Sobre a enorme vastidão do mar escuro, o piloto solitário dispunha-se a enfrentar a maior batalha de sua vida. Úmida mortalha de cerração subia, buscando incessantemente as pontas das asas do avião. A pouco e pouco o piloto içou mais alto o aparelho. Qual espectro, a neblina saía-lhe no encalço. Justamente quando transpunha o ponto mais alto, enorme nuvem tempestuosa estendeu-se à sua frente, os picos erguendo-se como sentinelas que lhe contestassem o direito de passar. Que haveria do outro lado? Gelo? Neve? Relâmpagos? Que extensão teria? Dez milhas? Cem? Quanto não o teria confortado ouvir uma voz amiga pelo rádio, revelando-lhe o segredo do que o esperava mais adiante! Continuar? Voltar? Fazer nova tentativa outro dia?

Com a tempestade investindo contra ele, Lindbergh tomou uma decisão. Seus olhos procuraram o painel de instrumentos. Respirou profundamente, e seguiu adiante—enfurnando-se na procela. O avião foi impulsionado, ora para cima, ora para baixo, fustigado, nas trevas, pelas terriveis forças dos elementos enfurecidos. Mas o pior ainda não viera: *o gelo*, o maior

assassino de pilotos. O aparelho trepidou, como que advertindo. Um piloto menos prudente poderia ter-se aventurado. Lindbergh percebeu a possibilidade de muitas horas de mau tempo. «Fui obrigado a fazer meia volta e procurar ares mais límpidos, para depois contornar quaisquer nuvens que não pudesse sobrevoar,» explica-nos ele.

O aparelho desviava-se, ora para o norte, ora para o sul,—em macabra partida com fantasmas negros. Mas cada volta aumentava a distância percorrida, subtraía-lhe gasolina, consumia preciosas energias. A simples manutenção de um rumo certo, em meio a tantas peripécias, seria posteriormente aclamada como grande exemplo de perícia na arte de navegar.

A aurora, saindo do Velho Mundo ao seu encontro, estendeu-lhe a primeira mão amistosa. A dezoito horas de distância de Nova York—percorrida cerca de metade do caminho—o sol levantou-se e, com ele, a temperatura. Já não havia necessidade de virar, de contornar. Mas a necessidade de dormir era paralisante. Para combatê-la, Lindbergh conferia os instrumentos, estudava o rumo. Retirou os pés dormentes do leme e bateu-os no chão; o avião subitamente desviou-se da rota. Meneou a cabeça—não havia espaço para erguer-se. Bateu no rosto com a palma da mão, remexeu-se—tudo para distrair-se. As paredes da carlinga, de pano, sem pintura, confundiam-se com as nuvens amorfas, produzindo um efeito hipnótico.

O sol já estava bastante alto quando começaram a surgir os primeiros claros nas nuvens, lá em baixo. Passaram-se mais alguns minutos e enfim alí, no fundo de um enorme vão, deslizava o mar. Qual gaivota, o *Spirit of St. Louis* mergulhou ao seu encontro, baixando até a trinta metros da revolta solidão cinzenta. Era, afinal, um ponto de referência, depois da expansão infinita dos céus. Ondas encapeladas! O instinto do navegador encheu-se de satisfação, pois o vento soprava do noroeste. Iria de vento em popa! Foi talvez então que Lindbergh trincou um sanduiche, o único que comeria durante a travessia.

Mas, como se lhe quisesse negar até essa mínima trégua, a cortina nebulosa cerrou-se de novo, obrigando-o a navegar às cegas, durante duas horas mais.

Lindbergh não podia saber que tanto ele quanto o *Spirit of St. Louis* já estavam em todas as *manchettes*, em todas as bocas; que a ânsia se apossava de todos, quando os locutores, interrompendo programas radiofônicos naquele sábado interminavel, diziam: «Ainda não há notícias...»

A TARDE evanescente trouxe a Lindbergh novo fardo de preocupações. Já fazia 27 horas que deixara Nova York. Evidentemente, se ainda estava no rumo, deveria avistar terra muito breve. Veio então a provação clássica, com que a mitologia atribula os mortais que tentam elevar-se à altura das estrelas. Aparições. «Surgiram numerosos litorais, com montanhas, enseadas e árvores, tudo perfeitamente delineado contra o horizonte.» A terra convidava o exhausto mareante de todos os lados—de todos, menos o verdadeiro.

A essa altura, Lindbergh já passara dois dias e duas noites sem dormir. Acredita ele que a falta de vidro, nas janelas, lhe possa ter salvado a vida. O vidro fora retirado para facilitar-lhe a visibilidade. Agitando o leme, de quando em quando, conseguia introduzir pelas janelas grandes golfadas de ar frio. Entrementes, fitava, com desgosto, uns montículos de lama que aderiam à superfície inferior das asas. Haviam-se desgarrado da pista do aeroporto Roosevelt na decolagem. Um pouco alem do alcance de seu braço, essas quantas gramas de peso adicional irritavam-no cada vez mais.

Súbito, avistou, um pouco ao sul do roteiro, um punhado de pontinhos negros. Lindbergh nem se podia fiar nos olhos cansados. Mais miragens? Tenso no seu banco apertado, baixou o nariz do avião. Barcos de pesca! Significavam que a terra não ficava longe. Lindbergh volteou um barco e diminuiu a marcha. Há muito que esperara para fazer a pergunta: «De que lado fica a Irlanda?» gritou. Mas o pescador manteve-se imovel em seu lugar. Lindbergh acelerou o motor e retomou o rumo.

Terra! Mesmo avistada de um moderno avião de carreira, aquela primeira nesga de terra—tão firme, após a imensidão do mar—dá um conforto maravilhoso. À medida que o litoral se desdobrava e o sol da tarde inundava a baía de Dingle, a alegria do piloto extenuado deve ter sido transbordante. Valência! No extremo sudoeste da Irlanda! Ele ia bem no rumo.

Depois, as cinco horas finais, sobre asas cansadas mas triunfantes. Empolgado pelo êxito, o sono já não lhe importava. Sobrevoou a Irlanda, depois a Inglaterra, formosa, ordenada, e a Mancha, no crepúsculo tranquilo. Era como se tornasse à casa, guiado pelo som do Ângelus. Quando o ocaso cedeu lugar às trevas, os faróis da rota aérea Londres-París indicaram, como dedos luminosos, o fim da jornada.

París! Lá estava Charles Augustus Lindbergh, de St. Louis, no Missouri, volteando a Torre Eiffel, a 3.610 milhas e a 33 horas e meia de Nova York. Descendo em espirais até ao aeródromo de Le Bourget, ficou maravilhado com o denso trânsito da França, numa noite de sábado, com a incrivel massa popular que cercava o campo, os rostos voltados para o céu.

Quando o *Spirit of St. Louis* rodou pela relva, a multidão avançou, cem mil vozes unidas num brado ensurdecedor. Lindbergh desligou o motor, receando que a hélice causasse mortes. Partes do avião começaram a ceder sob a pressão da massa humana. O piloto entreabriu a porta; bradou, desesperado, pedindo mecânicos, mas sua voz perdeu-se no tumulto. Foi arrancado da cabina, passado de mão em mão, pernas para cima, para baixo. Meia hora era já decorrida quando seus pés tocaram no solo. Aí, então, pilotos franceses acorreram para pô-lo a salvo.

Choviam cabogramas em todos os

quadrantes do globo. Nos Estados Unidos, de costa a costa, interrompiam-se programas de rádio e espetáculos de cinema. O pessoal da fábrica Ryan ficou rouco de gritar... O austero *New York Times*, fora de si, coroou seis páginas inteiras de texto com o título mais exuberante de sua história: LINDBERGH REALIZOU A PROEZA!

NOS MESES alucinantes que se seguiram, não foi um jovem qualquer que manteve o juizo, que ombreou com reis e multidões, sem perder a modéstia natural. Possuia um jeito especial que lhe permitia traduzir sentimentos sinceros em palavras simples, sem afetação—como, por exemplo, no primeiro discurso de sua vida, em que manifestou ao povo da França o seu pesar pela perda de Nungesser e Coli, heróis franceses que haviam tentado, explicou, um empreendimento muito mais perigoso que o dele.

De retorno à América do Norte, a bordo de um cruzador despachado pelo Presidente dos Estados Unidos, as ofertas do cinema e das agências de publicidade já se elevavam a mais de 2.500.000 dólares. Recusou tudo menos o prêmio Orteig e outros, diretamente relacionados com o seu feito memoravel. Seu vôo fora realizado em prol do progresso da aviação. Como tal, deu resultado. Os tímidos preconceitos contra a aviação foram dissipados, o serviço de transporte de passageiros experimentou um surto. No mesmo ano da travessia, a mala aérea aumentou de 300 por cento.

Lindbergh trouxe ao seu país algo maior que a fama no momento em que tal coisa mais falta fazia, numa época de contrabandos, crimes e escândalos. Nas palavras do jurista Charles Evans Hughes, Lindbergh representava «tudo o que poderíamos desejar—o melhor da juventude norte-americana». Nos anos subsequentes, Lindbergh conheceria a felicidade e a tragédia, teria bons e maus conselhos, estaria com a razão ou sem ela. Mas nada jamais lhe destruiria a perfeição daquele momento supremo em que se impôs, com integridade e nobreza, à gratidão da sua pátria.

Impaciência

—QUE SEMANA horrivel! ouviu-se uma senhora exclamar num ônibus. —Arrasta-se feito uma lesma. Que dia é hoje?

—Terça-feira, informou a amiga que a acompanhava.

—Está vendo? fez a outra com enfado. —Pois na semana passada, a estas alturas, já era quinta-feira!

—Colaboração de Harold Helfer

Um famoso contador de histórias oferece algumas sugestões

Não conte assim suas anedotas

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Por Bennett Cerf *Autor de «Try and Stop Me», «Anything for a Laugh», etc.*

TODO indivíduo—introvertido ou extrovertido, megalomaníaco, octogenário ou menino-prodígio—está convencido de que sabe contar uma anedota às mil maravilhas. E uma vez que esse engano desencaminha tanta gente, parece chegado o momento de formularmos uma lista de regras preliminares, evitando-se assim que os *raconteurs* incidam nos mesmos erros, sempre que vão contar uma piada.

Considero-me apto a fazer essa compilação, por dois motivos. Primeiro, porque, há quase 30 anos, desde os tempos da universidade, quando fui escolhido para redator do nosso jornalzinho humorístico, tenho cometido, de uma forma ou de outra, todos os erros mais comuns. Segundo, porque, desde que publiquei a minha coleção de anedotas—*Try and Stop Me*—e o livro teve êxito, todo ser humano—«barbados», mulheres e crianças—julga que nada neste mundo me agrada mais do que ouvir piadas de origem incerta...

Muito cedo, porem, percebí isto: a coisa mais irritante que eu podia fazer era declarar abruptamente que já havia ouvido a anedota umas quarenta vezes. Aprendí, assim, a mascarar minhas emoções sob um sorriso estudado, pondo-me de atalaia para explodir em sonoras gargalhadas logo que o «gaiato» puxe o gatilho do inesperado—já tão conhecido... Compús então os seguintes «mandamentos», quase todos baseados na minha amarga experiência, aliás em grande parte involuntária.

1. Não se deve nunca alongar demasiado uma piada. Os ouvintes, que muitas vezes têm a sua anedota engatilhada, e querem o palco, perderão de todo o interesse na história, se o seu desenlace for prejudicado por excesso de palavreado. Os humoristas profissionais conseguem às vezes alongar uma piada por dez minutos, e vão incitando risos enquanto avançam para o ansiado final; isso, porem, é vedado aos simples amadores...

2. Não se deve iniciar uma anedota sem que se tenha a conclusão no ponto de mira, pronta para ser disparada. Nada mais desconcertante, para quem

conta uma piada, do que, ao se aproximar do fim, ter de confessar, coçando a cabeça: «Oh, diabo, esquecí-me do resto!»

3. Quem conta a história não deve rir muito. Evite proceder como o gaiato que ri tanto e se sufoca com suas próprias gargalhadas a tal ponto que quase não se entende o que o paspalhão está dizendo. Uma gargalhada, ao fim do «caso», é de bom alvitre, como isca à jocosidade, e faz mesmo parte da boa técnica. Mas enquanto a história vai em progresso, que riam os ouvintes—se houver motivo para tanto!

4. Não se deve tocar nos ouvintes. Torna-se deveras enervante o anedotista que acompanha suas histórias com socos e cutucadas nas vítimas.

5. Não se deve contar uma piada mais de uma vez às mesmas pessoas. Tenho visto contadores de piadas tão entusiasmados com o êxito de uma anedota, que prontamente entram a recontá-la, ou lhe repetem o final, ao mesmo tempo que levantam a voz, afim de arrancarem novos risos aos presentes.

É indispensavel que o humorista se recorde das pessoas a quem contou determinada anedota; do contrário, incorrerá na grande «rata» de começar: «Ouçam esta, que me contaram esta manhã...» E acaba impingindo-lhes a mesma piada que lhes contara na última noite em que jogaram poquer...

6. Não se deve revelar o desfecho logo no começo da história. Muito amador sem tato começa uma piada da seguinte maneira: «Já lhes contei aquela da mulher que, interrogada sobre o paradeiro do marido, mandou o cavalheiro procurar, à beira do lago, um caniço de pescar com u'a minhoca em cada uma das extremidades?» Se acaso respondem «Não», ele inicia a história, mas já sem a necessária munição. Como num bom conto policial, a solução deve reservar-se para o fim.

7. Não se deve insistir em contar um chiste, quando os ouvintes declararam que já o conhecem. De tais cacetes dizia Oscar Wilde: «Ele foi convidado aos melhores salões de Londres —uma vez.»

8. Não se deve elogiar demais um «caso» antes de contá-lo. Quem começa dizendo «vocês querem ouvir a piada mais engraçada do mundo?» pode muito bem ser um fracasso ao tentar a demonstração do prometido.

9. Não se deve contar uma piada em lugar impróprio. A anedota que provocou coqueluches de riso no clube pode fracassar totalmente num chá grã-fino.

10. Não conte anedotas em momento inoportuno. O cavalheiro que sabe contar uma boa anedota na ocasião devida, é um mestre; quem insiste em contá-las a toda hora, é uma peste!

11. Não se deve adiantar: «Conheço outra versão dessa história.» Torna-se supinamente irritante o sujeito que interrompe o bom êxito dos outros com o aparte: «Eu conheço outra versão, e por sinal que bem antiga...» Se ele chega a atrapalhar o primeiro, contando a coisa ao seu modo, o resultado é quase sempre negativo, para ele e para o outro.

12. Não se deve contar anedotas, cujo «sal» depende de pessoas ou fatos desconhecidos dos ouvintes. Muitas piadas, realmente boas quando se conhecem os tipos em que se baseiam, dão em fiasco se os circunstantes ignoram esses antecedentes.

13. Evitem-se as piadas que se fundam em sotaques ou dialetos. O amador de humorismo que se mete a imitar sotaques cai quase sempre em grande ridículo. Por mim, quando um desses neófitos começa a imitar a fala de alguma região, retiro-me apressadamente, e ligo o rádio para ouvir mesmo o mais banal dos programas.

Relendo estes «mandamentos», parece-me que me excedí. Agora eu próprio terei mais cuidado, ao contar piadas... Noto, tambem, que chegaram ao número treze... o que me faz lembrar o sujeito que protestava: «Eu, supersticioso? Qual nada! Ser supersticioso dá urucubaca!»

Miscelânia Militar

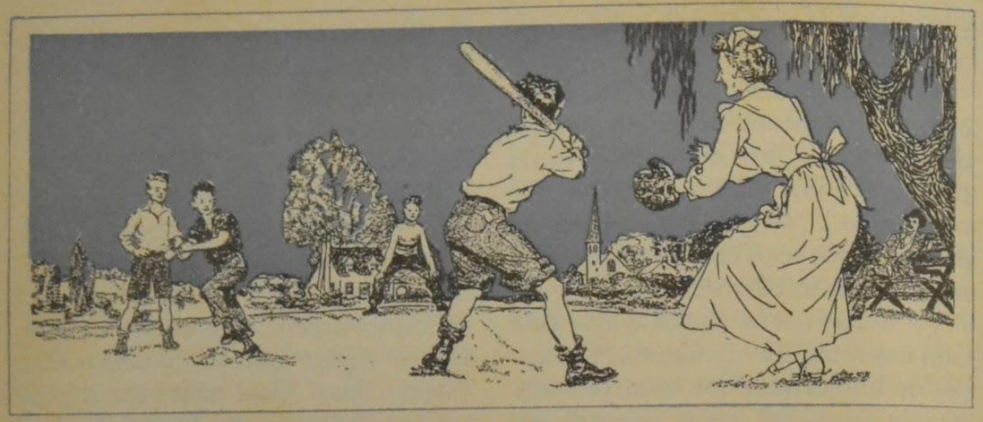
POR 45 DÓLARES pode-se comprar um custoso aparelho elétrico, num dos armazens de sobras de artigos militares, nos Estados Unidos, com a única desvantagem de que ninguem sabe para que serve. O proprietário do armazem comprou-o ao Corpo de Saude do Exército. Os médicos haviam pago por ele a ninharia de 900 dólares, e tãopouco sabiam de que se tratava. Quando o dono do armazem, buscando uma explicação, escreveu aos fabricantes, recebeu esta resposta: «Nós tambem não sabemos para que é. O Exército encomendou-nos o aparelho, mandando-nos o desenho, segundo o qual o fabricamos.»

—AP

DE UMA COMUNICAÇÃO da Associated Press: «O Exército e o Bureau Federal de Investigações têm envidado todos os esforços afim de descobrir o paradeiro do Tenente Edward Kelly, que desapareceu do quartel, sendo acusado de furtar quantias que se destinavam ao pagamento dos oficiais. As autoridades desejam tambem informá-lo de que acaba de ser promovido a Capitão.»

UMA SENHORITA, que dera baixa do Corpo Feminino Auxiliar do exército de Tio Sam, telefonou ao Centro dos Veteranos para indagar se a Carta de Direitos dos Ex-Combatentes fornecia assistência hospitalar em casos de maternidade. «Depende...» disse o encarregado distraidamente. «Trata-se de incapacidade física adquirida no serviço?»

—UP



Meu tipo inesquecivel

Por David Cornel DeJong

BONITA ela não era: nem jovem tãopouco; teria pelo menos a idade de nossa mãe, no mínimo uns 35 anos. A primeira coisa que nela nos impressionou foi o uniforme branco de enfermeira. Mas dela emanavam ternura e camaradagem, e, dentro em pouco, essas qualidades nos pareciam muito mais importantes do que o seu nariz, um tanto comprido e vermelho demais...

DEIXANDO a aldeia da Holanda onde nascera, David Cornel DeJong emigrou para os Estados Unidos em 1905, na companhia dos pais, que se fixaram em Grand Rapids, no Michigan. Para ajudar a família, cujas finanças eram precárias, começou a trabalhar aos 15 anos, e experimentou de tudo: empregado de banco, coveiro, pedreiro... Tendo colado grau numa universidade, foi professor ginasial durante um ano, e pouco depois publicava o primeiro de seus muitos contos. Escreveu quatro argumentos para filmes de cinema, e colabora frequentemente em revistas, com poemas e contos.

Quando, logo no primeiro dia, nós os meninos—éramos quatro—embarafustamos pela casa a dentro, por volta do meio-dia, ela nos disse sem mais rodeios: «Eu quero que vocês me tratem por Jennie, e acabem com esse negócio de Miss Jennie, entenderam? Estou aquí para ajudar sua mamãe a ficar boa, e para dar de comer a vocês. E até acho que nos vamos divertir bastante.»

Antes mesmo de terminar o almoço que ela nos serviu—a primeira refeição gostosa que comíamos havia meses, por causa da doença de mamãe—já meus irmãos e eu a adorávamos. Ao voltarmos para a escola, nessa tarde, juramos fazer grandes coisas por ela. Algum dia seríamos importantes e ricos, e mandaríamos levantar uma estátua de bronze em honra de Jennie, no maior parque da cidade...

A nossa família emigrara da Holanda para a América no ano anterior. Quase logo em seguida havia-nos ocorrido uma série incrivel de infortúnios, rematados pela doença terrivel de nossa mãe. Três médicos de grande autoridade e preço haviam-na declarado irremediavelmente perdida, e mamãe esperava agora na cama o seu triste fim, sob a ação constante de entorpecentes.

Nosso pai passava o dia inteiro fora de casa, labutando para ganhar o que fosse possivel. É claro que procurávamos ajudar tambem. Eu espanava a casa, fazia as camas, e punha manteiga nas interminaveis fatias de pão que constituiam a parte principal das nossas refeições. Meu irmão mais velho ocupava-se das tarefas externas e do porão. Quanto aos dois mais novinhos, faziam aquilo que muito bem lhes dava na veneta. Uma vez ou outra íamos à escola.

Jennie era uma espécie de entidade mitológica naquela vizinhança. Supunham-na enfermeira, e, por incrivel que pareça, ajudava os outros, só pelo puro prazer de fazer o bem... Constava que tinha bastantes recursos, graças aos ricos presentes que, em sinal de gratidão, lhe davam os doentes endinheirados. Segundo as suas próprias explicações, Jennie tinha de seu o suficiente para se permitir, à maneira de passatempo, o luxo de ministrar cuidados aos pobres. «Não há nada de caritativo nisto que eu faço,» repetia. «É que eu gosto de ajudar...» Contudo, esse gosto seu consistia muitas vezes em prestar assistência em casos que outros haviam considerado perdidos.

Começou logo a cuidar de mamãe e de nós, e a tornar impecavel e reluzente a nossa casa. «Quando a senhora vir estes meninos desabrochar feito flores, há-de ganhar forças e boas cores tambem!» dizia ela a mamãe. «Ora, nem pode deixar de ser assim. É a melhor terapêutica que eu conheço!»

Quando papai voltou para casa, nesse primeiro dia, seus olhos não podiam crer no que viam: relanceou a vista pela casa transfigurada, e olhou, em silencioso assombro, para nossa mãe, que dormia serenamente numa cama fresca e limpinha; e para as janelas, onde tremulavam as cortinas lavadas... E disse desanimado: «Mas eu não posso com todo este luxo! Não posso pagar à senhora!»

«E quem é que falou em pagar?!» retrucou ela, zangada. «Isto eu faço é por capricho. E quem quer ter caprichos, paga. Não espera que os outros lhe paguem!»

Um sorriso cansado pairou nos lábios de papai: «É mesmo,» disse ele por fim. «É verdade.»

Jennie foi-nos ensinando os usos e costumes do país, e nos deu roupas americanas. Logo no primeiro dia expulsou sem cerimônia o médico e começou a reduzir a dose de opiatos que ele vinha ministrando a mamãe. Dormia na cozinha—aliás, não havia mesmo outro lugar vago. Instalou mamãe na sala, onde o sol batia quase todo o dia, deitando-a num catre que ela própria trouxera. Trouxera tambem um orgãozinho muito engraçado, que arrumou tambem na sala, ao lado de

mamãe. Cozinhava, fazia pão e bolos, lavava e limpava, preparava compotas e, quando mamãe estava acordada, ela tocava hinos cheios de ardor e brio. Nós, os gurís, íamos ganhando boas cores e saudavel aparência com incrivel rapidez.

Logo no dia seguinte ao da sua chegada ela me disse, ao ver-me voltar da escola, esbaforido para atender as minhas tarefas domésticas: «Mas, menino, você tem o dever de brincar lá fora!» Havia tanto tempo que eu deixara de brincar, que já nem sabia como... Fui sentar-me melancolicamente à beira do passeio, em frente da casa, com medo de chorar—o que seria vergonhoso para um menino de treze anos...

Jennie percebeu logo qual era o nosso problema, e daí a pouco trazianos bolas e *bats* de basebol, paus de hoquei, e um jogo de malha. Quando voltávamos da escola, à tarde, ela nos ensinava jogos que ainda não conhecíamos, e jogava conosco, imprimindo ao seu corpo anguloso um entusiasmo verdadeiramente admiravel.

Um dia meteu-me na mão uma moeda de 25 centavos e disse-me: «Meu filho, às vezes dá gosto encher a barriga na presença dos outros. Vá tomar um sorvete na confeitaria!»

«Mas que é sorvete?» perguntei; e ela pegou-me na mão e levou-me à sorveteria da esquina.

Assim que entramos, disse em voz bem alta e autoritária, para que todos os presentes a ouvissem: «Este menino nunca na sua vida provou um sorvete. Veja aí um de chocolate com nozes e uma cereja em cima.» E sentou-se a meu lado, maravilhada e sorridente, a ver-me comer.

Não era de admirar que nós ganhássemos viço e boas cores com prodigiosa rapidez. Passados uns dois meses, Jennie conseguiu levar mamãe a comer à mesa conosco; nos intervalos das refeições ensinava-lhe a fazer pãezinhos, bolos e roscas à moda da terra. Um belo dia mandou vir um elegante carro de aluguel, e levou mamãe a dar um passeio pelas melhores ruas e parques da cidade. Quando mamãe se alarmou com o preço, Jennie exclamou: «Não se importe! É questão de civismo... Eu dou voltas aí pela cidade, e depois amolo o juizo dos vereadores com reclamações sobre os melhoramentos que acho necessários. Preciso que a senhora venha comigo para me servir de testemunha.»

Com o tempo, naturalmente, Jennie acabou por ir-se embora, porque mamãe voltara, quase completamente à saude normal. Mas, depois de sair lá de casa, ainda continuamos a vê-la com muita frequência. Fomo-nos relacionando pouco a pouco com as outras «famílias» de Jennie, que moravam em outras ruas, e acabamos formando um «círculo» de gente agradecida, que abrangia todos os passos e niveis da carreira dela, desde os inválidos ricos até aos pobres abandonados. Era evidente que Jennie adorava todos os seus pacientes, sem fazer distinção entre ricos e pobres.

Alguns anos depois de ter saido de nossa casa, ela escolheu para objeto de seus cuidados um homem que, tendo adoecido gravemente, se vira abandonado pela mulher e os filhos. Jennie foi morar na casa dele. Esta ficava somente a três quarteirões de distância da nossa, e daí a pouco a vizinhança fervia de piedosa indignação: que direito tinha ela, mulher solteira, de ir morar sozinha com um homem casado, embora ele estivesse doente? Durante algum tempo Jennie ouviu e calou. Mas um dia, resolveu de repente tomar conhecimento da censura pública, e fê-lo de maneira bem característica.

Todas as noites, ao sair da casa do doente, por vezes muito tarde, ela ia de porta em porta, acordando os vizinhos para dizer a cada um: «Quero que vocês vejam que estou saindo daquela casa a esta hora e deixo o doente sozinho o resto da noite. Mas lembre-se disto: se alguma coisa suceder ao doente até eu voltar às sete da manhã, vocês serão responsaveis!»

Depois de ter ajudado aquele homem a suportar tribulações dignas de Jó, Jennie resolveu casar com ele. Dizia aos amigos que ele era o melhor dos homens, mas que Deus simplesmente não o dotara da têmpera necessária para resistir ao infortúnio, e portanto ele precisava dela.

Casou-se, pois, com ele, contra o parecer dos seus irmãos em religião e o dos vizinhos. Durante algum tempo ficamos proibidos de vê-la: como havia desposado um homem divorciado, ninguem devia visitá-la—era o que nos diziam os adultos. Nós, os meninos, ficamos desolados, mas por motivos diversos: não nos parecia muito justo que Jennie se houvesse deixado prender nas cadeias do matrimônio, submetendo-se ao domínio de um marido.

Nossas preocupações, é claro, não tinham base alguma: daí a menos de um ano, Jennie havia convertido a casa do marido em um lar para tratamento de doentes incuraveis e abandonados. O marido se converteu, tornando-se um assistente cheio de boa-vontade—e até um devoto dela—ao mesmo tempo enfermeiro, ajudante e porteiro da instituição. As boas ações que ela continuamente praticava foram tambem limando as arestas da hostilidade dos vizinhos. Gradualmente, Jennie voltou a gozar da estima geral.

Um dia a triste nova correu no bairro: Jennie estava irremediavelmente doente: tinha cancer! Mas ela não era pessoa que tomasse a sério sua própria doença, «não dou confiança...» dizia ela.

Era assombroso ver agora como as pessoas se mostravam pressurosas de tratar Jennie—mesmo aquelas que, antes, mais lhe haviam verberado os «pecados». Uma das vizinhas ia aos armazens fazer as compras para ela. Outros, incluindo nossos pais, ajudavam na limpeza da casa e nos tratamentos. Mas Jennie não estava acostumada a esse papel passivo. Queixava-se, um pouco envergonhada, de que os cuidados e solicitudes dos amigos a estavam cansando.

«Se me deixassem entregue aos meus próprios recursos,» protestava, «veriam como eu ainda era capaz de vencer a doença! Vejam só como o meu sofrimento é insignificante, com-

parado com o dos meus pobres doentinhos.»

Não houve remédio, por fim, senão metê-la à força na cama. Mas mesmo alí ela se mantinha alerta a tudo quanto se passava na sua instituição para doentes, e ainda dirigia pessoalmente tudo com o maior carinho.

Afinal, um dia, nossos pais disseram: «A pobre Jennie tem os dias contados.» E pediram que fôssemos visitá-la. O fato é que a própria Jennie reclamara a nossa presença, querendo «juventude e brilho» em seu redor. «Por favor, me dêem um pouquinho de alívio! Estou cansada destes adultos que se plantam em volta de mim como carpideiros, coitados! Eu sei que têm ótimas intenções, mas...»

Quando entrei no quarto e a vi, fiquei horrorizado com os estragos que a doença fizera nela. Fui lá na firme intenção de me mostrar animoso e jovial, mas, em vez disso, levado por um impulso irreprimivel, disse-lhe que ainda havíamos de levantar aquela estátua de bronze.

Ela sorriu pensativamente e, tomando-me a mão, perguntou com doçura: «Mas, meu filho, para que é que você quer levantar estátuas, e logo de bronze? É uma coisa tão pesada, um trambolho! Mas se você acha mesmo necessário erguer estátua—isto é, necessário à tranquilidade da sua consciência—então faça uma estátua de palavras. As palavras tocam tanto mais fundo do que o bronze... Você compreenderá isto melhor quando crescer.» De repente, porem, ela pareceu desolada com a sua própria seriedade, e balançou a cabeça, cheia de ânimo e efusão.

Sentí um desejo veemente de ponderar: «Que valem as palavras comparadas com as obras, com as suas obras?»

Mas o sorriso de Jennie, ao mesmo tempo esfusiante e impotente, me estrangulou na garganta as palavras que me brotavam do coração.

«Operários» gratuitos

FAZ ALGUM TEMPO, na Inglaterra, alguns engenheiros estavam abarbados com um problema: evitar a perda do nitrogênio que escapava de fendas num cabo coaxial que ligava pelo subsolo duas estações de rádio. Em vez de desenterrar uns 30 km de cabo para achar as fendas, os engenheiros bombearam, para dentro do cabo, um gás de cheiro semelhante ao do gato e depois levaram um cachorro ao longo da rota. O cão pôs-se a farejar e cavou vigorosamente em 14 pontos, indicando assim a localização das fendas.

Outro problema foi resolvido por um engenheiro que trabalhou na construção da barragem do Grand Coulee, no Estado de Washington. Tinha que fazer passar um cabo de 150 metros por dentro de um tubo de esgoto sinuoso, de 60 cm de diâmetro. Atou um cordão a um gato e atirou-lhe um jacto de ar comprimido em cima. O bichano puxou o cordão; depois, o cordão puxou uma corda, e a corda puxou o cabo, e pronto... O problema estava resolvido.

—*Telephony*

ESTE MUNDO EM QUE VIVEMOS

Excertos de uma seção regular de «Collier's»

Por Freling Foster

NUMA tarde de primavera, em París, há uns quarenta anos, um velho caminhão sofreu uma pane e parou bem no centro da Place de L'Opéra, sendo necessário que o chofer passasse meia hora debaixo do carro, para consertá-lo. Após apresentar desculpas ao inspetor que estivera a dirigir o tráfego, desviando-o para um lado do caminhão, o chofer tocou para a frente. Mais tarde arrecadou milhares de francos de amigos que haviam apostado que ele não seria capaz de ficar deitado 30 minutos no meio da artéria mais movimentada de París. Tratava-se de Horace DeVere Cole, notório pilheriador inglês que faleceu em 1936.

DESDE 1931, o número de estudantes de colégios e universidades americanas, que faleceram em virtude de ferimentos e contusões recebidas em jogos de futebol, foi, em média, de 16 por ano.

A ÚNICA luta de boxe que foi ganha sem que se desse um soco, realizou-se em 1943, em Bristol, na Inglaterra, entre dois soldados americanos, Louis Fetters e Carmine Milone. Quando o gongo deu o sinal de início do primeiro *round*, Milone avançou para o contendor com tal rapidez que, ao tentar desferir-lhe um soco, perdeu o equilíbrio, caiu e deu com a cabeça num dos postes do ringue; tendo perdido os sentidos, foi dado como vencido.

QUANDO a Ponte da Torre de Londres foi inaugurada em 1894, o Parlamento estipulou que um rebocador ficasse de prontidão, junto à Ponte, para prestar auxílio a algum navio que se chocasse com a nova estrutura. E por isso é que um rebocador, com uma tripulação de seis homens, e pronta para qualquer emergência, tem estado de atalaia, à espera desse acidente, durante as 24 horas do dia, há 53 anos. Mas até agora a embarcação não teve de prestar auxílio a ninguem, e a sua manutenção custou, até hoje, cerca de 250 mil libras esterlinas, ou seja, a quarta parte do que custou a própria Ponte...

POR SEREM pouco rigorosas as leis do Panamá referentes aos navios que trafegam sob a bandeira do país, muitas companhias estrangeiras de navegação vêm transferindo, nos últimos anos, o registro de suas embarcações para aquela república. Hoje, embora tenha uma população muito reduzida, o Panamá possui uma frota mercante que é a quarta do mundo em tamanho,

com 604 navios, num total de dois milhões e 400 mil toneladas.

UM NOVO aparelho de segurança permite que o piloto de um avião leve possa aterrissar em um campo de pequenas dimensões, em caso de emergência. Quando o avião desce e se aproxima do campo, o piloto puxa um gatilho e dispara um espeque de ferro contra a terra. Esse espeque é ligado à cauda do avião por uma corda de *nylon* que, depois de esticada, se vai alongando gradualmente até fazer parar o aeroplano, o qual, em seguida, pousa suavemente no chão.

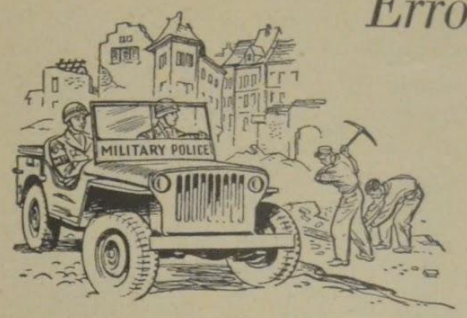
DOIS NEGROS já tiveram seus retratos em selos postais dos Estados Unidos. O primeiro foi o educador Booker T. Washington, cuja efígie apareceu num selo de dez centavos em 1940, e o segundo, o químico George Washington Carver, homenageado num selo que ainda está em uso.

O COSTUME dos passeios de carruagem, aos domingos, chegou a tal ponto na Filadélfia de 1798, que a frequência de fiéis às igrejas ficou muito reduzida. O clero obteve da municipalidade uma licença especial que lhe permitia impedir todo o tráfego de veículos aos domingos, fechando as ruas principais da cidade por meio de grossas correntes de ferro. Essa autorização vigorou durante 33 anos.

O TERMO «chofer», designativo da pessoa que guia qualquer tipo de carro a motor, deriva, como se sabe, do vocábulo francês *chauffeur*, que quer dizer «foguista», e foi aplicado inicialmente aos que manejavam os primeiros automoveis, que realmente queimavam carvão.

EM 1925, num subúrbio de Tóquio, um cachorrinho chamado Hachi acompanhava o seu dono à estação de estrada de ferro todas as manhãs e ia esperá-lo à tarde, fazendo isso durante vários meses, até a morte do dono. O cão, porem, continuou a ir à estação todos os dias durante o resto da sua vida—mais de dez anos. A dedicação de Hachi chegou ao conhecimento do governo japonês, que mandou erigir uma estátua do fiel animal no ponto em que ele costumava esperar. Dessa estátua fizeram-se reproduções que foram distribuidas às escolas como símbolo de fidelidade.

UM NOVO dispositivo radiofônico, usado por dentro do paletó, permite aos vigias, policiais ou guardas de prisão transmitir um aviso silencioso, que é captado por uma máquina instalada no escritório ou repartição central; essa máquina faz soar uma «cigarra», acender uma luz e imprimir numa fita o número de identificação do funcionário que transmitiu o aviso. O portador do aparelho pode fazer a transmissão sem que ninguem o perceba. Basta tocar um botão no punho da camisa, ou erguer os braços caso um meliante o assalte a mão armada, ou ainda, quando atacado, cair e comprimir uma pequena pera de borracha presa ao cinturão.



Erros da política de desnazificação

Por Louis P. Lochner

Ex-chefe do Bureau da Associated Press em Berlim; autor de «What About Germany», etc.

DECORRIDOS três anos de ocupação da Alemanha, já é tempo de indagarmos se têm sido salutares as práticas das autoridades americanas. Coadunam-se com a idéia de democracia geralmente aceita nos Estados Unidos? Proponho-me a focalizar um aspecto de suma importância: o da desnazificação.

Na opinião unânime de alemães anti-nazistas de responsabilidade, com os quais mantenho correspondência constante, bem como de norte-americanos do Governo Militar, com os quais falei, o que mais abalou a confiança dos alemães nos objetivos dos norte-americanos na Alemanha foi essa política, conforme vem sendo seguida até agora.

Nos termos da desnazificação, as pessoas classificadas como «Maiores Ofensores» são recolhidas a «acampamentos de trabalho», pelo prazo de dois a dez anos. São destituidas de suas posses, proibidas, em carater perpétuo, de ocupar cargos públicos e obrigadas, pelo prazo mínimo de dez anos, a fazer trabalho braçal. Os indivíduos classificados como «Ofensores» recebem o mesmo tratamento, com a diferença de que seus serviços nos referidos acampamentos e no trabalho braçal se limitam a cinco anos, podendo o confisco de sua propriedade ser apenas parcial. Os «Ofensores Menores» podem ser soltos sob o regime de menagem, em cujo transcurso certas restrições impostas aos «Maiores Ofensores» e aos «Ofensores» podem ser aplicadas a eles tambem. Os «Simpatizantes» são passiveis de multa e transferência para cargos de menor importância.

Essas penas são aplicadas àqueles que exerceram atividade política sob as ordens de Hitler, dentro do Partido Nazista, ou em associação com ele. Entretanto, quem já viveu num Estado totalitário sabe que é quase impossivel continuar a viver e trabalhar, a menos que se «associe» ao partido no poder. Quanto maior a habilidade, a perícia técnica, ou mais elevado o cargo administrativo do indivíduo, tanto maior a pressão que sofre

para, de alguma forma, estabelecer um *modus vivendi* com o regime totalitário, seja embora só mediante contribuições de dinheiro. Centenas de milhares de alemães dotados de conhecimentos técnicos vários, que «aderiram» entre 1933 e 1945, são hoje proibidos de prestar serviços ao seu país alquebrado, porque foram classificados como «Maiores Ofensores» ou «Ofensores». E são os cidadãos norte-americanos quem custeia a consequente ineficiência alemã, no governo, na gestão das indústrias, na tecnologia, na agricultura e na administração dos serviços sociais.

Já tarde, o General Lucius D. Clay, supremo comandante da zona norte-americana, anunciou, há alguns meses, uma reforma da praxe, que redundará em tornar desnecessários os processos judiciais de desnazificação ainda pendentes. Somente os mais nefandos transgressores nazistas, cujo número é calculado entre 10 mil e 50 mil, serão submetidos a julgamento individual; os restantes serão submetidos, apressadamente, a um processo muito sumário, sendo-lhes facultado pagar uma multa sem mais formalidades. Infelizmente, o mal já está feito. Foi incutida, nos corações alemães, uma amargura que tão breve não desaparecerá. Ademais, ainda não houve indícios de que se fará qualquer revisão das sentenças daqueles que já foram submetidos à desnazificação.

Todos os norte-americanos de discernimento, com quem falei na Alemanha, estão acordes: é um contrasenso impedir as pessoas especializadas de exercerem suas profissões. O espetáculo de, digamos, um ex-presidente de banco a trabalhar no jardim de um oficial do Governo Militar Norte-Americano poderá ser motivo de satisfação efêmera; no entanto, o tirocínio que esse homem adquiriu nas finanças bem poderia ser aproveitado neste momento de caos financeiro no Reich. Obrigar um engenheiro a empilhar os tijolos de um edifício de apartamentos não melhora o problema da viação, para cuja rehabilitação esse técnico poderia contribuir, se lhe fosse permitido fazer valer seus conhecimentos técnicos.

Em nome do bom-senso, parece lógico que todo ex-nazista (à exceção dos perpetradores de delitos comuns e dos agitadores) fosse integrado na economia alemã, em qualquer posto em que seu preparo e talento pudessem beneficiar a coletividade. É irônico que os nazistas sejam reduzidos à condição de trabalhadores braçais, escapando assim a toda responsabilidade pelo soerguimento econômico da nação, enquanto o «vitorioso» contribuinte norte-americano paga, mediante impostos, para reavivar a Alemanha ocidental.

Examinemos agora outro aspecto do problema da desnazificação, aspecto esse que causará pasmo a qualquer norte-americano que se detenha para relembrar-se dos princípios fundamentais do Direito anglo-saxão. Nos termos da lei de desnazificação pode-se (1) considerar culpado um indivíduo até que seja provada a sua inocência; (2) prender, sem mandado de prisão, as pessoas que tenham ocupado certos cargos, ou sido portadores de determinados títulos; (3) deter qualquer suspeito por prazo indeterminado, sem submetê-lo a julgamento ou interrogatório.

Poucas pessoas fora da Alemanha saberão que, na zona de ocupação dos Estados Unidos, qualquer indivíduo, acusado de haver sido nazista, teve que abandonar o emprego, e, até o dia de seu julgamento, dedicar-se a trabalhos braçais. Isto é, o conceito norte-americano de que todo homem é inocente até que seja provada sua culpa, não vigorou na zona que os Estados Unidos queriam imbuir das bênçãos da democracia.

Vejamos o caso de Kurt M., de Stuttgart, um dos maiores peritos em rádio na Alemanha. Seu cargo colocou-o automaticamente no rol dos ofensores presumiveis. De 1945 em diante, foi-lhe proibido qualquer contacto com o rádio. Nós que o conhecíamos estavamos prontos a depor que ele havia manifestado ativa oposição ao nazismo. Eram tantos, porem, os processos na pauta do tribunal de desnazificação, que ele só chegou a ser ouvido em dezembro de 1947. Aí, afinal, permitiu-se a Kurt M. provar sua ativa participação no movimento de resistência. Fato estranho sucedeu depois que ele terminou: o próprio promotor público levantou-se para pleitear absolvição.

Ninguem apresentou desculpas a Kurt M. por ter sido afastado da indústria do rádio durante dois anos. Ninguem o indenizou pelos prejuizos que sofrera. Teve sorte em ser absolvido. Mas durante todo esse tempo ele poderia ter colaborado na rehabilitação da Alemanha.

Mesmo agora não tenho certeza de que Kurt M. possa trabalhar como queira, pois todas as decisões dos tribunais de desnazificação acham-se sujeitas a revisão por uma entidade do Governo Militar Norte-Americano, denominada Vara Especial da Segurança Pública. Há, quase invariavelmente, um grande intervalo entre o pronunciamento do veredicto e a revisão posterior pela Vara Especial. Ademais, os poderes desta são quase tão ilimitados quanto o eram os da Gestapo.

Em Munique, Ludwig D. foi acusado de haver «falsificado o questionário», alegando-se que ele deixara de declarar ter sido membro do Partido Nazista. Ora, era facílimo apurar quem fora membro, pois os arquivos completos do Partido Nazista haviam sido encontrados em Munique. O inquérito revelou que Ludwig D. não falsificara o questionário, porque jamais fora membro do partido. Foi absolvido. Não obstante, a Vara Especial insistiu em que a decisão final fosse suspensa, até que se fizesse o exame dos autos do processo. Por quê? A Vara Especial anunciou sobranceiramente que não era preciso apresentar justificação e que era necessário deter novamente o réu. Oito meses são já decorridos e, ao que saiba meu informante, o absolvido ainda está num «acampamento de trabalho».

«Falsificação de questionário» é

uma acusação conveniente para se levantar contra qualquer um. O questionário, ou *Fragebogen*, contem 131 perguntas. É frequentemente preenchido repetidas vezes pelo mesmo indivíduo, ao candidatar-se a vários empregos. Poucos são os que se lembram com certeza das respostas que deram a todas as 131 perguntas. Todos os questionários vão parar, entretanto, na Vara Especial. Se se verificar que um indivíduo respondeu de forma diversa à mesma pergunta, ele é geralmente considerado «falsificador» calculado.

Certo dia, Frau G., cujo pai fora prefeito de Berlim nos tempos da República de Weimar, veio procurar-me muito aflita. Era acusada de falsificar o questionário. Não lhe revelaram o que teria falsificado, mas, por intermédio de um conhecido na Vara Especial, eu soube que ela deixara de incluir, na relação de parentes consanguíneos, seu marido, então prisioneiro na Rússia.

Frau G. ficou sinceramente surpreendida quando eu lhe revelei o motivo da acusação. «Mas,» exclamou, «na Alemanha, o esposo não é considerado parente consanguíneo!» Recorreu a léxicos alemães para provar as afirmativas. Entretanto, porque a Vara Especial desconhecia a definição alemã de parente consanguíneo, Frau G. não somente se viu ameaçada de detenção, mas foi proibida de administrar a casa editora de propriedade do marido.

Pouco tempo depois, fui apresentado a um jornalista que fora metido pelos nazistas num campo de concentração, em virtude de suas opiniões «subversivas», e que agora requeria licença para organizar novo jornal. Encontrei-o a compulsar o questionário.

«Este é o 24.º questionário que preencho,» suspirou. «Seus patrícios ainda não sabem quem sou eu e quais são os meus antecedentes políticos?»

Outra censura que muito se ouve, em relação à política de desnazificação norte-americana, é que o indivíduo é classificado automaticamente e, *ipso facto*, pronunciado culpado, se cabe na categoria de «nazista». Mas quem é nazista? Para os alemães em geral, que sejam dotados de espírito esclarecido, é nazista quem ocupou um importante cargo político, como o de *Gauleiter* ou *Kreisleiter*, o de oficial da Gestapo, um dos monstros da SS ou da SA, ou explorador que se locupletou devido às filiações partidárias.

Tivessem os tribunais de desnazificação sido incumbidos de punir somente essa classe de alemães, ótimos luminares jurídicos teriam cooperado, e os culpados teriam sido tratados como mereciam. Ao invés, a lei de desnazificação entendeu de apanhar quantos se tivessem, de alguma forma, identificado com o regime nazista, ainda que em «entidades filiadas».

Alem disso, quem tenha sido membro do partido antes de 1937 é logo classificado nazista «ardoroso», conquanto os que aderiram depois dessa data são isentados, considerando-se que ingressaram sob coação. Essa distinção arbitrária é positivamente im-

própria. Se bem que muitos alemães tivessem sido coagidos depois de 1937, muitos outros aderiram porque, a essa altura, já o nazismo se fizera «respeitavel»—mercê, aliás, (e isto é curioso) de potências estrangeiras e de eminentes visitantes e estadistas do exterior.

Era igualmente injustificado presumir-se que todos os alemães que aderiram ao partido antes de 1937 fossem «ardorosos» e tivessem que ser punidos com perda dos cargos e proibição de exercerem as profissões para as quais foram preparados.

Há o interessante caso do dr. Rudolf B., que atualmente mora numa aldeia nas adjacências de Würzburg. Tornou-se, em 1925, vice-prefeito da cidadezinha de Delitsch, opondo-se energicamente ao crescente movimento hitlerista. Em 1932, quando a cidade quase foi à falência, incumbiram-no de rehabilitar suas finanças. Quando já ia adiantada essa tarefa, Hitler assumiu o poder. Centenas de cidadãos instaram com o vice-prefeito para que aderisse ao partido, afim de poder levar a cabo seu utilíssimo trabalho. Anuiu, por pensar que, assim procedendo, pudesse imprimir um rumo salutar aos acontecimentos. Quando soube que o *Kreisleiter*, ou cabo eleitoral nazista, era um ladrão, mandou prendê-lo. Daí em diante, era um homem marcado. Em 1936, os nazistas expulsaram-no do cargo, «por instabilidade política». Dedicou-se a escrever livros e, em quatro ocasiões diferentes, suas obras foram proscritas porque não condiziam com as doutrinas do partido.

Em abril de 1945, começou a era norte-americana na Baviera e o dr. B. foi automaticamente detido, por se ter feito nazista antes de 1937. Submetido, afinal, a julgamento, o tribunal decidiu que ele tinha de ser considerado «Menor Ofensor» e multado em dez por cento de seus haveres, muito embora a corte admitisse expressamente que ele havia combatido os nazistas sempre que pudera.

O remate grotesco foi, entretanto, a decisão suplementar: durante dois anos, o dr. B. fica proibido de escrever livros, apesar de só se ter tornado escritor depois que os nazistas o expulsaram do cargo e de haverem sido seus livros proscritos!

Não se deve esquecer que os alemães anti-nazistas eram frequentemente instados por seus amigos estrangeiros a aderir ao movimento para constituir como que uma levedura. Em Berlim, em princípios do decênio iniciado em 1930, meu filho e uma de minhas filhas frequentaram uma escola afamada pelo autêntico espírito liberal inculcado pelo diretor. Veio o regime nazista. O diretor amparou seus alunos judeus enquanto a frequência lhes era permitida. Naturalmente, chegaram boatos, à chefia do partido, de que o diretor não administrava sua escola segundo as doutrinas nazistas. Em atenção à insistência de muitos pais, consentiu em ingressar no partido, pois a experiência já revelara que, segundo os nazistas, uma escola obedecia às doutrinas partidárias desde que o diretor e os professores fossem «nazistas».

Esse digno educador foi sumariamente demitido, sob o regime de desnazificação, pois, segundo as provas, fora membro do partido antes de 1937.

Na vigência do regime hitlerista, 85 por cento dos educadores filiaram-se à Federação Nazista de Professores. Quer isso dizer que milhares de salas de aula estão hoje vagas.

Não se pode fugir à impressão de que a Vara Especial é ainda hoje animada pelo mesmo espírito vingativo que motivou o desacreditado Plano Morgenthau.

Uma das maiores cincadas dos norte-americanos é o fato de insistirem em que a situação de todo alemão conste da carteira de identidade que é obrigado a levar consigo e apresentar em inúmeras ocasiões. Assim, se o indivíduo foi classificado como nazista «ardoroso», essa circunstância consta de sua carteira de identidade, patente a todos.

O resultado é justamente o contrário do que os «peritos» da desnazificação esperavam: a carteira de identidade tornou-se antes um instrumento de re-nazificação...

Todos sabemos que o nazismo não morreu na Alemanha. No entanto, proscrito o partido, seria, normalmente, dificil organizar os remanescentes. Dessa obra se encarregam os norte-americanos, e mediante processos legais. Atesta-se, na carteira de identidade, que o portador foi classificado como nazista. Ao encontrar um camarada, que esteja na dúvida, basta ao nazista fichado sacar da carteira, para os dois se entenderem perfeitamente.

Uma das tragédias da desnazificação é o fato de que os norte-americanos se entregaram à obra sem a menor noção do que dela adviria. Um antigo oficial-chefe da desnazificação do Gabinete do Governo Militar, em Berlim, informou-me que as autoridades norte-americanas ficaram pasmadas ao descobrir a quanto levava a efetivação da lei. Esta acoimava tanta gente de «nazista», que um indivíduo em cada grupo de quatro, na zona norte-americana, teria de ser processado. Mais de 3 milhões de alemães teriam de responder a processos individuais. Os restantes 9 milhões nessa zona eram, em maioria, famílias dos acusados. Antes que a situação dos 3 milhões de réus presumiveis pudesse ser esclarecida perante tribunais especiais, aptos a tratar, no máximo, de cinco ou seis processos por sessão, já os 9 milhões de parentes se veriam ameaçados de morrer de fome.

Quando a agência de desnazificação chegou a perceber o que deveria ter visto logo no princípio, a inviabilidade da lei foi, em parte, reconhecida. Foi proclamada anistia para todos os menores de 28 anos, poupando-se assim aos tribunais cerca de um milhão de processos individuais.

Posteriormente, o General Joseph T. McNarney proclamou uma anistia que se estendeu a 800 mil alemães de renda mínima. Subsistiu, todavia, a presunção de que todos que tivessem renda maior eram, necessariamente, nazistas. Dessa forma, a luta de classes foi inconscientemente fomentada pelas autoridades norte-americanas. Donos ou gerentes de fábrica, por exemplo, eram automaticamente classificados como nazistas.

Muitas pessoas prudentes instaram, quando da anistia para os 800 mil «miudos», para que se pusesse termo aos processos, exceto no caso de nazistas criminosos ou ativos. Os Estados Unidos poderiam ter conquistado a simpatia de milhões de alemães com tal gesto magnânimo. Mais de um ano teria de decorrer, entretanto, antes que o General Clay, em fins de março do ano corrente, anunciasse nova reforma do processo, o qual, espera-se, reduzirá enormemente (a meio milhão), o número de processos pendentes. A lógica inexoravel dos acontecimentos obrigou as autoridades norte-americanas a optar pelo que se devia ter feito há muito tempo.

Houvesse, de parte das autoridades de ocupação, verdadeira compreensão do povo alemão, teriam elas percebido que uma lei visando apenas os verdadeiros infratores e criminalmente responsaveis seria utilíssima na luta pela alma alemã, luta essa que os russos estão vencendo no setor da desnazificação, devido à atitude mais realista que adotam.

Os norte-americanos parecem andar sempre na esteira dos russos no que respeita à desnazificação. A anistia para os jovens na zona dos Estados Unidos, só veio depois que os russos, em sua zona, haviam proclamado que não pretendiam punir os jovens pelas maleficências dos nazistas. A providência mais recente dos norte-americanos só foi tomada depois que os russos anunciaram que não continuariam a desnazificação.

Os russos declararam que os ex-nazistas livres de criminalidade terão o direito de trabalhar em quase todas as atividades, sem serem preteridos por causa de seus antecedentes políticos. Se as autoridades norte-americanas persistirem em manter os ex-nazistas, com conhecimentos técnicos, afastados dos cargos reputados essenciais, não é dificil vislumbrar o êxodo de técnicos, cientistas e peritos em administração, rumo à zona russa.

A ordem do General Clay, conquanto ponha termo à maior parte dos processos individuais, continua a vedar aos chamados Ofensores os cargos públicos ou postos vitais na indústria. O sustento da Alemanha ocidental, por parte do contribuinte norte-americano, acusará consequentemente um aumento.

Parece indispensavel proceder à revisão das sentenças já impostas. Os indivíduos cuja sorte relatei merecem o mesmo tratamento que os alemães passiveis de processo, cuja situação, por motivos mais ou menos fortuitos, ainda não foi esclarecida. Deve-se ter presente que se determinou aos tribunais de desnazificação que procedessem primeiro aos processos de menor importância. É irônico, portanto, que muitos autênticos nazistas possivelmente lucrarão com a reforma de Clay, pois o promotor pode, a seu critério, classificá-los numa categoria de ofensores «menores». Não houve tal possibilidade para os homens e mulheres já submetidos a julgamento. A

classificação era então automática. O tempo, assim, parece um aliado daqueles que, exteriormente, são menos livres do estigma nazista.

Em suma, um gesto generoso de perdão e esquecimento, para quantos já foram julgados—à exceção dos transgressores criminosos e dos líderes ideológicos—auxiliaria os norte-americanos a conquistar o respeito dos alemães e reunir em torno do pavilhão dos Estados Unidos quantos estejam dispostos a abraçar a causa da legítima democracia.

Desde o começo dos tempos

No princípio, diz uma veneranda lenda do Sânscrito, o deus Tvashtri criou o mundo, tendo plasmado dos elementos o sol, a lua e as estrelas, as montanhas, as florestas, e finalmente o homem.

Todos os sólidos elementos foram consumidos na criação do homem. Assim, quando chegou o momento de criar a mulher, Tvashtri tomou a redondeza da lua, a ondulação das vagas, as curvas das trepadeiras, o tremular da relva, a esbeltez do junco, o veludíneo das flores, a leveza das folhas, o olhar da gazela, o brilho dos raios solares, as lágrimas do orvalho, a inconstância do vento, a timidez da lebre, a vaidade do pavão, a maciez da penugem, a dureza do diamante, a doçura do mel, a crueldade do tigre, o calor do fogo, a frieza da neve, o tagarelar dos gaios, o arrulhar das rolas.

Combinado tudo isso, formou a mulher. E deu-a ao homem. E os dias do verão se encheram de alegria, pois agora tinha com quem partilhar os prazeres e belezas da terra.

Mas, decorrido algum tempo, o homem foi ter com Tvashtri, dizendo-lhe: «Senhor, a criatura que me deste como companheira torna os meus dias por demais infelizes. Não cessa de tagarelar, e importuna-me tanto que não me deixa descansar. Exige de mim incessantes cuidados, chora à toa, e é ociosa! Rogo-te que fiques com ela, pois em sua companhia não posso viver.»

Então, Tvashtri ficou com a mulher. Mas oito dias depois, lá veio novamente o homem falar ao demiurgo: «Senhor,» disse ele, «minha vida tornou-se muito solitária desde que te trouxe a mulher. Lembro-me de quando ela dançava comigo e como o som de seu riso enchia meu coração de alegria. Recordo-me de como ela se chegava a mim e quão doce e acariciante era o seu contacto depois que o sol se punha e a treva da noite obscurecia todas as coisas.»

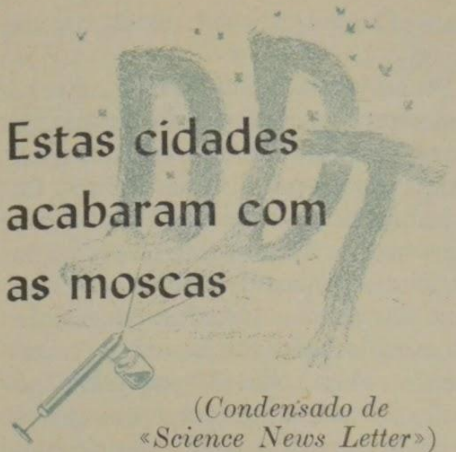
Tvashtri, considerando a sua súplica, devolveu-lhe a mulher, mas um mês depois veio o homem de novo importuná-lo: «Senhor,» disse, «não compreendo o motivo, mas o certo é que a mulher me causa mais transtornos do que prazer. Rogo-te, ó Tvashtri, que fiques com esta criatura impossível!»

«Segue teu caminho,» respondeu Tvashtri, «arranja-te como puderes.»

«Mas Senhor, eu não posso viver com ela,» protestou o homem.

«E sem ela, tãopouco podes viver,» retrucou-lhe Tvashtri.

—De uma adaptação feita por Lewis K. Hill, em *This Week Magazine*



Estas cidades acabaram com as moscas

(Condensado de «Science News Letter»)

Por Gertrude Arundel

Na cidade de Moscow, no Idaho, Estados Unidos, as moscas são agora tão escassas que, durante uma quinzena, há pouco tempo, os entomologistas da universidade estadual não conseguiram agarrar um sequer desses insetos para os seus estudos.

De todas as cidades em que se aplicaram pulverizações de DDT, chega a mesma notícia auspiciosa: a mosca, inimiga do conforto e transmissora de doenças que afligem o homem e os animais, pode ser exterminada.

Na Ilha de Mackinac, famoso ponto de veraneio em Míchigan, onde os automoveis são proibidos e os cavalos constituem o principal meio de transporte, as moscas representavam uma ameaça grave para a saude pública. Todos os anos os hotéis tinham de preparar centenas de mata-moscas. Em todas as carruagens havia um pulverizador de inseticida, e aconselhava-se aos cocheiros novatos que não deixassem suas parelhas em certos locais da ilha, onde os enxames de moscas tinham feito disparar mais de um cavalo. Um dia, porem, o Departamento Estadual de Saude Pública entrou em ação. Um carro de bombeiros, levando uma bomba ligada a tanques de DDT, borrifou o inseticida em hotéis, restaurantes, ruas e edifícios comerciais. As cavalariças, os monturos e os depósitos de lixo receberam doses suplementares. O DDT exterminou as moscas tão completamente, que os cocheiros guardaram as redes com que protegiam os cavalos, e os hotéis queimaram os mata-moscas em holocausto à nova era de conforto.

A humanidade habituou-se a enxotar as moscas e a amaldiçoá-las, desde a época legendária em que elas foram lançadas como uma praga contra os faraós. Todavia, não conseguiu jamais evitar os seus vôos dos monturos de imundície aos alimentos, transportando cerca de 20 doenças, inclusive a tuberculose, a cólera, a disenteria, a diarréia infantil e a febre tifóide. Agora, as localidades mais progressistas decidiram converter as moscas em espécimes de museu, atacando-as com DDT e outros métodos sanitários modernos.

Desde há dois anos que o Departamento de Saude do Condado de Muscogee, na Geórgia, Estados Unidos, vem combatendo as moscas como parte de uma campanha sanitária intensiva. Cerca de 23 mil prédios—leiterias, armazens de gêneros alimentícios, casas comerciais e residências—foram literalmente cobertos com DDT. Hoje, os habitantes do lugar anunciam

com orgulho que o número de moscas foi reduzido de 90 por cento, após uma campanha cujo custo não excedeu a 30 centavos de dolar por habitante. Simultaneamente, os médicos anunciam uma queda brusca dos casos de disenteria infantil.

O Estado de Iowa inicia presentemente a sua terceira campanha contra os impertinentes insetos. No verão passado organizaram-se em todo o Estado centros de demonstração, encarregados de ensinar a comitês locais os melhores métodos de extermínio. Os habitantes foram bombardeados com prospectos que explicavam a maneira de usar o DDT, acentuando a necessidade de adotar medidas sanitárias nos lares afim de obter a máxima eficácia.

Essa campanha constituiu um êxito, não só do ponto de vista sanitário, como tambem do financeiro. Mason City, com uma população de 60 mil habitantes, desfrutou um verão isento de moscas, a custo módico, mediante pequenas contribuições monetárias da população. Os angariadores de fundos afirmaram ter sido essa a sua missão mais facil. É curioso notar que em Mason City o vigia do depósito municipal de lixo conseguiu, pela primeira vez, almoçar ao ar livre sem ser incomodado pelas moscas.

Para os que vivem nas cidades, as moscas são uma ameaça e uma impertinência. Para os lavradores, porem, exterminá-las significa mais carne e mais leite, de animais mais limpos e saudaveis. As moscas do gado retardam o desenvolvimento dos animais e diminuem a produção de leite, reduzindo enormemente os lucros da lavoura.

A pulverização de DDT sobre o gado tem proporcionado resultados verdadeiramente extraordinários, comprovados por diversos peritos. Os criadores de gado leiteiro mencionam aumentos de 25 por cento na produção de leite e ganhos de 32 por cento no peso dos animais tratados, em relação às manadas não submetidas a tratamento. Três aplicações de DDT no verão são suficientes para proteger os animais durante meses. Alguns criadores declaram: «O DDT é tão eficiente, que as vacas já não precisam das caudas...»

Devido a todas essas campanhas surgiu uma profissão nova: a dos «pulverizadores a domicílio». No Illinois, dois antigos pilotos da Força Aérea norte-americana exploram um negócio próspero de caça às moscas, utilizando um *jeep* e um pulverizador a motor para desinfetar com DDT o gado e os prédios das fazendas. No ano passado, tiveram uns 90 clientes, e todos tornaram a contratar seus serviços para a temporada deste ano.

Outro indivíduo empreendedor, no mesmo Estado, leva o DDT às residências três vezes por ano, sendo que, em meados do ano passado, aplicou as pulverizações a 25 prédios de uma instituição estadual. A visita aos 25 prédios durou quatro dias, mas, quando terminou, as moscas tinham levado uma baixa de mais de 99 por cento. Como especialista no combate às moscas, ele aconselha os novatos a que trabalhem primeiro com uma organização experiente. Só depois de adquirirem bastante prática devem começar o negócio por sua conta. Segundo diz, não se trata apenas de matar moscas. «É indispensavel matá-las nos lugares adequados. Nos restaurantes, por exemplo, não se pode usar o DDT em locais onde haja alimentos expostos. As moscas seriam atingidas pelo inseticida mas acabariam morrendo nos alimentos. E um restaurante que servisse umas quantas sopas com moscas, perderia os fregueses, e o exterminador perderia seu ofício...»

Apesar de inofensivo para as pessoas e para a maioria dos animais nas soluções diluidas preparadas para estas campanhas, o DDT deve ser aplicado com cuidado. O tratamento inadequado das safras e terrenos de lavoura pode resultar no envenenamento de pássaros e abelhas e prejudicar o equilíbrio da natureza. Durante a pulverização nas fazendas e sítios devem cobrir-se os bebedouros e mangedouras, e, tratando-se de animais, nunca se deve empregar o DDT em solução oleosa, pois esta penetra na pele. A outros animais, como os gatos, não se deve aplicar o preparado, devido ao seu hábito de lamber o pelo.

São animadoras essas provas de que podemos abolir, de maneira simples e pouco dispendiosa, a praga das moscas, esses pequenos insetos tão irritantes e nocivos.

Para inglês rir...

UMA SENHORA inglesa mantinha duas vacas na sua propriedade, para o abastecimento de leite à família; observou, porem, que, quando os filhos estavam ausentes, internos no colégio, sobrava muito leite. Sabendo que era ilegal vender essa sobra, resolveu distribuí-la entre pessoas necessitadas da vizinhança. Não tardou, porem, que surgisse um inspetor do governo, informando-a de que só podia dar o leite a pessoas que fossem empregadas da casa.

—Naturalmente, o senhor não há-de querer que eu derrame o leite no esgoto, não é verdade? perguntou ela.

—Claro que não! retrucou o homem. —O Ministério procura evitar qualquer desperdício. O melhor será tirar das vacas apenas o leite necessário.

—Do *Evening Standard*, de Londres

UM LONDRINO entrou numa loja de pássaros para comprar um papagaio, e o proprietário ofereceu-lhe um por 45 libras.

—É muito dinheiro por um louro, disse o homem.

—Bem, trata-se de um papagaio especial: fala seis línguas...

—Isso não me interessa, disse o comprador. —O que quero saber é se a carne dele é macia!

—David Niven, citado por Erskine Johnson, NEA

Orçamento doméstico versus carestia

(Condensado de «Coronet»)

Por Norman e Madelyn Carlisle

De tempos em tempos, ao examinar o nosso triste estado financeiro, nossa família, horrorizada, tomava a sério a resolução de viver dentro de um orçamento. Mas bastavam umas poucas semanas de «escrita» e tostões contados para nos deixar de mau humor, pois não nos parecia estar conseguindo nada de extraordinário com o dinheiro economizado.

Afim de descobrir o que estava acontecendo, iniciamos uma série de investigações e acabamos consultando até gerentes de bancos, companhias de seguros e instituições de serviço social. Esses técnicos têm visto inúmeros lares destruidos por causa de discussões em torno das finanças; e têm visto outros ameaçados pela luta, que hoje é geral, contra a carestia da vida.

A verdade é que quase todos atacamos erroneamente o problema dos orçamentos. Vejamos:

Orçamento não quer dizer escrita: A sra. Fulana foi ao banco ostentando orgulhosamente uma caderneta cheia de notas assim: «Selos, 60 centavos,» «chamada telefônica, 40 centavos.»

«Eu anoto cada tostão,» disse ela ao gerente, ao pedir-lhe que a aconselhasse. «Mas nem por isso estamos economizando.»

Com muito tacto, o gerente explicou que orçamento não significa anotar tudo o que se gasta. Pode-se muito bem viver dentro de orçamento sem manter escrita alguma.

Orçamento não é um sistema de percentagens fixas: Uma dona de casa, cheia de entusiasmo, disse ao gerente do seu banco que tinha feito cálculos «científicos»; estava de posse da fórmula que reza: tanto por cento da renda deve ser gasta em aluguel, tanto em roupa, etc. Assim a família teria que gastar menos no aluguel, e por isso resolvera mudar-se. Mas a casa nova não tinha o conforto necessário.

O gerente explicou que ninguem pode determinar o quanto se «deve» gastar em aluguel. Convem considerar apenas o que se *tem* para gastar e o que se *deseja* gastar. Toda despesa acarreta essa escolha—se comprarmos uma coisa não poderemos comprar outra.

Orçamento não é acumular tostões: «Quando organizamos o nosso orçamento,» explicava uma senhora, «calculamos todos os meios de economizar. Meu marido concordou em reduzir os cigarros de dois maços por semana. Meu filho disse que poderia arranjar-se com metade da mesada que recebia.» Continuou ela com uma longa lista de sacrifícios que vinham a dar numa pequena economia semanal. Mas, acrescentou, todos os membros da família andavam tristes agora. O gerente do banco disse-lhe que largasse mão do orçamento o mais depressa possivel. Economizar não é guardar niqueis em troca de sacrifícios penosos.

Mas existe, por certo, maneira de resolver os problemas financeiros para as famílias de posses modestas. As seis medidas abaixo-indicadas têm sido postas em prática, com êxito, por muitas famílias que se viam ameaçadas pela alta dos preços:

1. *Convoque um conselho de família.* Inclua todos os membros acima de 12 anos, pois o orçamento afeta a família toda. O chefe da família que reparte os tostões e fiscaliza as menores compras, talvez consiga manter em dia as finanças da família, mas em geral perturba a paz doméstica.

2. *Considere primeiro as despesas fixas.* Quando se trata de aluguel, hipoteca, impostos ou seguro, não há escolha. Some todas as despesas fixas e divida-as pelo número de vezes que recebe ordenado durante o ano. Por exemplo, se o total de seus compromissos for de Cr$6.000,00 anuais, e receber ordenado mensalmente, a divisão dessa importância por doze dará Cr$500,00, que mensalmente devem ser postos de lado em cada dia de pagamento.

3. *Reserva para emergências.* As reservas de emergência deverão equivaler pelo menos a um mês de ordenado. Digamos que este seja de Cr$2.000,00 por mês. Guarde Cr$167,00 cada vez que receber (Cr$2.000,00 divididos por 12). Se lhe parecer demasiado, aumente o prazo para o acúmulo do fundo de reserva: um ano e meio ou dois anos, se for necessário.

Se, após ter juntado os Cr$2.000,00, não aparecerem despesas de emergência, poderá então destinar a reserva a outros fins ou depositar a mesma quantia num banco.

4. *Despesas essenciais.* Depois de tirar os Cr$500,00 para as despesas fixas, e os Cr$167,00 para emergências, sobram-lhe Cr$1.333,00 por mês para viver. A tendência talvez seja de gastá-los à vontade, sem saber exatamente em quê. Nesse caso, porem, o resultado muitas vezes é que não se consegue comprar tudo de que se tem necessidade. Nunca sobra dinheiro bastante para gastar no Natal; há meses que a família vem querendo um rádio, mas não há meio de sobrar um centavo para comprá-lo.

Convem fazer planos dentro da quantia destinada às despesas essenciais. Isso se faz assim:

5. *Veja onde vai o dinheiro.* Analisando, verá que suas despesas são de dois tipos: (1) despesas regulares, de quantias praticamente fixas, tais como eletricidade, carvão ou gás, comida e o mínimo necessário de roupa; (2) despesas variaveis, tais como diversões, gastos domésticos extraordinários, roupas adicionais, etc.

As primeiras são inevitaveis, e portanto é aconselhavel reservar sempre alguma verba para elas.

Gasta Cr$1.500,00 por ano em roupa? Guarde, pois, Cr$125,00 por mês para esse fim. Faça o mesmo com relação às outras despesas do primeiro grupo. Após todas as deduções, resta-lhe o saldo disponivel para as depesas variaveis.

Será possivel saber quais são elas, sem manter escrita? Sim; basta estabelecer um período de observação durante um mês mais ou menos. Saberá, assim, quanto gasta em almoço, cigarros, jornais, isto é, as despesas diárias que vão esvaziando a carteira. Calcule o total anual, e terá um diagnóstico clínico de seu orçamento, tão perfeito quanto o que obteria contando os niqueis o ano todo.

Pelo método antigo tudo tinha que entrar em categorias definidas, com verbas calculadas para cada despesa. Com este novo sistema compra-se tudo de que se necessita primeiro e, depois, se sobrar algo, pode-se pensar nos artigos de luxo.

6. *Compra dos artigos de necessidade.* O orçamento só dará resultado se toda a família sentir que o mesmo está contribuindo para tornar possivel a aquisição de coisas desejadas. O primeiro passo para garantir a felicidade doméstica é destinar a cada pessoa uma quantia certa e, uma vez distribuido o dinheiro, não pedir contas a ninguem.

Muitas pessoas que pensam não poder comprar o que desejam podem muito bem fazê-lo se souberem organizar o orçamento. Há o caso típico da família cujo marido queria ferramentas; a esposa, aparelhamento fotográfico; e o filho, um rádio-vitrola.

Quando resolveram organizar o orçamento, descobriram que o dinheiro estava se escoando em pequenas coisas que não lhes proporcionavam verdadeira satisfação. Mas, desde que começaram a destinar verbas a objetivos de longo alcance, conseguiram comprar o que mais desejavam. E de que vale o dinheiro—com ou sem orçamento—se não for empregado de maneira a dar a maior satisfação possivel?

Perguntado e aprovado

CERTA VEZ ia eu a pé por uma estrada, e fazia sinais aos carros que passavam, para ver se conseguia uma «carona». A certa altura, surgiu um automovel com quatro senhoras de meia idade, que parou diante de mim. Uma das senhoras abriu a janelinha do auto, e me perguntou se eu era gatuno ou salteador de estrada; como eu lhe assegurasse que não era nada disso, ela abriu a porta e mandou-me entrar. «Não leve a mal a minha pergunta,» disse em tom de desculpa. «O senhor sabe, hoje em dia, todo cuidado é pouco.» —Fred A. Risser

QUE PARTE DESTES Cr$140.000,00

(cento e quarenta mil cruzeiros)

GANHARÁ O LEITOR

neste facil e divertido concurso?

O LEITOR pode ganhar um destes 394 prêmios em dinheiro —num total de Cr$140.000,00—bastando dizer-nos

POR QUE GOSTA DE SELEÇÕES

Pode fazê-lo em poucas e simples palavras. Os prêmios não se basearão em habilidade literária. O que nos interessa saber é o que o leitor SENTE a respeito de Seleções. A SUA OPINIÃO sobre a Revista pode ser uma das que ganharão um GRANDE prêmio em dinheiro!

PRÊMIOS DUPLOS: PARA HOMENS E PARA MULHERES!

O leitor tem muito mais probabilidade de ganhar, porque há DUAS séries diferentes de prêmios: uma série completa (Cr$70.000,00) para HOMENS, e outra série completa (Cr$70.000,00) para MULHERES. Lembre-se do que poderia fazer com um Primeiro Prêmio de Cr$20.000,00, ou com um Segundo Prêmio de Cr$5.000,00 — ou com qualquer dos outros 392 Prêmios, alguns de Cr$2.000,00 cada um! *(Veja nas páginas seguintes com que facilidade o LEITOR pode ganhar um destes valiosos prêmios em dinheiro.)*

Cole-se apenas em torno desta borda

Recorte com cuidado

Cole-se apenas em torno desta borda

Cole-se apenas em torno desta borda

FOLHA DE INSCRIÇÃO

Sr. Fernando Chinaglia
Seleções do Reader's Digest
Av. Presidente Vargas 502, 19°. andar
Rio de Janeiro, D.F.

Para o concurso de ☐ Homens ☐ Mulheres
(Marque um dos quadrinhos com um "x")

Eis por que gosto de Seleções:
(não menos de 20 nem mais de 60 palavras)_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Não deixe de escrever aqui seu próprio nome e endereço, afim de sabermos para onde telegrafar-lhe o dinheiro, caso ganhe um prêmio.

MEU NOME Sr. / Sra. / Srta. _____ (É favor escrever bem claro)

MEU ENDEREÇO_____

Cidade_____ Estado_____

Para concorrer a um prêmio, ESCREVA AQUÍ NOME E ENDEREÇO DE 4 AMIGOS:

1. Nome _____
   Endereço _____
   Cidade _____ Estado_____
2. Nome _____
   Endereço _____
   Cidade _____ Estado_____
3. Nome _____
   Endereço _____
   Cidade _____ Estado_____
4. Nome _____
   Endereço _____
   Cidade _____ Estado_____

Cr $140.000,00 EM PRÊMIOS

neste Concurso, que será para o leitor um divertimento: consiste apenas em dizer, em suas próprias palavras, por que gosta de SELEÇÕES.

Cr$70.000,00 PARA HOMENS

1°. Prêmio Cr$20.000,00
2°. Prêmio Cr$5.000,00
5 Prêmios de Cr$2.000,00 cada um
5 Prêmios de Cr$1.000,00 cada um
10 Prêmios de Cr$500,00 cada um
75 Prêmios de Cr$200,00 cada um
100 Prêmios de Cr$100,00 cada um
TOTAL: 197 PRÊMIOS Cr$70.000,00

POR QUE *realizamos este concurso*

Embora SELEÇÕES seja relativamente nova, é uma das publicações mais lidas no Brasil, e seus leitores continuam aumentando de mês a mês. Entretanto, mediante inquéritos realizados ultimamente, comprovamos que há milhares de pessoas que ainda não descobriram o prazer e a satisfação que a leitura da Revista dá aos que a conhecem.

Muitos dos novos leitores chegaram a conhecer a Revista através das recomendações de amigos. Talvez O LEITOR tambem a tenha recomendado aos seus. Para nós, é de vital importância conhecer os motivos em que se fundam essas recomendações. Para conseguí-lo, levamos a efeito este concurso em que pedimos ao leitor que nos diga, simplesmente, POR QUE GOSTA DE SELEÇÕES.

POR QUE *oferecemos prêmios tão valiosos*

HÁ TRÊS anos realizamos no Brasil um concurso semelhante, que teve êxito sem precedentes. Como resultado desse concurso obtivemos uma série de opiniões tão sinceras e expressivas que a elas atribuimos, em grande parte, o fato de a circulação da Revista no Brasil haver-se elevado *ao dobro*. Agora desejamos que, graças a nossos leitores, este *novo* concurso tenha um êxito *ainda mais* significativo. Por isso oferecemos mais prêmios do que no concurso anterior. E, ao oferecer uma série DUPLA de prêmios, esperamos chegar a conhecer por que gostam da revista tanto os HOMENS quanto as MULHERES.

Temos, pois, sobejos motivos para apreciar altamente a opinião do leitor e para oferecer-lhe, em troca dessa opinião a oportunidade de ganhar um valioso PRÊMIO EM DINHEIRO. Verá tambem os motivos que nos animam a pedir-lhe nomes e endereços de quatro de seus amigos, a quem desejamos dar a conhecer este tipo único de leituras amenas e proveitosas. Se seus amigos chegarem a gostar da Revista tanto quanto o leitor, sua indicação ter-lhes-á feito um verdadeiro favor, e NÓS teremos adquirido quatro novos amigos!

POR QUE *o leitor tem tão boas probabilidades de ganhar*

Quase todos os que lêem um exemplar de Seleções sentem o desejo de recomendá-la aos amigos. É provavel que o leitor tambem já tenha feito o mesmo. Se é assim, por que não escreve *agora mesmo*, na Folha de Inscrição, o que pensa da Revista? Não importa que não seja escritor, pois sua opinião não será julgada segundo o mérito literário. Para concorrer a um prêmio, basta dizer-nos com sinceridade, em suas próprias palavras, POR QUE GOSTA DE SELEÇÕES.

Assim, o leitor tem tantas probabilidades quanto qualquer outro, de ganhar um dos 394 prêmios em dinheiro. E, havendo uma série dupla de prêmios—uma série completa para HOMENS e outra igual, à parte, para MULHERES, suas probabilidades de ganhar elevam-se ao DOBRO!

Cr$70.000,00 PARA MULHERES

1°. Prêmio Cr$20.000,00
2°. Prêmio Cr$5.000,00
5 Prêmios de Cr$2.000,00 cada um
5 Prêmios de Cr$1.000,00 cada um
10 Prêmios de Cr$500,00 cada um
75 Prêmios de Cr$200,00 cada um
100 Prêmios de Cr$100,00 cada um
TOTAL: 197 PRÊMIOS Cr$70.000,00

NÃO LHE TERIA OCORRIDO TAMBEM?

Eis aquí alguns dos motivos pelos quais os leitores, segundo o declaram eles próprios, gostam de Seleções: Por sua concisão e variedade, pelas informações uteis que dá e pela amenidade de sua leitura . . . Porque mantem o leitor a par do que ocorre no mundo . . . . . Fornece-lhe assuntos para conversa e oportunidades de ganhar novas amizades . . . Ajudou-o a resolver algum problema antigo e delicado . . . Certo artigo lhe serviu muito em seus negócios ou em sua profissão, ou lhe prestou auxílio na melhora da saude . . . Os resumos de livros lhe permitiram conhecer obras que não lhe teria sido facil adquirir . . .

Talvez O LEITOR tambem tenha motivos semelhantes—ou quiçá outros, de indole pessoal—que expliquem por que gosta da Revista. Basta dizer-nos, em poucas palavras (de 20 a 60), sua opinião. *Os breves minutos utilizados para este fim podem valer-lhe um prêmio em dinheiro que lhe permita adquirir algo que venha desejando há anos!*

POR QUE *deve usar a Folha de Inscrição*

PORQUE a Folha de Inscrição, que o leitor encontrará à esquerda, facilita-lhe redigir sua opinião, os nomes e endereços de quatro de seus amigos, e *seu próprio* nome e endereço. Tambem porque o leitor pode converter esta folha (como adiante se explica) em um envelope, o qual não exige selo do Correio.

O LEITOR TEM TANTAS PROBABILIDADES DE GANHAR COMO QUALQUER OUTRO! Para que seja *sua* a parte que pode corresponder-lhe destes Cr$140.000,00, preencha *agora mesmo* a Folha de Inscrição que aparece adiante e *ponha-a logo no Correio*—o mais tardar no dia 15 de outubro de 1948. Não deixe para a última hora!

REGRAS DO CONCURSO

1. Os prêmios serão pagos em dinheiro, e enviados por ordem telegráfica no dia 30 de novembro de 1948. Os nomes dos contemplados serão dados à publicidade nos principais jornais do Brasil.

2. Sua declaração sobre "por que gosto de SELEÇÕES" não deve ter menos de 20 palavras nem mais de 60.

3. Deve escrevê-la justamente no espaço em branco que se vê na Folha de Inscrição, distribuida para conveniência do leitor.

4. O leitor não poderá aspirar a um prêmio a menos que escreva, nessa folha, os nomes de quatro de seus amigos que, em sua opinião, gostariam de ler SELEÇÕES, e que talvez não conheçam ainda a Revista.

5. Deve enviar sua resposta sem demora. Não entrarão no concurso as que sejam postas no correio depois do dia 15 de outubro de 1948.

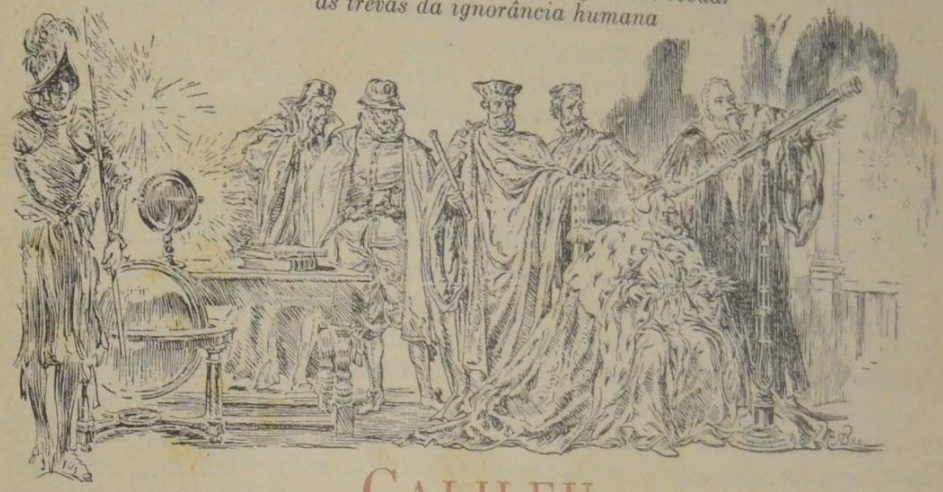
6. Pode concorrer com várias opiniões diferentes, mas deve apresentar cada uma delas, em separado, numa Folha de Inscrição. Todas as opiniões passarão a ser propriedade de SELEÇÕES.

7. Outorgará os prêmios um juri classificador composto dos senhores Clodomir Vianna Moog, Mucio Leão, Rafael Correia de Oliveira e Eduardo Cárdenas (Diretor de SELEÇÕES). A decisão dessc juri será definitiva e inapelavel.

8. Sendo tão curto o prazo de que disporá o juri classificador para estudar cuidadosamente as respostas, não terá tempo de acusar recebimento das folhas.

9. Não poderão tomar parte no concurso os empregados de SELEÇÕES, nem os empregados do Agente Geral de SELEÇÕES no Brasil.

O titã de gênio cujas descobertas fizeram recuar as trevas da ignorância humana



GALILEU, *sábio de visão ultra-terrena*

Por Donald Culross Peattie

AINDA HOJE se pode ver, na catedral de Pisa, a lâmpada na qual, por assim dizer, se acendeu a centelha de um dos maiores gênios que a humanidade tem conhecido.

Naquele dia de 1581, para acender a lâmpada, alguem a puxara para um lado e depois largara-a, deixando-a balançar livremente suspensa da abobada. Ela ficou oscilando em silêncio sobre as cabeças dos fiéis, descrevendo arcos que pouco a pouco se foram tornando mais curtos. Um rapazinho de 17 anos, que estava entre os crentes, ficou absorvido a seguí-la com a vista, e esqueceu-se das orações.

O bom-senso diria que o pêndulo levava mais tempo a descrever um arco longo do que um curto; mas o jovem Galileu Galilei apercebeu-se de que não era assim. Procedeu com espírito de observação rigorosa: como não tinha relógio, mediu o tempo de cada oscilação pelo seu próprio pulso. E suas pulsações confirmaram a verdade que ele aprendera intuitivamente.

Galileu acabava de entrever alí uma parcela das harmonias que regem o universo. Cheio de entusiasmo, foi para casa fazer experiências com pêndulos dos mais diversos comprimentos e pesos, suspendendo-os das traves do teto e dos ramos das árvores, até que a família perdeu a paciência. Inventou um pêndulo que se podia sin-

cronizar com o pulso humano, e que registava num quadrante as respectivas batidas. Desse modo, numa época em que os relógios eram ainda uma raridade, os médicos podiam medir com exatidão as pulsações dos doentes.

Esse rapaz, nascido em Pisa a 18 de fevereiro de 1564, era filho de Vincenzo Galilei, fidalgo arruinado, com vocação marcada para as abstrusas matemáticas, e um fervoroso amor à música. Sendo, porem, inuteis as altas matemáticas na gestão da casa de tecidos que, humilhado, o nobre cavalheiro fora forçado a abrir,—não permitiu este que seu filho mais velho se dedicasse à «inutil ciência». Mas Vincenzo encontrava na música bálsamo para suas dores de fracassado, e para os violentos acessos de raiva a que a esposa era atreita, e entregou-se a ensinar àquele filho precoce a arte de tocar alaude e orgão.

O jovem Galileu herdou da mãe o seu fraco pelo sarcasmo e o temperamento explosivo, que lhe haviam de criar inimigos. Do pai herdou, sem dúvida, o jeito para a matemática. Dos padres de Vallombrosa, que ensinavam em uma escola perto de Florença, recebeu ele a instrução primária; desde cedo revelou gosto pelo estudo.

Aos 13 anos, Galileu, em carta à família, declarou que desejava tomar ordens sacerdotais. Mas os pais achavam que era tempo de o rapaz começar a trabalhar. Assim, Galileu passou a trabalhar na loja, mas fracassou desastradamente. Por isso, em 1581, tendo ele 17 anos, o pai mandou-o estudar medicina na Universidade de Pisa.

O preparo para o exercício dessa profissão incluia, naquele tempo, o estudo da filosofia de Aristóteles. Embora houvessem decorrido quase dois mil anos após a morte do filósofo, quem duvidasse dele ainda era considerado quase hereje. Alem disso, a Igreja continuava a sustentar—segundo Ptolomeu, o grego, havia ensinado mais de mil anos antes—que a Terra era o centro do universo, girando em volta dela a lua, o sol e alguns foguinhos menores de tamanho insignificante—as estrelas.

Galileu, farto desse pequeno universo, e das inteligências pequeninas que sustentavam tal conceito, buscava comprovação em vez de acatar dogmas. Estudando sozinho, sem a ajuda de ninguem, descobriu Arquimedes, o maior de todos os matemáticos e físicos gregos. Dentro em pouco, o aplicado estudante inventou uma balança hidrostática, para o ensaio de metais por meio do peso. Isso constituia a aplicação da teoria de Arquimedes. Elaborou tambem um método simples para determinar o centro de gravidade dos sólidos. Ganhou fama entre os homens de ciência do seu tempo. Em 1588, graças ao apoio de pessoas influentes que tinham percebido seus méritos, Galileu foi nomeado lente de matemática da Universidade de Pisa. Tinha então 24 anos.

Uma vez entrincheirado nas muralhas do ensino, o jovem professor ousou refutar Aristóteles. Teorizando

sem experimentar, Aristóteles havia afirmado que, quanto maior fosse o peso de um corpo, mais depressa cairia este, forçosamente. Mas Galileu convidou os sábios professores da escola a reunir-se junto da famosa Torre Inclinada; do alto da torre, largou um peso de 10 libras e outro de uma libra: ambos foram bater em terra ao mesmo tempo. Entretanto, os sábios continuaram acreditando nos livros, apesar do que acabavam de ver.

Não obstante, Galileu prosseguiu em suas experiências sobre a queda dos corpos no espaço livre, ou fazendo-os rolar sobre um plano inclinado. Provou assim não só que todos os corpos caem com uma velocidade que se vai acelerando a cada instante, mas tambem que essa aceleração da queda é uniforme. Hoje, esse princípio é tão importante no cálculo da velocidade de um meteoro que se aproxima da Terra, como nos bombardeios aéreos com pontaria de precisão.

É provavel que Galileu nunca tivesse sonhado com bombardeios aéreos; mas o fogo da artilharia exerceu sobre ele verdadeira fascinação. Os artilheiros já sabiam que, para atingir um alvo afastado, eram obrigados a levantar a mira dos canhões: mas faziam-no puramente por palpite. Galileu demonstrou que a trajetória do projetil é uma parábola, e elaborou uma série de cálculos por meio dos quais o artilheiro podia determinar a elevação necessária da mira para atingir um alvo situado a uma distância conhecida.

Fundou assim a ciência das massas em movimento—o que modernamente denominamos «dinâmica». Nas leis fundamentais que formulou, Galileu deu à Física um conceito inteiramente novo, o da «inércia», ou seja, a tendência que têm todos os corpos a ficar em repouso, ou, quando em movimento, a continuar deslocando-se em linha reta a velocidade constante, a não ser que uma força externa exerça a sua ação sobre eles. A esse princípio deu-se mais tarde o nome de «primeira lei de Newton», por ter sido o grande inglês que a formulou com precisão; mas o primeiro que explorou suas possibilidades, foi Galileu. Foi ele o primeiro homem a afirmar que a inércia se aplica a todos os corpos da terra e do céu.

Antes de Galileu, o método experimental era praticamente desconhecido; o corpo docente da Universidade de Pisa, não podendo ou não querendo adotá-lo, teceu intrigas de todo gênero afim de se desembaraçar do jovem experimentador. Por azar, Galileu crivara de comentários sarcásticos certa máquina pomposa e complicada que o meio-irmão do Duque da Toscana, soberano reinante, havia inventado para a dragagem dos portos. Mas o pior foi que as críticas de Galileu eram bem fundadas, pois a caríssima invenção se desmoronou logo. Aliando-se a esse parlapatão influente, os professores conseguiram que fosse reduzido o ordenado de Galileu. Este, enojado, pediu demissão para voltar à loja da família...

Felizmente, os amigos de Galileu eram tão numerosos como os seus ini-

migos, e graças a eles, em 1592, a República de Veneza o convidou para ir ensinar na Universidade de Pádua. O ordenado era bom, e havia um ambiente de liberdade intelectual.

Galileu levou os dezoito anos seguintes desenhando fortificações, máquinas para o cerco das cidades, e pontes. Inventou uma régua, que se pode considerar a «avó» da régua-de-cálculo moderna, para calcular juros e extrair raizes quadradas e cúbicas. A esta veio juntar-se depois um transferidor para medir ângulos e obter divisões da bússola astronômica. Este instrumento se tornou tão procurado, que Galileu se viu compelido a contratar ajudantes que trabalhassem com ele na respectiva produção. Muitas dessas réguas ainda hoje existem, e revelam lindíssimo acabamento.

Em Pádua, os alunos de Galileu eram tantos que não cabiam na sala mais ampla do edifício e o sábio se via obrigado a lecionar ao ar livre. Os estudantes acorriam para ouví-lo, vindo de terras longínquas como a Suécia e a Escócia; contavam-se entre eles alguns que seriam grandes personalidades e levariam mais tarde a ciência do mestre até os últimos confins da terra, ou se tornariam protetores da ciência, tais como o Arquiduque Ferdinando, futuro imperador da Alemanha. A todos eles Galileu falava do universo e explicava que, neste, nada permanece imovel, pois todas as coisas (em contrário do que dizia Aristóteles), todos os átomos, todas as estrelas, são dotados de movimento; e contavalhes como Pitágoras, o grego, que viveu antes de Aristóteles, afirmara que a Terra se move tambem, e que ela não é o centro do universo mas apenas um dos planetas de uma das estrelas que ardem alem, no infinito mar de escuridão.

Em 1609 chegou aos ouvidos de Galileu a notícia de que, na Holanda, o auxiliar dum fabricante de óculos descobrira, por acaso, que, olhando através de duas lentes colocadas à distância de uns 30 centímetros uma da outra, os objetos pareciam maiores. Apesar de não ter um modelo, Galileu fez com as suas próprias mãos um telescópio que levou ao alto do Campanile, o mais alto edifício de Veneza.

Atrás dele subiam ofegantes, nas suas vestes de veludo, o poderoso Doge e os senadores de Veneza. Realmente enxergaram, através das lentes de Mestre Galileu, as ruas de Pádua e as pessoas que nelas caminhavam; um navio que se achava a 50 milhas de distância parecia-lhes estar dez vezes mais perto. O Senado premiou o inventor com um aumento de ordenado, tornando-lhe vitalícia a cátedra. Galileu começou então a fazer telescópios para vender.

Ao instrumento que reservou para seu próprio uso, e que encurtava trinta e três vezes a distância do objeto, deu ele o nome carinhoso de «Velho Descobridor». Naquela noite memoravel em que Galileu virou o «Velho Descobridor» para o céu, saltou-lhe aos olhos o maior dos espetáculos acessiveis à vista dos mortais: o panorama do infinito, com o seu negrume insondavel iluminado por inúmeros sóis!

Onde a sua vista desarmada vira até então apenas um véu nebuloso, as lentes transfiguraram a Via Láctea numa faixa de estrelas, com inúmeras outras espreitando por entre elas. Nessa noite nasceu a astronomia moderna.

Durante o dia Galileu assestava as lentes defumadas do seu telescópio sobre o sol; descobriu que essa superfície chamejante era varrida de estranhas tempestades negras—aquilo que hoje chamamos de «manchas solares» —e, do fato que elas pareciam deslocar-se através da superfície do Sol, concluiu que este, como a Terra, girava em torno do seu eixo. Sendo assim, não andaria o sol percorrendo tambem a sua própria trajetória, incompreensivel para o homem? Apontou o telescópio para Júpiter, e descobriu que as três brilhantes «estrelas», que com ele se alinham, não eram astros fixos, e sim giravam em volta dele, como «luas» de Júpiter. Galileu veio a descobrir mais tarde o quarto satélite de Júpiter, dos nove que hoje conhecemos. Alí estava um sistema solar em miniatura—fato esse que, para quem soubesse raciocinar, vinha em apoio da teoria por ele defendida, relativa à existência do nosso sistema.

Assim, o polonês Copérnico sempre tivera razão, ao afirmar, em 1543, que a Terra realiza diariamente um movimento de rotação completa sobre si mesma, e que os planetas gravitam em volta do sol. Tambem Giordano Bruno dissera a verdade, ao ensinar na cátedra a teoria de Copérnico—a verdade pela qual fora queimado em vida numa praça de Roma.

Passara-se isso apenas dez anos antes de Galileu haver perscrutado os céus com o seu Velho Descobridor: não era, portanto, de surpreender que alguns dos mestres se recusassem a espiar o céu ignoto através do telescópio. Milhares de outros homens olharam, porem, e ficaram convencidos—homens de ciência, nobres, cardeais, e o próprio Sumo Pontífice, Paulo V. Mas os filósofos ciumentos e os fanáticos ignorantes foram de mãos dadas denunciá-lo à Inquisição: porque os movimentos celestiais revelados por suas lentes e sua inteligência eram, segundo eles, contrários às Escrituras.

A Inquisição proibiu Galileu de ensinar as suas teorias relativas ao sistema solar, e durante dezesseis anos ele submeteu-se. Mas, em 1632, aventurou-se a publicar os seus *Diálogos sobre os Sistemas Principais*, ou seja, o debate entre as teorias de Ptolomeu e as de Copérnico. Nesses diálogos famosos o personagem que defendia o sistema ptolomaico chamava-se «Simplício» e dizia bobagens, saindo-se muito mal do debate... Os inimigos de Galileu conseguiram persuadir o Papa Urbano VIII de que Simplício era a caricatura do próprio Santo Padre.

O editor dos Diálogos recebeu ordem de suspender a venda do livro, que entretanto se espalhara e divulgara por toda a Europa. Galileu foi chamado a Roma onde, com 70 anos, sofrendo de hérnia dupla e de palpitações do coração, se viu em frente da banca examinadora de cardeais. Ameaçaram-no das maiores torturas, se não retratasse as suas doutrinas científicas.

Encarcerado, ao fim de quatro meses submeteu-se às imposições do Vaticano.

Diz a lenda que, logo após renegar sua doutrina dos movimentos da Terra, Galileu murmurou entre dentes: «Não obstante, ela se move!» Verídico ou não, o dito corresponde literalmente ao pensamento do gênio. Galileu foi forçado a ajoelhar para ler em voz alta, e depois assinar um documento no qual «confessava» que a teoria de Copérnico era uma grosseira falsidade, e prometeu que não voltaria a ensiná-la nem a falar dela, sob pena de morte. Foi então condenado a prisão perpétua, e o seu livro incluido no *Index* das obras proibidas. A despeito dos esforços de grandes cientistas católicos, o livro ficou interdito até o ano de 1835.

Graças ao Duque da Toscana, que intercedeu a seu favor, Galileu foi autorizado a sair da masmorra onde apodrecia, e ficou detido permanentemente em sua própria casa, onde passou o resto da vida rodeado de espias. Mas, muito embora fosse um prisioneiro, os notaveis do mundo acorriam em massa a visitá-lo, ansiosos de poder dizer que tinham visto as feições engelhadas e os penetrantes olhos azuis daquela águia acorrentada.

Com risco da própria vida, Galileu fazia sair de sua casa os fragmentos do novo manuscrito em que vinha trabalhando, afim de o pôr em circulação nos paises onde reinasse a liberdade de pensamento e de imprensa. Escrevia febrilmente, para aproveitar a luz dos olhos que já lhe ia fraquejando. Esse último livro—*Diálogo Sobre Duas Novas Ciências*—bastaria, só por si, para fazer dele um titã, o fundador da moderna Física experimental. Nessa obra enunciou ele os primeiros princípios da flutuação dos corpos na água, assim como os princípios científicos do som; deu aos músicos a primeira idéia exata que eles tiveram da base matemática da altura dos sons, e da harmonia; aos engenheiros legou os seus conhecimentos sobre tensões e resistências de materiais; percebeu, finalmente, a força de gravitação que atrai os corpos menores aos corpos maiores.

Galileu expirou, cego e prisioneiro, com 78 anos de idade, em 1642—no ano, justamente, em que nasceu Isaac Newton. Ainda depois de morto inspirava tal temor aos seus adversários, que estes não hesitaram em perseguir os amigos dele, em esconder-lhe as obras, e até as próprias ossadas. Mas não sejamos demasiado severos em julgá-los: não faziam mais do que partilhar as superstições da época. Em vez disso, pensemos antes em Galileu, que era, ele próprio, homem de sólidas convicções religiosas, crente de que Deus se revela a cada instante na majestade das leis naturais, que só podemos enxergar através da «luneta» da ciência. E a ciência, assim o afirmou Galileu, não pode deixar de progredir...

As técnicas, uma por uma, do comunismo

ASSIM SE SUBJUGA UMA NAÇÃO

(*Condensado de «Human Events»*)

Por Bertrand de Jouvenel

Ilustre jornalista francês

A TÉCNICA de anexar paises e submeter-lhes os povos progrediu a passos largos num decênio. Como artista na destruição de nações, Stáline se adiantou muito a Hitler.

Rememorando a conquista da Tchecoslováquia por Hitler, lembramo-nos das tropas em marcha, dos tanques fragorosos e dos enormes desfiles que sublinhavam as conquistas. Hitler confiava em forças militares visiveis. Não houve sinal do exército russo na segunda conquista da Tchecoslováquia. Tudo fora maquinado de dentro. A técnica de Stáline revelou-se tão destra quanto a de Hitler fora canhestra. Um comentarista irônico resumiu assim o lema do Kremlin: «A submissão do povo tem que ser operada pelo próprio povo.»

Como se processa isso? Analisemos a estratégia comunista para a conquista sucessiva de nações. Reune várias fases sutís.

A primeira pode ser chamada a Operação *Hino Nacional*. Consiste em identificar o Partido Comunista com o patriotismo, e não, como antigamente, com o internacionalismo e o anti-militarismo. Na França, todos os ídolos nacionais—os grandes franceses, inclusive soberanos, outrora objeto de escárneo, são agora ostentosamente reverenciados. O aniversário de Joana D'Arc era ocasião para comemorações católicas; hoje, os comunistas fazem questão de ser os primeiros a honrar essa «admiravel filha do povo». Nos Estados Unidos, Jefferson e Lincoln são agora venerados pelos comunistas.

A Operação *Hino Nacional*, por sua vez, possibilita a Operação *Unanimidade*: a constituição de uma «frente popular» contra a «reação». Na Tchecoslováquia, a «frente popular» abriu caminho para o *putsch* de fevereiro.

A Operação *Hino Nacional* e a *Unanimidade* são imensamente profícuas para os comunistas. Primeiro, o apelo às massas é enormemente exaltado. Os marxistas descobriram, aliás um pouco tarde, que o homem do povo é patriota, cioso das glórias nacionais. Durante muitos anos, o progresso dos comunistas permaneceu embargado, simplesmente porque eles desprezavam os sentimentos nacionalistas. A Operação *Unanimidade* proporciona, ademais, um ar de respeitabilidade aos comunistas. Outra descoberta dos marxistas é que o povo gosta da respeitabilidade.

Alem disso, a Operação *Unanimidade* coloca os comunistas—enquanto ainda constituem minoria—nos postos

críticos, de onde dominam o mecanismo do governo. Assim foi que o Ministro do Interior da Tchecoslováquia, um comunista, conseguiu fazer da polícia um instrumento do partido.

Para a conquista dos cargos importantes, porem, outra Operação torna-se necessária. A essa nós, os franceses, denominamos, à nossa maneira crua, Operação *Cuco*. Ela visa o partido Social Democrático, ou aqueles que, nos Estados Unidos, são curiosamente chamados «liberais».

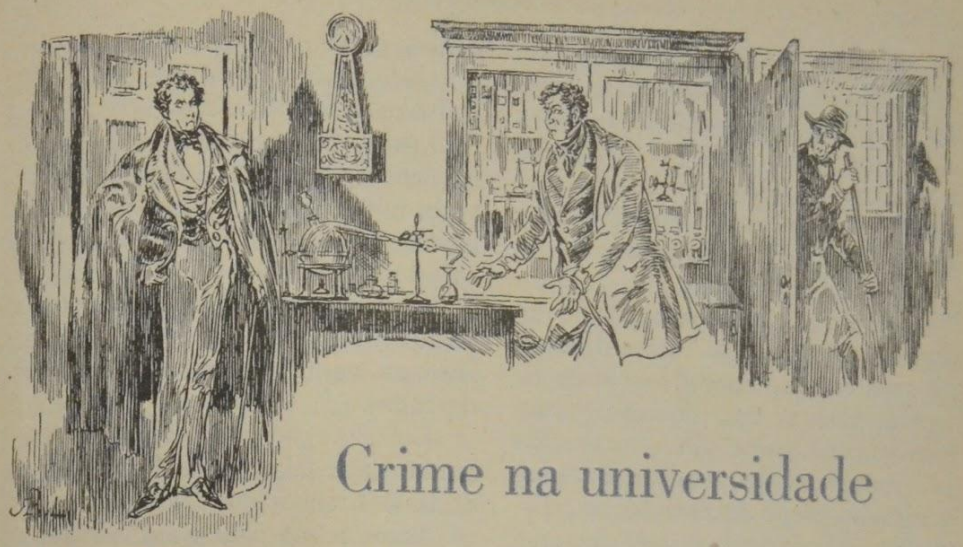
Em todos os paises europeus, os membros do Partido Social Democrático constituiram poderosas organizações trabalhistas: sindicatos, agremiações juvenís, femininas, etc. Agora, num gesto de amizade fraternal, os comunistas se dispõem a repartir o seu todo com os socialistas. Confiam as diretorias aos socialistas, aceitando os cargos mais humildes de secretaria. Stáline já demonstrou quanto se pode fazer de dentro do gabinete de secretário. É alí que se concentra o trabalho de organização e, cedo, os sindicatos são «colonizados» por comunistas.

Assim sucedeu com a federação operária tcheca. Em Praga foi convocada, para o domingo, 22 de fevereiro, uma «conferência» de 8 mil delegados sindicais. Esses homens, escolhidos a dedo, apresentaram-se à hora decisiva.

De capital importância no processo de conquista é a Operação *Calúnia*, destinada a desmoronar antecipadamente toda resistência ao golpe comunista. Durante a fase da Operação *Unanimidade*, os comunistas mostram-se magnanimamente dispostos a dar-se bem com todos. Mas, pouco a pouco, começa-se a propalar que Fulano é simpatizante fascista, anti-semita, germanófilo, «isolacionista» ou outra coisa qualquer. O rebate jamais emana abertamente dos comunistas, mas seus cúmplices o repetem. A calúnia visa qualquer pessoa que, embora nem seja inimiga dos comunistas, é tida por eles como possivel elemento de estrênua resistência. A Operação *Calúnia* baseia-se na premissa de que, se se conseguir estigmatizar umas quantas pessoas corajosas, o estigma poderá estender-se facilmente aos seus amigos menos corajosos, e, depois, aos amigos dos amigos. Assim a Operação *Calúnia* consome os ossos da resistência ao comunismo.

Chega então o momento oportuno para a Operação *Reichstag*, assim denominada em honra a Göring, a qual consiste na descoberta de uma conspiração. Mas é preciso que se trate de uma conspiração realmente infame, envolvendo capitalistas, financistas e potências estrangeiras. Sempre que possivel, são implicados os nazistas, ainda hoje, devido ao horror que inspiram. As denúncias feitas em Praga, reunidas, constituem uma história fantástica. Mas os comunistas, enfim, são dotados de um espírito humorístico surrealista. Quanto mais inverossimil a conspiração, tanto mais a apreciam. De forma que, se se pode acusar o padre de ocultar dinheiro nos vasos sagrados, ou o radical da velha escola, de ser agente nazista, tanto melhor.

Tais são, em suma, os métodos pelos quais o comunismo procura arrebatar o poder em toda parte.



Crime na universidade

(Condensado de «The American Mercury») · *Por Stewart H. Holbrook*

NO ANO DE 1849, até aquele nublado e melancólico 23 de novembro, o povo de Boston, como, aliás, quase todos os norte-americanos, só falava na conquista do ouro da Califórnia. Mas, naquela sexta-feira, Boston teve que preocupar-se com algo que lhe dizia respeito mais de perto: o dr. George Parkman havia desaparecido em plena luz do dia. Era incrivel que um membro da tradicional família Parkman pudesse desaparecer sem deixar vestígio algum.

A polícia entrou imediatamente em ação, e assim o fizeram tambem centenas de pessoas, incentivadas pelo prêmio de três mil dólares oferecido a quem encontrasse o médico vivo, ou mil a quem encontrasse o seu cadaver.

Nesse dia, o eminente médico saira de casa por volta do meio-dia, dirigindo-se ao banco. Daí passou por uma quitanda e deixou uma encomenda. Mais tarde foi visto andando depressa em direção à Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard. Desse estabelecimento, ou das imediações, parecia ter seguido diretamente para a Eternidade.

Era o dr. Parkman quem havia doado o terreno em que se construira a nova Faculdade de Medicina. O seu sobrinho, Francis, estava a ponto de se tornar famoso como historiador. Os Parkman eram figuras de destaque havia muitos anos, sendo possuidores de vastos recursos; o médico era tão rico que o filho, que nunca em sua vida ganhara um vintem, deixou uma doação de 5 milhões de dólares para a manutenção e melhoramentos de um parque público de Boston.

Enquanto a imprensa dessa cidade, sempre tão circunspecta, fazia um estardalhaço, e a polícia detinha dezenas de pessoas, ocorreu um incidente es-

pantoso. O professor John White Webster procurou o Reverendo Francis Parkman, irmão do desaparecido, e disse que estivera com o médico na Faculdade na sexta-feira à tarde, tendo-lhe pago, nessa ocasião, 483 dólares. O dr. Parkman retirara-se em seguida, disse o professor.

Webster, que se formara pela Faculdade de Medicina de Harvard, havia 20 anos era professor de química da Universidade; e era, juntamente com suas quatro lindas filhas, conhecido pela hospitalidade que dispensava aos colegas do corpo docente e suas esposas. Seu salário de professor, de 1.200 dólares por ano, era de todo insuficiente. Tinha tambem uma pequena renda proveniente de conferências que fazia, mas essa vinha diminuindo, pois ele era um orador pouco interessante. Embora os parentes do dr. Parkman soubessem que Webster devia dinheiro, e que o médico fora cobrar a dívida, não recairam suspeitas sobre o professor. Quem poderia desconfiar de um lente de tão famoso estabelecimento de ensino? Começava a parecer que algum malfeitor assaltara o médico, dera-lhe sumiço e roubara-lhe a quantia que Webster dizia lhe ter pago.

Aparentemente, a única pessoa que suspeitou de Webster foi Ephraim Littlefield, obscuro e melancólico zelador da referida Faculdade de Medicina. Ao que parece, foi um ato generoso de Webster que lançou Littlefield em sua pista com a ferocidade de um cão de caça. Na terça-feira seguinte ao desaparecimento de Parkman, Webster deu de presente a Littlefield um enorme perú—o primeiro presente que o zelador recebera em sete anos de trabalho na Faculdade.

O presente deu muito que pensar a Littlefield, o qual andava tambem perturbado com os comentários que ouvia na rua, de que «ainda hão-de achar o corpo do dr. Parkman na Faculdade de Medicina». Dizia-se naquele tempo que as faculdades de medicina eram notórias compradoras de cadáveres roubados.

«Eu não aguentava mais estar ouvindo o que falavam da Faculdade,» declarou Littlefield em seu depoimento. Assim, levou para o seu sombrio e triste apartamento, no porão da Faculdade, martelos, alavancas e talhadeiras e, para espanto da esposa, anunciou que ia furar a parede de tijolo do depósito fechado que existia no porão, debaixo do laboratório do professor Webster. A senhora de Littlefield ficou horrorizada; suspeitar de um professor da Harvard era um crime contra a natureza, talvez mesmo contra Deus...

O zelador explicou à sua mulher que, poucos dias antes do desaparecimento do dr. Parkman, estava ele auxiliando Webster no laboratório quando, de repente, apareceu o médico. «Dr. Webster,» gritou este, «pode ser hoje à noite?» Webster respondeu: «Não; hoje, não.» Parkman fez um gesto de raiva, punho cerrado, e disse irado: «Dr. Webster, é preciso que se faça alguma coisa amanhã.» E saiu.

Nos dias que se seguiram, Littlefield ficou pensando se, quando o dr. Parkman voltou, Webster lhe dissera

que, daquela vez, *podia ser*. «E agora,» disse o zelador à esposa, «que é que você acha?»

Assim, aproveitando um feriado, enquanto o perú assava no forno, Littlefield furava a sólida parede de tijolo. Ia muito devagar, mas estava tão decidido quanto desconfiado. Ao meio-dia comeu o perú e, com forças renovadas, voltou ao trabalho, continuando no dia seguinte, depois de suas obrigações regulares. Conseguiu, afinal, abrir passagem; e já era noite quando, à luz da lanterna, divisou a pelvis de um homem e dois pedaços de perna. «Eu sabia,» declarou depois, «que alí não era lugar para essas coisas.»

Littlefield chamou a polícia, e dalí a pouco Webster estava em uma cela na cadeia municipal.

No dia seguinte, a imprensa e toda a cidade deliravam. «Horriveis Suspeitas!» berrava o jornal *Transcript*. «Preso o professor J. W. Webster.» Os cidadãos de Boston pareciam haver sido atingidos por um raio.

O professor Webster foi julgado no dia 19 de março de 1850 e o depoimento da principal testemunha da acusação, o zelador Littlefield, deixou o réu em situação muito dificil. A defesa apresentou uma porção de pessoas importantes e outras testemunhas. O Presidente Sparks, da Harvard, achava Webster «bom e humanitário». Nathaniel Bowditch, filho de um célebre matemático, acreditava ser Webster «irritadiço, embora de bom coração». O grande jurista Oliver Wendell Holmes depôs tanto para a defesa como para a acusação. Reforçando os argumentos desta última, disse ele que só um perito no uso do bisturí poderia ter esquartejado o corpo que se alegava ser do dr. Parkman.

A promotoria tentava provar que os restos mortais descobertos no porão —e no forno do laboratório—eram do dr. Parkman; a defesa fazia tudo para provar que os fragmentos podiam ser de qualquer pessoa, menos do dr. Parkman.

O julgamento durou dias e dias e quase toda Boston queria entrar no tribunal. Não sendo isso possivel, foi determinado que a galeria dos visitantes fosse evacuada de dez em dez minutos, para permitir que milhares de pessoas presenciassem parte do acontecimento.

Aos poucos, o professor Webster foi ficando emaranhado nas provas circunstanciais; e no 11° dia do julgamento o Juiz Lemuel Shaw convidou os jurados a se pronunciarem, e o fez em um discurso até hoje considerado pelos advogados como uma das mais brilhantes exposições de todos os tempos. Três horas depois, o juri dava o seu veredicto: culpado.

Muito antes que a corda lhe apertasse o pescoço, o professor Webster, no dia 30 de agosto de 1850, confessou o crime. Naquela fatal sexta-feira, Parkman chamou Webster de tratante e novamente o ameaçou com o punho cerrado, bem junto ao seu rosto. Então, disse Webster, «só sentí o cautério de suas palavras e, enfurecido, peguei o que estava mais perto—um pedaço de pau—e lhe dei uma cace-

tada com toda a força de um exaltado.» Bastou uma só. Parkman caiu, pondo sangue pela boca. Webster trancou as portas, despiu o morto, colocou-o na pia e desmembrou-o com a maestria profissional que o dr. Holmes admirara.

A dolorosa celebridade que assim adveio a Harvard dissipou-se nos 99 anos que se passaram, porem vários membros de seu corpo docente sentiram, por muito tempo, as consequências do mal praticado pelo professor Webster. O escritor Bliss Perry contou que sua mãe, na cidade de Williamstown, se recusou a hospedar certo professor da Harvard que por lá esteve, uns 20 anos depois do crime, na qualidade de delegado a uma convenção de representantes de universidades. A sra. Perry declarou peremptoriamente que não poderia dormir «se tivesse em casa algum desses professores da Harvard».

O maior posto

Escrevendo na revista *The Saturday Evening Post*, o Capitão Hy Sheridan, da empresa American Airlines, narrou o seguinte:

A última vez que tive entre meus passageiros o General de Brigada Theodore Roosevelt Jr., foi um pouco depois de Pearl Harbour, quando era difícil conseguir passagem num avião comercial, e mais difícil ainda mantê-la, devido às «prioridades». Em certa parada de nossa rota, um marinheiro queria conseguir prioridade.

—Quero ver a minha mãe, disse o marujo num tom de súplica. —E não disponho de tempo...

—Deve saber que estamos em guerra... disse a moça do guichê.

O General Roosevelt, que estava perto e ouvira a observação da moça, aproximou-se e disse:

—Dê-lhe o meu lugar; sigo em outro avião.

Foi saindo; aproximei-me dele, dizendo:

—Ninguem vai acreditar neste fato quando eu o contar... Você tambem está com pressa, não está?

—Estou, sim, confessou ele com seu largo sorriso. —Mas aquí se trata de um posto mais elevado. Eu sou apenas um general; ele é um filho distante!

Por via das dúvidas...

Depois de uma temporada numa estância, um cavalheiro ficou gratamente surpreso ao receber uma delicada carta do fazendeiro. Ao abrir a missiva, não deu muita atenção a uma lauda escrita a máquina que vinha no envelope, e entrou logo a ler a carta escrita de próprio punho, a qual começava assim: «Por deferência ao amigo, escreví a mão, mas, para lhe poupar o esforço em decifrar minha letra, mandei fazer uma cópia a máquina, que vai anexa.»

—*The Christian Science Monitor*

Flagrantes da vida real

Os bancos do pequeno parque da cidadezinha onde nascí estão sempre ocupados pelas mesmas pessoas, que alí «fazem ponto» todos os dias, como que à espera de que aconteça alguma coisa. Uma tarde, um carro aguardava o sinal do tráfego. De repente, o chofer saltou e removeu o estofado; debaixo deste irromperam fogo e fumaça.

Enquanto um guarda civil corria a chamar os bombeiros, um garoto, que brincava alí por perto, tomou ação mais decisiva. Correu a um pequeno chafariz, que ficava próximo, e, enchendo a boca de água, veio soltar as bochechadas sobre o fogo. Quando voltava, para reabastecer-se, uma idéia prática ocorreu aos pacatos cidadãos que ocupavam os bancos. Formaram todos uma «brigada de emergência»; cada um trazia a sua bochechada de água, e, quando os bombeiros chegaram, o fogo já estava extinto.

—Colaboração de G. M. M.

Numa reunião familiar, vários casais jovens discorriam sobre a inflação, queixando-se da carestia da vida e dos orçamentos «apertados».

«Eu, por mim, não quero saber de muito dinheiro,» observou uma das esposas. «Só gostaria que nossas posses nos permitissem viver como estamos vivendo agora.»

—Colaboração de K. L. B.

Em minhas viagens diárias do subúrbio à cidade, meu trem diminuia a velocidade num viaduto de onde se devassavam alguns apartamentos. Através da janela de um deles eu vinha observando, havia quase um mês, uma senhora idosa, que evidentemente convalescia de alguma enfermidade. Tive pena dela, e queria vê-la restabelecida. Um domingo, achando-me por acaso naquelas imediações, cedí a um impulso sentimental. Indaguei do nome da anciã e mandei-lhe um cartão com votos de restabelecimento, assinando apenas: «Um rapaz que passa diariamente de trem.»

Daí a uma semana mais ou menos, a caminho de casa no trem, olhei, como sempre, para a janela. No quarto não havia ninguem; vi apenas o leito cuidadosamente arrumado. No parapeito da janela, porem, iluminado por uma lâmpada de cabeceira, estava um pequeno cartaz com o seguinte dístico escrito a mão: Deus o abençoe.

—Colaboração de H. D. R.

Durante estes últimos anos, tenho mandado sistematicamente toda a minha roupa usada como donativo aos necessitados na Europa, com exceção das peças que a minha arrumadeira e suas crianças possam aproveitar. Não faz muito, porem, ela me disse: «A senhora tem sido muito boa comigo, e

eu queria lhe dar alguma coisa. Uma antiga patroa minha sempre me dá vestidos que ela só usou uma ou duas vezes, e que não servem p'ra mim. A senhora, eu sei, gosta desses vestidos finos; deixe que eu lhe ofereça um...»

Fiquei momentaneamente tão surpresa, que nem pude falar; mas afinal aceitei e agradecí efusivamente a oferta. Foi assim que, pela primeira vez, pude usar vestidos caríssimos feitos por uma famosa modista de Nova York.

—Colaboração de M. S.

EU ESTAVA em fila, na agência postal de uma pequena cidade, e notei que o cavalheiro que me ficava à frente parecia ter certa dificuldade em comprar selos.

—Não, disse ele com firmeza na voz, —só quero dois selos de 20 centavos.

O funcionário olhou para o homem por cima dos óculos e disse:

—E por que não compra só um selo de 40 centavos?

—Não serve, porque tenho de mandar dois cartões, respondeu o outro com impaciência.

—Ah! Então, por que não usa quatro selos de 10 centavos? Terá mais selos pelo mesmo dinheiro...

—Escute aquí: tem ou não selos de 20 centavos?

—Claro que tenho.

—Então não me amole; dê-me dois, e pronto!

—Nunca escreve pelo correio aéreo? perguntou-lhe o funcionário. —Os selos aéreos são tão bonitos! Para apressar a entrega pode pôr-lhe um selo de carta expressa. Não é caro...

O freguês explodiu.

—Fique com os seus selos. Vou comprar em outra agência.

Assim que ele saiu, fulo de raiva, o homem do correio piscou-me um olho:

—Esse daí é o meu barbeiro, explicou. —Quando ele me apanha na cadeira da barbearia, tenta me vender tudo quanto é loção. Agora eu me vinguei!

—Colaboração de C. F.

ERA FATO conhecido, nas granjas do município onde nascí, que certo fazendeiro e sua mulher viviam como gato e cachorro. Por fim, construiu ele uma casinha para si, atrás da cocheira, e para lá se mudou, deixando toda a casa grande à esposa. Um dia eu o estava ajudando a tirar madeira na mata e, à hora do almoço, voltamos para casa. Tudo lá estava limpo e em perfeita ordem; na mesa havia uma torta de frutas e uma bandeja de bolinhos.

«Sara vem cá uma vez por outra, dá uma demão na limpeza, e me traz bolinhos e coisas assim,» disse o homem, compreendendo a interrogação do meu olhar.

«Veja,» continuou ele, «não há homem que possa viver com ela; mas, como vizinha, Sara é notavel!»

—Colaboração de G. Q.

Eis aquí preceitos práticos de natação, formulados por um treinador de campeões

(Condensado de «Liberty»)

Por Blake Clark

SAKAMOTO— *ás da natação*

HÁ ALGUNS anos, o agil e bronzeado Soichi Sakamoto era obscuro mestre-escola na pequenina ilha de Mauí, a 75 milhas de Honolulú. Hoje, é reconhecido como um dos melhores professores de natação de todo o mundo. Nos últimos sete anos, Sakamoto já produziu campeões em número duas vezes maior que qualquer outro treinador.

Desde longa data os havaianos andavam à procura de um jovem nadador que se revelasse digno sucessor de Duke Kahanamoko, mundialmente famoso pelas suas proezas aquáticas em três Olimpíadas. Em 1935, chegou a Honolulú a notícia de que um jovem nipo-americano, em Puunene, na ilha de Mauí, estava obtendo certo êxito no preparo de nadadores. Mas Honolulú só viu Sakamoto e seus alunos em 1937, quando, no campeonato de piscina coberta realizado pela União Atlética Havaiana, sua equipe venceu praticamente todas as provas. Dois meninos, Keo Nakama, de 14 anos de idade, e Halo Hirose, de 13, nenhum dos quais chegava a pesar 55 quilos, tomaram a dianteira aos robustos havaianos da praia de Waikiki, estabelecendo novos recordes locais nas provas de 220 e de 500 jardas.

«Como foi que Sakamoto conseguiu transformar esses meninos em campeões?» indagaram os especialistas. Souberam, com assombro, que ele os havia treinado num estreito e raso canal de irrigação dos canaviais, a mui-

tas milhas de distância do oceano. Todos os dias, ao sair da escola, mais de 120 gurís lançavam-se ao exíguo canal —de pouco mais de um metro de largura—enquanto o técnico corria pela margem, dando-lhes instruções em alta voz. Os joelhos dos meninos muitas vezes raspavam no fundo (o canal tinha menos de um metro de profundidade) e as braçadas frequentemente levantavam um punhado de lama. Às cinco da tarde, quando o volume das águas atingia o máximo, elas vinham amarelas de barro e detritos, mas os discípulos de Sakamoto continuavam a nadar de uma a três horas, todos os dias, estivesse a água límpida ou turva.

Nos quatro anos posteriores às provas de 1937, Sakamoto produziu seis dos nadadores mais velozes do mundo e equipes que venceram quatro campeonatos norte-americanos. Kiyoshi Nakama, que nunca havia saido de sua ilha natal, exceto para tomar parte nas competições de Honolulú, participou de provas em Louisville, Detroit e St. Louis, nos Estados Unidos, sob os auspícios da Amateur Athletic Union, estabelecendo recordes norte-americanos em 16 provas diferentes. Na América do Sul, e na Austrália tambem, ele estabeleceu recordes que ainda não foram superados.

José Balmores, aos 15 anos de idade, conquistou o campeonato norte-americano dos 300 metros, nado livre. Halo Hirose venceu os 100 metros, nado livre. A formosa Fujike Katsutani ganhou o campeonato feminino de nado de peito e Chic Miyamoto, graciosa filha de um trabalhador braçal, sagrou-se campeã norte-americana dos 300 metros, estilo misto.

O triunfo mais espetacular de Sakamoto foi conquistado com Bill Smith, mestiço de sangue havaiano. Bill fora vitimado pela febre tifóide, que o deixara incapacitado de mover os braços ou as pernas. Seu pai, policial de Honolulú, mandou-o a Sakamoto. Nos dois anos em que Bill viveu com a família de Sakamoto, ele quase criou barbatanas...

A 23 de maio de 1941, numa prova em Honolulú, Bill bateu três recordes mundiais: das 880, 900 e mil jardas. A cidade ficou entusiasmada. Na noitada seguinte superou outros três: das 550, 700 e 800 jardas, revelando-se assim o maior nadador mundial de distâncias médias. É ainda detentor de seis recordes mundiais. Como aluno, que é atualmente, da Universidade Estadual de Ohio, Bill venceu, em março último, os campeonatos de 220 e 440 jardas patrocinados pela National Collegiate Athletic Association.

À exceção de Smith, todos os campeões de Sakamoto foram criados com a matéria prima humana de que ele dispunha em Puunene, localidade que conta menos de 5 mil habitantes.

Sakamoto não se especializa, porem, em fazer campeões. «Eu me limito a ensinar essa rapaziada a nadar,» diz ele, «e, depois, a nadar melhor...» Técnico, hoje, da Universidade do Havaí, posta-se à beira da piscina e aí fica desde as seis da manhã até às nove da noite. De caderno em punho, anota os progressos individuais de quase 200 nadadores por dia.

Sakamoto acha que sua própria forma deixa muito a desejar e não permite que seus alunos o vejam nadar, para não viciarem seu próprio estilo. Alguns de seus campeões viram-no na água, pela primeira vez, certo dia do ano passado, mas ele estava vestido! Uma menina de escola, com vergonha de confessar que não sabia nadar, lançara-se à piscina com as colegas, e Sakamoto teve de pescá-la...

Esse perito em assuntos aquáticos opina que o homem é, de natureza, nadador, como os outros animais, e que todas as pessoas com mais de cinco anos de idade podem e devem nadar. O que aparta o homem de seu patrimônio aquático é o horror à água, fruto da civilização. Para dominar o temor, aconselha Sakamoto, devemos dirigir-nos para a parte menos profunda da piscina ou praia, prender o fôlego, e submergir a cabeça na água, mantendo os olhos abertos e olhando em torno. Com poucas imersões, vence-se o temor.

Uma vez dominado o medo, Sakamoto ensinará o aluno a boiar de costas. Manda-o até onde a água lhe chega à cintura; aí, o aluno agacha-se até os ombros submergirem, ergue os braços acima da cabeça e, aos poucos, inclina o corpo para trás até que a água lhe sustente a cabeça. Dá, então, um impulso com os pés. Estes se levantarão e o nadador incipiente estará boiando à deriva.

Tendo adquirido a confiança de que é capaz de boiar de frente ou de costas, o aluno pode nadar, pois a natação nada mais é do que a movimentação dos braços e das pernas para dar impulso à flutuação. É melhor principiar com braçadas indianas (isto é: estendendo-se os braços para frente por cima da superfície da água) e dar seis batidas dos pés para cada ciclo completo do movimento dos dois braços. A confiança, a paciência e a prática se encarregarão do resto.

Quem já sabe nadar pode melhorar a forma, seguindo estes preceitos fundamentais de Sakamoto:

Afrouxar os músculos. Muitos nadadores lutam com a água, contorcendo-se violentamente de lado a lado, erguendo os braços rígidos e retos, impelindo o corpo para a frente aos solavancos. Despendendo a metade da energia, o principiante pode desenvolver maior velocidade se não elevar a cabeça rigidamente acima da água, devendo, pelo contrário, fazer com que o rosto se volte ora para um lado, ora para outro, para poder respirar bem. Convem deixar que os cotovelos se dobrem à medida que os braços são estendidos para cada nova braçada; e permitir, tambem, que os joelhos se flexionem com as batidas ritmadas dos pés.

Tomar posição correta. A melhor posição do corpo é a mais elevada possivel, e não submersa. Em vez de furar a água com a cabeça quase submersa, procure manter a linha da água ao nivel das sobrancelhas.

Respirar adequadamente. Muita gente inspira grandes golfadas de ar e prende a respiração, para depois expelí-la quase na fração de segundo em que tem de inspirar novamente. O ar

deve ser inalado pela boca e expirado pelo nariz, com regularidade e ritmo. É aconselhavel inspirar do lado esquerdo enquanto o braço direito descreve a trajetória pela água; começar a expiração no momento em que o rosto submerge na água; e inspirar do lado direito quando o braço esquerdo mergulhar para a braçada.

Aplicar força no momento oportuno. A parte mais eficiente da braçada tem início quando o braço faz um ângulo de 30 graus com a superfície da água. Continua até aos 45 graus. É durante esse tempo que se deve aplicar a força máxima.

Aperfeiçoar a batida dos pés. O movimento das pernas representa cerca de 40 por cento do impulso do bom nadador. A força deve emanar das coxas e ondular pelos joelhos flexionados até chegar aos artelhos. Os pés mal devem romper a tona da água.

Agora o aluno está em condições de aumentar a velocidade e a distância. Quem puder nadar 100 metros sem cansar, deve resolver-se a aumentar a distância para 200, em pouco tempo. Na primeira semana, deve aumentar o percurso uns quantos metros; na segunda, reduzir o tempo necessário para vencê-lo. Antes que dê pelo fato, a cintura estará mais estreita, o peito mais largo e o corpo inteiro firme.

EMBORA a natação em si não apresente perigos, milhares de pessoas perecem afogadas todos os anos. Sakamoto sugere estas precauções sensatas:

1. Descanse *duas horas* depois de qualquer refeição, antes de entrar na água. Nadar prematuramente depois de um farto almoço poderá provocar caimbra.

2. Não nade sozinho, e sim em companhia de um nadador experimentado. Mesmo assim, evite águas desconhecidas que possam ocultar correntezas traiçoeiras.

3. Não abuse. Desenvolva a resistência gradualmente, através de um período de dias ou mesmo semanas.

4. Em caso de emergência, mantenha a calma. A vítima do pânico fica rígida, pesada, suscetivel de afundar. Sakamoto opina que qualquer bom nadador pode flutuar mais tempo do que poderia caminhar em terra, sem descansar. Mesmo o nadador inexperiente, se boiar e afrouxar os músculos, pode geralmente flutuar até que o venham socorrer. Se emborcar a embarcação em que esteja, não procure nadar para terra; o melhor é segurar-se ao barco até que venha socorro.

5. Arrastado por fortes correntes, não lute contra elas. É erro supor que as correntes arrastem as vítimas ao fundo. Deixe-se levar pela corrente até que ela perca a força; nade então para terra, seguindo rumo diagonal.

A natação, afirma o técnico Sakamoto, é o perfeito moldador de um belo corpo. Exigindo a cada parte do organismo o esforço que lhe compete, dá simetria ao conjunto. Produz músculos desenvolvidos mas não salientes, proporcionando não só um porte gracioso e desenvoltura de movimentos mas, ainda, saude robusta. «Alem disso,» remata Sakamoto, «a natação é um esplêndido divertimento.»

A resposta sempre chega, mas vem muitas vezes da maneira mais inesperada

COMO SÃO ATENDIDAS NOSSAS PRECES

(*Condensado de «The American Magazine»*)

Pelo Reverendo Earl A. Blackman

DISSE-ME um dia um menino, mostrando-me um niquel:

—Veja o que Deus me deu.

—Mas, meu filho, Deus não anda distribuindo dinheiro entre as crianças—retorquí, em tom de reprovação.

—Pois Deus me deu este dinheiro, respondeu-me sério. —Pedí a Ele dez centavos p'ra comprar comida p'ra minha tartaruga e continuei pedindo, pedindo, até que de repente, quando eu estava atravessando o parque, achei esta moeda que Deus pôs lá p'ra mim...

O garoto falava com tanta simplicidade e convicção, que me impressionou.

Todas as pessoas que conheço têm dito que já rezaram uma ou outra vez na vida. Em momentos de angústia ou de perigo, ou ao enfrentarmos algum problema que nos parece insoluvel, recorremos à fonte de nossa existência para renovar nossas forças.

Com a idade, porem, muitos se afastam da oração por não verem resultados imediatos, como o do menino que viu a moeda brilhando na relva. Precisamos, no entanto, aprender a reconhecer a resposta a nossas preces.

Um de meus paroquianos quase enlouqueceu quando os médicos lhe disseram que a esposa, atacada de cancer, estava à morte. Passou a vir a minha casa todas as noites, e juntos rezávamos para que ela se curasse, apesar de sabermos que era caso sem esperança.

A pobre senhora morreu. Perguntei ao marido, mais tarde, se a morte da esposa, a despeito de nossas preces, lhe abalara a fé.

—Ao contrário! respondeu-me. —Fortificou-a. Pensei que não poderia suportar a perda de minha mulher, mas Deus me deu forças para aceitar o inevitavel. Minha oração foi atendida com maior amplitude do que eu esperava.

Afim de que sejam atendidas nossas preces, devemos pedir forças para acharmos, nós próprios, a resposta.

Já me têm perguntado se há, diante

da prece, atitudes mais eficazes que outras. Não me parece que haja. Um de meus amigos mais devotos disse-me que fazia a maior parte de suas orações quando guiava o automovel. Respondí-lhe que, considerando sua imprudência ao guiar, era essa provavelmente a ocasião mais propícia para rezar... Mas ele falava seriamente e disse-me que havia, no ato de guiar um auto, qualquer coisa que lhe fazia brotar, do subconsciente, desejos mal articulados e pecados esquecidos.

Sempre tive o hábito de fazer a maior parte de minhas orações pessoais à noite, já deitado, durante o período entre a vigília e o sono. Alguns aviadores me têm dito que se sentem mais inclinados à oração quando em pleno vôo, equilibrados entre o céu e a terra, e intensamente conscientes de sua própria insignificância. Parece-me que a melhor oportunidade para a prece são as situações capazes de aliviar espíritos preocupados e de afrouxar os músculos tensos.

Se é eficaz falarmos a Deus por meio da oração, é tambem importantíssimo ouví-Lo. Se falarmos o tempo todo, nada poderemos aprender; portanto, os silêncios, penetrados de uma fé singela, são tão necessários quanto as súplicas que recitamos.

Em meus momentos dificeis, depois de rezar às vezes durante longo tempo, nunca deixei de receber ajuda, geralmente sob a forma de uma decisão tomada por mim mesmo. Tal decisão pode ser dolorosa para mim, mas afinal verifico ser a melhor para todos os interessados.

Não é necessário enunciar uma prece. Para muitos de meus amigos, suas emoções inefaveis ou estéticas, sua consciência da beleza, do bem e da esperança, são outras tantas preces. A romancista Pearl Buck e o finado George Washington Carver, famoso químico e educador negro, disseram-me, ambos, que raramente, ou nunca, chegavam a pronunciar suas orações. Entretanto, as orações mudas de ambos sempre foram amplamente atendidas. Donald Douglas, presidente da Douglas Aircraft Company, disse-me que, para ele, rezar é manter certa atitude constante em relação ao mundo em que se vive.

«Uma atitude de expectativa do bem, livre de julgamento pessoal e de crítica,» diz ele. «Deve ser sempre uma atitude amiga, confiante no plano sob o qual vivemos, cheia de gratidão pelos triunfos que nos são concedidos e ao mesmo tempo de calma submissão aos revezes; e repassada do desejo de transformar toda experiência amarga em degrau para atingirmos um estágio mais feliz, e não para cairmos em desânimo ou desespero.

Minha oração favorita é da autoria de São Francisco de Assís:

«Senhor! faz-me instrumento de Tua paz. Permite que eu semeie amor onde existe ódio, fé onde existe dúvida; onde existe desespero, esperança; onde existem trevas, luz; e onde existe tristeza, alegria.

«Ó Divino Mestre, permite que eu não procure tanto ser consolado quanto consolar, ser compreendido quanto compreender, ser amado quanto amar; porque é dando que recebemos, é perdoando que somos perdoados, é morrendo que nascemos para a vida eterna.»

Gosto dessa oração porque põe naquele que reza toda a responsabilidade pelo resultado de sua prece. Quando nos sentimos sós, podemos pedir, pela oração, que nos venham amizades; mas só receberemos amizade quando tambem a dermos. Para mim, essa oração não é apenas prática religiosa, como tambem boa técnica de psiquiatria.

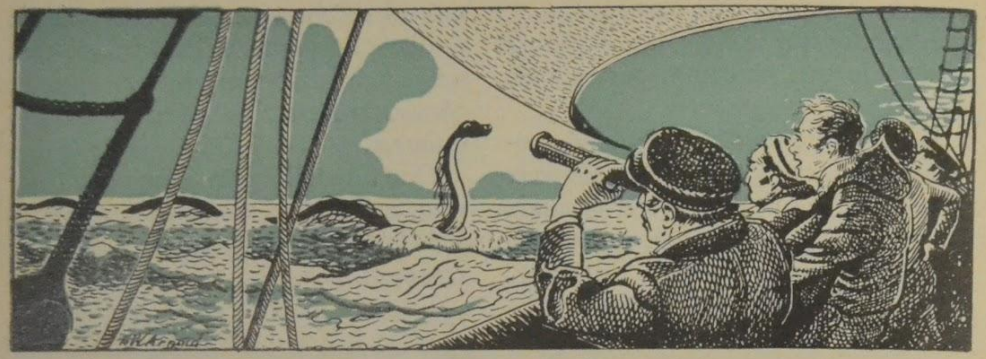
O hábito da oração, uma vez adquirido, torna-se tão natural e essencial à vida quanto o próprio ar que respiramos.

Comparação de preços—russos e americanos

QUANTAS HORAS precisa trabalhar um operário comum na Rússia—comparado com caso semelhante nos Estados Unidos—afim de se prover do necessário à sua manutenção? Em dezembro do ano passado, o governo soviético decretou uma nova tabela de preços para os gêneros de primeira necessidade. Pelo quadro abaixo pode-se notar a diferença aproximada entre esses preços e os então vigentes nos Estados Unidos. A tabela baseia-se em dados fornecidos pelo Bureau de Estatísticas do Trabalho do governo americano, quanto a média de salários nos dois paises.

—Will Lissner, no *New York Times*

Para poder comprar	O russo médio tem que trabalhar		O americano médio tem que trabalhar	
	Horas	Minutos	Horas	Minutos
Pão branco, uma libra	1	10		7,5
Açucar, uma libra	2	34		5,5
Carne, uma libra	5	15		34,5
Manteiga com sal, uma libra	10	42		48,5
Leite, um litro	1	18		10
Sabão de lavar, uma barra	2	10		5
Cigarros, 20	2	4		9
Vestido de algodão	31	51	2	22
Terno de lã para homem	580	15	25	20
Sapatos para homem	104	30	7	15
Meias de senhora	2	54		19,5



Existe a serpente marinha?

(Condensado do livro «The Case for the Sea Serpent»*)

R. T. Gould *Capitão reformado da Real Marinha Britânica*

NADA PODERIA demonstrar convincentemente a existência real da serpente marinha, como a exibição de um exemplar vivo em um jardim zoológico; isso, porem, é improvavel... As melhores descrições de testemunhas oculares, mesmo devidamente autenticadas, seriam só por si insuficientes. Sem embargo, têm-se arquivado muitos depoimentos nesse sentido, e ultimamente os escritores da especialidade hesitam em denegar categoricamente o fenômeno. A *Encyclopædia Britannica* assim remata seu artigo sobre o assunto: «Restam ainda narrativas individuais, aparentemente dignas de crédito, mas ainda não satisfatoriamente explicadas.» Uma autoridade no assunto, E. C. Boulenger, faz notar: «O próprio fato de que as histórias a respeito da serpente marinha são invariavelmente recebidas com zombarias, é prova da sua veracidade; porque só quem esteja firmemente convencido da sua indisputavel honestidade encontra pela frente o escárneo dos incrédulos. A serpente marinha não se pode dar como inexistente, por não ter sido pescada. Seria quase surpreendente que o mar nunca nos apresentasse alguma criatura de grandes dimensões, até hoje desconhecida.»

Em 1753, o venerando Bispo de Bergen publicou sua *História Natural da Noruega*, consagrando toda uma seção à *Soe Orm*—a serpente do mar—que fora avistada com frequência ao largo do litoral norueguês. O bispo foi denunciado na época, mas o fato é que insere certo número de testemunhos reais—declarações, todas elas tomadas sob juramento, de pessoas instruidas.

*Copyright, G. P. Putnam's Sons, New York ($2.50).

Reza por exemplo a do Capitão von Ferry: «No ano de 1746, em fins de agosto, estando nós a uma milha de Molde, ouví um murmúrio entre meus homens, que eram oito; indagando de que se tratava, fui informado de ter sido vista pela proa uma serpente do mar. Quando a vi passar, peguei na espingarda e disparei; o monstro logo mergulhou, deixando a água espessa e vermelha; sendo a distância pequena, talvez o tiro a tenha ferido. A cabeça dessa serpente marinha, erguida mais de meio metro acima da água, parecia a de um cavalo; era de côr acinzentada, com uma boca muito grande e bem preta. Tinha uma crina comprida, que pendia até o mar. Alem da cabeça e do pescoço, avistamos sete ou oito dobras ou curvas do corpo do monstro, bem grossas, e de dobra a dobra havia uma braça de distância. Dois dos marujos que estavam presentes vão declarar, sob juramento, a verdade de todos esses pormenores.»

Antes mesmo dessa data, em 1740, Hans Egede, sacerdote protestante norueguês, publicara a descrição de um monstro marinho que vira, no curso de uma viagem para a Groenlândia em obra missionária. «Tinha um longo focinho, e soprava como uma baleia; apresentava grandes barbatanas, e tinha o corpo coberto de pele dura, rugosa e irregular. Tinha alem disso a forma de uma serpente, e ao mergulhar levantou acima da água uma cauda que, do corpo à ponta, media bem o comprimento do navio.»

A 18 de agosto de 1817, a Linnean Society, de Boston, organizou uma comissão para coligir «provas relativas a um notavel animal denominado serpente marinha, que, segundo consta, foi avistado no porto de Gloucester.» A comissão trabalhou com método e diligência, e os depoimentos, tomados sob juramento, coincidiam bastante, deixando poucas dúvidas quanto ao fato de se haver realmente enxergado um monstro marinho de tipo desconhecido. Os depoimentos (respostas a 25 perguntas, dadas por doze testemunhas, em separado e por escrito) eram completos e claros. As testemunhas eram todas pessoas do lugar e gente de bons costumes.

O «estranho animal marinho» foi observado por muitas pessoas durante períodos que iam de alguns minutos a duas horas, e a distâncias que variavam de alguns metros a uma milha; a toda hora do dia, umas vezes em movimento, outras em repouso. Ao mover-se, o monstro parecia encurvar o lombo em movimentos ondulatórios verticais. Tinha a aparência de uma enorme serpente de côr escura, e seu corpo aparentava um diâmetro pouco inferior a um metro; quanto ao comprimento, os pareceres variavam entre 20 e 35 metros. A cabeça era descrita como semelhante à de uma serpente; mas nem pernas, nem barbatanas, nem crinas, nem guelras foram observadas.

Esse acervo de testemunhos é digno da mais séria consideração. Infelizmente, a própria comissão anulou pelo ridículo os resultados do seu trabalho: um mês depois de ter desaparecido do porto o «estranho animal marinho»,

alguem matou na praia uma pequena cobra preta. A comissão, depois de haver examinado a carcassa do bicho, concluiu assim: «Como estes dois animais se parecem sob tantos aspectos importantes, a Sociedade sente-se autorizada a afirmar que os considera da mesma espécie.» Uma vez que a comissão de estudo afirmava existir uma íntima relação entre a vulgar cobra da terra, e o gigantesco monstro do mar, os cientistas receberam tal relatório com indiferença.

A notícia clássica entre quantas possuimos sobre a serpente marinha, é a de Peter M'Quhae, capitão do navio *Daedalus*, da Marinha britânica, que regressava da Índia à Inglaterra, em outubro de 1848. Diz a notícia: «Descobriu-se que o objeto era uma enorme serpente com a cabeça a mais de um metro acima da superfície do mar. Seu diâmetro teria uns 40 cm atrás da cabeça, que era a de uma cobra; a côr, parda escura, com matizes de um branco amarelado em volta do pescoço. Não tinha barbatanas, mas, sim, uma coisa parecida com uma crina ou um molho de algas pendentes em volta do lombo. Movia-se a talvez 12 milhas por hora, e nunca se aproximou a menos de cem metros. Todos ficamos assombrados, inclusive os marinheiros que contavam 40 anos de serviço, e haviam viajado por quase todos os mares e visto muita maravilha.»

Naturalmente, a notícia inflamou as imaginações. A opinião pública viu-se dividida entre a indiscutivel idoneidade dos depoentes, e a estranheza do que narravam. Nunca, nem antes nem depois, a atenção do mundo se focalizou tão vivamente sobre a questão de saber se a serpente marinha era uma burla, uma alucinação, ou uma realidade. Todas as três teorias encontraram quem as apoiasse; e a segunda (que os observadores se haviam enganado quanto ao que viram) se tornou o veredito contemporâneo.

Desde o caso do navio *Daedalus*, o jornal *Illustrated London News* passou, de bom grado, a dar publicidade a notícias e relatos do mesmo jaez. Entre 1848 e 1877, publicou *dez* notícias dessa ordem, incluindo a que segue: «Em agosto de 1872, achávamo-nos detidos pela calmaria ao largo de Lochourn, na Escócia; o dia estava quente e ensolarado. A criatura apareceu então, mostrando-se em três ou quatro longos trechos fora da água, e, tanto quanto nos foi possivel estimar, pareceu-nos medir pelo menos 20 metros de comprimento. Daí a pouco começou a agitar-se de um lado para o outro, pondo apenas a cabeça e uma pequena parte do corpo fora da água. Avançava com grande rapidez, e podia-se ouvir distintamente a bordo do navio o ruido que o monstro fazia ao cortar as águas. Durante o resto daquele dia tornamos a avistá-lo ocasionalmente. Os que escrevem estas linhas não podem sequer esperar que o público acredite na existência dessa criatura. Não obstante, sentem-se na obrigação de consignar por escrito a memória daquilo que viram com seus próprios olhos.»

Atualmente, as notícias sobre a serpente do mar atraem poucas atenções. Assim, só há pouco ouví referir o incidente que precedeu o torpedeamento do cruzador inglês *Hilary* em maio de 1917. Escreveu o Capitão Dean: «Estava eu sentado no meu camarote, quando soube que se acabava de avistar um objeto pela bochecha de boreste. Em três segundos eu estava na ponte de comando: —Foi um periscópio? Onde está ele?—Não, não é periscópio nenhum, responderam-me. —Parece mais uma coisa viva, mas tambem não é baleia. De começo, o objeto me pareceu um tronco de árvore, com umas protuberâncias nas extremidades. Mas uma inspeção mais minuciosa, através do binóculo, tornou evidente que se tratava de uma coisa viva, e que as protuberâncias eram na realidade a cabeça e a barbatana dorsal do monstro. Estava alí uma bela oportunidade para os exercícios de tiro. Mandei a seus postos as guarnições de artilharia. À medida que nos fomos aproximando, a criatura afastou-se lentamente do nosso caminho, e passamos a uns 30 metros de distância, o que nos permitiu vê-la bem. A cabeça tinha aproximadamente o feitio da de uma vaca, mas muito maior, embora sem chifres nem orelhas; e era preta, exceto entre as narinas, onde apresentava uma faixa de carne esbranquiçada. O comprimento do pescoço não seria inferior a 6 metros, e admitindo que a barbatana dorsal (que se erguia cerca de um metro acima da água) estava situada logo atrás da articulação do pescoço com o tronco, o comprimento total do monstro devia andar por 20 metros. Os primeiros tiros erraram o alvo e o animal ficou indiferente à nossa atividade. A segunda descarga, porem, deu um cheio, provocando uma agitação furiosa na água. Passados talvez três segundos tudo serenou, e deixamos de ver sinais do bicho. Mais tarde disseram-me que o oficial de quarto fizera um apelo veemente para que não se registrasse o incidente no nosso diário de bordo, conforme era de ordem. Durante meus 35 anos de serviço na Marinha eu nunca ouvira falar que o avistar-se uma serpente marinha trouxesse azar. Mas hoje, se o caso voltasse a dar-se, eu não consentiria que fosse consignado no diário.» O *Hilary* foi torpedeado dois dias depois de ter-se visto a serpente marinha!

Aí temos alguns dos casos mais bem autenticados, dentre talvez uns cem relatos que podemos considerar genuinos. Passemos agora em revista os argumentos negativos. Há quem pondere que as notícias referentes à serpente marinha, pelo fato de surgirem somente em certos e determinados anos, indicam ter origem em «alucinações coletivas». Os fatos são porem diversos. Conquanto os melhores testemunhos datem de 1817 e 1819, outros anos foram marcados por casos dessa natureza. Por exemplo, só das águas da Nova Inglaterra nos vem notícia de aparecimentos do monstro em dezessete anos diversos, entre 1751 e 1890. A alucinação coletiva ocorre de fato, especialmente, ao verificar-se um estado de «expectativa ansiosa». Quando as pessoas estão preparadas

para «ver» alguma coisa, facilmente se convencem de que a estão vendo, quando na realidade vêem apenas algo de vagamente parecido... Mas, com a possivel exceção das multidões de Gloucester, não foi isso o que sucedeu nos casos citados. Ouça-se o Cap. M'Quhae, na sua réplica à acusação de se ter iludido: «...um corpo realmente vivo, contemplado friamente e sem paixão. Nego que houvesse qualquer excitação da minha parte, ou a possibilidade de uma ilusão óptica.»

Insiste-se muito, tambem, no argumento de que nunca se encontraram nas praias, nem flutuando à tona d'água, os restos mortais de nenhuma serpente marinha. Mas esse argumento se baseia todo na presunção de que tais monstros flutuariam forçosamente após a morte, e não há nada que prove a justeza de tal presunção.

Finalmente, nenhum dos casos citados pode ser considerado, por pessoas justas, como uma burla intencional. Uma suposição dessa ordem tende mais a dificultar as coisas, do que a explicá-las.

Em meu entender, as provas disponiveis demonstram plenamente a existência de mais de um tipo de animal ainda até hoje não descrito cientificamente. Esperemos que algum dia a sua existência venha a comprovar-se da maneira mais rigorosa, pela captura ou, o que seria não menos digno de aceitação, pela fotografia ou filmagem de algum espécime real. Quem não conhece os fatos em causa, pode considerar de todo liquidado o mito da serpente marinha; e quem os conhece continuará acreditando firmemente o contrário.

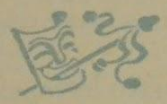
Não resta dúvida que um animal de grande corpulência foi visto, durante mais de um ano, por centenas de testemunhas no Loch Ness, lago interior de 23 milhas de extensão, na Escócia. A 5 de janeiro de 1934, um jovem estudante de veterinária, Arthur Grant, declarou que, estando a passear de motocicleta ao longo do lago, avistara o animal na margem. Em sua descrição, afirma o seguinte: «Tinha o pescoço muito comprido, com uma cabeça de enguia, e olhos grandes, ovais. Vi-lhe nitidamente duas barbatanas dianteiras. Tinha mais duas, que me pareceram estar aderentes ao corpo, mais atrás, e uma cauda que calculei teria metro e meio a dois metros de comprimento. O comprimento total do monstro devia andar por 5 ou 6 metros. Pareceu-me um animal híbrido, qualquer coisa entre o plesiossauro e a foca.»

—Ivan T. Sanderson, «Don't Scoff at Sea Monsters», Saturday Evening Post, 8 de março de 1947.

Se tratarmos certas pessoas durante longo tempo com essa fingida simpatia a que denominamos polidez, será dificil que por fim não venhamos a gostar delas.

—Logan Pearsall Smith, *All Trivia* (Harcourt, Brace)

Uma compilação de anedotas



Rir é o melhor remédio

No sul dos Estados Unidos, um turista foi apresentado a um índio que tinha fama de possuir memória excepcional. Incrédulo, o turista perguntou:

—Que foi que o senhor comeu no almoço, em 4 de outubro de 1913?

O índio, sem vacilar, respondeu:

—Ovos.

—Isso não é vantagem, concluiu o viajante. —Quase todo o mundo come ovos no almoço. Este homem é um farsante.

Oito anos depois, esse viajante parou na mesma cidade e viu o mesmo índio na plataforma da estação. Admirado, o turista exclamou:

—Como!?

O índio replicou, sem hesitação:

—Fritos.

—Leonard Lyons

Dando baixa da Armada depois de 30 anos de serviços, um marinheiro comprou um grande bar, cheio de bebidas; aferrolhou-lhe as portas e pôs-se a remodelar o estabelecimento. Depois de um mês mais ou menos, os moradores da vizinhaça começaram a bater à porta: «Como é? Quando vai abrir isto?»

«Abrir?» rosnou lá dentro o lobo do mar. «Nunca! Eu comprei este bar pra mim, pra uso interno!»

—Citado por Irving Hoffman, King Features

O pai da pequena falou com severidade: «Jovem,» disse, fitando o rapaz, «você acha que é direito isto de levar a minha filha a dançar em clubes todas as noites?»

«De modo algum!» respondeu o moço, acrescentando como num apelo: «O dificil é convencê-la do contrário.»

—*The Lighthouse*

A dona da casa, que acabava de verificar as referências da nova empregada: «Acha que se sentirá satisfeita e ficará definitivamente aquí?» perguntou, devolvendo-lhe as cartas e atestados. «Pelo visto você não costuma demorar nos empregos...»

«Fico, sim senhora, definitivamente,» afirmou a moça. E logo explicou: «Não foi por minha vontade que deixei os outros empregos...»

—*Tit-Bits*

Dois atores decadentes comentavam quão dificil era tomar pé no mundo do cinema: «Há cinco anos que não me dão nem uma pontinha numa fita,» murmurou lamuriante um deles.

«Cinco anos só?» inquiriu o outro. «Pois eu não pego um bico desde que começou o cinema falado.»

«Não me diga!» exclamou o colega. «Isso é uma vida de cão!»

«É mesmo!» confirmou o amigo.

pesaroso. «Quem me dera achar um jeito de abandonar esta maldita profissão!»

—Jack Lait, Jr., McClure Newspaper Syndicate

CERTA família, que sofrera prejuízos materiais durante um furacão que açoitara o lugar, enviou o filho menor a passar uns tempos com a tia, até que encontrassem outra casa. Três dias depois veio o seguinte telegrama:

DEVOLVO JIMMY. MANDE FURACÃO.

—John Marvin Rast, em *Today's Woman*

UM CAVALHEIRO andava ansioso de um lado para o outro, no salão de espera de u'a maternidade, em Londres, quando finalmente entra uma enfermeira: «Parabens!» disse ela. «O senhor é pai de um trio—três lindas meninas!» informou com alegria. «Agora, escolha uma, a que o senhor deseja criar...»

«Uma!» fez o homem tomado de surpresa. «Por que uma? Não podemos então criar as três?»

«Segundo o último regulamento do governo,» explicou a enfermeira, «o senhor só tem direito a uma; as outras são para exportação!»

—Larry Lesueur, citado por Leonard Lyons

UM SUJEITO levou seu cão ensinado a um conhecido empresário para uma demonstração. O cachorro, bem treinado, desandou a falar, contou piadas, cantou, discutiu política, etc., etc. Finalmente, indiferente e bocejante, o empresário inquiriu: «Então, que há de extraordinário nesse número?» E o cão, apontando para o dono, com a patinha, logo respondeu: «É que ele sabe latir...»

—Louis Sobol, King Features

SHEILA BARRETT, famosa imitadora, divertiu os convidados numa festa. De súbito, tornou-se lírica e cantou magnificamente bem um lindo trecho de ópera. Surpresa, a dona da casa comentou: «Sim senhora! Não sabia que cantava tão bem!»

«Não canto nada,» replicou Miss Barrett. «Estava apenas imitando Lily Pons.»

—Theodore Rubin, em *The Woman*

Crônica de Washington

NO TESOURO dos Estados Unidos contam a história de uma bela garota que se apresentou procurando emprego.

—Quais são as suas aptidões? perguntou-lhe o encarregado da seção respectiva.

—Bem, disse a jovem. —Eu sempre gostei de lidar com dinheiro...

—Joseph Young, no *Evening Star*, de Washington

NO MANUAL DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO DOS ESTADOS UNIDOS lê-se esta frase reveladora: «Com a morte do serventuário, cessa automaticamente o seu emprego.»

—Jerry Kluttz, no *Post*, de Washington

De que maneira este Diretor de Saude Pública conseguiu estabelecer recordes que são exemplos para o mundo inteiro

Um lider na luta contra a morte

(*Condensado de «The American Mercury»*) Por Paul de Kruif

NO ANO passado, uma explosão demoliu um edifício de Chicago, e os bombeiros receberam ordem de retirar-se. Entre os escombros, porem, ficara meio sepulto e seriamente contuso um homem, que gemia de dor. O dr. Herman D. Bundesen, Diretor da Saude Pública de Chicago, que assistia à cena, meteu-se corajosamente por entre o entulho, em direção ao ferido, enquanto o andar superior começava a ruir lentamente. O chefe dos bombeiros gritou-lhe: «O senhor aí! Não pode entrar, não!» Mas Bundesen não lhe deu ouvidos. Levava cobertores e morfina para o ferido.

Nada disso, porem, é novidade para Bundesen, sempre pronto a arriscar a vida quando há um desastre; tal é a razão por que o exército de médicos e agentes de sanidade que trabalham sob as suas ordens, todos bem adestrados no seu mister, dão provas de enorme devoção. Esse destemido inimigo da morte tem hoje 66 anos e o cabelo todo grisalho; mas sua compleição física e sua energia são bem as de um jovem campeão de pugilismo na melhor forma. Dotado de mais resistência do que os mais jovens, ele não dá descanso ao departamento que dirige, forçando-o a tomar a dianteira em todas as técnicas novas no terreno da saude pública, as quais fizeram de Chicago a vanguardeira na luta mundial contra a morte desnecessária.

Chicago se notabiliza pelo fato de

que, sendo uma cidade de 3.500.000 almas, sofreu apenas, no ano passado, três mortes por difteria; alí as infecções mortais transmitidas pelo leite são praticamente inexistentes; a sífilis contagiosa está sendo vencida com extraordinário êxito; o índice de mortalidade dos recem-nascidos é o mais baixo das grandes cidades do mundo.

Em Chicago (onde a política adota processos rudes) o dr. Bundesen, à exceção de um breve interregno, ocupa há 26 anos o posto de Diretor da Saude Pública, tendo servido sob a jurisdição de cinco prefeitos de côr política variada. E desde os banqueiros aos choferes de taxi, não há em Chicago quem não o conheça.

Quando, em 1922, Herman Bundesen iniciou a campanha que, ao tempo, mais parecia o duelo de um pigmeu contra a morte, as condições sanitárias de Chicago eram verdadeiramente desesperadas—em grande parte devido às ligações entre os políticos e o mundo do crime. Dificilmente, mesmo, os políticos o teriam nomeado Diretor da Saude Pública, se houvessem podido adivinhar nele a rija fibra de que é feito. Aos 8 anos, gurí de cabelo emaranhado e rebelde, escapulia-se do Asilo de Órfãos de Chicago, descendo por um cano de algeroz; garoto das ruas—tendo por camaradas diletos dois rapazes que, anos depois, seriam condenados a prisão perpétua por homicídio—ganhou a vida vendendo jornais de rua em rua e como empregado de tavernas mal frequentadas.

Um dia arremessou uma bola de neve ao chapéu alto do bispo Cheney, da Igreja Episcopal Reformada. Em vez de o descompor, o bispo o felicitou pela sua pontaria, e o convidou a aparecer nas aulas de catecismo. O menino compareceu, realmente, julgando que poderia furtar alguma coisa dos capotes pendurados no vestiário... Entretanto a cordialidade das pessoas que alí encontrou fez que se alterasse radicalmente a sua atitude em relação à sociedade. Nasceu nele a firme decisão de se fazer médico e consagrar a vida aos doentes e moribundos.

Terminado o curso secundário, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Northwestern University. Enquanto estudante, enchia de vez em quando o estômago, gratuitamente, oferecendo-se como voluntário para as experiências sobre substâncias preservadoras de alimentos, as quais, por sinal, o poderiam ter envenenado. Tinha o direito de morar num quarto exíguo, sem janela, em troca do trabalho que fazia como servente do Wesley Hospital. Contemplando os cadáveres no necrotério, aprendeu a odiar as moléstias mortais ainda incuraveis.

Depois de haver colado grau, passou três anos no serviço médico do exército, e depois regressou a Chicago para trabalhar como epidemiologista no serviço municipal de saude pública. Suas arremetidas contra a febre tifóide reduziram drasticamente o índice de mortalidade de Chicago, e conquistaram-lhe a nomeação para o cargo de Diretor da Saude Pública da cidade, quando da aposentadoria do seu antecessor.

Tendo assumido esse cargo, sua primeira campanha foi contra as conivências políticas, à sombra das quais o leite consumido na cidade era um veículo de morte, cheio de bacilos de tuberculose bovina. A praga infectara as glândulas, corroera os ossos e vergara a espinha dorsal de milhares de crianças de Chicago. Na zona rural de onde provinha a maior parte do leite consumido na cidade, 87 por cento das vacas leiteiras estavam contaminadas; e nem um só dos 245 postos de pasteurização do leite estava funcionando, ao tempo, em condições de aniquilar os bacilos de Koch.

As tentativas do governo federal, no sentido de extirpar a tuberculose vacum, obrigando a abater todo o gado doente mediante pagamento de indenização aos respectivos proprietários, haviam sido frustradas até então por uma lei estadual que proibia aos delegados da Saude Pública aplicar os exames da tuberculose às manadas leiteiras. Bundesen convocou os donos de leiterias, os produtores de leite, e os políticos profissionais. Explicou-lhes que a pasteurização não estava oferecendo garantias quanto à desinfecção do leite, e deu-lhes o prazo de um ano e meio para procederem à «limpeza» das manadas; terminando esse período, ficaria proibida em Chicago a entrada de leite de vacas não submetidas a exame.

A maior parte dos produtores de leite se prontificaram a cooperar nessa obra, e não tardou que o número de reses abatidas atingisse a espantosa cifra de 400 mil. Mas alguns dos políticos e produtores mais renitentes decidiram tentar sobrepujar o higienista, invocando contra ele a lei estadual que proibia a aplicação de tais exames.

O intrépido Bom Samaritano de Chicago chamou os repórteres e narrou-lhes o caso do seu próprio filhinho, atacado de tuberculose óssea, como milhares de outros. E acrescentou com veemência: «Doravante, eu vou providenciar para que todo o leite consumido pelos meus seis filhos e por todas as outras crianças de Chicago, seja puro e salubre, ainda que para isso eu acabe na cadeia!»

A repercussão foi tremenda. No dia seguinte ao limite do prazo marcado, não entrou mais em Chicago nem uma só gota de leite de vacas não examinadas. Os políticos compreenderam que meter Bundesen na prisão era fazer dele um martir. Nesse ano, ou seja, 1926, a tuberculose óssea entrou em declínio em Chicago, e hoje é alí uma simples curiosidade médica.

Nesse mesmo ano todos os 245 postos de pasteurização entraram a funcionar como células eficazes de destruição dos micróbios. Assim, a par da tuberculose, foram sendo aniquilados os estreptococos e outros agentes de morte de que o leite era veículo. Com isso, o índice da mortalidade infantil em Chicago teve uma queda sensacional.

Em 1927, o prefeito Thompson demitiu Bundesen, porque este se recusara a inserir folhetos de propaganda política entre as informações sobre higiene infantil que ele remetia a todas as mães de Chicago. Indignado, o jor-

nal *Daily News* concedeu a Bundesen o prêmio de mil dólares, reservado ao cidadão de maior mérito da cidade. Candidatou-se ele então ao posto de médico-legista, e viu-se eleito por uma maioria superior a um milhão—a mais alta até hoje registrada na história da comarca. Em 1931, sendo prefeito Anton Cermak, Bundesen reassumiu as suas antigas funções.

Bundesen isentara de perigos o leite de vaca destinado à infância; mas verificava agora que, entre os bebês amamentados ao seio das mães, o índice de mortalidade era muito inferior ao dos bebês artificialmente alimentados. No entanto, de cada cinco mães, só uma, em Chicago, amamentava o filho. Qual a razão? Era muito simples: os fabricantes de alimentos para bebês mandavam os seus agentes de porta em porta, para convencerem as mães a adotarem esses produtos, alegando que elas assim teriam mais «liberdade». Esses agentes obtinham os nomes dessas mães, consultando as listas de nascimentos diariamente publicadas na imprensa. Bundesen acabou com essa atividade, persuadindo o conselho municipal a aprovar uma postura (que aliás talvez não fosse muito constitucional...) proibindo a divulgação das listas de nascimentos.

Em vão quatro dessas poderosas firmas ofereceram a Bundesen uma «remuneração» de meio dolar para cada nome de recem-nascido—e em Chicago nasciam 50 mil bebês por ano! As casas particulares que, até então, recebiam a visita dos agentes de propaganda, passaram a ser procuradas por enfermeiras do Departamento de Saude, que davam às mães as necessárias instruções sobre a melhor maneira de amamentarem seus filhos. Dentro de poucos anos, de cada dez mães, nove alimentavam ao peito os seus bebês; e o índice da mortalidade infantil caiu a menos de 50 por mil das crianças nascidas com vida, muito abaixo do de qualquer outra grande cidade.

Durante três anos o altivo recorde se manteve nesse nivel. Os maiores higienistas felicitavam Bundesen por haver atingido o «mínimo irredutivel» de mortalidade infantil. «Mas então quem é que está matando as criancinhas que ainda morrem?» perguntou ele. E prosseguiu o trabalho de pesquisa: morriam mais da metade de todos os bebês prematuramente nascidos. «Que é que os está matando?» continuava Bundesen. «Eu não sei! Mas, como sei que não sei, o melhor que tenho a fazer é descobrir quem é que sabe; caso contrário, terei de me considerar *eu próprio* o assassino!»

No Lying-In Hospital de Chicago, encontrava-se, embora escassa, alguma documentação sobre as autópsias de recem-nascidos, da qual parecia poder concluir-se que esses óbitos eram devidos, talvez, a falhas de obstetrícia. Bundesen foi em pessoa avistar-se com centenas de mães enlutadas, às quais dizia: «Não sabemos por que o seu filhinho morreu, mas a autópsia pode revelar-nos a causa. Sabendo a causa, poderemos talvez evitar a morte de seu próximo bebê, e salvar milhares de outros. Ajudando a ciência a encontrar a razão pela qual o seu filho não

vingou, a senhora lhe erguerá um monumento perene.»

Bundesen pagou do seu próprio bolso, às mães pobres que cooperaram nessa obra, as sepulturas e os monumentos funerários para os seus pequenos mortos.

Em meados da década posterior a 1930, as autópsias atingiram o número sem precedentes de 80 por cento dos natimortos. Em cada dez, verificou-se que sete haviam morrido de causas diferentes das indicadas nas certidões de óbito—sendo a mais comum a hemorragia cerebral, devida quase sempre à manipulação incompetente de partos que podiam ter corrido normalmente. A má obstetrícia era o grande infanticida.

Bundesen organizou então um Comitê de Auxílio às Mães, constituido pelos mais eminentes obstetras e ginecologistas de Chicago. Logo que o óbito de um recem-nascido era comunicado ao gabinete de Bundesen, os peritos do Departamento de Saude coligiam todos os dados a respeito, e os depunham perante os representantes da comissão. Se o exame a que estes procediam indicava tratar-se de uma morte evitavel, esta era atribuida ao médico ou ao hospital em causa, aos quais se aconselhava com firmeza que, de futuro, diante de um parto dificil, consultassem especialistas competentes.

Os resultados dessas medidas foram notaveis. Em 1940 a mortalidade infantil em Chicago já era inferior a 30 por mil crianças nascidas vivas. Em 1922, tinham morrido 4.500 recem-nascidos; 1.500 somente morriam agora, embora o número dos nascimentos houvesse aumentado muito. Os melhores cuidados obstétricos salvavam não só os bebês como tambem as parturientes, e o índice de mortalidade destas, em Chicago, desceu para metade do índice relativo ao conjunto da nação.

Bundesen pôs a mesma veemência, que lhe é própria, no combate à sífilis em Chicago. Certa vez, há mais de vinte anos, ele ousou mandar fechar um famoso prostíbulo pertencente a Al Capone. Passado algum tempo, um capanga abordou Bundesen, apontou-lhe o revolver, e puxou o gatilho: mas a arma encravou-se! Bundesen comentou: «Foi essa a última vez que me assustei. Parece que a minha hora ainda não chegou.»

Em 1942, já com 60 anos, Bundesen iniciou a mais intrépida das campanhas anti-sifilíticas. Inspirado pelo dr. O. C. Wenger, do Serviço Federal de Saude Pública dos Estados Unidos, montou e abriu em Chicago o Centro de Tratamento Intensivo. Para romper a cadeia de contágio da sífilis, carecia-se de um método mais rápido do que o «clássico» tratamento, que durava um ano e meio, e era tão penoso para os pacientes, que três quartas partes destes desistiam dele antes de estarem curados.

Bundesen recrutou uma turma de médicos jovens, para os quais obteve conselho e ajuda de especialistas de primeira classe. Dirigidos pelo coronel Theodore J. Bauer, do referido Serviço Federal, realizaram rápidos progressos, verificando que a febre arti-

ficial reforçava o poder do arsênico e do bismuto, permitindo intensificar a eficácia do tratamento; constataram, de modo semelhante, que a febre reforçava a ação anti-sifilítica da penicilina, permitindo um tratamento ainda mais eficaz. Nesse caso, parecia indicado um verdadeiro golpe de mestre, que disparasse a um tempo todas as baterias.

Os resultados dessa campanha podem vir a fazer época nos anais da medicina. Todos os métodos anteriores, suficientemente seguros para serem práticos, têm-se revelado impotentes para combater a sífilis contagiosa em 20 a 30 por cento dos casos. O novo cânone anti-sifilítico—febre-arsênico-bismuto-penicilina—ajudou a derrubar essa barreira, obrigando o índice dos tratamentos mal-sucedidos a cair para 13 por cento em uma série de 139 doentes. E, alem de gratuito, o tratamento não dura mais de 30 horas.

Afirma Bundesen que esses resultados não andam longe de liquidar por completo a sífilis contagiosa. Enquanto que, antes, 75 por cento dos doentes suspendiam o tratamento quando ainda se achavam em fase infecciosa, hoje, mais de 98 por cento deles recebem tratamento completo e rápido, mais poderoso do que o sistema que exigia um ano e meio.

Quando, em 1938 e 1939, Bundesen desdobrou sobre Chicago a sua sensacional rede de exames de sangue, a proporção de sifilíticos na população da cidade era de cerca de 7 pessoas por mil. Invertendo a curva ascendente característica de muitas cidades grandes, a proporção de Chicago, em 1947, caía para 3,9 somente.

Em 1943 o Departamento de Saude Pública de Chicago viu-se reduzido pela saida de pessoal para as forças armadas; a difteria aumentou seriamente; verificaram-se 386 casos, e morreram 53 crianças, só nesse ano. Durante uma semana de calvário, dirigido pelo próprio Bundesen, (que bufava de raiva, e tocou mais campainhas de porta do que outro qualquer) o pessoal do Departamento, inclusive estenógrafas e arrumadeiras, invadiu todas as casas, apartamentos e pocilgas da cidade, descobrindo 140 mil crianças que não haviam sido imunizadas contra a difteria. Em resultado dessa campanha em prol da imunização, o índice de difteria em Chicago começou a decrescer, em contraste com um índice nacional crescente, tendo caido para 26 casos e três óbitos em 1947.

A vitalidade que Bundesen injeta em cruzadas desse gênero provem toda de seu sentimento de solidariedade humana. Entra, por exemplo, no seu gabinete uma mulher lavada em lágrimas: sofre de sífilis refratária ao tratamento. Já lhe morreu um bebê, apesar do tratamento pré-natal. Novamente grávida, ela recusa-se agora a consentir que lhe apliquem a nova e mais drástica terapêutica. O Diretor explica-lhe, em palavras simples, a magia desse tratamento. No fim, dá-lhe de presente 5 dólares e uma caixa de bombons, e remete-a para o hospital no seu próprio automovel. Desta vez, o seu bebê terá 98 por cento de probabilidades de nascer são.

A magnanimidade é a quinta-essência do seu carater. Para ele, o que importa é o esforço supremo contra o derradeiro caso mortal que ameaça o mais ínfimo de seus semelhantes. Os seus colaboradores dizem-lhe: «Mas, doutor, nós não podemos *extirpar* essas doenças! Está provado que...»

«De acordo. Mas se a gente teimar, talvez que este ano nem sequer se cheguem a registrar essas três mortes por difteria que tivemos no ano passado,» responde Bundesen, o homem que odeia a morte.

Ovo de Colombo

Nos DIAS em que «qualquer coisa para conseguir uma fotografia» era aceito como boa ética entre os jornais de Chicago, uma jovem de passado duvidoso moveu ação de divórcio contra conhecido milionário dessa grande cidade americana. Ao verificar que nenhuma fotografia da referida senhora fora estampada na primeira edição do *American*, o falecido Foster Coates, brilhante jornalista da organização Hearst, mostrou espanto.

—Nosso melhor reporter está tentando, foi a resposta. —Até agora não conseguiu nada.

—Encarregue outros repórteres, disse Coates.

As horas foram passando e nada de fotografia. Coates continuou a insistir.

—Já tentaram os empregados?

—Oferecemos-lhes bastante dinheiro.

—Não quero saber de nada que não seja da minha conta, mas já mandaram...

—Um «funcionário» da companhia telefônica já percorreu a casa.

—E os fotógrafos da cidade?

—Se ela já tirou algum retrato em Chicago, nenhum fotógrafo quer confessá-lo por 100 dólares.

—Hum! Bem, vamos tentar mais uma coisa. Quem é esse rapaz que acaba de entrar na redação?

—Um garoto que acabamos de empregar. Está aprendendo o ofício. Apenas um «foca».

Foster Coates fez sinal para que o rapaz se aproximasse. «Você quer fazer-me o favor de tentar conseguir um retrato da sra. Maysie de Smythe? Este é o endereço.»

No espaço de uma hora, o «foca» estava de volta com um excelente retrato e ficou atônito com a algazarra que o fato provocou. Começou a dizer algo. «Espere um momento,» interrompeu Coates, «quero que a redação inteira o ouça.»

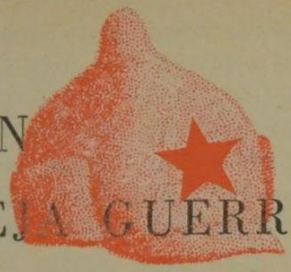
Reunido o pessoal, Coates disse:

—Agora, sr. Jones, o senhor quer contar a estes senhores como conseguiu o retrato? Alguns deles tentaram vários métodos sem êxito.

—Mas... respondeu espantado o «foca», —só fiz ir à casa dessa senhora, tocar a campainha e pedir-lhe o retrato. E ela me deu o que acabo de entregar ao senhor.

—Marc A. Rose

O KREMLIN NÃO DESEJA GUERRA AGORA



(Condensado de «The New York Times Magazine»)

Por Drew Middleton

Chefe do Escritório de «The New York Times» em Moscou, em 1946 e 1947

CONTEMPLANDO as altas chaminés da usina de aço Outubro Vermelho, que dominavam a destroçada cidade de Stalingrado, um coronel russo observou: «Está vendo? Já reconstruimos isso, nestes dois anos terriveis. Com tempo, não há nada que o poderio soviético não consiga fazer.»

Na França, outro oficial soviético, olhando boquiaberto um contínuo desfile da força aérea norte-americana, a caminho da Alemanha em missão de bombardeio, exclamara: «E vocês estão sustentando uma guerra no Pacífico, tambem?»

Essas duas observações encerram o núcleo das duas razões fundamentais pelas quais a Rússia não quer guerra: a confiança, por infundada que seja, no futuro poderio da União Soviética, e a consciência, por parte dos que conhecem as fontes do moderno potencial bélico, da fraqueza da Rússia com relação aos Estados Unidos. A União Soviética poderá cometer o erro de lançar-se à guerra. Seu governo poderá comprometer-se irrevogavelmente num conflito, pelo zelo excessivo ou desatino de um de seus Estados satélites. Mas estou firmemente convencido de que a União Soviética não quer recorrer à guerra, pelo menos agora.

Encara, contudo, a guerra como instrumento da política nacional e prepara-se para um conflito no futuro. Enquanto dure o atual regime russo, não existe, entretanto, certeza de que a União Soviética venha a atingir o poderio que lhe permita aventurar-se a um conflito armado com os Estados Unidos. O futuro, inclusive a guerra, está nas mãos do povo norte-americano. Se este quiser conjurar a guerra, precisa tão somente manter-se forte: bastante forte, sob o aspecto militar, para convencer os maiorais soviéticos da inutilidade da guerra; bastante forte, sob o aspecto político, para refrear os estrategistas amadores, que apregoam uma «guerra preventiva.»

Conquanto a União Soviética não queira guerra imediata, não haverá esmorecimento no tom belicoso de sua propaganda. Existe uma sólida tradição militar na Rússia; ela sempre teve um grande exército. Em nenhuma outra parte faz-se tanto panegírico da guerra, e tanto se enaltece perante o

povo a doçura e a honra de morrer pela pátria. Mas isso não nos deve desviar a atenção dos fatos concretos que atualmente obrigam o governo da União Soviética a postergar a guerra.

Os grupos influentes da Rússia—as altas esferas do governo, o Partido Comunista e os milhões de jovens que dirigem o país, administrando-lhe a economia—estão certos de que o futuro lhes pertence. Vêem os quase ilimitados recursos materiais da Rússia e de seus satélites, suas enormes reservas humanas e seu regime autoritário, empenhado somente em fazer da União Soviética a nação mais poderosa do globo. Acreditam, portanto, que a Rússia alcançará a liderança mundial que coube à Grã-Bretanha há um século, e hoje cabe aos Estados Unidos.

A indústria soviética apresenta graves deficiências, mas tem um ponto forte: a energia e confiança de seus chefes, técnicos e superintendentes. Sob qualquer outro regime, esses atributos, se lhes fosse dado expandir-se, poderiam, com o decorrer do tempo, concretizar os sonhos de uma nação. Sob o comunismo, entretanto, estes se desvanecerão. Creio que as restrições impostas pelo regime soviético acabarão por sufocar o impulso criador de um grande povo, tanto no setor econômico como no cultural, e que o cruel barbarismo do estado policial, visando tanto o espírito como o corpo de seus súditos, acabará destruindo o moral da nação.

Deve-se ter presente que Stáline e o Bureau Político acreditam que o tempo é seu aliado. Leia-se a obra *Os Problemas do Leninismo*, da autoria de Stáline, e ver-se-á como ele encara o mundo: o Estado soviético conquistando triunfos cada vez maiores, a ideologia comunista avassalando continente após continente, o capitalismo e o socialismo—em moldes britânicos—caindo, trôpegos, no olvido. Stáline apercebe-se do potencial da União Soviética, embora seja evidente que ele não se capacita do espaço de tempo necessário para consumar-se a revolução industrial.

Chegamos, assim, à segunda razão fundamental pela qual os russos não querem guerra agora: a debilidade da União Soviética em relação aos Estados Unidos. Não pode haver cotejo entre a Rússia e os Estados Unidos, no setor da economia industrial, base de toda guerra. A União Soviética já percorreu a metade ou, talvez, a terça parte do caminho que a separa da industrialização. Há abundantes indícios da atual ineficiência da indústria soviética. Acentuarei apenas um fato de precípua importância: a União Soviética produzirá, este ano, segundo os cálculos mais otimistas, de 17 a 20 milhões de toneladas de aço.*

Em 1946, Stáline declarou que decorreriam seis ou oito anos antes que as regiões industriais, ocupadas pelos alemães, pudessem ser restauradas ao índice de produção de 1940. Tendo feito três demoradas visitas às citadas regiões, estou certo de que ele subestimou a gravidade da situação. Talvez, como todo ditador, ele receba infor-

*Em 1947, a indústria siderúrgica norte-americana produziu 84.750.000 toneladas de aço em lingote.

mações errôneas, porque seus subalternos receiam revelar-lhe a verdade.

Vejamos outro aspecto da debilidade soviética. A União Soviética sofreu quase 15 milhões de baixas na segunda guerra mundial. Nessa cifra impressionante estão incluidas centenas de milhares de jovens técnicos e mecânicos de que todo país precisa, se pretende fomentar a produção industrial. Os que sobreviveram, ou que foram treinados depois da guerra, constituem uma minoria assoberbada de serviço, que se esforça simultaneamente por aumentar a produção e ensinar a técnica aos obtusos camponeses hoje compelidos ao trabalho industrial.

Diante dessas deficiências, o Bureau Político tem-se contentado com mover guerra por meios políticos: solapando o vigor de Estados antigos e famosos, até chegar o momento de derribar-lhes o governo com minorias armadas, abolindo as garantias parlamentares e individuais e incorporando esses Estados ao crescente império soviético.

As deficiências revelam, ainda, por que, no caso da Grécia, os russos não triunfaram. Os britânicos mantinham uma guarnição na Grécia. Era, e ainda é, uma guarnição pequena, mas, enquanto lá se achava, barrava as ambições soviéticas.

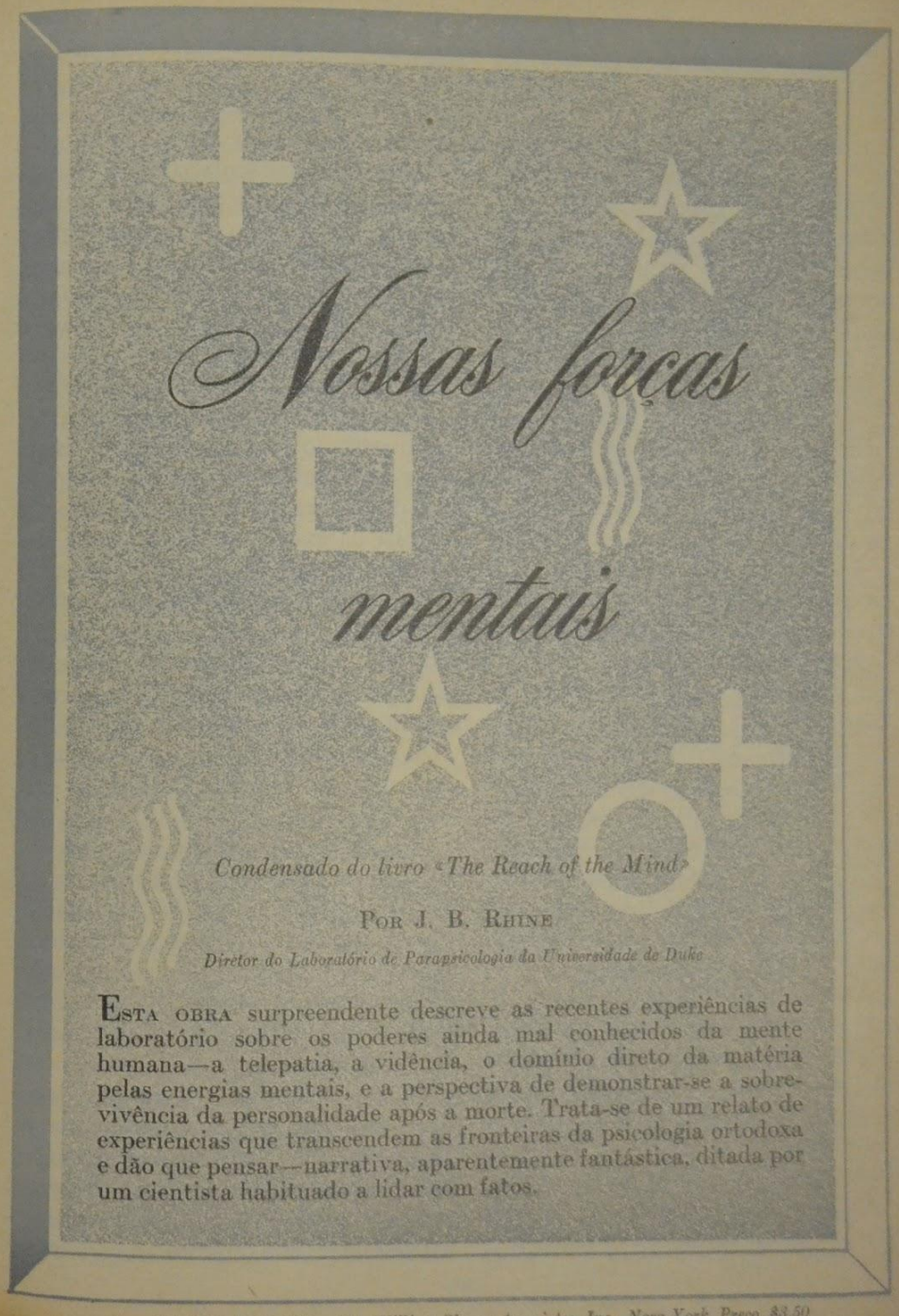
Isso porque os russos não estavam dispostos a provocar um conflito com o país que era o mais íntimo amigo dos Estados Unidos no plano internacional. Ademais, em hipótese alguma se arriscariam a um choque com forças armadas norte-americanas. Tenha-se presente, ainda, que a Grécia se reveste da maior importância política e estratégica, para a Rússia. Teria sido facil o triunfo do comunismo na Grécia, não fosse a presença de um punhado de tropas do Ocidente. Na Grécia —bem como em outros paises—os Estados Unidos se viram constrangidos a apoiar um governo minado de corrupção e inépcia e um povo tão aflito que teria acolhido, sem hesitar, qualquer alternativa que se lhe oferecesse.

A lição da Grécia ensina-nos que, se os Estados Unidos forem bastante fortes e aceitarem as responsabilidades e a disciplina em que implica o poderio militar internacional, a ofensiva política russa pode ser sustada em outros pontos. E, se os Estados Unidos se fizerem bastante fortes, poderão conjurar a guerra.

Compete ao povo norte-americano demonstrar aos russos que a guerra, fosse quando fosse, seria inutil. Isso é de inteira justiça, pois foi o povo dos Estados Unidos que, pondo em prática a mais precipitada desmobilização militar que a História registra, permitiu aos russos praticarem, impunes, seus abusos na Europa.

PERGUNTANDO alguem a Henry Ford que fator o havia ajudado a vencer seu maior obstáculo, respondeu o industrial: «O obstáculo anterior.»

—*The Northlander*



Condensado do livro «The Reach of the Mind»

POR J. B. RHINE

Diretor do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke

ESTA OBRA surpreendente descreve as recentes experiências de laboratório sobre os poderes ainda mal conhecidos da mente humana—a telepatia, a vidência, o domínio direto da matéria pelas energias mentais, e a perspectiva de demonstrar-se a sobrevivência da personalidade após a morte. Trata-se de um relato de experiências que transcendem as fronteiras da psicologia ortodoxa e dão que pensar—narrativa, aparentemente fantástica, ditada por um cientista habituado a lidar com fatos.

Copyright 1947, J. B. Rhine. Ed.: William Sloane Associates, Inc., Nova York. Preço, $3.50

Nossas forças mentais

Quem somos nós, o leitor e eu? Ninguem sabe. Dispomos hoje de uma grande soma de conhecimentos científicos a respeito do homem, mas a sua natureza essencial, aquilo que o leva a agir como age—é ainda um profundo mistério. A ciência não explica o que seja na realidade a mente humana. Ninguem sequer presume saber como se produz a consciência. A que ordem de fenômenos naturais pertence o pensamento ? Não temos a respeito nem mesmo uma «teoria».

A ciência verificou que existe uma íntima relação entre o corpo e a alma; entre a conduta e o cérebro; descobriu de que maneira as glândulas regulam quimicamente a personalidade; demonstrou que a inteligência da criança só amadurece à medida que o encéfalo se desenvolve; que certas funções mentais estão ligadas a zonas específicas do cérebro; e que, se alguma dessas zonas sofre dano, a respectiva função se perde. Por tais razões, muita gente chegou à conclusão de que a natureza do homem é inteiramente física.

Assim, enquanto a escola teológica se esforça para treinar jovens sacerdotes e pregadores na fé inabalavel de que a vida do indivíduo é regulada por alguma espécie de alma ou espírito transcendente—a escola de medicina (situada talvez a pequena distância da primeira) vai desprezando, com não menor confiança, tudo o que não seja processo objetivo do organismo, e ensinando, nesse sentido, os jovens médicos. O próprio psiquiatra principiante, em período de treino, tende a confiar cada vez mais na seringa de injeção, no escalpelo e na aparelhagem elétrica, para atuar sobre o *cérebro*—em vez de agir sobre a *mente*.

Entretanto, por estranho que pareça, ninguem até hoje pretendeu ter demonstrado que a mente seja física; mas essa crença tornou-se quase tão típica das aulas de ciência, como a crença na existência da alma o é das escolas de teologia. Assim, enquanto um setor de nossa cultura acredita que a mente se diferencia do corpo físico o bastante para ser dotada de «livre arbítrio», outro setor dessa cultura tende a submeter todos os nossos atos ao domínio de leis físicas, sem deixar lugar algum para a escolha. Qual deles está com a verdade?

Ora, para nós, como para a sociedade em geral, é hoje de importância decisiva saber se a mente é ou não é apenas uma função física do cérebro: pois, sem a liberdade de escolha não poderá haver moralidade, nem verdadeira democracia, nem ciência assente na liberdade de pesquisa.

Parece então que alguma coisa deve estar errada no conjunto do panorama materialista da vida! Certos fenômenos excepcionais da natureza humana escaparam a exame, quando essa concepção científica do homem se estava

formulando: como esses fenômenos eram raros e de dificil verificação, mais facil se tornou passá-los em claro. Mas nem por isso alguns homens de ciência deixaram de investigá-los, e os resultados foram revolucionários.

Pertenciam esses fenômenos ao domínio chamado «psíquico», e o respectivo estudo recebeu a designação de «pesquisa psíquica». Nos círculos universitários, chama-se-lhe hoje «parapsicologia»—a ciência das manifestações mentais que parecem transcender certos princípios reconhecidos. O que se segue é, pois, uma vista muito geral deste ramo, tão novo quanto controvertido, da moderna pesquisa.

Ao tentarmos verificar se o homem é ou não dotado de espírito não-físico, ou somente de um cérebro orgânico, o nosso primeiro passo foi dado no sentido de esclarecer a telepatia. Realizamos na Universidade de Duke exhaustivas pesquisas sobre o assunto, e verificamos tambem as que outros pesquisadores haviam efetuado.

A telepatia, vulgarmente conhecida por «transmissão do pensamento», foi a primeira capacidade psíquica a ser estudada cientificamente, e pela razão seguinte: se o pensamento se pode transferir diretamente de um indivíduo a outro, então o homem deve possuir forças mentais que transcendem o simples conceito físico do cérebro. Entre 1920 e 1930, organizaram-se em duas importantes universidades norte-americanas algumas séries de testes de laboratório sobre a telepatia, e muitos investigadores se dedicavam à sua exploração em carater privado. Na maior parte dessas experiências, o indivíduo «transmissor» concentrava o pensamento em um objeto ou desenho, enquanto o «receptor», muitas vezes em outra sala, ou mesmo colocado a maior distância do primeiro, tentava reproduzir a respectiva imagem por meio de descrição verbal ou a lapis.

Vistas à luz de todos os padrões da pesquisa científica, essas investigações vieram colocar a telepatia em um plano de seriedade. Em milhares de experiências cientificamente controladas, levadas a cabo em diversos paises, tais investigações vieram provar que a aquisição do conhecimento se pode processar sem o uso dos sentidos. Essa prova da telepatia veio lançar o mais sério de todos os reptos ao pensamento de tendência materialista que dominava em todos os ramos da ciência. A ciência ortodoxa não lhe dava atenção; as percepções *extra-sensoriais* demonstradas por tais pesquisas não se ajustavam à imagem material que se tinha do mundo, e tornavam-se, portanto, intoleraveis para os que raciocinavam dentro da cartilha ortodoxa. Poucas foram, entretanto, as críticas dirigidas contra as pesquisas propriamente ditas, e nenhuma justificaria que elas fossem abandonadas.

O segundo passo que demos no sentido de desafiar os conceitos estritamente materialistas da ciência ortodoxa, foi submeter à experimentação a realidade de outra manifestação psíquica, tantas vezes discutida e posta em dúvida—a vidência.

Vidência e telepatia são por assim dizer fenômenos irmãos. A percepção pela vidência faz-nos conscientes de determinados *objetos*—ou *acontecimentos* objetivos—sem o uso dos cinco sentidos; enquanto a telepatia é a consciência dos *pensamentos* de outra pessoa, igualmente sem a intervenção dos sentidos.

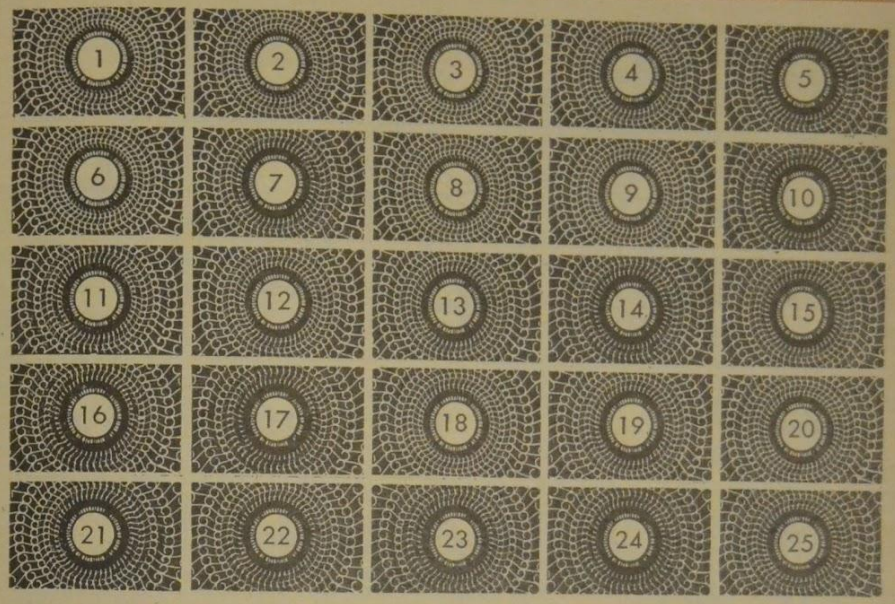
Bom exemplo de vidência é o caso daquela senhora que viu em sonhos o irmão dando um tiro em si mesmo. A visão dela não foi de maneira nenhuma o que ele próprio teria visto: foi a visão objetiva de uma testemunha. Viu o irmão chegar à casa, pôr os animais na cavalariça, tirar-lhes o arreio, depois subir ao depósito do feno, tirar uma pistola e disparar. Viu o corpo dele rolando sobre si mesmo até ficar estendido junto ao feno, e a pistola soltar-se-lhe da mão para cair num ponto determinado. Tudo isso a mulher descreveu ao marido, rogando que ele a levasse sem demora até à cidade onde esse irmão morava. A descrição que ela dera havia sido absolutamente exata, nos menores detalhes. Entretanto, ninguem *assistira* ao drama; a hipótese de se tratar de um caso de telepatia ficava, assim, afastada.

Efetuamos na Universidade toda uma série de experimentos de vidência, nos quais pedíamos aos pacientes que identificassem certas cartas, conservadas ocultas. Preparamos para tal fim um baralho simplificado, de 25 cartas, que apresentavam somente cinco variantes de desenho, a saber: estrela, retângulo, cruz, círculo, e linhas onduladas. Tornou-se esse baralho conhecido pelas iniciais ESP (*Extra-sensory perception*), visto ter-se tornado material padrão nas pesquisas referentes à percepção extra-sensorial.

Depois de mostrarmos as cartas à pessoa submetida ao teste, e de lhe explicarmos o carater destes, baralhávamos e cortávamos as mesmas, colocando-as de face para baixo em frente dela. Nenhum dos presentes sabia dizer qual a ordem das cartas. O paciente começava por tentar identificar a carta de cima; retirava-se esta sem que ninguem a olhasse—e assim por diante, até se haver esgotado o baralho.

A média, matematicamente prevista, das respostas acertadas por simples acaso, era de cinco em cada rodada das 25 cartas. Desse modo, se a pessoa fizesse quatro rodadas do baralho e acertasse, em cada uma, 7,5 das vezes, as probabilidades contra esse total de 30 respostas certas, seriam aproximadamente de 150 para 1. Desde o início dos testes estivemos em consulta constante com peritos em matemática; e nenhum deles pôs jamais em dúvida o rigor matemático de nossos resultados.

Tomamos as mais rigorosas precauções para evitar que quaisquer «deixas» normais influenciassem as respostas. Interpusemos um biombo opaco entre o examinando e as cartas, e chegamos por vezes a transferir o baralho para uma sala adjacente, e até para outro prédio. Tambem experimentamos esconder as cartas, uma por uma, em envelopes opacos e selados, ou conservar todo o baralho guardado em uma caixa durante cada rodada.

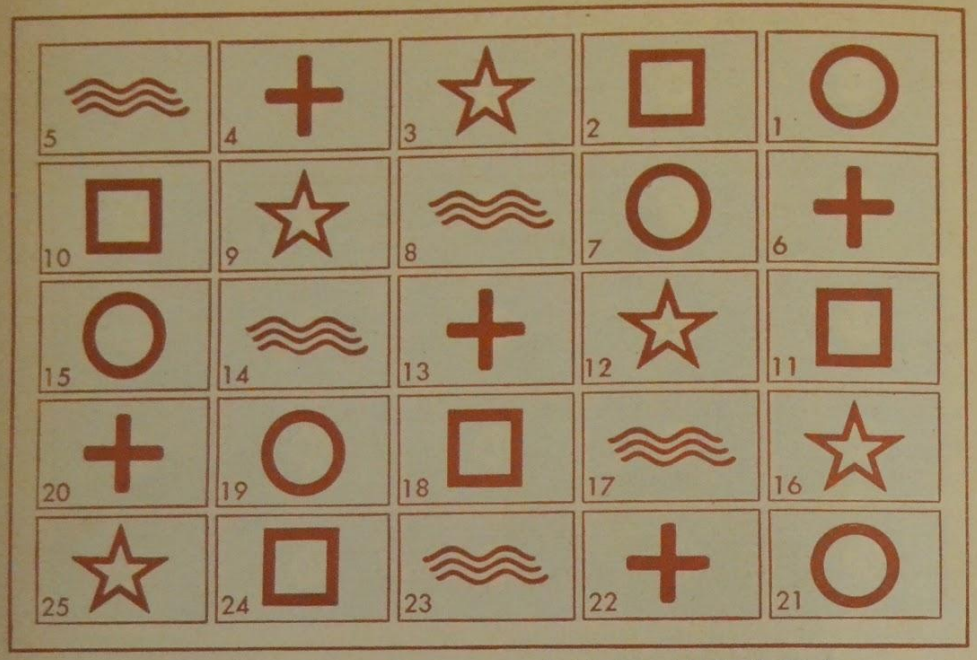


Que tal é a sua percepção extra-sensorial?

Vemos acima as costas de um baralho ESP completo. Cada uma apresenta do outro lado (página seguinte, mas não olhe agora!) um dos símbolos que vemos à direita. Se quiser experimentar a sua vidência, estude primeiro estes cinco símbolos; depois concentre-se mentalmente sobre cada uma das cartas supra, e marque, no quadrado numerado à direita, o símbolo que lhe parece ser o da carta. Depois de marcar os vinte e cinco espaços em branco, vire a página e confronte suas respostas. A média das respostas certas por puro acaso, é de cinco.

1	2	3	4	5
6	7	8	9	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20
21	22	23	24	25

Mas voltemos aos totais. O melhor dos nossos pacientes percorreu o baralho mais de 700 vezes, acertando, em média, oito vezes por percurso. Ora, são de 100 para 1 as probabilidades de que ninguem possa fazer uma média de oito ou mais, mesmo em *três* percursos seguidos, graças exclusivamente ao acaso. Acertar, em média, oito ou mais vezes em mais de 700 rodadas é



tão difícil, que seria preciso todo um parágrafo de algarismos para exprimirem-se as probabilidades contrárias à obtenção dessa média. Esses resultados, alcançados por uma só pessoa, são tão significativos, e excluem tão rigorosamente todas as influências do acaso, que nem nos interessa o que hajam conseguido todos os outros submetidos ao teste. Fossem quais fossem os seus totais, eles não poderiam jamais anular o impressionante caráter de «contra-acaso» dos resultados obtidos por esse único indivíduo! Em média, porem, as pessoas escolhidas por meio de testes preliminares, que as revelaram dotadas de certas qualidades de vidência, acertaram sete vezes em cada 25 tentativas.

Mas a demonstração da vidência não depende exclusivamente das pesquisas da Universidade de Duke. A maior de todas as experiências «ESP» individualmente consideradas, foi a que teve lugar na Universidade do Colorado. Durante essas experiências, que duraram três anos, a srta. Dorothy Martin, jovem psicóloga, secundada pela matemática Frances P. Stribic, efetuou mais de 12 mil rodadas com o baralho. O principal examinando das duas moças acertou em média 6,85 vezes em cada rodada, em mais de 3.500 rodadas. No total de 12 mil rodadas registrou-se em média um acerto de 5,83. A improbabilidade de que semelhante total pudesse ser atingido só por acaso, seria verdadeiramente astronômica!

As marcas mais altas de resultados positivos até agora registradas foram obtidas em experiências levadas a efeito pelo professor B. F. Riess, psicólogo do Hunter College, na cidade de Nova York. Essas experiências se efetuaram estando a paciente em um edifício, e o dr. Riess em outro, munido do baralho ESP. A paciente era uma moça conhecida como sensível a influências «psíquicas», embora não fosse profissional na matéria; naquelas circunstâncias, acertou em média *mais de 18 vezes em 25 cartas, numa série de 74 rodadas do baralho!* Uma dessas rodadas chegou mesmo a dar o total perfeito de 25, e várias ultrapassaram 20 acertos.

Em resumo, entre 1935 e 1940, ficou insofismavelmente demonstrada a existência de uma forma de percepção extra-sensorial, a que se pode chamar vidência. Poucos vestígios restam, desde então, da controvérsia outrora tão animada a tal respeito.

A TERCEIRA fase de nossas experiências tinha por objeto demonstrar que os poderes da mente não estão acorrentados às limitações do espaço.

Numerosas experiências nos sugerem que o espírito pode transcender o espaço. O fato de uma pessoa se tornar subitamente cônscia de ocorrências das quais não poderia ter conhecimento pelas vias chamadas normais, produz-se com bastante frequência, e parece ser completamente independente do fator distância. A transmissão do pensamento tem tantas probabilidades de produzir-se entre duas pessoas que se encontram a milhares de quilômetros de distância, como entre indivíduos que estejam dentro da mesma casa. E há os casos de pessoas que, a meio mundo de distância, se apercebem, graças à vidência, da morte de um parente próximo ou amigo querido.

Mas as notícias de tais ocorrências não constituem dados de ordem científica. Para demonstrar cientificamente esses poderes mentais, planejamos um teste de vidência rigorosamente controlado. Hubert Pearce, estudante de teologia, foi submetido à experiência das cartas ESP, primeiro estando o experimentador sentado em frente dele, do outro lado da mesa, e em seguida à distância de 80 metros. No primeiro caso, Pearce acertou em média 8 vezes em cada rodada, num total de 36 rodadas. A 80 metros de distância ele realizou 30 rodadas, tendo acertado em média 9 vezes, aproximadamente, em cada uma delas. O rapaz alcançou, assim, melhores resultados à maior distância!

Numa experiência de telepatia, ainda mais impressionante, a paciente, Miss Turner, ficou primeiro na mesma sala com Miss Ownbey, incumbida da experiência e da transmissão. Tratava-se de um teste de pura telepatia, em que não entravam as cartas. A transmissora limitava-se a escolher mentalmente entre os cinco símbolos das cartas ESP. Miss Turner acertou em média pouco menos de oito vezes em cada rodada de 25 cartas. À distância de 400 quilômetros, fez uma média superior a dez por percurso, em oito percursos do baralho.

Conclui-se que a distância não revela ter efeito algum sobre as manifestações da percepção extra-sensorial.

Tenho discutido esses problemas e resultados com numerosos físicos; nenhum deles me pôde oferecer até hoje uma hipótese física da ESP, por ele considerada suficiente para explicar os resultados a que a parapsicologia chegou experimentalmente. Sem dúvida, o que nos ensinam as leis da física, quanto à transmissão de energia, não é aplicavel a esses fenômenos.

A QUARTA fase das nossas experiências consistiu em averiguar se os poderes da mente humana seriam limitados pelo tempo.

Assim chegamos ao que, se realmente existe, se pode considerar o mais estranho dos poderes do homem: o da profecia. Em todas as épocas da história os homens se têm maravilhado pelo poder de anunciar acontecimentos vindouros, característico dos chamados profetas. Mas são numerosos os casos verificados na existência de pessoas comuns, daquilo que parece constituir a previsão de acontecimentos iminentes. Por exemplo, tem sucedido muitas vezes que uma pessoa, prestes a empreender uma viagem, sonha com um descarrilamento, ou experimenta uma indefinivel impressão de desastre iminente, e os acontecimentos posteriormente vêm confirmar esse sonho ou aviso. Muito embora a imprecisão dos testemunhos ou da sua interpretação, e outros fatores mais, tornem dificil julgar a respeito, a frequência de tais avisos não nos permite duvidar que essa questão de pressentimento mereça investigação. Mas, que eu saiba, até 1933, quando se iniciaram as pesquisas na Universidade de Duke, nenhuma experiência sistemática se havia empreendido, tendo como objeto a profecia.

Vistas as coisas superficialmente, parece impossivel a percepção de um acontecimento que ainda não se produziu. Mas «a ciência não conhece impossiveis», e as teorias devem sempre conformar-se com as provas. Quando as provas de qualquer fenômeno se tornam suficientemente fortes, os quadros do conhecimento e da teoria se devem modificar de maneira a incluir a nova descoberta. Assim, pois, se nos for possivel demonstrar que existe a faculdade de prever os acontecimentos, a ciência deve encontrar um lugar para ela no seu panorama do universo.

Nos nossos primeiros testes de predição, o paciente se esforçou por prever a ordem das cartas no baralho, tal como ela se apresentaria depois de devidamente baralhadas as mesmas. O número de predições exatas, obtido em mais de 4.500 rodadas, tornou de 1 para 400 mil as probabilidades do puro acaso. Esses resultados por certo denotam que a presciência é um fato.

Logo que chegamos a resultados positivos, começamos a procurar quaisquer pontos fracos; e resolvemos imediatamente deixar de baralhar as cartas à mão. O substituto lógico seria baralhá-las à máquina. Sobre essa nova base efetuamos quatro séries independentes de testes de predição, por meio de cartas, obedecendo cada um deles a diretivas diversas. Todos deram resultados muito significativos, ficando desse modo reforçada, sobre uma base mais vasta, a defesa dessa faculdade.

Mas seria que o paciente ou o experimentador exerciam uma influência mental, direta, sobre as próprias máquinas de baralhar? Em outras palavras: entraria alí em ação alguma força psicocinética?

Não era possivel continuar fazendo experiências do tipo das nossas, sem ter em consideração que nelas podia intervir alguma espécie de poder da mente sobre a matéria,—ou seja, a aptidão para influenciar os objetos por algum meio desconhecido. As experiências que vínhamos fazendo no laboratório da Universidade de Duke nos tinham dado, com efeito, motivos para considerar seriamente essa possibilidade, como passo agora a explicar. Tornavam-se por isso imperativas novas medidas de salvaguarda nas nossas experiências sobre a profecia.

De modo a eliminar toda e qualquer influência mental, direta, sobre a queda das cartas na máquina de baralhar, resolvemos cortar o baralho de acordo com os algarismos representativos das temperaturas extremas, diariamente publicados. Estabelecemos por acordo a fórmula para o uso desses números. A não ser que as temperaturas do ar pudessem tambem estar sujeitas ao controle do homem, esse processo não deixava fator algum entregue ao acaso, nem às influências humanas.

Foi nesta base que um colega e eu levamos a cabo duas séries de experimentos relativos à predição, ambas com resultados estatisticamente significativos. Até onde pudemos chegar, as provas em favor da existência dessa faculdade são consideraveis.

Ninguem poderá dizer por enquanto aonde nos levará a demonstração de que existe a presciência. Alem disso, será dificil ajustar o nosso modo de pensar a esse novo conceito, o qual poderia ter repercussão de longo alcance. Está claro que ela é totalmente estranha aos olhos da ciência; mas, se tivermos presente que ainda não podemos compreender o fenômeno da memória, que é o alcance retrospectivo da mente, a idéia de que ela possa perscrutar o futuro há-de parecernos muito menos chocante.

A QUINTA fase das experiências destinava-se a verificar se a mente humana é capaz de influenciar a matéria, sem recorrer a meios físicos.

Devemos antes de tudo preparar-nos para considerar, sem idéias preconcebidas, os resultados em seguida expostos. Referem-se eles às nossas pesquisas no domínio da «psicocinesia», quer dizer, da influência direta da mente sobre a matéria. Nessas experiências, que doravante designaremos pelas iniciais PC, realizadas com o fim de descobrir se o espirito humano pode influenciar diretamente o movimento de objetos materiais, recorremos ao lançamento de dados de jogar.

Muita gente está convencida de que pode, em certos estados de alma, influenciar a queda dos dados por ação direta da vontade, independentemente dos truques da trapaça ou da altera-

ção do centro de gravidade dos dados. Achávamos que uma experiência, destinada a confirmar ou denegar essa crença, constituiria um teste ideal de laboratório para a hipótese da PC.

Sirva-nos de exemplo típico o teste seguinte: admitamos que o número escolhido, a obter no lançamento dos dados, fosse o sete. Pedíamos ao paciente que agitasse os dados dentro do copo, e os jogasse no tampo de uma mesa, revestido de feltro. Observávamos então a face dos dados que ficara para cima, dizíamos o número em voz alta, e o anotávamos. Todas as combinações que dessem sete (6 e 1, 5 e 2, 4 e 3) eram marcadas com um círculo na folha dos lançamentos, e, ao fim de cada série de doze lançamentos, contavam-se as vezes em que se acertara. Em média, podia-se esperar que o puro acaso produzisse dois 7 numa série de doze jogadas.

Nessas experiências os dados eram de começo jogados à mão; mas depois resolvemos jogá-los diretamente do copo. Mais adiante, mandamos forrar esses copos, interiormente, de uma substância áspera, e fazer mesas especiais para jogar os dados. Passamos a usar meios inteiramente mecânicos para lançar os dados, e adicionamos toda uma série de métodos de controle.

Logo desde o começo os totais de PC tendiam a ficar alheios à influência da «sorte». Nunca conseguimos médias espetacularmente elevadas, nada que se parecesse com os resultados alcançados em muitos dos testes ESP. Mas, por outro lado, parece ser maior o número das pessoas que obtêm um êxito relativo no teste de lançamento de dados.

Não tardou que outros experimentadores começassem a obter resultados similares. Mais de vinte pessoas, dentro e fora da Universidade de Duke, apresentam relatórios de suas pesquisas sobre a PC. O efeito cumulativo foi dos mais impressionantes e convincentes.

Em resultado de centenas de milhares de tentativas experimentais, chegamos à conclusão de que a mente humana possui uma força capaz de atuar sobre a matéria. Seja a PC o que for, e sejam quais forem as suas funções, ela produz certos efeitos estatisticamente mensuraveis; exerce sobre a matéria uma influência que, embora muito ligeira e errática, não deixa de ser significativa, e que não se pode explicar por qualquer energia ou fator conhecido da física. Devemos admitir porem que, onde quer que se realize um trabalho, está presente uma energia; e os registros das experiências de PC demonstram que a queda dos dados era influenciada por alguma coisa mais do que as forças conhecidas que os jogavam na mesa. Deve, pois, existir uma energia conversivel em ação física, *uma energia mental.*

Mas não será isso, necessariamente, um processo físico? Talvez ao próprio cérebro, utilizando sua força física, se possa atribuir o efeito causado nos dados. Ou será que uma misteriosa e desconhecida função mental atua diretamente sobre os objetos? Da resposta a essa pergunta dependerá o alcance da influência mental sobre o reino da matéria, reino ao qual pertence o próprio cérebro. Se a mente pode ultrapassar o cérebro e influenciar diretamente a queda dos dados, teremos que ampliar muito o nosso conceito da extensão e alcance dos poderes mentais no domínio da matéria. De harmonia com isso, e para fins experimentais, a questão se reduz toda a estas simples palavras: «A psicocinesia obedece às leis da física?»

Por felicidade, os testes de PC se prestavam admiravelmente à solução desse problema. Bastava fazer variar as condições ou fatores físicos do teste, e comparar os resultados obtidos nos diversos casos. Se o êxito dos testes variasse paralelamente às condições físicas, a conclusão seria favoravel a uma hipótese física. Se não, isto é, se a curva dos resultados não se alterasse com a variação das condições físicas, ficaria provado que a energia mental não se assemelha a nenhum dos agentes que conhecemos na ordem física.

Logo se tornava claro, por um lado, que as leis do interesse motivante, a excitação e entusiasmo dos lançadores de dados, e não as leis da dinâmica, eram fatores determinantes dos resultados. Quanto mais «tenso» estivesse o paciente, mais ansioso estaria de influenciar os dados, e mais os podia influenciar.

Experimentamos tambem trabalhar com dados de diversos tamanhos, pois, seja qual for a força da PC, a verdade é que ela tem de entrar em linha de conta com a gravidade. As duas forças concorrem no lançamento e queda dos dados, mas o montante da atração da gravidade, representada pelo peso dos dados, não parece ter influido na curva dos resultados.

Realizamos igualmente testes de PC a distância, que vieram reforçar os argumentos contrários à hipótese das influências físicas. Em uma das experiências da Duke, o paciente e os dados estavam separados pela distância de sete metros e meio. O paciente puxava um cordel atado a um dispositivo por meio do qual se produzia a queda dos dados pela gravidade. Não obstante, os resultados eram tão bons como nas condições normais.

De fato, pouca ou nenhuma dúvida pode haver quanto à natureza não-física da PC. As provas reveladoras de que os resultados da PC não seguem as leis da mecânica, são ao mesmo tempo de uma variedade e de uma coerência dignas de nota. Muito embora se mostre debil e errática, a PC reage sobre os objetos físicos em harmonia com desígnios e uma orientação inteligentes.

Não é pois o cérebro, no carater de macanismo físico, mas sim a mente, como força não-física, que exerce influência sobre o lançamento dos dados.

Esse grande fato de observação deixa-nos profundamente intrigados acerca de muitas coisas. Assim, até onde nos levarão as possibilidades implícitas da PC? Por minúsculos que sejam os efeitos obtidos, o processo da PC parece desenrolar-se independentemente das leis da matéria. Que é, então, que governa a PC? Quais as suas limitações? Se o tamanho, a densidade, o número, a distância, a forma, e outros fatores semelhantes não intervêm nos

testes da PC, quais os fatores, afinal, que neles influem? São essas, essencialmente, as questões dependentes de pesquisas posteriores.

UMA COISA, contudo, se torna clara: a ESP e a PC constituem uma espécie de unidade. Todas as provas até hoje coligidas nos levam a supor que elas sejam duas manifestações diversas do mesmo processo fundamental. Ambas são inexplicaveis nos termos dos princípios da física até hoje conhecidos. Toda e qualquer condição que, segundo sabemos, afete um desses processos, produz um efeito semelhante sobre o outro. Até hoje não foi possivel constatar qualquer exceção a essa regra.

Não podemos afirmar que qualquer pessoa seja dotada da aptidão para a ESP ou a PC, ao ponto de poder fazer, a pedido, demonstrações dignas de confiança, de um ou de outro processo. O melhor dos pacientes numa experiência pode dar excelentes provas em uma sessão, e falhar na seguinte, mesmo em igualdade de condições.

Todos os fatores de distração, que possam diminuir a capacidade do paciente durante os testes, quer da ESP, quer da PC, refletem-se prejudicialmente nos resultados dos mesmos. Nas primeiras experiências de ESP, na Universidade de Duke, a presença de visitantes fez de começo baixar os resultados ao nivel do simples acaso. Mas quando o paciente se habituou à presença dos estranhos, os resultados favoraveis voltaram a melhorar.

Um estudante da Duke, que se revelara bom paciente nos testes de PC, ofereceu-nos o ensejo de uma experiência bem reveladora sobre os efeitos da «distração». Quando trabalhava somente na companhia do observador que registrava os totais, fez uma longa série de lanços com os dados, obtendo resultados que estavam bem acima do nivel do acaso. Em seguida, na presença de outro estudante que intencionalmente procurava distrair-lhe a atenção e diminuir-lhe a confiança em si mesmo, ele executou igual número de lanços com os dados. O efeito do elemento distração se revelou insofismavel: porque dessa vez os resultados obtidos cairam não só ao nivel do acaso, mas até muito abaixo dele.

Obtivemos outras provas do lugar que a concentração mental ocupa nos fenômenos de ESP-PC, em uma empolgante experiência para a qual ministramos ao paciente certa dose de pós soporíferos, em quantidade bastante para o deixar sonolento, mas ainda insuficiente para o fazer adormecer. A sonolência tornou-o quase totalmente incapaz de alcançar resultados superiores aos do puro acaso nos testes de ESP. Mas quando, para combater o narcótico, lhe ministramos algumas fortes doses de cafeina, os resultados voltaram a subir até às proximidades da sua média normal. Experiências idênticas com a PC levam a crer que os narcóticos e os estimulantes afetam de igual maneira o processo.

Assim, as distrações e a letargia mental parecem embotar a capacidade ESP-PC. Inversamente, a vivacidade mental parece aguçá-la, e um grau de concentração fora do comum pode produzir resultados de espantar.

Em meu livro *New Frontiers of the Mind* (Novas Fronteiras da Mente) já revelei os resultados perfeitos (25) que Pearce obteve com um baralho de cartas ESP. Antes de cada tentativa o paciente se via desafiado por uma jovial aposta, em que o seu opoente afirmava que ele não adivinharia direito a carta seguinte. Durante a rodada do baralho, tornava-se evidente que Pearce ia sendo estimulado a extrema intensidade. A aposta era simplesmente um estratagema conveniente para levá-lo a lançar-se ao teste com entusiasmo. Os estimulantes dessa ordem têm por vezes produzido resultados verdadeiramente mágicos nos testes de ESP e de PC, mas para isso requer-se espontaneidade. Os estímulos deixam de produzir fruto quando seu uso se torna habitual.

O caso de Lillian é outro exemplo do mesmo gênero. Essa menina tinha apenas nove anos de idade e fazia parte de um grupo de crianças cuja capacidade para a ESP nós submetemos a provas. O experimentador prometia uma recompensa de meio dolar por um total (máximo) de 25, e prêmios em bombons para resultados mais baixos. Lillian, que era uma menina aplicada, estava decidida a conseguir um total perfeito para ganhar o meio dolar. Levou o assunto tão a sério, que chegou a escrever uma carta à professora, revelando a sua intenção. Poucos dias depois, na sessão seguinte, quando chegou a sua vez de submeter-se ao teste, Lillian exclamou:

«Não me digam nada; eu vou experimentar uma coisa!»

Voltou as costas ao experimentador e ficou de pé alguns momentos com os olhos fechados. Depois virou-se para ele e, do começo ao fim do teste, ficou movendo os lábios como se falasse consigo mesma. Quando lhe perguntaram no fim o que estivera dizendo, a menina explicou:

«Fiquei todo o tempo rezando para poder acertar 25.»

E acertou!

Parece claro que, no caso de Lillian, temos o exemplo de uma atitude de concentração levada ao grau máximo, na esperança de conseguir uma recompensa.

Sabemos agora que a combinação ESP-PC faz parte da mente humana, o que se pode demonstrar. Mas, serão essas estranhas aptidões parte do equipamento mental comum a todos? Ou serão apenas manifestações teratológicas e isoladas, que apenas se revelam em raros indivíduos?

Certo número de pesquisas sobre a ESP indicam que os indivíduos de inteligência subnormal revelam poucas aptidões nesse domínio. Parece haver uma correlação significativa entre a inteligência e as manifestações de ESP. Mas ainda resta fazer certas pesquisas destinadas a provar que as aptidões ESP-PC são normais. Esses estudos estão, por assim dizer, ainda na infância, e são até agora pouco conhecidos fora do recinto dos laboratórios. Em todo caso, os resultados preliminares parecem mostrar-nos que as manifestações ESP-PC constituem capacida-

des normais no homem, segundo todos os critérios essenciais.

A CIÊNCIA em geral aceita essas conclusões? Não, não as aceita oficialmente, conquanto muitos cientistas individualmente as acatem. Mas estou convencido de que sua aceitação mais cedo ou mais tarde é coisa segura, uma vez que não há absolutamente alternativa.

São, estas, afirmações fortes e cheias de confiança. Até hoje, nos doze anos que levo escrevendo a respeito das capacidades ESP-PC, nunca as empreguei. Mas acham-se hoje escoradas por uma variedade de pesquisas confirmativas que impelem à confiança aqueles que se familiarizaram com os seus resultados. Esses trabalhos vêm sendo submetidos ao mais agudo exame crítico, há tanto tempo, que é de supor que todas os seus pontos fracos tenham sido denunciados e todas as contra-explicações já estudadas.

Em uma reunião anual do Instituto Americano de Estatística Matemática, foi feita publicamente a seguinte declaração:

«As pesquisas do dr. Rhine têm dois aspectos, um experimental, o outro estatístico. Do aspecto experimental, claro está, os matemáticos não têm que se ocupar. No aspecto estatístico, porem, trabalhos de matemática recentes vieram estabelecer este fato: admitindo que as experiências foram rigorosas, a análise estatística é essencialmente válida. Quem quiser contestar a validez das experiências de Rhine, terá que procurar fazê-lo em terreno que não seja o da matemática.»

O professor Thouless, psicólogo da Universidade de Cambridge, fez mais adiante a declaração seguinte, relativa à percepção extra-sensorial: «A realidade dos fenômenos deve considerar-se como provada, tão seguramente quanto qualquer outra se pode provar pela pesquisa científica. Deixemo-nos agora de tentar demonstrar novamente, para satisfação dos cépticos, que esses fenômenos existem realmente; tentemos, em lugar disso, consagrar-nos à tarefa de verificar tudo quanto nos seja possivel a respeito: com mais pleno conhecimento de sua natureza, as dificuldades de crer na sua existência podem afigurar-se-nos menos formidaveis do que atualmente parecem.»

As razões por que essas provas não são prontamente aceitas pelos homens de ciência são, creio eu, mais de ordem psicológica do que lógica.

Mais do que qualquer outro fator, é o medo que se opõe à aceitação desses fatos por parte da ciência. Primeiro, vem o receio de ter que aceitar como real alguma coisa que não se harmoniza com uma filosofia fisicista. A aceitação da ação não-física implicaria (aparentemente) a aceitação de duas ordens de realidades, e a divisão do universo em dois. Ora, tal passo parece a muitos um retrocesso no sentido do supernaturalismo.

É interessante observar a maneira pela qual o homem de ciência aborda as pesquisas de ESP-PC, na errada crença de que as respectivas conclusões se poderão ajustar de certo modo aos princípios eletromagnéticos da natureza, e depois abandona toda a questão precipitadamente, como se ela lhe queimasse os dedos, ao descobrir que os resultados experimentais o arrastariam para alem dos seus princípios físicos.

Todo o erro se baseia em supor que a ESP e a PC nos levam ao dualismo. O fato mesmo de que os dois sistemas, corpo e espírito, atuam ou reagem um sobre o outro, vem forçosamente unificá-los até certo ponto em um só processo. Ninguem poderia conceber a interação de dois sistemas distintos, a não ser admitindo que ambos têm certas propriedades em comum. Podemos na verdade concluir com toda a segurança que os fatos não só não exigem de nós que sejamos dualistas —como nos *impõem* que o não sejamos.

O segundo receio, que se opõe à aceitação científica da ESP-PC, é de ordem social: o medo de perder prestígio na profissão. Muitos homens de ciência têm feito secretamente experiências nos domínios dos fenômenos que vimos tratando. Uma vez por outra chega-nos a notícia de que se fizeram experiências preciosas e bem sucedidas nesse domínio, mas somos informados de que, «por motivos de ordem profissional», nenhum relatório será publicado.

«Minha família depende de meu ganha-pão,» declarou um desses experimentadores.

Outro confessou: «A minha Faculdade levantaria objeções. Todos os membros do corpo docente me fariam críticas, o que me seria prejudicial, pois estou na fila para a nomeação de catedrático.»

Não obstante, cresce continuamente o interesse pela parapsicologia. Nos laboratórios de estabelecimentos de ensino superior em vários paises, estão-se realizando pesquisas de ESP e PC. Nestes anos mais recentes, algumas famosas universidades inglesas, inclusive Oxford e Cambridge, têm concedido o grau de doutor na base de teses que tratam da percepção extra-sensorial.

É evidente que as descobertas aquí consignadas são bem triviais, quando comparadas com tudo o que ainda está por descobrir.

O nosso problema fundamental— ou seja, a natureza do homem—foi formulado no início deste trabalho, em termos da teoria familiar da existência da alma como sistema não-físico. Cada teólogo, está claro, dispõe de seu sentido pessoal, complementar, para a expressão. Mas aquilo que nos interessa aquí é, simplesmente, averiguar se haverá ou não alguma coisa de extra-físico ou de espiritual na personalidade humana.

A resposta experimental a esta pergunta é redondamente «sim». Dispomos hoje de provas de que existe no homem tal fator extra-físico. A hipótese da existência da alma ficou bem demonstrada, conquanto tenhamos passado em claro, neste inquérito, os seus aspectos religiosos; na verdade, até agora não abordamos nenhum problema, a não ser o da realidade elementar da alma.

Até onde nossas conclusões alcan-

çam, a descoberta das provas de que o homem é algo mais do que um ser físico vem em apoio da doutrina religiosa de todas a mais fundamental, a saber, que o homem possui uma natureza espiritual. As pessoas armadas de uma robusta fé religiosa podem pensar, naturalmente, que não é necessário o testemunho da ciência; mas as inúmeras pessoas que têm experimentado os efeitos interiores de debate intelectual sobre a religião, essas certamente receberão de braços abertos as provas fornecidas pela ciência.

É no problema inquietante da imortalidade que a religião e a parapsicologia se têm encontrado com mais frequência. Afim de evitarmos uma insanavel confusão quanto à terminologia, devemos começar por formular a pergunta do modo mais simples possivel: haverá alguma parte da pessoa humana que sobreviva de maneira verificavel à morte do corpo?

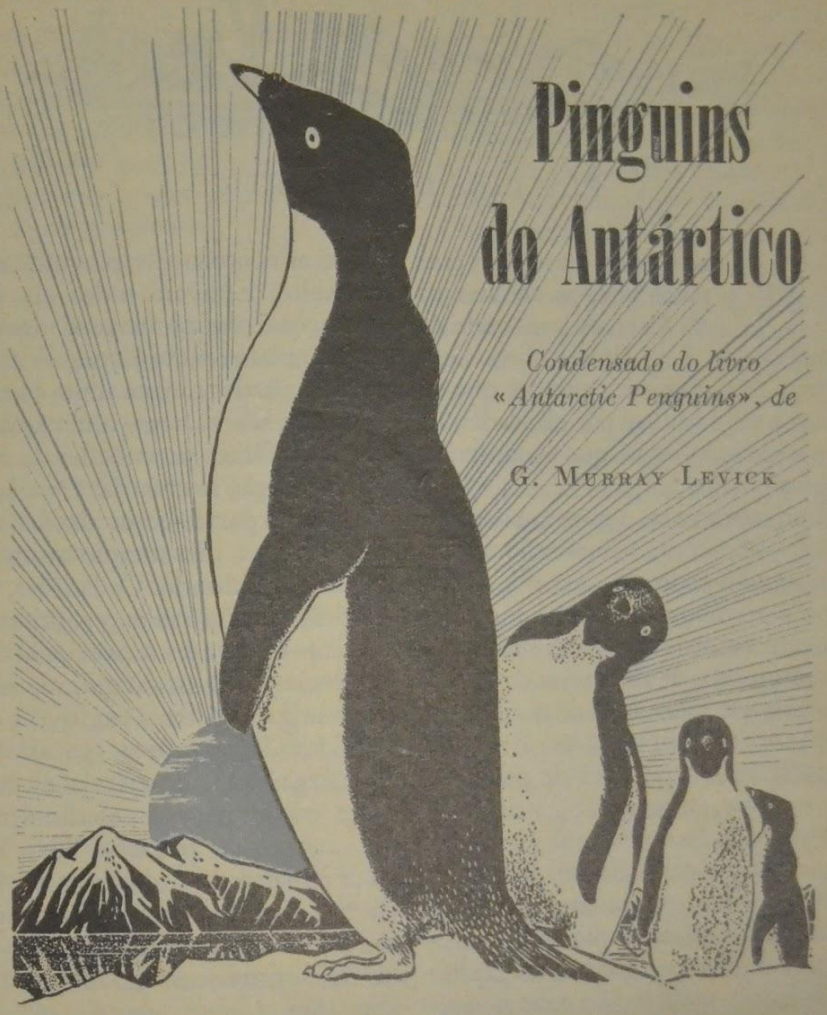
A parapsicologia já tem contribuido muito para responder a essa pergunta. Se pudéssemos confiar-nos somente à lógica, o que a ESP já revelou contribuiria muitíssimo para demonstrar a hipótese da sobrevivência. Quando se constatou que a ESP funciona livre das limitações de espaço a tempo, essa descoberta foi interpretada como significando que a mente é capaz de agir com certo grau de independência em relação ao sistema de espaço-tempo da natureza. Ora, a imortalidade não representa outra coisa senão a nossa emancipação relativamente aos efeitos do espaço e do tempo; a morte parece ser simplesmente questão de chegar a uma parada no universo do espaço-tempo. A conclusão de que há, pelo menos, uma espécie de sobrevivência «técnica», seria pois uma dedução a tirar logicamente das pesquisas da ESP.

Não podemos, ao tentar responder a tal pergunta, confiar em argumentos puramente acadêmicos; podemos, sim, dizer que as pesquisas da ESP nos oferecem um forte indício a favor da sobrevivência. Mesmo que nunca se houvesse formulado qualquer concepção de sobrevivência, bastariam as pesquisas da ESP para que esta surgisse em nosso espírito.

É um fato chocante, mas nem por isso menos verdadeiro, que conhecemos hoje melhor o átomo do que o próprio espírito que perscruta o átomo. Se, na compreensão do espírito humano, tivéssemos percorrido nem que fosse metade do caminho que a física já venceu na compreensão dos elementos da matéria, ficaríamos talvez em condições de formular e utilizar princípios orientadores de incalculavel significação para a vida e a sociedade humana. Mas já hoje sabemos como orientar-nos até nos mais dificeis problemas de pesquisa parapsíquica.

Resta agora saber, apenas, se temos ou não temos urgência em prosseguir no descobrimento da natureza humana.

Só há um clima realmente perfeito—a cama.
Frank Crowninshield



Pinguins do Antártico

Condensado do livro «Antarctic Penguins», de

G. Murray Levick

O dr. G. Murray Levick foi médico e zoólogo na Expedição do Capitão Scott à Antártica, entre 1910 e 1913. Durante esse período, fez um completo estudo dos hábitos gregários ou «sociais» dos pinguins da Terra Adelaide, tendo sido suas notas e observações publicadas mais tarde pelo Museu Britânico.

Os costumes dessas curiosas aves que não voam, sempre divertidas e às vezes quase humanas, são aquí descritos num documentário zoológico que já é clássico no gênero.

«Antarctic Penguins», copyright de William Heinemann, Ltd., Londres.

PINGUINS DO ANTÁRTICO

O PRIMEIRO casal de pinguins chegou ao viveiro do Cabo Adare, onde os esperávamos, a 13 de outubro. Dias depois, chegaram mais uns 20, que ficaram a perambular por alí, cada um para o seu lado, como que aguardando alguma coisa...

À primeira vista, o pinguim da Terra Adelaide nos dá a impressão de um homenzinho todo elegante, de casaca negra e peitilho engomado e imaculadamente branco. Em geral, mede uns 70 centímetros de altura e anda muito empertigado sobre os dois pezinhos.

O pinguim tem certo ar de altivez e mostra grande curiosidade por tudo que o cerca. Inspeciona meticulosamente qualquer objeto que encontra, e, ao chegar a cerca de um metro do alvo que lhe atrai a atenção, para diante dele, estica o pescoço para a frente, e o examina agora com um olho e depois com o outro. Ao cabo de cuidadoso exame, é muito capaz de perder subitamente todo o interesse, e, arrufando as penas, entregar-se a um cochilo alí mesmo. Mais tarde, já passada a curiosidade, desperta, abre os olhos, escancara o bico num «bocejo» e retira-se fleumaticamente.

Na manhã de 17 de outubro, havia algumas centenas de pinguins recem-chegados. Estavam todos em ótimas condições, de plumagem assentada, mas seguiam severo jejum. A faina de construção dos ninhos tinha começadc e os machos carregavam pedras, tocando às fêmeas o trabalho de colocá-las na posição necessária. Os seixos, na sua maior parte, eram tirados de ninhos antigos, mas mesmo assim o furto era generalizado. Os ladrões, quando descobertos, eram repelidos furiosamente e às vezes acossados até certa distância. Era curioso notar a diferença de aspecto entre o fugitivo e o perseguidor. Enquanto o «gatuno» corria e negaceava por entre os ninhos, ou dava voltas para se confundir com os outros, suas penas se lhe aderiam mais ao corpo, dando-lhe a aparência de ter apenas a metade do tamanho do seu irado perseguidor, cujas penas se lhe entufavam no auge da indignação.

A consciência da culpabilidade aplaca sempre as penas do pinguim, fazendo-o parecer menor. Mas a raiva e o desejo de vingança produzem o efeito oposto. Muitas vezes observei um pinguim de tamanho aparentemente abaixo do comum, indo por alí, todo sorrateiro, entre os ninhos, e

sempre pude verificar, por observações subsequentes, que ele era um ladravaz de marca, afeito a surripiar as pedras dos ninhos dos companheiros. Ao descobrir uma fêmea incauta instalada no ninho, ele vinha por trás dela, pilhava com destreza um seixo no bico, e o levava muito lampeiro para a companheira, que lá estava preocupada com o arranjo da própria casa.

Mas, em nenhuma circunstância, esses «amigos do alheio» usam de ação violenta; quando apanhados em flagrante, batem em retirada invariavelmente, sem oferecer resistência alguma ao severo castigo que receberão, se forem alcançados pelos seus furibundos perseguidores.

À MEDIDA que vão tomando providências para a escolha das companheiras, encontram-se muitos machos em pé de guerra. Podíamos observá-los em pequenos grupos, na vizinhança dos ninhos, vigiando-se e guerreando-se uns aos outros, enfurecidos pelo ciume.

Os machos começam às vezes a luta por um duelo de bicadas; mas, na maioria dos casos, lutam com os rudimentos de asas, à maneira de braços, trocando «socos» com grande rapidez. Embora esses encontros sejam muito renhidos, creio que nenhum pinguim chega a matar o adversário em tais pugnas. Ao fim de uma tremenda peleja, o vencido cai para um lado, exhausto, quase a soltar o último alento. O vencedor invariavelmente se contenta com isso.

Tendo conquistado o direito de fazer a corte a uma fêmea, o futuro consorte aproximava-se dela, presenteando-a com um seixo que trazia no bico. Ela talvez o aceitasse com meiguice ou, como acontecia amiude, lhe caisse em cima de bicadas, numa sanha furiosa. Submetendo-se humildemente a esse brusco tratamento, ele encolhia as penas e fechava os olhos. Depois que a fêmea se acalmava, ele se aproximava com as mais delicadas maneiras, e, curvando graciosamente o pescoço, soltava então o seu gutural epitalâmio, para apaziguá-la e cortejá-la.

Defrontam-se agora, estiram o pescoço para cima e, oscilando de um lado para o outro, entoam um estranho canto ao céu indiferente. Depois, parecem entrar em entendimento perfeito.

Mas, para manter a companheira e a felicidade do lar, o sr. Pinguim tinha que usar de constante vigilância durante o primeiro período da vida em comum, pois o ninho era invadido por milhares de fogosos companheiros, e não era raro verem-se alguns deles querendo cortejar uma fêmea na ausência do consorte; quando este aparecia, punha o intrujão dalí à força de bicadas. Acredito, porem, que isso nunca se passava depois da postura dos ovos e do início da vida familiar. Daí por diante, os casais eram de irrepreensivel fidelidade.

A 21 DE OUTUBRO, milhares de pinguins estavam se apinhando na praia, e chegavam em longuíssima fila que se estendia até o horizonte.

Os pinguins da Terra Adelaide usam de duas formas de locomoção no gelo. Uma delas consiste simplesmente em andar a pé, dando passadas de uns 10 cm no máximo, e num ritmo de 120 passos por minuto.

A segunda forma de locomoção consiste em transformarem o próprio corpo numa espécie de trenó; quando se sentem cansados de caminhar, ou quando o terreno lhes parece apropriado, atiram-se de peito sobre a neve e começam a deslisar; empurram o corpo dando pequenos movimentos compassados com as pernas.

Muitos dos ninhos estavam agora concluidos, e as fêmeas neles refestelados, embora ainda não se vissem ovos. Em torno dos ninhos tumultuava uma compacta multidão, que não cessava de gritar e lutar, pouco se importando com nossa presença humana. No entanto, quando passávamos perto dos ninhos, as aves arrufavam as penas e «ralhavam», e às vezes chegavam a atacar-nos com bicadas nas pernas, ou a golpear-nos com os cotos das asas. Mas, a menos que bulíssemos com os ninhos, esses ataques eram de curta duração.

O número de gaivotas aumentara muito pelo início de novembro, estabelecendo-se luta constante entre os pinguins e essas invasoras, que visitam a Antártica durante o verão e constroem seus ninhos junto aos dos moradores habituais—os pinguins. Durante o período da postura, as gaivotas se alimentam quase exclusivamente de ovos de pinguim, devorando-lhes ainda os filhotes, logo que nascem. Nunca se atrevem a atacar os pinguins adultos, que lhes dão caça na praia e as põem em fuga, quando lhes passam ao alcance do bico; mas as gaivotas podem voar, e assim a perseguição se torna impossivel.

As gaivotas voam sobre os ninhos, a pouca altura do solo, e, quando uma delas descobre um ninho vazio, com ovos à vista, mesmo que seja apenas durante alguns segundos, desce rapidamente, pega o ovo no bico, e lá se vai com o furto pelos ares...

O ódio feroz que os pinguins têm às gaivotas pode ser demonstrado por um fato que nos foi dado observar no lugar onde jogávamos o lixo do acampamento. Nesses restos de comida, nada havia que pudesse ser utilizado pelos pinguins. No entanto, passado algum tempo, notamos que em redor desse monturo sempre havia um ou dois pinguins de sentinela, incumbidos de afastar, com furiosas bicadas, quaisquer gaivotas que surgissem à cata de comida. Quando estas erguiam vôo, os pinguins batiam os cotos, imitando-as freneticamente, e, incapazes de voar, exprimiam sua raiva em cacarejos guturais.

Até aparecerem os primeiros ovos, nenhum dos milhares de pinguins se havia ausentado do ninho, uma vez que fosse; nenhum deles se alimentara, sequer, durante todo o período mais árduo da postura. O jejum de muitos deles se prolongou por nada menos de 27 dias.

Durante muito tempo, as aves, presas aos ninhos, matavam a sede comendo a neve em torno; mas, à medida que esta se acabava, elas padeciam terrivelmente e ficavam prostradas, de bico aberto e com a língua de fora. Mais tarde, os machos faziam rápidas viagens aos montões de neve que não haviam derretido, e aí saciavam a sede; mas as fêmeas não se arredavam dos ninhos. Uma vez vimos um dos machos voltar ao ninho, levando no bico um torrão de neve para a companheira.

Sucedia, porem, que a neve derretida encharcava parte do terreno em redor. Embora os pinguins, em sua maioria, tivessem escolhido, com o maior cuidado, um lugar que se mantivesse sempre enxuto, algumas das fêmeas fizeram seus ninhos em lugares baixos. Essas pobres viram-se impedidas de criar seus filhotes; assim, pela seleção natural, sobreviviam apenas os mais aptos.

Durante o período de jejum, os pinguins, nenhum dos quais entrara na água, ficaram muito sujos. Entretanto, com uns poucos banhos, voltaram ao seu estado normal, de imaculada limpeza.

A lingueta de gelo de uma meia milha, que vai do pé das geleiras até onde as ondas rebentam, era agora palco de um animado espetáculo, pois os pinguins, aos milhões, iam e vinham, num movimento constante. Bandos de aves sujas, vindas dos ninhos, cruzavam-se com os companheiros que já voltavam para casa, depois de farto banquete e grandes farras no mar.

Os casais se revesam no cuidado dos ninhos: enquanto um deles fica a cuidar do choco e da guarda dos ovos, o companheiro se dirige ao mar, para divertir-se com os outros, e ao mesmo tempo banquetear-se nos abundantes cardumes dos pequenos crustáceos que fornecem alimento farto aos pinguins da Terra Adelaide. As aves que se dirigiam ao banho iam satisfeitíssimas, «conversando» alto e brincando umas com as outras.

À beira d'água, quase sempre seguiam a mesma norma. O objetivo dos pinguins, em cada grupo, parecia consistir em obrigar um dos companheiros a cair n'água primeiro, e começava aí uma grande patuscada, cheia de viravoltas e negaças. Às vezes, um deles acabava sendo atirado ao mar, mas, dando uma rápida volta no fundo, saltava de novo à barreira de gelo, com o curioso efeito de uma rolha que espoca de uma garrafa.

Depois, subitamente, um deles disparava numa rápida corrida ao longo da ribanceira de gelo, e aí toda a tropa punha-se no seu encalço. Por fim, ele se atirava de cabeça dentro d'água, no que era imitado por todo o grupo—cada um saltando à água no lugar exato de onde havia saltado o primeiro; e o faziam numa sequência tão rápida, que pareciam um verdadeiro jorro escuro que se despejasse ao mar.

Ao cabo de alguns momentos de silêncio, voltavam todos à tona, a uma distância de 20 ou 30 metros da margem, e começavam então os seus folguedos, gritando e espadanando água, como se fossem um bando de garotos chamando uns aos outros aos berros.

Tão extraordinária é essa cena, que, observando-a pela primeira vez, ficamos francamente pasmados. Custavanos crer que essas pequenas criaturas fossem aves, e não seres humanos. Relutantes, a princípio, em entrar no banho, uma vez dentro d'água davam mostras de grande contentamento, e eram capazes de prolongar a brincadeira durante várias horas. Praticavam uma espécie de jogo de pegar e iam-se enchendo dos tais camarõezinhos, até que já não podiam mais...

Quando um grupo de pinguins bem lavados e brunidos, já de volta aos ninhos, encontrava uma «tropa» de aves sujas, a caminho do banho, muitas vezes os dois grupos paravam, e pareciam «conversar» durante alguns minutos numa confraternização de limpos e sujos. Via-se que se tratava de criaturas sociaveis e que, como muitos de nós, gostavam desses «batepapos» que lhes permitiam esquecer por uns momentos suas responsabilidades domésticas, nos ninhos, onde as companheiras os esperavam para que as substituissem. Muitas vezes, aliás, alguns dos pinguins, já lavados, se deixavam persuadir a voltar e acompanhar os outros e lá se iam de novo ao mar, para mais algumas horas de tagarelices e folganças dentro d'água.

Outro passatempo predileto dos pinguins eram as «excursões». Diante dos ninhos estavam sempre a passar blocos flutuantes de gelo, levados pelas marés. Ao aproximar-se um desses blocos, era logo invadido por um bando de pinguins. Os passageiros desses «navios» gritavam aos companheiros que estavam na praia, os quais, por seu turno, respondiam com berros; assim se ouvia alegre algazarra à passagem de cada bloco pelos ninhos. Frequentemente um grupo de pinguins hesitantes que se achava em terra, atraido pelo vozerio que vinha dos excursionistas, atirava-se à água e nadava para se reunir aos camaradas até o fim da viagem. Vi, mais de uma vez, um desses flutuadores tão carregado de pinguins, que, quando outros o abordavam, saltando do mar para cima, muitos dos passageiros «davam com os burros n'água» do outro lado. Após um percurso de uma meia milha, todos se atiravam do bloco e regressavam aos ninhos, nadando contra a maré...

Os pinguins nadam quase da mesma maneira que os patos, na superfície; mas às vezes imitam os botos, ao nadar no fundo, servindo-se dos cotos de asa para a propulsão. Conseguem nadar com grande rapidez e com a agilidade de um peixe, podendo inverter de repente o seu curso, sem nenhuma dificuldade. Quando nadam à maneira dos botos, depois de haver navegado sob a água uns dez metros, dão um salto formidavel, que os eleva a dois ou três metros acima da tona.

Talvez a mais curiosa proeza dos pinguins da Terra Adelaide seja o salto que costumam dar de dentro d'água para a margem de gelo. Quando um grupo já satisfez o apetite e já brincou bastante, nada então a uma distância de 30 a 40 metros para fora da ribanceira, e de lá estira o pescoço para se certificar do lugar por onde deve subir para a terra. Isso feito, todos se submergem de uma vez e não surge ondulação na superfície para indicar o rumo que seguem; depois, de súbito, às vezes em grupo, ou então em fileira, um a um, emergem e, com o mesmo impulso, saltam à barreira da margem. Dos saltos que medí, o mais elevado foi de metro e meio mais ou menos, tendo o pinguim pulado de uma distância semelhante, a partir da beirada. E o impulso necessário para tal proeza, ele o obtivera de sua marcha debaixo d'água.

O detalhe mais importante desses saltos para a terra era a precisão com que todo o grupo se levantava a um momento exato, tendo já prejulgado a distância pela rápida observação feita de longe, antes de mergulhar, distância essa que «levavam de cor» ao aproximar-se do gelo. E surgiam todos justamente à mesma distância da beirada.

Os «banhistas» hesitavam sobre qual deveria ser o primeiro a cair n'água, fato que talvez se explicasse em parte pelo que verificamos depois: grande número de «leopardos marinhos», ou focas pintadas, reuniam-se no mar para se atirarem aos pinguins.

Pareceu-me, portanto, que toda a brincadeira preliminar e todos os empurrões antes do banho decorriam de que cada pinguim queria ver outro companheiro cair n'água primeiro, afim de provar que não «havia mouros na costa»; mas toda essa manobra era realizada como se se tratasse de uma brincadeira. Esse fato não é surpreendente, porque, de todos os animais que tenho estudado, acredito que os pinguins da Terra Adelaide sejam os mais destemidos. Quanto mais os víamos, tanto mais simpatizávamos com eles e mais admirávamos a sua indômita coragem. O aparecimento de uma foca era a única coisa que os fazia espalhar-se em pânico.

Quando os filhotes começaram a aparecer, notamos uma estranha diferença na aparência dos pais, ao dirigirem-se do mar para os ninhos. Antes eles se distinguiam apenas por sua plumagem lustrosa e imaculada; mas agora traziam comida para os filhotes, e seus papos estavam tão dilatados, que os animais tinham de se vergar para trás ao locomover-se, afim de contrabalançar os abdomes protuberantes. Às vezes, até tropeçavam nas irregularidades do terreno, porque, com os papos tufados para a frente, não enxergavam onde iam pisando. Para receber alimentação, os filhotes mergulham a cabeça na guela dos pais, indo pegar com o bico a comida que está no fundo.

Enquanto os filhotes são pequeninos, os pais não encontram dificuldade em alimentá-los; mas, como um deles tem que ficar no ninho a aquecer os filhos, defendê-los das gaivotas e dos pinguins «vagabundos», e impedir que os filhotes se extraviem, apenas um dos pais pode ir procurar comida. Quando os filhotes completam 15 dias comem tanto, que o trabalho de um dos pais já não é suficiente. A essa altura observa-se a aplicação de um sistema social

assás interessante. Para substituir o trabalho individual dos pais, toda a colônia reune os filhos numa grande comunidade, e divide-os em grupos, ficando cada grupo sob a guarda de alguns pinguins mais velhos.

O resto cai no mar, à cata de comida para a prole coletiva.

Parece que esses velhos pinguins só cuidam dos filhotes deixados à sua guarda até o fim da temporada.

Falei atrás de pinguins «vagabundos», que costumam atacar os filhotes extraviados. Trata-se, ao que parece, de machos que, não tendo encontrado companheira, ficam sem rumo, pelas praias. Seu número cresce muito durante o verão, certamente porque entre eles se acham tambem machos cujas companheiras morreram. Muitas das colônias são visitadas por «vagabundos», aos grupos, e, se um filhote se extravia, corre o risco de ser morto por eles. Muitos são os seus crimes, tornando-se interessante observar que essas aves, como os homens, degeneram na ociosidade.

A mortalidade entre os pinguins de Adelaide é muito alta. Alem das gaivotas, dos pinguins malfeitores e das focas, as avalanches constituem permanente ameaça. Houve uma, enquanto estávamos lá, e foram terriveis os estragos causados. Encontramos centenas de pinguins à morte, machucados e feridos, alguns em estado lastimavel. Era de ver como os ninhos não atingidos pela avalanche continuavam sob proteção, como se nada houvesse sucedido. Vi muitas aves, feridas e empapadas de sangue, chocando seus ovos.

Quando os filhotes perdiam a penugem e lhes apareciam as penas definitivas, seguiam para a margem da água, afim de aprender a nadar. Muitos dos adultos se metiam em poças rasas e, agachando-se aí, batiam com os cotos de asa, para dar aos filhotes uma «aula» de natação. Durante esse período de instrução, podiam ver-se, às vezes, um pinguim adulto com uma tropa de filhotes atrás; evidentemente os instintos gregários que os levavam a uma vida de comunidade, aplicavam-se tambem aos «estudos primários» dos pinguinzinhos...

Enquanto isso, nos ninhos ainda se viam muitos filhotes, já bem desenvolvidos, a choramingar em vão, pedindo comida; mas nenhum dos adultos atendia a esses pedinchões, pois estes já estavam em idade de cuidar de si mesmos.

Logo que a nova geração aprende a prover-se de sua própria comida, adultos e filhotes já estão prontos para a viagem até as geleiras mais ao norte, onde escapam ao inverno rigoroso da Antártica e onde a água, livre do gelo, lhes dá aquilo de que necessitam para a subsistência.

A 12 de março, fotografei o último grupo. Dois dias depois, apareceu na praia um casal de pinguins, que, parece, vinha ver-nos pela última vez. Depois, esses dois tambem se foram, e olhando para a praia vazia, não nos parecia a mesma, que ainda há pouco regorgitava de pinguins.

Fora-se o último pinguim, e o sol, desaparecendo no horizonte longínquo, deixou-nos sós na noite antártica.

A Marinha brasileira: significação e futuro

Pelo Embaixador
João Carlos Muniz
Representante permanente do Brasil junto às Nações Unidas

A visão física do Brasil nos revela um país caracterizado pela grande diversidade de suas regiões geográficas. Da mesma forma que os Estados Unidos, o Brasil constitui uma coleção de países cuja unidade resulta da língua, da história, das instituições políticas, sociais, religiosas e econômicas e da troca de produtos e serviços. As suas maiores divisões são as duas bacias fluviais do Amazonas, ao norte, e do Prata, ao sul, e o vasto platô que forma a projeção oriental do continente e se estende ao oeste até a Bolívia e ao sul até as planícies do Rio Grande do Sul. Esse platô constitui o fator geográfico mais importante do Brasil na atualidade. Só essa região é maior do que a área da República Argentina, 7 vezes maior do que a França e 12 vezes maior do que as Ilhas Britânicas. Aí estão situados os maiores centros de população e das atividades industriais e comerciais.

Essas divisões geográficas dão ao Brasil o aspecto de um arquipélago cujas grandes ilhas estão ligadas entre si pelos sistemas fluviais e pelo mar. Esse fato mostra a importância das comunicações marítimas e fluviais e o papel da Marinha na criação da unidade nacional.

Nos primeiros períodos de sua história, no colonial (1500–1822) e no império (1822–1889), foi graças à Marinha que se mantiveram as ligações entre as diversas regiões, pois as ligações terrestres eram ainda incipientes. Desse fato decorre o papel importante que a Marinha desempenhou e ainda desempenha na vida política e econômica da Nação. A ligação entre o Norte e o Sul só era realizavel pelo único meio existente—o mar. «Da força naval depende a união do Brasil,» declarou José Bonifácio, o patriarca da Independência brasileira. Em todas as lutas políticas que precederam a Independência e nas que consolidaram as instituições democráticas do Império, a Esquadra escreveu páginas gloriosas. Nas lutas externas, a Marinha teve participação decisiva. De 1820 a 1889, a Esquadra brasileira, que chegou em algumas épocas a ser a terceira do mundo, se manteve fiel às tradições de defesa da integridade nacional.

A campanha submarina desenfreada decretada pela Alemanha e da qual resultou o afundamento de navios brasileiros, levou o Brasil a participar da primeira guerra mundial. A Esquadra brasileira enviou, então, às costas da África e ao Mediterrâneo uma divisão naval sob o comando do Almirante Frontin. Logo após o ataque insidioso de Pearl Harbor, a Esquadra brasileira entrou em fase de atividade pre-bélica, que se traduzia dentro em pouco em operações de guerra, contra a agressão submarina que ameaçava paralisar os suprimentos aliados. Quan-

(*Continua na p. seguinte*)

Estampamos na capa um grupo de garbosos cadetes da Escola Naval, cujo porta-bandeira conduz o pendão daquele tradicional estabelecimento da Marinha do Brasil.

Foto: Leo Matiz

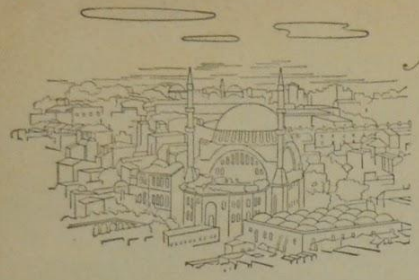
do, a 22 de agosto de 1942, o Brasil reconhecia o estado de guerra contra as potências do Eixo, a sua Esquadra já se achava de fato mobilizada e em constante serviço de guerra. O serviço de comboio é considerado por sua natureza dos mais duros e dificeis numa guerra marítima. Coube à Esquadra brasileira executar essa atividade. Alguns algarismos ilustram o significado dessa participação. Só a força do Nordeste realizou, em colaboração com unidades americanas, 251 comboios, dos quais 70 foram efetuados em águas estrangeiras. Os comboios executados exclusivamente pelas forças navais brasileiras atingiram 195. Essas forças escoltaram 2.981 navios, sendo 1.396 nacionais, 1.051 americanos e 253 ingleses. Em virtude do número inferior de unidades de que dispunha, a Esquadra brasileira teve a seu cargo um número de navios quatro vezes maior que o correspondente às unidades americanas. Outra tarefa da mais alta responsabilidade foi o transporte e a escolta da Força Expedicionária Brasileira, que as unidades da Esquadra conduziram através a campanha submarina ainda em franca atividade, até o seu desembarque na Itália. Graças à ação eficaz do patrulhamento naval, as perdas de tripulações e de navios foram as mínimas registadas nessas operações.

O melhor julgamento do que foi a atuação da Esquadra brasileira no esforço de todos os minutos para assegurar as linhas vitais de transporte sob a sua proteção, encontra-se nas palavras do Almirante Ingram, Comandante em Chefe das forças americanas e brasileiras no importante setor do Atlântico Sul: «As operações de que se encarregaram os bravos marujos brasileiros foram de suma importância e os esforços despendidos foram tremendos. Tive de perto a oportunidade de apreciar a capacidade e a bravura dos marujos do Brasil. É preciso que o povo tenha conhecimento do que foi a tarefa desses intrépidos soldados do mar.»

O Brasil é o terceiro país do mundo em extensão territorial. Essa base territorial, aliada à expansão industrial dos últimos tempos, assegura ao Brasil uma posição geopolítica muito favoravel. O desenvolvimento da indústria manufatureira, por sua vez, tornou-se um fator importante de integração de território, pelo intercâmbio de produtos e serviços a que dá lugar entre as diferentes regiões do Brasil. Graças à revolução tecnológica, o Brasil poderá dispor, hoje, de meios com os quais aumentar rapidamente seus sistemas de transporte. O transporte aéreo, em franca expansão, adquiriu uma enorme importância para a integração do vasto território brasileiro.

À luz desses desenvolvimentos dos últimos decênios, as comunicações marítimas e fluviais não perdem, mas pelo contrário, adquirem cada dia maior importância, com o crescimento da atividade econômica e da interdependência dos vários centros de produção. A esquadra, conforme ficou demonstrado na última guerra mundial, acresceu suas tradições na função de preservar a integridade territorial e a soberania nacional. Essa é a razão pela qual o Almirante Ingram, após um longo contato com os oficiais e marinheiros do Brasil, concitou o povo brasileiro a desenvolver cada vez mais uma mentalidade naval.

A Escola Naval do Brasil, que alia a eficiência do ensino técnico ao culto da tradição, constitui uma garantia de que essa mentalidade naval continuará a existir no povo brasileiro.



No Park Hotel em Istambul . . .

Famoso lugar onde se encontram jornalistas e viajantes de todo o mundo. Aqui também a Parker foi votada como a mais desejada das canetas. Mais desejada do que todas as outras marcas combinadas!

Parker "51"

a caneta mais desejada do mundo

• Já 83 investigações em 34 países demonstram a preferência universal pela Parker. Elegante e flexível—deslizando sem esforço—a "51" torna a escrita um prazer. Oferece à escolha uma série de penas adaptáveis a qualquer tipo de caligrafia.

E esta é também a única entre as canetas desenhada para o uso satisfatório da nova Parker Superchrome—a tinta super-permanente, superbrilhante que *seca à medida que se escreve!*

"51"... Escreve sêco com tinta líquida!

REPRESENTANTES E PÔSTO CENTRAL DE REPARAÇÕES PARA

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C. P. 463—Lourenço Marques

Um nome com que se pode contar

EXCELENTES máquinas, feitas com precisão . . . mais rápidas, mais dignas de confiança, de vida mais longa . . . e seu preço chega a ser mais baixo, devido a seu funcionamento superior. Pode-se confiar em que as Máquinas de Escrever Smith-Corona prestarão serviço eficiente durante muitos anos.

Distribuidores Autorizados

BRASIL: Superintendente de vendas para o Brasil
HERBERT N. COHN, Machinas-Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro*
Machinas - Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro, São Paulo & Belo Horizonte*
Carvalho & Cia., *Recife*
Dantas, Krauss & Cia., *Aracajú*
Importadora de Ferragens, S. A., *Belem*
J. Goossens & Cia., Ltda., *Fortaleza*
Antonio M. Henriques & Cia., *Manaus*
Carlos Hoepcke, S. A., *Florianopolis*
Wandick Lopes, *Natal*
Neves & Cia., *Parnaiba*
Simon Rosenblit, *São Salvador*
Guimarães e Souza & Cia., *São Luiz*
Soc. de Com. e Refrigeração Springer, Ltda., *Porto Alegre*
PORTUGAL: Soc. de Com. Internacional, Ltda., *Lisboa*
ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA: John Orr & Co., *Lourenço Marques*
GUINÉ PORTUGUESA: Carlos Pinto Machado, *Bissau*
ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA: Angola Coaling Co., Ltd., *Luanda & Lobito;* Issardas Utamchand, *São Tomé*

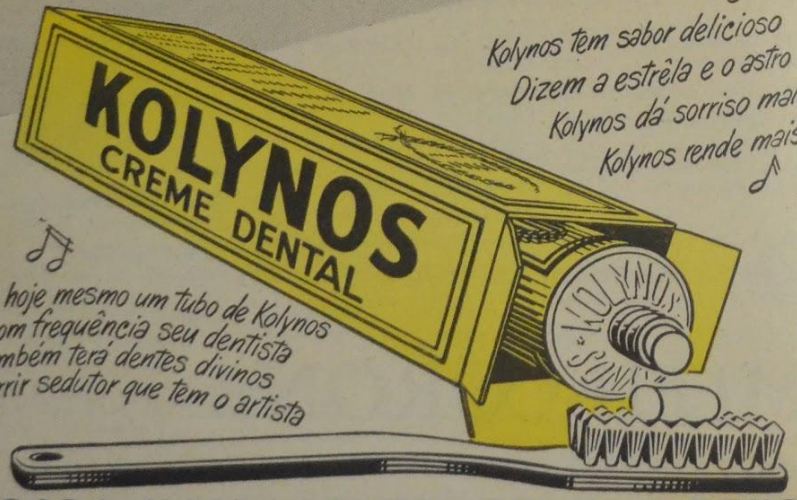
SMITH-CORONA *Typewriters*

DIVISÃO DE VENDAS PARA O EXTERIOR, SYRACUSE 1, NEW YORK

VOCÊ
também usará Kolynos
diz Barbara Hale

A famosa estrêla da RKO Radio Pictures que aparece em "A Likely Story"

Kolynos tem sabor delicioso
Dizem a estrêla e o astro mais famoso
Kolynos dá sorriso mais brilhante
Kolynos rende mais...é refrescante



Compre hoje mesmo um tubo de Kolynos
Visite com frequência seu dentista
Você também terá dentes divinos
E o sorrir sedutor que tem o artista

Basta um centímetro na escôva sêca

K-39-P

AGRADA MAIS... LIMPA MAIS... RENDE MAIS

Êle contempla uma Vida Melhor

Um dia surgirão belas casas, novas e modernas fábricas, estradas amplas e parques sombreados, nos quais poderemos nos divertir e descançar. Nos últimos 50 anos de livre concorrência, o petroleo contribuiu para a realização de tarefas consideradas "impossíveis", melhorou as nossas vidas, forneceu energia e lubrificantes para a indústria; está sendo agora usado na construção de estradas e na produção de alimentos, na medicina e nos cosméticos, na fabricação de tintas e de centenas de outros produtos.

Devemos esperar outras coisas no futuro. Cada experiência, nos Laboratórios Esso, revela novas possibilidades. Essas casas e essas fábricas serão construidas. O petroleo realizará o sonho do jovem da colina. O petroleo contribui para uma vida melhor.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE — Esso — UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

CONHEÇA OS GRANDES MÉDICOS DO BRASIL

PROFESSOR OTÁVIO RODRIGUES LIMA

Catedrático de Clínica Obstetrica da Faculdade Nacional de Medicina e Professor Emérito da Faculdade de Medicina e Cirurgia, é um dos mais legítimos expoentes da cultura médica em nossa terra. O fato de ser reconhecidamente um obstetra de méritos excepcionais lhe confere uma autoridade única, ao afirmar:

Na evolução da gravidez todo o cuidado deve existir com relação ao perfeito funcionamento intestinal.
Aconselho e obtenho reais vantagens com o emprego do "Leite de Magnésia de Phillips" durante o período da gestação, nos casos indicados.

Rio, 2 de Abril de 1948.

Assim se comprova, mais uma vez, a eficácia do Leite de Magnésia de Phillips como suavizador de todo o aparelho digestivo, especialmente aconselhado às senhoras durante o período da gestação. Eis uma das muitas razões porque o Leite de Magnésia de Phillips é hoje, como ha 75 anos, o remédio básico, indispensável da nossa farmácia caseira. Laxante ideal e antiácido eficás, o Leite de Magnésia de Phillips neutraliza o excesso de acidês, ao mesmo tempo que auxilia a digestão. Usado metòdicamente, é um fator perene de saúde e bem-estar.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

TÃO SUAVE PARA AS CRIANÇAS! TÃO EFICAZ PARA OS ADULTOS!

Ouça, às terças feiras, pela *Rádio Nacional*, às 20:30 hs., *"Obrigado, Doutor"* — um programa dedicado à *Classe Médica*

Conservação econômica de estradas

A Moto-Niveladora Allis-Chalmers, que acima se vê, contribui grandemente para a construção e manutenção econômica de boas estradas — questão hoje de vital importância para todo o mundo.

Esta máquina possante destina-se a executar . . . rápida, eficiente e econômicamente . . . a maior diversidade de operações essenciais em tôdas as obras de estradas — tais como terraplenagens, nivelamentos, escavação de valas, e construção de taludes. Conserva as estradas lisas, eliminando as asperezas do pavimento, acelerando o curso do tráfego, e reduzindo os gastos de conservação dos veículos de tôda espécie. Preenche e elimina os sulcos profundos, mantem bem drenados os leitos e valetas das estradas, alisa os taludes de refôrço e as bermas, conserta ràpidamente os estragos causados pelas enxurradas.

A eficiência total do equipamento no gênero da Moto-Niveladora Allis-Chalmers significa que se podem construir e reparar mais estradas boas em mais localidades, para maior benefício de maior número de pessoas.

ALLIS-CHALMERS

Depto. PD948—Divisão de Tratores—Milwaukee 1, E. U. A.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1847

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio (PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro

Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão

Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo

B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem, Pará

Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Av. Julio de Castilhos 333,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:

H. Vaultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.

... Este relógio até parece um

"Moto Contínuo!"

Sim! Dando corda por si mesmo, o notável Tissot Automático possui marcha perpétua.

... e é Garantido Contra Qualquer Acidente — por 1 ano!

Um novo triunfo se acrescentou à série Tissot—o Tissot Automático! Incorporando as relevantes qualidades Tissot, o Tissot Automático é também antimagnético, de notável precisão e resistência, protegido contra choques, impermeável ao pó e ao suor. Sua admiração será completa, porém, diante do infalível e aperfeiçoado sistema de auto - renovação da corda, que permite "marcha perpétua", como se fosse um MotoContínuo. Os bons relojoeiros apresentam com orgulho a nova maravilha digna de Tissot—o Tissot Automático.

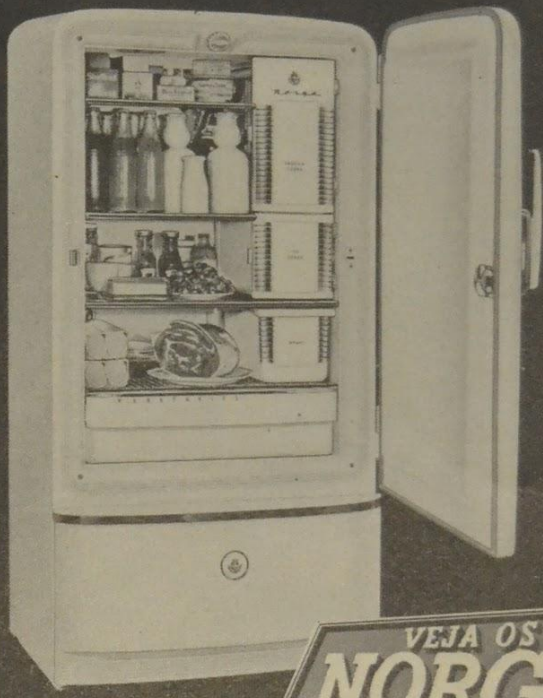
AÇO
Cr$ 1.100,00
FOLHEADO
Cr$ 1.400,00
OURO
Cr$ 4.000,00

GARANTIA ÚNICA

● Tissot lhe oferece ainda essa excepcional garantia, o Certificado Exclusivo Tissot Contra Qualquer Acidente, válido por um ano. Seja qual for a avaria, parcial ou total, seu Tissot será consertado ou trocado, inteiramente grátis!

Tissot AUTOMÁTICO

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE—GENEBRA—SUÍÇA Tissot

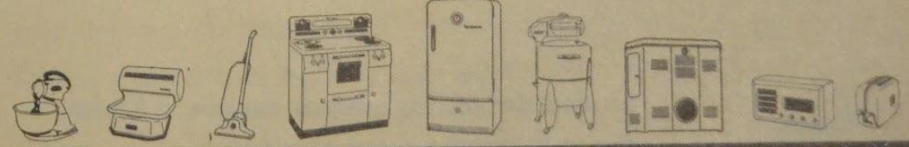


VEJA OS NORGE ANTES DE COMPRAR

BORG-WARNER B-W INTERNATIONAL

O mais fino de todos

Maior espaço para garrafas em pé. Mais espaço util nas prateleiras, e no novo e enorme congelador lateral que conserva maior quantidade de alimentos frios. Comprando um Norge lucrará!



BORG-WARNER INTERNATIONAL

SECÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

Ambos usam a Fotografia

V. S., para instantâneos . . .
dados memoráveis em seu diário de família.

Eis dois dos muitos campos em que a Kodak põe a fotografia a seu serviço.

Kodak

O professor, para ensinamento visual . . .
indispensável para transmitir conhecimentos mais completos em menos tempo, com o auxílio de filmes, diapositivos e livros com ilustrações.

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N.Y., E.U.A.

Com uma velocidade de vôo comprovada de 280 km à hora, o falcão peregrino move-se mais depressa que qualquer outra criatura.

FATOS—

sobre a velocidade . . .

em trabalhos numéricos

Rapidez, *aliada à precisão comprovada,* eis a única medida para a manipulação eficiente dos números. E só com o novo Calculador Impressor 96 automático é possivel alcançar *verdadeira* rapidez. É mais rápido em três aspectos!

Mais rápido com a fita impressa. Um simples olhar revela cada fator, mostra a correção imediatamente! Mais rápido com a divisão automática, a multiplicação eletrificada, a soma e a subtração, e o famoso teclado de 10 teclas com controle de toque. Mais rápido porque todos os problêmas se resolvem automaticamente, de modo claro e completo.

E mais este "bonus" de velocidade: ciclo e impressão eletrificados—mais rápido que nunca!

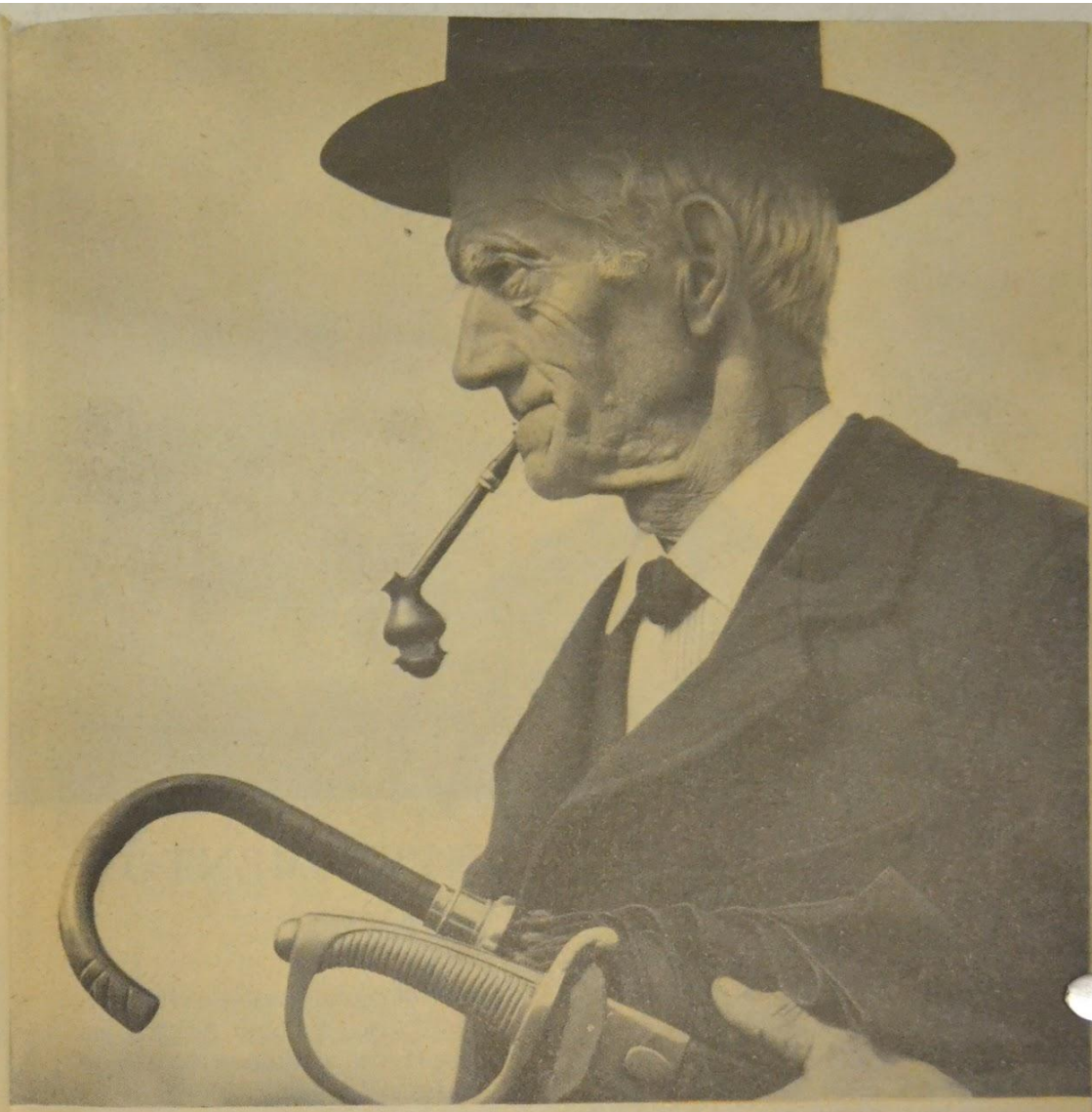
Escreva hoje pedindo fatos relativos à trabalhos numéricos, dirigindo sua carta a Export Div., Remington Rand, Dept. H-9, 315 Fourth Ave., New York 10, N. Y.

● **FATOS QUANTO À COMPROVAÇÃO** —*Prova imediata de correção na fita impressa. Anexado ao trabalho do momento, constitue um registro permanente.*

● **FATOS QUANTO AO CONTROLE**— *O teclado de 10 teclas, facil de usar, e as teclas especiais, logicamente situadas, dão ao escriturário um controle positivo, simplificado, dos cálculos mais complexos.*

"prova plenamente automática na fita impressa"

O NOVO CALCULADOR IMPRESSOR 96 Remington Rand



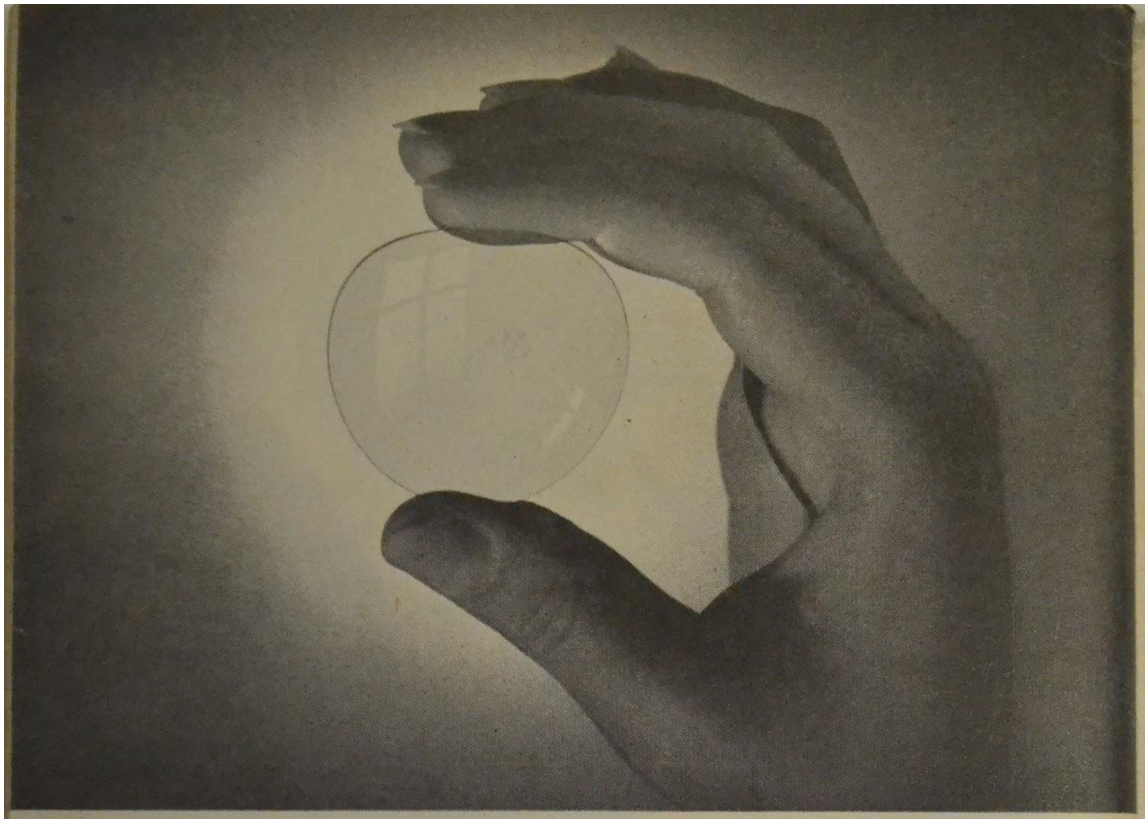
QUE É QUE FAZ GRANDE UMA NAÇÃO?

. . . Não é o tamanho, nem a riqueza: mas o seu povo—e o espírito que o anima. O suiço que aquí vemos vai a caminho das urnas eleitorais, no Cantão de Appenzell. Sua espada é um símbolo, que há mais de 400 anos acompanha o ato eleitoral, como que para demonstrar a resolução com que o cidadão suiço está disposto a defender a independência pátria.

E o guarda-sol é típico tambem! Porque os indivíduos se esforçam para fazer todas as coisas com o máximo de prudência, cuidado e precisão meticulosa, neste pequeno país onde uma quarta parte das terras são estereis, e onde, portanto, tudo depende dos frutos saidos das mãos habeis dos seus artífices.

Tais qualidades de prudência e precisão, que se tornaram caraterísticas de todos os trabalhos manuais dos suiços, atingem talvez a sua mais alta expressão no excelente Relógio Suiço—cuja beleza e precisão inigualaveis se tornaram de há muito famosas no mundo inteiro.

OS RELOJOEIROS DA SUIÇA



O MAIS PRECIOSO INSTRUMENTO ÓTICO NO MUNDO

Esta é uma lente para óculos—um pedaço de vidro resultante da fusão de areia, soda e outros produtos químicos. Para Você, no entanto, essa lente significa—boa visão. Ela contribuirá grandemente para seu conforto, segurança, bem estar e eficiência em seu trabalho.

Entre as melhores lentes que Você pode encontrar acham-se as fabricadas por Bausch & Lomb, firma cujos standards de qualidade têm sido mantidos pelos quasi 100 anos de sua existência, dedicada toda ela à manufatura de microscópios, binóculos e outros instrumentos ótico-científicos e mercadorias óticas.

Consulte seu oculista uma vez por ano.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL COMPANY B&L ROCHESTER, N.Y., U.S.A.

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BUENOS AIRES

A WESTINGHOUSE PODE AJUDAR

a Combater a Tuberculose na sua Cidade!

Prova-se que os homens de negócio podem organizar a proteção de suas comunidades

Este ano a tuberculose matará 6.000.000 de pessoas . . . 33,3% mais que o número de soldados aliados mortos em combate durante a Segunda Guerra Mundial!* E no entanto, para evitar essas perdas, bastaria que os homens influentes de cada comunidade cooperassem com os serviços de Saúde Pública na aplicação destas quatro medidas:

1. EXAME RADIOLÓGICO de todos os trabalhadores e de todas as pessoas hospitalizadas. Este exame permite diagnosticar e tratar prontamente a doença ainda na fase incipiente.

2. ISOLAMENTO E CUIDADO dos tuberculizados, em sanatórios e casas ou campos de repouso. Esta medida permite prestar os devidos cuidados aos doentes, e protege os sãos contra a doença.

3. ASSISTÊNCIA ECONÔMICA aos doentes e suas famílias durante a longa convalescença, o que anima os doentes a persistir no tratamento até à cura completa.

4. REABILITAÇÃO PROFISSIONAL. O doente curado precisa por vezes de adotar nova ou menos pesada ocupação. Para mantê-lo saudável, é essencial assisti-lo no treinamento e reajustamento profissional. Mostra a experiência que, para se tirar resultados destas quatro medidas, a comunidade deve contribuir com fundos, facilidades e homens de iniciativa.

A-fim de recrutar cooperação local, a Westinghouse resumiu em um folheto de 12 páginas um plano do Departamento de Saúde Pública dos E.U.A. Para recebê-lo gratis, basta que V.S. peça um exemplar da publicação Int. 541-P, "Combata a Tuberculose na sua Cidade" ao mais próximo Distribuidor da Westinghouse, ou escreva á Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E.A.U.

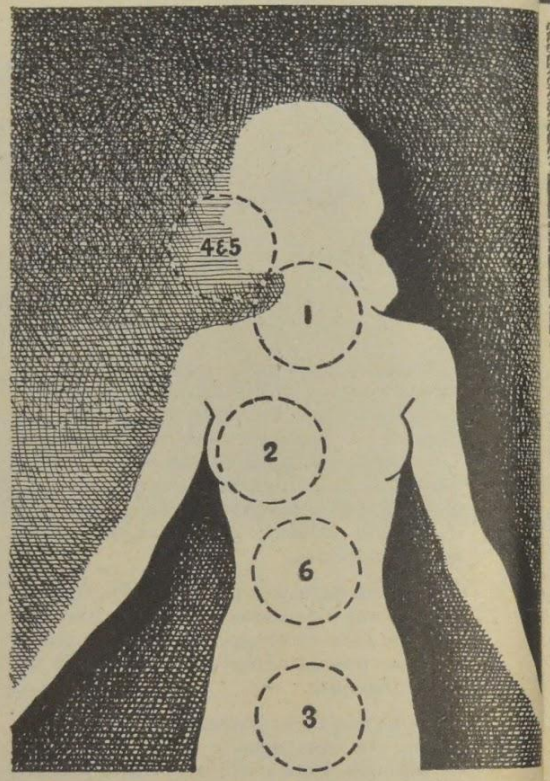
Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é somente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossos recursos, facilidades e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

**Segundo as estimativas das Nações Unidas e os dados do Departamento de Saúde Pública dos E.U.A.*

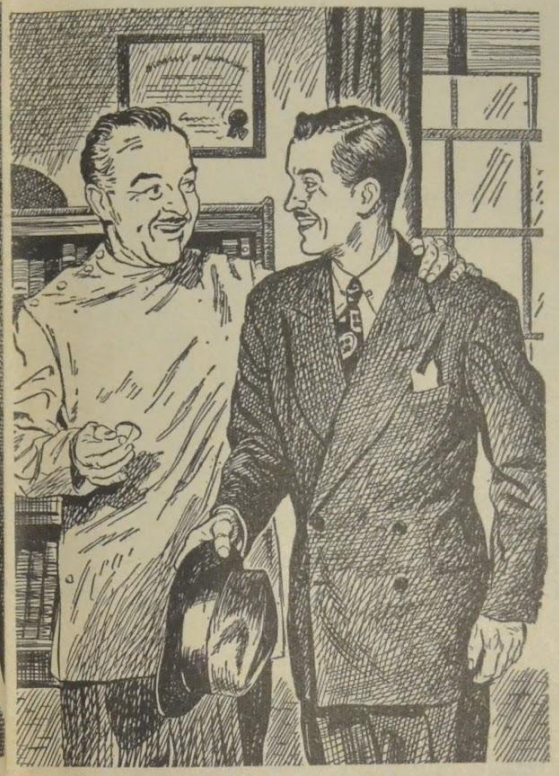
Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

Notícias animadoras sôbre Câncer

Mamãe deixando o hospital, inteiramente restabelecida!



Milhares de pessoas anualmente *não morreriam*, se denunciassem, em tempo, êstes sinais.



Se o seu caso é de câncer em começo, seu médico *pode* salver-lhe a vida.

A ciência ganha terreno contra o câncer!

Cientistas do mundo inteiro estão enfrentando o problema! Fazem experiências com hormônios, por exemplo, e com substâncias novas, rádio-ativas e químicas, na esperança de encontrar um novo tratamento. E de grande importância é saber o público que o câncer pode ser dominado quando *descoberto logo no início* e convenientemente tratado. Felizmente para todos, o câncer em geral manifesta-se por sintomas definidos.

Conheça os 6 sintomas do câncer!

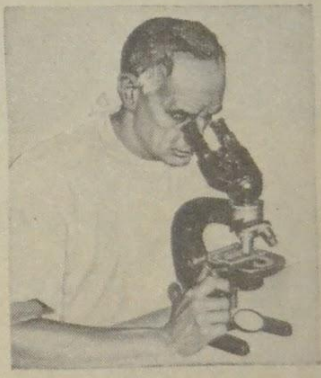
Se notar algum dêstes sintomas—procure o seu médico!

1. Rouquidão ou tosse—sem estar resfriado.
2. Qualquer nódulo persistente—embora sem dor.
3. Hemorragia irregular oriunda de orifícios naturais do corpo.
4. Qualquer *ferida* que se prolongue por *mais* de um mês, especialmente na boca, na língua ou nos lábios.
5. Mudança de coloração, de consistência, ou súbito crescimento em manchas, verrugas ou cicatrizes —particularmente em cicatriz de queimadura.
6. Perda de apetite; distúrbios persistentes em hábitos normais de eliminação; indigestão prolongada.

O câncer incipiente pode ser controlado!

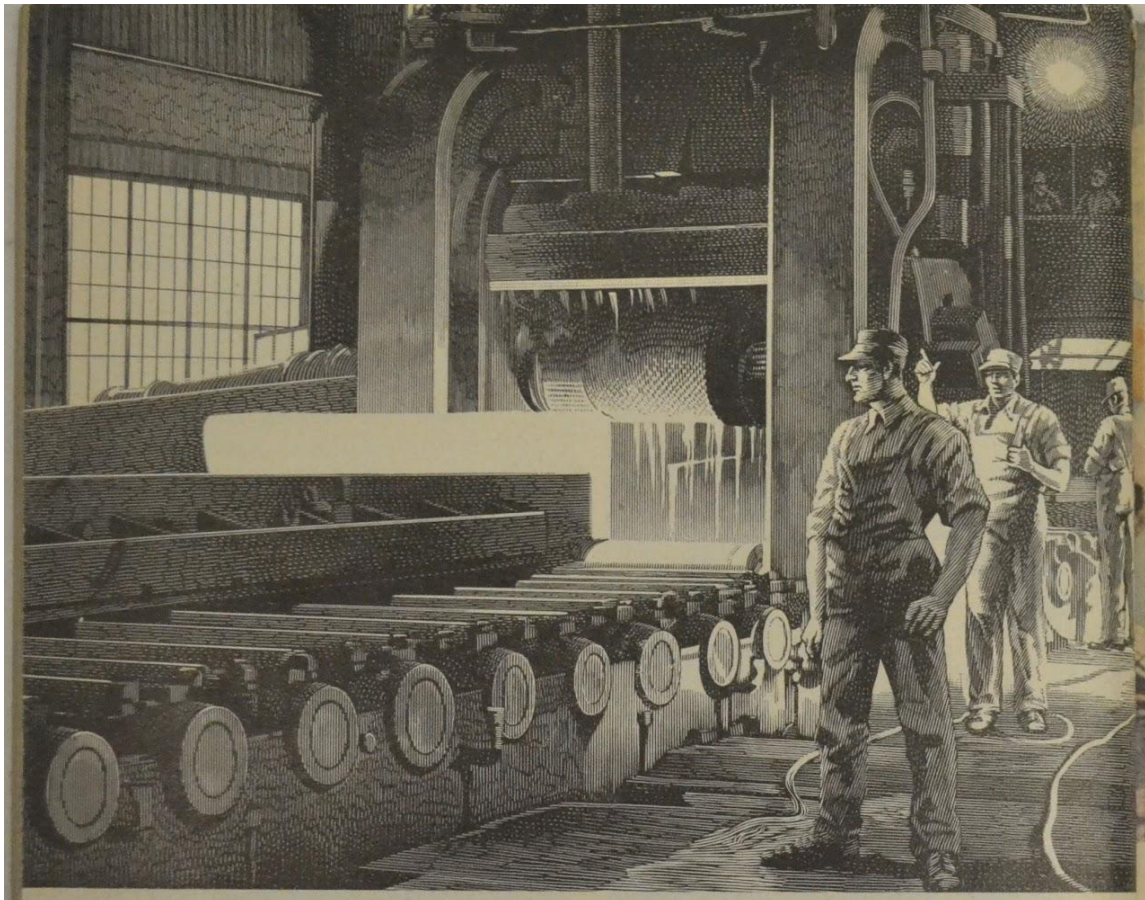
Hoje, se diagnosticado no início, o câncer é controlável na maioria dos casos. E a presença de qualquer dêsses sinais não quer dizer que o snr. tenha precisamente câncer. Em 100 mulheres que procuraram uma grande clínica para exame, 98 não apresentavam câncer. Não tenha medo de consultar. Lembre-se de que o perigo *maior* está na *demora*. Não negligencie. Se tiver qualquer dúvida, ***consulte o seu médico imediatamente!***

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, streptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES

Para transformar lingotes incandescentes em chapas de aço—que surgirão mais tarde em sua casa na forma de uma caçarola ou um refrigerador . . . uma agulha ou um canivete—as usinas siderúrgicas dependem de motores e controles G-E.

A influência das pesquisas, da engenharia e da capacidade industrial da General Electric faz-se sentir em qualquer lugar onde a energia elétrica sirva a humanidade.

A-8-7

GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se por seu funcionamento garantido.

Eis aquí o

MERCURY

Inteiramente Novo

"Novos modelos" aparecem sempre. Eis agora, porém, um carro Inteiramente Novo—o MERCURY!

Admire suas linhas. Mercury é mais largo . . . mais longo e mais baixo. Seu chassis é grande e sólido. Seu molejo inteiramente novo assegura um deslizar macio como o do cisne . . . Super-freios, inteiramente novos. Um novo motor V-8, desenhado e construido *exclusivamente* para o Mercury.

Antes de comprar apenas "um novo modêlo," veja o Mercury *Inteiramente Novo!*

Divisão Internacional • Ford Motor Co.

Você conhecerá

você verá

você apreciará

Não apenas "um novo modêlo," mas o **MERCURY** ***Inteiramente Novo***

As mais fascinantes estrêlas dizem:

RUGÓL

dá à cutis perfeição e suavidade

com *um só creme!*

Graça e esplendor de uma beleza perfeita... Cutis limpa, fresca e acetinada... revelando sempre os maravilhosos cuidados e virtudes do Creme Rugól. A dupla ação de Rugól é rápida e infalível: nutre os tecidos, limpa e estimula tôda a pele. Rugól é muito indicado para as imperfeições da cutis, porque elimina cravos, rugas, manchas e espinhas. Comece hoje mesmo a usar o Creme Rugól que dá à cutis uma adorável brancura... diáfano esplendor de primavera...

Aplique Rugól tôdas as noites, no rosto e no colo, em suaves massagens de 3 a 5 minutos. Use-o também como base para a maquilagem.

MANTÉM EM SEGRÊDO A SUA IDADE

Creme RUGÓL

Um Presente de Utilidade...

é o Trio da SHEAFFER'S Num lindo estojo, digno das mais valiosas jóias, são apresentados os três instrumentos de escrita de que "ele" necessita: a caneta "TRIUMPH", a lapiseira *Fineline* e a esferográfica *Sheafferite*, com unidades de carga em azul, verde ou vermelho permanente.

SHEAFFER'S

W. A. SHEAFFER PEN CO., FORT MADISON, IOWA, E. U. DA A.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11o and.

Representantes gerais para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa

Uma referência à escrita perfeita-eterna referência à Sheaffer

Especiais-em tudo...

Excelentes

para lanches e jantarados, em deliciosos sanduíches . . . para pique-niques, grelhadas ou em dourados e saborosos churrascos.

Especiais, pelas carnes selecionadas de que são feitas . . . **especiais,** pelos processos exclusivos Swift por que são preparadas . . . **especiais,** por sua receita, criação das famosas cozinhas Swift . . . as salsichas Swift têm um sabor diferente, exclusivo, apetitoso. Experimente-as hoje mesmo. São deliciosas e ricas em valores nutritivos.

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

O que não nos faz falta

Por Stark Young

Romancista, autor de «So Red the Rose»

Às vezes eu penso que a melhor maneira de utilizar o dinheiro—ou os privilégios—consiste em livrarmo-nos daquilo que não nos faça falta. As pessoas de valor têm sempre, dentro de si, grande parte do que desejam. Ou, fora de si mesmas, podem dar às coisas da vida uma qualidade e um encanto tais, e fazer uso delas tão plenamente, que as transformam naquilo que delas esperam; os anelos do coração saem ao encontro da vida, e nela descobrem um lugar onde podem pousar e sentir-se satisfeitos. Muito diferentes, porem, são as coisas que o mundo exterior nos impõe.

Digamos que apareça em nossa vida alguma coisa nova. Não a procuramos. Mas eis-nos de súbito cercados por ela, e por ela subjugados. Ou então—e aquí podemos perder a partida—sabemos que, nessa nova circunstância, há muito que nos pode ser necessário, util ou agradavel... muito, mas não tudo; porque a maior parte é inteiramente dispensavel. Devido à mecânica a ao conforto da sociedade moderna, é facil sentirmo-nos oprimidos, afogados, fartos, metidos numa corrida interminavel. Precisamos de ajuda para desembaraçar nosso caminho, em meio ao material impresso, como no meio do tráfego urbano.

As grandes obras literárias só muito raramente podem resumir-se. A extensão de um grande livro faz parte de sua própria natureza. Reduzí-la seria o mesmo que tentar economizar espaço no píncaro de uma montanha; a elevação faz parte da montanha. Por outro lado, os artigos e os ensaios são muitas vezes frouxos e difusos, tratam de assuntos que já conhecemos pela metade, foram talvez inchados pela vaidade humana, ou se apresentam excessivamente longos por haverem sido escritos às pressas. Tambem pode ser escasso o tempo de que dispomos. Precisamos de algo que nos permita atingir o cerne, a essência mesma de tais trabalhos, aquilo que justificaria a sua existência... Fazem já trezentos anos que o grande Pascal pediu desculpas pela extensão de um escrito que ele não tivera tempo de abreviar.

Cr.$ 3,00

SETEMBRO de 1948

Seleções

do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

A Venezuela abre suas portas . . . . . *James L. Tuck* 25
Rainha dos mares . . . . . *Allan A. Michie* 28
Quem defende o amor livre? 33
A meu filho, no dia de seu casamento . . . . . *J. P. McEvoy* 37
Como vencer sem ir à guerra . . . . . *William O. Douglas* 39
Nova conquista contra o cancer . . . . . *W. L. White* 47
Retorna à França a iniciativa livre . . . . . *Edwin Muller* 50
O poder de um bilhete postal . . . . . *Helen Colton* 55
Vôo da águia solitária . . . . . *Francis e Katharine Drake* 57
Não conte assim suas anedotas . . . . . *Bennett Cerf* 63
Meu tipo inesquecivel . . . . . *David C. DeJong* 66
Este mundo em que vivemos . . . . . *Freling Foster* 71
Erros da política de desnazificação . . . . . *Louis P. Lochner* 73
Estas cidades acabaram com as moscas . . . . *Gertrude Arundel* 81
Orçamento doméstico *versus* carestia . *Norman e Madelyn Carlisle* 84
Galileu, sábio de visão ultra-terrena . . . . . *Donald C. Peattie* 87
Assim se subjuga uma nação . . . . . *Bertrand de Jouvenel* 93
Crime na universidade . . . . . *Stewart H. Holbrook* 95
Flagrantes da vida real 99
Sakamoto—ás da natação . . . . . *Blake Clark* 101
Como são atendidas nossas preces . *Reverendo Earl A. Blackman* 105
Existe a serpente marinha? . . . . . *R. T. Gould* 108
Rir é o melhor remédio 113
Um lider na luta contra a morte . . . . . *Paul de Kruif* 115
O Kremlin não deseja guerra agora . . . . . *Drew Middleton* 122

Seção de Livros
Nossas forças mentais . . . . . *J. B. Rhine* 125
Pinguins do Antártico . . . . . *G. Murray Levick* 141

Marinha Brasileira
Fotografia . . . . . capa
Nota . . . . . página 149

OUTUBRO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

Vivamos bem o dia de hoje . . . . . *Dale Carnegie* 29
Ambiente familiar para os doentes mentais . *G. Kent* 33
Luz na janela . . . . . *Lois Mattox Miller* 38
O segredo da Scotland Yard . . . . . *Anthony Abbot* 41
Creio na superioridade masculina . . *Elizabeth Dunn* 47
O plano ABC para a paz mundial . . . *Ely Culbertson* 50
Negócios que outros não vêem 55
Abelardo Rodríguez, governante dinâmico . *R. Wallace* 58
O melhor amigo do homem . . . . . *Alan Devoe* 63
Todos somos anormais . . . . . *Roger J. Williams* 66
Último reduto de Bar Harbor
Francis e Katharine Drake 71
Escravos do Soviete em busca de urânio
Thomas M. Johnson 77
Seria o leitor boa testemunha? . . . *George W. Crane* 80
O que significa para mim a amizade . *Grove Patterson* 81
O homem mais louco do mundo . *Frederick C. Othman* 85
Flagrantes da vida real 90
Estreptomicina—seu poder e limitações . *Lois M. Miller* 92
Por que escovamos os dentes . . . . *Don Wharton* 97
Para aproveitar nossas fraquezas 101
Quem paga pela destruição da Alemanha
O. K. Armstrong 103
«Não se aceitam famílias sem filhos» . *Gretta Palmer* 109
Meu tipo inesquecivel . . . . *Joshua Loth Liebman* 111
O milagre do nascimento . . . . . *J. D. Ratcliff* 116
Música nas escolas . . . . . *Rufus Jarman* 121
José Stalin . . . . . *Louis Fischer* 123
Um experimento que seria fatal . *William H. Chamberlin* 150

Seção de Livros ‖ Isolados nas nuvens
Marguerite Gaylord Tate 135

O chapéu de Jipijapa no Equador ‖ *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *página 151*

CMDRJ CA
1967

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$ 3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3.º andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: J. A. Carvalho, Minerva Central, Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida Mariano Machado, Lobito, Angola.

Tomo XIV, No. 81 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Outubro de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.,
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Administrador:* Roberto C. Sánchez

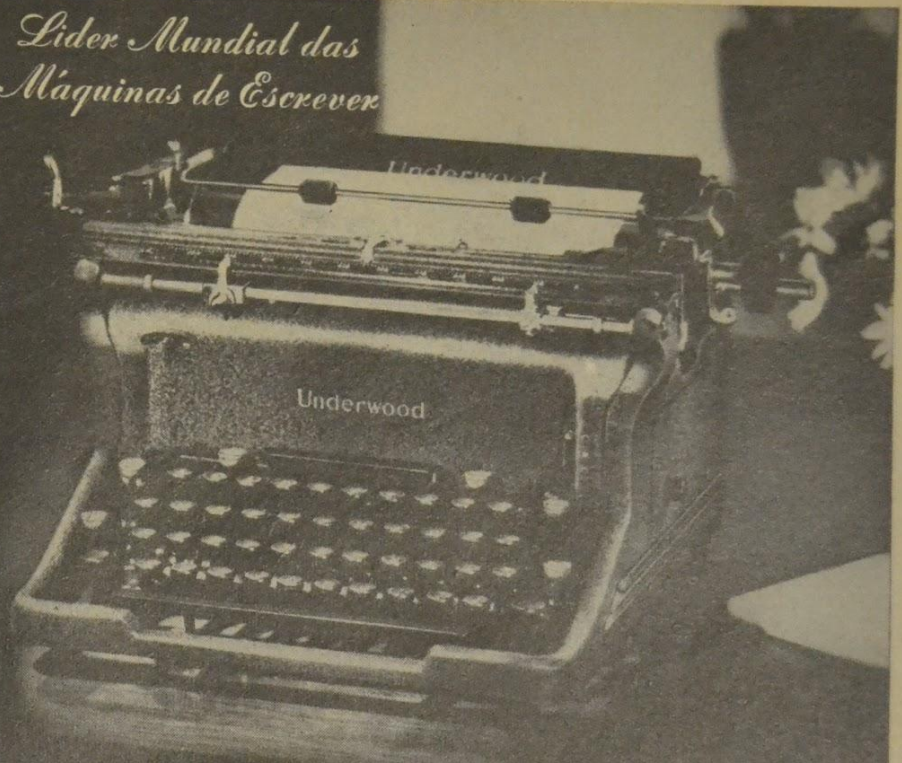
EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês*: redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco*: redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês*: redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês*: redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês*: redator, Seere Salminen (Helsinque). *Edição em japonês*: redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIV, No. 81, October 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSO NOS E.U.A.

Líder Mundial das Máquinas de Escrever



A Underwood de Hoje... Com Toque Rítmico

. . . é uma obra-prima da engenharia aplicada à datilografia. Durante mais de 50 anos, a UNDERWOOD tem sido sempre a primeira a apresentar as mais recentes vantagens da datilografia. Experimente a UNDERWOOD atual, e desfrute a precisão de seu desempenho . . . a esplêndida facilidade de seu funcionamento.

SPEEDS THE UNDERWOOD WORLDS BUSINESS
Underwood Acelera os Negócios do Mundo

Vendas e Serviço Técnico no Mundo Inteiro
Consulte o vendedor local da Underwood
ou escreva-nos
UNDERWOOD CORPORATION
Divisão Internacional
ONE PARK AVE., NEW YORK 16, N. Y., E. U. A.
Máquinas de Escrever • de Somar • de Calcular
Papel Carbono • Fitas de Máquina

Menina de sorte... o seu RESFRIADO pela manhã terá passado!

DORMINDO PROFUNDAMENTE... sonhando ... enquanto seu resfriado melhora, cada minuto que passa. **AO DEITAR,** mamãe friccionou-lhe Vick VapoRub, e desde então tudo lhe tem corrido bem. **O PEITO** está agora confortàvelmente aquecido; já não sente aquela incômoda opressão nem dor. **PELO NARIZ,** cada vez que respira, penetram os vapores calmantes e descongestionantes desprendidos do VapoRub.

REPOUSADA e á vontade, ela dorme tranquilamente enquanto VapoRub continua agindo durante a noite. Pela manhã... *o pior do resfriado já passou!*

Atua POR FORA

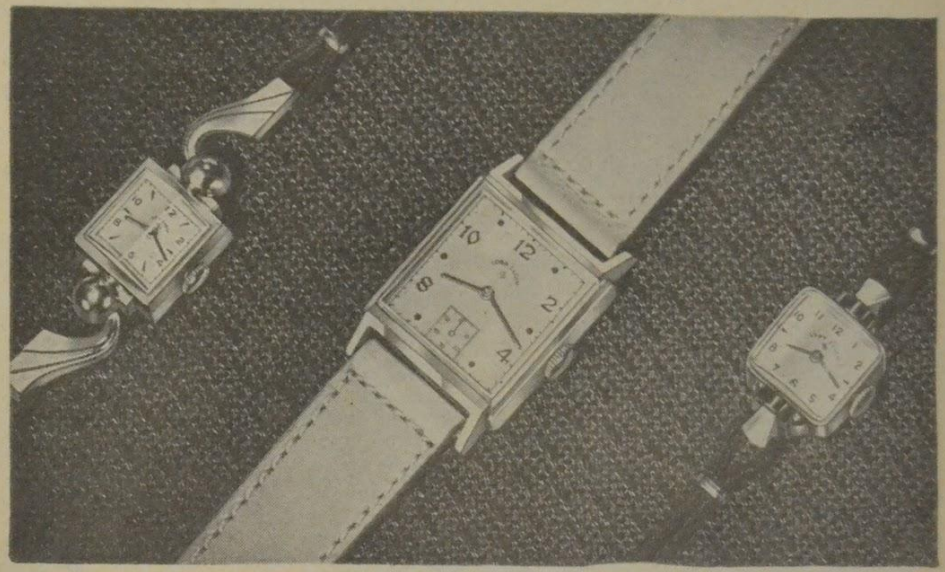
Como Uma Boa Cataplasma. Simplesmente friccionado, VapoRub atua através da pele, "extraindo" a opressão e a dor, e aliviando a congestão. E ao mesmo tempo—

Atua POR DENTRO

Os Vapores Medicinais desprendidos do VapoRub e inalados em cada respiração desentopem o nariz, suavizam a garganta e acalmam a tosse.

VICK VAPORUB

Maior beleza . . . Maior precisão!



SÓ OS *Elgin* TÊM CORDA DE DURAPOWER*

Os novos Relógios Elgin, que já estão a venda nas joalherias, são os mais belos que já ostentaram a famosa marca Elgin. Modelos para senhoras, finos e delicados como jóias . . . Sólidos e elegantes modelos para homens.

E, sob a beleza fascinante da sua aparência, encontra-se a maior inovação da relojoaria nestes últimos 200 anos . . . a Corda de DuraPower —exclusiva da Elgin! A Corda de DuraPower evita 99% dos consertos devidos à fratura das cordas de aço. Assegura infalivel precisão por mais tempo. Sim—V.S. e os seus entes queridos serão mais felizes com um Relógio Elgin!

*Patente requerida

ELGIN NATIONAL WATCH COMPANY, ELGIN, ILL., E.U.A.

Campeão de *Beleza* . . . e *Favorito* Mundial

Capta ondas médias, e tem cinco faixas de ondas curtas internacionais. Funciona com corrente direta e alternada de 115 ou 230 volts, ou por meio de bateria inclusa. Trabalha em todos os climas—e foi especialmente tratado para resistir aos trópicos!

ZENITH

INTERNATIONAL

Trans-Oceânico Portatil . . .
Modelo 8G005YT

Mirage

o perfume "tout Paris"
nova inspiração

ATKINSONS

EXTRATO • COLÔNIA • LOÇÃO

ROYAL significa o melhor em SOBREMESAS!

PUDIM ROYAL—tão leve . . . tão delicioso . . . tão fácil de fazer. O melhor para tôda a família. Em 3 sabores: Baunilha, Chocolate e Caramelo!

GELATINA ROYAL—tão refrescante . . . possui o sabor delicado e *real* das frutas: Cereja, Morango, Framboesa e Limão. Experimente batê-la para dar-lhe uma aparência leve e festiva.

Gratis!

Novo e interessante folheto ilustrado sôbre tentadoras maneiras de servir as Sobremesas Royal. Envie nome e enderêço para: Standard Brands of Brazil, Inc., Dep. PG-1048—Caixa Postal 3215—Rio de Janeiro.

ENCAPUZADA OU CONVENCIONAL

A CANETA WATERMAN'S •

SATISFAZ TODAS AS

MANEIRAS DE ESCREVER

Seja qual for a sua maneira de escrever—fino ou grosso—a Waterman's tem a pena de ouro de 14 quilates, polida à mão, que V.S. procura. Experimente qualquer Waterman's: veja com que facil suavidade ela escreve! Compre uma, e ficará convencido de que, em qualidade, beleza e estilo de caligrafia — não há melhor que a Waterman's!

Waterman's

Distribuidores Exclusivos para o Brasil:
CASA RAND COMERCIO E INDUSTRIA S. A.
MATRIZ: C.P. 350, Rio — FILIAIS: São Paulo · Porto Alegre · Recife · Belém
Distribuidores Exclusivos para Portugal: ALFREDO LOPES DA SILVA, Lisboa

TINTA WATERMAN'S.
Escreve-se mais, comela, sem gastar mais. Para uso no lar, na escola e no escritório.

"O Carro do Ano"—em Economia!

Com o novo V-8, pode-se economizar até 10% em gasolina, graças ao novo ventilador "Equa-Flo", ao novo processo de lubrificação, e à Tubulação "Deep-Breath".

Veja com seus próprios olhos por que o

FORD 1949 é "O CARRO DO ANO!"

"O Carro do Ano"—em Segurança!

Por exemplo, os novos freios "King-Size", de "Ação Mágica", utilizam parte do impulso do carro para travá-lo. Aumenta até de 35% a suavidade da marcha.

Oferecemos pneumáticos de borda branca mediante um aumento de preço

"O Carro do Ano"—em Aparência!

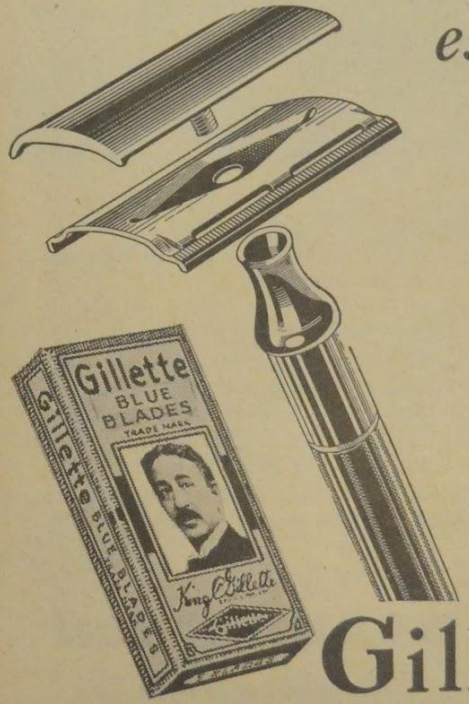
Recue dez passos... Isso. Pronto? Agora, OLHE! Que tal a silhueta elegante e baixa deste carro? Não parece um sonho? O sr. nunca na sua vida encontrou um carro assim entre os autos de preço módico, nunca!

NOVO

Há um Ford no seu futuro

Divisão Internacional, Ford Motor Company

A maior diferença *está no barbear!*



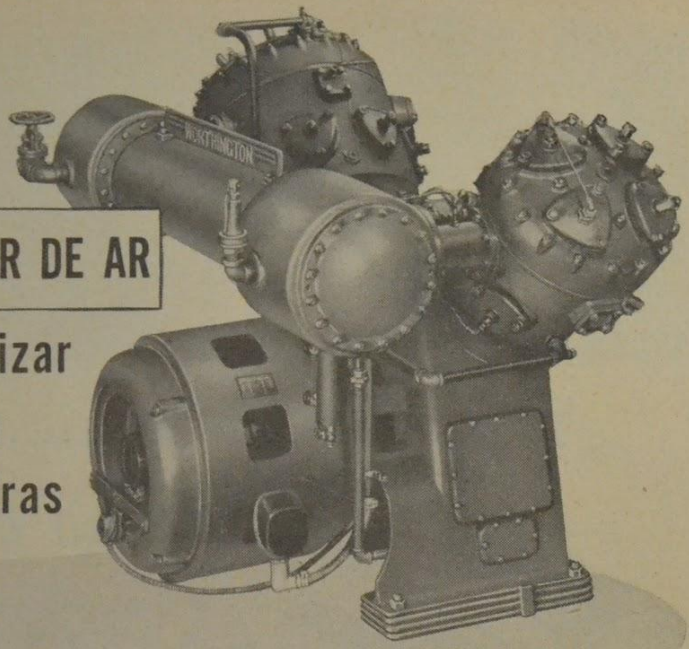
● Exteriormente, o novo aparelho de barbear Gillette-Tech assemelha-se aos aparelhos comuns. Mas a diferença está na barba . . . que foi feita sem cortes no rosto (graças aos novos frisos anti-deslizantes) e com maior suavidade (graças à barra-distensora da pele). A limpeza no novo Gillette-Tech é mais rápida, graças às aberturas mais amplas. E houve economia, porque êste novo aparelho foi desenhado especialmente para a lâmina Gillette Azul, que *custa pouco porque dura muito!* Há diferença neste aparelho. Mas você verá diferença *ainda maior* ao barbear-se!

Alie a segurança, rapidez e suavidade do aparelho Gillette-Tech à economia da lâmina Gillette Azul. Resultado: um barbear mais perfeito!

Gillette TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

Este COMPRESSOR DE AR Faz Economizar Dinheiro De Duas Maneiras



1. *O Compressor Worthington YC custa menos para instalar porque:* já vem montado, pronto para funcionar logo que se faça a ligação da energia elétrica e da tomada de ar; é menor, exigindo apenas a quarta parte do espaço que ocupa um compressor horizontal de igual capacidade; pesa menos, reduzindo portanto as despesas de transporte.

2. *O Compressor Worthington YC funciona mais economicamente porque:* os seus rolamentos de formato especial e barras de conexão requerem menos consertos; suas peças, de pequeno tamanho e preço módico, proporcionam maior facilidade para um rápido exame; suas Válvulas Feather* foram projetadas para maior eficiência e menor despesa de manutenção.

Escreva-nos para obter mais provas de que os Compressores Worthington YC dão o máximo de ar pelo mínimo custo. *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, New Jersey, U.S.A. Escritórios e representantes no mundo inteiro.*

*Marca Registrada

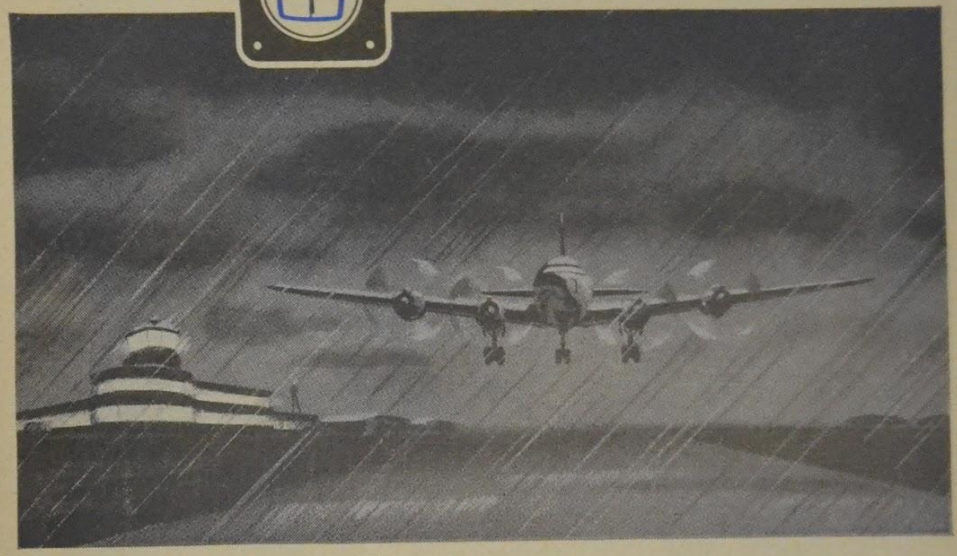
WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

F 7-5

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores • Equipamento para Construção • Refrigeração

Aterrisagens mais seguras por instrumentos



. . . inteiramente comandadas *pelo piloto*

O mau tempo já não impede que os passageiros das linhas aéreas pousem com segurança . . . e na hora marcada. Hoje é possível equipar os aeroportos com verdadeiras "estradas" de rádio que se prolongam até muitos quilômetros no espaço. Elas indicam aos pilotos uma rota perfeitamente balizada *que os conduz diretamente à pista de pouso.*

Um indicador no posto de comando mostra simplesmente a *direção* da aproximação e planeio, deixando os comandos do avião onde sempre devem estar—nas mãos hábeis do piloto!

Este sistema de pouso por instrumentos, já em serviço em todo o mundo, está à disposição dos aeroportos de qualquer país por intermédio da ISE—para aumentar a segurança e o conforto dos vôos em qualquer tempo.

Recordamos a V.S. que as facilidades mundiais da ISE estão ao seu serviço, precisamente para proporcionar-lhe os últimos adiantamentos na navegação aérea e marítima, comunicações telefônicas e pelo rádio, sinalização de estradas de ferro, e energia elétrica e suas aplicações no lar. Para utilizá-las basta comunicar-se com o mais próximo representante da ISE.

MANUFATURA, VENDA E SERVIÇO EM TODO MUNDO

Standard MARCA — INTERNATIONAL STANDARD ELECTRIC CORP. N.Y. U.S.A. ISE — Electric REGISTRADA

Associada da IT&T

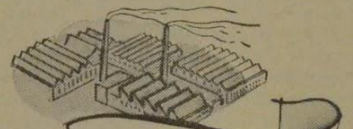
Nova York 4, N. Y., E.U.A.

Uma linha completa
dos mais finos
produtos de toalete...

FEITOS PELOS FABRICANTES
DE SEU SABONETE FAVORITO **GESSY**

Gessy, a marca do sabonete mais vendido no Brasil, é também a marca de tôda uma série de produtos de toalete da mais alta qualidade. Faça como milhões de brasileiros—prefira os produtos Gessy, feitos com matéria prima selecionada, pelos mais modernos processos industriais.

A maior indústria de perfumeria da América Latina.



SABONETE GESSY
CREME DENTAL GESSY
BATON GESSY
BRILHANTINA GESSY
ROUGE GESSY
ÓLEO PARA CABELO GESSY
TALCO GESSY
SABÃO DE BARBA GESSY
PÓ DE ARROZ ASTURIAS
SABONETE SALUS

GESSY—MAIS DE MEIO SÉCULO A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

Toda a Produção da Bethlehem É de Controle Centralizado

O Aço da Bethlehem goza de grande reputação de qualidade, uniformidade e confiança — resultado da unidade de direção em cada fase da manufatura, desde a extração do minério até o carregamento final do produto acabado.

A Bethlehem, empresa de proporções continentais, com usinas produtoras de aço em ambos os litorais dos E.U.A. este e oeste — é uma organização totalmente centralizada. Todos os produtos de aço da Bethlehem são fabricados sob a fiscalização constante de técnicos especializados, cujas aptidões avançadas têm como complemento os mais modernos processos e maquinaria.

BETHLEHEM STEEL

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

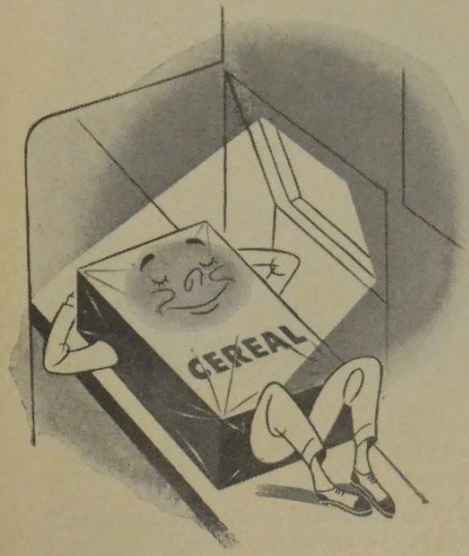
25 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A. Telegramas: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165, Salas 307/8/9
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

205-PSS

VOCÊ SABE QUE...



os cereais são radiografados antes de irem para a mesa?

Alguns cereais antes de serem oferecidos ao consumo são examinados através dos Ráios X para certificar-se que não contêm corpos estranhos. Esta é uma das muitas aplicações, na indústria, dos filmes Du Pont para radiografia. Nos domínios da medicina, os filmes Du Pont estão a constante serviço da saúde. Além dos filmes para Ráios X, Du Pont também fabrica *telas* "Patterson", intensificadoras e radioscópicas. Para fotógrafos, profissionais e amadores, Du Pont oferece papeis fotográficos e filmes "Defender", e para a cinematografia os filmes Du Pont que têm contribuido para conquistar muitos "Oscars" em Hollywood.

certos plásticos fazem a luz dar curvas?

Uma matéria plástica, mais forte que o vidro, descoberta pelos químicos da Du Pont, possui a propriedade de fazer a luz dar voltas nas esquinas. Esta característica é de grande utilidade para muitos instrumentos cirúrgicos e odontológicos. A "Lucite" de Du Pont, fulgurante e vistosa, tem numerosas aplicações práticas e decorativas . . . nos móveis e vários acessórios domésticos, parabrisas de aviões, peças de automóveis, etc. A "Lucite" se apresenta em cores atraentes, é inquebrável, não estala ou estilhaça. É uma das muitas notáveis matérias plásticas fabricadas por Du Pont. E. I. du Pont de Nemours & Co. (Inc.), Wilmington 98, Delaware, E.U. A.—desde 1802.

(Os produtos plásticos e fotográficos representam apenas algumas das mais de 28.000 "Coisas Melhores para Viver Melhor . . . Graças à Química", fabricadas pela Companhia Du Pont.)

DU PONT
MARCA REGISTRADA

COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR..
GRAÇAS À QUÍMICA

"Forte Como Um Mack"

Em toda a América Latina, quando querem descrever alguma coisa de possante e duradouro, os homens experientes em caminhões dizem invariavelmente: "E forte como um Mack!"

Os caminhões Mack conquistaram sua excelente reputação potência e durabilidade graças aos materiais de mais alta qualidade de que são feitos, às características avançadas de seu traçado exclusivo, e à robustez de todo o seu mecanismo.

O sortimento completo dos Mack oferece à sua escolha modelos de 3 a 30 toneladas de carga util. Encontram-se em tipo de caminhão ou de trator, com motores Diesel ou a gasolina.

Os motores Diesel Mack apresentam-se numa série completa de tamanhos — 457, 519 e 672 polegadas cúbicas de deslocamento. Produto de 21 anos de experiência, são os mais altamente desenvolvidos da indústria automotriz, e os únicos motores do seu gênero traçados para uma série específica de veículos.

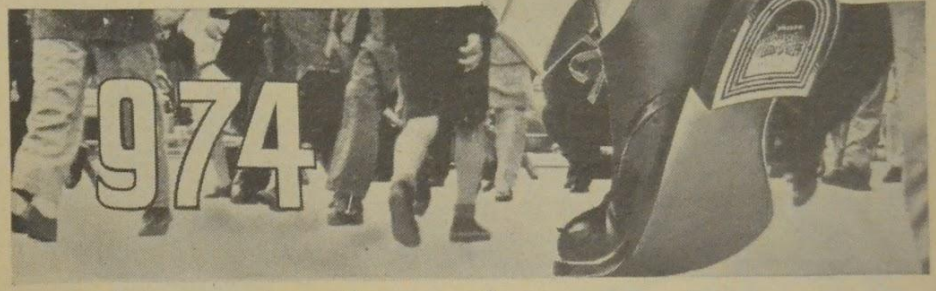
Em todas as cidades importantes da América Latina se encontram distribuidores da Mack. Para informações completas, queira avistar-se com o mais próximo distribuidor do Mack.

Mack

Em toda a América Latina se ouve repetir: "FORTE COMO UM MACK"

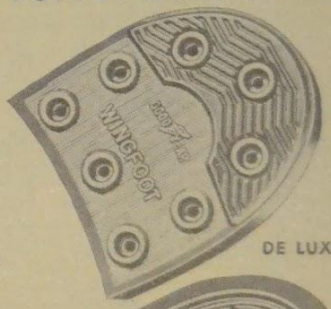
Mack Trucks, Inc., Empire State Building, Nova York, N. Y., E. U. A. Fabricantes de Caminhões, Bombas de Incêndio, e Ônibus de Fama Universal. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades da América Latina.

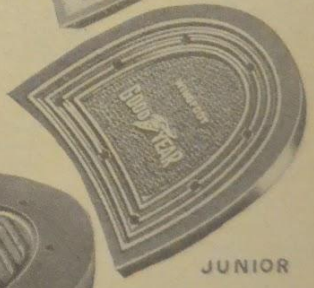
Seus calcanhares suportam em média

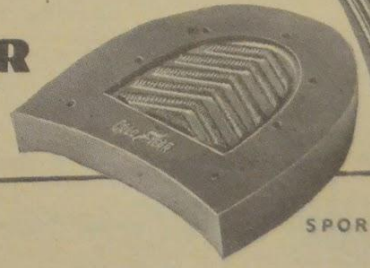


toneladas diàriamente

Se multiplicarmos o pêso de um homem (80 k), pelo número de passos que êle dá em média diàriamente (12.185), verificamos que isto equivale a uma tração aproximada de 974 toneladas! Por isto os higienistas aconselham o uso de saltos de borracha para tornar o passo mais flexível e mais leve.







SALTOS

GOODYEAR

A WESTINGHOUSE PODE AJUDÁ-LO

a Vender nos Estados Unidos os Produtos do Seu País

Se V.S. precisa dólares e tem matérias primas ou produtos manufaturados para vender, há de querer conhecer melhor este Plano original da Westinghouse!

No próximo ano, os Estados Unidos comprarão no exterior oito bilhões de dólares de mercadorias . . . e V.S. pode lucrar diretamente com isso.

Para ajudá-lo a colocar seus produtos nos mercados dos E.U.A., a Westinghouse organizou um Departamento de Importação, atribuindo-lhe duas funções simultâneas: A primeira, é comprar no estrangeiro as imensas quantidades de materiais de que a Westinghouse necessita para fabricar seus artigos elétricos; a segunda, e mais importante, é assistir V.S., por todos os meios possíveis, na venda de vastas quantidades de qualquer mercadoria que tenha procura no mercado interno dos E.U.A.

Os especialistas da Westinghouse prontificam-se a responder a todas as suas perguntas, tais como:

"Haverá procura para meus produtos nos E.U.A.?"

"Como deverei apresentar—acondicionar—ou apreçar—meus produtos?"

"Qual será a melhor maneira de distribuir, vender e anunciar meus produtos?"

A Westinghouse atuará também como corretor ou distribuidor, ou poderá realizar compras por conta própria. Nossos compradores correm o mundo inteiro, e lidam com enorme diversidade de artigos—gêneros alimentícios, mercadorias diversas, e matérias primas básicas. Por exemplo, a Westinghouse é um dos maiores compradores mundiais de mica.

Ao cooperar com os seus fornecedores e clientes, de modo a abrir-lhes os mercados dos E.U.A., a Westinghouse está dando realização prática ao princípio do intercâmbio comercial . . . facilitando a V.S. a aquisição de dólares que lhe permitirão comprar o que precisa, seja em que país for.

V.S. pode utilizar este importante serviço, comunicando-se com o escritório ou o distribuidor da Westinghouse . . . ou escrevendo a The Import Department, Westinghouse Electric International Company, Empire State Building, Nova York 1, E.U.A.

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse—boa vizinha e boa amiga—vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é somente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossos recursos, facilidades e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

"Fóra do palco eu vivia um drama real"...

—Não diga isso, Lúcia. Não há razão para invejar meu sucesso no palco. Eu vivo um drama. Fóra do palco, não tenho admiradores... Minha vida é artificial...

—Ah!... Sua beleza também é artificial . . . por causa do maquillage excessivo para encobrir as imperfeições. Procure corrigí-las com Leite de Colonia.

(Esquecendo os complicados métodos embelezadores, a grande artista passou a usar Leite de Colonia. Agora, vive seu romance com sua beleza natural.)

EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira, famosa pela sua beleza, considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico.

Não artificialize sua beleza! CORRIJA imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É um perigo! O exagerado maquillage para disfarçar as imperfeições do rosto artificializa sua beleza! Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz. E, à noite, numa última limpeza da cutis. Assim, sua beleza se tornará jovem e real. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

"Sinto-me tão bem num avião da *K.L.M.*....

...viajar de avião é muito natural para os holandêses."

Quando viajar na K.L.M. saiba que está em boas mãos — em viagens aéreas, a experiência e competência dos pilotos são garantias de segurança.

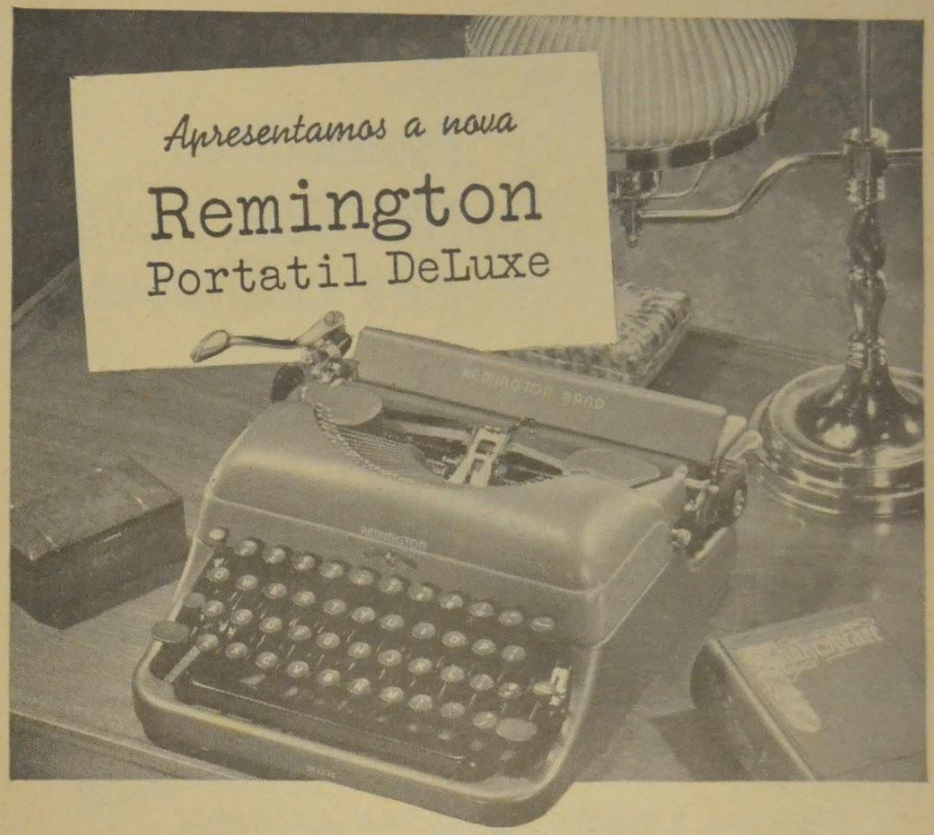
7 grandes serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMÉRICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.



para o homem de negocio que escreve à maquina...

Gastando um mínimo em datilografia, V.S. poupa um tempo enorme que seria dispendido ao escrever à mão a sua correspondência comercial e documentos para arquivo... alem disso, traz novo prestígio à sua firma ... se usar uma nova Remington Portatil DeLuxe. Rápida e suave escrita, graças à "batida" com barra-de-tipos mais curta, redundando em trabalhos limpos e faceis de ler ... bem como "stencils" extraordinariamente claros. Seu moderno desenho, valorizado por um acabamento lindíssimo, em cinzento de dois tons à prova de deslumbramento de luz, foi conseguido por especialistas em cores, e harmoniza-se em qualquer lar ou escritório. E *compacta, leve* e *resistente* ... facil de guardar e de carregar em viagem. Visite o representante mais próximo da Remington Rand a propósito de entregas, ou escreva à Export Division, Department H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N.Y., U.S.A.

1873 THE FIRST TYPEWRITER 1948
75th ANNIVERSARY
REMINGTON RAND

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

Nas rodovias... ou nas trilhas remotas das selvas —

Pneumáticos FIRESTONE para caminhões

PARA OS SERVIÇOS MAIS PESADOS

Oferecem a máxima *ECONOMIA, SEGURANÇA* e *RENDIMENTO* insuperável!

Em milhares de quilômetros, sob as mais ingratas condições de serviço, os pneus Firestone têm demonstrado sua indiscutível superioridade. Fabricados no Brasil, satisfazem plenamente as exigências impostas pelas condições locais.

Envie por Caminhão

Firestone

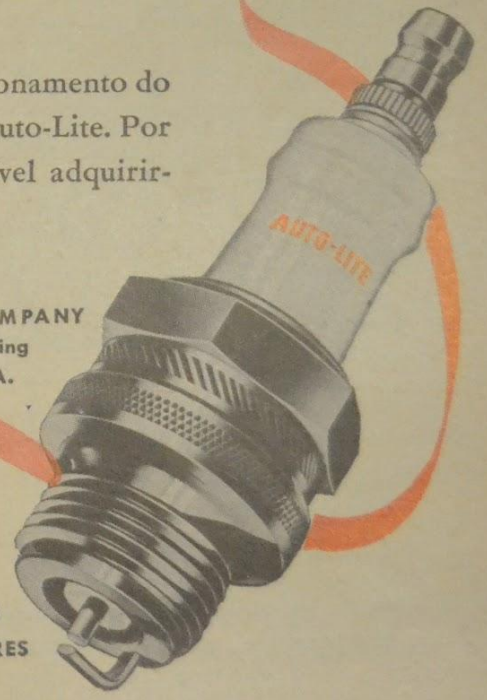
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Passe-se para as Velas

Auto-Lite

Para obter o melhor funcionamento do motor . . . Passe-se para Auto-Lite. Por nenhum dinheiro é possível adquirir-se uma Vela melhor.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building
Nova York 17, N. Y., E. U. A.



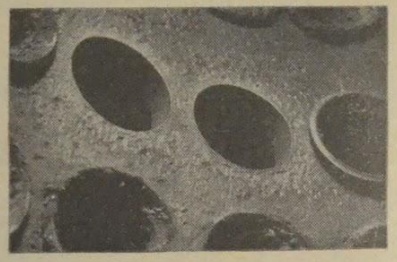
FIOS E CABOS • ARRANQUES
DISTRIBUIDORES • ACUMULADORES

Todo o Mundo se beneficia diariamente dos produtos químicos e plásticos Monsanto

No mundo inteiro a humanidade está vivendo uma existência melhor e mais confortavel, graças aos melhoramentos que os produtos químicos e plásticos da Monsanto vêm introduzindo na vida cotidiana de cada um. A Monsanto ajuda a indústria a reduzir seus gastos e a baixar despesas de venda... Entre os produtos típicos da Monsanto empregados pela indústria, temos o Santomerse e o Santosite, adiante descritos. Desejando informações completas, consulte ou escreva ao agente local da Monsanto.

SANTOMERSE* No. 1 . . . O agente detergente e umedecedor universal da Monsanto, para quase todos os tipos de limpeza industrial. A adição de um pouco de Santomerse No. 1 a um grande volume de água ajuda a fazer uma limpeza mais rápida, mais perfeita e mais econômica. Torna a água mais "molhada", capaz de espalhar-se mais depressa, e de penetrar mais fundo.

SANTOSITE* . . . A eficiência das caldeiras pode ser aumentada mediante o uso de SANTOSITE, que remove quaisquer vestígios da corrosão pelo oxigênio. As perdas que a corrosão pelo oxigênio ocasiona são eliminadas, porque SANTOSITE se combina com o oxigênio residual para formar sulfato de sódio, que é soluvel na água. O tratamento é simples: basta manter um resíduo constante de 30 partes de SANTOSITE para 1 milhão de partes de água.



Eis aí apenas dois exemplos das centenas de produtos químicos e plásticos criados pela Monsanto. Com todos esses artigos produzidos em 28 fábricas diversas disseminadas pelo mundo inteiro, a Monsanto está tornando possivel à indústria criar novos e melhores artigos para o público em geral.

*Marca Registrada nos E. U. A.

MONSANTO CHEMICAL COMPANY
St. Louis 4, Missouri, E. U. A.

MONSANTO CHEMICALS Ltd., Londres
MONSANTO (Canadá) Ltd., Montreal
MONSANTO (Austrália) Pty., Ltd., Melbourne

Representantes nas Principais Cidades do Mundo

AO SERVICO DA INDÚSTRIA...QUE SERVE A HUMANIDADE

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

Antiga Torre do Relógio, em Berna, Suica, construida em 1531.

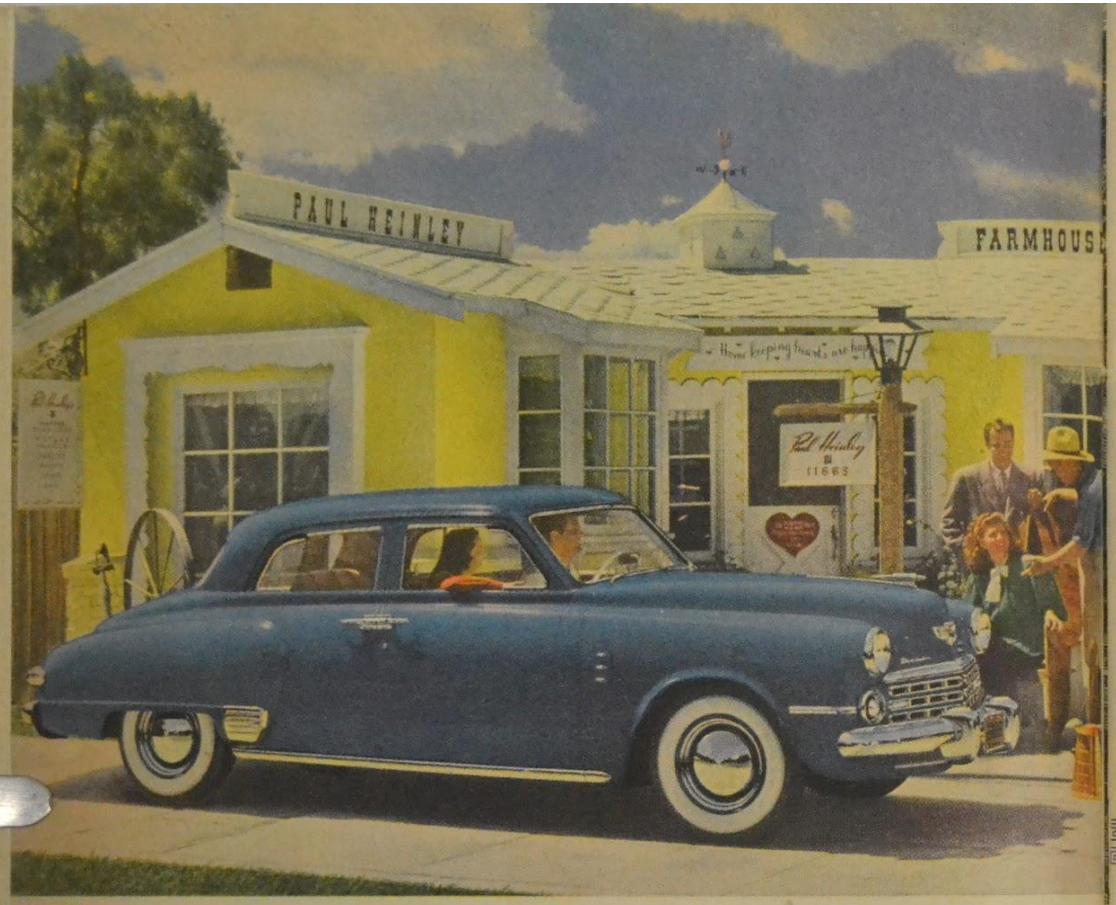
"QUE HORAS SÃO?"

Eis uma das perguntas que com mais frequência ouvimos fazer no mundo inteiro... E a resposta—da Patagonia a Peiping, e da Cidade do Cabo a Calcutá—é dada, na grande maioria dos casos, por um Relógio Suiço de incomparavel qualidade e precisão.

Existem para isso muito boas razões: faz mais de 250 anos que os relógios suiços vêm dando as horas ao mundo. Mais pessoas, em mais paises, têm comprado mais relógios suiços, e estão usando hoje mais relógios suiços—do que relógios de qualquer outra proveniência.

Perante esta popularidade universal, os relojoeiros da Suiça sentem-se na estrita obrigação de manter inalteraveis as suas tradições de perícia manual, que de há longas gerações se vêm transmitindo de pais a filhos na Suiça.

OS RELOJOEIROS DA SUIÇA



O Rei das Estradas—O "Land Cruiser" Studebaker!

ESTE grande Studebaker, de admiraveis proporções e extra-longa distância entre eixos, recebeu o nome de "Land Cruiser" — Cruzeiro Terrestre. Quando o experimentar, V.S. verá que essa denominação é acertada.

Ao viajar neste carro de sonho, V.S. tem a sensação de flutuar através das distâncias . . . Ele roda com tal suavidade, que o automobilista raras vezes notará fadiga, ainda que viaje o dia inteiro.

O que é mais, os contornos deste impressionante Land Cruiser, que voa rente ao chão, não apresentam excesso de volume. Isso significa que não há desperdício de gasolina — nem de esforço ou paciência, quando V.S. serpenteia com o carro no meio de um tráfego intenso.

Este Land Cruiser, o primeiro carro do mundo com estofos de nylon, é mais um "astro" entre os ultra-modernos sedans, cupês e conversiveis que constituem o "desfile de astros" da Studebaker.

Visite o salão de um agente para ver esses Studebakers de categoria. Sua nova linha é hoje a nova meta de todo o traçado verdadeiramente moderno de carros.

The Studebaker Export Corporation
South Bend 27, Indiana, E. U. A.
Telegramas: Studebaker

STUDEBAKER

Primeiro em estilo

NUNCA VISTO!

Espaço para comida, refrigerado de alto a baixo!

Já aquí está!—o incomparavel Kelvinator novo. E assegura-lhe espaço util, para alimentos, realmente refrigerado, desde o cimo do seu grande Armário de Alimentos Congelados . . . até o fundo do seu novo Refrescador de Frutas!

Agora V.S. já pode ter um Armário de Alimentos Congelados capaz de guardar 23 quilos de gêneros empacotados e cubos de gelo. V.S. poderá tornar suas refeições duma apetitosa variedade . . . saborear petiscos fora da respectiva estação, o ano inteiro . . . poupar na cozinha e nas compras.

Agora os seus gêneros mais frescos já podem conservar-se *perfeitamente* frescos durante muitos dias, no frio *superúmido* do Kelvinator.

Sim, não há melhor maneira de conservar comida em sua casa. E o nome Kelvinator é a sua garantia de funcionamento seguro, por muitos anos seguidos.

Vá à loja do agente local autorizado, ou escreva diretamente à Kelvinator pedindo informações.

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

Os perfumes de COTY

vivem com maior intensidade no novo pó de arroz micronizado

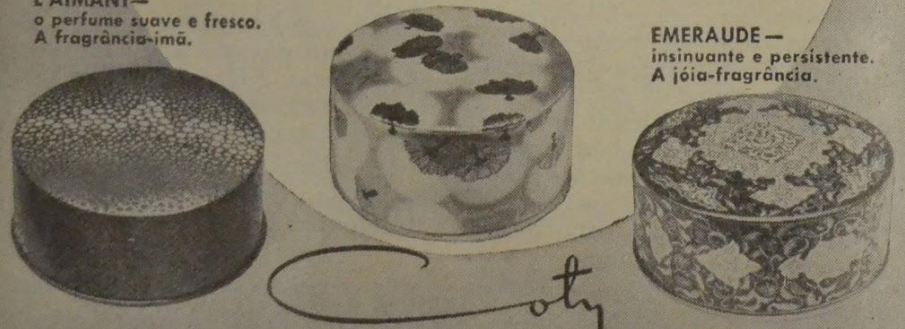
"Air Spun"

Esta é mais uma vantagem do processo "Air Spun", privilégio de Coty em todo o mundo: ele permite preservar, em toda a sua pureza, mais intensos e mais fragrantes, os perfumes mais delicados. E Coty apresenta o pó de arroz "Air Spun" nos perfumes de maior agrado:

L'ORIGAN — o perfume dos grandes momentos, sempre em moda.

L'AIMANT — o perfume suave e fresco. A fragrância-imã.

EMERAUDE — insinuante e persistente. A jóia-fragrância.



Coty

Peça uma amostra "Air Spun", indicando se deseja o "maquillage" claro, médio ou escuro, à Caixa Postal 199, Rio.

SELEÇÕES

TOMO XIV
No. 81

do Reader's Digest

OUTUBRO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

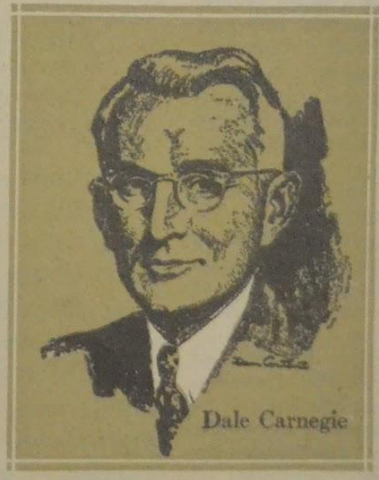
«A única maneira de prepararmo-nos para o futuro é executar com perfeição e sem demora o trabalho de hoje»

VIVAMOS BEM O DIA DE HOJE

Condensado do livro «How to Stop Worrying and Start Living»

Dale Carnegie

NA PRIMAVERA DE 1871, no Hospital Geral de Montreal, um jovem estudante de medicina, que mais tarde se tornaria o médico mais famoso de sua geração, tomando um livro de Thomas Carlyle, leu 21 palavras que tiveram influência profunda no seu futuro: *«Nossa preocupação principal não deve ser a de divisar aquilo que se acha encoberto na distância, mas de executar o que se apresenta claramente diante de nós.»*



Dale Carnegie

O segredo do seu êxito, dizia Sir William Osler, cerca de 40 anos depois, a um grupo de estudantes da Universidade de Yale, não estava em nenhum dom intelectual especial, mas

no que ele chamava «viver a vida de cada dia». Do mesmo modo que nos grandes transatlânticos os compartimentos são construidos separadamente e à prova d'água, nós tambem devemos fechar as portas de ferro sobre o passado—os dias mortos de ontem—e sobre o futuro—os amanhãs nascituros. Se formos juntar o peso do amanhã ao de ontem e tentar carregar tudo hoje, ele será demasiado e nos fará tropeçar. A única maneira de prepararmo-nos para o futuro é concentrar toda a nossa inteligência e entusiasmo na execução perfeita do trabalho de hoje. Lembremo-nos, dizia Osler, de que o Padre-Nosso nos ensina a pedir somente o pão de *cada dia*. Não é possivel comer de uma vez mais do que o pão de cada dia.

Muitas pessoas há que recusam o conselho de Jesús de «não pensar no amanhã» como se fosse só um meio de atingir à perfeicão ou um fragmento de misticismo oriental, esquecendo-se de que Suas palavras foram traduzidas há mais de 300 anos, quando a palavra «pensar» muitas vezes significava «preocupar-se». O conselho, é claro, não significa que não devamos fazer *planos* para o futuro.

Durante a guerra, os líderes militares *faziam planos* para o dia seguinte, mas é claro que não se podiam preocupar. «Dei aos melhores dos meus homens o melhor equipamento de que dispomos,» dizia o Almirante Ernest J. King, que dirigiu as manobras da Armada norte-americana, «e a missão que lhes confiei é, a meu ver, a mais acertada. Isso é tudo quanto posso fazer.»

Arthur Hays Sulzberger, editor do New York Times, disse-me que nunca conseguiu livrar-se das preocupações e ter a mente em paz até que adotou como divisa as palavras de um hino de igreja:

«Guia-me, Luz de bondade...
Dirige-me os passos: não pedirei
para ver
A cena distante; um passo me basta.»

Um médico do exército aconselhou a um soldado, que de tanto se preocupar tinha caido num estado de fadiga nervosa, que considerasse a vida como uma ampulheta. «Os milhares de grãos de areia na parte superior da ampulheta passam todos, devagar e regularmente através da estreita passagem, cada um por sua vez. Você, eu e todos os demais indivíduos somos como essa ampulheta. Todas as manhãs, temos centenas de coisas que devemos realizar antes que se finde o dia, mas se não tomarmos cada uma por sua vez, se não as deixarmos passar através do dia, devagar e regularmente, é quase certo que arruinaremos o nosso equilíbrio físico e mental,» concluiu o médico.

O jovem soldado escreveu, depois, que esse conselho não só lhe foi util física e mentalmente durante a guerra, como tambem o tem ajudado desde então em sua vida de negócios. «Em vez de ficar irritado e nervoso, procuro lembrar-me do que me disse o médico: um grão de areia de cada vez, uma tarefa de cada vez. À força de repetir essas palavras para mim mesmo, consigo executar meu trabalho com eficiência e sem a sensação confusa e atrapalhada que certa vez quase deu cabo de mim.»

Nós todos, neste momento preciso, achamo-nos no ponto em que se encontram duas eternidades—a do passado e a do futuro. Não podemos, de maneira alguma, viver dentro de uma ou de outra, nem por uma fração de segundo; e, se tentarmos fazê-lo, podemos destruir-nos física e mentalmente. Portanto, contentemo-nos em viver as únicas horas que podemos, isto é, de agora até a hora de deitar. «Todos podem carregar os seus fardos, não importa quanto pesem, até o cair da noite,» escreveu Robert Louis Stevenson. «Todos podem executar seu trabalho, por dificil que seja, por um dia. Todos podem viver com doçura, paciência, ternura e pureza, até que o sol se ponha. E isso é tudo o que a vida realmente significa.»

Uma das maiores tragédias que conheço sobre a natureza humana é que todos nós temos uma tendência para adiar o gozo da vida. Estamos sempre sonhando com um mágico jardim de rosas no horizonte—em vez de apreciar as rosas que florescem hoje sob nossas janelas.

«Quão estranha essa procissão da vida!» escreveu Stephen Leacock. «A criança diz: quando eu crescer. Mas que significa isso? Já crescido, o menino diz: quando eu for moço. E depois de moço, diz: quando eu me casar. Mas, afinal de contas, que significa, nesse caso, o matrimônio? A idéia muda para: quando eu me aposentar. E, por fim, quando chega a aposentadoria, ele olha para trás, para o trajeto percorrido; um vento frio parece varrer o terreno; sem saber como, ele o perde de vista e tudo se vai. Muito tarde aprendemos que a Vida consiste em viver, na substância de cada dia e de cada hora.»

John Ruskin tinha sobre sua escrivaninha uma pedra simples sobre a qual havia gravada uma palavra: *Hoje*. E, embora eu não tenha uma pedra na minha mesa, tenho um poema colado no espelho, onde o vejo todas as manhãs, ao barbear-me, um poema que Sir William Osler tambem mantinha sempre sobre sua mesa—escrito por um dramaturgo hindú, Kalidasa:

Saudação à Aurora

Concentra-te neste dia que desponta!
Pois ele é vida, a própria vida da vida,
Em seu breve curso

DALE CARNEGIE, que durante toda a sua vida se tem dedicado a ensinar seus semelhantes a vencer as preocupações e a timidez, é um exemplo vivo de sua própria filosofia. Tendo passado a infância numa fazenda, envergonhava-se de suas roupas pobres e do cavalo que montava todos os dias para ir à escola. Esforçando-se por combater seu acanhamento, entregou-se a debates acadêmicos durante sua permanência na universidade, aprendendo assim a dominar-se; os elementos dessa aprendizagem ele os incorporou no seu livro *How to Win Friends and Influence People* (do qual Seleções publicou um resumo, em seu número de abril de 1944, sob o título «Como fazer amigos»), grande êxito de livraria durante toda uma década, tendo sido vendidos mais de 3.400.000 exemplares.

O sr. Carnegie é diretor do Institute of Effective Speaking and Personality Development (Instituto de Elocução Eficiente e Desenvolvimento da Personalidade), o qual oferece cursos especializados em 168 cidades dos Estados Unidos e do Canadá.

Jazem todas as verdades e realidades de tua existência:
A felicidade de crescer
A glória de agir
O esplendor da beleza,
Pois o dia de ontem é apenas um sonho
E o amanhã uma visão,
Mas o dia de hoje bem vivido torna cada dia passado num sonho de felicidade
E cada amanhã numa visão de esperança.
Concentra-te, portanto, neste dia!
Essa é a saudação à Aurora.

Assim, se quiser afastar de sua vida as preocupações, faça o que fez Sir William Osler e feche as portas do passado e do futuro. *Viva bem a vida de cada dia.*

Breve encontro

Todos os passatempos têm os seus fanáticos, que gostam de rememorar os seus grandes momentos. Ora, a taquigrafia passa de categoria de profissão sedentária para ser um esporte de alta velocidade, e não há gente mais gregária do que os estenógrafos. Digo-o por experiência própria, porque fui um deles.

Durante a Primeira Guerra Mundial, trabalhava eu na Comissão de Indústrias de Guerra, em Washington, onde prestava meus serviços como taquígrafo e levava recados para o sr. Bernard Baruch, que dirigia aquele departamento do governo. Em 1918, alguns dias antes do Armistício, o sr. Baruch deu-me uma carta, para eu entregar ao Presidente.

A sala de espera da Casa Branca estava apinhada de senadores, ministros, diplomatas e altas personalidades militares, pois a notícia do Armistício estava sendo esperada a qualquer momento. Entreguei a carta a um dos secretários do Presidente Wilson, que me mandou esperar. Alguns momentos depois, o secretário voltou com um ar de surpresa no rosto, e me disse: «O Presidente deseja falar com o senhor.» Senti um calafrio correr-me pela espinha; ia completar 18 anos, e mal saira do bairro mais pobre de Nova York...

Wilson estava mexendo nuns papéis quando entrei. «Soube que o senhor é um taquígrafo rápido,» disse-me ele. Ele próprio tinha fama, aliás, de ser bem expedito na estenografia, e por isso me animei a dizer: «Pelo que sei, o sr. Presidente tambem é mestre...»

O chefe do executivo ruborizou-se, explicando: «Bem, hoje em dia já não disponho de tempo para praticar...» E prosseguiu: «Mr. Baruch me disse que o senhor chega a apanhar 200 palavras por minuto. Poderia fazer-me uma demonstração da sua habilidade?» entregou-me um caderno e um lapis e começou a ler um artigo de jornal à razão de umas 150 palavras por minuto.

Como é do conhecimento de todo taquígrafo, o reler da escrita, concluido o ditado, é o que realmente importa. Portanto, assim que ele terminou, eu lhe relí o artigo a uma velocidade maior do que a dele a ditar. Sendo já naquele tempo um pouco exibicionista, comecei do pé da página, e li o artigo do fim para o princípio. Wilson riu-se da minha proeza. Aí, entreguei-lhe o jornal, a caderneta e o lapis: «Quem sabe se o sr. Presidente não seria capaz de escrever tambem?» E ajuntei: «Eu dito devagarinho...»

Ele esfregou o *pince-nez* com a ponta do lenço e me pediu: «Não vá muito depressa.»

Li-lhe o editorial à razão de umas 100 palavras por minuto, e depois pedí-lhe que mo lesse de volta. Quando eu lhe disse que não havia cometido nenhum erro, Wilson sentiu-se satisfeito como um principiante de piano que acabasse de tocar uma valsa para Paderewski. Tomando as páginas do ditado, disse: «Se me permitisse, sr. Presidente, gostaria de guardá-las como lembrança...»

Woodrow Wilson tomou o meu ditado de cima da mesa: «Está bem... permutemos as notas,» disse com um sorriso.

Ao sair da Casa Branca, fui direito para o escritório... e sentia-me leve, como que a galopar sobre os telhados. —Billy Rose

O sistema de alojar doentes mentais em casas de famílias cuidadosamente escolhidas desenvolve-se rapidamente, apresentando resultados admiraveis

Ambiente familiar para os doentes mentais

(*Condensado de «Survey Graphic»*) **Por George Kent**

Ana estava de pé fazia horas, olhando para o quintal, resmungando e «catando diabinhos na janela». Era já idosa, trazia o cabelo solto até a cintura e o vestido às avessas. Durante sete anos não conversara a não ser consigo mesma e mantivera-se inteiramente inativa, sem participar da vida social que um hospício do Estado de Nova York proporciona aos dementes.

Depois de cuidadosa observação, porem, um dia os médicos reviram-lhe a ficha e deram-lhe alta. Uma pesquisadora social levou-a de carro até uma fazendola a poucos quilômetros de distância. Oficialmente, Ana ainda figurava como paciente nos livros do hospital, mas agora na qualidade de caso «extramuros» e entregue aos cuidados duma família.

Com sua horta, seu galinheiro, e dirigida por uma senhora plácida, maternal, a fazendola mostrava-se hospitaleira. Durante vários dias Ana passou grande parte do tempo resmungando debaixo duma árvore e entrando em casa apenas para comer e dormir. Mas um mês da nova vida, com um quarto inteiramente seu e recebendo atenção pessoal numa família, fez por ela o que a instituição hospitalar não conseguira. Quando a pesquisadora social foi vê-la novamente, Ana ofereceu-lhe uma cadeira, o que constituia seu primeiro gesto sociavel desde que saira de casa.

Um ano depois ela conversava com amigos e estranhos, acompanhando a família adotiva aos cinemas e às reuniões da igreja e fazendo suas próprias compras. Não esquecera inteiramente os «diabinhos»; mas a fazendeira, boa dona de casa, trazia-a demasiadamente ocupada para ter tempo de pensar neles.

«Ana ainda é uma doente,» disse Hester B. Crutcher, diretora do Serviço Social do Departamento de Higiene Mental do Estado de Nova York. «Mas deixou de ser a criatura desamparada e isolada de convívio social, que era antes.»

Atualmente, dez estados norte-

americanos e três províncias canadenses aplicam, como técnica definitiva no tratamento de doentes mentais, o método de cuidados em casas de família. O primeiro a usar esse sistema, iniciado na Europa, foi o Estado de Massachusetts, que o adotou em 1885; mas só a partir de 1930 foi possivel aplicá-lo a um número consideravel de doentes.

Os pacientes escolhidos para viver em casas de família são, naturalmente, casos em que não há manifestação de loucura furiosa, de esquisitices embaraçosas, ou tendências para o suicídio. Mais de 25 por cento são pessoas que já passaram dos 70 anos; 44 por cento estão entre os 55 e 70.

Pesquisadores sociais especializados em psiquiatria visitam os pacientes toda semana, ou de quinze em quinze dias, afim de verificar se a comida é boa, se o indivíduo se sente bem, e se a ocupação de que está encarregado é apropriada, do ponto de vista terapêutico. Em caso contrário o enfermo é imediatamente removido. A fiscalização é tão cuidadosa que até hoje, depois de mais de 50 anos de experiência, não houve um único caso de alguem da família ter sido molestado por um hóspede-paciente. E poucos são os doentes que preferem voltar para o hospital.

A maioria deles mostra-se satisfeita com a mudança. Mesmo nas instituições bem administradas existe certo grau de arregimentação e de repressão; muitos internos mostram-se desnorteados, mal satisfeitos, truculentos e se recusam a cooperar. A vida em família, porem, representa liberdade. Muitas vezes—e inesperadamente—casos rebeldes ao tratamento hospitalar curam-se em casas particulares.

De cerca de sete mil doentes atualmente instalados em casas de família nos Estados Unidos e Canadá, todos, com exceção duma pequena porcentagem, apresentam melhoras visiveis. Aceitos sem cerimônia, encarregados de serviços que não excedem suas capacidades, e libertos do estigma ligado ao internato num manicômio, aprendem a viver em harmonia com outras pessoas—e sentem-se melhor.

Em Ontário, esse método tem dado tão bons resultados que se vem difundindo rapidamente. Dentre os 485 pacientes que, em média, moram em casas de família, 51 receberam alta e voltaram para casa dentro de um ano. Eram casos crônicos—para os quais não se esperavam melhoras—e sua cura foi quase milagrosa.

Igualmente satisfatórios são os resultados obtidos nos Estados Unidos. A porcentagem de cura, num grupo relativamente pequeno em Worcester, Estado de Massachusetts, foi de 42,2; em Rochester, Nova York, as curas foram de 50 por cento. Na maioria dos

GEORGE KENT, redator-viajante de The Reader's Digest, visitou em Gheel, na Bélgica, a mais famosa colônia européia para doentes mentais. De volta aos Estados Unidos, informou-se sobre a versão americana do plano belga e descreveu-a neste artigo. Deve grande parte de seu material ao livro *Foster Home Care for Mental Patients*, de Hester B. Crutcher, diretora do Serviço Social do Departamento de Higiene Mental de Nova York, o qual foi editado em 1944 pelo Commonwealth Fund.

casos, os pacientes foram postos em residências particulares por motivos puramente terapêuticos; portanto, o prognóstico, para grande número deles, era de melhora e alta. No Estado de Nova York as curas, entre pacientes tratados em casas de família, foram em média 30 por cento mais numerosas que as verificadas nos hospitais. E, com surpresa dos médicos, cerca de 14 por cento dos casos em que não se esperavam melhoras, receberam alta como convalescentes ou curados.

Para os que precisam de insulina ou choque elétrico, especialmente em se tratando de adolescentes, ficar em casas particulares é muitas vezes uma necessidade. Nesses casos há sempre o perigo duma recaida se os doentes voltarem imediatamente a seus lares nas mesmas situações de desajustamento com a família, origem de seus distúrbios emocionais. Um lar adotivo, onde recebam tratamento amigo, ajuda-os a se adaptarem gradativamente à vida exterior.

O número de enfermos internados nos sanatórios mentais dos Estados Unidos dobrou nos últimos 20 anos e quase todos abrigam de 30 a 40 por cento mais pacientes do que deveriam ter. Daí a impossibilidade, para o médico, de dar a cada paciente a atenção necessária. Segundo os especialistas no assunto, a solução não está em criar novos e dispendiosos hospitais, mas em aliviar as enfermarias dos doentes cujos sintomas se tornaram menos graves, ou que se ajustaram a viver pacificamente com suas fantasias, ou seja: tratamento em casas de família.

«Se o sistema fosse usado em maior escala,» disse o dr. Frederick MacCurdy, Comissário de Higiene Mental do Estado de Nova York, «muitos leitos ficariam disponiveis para outros pacientes, muito mais necessitados dos serviços altamente especializados oferecidos nos hospitais.»

Outra vantagem é que o tratamento em casas particulares fica apenas em 75 ou 80 por cento da soma que custaria em instituições especializadas, sem contar a economia de capital investido em prédios novos. Se sua aplicação se generalizasse, os cofres públicos poderiam economizar milhões.

Entretanto, atualmente, apenas dois por cento dos pacientes gozam de suas vantagens, quando seria possivel estendê-las a dez ou mesmo quinze por cento. Um grande obstáculo à sua generalização é o medo e a incompreensão a respeito dos doentes mentais.

«Bem pensando,» diz o dr. Charles E. Niles, psiquiatra-chefe do Hospital Estadual de Hudson River, em Nova York, «nada há que temer. Estes indivíduos são doentes, não selvagens. O perigo não está na possibilidade de fazerem mal a outras pessoas, mas a si mesmos.»

Visitei recentemente, no Estado de Nova York, várias casas onde se acham doentes mentais em tratamento. Em todas elas as pessoas responsaveis são senhoras de meia idade, algumas frageis e de constituição delicada. Todas confessaram terem ficado um tanto amedrontadas, a princípio. Dentro de uns quinze dias seus temores se desvaneceram, à medida que elas foram co-

nhecendo e compreendendo melhor seus «hóspedes».

Uma senhora, a primeira em sua cidade a abrir as portas da casa a doentes mentais, contou-me que os vizinhos deixaram de visitá-la e até mesmo de falar-lhe quando a encontravam na rua. Mas depois de observarem algumas de suas hóspedes aconchegadamente sentadas no quintal, cuidando do jardim ou recolhendo ovos, a população da vila capitulou e outras famílias se ofereceram para receber doentes.

Os especialistas dos hospitais dão-se ao trabalho de fazer a nova família compreender a natureza do desvio mental de cada paciente. Mesmo nos casos mais dificeis há momentos de lucidez e receptividade a conselhos e orientação.

Uma senhora de iniciativa costumava observar atentamente os pacientes entregues a seu cuidado, até vê-los em disposição receptiva; aproveitava então a oportunidade para sugerir-lhes que fizessem alguma contribuição prática para a casa. Uma de suas hóspedes pôs-se a fazer um acolchoado «para aquecê-la». Outra penosamente se iniciou na aprendizagem de crochê, porque «a sala precisava de enfeites». Uma terceira trabalhava no jardim, porque a «paisagem parecia muito desolada». Em pouco tempo a casa se transformou num enxame de operárias, cada uma delas diligentemente aplicada ao trabalho, pois julgavam essenciais suas tarefas.

Uma das melhores casas de adoção —numa fazenda especializada na produção de frutas e criação de raposas— foi obtida por uma paciente que, com permissão médica, anunciou nos jornais: «Cansada de ficar trancada num hospital, gostaria de viver normalmente num lar agradavel de uma família bondosa.» Uma fazendeira respondeu ao anúncio, a casa foi aprovada pela assistente social, uma psiquiatra, e a paciente anunciante foi para a fazenda. No fim de um ano o hospital deu-lhe alta. Mas a mulher gosta tanto da fazenda que continua morando lá.

As donas de casa logo percebem que os doentes mentais são pessoas decentes, corteses e mesmo, frequentemente, muito agradaveis. Uma delas, profissional da música, ficou com uma família numa cidadezinha do interior. Começou a tocar orgão na igreja e, sob a influência das manifestações de amizade e gratidão das pessoas para quem tocava, recuperou a estabilidade mental e nunca mais teve de ser internada.

De vez em quando um paciente se encarrega da própria cura. Uma senhora veio um dia apavorada, contando que seus dois «rapazes» haviam fugido. Os «rapazes», ambos de mais de sessenta anos, tinham escapulido até a vila e arranjado emprego, um como lavador de pratos e o outro como «moço» de recados. O exame do caso mostrou que ambos iam bem, eram estimados pelos patrões e gostavam do emprego. E como o serviço não exigia nenhum excesso físico ou mental, ambos foram riscados da lista de doentes e receberam alta, passando para a lista dos convalescentes.

A não ser que os hóspedes sejam financeiramente independentes, as famílias recebem do estado ou da província, pela manutenção de cada indivíduo, de 30 a 50 dólares mensais. Se os doentes trabalharem fora, o dinheiro ganho dessa maneira lhes pertence. No caso de poderem, sem esforço excessivo, ganhar o bastante para manter-se e adaptar-se à vida normal, são considerados aptos a retomar o lugar que lhes pertence na sociedade.

O mais famoso exemplo da aplicação deste sistema é a cidade de Gheel, na Bélgica, conhecida, há mais de mil anos, como a cidade dos dementes. Os doentes mentais—cerca de 3.000 numa população de 20.000—sentam-se nos bancos das praças públicas, percorrem as ruas a pé ou de bicicleta, entregam compras, fazem carretos, brincam com as crianças. Existem apenas duas regras: têm de apresentar-se à hora das refeições e recolher-se antes do anoitecer.

O plano Gheel, que vem sendo praticado há quase cem anos, teve sua origem numa relíquia e na história de curas milagrosas de pessoas «possessas». Numerosos grupos de peregrinos passaram a ir a Gheel, sendo alojados pelos moradores da cidade. Atualmente o plano é uma instituição nacional, conta com um psiquiatra, uma enfermaria, e tem como norma de conduta só aceitar doentes não violentos.

Pouco a pouco o sistema se espalhou pela Europa, sendo adotado, com algumas modificações, na Escócia, França, Suécia, Suiça, Alemanha e Tchecoslováquia. Nos Estados Unidos, em vez de colônias para doentes mentais, os psiquiatras acham mais satisfatório o sistema de residência em casas particulares, onde os pacientes possam ser observados por meio de visitas regulares.

«É preciso, entretanto,» explica Miss Crutcher, «que as pessoas encarregadas de hospedar enfermos mentais sejam compreensivas e tolerantes, de temperamento estavel e não facilmente irritadiço. As mais desejaveis são pessoas amadurecidas que tenham sempre achado na família e na vida doméstica suas melhores ocupações e alegrias.»

Com a atual falta de casas, é dificil encontrar lares adequados, tanto mais que o crescente custo da vida amedronta possiveis colaboradores. O problema é ainda complicado pela falta de psiquiatras e assistentes sociais que se encarreguem duma vigilância geral adequada. É ainda necessário que haja na cidade alguma organização pronta a assumir a responsabilidade do caso quando o enfermo melhora o bastante para passar a receber os cuidados médicos requeridos pelos doentes na fase da convalescença.

A despeito destes obstáculos o sistema de cuidados em casas de família vai indo de vento em popa.

«Quando o público tiver vencido seu temor, em grande parte infundado, dos doentes mentais,» diz Miss Crutcher, «poderemos utilizar o ambiente vitalizante de nossos lares de maneira a reduzir consideravelmente a população dos hospícios.»

O sapateiro que era alguma coisa mais do que habil operário

Luz na janela

Por
Lois Mattox Miller

Foi NUM DIA do verão de 1936 que lhe falei pela primeira vez. Eu tinha entrado com muita pressa na sua loja pobre, para que ele consertasse os saltos de meus chinelos. Cumprimentou-me logo com muita efusão: «Se não me engano, a senhora é nova aquí pelo bairro, não é?»

Efetivamente, confirmei, havia somente uma semana que me havia mudado para o prédio de apartamentos na esquina daquele quarteirão.

«Este bairro é muito bom,» tornou ele. «A senhora vai se dar muito bem por aquí.»

Alí me sentei, em palmilhas de meias, a observá-lo, enquanto ele, abanando a cabeça e suspirando, arrancava as capas gastas dos meus saltos, e examinava o couro que os revestia; o couro estava gasto em virtude do muito tempo que eu esperara para os mandar consertar. Comecei a sentir-me um tanto impaciente, porque tinha um encontro com hora marcada. «O senhor pode apressar isso um pouco?» pedí então.

Olhou para mim, por cima dos seus óculos, com branda censura, e disse: «Isto não demora nada, minha senhora. Eu quero fazer um bom trabalho.» Calou-se um instante e prosseguiu: «Saiba a senhora que eu tenho uma tradição a defender!»

Uma tradição? Que tradição—naquela lojeca triste, sem nada que a distinguisse de tantas outras oficinas de sapateiros remendões das ruas escusas de Nova York?

Deve ter adivinhado a minha surpresa, pois sorriu para continuar: «Sim, minha senhora, eu *herdei* uma tradição! Meu pai e meu avô já eram sapateiros, na Itália, e dos melhores.

Meu pai sempre me disse:—Meu filho, faça sempre o melhor trabalho que puder, sejam quais forem os calçados que entrem na sua oficina, e tenha orgulho do bom trabalho que fizer. Faça isso sempre, e será duplamente recompensado—em ventura e prosperidade.»

Ao entregar-me os chinelos consertados, comentou: «Isto agora vai durar muito mais. Este couro é de boa qualidade!»

Saí correndo, porque se fazia tarde para o meu encontro, mas ia possuida dum sentimento grato e reconfortante. A caminho de casa, nessa tarde, tornei a passar em frente da loja do mestre-sapateiro: lá estava ele, todo curvado sobre a forma. Surpreendeu-me com um cordial aceno de mão. Assim se iniciou entre nós uma amizade proveitosa.

Estávamos naqueles anos tão perturbados de guerra e crise. Todos os dias, ao passar em frente da sua loja, trocava com ele um gesto amistoso. De começo, eu entrava alí somente quando tinha algum calçado que precisasse de conserto; mas, com o tempo, habituei-me a entrar na loja uma vez por outra, para uma prosinha.

O sapateiro era um homem alto, apesar de curvado por muitos anos de labor. Tinha o cabelo grisalho e ralo, e a cara sulcada de vincos profundos. O que dele me lembro melhor, entretanto, são os seus belos olhos castanhos, animados de bondade e duma centelha de humor. Ainda recordo como um dia os vi flamejar de cólera, à simples menção do nome de Mussolini: «Cachorro!» disse ele entre dentes. Foi essa a única palavra áspera que algum dia o ouví pronunciar...

Era com certeza o homem mais feliz que já conhecí. Muitas vezes, de pé atrás da vitrina da loja, martelando na forma de ferro, ele cantava com vigor e emoção. Os italianos da vizinhança chamavam-no «*la luce alla finestra*»—a luz na janela...

Um dia estávamos conversando e ele se virou para um homem que passava na rua e lhe fez um gesto cordial. Depois voltou-se para mim e disse: «Alí vai uma pessoa que eu gostaria de conhecer. Faz muitos anos que o vejo passar aquí. Tomara que ele entrasse algum dia para conversarmos. Tem cara de pessoa honrada...»

Não lhe disse logo que conhecia aquele indivíduo. Daí a uma semana, dizia-me o mestre: «Lembra-se daquele homem que outro dia passou aí defronte, quando estávamos conversando? Eu tinha razão: entrou ontem aquí, e tivemos uma boa palestra. Ou muito me engano, ou esse homem vale quanto pesa!»

Fiquei sabendo, assim, que a bondade desse excelente sapateiro conseguira aquecer mais um coração, como aquecera o meu, derretendo o gelo de uma natural reserva para permitir que a generosidade transparecesse.

As crianças—que naquele bairro popular pareciam brotar do chão como flores—invadiam-lhe a loja em bandos; eram sempre bem acolhidas. O sapateiro ria-se das questiúnculas da meninada, e com frequência suspendia o seu trabalho para desempenhar

o papel de árbitro pacificador, quando as discussões ameaçavam passar às vias de fato...

Um dia saí do meu apartamento, furiosa com o trabalho desleixado que os pintores tinham feito. O meu amigo acenou-me com a mão, quando me viu passar, e eu, que me sentia precisada de alívio e consolo, entrei na loja. Desabafei com ele, e ele pacientemente ouviu-me deblaterar contra a incompetência dos operários de hoje em dia: gente mesmo sem orgulho nenhum no trabalho que faz, dizia eu; não querem nem trabalhar—só lhes interessa cobrar seus polpudos salários e levar uma boa vida.

Concordou comigo: «Não há dúvida, há muito disso hoje por aí... Mas talvez a culpa nem seja deles. O mais certo é que os pais deles não tinham orgulho no seu trabalho. Isso é mau para as crianças: vêem-se privadas de alguma coisa muito importante...»

«E que remédio se pode dar a isso?» indaguei.

Antes de me dar resposta ele deixou correr bem um minuto, e depois olhou-me de frente nos olhos: «O remédio é um só. Todo indivíduo que não herdou uma tradição de que se possa orgulhar, tem obrigação de iniciar ele próprio essa tradição. Neste país, onde a liberdade permite a cada um contribuir para o bem de todos, cada qual deve fazer uma boa contribuição. Seja qual for o trabalho que uma pessoa faz, se ela der todos os dias o que tem de melhor, estará iniciando uma tradição que os filhos hão-de seguir. E alem disso, se sentirá bem feliz.»

Partí para o estrangeiro, onde permanecí alguns meses. Pouco depois de regressar descí um dia a rua, ansiosa de ver a surpresa com que ele me havia de saudar.

Não vi a «luz na janela»... A porta estava fechada. Aproximei-me e li um cartão no caixilho: «Os calçados estão na lavanderia ao lado.»

Entrei na lavanderia, cheia de apreensões, a indagar. Sim, o mestre-sapateiro sofrera uma congestão cerebral quinze dias antes, alí mesmo por trás da vitrina onde trabalhava. Não durara muitos dias...

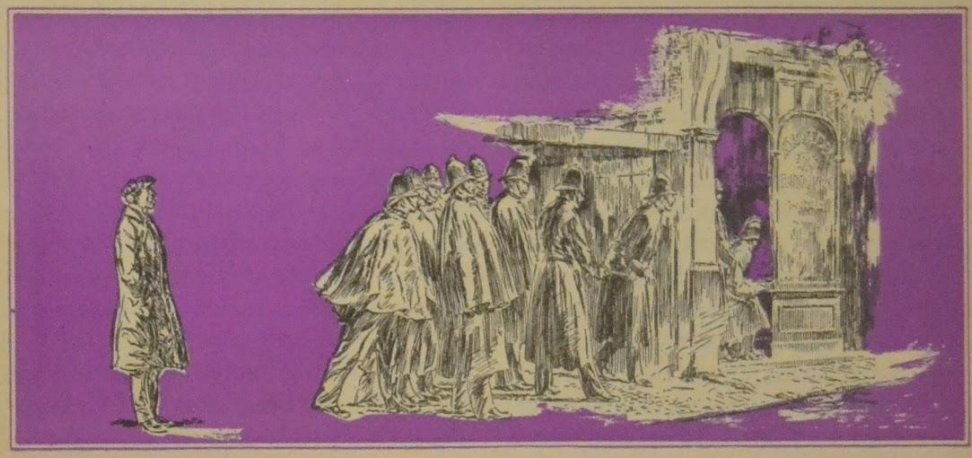
«A gente tem saudade dele!» suspirou o vizinho. «Vivia sempre tão alegre...»

Saí dalí com o coração pesado de tristeza. Tambem eu sentiria saudade... Mas ele me deixara alguma coisa —um pouquinho de sabedoria que nunca hei-de esquecer: «Quem herdou uma tradição orgulhosa, deve preservá-la, e quem não a herdou, deve iniciar a sua própria tradição...»

Uma senhorita ao rapaz que, de joelhos, lhe suplica o *sim:* «Está bem, caso com você. Mas depois não me venha com lágrimas de arrependido!»

Salo, Chicago Tribune-New York News Syndicate

A paciente e cortês polícia de Londres mantem o seu elevado grau de eficiência usando uma técnica especial de descobrir crimes



O segredo da Scotland Yard

(*Condensado de «The American Weekly»*)

Anthony Abbot

Em uma noite de luar, há mais de cem anos, o povo de Londres, que se reunira em Coldbath Fields para protestar contra o governo, foi atacado por homens que avançavam marchando, em uniformes até então desconhecidos. Eram os «bobbies», apelido que se deu aos membros da recem-criada Polícia Metropolitana de Sir Robert Peel. No conflito que se seguiu, um dos policiais foi morto.

Sete dos arruaceiros foram metidos na cadeia, acusados de homicídio. O juri, porem, os absolveu sob a alegação de que se tratava de «homicídio justificavel», pois o soldado tentara impedir o exercício do sagrado direito da livre manifestação da palavra. Cidadãos ingleses, jubilosos com tal veredito, em sinal de reconhecimento, presentearam cada jurado com uma taça de prata.

Até hoje a Scotland Yard se lembra dessa lição e tem profundo respeito por todos os cidadãos. A delicadeza é o lema dos policiais de Londres que, mesmo quando de serviço nos postos mais perigosos, não carregam arma de fogo, exceto em casos de emergência; a única arma que usam é um *casse-tête* de 38 centímetros.

Não obstante, é admiravel o que a Scotland Yard tem conseguido realizar, tanto na solução de crimes miste-

riosos quanto na prevenção do crime em geral. Em 1945 houve, nos Estados Unidos, 6.847 assassínios e homicídios, alem de 4.387 mortes causadas por negligência alheia, por choferes embriagados, etc., perfazendo um total de 11.234 casos. Nesse mesmo ano de 1945—último período sobre o qual existem dados positivos—só houve, na Inglaterra, 64 assassínios e 142 homicídios em geral, sendo que nesse total de 206 casos não se incluem as mortes por negligência alheia, que se calcula haverem chegado a cerca de duzentas. Dos assassinatos cometidos na Inglaterra nesse período, apenas cinco ficaram sem solução. Seria dificil dizer, com precisão, quantos casos semelhantes continuam envoltos em mistério, nos Estados Unidos.

Qual é o segredo de tal eficiência? Um detective francês de grande talento talvez confie na sua intuição, nos «palpites» que lhe ocorram; um membro da Polícia Federal norte-americana conta com a lógica, o auxílio do laboratório, o conhecimento das leis e a boa pontaria. Mas o investigador da Scotland Yard orgulha-se, acima de tudo, da sua compreensão da natureza humana, baseada num conhecimento organizado.

Desde o primeiro dia em que o criminoso penetra em uma prisão inglesa, seus hábitos são observados e catalogados, bem como todos os seus gostos e preferências, sotaque e particularidades na maneira de falar, peculiaridades de carater ou personalidade. Alem das características básicas, como sejam as impressões digitais, a altura e a côr, levam-se em consideração outras não menos importantes. Por exemplo: certo indivíduo se destaca por sua ojeriza contra as batatas cozidas, outro porque gosta de assoviar velhos hinos de igreja e um terceiro é capaz de enrolar um cigarro com a mão esquerda... Novecentos e noventa e nove dessas excentricidades anotadas talvez nunca sejam usadas, mas justamente a milésima pode ser de extraordinário valor.

Um exemplo clássico é o caso de Mary Ennis. Em uma chuvosa manhã de domingo, um policial, que fazia a ronda por uma comprida rua de casas velhas, parou para observar, intrigado, uma cortina amarela que balançava na janela de um sobrado.

Ele sabia que Mary Ennis, uma alma solitária que morava sozinha naquela casa, sempre dormia com as janelas do quarto completamente fechadas. Por que, então, ia abrí-las num temporal como aquele? Foi investigar e achou a porta da cozinha arrombada. Em cima, no quarto da frente, jazia Mary Ennis morta, estrangulada por uma toalha. Um cofre embutido na parede fora aberto com maçarico de oxiacetileno e seu conteudo roubado. Depois, o assassino fora até a cozinha, onde comera pão com geléia.

A investigação revelou o movel do crime: a solteirona herdara uma pequena coleção de jóias antigas, de pouco valor. Não havia dúvida de que o ladrão do reluzente tesouro era experiente em tais proezas, pois usara luvas mesmo enquanto comia. Mas a luva estava com um pedacinho descosido, de maneira que ficou um ligeiro fragmento de impressão digital numa das prateleiras do cofre. No chão do quarto de Mary tambem foi encontrado um pouco de barro branco.

Nesse mesmo dia houve uma reunião de investigadores da Scotland Yard para comparar os resultados obtidos com as pesquisas. A Seção de Dactiloscopia encontrou sete fichas que se casavam com aquele fragmento de impressão. Barro branco como aquele havia em grande quantidade somente na vizinhança da aldeia de Dorking. As marcas do arrombamento da porta pareciam feitas por instrumentos usados por vários ex-penitenciários. A informação mais sensacional, porem, proveio do «registro de personalidade»: dos 20 ladrões fichados como tendo o costume de comer no local do crime, somente um era conhecido por gostar especialmente de pão com geléia...

O problema ficou reduzido a saber se havia algum ladrão conhecido que: (a) morasse perto de Dorking; (b) já houvesse usado certo tipo de formão; (c) tivesse uma impressão digital que combinasse com o fragmento; e (d) gostasse de pão com geléia.

Somente um homem—James Scully—preenchia todas essas indicações. Confessou o crime, e foi enforcado.

Os detectives ingleses acreditam que os recursos mecânicos ou científicos auxiliam, mas nunca suplantam, os recursos humanos de um investigador experiente. Essa convicção domina o velho edifício da Scotland Yard, à beira do Tâmisa, quartel-general da Polícia Metropolitana de Londres e tambem fortaleza do Departamento de Investigação Criminal, no qual se reunem os maiores talentos emprezados no combate ao crime.

«A densidade da população urbana contribui muito para a prevenção e a solução de crimes,» explica o sr. Ronald Howe, Chefe da Scotland Yard. «E o fato de estarmos numa ilha torna dificil escaparem os que são perseguidos pela polícia. Existe ainda o hábito do nosso povo, em geral, de viver durante várias gerações em um só bairro, o que torna quase impossivel a um estranho esconder-se em qualquer lugar; uma cara nova chamaria logo a atenção. Outra vantagem é a cooperação que recebemos do público—o povo está sempre conosco, decidido a lutar contra os violadores da lei. O cidadão anônimo das ruas é o nosso maior auxiliar e, de nossa parte, tudo fazemos para proteger seus direitos. Até agora, nunca precisamos empregar violência para obter confissões.»

Justamente por respeitarem com tanto escrupulo os direitos individuais, os homens da Scotland Yard às vezes recorrem à própria imaginação do suspeito para conseguir sua confissão, como no caso dos envenenamentos das louras.

Toda a Inglaterra só falava nas «pílulas côr-de-rosa para louras pálidas». Um misterioso e galante cavalheiro de suiças castanhas andava pelas ruas, logo depois do anoitecer, procurando travar conhecimento com alguma jovem, invariavelmente loura e bonitona. Convidava-a para jantar e, duran-

te a sobremesa, declarava que era médico. Seu «olho clínico» lhe dizia que a moça estava um pouco anêmica. Precisava de um tônico; por que não tomar estas pílulas fortificantes? Duas horas depois, tendo ingerido a droga, a moça morria.

Um bilhete anônimo levou a Scotland Yard a suspeitar de um tal dr. Neil Cream. Este médico que, não havia dúvida, tinha mania de passear à noitinha, percebeu, certa noite, que o seguiam; na verdade, o que os detectives queriam era isso mesmo. Um estivador de estatura gigantesca seguia o médico uns seis quarteirões, sendo depois substituido por um indivíduo com cara de boxeador, baixo, de boné e «camisa de malandro», que por sua vez cedia lugar a um chinês de trancinha.

Essa perseguição continuou durante vários dias. Se o dr. Cream se sentava no banco de um parque, sua «sombra» se acocorava atrás de um arbusto. Entrasse ele em uma loja, e o seguidor ficava passeando na calçada. Uma coisa assim, não havia nervos humanos que aguentassem... O dr. Cream entrou em um bar e nervosamente pediu uma cerveja. Desesperado, contou a um rapaz simpático e musculoso, a seu lado, que estava sendo perseguido por inimigos desconhecidos. Chegou até a apontar para o indivíduo que o havia seguido até alí.

—Fique firme, chefe, disse o simpático desconhecido. —Eu não deixo ninguem se meter com um amigo meu.

Dizendo isso, avançou para a misteriosa «sombra».

—Você está aborrecendo o meu amigo, disse. —Dê o fora!

O outro homem caiu em posição de defesa, mas um único soco o jogou ao chão; dalí a pouco se arrastava para fora do bar, de gatinhas.

Assim começou uma curiosa amizade. Várias noites seguidas o estranho protegeu o dr. Cream, e tão íntimos ficaram que o «impostor» da Scotland Yard chegou a ser convidado para ir à casa do médico. Lá encontrou um vidro das pílulas côr-de-rosa e um pedaço de papel-de-carta idêntico ao usado no bilhete anônimo que denunciara o dr. Cream. O próprio assassino escrevera o bilhete, num rasgo de desafio!

Todos os homens diplomados pela Peel House, escola de treinamento de detectives da Scotland Yard, ouvem, como parte do seu estudo da natureza humana, o caso de Bayswater. Bertram Webb, próspero contador de Londres, foi encontrado morto a tiro em seu apartamento em Bayswater. Não se sabia se ele tinha inimigos, e não fora encontrada nenhuma chave do mistério; mas um dia o Inspetor-Chefe Horwell descobriu que a vítima saira do clube de repente, afim de voltar para casa. Horwell desconfiou, então, que alguem andava tocando as campainhas das casas e penetrando quando ninguem atendia. A teoria do detective era que Webb havia sido assassinado ao surpreender esse intruso em seu apartamento.

Os investigadores da Scotland Yard descobriram um vizinho que se lembrava de que um desconhecido, na véspera, havia tocado a campainha de sua casa e oferecera os serviços da Garage Warwick.

Não havia garage alguma com esse nome em Bayswater. O Inspetor Horwell foi consultar os arquivos para ver se encontrava alguma alusão a Warwick, nas informações referentes aos ladrões especializados em tocar as campainhas das casas. Por fim, encontrou um certo Frederick Stewart que tinha uma tia moradora na Rua Warwick.

Quando se encontraram coisas roubadas do apartamento da vítima em poder de Stewart, ele confessou.

Em uma câmara de paredes de pedra, conhecido como o Museu Negro, acham-se lembranças de alguns dos triunfos da Polícia Metropolitana. Entre a horrivel variedade de serras, venenos, notas falsas e testamentos forjados, encontra-se uma página de um registro de bordo assinada por «John Robinson e filho».

No ano de 1910, o dr. Hawley Harley Crippen, fabricante de um produto farmacêutico, recebeu a visita de Walter Dew, da Scotland Yard. O investigador perguntou por Belle, a dominadora e implicante esposa do doutor. Havia seis meses que ninguem sabia dela, e algumas senhoras da vizinhança estavam ficando preocupadas. O médico, homem de estatura pequena e voz melíflua, deu de ombros: Belle fugira com um tocador de gaita, e provavelmente estava pelo Canadá.

Pedindo licença para revistar a casa, o detective deu uma busca do porão ao sotão, mas nada achou de suspeito, retirando-se em seguida. Por acaso, porem, esqueceu-se do cachimbo. Voltou três dias depois para buscá-lo, e o doutor havia desaparecido. Os vizinhos disseram que ele fora com uma linda pequena chamada Ethel Le Neve. O detective encheu-se novamente de suspeitas e mais uma vez revistou a casa, encontrando agora o corpo de Belle Crippen, no fundo de um depósito de carvão.

Reunindo todos os dados que pôde a respeito do casal desaparecido, inclusive que o dr. Crippen apreciava os romances de Dickens—o Inspetor Dew distribuiu informações sobre os mesmos, especialmente aos comandantes dos transatlânticos, providenciando para que tais informações chegassem a todos os navios em viagem para o Canadá.

Foi, então, pela primeira vez na história, usada a radiotelegrafia na captura de um criminoso. Pelo ar, o Comandante Kendall, do navio *Montrose*, que navegava para Quebec, informou que a bordo havia um «John Robinson e filho». O comandante acrescentou que as calças do garoto Robinson pareciam muito justas nas cadeiras. Alguns passageiros tambem tinham divisado, no convés, o par aos beijos, protegido pela escuridão. Em momentos de menos fervor, o homem de voz melíflua lia o *David Copperfield*, de Dickens, para o «filho» ouvir.

Em Gravesend, o Inspetor Dew tomou um navio mais rápido que o *Montrose*. Entrementes, ainda pelo rádio, todo o mundo soube que o dr. Crippen e sua jovem companheira haviam sido encontrados. Quando foram

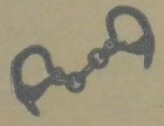
presos na ponte de desembarque em Quebec, as únicas pessoas surpreendidas foram os próprios fugitivos. O dr. Crippen foi enforcado; Ethel, que não tomara parte no crime, foi posta em liberdade, para ir arrepender-se de seus pecados.

Ao interrogar os suspeitos, os funcionários da Scotland Yard confiam na sua habilidade de julgar a natureza humana. Nunca agindo apressadamente, jamais cometendo excessos, são educados e mesmo gentís. Algumas vezes não submetem o suspeito a interrogatório algum; deixam que ele se vá consumindo com as suas próprias preocupações.

Foi o caso de um jovem libertino, suspeito de haver matado uma moça e desmembrado seu cadaver. Havia poucas provas contra ele. O Inspetor-Chefe Wensley colocou o prisioneiro sentado a uma grande mesa, tendo a seu redor homens que não davam uma palavra. Passaram-se as horas e quase ao amanhecer o suspeito ainda estava no mesmo lugar, com seus guardas silenciosos. O único som que se ouvia na sala era o forte tique-taque de um relógio.

Ao raiar da aurora, o Inspetor Wensley chamou o homem e colocou-o sentado ao lado de uma janela aberta. Em uma parede, no outro lado da rua, Wensley colocara um enorme cartaz anunciando um mágico. Após 15 minutos de um mudo interrogatório, o suspeito levantou-se gritando: «Fui eu! Eu a matei!»

O cartaz, que ele divisara no dourado luscofusco da madrugada, mostrava o famoso truque daquele mágico, anunciado em enormes letras de meio metro: «*A Mulher Serrada ao Meio!*»



Contra

UM JOVEM escritor inglês enviou uma porção de seus manuscritos a um famoso jornalista e lhe perguntava, em carta, qual o melhor canal a seguir, afim de encontrar mercado para os seus escritos. Dias depois, voltavam os originais acompanhados desta nota sucinta: «Com franqueza, o melhor canal de que me lembro, para artigos desta ordem, é mesmo o Canal da Mancha.»

—Colaboração de Guy H. Humphreys

UM ESCRITOR estreante mandou a certo editor um manuscrito, fazendo-o acompanhar de uma carta que dizia em parte: «Queira notar que as personagens da minha obra são de pura ficção; não apresentam semelhança com nenhuma pessoa real, viva ou morta.»

Logo depois recebia ele o manuscrito de volta, com o seguinte comentário a lapis: «É por isso que não serve.»

—Colaboração de Blaine C. Bigler

A natureza do bípede, observada de um ângulo novo e diferente

Creio na superioridade masculina

(Condensado de «Glamour»)

Por Elizabeth Dunn

AO CHEGAR aos dez anos de idade, eu já sabia que os homens são fortes, disciplinados, lógicos, realistas, meticulosos na apreciação dos fatos, e que quase sempre têm razão. Ora, como venho acreditando nisso desde aquele tempo, compreende-se que a vida tenha sido, para mim, cheia de interesse.

Entretanto, não se trata apenas de crer que os homens são fortes, realistas e lógicos; posso até prová-lo. Apreciemos, por exemplo, a sua fortaleza. Meu marido é um homem sedutor, porem de hábitos sedentários, que gosta de passar o tempo traduzindo as Odes de Horácio; no entanto, quase sem esforço, ele fecha uma torneira com tanta força, que é preciso chamar o bombeiro para abrí-la. Ou então, observemos o caso sem precedentes do sr. A., que, entrando às escuras na sua própria sala de visitas, de volta de uma festa, tropeçou num pequeno tamborete; irritado, deu-lhe um pontapé tal que atirou o banquinho no outro lado da sala, quebrando dois artelhos, a perna de uma mesa e quase todos os objetos que estavam em cima desta. Mulher nenhuma seria capaz de tamanha proeza. Supondo que alguma tivesse a coragem, em primeiro lugar, de dar o pontapé inicial no tamborete, não poderia arremessá-lo contra uma mesa a 5 m de distância.

Apreciando casos dessa ordem, as pessoas de cérebro confuso e dadas aos preconceitos tacham a ação do sr. A. como a explosão de raiva de um impulsivo. Quanto a mim, acho que a ação do cavalheiro em apreço derivou exclusivamente da sua pujança masculina, sem relação alguma com a falta de auto-disciplina, como querem alguns. A auto-disciplina, no homem, é algo bem diferente.

Para darmos outra ilustração, apreciemos o sofrimento nos homens. Eles nunca padecem dos pequenos males e mazelas que constantemente afligem as mulheres, tais como enxaquecas, laringite, ataques de conjuntivite. Os

homens sofrem em escala mais alta, quase diria majestosa; e o mais interessante é que não se sentem envergonhados de mencionar esses males. O sr. R., por exemplo, cavalheiro de constituição robusta, foi acamado por uma gripe vulgar. Sua senhora, depois de um dia inteiro a desvelar-se como enfermeira do marido, veio à tarde tomar chá comigo. Mal, porem, havia ela chegado, o meu telefone tocou. Ao tomar o receptor, ouví a voz roufenha do sr. R., dizendo que todos os botões do seu pijama se haviam despregado; ele estava batendo os queixos, e que fizesse o favor de dizer à sua senhora que fosse para casa imediatamente. Em idênticas circunstâncias, uma mulher teria ficado amuada, carrancuda, ou desataria a chorar. Mas o sr. R. não deu a menor mostra de tal falta de disciplina; tudo o que fez foi chamar a mulher. (Ao receber o recado, a sra. R. pediu-me dizer ao marido dela que tomasse uma xícara de cicuta bem quente... Esse detalhe, aliás, nada tem a ver com o que vimos discutindo.)

Por certo, ninguem nega a superioridade masculina no que concerne a pontos de lógica. Observo às vezes certos pormenores na maneira de pensar dos homens, e não os consigo compreender. Mas isso eu atribuo a pobreza intelectual de minha parte. Pergunto a mim mesma se não se poderá tomar como superior a mente que, por exemplo, destrinça as complexidades do imposto sobre a renda, retem as regras do poquer, ou compreende a questão do lastro-ouro. Em todos esses casos, a resposta é afirmativa.

Outra amiga minha, a sra. L., é casada com um homem de alta capacidade mental. Ele discorre sobre o jogo de ações de Bolsa com tal proficiência, que a gente consegue entender, e às vezes nem se esquece. Durante a guerra, a esposa lhe disse uma noite: «Quando formos novamente à Inglaterra, meu bem, vamos pelo *Queen Mary*, mas não na classe de turistas; iremos de primeira classe, você não acha?»

O sr. L. levantou os olhos do livro que estava lendo e olhou para ela. Pensou um instante e respondeu com calma:

«Se formos como turistas, meu bem,» observou ele, «chegaremos lá em cinco dias.»

A sra. L., que desde 1943 vem procurando entender essa observação do marido, ficou imaginando se seria possivel à primeira classe do *Queen Mary* atracar em Southampton um dia ou dois depois da classe de turistas.

Não obstante, como fora um homem que fizera o comentário, a sra. L. achou que o mesmo devia ter a sua razão de ser.

Consideremos agora o realismo. Todo o mundo sabe que as mulheres são umas sonhadoras românticas, e a melhor prova disso talvez se encontre no seu sentimentalismo para com os empregados domésticos.

Tomemos o meu caso. Uma vez tivemos uma empregada alemã, eficiente mas nervosa, que nos servia de arrumadeira e cozinheira. Durante cinco anos, a minha atitude para com ela foi de cuidadoso respeito; meu marido, ao contrário, tratava-a com esse ar que os senhores tinham para com os escravos. Se eu censurasse a Erna por alguma falta, ela ficava carrancuda o dia inteiro. No entanto, com ele...

Bem, uma noite mormaçosa de verão, o céu ameaçando tempestade, meu marido disse à criada que lhe trouxesse um uisque com soda. Assim que ela entrou na sala, carregando uma bandeja com a bebida, ouviu-se o detonar de uma terrivel descarga elétrica bem em cima da casa, e simultaneamente um trágico acidente sobreveio à empregada: tropeçando numa dobra do tapete, desabou, com a bandeja e tudo, indo cair de borco aos pés de meu marido. Como era uma mulher corpulenta, o ruido que fez foi consideravel: a casa tremeu, todos os relógios badalaram horas, e a sala, até aonde a vista alcançava, ficou lavada de uisque, soda, gelo e cacos de vidro.

Fiquei sentada, estarrecida. Pensava no amor-próprio da criada, na susceptibilidade, se se teria machucado...

Os relógios cessaram de tocar, o trovão silenciou, e meu marido olhava para a criada visivelmente irritado. «Não sei o que é que você está fazendo aí, esparramada no chão,» berrou ele zangado, «mas seja o que for, levante-se, e chega de barulho!»

Erna levantou-se primeiro nas mãos, e depois, de gatinhas, saiu da sala seguindo a trilha de uisque e soda. Voltou logo com um trapo e limpou tudo, com muita humildade, desculpando-se, ansiosa por servir. Se eu tivesse dito uma palavra, ela teria retrucado alguma coisa. Mas meu marido agiu como um ferrabraz e ela ainda gostou!

É por essas e por outras que eu sustento que o homem é forte, disciplinado, lógico, meticuloso na apreciação dos fatos, e que quase sempre tem toda a razão.

Intuição, não: inteligência!

EMBORA o comum dos homens preze muito o conceito egoista de que é intelectualmente superior a todas as mulheres, e, em particular, à sua esposa, a cada momento está, ele próprio, desmentindo essa pretensão, ao recorrer ao que ele chama «intuição feminina».

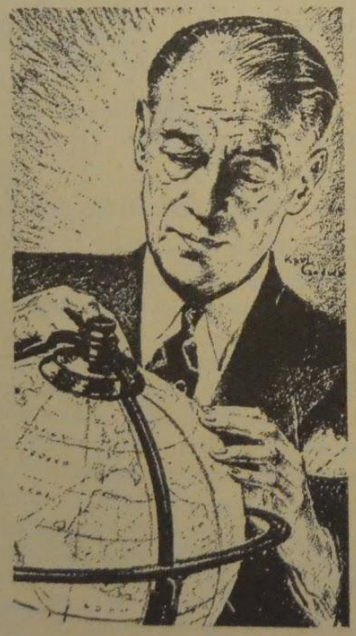
Intuição? Trata-se de inteligência, pura e simplesmente. As mulheres decidem os mais sérios problemas da existência de maneira correta e rápida, não porque sejam boas calculistas ou atuem por inspiração divina, mas unicamente porque têm bom senso. Percebem num relance o que os homens, em maioria, não conseguem ver com holofotes e telescópios; são realmente as supremas realistas da espécie humana. Os homens, às vezes, tambem têm inteligência. Mas há-de ser um homem excepcional o que dê tão constantes e firmes provas de discernimento, deixando-se enganar tão pouco pelas aparências, quanto a maioria das mulheres de 48 anos.

—Do escritor H. L. Mencken, *In Defense of Women* (Knopf)

O plano ABC para a paz mundial

Por Ely Culbertson

UMA NOVA esperança para a solução do problema russo é o que promete um movimento que se vem formando nos Estados Unidos. Seu objetivo é fazer imediatamente uma reforma na Carta das Nações Unidas, *com* a Rússia se possivel, *sem* a Rússia se necessário—mas não forçosamente *contra* a Rússia. Trinta senadores e deputados já apresentaram ao Congresso norte-americano um projeto de lei a respeito de tal reforma, conhecido como o Plano ABC.



Até agora a opinião pública norte-americana tem estado dividida em três grupos na questão vital da política com a U.R.S.S. Alguns acham que os Estados Unidos deviam transigir com a Rússia e com ela viver em boa paz. O segundo grupo não vê outra solução que não seja a de «jogar-lhe uma bomba atômica, já». O terceiro grupo, que presentemente orienta a política externa dos Estados Unidos, deposita a sua confiança em meias-medidas destinadas a «conter» qualquer nova tentativa de expansão dos sovietes. Um cuidadoso exame dessas três «soluções» só pode mostrar que todas estão destinadas ao fracasso.

O apaziguamento poderia dar resultado se estivessem em jogo somente os povos russo e norte-americano; há muito tempo os dois povos podiam ter-se estreitado as mãos em uma duradoura amizade. Mas o povo russo, escravizado, não é quem decide, em seu país, sobre a paz ou a guerra. As únicas pessoas que hoje em dia têm voz política na Rússia são os quatorze membros do Politburo, cujo propósito declarado é o estabelecimento de um estado universal comunista, tendo proclamado os Estados Unidos seu «Inimigo Número Um». Os Estados Unidos não podem arriscar o seu destino na infundada esperança de que esses quatorze fanáticos deixem o poder ou abandonem o seu anunciado alvo.

Uma guerra de agressão por parte dos Estados Unidos é praticamente impossivel. O povo norte-americano é cristão e lutará heroicamente na defesa do seu país contra uma agressão; em verdade, a força moral desse povo vem da convicção de que a agressão é um mal. Mas um traiçoeiro ataque contra a Rússia, um Pearl Harbor engendrado pelos Estados Unidos, é coisa fora de qualquer hipótese. Os norte-americanos não agem dessa maneira.

A política de transigência, com a idéia de conter a expansão, tambem tem provado ser igualmente vã. Não remove a ameaça de guerra atômica que presentemente paira sobre o mundo, não reduz o ritmo da corrida armamentista, nem impede a agressão.

A única saida desse impasse, o único caminho que será apoiado pelo povo americano em grande maioria, é através das Nações Unidas. Não a atual organização impotente dominada pelo veto, mas a *prometida* organização, estabelecida de tal maneira que nação alguma possa impunemente rearmar-se para a agressão. Essa promessa pode ser cumprida mediante a adoção do Plano ABC.

O Plano consiste em três propostas para resolver os três problemas básicos que precisam ser solucionados afim de que o mecanismo das Nações Unidas possa funcionar: o problema do veto; o problema da corrida armamentista, especialmente a corrida atômica; e o problema do estabelecimento de uma força policial universal poderosa, mas à prova de tirania. Essas propostas podem ser assim resumidas:

A. *Eliminação do Veto Irrestrito*

No atual Conselho de Segurança, o direito de veto aplica-se mesmo quando um grande Estado é acusado de agressão, de maneira que o Conselho é uma espécie de juri no qual toma parte o próprio criminoso. Essa trágica farsa vem sendo representada desde a fundação das Nações Unidas. Nesse sentido, a Revisão A estabelece que, *em assuntos especificamente concernentes à agressão e aos preparativos para a agressão*, será abolido o direito de veto exercido por um único Estado.

No entanto, em todos os outros assuntos em que estiverem em jogo as soberanias nacionais, tais como autodefesa, os impostos e a imigração—o direito de veto será mantido.

Com o veto assim abolido no to-

ELY CULBERTSON, por sua herança norte-americana e russa, está perfeitamente habilitado a cooperar no estabelecimento da paz. Seu pai, um engenheiro norte-americano, dirigiu a exploração dos campos petrolíferos de Grozny, no Cáucaso; sua mãe era filha de um general cossaco. Uma vez ele conheceu por dentro uma prisão czarista como punição por atividades revolucionárias. (A propósito: foi lá que ele aprendeu a jogar cartas, tendo-se tornado famoso, anos depois, como perito em *bridge*.) Estudou sistemas de governo e psicologia das multidões em seis universidades e fala oito idiomas. Em 1940 organizou um grupo de pensadores políticos e se dedicou ao trabalho de criar um moderno sistema de organização mundial, cujos resultados estão refletidos no Plano ABC. É autor dos livros *World Federation Plan* e *Total Peace*. Para Culbertson, as cartas constituem um passatempo. O trabalho para que realmente vive é o estabelecimento da paz universal.

cante à agressão, deve-se modificar a representação no atual Conselho de Segurança de 11 membros, de maneira que os seis Estados menores não possam sobrepujar, pelo voto, os cinco membros permanentes. Consequentemente, o Conselho seria reorganizado de modo que dele fizessem parte dois membros de cada um dos seguintes paises: Rússia, Grã Bretanha e Estados Unidos; um da França e outro da China; e dois escolhidos coletivamente pelos Estados-membros menores. Assim ficaria um novo Conselho de 10 membros que decidiria, nos assuntos isentos de veto, por maioria de seis.

A seguir, deve ser criada uma Corte Mundial imparcial. A atual Corte Internacional de Justiça está dotada, apenas, de poderes insignificantes; basta dizer que lhe é proibido julgar qualquer caso de banditismo internacional, a menos que o próprio «assaltante» consinta em ser julgado! A nova Corte Mundial, estabelecida na Revisão A, interpretará a Carta reformada das Nações Unidas, e julgará governos e pessoas.

Assim, a Plano ABC soluciona o primeiro problema básico de organização internacional: como se poderiam dar ao Conselho de Segurança poderes suficientes para evitar ou deter uma agressão, preservando, porem, a soberania e a liberdade essenciais dos Estados-membros.

B. *Abolição da Ameaça Atômica e da Corrida Armamentista*

No meio de uma corrida armamentista sem paralelo, e após quase três anos de existência, as Nações Unidas nada conseguiram no sentido de eliminar a ameaça da guerra atômica ou iniciar o desarmamento do mundo. Para prevenir uma guerra de agressão, temos primeiro que impedir o *armamento* para uma guerra de agressão. É isto o que se oferece na Revisão B:

No caso dos armamentos atômicos, o Conselho de Segurança reformado estabelecerá uma organização para o Desenvolvimento Atômico, a qual exercerá o controle internacional da energia atômica, segundo as linhas gerais da proposta norte-americana de 14 de junho de 1946.

No caso dos armamentos pesados—encouraçados de terra, mar e ar—o Conselho de Segurança reformado estabelecerá um limite para a fabricação dos mesmos em todo o mundo, de acordo com uma nova técnica denominada método da Quota de Força. Primeiro, o Conselho de Segurança reformado fixará anualmente a quantidade total de armamento pesado de cada tipo, que poderá ser produzido em todo o mundo, em qualquer ano. Uma quota igual a 20 por cento desse limite universal será produzida pelo próprio Conselho de Segurança, nos territórios dos estados-membros menores. Os restantes 80 por cento—o bastante para defesa, não para agressão—serão produzidos pelos cinco Estados-membros maiores, em seus territórios, e sujeitos unicamente aos seus próprios governos (exceto quanto a inspeção), de conformidade com as seguintes quotas individuais: Estados Unidos, Grã Bretanha e Rússia, 20 por cento cada; França e China, 10 por cento cada.

Isso criará uma nova espécie de cartel internacional, onde a escassez criada é a da mercadoria da morte.

Se qualquer Estado maior, como a Rússia, se recusar a participar nessa limitação universal por meio de quotas, o Conselho de Segurança decretará uma quota extra de produção a ser distribuida entre os Estados-membros em proporção aos seus recursos, e em tal proporção que o Estado não-participante tenha que enfrentar a tarefa de concorrer com a esmagadora capacidade produtiva do resto do mundo.

Mas que acontecerá se a Rússia ficar de fora e, recusando-se a qualquer inspeção, começar a acumular armas atômicas, desafiando o reformado organismo das Nações Unidas? Nessa emergência, será aplicada uma cláusula especial da Carta revista, segundo a qual os demais membros permanentes do Conselho de Segurança—Estados Unidos, Grã Bretanha, França e China—podem denunciar a Rússia como nação agressora, que ameaça a paz e a segurança do mundo. A Rússia então receberá um ultimato: cessar o armamento atômico, submetendo-se a um razoavel controle e inspeção internacionais, existentes em todos os demais Estados, ou evacuar os seus centros industriais na expectativa de imediata coerção por meio da bomba atômica. Ao mesmo tempo, a porta ficará aberta de par em par afim de que a Rússia possa voltar às Nações Unidas.

O Plano ABC solucionará assim o segundo problema básico da organização internacional: como desarmar o mundo sem prejudicar a intangivel soberania dos Estados-membros.

C. *Uma Nova Espécie de Força Policial Universal*

As Nações Unidas não têm, nem mesmo no papel, aquilo de que precisam para manter a paz—uma poderosa força policial universal própria, que não seja afetada pelos interesses egoistas de seus Estados-membros, suficientemente forte para impedir a agressão por qualquer Estado e, no entanto, constituida de tal maneira que não se possa converter em instrumento de tirania mundial.

A Revisão C estabelece um Contingente Internacional especial, que será a força ativa da polícia do mundo; as forças armadas dos cinco Estados maiores, chamadas Contingentes Nacionais, servirão como reservas, quando necessário. O Contingente Internacional, sob controle direto do Conselho de Segurança, consistirá em voluntários recrutados exclusivamente entre os cidadãos dos Estados-membros menores. Será um exército profissional muito bem pago, altamente treinado, equipado com o armamento pesado produzido pelo Conselho de Segurança, e automaticamente limitado a 10 por cento da força armada efetiva do mundo—tão forte como a de qualquer dos Estados maiores. Se o Contingente Internacional não puder, só por si, conter um agressor ou um grupo de agressores, os governos dos Estados maiores terão que, dependendo de seus processos constitucionais,

oferecer suas forças armadas para combater o agressor.

Essa nova força policial terá meios materiais para pôr termo à agressão, porque as forças armadas dos Estados maiores tambem estão automaticamente limitadas, em poderio, pelas quotas de produção de armamento. É importante lembrar que o poderio efetivo das modernas forças armadas baseia-se, em grande parte, na quantidade de armamento pesado, e não no número de soldados equipados com armamento leve. É esse fato fundamental que torna possiveis as Revisões B e C.

Caso um Estado maior se recuse a participar, de qualquer modo será iniciado imediatamente o estabelecimento do Contingente Internacional. E os Estados-membros se comprometerão a agir em defesa coletiva com todos os seus recursos, em caso de agressão contra um membro pelo Estado não-participante.

Assim, a Revisão C resolve o terceiro problema da organização internacional, que é o mais importante: cria um sistema de forças armadas nacionais que, equilibrando-se a si mesmo, tem como fiel um Contingente Internacional de tal modo organizado que nenhum agressor se possa sobrepujar ao sistema; fica, entretanto, cada Estado maior com capacidade militar para se defender. Os sessenta e poucos Estados menores procuram um meio de poder sobreviver, não conquistar. Individualmente são impotentes, mas, em conjunto, constituirão uma nova força mundial de 400 milhões de pessoas—aliado perpétuo de todas as nações que almejam a paz.

Para os Estados Unidos, uma organização das Nações Unidas reformada simplificaria o problema de livrar do comunismo a Europa Ocidental. Quer a Rússia adira, quer não, não poderá mais usar a ameaça da força armada em apoio dos partidos comunistas espalhados pelo mundo. Assim não seria preciso que os Estados Unidos desem um cheque em branco ao bloco da Europa ocidental sob a forma de garantia militar, pois as Nações Unidas, uma vez feita a reforma, seriam por si mesmas uma garantia militar para todos os Estados-membros—uma garantia mútua, recíproca, multilateral. Os Estados Unidos da Europa, impossiveis na atual atmosfera de política forte, poderiam então tornar-se realidade.

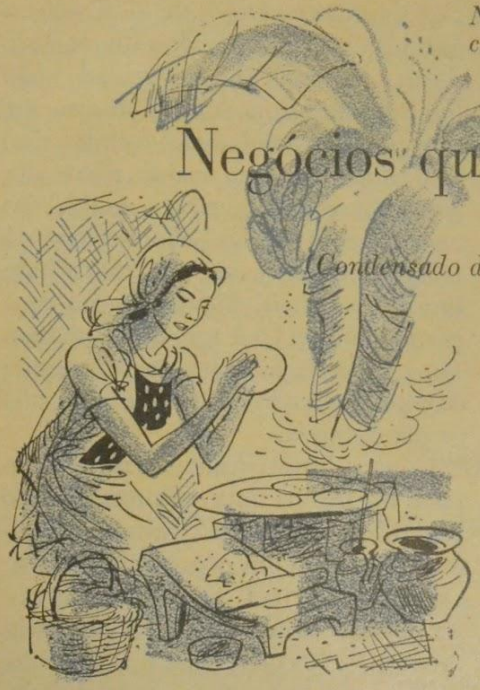
Sobretudo, a fórmula ABC poria as coisas em pratos limpos com a Rússia e, graças a uma atitude firme assumida agora, impediria uma terceira guerra mundial posteriormente. É dificil acreditar-se que a Rússia preferiria ficar fora das Nações Unidas, depois da reforma. À Rússia o Plano ABC oferece inteira imunidade contra uma agressão atômica; força militar permanente igual à dos Estados Unidos; a proteção adicional do Contingente Internacional; e, acima de tudo, uma garantia contra agressões futuras por parte das potências capitalistas.

Quanto aos americanos, não podem escolher: têm que conquistar o mundo ou eliminar a guerra. E preferem a última hipótese.

Não faltam oportunidades de fazer bons negócios—para quem for imaginoso e esperto

Negócios que outros não vêem

(Condensado de «Newsweek»)



«Los fritos deliciosos»

Em 1932, um rapaz chamado C. E. Doolin entrou num café de San Antonio, no Texas, e pediu um sanduiche, que veio acompanhado de um prato com saborosos *fritos* de farinha de milho; isso lhe sugeriu um negócio que no ano passado rendeu um lucro bruto de 25 milhões de dólares.

Esses fritos eram novidade: datavam do dia em que um casal de mexicanos, estabelecidos em San Antonio, em vez de servirem inteiras as típicas *tortillas* nacionais, que são uns bolos chatos, feitos de farinha de milho, lembraram-se de cortar a massa em tiras, antes de a fritarem. O sabor foi uma agradavel surpresa para Doolin. Procurou os donos da invenção, e, vendo que estavam ansiosos de regressar ao país natal, pagou-lhes cem dólares pela receita. Doolin pôs mãos à obra, na sua cozinha. Com o auxílio da mãe e do irmão, e adaptando um amassador de batatas para cortar a massa em tiras, começou a produzir fritos para 39 varejistas locais. Esses fritos tornaram-se acompanhamento tão indispensavel dos comes e bebes populares, como o eram antes o amendoim ou as batatas fritas nos bares.

Quando os Doolins se dedicaram à produção em massa, o mano Earl criou máquinas tão eficientes, que só lhes faltava comer os fritos, quebradiços e dourados. A máquina espremia a massa em fitas e cortava-as em determinado comprimento. Os pedacinhos caíam então num banho de óleo vegetal através de grandes caldeirões; passavam rapidamente sob um «chuveiro» automático de sal, eram pesados e metidos em cartuchos, e selados sob a ação do calor.

Doolin montou fábricas em três importantes cidades no sudoeste dos Estados Unidos. Atualmente tem neste país 26 distribuidores autorizados a fabricar, e os seus fritos vendem-se tambem no Canadá e na

Austrália. Em Nova York, onde a produção só se iniciou em meados de 1947, o volume de vendas dos produtores autorizados já atinge a 300 mil dólares por ano.

Mas Doolin, que tornou a *tortilla* dos mexicanos pobres acessivel aos grã-finos de Nova York, ainda hoje está agarrado a um vestígio da era arcaica do seu produto: tendo descoberto que a melhor maneira de moer o milho para fazer fritos era a que empregavam as índias mexicanas do tempo de Cortês, ele manda moer a respectiva farinha entre duas pedras vulcânicas de grande dureza.

Bicho papa bicho

ERNEST CONWAY é um ex-combatente da marinha norte-americana que está hoje com 30 anos de idade, a caminho de um lugar perpétuo no coração das donas de casa do seu país.

Quando regressou, há três anos, do serviço na marinha, encontrou seus ternos de paisano todos comidos pela traça. O preparado contra a traça, que ele pusera entre as roupas, tinha-o traido. Meses depois, um químico chamado William Bordner falou a Conway de uma fórmula nova que tinha descoberto para tornar refratários à traça os tecidos de lã. Conway, que na vida civil era alto funcionário de uma agência de publicidade, não ligou grande importância ao assunto, mas resolveu sondar as possibilidades.

Verificou que a maior parte dos produtos contra a traça, que se encontravam à venda, não resistiam à lavagem, danificavam a lã, ou tinham um cheiro atroz. Havia mesmo uma grande loja de Chicago, que tinha em tão má conta os mata-traças oferecidos nos mercados, que resolvera não os pôr à venda.

Conway pediu dinheiro emprestado para organizar uma empresa com o capital de mil dólares, afim de proceder a ensaios com o preventivo anti-traças de Bordner, ao qual deu o nome de Boconize. Logo às primeiras provas, ele se convenceu de que tinha dado com um produto de qualidades revolucionárias. O fato é que o Boconize, um sal ácido, se combinava quimicamente com as moléculas da fibra de lã, e as traças, diante da intragavel fibra, comiam-se umas às outras. A lã «boconizada» conservava as qualidades inseticidas mesmo depois de repetidas lavagens com água e sabão ou a seco. Ao mesmo tempo a lã nada sofria com o tratamento.

A U.S. Testing Co., empresa especializada em provas e ensaios dessa ordem, confirmou as conclusões de Conway, e concedeu ao Boconize o seu «selo de qualidade de mercadoria certificada»—dando pela primeira vez essa garantia a um composto destinado a imunizar as roupas contra a traça.

Conway pôs-se em contacto com as indústrias texteis da Suécia (onde, ao contrário do que sucede nos Estados Unidos, 95 por cento de todos os produtos de lã recebem nas fábricas um tratamento prévio contra a traça) e conseguiu obter contratos para fornecer o Boconize para o tratamento de 25% de todos os uniformes e cobertores fabricados para o governo sueco.

Nos Estados Unidos o Boconize custará às fábricas de tecidos cerca de 3 dólares o quilo, ou seja o bastante para tratar 34 jardas de lã de 16 onças. Conway calcula que a «boconização» não deverá encarecer em mais de 15 centavos de dolar o preço de um terno de homem, de qualidade regular. A companhia já fechou contratos para venda de 340 mil quilos de Boconize nos próximos doze meses. Dessa maneira, os mil dólares que Conway arriscou desabrocharam num volume de vendas que ultrapassa a cifra de um milhão de dólares.

A última palavra em telefones

(Condensado de «Nation's Business»)

Por Don Wharton

A COMPANHIA Telefônica Bell acaba de inaugurar, nos Estados Unidos, um serviço ambulante de rádio-telefone, graças ao qual uma pessoa pode agora, viajando num automovel ou em qualquer outro veículo em movimento, chamar qualquer um dos 35 milhões de assinantes da referida companhia. Quatro mil carros já se acham munidos de aparelhos telefônicos receptores e transmissores, e mais de oito mil pessoas já os encomendaram. Se não os receberam ainda, é porque não existem «canais» de rádio em número suficiente. Há muitos milhares de outros veículos que já estão usando sistemas particulares para comunicação com um escritório central. Por exemplo, os choferes de taxi falam com a sede da companhia proprietária dos veículos, e os carros da polícia comunicam-se com a chefatura.

Este serviço promete grande economia de tempo, de dinheiro e de vidas. A imprensa usa-o para apressar a tarefa dos fotógrafos, os tintureiros para tornar as entregas mais rápidas, e as confeitarias para acelerar as entregas especiais. Pelo menos umas doze agências de detectives particulares usam o sistema para proteger a propriedade dos clientes. No Illinois, uma ambulância chegou ao local de um acidente; os enfermeiros notaram que havia tantos feridos, que era impossivel tratar deles sem ajuda; chamaram então outra ambulância e avisaram o hospital para que preparassem a sala de emergência. Diversas pessoas foram salvas graças provavelmente àquela chamada oportuna.

No ano passado, quando Texas City foi quase totalmente arrasada por uma explosão, um grupo de socorro de emergência, vindo de Houston, precisava de remédios e outros suprimentos. As linhas telefônicas interurbanas, em Texas City, estavam todas ocupadas, mas o grupo de socorro conseguiu ligação com Houston, graças a um caminhão equipado com o telefone «ambulante», estacionado na rodovia.

O grande governador de Sonora transformou sua terra em uma região exuberante de vitalidade e esperança

Abelardo Rodríguez, governante dinâmico

(Condensado de «The Pan American»)
Ralph Wallace

EM COMEÇOS DE 1943, os cidadãos mais influentes do Estado de Sonora, no México, viajaram em comissão até a capital federal para avistar-se com o General Abelardo L. Rodríguez — ex-presidente do México, industrial de destaque, herói da revolução e filantropo. Perguntaram-lhe, quase em lágrimas, se ele não quereria candidatar-se ao governo do seu Estado.

General Abelardo Rodríguez

Rodríguez escutou-os com preocupação crescente. Devido à falta de reservatórios, para conservação da água, secas terriveis haviam destruido em três anos 400 mil cabeças de gado, e ameaçavam aniquilar a maior fonte de atividade e receita de Sonora. A industrialização não progredia; a cobrança dos impostos estava paralisada, o mesmo acontecendo à construção de escolas e novas estradas. Impunham-se providências urgentes. A delegação compreendia que a candidatura constituia um sacrifício, mas havia necessidade imperiosa de um novo e enérgico governador.

Comovido e preocupado, Rodríguez deteve aquela torrente de palavras com um gesto brusco de aviso: «Não sou um político! Não farei campanha. Mas se o meu estado natal precisa de mim, e se o povo me quer...»

Chegadas as eleições daquele ano, de um total de 63 mil votos, mais de 62 mil foram dados a Rodríguez. Assim teve início um dos mais empolgantes exemplos de administração governamental esclarecida de todo o continente americano. Após cinco curtos anos, o Estado conta 600 escolas, das quais a metade são novas ou foram reconstruidas, enquanto 1.600 quilômetros de rodovias novas cortam em todos os sentidos o território de Sonora. A receita estadual mais do que dobrou. Cerca de 50 novas indústrias, inclusive uma das melhores fábricas de tecidos da América Latina, funcionam ativamente por todo o Estado. Os bairros de adobe que, durante longos anos, constituiam manchas no panorama das cidades, foram substituidos por construções novas, de linhas modernas. Não surpreende, diante de tudo isso, que as autoridades tanto do México como dos Estados Unidos, inclusive o governador do Estado norte-americano vizinho—Arizona—tenham classificado de «fenomenal» e «inspirada» a administração de Rodríguez.

Os habitantes de Sonora costumam dizer que «só Deus pode governar o clima, mas o General ajuda», e apontam as dezenas de novas obras de irrigação que vêm ponteando o Estado. Entre outras, a Barragem de Hermosillo, quase às portas da capital, com seu quilômetro e meio de comprimento e 27 metros de altura, inaugurada faz poucos meses, fornecerá regularmente água potavel a dezenas de milhares de cabeças de gado, e irrigará mais de 30 mil hectares de terra destinada à cultura de forragem rica em proteina. Quando estiver concluida a grande Barragem de Obregón, no Vale Yaqui, em Sonora, cujo custo está avaliado em 50 milhões de dólares, outros 200 mil hectares se tornarão produtivos, em um dos maiores vales irrigados do mundo.

Várias repartições do governo federal assumiram a maior parte dos pesados encargos financeiros da construção de barragens e das rodovias que atravessam todo o Estado; o restante do programa iniciado pelo General foi executado até o fim, sem agravar os impostos estaduais de um só centavo. Não obstante, as arrecadações do Fisco subiram de oito para 18 milhões de *pesos* anuais, graças à adoção de métodos mais atualizados de avaliação e cobrança. Fomentou-se tambem a industrialização. Quando Rodríguez decidiu que Sonora podia lucrar com uma indústria de camarões congelados, passou um período na Louisiana, nos Estados Unidos, estudando todos os aspectos dessa indústria; de regresso ao México, mandou edificar um frigorífico-modelo e organizou uma frota de pesca, provocando assim nas águas do golfo da Califórnia o florescimento de uma indústria de camarões que movimenta uns 10 milhões de dólares por

ano. Tão depressa a empresa se mostrou capaz de aguentar-se por si, o General, num gesto característico, vendeu a instalação, pelo preço de custo, a uma coöperativa de trabalhadores.

O fator que explica o atual afluxo de indústrias ao Estado de Sonora, é uma lei, posta em vigor por Rodríguez, que isenta de impostos as novas indústrias durante os primeiros dez anos de exploração.

À idade de 59 anos, com o cabelo cuidadosamente empastado, já rareando um pouco, Rodríguez tem exatamente a aparência do que é—um general de divisão do Exército Mexicano, ainda capaz de mover com desempenada galhardia a sua elevada estrutura de 1m80 de altura. A sua afabilidade o tornou querido de todos os mexicanos. Num estado conhecido pela sua aderência ao formalismo, os escolares o chamam de «Tio Abelardo», em parte porque ele lhes faz frequentes visitas, e em parte porque entrega todo o seu salário de governador às organizações atléticas, para a compra de equipamento esportivo destinado à mocidade pobre do Estado.

A história quase lendária deste notavel mexicano tem suas raizes em San José de Guaymas, onde nasceu em 1889, sétimo filho dos doze de um humilde lenhador. As finanças da família não deixaram que Abelardo fosse alem da escola primária; mas o rapaz lia tudo quanto lhe caía nas mãos, e chegou mesmo a assimilar um curso de administração comercial por correspondência!

Ao deixar a escola, trabalhou como simples operário diarista nas minas de cobre do norte de Sonora. Veio em 1914 a grande revolução, destinada a expulsar do poder o general Victoriano Huerta, e Rodríguez foi-se juntar às forças do General Álvaro Obregón, que andavam pelas montanhas. Duas vezes foi ferido, e citado por bravura excepcional quando, apesar de gravemente baleado na cabeça, continuou a manobrar uma metralhadora. Rodríguez saiu da Revolução ostentando os galões de coronel, e resolvido a seguir a carreira das armas. Em 1920, no carater de um dos mais jovens generais do Exército Mexicano, a sua reputação de invencibilidade se tornara tão grande que, despachado para a Baixa Califórnia afim de abafar uma revolta militar que alí irrompera, as tropas insubordinadas depuseram as armas sem dar um tiro. Foi nomeado governador militar, depois governador civil, e finalmente viu-se elevado à categoria de membro do gabinete, na qualidade de Ministro da Guerra.

Entretanto, graças a prudentes empregos de capital, Rodríguez ia assentando os alicerces duma fortuna que viria a fazer dele um dos cidadãos mais ricos do país. Primeiro, associado a um grupo de amigos, comprou uma plantação no fertil Vale de Mayo; com os lucros daí auferidos, comprou ações da primeira companhia de borracha do México—inversão que se valorizou 3.000%! Na Baixa Califórnia fundou uma pequena fábrica de adubos de peixe, que já se tornou a maior indústria de enlatamento de peixe do país.

O Banco del Pacífico, que ele fundou com um capital de 100 mil *pesos* e um só estabelecimento, tem hoje um capital de 10 milhões e abrange oito estabelecimentos. Santo Tomás, a maior empresa vinícola do México, é tambem criação de Rodríguez; o mesmo sucede com a maior empresa de águas engarrafadas, e com um dos melhores hotéis de turismo do país.

Rodríguez organizou tambem, com o seu próprio capital, uma dúzia de outras empresas—indústrias de madeiras, lojas de artigos variados, uma fábrica de baterias para automoveis. Quando as empresas começavam a prosperar, ele as vendia a um grupo de jovens empregados, ou a uma cooperativa de operários, pelo preço justo do capital aplicado.

Ao renunciar, em começos de 1932, o presidente Ortiz Rúbio, o Congresso, por aclamação, elevou Rodríguez do posto de Ministro da Guerra à Presidência. Em menos de dois anos Rodríguez conquistou a reputação de ser um dos melhores presidentes que o México já tivera. Prolongou a duração do mandato de quatro para seis anos; deu grande impulso às medidas no sentido de dividir as grandes propriedades semi-feudais, distribuindo-as pelos camponeses pobres; construiu 2.500 escolas rurais, e, o que foi talvez o mais importante de todos os atos de seu governo, fez aumentar os salários dos trabalhadores mexicanos de cerca de 20 por cento, por meio de uma das mais esclarecidas leis de salário mínimo de toda a América.

Em 1934 Rodríguez retirou-se da vida pública, para atender às suas próprias empresas. Aceitou o governo de Sonora em 1943 somente por sentir que a sua experiência administrativa poderia levantar as condições econômicas desse Estado, que é o segundo em extensão do México, transformando-lhe o atraso em um surto de progresso.

O primeiro problema que Rodríguez atacou—uma vez revisto o sistema de cobrança dos impostos—foi o da criação de escolas. «Creio que a instrução determina o destino das nações,» afirmou ele, «e jurei que traria os métodos da pedagogia moderna ao Estado de Sonora, ainda que esse fosse o meu primeiro e último ato de governo.»

Em 1943 as escolas eram frequentadas apenas por 33 mil alunos; hoje a frequência subiu de quase 20 mil, ou seja, uns 60 por cento. Construiram-se em Sonora quase 200 escolas novas, de acordo com planos tão modernos, que qualquer cidade dos Estados Unidos as invejaria; outras 145 foram totalmente reconstruidas. As crianças pobres e subalimentadas recebem nas escolas refeições gratuitas de grande poder nutritivo. Os ordenados mais baixos dos professores foram quase triplicados, promulgou-se uma nova lei de proteção dos empregados escolares, beneficiando-os com a criação de um fundo para pensões. Tendo-se verificado, mediante um inquérito, que cerca de 40 mil adultos não sabiam ler nem escrever, o General promoveu uma campanha em prol das escolas noturnas, afim de acabar com o anal-

fabetismo entre os adultos. Atualmente contam-se em Sonora menos de 5 mil analfabetos, o que constitui uma realização prodigiosa. Ao todo, o orçamento de Sonora consagra hoje 42 por cento de suas receitas à educação, o que talvez seja, proporcionalmente, o mais alto orçamento de instrução no mundo inteiro.

As propriedades imobiliárias de Rodríguez em Hermosillo foram integralmente doadas a uma fundação, que se destina a assegurar aos filhos de camponeses os meios de obterem instrução superior. O General costuma dizer com simplicidade: «Do Estado de Sonora nada quero para mim próprio.» Se bem o diz, melhor o faz.

Simultaneamente com os serviços públicos e a instrução, fomenta-se a industrialização de Sonora. Uma nova usina elétrica em Guaymas fornecerá 50 mil cavalos de força; a Barragem Obregón produzirá outros 50 mil. Construiu-se uma das maiores fábricas de cimento de todo o país, bem como uma fundição de cobre que custou uma respeitavel soma equivalente a 320 milhões de cruzeiros.

Ainda há pouco Rodríguez insistia com a assembléia legislativa de Sonora para que esta lhe permitisse renunciar, afim de se entregar à gestão de seus próprios interesses. Astuciosamente, os legisladores lhe concederam uma licença que se poderia prorrogar de mês em mês, de maneira a poderem chamá-lo em qualquer ocasião. Este homem, cujo pai era um humilde lenhador, crê que o seu mandato foi meramente o reembolso de uma dívida à sua terra natal. Entretanto, hoje é a própria democracia que lhe deve alguma coisa de mais importante—o exemplo de uma região atrasada que conseguiu entrar no caminho do progresso, graças à coragem e às brilhantes qualidades de um lider.

Entre aspas

UM ESTUDANTE, na aula de geografia: «O principal artigo de exportação dos Estados Unidos é... o dinheiro!»

—Ben Roth, em *Collier's*

A NOVA secretária ao patrão zangado: «Eu sei ortografia, sim senhor. Mas tambem não sou nenhuma fanática nesse assunto!»

—Si, em *The Gregg Writer*

O FUNCIONÁRIO do posto de meteorologia ao telefone: «Os meus calos tambem estão doendo, minha senhora; mas continuamos dizendo que amanhã fará bom tempo.»

—Reamer Keller, em *Redbook*

O melhor amigo do homem

Compilação de Alan Devoe

Onde quer que haja cães há sempre interessantes relatos sobre eles—tão interessantes e comoventes como os animais que lhes dão origem, e impregnados às vezes de um mistério semelhante ao que se observa no olhar dos cães. Inserimos aqui vários relatos que nos foram enviados por leitores.

MUITAS VEZES ouvimos falar dos cães que conduzem cegos pelas ruas; mas Don, nosso cão-de-pastor, escolheu por si próprio a tarefa de guiar uma vítima da surdez.

Era ele ainda um filhote quando pressentiu, não sei como, que minha senhora era surda. Desde essa ocasião, o cachorro se constituiu em vigia das campainhas das portas.

Havia uma campainha na porta da frente e outra na do quintal; e ele rapidamente aprendeu a distinguir entre o som de uma e o da outra. Quando uma delas tinia, Don disparava pela casa até encontrar minha mulher, e então ladrava com força até fazer-se ouvido. Com suavidade, tomava-lhe a saia com os dentes, e puxava-a para a porta a que ela devia atender. Quando ela abria a porta, o cão se punha imovel ao seu lado, em posição de alerta, rosnando baixinho, até que ela, com uma palavra, o avisasse que tudo estava em paz.

Don descansa hoje num cemitério para cães; mas durante 13 anos, por sua própria «iniciativa», ele se tornou, com grande lealdade, o indispensavel guia numa casa onde reinava o silêncio.

—Colaboração de M. D. B.

«COMO FOI a caçada de narcejas?» perguntei a um amigo, que acabava de chegar de umas férias.

Respondeu-me que tudo correra admiravelmente, sobretudo por causa de um caso fora do comum, que lhe acontecera. Voltava certo de uma coisa: ser o único homem do mundo, que já fora insultado por um cão...

Ele e um seu amigo, médico, foram à caça com um perdigueiro perten-

cente ao doutor, e por este considerado como o melhor animal da região. Cada caçador tomou a si um dos lados do terreno alagadiço—um disparando contra as narcejas que, espantadas pelo cão, se levantavam à direita, e o outro, contra as da esquerda. Mas ao médico vinham ter todas as aves abatidas, pois o perdigueiro ia apanhá-las e voltava todo orgulhoso a depô-las aos pés do dono, tivesse ou não sido ele quem as matara.

Em dado momento, por mera inadvertência, o médico abateu com um tiro um melro dos pântanos—ave que em hipótese alguma se pode chamar de «boa caça». Pois o cachorro correu prontamente para ela, e foi depô-la aos pés de meu amigo...

—Colaboração de B. S. A.

Foi numa noite de grande tempestade de neve, que o meu pequeno lulú, de 12 anos de idade, escapuliu de casa, e—naquela desolada «noite branca» —foi atropelado, recebendo ferimentos graves. E lá ficou, o pobre, sem auxílio algum, jogado para um lado da estrada.

Certamente teria morrido alí, não fora a intervenção de um cachorro policial desconhecido.

Um chofer de taxi, que depois o trouxe à nossa casa, contou-me o que vira. Disse que ia passando por alí, pelas duas e meia da madrugada, quando de repente lhe surgiu, através da nevasca, um cão policial, diante dos faróis do carro. O rapaz deu um toque de buzina, mas o animal não se arredou; alí se postara, firme, no meio da estrada, e o chofer teve que enfrear o taxi. O cão veio à porta do carro, grunhindo, e depois correu para a beira da estrada, onde ficou parado. O chofer saiu do taxi e caminhou, com dificuldade, pela neve. O cachorro, meneando a cauda em sinal de alegria, estava junto a um montão de neve, onde, gravemente ferido, se achava o meu lulú.

Muito esforço fiz para localizar esse cão policial. Queria apertar-lhe a pata, em sinal de gratidão...

—Colaboração de E. B.

Penny, a nossa cadela, detestava os automoveis; e, salvo em duas ocasiões, em que, doente, teve de ser levada ao veterinário, sempre lhe respeitamos essa aversão, nada fazendo para forçá-la a nos acompanhar no carro. Portanto, foi com grande surpresa que certa manhã vimos Penny a arranhar a porta do auto.

Quando se apercebeu de minha presença, pôs-se a correr entre mim e o carro, a emitir pequenos grunhidos. De súbito me veio esta idéia: será possivel que ela queira ir ao veterinário?

Sentindo que fazia uma tolice, abrí a porta do carro. Toda satisfeita, Penny saltou para dentro, e em dois minutos estávamos a caminho do especialista.

Parecia-me absurdo dizer ao veterinário que Penny «pedira» para consultá-lo, e, portanto, disse-lhe apenas que a examinasse. Ele assim fez e, oculta sob a capa do seu pelame grosso, descobriu uma ferida bastante infeccionada.

Feito o necessário curativo e suavizada a dor que ela devia sofrer, metemo-nos no carro, eu e Penny, e voltamos para casa. Isso foi há mais de dois anos. Penny continua na sua aversão antiga aos autos.

—Colaboração de F. B. B.

Certo dia, aí por volta das 2 horas da tarde, resolví ir pescar. Preparei a lancha, o meu piloto encheu-lhe os tanques de gasolina, e estávamos prontos para sair. Assobiei chamando Redsy, o meu perdigueiro. Nunca, desde os seus tempos de filhote, ele deixara de responder com a maior alegria ao meu chamado.

Entretanto, agora, plantou-se alí, no cais, a ladrar furiosamente. Não queria entrar na lancha. Várias vezes tentei induzí-lo a vir para bordo, mas isso ainda o fazia ladrar mais. Comecei a sentir-me vagamente inquieto. O piloto afirmou-me que o barco estava em boa ordem, mas Redsy continuava na sua recusa, a ladrar em alto protesto. Por fim, decidí-me: mandei que o piloto atracasse de novo o barco e desistí da pescaria. Creio que o homem me julgou meio louco; cá comigo, tambem eu desconfiava disso... Ao largo, na vasta baía, viam-se talvez uns cinquenta barcos que se dirigiam ao ponto de pesca. O dia estava lindo, sem sinal de vento que encrespasse a tona lisa das águas...

No entanto, alguns dos barcos que sairam naquela tarde nunca mais voltaram. Sim, porque, poucas horas depois, o vento começou a soprar, e aos poucos entrou a uivar furiosamente. Algumas horas mais tarde, já a orla da enseada estava coberta de meio metro de água. Redsy me salvara, assim, com o seu instinto canino, de uma das piores tempestades que jamais assolaram aquela região.

—Colaboração de W. H. M.

Definições

Amizade platônica: O intervalo entre a apresentação e o primeiro beijo.
—Sophie Irene Loeb, *Epigrams of Eve*

Guarda-chuva: Abrigo para um; banho de chuveiro para dois.
—W. Hitchcock, em *Opinion* de Londres

Oportunista: Pessoa que logra fazer aquilo que sempre vínhamos desejando fazer.
—Kenneth L. Krichbaum, em *The Saturday Evening Post*

Segredo: Aquilo que se conta a uma pessoa de cada vez.
—*The Buzzer*

O homem «médio» não sofre de idiossincrasias físicas nem mentais—mas esse homem não existe...

Todos somos anormais

(*Condensado do livro «The Human Frontier»**)

Roger J. Williams
Diretor do Instituto Bioquímico da Universidade do Texas

Ao abordarmos os vários problemas humanos, inclinamo-nos a considerar a sociedade como se fosse composta de indivíduos «médios», todos mais ou menos iguais uns aos outros. Mas a sociedade compõe-se sobretudo de indivíduos anormais. Cada um de nós pode ser considerado anormal, de um ou mais pontos de vista. E conseguiremos acercar-nos muito mais à compreensão dos problemas de relações humanas, se nos apercebermos das diferenças fisiológicas que nos levam a sentir, pensar e agir diversamente de cada um dos nossos semelhantes.

Tomemos as questões de paladar, por exemplo. Um numeroso grupo de homens de ciência prestou-se a esta prova: experimentar o gosto de determinado composto químico. Uns acharam-no amargo, enquanto outros insistiram em que era insípido. Cada um dos grupos suspeitou que o outro ou não dizia a verdade, ou sofria de alguma anomalia física de alto calibre. Um dos homens para quem a substância não tinha gosto queria forçar a esposa (que se queixara de um amargor insuportavel) a prová-la várias vezes, até se convencer de que estava em erro. Ora, como essas diferenças são comuns, e se verificam com todos os sentidos, o episódio mostra como é facil suscitar-se um conflito entre os homens, devido a diferenças físicas sobre as quais nada podemos fazer.

Conheço três pessoas que, dotadas de olfato sob vários aspectos perfeitamente normal, são entretanto incapazes de reconhecer o fedor característico da maritacaca. Quanto à reação às cores, as variações são inumeraveis. O vermelho é capaz de acelerar o pulso e de fazer subir a pressão arterial, ao passo que o azul pode ter efeito exatamente contrário. Algumas pessoas são particularmente sensiveis a tais estímulos, enquanto outras lhes são relativamente indiferentes. É por isso que, de dois indivíduos, um se exalta de admiração diante de um poente vivamente colorido, e o outro não lhe prestará a mínima atenção.

*«The Human Frontier», copyright 1946. Harcourt, Brace & Co., Inc., Nova York. Preço, $3.00.

As variações da visão humana dão lugar a muitas discrepâncias entre os indivíduos, alem das que o oftalmologista pode ordinariamente observar. A pessoa dotada de visão periférica deficiente não pode ver as coisas senão quando as olha quase diretamente. Se duas pessoas, uma dotada de boa visão periférica, e a outra não, procurarem ao mesmo tempo certa notícia no jornal, a primeira poderá dar com ela apenas em uma fração do tempo que a segunda exigirá. Mas se estiverem jogando golfe juntas, aquela que tem boa visão periférica poderá ver *demasiado*, e deixar-se por isso enganar. A visão periférica insuficiente, por parte quer dos pedestres quer dos automobilistas, é talvez um fator importante a considerar nos acidentes.

As variações da reação individual a substâncias químicas são muito acentuadas. A morfina faz adormecer a maioria das pessoas; mas há indivíduos a quem ela excita de tal modo, que as imagens e pensamentos lhes correm pela mente, e esta se torna um tumulto confuso, causando efeitos muito desagradaveis. As reações à cafeina são as mais diversas, e até opostas: pessoas há que podem dormir o sono dos justos depois de haverem tomado várias xícaras de café bem forte, enquanto outras ficarão sofrendo de espertina durante muitas horas, por causa de meia xícara de café. O mesmo se dá com a nicotina: há homens capazes de fumar o dia inteiro sem sofrerem qualquer mal-estar, ao passo que outros, no dizer dos farmacologistas, nunca se habituam ao uso corrente do fumo.

O sistema nervoso de cada indivíduo tem o seu ritmo próprio no que diz respeito às horas de dormir e de acordar. Quando a ciência tiver conseguido penetrar mais profundamente na natureza do sono, poderemos talvez achar soluções mais satisfatórias a esse problema, ficando assim em condições de dar uso mais eficiente às horas de vigília e de sono. Mas, nesse ínterim, deixemos de considerar como seres anormais ou casos teratológicos, as pessoas que precisam de dormir muitas horas, ou as que podem passar quase sem dormir. As funções sexuais revelam tambem grande diferença individual. Os muitos fatores implícitos em um consórcio feliz, e as vastas diferenças que se sabe existirem entre os indivíduos, chegam a tornar surpreendente que haja tantos casais unidos e constantes! Mas o reconhecimento de que existem variações naturais, baseadas em condições fisiológicas, devia tender a criar maior tolerância e compreensão por parte dos cônjuges.

Do mesmo modo que, em vez de reconhecermos como são variaveis as características fisiológicas, nos inclinamos a julgar os homens e as mulheres como «normais» ou «anormais» do ponto de vista físico, assim tambem temos errado muito ao ajuizar da sua inteligência relativa. A classificação dos membros da família humana em inteligentes e estúpidos pode ser conveniente para determinados efeitos práticos, mas não está justificada pelos fatos científicos.

Os homens que classificamos como «brilhantes» não são forçosamente

brilhantes sob todos os aspectos. Nada nos permite julgar que a mente de Einstein seja fenomenal de *todos* os pontos de vista. Há muitos matemáticos excelentes que são relativamente fracos em cálculo mental; a julgar pelas anedotas da infância de Einstein, parece que ele pertence a esse grupo. Em criança, ele custou tanto a aprender a falar, que os pais chegaram a recear que ele fosse anormal.

Podemos classificar os indivíduos do ponto de vista da sua aptidão mental para determinadas funções específicas —como, por exemplo, soletrar palavras com rapidez, decorar, manipular algarismos com facilidade. Mas, quando se chega à questão da inteligência total, não podemos classificar os seres humanos por ordem numérica—1, 2, 3, etc.—assim como não poderíamos julgar por um padrão comum os cavalinhos Shetland, os cavalos de corrida e os de tiro.

Se quisermos ser inteligentes em matéria de inteligência, devemos aceitar o fato de que cada espírito humano é o produto de muitas aptidões mentais, tendências e traços diversos (talvez não menos de trezentos!), que podemos possuir em maior ou menor grau.

Considere-se o caso dos «idiotas-sábios»—indivíduos que, segundo os testes comuns e os padrões ordinários de pedagogia, se devem considerar debeis mentais, e até mesmo idiotas: verifica-se, entretanto, que alguns deles possuem notaveis poderes mentais.

Apurou-se, por exemplo, que um pobre diabo de 21 anos de idade era, segundo os testes de inteligência, um retardado mental. Em certos aspectos da aptidão intelectual, no tocante particularmente à capacidade de aprender pelos livros, ele tinha a idade mental de uma criancinha de poucos anos. Observou-se, no entanto, que era capaz de consertar fechaduras, campainhas de bicicleta, e quase todas essas engenhocas mecânicas. Foi submetido a um teste de aptidão mecânica, e ficou demonstrado que tinha habilidade mecânica própria de um adulto superior. Abunda a documentação sobre numerosos indivíduos do mesmo jaez; alguns deles chegaram a tornar-se notaveis entalhadores de madeira.

O diretor de certa escola levou um rapazinho, debil mental, a exame em uma clínica especial. Entre os testes a que foi submetido havia um, de «vizualização estrutural», que implicava a operação de juntar os pedaços de um bloco de madeira irregularmente cortados. O diretor da escola levou «dezoito minutos de penoso esforço» para reconstituir o bloco; o «debil mental» executou a operação em um minuto.

Os debeis mentais dão muitas vezes provas de uma memória excepcional. Assim, um menino debil mental de uma pequena cidade do Ohio, nos Estados Unidos, aprendeu de cor toda a lista de assinantes da companhia telefônica do lugar, e os números dos automoveis de muitos dos cidadãos, sendo capaz de os repetir a pedido. Um imbecil do Texas perguntava a todos os homens que encontrava qual a data do seu nascimento, as datas do pai e da mãe, o nome de solteira da

respectiva esposa, e outras coisas do mesmo gênero. Passados anos era capaz de repetir de cor todos esses pormenores! Possuia uma memória tão perfeita, que, quando havia dúvidas sobre os registos civís da municipalidade, recorriam a ele.

Esses casos provam a independência das diversas esferas da aptidão mental. Os «idiotas-sábios» são apenas caricaturas de todos nós—fortes em algumas características, fracos em outras. Pela maneira como habitualmente se aplicam os testes de inteligência, estes altos e baixos passam despercebidos ao observador. Aplica-se o nome de «inteligência geral» a uma porção de coisas reunidas sem discernimento. Quando se trata de predizer a conduta da criança na escola, os testes correntes são em geral satisfatórios. Mas ainda lhes escapa o fato muito significativo de que *os indivíduos possuem aptidões mentais diversas, em graus altamente variaveis.*

A insuficiente atenção que prestamos às crianças individualmente consideradas, nas escolas, deve-se em parte à preocupação hoje dominante de ministrar o ensino em massa, e de tentar reduzir tudo a dados estatísticos. Encontram-se por aí livros e artigos em quantidade, relativos à educação «da criança»; mas raras vezes se tem acentuado a importância de reconhecer em cada criança um indivíduo, dotado de aptidões particulares e bem diferenciadas.

Uma das funções da educação é ajudar a criança e o adolescente a descobrir o seu lugar no mundo. A escola podia começar a ocupar-se desse problema muito mais cedo do que realmente começa. A maioria dos estudantes atravessam mesmo todo o ensino superior sem chegar a saber quais são as suas aptidões ou para que é que têm vocação. Sei de um indivíduo que só veio a conhecer sua vocação pela primeira vez, depois de ter colado grau numa universidade: foi em um exame no exército. Se o houvessem submetido a testes apropriados na escola primária, ter-lhe-iam poupado vários anos de estudos mal orientados, e muitas dores de cabeça.

A necessidade de uma melhor compreensão das variações individuais é imperiosa em todas as atividades orientadas para o melhoramento da saude física e mental. Mas essa necessidade se torna ainda maior na esfera dos negócios públicos.

Um dos resultados inevitaveis do melhor conhecimento dos seres humanos, creio eu, seria uma compreensão mais clara do fato que nenhum homem é, por natureza, equipado para ser o único lider em todos os caminhos da vida.

A sociedade está muito necessitada de líderes; na ciência, na indústria, na educação, na política, e em todos os outros ramos da atividade humana. Mas do que ela não precisa é de líderes universais—desses que estão à frente, ou melhor, dominam, em todos os campos de ação. Não há ninguem dotado de qualificações para uma liderança dessa ordem!

Na realidade, as ditaduras e o poderio injustificado de certos indivíduos

alicerçam-se, em parte, na nossa ignorância geral das limitações pessoais. Quando uma pessoa dá mostras de invulgar habilidade ou coragem em um setor, e se qualifica assim para ser o lider nesse campo, somos levados com frequência a supor que essas habilidades se verificam tambem em outros domínios.

O abuso de poder tem origem, muitas vezes, em um processo semelhante —o indivíduo que demonstra certa aptidão especial, por vezes simplesmente a de orador, e a quem se atribuem desde logo outras virtudes e aptidões, até que gradualmente ele se torna uma «autoridade», e por fim a autoridade por excelência em todos os assuntos. Um conhecimento mais perfeito da natureza das vocações e das fraquezas humanas, tornaria impossivel semelhante abuso. É dificil imaginar uma ditadura em um país bem informado a respeito dos atributos e predicados dos seres humanos que o constituem.

Para golfistas

UM JOVEM golfista, que acabara de tirar a bola de um dificil montão de areia, procurou romper um silêncio embaraçoso, dizendo ao *caddy:* «O golfe é um jogo engraçado!» Ao que o garoto respondeu com enfado:

«Ele não foi feito p'ra ser engraçado, não senhor...»

—*The Wall Street Journal*

DURANTE vários anos, um sacerdote e um professor jogaram golfe juntos. Eram mais ou menos da mesma força no jogo, de sorte que a rivalidade entre os dois era intensa. Ora, em certa ocasião, o jogo do professor havia melhorado tanto que ele conseguia bater o concorrente sem dificuldade. Este tentou aperfeiçoar sua técnica, porem sem grandes resultados. Por fim, ocorreu-lhe uma idéia. Rindo-se de antemão do seu plano, comprou numa livraria três desses métodos que ensinam a jogar o golfe, e os enviou de presente ao professor no dia de seus anos. Não tardou que os jogos ficassem equiparados como dantes...

—Colaboração de Havilah Babcock

Entre mulheres...

ELA me disse, queixou-se uma mulher a uma amiga, —que você lhe contou o segredo que eu lhe disse que não contasse a ela.

—Ora! disse a amiga meio ressentida, —eu disse a ela que não lhe dissesse que eu tinha dito a ela.

—Ah, meu Deus! suspirou a outra mulher. —Agora não diga a ela que eu disse a você que ela me disse.

—H. L. Gee, *Another Cheerful Day* (Methuen), citado em *Ladies' Home Journal*

A epopéia do combate a um grande incêndio florestal pelos denodados habitantes da ilha de Mt. Desert

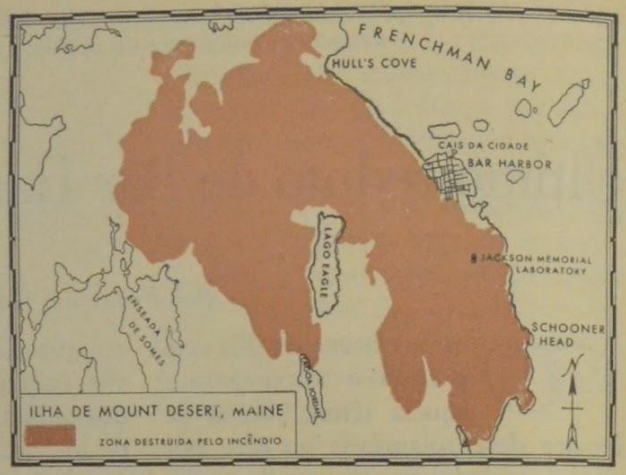
Último reduto de Bar Harbor

Por Francis e Katharine Drake

OS HABITANTES da ilha que primeiro enxergaram aquela tênue coluna de fumaça desenrolando-se no céu, por cima dos pântanos cobertos de airelas vermelhas, no outono de 1947, correram sem demora a dar o alarma: aquele «verão indiano»—derradeiro surto do calor, já na estação fresca—trouxera consigo a maior das secas de que havia memória na região. Os primeiros bombeiros que acudiram olhavam, preocupados, para os muitos hectares de coníferas carregadas de resina, que vegetavam luxuriantemente nas colinas, para as agulhas dos pinheiros secas como estopa, para o mato, para a folhagem ressequida que atapetava a maior parte da superfície da ilha. Mas nem o próprio chefe dos bombeiros, Dave Sleeper, poderia ter imaginado até que ponto o incêndio se iria agravar, enquanto ele e os seus subordinados andaram desenrolando mangueiras de incêndio durante todo aquele calmo dia e aquela noite de outubro. Só um oráculo poderia ter compreendido que as faulhas, que indolentemente se arrastavam na aragem, pressagiavam um desastre de proporções catastróficas—a ruina de centenas de lares e do pão de inúmeras famílias, e o derradeiro alento de uma comunidade inteira.

Descoberta em 1604 pelo francês Champlain, a pitoresca ilhota de Mt. Desert fora redescoberta em 1850 e tantos, por visitantes vindos alí da terra firme, cavalheiros ornados de pomposos chapéus altos e de heróicas barbas e suiças, e damas vestidas de luxuosas crinolinas e coroadas de tou-

cas de fitas. Os primeiros visitantes estivais ficaram de olhos arregalados para tanta beleza natural, concentrada na reduzida superfície duma ilhota com 18 quilômetros de comprimento por uns onze de largura. A cada volta as colinas se erguiam com empolgante esplendor, e os ásperos promontórios caíam a pique sobre o mar azul ferrete.



Em breve as férias de verão em Bar Harbor se tornaram uma obrigação mundana para a gente de recursos e de bom-tom. As primitivas hospedarias, humildes e acanhadas, cederam o lugar a vastos e luxuosos hotéis victorianos. Residências aristocráticas com 60 quartos, servidas por cinquenta e mais empregados, surgiram como cogumelos ao longo de todas as reentrâncias do litoral. Nas enseadas da ilha lançavam ferro os mais esplêndidos iates de recreio. Grandes porções da ilha transformaram-se em alguns dos mais belos parques dos Estados Unidos.

Pouco depois do amanhecer daquela terça-feira, 21 de outubro, o vento de noroeste, que pouco a pouco fora aumentando de intensidade, atacou os pauis de airela vermelha. Em poucas horas as faulhas tinham pulado para alem da estrada que limitava o bosque, e caíam em catarata sobre os bosques vizinhos. Passados minutos, toda a aba da colina era um novelo de chamas, e os troncos das resinosas estalavam, rachando de meio a meio, com o estrondo de tiros de pistola. Uma cortina de fumaça sombria desenrolou-se e caiu sobre os matos e os bosques, vomitando de caminho cinzas em brasa, que iam atear o fogo naquelas árvores, transformando-as em milhares de archotes naturais, a cuja aproximação fugiam espavoridas as gazelas.

Na manhã seguinte o vento deu uma reviravolta, como que para varrer de fogo as propriedades que poupara à passagem, na véspera. Durante todo aquele dia e aquela noite o fogo alastrou-se febrilmente, atiçado pelo vento, multiplicando-se como uma espécie de hidra monstruosa, que ia lançando aquí e alí novas cabeças, novas garras, até que na quinta-feira pela manhã já tinha conseguido traçar um semi-círculo de chamas contínuas em volta da cidade de Hull's Cove, uma légua acima de Bar Harbor.

Nesse ínterim, o serviço contra incêndios passara de 40 para 2.000 homens, pois todos os adultos e rapazes válidos—escriturários, médicos, comerciantes, advogados, caixeiros-viajantes, donos de armazens, veranistas expressamente vindos alí de avião fretado—lançaram-se de corpo e alma a combater o incêndio. De um extremo ao outro da ilha, as mulheres se mobilizaram com grande urgência para reunir víveres e camas de campanha, organizar cantinas, fazer preparativos de pronto socorro. Donas de casa, datilógrafas, lojistas, enfermeiras, todas elas trabalharam com denodo para manter um fluxo contínuo de café e sanduiches a caminho das linhas de combate!

Na encosta de um monte, não muito longe de Schooner Head, erguia-se o Jackson Memorial Laboratory, de reputação mundial, onde durante muitos anos, ao serviço da grande causa do combate ao cancer, se tinham desenvolvido e submetido a ensaios e provas de enorme importância científica 208 gerações consecutivas de ratos. Em todo o mundo da ciência, a continuação de nove décimos das pesquisas relativas ao cancer dependia das crias de ratos com características específicas, importados da Ilha de Mt. Desert. Uma revoada de brasas arrastadas pelo vento atravessou de repente em turbilhão aquele grande espaço aberto, de mais de meio quilômetro, para cair na encosta que ficava à retaguarda do laboratório. Durante um ou dois segundos, as faulhas sumiram-se entre o arvoredo; mas logo as chamas rebentaram quase simultaneamente em onze pontos distintos, estalando, crepitando, lambendo os ares, fundindo-se em um mar de fogo e foram-se encaminhando para o edifício, a uns 100 metros de distância.

Os funcionários do laboratório, cerca de 60 homens e mulheres, meio sufocados pela fumaça, ainda se bateram esforçadamente para salvar ao menos uma parte dos 90.000 inestimaveis espécimes de ratos, que amanhã poderão talvez fornecer a chave do enigma ainda insoluvel do cancer... Abandonando às chamas os seus próprios lares, os homens de ciência, e os moradores da ilha que a eles se juntaram, combateram o incêndio até que as labaredas, rompendo caminho através do edifício, incendiaram tambem o caminho de saida pelos fundos. Não foi possivel salvar senão alguns ratos.

Por esta altura já o vento atingira grande violência, e os homens que manejavam as mangueiras titubeavam e cambaleavam sob o choque da fumaçada e do saibro que o vento lhes arremessava ao rosto. Depois, abruptamente, como se menosprezasse o botim prestes a cair-lhe nas garras, o vento mudou de rumo! Hull's Cove salvou-se. Mas era Bar Harbor que ficava agora atravessada no caminho das chamas, com todas as vias de escapamento cortadas, cercada por u'a muralha de labaredas em terra e, do outro lado, bloqueada na praia pelos vagalhões furiosos do mar. Somente alguns pequenos escaleres haviam conseguido chegar até Bar Harbor, atravessando os mares de Frenchman's Bay, agora ameaçadores, e isso não era bastante para socorrer mais do que pequena

parte da população. As famílias e os combatentes acabariam por ser forçados a refugiar-se, uns e outros, em uma espécie de armadilha, da qual não havia maneira visivel de escapar.

Sleeper, o Chefe de bombeiros, que não abandonara o seu posto desde a primeira operação nos pauis, roquejou novas ordens. Como se se tratasse dum bem organizado exercício, homens, bombas, mangueiras, carros, estações de pronto socorro, tudo se reuniu e reconstituiu em novas linhas de defesa. As sirenas de Bar Harbor soltaram sete berros—que eram o sinal de alarma, durante a guerra, para o caso de ataque inimigo. Todas as famílias alí sabiam o que isso significava: *agarre os filhos e retire-se o mais depressa possivel.* Nem tempo houve para mais do que uma rápida mirada às casas que deixavam para trás e que muitos deles não tornariam mais a ver.

Nas localidades adjacentes os telefones fizeram as vezes das sirenas. As telefonistas das centrais, grudadas ao seu posto desde terça-feira, cravavam e arrancavam sem cessar as cavilhas de ligação. Os chamados urgentes fervilhavam nos quadros telefônicos—pedidos de socorro de famílias encurraladas pelo fogo, apelos de parentes alarmados, mensagens da Cruz Vermelha, do Exército, da Marinha, da Guarda Costeira, da Polícia Estadual, de terra firme. Quando a corrente elétrica se acabou, as moças continuaram dando à manivela para ligar os telefones, e trabalhando à luz de velas: coisa que só se explica pelo que nelas resta ainda da antiga «fibra» do Maine.

Pelas quatro e quinze da tarde, já estavam umas 2.500 pessoas reunidas no Campo Atlético, nos limites de sueste da cidade,—mães, anciãos, inválidos, meninos abraçados a seus gatinhos e cachorros, e todos os residentes que não eram então necessários nos postos de emergência.

Mas outra coisa mais se apossara tambem do campo: uma coisa que, na jíria da ilha, se chama de *ca'm*. Conforme a ventania foi subindo a rajadas de mais de 100 km à hora, rechaçando os bombeiros ao longo da estrada litorânea, a multidão se foi tornando, se tal é possivel, mais calma. Nem uma criança choramingava, nem uma mulher desmaiava... Ninguem se lamentava nem se deixava tomar de pânico. Até se ouvia de vez em quando uma risada, como por exemplo quando um gato perdido pulava inesperadamente de dentro da vegetação, para cair nos braços da dona, se esta tocava gongo numa bandeja de metal—sinal familiar de voltar para casa...

Chegavam agora as primeiras faulhas do incêndio, e os alto falantes transmitiram ordens para que toda a gente batesse em retirada para o cais da cidade, a pouco mais de meio quilômetro. Sim, o cais era a última linha de defesa. Alem dele, não havia nada para onde a gente pudesse retirar-se. Calmamente, os habitantes começaram a descer em direção ao mar.

O cais da cidade era uma pequena estrutura de estacaria, suspensa sobre as águas que subiam e baixavam quatro metros e meio nas grandes marés do Maine. Em cima dele, comprimiam-se agora 2.500 pessoas. A maré estava baixa, mas o mar, agitado como ninguem alí se lembrava de o ter visto, arremessava-lhes farrapos de espumas através da baía. Atracadas alí perto, encontravam-se cinco pequenas canoas de pesca, e um barco de recreio, com uma lotação total para talvez 150 pessoas. Fora preciso arriscar vidas humanas para trazer até alí aquela pequena flotilha de socorro, mas o coração dos respectivos capitães fazia-se pequeno à idéia de ter que transportar mulheres, crianças, bebês e velhos naquelas casquinhas de noz com o tempo hostil que fazia. Mas assim mesmo, os homens, agarrados como guarda-fios à escorregadia escada de mão do cais, começaram a descer, conduzindo as crianças para dentro dos barcos.

Os aparelhos de rádio, crepitando de base em base ao longo da costa de toda a Nova Inglaterra, haviam de há muito lançado a ordem: «*Emergência a toda a velocidade para Bar Harbor!*» Seis *cutters* da Guarda Costeira e vários destróieres da Marinha marchavam já a toda a força para a cena do desastre, mas o mais próximo deles encontrava-se ainda então a 70 milhas de distância. O incêndio, pelo seu lado, estava a menos de uma milha.

Vista do cais, a principal rua da cidade formava a perna dum comprido T que se dirigia como um eixo rubicundo até ao âmago das chamas, as quais ardiam em linha transversal com bem 5 quilômetros de extensão. Os reflexos do incêndio nas montras das lojas davam a ilusão de que ele rolava já pela rua abaixo... Um novo perigo surgia agora, reclamando medidas de extrema urgência: ao lado do cais encontrava-se um tanque de óleo com mais de 150 mil litros de combustivel! Se o deixassem ficar alí, era certo que mais tarde ou mais cedo o combustivel explodiria; se lançassem este ao mar, era tambem certo que ele se derramaria por toda a enseada, e pegaria fogo ao contacto da primeira faulha errante que o vento para alí jogasse... Relembrando as explosões do passado, houve pessoas de autoridade que aconselharam o derramamento do combustivel—seria um mal menor. Mas a quase totalidade dos homens e mulheres que estavam no cais tinham intenções de pular dentro da água. Não era que esta, gelada como estava, lhes oferecesse mais esperança do que o fogo—mas muitas pessoas haviam metido nos bolsos interiores os seus testamentos, ou apólices de seguro, cadernetas de banco e até recordações de família—coisas que mais tarde, ainda que eles se afogassem, podiam ser salvas quando os cadáveres dessem à praia... Assim, a decisão final foi contrária ao derramamento do óleo.

A noite de quinta-feira chegou quase sem ser notada, naquela dramática tensão de espíritos. A imensa cortina de fumaça que havia ocultado a luz do dia já quando o povo estava no Campo Atlético, escureceu ainda mais, enquanto o sinistro clarão das chamas se tornava um tanto mais rubro. As embarcações atulhadas de passageiros haviam partido já, após uma troca de breves saudações—«boa sorte!»—que a ventania mal deixara ouvir... Aquela

muralha aterradora de destruição venceu quase de um pulo mais uns 800 metros, devorando o imenso Hotel Malvern como se ele fosse uma caixinha de fósforos. Lambia agora já, de través, uma linha de casas a escassos 700 metros da orla do mar, tão perto que as mães viravam e cobriam as carinhas dos filhos para que o fogo as não crestasse.

Alí estava, assim, uma cena capaz de excitar a compaixão e o orgulho—uma comunidade inteira ameaçada de riscos de morte cruel e primitiva, e dando apesar disso, até o fim, todos os sinais duma coragem de ferro. Em frente deles, uma extensa, inexoravel muralha de chamas; atrás, o mar agitado e convulso, que o clarão do incêndio tingia de púrpura. O povo de Bar Harbor manteve-se firme. Pouco se ouvia falar agora. Mesmo entre os mais valentes, quando homens e mulheres não esperam senão a morte certa e próxima, a conversa não pode ser despreocupada. Sobre o cais em perigo, aquela gente fazia tão só o que gente sem conta teria feito em condições idênticas, quando toda a esperança é morta: rezava...

Foi então que o inesperado se produziu! Sem um sinal sequer de aviso, o fragor e a fúria do incêndio abateram quase de repente. Onde, havia instantes, rugiam turbilhões de chamas, o fogo desapareceu; onde soprara o vento, a atmosfera acalmou. A fumaçada pairava imovel, por cima. Tanta tranquilidade assim de repente, até parecia coisa sobrenatural! Ao sentir na nuca a lufada de ar fresco, toda aquela gente, habituada ao mar, se virou como um só homem para o largo, e uma exclamação uníssona saiu de todas as bocas, rompendo de um sexto sentido apurado em gerações de luta com os elementos: «É a lestada! Graças a Deus, a lestada!» O primeiro borrifo de espumas saltou por sobre a ponta do molhe, umedecendo as caras queimadas pelo bafo do incêndio. O vento refrescou, deteve a muralha de chamas, repeliu-a a um quarteirão de distância, depois a outro, até que por fim a imobilizou de todo.

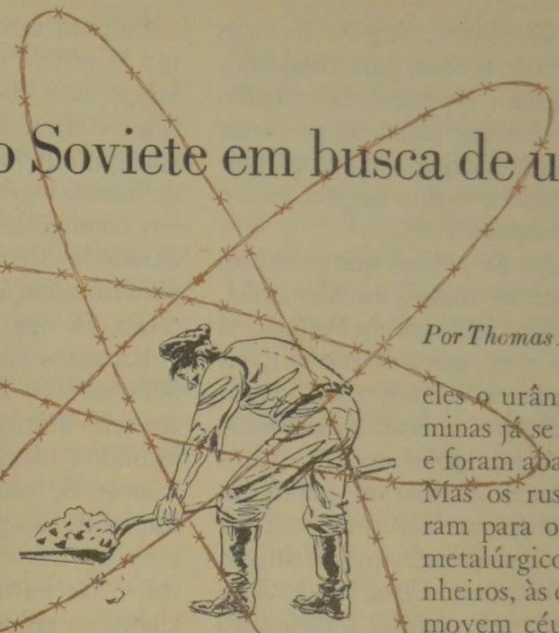
A DRAMÁTICA salvação de Bar Harbor foi transmitida ao mundo inteiro pouco depois das 8 da noite. Rádios e jornais deram relevo à inexplicavel mudança do vento que, ao último minuto, havia desviado as chamas do seu curso implacavel. Outras lembranças dessa noite cheia de acontecimentos pairam ainda no espírito da gente da ilha—a evacuação pelo aterro de pedregulhos que leva à terra firme, com *bulldozers* rompendo caminho na dianteira; as incansaveis mangueiras trabalhando no rescaldo; o interminavel cortejo de carros e caminhões; a travessia penosa de uma légua por entre ruinas incandescentes, à beira da estrada, o perigo dos tanques de combustivel que ameaçavam explodir, a recepção cordial da boa gente de Ellworth...

Mas a lembrança que mais fundo se gravou nos corações agradecidos da gente da ilha, é a dessa primeira lufada bendita de ar limpo e fresco que lhes veio do mar largo.

Escravos do Soviete em busca de urânio

(Condensado de «The New Leader»)

Por Thomas M. Johnson



Atrás de muralhas de sigilo e de arame farpado, um exército de escravos alemães vasculha a terra à procura da matéria prima para a destruição atômica

NUM RECANTO agreste da Alemanha, normalmente dedicado à produção de bordados, brinquedos e ornamentos de árvore de Natal, os russos trabalham febrilmente para vencer a grande superioridade norte-americana no setor das armas atômicas. Aqui, há quase três anos, isolados por metralhadoras e arame farpado, milhares de operários alemães escravizados escavam a terra à procura de urânio, para seus senhores soviéticos. Só dessa região, os cientistas de Stalin certamente já extrairam urânio suficiente para permitir pesquisas nucleares em larga escala e provavelmente—quando tiverem dominado a complicada técnica—para iniciar a fabricação de bombas.

Esse filão fica nas Erzgebirge («Montanhas de Minério»), na fronteira da Saxônia com a Tchecoslováquia. Há séculos que aquela região produz metais uteis e preciosos, entre eles o urânio. Muitas minas já se esgotaram e foram abandonadas. Mas os russos enviaram para o local seus metalúrgicos e engenheiros, às centenas, e movem céus—e muita terra—para obrigar a Erz a ceder seus últimos grãos da única substância natural capaz de produzir destruição atômica.

Descobriram e ainda descobrem novas jazidas na região, bem como na Silésia polonesa. O trabalho prossegue dia e noite. O minério é transportado para a Rússia Soviética em trens que fazem viagens ininterruptas. O teor do minério da Erz é tão baixo que certamente seria necessária toda uma composição ferroviária para produzir um pé cúbico de urânio refinado.

Os russos expulsaram de Marienberg a maior parte de seus 7 mil habitantes e se apoderaram dos luxuosos hotéis de vilegiatura para hospedar seus técnicos. Constituiram um novo centro de investigações em Freiberg,

perto de Chemnitz. Alguns técnicos alemães se ofereceram para colaborar, e outros foram raptados. O trabalho braçal é feito por alemães, na maior parte civís conscritos, inclusive mulheres, rapazes e velhos inaptos para o trabalho forçado.

O número de pessoas que mineram urânio para os russos, na Alemanha, na Tchecoslováquia ou na Polônia, já foi calculado em cerca de 100 mil, das quais 65 mil estão na Erz. As condições de trabalho lembram a escravidão imposta outrora pelos nazistas. Altos círculos aliados em Berlim qualificam os métodos russos de «crime contra a humanidade», dizendo que infringem um regulamento do Conselho de Controle Aliado que autoriza a utilização do trabalho alemão somente para «urgentes obras de reconstrução», o que dificilmente incluiria a escavação de urânio para bombas atômicas russas.

Os norte-americanos e os ingleses possuem abundantes provas de que os russos obrigam os alemães a trabalhar em condições perigosas e deshumanas. Os trabalhadores têm de descer por escadas de madeira de 80 a 120 metros, para alcançar tuneis há muito abandonados. Em lama fétida, com água pelos joelhos, têm de encher baldes com rochas estriadas de minúsculas quantidades de pechblenda e içar os baldes à superfície com sarilhos. Das escoras de madeira, muitas são podres. Registam-se acidentes quase todos os dias. Tem havido vários desmoronamentos. Em abril de 1947, 20 operários ficaram soterrados; em outubro, 96.

Faltam, tanto às minas antigas como às novas, os dispositivos de segurança mais rudimentares. Um engenheiro alemão, Hans Grassmann, conscrito pelos russos como gerente de minas, logrou escapar e referiu que «as condições de trabalho parecem as da Idade Média». Não há geradores para iluminação nem câmaras de proteção. Os operários que violem os regulamentos são recolhidos à prisão de Schneeberg—83 homens comprimidos em celas destinadas a comportar 23—, imundos, infestados de parasitas e famintos. Se não produzirem as quotas impostas, são privados de alimentos e tachados de «traidores da unidade alemã». Os feitores russos fustigam os alemães a golpes e ponta-pés. Os operários são advertidos de que, se fugirem, seus parentes os substituirão nas minas.

Não obstante, muitos se evadiram para as zonas norte-americana e britânica. Um funcionário norte-americano disse-me que só ele havia conversado com uma centena. As declarações de todos foram examinadas, conferidas e confrontadas com o maior rigor.

Antes da guerra, os russos, ao que se sabia, não dispunham de importantes reservas de urânio. Logo depois de Hirochima, começaram a procurá-lo, tendo atualmente pelo menos 60 expedições a explorar o território da Rússia, dos estados satélites e dos países ocupados. É claro que os russos não são os únicos a manifestar avidez pelo urânio. Uma busca internacional de minérios de alto teor e de facil redução

realiza-se, no maior sigilo, desde a Groenlândia até a Antártica.

Ignoramos qual o êxito obtido pelas expedições russas. Mas a febril exploração soviética, em enorme escala, dos minérios relativamente improdutivos da Erz, indica que esta é uma das principais fontes de que dispõem, senão a única; e que envidam ingentes esforços por conseguir bombas atômicas o mais cedo possivel.

Só podemos fazer conjeturas sobre a quantidade de urânio que os russos extraem das minas da Erz; mas é bem possivel que cheguem a refinar umas 500 toneladas dessa região, antes que ela se esgote. Conquanto a quantidade de matéria desintegravel, utilizada na bomba, seja objeto do maior sigilo, o Relatório Smyth, sobre energia atômica, revela o seguinte: nas primeiras fases de sua produção, os cientistas calcularam que a quantidade de U-235 necessária para produzir a detonação seria de uns dois a cem quilos. A quantidade de metal refinado que se requer para produzir uma bomba de U-235 ou de plutônio, é tambem segredo. Mas os russos parecem dispor agora de urânio suficiente para empreender pesquisas em larga escala e para construir, muito em breve, várias pilhas de reação em cadeia. É possivel que as bombas pertençam ainda ao futuro, mas o Relatório Smyth afirma que seria possivel extrair, das referidas pilhas, substâncias desintegraveis, radioativas, «e utilizá-las como uma forma de gás altamente venenoso». Isso se faria, presumivelmente, muito antes do fabrico das bombas.

No empenho de guardar segredo sobre suas atividades nesse campo, os russos impõem censura a toda a correspondência proveniente do local da mineração, e proibem a entrada e saida a qualquer pessoa que não apresente às barreiras vigiadas por tropas armadas, da MVD, um salvo-conduto emitido pelas mais altas autoridades. Suas notícias pelo rádio inicialmente desmentiram que se tratasse de mineração de urânio; mais tarde, afirmaram ser exagero. Ultimamente, é considerado crime divulgar quaisquer informações de carater científico. Os correspondentes de imprensa norte americanos—numa das suas raras visitas à zona russa—foram proibidos de penetrar na área de mineração.

A U.R.S.S. tem-se oposto obstinadamente à proposta norte-americana de subordinar as investigações e o fabrico de material atômico, de todas as nações—inclusive dos Estados Unidos—à inspeção e ao controle internacionais. No Comitê de Energia Atômica das Nações Unidas, o impasse parece desalentador e as autoridades norte-americanas contemplam tristonhas a sombria perspectiva de uma irrefreada corrida armamentista atômica.

No Laboratório da General Motors há um quadro com a seguinte inscrição: «As dificuldades são o preço do progresso.»

Seria o leitor boa testemunha ocular?

Estude a gravura cuidadosamente durante três minutos. Depois passe à página 152 e responda ao questionário que lá se encontra.

Dr. George W. Crane no *Post Gazette* de Pittsburgh

O que significa para mim a amizade

(Condensado de «The Rotarian»)

Por Grove Patterson

UM MENDIGO, detendo-me no meio da rua, fez-me esta queixa: «Grove, amanhã é domingo de Páscoa, e não tenho nem um ovo lá em casa.» Os poucos vagabundos da nossa cidade costumam chamar-me pelo primeiro nome. Comprei um ovo para ele. No outro dia, numa esquina no centro, um camarada, pobremente trajado, chamou-me a atenção. «Pode me ceder uns niqueis para uma xícara de café?» perguntou-me, quase em segredo.

«Meu amigo,» respondí-lhe, «o que você quer não é café. Você anda é atrás de bebida.» E sorrí, encarando-o bem nos olhos tristes. Ao contrário do que geralmente se pensa, um sorriso arranca a verdade muito mais depressa do que um olhar de reprovação.

«De fato,» confessou ele, «é isso mesmo...»

Hazlitt, famoso ensaista inglês do século XIX, escreveu: «Não se pode exigir que alguem seja aquilo que não é.» Essa idéia tem-me guiado na maior aventura da minha vida—a aventura da amizade. Ao lidar com esses vagabundos procuro situar-me no lugar deles, tratando-os com a compreensão com que desejaria ser tratado. Não é na fila melancólica dos mendigos que a gente escolhe as amizades; parece-me, entretanto, que esses exemplos simples servem para ilustrar o penetrante espírito da amizade.

Porque, para ser amigo, é preciso dar importância a outrem, preocupar-se com o pensamento, o sentimento e o sofrimento alheios. Quando simplesmente não se gosta dos outros, pode-se ainda assim ser amavel com os conhecidos, mas a amizade torna-se impossivel. Para chegar à amizade, é preciso tentar compreender o próximo, nas suas esperanças, receios e aspirações. Através dos farrapos do mendigo que implora uma bebida ou do vagabundo que pede um ovo de Páscoa, sempre transparece um resquício de dignidade.

O que com mais frequência se antepõe à amizade é o rochedo do comodismo. Nisto de não tomar conhecimento da abundância de bons impulsos que há dentro de nós, ou achar

incômodo convertê-los em gestos e ações, somos a maioria. Minha experiência me tem mostrado que a maior parte dos homens são dotados de bom coração. Sua tendência geral é para as coisas generosas, contanto que a generosidade não implique em demasias de esforço pessoal. Preocupam-se com as tristezas e necessidades alheias, desde que tenham tempo para tanto e a oportunidade de acudí-las não seja muito dificil.

Veja-se o caso do bom samaritano, na estrada entre Jerusalem e Jericó. Havia na estrada bastante movimento. À margem do caminho, presa de profundas aflições, e em completo abandono, jazia um viandante. Dois cidadãos proeminentes, ao passarem por ele, apressaram a marcha. Eram provavelmente bons cidadãos, com impulsos generosos e habituados a ir à igreja nas manhãs de domingo. Talvez até fossem membros de algum Rotary Club da época.

Mas nesse dia, na estrada de Jericó, a tarde ia findando e eles queriam chegar a tempo de jantar e passar a noite em casa. Talvez o velho e bom amigo Fulano de Tal aparecesse, e com ele a excelente oportunidade de abrir uma garrafa de vinho antigo num gesto de hospitalidade. Coitado daquele pobre sujeito à beira da estrada! Devia estar bêbedo. Tinha um sinal de murro no olho, o que lhe dava um ar de tristeza, mas por certo alguem, notando-o, ajudá-lo-ia a levantar-se.

Cá no meu entender, o bom samaritano não devia ser um indivíduo muito diferente dos dois cidadãos ilustres. Ele tambem, provavelmente, estaria pensando na noite agradavel que em breve iria gozar. Estava tão tarde para ele quanto para os outros dois. Não obstante, foi até à valeta, engarupou o pobre diabo na sua montaria e conduziu-o à estalagem. E, dando algum dinheiro ao estalajadeiro, disse: «Cuida dele, e se gastares mais do que te dei, pagar-te-ei a diferença na volta.»

Eis aí: o samaritano tinha mais que um coração bondoso, e somente esse pequeno «mais» nos leva à ação generosa e plena. Todas as manhãs saimos pela estrada de Jericó. Entretanto, por mais amaveis e bem-intencionados que sejamos, como cidadãos, por mais calorosos e espontâneos nos apertos de mão por ocasião dos almoços com os colegas, se não tivermos esse «mais» que nos faz humildemente aceitar os incômodos de certas ações, seremos apenas «bons sujeitos», e a estrada de Jericó nunca se tornará mais suave por a termos trilhado.

A amizade é uma planta que precisa ser cultivada, regada e cuidada para produzir frutos doces e saudaveis. A título apenas de exemplo, devo dizer-lhes que tenho o hábito inveterado de tomar notas. Quando me ocorre, de dia ou à noite, que algum conhecido meu realizou algum trabalho interessante e uma palavra minha lhe poderia ser util, ou está doente e necessitando ser examinado, tomo nota do que tenho a fazer em cada caso. É um hábito um pouco egoista, reconheço-o, porque sinto prazer em praticá-lo.

Quanto mais me adentro no meu estudo favorito—a natureza humana

—mais admiro o fato de que haja tanta gente a consagrar tempo, preocupações e pensamento aos problemas alheios. Não é raro virem a mim para dizer: «Sei que você é muito chegado a Beltrano; devia dizer-lhe que ele está cometendo um erro em fazer o que está fazendo, ou deixando de fazer o que lhe sugeriam.»

Isto me deixa insensivel. Não me meto com a vida dos meus amigos, para que lhe imprimam outra direção. As horas de que disponho durante o dia mal chegam para eu atender aos meus próprios erros e enganos, e ainda sobram muitos quando chega o crepúsculo...

Amizade para mim é algo intangivel, uma espécie de círculo a envolver completamente outra pessoa, com tudo quanto esta possa ter de bom ou de mau. Se chego a gostar de alguem em termos de amizade, é porque vislumbrei nesse alguem qualquer coisa medularmente estimavel e digna de apreço, um misto de carater e de finura, muito embora possa a mesma pessoa por vezes, como acontece a todos, violar as regras que normalmente fazem parte integrante de sua personalidade. Se se trata de um amigo, há duas coisas que nunca pensarei em fazer: primeiro, ferí-lo ou magoá-lo: segundo, riscá-lo do rol de minhas amizades por haver-se embriagado, ter feito desordens ou agido irrefletidamente. Considero uma crueldade censurar um amigo em termos pouco brandos. Prefiro deixar a censura aos que o conhecem, sem serem seus amigos, pois, não sendo amigos, não podem ferí-lo.

Recordo-me de um rapaz que há muitos anos trabalhava num banco e que uma ou duas vezes se mostrara desleixado, embora compreendessem, aqueles que o conheciam, tratar-se de pessoa de bom carater e grande competência. Algumas pessoas procuraram o presidente do banco para sugerir fosse o jovem demitido. Em vista disso, o presidente, que era um velho bom e com bastante experiência da vida, convocou uma reunião da diretoria. E quando os diretores já estavam solenemente instalados em suas poltronas, o excelente velho abriu a sessão dizendo muito suavemente: «Quem estiver isento de pecado, que atire a primeira pedra.»

Em meio ao maior silêncio, a sessão foi suspensa.

Ser amigo, amigo deveras, pode por vezes importar em fazer o papel de explorado e de iludido. Os explorados que conhecí foram, na sua maioria, muito mais felizes do que os espertos que os ludibriaram. As vidas mais cheias são aquelas que acumularam a maior riqueza de experiências, ainda que algumas dessas experiências resultassem em decepção e mágoa.

A amizade afeta inevitavelmente tanto o corpo quanto o espírito. Duvido seja possivel odiar alguem e gozar completa saude. Concordam os médicos em que os rancores instilam veneno no organismo humano. Não é possivel amar a toda a gente, ou mesmo gostar de toda a gente, mas pelo menos, quando não haja afinidade, há o recurso do manto protetor da indiferença e da tolerância. Tenho presente

a imagem de um homem que viveu acima dos ressentimentos malignos da vida, e não acredito que, nos quase oitenta anos de sua existência, jamais estivesse doente a ponto de precisar de assistência médica. Era meu pai.

Estou certo de que os bons amigos e as boas amizades são mais frequentes do que imaginamos. Observando de perto os seres humanos, cheguei à conclusão de que o homem comum é melhor, não pior, do que parece. Tenho verificado mais de uma vez este fato: os homens a quem os companheiros acusam de egoistas, de empedernidos, praticam quase diariamente, e aos milhares, pequenos atos de bondade e atenção. Tenho encontrado muita consciência branda sob a máscara da rudeza, e muitas das melhores características da amizade entre homens taciturnos obscuros.

Uma tendência genuinamente amigavel não reprova demasiadamente nos conhecidos a falta de tato, a incivilidade, e a raridade com que agradecem ou mostram gratidão. É grande o número dos que não possuem o dom de exprimir os sentimentos profundos de que são capazes. Outros, que parecem rudes, têm apenas medo do ridículo. Outros, ainda, parecendo ingratos, são apenas tímidos. No extremo oposto, há os que acham mais facil declamar do que sentir. Falta a esses infortunados a qualidade fundamental da sinceridade. A insinceridade pode ter um som agradavel, mas não faz soar os sinos de prata da verdade. Ela é o guizo estridente das relações humanas.

Antes e acima de tudo, amizade equivale para mim a uma inesgotavel capacidade de perdão. Ela consiste no poder de repelir o ressentimento, antes que este se instale no espírito e o envenene. Robert Louis Stevenson escreveu: «Aquele que não consegue perdoar as faltas humanas, não está bem preparado para a vida.» Nada é mais duradouro do que a amizade verdadeira. Se esta não for duravel, não será verdadeira, nunca se despegou do terreno movediço das relações ocasionais, nem deitou raizes nas camadas profundas da devoção.

Era uma tarde fria e o estádio de futebol estava atopetado de espectadores. No alto das arquibancadas havia um rapaz «ligeiramente» bêbado que, a cada instante, se levantava e gritava: «Gustavo!» A cada grito, um cavalheiro que se achava na terceira fila, em baixo, levantava-se e cumprimentava-o cerimoniosamente com o chapéu.

Por fim, depois de muitos chamados, ouviu-se a voz grossa do cavalheiro da terceira fila:

—Chega! Estou cansado de me levantar, e alem disso não me chamo Gustavo!

—Colaboração da sra. W. H. Cunningham

O homem mais louco do mundo

(*Condensado de «Advertising & Selling»*)

Por Frederick C. Othman *Cronista, autor de «Man on the Half Shell»*

Houvesse eu desdenhado a história daquele canário capaz de gorjear o *Yankee Doodle*, e o mais certo é que Jim Moran ainda hoje seria apenas um correto caixeiro de loja de rádios... Mas escreví um artigo a respeito, e tais repercussões teve ele, que Jim decidiu que isto de trabalhar todos os dias a horas certas, das tantas às tantas, numa loja, não era mais para ele. Principalmente quando simples idéias, e quanto mais loucas melhor, podiam proporcionar uma polpuda receita...

Tudo isso começou naquele dia de 1933, quando vimos entrar nos escritórios da United Press, em Washington, um rapaz alto, de olhos impressionantemente azuis, e cabelo ruivo, já rareando; perguntou-nos logo com ar arrogante se nós achávamos que um passarinho capaz de cantar uma melodia era assunto interessante para os jornais. Respondemos que sim. O visitante levou-me então no seu carro até à casa duma velhota que tinha passado os melhores anos da sua vida assoviando a popular canção *Yankee Doodle* a um canário. O passarinho acabou repetindo fielmente a cantiga.

Gostei do canário, e escreví uma reportagem a respeito, que foi estampada em mil jornais. As propostas começaram logo a chover no regaço de Jim. O passarinho figurou em dois programas de rádio, cujas receitas foram repartidas irmãmente entre Jim e a velhota. Jim vendeu algumas centenas de discos de vitrola com a cantiga do canário e firmou um contrato com

um cabaré da Broadway, onde o canário devia gorjear *Yankee Doodle* todas as noites, num microfone de prata, com o salário de 400 dólares por semana... Mas antes de chegar a Nova York, o bichinho pegou um resfriado sério, e nunca mais pôde cantar uma nota de música!

Essa experiência acabrunhante podia ter reconduzido o nosso Jim às vias normais da existência de um caixeiro de loja, se ele não houvesse recebido nessa altura um telefonema de uma casa de laticínios em Nova York, através do respectivo departamento de publicidade. Dizia o recado: estaria Mr. Moran disposto, mediante, é claro, uma paga condigna, a trabalhar para levar as vaquinhas da empresa à glória dos cabeçalhos dos jornais? «Ora, não há nada mais facil neste mundo!» replicou Jim, a cuja lembrança acudiu logo um conhecido verso de Burgess que começa assim:

«Eu nunca vi uma vaca roxa!»

Jim foi visitar a granja, escolheu uma vaca malhada chamada Ninfa Notavel, tingiu-a de roxo com um corante de origem vegetal, pintou-lhe os cascos de prata, e nesse lindo estado conduziu-a ao hotel onde morava o reclamista Burgess. Disse-lhe Jim pelo telefone da portaria:

«É um assunto muito importante. O sr. pode descer um instantinho aquí ao saguão?»

Burgess desceu sem demora.

«Aí está!» disse Jim apontando a vaca roxa... De um instante para o outro, o boquiaberto poeta de anúncios pelo rádio se viu assediado de entrevistas pelos repórteres que Jim tivera o cuidado de trazer consigo. O resultado foi que nunca uma vaca—ou uma granja—recebeu tanta publicidade gratis nos jornais de Nova York, como a Ninfa Notavel e os seus rejubilantes proprietários.

Passado pouco, uma agência de publicidade perguntou a Jim se ele tinha alguma «idéia fecunda» a respeito de refrigeradores domésticos. Jim tinha muitas, e estava pronto a pô-las em prática. Pouco depois chegava de avião ao Alasca, acompanhado de um refrigerador branco e refulgente, ao lado do qual posou para os fotógrafos. O sr. Moran, segundo os jornalistas se apressaram a telegrafar do Alasca para os Estados Unidos, em sensacionais entrevistas, fora alí com o propósito único e assombroso de... vender uma geladeira a um esquimó!

Os assombrados repórteres assistiram àquela cena memoravel—Jim empenhando todas as suas artes de vendedor para convencer um abastado esquimó, o sr. Charlie-Lambe-Panelas, a comprar a reluzente caixa: aquilo que alí estava, dizia Jim, era capaz de conservar os alimentos frescos no verão, e evitar que eles ficassem duros como gelo no inverno. O fascinado esquimó desembolsou alí mesmo 50 dólares em dinheiro, que era o «preço de combate» fixado por Moran, e provavelmente tem usado desde então a sua geladeira, para evitar que a comida lhe fique demasiado fria no rigoroso inverno sub-polar...

Seria porem impróprio de Jim voltar do Alasca aos Estados Unidos, com

as mãos vazias. Quando nos tornamos a encontrar—desta vez em Hollywood—ele mostrou-me uma caixa de madeira, forrada de serradura, que continha 250 quilos de gelo—e uma caixinha de pílulas com três lindas pulguinhas de raça fina, apanhadas diretamente do pelo dum cão *husky* que ganhara um campeonato. Tudo isso me pareceu bastante maluco. «Está enganado,» retorquiu Jim. «Isto que aquí está é ouro! Espere e verá.»

As pulgas ele conseguiu vender à Paramount por 700 dólares, de propósito para serem fotografadas nas espáduas nuas de Claudette Colbert, na filmagem de uma história dos *bas fonds* de París. Claudette, indignada, recusou-se a isso, mas a Paramount ganhou um dinheirão com a publicidade...

Quanto ao gelo, segundo Jim anunciou para efeitos de publicidade, era o mais puro, e com toda a certeza o mais antigo que se podia encontrar na América. Fora criteriosamente recolhido no famoso Glaciar Mendenhall, perto de Juneau, onde se encontrava «envelhecendo» havia bem três milhões de anos.

Uma atriz do cinema comprou imediatamente um pequeno torrão desse gelo, que destinava a um tratamento de beleza—com a enorme publicidade resultante disso. Jim pôs-se então a caminho, atravessando os Estados Unidos com o resto do seu gelo acondicionado num reboque de automovel. Na maior parte das grandes cidades onde parou, vendeu alguns quilos desse «gelo velho» aos fabricantes locais de gelo, para exibição nas suas vitrinas—ao preço de uns 10 dólares o quilo.

Em Nova York, o regente de banda Fred Waring contratou-o no carater de «homem de idéias» extraordinário. «Estou matutando nisto: que é que um touro faria, realmente, se o pusessem numa loja de louça?...» perguntou Jim ao chefe de banda. Waring não tinha a mais leve idéia. «Nesse caso vai ficar sabendo, e não tarda nada!»

Ainda hoje ele guarda segredo sobre a maneira como conseguiu convencer uma das lojas de louça mais requintadas de toda a América, a Plummer's da Quinta Avenida, a sujeitar-se à sua estrambótica experiência. Talvez Waring se tenha comprometido a pagar todos os estragos; pode ter sido tambem a publicidade que era de prever.

Seja lá como for, naquela manhã, Waring deu entrada na loja Plummer's, levando pela arreata um touro chamado Otto, com o bonito peso de 700 quilos. Chegado à seção de porcelanas importadas, Waring largou o touro à solta—e ficou na expectativa! A fera desceu vagarosamente uma coxia do estabelecimento, depois subiu por outra, farejando intrigado as faianças e bibelôs, mas sem tocar fosse no que fosse! Foi Waring quem, na sua excitação, ao recuar, deu um encontrão numa pequena mesa coberta de figurinhas de Dresden, e fê-las todas em cacos—pelo que pagou 300 dólares. Comentário de Jim: as coisas não podiam ter corrido melhor, nem

que eu as tivesse planejado minuciosamente, tintim por tintim...

Passado algum tempo, um distinto compositor de música para cinema, o sr. George Anthiel, apareceu nas galerias da Sociedade de Belas-Artes de Los Angeles, levando debaixo do braço uma pintura nada banal. Firmada por Naromji, Anthiel afirmava tratar-se, em sua opinião, de um soberbo exemplar de dadaismo. Os juizes da Sociedade arregalaram olhos de aprovação sobre o quadro, que parecia tão bom ou tão inteligivel de cabeça para baixo como na posição contrária, e consentiram que ele fosse figurar nas salas de exposição.

O rubor subiu a muitas caras quando, um belo dia, Moran deu entrada na galeria e se identificou como sendo o pintor Naromji—que era o seu nome lido às avessas, só com aquele «ji» na ponta, para disfarçar. Mas ele era lá capaz de ter pintado aquilo? insistiam os ruborizados juizes. Bem, pintar, o que se chama *pintar*, não, consentiu Moran; tinha feito aquilo com esmalte de unhas, escarlate, e pedacinhos de papel recortado de anúncios de revistas a cores.

Os jornais encheram-se de entrevistas com todas as pessoas envolvidas no caso, daí resultando que a galeria nunca teve tantos visitantes. Um deles, que sabia do que gostava e tinha dinheiro com que comprá-lo, pagou 500 dólares a Moran por esse quadro, e Jim retirou-se graciosamente do mundo das artes.

No inverno passado fez ele um acordo com os gerentes do Ciro's, que é um dos mais luxuosos cabarés de Hollywood, para a realização duma cerimônia que devia ter lugar uma semana após a delegação da Arábia às Nações Unidas ter completado uma visita minuciosa aos estúdios locais de cinema.

Ciro's estava repleto de turistas e estrelas de cinema, naquela noite, e só se via uma mesa desocupada, muito grande, junto do estrado de dança. A dada altura entrou na sala, com toda a solenidade, um árabe de grande estatura, envolto no seu albornoz de cetim côr de salmão, preciosamente bordado, com turbante cravejado de esmeraldas, óculos negros e a barba negra toda em caracóis. Atrás dele vinham hirtos dois servidores, que ficaram especados à retaguarda do seu senhor, e de braços cruzados, enquanto ele, em solitária grandeza, comia o banquete que lhe serviram com toda a solicitude.

Quando interrogado a respeito pelos espectadores assombrados, o chefe de mesa segredava que o Príncipe da Arábia desdenhava sentar-se demasiado perto de simples estrelas do cinema. E que comia ele? Ah, isso, o nobre árabe mandara adiante de si os seus cozinheiros, que haviam passado o dia metidos na cozinha de Ciro's, preparando os pratos do gosto de seu senhor.

Quando, finalmente, o desdenhoso príncipe se levantou da mesa, aconteceu-lhe uma coisa embaraçosa e inesperada: um saquinho de camurça, que ele levava à cintura, desprendeu-se, tombou no soalho, e abriu-se, derramando um sem-número de diamantes, rubís e opalas debaixo dos pés dos pares dançantes! A orquestra parou. O príncipe hesitou um instante, e depois, majestosamente fleumático, encaminhou-se para a saida onde o esperava a limusine com o seu séquito, enquanto, pelas costas dele, os grandes e quase grandes personagens do cabaré se precipitavam por terra em confusão, colhendo às mãos uma variegada coleção de jóias falsas, das que custam apenas alguns centavos.

Tempos depois, quando voltei a Washington, quem me havia de telefonar senão o Moran! Era a voz dele, familiar e risonha, contando-me que jamais gozara tanto com uma viagem de trem: um dia inteirinho lendo um livro... em branco!

«Mandei-o fazer de encomenda um livro maquete, desses que os editores costumam preparar antes de fazerem um livro novo,» explicou ele. «E alí fiquei sentado lendo aquelas páginas vazias, e virando pensativamente as folhas. De vez em quando, absorvido, até voltava atrás para reler uma passagem mais interessante! A gente que viajava comigo ia ficando maluca.»

Jim foi jantar conosco lá em casa, e quando ia sair, levantou a mão para o dintel da porta da nossa sala de estar: tirou dalí uma moeda de prata de um quarto de dolar e meteu-a no bolso sem dizer palavra. Minha mulher estava positivamente fora de si com o espanto. Como teria ele adivinhado que ia encontrar alí a moeda? «Ora, não há nada mais facil!» explicou sorrindo. «Eu mesmo a pus alí, o ano passado, como uma reserva para uma hora de apuros...»

No dia seguinte partiu para a costa do Pacífico. Desde então não tive mais notícias dele; mas espero-as duma hora para a outra... nos cabeçalhos dos grandes jornais!

Um advogado da velha escola tinha lá o seu método de convencer os jurados. Sua voz de trovão fazia vibrar as vidraças do tribunal, enquanto com os braços, em gestos largos, ele agitava o ar como um ventilador elétrico. Certa vez, defendendo uma causa de perdas e danos, ele desenvolveu ao auge a sua técnica produzindo o mais dramático e impressionante dos espetáculos forenses. Quando, finalmente, se sentou, esbaforido de cansado, o advogado da parte contrária levantou-se para rebater o seu arrazoado.

Tendo afrouxado o colarinho, desatado a gravata, este começou a bracejar ferozmente, dando socos na mesa e saltando diante da tribuna dos jurados como se fosse um palhaço em cena, porem sem proferir uma única palavra. Em seguida abotoou o colarinho, arrumou a gravata, alisou os cabelos, e disse calmamente: «Senhores jurados: agora que acabo de dar completa e cabal resposta a todos os argumentos e razões do meu ilustre colega, desejo apreciar convosco os fatos constantes dos autos...»

—Clifford W. Potter em *True*

FLAGRANTES DA VIDA REAL

★ Era uma dessas manhãs divinas, banhada de sol e impregnada dos aromas da primavera. O trinado de um cardeal chamava-me irresistivelmente à porta. E vi lá fora Tio Ben, o nosso velho jardineiro, que olhava para cima, com o sol a lhe iluminar o rosto preto e enrugado. Certa de que o tinha visto mover os lábios, perguntei-lhe: «Estavas felicitando aquele cardeal pelo lindo que é, Ben?»

«Patroa, ele é mesmo um dos mais belos milagres de Deus,» disse o negro velho, «mas não era com ele que eu estava falando.» E continuou: «Eu estava era dizendo a Deus o quanto O adoro e admiro—a Ele, que sabe o segredo de fazer um dia bonito como este!»

—Colaboração de A. R.

★ A mulher do nosso farmacêutico é baixinha e excessivamente gorda. Ultimamente usava ela um chapéu novo, com uma enorme flor vermelha que pendia de uma haste de quase um palmo de comprimento. Parecia a tocha de um farol. Uma de suas amigas criou coragem e por fim avisou-a de que o chapéu não lhe assentava bem.

«Ora, eu já sei!» respondeu ela com uma risada. «Mas não quero que digam na rua: —Que mulher gorda e feia! Prefiro que comentem: —Jesús! Mas que chapéu!»

—Colaboração de C. V.

★ Na esquina das nossas ruas movimentadas há um polícia que dirige o tráfego, quando as crianças vão para a escola vizinha ou dela se retiram. Enquanto o homem trata dos veículos o seu belo cavalo negro espera paciente ao pé da calçada.

Numa sexta-feira eu notei, suspenso do pescoço do cavalo, um saquinho de papel com bombons de puxa-puxa. A meninada saía da escola e ia formando fila diante do cavalo. E o polícia distribuia um bombom a cada criança. Pedindo-lhe uma explicação, disse-me ele: «Bem... durante a semana eles dão torrões de açucar e pedaços de maçã ao meu cavalo. Hoje, sexta-feira, chega a vez de o meu cavalo retribuir a gentileza. Assim cultivamos boa amizade.»

—Colaboração de S. I.

★ Uma amiga minha esperava o trem na plataforma de uma estação ferroviária. Desce-se para a estação por meio de uma escada que vem da rua, situada num nivel superior. Mas ao lado da escada há um deslizador para bagagem e carga, que vai ter à plataforma.

Minha amiga teve uma grande surpresa ao ver projetar-se pelo deslizador uma senhora de idade e gordota, com as pernas espalhadas, o chapéu agarrado na mão direita e a maleta na outra. Depois do choque, ao se esparramar na plataforma, a velhota pôs-se em ordem e exclamou para minha amiga, que observara a queda: «Que absurdo! Por que uma estrada como esta, cheia de dinheiro, não arranja uma forma mais cômoda para a descida dos passageiros?»

—Colaboração de L. D.

★ Quando entrei num elevador o outro dia, o ascensorista cantava baixinho de si para si.

—Está contente hoje? perguntei.

—Ao contrário, respondeu-me. —Canto justamente por estar triste; quero ver se a alegria volta...

—Colaboração de C.B.P.

★ Observei na minha seção de cosméticos um rapaz que olhava de soslaio para umas caixas de sabonete expostas no balcão. Quando lhe perguntei se desejava algo, respondeu-me que sim, que queria comprar uns sabonetes finos para a esposa. E por fim escolheu uma caixa bem vistosa e pediu que eu fizesse um embrulho bonito, para presente.

Uma semana depois, notei que o mesmo rapaz estava numa seção vizinha, e perguntei-lhe:

—Então, sua senhora gostou dos sabonetes que lhe levou o outro dia?

—Bem, ela ainda não os achou, foi a resposta. —Veja a senhorita, eu tenho um plano; escondo algo para que minha mulher o encontre sem esperar. Ela encontrará os sabonetes na próxima semana, quando for limpar a despensa. É uma surpresa para quebrar a monotonia do serviço caseiro, concluiu ele.

—Colaboração de S. C.

★ Viajando recentemente num taxi, dei com uma caixinha muito bem embrulhada, no canto do assento. Entregando-a ao chofer, disse-lhe:

—Algum passageiro se terá esquecido disto aquí.

Com um indiferente «obrigado», o chofer abriu o compartimento reservado às luvas e atirou o pacotinho lá dentro. Como mais parecesse uma caixa de jóias, estranhei o seu jeito, mas ele explicou:

—Essa caixinha é apenas um engodo num jogo de psicologia que eu armo para os passageiros. Já descobrí que quatro de cada cinco homens devolvem a caixa; mas as mulheres têm curiosidade ou são ambiciosas: quatro de cada cinco mulheres não podem resistir e levam a caixa.

—Que contem ela? perguntei.

—Nada, apenas um papel com esta frase: «O crime não compensa!»

—Colaboração de J. H.

Opera milagres no tratamento da tuberculose—mas os médicos aconselham cautela

ESTREPTOMICINA— seu poder e limitações

(*Condensado de «Hygeia»*)

Por Lois Mattox Miller

O ANO PASSADO, em um grande sanatório para tuberculosos nos Estados Unidos, os doentes, supondo que a estreptomicina—a nova droga extraida dos bolores da terra—vinha enfim triunfar para todo o sempre sobre a «peste branca», deixaram-se tomar de entusiasmo excessivo por esse medicamento. Durante meses não falaram de outra coisa. Tinham visto os notaveis resultados obtidos com essa droga, em alguns dos outros pacientes, e todos reclamavam agora a «cura».

Os médicos procuraram esclarecer que a estreptomicina estava ainda na fase experimental, e que, segundo tudo parecia indicar, não era aplicavel a todos os tipos ou fases da doença. Mas os enfermos estavam resolvidos a sujeitar-se a provas, prontos a correr todos os riscos. Para isso, munidos de dois mil dólares de seu próprio bolso, deram início a um «fundo para estreptomicina», que em breve chegava a 100 mil dólares, mediante uma campanha de coleta de donativos fora do hospital. O lema era: «Estreptomicina para todos.»

Com mais ou menos variantes, esse episódio repetiu-se em outros sanatórios, constituindo um exemplo do que sucede quando o entusiasmo do público procura precipitar as pesquisas médicas. É verdade que se aplicou o tratamento a doentes em condições de se beneficiarem dele; mas muitos outros a quem, por muito boas razões, foi recusada a estreptomicina, sentiram-se logrados e decepcionados. A reação foi, em geral, violenta; a estreptomicina foi taxada de «burla», «fracasso», «droga prodigiosa que deu em droga», etc.

Mesmo assim, os tuberculosos estavam em erro: porque a estreptomicina opera, positivamente, verdadeiros prodígios em determinados casos. O mal está, como sempre, em que o público alimenta esperanças excessivas e prematuras.

Durante mais de 60 anos, foram infrutíferas todas as pesquisas no sentido

de encontrar um remédio como esse. Repetidas vezes, compostos químicos, que eram capazes de destruir o bacilo da tuberculose no tubo de ensaio, revelaram-se ineficazes, quando ministrados a cobaias tuberculosas. Finalmente, há uns dez anos, na Clínica Mayo, os drs. H. Corwin Hinshaw e William H. Feldman verificaram que um derivado da sulfona, chamado promina, dava resultados que até então não haviam sido conseguidos com qualquer outro composto químico: destruia os bacilos da tuberculose em cobaias gravemente enfermas. Mas a promina e os seus mais próximos parentes químicos, o promizole e o diasone, quando aplicados a seres humanos, desmentiam suas promessas de cura.

Em janeiro de 1944, finalmente, o dr. Selman Waksman, microbiologista da Estação Experimental Agrícola de Nova Jersey, descobriu a estreptomicina. Esta nova substância bactericida, extraida de microorganismos existentes no solo comum, mostrava-se eficaz no combate a certo número de germes que, até então, haviam desafiado tanto as sulfas como a penicilina. E, entre esses micróbios, contava-se o bacilo da tuberculose. Os drs. Hinshaw e Feldman adquiriram uma pequena dose da droga preparada por Waksman e deram começo a uma série de experiências inteiramente novas. Começaram por inocular a tuberculose, em fortes doses, a um grupo de cobaias. A julgar pelos precedentes, esses animaizinhos deviam ter morrido dentro de poucas semanas; mas, em vez disso, a estreptomicina atalhou a doença e as cobaias restabeleceram-se. Em experiências posteriores, esperou-se, para aplicar o tratamento, que a tuberculose atingisse um estágio muito mais avançado: ainda então, a droga mostrou-se eficaz.

Em fins de 1944, já os médicos da Clínica Mayo se julgavam em condições de experimentar a estreptomicina em pessoas atacadas de tuberculose. Era, porem, uma questão delicada: nada se sabia ainda quanto às doses necessárias, nem quanto às reações que a droga produziria no organismo humano. Houve então um grupo de tuberculosos, considerados incuraveis, que se prestaram a tomar a substância desconhecida. Esses pacientes, virtualmente moribundos, foram informados de que a experiência de maneira alguma os beneficiaria. Mas a sua cooperação heróica permitiu aos médicos determinar as dosagens, estudar as reações, e demonstrar que a estreptomicina podia ser ministrada sem perigo.

Dos cem pacientes escolhidos para o tratamento nos hospitais de Minnesota, 32 sofriam de tuberculose pulmonar; os outros tinham tuberculose óssea, articular, das vias urinárias, etc. Doze deles sofriam de um tipo de tuberculose que causava a morte de modo implacavel e rápido: a tuberculose miliar, em que os bacilos pululam no meio sanguíneo; ou meningite tuberculosa, que afeta os tecidos do cérebro e da medula espinal.

Todos os dias esses pacientes recebiam de quatro a seis injeções da so-

lução de estreptomicina, de um castanho turvo. A maioria dos casos pulmonares registraram melhoras impressionantes dentro de algumas semanas. A temperatura caiu, a tosse parou, os doentes emaciados ganharam saudavel apetite e aumentaram de peso. Somente os casos muito avançados, em que as lesões pulmonares se haviam tornado já duras e fibrosas, resistiam ao tratamento.

Os resultados mais empolgantes foram os que se verificaram nos casos, antes fatais, de tuberculose miliar e das meninges: de 12 casos, quatro salvaram-se; e tornou-se evidente que os resultados ainda podiam ter sido melhores, se o tratamento se houvesse iniciado mais cedo.

Era uma demonstração reconfortante, mas que ainda deixava de pé algumas dúvidas de importância: por que razão a estreptomicina dava resultado em certos tipos de lesão pulmonar, e não em outros? Seria apenas temporária a melhoria impressionante observada em tantos casos, ou, pelo contrário, prolongada e mesmo permanente?

A tuberculose pulmonar é uma doença curiosa: mesmo quando o germe está destruindo os tecidos do pulmão, verifica-se sempre, por parte deste, uma forte tendência a cicatrizar; durante algum tempo, o processo consiste em uma verdadeira competição entre os bacilos destruidores dos tecidos, e o esforço do organismo, tendente a reparar os estragos; o repouso na cama, particularmente nas fases incipientes da doença, acompanhado da colapsoterapia em qualquer de suas formas, desloca poderosamente as probabilidades da luta em favor das forças defensivas do organismo.

A estreptomicina, ao que tudo indicava, não destruia os germes mas mantinha-os temporariamente em cheque, habilitando assim as defesas do organismo a ganhar preponderância. Mas o que ainda se desconhecia, era como a estreptomicina conseguia produzir esse delicado equilíbrio. Os resultados obtidos nas experiências da Clínica Mayo eram, porem, tão animadores, que tornavam imperativas experiências clínicas de maior âmbito.

Nos hospitais para militares e veteranos dos Estados Unidos, havia muitos pacientes tuberculosos; em começos de 1947, já 22 desses hospitais tinham organizado grupos de estudo que abrangiam 900 doentes. As observações preliminares vieram confirmar as experiências da Clínica Mayo: dentro das duas primeiras semanas do tratamento, cujo ciclo total era de 120 dias, a febre caía, os doentes tossiam menos, ganhavam peso, sentiam-se bem dispostos. Verificaram-se, é certo, algumas reações tóxicas à droga, tais como vertigem, zumbido nos ouvidos, diminuição de audição, erupções cutâneas; mas esses efeitos só foram considerados suficientemente sérios para impor a suspensão ou o abandono do tratamento, em cerca de 8 por cento dos casos.

Em maio de 1947, reuniu-se em St. Louis, nos Estados Unidos, um grupo de eminentes tisiólogos, afim de avaliar os resultados obtidos nos primeiros

157 casos de tratamento rigorosamente controlado. Esses especialistas passaram três dias estudando as radiografias torácicas feitas antes e depois do tratamento dos doentes—e marcando as suas observações de cada caso em uma cédula de voto secreto.

O veredito foi que a estreptomicina, aplicada à tuberculose pulmonar, produzia seus melhores resultados quando as lesões pulmonares eram ainda brandas, inflamatórias, e em via de evolução. Em 81 por cento dos casos desse tipo, alí examinados, as lesões haviam desaparecido, diminuido de extensão, ou esclerosado. A maioria dos médicos concordaram em que não teria sido possivel conseguir tamanhas melhoras somente com 120 dias de repouso na cama. E, mais uma vez, verificaram que a estreptomicina produzia pouco ou nenhum efeito nos casos em que na área pulmonar danificada se haviam desenvolvido tecidos fibrosos ou cavernas de revestimento espesso.

Os médicos constataram um tremendo inconveniente do tratamento. Nas culturas bacilares obtidas dos pacientes, após 60 ou 90 dias de tratamento, os pesquisadores verificaram que os germes da tuberculose revelavam uma tendência acentuada a desenvolver forte resistência, e até imunidade à droga. Isso significava que, tão depressa os bacilos no organismo do doente se tornassem imunes à droga, o tratamento pela estreptomicina perdia a sua eficácia, sendo, por conseguinte, inutil prosseguir. Alem disso, os doentes que albergavam em si o germe «habituado» à droga, e contra ela imunizado, podiam transmitir a outras pessoas um novo tipo de tuberculose, refratária à estreptomicina.

A toxicidade pode acabar sendo refreada, reduzindo-se a dosagem, ou aplicando as injeções com menos frequência; mas os especialistas reunidos na referida conferência, concluiram o seguinte: visto que a estreptomicina parece atingir o máximo de eficácia dentro dos primeiros 60 dias de tratamento, a solução do problema da resistência à droga pode estar em encurtar o tratamento, —ou seja, em suspendê-lo antes que o bacilo tenha desenvolvido imunidade à estreptomicina.

Existe ainda a possibilidade de que a estreptomicina dê melhores resultados, quando ministrada juntamente com outra droga. Assim o indicam as experiências do dr. M. I. Smith, do Instituto Nacional de Saude, dos Estados Unidos, que ensaiou uma combinação de estreptomicina e de promina em animais tuberculosos, para chegar à conclusão de que estes compostos, quando conjugados, se tornavam mais eficazes do que qualquer deles isoladamente. Os investigadores da Clínica Mayo andam tambem estudando a aplicação de um agrupamento tríplice, constituido pela estreptomicina, o promizole, e um derivado de sulfas. Recentemente, no Hospital Bellevue, de Nova York, os médicos emparelharam a estreptomicina com o promizole, para conseguir resultados mais favoraveis no tratamento da meningite tuberculosa, tendo salvo assim seis num grupo de

sete crianças, sem quaisquer efeitos tóxicos.

Todos esses estudos, porem, estão ainda por completar. Entretanto, até hoje, o emprego da estreptomicina tem-se revelado imperativo na tuberculose miliar e na meningite tuberculosa. Recomenda-se tambem nos casos, tão dolorosos, de tuberculose da laringe e das cordas vocais. A sua máxima utilidade na tuberculose pulmonar está circunscrita aos casos em que, repetimos, as lesões pulmonares são ainda brandas, úmidas, inflamatórias, e estão em começo de propagação.

Num ponto, entretanto, é unânime o acordo: a estreptomicina deve ser usada nos hospitais como suplemento à cura de repouso na cama, e não como substituto desta. Existem dúvidas sobre se convem ministrar a droga nas fases incipientes da doença, quando as lesões pulmonares são ainda mínimas. O repouso na cama, possivelmente acompanhado da colapsoterapia, é capaz de deter a doença na maioria destes casos. Para que aplicar a estreptomicina como substituto dessa terapêutica, e correr o grave risco de criar um tipo de tuberculose resistente à droga? Caso essas medidas habituais falhassem, poderia empregar-se, mais tarde, a estreptomicina.

O grande receio hoje dominante entre os mais eminentes tisiólogos, é que os resultados assombrosos, quase miraculosos, da estreptomicina, obtidos com doentes devidamente selecionados, possam arrastar os menos familiarizados com o seu uso, a ministrar a droga a todos os doentes. Essa generalização do tratamento poderia redundar não só em complicações desagradaveis e prejudiciais, como tambem no descrédito do remédio, podendo retardar o seu emprego mais eficaz.

«Permitam-me apelar para a paciência de todos,» dizia não há muito o dr. Hinshaw. «Há certas coisas que ainda não sabemos, e que nos é indispensavel aprender. Sabemos que a estreptomicina é util, mas que se pode tornar prejudicial quando indevidamente empregada; e sabemos tambem que ela pode ser ineficaz em casos nos quais tudo levaria a supor que ela desse resultados. Permanece porem de pé o fato reconfortante de que a estreptomicina é o primeiro remédio a ser usado com eficácia no tratamento da tuberculose no organismo humano.»

O DIRETOR de um jornal de Varsóvia perguntou a um visitante: «Sabe qual é hoje a nação da Europa mais fragmentada?»

«Não.»

«É a Polônia. Tem o exército na Itália, a população na Sibéria e o governo em Moscou.»

—Adaptado de Leonard Lyons

A fabulosa propaganda de dentifrícios, que consome milhões de dólares, difundiu o uso da escova de dentes

Por que escovamos os dentes

(*Condensado de «The American Perfumer»*)

Por Don Wharton

O DENTIFRÍCIO não teve sua origem na América, mas foi nos Estados Unidos que seu uso tomou impulso. Nenhum país gasta com dentifrício o que se gasta nos Estados Unidos—80 milhões de dólares anualmente. No ano passado os fabricantes de dentifrícios em pó, líquido e pasta gastaram, somente em propaganda, 16 milhões de dólares.

Os dentifrícios, tal como os perfumes, o *rouge* e os *soutiens*, vêm desde a antiguidade. Um esculápio grego escreveu, em verso, uma fórmula para pasta de dentes há dois mil anos. O dentista de George Washington aconselhou-o a esfregar giz nos dentes com um pano. Alguns decênios mais tarde apareceu a escova de dentes, mas os dentifrícios continuavam sendo artigo de luxo.

Em 1859, porem, um engenhoso atacadista de drogas de Nova York, William Henry Hall, começou a vender um líquido vermelho chamado Sozodont—nome tirado de palavras gregas que significam «salvar» e «dentes». O Sozodont, que continha 37% de álcool, foi o primeiro dentifrício anunciado numa campanha de âmbito nacional. Um anúncio de 1864 declarava ser o Sozodont «o mais cômodo, eficaz e benéfico preparado para os dentes jamais produzido no mundo.»

Hall foi o pioneiro da técnica publicitária de usar declarações feitas por consumidores do artigo, anúncios em verso, avisos alarmantes e desenhos de pernas femininas. Um anúncio trazia a opinião de 15 proeminentes clérigos de Nova York. Outros citavam Bismarck ou diziam que o produto era usado na Casa Branca.

O uso de pernas femininas como chamariz para a venda de produtos data de antigo anúncio de Sozodont que mostrava uma cena no «harem de um sultão». O anúncio tipo «arranje um marido», hoje tão divulgado, nasceu em 1870 com esta frase: «OS HOMENS SÃO LOUCOS por dentes belos.»

Quando William Hall morreu, em 1894, Sozodont já dava lucros de 10

milhões de dólares. Mas as pastas e pós começaram a ameaçar o reino do inócuo líquido vermelho, e Sozodont nunca mais voltou a ter o favor público. Seus anúncios, entretanto, pelo menos haviam ensinado muita gente a escovar os dentes.

Em contraste com essa aventura charlatanesca, temos a história do dr. Israel Whitney Lyon. Lyon estudou odontologia em Nova York e, por volta de 1850, partiu para a Califórnia, então paraiso do ouro, onde teve uma boa vida, segundo ele mesmo declarou, «metendo ouro nos dentes dos mineiros e tirando-o de seus bolsos». Em 1866 voltou para Nova York.

Quando a Associação Dentária Americana condenou os dentifrícios líquidos e recomendou uma fórmula para um pó dentifrício, Lyon começou a trabalhar com essa fórmula, produzindo os Comprimidos do Dr. I. W. Lyon para os Dentes. O pó era comprimido em uma barra semelhante às de chocolate, com pequenas divisões que eram partidas e colocadas sobre a escova. Em 1874 apareceu o Pó do Dr. I. W. Lyon para os Dentes, em pequenos vidros verdes. A primeira marca registrada do dr. Lyon era um leão segurando uma escova de dentes; cinco meses mais tarde foi substituida por uma bela cabeça de mulher—marca registrada em uso até hoje.

Um dia o dr. Lyon teve uma inspiração: por que não vender o pó em uma latinha? Tal lata, com um «medidor telescópico», apareceu no mercado em 1891 e em quatro anos o volume de vendas do pó saltou para 63 mil dólares por ano, enquanto os comprimidos caíam para dois mil. Dez anos depois as vendas do pó atingiam a soma de 402 mil dólares.

O dr. Lyon começou tendo o apoio de alguns dentistas de nomeada, cujos nomes usava na propaganda do dentifrício. Sua propaganda, entretanto, era honesta. Em uma época em que não havia leis impedindo a proclamação de virtudes inexistentes nos produtos anunciados, o dr. Lyon declarava em uma revista popular: «Não adianta dizer que um dentifrício tornará os dentes mais claros ou lhes mudará a côr, por pouco que seja—qualquer produto que prometer tais resultados é um ácido.» O dr. Lyon faleceu em 1907 e o seu filho continuou com o negócio por mais duas décadas, vendendo-o depois. Mas até hoje o dentifrício em pó do dr. Lyon vende-se mais que qualquer outro.

As pastas dentifrícias eram vendidas nos Estados Unidos antes da Guerra Civil, sendo algumas importadas e outras fabricadas pelos dentistas para uso de seus clientes. A pasta vinha em um potezinho; para usá-la, esfregava-se a escova na superfície da pasta. Muita gente se abstinha do seu uso, por ser este anti-higiênico.

Em 1841 um americano, John Rand, havia inventado os tubos flexiveis para tintas de pintar. Um filho do dr. Washington Sheffield, dentista de New London, Connecticut, veio da Europa em 1880 com a notícia de que lá se vendiam alimentos em bisnagas. Em 1892 os Sheffield tentaram vender a pasta dentifrícia em bisnagas importadas. As vendas aumentaram com tal rapidez que eles compraram u'a máquina para fabricar as bisnagas e depois montaram uma fábrica para fornecer bisnagas a outros fabricantes de dentifrícios. A Colgate passou logo a utilizar bisnagas; a par dos sabonetes, a Colgate vinha fabricando dentifrícios desde 1873.

A bisnaga transformou a indústria de dentifrícios em indústria de pasta dentifrícia. A venda dos líquidos e pós começou a declinar e em 1911 o único pó com publicidade regular em todo o país era o do dr. Lyon. Um quarto de século depois, durante a crise econômica, os pós dentifrícios tiveram novamente o seu dia—provavelmente por serem mais baratos que as pastas.

Não tem havido grande diferença na embalagem e propaganda dos dentifrícios desde a época em que Sheffield apresentou as bisnagas, Lyon introduziu as latas, e Sozodont criou a propaganda de âmbito nacional. Naturalmente os fabricantes têm lançado mão de vários recursos publicitários. A Pebeco convocou ao consultório de um dentista vários pares de gêmeas. Uma moça de cada par escovaria os dentes diariamente com Pebeco, enquanto a outra usaria um dentifrício rival. No fim de 30 dias as fotografias mostravam uma gêmea com dentes alvos e brilhantes, enquanto a outra parecia que acabara de comer geléia de amora. Se o leitor não puder adivinhar qual delas era a que usara a pasta Pebeco, é porque não entende patavina da técnica de anunciar pastas dentifrícias...

No século XX os anúncios de pastas dentifrícias têm-se concentrado principalmente em dois pontos: (a) medo de moléstias; (b) desejo de adquirir beleza, ou pelo menos popularidade. Pebeco foi a primeira a inventar uma frase atraente—Boca Ácida—que apareceu nos anúncios em 1916 em revistas para senhoras. Mais tarde, Ipana apareceu com a «Escova de Dentes Vermelha», Kolynos com a «Máscara contra Germes», Bost com «Dentes de Fumantes», Forhan's com «De cada 5 pessoas, 4 têm-no». Em 1930 era raro o anúncio de pasta de dentes sem algo alarmante. Os dentistas protestaram e a Comissão Federal de Comércio, dos Estados Unidos, entrou em ação. Os próprios fabricantes de pastas começaram a ridicularizar as alegações dos seus concorrentes.

Pepsodent, uma sensação do comércio, foi virtualmente criado por dois técnicos de publicidade. Em 1915, Albert Lasker, havendo conhecido um indivíduo que se achava no Arizona em busca da saude e que possuia uma fórmula de pasta dentifrícia, a ele se associou, dando uma pequena parte da sociedade a Claude Hopkins, um genio na arte de redigir anúncios. Hopkins, devorando livros de odontologia, encontrou referências a placas de mucina nos dentes e rebatizou-as de «película». Seus anúncios, lançados em 1917, giravam em torno dessa «película viscosa» e proclamavam as qualidades de Pepsodent como criador de beleza. Hopkins acreditava que as pes-

soas estavam menos interessadas em preparados profiláticos que em conseguir «mais êxito, mais felicidade, mais beleza, mais alegria». Esse era o tema de seus anúncios e os resultados foram fenomenais. Pepsodent tornou-se a pasta dentifrícia de maior vendagem, embora o seu preço fosse o dobro do da maioria das pastas. Em poucos anos o capital de Hopkins, no valor de 13 mil dólares, lhe rendeu uns 200 mil em dividendos; ele, então, vendeu suas ações por meio milhão de dólares. Lasker fez uma fortuna. Mais tarde a Pepsodent foi comprada pela firma Lever Brothers por uns dez milhões de dólares.

Hoje em dia as campanhas publicitárias das pastas de dentes têm em mira o maior horror que os redatores de anúncios podem imaginar: ausência de *sex appeal*. Em vez de piorréia, é um namoro terminado... Em 1948, o equivalente da «Escova de Dentes Vermelha» são os «lábios que os rapazes não desejam beijar». A Colgate, que em 1930 anunciava que nenhum dentifrício cura piorréia, corrige a acidez bucal nem dá firmeza às gengivas, aterroriza agora a leitora de seus anúncios com a triste perspectiva de ficar abandonada num canto da sala, nas festas.

Em geral, as pessoas não usam a mesma marca de pasta dentifrícia mais que um ano e meio, sendo comum terem as famílias em casa umas três marcas diferentes. Essa falta de perseverança talvez não indique nada mais que uma boa compreensão de que as pastas de dentes são todas mais ou menos iguais. Todas as pastas e pós compõem-se, basicamente, de um abrasivo, um saponáceo e uma essência de sabor agradavel. Alguns dentistas afirmam que a mistura de sal e soda limpa os dentes tão bem quanto qualquer dentifrício.

Nas pastas de dentes, como nos perfumes, os ingredientes constituem uma pequena fração do que se compra. Um tubo de pasta que seja vendido ao público por 41 centavos do dolar representa aproximadamente 4 centavos de ingredientes em uma bisnaga do valor de 4 centavos, consumindo 8 centavos de propaganda. O fabricante fica com cerca de 11 centavos para despesas gerais e lucros, e o varejista com 14 centavos.

NUM JANTAR em Washington, um criado negligente entornou um pouco de molho nos joelhos do Senador Leverett Saltonstall. Enquanto o parlamentar esfregava vigorosamente as calças, o conviva ao lado comentou:

—Essa casemira é muito boa; não vai manchar, não.

—Deve ser boa, sim, confirmou o senador. —Estas calças pertenceram a meu pai.

—Bulkley Griffin, no *Traveler* de Boston

Para aproveitar nossas fraquezas

Excertos de uma seção da revista «The Rotarian»

SE A CURIOSIDADE, como diz um ditado inglês, leva os gatos à morte, pode tambem converter-se em veículo de propaganda comercial, como há pouco pôde verificar o gerente de uma grande loja de Minneapolis. Certo dia, ele deu instruções às caixeiras do estabelecimento para que atassem um pedacinho de fita encarnada no dedo indicador. A cada freguesa que indagava sobre o motivo dessa inovação, a vendedora respondia: «Ah, sim, isto é para não me esquecer de dizer-lhe que temos hoje um grande abatimento no preço das luvas...» E, com efeito, as caixas registradoras acusaram uma enorme venda de luvas nesse dia.

—Harold Helfer

OS CHOFERES de caminhões e os estivadores são proverbialmente descuidados com os volumes que embarcam —mas uma firma de Cincinnati suspeitou que eles deviam gostar de algo que os fizesse rir. E assim, mandou imprimir etiquetas humorísticas para os volumes que despachava. Uma delas dizia assim: «Trate esta custosa mobília de escritório, como o faria a uma tia rica—trate-a com cuidado.» Escusado é dizer, a sugestiva indireta deu ótimos resultados.

—*Business Week*

EM QUASE todo escritório há algum empregado de maus bofes. No nosso, havia um. Era um tipo ranzinza, que sempre achava com que implicar. Certo dia, entrou-me ele no gabinete, e, sem mais aquela, disse-me que queria um aumento de ordenado. Ele não merecia tal e eu estava para ser franco e lhe dizer a verdade, quando me ocorreu uma idéia:

«Vou mandar aumentar o seu salário,» disse ao ranzinza, que quase chegou a sorrir. «Mas, sob uma condição muito importante,» observei-lhe. «É que sempre que você passe por mim, aquí na fábrica ou mesmo na rua, abra a cara num largo e espontâneo sorriso.»

O casmurro julgou que eu estivesse gracejando; mas eu falava sério. Como, entretanto, o aumento era de certo vulto, ele aceitou as condições. No começo, foi-lhe dificil cumprir a promessa, mas depois acostumou-se à prática. E não ficou nisso apenas, pois com o passar dos dias, principiou mesmo a

sorrir a outras pessoas, e elas lhe correspondiam no gesto. Cedo viu que ninguem lhe queria mal, e começou então a realizar o seu trabalho de maneira mais satisfatória, tendo chegado a ser um dos melhores empregados do departamento.

—Charles L. Wheeler

Os GRANJEIROS têm suas tarefas indeclinaveis, mas a gente da cidade não compreende isso. Há uma exceção, porem: um arguto agente de seguros de Minnesota. Nas suas viagens pela zona rural, esse cavalheiro faz-se acompanhar de um rapagão vestido à maneira do campo. Ao chegarem ambos a uma granja, o rapaz toma a si os encargos do dono da casa—ordenha vacas, corta feno, ou realiza qualquer outra tarefa que o proprietário esteja fazendo. Os granjeiros gostam sempre de receber uma pequena ajuda que lhes permita descansar alguns momentos. Assim, enquanto o rapaz substitui o granjeiro em sua lida, o atilado agente consegue vender a este a apólice de seguro.

—*Country Home*

COMO SE PODE dar senso a um homem que se enche de vaidade e pensa ser insubstituivel? O proprietário de uma empresa de materiais de construção tinha um empregado dessa ordem. Um dia, chamou-o ao escritório.

—Bill, disse-lhe o patrão,—você é o melhor capataz que já tivemos aquí. Quero dar-lhe umas férias com todos os vencimentos...

Bill sorriu contente:

—De quantos dias?

—Não lhe dou limites. Vá para casa descansar, até ver que o negócio na empresa corre tão bem na sua ausência como se você aquí estivesse...

Bill sorriu outra vez e aceitou as férias.

Passaram-se dias e semanas. Fez um mês—e nada de uma chamada urgente. Um belo dia, Bill deu pelo senso real da coisa, e voltou por si ao escritório, mas um homem mudado, cheio de grande humildade. O estratagema, claro, fez de Bill um empregado muito melhor.

—*John B. Reilly*

Os CARTAZES de advertência—«Tenha Cuidado!»—afixados às paredes de uma fábrica, onde se empregavam muitas mulheres, não tinham evitado que as operárias, à hora da saida, se precipitassem de escadas abaixo, do que resultavam quedas e ferimentos. Um dia, o gerente mandou instalar grandes espelhos nas paredes dos patamares, na suposição de que nenhuma mulher pode passar por um espelho sem parar um pouco para mirar-se. Dito e feito: cessaram os acidentes!

—H. J. Sloman, transcrito em *Capper's Weekly*

AS MULHERES nunca se acham satisfeitas em matéria de peso: sempre procuram reduzí-lo, aumentá-lo, ou redistribuí-lo...

—Franklin P. Jones em *The Saturday Evening Post*

Por que razão o desmantelamento da indústria alemã é uma verdadeira loucura econômica

Quem paga pela destruição da Alemanha

Por
O. K. Armstrong

AO APROXIMAR-SE de uma cidade alemã, na zona de ocupação norte-americana, nosso *jeep* foi detido. «Explosões à frente!» advertiram-nos. Grupos de populares contemplavam, imoveis, um edifício. Houve uma detonação surda, uma nuvem de pó. O edifício, fábrica de máquinas-ferramentas, ficou reduzido a escombros.

Durante a guerra, a fábrica produzira máquinas para o fabrico de material bélico. Poderia ter sido adaptada rapidamente à produção de arados, de material hidráulico ou de artefactos domésticos, todos de urgente necessidade. Mas sua maquinaria fora desmontada, por ordem das autoridades de ocupação norte-americana, e transportada para uma nação aliada, à guisa de reparações. Agora, até o edifício deixava de existir.

No dia da vitória na Europa, já a quarta parte da potência industrial da Alemanha jazia destruida. A Europa inteira apresentava as mazelas da guerra. Havia necessidade premente de re-iniciar a produção alemã, não apenas para a sobrevivência daquele país, como tambem para incrementar a rehabilitação das nações vizinhas, vítimas da agressão nazista. Não restava fábrica, não sobrava máquina na Alemanha que não pudesse ser convertida a finalidades pacíficas, desde que lhe fossem fornecidos combustiveis e matérias-primas.

Não se adotou tal orientação. Compreende-se que as potências de ocupação estivessem decididas a «desmilitarizar» a Alemanha, a desmontar suas fábricas de armamentos e a impossibilitar-lhe o rearmamento. Infelizmente, o programa de desmantelamento aprovado em Potsdam, em agosto de 1945, fora delineado de forma vaga. Na prática, foram desmanteladas não somente fábricas de armamentos, mas muitas outras que poderiam ter contribuido para a produção normal de tempos de paz.

As autoridades norte-americanas, britânicas e francesas determinaram um «índice industrial» para suas respectivas zonas. Todas as indústrias que

não fossem imprescindiveis a esse índice—quer produzissem material bélico, quer não—seriam desmanteladas. Alem de carta branca em seu setor, prometeram à Rússia 25 por cento do material retirado das zonas ocidentais. Ao Reino Unido foram reservados 27,8 por cento; à França, 22,8; aos Estados Unidos, 11,8; à Holanda, 5,6 e a outros paises, cifras menores.

Os norte-americanos não podem defender esse programa, nem jurídica nem moralmente, pois os Estados Unidos são signatários (com as demais potências maiores) do Tratado de Haia, de 1907, que proibe a apreensão, a título de reparações, da propriedade privada num país derrotado, exceto quando prevista num tratado de paz.

Os britânicos e franceses não se interessaram tanto pelas reparações quanto pela eliminação de indústrias germânicas que lhes eram concorrentes. Funcionários da Imperial Chemical Industries (cartel britânico) ocupam cargos nos comitês de reparações. A relação de firmas condenadas pelas autoridades de ocupação francesas revela nitidamente o propósito de anular a Alemanha como competidora no fabrico de aço e de produtos químicos. O dr. Albert B. Newman, professor de engenharia no College of the City of New York, que colaborou na preparação do programa com o posto de chefe da seção de indústrias químicas, informou ao Departamento de Estado: «Tornou-se óbvio que os britânicos e franceses se interessavam na eliminação da capacidade alemã de fabricar determinados produtos exportaveis, sendo apenas secundário seu interesse no destino que se desse às fábricas depois de desmanteladas.»

Em junho de 1947, o Secretário de Estado Marshall propôs o plano que já se concretizou no Programa de Reerguimento da Europa. Muitos congressistas, ex-funcionários da Ocupação e economistas frisaram que a necessidade de auxílio norte-americano se devia, em grande parte, ao fato de não se ter aproveitado a indústria alemã para reconstruir a Europa. Tais argumentos não puseram cobro ao programa de desmantelamento, conquanto lhe reduzissem as proporções. Em outubro, as autoridades norte-americanas e britânicas publicaram uma relação de 682 fábricas desmontadas ou por desmontar. Os franceses enumeraram 236 em sua zona, perfazendo o total de 918.

Apenas 338 dessas fábricas eram tidas como «bélicas»; as demais eram «dispensaveis». Algumas das «bélicas» já produziam artigos cuja falta era crítica. Em Kiel, a firma Holmag fabricava motores Diesel para barcos de pesca, proporcionando, assim, um meio de aumentar a produção de alimentos. Não obstante, a fábrica foi classificada como «bélica» e desmantelada. As fábricas «dispensaveis» produziam sabão em pó, *nylon*, atabrina, soda cáustica, matéria plástica e muitos outros artigos. A uma pergunta direta, contida numa resolução do Congresso dos Estados Unidos, o subsecretário de Estado, Robert A. Lovett, respondeu: «Todas as fábricas e aparelhamento a serem removidos são

suscetiveis de produção normal para tempo de paz, no estado atual, ou de adaptação para essa finalidade.»

Essa insânia econômica e política levantou uma onda de protesto na Alemanha, como nos círculos norte-americanos esclarecidos. O ex-presidente Herbert Hoover, após minucioso estudo da situação na Europa, declarou categoricamente: «Numa época em que o mundo acusa uma falta angustiosa de produção industrial, parecemos adotar a praxe de destruir o gigantesco parque industrial das zonas ocidentais da Alemanha. Isso significa menos produtos essenciais para a Europa inteira, rehabilitação mais lenta para o mundo, e maiores sacrifícios para o contribuinte norte-americano. Manterá elevados os impostos na América do Norte, à medida que gastarmos um bilhão de dólares por ano para sustentar estes milhões de alemães ociosos.»

Para executar o Programa de Reerguimento da Europa, o Congresso norte-americano, em abril, criou a Administração de Cooperação Econômica. Determinou ao administrador que procurasse modificar o programa de desmantelamento. Já é tempo de adotar-se tal medida. Muitas fábricas já desmanteladas ou destinadas à remoção são de capital importância para o programa da A.C.E.

Um comitê do Congresso, encabeçado por Christian A. Herter, do Massachusetts, declarou em novembro passado que os produtos de aço são extremamente escassos em toda a Europa, recomendando que a produção alemã de aço em lingotes fosse incrementada e que cessasse o desmantelamento de fábricas. O relatório não surtiu nenhum efeito. Nas zonas britânica e norte-americana, 54 usinas de aço bruto, 31 fábricas de aço laminado e 54 de tubulagem ou de montagem já foram, ou estão sendo, desmanteladas. A menos que o povo norte-americano se conforme com o dispêndio de bilhões de dólares anuais para manter a Europa num baixo índice de produção, essas fábricas terão que ser reconstruidas.

A reconstrução dos transportes ferroviários e rodoviários é uma evidente necessidade se a Alemanha há-de tornar-se autônoma no setor econômico. No entanto, foram desfalcadas várias usinas que poderiam ter fornecido material de transporte. Uma fábrica condenada pelas autoridades de ocupação havia sido considerada de tal importância à produção e conserto de material rodante, que recebera elevada prioridade na distribuição de carvão e eletricidade.

A fábrica Ruthemeyer-Soest, na zona britânica, é importante produtora de material de construção de estradas. Já forneceu uns 90 por cento dos rolos compressores utilizados nas zonas americana e britânica. A maquinaria destinada ao reparo de rodovias é de premente necessidade. Entretanto, ao redigirmos este artigo, a Ruthemeyer-Soest está na lista das fábricas condenadas.

Terão os Estados Unidos de mandar material de construção rodoviária para a Europa afim de substituir o que as

fábricas alemãs produziam? Os Estados Unidos já sofrem falta desse material. Charles M. Upham, engenheiro-diretor da Associação Norte-Americana de Construtores de Rodovias, declarou: «A falta de aparelhamento de construção rodoviária reduzirá de 30 por cento, no mínimo, o plano das construções de estradas nos Estados Unidos.»

Mais de 40 das fábricas a serem desmanteladas produziam maquinaria para exploração de minas. Duas delas, na zona britânica, eram fornecedoras de peças indispensaveis às ferramentas pneumáticas utilizadas na mineração, contribuindo com cerca de 90 por cento da produção total alemã dessas peças minúsculas, mas vitais. O desmantelamento prejudicou gravemente a extração da hulha alemã, embora o carvão seja essencial ao reerguimento da Europa.

Uma fábrica de cimento na zona francesa, com capacidade para 300 mil toneladas, foi há pouco desmantelada. No entanto, a necessidade de cimento para a reconstrução de habitações e de edifícios comerciais na Europa perdurará por uma geração inteira.

Por haverem passado para o domínio da Rússia e da Polônia 25 por cento das suas melhores terras araveis, a produção agrícola da Alemanha será doravante insuficiente para atender às necessidades de alimentação do seu povo.

O solo que lhe resta está exhausto. Alem disso, há uma grande escassez de adubos e de implementos agrícolas.

Antes da guerra, a Alemanha era o maior produtor de azoto artificial, utilizado nos fertilizantes. A despeito das avarias da guerra, a capacidade de produção, em 1945, era ainda de 700 mil toneladas anuais, o bastante para suprir a Alemanha e permitir exportações para paises vizinhos. A punição industrial imposta pelos aliados à Alemanha fez a produção decair, nas zonas britânica e norte-americana, a 127 mil toneladas em 1947.

Um relatório publicado durante o período da formulação do plano de auxílio norte-americano à Europa e subscrito por Averell Harriman, então Secretário do Comércio dos Estados Unidos e atual embaixador especial da A.C.E., declarou: «O comitê manifesta-se claramente a favor de dar-se, sem demora, a mais alta prioridade ao reparo de fábricas de fertilizantes de nitrogênio.» Entretanto, desde meados de 1947, dezenas de fábricas que produziam ingredientes necessários ao fabrico de adubos, ou que podiam ter sido adaptadas a essa produção, já foram desmanteladas. O mais inacreditavel foi o desmantelamento da maior fábrica européia de adubos de azoto, em Oppau, na zona francesa. Enquanto isso, os cidadãos estadunidenses vão gastar, este ano, 500 milhões de dólares em alimentos, só para o povo alemão, e ao mesmo tempo os Estados Unidos fornecerão adubos à Europa em detrimento do agricultor norte-americano.

O desmantelamento de instalações industriais para reparações de guerra é supina loucura econômica, pois envolve a mão de obra e a despesa de

desmontagem, embalagem, embarque, transporte, desembalagem e montagem no novo local. Seria muito mais proveitoso fornecer matéria prima para o funcionamento das fábricas na própria Alemanha.

Cerca de 40 mil operários vêm-se dedicando ao desmantelamento. Para desmantelar a fábrica de aço Borbeck, destinada à Rússia, 3 mil operários levaram dois anos de trabalho. O trabalho desperdiçado nessa obra de destruição é pago pelas verbas norte-americanas, as quais custeiam, direta ou indiretamente, a ocupação das três zonas ocidentais.

O General Clay anunciou em abril último que a Rússia Soviética e quatro paises satélites haviam recebido 63 por cento de todas as reparações provenientes da zona norte-americana da Alemanha—quase o dobro do que foi entregue às 12 nações aliadas ocidentais. Só a Rússia, disse o General Clay, recebera cerca de 30 por cento do total. Em segundo lugar, veio a Iugoslávia, com 20 por cento. De capital importância, para o contribuinte norte-americano, é o fato de que 42 por cento foram enviados à Rússia e seus títeres *depois* de junho de 1947, quando a oposição à expansão soviética se converteu em atitude oficial dos Estados Unidos!

E, mais chocante ainda, a maior parte do material despachado para utilização por trás da «cortina de ferro» é maquinaria para fins armamentistas. Seis das sete fábricas da Henschell-Flugmotorenbau, fabricantes de motores de aviões, foram destinadas à Rússia. A União Soviética recebeu estaleiros e material congênere; a fábrica Frudwald e Jager, de produção de minas submarinas; grande parte da maquinaria que aperfeiçoara o supersubmarino nazista, assim como as instalações de numerosas fábricas de aviões militares.

Mesmo a proclamação dos russos —irradiada por toda a Alemanha, com grande alarde—de que haviam desistido do desmantelamento em sua zona, não afetou o programa na zona norte-americana, nem pôs termo aos embarques de reparações para a Rússia e seus satélites.

Representantes do Departamento de Estado e das forças armadas frisaram repetidamente que têm de continuar o desmantelamento devido ao Acordo de Potsdam. Entretanto, segundo esse acordo, os aliados deixariam à Alemanha «recursos suficientes para sua existência sem auxílio externo». Ademais, a Alemanha deveria ser tratada como unidade econômica. Isso, a União Soviética impediu. Privou as zonas ocidentais dos produtos alimentícios oriundos da zona russa, saqueou a zona oriental e obstou a livre passagem de informações e de pessoal aliado. O senador Vandenberg declarou no Senado, em dezembro último: «O Acordo de Potsdam tornou-se há muito um farrapo de papel como resultado da repudiação pelos sovietes de muitas de suas obrigações.»

Uma das consequências mais trágicas da política de desmantelamento é a de levar o povo alemão a inclinar-se para o campo comunista. Os alemães

têm manifestado grande resistência ao comunismo. Somente sete por cento, na Alemanha ocidental, votaram no partido comunista. Os operários sindicalizados terão de ser a espinha dorsal de qualquer renascimento da democracia alemã. Os abalos sofridos pelos seus já exíguos meios de vida fizeram com que muitos trabalhadores se desiludissem do regime praticado pelos norte-americanos.

O programa de desmantelamento, moralmente injusto, economicamente errado e politicamente desastroso há muito que deveria ter sido abandonado por estadistas atentos à proteção dos interesses do povo norte-americano. Muitos anos transcorrerão antes que se possam remediar os prejuizos causados por essa política rancorosa, mas o Congresso dos Estados Unidos tem a faculdade de votar uma resolução que ponha termo à dilapidação das fábricas alemãs. Uma nova política poderá, então, ser formulada para a Alemanha, afim de que a indústria germânica contribua com sua parte para a reconstrução da Europa.

Cabe ao povo norte-americano resolver. Sua decisão garantirá a democracia na Europa por muitos anos vindouros.

Tomando a nuvem por Juno...

NA CIDADE onde moro, todos nos orgulhamos muito dos nossos jardins. É facil imaginar o nosso desespero quando uma forasteira, que alugou uma casa para o verão, deixou à solta seus dois cachorros. Estes se metiam pelos jardins e revolviam tudo, impondo-se, assim, uma providência... discreta. Desconfiando que os conhecimentos de botânica da nova vizinha fossem limitados, o presidente do nosso clube escreveu-lhe a seguinte nota:

«Prezada Senhora: Algumas de suas vizinhas notaram que os seus cães andam à solta, e decidimos informar-lhe que eles correm grande perigo, pois esses quintais estão cheios de escabiosas. Naturalmente a senhora não há-de querer que os seus cães se exponham ao contacto com essa planta. Por isso resolví mandar-lhe este aviso.»

A coisa deu resultado! Durante o resto do verão os cães se mantiveram presos a longas correntes no quintal, e nossos jardins vicejaram...

—Colaboração de Molly Anderson Haley

A CAPACIDADE de justiça dos homens torna a democracia possivel; mas a inclinação dos homens para a injustiça faz da democracia uma necessidade.

—Dr. Reinhold Niebuhr

Este corretor de imoveis, pai de oito filhos, constrói para famílias numerosas

«Não se aceitam famílias sem filhos»

Por Gretta Palmer

EM 1940 um dos jornais de St. Louis, nos Estados Unidos, anunciava a inauguração do bairro Mary-Ridge, conjunto de bangalôs a preços módicos, com esta surpreendente especificação: «Venda reservada exclusivamente a famílias de quatro ou mais filhos.»

Mary-Ridge é um grupo de 50 bangalôs de linda aparência, com seis cômodos cada um, distribuidos por um terreno de uns 22 hectares. Foram postos a venda ao preço de 2.750 dólares, com pagamento inicial de 275 e prestações mensais de 27 dólares. Outras 50 casas semelhantes foram oferecidas a compradores que não tivessem quatro filhos, porem a um preço 500 dólares mais alto.

O projeto foi lançado, sem intuito de lucro, por um corretor de imoveis, Charles F. Vatterott Junior, viuvo, pai de oito filhos. Seus progenitores, por sua vez, tiveram onze filhos.

Atualmente, passados oito anos, a comunidade está florescente, com suas estradas sinuosas arborizadas e os quintais em primoroso asseio e ordem. Os proprietários tomaram a si a manutenção do parque infantil e do ônibus para a escola; mantêm, alem disso, campos de tenis e outros esportes, e um fogão ao ar livre, para piqueniques e churrascos. Conferem um prêmio anual de 250 dólares aos donos dos melhores jardins.

Posteriormente, Vatterott construiu dois outros bairros semelhantes, a que chamou St. Ann's Village e St. Joseph's Hill. O conjunto abriga 950 famílias, que têm, em média, 3 filhos cada uma. Foram erigidas três escolas, bem como salas de esporte e recreio.

É, porem, em Mary-Ridge que moram as famílias mais numerosas; os dois casais campeões têm 13 filhos cada um; são comuns as famílias de nove filhos ou mais. As estradas estão dispostas de maneira a permitir que as crianças caminhem até à escola sem atravessar uma via principal. A velocidade máxima para os veículos é de trinta quilômetros à hora e todos os residentes adultos são investidos, oficialmente, de autoridade para prender os violadores desse regulamento. Nunca houve desastres de automoveis no bairro.

Tãopouco se registraram epidemias sérias de moléstias infantís; e, aconteça o que acontecer a uma das crianças, há sempre alguma senhora na vizinhança com prática do assunto. É como se fosse uma aldeia onde todas as mulheres tivessem sido treinadas como enfermeiras de crianças.

A comunidade tem características interessantes: qualquer menino de Mary-Ridge é capaz de recrutar, com

um simples assobio, todo um time de futebol. A tropa de escoteiros é tão grande que pôde comprar um ônibus de segunda mão, para suas excursões. É facil conseguir uma pessoa para tomar conta das crianças: em quase todas as famílias pode-se obter, mediante remuneração módica, uma menina com prática desse mister. Os meninos competem valentemente na distribuição de jornais. Um clube de golfe, da vizinhança, recruta em Mary-Ridge todos os *caddies* de que precisa. Três quartas partes das casas possuem hortas cuidadas pelas crianças, que tambem trabalham em grupos em tarefas tais como pintar venezianas e construir galinheiros.

Não há gente rica nesse bairro. Entre os chefes de família há operários de fundições e fábricas, motoristas, dois alfaiates e alguns empregados de escritório. Fazem-se ativos negócios em roupas e calçados que as crianças, crescendo, já não podem usar. Alem disso, carrinhos e caminhas de crianças são usados em comum, numa base de «empréstimo e arrendamento»; podem ser reclamados a qualquer momento, pois as famílias de Mary-Ridge continuam aumentando...

Será possivel disseminar projetos como esses? Talvez. Corretores de imoveis em outros estados norte-americanos têm ido visitar e observar a comunidade. A todos, Vatterott oferece livre acesso a suas plantas e arquivos.

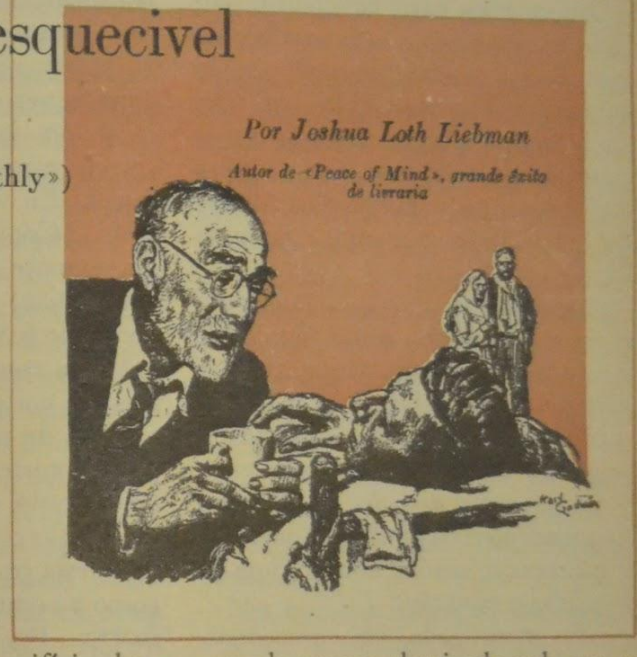
John H. Ambruster, da companhia Community Federal Savings and Loan Association, que custeou o projeto, assim se expressou: «Casas especialmente planejadas para famílias numerosas representam um bom emprego de capital. O maior risco que correm os credores hipotecários são as separações ou divórcios, causadores de oitenta por cento das penhoras. Isso não acontece em famílias de sete filhos. (Em Mary-Ridge não houve ainda um único caso de divórcio ou de execução de hipoteca.)

«Ainda mais: em épocas de crise econômica, um casal sem filhos pode reduzir as despesas, desistindo de sua casa e indo viver com os sogros. Mas os que têm filhos preferem passar fome a renunciar ao lar. As famílias numerosas são famílias estaveis.»

Vatterott pretende agora construir, perto de St. Louis, tambem sem propósito de lucro, outro bairro para famílias numerosas, desta vez para negros. Como no caso de Mary-Ridge, serão evitadas as especulações, por meio de um contrato com o comprador, pelo qual este se obriga, no caso de querer vender o imovel dentro de três anos, a dar à companhia a opção de comprá-lo.

«Minha teoria,» diz Vatterott, «é que nós, homens de negócios, em geral agimos egoistamente nas horas de trabalho; e tentamos compensar isso, contribuindo para instituições de caridade ou aplicando em boas obras as horas de lazer. Meu desejo é fazer o bem nas minhas horas de negócio. Mary-Ridge é meu sistema de ajudar aqueles que, corajosos, altruistas e tementes a Deus, têm famílias numerosas neste mundo moderno, tão amigo do luxo.»

Meu tipo inesquecivel



(Condensado de «The Atlantic Monthly»)

A SANTIDADE foi rara em todos os tempos; mas, sobretudo na nossa época de materialismo, ela se tornou praticamente inexistente. Por isso, quando encontramos um caso de grandeza de alma, sentimo-nos profundamente comovidos... A força de alma dum Gandhi, a nobreza de sacrifício dum Albert Schweitzer, têm sido como o pão da boca para as almas esfaimadas dos homens contemporâneos. E, a par do martir indiano e do herói cristão, ergue-se a figura não menos veneravel do rabino Leo Baeck.

Imagine o leitor um homem alto e robusto como um carvalho, de cabelo prateado, ombros ligeiramente curvados, mãos possantes e nodosas—fruto da malnutrição sofrida durante a opressão nazista; olhos negros, penetrantes e ainda cheios de mansidão, embora hajam testemunhado atrocidades que normalmente teriam aniquilado a vista de qualquer homem; uma voz compassiva, que de vez em quando parece eletrizada pela sua capacidade de exaltação e inspiração; uma boca, enfim, expressiva e movel, tão capaz de exprimir a sabedoria, como de abrir-se em gargalhadas de alegria... Tal é, em breves traços, o retrato exterior de Leo Baeck—um santo dos tempos modernos.

Muito antes da recente guerra já eu conhecia Baeck como um dos mais eminentes eruditos europeus, e um grande lider religioso—era ele rabino da famosa Sinagoga Oranienburger, de Berlim. Sua pregação contra o paganismo dos costumes e a idolatria do Estado puseram-no por cinco vezes em conflito com a Gestapo; mas era tal o respeito que, por igual, judeus e

cristãos consagravam a este sábio rabino, que os nazis hesitaram sempre em liquidá-lo.

Depois de os nazis haverem incendiado as sinagogas, em novembro de 1938, Baeck recebeu de certo templo famoso, nos Estados Unidos, um telegrama em que lhe era oferecido o posto de rabino coadjutor. Sua resposta foi: «Enquanto restar vivo na Alemanha um só judeu que seja, meu lugar é aquí, ao lado dele.»

Quando a guerra estalou, Baeck desapareceu, e chegou-nos a notícia de que ele fora liquidado. Mas quando os exércitos aliados libertaram o campo de concentração de Theresienstadt, o rabino foi alí encontrado com vida. Só no inverno passado eu conseguí finalmente ouvir da sua boca, em mansas palavras, a história comovedora da sua prisão e salvação.

Certa madrugada, em começos de 1943, ele ouviu bater à porta; eram cinco horas, sinal sinistro que indicava a chegada de soldados da tropa de assalto. Foi abrir, e viu na sua frente dois guardas da SS que lhe disseram: «Venha conosco.» Revistaram-lhe os bolsos, e num deles encontraram o manuscrito duma obra sobre religião. Um dos soldados disse para o outro: «Papel higiênico! Deixe que ele leve isso.» (Por sinal, esse manuscrito foi enviado a uma casa editora de Londres para ser publicado este ano.)

Theresienstadt era um depósito de judeus provenientes de todas as regiões da Europa. Cinquenta mil seres humanos encontravam-se alí encurralados em gaiolas de gado—que eram somente as antecâmaras dos crematórios de Auschwitz. O dr. Baeck escapou à sorte aterradora da cremação, por um acaso bem pouco comum. Um dia, durante a primeira semana que alí passou preso, quando passeava na lama da vereda entre duas filas de barracas, um médico judeu, de Berlim, correu para ele bradando: «Rabino Baeck! Eu vim a toda a pressa, para vê-lo... Constou-me que o sr. estava gravemente enfermo.» Baeck replicou: «Não, eu estou bem de saude. Deve ter havido engano.»

Havia com efeito engano. Naquela mesma noite morrera outro rabino alemão, de nome Beck. A comunicação da morte subiu às mãos dos chefes da Gestapo, e estes ficaram convencidos de que o famoso rabino Baeck passara desta para melhor. «Para mim foi como a comutação duma sentença de morte... Porque passei a figurar como morto nos livros de registro. O que aconteceu, na realidade, foi que passei a viver sem nome. Nós, os judeus do campo de concentração, tínhamos virado meros números na loteria da morte.»

Outro milagre parece havê-lo protegido: os internados do campo eram regularmente remetidos em lotes para as câmaras de gás de Auschwitz, mas o número de Baeck nunca foi tirado à sorte. Dos 50.000 judeus alí internados, somente 700 escaparam com vida. O rabino foi um deles.

Entretanto, nenhuma das baixezas e humilhações físicas, inventadas pelos carrascos nazistas, parecia capaz de atingir-lhe a alma. Naquele campo, ele

viu-se a dada altura transformado em besta de carga, e atrelado à carroça do lixo. «Mas,» dizia-me ele com um sorriso, «essa foi uma temporada bastante feliz, porque o outro «cavalo» atrelado comigo à carroça era um filósofo ilustre... Tivemos assim maravilhosas conversas sobre questões de ética e religião, enquanto arrastávamos na lama os detritos do campo.»

Mais adiante, tendo completado 70 anos, Baeck foi isentado do seu serviço de tração, e passava os dias confortando os doentes, os prostrados, os condenados. Um velho judeu estava, por exemplo, agonizante num catre sórdido. Baeck corria a levar-lhe a consolação dos salmos: « Jeová é meu pastor; nada me faltará.» Àqueles que esperavam a sua vez de entrar nas câmaras de gás asfixiante, Baeck dizia: «Todos nós esperamos o dia da nossa morte. Nada sabemos ao certo sobre o que virá após a morte, mas tenham presentes as prodigiosas alternativas do alem; pode ser, como afirmou Sócrates, que a morte será um grande renascimento. Saibamos ir para a morte, pois, como a criança vai para a cama. Aceitemos serenamente essa hora de deitar, e digamos que a vida foi boa.»

Essas palavras consoladoras do rabino fortaleciam milhares dos seus companheiros de infortúnio. «Os meus judeus,» disse-me ele, «iam de cabeça levantada para a morte. Era um espetáculo prodigioso vê-los começar a sua derradeira jornada com tamanha compostura!»

Aos doentes que diariamente visitava, este lider espiritual de excepcionais virtudes levava o tônico da sua forte personalidade. «Uma boa palavra vale muitas vezes mais do que um narcótico.» E muitas vezes levava consigo não só uma boa palavra, mas até uma côdea de pão. Esfomeados como estavam aqueles judeus, havia sempre um mais necessitado de pão do que os restantes. Dizia ele por exemplo: «O ancião da barraca vizinha está enfermo, e precisa de forças. Dê-me um pouco do seu pão para ele.» Nem uma só vez lho recusaram. E quando ele levava aquele pão aos doentes ou moribundos, era mais do que como um alimento do corpo—era amor espiritual dispensado por algum ser humano, presa do sofrimento, a um seu semelhante ainda mais digno de piedade.

Nas horas mais negras do martírio dos judeus alemães, o dr. Baeck contribuiu tambem para manter acesa a chama da inteligência e da religião. Embora o ser pegado em flagrante delito de pregar representasse a morte certa, Baeck decidiu fazer alguma coisa para levantar o moral do campo. Mandava assim anunciar que faria conferências em certo alojamento. A coberto da escuridão completa, que iludia a vigilância das Tropas de Assalto, centenas de prisioneiros se reuniam para ouvir o rabino discorrer sobre Platão, Aristóteles, Espinosa e Kant. Semanas e semanas seguidas, sem recorrer a livros nem a apontamentos de qualquer espécie, este homem alimentou as almas sequiosas de seus ouvintes com as reservas inesgo-

taveis do seu saber. A multidão era tão cerrada, que era preciso içarem-no por cima das cabeças, para que ele pudesse chegar ao centro da barraca, mergulhada na escuridão.

Chegou a vez da sua terceira escapada à morte. Em abril de 1945 a população do campo decaira para algumas centenas somente. O tifo e a fome faziam estragos pavorosos. Uma noite um estranho, envergando um uniforme, veio acordar Baeck, e, depois de um minucioso interrogatório, disse com espanto: «O sr. é o rabino Leo Baeck! O seu nome está há alguns anos na lista dos mortos. Julguei que estava em presença dum fantasma!» Quem assim falava era Eichmann, o temivel substituto de Himmler, chefe supremo da Gestapo. «Vejo agora que cometemos um erro,» continuou ele. «Amanhã de manhã corrigiremos esse erro.»

Julgando, em face disto, que essa seria a sua última noite entre os vivos, o rabino Baeck sentou-se a escrever cartas de despedida a sua filha e à neta. Enquanto escrevia, ouviu troar os canhões. Quando, pela manhã, a porta se abriu, em vez de Eichmann, quem entrou foi um oficial do Exército Vermelho: «Tomamos o campo aos nazistas,» disse o oficial. «Eles fugiram durante a noite.»

Pouco depois da libertação, Baeck foi acompanhado de uma escolta ao Quartel-General norte-americano, onde o major Patrick Dolan lhe disse: «Tenho uma boa notícia a dar-lhe: recebemos autorização para o sr. ir para Londres, longe de todos os horrores entre os quais tem vivido até agora.»

Baeck concordou que gostaria de ir até Londres, para ficar na companhia da filha. «Mas,» prosseguiu, «eu não poderia abandonar o que resta do meu rebanho, numa hora como esta. Tenho que distribuir remédios pelos doentes, e comida pelos esfaimados.»

«Quanto tempo espera ter que demorar-se, então, para concluir a sua obra?» perguntou o major Dolan. «Cerca de um mês,» respondeu Baeck. «Hoje estamos a 29 de maio. Voltarei por aquí a 29 de junho para o levar cômigo,» disse o major, retirando-se em seguida.

Tenho tido a felicidade de me encontrar frequentemente com Leo Baeck no curso de sua visita aos Estados Unidos, e todas as suas palavras e ações, ainda as mais insignificantes, só têm servido para fortalecer em mim a convicção de que ele é uma das almas mais excelsas e inolvidaveis do nosso tempo.

Perguntei-lhe um dia como é que, durante os anos terriveis do nazismo, ele conseguira manter a sua fé na natureza humana, e ele replicou: «Nós, os judeus, compreendemos logo que o poder caira em mãos de criminosos. Alguns dos nossos decidiram demonstrar que a bondade do homem pode sair vencedora da brutalidade e da bestialidade.»

Sorriu, estendendo para mim os dedos nodosos, lamentavelmente deformados: «Aquí tem o resultado da crueldade nazista; mas estas mãos ainda não lhe podem revelar a história

toda. Estou-me lembrando neste momento dum pequeno cristão, um alemão, prisioneiro político, que um dia partilhou comigo a mesma cela. Tratava-me como se eu fosse seu pai, dando-me todos os dias parte da sua ração de pão e água. Nunca hei-de esquecer tãopouco uma distinta condessa cristã, de Berlim. Quando os nazistas ordenaram que os judeus só podiam comer batatas podres, essa mulher de alma nobre vinha a minha casa todas as sextas-feiras, carregando um cesto de frutas frescas e hortaliças. Ela sabia que arriscava a própria vida, mas assim mesmo persistiu no seu ato de amor cristão, até que fomos obrigados a sair da cidade.»

A coisa talvez mais impressionante a respeito deste homem, é que ele tenha sabido esquivar-se completamente ao azedume e não se queixe. Os nazistas assassinaram-lhe as quatro irmãs e todos os irmãos. «Mas não falemos disso, enquanto resta tanto por fazer no mundo,» disse ele. Essencialmente, o que Baeck julga poder fazer, é ensinar os homens e mulheres a manter viva a fé em Deus. Cada vida humana tem, de uma ou de outra forma, a sua tragédia, mas o homem pode aprender a perseverar nos caminhos de Deus, a despeito de todos os obstáculos e horrores. «Deus fez a terra, mas o homem tem agora por dever transformá-la no reino de Deus.»

O rabino Baeck é um vigilante defensor da personalidade e da liberdade humana, e sem desfalecimentos incita a humanidade, com todos os seus erros e fraquezas coletivas, a dar lugar a Deus neste nosso planeta. «Tanta gente vai por essa vida a fora enchendo a alma de memórias ignobeis!» diz ele. «Uma má-vontade aquí, um ciume ou uma baixeza alem. A verdadeira missão do homem é criar para si mesmo uma alma cheia de grandeza, de perdão, e do dinâmico fermento ético pregado por todas as religiões no que elas têm de melhor.»

O rabino Baeck resume o sentido da vida em um sucinto aforismo: «A marca da maturidade moral do homem é a capacidade de dar e receber amor—alegremente, e sem culpa.»

Nestes últimos meses o rabino Baeck me tem dado novas esperanças de que a aventura humana conseguirá ultrapassar a tirania, a guerra e a crueldade. Levando consigo as cicatrizes do pior que o homem pode infligir ao seu semelhante, Baeck permanece um pioneiro inquebrantavel e corajoso do Reino de Deus. Esta alma abrasada em fé, este contemporâneo verdadeiro de todos os grandes santos que já pisaram o pó da terra, pode-se tornar para todos nós, como o é já para mim, o antídoto do pessimismo, e a prova viva de que o homem foi criado à imagem e semelhança do Senhor.

Os PRAZERES dos sentidos passam depressa; os do coração transformam-se em tristezas; mas os do espírito permanecem conosco até o fim de nossa jornada.
—Provérbio espanhol

A mais bela realização da natureza — a vida humana — resulta duma complicada cadeia de atos interinfluentes

O milagre do nascimento

(Condensado de «Coronet»)

Por J. D. Ratcliff

DE QUE MANEIRA a célula inicial da vida se divide e subdivide continuamente, até transformar-se no trilhão de células que constituem o organismo do adulto?

Que coisa são os genes, esses fatores da hereditariedade, incrivelmente minúsculos, que determinam a côr dos olhos ou do cabelo do nascituro, tornando-o parecido, naqueles com o pai, e neste com a mãe? Quase nada sabemos a respeito deles — exceto que existem e se comportam de certo modo.

Por que motivo, ainda, é que um novo ser é concebido e gerado e se vai desenvolvendo até ao momento quase de vir à luz — e de repente expira? Esse acidente produz-se centenas de milhares de vezes ao ano, pelo mundo a fora, tornando ainda hoje muito elevado o índice dos natimortos.

Apesar de todas as suas esplêndidas realizações, a ciência moderna ainda mal começou a compreender o milagre supremo da naturêza: a reprodução do ser humano.

Para os primeiros homens que meditaram neste problema, tornava-se incompreensivel que a vida humana, do mesmo modo que a de todos os mamíferos, pudesse desabrochar de um ovo. Os ovos dos repteis e das aves eram claramente visiveis a olho nu. Como é que, então, um gigante de 80 quilos de peso podia brotar dum ovo tão pequeno, que se encontrava nos limites últimos da visibilidade?

Os alicerces básicos do nosso atual conceito da reprodução humana foram lançados nos começos do século XVII pelo inglês William Harvey, o homem que descobriu a circulação do sangue. Seu protetor e cliente, o Rei Carlos I da Inglaterra, deu-lhe um dia doze corças para que ele estudasse o problema da gestação. O sábio investigador foi-as matando uma após outra, a intervalos regulares, depois da época do acasalamento, e desse modo pôde observar o crescimento de uma vida nova a partir do embrião.

Anton van Leeuwenhoek, o precursor do uso do microscópio, foi a primeira pessoa que verificou a existência das células espermáticas no homem;

deu-lhes o nome bizarro de «animálculos» — pequenos animais. Outro cientista, tambem holandês, Reijnier de Graaf, foi o primeiro a observar os folículos, ou câmaras dos ovos, no ovário da mulher. Foi pois a partir dessas descobertas de incalculavel importância, que se tornou possivel chegar à idéia que fazemos atualmente da reprodução.

Sabemos hoje que a vida humana tem seu início nos ovários da mulher, pequenas glândulas em forma de amêndoa, suspensas por ligamentos da cavidade abdominal, e situadas a ambos os lados da pelvis; o ovário tem duas funções: produção das células chamadas ovos, e produção dos dois hormônios sexuais femininos. Está hoje demonstrado que, ao nascer, a criança do sexo feminino traz já nos seus ovários a provisão de células reprodutoras que lhe servirá por toda a vida. Ninguem conhece o seu número exato, mas certo cientista sueco chegou já a contar 420.000 nos ovários de uma mulher adulta. Ora, uma vez que a mulher produz apenas um ovo por mês, e isto somente no transcurso dos anos fecundos de sua existência, — é claro que não chega a 400 o número desses ovos celulares, em tão vasta quantidade produzidos, capazes de atingir a fase da maturidade.

A pesquisa tem revelado que a «ovulação» — ou seja, a produção e descarga dum ovo maduro — se verifica geralmente no 13.º dia após o início do ciclo menstrual. O ovo é então somente uma esferazinha com um décimo de milímetro de diâmetro. Apresenta uma pequenina «gema» e uma membrana de revestimento semelhante a gelatina endurecida. Os fluidos orgânicos vão-no arrastando pela superfície do ovário até que ele atinja a entrada afunilada de uma das trompas de Falópio — esses dois canais de sete a doze centímetros de extensão que ligam os ovários ao útero. Ao longo dessas trompas há uma densa vegetação de cílios que, com os seus movimentos, vão empurrando delicadamente o ovo por alí abaixo até ao útero, numa jornada que dura três dias.

Enquanto isso se processa, a cratera deixada no ovário pelo desprendimento do ovo, enche-se de um tecido amarelado que produz um dos hormônios sexuais da mulher — o progesteron. Esta substância infiltra-se na corrente sanguínea, e vai preparar o organismo para a importante função da gravidez. Vai aquietar as contrações rítmicas do útero, orgão musculoso, para que o pequeno ovo não seja dele expulso. Vai tambem engrossar as paredes desse orgão, multiplicando enormemente a sua complicada rede de glândulas e vasos sanguíneos — afim de nutrir o pequeno ser vivo que talvez não tarde a constituir-se alí. Se a gravidez não se produz, esse excesso de tecidos, agora inuteis, é expulso. E, um mês depois, todo o ciclo se repete.

Para cumprir o seu destino, o ovo deve ser fecundado, ainda na trompa de Falópio, pela célula reprodutora masculina, o espermatozóide. Nas duas glândulas reprodutoras masculinas encontram-se cerca de mil canais — cada um deles com a espessura de um deli-

cado retrós de seda, e com cerca de 90 centímetros de comprimento—que funcionam como coletores das células espermáticas. Esses canais abrem-se em outro mais amplo—o epidídimo, com 6 metros e meio de comprimento, que está enrolado em volta de cada uma das glândulas. O epidídimo, por sua vez, despeja em outro tubo, o canal deferente. As contrações musculares desse tubo vão obrigando as células espermáticas, vindas dos canais coletores, a recuar para o epidídimo, onde ficam armazenadas. Todo esse processo dura quinze dias, e, findo ele, as células atingiram a maturidade.

As células masculinas são tão incrivelmente pequenas, que em uma simples descarga se podem contar 225 milhões delas, isto é, potencialmente o bastante para povoar de uma só vez todo o continente norte-americano! Metade delas contem cromosomas Y, produtores de filhos do sexo masculino, e outra metade contem os cromosomas X, criadores de bebês do sexo feminino. Uma vez que as células germinativas femininas encerram somente cromosomas X, o organismo da mulher não tem intervenção alguma na determinação do sexo do filho que gera. Se a célula feminina for fecundada por um espermatozóide portador do cromosoma Y (macho), o nascituro será um menino; se o for por um espermatozóide portador do cromosoma Y, a mulher dará à luz uma menina.

Uma vez lançados os espermatozóides no útero da mulher, parece não haver obstáculos que não se lhes atravessem no caminho. Primeiro, já o próprio tamanho é uma dificuldade: são com efeito as células mais diminutas de todo o organismo humano. Coleando rapidamente como minúsculos girinos, vêem-se forçados a transpor uma distância enorme, em média cerca de 15 centímetros; na melhor das hipóteses, levam três minutos para percorrer um centímetro. São forçados, entretanto, a lutar contra verdadeiras «correntes» ou marés impetuosas, que resultam do fluxo dos humores normais do organismo. Debatem-se para romper caminho por entre resíduos de tecidos, que são como obstruções montanhosas atravessadas no seu caminho.

Dezenas de milhões de células masculinas morrem assim de exhaustão, antes do termo da jornada; outras são sufocadas por secreções hostís. Quanto tempo podem sobreviver, é coisa que ninguem sabe. Têm-se encontrado em ratas algumas células vivas ao fim de 17 horas, e em cobaias, 41 horas depois da cópula. Três dias parece ser o máximo que elas poderão resistir no ser humano.

Mesmo quando conseguem vencer todos esses obstáculos, metade, aproximadamente, das células reprodutoras masculinas darão entrada na trompa de Falópio onde nada as espera, ou seja, naquela que não contem nenhum ovo. Mas, ainda depois de terem alcançado o ovo, os espermatozóides encontram dificuldades. Só pelo estudo dos animais inferiores, e por conjeturas, pode-se imaginar o que então sucede. Um certo número de células espermáticas «atacam» o ovo, relativamente enorme, que projeta delicados prolongamentos com que repele as células indesejaveis. Depois, com uma sabedoria de que guarda ciosamente o segredo, o ovo parece decidir-se a aceitar um dos seus atacantes. E aí, no ponto do ataque, a membrana protetora do ovo como que fraqueja, para permitir a penetração do agressor.

As probabilidades de triunfo desses briosos cavaleiros errantes da vida são muito fracas: andam por 1 contra 225 milhões! O dr. Alan Frank Guttmacher, do Johns Hopkins Hospital, afirmou: «O bebê engendrado pela célula germinativa tem mais probabilidades de vir a ser Presidente dos Estados Unidos, do que a própria célula tinha, de vir a ser bebê.»

Muito embora, normalmente, as mulheres só produzam uma célula germinativa por mês, se houver mais do que uma, está aberto o caminho para a gestação múltipla. A frequência de gêmeos duplos é de um caso para 87 nascimentos; a dos tríplices, de um caso para 7.500. Em casos tais, a progênie resultante não é idêntica. Os gêmeos duplos ou tríplices idênticos são o resultado da divisão de uma só célula feminina.

Tão depressa o espermatozóide consegue penetrar no ovo, começa a atividade da vida. O ovo fecundado desloca-se da trompa de Falópio para ir procurar novo abrigo no útero. Tendo escolhido alí seu ninho, começa a segregar um fluido digestivo que corrói ou devora o tecido circundante, de modo a escavar um pequeno nicho na parede macia desse orgão. Depois emite uma raiz microscópica que procura firmar o pé, e começa a formar-se uma pequena bolha cheia de fluido.

Essa bolha apresenta um revestimento formado de três camadas: o ectoderma, ou membrana externa, que se destina a constituir o sistema nervoso, a pele, o cabelo e as unhas; o endoderma, ou camada interior, que evoluirá de maneira a transformar-se em vias respiratórias, aparelho digestivo e glândulas a ele associadas; e o mesoderma, ou camada intermédia, que se desenvolve em ossos, tendões, músculos e vasos sanguíneos.

Ao cabo de um mês, já essa trouxinha de vida em formação possui seu próprio sistema circulatório, distinto do da mãe. Através da membrana que o envolve, a placenta, ele recebe o alimento que lhe vem do sangue materno. Nessa fase de desenvolvimento, só a vista mais penetrante poderia distinguir o ser humano, que alí se está formando, do embrião de qualquer outro animal.

Daí em diante o drama do crescimento do embrião prossegue num ritmo vertiginoso. Pelo fim do segundo mês o feto já mede quase três centímetros de comprimento. Ao cabo do terceiro mês cresceu para cerca de oito centímetros, e começa a formar-se-lhe a estrutura óssea. Nesse ínterim, o organismo da mãe foi desenvolvendo uma série de tecidos infinitamente complexos, para nutrir o embrião. Os tecidos musculares afrouxam para ceder às exigências de espaço do feto, cada vez maiores, e a pelvis assegura-lhe uma espécie de berço de proteção. Pelo fim do sexto mês o feto já tem

uns 25 a 35 centímetros de comprimento. Durante o sétimo mês da gestação, dissolve-se a membrana que até então cobria os olhos do bebê. Este apresenta-se revestido duma substância gordurosa, que é um esforço de proteção contra o meio líquido em que ele está suspenso.

Por essa altura já o embrião é capaz de se mover. Contrai e distende os músculos, procura posições mais confortaveis. Se nasce nesta fase da gestação, já tem boas probabilidades de viver, desde que lhe sejam dispensados os melhores cuidados. Mas a natureza ainda lhe concede mais dois meses de residência no ventre materno, como medida de segurança, e ao cabo de 280 dias o ciclo atingiu o seu termo. Está o bebê pronto para nascer.

O corpo da mulher reage automaticamente. As vias do parto mostram-se providas de um lubrificante especial, destinado a facilitar a passagem do bebê para o exterior. A boca do útero abre-se, e os ligamentos da pelvis afrouxam. O próprio útero, que, sob a influência do progesteron, se deixou ficar quieto durante nove meses, prepara-se agora para alijar a sua carga de longos meses e começa a contrair-se.

Assim chega o processo ao termo. Uma série fantasticamente complicada de operações que reagem entre si, cada uma delas perfeitamente sincronizada com as outras, afim de produzir a obra mais perfeita e delicada da natureza—uma nova vida humana.

Avisos da atualidade

UM CARTAZ à porta de uma loja de Hollywood anuncia *soutiens* assim: «Inflação a preço módico.»

—Erskine Johnson, NEA

CANSADO de ver as infrações às regras de estacionamento de carros, o dono de uma garage pôs o seguinte aviso à porta do estabelecimento:

Estacione aquí
e pague à Polícia

—Colaboração de Jack Gow

À PORTA de uma loja de Boston notava-se um cartaz assim redigido: «Precisa-se de um empregado inteligente. Mas não muito.»

—T.D.F. no *Citizen* de Ottawa

UM PROFESSOR de Nova York, aborrecido com os estudantes que estavam sempre atentos à hora, colocou um papelão sobre o mostrador do relógio, no qual havia estes dizeres: «O tempo passa... e vocês, passarão nos exames?»

—Colaboração de A. J. Rinaldi

MÚSICA NAS ESCOLAS

(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*)

Rufus Jarman

HÁ 25 ANOS, havia poucas bandas de música nos ginásios dos Estados Unidos. Hoje, 30 mil deles têm bandas e 35 mil possuem orquestras, com quase 3 milhões de alunos.

Esse surto vertiginoso da música nas escolas chega a assombrar até alguns dos responsaveis pelo fenômeno, —entre eles Carl D. Greenleaf, presidente da firma C. G. Conn, Ltd., de Elkhart, no Indiana, o maior fabricante de instrumentos de banda em todo o mundo.

Greenleaf, que fora moleiro de trigo, nada entendia de fabricação e venda de instrumentos musicais quando adquiriu, em 1915, a antiga e conceituada firma Conn, mas não via motivo por que o comércio de contrabaixos e fagotes não obedecesse às mesmas sólidas praxes que o da moagem de farinha.

Por essas alturas, o mundo da música fora invadido por uma inovação sensacional: o saxofone. Por esta ou aquela razão, o público empolgou-se pela ambição de possuir esse instrumento. Antes que a vaga de entusiasmo se dissipasse, haviam sido vendidos 500 mil saxofones, e os fabricantes, estimulados por Greenleaf, haviam conseguido um novo mercado para a venda de instrumentos de todo tipo: as escolas públicas.

Greenleaf dispôs-se astutamente a popularizar as bandas escolares, tendo em vista as futuras vendas de tambores e instrumentos de sopro. Achava que a música era antipática a tantas crianças porque se associava, na mente juvenil, à tortura de estudar

individualmente o piano ou o violino. Acreditava que o ginasiano gostaria da música se a pudesse tocar em conjunto, com os colegas, na banda, e que o melhor meio de atrair atenção seria instituir concursos musicais entre todos os ginasianos dos Estados Unidos.

Tais concursos tiveram expressão máxima em Evansville, em 1933, numa reunião de que participaram 74 bandas escolhidas, com um total de 5 mil músicos. Os campeonatos de âmbito nacional avultaram de tal forma que já não eram práticos, sendo então substituidos por campeonatos regionais, que já chegaram a atrair, de uma feita, 375 bandas constituidas por 45 mil executantes.

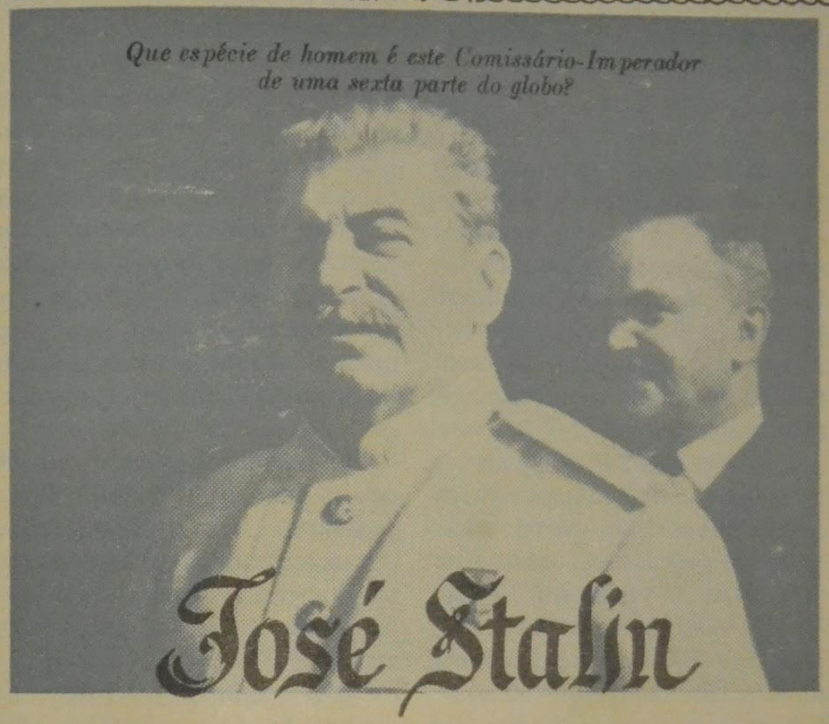
Em 1927, quatro anos depois do primeiro concurso nacional, a National Education Association propôs que a música fosse equiparada, nas escolas, às outras disciplinas. Esse ato foi aclamado como a Carta Magna da música nas escolas públicas, e os educadores hoje crêem que as bandas são tão importantes, para as escolas, quanto a algebra ou os esportes.

A habilidade dos vendedores da fábrica Conn constituiu importante fator no desenvolvimento da música de banda nas escolas. Um vendedor da Conn, escolhendo uma cidade de 10 mil habitantes no máximo, convocava uma reunião de alunos e de pais e fazia-lhes uma preleção eloquente. Depois escolhia, dentre os assistentes, um rapaz que nunca tivera nas mãos um instrumento musical, fazia-o sentar-se no palco, de costas voltadas para a assistência, afim de evitar o nervosismo e, dalí a 15 minutos, o jovem já tocava um trecho de uma canção patriótica.

O vendedor conseguia, em geral, arrolar para a banda 10 por cento do corpo discente. Os pais alugavam os instrumentos a 15 dólares cada, pelo prazo de um mês e meio, a título de experiência, e um instrutor, fornecido pela firma, dava lições uma vez por semana. Visto que o sistema Conn dispensava o estudo de escalas fastidiosas e se baseava na execução imediata de melodias populares, a banda, naquele período de mês e meio, aprendia meia dúzia de peças simples. Quando os pais ouviam a nova banda irromper em canções familiares, correspondiam com ovações raramente igualadas em qualquer conservatório.

Durante o primeiro ano da campanha de vendas, menos de sete por cento das escolas que haviam concordado em fazer a experiência devolveram os instrumentos.

A seção de pesquisas da Conn iniciou, recentemente, experiências no setor, quase ignoto, do som e da harmonia. Os diretores dessa empresa acham que, como consequência, seus técnicos conseguiram reduzir a uma ciência exata a produção de sons musicais. Agora, como observou há pouco um perito da firma Conn: «se alguem ambiciona possuir um instrumento cujo timbre pareça o grito de uma ave, basta-nos gravar esse grito, sentar-nos à mesa munidos de lapis e papel e analisar os sons harmônicos, para sabermos que espécie de instrumentos devemos fabricar.»



(*Condensado de «Look»*)

Por Louis Fischer

José Stalin é hoje o homem mais poderoso do mundo. Sua palavra, um aceno de sua cabeça, constituem a lei para 190 milhões de cidadãos soviéticos. Alem disso, desde 1939 este autocrata de todas as Rússias tem edificado pouco a pouco um vasto império que inclui a Estônia, a Látvia, a Lituânia, a Polônia, a Tchecoslováquia, a Romênia, a Bulgária, a Hungria, a Iugoslávia e a Albânia. Stalin é, pois, comissário-imperador de um reino que se estende desde a Noruega ao Pacífico, e desde o Ártico até o Adriático. Uma sexta parte da terra lhe rende preito de lealdade.

Acrescente-se ainda que, nos mais longínquos recantos do universo—em Java e no Chile, em Nova York, em Bombaim, na

China e na Inglaterra—milhões de stalinistas «viram a casaca» de harmonia com as diretrizes dele emanadas, e, para servir os seus objetivos, têm desencadeado greves e insurreições.

Que tipo de homem é ele?

Stalin dá à maioria das pessoas a impressão de ser um homem de pequena estatura. Tem 1,65 m de altura, os ombros descaídos e o pescoço curto. Seu braço esquerdo é visivelmente mais curto que o direito. Com o decorrer dos anos tem adquirido certa corpulência, mas ainda conserva a agilidade de movimentos.

Durante os 14 anos que passei na Rússia Soviética, tive muitos ensejos de ver Stalin. A melhor oportunidade que se me ofereceu para observá-lo, foi por ocasião da entrevista de seis horas e um quarto que ele concedeu a um grupo de professores e líderes trabalhistas americanos, e a que eu assistí. Durante toda essa entrevista ele não saiu da sala uma só vez, não recebeu nem enviou uma mensagem. Não havia telefone na sala. Isolara-se propositadamente de tudo e de todos, e organizara o seu programa de trabalho de modo a entregar-se por completo às visitas. Essa concentração é um traço característico de Stalin.

Quando chegamos, deu-nos um aperto de mão capaz de rachar-nos os ossos. Envergava uma túnica civil caqui, e as calças, tambem caqui, estavam metidas dentro de botas altas, de couro preto, que chegavam quase ao joelho. Stalin tem a testa baixa e recuada. A pele de seu rosto apresenta grande número de sinais de varíola, fundos e redondos. O cabelo e o bigode eram então bastos, emaranhados e negros. Adquiriram depois um tom grisalho, e estão hoje mais ralos. Ao sorrir, mostrava uns dentes curtos, muitos deles enegrecidos ou revestidos de ouro. O nariz é volumoso e comprido.

Stalin tem olhos manhosos. As pálpebras pesadas, as sobrancelhas carregadas, e uma espécie de película úmida que os reveste, parecem como que feitas de propósito para vedá-los à inspeção dos estranhos, enquanto verrumam os olhos do interlocutor. «Aonde é que este homem quer chegar?» parecem inquirir os olhos de Stalin. São bem os olhos de um caçador sempre consciente de que enfrenta uma presa perigosa, os olhos de um mercador que cisma se é ou não é chegado o momento de concluir a barganha. Quando ele sorrí, o seu sorriso não é caloroso.

Stalin não sabe usar a varinha mágica do magnetismo pessoal para cativar ou encantar o próximo. Não é nem brilhante nem magnético. Mas, à medida que falava, no correr dessa entrevista de muitas horas, foi aumentando o nosso respeito pela sua força de vontade. Impressiona a gente da mesma maneira pela qual consolidou a sua posição política: aos poucos, com método, peça por peça. Talvez seja por isso que Stalin prefere as entrevistas prolongadas. Parece empenhado em impedir que o visitante se vá embora antes de ele ter tido tempo de «arquitetar» a desejada impressão. A Elliott Roosevelt concedeu duas horas, três a Willkie, quase três a Eric A. Johnston, quando este era presidente da Associação Comercial dos Estados Unidos; e seis a Harry Hopkins.

O chefe do governo soviético mandou traduzir para o russo as nossas perguntas, pois não compreende nenhum idioma estrangeiro. As suas respostas foram sólidas, simples, e chãs. Não tem o dom do epigrama espirituoso, nem o da figura de retórica. A sua arma natural é o martelo, e não o espadim...

Durante essa longa entrevista, a voz de Stalin manteve-se calma, e todo o seu comportamento revelou nele o «Homem de Aço»—alcunha que os seus camaradas revolucionários lhe deram há muitos anos.

A grande força de José Stalin reside na sua capacidade de interpretar homens e acontecimentos. Não dispõe de um rico fundo de conhecimentos, mas aprendeu aquilo que todo chefe político deve saber: como conquistar e conservar o poder.

Na Conferência de Ialta, em fevereiro de 1945, Stalin procurou convencer Roosevelt e Churchill de que ele, tal como os outros chefes de governo, tinha que acatar a opinião pública e os pontos de vista de seus subordinados. Foi isso que deu asas ao mito de que, no Politburo, Stalin, o «moderador», tem que se haver com uma oposição «extremista». Esse mito deu bom resultado, pois permitiu a Stalin dizer aos representantes das nações estrangeiras: «Os senhores têm que me dar o que eu peço, pois do contrário os exaltados do meu governo vão impor-me a sua vontade, e exigir muito mais.»

Na realidade, o poder de Stalin é absoluto. A técnica dele consiste em reduzir à pequenez até mesmo o maior dos homens. Pouco depois da conquista de Berlim, em 1945, pelo Marechal Jukov, o General Eisenhower homenageou o comandante soviético com um banquete, em Frankfort. Por essa ocasião teve lugar a conversa seguinte:

Jukov: «Temos no nosso território algumas fábricas alemãs de petróleo sintético, mas ainda não conseguimos pô-las em funcionamento. Alguns dos meus técnicos poderiam vir até aquí, para ver como é que os senhores puseram as fábricas desta zona em funcionamento?»

Eisenhower: «Claro, pode mandá-los. Nós lhes mostraremos como isso se faz.»

Jukov (em tom de surpresa): «Então o General não precisa pedir licença ao seu governo?»

De vez em quando verificam-se choques de opinião nos altos círculos dirigentes da União Soviética. Aliás, há ocasiões em que o próprio Stalin provoca esses choques. Os atritos interiores obrigam as fações rivais a solicitar o juizo final do Chefe. Uma vez pronunciada a sentença, não se toleram mais perguntas, críticas, nem des-

* Louis Fischer viveu 14 anos em Moscou, na vigência do regime soviético. É autor de vários livros sobre a Rússia, um dos quais, *The Soviet Union in World Affairs* (A União Soviética nos Assuntos Mundiais), serve de texto em algumas universidades dos Estados Unidos.

vios. Em todas as ocasiões, Stalin tem que ser infalivel, inatacavel, onisciente e onipotente: um homem no cume de um monólito.

Numa democracia como os Estados Unidos, Stalin poderia ter atingido a situação de caudilho político, de magnata industrial de alta tensão, ou de salteador. Numa ditadura sanguinolenta, ele é o Primeiro Ministro, o *Vozhd*, ou Chefe. A ditadura soviética permitiu a Stalin dar expressão máxima aos seus recalques, invejas, conflitos internos, e dolorosas inferioridades que alimentaram a chama da sua personalidade desde a juventude.

STALIN nasceu a 21 de dezembro de 1879, na cidade de Gori, nas montanhas da Geórgia. Seu nome real é Josif Vissarionovich Djugashvili. Seu pai, um pobre sapateiro, bebia muito, e o nome dele raras vezes figura nas biografias oficiais de Stalin. A mãe, filha de um servo, era uma cristã devota que sonhava fazer do filho sacerdote. Mandou-o à escola local, que preparava os jovens em matéria religiosa, e mais tarde matriculou-o no seminário teológico de Tiflis, capital da Geórgia. Daí a pouco os revolucionários clandestinos o recrutaram; o estudante de teologia abandonara Deus e Jesús, a favor de Marx e Lenin. Ficou, porem, no seminário ainda cinco anos, até que foi finalmente expulso a 29 de maio de 1899.

Daí em diante, Stalin consagrou todo o seu tempo, a sua excepcional capacidade organizadora e vibrante energia, à obra de criar grupos políticos entre os operários, angariar membros para o Partido Bolchevista, lançar greves contra os capitalistas e o Czar, e treinar os trabalhadores nas táticas da insurreição. Quando a polícia o deportou para a Sibéria, ele não tardou a escapar, retomando o caminho do Cáucaso. Numa ocasião em que faltava dinheiro aos revolucionários, ele e alguns cúmplices roubaram um banco. Graças aos seus talentos, Stalin ocupava, com menos de 30 anos de idade, o lugar mais alto no ramo caucasiano do Partido Bolchevista. A sua tática era sempre simples e concreta. Em 1905, durante a insurreição popular que abalou a Rússia, Stalin declarava numa reunião de trabalhadores: «Que é que nos falta para vencermos? Três coisas: a primeira, armas. A segunda, armas. A terceira, armas e mais armas!»

(Essa feição mental persistiu. Em maio de 1933 Pierre Laval, então Primeiro Ministro da França, durante as suas negociações com Stalin, em Moscou, implorou que a U.R.S.S. adotasse uma atitude mais tolerante para com os católicos. «Isso me ajudaria muito nas negociações com o Papa,» explicava Laval.

«Ah!» exclamou Stalin, «o Papa! E quantas divisões tem ele?»)

O partido enviou-o a congressos na Finlândia em 1905, Estocolmo em 1906, e Londres em 1907. De todas as vezes ele demorou-se pouco no estrangeiro.

Na Geórgia, terra natal de Stalin, a vendeta de sangue continuava respeitada como tradição medieval; o inimigo era acossado até a morte. Stalin transferiu para a política essa tradição da vingança de sangue. A presença de um adversário evocava nele todos os seus recursos latentes de audácia, ferocidade e ódio. Os bolchevistas aplaudiam-no, mas a polícia secreta do Czar o perseguia. Por isso Stalin passou os anos de 1913 a 1917 nos confins silenciosos e deshumanos da Sibéria.

Quando os partidos moderados do Centro, chefiados pelo Príncipe Lvov e Alexandre Kerensky, forçaram Nicolau II a abdicar, em março de 1917, Stalin e toda uma hoste de camaradas foram postos em liberdade e dirigiram-se para a capital do país.

Lenin, ao chegar da Suiça à estação de São Petersburgo, subiu num carro blindado e abriu um ataque violento contra o novo governo democrático, por manter a Rússia na guerra e não ter introduzido reformas radicais; exigiu um novo governo, um governo soviético. Stalin colocou-se do lado dele, e, daí em diante, concordava com Lenin quase invariavelmente.

Trotsky regressou dos Estados Unidos e Lenin o escolheu para seu colaborador mais chegado, ao tramar a queda de Kerensky. Stalin recebeu um posto importante, mas, em todo caso, secundário: e isso fê-lo sofrer. Ele bem conhecia as suas deficiências. Lenin, um pensador brilhante, foi quem plasmou a estratégia da revolução. Trotsky era um formidavel orador, e um organizador dinâmico. Zinoviev influenciou milhões de compatriotas com suas arengas demagógicas; fora companheiro constante de Lenin. Stalin deve ter-se sentido pouco à vontade na companhia desses «gigantes» bolchevistas, homens de vasta cultura cosmopolita e de ampla reputação. Ele, Stalin, não escrevera livros; não era orador; aliás, falava o russo com um carregado sotaque georgiano. Não conhecia o mundo lá por fora. Mas, assim mesmo, trabalhou com tenacidade e eficácia para organizar a conquista do poder pelos bolchevistas—a 7 de novembro de 1917.

A RIVALIDADE entre Stalin e Trotsky começou pouco depois da instalação do regime soviético, e tornou-se o maior duelo do século XX entre dois homens. Plasmou a história da Rússia Soviética por muitos anos, e chegou a desfigurar a maré dos sucessos mundiais. Stalin começou com numerosas desvantagens, mas acabou vencedor.

Numa reunião do Politburo, Trotsky foi condecorado com a Ordem da Bandeira Vermelha, pela sua obra na defesa de Petrogrado (São Petersburgo) contra os anti-bolchevistas. Leo Kamenev, primeiro-ministro adjunto, subordinado a Lenin, sugeriu que a mesma condecoração fosse conferida a Stalin.

«Por quê?» exclamou Mikhail Kalinin, mais tarde presidente da União Soviética.

«Então não compreende?» disse Bukharin. «Foi idéia de Lenin. Stalin morre de desgosto se não lhe dão o mesmo que dão ao próximo. Não pode perdoar.»

Trotsky e Stalin faziam ambos parte do Politburo do Partido Comunista

Russo. Lenin, que presidia às sessões, observava a hostilidade crescente entre os dois. Trotsky era o herói do Exército Vermelho, o ídolo da juventude soviética, objeto de especial adoração por parte dos intelectuais. Stalin era o secretário geral do Partido Comunista, a usina geradora do poder na Rússia. Trotsky era capaz de arrebatar, com seus discursos, uma multidão de ouvintes. Mas Stalin dava ordens aos milhares de funcionários de todas as cidades e aldeias, funcionários que faziam girar as engrenagens do governo. Estava construindo uma gigantesca máquina política.

Quando Lenin morreu, em janeiro de 1924, Stalin sucedeu-lhe contra a vontade de Lenin. Já em dezembro de 1922, quando convalescia de seu primeiro ataque, Lenin escrevera o seu testamento, em que fazia advertências contra Stalin. «O Camarada Stalin,» escreveu ele «tendo-se tornado secretário geral do Partido, concentrou em suas mãos um poder enorme, e eu não sei se ele será sempre capaz de fazer uso desse poder com a necessária cautela.»

Alguns dias depois escrevia este posescrito: «Stalin é demasiado rude. Assim, proponho aos camaradas que encontrem uma fórmula para afastá-lo daquele posto (de secretário geral), e de nomear outro que... seja mais paciente, mais leal, mais delicado e atencioso com os camaradas, menos caprichoso.»

Para fazer-se ditador soviético, Stalin teve que vencer o tremendo obstáculo do parecer contra ele, expresso no testamento de Lenin. Teve que eliminar Trotsky, lugar-tenente imediato de Lenin; e, alem disso, foi obrigado a remodelar a Rússia inteira, à sua própria imagem e semelhança. O fato de o ter conseguido é uma prova da sua vontade de ferro, da sua ânsia irresistivel de dominar e destruir, da sua capacidade fenomenal para a intriga e a deslealdade, da sua intolerância em relação a iguais ou superiores, e da sua sede insaciavel de vingança—em suma: da sua aptidão para ser ditador.

O segredo do triunfo de Stalin, na Rússia, e no estrangeiro, encontra-se na tranquilidade com que ele sacrifica pessoas, princípios e verdades. As alianças foram feitas para serem quebradas; a amizade não tem significado real; descarta-se dos homens desde o momento em que serviram seus propósitos; os fins são tudo, os meios não importam.

Stalin iniciou sua campanha para ocupar o lugar de Lenin, ainda antes da morte deste. Formou um triunvirato com Zinoviev e Kamenev; o trio trabalhou com tamanha habilidade por trás dos bastidores, que, quando o congresso nacional do Partido Comunista se reuniu em Moscou, cinco meses após a morte de Lenin, Trotsky não encontrou do seu lado um único delegado; nem sequer conseguiu ele mesmo ser eleito delegado.

Mas Trotsky gozava, em todo o país, de tremenda popularidade e prestígio. Por isso Stalin o foi destruindo aos poucos, num drama de repercussão mundial que começou em Moscou, em 1923, e terminou no México,

em agosto de 1940, quando um assassino cravou seu ferro de alpinista no crânio de Trotsky. Tendo arquitetado seu plano até o último pormenor, Stalin mandou finalmente prender Trotsky em 1929, e baniu-o para o longínquo Turquestão Soviético. Depois disso, perseguiu-o através da Europa—da Turquia para a França, da França para a Noruega. Na Noruega os agentes de Stalin lhe fizeram da vida um pesadelo, e Trotsky resolveu partir para o México, onde mais tarde foi assassinado.

Stalin fizera um pacto com Zinoviev e Kamenev para esmagar Trotsky. Mais tarde, fez uma aliança com Bukharin, Rykov e Tomsky para eliminar Zinoviev e Kamenev. Depois disso, Stalin mandou executar Bukharin e Rykov. (Tomsky suicidou-se antes que pudessem prendê-lo.)

O Generalíssimo segue sempre esse sistema. Subsequentemente ao pacto soviético-nazista, de agosto de 1939, a propaganda de Moscou acusou continuamente as potências ocidentais de terem forçado a Alemanha a fazer a guerra. Mas isso não impediu que Stalin declarasse, a 1.º de maio de 1945: «A (Segunda) Guerra Mundial foi lançada pelos imperialistas alemães.» Stalin é tão inconstante em relação aos fatos, quanto em relação aos camaradas.

O expurgo é uma condição característica e permanente da Rússia de Stalin. Durante mais de dez anos, Heinrich Yagoda, o homem de confiança de Stalin, foi chefe do GPU, a polícia secreta dos sovietes. Depois, no célebre julgamento de Moscou, em março de 1938, o próprio Yagoda foi acusado de ter sido agente secreto do estrangeiro, e traidor, enquanto chefiava o GPU. O julgamento foi obra de Yejou, o novo dirigente do GPU; depois Stalin expurgou o próprio Yejou, que expurgara Yagoda, que expurgara Zinoviev, Kamenev e Trotsky...

Os expurgos são o processo que Stalin adota em lugar das eleições democráticas. As eleições livres fazem lembrar aos membros dos orgãos executivo e legislativo de um governo que o seu poder provem do eleitorado; os expurgos fazem lembrar aos sobreviventes que a sua autoridade provem do autocrata.

Alem disso, os expurgos são o mecanismo que põe Stalin ao abrigo de toda responsabilidade. Quando alguma coisa corre mal, põe-se na rua um subordinado: a culpa é dele, e não de Stalin. Um dos objetivos dos julgamentos de Moscou foi persuadir o público soviético de que os réus, e não Stalin, é que eram responsaveis pelas carências, pelas catástrofes ferroviárias, pelas epidemias do gado cavalar e bovino, e pelos outros desastrosos efeitos da administração moscovita.

Em 1929, ao contrário do que indicava o seu próprio bom-senso, as autoridades locais executaram a ordem do Kremlin no sentido da coletivização agrária a todo o vapor. Depois, a 2 de março de 1930, quando os camponeses se manifestaram enraivecidos com os excessos dos funcionários de categoria inferior, Stalin publicou um artigo

intitulado: «Ébrios de Êxito», no qual culpava esses mesmos indivíduos que, obedecendo à vontade dele, haviam cometido os excessos. Assim Stalin se apresentou como protetor dos camponeses.

Stalin tem privado de poder não só os indivíduos, mas tambem os próprios orgãos do governo. O Partido Comunista Soviético foi em tempos o orgão político mais importante da Rússia. De 1918 a 1925, a despeito da guerra civil, da fome e da desorganização econômica, o partido reunia-se em congresso uma vez por ano. Depois, Stalin fez-se ditador. O Décimo-Quinto Congresso do Partido reuniu-se em 1927, após um intervalo de dois anos. O Décimo-Sexto Congresso reuniu em 1930; o Décimo-Sétimo em 1934; o Décimo-Oitavo em 1939. A partir dessa data não houve mais congressos: o Partido renunciou a sua autoridade a favor de Stalin.

Do mesmo modo, os sindicatos operários da U.R.S.S., que antes realizavam congressos anuais, não se têm reunido desde 1932. São agora organizações *pro-forma*, no papel. Por um processo semelhante de deshidratação política, os Sovietes, o Comintern, os departamentos do governo, e todas as entidades sociais, profissionais, culturais e políticas da Rússia Soviética, foram privados da independência e convertidos em carimbos de borracha na mão do Grande Pai Vermelho.

Até há pouco, Stalin não só se limitava apenas a fiscalizar a política e a economia internacionais e nacionais da U.R.S.S. em todos os seus aspectos; achava tempo até para censurar romances, filmes e peças de teatro, e mesmo para se embrenhar no campo da música, onde é um amador sem preparo. Quando foi assistir à representação de *Lady Macbeth de Mtsensk*, uma ópera de Shostakovitch, a obra não lhe agradou. Fazia dois anos que essa peça era posta em cena, na maioria das cidades soviéticas, e sempre com a casa à cunha. Todos os comentários dos jornais eram cheios de entusiasmo. Mas Stalin achou que ela não tinha melodia bastante para o seu gosto. Prefere os ritmos populares, e a música dessa ópera era complicada. Por conseguinte, mandou chamar David Zaslavsky ao seu gabinete, e daí a poucos dias Zaslavsky publicava no *Pravda* um artigo em que castigava tanto a ópera como o autor, Shostakovitch. A *Lady Macbeth* foi sumariamente banida dos palcos. Os críticos que haviam louvado a ópera, passaram a atacá-la nos termos mais extravagantes. O mau gosto de Stalin impedia esses críticos de se conduzirem como pessoas de bom gosto.

DETENTOR do poder sobre a vida, a morte e a criação artística, que mais podia exigir José Stalin? Louvores!

Efetivamente, merecia muito ser louvado. À força de suas vergastadas e empurrões, a Rússia Soviética edificou cidades novas e expandiu a produção industrial. Seu braço forte impôs a coletivização e mecanização da agricultura, que por sua vez arregimentou os camponeses, e tornou possivel um aumento da produção agrícola. Robusteceu enormemente as forças armadas da nação. Sob o seu governo, foram inauguradas novas universidades, centros médicos, sanatórios, institutos técnicos, academias militares, ginásios, escolas primárias e jardins de infância. Na qualidade de primeiro Comissário Soviético das Nacionalidades, ele instituiu o programa de autonomia cultural para as minorias nacionais não-russas, em número superior a cem. E, finalmente, Stalin conduziu a Rússia à vitória sobre a Alemanha.

Era justo que Stalin fosse louvado por tantas realizações, e tem-no sido, até ao máximo. Mas queria mais: queria ser glorificado. Assim, há quase 20 anos Stalin vem sendo alvo de uma abjeta adulação e de lisonjas açucaradas que bastariam para dar náuseas a qualquer pessoa de estômago normal. «Nosso querido Pai, amigo e mestre, nosso orgulho e glória, o Grande Stalin,» escrevia o diário moscovita *Trud* a 26 de janeiro de 1939—uma expressão que é repetida praticamente em todas as edições de todos os jornais e revistas soviéticas. «O grande cientista do nosso tempo,» dizia a revista mensal *Bolshevik* em julho de 1945. «Sem Stalin,» exclama o diretor de *Izvestia*, orgão do governo, «ninguem pode compreender nada, ou escrever seja o que for de interesse.» «Só Stalin conseguiu decifrar e exprimir plenamente certas doutrinas de Aristóteles,» afirmava a *Frente Cultural*. «Perguntem-me,» escrevia o falecido Kalinin, «quem melhor conhece o idioma russo, e eu responderei: Stalin.»

Na Rússia de Lenin existia um código bolchevista, não escrito mas rigoroso, contra o endeusamento de qualquer indivíduo. Stalin inverteu esse código. Foi dado o seu nome a onze cidades soviéticas grandes e médias. São elas: Stalin, Stalingrado, Stalinogorsk, Stalinabad, Stalinir, Stalinaul, duas chamadas Stalinsk, três chamadas Stalino. A Constituição é a «Constituição de Stalin». O Plano Quinquenal é o «Plano Stalin». O nosso tempo chama-se a «Era de Stalin». Stalin conferiu-se a si mesmo o título de Marechal. Mas, não contente com essa designação, promoveu-se ao grau de «Generalíssimo». As crianças da União Soviética aprendem a recitar; «Muito te agradecemos, Camarada Stalin, pela infância feliz que nos deste.» A Stalin se agradece por tudo o que na Rússia tem tido êxito.

Milhares de estátuas, bustos, placas e estatuetas de Stalin têm sido executadas na Rússia, a despeito da falta de materiais. Milhares de fotografias, com a altura de um prédio, e milhões de fotografias menores, do *Vozhd*, têm sido distribuidas na Rússia, e, agora, nos paises satélites.

Na Tchecoslováquia, as escolas, os escritórios e as fábricas ostentam geralmente o retrato de Stalin, e sua efígie foi estampada num novo selo postal da Hungria. Uma fotografia de Stalin está pendurada com destaque—por cima de um modelo de metralhadora—no gabinete de Tito, o Pequeno Stalin dos Balcãs, e nos gabinetes dos outros ditadores comunistas da Europa Central. Carroças cheias de retra-

tos de Stalin constituiram o primeiro presente ao povo da Polônia, por parte do vitorioso exército russo. Uma carta em louvor do Generalíssimo Stalin foi assinada por 2.500.000 cidadãos da República de Kazak. Este estado asiático tem seis habitantes por milha quadrada; é dificil imaginar quanto trabalho e quantas viagens não foram necessárias para coligir 2.500.000 assinaturas. Tudo indica que Stalin gosta de receber cartas desse gênero, pois, se assim não fosse, ele podia pôr termo a esse hábito. Podia acabar com todo esse delírio de aclamações. Mas, ao que parece, isso satisfaz em Stalin uma profunda necessidade psicológica. Não tem nenhum valor político, porque os «empresários» são francamente cínicos, e, passado algum tempo, até os inocentes se sentem enojados.

A 7 de novembro de 1922, no tempo em que Lenin dava a nota, o jornal *Pravda* mencionou Lenin 12 vezes, Trotsky 4 vezes, e não fez qualquer referência a Stalin. Mas no seu aniversário, em 1947, esse jornal cita Stalin 66 vezes.

A nota mais persistente no coro de aleluias oficiais é o esforço para identificar Stalin com Lenin. O Partido Comunista Soviético é invariavelmente «o partido de Lenin-Stalin». Stalin é sempre «o melhor discípulo de Lenin». Centenas de «velhos bolchevistas», sabendo perfeitamente que estavam faltando à verdade, assinaram uma carta a Stalin, publicada no *Pravda* de 7 de novembro de 1947, em que diziam: «Há trinta anos, ao lado de Lenin e à testa do Partido Bolchevista, vós conduzistes a classe trabalhadora de nosso país ao assalto contra o capitalismo.» Aliás, têm aparecido na União Soviética muitos livros que tratam da conquista do poder pelos bolchevistas, e do Exército Vermelho, que não fazem nenhuma referência ao papel preponderante desempenhado por Trotsky. Stalin mostra uma ânsia dolorosa em romper a parelha sancionada pela história, e substituí-la pela combinação «Lenin e Stalin».

A IRONIA do caso é que, quanto mais a ficção oficial estreita a distância entre Stalin e Lenin, mais Stalin se desvia da orientação de Lenin. Este queria que a Primeira Guerra Mundial terminasse sem anexações nem indenizações: Stalin insistiu em obter ambas as coisas no fim da Segunda Guerra Mundial. Lenin condenou a Rússia tzarista pela partilha da Polônia; Stalin coligou-se com Hitler para desmembrar a Polônia. Lenin tinha fé na revolução popular; Stalin (veja-se o caso da Tchecoslováquia) apoia-se nos golpes contra o povo, levados a cabo por bandos armados e pela polícia secreta.

Lenin não praticou nenhum expurgo do partido; durante uma grave crise nacional, permitiu que se publicasse um diário da oposição em Moscou; dentro do Partido Comunista reinava o regime de livre discussão. Stalin aboliu a liberdade de palavra entre os comunistas; o revolver do GPU passou a ser o argumento decisivo.

Ao passo que Lenin pregava uma sociedade sem classes, Stalin criou uma nova classe de aristocratas soviéticos, que vivem bem mas não tem nenhum poder independente. Lenin abominava o tzarismo; Stalin fez heróis de Pedro o Grande, Catarina a Grande, Ivã o Terrivel, de generais, príncipes e monges tzaristas. Lenin pregava a abolição da religião; Stalin fez da igreja ortodoxa russa um instrumento do governo soviético. Lenin montou uma polícia secreta cruel e temida, para os tempos excepcionais em que viveu; Stalin organizou essa polícia de modo permanente, sustentando ao mesmo tempo que não há na Rússia nenhuma oposição ao seu regime.

O povo consagrava a Lenin um sentimento carinhoso; muitos o adoravam. Mas, a despeito de todos os bilhões de palavras escritas e pronunciadas acerca de Stalin, ele permanece o homem de aço—frio, duro, sombrio, inacessivel. Apesar de toda a barragem de propaganda, Stalin continua a ser um enigma. O povo soviético não sabe onde é a casa dele em Moscou nem no campo. Quando viaja, o seu trem particular segue envolto em sigilo.

SABE-SE que Stalin se casou duas vezes. Do primeiro casamento nasceu-lhe um filho, Jacob. Da segunda esposa, Nadejda Alliluieva, teve outro filho, Vassili, que serviu na aviação soviética, e uma filha, Svetlana, que deve ter agora 20 e poucos anos. Nadejda Alliluieva morreu em 1932; segundo boatos não confirmados, ela se suicidara. Stalin marchou nas ruas de Moscou atrás do féretro da esposa: mas a polícia secreta tinha varrido toda a gente das ruas, e postado agentes especiais nas casas de moradia ao longo dos logradouros por onde devia passar o funeral, para impedir que a população assomasse às janelas. É hoje voz corrente em Moscou que Stalin contraiu novo casamento.

Stalin nunca se mistura com seus «súditos». Passa alguns meses do ano —às vezes até cinco—em férias na linda Riviera do Mar Negro. Mantem-se em contacto direto com o Kremlin por meio do telefone e do teletipo.

Mas a maior parte de seus 68 anos de vida têm sido sobrecarregados de duro trabalho e da tensão das grandes responsabilidades, e o Generalíssimo está agora afrouxando um pouco. Tornou-se uma espécie de superintendente geral, enquanto seus subordinados se encarregam de desempenhar as tarefas concretas. Nicolau Bulganin, um civil, é quem manda no exército. Lavrenti Beria, georgiano como Stalin, é chefe da polícia secreta, e não há ninguem mais chegado ao *Vozhd* do que ele. Andrei Jdanov gere o Partido Comunista, e é Comissário da Cultura. Vyacheslav Molotov, o indivíduo de rosto abolachado e gênio teimoso que o mundo já conhece como a voz de Moscou, é uma peça importante na engrenagem do governo.

Bulganin, Beria, Jdanov e Molotov virão a partilhar a maior quota do poder de Stalin, no dia em que este falecer, devendo caber a Molotov a herança do posto de Stalin como Primeiro Ministro. Beria é o homem decisivo, porque tem a polícia secreta na

mão. Mas os russos, depois de terem sido governados por um georgiano durante mais de 20 anos, talvez não gostem de que outro georgiano se vá instalar no posto supremo...

Por conseguinte, o mais provavel é que Beria passe a constituir o poder oculto atrás do trono que Molotov ocupará, e que Bulganin e Jdanov, com Voroshilov, Andreyev e outros, sustentarão. Se algum conflito surgir entre eles, farão o possivel para mantê-lo dentro do «palácio», no seu círculo restrito. Talvez alguns deles já se estejam preparando para a morte de Stalin, tal como Stalin se preparou para a de Lenin.

Medida por certos padrões, a vida de Stalin tem sido um êxito tremendo. Ele terá um grande funeral. Agora, quantas pessoas o chorarão, isso é que ninguem sabe dizer.

Impressões alheias

UM ILUSTRE chinês, delegado às Nações Unidas, viu-se cercado de repórteres quando de sua chegada a Nova York. Um dos jornalistas atirou-lhe esta pergunta:

—Que é que o senhor acha de mais curioso nos americanos?

O chinês pensou um instante e, sorrindo, disse:

—Creio que é a obliquidade dos olhos.

—*This Week Magazine*

UM EUROPEU eminente havia concluido uma *tournée* pelos Estados Unidos e estava dando suas impressões à imprensa, numa entrevista coletiva. O homem vira os fantásticos arranha-céus americanos, visitara as grandes fábricas do país e apreciara de perto suas belezas naturais. No entanto, quando lhe perguntaram o que mais o havia impressionado, disse ele: «O tamanho das suas latas de lixo.»

—Colaboração de Arnold G. Westerberg

LI HUNG CHANG, estadista chinês, falando do êxito dos casamentos arranjados pelos pais, como é praxe no seu país, concluiu assim: «O casamento na China é como pôr uma chaleira de água fria sobre o fogo. Breve a água estará fervendo e mantem-se quente. Mas o casamento nos paises ocidentais é como pôr uma chaleira de água já fervente sobre um fogão apagado. Em pouco a água estará fria.»

—Transcrito em *The Rotarian*

HÁ ALGUNS anos a conhecida romancista Mary Roberts Rinehart passeava num parque com sua netinha. A menina era um mimo, e muitos transeuntes paravam para admirá-la. Uma senhora, mais entusiasmada, perguntou:

—Como é que você se chama, meu bem?

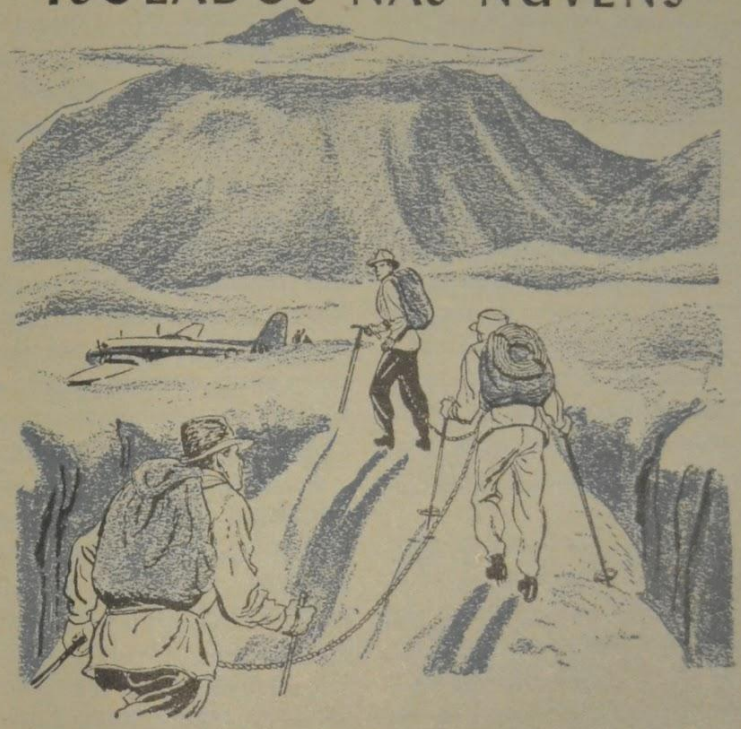
A menina, que tinha o mesmo nome da avó, respondeu séria:

—Mary Roberts Rinehart.

—Ora veja só! exclamou a senhora, toda confusa. —Não me diga! Pois olhe, eu acabo de ler o seu último livro!

—*The Christian Science Monitor*

ISOLADOS NAS NUVENS



Condensação do livro

«Twelve Walked Away»

Por Marguerite Gaylord Tate

UM AVIÃO militar que transportava 12 pessoas—inclusive quatro mulheres e uma menina de 11 anos—colidiu recentemente com uma geleira nos Alpes suiços. Eis aquí o notavel relato das impressões de um dos passageiros, a esposa do General norte-americano Ralph Tate, cujo filho era o piloto do avião—uma história de heroismo e sofrimento e de um movimentado salvamento.

Copyright 1948, Marguerite Gaylord Tate.
Editora: Harcourt, Brace & Co., Nova York. Preço, $2.00

ISOLADOS NAS NUVENS

VOÁVAMOS em um transporte militar de Viena para Istres, na França, o aeroporto que serve a Marselha. Nossa rota, partindo de Munique, havia sido traçada de modo a evitar os Alpes, que têm a peculiaridade de não possuir encostas inclinadas, pois emergem abruptamente da planície e projetam-se para cima, como uma rocha no meio de um rio. Nesse momento, estavam os Alpes a alguns quilômetros à nossa esquerda, completamente encobertos pela nevoenta imensidão que roçava as janelas de nosso C-53 enquanto deslizávamos em vôo suave.

Alem de Alberta Snavely, esposa do Comandante da Força Aérea dos Estados Unidos em Viena, e eu, nosso grupo se compunha do General Haynes e senhora, Coronel McMahon e senhora, mais uma filhinha de 11 anos, de nome Alice Mary, e George Harvey, técnico em petróleo do Ministério da Guerra dos Estados Unidos. Meu filho, o Capitão Ralph Tate Jr., era o nosso piloto, e havia ainda uma tripulação de três homens.

Eram as primeiras horas da tarde e quase todos estávamos lendo ou cochilando quando, de repente, fomos sacudidos da letargia: o avião começava a dançar. O Sargento Wayne G. Folsom pôs a cabeça para fora da porta do convés de vôo e disse: «Queiram colocar o cinturão de segurança. O Capitão Tate diz que entramos em uma zona de pequena agitação atmosférica.»

Mal tínhamos feito isso, pegamos uma tremenda corrente que nos projetou para cima, como um foguete, a uns trezentos metros. O avião se equilibrou novamente, estremeceu por uns instantes, para nos surpreender em seguida com uma queda. Os altímetros, na parede à nossa frente, rodavam como se estivessem loucos.

Eu tinha uma sensação esquisita no estômago. Meu corpo comprimia-se com tal pressão contra o encosto da poltrona, enquanto subíamos, que perdí a respiração. Depois fui apertada pelo cinturão enquanto o avião caía. A sensação era horrivel. Naturalmente o piloto—meu filho—sabia o que estava fazendo, mas pensei comigo mesma: se isto é uma «pequena agitação», não me chamo Marguerite.

Alberta Snavely disse com voz tranquila: «Fique calma, descanse, e não procure lutar contra a situação.»

Mas não tínhamos tempo para ficar descansados. O avião deu um salto curto, como o de um cavalo pulando uma cerca, e o universo pareceu desintegrar-se em um cataclisma. Antes que eu fechasse os olhos, o encosto da

poltrona da minha frente projetou-se no meu rosto e nele me agarrei, mas logo depois não havia mais nada em que me segurar. Minhas costas se retorciam, enchendo-me de dor, enquanto eu ia rolando para baixo, aos trambolhões. Meus tímpanos quase se arrebentaram—era como se o mundo estourasse à semelhança de uma enorme bomba de foguete. Uns momentos antes estávamos bailando no espaço à mercê do vento. Agora não havia movimento algum.

Do nevoeiro da semi-consciência veio-nos a compreensão de que o nosso aparelho havia caido.

O REPENTINO impacto arrancara tudo de seus lugares. Poltronas, passageiros, chapéus e livros foram arremessados doidamente por todos os lados. Mas o silêncio que se seguiu era, por assim dizer, mais ensurdecedor que o estrépito do choque. Não houve nervosismos nem gritaria. As primeiras palavras vieram do Coronel McMahon e foram dirigidas a Alice Mary. Encontrava-se ele ainda atado à cadeira, que fora jogada até a outra extremidade da cabina. Lívido e ofegante, disse com grande dificuldade: «Não se mova, minha filha. Fique quietinha que não vai acontecer nada.»

Alice Mary, porem, tinha fibra e não era das que se abatiam com «ninharias» como desastres de avião. Tambem estava ainda presa na poltrona, toda inclinada para trás, mas sorria segurando um pequenino objeto com um arame pendurado.

«Não perdí, papai!»

O aparelho retificador dos dentes tinha-se soltado e ela o segurava animadíssima.

Eu não sentia dor, mas uma coisa quente e úmida caiu na minha cabeça e rolou-me pelo rosto. Era sangue—um vermelho horrivel, assim sobre o azul claro de meu costume. O Tenente Mathews, o co-piloto, estava procurando desprender-me da minha poltrona virada. Não parava de dizer: «A senhora está bem? Está ferida? Não pode levantar-se?» Eu não podia mexer-me. Veio-me, então, este pensamento: quebrei a espinha e estou paralítica.

Começamos, entretanto, a rir, pois logo vimos que eu ainda estava presa ao cinturão.

Meu pensamento voou para a cabina dos pilotos, onde são sempre piores as consequências de um acidente. Meu filho! Ah, meu Deus, meu filho! Meu coração quase parou de bater: lá vinha ele, andando devagarzinho, na minha direção. O sangue escorria de um horrivel corte que se extendia do nivel dos olhos até o alto da cabeça, deixando ver um pedaço do crânio no lugar em que o couro cabeludo se soltara. Por um instante ele me pareceu não o homem que com tanta perícia nos conduzira até em baixo, mas o meu filhinho cuja cabeça sangrava. O impulso de pegá-lo nos braços foi quase irreprimivel mas me contive, sabendo que tal expansão o embaraçaria. Ele não demonstrou prestar muita atenção à minha presença; olhou-me só de relance, e sentí que ele me pedia, em silêncio, amparo em sua temporária

derrota, e não lágrimas ou compaixão.

«Estão todos bem?» perguntou, procurando enxergar através da cortina de sangue que lhe caía pelo rosto. Em seguida perdeu a firmeza um instante, e, em tom de franco espanto, disse: «Não sei como é que o avião foi dar na montanha,» e a voz lhe sumiu como se a cena não passasse de um pesadelo.

Não havia dez minutos que estávamos no chão, quando as coisas começaram a endireitar. Quando me lembro do que aconteceu, parece-me incrivel que doze pessoas, recem-caidas em estado de estupor, pudessem voltar a si e reunir suas energias como fizemos naquele dia.

Encontramos o Sargento Folsom de bruços, preso sob umas poltronas. Enquanto o co-piloto e o rádiotelegrafista o arrancavam de lá, George Harvey abriu o estojo de primeiros socorros; depois viemos a saber que ele tinha dois anos de curso pre-médico. Rapidamente administrou morfina e com perícia tratou da perna de Folsom, que estava estropiada. Harvey ia de uma pessoa a outra, com admiravel calma. Aplicou uma atadura de compressão no dedo mínimo de Mathews, que estava quase decepado. Era dalí que viera o sangue que tão profusamente jorrara sobre mim. A coagulação era morosa naquela altitude de mais de três mil metros.

O General Haynes estava com o nariz quebrado e o lábio superior seriamente cortado, mas recusou assistência dizendo que se arranjaria sozinho, pois já era a quarta vez que quebrava o nariz. O Coronel McMahon, porem, nos preocupava bastante. Gemia e respirava com muita dificuldade, parecendo ter as costas feridas. Não podia mover-se. Das mulheres, nenhuma estava gravemente ferida.

Meu filho, depois de se ter certificado de que todos haviam sido socorridos, deitou-se no chão e pôs a cabeça no colo de Harvey. Enquanto Harvey fazia curativos no talho, que teria uns 25 centímetros, Ralph mandou o radiotelegrafista, Sargento Louis Hill, pedir socorro.

Hill, caminhando através de um labirinto de destroços, foi ao convés de vôo. Estávamos com o coração na mão. E se o rádio estivesse quebrado?

Esperamos, ansiosos, sem ter sequer coragem de respirar. De repente, ouvimos aquele inconfundivel e maravilhoso zumbido. Hill gritou: «Conseguí! Conseguí! É Istres! Estão me ouvindo!»

A tensão diminuiu, mas logo depois começaram a surgir pequenos receios e apreensões. O avião, açoitado por um vento uivante, estava inclinado sobre o lado esquerdo, a um ângulo de 30 graus. Estaríamos à beira de um abismo, ou no cume de uma montanha? O nosso mundo, repentinamente, reduziu-se ao limitado espaço daquele avião. Lá fora, um mundo inteiramente desconhecido escondia-se atrás do véu da neve que caía. Nas janelas começava a formar-se gelo. Já não havia calor algum no avião.

Em cima, no convés de vôo, meu filho, Mathews e Hill conferenciavam.

Calcularam a nossa posição da melhor maneira que puderam, e informaram a Istres. Istres respondeu que um Lancaster inglês sairia o mais cedo possivel, e que já estavam sendo organizadas turmas de socorro a pé, as quais partiriam na manhã seguinte. Naquele momento pareceu-nos que o socorro estava muito próximo.

O acidente ocorreu às 14 h 30 de terça-feira, 19 de novembro de 1946. Agora eram 16 h 30; dentro de meia hora a escuridão nos envolveria, e não tínhamos luz artificial a bordo. Ralph, Harvey, Mathews e Hill apressaram-se a fazer os preparativos para a noite. De duas poltronas quebradas fizeram uma cama para Folsom, atando-as de maneira a ficar em posição horizontal sobre o chão inclinado. Havia um saco de dormir que, naturalmente, só podia ser para ele, pois era preciso conservá-lo aquecido para evitar pneumonia estática, tão facil de se manifestar nos casos de fraturas graves. Em outra poltrona, acomodaram o Coronel McMahon da melhor maneira possivel.

Como não houvesse cobertores para todos, os rapazes desdobraram quatro para-quedas. Tentar meter-se debaixo daquela massa fofa era a mesma coisa que enfiar-se sob uma montanha de bolhas de sabão. Era impossivel a gente se sentir confortavel. Se deitássemos de lado, rolávamos pelo plano inclinado do avião; atravessados, íamos encolhendo até os joelhos tocarem o queixo. Mas arranjamo-nos da melhor maneira que pudemos.

Em breve nos apercebemos de algo que nos encheu de terror: arrastando-se através de um mundo de neve eterna, veio o frio—um frio terrivel, cortante, apavorante, que ia penetrando pelas nossas roupas, aprofundando-se mais e mais, até alcançar a medula dos ossos. Contra esse arqui-inimigo, pouca defesa tínhamos. Essa primeira noite pareceu interminavel —quatorze horas de escuridão profunda. A princípio, dormimos de puro cansaço, exhaustos que estávamos. Depois, à medida que íamos sentindo o chão cada vez mais duro, começamos a acordar, um a um. O tempo adquiriu proporções fantásticas. Quando alguem perguntou as horas, parecia que dormíramos muito. Acendemos a única lanterna elétrica que possuíamos, e Harvey disse: «Ora essa! São somente oito horas.»

Se tivéssemos podido sentar-nos e acender um cigarro, seria uma grande coisa. Mas grande parte do combustivel dos tanques havia-se derramado na neve por baixo de nós, enchendo o avião de vapores de gasolina. Um fósforo que riscássemos poderia levar-nos daquela para melhor. Estávamos até um tanto preocupados com as faiscas que saíam da seda dos para-quedas, cada vez que alguem se movia.

A medonha ventania passava sobre nós, fazendo o avião estremecer e gemer. O pesado leme soltou-se e ficou balançando e batendo. Às vezes tínhamos a impressão de que toda a estrutura se movia. Cada arremetida do vento aumentava o nosso desconforto. Temíamos que o avião se soltasse de

onde estava e escorregasse—para onde, não sabíamos.

Dentro em pouco começou a manifestar-se o nosso segundo inimigo: a sede. Harvey nos prevenira de que comer neve seria buscar morte lenta. O congelamento dos pulmões é uma horrível doença, quase inevitavel quando se come neve em grandes altitudes, com temperatura de 35 graus abaixo de zero. Em Munique tínhamos posto a bordo um depósito com 20 litros de água, porem mais de metade fora consumida no aquecimento do avião, antes do desastre.

Só quase às sete horas começaram a surgir quadrados cinzentos nas janelas. Ralph livrou-se do emaranhado de seda e dirigiu-se para fora. Eu estava gelada demais para poder mexer-me. Um momento depois, Ralph meteu a cabeça na porta e anunciou: «Parou de nevar e o sol está saindo!»

Em torno de nós só havia montanhas e mais montanhas, cobertas de neve. O avião estava de ladó, no cume de uma encosta que se estendia em nossa frente por cerca de um quilômetro.

Um dos rapazes exclamou: «Meu Deus!» Olhei para onde ele apontava, e tive uma exclamação de espanto. A 50 metros, no máximo, à nossa esquerda, estava um enorme desfiladeiro aberto no gelo, suficientemente largo para nos engulir, tivéssemos nós caido um minuto antes. Cerca de 75 metros à direita, outra fenda tão larga quanto a primeira. Estávamos cercados por elas—uma rede de abismos de gelo. Tínhamo-nos chocado com uma geleira—descêramos sobre um tapete de neve, no único lugar aberto, desimpedido, ao alcance da vista!

Foi Hill quem falou: «Capitão, o senhor é assombroso. Como conseguiu isso?»

Mas Ralph respondeu: «Foi por acaso...»

Ninguem mais deu uma palavra até que Mathews disse, com voz suave: «Deus nos protegeu.» Nisso estávamos todos de acordo.

Nossa refeição da manhã foi muito modesta: uma pastilha de hortelã para cada um, pois todo o alimento que tínhamos se resumia em balas e bombons. Felizmente, todos havíamos apanhado nossas rações de balas e chocolate em Munique e calculamos que, mediante cuidadoso racionamento, elas nos dariam para alguns dias.

Às oito horas Hill foi para o rádio. Comunicou-se com Istres imediatamente. Informou pelo rádio que nenhum avião poderia aterrissar nas proximidades do local, e que havia oito pessoas precisando de macas, pois nós, as mulheres, não poderíamos atravessar a pé o deserto gelado. Istres disse que o Lancaster e os grupos de salvamento por terra partiriam imediatamente para tentar encontrar-nos. Pediram que acendêssemos uma fogueira para facilitar a busca.

Usando uma frigideira de alumínio comprida, da cozinha de bordo, os rapazes fizeram uma fogueira para sinalização. Como estivéssemos muito acima da região das matas, não havia madeira para servir de combustivel: eles usaram, então, uma mistura de óleo e gasolina. Impedir que o fogo morresse

nos dias seguintes seria tarefa que bem consumiria metade do tempo dos rapazes. Cada um ia uma vez ao tanque recolher o pegajoso óleo de motor. A abertura era tão pequena que eles tinham de fazer uma concha com as mãos, trazendo somente o óleo assim conseguido, para derramá-lo numa panela. As mãos, de tanto roçarem nas bordas do tanque, ficaram esfoladas e, irritadas pelo óleo, acabaram inchadas e feridas, fazendo-os sofrer horrivelmente. Quanto à gasolina, era retirada do tanque em uma operação lenta, na qual utilizavam um copinho de papel preso na ponta de um arame.

Ao MEIO-DIA, Hill chamou Istres novamente, de acordo com a combinação. Voltou radiante: Istres informara que dentro de dez minutos um Lancaster estaria voando sobre nós.

Ansiosamente, todos os que podíamos pulamos fora do avião. Sair daquele abrigo sombrio, frio e úmido, e encarar de súbito o resplendor do sol, era quase como entrar em uma sala aquecida. Com efeito, a neve refletia verdadeiras ondas de calor. Com um cobertor passado pela cabeça à moda das índias norte-americanas, eu fremia de satisfação ao sentir o calor do sol filtrado através da lã espessa.

Éramos uma estranha coleção de entes humanos. O elegante costume cinza-claro de Lona Haynes estava sujo e ensanguentado. Alberta Snavely disse-me, rindo: «Quando me lembro como eu estava toda faceira com a minha capa, e do cuidado que tive para preservá-la das traças... Agora, veja só!» Minha amiga tivera de arrastar-se pelo chão e de dormir sobre a sua bela capa, que agora apresentava um enorme rasgão e estava amarrotada. «Marguerite,» acrescentou ela, «quando nossos maridos nos virem buscar e descobrirem como estamos sujas, vão-se arrepender de não nos terem deixado ficar aquí!» Todas nós, mulheres, tínhamos feito, da seda dos para-quedas, lenços à moda das camponesas, sob os quais surgiam, na testa e na nuca, nossos cabelos desgrenhados e pegajosos. Nos homens podia-se ver a barba crescida em seus rostos sujos.

Passavam-se os minutos sem surgir avião algum e nossas esperanças iam desaparecendo. Como se os elementos estivessem conspirando para nos trazer a derrota, o vento começou a soprar lá da crista da serra; parecia mesmo que alguem ligara um gigantesco ventilador... Desapareceu todo o calor dos raios do sol e corremos para o avião, com esperança de reter um pouco do calor que havíamos absorvido.

Agarrávamos nossos cobertores afim de trazê-los conosco para o avião; nesse momento meu filho sugeriu que sacudíssemos completamente a neve, pois, se eles ficassem úmidos, nunca mais secariam e não poderiam ser usados. Passamos, assim, meia hora inspecionando os cobertores para descobrir o menor vestígio de neve.

Ralph e Hill ficaram ainda do lado de fora olhando e escutando, relutantes em abandonar as esperanças. Lá pelas 15 h 30 o sol desapareceu nas montanhas por trás de nós. Agora é tarde demais para esperarmos o Lan-

caster. Antes que sumisse o último vestígio de luz, fizemos a distribuição de barras de chocolate. Um pouco da água derretera durante o dia, mas estava com gosto de óleo e fumaça. Não ia bem com o chocolate, mas sempre molhava a garganta. Ficamos com o estômago um pouco embrulhado depois dessa refeição da noite.

Nessa noite dormimos um sono intranquilo. Outra vez um frio brutal, de matar, corroia nossas roupas como um ácido. O vento castigava o avião com persistentes e monótonas pancadas. O General Haynes tinha dificuldade em respirar pelo nariz quebrado e, depois de pegar no sono, roncava a intervalos. Parecia o zumbido de motores de avião. Alguem dizia: «Escutem!» Ficávamos atentos, com o coração a bater desordenado. O ruido parava e descobríamos que nada mais era do que o ronco do General. A antena do rádio vibrava ao vento, dando a impressão de um avião que se aproximava. Outra vez escutávamos, cheios de esperança. Ao amanhecer, estávamos exhaustos dessa tensão contínua.

Ao meio-dia de quinta-feira, Hill chamou Istres. Quando voltou, estava um pouco mais agitado que de costume. A mensagem dizia que os grupos de socorro tinham partido de madrugada e que um avião deveria voar sobre nós dentro de uma hora. Dessa vez tambem pediram que conservássemos um sinal luminoso para auxiliar os homens que nos procuravam.

Os rapazes meteram mãos à obra. Tinham enchido a frigideira de óleo durante a manhã. Arrancaram, então, as cortinas das janelas e as enxarcaram de óleo; rasgaram pedaços de couro das poltronas e em seguida arrancaram das asas os quebra-gelos de borracha e os colocaram ao lado da fogueira. Tudo isso produziria uma ótima fumaça preta. Mas não havia combustivel bastante para alimentar aquela fumarenta fogueira por muito tempo e, assim, eles queriam evitar qualquer esperdício. Era tudo o que tínhamos e tudo estávamos arriscando nessa única oportunidade. Na quietude daquela imensidão, um aeroplano podia ser ouvido muito antes de ser avistado.

Lá ficamos muito tempo, sentados, à espera. Os rapazes conversavam e riam. De repente, vi Ralph apurar o ouvido; logo depois, Mathews, Harvey e Hill. Agindo com rapidez e em conjunto, febrilmente jogaram no fogo as cortinas ensopadas de óleo e logo se elevou no ar, a uns 15 metros, uma negra coluna de fumaça.

Foi então que o ouvimos e depois o vimos—um avião! Os rapazes começaram a gritar: «Olhem lá! Lá vem ele!»

O avião deslizava pelo horizonte a cerca de 30 quilômetros a sueste de nós. Roçou as nuvens com a calma e a firmeza de um gordo cavalheiro a caminho do almoço. Mas, ao invés de fazer a volta, continuou rumo ao leste. Ficamos observando, os olhos cansados e já doloridos pela claridade. Assim nos mantivemos durante alguns cruciantes minutos, sem voz, olhando ainda, fixamente, na direção onde ele havia desaparecido. Chegamos, então,

à aterradora certeza de que o avião não nos tinha visto.

O sol pareceu perder todo o calor e alegria. Não poderíamos fazer outra fogueira como aquela, pois nada mais havia que queimar, exceto nossas roupas. Como um quadro que lentamente adquirisse vida, voltamos em silêncio para o avião. A decepção era quase insuportavel.

Ralph ordenou a Hill que se comunicasse com Istres, apesar de não estar na hora combinada, e pedisse um «ponto» triangular. Talvez houvéssemos errado ao descrever nossa posição.

Istres respondeu imediatamente. Tambem eles estavam ansiosos pelo «ponto». Foi combinado que este seria tomado às 18 horas, e Hill entrou pontualmente em contacto com Istres outra vez. À luz mortiça da lanterna elétrica podíamos ver os rapazes reunidos em volta do rádio, calados, os rostos quase espectrais naquela penumbra. Hill comprimiu a chave e segurou-a durante dois minutos. Nisso, as baterias se esgotaram. Não podíamos saber se tínhamos obtido a comunicação, e já não poderíamos enviar outra mensagem.

Fatigados, demos início, automaticamente, aos preparativos para a noite. Dormir estava fora de cogitação. Sentamo-nos todos, silenciosos. Raspei o vidro congelado da janela, e olhei para fora.

Contra o tapete branco de neve, os cumes negros sobressaíam claramente. À esquerda eu podia ver o enorme vale descampado. De repente, meu coração parou de bater; eu vira dois pontos negros descendo vagarosamente a encosta da montanha. Isso não nos pareceu estranho, pois não sabíamos de que lado viria o grupo de socorro terrestre. Contei a Alberta o que acabara de ver. Ela raspou tambem o gelo da vidraça, e viu a mesma coisa. Forçamos a vista durante alguns minutos e, como os vultos não se mexessem, lembramo-nos de que deviam ser duas pedras de que havíamos falado na véspera. Por essa altura, acreditávamos em qualquer coisa que imaginássemos ver.

Daí a pouco foi Alberta quem me chamou a atenção: «Olha lá em baixo! Você não está vendo umas luzes verdes?»

Olhei e me pareceu que havia, de fato, luzes que se apagavam e acendiam, como se houvesse uma fila de pessoas carregando pequenas lanternas elétricas de lâmpadas verdes. Haynes e sua senhora viram tambem. Harvey e Ralph, que haviam ido lá fora, voltaram animados, anunciando que tinham visto um foguete vermelho a uma distância de uns três quilômetros, por trás de um dos picos. Harvey pegou a pistola de sinalização e disparou, mas não veio resposta alguma. Nada mais vimos.

Ficamos, então, realmente alarmados. Todos víramos a mesma coisa, e não fora nada—alucinações apenas... Pouco me lembro do resto dessa noite. Só recordo que foi uma noite horrivel—muito longa e muito fria.

O AMANHECER de sexta-feira encontrou-nos sem esperança alguma. Ne-

vava fortemente. As asas do avião já estavam cobertas de uma espessa camada e o céu se embuçara numa capa cinzenta. Ninguem saiu do avião. Todos tínhamos perdido força e energia, pois durante dois dias e meio passáramos sem água e alimentos suficientes. Sentíamos que nossos nervos estavam ficando esgotados.

Lá pelo meio-dia, Mathews subiu ao convés de vôo. Poucos minutos depois voltava, o passo pouco firme, procurando equilibrar-se. Aberta ante os olhos, trazia uma pequena Bíblia que vinha lendo. Tinha toda a aparência de um jovem e fervoroso pastor que levasse ao altar o seu primeiro grupo de convertidos.

—Que é que você está lendo, Mathews? perguntei.

—Para dizer a verdade, abrí ao acaso e dei com o Salmo 121.

—Leia para nós.

Ele assim fez. Algo de tranquilizador e solene fez-se sentir naquele avião congelado, e aos poucos parecia acalentar-nos.

—«Elevo os meus olhos para os montes: De onde há de vir o meu socorro? O meu socorro vem de Jeová, que fez o céu e a terra...»

Quando terminou, pedimos que lesse mais.

Mathews folheou o Livro, parando aquí e alí para ler um ou dois versículos adequados às circunstâncias. Íamos ouvindo e sugerindo vários trechos, e sobre nossos espíritos, mergulhados havia dias em um caótico estado de depressão e desalento, desceu uma estranha serenidade.

Repentinamente, os rapazes levantaram a cabeça como cães que farejassem caça. Depois, todos ouvimos—era um avião! O ruido aproximava-se cada vez mais. Os três correram para fora, Ralph carregando a pistola de sinalização. No caminho, precipitando-se, tropeçaram uns sobre os outros e sobre nós.

Passada aquela avalanche humana, Alberta e eu, reunindo nossas forças, arrastamo-nos para a janela e raspamos um pouco a geada da vidraça. De joelhos, olhando para fora, vimos sobre a crista das montanhas, a leste, um B-17 que se dirigia para nós como se fosse um anjo a descer do céu.

O enorme avião dirigiu-se para o vale e logo passou roncando sobre nossas cabeças; a tripulação soltou dois fogos de sinalização para sabermos que nos haviam visto. Deram a volta e passaram novamente por nós, e nesse momento encontraram uma terrivel corrente de ar ascendente. Ralph deu um grito, alarmado, o rosto desfigurado de aflição. «Cuidado! Estão caindo de lado!» O B-17 virou todo de um lado, mas logo depois se equilibrou e ganhou altura para sobrevoar as montanhas que se elevavam à sua frente.

Na terceira vez que passaram por nós, jogaram grandes pacotes. Estavam chegando suprimentos! Finalmente íamos comer! Talvez recebêssemos agasalhos e cobertores! Estávamos ébrios de entusiasmo. Repentinamente, desapareceram os estreitos limites do nosso mundo. Lá longe, em alguma parte, havia um mundo vasto, belo e grandioso, que nos esperava

para estreitar-nos contra seu seio acolhedor.

Em menos de uma hora outros aviões começaram a surgir, em grande número. Evidentemente haviam estado em vôo pelas cercanias, aguardando o aviso de que tínhamos sido localizados. Grandes sacos de lona começaram a cair, e desapareciam na espessura da neve. Alice Mary dava pulos, sacudindo as tranças. «Até parece que é Natal!» exclamou.

Havia diversos C-47, um C-54 e um B-29 americanos, Lancasters ingleses e transportes franceses. Depois vieram os aviões suiços. Nunca hei-de me esquecer desse lindo espetáculo. As nuvens quase tinham desaparecido do céu e as remanescentes pareciam fugir para o lado norte, como aves assustadas em fuga. Era mais um milagre: o céu estava límpido e claro como um cristal.

Os rapazes entraram logo em atividade para recolher o que pudessem, pois só restava uma hora de claridade. Os sacos caíam com tanto impulso que penetravam de dois a três metros na neve; para retirar cada um, eram precisos os esforços conjugados dos quatro rapazes. Um deles tinha que descer à cavidade, suspenso pelos outros, para apanhar o volume, sendo depois guindado para cima—trabalho exhaustivo naquela altitude.

Arquejantes, mas com imensa alegria, arrastaram o primeiro saco até o avião. Mal pudemos esperar que desatassem a pesada corda e derramassem o conteudo no chão. Naquelas condições, era natural que esperássemos alimentos com mais ansiedade do que qualquer outra coisa. Assim, quando tiraram do saco doze pares de galochas, não sabíamos se rir ou chorar.

«Bem, minha gente,» disse Harvey examinando a pilha diante dele, «vão-se arranjando com isso até voltarmos.»

Afinal, conseguiram trazer cinco sacos, dos quais surgiram alimentos, roupas, cobertores e medicamentos. Nossa primeira comida de verdade, depois de vários dias, foram as chamadas «rações K», usadas pelos soldados norte-americanos. Ralph distribuiu um pacote para cada um, recomendando: «Calma, comam bem devagar.» Tudo estava numa desarrumação medonha —nós inclusive. Mas seria dificil encontrar um grupo de pessoas mais sujas, mas ao mesmo tempo mais alegres e mais barulhentas.

À noite, antes de me deitar, saí um pouco. A noite estava calma e serena. A luz fria das estrelas brilhava num céu límpido, que não se perturbara com a confusão nem com o tumulto recentemente provocados por obra do homem. Alí, sob aquela pálida luz, lembrei-me de Mathews lendo os salmos. «Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que formaste, que é o homem, para te lembrares dele?»

Ao redor de nós estavam as mesmas montanhas, a mesma neve, os mesmos desfiladeiros. Tínhamos sofrido nossa metamorfose, mas eles permaneciam imutaveis através do tempo. Meus olhos percorreram o panorama até encontrar o nosso avião, jogado lá na penumbra, como um monumento ao

Destino. Naquele avião estava meu filho, que salvara minha vida e as de outras dez pessoas, mas que dilacerara seu próprio coração. Nos últimos dias ele não sorrira uma única vez. Sua natureza sempre alegre, exuberante, tinha-se transformado, de maneira assustadora, em uma calma profunda, perigosa. Não fora bastante que uma guerra o transformasse num velho antes do tempo; era preciso agora esta tragédia para turvar seus dias e suas noites.

De repente, meus olhos se abriram em cascatas e chorei: chorei em silêncio, amargamente, por todos os jovens que suportaram a guerra em seus ombros moços. As lágrimas correram e congelaram-se em pequeninas contas sobre meu capote.

Depois de alguns instantes, quando as abençoadas lágrimas haviam lavado um pouco de meu mal-estar físico e minha inquietação mental, levanteime para voltar ao avião. Ouví, então, um surdo ribombo que parecia, a um tempo, próximo e remoto. A terra sob meus pés tremeu levemente. Era a garganta, pertinho da cauda do avião —eu cheguei a vê-la abrir-se mais um pouco. Palmo a palmo, ela se aproximava de nós. Sob o inocente e macio tapete de neve, havia gelo sólido, de centenas de metros de espessura, que rachava e se expandia com o frio da noite, à proporção que a geleira se movia como uma lesma, pela montanha abaixo. Comecei a tremer descontroladamente e voltei para o avião, tendo resolvido nada dizer sobre minha descoberta.

SÁBADO de manhã, ainda bem não nos tínhamos arrumado, surgiram dois pequenos aviões suiços. O primeiro passou devagar, quase parando sobre nós, e tão baixo que a mensagem dele, lançada em um embrulho vermelho vivo, quase caiu em nossas mãos estendidas. A mensagem dizia que uma turma de socorro terrestre deveria chegar até nós pouco depois do meio-dia.

Outro avião surgiu e deixou cair um objeto grande, de formato esquisito, a pequena distância de nós. Os rapazes trouxeram o volume, que continha uma garrafa térmica de vinte litros com chá quente, adoçado. Havia tambem um pedaço de *bacon* e quatro grandes pães frescos de trigo integral.

Dentro em pouco tivemos uma sensação que não experimentávamos havia muitos dias—um aroma que supera todos os outros—o cheiro de *bacon* frito ao ar livre. Comecei a ficar com água na boca, e sentí uma dor aguda no fundo do estômago.

Ralph gritou: «Podem vir!»

O *bacon* foi colocado entre grossos pedaços de pão fresco e macio. Ensopamos a côdea na gordura do toucinho e riamo-nos uns das caras dos outros, besuntadas de gordura, enquanto, de pé, mergulhávamos o pão na frigideira, que chiava de quente. Levamos pão, *bacon* e chá quente para Folsom e o Coronel, no avião. E começamos a bater nas costas dos outros dizendo que não queríamos ser salvos—nós nos estávamos divertindo a valer!

Pelas 11 horas, os aviões americanos e ingleses começaram a chegar. Um a

um, deixavam o grupo e se dirigiram para nós, jogando sacos e mais sacos, caixas e mais caixas. Bombardeavam-nos com precisão. Os objetos caíam tão perto de nós que chegávamos a ficar inquietos. Um saco até atingiu a fuselagem do nosso avião, ricocheteando longe.

Ao meio-dia, outros aviões americanos surgiram em cena. Voando em formação, passaram baixo, empinaram, transpuseram, quase roçando, o cume da montanha atrás de nós, e desapareceram. Os rapazes disseram que eles estavam tirando fotografias aéreas da situação. Quando voltaram, a vibração foi horrivel. Com um tremendo ribombo, todo o lado da montanha à retaguarda se soltou. Despencaram-se milhares de toneladas de neve, levantando a dezenas e dezenas de metros de altura, uma nuvem branca, como no fundo de uma cachoeira. De onde estávamos, parecia que íamos ser arrastados pela geleira a baixo.

Estávamos francamente apavorados. Os rapazes amaldiçoavam os aviões, erguendo contra eles os punhos cerrados. Harvey pegou a vassoura, correu um pouco montanha abaixo e começou a escrever na neve com enormes letras, avisando que não se aproximassem. Precisávamos impedir que os aviões voltassem, senão desapareceríamos.

Os aviões se foram e não voltaram. Na realidade, a avalanche não nos ameaçava e, evidentemente, os pilotos sabiam disso. Do chão não podíamos ver o profundo fosso que nos separava da avalanche e que a detivera. Mas o fato é que a garganta se abrira mais um pouco.

ATÉ QUE enfim conseguimos fazer uma boa fogueira com a madeira das caixas em que vieram os suprimentos. A água que os rapazes preparavam agora, já não teria gosto de óleo. Comuniquei que pretendia lavar os dentes; já estava entusiasmada, desfrutando o sabor e a sensação da saudavel pasta dentifrícia, quando Harvey me assustou com um grito que quase me fez cair em um banco de neve: «Olha lá! Meu Deus do céu, olha lá!»

Meu braço se imobilizou: contra o azul do céu vi duas silhuetas, como de dois querubins. Eram os primeiros homens que chegavam para nos socorrer. Eles nos viram, levantaram os braços numa saudação, e deslizaram graciosamente pela alta encosta, deixando na neve, por onde passavam, os finos rastos dos esquís.

Todo o mundo gritava. Os dois esquiadores suiços abraçaram-nos, beijaram-nos, bateram-nos nas costas e nos abraçaram de novo. A saudação *Grüss Gott* foi repetida muitas vezes. Era claro que eles não esperavam encontrar-nos com vida. Seu olhar corria sobre nós com incredulidade, indo de um para outro, como se achassem que um de nós devia estar morto.

Enquanto os suiços bebiam alegremente o uisque que tínhamos guardado especialmente para essa ocasião, os rapazes abriram depressa umas latas de ensopado e puseram-nas para esquentar. Os esquiadores não comiam desde as quatro da manhã, quando

partiram em nosso socorro. Tinham gasto 11 horas para nos alcançar—11 horas para atravessar 24 quilômetros. Por que terrenos deviam ter passado! Não era de admirar estivessem tão abatidos e fatigados. Enquanto comiam, contaram-nos que mais 80 homens estavam a caminho!

Pouco depois começaram a chegar os outros, seguindo a trilha deixada pelos esquís dos primeiros. Vinham em grupos de talvez uns 20. Todos tinham a mesma expressão de incredulidade quando se encontravam conosco. Mais tarde o médico suiço explicou-nos que nunca haviam visto coisa semelhante. Estavam muito bem treinados em serviços dessa natureza, mas nunca, ao atingirem o local de um desses desastres, tinham achado vivos todos os ocupantes do avião. Nem podiam compreender como aguentáramos os dias e noites de extremo frio. O médico elogiou Harvey pelo belo trabalho de encanamento da perna de Folsom. Disse-nos que partiríamos na manhã seguinte, de trenó.

A «NOSSA» montanha, que estivera tão deserta, era agora cenário de grande atividade. Uma turma de suiços cavou uma grande área na neve, sob a asa esquerda do avião, forrou-a com papel, e até colocou-lhe uma portinhola. Outros buscaram abrigo no compartimento de bagagem do aparelho e ainda outros ficaram ao relento, de pé ou sentados em volta de quatro enormes fogueiras alimentadas a carvão. O clarão refletia-se, tremulante, nos macacões brancos, resistentes ao vento, que eles usavam por cima do uniforme, as extremidades das calças por dentro das botas de esquí. Puseram os capuzes bem apertados em volta dos rostos, que estavam vermelhos e brilhavam à luz das fogueiras.

Dentro do avião, todos ficamos sentados em estado de estupor. A luz das fogueiras, passando pelas janelas cobertas de geada, lançava em todo o recinto um reflexo estranho, assustador. Nessa noite, uma vez que acordei de meu cochilo, ouví Ralph conversando com Mathews sobre os planos para a manhã seguinte.

—Eu fico aquí e depois sigo atrás de vocês.

Meu coração deu um salto. Arrastei-me um pouco para me aproximar dele.

—Que é que você está dizendo? exclamei. —Por que é que você deve ficar?

—Calma, mamãe. Não vou ficar sozinho. Alguns dos guias vão ficar comigo. Só quero fazer uma inspeção depois que todos forem embora, para ver se tudo está bem, antes de abandonar o avião.

Por um rápido momento, meus olhos se encheram de lágrimas amargas. Lembrei-me da tradição: o Comandante é o último a abandonar o navio.

Às cinco horas o médico entrou, acompanhado de vários homens, que traziam lanternas elétricas no cinto, e dentro em pouco o avião tinha outra vida: encheu-se de luz, vozes, animação.

Oito de nós deveriam fazer a viagem em trenós. Hill, Mathews, Harvey e Ralph teriam que reunir suas forças e fazer a jornada a pé, com os suiços. Cada trenó era manejado por oito deles. Dois caminhavam na frente, para guiar o trenó por uma estreita trilha, traçada de manhã cedo por dois esquiadores que, tendo ido à frente, escolheram um caminho seguro na traiçoeira geleira; os outros seis iam atrás, em fila indiana, ligados uns aos outros por uma corda, a intervalos de metro e meio. À proporção que terminava a preparação de um trenó, os homens o faziam avançar o suficiente para que o seguinte lhe tomasse o lugar. Finalmente, a longa fila começou a serpentear pela geleira abaixo.

Havia algo de solene e majestoso nessa tranquila e alva manhã de domingo, como se Deus tivesse levantado a mão, abençoando-a. Em volta de nós só havia as altas montanhas, frias, hostís, implacaveis. Os raios de sol caíam sobre as cristas formadas pela ação do vento sobre a neve, enquanto esta, por sua vez, refletia em mil facetas o azul do céu estendido sobre nós como um docel de cetim. Parecia irreal essa beleza sem mácula. Alguns dos suiços permaneciam ao lado do avião, cantando e fazendo variações em falsete. Suas vozes ressoavam no ar límpido e tranquilo e vinham até nós, enquanto descíamos, como uma mensagem de alegria e comunicabilidade.

Nisto, com um feio grunhido, a geleira falou com aquela voz macabra que já conhecíamos e temíamos: «Mais um pouco, meus filhos, e vocês seriam meus para toda a eternidade!»

Vários capítulos podiam ser escritos narrando as últimas fases do nosso salvamento, cuja principal glória pertence aos valentes suiços. Em vão tenho procurado palavras para expressar a bravura, a admiravel modéstia, com que essas destemidas almas deixaram o aconchego de seus lares para irem em nosso socorro. Eu sei o frio que enfrentaram, o terreno que atravessaram, os riscos que correram. Não esperavam recompensa alguma, exceto a de saberem que iam salvar 12 vidas. Ninguem pediu a nenhum deles que se juntasse ao grupo de socorro. Quando soou o sinal de alarma, 80 heróis atenderam ao chamado, oferecendo-se por sua livre e espontânea vontade. Maior amor jamais foi demonstrado por homem algum. A cada um desses homens nós doze devemos nossas vidas.

O REVERENDO Peter Marshall, Capelão do Senado dos Estados Unidos, sempre encanta Washington com suas prédicas expressivas. Recentemente, os senadores ouviram-no implorar: «Auxiliai-nos, Senhor, quando quisermos fazer o que é justo, e não soubermos precisar o que é. Mas socorrei-nos mais depressa ainda, quando estivermos perfeitamente certos do que é justo, mas não quisermos fazê-lo!»

—Transcrito no *Farm Journal*

Um experimento que seria fatal

(*Condensado do «Wall Street Journal»*)

Por William Henry Chamberlin

A GRANDE válvula de segurança da democracia é o fato de que os eleitores podem, sem recorrer à conspiração ou à violência, depor um governo que já não conta com o apoio da maioria. Se mudarem de idéia, decorridos poucos anos, nova modificação é possivel, sem se valerem de *complots* ou de expurgos, mediante o simples veredicto trivial das urnas.

Essa oscilação normal do pêndulo político é, entretanto, interrompida quando um partido totalitário consegue granjear bastante apoio popular para se tornar um sério concorrente às eleições. A um partido comunista ou fascista, sob o regime democrático, é possivel perder duas dezenas de eleições sem prejuizo de suas atividades. Mas, uma vez que tal partido vença uma eleição que seja, o pêndulo estaca, como se se tivesse despedaçado o relógio. O povo já não tem ensejo de reconsiderar o veredicto dentro da lei e da ordem. Esse fato os liberais benévolos devem ter presente ao opinarem que se um povo «quer» o comunismo, deveria provar esse novo regime para depois o rejeitar ou modificar, caso não corresponda à expectativa. Essa proposição seria ótima desde que houvesse algum meio de jungir a prática do comunismo à garantia rigorosa das liberdades políticas e civís. A experiência revelou, entretanto,—sem uma única exceção, já que a Tchecoslováquia foi transformada no estado-policial comunista padrão da Europa oriental, —que as liberdades políticas e civís vão por água abaixo apenas o comunismo assume o poder. Um povo que precipitadamente escolhe o comunismo não tem ensejo de retificar o erro mais tarde. Expurgos e conspirações e imprensa dominada pelo governo, campos de concentração para trabalhadores escravizados e uma rede de espionagem universal impossibilitam à oposição agir pacífica e legalmente.

Nas estradas européias, nos setores de ocupação norte-americana, vê-se frequentemente este aviso: «Guie com cuidado. A morte é tão permanente!» Advertência semelhante aplica-se ao comunismo. Uma vez imposto, só pode ser derribado pela guerra—civil ou externa.

O chapéu de Jipijapa no Equador

Por Alfredo Pachel R.

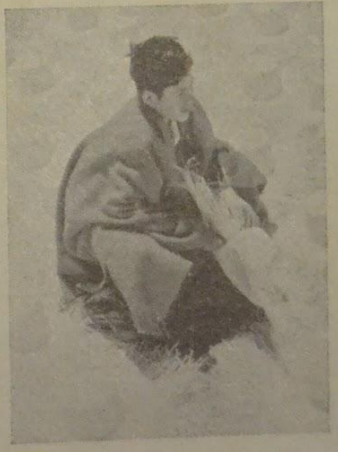
O CHAPÉU de Jipijapa, ou, como é erroneamente chamado, o «chapéu do Panamá», é uma obra de arte. A palha de que é tecido, chamada *toquilla*, é produzida por uma palmeira que cresce nos trópicos sul-americanos em forma mais ou menos silvestre. Embora não seja, na realidade, uma palmeira, é extraordinária sua semelhança a essas árvores devido a que suas folhas largas e sedosas são dispostas em forma de leque.

A *toquilla* é trabalhada por pobres camponeses equatorianos, que são os tecedores. Suas humildes choças de bambú são as «fábricas» de onde saem os chapéus mundialmente famosos. Nas regiões onde cresce a fibra, e principalmente em Jipijapa e Montecristi, na província de Manabí, a maioria dos habitantes se dedica à manufatura de chapéus. Milhares de camponeses passam grande parte da vida sem fazer outra coisa senão tecer. Se bem que possam ganhar seu sustento, o produto de seu trabalho é diminuto, em contraste com o que o comerciante obtem. Os tecedores foram, porem, amparados pelo regime protetor de seguro social, e hoje o Equador se orgulha da indústria que é considerada a melhor do país. O falso nome de «chapéu do Panamá» se deve a que, durante muitos anos, essa cidade açambarcou e distribuiu os chapéus que se devem denominar «de Jipijapa», por ser aí que se manufaturam em maior quantidade e de melhor classe.

Os tecedores preparam a palha cuidadosamente. Lavam-na até ficar bem branca, para deixá-la então secar ao ar livre, procurando sempre manter nela certo grau de umidade. Colocam-na, depois, em um caixão de madeira sobre um forno de barro em que arde carvão polvilhado de enxofre. Os gases desprendidos devem ficar encerrados durante quatro ou cinco horas no caixão, hermeticamente fechado para branquear a palha ainda mais, antes de ser esta novamente exposta ao ar. Em seguida escolhem-se as fibras, formando pequenos feixes segundo a grossura, removendo-lhes as «veias» e cortando as extremidades para igualá-los, operação que se pratica metendo a palha sob a água corrente. A palha é golpeada depois, vigorosamente, com um pedaço de pano, o que remove toda a penugem, deixando a palha o mais lisa possivel.

Afim de preservá-las do calor, que as entesaria e as faria menos duteis, as finíssimas fibras são conservadas em lugares úmidos. A própria tecelagem só começa quando a frescura da noite mitiga o calor do trópico. Todas as portas da choça estão fechadas, e uma simples vela ilumina escassamente o círculo familiar, pronto para a tarefa. Sentados em bancos rústicos ante as formas de madeira de balsa, os tecedores têm a seu lado pequenas vasilhas

(*Continua na p. seguinte*)



Apresentamos em nossa capa uma interessante vista de um tecelão equatoriano dos famosos chapéus, expondo um grupo destes ao sol—uma das fases do processo de manufatura.

Foto: Leo Matiz

O chapéu de Jipijapa no Equador

com água. Os dedos se umedecem de vez em quando, e começam a mover-se, ageis, rápidos e ordenados.

Tece-se primeiro a «coroa» do chapéu como ponto de partida; em seguida coloca-se esta «coroa» sobre a forma, sustentada pelo peso de um objeto pequeno. As longas horas de movimento rítmico e ininterrupto mal se notam no diminuto círculo—menor que uma moeda—centro da copa do futuro chapéu. A tecedura é apertada e quase invisivel. Em redor derramam-se as múltiplas fibras, dando a impressão de uma cabeleira loura.

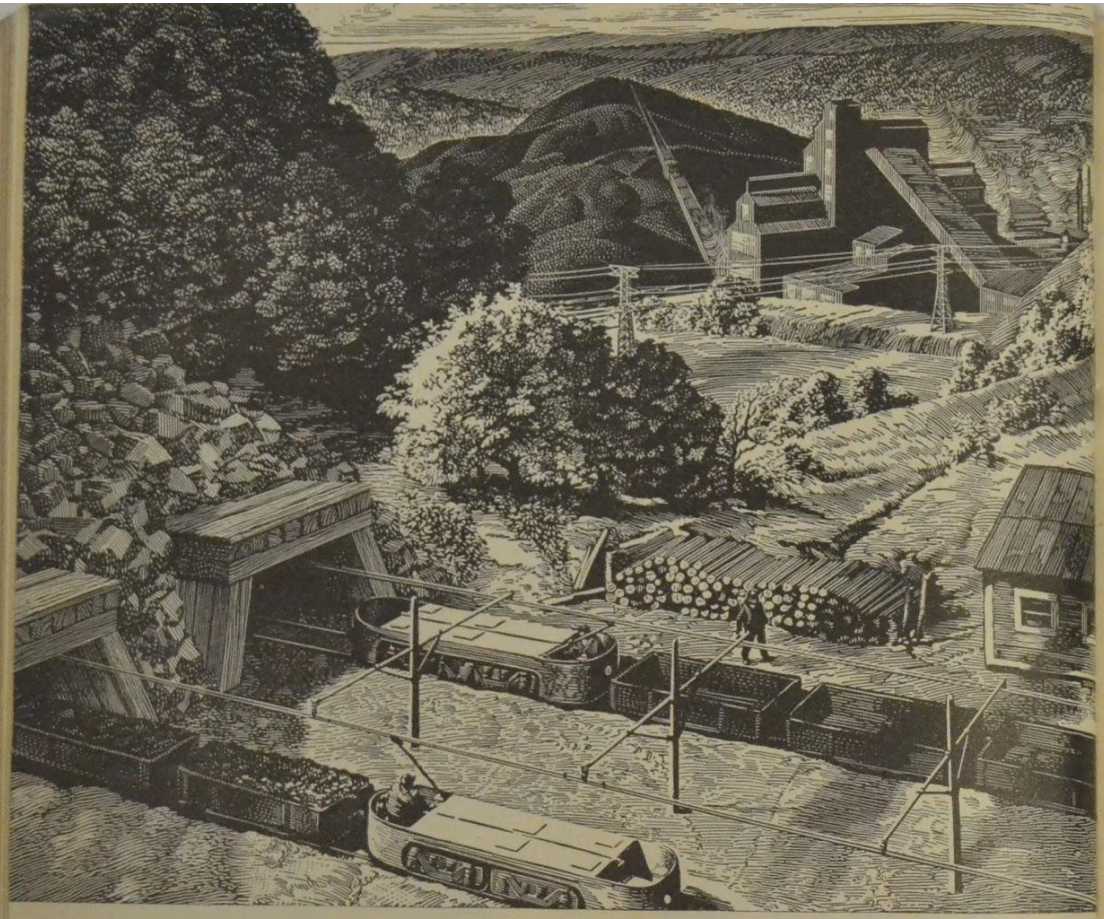
Há tecedores especialistas para chapéus de todos os preços, mas são exclusivamente as mulheres as artífices dos «extrafinos». A manufatura de um chapéu fino leva de dois a três meses; um chapéu comum pode ser tecido em poucos dias. Os comuns são vendidos até a 50 sucres e mais, no mercado local, enquanto que os finos custam, em média, 1.500 sucres cada um; às vezes confeccionam-se chapéus que chegam a valer até quatro mil sucres. A exportação passou, em 1947, de três milhões de unidades, e seu valor ascendeu a cerca de 50 milhões de sucres, dos quais só uma parte chegou às mãos dos tecedores, através dos intermediários.

Os chapéus finos de Jipijapa e Montecristi levam uma característica inconfundivel: o começo e o fim da tecedura não deixam quaisquer sinais nem extremidades visiveis. Praticamente não têm avesso, e são flexiveis, sedosos, leves e impermeaveis. Um chapéu fino, enrolado em forma de tubo, pode passar por dentro de um anel comum. Muita gente tem querido averiguar qual o segredo da arte excepcional dos tecelões de Manabí; mas esses camponeses equatorianos, amaveis e serenos, responderão sempre, com um sorriso entre complacente e irônico, com esta frase: «Meu senhor, eu não sei; os dedos não falam...»

Seria o leitor boa testemunha ocular?

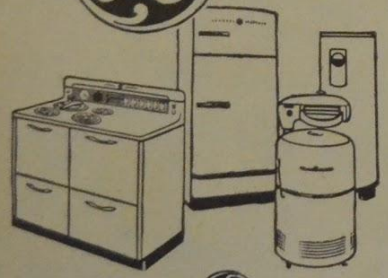
Na gravura do acidente que se vê à p. 80:

1. Como se chamava a cidade?
2. A que hora se deu o desastre?
3. Em que dia da semana?
4. Qual era a estação do ano?
5. O automovel era tipo cupê?
6. Qual o número da placa?
7. Em que direção ia—norte, sul, leste ou oeste?
8. O dono do carro tinha chapéu ou boné?
9. O menino ia sem chapéu?
10. Para que lado se dirigia o bonde?
11. Que número tinha?
12. Quantos passageiros levava?
13. Quantas pessoas viram o acidente?
14. Quantas pessoas há na gravura?
15. Em que rua ficava o armazem de secos e molhados?
16. Qual o nome desse armazem?
17. Em que rua fica a loja de ferragens?
18. Que nome tem a loja?
19. Que havia na vitrina ao lado do relógio?
20. Havia alguma caixa de correio na esquina?
21. Quantas crianças se viam no local?
22. Quantos animais havia?
23. O cavalheiro que se via atrás da vitrina estava sem chapéu?
24. Qual dos veículos infringiu o regulamento do tráfego?
25. Qual o preço das bananas?



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES



Possantes locomotivas mineiras e poderosos guinchos elétricos transportam e elevam toneladas de minério das galerias subterrâneas para a superfície—exhaustores elétricos purificam o ar que os mineiros respiram. Todos êsses equipamentos são acionados por motores elétricos e controles G-E.

Onde quer que a energia elétrica sirva a humanidade, V. encontrará a poderosa influência das pesquisas, da engenharia e da capacidade criadora da General Electric.

A-8-8

GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se por seu funcionamento garantido.

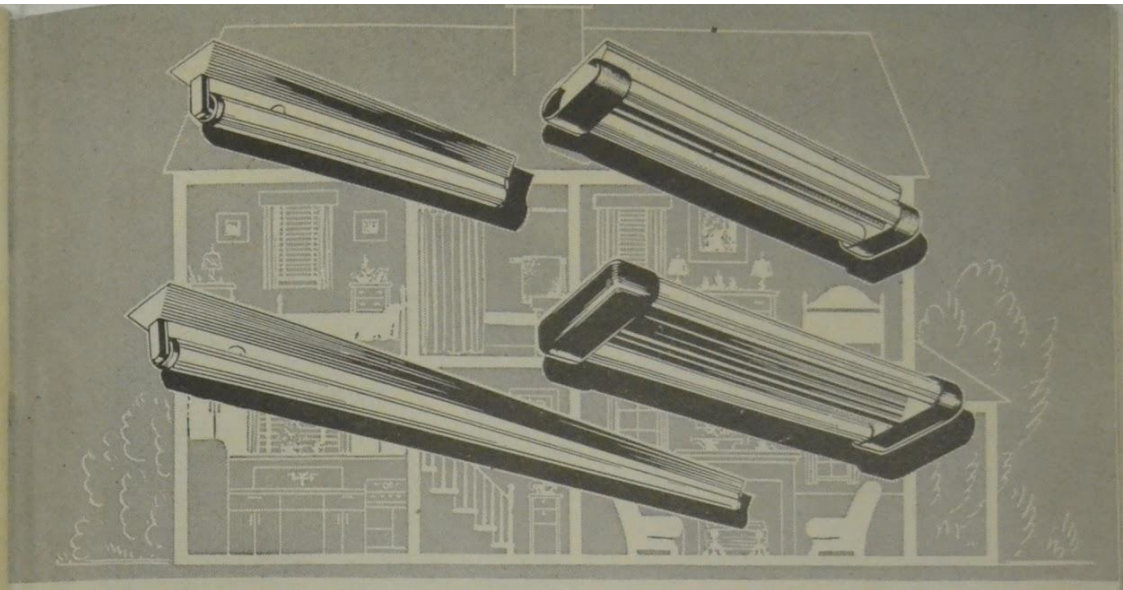
O tempêro é que faz a salada!

O ÓLEO "A DONA" é que faz o tempêro!

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



TORNE O SEU LAR . . .

MAIS LUMINOSO E MAIS BELO!

Dê a todas as divisões de sua casa a nota alegre e nova da moderna iluminação decorativa . . . arrume seus quadros valiosos e moveis de estimação sob a luz mais vantajosa—uma iluminação luxuosa e bela . . . e que no entanto não esquenta nem deslumbra!

Escolha as suas placas para lâmpadas fluorescentes no variado sortimento da Sylvania—o mais eficiente que ela até hoje criou—o mais prático e o mais econômico!

A R-220—Placa de luxo com duas lâmpadas de 20 watts. Para salas de jantar, quartos de dormir, e salas de estar.

A R-228—Placa moderna, de preço módico, ideal para cozinhas, corredores, e salas de jogo. Duas lâmpadas de 20 watts.

A CS-120—Placa em régua, de estilo atraente, com uma lâmpada de 20 watts—para iluminação de espelhos, quadros, etc.

A CS-140—A mais popular e econômica das placas em régua da Sylvania, com uma só lâmpada de 40 watts—para pequenas cozinhas e solários.

A NOVA LÂMPADA "WARMTONE"

A primeira lâmpada fluorescente com luz abundante, suave e de côr "Incandescente".

SYLVANIA ELECTRIC

Fabricantes de lâmpadas fluorescentes, placas e lustres, dispositivos de instalação elétrica; lâmpadas elétricas; válvulas de rádio; equipamento eletrônico.

Sylvania Electric Products Inc., *International Sales Division*, 50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E. U. A.

AQUELES QUE BRILHAM COM GLOSTORA

"Uso GLOSTORA porque me permite acompanhar qualquer "match" sem me preocupar com a linha dos cabelos".

(a) Oduvaldo Cozzi

81,7%! Eis a porcentagem das figuras de projeção que usam GLOSTORA, segundo "enquete" recentemente realizada. A exemplo de Oduvaldo Cozzi, o dinâmico locutor esportivo, os homens em evidência encontram em GLOSTORA o preparado ideal para os seus cabelos. Êles dizem unanimemente de GLOSTORA: *O primeiro que fixa sem empastar: o único que amacia sem engordurar.*

USE E SABERÁ PORQUE AS FIGURAS FAMOSAS USAM

Glostora

UM PENTEADO CORRETO E UM PERFUME DISCRETO

DÁ CAÇA AO TIGRE REAL

(mas tem a cara ultra-sensivel)

O CALOR ÚMIDO E ABAFANTE DA SELVA TORNA MINHA PELE MUITO SENSIVEL. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE COM FACILIDADE E SEM SOFRER, GRAÇAS AO CREME **WILLIAMS**, QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar— deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

MAIS UMA TAREFA

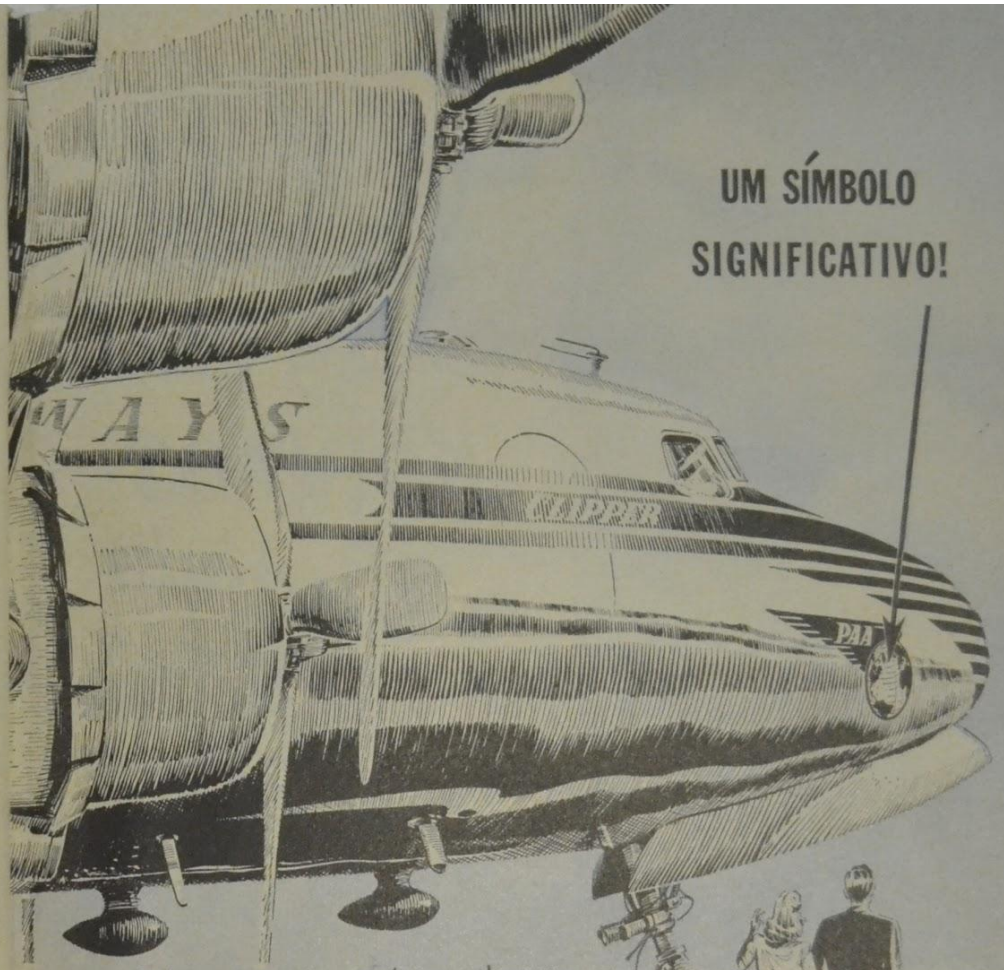
PARA O 'JEEP'

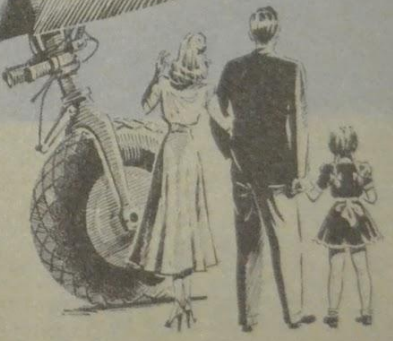
O 'JEEP' UNIVERSAL é um caminhão-reboque ideal para o transporte de gado valioso, maquinaria agrícola e outras cargas que os fazendeiros e criadores frequentemente desejam transportar. Para tal trabalho o 'Jeep' oferece a melhor conveniência e uma utilidade geral. E quando essa tarefa tiver sido feita, o 'Jeep' estará pronto para outra. Arrasta um arado com a mesma facilidade com que puxa um reboque—porquanto sua utilidade não se confina a apenas uma classe de trabalho, mas inclui as funções de quatro máquinas diferentes: caminhão, carro de entregas, trator e unidade de fôrça locomóvel. Nenhum outro veículo é tão prático nos diversos trabalhos da fazenda ou rancho de criação, como o 'Jeep' Universal de impulsão nas 4 rodas.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORPORATION
TOLEDO, OHIO, E.U.A.

o 'Jeep' Universal construído por WILLYS-OVERLAND

UM SÍMBOLO SIGNIFICATIVO!





A Asa representa os píncaros de perfeição a que a PAA tem levado o Transporte Aéreo para servir a humanidade.

O Globo simboliza o fato de que, hoje, V.S. pode viajar pêla PAA para 68 países, nos quatro cantos do mundo.

Juntos, a Asa e o Globo da PAA formam um símbolo que é reconhecido pelos viajantes em tôda parte como o mais alto padrão de assistência ao passageiro e regularidade de vôos . . . outra razão por que, todos os dias, cada vez mais ouve-se dizer . . .

★ PASSAGEIROS
★ CLIPPER CARGO
★ CORREIO AÉREO

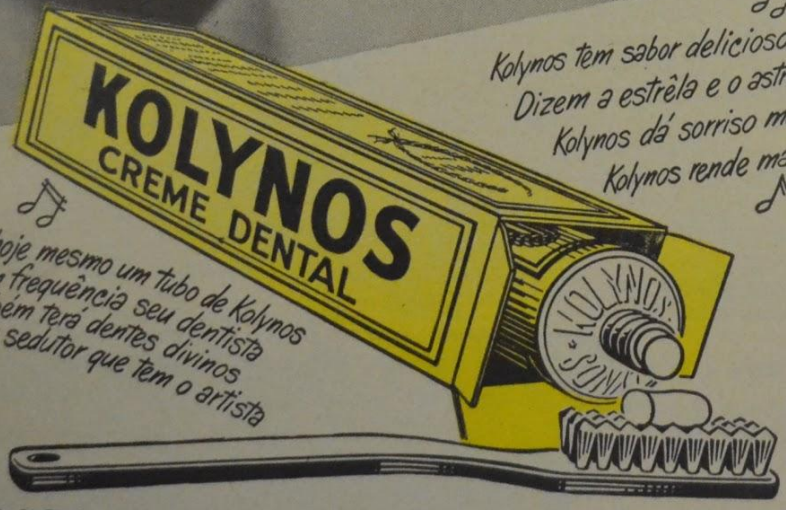
VIAJE PÊLA PAA - Melhor maneira não há!

PAA
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rêde dos Clippers Voadores

VOCÊ
também usará Kolynos
diz Virginia Mayo

A famosa estrêla de Samuel Goldwyn que aparece em "Um Tigre Domesticado"

Kolynos tem sabor delicioso
Dizem a estrêla e o astro mais famoso
Kolynos dá sorriso mais brilhante
Kolynos rende mais...é refrescante



Compre hoje mesmo um tubo de Kolynos
Visite com frequência seu dentista
Você também terá dentes divinos
E o sorrir sedutor que tem o artista

Basta um centímetro na escôva sêca

K-40-P

AGRADA MAIS... LIMPA MAIS... RENDE MAIS

NOVA—E MEDE MENOS DE 12 CENTÍMETROS DE COMPRIMENTO...

Demi-size
Parker "51"

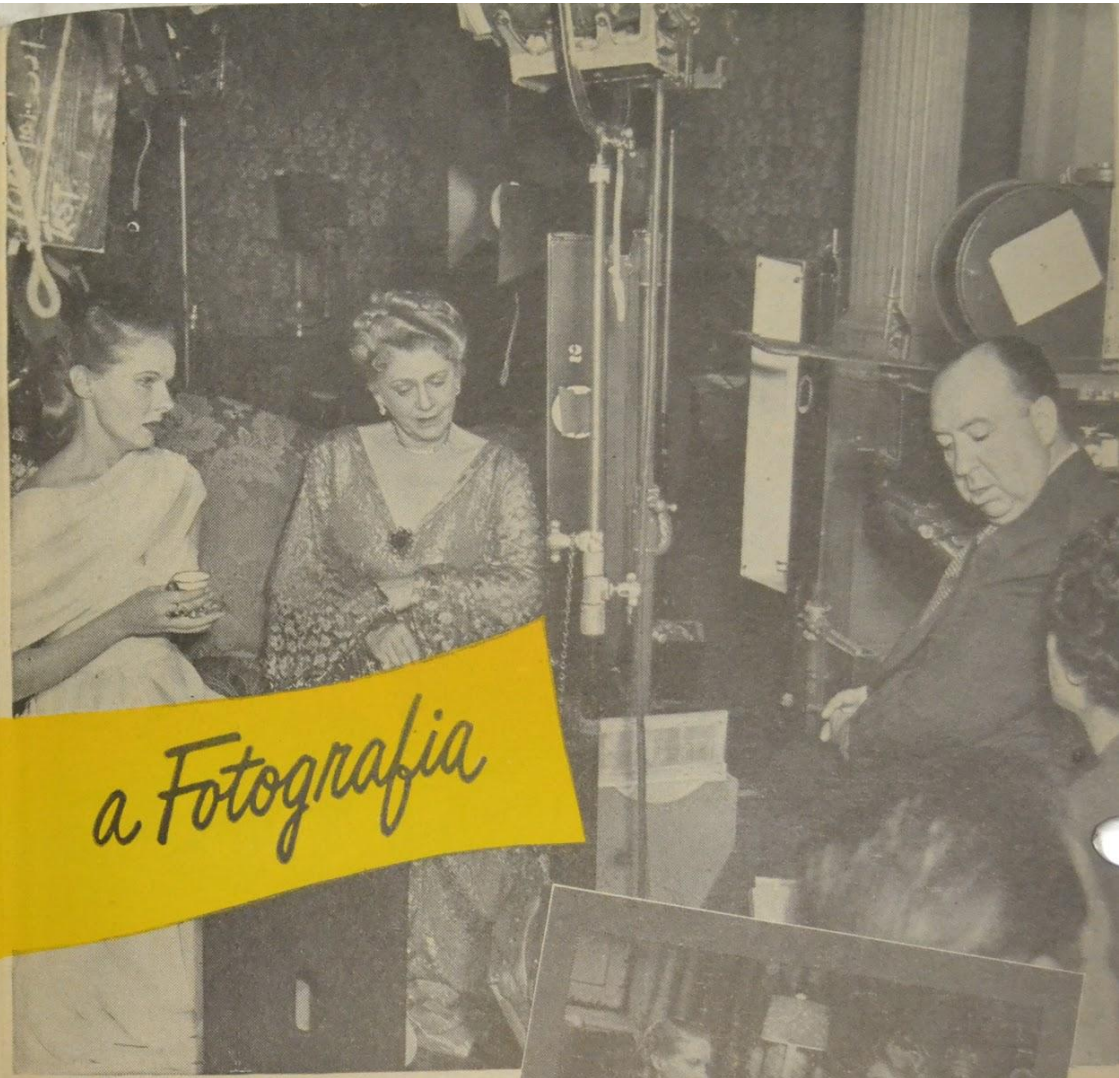
● Eis uma caneta criada especialmente para homens e mulheres que preferem uma caneta menor. Medindo menos de 12 centímetros de comprimento quando fechada, a *demi-size* "51" cabe, em posição vertical, em qualquer bolsa de senhora... e até no bolso de uma camisa de homem.

A caneta *demi-size* "51"—que mais parece uma jóia—e a "51" comum são as únicas que foram designadas para o uso satisfatório da nova Parker *Superchrome*—a tinta mais brilhante e permanente jamais conhecida.

"51"... a caneta mais desejada do mundo escreve seco com tinta líquida!

REPRESENTANTES E POSTO CENTRAL DE CONSERTOS PARA
Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9—1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTÓNIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C. P. 463—Lourenço Marques

Ambos usam a Fotografia



Uma cena do filme AGONIA DE AMOR, *de David O. Selznick*

V. S., para tirar instantâneos . . . capazes de perpetuar os "pequenos" incidentes que tanto significam.

O Diretor, para o cinema . . . essencial como fonte de informações e recreação pública.

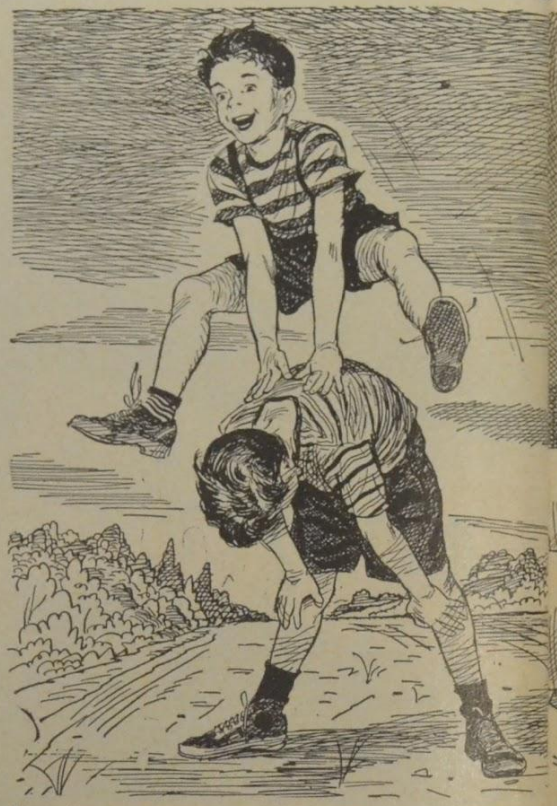
Eis aqui dois dos inúmeros campos em que a Kodak põe a fotografia a seu serviço.

Kodak

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

A Imunização é a segurança da vida do seu bebê!

Com o seu desvelo e os cuidados do médico, a Sra. pode erigir um muro de segurança em torno do seu bebê!



As vacinas contra essas moléstias protegerão o seu filho até o fim dos seus anos de escola.

Imunizar é defender o seu filho contra essas doenças. Peça hoje mesmo ao médico para aplicar as vacinas.

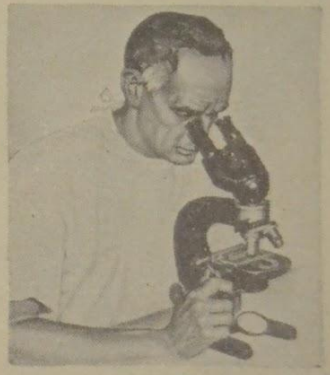
Veja o que ocorreu quanto às doenças infantis de carater grave. Muito menor é este ano o número de crianças em risco de morte, vitimadas pelo crupe (difteria), pela coqueluche, pela varíola. Porque, graças à imunização, os médicos agora conseguem prevenir esses terríveis flagelos da infância. O período de uma geração bastou para que as mortes por essas doenças fossem reduzidas à quase metade. E se a varíola e o crupe continuam a ameaçar a vida das crianças é porque muitas mães ainda não se convenceram da necessidade vital da imunização.

Recorte a tabela de imunização por idade que damos a seguir. Ela lhe lembrará a época em que a criança deve ser vacinada!

DOENÇA	VACINAR
Coqueluche	Dos três aos seis meses
Varíola	Até os seis meses Revacinação ao entrar para a escola.
Crupe (difteria)	Dos seis aos nove meses. Repetir dos dezoito aos vinte e quatro meses e, depois, aos doze anos.

Uma leve picada de agulha pode salvar uma vida! Estas injeções quase indolores têm salvo inúmeras crianças e poupado às mães grandes sofrimentos. E são tão rápidas, e é tão facil ir ao médico tomá-las! Mas a época própria à vacinação é quando a idade dos filhos ainda não se conta por anos, mas por meses. Para ser eficaz, essa proteção precisa começar *cedo*. A imunização é a melhor segurança que se pode dar à vida de um bebê, e a mais econômica! Observe a tabela ao lado. Consulte o seu médico sobre estas vacinas. Faça-o sem demora!

A Senhora verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

NOVO ENCANTO
para um
ANTIGO PRODUTO

O algodão vem gozando ultimamente de uma voga renovada nos domínios da Moda. Dadas as suas inúmeras aplicações, desde os produtos industriais até aos vestidos *chics* de *soirée*, o algodão é uma das fibras texteis de mais variados usos. É tambem uma das mais antigas que o homem conhece.

The First National Bank of Boston conta já 164 anos de experiência no financiamento de importadores e exportadores de algodão, artigos de algodão e maquinaria algodoeira. No carater de mais antigo e maior banco da Nova Inglaterra, ele tem financiado um imenso volume desta matéria-prima das manufaturas da Nova Inglaterra.

Dispondo de filiais bancárias em dez grandes centros de comércio, de Boston a Buenos Aires, e com bancos correspondentes no mundo inteiro, The First National Bank of Boston oferece serviços bancários completos ao comércio internacional, quer em ramos tradicionais, quer em produtos novos devidos à mais recente técnica do após-guerra.

Na região da Nova Inglaterra, cabem a este Banco mais da quarta parte de todos os empréstimos bancários feitos ao comércio, e quase um quinto de todos os depósitos bancários em contas comerciais.

The FIRST
NATIONAL BANK of
BOSTON

★ *Fundado em 1784* ★

Membro da Corporação Federal de Seguro de Depósitos

Representante em Nova York: First of Boston International Corporation, 2 Wall Street.
Filiais alem-mar: Buenos Aires, Avellaneda, e Rosário, Argentina; Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus, Cuba. Rio de Janeiro, Brasil. *Bancos correspondentes no mundo inteiro.*

e aprenda a executá-lo num Curso SINGER!

Tôda mulher sente prazer em variar, de vez em quando, a aparência de seu lar. Umas cortinas novas . . . capas coloridas para as velhas poltronas . . . e o ambiente *renovado* torna-se mais alegre e acolhedor. Tudo isto poderá ser feito por você mesma, por menos habilidosa que seja. E com notável economia para o seu orçamento! Procure uma Loja SINGER e informe-se sôbre o Curso de Decorações do Lar.

Em qualquer Loja SINGER há completo e sortido "stock" de aviamentos, nacionais e importados, para tôda espécie de costura. Compre suas linhas, agulhas, botões, cintos, flôres, fechos, echarpes, fitas, etc. nas Lojas SINGER!

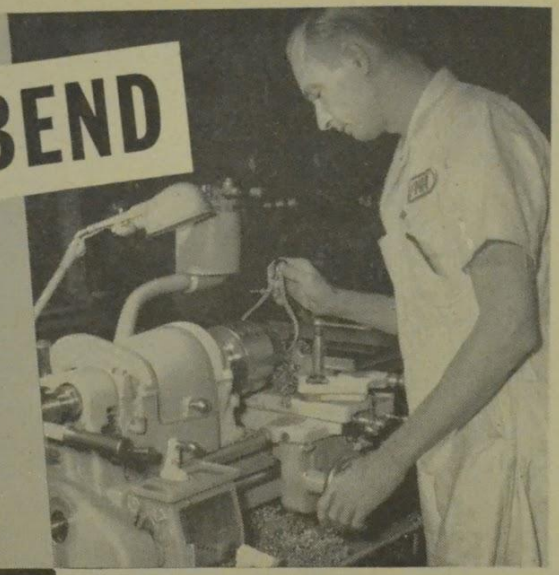
SINGER
SEWING MACHINE COMPANY
—o nome garante o produto!
Lojas SINGER em todo o Brasil

Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company
All Rights Reserved for All Countries • Todos os direitos devidamente protegidos, pelo Tratado Internacional

M. R.

SOUTH BEND

para Melhor Trabalho de Mecânica



Torno South Bend de 10" numa oficina da Pan American World Airways

Nova Broca de Bancada South Bend de 14"

Os Tornos e as Brocas South Bend tornam possível executar melhor trabalho de mecânica. São máquinas operatrizes fabricadas com precisão, aptas para produzir eficientemente trabalhos exatos. A sua adaptabilidade as tornam ideais para a produção, as experiências e a conservação. Ser-lhe-á vantajoso informar-se sobre as máquinas South Bend.

Os Tornos South Bend são fabricados nos modelos de Caixa Norton e Ferramenteiros, com 9", 10", 13", 14½", 16" e 16/24" de diâmetro. Peça-nos catálogos.

No Brasil dirija-se à
BERT KELLER, S. A.
Máquinas Modernas
Caixa Postal 1975 — São Paulo, Brasil

Em Portugal dirija-se à
SOCIEDADE COMERCIAL
ROMAR, LTDA.
R. da Boa Vista 83-A, Aptdo. 326
Lisboa, Portugal

Só as máquinas South Bend legítimas exibem esta Marca e Emblema

SOUTH BEND LATHE WORKS

Fabricando melhores máquinas desde 1906

497 EAST MADISON STREET, SOUTH BEND 22, INDIANA, E. U. A.

AS SUAS ORDENS

para melhores produtos de petróleo

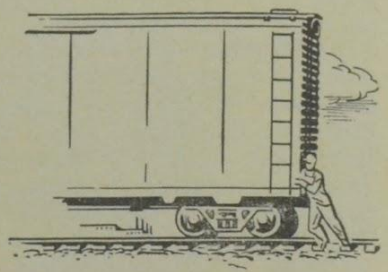
•As modernas refinarias são tão somente um dos elementos da enorme organização Texaco. Produção, oleodutos, armazenagem, refinação, distribuição—alem de pesquisas constantes—constituem fases controladas para assegurar a V.S. um suprimento de qualidade em lubrificantes e combustiveis. Para tudo de que precisar em matéria de automovilismo, indústrias e transporte—especifique sempre TEXACO . . . o que equivale a dizer funcionamento eficiente, pontual e econômico.

THE TEXAS COMPANY *e seus distribuidores*

Vista aérea das instalações de Port Arthur (Texas)—Zona das docas

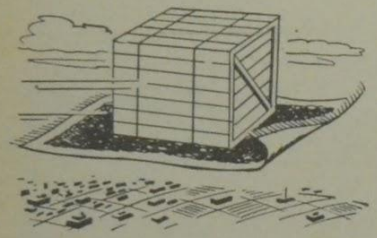
TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

MODERNOS MILAGRES
Ferroviários



VAGÕES QUE UM HOMEM PODE EMPURRAR!

São necessários vários homens robustos para empurrar um vagão de carga comum, de mancais fricção. Mas *um único homem* pode mover um vagão de carga equipado com rolamentos Timken, porque os rolamentos Timken reduzem de 88% a inércia na partida! Isto torna o trabalho da locomotiva extraordinàriamente fácil.



TRANSPORTE RÁPIDO E SUAVE COMO NUM TAPETE MÁGICO!

Com rolamentos Timken nos vagões de carga, todas as restrições à velocidade, devidas aos mancais, são eliminadas. As partidas e paradas são suaves. Os danos à carga são reduzidos. As mercadorias chegam ao destino mais rapidamente e em melhores condições.

MAIS AMPLA UTILIZAÇÃO DOS VAGÕES DE CARGA!

Reduzindo substancialmente o custo de manutenção, eliminando o superaquecimento dos mancais e permitindo desenvolver maiores velocidades, os rolamentos Timken aumentam a utilidade dos vagões de carga. Isto resulta em redução dos custos para a estrada de ferro e aumento de facilidades de transporte.

BENEFÍCIOS PARA TODOS

Não sòmente as estradas de ferro, mas todos aqueles que produzem, vendem ou compram mercadorias serão beneficiados com a adoção de rolamentos Timken nos vagões de carga. Nos Estados Unidos, centenas de vagões desta natureza estão sendo equipados com rolamentos Timken. Tenha certeza de que a marca registrada Timken está estampada em todos os rolamentos que usar.

ROLAMENTOS DE ROLOS CONICOS

TIMKEN

Marca® Registrada Reg. U. S. Pat. Off.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.
Cable address: «TIMROSCO»

Representantes exclusivos para venda no Brasil

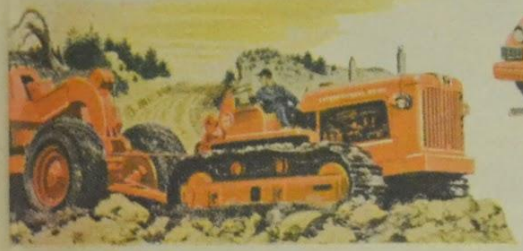
• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •
Rua Senador Queiroz, 396 — Tel. 2-7269 e 3-4834 — São Paulo, Brasil

ÊSTE SÍMBOLO INDICA...

Produto da

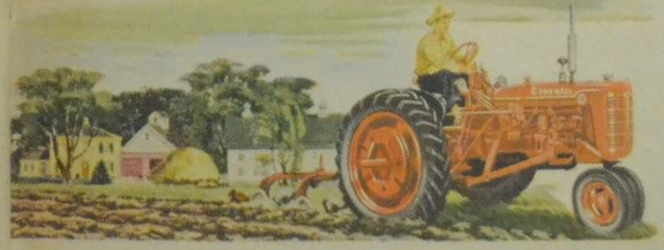
INTERNATIONAL HARVESTER

Os caminhões International têm as especificações *exatas* para cada serviço, são vendidos *de acôrdo* para cada trabalho e são *bem* servidos posteriormente. O popular caminhão-trator modêlo KB-7 ilustrado acima é o mais comum nas estradas.



O maior e mais possante dos tratores de esteiras International é o modêlo TD-24 com 180 H.P. e 18 toneladas de pêso, recentemente incorporado a esta poderosa linha de tratores Diesel. Nos campos como nos pomares, os fazendeiros confiam nos International em virtude de sua resistência e funcionamento econômico.

Dois Congeladores International Harvester — de 4 e 11 pés cúbicos — proporcionam alimentos frêscos durante todo o ano tanto para grandes como pequenas famílias.



Há um quarto de século era apenas uma idéia... hoje uma realidade: um grupo de cinco tratores para todos os fins com suas máquinas especiais para qualquer tamanho de fazenda, qualquer cultura ou condição de terreno. Êste é o Sistema Farmall!

INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS, S. A.
Rio de Janeiro São Paulo Porto Alegre

Desenhado especialmente para "Ela"

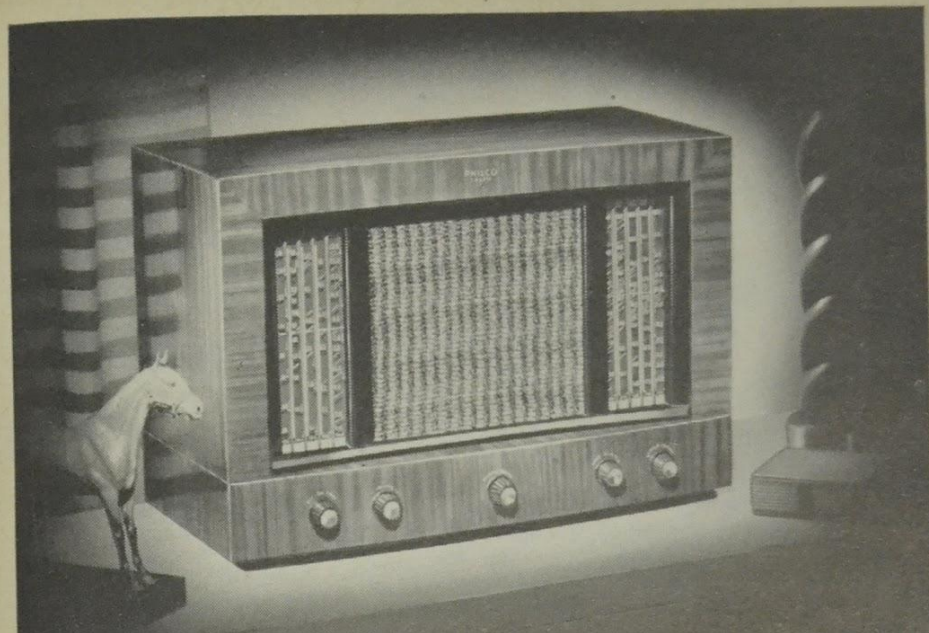
Desde seu tamanho—especial para mãos femininas—até o "pregador", ajustável a qualquer espessura de tecido, de novo feitío, o jogo "Trio" da SHEAFFER'S, foi fabricado especialmente para senhoras. "Ela" se lembrará sempre do quanto é insuperavel esse jogo de instrumentos de escrever, composto de uma caneta "Triumph" com sua pena cilíndrica, de ouro de 14 quilates—que personaliza a escrita; uma *Sheafferiter* com ponta esferográfica, para anotações permanentes, em azul, vermelho ou verde; uma lapiseira *Fineline* com ponta arredondada, que não só reduz as quebras das grafites como evita que se rasguem o bolso ou a bolsa.

W. A. Sheaffer Pen Company, Ft. Madison, Ia., E. U. de A. • Malton, Ont., Canada.

Representantes exclusivos para o Brasil:
M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro:
Av. Getúlio Vargas, 502, 11o and.

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para Portugal:
AZEVEDO & DUARTE LTDA.
Rua do Crucifixo 76
Lisboa



Líder em Qualidade, Melhor do que Nunca!

Aqui está o famoso Philco 890—agora com faixa ampliada de 49 metros. Dez faixas que abrangem ondas longas e curtas de 13,6 a 200 metros. Sintonização Elétrica de Faixa Ampliada. A última palavra em luxo. Veja-o no seu Revendedor Philco!

Caixa de mogno resplandescente ou ultra-elegante madeira clara.

PHILCO

Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

Philco International Corporation
50 Broadway, Nova York 4, N. Y., E.U.A.

A Segurança Começa Aqui

Conservar a familia em segurança e feliz é a aspiração de todos. Hoje isto envolve comodidades e bem estar desconhecidos da geração passada.

Agora as tarefas caseiras são largamente facilitadas pelo petroleo. O proprio gás comum de cozinha dificilmente poderia ser fabricado sem o petroleo. E' ele usado para aquecer a agua para o banho do bebê, para iluminar e cozinhar.

O petroleo é essencial na fabricação e distribuição de materiais de construção, e como solvente na fabricação de tintas. Deste e de muitos outros modos, o petroleo torna os lares mais confortaveis e seguros.

O espírito de iniciativa da livre concorrencia desenvolve continuamente novas maneiras de tornar o petroleo mais util a mais pessoas.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

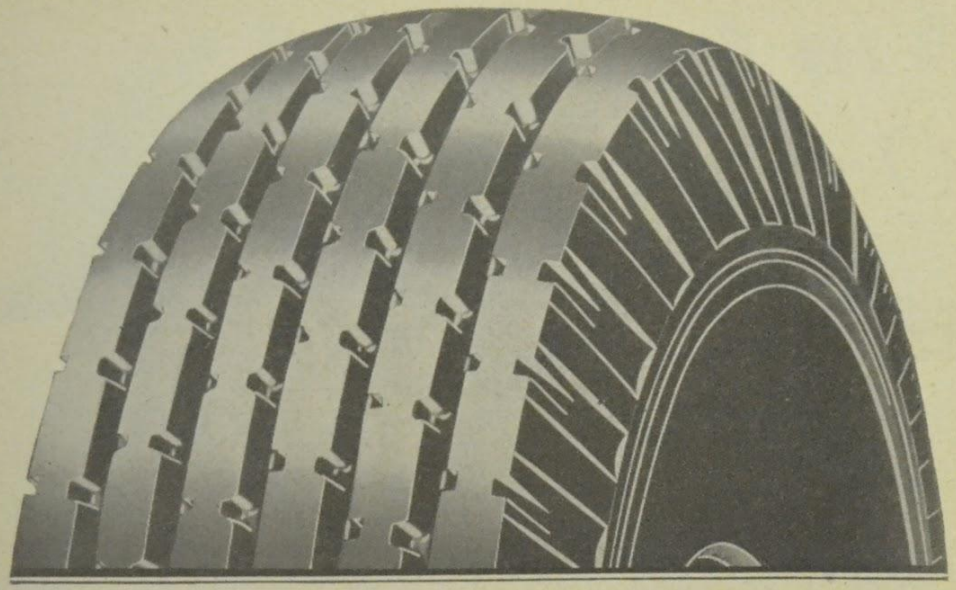
UM SÍMBOLO DE SERVIÇO — Esso — UM EMBLEMA DE QUALIDADE

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Via Láctea

O CIRURGIÃO põe as luvas... o estudante apaga um borrão de tinta... o doente precisa calor... o jogador de golfe aponta a bola... o bombeiro combate o incêndio... o motorista lava o carro com a mangueira... o jardineiro rega o gramado... Ninguem precisa ser campeão de charadas para adivinhar qual é o fator único comum a todas essas operações cotidianas—essas e milhares de outras. A resposta, claro está, é a Borracha. A vida tal como a conhecemos podia tornar-se indescritivelmente incômoda se não fosse a borracha, como se provou faz pouco, quando 90% das fontes naturais da borracha mundial cairam em mãos dos japoneses. A perda da Malásia foi realmente um dia negro para os Aliados. De fato, não fora a encarniçada concentração de esforços na produção da borracha "sintética", para substituir a natural, todo o ímpeto crescente da ofensiva aliada podia ter decrescido até se anular. E tudo isso por causa da borracha. Tudo isso por causa de uma simples substância leitosa que, em certas plantações remotas, goteja dos talhos nos troncos das seringueiras, para dentro de pequenas taças que, reunidas, vão contribuindo para amontoar os milhões de toneladas de borracha natural, que é uma das matérias-primas mais preciosas do mundo. Na Divisão Geral de Artigos de Borracha da Companhia Dunlop, mesmo quem está familiarizado, ficará surpreso com os infinitos usos da Borracha, as mil e uma aplicações dessa mercadoria onipresente. Até a inteligência mais enérgica se esgotaria, tentando conceber uma indústria cujas atividades, sem a Borracha, não ficassem reduzidas às mais primitivas formas de labor. Imagine-se que u'a mão diabólica despedaçasse os milhões de quilômetros de Cadeias de Condução nas fábricas modernas, e pense-se o que seria então a produção de víveres e bens num mundo já torturado pela escassez. Pense-se na mineração em termos de Cabos, Encanamentos, Mangueiras, Cadeias de Condução, Correias de Transmissão, Mancais, Rolamentos de Eixos, Capacetes de Segurança, Joelheiras, Molas e Amortecedores, Luvas, Capachos e Forros. Pense-se que essas são somente algumas das aplicações da borracha nas minas de carvão—pois há dezenas de outras—e em seguida lembre-se que a mineração é somente uma indústria entre milhares delas, que todas empregam a borracha com igual prodigalidade.

Mas o pensamento talvez mais interessante de todos não está no fato de que um produto na aparência tão simples como a Borracha—cuja vida se inicia em pequenas gotas—possa continuar desempenhando tantos e tão essenciais papéis em nossas vidas; nem mesmo na descoberta de que tantos milhares de acessórios pessoais e industriais são produzidos com a borracha para tantos mil propósitos diversos. O que mais nos assombra é que uma só organização industrial—a Dunlop Company—produza só por si tantos desses artigos, desde Cadeias de Condução a Pneus para Bicicletas; desde Pneus Gigantes para Caminhões até as delicadas Luvas de Borracha; desde interminaveis extensões de Pavimentos de Borracha, às Joelheiras de Dunlopillo. Os próprios gerentes da Dunlop chegam a perder a conta de tantos e tão diversos produtos que a companhia produz anualmente!



U.S.ROYAL

De Luxe

Este é o pneu para maior quilometragem e marcha mais segura. Ano após ano, os principais engenheiros especificam os pneus U. S. Royal DeLuxe como equipamento original dos melhores carros do mundo—o que constitui a prova suprema da excelência destes pneus.

Fabricados com cordonel de rayon* especialmente preparado, esquentam menos na rodagem e proporcionam maior quilometragem, por isso que duram mais e são mais seguros.

***Nos de medida 6.50 e maiores.**

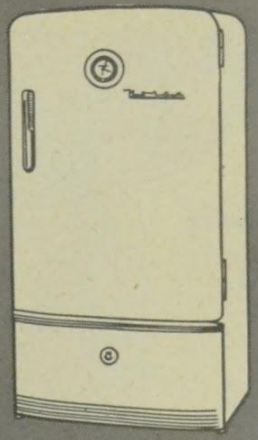
OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

Pneumáticos para agricultura | Pneumáticos para trabalho pesado | Botas "U. S." para varios usos | Mangueiras "U. S." | Correas de transmissão lisas e multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

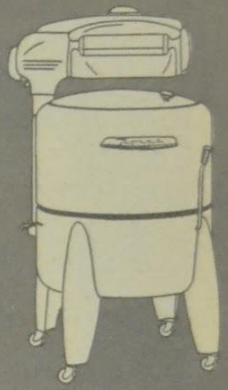
UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • No E. U. A., Nova York 20

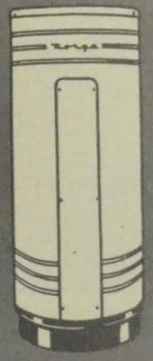


Refrigeradores "Self-D-Froster"

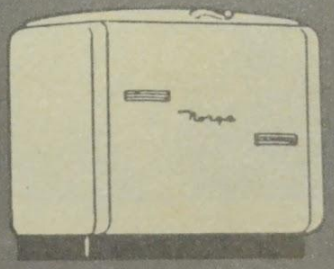
Fogões a Gás e a Eletricidade



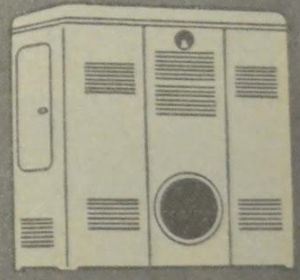
Máquinas-de-Lavar de Ação Tríplice



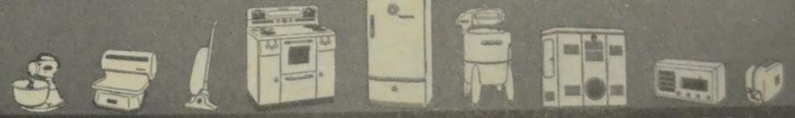
Aquecedores de Água a Eletricidade



Congeladores Domésticos



Aquecedores de Espaço



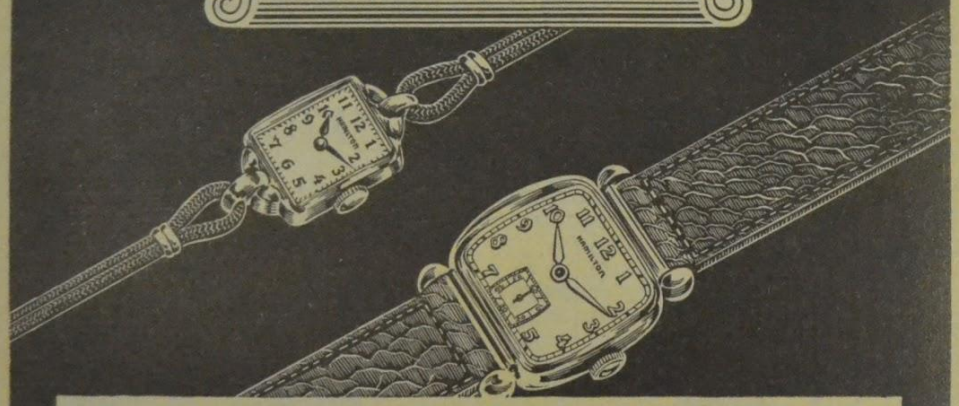
BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

Hamilton

A ULTIMA PALAVRA NA ARTE DA RELOJOARIA



Como presente de casamento, aniversário, graduação ou outras datas memoráveis, o brinde mais precioso é um Hamilton de extrema precisão e confiança. Mais de 50 anos de perícia técnica dos artífices dos E.U.A. converteram o Hamilton no "Relógio de Qualidade das Américas".

HAMILTON

O Aristocrata dos Relógios

«Não há tempo para ler»

Por Edward A. Filene

Destacado comerciante de Boston

JÁ SE TEM DITO que o homem de êxito precisa conhecer seu ramo de negócio, ou sua profissão, tão bem quanto qualquer outro homem, senão melhor; mas tambem lhe é indispensavel um conhecimento geral das demais coisas do mundo, para orientar devidamente sua própria atividade.

Isso se aplica com maior exatidão aos dias de hoje do que a qualquer outra época; e nunca foi tão dificil conseguí-lo.

O progresso é tão rápido, em todas as direções, que muitas vezes se nos torna impossivel manter-nos realmente em dia até com nosso próprio trabalho. As transformações que ora se observam são de tal forma fundamentais, que mereceram o nome de Segunda Revolução Industrial.

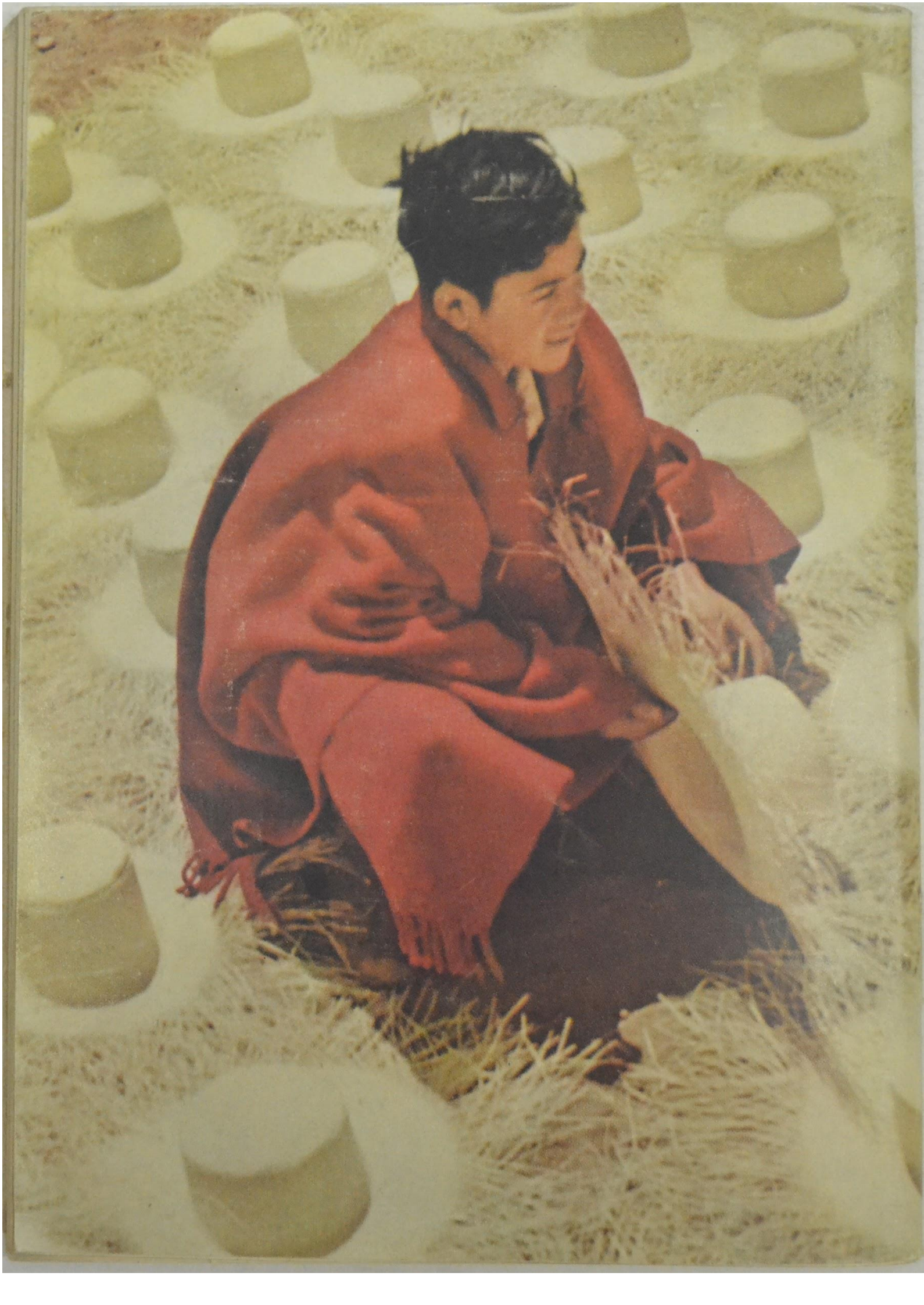
Dificilmente transcorre uma semana sem que se irradie, a todos os cantos do mundo, a notícia de novas descobertas e aperfeiçoamentos. Por essas razões, é importante que cada um de nós se mantenha informado quanto ao progresso atingido em nosso próprio campo de atividade, e saiba apreciar-lhes o verdadeiro significado, pois de outro modo não poderemos continuar a ser bons negociantes nem bons cidadãos.

Felizmente, à medida que o rendimento do trabalho humano vai aumentando graças a novas máquinas e novos métodos de usá-las, vão surgindo, paralelamente, outros inventos no campo da divulgação do conhecimento, inventos esses que contribuem para reforçar a opinião pública. Um dos mais uteis desses inventos é The Reader's Digest, que nos fornece, de forma notavelmente eficaz, um resumo dos artigos mais significativos publicados durante o mês, de maneira tão condensada que podem ser lidos mesmo pelas pessoas que «não têm tempo para ler».

Mas há outro serviço que The Reader's Digest me presta a mim e, suponho, à maioria de seus leitores—talvez o serviço mais valioso que algum periódico possa prestar—o de oferecer uma perspectiva contínua das tendências mais importantes do pensamento contemporâneo.

Essa perspectiva da orientação geral do pensamento moderno tem talvez mais valor do que nós próprios julgamos. Pois o pensamento de hoje criará o mundo social e industrial de amanhã; e aqueles que estejam mais alertas a suas tendências melhor se adaptarão às mudanças sem conta que requer a nova idade da máquina—e estarão mesmo mais aptos a contribuir para que tais mudanças se orientem no sentido do bem comum.

De dupla maneira, pois, The Reader's Digest surgiu das necessidades de nosso tempo, para satisfazer as exigências da vida nova. Para mim e para muitos amigos do país e do estrangeiro a quem o remeto, tem um valor inestimavel.



DEZEMBRO de 1948

Cr. $ 3,00

Seleções do Reader's Digest

O MELHOR DE REVISTAS E LIVROS

DIVULGADORA
LUIZ MAOURENÇA

Sobre os Andes—um vôo inolvidavel . . . . *W. Price* 33
O que convem saber sobre o plano de restauração da Europa . . . . . *William Hard e Andre Visson* 36
Episódio pessoal . . . . . *Grace P. Oursler* 40
Dicumarol—a droga que dissolve coágulos . *L. M. Miller* 43
Meu tipo inesquecivel . . . *Robert Tristram Coffin* 47
Os gregos lutam para salvar a Grécia. . *A. Koskinides* 51
Como ganhar dinheiro *com* os operários. . *S. B. Heath* 55
Uma professora que ensina a aprender . *Blake Clark* 59
Vamos quebrar a cabeça! . . *W. Bernard e J. Leopold* 63
Primeiro objetivo: Paz . *William Hard e Andre Visson* 65
Para evitar a monotonia conjugal . . *David R. Mace* 71
Howey, jornalista sem par . . . . . *J. P. McEvoy* 73
Carta de um médico a um cardíaco . *Charles M. Cooper* 80
A Inglaterra sob o regime socialista . *H. W. Seaman* 83
Despertar musical dos EE.UU. . *H. W. Heinsheimer* 88
Acumuladores que duram mais . . . *H. Manchester* 91
Flagrantes da vida real 95
Rainha da Holanda por meio século . . *George Kent* 97
Cinema ao ar livre *Katharine Best e Katharine Hillyer* 102
Duas palavras a favor do Tio Sam . *Bernard M. Baruch* 105
Argúcia dos animais . . . . . *Alan Devoe* 111
A vitamina que acabou com o raquitismo . *Paul de Kruif* 113
A coroa do velho Hank . . . . . *Ezra M. Cox* 118
Luz que não falha . . . . . *Myron M. Stearns* 120
Como pensa a nova geração japonesa . . *R. L. Durgin* 123
Exmo. Sr. Congressista . . . . . *Juliet Lowell* 127
Não existem sombras para mim . . . *Jacob Twersky* 129
Clay, sentinela de Berlim . . . . . *Karl Detzer* 131
Seção de Livros — A Fazenda Malabar . . . *Louis Bromfield* 135

A Árvore da Vida — *Fotografia* . . . . . *quarta capa*
Nota . . . . . *página 1*

CMDPO-CB
1963

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais no Brasil, ao preço de Cr$3,00; assinaturas, Cr$ 30,00 anuais

Agente Geral para o Brasil: FERNANDO CHINAGLIA

Avenida Presidente Vargas, 502, 19° andar, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
BAHIA: Alfredo J. de Souza & Cia., Rua Saldanha da Gama, 6, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Empresa Distribuidora Ltda., Avenida dos Andradas, 280, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Loja das Revistas, Rua Barão do Triunfo, 510-A, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Luiz Miranda Sá, Rua do Imperador, 221, 3° andar, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Avenida Presidente Vargas, 502, 19° andar.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: A Intelectual, Ltda., Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal: LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

Agentes Gerais para a África Oriental Portuguesa: Minerva Central de J. A. Carvalho & Cia., Ltda., Lourenço Marques, Moçambique.

Agentes Gerais para a África Ocidental Portuguesa: Livraria Magalhães, Avenida de Portugal, Lobito, Angola.

Tomo XIV, No. 83 — SELEÇÕES do Reader's Digest — Dezembro de 1948

Marca Registrada—Reg. U.S. Pat. Off.

Publicada mensalmente por Selecciones del Reader's Digest, S.A.,
Edifício Progreso, San Juan de Dios 154, Havana, Cuba

Diretor: Eduardo Cárdenas. *Administrador*: Roberto C. Sánchez

EDIÇÕES EM OUTROS IDIOMAS: *The Reader's Digest* (fundado em 1921): publicado em inglês por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville (E.U.), e publicado tambem na Inglaterra e na Austrália; diretores e editores, DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. *Edição em espanhol*, para os paises hispano-americanos e Espanha: redator, Eduardo Cárdenas. *Edição em francês:* redatores, Pierre Denoyer (París) e Pierre Ranger (Montreal). *Edição em sueco:* redatora, Brita Hebbe (Estocolmo). *Edição em norueguês:* redator, Henrik Aubert (Oslo). *Edição em dinamarquês:* redator, Onni Kyster (Copenague). *Edição em finlandês:* redator, Seere Salminen (Helsinque) *Edição em japonês:* redator, Bunshiro Suzuki (Tóquio).

Copyright 1948 por Selecciones del Reader's Digest, S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Estas duas sociedades reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão, parcial ou total, dos artigos contidos neste número.

Seleções do Reader's Digest, Vol. XIV, No. 83, December 1948. Published monthly by Selecciones del Reader's Digest, S.A., San Juan de Dios 154, Havana, Cuba. Subscription price, U. S. $2.00 per year in Latin America; U.S. $3.75 per year in the United States.
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N.Y., under Act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Illinois, U.S.A.

IMPRESSA NOS E.U.A.

A Árvore da Vida

(Capa)

Por José Vasconcelos

A OBRA-PRIMA da escultura em alto-relevo policromado no Novo Mundo é a Árvore da Vida, que se vê à entrada da igreja do mosteiro de São Domingos de Oaxaca, no México, sobre a abóbada do coro. Desde o primeiro momento, causa essa impressão de espanto que é própria das grandes criações da arte. Achamo-nos diante de um conjunto harmonioso, complexo e deslumbrante. Analisando, em seguida, distinguimos o traçado irregular dos galhos de uma árvore em azul e dourado, sendo os ramos mais grossos rematados com figuras, de três quartos ou de meio corpo, de personagens bíblicos e, em escala ascendente, virgens e santos; desde a raiz das gerações, simbolizada por Adão e Eva, e continuando pela genealogia de David, até chegar ao Redentor e seus eleitos.

O ouro antigo, de pálida chama, refulge nas pregas e fímbrias das vestes, que são de côr rosada suave, ou negra e azul, em desdobramento barroco. Os rostos, em branco emaciado, em côr-de-rosa ou marfim escuro, são de delicada perfeição. Os olhos contemplam despertos, e os semblantes acham-se idealizados pela consciência da missão sobrenatural que a cada um dos retratados coube desempenhar. Nos espaços que deixa livres o jogo da ramagem e das figuras, o escultor, prolífico como a própria natureza, distribui pinhas e folhas, que o ouro recobre e transfigura. O conjunto é como uma sinfonia plástica, que exprime o ciclo humano completo, pela terra e pelo céu.

Grandiosidade do tema, riqueza de motivos, minucioso acabamento dos detalhes, e unidade, pela harmonia que supera o geométrico para desenvolver-se nas espirais vivas que são próprias do cósmico!

O templo que alberga esta maravilha é gêmeo do de Yanhuitlan, e foram ambos decorados, em parte, por de la Concha, o grande escultor espanhol.

O Mosteiro de São Domingos de Oaxaca—disse Silvestre Baxter em seu livro clássico sobre arquitetura colonial—é uma das maiores estruturas conventuais do México. Foi iniciado em princípios do século XVII, e sua ocupação foi apressada pelo arrasador terremoto de janeiro de 1608, devido ao qual se deu ao edifício a rijidez de uma fortaleza. O mosteiro, junto com a sua igreja, ocupa um quadrado de cerca de 160 metros.

Alem do relevo já descrito, apresenta o edifício em suas capelas e em sua cúpola, imagens policromadas da mais alta qualidade; todas no estilo dos artistas castelhanos e sevilhanos, que na Espanha tiveram mestres tão notaveis como o Montanhês e Alonso Cano. Na América esses mesmos escultores criaram as escolas de Querétaro, Guatemala e Guaiaquil, especializadas no estofado, tela revestida de gesso, que, uma vez seca, era

(*Continua na p. 46*)

Nossa capa reproduz uma vista parcial do belo alto-relevo da Árvore da Vida, que decora a abóbada do coro da igreja de São Domingos de Oaxaca, no México.

Foto: Edwin Gourley

MENINA SUIÇA EM MISSÃO

A missão desta moça é convidar V. a ir à Suiça visitar as famosas "cidades" relojoeiras" deste pequeno país democrático. As cidades cujos nomes figuram na mala fornecem de há muito os relógios usados pela maioria das pessoas neste mundo.

Mas, se V. não pode ir à Suiça, a Suiça irá ter com V.—sob a forma dum relógio moderno. Hoje, como há séculos, os relojoeiros suiços mantêm suas tradições de perícia —tradições da arte de relojoaria transmitidas de pais a filhos. Está nisso a sua garantia de que o novo relógio suiço que V. comprar será o melhor e o mais fino do mercado, seja por que preço for.

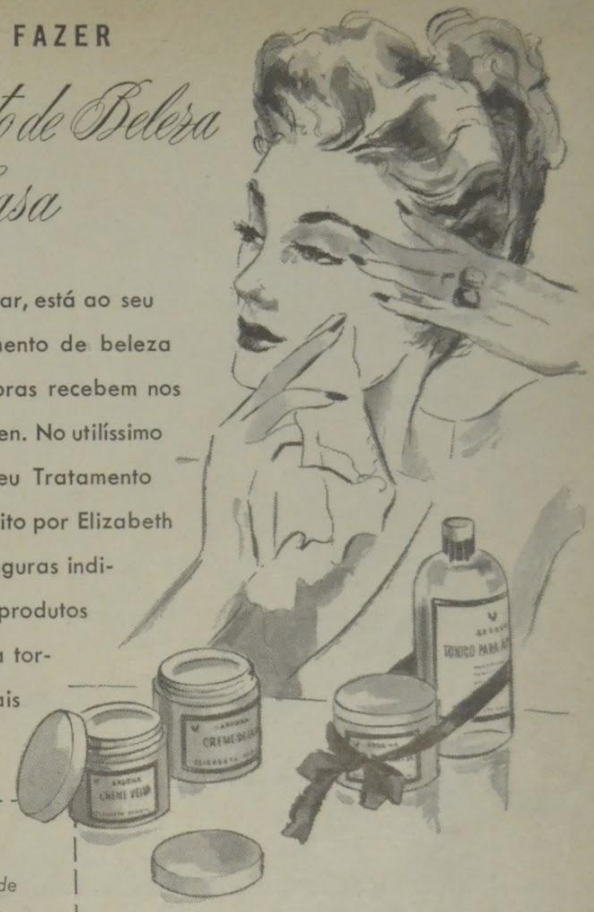
OS RELOJOEIROS DA SUIÇA

Executado na Suiça por Herbert Leupin
Reproduzido com autorização da Cia. Ferroviária Montreaux-Oberland

APRENDA A FAZER

seu Tratamento de Beleza Em Casa

Agora, em seu próprio lar, está ao seu alcance o mesmo tratamento de beleza que as mais lindas senhoras recebem nos Salões de Elizabeth Arden. No utilíssimo livreto "Como Fazer meu Tratamento de Beleza em Casa" escrito por Elizabeth Arden a Sra. encontra seguras indicações de como usar os produtos de Elizabeth Arden para tornarse mais bela e mais jovem.



Escreva ao Salão de Elizabeth Arden — Av. Presidente Wilson, 165 —Rio de Janeiro— solicitando, absolutamente grátis, o livreto "Como Fazer meu Tratamento de Beleza em Casa."

Produtos de Elizabeth Arden para os 3 tipos de pele

PELE NORMAL	Ardena Creme de Limpeza Ardena Tônico para Pele Ardena Creme Velva
PELE OLEOSA	Brando Creme de Limpeza Ardena Tônico para Pele Creme Adstringente
PELE SÊCA	Ardena Creme de Limpeza Ardena Tônico para Pele Ardena Creme de Laranja

Elizabeth Arden

Rio de Janeiro: Avenida Presidente Wilson, 165 - São Paulo: 1ª. Sobreloja Casa Anglo-Brasileira - Buenos Aires: Harrod's

V.S. Terá Orgulho em Oferecer uma EVERSHARP!

Quando fizer um presente a uma pessoa querida, ofereça-lhe o que há de melhor . . . ofereça uma EVERSHARP. EVERSHARP é a caneta que mais se vende nos Estados Unidos. A *Pena Mágica*, de ouro genuíno, permite escrever suave e silenciosamente. O *Alimentador Mágico* evita que a tinta vaze ou goteje. *Serviço de Consertos* garantido para sempre. Para si próprio, para as pessoas a quem estima, adquira sempre o melhor . . . adquira EVERSHARP.

EVERSHARP
Jogo
Presentation

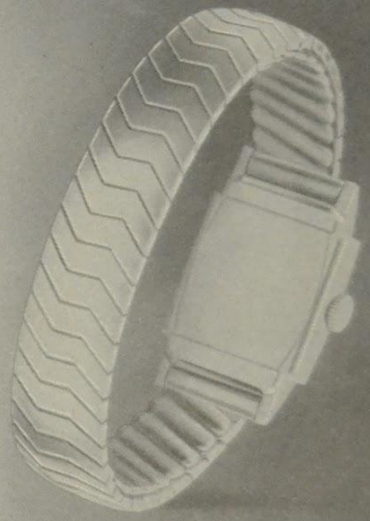
Dê o melhor . . . dê **EVERSHARP**

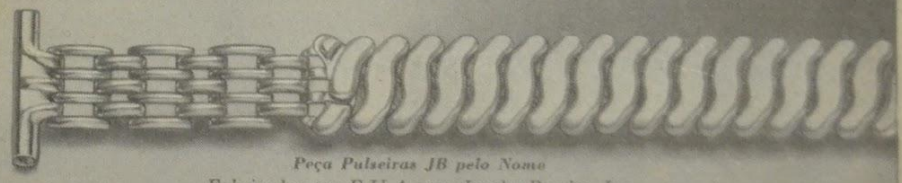
Campeãs de Beleza!
Campeãs de Durabilidade!
Campeãs das pulseiras para relógios

JB

V.S. apreciará o estilo elegante das populares pulseiras JB para relógios . . . e como ornam o relógio! Fabricadas para longos anos de excelente serviço. Para homens e senhoras. Chapeadas a ouro amarelo, rosado ou branco . . . sendo algumas de aço inoxidavel.

Todas as pulseiras JB para relógios têm base *incorrosível*, que garante satisfação em qualquer clima.





Peça Pulseiras JB pelo Nome
Fabricadas nos E.U.A. por Jacoby-Bender, Inc.
A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS
Representantes exclusivos para a venda no Brasil:
Hermes Fernandes & Cia. Ltda. Avenida Rio Branco 20, 1º, Rio de Janeiro

Hoje . . . Quase 3.000.000 de Servels FUNCIONAM NO MUNDO INTEIRO!

TRABALHAM A QUEROSENE, GÁS NATURAL, GÁS INDUSTRIAL, BUTANO OU PROPANO

- **Conservam os alimentos frescos durante dias**
- **Fazem cubos de gêlo em abundância**

Servel presta serviço em lares, armazens, cantinas e clínicas—em toda parte . . . ininterruptamente. É o refrigerador que trabalha em silêncio, e dura mais tempo, porque não tem peças moveis, no sistema de congelação, que exijam consertos ou substituição. Não precisa de instalação elétrica—basta-lhe uma pequena chama de gás ou querosene para fazer todo o trabalho! Desejando receber o folheto ilustrado sobre o Refrigerador Servel, basta escrever ao endereço abaixo indicado.

Servel *O REFRIGERADOR DIFERENTE*

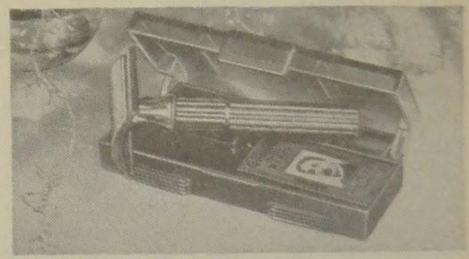
SERVEL INC. • INTERNATIONAL DIVISION • 20 PINE STREET • NEW YORK 5, N. Y., U. S. A.

Presentes GILLETTE

DISTINTOS, ÚTEIS, AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS!

ARISTOCRAT, o estojo de luxo. Contém o aparelho Mono-TECH, folheado a Rhodium, novo e durissimo metal indeteriorável. Mono-TECH é formado de peças conjugadas indestacáveis.

Compactos, de linhas elegantes, os vários modelos de estojos Gillette contêm os incomparáveis Gillette Mono-TECH e Gillette TECH, os aparelhos de barbear tècnicamente perfeitos, para maior conforto, rapidez, higiene e economia. Ninguém esquecerá o presente de um estojo Gillette!



ESTOJO DIPLOMATA, de matéria plástica em diversas cores. Contém o famoso aparelho de barbear Gillette TECH.

Preços desde Cr$ 13,00 a Cr$ 120,00

Exija sempre as legítimas lâminas Gillette Azul.

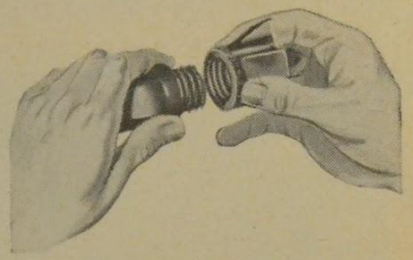
GILLETTE TECH

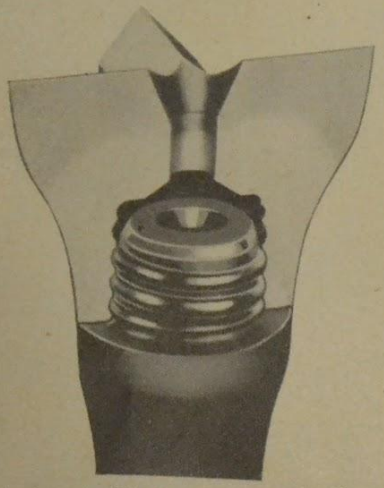
O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

COMO EXTRAIR MAIS MINÉRIO—

a menor custo

Um número cada vez maior de mineradores está aumentando sua produção e diminuindo os custos de perfuração com as brocas Timken para rocha. E eis aquí porquê:





As brocas Timken para rocha *duram mais!* O sr. obtem maior tempo de serviço de cada broca, porque são feitas da sólida e finíssima liga de aço Timken, resistente ao desgaste. E, devido ao endurecimento profundo de suas superfícies cortantes, as brocas Timken para rocha podem ser recondicionadas várias vezes.

As brocas Timken para rocha *são removíveis!* Não há perda de tempo enquanto as hastes vão para a oficina para serem afiadas. Tudo que o operário tem a fazer é atarrachar uma nova broca Timken. Com um punhado de brocas Timken e algumas hastes, um operário pode trabalhar todo o turno, sem interrupção.

As brocas Timken para rocha *perfuram mais rapidamente.* Seu desenho científico e sua construção especial permitem realizar mais rápidas e melhores perfurações que as brocas comuns para rocha.

A The Timken Roller Bearing Company tem mais de 15 anos de experiência na fabricação de brocas removíveis para rocha. Procure-nos, sem compromisso, para obter maiores informações sôbre como reduzir os custos de perfuração e aumentar sua produção.

BROCAS REMOVÍVEIS PARA ROCHA **TIMKEN**

Marca Registrada
Reg. U. S. Pat. Off.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON 6, OHIO, E. U. A.
Cable address: «TIMROSCO»

Representantes exclusivos para venda no Brasil

• THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY OF SOUTH AMERICA •
Rua Senador Queiroz, 396—Telefones 2-7269 e 3-4834—São Paulo, Brasil

Exija "U.S." e siga para à frente

MAIOR QUILOMETRAGEM porque...

- A banda de rodagem é resistente e demora mais em gastar-se.
- A construção com camada amortecedora oferece maior proteção contra estouros.
- O cordonel de segurança de rayon proporciona maior resistência ao desgaste e ao calor.
- A carcassa mais forte permite recauchutar maior número de vezes.

U. S. ROYAL FLEETWAY

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

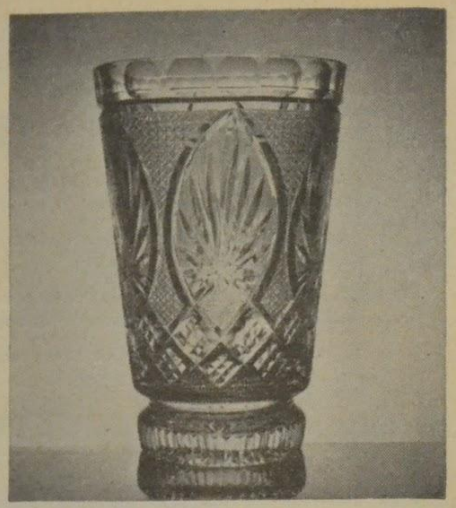
Pneumáticos para automóveis | Pneumáticos para agricultura | Sapatos Keds | Arames e cabos elétricos | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.

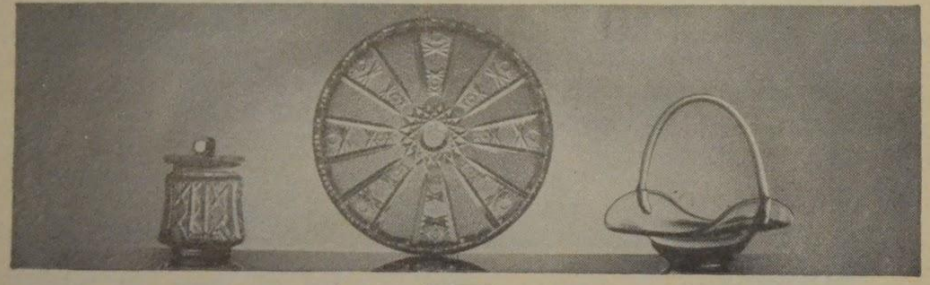
Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • Nos E. U. A., Nova York 20

Presentes de Cristal



Examine os artísticos desenhos e o esmerado acabamento dos Cristais Prado e convença-se de que presentes que ostentam esta marca, são símbolos inconfundíveis de bom gôsto e distinção. Para obsequiar seus amigos ou para guarnecer sua própria residência, escolha Cristais Prado. Fabricados por hábeis e experientes artífices, rivalizam, tanto em preço como em qualidade, com os mais finos e renomados similares importados.

Os Cristais Prado apresentam, entre outras, a vantagem de poderem ser adquiridos em peças avulsas para completar ou ampliar jogos.



A marca dos PRADO BRASIL *cristais finos*

CRISTAIS PRADO LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1467 - São Paulo

"Êste Bouquet de Noiva me Trará um Noivo?..."

Que alegria! Nair revelou-se minha verdadeira amiga. Atirou-me seu "bouquet de noiva". Isto significa que, breve, também terei meu noivo e serei feliz como Nair. Será mesmo verdade?

Mas . . . que surpreza! Entrelaçado com o "bouquet", encontrei um vidro do Leite de Colonia com êste bilhete de Nair: "Não confie só no "bouquet". Use Leite de Colonia . . . e seu noivo virá.

Em breve, todos elogiavam minha beleza. Os pretendentes apareceram . . . e pude até escolher. Agora, no meu casamento, vou atirar meu "bouquet" e Leite de Colonia a uma amiga. Dá sorte . . .

Não artificialize sua beleza . . . CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia

É uma verdade! O excessivo maquillage para disfarçar as imperfeições da pele artificializa sua beleza. Ainda mais: prejudica a vital respiração da cutis, asfixiando seu encanto natural . . . Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora . . . durante o dia, para fixar o pó e proteger a cutis . . . e, à noite, numa última e geral limpeza do rosto. E sua pele se tornará mais jovem e mais linda.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Torne sua cozinha um primor

As donas de casa experientes sabem que os belos utensílios de alumínio puro ROCHEDO são mais fáceis de manter limpos e brilhantes. Além disso...

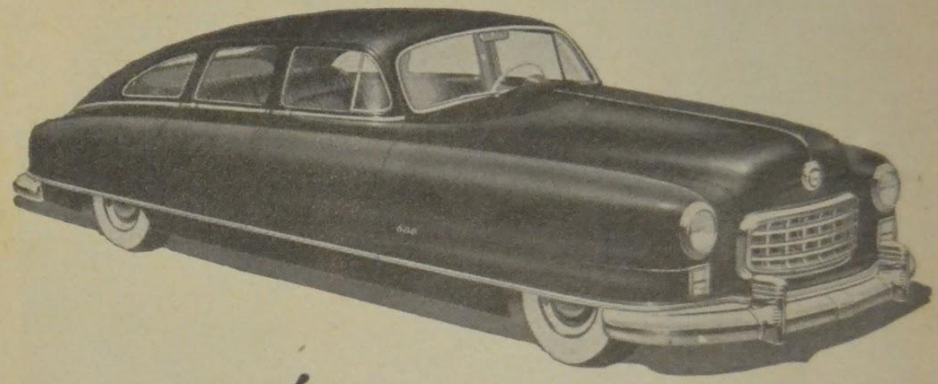
- *Preservam as vitaminas e o paladar natural dos alimentos —*
- *Consomem menos gás porque seu aquecimento é mais uniforme —*
- *São mais leves e fortes — têm cabos mais firmes! Por isso...*

Rochedo

é o preferido das boas donas de casa

A BOA COZINHA EXIGE **Rochedo**

É NOVO



É NASH

Seu nome é—AIRFLYTE!

Sonho aerodinâmico que a Nash tornou realidade.

Quase 5,50 m de comprimento . . . e 2 m de largura . . . altura do ombro de um homem . . . e *potência-em-quatro-rodas!*

O passageiro senta-se agora neste Super-Salão com amplo espaço em sua volta . . . Estruturado para segurança . . . e com Duplo Assento-Cama conversível para um cochilo em viagem ou o sono de uma noite.

Olhe através deste amplo parabrisa curvo, inteiriço. Todos os mostradores concentrados neste novo Uniscópio, quase ao nível dos olhos do automobilista.

Sinta o que é viajar com inédita suavidade, aninhado entre os eixos, sobre quatro rodas "almofadadas" em brandas molas de espiral.

Pode viajar com nova segurança—na primeira carroceria do mundo construída com traves, soldada ao chassis de modo a constituir uma unidade estrutural . . . mais duradouramente segura e silenciosa!

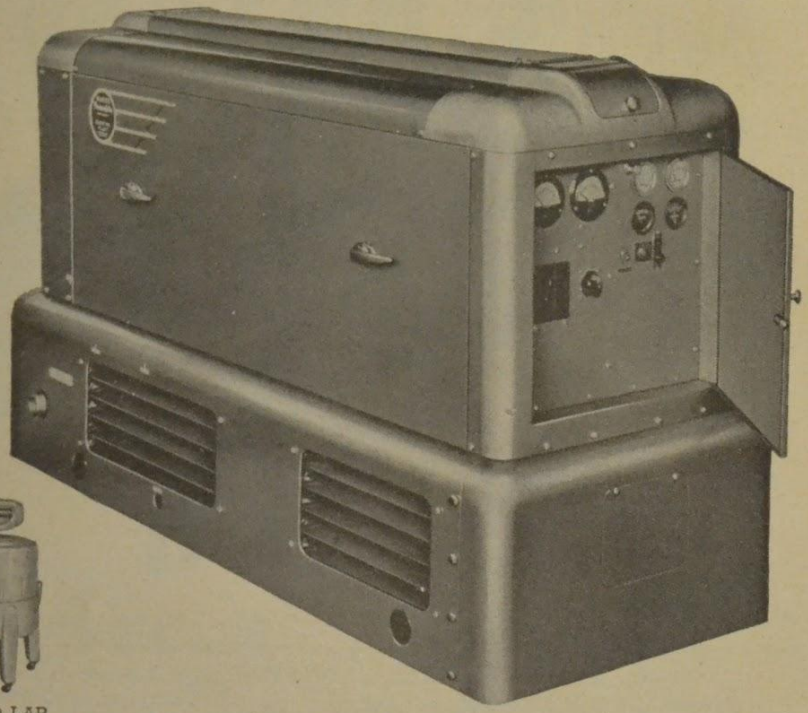
Porque, com todo o seu esplêndido tamanho e potência, o Nash "600" modelo 1949 dá-lhe mais de 10 km por litro de combustível, à velocidade média de estrada.

Vá vê-lo!

O Nash Airflyte apresenta-se em duas grandes séries —o Nash "600" ao nível de preço módico, e o Nash Ambassador ao nível de preço médio.

Nash Airflyte *Grandes Automoveis Desde 1902*

POWERLITE WARDS



PARA O LAR

A FAZENDA

A FÁBRICA

Fonte de Energia Elétrica de Confiança

Quer V.S. precise duma pequena central elétrica para iluminar uma casa quer para acionar uma oficina industrial—há sempre uma Powerlite para preencher essas necessidades.

As econômicas e eficientes Powerlites apresentam-se em grande variedade de tipos e tamanhos—próprios para o lar, a fazenda, a indústria, a mina, ou para embarcações, lugares de recreio ou obras de construção. Tipos de 350 a 35.000 watts, corrente contínua ou alternada, e em grande diversidade de voltagens. Funcionam a gasolina, a óleo Diesel, ou a gás natural.

Nosso folheto gratis dá especificações completas, ilustradas, de todas as centrais Powerlite—Escreva à Wards já, para receber seu exemplar!

As Centrais Powerlite estão a venda no mundo inteiro, por intermedio de agentes autorizados.

MONTGOMERY WARD

Departamento de Exportação 220 — Chicago 7, E. U. A.

Mais Conforto com maior Elegância

Os novos *Satana* . . .
O primeiro tipo "verdadeiramente diferente" de óculos contra o sol . . . com hastes articuladas na *base* dos aros para aumentar o conforto! Como os demais estilos WILLSONITE* de fama mundial, possuem vidros científicos de côr *verde suave*, que oferecem proteção superior à dos vidros escuros comuns. A venda em todas as lojas de categoria.

*Marca Registrada nos E.U.A. e outros países.

FABRICADOS NOS E.U.A. POR

Oculos Solares

WILLSON PRODUCTS, INC. • READING, PENNSYLVANIA, E.U.A.

Fundada em 1870—Fabricantes de óculos de segurança, máscaras contra gases, capacetes e respiradores para a indústria.

Todos os dias—

Comece o dia refrescada com uma ducha, recolhendo o cabelo debaixo da touca de banho Dunlop, bem ajustada. Os respingos não causam dano ao soalho de borracha Dunlop.

O Colchão de Espuma de Latex Dunlopillo está *sempre* arrumado—faz-se a cama num triz. Não é preciso virar o colchão nem puxar o lençol, para a cama ficar lisa e confortavel.

Os meninos conhecem Dunlop cedo e apreciam a sua resistência. Estas bicicletas vão ser "maltratadas"—mas os pneus e aros Dunlop "aguentam a mecha".

É hora de fazer compras. Dê graças a Dunlop pelos sapatos que lhe proporcionam conforto e suavidade, mantendo ao mesmo tempo a elegância no calçar almejada por toda mulher.

A cidade inteira precisa de Dunlop: Pneus Dunlop para o auto—Pneus Dunlop para os caminhões, os ônibus e as motocicletas—artigos de borracha Dunlop nas lojas.

E quanto ao tenis, quase poderíamos pensar que Dunlop o inventou. Raquetas, bolas, prensas, sapatos—tudo Dunlop.

Diversões para terminar o dia. Ao reclinar-se para apreciar a película, lembre-se de que o estofamento de Espuma de Latex Dunlopillo é que lhe dá a sensação de repouso.

Pode confiar em

DUNLOP

OS PRODUTOS DUNLOP SÃO MANUFATURADOS NA AUSTRÁLIA, ARGENTINA, BRASIL, CANADÁ, EIRE, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, FRANÇA, ÍNDIA, INGLATERRA, NOVA ZELÂNDIA, PERÚ, SUÉCIA E UNIÃO SUL-AFRICANA. ARMAZENS E DISTRIBUIDORES EM TODO O MUNDO.

A Historia que não acaba mais

O homem conta ao menino a historia da luta pelo encurtamento das distancias. Fala de navios novos e mais velozes—de automoveis e aeroplanos que tornaram todos os homens vizinhos.

O petroleo desempenha o seu papel nesta historia do progresso, proporcionando combustiveis e lubrificantes para navios, caminhões, automoveis e aeroplanos.

Isto é apenas o principio. Hoje os que trabalham em petroleo lutam, em franca concorrencia, para melhorar os produtos e o serviço prestado à humanidade.

O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE — Esso — UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

A caneta mais desejada como *presente* em todo o mundo...

Parker "51"

● Em todo o mundo, Parker é a mais apreciada das canetas-tinteiro. 83 investigações em 34 países proclamam esta popularidade sem rival.

O porquê desta procura sem igual encontra-se na beleza de suas linhas cónicas e na elegância de seu estilo. E a pena que escreve com a suavidade da seda evidencia delicado trabalho de precisão.

E sòmente para esta caneta é que foi criada a nova Parker *Superchrome*—a tinta superbrilhante, super-permanente que *seca à medida que se escreve.*

"51"... Escreve sêco com tinta líquida!

REPRESENTANTES E POSTO CENTRAL DE CONSERTOS PARA

Brasil: Costa, Portela & Cia., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: António Vieira, Ltda., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: Quintas & Irmão, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: Teixeira da Rocha, Ltda., C. P. 463—Lourenço Marques

Delicioso, com um gostinho de hortelã! Este Bôlo de Chocolate com Hortelã é uma sobremesa delicada e aplaudida, se feito com Fermento em Pó Royal. Para conseguir melhor sabor e textura mais fina confie no Royal—que se vende sempre nas famosas latinhas vermelhas.

BÔLO DE CHOCOLATE COM HORTELÃ

Misture:	¾ de xícara de manteiga ou gordura com 1⅔ xícara de açucar
Adicione, batendo:	4 ovos um a um
Adicione:	112 gramas de chocolate amargo derretido
Peneire juntos:	2⅓ xícaras de farinha 3 colheres das de chá de Fermento ROYAL 1 colher das de chá de sal
Adicione:	Os ingredientes secos à primeira mistura, alternando-os com 1½ xícara de leite
Adicione:	½ colher das de chá de baunilha ⅛ de colher das de chá de extrato de hortelã

Use duas formas rasas de 23 cm de diâmetro, untadas. Forno regular. Deixe esfriar e cubra com açucarado e nozes.

Por que V.S. gosta de ler as páginas de publicidade em Seleções?

Um leitor nos escreve: "As páginas de anúncios de Seleções constituem o guia de fornecedores de mais confiança para o leitor inteligente."

Outro leitor diz: "Para um comerciante, como eu, a seção-de anúncios de Seleções é um excelente meio de informação: mantem-nos sempre a par das idéias atuais e dos produtos novos."

Por que V.S. gosta de ler os anúncios publicados em SELEÇÕES?

Se V.S. tambem gosta de ler os anúncios em Seleções, quer escrever-nos, dando os motivos? Os três comentários mais interessantes serão publicados, neste espaço, em um dos nossos próximos números, com menção do nome e endereço do autor. Não escreva mais de 100 palavras. As cartas devem ser endereçadas a J. B. Thomas, Seleções do Reader's Digest, 230 Park Avenue, New York, Estados Unidos da América.

Seleções do Reader's Digest

O mercado internacional... onde *bons* fregueses encontram *bons* produtos

Neste Natal, dê o Mundo para Ela!

Um novo mundo de prazer como ouvinte... graças à Sintonização Elétrica de Faixa-Ampliado que apanha qaulquer estação do universo tão facilmente como as locais. O Troca-Discos Philco, macio como veludo, toca até 12 discos automàticamente. Agora, no seu revendedor Philco, em lindo móvel de nogueira... pronto para anos de constante satisfação!

PHILCO

Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

PHILCO TROPIC 1860

Philco International Corporation, 50 Broadway, Nova York 4, Nova York, E. U. A.

AQUELES QUE BRILHAM com GLOSTORA

Foto Avile

"Uso GLOSTORA porque me torna os cabelos geitosos, propensos ao mais caprichoso penteado".
Dircinha Batista

"Uso GLOSTORA por que me conserva penteada o dia inteiro!"
Linda Batista

Da "enquete" realizada entre as celebridades mais destacadas do Brasil, ficou provado que 81,7% dessas figuras notáveis preferem GLOSTORA. Entre as "estrêlas", prestaram seu depoimento as queridas irmãs Batista, que há anos vêm conservando na família o título de "Rainha do Rádio". É evidente que, nêsse alto nível de popularidade, Dircinha e Linda Batista têm que exigir a perfeição. E em produtos para os cabelos, a perfeição é GLOSTORA, o preparado cientìficamente composto para fixar o penteado realçando tôda a graça e vida naturais dos cabelos.

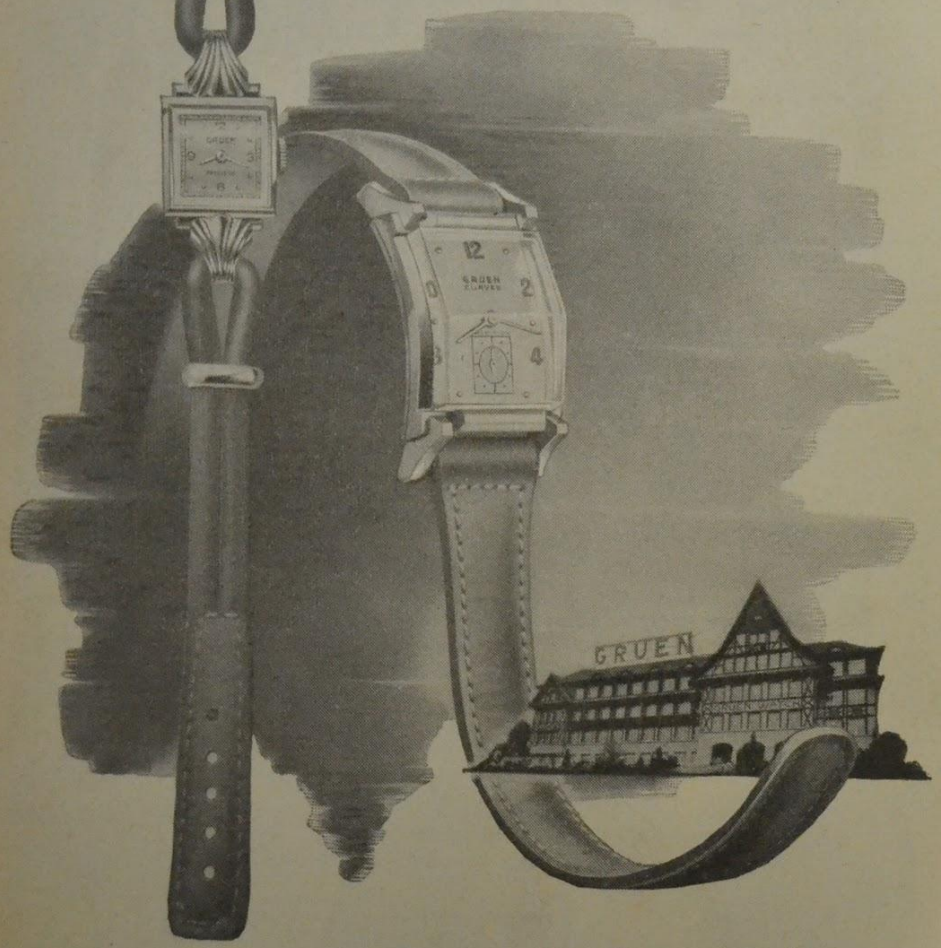
Use e saberá porque as figuras famosas Usam

Glostora

um penteado correto e um perfume discreto.

GRUEN

O RELÓGIO DE PRECISÃO



A WESTINGHOUSE PODE AJUDÁ-LO

a Desenvolver no Seu País a Produção de Artigos Elétricos

Nem todas as nações estão em condições de aceitar esta oferta . . . Mas, naquelas que o estão, o proveito será para milhões de pessoas! . . .

Suponha V.S. que tivesse...

Direitos de patente para fabricar os artigos elétricos que deram à Westinghouse a reputação de que ela goza no mundo inteiro...

O benefício dos muitos anos de pesquisa e experiência técnica da Westinghouse...por uma fração somente do custo original...

A liberdade de aplicar ténicas de manufatura já comprovadas, desenvolvidas e aplicadas pela Westinghouse...

Um convite da Westinghouse para trazer os jovens mais aptos do seu país aos Estados Unidos, afim de se treinarem nos métodos de produção em série...

Assistência técnica da Westinghouse no traçado e criação de instalações modernas para produção de artigos elétricos...

...E suponha também que tivesse ainda a garantia de que...

Essa assistência estaria por alguns anos ao seu dispor, onde quer que V.S. dela necessitasse; que

Os encargos de tal cooperação seriam módicos, baseados nos custos iniciais acrescidos de uma pequena percentagem dos benefícios líquidos da nova empresa; e, finalmente, que

O controle financeiro e a direção do negócio ficariam reservados ao seu país?

...Sob tais condições, e na base do mercado e matérias primas que o seu país pudesse assegurar, supõe V.S. que poderia conseguir o necessário apoio, e que teria razoáveis perspectivas de êxito, ao estabelecer ou expandir as instalações necessarias à manufatura de artigos elétricos?

Já são 18 os países que adotaram planos semelhantes da Westinghouse. As indústrias assim criadas, ou expandidas, estão produzindo centenas de utensílios elétricos de ordem vária. E, o que é ainda mais importante, cada uma dessas indústrias levou ao respetivo país maior número de emprêgos, maior auto-suficiência, mais amplas oportunidades industriais, maiores recursos em capital, e melhores condições de vida para milhões de pessoas.

A maioria dos países possuem recursos industriais ainda inexplorados; mas só alguns atingiram um nível de desenvolvimento em que lhes é possível aceitar conscienciosamente esta oferta. Se o seu país se conta entre os que estão em condições de beneficiar desta forma de cooperação internacional nos negócios...e se V.S. pode assumir a direção de um projeto de tão vasto alcance...escreva à Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York 5, E.U.A.

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse—onde V.S. encontrará vizinhos e amigos—vem Servindo o Mundo pela Eletricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é somente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossos recursos, instalações e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

A2531X

VOCÊ SABE QUE...

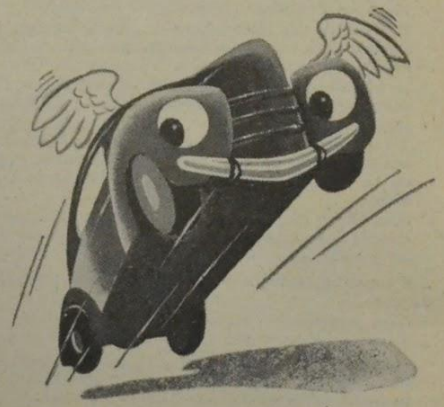
as engrenagens tomam banho antes de ir para o trabalho?

As engrenagens e outras peças metálicas estão recebendo, agora, um tratamento "estimulante" para que funcionem melhor. Sim Senhor! Na própria linha de montagem elas são banhadas rapidamente no vapor de tricloroetilene, um desengordurante de Du Pont. Este solvente remove todos os vestígios de sujeira e resíduos... reduzindo o tempo e o custo da produção. E isto significa para V.S., muitas vezes, produtos melhores e preços mais convenientes.

que o chumbo torna os automoveis mais "leves"?

Eis um verdadeiro tônico para um automóvel cansado—o tetraetilo de chumbo, um composto fabricado pelos químicos de Du Pont. Os fabricantes de gazolina e outros combustíveis para motores o adicionam a cada litro de seus produtos. E o resultado é aumento de potência dos motores, mais rápido arranque, melhor aceleração e desempenho mais satisfatório.

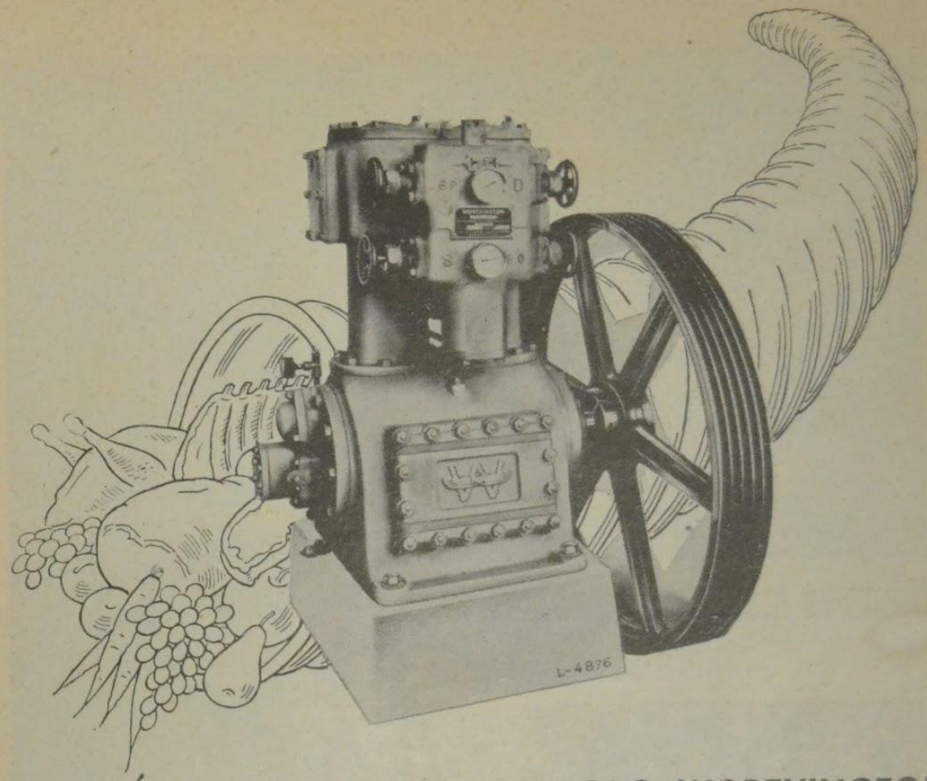
E. I. Du Pont de Nemours & Co., (Inc.), Wilmington 98, Del., E.U.A.—desde 1802.



DU PONT

COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR ... GRAÇAS À QUÍMICA

(Tanto o tricloroetilene como o tetraetilo de chumbo figuram entre as 28.000 "Coisas melhores para viver melhor ... graças à química" creadas pela Companhia Du Pont).



AS MÁQUINAS DE REFRIGERAÇAO WORTHINGTON TORNAM MAIS ABUNDANTES OS ALIMENTOS

A conservação dos alimentos é essencial à saúde da nação e a bôa refrigeração é essencial à conservação dos alimentos.

Os aparelhos de refrigeração Worthington—compreendendo uma linha completa de compressores a «Freon», a amônia, condensadores, refrigeradores, etc.—contribuem para a eficiente preservação de alimentos onde quer que êstes sejam armazenados, beneficiados ou acondicionados.

Há 108 anos as máquinas Worthington vêm prestando auxílio valioso aos agricultores e industriais, assim como aos serviços públicos. O representante local da Worthington poderá dar-lhe informações mais completas— ou então escreva à Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Department, Harrison, N. J., U. S. A.

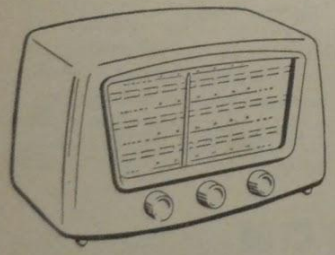
WORTHINGTON

EMBLEMA DE VALOR NO MUNDO INTEIRO

F.S.12H

Bombas • Compressores • Motores • Turbo-Geradores • Maquinaria de Construção • Refrigeração

Compressor Worthinaton de Refrigeração a "Freon"



Modêlo 5S819

A experiência da Zenith, construindo há mais de 30 anos, exclusivamente, os melhores rádios, é a sua garantia de superior qualidade e funcionamento — superioridade que lhe dará um novo mundo de delicias com rádio ou discos.

Zenith **INTERNATIONAL RADIOS**

7 **grandes serviços**

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMÉRICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

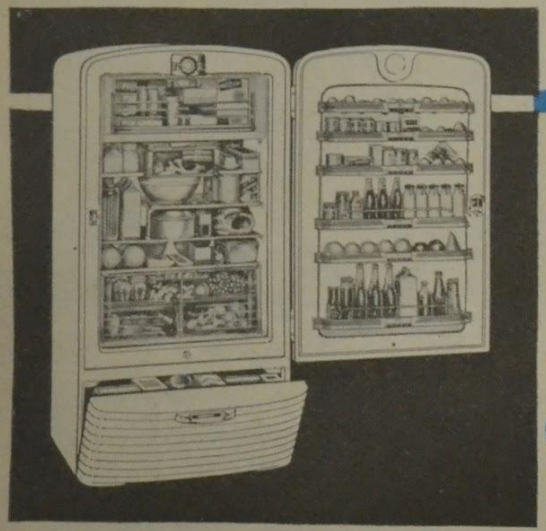
K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.

COMPLETAMENTE NOVO...

e melhor que nunca!



LÍDER EM
TODO O MUNDO

O grande e
NOVO
Refrigerador

CROSLEY
*Shelvador**
de "5" pontas

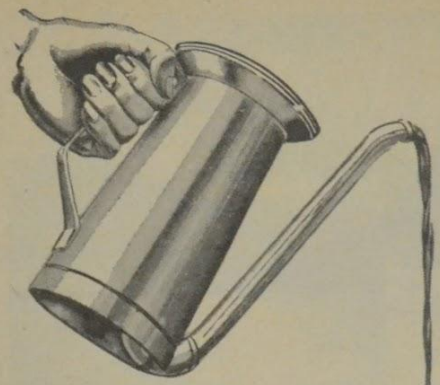
Modêlo SD-108
Capacidade 10.5 pés cúbicos

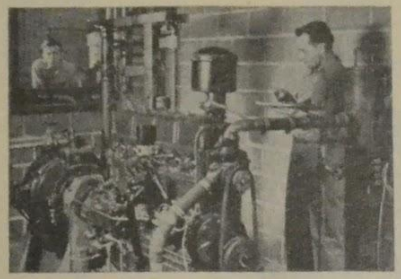
O grande e novo Refrigerador Crosley, famoso em todo o mundo pelo seu Shelvador* exclusivo, proporciona agora cinco compartimentos separados para os alimentos, com regime perfeito de temperatura e umidade para *todas* as espécies de alimentos. Accionado pela possante, segura e económica unidade Crosley "Electrosaver"—hermética, com um banho de óleo para serviço longo e livre de desarranjos.

CROSLEY Division—AVCO Manufacturing Corp.
Cincinnati 25, Ohio, E.U.A.

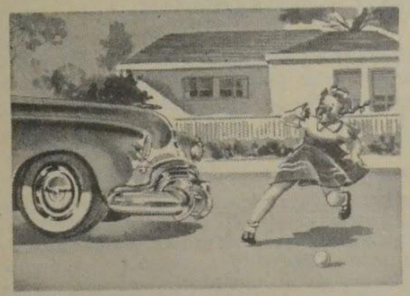
TELEGRAMAS: LISTENIN

Refrigeradores Shelvador* • Congeladores "Freezer" • Fogões a Gás e Eléctricos • Rádios • Rádio-fonógrafos • FM • Televisão • Ondas Curtas • Sede da Emissora WLW "A Estação da Nação" e das estações de ondas curtas WLWK, WLWL, WLWO, WLWR, WLWS. *®





Nos laboratórios de ensaios de motores da Monsanto, é necessário demonstrar que os aditivos tais como os Santolubes* têm capacidade para introduzir no óleo propriedades detergentes, resistência à oxidação, e qualidades inibidoras da corrosão, tão essenciais ao funcionamento em serviço pesado.



Os aditivos Monsanto Santopoid* emprestam aos lubrificantes das engrenagens capacidade para suavizar o choque brusco dos arranques e das paradas. Outros produtos, tais como Santopours* e Santodex, garantem a fluidez do lubrificante em tempo frio, melhorando os índices de viscosidade.

No óleo para motores a Química começa onde a natureza parou

Os constantes melhoramentos na fabricação de motores exigem melhoramentos constantes nos óleos para motores. É por isso que a química é importante em fortificar os óleos de fina qualidade que a natureza supre. Adiciona-lhes outras qualidades, necessárias para satisfazer às exigências rigorosas dos motores mais possantes.

Ao combinar os seus óleos de qualidade superior, muitas companhias petrolíferas usam "aditivos" Monsanto para lubrificantes. *Beneficiam* mesmo os melhores óleos naturais, dando-lhes maior capacidade para proteger as superfícies de apoio contra avarias . . . eliminar perdas de força . . . reduzir a formação de carvão destrutivo . . . manter a borra em suspensão, para que se escoe com o óleo na troca. Num automovel novo, ou mesmo em um já usado, em tratores, caminhões, ônibus, Diesels — os aditivos Monsanto significam potência mais viva, mais suave, com maior proteção e duração para o motor, e menos consertos.

*Marca registrada nos E.U.A.

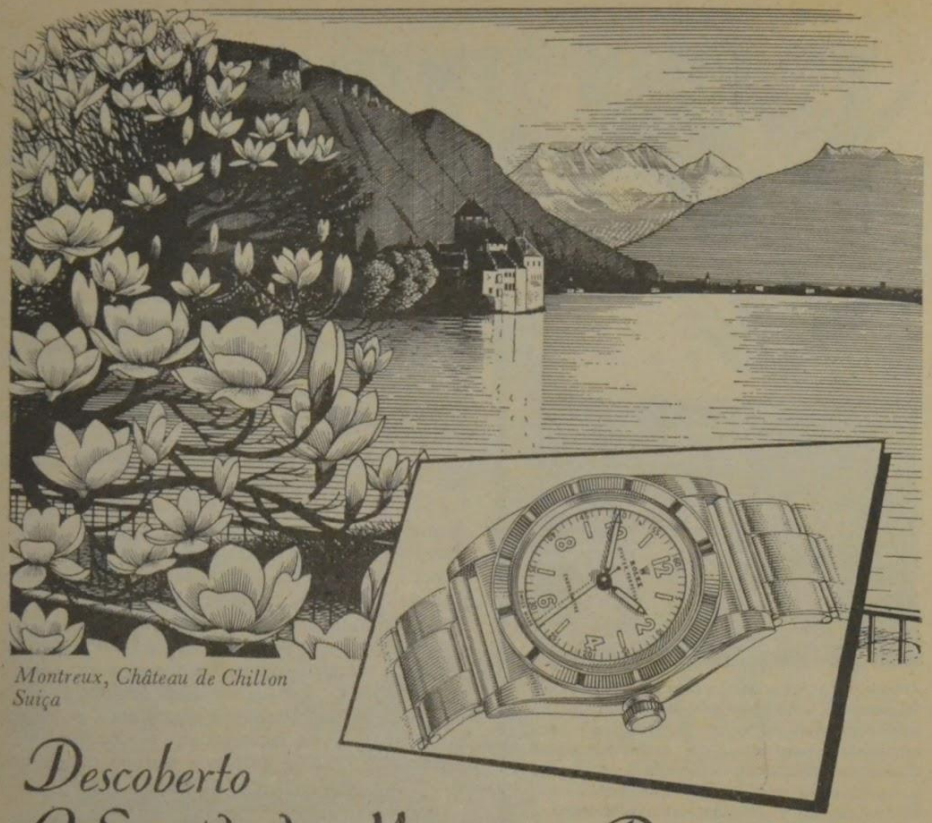
Se V.S. estiver interessado nos produtos químicos Monsanto para a obtenção de melhores subprodutos do petróleo, comunique-se com o representante da Monsanto mais próximo, ou dirija-se a qualquer dos escritórios abaixo mencionados.

MONSANTO CHEMICAL COMPANY
St. Louis 4, Missouri, E. U. A.

MONSANTO CHEMICALS Ltd., Londres
MONSANTO (Canada) Ltd., Montreal
MONSANTO (Australia) Pty., Ltd., Melbourne
Representantes nas Principais Cidades do Mundo

MONSANTO
PRODUTOS
QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA... QUE SERVE A HUMANIDADE



Montreux, Château de Chillon
Suiça

Descoberto O Segrêdo do Movimento Perpétuo

Em 1931, Rolex anunciou a criação do primeiro relógio absolutamente impermeável e com corda automática—o Oyster Perpétuo. Depois de dezessete anos de uso diário, em todos os continentes e em todos os climas, o Oyster Perpétuo continua a ser o relógio sem rival.

O segredo do Oyster Perpétuo consiste num «Rotor» patenteado que se move silenciosamente sôbre o seu eixo a dá corda ao maquinismo, a um tempo delicado e resistente. O mais ligeiro movimento do pulso dá corda automàticamente ao relógio. Bastam seis horas de uso diário para que êle trabalhe com a maior perfeição—e para sempre.

Em aço ou em ouro, para senhora ou para homem, o Oyster Perpétuo é feito pelos mais reputados artífices relojoeiros de Genebra. Por isto, funciona com tal precisão, que poderá esquecê-lo. Mas é tão belo e tão perfeito que sempre o adorará.

• • •

A VERDADEIRA PRECISÃO CRONOMÉTRICA

Qualquer relógio só pode usar o termo «Cronômetro» depois de sua precisão ter sido rigorosamente comprovada em experiências oficiais ou em Observatórios. Todos os cronômetros Rolex são acompanhados por sua árvore genealógica própria e por um certificado fornecido pela Estação Experimental Oficial da Suiça. E têm a palavra «Cronômetro» no mostrador.

ROLEX
CRONÔMETROS DE PULSO

COMPANHIA ROLEX LIMITADA, GENEBRA, SUIÇA. LISBOA—WAKMANN LTDA.

SELEÇÕES
do Reader's Digest
Condensações de artigos de interesse permanente

TOMO XIV
No. 83

DEZEMBRO
de 1948

SOBRE OS ANDES— um vôo que jamais esquecerei

Condensado do livro «Roving South: Rio Grande to Patagonia»

Por Willard Price

O vôo DO CHILE à Argentina, sobre os Andes, dura exatamente uma hora; mas uma hora que se pode classificar de imortal.

Para dar uma idéia realmente impressionante dessa viagem, bastará dizer que, naquela em que tomei parte, nenhum dos passageiros leu uma revista ou tirou um cochilo.

Santiago estava envolta em cerração, e pareceu-nos que seria impossivel decolar naquele dia. No entanto, um solitário radiotelegrafista—tendo por companhia apenas o gigantesco Cristo dos Andes—saiu da sua minúscula casa de pedra aninhada na sombra do monumento, olhou o céu, farejou o vento, e transmitiu uma mensagem para o aeroporto de Santiago: o tempo estava bom no «teto da América». E assim decolamos.

À altura de 800 metros mergulhamos no cobertor de nuvens amarelas que envolvia a cidade. Depois, já a 4 mil metros, rompemos o teto de nuvens, e achamo-nos em plena claridade do céu.

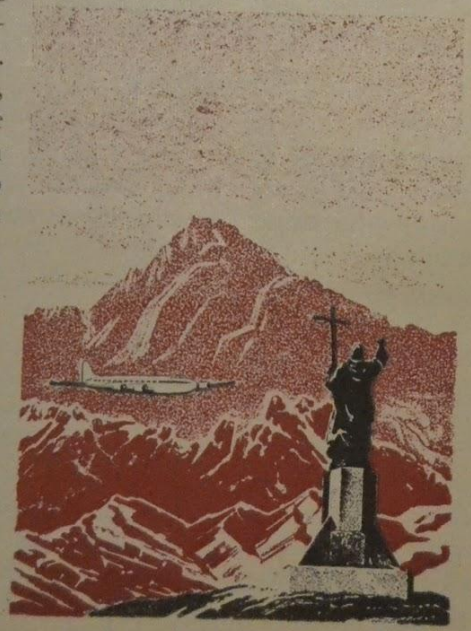
E desdobrou-se diante de nós, com o deslumbramento repentino de um relâmpago, a muralha imensa e branca dos Andes, tão alta que nos deu a impressão de ainda não nos havermos

despegado da terra. Nossa imaginação não podia conceber como um aparelho, feito pelo homem, fosse capaz de transpor aquela muralha.

Alí estava a mais alta barreira de montanhas, exceção feita do Himalaia. Para atingir a altitude do Aconcágua, que é o pico mais elevado do mundo ocidental, seria preciso sobrepor o Monte Hood ao temivel Fujiyama: ao todo 7 mil metros.

Mas o Aconcágua, alem, não era o único: bem uma dúzia de outros picos, quase tão altos como ele, erguiam no céu suas formas cônicas que traíam sua origem vulcânica. Alguns deles são ainda vulcões ativos. Suas erupções arremessam cinzas que, arrastadas para leste pelo vento, chegam a alcançar Buenos Aires, a mais de mil quilômetros de distância.

Sobrevoamos agora a terra dos violentos terremotos. Um deles, em 1944, destruiu a cidade argentina de San Juan. Mas como esses terremotos nos parecem mínimos, quando os comparamos com as convulsões que ergueram a tais alturas aquele baluarte. Essas montanhas que hoje escalam os céus, já foram plácidos fundos de mar! Esses estratos foram fixados numa posição quase vertical, produzindo um fantástico padrão de pináculos, torreões, castelos rendilhados. Revestidos de neve deslumbrante, parecem gigantescas estalactites de gelo invertidas.



Encontramo-nos agora a 5.500 m de altitude. De súbito as nuvens se rompem debaixo de nós, e a nossa vista mergulha até o âmago dos precipícios pavimentados de pórfiro vermelho... É uma relíquia de distantes dias de violência, pois o pórfiro foi outrora lava viva.

Por toda parte, abaixo do limite do manto de neve, descortinam-se as cores brilhantes dos minerais que constituem as paredes do abismo. Alí está uma reserva de desconhecida riqueza —pois na maioria desses precipícios nunca o homem pôs o pé.

Estamos agora no «Passo». O avião afunda-se e soergue-se à medida que os ventos descem deste lado do abismo, para subirem do outro lado. Poderia supor-se que o avião só devia voar a grande altitude, muito acima dos picos, e assim será, com efeito, nos aparelhos estratosféricos, dotados de «cabina de pressão». Mas, se assim fosse, perderíamos o espetáculo

empolgante que é avançar cambaleando a 5.500 m de altura, inclinando as asas para a esquerda ou para a direita, de modo a esquivar-nos aos precipícios que se escancaram de um lado ou do outro.

Rolos de nuvens negras começam agora a invadir o abismo: voamos quase às cegas. O avião pula. A meu lado, uma senhora dá um debil grito de susto: uma falésia negra, íngreme demais para reter o menor floco de neve, descobre repentinamente a sua face pavorosa através um rasgão de nuvem, e espreita pela janela do avião... Lembro à viajante que a Panagra nunca perdeu um único avião nesta linha.

Não tardamos, porem, a sair do negrume e passamos à esquerda de um precipício desnudado, com milhares de metros de altura, que flameja vermelho vivo à luz do sol. Lava, pedrapomes, escórias vulcânicas e cinzas, atapetam o chão do abismo.

De repente, avistamos o Cristo dos Andes, batido pelos raios do sol. A estátua mede quase 8 metros de altura, e ergue-se sobre uma calota que representa o hemisfério. Foi levada até alí aos poucos, de uma distância de 320 quilômetros, no lombo de mulas, e erigido em comemoração do acordo que decidiu uma velha disputa de limites entre a Argentina e o Chile. Quando a estátua foi descerrada, o bispo que presidia a cerimônia declarou:

«Será mais facil estas montanhas ficarem reduzidas a pó, do que os argentinos e os chilenos quebrarem a paz jurada aos pés do Cristo Redentor.»

Perto dessa estátua encontra-se a cabana do meteorologista. Noites e noites seguidas ele se arrasta ao longo das arestas de abismos, para tomar notas sobre a intensidade e a direção dos ventos. De vez em quando, os pumas cercam-lhe a habitação.

Acabou-se enfim a doida correria aos bordos por entre picos escarpados, e começamos a grande descida. Abrem-se diante de nós amplos vales pardacentos. E, ao aterrarmos em Mendoza, um padre que veio conosco enxugou o suor da testa.

À saida, ao passar pelo piloto, consegui dizer: «Lindo panorama!» Meus sentidos ainda estavam acorrentados à fascinação daqueles cumes.

Ele concordou com um aceno: «É. Durante a guerra eu voei sobre o Himalaia. Lugar maravilhoso. Mas não há nada que bata isto aquí!»

As pessoas excessivamente sensiveis ao frio do inverno podem proteger-se cultivando a necessária resistência, segundo o *Journal of the American Medical Association*. O tratamento é simples: basta meter as mãos em água à temperatura de 10° C. durante um ou dois minutos por dia, pelo espaço de 20 dias a um mês. Assim se obtem uma imunidade geral.

O que convem saber sobre o plano de restauração da Europa

Por William Hard e Andre Visson

O Programa de Recuperação Européia—geralmente denominado «Plano Marshall»—visa, em última análise, reduzir os controles e as exageradas intromissões governamentais no comércio mundial. Tem por objetivo propiciar maior liberdade e flexibilidade nas transações comerciais, de modo a assegurar uma prosperidade crescente não apenas aos povos da Europa, como tambem ao próprio povo norte-americano. Trata-se de uma inversão de 17 bilhões de dólares, por parte dos Estados Unidos, com a esperança de retribuição muito maior, no curso dos próximos decênios.

Contrariamente aos programas anteriores de auxílio à Europa, o P.R.E. exige que os europeus demonstrem, anualmente, os *resultados* obtidos. Paul G. Hoffman, que o superintende, tem o título de Administrador da Cooperação Econômica. Desta vez, os europeus terão de *cooperar* entre si. Deverão libertar, conjuntamente, os seus paises das intrincadas engrenagens burocráticas que os asfixiam.

Qual a situação real da Europa? Já é tempo de se deixar de invocar a guerra passada como escusa para todas as dificuldades européias. A produção industrial britânica no primeiro trimestre deste ano foi 20 por cento superior à de antes da guerra. Na Europa Ocidental, com exceção da Alemanha, a produção das diversas regiões está rapidamente ultrapassando o nivel anterior. Há falta de alimentos e habitações; mas as condições sanitárias são hoje tão favoraveis quanto antes da guerra—sendo mesmo melhores em algumas regiões. Os atuais índices de mortalidade são os mais baixos da história da Inglaterra, da França e da Holanda. Os habitantes não estão desnutridos e exhaustos, mas sim em condições de empreender realizações dignas do passado desses paises.

O comércio entre as nações européias, no começo deste século, poderia ser comparado a um lago, em que cada país tinha a sua doca; o fluxo do comércio se processava normalmente, estimulado pela circulação livre de todas as moedas. Tratava-se de um real internacionalismo econômico.

Hoje, o lago está desfeito. O comércio europeu se processa quase exclusivamente em canais «bilaterais». O país A e o país B firmaram um convênio bilateral para regular o comércio entre os dois. O país A celebrou acordo semelhante com C. Este, com B, H e K, e assim por diante. Há em vigor, atualmente, cerca de 200 desses acordos bilaterais confinando o comércio, não só a pares de paises como tambem às mercadorias enumeradas nos tratados.

Os canais, ainda por cima, dispõem de comportas e diques. Mesmo depois de firmados os acordos, é indispensavel a expedição de licenças de exportação e importação para que as mercadorias se movimentem. E não é só. A água do canal não se assemelha à do antigo lago, onde todas as moedas européias tinham livre e igual acesso. A água dos canais bilaterais só admite, em geral, as moedas dos dois paises signatários. Quando um deles chega a possuir moeda do outro em quantidade maior do que necessita, a água do canal tende a esgotar-se, paralisando o intercâmbio comercial entre ambos os paises.

Por isso, o comércio intereuropeu caminha para a estagnação. Embora a produção total dos paises da Europa Ocidental seja *superior* à de antes da guerra, o comércio entre eles é sensivelmente *inferior*.

Se os paises europeus comprassem mais, uns dos outros, não necessitariam comprar tanto dos Estados Unidos; e não se falaria tanto na «escassez de dólares». Ajudar os europeus a comerciarem mais intensamente entre si e tentar restabelecer a comunidade econômica da velha Europa—eis, precisamente, o principal objetivo do P.R.E.

Os paises que participam do programa têm uma população igual a quase o dobro da norte-americana. Antes da guerra, produziam mais carvão, mais aço, mais eletricidade que os Estados Unidos. Os americanos estão tentando restaurar-lhes a vitalidade econômica perdida, capaz de vir a superar a dos próprios Estados Unidos. Por que assim procedem os americanos? Porque não acreditam no imperialismo nem na possibilidade de uma região tornar-se mais rica mantendo outra mais pobre. Porque acreditam na livre concorrência. Porque consideram que o comércio entre duas regiões será tanto mais proveitoso quanto mais sólidas e ativas forem as mesmas. A Bélgica é hoje o país da Europa Ocidental que mais depressa caminha para a liberdade e a unidade econômica.

Camille Gutt, antigo Ministro da Fazenda do Governo belga no exílio e hoje diretor do Fundo Monetário Internacional, em Washington, iniciou em 1944 a negociação do tratado que, em 1º de janeiro de 1948, estabeleceu uma União Aduaneira belgo-holando-luxemburguesa. Já não há barreiras tarifárias entre os três paises que constituem o chamado Benelux.

O exemplo do Benelux não tardou a frutificar. Os paises escandinavos—Suécia, Noruega, Dinamarca e Islândia—reuniram-se para estudar os meios de estreitar a cooperação econômica entre eles. A França e a Itália caminham tambem para uma união aduaneira, o mesmo acontecendo com a Grécia e a Turquia.

Há, finalmente, o Pacto de Bruxelas, firmado em março deste ano pela Grã-Bretanha, França e os três paises do Benelux. O Pacto não é apenas militar, mas tambem de cooperação econômica. Os cinco paises se comprometem a cooperar entre si e a fomentar o intercâmbio comercial.

Os integrantes do Benelux, porem, estão planejando ir ainda mais longe. O seu sistema de união aduaneira ainda admite a existência de controles de mercadorias e de moedas. É o que ocorre, principalmente, com o governo da Holanda, que dirige uma das economias mais «planificadas» da Europa. O governo belga, por outro lado, está cada vez mais consciente do seu rápido retorno a todas as modalidades da livre economia. E é a livre economia que terminará por prevalecer no Benelux. Em 1950, se permanecerem as tendências atuais, os paises do Benelux não manterão apenas uma união aduaneira, mas uma verdadeira união econômica. Do ponto de vista econômico, constituirão, substancialmente, um só país.

W. Averell Harriman, embaixador especial para os assuntos econômicos ante os 16 paises do P.R.E., estabeleceu em París a sede da sua embaixada *sui-generis*. Estará ele em contacto permanente com a entidade que tem a seu cargo a execução do Programa, a Organização para a Cooperação Econômica Européia, integrada por representantes dos 16 paises.

Ao constituirem a Organização, os 16 paises se comprometeram a levar a cabo programas conjuntos de cooperação para fomentar o «intercâmbio de mercadorias e de serviços». Comprometeram-se, ainda, a adotar medidas tendentes a «eliminar as restrições ao comércio internacional».

A Organização já propiciou o restabelecimento, em carater experimental, do fluxo de mercadorias e moedas, com um mínimo de restrições, através de toda a Europa Ocidental.

Os Estados Unidos, nesta matéria, não estão impondo diretrizes à Europa. Um inquérito, feito recentemente por Elmo Roper, consultava os europeus sobre a conveniência da organização de uma união aduaneira européia, isentando de direitos alfandegários as mercadorias dos paises filiados. O voto afirmativo, na Grã-Bretanha, foi de 75 por cento; na Suécia, 65; na França, 71 e na Itália, 76.

É interessante observar a evolução da Grã-Bretanha no sentido da cooperação econômica. Depois da guerra, o país orientou-se decisivamente no sentido da planificação econômica em bases estritamente nacionalistas. Um banco suiço compendiou, recentemente, as restrições britânicas ao comércio internacional. A súmula dessas restrições forneceu matéria para um volume de 100 páginas.

O Conselho Britânico do Comércio, que trata de numerosos aspectos do comércio interior e exterior, contava, antes da guerra, com 2.400 funcionários. Hoje, conta com 15.000. O volume normal da sua correspondência era de 45.000 cartas mensais, cifra que subiu, atualmente, a 1.250.000.

É gigantesca a engrenagem burocrática que o comércio planificado exige. E o espírito que a anima tende sempre ao utilitarismo extremado. O país A planifica tendo em vista o seu interesse exclusivo. O país B segue-lhe o exemplo, e assim por diante. E o choque de interesses acabará por gerar o caos em todo o mundo.

A Grã-Bretanha, entretanto, já começou a aperceber-se de muitas das desvantagens do seu sistema econômico atual. Viu-se na contingência de expandir as exportações e restringir as importações, artificialmente. Não tardou, porem, a constatar que outros paises podem repetir-lhe o jogo.

Harold Wilson, presidente do Conselho Britânico de Comércio, informou, há pouco, que cerca de 40 dos mercados estrangeiros começaram a levantar restrições à importação de produtos da Grã-Bretanha. Viu-se ele, desse modo, na contingência de derivar para o mercado interno uma quantidade consideravel de artigos especialmente produzidos para exportação.

Tais experiências talvez sejam as inspiradoras das recentes tentativas britânicas de promover relações comerciais mais flexiveis com os signatários do Pacto de Bruxelas: os três paises do Benelux e a França. Entrementes, os planos da união aduaneira franco-italiana vão ganhando consistência. E não parece longe o dia em que esses seis paises da Eu opa Ocidental, com uma população total de 150 milhões de almas, alcançarão, finalmente, a meta desejada: o intercâmbio irrestrito de mercadorias, que fez a grandeza e prosperidade dos 48 estados da União Norte-Americana.

Os Estados Unidos não estão isentos da pecha de nacionalismo econômico, especialmente sob a forma de altas tarifas alfandegárias. Entretanto, essas tarifas têm sido gradualmente reduzidas, desde a promulgação do Acordo Sobre Reciprocidade Comercial.

Nos Estados Unidos, as importações continuam imensamente inferiores às exportações. Entretanto, cumpre notar que, no ano passado, excederam, de mais do dobro, os totais de antes da guerra. Algumas mercadorias da Europa Ocidental estão superando os totais de antes da guerra não só em valor como em volume.

Os Estados Unidos atenuaram, evidentemente, o seu nacionalismo econômico. Através da Organização para a Cooperação Econômica Européia, os paises da Europa se comprometeram, por sua vez, a adotar igual política. Essa iniciativa conjunta criará a maior área comercial contínua e o maior mercado consumidor já existentes no mundo e, consequentemente, uma prosperidade sem precedentes na história.

Os Estados Unidos não só se dispõem a participar da defesa militar da Europa Ocidental como, sobretudo, a promover o desenvolvimento econômico dessa região. No dia em que os Estados Unidos e os paises da Europa Ocidental tiverem consolidado sua estrutura militar e econômica, não haverá mais razão para temer agressões, quaisquer que sejam.

Episódio pessoal

(*Condensado de «Guideposts»*)

Por Grace Perkins Oursler

NAQUELA TARDE, ao regressar da escola, correndo, o menino dera uma queda e esfolara o joelho esquerdo. Era pouco mais do que um arranhão—as calças nem sequer se haviam rasgado—mas o certo é que, nessa noite, o joelho começou a doer. Aquilo não era nada, pensou ele; afinal, era um rapazinho de 13 anos, robusto, e alem disso, filho de um autêntico «homem da fronteira». Não fez caso da dor: vestiu a camisola, ajoelhou para dizer as suas orações, e em seguida meteu-se na cama, naquele mesmo quarto onde dormiam tambem seus cinco irmãos.

No dia seguinte doia-lhe a perna toda, mas nem assim ele falou no assunto com qualquer pessoa. A fazenda exigia de todos uma atividade constante, sem descanso; o menino era obrigado a saltar da cama às seis, todas as manhãs, para executar as tarefas que lhe competiam, antes de pôr-se a caminho da escola; e se não as cumprisse na perfeição, já sabia que o remédio era recomeçar tudo, mesmo que para tanto tivesse que se privar até das próprias refeições. Porque naquela família, a disciplina, embora justa, era austera.

Dois dias depois, pela manhã, as dores na perna eram tantas, que ele nem foi capaz de se arrastar até ao celeiro. Como era domingo, porem, podia ficar em casa enquanto o resto da família ia até a cidade. Foi sentar-se na saleta, e caiu numa ligeira modorra, de que vieram despertá-lo os irmãos, ao voltarem da aula de catecismo.

Os pais não voltaram com os filhos: domingo era o seu dia de folga, e a garotada limpou e arrumou tudo, e cozinhou a grande refeição da semana, enquanto o casal permanecia na igreja.

Mas quando o ajantarado ficou pronto, o menino já se tinha metido na cama. Para descalçar o sapato, foi preciso cortá-lo: o pé e a perna estavam inchados e descorados. Mas, Santo Deus, por que é que ele não dissera nada? Chame o médico, depressa!

A mãe lavou-lhe o joelho, o pé e a coxa, aplicou-lhe cataplasmas, e enxugou-lhe o suor da testa com um pano fresco e úmido. Era uma mulher cheia

de vida e dotada de grande intensidade de sentimentos. Em presença daquela infecção ameaçadora, soube manter-se calma e firme. Tinha criado a filharada através de muitos acidentes e moléstias, desde as dores de dentes à escarlatina; perdera um filho, mas essa dor a fizera mais serena e firme para lutar pela saude dos outros.

O velho dr. Conklin examinou a perna infectada e enrugou os lábios:

—Não é provavel que possamos salvá-la! disse.

O pequeno inválido sentou-se na cama, hirto de tensão, e perguntou numa voz enrouquecida:

—Que é que isso quer dizer?

O médico explicou com brandura:

—Quer dizer que, se a coisa piora, teremos que cortar sua perna...

—Não, senhor! prorrompeu o doente, desesperado. —Eu não deixo! Prefiro morrer!

—Quanto mais tempo a gente esperar, mais será preciso amputar, insistiu o médico.

—O senhor não vai cortar nada! retrucou o menino, a voz quebrada pelo falsete da adolescência, enquanto a mãe, aflita, se voltava para o lado para esconder a emoção. Mas nos olhos do pequeno, que desafiavam o olhar severo do médico, não havia nada de adolescente.

O dr. Conklin saiu do quarto, fazendo sinal à mãe para que o seguisse. De pé no corredor, enquanto ele explicava aos pais o que poderia acontecer, e provavelmente aconteceria, puderam ouvir o menino chamando o irmão e dizendo:

—Edgar, vem cá, vem logo!

O irmão acorreu ao quarto do doente, e ouviu-se então a voz deste, ansiosa e aguda de sofrimento, dizer:

—Se eu ficar doido por causa da doença, não deixe que eles me cortem a perna. Você me promete? Jura?

Um instante depois, Edgar saía do quarto e corria à cozinha. Quando ele voltou, a mãe perguntou-lhe:

—Que foi que ele te pediu?

—Um garfo! Pra morder, pra não gritar.

Depois, Edgar ficou de pé à porta do quarto, com os braços cruzados. Era evidente que se postara alí de sentinela ao irmão. E disse ao dr. Conklin, com os olhos bem fitos nos dele:

—Ninguem vai serrar a perna dele, não!

—Mas, Edgar, você depois vai-se arrepender! gaguejou o médico.

—Pode ser, doutor. Mas eu dei a ele minha palavra de honra.

E não houve nada que o demovesse.

Sem a firmeza com que Edgar permaneceu no seu posto, o pai e a mãe talvez tivessem acabado por ceder às instâncias do facultativo. Ainda não estavam bem convencidos de que a amputação fosse indispensavel; ainda tinham suas dúvidas. Ao mesmo tempo, a atitude inabalavel, primeiro do doente, depois do irmão, era incrivel, pois naquela casa um desafio à autoridade paternal era coisa inaudita. Entretanto, Edgar lá estava, junto à porta do irmão doente.

—Quem sabe se não será melhor esperar até de noite, para ver como ele fica, doutor?

DURANTE dois dias e duas noites Edgar ficou de sentinela; dormia à porta do quarto, e nem para comer largava o posto. A febre subiu, e o doente, em seu sofrimento, balbuciava coisas delirantes; nem assim o irmão mais velho deu mostras de fraquejar; nem mesmo quando a lividez da perna inchada foi alastrando e subindo a caminho da virilha, tal qual o médico havia previsto. Edgar se manteve firme porque tinha empenhado a sua palavra, e tambem porque compartilhava do horror de todos os pioneiros do Oeste, por tudo o que não fosse absoluta integridade física.

Os pais sabiam que o filho nunca lhes perdoaria a amputação, e a atitude de Edgar continuou a ser decisiva, todas as vezes que o médico voltava. Um dia, enraivecido, o dr. Conklin bradou: «Isto é um homicídio!» E foi embora, batendo com estrondo a porta da frente. Agora, só um milagre poderia salvar a vida daquele pobre menino.

Chegada aquela hora de desespero, os três ajoelharam rezando ao lado da cama do doente, assumindo cada um deles, por sua vez, a direção das preces. O pai, a mãe—e por fim o próprio Edgar—levantavam-se, e iam cada qual por sua vez aos trabalhos da fazenda, para voltar depois às preces incessantes. Durante a segunda noite, os outros quatro irmãos vieram tambem de vez em quando juntar suas orações às dos demais.

Na manhã seguinte, quando o velho e teimoso médico passou mais uma vez pela casa, o seu olhar experimentado viu um bom sinal: a inchação diminuia! O dr. Conklin fechou os olhos, numa rápida e enferrujada oração tambem, —uma prece em ação de graças. Mesmo depois de o doente ter caido num sono normal, havia sempre um membro da família orando ao pé da cama, numa vigília constante.

Era noite outra vez, e os candeeiros estavam acesos, quando o menino abriu os olhos. O inchaço decrescia pela perna abaixo, e a lividez sumira quase completamente. Daí a vinte dias—pálido e fraco, mas de olhos límpidos e voz forte—o doente já podia levantar-se.

E Dwight Eisenhower sentiu-se de novo pronto para enfrentar as tarefas da vida.

Para sentir menos frio

QUANDO UMA pessoa sai de uma casa aquecida e enfrenta a temperatura fria, é aconselhavel tomar uma inspiração profunda, pelo nariz, e reter o fôlego. Dessa forma o sangue é impelido para a superfície do corpo, evitando-se o resfriado inicial. Convem conservar a boca fechada e não falar, até que o corpo se acomode à súbita mudança de temperatura.

—Dr. S. E. Bilik, em *Healthful Living* (Scribners)

Dicumarol

a droga que dissolve coágulos

Por Lois Mattox Miller

NUMA TARDE tormentosa de fevereiro de 1933, o lavrador Ed Carlson, fazendo um trajeto de 110 km por estradas amontoadas de neve, foi procurar peritos agrícolas da Universidade de Wisconsin, em Madison, Estados Unidos. Na traseira do caminhão levava uma vaca morta, duas latas de leite cheias de sangue do animal e um montículo de forragem de meliloto ou trevo-de-cheiro, estragado, que parecia ter sido a causa da morte.

Na fazenda deixara mais quatro vacas mortas, vítimas de abundantes hemorragias que ocorreram misteriosamente depois de haverem elas comido o mesmo feno. Carlson queria saber o porquê.

Em Madison, disseram-lhe que nada de novo fora descoberto sobre a «doença do trevo-de-cheiro»; a última notícia sobre o assunto surgira cinco anos antes, época em que alguns criadores dos Estados Unidos e do Canadá examinaram seus rebanhos vítimas de hemorragias, e atribuiram a doença ao feno estragado ou impropriamente curado. Mas as interrogações persistentes de Carlson deram impulso a uma cadeia de acontecimentos que conduziram não só à solução do mistério como à descoberta de uma nova droga: o dicumarol.

O dicumarol é hoje usado extensamente para combater os graves coágulos de sangue que obstruem as veias depois de operações cirúrgicas, partos, acidentes ou doenças. É tambem aclamado como arma potente contra a trombose coronária, esse «ataque cardíaco» fulminante, que tão frequentemente causa invalidez ou morte repentina.

Carlson deixou a sua triste carga no posto experimental. O dr. Karl Paul Link, especialista em química aplicada à agricultura, trabalhou muitas horas, experimentando todos os meios conhecidos para coagular o sangue da vaca. Fracassaram todas as suas tentativas. As circunstâncias levavam a concluir que alguma coisa no trevo estragado destruira, no sangue, a capacidade normal de coagulação.

Durante os cinco anos seguintes, Link e seus colaboradores procuraram sem êxito a substância química des-

conhecida, existente no feno estragado. Afinal, em junho de 1939, um dos pesquisadores encontrou, na lâmina que examinava ao microscópio, uns diminutos cristais que lhe deram a chave do mistério. Provou-se que a coumarina, substância que dá ao trevo-de-cheiro o seu aroma e sabor característicos, sofre uma transformação química durante a putrefação, convertendo-se em dicoumarina, a droga que destrói o poder de coagulação do sangue. Durante o período de ano e meio que se seguiu, os cientistas de Wisconsin cozeram e filtraram grandes montes de feno, até que por fim extrairam uma colherzinha de dicoumarina pura. (Posteriormente, conseguiram um meio de prevenir a formação da dicoumarina no trevo-de-cheiro.) Tendo descoberto a composição química exata da dicoumarina, tornou-se facil reproduzí-la sinteticamente, utilizando, para tal fim, derivados do alcatrão. Apareceu, assim, o dicumarol, a droga anticoagulante.

A coagulação do sangue é uma das dádivas da natureza; sem ela, nenhum corte ou vaso sanguíneo seccionado jamais cessaria de sangrar. Mas o sangue em muitos casos se coagula excessivamente. Muitas vezes, depois de um ferimento, uma operação abdominal ou um parto, forma-se um coágulo (trombo) que fica firmemente unido à parede interna do vaso sanguíneo, obstruindo-o. Por falta de um abastecimento de sangue suficiente, um braço ou uma perna se incha e se gangrena, tendo às vezes de ser amputado. Ou, então, fragmentos de coágulos (êmbolos) se destacam do trombo, percorrem o sistema circulatório e vão alojar-se nos vasos menores que conduzem aos pulmões, causando a embolia pulmonar, fatal.

Se a nova droga correspondesse ao que dela se esperava, os médicos estariam em condições de combater a «trombose intravascular», que mata muito mais gente do que as hemorragias.

Em 1941, equipes de médicos em Wisconsin, Minnesota e Nova York começaram a experimentar o dicumarol. Até então, o único agente anticoagulante conhecido era a heparina, substância química extraida do fígado de boi. Mas a heparina era imperfeita, cara, e às vezes perigosa para os seres humanos. O dicumarol era mais econômico, seguro, e facil de manejar. Em breve, os pesquisadores puderam receitar a dose capaz de retardar decisivamente a tendência do sangue para a coagulação.

O dr. Edgar V. Allen, da Clínica Mayo, onde o dicumarol foi usado post-operatoriamente em 1.686 casos, declarou no ano passado, em *The Journal of the American Medical Association*, que «cerca de 73 vidas foram salvas e 211 pacientes foram livrados da trombose venosa e da embolia pulmonar». Dentre os 1.686 casos, 716 eram de mulheres que haviam sido submetidas a operações abdominais para a ablação do útero. Segundo as estatísticas anteriores, 28 teriam sofrido trombose venosa, e cinco teriam morrido de embolia pulmonar. Graças ao dicumarol, só se manifestaram dois

casos menores de trombose, e nenhum óbito. Em 280 casos de tromboflebite post-operatória, ocorreriam normalmente 68 reincidências de trombose ou embolia pulmonar, com 16 mortes. Com o dicumarol, só se verificaram oito reincidências, e nenhuma fatal.

Ao mesmo tempo, outros pioneiros do dicumarol, no New York Hospital-Cornell Medical College, chefiados pelo dr. Irving S. Wright, atacaram a trombose coronária, em que um coágulo se forma nas artérias que conduzem ao coração, impedindo o abastecimento de sangue desse orgão vital. O dr. Wright e seus colaboradores escolheram de propósito pessoas que haviam sofrido vários acidentes desse tipo e cujos músculos cardíacos já haviam sido danificados pelas artérias bloqueadas; alguns desses pacientes sofriam, alem disso, de trombose nas pernas, que já propagavam êmbolos perigosos. No primeiro grupo de 80 pacientes tratados, só se registraram 15 mortes. «Não é uma cifra muito elevada,» observou o dr. Wright, «considerando que só foram escolhidos casos extremos.»

Um caso desesperadamente complicado foi o de uma mulher de 68 anos que sofria, não só de trombose coronária, mas tambem de alta pressão arterial, diabete, e uma lesão da vesícula biliar. Uma embolia cerebral causara a perda da fala e da memória; uma perna com trombose ficara gangrenosa e tivera que ser amputada. Os médicos chegaram à conclusão de que ela não podia sobreviver. Contudo, após 18 dias de tratamento com o dicumarol, recobrou a fala e a memória. Hoje, quase três anos depois, ela ainda é diabética, sofre da vesícula biliar, e tem o coração cicatrizado, mas vive mais ou menos satisfatoriamente, pode passear de automovel e ir ao cinema.

Uma comissão médica da American Heart Association (Associação Norte-Americana de Cardiologia) lançou, em 1946, uma investigação controlada em 16 hospitais situados em dez cidades dos Estados Unidos. Os doentes da coronária admitidos em dias pares receberam o tratamento usual; aos que chegavam em dias ímpares davam-se, tambem, anticoagulantes. Depois de estudar os primeiros 800 casos, o dr. Wright, presidente da comissão, comunicou à Convenção da American Medical Association, em junho último, que as mortes e as complicações eram «sensivelmente mais raras» entre os pacientes que receberam o tratamento anticoagulante. A comissão recomendou que «se usassem anticoagulantes em todos os casos de trombose coronária», exceto quando fossem contra-indicados (como em casos de tendência para sangrar, hemorragias recentes, úlceras gástricas, etc.).

Os médicos que estudaram os resultados dessas investigações estão convencidos de que, devidamente regulado, o uso de drogas anticoagulantes poderá prevenir um terço dos 130 mil óbitos que ocorrem anualmente nos Estados Unidos em consequência de trombose coronária, e reduzir pela metade as complicações que acompanham um ataque não-fatal.

O efeito da heparina, derivada do

fígado de boi, atualmente purificada e segura, é mais rápido que o do dicumarol; aquela substância, porem, é mais cara (9 dólares a dose, comparada com apenas alguns centavos para o dicumarol), e precisa ser injetada ou gotejada nas veias, ao passo que o dicumarol pode ser administrado por via bucal. Por isso, a heparina, de ação rápida, é reservada para os casos de emergência, continuando-se o tratamento com o dicumarol. Ambas as drogas só podem ser administradas por médicos experimentados, com tratamento hospitalar e constante vigilância da tendência do sangue para coagular-se.

O uso do dicumarol em outras aplicações, especialmente na cardiopatia reumática, está sendo estudado. As experiências já deram resultados promissores. Tambem nesse campo, a droga milagrosa, oriunda do mistério do trevo, talvez seja a solução.

A Árvore da Vida

(Continuação da p. 1)

pintada de ouro e azul, côr-de-rosa e vermelho ou preto, em tonalidades ao gosto oriental, razão por que tambem se chamou «damasquinagem» a esse tipo de decorações.

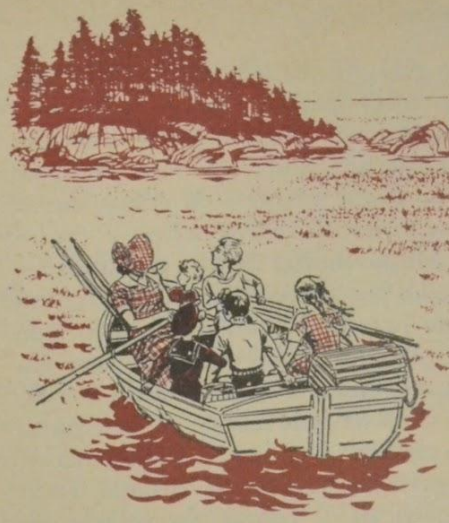
É evidente, em cada caso, o traço bizantino. Nossas cúpolas de tambor, e no interior as conchas de romeiro, nas fachadas o uso da majólica, confirmam essa ascendência remota do bizantino no nosso estilo colonial. Toda essa arte excelsa desapareceu com a decadência do barroco, e foi substituida pelo neo-clássico; mas nos princípios de século XVII, pintores e escultores da Espanha e da Itália transportaram o fogo da inspiração medieval, para encher o território do continente latino com todos esses templos e conventos, que hoje constituem o principal atrativo turístico de nossas nações. Entre todas as ordens, foram as dos dominicanos e dos agostinhos as que melhor construiram. Assim se explica que Oaxaca, região dominicana, possa ufanar-se de que obras como a Árvore da Vida não sejam, aí, singulares. Maravilhas semelhantes, do barroco colonial, podem ser admiradas na capela da paróquia de Tlacolula e na igreja monumental de Yanhuitlan, não muito distantes da cidade de Oaxaca.

NUM HOTEL em Indianápolis o falecido Irvin Cobb foi, certa vez, interpelado por um caixeiro-viajante nestes termos:

—Meu Deus! Mas o sr. é a cara de Irvin Cobb!

—É verdade, respondeu o humorista, cuja «fachada» deixava muito a desejar. —E isso é o diabo, pois para se parecer com Irvin Cobb só mesmo sendo o próprio Irvin Cobb.

—Colaboração de Louis J. Alber



Meu tipo inesquecivel

Robert P. Tristram Coffin

Conhecido poeta, autor de «Strange Holiness», «Yankee Coast», etc.

MINHA MÃE era uma combinação de mágica e anjo. Era mesmo preciso que o fosse, para poder acompanhar um homem como o meu pai e criar os seus dez filhos nas ilhas remotas e desertas do Maine. Meu pai, embora aos domingos andasse enfatiotado, não se sentia contente senão quando estava domando um boi bravo, «civilizando» seus filhos ou explorando novas ilhas.

Assim, minha mãe teve que exercer as suas funções de dona de casa nos lugares mais dificeis, e aprender a arranjar comida nas matas e no mar. Fazia para nós pudim de musgo do mar, que colhíamos quando a maré estava baixa, e, como os médicos não podiam chegar até nossa casa nos meses de inverno rigoroso, usava, à guisa de remédios, raspa de cicuta, poejo e mil-folhas. Nós, a gurizada, colhíamos mel de troncos de árvores mortas, e maçãs silvestres, que ela transformava em geléia.

Nas clareiras que nós, os garotos, abríamos entre os pés de bálsamo, ela plantava morangos alem de framboesas, groselhas e outras frutas agrestes. A nossa despensa lembrava uma catedral, com as centenas de vidros de conservas de colorido variegado. E não eram só de frutas; havia-as tambem de lagosta, de caranguejo e de peixes.

Creio que poderíamos passar um ano inteiro alimentando-nos muito bem, sem arredarmos pé de nossa casa. Todos os anos, na época própria, o caldeirão de fazer conservas fervia no fogão, enchendo a casa de odores da floresta e do mar. Ainda no outro dia comí uma geléia de maçã brava feita com fruta colhida há 50 anos em nosso sítio à beira-mar.

Nós, os garotos, às vezes íamos colher frutas silvestres nos pântanos de água salgada, quando a geada ameaçava a plantação de certa frutinha cuja geléia não dispensávamos como acom-

panhamento do pato assado. Tínhamos que manter luta contra os esquilos para a conquista de cada noz da fazenda e, para colher amoras, nossas mãos concorriam com o agudo focinho das fuinhas. Em setembro, quando os peixes migravam em cardumes, nós nos atirávamos às hordas prateadas, agarrando os filhotes de arenques, os quais mamãe punha em vinha-d'alhos num alguidar de pedra. Mamãe também aproveitava as enguias e solhas que nós fisgávamos, e as lagostas e sirís que pegávamos com as armadilhas feitas por nós próprios.

O mesmo acontecia com a lenha para o fogão. Cada menino tinha que serrar e armazenar tantas braçadas de lenha, enquanto às meninas cabia uma tarefa de costura para fazer cada dia. Mamãe, por sua vez, ajudava os meninos a preparar as armadilhas para pegar lagostas e as meninas a cortar um vestidinho de boneca. Era perita em erguer a armação de caiques para os meninos; usava o bule de chá para produzir vapor, que aplicava sobre o carvalho afim de lhe dar a necessária curvatura.

Dizia ela que vivera em cada uma das ilhas da Baía Casco. A primeira foi a Spruce. Lá mamãe teve que combater os gaviões para impedir que roubassem os pintos. Algumas vezes as águias carregavam as nossas ovelhas.

No inverno, meu pai, para chegar à casa, conduzindo os bois, tinha que fazer grande parte do trajeto pela baía congelada. Uma noite, o gelo quebrou-se e os animais afundaram; outra noite, foi meu pai quem mergulhou através do gelo. Minha mãe—que, como tantas mães daquela época, tinha sono muito leve—ouviu-o gritar e, correndo com uma lanterna e uma vara pelo gelo afora, salvou-o da gélida morte que o envolvia até o peito.

Muitas noites houve de solidão e medo, porem minha mãe as enfrentou com bravura. Criou os filhos ao lado de praias perigosas onde um passo em falso significaria um herdeiro a menos. Às vezes dava de mamar ao bebê junto do canteiro de feijão e, mal terminava, pegava novamente na enxada. Tudo isso, afinal de contas, fazia parte das tarefas cotidianas. Entre as viagens que fazia com o carrinho de mão, levando algas para servir de adubo dos seus canteiros de rosas, mamãe ensinou meus irmãos a ler. Depois de colher frutas nas ilhas vizinhas, ela voltava para casa com as crianças pequenas, remando no meio do nevoeiro ou da chuva. Fomos criados em bosques onde uivavam os linces, e em barcos, entre altas ondas.

Em uma tempestuosa noite de novembro, quando estava debulhando milho, mamãe viu um rosto que a mirava do lado de fora através da janela. Era um índio mal encarado, que daí a pouco abriu o trinco da porta e entrou. Sem dizer palavra, desamarrou uma pilha de cestos de vidoeiro e os colocou para secar junto à lareira, desaparecendo depois na escuridão da noite.

Na manhã seguinte, bem cedo, voltou para apanhar os cestos. Contou-os e agradeceu com uma espécie de grunhido. Por meio de gestos, mandou

que minha mãe fosse buscar um pedaço de pano. Fez com ele uma trouxa que encheu de cinza e jogou no vasilhame em que estava o milho debulhado. Era o que as índias sempre faziam. As cinzas de madeira descascaram os grãos de milho melhor que qualquer lixívia. Assim, mamãe aprendeu mais uma lição das selvas.

A ilha em que moramos a seguir foi a Pond. O vizinho mais próximo ficava a duas milhas em pleno oceano. Nossa casa tinha que ser amarrada com cabos quando era fustigada pelos vendavais. Quando o vento mudava de direção, se meu pai não estivesse em casa era mamãe que ia mudar a posição dos cabos. O lugar era deserto mas nós éramos tantos, e estávamos sempre tão ocupados, que nem pensávamos na vasta solidão que nos cercava.

Vivíamos em um lar aconchegado, apesar do deserto que jazia em redor de nós. Mamãe mantinha a vivacidade de nossos espíritos, nunca deixando que parássemos. Ensinava a todos nós, meninos e meninas, a preparar anzóis e a pegar bacalhau. Quando não podíamos ir à escola, ela nos prendia aos livros das nove da manhã ao meio-dia. A mim, o mais moço, ela ensinou a somar, subtrair e multiplicar, usando conchas que eu trouxera da praia.

Quando nos mudamos da Ilha Pond, meu pai trouxe a sua escuna, desmontou nossa casa, que carregou para bordo, e foi navegando até Sebascodegan, onde nosso lar errante finalmente ancorou para sempre.

As crianças ajudaram a abrir uma clareira e a construir um celeiro. Mamãe ajudava a preparar o feno e auxiliava papai, ocupado com suas vinte colmeias. Ela sabia lidar tão bem com as abelhas, que era capaz de tomar conta delas quando papai, de tão picado, tinha de correr e dar um mergulho no mar. Mamãe tinha cem galinhas, mas nunca deixou que nos aproximássemos delas. As crianças, principalmente os meninos, irritam as aves, dizia ela. Os ovos lhe davam um dinheirinho extra que ela empregava em coisas como aulas de piano, ou uma boneca para cada menina que, o ano inteiro, varrera o seu quarto.

Com seus enormes tachos, panelas de barro e colheres de ferro e uma lareira, alem do fogão da cozinha, sempre crepitantes durante os seis meses de frio, minha mãe preparava enormes assados de carne e peixe, e só um astrônomo poderia calcular quantos quilômetros quadrados de pão de gengibre ela cozeu para seus garotos famintos. E as tortas de amora que fazia eram uma verdadeira delícia.

Como não podia comprar quase nada pronto, mamãe conhecia todos os truques indispensaveis a uma dona-de-casa naquelas condições. Conservava o leite sem azedar, deixando a vasilha dentro de um armário escuro até que a nata ficasse da espessura de um centímetro, como se fosse um veludo amarelo; colocava o peixe em vinagre, em camadas atravessadas umas sobre as outras, e, quando os tirava, as espinhas estavam soltas. Fazendo mágicas com sal e fumaça, conservava as carnes saborosas e sem deteriorar-se, embora não tivesse geladeira.

Pensará o leitor que uma mulher assim tão ocupada com sua casa e a criação de dez filhos, em uma ilha tão desolada, pouco tempo teria para dedicar a coisas de cultura. Minha mãe era uma criatura pequenina, fragil e delicada como a brisa que sopra do ocidente. Nunca a ouví elevar a voz para ralhar violentamente com um de nós, mas o que ela dizia, com aquela voz suave, era lei. Sua inteligência era afiada como uma navalha e seus julgamentos eram infaliveis. Nunca vi quem tivesse tanta exatidão em julgar as pessoas.

Quando mamãe se arrumava para receber visitas, desabrochava uma elegante dama. Conversava sobre livros e o que ia pelo mundo, e só Deus sabe como achava tempo para ler e se conservar a par de tudo.

Mamãe era um anjo—um anjo de fibra e espinha de aço e granito. Quando papai morreu, ela se mudou para a cidade afim de que os filhos pudessem frequentar o colégio, alguns tendo chegado à universidade.

Ela conservou a fazenda de Sebascodegan como um ponto de apoio, para que tivéssemos leite e ovos frescos, e trabalho para enrijecer nossos músculos, para bem e conforto de nossa alma.

Essa mulher, pequenina mas forte, constituiu o centro da vida de seus filhos e filhas durante 40 anos. Era como o chefe de um clã a quem os homens e mulheres já feitos consultavam, tal como se ainda fossem gurís. Chegou a conhecer 28 netos.

Mamãe era um modelo de mãe. Trabalhadora, apologista de famílias numerosas, sentia viver nos filhos o melhor de sua vida. Mulher de visão larga e econômica, educou os filhos para que fossem independentes e operosos, dotados de espírito forte e de carater ilibado.

Na última de nossas fazendas, entre as pimenteiras, surgem, no mês de maio, três lindos círculos brancos que as plantas agrestes não conseguem exterminar. São os narcisos que mamãe tinha como centro de seu canteiro de flores. A mulher que os plantou há muito tempo já dorme o seu sono na terra, mas aquelas flores, viçosas e fragrantes, conservam sua memória viva e luminosa. Não lhe poderíamos erigir monumento mais condigno.

Periscópio bancário

UM BANCO de Denver, no Colorado, oferece agora um novo serviço a seus clientes. O cavalheiro que venha de automovel e não queira subir ao andar onde funciona o Banco, para descontar um cheque, pode fazê-lo pelo novo sistema, que consta de um telefone de intercomunicação, um periscópio e um pequeno ascensor elétrico. O cliente telefona ao caixa, e lhe envia o cheque pelo ascensor. Por meio do periscópio, eles se vêem um ao outro. Se o cheque estiver em ordem, o freguês recebe imediatamente o dinheiro pela volta do ascensor.

—*Wall Street Journal*

Um valente cruzado conta-nos de que modo está transformando em prosperidade a miséria de seus compatriotas e promovendo a recuperação econômica do país

OS GREGOS LUTAM PARA SALVAR A GRÉCIA

(*Condensado de «Plain Talk»*)

Apostolos Koskinides

HÁ LUGARES no mundo onde pouco se pode comprar com 80 dólares. Mas na Grécia, com essa quantia, é possivel comprar numerosas vidas.

Vejamos a aldeia de Rizo. Como inspetor da saude pública, tenho por função percorrer aldeias como Rizo e ensinar o povo a sobreviver, a combater a malária e os parasitos intestinais que, em anos de epidemia, já levaram ao leito cerca de 2 milhões de pessoas, num país de 7.500.000 de habitantes.

A malária assola Rizo todos os anos; o povo acostumou-se a encará-la como um mal inevitavel, contra o qual nada se pode fazer. Inúmeras eram as crianças ceifadas pela febre; os homens que conseguiam sobreviver, ficavam sem ânimo para enfrentar o pesado trabalho da lavoura, e as mulheres fracas demais para atravessarem uma gravidez sadia. Dos 1.500 habitantes de Rizo, nem um sequer gozava perfeita saude, quando lá cheguei.

As aldeias da Grécia não têm água encanada. Em geral, há um poço—em Rizo há uma fonte—nos arredores da cidade, de onde as mulheres carregam água para as suas casas. A fonte de Rizo transbordava frequentemente, transformando-se num viveiro de mosquitos.

Disse ao povo da aldeia que a malária, ceifadora de tantas vidas, vinha precisamente da fonte. E que, se me ajudassem, eu poderia limpá-la devidamente. Embora não acreditassem realmente no que eu dizia, muitos se prontificaram a colaborar comigo. Depois de várias semanas de trabalho, conseguimos secar toda a zona alagadiça que cercava a fonte. A seguir, dedicamo-nos à limpeza da própria fonte, cimentando-lhe as paredes, clorando-lhe a água e cobrindo-a devidamente. Depois, tratei de instalar uma torneira de latão que nos permitisse controlar o fluxo da nascente. Isso feito, examinei a água, encontrando-a em boas condições.

Voltei a Rizo três anos depois. A aldeia estava irreconhecivel. Os homens, ativos, trabalhavam arduamente nos campos. A felicidade do padre era transbordante. «Antes de o sr. limpar a fonte, esta era uma aldeia quase sem crianças,» disse ele. «Hoje, veja como vive alegre a garotada.»

A remodelação da fonte custara exatamente 80 dólares.

Tenho feito o mesmo em centenas de outras aldeias. Muita gente diz que a Grécia não tem condições para sobreviver. É um engano. A nossa situação é crítica, não há dúvida. As aldeias são devastadas pelas infecções intestinais. O sistema de esgotos, ou é primitivo ou não existe de todo; 98 por cento dos fazendeiros não dispõem de latrinas. As febres tifóides e paratifóides, a desinteria e outras doenças alastram-se de maneira trágica.

A nossa terra está velha e cansada. A terrivel mosca Dacus destrói as culturas de oliveira. Não temos, praticamente, nenhuma indústria e muito pouca coisa para exportar. Durante a ocupação, os alemães carregaram ou destruiram os nossos bosques para obter lenha. A Grécia ainda continua em guerra. De fato, o quadro é desanimador. Mas confio cegamente na capacidade de meus concidadãos na nossa luta pela sobrevivência.

A caridade não poderá salvar a Grécia. Encher nossos estômagos com alimentos doados significa, apenas, adiar o inevitavel. Só os gregos poderão salvar a Grécia. Sou tão somente um dentre os muitos que tentam ensinar ao povo o caminho da ressurreição.

O nosso flagelo mais grave reside nas condições de insalubridade das aldeias gregas. Se me fosse possivel, da noite para o dia, mediante um passe de mágica, limpar os poços e instalar latrinas em toda a Grécia, o país iniciaria imediatamente a marcha para a pronta e efetiva recuperação econômica.

O povo teria saude. Só um agricultor sadio poderá ser eficiente. Bons agricultores superariam as deficiências do solo enviando às cidades quantidades apreciaveis de alimentos. Com os lucros obtidos, adquiririam mercadorias produzidas nas cidades. A indústria se expandiria, empregando mais pessoas que, por sua vez, ficariam em condições de adquirir mais cereais, frutas, azeite de oliveira e vegetais. Esta é, talvez, a mais velha das teorias econômicas; mas é, sem dúvida, sólida e representa o único meio de salvar a Grécia.

A Near East Foundation (Fundação do Oriente Próximo) gasta, anualmente, cerca de meio milhão de dólares na Grécia. Mas nem um centavo, sequer, é gasto em caridade ou em remuneração de serviços. Quando convencí a população de uma aldeia de que era possivel encanar a água de um poço situado a quase 5 quilômetros e trazé-la para chafarizes no centro da aldeia, toda a gente se dispôs a contribuir com a mão-de-obra necessária.

Foi o que fiz recentemente em Mandra, aldeia de 5 mil habitantes, a apenas 30 km de Atenas. Havia mais de 100 anos que as mulheres da localidade faziam todos os dias uma caminhada

de quase cinco quilômetros. Iam rolando barrís até o poço, enchiam-nos aí e voltavam rolando os pesados recipientes até a aldeia.

Não me foi facil convencer os habitantes de Mandra a encanarem a água do poço. Com alguma relutância, acabaram aceitando o meu plano. Se cada família pagasse uma taxa equivalente a doze dólares por ano, seria possivel amortizar rapidamente um empréstimo em um banco de Atenas. Disse-lhes que eu poderia conseguir com a Missão Norte-Americana uma bomba a gasolina para puxar a água.

Os habitantes contribuiram com 10 mil homens-horas de trabalho. Hoje, a população dispõe de água suficiente para beber e para limpeza. A porcentagem de doentes foi reduzida à metade. Atualmente, estou vendo se os convenço a me ajudarem a construir latrinas.

Não sou médico, mas desde 1914 que me dedico a persuadir as pessoas a salvarem as suas próprias vidas. Nessa época, eu era estudante, na Turquia. Quando veio a Primeira Guerra Mundial, convocaram-me para o Exército turco e, como eu tivesse trabalhado numa farmácia, o governo me designou inspetor de saude pública e me mandou para o interior, que estava sendo devastado pelas epidemias de varíola, cólera e tifo. Não havia, no distrito, nem hospital, nem médico, nem mesmo uma farmácia.

Pus em quarentena as 80 aldeias da região e isolei as casas para onde fui removendo os doentes. Mobilizei, para os serviços de limpeza, as pessoas ainda não contaminadas, fazendo-as recolher e enterrar o lixo das casas. Não dispondo de remédios, empreguei como arma o asseio. E, graças unicamente ao asseio, a epidemia passou em pouco tempo.

O governo, temendo novo surto epidêmico, ordenou-me que ficasse na aldeia de Kadin-Han. Eu já dispunha, então, de alguns remédios e montara uma pequena farmácia. À noite, passei a dedicar-me ao terceiro emprego. Como pouca gente na aldeia sabia ler, levavam-me as cartas recebidas dos filhos, das frentes de batalha, para que eu as lesse e respondesse. Aprendí, então, a dar valor mesmo ao aldeão mais ignorante, coberto de piolhos. E, o que é mais importante, me convencí de que ninguem pode salvar os outros: a única coisa que podemos fazer é dar-lhes estímulo afim de que lutem pela própria salvação.

Quando acabou a Primeira Guerra Mundial, voltei da Turquia para a Grécia, onde fui trabalhar na Organização de Socorro ao Oriente Próximo. Os turcos haviam exilado um milhão e meio de gregos, deixando sem lar cerca de 23 mil crianças. Viajei por todo o norte da Grécia e conseguí encontrar os pais de 10 mil crianças. Gastei, nessa tarefa, cinco anos.

A Organização de Socorro ao Oriente Próximo, ao terminar as suas atividades, transformou-se em Fundação do Oriente Próximo. Nosso principal objetivo era fomentar, por meio da educação, a agricultura, a economia doméstica e a higiene. Trabalhamos na Bulgária, na Albânia e na Iugos-

lávia, bem como na Grécia, na Síria e no Irã. Mas os paises que se tornam comunistas repelem o nosso auxílio.

Hoje, já posso imaginar a malária e as infecções intestinais como coisa do passado, na Grécia. Em 1946, passei um ano na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, estudando os mais modernos métodos de higiene pública. Foi uma experiência extraordinária. Pela primeira vez, tinha ao meu alcance os conhecimentos conquistados pelos grandes peritos na matéria a que me vinha dedicando. Os Estados Unidos têm gasto bilhões de dólares no combate às pestes que assolam a Grécia. Têm gasto bilhões em pesquisas agrícolas e desenvolvido técnicas tais como a fecundação artificial do gado, introduzida na Grécia pela Fundação do Oriente Próximo.

O que aprendí de mais importante, nos Estados Unidos, foi a filosofia da saude pública, segundo a qual mais vale prevenir do que remediar. Hoje, sou um dos apologistas da medicina preventiva, e quando explico que esta é a filosofia norte-americana, todos me dão ouvidos, pois em nenhum outro país são os Estados Unidos mais admirados, hoje em dia, do que em minha pátria.

No campo da saude pública, as atividades da Escola Nacional de Higiene, bem como do coronel Daniel E. Wright, que está instruindo a Força Aérea Nacional no combate à malária por meio do DDT, reduziram a ocorrência dessa moléstia de 2 milhões para 50 mil casos por ano. Até agora, porem, não tivemos tempo de educar o povo no sentido de prevenir as doenças intestinais.

Aqueles que hoje dizem que a Grécia não poderá sobreviver disseram tambem, há tempos, que seria impossivel construir o Canal do Panamá por causa da febre amarela, e que seria homicídio em massa enviar tropas às Filipinas, onde imperavam doenças de toda sorte. No entanto, o ânimo e a inteligência dos norte-americanos venceram a natureza tanto no Panamá quanto nas Filipinas. Auxiliados pelos conhecimentos adquiridos nos laboratórios norte-americanos, nós, os gregos, havemos de inspirar nossos patrícios em sua luta pela própria salvação.

Respostas a «Vamos quebrar a cabeça!»

(Vide página 63)

I. 1—E, 2—C
II. 1—E, 2—C
III. 1—E, 2—C
IV. 1—E, 2—E, 3—C
V. 1—E, 2—C, 3—E
VI. 1—E, 2—E, 3—C
VII. 1—E, 2—E, 3—C

Conte um ponto a seu favor para cada resposta certa. Um total de 15 é excelente, e de 10 é bom.

Como ganhar dinheiro com os operários

(*Condensado de «Future»*)

Por S. Burton Heath

Na seção de recebimentos da Continental Paper Co., de Ridgefield Park, Nova Jersey, Estados Unidos, Salvatore Babino e Ralph Grieco notaram que nove fardos de papel velho, comprados ao preço de 21 dólares a tonelada, como material ordinário, continham, em realidade, papel bom que valia 90 dólares a tonelada. Em vez de encolher os ombros com indiferença, comunicaram o fato ao superintendente. Assim, economizaram para a companhia 273 dólares e ainda aumentaram de 120 dólares o fundo para pagamento especial aos empregados, recentemente instituido dentro do Plano de Participação na Produção, da referida firma.

Anteriormente ao plano (que foi adotado em julho de 1947), a companhia não conseguia persuadir os empregados a economizar. Agora, com o plano em vigor, vêem-se empregados apanhando cuidadosamente folhas de papelão do valor de 10 centavos que antigamente seriam pisadas e estragadas. Nos primeiros 4 meses deste ano, só de barbante recuperado foram poupados 3.100 dólares.

Um dia, em meados do ano passado, Arthur Baskett, encarregado das batedeiras que misturam as matérias primas do papel, recebeu a fórmula de uma nova encomenda. Na máquina ainda estava a mistura que sobrara do último serviço. Noutros tempos, um chefe dessa seção jogaria a mistura fora, sem pestanejar; se os dirigentes não eram capazes de planejar melhor o serviço, os empregados é que nada tinham a ver com isso.

Mas Baskett está trabalhando sob um novo tipo de contrato. Esperdiçar aquela mistura, não só lhe daria prejuizo financeiro como o tornaria antipatizado, pois a perda tambem atingiria a todos os demais empregados da empresa. Assim, ele aproveitou a sobra e tratou-a de maneira a poder ser usada na manufatura da nova encomenda, economizando para a companhia 69,49 dólares e ainda acrescentando 30,51 dólares a um fundo que pouco depois foi dividido entre todos os empregados.

A Continental Paper Company é uma das cinco empresas que, nos Estados Unidos, estão usando um novo plano de salários que estimula tal eficiência. O plano se acha concretizado

em um contrato feito com a agência local do sindicato dos trabalhadores na indústria do papel, e é conhecido como o Plano Rucker de Participação na Produção, porque o seu idealizador, consultor em assuntos administrativos, se chama Allen W. Rucker. Estipula o plano que os 400 operários da Continental receberão 30,51% de todo o valor que for acrescentado às matérias primas por esforço deles próprios.

A companhia chamou Rucker depois de um período de desavenças com os empregados. Nos 15 meses que se seguiram ao Dia da Vitória, o referido sindicato venceu a Continental em três questões de aumento de ordenado, aumentando de 49% o salário mínimo da tabela. No ano passado, o sindicato voltou a pedir um aumento geral de 15 centavos.

Os estudos feitos por Rucker o haviam convencido de que há pelo menos um século os operários vêm recebendo uma constante percentagem dos valores que acrescentam às matérias primas do empregador. Essa percentagem difere entre as indústrias e companhias, mas em todas elas se tem mantido estavel tanto nos tempos de prosperidade como nos de crise. Em suma: os salários têm acompanhado fielmente a ascensão e a queda da eficiência dos operários; mas, para se chegar a esse resultado, muita discussão e ressentimento tem havido, com greves por parte dos empregados ou corte nos salários por parte da administração. Por que então, pensou Rucker, não poderia essa razão constante ser aplicada de maneira tal que tanto o empregador como o empregado recebesse a sua parte automaticamente?

Uma cuidadosa análise das contas da Companhia Continental mostrou que no período de 1936 a 1940 (últimos anos anteriores à regulamentação dos preços e à legislação do período de guerra) os operários vinham recebendo 30,51% do valor que o seu trabalho acrescentava à matéria prima, percentagem essa que, dentro de um mesmo ano, nunca variou mais de meio por cento.

A Continental persuadiu o sindicato a retirar as novas reclamações de aumento de salário e aceitar um contrato que garantia aos empregados 30,51% do valor em dinheiro acrescentado pelo seu trabalho. A antiga tabela de salários continuou no contrato, mas se tornou principalmente uma base para divisão do total dos salários entre os diferentes serviços.

Se o sindicato tivesse insistido no pedido de aumento de 15 centavos, Jim Biggs, um dos 135 empregados de côr da Continental, teria acrescentado 8 dólares e 73 centavos por semana ao seu antigo salário de 66 dólares e 45 centavos, que era quanto ganhava em média, pelo plano antigo. Graças ao novo plano, Jim ganha agora mais 16 dólares e 86 centavos por semana, isto é, quase o dobro do que o sindicato exigia. Dessa importância, metade é paga em dinheiro e metade sob a forma de seguro e de direito a pensão anual. Essa pensão foi aprovada pelo sindicato e não faz parte do Plano Rucker. A pensão anual é propriedade do empregado, e cresce continuamente enquanto ele estiver a serviço da companhia. Se ele deixar o emprego, receberá as anuidades acumuladas. Se, porem, ficar trabalhando para a Continental até atingir a idade de 65 anos, uma companhia de seguros pagar-lhe-á uma compensadora aposentadoria para o resto da vida.

Para demonstrar mais facilmente como funciona o sistema, basta usar a própria experiência da Continental.

Durante as primeiras 44 semanas do plano, a companhia forneceu matérias primas, peças e sobressalentes no valor de 4 milhões e 800 mil dólares. Os operários converteram isso em papelão no valor de 9 milhões 625 mil dólares, acrescentando, assim, 4 milhões 825 mil dólares ao valor das matérias primas pertencentes à companhia. Os 30,51% dessa importância, a que os operários tinham direito, equivaliam a 1 milhão 470 mil dólares.

Dessa importância, receberam eles 1 milhão 190 mil dólares em cheques semanais, de acordo com a tabela de salários básicos constante do contrato. Dos restantes 280 mil dólares (correspondentes a um acréscimo de 23% em seus salários básicos), uma quarta parte foi para o fundo de reserva. Do que sobrou, metade foi para a companhia de seguros e a outra metade foi distribuida, semanalmente, aos empregados pagos por hora, em proporção aos seus salários.

O fundo de reserva é a garantia da empresa. Se, em qualquer período, os operários não produzirem valor suficiente para justificar o salário básico, a companhia pode sacar desse fundo para completar aquele mínimo. Se a reserva vier a ser pequena demais, o prejuizo é da companhia.

Duas vezes por ano, antes do Natal e antes das férias do meio do ano, encerra-se a conta de reserva. Se o saldo for credor, metade vai para a conta das pensões anuais e a outra metade é distribuida em dinheiro aos operários. Se houver déficit, este é coberto pela companhia. De qualquer modo, a conta de reservas é reiniciada de seis em seis meses.

Dos seus 69,49% a companhia tem que pagar salários da administração, férias, impostos, pensões, indenizações por acidentes no trabalho, despesas administrativas e de vendas, seguro, prejuizos, fretes, descontos, substituições de maquinaria, juros, etc. O que sobrar é o lucro da companhia.

No princípio deste ano o êxito do plano parecia estar periclitando. Depois de produzir gratificações que chegaram a mais de 40%, os «extras» cairam, em fevereiro, a 8,66%. Houve muitas razões para isso, algumas por culpa da companhia, outras por culpa dos operários. O principal motivo foi que a mão-de-obra se tornou exorbitante. Segundo o plano, cada vintem economizado em salários vai para os empregados, mas eles perdem cada vintem perdido em salários.

As coisas ficaram muito sérias na fábrica. A gerência convocou os representantes do sindicato e lhes disse que eles próprios eram os culpados da

constante ascensão do custo da mão-de-obra. Os homens ouviram em silêncio e sairam zangados. Logo depois pediram uma conferência especial com os patrões.

«Quando concordamos com o sistema de Participação na Produção,» disseram eles, «não queríamos dizer que a administração podia fugir às suas responsabilidades. Nós somos líderes sindicais, e podemos prestar algum auxílio, mas não podemos arcar com toda a responsabilidade de fiscalizar o custo da mão-de-obra. Compete à administração adotar medidas de economia em salários agora, da mesma forma que competia no tempo do antigo sistema, e nós estaremos prontos a cooperar.»

A administração tomou as medidas necessárias e, em dois meses, cortou a folha de pagamento em 7%, sem complicação alguma com os operários nem com o sindicato.

Uma noite, quebrou-se uma máquina que dava acabamento ao papelão de alta qualidade. Frank Kenison, que a havia instalado, estava dormindo em sua casa mas prazerosamente acorreu à fábrica para consertar a máquina.

Harry O'Cleppo, diretor regional do sindicato, diz: «Esse incidente mostra que o novo plano convenceu os operários da necessidade de um trabalho em equipe. Frank compreendeu que enquanto a máquina não estivesse trabalhando, todos os operários estariam perdendo dinheiro.»

Uma das consequências mais originais do plano, e no entanto das mais lógicas, é que os próprios trabalhadores evitam o mais possivel o serviço extraordinário. Naturalmente o serviço fora do horário ainda traz vantagens individuais, mas é contra os interesses do grupo, pois cada dolar pago em salários especiais por trabalho fora de horas (bem como cada dolar pago a empregados extranumerários) sai integralmente da folha de gratificação que os empregados recebem de mês em mês; nada custa à empresa.

Com tais resultados, o Plano Rucker de Participação na Produção está despertando grande interesse na indústria. O plano não deve ser considerado como uma simples variação do sistema de participação nos lucros. Os operários recebem a sua parte dos valores que eles próprios criam. À administração é que compete auferir lucro do que sobra. Não há necessidade de medidas disciplinares. Os próprios empregados exercem, em muitos assuntos, um policiamento que a companhia não ousaria tentar.

O Presidente da Continental, W. J. Alford Jr., declara: «O plano permite à Companhia e ao operário obter dinheiro um *com* o outro e não um *do* outro. Cremos que ainda provará ser a medida mais sábia que a empresa e seus empregados jamais adotaram.»

Harry O'Cleppo, por sua vez, diz: «Somos muito gratos pela maneira como este plano vem funcionando na Continental. Não o encaramos como um remédio para todos os males trabalhistas. Ainda se acha em estado experimental, mas estamos contentes com os resultados até agora obtidos e optimistas quanto ao futuro.»

Uma professora que ensina a aprender

(Condensado de «The Denver Post»)

Por Blake Clark

«O SEGREDO de ensinar está em atrair, com qualquer isca, a atenção da criançada. Uma vez interessados, os alunos são capazes de fazer milagres. Talvez precisem de ajuda para delinear os primeiros planos; daí em diante, porem, os professores têm de tomar cuidado se não quiserem ser ultrapassados por eles.»

É esse o credo pedagógico de Dorothy Massie, professora de ciências do ginásio de Mount Baker, nas florestas do Estado de Washington, não muito longe da fronteira canadense. Graças a seu trabalho criador e estimulante, num laboratório sempre em atividade, seus alunos—meninos e meninas, filhos de sitiantes e lenhadores—adquirem mais conhecimentos científicos do que os possuidos pelas pessoas cultas em geral.

No primeiro dia de aula de física, Miss Massie abordou a classe com a pergunta: «Será possivel ferver água sem calor?»

Enquanto os meninos sorriam ao ouvir essa pergunta, que lhes parecia absurda, a professora enchia de água um frasco ligado por um tubo de borracha a uma bomba aspiradora. Assim que, por meio da bomba, o ar foi sendo retirado da parte superior do frasco, a água começou a ferver furiosamente.

Miss Massie então explicou o princípio da ebulição: a água ferve quando a pressão interna é mais forte que a externa, embora a temperatura não seja elevada. «É por isso que certos gêneros alimentícios não se cozinham bem nas montanhas muito altas. A 4.500 metros de altitude a atmosfera rarefeita exerce tão pouca pressão que a água ferve mesmo quando apenas morna.»

A demonstração de Miss Massie provocou uma série de perguntas e respostas que se prolongou pelo resto do período de aula.

Miss Massie acha que se aprende

mais numa hora de trabalho prático que numa semana de preleções. A maioria das atividades instrutivas a que se dedicam os seus alunos são diretamente inspiradas por situações surgidas em classe. Certa vez, 35 alunos tiveram de amontoar-se ao redor de apenas seis microscópios, e por isso resolveram que era preciso arranjar um micro-projetor. Com uma caixa de madeira, uma lâmpada de 150 watts, um interruptor elétrico e um microscópio composto, conseguiram projetar lâminas microscópicas numa tela ampla, onde todos podiam estudá-las ao mesmo tempo.

Uma das alunas, Berdell Smith, teve a idéia de fazer uma lamparina para fundir vidro, usando um pedaço de cano pequeno, que inseriu noutro maior. Ligou então uma bomba, afim de projetar ar através do cano maior e um cano de gás afim de instilar gás no menor. Com esse aparelho os estudantes fizeram 45 graciosos vasinhos, que ofereceram como brindes, num banquete, ao corpo docente da escola.

Afim de estudar o globo ocular, Lowell Nash fez um modelo que media 35 cm. Usou como material uma folha de latão, pintada de preto, representando a parede ocular interna; um pedaço de tela fotográfica representando a retina; e uma lente fotográfica fazendo as vezes do cristalino humano.

Junto com dois jovens colaboradores, Dan Hayes construiu uma bobina Tesla, geradora de correntes de alta frequência. Usando um transformador de gás neon, doado por uma firma local, e material elétrico do valor de seis dólares, construiram uma bobina que custa, no comércio, 85 dólares, e é capaz de gerar tanta voltagem que fantasticamente acende lâmpadas e tubos de neon não ligados a ela. Parecia magia, ver um estudante imitar a Estátua da Liberdade, empunhando uma tocha faiscante e sem nenhuma ligação visivel com qualquer gerador de força.

Havia, é claro, aparelhos que não podiam ser feitos na escola. Afim de arranjar a verba necessária, os estudantes puseram-se a vender doces e, com os primeiros 150 dólares ganhos, compraram uma câmara fotográfica de chapas e uma para filmes de 35 milímetros. Instalaram um estúdio e uma câmara escura, onde os jovens amadores entusiastas revelavam e ampliavam retratos para os colegas e os moradores da localidade, faziam cartões de Natal e se encarregavam do trabalho fotográfico para o anuário escolar.

No ano seguinte, os estudantes do Clube de Ciências ofereceram uma exposição aos moradores da cidade. Exibiram, ao todo, cinquenta peças mecânicas, entre as quais um automovel de corrida em miniatura, movido a jacto por um cartucho de bióxido de carbono, que ilustrava uma das leis de Newton: o princípio de que toda ação provoca reação igual e contrária.

As matrículas nas classes de Miss Massie se elevaram tanto que a diretoria da escola teve de estabelecer um limite.

Dorothy é uma mulher independente, de mãos habeis como as de um mecânico e dotada de um senso de humor que lhe prolonga a mocidade. Criada numa cabana de madeira nas florestas de Washington, caçando codornas e faisões, atirando às cascavéis da garupa do seu cavalo, aprendeu com o pai, marceneiro, a usar o martelo e a serra, e a fazer encaixes perfeitos.

Como disse um de seus alunos, «ela sabe fazer tudo!» Veste-se de maneira atraente, com roupas feitas por ela mesma. Cultiva seus próprios legumes e frutas, cria galinhas, armazena os excedentes num depósito congelador.

Certa vez, convidada para lecionar noutra escola, com salário mais elevado, estava interessada em aceitar a oferta quando soube que o contrato incluia uma cláusula proibindo danças. Nem sequer respondeu à proposta.

—A sra. gosta tanto assim de dançar? perguntei-lhe.

—Qual! nunca dancei em minha vida. Mas ninguem tem o direito de proibir-me.

Miss Massie acha que o melhor divertimento do mundo é visitar fábricas, e mantem-se sempre a par do movimento em toda indústria interessante da vizinhança. Certa vez, num feriado escolar, levou uma turma de alunos a Tacoma, com o propósito declarado de assistir a um filme cinematográfico. Ao voltarem para casa, naquela noite, tinham tambem visitado uma leiteria, um moinho, uma fábrica de moveis, outra de fósforos, e uma fundição.

Depois de trabalhar como química numa empresa despolpadora local durante dois verões, Miss Massie declarou: «Tirei mais proveito desse trabalho que de quatro cursos de verão em universidades. Aprendia alguma coisa sempre que olhava à minha volta, simplesmente observando os outros.»

Está agora interessada em trabalhar para uma companhia de aparelhos ópticos e assim conseguir maiores conhecimentos sobre processos de polir lentes. «Mas é claro que desejo trabalhar apenas durante as férias de verão,» acrescenta Miss Massie. «Não existe trabalho tão estimulante quanto ensinar.»

Em 1941, cinco representantes de uma comissão de reforma estadual visitaram a classe de Miss Massie e durante três dias observaram friamente seu trabalho. Daí a cerca de um mês, recomendaram-na para o cargo de chefe de uma comissão encarregada de organizar o programa de ensino de ciências no Estado inteiro.

Assim que a guerra começou, os alunos de Miss Massie manifestaram tal entusiasmo por aeroplanos que ela resolveu ensinar-lhes os princípios de aeronáutica. Pôs-se a estudar à noite, até sentir-se capaz de ter sempre um tópico previamente preparado; deu então um curso dessa matéria. Os rapazes construiram um aparelho de cerca de dois metros, para demonstração do controle do avião. Instalaram-no numa plataforma, usando uma articulação universal tirada dum automovel velho, e puderam assim mano-

brar o aparelho. Com uma vara e pedais, ajustavam os ailerons e os lemes, tornando-se, enfim, excelentes «pilotos terrestres».

Com pedaços de linóleo e canudos de papelão fizeram um tunel de vento, obtendo sopro por meio do ventilador de um Ford antigo, que soldaram ao eixo de um motor elétrico de um quarto de cavalo.

Como vários alunos, inclusive algumas meninas, desejassem aprofundar seus conhecimentos sobre rádio, Miss Massie pôs-se a trabalhar três noites por semana com um técnico numa localidade vizinha, adquirindo assim o treinamento necessário. Os meninos iniciaram então um curso teórico no primeiro semestre e realizaram trabalhos práticos no segundo. No fim do ano estavam construindo aparelhos receptores de ondas curtas e longas.

Perguntei a ex-alunos de Miss Massie por que razão haviam gostado de suas aulas.

«Porque ela nos ensina a pensar,» respondeu Eugene Seaton.

Dias antes Eugene deixara cair uma porca de parafuso no motor de seu caminhão de transportar troncos. Em vez de levá-lo para uma garage, ligou um pedaço de arame à bateria, enrolou o arame ao redor de uma vara de aço e obteve assim um eletromagneto com o qual facilmente extraiu a porca.

«Nunca me teria ocorrido esse processo se não tivesse estudado física,» disse ele.

«Aplicando o que aprendemos, nós agricultores podemos suavizar o trabalho e economizar dinheiro,» disse-me Frank Turner. «Por exemplo, quando faz muito frio, as frutas do meu celeiro podem congelar-se; mas eu sei que posso evitar isso, colocando ao lado uma bacia cheia d'água. Ao congelar-se a água irradia calor e age como uma espécie de lareira líquida.»

Uma das alunas de Miss Massie, ajuizada menina de 16 anos, resumiu as virtudes do curso de ciências, observando com seriedade:

«A vida fica mais interessante quando se pode aprender a razão por que as coisas acontecem.»

Lincoln e os sermões

ABRAÃO LINCOLN não gostava de ir à igreja para ouvir sermões áridos e insulsos. «Quando ouço um homem pregar,» explicava ele, «gosto de vê-lo movimentar-se como se estivesse lutando com abelhas.»

—*Rockefeller Center Weekly*

CADA homem é um volume—para aqueles que o souberem ler...

—Margaret Fuller.

VAMOS QUEBRAR A CABEÇA!

(*Condensado do livro «Test Yourself!»*)

Por William Bernard e Jules Leopold

NÃO É preciso ser psicólogo para se saber que a faculdade do raciocínio —tal como a farinha na receita de um bolo—é o elemento realmente importante no conjunto de habilidades que chamamos de inteligência. As perguntas que se seguem dão ao leitor a oportunidade de saber até que ponto é capaz de raciocinar pelo método dedutivo. As respostas e contagem de pontos aparecem na página 54.

Instruções: Cada grupo de declarações é seguido de uma ou mais conclusões. O leitor deve partir do princípio de que as declarações estão certas. As conclusões que considerar verdadeiras e lógicas, em face das declarações precedentes, marque com um C. As conclusões que não julgar forçosamente verdadeiras, de acordo com as declarações respectivas, marque com um E. Exemplo: Sou mais alto que João. João é mais alto que Pedro. Logo:
1..C..*Sou mais alto que Pedro.*

TEMPO MÁXIMO: 10 MINUTOS

I. Uma pessoa amiga minha não tem idade para votar. Essa pessoa tem bela cabeleira. Logo:

1.... Essa pessoa é uma moça de menos de 21 anos.

II. Poucas lojas nesta rua têm letreiro luminoso, mas todas têm toldo de lona. Logo:

.... *Algumas têm toldo de lona ou letreiro luminoso.*

2.... *Algumas têm não só toldo de lona como letreiro luminoso.*

III. As batatas são mais baratas que os tomates. Eu não tenho dinheiro suficiente para comprar dois quilos de batatas. Logo:

1....*Não tenho dinheiro suficiente para comprar um quilo de tomates.*

2....*Talvez eu tenha, talvez não tenha, dinheiro suficiente para comprar um quilo de tomates.*

IV. O quadrado tem ângulos. Esta figura não tem ângulos. Logo:

1.... *Esta figura é um círculo.*

2.... *Qualquer conclusão é incerta.*

3.... *Esta figura não é um quadrado.*

V. Varsóvia está a nordeste de Roma. Viena está a nordeste de Roma. Logo:

1.... *Viena está mais perto de Varsóvia que de Roma.*

2.... *Roma está a sudoeste de Viena.*

3.... *Viena está perto de Roma.*

VI. O leitor vai dirigindo o seu automovel. Se parar de repente, será abalroado por um caminhão que vem atrás. Se não parar de repente, atropelará uma mulher que vai atravessando a rua. Logo:

1.... *Os pedestres não devem passar pelo meio da rua.*

2.... *O caminhão vai com muita velocidade.*

3.... *O leitor ou será abalroado pelo caminhão ou atropelará a mulher.*

VII. O pelotão B atacou o inimigo e parece que foi aniquilado. Smith, soldado do pelotão B, curou-se no hospital da base. Logo:

1.... *O resto do pelotão B foi aniquilado.*

2.... *Todo o pelotão B foi aniquilado.*

3.... *Nem todo o pelotão B foi aniquilado.*

Epílogo inesperado

CERTA VEZ, quando Danny Kaye estava atuando num teatro no Japão, as luzes se apagaram subitamente. A platéia japonesa, castigada por terremotos, levantou-se, num murmúrio crescente. Sem hesitação, Danny correu aos bastidores, apanhou duas lanternas elétricas e voltou ao palco. «Eu sabia que tinha de conter o pânico,» contou ele. «Por isso, virei a luz das lanternas para o meu rosto e comecei a fazer caretas, a cantar e a pular. Em pouco tempo, a platéia serenou. Conseguí dominar o pânico, disse comigo mesmo, continuando a saltar e a dançar. Provavelmente, salvei centenas de vidas, pensei. A essa altura, acenderam de novo as luzes do teatro. Parei de dançar e apaguei as lanternas.

«Não havia um só lugar ocupado. Fazia uma hora que eu me exibia ante um teatro vazio.»

—Colaboração de Virginia Sullivan Tomlinson

Quem sofre de daltonismo?

CENTENAS de pessoas se esquecem de que, rigorosamente falando, não há branco e negro na natureza; até um prosaico gasômetro é um escrínio de cores e sub-tons, como poderá observar quem se ponha a pintá-lo. Uma vez que a gente começa a verificar as cores incidentais daquilo que nos cerca—como o curioso tom azul das sombras das árvores sobre a areia de uma estrada, ou o lilás e o ouro de um pôr-de-sol sobre um rio, ou a sutileza do verde das frondes e dos campos a certa distância, ou o cinzento prateado da areia de uma praia (que os cartazes de ferrovias sempre representam em amarelo)—quando observamos isso, todo o mundo é uma inesgotavel fonte de surpresas.

Como prova, basta que se veja o orvalho sobre uma plantação de couves, com o sol a faiscar sobre as gotas, e o contraste das sombras, o arredondado das folhas, e os tons de esmeralda e de marfim das folhas tenras do centro...

—*John O'London's Weekly*

O poderio absoluto do mundo não-comunista começa a ser mobilizado para a paz

PRIMEIRO OBJETIVO: Paz

Por William Hard e Andre Visson

Planos já em andamento oferecem animadoras perspectivas de um mundo tranquilo.

NÃO É UM disparate que os governos de menos de quinta parte da população mundial possam alarmar os governos dos outros quatro quintos?

A União Soviética e as regiões dominadas pelos Sovietes assim o puderam porque agem em conjunto, animadas por um propósito comum. As nações não-comunistas, pelo contrário, têm agido individualmente—ou, quando muito, em grupos fragmentários. Os paises comunistas estão unidos, sob a coação de Moscou, para toda expansão possivel. Os paises não-comunistas não se têm unido para a defesa.

Esta situação pode ser remediada. Nos termos de uma cláusula da Carta das Nações Unidas—e sem nenhuma revisão desse estatuto—é plenamente possivel às nações não-comunistas do globo reunirem-se para apresentar uma defesa invulneravel.

Trata-se do Artigo 51. Foi incluida na Carta pelo Senador Vandenberg, dos Estados Unidos. É a base da Resolução Vandenberg, recentemente aprovada no Senado norte-americano, por unanimidade, e calorosamente abonada pelo sr. Marshall, Secretário de Estado. Traça o rumo da política exterior bi-partidária dos Estados Unidos, para os próximos anos.

Dois equívocos têm, entretanto, de ser sanados se essa política há-de triunfar. O primeiro é que os Estados Unidos vagueiam pelo mundo para defender a «democracia» do globo. De fato, não é assim. Há poucos paises realmente democráticos no mundo. Não obstante, os Estados Unidos procuram unir todos os paises amantes da paz—ditaduras e democracias—em defesa da paz.

Algumas ditaduras são agressivas, no plano internacional; outras têm-se revelado não-agressivas, internacionalmente. Urge abandonar a idéia de que, neste momento, o mundo possa ser refundido em moldes democráticos. Dediquemo-nos à proposição exe-

quivel de que, com o auxílio de todos os governos internacionalmente não-agressivos, qualquer que seja seu carater interno, a paz pode ser garantida. Este é o nosso único objetivo imediato no presente: *a paz.*

O segundo equívoco consiste em pensar-se que o mundo inteiro, hoje em dia, não é nada mais que o cenário de um duelo entre os Estados Unidos e a União Soviética. Os norte-americanos muito fizeram e disseram para fomentar esta falácia. Com que resultado? Grande número de europeus ocidentais, de africanos e de asiáticos tende a cruzar os braços e contemplar os duelistas.

Temos que destruir essa falácia. Há um limite ao financiamento e aos armamentos que 143 milhões de norte-americanos podem custear para apoiar 1 bilhão e 700 milhões de habitantes do mundo não-comunista. Os Estados Unidos se responsabilizarão pela parte que lhes compete. Mas os demais terão que assumir as respectivas responsabilidades. Isso poderá ser consumado se obedeceremos diligentemente ao Artigo 51 da Carta das Nações Unidas, bem como à Resolução Vandenberg.

Há muitos planos para a revisão da Carta, com o fito de abolir o veto no Conselho de Segurança. Tais planos levariam muitos anos para se concretizarem. Nenhuma das cinco grandes potências é favoravel atualmente a qualquer revisão drástica da Carta. A revisão poderá ser uma realização futura. Nada tem que ver com o futuro imediato.

O Artigo 51, *em seu texto atual*, reza: «Nenhum dispositivo da presente Carta restringirá o direito de defesa individual ou coletiva, no caso de se verificar um ataque armado contra qualquer membro das Nações Unidas.» Esse artigo proporciona uma escapatória ilimitada. As nações valem-se dele para se eximir a qualquer veto à sua resistência contra a agressão.

Os Estados Unidos e vinte paises americanos firmaram, o ano passado, no Rio de Janeiro, um pacto pelo qual concordaram no seguinte:

«Um ataque armado, partindo de qualquer Estado contra um Estado Americano, será considerado um ataque contra a totalidade dos Estados Americanos e, por conseguinte, cada um deles se compromete a fazer frente ao ataque *no exercício do direito inerente de defesa individual e coletiva reconhecido pelo Artigo 51.*»

Assim, 287 milhões de habitantes do Hemisfério Ocidental estão vinculados numa garantia de ação comum contra o ataque. Reforçaram essa garantia com um Comitê de Defesa «integrado pelas supremas autoridades militares dos Estados Americanos».

Esse exemplo do Hemisfério Ocidental teve grande efeito na Europa. Paul-Henri Spaak, primeiro-ministro da Bélgica, viu no Pacto do Rio de Janeiro um modelo para a edificação de uma nova «União da Europa Ocidental». Seu entusiasmo inspirou, em Bruxelas, uma conferência entre a Grã-Bretanha, a França, a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo. O resultado foi o Pacto de Bruxelas—o mais dinâmico tratado feito na Europa Ocidental desde o termino da guerra. Assim dispõe ele:

«Se qualquer das altas partes contratantes for alvo de um ataque armado na Europa, as demais altas partes contratantes prestarão à parte atacada, *nos termos do disposto no Artigo 51 da Carta das Nações Unidas*, todo o auxílio, militar ou não, que lhes estiver ao alcance.»

Assim, 107 milhões de europeus estão unidos para oferecer resistência a ataques provenientes de qualquer país, inclusive a União Soviética, sem embargo de vetos soviéticos nas Nações Unidas. Para esse fim, constituiram um Comitê Militar Permanente, destinado a coordenar a ação de suas forças armadas.

A Itália e a Grécia gostariam de aderir ao Pacto de Bruxelas. Os paises escandinavos, energicamente anti-comunistas,—a Suécia, a Dinamarca e a Noruega—demandam uma fusão militar regional e recentemente realizaram muitas conversações sobre o problema da defesa comum da Escandinávia, em caso de perigo. O sr. Bevin, Ministro do Exterior da Grã-Bretanha, já declarou: «A consolidação das democracias ocidentais está-se realizando a olhos vistos.»

Se todos os paises europeus anti-comunistas se aliassem para a defesa, constituiriam um grande contrapeso para equilibrar o poderio soviético. A Rússia e seus satélites contam 285 milhões de habitantes. A Europa anti-comunista é inferior em reservas humanas; mas possui 218 milhões de habitantes; e é muito superior quanto à raiz vital da guerra moderna—o poderio industrial.

A Europa ocidental está longe de ser tão debil como às vezes parece acreditar. Nenhum país da Europa ocidental sofreu devastação na guerra comparavel à que foi infligida à União Soviética. Ademais, seu restabelecimento, após a guerra, tem sido assombroso. A Comissão Econômica das Nações Unidas, para a Europa, refere que a produção industrial da Europa ocidental (à exceção da Alemanha) está atualmente no nivel anterior ao da guerra.

Para alcançar grande pujança—econômica e militarmente—a Europa ocidental precisa apenas reunir seus recursos. Os Estados Unidos deveriam incrementar a consolidação. Suas despesas militares em breve estarão orçando pelos *trinta bilhões de dólares anuais*. Os norte-americanos não poderão suportar tal onus por muito tempo.

As condições norte-americanas para auxiliar as nações européias livres a se defenderem já foram estabelecidas com a aprovação, pelo Departamento de Estado, da Resolução Vandenberg, que «oferece a associação dos Estados Unidos... aos acordos coletivos, regionais ou não, *que forem baseados no auxílio próprio e mútuo, contínuo e eficaz*».

Ainda mais explícita é a exposição de motivos que apresentou a Resolução ao Senado. Nela, o sr. Vandenberg afirma que os Estados Unidos se associarão aos acordos baseados no Artigo

51, desde que «as nações que estabelecerem tais acordos se tenham disposto, na forma do Programa de Rehabilitação da Europa, *a se auxiliar a si mesmas, e umas às outras, em base contínua e eficaz, mediante as medidas administrativas e militares, coordenadas, que sejam necessárias.*»

Essa estipulação conta com o pleno apoio do principal arquiteto do Pacto de Bruxelas, o sr. Spaak, da Bélgica. É ele de opinião que, por amor-próprio e senso comum, as nações participantes do Pacto deveriam organizar sua força militar coletiva antes de solicitarem o auxílio militar dos Estados Unidos. Já se movimentam em vários sentidos para consumar esse feito internacional. Os britânicos, por exemplo, já estão adestrando unidades francesas, holandesas e belgas no manejo de material aeronáutico britânico.

Representantes militares das potências do Pacto de Bruxelas mantêm conversações contínuas com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Os alicerces da cooperação militar entre a Europa Ocidental e os Estados Unidos dia a dia mais se concretizam.

Não parece haver dúvida de que, se a ação for organizada de forma a constituir uma verdadeira cooperação, em vez de um auxílio unilateral, ela contará com o apoio da opinião pública norte-americana.

Desde o fim da guerra, as relações entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental têm sido, em última análise, de doador e recebedor. Doravante—mais e mais—serão *recíprocas.*

Mas a participação norte-americana em qualquer acordo militar com a Europa Ocidental inteira, ou com uma parte dela, incluirá mais do que os Estados Unidos. Incluirá o país que é a chave da defesa da região ártica contra o poderio soviético—o Canadá.

O primeiro-ministro canadense, num discurso, declarou à Câmara dos Comuns: «O Canadá contribuirá plenamente para efetivar a segurança coletiva, mediante pactos regionais.» O Ministro das relações exteriores do Canadá, foi ainda mais longe. Disse que deveria existir «um grupo defensivo, constituido de Estados livres, organizado afim de opor às forças do expansionismo comunista uma preponderância absoluta, de forças morais, econômicas e militares, *usadas de tal forma que as nações livres não possam ser derrotadas uma por uma*».

Subsiste ainda, da última guerra, a Chefia do Estado-Maior Misto Anglo-Americano, em Washington. Há, tambem, a Comissão Mista de Defesa Americano-Canadense. Os planos militares dos Estados Unidos, do Canadá e da Grã-Bretanha já são estudados conjuntamente, com permuta de informações não só de natureza militar como tambem relativas a pesquisas científicas.

O próximo passo será automático, inevitavel, e, com efeito, já teve início, em carater preliminar. As conversações íntimas entre os Estados Unidos, o Canadá e a Grã-Bretanha serão ampliadas no sentido de incluir a França, a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo. Que teremos então?

Teremos o que os profetas vaticinam há cem anos. Teremos os primórdios da união da civilização ocidental no intuito comum de resistir a um perigo comum. Teremos o núcleo para a formação do que hoje em dia se chama «A Comunidade do Atlântico Norte».

Há meses o Departamento de Estado norte-americano procura atinar com uma fórmula verbal que exprima exatamente sua atitude para com as potências do Pacto de Bruxelas. O problema é dificil, em virtude do seguinte fato:

As potências do Pacto de Bruxelas são apenas cinco. Os paises europeus contemplados pelo plano norte-americano de Rehabilitação da Europa são dezesseis. Se os Estados Unidos se unirem àqueles cinco, supor-se-á que estejam excluindo os 11 restantes, da participação na defesa conjunta contra ataques?

Essa dificuldade assinala a conveniência de se ampliar a participação no Pacto de Bruxelas. Esse pacto, folgamos em observar, prevê justamente tal ampliação. Outras nações da Europa Ocidental, podem, com o assentimento das potências signatárias do Pacto de Bruxelas, aderir a ele; ou podem firmar pactos sub-regionais, independentes.

Seja como for, já está em andamento o movimento tendente a consolidar todas as energias da Europa Ocidental. Segundo os projetos atuais, o acordo econômico europeu, de 16 paises, constituido para administrar o auxílio norte-americano, nos termos do Plano Marshall, deverá subsistir, mesmo após a cessação do auxílio. E, quanto ao setor político, membros das legislaturas nacionais, provenientes de praticamente todas as nações da Europa Ocidental, estão cooperando na concretização de planos para a formação dos «Estados Unidos da Europa».

Tal união, mesmo imperfeita, teria enorme potencial. Os paises da Europa Ocidental contam possessões coloniais na África e na Ásia, com uma população total de 240 milhões de habitantes e estupendos recursos naturais.

Se os norte-americanos fossem «imperialistas», não estariam fomentando tão vasta concentração econômica. Tentariam manter a Europa dividida, e, portanto, fracá. Mas, pelo contrário, procuram torná-la tão coesa e forte que eles não teriam possibilidade de dominar sua orientação política ou econômica. Jamais na História uma grande potência foi tão patentemente contrária ao imperialismo.

Vejamos como seria o mundo não-comunista, caso fossem aproveitadas ao máximo as possibilidades oferecidas pelo Artigo 51: Uma Comunidade da Europa Ocidental em expansão gradativa; a vinculação de muitas nações dessa Comunidade com o Canadá e os Estados Unidos, numa Comunidade do Atlântico Norte; a vinculação da Comunidade do Atlântico Norte com a Comunidade Latino-Americana, através da União Pan-Americana e do Pacto do Rio de Janeiro.

Haveria, então, um total de uns 750 milhões de habitantes, senhores da maioria absoluta dos recursos natu-

rais e da força industrial do globo. Esse manancial, convenientemente organizado, faria hesitar qualquer espírito agressivo. Não seria necessário *impor* a paz. A simples existência dessa concentração de poderio seria o suficiente para *conservá-la*.

Restariam ainda três grandes regiões não-comunistas a serem unidas em organizações regionais: o Oriente Próximo, que se estende da Turquia ao Irã,—já contemplados, ambos, com o auxílio norte-americano; a Ásia Meridional que compreende o Afganistã, o Pakistã e a Índia; e o Este e Sueste da Ásia. Esta última parte abrange o Japão, dentro da jurisdição dos Estados Unidos; abrange tambem a China, que os Estados Unidos estão salvando do colapso; inclui, finalmente, a Austrália e a Nova Zelândia.

De cada uma dessas três regiões podemos contar com uma quota de resolução, elemento humano e produtividade suficientes para ajudar a afastar o perigo do expansionismo soviético.

Assim temos bem claramente, diante de nós, a tarefa principal que compete aos estadistas do mundo democrático: fazer vigorar o Artigo 51 de tal forma que se organizem quatro quintos da população do mundo para garantir a paz.

Permita-se que a Carta das Nações Unidas conserve a forma atual. Os vetos lançados pela União Soviética contra iniciativas tendentes a manter a paz, ficarão destituidos de sentido. A ação em prol da paz terá sido consumada através do Artigo 51. Lá estará, entretanto, a União Soviética, para ser indigitada pelas nações não-comunistas, devido às suas atitudes provocantes e para ser persuadida, talvez, já pelo esclarecimento, já pela apreensão, a transformá-las em atitudes de acomodação verdadeiramente pacífica.

O cavalheirismo não morreu

UMA SENHORA de Grand Rapids, no Míchigan, assegura que, ao contrário do que se diz, o cavalheirismo não está morto. Coxeando em virtude de um tombo que levara numa rua escorregadia, quando corria para alcançar um ônibus, disse:

«Imaginem que, para alcançar o ônibus, todos os homens saltaram sobre mim; mas nenhum deles me pisou!»

—UP

HAVIA um lugar vago no nosso vagão. Quando, na estação seguinte, as portas se abriram, um homem e uma mulher correram para ele, vindo cada qual de um dos extremos do carro. O homem conseguiu chegar primeiro e sentar-se, quase derrubando a competidora. Todos observaram a cena, curiosos pela reação que teria a jovem. Esta levantou-lhe o braço e proclamou: «Eis o vencedor!»

—Colaboração de Ruth Neary

Para evitar a monotonia conjugal

(Condensado de «Woman's Home Companion»)

Pelo dr. David R. Mace

Secretário geral do Conselho Nacional de Orientação Matrimonial, da Inglaterra

O CASAMENTO é uma coisa viva, e só subsiste quando diariamente cultivado e renovado. Se lhe faltam esses cuidados, enfraquece como o corpo privado de práticas higienicas. Enfraquece e degenera em monotonia.

Contra uma vida matrimonial monótona, a mais promissora linha de ataque consiste em ensinar aos jovens a verdadeira significação do casamento, e acabar com a fantasia de que o matrimônio é uma espécie de «banho turco» emocional, em que duas pessoas se reclinam em delicioso abandono e deixam a vida correr. Se o casamento oferece alegrias e satisfaz aspirações, é como recompensa de esforços e não como dádiva gratuita.

Uma vez aceito o fato de que o casamento é uma coisa viva, temos de concordar com a necessidade constante de renovação. Se, após dez anos de ausência, encontro alguem que me parece exatamente a mesma pessoa do passado, tenho a impressão de que existe alguma falha, de que esse alguem se recusou a deixar sua personalidade expandir-se e alargar-se em suas novas experiências.

Assim tambem, há casamentos que se imobilizam na monotonia dos hábitos adquiridos. Parece-me que a razão mais comum para a separação de casais é o fato de marido e mulher estarem cansados um do outro, e desejarem variar. Não o dirão abertamente; no íntimo, porem, estão ambos totalmente enfadados, por encontrarem na vida em comum essa monotonia que destrói a alma.

Parecerá talvez estranha, a qualquer casal nessa situação, a sugestão de que ainda podem encontrar a variedade de que precisam, sem destruir seu lar. Entretanto, toda personalidade humana possui, latentes, possibilidades imensas que nunca encontram meios de manifestar-se em toda a plenitude. Há mil e uma diferentes maneiras de expressar o amor; há um número ilimitado de assuntos novos, sobre os quais duas pessoas podem conversar proveitosamente; há inúmeros interesses novos e absorventes que o casal pode cultivar em comum.

Todo estímulo novo, toda novidade de que precisam, alí está, potencialmente, neles mesmos. É apenas a falta de iniciativa que torna desinteressante o casamento. Se os que buscam libertar-se dos laços matrimoniais se esforçassem em fazer do casamento um êxito, com a mesma energia e engenho que põem em desmanchá-lo, seriam capazes de vencer a estagnação

e descobrir que afinal os velhos laços ainda estavam cheios de vida.

Certa vez, escrevendo à noiva sobre o casamento próximo, um cirurgião famoso disse que assim como é preciso, todo ano, variar a qualidade da roça que se planta, num sistema rotativo, afim de não esgotar a terra, tambem é preciso variar o padrão do amor conjugal. Durante algum tempo o amor terá por base a beleza; depois, a amizade; em seguida, a constância; enfim, o amor capaz de produzir o bem-estar recíproco. Os mesmos materiais básicos podem ser dispostos, no casamento, de maneira a prover um patrimônio inesgotavel de novas experiências. Mas isso só pode acontecer se os cônjuges estiverem preparados para explorar continuamente, um no outro, novos atrativos, buscando juntos novos interesses afim de obter variedade e submeter-se a modificações.

Quem em sua própria vida conjugal vir sintomas letais de desintegração e declínio, não se desespere; não é preciso resignar-se à monotonia. Se os interessados realmente desejarem, o casamento pode recomeçar a viver e a desenvolver-se, trazendo a ambos o bem-estar e a felicidade que secretamente sempre se espera obter. Existem, na própria personalidade de cada um, o poder e os recursos para conseguí-lo.

Calma de pescador

EMBORA a época da pesca autorizada ainda não tivesse começado oficialmente, o velho pescador sentou-se à margem do rio, evidentemente com a intenção de conseguir algo. Fiquei parado atrás dele, sem dizer palavra, durante vários minutos.

—O sr. é vigia do Serviço de Pesca? perguntou-me.

—Sou, respondí, mentindo, com a idéia de pregar um susto no velho.

Fingindo indiferença, o pescador começou a mover o caniço de um lado para o outro. Afinal, retirou a linha de dentro d'água.

—Eu só estava ensinando essa minhoca a nadar, explicou-me, apontando para a isca, na ponta do anzol.

—Colaboração de Brendan T. Connelly

A imaginação infantil

RODOLFO ouvira sempre falar em seu primo Pedro, mas ainda não o conhecia. Por isso, ficou contentíssimo quando soube que ele viria visitá-lo. Mas, ao ver chegar o primo, começou a chorar. «Eu pensava,» disse, entre soluços, «que Pedro era um coelhinho!»

—Mary C. Thomson, em *Today's Woman*

HOWEY, jornalista sem par

(*Condensado de «Cosmopolitan»*)

Por J. P. McEvoy

Alguns dos assombrosos «furos» e truques utilizados por Walter Howey, estrategista da época do jornalismo agressivo

DESDE a estréia na Broadway, em 1928, daquela sensacional peça teatral sobre o jornalismo em Chicago—*The Front Page*—o chefe da redação, Walter Burns, tipo fantástico, meio mito, meio maníaco, já surgiu em dezenas de outros dramas e filmes, sob muitos nomes e formas, mas sempre ele é o chefe implacavel, imprevisivel, que passa a perna em seus melhores repórteres, engana folhas rivais, supera a astúcia dos políticos, e provoca indignação geral.

Teria havido um Walter Burns de fato, ou nasceu ele da imaginação dos teatrólogos Ben Hecht e Charles MacArthur? Diz Hecht: «Quisera eu ter tamanha inventiva!» E MacArthur: «Trabalhei para ele dez anos em Chicago. Seu nome verdadeiro é Walter Howey.»

Para explicar como Walter Howey se tornou uma das grandes figuras vivas do jornalismo, terei que remontar ao Chicago que conheci há 35 anos, quando eu era um reporter principiante. Naqueles tempos, havia uma atitude cândida, característica da fronteira, para com a moralidade pública, atitude que teve expressão máxima na ética de unhas-e-dentes da imprensa diária. Era comum os jornais introduzirem espiões nas redações rivais; raptarem e causarem o encarceramento de repórteres de outros jornais sob acusações falsas; sequestrarem presumiveis assassinos e importantes testemunhas, não só dos outros jornais, como da própria polícia.

A todos nós, repórteres, se ensinava que os «furos» eram os glóbulos vermelhos da tiragem do jornal e que,

para obtê-los, o reporter precisava estar disposto a enfrentar qualquer perigo, a cometer qualquer crime. «Consiga a reportagem e não deixe que os outros a consigam,» esse era nosso Primeiro Mandamento.

Nunca tive a sorte de trabalhar para Walter Howey, mas nós, que trabalhávamos nos outros jornais de Chicago, não pudemos esquecê-lo. «Howey era capaz de ficar sentado à sua mesa e fazer-nos todos de otários,» diz Hecht. «Se não desse o furo, inventava uma nova versão, descobria novos fatos e nos lograva a todos.»

Hecht contou-me que Howey certa vez fizera tudo isso. Uma menina entrara inopinadamente na casa forte de um banco, em Galena, no Illinois, à hora do encerramento. A porta foi trancada com a fechadura automática, que só podia ser aberta no dia seguinte —e aí estava a matéria-prima para um caso sensacional. A reportagem acorreu ao local.

Naqueles tempos, as fechaduras automáticas podiam ser abertas com gazua. O diretor do jornal de Hecht não sabia disso. Howey, porem, que o sabia, telefonou para o diretor da penitenciária da cidade de Joliet e perguntou-lhe:

—Tem aí uns bons arrombadores de cofres?

O diretor respondeu com orgulho profissional:

—Certamente. Os melhores!

—Pois fala aquí Walter Howey, do *Herald-Examiner*, de Chicago. Quero que mande quatro dos melhores a Galena. Uma menina está trancada num cofre. Antes do amanhecer, já estará sufocada.

—É preciso ordem do governador, objetou o diretor.

—Faça o que eu digo, senão eu peço ao governador que ponha você na rua! respondeu Howey tranquilamente.

Depois, telefonou para o presidente da estrada de ferro, encomendou um vagão especial, carregou-o com os melhores arrombadores da prisão de Joliet e com seus repórteres e fotógrafos mais experientes, e despachou tudo para Galena.

«Imagine só como nos sentimos,» diz Hecht. «Mas nossa mágoa transformou-se em júbilo quando os homens abriram o cofre. Não havia lá menina alguma! Outro redator qualquer estaria arruinado; com Howey, porem, isso não sucedeu. Estampou a reportagem, com destaque, na primeira página, contando que o governador havia libertado os arrombadores; que os criminosos empedernidos haviam chorado como crianças enquanto trabalhavam febrilmente para salvar a menina; e que, quando constataram que não havia ninguem no cofre, caíram de joelhos e deram graças a Deus. Howey cobriu a primeira página com uma enorme *manchette* negra: A HUMANIDADE É UMA MARAVILHA. É escusado dizer que o golpe foi sensacional.»

Walter Crawford Howey nasceu em 1882, em Fort Dodge, no Iowa. Adolescente ainda, redator do *Chronicle*, jornal dessa cidade, foi ele o primeiro a dar a notícia, em seu Estado, da morte do Presidente McKinley, em 1901. O Presidente fora alvejado por um assassino, em Buffalo, e ficou, durante mais de uma semana, às portas da morte. Howey escreveu antecipadamente a reportagem sobre o falecimento de McKinley, bem como sobre a vida de seu sucessor, o Vice-Presidente Theodore Roosevelt, e mandou compor tudo na oficina.

«Comuniquei-me com um empregado da casa, em Buffalo,» relata Howey, «e disse-lhe que daria dez dólares à primeira pessoa que me telefonasse no momento em que o Presidente morresse. O telefonema veio como eu havia previsto. Em poucos minutos, as páginas já estavam no prelo; e a edição saiu à rua muitas horas antes dos outros jornais.»

Howey mudou-se para Chicago em 1903. «Fui primeiro à redação do *Daily News*,» diz ele. «Entrei e disse ao diretor:

—Ouví falar que George Ade está doente.

«Foi o primeiro nome que me ocorreu.

—Nada disso, George Ade está muito bem, respondeu o diretor.

—Não tem importância... não haverá alguem doente aquí? Sou reporter de grandes recursos.

—Não, mas eu precisava de um reporter que conhecesse a cidade. Você conhece?

—Todos os becos.

—Então sabe onde fica a esquina de Madison e Monroe?

— Quem é que não sabe?

—Ótimo! Não perca tempo.

«Saí correndo e indaguei ao primeiro guarda-civil:

—Onde fica a esquina de Madison e Monroe?

—Em parte alguma, respondeu. —São ruas paralelas!»

Harry Reitlinger, veterano daqueles tempos, continua a narrativa:

«Howey voltava dalí a pouco com uma descrição horripilante do que havia visto na esquina de Madison e Monroe, inclusive com nomes e endereços. O diretor ficou impressionado, mau grado seu. —Está contratado, concordou, acrescentando: —Não quero mesmo que você seja honesto demais.»

Pouco tempo depois, Howey percorria o centro de Chicago quando viu abrir-se um bujão na rua e dele sairem um cavaleiro de armadura e três fadas com asas diáfanas. Howey estranhou um pouco, mas conseguiu indagar de onde vinham. «Estamos fugindo do teatro... há incêndio lá!»

Howey dera com um dos mais sensacionais acontecimentos da história de Chicago: o incêndio do Teatro Iroquois, em que centenas de pessoas morreram carbonizadas ou pisadas. «Sempre tive a sorte mais incrivel,» diz Howey modestamente.

Mas o que fez a seguir não foi questão de sorte. Havia poucos telefones em Chicago, em 1903. Howey procurou o mais próximo, deu dez dólares ao proprietário espantado, para garantir-lhe a exclusividade do aparelho, e transmitiu ao seu jornal o primeiro boletim—um furo sobre o sinistro—ao mesmo tempo pedindo socor-

ro. Monopolizando o telefone e transformando o local em sala de redação, de onde dirigia os repórteres que seu jornal enviava, Howey telefonou relações de nomes e endereços das vítimas, reportagens confrangedoras e declarações de sobreviventes. Tratando-se de um «foca», de 21 anos de idade, a façanha constituiu, realmente, assombrosa revelação de habilidade jornalística, de recursos e de estratégia, impressionante prenúncio dos talentos que fariam de Howey um dos mais sensacionais redatores da imprensa norte-americana e um dos que mais têm contribuido para aumentar a circulação do seu jornal, tornando-o mais interessante aos seus leitores.

Após um breve estágio no *Evening American*, Howey transferiu-se para o *Inter-Ocean*. Aí mais uma vez marcou época nos anais do jornalismo com uma espetacular inovação: uma página inteira de fotografias. Esse arrojo valeu-lhe—quando chegaram as contas—a demissão. Howey diz: «Fiquei tão furioso que resolví descobrir um meio rápido de fazer gravuras baratas. Tinha certeza de que o uso de fotografias havia de aumentar.»

Hoje em dia o *Who's Who*, registro de nomes célebres nos Estados Unidos, classifica Howey como jornalista e inventor. Possui 17 patentes relativas a invenções, entre as quais há um processo fotoelétrico que permite fazer gravuras com a mesma rapidez com que o redator escreve as respectivas legendas. Inventou também meios de transmitir fotografias e mensagens pelo telégrafo, com ou sem fio.

Em 1907, Howey entrou para o *Tribune*, de Chicago, onde ocupou o posto de redator de notícias de interesse local, até que teve uma desavença com o diretor, Joseph Medill Patterson, motivada por uma questão de praxe. William Randolph Hearst, conhecido proprietário de vários jornais, espalhados por todos os Estados Unidos, contratou-o imediatamente como redator-chefe do *Herald-Examiner*, da mesma cidade, com ordenado três vezes maior.

O primeiro ato de Howey, no novo cargo, foi declarar guerra ao *Tribune*. Iniciou as hostilidades raptando o finado Frank Carson, naquela época redator do *Tribune*, e antigo colaborador de Howey em numerosas proezas jornalísticas. Convidou Carson para jantar, embriagou-o e depois guioulhe a mão enquanto assinava dois documentos: seu pedido de demissão do *Tribune* e um contrato com Hearst. «Depois levei-o para casa comigo,» diz Howey, «metí-o na cama, no último andar da casa em que eu morava, despí-o e tranquei a porta. Mandei a sua renúncia ao secretário do *Tribune* com uma nota assim: Conseguí Carson conforme prometera. Mas acho justo deixar que você o anuncie primeiro.»

Howey acabou atraindo quase todas as principais figuras do *Tribune*, entre as quais Charles MacArthur. Este costuma contar como foi que Walter Howey se vingou de Patterson com um ardil engenhoso.

«Pouco antes do encerramento do expediente,» diz MacArthur, que então ainda trabalhava no *Tribune*, «um potentado indiano, vestido de turbante e jóias fantásticas, entrou na Prefeitura com um documento para ser legalizado e registrado. Parecia tratar-se de uma herdeira indiana que tinha de se casar com um americano, antes da meia-noite, afim de herdar uma fortuna em Bombaim. O *Herald-Examiner* apresentou uma breve crônica a respeito. Mas para nós, no *Tribune*, parecia o início de um caso romântico.

«No dia seguinte nós, repórteres, vasculhamos a cidade, à procura daquele americano felizardo. Graças a um indício maquinado por Howey, conseguimos localizá-lo. Era um vagabundo alojado num cortiço. Uns advogados, confessou, haviam-no procurado com uma linda jovem trigueira e ele se casara com ela. Mostrou-nos os 5 mil dólares que lhe haviam sido dados para assinar um papel em que prometera nunca importuná-la ou tornar a vê-la. O dinheiro, soube-se depois, era do *Herald-Examiner*, e o vagabundo, o filho, disfarçado, de Bill Curley, um dos diretores da empresa de Hearst.

«O *Tribune* saiu à rua com sua reportagem *exclusiva* sobre a misteriosa herdeira de Bombaim, acompanhada de fotografias. Na mesma manhã, apareceu na primeira página do *Herald-Examiner* uma nota anunciando o início de um emocionante romance em folhetim. A nota agradeceu ao *Tribune* por se ter deixado iludir com a propaganda e por ter dado publicidade tão maravilhosa ao romance do *Herald-Examiner*. Mas não foi só isso; mais tarde o *Herald-Examiner* revelou os pormenores do ardil: como foram insinuados os indícios, ensaiados os participantes e ludibriado o *Tribune*.»

A melhor maneira de descobrir casos sensacionais, achava Howey, era sair à procura deles. O caso de Harvey Church foi típico. Certo dia chegou um aviso geral, a todos os jornais, de que haviam sumido dois vendedores de automoveis e uma limusine. Os vendedores haviam sido vistos pela última vez quando saíam com o carro para fazer uma demonstração a um possivel comprador chamado Harvey Church. E agora, Church tambem desaparecera.

Enquanto a polícia se punha a procurar os vendedores, Howey saiu no encalço de Church. Sem perder tempo, descobriu o nome da cidade em que este morara, telefonou para o diretor da agência dos correios e perguntou se havia visto Church ultimamente. «Vi, sim, senhor,» respondeu o diretor. «Harvey voltou há alguns dias, guiando um automovel novo. Ficamos todos satisfeitos de ver que ele obteve tanto êxito na metrópole.»

Certo de que Church havia dado cabo dos vendedores, Howey entrou em atividade. Naquele tempo, ele tinha às suas ordens uma força policial «particular», constituida de três homens, postos à disposição do *Herald-Examiner* pelo prefeito de Chicago, em reconhecimento pelo apoio político que o jornal lhe prestara. Howey despachou dois automoveis—um repleto de repórteres e de fotógrafos e

o outro com sua polícia particular. Os policiais detiveram Church e rumaram para Chicago.

Howey recolheu seu cativo a um quarto de hotel em que havia ocultado microfones. Aí extraiu de Church a confissão de que ele havia assassinado os vendedores e escondido os cadáveres. A edição seguinte do *Herald-Examiner* apresentou a reportagem, com o introito costumeiro de Howey: «Este jornal, que tem tido invulgar êxito na solução de crimes misteriosos, apresenta hoje, em carater exclusivo, a confissão de...» O *Tribune* fora logrado de novo.

«É A COISA mais simples deste mundo aumentar a tiragem de um jornal, mas eu levei anos para descobrir o segredo,» declara Howey. «As pessoas se interessam mais pelo arrependimento de uma alma transviada, do que por si mesmas.»

Um dia Hearst telefonou para Howey, da Califórnia, dizendo-lhe que fosse a Boston afim de aumentar de 50 mil exemplares a circulação de um de seus jornais. Deu a Howey o prazo de seis meses e pôs à sua disposição uma vultosa verba. Em Boston, Howey procurou uma alma transviada, preferivelmente feminina, e a encontrou. Ela havia assaltado vários postos de gasolina, com seu comparsa, matado um policial, e estava na cadeia, aguardando execução da sentença de morte.

Howey convenceu-a a arrepender-se dos pecados—com exclusividade para seu jornal—e, em troca, ele garantiu à filha dela uma tentadora quantia. A mulher concordou, e a história de sua vida de crime e de seu arrependimento desdobrou-se, dia a dia, no jornal de Howey, enquanto ela aguardava a morte. A fórmula teve na sóbria Boston o mesmo êxito que tivera em Chicago, e a tiragem aumentou de 54 mil exemplares—não em seis meses, mas em pouco mais de seis dias.

Seria, entretanto, um erro julgar que Howey fosse um simples mestre de truques, numa profissão onde estes são comuns. Os atributos que o fizeram um espetacular jornalista lhe teriam trazido êxito em qualquer setor que exigisse recursos, sangue frio e o tino de descobrir o talento de seus auxiliares.

Ao contrário das frenéticas caracterizações no palco e no cinema, Howey fala devagar, trabalha com calma e conduz seus colegas, em vez de impelí-los. Hoje, aos 66 anos, é ainda redator e inventor. É redator-superintendente do *American Weekly*, de Nova York; dos jornais de Hearst em Boston; e do *Herald American*, de Chicago. Faz um circuito aéreo dessas três cidades, passando alguns dias da semana em cada uma.

No ano passado, Hearst convenceu-se de que seu jornal de Chicago carecia das atenções do antigo Howey. «Vá lá e aumente a tiragem,» disse ele. Uma vez no seu velho campo de batalha, Howey procurou uma alma arrependida. O estoque parecia desfalcado, mas não se esqueçam de que Howey tem outra fórmula: «A humanidade é uma maravilha.» O problema da falta de habitações era grave em Chicago e uma menina escreveu uma carta ao redator do *Herald American* em que dizia, em suma: «Ajude-me, por favor, a achar uma casa... eu nunca dormí numa cama.» Os críticos de Howey alegam que, quando ela escreveu a carta, ele estava a seu lado, guiando-lhe a mãozinha...

Seja como for, Howey publicou a carta, junto com uma fotografia da menina contemplando, embevecida, a vitrina de uma loja onde ele armara um mostruário que tinha em primeiro plano uma cama de criança. Num triz ele fez com que os cidadãos de Chicago se preocupassem com a menina. E, naturalmente, tinham de comprar o jornal de Hearst todos os dias para acompanhar o desenrolar do caso. Entre os que liam os artigos confrangedores estava o próprio Hearst; ficou tão enternecido que acabou enviando a Howey, pelo telégrafo, 10 mil dólares, acompanhados destas palavras: «É favor comprar uma casa para essa menina. Você está me dilacerando o coração.»

Com efeito, a humanidade é uma maravilha, mas é preciso um Howey para fazê-la trabalhar...

O mundo é dos homens

O MUNDO é mesmo dos homens. Vejamos, por exemplo, a diferença nestas palavras e expressões correntes:

Se o homem não se casa, é um «celibatário»—expressão requintada. Se a mulher não se casa, é uma «solteirona».

Se o homem sai à noite, «saiu com os amigos». Se a mulher sai à noite, «foi tagarelar com as vizinhas». O que ele ouve no escritório é «novidade»; o que ela ouve durante a partida de *bridge* é «mexerico».

Se ele é o chefe da família, chamam-no «o dono da casa». Se ela é a chefe, dirão que é «a manda-chuva na família». Se ele é extremamente solícito para com ela, é um «esposo devotado». A solicitude da mulher chama-se «ditadura». Se ele presta atenção à mulher, numa recepção, é um «esposo atento»; se ela procura estar perto do marido, diz-se que ela «não dá uma folga».

Na meia-idade, ele está «no apogeu da vida», «no ápice da carreira». Com a mesma idade, ela «já não é mais criança». Quando ele é gastador, é porque «não nega coisa alguma à família». Quando ela não conta os níqueis, é «extravagante» e «perdulária».

Os cabelos grisalhos que dão a ele um ar de distinção fazem-na parecer «do século passado». Se ele fala pouco, é do tipo «calado». Se ela fala pouco, é «casmurrona».

Tudo depende de uma condição única: referir-se a um homem ou a uma mulher.

—Ruth Millett, NEA

Carta de um médico a um cardíaco

Pelo dr. Charles Miner Cooper

Há alguns anos o dr. Cooper, conhecido médico de S. Francisco da Califórnia, hoje aposentado, escreveu a seguinte carta a um seu cliente que tivera um ataque do coração. Documento hoje famoso na região, a missiva contem sábios conselhos, mesmo para os que gozam de saude perfeita.

Prezado sr. X,

O sr. já se restabeleceu inteiramente do recente ataque cardíaco. Esse ataque lhe devia servir de aviso para levar uma vida tal, que não sobrecarregasse o trabalho do seu coração. Entretanto, o meu amigo continua com excesso de peso, comendo e bebendo o que bem lhe apetece. Desenvolve grande atividade muitas horas contínuas e, frequentemente, trabalha às pressas. Não tem procurado dominar as suas reações emotivas abruptas e às vezes bastante violentas. Tem imposto demasiada carga ao seu coração. É por isso que agora tem a incomodá-lo uma respiração curta e rápida, sentindo ainda outras perturbações.

O amigo veio ao meu consultório, como havia ido ao de outros médicos, talvez esperando que eu lhe desse um remédio que lhe permitisse continuar levando essa mesma vida. Infelizmente, tal remédio não existe. Deixe-me, porem, prescrever-lhe um regime que muito o ajudará se for seguido conscienciosamente, depois de um período de quase completo repouso físico, mental e emotivo:

1. Reduza o seu peso para o normal correspondente a um homem da sua altura, compleição e idade. Essa redução deve ser feita aos poucos, com a modificação do regime alimentar e prática de exercícios físicos gradativos—e não com o uso de drogas para emagrecer. Nunca, em situação alguma, encha demais o estômago.

2. Diminua a duração e o ritmo de suas atividades físicas. Não corra para pegar o bonde, não suba escadas precipitadamente, não procure encostar o seu automovel em lugar difícil, entre dois carros muito juntos, nem empregue o vigor máximo de nenhum de seus músculos. Evite o esforço físico imediatamente após as refeições e não faça nada que o ponha ofegante. Se, em qualquer momento, começar a respirar apressadamente ou sentir uma opressão no peito, deite-se e descanse.

3. Só faça trabalho mental quando estiver com a cabeça fresca, parando quando começar a se sentir cansado. Poderá, assim, dar o máximo de atenção aos seus negócios, com um mínimo de esforço.

4. É preciso dominar as suas emoções. Se eu lhe disser que já vi casos em que a pressão arterial subiu 6 pontos quase instantaneamente, como consequência de uma explosão de raiva, o sr. compreenderá o que tais emoções representam para o seu coração. Sei que o amigo se emociona facilmente, sendo inclinado a atribuir aos outros a culpa de provocarem suas reações emotivas, ao invés de se considerar um insensato por deixar que os outros o perturbem. Tal raciocínio, entretanto, é bem frequente. O grande cirurgião escocês John Hunter, que sofria do mesmo mal que o prezado amigo, compreendendo o efeito de tais emoções sobre o seu coração, disse que a sua vida estava nas mãos de qualquer desocupado que procurasse aborrecê-lo. Até mesmo ele se esqueceu de que devia dominar-se. Morreu de um ataque, devido a um a explosão de cólera.

Quando algum problema relativo aos seus negócios começar a abor-

... Nos Estados Unidos as doenças do coração matam três vezes mais do que o cancer e onze vezes mais que a tuberculose. Aliás, os óbitos causados pelas afecções cardíacas são em número superior às mortes devidas ao conjunto das cinco enfermidades que se lhes seguem na lista da mortalidade geral do país. Essas afecções causam mais casos de enfermidade crônica do que qualquer outra doença.

—De *1 Out of 4*, folheto publicado pela American Heart Association, Inc.

... NO ENTANTO, milhares de cardíacos vivem hoje bem, e felizes, graças ao fato de cooperarem com seus médicos na tarefa de auxiliar o coração. Alguns têm mesmo a oportunidade de restabelecer-se por completo.

A maneira ideal de frustrar o início de uma enfermidade cardíaca consiste em submeter-se a um exame médico anual e consultar o esculápio toda vez que surgir algum sintoma que possa, mesmo de leve, indicar a presença de lesão cardíaca ou de hipertensão.

Os médicos dispõem de muitos remédios eficazes e de novas técnicas cirúrgicas, mas é ao doente que compete levar uma vida cuidadosa. Em última análise, é o modo de vida, mais que os remédios, que determina quantos anos, e com que dose de bem-estar, é possivel vivermos apesar de termos o coração avariado.

—De *Your Heart*, folheto da Metropolitan Life Insurance Co.

recê-lo, ou quando o sr. começar a ficar zangado, procure repousar completamente. Com isso dissipará o torvelinho interno que se estava formando.

5. Procure ficar alegre em qualquer circunstância. Infelizmente, o caro amigo é uma pessoa que às vezes se entrega a grande tristeza. Tal estado em nada contribui para revigorar-lhe o coração e os vasos sanguíneos. Poderá parecer-lhe que procurar ficar alegre quando se tem inclinação para a tristeza, é uma coisa mais facil de dizer que de realizar. Deixe-me fazer uma sugestão: quando se sentir acabrunhado, pense em algum fato alegre de sua vida que lhe tenha dado a sensação de que vale a pena viver. Seu humor as mais das vezes logo se modificará.

Se meu amigo fosse fumante eu o aconselharia a abandonar completamente o fumo, pois acredito que o mesmo seja nocivo aos que sofrem de lesões cárdio-vasculares degenerativas.

O seu coração está pedindo a cessação completa de todas as suas atividades. Está pedindo, ainda, que lhe dêem por habitação o corpo de um homem magro, alegre, plácido, que inteligentemente refreia as suas atividades físicas, mentais e emotivas.

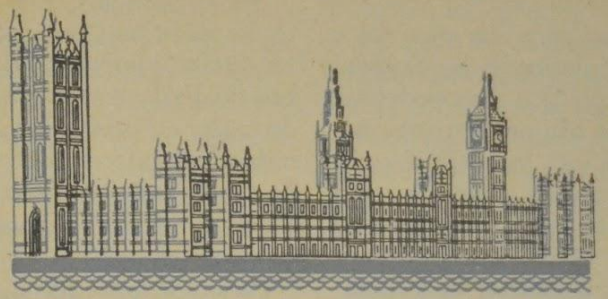
Tenho vários clientes que há anos passados sofreram de doença do coração idêntica à do prezado amigo e ainda hoje continuam gozando do prazer de se sentirem bem, e realizando valioso trabalho. O mesmo lhe acontecerá se seguir o regime que acabo de prescrever.

O homem que nos serve

UMA IGREJA rural em Oklahoma acabara de receber um novo sacerdote, ex-aspirante a capelão da Marinha. Perguntado a respeito do novo pastor, um membro da congregação assim se expressou:

«É ótimo! No domingo em que estreou, um pica-pau, instalado no sotão da igreja, atrapalhou todo o tempo o sermão. No domingo seguinte, o pássaro repetiu a proeza. No terceiro, o pastor apareceu com uma espingarda e colocou-a no canto do púlpito. Quando o pica-pau voltou a incomodá-lo, o sacerdote empunhou a arma, fez pontaria para o interior do sotão através do alçapão e atirou. Não se ouviu mais a ave importuna e o jovem pregador retomou, tranquilamente, o fio do sermão. Estamos convencidos de que é mesmo o homem de que precisávamos. Sim, senhor. Ele nos prestará, por certo, excelentes serviços.»

—Colaboração de D. A. Secor



A Inglaterra sob o regime socialista

(*Condensado de «The American Mercury»*)

H. W. Seaman *Conhecido jornalista britânico*

Um adversário declarado do Governo Trabalhista revela algumas das curiosas restrições sob as quais os britânicos têm de viver

RECENTEMENTE a atriz Loretta Young, do cinema norte-americano, causou na Inglaterra uma celeuma quando se compadeceu de um reporter que se desculpara de ter a barba crescida, alegando que não havia lâminas nas lojas. O presidente da Junta Britânica de Turismo e Férias censurou-a, achando que tais declarações poderiam prejudicar a obra, a que ele se dedicava, de atrair à Grã-Bretanha os dólares do turismo norte-americano.

As críticas que os visitantes fazem à vida na Inglaterra sob o Governo Socialista serão infalivelmente denunciadas, pois os ingleses hoje em dia se melindram facilmente—e, sendo eu um deles, afirmo que lhes sobra justificação para tanto.

Aquí estou, sentado à mesa, fumando cigarros ordinários que custam 68 centavos de dolar o maço de 20, procurando decidir: o socialismo na Inglaterra terá triunfado ou fracassado? Será o limiar do Estado Servil que—disse há muito Hilaire Belloc—sobreviria inevitavelmente após a interferência, pelo Estado, nos direitos humanos? «A menos que restauremos a instituição da propriedade,» escreveu ele, «não poderemos escapar à da escravatura.»

Naquela época, os que se chamavam socialistas acreditavam que o socialismo significasse a liberdade e a riqueza para todos. Mas hoje, Aneurin Bevan, Ministro da Saude, proclama que é mais digno de bençãos, mais social, alugar uma casa das autoridades do que possuir casa própria, e até nos

proibe construí-las para nós mesmos, embora usemos para isso material e mão-de-obra próprios. E Sir Stafford Cripps, nosso político mais poderoso, adverte que, se não nos restringirmos a uma periferia cada vez mais circunscrita, «alguem será chamado para obrigar-nos a obedecer, sob pena de desastre total». Não é esse o socialismo que os humanitários bem-intencionados, do século passado, viam nos sonhos. É o que o socialismo teria fatalmente que produzir.

Não faz muito tempo um conferencista inglês escreveu, num livro sobre sua viagem aos Estados Unidos, que a Inglaterra estava 50 anos mais adiantada do que a América do Norte no que dizia respeito à legislação social. Pode ser, mas quanto maior é a felicidade de um povo que «possui» as minas de carvão, mas não as habitações; que «possui» as estradas de ferro, mas não tem o direito de usá-las com facilidade; que confia a vida e o destino aos políticos?

The New Statesman, periódico socialista, cita a seguinte declaração de um soldado norte-americano que serviu neste teatro da guerra: «Vocês poderão ter previdência social, mas não podem entrar num armazem e comprar dois litros de leite.» Ora, meu caro, não se pode comprar nem *um* litro no armazem, e se mais de dois litros forem deixados à porta, na mesma semana, morador e leiteiro poderão ir para a cadeia. Dar o leite de graça, ou mesmo vendê-lo antes que tenha passado pelas mãos dos políticos, é considerado infração.

«Se vendermos uma cebola verde de menos de uma polegada e três quartos de circunferência,» disse um membro do Parlamento, «somos passiveis de multa ou prisão. Bondosamente, a ordem nos informa que as dimensões da cebola serão tomadas medindo-lhe a circunferência perpendicularmente ao eixo.»

Para descobrirem o que podem e o que não podem fazer, os comerciantes têm de comprar exemplares dos regulamentos e ordens da Junta Comercial, apenas jorrem dos prelos. Nos últimos 12 meses, têm-se consignado mais de 30 mil processos por infrações de Ordens Ministeriais, em cuja fiscalização é utilizado enorme exército de funcionários.

O cidadão vê nas vitrinas porcelana da Tchecoslováquia, em cores, a preços elevados. A única louça à venda, de fabricação britânica, é branca; a colorida é exportada. Ouve dizer que compramos à França fazenda para roupa de homem, de qualidade inferior à que exportamos. Ouve, ainda, que as exportações estão longe de equilibrar a balança comercial; que os mercados estrangeiros se estão secando. É informado de que a culpa é dele, por não trabalhar bastante—e não do governo, que controla todo o comércio exterior.

Cada um de nós recebe quatro e meio cupons de roupa por mês. Um terno leva 26 cupons; uma camisa de meia, quatro. Exigem-se cupons até para a aquisição de lenços e de roupa de cama e toalhas. Dois lençóis levam todos os cupons de roupa a que tem

direito uma mulher no prazo de quatro meses. Essa medida austera não se deve a escassez de nenhum desses artigos. As autoridades em assuntos texteis informam que as mercadorias empilhadas nos depósitos absorveriam 480 milhões de cupons. Há igual abundância de calçados. Mas os adultos não têm cupons que cheguem.

Ouço dizer: «Quando tudo isto tiver passado...» Todos falam nas presentes dificuldades como falavam na guerra—uma calamidade que há-de passar. Dizem alguns que o próprio socialismo é a calamidade; outros, que o socialismo vai acabar com a situação este ano, o ano que vem, algum dia.

A Londres atual, depois do anoitecer, é pouco mais luminosa e muito menos viva do que durante a guerra. Somente a metade da iluminação pública está acesa. A maior parte dos teatros fecha antes das 20 horas. O trem subterrâneo deixa de circular bem cedo. E, se se mora nos subúrbios, é preciso ir para casa tateando, em pleno *blackout*, pois todas as lâmpadas das ruas suburbanas são apagadas depois das 23 horas.

O governo proibe o uso da eletricidade para anúncios luminosos. Um negociante que iluminou sua vitrina com um dínamo, impulsionado por uma ventoinha instalada no telhado, teve ordem de extinguí-la, consoante o disposto no artigo 2.510, dos Regulamentos e Ordens Permanentes. «O mau efeito psicológico» de tais lapsos é deplorado oficialmente.

Durante a guerra, a luz era aquilo de que mais sentíamos falta. «Quando as luzes se acenderem de novo», dizia uma canção, e imaginávamos os olhos brilhantes das crianças quando vissem, pela primeira vez, as ruas iluminadas. As luzes se acenderam; e era uma delícia estar ainda vivo naquela alvorada; mas como iríamos saber que era uma daquelas alvoradas róseas que precedem dias sombrios?

Depois de três anos de paz, estamos em situação pior do que antes. As passagens ferroviárias e o carvão subiram de preço. Nossas cartas são abertas e revistadas. Um açougueiro disse-me: «Meus fregueses têm tanta fome que, quando me vêem cortar um fibroso talho de carneiro importado, parece que seriam capazes de me devorar.»

Se uma vaca adoece, segundo o jornal *Daily Times*, de East Anglia, o fazendeiro tem o direito de gastar gasolina para buscar o veterinário; se, entretanto, sua mulher é que fica doente, ele tem de procurar o médico a pé, ou de bicicleta. Um negociante que requereu cupons de gasolina afim de se dirigir ao trabalho, de automovel, porque o serviço de ônibus não o levava a tempo, recebeu a metade dos cupons necessários, segundo informa o jornal *Reporter*, de St. Helen, sendo informado de que poderia ir para o serviço de automovel, mas teria de voltar de ônibus!

Quem resmunga é tachado de antisocial. Quando as donas de casa realizam passeatas de protesto, as autoridades chamam-nas «infantís e irresponsaveis». Quando os médicos se recusam a ser recrutados para o serviço público, a soldo, o sr. Bevan qualifica

a associação médica de «grupo politicamente envenenado». A opinião pública é denunciada como «clamor estridente».

Keith Chessells, baseado em sua experiência nas repartições do governo, escreveu no jornal *Sunday Mail*, de Glasgow: «Por que não podemos produzir mais alimentos? Porque temos de exportar maquinaria agrícola. Por quê? Para que paises estrangeiros possam produzir mais alimentos. Por quê? Afim de que no-lo possam exportar. Por quê? Porque não podemos produzir o suficiente para nós mesmos. Por quê? Porque temos de exportar.»

A ração legal, para cada adulto, é atualmente de um ovo por semana. Muitas criações de galinhas contam precisamente 49 aves. A razão é que quem tiver 50 galinhas ou mais, é obrigado a se registrar perante a repartição competente, que adquire todos os ovos ao preço oficial para vendê-los no mercado. As criações são, assim, reduzidas a 49 aves, por pessoas que, sem restrições, criariam mais galinhas, produzindo mais ovos.

Quando se passa pela caixa do restaurante automático, carregando uma bandeja cheia, a encarregada calcula o preço; se for mais de dois xelins e três dinheiros, ela retira o excedente com um par de pinças; porque o restaurante que mantem o preço das refeições a um nivel inferior a 2s. 4d. está isento de certos regulamentos que oneram os estabelecimentos mais caros. Qualquer um pode comprar dois xelins e três dinheiros de sanduiches; mas se gastar mais um dinheiro com a compra, tem de dar os nomes e endereços das pessoas a que se destinam. É a lei, e Deus nos proteja a todos!

É geralmente reconhecido que, conquanto recebamos menos alimentos do que antes da guerra, são o suficiente para manter a saude. As autoridades calculam a alimentação atual em 2.900 calorias diárias—um pouco menos que a ração dos penitenciários, antes da guerra.

A aparente indiferença do cidadão a tudo isso causa espanto aos observadores. Poderão faltar-lhe alguns dos elementos de conforto de que antes desfrutava, mas ele tem dinheiro no bolso, Previdência Social e, futuramente, terá ainda mais Previdência Social. Suas rações são exíguas, mas parecem baratas, graças à ilusão criada pelos 400 milhões de libras anuais que ele e seus semelhantes pagam em subvenções para fomentar a produção de alimentos.

Liberdade? Há muito que o cidadão está acostumado a obedecer prontamente quando o taverneiro, às 22 horas, proclama: «Está na hora, por obséquio.» Todos os demais têm de sair tambem.

Em geral, o cidadão está em situação um pouco pior do que antes. Os políticos em quem votou prometeram-lhe uma semana de trabalho de cinco dias, e isso, ele tem. Se perde o emprego, tem de dirigir-se à repartição competente, para ser encaminhado a outro emprego designado pelo governo. Mas que tem isso? Quase todos já nos habituamos à «engenharia social», a sermos classificados e rotulados em todas as nossas atividades.

Há 22 anos, Hilaire Belloc, vendo, mesmo naquele tempo, o rumo que as coisas tomavam, disse: «Duas coisas são provaveis: (1) teremos o trabalho obrigatório; (2) este receberá um nome que nem de longe se relacione com a idéia de escravidão ou de compulsão. Há boas possibilidades de que a palavra *lealdade* assuma essa função, e de que tenhamos tribunais de *lealdade* para o julgamento e condenação dos que se rebelarem contra o trabalho compulsório.»

Já os temos, mas fomos preparados para suportar o choque. John A. Harrington, rapaz de 28 anos de idade, da cidade de Bath, largou seu ofício de carpinteiro, quando o trabalho era pouco, e apresentou-se à repartição do Trabalho, pleiteando outra colocação. Mandaram-no voltar ao emprego que abandonara, sob pena de prisão por três meses ou multa de 100 libras. Preferiu voltar...

Numa carta ao jornal *Daily Telegraph*, A. E. Storridge, de Kilburn, assinala que, se Karl Marx e William Wordsworth estivessem vivos e trabalhando hoje, um funcionário do governo decidiria que Marx estava passando o tempo proficuamente no Museu Britânico, mas que Wordsworth era um zangão, vivendo no ócio, na Região dos Lagos.

Os moradores de Basingstoke que queriam pintar suas casas foram admoestados, por uma decisão de tribunal de instância superior, de que não poderiam gastar mais de 100 libras anuais—inclusive o custo da mão-de-obra, executada por eles mesmos, calculada à base da tabela do sindicato.

Um habitante da localidade de Jarrow construiu uma calçada em seu jardim sem ter obtido licença prévia; foi absolvido de crime quando explicou ao magistrado: «A mais alta autoridade do Ministério de Obras, em Newcastle, declarou que não era preciso obter licença, desde que o cimento fosse espalhado, não com trolha, e sim com regador.»

Entrementes, o país transborda de funcionários públicos: 700 mil no serviço estatal e muitas centenas de milhares nos serviços municipais. «Quem obtem um emprego público,» diz o *Sunday Express*, «tem perspectivas de viagens pelo mundo a fora, hospitalidade sem restrições de racionamento e um isolamento, quase completo, dos rigores da austeridade. O privilégio já não é conferido pelo mérito. É distribuido para recompensar serviços prestados à causa do socialismo.»

Tudo isso não quer dizer que o povo britânico tenha perdido o ânimo. Milhões de cidadãos discordariam do quadro sombrio pintado por Charles Morgan, no *Sunday Times*: «As muralhas da prisão dia a dia mais se comprimem; o setor das iniciativas se circunscreve; o teto da oportunidade se abaixa. Os prisioneiros são tributados mais para o sustento dos carcereiros, que se multiplicam. Os gêneros diminuem de quantidade e de qualidade de mês para mês. O socialismo, conforme é atualmente interpretado, constitui páreo sem prêmio, tédio sem

esperança, guerra sem vitória e estatística sem fim.»

Milhões de pessoas se apercebem, entretanto, de que há certo grau de justiça no quadro. Estão tristonhas de ver este país doce e lindo, que já serviu e sofreu, reduzido agora a tal condição. Alguns corações robustos procuram emigrar porque buscam espaço. Alguns, talvez menos rijos, tambem procurando saida, indagam que fará o governo para os auxiliar, e se este garantirá sua Previdência Social em terras do alem-mar.

Mas os corações mais fortes ficam aquí, achando que, apesar dos males causados pelos políticos, a Grã-Bretanha poderá ser de novo libertada.

No ano passado, os concertos de música fina atrairam maior público que os grandes certames esportivos

Despertar musical dos Estados Unidos

(*Condensado de «Pageant»*)

Por H. W. Heinsheimer

TRANQUILA e quase despercebidamente, os Estados Unidos se tornaram a primeira nação do mundo no campo musical. Esse país, que para outras nações parecia apenas o colosso dos trens ultra-rápidos, dos automoveis, telefones, banheiras e refrigeradores em enorme quantidade, adotou de coração a boa música internacional, e fê-lo em vastas proporções.

EX-PROPRIETÁRIO de uma editora musical em Viena, e dedicando-se atualmente ao mesmo ramo em Nova York, H. W. Heinsheimer conquistou grande êxito com seu livro *Menagerie in F Sharp.*

Durante 1947 a assistência aos jogos de basebol dos grandes times subiu a 19.954.832. Mas 29.466.000 pessoas—quase cinquenta por cento mais—assistiram a espetáculos musicais, incluindo recitais, concertos de orquestras profissionais e de amadores, óperas e *ballets*.

O programa radiofônico de um dos artistas mais populares é transmitido por 240 estações, mas a transmissão do teatro Metropolitan Opera House, em Nova York, nos sábados à tarde, é feita através de 278 estações, de novembro a março, todos os anos. Esses programas, que duram de três a quatro horas, são ansiosamente esperados por 15 milhões de famílias.

Após a irradiação de cada programa, chegam centenas de cartas de toda parte e de toda a gente—de um pescador que mora «a 10 léguas da última estação ferroviária», ou de um amante da música que teve a coragem de ligar o rádio para ouvir ópera num salão de bilhares... As missivas contam histórias pitorescas, como a de um casal idoso que «vai à ópera» todos os sábados à tarde, sentando-se ao lado do rádio, ela trajando um vestido-de-noite de veludo, ele envergando o seu melhor terno. Uma dona de casa na Nova Inglaterra escreveu dizendo que «a ópera transforma um apartamento de terceiro andar, sem elevador, num sétimo céu, onde a gente escuta, vive e se purifica...»

Quando a direção do referido teatro convidou os rádio-ouvintes a contribuir para a compra do edifício em que funciona, mais de um milhão de dólares em moedas de dez centavos, 25 centavos e notas de um dolar foram enviados pelos mesmos.

O total de orquestras sinfônicas em todo o país sobe a mais de cem. Os concertos semanais de orquestras como a de Boston, Filadélfia, Detroit, S. Francisco e a da NBC são transmitidos por centenas de estações. A Filarmônica de Nova York pode ser ouvida pelo rádio em qualquer parte dos Estados Unidos.

Quando Ernest Ansermet, um dos regentes mais famosos da Europa, chegou aos Estados Unidos há pouco tempo, para dirigir alguns concertos em Nova York, seu empresário lhe disse que tinha arranjado tambem uma série em Dallas, no Texas. Ansermet estivera nos Estados Unidos doze anos antes e lembrava-se ainda da orquestra improvisada que teve de arranjar em Nova York quando percorrera o «interior» do país com uma companhia de *ballet*.

Mas quando chegou a Dallas, desta vez, ficou surpreendido de encontrar uma orquestra igual a qualquer orquestra da Europa; viu tambem um belo salão de concertos, de acústica perfeita, e uma assistência de 3.800 pessoas. Ficou então sabendo que no Texas, onde anteriormente não vira nem sequer uma orquestra sinfônica, existem agora dez.

Em 1930, mais de metade dos discos de música clássica eram vendidos em Nova York, Filadélfia, Boston e S. Francisco; hoje somente um quinto da venda total se realiza nas grandes cidades. E as vendas desses discos, só de uma grande companhia, subiram 3.700 por cento.

Em junho de 1945 apresentou-se aos diretores da Sinfônica de Oklahoma, na cidade do mesmo nome, esta situação: tinham um déficit de 50 mil dólares, e precisariam gastar 75 mil na temporada seguinte. Resolveram, pois, dar por findas as suas atividades, acabando com a orquestra após oito anos de funcionamento. Logo que se soube disso, começaram a chover as cartas de indignado protesto. Pessoas de todas as classes sociais mandaram donativos, alguns insignificantes, ou-

tros vultosos. O prefeito patrocinou uma campanha de uma semana cujo lema era «Salvemos nossa Orquestra». Daí a menos de dois meses, haviam-se angariado fundos suficientes não só para liquidar o déficit, como tambem para garantir a solvência da orquestra na próxima temporada. Hoje em dia a Sinfônica leva a música a diversas cidades e vilas no Estado de Oklahoma.

As orquestras se tornaram a guarda avançada do desenvolvimento musical norte-americano, mas os recitais de grandes artistas tambem trouxeram sua contribuição a esse surto. Entre outubro e abril, realizam-se, todos os anos, mais de 10 mil recitais no país.

Assim, em todo o país, a música está-se tornando parte da vida do povo americano. Mas a história continua. Quando se inaugurou o Metropolitan Opera House de Nova York, em 1883, somente uma cantora norte-americana fazia parte do elenco—uma moça nascida nos Estados Unidos, mas educada na Europa. Hoje, são americanos mais de metade dos artistas dessa organização. Cantores como HelenTraubel, Leonard Warren, Jan Peerce, assim como instrumentistas e regentes, gozam de fama mundial.

Em 1946, o gerente da principal companhia inglesa de ópera, a Covent Garden, estava à procura de cantores para completar o seu pessoal desfalcado. Alguem sugeriu que ele ouvisse alguns cantores americanos. «Quem já ouviu falar,» perguntou ele, «de artistas musicais vindos dos Estados Unidos?» Mas, persuadido a fazer uma viagem aos Estados Unidos, ouviu, em três dias, 52 esplêndidas vozes de jovens cantores. Teve de reconhecer então que, em tudo o que pensava sobre o padrão musical nos Estados Unidos, ele estava vinte anos atrasado. Contratou seis cantores, sentindo não poder empregar mais.

Aaron Copland, um dos mais eminentes compositores norte-americanos, teve de ir estudar no estrangeiro há vinte anos atrás porque naquele tempo o «carimbo» europeu parecia indispensavel a quem aspirasse a uma carreira musical nos Estados Unidos. Hoje, Copland observa que a atual geração de compositores norte-americanos está sendo estimulada com prêmios, comissões, bolsas, e com a execução de seus trabalhos em público. «Estes jovens,» diz ele, «não têm que temer comparação com a geração contemporânea de qualquer país; e isso é algo de novo na música norte-americana.»

É assim que a grande herança musical da Europa está fincando raizes no solo fertil do Novo Mundo.

Semelhança

GEORGE BERNARD SHAW contou-me ter visto a sua melhor caricatura num jantar que lhe foi oferecido. Estava ele cumprimentando a dona da casa quando percebeu um quadro atrás dela. «Ah!» pensou, «lá estou eu, afinal!» O retrato era cruel, mas de uma fidelidade a toda prova. «Aproximei-me mais. Quanto mais perto chegava, mais fiel me parecia o quadro, até que verifiquei estar olhando para um espelho.»

—Yousuf Karsh, *Faces of Destiny* (Ziff-Davis)

Uma «novidade» que, na Europa, já é antiga...

Acumuladores que duram mais do que o automovel

(Condensado de «Popular Science Monthly»)

Harland Manchester

O ACUMULADOR é uma das maiores causas de aborrecimento do proprietário de um automovel. Se ele o descuidar, descarrega-se; se a carga estiver fraca em temperaturas abaixo de zero, pode fender-se. Os solavancos das más estradas podem quebrar a caixa de borracha endurecida; sem «goles» frequentes de água destilada, deixa de funcionar. Mesmo com assistência cuidadosa, tem que ser substituido várias vezes durante a vida do carro.

Existe, entretanto, uma bateria que não apresenta nenhum desses inconvenientes. Basta dizer que nunca é necessário substituí-la. O mais provavel é que o dono compre um automovel novo para o acumulador, visto que este lhe durará de 15 a 20 anos...

O acumulador de niquel e cádmio tem estado em uso em toda a Europa há cerca de 40 anos, mas nos Estados Unidos é virtualmente desconhecido. São talvez seis apenas os americanos que o possuem atualmente, em automoveis ou barcos. Um nova-yorkino instalou um desses acumuladores no seu automovel há um ano e meio e percorreu mais de 60 mil km sem ter-lhe adicionado água, e o acumulador ainda tem a força primitiva. Outro indivíduo, em Rochester, instalou o mesmo tipo de acumulador num barco de pesca com motor Diesel, que deixou encostado durante nove meses. Depois, no meio do inverno, ligou o arranque, e os motores imediatamente se puseram em funcionamento.

O acumulador de niquel e cádmio, fabricado pela primeira vez na Suécia em 1909, é agora produzido numa dezena de paises da Europa. Usa-se em milhares de ônibus, locomotivas Diesel, aparelhos de condicionamento do ar, iates e navios, e em pequenas lanternas portateis. Foi instalado no *Queen Elizabeth*, no *Queen Mary* e no *Normandie*, como fonte de energia de

emergência. Os alemães usaram-no na bomba-foguete V-2. As forças aliadas, exceto as dos Estados Unidos, empregaram-no em aviões, tanques, submarinos, e outros equipamentos bélicos. Utilizando peças fabricadas nos Estados Unidos, a Rússia, segundo dizem, tem quatro fábricas a produzir o acumulador que os norte-americanos não conseguiram obter.

O acumulador mais conhecido, de chumbo e ácido, gera a eletricidade por meio da ação química de uma solução de ácido sulfúrico sobre uma série de placas de chumbo e de óxido de chumbo. O acumulador europeu produz energia por meio de uma permuta química em placas de cádmio e de hidróxido de niquel, imersas numa solução alcalina forte, que permite acondicioná-lo numa caixa inquebravel de aço, metal este que, como se sabe é atacado pelo ácido.

Os inventores do acumulador referido, Waldemar Jungner e Karl Ludvig Berg, construiram e venderam em 1889 um aparelho chamado «pyrophone», acionado por acumulador, para descobrir focos de incêndio. Descobrindo que as pilhas secas se descarregavam depressa, resolveram criar um novo acumulador, que conservasse a carga durante longos períodos de inatividade. Ensaiando metais que reagissem numa solução alcalina, adotaram provisoriamente a combinação de niquel e ferro.

Nesse ínterim, Thomas Edison tambem já trabalhava no mesmo problema, e, por volta de 1900, começou a fabricar uma bateria de niquel e ferro.

Ambas as baterias falhavam, e os fabricantes cessaram a produção para dedicar-se a pesquisas mais extensas. Edison remediou o defeito e continuou a fabricar o acumulador de niquel e ferro. Mas a firma sueca passou a usar o cádmio, que é um metal cinzento e mole, obtido principalmente como um subproduto da destilação do zinco, e começou a fabricar em 1909 um acumulador muito superior a todos os outros existentes no mercado.

Ao fim da década seguinte, quatro firmas, na Suécia, na Inglaterra, na França e na Alemanha, fabricavam acumuladores de niquel e cádmio sob diferentes licenças de utilização de patentes. Em outros paises da Europa, fabricava-se tudo para o acumulador menos o material químico ativo, que as companhias licenciadas produziam segundo uma fórmula secreta e expediam em tambores.

Com o passar do tempo, empresas de ônibus e companhias ferroviárias declaravam que os acumuladores comprados havia 15 anos estavam tão bons como se fossem novos. Um acumulador de cádmio instalado em 1913 num vagão Diesel, na Suécia, está ainda em uso, segundo as últimas notícias, tendo arrancado o motor 300 mil vezes. Foi muito procurado pelos motociclistas, porque suportava vibração. Muitos foram instalados em automoveis europeus, se bem que o seu preço fosse cerca de duas vezes o de um acumulador de chumbo de potência equivalente.

O novo rival causou ansiedade aos fabricantes de acumuladores de chumbo, pois estes últimos têm uma vida normal de um ano e meio a três anos. Até o ano passado, quando um processo judicial, baseado na lei contra os trustes nos Estados Unidos, desfez o cartel, os três maiores fabricantes mundiais de acumuladores de chumbo trabalhavam em íntima colaboração. Nos anos seguintes a 1920, membros desse grupo—a Electric Storage Battery Company, de Filadélfia (proprietária da Willard Battery Company de Cleveland e da Exide Batteries do Canadá), a Chloride Electric Storage Company, Ltd., de Londres, e a Accumulatoren-Fabrik Aktiengesellschaft (AFA), de Berlim—começaram a adquirir ações das firmas de acumuladores de cádmio, e em 1936 o cartel já obtivera um controle suficiente para impor sua política. Os preços dos acumuladores de cádmio foram então fixados em três vezes os das baterias de chumbo. Nem assim foram afastados os compradores. Os que os possuiam, no México, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Índia, Malaia, Sião e União Sul-Africana, estavam satisfeitos com as suas vantagens. O acumulador de cádmio chegou a penetrar no Afganistão e no Tibete. Não obstante, não podia ser adquirido no Canadá nem nos Estados Unidos.

Já se haviam esgotado os prazos das patentes concedidas a Jungner, e nada obstava a que um industrial norte-americano, independente, fabricasse o acumulador—exceto a falta de conhecimentos técnicos. Os visitantes curiosos eram excluidos das fábricas européias. A *Encyclopaedia Britannica* dedica oito páginas aos acumuladores de chumbo e ácido e ao de Edison, mas nem menciona o de cádmio. De 18 compêndios «atualizados» de engenharia elétrica, usados nas escolas técnicas, um só contem uma única linha sobre o assunto. Isso significa que poucos técnicos preparados nos Estados Unidos jamais ouviram falar, senão casualmente, da bateria superior que os engenheiros europeus conhecem há tanto tempo.

Esse acumulador está sendo, finalmente, fabricado nos Estados Unidos. Durante a guerra, peritos norte-americanos, em busca de equipamentos mais eficientes, conheceram o acumulador e o ensaiaram. Logo que um desses peritos, o tenente-coronel H. B. Nichols, se desligou do Exército, obteve a colaboração de Carl Berg, filho do co-inventor da bateria e um dos mais renomados engenheiros do mundo no ramo, e fundou a Nickel-Cadmium Battery Corporation em Easthampton, no Estado de Massachusetts. A companhia está fabricando baterias que variam em tamanho. As menores são para aparelhos de auxílio à audição, e as maiores destinam-se a locomotivas Diesel.

Entre os primeiros compradores figuram companhias petrolíferas. Os acumuladores de chumbo, usados para o arranque dos motores que acionam as bombas dos campos, duram apenas poucos meses. Os acumuladores de cádmio, usados já faz um ano e meio, ainda não dão sinal algum de deterioração. Encontram-se tambem em ônibus interurbanos de motor Die-

sel, que percorrem 13 mil km sem adição de água. Entre outros, que usam o novo acumulador, contam-se companhias telefônicas e ferrovias.

São interessantes para o povo em geral os pequenos acumuladores de cádmio para lanternas de bolso e rádios portateis, assim como para aparelhos de audição. Acha-se ainda em ensaios de laboratório um tipo inteiramente novo que, uma vez em condições de ser produzido comercialmente, deverá substituir uma das partes mais aborrecidas do automovel de hoje.

Outras entidades norte-americanas estão estudando o acumulador de cádmio. O Corpo de Transmissões do país está procedendo a experiências para determinar os seus usos mais eficientes na guerra; uma das vantagens é que, resistindo às colisões, não se avaria em desastres ferroviários e de aviação. Não obstante, o acumulador de cádmio não abolirá os outros; o de chumbo, mais barato, e a pilha seca serão sempre satisfatórios para muitas aplicações, e o acumulador de Edison tem o seu campo próprio.

A visita do sr. Smith

MEU COLEGA de imprensa Gordie Gammack considera a seguinte história a melhor aparecida em muitas luas, e eu concordo inteiramente com ele.

Uma senhora, ao atender a campainha da porta, encontrou uma menina de cinco anos e seu irmão menor, que mal começara a caminhar. A menina estava com um vestido de baile e um chapéu de sua mãe. O irmãozinho usava um chapéu do pai, que lhe dançava na cabeça, e um paletó que quase tocava o chão.

—Sou a sra. Smith, disse a menina, em tom polido, —e este é meu marido, o sr. Smith. Viemos fazer-lhe uma visita.

A dona da casa, com presença de espírito, correspondeu à brincadeira, convidando «o sr. e a sra. Smith» para tomar chá. As crianças entraram e se instalaram num sofá enquanto a dona da casa foi à cozinha buscar leite e biscoitos. Quando voltou, os visitantes já se encaminhavam para a porta da rua.

—Mas já vão embora? perguntou ela. —Pensei que pudessem ficar para o chá...

A meninazinha replicou, com um sorriso artificial:

—Infelizmente, não podemos. O sr. Smith acaba de molhar as calças.

—Cedric Adams, no *Star and Tribune*, de Minneapolis

BOB HAWK, locutor de um concurso radiofônico de perguntas e respostas, pediu a uma candidata um «exemplo de grande economia de tempo».

«Amor à primeira vista,» foi a resposta, pronta.

—Paul Denis no *Post*, de Nova York

Flagrantes da vida real

★NO ESPETÁCULO de equitação, o meu olhar abandonou os cavalos que corcoveavam no meio da pista e começou a passear pela assistência debruçada na cerca. Chamou-me a atenção um rapaz alto e magro, de macacão e botas de vaqueiro, com um bebê nos braços. Com a mamadeira enfiada no bolso de trás, o rapaz pulava e gritava, abanando o chapéu para um amigo junto à cerca. Várias vezes o cavaleiro demonstrou tal coragem que eu tive que virar o rosto, arrepiada. Parecia tão jovem! Aproximei-me do rapaz que estava na cerca.

—Seu amigo é muito corajoso! disse eu.

—Amigo? retorquiu o vaqueiro. —Aquela é minha mulher.

—Colaboração de D.B.

★EM UMA RECENTE viagem a uma região rural andei examinando algumas estatísticas agro-pecuárias e verifiquei que o número de reses era maior, alí, que a população humana.

—Como é isso? perguntei a um filho da terra.

A resposta foi pronta e sucinta:

—É que nós gostamos mais delas.

—Colaboração de C.H.G.

★A FAMÍLIA Brown tinha uma chacarinha de hortaliças que dependia da água de um córrego: quando esta chegava a certo nivel em determinado ponto, descia de um vale e ia irrigar os canteiros. Era ilegal fazer qualquer represa para elevar o nivel do córrego, pois isso privaria de irrigação outras chácaras, e assim, no verão, quando a água era pouca e não alcançava o nivel a que tinha direito aquela família, os legumes feneciam. Em certo mês estival, porem, o fiscal da região, passando pela chácara, viu que vicejavam lindamente as hortaliças. Com a pulga atrás da orelha, foi à procura de alguma represa clandestina, e nada encontrou. Continuou, porem, na busca, e noutro dia foi encontrar as crianças regando os canteiros. Ao dobrar uma curva, deu com a «represa».

Foi encontrar, refestelada no meio do estreito córrego, a sra. Brown, tomando um banho perfeitamente dentro do regulamento. Dada a sua corpulência, represava a água atrás de si, e esta, subindo de nivel, alcançava a altura da vala e corria para a chácara.

—Colaboração de A.L.C.

★ENCONTREI minha velha amiga com a sua encanecida cabeça curvada sobre o rádio. «Os árabes ameaçam Jerusalem,» anunciou uma voz.

Virando-se para mim, ela suspirou.

—Minha filha, nós éramos muito mais felizes quando a Palestina não passava de um nome na Bíblia...

—Colaboração de H.S.H.

★EU ESTAVA sentada em um banco no parque, contemplando o lago,

quando ouví ao longe um triste apito de trem. Um garoto, que brincava alí perto com um cãozinho, veio correndo para a senhora idosa que se achava sentada na outra ponta do banco.

—Vovó, disse ele com vivacidade, me conta como é que vai ser quando eu tiver 21 anos!

A anciã abraçou o menino e começou, com voz tranquila mas alegre:

—O trem está dizendo que existe um lindo mundo à espera de nós dois. Existem montanhas cobertas de neve, e vales com verdes matas, e enormes desertos dourados; ilhas verdes e mares bravios esperando que nós naveguemos neles. Havemos de cavalgar elefantes na Índia e cavalos nas planícies do Oeste. Vamos colher laranjas e bananas nas próprias árvores, e comer arroz com os chineses e *tortillas* com os mexicanos.

E aquela voz meiga continuou pintando quadros que fizeram despertar em mim uma sede de aventura por muito tempo esquecida. Os olhinhos do pequeno se arregalaram, encantados com aqueles sonhos; no seu rostinho, bem como na face enrugada da anciã, notava-se o mesmo embevecimento. Lá no alto, um avião murmurava uma cantilena enquanto avó e neto sonhavam. Depois, dando um apertado abraço na velha, o garoto correu novamente para junto do cão. Ela olhou para mim e sorriu, dizendo:

—É o meu netinho, e eu lhe prometí que quando ele tiver 21 anos nós iremos correr mundo.

Ela deve ter lido o meu pensamento, porque logo acrescentou:

—Toda a minha vida eu sonhei com viagens, mas nunca passei das cidades vizinhas. Estou agora com 89 anos, mas quando esse menino tiver 21 eu já estarei livre, e poderei ir a qualquer lugar...

Fitei aquele olhar sereno e cheio de sabedoria, e compreendí a que liberdade ela se referia. Para ela, e agora para mim, a morte era uma porta aberta a uma grande aventura. E pude sentir que, por mais longínquas que fossem as terras por onde andasse o menino, sua avozinha estaria com ele.

—Colaboração de P.M.J.

O que os olhos não vêem...

NUMA recepção, figurava entre as convidadas uma jovem conhecida pelo contraste de um rosto bonito num corpo mal feito. Mas, nessa noite, o seu vestido de baile, muito decotado na frente, dava a impressão surpreendente de encobrir um busto cheio e bem formado. A «transformação» da jovem constituiu o comentário mais frequente das conversas até que um dos rapazes, encorajado por alguns coquetéis, aproximou-se e cumprimentou-a galantemente, os olhos fixos no decote ousado.

Sem pestanejar, a jovem sorriu e disse: «O sr. gosta? Pois é pura tapeação...»

—Colaboração de J. Knight Goodman

Tendo conduzido seu país com mão firme mas maternal, durante meio século, Guilhermina da Holanda abdica, cedendo lugar a sua filha, Juliana

Rainha da Holanda por meio século

(Condensado de «The Minneapolis Sunday Tribune»)

Por George Kent

EM SETEMBRO último, Guilhermina da Holanda foi vista pela última vez, na qualidade de rainha, nas ruas de Amsterdã. Crianças espargiram flores no caminho do dourado coche real; camponeses e pescadores fizeram pequenas oferendas. Nesse dia, houve para a benquista *Willemientje*—apelido afetuoso que seu povo lhe deu—mais lágrimas do que vivas. Por isso que, findo o trajeto, dispersadas as multidões que se haviam apinhado à calçada, o grande reinado de meio século, da rainha Guilhermina, havia terminado.

Há alguns meses, Guilhermina fez uma alocução pelo rádio, para informar seu povo das razões por que resolvera abdicar: «Fadiga excessiva, que não beneficia nem meu trabalho nem minha saude... o peso crescente dos anos, um declínio das faculdades indispensaveis ao espírito para formular decisões de responsabilidade sobre os muitos e profundos problemas do dia...»

Intimamente, a rainha, que conta 68 anos de idade, está satisfeitíssima de se desvencilhar do interminavel cerimonial de desfiles e inaugurações. «Sempre trabalhei muito. Agora, quero descansar,» diz ela. «E vou fazer uma arrumação. Tenho muito que pôr em ordem, pois as coisas sempre se acumulam.»

Guilhermina é hoje uma robusta mulher idosa, de olhos críticos de um azul claro, e de forma alguma rainha no sentido tradicional dos livros de contos. Seus cabelos são ondulados com um frisador de tipo antigo; usa

lunetas, que aliás perde a todo momento. «Entretanto,» já disse um membro da corte, «quando ela entra na sala, trajando com extrema simplicidade, não vemos a roupa e esquecemo-nos de que Guilhermina é gorda. É a rainha, e basta isso.»

À sua enorme mesa plana, destituida de qualquer adorno, exceto uma pequena fotografia do marido, vêm todos os documentos oficiais para a assinatura da rainha. Aquí, tambem, chegam todas as contas do palácio, as quais ela sempre conferiu com o mesmo cuidado com que verificamos a conta do açougueiro—sempre subtraindo um por cento, desconto devido à realeza, por permitir que os comerciantes a sirvam. Sua economia caseira estendia-se às esferas mais amplas do governo. Certa feita, fez seu ministro de finanças esperar das dez da manhã às quatro do dia seguinte, enquanto ela conferia o orçamento, verba por verba.

Guilhermina sempre foi monarca rigorosamente constitucional, mas nunca deixou de exigir respeito ao seu posto. Certa ocasião, em sua juventude, escorregou no convés de um couraçado. Um almirante precipitou-se a acudí-la, mas a soberana disse, com a maior calma: «Não é permitido tocar na pessoa da rainha.»

Não entende a preocupação que os outros têm pelas roupas. No primeiro ato público, após a libertação do seu país, ela compareceu trajando um casaco velho e luvas verdes, de lã. Até há pouco, os habitantes de Haia a viam frequentemente andando de bicicleta, protegida contra a chuva por uma modesta capa de matéria plástica. Quando esperava a visita da rainha da Noruega, ela resmungou: «Agora terei de comprar vestidos novos. Que extravagância!»

A infância, Guilhermina passou-a na vida artificial e isolada da etiqueta e protocolo do paço. Era filha única do segundo e tardio matrimônio do rei Guilherme III, que contava então 63 anos de idade, contraido com uma princesa alemã de vinte anos. Quando Guilhermina tinha dez anos de idade, o rei faleceu e a viuva, a rainha Emma, foi nomeada regente. Teve início então a educação da menina vivaz e brejeira que se tornaria undécimo monarca da Casa de Orange.

Foi educada com o propósito único de governar 80 milhões de súditos, na Holanda e colônias. Todos os seus pensamentos e gestos foram moldados e controlados. Não foi uma infância feliz. Não se lhe permitia ter amigos. Possuia bonecas em quantidade, nas quais batia, dizendo: «Se não se portar bem, eu faço você princesa.» Uma fotografia mostra a pequenina rainha patinando, minúscula figura negra num imenso lago, sem outros patinadores senão sua mãe e um cavalheiro da corte. Aprendeu, com professores particulares, o inglês, o francês e o alemão, antes de chegar aos 16 anos. Com generais e almirantes aprendeu ciência militar; com líderes do governo, economia e a técnica parlamentar.

Certa vez fitou das janelas da carruagem um vórtice de rostos e perguntou: «Toda essa gente me pertence, mesmo?» «Não, querida,» respondeu sua mãe, «você é que pertence a toda essa gente.»

Aos 18 anos, sua educação estava terminada e, a 31 de agosto de 1898, Guilhermina Helena Paulina Maria, Princesa de Orange e Nassau, linda e esbelta jovem loura, tornou-se rainha da Holanda. Edmond Rostand, dramaturgo francês, comparou-a a um lírio. O primeiro ministro quis preparar-lhe o discurso, mas ela fez questão de redigí-lo por si própria.

Decorrido um ano, por sugestão do czar da Rússia, ela convidou as nações do mundo a se reunirem em Haia, na primeira conferência internacional da paz. Terminada a Guerra dos Bôeres, ela despachou um cruzador para conduzir à Holanda o lider boer, Paul Kruger. Quando, em seguida ao protesto da rainha Vitória, mandou uma réplica ríspida, seu povo aplaudiu-lhe a atitude.

Durante o reinado de seu pai, o trono perdera certo prestígio. Mediante pequenos gestos, ela conseguiu restaurar à popularidade a Casa de Orange. Num desastre ferroviário, por exemplo, ela assumiu a direção da obra de socorro, percorrendo os vagões destroçados. Ofereceram-lhe um copo de água; ela o recusou. «Cuide dos feridos,» disse.

O povo ficou contente com seu casamento. Seu marido foi o príncipe Henrique de Mecklenburgo. O nascimento de Juliana, em 1909, foi causa de regozijo nacional. O único semblante triste era o do pai. «Não me importa que seja menina,» disse ele, «mas estou pensando no coitado que terá de ser seu marido quando ela for rainha.»

Lembrada de sua própria infância sombria, a rainha criou Juliana de maneira mais normal, permitindo-lhe frequentar escolas, brincar com outras crianças. Juliana tem muitos amigos e está em contacto constante com o povo.

A constituição holandesa faculta poderes consideraveis à rainha. Ela pode, por exemplo, dissolver o parlamento. É ela quem constitui o novo governo, através da seleção do primeiro ministro. Todas as leis têm de ser assinadas pela soberana. Sua abstenção equivaleria a um veto; mas jamais se recusou a assinar. Adiando a assinatura, entretanto, discutindo a legislação e instando os ministros, Guilhermina exerceu enormes poderes.

Durante a Primeira Guerra Mundial, foi em grande parte devido a seus esforços que a Holanda se manteve neutra. Quando foi bombardeada uma cidade perto de Flessingue, quando os zepelins sobrevoaram território holandês, quando milhares de toneladas de navios foram afundados, muitos queriam declarar guerra à Alemanha, mas a isso ela se opôs. Houve fome e manifestações: os socialistas, violentamente anti-monarquistas, exigiram sua abdicação.

No decorrer de uma manifestação, Guilhermina anunciou que deixaria a escolha ao critério do povo. Mandou atrelar sua carruagem e, fazendo-se

acompanhar somente por Juliana e o cocheiro, saiu à rua. No palácio, todos choravam, pensando que a soberana estivesse enfrentando a morte. Chegado o carro à praça, os manifestantes silenciaram. Súbito, irromperam vivas e o povo entoou o hino nacional. Guilhermina ergueu-se. «Agradeço-vos a todos as horas inesqueciveis que viví esta tarde...» O povo desatrelou o carro e arrastou-o ao palácio.

No dia seguinte, ela emitiu uma proclamação, prometendo reformas sociais. Quase imediatamente vieram o sufrágio universal e a representação proporcional. Com o tempo, surgiram leis de previdência social, horários e salários mínimos, a rehabilitação de zonas empobrecidas, habitações e hospitalização coletivas.

A rainha reside em Haia num simples palácio branco, situado numa rua de intenso trânsito. A casa até tem número—68—como as demais. É aquecida por fogareiros e a água para o banho da rainha tem de ser carregada em baldes. Junto à porta fica um estrado para o estacionamento da inevitavel bicicleta holandesa. Antes da última guerra, frequentemente a rainha era vista cosendo à janela.

Na iminência da guerra, a rainha inspecionava instalações militares, ouvia queixas dos recrutas e até passou meia hora num submarino. Quando, afinal, fugiu para a Inglaterra, houve certo número de queixas, mas suas frequentes irradiações, ardentes e vigorosas, informando sobre o progresso da guerra, restauraram-lhe a popularidade.

Londres foi, para ela, como a saida de uma crisálida. Libertada da rotina da vida da corte holandesa, Guilhermina pôs de lado as formalidades. Cuidou de saber o que o povo holandês pensava, conversando com quantos compatriotas se evadiam do país. Dava um aperto de mão a todos esses compatriotas, servia-lhes chá e conversava. «Fume,» dizia-lhes—o que, para ela, era um convite extraordinário. «O homem pensa melhor quando fuma.» Conseguia-lhes alimentos, roupa, abrigo e emprego.

Guilhermina poderia ter-se hospedado no Palácio Buckingham por espaço indefinido, mas preferiu casa própria. Primeiro, hospedou-se no Hotel Claridge, onde os hóspedes se assombravam amiude ao ver sua figura rotunda, envolta num roupão de flanela azul, descendo as escadas em busca do abrigo anti-aéreo. Depois, foi para uma modesta casa em Eaton Square. Alí, o único abrigo contra as bombas era debaixo de uma velha escada, mas o governo depois construiu outro no páteo. Ela o contemplou e disse: «Aquí só há lugar para quatro pessoas, no máximo. Que farão as outras?» Desde logo, recusou-se terminantemente a usá-lo.

Sua visita aos Estados Unidos, em 1942, comoveu-a profundamente. Certa manhã, saiu de sua casa alugada, na cidade de Lee, no Massachusetts, para fazer compras, entrando numa drogaria para adquirir uma esponja. «Bom dia, rainha,» disse o farmacêutico, afavel. «Gostei de ver isso,» declarou ela mais tarde.

Pouco depois da libertação de seu povo, a rainha voltou à Holanda, terminando um exílio de quatro anos e meio. Recusou-se a ocupar qualquer de seus palácios e mudou-se para uma modesta casa situada num bairro residencial. Os visitantes, segundo se diz, eram admitidos por ela em pessoa; no inverno, seus ministros discutiam importantes questões públicas com ela, envoltos em sobretudos. O governo acabou persuadindo a rainha a mudar-se, assinalando que, conquanto somente ela pudesse morar num palácio, a casa poderia ser ocupada por uma família qualquer.

Enquanto percorria o país que lentamente se restabelecia, levava consigo sanduiches, recusando-se a aceitar comida do povo. Numa aldeia, deparou com uma mesa coberta de iguarias. Franziu a testa, mas silenciou ante a observação do burgomestre. «Majestade,» disse ele, «quando a mãe se ausenta por longo tempo, e depois volta, os filhos rebuscam os celeiros, para oferecer-lhe comida digna dela.»

Piadas

UM PAU d'água ao vizinho, no bar: «Minha mulher é a criatura mais estupenda do mundo. E essa não é apenas a minha opinião—é tambem a dela.»

—Kirk, em *The Saturday Evening Post*

UMA SENHORA de sociedade a outra, durante um concerto: «Esta peça é a minha favorita. Agora, não quero *nem* conversar.»

—Jeff Keates, em *Collier's*

UMA MULHER a outra: «Meu marido não sabe consertar nada em casa. Por isso, tudo está sempre em perfeito estado.»

—George Hamilton Green, em *Collier's*

O CHEFE à secretária, bonita e atraente: «A sra. tem a tarde livre hoje. Preciso concentrar-me.»

—Richter, em *This Week Magazine*

O PRETENDENTE, ao homem que espera venha a ser seu sogro: «O sr. diz que quem se casar com sua filha receberá um prêmio. Posso saber qual é?»

—Fred Neher, Consolidated News Features

JOVEM melindrosa ao escritor: «Será que o seu livro foi tão dificil de escrever quanto é de ler?»

—Gregory d'Alessio, em *Collier's*

Vantagens e comodidades que oferece este tipo de cinema ao ar livre

(Condensado de «Cue»)

Katharine Best e Katharine Hillyer

Todas as noites, no verão, 825 mil norte-americanos vão ao cinema sem sair de seus automoveis. Os cinemas ao ar livre, que antes não passavam de terrenos com capacidade para cem automoveis, empregando barulhentos ampliadores de som, podem hoje conter de 700 a mil carros e dispõem de rampas especiais, telas que não disfiguram as imagens, e mecanismos de som controlados dentro de cada veículo.

Os novos cinemas ao ar livre oferecem ainda recintos de recreio, piscinas para crianças e mesas para piqueniques. Um deles, que ocupa uma área de 12 hectares, dá aos frequentadores, alem do filme, um espetáculo de fogos de artifício, passeios gratuitos a cavalo e de barco, em um dos seus lagos, e a vista de uma lagoa artisticamente iluminada.

A mais audaciosa inovação introduzida nessas áreas de estacionamento é a admissão gratuita de crianças de menos de 12 anos. É frequente verem-se automoveis dirigidos por um adulto, e apinhados de crianças radiantes. «Que coisa exquisita!» dizem os empregados desses cinemas. «Neste verão, não há rapazola que já tenha completado 12 anos...»

Os donos de tais casas de diversões não se importam. Querem habituar o povo às grandes vantagens desse novo tipo de cinema ao ar livre. Os frequentadores podem fumar, conversar ou comer pipoca sem incomodar os vizinhos. Não há problema de estacionamento, nem necessidade de envergar roupa elegante após um longo dia de calor. Pessoas gordas ou inválidas, com dificuldade de frequentar os cinemas comuns, acorrem a estes parques, onde assistem a um espetáculo cinematográfico sentadas confortavelmente em seus carros.

Esses cinemas ao ar livre para motoristas existem há 15 anos nos Estados Unidos, mas o seu desenvolvimento realmente vertiginoso verificou-se em 1947. Em 1932, Richard M. Hollingshead Jr., jovem químico de Camden, Nova Jersey, estava à procura de um ramo de negócio que pudesse resistir à depressão reinante. Quais são as coisas supérfluas da vida que se conservarão em voga por mais tempo nos Estados Unidos? A resposta—automoveis e cinema—deu-lhe a fórmula para a criação desses estabelecimentos que reuniam as duas preferências. Em maio de 1933, patenteou a idéia e fundou uma sociedade para explorá-la. No mesmo mês, ele e seu primo, Willis Warren Smith, que financiou a empresa, iniciaram a construção do primeiro cinema desse novo tipo. Comportava 500 carros estacionados em rampas semi-circulares, de forma a tornar a tela igualmente visivel às pessoas sentadas nos assentos fronteiros e traseiros. Embora o som fosse grosseiro, comparado com o dos aparelhos atuais, tratava-se de um modo original e confortavel de assistir às películas e, conquanto a crise financeira estivesse aguda, a novidade teve um êxito imediato.

Outros engenheiros não tardaram em patentear novos processos para alojar carros em planos inclinados e, por ocasião da guerra, havia já em funcionamento 52 cinemas do gênero nos Estados Unidos, e 62 projetados ou em construção.

Quase paralisados durante a guerra, devido ao racionamento da gasolina, esses cinemas voltaram a espalhar-se por todo o país em meados de 1946. São, hoje, em número de 546, com uma capacidade para cerca de 275 mil automoveis. O lucro líquido anual das empresas ascende a 28 milhões de dólares. Se for mantido o ritmo atual das construções, haverá mais de mil por volta de 1950.

Há pouco tempo o gerente de um cinema no Texas enviou um dos seus auxiliares ao mais próximo concorrente «ao ar livre», afim de examinar, de perto, as razões do êxito da iniciativa. O auxiliar chegou ao guichê da bilheteria, onde dois rapazes limparam o parabrisas do automovel, acompanhou um guia até à rampa de estacionamento, adaptou o alto-falante à porta do carro e se deliciou com o filme. Na manhã seguinte, disse ao patrão: «Vou deixar este emprego para me meter no negócio dos cinemas ao ar livre. Têm tudo; só falta aquecimento central.»

O rapaz ignorava que até isso eles têm: um sistema de aquecimento está adaptado ao alto-falante. Ao longo das rampas, há pequenos postes de metal com dois microfones. O freguês estaciona de modo que a janela fronteira fique ao lado de um desses postes, retira um dos microfones e o pendura na porta do carro. O microfone é do tamanho de meia laranja grande e tem um regulador de volume próprio. A estufa que lhe é ajustada permitirá que o cinema funcione o ano inteiro, mesmo no rigor do inverno.

Os obstáculos à expansão dos cinemas ao ar livre, tais como a qualidade dos filmes e o brilho do luar, vão sendo, pouco a pouco, removidos. Os produtores de Hollywood, sequiosos de novas fontes de renda, dada a retração dos mercados estrangeiros, estão gratos pelos 5 milhões de dólares

que lhes estão pagando os novos cinemas, e, pela primeira vez, mostram real desejo de que seus melhores filmes sejam neles exibidos.

Os efeitos desconcertantes do luar sobre as telas foram eliminados por meio de torres especiais que servem de anteparo à claridade lunar. Algumas torres são côncavas; outras oblíquas, refletindo, apenas, o filme e nunca o luar. Essas telas, algumas das quais de 20 metros por 15, são prodígios da engenharia moderna. Aguentam ventos com velocidade de 160 km por hora; certo material chamado «transite» torna-as imunes à ação do tempo. Em geral, estão voltadas para o leste, afim de evitar a luz do sol poente.

«Já liquidamos a maioria dos nossos problemas,» diz um dos engenheiros. «Mas ainda faltam outros, como o das chuvas e o dos nevoeiros.»

Os proprietários pensam constantemente em novos meios de atrair os fãs cinematográficos. Em um desses cinemas, as mamadeiras podem ser aquecidas gratuitamente. Alguns dispõem de serviço especial para os cães pertencentes aos frequentadores. O gerente de um desses cinemas atingiu talvez o máximo da perfeição no afã de agradar à clientela. Ao chegar, uma dona de casa poderá depositar, num local determinado, uma trouxa de roupa suja, a qual lhe será devolvida, lavada e passada, ao terminar o espetáculo cinematográfico. Este serviço, entretanto, não é gratuito. «Tambem seria demais!» diz o proprietário.

O pecado mortal

John K. Sherman, no «Minneapolis Tribune»

EMBORA procuremos evitá-lo, a quase todos nós ocorre, por vezes, um pensamento que revolve idéias inconscientemente formadas sobre a vida e cultivadas como um sucedâneo a uma verdadeira filosofia. Deparei, recentemente, com um desses pensamentos num aforismo de Franz Kafka: a impaciência é o maior dos pecados. A princípio, tal conceito não nos parece fundamental e nem mesmo mais que 30 por cento verdadeiro. A tendência geral seria a de considerar o assassínio como certamente o mais grave dos pecados.

Mas o fato é que *a impaciência é o maior*. Devemos atentar para a significação e importância desse conceito. A paciência cria condições propícias ao florescimento da virtude e ao desenvolvimento do trabalho honesto—caminho do aperfeiçoamento. A impaciência, por outro lado, é a grande solapadora da moral.

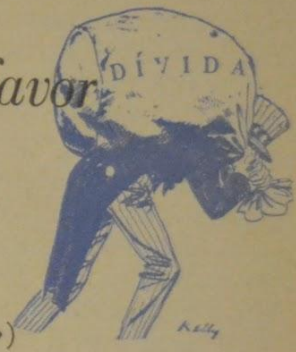
A impaciência, como a familiaridade, conduz ao desprezo. O desprezo corrói, esteriliza e arruina. Quantos ideais, instintos e sentimentos generosos poderiam conviver, numa mesma casa, com a impaciência? Nenhum. Chegariam, apenas, à porta, cujos umbrais só transporiam após a partida da impaciência.

A Caricatura

Duas palavras a favor do Tio Sam

(Condensado de «The Saturday Evening Post»)

Por Bernard M. Baruch



A Realidade

Um eminente americano rejeita a acusação de que os Estados Unidos são «imperialistas». Eis, em realidade, o que este país fez pelos seus amigos, na paz e na guerra

LOGO DEPOIS que entramos na Primeira Guerra Mundial, o Presidente Wilson chamou-me à Casa Branca para tomar parte numa discussão sobre a escassez de combustiveis que ameaçava, seriamente, o êxito dos nossos planos militares. Um dos presentes propôs a ocupação dos campos petrolíferos mexicanos de Tampico. A réplica do Presidente Wilson foi enérgica e pronta:

—O que o sr. nos propõe é exatamente o que condenamos quando feito pela Alemanha. O sr. diz que esse petróleo do México é necessário à nossa segurança. Os alemães invadiram a Bélgica porque «era necessário» chegar à França. Os senhores terão que se empenhar na luta apenas com o petróleo de que dispomos.

Recordei-me, recentemente, dessa reação do presidente dos Estados Unidos ante a tese totalitária de que «a necessidade é a lei», ao pensar na injustificavel difusão que se vem fazendo do conceito de que os Estados Unidos são «ávidos de dinheiro» e «imperialistas», preocupados, exclusivamente, com o engrandecimento nacional e os proventos materiais. Ante o contraste das suas cidades devastadas com a prosperidade das nossas, muitos europeus acreditam que nos tenhamos beneficiado durante a guerra e, imensamente mais, depois de findas as hostilidades. Chegam muitos ao ponto de encarar a nossa ajuda atual como uma obrigação para compensar os prejuizos por eles sofridos em defesa da causa comum.

Os paises que, na ilusão de que os Estados Unidos se enriqueceram na guerra, confiarem na ajuda norte-americana, expor-se-ão a desilusões trágicas, capazes de destruir até mesmo as esperanças de união duradoura das nações livres. Afim de evitar futuros dissabores ao «Tio Pão-Duro»,

deveríamos precisar, agora, de uma vez por todas, o que foi a contribuição norte-americana para a guerra e para a paz. Os fatos aquí assinalados não visam empanar o que fizeram as demais nações mas, tão somente, proporcionar uma compreensão mais ampla não só da magnitude como do espírito que guiou a nossa contribuição.

A caricatura dos Estados Unidos mais divulgada no estrangeiro é, provavelmente, a do Tio Sam a distribuir dólares para que outros paises venham lutar por ele. Gastamos a nossa fortuna liberalmente. Mais de metade das munições empregadas pelos Aliados levavam estampada a marca «*Made in U.S.A.*». Nossas despesas militares, de 330 bilhões de dólares, excederam as da Grã-Bretanha e as da Rússia, reunidas. Entretanto, a essa produção fabulosa e ao copioso jorro de dólares seguiu-se a nossa participação integral na luta.

Embora os Estados Unidos tenham sido levados à guerra mais de dois anos depois dos ingleses, as baixas americanas excederam as de todo o Império Britânico. Das 90 divisões que desabaram sobre a Europa Ocidental 61 eram americanas. Os desembarques iniciais em quase todas as ilhas do Pacífico foram feitos por americanos, ajudados por bravos, embora reduzidos, contingentes de australianos, neozelandeses e filipinos.

Fazer ambas as coisas—produzir armamentos e empregá-los nas frentes de batalha—foi a nossa decisão, desde o princípio. Deixai-me precisar bem esse ponto. Nos primeiros meses de 1943, manifestou-se no Congresso norte-americano o que os correspondentes em Washington costumavam chamar «revolta»: um numeroso grupo de parlamentares pugnou ardorosamente pela redução dos efetivos do Exército, que se planejava elevar a 10.800.000. Alguns estatísticos do governo conseguiram demonstrar que seria impossivel convocar os 4.400.000 homens necessários para alcançar aquele total, sem sacrificar a produção, já projetada, de navios, canhões e aeroplanos.

O Presidente Roosevelt nomeou uma comissão especial de «mobilização de guerra» para examinar o problema. Fui um dos membros dessa comissão.

Em duas palavras, o problema se resumia em saber se deveríamos dar prioridade à luta ou à produção. A comissão decidiu que as forças armadas deveriam receber os contingentes humanos que se fizessem necessários à execução integral das ofensivas militares aliadas. Se indispensavel uma escolha, que se sacrificasse a produção.

Contudo, a maioria da comissão achou que o país podia desenvolver ambas as coisas, o que foi feito. Apesar de termos então 14 milhões de homens e mulheres mobilizados, chegamos a produzir 60 por cento de todas as munições aliadas. Foi esse o espírito que orientou a nossa participação na guerra.

As contribuições enviadas aos nossos aliados durante as operações montaram a 50 bilhões de dólares, dos quais 10 bilhões foram descontados a

título de indenização por fornecimentos ou serviços prestados pelos mesmos às forças norte-americanas. Para uma nação que, segundo seus detratores, se inspira apenas em finalidades egoistas, desprezamos, de maneira notavel, as oportunidades que tivemos de obter compensações materiais como pagamento dessa astronômica assistência. Nada regateamos, nem mesmo quando a situação dos ingleses e russos se afigurou quase insustentavel. Mobilizamos todos os nossos recursos sem cogitar de indenizações ou vantagens no após-guerra.

Qualquer presunção de que a guerra aumentou o volume físico da riqueza americana se dissipará ante o simples cotejo das nossas importações e exportações durante o conflito. Entraram nos Estados Unidos 106 milhões de toneladas de mercadorias de todos os tipos e sairam nada menos de 268 milhões. A diferença representa uma das medidas físicas da nossa contribuição à guerra. Os 5 bilhões e 800 milhões de barrís de petróleo extraidos do solo americano dariam para manter em movimento todos os automoveis do país durante doze anos.

Nenhum pagamento recebemos, praticamente, pelo que enviamos ao exterior. A quase totalidade se destinou às forças norte-americanas ou, a título de donativos, às aliadas. O que importamos, pagamos em dólares. A nossa dívida pública quintuplicou. Em 1939, os impostos absorviam um dolar de cada 13 da renda nacional; hoje, o cidadão norte-americano paga, em média, um dolar de cada quatro que recebe. Apesar de tudo, o povo dos Estados Unidos continuou a ajudar o mundo, no após-guerra, com empréstimos e donativos: 21 bilhões para a UNRRA, o empréstimo britânico, os créditos para compras de «sobras» de guerra, e o Plano Marshall. Só para a Europa, no ano passado, cidadãos norte-americanos enviaram, particularmente, mais de 23 milhões de pacotes, alem de 120 milhões de dólares em remessas a parentes e amigos e 250 milhões por intermédio de associações particulares de socorro.

Em vão se procurará na história da humanidade exemplo igual de generosidade. Entretanto, para alguns críticos, tanto no estrangeiro como no país, trata-se, apenas, de um plano delineado para «explorar» e «escravizar» o mundo!

Cerca de um quarto do que enviamos ao exterior, nos termos da Lei de Empréstimos e Arrendamentos,—no valor de 11 bilhões de dólares—destinou-se à União Soviética. Uma vez, porem, que o governo soviético se dispôs a tachar essa ajuda de «secundária», será oportuno mencionar, aquí, alguns fatos, a saber:

Nosso objetivo principal foi o de suprir a Rússia em suas deficiências mais críticas, como em aeroplanos para vôo noturno, que os Sovietes não produziam, e gasolina de aviação, cuja produção, naquele país, era insignificante. As 1.981 locomotivas e os 3.786.000 pneumáticos que enviamos à Rússia representavam mais locomotivas e pneumáticos do que os Sovietes jamais haviam produzido, em um

ano, antes da guerra. Os russos fabricavam, anualmente, 200 mil caminhões; nós lhes mandamos 375 mil. Não devemos esquecer, ainda, que estimulamos consideravelmente a capacidade produtiva da Rússia, enviando-lhe maquinaria no valor de 500 milhões de dólares e mais dois bilhões e meio em matérias primas industriais, como chapas de blindagem, alumínio, cobre e zinco.

Sem as locomotivas e caminhões norte-americanos e outras contribuições, como sejam 52 mil *jeeps*, 35 mil motocicletas, 415 mil telefones de campanha, 15 milhões de pares de botas militares e 4 milhões de toneladas de alimentos, o Exército Vermelho jamais teria alcançado o grau de mobilidade que constituiu uma das suas superioridades militares sobre os alemães.

Em nada diminui a nossa admiração pela incomparavel valentia e vigor do povo russo o dizer que ele combatia «com um pé dentro de casa», ao passo que nossas ofensivas exigiam, antes, o salto sobre dois oceanos. Nove dias após desembarcarmos na Normandia, a 3 mil milhas dos Estados Unidos, iniciávamos o assalto às ilhas Marianas, a 6 mil milhas das nossas bases continentais. A nossa capacidade de empreender, simultaneamente, operações dessa envergadura em dois extremos do mundo ainda não deixou de constituir, para mim, motivo da mais irrestrita admiração. Dentre todos os beligerantes, apenas os Estados Unidos lutaram, efetivamente, uma guerra global.

Para vencermos a paz global, precisaremos recuperar os três elementos que nos permitiram triunfar na guerra global.

O primeiro foi a produção. Em todos os setores, assinalamos novos recordes. Com menos braços, elevamos de um terço a nossa produção agrícola. Das linhas de montagem do nosso «arsenal da democracia» sairam, durante os cinco anos de guerra, 300 mil aeroplanos, 319 mil peças de artilharia de campanha, 64.500 lanchões de desembarque, 52 milhões de toneladas de navios mercantes—três navios por dia. A Marinha cresceu de 1.900.000 toneladas para 13.800.000, tornando-se maior do que todas as demais frotas do mundo, reunidas.

Acredito que se os Estados Unidos produzirem para a paz tal como o fizeram para a guerra, isto é, integralmente, sem greves ou outras interrupções, os alicerces da estabilidade econômica do mundo poderiam restabelecer-se em dois anos.

O segundo ingrediente da vitória global residiu no fato de termos adotado uma estratégia global—elemento de cuja falta se ressente a nossa luta pela paz. Demasiados compromissos por nós assumidos tendem a enfraquecer-nos. A paz não poderá ser alcançada pela dispersão, ou mesmo divisão da força norte-americana. Nós e os nossos aliados devemos fortalecer-nos juntos, mobilizando não apenas os recursos dos Estados Unidos mas os de todos os povos livres.

O terceiro fator que tornou possivel a nossa aventura global durante a

guerra consiste no que Woodrow Wilson nos descreveu como «a mais alta forma de eficiência. . . a cooperação espontânea de um povo livre.»

Por duas vezes em minha vida, presenciei a transformação dos Estados Unidos, país pacífico, com horror à guerra, no mais terrivel instrumento de destruição. Mas o vi recuperar, ainda mais rapidamente, a sua «normalidade» confortavel e anti-militarista. Não é por acaso que os norte-americanos assim procedem.

A mais poderosa mola dessa metamorfose é a paixão americana pela liberdade, acrescendo que a guerra representa o oposto do nosso sistema normal de viver e conviver.

Há cem anos os marxistas proclamam que o capitalismo é levado à guerra pela sua própria natureza, pela fome insaciavel de lucros e mercados. Em verdade, porem, nas condições em que se agita o mundo moderno, nenhum sistema econômico poderá considerar-se mais propício à paz do que este, baseado na iniciativa privada, em que os indivíduos procuram alcançar os proventos materiais e a felicidade à margem da ação estatal.

O requisito indispensavel da guerra moderna é a ditadura, com o controle governamental sobre todas as fases da atividade econômica. Tanto o comunismo como o fascismo preferiram os canhões à manteiga, ou seja, a anteposição dos fins políticos do Estado à elevação do nivel de vida das populações. São, ambos, sistemas de perene mobilização para a guerra.

Somente os perigos extremos nos levam a aceitar as restrições à liberdade que a mobilização implica. Quando vamos à guerra, o fazemos para afastar o perigo que impôs tal mobilização e afim de que possamos, depois, voltar aos nossos hábitos livres e individualistas. Lutamos, não para nos implantar em plagas estrangeiras, mas para regressar tranquilos aos nossos lares; não para impor aos demais a nossa vontade, mas para assegurar o direito de continuarmos a decidir dos nossos próprios destinos.

Ante essa atitude, fielmente observada em dois conflitos mundiais e nos períodos de após-guerra, nada mais injusto do que acusar os Estados Unidos de «imperialistas». Acusações dessa índole só podem provir da malícia, ou da incompreensão do sistema norte-americano. Vale notar que a propaganda de «avidez imperialista» espalhada contra nós é sempre conjugada no tempo futuro. Atacam-nos, não pelo que fizemos, mas pelo que se alega que faremos. Nas duas guerras mundiais, que proveitos de ordem material obtivemos de outros povos, para o nosso próprio enriquecimento?

As poucas ilhas do Pacífico sob nosso controle fazem, hoje, parte de um sistema defensivo sobre o qual repousa a segurança de todos os povos amantes da paz. Economicamente, tais ilhas constituem um onus.

Não pensem que advogo para os Estados Unidos o conceito de perfeição. Temos cometido erros. Mas, através dos anos, na maioria dos casos, o espírito que nos guiou foi o de Woodrow Wilson, ao recusar-se a ocupar

os poços petrolíferos do México. Com esse mesmo espírito, nós e os ingleses respeitamos a neutralidade da Irlanda durante a última guerra, embora a impossibilidade de usar as bases da costa irlandesa nos tivesse custado caro, em vidas e navios. Poder-se-ia apontar, ainda, a independência que demos a Cuba e às Filipinas; nossos esforços pela manutenção da integridade territorial da China; nossa tentativa de tornar a doutrina da auto-determinação dos povos uma das pedras angulares da paz. Somos, ademais, campeões da causa dos governos populares contra o velho dogma de que os povos devem ser confiados à benevolência ou à tirania das elites dominantes.

O sistema norte-americano não nos conduziu à perfeição. Mas conduziu o povo, em sua procura da felicidade, mais longe do que qualquer outro sistema. Mais importante do que os benefícios materiais é a faculdade do povo de mudar o que entender, revogar leis, destituir funcionários, taxar o rico, amparar o pobre. Quando o Estado se torna policial, o povo perde a faculdade de traçar o seu próprio futuro.

A igualdade perante a lei, e as transformações dentro da lei, constituem o verso e o reverso da medalha norte-americana. Não poderíamos oferecer à humanidade contribuição mais valiosa do que a demonstração de que esses princípios sobreviverão como a «última das melhores esperanças no mundo».

Ecos de Hollywood

AL JOLSON, o veterano astro do palco e da tela, narra o que sucedeu durante uma viagem de automovel em companhia de sua jovem esposa, que conta apenas 21 primaveras. Ao fazerem uma parada para tomar gasolina, a sra. Jolson saiu a pé, pela estrada, para desentorpecer as pernas.

—Bonita filha tem o senhor, disse a Jolson o rapaz que o atendia.

—Filha? fez Jolson com espanto. Não vê você que sou velho demais para ter uma filha tão moça? Ela é minha mulher.

—Leonard Lyons

QUANDO Alfred Hitchcock confessou a um magnata do cinema que em verdade não costumava ver muitos filmes, o chefão perguntou-lhe com toda a sinceridade: «De onde tira então as suas idéias?»

—Do *Albertan*, de Calgary

Argúcia dos animais

Comunicações verídicas, selecionadas por

Alan Devoe

de colaborações dos leitores

UM DRAMA NA PLANÍCIE

CERTA VEZ, ia eu caminhando pela relva grosseira da planície no noroeste dos Estados Unidos quando quase caí num buraco feito por alguem que começara a cavar alí um poço. Deiteime de bruços para examinar a escavação, que teria uns cinco metros de profundidade. Ao longo da parede havia um talho em espiral, de uns trinta centímetros de fundo, o qual começava meio metro abaixo da borda e descia, circundando a parede do poço. Meus olhos, cheios de curiosidade, seguiram aquele corte até a escuridão do fundo. Afinal vislumbrei o corpo de um coiote morto.

Uns momentos de observação e conjetura me fizeram compreender o drama silencioso que alí se passara. O talho em espiral não tinha sido aberto de cima para baixo, mas, sim, na direção oposta. Prisioneiro daquele fojo, o coiote recorrera ao único meio possivel de escapar, construindo aquela rudimentar escada espiral. Lutando desesperadamente, agoniado, cavara aquela subida, na ânsia de galgar a borda. Os inúmeros sinais de arranhaduras, feitas com as patas, indicavam as horas sem conta, talvez dias, de trabalho insano. E então, já quase vitorioso, teria errado quanto à sua própria força, e, saltando para se agarrar à beira do poço, caira ao fundo, morrendo na queda. Ou talvez fosse a fome que suprira a nota final da tragédia. Nunca se saberá ao certo. Mas, tambem, quem poderá precisar o grau de astúcia que levou aquele lobo a esse recurso de engenharia quase humana, que por um triz o levava ao triunfo?

—Orris Dorman

«SENSATEZ» EQUINA

NO DESERTO de Nevada, meu pai estava quase morto de calor e sede, quando chegou por fim a um pequeno poço; este, porem, se achava cercado de traiçoeira areia úmida, que lhe sugava os pés a cada passo. Era-lhe impossivel aproximar-se da água.

Nessa altura, apareceu, do lado oposto do atoleiro, um dos cavalos selvagens do deserto, evidentemente à procura de água. Mas como? Meu pai pôs-se a observá-lo atentamente.

Devagarinho, todo cauteloso, o cavalo começou a avançar sobre a areia gulosa. Foi-se adian-

tando até começar a afundar, a cada passo, e avançou assim até certo ponto, alem do qual sentia ser perigoso prosseguir. Voltou ao ponto de partida e ficou esperando. Pouco a pouco, a água começou a filtrar para dentro dos buracos feitos por suas patas. Aí o cavalo avançou outra vez sobre seus próprios rastros, e bebeu calmamente a água de cada uma das poças...

Escusado é dizer, meu pai matou a sede pelo mesmo método.

—Helen J. Tanne

INSTINTO DE DEFESA

UM DIA fiquei estarrecida ao ver que uma grande cobra seguia dois esquilos até a cova habitada por estes. Mas, dentro de alguns momentos, os esquilos escapuliram por um buraco superior que lhes servia de saida. Em vez de correrem, como eu esperava, fugindo à serpente, eles começaram imediatamente a agir contra o inimigo.

Um dos esquilos correu para o buraco de saida, e ambos se puseram a escarvar furiosamente o terreno e a empilhar terra sobre os buracos, até fecharem os dois completamente. Durante alguns minutos, bateram a terra com as patinhas, para que ficasse bem socada. Deixando a cobra soterrada, foram-se os dois, e não mais os vi.

—Sra. Don Howard

A ATRIZ Mary Boland entrou precipitadamente numa chapelaria *chic* para comprar um chapéu novo.

—Que tal um em estilo marinheiro? sugeriu-lhe o proprietário.

—Ótimo! replicou a atriz. —Mas, acrescentou, —não acha que o de um almirante reformado assentaria melhor com o meu tipo?

—Erskine Johnson, NEA

UM ESCRITOR de peças cinematográficas, recem-chegado de uma viagem, fechou-se numa cabina de telefone para falar com a namorada. Momentos depois saiu da cabina, com uma expressão de espanto.

—Ela vai-se casar, comunicou a um amigo que o esperava.

—E daí? disse-lhe o outro. —Há muita garota neste mundo...

—Eu sei, replicou o escritor. —Mas é comigo que ela vai casar.

UM FAMOSO astro da tela estava jantando com uma jovem, e alguem inquiriu quem era a pequena.

—É a esposa dele, foi a explicação.

—Esposa dele? exclamou o outro, assombrado.—Puxa! Que boa propaganda!

—Earl Wilson, no *New York Post*

O cientista que descobriu como introduzir vitamina D em abundância nos alimentos iniciou na Universidade de Wisconsin uma série de pesquisas para salvar vidas

A vitamina que acabou com o raquitismo

Por Paul de Kruif

ATÉ HÁ POUCO mais de 20 anos, centenas de milhares de pais se sentiam aflitos ante a debilidade, o crescimento lento e a ossatura torta dos seus filhos—vítimas do raquitismo que, através das eras da humanidade, sempre fora uma doença comum da infância. Depois, milagrosamente, essa praga começou a desaparecer. Hoje, é quase desconhecido nos Estados Unidos o raquitismo infantil.

Entre os vários cientistas que merecem ser imortalizados por essa conquista de medicina, um se destaca. É Harry Steenbock, da Universidade de Wisconsin. Na década seguinte a 1920, Steenbock estendia, literalmente, as mãos para o sol, no seu sonho de extirpar o raquitismo, pois a doença muitas vezes tinha consequências piores do que impedir o crescimento normal dos ossos. Os bebês raquíticos estavam sujeitos a convulsões; teriam eles para toda a vida uma dentadura defeituosa; os ossos da pelvis se deformariam ao ponto de, nas mulheres, dificultar a reprodução ou mesmo torná-la mortal. O bebê raquítico era facil presa da pneumonia, que ceifava inúmeras vidas.

Sabia Steenbock que a enfermidade era causada pela deficiência de uma vitamina, necessária para regular o metabolismo do cálcio e do fósforo no corpo humano. O alimento comum contem, entretanto, uma quantidade infinitésima dessa vitamina.

Já em 1920, e nos anos seguintes, existiam preventivos e curas para o raquitismo, mas nenhum que fosse realmente prático. Os pescadores conheciam, havia tempo, a maneira de fortalecer o esqueleto dos filhos, dando-lhes óleo de fígado de bacalhau; esse produto tinha, porem, mau sabor, era caro, e sua eficácia não era sempre a mesma. Onde o sol brilha forte, é raro o raquitismo nas crianças. Mas nas zonas temperadas o sol, mormente no inverno, pouco pode fazer. E nas cidades anuviadas de fumaça? Os mé-

dicos descobriram que poderiam fortificar os ossos das crianças mal-nutridas expondo-as a lâmpadas de raios ultravioletas, os quais se encontram na luz solar. Mas quantos pais podem comprar esses aparelhos mágicos?

Steenbock «enlatou», então, o sol. Para chegar a essa realização, perseverou no seu laboratório durante 16 anos, trabalhando com milhares de ratos brancos sãos, de olhos vivos, e com ratos doentes, de olhos reumosos. Durante muitos anos, parecia não conseguir progresso algum. Um dia, porem, uma experiência que se lhe afigurava improvavel abriu-lhe o caminho para o êxito.

Steenbock soube do trabalho de uma cientista inglesa, Margaret Hume, a qual descobrira que, se num jarro de vidro, cuja parede interna houvesse sido irradiada com raios ultravioletas, pusesse filhotes de ratos enfezados pela má nutrição, os mesmos começariam a crescer. Ela pensou que a irradiação emprestasse ao ar um efeito mágico, visto que, expelindo o ar do jarro com um sopro logo depois da irradiação, desaparecia o fator determinante do crescimento.

Para Steenbock, isso se afigurava desarrazoado. Talvez ao soprar no jarro ela tambem expelisse o alimento, o qual era substituido por outro, não irradiado.

Parecia fantástico. Podiam os alimentos retirar da luz ultravioleta o poder de promover o crescimento? Steenbock expôs durante dez minutos rações de milhete, que não concorre para o crescimento do rato, à luz espectral da lâmpada solar. Depois, deu essa ração irradiada a um grupo de crias de rato, enquanto alimentava outro grupo com rações não irradiadas. Entre essas duas dietas, a química não descobriria a menor diferença.

Em poucas semanas, os ratos nutridos com o milhete irradiado triplicaram de peso; os outros, alimentados com milhete não irradiado, não cresceram nada. Aproximava-se então Steenbock de um descobrimento de grande importância. Ainda a outro grupo de ratos, deu ele uma dieta que não somente impediria o crescimento, como até produziria o raquitismo.

Em seguida, irradiou tal ração com raios ultravioletas. Isso curou o raquitismo. Conseguira «enlatar» o sol!

Alimentos ricos em cálcio—tais como aveia, farinha de trigo, leite—porem incapazes de ceder o cálcio à ossatura das crianças sem o auxílio da vitamina D, foram irradiados com a lâmpada mágica, como tambem o foram todos os alimentos básicos aos quais faltasse essa vitamina.

Qual era o fator, existente em certos alimentos, que os raios solares podiam transformar em vitamina D, que impede o raquitismo? Uma substância química, o ergosterol. Um grama de ergosterol puro, irradiado, adquiriu poder preventivo equivalente ao de 20 toneladas de óleo de fígado de bacalhau! Aí estava uma descoberta original, tão básica como decisiva na história da química.

Um fabricante de cereais próprios para o desjejum ofereceu a Steenbock 900 mil dólares pelo direito de usar a

descoberta. O cientista se havia, porem, dedicado à cruzada de proporcionar melhores ossos a todas as crianças do mundo. Recusou, portanto, a oferta e, por conselho do dr. C. T. Slichter, diretor de uma das escolas da Universidade de Wisconsin, projetou fundar a Wisconsin Alumni Research Foundation (fundação para pesquisas científicas patrocinada por ex-alunos da Universidade de Wisconsin).*

Essa nova organização, destinada a tornar a ciência auto-suficiente, do ponto de vista econômico, era administrada por nove ilustres diretores dedicados ao bem público, todos antigos alunos da Universidade de Wisconsin. As porcentagens relativas às licenças de exploração industrial das patentes de Steenbock seriam aplicadas para beneficiar a humanidade, criar e aperfeiçoar máquinas, patentear novas invenções, e prover fundos para novas pesquisas na Universidade.

Desde o seu início, em 1925, a Fundação foi assediada com pedidos de licenças para explorar as patentes de Steenbock, tendo sido concedidas mais de 400 licenças. Entre as indústrias agraciadas, contavam-se algumas de laticínios, de cereais, de farinha, de panificação, de alimentos maltados, de cápsulas multivitamínicas, e de rações para aves, suinos e gado.

A Fundação foi, igualmente, solicitada a conceder licença para a irradiação (puramente para fins de propaganda comercial) de lençóis, goma de mascar, restauradores de cabelo, doces e uma dúzia de outros produtos que não possuiam nenhuma substância química que pudesse ser transformada em vitamina D. Foram todos negados, se bem que, por esse meio, a renda da Fundação pudesse ter sido imensamente aumentada.

Tão grande era a ansiedade do público para satisfazer à falta de vitaminas D para as crianças, que a Fundação teve extraordinário êxito financeiro desde o começo. A taxa extremamente módica, cobrada aos concessionários, produziu grandes rendas em razão da enorme quantidade de alimentos e de ergosterol que se irradiava. Em 1936, a renda anual da Fundação já passava de um milhão de dólares.

Steenbock reconheceu, com o maior escrúpulo, a sua responsabilidade perante o público. Insistiu em que a Fundação assumisse a obrigação de fiscalizar os concessionários, para que os alimentos declarados irradiados contivessem a quantidade de vitamina D suficiente para promover o crescimento dos ossos. Não existiam então normas para essa vitamina. Steenbock estabeleceu-as, e a Fundação construiu um laboratório para determinar, mediante experiências em ratos, se os produtos preveniam ou curavam, realmente, o raquitismo. Para isso, a Fundação gastou mais de quinhentos mil dólares.

Os diretores da Fundação deram o máximo apoio a Steenbock, no seu

*Nota da Redação: Se certas afirmações neste artigo colidirem com outras feitas em Seleções de maio de 1948 relativamente à Fundação, é porque, após novas investigações, a redação considera que o presente artigo expõe corretamente os fatos referentes ao assunto.

sonho de introduzir a vitamina D no alimento de todos os bebês, e a um custo que estivesse ao alcance da mãe mais pobre. Por exemplo, a taxa fixada para o leite evaporado e irradiado com vitamina D era de 1/32 de centavo de dolar, por lata, quantia paga pelo próprio fabricante. Ao mesmo tempo, a Fundação patrocinou uma ampla campanha de educação, explicando às mães e aos médicos a necessidade dessa vitamina, e comunicando-lhes que a mesma estava ao seu dispor.

Sempre, desde que a Fundação começou a servir ao povo, tem havido produtos licenciados em abundância, contendo vitamina D, sem aumento algum do preço no varejo. As indústrias classificam o custo de irradiação como despesa de publicidade.

A Fundação tambem concedeu licenças a indústrias de produtos farmacêuticos para fabricar a vitamina D. Em 1934, a taxa que o consumidor teria pago pela vitamina necessária a uma criança para um ano era apenas de 24 centavos de dolar. Em 1937, essa taxa foi reduzida voluntariamente a 12 centavos, e em 1942 a *1,6 de centavo*.

Já em 1941 o dr. Philip C. Jeans, renomado pediatra da Universidade de Iowa, declarou que era quase impossivel encontrar nos Estados Unidos um caso de raquitismo infantil, com o qual ele pudesse fazer demonstrações nas suas aulas de medicina. Foi uma conquista da saude pública, tão completa como qualquer outra que registra a história.

Sem embargo desses fatos, o sr. Wendell Berge, do Ministério da Justiça* dos Estados Unidos, acusou, em 1945, a Fundação de haver violado as leis contra os trustes. Perante uma comissão do Senado, em conferências e num livro, o sr. Berge descreveu a Fundação como um monstro de coração de pedra, que, visando apenas o seu próprio lucro, denegava o cálcio para os ossos das crianças. «A Fundação e os seus concessionários,» acusou ele, «mantinham, sem remorso, tão elevados os preços da vitamina D, que o seu uso ficava praticamente restrito aos que dela tinham menos necessidade.»

O sr. Berge não disse, porem, que os *mais* necessitados de vitamina D já raramente tinham raquitismo. Se bem que o raquitismo predomine entre as crianças pobres, poucos casos se registravam entre as crianças pobres dos Estados Unidos, fato que se observava anos antes de iniciar o sr. Berge seus ataques contra a Fundação.

Em última análise, a descoberta de Steenbock poderá trazer benefícios que ultrapassarão mesmo a conquista do raquitismo. A renda proveniente das invenções de Steenbock fez da Universidade de Wisconsin um dos maiores centros de pesquisas do mundo. Conrad Elvehjem descobriu alí o poder da nicotinamida, que «ressuscita» os que estão aparentemente condenados pela pelagra; E. B. Hart provou que o cobre, assim como o ferro, é necessário para abolir a desvitalizante anemia secundária; Karl Paul Link

*O sr. Berge aposentou-se posteriormente.

transformou com êxito o dicumarol (que no trevo-de-cheiro, deteriorado, é um veneno para o gado) em um medicamento util no combate às moléstias cardíacas que afetam a coronária; Myron Backus e John Stauffer criaram o famoso bolor Q 176, que aumentou consideravelmente a produção de penicilina; Frederic E. Mohs inventou o tratamento químico-cirúrgico do cancer superficial com que se curam muitos doentes antigamente desesperançados. Se não fosse a Fundação, talvez não tivesse sido possivel realizar tantas descobertas salvadoras.

A Fundação é uma nova entidade social para restituir ao público, multiplicados um milhão de vezes, os resultados das pesquisas praticadas com as suas verbas. Ela não controla de maneira alguma as investigações científicas da Universidade, embora lhe conceda uma média de 400 mil dólares anuais. Esse dinheiro é confiado à Comissão de Pesquisas do Corpo Docente da Universidade, cujos membros são, eles mesmos, pesquisadores ativos, estando, portanto, capacitados para selecionar os jovens mais promissores.

Não é financiado plano algum, só por ter possibilidades comerciais.

Se um técnico levar a cabo um descobrimento de utilidade comercial, custeado por fundos da Fundação, poderá dedicá-lo à humanidade gratuitamente; patenteá-lo pessoalmente e ficar com os lucros; ou pedir à Fundação que se aproprie das suas patentes para o bem da ciência, recebendo ele 15 por cento do valor das licenças.

Esta última estipulação foi preconizada pelos diretores a despeito da oposição decidida de Steenbock. George I. Haight, presidente da Fundação, e William S. Kies, um dos diretores, acreditavam que a Fundação devia estabelecer o princípio de remuneração razoavel para o inventor, tal como sucede no mundo comercial.

«O dr. Steenbock queria que a Universidade ficasse com toda a renda,» diz o sr. Kies. «Mas predominou o nosso ponto de vista, de que um descobridor deve perceber uma recompensa financeira, depois de haverem sido cobertas as despesas ocasionadas pela patente.»

Depois que os pagamentos ao dr. Steenbock subiram aproximadamente a 750 mil dólares, em 1942, ele recusou qualquer outra remuneração, e as importâncias que rejeitou foram depositadas num fundo especial para pesquisas, que já passa de 810 mil dólares.

Steenbock considera-se verdadeiramente recompensado ao contemplar as realizações dos jovens e entusiastas pesquisadores em Wisconsin. «Eles estão conseguindo o que eu queria fazer,» diz ele, «mas o estão fazendo melhor.»

Retalhos do drama cotidiano

A coroa do velho Hank

Ezra M. Cox

SOU DIRETOR de uma agência funerária. Tenho visto enterros de todos os tipos: de poderosos e humildes, de ricos e pobres. Mas nenhum chegou a comover-me como o do «velho Hank», o homem mais desprezado da região.

Um dia, o prefeito de uma cidade próxima comunicou-me que o velho Hank morrera. Poderia eu encarregar-me de todo o serviço? O enterro seria muito concorrido, pois havia muita gente que teria satisfação em vê-lo sob sete palmos de terra.

Hank vivera, durante muitos anos, numa cabana solitária, tendo por únicos companheiros cinco ou seis cães vadios. Cercara bem o seu terreno e não permitia a entrada de ninguem. Uma vez por semana, vinha à cidade comprar alimentos e embebedar-se. Era profano e brigão. Todas as tentativas de persuasão terminavam em insultos e rixas. Um por um, os habitantes da cidade se foram voltando contra o infeliz, que ficou conhecido como o homem que todos odiavam.

Hank não era religioso, mas, de acordo com a praxe, pedí a um pastor que oficiasse a cerimônia. «Não vai ser facil para o sr.,» disse-lhe eu. «Não há muito que dizer de bom sobre o velho Hank. Bastará que o sr. leia uma página das Escrituras e nós o enterramos logo.»

O sacerdote, alma generosa, replicou-me não ter conhecido um degenerado, sequer, que não tivesse um lado bom.

No dia seguinte, almoçamos juntos no restaurante local. Falamos com a proprietária sobre o velho.

—A sra. saberá de alguma coisa boa, a respeito dele? perguntou o ministro.

A mulher, a princípio surpreendida pela pergunta, denotou logo uma expressão suave.

—Muito me alegra que o sr. me tenha perguntado isso, respondeu. —Agora, já posso contar o segredo do velho Hank.

Tirando uma caixa, escondida sob o balcão, continuou:

—Durante muitos anos, o velho comeu aqui, quando fazia a sua visita semanal à cidade. Todas as vezes, deixava comigo algum dinheiro para que eu fosse guardando afim de comprar presentes, no Natal, para as crianças pobres. Veja, há quase 40 dólares. Ele sempre inteirava cinquenta, no Natal.

O edifício da Prefeitura, naquela tarde, estava repleto de curiosos. O sacerdote pediu que os alunos da escola fronteira fossem dispensados, para assistir ao funeral. E, quando chegaram as crianças, encaminhou-se para o caixão e iniciou o serviço fúnebre mais estranho que já vi em minha vida. Disse mais ou menos o seguinte:

«Hank, aquí viemos para enterrar-te. Há muita gente, mas são bem poucos, os que lamentam tua morte. O teu caixão está nu, pois ninguem teve o gesto de colher nem mesmo algumas flores silvestres para enfeitá-lo. Mas, meu caro Hank, eu jamais enterrei alguem sem um tributo floral e tu não serás o primeiro. Tu tens, afinal de contas, alguns amigos aquí presentes —embora eles nunca te tivessem conhecido.»

Voltou-se, então, para as crianças, e perguntou quais as que haviam recebido, no Natal, presentes enviados por um «amigo desconhecido». Deveriam lembrar-se bem, pois os presentes levavam preso um envelope cheio de niqueis. Algumas crianças levantaram as mãos. O pastor pediu que se aproximassem.

Um murmúrio de surpresa percorreu o auditório quando 21 crianças subiram para perto do caixão. Disse-lhes, então, o ministro que o velho Hank era o «amigo desconhecido». Pediu-lhes que se dessem as mãos e fizessem uma roda à volta do caixão. «Hank,» prosseguiu ele, comovido, «tu tens de fato alguns amigos aquí, mas eles não te conheceram a tempo de trazer-te flores. Em todo caso, formaram aquí a grinalda das mais belas flores que crescem no jardim de Deus —as crianças, às quais tu proporcionaste momentos de felicidade. Com este tributo, Hank, encomendamos a Deus a alma que Ele te deu. Amen.»

Compete ao agente funerário encarregar-se do serviço logo depois que o sacerdote pronuncia as palavras finais. Mas eu fiquei, nesse dia, largo tempo, chorando com os demais, a contemplar o belo tributo floral feito ao velho Hank—aquela coroa de crianças.

Estímulo às viagens

AS ESTAÇÕES de estrada de ferro, nas cidades pequenas, são em geral lugares tristes e desagradaveis. Não é o caso, porem, da estação de Fairlee, na Virginia, Estados Unidos. Tem um gramado em semicírculo, muito bem cuidado, com uma bela cerca de flores sobre um fundo de árvores simetricamente dispostas. Tem um bebedouro central para pássaros e numerosos viveiros.

Dentro da estação, tudo é impecavel. As janelas e lustres chegam a faiscar. Há plantas nas janelas, um aquário com peixes tropicais, algumas cadeiras confortaveis e uma grande mesa coberta de revistas e jornais, onde se pode ler ou escrever. É um exemplo edificante do que pode realizar um agente de estação enérgico e empreendedor.

—Colaboração da sra. Archie Ray

Novo material luminoso capaz de salvar vidas de muitas formas

Por

Myron M. Stearns

DIRIGINDO recentemente meu automovel pela Merritt Parkway, estrada ajardinada no Estado de Connecticut, notei uma coisa extraordinária: grandes sinais de trânsito, de côr verde escura com letras brancas, os quais, de noite, à luz dos faróis, apresentam letras pretas sobre um fundo prateado brilhante.

Esses sinais, segundo vim a saber, são recobertos de uma tela chamada Scotchlite; graças a uma miríade de pequenas contas de vidro, sobre um fundo de material plástico, ela reflete a luz com um brilho 150 vezes superior ao do esmalte branco. Um sinal de uns 30 cm x 30 cm pode ser iluminado pelos faróis a meio quilômetro de distância. Esse material pode ser cortado com tesouras comuns, à maneira do pano, e pode ser cosido. É fabricado em várias tonalidades de vermelho, azul, verde, dourado e prateado (alem de preto e branco), e não perde o brilho quando exposto às intempéries.

Por meio de camadas de pintura aplicadas engenhosamente, entre os refletores infinitésimos de vidro, um sinal que diz de dia «Velocidade máxima 65 km» pode dizer, de noite, «Velocidade máxima 40 km» sobre o mesmo fundo.

Há muitos anos vêm ocorrendo acidentes de cruzamentos de nivel, em colisões de automoveis com trens que atravessam estradas rurais à noite. Afim de dar aos motoristas melhor sinalização, a Great Northern Railway, nos Estados Unidos, instalou, no ano passado, letreiros de Scotchlite, com o nome da companhia e o seu emblema, em tamanho bem grande, em 500 novos vagões de carga. A New Haven Railroad está instalando Scotchlite em todos os cruzamentos de nivel, afirmando que isso lhe economizará, pelo menos, o custo de reparação de cancelas avariadas. Nos estados de Minnesota e North Dakota promulgaram-se leis que exigem a colocação de sinais refletores em todos os cruzamentos de nivel, no máximo até o fim do ano.

Dois anos atrás, um dos fotógrafos dos Laboratórios Scotchlite, voltando de automovel para casa uma noite, quase atropelou um pequeno ciclista em White Bear, no Minnesota. A sua narração do episódio numa reunião da Associação Comercial deu início a

uma campanha de sinalização das bicicletas com Scotchlite. Umas 250 bicicletas foram envoltas com fita de Scotchlite prateado, e, desde então, não se verificou um único caso de atropelamento de ciclistas naquela localidade. Hoje, o Scotchlite é exigido em muitas cidades norte-americanas, como requisito para a concessão de licenças para bicicletas.

Esse extraordinário material foi inventado há dez anos. Três engenheiros da Minnesota Mining and Manufacturing Company, fabricante de abrasivos, fita de celulose gomada, e vários outros produtos, procuravam produzir uma fita com poder refletor, que pudesse ser assentada como uma faixa branca no centro das estradas. Com pequenas contas manufaturadas na Tchecoslováquia, cobriram uma fita larga e pegajosa, que podia ser desenrolada sobre o pavimento. Descobrindo que o custo desse material para tal fim seria proibitivo, recearam que o seu trabalho fosse baldado. Alguem sugeriu, porem, que se colocasse a fita nos sinais de tráfego, que são tão difíceis de discernir à noite, como nenhum motorista ignora.

A idéia deu resultado. Tinham sido usados nos sinais, desde 1921, botões refletores, feitos de pedaços de vidro, mas os novos sinais de Scotchlite revelaram-se mais eficientes e mais econômicos.

Entre os melhoramentos introduzidos no Scotchlite figura uma camada de substância transparente, que separa as contas do material de fundo. Assim, as contas atuam como lentes, focalizando os raios perfeitamente sobre a superfície refletora. Fazendo contínuas experiências com diferentes espécies de vidro, a companhia hoje fabrica as suas próprias contas, algumas das quais são tão pequenas que ao tato parecem pó.

Quando os Estados Unidos entraram na guerra, toda a produção de Scotchlite foi reservada para sinais de tráfego militar, para marcar pistas de aeroportos e remos de botes salva-vidas, e para muitas outras finalidades mais complexas. Foi durante a guerra que se aperfeiçoou o Scotchlite de «ângulo aberto». Ao passo que o Scotchlite primitivo só brilhava quando a luz fosse projetada quase diretamente sobre ele, este novo tipo reflete a luz para a fonte desta, mesmo quando os raios luminosos incidem sobre o sinal com grande obliquidade.

Ao ser posto novamente ao alcance do público, o Scotchlite encontrou utilização generalizada. Foi instalado na traseira dos novos ônibus da Greyhound e de milhares de caminhões. Em St. Paul, as capas pretas de borracha dos bombeiros são marcadas com Scotchlite, de formas diversas segundo a função de cada equipe. Por meio dessa sinalização, o chefe da turma de bombeiros encontra o seu pessoal num instante, com o auxílio da lanterna de bolso.

Como meio de proteção à vida, usa-se o Scotchlite nas cadeiras de rodas dos paralíticos e nas bengalas dos cegos. Não há muito, uma frota de pescadores, fugindo de uma tempestade depois do escurecer, pôde al-

cançar um recôncavo numa costa traiçoeira graças a uma bóia da Guarda-Costas sinalizada com este novo material.

As companhias Pepsi-Cola, Ford, Nash, Chrysler e General Motors usam cartazes de publicidade de Scotchlite. Existe agora um tecido de Scotchlite para guarnecer luvas, bonés, jaquetas, capas de chuva, bolsas, etc. Um inspetor de trânsito em St. Paul pôs Scotchlite vermelho nas palmas das suas luvas e verde no dorso. Diz ele que é esplêndido para dirigir o tráfego noturno.

A antiga idéia de uma faixa colada no centro da rodovia, de que se originou o Scotchlite, voltou à baila, com referência a uma tinta cheia de contas diminutas, que vários fabricantes produzem atualmente. São necessários de quinze dias a um mês, para que uma faixa atinja o seu brilho máximo, que dura então quase um ano.

O Estado de Connecticut aplicou Scotchlite a todas as chapas de automoveis e caminhões, e a 90 por cento dos sinais de trânsito das estradas estaduais. Não se pode dizer que seja uma coincidência o fato de que o referido Estado tenha vencido, neste ano, o concurso nacional de segurança.

Paraiso das gorgetas

A CRESCENTE extensão do uso da gorgeta na União Soviética, onde teoricamente não deveria existir, é um dos fatos mais surpreendentes para o estrangeiro que vai observar um sistema segundo o qual a dignidade do trabalho, por mais humilde que seja, a todos iguala. Na Rússia, dá-se gorgeta aos empregados de todas as categorias que costumam recebê-la nos Estados Unidos e, mais, aos de algumas que, nos Estados Unidos, não as aceitariam. Porteiros, garções, carregadores, guarda-chapéus, arrumadeiras, barbeiros e manicuras—todos recebem gorgetas, e dos próprios russos. Naturalmente, conseguem menos dos estrangeiros recem-chegados, os quais imaginam que os cidadãos soviéticos considerariam insultuosa a oferta de uma gratificação. Os ascensoristas, em edifícios públicos, contam receber uma propina, e quem escreve estas linhas chegou a dar gorgetas aos guarda-chapéus no próprio Kremlin, por ocasião de uma recepção comemorativa da revolução proletária e da abolição de todas as distinções de classe. Atualmente, até os carteiros começam a estender a mão para as gorgetas.

—Harold Denny, no *Times* de Nova York

A ÚNICA tolerância neste mundo, que realmente merece esse nome, é a que se tem para com os intolerantes.

—Louis Paul, *The Pumpkin Coach*

Com liberdade de pensamento e ação pela primeira vez na vida, os moços e as moças do Japão buscam uma nova fé para substituir as convicções de ontem

Como pensa a nova geração japonesa

(*Condensado de «The Christian Science Monitor»*)

Russell L. Durgin

Tendo passado 23 anos a serviço da juventude japonesa como representante da Associação Cristã de Moços, Russell Durgin recebeu dos nipônicos este tributo notavel: embora sujeito ao regime de menagem em sua casa em Tóquio depois de Pearl Harbor, teve permissão para prosseguir em seu trabalho, com poucas restrições, até fins de 1942, quando se iniciou a evacuação da cidade. Atendendo a um insistente pedido do Departamento de Estado norte-americano, o sr. Durgin voltou ao Japão pouco após haver-se rendido o país, na qualidade de consultor especial junto às autoridades de ocupação. Atualmente é Secretário, no Japão, dos Serviços Mundiais da Associação Cristã de Moços.

NUMA lamacenta estrada no interior do Japão, dei condução no meu *jeep* a um rapaz das redondezas. Nossa conversa em breve versava sobre a guerra.

—Lamenta que ela tenha acabado quando acabou? perguntei.

Olhou-me surpreendido.

—Se lamento? Pois se fui piloto-suicida! Quem sobrevive não se lamenta...

—Que pretende fazer agora?

—Hoje vemos quanto do antigo era falso. Temos que apurar se o novo é verdadeiro.

O futuro, ainda incerto, da liberdade no Japão, talvez em toda a Ásia, depende do que a juventude japonesa descobrir nessa busca. Com a derrota de seu país, foi destruida a fé em que esses jovens haviam sido criados para viver e morrer. Hoje, procuram descobrir se, através da democracia, conseguirão encontrar o caminho de uma nova fé, mais digna de sua devoção.

Para facilitar essa busca, os jovens do Japão já se reuniram em Associações de Moços, em mais de nove mil

das dez mil aldeias do país. As autoridades de ocupação favoreceram esse movimento. Como representante do general MacArthur, avistei-me com os jovens líderes dessas Associações em trinta e uma das quarenta e seis províncias do Japão.

Na Província de Fukui, na costa ocidental do Japão, reunimo-nos num isolado mosteiro budista—eu e cem moços e moças japoneses. Muitos haviam vindo a pé—alguns mais de 40 quilômetros—vencendo lama e chuva, trazendo suas próprias rações escassas. A maior parte dos rapazes—o mais velho não contava 30 anos—era constituida de veteranos da guerra.

Ficamos sentados, horas a fio, no chão coberto de esteiras e eles me fizeram algumas perguntas—as mesmas, aliás, que ouvira dos jovens em todo o Japão: «Fomos iludidos por nossos antigos governantes. Que garantia temos de que não estamos sendo iludidos pelos novos?» E a interrogação mais frequente: «Que nos pode oferecer a democracia para substituir as convicções de ontem?»

Filhas de uma sociedade em que as esposas caminhavam humildemente a dois passos atrás dos maridos, as moças assistiram à primeira sessão sentadas num grupo silencioso, à parte. Mas não ficaram caladas por muito tempo e, antes do encerramento da conferência, uma jovem fora eleita vice-presidente da sucursal organizada na província.

Numa aldeia da Província de Hyogo, um jovem agricultor foi escolhido para assistir à primeira conferência nacional de aperfeiçoamento de líderes da Associação de Moços, realizada em Tóquio. Vários meses depois, eu o visitava em sua aldeia. Sob a velha ordem, era inexistente a liberdade de discussão e não se conheciam iniciativas espontâneas em prol do aperfeiçoamento individual. Com o ambicioso lema «Reconstrução do Japão Rural», esse jovem agricultor havia organizado 19 grupos autônomos e, na aldeia, um «Conselho da Mocidade», constituido de dois representantes de cada grupo. Os jovens haviam percorrido a região para obter livros suficientes para fundarem uma biblioteca na aldeia. Um grupo se comprometera a reparar pontes e estradas. Rapazes e moças faziam excursões e piqueniques juntos, rompendo com todos os precedentes.

Tendo, pela primeira vez, liberdade para pensar e agir por si, os jovens procuram locais adequados para suas discussões, debates e representações teatrais. Isso já assumiu as proporções de um movimento de amplitude nacional—o «Movimento em Prol de Auditórios Populares». Assisti às cerimônias de inauguração de um desses auditórios. Uma jovem havia organizado a mocidade da aldeia em sete clubes autônomos, de cuja diretoria—eleita—faziam parte representantes do sexo feminino. Os clubes concordaram sobre a necessidade de um local para reuniões da comunidade, instituiram um fundo para construções e conseguiram a adesão de pessoas de mais idade, vencendo o ceticismo destas. O edifício de cuja inauguração

participei não era pretensioso, mas assinalava o primeiro empreendimento democrático e cooperativo dos anais daquela aldeia.

O rompimento definitivo do Japão com o passado é evidente, sobretudo, no novo tratamento recíproco entre rapazes e moças. Nas eleições de 1946, as mulheres votaram pela primeira vez na história do país. Trinta e nove mulheres foram eleitas para a Dieta—quase a décima parte da totalidade dos parlamentares. Em Tóquio, uma obteve maior número de votos que qualquer outro candidato.

Comparecí a reuniões dos comitês nipônicos aos quais as autoridades de ocupação haviam confiado a obra de reformar o sistema educacional do país. Esses educadores, em sua maioria, eram conhecidos pela simpatia que votavam à democracia, e vários deles haviam sido educados no estrangeiro. Haviam sido perseguidos por suas crenças. Eram de opinião que a educação no país deveria ser mista. Antes da guerra, meninos e meninas frequentavam escolas separadas e usavam compêndios diferentes; a educação universitária era vedada às mulheres; em todo o Japão não havia um único setor onde rapazes e moças estivessem em plano de igualdade. Tendo presente tudo isso, sugerí que uma reforma tão revolucionária fosse aplicada gradativamente. Todos discordaram de mim. «A igualdade da mulher,» disseram, «é um princípio essencial da democracia. A educação mista é expressão vital desse princípio.» Em abril de 1947, a educação mista foi instituida no Japão, nos cursos primário e secundário.

Os jovens de ambos os sexos estão aprendendo a conviver uns com os outros não só no trabalho, como nas recreações. No Japão, antes da guerra, os jogos eram principalmente para os meninos e eram relacionados com o militarismo. Aliás, não havia em japonês palavra que significasse «recreação».

Já hoje, os bailes, outrora proibidos, gozam de grande popularidade. Consoante sugestões feitas pelo rádio, as crianças de muitas cidades obtiveram permissão para se servir de lugares bombardeados; retiraram o entulho e criaram dezenas de parques infantís improvisados.

Muitas escolas organizaram competições de atletismo para a primavera e o outono. Cada páreo é disputado duas vezes—uma, para meninos, e outra, para meninas. O interesse pelo basquetebol (lançado no Japão pela Associação Cristã de Moços) já esgotou o estoque de bolas. O basebol, preterido durante a guerra, foi reavivado. Disse-me, ufano, o capitão de uma equipe de terreno baldio que três de seus melhores jogadores eram do sexo feminino.

Num plano mais profundo, as questões com que se defronta a juventude do Japão são de ordem espiritual. A democracia exige não somente a observância dos processos da liberdade mas, ainda, a fé que lhe dê vida. Foi isso, creio, o que o general MacArthur quis salientar, ao dizer que «o problema é fundamentalmente teológico».

Acho que ele concordaria em que o problema é basicamente cristão.

Há menos de um milhão de cristãos japoneses. Como elemento progressista, constituiam, antes da guerra, uma influência muito superior à sua proporção numérica. Por vezes com grande perigo e prejuizo para si próprios, os cristãos, na maior parte, ativeram-se firmes à sua fé, nos amargos anos da guerra. Hoje, a comunidade cristã do Japão é, acredito, o elemento dinâmico de maior importância do país.

Interrogado sobre se o povo japonês, em seu entusiasmo pela nova liberdade, é sincero ou se simplesmente procura congraçar-se com seus conquistadores, o general MacArthur responde: «Não seria possivel que oitenta milhões de pessoas estivessem fingindo.» Há indícios cada vez maiores de que isso se aplica especialmente aos 20 milhões de jovens do Japão. Quanto maior for sua aplicação futura, tanto mais garantidas estarão a democracia no Japão e a liberdade na Ásia.

Comentários sucintos

COMPARADA a um major que conheci durante a guerra, a Esfinge seria a maior das tagarelas. Ele nunca usou duas palavras quando uma só bastasse. Mas quando um sargento da nossa companhia foi enviado ao seu gabinete para ser punido, imaginamos que seria a ocasião de ouvirmos o major dizer algo mais do que os monossílabos de sempre. Só disse, entretanto, o seguinte:

—Entre, sargento. Descansar. Praça, sentido. Pode retirar-se.

—Vivienne Kerr, em *The Saturday Evening Post*

NOS ARQUIVOS do Ministro da Marinha dos Estados Unidos, encontra-se uma carta enviada por um oficial médico, Ver Mulen, homem de altura excepcional, destacado para servir num velho e minúsculo navio, o *Penobscot*. As acomodações eram tão estreitas que tornavam a vida do oficial um inferno. «Senhor Ministro,» escreveu ele, «altura do oficial médico: 1m95; altura do camarote: 1m75.»

Escusado dizer que obteve a transferência.

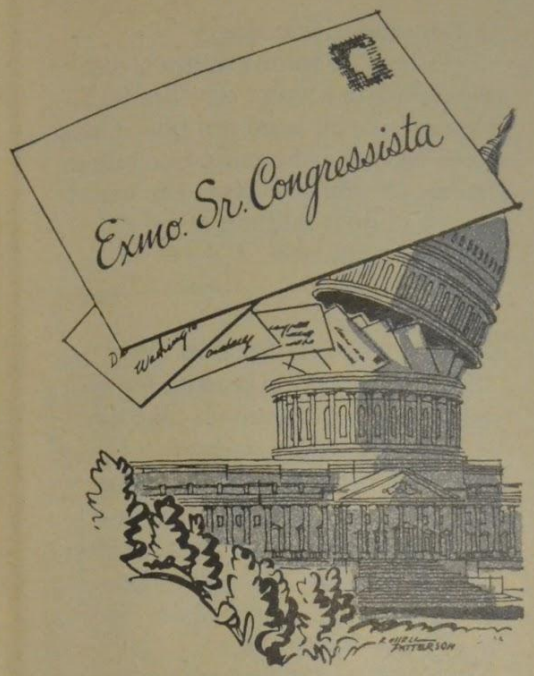
—Irving Hoffman, em *The Hollywood Register*

UM DIA, logo depois de terminada a guerra, eu estava de serviço no salão de bagagem para militares, numa estação ferroviária. Num banco, perto de mim, sem dizer palavra, um pracinha tratava de reempacotar os seus troféus. Quando tirou um punhal com a cruz suástica no cabo, exclamei:

—Este, com certeza, deve ter uma história das boas!

—História nenhuma, respondeu o pracinha. —Eu estou aquí; ele não...

—Colaboração de Helen C. Brereton



Excertos do livro
«Dear Mr. Congressman», de
Juliet Lowell

Ao Deputado Leslie Arends

Consta-me que o sr. goza de franquia postal. Por isso envio-lhe, junto, os meus cartões de Natal. O sr. me fará a gentileza de pô-los no Correio?

Muito obrigada.

Hester M_____

Ao Deputado E. L. Bartlett

Votei três vezes no sr. e acho o sr. formidavel. Peço-lhe o favor de me enviar 900 dólares para que eu possa comprar uma geladeira e pintar o meu carro de novo.

John J._____

P.S. As três vezes que votei no sr. foram na eleição de 1946.

Ao Senador Bushfield

Todos os meus amigos estão colecionando retratos de estrelas do cinema, mas eu desejo ser mais original. Rogo-lhe o obséquio de mandar-me fotografias de 12 congressistas, mas escolha com cuidado pois mesmo entre os melhores há umas caras muito gozadas. Obrigada.

Amanda Y._____

Ao Deputado L. C. Battle

Sei que só posso votar em favor de um candidato, mas gostaria de saber contra quantos posso votar.

Irma D._____

À Comissão de Habitações

Venho pedir a VV.SS. uma providência, porque o teto de minha casa está cheio de goteiras.

Ontem à noite, caiu um temporal durante o jantar. Para descrever o estado das goteiras, bastará dizer-lhes que, antes de acabar a minha sopa, o prato se encheu três vezes.

Norman F._____

NOS ESTADOS UNIDOS os cidadãos costumam dirigir cartas aos senadores e deputados de seu distrito eleitoral, quer para apoiar ou censurar sua atuação no Congresso, quer para fazer-lhes recomendações ou pedidos de interesse geral. Não faltam porem, entre essas missivas algumas de natureza um pouco pessoal—verdadeiras jóias, dignas de publicação. Assim as considera a autora das compilações que, sob o título geral de *Dumb Belles-Lettres* (Tolas Belas-Letras) têm alcançado grande êxito. As deliciosas cartas que aquí vêm a lume, ela as obteve de vários congressistas aos quais foram dirigidas por seus respectivos eleitores.

Ao Senador Dennis Chavez

Embora eu ainda não tenha terminado o ginásio, estou pensando em ingressar na política. Por um descuido, e não por culpa minha, meus pais nunca se casaram. Algumas pessoas dizem que o Congresso é, precisamente, o lugar que me convem. Que é que o sr. acha?

Subscrevo-me atenciosamente,

Robert U.

À srta. Emily Post, autoridade em questões de protocolo

Quando se escreve a um deputado, é preciso começar chamando-o de «Excelência» ou pode-se começar logo dizendo o que se pensa dele?

Um cidadão.

Ao Deputado pelo 16º Distrito

Por favor, apresente um projeto, faça um discurso ou qualquer outra coisa. Senão, não consigo nunca lembrar-me de quem é o sr.

Sinceramente,

Sra. Clarence S.

Ao Senador James Ken

Alem de Washington e Lincoln, quais os outros presidentes que nasceram em dias feriados?

Agradeço-lhe, antecipadamente, a informação.

Della I.

Ao Deputado Hale Boggs

Pelo bem de minha mulher, desejo ardentemente a volta da «Lei Seca». Confesso que eu bebo um pouco, mas minha mulher bebe tanto que ontem, quando chegou em casa, em vez de uma eu vi duas mulheres.

Respeitosamente,

Homer A.

Ao Excelentíssimo Sr. Bob Sikes

Sua passagem pelo Senado tem sido simplesmente lamentavel. Que é, afinal, que o sr. tem pessoalmente contra mim? Nós nem nos conhecemos, e, no entanto, o sr. teima em votar a favor de tudo com que eu não concordo.

Joe D.

Ao Deputado Keating

Será que eu poderia obter licença para mudar o nome de meu filho de Matson para Kennedy?

Eu me equivoquei na hora do registro. Os Matsons são todos morenos e a criança é hoje clara como os Kennedys.

Senhorita Selma H.

Ao Deputado Arthur Klein

Gostaria de ingressar numa colônia de nudistas no verão. O sr. saberá de alguma onde eu possa usar calças? É que prefiro permanecer incógnito.

Bill G.

Um cego que nos ensina a intensificar os prazeres dos cinco sentidos

Não existem sombras para mim

Por Jacob Twersky

QUANDO CEGUEI, meu mais ardente desejo era conservar firmemente a memória das belezas que pudera contemplar na meninice. E quando, finalmente, percebí que, graças às descrições de alguem que estivesse a meu lado, eu podia compor imagens mentais capazes de recapturar a beleza que eu estivera em riscos de perder—minha alegria foi quase inacreditavel.

Eu guardava das cores uma lembrança particularmente viva: o vermelho da bola com que brincava, o verde das encostas no verão, o azul pálido da aurora vista da janela do meu quarto, o amarelo dourado das mariposas voejando por sobre a erva alta da lagoa, a brancura das toalhas de mesa acabadas de lavar... Dispondo de tão claras imagens ao serviço de uma imaginação ativa, o mundo do qual a cegueira me viera separar, nunca se tornou sombrio.

Mas fui descobrindo tambem que, se me deixasse ficar na dependência dos outros, nunca poderia ir muito longe na exploração daquele meu novo mundo. Para que minha vida se tornasse na verdade satisfatória, eu teria que habituar meus sentidos a penetrar no mundo exterior, para dele me trazerem novas impressões e imagens.

Uma vez que o ouvido era o mais rico dos recursos que me restavam, aprendí a *escutar*—a extrair dos sons toda a sua beleza e significação. Prestei o ouvido aos murmúrios da água corrente, ao lamento da ventania, aos ruidos dos homens entregues ao seu trabalho. (E como é na verdade inolvidavel o som que produz o machado do lenhador, abatendo uma árvore na tranquila imobilidade da floresta!) Podia ouvir as vozes das nascentes, que pareciam aprender de novo a falar após o sono do inverno, a canção do tordo do bosque na vereda que levava ao lago, o ritmo das vagas do oceano de bordo de um navio. Em todos esses rumores aprendí a distinguir minúcias que até então me haviam escapado.

Com o mesmo cuidado fui cultivando o sentido do tacto: distinguia a textura da madeira e dos tecidos, das pedras e das plantas, a tufada brandura do veludo, a maciez elástica do cabelo de uma moça, a fragil delicadeza de uma flor de macieira. Gostava de sentir na face os borrifos das ondas do

mar, a água fria do chuveiro caindo como agulhas no meu corpo nu, a leveza dos flocos de neve caindo entre meus dedos...

O meu olfato se apurou, e os aromas, agora mais acentuados, me trouxeram novos deleites nas emanações do feno secando ao sol do estio, da fornada de pão, das cerejas frescas, dos cachos de uvas na latada, das camisas acabadas de engomar, dos lírios depois da chuva. Agora que eu sabia concentrar-me em explorá-los, todos os odores agradaveis me traziam um prazer bem mais intenso! Minhas reações ao paladar se apuraram igualmente: o gosto do suco de laranja pela manhã, das maçãs azedas comidas à beira de uma estrada rural, e até o da água fria tirada do poço.

Ao apreciar a beleza que não depende de apelo aos sentidos, o cego não se sente de modo algum limitado. Um homem de bem, uma mulher simpática, uma criança brincalhona; uma tarefa bem realizada, um impulso generoso, um ato de sacrifício—tudo são coisas que se dirigem a algo de mais elevado do que os simples sentidos. E um cego pode apreciá-las melhor do que a maioria dos que têm vista.

Nós, os cegos, recebemos nossas impressões puras, e tragamo-las até a derradeira gota. Chegam-nos elas, assim, não diluidas pelas distrações, pelos interesses confusos e instaveis, que levam tantas pessoas dotadas de visão a perder boa parte dos valores das coisas que «vêem».

O cego não tem que viver forçosamente privado de beleza. Ele pode, na verdade, apreender mais beleza ainda do que muita gente de visão normal. Mas precisa apurar os outros sentidos, viver com esforço, tornar-se a cada instante mais consciente e desperto. Se alguma vez desfrutou da vista, como foi o meu caso na infância, deve acariciar as suas memórias de cenas idas, e reconstituí-las em novas combinações. Desse modo, seu mundo pode tornar-se bem diferente do que supõem aqueles que vêem.

TENDO CEGADO à idade de nove anos, Jacob Twersky matriculou-se, em 1939, no College of the City of New York, onde tomava apontamentos pelo método Braille, aprendia de cor as lições que lhe eram lidas por amigos e colegas, fazia os seus exercícios e provas escritas numa máquina de escrever igual às outras, e no fim diplomou-se com distinção. Mais tarde obteve o grau de *Master of Arts* na Universidade de Colúmbia e o de Doutor em Filosofia na Universidade de Nova York.

Alem de ter servido como capitão do time de luta livre do City College, Twersky ganhou um campeonato de pesos leves em 1942. Apesar de cego, nunca lhe prestam quaisquer considerações ou dispensas especiais; o apurado sentido auditivo permitia-lhe determinar as posições do antagonista, até haver travado contacto físico com ele. «Desde esse momento em diante,» diz ele, «meu corpo se encarregava de *ver* tudo que era necessário!»

Como conselheiro, o dr. Twersky tem demonstrado, a centenas de ex-combatentes que perderam a vista na guerra, que eles são capazes de competir com os que têm vista, em grande parte das suas realizações, e muitas vezes até tirar mais partido da existência.

CLAY, sentinela de Berlim

(Condensado de «The Atlanta Journal»)

Por Karl Detzer

UM HOMEM MAGRO, grisalho, de nariz aquilino e maxilar anguloso, ocupa em Berlim um pequeno escritório que dá para o leste. Esse escritório, de porta sempre aberta, é o último posto avançado da democracia na fronteira com a Rússia.

Este homem, não menos que Stalin, é um homem de aço. Seu nome é Lucius DuBignon Clay. Nos ombros, ele ostenta as quatro estrelas de general do exército norte-americano.

Clay nasceu em 1897, em Marietta, na Geórgia, Estados Unidos, o caçula numa família de quatro filhos. É rijo em sua mentalidade, e mordaz no falar; possui memória prodigiosa para fatos e cifras e a impaciência do engenheiro que insiste em que os fatos, uma vez reunidos, levem a uma única conclusão. Transige nos pormenores, mas bate-se obstinadamente pelo que considera justo.

Como Governador Militar Norte-Americano na Alemanha, membro do Conselho Aliado de Controle, comandante das tropas dos Estados Unidos na Europa, ele arca com imensas responsabilidades. Talvez a melhor maneira de aquilatá-lo seja observando-o no trabalho.

OS TRÊS governadores alemães na zona norte-americana constituiram suas administrações civís, sob a direção de Clay, vários meses antes de o fazerem os governadores das zonas francesa e britânica. Foi a primeira coisa de que o general cuidou ao assumir seu posto em 1945.

Tinha suas dúvidas quanto aos alemães. O simples término das hostilidades, afirmava, não transformava inimigos em amigos da noite para o dia.

«Mas acreditamos na democracia,» disse aos auxiliares. «Muito bem, con-

fiemos as questões civís aos alemães o mais cedo possivel. E não quero dizer, com isso, daquí a dois anos. Façamos isso logo. Vamos instituir um pequeno organismo eficiente para garantir que os alemães administrarão nosso setor em moldes democráticos. Feito isso, podemos retirar-nos.»

Para si próprio estabeleceu um dia de 16 a 18 horas de trabalho árduo. Impaciente tanto com os «peritos» em assuntos alemães, enviados pelo Departamento de Estado, como com os sabichões do exército, ele reuniu em sua organização professores que se haviam especializado no estudo do governo alemão, administradores municipais, técnicos em orçamento, e estatísticos. Seguindo-lhes as recomendações, dividiu a zona norte-americana em três Estados, nomeando um governador interino para cada um deles, e decretando eleições gerais.

Com assombro das autoridades britânicas e francesas, e fúria das russas, as eleições realizaram-se sem incidentes, comparecendo às urnas 85 por cento do eleitorado.

Isso feito, os três governadores apresentaram-se a Clay para participar-lhe que seus respectivos Estados estavam sendo eficientemente administrados por alemães.

—Até aquí, vai tudo muito bem, disse Clay aos governadores. —Agora resta aos senhores abrigar e alimentar 2.250.000 alemães sudetos. Tratem disso quanto antes.

Engoliram em seco, pestanejaram e concordaram:

—*Jawohl, Herr General!*

—Ótimo! disse Clay, e saiu da sala. Os alemães ficaram olhando, e um deles observou: «Esse homem não é americano! É um general romano!»

Era o maior elogio que conheciam.

DURANTE toda a Segunda Guerra Mundial, estava a cargo de Clay a aquisição de material bélico. Era ele o representante do exército na Junta de Produção de Guerra, e, nesse posto, foi centro de muitas pendências. Industriais que se opunham a transformar sua rendosa produção civil em produção de guerra combateram-no amargamente. Um fabricante de *bâton*, cujas instalações podiam ser rapidamente adaptadas para a produção de cartuchos de metralhadora, argumentou que era preciso «manter alto o moral da mulher norte-americana».

«Tem razão,» concordou Clay, com fúria glacial. «Ontem, morreram em combate os filhos de várias centenas de mulheres norte-americanas. Talvez alguns estivessem ainda vivos, se tivessem os cartuchos que precisavam. Estou interessado no moral de milhões de mães americanas. Exijo que esta fábrica produza para a guerra!»

É REALMENTE notavel o que o general sabe fazer com os números. Numa reunião recente, surgiu um problema de finanças. Relacionava-se com o que os economistas chamam «a diferença compensada» entre dois grupos de algarismos. Clay contemplou o teto por um instante, enquanto os dois estatísticos sacavam das réguas de cálculo e punham-se a computar. Apenas haviam começado, Clay disse um número. Os técnicos solucionaram o problema e exclamaram:

—Tem razão, general. Como soube?

—Fiz o cálculo enquanto esperava, respondeu.

Certa feita, numa reunião, durante a guerra, um oficial disse:

—Embarcamos 500 mil dessas rações em maio ou junho.

Clay meneou a cabeça e corrigiu.

—Foram 824.500, em 14 de abril.

O exame da escrita provou que ele tinha razão.

QUANDO os russos bloquearam Berlim, Clay despachou um cabograma para Washington, pedindo ordens, mas não as recebeu. Organizou então o transporte aéreo e ordenou o carregamento de víveres para a cidade.

Quando lhe perguntaram de Washington que possibilidades de êxito havia, ele respondeu: «Abastecemos o exército na China, transpondo o Himalaia, não foi? Esta distância é menor e não há montanhas altas. Mandem mais aviões.»

Os aviões mandados foram em tal número que o velho aeroporto de Tempelhof, em Berlim, não era mais suficiente. Chegavam e saíam aviões, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, de três em três minutos.

«Construiremos um novo aeroporto,» resolveu Clay. «Inicie o trabalho amanhã. Aquí estão os planos. Já os havia mandado preparar, justamente para esta contingência.»

Na manhã seguinte, os *bulldozers* iniciaram a obra. Dalí a um mês, Clay asseverou, o campo estaria em condições de receber os primeiros embarques de víveres. Os berlinenses aplaudiram.

O FALAR de Clay é pitoresco. Certa vez um jornalista, após uma viagem pela Alemanha, sugeriu que se mandasse uma companhia teatral para apresentar aos alemães uma opereta norte-americana, afim de contrabalançar as *troupes* «culturais», de concertos e dramas, enviadas pelos russos. Ao ouvir a sugestão, o general replicou impaciente: «Deixe que os russos lhes dêem circos. Nós lhes daremos pão.»

CLAY ERA ainda cadete na escola militar de West Point, quando aí chegou uma linda jovem, Marjorie McKeown, para visitar um amigo. Por acaso Clay estava perto do ponto do ônibus quando a moça tropeçou no estribo do veículo, caindo nos braços dele. Clay a pôs de pé, apresentou-se, iniciou uma corte ardorosa e casou-se com ela ao terminar o curso.

O CASAL CLAY habita uma casa despretensiosa num subúrbio de Berlim, em contraste com os governadores britânico e francês, que ocupam castelos suntuosos. O general tem, propositadamente, um único quarto para hóspedes; assim ele se exime a muitos compromissos sociais, para os quais não dispõe de tempo.

OS BRITÂNICOS têm 15 mil soldados em Berlim, os franceses 8 mil. Os

norte-americanos, com muito mais funções a exercer do que os outros dois, conseguem arranjar-se com pouco mais de 3 mil.

«E ainda é muito,» insiste Clay. «Não se justifica que um americano faça aquilo que poderia ser feito por um alemão.»

À medida que os alemães assumem as responsabilidades, uma por uma, Clay manda fechar a respectiva repartição norte-americana, embarcando os funcionários para os Estados Unidos.

CLAY TEVE frequentes desavenças com certos comitês do Congresso durante a guerra. Era ele o principal porta-voz do exército em sua reivindicação de que as forças armadas cuidassem da aquisição de material, segundo especificações preparadas por elas próprias.

Um senador perguntou-lhe certo dia, na reunião de um comitê:

—Por que insiste em que o militar tenha de dizer, a homens que vêm fabricando caminhões a vida toda, como é que eles devem fabricar um caminhão para o exército?

—A questão é outra, disse Clay. —Esses fabricantes sabem fazer caminhões para cervejarias, lavanderias e armazens. Mas têm pouca prática na condução de um caminhão através de um deserto africano, a 200 km de distância de uma estrada, ou na vadeação de um rio na Índia, ou no cálculo do choque causado pelo disparo de um canhão anti-aéreo montado num caminhão em marcha...

O senador não insistiu.

EM FINS da guerra, Cherburgo, principal porto europeu para o abastecimento das tropas norte-americanas, sofreu um congestionamento desalentador. O material empilhava-se aos milhões de toneladas, sendo que apenas um pequeno fio chegava à frente de combate. Em dada ocasião, trinta e tantos navios estavam atravancados no porto. O general Eisenhower pediu a Washington que mandassem alguem sanar a situação. Puseram Clay às ordens de Eisenhower.

—Ponha aquilo em movimento, ordenou-lhe este. —Quero que duplique em quinze dias a atual tonelagem de material que transita o porto.

Clay foi a Cherburgo e daí a 24 horas telefonava para Eisenhower.

—Duplicamos o movimento, participou. —Levará alguns dias até podermos imprimir um ritmo rápido.

Dentro de uma quinzena, despachava material para a frente de combate num ritmo cinco vezes mais intenso do que o do dia da sua chegada.

A MANEIRA franca com que o general se dispôs a trabalhar na Alemanha irrita muitos antigos funcionários do Departamento de Estado, e enfurece os militares acostumados a agir em sigilo sobre questões públicas.

No dia em que foi empossado, ele determinou aos seus subalternos: «Falem com franqueza aos repórteres. Se eles quiserem falar comigo, eu os receberei. Lembrem-se de que é o povo quem nos paga o soldo. Ele tem o direito de saber se desempenhamos bem ou mal as nossas funções.»

A FAZENDA MALABAR

Condensado do livro «Malabar Farm», de

LOUIS BROMFIELD

LOUIS BROMFIELD, o escritor que sabe relatar com intensidade dramática a sementeira de um campo ou a transformação de uma colina árida em pastagem risonha, contou-nos há cinco anos, no livro *Pleasant Valley*, como é que, no seu estado natal de Ohio, se rehabilitou e devolveu à produtividade certo trecho de terreno. Em *Malabar Farm* continua ele a história dessa experiência. Este livro deixa transpirar uma atmosfera de esperança e humanidade que reforça nossa confiança na agricultura como meio de vida, e abre novos horizontes inexplorados tanto ao habitante das cidades como ao do campo.

«Malabar Farm», copyright 1948 de Louis Bromfield. Harper & Brothers, Nova York. Preço: $3,75

A Fazenda Malabar

No conjunto, os Estados Unidos produziram durante a guerra quantidades de víveres sem precedentes. Mas, para o conseguir, cultivaram extensões de terra muitíssimo maiores do que era necessário, e pode-se dizer que nunca uma nação produziu gêneros alimentícios tão caros. Deve-se isso ao fato de que a agricultura norte-americana era, e em grande parte continua sendo, ineficiente. Em palavras mais simples, quando se cultivam 20 mil metros quadrados em vez de quatro mil apenas, para produzir 3.500 litros de milho, é necessário arcar com o aumento proporcional de impostos, mão-de-obra, sementes e depreciação do material agrícola.

Em muitas regiões da Europa ocidental não existem fazendeiros pobres. Nessas regiões a palavra «fazendeiro» é sinônimo de «homem abastado». E que é que enriquece o lavrador? A produção e a eficiência, isto é, precisamente o que torna rico o industrial. Mas tendo os norte-americanos desprezado os princípios fundamentais da conservação e restauração dos solos, sua produção agrícola é baixa, não obstante as muitas vantagens de que usufruem: a mecanização agrícola, a hibridização do milho, as sementes tratadas, os agentes destruidores das ervas daninhas, os subsídios oficiais e tudo o mais que possa entrar na categoria de auxílio tecnológico ou financeiro.

Neste mundo onde tanta gente passa fome, o fazendeiro tornou-se um elemento social de importância cada vez maior. Nenhum jovem, dotado de razoaveis aptidões para a agricultura, poderia encetar carreira mais fascinante ou mais util do que esta. O bom fazendeiro deve ser homem inteligente e de recursos de imaginação, sendo-lhe necessários mais conhecimentos acerca de maior número de coisas do que os exigidos de qualquer outro cidadão. Precisa saber alguma coisa a respeito de mercados, meteorologia, distribuição, maquinaria, economia, história, ecologia, moléstias, bacteriologia, e um sem-número de outras coisas. Mas, acima de tudo, precisa compreender o solo e as leis que governam a respectiva conservação e produtividade. Este último setor é extremamente vasto, e ainda, em grande parte, passivel de novas experiências e pesquisas, que venham torná-lo mais util.

Há uns oito anos, quando inauguramos a Fazenda Malabar, reconhecemos que algumas das coisas a que aspirávamos eram utópicas. Essa fazenda de cerca de 400 hectares, composta de cinco propriedades em estado sério de descuido, ou pura e simplesmente abandonadas, ia ser agora explorada em base cooperativa. Nosso propósito era criar alí melhores condições de vida para as cinco famílias que participavam da iniciativa, deter o esperdício do solo e da água, e restaurar à terra, depauperada, ou avariada pela erosão, a sua fertilidade primitiva. Esses objetivos foram alcançados em muito menos tempo, e com muito maior êxito, do que qualquer de nós, mesmo o mais otimista, teria ousado esperar.

O vale onde está situada a Fazenda Malabar foi outrora um paraiso dos índios, que alí cultivavam milho, abóbora e feijão nas ferteis terras baixas; que pescavam no riacho cristalino que as atravessava, e dispunham, nos bosques e pântanos vizinhos, de uma ilimitada reserva de caça—martas e castores, ursos e gamos, lontras e ratos almiscarados, patos bravos e gansos silvestres, e bandos de pombos-correio.

Minha primeira lembrança desse vale data de há 45 anos, quando, aos cinco anos de idade, fui com meu pai pescar alí, cerca de um século após a chegada dos primeiros colonos. Era ainda então um belo vale, e dava uma produção muito razoavel. No arroio havia peixe em abundância, embora já não tão numeroso, nem tão gordo e grande como dantes. Ainda existiam os pântanos. Os três velhos moinhos, com os seus grandes açudes, retinham as águas e proporcionavam aos peixes ambiente para a reprodução. Eram as melhores terras de feno e pastagem do mundo, e os fazendeiros ganhavam bom dinheiro com o cultivo do fléolo.

Restava ainda cerca de 40 por cento da floresta e a erosão da terra era pouca, e raras eram as inundações. Mas a terra estava-se esgotando. Poucos eram os agricultores que restituiam ao terreno a fertilidade necessária para compensá-lo das toneladas de minerais que dele arrancavam anualmente, com a cultura da rendosa gramínea. Alguns desses fazendeiros chegavam ao cúmulo de despejar no arroio o esterco que retiravam dos currais—achando que era essa a maneira mais cômoda de *se desembaraçarem* dele. O solo já se esgotara no cimo de algumas colinas, e aí as fazendas principiavam a desintegrar-se. Os telhados tinham goteiras, as casas pediam pintura nova, os impostos ficavam por pagar, e as cercas caíam de podres. Algumas das propriedades tinham sido abandonadas.

Tinha eu 15 anos quando saí do vale, e não tornei a vê-lo durante os 25 anos seguintes. Quando regressei fui deparar com uma terrivel mudança: derrubados os açudes dos moinhos pelas inundações, os pegos profundos do córrego haviam desaparecido, assoreados de lodo. Os poucos peixes que restavam eram quase só o pequeno vairão, a carpa e o bagre—peixes rijos, grosseiros e de inferior qualidade, únicos que podiam resistir ao lodo e sobreviver às inundações e às secas.

O que tinha sucedido era muito simples. Primeiro, a terra, explorada até ao limite da sua capacidade, foi produzindo cada vez menos por hectare; depois surgiu em cena o automovel, e o mercado do fléolo minguou. Alguns dos fazendeiros foram embora, deixando as terras entregues a rendeiros de acaso, ou ao abandono total.

Outros fazendeiros lavraram as terras de pastagem e plantaram milho. Plantavam-no em fileiras que seguiam o declive das colinas, e toda vez que chovia, os regos do milho transformavam-se em pequenas ravinas por onde a água preciosa e a boa terra vegetal eram arrastadas à perdição. Durante o inverno os campos ficavam despidos de verdura, à mercê do gelo e degelo que desintegram o solo e o varrem. O milho sugou da terra o resíduo de matéria orgânica que ficara após longos anos de produção de fenos e capim, e o solo foi-se tornando cada vez mais compacto, e duro como cimento, rejeitando a água em lugar de a absorver. Simples sulcos se transformaram em profundas ravinas, até que foi preciso abandonar campos inteiros. E o regato, que em tempos fora um curso de água límpida, tornou-se uma monstruosidade e uma ameaça. Atulhado de lodo e destituido de vegetação, causava sérias inundações depois de cada tempestade.

O capítulo final desta história é todavia mais animador. O córrego está novamente límpido, já não tem mais lodo, e voltaram a brotar suas nascentes. Os pegos do leito reapareceram, e as inundações diminuiram.

Tudo isso aconteceu porque os fazendeiros do vale tiveram que aprender a lição dura dos fatos. Eram obrigados a desistir e ir-se embora, ou então a mudar de processos. Hoje é raro ver-se um milharal com os sulcos cavados ao longo dos declives, e já quase não há terrenos que fiquem despidos de vegetação durante o inverno: os fazendeiros cobrem-nos com uma camada protetora de trigo ou centeio. O milho é quase todo semeado segundo as curvas de nível, ou seja, com os regos contornando horizontalmente as elevações, e não abertos de alto a baixo. Em lugar do antigo fléolo, que tanto contribuiu para arruinar o vale, plantam-se hoje a alfafa, o trevo vermelho e o pasto «ladino», e por todas as colinas se vê a cal, aos montículos, esperando a máquina que a espalhará.

O panorama mudou totalmente de aspecto. Casas, estábulos, palheiros e cercados, tudo está pintado de fresco, e voltou a ter um ar de prosperidade; já não se vê gado magro roendo brotos verdes, nos lotes reservados a bosques. Aquí e alem ainda persistem fazendeiros que se obstinam em dizer: «O que era bom para meus avós, é bom para mim tambem.» Esses deixam a terra nua, fazem trapaça na aplicação dos adubos, soltam o gado a pastar nos bosques, e continuam a semear o milho ao sabor das encostas. De ano para ano vêem diminuir o rendimento da terra por hectare. De ano para ano a produção lhes vai saindo mais cara. A primeira queda nos preços os deixará arruinados—e serão outras vítimas daquela teoria que teima em *combater*

a natureza, ao envés de utilizá-la.

Nós, os outros fazendeiros do vale, aprendemos à custa da dura experiência a maior de todas as lições: que, estanto disposto a *colaborar* com a natureza, o homem pode prosperar. Enquanto lutar contra ela, ou tentar ludibriá-la, o homem há-de fracassar, acabará por ser destruido.

O nosso programa de restauração das terras depauperadas e gastas pela erosão tem resultado em espantoso aumento da produção na Fazenda Malabar. E, nos pontos onde um hectare de terreno mal dava para alimentar 75 cabeças de gado, pode-se hoje criar facilmente dez vezes esse número. E o melhor de tudo é que não temos realizado um único melhoramento, nem adotado uma só prática, que não esteja dentro das possibilidades econômicas de qualquer fazendeiro apto a levantar um empréstimo em um banco ou repartição do governo. A escala de nossas atividades tem sido superior à da maioria dos fazendeiros, mas hectare por hectare, tanto as despesas como os processos estão perfeitamente ao alcance do fazendeiro comum.

A fazenda geral passa à história

No nosso plano original sobre a Fazenda Malabar, tínhamos dado grande relevo à policultura e à autosuficiência. Essas duas metas não foram alcançadas porque, dadas as mutações da vida moderna, elas se tornaram anti-econômicas.

A «fazenda geral», esse pequeno mundo independente em que o lavrador é dono de umas quantas vacas, alguns porcos e galinhas, alguns hectares de aveia, outros tantos de feno e de trigo, dispondo ainda de algum terreno de pastagem ao qual não dispensa quaisquer cuidados—não tem mais, segundo creio, justificação econômica. O fazendeiro próspero do futuro será na América, como de há muito o tem sido na Europa, um *especialista* que concentra suas energias num limitado número de projetos, levando-os a cabo com a máxima eficiência. Devo esclarecer desde já que, quando digo que a «fazenda geral» passou à história, não me refiro à fazenda explorada por uma só família. O tamanho da fazenda nada tem que ver com o assunto. Conheço famílias que sabem tirar maior proveito de uma fazenda de somente 20 hectáres, do que outras que dispõem de terras dez vezes maiores. Quero dizer, simplesmente, que a fazenda do tamanho próprio para sustentar uma só família não pode mais subsistir no antigo regime da excessiva diversificação.

Começamos, na Malabar, por uns 250 hectares, onde tencionávamos semear milho, trigo, aveia, feno, feijão soja e relva de pasto, e plantar um pomar com cerca de 200 árvores. Pouco a pouco fomos compreendendo que a mecanização eficiente de semelhante projeto agrícola ia exigir enormes despesas em maquinaria. O terreno de que dispúnhamos para plantar feno não justificava a compra de uma enfardadeira. Todo o milho a produzir

não justificava a despesa de uma segadora de milho, nem a seara de trigo justificava o gasto de uma «combinada». E essa situação em nada se alterou, nem mesmo depois de termos adquirido, por compra e arrendamento, mais uns 150 hectares de terras em mau estado.

Fomos tambem verificando aos poucos que não nos era possivel explorar um pomar de 200 macieiras. Se fôssemos beneficiá-lo com o mínimo de eficiência possivel, isso exigiria pelo menos proteção adequada do pomar com palha e esterco durante o inverno, poda, cinco ou seis vaporizações, sem falar na colheita, seleção e empacotamento da fruta. Se tivéssemos 5 mil macieiras, ainda poderíamos ter ganho dinheiro; mas com 200 somente, não estávamos nem dentro nem fora da fruticultura. Por conseguinte, desistimos do pomar.

Deu-se a mesma coisa com o batatal: durante três ou quatro anos cultivamos batatas para nosso próprio consumo. Mas a cultura em ponto pequeno não justificava o emprego de complicada maquinaria de plantio, vaporização protetora das plantas e escavação, de modo que o trabalho manual a que nos obrigava consumia horas e horas preciosas, que poderíamos ter gasto com proveito em outras tarefas. Acabamos por abrir os olhos e ver claro. Havia perto dalí um fazendeiro que se dedicava à plantação de batata em grande escala: bastava descer um trecho de estrada para ir à fazenda dele comprar batatas por menos dinheiro do que nos custava cultivá-las, —sendo, alem disso, um produto de melhor qualidade. Esse vizinho, por sua vez, vinha à nossa fazenda quando precisava comprar carne e laticínios-nossa especialidade.

Verificamos em seguida que não valia a pena mantermos os galinheiros com 1.400 galinhas poedeiras apenas, por muito boas que elas fossem. Todos os anos o galinheiro dava lucro, mas se fôssemos debitar toda a mão-de-obra e o tempo que lhe consagrávamos, roubando-os a trabalhos mais rendosos, o lucro quase ficaria anulado. Era sempre a mesma história. Se tivéssemos 5 mil ou 25 mil frangas, poderíamos ter realizado um negócio bem lucrativo. Por conseguinte, reduzimos o número de aves ao indispensavel para fornecer ovos e carne à própria fazenda.

À medida que foi aumentando a fertilidade dos campos e sob a ação da economia e do bom-senso, achamo-nos progressivamente empenhados em atividades agrícolas especializadas, bem concatenadas e eficientes, e num plano de cultura baseado nos cereais menores e em gramíneas para forragem. Somos hoje uma autêntica «fábrica» para produção de forragem sob todas as formas—feno, ensilagem e pastos. Nosso gado tornou-se um fator secundário em relação à especialidade principal. Ele constitui, por assim dizer, a «maquinaria» que transforma a matéria-prima—o capim—em leite, queijo, vitelas, terneiros, vacas leiteiras, que expedimos para os mercados. Daquí a um ou dois anos, o mais provavel é que tenhamos deixado de semear

milho, para consagrar toda a terra do milho à cultura de capim. Nessa altura compraremos por fora todo o milho que nos for necessário, e ainda sairemos ganhando. Ainda cultivamos aveia e trigo, porque estes cereais se vendem hoje a bom preço, enquanto andamos re-semeando os prados, e porque consumimos tambem uma quantidade consideravel de aveia na execução do nosso programa. Estamos concentrando todos os nossos esforços num programa concreto, de cultivo de capins e criação de gado, aumentando a fertilidade da terra, e ganhando, por hectare, mais dinheiro do que poderia realizar uma «fazenda geral».

A verdade é que o policultivador da velha escola, não pode permitir-se o luxo da mecanização eficiente; e paga a diferença entre os seus custos de produção e os dum especialista eficiente, em termos de dinheiro, trabalho extenuante, um baixo nivel de vida, e, com lamentavel frequência, a ruina das suas terras, porque não dispõe de verba para comprar adubos e maquinaria que lhe permitam produzir ao mesmo tempo, com bons resultados, frutas, galináceos, suinos, gado, feno, milho, trigo, aveia, etc.

Um de meus amigos, dono de uma fazenda com pouco mais de 5 hectares, realizou, em 1946, negócios no valor bruto de 144 mil dólares, a maior parte dos quais foram lucro líquido. Porem esse fazendeiro dedica-se exclusivamente ao cultivo de hortaliças de estufa e congêneres. É evidente que uma receita tão elevada pode permitir consideravel despesa em maquinaria, que redunda em maior eficiência e mais baixo custo de produção.

Outro amigo meu explora uma fazenda de 65 hectares que ele mesmo rehabilitou, tendo comprado a terra ao governo, a baixo preço, para pagar os impostos devidos pelo proprietário que a abandonara. No ano passado fez um lucro bruto de 33 mil dólares, com um líquido de cerca de 27 mil. Se ele tivesse explorado a mesma terra como «fazenda geral», o lucro bruto teria sido apenas de 7 ou 8 mil dólares, e o líquido, provavelmente, de 1.500 ou menos... Esse fazendeiro especializa-se em frutas e milho híbrido.

A indústria moderna, caminhando sempre para a especialização e a eficiência, conseguiu realizar uma obra sem par, de extraordinária abundância, baixos preços de produção e elevados salários para os operários. Uma agricultura eficiente, especializada, mecanizada, e capaz de levar em consideração as exigências do solo, poderia atingir os mesmos resultados. Mas, neste quadro, a fazenda geral dos nossos avós não tem, provavelmente, cabimento algum.

O pasto rejuvenesce a terra

Mesmo que nunca tivéssemos ouvido falar do cultivo de pastos, teríamos acabado por dedicar-nos a ele, curvados à evidência dos fatos que observávamos. As vantagens desse cultivo não tardaram a aparecer, na côr cada vez mais carregada do solo, no aumento

miraculoso das colheitas, nos livros de contabilidade da fazenda, no aspecto viçoso de nosso gado, e até mesmo na beleza cambiante de nossas terras, à medida que o capim e as leguminosas faziam cicatrizar as ravinas, guardavam ciosamente a água das chuvas, restituiam a limpidez aos regatos antes turvos, e davam vida nova às nascentes mortas ou moribundas.

O fato de que o pasto é o grande saneador dos terrenos, e que um hectare de capim pode ser tão lucrativo como um hectare do melhor milho, é coisa sabida entre os agricultores, mas a plena consciência do fato só aos poucos se foi apoderando de nós. De começo, a nossa intenção era criar todo o gado vacum, porcos e carneiros que a fazenda comportasse, sem ter que comprar rações. O número não era grande coisa. Mas já dobrou cinco vezes em sete anos, e ainda podia dobrar novamente. Ora, o que mais contribuiu para esse aumento progressivo da produção e capacidade de criação das terras, foi o capim.

Pusemo-nos desde o começo a trabalhar na única base real de qualquer empresa agrícola com possibilidades de lucro—o solo. Atacamos primeiro o problema da erosão, valendo-nos dos recursos da engenharia. Depois lançamos mão da cal e dos adubos comerciais, e finalmente procuramos cultivar plantas verdes para serem enterradas no solo, junto com o esterco dos currais. Naturalmente, tratando-se de culturas verdes, pensamos antes de mais nada nas leguminosas, tais como a alfafa, o trevo branco e o vermelho, o «ladino», e depois nos capins e plantas de toda espécie—em uma palavra, recorremos a tudo quanto pudesse contribuir para o solo em volume, matéria orgânica em decomposição, bactérias, cogumelos e bolores que conservam a umidade e arejam a terra. À medida que as colheitas aumentassem, poderíamos ir aumentando também o número de cabeças de gado, e produzir, desse modo, mais estrume; este, por sua vez, nos daria uma produção mais rica, que contribuiria a seu turno para acrescer o contingente de gado.

A fórmula mostrou-se viavel e deu bons lucros. À medida que avançava a execução do nosso plano de capins e adubos verdes, o imenso valor das gramíneas e das leguminosas foi-se fazendo sentir por toda parte na fazenda. Passados os três primeiros anos, que foram duros, os campos até então anêmicos deram mostras de vida nova, e as colheitas cresceram a olhos vistos. Em um campo que vimos cultivando há quatro anos somente, a fórmula de cal, capim, leguminosas e estrume de curral fez subir a produção do trigo de menos de quatro a mais de quarenta hectolitros por hectare, ao cabo de quatro anos de rotação de capim e trigo.

Atualmente, temos a maior parte das terras semeadas de aveia e trigo, pois ambas essas plantas servem de cobertura e protegem o solo. Os complicados sistemas de raizes dessas plantas fornecem grandes quantidades de matéria orgânica para o solo, fato este que muitos fazendeiros perdem de vista, talvez porque as raizes são invisiveis. No Manitoba, terra razoavelmente seca, os agrônomos seguiram o desenvolvimento do sistema radicular de um só pé de trigo, e verificaram que as suas ramificações, finas como cabelos, ocupavam praticamente um metro cúbico de terra. No Colorado verificou-se que um só pé de certa gramínea de penacho tinha 560 km, de raizes, delgadas como cabelos. Em contraste com isso, as plantas que esgotam o terreno, tais como o milho e o algodão, têm sistemas radiculares relativamente grosseiros e curtos.

É impossivel, por muitos motivos, sobrestimar o valor das leguminosas e da maioria dos capins como reconstrutores de terrenos esgotados e como agentes melhoradores dos solos virgens e pouco ferteis. As propriedades saneadoras dessas plantas podem comparar-se às dos corpúsculos brancos do sangue, que ajudam a curar as feridas do corpo humano. De maneira geral, quase não necessitam de matéria orgânica para se desenvolverem. Basta que o subsolo seja relativamente bom; até mesmo um solo duro como cimento, desde que seja tratado com cal e uma pequena porção de adubo, pode produzir boas colheitas dessas plantas e, por via desse processo, prover vastas quantidades de nitrogênio, adubo verde e raizes, que recompõem a matéria orgânica do subsolo. E mesmo a restauração duma espessa camada de humus, tendo por base um subsolo razoavelmente bom, é um processo muito mais rápido do que antigamente nos ensinavam.

Não conheço, a esse respeito, exemplo mais flagrante do que o da campina da fazenda Anson. Grande parte desse terreno, talvez bem uns 60 por cento, não tinha absolutamente nenhuma camada de terra superficial. No outono de 1946 fui lavrar esse terreno, que destinávamos a uma seara de trigo, e não encontrei praticamente vestígios visiveis do subsolo. No curto prazo de seis anos e meio, pelo menos 20 cm de humus haviam sido restituidos a esse terreno antes descarnado! O capim, as leguminosas e o esterco dos currais tinham conseguido aquilo que a natureza, trabalhando sozinha, teria levado milhares de anos para consumar!

QUANDO VIEMOS para a Fazenda Malabar, 80 por cento das águas da chuva escoavam-se e perdiam-se, improdutivas. Conseguimos hoje reter na terra 80 a 90 por cento dessas águas, aprisionando-as no céspede, nos regos de contorno horizontal, e nas faixas de terra. Penetrando a grande profundidade, a água da chuva vai alimentar de novo os grandes reservatórios subterrâneos. No verão de 1944, tivemos quase 46 dias sem chuva. Durante essa longa estiagem, quando os fazendeiros da região andavam carregando água, nos nossos terrenos não secou nem uma fonte, e em todos os campos de pastagem os animais tiveram água fresca em abundância para beber.

No capítulo da drenagem, o pior problema que se nos ofereceu foi o das terras argilosas. As manchas ou faixas de argila nos nossos campos fica-

vam ensopadas e inutilizadas durante dias, senão semanas inteiras. Até nos topos das colinas e nas encostas havia terrenos que nunca drenavam por completo, e só produziam ervas daninhas e capins ordinários, dos que se encontram em terrenos alagadiços. Lançamos, nessas terras, grandes quantidades de matéria orgânica, e assim o solo argiloso se tornou mais facil de lavrar superficialmente. Mas quando vinham as grandes chuvas, nem mesmo isso produzia efeito sensivel. Os vinte ou vinte e cinco centímetros de terra superficial bebiam avidamente a água, durante duas ou três horas; depois ficavam completamente saturados. Daí em diante a água ficava alagando a terra nos locais planos, ou então escorria pelas encostas nas ladeiras. Parecia que, logo abaixo da profundidade atingida pelo arado, havia uma barreira impenetravel, como se fosse uma camada de asfalto, que impedia a água de escoar-se para pontos mais fundos.

Procedemos a pesquisas, e verificamos que era isso mesmo o que sucedia. Mais de cem anos de lavoura com o arado de aiveca, que tem o péssimo defeito de calcar o terreno, e, ao mesmo tempo, a prática de lavrar a terra argilosa quando ela se encontrava molhada demais, tinha produzido aos poucos uma base impenetravel, que impedia por completo a infiltração ou escoamento das águas da chuva, e convertia as manchas argilosas em autênticos lameiros sem drenagem.

O uso de um arado especial para romper o subsolo—enorme gancho recurvo de aço, que o trator passou por todo esse terreno, à profundidade de meio a um metro—curou imediatamente o mal, quase por completo. Usado em linhas paralelas, a intervalos de 1,50 m a 2 m, o arado especial rompeu essa camada endurecida, e permitiu à água penetrar na argila mais porosa que lhe ficava por baixo. Deu tambem lugar a que as raizes das plantas penetrassem mais fundo e livremente, condição essa indispensavel para a alfafa e o trevo doce. Uma vez bem instaladas na terra, essas robustas leguminosas ajudaram a obra de drenagem, lançando raizes a uma profundidade de 1,50 m a 2 m onde contribuirão sem dúvida para manter a argila aberta, friavel e altamente produtiva durante muitos anos; é preciso, no entanto, não empregar outra vez, nesses lugares, o arado de aiveca. Nesses terrenos argilosos, agora só usamos o arado de discos, evitando assim a formação de uma camada dura abaixo do solo, a qual, mesmo nos mais densos solos argilosos, sobrevem ao recalcamento contínuo.

O fato de termos encontrado, lado a lado, nos mesmos campos, solos argilosos espessos e solos de cascalho e humus, que somos forçados a tratar por processos diferentes, demonstra de modo concludente que a agricultura não pode estar sujeita a regras globais invariaveis. Efetivamente, num país vasto e dotado de grande diversidade de solos e climas, não pode haver uma só regra geral, nem um conjunto de processos capazes de ajustar-se a todos os tipos de solo e a todas as condições.

Mesmo numa extensão tão limitada como a Fazenda Malabar, a dura experiência, reforçada por certa dose de inteligência, nos levou a recorrer a todos os processos de cultivo, desde a cobertura do solo com detritos de folhagem seca, até à lavra mais profunda com arados de aiveca, segundo as condições e exigências de cada caso.

Tudo isso indica que o bom fazendeiro é aquele que possui os conhecimentos mais amplos possiveis, que nunca para de aprender, e que, usando de inteligência, aplica seus conhecimentos às condições de sua própria terra. Pois ele vive mais perto dos seus problemas do que qualquer especialista científico, e, frequentemente, tem uma compreensão muito mais clara das complexas relações entre todos os elementos que intervêm no seu caso. É aí que reside a profunda verdade pronunciada há séculos por Confúcio, isto é, «o melhor adubo, em qualquer fazenda, são as pegadas do fazendeiro». A observação e a inteligência por parte do lavrador podem às vezes exceder de muito longe o valor de incontaveis toneladas de adubos químicos.

Horticultura sem lágrimas

Há oito anos, reservamos um pedaço de terra baixa, com pouco mais de meio hectare de área, para fazer uma horta. Quando iniciávamos a lavra dessa terra, certo dia um velhote, amigo de meu pai, apareceu de visita pela fazenda. Embora nos conhecêssemos havia muito tempo, e a despeito de eu ter nascido naquelas vizinhanças, ele olhava para nós, os fazendeiros da Malabar, como autênticos calouros. Estes «meninos» (dizia ele com seus botões) vão gastar rios de dinheiro, e no fim serão obrigados a desistir de tudo. Ele já tinha visto muitos «fazendeiros da cidade» seguir o mesmo caminho.

—Esse terreno aí, disse-me ele,—vai-lhe dar uma bela horta. É terra virgem, nunca foi arada desde que derrubaram a floresta, e há 130 anos que o gado vem adubando toda essa terra... E vem sempre melhorando.

Olhei para ele, para ver se estava falando sério, ou apenas tentando manhosamente levar-nos a crer que a terra era melhor do que na realidade o era. Mas não havia dúvida: estava falando com toda a convicção! Era isso mesmo o que os fazendeiros da velha escola pensavam—o campo de pastagem renova-se por si próprio.

—Não é terra virgem, não, disse eu.

—E não é grande coisa. É uma terra gasta, cansada.

O velhote olhou-me assombrado, e exclamou:

—Como assim? Se nunca entrou um arado aquí?

—A questão é muito simples, respondí. —Eu não sei quantas vacas ou carneiros pastaram neste campo, mas o que sei é que cada um desses animais tirou daí muito mais do que devolveu. Levaram a riqueza da terra em ossos, carne, leite e lã, e devolveram somente, sob a forma de esterco, um quinto do que consumiram. Um só boi, quan-

do chegou aos seus 400 ou 500 quilos de peso, já levou do campo, para nutrir a ossatura, cerca de 50 quilos de cálcio. Ora, isso vem-se dando há 130 anos. Agora, faça as contas!

Vi-lhe na expressão que estava intrigado.

—É curioso, respondeu,—mas nunca tinha pensado nisso.

Havia muito tempo que me ocorrera plantar essa horta, e planejava o que havia de fazer dela. No meu regresso aos Estados Unidos, pareceram-me estranho que, num país relativamente novo, existissem tantas pragas e pecos naturais e insetos daninhos. Nunca vira na Europa coisa parecida. Durante os anos em que me ocupei de sítios e hortas nas ricas terras do norte da França, nunca usamos um inseticida nem borrifos de líquidos imunizantes contra moléstias ou parasitos. Por que motivo, então, haviam de existir na minha própria terra tantos insetos e pragas?

Todas essas substâncias usadas em vaporizações e pulverizações, todos os venenos e produtos químicos que, de ano para ano, inundam o mercado, limitam-se a curar e a proteger plantas que, por falta de resistência, estão sujeitas ao ataque de qualquer inseto ou moléstia que surja. Todo jardineiro de espírito observador sabe que os insetos e as doenças começam sempre por atacar as plantas debeis ou enfermiças. Sendo assim, por que não tratar o solo até se conseguir o necessário equilíbrio, e depois criar nele plantas suficientemente sadias para resistirem a essas pragas?

Estávamos rehabilitando a Fazenda Malabar de modo a sanear e a restituir à agricultura terras gastas pela erosão. Por que não fazer a mesma coisa, mas intensivamente, naquele retalho de horta, e estabelecer alí o padrão que, mais tarde, viríamos a adotar para terras muito maiores?

Iniciamos essa obra faz agora oito anos, e de há três anos para cá não temos usado nem pós, nem líquidos, nem inseticida algum nesta nossa horta. As hortaliças é frutas têm crescido num solo bem equilibrado e integral, porventura superior ao excelente humus glaciário, repleto de minerais, existente na região quando esta era ainda virgem. A qualidade e sabor de nossos produtos são inquestionavelmente superiores aos da maioria das hortaliças, tratadas com inseticidas, que se encontram à venda nos mercados urbanos.

O processo e a fórmula que seguimos não foram dificeis, nem dispendiosos. Durante sete anos, adubamos anualmente essa terra com estrume de curral. Mas não nos limitamos a *enterrar* o estrume, antes o misturamos bem com a terra, por meio do arado, como eu vira os fazendeiros franceses fazer; eles são, aliás, os melhores do mundo nesse setor. Sabíamos que o terreno «virgem» carecia de cálcio, potássio e fósforo, e para restaurar esses elementos empregamos, todos os anos, adubos comerciais. No quarto ano, as hortaliças já mostravam um vigor suficiente para comprovar que o equilíbrio entre esses elementos essenciais e as matérias orgânicas vivas estava razoavelmente assegurado; começamos então a aplicar elementos secundários. Empregamos numa metade da horta certa mistura de boro, manganês, magnésio, cobre, cobalto e ferro; e na outra metade empregamos um novo adubo cuja base era uma mistura de carvão cozido com cálcio e fosfato natural, alem de nitrogênio.

Até ao quarto ano foi-nos forçoso usar líquidos imunizantes e inseticidas, especialmente contra os pulgões da abóbora, as lagartas do repolho, e os gorgulhos do feijão; e contra o «mosaico» nas culturas de aipo. Mas, no quinto ano, observamos uma diminuição notavel nos ataques, tanto de insetos como de moléstias. Vaporizou-se sobre o aipo, uma vez, calda bordalesa, e usamos uma só vez inseticidas nas abóboras, feijoeiros, pepinos, couves e brócolos. Ao sexto ano já não tivemos que aplicar inseticidas, e no sétimo a horta estava virtualmente isenta de quaisquer insetos ou moléstias. Esse estado de coisas tem-se mantido até hoje.

Embora encontrássemos de vez em quando algum inseto daninho, estes se mostravam pouco inclinados a atacar as plantas. Os ovos dos pulgões da abóbora abriam nas folhas da planta, é certo, mas nenhum dos insetos chegava a atacar a folha ou a flor, a não ser que estas estivessem enfraquecidas devido a alguma contusão. A lagarta do repolho aparecia aquí e alem, para atacar as folhinhas mais tenras, mas daí a pouco ia embora, tendo feito muito pouco estrago, e outro tanto se deu com o gorgulho do feijão.

Mas o caso mais notavel foi talvez o dos tomateiros, que deram mostras de absoluta resistência aos pecos, moléstias e vermes. Em 1946, um peco novo devastou as colheitas de tomates de toda aquela região; mas, na nossa horta, não vimos nem sinais dessa praga. A partir do quarto ano, os tomates já não apresentavam fendas, e o amadurecimento era uniforme, o que atribuimos à presença do manganês.

Uma coisa que muito contribuiu para o êxito da nossa horta foi a prática de cobrir a terra com palha e estrume, que nos permitiu manter uma umidade uniforme no solo, promoveu a proliferação de minhocas, eliminou a necessidade de sachaduras e amanhos, tornou a rega praticamente desnecessária, e acabou com 90 por cento do trabalho da monda. Observamos por acaso mais uma boa obra atribuivel a essa cobertura do terreno: alguns dias depois de feita essa cobertura, começou a aparecer debaixo dela todo um mundo de cogumelos e bolores. Estavam atacando a folhagem morta que os cobria, convertendo-a em matéria orgânica, e tornando os minerais acessiveis às plantas *vivas* que crescem *dentro* da própria cobertura.

Estavam presentes alí todos os elementos—umidade, bactérias, cogumelos ácidos benéficos, minhocas. Tal é o ciclo perpétuo do universo—nascer, crescer, morrer, apodrecer, nascer de novo—sem o qual nenhum terreno pode ser produtivo, sadio, nem continuamente fecundo.

O que se passa naquela horta, onde

foi possivel um tratamento intensivo, está-se propagando em ondas concêntricas, embora a passo mais lento, a toda a superfície de 400 hectares da Fazenda Malabar, e revela-se sob a forma de saude e resistência cada vez maiores, tanto entre as colheitas como entre os animais. O gado e os galináceos recebem rações que encerram o devido teor alimentar, e o resultado é uma maior produção de leite, carne que se desenvolve com maior rapidez, animais de pelo mais lustroso, maior êxito na reprodução, descendentes mais numerosos e mais robustos e completa imunidade às infecções que, dantes, infestavam o solo e as pastagens.

Temos feito na Fazenda Malabar algumas observações notaveis relativamente aos efeitos da fertilidade crescente do solo, sobre as infecções e a saude geral dos animais. Logo de começo, quando tomamos a nosso cargo os terrenos gastos e mal tratados, vimo-nos a braços com uma misteriosa moléstia que aparecia nas patas dos animais que pastavam nos campos abertos, e sem acesso aos currais. À medida que aumentava a fertilidade do solo, essa enfermidade ia diminuindo, e acabou por desaparecer de todo. Ora, visto que a estreptomicina, agente curativo de grande eficácia, provem de solos ricos e bem equilibrados, essa observação leva-nos a supor que esses solos talvez contenham organismos ou substâncias que, como a estreptomicina, combatem, eles próprios, as doenças. O que é certo é que a crescente fertilidade e o equilíbrio mineral do solo aumentaram, de maneira irrefutavel, a fecundidade e a aptidão reprodutora dos animais da fazenda.

Há uns quinze anos, uma das mais famosas granjas dedicadas à reprodução de equinos, na região da «relva azul» no Kentucky, começou a encontrar enormes dificuldades na venda de seus potros. Embora fossem descendentes de cavalos de grande renome nas pistas de corrida, essas crias tinham adquirido péssima reputação por apresentarem fendas nos cascos, ossatura deficiente, e falta de vigor em geral. O dono dessa estância gastou rios de dinheiro com veterinários, mas sem qualquer resultado, até o dia em que um seu amigo inglês, jogador de polo, manifestou a opinião de que o mal devia ter como causa certas deficiências de minerais do solo. Efetivamente, tão depressa essas deficiências foram corrigidas, os potros voltaram a alcançar preços elevados.

Que a falta de elementos essenciais, no solo, pode afetar o desenvolvimento, a saude e a inteligência dos habitantes de toda uma região, é fato que ainda há pouco mereceu aceitação geral. Num estado do sul dos Estados Unidos, onde o solo tem sido gravemente depauperado por má agricultura há várias gerações, as fichas do serviço de recrutamento militar do país mostraram que a percentagem dos homens rejeitados chegou a atingir quase 75 por cento.

Quanto à influência que exercem sobre o gado o desequilíbrio e as deficiências de minerais na terra, os fatos são bem conhecidos. Em certas regiões da Florida e da Luisiana, vê-se a cada

passo o gado pastando em capim tão alto que dá pelo joelho, mas com as costelas e os ossos do lombo à mostra; enquanto que no Novo México, no Arizona e no Texas ocidental, onde um relance de olhos quase não descobre vegetação alguma, o gado apresenta-se nédio, saudavel e bem nutrido. A diferença provem do conteudo mineral da vegetação que, no primeiro caso, mau grado seu viçoso aspecto, é extremamente desequilibrada, enquanto que no segundo é bem equilibrada e rica em minerais, muito embora rasteira e rala.

Todo criador de gado sabe que os animais, tendo oportunidade, conhecem instintivamente a maneira de equilibrar a alimentação, conforme suas necessidades individuais. Esse *instinto*, que permite reconhecer a deficiência em vitaminas ou minerais, o homem já o perdeu em parte. Daí a necessidade que ele tem de viver de alimentos produzidos em solos de bom equilíbrio mineral, e daí tambem nossa compreensão de que é o próprio solo que determina, em grande parte, a nossa saude e vigor.

O reino animal

Olhando agora para trás, e vendo a obra que temos realizado no decurso de alguns anos somente, não podemos deixar de experimentar um sentimento de profunda satisfação. Ainda me lembro do dia em que andei segando feno numa das propriedades até ao anoitecer. Era uma cultura mista de trevo e alfafa, de boa qualidade e tão densa, que mal podíamos atravessá-la com a segadeira. Que lindo espetáculo! Eram uns 15 hectares de verdejante feno, vestindo as abas de uma elevação dantes tão calva e árida, que as próprias ervas daninhas rareavam alí e tinham aspecto doentio. Pus-me a pensar na primeira vez que vira aquele campo,—um milharal escalavrado, sulcado de ravinas e coberto de pés de milho raquítico. Hoje, em compensação, não há em toda a terra da Malabar uma só ravina, e os campos de pasto têm todo o aspecto dum gramado de jardim inglês.

O anoitecer nessa fazenda é duma beleza quase opressiva. A propriedade, com as suas nascentes, árvores soberbas e cascatas murmurejantes, desdobra-se debaixo do céu, rasgando um panorama de cinquenta quilômetros para alem do lago de Pleasant Hill,—panorama todo entrecortado de colinas e vales, bosques e casas de fazenda. Por vezes, após uma trovoada, a própria luz parece ganhar tons esverdeados, à medida que as sombras das árvores se alongam sobre o trevo e o «capim azul». Daí a pouco, vem o gado subindo vagarosamente até ao cimo da colina, seu campo de pastagem dileto ao anoitecer, quando a aragem começa a refrescar.

Há poucas coisas tão agradaveis como ficar contemplando o gado. O grande touro branco é um animal docil que não liga atenção à gente. De começo, as vacas e as vitelas acercam-se e param, observando-nos de perto

por algum tempo; se ficamos quietos, e não há cachorros na vizinhança para afugentá-los, os animais vêm bem junto de nós, farejam-nos de alto a baixo com o focinho úmido, e daí a pouco vão-se a caminho do pasto, com todo o seu vagar. Mas as vitelinhas não se afastam logo; permanecem alí perto, dando pulinhos de susto fingido em volta de nós, cada vez que fazemos um movimento. Vão-se, mas daí a pouco já estão de volta, e ficam a observar a gente com todo o ar de crianças que se desafiam mutuamente, a ver quem é que se atreve a aproximar-se. Quando nos deitamos de costas na espessa relva, olhando o céu, podemos ouvir por todos os lados o rumor característico que fazem as queixadas dos animais ao morder e cortar o capim, à medida que vão seguindo a sua trajetória pelos campos a fora.

Um dos animais preferidos, entre todos os da fazenda, é o Sylvester, o maior touro Guernsey que tenho visto, e um dos mais belos. É tambem brincalhão como uma criança.

Compramo-lo numa granja perto de Kalamazoo, ainda adolescente, com menos de dois anos de idade, e foi transferido para a nossa fazenda junto com um serralho de 34 «amigas». Logo de começo ele deixou transparecer uma forte vocação para ator de terceira categoria. Era um grande *poseur*, e, como que consciente de sua beleza, passava boa parte do tempo no estábulo dos touros, tomando atitudes e exibindo seu perfil a toda e qualquer criatura que se mostrasse disposta a olhar para ele. De vez em quando, essas poses plásticas alternavam com espetaculares patadas e fungadelas, e uma série de peripécias que ele aprendeu a fazer com um grande tambor vazio de ferro, dos usados para o transporte de querosene, que lhe tínhamos dado à guisa de brinquedo.

Estou convencido de que Sylvester inventava histórias em que o tambor figurava como inimigo, cuja função era apanhar de quando em vez uma surra mestra. Às vezes empurrava-o às marradas pela encosta acima, até ao curral dos touros. Quando, finalmente, o tambor esbarrava na parede do curral, com um ribombo de tiro, fazia ricochete e começava rebolando pela encosta abaixo, direito ao animal. No momento exato, Sylvester dava-lhe outra marrada formidavel, e atirava-o de novo pela encosta acima. Esse jogo chegava a durar uma hora. E, como adorava exibir as suas graças e habilidades, quanto maior fosse a assistência mais ele parecia divertir-se.

Mas, creio, Sylvester sabe que é na pastagem, enterrado até aos jarretes no capim, com os bosques e o céu azul a lhe servirem de pano de fundo, que ele recorta a silhueta mais sedutora. Quando o soltamos, não dispara em louca correria para ir ter com as vacas e vitelas, como em geral fazem os machos ansiosos e de pouco sizo. Em vez disso, o touro transpõe a porteira e, com um ar de grande solenidade, solta dois ou três urros estrondosos, e fica à espera. Toda a sua presença exala segurança e altivez, e até hoje nunca achou motivo para mudar de tática, pois daí a dois ou três minutos, as vacas e as vitelas, coitadas, surgem por trás dum maciço de arbustos ou duma elevação, e correm para junto dele.

O nosso touro conhece a sete léguas as pessoas que o temem, e conduz-se em relação a elas como um tirano implacavel. No outono passado andava ele à solta numa pastagem em que o Jesse passava o dia num trator, limpando a terra e preparando-a para a nova sementeira. O próprio Jesse é um indivíduo bastante pitoresco; aos 65 anos, é um autêntico *factotum*, e usa uma linguagem profana, digna da região montanhosa onde nasceu. Sylvester desinteressou-se do seu harem, e passou a seguir todos os passos de Jesse. Cada vez que o trator parava, arremetia contra ele. Duvido que as suas intenções fossem realmente maldosas, mas ele sabia que era capaz de provocar, por parte de Jesse, uma bela série de «nomes feios»; alem disso, o touro obrigava-o a manter-se em constante movimento e, o que é pior, impedia-o de ir à fonte beber água. Sempre que Jesse tinha sede e metia o trator a caminho da nascente, o touro, como que adivinhando o pensamento dele, abalava através do campo e chegava antes. Quando se cansava de perseguir o velhote, dirigia-se para a nascente, e deitava-se placidamente ao pé dela.

Mas um belo dia Sylvester encontrou o seu Waterloo, e aliás fez tristíssima figura. Ao que parece, o fundo do tambor de ferro, com que ele costumava brincar, enferrujou e soltou-se, e o touro encaixou a cabeça no tambor; por mais esforços que fizesse, não conseguia desembaraçar-se. Cego e atrapalhado, deixou-se tomar duma raiva crescente, e quanto mais raivava mais berrava, em variantes que iam do baixo profundo ao tenor e até à soprano lírica... Nunca um touro—nem mesmo o touro de Bashan—berrou com mais ferocidade.

Foram precisos dois homens, e meia hora de trabalho, para libertá-lo. Quando por fim o conseguimos, pousou em nós o olhar mais melancólico que já vi num animal, virou as costas e foi embora para o curral, onde ficou, «emburrado», todo o resto da tarde. Depois desse fiasco, durante muitos dias, Sylvester andou envergonhado e cabisbaixo.

Paraiso do esportista

Em nossa fazendola na França, a menos de 40 km de París, e na vizinha região do Oise, havia sempre codornizes, faisões, perdizes e corças em abundância.

Em lugar de usar as cercas de arame, que todos os anos se inutilizam estupidamente com a queima do restolho, ou são derrubadas pelas ceifadeiras, o agricultor europeu ergue sebes ou muros de pedra, revestidos de vegetação natural que oferece alimento e refúgio às aves e outras caças. Nas grandes regiões do Valois, onde as colheitas principais são o trigo e a beterraba, e que se tornaram famosas pela caça ao faisão e à perdiz, o fazendeiro deixa aquí e alem nos campos, de propósito, alguns talhões e faixas de terra plan-

tados de roseiras silvestres e outros arbustos onde a caça se pode abrigar. O lavrador europeu faz isso não só porque reconhece o valor de uma população numerosa de aves, grande consumidora de insetos, mas tambem porque a caça, por ele protegida desse modo, lhe assegura um agradavel passatempo e um saboroso e rico suplemento à despensa da família.

No curso das transformações que fizemos na Malabar, para facilitar a lavra em faixas e linhas de contorno horizontais, adotamos medidas semelhantes de proteção à caça. Para substituir parcialmente as antigas vedações que derrubamos, usamos as margens das valas de drenagem, abertas a dinamite, como linhas de abrigo e vias de passagem para a caça, entre uns campos e outros. Para tal fim plantamos salgueiros ao longo dessas margens, e deixamos que o terreno contíguo adquirisse uma densa vegetação de amoras silvestres e outras plantas do gênero. Nos campos novos e mais vastos, deixamos, aquí e alí, um retalho de terreno para abrigo dos animais silvestres. E, para atrair a caça brava, e ao mesmo tempo substituir as dispendiosas cercas permanentes de arame, estamos plantando agora, de ambos os lados das vedações novas, a roseira multiflora, planta espinhosa de grande resistência que se assemelha à roseira silvestre vulgar, e que no decurso de três anos terá formado uma sebe capaz de impedir a passagem até do gado. Em mais dois ou três anos essa sebe será tão cerrada, que nem mesmo um javalí a poderá atravessar. Quando, passados uns dez anos ou mais, a cerca primitiva se deteriorar, teremos então cercas *vivas*, isto é, muros espinhosos que não custaram nada e que ficarão alí para sempre.

Temos explorado alem disso as vantagens da própria topografia natural, com o seu conjunto de densos bosques, pântanos, nascentes, regatos, entremeados de terras araveis. De começo, os 55 hectares de bosque mal ofereciam abrigo a algumas aves e esquilos, pois toda a região fora de pastagem, e esforçadamente explorada durante muitos anos, constando o bosque exclusivamente de grandes árvores antigas, que cresciam em terreno despido de vegetação rasteira e de árvores novas. O primeiro passo que demos, e o mais eficaz, consistiu simplesmente em vedar a entrada do gado e dos carneiros nesse terreno; daí a pouco a vegetação rasteira natural já estava crescendo com exuberância. Viam-se por todos os lados fetos e flores agrestes em abundância, e, alem disso, novos pés das árvores próprias da região, inclusive faias, nogueiras bravas e carvalhos, que oferecem alimento aos animais. Brotaram da terra novos rebentos de vinha brava, e silvas trepadeiras, boas para as perdizes, começaram de novo a alastrar-se por todos os lados.

Esta tática de entregar os bosques à natureza, em vez de os abandonar a uns rebanhos de carneiros mal nutridos, tem dado resultados prodigiosos. Num período de oito anos os bosques readquiriram um aspecto quase tropical. E com a vegetação que agora reveste o terreno, voltou à Fazenda Malabar grande população silvestre.

O voejar súbito de uma ave, ou o espetáculo de um rato almiscarado migrando furtivamente pelo regato abaixo, numa trajetória sinuosa que abre um ligeiro sulco de pregas à superfície da água; ou a visão de uma manada de cervos por entre o arvoredo tenro, de sanguinho e videira silvestre, são coisas que têm o condão misterioso de dissipar qualquer sentimento de desânimo, restituindo-nos a alegria da alma. Todas as medidas que temos adotado para reconstituir a população silvestre da fazenda, têm-se mostrado economicamente lucrativas, sem falar nas outras satisfações que nos trouxeram.

Voltemos ao campo

Até que ponto a maquinaria pesada pode resolver os inúmeros problemas da fazenda, é uma coisa que nos foi graficamente demonstrada no dia em que tivemos que derrubar um antigo tapume que separava duas das nossas fazendas. Longos anos de descuido tinham transformado esse tapume meio-arruinado em autêntica selva onde se viam montes de pedregulhos e detritos de toda ordem, uma espessa vegetação de era venenosa, amoras e bagas silvestres de toda espécie, inclusive cerejas, sem contar uns pés de sassafrás com um diâmetro de nada menos de 30 cm. Tornava-se imperioso remover a cerca, que nos estava impedindo de rasgar longas faixas e linhas de contorno através das duas fazendas, numa extensão de cerca de 1.500 metros. A perspectiva de ter que remover tudo à força de pulso nos pareceu quase insuperavel.

Alugamos então um *bulldozer* de 14 toneladas para dar conta da obra. O monstro de aço entrou pela sebe, derrubou sem esforço aparente as corpulentas árvores, levantou como uma pá o monturo, o restolho e os pedregulhos, e ao cabo de quatro horas de trabalho deixou a terra tão limpa e lisa como se nunca tivesse existido alí qualquer tapume. Custou-nos essa obra, precisamente, 60 dólares; se tivéssemos tentado realizá-la a braço, teria exigido o trabalho de três homens (que não havia disponiveis) durante o inverno inteiro, ao custo de mil dólares ou mais!

Há muitos fazendeiros que ainda teimam em fazer tudo pelos processos mais dificeis. Crêem que, na agricultura, o único caminho que leva ao êxito é o trabalho duro, quer seja necessário, quer não. Por via de regra, desconfiam das idéias modernas, das inovações, precisamente porque, graças a elas, se conseguem por vezes resultados espantosos com tão pouco esforço.

A maquinaria agrícola moderna veio acabar com muito do labor escravizante da fazenda, e é capaz de reduzir as despesas da produção e acelerar o trabalho. Mas seria grave engano supor que a maquinaria é uma coisa capaz, só por si, de garantir maior eficiência agrícola, ou um solo mais fecundo. Ao contrário, ela pode in-

tensificar a destruição do solo, pois permite explorar maiores extensões com menos esmero, mais desleixo e mais rapidez.

Um fazendeiro meu conhecido, dono de uma fazenda de 80 hectares, mal governada e mal cuidada, comprou recentemente mais 60 hectares de terreno adjacente. Disse-me que fez essa compra porque gosta da disposição dos terrenos, ficam contíguos aos seus, e ele queria aumentar a produção. Não lhe ocorrera aumentar a produção adotando melhores métodos de exploração das terras que já possuia. Em lugar disso, vai procurar explorar, economizando em mão-de-obra e adubos, 140 hectares em condições piores do que as daquela fazenda de 80.

Pode-se dizer que, fundamentalmente, a orientação desse fazendeiro está na raiz de muitos dos males econômicos que prejudicam a agricultura. Sem o saber, ele está-se encaminhando para a ruina por via da expansão, em vez de explorar a terra que já tinha, tirando dela o máximo do proveito possivel.

A AGRICULTURA é uma ocupação absorvente, uma das mais estimulantes do mundo, mas poucos fazendeiros se têm deixado empolgar por esse estímulo. A maior parte dos recentes progressos na ciência agrícola, que não têm precedentes, ainda não puderam sair do círculo restrito dos professores e pesquisadores.

E no entanto a agricultura oferece segurança, e, para o fazendeiro comum dos nossos dias, uma receita superior à que poderia fazer 85% do resto da população. Alem disso, a vida do agricultor é uma vida digna. Segundo minha própria experiência, conheço poucas satisfações superiores à que tenho experimentado ao atravessar um bonito campo bem cultivado ao ver os silos, as tulhas e os celeiros abarrotados de produtos da minha terra, ou ao saber que em casa abundam a manteiga, o leite desnatado e o creme, e tenho um congelador repleto de morangos, milho verde, favas, couve-flor, brócolos e groselhas.

Na Fazenda Malabar a vida das crianças e da gente moça em geral é uma perpétua alegria. Pode-se nadar, e há boa pesca. Temos bosques cerrados que, na imaginação dos gurís, se transfiguram em selvas do Congo. E quem poderá medir o contentamento de uma criança que avista uma rena novinha, ou um esquilo dourado e gorducho correndo de lado para lado, debaixo de uma nogueira amontoando nozes para o inverno que passará na sua toca? Ou o prazer de um garoto que acaba de pegar uma truta grauda com o seu caniço de pesca? Se o leitor nunca viu o brilho dos olhos de um menino ao dizer: «Papai, imagine só, eu vi três raposas!»—então, saiba que desconhece uma das emoções mais gratas desta vida.

Tudo isso é inerente à boa agricultura e à boa vida, digna, e contribui tambem para reter os melhores jovens nas fazendas, onde se tornam desesperadamente necessários, tanto para o bem do país quanto para o do mundo inteiro.

Índice de SELEÇÕES do Reader's Digest

Tomo XIV — Julho a Dezembro de 1948 — Números 78 a 83

Em frente a cada título lê-se o nome do mês a que corresponde o artigo, e a página em que o mesmo começa

AGRICULTURA
A fazenda Malabar ..... *dezembro* 135
Quanto devemos à humilde minhoca ..... *julho* 90

ALEMANHA
Clay, sentinela de Berlim ..... *dezembro* 131
Erros da política de desnazificação ..... *setembro* 73
Já é tempo de fazer algo com a Alemanha ..... *julho* 115
Por que os norte-americanos não tomaram Berlim ..... *novembro* 123
Quem paga pela destruição da Alemanha ..... *outubro* 103
Que se passa com o povo alemão? ..... *novembro* 61

ANIMAIS
Argúcia dos animais ..... *dezembro* 111
Cachorrinha andeja, Uma ..... *agosto* 87
Eguinha coadjutora de um pastor de almas, A ..... *novembro* 112
Fracassa a luta contra a febre aftosa no México ..... *julho* 47
Melhor amigo do homem, O ..... *outubro* 63
Por que se perde sempre nas corridas ..... *julho* 109
Quando se processavam os animais. *julho* 106
Quanto devemos à humilde minhoca ..... *julho* 90

ARTE DE VIVER
Abra essas malas ... e viva! ..... *julho* 31
Como vencí a gagueira ..... *julho* 81
É facil escrever cartas ..... *agosto* 94
Luz na janela ..... *outubro* 38
Menino que ninguem queria, O ..... *novembro* 58
Não existem sombras para mim .... *dez.º* 129
Orçamento doméstico *versus* carestia ..... *setembro* 84
Original República dos Parvenses, A ..... *julho* 33
Para aproveitar nossas fraquezas ..... *outubro* 101
Para evitar a monotonia conjugal ..... *dezembro* 71
Para que os convidados não se enfadem ..... *agosto* 61
Poder de um bilhete postal, O .. *setembro* 55
Que significa para mim a amizade, O ..... *outubro* 81
Se tiver uma boa desculpa, não a use! ..... *agosto* 53
Vivamos bem o dia de hoje ..... *outubro* 29
Vivamos mais intensamente ..... *agosto* 105

AUSTRÁLIA—seu povo e sua terra .... *nov.º* 107

AUTOMOVEIS
Acumuladores que duram mais do que o automovel ..... *dezembro* 91

AVENTURA
Atravessando o Atlântico a remo..julho 37
Borrasca.....agosto 117
Façanha do corsário, A.....novembro 131
Isolados nas nuvens.....outubro 135

AVIAÇÃO
Isolados nas nuvens.....outubro 135
Sobre os Andes—um vôo que jamais esquecerei.....dezembro 33
Vôo da águia solitária.....setembro 57

BIOGRAFIA
(Baeck, Rabino Leo) Meu tipo inesquecivel.....outubro 111
(Barrett, Dr. Thomas J.) Quanto devemos à humilde minhoca....julho 90
(Bell, Joseph) Sherlock Holmes em carne e osso.....agosto 49
(Breckinridge, Aida de Acosta) Banqueira de olhos humanos....novembro 75
(Bundesen, Dr. Herman) Um lider na luta contra a morte.....setembro 115
(Clay, Lucius D.) Clay, sentinela de Berlim.....dezembro 131
(Cottrell, Frederick G.) O sábio que não quis ser rico.....julho 101
Dewey, Como trabalha Thomas.....novembro 102
(Duncan, James) Meu tipo inesquecivel.....agosto 64
(Eisenhower, Dwight) Episódio pessoal.....dezembro 40
Galileu, sábio de visão ultra-terrena.....setembro 87
(Gillette, King C.) Barbeiro de meio mundo.....agosto 97
(Gray, Cap. E.) Meu tipo inesquecivel.....novembro 45
(Hall, William Henry) Por que escovamos os dentes.....outubro 97
(Howey, Walter) Howey, jornalista sem par.....dezembro 73
(Jackson, Andrew) Jackson—Presidente do povo.....agosto 81
(Leigh, Douglas) O rei dos anúncios «espetaculares».....novembro 103
(Lindbergh, Charles A.) Vôo da águia solitária.....setembro 57
(Massie, Dorothy) Uma professora que ensina a aprender.....dezembro 59
(Moran, Jim) O homem mais louco do mundo.....outubro 85
(Murray, Philip) Todos à uma....nov.º 53
(Nation, Carry) Uma reformadora de armas na mão.....agosto 112
BIOGRAFIA (*Cont.*)
(Rainha Guilhermina) Rainha da Holanda por meio século....dezembro 97
(Rank, J. Arthur) Filosofia de um homem de ação.....julho 55
(Reese, Lew) Prova de fogo de um industrial.....novembro 115
(Rei Jorge VI) Aprovado com distinção.....agosto 29
Rodríguez, governante dinâmico, Abelardo.....outubro 58
Rubinstein—o homem e o artista, Artur.....novembro 91
Stalin, José.....outubro 123
(Steenbock, Harry) A vitamina que acabou com o raquitismo....dezembro 113
(Twersky, Jacob) Não existem sombras para mim.....dezembro 129

BRASIL
Marinha Brasileira.....setembro 149

CANCER, Nova conquista contra o..setembro 47

CASAMENTO
A meu filho, no dia de seu.....setembro 37
Para evitar a monotonia conjugal.....dezembro 71
Quem defende o amor livre?....setembro 33

CIÊNCIA
Acumuladores que duram mais do que o automovel.....dezembro 91
Estreptomicina—seu poder e limitações.....outubro 92
Galileu, sábio de visão ultra-terrena.....setembro 87
Já é uma realidade a televisão..novembro 120
Luz que não falha.....dezembro 120
Maravilhas industriais da energia atômica.....novembro 29
Milagre do nascimento, O.....outubro 116
Nossas forças mentais.....setembro 125
Os ossos têm vida.....agosto 25
Sábio que não quis ser rico, O....julho 101
Todos somos anormais.....outubro 66
Vermiculite, o mineral mais estranho.....agosto 78
Vitamina que acabou com o raquitismo, A.....dezembro 113

CINEMA ao ar livre.....dezembro 102
DESASTRE
O grande furacão de Galveston....nov.º 67
Último reduto de Bar Harbor...outubro 71

DESPORTES
Acabemos com as Olimpíadas....agosto 38
Por que se perde sempre nas corridas.....julho 109
Sakamoto—ás da natação.....setembro 101

DETECTIVES
Assalto em pleno dia em Nova York.....julho 93
Crime na universidade.....setembro 95
Segredo da Scotland Yard, O....outubro 41
Sherlock Holmes em carne e osso..agosto 49

DIREITO
Justiça sem papelada.....novembro 87
Sangue o dirá, O.....novembro 50

ECONOMIA
Orçamento doméstico *versus* carestia.....setembro 84

EDUCAÇÃO
Como pensa a nova geração japonesa.....dezembro 123
Férias escolares remuneradas.....agosto 110
Menino que ninguem queria, O.....novembro 58
Música nas escolas.....outubro 121
Todos aprendem a ler!.....julho 61
Uma professora que ensina a aprender.....dezembro 59
Você sabe o que quer dizer?.....julho 99

ENERGIA ATÔMICA, Maravilhas industriais da.....novembro 29
Este mundo em que vivemos.....setembro 71

ESTADOS UNIDOS
Despertar musical dos Estados Unidos.....dezembro 88
Duas palavras a favor do Tio Sam.....dezembro 105
Justiça sem papelada.....novembro 87
Terra de juventude.....novembro 85

EQUADOR, O chapéu de Jipijapa no...out.º 151

FILOSOFIA de um homem de ação...julho 55
Vivamos mais intensamente.....agosto 105

FLAGRANTES da vida real.....julho 41
FLAGRANTES da vida real.....agosto 71
FLAGRANTES da vida real.....setembro 99
FLAGRANTES da vida real.....outubro 90
FLAGRANTES da vida real.....novembro 44
FLAGRANTES da vida real.....dezembro 95

FOTOGRAFIAS (CAPAS)
Árvore da Vida, A.....dezembro
«A Carreta».....julho
Chapéu de Jipijapa no Equador, O.....outubro
Marinha Brasileira.....setembro
Volcaneña de S. Salvador, A...novembro
Xochimilco.....agosto

FRANÇA a iniciativa livre, Retorna à...set.º 50

GEOGRAFIA
Austrália—seu povo e sua terra....nov.º 107
Babel—sem desordem.....julho 121
Grande muralha que deteve os manchús, A.....agosto 89
País modelo.....agosto 102

GRÉCIA, Os gregos lutam para salvar a.....dezembro 51

GUERRA, Como vencer sem ir à...setembro 39
Façanha do corsário, A.....novembro 131
Kremlin não deseja guerra agora, O.....setembro 122
Por que os norte-americanos não tomaram Berlim.....novembro 123
Rússia está preparada para a guerra? A.....agosto 31

HISTÓRIA
Assim se salvaram da fome os russos.....novembro 72
Grande muralha que deteve os manchús, A.....agosto 89
Jackson—Presidente do povo.....agosto 81
Quando se processavam os animais.....julho 106

HOSPITAIS
Ambiente familiar para os doentes mentais.....outubro 33
Memórias de um ex-demente.....julho 127

HUMORISMO
A meu filho, no dia de seu casamento.....setembro 37
Cachorrinha andeja, Uma.....agosto 87
Creio na superioridade masculina...out.º 47
Delícias dos duelos.....julho 113
Eguinha coadjutora de um pastor de almas, A.....novembro 112
Exmo. Sr. Congressista.....dezembro 127
Instantâneos pessoais.....agosto 148
Não conte assim suas anedotas...setembro 63
Rir é o melhor remédio.....agosto 37
Rir é o melhor remédio.....setembro 113

INDÚSTRIA
Afinal, boas notícias da Europa ... julho 25
Como ganhar dinheiro *com* os operários ... dezembro 55
Fracassa a luta contra a febre aftosa no México ... julho 47
Humanizemos a indústria ... novembro 96
Maravilhas industriais da energia atômica ... novembro 29
Prova de fogo de um industrial ... nov.º 115
Rainha dos mares ... setembro 28
Vermiculite, o mineral mais estranho ... agosto 78

INGLATERRA sob o regime socialista, A ... dezembro 83
Shakespeare e sua aldeia ... julho 85

INVENÇÕES
Galileu, sábio de visão ultra-terrena ... setembro 87
Luz que não falha ... dezembro 120
Máquina que serve café com leite ... julho 65
Rádio miniatura para recepção e transmissão ... julho 78

JAPÃO
Como pensa a nova geração japonesa ... dezembro 123

JORNALISMO
Howey, jornalista sem par ... dezembro 73

MEDICINA
Ambiente familiar para os doentes mentais ... outubro 33
Banqueira de olhos humanos ... novembro 75
Carta de um médico a um cardíaco ... dezembro 80
Dicumarol, a droga que dissolve coágulos ... dezembro 43
Doente é o herói, O ... agosto 56
Estas cidades acabaram com as moscas ... setembro 81
Estreptomicina—seu poder e limitações ... outubro 92
Líder na luta contra a morte ... setembro 115
Mal alheio ajuda a remediar o nosso, O ... agosto 41
Memórias de um ex-demente ... julho 127
Nova arma contra a lepra ... julho 59
Nova conquista contra o cancer ... setembro 47
Os ossos têm vida ... agosto 25
Que sabemos agora do cancer?, ... novembro 127
Sangue o dirá, O ... novembro 50
Vitamina que acabou com o raquitismo, A ... dezembro 113

MELHORAMENTOS URBANOS
Estas cidades acabaram com as moscas ... setembro 81
«Não se aceitam famílias sem filhos» ... outubro 109
Sementeira de futuros legisladores ... julho 52

MEU tipo inesquecivel ... agosto 64
MEU tipo inesquecivel ... setembro 66
MEU tipo inesquecivel ... outubro 111
MEU tipo inesquecivel ... novembro 45
MEU tipo inesquecivel ... dezembro 47

MÉXICO
Árvore da Vida, A ... dezembro 1
Abelardo Rodríguez, governante dinâmico ... outubro 58
Fracassa a luta contra a febre aftosa no México ... julho 47
Xochimilco ... agosto 1

MÚSICA
Artur Rubinstein—o homem e o artista ... novembro 91
Despertar musical dos Estados Unidos ... dezembro 88
Música nas escolas ... outubro 121

NAÇÕES UNIDAS
O plano ABC para a paz mundial ... outubro 50
Primeiro objetivo: Paz ... dezembro 65

NATUREZA
Beija-flor, jóia dos jardins ... agosto 46
Eguinha coadjutora de um pastor de almas, A ... novembro 112
Existe a serpente marinha? ... setembro 108
Feira de borboletas ... julho 125
Pinguins do Antártico ... setembro 141
Quanto devemos à humilde minhoca ... julho 90

NEGÓCIO
Barbeiro de meio mundo ... agosto 97
Cinema ao ar livre ... dezembro 102
Feira de borboletas ... julho 125
Férias escolares remuneradas ... agosto 110
Máquina que serve café com leite ... julho 65
Música nas escolas ... outubro 121
Mundo da Unilever, O ... novembro 80
Negócios que outros não vêem ... outubro 55
Por que escovamos os dentes ... outubro 97
Rei dos anúncios «espetaculares», O ... novembro 103

OLIMPÍADAS, Acabemos com as ... agosto 38

ORÇAMENTO doméstico *versus* carestia ... setembro 84

POLÍTICA INTERNACIONAL
Afinal, boas notícias da Europa ... julho 25
Assim se salvaram da fome os russos ... novembro 72
Assim se subjuga uma nação ... setembro 93
Clay, sentinela de Berlim ... dezembro 131
Como vencer sem ir à guerra ... setembro 39
Cortina de ferro para a Tchecoslováquia ... julho 43
Duas palavras a favor do Tio Sam ... dezembro 105
Erros da política de desnazificação ... setembro 73
Experimento que seria fatal, Um ... out.º 150
Escravos do Soviete em busca de urânio ... outubro 77
Força moral na política internacional, A ... novembro 99
Já é tempo de fazer algo com a Alemanha ... julho 115
Kremlin não deseja guerra agora, O ... setembro 122
Nasce um satélite ... novembro 39
Plano ABC para a paz mundial, O ... outubro 50
Primeiro objetivo: Paz ... dezembro 65
Que convem saber sobre o plano de restauração da Europa, O ... dezembro 36
Rússia está preparada para a guerra?, A ... agosto 31
Será inevitavel a guerra no Oriente Médio? ... julho 67
Voz hostil da Rússia, A ... agosto 73

REFUGIADOS
A Venezuela abre suas portas ... setembro 25

RELIGIÃO
Como são atendidas nossas preces ... setembro 105

RETALHOS DO DRAMA COTIDIANO
Coroa do velho Hank, A ... dezembro 118
Volta do prisioneiro, A ... novembro 35

RÚSSIA
Assim se salvaram da fome os russos ... novembro 72
Assim se subjuga uma nação ... setembro 93
Escravos do Soviete em busca de urânio ... outubro 77
José Stalin ... outubro 123

RÚSSIA (*Cont.*)
Kremlin não deseja guerra agora, O ... setembro 122
Rússia está preparada para a guerra?, A ... agosto 31
Voz hostil da Rússia, A ... agosto 73

S. SALVADOR, A *volcaneña* de ... novembro 1

SEÇÃO DE LIVROS
Borrasca ... agosto 117
Façanha do corsário, A ... novembro 131
Fazenda Malabar, A ... dezembro 135
Isolados nas nuvens ... outubro 135
Memórias de um ex-demente ... julho 127
Nossas forças mentais ... setembro 125
Pinguins do Antártico ... setembro 141

SOCIALISMO
A Inglaterra sob o regime socialista ... dezembro 83

SUIÇA
País modelo ... agosto 102

TCHECOSLOVÁQUIA, Cortina de ferro para a ... julho 43
Nasce um satélite ... novembro 39

TESTES
Seria o leitor boa testemunha? ... outubro 80
Vamos quebrar a cabeça! ... dezembro 63

TRABALHISMO
Como ganhar dinheiro *com* os operários ... dezembro 55
Todos à uma ... novembro 53

URUGUAI
«A Carreta» ... julho 1
A original República dos Parvenses ... julho 33

VENEZUELA abre suas portas, A ... setembro 25

VIAGENS
Austrália—seu povo e sua terra ... nov.º 107
Babel—sem desordem ... julho 121
País modelo ... agosto 102
Shakespeare e sua aldeia ... julho 85
Sobre os Andes—um vôo que jamais esquecerei ... dezembro 33

VOCABULÁRIO
Você sabe o que quer dizer? ... julho 99

Cintilante e firme como as estrelas, o brilhante do anel de esponsais reflete indefinidamente o amor e a ventura dela. . . . É por isso que a pedra do seu anel, por módico que seja o seu custo, deve ser escolhida com a máxima cautela. A côr, o talhe, a água, a-par do peso em quilates, contribuem para a sua beleza e valor. Não deixe de consultar um bom joalheiro.

De Beers Consolidated Mines, Ltd.

Meio quilate — Um quilate — Dois quilates — Três quilates

H. W. AYER & SON

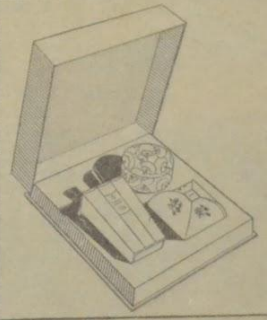
Com o perfume que "ELA" usa...

—FAÇA-LHE PRESENTE DE UM DÊSTES LINDOS ESTOJOS

Coty

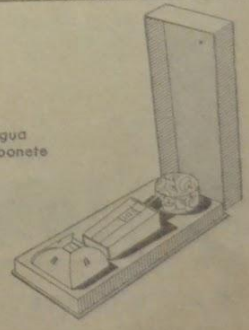
Pó de Arroz • Talco • Água de Colônia • Loção • 2 Sabonetes

Pó de Arroz • Água de Colônia • Brilhantina • 2 Sabonetes



Pó de Arroz • Água de Colônia • Sabonete

Pó de Arroz • Água de Colônia • Loção • Sabonete



Pó de Arroz • Água de Colônia • Sabonete

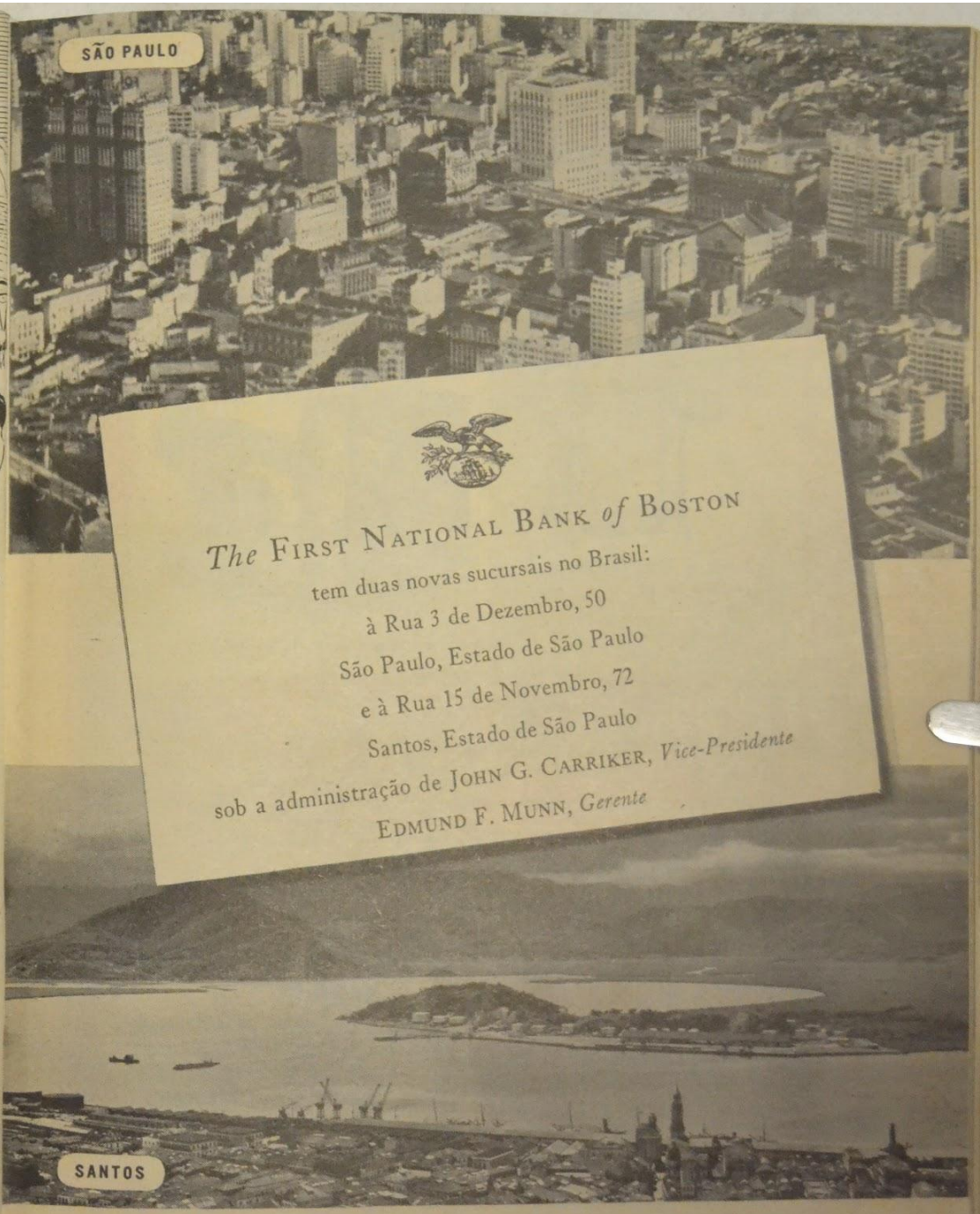
Para Conforto e Utilidade

A camionete 'Jeep' é desenhada de forma a oferecer conforto e utilidade—conforto na sua marcha suave e estabilizada, e utilidade na carroceria de aço, ampla, com assentos removiveis. Estes se tiram facilmente, permitindo que se desfrutem melhor as viagens de recreio ou proporcionando mais espaço para carga, no uso comercial. A camionete 'Jeep' é construida para prestar os mais variados serviços. É ideal como carro para passageiros, e insuperavel para transportes e entregas ligeiras.

Willys-Overland Export Corp., Toledo, Ohio, E.U.A.

O 'Jeep' Caminhonete

O ÚTIL VEÍCULO DE DUAS FINALIDADES, FABRICADO PELA WILLYS-OVERLAND



The FIRST NATIONAL BANK *of* BOSTON

tem duas novas sucursais no Brasil:

à Rua 3 de Dezembro, 50

São Paulo, Estado de São Paulo

e à Rua 15 de Novembro, 72

Santos, Estado de São Paulo

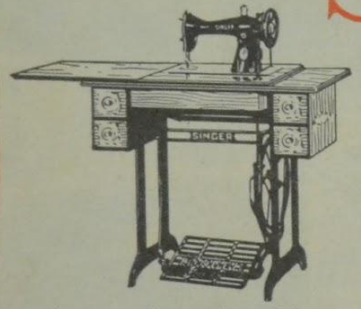
sob a administração de JOHN G. CARRIKER, *Vice-Presidente*

EDMUND F. MUNN, *Gerente*

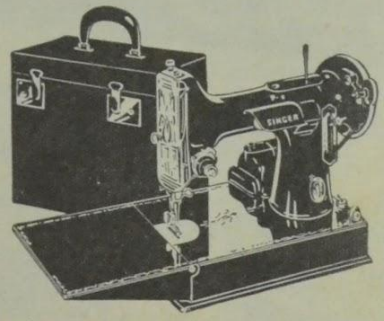
The FIRST NATIONAL BANK *of* BOSTON . . . O Banco maior e mais antigo da Nova Inglaterra . . . *Matriz:* 67 Milk Street . . . *Várias Filiais em toda a Cidade de Boston . . . Representado em Nova York pelo* First of Boston International Corporation, 2 Wall Street . . . *Sucursais no exterior:* Na Argentina — Buenos Aires, Avellaneda e Rosário . . . No Brasil — Rio de Janeiro, São Paulo e Santos . . . Em Cuba — Havana, Santiago, Cienfuegos e Sancti Spiritus. *Correspondentes bancários em todo o mundo.*

A SUA *MELHOR* COMPRA AINDA É UMA

SINGER



Máquina Singer de pedal
Modêlo 15-88



Máquina Singer Elétrica-Portátil

Os mais lindos modelos de máquinas — portáteis, de gabinete, mesa ou pedal — aguardam a sua escolha, em qualquer Loja Singer. E, embora pareça impossível, a Snra. descobrirá nas novas Singer vários aperfeiçoamentos que transformam a costura num verdadeiro prazer! Adquira a sua máquina *imediatamente* em *suaves* mensalidades.

Singer Sewing Machine Company

— o nome garante o produto!

RIO DE JANEIRO • RECIFE • S. PAULO
Lojas Singer em tôdas as cidades do Brasil

É sòmente Singer oferece esta GARANTIA!

Em tôdas as cidades do continente há Lojas Singer que oferecem a mais perfeita assistência mecânica e peças sobressalentes para a sua Singer.

M. R.

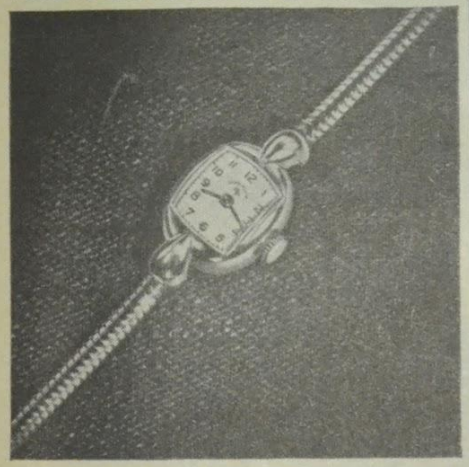
Copyright U.S.A. 1948
by Singer Sewing Machine Company
All Rights Reserved for All Countries
Todos os direitos devidamente protegidos pelo Tratado Internacional

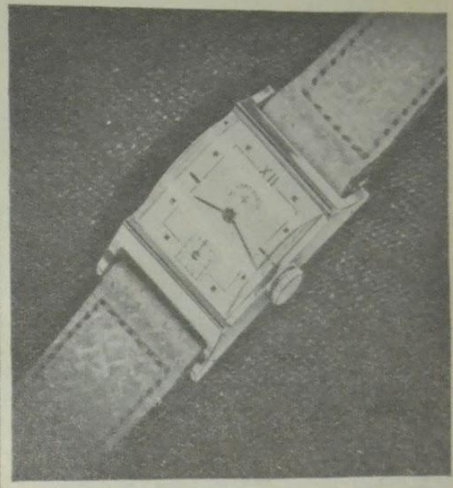
Para um Natal mais alegre...

dê um ELGIN!

Só o Elgin tem a Corda DuraPower*

PROCURE ESTE EMBLEMA NO MOSTRADOR





Relógios ELGIN

CERTOS COMO AS ESTRELAS!

Ele ou ela... será *mais feliz* no Natal com um novo e lindo Relógio Elgin. Alem de serem belos, estes novos Elgins, soberbamente estilizados, oferecem melhoramentos que não se encontram em nenhum outro relógio.

Mesmo nos climas mais úmidos, a Corda DuraPower do Elgin não enferruja, e, note-se, a ferrugem é a causa principal da quebra das molas. A Corda DuraPower do Elgin elimina 99% dos consertos de relógios devidos a quebra da mola.

Os Relógios Elgin têm sido o presente tradicional de Natal de muitas famílias distintas, durante gerações. Inicie este ano essa tradição na sua família, dando os melhores Elgins jamais fabricados.

*Patente requerida

CONHEÇA OS GRANDES MÉDICOS DO BRASIL

PROFESSOR DR. RINALDO DE LAMARE

Laureado pela Academia Nacional de Medicina, Docente da Universidade do Brasil e Presidente da Soc. Brasileira de Pediatria

Quando meus clientezinhos precisam de um laxante, eu prescrevo o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS.

Rinaldo de Lamare

Ao indicar o LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, nas perturbações digestivas de uma criança, o clínico sabe que está receitando um laxante suave, para um organismo delicado, mas eficáz, para auxiliar os intestinos, normalizando-os integralmente. Ao mesmo tempo, o consagrado poder antiácido do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS age beneficamente sobre todo o aparelho digestivo proporcionando saúde e bem-estar.

Tão suave para as crianças!

Tão eficaz para os adultos!

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LIQUIDO E COMPRIMIDOS

TODOS COMPLETAMENTE NOVOS, E, CLARO, TODOS KELVINATOR!

Pode V.S. imaginar um Refrigerador tão novo . . . que o armário *inteiro* tem espaço util, *refrigerado*, para os alimentos? O magnífico Kelvinator novo tem em cima um vasto Armário para Alimentos Congelados . . . depois um sem-fim de prateleiras . . . um compartimento especial onde se podem guardar dias e dias os gêneros frescos . . . e, bem no fundo, o maravilhoso e novo Refrescador de Frutas!

Pode V.S. imaginar um Fogão Elétrico que prepara grandes refeições no forno . . . sem que V.S. tenha que entrar na cozinha? O novo "Cozinheiro Automático" da Kelvinator vigia em *seu* lugar o trabalho do fogão! Tem um forno tão grande que facilmente se pode assar nele um perú de 12 quilos . . . novos reguladores no topo do fogão, faceis de ler e manipular. Agora V.S. já pode saborear deliciosos jantares, cozinhados *sem esforço!*

Pode V.S. imaginar a possibilidade de comer em qualquer época do ano os pratos da sua preferência? Pois faça isto: basta congelar e armazenar uns 100 quilos de carne, frutas, legumes, mariscos e peixe, quando os preços estão baixos e a qualidade é máxima. Sim, o Congelador Doméstico Kelvinator assegura uma vida de luxuosa comodidade e economia!

Vá à loja do agente autorizado ou escreva diretamente à Kelvinator pedindo informações sobre estes utensílios ultra-modernos.

Kelvinator

Divisão da Nash-Kelvinator Corporation
Detroit, Michigan, E.U.A.
Divisão de Exportação

660 novos ônibus MACK para a Argentina

660 grandes ônibus Mack a motor Diesel, para 41 passageiros, — parte de uma encomenda de 800 — rodam hoje suavemente ao longo das amplas avenidas de Buenos Aires, Rosário, Córdoba e Mendoza, levando a essas cidades todos os melhoramentos e progressos em traçado de ônibus, que tornaram os Macks preferidos das linhas de transporte público em toda a América do Norte e do Sul.

O sortimento completo dos modernos ônibus Mack abrange todas as exigências de serviço, em capacidades para 33 a 45 passageiros, sendo os veículos acionados a motor Diesel ou a gasolina, — ao todo uma série de oito modelos diferentes. Seja qual for seu tamanho, todos os ônibus Mack encarnam as vantagens excepcionais, já comprovadas, que fizeram do nome de Mack sinônimo do que há de melhor em ônibus.

Para obter informações completas sobre os Macks, os ônibus de marcha suave e rendimento assegurado, visite o representante mais próximo da Mack. *Entre outros paises da América Latina que estão encomendando ônibus Mack, contam-se: Brasil, Colômbia, Cuba, Curaçau, Perú, Uruguai.*

Mack

Em toda a América Latina se ouve repetir: "FORTE COMO UM MACK"

Mack Trucks, Inc., Empire State Bldg., Nova York, N. Y., E. U. A.—Fabricantes de caminhões, ônibus e carros de incêndio univeralmente afamados. A gasolina ou Diesel. Distribuidores nas principais cidades da América Latina.

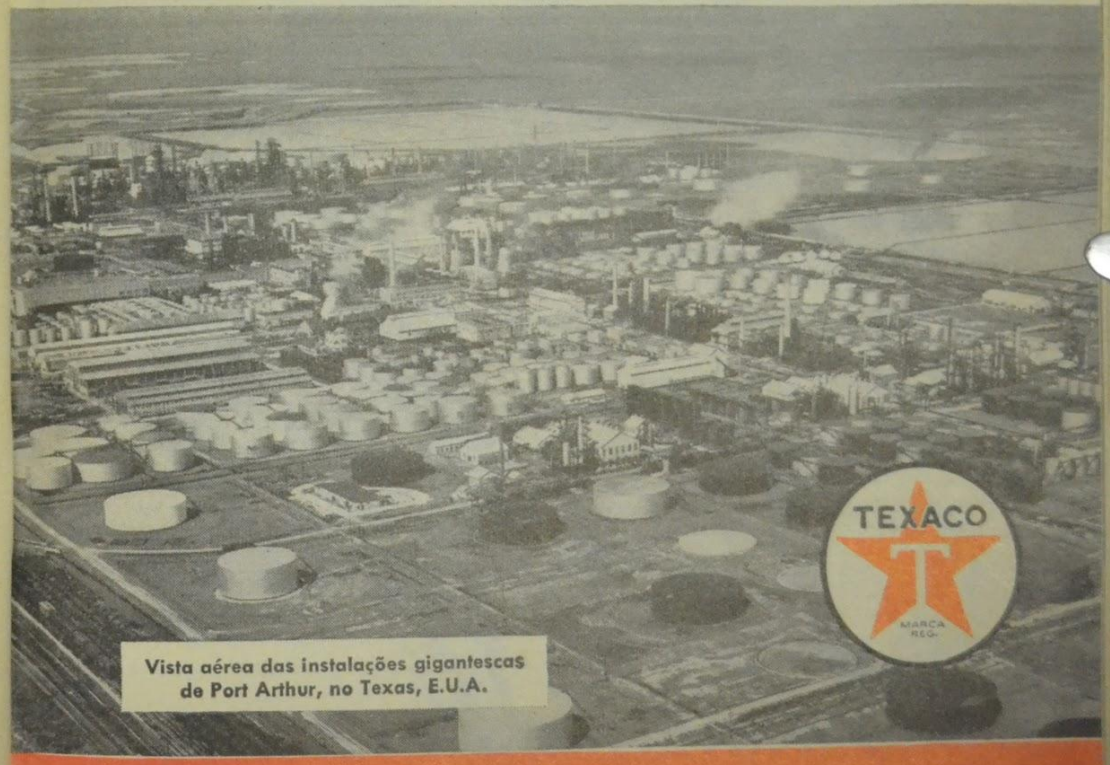
A SEU SERVIÇO

para melhores produtos de petróleo

● Para que cada gota de óleo lubrificante ou combustivel que o Sr. usa seja uniforme e eficiente — a Texaco vela cuidadosamente todas as fases da produção e refinação de seus produtos de petróleo. Quando o Sr. especifica Texaco, está preservando seu valioso equipamento contra desgastes e desarranjos, e assegurando-se o máximo de rendimento e de desempenho pontual — em todas as suas operações automotrizes, industriais e de transporte.

THE TEXAS COMPANY

e seus Distribuidores



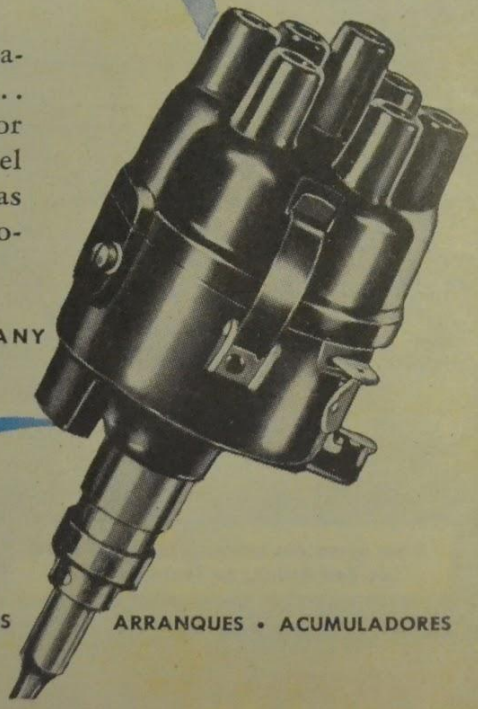
Vista aérea das instalações gigantescas de Port Arthur, no Texas, E.U.A.

TEXACO PRODUTOS DE PETRÓLEO

Passe-se para os Sistemas Eléctricos

Auto-Lite

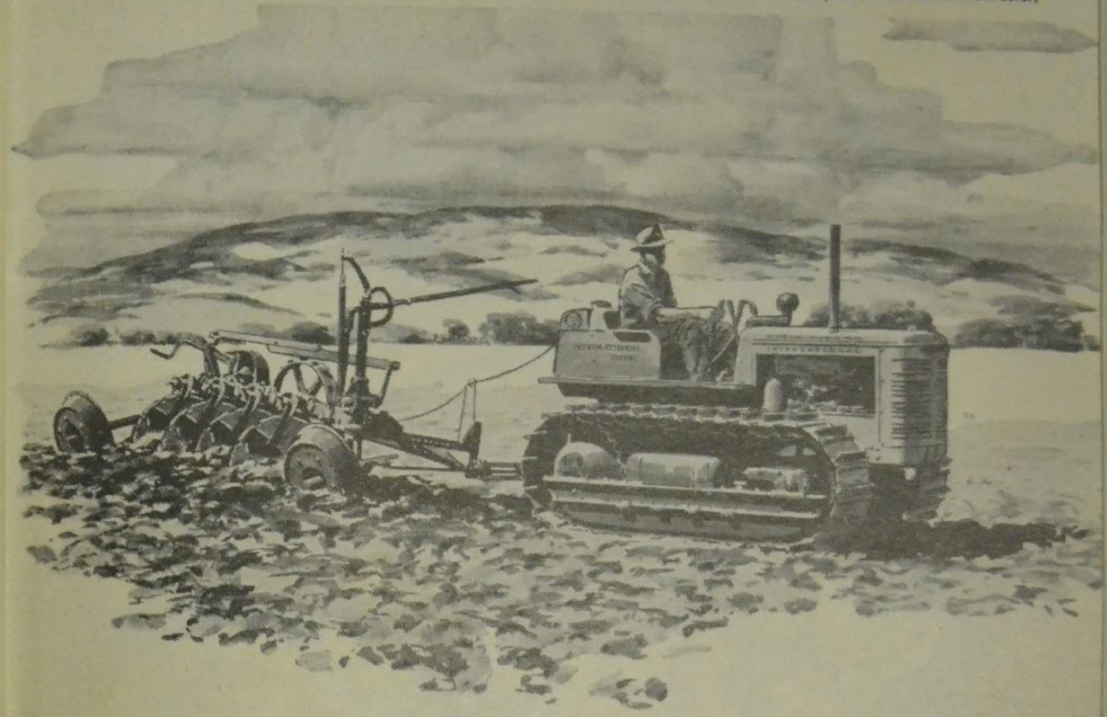
Para conservar o funcionamento em estado de novo... passe-se para Auto-Lite. Por nenhum dinheiro é possível adquirir-se melhores Sistemas Eléctricos para o seu automóvel.



THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
Export Division, Chrysler Building
Nova York 17, N. Y., E. U. A.

VELAS • FIOS E CABOS **ARRANQUES • ACUMULADORES**

Agricultura Mecanizada na África do Sul... o mundo inteiro é um vasto campo agrícola servido pela International Harvester.



A ABUNDÂNCIA DE ALIMENTOS DEPENDE DA MAQUINARIA MODERNA PARA A LAVOURA

Todos os homens que trabalham no campo—do mais modesto sitiante ao grande fazendeiro—se esforçam por produzir mais e melhores safras. E as ferramentas que os auxiliam em seu trabalho são as maquinarias modernas para a lavoura mecanizada.

Sim, a vitalidade do homem e das nações depende do processo básico e essencial de produzir alimentos. E os produtos da International Harvester—máquinas e equipamentos para aumentar a produção—servem à agricultura no mundo inteiro. Sempre que o solo for preparado para o plantio, estas máquinas ajudarão o homem a produzir *mais*... com *menos* trabalho físico... e *maior* eficiência e economia.

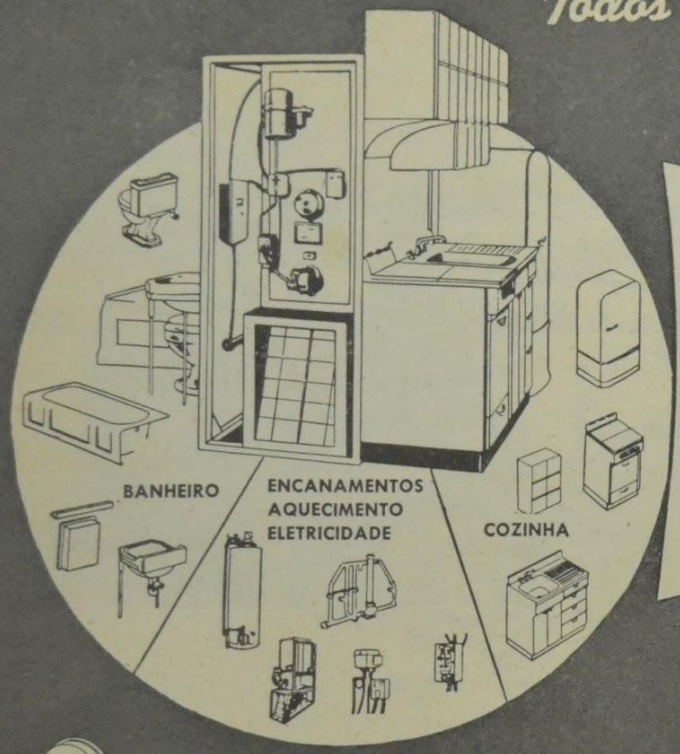
INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago 1, E.U.A.

Os funcionários da International Harvester devotam suas vidas à manufatura e à distribuição de maquinaria, que aumenta a produção de alimentos e facilita o transporte econômico. Há 115 anos que esta Companhia mantém grande reputação em qualidade e serviço.

INTERNATIONAL HARVESTER

TRATORES E MÁQUINAS AGRÍCOLAS McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL — CAMINHÕES, FÔRÇA INDUSTRIAL E REFRIGERAÇÃO INTERNATIONAL

Todos OS APARELHOS DO LAR EM *Uma* UNIDADE



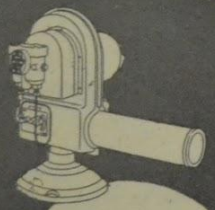
A UNIDADE

INGERSOLL

Compreende o conjunto completo de acessórios, aparelhos, controles e ligações da cozinha, do banheiro e da calefação para uma casa pequena ou média. *A unidade é também oferecida em proporções menores, sem a instalação de calefação.*

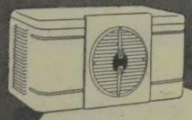
JANELA "STORM SHADE" E TELA "KOOLSHADE"

A "Koolshade" reduz de 10° C a temperatura do quarto — deixa entrar luz e ar, reflete os raios caloríficos. A "Storm Shade" resiste à intempérie — não permite a entrada do frio.



QUEIMADORES DE ÓLEO NORGE PARA CONVERSÃO DE CALOR —

Construídos cientificamente para o máximo conforto e economia do aquecimento mediante "Combustão Controlada", exclusiva da Norge.

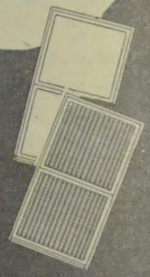


CONDICIONADORES DE AR PARA QUARTOS —

Funcionamento silencioso ... possante unidade refrigeradora.

VENTILADORES SILENCIOSOS —

Tamanhos e capacidades para todos os usos comerciais e industriais. Funcionamento automático.

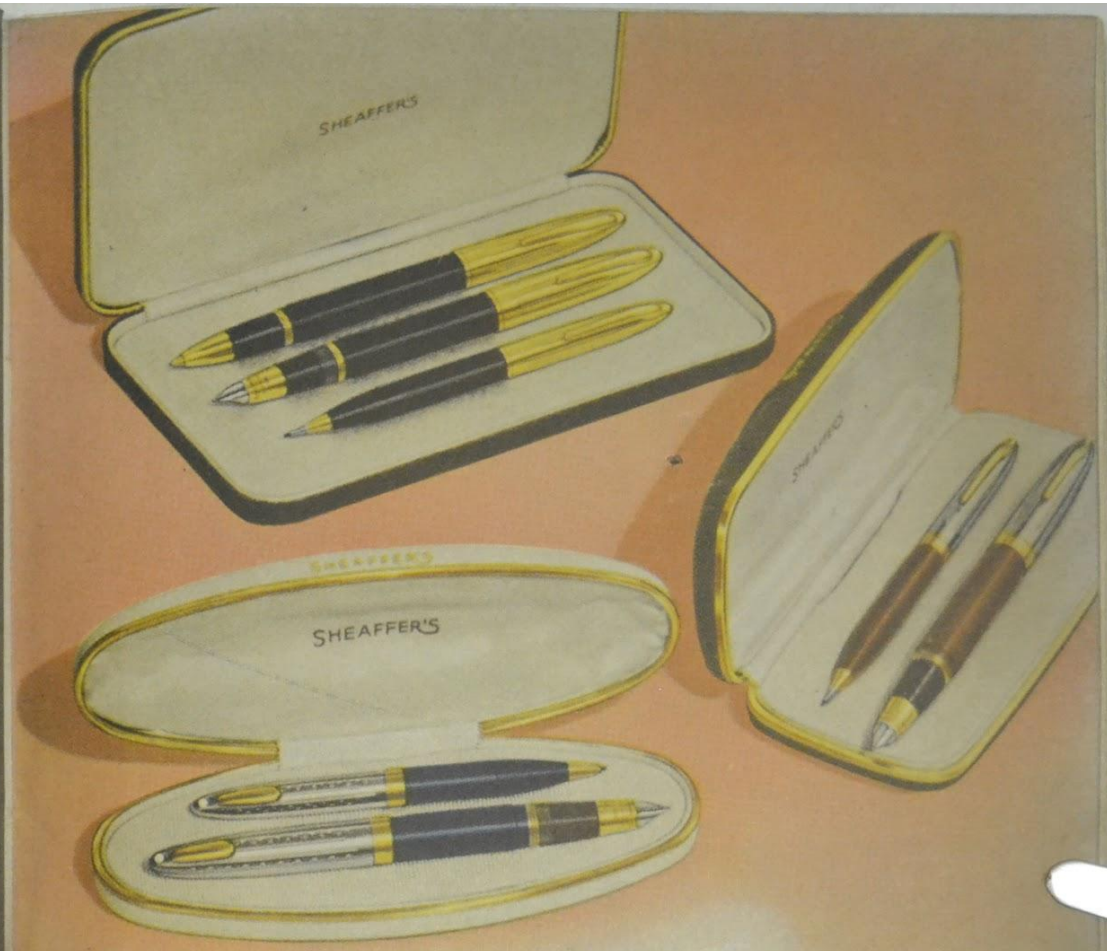


BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

BORG-WARNER B-W INTERNATIONAL



Escolha ao seu gosto!

Veja as novas e lindas cores Sheaffer e escolha ao seu gosto entre os inúmeros modelos e tamanhos.

LEMBRE-SE! AO ESCOLHER SHEAFFER . . . ESCOLHE O MELHOR! **SHEAFFER'S**

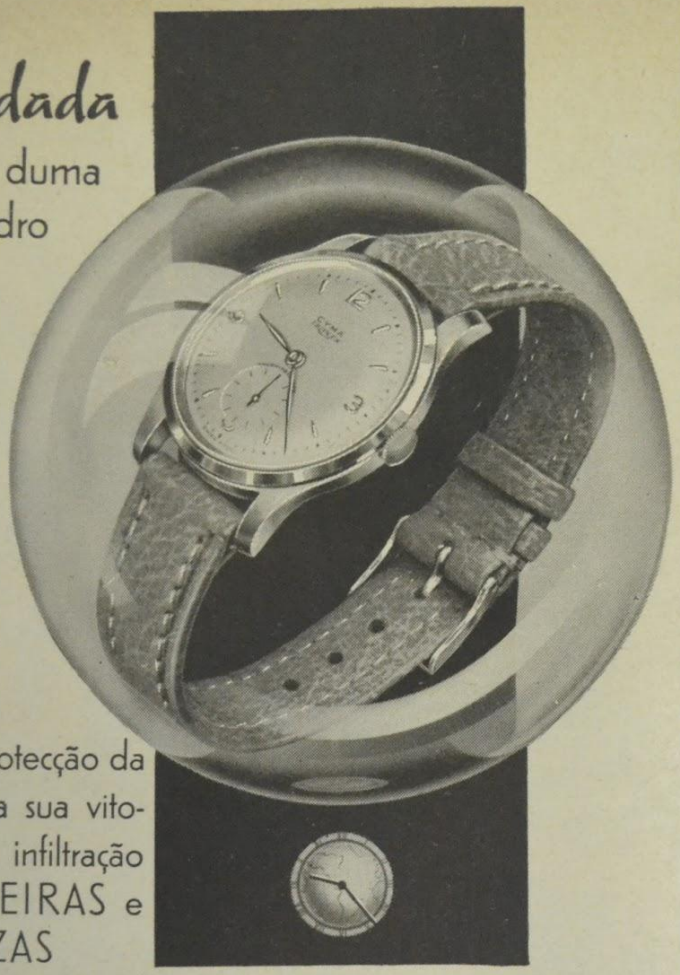
Representantes exclusivos para o Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.**, Matriz e Posto Central de Consertos. Rio de Janeiro — Av. Presidente Vargas, 502 — 11°

Representantes exclusivos para Portugal: **AZEVEDO & DUARTE, LTDA.**, Rua do Crucifixo, 76 — Lisboa

W. A. SHEAFFER PEN CO., FORT MADISON, IOWA, E.U. de A., MALTON, ONTÁRIO, CANADÁ

Resguardada

como dentro duma
bola de vidro



A máquina do

CYMA
TRIPLEX

deve á perfeita protecção da sua caixa especial a sua vitoriosa resistência á infiltração de todas as POEIRAS e IMPUREZAS

CYMA

TRIPLEX

ANTI-CHOQUES • **CONTRA-POEIRA** • ANTI-MAGNÉTICA

COPYRIGHT 1947—THE COCA-COLA EXPORT SALES CO., PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA RESERVADA

Em todo o mundo Coca-Cola *é o refresco ideal*

... Este relógio até parece um

"Moto Contínuo!"

Sim! Dando corda por si mesmo, o notável Tissot Automático possui marcha perpétua.

... e é Garantido Contra Qualquer Acidente — por 1 ano!

Um novo triunfo se acrescentou à série Tissot — o Tissot Automático! Incorporando as relevantes qualidades Tissot, o Tissot Automático é também antimagnético, de notável precisão e resistência, protegido contra choques, impermeável ao pó e ao suor. Sua admiração será completa, porém, diante do infalível e aperfeiçoado sistema de auto - renovação da corda, que permite "marcha perpétua", como se fosse um MotoContínuo. Osbonsrelojoeirosapresentam com orgulho a nova maravilha digna de Tissot — o Tissot Automático.

AÇO
Cr$ 1.100,00
FOLHEADO
Cr$ 1.400,00
OURO
Cr$ 4.000,00

GARANTIA ÚNICA

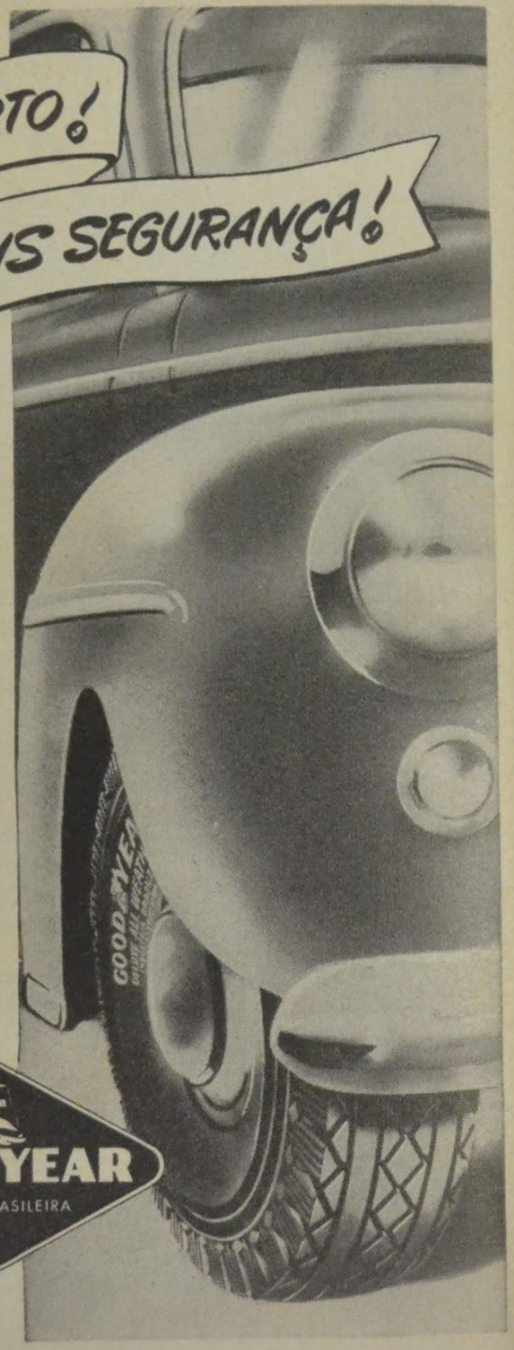
● Tissot lhe oferece ainda essa excepcional garantia, o Certificado Exclusivo Tissot Contra Qualquer Acidente, válido por um ano. Seja qual for a avaria, parcial ou total, seu Tissot será consertado ou trocado, inteiramente grátis!

Tissot AUTOMÁTICO

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE — GENEBRA — SUÍÇA **Tissot**

MAIS CONFÔRTO!

MAIS SEGURANÇA!



Com os novos pneus

GOODYEAR De LUXO

● Apresentados em dois tipos – AWT-All Weather e Raiado – os novos pneus Goodyear de Luxo concentram, nos detalhes da sua construção, os mais recentes aperfeiçoamentos e a mais avançada técnica na indústria de pneus. Equipe o seu carro com pneus Goodyear De Luxo e sinta a satisfação de rodar com segurança e confôrto.

GOODYEAR

INDÚSTRIA BRASILEIRA

ADMINISTRA UMA FAZENDA DE 40.000 HECTARES

(mas tem a cara ultra-sensivel)

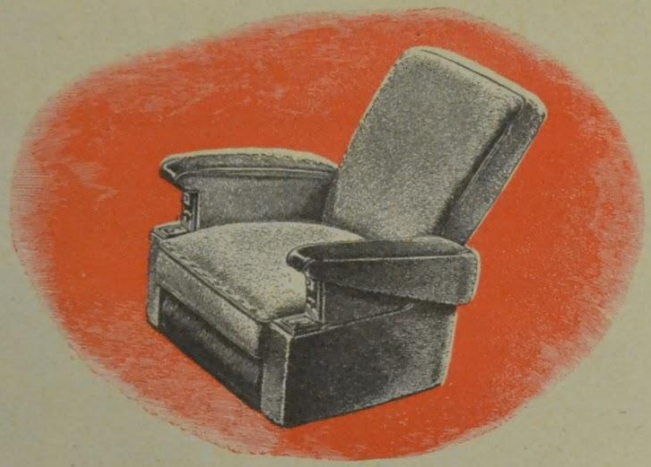
A EXPOSIÇÃO CONSTANTE AO SOL E AO VENTO TORNA MINHA CARA SENSIVEL E IRRITAVEL. MAS BARBEAR-ME É COISA FACIL QUANDO USO O CREME **WILLIAMS,** QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar—deixa-lhe a cara fresca e macia.

CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.

O MISTÉRIO DOS LUGARES VAZIOS



Apesar do grande número de pessoas que solicitam diàriamente lugares a bordo dos aviões e trens, ocorre com frequência que muitos lugares permanecem vasios durante a viagem. A causa desta anomalia, aparentemente inexplicável, é a insuficiência dos meios utilizados para a reservação dos lugares, os quais não podem competir com a presteza e complexidade dos serviços de transporte por avião e estrada de ferro.

Atualmente, porém, há um método moderno—um sistema ultra-rápido para reservações *automáticas*. Esta invenção recente, a que foi posto o nome de INTELEX, constitui um autêntico "cérebro elétrico" que reserva lugares, anula reservações ou sugere alternativas . . . tudo isto em *15 segundos!* É montada no escritório central, e funciona mediante um circuito de teletipo que comunica a todas as sucursais as informações mais recentes.

INTELEX é um produto das pesquisas técnicas da ISE . . . Mais um exemplo da maneira como suas instalações mundiais proporcionam constantemente os últimos adiantamentos nos domínios da telecomunicação e da eletrônica. Para utilizar tais serviços V.S. terá apenas que comunicar-se com o mais próximo representante da ISE.

MANUFATURA, VENDA E SERVIÇO EM TODO O MUNDO

Standard ISE Electric

MARCA REGISTRADA

INTERNATIONAL STANDARD ELECTRIC CORP. N.Y. U.S.A.

Associada da IT&T

Nova York 4, N. Y., E.U.A.

Smith-Corona

POR 45 ANOS *"a máquina dos peritos"*

. . . famosa no mundo inteiro

• Estas máquinas se distinguem em toda parte por seu desenho moderno, o acabamento em cada detalhe do mecanismo e a solidez de sua fabricação.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

BRASIL: Superintendente de vendas para o Brasil: HERBERT N. COHN, Machinas-Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro*; Machinas-Importadora, Ltda., *Rio de Janeiro, São Paulo & Belo Horizonte*; Carvalho & Cia., *Recife*; Dantas, Krauss & Cia. *Aracajú*; Importadora de Ferragens, S. A., *Belem*; J. Goossens & Cia., Ltda., *Fortaleza*; Antonio M. Henriques & Cia., *Manaus*; Carlos Hoepcke, S. A., *Florianopolis*; Wandick Lopes, *Natal*; Neves & Cia., *Parnaiba*; Simon Rosenblit, *São Salvador*; Guimarães e Souza & Cia., *São Luiz*; Soc. de Com. e Refrigeração Springer, Ltda., *Porto Alegre*; PORTUGAL: Soc. de Com. Internacional, Lda., *Lisboa*; ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA: John Orr & Co., *Lourenço Marques*; GUINÉ PORTUGUESA: Carlos Pinto Machado, *Bissau*; ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA: Angola Coaling Co., Ltd., *Luanda & Lobito*; Issardas Utamchand, *São Tomé*

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Ambos usam a Fotografia

V. S. para tirar os instantâneos . . . lembranças sentimentais dos anos mais pitorescos de seus filhos.

Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

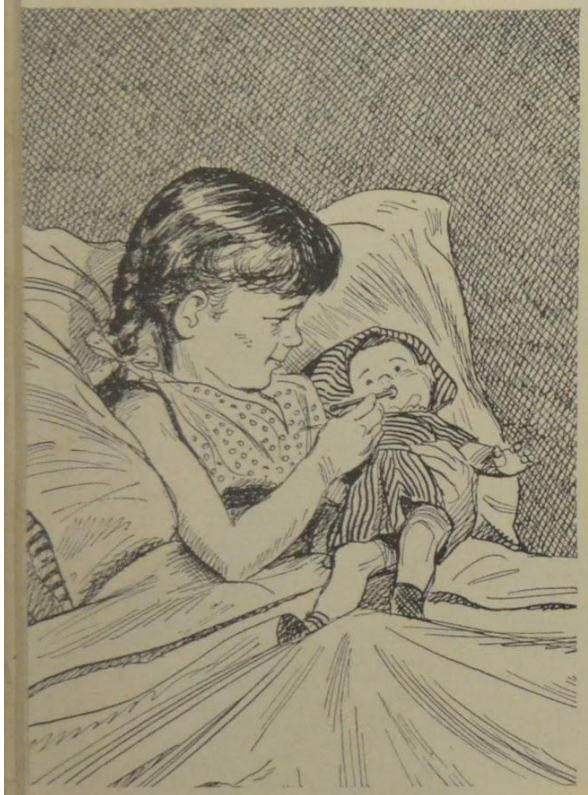
Kodak

O fotógrafo de imprensa, para fotografia . . . indispensáveis para ilustrar, em jornais e revistas, acontecimentos de significação local, nacional e mundial.

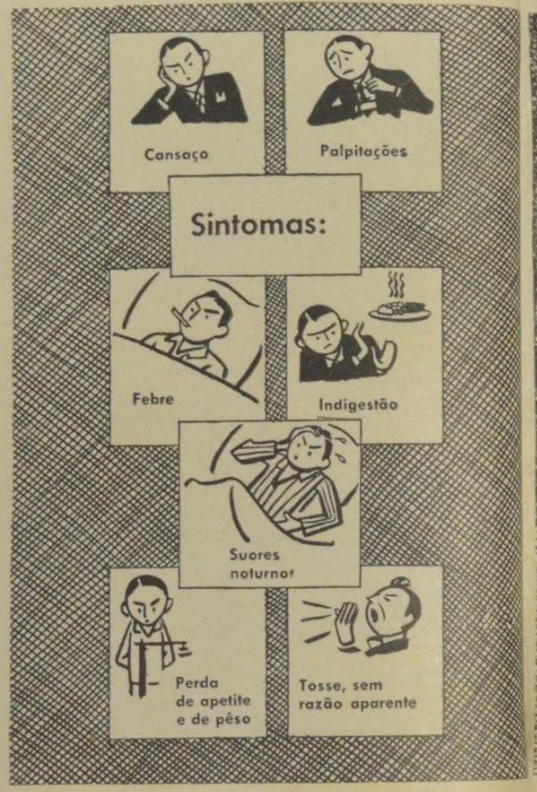
"KODAK", MARCA REGISTRADA

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E.U.A.

Não tenha medo da tuberculose!



As crianças, especialmente as meninas, são as mais sensíveis à tuberculose.



Se você notar algum desses sintomas, consulte imediatamente seu médico!

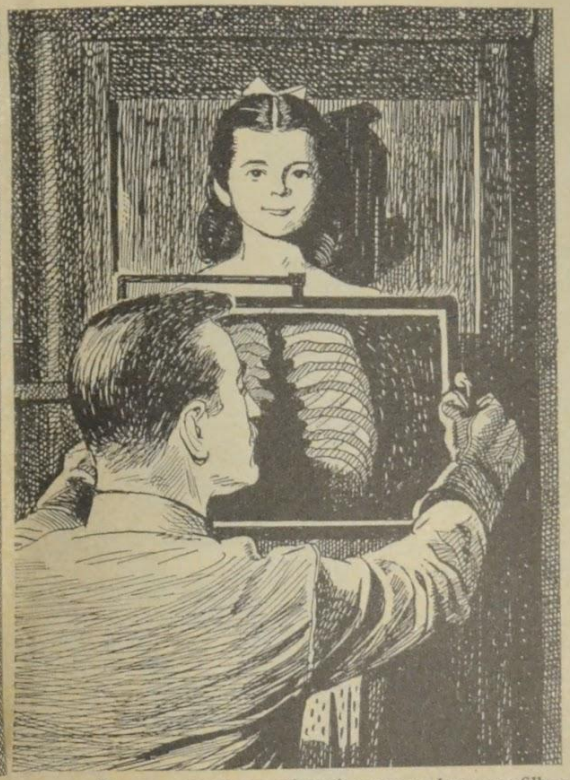
A tuberculose ainda mata milhões! E no entanto, não deveria matar! Porque hoje o seu médico sabe como controlá-la e curá-la. Entretanto, para ser curada, ela deve ser descoberta *a tempo*, por exame clínico. Se você viver até os quarenta anos, sem ser atingido pela terrível moléstia, é bem possível que nunca mais a adquira. Mas, entre quinze e trinta anos, a tuberculose ainda mata milhões anualmente, em todo o mundo. Procure manter os seus longe do contato com tuberculosos. Lembre-se, a tuberculose é uma doença *contagiosa!* Seus germes são transmitidos dos doentes para os sãos!

Como vencer a tuberculose

Conheça seus sintomas (mostrados acima). Atenção neles, especialmente nas crianças.

Evite a infecção. Use leite pasteurizado ou fervido. Evite aqueles que tossem e escarram sem cuidado. Evite contato com os tuberculosos.

Proteja-se contra o enfraquecimento! Durma o suficiente. Faça exercícios ao ar livre. Coma bem. Não trabalhe nem se divirta em excesso. Faça exames médicos *inclusive Raios-X dos pulmões.*

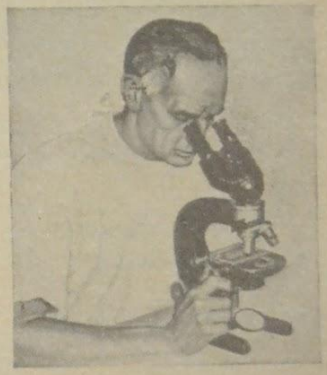


Para sua segurança, vá você mesmo e leve seus filhos também, para tirar uma chapa dos pulmões.

Porque vale a pena tirar uma chapa dos pulmões?

1. A tuberculose no início, às vezes, não é evidente, mas o Raio-X descobre-a.
2. A tuberculose diagnosticada em tempo *pode* curar-se.
3. Descobrir a tuberculose e tratá-la em tempo, garante a sua segurança e a dos demais.
4. A tuberculose, descoberta tardiamente, é difícil de ser curada. Leva mais tempo e é muito dispendiosa.
5. Uma chapa dos pulmões é o mais barato "seguro de saúde" que você pode comprar.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

É um *Prazer* voar pela *PAA*

...e eis aquí 6.600 razões!

6.600 é o número de empregados atenciosos, bem treinados e *experientes* que a PAA põe ao seu dispor, para serví-lo: a tripulação de vôo... o agente que faz sua reserva... o pessoal de terra que mantém os Clippers em forma... atendem a múltiplos outros detalhes indispensáveis ao seu conforto, seja na agência, no aeroporto ou no ar.

É por isso que, desde o instante em que V.S. embarca num possante e luxuoso Clipper da PAA, até sua chegada ao destino, pode ficar descansado... e gozar realmente todas as fases de sua viagem. Porque V.S. sabe que está voando nas asas da *experiência*... do momento da partida ao momento da chegada.

E pode compreender também porque afirmamos com justificado orgulho...

VIAJE PELA PAA... Melhor maneira não há!

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores

"SO COM ESTA MESA...

USANDO O PLANO SIMPLIFICADO DE CONTABILIDADE COM FATURAS POR UNIDADES...

Os elogios dos que o usam não deixam dúvidas: aquí está o método, de há muito procurado e desejado, para facilitar o manejo de contas a receber.

A idéia é básica: o Plano Simplificado de Contabilidade com Faturas por Unidades torna prático, para uma pessoa só, cuidar de todas as atividades relativas a vários milhares de contas, tudo isso sob controle individual visivel.

Os *créditos* são autorizados mediante um olhar à ficha — aliviando os funcionários do crédito por libertá-los de toda a rotina comum. As *cobranças* são registradas simplesmente: basta arquivar a cópia da fatura na Bolsa Kolect-A-Matic de Contas Visiveis, referente ao freguês em apreço. Os *pagamentos* "aplicam-se" removendo as cópias das faturas pagas, e carimbando-lhes a palavra "PAGO", com a data.

Para manter o balanço nos livros "Razão" basta estabelecer controles para todos os débitos e créditos. As *contas atrasadas* são verificadas imediatamente, por causa do controle de sinais Graph-A-Matic.

Desejando pormenores completos sobre esse sistema econômico, escreva à Divisão de Exportações, Dept. H, 315 Fourth Avenue, New York 10, N.Y., E.U.A.

Copyright 1943, Remington Rand Inc.

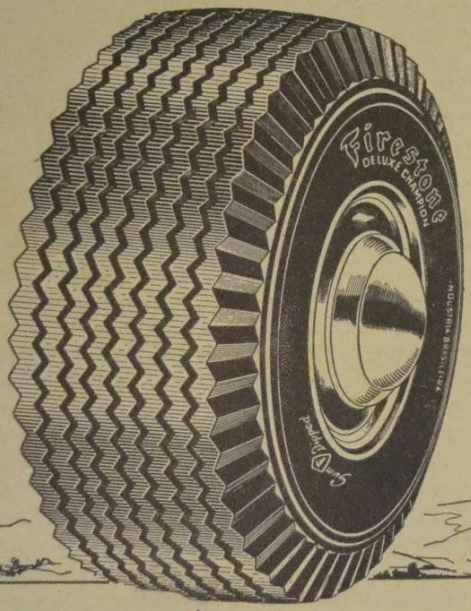
Remington Rand O PRIMEIRO NOME EM SISTEMAS PARA ESCRITÓRIOS

ANTES DE TUDO **SEGURANCA**

ANTES DE TUDO

Firestone

Resolva o problema das derrapagens e rode tranquilo calçando o seu carro com pneus Firestone De Luxe Champion. Largos, estra-chatos, têm 60% mais ângulos anti-derrapantes e são 32% mais duraveis!



Firestone

INDÚSTRIA BRASILEIRA

4808S

O MELHOR HOJE... AINDA MELHOR AMANHÃ

Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO . . . EM TODOS OS LARES

O *Radar Marítimo G-E* é de inestimável valor quando a visibilidade é má. Com êle, o Comandante pressente e localiza a presença de outros navios...calcula-lhes o curso, verificando assim se a sua própria rota está livre. Este aparelho, produto dos laboratórios electrônicos G-E, contribue decisivamente para a segurança das equipagens, dos passageiros e das cargas.

Onde quer que a energia elétrica sirva a humanidade, V.S. encontrará a poderosa influência das pesquisas, da engenharia e da capacidade industrial da G-E.

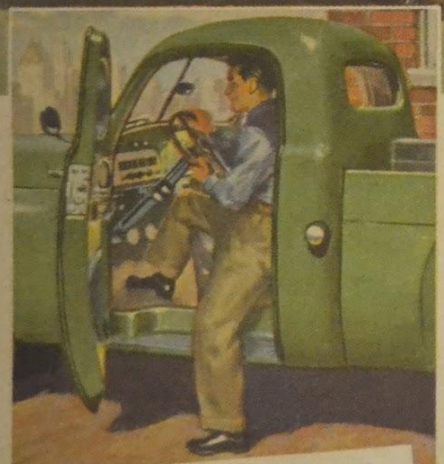
A-8-10

GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se pelo seu funcionamento garantido.

O STUDEBAKER MAIS UMA VEZ NA DIANTEIRA!

Os primeiros caminhões do mundo para 1949!



Cabinas que são o sonho do chofer! Portas largas, visibilidade 22.8% maior nas janelas e parabrisas. Coletor de ar na cabina; duas bandeirolas nas janelas, limpadores do parabrisas, apoios para os braços, palas contra o sol; cinzeiro, iluminação na cabina, fechos de rotação— tudo isso incluido no preço.

Seu traçado é lindo! É extraordinária a economia de seu funcionamento!

TODO o mundo olha duas vezes para estes novos caminhões Studebaker modelo 1949, adiantados em tudo. São tão superiores, que causam sensação em toda parte onde aparecem!

São caminhões inteiramente novos na fabricação e em detalhes técnicos,—dotados de novas características de conforto e utilidade que não se encontram em nenhum outro caminhão.

Entre todos os caminhões que levam carga pelas estradas, estes são os mais faceis de guiar, os mais confortaveis para quem neles viaja, e aqueles que requerem os cuidados mais simples.

Os agentes da Studebaker no mundo inteiro estão recebendo neste momento a primeira remessa destes novos caminhões Studebaker para 1949. Encontram-se num impressionante sortimento de tamanhos e distâncias entre eixos. Vá ver, logo que possa, estes resistentes, elegantes e novos caminhões Studebaker.

The Studebaker Export Corporation, South Bend 27, Indiana, E. U. A. End. Telegrº: Studebaker

Presunto Swift - feito com tenros pernís escolhidos entre milhares, para agradar a seu paladar. Transforme pratos comuns em verdadeiras iguarias usando Presunto Swift. Para receber o Livro de Receitas, envie 3 rótulos diferentes de produtos Swift, com nome e endereço, a: Dep. 25, Caixa Postal, 4210 S. Paulo.

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

alguns preferem as canetas-tinteiro com a pena encapuzada—outros, o estilo convencional. Qualquer que seja o estilo, a Waterman's distingue-se por sua beleza . . . facilidade de escrita . . . adaptabilidade ao modo de escrever de cada um.

Waterman's

oferece as melhores canetas-tinteiro para senhoras e cavalheiros.

Preenchendo um vácuo na vida

Por Jack Dempsey

NUNCA FUI muito dado a leituras, como quase nenhuma das pessoas com quem me criei. Na fazenda não tínhamos livros nem revistas e líamos poucos jornais. Na escola fui mau estudante em quase todas as matérias exceto a aritmética, e meus primeiros professores não me deixaram impressão muito profunda. Meu pai costumava dizer: «A pessoa que te ensine a fazer alguma coisa que não saibas, ou que te explique alguma coisa que ignores, é um bom mestre.»

Por isso minha atenção se concentrava menos nos professores das primeiras letras do que no velho Bill Finley, capaz de ensinar-me a encontrar mel silvestre; nos vaqueiros, com quem aprendia a usar o laço; em meus irmãos mais velhos, que sabiam fintar e negacear, esquivar-se e devolver sopapos.

À medida que me fui convertendo em boxador profissional, fui perdendo ainda mais o interesse pela leitura. Tudo andou bem até o dia em que derrotei Jesse Willard, tornando-me campeão. Comecei então a perceber quanto me faltava em matéria de instrução. Fiquei conhecendo pessoas cultas—governadores, diretores de jornais, importantes homens de negócios, eclesiásticos, reitores de universidades. Compreendí que viviam em um mundo do qual eu pouco sabia, num mundo que me estava proibido, dado o grande vácuo em minha instrução. Minhas leituras habituais se reduziam a pouco mais do que itinerários de trens, menús de restaurantes, anúncios e notícias dos jornais. Precisava tomar alguma providência para preencher tal lacuna.

Contaram-me que Andrew Carnegie, o rei do aço, tomou professor para suprir as deficiências da instrução superior que não terminara. Dirigí-me a uma boa professora de inglês, e expliquei-lhe que desejava aprender a desfrutar a leitura. À guisa de resposta, pôs-me nas mãos o *Reader's Digest*. É impossivel imaginar-se começo mais acertado, porque em suas páginas fui encontrar justamente aquela parte da instrução que me faltava, em forma tal que *dava vontade* de adquirí-la—o que é diferente de obtê-la *por obrigação*. O que aprendia não só preenchia o vácuo que me separava do mundo da letra de imprensa, mas tambem ampliava a esfera das coisas que despertavam meu interesse.

Já se passaram muitos anos, mas ainda leio o *Reader's Digest* com algo daquele mesmo interesse de novidade que sentia quando, pela primeira vez, o tive em minhas mãos. Os autodidatas não adquirem o hábito de ler livros da noite para o dia. Vão aprendendo «com a vida real»—pela observação e a imitação, ouvindo e perguntando—como fiz eu. Embora eu não seja ainda um grande ledor, estou agradecido ao *Reader's Digest* por tudo o que aprendí e que talvez não tivesse jamais conhecido, se suas páginas não me houvessem ensinado antes a apreciar quanto da vida real se encontra em obras impressas.

Quando, em momentos vagos, tomo nas mãos a revista para exercitar minha mente com a leitura de seus artigos, pergunto a mim mesmo se as pessoas que têm o hábito de ler não incorrem no erro de considerar a leitura como coisa corriqueira e comum. Será que se apercebem do muito que podem aprender se meditarem, realmente, sobre o que lêem?

CMD Pan
1969

A volcaneña de S. Salvador

Por
Argentina Díaz Lozano

EM UMA das colinas que parecem filhas menores do enorme vulcão do fundo, enrosca-se uma vereda, que vem serpenteando desde lá em baixo, onde se estende o cafezal em flor. E por alí descem, ligeiras e esbeltas, três *volcaneñas*, que emprestam a nota mais bela à paisagem, com a policromia dos seus vestidos de roda. Sem dúvida, dirigem-se à povoação vizinha, onde foguetes, sinos, marimbas e acordeões celebram a festa em honra do Santo Padroeiro. Sua indumentária vem a ser uma mescla do vestido das índias de Nahuizalco e do que garbosamente trajam as jovens e mulheres do povo da República do Salvador. Babados superpostos na gola da blusa, ou «camisa», nas mangas curtas e na extremidade inferior da saia, que desce até o tornozelo. Completam o atavio vistosos colares de contas, e mantos em quadros, listas ou bordados de matizes suaves, que da cabeça ou dos ombros caem airosamente até quase ao chão.

Podem vir de Izalco ou de Nahuizalco, operosas povoações de índios e mestiços cujos antepassados falavam Náhuat, a língua primitiva dos aborígenes, e que se erguem pitorescas nas fraldas do vulcão de Izalco. Entre eles, os habitantes mais humildes continuam a ser, como seus bisavós, magníficos tecedores de esteiras, cestas e canastras, sem preocupar-se com o progresso e modernismo das cidades próximas, sentindo-se protegidos contra as iras do vulcão pela bela estátua de Jesús que se ergue à entrada de Izalco.

Podem tambem vir de alguma aldeia oculta numa parte da meseta vulcânica do país, aldeia rodeada de cafezais e de pequenos vales verdes, onde pasta o gado.

O colo firme e a cabeça de tranças negras ou cabelo solto emergem dos babados de suas «camisas» amarelo alaranjado, vermelho vivo ou rosa brilhante com listas bordadas.

As saias amplíssimas apertam-se na cintura e as rodas, da altura do joelho para baixo, giram com ritmo, ao compasso do andar de suas donas; saias vermelho escuro, ou azul violáceo, ou de tecido estampado de cores alegres, como o que ostenta a sedutora jovem da nossa capa... porque a *volcaneña* aprecia os matizes fortes e brilhantes que a natureza lhe oferece. A *chorcha* que canta no arvoredo tem uma bela plumagem de um amarelo intenso e de um negro azeviche. E bem vermelho é o penacho do pássaro carpinteiro que amanhece metralhando com o bico os troncos das árvores. E de uma brancura perfeita são as flores dos cafezais, que são a vida e riqueza do país. E da côr do fogo são os céus salvadorenhos nos crepúsculos de dezembro. Por isso, ela copia em seu vestido—a indumentária típica nacional—as cores cambiantes com que o Criador pinta diariamente o mundo que a rodeia, esse mundo que para ela é a operosa República do Salvador, próspera parcela da Grande Pátria dos centro-americanos.

Nossa capa reproduz uma fotografia da jovem Anita Candel com o traje típico da volcaneña.

Foto: Leo Maia

A WESTINGHOUSE PODE CONTRIBUIR

a Criação de Novas Indústrias no Seu País

Se V.S. quizer fabricar artigos têxteis ou metálicos, elaborar conservas alimentícias ou erigir um centro industrial completo, aqui tem como tornar viáveis os seus planos . . .

Os industriais de muitos países dispõem de dinheiro, matérias primas e operários suficientes para produzir muitos artigos essenciais. Entretanto, não conseguem produzí-los porque carecem de conhecimentos técnicos. É-lhes preciso um núcleo de planejadores dotados de noções cabais, aptos a pôr em pé toda uma célula industrial e facilidades correlativas, para produção a baixo custo, com mão de obra semi-qualificada.

A fim de colaborar na criação de tais células, a Westinghouse reuniu especialistas de produção em todos os ramos industriais que utilizam energia elétrica em medida apreciavel. Este grupo, que constitui o nosso Departamento de Projetos Especiais, pode projetar e construir essa fábrica, seja onde for, para V.S. Os nossos especialistas têm estudado e traçado tudo quanto há, desde fábricas de cimento no Chile, a um centro completo de reparações ferroviárias na Turquia, e houve mesmo um caso em que chegaram a colaborar nos planos de industrialização e electrificação a longo prazo de um país inteiro.

A Westinghouse chegou, por experiência, à conclusão de que os países que executam projetos de industrialização em grande escala se tornam os seus melhores mercados. Por isso V.S. pode ficar certo de que as recomendações de nossos especialistas serão sempre feitas no melhor de seus interesses. Para pormenores, queira consultar o mais próximo distribuidor da Westinghouse, ou escrever à Westinghouse Electric International Co., 40 Wall St., Nova York 5, E. U. A.

Este anúncio, como outros da mesma série, conta apenas parte de uma longa história. Faz muitos anos que a Westinghouse—onde V.S. encontrará vizinhos e amigos—vem Servindo o Mando pela Electricidade. Hoje, porem, nossa tarefa mais difícil não é somente vender ou aplicar produtos elétricos; é consagrar nossos recursos, facilidades e perícia técnica à reconstrução da economia mundial.

Westinghouse *Produtos Elétricos para um Mundo Melhor*

A-2513X

MARVIN

PARA QUE AS VARIAÇÕES ATMOSFÉRICAS NÃO AFETEM O RIGOROSO AJUSTE DE SUAS PEÇAS – CUJA PRECISÃO É NUNCA INFERIOR A UM MILÉSIMO DE MILIMETRO – MARVIN POSSUE ADMIRAVEL DISPOSITIVO AUTO COMPENSADOR DE TEMPERATURA

RELOGIO MAIS TÉCNICO DA SUIÇA!

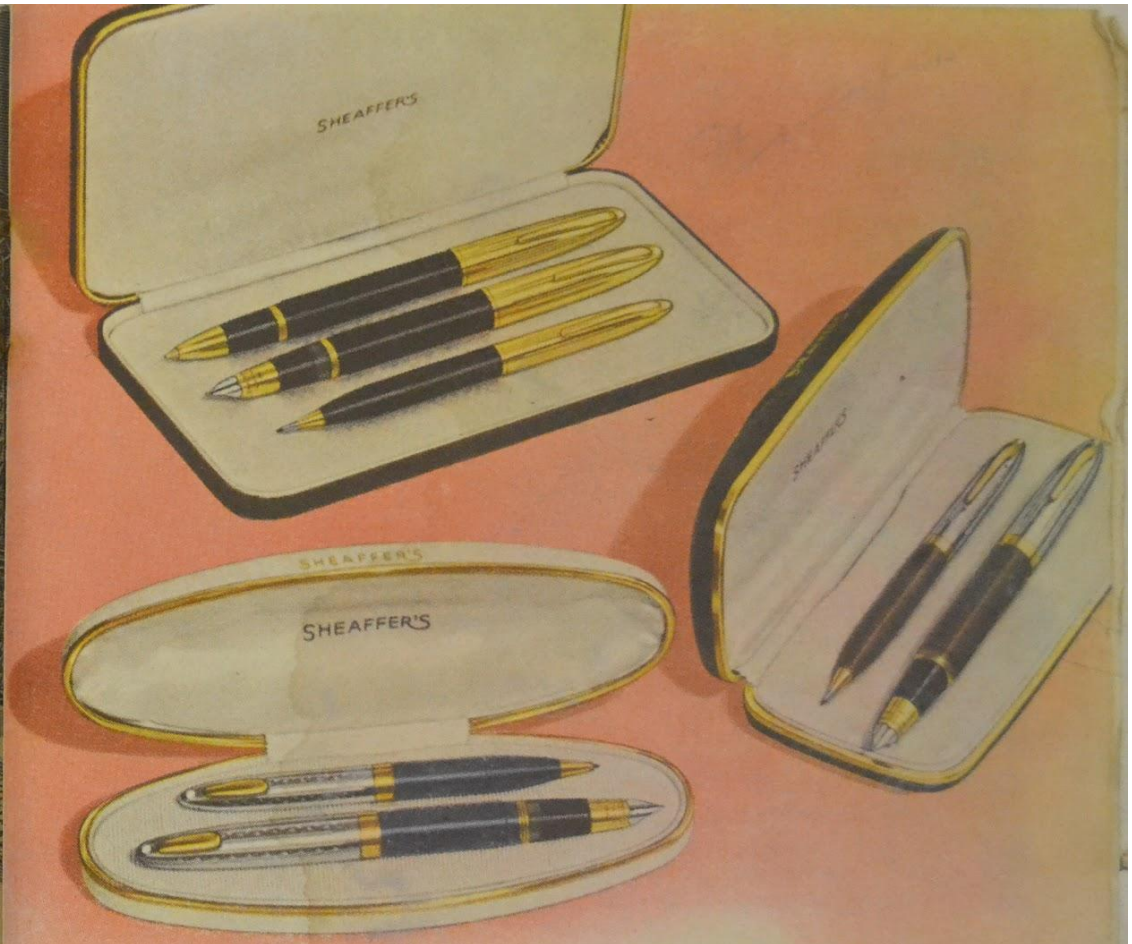
3 gerações de Brasileiras

consagraram os produtos **GESSY**

FUNDADA EM 1895, na vila de Valinhos, no Est. de São Paulo, a Cia. Gessy Industrial, em 53 anos de existência, transformou-se, de pequena indústria local, na maior indústria de perfumaria da América Latina, produzindo tôda uma série completa de artigos da maior pureza—do sabonete ao baton, do rouge ao óleo para cabelo! Faça como milhões de brasileiras—use, também, os produtos Gessy!

GESSY—a maior indústria de perfumaria da América Latina, é uma organização 100% brasileira!

GESSY MAIS DE MEIO SÉCULO A SERVIÇO DA EUGENÍA E DA BELEZA!



Escolha ao seu gosto!

Veja as novas e lindas cores Sheaffer e escolha ao seu gosto entre os inúmeros modelos e tamanhos.

LEMBRE-SE! AO ESCOLHER SHEAFFER . . . ESCOLHE O MELHOR!

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos para o Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.**, Matriz e Posto Central de Consertos. Rio de Janeiro — Av. Presidente Vargas, 502 — 11°

Representantes exclusivos para Portugal: **AZEVEDO & DUARTE, LTDA.**, Rua do Crucifixo, 76 — Lisboa

W. A. SHEAFFER PEN CO., FORT MADISON, IOWA, E.U. de A., MALTON, ONTÁRIO, CANADÁ

OMEGA - Cronómetro 30 m/m

● Eis uma estupenda criação Omega, recorde de Precisão dos famosos Observatórios de Teddington e Genebra! O Cronómetro Omega 30 mm atingiu, em regulagem de alta precisão, os mais notáveis resultados nos anais da cronometria. Dotado de dispositivos próprios de correcção automática e regulagem perfeita, cada cronómetro vai acompanhado dum Certificado Individual de Marcha, prova de que foi submetido às mais rigorosas provas de regulagem, em cinco posições diferentes e sob as mais variadas condições atmosféricas. Aos que exigem o máximo dum relógio, Omega oferece o cronómetro calibre 30 mm, de linhas soberbamente elegantes e harmoniosas e Precisão em grau Supremo!

Ω OMEGA

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE—GENEBRA—SUICA Tissot

Mas como é fácil... e agradável!

Realmente, as mangueiras Goodyear para jardim são tão flexíveis e tão leves que tornam a tarefa de regar uma ocupação fácil e agradável. Mesmo quando forçadas em curvas apertadas, as mangueiras Goodyear não se fecham — não interrompem o curso da água e isso diminui o perigo de rupturas, aumentando a durabilidade da mangueira.

MANGUEIRAS

GOODYEAR

UM TIPO DE MANGUEIRA PARA CADA FIM!

Siga o líder em busca do leite

SUPREMO EM SABOR...

Não admira que as crianças corram atrás do saboroso *Golden State!* Não admira que as donas de casa se apressem em adquirir êste nutritivo e sadío produto.

Porque é o processo exclusivo de *Golden State* que lhe dá êsse sabor apetitoso para jovens e velhos.

Portanto, nunca aceite senão o líder. Peça ao homem do armazem: *Leite em Pó Golden State.*

Golden State

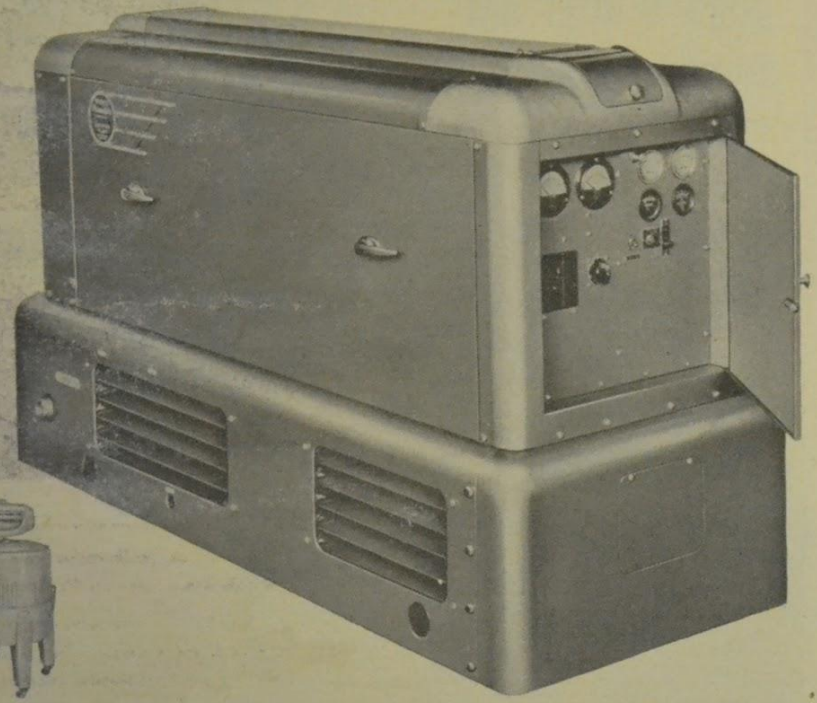
BRAND

LEITE EM PÓ

Distribuidores no Brasil: SCHILLING-HILLIER S. A. INDUSTRIAL E COMERCIAL Rio de Janeiro

GOLDEN STATE COMPANY, Ltd., SAN FRANCISCO 11, CALIFORNIA, E. U. A.

POWERLITE WARDS



PARA O LAR

A FAZENDA

A FÁBRICA

Fonte de Energia Elétrica de Confiança

Quer V. precise duma pequena central elétrica para iluminar uma casa quer para acionar uma oficina industrial—há sempre uma Powerlite para preencher essas necessidades.

As econômicas e eficientes Powerlites apresentam-se em grande variedade de tipos e tamanhos—próprios para o lar, a fazenda, a indústria, a mina, ou para embarcações, lugares de recreio ou obras de construção. Tipos de 350 a 35.000 watts, corrente contínua ou alternada, e em grande diversidade de voltagens. Funcionam a gasolina, a óleo Diesel, ou a gás natural.

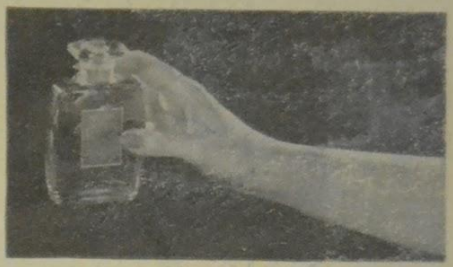
Nosso folheto gratis dá especificações completas, ilustradas, de todas as centrais Powerlite—Escreva à Wards já, para receber seu exemplar!

As Centrais Powerlite estão a venda no mundo inteiro, por intermédiode agentes autorizados.

MONTGOMERY WARD

Departamento de Exportação 214 — Chicago 7, E. U. A.

Produtos mais atraentes . . . graças à Química da Monsanto



Onde sejam importantes o sabor e o cheiro atraentes, os fregueses se encaminham primeiro para os produtos melhorados pela química da Monsanto. Os princípios de sabor e aroma Monsanto, usados há anos para dar qualidades atraentes aos alimentos, perfumes e cosméticos, são atualmente empregados em muitos campos novos. Eles não só imprimem sabor e fragrância novos, que tornam mais vendaveis os artigos, como tambem *removem* cheiros desagradaveis em produtos tais como a borracha, a tinta para pintura e a tinta de impressão. Ainda outros produtos, tais como o óleo para usinagem, perdem o mau cheiro quando se lhes adicionam productos químicos Monsanto . . . ajudando a indústria a amenizar as condições de trabalho dos empregados.

A série Monsanto de princípios de sabor e aroma compreende: Ethavan (vanilina etílica, três vezes mais forte que a vanilina comum); cumarina Monsanto; salicilato metílico Monsanto, U. S. P.; (óleo sintético de gaultéria); vanilina Monsanto. Para detalhes completos, dirija-se ao mais próximo representante da Monsanto.

Ethavan: Marca registrada nos E. U. A.

Alguns dos produtos melhorados com os princípios de sabor e aroma Monsanto

Bombons • Bolos • Biscoitos • Sorvetes • Refrescos • Sabonetes • Perfumes • Fumo • Borracha • Plásticos • Tintas para impressão • Vernizes • Graxa para calçados • Pastas • Papel gomado • Polidores para metais • Soluções inseticidas • Óleos para usinagem.

MONSANTO CHEMICAL COMPANY
St. Louis 4, Missouri, E. U. A.

MONSANTO CHEMICALS Ltd., Londres
MONSANTO (Canadá) Ltd., Montreal
MONSANTO (Austrália) Pty., Ltd., Melbourne

Representantes nas Principais Cidades do Mundo

MONSANTO
PRODUTOS QUÍMICOS E PLÁSTICOS

AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA . . . QUE SERVE A HUMANIDADE

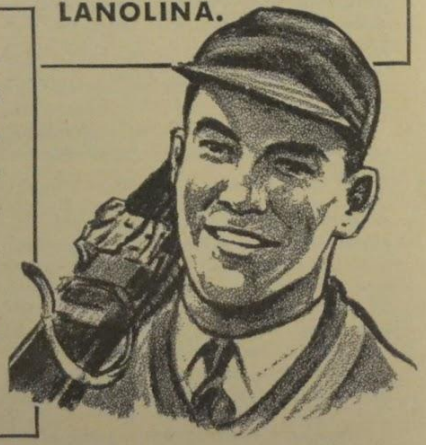
SALTA 75 METROS EM ESQUÍ
(mas tem a cara ultra-sensivel)

SIM, O VENTO FRIO E CORTANTE TORNA SENSIVEL A PELE DE MINHA CARA. MAS POSSO ESCANHOAR-ME SEMPRE BEM E SEM SOFRER, GRAÇAS AO CREME **WILLIAMS,** QUE CONTEM **LANOLINA.**

Os médicos receitam com frequência a **LANOLINA** para tratar as irritações da pele. A **LANOLINA** do creme Williams lhe permite escanhoar-se sem se magoar— deixa-lhe a cara fresca e macia.

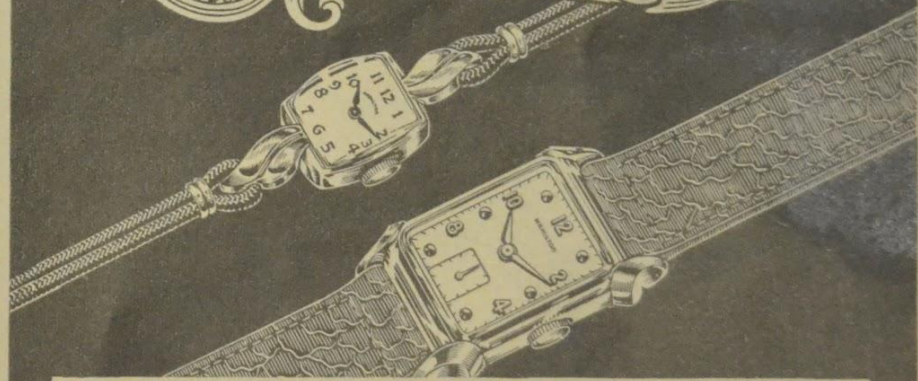
CONTEM A SUAVIZANTE LANOLINA

À sua escolha, dois grandes cremes— o Williams "Luxury" e o Williams Mentolado.



Hamilton

O MAIS ELOQUENTE DOS BRINDES



PARA AS DATAS MEMORAVEIS...aniversário de casamento, dia de anos, casamentos ou graduações, um precioso Hamilton de absoluta confiança é o brinde ideal. Hamilton, "O Relógio de Qualidade das Américas" é fabricado com a máxima perícia pelos técnicos mais hábeis dos E.U.A.

HAMILTON

O Aristocrata dos Relógios

AÇO BETHLEHEM

Todas as fases da produção do Aço Bethlehem — desde a mineração até ao carregamento final do produto acabado — são executadas por técnicos de larga experiência. Os produtos de Aço Bethlehem tornaram-se conhecidos no mundo inteiro pela sua qualidade e uniformidade dignas de confiança. E são carregados diretamente da fábrica para bordo dos navios que os levam aos seus consumidores.

BETHLEHEM STEEL

A grande fábrica da Bethlehem em Sparrows Point é a única usina produtora de aço que, nos Estados Unidos, fica situada mesmo à beira-mar. Os produtos destinados a exportação podem ser carregados diretamente desta fábrica para bordo dos navios, reduzindo-se deste modo ao mínimo os danos a que o excesso de manobras poderia dar causa.

Bethlehem Steel Export Corporation

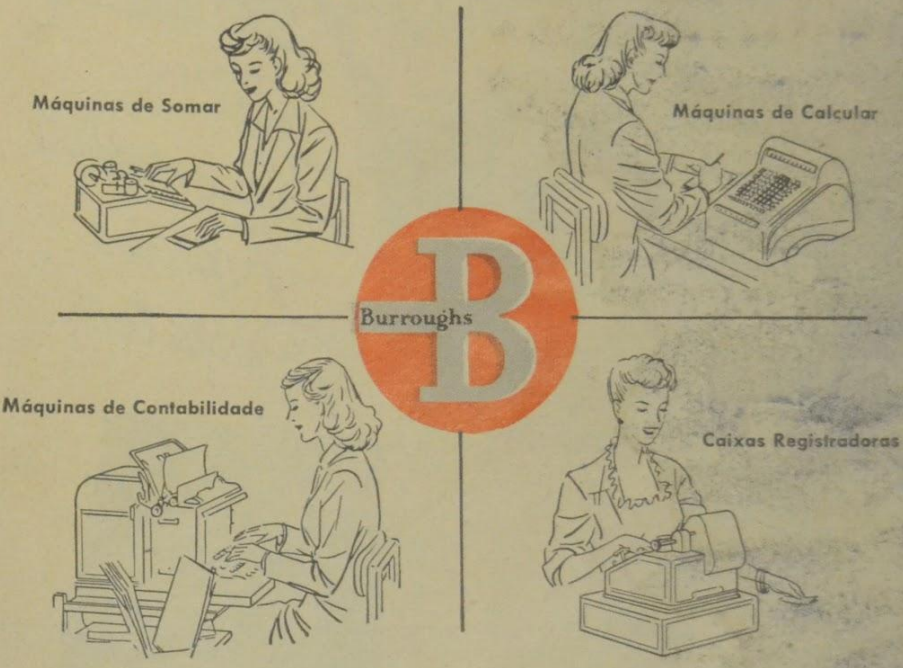
25 Broadway, Nova York 4, N. Y., E.U.A. Telegramas: "BETHLEHEM, NEWYORK"

Escritórios e representantes em tôdas as principais cidades do mundo

No Brasil: Para informações completas sôbre produtos da BETHLEHEM STEEL dirija-se a,
BETHLEHEM BRAZILIAN CORPORATION
RIO DE JANEIRO: Av. Presidente Wilson, 165, Salas 307/8/9
SÃO PAULO: Rua 7 de Abril No. 282—Sala 84

206-PSS

Falando uma Língua Universal . . .



As Máquinas Burroughs Aceleram os Cálculos dos Negócios do Mundo Inteiro

Fatos e cifras—tudo desde a simples adição até complexos estudos estatísticos—são a língua do comércio e da indústria em todas as partes do mundo. As máquinas Burroughs falam essa língua mundial, com precisão e autoridade, onde quer que se realizem negócios.

Por meio século, comerciantes em todo o mundo têm confiado nas máquinas Burroughs de somar, calcular, contabilidade, e estatística. Hoje, a Burroughs está em situação melhor que nunca para servir o comércio de todo o mundo—com uma linha de máquinas ampliada em variedade e capacidade . . . e com escritórios de vendas e serviço nas cidades principais de 76 países que circundam o globo.

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., rua da Alfandega, 81A-1º, Rio de Janeiro; Largo do Paissando, 51-1º, São Paulo. A representante em Portugal é a Robinson Bardsley & Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

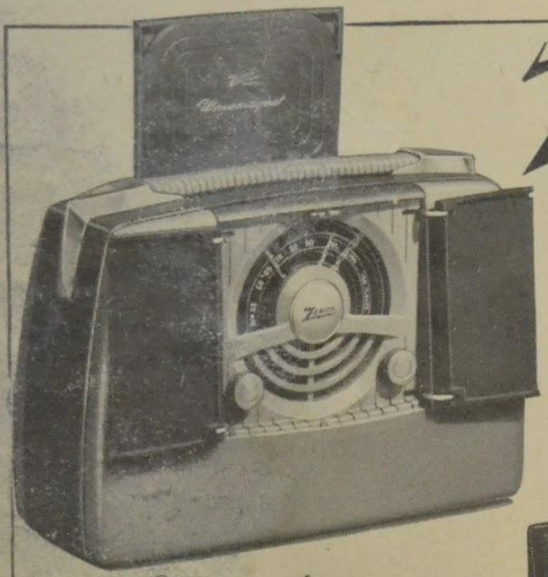
Burroughs

Máquinas de Somar, de Calcular, de Contabilidade, de Estatísticas e Caixas Registradoras

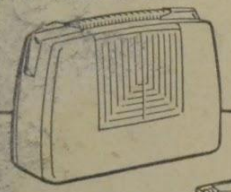
ZENITH

APRESENTA...

2 magníficos Rádios Portáteis



ZENITH *Universal*



ZENITH *Zenette*

1 **O MARAVILHOSO NOVO "UNIVERSAL"**

Basta pôr o dedo no botão e o rádio começará a tocar. Leve—mas extraordinàriamente possante para irradiações a longas distâncias. Funciona com CA, CC, ou com a própria bateria contida no aparelho.

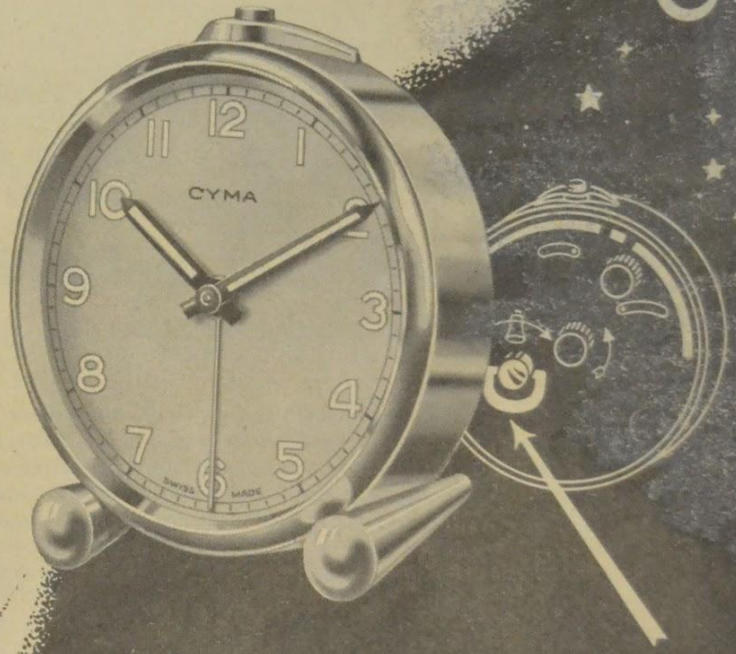
2 **O "ZENETTE" PORTÁTIL INDIVIDUAL**

Uma beleza em miniatura, que pode ser transportado à vontade, inteiramente adequado para sincronizar mesmo irradiações de estações distantes. Pesa apenas 2½ quilos e funciona com CA, CC, ou com a própria bateria contida no aparelho.

PARA UMA DEMONSTRAÇÃO ZENITH **VEJA SEU AGENTE**

O novo despertador

CYMA



Uma única chave
dá corda simultaneamente
ao movimento e ao alarme

O despertador suisso de precisão

Compramos COLLINS para o nosso pessoal porque os machados

COLLINS FICAM MAIS TEMPO AFIADOS

O aço de qualidade superior assegura um gume mais duradouro

Já experimentou rachar lenha com um machado mal afiado? Então deve compreender porque é que os trabalhadores preferem o Collins. O Collins tem um gume mais rijo e afiado, que se mantem assim após horas e horas de uso constante. Torna o trabalho mais facil e menos fatigante. Dá mais rendimento. Resistente, perfeitamente equilibrado, feito de aço superior—não é de admirar que o Collins seja o preferido de todos os trabalhadores. Hoje, com os aços melhorados de que dispomos, o Collins é para V.S. uma aquisição melhor que nunca.

COLLINS

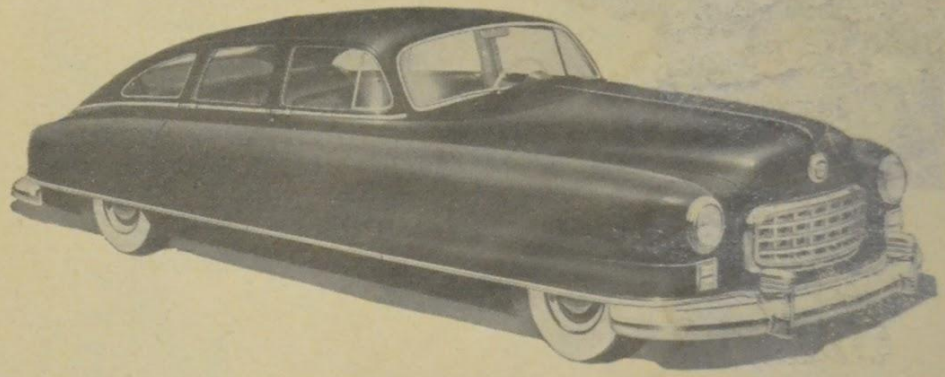
"SEU AMIGO HA MAIS DE CEM ANOS"

THE COLLINS COMPANY, Collinsville, Conn., E.U.A.

Representante Direto: Jair Mastrandréa,
Rua Senador Queiroz 101. Caixa Postal
No. 2068, São Paulo, Brasil.

O nome Collins em uma ferramenta é sua melhor garantia de superior qualidade

EI-LO!



Prepare-se para o Nash Airflyte . . .

O automovel mais arrojado da América!

Completamente aerodinâmico . . . completamente novo . . . longo, largo, a capota à altura do ombro!

O primeiro carro do mundo com Cockpit Control (Controle de Carlinga) e o Uniscópio . . . uma ampla extensão de para-brisa curvo e inteiriço!

O primeiro carro do mundo com o interior "Super-Salão" . . . mais largo que nunca . . . maior comprimento interior que em qualquer outro carro.

O primeiro carro do mundo com carroceria de aço Super-Girder (Super-Vigamento) . . . uma unidade soldada, formando uma peça inteiriça para maior segurança e silêncio.

Dois leitos conversiveis . . . aprontam-se em segundos para dormir de dia ou de noite.

Suspensão de molas helicoidais nas quatro rodas, para a marcha mais suave de todos os tempos.

Nova carburação "Turbo-Jacto"! O "600" percorre mais de 11 quilômetros com um litro de gasolina.

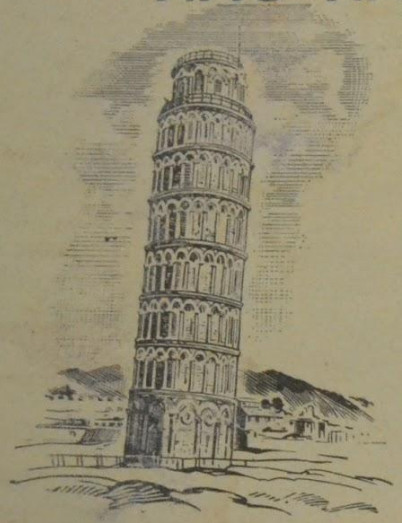
O Nash 1949 é apresentado em duas grandes séries . . . o Nash "600" e o Nash "Ambassador." Produtos de um notavel fabricante de automoveis desde há 46 anos.

ESTE É O NASH!

Nash Airflyte

Esplêndidos Automoveis
Desde 1902

NÃO HÁ DUAS IGUAIS



A ÚNICA torre inclinada de que se tem conhecimento é a célebre Torre de Pisa, construida em 1174, naquela histórica cidade da Toscana. E até hoje ela continua erguida, desafiando os séculos e as intempéries.

A ÚNICA pasta dental que contém 75% do genuino LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS é a científica PASTA DENTAL PHILLIPS, que os dentistas usam e recomendam. A PASTA DENTAL PHILLIPS é realmente moderna, porque combate a acidez bucal e evita a cárie, conservando a saúde dos dentes.

Deixe de lado um dentifrício antiquado e experimente

PASTA DENTAL

PHILLIPS

A ÚNICA que possue o valor antiácido do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

NÃO CUSTA EXPERIMENTAR

Para despesas de remessa, envio a Cx. Postal 1363, Rio, Cr$ 3,00 em selos postais, para que me seja enviado um tubo da PASTA DENTAL PHILLIPS, no valor de Cr$ 7.00.

NOME .....

RUA ..... N.º .....

CIDADE ..... ESTADO .....

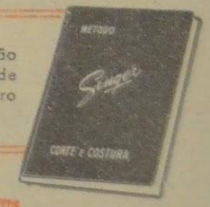
SINGER

UMA VISITA

Que vale a pena fazer!

Tenha ou não algum problema de costura, uma visita à Loja *SINGER* do seu bairro será sempre uma ótima oportunidade de se pôr em dia com as últimas novidades dêste ramo. Em qualquer Loja *SINGER* a Snra. será atendida por funcionárias atenciosas e competentes, e poderá apreciar o que há de mais moderno em máquinas de costura, acessórios em geral, trabalhos de agulha, aviamentos, assistência mecânica, etc., enfim *tudo* o que a Snra. possa desejar em matéria de costura e bordado.

Escreva para a Caixa Postal 1180—Rio de Janeiro, Caixa Postal 146-B—São Paulo, Caixa Postal 21—Recife, e peça informações sôbre os nossos Cursos de Costura e Bordados ou solicite a remessa, pelo reembôlso postal, do nosso livro "Método de Corte e Costura". Preço: Cr$100,00.



SINGER—*o nome garante o produto!*

Copyright U.S.A. 1948 by Singer Sewing Machine Company, All Rights Reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos pelo Tratado Internacional

M. R.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE

Lojas em tôdas as capitais do país

A CAMPEÃ MUNDIAL
...ANOS A FIOS

NAS OLIMPÍADAS, os campeões de tôdas as nações recebem os seus lauréis cada quatro anos. Mas a Royal é a campeã, por aclamação mundial, anos a fio . . . cada ano.

Por que? Porque nenhuma outra máquina de escrever ofrece tôdas estas vantagens:

As Royals são duradouras. Estas máquinas de escrever são verdadeiramente resistentes. Prestam *melhor* serviço com menos desgaste . . . por conseguinte requerem menos atenção.

A Royal é eficiente. Poupa tempo e trabalho, o que significa máximo desempenho por máquina.

A Royal está dotada de adiantamentos mecânicos notáveis. Para maior exatitude e comodidade, oferece:

"Magic" Margin—que fixa as margens com facilidade e rapidez.

"Touch Control" — proporciona a tensão desejada.

Pisapapel Automático—que mantem o papel liso e firme.

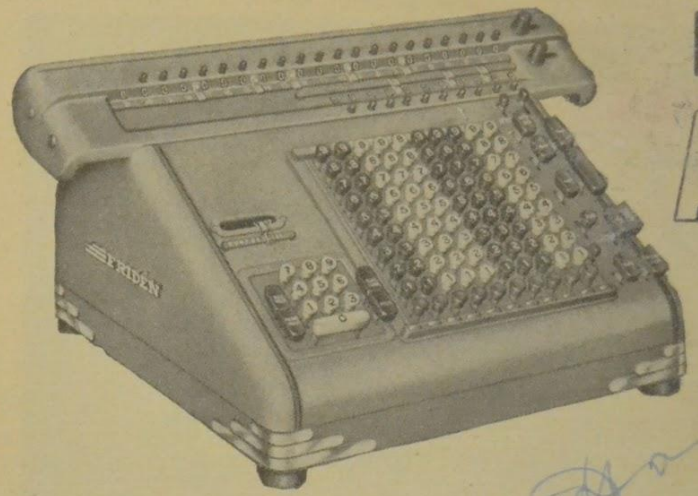
Êstes são apenas alguns dos caraterísticos pelos quais a Royal gosa de predileção mundial. Por isso deve ser a sua preferida também.

Procure o nosso representante afim de ver a Nova Royal Portátil . . . a primeira Máquina de Escrever *Verdadeiramente Moderna* no Mundo . . . Com Teclas Cômodas aos Dedos, Espaçador Rápido, Inversão da Fita Rápida, e muitas vantagens mais!

ROYAL

A Máquina No. 1 no Mundo

Royal Typewriter Company, Inc., New York
Representantes em todas os países do mundo



Facil como o ABC

FRIDEN Máquinas de Calcular Inteiramente Automáticas

A. Facil Aprendizagem...*em menos de 15 minutos, qualquer pessoa na sua organização pode aprender a Somar, Subtrair, Multiplicar e Dividir—com provas visiveis da precisão da Friden.*

B. Facil Manejo...*o sistema de operação pelo toque de uma só tecla, exclusivo da Friden, permite-lhe escrever os resultados alcançados, enquanto o problema seguinte está sendo calculado automaticamente.*

C. Facil Obtenção...*basta telefonar ao representante local da Friden, solicitar uma demonstração para o tipo de cálculo que lhe interessa; depois faça o seu pedido, para uma Entrega Imediata.*

O SERVIÇO MECÂNICO E INSTRUTIVO FRIDEN ENCONTRA-SE AO VOSSO DISPÔR NAS PRINCIPAIS CIDADES DO MUNDO

FRIDEN CALCULATING MACHINE CO., INC.

ESCRITÓRIO CENTRAL E FÁBRICA•SAN LEANDRO, CALIF., E.U.A.•VENDAS E SERVIÇO ATRAVEZ DO MUNDO

Neste Natal, dê o Mundo para Ela!

Um novo mundo de prazer como ouvinte . . . graças à Sintonização Elétrica de Faixa-Ampliado que apanha qaulquer estação do universo tão facilmente como as locais. O Troca-Discos Philco, macio como veludo, toca até 12 discos automàticamente. Agora, no seu revendedor Philco, em lindo móvel de nogueira . . . pronto para anos de constante satisfação!

PHILCO

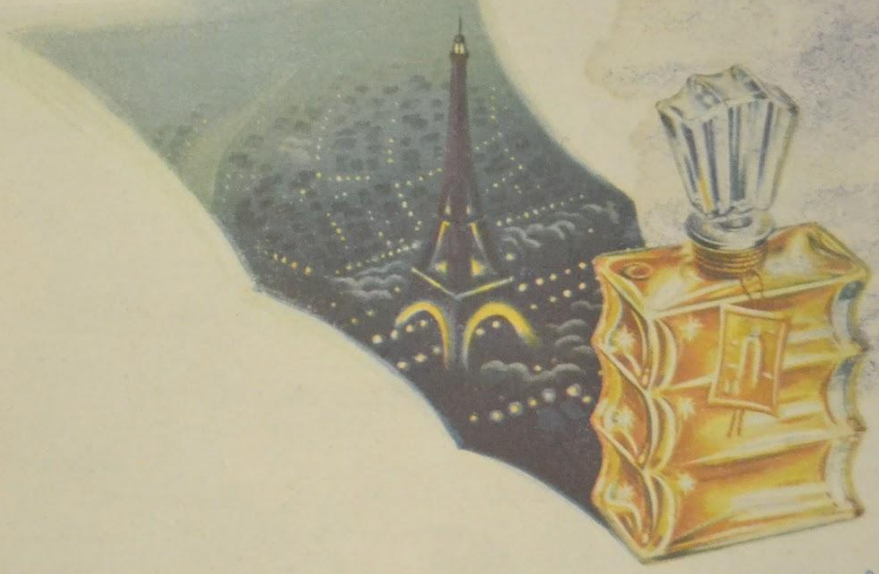
Famoso pela Qualidade no Mundo Inteiro

PHILCO TROPIC 1860

Philco International Corporation, 50 Broadway, Nova York 4, Nova York, E. U. A.

Mirage

o perfume "tout Paris"



Toda a "féerie" de uma noite parisiense evocada em perfume

NOVA INSPIRAÇÃO

ATKINSONS

EXTRATO • COLÔNIA • LOÇÃO

„Por que é que o patrão insiste em tomar a *K.L.M.*?"

"Porque, *viajar de avião é muito natural para os holandêses.*"

Os Holandêses são conhecidos há séculos em todo o mundo como intrépidos viajantes. Reserve a sua passagem na K.L.M. e viaje com confiança e confôrto.

7 grandes serviços

❶ TRANSATLÂNTICO ❷ EUROPEU ❸ MÉDIO E EXTREMO-ORIENTE ❹ INDIAS ORIENTAIS ❺ AMERICA DO SUL ❻ ANTILHAS ❼ ÁFRICA DO SUL

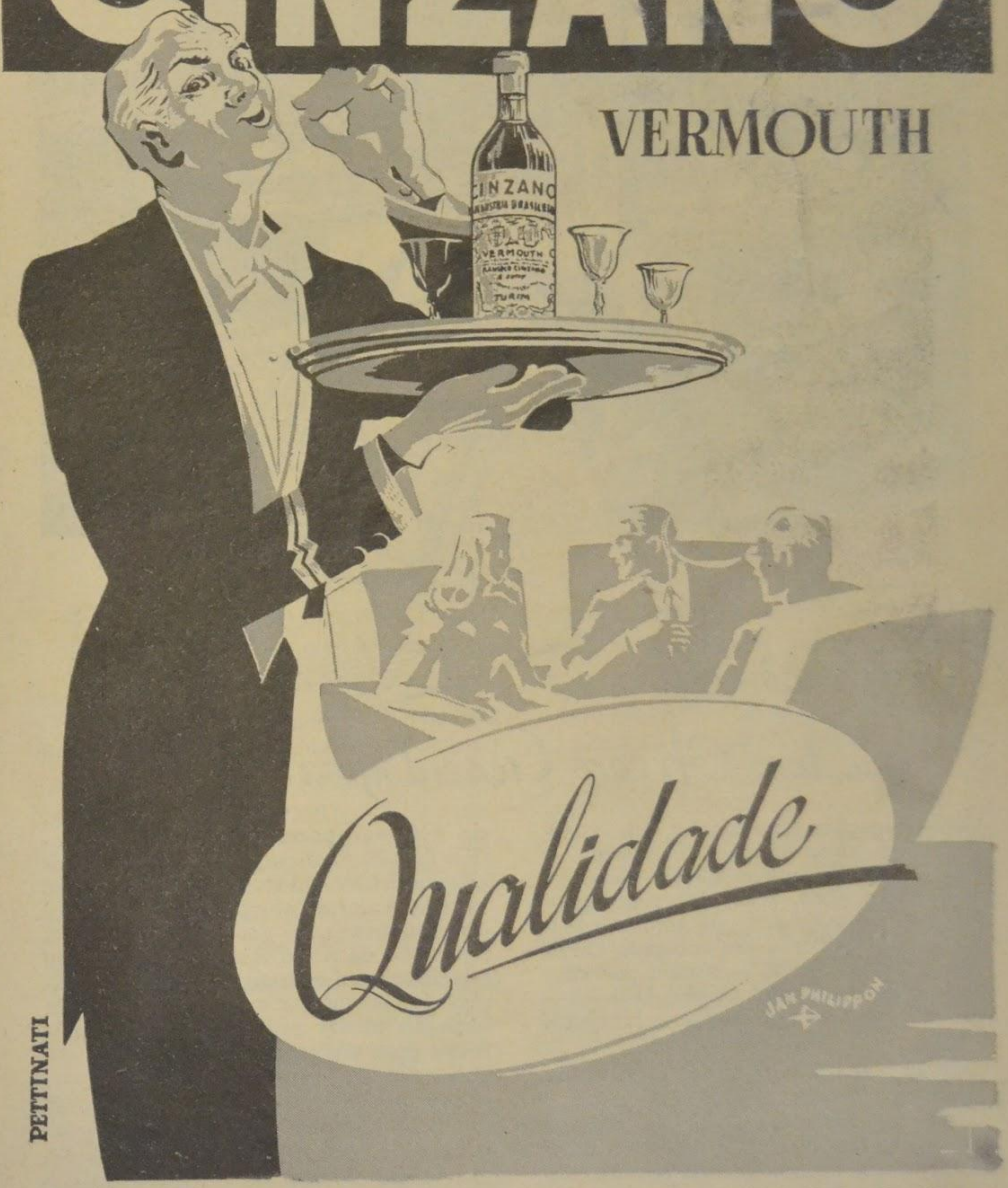
K·L·M

Companhia Real Holandesa de Aviação

Para informações completas relativas a serviços de passageiros e frete, queira dirigir-se ao seu agente local de viagens ou ao escritório mais próximo da K.L.M.

CINZANO

VERMOUTH



Qualidade

Fábrica Central: São Paulo, Brasil • Fazenda Viti-Vinícola: Estação Mailaski (São Roque).

Lucerna, Hofkirche
E Monte Pilatos
Suiça

O Cronômetro que tem Árvore Genealógica

Como qualquer puro-sangue, um cronômetro tem uma linhagem conhecida—e um padrão de funcionamento definido. Mas, além disso, todos os cronômetros Rolex têm, também, a sua árvore genealógica individual: o tão cobiçado Certificado de Categoria, fornecido por uma Estação Experimental Oficial da Suiça—prova de que satisfaz todos os requisitos oficiais.

Quais são êsses requisitos, que distinguem um cronômetro de um relógio?

São as qualidades de precisão, verificadas a três temperaturas diferentes e em cinco posições, qualidades só encontradas em relógios capazes de aguentar as experiências tão rigorosas dos Observatórios Oficiais. Assim, todos os relógios Rolex que trazem no mostrador a palavra «Cronômetro», possuem duas garantias: uma, a da reputação da firma Rolex, fabricante de relógios que encerram as melhores tradições de Genebra; e outra fornecida pela inspeção oficial suiça. Nenhum cronômetro pode oferecer mais.

ROLEX
CRONÔMETROS DE PULSO

COMPANHIA ROLEX LIMITADA, GENEBRA SUIÇA. LISBOA—WAKMANN LTDA.

SELEÇÕES
do Reader's Digest

TOMO XIV
No. 82

NOVEMBRO
de 1948

Condensações de artigos de interesse permanente

Como a iniciativa privada criou novas concepções e máquinas para desencadear a energia atômica

MARAVILHAS INDUSTRIAIS DA ENERGIA ATÔMICA

Henry J. Taylor

POUCO DEPOIS de ligar a reação em cadeia, na primeira pilha de plutônio feita numa fábrica, aconteceu uma coisa aterradora: *a reação cessou!* Na usina incrivelmente complicada, havia um enguiço imprevisto. Tudo quanto tinha sido realizado com bom êxito nos laboratórios científicos não podia, evidentemente, ser reproduzido em massa. Estava em jogo a reação em cadeia—e com ela mais de meio bilhão de dólares, despendidos em energia cerebral, esforço humano e maquinaria.

Contudo os engenheiros das empresas americanas que construiram as usinas para a desintegração do átomo conseguiram localizar o defeito, no que se considera a realização máxima da física aplicada à indústria. Essas usinas haviam sido projetadas com tal previsão das eventualidades possiveis, que em poucas horas o processo todo pôde ser modificado e posto em funcionamento satisfatório.

Feitas as modificações, reiniciou-se a reação em cadeia, sendo a operação bem sucedida por fim.

Vamos examinar uma unidade do projeto atômico, Oak Ridge:

CONHECIDO jornalista e comentador radiofônico, Henry J. Taylor relata esta crônica extraordinária no seu programa regular nos E.U.A. Viajou por todo o mundo, fazendo reportagens sobre os acontecimentos mais empolgantes da atualidade. Durante a guerra, expediu à América, pelos jornais e pelo rádio, notícias de 32 paises.

Venha comigo, pelo portão vigiado por guardas, entre as montanhas do Tennessee. Um carro blindado, tripulado pela polícia de segurança, mantem-se à entrada; está ligado pelo radiotelefone com o quartel central de segurança e com todos os centros nervosos das áreas isoladas.

Vemos alí primeiramente o Laboratório Nacional de Oak Ridge, que faz parte do centro de pesquisas nucleares. Consiste em 150 edifícios. Num pequeno prédio acinzentado acha-se alojada a pilha atômica, o mecanismo maravilhoso que pôs em marcha a idade do átomo.

O urânio, extraido das minas do Colorado, do Congo Belga e de outras partes do mundo, é recebido parcialmente refinado, sob a forma de bolos pretos e pesados, lembrando um relógio barato de bolso. Pode-se segurar nas mãos um desses bolos, sem que ele cause efeitos nocivos, pois é apenas ligeiramente radioativo. Essas peças são beneficiadas, e o produto final introduzido num tijolo de grafite, parecido com um tijolo comum, porem preto, duro e liso. Tijolos com urânio e sem ele são empilhados alternadamente. Daí o nome de «pilha».

A pilha de Oak Ridge é utilizada para produzir substâncias radioativas para usos experimentais e práticos, nos armamentos, na indústria, na medicina e em outras aplicações. Contem mais energia potencial que todas as locomotivas do mundo reunidas, e emite uma quantidade de radiação equivalente à de cerca de quinhentas toneladas de rádio.

Os produtos de Oak Ridge são tambem remetidos para Hanford, no Estado de Washington, onde os utilizam na fabricação de plutônio, e para Los Alamos, no Estado de Novo México, onde se incorporam em bombas atômicas. Os processos que operam na produção dessas substâncias finais são fantasticamente complicados.

Em Oak Ridge, o material atômico é produzido por dois métodos diferentes. Um destes se processa na Usina Eletromagnética, que dista uns dez quilômetros do centro de pesquisas. (Todas as grandes unidades são distantes entre si e separadas por cumeadas de outeiros afim de reduzir as consequências de uma explosão.)

A Usina Eletromagnética, unidade geralmente conhecida por «Y-12», compõe-se de 170 edifícios, que custaram 400 milhões de dólares—mais, por conseguinte, do que custou o canal do Panamá. Quando foram construidos, o cobre era escasso; por isso, foi tomada de empréstimo ao Tesouro Nacional dos Estados Unidos uma enorme quantidade de prata no valor de meio bilhão de dólares, para ser utilizada em condutores elétricos. Essa prata ainda lá se encontra.

Essa usina, a única de que se tem conhecimento, implicou problemas de projeção e construção nunca encontrados até então. É alí que dos átomos U-238 do urânio se extraem os átomos úteis U-235. Incontaveis milhares de máquinas complexas, dispostas em bateria após bateria, tiveram que ser projetadas e construidas; tinham que ser simples e aptas para serem manejadas por muitos milhares de pessoas não familiarizadas com tais máquinas.

Foi necessário vencer uma série de problemas de produção incrivelmente dificeis, tendo para esse fim sido solicitada a colaboração de muitas firmas industriais. Por exemplo, foi necessário construir u'a máquina de fazer vácuo, cuja capacidade de sucção fosse 30 milhões de vezes superior à das usinas comuns.

Aos fabricantes de eletroímãs perguntou-se: «Podem fabricar um eletroímã 100 vezes maior que qualquer jamais produzido?» Atendendo ao apelo, eles projetaram e construiram eletroímãs de 70 metros de comprimento. Esses eletroímãs exercem uma força tão enorme que é mesmo dificil andar sobre eles: os passos são retardados pela atração que o imã exerce sobre os cravos do calçado. Foi preciso fazer ferramentas antimagnéticas para o trabalho no local, visto que as ferramentas comuns seriam arrancadas das mãos dos operários.

Foi construido um «cronômetro» eletrônico, para medir com aproximação de um bilionésimo de segundo a velocidade das partículas atômicas. Os fabricantes de instrumentos aperfeiçoaram uma balança já existente, para poder pesar partículas invisiveis que pesam apenas um bilionésimo de grama.

Os fabricantes de válvulas foram chamados a fornecer 250 mil válvulas, muitas das quais eram de tipos novos, que a indústria teve de criar.

A usina termoelétrica é a maior jamais construida. Os geradores têm capacidade duas vezes maior que a da represa Norris, da Tennessee Valley Authority.

Do outro lado de uma cumeada, encontra-se a unidade «K-25», a maior de todas. É a usina de difusão gasosa, onde têm lugar os outros processos da fabricação de material atômico em Oak Ridge. Consta de 70 edifícios, sendo a estrutura principal, de quatro andares, a maior fábrica do mundo instalada num só prédio. Tem a forma de U, com pavilhões de 2.400 metros de comprimento e 120 metros de largura. Na proximidade há outra unidade semelhante, com um quarto do tamanho. Ambos os prédios estão atulhados de máquinas de precisão micrométrica. A função dessas instalações é separar em grande escala o isótopo 235 de um composto do urânio.

K-25 contem 100.000 mostradores de instrumentos, 1.200 quilômetros de tubos de canalização dos instrumentos e dos reguladores. O urânio é primeiramente transformado em um gás, que depois se solidifica.

A separação atômica propriamente dita consegue-se forçando o gás através de milhares de telas extremamente finas, contendo cada qual bilhões de furos cujos diâmetros são tão diminutos (0,00005 mm) que 20 mil deles caberiam dentro de um milímetro. Essas telas devem suportar tremendas pressões, e não devem entupir-se em consequência de corrosão ou de partículas provenientes de qualquer parte da canalização. São fabricadas com precisão, em grande quantidade, devendo ser de qualidade rigorosamente

uniforme. Cada uma delas deve ter a durabilidade de um malho e a precisão de um microscópio. Nunca dantes foi concebida tela semelhante. O problema foi encarado e resolvido por administrações livres e por trabalhadores livres—em suma, pela livre iniciativa.

Os tubos da canalização não devem sofrer corrosão, se bem que no composto gasoso o urânio seja extremamente corrosivo. Esse problema foi resolvido pela indústria química. A solda dos tubos reclamou novas técnicas. As indústrias de construções navais, de caldeiras e de aço inoxidavel reuniram as suas técnicas altamente desenvolvidas, produzindo finalmente 14 novas, sem as quais não teria sido bem sucedida uma instalação como a de K-25.

Todo o conjunto tinha que ser absolutamente estanque. O ambiente é protegido contra escapes por um sistema de detectores tão complexo que é equivalente ao de uma rede de alarme de uma grande cidade em que a estação central fosse avisada ao ligar-se uma luz elétrica, fazer-se uma chamada telefônica, quebrar-se uma vidraça, fazer-se soar uma campainha ou acionar um elevador.

Em todo lugar em que a radioatividade constituisse perigo para os trabalhadores, foi necessário adaptar operações inteiras, de modo que pudessem ser comandadas automaticamente, e funcionassem indefinidamente, sem interrupções para reparos. As modificações nos equipamentos e nas instalações são feitas por meio de guindastes, *controlados à distância*, que fecham ou abrem interruptores elétricos, consertam canos, deslocam máquinas defeituosas, e colocam aparelhos nas substituições. Depois, as máquinas e as ferramentas usadas na remoção das mesmas são transportadas a um determinado lugar, onde são enterradas. Os próprios caminhões usados no transporte do material inutilizado são finalmente enterrados para sempre, para evitar a contaminação radioativa de seres humanos.

Numerosas peças de aço da usina tiveram que ser polidas por processos nunca dantes praticados na indústria. Imagine quem resolveu esse problema! Um marmorista de uma vila de Kentucky, que inventara um método próprio, para esmerilhar e polir o mármore. A sua técnica respondeu aos requisitos.

«Pode fabricar uma bomba que gire com uma velocidade superior à do som?» perguntou-se a um fabricante. «Pode, ademais, fabricá-las aos milhares, todas exatamente idênticas?»

Jamais se fizera uma bomba do tipo exigido, e o pedido parecia fantástico. Entretanto, depois de 250.000 homens-horas despendidas em pesquisas, foram produzidas as bombas necessárias. Alem das tremendas realizações científicas, o segredo de Oak Ridge dependia de dois elementos que são característicos da livre iniciativa americana: engenharia de produção, e produção em massa. Essa façanha no terreno da produção ocupa o ápice da imensa pirâmide industrial do país, necessária para a sua realização. Sem essa tecnologia ultra-científica, fruto da competição nas indústrias petrolífera, elétrica e química dos Estados Unidos, e nas indústrias de máquinas operatrizes, relógios, bombas rotativas, telefones, rádios, e milhares de outros setores da iniciativa privada, e sem as técnicas de produção em massa elaboradas durante os anos de concorrência na indústria automobilística, jamais teria sido Oak Ridge projetado ou construido.

Oak Ridge é um lugar maravilhoso para sondar o futuro. Cada um de nós, não importa o que façamos ou onde residamos, seremos afetados pelo que lá se vem realizando.

O homem tem sido sempre um parasita do sol. O nosso corpo funciona com energia solar. Somos, com efeito, máquinas solares. Tambem o são as nossas indústrias, cuja maioria opera com energia solar armazenada na hulha ou no petróleo. Essa energia é desencadeada quando o carvão ou o petróleo são transformados de modo a desprender o calor para gerar força motriz.

Mas a 2 de dezembro de 1942, o homem sangrou uma fonte de energia inédita—*independente do sol*. Essa nova fonte—a energia atômica—é armazenada numa quantidade incalculavel de certos elementos instaveis, como o urânio e o tório. Um dia, talvez esses elementos façam o nosso trabalho. Já ficou demonstrado que o produto da transformação de umas poucas toneladas de minério de urânio, alojados em grafite em pequenas quantidades devidamente espaçadas, emite calor continuamente, como o próprio sol, num processo auto-suficiente.

A produção comercial de energia elétrica, procedente de máquinas atômicas, prevê-se para daquí a cinco anos apenas. Esse prazo é muito mais breve que o previsto há poucos meses. Essa nova estimativa reflete os bons resultados que se obtiveram inesperadamente nas investigações preliminares relativas a três projetos de energia já traçados. Com efeito, em dois anos a produção de energia em escala regular, embora experimental, estará em andamento em Oak Ridge, Schenectady e Chicago.

A produção de energia por meio de pilhas atômicas, tais como a da usina de Hanford, é coisa conhecida já há algum tempo, mas essa energia, até agora, se apresentava sob a forma de calor de temperatura muito baixa para ser comercialmente utilizavel. Os engenheiros, porem, estão projetando novas instalações de energia atômica, para funcionar com a temperatura das modernas caldeiras de alta pressão. Trata-se de um problema dificil e dispendioso de engenharia e construção, mas está sendo resolvido —e com maior brevidade que a prevista. A pilha atômica do Laboratório Nacional de Argonne, em Chicago, embora destinada a experiências gerais, parece estar agora funcionando sem perigo, à elevada temperatura necessária para a produção de vapor.

Qualquer futura usina atômica que se construa nos Estados Unidos, no Canadá ou na Grã-Bretanha terá em

vista o uso da energia atômica para finalidades pacíficas, na mesma medida que para a produção de bombas.

Calcula-se em Oak Ridge que, quando se utilizar a força atômica, custará ao consumidor 8 milésimos de dolar cada quilowatt de energia elétrica. Esse custo é superior ao da energia elétrica produzida com o carvão, onde este seja abundante. Entretanto, poderia competir comercialmente nas regiões onde o carvão custe mais de dez dólares a tonelada. Se a Europa, por exemplo, sofrer escassez permanente de carvão, ou lutar com a desvantagem econômica de carvão a alto preço, a energia atômica poderá melhorar consideravelmente a vida econômica de grandes regiões em que não existam amplas reservas hidroelétricas. E graças ao pouco peso do combustivel atômico, a energia pode ser gerada em locais pouco acessiveis.

Ninguem vaticina que se possa viajar num automovel ou avião acionados por energia atômica. Isso, porque devemos proteger-nos contra a radioatividade com extremo cuidado.

A energia atômica é uma força em si mesma, comparavel, nesse sentido, à eletricidade. Algum dia essa força poderá ser atrelada diretamente, ao invés de ser empregada para produzir calor, o qual, por sua vez, deve ser convertido em energia mecânica. O átomo, como energia, é a grande esperança do futuro—na indústria, na medicina, na agricultura—em todas as atividades da vida.

No que diz respeito às bombas atômicas para fins belicosos, segundo uma notícia da United Press, que não é oficial nem constitui segredo militar, os Estados Unidos possuem hoje 500 bombas atômicas no máximo, e 30 no mínimo. A reserva de materiais necessários deverá doravante crescer sem cessar, especialmente em Hanford, cujo produto principal é o plutônio. A grande expansão projetada beneficiará sobretudo essa usina, tendo a Comissão de Energia Atômica dos E.U.A. destinado uma verba de 350 milhões de dólares para Hanford, em contraste com apenas 8 milhões para Oak Ridge. Com esse projetado aumento de produção—em cuja construção se acham empenhados 12.000 trabalhadores—o custo do material para as bombas deverá ser reduzido.

No tocante à super-bomba, alega-se que a mesma se baseia no hidrogênio. Supõe-se significar isso que uma bomba de urânio ou de plutônio, como as que foram lançadas no Japão, não seria utilizada por si só, mas para produzir uma chama gigantesca, com a temperatura do sol ou mesmo superior. Esse efeito iniciaria uma segunda reação atômica numa reserva de hidrogênio, da qual resultaria uma explosão cem ou mil vezes mais poderosa que a da bomba que arrasou Hirochima.

O autor deve parte das informações sobre os usos industriais da energia atômica aos excelentes artigos de Robert J. Colborn, publicados na revista *Business Week*.

Esta história da guerra corre hoje na França de boca em boca. Acreditando na sua veracidade, um famoso escritor francês escreveu-a para nós, dando-lhe forma duradoura

A VOLTA DO PRISIONEIRO

André Maurois

Membro da Academia Francesa; autor de «A arte de viver», «Do meu diário», «O milagre da Inglaterra», etc.

SE CERTO homem vier a ler esta história, espero que imprima um novo rumo a sua vida.

O caso começou em 1945, num trem que conduzia prisioneiros franceses de volta da Alemanha. Vinham exhaustos, mas animados e felizes, pois sabiam que iam afinal rever a pátria, o lar, a família.

Quase todos traziam refletido na imaginação um rosto de mulher. Imagem da esposa ou da namorada, consideravam-na com amor, com esperança, alguns com ansiedade. Seria ela ainda a mesma, fiel como sempre? Que teria feito durante a longa ausência? Seria possivel recomeçarem a vida dos velhos tempos?

A um canto do compartimento estava sentado um homem alto e magro, que, pelo brilho do olhar e expressão apaixonada do rosto, parecia antes espanhol do que francês. Era Renaud Leymarie, natural de uma cidade a que daremos o nome de Chardeuil, em Périgord. Enquanto o trem rodava dentro da noite, ele conversava com o vizinho:

—És casado, Saturnino?

—Claro que sim. Dois anos antes da guerra. Ela se chama Marta. Queres vê-la?

Saturnino, um homenzinho alegre e com uma cicatriz na face, tirando do bolso de dentro uma carteira amarfanhada e suja, apresentou uma fotografia já rasgada.

—É uma beleza, comentou Leymarie. —Não estás preocupado com a volta?

—Preocupado? Não me faças rir. Preocupado por que?

—Porque ela é bonita, porque esteve só, porque há tantos outros homens.

—Até estou achando graça, interrompeu Saturnino. —Para Marta nunca houve outros homens. Ambos somos felizes. Eu só queria que visses as cartas que ela me escreveu nestes cinco últimos anos.

—Ora, cartas! Isso não prova coisa alguma. Tambem eu recebí algumas cartas muito bonitas. Mas, ainda assim, estou preocupado.

—Não tens confiança em tua mulher?

—Tenho, pelo menos tinha, mais até do que ninguem. Vivemos seis anos casados e nunca houve entre nós a menor altercação.

—E então?

—Acho que é uma questão de temperamento, volveu Leymarie. —Sou desses que nunca conseguem acreditar completamente na sua boa estrela. Sempre achei que Helena era boa e bonita e inteligente demais para mim. É uma moça educada. Sabe fazer de tudo. Toca num retalho de fazenda e o retalho se transforma em vestido. Encarreguem-na de mobiliar uma casinhola de camponês e ela transformará aquilo num paraiso. Por isso, venho pensando comigo mesmo desde o começo da guerra: entre os refugiados, que iam parar lá em casa, haviam de aparecer camaradas melhores do que eu. Talvez, estrangeiros, aliados. Na certa que a moça mais bonita da aldeia não lhes passaria despercebida.

—E daí? Se ela gosta de ti...

—Gostar, certamente que gosta. Mas já pensaste o que é ficar cinco anos sozinha? Chardeuil não é a terra dela, é a minha. Lá ela não tem parentes. As tentações devem ter sido grandes.

—Não, tenho certeza que estás errado, replicou Saturnino.

—Admitamos, porem, que algo tenha acontecido. Que diferença faz, uma vez que ela tenha esquecido tudo, se é só a ti que ela quer? Olha, pode ser que eles venham me dizer que Marta... bem, cortarei logo a conversa: «Nem mais uma palavra! Ela é minha mulher; era a guerra, ela estava só; agora voltou a paz.» Recomeçaríamos a viver do ponto em que paramos.

—Eu não sou assim, observou Leymarie. —Se ao voltar descobrisse alguma coisa, por menor que fosse...

—Que farias? Matavas tua mulher?

—Não, não faria nada. Nenhuma palavra de censura. Desapareceria. Iria viver em outra parte, com outro nome. Deixaria para ela o meu dinheiro, a minha casa. Eu não preciso de nada. Tenho o meu ofício. Começaria uma vida nova. Talvez tudo isso seja estúpido, mas eu sou assim: ou tudo ou nada.

Ouvia-se o apito da locomotiva e o rápido bater das rodas de aço nas junturas dos trilhos. Os dois homens fizeram silêncio.

QUANDO o prefeito de Chardeuil, homem prudente e paternal, recebeu a comunicação oficial de que Renaud

Leymarie voltaria a 20 de agosto, decidiu ir ele próprio informar com antecedência a mulher de Renaud. Encontrou-a trabalhando no jardim.

—Todos gostam da senhora, Madame Leymarie. Sinto-me muito feliz em ser o primeiro a participar-lhe o regresso de seu marido. Sei que a senhora há de querer preparar-lhe uma recepção principesca. Como todos nós, não é todos os dias que a senhora come bem, mas numa ocasião como essa...

—O senhor tem razão, sr. Prefeito. Vou preparar uma bela chegada para Renaud. O senhor disse dia 20? A que horas acha que ele estará aquí?

—Ao meio-dia, na melhor das hipóteses.

—Asseguro-lhe, sr. Prefeito, que ele terá um ótimo almoço. E fico-lhe muito grata pela visita.

NA MANHÃ do dia 20 Helena levantou-se às seis horas. Aquela noite ela não dormira. No dia anterior tinha limpado toda a casa, esfregado os azulejos do assoalho, polido a mobília, colocado faixas novas em torno das cortinas das janelas. Repassando a sua roupa de baixo, escolheu com carinho uma camisa de seda que nunca usara durante o seu longo isolamento. Que vestido iria pôr? O de que o marido mais gostava era o estampado azul e branco. Mas, ao experimentá-lo, verificou com tristeza que ficava frouxo na cintura, tanto emagrecera com os anos de privação. Não, poria o vestido preto que ela mesma fizera e o enfeitaria com uma gola e um cinto mais alegres. Isso resolvido, tinha ido ao cabeleireiro para ondular os cabelos e à noite pôs a rede na cabeça para não amanhecer despenteada.

Antes de preparar o almoço, pensou em todas as coisas de que ele gostava. Mas na França de 1945 não se podiam conseguir tantas coisas. Por sorte, graças às galinhas, tinha ovos frescos. Ele sempre dizia que ninguem fazia *omelettes* tão boas como as dela. Ele gostava de carne fresca e batatas fritas, mas não havia carne fresca. Tinha tido uma galinha, mas matara-a havia dois dias. Uma sobremesa de chocolate? Sim, era do que ele mais gostava, mas onde arranjar chocolate? Uma amiga disse-lhe então que um vendeiro duma cidade vizinha vendia chocolate no «mercado negro».

«Se eu sair às oito, talvez às nove possa estar de volta. Antes de ir, deixarei tudo pronto e quando voltar só terei de cozinhar.»

Estava alegre e animada. Fazia um dia bonito. Nunca o sol da manhã brilhara tanto sobre o vale. Arrumou a mesa, cantando e pensando: «A toalha de xadrez encarnado e branco—a mesma que tivemos no nosso primeiro jantar em casa. Os pratos côr-de-rosa com os desenhos que o faziam rir. Uma garrafa de vinho espumante—e sobretudo flores, algumas flores. Ele sempre gostou de flores na mesa e dizia que eu sabia arrumá-las melhor do que ninguem.»

Fez um buquê tricolor: margaridas brancas, papoulas vermelhas e centaureas azuis com alguns talos de aveia. Depois, antes de sair de casa, inclinou-

se sobre a bicicleta e ficou contemplando através da janela aberta o seu pequeno quarto. Sim, tudo estava perfeito. Após tantas misérias, Renaud ficaria surpreso e encantado de encontrar a mulher e o lar tão pouco mudados. Pela janela mirou-se no espelho grande. Talvez um pouco magra demais, mas ainda bonita e jovem. Rebentava de felicidade.

A PEQUENA casa de Leymarie era situada bem no fim do vilarejo, de modo que uma hora mais tarde somente um vizinho pôde ver o soldado magro de olhos chamejantes que penetrara no jardim. Alí esteve parado um momento, ofuscado pela luz e a felicidade, embriagado pela beleza das flores, a ouvir o zumbido das abelhas. Depois, chamou mansamente:

—Helena!

Nada de resposta.

—Helena! Helena!

Assustado com o silêncio, aproximou-se. E viu através da janela a mesa posta para dois, as flores, a garrafa de vinho. Sentiu-se mortalmente ferido e teve que apoiar-se contra a parede.

«Santo Deus!» deve ter pensado, «ela não está só!»

Quando Helena voltou, um pouco mais tarde, foi procurada por um vizinho:

—Acabo de ver Renaud. Ia correndo pela estrada; chamei-o, mas não quis voltar.

—Ia correndo, em que direção?

—Rumo a Thiviers.

Helena saiu precipitada para a casa do prefeito, mas este nada sabia.

—Estou tão assustada, sr. Prefeito. Renaud, com toda aquela sua aparência casmurra, é um homem ciumento e susceptivel. Viu a mesa posta para dois, e não podia saber que era para ele que eu arranjei tudo. Temos de encontrá-lo! Ele pode nunca mais voltar. E eu o amo tanto, tanto!

O prefeito despachou um homem para a estação de Thiviers e avisou a polícia. Mas Renaud Leymarie tinha desaparecido. Helena passou toda a noite sentada à mesa, enquanto as flores murchavam ao calor.

Um dia passou. Passou uma semana, um mês.

Agora, mais do que dois anos são passados sobre aquele dia trágico, e ela ainda não teve notícia alguma do marido. Escreví esta história na esperança de que ele a leia e volte.

O PRESIDENTE do Supremo Tribunal da Inglaterra declarou recentemente ter gasto a maior parte do seu tempo como juiz, investigando colisões de veículos em que cada qual estava do lado da mão, parado e buzinando.

—Philip Guedalla

Hoje já se pode revelar como...

Nasce um satélite

Condensado do livro «We're All in It», de Eric Johnston, ex-presidente da U. S. Chamber of Commerce

História, em primeira mão, de como o Kremlin forçou os líderes de um pequeno país a se submeterem—*sob pena de...*

CHEGUEI a Praga em 12 de julho de 1947, dia em que regressou de Moscou o Ministro do Exterior, Jan Masaryk. Vinha com ordens expressas de manter a Tchecoslováquia apartada das nações do oeste europeu que pleiteavam o auxílio dos Estados Unidos para a sua recuperação econômica.

Eu conhecia Masaryk desde 1943. Ardiloso, agreste e tenaz, era, a um tempo, sensivel e nobre—combinação estranha do realista, do misantropo e do idealista. Como sempre conversáramos com absoluta franqueza, pedí-lhe uma audiência, certo de que ele me contaria o que se passou em Moscou.

Jan Masaryk falou, nesse dia, com clareza realmente impressionante. Queria falar. Necessitava desabafar com alguem. Penso que seu desejo era, precisamente, o de falar a um americano; pois, num certo sentido, o vibrante chanceler tinha tanto de tcheco como de americano. O inglês que falava era tipicamente americano até nas expressões mais idiomáticas. Creio que aproveitou a minha presença para pensar alto. Descreveu-me, assim, como pode morrer uma nação e nascer um satélite.

Essa entrevista teve tal significação, do ponto de vista histórico, que, para preservar-lhe a fidelidade, ditei-a, logo depois, à minha secretária. Agora, que Jan Masaryk está morto, fora do alcance do Kremlin, a história já pode ser contada.

QUANDO o governo tcheco anunciou a sua intenção de enviar delegados à Conferência de París e participar do Plano Marshall, todo o mundo se surpreendeu. Era o único país da

órbita russa a manifestar-se dessa forma, sobretudo depois de ter o Kremlin proclamado o auxílio americano à Europa como perigosa ameaça aos planos soviéticos.

Até então, o Kremlin contivera os tchecos com rédeas brandas. Mas não poderia, evidentemente, tolerar que a nação mais importante da sua esfera de influência se desgarrasse para aderir ao bloco ocidental. Terminou, aí, o período das relações benévolas. O Primeiro Ministro, Gottwald, e o Ministro do Exterior, Masaryk, foram sumariamente chamados a Moscou.

«Que poderíamos fazer?» perguntou-me Masaryk. «Ninguem consegue cuspir contra o vento sem se respingar. Estávamos sós. Perguntei ao Presidente Truman o que poderia fazer por nós. Disse-me que nada, exceto darnos apoio moral. Ora, o apoio moral não vale muito diante de um canhão!»

Enquanto falava, borbotavam-lhe os pensamentos. Estava tenso como uma mola super-comprimida.

«Stalin recebeu-nos à noite—pouco depois da nossa chegada a Moscou. Assistiram à entrevista, alem do chefe soviético, Gottwald, Beria, Zhdanov, Molotov e Mikoyan. Stalin tem agora 68 anos e parecia bem de saude. Não bebe mais. Sua rispidez habitual estava temperada com algumas pitadas de bom humor. Teve algumas expressões joviais enquanto os outros membros do Politburo ostentavam a mais solene gravidade. Em sua opinião, o que havíamos feito equivalia a um desafio à Rússia.

«Perguntei por que atribuiam tamanha significação à Conferência de París; nunca pensei que se pudesse dar tanta importância a um donativo.»

Masaryk encolheu os ombros largos e prosseguiu:

«Stalin replicou que os Estados Unidos estavam deliberadamente tentando organizar um bloco contra a Rússia; que tentavam reconstituir o poderio alemão, inclusive mediante a entrega da indústria pesada aos nazistas. E que isso significaria o começo de uma nova guerra.»

Masaryk fez uma pausa. Levantou-se e caminhou à volta da cadeira. Perguntei-lhe, então, o que pensava sobre tais afirmações.

Respondeu-me não ter tido outra saida senão concordar com Stalin—se os americanos, efetivamente, tencionavam devolver a indústria pesada alemã aos nazistas, «a medida era por certo odiosa».

Assegurei-lhe não ser esse o nosso intuito. Masaryk retomou, logo, o fio da exposição:

«Stalin nos disse: Por que têm os olhos voltados para o Ocidente? Vocês são eslavos e deveriam, portanto, estar voltados para o Leste. Nós daremos à Tchecoslováquia o que ela desejar.

«A essa altura, disse eu a Stalin: Tenho aquí comigo uma lista de materiais que necessitamos.»

Diplomata consumado e negociador arguto, Masaryk fora a Moscou preparado para realizar uma transação desvantajosa, mas disposto, por outro lado, a «vender o seu peixe» com o menor prejuizo possivel. Repetiu ele a cena, remexendo os bolsos e deles tirando uma folha de papel.

«Se não formos à Conferência de París,» disse a Stalin, «quem nos auxiliará? Necessitamos 300 mil toneladas de cereais.» Stalin replicou terem sido excelentes as colheitas russas. «Acabo de receber as últimas cifras,» disse o ditador. «Não poderemos enviar a vocês 300 mil mas mandaremos 200 mil toneladas, iniciando as entregas imediatamente.»

Masaryk, com uma espécie de sorriso esquivo, prosseguiu: «Eu só queria 200 mil toneladas, mas aumentei a cifra por saber que Stalin iria regateá-la. Aliás, ele tambem não ignorava o meu estratagema.

«Como disse antes, eu tinha uma longa lista de artigos de que necessitávamos—borracha, ferro, minérios, metais. Mas Stalin não pestanejou. Disse-me que discutisse o assunto com Mikoyan (Comissário do Comércio Exterior) e recomendou a este que fosse generoso.

«Mikoyan foi, sem dúvida, generoso. Este pequeno armênio é um típico comerciante de cavalos. Mas tinha as suas instruções e cingiu-se a elas.»

Subitamente, Masaryk mudou de assunto: «Os russos não conhecem os Estados Unidos,» observou. «De vez em quando, alguns vão à América e ficam hospedados no Waldorf-Astoria. São levados a *night clubs* e apresentados a mulheres bonitas. Vão, depois, a Washington, onde alguem lhes oferece um grande jantar. Voltam, assim, com a impressão de que a América é apenas a terra do prazer, da alegria e da futilidade.

«Os russos nunca ouviram falar em Dakota do Sul. Ignoram que há lá um homem, com sete filhos e a esposa talvez grávida, homem que começa a arar o seu campo às 5 da manhã. Este aspecto da vida americana escapa-lhes inteiramente.

«A Rússia não quer visitantes por que não tem coisas boas a mostrar e deseja ocultar as más. O nivel de vida russo é um pouco melhor do que era. Mas ainda é tremendamente baixo. O povo ouve falar das riquezas do Ocidente e deseja possuí-las. Você sabe,» continuou, «que não foi pequeno o número de russos que viveram no exterior durante a guerra. Mesmo os decadentes paises balcânicos pareciam a muitos superior a tudo quanto haviam visto antes. Trouxeram de volta algumas idéias novas e a velha cidade natal, na Rússia, já não lhes parecia a mesma. Não se pode imunizar um país contra as idéias, nem mesmo levantando cortinas de ferro.

«Mas ninguem fala muito alto sobre o descontentamento existente. O descontentamento, na Rússia, não é considerado coisa muito salutar.

«Fala-se muito no desentendimento entre Zhdanov e Molotov quanto à sucessão de Stalin,» prosseguiu Masaryk. «Molotov leva vantagem pois vive dentro do Kremlin, praticamente todo o tempo. Tem superioridade técnica, mas falta-lhe o vigor físico necessário. Zhdanov é forte e rijo. Se pudesse liquidaria Molotov sumariamente. Zhdanov seria visto com me-

lhores olhos pelo Ocidente, pois tem, como Stalin, muito maior flexibilidade.»

Masaryk calou-se outra vez, como que escolhendo o assunto seguinte, e concluiu: «Isto significa o rompimento definitivo entre o Ocidente e o Oriente. Não creio que dure muito, pois os russos não desejam a guerra; com efeito, a história russa mostra que eles jamais iniciaram uma guerra. E os Estados Unidos tãopouco.

«Os Estados Unidos precisam compreender que a firmeza é indispensavel no trato com os russos. Os americanos cedem com uma facilidade surpreendente. Só quando empregarem energia, acreditarei, de novo, na viabilidade da conciliação entre o Oriente e o Ocidente. Mas quando chegará esse dia?»

Voltou, então, de súbito, ao seu entendimento com os russos:

«Não sei se a Rússia nos entregará os materiais prometidos. Se não o fizer, será grande o descontentamento do nosso povo. Sabemos perfeitamente que vivemos sob o domínio soviético. Mas o caso lembra a conhecida canção de *vaudeville* sobre a boa moça que se desencaminhou. Você se recordará que, segundo a canção, a moça não merece crítica, senão piedade. A nossa situação é semelhante.»

Fiz-lhe, ainda, uma ou duas perguntas sobre Stalin. Masaryk estava fertil em detalhes:

«Na segunda noite, foi-nos oferecido um banquete. Vodka a rodo. Doze qualidades de bebidas. Vinhos, champanha e toda sorte de iguarias. Stalin comeu relativamente pouco. Limitei-me a tomar vodka e disse ao ditador que me absteria, propositadamente, dos demais licores para poder sentir a cabeça no lugar, na manhã seguinte. Mas os russos, inclusive os membros do Politburo presentes, davam a impressão de um bando de meninos. Faziam questão de tomar quanto líquido colorido aparecesse, porque não estavam habituados a festins como aquele. Stalin já está acostumado.

«O segundo prato foi um peixe magnífico, um dos mais saborosos que tenho comido. Stalin serviu-se fartamente. A ocasião era oportuna para conversarmos, para que eu lhe dissesse certas coisas e pudesse sondá-lo convenientemente. Na Rússia, a diferença entre o pobre e o rico é maior do que em qualquer outro país do mundo. Disse eu a Stalin que nos Estados Unidos há 200 mil ricos, mas que o resto do povo vive bem.

«Na Rússia, você vê nas ruas mulheres pobremente vestidas, quase em farrapos, ao lado de outras que ostentam quase tudo o que você encontra nas vitrinas da Quinta Avenida. Pertencem estas à Academia (artistas, bailarinas, etc.) e percebem salários até de 200 mil rublos anuais, alem de automovel para o seu uso. Há mais automoveis nas ruas do que nunca. Pertencem, é verdade, ao Estado, mas são dirigidos por particulares e postos à disposição dos figurões do Partido Comunista ou da Academia.

«Guiam feito loucos. Uma pobre velhinha conseguiu escapar por um triz de ser atropelada pelo nosso automovel. O chofer nada sofreria, pois eu estava em missão oficial junto a Stalin. O incidente provocou-me arrepios.»

A essa altura, transformou-se o tom da exposição. A voz de Masaryk adquiriu um timbre profundo e solene.

«Mas há um bem inestimavel que o meu país possui,» prosseguiu o estadista, com voz pausada. «É a liberdade de palavra e de pensamento. Levamos longe demais a nacionalização, mas isso porque o capitalismo foi tambem longe demais. Mas haveremos de encontrar uma solução.

«No momento em que desaparecer do meu país a liberdade de palavra, desaparecerei tambem. Acho, entretanto, que encontraremos uma saida. Mas talvez eu não passe de um otimista nato.

«Disse a Stalin que se ele não fornecesse aos paises da sua órbita os materiais de que necessitavam, eles se voltariam para o Ocidente. O ditador replicou-me, pronto: Vocês não podem fazer isso. Nós daremos tudo quanto precisarem.

«Vamos enviar à Rússia alguns produtos industriais em troca de matérias primas. Tentei, em vão, vender-lhes o excedente da nossa produção de calçados. A princípio, não pude compreender a razão da recusa, pois a falta de calçados na Rússia é enorme. Vê-se nas ruas gente com os pés envoltos em toda sorte de coisas. Mas Stalin explicou-me que os nossos sapatos eram bons demais para o povo russo, que passaria a desprezar o produto nacional. Alemdisso, acrescentou, instilariam falsas idéias na cabeça das mulheres.»

O sorriso sutil de Masaryk brilhou, de novo.

«Você sabe,» disse ele, «que a Rússia está com 200 anos de atraso em relação à Tchecoslováquia e levará ainda muito tempo para alcançar-nos. Os sovietes não ousam tratar-nos com o rigor discricionário com que tratam a Polônia, a Rumânia e a Bulgária. Nós não o toleraríamos.»

E assim terminou nossa entrevista —com uma vaga nota de esperança. Jan Masaryk—otimista confesso— apegava-se à esperança de que o seu país não terminaria totalmente subjugado pelos Sovietes e de que a liberdade de palavra e de pensamento sobreviveriam.

Mas, talvez inconscientemente, abrigava tambem a semente da dúvida ao dizer-nos: «No momento em que desaparecer do meu país a liberdade, desaparecerei tambem.»

No momento em que a liberdade foi sacrificada na Tchecoslováquia, Jan Masaryk cumpriu a sua palavra. Desapareceu tambem.

SE O HOMEM abrigar o medo, sob qualquer das suas formas, vê-lo-á infiltrar-se no seu pensamento, quebrantar-lhe a personalidade e fazê-lo guardião de um fantasma.

—Lloyd C. Douglas, em *Green Light*

Flagrantes da vida real

★DESEMPENADA, graciosa e apressada, ela dobrou a esquina e entrou na Quinta Avenida, em Nova York. Alto e igualmente apressado, ele vinha em direção oposta. Chocaram-se, recuaram um passo para pedir desculpas e tornaram a avançar. Por cinco vezes, esbarraram de novo, primeiro de um lado, depois do outro. Finalmente, algo exasperada com a pachorra do rapaz, a jovem parou e disse: «Agora, seu moço, só mais uma vez, está bem? Depois, terei mesmo que ir embora.»

—P.F.

★MARY, que de vez em quando passa um dia lá em casa fazendo limpeza, é uma dona-de-casa de mão cheia. Por isso, fiquei surpreendida quando cheguei à casa dela, ao meio-dia, e encontrei as camas por fazer, o chão por varrer e a louça do café ainda em cima da mesa. A própria Mary, com um vestido domingueiro, estava sentada calmamente, lendo um livro. Sem qualquer constrangimento, convidou-me a sentar e a tomar uma xícara de café. Como somos amigas há muitos anos, sentí-me à vontade para comentar: «A casa nem parece tua, esta manhã.»

Mary riu gostosamente. «Hoje é o meu dia às avessas. Eu cuido de mim pela manhã e da casa à tarde. Fazer tudo igualzinho, todos os dias, acaba cansando demais. Por isso, de vez em quando, eu inverto a rotina.»

—H.P.T.

★EU ESTAVA numa casa de moveis de segunda mão, à procura de uma mesa, quando entrou um rapaz, carregando uma cadeira. Mostrou-a ao dono da loja e perguntou quanto valia.

—Três dólares, foi a resposta.

O rapaz ficou surpreendido.

—Está certo de que não vale mais do que isso?

—Não posso dar mais de três dólares, meu caro. Sacudindo a cabeça, o velho comerciante abaixou-se para examinar a peça.

—Vê isto aquí? perguntou, apontando para uma perna rachada. —E vê como a pintura está descascada, no encosto? Para mim, não vale mais de três dólares.

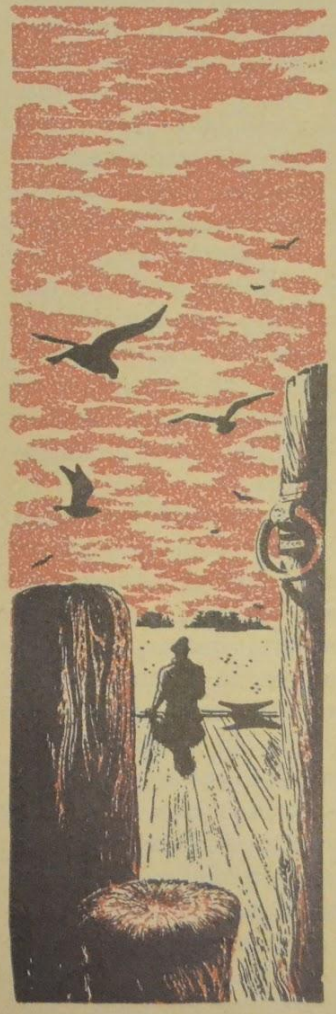
—Muito bem, respondeu o rapaz. —Nesse caso, fico com ela.

E puxou da carteira, acrescentando:

—Ela estava na porta da loja com o preço marcado de dez dólares. Eu imaginei que tivesse havido algum engano e vim pedir ao senhor que me dissesse qual o valor exato. —J.C.

Meu tipo inesquecivel

Por Grace Nies Fletcher



O CAPITÃO «E. Gray»—como ele assinava sempre o nome, com essa reserva tão característica dos autênticos ianques, não era somente enorme do ponto de vista físico—tinha mais de 1,80 m quando calçava as suas grandes botas de marinheiro: foi tambem o único homem totalmente independente que eu me prezo de já ter conhecido. Ellsworth Gray parecia ter arrancado a sua filosofia pessoal aos rochedos eternos do Maine, com os quais se parecia na firmeza inabalavel, áspera e salgada do seu carater.

Quando nos conhecemos, havia muito que ele deixara a vida do mar. Era dono do armazem e encarregado da agência postal dum lugarejo chamado Newagen, na ilhota de Southport, onde minha família costumava, todos os anos, ir passar o verão. Sempre que fazia sol, era fatal que havíamos de ir dar com ele, sentado nos degraus da loja, embebendo-se de paz e de luz. Por muito calor que fizesse, andava sempre de grosso sueter de lã, que lhe modelava as espáduas robustas, e com um boné de pala puxada para baixo, a fazer sombra aos óculos de aros dourados e aos olhos, muito azuis na cara enrugada e tisnada. «Encrencas, cação e veranistas, parece que vêm todos ao mesmo tempo!» resmungava ele, pois nada o aborrecia tanto como ser interrompido nas suas meditações por algum freguês adventício. Comprar na loja do Capitão Gray era às vezes um verdadeiro problema, porque ele recusava vender fosse o que fosse, enquanto não estivesse convencido de que a gente

precisava mesmo do que pretendia comprar... Ainda me lembro daquele dia em que minha mãe se esforçou para lhe arrancar, por meios os mais suasórios, claro está, um pedaço de oleado.

—Então que é que a senhora fez dos cinco metros de oleado que eu lhe vendí há um ano? perguntou ele inquisitorialmente.

—Acho que os esquilos deram com ele, e o comeram! confessou mamãe.

—Esquilo não come oleado. A não ser que fosse algum esquilo de duas pernas, tornou ele com severidade.

E, sem se levantar do seu lugar, estendeu aquele braço comprido, enfiou-o por trás da porta, tirou lá de dentro a vara de medir, e entregou-a à mamãe:

—Pegue. Vá lá em cima no sotão, meça e corte o que precisar. Mas cuidado, não dê algum trambolhão, ao subir.

Para o Capitão Gray a vida era uma coisa feita para se saborear com todo o vagar, e tudo o que interferisse com essa ocupação não tinha para ele importância alguma.

Adorava o Maine, onde tinha nascido. «É tal e qual uma mulher,» dizia ele às vezes. «Põe a gente num feixe de nervos com as suas rajadas espumantes. Depois, quando a lagosta está a bom preço, não deixa a gente ir ao mar levantar uma nassa, durante uma semana! E não há nada que a gente seja capaz de criar nessas rochas, a não ser batatas. Mas não sei por que, eu não troco isto por nada neste mundo...»

Percorrera desde menino toda aquela costa recortada do Maine, às vezes numa escuna de pesca, outras carregando armadilhas de lagosta, com aquelas pernas que mais pareciam duas árvores, fincadas no fundo do esquife, com o mar espumando em volta, quando o tempo estava, no dizer dele, «um pouco puxado». Tambem conhecia as cidades, pois andara vendendo o produto da sua pesca por todos aqueles mercados; mas preferiu sempre o inverno gelado e silencioso do Maine, ao cacarejar das vozes humanas nas cidades. Tão certo como a gaivota que regressa ao porto, ele acabava sempre voltando a Newagen, simples aldeola de doze famílias, como se fosse o lugarzinho mais perto do céu de que ele tivesse notícia. É bem provavel que essa fosse a razão por que ele fez um escarcéu dos demônios, quando duas dignas damas de Boston, que alí veraneavam, se lembraram de organizar uma «Sociedade de Melhoramentos de Newagen.»

«Por que é que elas não vão melhorar lá pra Boston ou Nova York, se estão com tanta vontade de fazer melhoramentos?» indagava o capitão. «Lá por essas terras quase que nem há lugar pra um cristão cuspir no chão, quanto mais para viver à sua vontade!»

Mas vir agora «melhorar» Newagen, com as suas falésias de granito que pareciam a proa de um grande navio cortando as ondas, e as suas casas bem confortaveis, muito branquinhas, sempre voltadas para um horizonte tão limpo de névoas, que quem tivesse boa vista quase que podia enxergar terras de Espanha, areias de Portugal... Bastava essa idéia para o deixar apoplético.

Eu estava fora da terra quando a Sociedade de Melhoramentos convocou a primeira reunião. No dia seguinte, após o meu regresso, perguntei ao lobo-do-mar que tal fora o êxito da assembléia. «Muito bom,» resmungou ele. «Não foi mau êxito! As duas únicas pessoas que apareceram foram as duas que pedem melhoramentos... As tais mulheres lá da cidade!»

Tratava toda a gente, tanto os da terra como os veranistas, como um desses pais de numerosa e turbulenta prole costumam tratar os filhos. Era ele quem decidia, aliás sem consultar ninguem, sobre o que convinha a cada qual. Era capaz de estar a par de todos os acontecimentos, porque, ao tempo, o único telefone existente no lugarejo era o que ele tinha na loja. Uma vez, andando toda a nossa família a pescar, o telefone tocou: era para transmitir um telegrama, anunciando a chegada imprevista de uns parentes nossos. Quando regressamos ao lugar, o capitão tinha feito todos os preparativos para uma recepção em forma. Ao subirmos o caminho que ligava o embarcadouro com a loja, a porta abriu-se de par em par, e uma voz anunciou:

«Effie vai chegar!» e uma dona de casa, toda risonha, entregou a mamãe um pratarraz, acrescentando: «Preparei-lhe um prato de mariscos.»

«Effie e José vão estar aquí lá para as cinco,» anunciou outra vizinha. «Já lhes amassei um tabuleiro de pão de especiarias.»

Já nem era preciso ler o recado, quando por fim entramos na loja, onde tambem ficamos sabendo que ia haver lagosta para a ceia. «Tive que pôr de lado as encomendas dos meus fregueses, e fui aí ao mar levantar duas massas de lagostas,» disse ele, como sempre, às rosnadelas. «Mas vão me pagar por isso. Na minha idade, um homem já não pode andar por aí aos baldões do mar, a não ser que lhe paguem bem pago.» E entregou a meu pai uma conta, rabiscada num pedaço de papel pardo. Dizia o seguinte:

6 libras de lagosta	$2.40
Urgência	.10
Total	$2.50

Naqueles tempos em que ainda não tínhamos geladeira, sofrí um dia um ataque de apendicite aguda, e o médico mandou-me pôr sem demora um saco de gelo no ventre. A minha família, no seu desvairamento, já se preparava para ir até Boothbay Harbor, para comprar o gelo, —22 quilômetros para lá e outros tantos de regresso, por aqueles terriveis caminhos de cabras, quando o capitão Gray apareceu na porta dos fundos, com dois baldes cheios de gelo.

«Constou-me que Grace estava precisando,» foi tudo quanto ele disse. Na manhã seguinte papai soube que ele tinha tirado aquele gelo do seu armário congelador, com o resultado de que se lhe estragaram uns 20 quilos de sorvete. Quando meu pai tentou pagar esse prejuizo, Gray quase que o ia pondo fora da loja. «Era só o que faltava! Então a gente não pode mandar um pedaço de gelo a um vizi-

nho que está precisando, sem que venham logo insultar?!» rugiu ele. «Ponha-se lá fora, antes que eu me enfureça!»

O Cap. Gray tinha pouca paciência para aturar os «estrangeiros» empavonados que por alí apareciam. Um dia, estava ele enchendo meticulosamente um cone de sorvete para um gurí pequeno e sujo que, por sinal, era meu irmão, quando lhe entrou na loja, muito açodada, uma dama com os dedos carregados de diamantes. O velho marujo fez de conta que não reparava na impaciência da senhora, e continuou a carregar o chocolate bem para dentro do cone, tornou a botar mais, lambeu criteriosamente o polegar, piscou os olhos por trás dos óculos para se certificar se tinha ou não tinha dado a medida certa pelo niquel do garoto...

A espera foi demasiado longa para a ansiedade daquela freguesa em férias, que acabou por anunciar pomposamente: «Sr. Gray, eu sou a sra. Vanderocks! Estou com muita pressa, e queria que o sr. me arranjasse umas seis libras de carne para bife e...»

Gray ergueu-se a toda a altura do seu metro e 80 e pico, pousou nela um olhar fuzilante e rugiu: «Então a sra. não vê que eu estou ocupado?»

Foi essa mesma «estrangeira» que registrou um protesto nunca visto, quando um dia ele lhe entregou um cartão postal com um ano de atraso, porque—conforme ele se desculpou—«Devo-me ter esquecido de varrer atrás da porta!» Pode ter sido mera coincidência, mas daí a dias apareceu por lá um inspetor dos correios, rapaz novo, para reclamar aquilo que o Capitão classificava sempre de «malditos relatórios». O inspetor não pôde farejar nenhuma irregularidade, mas, à medida que ele ia metendo o nariz em tudo, a raiva de Gray foi subindo e crescendo até que explodiu:

«Já cheirou quanto tinha a cheirar. Agora, rua!» Vendo que o velhote crescia para ele, o inspetor recuou em direção à porta e foi-se embora. «Há uns trinta anos que estou encarregado desta agência, e nunca ninguem teve nada que me dizer!» berrou da porta o velho, vendo fugir o inspetor. «E não há de ser um fedelho de cueiros, como você, que vai me ensinar como é que se lambem selos!» O incidente não teve outras consequências, mas o fato é que, dalí em diante, sempre que algum «estrangeiro» aparecia na loja para comprar qualquer coisa, o Gray respondia que se tinha «acabado»...

Aquele homem parecia estar sempre olhando por cima da cabeça da gente para o espaço sem fim, como quase todos os velhos que levaram boa parte da vida lavrando a campina imensa dos mares. Os pigmeus que vivem contentes nas cidades, discutindo bizantinamente as regrazinhas que lhes permitem viver nas costas uns dos outros, amontoados que nem bichos, que se governassem! Para ele, porem, só a imensa vastidão do mundo de Deus era bastante...

Uma tarde, sua filha disse-me, um tanto irritada: «Se encontrar papai, diga-lhe que venha aquí já, sim? São horas de despachar o correio!»

Fui dar com ele sentado no extremo do cais, a olhar o sol poente. Mar e céu, tudo parecia abrasado em estrias de ouro, rosa e carmezim. As ilhotas de perfis agrestes de pinheiros pareciam flutuar como barquinhos de fadas num mar de glória. Sentia-se a gente como se todo o universo tivesse suspendido a respiração, presa daquela maravilha, enquanto a maré sussurrava contra as estacas do cais: «Santo, santo, santo...» O Capitão Gray arredou as botifarras de marinheiro para que eu me pudesse sentar ao lado dele, e a sua voz de formidavel ressonância reduziu-se a um fio doce de murmúrio para me dizer: «Bonito, não é?»

Pouca gente tem a coragem de dar o lugar de honra às coisas que o merecem—como seja um lindo pôr de sol.

O seu bom-humor rivalizava com o seu senso da beleza. Estava eu na loja quando, um dia, apareceu um caixeiro viajante que se esforçou para lhe vender um exemplar dum livro qualquer, intitulado *Milhares que hoje vivem, nunca verão a morte.* O capitão ouviu, ouviu, imovel como se fosse de pedra, enquanto o vendedor papagueava o seu discurso, tentando convencê-lo de que talvez ele fosse um dos felizardos a quem o livro se destinava...

«Espere aí!» bradou a dada altura o Capitão; e, agarrando o homem pelo cotovelo, empurrou-o em direção à janela: «Está vendo aquele talhão vazio, acolá no cemitério? Pois fique sabendo que paguei bem bom dinheiro por ele, e não é você que agora me vai convencer com a sua lábia a não me servir dele. Vá-se embora!»

Os olhos do Capitão, postos em mim, cintilaram de bom humor; e enquanto o viajante batia os calcanhares, ele acrescentou pensativamente: «E o que é mais, tambem não vou deixar que me torrem no tal crematório. Não senhor! Depois de morto, não quero que me arrumem aí numa prateleira qualquer, metido numa lata!» Voltou a espraiar a vista lá por fora, no céu do poente onde o sol parecia um pouco de melaço derramado num gramado de veludo, e murmurou consigo: «Agosto já vai bem adiantado. Não tarda nada que chegue o outono, depois o inverno...» Suspirou, tão fundo que o ar lhe parecia vir lá de dentro das botas, e acrescentou: «Para mim tambem. Mas não me importo, não. «A sra. já reparou, quando os garotos vão pegar amoras, que as maiores e mais doces são as que crescem alí, bem junto ao muro do cemitério?»

Para ele a eternidade nada reservava de melhor do que isto: dormir para sempre no seio da boa terra do Maine que ele tanto amava. Lá está hoje enterrado no pequeno cemitério onde as crianças vão pegar amoras—gigante duma raça que rapidamente se vai extinguindo, e que teve sempre a coragem de ser ele mesmo.

Às vezes, quando vou sentar-me no murinho daquele cemitério, onde as árvores escorrem a luz do sol e o aroma, capitoso como o vinho, daquele mar do Maine que ele tanto amou, parece que o vento, ao fazer ondular docemente a grama alta, me traz aos ouvidos um eco daquele murmúrio: «Bonito, não é?»

A ciência dá a última palavra nos casos de investigação de paternidade

O sangue o dirá

(Condensado de «Hygeia»)

Henry Morton Robinson

No ano passado, uma jovem, solteira, com um filho de seis meses, atribuiu a um eminente diplomata a paternidade da criança. Felizmente para o diplomata, o caso foi levado ao Tribunal de Assuntos Especiais, em Nova York, um dos poucos que aceitam a prova de sangue como elemento decisivo nos casos de investigação de paternidade. Os exames foram feitos pelo dr. Alexandre S. Wiener, conhecido sorologista, cujo laudo foi categórico:

«O homem cujo sangue examinei não pode, positivamente, ser o pai da criança em questão.»

«Arquive-se», foi o veredicto do Tribunal, encerrando um dos 1.200 casos de investigação de paternidade que lhe são distribuidos anualmente.

A investigação de paternidade há muito que constitui um dos problemas jurídicos de mais dificil julgamento. Uma mulher solteira aponta, entre lágrimas, como pai de seu filho um determinado indivíduo. Este poderá alegar desconhecer totalmente a mulher. Ou, se admite ter tido com ela relações sexuais, declarar ser apenas um dentre muitos. Entretanto, quaisquer que sejam seus argumentos, os tribunais, movidos por um sentimentalismo facil de explicar, geralmente dão ganho de causa à mulher. «Antes da prova de sangue ter sido admitida em juizo,» diz Sidney B. Schatkin, autor do livro *Disputed Paternity Proceedings*, «o acusado não só era considerado, preliminarmente, culpado, como se encontrava na situação singular de não dispor de meios para provar a sua inocência.»

Há muitos anos que, em certos países europeus, tais questões vêm sendo resolvidas mediante testes científicos de sangue. Nos Estados Unidos, porem, somente em 1935 foi aprovada a primeira lei, no Estado de Nova York, que admitiu os exames de sangue como elementos legais de prova.

Esses exames têm a mais sólida base científica. Em 1901, o dr. Karl Landsteiner, do Instituto Rockefeller, descobriu que os glóbulos vermelhos do sangue humano contêm duas substâncias, chamadas aglutinógenos A e B; e que o sangue humano pode ser classificado em quatro grupos. Se um indivíduo possui as substâncias A e B, pertence ao grupo AB; se possui apenas a A, pertence ao grupo A; se apenas a B, ao grupo B. Se não possui nenhum dos dois, ao grupo O. Essas características do sangue são transmitidas, por hereditariedade, de acordo com as leis de Mendel. Se nascemos em um grupo, nada nos poderá fazer mudar de classificação.

Vejamos um caso concreto: Bill Smith é acusado de ser o pai da filha de Mary Brown. Amostras do seu sangue, do da mãe e do da criança são analisadas por um técnico completamente alheio ao caso. Sua tarefa consiste apenas em determinar a que grupo pertence cada sangue. Verifica ele que o sangue de Bill é do tipo AB, enquanto o de Mary e o da criança são do tipo O. De acordo com as leis de Mendel, um pai do tipo AB e uma mãe do tipo O nunca poderão produzir um filho do tipo O. Portanto, Bill não poderia ter sido o pai da criança.

Entretanto, o teste de sangue constitui apenas uma prova negativa. Evidentemente, não poderá provar a paternidade, uma vez que há milhões de indivíduos em cada tipo de sangue. Se o teste não comprovar a inocência do acusado, este terá que defender-se, como puder, por outros meios. Uma jovem, por exemplo, atribuiu a paternidade de seu filho a um conhecido cantor de rádio. Os exames revelaram que o sangue do artista era do tipo A, o da mãe B e o da criança AB; a prova de sangue não isentou da acusação o cantor.

Segundo as experiências feitas em 1933, com os tipos A, B e O, um homem teria uma possibilidade em seis de provar a sua não-paternidade. Essas possibilidades foram elevadas a uma em três depois da descoberta de que o soro de coelho adicionado aos glóbulos vermelhos permite a identificação de dois novos elementos no sangue humano, o M e o N.

Em 1940, novos tipos Rh de sangue foram descobertos pelos drs. Landsteiner e Wiener, de modo que, atualmente, 55% dos homens injustamente acusados podem provar a sua inocência com o auxílio do laboratório.

A mais convincente confirmação da exatidão dos testes provem das próprias mães solteiras. Depois de provada a improcedência das acusações, confessam, entre soluços, que o homem por elas apontado não é, desgraçadamente, o pai. Schatkin, advogado de milhares de mães, desde 1931, em casos de paternidade duvidosa, declara: «No ano passado, com exceção de um único caso, recebí, em todos os demais, confissões voluntárias da improcedência das acusações.»

Schatkin conta-nos o caso de uma jovem solteira, espertalhona, que planejou atribuir a paternidade de seu filho a um conhecido celibatário. Preliminarmente, a jovem conseguiu, sob pretextos engenhosos, certa quantidade de sangue do «pai em perspectiva». Enviou-a, juntamente com amostras de seu sangue e do do filho, a um químico de outra cidade. «O homem de quem foi tirado este sangue poderia ser o pai do meu filho?» perguntou, lamuriosa. O plano foi águas abaixo quando o químico achou insuficiente a quantidade de sangue en-

viada para a análise. Desesperada, a jovem iniciou o processo, de qualquer maneira, e só desistiu dele quando a prova legal de sangue demonstrou a falsidade da acusação.

Os tribunais de juri, entretanto, ainda não se libertaram da inclinação sentimental em favor das mães solteiras. Na ação de paternidade movida contra Charles Chaplin, em 1945, as provas de sangue feitas e confirmadas por três peritos demonstraram que Chaplin não era o pai da criança. Mas o juri da Califórnia desprezou a evidência científica, declarou-o culpado e condenou-o a sustentar a criança.

Decisões como estas são de molde a suscitar dúvidas no espírito do público quanto ao valor dos testes de sangue. De tais dúvidas, entretanto, não participam os juizes do Tribunal de Assuntos Especiais, de Nova York. Depois de 13 anos de experiência nesse delicado aspecto das relações humanas, acreditam que nenhuma sentença se reveste de tanta garantia de justiça como as proferidas nos casos de investigação de paternidade, fundamentadas na objetividade e frieza dos exames científicos de sangue.

Uma cilada do subconsciente

Quando Anne Lindbergh, esposa do conhecido aviador, era ainda menina, aconteceu que o banqueiro J. P. Morgan, pai, fora um dia tomar chá à casa dos Morrows. Temendo qualquer comentário indiscreto da menina sobre o narigão do visitante, a sra. Morrow achou de bom aviso advertir a filha.

«Como deves saber,» observou-lhe a mãe, «é uma grande falta de educação fazerem-se comentários sobre os defeitos físicos de alguma pessoa; portanto, se notares que Mr. Morgan tem um nariz um tanto diferente, não deves dizer nada...»

Ao chegar o capitalista, Anne não podia tirar a vista do famoso nariz do banqueiro. A sra. Morrow, notando a atração que a filha sentia, procurou, sem dar na vista, fazer que ela se retirasse da sala. Por fim, com a menina ausente, a mãe respirou aliviada.

E então, desaparecido o pavor de uma indiscrição qualquer, ao servir o chá ao visitante, perguntou-lhe inadvertidamente a sra. Morrow: «Diga-me, Mr. Morgan, prefere creme ou limão no seu nariz?»

—O. O. McIntyre

O mundo dos *causeurs*, segundo tenho observado, divide-se em duas classes: a dos que ouvem o que se lhes diz e a dos que aproveitam o intervalo para preparar o comentário seguinte.

—Bruce Bliven, em *The New Republic*

Um dos mais proeminentes líderes trabalhistas dos Estados Unidos apresenta a sua filosofia social adquirida em sua carreira de homem que se fez por si

Todos à uma

(Condensado de «The American Magazine»)

Por Philip Murray
Presidente do Congresso de Organizações Industriais (CIO)

Sou um sindicalista e organizador trabalhista. Acima de qualquer coisa, porem, sou americano. Tudo quanto possuo, tudo quanto consegui na vida, devo aos Estados Unidos.

Nasci na cidadezinha mineira de Blantyre, na Escócia, sendo o segundo filho dos onze que meus pais tiveram. Meu pai era mineiro de carvão e presidente do sindicato da localidade e quando eu tinha apenas seis anos de idade, levou-me a uma reunião trabalhista, a primeira a que assisti. Embora fosse um mineiro de grande perícia, meu pai recebia um salário insignificante e não contava com trabalho permanente. Quando eu tinha dez anos, disse ele a minha mãe, muito a contra-gosto:

«O que eu ganho não chega para nós. Precisamos muito dos três xelins que Philip pode ganhar por dia.»

Pousando sobre o meu ombro o seu braço cansado, disse: «Quisera que isto não fosse preciso, meu filho. Você é bem desenvolvido e forte para a idade que tem, mas um menino deve terminar a escola antes de começar a arcar com o peso da responsabilidade de ganhar o pão. Mas você, Philip, ainda verá o dia em que todas as crianças terão infância e todos os homens uma vida decente.»

Eu trabalhava com o meu pai, cavando no fundo da mina. Cresci desconhecendo o que era viver à luz do sol. À noite, sentado ao lado de uma lanterna de querosene, lia a Bíblia, os jornais trabalhistas de meu pai e os livros que retirava da biblioteca pública da localidade.

Anos magros para a indústria mineira foram aqueles. Os dias sem trabalho se seguiam uns aos outros e ocasiões havia em que os 13 Murrays não tinham o que comer. Por fim, quando eu estava nos meus 16 anos, a família tomou uma grande decisão: procurar vida nova no Novo Mundo a respeito do qual meu tio Philip escrevera tantas maravilhas.

Primeiro viemos eu e meu pai. Chegamos a Irwin, no Estado da Pensilvânia, no dia de Natal de 1902. Carregando a nossa bagagem, no meio de uma tempestade de neve, andamos mais de seis quilômetros até a casa de meu tio. Dalí a poucos dias estávamos novamente no fundo da mina. Precisávamos ganhar dinheiro para trazer o resto da família e sustentá-la. Todas as noites, porem, logo depois do jantar, eu me recolhia ao meu quarto.

Uma noite meu pai me seguiu.

—Que é que você anda fazendo, Philip? perguntou-me.

—Estudando. Matemática e ciências.

Com orgulho mostrei-lhe as lições do curso por correspondência.

—Foi nisso que você gastou os seus 60 dólares?

—Foi, papai. E quando eu terminar gostaria de estudar ciências econômicas.

—Ótimo, meu filho! Está aí uma coisa de que você nunca se arrependerá.

Estudei tambem o que precisava para me tornar cidadão americano. Pouco depois de haver completado 21 anos, lá estava eu, com a turma que estudara para naturalização, em um salão de paredes escuras, na corte de Pittsburgh. Quando o juiz, de cabeleira branca, fez um pequeno discurso e nos entregou os títulos de cidadania, vivi o momento de maior orgulho de minha vida.

Alguns anos antes, no entanto, eu descobrira uns dos aspectos menos atraentes da vida nos Estados Unidos. Os mineiros da Pensilvânia recebiam melhor pagamento que os da Escócia, mas era-lhes proibido unirem-se em sindicatos e não havia a quem recorrer quando desejavam reclamar contra patrões exploradores e sem escrúpulos.

No poço em que eu trabalhava, os mineiros estavam convencidos de que eram roubados em parte do salário por um chefe de pesagem deshonesto. Uma noite apresentei um protesto e sugerí que fosse permitido aos mineiros escolherem um chefe de pesagem de sua confiança—prática comum nas minas da Escócia. Fui, entretanto, tachado de agitador, estrangeiro indesejavel e coisas piores. Pela primeira e última vez em uma questão trabalhista, perdí a cabeça. Seguiu-se uma sangrenta luta.

No dia seguinte fui despedido «por ter brigado nos terrenos da Companhia». Quinhentos mineiros abandonaram logo o serviço. A greve durou três semanas. Durante parte desse tempo, nossa família morou em uma barraca, despejada que fora da casa de propriedade da Companhia, enquanto esta me mantinha preso no armazem. Premidos pela fome, os mineiros tiveram que voltar aos poços. Quanto a mim, escoltado pelas polícias da cidade e da mina, fui levado a Pittsburgh com a recomendação de que nunca mais voltasse.

A partir desse momento, resolví consagrar minha vida à luta contra as injustiças sociais e contribuir para melhorar a vida dos trabalhadores americanos. Dois anos mais tarde, quando eu tinha 19 anos, fui eleito presidente do recem-formado Sindicato dos Mineiros de Horning, na Pensilvânia. Fiquei trabalhando nas minas até a idade de 24 anos, sendo então eleito membro da diretoria dos Mineiros Unidos da América. Serví 30 anos nessa entidade trabalhista, não só durante os dias mais sombrios como tambem durante o período mais fertil das atividades organizadas do Sindicato.

Lembro-me especialmente de uma excursão que fiz, com fins de arregimentação, aos campos de minas da Virgínia Ocidental, em 1915. Os proprietários de minas espalharam que os mineiros que fossem apanhados em alguma reunião seriam colocados na lista negra e nunca mais poderiam trabalhar. Como consequência, nossas reuniões foram feitas no recesso dos lares, a portas trancadas. Falei 19 vezes nessa excursão e o maior auditório que tive constou de quatro criaturas: três homens e um cão.

Seis anos mais tarde, voltei à Virgínia Ocidental—agora, porem, como enviado do Presidente dos Estados Unidos. Os tempos haviam mudado. Enraivecidos pelos excessos anti-sindicalistas dos proprietários de minas, os mineiros se levantaram, tomaram as linhas telegráficas e entroncamentos ferroviários, e desafiavam a autoridade do governo estadual. As tropas federais acamparam do lado oposto do rio Ohio e parecia inevitavel um derramamento de sangue.

Custou-me uma noite inteira de viagem sob a chuva, por uma estrada encharcada que serpenteava pela montanha, para chegar ao reduto dos mineiros e persuadí-los a deporem as armas. Na volta, o carro em que eu ia derrapou na lama da estrada e se precipitou em um despenhadeiro. Mesmo assim, conseguí chegar a Charleston; não foi dada ordem de avançar às tropas e ao amanhecer do dia a rebelião havia terminado.

Um dia, quando eu estava começando como organizador de sindicatos, o gerente geral de uma grande companhia mineira ofereceu-me o lugar de seu assistente pessoal, com um salário três vezes maior que o que o Sindicato me podia pagar.

«Murray, você está perdendo tempo,» disse-me ele. «Venha trabalhar comigo que eu o farei rico.»

Agradecí-lhe a oferta e disse que, a meu ver, o meu lugar era ao lado dos trabalhadores.

Sinto orgulho em poder dizer que contribuí para a criação do Congresso de Organizações Industriais (CIO) e para a organização dos Operários Siderúrgicos Unidos da América, hoje em dia o maior sindicato do país, com mais de 800 mil sócios contribuintes, em uma indústria que já foi a principal defensora do sistema de dar emprego a qualquer um, sem exigir filiação a sin-

O menino que ninguem queria

Por Gwendolen L. Sherman

Tal como foi contado a Winfred L. Van Atta

Esta é a história verdadeira de Marta Wheelock, que desejava uma criança, e de Billy Brandon, acusado de duas mortes à idade de 8 anos. O seu ponto de partida é o fichário que mantive durante muitos anos, quando trabalhava em assistência social para um tribunal de menores numa cidade do leste.

Em 1920, a sra. Wheelock apareceu no meu escritório à procura de uma criança para adotar. Tinha então cerca de 45 anos e era uma mulher pequena e de aspecto maternal. Seu marido era granjeiro. Ambos gostavam de crianças, e nunca tinham tido filhos.

Foi dificil explicar-lhes que nenhum tribunal podia atendê-los, pois já passavam da idade.

Em 1931, decorridos dois anos, Billy Brandon veio parar em minhas mãos. Era a criança mais injustamente tratada que eu já tinha visto. Nick Brandon, pai de Billy, era viuvo, jogador profissional. A família com que ele e o filho moravam tinha escassos cuidados com o menino.

Certa manhã Billy encontrou na mesa uma pistola carregada e levou-a consigo para o parque. Aí, um ginasiano, único filho do diretor do jornal de mais prestígio na cidade, tenta tirar-lhe a arma. Durante a luta a pistola dispara por si e mata o filho do jornalista.

O pai do ginasiano ficou com um imenso ódio de Nick Brandon e do garoto Billy. Um reporter, destacado para escavar o passado de Nick, descobriu o fato de que Billy, aos cinco anos, brincando com fósforos, tinha queimado o vestido de uma garotinha. O fogo queimara-a horrivelmente e ela morrera em consequência das queimaduras.

Nessas condições, o menino de oito anos era apontado como autor de dois assassínios.

Em consequência das acusações do jornal contra Nick, foi este condenado

a um ano de prisão, como jogador. E Billy foi colocado sob a custódia do Tribunal de Menores.

Em vista da publicidade, não houve família que quisesse receber Billy, e eu estava para comunicar ao Tribunal que se tratava de um caso sem solução, quando me acudiu à lembrança a senhora Wheelock. Ato contínuo, levei o menino no meu carro à granja onde ela morava.

A casarona esparramada, cercada de celeiros recem-pintados de vermelho, parecia o lugar perfeitamente adequado a Billy. Marta fez-nos um sinal e veio ao nosso encontro, seguida pelo marido.

Por toda a casa, velha e confortavel, havia um odor de pão saido do forno. Sentamo-nos na varanda. Marta e Herbert olhavam reservados para o menino. Disse-lhes que era um menino da cidade e que, se eles tivessem um bezerro ou um potranco, ele gostaria de vê-los. «Herbert,» disse Marta, «mostra o que temos no curral.»

Quando ficamos a sós, Marta observou:

—Esse é o garoto do Brandon, não é? Reconheci-o pelas fotografias no jornal. Foi horrivel o que ele fez, mas...

—Exatamente, interrompí.

E contei-lhe uma grande mentira. Disse à sra. Wheelock que vinha de visitar uma família onde esperava deixar o menino até que desaparecesse o efeito da má publicidade. Disse-lhe que a família ficou aterrorizada à idéia de ficar com o rapaz e, portanto, não havia esperança de ter onde deixá-lo. Era um menino que ninguem queria. Disse ainda que ele era normal, uma boa criança, e que era pena não lhe darem uma oportunidade.

Quando Marta se levantou da cadeira, os olhos dela faiscavam. «Espere aquí,» pediu-me. «Quero falar com o Herbert.»

Dentro em pouco os dois encaminhavam-se para a casa, com o menino entre ambos.

«Herbert e eu estávamos dizendo ao Billy quanto nos sentimos sozinhos aquí fora,» disse Marta. «Se a senhora consentir, ele gostaria de ficar de visita aquí conosco por um mês ou dois.»

Billy ficou com os Wheelocks não dois meses, mas dez anos.

Eu o visitava com frequência, observando a sua transformação, de menino assustado e introverso, que era, em um rapaz feliz e confiante. No ginásio, figurou entre os primeiros da classe, conquistando uma bolsa de estudos para o curso superior.

Os Wheelocks queriam adotar Billy legalmente, mas a maioria dos tribunais de menores prefere reter o controle sobre a criança até que esta atinja a maioridade. Se, apesar de seu passado, os pais da criança provarem capacidade de dar-lhe um lar decente, o tribunal examina a possibilidade de devolver-lhes o filho. Foi o que aconteceu. Nick Brandon me visitou pouco depois de cumprir a pena, prometendo que iria fazer o possivel por conquistar o direito de rehaver a criança. Ele visitava Billy duas vezes por ano, escrevia-lhe com regularidade, e mandava-lhe presentes caros.

Abolida a proibição, abriu uma taverna numa cidade do interior. Voltou a casar-se. Quando Billy atingiu os 19 anos, Nick requereu ao tribunal a restituição do filho. O juiz resolveu entregar o caso à decisão do rapaz.

Um dia antes de comunicar a sua resolução, Billy alistou-se nas Forças Aéreas. Teve a seu cargo a metralhadora de um avião de bombardeio; foi duas vezes derrubado, recebeu quatro citações, e deu baixa em 1945.

Enquanto esteve alem-mar, designou Marta beneficiária do seu soldo, pedindo que ela comprasse coisas para si mesma. Tambem se correspondia com o pai.

Certa manhã recebí um ansioso chamado de Marta, convidando-me a almoçar e dizendo-me que Billy e o pai tambem iriam.

Nick chegou num novo cupê conversivel, que seria o presente de boas-vindas a Billy. Possuia agora dois restaurantes, alem da taverna, e queria fazer do filho seu sócio.

Billy estava com 22 anos e tinha que decidir por si mesmo. Durante quase uma hora fiquei parada no corredor a observar o rapaz a debater-se entre duas dedicações. Não havia dúvida quanto ao seu amor por Marta e Herbert, mas ele parecia contente de ver o pai.

Um pouco antes do almoço ele saiu para uma caminhada. Ao retornar trazia nos olhos uma interrogação.

—Não há reservas no celeiro, disse, e todo o equipamento se foi.

—É verdade, respondeu Marta imediatamente. —Vendemo-lo e arrendamos a granja em meação por este ano. Temos agora um comprador para a granja toda e...

—Mas por que? perguntou Billy, e então num relance viu Herbert e Marta tais como tinham ficado: velhos, encanecidos, curvados pelos anos de árduo trabalho.

—Mas o lugar de vocês é aquí! Nenhum de vocês havia de sentir-se feliz em qualquer outra parte! Eu...

Billy hesitou ao defrontar o olhar do pai através da mesa. Depois continuou:

—Tenho pensado muito, e decidí que gostaria de me instalar aquí. Os preços vão subir dentro dos próximos anos, e, como ex-combatente, posso obter um empréstimo para a compra de novo equipamento e de estoque. Sempre gostei mais daquí do que...

Nisso Nick Brandon tornou-se digno do filho. Sorriu.

—Tenho a impressão que sei o que é que estás pensando, Billy, disse ele. —Eu emprestarei o que vieres a precisar.

Marta levantou-se da mesa, virando o rosto para que não pudéssemos verlhe as lágrimas.

—Não vais precisar um empréstimo muito grande, observou. —Guardamos todos os teus cheques, meu filho.

A bondade não é estrada que conduza numa só direção. Por terem acolhido uma criança abandonada que ninguem queria, os Wheelocks colheram uma das maiores alegrias da vida—o amor sem egoismo de um filho devotado.

Escrita por um jornalista de um país tradicionalmente neutro—a Suiça—esta análise imparcial e desapaixonada da situação da Alemanha merece atenção especial

QUE SE PASSA COM O POVO ALEMÃO?

(Condensado de «Der Schweizer Spiegel»)

Adolf Guggenbühl

QUANDO cheguei à Alemanha, imaginava, como tantos outros, que a mais premente necessidade do povo alemão fosse a de ajuda material em larga escala. Acabei, entretanto, convencido de que a recuperação alemã requer duas condições distintas: o retorno ao sistema de livre iniciativa e a reeducação espiritual da nação alemã—pelos próprios alemães.

Consideremos o problema fundamental: o da alimentação. Os alemães estão morrendo de fome? Fiz esta pergunta a quase todos quantos encontrei. A resposta que me pareceu mais exata foi a do comandante inglês de uma cidade industrial.

«Os alemães,» disse-me, «não estão morrendo de fome nem mesmo aquí, nas chamadas zonas devastadas. Sua situação é idêntica à de muitos franceses, italianos e ingleses. Dispõem, é verdade, de escassos alimentos e têm, mesmo, até certo ponto, fome crônica. A fome é agravada provavelmente pelo espetáculo das ruinas em que vivem. E é certo que muitos deles se consideram vítimas dramáticas da fome.

«As pessoas que não contam senão com as rações oficiais, têm, efetivamente, muito pouco. Mas quase toda a gente consegue suplementar, no mercado negro, essas rações. Os anciãos e inválidos, que não podem ficar longas horas nas filas ou ir para o interior em busca de alimentos, esses sim, estão ameaçados de rápida e severa desnutrição.»

O mercado negro, embora faça da vida do alemão um inferno, protege-o

DEPOIS de formado pela Universidade de Berna, Adolf Guggenbühl deixou a sua cidade natal, Zurique, para estudar as condições econômicas e culturais do mundo. Viveu seis meses nas «favelas» de Londres e trabalhou, depois, em Boston, como estivador, decorador de vitrinas e guarda-livros. Aos 27 anos, voltou à Suiça, onde fundou o *Der Schweizer Spiegel*, revista mensal, hoje com 23 anos de existência, destinada à difusão da cultura suíça e dos princípios democráticos. Quando a propaganda nazista penetrou na Suiça, Guggenbühl combateu-a ativamente, por meio de numerosos artigos e panfletos.

contra a fome. Vejamos, por exemplo, o caso da família Pasedag, que escapou da zona russa e foi abrigar-se num porão na cidade industrial de Bochum. O seu chefe, que tem 74 anos e é inválido, dirigira antes uma escola primária. Dois filhos, uma filha e o marido desta, perderam a vida na guerra. Um neto de dez anos e uma neta de oito vivem com os avós.

Todo o peso da conquista de alimentos recai sobre Frau Pasedag, anciã de 65 anos. Por um velho saco de batatas e um modesto carrinho de mão, dá ela em troca o par de botas do filho morto. Viaja de trem 200 quilômetros, até o Distrito de Hanover, rumo à casa de um fazendeiro, pai de uma antiga criada sua, e verifica que o fazendeiro fora assassinado e a propriedade entregue a estranhos, que nada lhe quiseram dar.

Tenta, então, a sorte, batendo de porta em porta. Encontra, afinal, alguem que concorda em dar-lhe 45 quilos de batatas em troca de sua aliança de ouro.

No trem superlotado que a traz de volta à casa, Frau Pasedag senta-se, exhausta, sobre o saco de batatas. Pouco depois, fazem parar o trem. «Desembarquem todos! É a Inspeção!» Uma onda de desespero apodera-se dos viajantes. As mercadorias permutadas são confiscadas sem qualquer compensação.

Frau Pasedag terá que repetir a viagem, sacrificar o segundo anel e conseguir, talvez, trazer as ambicionadas batatas, com as quais espera matar a fome da família.

O mercado negro

Este é um dos espetáculos cotidianos na Alemanha. O responsavel não é o mercado negro mas a deformação insensata do sistema econômico vigente. A Alemanha vive hoje sob uma economia completamente desarticulada—um sistema que alia os inconvenientes da intervenção estatal com os da livre iniciativa privada.

O confisco dos excedentes agrícolas e o tabelamento de preços, conjugados com a absorção, por meio de pesadas taxas, de qualquer lucro acima de certo limite, eliminou todo o incentivo à produção. De nada valerá produzir mais do que o mínimo indispensavel—a menos que o excedente possa ser canalizado para o mercado negro. Os interesses do indivíduo já não coincidem com os da comunidade. E como o mercado negro preenche uma função necessária, estão fadadas ao insucesso todas as tentativas de suprimí-lo. A solução adequada deveria consistir em tornar possivel, outra vez, o livre exercício da iniciativa particular.

Presenciei a inflação alemã de 1919, cujos resultados foram desoladores. Entretanto, esse processo permitiu que a indústria e o comércio se refizessem num espaço de tempo relativamente curto; e isto pela simples razão de que se tornou de interesse geral a máxima produção possivel. Não há dúvida que o fazendeiro alemão, mesmo no regime do mercado livre, procuraria tirar o maior proveito possivel das necessidades prementes de uma mulher como Frau Pasedag. Mas, pelo

menos, não seriam mais necessárias essas viagens exhaustivas para negociações mais ou menos ilícitas. A troca, por exemplo, de mercadorias por alimentos, se processaria de forma ordenada e regular.

Sou, pois, de opinião que a situação melhoraria se as autoridades permitissem que as operações retomassem o seu curso normal e, nos casos imediatos e prementes, fosse adotado o recurso à cooperação comunal no combate à fome.

Miséria

A atual engrenagem burocrática dos regulamentos e licenças prévias é responsavel pela escassez não apenas de alimentos mas de todos os artigos de primeira necessidade. A produção de louças para uso doméstico sofreu tais restrições que o alemão pode comprar apenas um prato cada sete anos. A produção textil atual não comportaria a venda de mais de 125 gramas de tecidos por ano a cada pessoa.

Ao alemão, por conseguinte, não resta outro recurso senão o de viver dos salvados da catástrofe. Para alguns é o bastante; para muitos, nada. Os que sofreram bombardeios, vivem agora com pedaços de mobília emprestados por amigos.

A impressão dominante não é propriamente de miséria, mas de um grotesco imenso a emanar das ruinas de um mundo desmoronado. Tomemos um exemplo: uma família de quatro pessoas, vivendo num único quarto, conseguiu salvar uma cristaleira com algumas figuras de porcelana, e uma estante; mas nem uma só cama, cadeira ou cômoda. Sem ter o indispensavel, dispõe do supérfluo.

Os alemães precisam encontrar o meio de adaptar o seu padrão de vida às contingências da atual situação econômica. Faltam-lhes, sobretudo, instrumentos de trabalho. Não têm, sequer, madeira e pregos para as obras ou construções mais rudimentares. Mas, alem desses obstáculos, há outros, na própria alma do alemão. Este reluta em descer na escala social e desprender-se dos seus velhos hábitos. Ainda há mulheres que se recusam a sair sem meias, mesmo nos piores dias do verão. Serzem e resserzem as meias, cujos pés, não raro, chegam a ser consumidos de todo. Entretanto, cumpre continuar a usar meias. Homens que vivem em porões sombrios, as calças rotas, os cotovelos à mostra, serão incapazes de sair à rua sem luvas, fiéis ao costume do seu círculo social.

Essa resistência à adaptação se deve em parte a pura obstinação e em parte à disposição dos alemães de não se deixarem abater pelas circunstâncias; há qualquer coisa de admiravel nesta última atitude. E tambem admiravel é a maneira pela qual os alemães cuidam das suas miseraveis habitações. Em toda parte, o asseio é completo.

As mulheres têm realizado maravilhas. O dito vulgar «Primeiro o estômago, depois a moral» não encontra eco entre elas. As crianças na Alemanha são tão bem educadas como as de qualquer outro país. Não é verdade que qualquer moça se venda por um maço de cigarros. Uma prostituta acei-

tará o maço de cigarros como o seu preço, pois vinte cigarros valem 100 marcos no mercado negro. Uma jovem de família, porem, ou sejam 99 em 100, não se venderá por número algum de cigarros.

Constituiu para mim uma grande surpresa verificar como toda a gente continua ordeira e obediente às leis, apesar do caos reinante. Os próprios alemães falam amiude sobre a decadência da moral; mas o alemão tem, por natureza, tanto respeito às leis, que chega a considerar crime a menor infração de uma postura policial. Encontrei pessoas seriamente preocupadas pelo fato de terem comprado alguns gêneros de primeira necessidade no mercado negro. Vi um cavalheiro bem vestido, aparentando 50 anos de idade, surripiar de uma carroça dois briquetes de carvão e escondê-los na sua maleta. O homem estava pálido como a morte, ao executar a manobra. Parecia ter cometido um horrivel crime. Não, não é verdade que a correção e as boas maneiras tenham sido mandadas às favas na Alemanha.

Crime e castigo

Seria, entretanto, inexato descrever a Alemanha como um país moralmente sadio. O alemão está dominado pela descrença e por um imenso e sombrio ceticismo.

«Não vale a pena!» «Não adianta nada!» É o refrão que surge em todas as conversas. «O sr. não vê,» disse-me um estudante de medicina, «que os Aliados estão executando, sistematicamente, a nossa integral destruição?»

Para os alemães, o desmantelamento das fábricas não visa impedir o rearmamento da Alemanha mas sim proteger o resto do mundo contra a concorrência comercial alemã, ou privar a Alemanha dos meios de sobreviver como nação. Simultaneamente, existe um terror pânico de que os russos, cedo ou tarde, por meio da força ou da pressão diplomática, terminem por anexar toda a Alemanha.

Qual será a causa dessa perigosa atmosfera de desespero? Outras nações estiveram, antes, em idêntica situação, sem se terem deixado dominar por tão profundo ceticismo. Não foi apenas a derrota militar que os abateu. Estou convencido de que os próprios alemães consideram a derrota como uma espécie de sentença divina. Por isso, recusam-se, agora, a admitir qualquer parcela de culpa. Procuram mil excusas para provar que não lhes cabe a responsabilidade da catástrofe.

«Como podemos ser responsabilizados pela guerra?» disse-me um guarda-livros, rapaz inteligente e correto. «O sr. sabe tão bem quanto eu que os ingleses e franceses são os culpados. Bem poderiam ter impedido, pela força, a entrada de Hitler na Renânia. Como não o fizeram, acabamos convencidos de que Hitler era quem estava certo.»

Um empregado de escritório, numa usina siderúrgica, perguntou-me:

—Fomos nós que declaramos guerra à Grã-Bretanha ou foi ela que nos declarou guerra?

—Formalmente, foram os ingleses que declararam guerra a vocês.

—E então?

—Mas a Inglaterra só declarou guerra porque vocês atacaram a Polônia, respondí.

—Ora essa! Mas, nesse caso, não se tratava senão de recuperar territórios que pertenceram à Alemanha desde o século XII...

As discussões são inuteis. Os argumentos são idênticos aos que ouví em 1919. Evidentemente, não convencem o estrangeiro e provavelmente nem os próprios alemães que os expõem, pois a voz da consciência jamais pode ser abafada. Mas o fato do alemão recusar-se a admitir a própria culpa fecha-lhe o caminho ao arrependimento e à libertação do seu espírito. O sentimento subconsciente da culpa fá-lo temer punições ainda por vir, cria-lhes no espírito o temor de uma destruição iminente.

Em que consiste a culpa da Alemanha? Não nos horrendos atentados cometidos, cujos autores foram em número relativamente pequeno. A culpa do alemão, do homem do povo, é de outra índole. Nenhum tribunal de desnazificação poderá configurá-la. Reside no fato do mestre-escola, pessoalmente incapaz de matar um inseto, do funcionário incapaz de furtar um niquel, da dona de casa, modelo de virtude e honradez *terem-se calado* quando um bando de niilistas se apossou do governo e atentou contra a paz. Contra suas próprias consciências, magistrados alemães declararam que a justiça se identificava com os fins da nação germânica, funcionários do Estado ajudaram a pôr os judeus fora da lei, mães alemãs silenciaram quando os exércitos germânicos massacraram os filhos das mães polonesas. E quando o Führer cometeu o maior dos pecados e blasfemou contra Deus, os alemães não mais guardaram silêncio. Prorromperam em aplausos, como vassalos servís.

Lichtenberg disse, certa vez, que o pecado não começa quando é cometido, mas quando o pecador procura justificar-se. Foi o que sucedeu aos alemães.

É essa culpa terrivel que pesa sobre a alma do alemão e lhe destrói o sentido da vida. Sente-se só e amaldiçoado —por Deus e pelo mundo.

Absolvição

Como evoluirá a situação? Há duas possibilidades: a primeira, a que devemos aspirar, consistiria na expiação através da compreensão da culpa. O colapso não se lhes afiguraria mais como a fúria maligna de uma Sina arbitrária. Tornar-se-ia susceptivel de explicação, tornando possivel uma expiação aceitavel com dignidade e submissão. Do sangue e das lágrimas, brotaria uma Alemanha melhor, capaz de grandes realizações.

Ninguem poderá prever se uma tal transformação interior se realizará ou não. Mas há bondade nos corações alemães como nos de todos os outros povos; não são eles intrinsecamente piores do que os demais. É possivel mesmo que a transformação já tenha começado, sem que dela nos tenhamos apercebido.

Se não ocorrer essa metamorfose in-

terior, deveremos contar com o aparecimento de falsos profetas, a proclamar falsas doutrinas e a invocar remédios falsos. Essa perspectiva é prenhe de maus presságios.

Haverá alguma coisa que os estrangeiros possam fazer para influenciar a evolução alemã no sentido do bem? Aqueles que desejarem servir aos interesses legítimos dos alemães não deverão enumerar-lhes as culpas mas ajudá-los no retorno a si mesmos. Certamente, não devemos recusar-lhes assistência material; mas a ajuda espiritual é, sem dúvida, muito mais importante e, por isso, mais dificil. É penosa a impressão que dá uma pessoa bem alimentada a pregar moral a um faminto. Talvez fôssemos mais uteis se permanecêssemos fiéis a nós mesmos, procurando preservar, intactos, os valores eternos a nós confiados.

Onde comeremos hoje?

SÓ PORQUE temos uma sala de jantar, em casa, achamos que devemos fazer nela todas as refeições. Conheço uma fazenda, no interior, em que o rito do café da manhã é celebrado, como as missas dos primeiros cristãos, cada dia num lugar. Os hóspedes nunca sabem para onde devem dirigir-se. De manhã cedo, descobrem uma mensagem em estilo criptográfico: «Roseiral». No dia seguinte, talvez, encontrem uma romântica indicação: «Lago dos lírios, margem banhada pelo sol». Se o clima estiver inclemente, a cerimônia será no «Salão de leitura» ou «Ante a lareira da biblioteca».

—Richardson Wright, em *Another Gardener's Bed Book* (Lippincott)

Deixá-los comer corvo.—Os *gourmets* de Tulsa, no Oklahoma, fizeram-se afinal apreciadores de corvo como um bom pitéu. Hospitais e internatos estão fazendo experiências de como prepará-los, as donas de casa afirmam que os bichos dão ótimo petisco e já os vendedores de aves põem rapazes a caçar corvos pelos campos e os compram à razão de $1,50 a dúzia.

Essa inovação culinária se deve ao dr. Stallings, ex-diretor de saúde pública da comarca. Durante muitos anos ele testemunhou a luta dos agricultores com a destruição das lavouras pelos corvos. Por fim, concluiu que o melhor remédio contra a depredação dessas aves daninhas era acostumar o povo a comê-las. Para começar, ofereceu um banquete à gente da imprensa, em que, sem dizer nada, serviu corvos de diversas maneiras; os jornalistas comeram e gostaram, e só então o médico revelou aos presentes de que constavam os pratos tão apreciados do ágape. O dr. Stallings estudou de perto a vida dos corvos e as coisas de que eles se alimentam, chegando à conclusão de que são aves mais limpas que as próprias galinhas.

—*Evening Bulletin* de Providence

História da enchente mais trágica e terrivel jamais sofrida por uma cidade americana

O grande furacão de Galveston

(*Condensado de «The North American Review»*)

Por Edwin Muller

NUNCA, na praia de Galveston, o mar estivera tão apropriado para os banhistas, como durante a primeira semana de setembro de 1900. Fazia calor e grandes vagas rolavam, vindas do Golfo do México. Embora o barômetro estivesse baixando e houvesse avisos de tempestade, ninguem se preocupava—a cidade estava situada numa barra de areia de quilômetro e meio de largura, tendo seu ponto mais elevado a mais ou menos três metros acima do nivel do mar. Mal se percebia o vento; e de acordo com a opinião de cientistas, Galveston estava protegida contra tempestades e enchentes, pelo longo e suave declive do leito marítimo.

Seu passado havia sido de luxúria e turbulência, no tempo em que constituira o ponto de reunião de Jean Lafitte e seus piratas; e sob diferentes bandeiras servira de cenário a guerras e revoluções. Em 1900, porem, Galveston era uma cidade confortavelmente próspera, essencialmente comercial. Contava 38.000 habitantes, era o porto marítimo de mais rápido desenvolvimento de toda a costa do Atlântico e do Golfo. Sua exportação de algodão e cereais, avaliada em milhões de dólares, crescia de ano para ano.

Na sexta-feira daquela semana, os vagalhões quebravam-se na praia com uma velocidade de trem expresso, tornando-se perigosos demais para os banhistas. Sábado, 8 de setembro, a cidade acordou sob um vento meio rijo. Mas não havia ameaça aparente—o vento vinha do norte, do lado do continente, e da baía pouco profunda.

No decorrer do dia, porem, o vento foi incessantemente aumentando e com ele veio uma forte chuva. Enxurradas se avolumavam de encontro ao cais no lado norte da ilha e tambem, inexplicavelmente, no lado do Golfo, onde o bairro residencial se estendia até as praias. Subindo, subindo, a princípio devagar, a água ultrapassou os mais elevados marcos de enchente; um número cada vez maior de pessoas pôs-se a assediar o observatório meteorológico, onde o diretor, Isaac M. Cline, e seus assistentes, se mantinham de guarda desde a noite anterior, pálidos de ansiedade: um vendaval dos mais perigosos, vindo das Índias Ocidentais, encaminhava-se em linha reta para Galveston. Os moradores do lado do Golfo foram aconselhados a abandonar suas casas e procurar os pontos mais elevados, os edifícios mais sólidos. O pior ainda estava por acontecer.

O vento agora sibilava, com a chuva cortante como um gume acerado. O povo se atabalhoava pelas ruas, carregando o que às pressas havia podido arrecadar. Tremont, o maior hotel de Galveston, estava apinhado de refugiados estarrecidos. A água já invadia as ruas mais baixas, as casas já haviam começado a ruir, o grande pavilhão de banhistas estava sendo espatifado sob vagas de seis metros de altura.

Pelas três horas da tarde, as ruas da parte mais baixa se haviam transformado em correntezas em que os homens lutavam por passar, com água até a cintura, conduzindo mulas montadas por mulheres e crianças. O som atroador de janelas que se despedaçavam pontuava o soprar da ventania, surdo como o rufar de tambores. Os reservatórios d'água foram levados, bem como a usina elétrica. Embora estivesse ainda longe de ser noite, a cidade estava quase às escuras, debaixo da chuva avassalante.

A multidão amontoada no saguão do Hotel Tremont sentiu as paredes tremerem. A intervalos de poucos minutos ouvia-se um comunicado sobre a profundidade da torrente, que subia lá fora. E a cada comunicado a excitação nervosa subia de ponto. Finalmente a água entrou pela porta, espalhou-se como um tanque pelo saguão, enquanto a multidão, rezando e gemendo, se precipitava escadas acima, procurando refúgio no mezanino.

Ninguem pôde fugir da cidade para o continente, que ficava a uns três quilômetros, do outro lado dum inferno de ondas furiosas que nenhum bote poderia transpor. As quatro pontes tinham sido levadas. Homens, mulheres e crianças acocoravam-se em suas casas, de encontro às paredes—o lugar mais seguro no caso de ruir o teto. Desmoronavam-se casas, morria gente, e ninguem podia prever quando chegaria sua vez. E o vento continuava a sibilar.

Subitamente, pelas oito horas, a ventania cessou. Os sobreviventes entreolharam-se e deram graças a Deus; mas não os que conheciam o mecanismo dos vendavais—a existência dum centro de calmaria dentro da periferia redemoinhante.

Dentro de uma hora o vento recomeçou, agora vindo de sueste, e mais violento do que dantes. O observatório meteorológico marcou uma velocidade de mais de 130 quilômetros por hora e então o aparelho foi arrancado pelo furacão. Calculou-se, mais tarde, que o vento atingiu uma velocidade de cerca de 200 quilômetros por hora. A rajada produzia o efeito duma grande explosão. Árvores arrancadas do solo atravessavam as paredes das casas; e rijas massas de água salgada eram arremesssadas através da ilha, afogando os que ainda estavam lá fora, lutando por alcançar um abrigo.

Nada mais se podia ouvir, dentro do ruido da ventania. Olhando pela janela, um homem viu uma grande casa ruir do outro lado da rua. Viu despedaçarem-se as vigas, cairem e esmigalharem-se o teto e as paredes, mas só ouviu o vento.

A ilha estava agora inteiramente coberta pela água. Destroços levados pela corrente batiam de encontro às paredes. As lâminas de ardósia arrancadas dos telhados enchiam o ar como se fossem nuvens de penas. Mais tarde, encontraram-se cadáveres com o alto da cabeça decepado por aqueles fragmentos.

Nessa sombria luta contra a morte, instintos primevos foram postos a nu. Viam-se pessoas lutarem por suas vidas com o egoismo brutal de animais, disputando lugares nos destroços flutuantes, afastando com pontapés os que tentavam agarrar-se aos mesmos. Outros, porem, arriscavam-se para salvar vidas alheias.

Quando o Asilo Católico de Orfãos começou a ruir, as irmãs atiraram-se à corrente murmurando uma oração e cada uma delas levando consigo, amarradas, oito crianças. Algumas foram salvas, mas a maioria foi encontrada morta depois da tempestade, com as cordas ainda unindo os grupos.

Cline, o diretor do observatório meteorológico, manteve-se em seu posto até tarde; depois foi a custo para casa, à procura da família, que morava numa casa sólida e em local relativamente seguro. Encontrando os seus a salvo, fez várias viagens entre a varanda da casa e a correnteza, para trazer refugiados. Afinal 50 pessoas se reuniram debaixo de seu teto.

Batida pelas ondas e por destroços pesados, subitamente a casa cedeu, matando 32 pessoas, inclusive a esposa de Cline. Ele, porem, conseguiu carregar os dois filhos e instalá-los sobre umas vigas de madeira. Durante duas horas as crianças alí se mantiveram, tendo apenas água redemoinhante a seu redor. Cline pensou que os meninos tinham sido arrastados para o mar, mas finalmente a jangada alcançou terra e ele pôde levar as crianças para um ponto mais elevado. No dia seguinte enviou ao observatório meteorológico de Washington um relatório que se tornou clássico nos anais do serviço—uma descrição calma, científica, da tempestade, discutindo as causas e sugerindo medidas de proteção contra novas catástrofes dessa natureza.

Durante as horas negras até a meia-noite, a morte e a destruição atingiram o auge. As pessoas que haviam

conseguido escapar de suas casas procuraram abrigo nas igrejas e escolas. Muitos desses edifícios ruiram, matando dezenas de refugiados. Um hospital cedeu e apenas oito dos cem pacientes internados sobreviveram.

Logo depois da meia-noite o vento amainou, a água baixou e dentro de algumas horas apenas se viam umas poças isoladas.

Pela madrugada os sobreviventes se arrastaram para fora. Nas ruas, entre as massas quase intransponíveis de destroços, viam-se aquí e alí braços e pernas espetados, formando ângulos grotescos. Dezenas de caixões mortuários tinham sido varridos das sepulturas e o conteudo se misturara ao resto. Tudo coberto por uma espessa camada de lama.

Nos bairros mais baixos, quase todas as casas haviam sido levadas pelas ondas. Metade da cidade fora destruida. Os navios ancorados no porto foram atirados para terra, um deles tão longe que foi preciso cavar um canal para fazê-lo flutuar novamente. Um sexto da população perecera. Aos primeiros clarões da manhã, viam-se pessoas meio loucas vagando pelas ruas e gritando; outras sentavam-se silenciosas na lama, em meio dos destroços, rindo-se sozinhas. Alguns habitantes, que haviam aguentado corajosamente a noite toda, fraquejavam agora que a tensão havia passado.

Logo, porem, os hábitos de disciplina e civilização se impuseram. Promoveu-se uma reunião, organizaram-se comissões, delinearam-se planos; e enviaram-se botes ao continente, em busca de socorros e de providências para enterrar os mortos.

Depois da tempestade, o tempo clareou. Alem dos cadáveres humanos, avaliados em seis mil, havia um número ainda maior de carcassas de animais. Sob o escaldante sol tropical, o mau cheiro era incrivel. Bilhões de moscas enxameavam e bandos de urubús formavam nuvens no céu. A pestilência parecia inevitavel.

Novamente Galveston foi tomada de pânico. Puseram-se de parte os planos de funerais. Os cadáveres foram carregados em barcas e rebocados para o mar. Foram escalados grupos para retirar os cadáveres dos destroços, e laçar os corpos que flutuavam nas poças de água. Ninguem podia aguentar o trabalho durante muito tempo. Os grupos de enterradores se enchiam de álcool e era preciso obrigá-los, à mão armada, a trabalhar. À beira-mar, multidões histéricas, à procura de parentes perdidos, tinham de ser detidas à força. Como muitos dos corpos atirados ao mar voltaram à praia, decidiu-se empilhar os cadáveres no local onde fossem encontrados e queimá-los. Não houve exceção, quer se tratasse de estivadores ou de cidadãos eminentes.

O saque começou no dia seguinte ao da tempestade. Vários homens foram encontrados com os bolsos cheios de dedos humanos—os cadáveres estavam demasiadamente inchados para deixar sair os anéis. Declarou-se lei marcial e todo saqueador apanhado em flagrante era sumariamente fuzilado.

Viveram-se então semanas lúgubres, trabalhando-se dia e noite, não contemplando o futuro, mas apenas lutando desesperadamente para dar conta do trabalho urgente. Vieram socorros de todos os pontos do país—provisões, tendas, medicamentos. A maior parte do trabalho, porem, tinha de ser feita pela própria população de Galveston.

E chegou a vez do problema do futuro. Alguns achavam impossivel a tarefa de reconstrução e aconselhavam os sobreviventes a abandonar sua faixa de areia e começar vida nova no continente. Mas em seu primeiro número depois da enchente, um dos jornais de Galveston lançou o lema—«Galveston se levantará de novo.» A cidade impôs-se um plano decenal de trabalho pesado e sacrifício e inaugurou um sistema de junta administrativa—sendo a primeira comunidade norte-americana a adotar essa forma de governo.

Hoje, Galveston é novamente uma cidade próspera e confortavel. A grande muralha marítima, que custou mais dum milhão de dólares, estende-se sobre cerca de onze quilômetros ao longo do Golfo, a uns seis metros acima do nivel da maré. Foi já posta à prova em 1915, durante um furacão quase tão violento quanto o de 1900. Dessa vez, porem, apenas doze vidas se perderam e o dano material foi relativamente pequeno.

Metade da área da cidade teve seu nivel levantado por meio de areia retirada do Golfo—em alguns lugares, cerca de seis metros acima do mar. Galveston tem agora uma população de 59 mil habitantes e dobrou o volume de sua exportação e importação. É uma boa, típica, comunidade americana—a salvo duma repetição de sua tragédia hoje histórica.

Lógica feminina

UM JOVEM marido, que havia concordado na compra de um aspirador de pó para a casa, protestou junto à mulher quando soube que ela havia pedido um modelo de luxo em vez do comum. «Mas, querido,» explicou a esposa, «este não custa mais. Só que nós temos de fazer pagamentos num período mais prolongado...»

—Colaboração de Marie Andersen

ALGUMAS semanas depois de receber 400 libras esterlinas de indenização por umas jóias perdidas, uma senhora de idade informou à companhia de seguros que havia achado as jóias num aparador em casa. Sua carta concluia assim: «Não me parecendo justo ficar com as jóias e com o dinheiro, tenho o prazer de comunicar-lhes que enviei as 400 libras em doação à Cruz Vermelha.»

—Do *Star-Sun* de Christchurch, Nova Zelândia

ASSIM SE SALVARAM DA FOME OS RUSSOS

(Condensado de «Plain Talk»)

Pelo general norte-americano reformado, William N. Haskell

EM 1921, a muralha que os sovietes haviam construido em volta do seu país era de tal modo impenetravel que o mundo nada sabia da fome—causada em parte pelas requisições de cereais feitas aos camponeses, e em parte pela grande seca da primavera—que ameaçava matar milhões de russos. Finalmente, em desespero de causa, o governo soviético permitiu que o escritor de fama universal, Máximo Gorky, fizesse um apelo «A Todas as Pessoas Honestas» da Europa e da América.

As «Pessoas Honestas» dos Estados Unidos atenderam a esse apelo. De 1921 ao verão de 1923, alimentos, remédios e roupas, no valor total de 60 milhões de dólares, foram distribuidos na Rússia por intermédio da American Relief Administration (Administração Americana de Socorro), sob a presidência de Herbert Hoover, então Secretário do Comércio. Hoover nomeou-me Diretor Geral local dos trabalhos de socorro.

Poucas semanas após o apelo de Gorky, eu estava em Moscou com uma guarda avançada de 25 assistentes, e pouco depois disso partí, seguindo o baixo Volga, em viagem de observação pelas principais regiões em que a fome imperava. Alí, para cerca de 25 milhões de almas, o único alimento disponivel era capim, bolotas de carvalho, casca de árvore e coisas repelentes como barro e animais roedores. Hordas de famintos refugiados perambulavam pelas vastas planícies russas à procura de algo para comer. Nas vilas, segundo H. H. Fisher, historiógrafo da A.R.A. na Rússia, «homens e mulheres, impelidos pelo desespero, exumavam o gado morto ou matavam e devoravam gatos e cachorros quando conseguiam encontrar algum. Uma terrivel luta pela existência fez desaparecer todo e qualquer espírito de comunidade. Em lugar do esforço comum, o que havia era ódio e suspeita do próximo—mesmo dentro da própria família; e nas comunidades mais remotas e menos civilizadas o crime ia desde o assassinato a sangue-frio até a mais baixa degradação do canibalismo.»

Quando voltei a Moscou, telegrafei a Hoover comunicando-lhe que estávamos frente a frente com a maior fome da história. Na Rússia, não se

tratava de completar um suprimento existente, embora inadequado, ou de se concentrar em um plano para crianças subnutridas. Em certas regiões da Rússia não havia alimento de espécie alguma e as crianças já estavam morrendo. Alem disso, o sistema de suprimento e distribuição no país estava completamente desmantelado e pouca era a colaboração governamental com que se podia contar. Em outras partes da Europa conseguíramos organizar comitês locais, compostos de pessoas inteligentes e de responsabilidade, para auxiliar o nosso trabalho. Mas na Rússia, quando conseguíamos encontrar pessoas dessa categoria, estavam paralisadas pelo terror que avassalava a nação. Nossos empregados russos eram repetidamente perseguidos.

Em março de 1922, as nossas importações de alimento tinham posto um fim à morte pela fome. Em agosto, somente um ano depois do apelo de Gorky, a A.R.A. estava dando de comer diariamente, na Rússia, a mais de 10.500.000 crianças e adultos.

Durante esse gigantesco plano, a A.R.A. desembarcou em portos russos 450 carregamentos; fez trafegar 72 mil vagões de gêneros pelas estropiadas ferrovias da Rússia; manteve em serviço mais de 17 mil cozinhas; e equipou e supriu 16 mil hospitais, dispensários e outras instituições. Oito milhões de russos foram vacinados ou inoculados. Do socorro que a Rússia então recebeu do exterior, mais de 95 por cento foi dos Estados Unidos.

Alem do enorme plano de alimentação, a A.R.A. instituiu um sistema de remessas de alimento pelo qual, mediante o pagamento de dez dólares nos Estados Unidos, um beneficiário na Rússia recebia um pacote com gêneros suficientes para sustentar uma família de tamanho médio durante um mês. Quase 99% dos pacotes chegavam às mãos dos destinatários, mau grado o caos e a desorganização reinantes na Rússia; e tambem apesar do fato de ser a maioria das remessas destinadas às classes cuja sobrevivência menos interessava ao governo soviético—a burguesia e os intelectuais.

Os escassos recursos médicos e hospitalares da Rússia achavam-se ainda mais reduzidos, em consequência da guerra e das lutas internas. Nos hospitais havia falta de leitos; remédios, sabão, desinfetantes e instrumentos

Os COMUNISTAS odeiam e temem o auxílio norte-americano à Europa. O *Pravda*, orgão do Partido Comunista Russo, vê no Plano Marshall «o focinho ameaçador da fera imperialista espreitando por trás de ramos de oliveira graciosamente entrelaçados». Este é apenas um exemplo típico da deletéria propaganda anti-americana emanada de Moscou.

Talvez agora seja uma boa ocasião para lembrar o altruístico auxílio que os Estados Unidos levaram a milhões de cidadãos soviéticos que se achavam às portas da morte por ocasião da grande fome da Rússia. De um relato ainda inédito, feito pelo General William N. Haskell, diretor do serviço de socorro norte-americano por ocasião da fome na Rússia, em 1921, e agora vice-presidente da Save the Children Federation (Federação Pró-Salvação das Crianças), publicamos aquí uma viva descrição da obra norte-americana de que, muito calculadamente, se esquecem os propagandistas soviéticos do ódio.

cirúrgicos, esses simplesmente não existiam. As operações eram geralmente feitas sem anestesia e as bandagens das feridas eram feitas com jornais cosidos com fios de linha tirados de roupas velhas.

Por intermédio da A.R.A., mais de sete milhões de dólares de material médico e hospitalar foram distribuidos na Rússia. Alem disso, forneceram-se livros e folhetos a médicos, enfermeiras e internos, afim de que os mesmos pudessem tomar conhecimento do progresso verificado nos sete anos em que a Rússia esteve isolada do mundo. Conforta-nos poder consignar aquí que o departamento médico da A.R.A. recebeu das autoridades soviéticas a maior cooperação que as circunstâncias permitiam.

Antes de deixar a Rússia, a A.R.A. supriu razoavelmente os hospitais da União Soviética do material necessário; mas, o que é mais importante, despertou a coragem e levantou o moral da profissão médica, que se achava tão destituida de recursos, e a cujos heróicos componentes rendo aquí o meu mais elevado tributo.

Espalhados pelo mundo, existem hoje uns 400 americanos membros da A.R.A., que estão agora entrando na chamada idade madura, para os quais aqueles dois anos passados na Rússia são uma lembrança viva e inapagavel.

Esses inspetores percorreram de ponta a ponta as regiões assoladas pela fome, de navio ou de trem ou em vagarosas carroças, fazendo estimativas das necessidades, arranjando depósitos e armazens, organizando comitês, selecionando locais para instalação de cozinhas, designando médicos para examinar crianças, e fazendo os preparativos para a beneficência de que eram vanguardeiros. No outono de 1921, combateram a lama tenaz das estradas russas; no inverno desse ano e no de 1922, viajaram pelas silenciosas e interminaveis planícies da Rússia, passando por lugarejos onde não havia nenhum sinal aparente de vida. De dia viajavam em rústicos trenós ou carros sem molas e de noite dormiam em cabanas de camponeses tendo somente, para quebrar a monotonia, a atenção nada hospitaleira dos insetos.

Nenhum poeta imortalizou esses jovens americanos; mas o trabalho que eles fizeram ficou. E eu quero acreditar que os milhões de crianças russas, hoje homens e mulheres feitos, a quem eles socorreram nos dias sombrios de 1921 a 1923, hão-de se lembrar deles e da sua confortadora e eficiente presença, e do seu exemplo de boa-vontade para com um mundo sofredor, boa-vontade que sempre habita no coração do povo norte-americano.

Concluida nossa missão, o Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética expressou a Herbert Hoover a «profunda gratidão da Rússia», e agradeceu-lhe os «esforços ilimitados e inteiramente altruísticos» da A.R.A. ...«em nome dos milhões de pessoas que foram salvas». Assim terminava o documento: «O povo da U.R.S.S. jamais se esquecerá do auxílio que lhe foi prestado pelo povo norte-americano, considerando-o um penhor da amizade futura entre as duas nações.»

Quase cega ela mesma, Aida Breckinridge tem ajudado a salvar milhares de pessoas da cegueira

Banqueira de olhos humanos

(*Condensado do «St. Louis Post-Dispatch»*)

Por Lois Mattox Miller

AIDA DE ACOSTA BRECKINRIDGE, mulher de cabelos grisalhos e maneiras serenas, é um caso único entre os «banqueiros» do mundo: só trata de olhos humanos, em bom estado, que possam ajudar os cegos a recuperar a vista.

Desde 1922 que ela própria perdeu a vista do olho direito; e a visão do esquerdo está reduzida a menos de 20 por cento. Apesar desse defeito (ou talvez por causa dele), foi ela quem concebeu a idéia da primeira instituição que, nos Estados Unidos, se consagra exclusivamente ao estudo e tratamento das doenças dos olhos. Conseguiu reunir fundos para bolsas de estudo, graças às quais têm podido treinar-se alguns dos melhores cirurgiões de olhos do país. E preside desde 1944 ao «Banco de Olhos para Restauração da Vista», que tem tido ação decisiva na restituição desse precioso dom a centenas de cegos e promete estender os seus benefícios a milhares de outros.

Aida de Acosta era filha de pais cubanos, gente de posição, que nunca pensou em dar à filha uma carreira. Dotada de espírito aventuroso e ousado, a conduta da moça de tal modo chocou a família, que esta resolveu mandá-la para París, e confiar a sua educação às rigorosas freiras do Sagrado Coração de Jesús. Alberto Santos Dumont, pioneiro da aviação, que andava então por París fazendo as suas experiências com o mais leve que o ar, deixou-se impressionar fortemente pela inteligência da pequena, e ensinou-a a conduzir a sua aeronave. Aida de Acosta foi, pois, a primeira mulher que voou sozinha, e o seu nome andou nas *manchettes* dos jornais.

De regresso aos Estados Unidos durante a primeira Guerra Mundial, empenhou-se, como tantas outras moças, na venda de obrigações do Governo, chamadas Títulos da Liberdade, e bateu um esplêndido recorde. Em 1922 era um brilhante ornamento da sociedade nova-iorquina, e foi mo-

rar nos elegantes subúrbios de Long Island: no verão desse ano, estava um dia sentada na praia de Southampton, quando de repente sentiu dores lancinantes nos olhos, e notou que a visão se lhe obscurecia dum momento para o outro... Ficou quase cega. Começou então uma longa e penosa peregrinação de consultório em consultório, na qual colheu apenas desânimo: alguns médicos diziam-lhe que era tuberculose, outros supunham tratar-se de alguma doença misteriosa, ainda não identificada; e nenhum lhe deu qualquer esperança de cura.

Um dia, durante um jantar de sociedade em Long Island, Aida encontrou-se com o famoso estadista britânico Lord Grey que, ao tempo, estava sofrendo tambem dos olhos. Grey relatou-lhe que se encontrava precisamente nesse momento nos Estados Unidos para consultar um tal dr. Wilmer. «Na Europa,» disse ele, «todos afirmam que Wilmer é um dos maiores oftalmologistas do mundo.» Aida nunca ouvira falar desse médico, mas tomou logo a resolução de ir consultá-lo tambem.

Foi a Washington, e achou Wilmer dando consultas em uma pequena e modesta clínica. O exame dele resultou em um diagnóstico imediato e positivo: a doença dela era glaucoma. A vista do olho direito estava irremediavelmente perdida; e a do esquerdo estava enfraquecendo rapidamente. Mas uma operação de urgência poderia ainda salvá-la da cegueira completa.

Após a operação, Aida entregou-se a profundas reflexões. Parecia-lhe tudo aquilo absurdo. Por que motivo é que a oftalmologia havia de ser tão negligenciada nos Estados Unidos? Não havia uma só escola de medicina que oferecesse aos estudantes treino completo ou especializado nesse ramo. E alí estava aquele grande Wilmer, lutando sozinho, obscuro, sem alunos, não tomando nenhuma providência para que o seu saber tão vasto se transmitisse a outros e se perpetuasse. Era urgente fazer-se alguma coisa.

Aida já imaginava uma clínica de olhos completa, onde não só se tratariam os doentes, mas se faria tambem o treino dos médicos. E Wilmer era, sem dúvida, o homem indicado para se encarregar de dirigí-la. Um centro médico dessa ordem era coisa para custar milhões de dólares; mas esses milhões de alguma parte haviam de vir, era infalivel,—talvez mesmo dos clientes agradecidos do próprio Wilmer, alguns dos quais pertenciam a famílias das mais abastadas do país.

Quando Aida foi expôr a sua idéia ao dr. Wilmer, este ficou horrorizado. Pedir dinheiro aos seus pacientes?!... Nem pensar nisso! Estava proibido! Sorridente, Aida concordou com o clínico, mas nada lhe prometeu. Em vez disso, foi entender-se com a secretária dele, e com o porteiro, homem de idade, que havia muitos anos introduzia os doentes no consultório e os guiava até a rua. De combinação com eles, elaborou uma lista dos doentes de Wilmer. Depois, auxiliada por uma secretária-guia, iniciou a sua campanha de coleta de fundos.

Conseguiu que o multimilionário Andrew Mellon lhe concedesse uma entrevista; mas, ao chegar à hora aprazada, um secretário lhe disse que Mellon estava fora da cidade, devido a uma chamada de urgência.

—Mas o sr. Mellon me autorizou a entregar isto à senhora.

Aida, apesar de meia cega, conseguiu enxergar um vago envelope branco nas mãos do secretário, e um sexto sentido lhe advertiu que o não aceitasse.

—Não, queira dizer ao sr. Mellon que eu não posso aceitar seja o que for, sem primeiro lhe expor de viva-voz todo o meu projeto, respondeu.

Cerca de uma semana depois, Mellon a convidou a ir vê-lo, e ao recebê-la confessou que, após a primeira visita, ele se pusera a indagar cuidadosamente a respeito daquele seu plano: «Cheguei à decisão de contribuir com 50.000 dólares, e meu irmão dará uma quantia idêntica. E agora,» acrescentou o milionário, «faça-me o favor pessoal de aceitar o cheque que rejeitou a semana passada.» Mais tarde, ao abrir o envelope, Aida descobriu que o seu instinto acertara: o cheque do donativo original era de mil dólares somente!

Os Rockefeller ouviram tambem falar do projeto, e fizeram uma contraproposta: se o instituto oftalmológico se filiasse a uma escola médica reconhecida e levantasse fundos no valor de milhão e meio de dólares, a família Rockefeller estava pronta a entrar com outro tanto. As negociações com a Universidade de Johns Hopkins não tardaram a chegar a bom termo. Aida conseguiu reunir mais do que a quantia indicada, e com o donativo dos Rockefeller o patrimônio inicial elevou-se a mais de cinco milhões!

O Instituto Wilmer da Johns Hopkins foi inaugurado em outubro de 1929. Os jornais da especialidade referiram-se ao fato como «um marco monumental no progresso da oftalmologia». Aida podia ter ficado por aquí, dormindo sobre os louros. Em vez disso, para habilitar os moços médicos de talento a completar no novo Instituto, o treino post-escolar, ela conseguiu reunir 240.000 dólares para criar oito bolsas de estudo. Foi graças a esse dinheiro que se especializaram alguns dos mais eminentes cirurgiões de olhos dos Estados Unidos.

Aida Breckinridge, hoje famosa organizadora e administradora, viu-se mobilizada para outras missões de importância, tais como a Conferência da Casa Branca sobre Saude e Proteção da Infância, promovida pelo ex-presidente Hoover, a Associação Americana de Proteção à Saude da Infância, a Cruz Vermelha Americana, e o Fundo Nacional de Guerra. Muitos dos altos funcionários que recorreram à sua ajuda, fizeram-no sem se dar conta de que esta administradora de primeira ordem era 80 por cento cega.

Entretanto, a obra de socorro aos cegos permaneceu o seu interesse predominante. Em 1944 foi procurada por um grupo de oftalmologistas eminentes que lhe queriam apresentar uma idéia. Um tipo comum de cegueira é causado pelos acidentes ou

enfermidades que tornam a córnea opaca. Os cirurgiões tinham chegado à conclusão de que o tecido da córnea humana, sendo utilizado dentro das 72 horas posteriores à sua extração do organismo, podia ser enxertado com tal êxito em outro olho humano, que permitia restituir permanentemente a vista a um cego. O que o grupo queria saber era se seria possivel criar-se um «banco» central, ao qual as pessoas pudessem fazer doação de seus olhos. Poderia um banco de olhos desse gênero reunir, preparar e distribuir olhos destinados a enxertos cirúrgicos, dentro das 72 horas posteriores à respectiva extração?

Era uma empresa de gigantescas proporções, mas Aida Breckinridge teimou em que era possivel levá-la a cabo. O Banco de Olhos para Restauração da Vista ficou finalmente organizado em 1945, com escritórios e laboratórios montados em Nova York, no Hospital Manhattan de Olhos, Ouvidos e Garganta. Mais de 150 hospitais espalhados pelos Estados Unidos aderiram a essa formidavel organização. Arranjaram-se fundos e reuniram-se as facilidades necessárias para treinar os oftalmologistas nesse tipo de operação especializada.

A questão máxima, porem, consistia em arranjar olhos. De começo obtinham-se as doações unicamente por via das relações entre médicos e doentes, nos hospitais filiados. Os extraidos em consequência de lesões ou doenças não infecciosas, eram tambem preservados sem demora, e ainda hoje estes olhos têm procura no Banco de Olhos, desde que a córnea esteja intacta. Mas, à medida que o milagre da restauração da vista se foi tornando conhecido e largamente apregoado, as ofertas espontâneas começaram a chover pelo correio.

Muitas delas chegavam de lugares mais distantes. Perseverante, Aida apelou para as empresas de navegação aérea, que responderam sem tardar; mas nenhuma com tanta prontidão como a Eastern Air Lines, cujo presidente, o Capitão Eddie Rickenbacker, se tornou um dos mais ardentes prosélitos do Banco de Olhos.

O pessoal de tráfego da Eastern recebeu rigorosas instruções sobre os problemas e métodos do Banco. Pilotos e aeromoços aprenderam a manipular durante as viagens os recipientes estereis em que se transportavam os olhos; os gerentes de tráfego foram postos de sobreaviso, de modo a responderem sem demora aos chamados do Banco de Olhos, ou de qualquer hospital a ele filiado, fosse a que hora fosse, e a despacharem os recipientes de olhos para o seu destino no primeiro avião disponivel. Não há muito tempo o Banco foi informado de que em Shreveport, na Luisiana, havia um par de olhos prontos para o Banco. Shreveport não está incluida na rede de linhas de vôo da Eastern, mas a companhia chamou Houston, no Texas. O gerente da agência de Houston (que, aliás, estava de folga nesse dia) deu um vôo a Shreveport, e voltou a Houston a tempo de despachar para Nova York essa preciosa carga, a bordo de um avião de carreira.

Quando os olhos chegam a Nova York, o corpo de automoveis da Cruz Vermelha os leva de corrida ao Banco, onde eles são imediatamente examinados e acondicionados no laboratório, e logo expedidos para um médico cujo paciente esteja esperando o ensejo de ser operado. Há sempre uma pessoa cega à espera, porque o rol é comprido, e escassa ainda a provisão de olhos para enxertos.

Um dia, durante o ano findo, a sra. Breckinridge achou-se com 36 apelos urgentes de oftalmologistas, e nenhum olho de reserva, nem a caminho do Banco. Emitiu então um apelo de emergência aos jornais e através do rádio: dentro de 24 horas, as respostas recebidas de médicos e hospitais, em todo o país, tinham preenchido as exigências do momento.

Aida Breckinridge tem, repetidas vezes, prevenido o público que de nada serve deixar olhos *em testamento* ao Banco, visto como, de costume, os testamentos só são lidos, com todas as formalidades da lei, dias depois de verificado o óbito do doador. A maneira mais prática de oferecer olhos é preencher uma fórmula impressa, que o Banco fornece a pedido.

Conquanto a preocupação fundamental do Banco de Olhos seja a transplantação da córnea, os olhos doados servem tambem a outros propósitos muito uteis. Depois de removida a córnea, esses olhos servem para trabalhos experimentais, e graças a eles tem-se feito muito progresso em diversos sentidos. Recentemente estabeleceu-se um método para extração do humor vítreo, essa substância gelatinosa e transparente que enche o globo ocular. Acumulada e conservada no Banco de Olhos, essa substância pode empregar-se para substituir o humor vítreo em olhos que a hemorragia tenha tornado opacos.

Os arquivos do Banco de Olhos mostram que a operação de transplantação da córnea é coroada de êxito na maioria das vezes. Os casos mal sucedidos, no dizer dos médicos, são aqueles em que, em primeiro lugar, não se aconselhava a operação. Esta vem sendo praticada hoje em muitas cidades dos Estados Unidos, por cirurgiões especialmente treinados.

«Nosso Banco tem menos de quatro anos de existência, e ainda há por aí muita gente esperando a vez de ser operada,» afirma Aida Breckinridge. «Não podemos satisfazer todos os pedidos, enquanto a idéia sublime de doar olhos não estiver generalizada...» Em face disto, ela mergulha a fundo no seu imenso programa de educação do público.

Quase cega, e no entanto dotada duma prodigiosa visão interior, Aida Breckinridge prossegue na sua obra benemérita de restituir a vista a quem, como ela, a perdeu, mas tem a sorte de poder recuperá-la.

Tudo o que não cresce, gasta-se.
—Elliot Paul

Verdadeiro empório comercial, a firma Lever Brothers negocia em maior diversidade de artigos, e em mais lugares do mundo, do que outra qualquer empresa

O MUNDO DA UNILEVER

(*Condensado de «Fortune»*)

A LEVER BROTHERS & UNILEVER, uma das seis maiores sociedades anônimas do mundo, possui e explora variadíssimos ramos de negócio em mais de 40 paises. Uma das 571 companhias de que ela é dona, ou de que tem o controle, é a Lever Brothers, de Cambridge, Massachusetts, que fabrica e vende os conhecidos sabonetes *Lux* e *Lifebuoy*, o *Rinso* (sabão em pó para lavar roupas, louças, etc.), a pasta dentifrícia *Pepsodent*, e ainda outros artigos. A Companhia do Chá Lipton, mundialmente conhecido, e tambem subsidiária americana da empresa-mãe, não se ocupa somente do negócio de chá, pois invadiu outros ramos da alimentação.

Este império industrial, que vende anualmente produtos num valor superior a um bilhão de dólares, tem como base de suas operações gigantescas os óleos e gorduras extraidos das mais variadas origens, tais como amendoim, nozes de palma, cocos, vacas, porcos e baleias. Com essas matérias-primas, a Unilever fabrica mais sabão e margarina do que outra qualquer empresa—ou seja, cerca de 12 por cento de todo o sabão, e cerca de 40 por cento de toda a margarina que o mundo consome.

E no entanto, esse ramo constitui somente seis décimos do seu volume total de transações!

A Unilever vende tambem (na Inglaterra) o popularíssimo sorvete *Wall's*, que é distribuido ao público quase exclusivamente em triciclos ambulantes, acompanhados do dístico «Pare-me e compre um.» É dona da empresa MacFisheries Ltd. (tambem na Inglaterra)—a maior «cadeia» de peixarias do mundo inteiro. Faz um negócio fabuloso

William Hesketh Lever

em ervilhas enlatadas. Fabrica e vende quantidades espantosas de perfumarias e cosméticos. A Unilever possui, alem disso tudo, uma das maiores representações da General Motors fora dos E.U.A., uma fábrica de camisas, fábricas de papel, uma companhia de navegação e uma das maiores lojas de Estambul.

É a maior empresa da África, onde emprega, aloja e atende medicamente 40 mil naturais do Congo, e 30 mil da Costa Ocidental.

O que fica exposto explica por que razão quase tudo o que sucede no mundo, seja lá onde for, interessa a gerência suprema da Unilever, na sua sede de Londres. A «Casa Unilever», edificada em 1932, é um imponente edifício que oferece um grande arco de colunata jônica, à margem do Tâmisa. Talvez por ter escapado, durante a guerra, aos bombardeamentos que reduziram a escombros todos os outros edifícios nas imediações da Catedral de S. Paulo, ela adquiriu já uma reputação ou carater de perpetuidade.

A empresa Unilever resultou da fusão ou enxerto de dois grandes troncos de negócio: o tronco holandês, que controlava todo o negócio de margarina na Europa continental, e o tronco inglês, que dominava o negócio de sabão no Império Britânico.

O tronco britânico foi «plantado» por William Hesketh Lever, que, pouco antes de falecer, recebeu o título de Visconde Leverhulme. As imensas realizações de Lever só podiam ser transcendidas pela sua enorme imaginação e capacidade de análise. Era ele um indivíduo com quem se tornava dificil trabalhar: autocrático, sempre inquieto, com uma expressão agressiva nos olhos alucinados, dormia apenas algumas horas por noite, e levantava-se às 4 ou 5 da manhã para ler os relatórios dos subordinados. Em 1867, tendo apenas 16 anos, Lever começou a trabalhar para o pai, que era um abastado negociante de mercearias por atacado no Lancashire. Aos 21 tornava-se sócio do pai. Aos 33, tendo chegado à conclusão de que estava desperdiçando a mocidade e o talento naquele tipo de negócio, resolveu meter ombros ao ramo de sabões.

Foi ele talvez o primeiro industrial do gênero que soube descobrir os princípios essenciais da marca, da embalagem e da propaganda de produtos daquela natureza. Até a época de Lever, o sabão era vendido em compridas barras, tal como saía da fábrica, e cortado no armazem em pedaços à vontade do freguês. Lever resolveu cortar as barras em pequenos pedaços, que seriam embrulhados separadamente em embalagens vistosas, e deu ao seu produto o nome comercial de *Sunlight* (luz do sol). Empreendeu uma grande campanha de publicidade em prol dessa marca, e dentro de dois anos o *Sunlight* era o sabão que mais se vendia no mundo inteiro; dentro em breve, Lever estava fabricando a sua marca de sabão em quase todos os paises do mundo.

Afim de se assegurar uma reserva garantida de matérias-primas, escolheu 80 mil hectares de terras nas ilhas Salomão, no Pacífico, para nelas plantar

coqueiros, e obteve uma concessão de 750 mil hectares no Congo, para plantar palmeiras oleaginosas, e alí edificou casas, escolas e hospitais para os trabalhadores negros. Por volta de 1920, tinha conseguido açambarcar mais de 75 por cento de todo o negócio de sabão do Império Britânico... E êsse ritmo intensivo de aquisição e exploração, ele o manteve até que faleceu, à idade de 74 anos, pouco após ter regressado de uma enervante jornada à Nigéria e ao Congo.

Havia, porem, na sua vida, por irônico contraste, alguma coisa mais do que a simples ambição de acumular riquezas. A família de Lever fora sempre profundamente religiosa, e o homem de negócios passava grande parte do tempo refletindo nas suas ações, e esforçando-se por justificá-las aos olhos do mundo—quando não dos seus próprios olhos. Desde a época em que admitiu assalariados a seu serviço, Lever procurou ter sempre em consideração o que, de justiça, pertence ao trabalho, à administração e ao capital. Chegou mesmo à conclusão de que a partilha dos lucros era uma coisa boa, mas só quando redundasse em melhor produção, e decidiu partilhar os seus lucros com o pessoal, construindo, a par duma gigantesca fábrica de sabão, uma aldeia modelo para os seus operários de Port Sunlight, à margem do rio Mersey, em frente de Liverpool. Grande parte da construção foi projetada e desenhada pelo próprio Lever: casas de pedra e tijolo em estilo tradicional, biblioteca, sala de recreio, igreja, e uma galeria de arte onde acumulou a sua própria coleção particular—tudo isto em meio de uma paisagem ajardinada a primor. A obra revelou-se digna e duradoura: por meia libra semanal o operário desfruta alí de uma habitação que se não pode conseguir hoje, em qualquer outra parte da Inglaterra, nem por quatro vezes aquela quantia. O único óbice a obras deste gênero é que as pessoas que trabalham juntas todo o dia, nem sempre gostam de viver juntas o resto do tempo. O fato é que Lever nunca mais edificou nenhuma aldeia modelo.

A sua campanha a favor da jornada de trabalho de seis horas ainda teve menos êxito. Tendo sido o iniciador da jornada de oito horas na Inglaterra, Lever argumentava que a jornada de seis horas tornaria possivel dois turnos de trabalho por dia, a começar às 6 ou 7 da manhã para terminar às 7 ou 8 da noite; e que a maquinaria poderia funcionar com dobrado rendimento, e as despesas gerais seriam reduzidas mais do que o suficiente para compensar o encurtamento das horas de labor de cada turno. O plano pareçeu plausivel, mas, para os operários de Port Sunlight, isso implicava uma remodelação total do seu programa de vida. Lever não tardou em descobrir que os seres humanos vivem agarrados com unhas e dentes aos seus pequenos hábitos, como às suas ilusões. Mas esta verificação ainda não bastou para desanimá-lo: quando faleceu, andava trabalhando em um projeto para converter as ilhas de Lewis e Harris, dois pobres afloramentos rochosos nas águas da Escócia, em florescentes comunidades.

A extraordinária incursão da Unilever na África resultou da sua incessante procura de matérias-primas: óleos e gorduras. A United Africa Co., gigantesca subsidiária inteiramente de propriedade da casa-matriz, e que só à sua conta representa cerca de um quarto das vendas totais de todas as empresas da Unilever, possui plantações de palmeiras oleíferas, e compra matérias-primas de toda espécie aos nativos da África Ocidental e do Congo, ao mesmo tempo que lhes vende tudo quanto eles são capazes de comprar. É hoje a mais vasta empresa do mundo, no gênero.

Represente-se o leitor esta cena típica das operações da companhia: às 7 da manhã em ponto, Cecil Humphrey, gerente da feitoria da UAC em Opobo, na Nigéria, pousa na mesa a sua xícara de chá matinal, põe na cabeça o capacete branco de cortiça, e encaminha-se para o cais, seguindo ao longo da vereda ladeada de palmeiras. Para montante, as águas amarelas do rio estão salpicadas de canoas indígenas talhadas em troncos; dúzias de mercadores andam já descarregando suas valiosas cargas de óleo e nozes de palma. Entre eles, L'Nemchaku, da tribo dos Ibos, vestido de amarelo e branco, que traz umas nove toneladas de óleo em barrís, no valor total de 250 libras esterlinas, e Mercy Pepple, uma das mais velhas mercadoras de toda a Costa, pulando para cá e para lá e tagarelando, enquanto oferece aos compradores algumas centenas de quilos de nozes de palma.

A turma de negros ajudantes de Humphrey já anda selecionando e classificando as nozes por tamanhos, descarregando e fazendo rolar para os armazens os cascos de óleo acabados de chegar. Os preços, atualmente, são fixados pelo governo, e Humphrey limita-se por isso a rabiscar as suas iniciais nos certificados de pagamento.

Dentro de uma hora, uma grande parte deste valor, que pode chegar a atingir o total de duas mil libras esterlinas, estará retornando para o cofre de Humphrey. A razão disso é muito simples: em cada embarcadouro encontra-se um armazem pertencente à UAC, ou a uma das suas subsidiárias, onde se vendem panos de algodão de cores berrantes, cigarros, sal, e outros artigos de consumo local.

Esta operação de Opobo repete-se, em maior ou menor escala, nas outras 1.771 estações ou feitorias estrategicamente distribuidas por toda a África Central e Ocidental. O ano passado, a UAC comprou cerca de 115 milhões de dólares de produtos africanos e colheu perto de seis milhões de dólares de óleo, somente das suas plantações da África Ocidental e do Congo. Por outro lado vendeu mercadorias aos naturais, no valor aproximado de 145 milhões de dólares...

Dois terços do negócio da UAC têm como base as operações realizadas na Costa do Ouro e na Nigéria. Por toda essa região, que mede a superfície total da Alemanha, da França e da Itália combinadas, a UAC põe e dispõe. Seus armazens e depósitos parecem ocupar metade de cada cidade, seus postos de comércio cobrem todo o sertão, as ca-

sas dos seus manajeiros são as melhores, e sua comida é sempre a mais apetecivel.

A agricultura dos naturais, alí, consiste sobretudo em subir nas palmeiras para colher o fruto, em derrubar as sementes de cacau na estação própria, e em cultivar as plantações de amendoim. Mesmo quando o «fazendeiro» possui um número de esposas suficiente para fazer todo o trabalho, raras vezes ele se dá ao esforço de produzir e fornecer com assiduidade. O natural não vende os frutos da terra para comprar os artigos essenciais à sua existência, que ele pode cultivar, criar, ou colher gratuitamente das árvores, mas sim para adquirir artigos de luxo, tais como fósforos, cigarros, bicicletas, máquinas de coser, fonógrafos e discos de música popular.

O maior concorrente da companhia, na África, é um grego chamado A. G. Leventis, que a UAC despediu em 1936 dentre os seus empregados. Este Leventis, homem de incontestaveis recursos para o negócio, possui na cidade de Lagos, na Nigéria, um edifício moderno, de três andares, que está sempre a transbordar de mercadorias, e de freguezes que berram a plenos pulmões, reclamando que os atendam. Consta mesmo que ele contratou um autêntico exército de batucadores—africanos proficientes na arte de transmitir mensagens por meio de tambores—e que hoje, por todas as florestas e sertões da Costa se ouvem retumbar os reclamos sonoros dos seus artigos, equivalentes africanos do que seria, por exemplo, no rádio europeu ou americano, uma frase como esta: «Compre no Leventis—o rei dos barateiros!»

Faz pouco tempo, a Unilever instalou formidaveis plantações de amendoim nas vastas extensões deshabitadas da África Oriental, partindo duma primeira fazenda colossal de um milhão e 500 mil hectares, e entregou todas as operações de moagem de nozes ao Ministério da Alimentação da Inglaterra, como contribuição da Unilever para a solução da escassez mundial de óleos e gorduras. Este gesto, porem, não foi inteiramente gratuito e desinteressado: essas plantações poderão vir a produzir 600.000 toneladas de óleo por ano, ou seja, mais do que a Nigéria hoje exporta ao todo, em nozes de palma e amendoim. Esse óleo terá, certamente, efeito estabilizador sobre os preços vigentes no mundo. Na sua qualidade de comprador máximo de óleos e gorduras, a Unilever virá a ganhar enormemente com isso. Desse ponto de vista, o plano do amendoim constituiu uma vitória para a UAC—vitória que não teriam desdenhado as insaciaveis ambições do velho Lever.

O HOMEM verdadeiramente educado é aquele capaz de fazer o que deve, quer queira fazê-lo, quer não.

—Herbert Spencer

TERRA DE *Juventude*

(*Condensado de «The New York Times Magazine»*)

Por Maurice Bedel

EU PASSEAVA pelas ruas de Chicago, observando os transeuntes naquela manhã de domingo. Passei diante de italianos de aspecto, gravata e penteado elegantes; de alemães que, afora um chapéu americano, de feltro, em nada diferiam dos tipos domingueiros de Leipzig, ou de Brunswick. Vi negros cujas feições irradiavam inteligência. Vi insondaveis ingleses que nada revelavam de si; alguns escandinavos, saidos de um conto de Selma Lagerlöf; muitos eslavos e não poucos irlandeses.

«Aí vai o povo americano,» disse comigo. «Aí vai o povo que fez desta nação a mais poderosa do mundo de hoje, que conquistou as planuras, que ergueu torres babilônicas no litoral do Atlântico, às margens do Lago Michigan e junto ao Pacífico. Aí vão eles, esses criadores de mundos, com a tez trigueira de napolitanos, as faces rubras de alemães, a pele negra do Sudão. Levam no rosto o reflexo de seu clima de origem. Chicago é chamada a cidade mais americana dos Estados Unidos. É justamente essa mescla de humanidade que a faz tão típica deste país.

«O que essa gente realizou aquí, não o poderia ter feito em sua terra de origem. Quais são, então, as emanações dinâmicas que este país emite e que fizeram com que Krajewskis, Hansons, Bonizzonis, Smiths e Schnorrs pudessem consumar a gigantesca obra que se tornou a expressão máxima do gênio criador da humanidade?»

Poder-se-ia pensar que tantas características, herdadas da Europa e da África, tivessem produzido um tipo humano complexo e impenetravel. Mas não foi isso o que aconteceu. Reuna a adaptabilidade italiana, a reserva britânica, a inteligência francesa, o misticismo irlandês, a tenacidade alemã, o espírito poético do negro, a honestidade escandinava, a robustez balcânica, a coragem polonesa. Faça uma síntese de tudo isso. O resultado é um homem simples, cândido e tolerante, com as encantadoras faltas da infância e todos os atributos francos da adolescência.

Este artigo foi traduzido de *Le Monde Illustré*, de Paris. Seu autor regressou recentemente a seu país natal, a França, após uma prolongada visita aos Estados Unidos.

Não observei entre os negociantes de Nova York ou de Filadélfia; entre os agricultores do centro-oeste, os industriais de Cleveland ou de Pittsburgh; entre os fazendeiros de Luisiana e nem entre quantos tive ocasião de conhecer nos quatro cantos dos Estados Unidos, aquele laivo de ceticismo, mesmo do *blasé*, que caracteriza o europeu maduro. Nota-se com que coragem um homem arruinado pela má sorte dedica-se de novo ao trabalho. O norte-americano de 50 anos de idade lança-se à competição da vida com o mesmo ardor e confiança de um jovem de 18 anos.

Aquí está evoluindo uma raça que não é marcada por sinais de velhice. Parece, ao viajar-se pelos Estados Unidos, que nada é construido definitivamente, e nem mesmo para durar muito tempo. Tudo é provisório e está em vias de construção, o homem e tudo mais. Faltam a solidez das civilizações antigas e as pedras comemorativas. Será um mal? Acho admiravel que, num quadrante do globo, a humanidade se sinta livre daqueles fantasmas do passado que retardam o progresso.

Tal como as sementes, que, subtraidas pelo vento a um jardim de há muito cultivado, criam raizes e medram quando caem em solo novo, o povo norte-americano encontrou, em seu continente rico e virgem, um lugar onde desenvolver ao máximo os inúmeros dons da natureza humana.

Aquí, tudo que é novo é bom. Para estes herdeiros da construção paciente da Europa, é preciso uma nova surpresa todos os dias, algo de assombroso, extraordinário. Pode ser uma garrafa que toca uma melodia quando decantada. Pode ser uma bomba que pesa uns quantos quilos e que mata cem mil seres humanos quando lhes cai em cima, suspensa de um bonito paraquedas de *nylon*. Pode ser uma raça de gado para talho, quase sem cascos ou pescoço, toda carne, sem nervos. Pode ser um pequenino jacto de água que jorra debaixo do *capot* do carro e retira do para-brisas uma nódoa de lama. Pode ser um gigantesco espelho através do qual o universo talvez revele seus derradeiros segredos à curiosidade do homem.

Boa parte do gênio do norte-americano consiste em seus incessantes esforços para renovar tudo quanto lhe fica em torno.

É por isso que ele desempenha ao máximo o papel que a evolução lhe reservou: o de manter a humanidade num estado de juventude, de salvar o gênero humano do desespero de viver.

As adversidades, por dolorosas que sejam quando nos assaltam, não importam muito no correr dos tempos. O importante são as nossas reações em face delas.

—Phyllis Bottome, «The Crystal Cup»

Questões jurídicas irritantes, delongas infindaveis, os apelos emocionais aos jurados, a exploração do nervosismo de testemunhas honestas, tudo isso vem sendo eliminado pela revolucionária inovação processual dos «juizos prévios»

JUSTIÇA SEM PAPELADA

Por
Frederic Sondern, Jr.

No FIM de um corredor relativamente tranquilo, no movimentado tribunal do Distrito de Colúmbia, na cidade de Washington, acha-se instalada uma das novas e originais cortes dos Estados Unidos—a Pre-Trial and Assignments Court, tribunal preliminar de jurisdição especial. A sala em que funciona é idêntica às demais. Sua atmosfera e regimento, entretanto, são inteiramente diversos, e o tribunal dita mais sentenças em menos tempo do que qualquer outro, no edifício.

O escrivão enuncia um caso. Os advogados apresentam-se, sentando-se junto à barra. Não há nem testemunhas nem juri. Sem outras formalidades, o juiz, de toga negra, começa a fazer perguntas. «Qual é a sua opinião?» Cada advogado, brevemente, expõe seu arrazoado, interrompido, de quando em vez, pelo outro ou pelo juiz. Tudo isso num tom de conversa. O juiz vai pondo de lado as minúcias desnecessárias e reduzindo as exposições ao estritamente essencial. Raramente o magistrado gasta mais de vinte minutos para ajustar uma controvérsia jurídica dos tipos mais correntes. Mesmo quando os advogados não se põem de acordo, o exame da questão à luz do simples bom senso simplifica-a a ponto de abreviar, consideravelmente, o seu trânsito no tribunal regular. Liquidando imediatamente quase a metade dos casos, o tribunal consegue aliviar as cortes regulares, numa só manhã, de uma batelada de processos que levariam várias semanas para serem dirimidos pelos métodos antigos.

Esse tribunal federal constitui uma notavel experiência na aplicação dos chamados «juizos prévios»—a inovação mais revolucionária do século no rígido e tradicional sistema jurídico dos Estados Unidos. Na maioria dos tribunais estaduais, uma demanda chega a levar mais de um ano para ser ouvida; em alguns, a demora não é inferior a quatro anos. Sem infringir os direitos individuais, os juizos pré-

vios eliminam as engrenagens burocráticas, as infindaveis delongas e as explorações tão comuns da advocacia profissional. Seu desenvolvimento tem sido lento e dificil, mas já está hoje em vias de tornar-se uma instituição nacional.

A idéia do «juizo prévio» remonta ao século XIX, quando surgiu na Inglaterra. Foi introduzida nos Estados Unidos por dois magistrados progressistas—Ira W. Jayne e Joseph A. Moynihan, do Tribunal de Apelação de Michigan, em Detroit. Impressionados pelo fato de estarem julgando casos que havia quatro anos se achavam pendentes, começaram eles a convocar os advogados das partes, antes do juizo, para discutir, sem formalidades, os meios de conciliação e simplificação. Os resultados foram surpreendentes. A princípio, as sociedades de advogados locais desaprovaram a prática, mas como a duração dos pleitos passou, em média, de quatro anos para dez meses, começaram a mudar de atitude. Os clientes, por sua vez, satisfeitos com a rapidez dos trâmites, passaram a apoiar o novo sistema e a perder o receio de promover ações legais.

A grande maioria das cortes federais de justiça adotou o «juizo prévio» e as estaduais já lhes vão seguindo, pouco a pouco, o exemplo.

A execução do «juizo prévio» varia ligeiramente, de acordo com a personalidade de cada juiz.

Duas ou três semanas antes da data marcada para o julgamento regular de uma questão, os advogados das partes são convocados pelo juiz, que começa por averiguar os pontos sobre os quais estão eles de acordo. «Os srs. confirmam que os degraus de onde caiu o operário estavam cobertos de gelo, no dia do acidente?» Os dois advogados fazem sinal afirmativo. «Reconhecem tambem que os degraus estavam adequadamente iluminados, para a segurança do trabalhador?» Um advogado concorda, o outro não. O juiz toma notas e prossegue no interrogatório.

Finalmente, relata o caso, tal qual ele o entende, analisando os prós e os contras de cada parte. «Agora,» conclui o magistrado, «permitam-me uma última pergunta: os senhores já tentaram chegar a um acordo?» O operário que caiu dos degraus gelados deseja, segundo o seu advogado, cinco mil dólares de indenização pelos ferimentos sofridos. O patrão não deseja pagar mais de quinhentos. Nessa altura é que se faz sentir a intervenção do juiz. O advogado da vítima sabe que está pedindo demasiado—seu cliente não sofreu lesões graves; esteve três semanas no hospital e já conseguiu outro emprego, onde ganha tanto quanto antes. O advogado de defesa, por sua vez, sabe que o seu constituinte é culpado e deveria pagar, com toda justiça, pelo menos, as despesas de hospital e o salário integral do acidentado durante a inatividade forçada. Com habilidade e tato, o magistrado vai conduzindo as conversações até que as partes cheguem a uma soma razoavel—900 dólares—em torno da qual se põem de acordo. Em poucos minutos, a pendência fica dirimida.

Quando falha a mediação do juiz, este emite um laudo em que enuncia os principais pontos de acordo e de divergência entre as partes. O laudo, uma vez aprovado pelos advogados, constitui a base para o julgamento definitivo e já não pode sofrer impugnação, a menos que o juiz da instância regular admita a existência de erro ou injustiça no «juizo prévio» ou qualquer dos advogados possa apresentar algum novo elemento conclusivo de prova.

Já tive ocasião de comparar o antigo sistema com o atual. Há alguns anos, servi de testemunha num caso de acidente automobilístico. Um motorista fora alcançado por outro que, segundo se alegava, não detivera o carro no sinal de parada, ao sair de uma estrada transversal. Durante dois dias, fiquei sentado na sala da audiência, enquanto se movia a complicada engrenagem do juizo. Ante um juiz e um juri entediados, os causídicos gastaram uma hora inteira apenas para esclarecer a propriedade dos automoveis, tendo invocado, para isso, várias testemunhas. Com a presença de um inspetor e de um fotógrafo, outra longa hora foi consumida na análise dum diagrama da Inspetoria do Tráfego, segundo o qual o sinal de parar estava exatamente no lugar devido. Três médicos disseram, depois, mais ou menos as mesmas coisas sobre o que sucedera ao paciente e sobre o que haviam feito com ele.

A essa altura, expirava o horário de funcionamento do tribunal. E só no final da tarde do dia seguinte conseguimos chegar ao ponto central do caso: o acusado parou ou não o carro no sinal, antes de entrar na avenida principal? Depois de dez minutos, comprovou-se, à saciedade, que sim, ouvidas as testemunhas do acidente; a culpa, portanto, cabia ao próprio demandante, que guiava em excesso de velocidade. O juri participou dessa conclusão e o réu foi declarado isento de culpa.

«Mas que absurda perda de tempo para todos!» comentou, depois um dos jurados. «Da próxima vez, não me pegam.»

Recentemente, soube de um caso semelhante, levado ao juizo prévio. Em dez minutos, o juiz pôs as partes de acordo quanto à propriedade dos carros, localização do sinal e autenticidade das contas de médico e de consertos.

«Parece-me,» declarou o magistrado, «que a questão consiste em sabermos se o réu parou ou não o carro no sinal indicado, antes de penetrar na via principal. Se parou, o carro que se aproximava não teria sido alcançado, a menos que estivesse em velocidade bastante acima da permitida. É exato ou não é?»

Os advogados não se puseram de acordo quanto a esse ponto. O juiz redigiu o seu laudo e encaminhou o caso à corte regular. Mas o julgamento não chegou a durar nem uma hora. Apenas quatro testemunhas foram chamadas a depor—pessoas que haviam presenciado o acidente. Depois da exposição dos advogados das partes, os jurados não necessitaram mais

de 15 minutos para concluir que o motorista da estrada principal fora o causador do choque, por excesso de velocidade.

A testemunha de surpresa, os apelos emocionais aos jurados, as ciladas às testemunhas honestas, mas nervosas, e todos os outros truques com os quais os advogados espertos derrotam a verdade, são praticamente eliminados pelos processos frios e diretos do juizo prévio. «Assim é que deve ser,» disse-me um eminente advogado. «O tribunal não é lugar para manobrarmos como se estivéssemos jogando uma partida de xadrez. Infelizmente, muitos dos nossos colegas não pensam assim.»

O juizo prévio é hoje uma conquista consolidada. Na opinião de muitos dos mais notaveis advogados e juizes dos Estados Unidos, constitui a mais firme garantia jamais concebida para assegurar a justa aplicação—não da *letra*, por vezes obsoleta e injusta, mas do *espírito* das leis.

O que a máscara encobre...

«Eu sou simples e muito franco, Mr. Williams,» diz-me um amigo com toda a sinceridade de que é capaz; e com isso quer dizer que é muito arguto, sutil, uma espécie de diplomata que se acha na necessidade de proferir com manha algumas mentiras. Sim, porque sempre que uma pessoa, seja a evitar o nosso olhar ou a encará-lo sem medo, usa do pronome «eu» seguido de uma enunciação de sagradas virtudes, é natural que esperemos dela alguma invencionice, um conselho moralesco, ou ambas as coisas. Senão, vejamos:

«O que me preocupa é você, meu bem...» quer realmente dizer: *Agora vou conseguir algo para mim.*

«Não quero causar-te nenhum aborrecimento» quer dizer: *Posso agora repetir aos teus ouvidos os desagradaveis boatos que correm a teu respeito e que te farão perder o sono.*

«Sou forçado a reconhecer que...» quer dizer: *Agora vou lançar a confusão...*

«Não me compete criticar...» quer dizer: *Agora posso encontrar defeito em tudo quanto fizeste.*

«Sou liberal como quem mais o for» quer dizer: *As minhas idéias sobre este assunto são de todo antiquadas e estreitas.*

«Creio que conheço bem o meu lugar» quer dizer: *Posso agora saltar fora da pele de ovelha e dizer-te o que bem quiser.*

«Sou um indivíduo tolerante» quer dizer: *Não posso aturar-te nem mais um instante e estou quase a pôr-te de casa para fora.*

Frases assim, ou coisa que o valha, servem de intróito a todas as brigas do mundo. O curioso é que continuemos a usá-las, e mais curioso ainda, que o façamos com toda a boa fé!

—Monica Redlich, em *The Spectator*

O mais fascinante virtuose do piano, nos Estados Unidos

Artur Rubinstein— o homem e o artista

(*Condensado de «Life»*) Por Winthrop Sargeant

COM A MORTE de Paderewski, há sete anos, os amantes da música ficaram indecisos sobre quem deveria ser considerado o maior pianista mundial. Embora alguns críticos de arte duvidassem da proeminência de Paderewski sobre os pianistas da época, havia nele um certo quê, simbólico do ideal que comumente se faz dum grande concertista. Paderewski viajava sempre de carro Pullman particular, acompanhado dum cortejo de empregados. Exibicionista admiravel, era ainda *gourmet*, confidente de príncipes, diplomata e primeiro ministro da Polônia.

Atualmente, o homem que mais se aproxima, em exibicionismo e fascinação, do ideal paderewskiano de virtuosidade, é tambem um polonês, Artur Rubinstein. Sua simples aparição em público é espetacular e impressionante. Ao entrar no palco, a fisionomia de máscara coroada por um leve topete de cabelo grisalho, tem o aspecto estranho e metálico dum impassivel ídolo oriental, pronto a ser envolvido nalgum ritual canibalesco e sinistro. Ataca o piano a golpes largos, atirando as mãos para o alto, acima da cabeça. Acabando de tocar, fica como mergulhado em êxtase poético, do qual desperta gradativamente, chamado pelos aplausos.

Rubinstein tem o poder de dominar o público com a mera excitação física causada pela sua velocidade, energia e técnica fora do comum. Mas tambem irradia um encanto mágico, enfeitiçando a platéia com o puro efeito sensual duma gama de sons irisados e puríssimos.

Todas estas qualidades vêm dando a Rubinstein—hoje com 59 anos de idade—uma primazia única sobre os rivais. Dá em média 150 concertos por ano, recebendo um mínimo de 3.500 dólares por concerto. A venda de seus discos atinge bem mais de um milhão de dólares anuais; e em Hollywood, num único contrato com o produtor Frank Borzage, para o filme «Sempre te amei», recebeu 85 mil dólares por três dias de gravação fora do palco, tocando o Segundo Concerto para Piano, de Rachmaninoff. Sua arrogância em exigir remuneração astronômica apenas contribui para convencer os produtores cinematográficos de que ele é realmente o maior pianista do mundo.

Ao contrário de muitos músicos, Rubinstein é tambem filósofo, homem de sociedade e conversador exímio, capaz de discutir livros, pintura, política e costumes contemporâneos com tanta facilidade como se estivesse discutindo minúcias técnicas duma sonata. Para ele, música não constitui apenas uma arte elevada, mas tambem um acessório agradavel à vida social.

«Gosto de conquistar o coração das gentes,» confessa Rubinstein com a galanteria característica do velho mundo.

E seja porque é capaz de conquistar corações com o piano, seja por seu vívido poder de conversador e homem da sociedade, os resultados são igualmente impressionantes.

Artur Rubinstein mora perto de Hollywood, que o atrai principalmente por seu clima cálido e da ausência de formalidades da sua vida social. Na realidade, porem, é um «cidadão do mundo». Fala nove línguas fluentemente e em cerca de 40 anos de contínuo viajar pelo globo, já percorreu perto de 3 milhões de quilômetros, tendo morado em Berlim, Varsóvia, París, Riviera francesa, Londres e Nova York.

O gosto de Rubinstein reflete seu *habitat* internacional. O famoso artista coleciona velhas edições de livros ingleses, escultura hindú e conhaque francês de acordo com o seu gosto, sem se importar com as opiniões correntes entre as demais pessoas. Sua marca predileta de conhaque é esquisita e pouco conhecida. Descobriu-a ele próprio, depois de provar pelo menos a metade das marcas da França.

No elegante ambiente de sua vida privada, Rubinstein deixa cair a máscara austera que dá à sua personalidade de concertista uma aparência enganadora; movimenta-se trefegamente, com alegria infantil, ri-se, marca seus comentários com caretas expressivas. Gesticula entusiasticamente, espalha cinzas do charuto, imita os tiques das pessoas sobre as quais está fazendo comentários, fala inglês com sotaque polonês, alemão, francês, espanhol ou britânico, de acordo com a história que conta no momento.

Seu estúdio está cheio de lembranças—retratos de velhos amigos, entre os quais um de Toscanini, autografado; e outro em que Einstein e Rubinstein aparecem juntos.

«Engraçado,» comenta ele. «Einstein parece um músico típico e eu pareço cientista.»

Quando a esposa—linda polonesa de cabelos louros e vinte anos mais moça que o marido—entra na sala, Rubinstein galantemente beija-lhe a mão. Evidentemente o artista olha-a com o mesmo entusiasmo de perito com que aprecia livros e obras de arte.

«Noventa por cento de meu interesse geral se concentra nas mulheres,» explica ele. «Não lhe parece que esta loura é perigosa? Foi por isso que me casei com ela.»

A senhora Rubinstein sorrí complacente e chama os filhos, tão internacionais quanto os moveis da casa. Eva, viva lourinha de 15 anos, nasceu em Buenos Aires; Paulo, robusto menino de 13, em Varsóvia; Alina, de três anos, em Los Angeles; e lá fora, no berço, berra John Arthur, de 15 meses apenas.

«Adoravel, não acha?» exclama Rubinstein radiante. «Gostaríamos de ter um bando como este regularmente, de dez em dez anos.»

Para Rubinstein, romântico legítimo, a vida é um espetáculo suntuoso, e ele, um dos personagens principais.

«Quanta gente,» comenta o artista, sacudindo as cinzas do charuto, «costuma dizer que seria feliz se tivesse melhor saude, ou conseguisse êxito. Qual! A felicidade nunca depende de certas condições; depende da nossa capacidade de gozar plenamente a vida. Vida significa atividade, não fuga. Há pessoas que vão ao médico e lhe perguntam que vitaminas devem tomar. De que servem as vitaminas? pergunto eu. Coma quatro lagostas e meio quilo de caviar. Viva! E se se apaixonar por alguma loura de muita beleza e pouca inteligência, não se preocupe. Case com ela. Viva!"

Com esta receita otimista não seria possivel ter muitas idiossincrasias. Mas as poucas que tem são intensas. Rubinstein detesta tão ardentemente os alemães, que há mais de trinta anos se vem sistematicamente recusando a tocar na Alemanha. Detesta tambem o bolchevismo.

Recentemente, Rubinstein apareceu várias vezes, como convidado, no programa de rádio «Information, Please». É interessante notar que as mais impressionantes de suas respostas não foram sobre música, mas sobre a genealogia da nobreza européia. Seu imenso cabedal neste exótico ramo de conhecimento constitui parte integrante de seu preparo de virtuose romântico, à moda antiga. Em sua mocidade, ignorar a genealogia das famílias nobres européias—as principais patrocinadoras da música, na época—poderia ter sido fatal à carreira de um concertista.

O marco inicial da história rubinsteiniana é um episódio em que Artur, aos seis anos, deu uma audição particular para um famoso violinista polonês, Bronislaw Hubermann, de 12 anos de idade. Quando o estreante desceu do banco do piano, ao fim do recital, o violinista solenemente bateu-lhe no ombro, dizendo: «Você tem talento, menino. Trabalhe com afinco e irá longe.»

O incidente se passou em Lodz, na

Polônia, então posto avançado do império russo e onde o pai de Rubinstein era proprietário de um próspero *atelier* de tecelagem manual.

Rubinstein, o pai, queria que o filho fosse violinista e só se dissuadiu da idéia quando o menino sapateou sobre o violino, reduzindo-o a pedaços. Dois anos mais tarde, o pianista de oito anos foi estudar em Berlim; e aos onze estava preparado para sua primeira exibição profissional de concertista. Começou então a carreira que o levou pela Europa toda, com uma enorme coleção de passaportes falsos. O propósito dos passaportes era esconder sua identidade e assim fugir ao serviço militar no exército russo.

Aos 16 anos Rubinstein embarcava para Nova York, onde os críticos reconheceram sua «técnica colossal», porem o trataram com frieza. Recordando sua primeira exibição na América do Norte, Rubinstein confessa: «Eu não era mesmo grande coisa. O fato é que só me tornei um bom pianista quando me casei, aos 43 anos. Não por mim, mas por meus filhos: não queria que algum dia viessem a ouvir que o pai era um pianista de segunda ordem. Assim, pela primeira vez na vida, trabalhei com afinco.»

Rubinstein, porem, era já um pianista grande bastante para atrair públicos numerosos aos seus concertos internacionais, até que a primeira guerra mundial o apanhou desgarrado em Londres. Tentou reunir-se à legião estrangeira da Polônia, mas finalmente foi parar no quartel-general francês, como tradutor.

No intervalo entre as duas guerras mundiais, Rubinstein foi a menina dos olhos da sociedade internacional dos cafés europeus. Tocava por dinheiro e por divertimento, ficando às vezes uma noite inteira ao piano, vivendo dia a dia, numa contínua oscilação entre indigência e prodigalidade elegante. Endinheirado ao fim dalguma série triunfante de concertos, em poucas semanas estourava a fortuna inteira em París ou Monte Carlo. «Levei uma vida detestavel,» murmura ele hoje. Mas em quase toda parte, exceto nos Estados Unidos, era ovacionado como um dos supremos concertistas do mundo.

Seu êxito espetacular nos Estados Unidos data de 1937, quando Sol Hurok, empresário nova-yorkino, persuadiu-o a tentar novamente a popularidade norte-americana. Depois de suas primeiras aparições em público, os comentários tremendamente entusiásticos da imprensa dobraram o número de seus contratos. E imediatamente ele dobrou tambem o preço de cada concerto. Daí em diante, voltou aos Estados Unidos todos os anos, até que em 1940 transferiu sua residência permanente de París para a Califórnia. Em 1946, tornou-se cidadão americano.

«Como os norte-americanos são modestos a respeito de seu país e sua cultura!» exclama ele. «Suas orquestras sinfônicas são as melhores do mundo. Na França, consigo atrair multidões para alguns concertos em París, mas nas províncias simplesmente não encontro público. Aquí, porem, tenho enchentes repetidas, em cidades pequenas como S. José, na Califórnia; e nas grandes cidades o interesse pela música é insaciavel.»

Em suas numerosas incursões em Hollywood, Rubinstein sempre tenta salvaguardar a dignidade de sua arte. O maior crime dos filmes musicados, em sua opinião, está em misturar-se música clássica com música popular. E tem razão. José Iturbi toca *boogie-woogie*, Lauritz Melchior canta canções populares—o que em ambos os casos poderia ser feito muito melhor por artistas especializados no gênero.

Quando o filme *Carnegie Hall* foi concluido, o produtor Boris Morros deu um jantar inaugural, para o qual convidou Rubinstein e outros dignitários. Em seu entusiástico discurso, disse Morros, jactando-se magnificamente:

—Temos Rubinstein, Lily Pons, Rodzinski; grandes pianistas, grandes cantores, grandes regentes, grande música—tudo isto no mesmo filme. Vai marcar época na história da arte!

—Ora! resmungou Rubinstein, que não vira o libreto. —Aposto que acaba com Harry James tocando pistão.

—Bem, confessou Morros de crista um tanto caida. —É verdade, mas apenas durante três minutos.

Rubinstein avalia, porem, o enorme campo que Hollywood oferece para a popularização de boa música de piano; e a boa execução pianística é o que mais o interessa na vida. O imposto de renda tem reduzido tanto a capacidade financeira de Rubinstein, que hoje, no auge da fama, ganha menos em suas grandes séries de concertos, do que ganhava 15 anos atrás, quando em sua carreira ascendente de virtuose. Para um verdadeiro romântico como Rubinstein, entretanto, essa questão de aborrecida economia é secundária.

«Não contem a meu empresário,» diz ele sorrindo, «mas a verdade é que eu continuaria dando concertos de piano apenas por prazer, mesmo que não me pagassem.»

Você caminha corretamente?

HÁ APENAS uma regra para se caminhar corretamente—caminhar em uma só linha e não em duas. Tudo o que se aconselha sobre o modo de pisar ou a posição dos ombros é desnecessário, pois o simples fato de se andar em linha reta assegura, forçosamente, a postura adequada. A maioria das pessoas caminha em duas linhas, o que as faz gingar de um lado para o outro. Caminhando em uma só linha, a mulher parecerá mais graciosa e se o vestido for de folhos, dará quase a impressão de flutuar na sala. Conheço uma senhora, baixa e robusta, que, caminhando corretamente, dá uma tal impressão de controle do corpo, que aparenta pesar vários quilos menos. Esta técnica dá ao homem não só dignidade de atitude como precisão de movimentos.

—Margery Wilson, *Charm* (Stokes)

Um grande procer industrial desafia os seus pares a tornar a segurança de emprego parte do sistema de livre iniciativa

HUMANIZEMOS A INDÚSTRIA

Condensação dum discurso de

Morris Sayre

Presidente da Corn Products Refining Company e da National Association of Manufacturers

UM HOMEM QUE, sem aviso prévio nem motivo, se viu privado de emprego, não há quem o convença de que a chamada «livre iniciativa» está vigorando a favor dele. De pouca consolação lhe serve tambem o saber que 60 milhões de outros indivíduos estão gozando do privilégio de trabalhar. No que de perto lhe toca, tudo o que ele sabe é que a «livre iniciativa» o pôs na rua.

E o aleijado que não encontra emprego, o indivíduo de mais de 50 anos que quer trabalhar e ninguem o aceita, o empregado de classe média que se vê esmagado entre a crescente alta de preços e o ordenado invariavel—vão lá dizer-lhes que a «livre iniciativa» os está beneficiando!

Diante disto, impõe-se-nos desde já um dever: achar a maneira de fazer funcionar este sistema econômico de tal forma que *todos* os que dele participam tenham alguma coisa a ganhar com isso. E esse dever começa por nós, os dirigentes de empresas, os homens de negócios. Trata-se duma responsabilidade que assumimos perante a pátria, perante os trabalhadores, perante os acionistas, e perante nós mesmos. Não se trata duma tarefa que possamos jogar para o lado, com um erguer de ombros, alegando a falta de tempo, até que chegue melhor ocasião. Já soou para os líderes industriais, no mundo inteiro, a hora de darem cumprimento a algumas das suas eloquentes asserções de «responsabilidade social».

A grande maioria dos homens que eu tenho encontrado em altas posições de mando, na indústria, começaram pelo degrau de baixo, e subiram à força de energia e vontade. Conhecem por experiência própria os problemas e as esperanças dos homens que trabalham na linha de montagem da fábrica. Mas, essa experiência vemo-la muitas vezes anulada pelo fato de que o «patrão» não a acompanhou das medidas necessárias para que a sua consciência social se inscreva e frutifique nas relações de trabalho, e se grave bem fundo no espírito de todos os capatazes da sua fábrica, até o último.

Sim, nós os gerentes de empresas temos muito que fazer. Não quero dizer, é claro, que caiba à administração toda a responsabilidade. Se quisermos que o nosso sistema econômico funcione com mais eficiência em benefício de todos, os governos e os trabalhadores tambem terão sua parte a realizar. Os governos podem e devem desempenhar um papel relevante, adotando e fazendo cumprir leis justas e equitativas. E os sindicatos deverão rever algumas das suas normas e atitudes.

Nos pequenos como nos grandes negócios, devemos pôr sempre em primeiro lugar a tarefa humana. Se nós a desempenhamos corretamente, o público dirá, olhando para o mundo dos negócios: «Vejam, as forças vivas não se limitam a falar de humanidade,—praticam a humanidade. Meu Deus, as forças vivas *são* humanas!» Se não cumprimos bem o nosso dever, de maneira a merecer o apreço do público, nada do que viermos a ganhar terá nenhum valor.

Um industrial meu conhecido, que é o único empregador industrial na sua localidade, disse-me um dia que a gerência das empresas em geral faria muito maiores esforços para não despedir o seu pessoal, se enfrentasse problemas semelhantes ao dele, que vive entre os seus próprios desempregados. Se ele se cruza na rua com um operário que foi despedido, não pode fugir à responsabilidade, dizendo com os seus botões: «Pobre rapaz! Ainda bem que ele não trabalhava na minha fábrica...»

Enquanto nós, os gerentes de empresas, não encararmos todos e cada um dos desempregados como um problema pessoal, nosso, e todas as debilidades deste sistema como fatos de nossa responsabilidade, pode-se dizer que o futuro da livre iniciativa está em perigo.

Como sou um homem de negócios prático, sei que nenhum de nós pode inventar uma receita para acabar com os ciclos de crise econômica, ou garantir a cada trabalhador o emprego vitalício. Mas não há negócio algum que não possa encontrar a maneira de assegurar *certa* medida de estabilidade aos seus empregados.

A primeira e suprema preocupação de todo e qualquer trabalhador, é a segurança da estabilidade, tão grande quanto possivel, do seu emprego. E a segurança é uma preocupação máxima, tambem, para a gerência e para os acionistas. A segurança não é, nem foi nunca, a preocupação exclusiva dos líderes operários. Quando nós soubermos convencer os nossos trabalhadores —e convencê-los por meio de medidas realmente práticas—de que estamos tão interessados quanto eles próprios na estabilidade dos seus empregos, então poderemos ter não só melhores operários, como tambem melhores cidadãos.

Se queremos que todos ganhem os meios de viver decentemente pela criação de riqueza suficiente para a satisfação das necessidades nacionais, os gerentes de empresas devem esforçar-se por assegurar maiores oportunidades e incentivos a todos aqueles que sejam dotados de aptidões. Por exemplo, que devemos fazer dos trabalhadores de mais de 40 e 50 anos? Não haverá entre os homens de gerência o engenho necessário para abrir emprego a esses indivíduos, cuja experiência vale mais, frequentemente, do que a agilidade que os anos de trabalho lhes roubaram? E o êxito com que os veteranos da guerra, estropiados ou mutilados, se têm adaptado a suas tarefas industriais, nos Estados Unidos, prova

que até mesmo os homens fisicamente defeituosos se podem manter produtivos e felizes como trabalhadores. Todo o gerente, pois, que não estudou de alto a baixo o funcionamento da sua indústria para verificar se os incapazes físicos se podem adaptar, não deu ainda a plena contribuição que lhe cumpre dar à consolidação da confiança no nosso sistema econômico de iniciativa individual.

A primeira responsabilidade da gerência é certificar-se de que, graças a um processo seguro e constante de expansão, as portas estão sempre abertas a novas oportunidades e promoções indefinidas. Devemos demonstrar—e, antes de tudo, aos nossos próprios operários e empregados—que estamos tão genuinamente preocupados com o progresso humano, quanto com os próprios lucros da empresa, e que estamos tão interessados no bem-estar do público em geral como no dinheiro que o consumidor nos dá a ganhar.

O futuro—não só o do sistema da liberdade econômica, mas talvez até o da própria civilização ocidental—depende da boa-vontade com que os homens de negócio de hoje venham a concentrar seus cérebros e energias nesse ataque decisivo contra o sentimento de frustração de que sofre uma grande parte da humanidade.

Golfe para dois

É LÓGICO e natural que um homem deseje, uma vez por outra, excluir de seus passatempos a esposa; e se há uma coisa ainda mais desejavel do que a aproximação dos dois sexos quando do agrado de ambos, é, que eles igualmente se separem, sempre que isso lhes convier, pois a esposa que porfia em se fazer a sombra do marido em todos os atos da vida, é, sem o perceber, uma candidata ao divórcio. Certa vez, casou-se um grande jogador de golfe. No entender da mulher, era um absurdo que o marido tivesse algum passatempo em que ela não tomasse parte, e assim ela jurou aos seus deuses que havia de aprender o golfe para jogar com o consorte. O marido fingiu estar de acordo com a idéia da esposa, mas pôs-se logo a executar o seu plano de vingança. Levava diariamente a mulher ao campo de golfe e lhe ensinava erradamente todos os detalhes do jogo: a maneira de pegar os bastões, a colocação da bola, os movimentos do corpo—tudo ao contrário; de sorte que quanto mais a mulherzinha se esforçava no jogo, tanto pior jogava. Por fim, saiu-se triunfante o marido, pois a esposa perdia todas as partidas, perdia o sono, expondo-se aos mais humilhantes fiascos, e acabou por abandonar o golfe e dedicar-se à jardinagem. E, louvado seja Deus, continuam casados e ainda se amam como dantes.

—Susan Ertz, em *Man as a Pleasure-Seeker*

OXALÁ possas viver todos os dias de tua vida.

—Jonathan Swift

Os altos ideais que promoveram a grandeza de povos e nações devem influir nos destinos do mundo

A força moral na política internacional

(*Condensado de «Presbyterian Life»*)

Por John Foster Dulles

TENHO dedicado a vida inteira, virtualmente, às questões internacionais, a partir de 1907, com a Segunda Conferência de Paz, realizada em Haia. Em 1937, assistí à Conferência de Oxford, sobre a Igreja e o Estado. Essa conferência convenceu-me de que não havia meio de solucionar os grandes e perplexos problemas internacionais, senão pelo recurso à força do cristianismo. Tudo quanto sucedeu desde então confirma a validez dessa conclusão.

Não há dúvida alguma, em meu espírito, de que a força moral é a única que pode realizar grandes obras no mundo. Se examinarmos a História dos Estados Unidos, descobriremos que suas mais nobres instituições foram plasmadas pela fé cristã de seus fundadores. Eles acreditavam na existência de uma lei moral e de um Criador que havia dotado os homens de direitos inalienaveis.

Foram aqueles os nossos dias de grandeza. Desde então, cresceram nossas posses materiais, nosso poderio. Simultaneamente, entretanto, receio que tenhamos perdido muitas das qualidades que, no passado, nos fizeram realmente grandes, e devemos lembrar-nos que a liberdade que nosso país defende não pode subsistir a menos que os indivíduos que a possuem tenham os atributos de auto-domínio, de sobriedade e de abnegação—os únicos que fazem a liberdade toleravel.

Durante os últimos 30 anos, vimos outra potência ascender a uma posição de grande relevo internacional—a União Soviética. Como se deu isso? O poderio da União Soviética, e especialmente do Partido Comunista Soviético, deve-se ao fato de que, conquanto o Estado Soviético tenha, por assim dizer, penetrado num vácuo po-

UM DOS ARQUITETOS das Nações Unidas, John Foster Dulles é ilustre causídico e pessoa de influência nos meios religiosos. Foi representante dos Estados Unidos na maior parte das momentosas conferências internacionais realizadas desde o termino da guerra.

lítico na Europa e na Ásia, o Partido Comunista Soviético invadiu um vácuo moral, no mundo inteiro.

Que teria dado ao comunismo soviético sua tremenda influência sobre os homens, em toda parte? Foram os lemas morais que os comunistas adotaram. Os comunistas declaram-se contrários à exploração econômica do homem pelo seu semelhante. Manifestam-se favoraveis à extinção do imperialismo colonial. Professam defender a dignidade do indivíduo, sem distinção de côr e de raça.

Seus lemas nada são senão a expressão dos mesmos princípios defendidos por todas as nações cristãs e pela Igreja de Cristo. Mas, reconhecendo que havíamos falhado na defesa militante desses princípios, os maiorais do comunismo soviético apossaram-se deles, proclamando-os ao mundo como doutrinas defendidas pelo comunismo.

Ora, eu sei, de consideravel experiência própria e estadia na União Soviética, que ela adotou esses lemas como um cavalo de Tróia, para penetrar em nossa sociedade. O que os comunistas representam e os métodos e meios que advogam são de carater tal que, de fato, produzirão—e, na Rússia, já estão produzindo—resultados contrários aos que professam buscar.

Mas o fato importante e significativo é que os maiorais do Partido Comunista Soviético tiveram a astúcia de perceber que o meio de obter prestígio no mundo é esposar magnos princípios morais.

A Organização das Nações Unidas é hoje o local onde podem ser registradas as decisões morais do mundo. Hoje, é apenas isso, e não pode ser muito mais que isso. A O.N.U. não é um governo internacional onde os homens possam aprovar leis que, como tais, atinjam as nações e os povos em toda parte. Julgo, mesmo, que não é praticavel transformá-la em tal entidade, por enquanto.

Antes que possa haver um governo aceitavel, os povos a serem governados necessitam um entendimento básico quanto ao carater da legislação. A O.N.U. reune os povos para o exame de problemas, esperando que, em setores de acordo geral, acabemos por formular «recomendações» que reflitam as decisões morais dos participantes e o prestígio moral que eles, por sua vez, representam. Dessa forma, serve de etapa intermediária para o que poderá ser um dia uma organização internacional muito mais poderosa.

Ora, há quem pense ou professe que a Organização das Nações Unidas não é uma entidade muito importante, visto como só pode registrar decisões morais. Posso garantir-lhes, à base de experiência prática—e assistí a todas as sessões regulares da Assembléia das Nações Unidas—não existir uma única delegação que encare com desprezo as decisões morais alí registradas.

Jamais soube da delegação norte-americana ter adotado uma atitude que não fosse influenciada pelo que acreditávamos ser o conceito moral dos delegados à Assembléia, e creio firmemente, pelo contacto que tive com outras delegações, que elas adotam

atitude idêntica. Todos os paises receiam ser apanhados a defender uma atitude contrária à moralidade. Cada qual faz o possivel para apresentar sua posição como moralmente correta e sólida. Há, é claro, muita hipocrisia a respeito. Muitas vezes, a confusão é provocada deliberadamente. Mas, uma vez que emerge a questão moral, ela exerce poderosa influência sobre todos os delegados e sobre os governos que estes representam.

Creio, pois, que tinha razão quando decidí, na Conferência de Oxford, de 1937, que a maior aplicação que eu poderia dar ao resto de minha vida seria buscar meios pelos quais a força moral do cristianismo pudesse fazer-se sentir na conduta das nações.

Muito poucos são os leigos cristãos dispostos a influir diretamente na aplicação de princípios cristãos a esses problemas práticos. Acho que existe sempre uma tendência, por parte do indivíduo, de subestimar o próprio prestígio. Claro, a influência de um único indivíduo, como tal, é pouca. Mas a influência de um indivíduo que é nitidamente o expoente de um princípio moral, é maior do que a de uma só pessoa. Sua influência é enorme.

Por que é que os líderes da vida nacional ou internacional levam a sério um indivíduo que advoga nitidamente algo que reflete a lei moral? Muitos deles são de espírito prático, terra a terra. Assim o fazem porque a lei moral está implantada no coração dos homens de todo o planeta, e os líderes não querem aventurar-se a combater um indivíduo que defenda a lei moral e perceba sua aplicação no caso em questão. Não querem combater um homem que defenda algo que, por sua vez, possa servir para provocar a ação e uma decisão de carater moral. Todos reconhecem, na vida política—e os mais práticos são os que o reconhecem mais claramente—que terão de defender o lado moral das questões, se não quiserem ser derrotados.

Lembremo-nos de que, ao ser Sodoma condenada à destruição, Abraão intercedeu junto a Deus, dizendo: «Destruirás tambem o justo com o ímpio? Se porventura houver cinquenta justos, não pouparás a Sodoma?» Deus disse que a pouparia. Abraão receou, então, não encontrar cinquenta e, regateando, aos poucos reduziu o número: quarenta, trinta, vinte, dez. Com apenas dez homens justos, Sodoma teria sido salva da destruição. Mas não os havia.

Hoje em dia, a humanidade vive à sombra de uma ameaça como a que pesou sobre Sodoma. Há menos de três anos, estávamos todos num estado de pânico porque sabíamos que a energia atômica proporcionava um meio de destruição em massa. Parece que já nos esquecemos disso. Mas não nos assiste o direito de esquecer, porque, em todo o mundo, os homens trabalham industriosamente para aperfeiçoar e elaborar mais e mais esses meios de destruição em massa. O problema é este: será salva a humanidade? Poderá ser salva, se, na proporção de nossas populações, tivermos os dez homens justos que teriam salvado Sodoma.

Como trabalha Thomas Dewey

Excertos de «The Case for Dewey», publicado em «Life»

Por Stanley High

«MEU PROBLEMA,» declarou certa vez o Governador Thomas E. Dewey, «é conseguir homens que mereçam 50 mil dólares anuais para cargos de 12 mil.» Ele os consegue. Um engenheiro de reputação internacional é seu superintendente de obras públicas; um dos mais brilhantes advogados, especialista em legislação tributária, é seu comissário de impostos; uma autoridade em finanças públicas é seu diretor de orçamento; o professor de administração hospitalar da Universidade de Colúmbia é seu comissário de higiene mental; um conceituado cirurgião-adjunto do governo federal é seu comissário de saúde e o presidente da Federação Agrícola Estadual é seu comissário de agricultura.

«Nada de enormes charutos, de ventres amplos ou de abraços,» escreveu o cronista Marquis Childs, após um recente estudo dos auxiliares de Dewey. Ao invés, «poderiam ser diretores de uma companhia ativa e progressista, uma equipe dirigente de grande eficiência e capacidade».

Muitos dos homens que Dewey nomeou não o haviam conhecido antes. A maior parte não tivera intenção de entrar para o serviço público. Mas o zelo de Dewey pelo governo eficiente é contagioso. Uma vez que escolhe o homem indicado, oferece-lhe carta branca e cumpre a palavra.

Todos eles estão acordes em que, desde logo, como membros do governo Dewey, trabalham mais, e com objetivos mais inspiradores que nunca na vida. Para cada um, a profunda lealdade que vota a Dewey foi o fruto de árduo trabalho e íntima associação com ele. Esse fato é ainda mais impressionante quando o contrastamos com o grande rol de homens que abandonaram Washington no último decênio.

A administração, para Dewey, é uma obra sumamente cooperativa. Detesta o servilismo. As reuniões do gabinete são prolongadas discussões, em que as opiniões do Governador são bastante combatidas. Quando suas idéias não prevalecem, são logo abandonadas. «Nenhum homem,» queixou-se ele, depois de uma recente reunião do gabinete, «jamais foi tão vetado pelos seus auxiliares.»

Dewey é de opinião que a eficiência do governo democrático é comprometida pelos atritos entre o ramo legislativo e o executivo. Não acredita que, numa democracia, tais divergências sejam a característica de um poder executivo forte. Cita Walter Bagehot: «O segredo do governo livre consiste na cooperação entre os homens.»

Uma noite por semana, durante o período legislativo, os cinco principais líderes daquele poder reunem-se com Dewey, para jantar na Mansão Executiva. Item por item, estudam os projetos na pauta. Enquanto todos os homens na sala não chegarem a um acordo pleno, não se toma decisão alguma sobre nenhum assunto. Se, em determinada reunião, não for alcançado acordo, o assunto é adiado, às vezes por várias semanas sucessivas, até que, emendando aqui e alí, o último recalcitrante se satisfaça. O resultado de tudo isso é uma eficiente colaboração democrática.

A história do jovem Douglas Leigh, que utilizou os dirigíveis para reclamos luminosos

O rei dos anúncios "ESPETACULARES"

(*Condensado de «Advertising & Selling»*)

Por C. Lester Walker

SE OS ASTRÓLOGOS da antiguidade pudessem ressuscitar, contemplariam, este ano, uma série de estranhas visões noturnas para as quais não encontrariam explicação: um corcel de fogo galopando no espaço, uma baleia gigantesca agitando a cauda e lançando jactos de água sobre as estrelas, uma cegonha imensa transportando no bico um bebê suspenso e, inclusive, um maná celestial baixando do céu sob a forma de um pão colossal envolto em um fulgor misterioso.

Na realidade, tais visões são apenas grandes anúncios luminosos, montados em ambos os lados de dirigíveis—a mais recente criação de Douglas Leigh, um agente de publicidade de Nova York.

Certo dia, durante o período de crise econômica iniciado em 1929, Leigh, que tinha então 22 anos, anunciou a seu patrão, diretor de uma das principais agências de publicidade em cartazes, que ia deixar o emprego, «principalmente porque os senhores não querem aceitar minhas idéias.»

«É pena,» disse o chefe com um suspiro de enfado, «mas com essas idéias você não irá muito longe.»

Transcorridos alguns meses, as idéias engenho-

sas e originais de Leigh haviam conquistado para ele uma série de cognomes extravagantes, tais como «O Príncipe dos Cartazes», «O Iluminador da Broadway» e «O Rei dos Anúncios Espetaculares».

Hoje, os reclamos luminosos de Leigh dominam o famoso Times Square de Nova York, que é, provavelmente, o ponto do globo mais concorrido e mais iluminado durante a noite. Dos 25 reclamos «espetaculares» (uma designação que Leigh inventou para os anúncios de mais de 90 metros quadrados e utilizando efeitos especiais) de Times Square, 14 foram criação sua. Os transeuntes contemplam com pasmo a formidavel xícara de café de que sai autêntico vapor, as montanhas de espuma escapando-se de uma imensa caixa de flocos de sabão, e o fumante que lança sobre a rua anéis de fumaça de quase dois metros de diâmetro.

Baixo e magro, Leigh sempre pareceu muito mais moço do que realmente é. Sua voz é suave e calma, mesmo quando está tentando vender um «espetacular» a um possivel cliente. Esta maneira de persuadir fregueses foi um hábito que conservou desde a época em que vendia revistas populares na sua cidade natal. Mais tarde, quando calouro na Universidade da Florida, adquiriu os direitos à publicidade no anuário respectivo por dois mil dólares, e enquanto o seu predecessor não tinha conseguido vender mais de 1.500 dólares de anúncios, Leigh vendeu sete mil. No ano seguinte, abandonou a universidade e foi trabalhar em Atlanta, na Geórgia, vendendo anúncios para uma agência de cartazes.

Foi quando trabalhava no escritório da mesma firma em Nova York, que Leigh resolveu pedir demissão para explorar suas idéias por conta própria.

Após algumas tentativas preliminares, decidiu pôr em prática uma das idéias que haviam sido recusadas pelos seus antigos patrões: uma gigantesca xícara de café luminosa, emitindo fumaça através de minúsculos orifícios feitos em tubos situados na borda da xícara. Quando visitou os diretores de uma grande companhia de armazens de víveres para oferecer-lhes a idéia, esta triunfou rapidamente, não só pelo mérito da inovação como tambem pela habilidade e poder de persuasão do jovem vendedor. E não foi necessário empregar grandes esforços para convencer a firma a assinar um contrato mediante o qual Leigh passou a receber dois mil dólares mensais a título de aluguel do anúncio.

O novo reclamo, anunciando as marcas de café da companhia, causou sensação. No dia da estréia, devido a um excesso temporário da pressão do vapor, a fumaça que saía da xícara converteu-se em chuva, molhando Leigh e os demais espectadores, mas criando um inestimavel efeito publicitário. Assim, aos 23 anos de idade, Leigh converteu-se subitamente em um indivíduo famoso e endinheirado.

O seu aspecto moço criou-lhe algumas dificuldades. Certo dia, depois de ter concluido um dos seus discursos

mais persuasivos, o gerente da agência de publicidade a quem pretendia vender uma idéia, respondeu-lhe: «Não há dúvida, você convenceu-me; mas antes de tomar a decisão final gostaria de falar com seu pai.»

Leigh continuou a criar e vender reclamos sensacionais. Para a cerveja Ballantine, um palhaço que lança três grandes anéis feitos de tubos de neônio, sobre a marca registrada da firma; para os cigarros Kool, um pinguim que pisca os olhos de segundo em segundo: e para as navalhas Gillette, um colossal relógio de neônio que imita o famoso carrilhão de Westminster. Pelo espaço para os seus reclamos em Times Square, Leigh paga aluguéis mensais de 800 a dez mil dólares, conforme o tamanho e a localização.

Um dia um inventor austríaco propôs-lhe a idéia de construir reclamos luminosos com desenhos animados. Leigh comprou o aparelho, registrou em seu nome todos os direitos de patente durante 17 anos, e ordenou ao seu engenheiro, Fred Kerwer, que resolvesse os problemas técnicos. O resultado foi o famoso reclamo da cerveja Schaefer, que ainda hoje faz parar os transeuntes na esquina da Rua 46. O projetor, situado em um terceiro andar, atrás do reclamo, projeta as imagens sobre uma série de células fotoeléctricas que, por sua parte, através uns 150 quilômetros de fios elétricos, acendem e apagam as 4.104 lâmpadas do quadro luminoso, vinte vezes por segundo. A corrente elétrica consumida seria suficiente para iluminar uma cidade de 20.000 habitantes, e o custo total do anúncio subiu a cem mil dólares. Entretanto o anunciante paga-lhe um aluguel mensal de 12 a 15 mil dólares, e o reclamo é visto todas as noites por uma multidão mais numerosa do que a que enche todos os teatros e cinemas de Nova York.

Leigh tem recebido pedidos para reclamos com desenhos animados de 43 cidades e de dezenas de anunciantes de paises estrangeiros.

Quase toda a gente supôs que o obscurecimento obrigatório dos logradouros públicos, durante a guerra, daria um golpe de morte na indústria dos reclamos luminosos. Todavia, Leigh pensava de maneira diferente. Mais ou menos nessa época teve ocasião de assistir a um truque curioso: um envoltório de celofane de um pacote de cigarros cheio de fumaça, em que alguem batia levemente e que lançava anéis de fumaça por um pequeno orifício aberto no outro lado. E esta foi a origem do famoso reclamo dos cigarros Camel, instalado no edifício do Hotel Claridge: o soldado que fuma um cigarro e que lança grandes círculos de fumaça sobre a Broadway. Este anúncio, ideal durante o dia e à prova de *black-out*, é, provavelmente, o reclamo mais conhecido. Hoje, há reproduções dele em 22 cidades.

Durante a Feira Mundial de Nova York, impressionou-o o efeito das aplicações da água como meio de atrair multidões, e Leigh decidiu imediatamente instalar uma cascata no telhado de um edifício. O resultado foi o reclamo da fábrica de roupas Bond, em frente ao Hotel Astor. A cascata, do

tamanho de uma quadra e brilhantemente iluminada por projetores de luzes coloridas, despeja uns 200 mil litros de água por minuto. O seu efeito é tão sensacional, que, segundo uma lenda corrente em Times Square, Leigh sugeriu à gerência do Hotel Astor que reservasse os quartos da frente para os noivos em lua-de-mel, anunciando: «Contemple as Cataratas do Niagara sem sair de Nova York.»

Nos fins de 1945, Leigh comprou três dirigiveis dos usados na guerra e transformou-os em reclamos luminosos voadores. Os técnicos de publicidade zombaram da idéia devido ao seu custo excessivo—mais de 150 mil dólares por ano para cada dirigivel. Contudo, no outono de 1946, um desses dirigiveis foi alugado à Metro-Goldwyn-Mayer para anunciar um dos seus filmes. Quando Leigh mostrou a um amigo inglês o dirigivel que sobrevoava Nova York, o amigo comentou: «Fantasticamente original; mas não lhe parece que é demasiado vistoso?» Este comentário modesto acabou de convencer Leigh de que havia descoberto alguma coisa notavel. Leigh é hoje proprietário dos 29 dirigiveis atualmente ao serviço da propaganda comercial. Cinco deles estão alugados a anunciantes, mediante contrato.

Para o futuro, Leigh planeja construir «espetaculares» ainda mais sensacionais. Um copo do tamanho de um prédio, onde caem gotas de suco luminosas, de uma laranja cheia de hélio, pairando sobre o copo; um copo cheio de espuma, em que uma torneira suspensa no espaço deixa cair cerveja; um pacote de um conhecido cereal para o desjejum, de onde saem constantemente os grãos; e um enorme frasco de perfume que pulveriza no espaço o seu conteudo real.

Um dos super-reclamos que Leigh está construindo consiste na reprodução de uma lanterna elétrica de bolso, de tamanho descomunal, a ser instalada sobre um dos edifícios de Times Square. Destina-se a anunciar as pilhas Bond and Winchester, e o seu feixe luminoso será visivel aos pilotos de aviões que sobrevoem New Haven ou Filadélfia, a uns 200 quilômetros de distância.

«Isto, porem, não tem grande importância,» diz Leigh. «Eu não faço mais que explorar um ramo de negócio antigo, ao qual adicionei algumas idéias novas.»

Turista precavido

EMERSON faz referência no seu diário a um amigo que todos os anos visitava a Europa. O indivíduo costumava fazer cuidadosamente os orçamentos da viagem, especificando todas as despesas. Ao fim da lista, punha sempre uma gorda parcela: «Dinheiro que pode ser roubado.» Isto feito, tomava o navio sem mais nenhuma preocupação de ordem monetária.

—Bruce Barton, em *The Rotarian*

Austrália—seu povo e sua terra

Por Edwin Muller

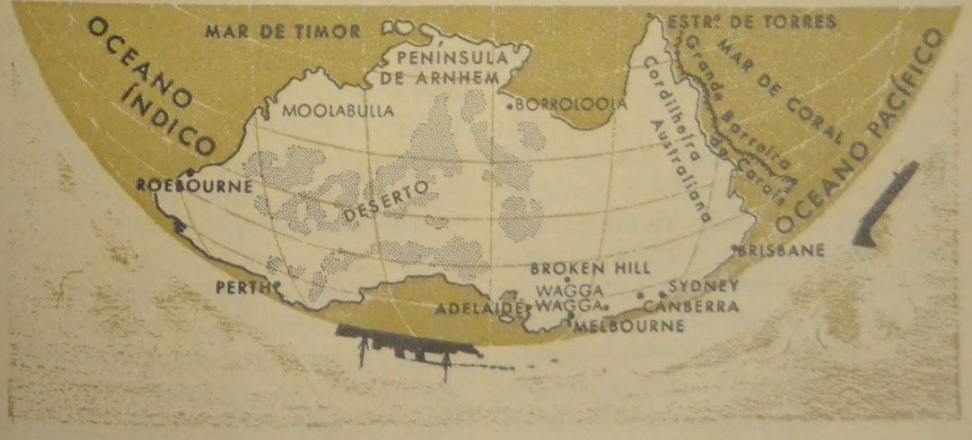
A AUSTRÁLIA é uma franja de terra habitada, ao redor de um vasto deserto, quase tão desolado e morto como a superfície da lua. Tem aproximadamente a área dos Estados Unidos, mas sua população anda só pelos sete milhões e meio.

Entre a franja litorânea e o coração morto do continente, fica uma larga faixa intermediária, a que os australianos chamam *Outback*—o interior. Quando partimos das cidades da costa sueste e voamos para esse sertão, vemos os campos de trigo e pomares gradativamente suplantados por vastas planícies ermas. Sobrevoamos minúsculos ajuntamentos de casas; depois, podemos percorrer até 80 ou 90 quilômetros sem que se veja uma única habitação.

É UMA REGIÃO de criação de ovelhas. A vegetação é tão escassa que cada animal precisa de uns 9 hectares de pasto para seu sustento. Uma estância pequena possui, em média, 5 mil ovelhas—e mede uns trinta quilômetros por quinze. Um estancieiro, com um ou dois empregados, pode cuidar de tal estabelecimento, e não há muita gente civilizada que tenha vida tão solitária.

Há, tambem, estâncias grandes que chegam a medir 25 mil quilômetros quadrados. Uma só estância, num ano próspero, chegou a tosquiar um milhão de ovelhas.

A PARTE norte do *Outback*, onde cresce o capim, é região de criação de gado vacum. Grande parte é coberta de enormes eucaliptos frondosos. Para



facilitar o crescimento do capim, as árvores são muitas vezes cerceadas e mortas. No clima seco, essas árvores mortas ficam de pé durante muitos anos, dando à paisagem um aspecto macabro, como se aquela terra fosse habitada por fantasmas cinzentos, a estenderem seus braços disformes.

Às vezes, uma região dessas é varrida por incêndio. As chamas saltam de árvore em árvore e alastram-se a enorme velocidade carbonizando milhares de quilômetros quadrados da região.

Na melhor das hipóteses, as chuvas são escassas, mas, em anos normais, produzem um ligeiro tapete de capim. Sobrevem, então, um ano de temivel seca. O capim murcha, as ovelhas e vacas definham a ponto de ficarem imoveis horas a fio, incapazes de qualquer movimento. Depois, tombam ao solo, mortas. Num único ano, os rebanhos do continente podem sofrer uma redução de milhões de animais.

Em algumas partes do *Outback*, os cangurús são tão numerosos que, quando se executa um vôo raso sobre as moitas, fogem como coelhos. Sabem melhor do que o gado onde encontrar vegetação, da qual consomem uma parte desproporcional. Considerados uma praga, são abatidos às centenas.

No século passado, os australianos importaram alguns coelhos, na esperança de que viessem a constituir uma reserva alimentar. Mas os animais se multiplicaram às centenas de milhões e desnudaram de vegetação muitas partes do país. Para impedir seu avanço, foi construida uma cerca de mais de um metro de altura, a qual atravessava todo o território da Austrália, numa extensão de 1.830 quilômetros. Antes de ser concluida, entretanto, já havia coelhos dos dois lados. Agora, o governo procura introduzir uma moléstia fatal a esses roedores mas inofensiva aos outros animais.

Todas as cidades importantes da Austrália ficam no litoral. Sydney é a maior—contem a quinta parte de todos os habitantes do país. Passando-se por entre dois gigantescos promontórios, entra-se numa das mais lindas baías do mundo. Abriga dezenas de baías menores. Quase todos os habitantes de Sydney vivem, no máximo, a dez minutos de distância do mar. Vão ao trabalho em pequenas embarcações ou cruzam a magnífica ponte que se estende sobre a parte interior da baía. À tarde, as baías estão pontilhadas de barcos a vela. No dia de Natal, quando geralmente reina bom tempo, as praias ficam repletas de gente.

A vida afigura-se igualmente aprazivel nas demais cidades: Brisbane, Melbourne, Adelaide, Perth. Os habitantes parecem dispor de tempo ilimitado para os esportes: *cricket*, tenis e, no inverno, esquí. Todo o mundo frequenta os hipódromos.

Canberra, a capital, cujo traçado urbano obedece a um plano de círculos e avenidas convergentes, acha-se em construção há 20 anos, mas ainda falta muito para ficar concluida. Foi

reservado tanto espaço para sua expansão futura, que hoje é preciso percorrer quilômetros de terreno aberto para chegar de uma parte da cidade a outra.

Os ordenados são baixos, mas os preços tambem o são. A conta de hotel em Sydney ou Melbourne anda pela metade do que seria em Nova York ou Londres. Uma família de quatro pessoas, com renda total de 50 dólares por semana, pode viver muito bem. O padrão de vida é quase igual ao dos Estados Unidos—a alguns respeitos, é superior. Uma família que disponha de uma renda de 50 dólares semanais pode, se quiser, comer carne três vezes por dia, pois esta é abundante e barata. Mas o australiano consome poucas hortaliças. Num hotel do *Outback*, os dois legumes em geral servidos serão, provavelmente, duas batatas—uma cozida, e a outra, assada.

A Austrália é uma Inglaterra transplantada. Os primeiros colonos eram criminosos condenados, transportados da Inglaterra. Em 1793, chegaram os primeiros colonizadores livres. Em breve, seu número excedia o dos presos, e, dalí em diante, constituiram sempre a grande maioria da população. Recentemente, cerca de 300.000 britânicos manifestaram seu desejo de emigrar para a Austrália.

A Austrália pode, com bastante razão, gabar-se de possuir as jovens mais bonitas do mundo. Não são consideradas artigo de exportação, de forma que os australianos ficaram desgostosos que 12 mil delas, terminada a guerra, se tivessem casado com soldados norte-americanos e abandonado o país. Em compensação, mais de mil soldados norte-americanos resolveram radicar-se na Austrália e muitos mais manifestam vontade de voltar àquele país.

Ao largo do litoral nordeste, encontra-se a Grande Barreira de Corais. Tem 1.200 milhas de extensão e, após um milhão de anos de evolução, ainda está aumentando. Na lagoa, de 100 milhas de largura, situada entre o recife e o continente, há centenas de ilhotas de coral. Vista do alto, de bordo de um avião, parecem pontilhar o mar azul como lantejoulas. Sob a superfície, e visivel através das placas de vidro dispostas no fundo de um bote, existe um mundo curioso e belo: grandes castelos de corais, magnificamente coloridos, ornados de frondes ondulantes, pontilhadas, aquí e alí, pelo súbito coriscar de algum peixe de côr vívida e aspecto inverossimil.

Há criaturas singulares no recife. Existe um mexilhão gigantesco que atinge o peso de 200 quilos e o diâmetro de 1,50 metros. Se um mergulhador de pérolas pisar num deles, a concha poderá fechar-se sobre seu pé, prendendo-o debaixo d'água até ele morrer afogado. Existe, ainda, o horrendo *stonefish*, cujos espinhos envenenados causam, por vezes, ferimentos mortais. A mais curiosa de toda a fauna das águas da Austrália é o *dugong*, enorme mamífero aquático extensamente caçado como alimento. Dotado de um corpo desgracioso, meio-humano, possui cauda de peixe. Sua cara,

conquanto grotescamente feia, lembra remotamente um rosto humano. Emite um som baixo, plangente. Deve ter dado origem à lenda das sereias.

MAIS ADIANTE do recife, alem do Estreito de Torres, fica a costa setentrional. Aquí estamos em pleno trópico. O matagal úmido estende-se até à orla de um mar raso, sempre velado de mormaço e reluzente com o calor. À exceção de certas zonas do Saará, é a região mais quente do mundo. Poucos homens brancos puderam resistir ao clima.

Acompanhando-se a costa, passado o mar de Timor, chega-se à Austrália Ocidental. Aquí já não faz tanto calor, mas é região de grandes vendavais. Um, chamado o *willie-willie*, surge sem aviso, e pode atingir a velocidade de 200 quilômetros por hora. Destrói frotas inteiras de barcos de pesca de pérolas e arrasa cidades. Uma destas, Roeburne, já foi reconstruida 15 vezes. As famílias não podem fazer criação de galinhas, pois cedo ou tarde estas são levadas pelo vento. Às vezes, a própria família o é.

Nas costas do norte e noroeste, acham-se os *beachcombers*, indivíduos que vivem do que recolhem nas praias. Na Austrália, seu ofício é respeitavel. O *beachcomber* precisa ter uma licença do governo e geralmente contrata vários auxiliares. Busca, entre outras coisas, madrepérola, carapaças de tartaruga e troncos flutuantes de sândalo.

O CORAÇÃO morto do continente é inhabitado e inhabitavel. Algumas regiões são planas como um mar calmo. Em outras, a areia ergue-se em longas dunas paralelas, de centenas de milhas de extensão. Aquí e alí, surgem da areia umas serras de pouca elevação—pedras calvas, que não abrigam forma alguma de vida. Os rios que correm no deserto não têm saida para o mar. Vão minguando até serem tragados pelas areias sequiosas. Aquela região está sendo aproveitada atualmente como campo de provas para projeteis dirigidos e foguetes estratosféricos. Aquí, um projetil pode percorrer 1.500 quilômetros, sem passar habitação humana em sua trajetória.

EXISTEM ainda, na Austrália, uns 60.000 aborígenes negros, que se encontram numa etapa de civilização pouco mais avançada do que a da Idade da Pedra.

Há um recanto da Austrália do qual não foram desalojados os habitantes nativos. No litoral norte, fica a Península de Arnhem—uns 13 mil quilômetros quadrados de selva tropical, cercada de densos pantanais. É uma das poucas regiões do globo ainda inexploradas. Os naturais votam implacavel hostilidade ao forasteiro. Em 1802, o primeiro explorador que tentou penetrar em Arnhem morreu traspassado por azagaias. Desde então, poucos anos passaram sem morrer alguem que tivesse transposto seus limites. Várias expedições tentaram penetrá-la, mas tiveram de se retirar. Agora, uma expedição composta de cientistas australianos e norte-americanos está procurando estudar os usos e costumes dos naturais dessa terra estranha.

AOS AUSTRALIANOS sempre agradou conservar os topônimos indígenas. Há Moolabulla, Borroloola e Wagga Wagga. Um australiano que viajou extensamente pela Europa, querendo fazer propaganda de sua cidade, colocou o nome desta, em letras grandes, em sua bagagem. Era Mulkanundracooracoocatarraninna.

AS TRÊS forças que disputam o poder na Austrália são a indústria, a agricultura e o trabalho. Hoje em dia, o trabalho está em situação predominante, na política, por exígua margem de superioridade. Seu objetivo é o socialismo, mas seu progresso nesse sentido é muito lento. Ainda não se dispôs à nacionalização das indústrias básicas, conquanto a procure impor ao sistema bancário.

A maior parte da indústria importante é dominada por um estreito consórcio constituido de umas quantas grandes firmas. Os trabalhadores são igualmente exclusivistas. A cidade de Broken Hill constitui um exemplo extremo. Possui uma única indústria: a mineração. Ninguem pode trabalhar em Broken Hill a menos que pertença ao sindicato local. E para pertencer ao sindicato, exige-se que a pessoa tenha vivido na cidade sete anos, ou haja trabalhado alí antes de 1927, ou seja natural do lugar. O resultado é que os empregos se transmitem de pais a filhos.

APESAR da tendência monopolística, quase não há grandes fortunas hereditárias, e poucos são os milionários. Por outro lado, não se encontram, em Sydney ou em Melbourne, bairros empobrecidos como os de Londres.

A Austrália sempre se mostrou exigente quanto à imigração. Só conseguem ingressar no país imigrantes da raça branca. É acentuada a preferência pelos de origem britânica. O programa do atual governo limita a imigração, durante os próximos 20 anos, a 70.000 pessoas por ano. Isso, juntamente com um aumento natural pela natalidade, significa uma população de somente 10 milhões, daquí a 20 anos.

Muitos australianos não se conformam com esse programa. Logo acima de seu país, vêem uma Ásia em vias de despertar, com um bilhão de habitantes, a metade da raça humana. Receiam que o mundo de hoje não tolere um vácuo. Estão cientes de que a expansão rápida, mediante a indústria e a agricultura, só poderá advir se tanto a indústria como o trabalho, modificando sua atual atitude exclusivista, permitirem uma concorrência mais livre no comércio e nos empregos e abrirem as portas ao mundo exterior.

Se você quiser ver sua cotação cair de nivel na apreciação de um indivíduo, reconte uma anedota do mesmo, da maneira como *você* a ouviu contar.

—Mark Twain, *Notebook*

A eguinha coadjutora de um pastor de almas

(Condensado de «Yankee»)

Por Helen Husted

> Gregária e ubíqua — assim era Queenie

QUANDO o reverendo dr. A. Grant Noble aceitou a dupla tarefa de reitor da paróquia de St. John, em Williamstown, no Estado de Massachusetts, e capelão do Williams College, sabia que teria um coadjutor, mas não que teria tambem um subcoadjutor. Tãopouco sabia que o subcoadjutor iria morar sob o terraço da cozinha. Mas vamos à história: não se tratava dum coadjutor nos moldes tradicionais; bem ao contrário — tratava-se simplesmente duma eguinha Shetland, chamada Queenie.

Queenie tinha um fraco evidente por homens e cigarros. Revirando os negros olhos sob as mechas da crina rebelde, chegava-se a homens totalmente estranhos e com seus longos beiços surripiava-lhes cigarros do bolso antes que as vítimas percebessem o que se passava. Era cavalo dado, mas que dentes! Dentes que desatavam nós, roiam cordas e correias, desarrolhavam ferrolhos, puxavam trincos, abriam porteiros. Era presente dum amigo, que, aproveitando-se da transferência do reitor para Williamstown, quisera livrar-se dum animal de estimação que crescera demais para se ter em casa. Chegando inesperadamente, depois dum simples aviso telefônico, Queenie foi instalada num quartinho debaixo do terraço da cozinha, que dalí em diante lhe serviria de lar, ou pelo menos seria o lugar de suas refeições, pois a eguinha não gostava de passar as noites em casa.

Foi o que o reitor verificou em muitas ocasiões, das quais a mais memoravel se passou na véspera da Páscoa. Na perspectiva dum dia cheio, que começaria com o serviço religioso das sete e meia da manhã, o reitor contava dormir a noite inteira; mas às duas e meia da madrugada o telefone tocou:

— É da polícia. O senhor tem um cavalo preto?

— Ora essa, não! respondeu o reitor cheio de sono.

Mas depois, lembrando-se:

— Quero dizer, tenho. Isto é, arranjamos uma eguinha para as crianças e pusemo-la no terraço dos fundos. Ela foge de vez em quando, mas certamente a encontraremos amanhã.

— É que houve uma tentativa de arrombamento pela porta dos fundos no sítio de Adams, ao sul de Williamstown, disse o policial. — O único vulto encontrado nas imediações é um cavalo desgarrado, solto na horta e que está comendo as plantas. Não consigo agarrá-lo e Adams está furioso. Será o seu cavalo, reitor? Vou passar por aí. Prepare uma corda.

O dr. Noble vestiu-se apressadamente. Claro que o terraço da cozinha estava vazio. A corda solidamente amarrada havia sido cortada a dentadas.

Quando o carro da polícia chegou, o reitor entrou nele de mau humor, mas dominou-se e procurou ser amavel. Os doze quilômetros do trajeto foram percorridos agradavelmente. Adams, irado, mas já meio amolecido pela chegada do reitor, divertiu-se francamente ao ver-lhe os esforços amoraveis e desesperados para laçar Queenie e amarrá-la ao automovel. Pensou consigo mesmo que levaria a família à igreja na manhã seguinte, pois gostaria de ver o reitor de dia.

Durante o longo caminho de volta, à velocidade de oito quilômetros por hora, com Queenie trotando docilmente na retaguarda, o reitor e o polícia tiveram oportunidade de conversar. O reitor ouviu a história de alguns intrincados problemas locais, ficou sabendo de alguns lugares de perdição e trocou opiniões sobre a maneira de ajudar nesses casos. Foi essa a primeira das conferências que Queenie promoveu.

Não se passou muito tempo e Queenie fez outra contribuição, desta vez para a escola paroquial. O caso se passou da seguinte maneira. Certa manhã o telefone tocou:

«Grant, aquí fala Mary Fox, sua vizinha. Faz uma hora que pus meu filhinho lá fora, no carro, para apanhar um pouco de sol. Quando fui buscá-lo, lá estava sua eguinha, lambendo-o; e ela não me deixa chegar perto do carrinho. Queenie é admiravel, mas está certamente levando as coisas longe demais, pois não me deixa chegar perto do meu próprio filho.»

O reitor correu para a casa da vizinha e trouxe de volta a ama-seca inesperada. Mas daí em diante Queenie ficou sendo a favorita de todas as crianças da cidade. Deixava-as cavalgá-la nos piqueniques da escola paroquial, puxava-lhes os trenós de brinquedo no inverno e a *charrette* nos desfiles.

Certa noite, Queenie entrou para a história da vida universitária, durante a cerimônia de iniciação de alguns calouros em reunião secreta de uma associação estudantil. Tudo foi mistério e solenidade até o momento em que Queenie surgiu. E uma vez que presenciara os mistérios sagrados, a única coisa a fazer-se era torná-la tambem membro da fraternidade. Pela meia-noite o telefone da reitoria tocou:

—Senhor reitor, sua eguinha compareceu à nossa iniciação. Queremos pedir-lhe desculpas por não levá-la mais cedo para casa. Podemos ir agora?

—Não, disse o reitor. —Vou buscá-la imediatamente.

Foi nessa noite que Queenie adquiriu seu gosto por cerveja e que o reitor, trajando roupa de casa e sem colarinho, ficou conhecendo os rapazes da associação. Dalí em diante, eles adquiriram o hábito de ir até a reitoria contar casos e assegurar-se que Queenie não os esquecera.

Algum tempo depois, Queenie foi visitar o presidente do Williams College. Muito hospitaleiros, o dr. Baxter e a esposa sentem-se sempre felizes quando ouvem passos no terraço da frente e o toque da campainha. O dr. Baxter apressou-se em abrir; e eis que entra um equino, vai até a mesa e serve-se de cigarros presidenciais!

Não demorou muito, o telefone tocou na reitoria:

—Boa noite, aquí fala o presidente Baxter.

—Boa noite, dr. Baxter, como vai? É muito amavel da sua parte, telefonar-me.

—Não é absolutamente amabilidade, respondeu o presidente. Espero que o senhor possa chegar até aquí, pois seu Pégaso está em minha casa.

Foi assim que o presidente e o novo reitor se tornaram amigos íntimos.

Não se passou muito tempo e Queenie apresentou o reitor a muitas pessoas que de outra maneira ele talvez nunca tivesse conhecido. Quantas vezes, durante a noite, acordando ao som do tropel de cavalo, terá alguma senhora pensado:

«Não, não é o leiteiro; é o coitado do dr. Noble, levando a eguinha para casa. E amanhã há-de estar cansado. Preciso ir à reitoria bem cedo, prestar-lhe uma ajuda e saber o que Queenie andou fazendo.»

Queenie compareceu certa vez a uma reunião da Liga Feminina, quando as sócias estavam tomando café na sala da reitoria. Como subitamente se ouvissem gritos vindos dos fundos da casa, o reitor correu para a cozinha, pensando que a nova empregada tivesse sofrido algum acidente. E lá foi encontrar Queenie, de pé ao lado do fogão, com a empregada montada em cima da mesa. Queenie havia novamente escapulido, subido os degraus da cozinha e aberto a porta dos fundos. Não houve jeito de empurrá-la e fazê-la descer os degraus. Assim, com a melhor compostura que lhe foi possivel arranjar, o reitor teve de levá-la para fora atravessando a casa toda; e de caminho apresentou-a às senhoras.

Graças às atividades de Queenie, a vida da paróquia ia seguindo às mil maravilhas. Mas a falta de sono estava abatendo o reitor, que estremecia em sobressalto toda vez que o telefone tocava durante a noite. Assim, depois de dez meses de serviço ativo, o subcoadjutor foi finalmente aposentado e enviado para uma fazenda distante. Queenie tivera um curto período de serviço, mas cumprira sua missão. Como disse o reitor, «as barreiras do terraço da cozinha não foram as únicas que Queenie derrubou.»

A confortadora história duma lealdade que ateou a faisca de um milagre industrial

Prova de fogo de um industrial

(Condensado de «Pittsburgh Post-Gazette»)

Harry R. Roberts

LEWIS P. REESE, o homem de 54 anos que dirige uma olaria nascida dos anos de crise, em Scio, no Ohio, não inventou a partilha dos lucros, mas soube certamente aperfeiçoá-la e submetê-la a um teste dos mais decisivos. E a experiência deu em resultado um verdadeiro milagre.

Scio é uma vila de 1.200 habitantes, situada num cruzamento de estradas. O que lhe deu alguma importância, lá pelo Natal de 1946, foi o «bolo» que Reese repartiu entre os seus empregados: 705 mil dólares de lucros engrossados pela guerra. Esses 830 operários oleiros, que fabricavam por dia 240 mil xícaras e pires de faiança branca, barata, eram os maiores produtores desse artigo nos Estados Unidos—e os mais bem pagos tambem.

Tudo correu muito bem até que uma tarde, em dezembro último, as chamas que irrompiam dum cano superaquecido, por cima de um forno, começaram a lamber o telhado de madeira da olaria, desdobrada em uns 3 hectares de extensão. Lew estava em Pittsburgh, a muitas léguas de Scio, fazendo os preparativos da festa de Natal que ia oferecer aos operários e suas famílias. Durante essa festa ele tencionava anunciar-lhes que o ano de 1947 fora bastante remunerador, e por isso ele se dispunha a repartir uns 350 mil dólares entre os seus colaboradores.

Uma hora e pouco depois de receber a notícia do incêndio, Lew entrava como um furacão em Scio, rodando no seu grande carro conversivel. Os bombeiros de oito cidades vizinhas estavam nesse momento tirando à bomba os últimos vestígios de água do minúsculo charco que fora, até alí, o único seguro contra incêndios no local. Três quartas partes da louça esta-

vam reduzidas a cacos e cinzas. O desespero que se estampava nas fisionomias dos oleiros era tão negro como os rolos de fumaça que enchiam o céu. O semblante de Lew não revelava grande emoção. Era um homem de estatura de lenhador, enrugado e curtido pela intempérie, que já conhecera na vida muitas dificuldades.

Exatamente quinze anos antes, Reese tinha adquirido aquela olaria. Era então capataz de outra olaria, numa cidade vizinha; estava um dia caçando coelhos, e dera com aquela fábrica abandonada em Scio. A própria vila era um espetro do que já fora. Desde a falência da olaria, sua única indústria e fonte de receita, cinco anos antes, a população caira de 1.200 para 400 almas, e as casas, desertas de seus moradores, vendiam-se agora a preços baixíssimos. Lew tinha as suas idéias próprias sobre a maneira de fabricar e vender xícaras e pires a preço módico — mas os seus patrões não lhe tinham dado ouvidos; agora, aquela olaria abandonada parecia-lhe uma bela oportunidade.

Empenhando-se até aos cabelos, comprou a fábrica por 8 mil dólares em hasta pública, anuindo em pagar mais 3.600 dólares de impostos atrasados, mas estes a prestações. Daí a dois meses, Lew e sete amigos estavam prontos para fabricar xícaras e pires. Conseguiram, por empréstimo, dois vagões carregados de barro para iniciar a produção. Vinte moradores da vila adiantaram-lhes mil dólares para a primeira folha de pagamento.

Ao cabo daquele primeiro ano de vacas magras, em 1933, Reese não pôde dar a cada um dos seus operários, como brinde de Natal, senão uma caixa de bombons bem modesta. Mas, em 1938, a olaria já realizava um lucro bruto de 600 mil dólares, e o brinde de Natal, distribuido em notas de um dolar pelos 500 empregados, foi já no total de 22 mil dólares. Quem quisesse emprego, encontrava-o na certa em Scio, onde nunca se despedia um homem. Em 1945 o brinde subia a 85 mil dólares, e o ano seguinte trouxe-lhes aquele magnífico prêmio de 705 mil dólares. Noventa homens e mulheres que haviam trabalhado dez ou mais anos, sob as ordens de Reese, receberam, cada um deles, 3.500 dólares; até um rapaz, que fora admitido na véspera, recebeu 10 dólares de gorgeta.

Reese, cujo salário, durante muito tempo, não passara de 150 dólares por mês, retirava agora 50 mil anuais. Mas a casa dele, na rua central de Scio, era ainda a mesma que ele comprara modestamente por 1.700 dólares. Os seus únicos luxos eram os automoveis grandes, compridos, caros, capazes de andar depressa — e a sua olaria, e a gente que lá trabalhava. Pearl Getter, cinco vezes eleito prefeito de Scio, e capataz da oficina de modelação da olaria, afirma que ninguem saberia dizer quanto é que Reese tem dado à vila, a não ser o próprio industrial.

Perto da fábrica estão quatro casas modelo, novas, que Reese edificou e vendeu a empregados seus por 5.200 dólares — «pelo preço do custo», no dizer dele. Mas, entre amigos, a gente de Scio calcula que 8 mil dólares se aproxima muito mais da cifra exata que custou cada uma dessas casas... Uma vez, tendo fracassado, por falta de verba, um plano de melhoramento das ruas, Lew deu 2 mil dólares para a conclusão das obras. Construiu campos de tenis perto da olaria, e depois um hospital. Mandou instalar tambem uma rede de alto-falantes, para poder dirigir-se a todo o pessoal da fábrica, mas em seguida, convencido de que os operários preferiam música a discursos, adicionou-lhe um fonógrafo, a que nem sequer faltava um funcionário para pôr os discos «à vontade do freguês».

Três ou quatro vezes apareceram organizadores sindicais, no intento de recrutarem os operários para os respectivos sindicatos; nessas ocasiões Reese, que em tempos foi tambem presidente duma filial do sindicato de oleiros, convocava uma assembléia de todo o pessoal, e punha a questão a voto, retirando-se, por medida de discrição, antes de se proceder ao mesmo. Os resultados foram sempre, invariavelmente, o que se esperava: os seus homens não queriam sindicalizar-se.

Em dezembro passado, ao examinar os efeitos do incêndio na sua fábrica — o esqueleto de aço retorcido, hectares de entulho e toneladas de xícaras e pires estorricados — Lew convocou os subordinados e disse-lhes calmamente:

«Já é tarde, e o melhor é começarmos a reparar isto amanhã de manhã.» Declarou-lhes em seguida que a fábrica não estava no seguro. Como não houvesse água suficiente para combater incêndios, mais do que provaveis numa olaria, o prêmio do seguro parecera-lhe demasiado elevado.

Já hoje constitui uma espécie de lenda a maneira como Lew e Scio, de mãos dadas, reconstruiram a olaria. Os engenheiros calcularam que, se a sorte ajudasse, a olaria poderia reiniciar sua produção dalí a uns seis meses. Reese concedeu que a sua indústria voltaria a funcionar dalí a... dois meses.

Logo na manhã seguinte ao incêndio um verdadeiro exército de oleiros atacou o entulho ainda fumegante, com pás, picaretas e carrinhos de mão. O presidente do banco local, o pastor metodista, o inspetor escolar, o dentista, os negociantes, as donas de casa, os meninos das escolas, e uma legião de outros voluntários, vieram engrossar as fileiras. A Estrada de Ferro Pennsylvania fez desviar para o local um rosário de vagões vazios, para remover o entulho. Ao cabo de 48 horas aquela montanha de detritos já desaparecera.

Toda a gente queria agora tomar parte naquele movimento de solidariedade: a cidade de New Martinsville, situada num estado vizinho, mandou 2 mil blocos de concreto. Um clube da região doou uns mil blocos mais; os choferes de caminhão recusavam-se a aceitar salário pelo seu trabalho de entrega. Outras contribuições se alinharam com essas, desde «cachorros quentes» e café, até fumo de mascar. A Carnegie-Illinois Steel Corporation, gigantesca empresa siderúrgica, suspendeu outras operações durante o tempo suficiente para prensar cantoneiras de aço, que nessa altura não

estava produzindo. A Weirton Steel forneceu um guindaste de 20 metros de altura e a respectiva tripulação de mecânicos. Esses homens ficaram trabalhando alí 53 dias—e diz-se que, até hoje, ainda não mandaram a conta.

E foi assim que, no meio do inverno, os trabalhadores voluntários começaram a ajustar as peças de aço, naquela batalha que devia completar-se na data prescrita por Reese. Os capatazes juntaram-se aos guardas dos armazens para erguer e instalar as vigas. Uma contra-mestra andou aos tropeções no terreno congelado, agarrada à extremidade duma pesada chapa de revestimento metálico, para ajudar o superintendente da fábrica, agarrado à outra extremidade. O próprio Lew ajudou a fazer subir a chapa para o telhado, onde outros a deviam montar.

Assim, pouco a pouco, o edifício foi crescendo. Nem havia tempo para traçar os planos: o único projeto era o que Lew trazia na cachimônia... Trabalhava todo o dia na construção, e à noite ia para casa planejar a construção para o dia seguinte. Em 63 dias do rigoroso inverno que foi o do ano passado, aqueles oleiros montaram 1.811 toneladas de aço, e cobriram de construção 17.550 metros quadrados de terreno.

Dez dias depois do incêndio, Lew lembrou-se de repente que ninguem alí havia tocado no relógio do ponto, desde que o alarma soara: ninguem queria ser pago. Reese fez saber aos seus homens que aquilo era uma violação escandalosa das leis relativas a salários e horários, e decidiu que dalí em diante toda a gente (incluindo ele mesmo) receberia um dolar por hora de trabalho. E assim foi: todos meteram o cartão de controle no relógio por 40 horas—mas trabalharam 80...

Chovia naquela manhã que Lew Reese marcara, 64 dias antes, como sendo o dia em que a olaria, renascida das cinzas, havia de recomeçar a produção: mas ninguem deu pela chuva. Veio gente de toda parted o Estado —até o deputado federal pelo distrito, para participar que o Departamento de Estado dera ordem para se contar aquela epopéia nas rádiotransmissões de propaganda oficial para o estrangeiro! Estavam alí presentes alguns dos maiores peritos nacionais em matéria de construção industrial, para se maravilharem de espanto. Hollywood mandou dizer que estava a caminho um redator especial, afim de escrever a história para o cinema. O padeiro da terra ofereceu um bolo de quatro andares, coroado pelo símbolo da glória de Scio—uma xícara de faiança branca.

Mais da metade da fábrica entrou a produzir de novo naquele mesmo dia; quinze dias depois, o resto estava já a funcionar tambem. Toda a gente voltou ao trabalho com o salário anterior acrescido de dez centavos de dolar por hora. «Esses dedos gelados pelo frio, é que eu ainda não tenho com que pagar,» diz Lew, «mas algum dia o farei.»

E o mais certo é que pague isso tambem, porque Lew Reese é homem de muito boa memória, coisa que explica em grande parte os acontecimentos invulgares ocorridos em Scio. Isto ele explicava nas seguintes palavras:

«Noutro tempo eu era pobre como quê. Nunca pude fazer o curso secundário, mas a vida deu-me uma educação ainda melhor. Aprendí que um homem nunca pode manter-se acima dos homens com quem trabalha. Se a gente dirige uma fábrica, precisa de conservar a porta aberta. Mas não basta tê-la aberta, é preciso *querer* mantê-la aberta tambem... pois de contrário isso não conta. O mais importante de tudo, ainda é saber gostar dos nossos semelhantes!»

É facil ver que Lew Reese gosta dos seus semelhantes—e que eles lhe pagam na mesma moeda!

Só os franceses sabem definí-lo...

CERTO professor estrangeiro foi apresentado, em París, a três membros efetivos da *Académie Française*, e pediu-lhes uma definição de *savoir-faire*, pois queria usá-la num dicionário moderno que estava compilando.

—É facil, disse o primeiro acadêmico.—Se eu chegar em casa e encontrar minha mulher beijando outro homem, cumprimento-o e digo: «Desculpem!» Isso é *savoir-faire*.

—Não... não é bem isso, observou o segundo.—Se eu chegar em casa e encontrar minha mulher beijando outro homem, cumprimento-o e digo: «Desculpem! Continuem!» Isso, sim, é *savoir-faire*.

—Não; não o define ainda! exclamou o terceiro, cofiando a barba. —Se eu chegar em casa e encontrar minha mulher beijando outro homem, cumprimento-o e digo: «Desculpem-me! Continuem!» Se ele é capaz de continuar, é porque tem *savoir-faire*...

—Irving Hoffman, em *The Hollywood Reporter*

Noiva sentimental

UM DIA, fazendo compras numa loja, notei uma jovem que, segurando um corte de fazenda diante de si, andava graciosamente de um lado para outro. Observando o meu interesse, perguntou-me:

—A senhora quer me ajudar a escolher entre estas duas fazendas? Não me interessa tanto a aparência do pano, mas sim o *som* que ele faz...

—Então compre o tafetá, sugerí-lhe, sem entender porque ela havia de preocupar-se com o ruido que o vestido pudesse fazer.

—A senhora compreende, disse a moça, como que a satisfazer instintivamente a minha curiosidade, —esta fazenda é para o meu vestido de casamento. Meu noivo é cego, e eu quero que ele me *ouça* quando formos pela nave da igreja para o altar...

—Colaboração de Janie Montagna

Começou finalmente o êxito comercial há muito apregoado

Já é uma realidade a televisão

(*Condensado de «True»*) Harland Manchester

A TELEVISÃO, que há tanto tempo se mantinha mais ou menos embrionária, é agora uma realidade nos Estados Unidos. Será certamente enorme a sua influência nos esportes, na política, no cinema e no teatro, e nos hábitos de vida do povo. Mais de trinta estações, localizadas em 20 cidades norte-americanas, irradiam atualmente seus programas, que são captados por cerca de 400 mil receptores. Calcula-se em 200 o número de estações projetadas ou em construção, e não tardará que se fabriquem receptores à razão de um milhão por ano.

Este ano, pela primeira vez, o eleitorado norte-americano pôde olhar os que aspiravam a ser escolhidos para candidatos à presidência dos Estados Unidos pelos partidos políticos, nas convenções realizadas em Filadélfia, local que ambas as agremiações partidárias escolheram em razão da sua conveniência para a televisão.

O público tambem pode agora saber com certeza se uma luta de boxe é realmente a batalha do século, como o fazem supor os locutores de rádio, ou se não passa de uma exibição entre dois veteranos decadentes. Uma cantora talvez não seja tão cheia de encanto como poderia parecer através do microfone; por outro lado, tambem pode ser ainda mais linda do que imagináramos.

Em torno das pessoas que vemos e ouvimos com extraordinário realismo na tela do receptor, agita-se uma turma de técnicos e peritos, que dominam um complexo conjunto de mecanismos e aparelhos diante dos quais o rádio nos parece uma invenção rudimentar. Para «televisar» um jogo de futebol, por exemplo, pode ser preciso um caminhão à prova de sons e com ar condicionado, que leva uma tonelada e meia de aparelhos e uma turma de 15 técnicos. De uma cabina montada em cima da arquibancada, duas ou três câmaras de televisão, cada uma acionada por um operador, acompanham o jogo. Têm lentes que se deslocam instantaneamente, para abranger todo o campo ou captar um *close-up* de um jogador com a bola. Um dispositivo chamado *zoomar* permite ao operador passar rapidamente da cena do jogador lançando a bola ao arco, para um *close-up* da própria pelota.

As câmaras não levam filme. Delas saem cabos que conduzem ao caminhão de controle as ondas fotoelétricas

de alta frequência. Alí, o diretor e os seus auxiliares, trabalhando com precisão e rapidez, escolhem as imagens que devem ser irradiadas. A cada câmara corresponde uma tela. Acima dessas telas menores há outra maior, onde são projetadas as imagens que o público vê, constituidas de cenas procedentes ora de uma, ora de outra das telas preliminares. Enquanto, por meio de botões, o diretor determina a cena a ser transmitida, mantem-se ele em comunicação constante, por meio de fones e bocais, com os operadores das câmaras e do aparelho de som instalados na cabina. O locutor senta-se na «gaiola» da câmara, observando não só o jogo como tambem outra tela mestra.

Por meio de uma espécie de holofote eletrônico, em cima do carro, os impulsos das imagens e do som são projetados às estações transmissoras montadas no alto de arranha-céus, tais como o Empire State Building em Nova York ou a Wrigley Tower em Chicago. No caso em que edifícios ou outros obstáculos impeçam a transmissão direta pelo ar, o programa pode ser conduzido por meio de um fio telefônico especialmente instalado.

Não faltam aborrecimentos. Há o «espelho sem aço», que insiste em meter a cara em frente da câmara. No período de publicidade, durante um jogo de futebol da Universidade de Columbia, em Nova York, aconteceu uma variante. Estando focalizada a câmara sobre o *goal*, um rapaz, acompanhado de uma penca de beldades, precipitou-se de um Ford novo. Uma chusma de gurís, percebendo o que se passava, correu para diante do automovel e se pôs a fazer caretas, que se reproduziram nos receptores duma extensa zona dos Estados Unidos. Felizmente, os fãs da televisão acharam graça...

Foi justamente nos esportes que a televisão grangeou o maior êxito; até recentemente, porem, a irradiação de cenas ao ar livre, especialmente ao fim de uma partida, não era grande coisa, pois a produção de imagens nítidas exigia uma luz intensíssima. Isso foi remediado graças a uma nova câmara chamada «orthicon de imagens», uma pequena válvula cem vezes mais sensivel que as antigas câmaras. Adaptado às cenas interiores, o «orthicon» resolve um dos problemas mais graves dos programas de estúdio: o calor excessivo e o ofuscamento produzidos pelas baterias dos fortes projetores que eram necessários. As melhores câmaras novas captam uma imagem nítida à luz de uma vela, podendo mesmo registrar imagens de pessoas na escuridão total, graças à captação dos raios caloríferos refletidos.

Uma nova invenção, chamada «apagador eletrônico horizontal», torna possivel reproduzir, numa só tela, duas pessoas em cidades diferentes. Assim funciona o dispositivo: o espectador, sentado diante do aparelho, vê o locutor, que, de um estúdio em Nova York, apresenta um senador que se encontra em Washington. Metade da imagem desaparece, como se fosse apagada por um limpa-parabrisas, e vê-se em seu lugar a imagem do parlamen-

tar, de face para o locutor, pronto para a entrevista.

As reportagens de notícias tornaram-se um elemento importante da televisão. As cenas se apresentam com um realismo vívido, quando são «televisadas» no momento em que ocorrem.

As demonstrações práticas constituem ainda outro campo em que a televisão é suprema. Muitas estações irradiam lições de culinária, em que a mestra, de avental branco, e trabalhando numa cozinha modelo, mostra e explica como se prepara uma variedade de pratos. Do mesmo modo, têm sido dadas instruções práticas sobre tenis, aviação, escultura, e elegância feminina em matéria de postura correta, arte de trajar e maquilagem.

A representação de peças teatrais progrediu muito desde que a estação WGY, da General Electric, «televisou» a primeira peça em 1928. Nessa época o campo visual da câmara era tão limitado que só o rosto ou as mãos dos atores podiam ser reproduzidos para indicar as emoções e os movimentos. Estes são ainda mais restritos do que no palco, mas algumas peças têm sido «televisadas» com bom êxito.

Os atores não podem ler o diálogo, como fazem no rádio—têm que aprendê-lo de cor. Isso exige dez dias de ensaios alem do ensaio geral, assim como a construção de cenários para uma só representação.

A recepção da televisão é limitada a um espaço mais ou menos circular, com um raio de 60 km aproximadamente. As ondas curtas da televisão não podem ser conduzidas através de grandes distâncias por fios telefônicos, como no caso do rádio. Há duas maneiras de transmití-las: conduzindo-as em fios encerrados em tubos cheios de gás, chamados cabos coaxiais, que se enterram, ou concentrando-as, por meio de um refletor montado numa torre alta e dirigindo-as pelo espaço, como um feixe luminoso, a uma distância de 50 ou 60 km, para outro refletor elevado, onde são ampliadas e re-emitidas para a torre seguinte. Sendo ambos os métodos dispendiosos, muitos lugares ficarão talvez privados da televisão para sempre, visto que o custo elevado das estações e da transmissão não permite irradiar em zonas de população esparsa.

Não é provavel que se verifiquem novos aperfeiçoamentos na televisão, capazes de tornar antiquados os receptores atuais. A Federal Communications Commission (Comissão Federal de Comunicações dos Estados Unidos) interditou a televisão em cores e deu à indústria permissão para vender receptores para a televisão em branco-e-preto. Os receptores para a televisão em cores seriam provavelmente tão caros que poucas famílias poderiam adquirí-los.

Todas as estações estão ainda funcionando com prejuizo, gastando duas ou três vezes mais do que recebem dos anunciantes. As empresas, entretanto, mencionam com orgulho os novos patrocinadores, cujo número subiu de uns meros 31 no começo de 1947, para 300 na última estatística. A televisão já é, pois, uma realidade.

Por que os norte-americanos não tomaram Berlim

Por John T. Flynn

À raiz das dificuldades com que os Estados Unidos deparam em Berlim encontra-se um acordo secreto que poderá revelar-se um erro sumamente fatídico

É, SEM DÚVIDA, irônico que o objetivo final dos Aliados na Europa—a cidade de Berlim—se haja transformado no pivô da luta do após-guerra entre a Rússia e o Ocidente. Símbolo de vitória, Berlim é hoje, tambem, símbolo dos problemas nascidos dessa vitória.

Como foi que os Aliados ocidentais se deixaram envolver em tal situação? Como chegaram à posição de náufragos numa ilha encravada num oceano vermelho?

Desde o fim da guerra, têm vindo a lume notícias fragmentárias sobre a maneira pela qual os diplomatas renunciaram às árduas conquistas de seus soldados. Já é possivel reunir bastantes revelações para esclarecer como os norte-americanos se puseram à mercê dos sovietes em Berlim.

Em fins de 1944, já era evidente que, decorrido pouco tempo, a Alemanha estaria prostrada, um montão de entulho, aos pés dos vencedores. Que fariam dela? Em fevereiro de 1945, em Ialta, ficou resolvido que, após a rendição, a dividiriam em quatro zonas. A Grã-Bretanha, a Rússia, a França, e os Estados Unidos teriam cada qual uma zona, até que fosse assentada uma solução final.

Um mês depois, o general Eisenhower já estava pronto para iniciar a *Operation Plunder* (Operação Saque)—derradeiro e tremendo assalto da guerra. Foi a grande travessia do Reno. Na noite de 22 de março, com meia dúzia de exércitos aliados postados às margens do histórico rio, foi dado o sinal. O general Patton rompeu na primeira travessia e, em um dia ou dois, toda a possante hoste aliada havia transposto o Reno e estava pronta para a arremetida sobre Berlim, que distava 400 quilômetros. Do lado oriental de Berlim, a somente 50 quilômetros da capital já perdida, estava a vanguarda do exército russo. As estradas ruins e o mau tempo retardavam-na. Obstáculo maior era o vulto dos remanescentes do exército nazista, outrora temivel, que Hitler ha-

via arremessado entre Berlim e os russos para impedir, se possivel, o horror culminante—a conquista de Berlim.

Enquanto a horda russa era sustada, os exércitos aliados de Eisenhower varriam, irresistiveis, a planície alemã. «A magnitude da ofensiva sufocou toda resistência,» disse o general Marshall. Os guerreiros nazistas rendiam-se às centenas de milhares. Por meados de abril os exércitos norte-americanos já estavam no rio Elba, distando os destacamentos avançados somente 160 quilômetros de Berlim.

A essa altura, já os norte-americanos e seus aliados ocidentais ocupavam quase toda a Alemanha. Os russos haviam conquistado apenas um pequeno setor da Alemanha oriental. O adido naval do general Eisenhower, capitão Harry C. Butcher, procurou-o então e participou-lhe que, em todo o exército, praças e oficiais eram unânimes em querer prosseguir até Berlim. Ao que o general respondeu que «tomar Berlim seria mera ostentação». A 21 de abril, quando os repórteres se reuniram com o general Bedell Smith, Chefe do Estado Maior, e indagaram se se pretendia marchar sobre Berlim, ele respondeu: «Não vamos disputar aos russos a primazia de chegar a lugar algum... No momento, temos coisas mais importantes a fazer.»

Stalin, contudo, considerava Berlim da maior importância. Seus generais expediram dois exércitos, do corpo principal de suas forças, para envolver Berlim num cerco concentrado. Postergaram um avanço intensivo, sobre uma frente extensa, para empenhar tudo num golpe rápido contra a capital alemã, enfrentando formidavel resistência.

Para os norte-americanos, a estrada de Berlim oferecia poucos obstáculos. Já a 20 de abril, Adolf Hitler, batido e alquebrado, se recolhera—com Eva Braun, Goebbels e um pequeno séquito de fiéis servidores irredutiveis —àquele fantástico subterrâneo da Chancelaria, para alí ficar até a morte. Disse ele: «Já não é questão de lutar. Não há com que combater.» O pouco restante estava sendo concentrado contra os russos. Ele estava envolvido, disse Goebbels, «por um delírio de traição». Tanto Himmler como Goering tramavam a melhor maneira de sucedê-lo, sem esperar por seu suicídio, e cada qual estudava meios de se render ao general Eisenhower e dias depois—a 26 de abril—Himmler, por intermédio de um representante sueco, enviou aos norte-americanos e britânicos uma proposta de rendição incondicional na frente ocidental, inclusive na Noruega e na Dinamarca. O Presidente Truman recusou, dizendo que não se consideraria nada menos que a rendição nas duas frentes de combate. Tudo isso revela nitidamente que, para os norte-americanos, o caminho de Berlim estava quase desimpedido.

Uns dez dias antes disso, o general Eisenhower enviara uma comunicação ao general John R. Deane, Chefe da Missão Militar Norte-Americana, em Moscou, determinando-lhe propusesse ao alto comando russo que «enquanto durarem as hostilidades, as duas forças

norte-americana e russa tenham liberdade para avançar até quase entrarem em contacto», após o qual «deveriam ser combinadas linhas de demarcação pelos respectivos exércitos». Já haviam sido delimitadas anteriormente as zonas a serem ocupadas pelos norte-americanos e pela Rússia após a rendição alemã. O exército norte-americano já havia penetrado profundamente em território destinado a ser zona russa. Mas, segundo entendiam os militares, essas zonas só entrariam em vigor depois da capitulação. O general Deane participou, entretanto, que a proposta havia «alarmado o general A. E. Antonov», Chefe-Adjunto do Estado-Maior Russo. Receava que os Estados Unidos quisessem penetrar excessivamente na zona reservada a seu país. Antonov não transigiu e, após certas delongas, Eisenhower participou-lhe, por intermédio de Deane, que «*sustaria o avanço anglo-americano na margem ocidental do rio Elba, na Alemanha*». Os contingentes do exército norte-americano que já haviam transposto o Elba foram retirados. E assim ficaram até o fim—a 160 quilômetros de Berlim.

Os russos, a essa altura, haviam ocupado cerca de 40% da Tchecoslováquia, no leste. Os restantes 60 por cento eram ainda defendidos por um exército alemão combalido. Patton teve ordens de avançar até à linha Pilsen-Karlsbad-Budojovice — pouco adentro do território tcheco—e *alí fazer alto*. Mas suas patrulhas já estavam nos arredores de Praga. Eisenhower propôs que Patton prosseguisse, mas novamente o general Antonov protestou. O general Deane escreveu: «A orientação da Chancelaria Soviética transparecia na atitude de Antonov: a Tchecoslováquia havia de ficar na órbita soviética, e não se enquadrava nesse plano a gratidão do povo tcheco à América do Norte, pela libertação da capital.»

Patton foi, portanto, detido, e a honra da libertação concedida aos comunistas. Patton escreveu em seu diário: «Senti e ainda sinto muita mágoa porque achava e ainda acho que deveríamos ter atingido o rio Moldau. Se os russos não gostassem, que fossem para o inferno.»

E assim foi que os norte-americanos não tomaram Berlim. Não libertaram nem a Tchecoslováquia nem Praga. Por que foi que seus generais acederam tão complacentemente às exigências russas?

A explicação remonta a Ialta. Segundo afirma Elliott Roosevelt, seu pai lhe dissera que não concordara com a divisão da Alemanha em zonas, mas que se deixara persuadir. O presidente tinha como objetivo conseguir a adesão de Stalin às Nações Unidas. Para tanto, resolvera agradar-lhe e ceder no que fosse possivel. Não somente seria a Alemanha dividida em quatro partes, mas Berlim tambem o seria, correspondendo uma zona a cada aliado. O inconveniente era que Berlim ficaria, assim, encravada na zona russa. Alem desse acordo, publicado ao tempo, Roosevelt concluiu certo número de acordos secretos. E um desses, assentado numa reunião parti-

cular com Stalin, *permitia a este ocupar Berlim.*

Churchill teria protestado contra essa decisão, quando informado a respeito. E mais ou menos quando praças e oficiais norte-americanos clamavam por um avanço geral sobre Berlim, o Primeiro Ministro bombardeou o Governo norte-americano com os mais urgentes apelos em prol do avanço do exército ianque até Berlim. Chegou a dirigir um apelo pessoal ao general Eisenhower para que não detivesse seus exércitos, e sim, que avançasse e capturasse Berlim antes que os russos a pudessem tomar. Mas o acordo já fora concluido.

A 30 de abril, Hitler punha termo à vida, deixando um testamento em que legava ao almirante Doenitz os fragmentos de seu efêmero império. A 2 de maio os russos entravam em Berlim, e a 7 de maio os alemães capitulavam. Mas foi só daí a dois meses, a 3 de julho, que Stalin permitiu a entrada de reduzidas guarnições norte-americanas e britânicas, em exíguos setores de Berlim. Designou-lhes uma única estrada de ferro, uma única rodovia e um «corredor aéreo» de 32 quilômetros de largura. Finalmente, em abril do corrente ano, ele sujeitou os trens e automoveis aliados a uma inspeção tão rigorosa, que o Governo norte-americano teve de rejeitá-la, perdendo assim suas linhas de comunicação, à exceção da aérea.

Lewis H. Brown, diretor da Johns-Manville Corporation, foi convidado pelo general Clay, comandante norte-americano na Alemanha, a fazer um prolongado estudo, *in loco*, dos problemas da reconstrução. O sr. Brown valeu-se da oportunidade para falar com gente de toda classe. Escreveu: «Encarada sob o aspecto da subsequente divisão da Alemanha em quatro partes, a decisão do Presidente Roosevelt, de deter o avanço dos Exércitos dos Aliados Ocidentais até que forças russas, procedentes do leste, pudessem tomar a Alemanha oriental e Berlim, constituiu, talvez, um erro fatídico, que poderá muito bem ter repercussões em páginas da História ainda por escrever.»

Ingenuidade

UM COMERCIANTE de Chicago, que costuma passar os fins de semana na sua fazenda, impressionou-se vivamente com o espírito da gente do campo. Não faz muito tempo, um dos seus colonos negros deu-lhe uma pequena somà e encomendou-lhe uma garrafa de gim. O fazendeiro adquiriu o gim mas, não encontrando o colono na estação, entregou a garrafa a um dos sobrinhos deste.

Na semana seguinte, o fazendeiro explicou o que se passara. O velho negro não se conteve, e exclamou:

«Não admira, então, que eu não tenha sentido nem o cheiro do gim, Coronel! O que o sr. fez foi o mesmo que enviar alface a alguem por meio de um coelho.»

—T. H. Alexander, em *The American Magazine*

Ainda não existe cura para o cancer em estágio avançado, mas hoje em dia as vítimas dessa horrivel moléstia têm uma real possibilidade de sobreviver.

Que sabemos agora do cancer?

(*Condensado de «The Saturday Evening Post»*)

Por Steven M. Spencer

ÀS VEZES ouvimos dizer: «Com uma despesa de dois bilhões de dólares conseguimos a bomba atômica, em quatro anos. Por que não despender importância semelhante com o cancer e liquidá-lo no mesmo tempo?» A analogia é falaz. Os princípios básicos da fragmentação atômica já estavam descobertos antes de ser gasto um único centavo com o fabrico da bomba, ao passo que os princípios fundamentais do insidioso fenômeno biológico que denominamos cancer ainda constituem um enigma para o mundo científico.

Mesmo assim, as dezenas de milhões de dólares que vêm sendo gastos pelas organizações que se dedicam às pesquisas do cancer têm realmente contribuido para conseguirmos algum progresso. Um dos fatos animadores é a ponte que agora está sendo lançada sobre o abismo existente entre o que vários cientistas eminentes conhecem a respeito do cancer e o que as demais pessoas, inclusive muitos médicos, estão fazendo com tais conhecimentos.

Milhares de homens, mulheres e crianças que, há cerca de uma década, seriam considerados quase sem possibilidade de cura, são hoje testemunhas vivas de que já conseguimos alguma coisa sobre o cancer.

O que médicos e outros pesquisadores científicos têm feito para dar às vítimas do cancer mais possibilidades de sobrevivência pode ser classificado em três categorias: (1) uma restrição da definição de «inoperavel» afim de permitir o socorro cirúrgico em muitos casos que costumavam ser considerados «perdidos»; (2) tratamento por hormônios e outros agentes químicos, com o fim de aliviar as dores e, em certos casos, prolongar a vida das vítimas de certos tipos de cancer em estado adiantado; (3) melhores e mais amplos métodos de diagnosticar a tempo a doença.

O termo «inoperavel» tradicionalmente significava que o cancer já se propagara aos tecidos circunvizinhos ou, por intermédio do sangue, a orgãos remotos. Hoje o cirurgião pode recorrer a várias armas para o combate aos azares de infecção, choque

operatório e fraqueza geral que antigamente lhe detinham a mão. Penicilina e estreptomicina, anestésicos menos tóxicos, mais abundante fornecimento de sangue e plasma, preparação pre-operatória com aminoácidos e vitaminas—tudo isso, combinado com o aperfeiçoamento da habilidade cirúrgica, dá agora aos doentes de cancer mais probabilidade de sairem vitoriosos da sala de operações.

O dr. Alexander Brunschwig, do Memorial Hospital, instituição de cancer pioneira em Nova York, é um dos principais adeptos da cirurgia radical nos casos de cancer adiantado. Diz ele que certos cânceres matam, não por disseminarem suas «sementes» em remotas partes do organismo, mas por se propagarem aos tecidos adjacentes, onde muitas vezes produzem obstruções. Acha ele que a possibilidade de cura aumenta consideravelmente se for extraida toda a massa de tecido afetado, mesmo que para isso seja preciso fazer um novo sistema de ligação de alguns orgãos. Recentemente, o dr. Brunschwig analisou os resultados obtidos com cem doentes operados entre os anos de 1938 e 1946, de cancer abdominal, e que em outros tempos seriam considerados inoperaveis. Trinta e sete puderam até trabalhar algumas semanas ou meses e 13 foram considerados livres do cancer. Muitos outros foram aliviados da dor durante anos. Tudo isso já representa alguma coisa.

Uma senhora idosa por três vezes ludibriou a morte em uma recente operação de cancer no Billings Hospital, da Universidade de Chicago. Um grande tumor que obstruia o intestino grosso se havia infeccionado, provocando febre altíssima. A penicilina e a estreptomicina contiveram a infecção antes da operação e durante esta. Aminoácidos e transfusões salvaram-na de uma anemia fatal.

Um tumor na parte superior do estômago, sob o diafragma, era antigamente classificado como inoperavel. Hoje cerca de 60 por cento de tais casos podem ser operados através da parede torácica. Algumas vezes o estômago é completamente removido e o esôfago diretamente ligado ao intestino delgado que, aos poucos, se vai dilatando de maneira a poder receber todo o alimento de uma refeição completa. A proporção das «curas» nos casos de operações de cancer do estômago ainda não é grande—cerca de 18 por cento—mas com uma preparação nutritiva pre-operatória e o uso copioso de transfusões (já têm sido usados até três litros e meio de sangue e plasma em uma única operação) está melhorando.

Algumas vezes as degeneradas células do cancer espalham-se pelo organismo de tal modo que mesmo a intervenção cirúrgica oferece pouca esperança. Nesta categoria estão muitos cânceres da próstata e do seio que tenham atacado os ossos ou os pulmões. Em tais casos, uma das mais animadoras das novas armas—o tratamento pelos hormônios—vem trazendo aos pacientes um alívio pelo menos temporário. O processo empregado nesses casos adiantados é modificar o

meio químico onde se acha o tumor, ministrando hormônios sexuais ou removendo as glândulas sexuais.

Há poucos anos o dr. Charles Huggins, professor de urologia da Universidade de Chicago, tentou reduzir tumores benignos da próstata em cães —o único animal, alem do homem, que apresenta esse tipo de tumor— ministrando doses de um hormônio sexual feminino—estilbestrol. Verificou ele que o tumor, em poucos dias, começa a diminuir de tamanho. Um tumor maior que uma laranja grande ficou reduzido ao tamanho de uma noz, em um mês. A ação do hormônio feminino contrabalançou a do hormônio masculino do próprio animal, essencial, segundo parece, ao desenvolvimento do tumor. O dr. Huggins verificou, em seguida, que um efeito mais duradouro podia ser obtido com a castração, que removia a fonte do hormônio masculino.

Começou ele a aplicar o princípio dos hormônios em 1939, passando depois a remover os testículos nos casos avançados, considerados perdidos, de cancer da próstata. (Os tumores malignos nessa glândula são responsaveis por 5 por cento do total da mortalidade dos homens de mais de 50 anos. Em média, o indivíduo com este tipo de cancer morre 9 meses depois de o mal começar a atacar os ossos.) Na primeira série de 21 casos relatados pelo dr. Huggins, o novo tratamento trouxe alívio a 18 doentes, por períodos até de sete anos. Quatro deles ainda vivem e todos os indícios do mal parecem ter desaparecido. A operação, embora elimine a capacidade sexual, não afeta as outras características masculinas desses idosos pacientes.

O fato de os hormônios, que não são tóxicos para os tecidos normais, afetarem as células malignas, embora temporariamente, constitui uma das mais promissoras descobertas de nossos tempos. O dr. Huggins acredita que agora já temos uma prova suficiente de que «já é inevitavel a cura do cancer por meio de remédios». O dr. Cornelius P. Rhoads, diretor do Memorial Hospital, declarou que os resultados obtidos com os hormônios «podem significar que o controle do cancer não depende tanto de uma nova descoberta de natureza fundamental, como se supunha». Em outras palavras, existe a possibilidade de que, com um ataque direto, empregando-se um após outro, produtos químicos cuidadosamente escolhidos, ainda se venha a obter o domínio da moléstia.

Muitas declarações otimistas têm sido feitas a respeito dos isótopos radioativos e do que podem os mesmos fazer na luta contra o cancer. Ninguem lhes contesta o valor como verdadeiros projeteis de rastro luminoso ou «átomos rotulados», que indicam para que parte do corpo e a que velocidade vão certos agentes químicos e alimentos. No tratamento de certas condições malignas, entretanto, até hoje somente dois radioisótopos produziram resultado positivo: o iodo radioativo, contra o cancer da tireóide, e o fósforo radioativo, contra um tipo de leucemia crônica, que o mesmo alivia mas não cura.

Com todas essas armas contra as doenças de carater maligno, podemos agora conseguir algum resultado na luta contra o cancer, se notarmos a sua presença logo no princípio. As campanhas educacionais começam a produzir resultados. O povo está invadindo as clínicas de exame para possivel descoberta de cancer.*

Para muitos casos, entretanto, já é tarde demais.

O cancer cuja existência é a mais dificil de se perceber é o insidioso cancer do estômago, responsavel pela quarta parte de todas as mortes por cancer. Pode atingir um estado perigoso sem dar o menor sinal à sua vítima. Para se fazer um diagnóstico, tanto no caso do colo como no do estômago, é preciso, em geral, um exame com fluoroscópio, feito por perito radiologista. Seria recomendavel que todas as pessoas de mais de 40 anos fizessem um desses exames periodicamente, mas isso seria muito dispendioso. Já foi sugerido que se efetuassem exames radioscópicos em massa, baratos, do tipo usado para a pesquisa de casos de tuberculose, com o emprego de microfilmes que poderiam ser enviados a um centro médico para exame. O abdomen, porem, é muito mais denso que o peito cheio de ar, e o cancer é dificil de ser notado.

Parece que surge agora um auxílio de fonte inesperada: os astrônomos. Há muito tempo peritos na captação de toda luz disponivel, transportando-a para um filme fotográfico, os astrônomos estão agora modificando a câmara Schmidt, um tipo de telescópio refletor, para o trabalho de raio-X. Estas maravilhosas câmaras produzem uma fotografia mais brilhante com menos raio-X. Foi usada uma delas durante a guerra, para radiografias do peito, estando agora em construção outra, maior, que será empregada na pesquisa do cancer do colo. Entrementes, uma câmara semelhante, de modelo dinamarquês, está sendo experimentada como detectora de cancer do estômago.

Uma nova técnica, conseguida pelo dr. George N. Papanicolaou, da Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell, está auxiliando a descoberta do cancer incipiente. Baseia-se no fato de que as células do cancer aparecem em secreções conseguidas de tecidos aparentemente normais.* Só pessoas especialmente treinadas é que podem «ler» as secreções obtidas pelo dr. Papanicolaou, e o teste, embora de grande utilidade, ainda precisa ser completado pelos processos tradicionais antes de que se possa chegar a um diagnóstico definitivo do cancer.

Tem sido dito que essas clínicas detectoras do cancer, tudo quanto se fala sobre o cancer, as campanhas sobre essa enfermidade—estão criando uma raça de «cancerófobos», mas a maioria dos observadores concorda em que as vidas que têm sido salvas pelas inteligentes medidas preventivas compensam amplamente o pequeno aumento do número de hipocondríacos.

Vide «Prevenção: o melhor remédio contra o cancer», Seleções, janeiro de 1945.

Vide «Nova conquista contra o cancer», Seleções, setembro de 1948.

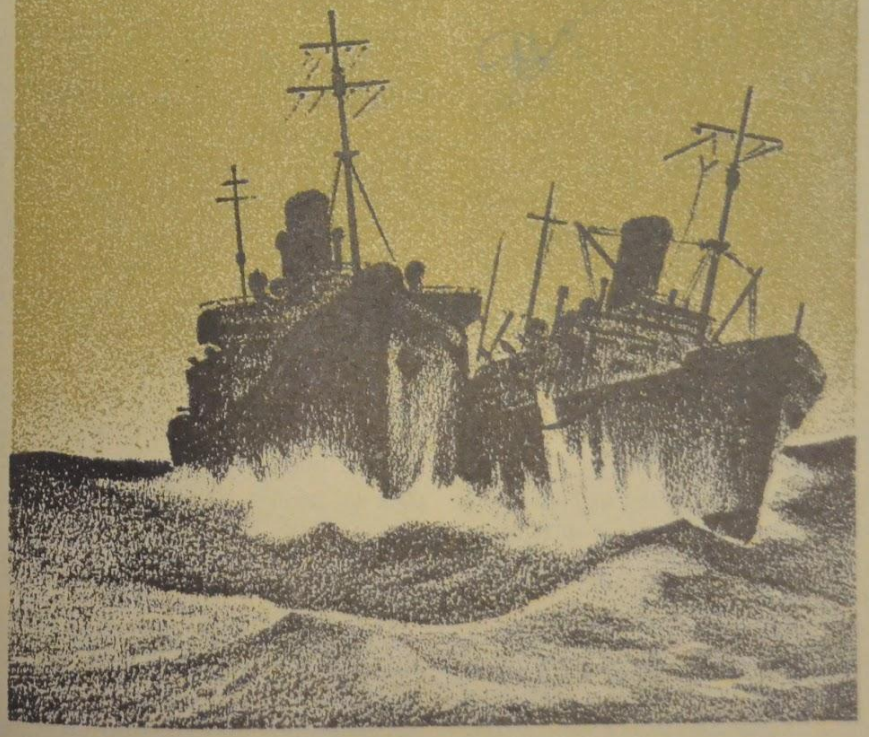
A FAÇANHA DO CORSÁRIO

Condensação do livro

The Cruise of the Raider «Wolf»

de

ROY ALEXANDER



Copyright 1939, Yale University Press, New Haven, Connecticut. Preço, $2,75. Edição brasileira: «O Navio Fantasma» (As façanhas do cruzador Wolf), Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro.

A FAÇANHA DO CORSÁRIO

No curso da Primeira Guerra Mundial, cerca de dez cargueiros alemães fizeram-se ao mar armados até os dentes, mas sob o disfarce de navios mercantes, com o objetivo de devastar a navegação aliada. Dois apenas lograram retornar à Alemanha. Deles, o Wolf *(Lobo) escapuliu-se de Kiel em* 1916, *e durante quinze meses errou pelos Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. Tendo sido o protagonista de uma das mais extraordinárias aventuras marítimas dos tempos modernos, sua história só ficou bem conhecida ao aparecer o presente livro.*

Seu autor, um australiano, era radiotelegrafista de uma das primeiras vítimas do Wolf.

O CARGUEIRO inglês *Wairuna*, afastando-se da ilha de Sunday, no Pacífico Sul, navegava de Auckland para S. Francisco com sua carga de lã e peles. A folhinha marcava 2 de junho de 1917, e já fazia quase três anos que tivera início a guerra.

Na cabina do rádio, eu pusera de lado os fones e descansava no beliche, quando me sobressaltou o rumor de um avião que sobrevoava o navio. Imediatamente, ouví uma explosão perto de nós. De um salto alcancei a ponte de comando, à busca de ordens, e no mesmo instante chegava correndo um marinheiro com uma mensagem que havia sido atirada na coberta da proa. Escrita em inglês, dizia ela: «Não use o telégrafo. Pare a máquina. Siga as ordens do cruzador, ou será bombardeado.» O avião não tardou a picar de novo e deixou cair uma bomba bem à proa do navio, para dar força à ordem.

Era crítica a situação do *Wairuna*. A menos de uma milha de distância, estava um enorme navio, com seus canhões assestados contra nós; a operação de abordagem ia ter início.

«Dê fim ao diário de bordo, e não mexa no rádio,» foram as instruções que recebí do comandante.

Descí depressa e atirei à fornalha os diários e códigos. E acabara justamente de jogar ao mar a maior parte do aparelho de transmissão quando entrou na cabina um oficial alemão. Vinha acompanhado de dois marinheiros, e empunhava um revolver. Mas foi delicado, saudando-me antes de pedir-me os papéis. Não gostou de verificar que justamente o mais importante desaparecera, mas fomos reunidos calmamente no salão e interrogados. Até servimos chá, que o oficial alemão aceitou com afabilidade.

Com dois outros oficiais, subira a bordo um grande destacamento de homens armados. Dirigiram-se de pronto para os postos que lhes haviam sido previamente designados e foram assumindo metodicamente a direção do navio.

Depois do chá, tivemos ordem, aliás polida, de passar para uma lancha atracada ao costado. Quando nos aproximamos do cruzador, tivemos a impressão de que ele não passava de

um navio mercante comum, pintado de preto. Mas a semelhança dissipou-se abruptamente ao atingirmos a amurada por uma escada de corda. Enxameava-o uma legião de homens, e só na coberta da popa havia dois tubos lança-torpedos e dois enormes canhões ocultos por trás de grandes chapas giratórias de aço.

Fomos todos despidos e revistados, tomamos banho com sabão antisséptico, e descemos depois, por uma pequena escotilha, para a seção dos prisioneiros, no porão. Já lá estavam, quase a enchê-lo, cerca de cem homens— brancos, pretos e pardos. Havia ingleses, irlandeses, escoceses, portugueses, franceses, italianos, negros e mestiços, todos semi-nus, naquele calor pegajoso. Tinham sido capturados e seus navios afundados no Oceano Índico, nos três meses precedentes.

Estávamos a bordo do *Wolf*, navio de guerra cuja existência as autoridades navais aliadas ignoravam. Combinação de lança-minas e corsário, seu objetivo era atrair os navios de guerra aliados para as águas coloniais. Conseguira, seis meses antes, escapulir-se do Báltico, furara o bloqueio britânico, e estava no mar desde então, recolhendo provisão dos navios que aprisionava. Já minara as águas da Cidade do Cabo, de Colombo e de Bombaim, mas ainda conservava metade de sua carga de minas.

—Então, você está aquí há três meses, disse o capitão Saunders ao capitão Meadows, comandante do navio-tanque *Turritella*, o primeiro navio capturado pelo *Wolf*.—Quando é que você acha que vamos ser libertados?

—Não temos a menor esperança, retrucou o capitão Meadows.—Todo o êxito do *Wolf* depende de que nenhuma informação escape sobre o navio. O mais certo é seguirmos para a Alemanha nele. Se ele conseguir chegar lá um dia...

FOI UM ACORDAR estranho o da manhã seguinte naquele porão apinhado de gente. No topo da escada, sentinelas embaladas guardavam as duas saidas para o convés. Da escotilha, todavia, vimos o *Wairuna* oscilando, ancorado, e ao fundo avistava-se a vegetação abundante da ilha de Sunday. Depois do café com pão preto, os prisioneiros tiveram permissão para subir à coberta. Examinamos então o corsário com cuidado.

Seu canhão de 5,9 cm à popa era uma obra-prima de disfarce. Mesmo olhado da coberta, simulava um guindaste de cargueiro. Por entre o «guindaste» estendia-se um oleado, debaixo do qual se sentava uma sentinela, de fone preso à cabeça, e em constante comunicação com o passadiço de comando. Metralhadoras instaladas na coberta superior estavam assestadas contra o convés dos prisioneiros. O navio dispunha, ao todo, de sete canhões de 5,9 cm e quatro tubos lança-torpedos.

Os marinheiros alemães, que formavam a tripulação de cerca de 400 homens, davam a aparência de ter sido escolhidos a dedo; de constituição robusta, a maioria deles não ia alem dos 25 aos 30 anos de idade. Eram simpá-

ticos, e não importunavam os prisioneiros.

O segundo dia que passamos no *Wolf* foi domingo. Depois do jantar, verificamos porque a noite de domingo era tão ansiosamente esperada pelos prisioneiros. É que se distribuia uma xícara de chocolate a cada homem e a banda de bordo oferecia um concerto de algumas horas no convés. Era, em verdade, a pior banda do mundo. Aqueles músicos só sabiam umas cinco peças, que tocavam repetidamente.

Durou quinze dias o trabalho de transferência das provisões de boca e do carvão que o *Wairuna* levava. E isso foi devido às frequentes interrupções pelas fortes borrascas, que impediram os dois navios de permanecerem atracados um ao outro. Carregando 1.200 toneladas de carvão e uma variedade de provisões, o *Wairuna* era uma rica presa. Sobretudo, os 40 carneiros vivos eram como caidos do céu, porquanto havia meses o pessoal do *Wolf* não comia carne fresca. Depois de despojado da carga, o *Wairuna* foi levado para o largo e afundado a tiros de canhão.

Entrementes, outra presa caiu no laço, a escuna americana *Winslow*, com 350 toneladas de carvão, benzina e tijolos refratários, carga toda ela utilíssima para o *Wolf*: carvão para a carvoeira, petróleo para o avião, tijolos, já escassos, para a fornalha. Depois de pilhada, tambem foi posta a pique. Era indispensavel ao êxito do *Wolf* que não ficasse o menor vestígio de sua passagem, nem mesmo de sua existência.

Os prisioneiros tinham permissão para ficar no convés até o pôr do sol. Certa feita, justo no momento de descer, alguns de nós, na popa, formamos um anteparo para dois companheiros que haviam resolvido fugir. Deixando-se escorregar pelo costado, cairam na água, com intenção de ganhar a terra a nado, através daqueles mares infestados de tubarões. (Ninguem mais teve notícia deles.) Outro qualquer respondeu por eles à chamada dos prisioneiros, e só foi notada sua falta quando já íamos em mar alto.

Encarregado da guarda dos presos era o tenente von Oswald, jovem prussiano típico, de ar imponente e solene. Mesmo para descer a escada vertical do porão ele o fazia com pose, façanha não das mais faceis. Seu uniforme alvo e dourado era imaculado. Usava um colarinho tão alto e tão rijamente engomado que os movimentos do pescoço se lhe tornavam impossiveis; tinha o tenente que virar o corpo inteiro quando queria olhar para o lado.

Mas quando aquele jovem reluzente descobriu que dois prisioneiros haviam desaparecido, toda a sua dignidade foi por água abaixo, e ele teve uma daquelas explosões em que são useiros e vezeiros os oficiais alemães.

Quem privou com os alemães não compreende como eles conseguiram a reputação de povo bem-humorado e fleumático. O alemão médio, quando se enfurece, deixa longe o italiano. Ao cobrir-nos de injúrias e impropérios, no momento em que deu pela falta dos dois prisioneiros, von Oswald só nos parecia um mercador de Port-Said a quem tivessem roubado as mercadorias. Correndo acima e abaixo, deblaterou, berrou, blasfemou contra nós na sua língua e num inglês mambembe, gesticulou como um possesso, os olhos esbugalhados quase a saltar-lhe das órbitas, enquanto lhe jorravam da boca os insultos.

«Isto é uma absoluta falta de cavalheirismo!» rugiu numa descarga final. «Até agora vocês não estavam como prisioneiros... Ouçam bem... Eram hóspedes do Almirantado alemão.»

(A essa altura, os «hóspedes» enfileirados ficaram boquiabertos.)

«É uma grandessíssima desconsideração um hóspede fugir.» E, fazendo um gesto de repúdio, arrematou: «Agora, de hoje em diante, vocês não são mais hóspedes. São prisioneiros.»

Dirigiu-se para a escada, e não pôde reprimir uma última explosão: «São uns brutos! Eu lhes mostro como é que se foge, sua corja!»

Um alarido de satisfação encheu o compartimento, quando von Oswald desapareceu pela escotilha qual ator em uma pantomima.

Um costume alemão antigo—tão diferente das normas inglesas!—leva os oficiais a exprimir seu aborrecimento ou zanga por explosões de gestos e berros, deixando-se apossar de verdadeiro estado de furor. Certa vez, o comandante do *Wolf*, capitão Nerger, um homenzinho troncudo, autoritário, taciturno a maior parte do tempo, deu um espetáculo bem dos seus. Alguns homens da tripulação tiveram ordem de separar o carvão, dividindo-o mais equilibradamente pelo navio. Um deles apareceu vestido numa sobrecasaca, com cartola, tendo na mão uma bengala—recordações de algum navio capturado. Por acaso, o capitão olhou por sobre a balaustrada do passadiço e viu o homem carregando o carvão com a pá, metido naquele traje. Foi de causar vertigem a torrente de descomposturas que despejou sobre o infeliz marinheiro. Aos berros, caiu em estado de frenesí, que durou alguns minutos. O lado mais cômico do episódio foi o marinheiro, ainda de cartola e sobrecasaca, procurando equilibrar-se, em posição de sentido, sobre uma pilha de carvão, e debaixo da saraivada de insultos. Não foi menos notavel a maneira súbita como o comandante interrompeu a enxurrada, continuando calmamente seu passeio no convés como se nada houvesse acontecido.

Para os fins de junho, estávamos navegando a velocidade média no mar de Tasmã, ao largo da ponta setentrional da Nova Zelândia. Espalhou-se o boato de que o *Wolf* ia colocar algumas minas naquelas águas. Por um dia inteiro, nenhum de nós teve licença para sair do porão, nem mesmo para ir às privadas, sob o tombadilho da popa. A tripulação estava ocupada, preparando-se para o trabalho noturno. Ouvíamos o ruido produzido pela colocação de trilhos no convés superior, os quais permitiriam que as minas rolassem sobre a popa.

Através de uns buracos de rebite no anteparo de aço que nos separava do porão número três, conseguimos apu-

rar que ainda restavam no navio umas duzentas minas. Amarradas em longas filas, cada uma presa a sua âncora de aço, davam a impressão de ovos pretos, do tamanho de barrís, colocados nos copos próprios para ovos. Era-nos impossivel afastar o pensamento do que nos aconteceria caso um projetil de algum cruzador extraviado caisse no meio daquela carga. Todo o dia, grupos de prisioneiros disputaram posições de onde pudessem espiar pelo anteparo a tripulação em sua faina de lançar minas.

Cada globo era preso ao envólucro por um longo cabo de aço, enrolado, de modo que todo o conjunto, graças às pequenas rodas existentes no envólucro, corresse sobre os trilhos até a popa, de onde era atirado ao mar. Uma vez mergulhada a mina, o invólucro pesado de metal fazia o papel de âncora, e a amarra se desenroscava, ficando a mina a flutuar na profundidade prevista. Geralmente, a profundidade fixada era de cerca de 4,5 m, por forma que somente navios relativamente grandes se chocariam na mina. O topo desta era guarnecido com certo número de chifres de chumbo de uns quinze centímetros de comprido. Ao partir-se um deles, —e bastava uma pancada firme para isso—a carga detonava.

Por volta das dez horas, o *Wolf*, completamente às escuras, deslizou em direção à costa. Então, as minas foram retiradas do porão por um pequeno elevador, rolaram no tombadilho sobre nossas cabeças, e cairam ao mar pela popa. A tarefa não deixava de ser delicada. Se se partisse um dos chifres no momento de cair a mina fora do navio, seria o fim do *Wolf*. Durou horas a operação de lançar as 25 minas que haviam sido separadas. O navio ficou manobrando até perto das três da madrugada, naturalmente buscando espalhar as minas por uma área bem larga. A maioria dos prisioneiros foi dormir antes que a última mina caisse ao mar. Mas Rees, imediato do *Wairuna*, recostado numa rede ao lado da minha, ficou acordado e anotou num pedaço de papel o número de minas atiradas.

Rees era dotado da pertinácia e da paixão dos detalhes tão comuns entre os galeses, e seu esforço ia ser extremamente proveitoso às autoridades navais inglesas mais tarde, pois foi um dos poucos prisioneiros que conseguiram escapar do *Wolf*, antes de chegar à Alemanha. Sua fuga ocorreu muitos meses depois. Um carvoeiro espanhol capturado, para o qual o haviam transferido, naufragou na costa da Dinamarca, e ele logrou chegar à praia e depois à Inglaterra. Foi agraciado com a Ordem do Império Britânico por suas notas cuidadosas sobre o número e as posições aproximadas das minas postas pelo *Wolf*.

Muito embora ficássemos trancafiados no porão durante toda operação importante, tínhamos noção mais ou menos exata dos movimentos do corsário. Alguns eram velhos lobos do mar com um faro extraordinário para adivinhar a posição do navio sem o auxílio de qualquer instrumento. Com uma simples olhadela à linha de costa e ao sol ou às estrelas, e fazendo uma

idéia aproximada da velocidade do navio pelo número de rotações da hélice por minuto, esses velhos marinheiros, no porão, eram capazes de precisar a posição do navio com tanta segurança quanto o capitão Nerger na ponte de comando. Alem disso, tais cálculos podiam ser comprovados sempre que novas levas de prisioneiros chegavam a bordo, e, quanto às mudanças de rumo, era possivel vigiá-las pelos movimentos das máquinas de controle do leme.

Em alguns mapas escondidos no porão marcava-se o curso aproximado do navio, até que houvesse dados positivos sobre a posição exata, quando então se faziam as mudanças indicadas.

DURANTE semanas sucessivas, o *Wolf* espalhou outros campos de minas no estreito de Cook e ao largo da Nova Gales do Sul. O período que duravam essas operações era de quase insuportavel tensão. Sob frequentes alarmes, a tripulação vivia irritada, e a severidade da disciplina se fazia sentir. Silenciosos, os prisioneiros pouco se davam às habituais pilhérias e conversas. Tínhamos os ouvidos atentos à espera de passos apressados no convés ou do ruido estridente das portas laterais do navio, sinais certos de que algo de anormal havia. Não esqueçamos que se algum navio de guerra inglês desse com o *Wolf* e uma luta se travasse, um simples projetil bastaria para pôr termo a nossa vida em meio de um inferno de explosões.

Para tornar a situação ainda mais negra, a comida mal dava para manter-nos vivos. Compunha-se principalmente de pão preto e café, com uma refeição ao meio-dia de carne em conserva e insípidas batatas ressecadas. O porão era iluminado apenas por umas lâmpadas que produziam uma luz azul mortiça de aspecto meio fantástico, usada durante as operações de minas, justamente por ser de menor visibilidade do que qualquer outra. Será impossivel imaginar-se quão deprimente para os nervos é passar horas dentro de um cômodo iluminado de azul. Naquela luz desmaiada, os prisioneiros davam a impressão, uns aos outros, de cadáveres ambulantes.

Ao desgaste de momentos tão penosos, nossos nervos estavam por assim dizer acostumados; mas, considerando que éramos uma grande mistura de raças e tipos, muitos não afeitos à disciplina, e todos engaiolados como ratos em ratoeiras, era de temer alguma quebra da calma geral. Entretanto, compreendemos que só a calma era compativel com alguma esperança, e cada um de nós agia de conformidade com esse pensamento. É que a menor revolta no porão teria tido as consequências mais funestas, provocando por certo uma matança a granadas de mão ou a jactos de água quente.

DEPOIS de um período de tensão dessa sorte, a captura de outro navio era quase um alívio. Significava movimentação, um espetáculo, e novos prisioneiros com quem conversar. A seis dias de Gabo, na rota Sydney-Suva, o *Wolf* apresou o veleiro americano de três mastros *Beluga*, em via-

gem de S. Francisco para Sydney, com uma carga de benzina encaixotada. Levava boa provisão, e sua benzina forneceu combustivel ao avião do *Wolf* durante meses.

O comandante Nerger sempre permitia que os prisioneiros testemunhassem o afundamento de navios capturados. Não acredito que o fizesse visando impressionar-nos com o poderio germânico ou outra qualquer bobagem desse jaez. Os afundamentos eram espetaculares em verdade, e, visto que nada podíamos fazer, o comandante não achava mal ficarmos no convés apreciando.

O afundamento de um barco de madeira como o *Beluga* é muito dificil. Não podendo, porem, deixar os seus restos abandonados naquela rota, o que seria extremamente perigoso para sua própria segurança, Nerger decidiu fazê-lo explodir.

E assim, projetil após projetil cairam dentro do veleiro. Em pouco tempo, o resto da carga de benzina começou a escoar-se pelos costados, espalhando-se inflamada pela superfície da água em torno. Tendo a noite caido rápida, como sói acontecer nos trópicos, a carcassa do *Beluga*, esbraseada e fumegante, jazia num como mar de fogo. Era uma das vistas mais aterradoras que possamos imaginar, mas o *Wolf* tratou de pôr-se ao fresco, pois um fogaréu daqueles era bastante para atrair a atenção, mesmo no meio do Pacífico.

Em vista de continuarmos na rota entre Sydney e Suva, o avião fez regulares e constantes vôos de reconhecimento pela manhã e à tarde, atento aos navios mercantes e aos cruzadores hostís. Esse avião, um biplano de dois lugares, chamado *Wölfchen*, foi de grande auxílio em muitas ocasiões, mas teve pouco uso durante a travessia. Primeiramente, só podia ser lançado na água por guindaste, o que teria de ser feito com o mar calmo. Por outro lado, se ficasse no convés, ficaria claramente visivel dos navios que passavam, o que estragaria de todo o disfarce do corsário. Por isso, a maior parte do tempo passava no porão, desarmado.

Com a sucessiva chegada de novos prisioneiros, não é de admirar que se fossem tornando frequentes as discussões, lutas e trocas de ofensas entre eles. Desaparecera a espécie de camaradagem reinante entre as várias classes quando chegamos a bordo. O primeiro motivo de desentendimento foi uma cadeira de braços, que o comandante do *Wairuna* trouxe ao abandonar seu navio. (Quem deixa um navio naufragado ou capturado carrega consigo os mais inesperados troféus. Vimos subir ao *Wolf* gente sobraçando refugos incriveis, avaramente carregados quais relíquias bem-amadas: tabuleiros de xadrez, capacetes contra o sol, guarda-chuvas, até uma cobra empalhada.) A cadeira favorita do capitão Saunders destacava-se no porão, com a aparência de um trono. Ninguem ousava sentar-se nela.

Daí o silêncio de espanto que se apossou de todos nós, quando, de regresso de um passeio no convés, o capitão encontrou o comissário do *Wairuna*, um bochechudo de cabelos côr de gengibre, sentado em sua cadeira, enrolando um cigarro. Intimado asperamente a levantar-se, o moço soltou uma baforada de fumaça e retrucou que alí, todos sendo prisioneiros, eram todos iguais. Não havia bem terminado de falar e já voava da cadeira, indo estender-se no chão.

O tenente von Oswald, ouvindo o alarido, correu ao porão para saber o que havia. Os oficiais alemães são geralmente muito escrupulosos em questão de hierarquia. Assim, depois de ouvir ambas as partes, explodiu contra o pobre comissário:

—Se repetir, mando dar cabo de você... Não se esqueça de que neste navio você ainda é comissário, e este é seu comandante!

Assentada a doutrina, o tenente reuniu os comandantes prisioneiros, e combinou com eles nossa organização social dalí em diante. Comandantes, primeiros maquinistas e oficiais superiores ocupariam a parte posterior do porão, a bombordo; os oficiais de menor categoria iriam para a parte anterior. Para o resto dos prisioneiros foi designado o lado de boreste.

Mas as separações não deveriam ser teóricas e invisiveis. Dúzias e mais dúzias de caixotes vazios de provisões, enviados de cima, formariam as paredes, isolando as seções umas das outras. Tudo aquilo era um terreno ideal para os bichos, e a menor fagulha transformaria o alojamento em poucos minutos num braseiro infernal.

Assim iniciado, aquele sistema de construções se alastrou. Com o correr do tempo, e a chegada de novos prisioneiros, de tipos diferentes, as seções se multiplicaram no porão, todas bem definidas e separadas, sem se poder disfarçar o espírito de hostilidade que se estabeleceu entre elas. Embora distanciados apenas por alguns centímetros uns dos outros, esses vários grupos eram diferenciados tão claramente quanto os bairros de uma cidade.

Dois dias eram passados da captura do *Beluga*, quando avistamos a vela de um barco. Imediatamente, os prisioneiros tiveram ordem de descer, o *Wolf* alcançou o navio que se entregou sem resistência ao ser hasteada a bandeira alemã. Tratava-se da escuna americana *Encore*, de 573 toneladas, com 51 dias de viagem do rio Colúmbia para Sydney, levando um carregamento de pinho do Oregon. Dentro em pouco, chegavam prisioneiros desnorteados, acompanhados por um destacamento de abordagem. E centenas de caixas de alimentos enlatados—carne, sopas, etc., de origem americana—foram transferidas em botes para o *Wolf*. À vista de tanto manjar, um oficial alemão não se conteve e agradeceu ao Criador o fato de aquele navio ser americano, e não um miseravel cargueiro inglês, muito embora não trouxesse carvão.

No entanto, para o capitão Nerger, o combustivel era o que mais importava. Seu suprimento estava muito reduzido, e não havia porto no Pacífico Sul onde pudesse aprovisionar-se. Era como um navio fantasma, cheio

de almas penadas, vagabundeando sem rumo pelos mares. A única esperança aparente era internar-se num porto neutro da América do Sul. Contra esta possibilidade havia, porem, dois obstáculos. Primeiramente, o carvão disponivel não era suficiente para uma viagem até um porto sul-americano. O outro empecilho era o carater de Nerger. De vontade férrea como era, ninguem poderia imaginá-lo a entrar num ancoradouro neutro, levando a bordo mais de uma centena de minas intactas. Era urgente que se apresasse outro navio, do contrário o *Wolf* não poderia continuar seu cruzeiro. As perspectivas eram sombrias para os prisioneiros, e tambem para a tripulação.

Por esse tempo, o capitão Meadows havia aproveitado toda oportunidade de atirar ao mar garrafas fechadas contendo mensagens, nas quais descrevia o corsário e os navios por ele capturados. Aproveitava as correntes, e soube-se depois que a primeira informação recebida pelo Almirantado Britânico acerca do *Wolf*, foi de uma daquelas mensagens, que deu à costa das Índias Ocidentais.

Em nossa marcha para frente, estivemos uma vez à vista de uma ilha de coral com coqueirais; pássaros aquáticos voejaram sobre nossas cabeças com a plumagem vermelha da cauda cintilando ao sol. O mar azul parecia um lago, de tão calmo; os prisioneiros assavam ao sol se deitados no convés, ou viviam encharcados de suor se ficavam nas redes no porão. Quanto à tripulação, sem saber quando nem onde teria termo aquela viagem de pesadelo, já ia ficando nervosa e irritavel.

Eis que, a 29 de julho, correu a bordo uma aragem de excitação que elevou ainda mais a tensão dos tripulantes. No porão, notamos a mudança, e sentimos que algo novo estava por acontecer. Soubemos sem demora que havia sido interceptado um cabograma de Sydney dando todas as indicações da partida do navio *Matunga*, seu rumo e carga. Trazia 500 toneladas de carvão e precioso suprimento. Se houvessem preparado o carregamento especialmente para o *Wolf*, este não teria sido mais bem aquinhoado.

A captura deu-se a 6 de agosto, e, para nós, significou mais prisioneiros, comida, notícias e, sobretudo, fumo. Naturalmente, meio estonteados à entrada do porão, os novatos não podiam oferecer resistência àquela multidão ávida de cigarros, que os esperava sôfrega.

Os passageiros do *Matunga* capturados começaram logo a descer em fila a escada do porão. Mas, subitamente, pararam estarrecidos ante a aparência e o odor daquele porão no qual iam ter que viver. Antes, porem, que tivessem tido tempo de voltar a si do choque, foram engolfados pela turba, faminta de cigarros.

Avistei entre os recem-chegados um velho amigo meu, e abrí caminho até ele. Ao deparar-me, arregalou os olhos de espanto. «Santo Deus!... Você?... Que diabo é que fizeram com você?»

Só então compreendí que apenas tinha sobre o corpo um calção imundo; que a cozinha do *Wolf* pusera minhas costelas à mostra; que estava negro, queimado do sol; e que tosara os cabelos como profilaxia contra os piolhos. No momento em que chegou aquele grupo de vestes imaculadas, saido das cabinas sem jaça do *Matunga*, foi que reparamos na mudança sofrida por nossa aparência.

O *Wolf* arrastou sua presa para a ilha de Waigeu, próxima da linha do Equador, que proporcionou aos navios um dos mais belos ancoradouros do mundo. Palmeiras e plantas bizarras subiam de maneira compacta da beira da água até o topo das colinas; papagaios e pássaros exóticos voejavam em torno, ostentando o colorido variegado de sua plumagem. O panorama não parecia real, de tão belo. Mas a atmosfera sufocava, por falta de uma brisa refrescante e devido ao mau cheiro dos vegetais em decomposição. Avistavam-se os nativos na praia, os corpos cobertos de uns tubérculos vermelhos de aspecto nojento, com a aparência de um grande abcesso. Caida a noite, enchiam o ar miríades de mosquitos transmissores de malária.

Era tão intenso o calor que os homens incumbidos de efetuar o transbordo da carga só podiam trabalhar revezando-se. Não obstante, o navio foi submetido a uma limpeza em regra, não só das caldeiras e máquinas, senão tambem do casco, na parte externa e em baixo, para livrá-lo dos moluscos que se lhe agarraram durante a viagem. Até escafandros entraram em ação.

O pessoal do porão, desde a primeira noite, passou a odiar aquele lugar mais do que qualquer outro na terra. Nerger não dava tréguas aos prisioneiros, de jeito que nenhum escapasse e fosse dar notícias sobre o paradeiro de seu barco. E assim, conquanto não parecesse humanamente possivel a permanência de duzentos homens naquele porão sufocante, ao cair a noite todos fomos obrigados a descer.

Era como um pesadelo aterrador. Media o porão uns 12 metros de comprimento, por 9 de largura e 3,5 de altura. Do costado de aço ainda emanava o calor do sol, e sua atmosfera, embora ele estivesse vazio, era a dos banhos turcos, impregnada dos gases mefíticos que desprendiam os vegetais em decomposição. Apinhados os duzentos homens nessa caixa de aço, somando-se aos do ambiente o odor e o calor de seus corpos suarentos, era espantoso e incrivel pudessem sobreviver à noite toda. Não é provavel que os velhos barcos do tráfico negreiro tivessem sido piores. Grupos ofegantes amontoavam-se em torno das aberturas dos poucos tubos de ventilação, outros deixavam-se cair pesadamente no chão ensopado de suor.

O capitão Meadows, o corpo másculo banhado em suor, abriu caminho até a sentinela, no pé da escada, e pediu que fosse chamado o oficial da guarda. Embora tambem pouco lhe faltasse para desmaiar, a sentinela não se mostrava inclinada a tomar tal liberdade. Mas, afinal, a insistência de

Meadows logrou que a mensagem chegasse ao tenente von Oswald, o qual desceu, acompanhado do médico de bordo. Ambos os oficiais ficaram impressionados com o estado dos prisioneiros, mas, a despeito do relatório que fizeram, o comandante negou-se peremptoriamente a relaxar a ordem de reclusão, apenas consentindo em que se levantasse um canto da abertura da escotilha principal. Recusava-se a deixar subir os prisioneiros, porque receava que escapassem, embora essa recusa pudesse causar-lhes a morte.

Ninguem morreu nessa noite, graças somente a que os prisioneiros eram, em maioria, gente enrijecida, até então conservada em boas condições. Aguentaram bem a provação daquela noite de horrores, que atingiu os limites da resistência humana.

Mas outras noites iguais sucederam-se. Era impossivel alguem acostumar-se ao calor e ao fétido daquele buraco infernal. Tive a sorte, porem, de escapar dalí, algumas noites depois, mandado pelo médico para a enfermaria. Comparada ao porão, ela era um verdadeiro paraiso. Por treze dias seguidos os outros prisioneiros o aguentaram, enquanto era baldeada a carga do *Matunga*. Não sem fazê-lo sossobrar, e, após uma vistoria nas próprias máquinas, estava o corsário pronto a fazer-se novamente ao mar.

TOMAVA agora Nerger o rumo de Singapura, através do mar de Java, afim de utilizar seu restante lote de minas, operação tão audaciosa que raiava pela insensatez.

Então como ainda hoje, Singapura era uma base naval da maior importância e o principal porto de mar do Oriente. Praticamente, todo o tráfico do Oriente se escoa através do apertado estreito de Málaca, e por esse motivo a área era contínua e cuidadosamente patrulhada. Pretender enfiar sua proa nessa área, era para o *Wolf*, cuja velocidade máxima não ia alem de 11 nós, um passo deliberado para o suicídio. Não obstante, Nerger navegou ousadamente pelo mar de Java, em plena corrente de tráfico originário de Macassar e Batávia: petroleiros, cargueiros, navios de cabotagem entre as ilhas, transatlânticos. Ao lado dos navios de cores variadas que trafegavam pelo estreito, o negro e enorme corsário não podia deixar de fazer contraste.

Tomaram-se severas precauções no sentido de evitar qualquer defeito no disfarce do *Wolf*. Sem guinadas bruscas, que dariam na vista, ele procurava tanto quanto possivel desviar-se do rumo de outros navios. Se se fazia mister retribuir uma saudação, içava-se uma bandeira norueguesa, inglesa, americana ou holandesa, mas Nerger uma vez fez ouvidos moucos ao lhe ser perguntado, de um navio que passava, o nome de seu barco. Se este fosse identificado, seria o fim.

Certa feita, numa linda noite de luar, soaram os aparelhos de alarma. O navio aprontou-se para a luta, ao ser anunciado da ponte de comando: «Cruzador à vista.»

As guarnições dos canhões e dos lança-torpedos puseram-se imediatamente a postos, deitadas de bruços no convés, aguardando que o cruzador fizesse o pedido de identificação. Nenhum outro ruido se ouvia, alem do barulho das máquinas e do silvo de ar comprimido do lança-torpedo, que estava sendo experimentado. À lua cheia o cruzador era-nos tão visivel como deveríamos nós o ser para ele. Inexplicavelmente, porem, não se abalou de seu caminho, nem mesmo para nos chamar à fala. Por que agiu assim, só o oficial em comando o pode saber. Era tanta a sorte do corsário, que alguns dentre nós foram levados a crer que Nerger tivesse partes com o Demônio.

Por volta da meia-noite, teve início o lançamento de minas. Ao todo, 110 minas foram arriadas, a última das quais antes do alvorecer. Suspiramos de alívio ao sabê-lo, pois, com ela, ia para o mar boa parte de nossos motivos de preocupação e aborrecimento. No convés, tambem houve discretas manifestações de contentamento, ao terminarem as minas, pois eram tão queridas da tripulação alemã quanto de nós outros.

A luz do dia veio encontrar de novo o *Wolf* a leste do estreito de Málaca, navegando em plena corrente do tráfico. Durante os cinco dias subsequentes, o navio só fez esquivar-se através do mar de Java, tentando uma saida para o Oceano Índico, qual uma raposa à cata de abrigo. Na quinta noite, um ligeiro balanço do navio, ao aproximar-se a aurora, deu-nos a entender que estávamos a salvo em mar alto.

ENTRAMOS então numa fase que foi sem dúvida a mais divertida a bordo nos últimos meses. A orquestra voltou de novo a aparecer, relaxou-se a disciplina, os prisioneiros tiveram licença de permanecer o dia todo no tombadilho da popa, e não se ouviram mais sinais de alarma. Sentia-se o moral elevado da tripulação, toda ela certa de que o navio seria internado dentro de poucas semanas numa das colônias holandesas, talvez em Batávia. Ninguem suspeitava de que Nerger pretendesse ousar a travessia até a Alemanha naquele navio abarrotado.

Certa manhã, estávamos tomando café, quando retiniram os sinais de alarma. Logo depois, a amurada girou sobre os gonzos, no ponto onde estavam os canhões, e estes se movimentaram, inclinando-se para fora. Esta operação sempre assustava, pois era de ensurdecer o estrondo da amurada no costado que servia de parede do porão. Tudo não passou dessa vez de um alarma de exercício, mas, cessada a agitação, verificou-se que morrera um rapaz de um dos navios americanos. Admira, aliás, sendo um cardíaco, que tivesse aguentado tanto, pois aquela não era viagem para quem não tivesse coração bem forte.

O capitão Nerger era meticuloso no cumprimento das regras de etiqueta. Dispensava aos mortos o cerimonial completo, mesmo se se tratasse de prisioneiros, comparecendo sempre com seus oficiais. Bandeiras aliadas ou de paises neutros existiam a rodo no navio, e frequentemente tremulavam à popa. De modo que os prisioneiros

mortos eram sempre envolvidos na bandeira de sua pátria, na cerimônia fúnebre.

Os funerais do marinheiro americano tiveram carater solene. O navio deteve a marcha; o morto, cosido em sua rede, jazia coberto pela bandeira de seu país. De um lado do convés, reuniram-se o capitão Nerger e seu pessoal; do outro, os prisioneiros, vestidos completamente, com seus uniformes estragados. Depois das orações do ritual, ouviu-se o corpo ao cair no mar, e as máquinas começaram de novo a funcionar.

Os primeiros pressentimentos de que o *Wolf* não se internaria em Batávia tivemos ao vê-lo seguir diretamente para oeste, abandonando a zona segura ao sul de Java e Sumatra. De entusiasta e folgazona, a tripulação tornou-se apreensiva e macambúzia. A reserva de carvão estava escassa, e uma epidemia de escorbuto espreitava-nos, à falta de alimentos frescos. No entanto, não restaria mais dúvida em nosso espírito, quando, a 26 de setembro, ao sul de Ceilão, o avião foi trazido ao convés. Esvaía-se nossa última esperança de que cessassem os ataques.

PATRULHÁVAMOS uma tarde a rota comercial de Colombo ao mar Vermelho, quando ouvimos um tiro isolado de um dos canhões do *Wolf*. Logo depois as portinholas laterais da amurada se abriram, batendo com estrondo no costado, e partiu dos canhões uma descarga completa. O corsário não havia sido construido para aguentar fogo pesado; assim, deu um recuo, e tudo que não era fixo caiu ao chão e bateu às paredes numa barulheira infernal, ao tempo em que dos conveses e anteparos se soltavam rebites e parafusos, e estilhaços voavam por toda parte. Quando os quatro canhões de boreste dispararam de novo, houve outra guinada forte do *Wolf*, e as repartições de madeira do portão desabaram.

A escotilha do porão fora deixada aberta, de modo que, escalando a escada, era possivel arriscar uma olhadela para o combate. A bandeira da águia negra alemã tremulava no mastro. A cerca de uma milha de distância estava um grande transatlântico, da côr cinzenta adequada à época de guerra, e de nacionalidade japonesa, o *Hitachi Maru*. A descarga arrancara-lhe parte da chaminé, o casco levara quatro rombos e os escaleres salva-vidas estavam sendo apressadamente arriados. Via-se um canhão na popa, em torno do qual vários feridos se amontoavam. Subitamente, o navio foi posto em velocidade máxima, e outra guarnição tomou conta da peça.

Partiu então nova descarga do corsário contra a popa do transatlântico, um obús despedaçando-lhe o casco, outros varrendo o convés e liquidando a guarnição do canhão.

Ao mesmo tempo, o avião deixava caír algumas bombas perto da proa. O navio então parou as máquinas. Os barcos salva-vidas desciam quando outro projetil foi disparado à queima-roupa sobre a presa. Atravessando a casa do convés, foi explodir junto a

um grupo que rodeava um bote. Esta descarga despertou geral indignação, pois dava a impressão de assassinato a sangue frio, e Nerger não nos habituara a atos dessa natureza. Tivemos depois a explicação: o comandante japonês escolhera o pior momento para enviar pedidos de socorro pelo rádio, e assim foi o posto de radiotelegrafia o alvo do último tiro.

Os escaleres do *Wolf* foram arriados, um destacamento de abordagem seguiu para o navio japonês, e em breve grupos de novos prisioneiros desnorteados foram sendo arrebanhados no compartimento que ficara vazio com a saida das minas. Eram soldados portugueses, civís ingleses, membros das forças armadas anglo-indianas, chineses, indianos, americanos, japoneses, mestiços, algumas mulheres e crianças, numa palavra, toda a mescla humana habitualmente encontrada nos navios que fazem o tráfico de passageiros no Oriente.

Assim que foram todos distribuidos, as crianças e mulheres, como sempre, no meio do navio, tratadas aliás com o máximo respeito, Nerger proporcionou aos mortos um ceremonial fúnebre espetacular. Os mortos, ou seus restos, foram envolvidos em redes e arrumados junto à amurada, e o comandante alemão e seu pessoal perfilaram-se no convés do corsário enquanto a tripulação aprisionada se alinhava no tombadilho do *Hitachi Maru*. A cena tinha muito de impressionante: ambos os barcos de máquinas paradas, envolvia-os a reverberação rubra dos crepúsculos do Oceano Índico, quando a longa fila de corpos foi atirada à água. Depois, as hélices puseram-se de novo em movimento, e os dois navios afastaram-se daquelas águas de mau agouro.

Fundindo mais tarde as versões dos novos prisioneiros com a da guarnição alemã e com o que presenciáramos, concluimos que a reação do *Hitachi Maru* fora um misto de perfídia, nervosismo e valentia desnecessária. Capaz de desenvolver 14 nós, não deveria ter permitido a aproximação de nenhum navio desconhecido. Mas não só permitiu que o corsário chegasse dentro do raio de alcance, como acedeu por sinais às exigências do atacante, para, ao mesmo tempo, aprestar seu canhão para combate, continuando em marcha. A tripulação agitada, ao correr para o canhão, não fez mais do que atrair para si o fogo inimigo, pois já então não lhes restava a menor possibilidade de usá-lo. Ainda por cúmulo, o comandante japonês caiu na patetice de usar o rádio depois de parado o navio, à mercê portanto do corsário, o que só lhe valeu mais fogo. Todo um acervo de despautérios, de consequências lamentabilíssimas.

Chegou-se ao auge, de maneira teatral e tipicamente japonesa, quando o comandante, a bordo do *Wolf*, pôs termo à vida.

NA MANHÃ seguinte, os dois navios ancoraram numa laguna dos atóis das Maldivas. Surpreendia a todos a proficiência com que Nerger se arriscava por canais e remansos desconhecidos, fato que demonstrava seu

magnífico suprimento de bons mapas. Calmamente, dessa feita, ele atravessou uma garganta estreitíssima de uns arrecifes de coral situados fora de qualquer rota marítima, proeza esta a que não se aventuraria o menor navio sem o auxílio de um prático.

O *Hitachi Maru* levava no bojo uma das mais preciosas cargas que jamais deixaram o Oriente em tempo de guerra: sedas, lingotes de cobre, chá, borracha e milhares de latas de caranguejo e lagosta. Desembarcado na Alemanha, tal carregamento valeria uma soma incalculavel. Alem disso, a entrada em Kiel de semelhante presa de guerra seria um verdadeiro espetáculo. De modo que, em vez de saqueá-lo, Nerger ordenou aos mecânicos que o pusessem em condições de navegar novamente.

Seu plano era realmente fantástico: rebocar aquele tesouro até a Alemanha através do bloqueio inglês, com uma reserva de carvão sempre deficiente, sendo que o navio japonês consumia ainda mais combustivel que o corsário. Depois de um mês de batidas infrutíferas, farejando as rotas comerciais próximas à cata de uma presa bem fornida de combustivel, de modo a suprir ambos os barcos para a travessia, desistiu do audacioso projeto.

Entrementes, descobríramos novo motivo de apreensões, que nos fora trazido pelo navio japonês. Quando este atracou ao *Wolf*, nosso pessoal adquiriu, por troca, alguns calções e camisas. Com o uso desses artigos, irrompeu um surto de impingem, grandes manchas na pele, avermelhadas, acompanhadas de uma coceira de enlouquecer.

Mas essa afecção, embora extremamente penosa e aborrecida, desapareceu quase de nossas preocupações no momento em que descobrimos o tifo em dois dos japoneses capturados. Se essa doença terrivel se espalhasse naquele porão atulhado, haveria grande probabilidade de um extermínio geral a bordo do corsário. Era assustadora a perspectiva. Entretanto, os dois portadores do mal desapareceram, e, se foram atirados ao mar, é amplamente justificavel a atitude de Nerger ao tomar tal medida para salvar seu barco.

Afinal, o *Hitachi* foi saqueado, e o porão inferior do *Wolf* ficou abarrotado do que havia de melhor no carregamento japonês: sedas, lingotes de cobre, fardos de linho, milhares de toneladas de mercadorias de que a Alemanha mais necessitava. Então, o *Wolf* zarpou de novo, após ter sido afundado o navio nipônico. Lançava-se a um último esforço para obter carvão. Seus porões superiores estavam apinhados de 400 prisioneiros, os despojos abarrotaram os inferiores, mas a carvoeira caminhava para o esgotamento.

HAVIA, no entanto, comida em abundância, embora de qualidade toda especial. O *Hitachi* trouxera caranguejo enlatado em quantidade suficiente para alimentar toda a tripulação e prisioneiros durante um período indefinido. Mas alimento fresco é

que faltava havia meses, e um regime de caranguejo enlatado e arroz seguramente não é salutar. Assim, já havia manifestações de escorbuto entre muitos prisioneiros.

Quando servido pela primeira vez, achamos o caranguejo saborosíssimo; alguns dias depois já nos enfastiara e com uma semana enjoava-nos. Tornou-se quase impossivel engolí-lo.

No entanto, durante meses ainda, essa mistura deveria ser a parte principal do regime dos prisioneiros, naturalmente os que podiam suportá-la, e isso teria consequências desastrosas para a saude do pessoal.

Os escorbúticos, em sua maioria, não estavam impossibilitados de caminhar, embora enfraquecidos ao extremo, lívidos e geralmente indispostos. Num caso, porem, a doença progrediu rapidamente até a fase mais avançada, e o doente enlouqueceu.

Em meio a essa atmosfera de sofrimento e desespero, um dia uma rajada de esperança penetrou a sombria morada dos prisioneiros. Correu a notícia de que um dos depósitos de carvão pegara fogo. Teria sido um termo feliz de nossas desventuras presenciar, de uma praia das imediações de Madagascar, o fogo dar cabo do corsário. E, acariciando essa deliciosa quimera, passamos todo aquele dia. Em vez, porem, de abandonar o navio, a tripulação enfrentou resolutamente as chamas até dominá-las.

Na manhã seguinte, contudo, iríamos ter outra decepção igualmente amarga. Avistara-se à proa, ainda à luz do dia, um navio, que não titubeou em parar as máquinas assim que o *Wolf* mostrou sua qualidade e seus canhões. Era o carvoeiro espanhol *Igotz Mendi*, em viagem da baía de Lourenço Marques para Colombo, carregado, até a beira, de sete mil toneladas de carvão. O fato de que o navio arvorava bandeira neutra não tinha a menor importância para Nerger, cujas dificuldades, no tocante ao carvão, estavam assim afastadas. Para nós, todavia, é que a perspectiva se tornava menos rósea: ou atingiríamos a Alemanha ou iríamos para a fundo do mar.

Os dois barcos foram levados a fundear juntos nos arrecifes de Cargados, e a tripulação entregou-se à faina de transbordo do carvão, e de pintar e disfarçar o *Igotz Mendi*. De navio que chamava a atenção por sua pintura clara e espalhafatosa, ganhou uma sóbria aparência, à custa de uma camada de tinta cinzenta, que o tornou semelhante a todos os vapores do tempo de guerra.

Terminado o transbordo do carvão, transferiram-se as mulheres, os velhos e os prisioneiros doentes para o *Igotz Mendi*, colocado sob o comando do tenente Rose. Aprazou-se um encontro a sudoeste da Cidade do Cabo, e os dois barcos seguiram caminho separadamente, pois, navegando juntos, despertariam imediata suspeita se avistados por algum cruzador.

A 30 DE NOVEMBRO DE 1917, o *Wolf* completou um ano no mar, e ainda distava sete mil milhas de seu porto de origem. O aniversário, Nerger cele-

brou-o com a captura de outro navio, o veleiro americano *John H. Kirby*, em demanda de Porto Isabel e Durban, com um carregamento de 270 automoveis Ford. Foi posto a pique, depois de esvaziados seus depósitos de provisões e transferida sua tripulação de 18 homens, que ficou espremida no porão da popa.

O *Wolf* singrava agora rumo sul, para contornar o Cabo da Boa Esperança, numa rota bem distanciada da costa africana. Já avançava pelo Atlântico, em direção noroeste, uma semana após a travessia pelo Cabo, quando os prisioneiros, às dúzias, começaram a baixar, vítimas do escorbuto. Muitos vinham havia algum tempo nas primeiras fases da doença, lívidos e apáticos. Agora, porem, seus dentes começavam a cair. Alguns inchavam como hidrópicos, e sua pele entumecida adquiria uma coloração amarelada; outros tinham o corpo coberto de manchas esverdeadas ou vermelhas, e de erupções dérmicas que coçavam loucamente. Não foram poucos os que cegaram. O estado de confusão mental dos doentes era impressionante. E assim iam, por assim dizer, apodrecendo, primeiro o corpo, depois o cérebro, por último os pulmões; quando estes gangrenavam, era o fim.

No entanto, a cura teria sido facílima: um pouco de alimento fresco e alguns limões para cada homem. Mas só havia a bordo o eterno caranguejo enlatado, com arroz. Afim de manter em forma sua tripulação, o capitão Nerger escondera como um tesouro os restos de alimentos frescos que retirara dos últimos vapores capturados.

A 20 de dezembro, o *Wolf* se encontrou com seu carvoeiro *Igotz Mendi* a umas 500 milhas da costa brasileira. Decidiu Nerger que seria necessário fazer-se um transbordo de carvão em pleno mar alto, nesse ponto. E, não vendo sinais de que amainasse a agitação do mar, na noite de Natal, ordenou a acostagem dos dois navios, a despeito das condições borrascosas. O primeiro vagalhão atirou-os um contra o outro num choque que sacudiu o corsário como se houvera sido torpedeado. Fui derrubado violentamente de minha rede, e ainda estava sentado onde caira quando, a um segundo choque, uma das chapas do costado deu de si, bojando para dentro. Parecia loucura conservar os navios acostados naquele mar grosso.

Dei uma olhadela pelo convés justamente no momento em que o corsário era atirado pela ressaca sobre o carvoeiro, colhendo-o a meia-nau, danificando-lhe as obras-mortas e estraçalhando a ponte de comando. Pensou-se que, diante disso, Nerger ordenasse o afastamento. Vã esperança! Ao contrário, embora os costados de ambos já mostrassem mossas, quais latas de geléia amassadas, ele decidiu dar início ao transbordo.

A noite inteira o carvão foi lançado sobre o convés do corsário, de qualquer modo e onde quer que caisse. Não poucas vezes, os trabalhadores foram arremessados ao chão a novos embates dos barcos. Afinal, afastaram-se, tendo já sido transferidas mais ou menos 500 toneladas de carvão. Não era quantidade suficiente para conduzir o *Wolf* até o porto de origem, mas dava para mantê-lo navegando algum tempo. Estavam ambos tão danificados e desconjuntados que pareceria impossivel pretender conduzí-los através de milhas e milhas de um Atlântico Norte em plenas ressacas de inverno.

Continuaram assim os dois rumo norte, na esperança de mares mais calmos, na zona tropical entre a costa africana e o nordeste do Brasil, afim de procederem a nova passagem de carvão. Mas as condições não melhoraram, e Nerger resolveu enfrentar de novo o mar encapelado para recolher o carvão necessário. Estava-se a 10 de janeiro de 1918. Não houve expediente que não se usasse para amortecer os choques terriveis dos costados, um contra o outro. Tudo baldado. A tripulação trabalhou como frenética para conseguir atirar as pás de carvão por sobre a amurada, enquanto os navios arremetiam furiosos aos costados um do outro. Durou um dia a operação, e, quando desatracaram, era de espantar que ainda flutuassem. O *Wolf* estava com suas chapas tão danificadas que fazia cerca de quarenta toneladas de água por hora.

Em todo caso, o suprimento de carvão dava agora para atingir a Alemanha. Se prosseguissem juntos a viagem, o *Wolf* teria possibilidades muito reduzidas de furar o bloqueio. Assim, cada um se lançou à tentativa sozinho. O *Igotz Mendi* afastou-se com as mulheres e prisioneiros doentes, nos tombadilhos cobertos de carvão, agitando os braços em despedida, algumas mulheres chorando por pensar que jamais tornariam a ver os amigos e companheiros que se achavam a bordo do corsário.

Após tantos meses de calor sufocante nos trópicos, foi verdadeiramente revivificante para os prisioneiros—em número superior a 400 naquele momento—o ar frio do Atlântico Norte, o qual arejou os porões estagnados, e, o que é mais, parece ter detido o desenvolvimento do escorbuto. Dentro de poucos dias, no entanto, caiu em cheio sobre o *Wolf* um terrivel temporal acompanhado de furacão, que o atirava de onda a onda como um pêndulo. A velocidade reduziu-se para uns fracos sete nós, e a tripulação não podia esconder suas apreensões. Inquietos, os homens falavam febrilmente de Kiel, Hamburgo, cerveja, mulheres. E, enquanto falavam, aguardavam a cada momento o sinal de alarma, que significaria morte certa para todos naquele mar tempestuoso.

O perigo, aliás, não estava somente nas patrulhas hostís. Atravessava-se a zona de submarinos, e o *Wolf* tinha tantas probabilidades quanto qualquer navio aliado de ser alvejado por um torpedo. Na Alemanha, o corsário havia muito fora considerado perdido, e os submarinos estavam afundando todos os vapores avistados naquelas águas.

Anos e anos, a tempestade de janeiro de 1918 no Atlântico seria relembrada pelos homens do mar. Foi a

27, aniversário do Kaiser, que o corsário se viu a braços com ela em sua máxima fúria. Nesse mar tenebroso, ele arfava terrivelmente e dava guinadas, incriveis. Horrendas montanhas de água côr de chumbo avançavam céleres contra o navio, e, quando este recuava com o choque, a água, voltando violentamente pelos embornais, fazia que toda a estrutura sacudisse e vibrasse como coisa viva, assustada.

De noite, a situação ainda piorou. O navio nem conseguia aprumar-se depois de cada guinada violenta. Aumentara o rombo do casco, as bombas entupiram e não funcionavam mais, e os foguistas já tinham água acima dos tornozelos. Depois da meia-noite, até os enfermeiros de plantão foram chamados aos porões para ajudar a tripulação a desentupir as bombas. E horas seguidas trabalharam todos com água gelada pela cintura.

Só graças a uma consumada força de vontade Nerger lograria manter seu barco em flutuação. A manhã encontraria o *Wolf* ainda cambaleante, mas com as bombas de novo funcionando e os rombos remendados. O mais animador era que já passara a pior fase da tempestade.

Um sargento inglês inclinara-se para a religião, e, pregado num banquinho de dobrar, recitava versículos da Bíblia. Alguns tinham perdido de todo o juizo. Um preto alto estava sentado, cantarolando baixinho e monotonamente, depois de ter metido todas as suas roupas no saco e amarrado um salva-vidas em torno deste. Outro homem, entregue a uma costura com um pedaço de cordão, trabalhava afanosamente para terminá-la antes que o navio fosse a pique.

Um velho piano, relíquia do *Matunga*, havia-nos sido afinal abandonado pela tripulação. Um prisioneiro deliciava-se em tocar Chopin e Schubert, música esta que soava estranha aos nossos ouvidos naqueles porões infestados de escorbuto, num navio forrado de gelo, através do Mar do Norte. De noite, outros talentos se exibiam com programas variados.

Em águas tão perigosas, dias houve em que poderíamos ter sido eliminados a qualquer momento. Alem das patrulhas inglesas e dos torpedos alemães, havia as minas. Nerger não dispunha de nenhum mapa dos campos de minas, quer alemães, quer britânicos. Restava-lhe apenas considerá-los como inexistentes e abrir caminho para diante.

O *Wolf* atingiu a costa norueguesa a 14 de fevereiro. Ninguem soube como o conseguiu. A única explicação plausivel é que as frequentes borrascas e fortes nevadas o devem ter escondido nos momentos precisos. Na noite de 15 de fevereiro contornou o sul da Noruega. Mais um dia e uma noite e estaria salvo. Esta última etapa, todavia, apertaria mais o jogo terrivel de correr cegamente, através da pior parte dos campos de minas. Poucos pregaram olhos naquela noite. Mas, no domingo 17, pela manhã, enorme grito de alegria partido do convés era o anúncio de que o *Wolf* estava salvo no mar Báltico.

Um cruzador alemão fê-lo parar, recusando-se a princípio a acreditar que era mesmo o *Wolf* que respondia a seus sinais. Vieram então instruções para fundear e aguardar novas ordens afim de dar tempo ao *Igotz Mendi* de chegar e de se preparar uma recepção condigna para o *Wolf* em Kiel. Mas o carvoeiro espanhol sossobrou, devido a intenso nevoeiro, ao largo da Jutlândia. O tenente Rose e sua tripulação foram internados na Dinamarca, e os prisioneiros entregues a seus respectivos cônsules.

Nesse ínterim, o *Wolf* foi pintado, esfregado e polido; o avião subiu ao convés e foi remodelado; a tripulação recebeu uniformes novos. Distribuiram-se cruzes de ferro por toda ela, e o Imperador enviou uma mensagem de congratulações. O escorbuto foi liquidado em pouco, graças ao ruibarbo e legumes frescos enviados para bordo. No entanto, a escassez de alimentos era tão aguda na Alemanha que, em vez de fornecerem mais comida alem dos legumes, subiram destacamentos para buscar as latas de caranguejo desprezadas, de que nos sustentáramos por tantos meses, a ponto de criar fastio.

Afinal, chegou o grande dia, domingo, 24 de fevereiro de 1918, quando o corsário deveria dar entrada, de retorno, no porto de Kiel. Pela primeira vez a tripulação usou nos bonés a fita com a inscrição «S.M.S. *Wolf*». Na entrada do porto, o corsário teve uma escolta de aviões, e, mais para baixo da baía, estendia-se dupla linha de cruzadores, couraçados, destróieres e submarinos, com suas tripulações perfiladas em revista. Deslizando lentamente por entre os navios, o *Wolf* despertava aclamações delirantes das tripulações, enquanto bandas de música rompiam com estrépito.

Milhares de pessoas alinhavam-se pela praia, milhares de outras balançavam-se em pequenas embarcações. Quando afinal o *Wolf* arriou âncora em lugar de honra junto do iate imperial *Hohenzollern*, os barquinhos romperam o cordão e convergiram sobre ele numa tumultuária exaltação de boas vindas. Altas personalidades subiram a bordo às dúzias para apresentar felicitações.

O comandante Nerger trouxera seu barco de volta depois de uma viagem de 64 mil milhas contínuas, sem arribar a nenhum porto. Passara por todos os oceanos do mundo, capturara 14 navios, atraira e desviara muitos cruzadores aliados para proteger os transportes de tropas coloniais e as rotas mercantes, e foi-lhe oficialmente atribuido o afundamento, por minas ou apresamento, de 135 mil toneladas flutuantes.

Não é de esperar que nós, prisioneiros, expostos na popa do navio, pudéssemos participar nas alegrias da manifestação. Tínhamos pela frente um futuro de desconhecidos reveses num país inimigo. Mas, ao lançar meu último olhar para o *Wolf*, algumas horas depois, ao atravessar o porto numa lancha, compreendí de repente que acabara respeitando e admirando aquele navio preto e bojudo; pensei nele quase como se houvera sido seu tripulante. Esse sentimento de, por

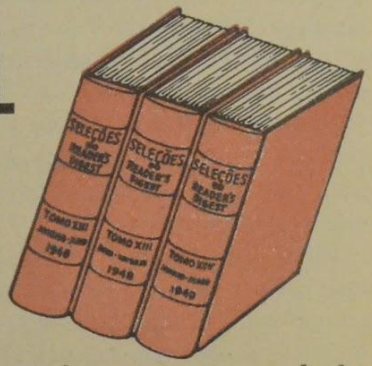
que não dizê-lo, afeição se tornou tão forte que, terminada a guerra, já na Austrália, evitei vê-lo quando voltou ao Pacífico, sob bandeira francesa, transformado em transatlântico sob o nome de *Antinous*. Preferí guardar na memória a imagem que tive dele, ancorado no porto de Kiel, em toda a sua dignidade e triunfo, correndo mundo o rumor de seus feitos e os mais belos navios alemães enfileirados em sua honra.

MAIS BELA E UTIL

Será a sua coleção de

Seleções

guardada nestas novas e elegantes pastas



SIMPLES . . . V.S. mesmo encaderna seis números em cada pasta, em menos de dois minutos . . . sem tesouras, sem cola, sem costuras . . . sem danificar uma só página. Tambem pode retirá-los da pasta com a mesma facilidade.

DECORATIVAS . . . A coleção encadernada desse modo constitui o melhor adorno da sua biblioteca ou da sala.

PERMANENTES . . . Nessa encadernação, as revistas se conservam limpas e novas, transformando-se para V.S. e sua família em uma obra de consulta que encerra tesouros de idéias práticas e conselhos para a vida quotidiana.

ECONÔMICAS . . . Preço, Cr$ 18,00 cada pasta.

Atenderemos a pedidos pelo reembolso postal. Não remeta dinheiro em carta simples: mande cheque, vale postal, ou remessa registrada com valor declarado.

---------- CUPOM PARA O PEDIDO ----------

Sr. Fernando Chinaglia, Seleções do Reader's Digest
Avenida Presidente Vargas 502, 19º andar, Rio de Janeiro, D.F.

Tenha a bondade de mandar-me as pastas que indico abaixo

( ) Anexo remessa de Cr$_____ em_____
( ) Mande pelo reembolso postal. (cheque, vale postal, ou valor declarado)

(Se não quiser recortar este cupom, escreva-nos em separado)

☐ Tomo I	1° Semestre 1942	☐ Tomo VI	2° Semestre 1944	☐ Tomo XI	1° Semestre 1947
☐ Tomo II	2° Semestre 1942	☐ Tomo VII	1° Semestre 1945	☐ Tomo XII	2° Semestre 1947
☐ Tomo III	1° Semestre 1943	☐ Tomo VIII	2° Semestre 1945	☐ Tomo XIII	1° Semestre 1948
☐ Tomo IV	2° Semestre 1943	☐ Tomo IX	1° Semestre 1946	☐ Tomo XIV	2° Semestre 1948
☐ Tomo V	1° Semestre 1944	☐ Tomo X	2° Semestre 1946		

Nome_____

Endereço_____

TODOS CANTAM SUA TERRA

Visão de beleza magnífica! Manancial de gigantescas energias! Eis as Cataratas do Iguaçú! Ei-las escachoando no acidentado rio que, em pontos diversos, separa os Estados do Paraná e Santa Catarina; o Brasil e a República Argentina. Potenciais como êste — raros no mundo e freqüentes no Brasil — serão marcos formidáveis, na evolucão industrial da nossa terra. E nêsse tempo, como no presente, os trabalhadores nacionais continuarão a viver alegres, livres de dores, na companhia de MELHORAL, o amigo de todos os brasileiros. Aliviando a dor de cabeça, que rouba a atenção; cortando o resfriado, que atrasa o funcionário, MELHORAL coopera com os construtores do Futuro do Brasil!

NO BRASIL INTEIRO **Melhoral** É O PRIMEIRO

CONTRA DORES, GRIPES, RESFRIADOS

OS ÓCULOS VERDES WILLSONITE* PARA O SOL

OFERECEM MELHOR PROTEÇÃO que os óculos escuros comuns, porque suprimem 93% dos perniciosos raios infravermelhos. Grande sortimento de estilos em todos os bons estabelecimentos.

Fabricados nos E.U.A. por

WILLSON PRODUCTS, INC., READING, PA., E.U.A.

*Marca Registada nos E.U.A. e em outros países.

Muitos tanques de armazenamento Esso, de 800.000 a mais de 16.000.000 de litros, estão sendo construidos.

Armazenamento para o futuro

As necessidades do petroleo no mundo atingiram um nivel elevadíssimo—e continuam aumentando! Atualmente o consumo de petroleo é ainda maior do que em 1945, ano de maiores gastos da guerra. Essa a razão dos grandes esforços da industria petrolífera. Novas instalações para armazenamento estão sendo construidas; novos vagões-tanque e novos caminhões-tanque estão sendo providenciados o mais rápido possivel e apressa-se todo o transporte dos produtos de petroleo. Tudo isto porque aonde vai o petroleo vão a facilidade e o bemestar. O petroleo auxilia a tornar a vida melhor.

UM SÍMBOLO DE SERVIÇO — **Esso** — UM EMBLEMA DE QUALIDADE

STANDARD OIL COMPANY (Incorporated in Delaware)

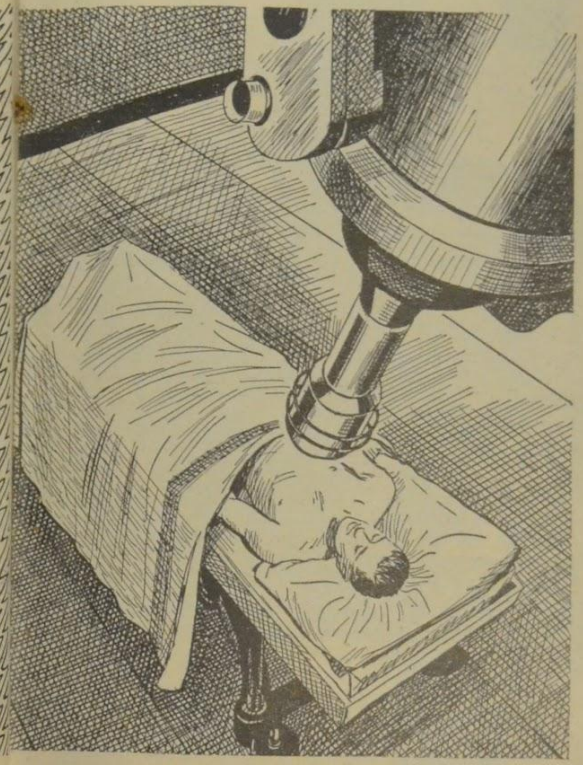
O que Você ler abaixo sôbre o Câncer pode salvar sua vida!

Esta criança viverá, devido ao tratamento precoce do câncer.

7 sinais de perigo

1. Qualquer ferida que não cicatriza.
2. Qualquer caroço no peito ou outros locais.
3. Qualquer modificação numa verruga ou mancha.
4. Rouquidão ou tosse persistente.
5. Indigestão persistente ou dificuldade para engulir.
6. Hemorragias ou corrimento fora do comum.
7. Modificações nos hábitos intestinais normais.

O câncer pode ser detido sòmente quando é descoberto e tratado *PRECOCEMENTE!*



Hábeis especialistas em Raio-X aperfeiçoaram as técnicas para deter o câncer.

O câncer é um dos maiores assassinos! No entanto, um rápido tratamento pode deter 3 em cada 4 casos de câncer do seio, 4 em cada 5 casos de câncer da boca, 9 em cada 10 casos de câncer da pele. Mas a sua vigilância é sua *única* proteção contra essa doença. A demora e o medo são os seus maiores perigos. O câncer não tratado é sempre fatal! Não tenha receio de compenetrar-se da verdade. Em caso de dúvida, faça com que seu médico o examine *agora*—e não se preocupe.

O que fazer sôbre o câncer!

(1) Conhecer os sinais de perigo do câncer (mostrados acima).

(2) Se você suspeita apresentar algum desses sintomas, *consulte seu médico imediatamente!*

(3) Faça um exame médico, pelo menos uma vez ao ano, porque o câncer não apresenta, às vezes, sinais evidentes. Só o seu médico pode verificar se você tem câncer ou não.

O que NÃO fazer sôbre o câncer!

(1) Não aceite conselhos de pessoa alguma, a não ser de um *médico!* A perda de tempo pode causar sua morte.

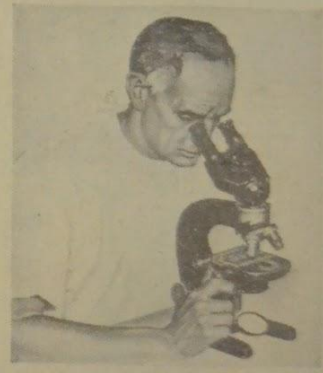
(2) Não use roupas que irritem a pele.

(3) As mulheres devem ser tratadas dos traumatismos do parto.

(4) *Não tenha receio* de apresentar um câncer em evolução. Ele poderá ser tratado com sucesso se for *verificado em tempo.*

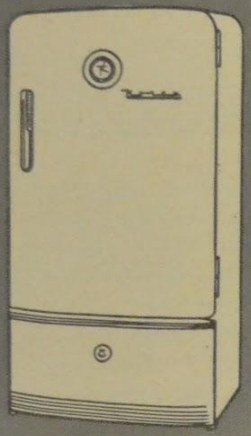
(5) Não adie sua consulta. Veja o seu médico!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo, de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para estabelecer ou conservar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas SQUIBB têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano.



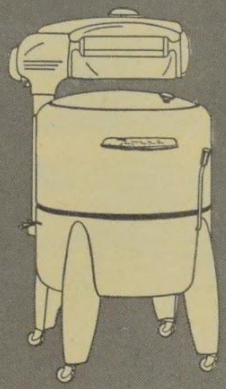
SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS



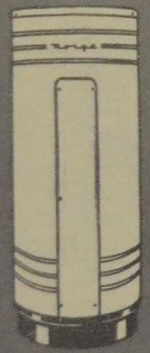
Refrigeradores
"Self-D-Froster"

Fogões a Gás e a Eletricidade

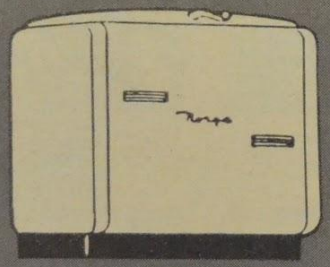


Máquinas-de-Lavar
de Ação Tríplice

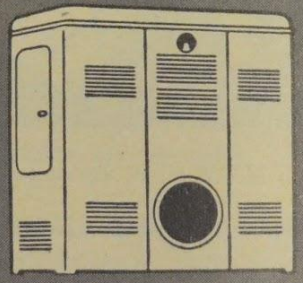
VEJA OS
NORGE
ANTES DE COMPRAR



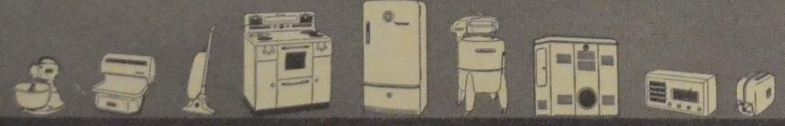
Aquecedores de Água
a Eletricidade



Congeladores
Domésticos



Aquecedores
de Espaço

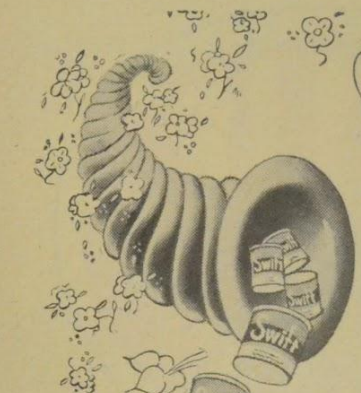


BORG-WARNER INTERNATIONAL

SEÇÃO INDUSTRIAL, E DE ARTEFACTOS, DETROIT 26, MICHIGAN

Seção Automotriz, Chicago 4, Ill. · Armazem de Embalagem, Auburn, Ind. · End. Tel.: BORINTCO

BORG-WARNER
B-W
INTERNATIONAL



Riqueza de sabor

● Ervilhas e vagens tenras e saborosas . . . deliciosas frutas e geléias, nutritivos vegetais sortidos, estarão sempre à sua mesa, enriquecendo seus menús. Swift lhe oferece uma variedade completa dêsses produtos—prontos para servir! Cada qual tem a garantia do nome Swift.

Swift

Cia. Swift do Brasil S. A.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

AMALIE
100% PENNSYLVANIA MOTOR OIL

UM GRANDE SUCESSO...

O MAIS OLEOSO DOS ÓLEOS!

Eis o motivo por que o AMALIE Motor Oil, é um êxito tão assinalado entre os motoristas de todo o mundo. Pelo seu uso constante, eles verificaram que a *maior oleosidade* do AMALIE Motor Oil representa maior proteção, melhor aderência às peças metalicas, muito menos desgaste e menos desarranjos.

Para seu automovel, caminhão, ônibus, trator, maquinaria de construção ou motores industriais, exija sempre o AMALIE Motor Oil. A venda em todo o Brasil nos vasilhames originais hermeticamente fechados nas nossas refinarias em Pensilvânia.

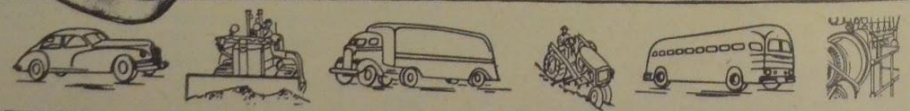
L. SONNEBORN SONS, INC.

Divisão da América Latina Nova York 16, E. U. A.

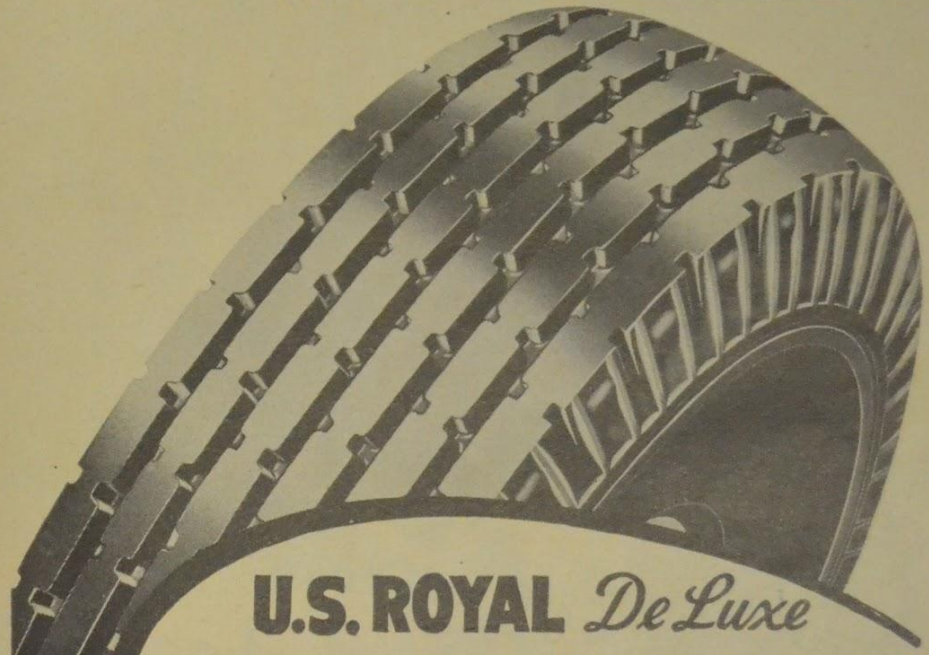
Refinarias: Petrolia & Franklin, Penna., E. U. A.

Fábrica: Nutley, N. J., E. U. A.

Distribuição em: Belem, São Luiz, Fortaleza, Natal, Recife, Paraiba, Alagoas, Bahia, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre.



Exija "U. S." e siga para à frente



U.S. ROYAL *DeLuxe*

para maior quilometragem e segurança

Ano após ano, os principais engenheiros especificam a montagem dos pneumáticos U. S. DeLuxe na construção dos melhores carros do mundo—o que constitui a prova suprema da excelente qualidade destes pneus.

Fabricados com cordonel de rayon* especialmente preparado, esquentam menos na rodagem, por isso que duram mais tempo e são mais seguros.

*Nos de medida 6.50 e maiores.

UNITED STATES RUBBER COMPANY — US — REG. U.S. PAT. OFF. TRADE MARK

OUTROS FAMOSOS PRODUTOS "U. S."

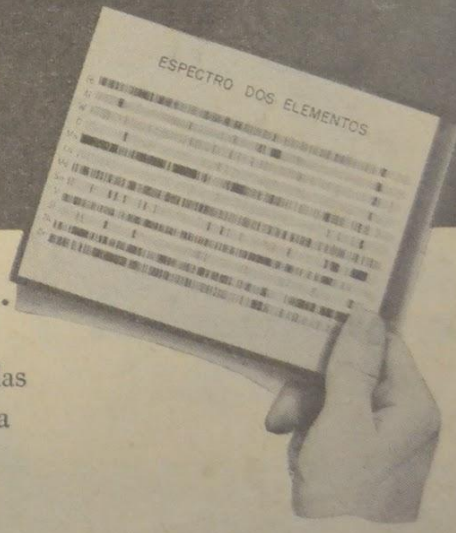
Pneumáticos para automóveis | Pneumáticos para caminhões | Sapatos Keds | Arames e cabos elétricos | Correias de transmissão lisas e Multi "V"

PROGRESSO PELA CIÊNCIA

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.,

Brasil: Caixa Postal 41-B, São Paulo • E. U. A., Nova York 20

Ambos usam a Fotografia



V. S.—nos instantâneos . . . recordações dos dias de férias felizes que passou com sua família.

O químico—na espectrografia . . . que substitui os tubos de ensaio, permitindo fazer análises mais rápidas e econômicas na produção em massa de inúmeros artigos e produtos.

Aí estão somente duas das muitas formas em que a fotografia—mediante a sua aplicação à ciência, à indústria, ao comércio, aos serviços públicos e à vida diária—beneficia a todos os membros da sociedade.

Kodak

EASTMAN KODAK COMPANY, ROCHESTER 4, N. Y., E. U. A.

A PRIMEIRA EM 1873

75 ANOS DE LIDERANCA EM MAQUINAS DE ESCREVER

A Remington Rand, agora como em 1873, tem renome mundial como "O PRIMEIRO Nome em Máquinas de Escrever". Através de pesquisas constantes e constante desenvolvimento, a Remington sempre foi a pioneira da industria de máquinas-de-escrever . . . sempre foi a *primeira* a apresentar aperfeiçoamentos que aumentam o conforto e a produção na datilografia. E por isso que têm sido compradas mais Remingtons que qualquer outra marca. E essa indiscutivel liderança é a garantia que tem V. S. de que a Remington Rand continuará a apresentar novos aperfeiçoamentos ainda não imaginados . . . aperfeiçoamentos que, nos anos vindouros, trarão ainda mais prestígio ao seu recorde de 75 anos de serviços ao mundo dos negócios.

Remington Rand

O PRIMEIRO NOME ENTRE AS MÁQUINAS DE ESCREVER

DIVISAO D'EXPORTACAO
DE MAQUINAS DE ESCREVER

A PRIMEIRA EM 1948

Fiéis

CHAMPION

VELAS FAVORITAS DO MUNDO

Nas estradas ou nas pistas, as corridas de automoveis exigem "volantes" habeis e arrojados — peritos no seu mister.

A maioria dos que guiam carros de corrida usam as Velas Champion porque verificaram que estas lhes proporcionam um funcionamento melhor e mais seguro do motor.

A maioria dos amadores tambem constataram esse fato, razão pela qual as Velas CHAMPION são hoje as prediletas do mundo — para todos os motores!

SIGA O EXEMPLO DOS PERITOS

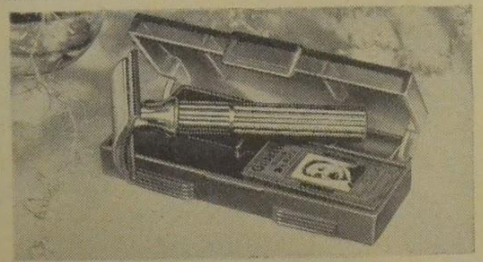
EXIJA CHAMPION — AS VELAS DE CONFIANÇA PARA SEU CARRO

CHAMPION SPARK PLUG COMPANY • TOLEDO, U. S. A. • WINDSOR, CAN. • FELTHAM, ENG.

Presentes GILLETTE

DISTINTOS, ÚTEIS, AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS!

ARISTOCRAT, o estojo de luxo. Contém o aparelho Mono-TECH, folheado a Rhodium, novo e duríssimo metal indeteriorável. Mono-TECH é formado de peças conjugadas indestacáveis.



ESTOJO DIPLOMATA, de matéria plástica em diversas cores. Contém o famoso aparelho de barbear Gillette TECH.

Compactos, de linhas elegantes, os vários modelos de estojos Gillette contêm os incomparáveis Gillette Mono-TECH e Gillette TECH, os aparelhos de barbear tècnicamente perfeitos, para maior conforto, rapidez, higiene e economia. Ninguém esquecerá o presente de um estojo Gillette!

Preços desde Cr$ 13,00 a Cr$ 120,00

Exija sempre as legítimas lâminas Gillette Azul.

GILLETTE TECH

O APARELHO DE BARBEAR TECNICAMENTE PERFEITO

O novo processo

"Air Spun"

PRIVILEGIO DE COTY EM TODO O MUNDO

MICRONIZA

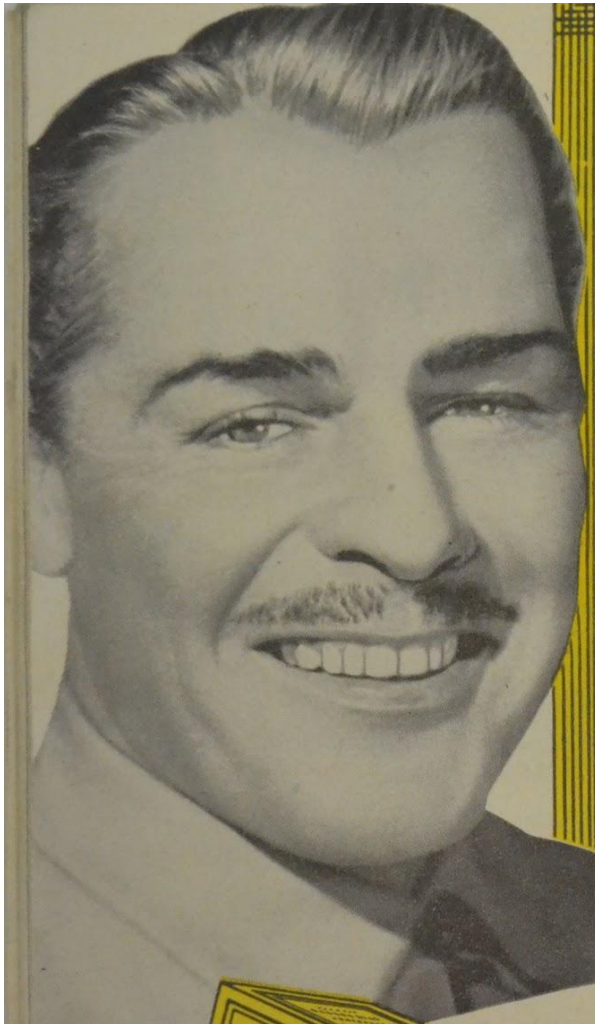
as partículas de pó de arroz e rouge

Processo exclusivo, máquinas exclusivas, dão ao novo pó de arroz "Air Spun" uma composição macia e perfeitamente homogénea. E o novo rouge "Air Spun," feito pelo mesmo processo, é agora uma carícia colorida, que pode ser escolhida numa gama de 10 lindas cores tentadoras. Novos tons, novas embalagens.

Pó de Arroz e Rouge "AIR SPUN"

coty

Peça uma amostra "Air Spun," indicando se deseja o "maquillage" claro, médio ou escuro, à Caixa Postal 199, Rio.



VOCÊ também usará Kolynos diz Brian Donlevy

O famoso astro da 20th Century-Fox que aparece em "O Beijo da Morte"

Kolynos tem sabor delicioso
Dizem a estrêla e o astro mais famoso
Kolynos dá sorriso mais brilhante
Kolynos rende mais... é refrescante

Compre hoje mesmo um tubo de Kolynos
Visite com frequência seu dentista
Você também terá dentes divinos
E o sorrir sedutor que tem o artista

Basta um centímetro na escôva sêca

K-41-P

AGRADA MAIS... LIMPA MAIS... RENDE MAIS

COMPLETAMENTE NOVO...

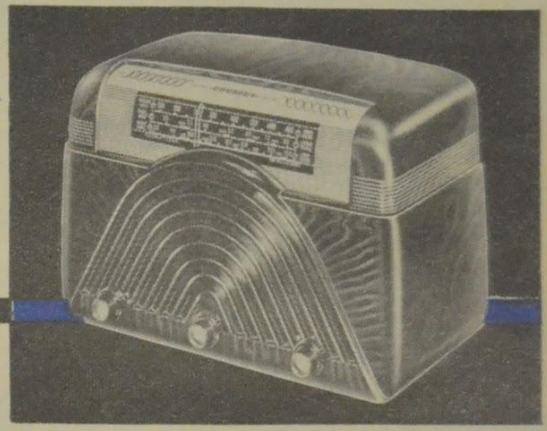
em estilo e funcionamento

O RÁDIO

~~CROSLEY~~

58 XA

NÃO TEM RIVAL



TOTALMENTE CLIMATIZADO

V.S. sentirá por muitos anos o prazer quelhe proporcionará a esplêndida recepção do grande e novo Crosley 58 XA – climatizado para suportar calor e umidade extremos.

Apresentação em sumptuoso móvel de plástico preto e vermelho. Extra-possante para recepção nítida e sintonização fina em três faixas de alcance mundial. Funciona com corrente alternada de 50/60 ciclos a 105-130 volts ou de 50/60 ciclos a 210-260 volts.

~~CROSLEY~~ Division—AVCO Manufacturing Corp.
Cincinnati 25, Ohio, E.U.A. © 1948

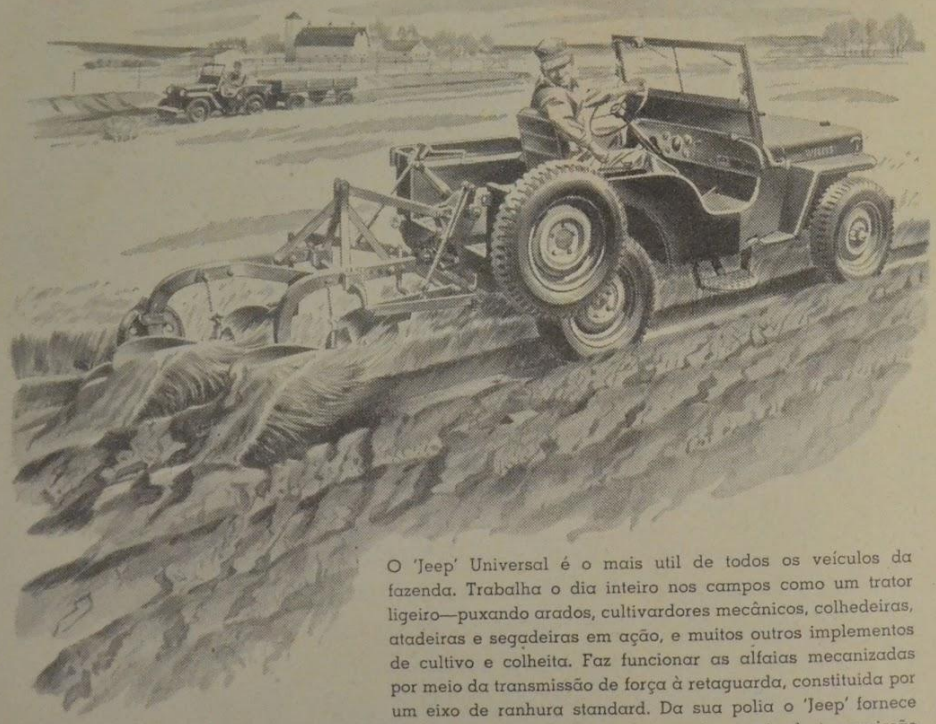
TELEGRAMAS: LISTENIN

Refrigeradores Shelvador* Congeladores "Freezer" • Fogões a Gás e Eléctricos • Radios • Rádio-fonógrafos • FM • Televisão • Ondas Curtas
Sede da Emissora WLW "A Estação da Nação" e das estações de ondas curtas WLWK, WLWL, WLWO, WLWR, WLWS.

*®

O Melhor para Trabalhos Gerais de Lavoura

O 'Jeep' UNIVERSAL



O 'Jeep' Universal é o mais util de todos os veículos da fazenda. Trabalha o dia inteiro nos campos como um trator ligeiro—puxando arados, cultivardores mecânicos, colhedeiras, atadeiras e segadeiras em ação, e muitos outros implementos de cultivo e colheita. Faz funcionar as alfaias mecanizadas por meio da transmissão de força à retaguarda, constituida por um eixo de ranhura standard. Da sua polia o 'Jeep' fornece força-motriz para acionar por meio de correia de transmissão numerosos tipos de equipamento agrícola, inclusive serras circulares, debulhadoras e moinhos de milho. A tração às quatro rodas permite-lhe circular em terreno acidentado, na lama ou em terra fofa. Dada a sua utilidade universal, o 'Jeep' é duma adaptabilidade e vantagem incomparaveis para o agricultor em qualquer parte do mundo.

WILLYS-OVERLAND EXPORT CORP. · TOLEDO, OHIO, E.U.A.

REPRESENTANTES NO BRASIL:
RIO DE JANEIRO: José de Brito - Av. Comes Freire, 28

SÃO PAULO: Hans Alex Loewenthal, Rua São Bento, 480 s. 301/2
MINAS GERAIS: Isonel Cosenza-R. Rio de Janeiro, 195-s. 109 - C. P. 717 Belo Horizonte
PARANÁ: S. Rigler - Rua Cabral, 773, Curitiba
RIO GRANDE DO SUL: Hess & Wolff, Caixa Postal, 875 - Porto Alegre
BAHIA: Armando Brandão, Pça. Conde dos Arcos, 4-s. 4 - Salvador
PARÁ: Bento Mendes Leite, Rua João Alfredo, 91 - Belém
PERNAMBUCO: A. S. Castro - Rua Aurora, 65 - Recife

Distribuidor exclusivo em Petropolis - Est. do Rio
Alfaiataria De Carolis Av. 15 de Novembro, 548

BRASOLAN

Mantenha a elegância e o bem-estar

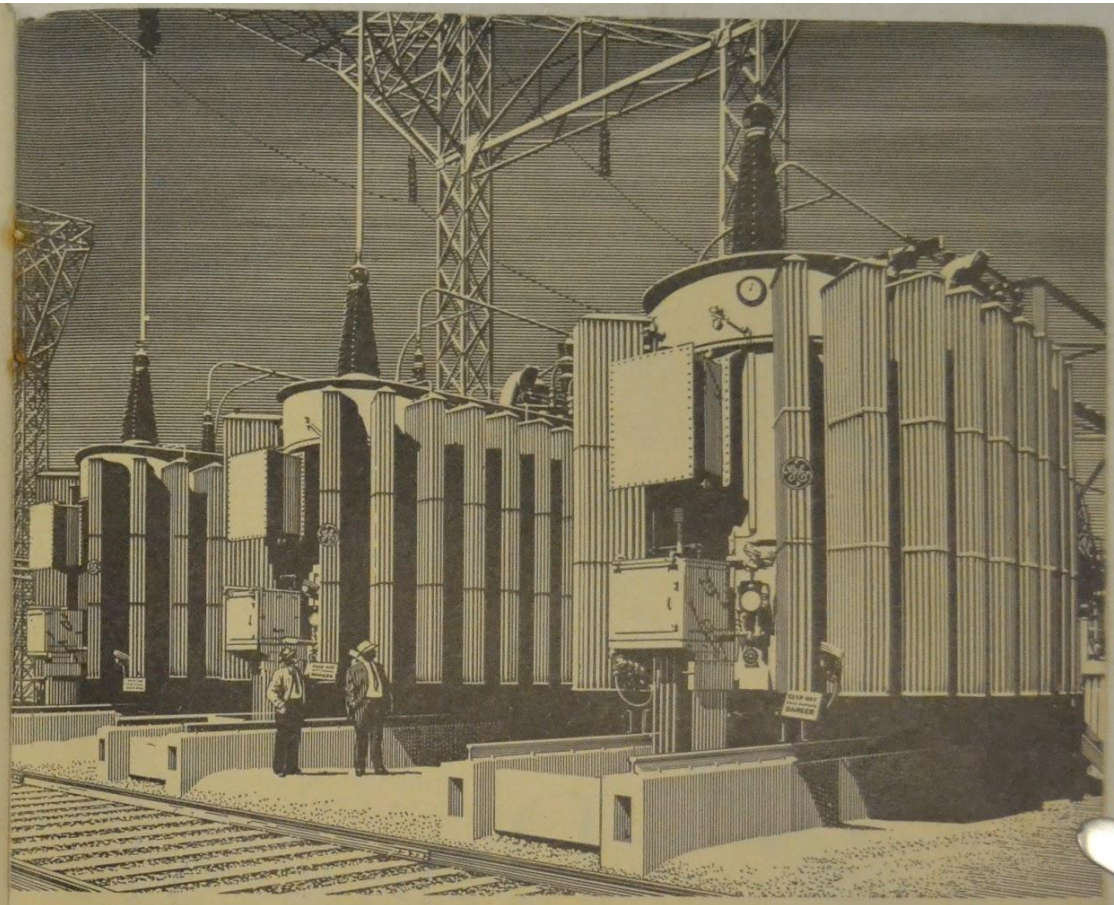
SEMPRE QUE VOCÊ ESTIVER AO SOL

Mantenha sua elegância e proporcione a seus olhos uma visão confortavel e eficiente usando os óculos RAY-BAN de Bausch & Lomb.

Os atraentes vidros verdes asseguram a seus olhos uma proteção segura e refrescante contra os efeitos da excessiva luz solar.

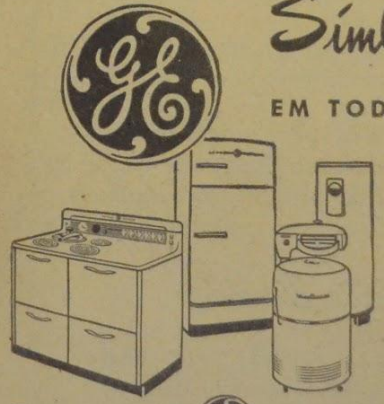
Você gostará dos óculos RAY-BAN porque eles lhe permitirão ver as cores e as formas dos objetos com a mais completa naturalidade... porque filtram a luz excessiva. As lentes RAY-BAN são lapidadas segundo os mais altos padrões de qualidade.

Consulte seu oculista uma vez per ano.



Símbolo de Excelência

EM TODO O MUNDO... EM TODOS OS LARES



GENERAL ELECTRIC

Os produtos da General Electric Co., E. U. A., distinguem-se por seu funcionamento garantido.

A eletricidade produzida nas usinas hidro-elétricas tem de percorrer grandes distâncias antes de ser utilizada em seu lar. Os transformadores General Electric tornam possível esta tarefa, fazendo funcionar os motores, a iluminação e os aparelhos elétricos de uso doméstico. Inúmeros outros equipamentos G-E contribuem também para a proteção adequada e a continuidade de operação satisfatória dos sistemas de transmissão da corrente elétrica.

Onde quer que a energia elétrica sirva a humanidade, V. encontrará a poderosa influência das pesquisas, da engenharia e da capacidade industrial da G-E.

A-5-9

A MAIOR INVESTIGAÇÃO DO MERCADO DE CANETAS NOS ESTADOS UNIDOS...

Em recente e imparcial investigação em todos os Estados Unidos a Parker foi votada como a mais desejada das canetas. Mais desejada mesmo do que todas as outras marcas combinadas!

Votada como a mais desejada das canetas...

...Parker "51"

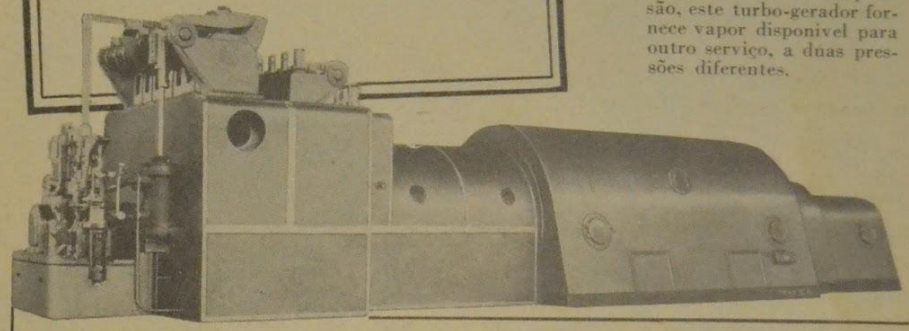
● Investigações de mercado em todo o mundo têm provado, invariàvelmente, que a Parker é a caneta-tinteiro preferida. De facto, a maioria das 83 investigações sobre a preferência em canetas, realizadas em 34 países, mostra que a Parker tem maior procura do que todas as outras marcas combinadas... Bela como uma jóia, a Parker "51" captiva ao primeiro olhar. E a pena que desliza com a suavidade do cetim revela que é obra delicada de artífices que trabalham sob os mais rigorosos padrões de precisão.

"51"... Escreve sêco com tinta líquida!

REPRESENTANTES E POSTO CENTRAL DE CONSERTOS PARA
Brasil: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março, 9-1° andar—Rio de Janeiro
Portugal: ANTONIO VIEIRA, LTDA., Rua do Ouro, 167—Lisboa
Angola: QUINTAS & IRMÃO, Caixa Postal 155—Luanda
Moçambique: TEIXEIRA DA ROCHA, LTDA., C. P. 463—Lourenço Marques

Aproveitando o Máximo de Energia Contida em Cada Quilo de Vapor

Nesta instalação, o Turbo-Gerador WORTHINGTON trabalha no regimen de 51 Kgs. por centímetro quadrado de pressão e 400° C. de temperatura total. Sangrando até 450 Kgs. de vapor por hora, a 14 Kgs./cm² de pressão, com 7 Kgs./cm² de contra-pressão, este turbo-gerador fornece vapor disponivel para outro serviço, a duas pressões diferentes.



Baseados na experiência obtida atravéz 30 anos de fabricação, os Turbo-Geradores WORTHINGTON são construidos para assegurar resultados os mais satisfatórios em qualquer caso em que necessite energia do vapôr, a par de performance garantida, vida longa e notavel economia.

Tudo isto significa que V. S. pode ter certeza de estar escolhendo o turbo-gerador que lhe convem quando exige a marca «WORTHINGTON».

Escreva-nos para maiores esclarecimentos quanto ao modo de obter maior rendimento de sua instalação de vapor e quanto à possibilidade de reduzir ao mínimo o custo de energia utilizando os Turbo-Geradores WORTHINGTON. Queira especificar, ao escrever, as condições de serviço de sua instalação. *Worthington Pump and Machinery Corporation, Export Division, Harrison, New Jersey, U. S. A Escritórios e representantes em todo o mundo.*

WORTHINGTON

O Emblema de Valor No Mundo Inteiro

Bombas · Compressores · Motores Diesel · Turbo-Geradores · Maquinária de Construção · Refrigeração.

F7.7

TRATOR DE TIPO NOVO

O Trator Allis-Chalmers Modelo G

O Modêlo G — que é a mais recente adição à famosa família de tratores agrícolas Allis-Chalmers — leva às fazendas de todos os tipos e dimensões as vantagens duma visibilidade nova no trabalho, nova facilidade de operação, nova economia . . . e *novo desempenho!*

Caracteriza-se pelo motor montado à retaguarda e grande diversidade de instrumentos montados à frente, qualquer dos quais pode ser atrelado e desatrelado em 5 minutos ou menos. O operador fica sentado à frente do motor e desfruta uma visão clara e desimpedida do trabalho que vai executando.

Com êste trator, é possível plantar e cultivar de um a seis regos de qualquer sementeira, ao mesmo tempo. Pode-se empregar também para lavrar, gradar a discos, segar, e executar muitas outras tarefas. As rodas são ajustáveis a vários espaçamentos. O consumo de combustivel é baixo — apenas 2 a 3 litros por hora.

Consulte o mais próximo distribuidor da Allis-Chalmers, para obter mais informações sôbre esta inovação do emprego da força-motriz na agricultura.

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD1148 — DIVISAO DE TRATORES
MILWAUKEE 1, E. U. A.

FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1847

DISTRIBUIDORES NO BRASIL:

Companhia Brasileira de Maquinaria (COBRAMA)
Caixa Postal 725, Recife, Pernambuco

Cia. de Propaganda, Administração e Comércio
(PROPAC) Av. Rio Branco 85, Rio de Janeiro

Industrial e Comércio Vitória, Ltda.
Caixa Postal 172, São Luiz, Maranhão

Sociedade Técnica de Materiais Limitada (SOTEMA)
Caixa Postal 1109, São Paulo

B. Soeiro & Co., Caixa Postal 383, Belem, Pará

Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias Ltda.
Av. Julio de Castilhos 333,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:

H. Vaultier & Cia. 43-45 Calçada Marquês de Abrantes, Lisboa.